

Leitura

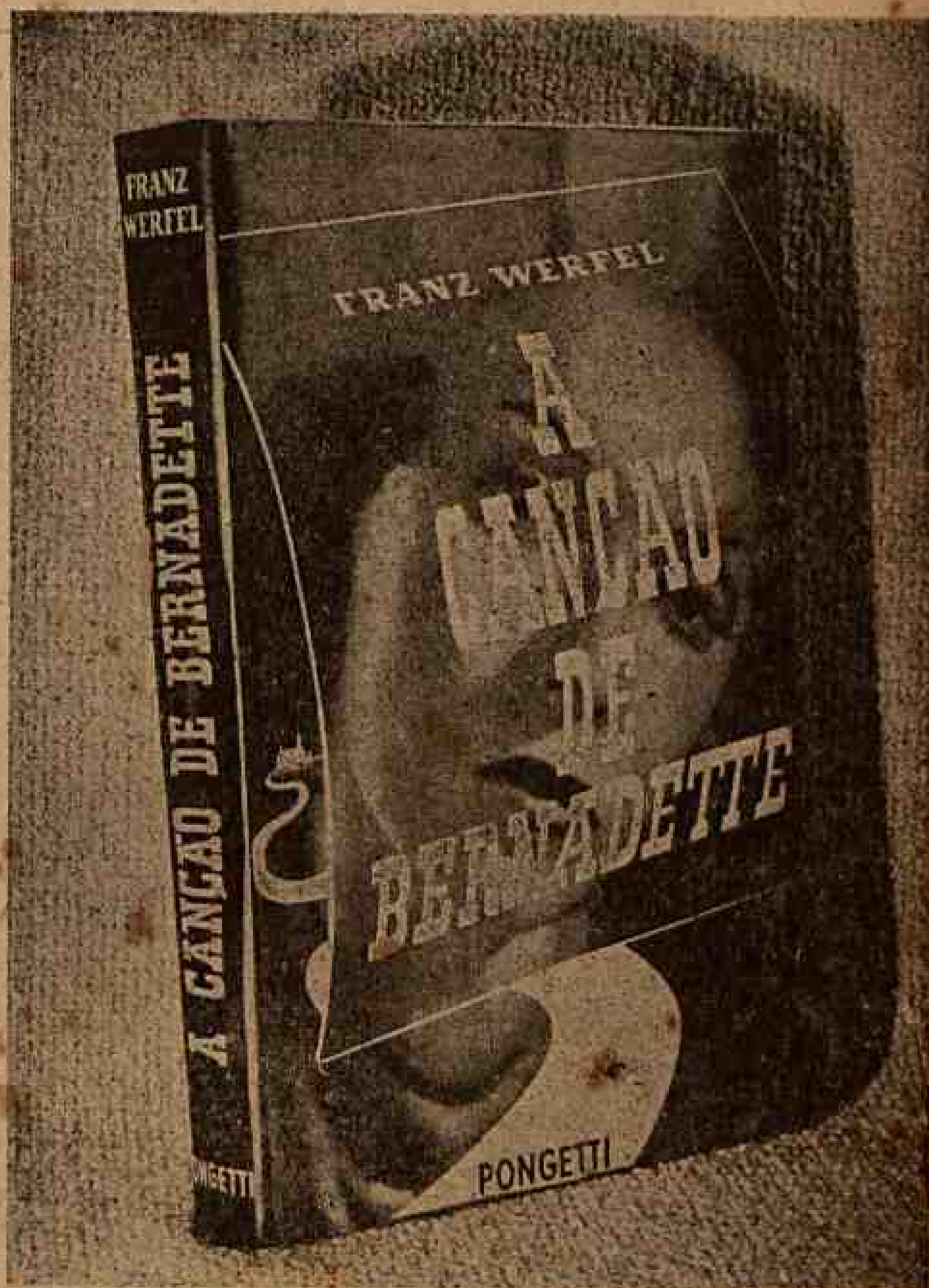
CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Em Defesa do Livro

LEITURA é uma revista para os leitores do Brasil. Porque a sua finalidade é informar com exatidão sobre o movimento editorial do país. Um registro bibliográfico preciso, uma crítica assinada por intelectuais e jornalistas de renome, destacando os livros de maior significação, é o que este mensário se compromete a oferecer aos seus leitores. Este programa será realizado inflexivelmente, à margem de interesses subalternos, com o único objetivo de ampliar sem limites as relações existentes entre os que escrevem, os que editam e os que leem. Estamos convencidos de que quanto mais efetiva for esta comunhão, incalculável será a contribuição prestada ao progresso cultural de nossa pátria.

Sabemos que varios são os fatores que dificultam esta unidade. Ademais do problema educacional, devemos considerar o do papel nacional que, longe de facilitar o desenvolvimento da indústria do livro no Brasil, tem limitado as suas enormes possibilidades. Não subestimamos de maneira nenhuma também o escasso poder aquisitivo da grande maioria dos leitores. Sem embargo, pese a tudo isso, o livro, e portanto, o escritor — nacional ou estrangeiro — não tem a divulgação que é lícito esperar-se da grande massa de leitores ansiosos de ampliar os seus conhecimentos e elevar o seu nível cultural. É evidente que só os bons livros corresponderão a esta necessidade, proporcionando-lhes, nos seus momentos de lazer ou nos seus dias de tranquilidade, as horas mais gratas e inesquecíveis.

Numa deficiente propaganda, temos a certeza, é onde vamos encontrar as razões da indiferença dos leitores pela quasi totalidade dos nossos livros. As exceções confirmam a asserção. O movimento editorial do país, tão promissor, jamais contou com uma publicação específica de características semelhantes à que hoje apresentamos aos leitores, não obstante as suas li-



cunas naturais. Este primeiro número, porém, é uma simples amostra da LEITURA que ofereceremos do seu 4.º número em diante.

E porque compreendemos e sentimos as necessidades dos leitores e dos editores, que são idênticas às dos escritores — a difusão do livro — é que afirmamos que LEITURA será a revista dos leitores do Brasil.

É esta simplesmente a nossa aspiração.

alba, editora

HISTORIA DAS DOUTRINAS ECONÔMICAS *por* CHARLES GIDE E CHARLES RIST
Um volume em formato duplo francês, de 880 pgs., encadernado — Cr\$ 85,00.

HISTORIA DAS IDÉIAS POLITICAS *por* RAYMOND G. GETTELL
Um volume em formato duplo francês, de 650 pgs., encadernado — Cr\$ 75,00.

O ESPIRITO DO DIREITO ROMANO *por* RUDOLF VON JHERING
Um volume em formato 1/16 BB, de 500 pgs., encadernado... — Cr\$ 70,00.

INOVAÇÕES DO NOVO CODIGO PENAL *por* OLIVEIRA E SILVA
Um volume em formato 1/16 BB, de 300 pgs. broch. e enc.... — Cr\$ 20,00 e 25,00.

CARTAS INEDITAS DE EÇA DE QUEIROZ *a* RAMALHO ORTIGÃO
Um volume em formato francês, de 300 pgs. brochado — Cr\$ 10,00.

A COMEDIA LITERARIA *por* OSORIO BORBA
Um volume em formato americano, de 280 pgs., brochado — Cr\$ 10,00.

TURGUENIEV E A FILOSOFIA RUSSA *por* ANDRÉ MAUROIS
Um volume em formato francês, de 240 pgs., brochado — Cr\$ 12,00.

BOLIVAR *por* SILVIO JULIO
Um volume em formato americano, de 400 pgs., brochado — Cr\$ 20,00.

OS HOMENS NÃO FALAM DE MAIS *por* F. ASSIS BARBOSA
e JOEL SILVEIRA
Um volume em formato francês, de 270 pgs., brochado — Cr\$ 12,00.

O SAL NA ECONOMIA DO BRASIL *por* DIOCLECIO DUARTE
Um volume em formato 1/16 BB, de 300 pgs., brochado — Cr\$ 12,00.

O BOI ARUA' *por* LUIZ JARDIM
Um volume em formato americano, de 160 pgs. — Cr\$ 10,00.

O FUTEBOL E SUA TÉCNICA *por* MAX VALENTIM
Um volume em formato americano, de 280 pgs. — Cr\$ 10,00.

O TESOURO DA ILHA DOS COCOS *por* AFFONSO VARZEA
Um volume em formato americano, de 240 pgs. — Cr\$ 10,00.

alba, editora - Lavradio, 60 - Rio de Janeiro

O Companheiro Camões

RUBEM BRAGA
Copyright by LEITURA



CAMÕES

Não acredito que José Perez esteja obtendo lucros fabulosos com as suas "Edições Cultura", mas é seguro que está se divertindo. Para quem sempre amou tanto os velhos textos, ha de ser uma alegria reimprimi-los e espalhá-los pelo país, num convite a milhares e milhares de criaturas para adquirir o mesmo vício. Não pensei, entretanto, que a aventura durasse muito. E eis que ela dura até hoje e nem é mais aventura. 20 livros já foram lançados da série "Os Mestres do Pensamento", enfileirando nomes como Shakespeare, Cervantes, Dante, Goethe, Horácio, Cícero, Lucrécio, Marco Aurélio, Feudro, La-Fontaine, Xenofonte.. Uma

pequena série de biografias vai saindo, e já agora o editor se mete em uma outra — "Os Mestres da Língua" — que vai constar de 50 autores e já consta de Camões, Gonçalves Dias, Bocage, Antero de Quental e João Francisco Lisboa.

Camões apareceu completo, em dois volumes, o primeiro contendo "Os Lusíadas" e os Sonetos e o segundo o resto de sua obra. Perez mobilizou as melhores edições para fazer a sua. Creio que é a primeira que se faz no Brasil — e não era sem tempo, mais de três séculos e meio depois da morte do maior poeta que escreveu na língua em que falamos.

Não é sem ternura que vejo Ca-

mões editado no Brasil, e é com frequência que volto à sua leitura. Estou a me lembrar do tempo em que essas oitavas dos Lusíadas serviam para a gente errar na análise lógica. Ainda será assim nos ginsios? E' verdade, muitas vezes eu te amaldiçoei, velho Ludovicus, eu te amaldiçoei catando sujeitos de oração que tu escondias perversamente no fundo de teus versos. Ainda hoje não me livro do horror que a tua mitologia me inspirava. Mas já naquele tempo, naquele triste tempo em que gastei tantos mezes, que podiam ser uteis, no árduo trabalho de não aprender a fazer análise — já então eu era obrigado a descobrir que havia em tuas palavras alguma coisa de grave. Lembro-me do dia, anos depois, em que peguei por acaso o teu grande livro, curioso de passar os olhos por um texto que me dera tanta dor de cabeça. Fui procurando, aqui e ali, estrófes que me haviam ficado na lembrança — e quando dei fé de mim estava apaixonado pela leitura. Passei depois à Lírica. E só então compreendi que tens o direito de chatear e mortificar a juventude através das gerações — porque o génio tem todos os direitos.

Uma qualidade de Camões que acho é a virilidade. Eis um poeta viril. As tristezas do mundo — miséria, falta de amor, saudade, injustiça — tudo isso pôde fazer Luiz gemer, mas esse poeta jamais deixa de ser um homem, vamos dizer, macho. Não será isso alguma coisa que faz falta às vezes em muita literatura moderna?

Não será a falta disso que às vezes nos faz aborrecer de repente um bom poeta, cansar de ouvir suas lamúrias, sentir nele um estado de fraqueza, alguma coisa de deprimente que os encantos da arte não conseguem destruir? Sim, ha em muitos deles alguma coisa de feminino que pode ter beleza, mas não faz o leitor homem se sentir dentro da alma do poeta, não o deixa sentir ali um companheiro e o que procuramos no poeta, em meio às lutas da vida, a não ser um companheiro?

Eu não desejaria citar nada, mas não consigo deixar de repetir, por exemplo, aquele soneto que começa assim:

"Erros meus, má Fortuna, amor
[ardente
Em minha perdição se conjura-
[ram:

O Sentimento da Terra

DIOCLECIO D. DUARTE

Leitura

Crítica e Informação
Bibliográfica

Registrada no Departamento
de Imprensa e Propaganda
sob número 10.974

Direção de
DIOCLECIO D. DUARTE

e
RAUL DE GOES

Secretaria de
OSWALDO ALVES

Gerência de
RAFAEL BENAION



Redação e Administração:
Rua do Rosario, 129, 4.
Telefone: 23-0879
Rio de Janeiro, Brasil

Composta e impressa nas
Officinas Gráficas A L B A



Correspondentes e
Representantes
em todos os Estados



Preços:

Número avulso ... Cr\$ 0,50
Número atrasado .. Cr\$ 1,00
Assinatura anual .. Cr\$ 6,00
Assinatura semestral Cr\$ 3,00

Os erros e a Fortuna sobejaram
Que para mim bastava amor so-
[mente]

E em que o poeta fala da "gran-
de dor das coisas que passaram" e
chora as suas tristezas para rea-
gir, no final, deste modo:

"De amor não vi senão breves en-
[ganos].
Oh quem tanto pudesse, que far-
[tasse]
Este meu duro Gênio de vinganças"

Aí, e em tudo Camões, sentimos
um homem — um homem que leva
na cabeça, sofre as coisas, mas não
abdica. Ele é firme. Saimos sem-
pre com mais força de seu conví-
vio.

Entre os escritores que não perderam o encanto pela vida da Pro-
víncia se encontra Luis da Câmara Cascudo. Com o tempo, parece
até aumentar a irresistível atração que produz no seu espírito o cons-
tante e carinhoso passeio através dos sítios históricos e praias pito-
rescas que embelezam o berço do intrepido guerreiro índio e valoroso
chefe dos Potiguares.

Luis da Câmara Cascudo resistiu a todos os convites e conselhos
dos amigos que entendem possuir a sua inteligência brilhante e agil
os elementos para, rapidamente, se impor num meio muito mais amplo.
Tem, como Henrique Castriçano, a paixão da terra. E' um eterno
enamorado de suas paisagens e um analista beneditino de todos os
episódios que a gente viveu. O alvo panorama das dunas que as
brizas do nordeste removem de um lado para outro, fazendo caminhar
as povoações praias, lhe ficou, desde a meninice, gravado no cora-
ção profundamente sensível. Este sentimento da terra fez com que
o escritor procurasse estudar, com a emoção indispensável aos belos
empreendimentos, as origens e a formação social e política do Rio
Grande do Norte. Para isso não lhe falta a capacidade de pesquisa-
dor e lhe sobra a elegância do talento literário que torna a narrativa
dos fatos muito mais agradável ao leitor. As descrições feitas por
Luis da Câmara Cascudo apresentam um interesse especial, pela ma-
neira com que interpreta os acontecimentos pintados de um colorido
gracioso e bisarro que os antigos artistas nacionais temiam empregar.
Os trabalhos do escritor norte-riograndense obedecem a um estilo pró-
prio. Possui o escritor um método todo seu, mesmo porque, no iso-
lamento da rua da Conceição, em Natal, ou entre as frondosas man-
gueiras da Chácara do Tyrol, onde passou a infância tranquila, os li-
vros eram os seus únicos mestres. As leituras exaustivas completa-
vam a inspiração magnífica. Traçava o programa e os realizava com
surpreendente exatidão. As coisas que, durante séculos nenhuma
atenção haviam despertado, feriram logo a curiosidade do menino.
Foram as anedotas dos caboclos, a existência dos vaqueiros, o carinho
das mãos negras, a originalidade dos cantadores, as danças e costu-
mes da gente rústica, o folclore que atravessa épocas e povos. Nada
passou despercebido ao seu espírito arguto que instintivamente adivi-
nhara a importância dos fenômenos no desenvolvimento da nacionali-
dade. Com tais recursos, o novo livro que Luis da Câmara Cascudo
acaba de escrever, a convite e editado pelo governo do Rio Grande do
Norte, será, sem dúvida, uma síntese excelente de oportunos e pro-
veitosíssimos ensinamentos, sobretudo quando o porto brasileiro mais
próximo da Europa e da África ocupa uma situação de excepcional im-
portância estratégica na defesa do continente americano.

Anunciando-me o próximo aparecimento da "História do Rio Gran-
de do Norte", Luis da Câmara Cascudo deu-me, como conterrâneo e
amigo, o maior prazer. Estou certo de que as lições aprendidas nas
páginas desse outro eminente historiador, que é Augusto Tavares de
Lyra, cujas pesquisas facilitaram a obra de Rocha Pombo, no que se
refere ao Rio Grande do Norte, encontrarão novos e apreciáveis escla-
recimentos. Os estudos da história pátria verão como os fatos
mais simples podem ser narrados com graça, elegância e emoção. E'
que Luis da Câmara Cascudo, ao mesmo tempo, um brilhante e eru-
dito escritor, que ama a sua terra e não esconde o orgulho pelas gló-
rias verdadeiras de sua gente heroica.

"Minha Vida de Menina"

GENOLINO AMADO

Copyright by LEITURA

Em fins do século passado, numa cidadezinha mineira das lavras diamantinas, certa garota da classe média resolveu anotar dia a dia, no caderno de escola, os episódios e as impressões da sua vida recente. Nenhuma pretensão literária perturbava a naturalidade de tão ingênuo propósito, nascido apenas do desejo de entreter as horas vazias, entre o cansaço das travessuras e a preguiça de começar o estudo. As palavras, as histórias e as figuras pitorescas iam calando ali com essa graça petulante que tem a verdade vislumbrada através de uns olhos de menina.

Agora, depois de tanto tempo, quando a memorialista adolescente já se transformou numa vovó que dá conselhos às netas, o caderninho de escola é apresentado ao público em edição da Livraria José Olímpio, revelando uma admirável escritora que já existia na época das meias curtas e só veio a ser descoberta na fase dos cabelos brancos. E o grande mérito da velha consiste em não haver tocado nos papéis da mocinha. Deixou-os na forma original, com toda a sua preciosa autenticidade.

Temos assim, com o livro de Helena Morley, um documento humano de primeira ordem e um testemunho social do maior interesse. A menina sabia ver e principalmente sabia contar. A sua atenção vivaz, o seu prazer de existir, a sua expertise gostosa diante de todos os aspectos quotidianos que surpreendia em casa e no colégio, na rua e no campo, denunciavam uma inteligência faiscante, rica de seiva nativa, em que o senso poético se une à observação direta e a fantasia mais pueril brinca ao lado de uma singular, quasi prodigiosa, objetividade. O raio da garota não deixava escapar um só incidente, um só tipo, uma só expressão curiosa do pequenino mundo que a envolvia.

Mas, sabendo tanto ver e contar, a menina felizmente não tinha consciência desses dons e por isso mesmo podia usá-los com facilidade. Ignorando a própria inteligência, empregava-a como uma condição natural, alheia a qualquer artifício. Assim, tudo se banha nesse encanto das almas novas que se desconhecem. A prosa é tão leve, tão espontânea, como se fosse apanhada na conversa. Não se encontra nela, de certo, a elaborada simplicidade do artista, que resulta de

longo apuro e de árduos esforços para o domínio da linguagem. Encontra-se apenas a franqueza das criaturas jovens que dizem o que lhes vem à cabeça, despreocupadas do que possam dizer, sem dar valor ao que estão dizendo.



HELENA MORLEY

No entanto, é valiosíssimo quasi tudo que Helena Morley disse no seu delicioso volume. Especialmente agora, quando o tempo já trouxe para a sua obra o que antes lhe faltava — a perspectiva histórica.

Na verdade, essa perspectiva é que enriquece e consagra "Minha Vida de Menina" entre as criações literárias dos últimos anos, pois o que devia ser tão somente a narra-

tiva sentimental de uma garota provinciana constitui, no fundo, a reconstrução de toda uma sociedade. Sem pensar, sem querer, a compor distraidamente o seu despretencioso diário, a mocinha de Diamantina conseguiu fazer mais do que muitos sociólogos que andam por aí, chamados de mestres e tidos como intérpretes infalíveis do passado brasileiro.

Sem nenhum sistema, sem nenhuma ostentação de cientificismo importado, sem obedecer a métodos e processos esquemáticos absorvidos às pressas, segundo a mais nova receita das universidades norte-americanas, a pequena memorialista mineira nos oferece um quadro completo da vida nacional nessa fase em que a grande exploração agrícola do Império, fundada no trabalho cativo, é substituída por outras formas de labor e pelo nascimento da indústria que vai sucedendo ao artesanato. Como é evidente, a mutação econômica se exprime no panorama social e se reflete nas situações humanas. E tudo isso pode ser entrevisto no conjunto variadíssimo de personagens, de aspectos, de casos e exemplos que aparecem no livro encantador.

Helena Morley queria apenas contar histórias e contou a História. A sua vida de menina é a vida de uma velha sociedade em crise. E daí o interesse profundo dessa obra que provavelmente ainda será lida quando já estiverem esquecidos muitos volumes e muitos nomes proclamados como eternos em nossa literatura contemporânea.

A Nossa Capa

Ilustra a nossa primeira página, a fotografia da capa do grande romance de Franz Werfel — o mais famoso escritor austríaco na Europa — "A Canção de Bernadette", lançado entre nós pelos Irmãos Pongetti, Editores, numa bem cuidada tradução de Maria Guaspari.

"A Canção de Bernadette", é o maior sucesso atual nos Estados Unidos, conservando há mais de seis meses o 1.º lugar na lista dos bestsellers.

O preço do volume brochado é de Cr\$ 22,00; encadernado, Cr\$ 30,00.

Um Apostolo do Nordeste

RAUL DE GOES

Celso Mariz é um desses escritores que podiam ser nacionais, no sentido de vulgarização e de renome, se não se obstinasse em manter-se segregado aos limites provinciais do seu rincão natal. Como ele, há outros exemplos de homens de letras que o Brasil não conhece como devia conhecer, pela simples fatalidade do isolamento regional.

Mas deixemos estas considerações sem nenhuma relação com a sua obra, o seu pensamento e o seu estilo. Se as formulou, é para salientar o valor intelectual de um dos mais brilhantes pesquisadores da história, das figuras e fatos do passado do Nordeste.

Celso Mariz, que, tempos atrás apresentou-nos um grande trabalho de erudição e observações diretas da realidade nordestina, "A Evolução Econômica da Paraíba", acaba de publicar uma biografia de vivo interesse sociológico, altamente subsidiária para o estudo da vida, dos costumes, da evolução social, numa palavra, das populações setentrionais do país no século XIX, além de revelar uma das individualidades mais humanas que surgiram naquele meio — o padre Ibiapina. O título da sua obra é uma revelação antecipada do modesto e magnânimo missionário sertanejo: "Ibiapina, um apóstolo do Nordeste".

A história do nosso país, desde os primórdios de sua formação, isto é, desde Anchieta e Nobrega, apresenta um expressivo número de sacerdotes que foram, antes de tudo, fatores individuais de ação decisiva na marcha da civilização pelo interior. Não ficaram nas cidades do litoral; penetraram o "hinterland" agreste, empenhando-se em levar às coletividades das vilas e povoados a força civilizadora e cristianizadora da sua palavra e dos seus exemplos.

A vida de Ibiapina daria um romance. Há, com efeito, uns fortes tons românticos no período de sua existência que medeia entre o político e advogado, durante a fase secular, e o seu ingresso no sacerdócio; mas o seu biógrafo, infenso, por feito próprio, às expansões do romanesco e do sensacionalismo lírico, preferiu situar o grande sacerdote e as profundas razões determinantes do seu apostolado num plano mais austero, mais discreto, mais compatível, em suma, com a sua personalidade varonil e simples, voltada superiormente para o bem do próximo. Mas, ainda assim, Celso Mariz deixa-nos

entrever o motivo de ordem sentimental que induziu Ibiapina a fazer-se padre. Demos a palavra ao biógrafo: "Regressando à Província, que representava, ao encer-

rar-se a sessão de 1834, levava ele (Ibiapina) o intento de casar-se, noivo que era da jovem Carolina Clarence de Alencar, sobrinha do então presidente da província

Formação da Mentalidade

HERMES LIMA

Copyright by LEITURA

Ha na Biblioteca do Espírito Moderno da Editora Nacional vários livros excelentes. Ha, porem, nela um livro, que reputo francamente admirável. E' o que se denomina A Formação da Mentalidade, de J. H. Robinson, bela tradução de Lobato. Não sei se esse livro teve a imprensa que merecia. Parece-me que não se falou bastante a seu respeito, que o leitor brasileiro não foi avisado de que nele tinha uma obra digna de especial atenção.

Em A formação da Mentalidade mostra Robinson que não é possível a ordenação progressivamente inteligente dos negócios humanos sem um estado de espírito livre, sem uma attitude critica liberta de constrangimento. O homem não tem usado quanto podia da sua própria intelligência na regulamentação da vida social. Ele já foi muito mais longe applicando a intelligência ao estudo dos três reinos da natureza do que ao estudo do reino social. Estrelas, rochas, plantas, animais, tudo isso o homem já é capaz de observar e compreender com mais liberdade, com muito menos preconceitos, do que os seus próprios negócios e problemas.

O passado pesa sobre a mentalidade dos homens como uma carga tremenda. Entretanto, todo progresso conforme assinala Robinson só foi possível porque os homens, embora mais inconscientes do que concientes disso, abandonaram praticamente todas as noções consagradas e apoiadas pelos mais sábios e puros nomes da humanidade, até trezentos annos atrás. Ora, o grande perigo, quando alguém se põe a raciocinar, é exatamente o de empregar o raciocínio para continuar a acreditar no que já acreditava e não para adquirir um conhecimento que o habilite a reconstruir, dentro das condições de seu tempo, a experiência social.

A civilização actualmente apre-

senta este aspecto, que é, talvez, a sua maior fonte de conflitos. Enquanto as invenções, as conquistas da ciência e da técnica nos habilitou a viver de um modo e nos vão conduzindo para novos rumos, o pensamento da maioridade dos homens não se acha, contudo, afetado na maneira de compreender e interpretar o mundo por esse fato capital dos tempos modernos: o conhecimento científico. O conhecimento científico no passado era um objecto de luxo. Só alguns eruditos podiam gosar dele, e assim mesmo subjectivamente. Hoje, como diz Robinson, o conhecimento científico determinou a invenção dos innumeráveis engenhos que de todos os lados nos rodeiam e de cujo uso ou influxo ninguém foge. Mas, a verdade é que o pensamento da grande maioria permanece preso a noções e modos de ver e de sentir em completa divergência com os recursos e instrumentos que agora possuímos para compreender e interpretar.

Ha quatro capítulos em A Formação da Mentalidade que deveriam constituir programa de ensino. O capítulo 3.º em que ele fala da nossa herança animal e da natureza da civilização; o 4.º em que ele estuda a origem do pensamento critico na Grécia; o 5.º em que examina a origem da civilização medieval e o 6.º em que explica o caracter e o alcance da Revolução Cientifica.

O que ha bem patente no livro de Robinson é finalmente a evidência desta verdade: "Nenhuma geração anterior se viu tão perplexa como a nossa, mas igualmente nenhuma pode esperar tanto do bom emprego dos recursos materiais ou intellectuais acumulados. O medo, entretanto, nos paralisa. O medo, filho da ignorância e da incerteza. E a ignorância e a incerteza mentalmente se ajudam, porque habitualmente nos justificamos de uma por meio de outra".

Uma Poesia de Misterio

JOSE LINS DO REGO

Copyright by LEITURA

"Sortir de n'importe où, de ta ville, de ta famille, de ta chambre, de ta pensée", é o que diz Gide no prefácio das "Nourritures Terrestres". Feliz quem não se pega a nada sobre a terra. Odiar o "foyer", a família, todos os lugares onde o homem possa encontrar repouso; as afeições constantes, as fidelidades amorosas, as ligações com as idéias. Procurar a vida política, entregar-se ao perigo.

Aí está toda a doutrina do "Immoraliste", do individualismo ainda mais trágico que o de Rousseau, menos feminino, uma poderosa e secreta exaltação do eu que conduz o homem a se mortificar, a declarar-se interiormente, a transformar-se em carrasco de si mesmo. Gide queria chegar a uma alegria viril que fosse uma felicidade heroica. Mas de tudo só ficou de Gide a "disponibilidade". Ele não chegaria a porto nenhum. Contra o "Immoraliste", ou melhor para humanizá-lo, apareceu a poesia de mistério de Claudel.

Em Claudel ha também a evasão da casa, da família, das amizades, do amor. Mas evasão para um mundo que ele aspira conquistar, um mundo que a sua imaginação, ela mesma, criou, compôs. Claudel também quer a vida heroica, mas de um heroísmo que em vez de sublimar o eu, submete-o a duras humilhações.

O herói de Claudel beija o leproso. Violaine, do "L'Annonce faite à Marie" é bem a medida da criação claudeliana. É a beleza que quer se purificar na destruição da beleza. O drama do poeta atinge as proporções do melhor Shakespeare. Quando Mara procura a irmã com o filho morto para que ela fizesse a vida voltar ao corpo frio da menina, é tudo que é de mais intenso, de mais poderoso da literatura dramática dos tempos modernos. Todo o mistério de Claudel, toda a sua obscuridade, todos os seus truques retóricos desaparecem, e o poeta surge-nos, com as paixões do homem, com a criação humana, em carne e osso, mais forte, mais densa, mais dolorosa que nas iluminações dos seus ursos brancos. É um Claudel que tocou nas chagas de Deus, como Tomé. Todo este ato de seu "mistério" é da tradição do mais humano Racine.

O grito de Mara, grito da terra, do coração ferido, da mãe ferida de morte, é voz do fundo do teatro grego. O poeta se lespeja de todas as suas riquezas verbais para ficar simples como um auto de porta de igreja. O drama vence-o, domina-o. Violaine e Mara falam na língua dos Evangelhos.

Paul Claudel conduz o "Immoraliste" de Gide para a paz de Deus. É tudo o que ele quer para Nathaniel, é que ele viva como Pierre de Craon, o leproso curado pelo beijo de Violaine: "Que je vive ainsi! Que je grandisse ainsi mêlé à mon Dieu, comme la vigne et l'olivier".

(Ceará) o padre Martiniano de Alencar. "Quando Ibiapina aportou a Fortaleza, a primeira nova recebida foi a da fuga e próximo casamento de Carolina com um primo por quem se decidira".

Seria, porém, exagerar romanticamente a influência desse desencanto íntimo atribuir-lhe a resolução daquele homem consciencioso, ativo e réto em vestir a batina de sacerdote católico para seguir o único destino traçado pela sua vocação de apóstolo.

Celso Mariz não atribue a decisão de Ibiapina em tomar as vestes sacerdotais a razões do coração — de um coração cruelmente ferido pela ingratidão da noiva — mas aos impulsos generosos de sua consciência e aos seus ideais de evangelizador, abrasados da mais pura simpatia humana.

Ibiapina era um humanista completo; dono de uma sólida preparação em Latim, Filosofia e Teologia. "Para padre só mesmo faltavam as vestes", frisa Celso Mariz.

Autorizando um amigo a transmitir ao bispo João Perdigão o seu desejo de abraçar a carreira sacerdotal, impoz a condição de não se sujeitar a fazer o curso do Seminário.

A pedido de Celso Mariz andei pela biblioteca do Instituto Histórico Brasileiro relendo o "Itinerário da Viagem de dom João Perdigão ao Nordeste". Não encontrei nenhuma referência ao padre-mestre Ibiapina; anotei, porém, certas bi-lontragens de alguns parocos da região. Padres que nas suas aldeias constituíam famílias, morando sem a menor cerimonia com a mulher e os filhos. A eles as crianças chamavam inocentemente de padrinhos...

Celso Mariz fez acerca da vida desses padres um prólogo dos mais interessantes, aproveitando muitos dos apontamentos que lhe enviei. Figura nesse prólogo o seu avô, padre Marques, vigário da cidade sertaneja de Souza, deputado, chefe liberal na Monarquia, tronco da estirpe ilustre dos Mariz e dos Meira de Vasconcelos; figura ainda, além de muitos outros, o padre Angelo Bevilacqua, pai do nosso puro e imenso Clovis. O São Clovis, como chamaria Humberto de Campos.

O sr. Gilberto Freyre, apreciando o livro de Celso Mariz, fez observações curiosas e oportunas em torno da ação do apóstolo cearense. Da influência civilizadora e do sentido humano das "Casas de Caridade" que ele fundou nos recantos esquecidos de Pernambuco ao Piauí. E mostrou como era diferente a sua atividade comparada à de muitos padres dos nossos dias que se dão ao luxo de querer forçar a natureza numa missão para a qual não têm jeito nem sentimento. O mistér de educar meninos e pregar o bem entre as populações nordestinas, dando a tudo, ao lado do sentimento religioso, as indispensáveis provas de despreendimento, espírito de sacrifício e amor à glória, ainda está a exigir vocações privilegiadas. Vocações do tipo do padre Ibiapina.

A biografia de Ibiapina é um estudo documentado do fenômeno social nordestino durante o século passado; dentro daquelas trevas de ignorância e atraso, avultou luminosamente a sua personalidade como a de um dos mais devotos apóstolos que levaram os princípios da civilização cristã ao coração e à consciência da gente do interior do Brasil.

Ainda Stefan Zweig

ELOI PONTES

Copyright by LEITURA

Finda a guerra nazista o suicídio de Stefan Zweig será longamente discutido ainda. Os povos cultos silenciaram. Só se ouvem os estrondos dos canhões e das bombas incendiárias. O suicídio de Stefan Zweig, entretanto, será difícil de decifrar. Seu último livro, que é de memórias, não nos dá nenhuma pista. Ao contrário. Desvia as atenções, com as cautelas dum temperamento avesso às lutas e anquilozado nos confortos. Por isso mesmo ele não nos relata coisa alguma que não se enquadre nos modelos frívolos do gênero: a infância sem tumultos, tranquila e liberta de obstáculos insanáveis, a adolescência confiante, o ginásio, a mocidade satisfeita e otimista são fases que não revelam coisa alguma acima das pausas humanas. Depressa chega ele à guerra de 1914-18, vindo-a de dentro para fora. A paz iluzória prevalece e ilude. Stefan Zweig, como toda a gente, não compreende nem percebe a tragédia formidável que se vai elaborar. As origens dos fenômenos tem sido explicadas por quantos estudaram a formação do povo que só agora escolheu nome claro e seguro: nazismo. Stefan Zweig não nos dá notícias dessas coisas.

Poderia dar-nos imagens reais da vida na Austria de seu tempo. Mas adota outro processo. Narra. Não reconstitue. Por isso mesmo falta-lhe intensidade. "O mundo que eu vi" parece-nos título errôneo. Certo seria "o mundo que entrevi e senti". Stefan Zweig não nos dá notícias do que viu. Se as desse, o volume poderia ser sensacional, pois ele relata sempre com simplicidade graça e emoção. No prefácio explica as origens desses defeitos, escrevendo: "Tenho consciência das circunstâncias desfavoráveis, porém, extremamente características para a nossa época, nas quais procuro narrar essas minhas recordações. Escrevo-as em plena guerra, escrevo-as no estrangeiro e sem o menor auxílio à memória. Não tenho à mão qualquer exemplar dos meus livros, notas, cartas de amigos. Mas é curioso que Stefan Zweig só se recorde de vagos incidentes e de circunstâncias vagas, que não se arrimam em fatos. Conhecendo um mundo inquieto, uma sociedade magnífica, opulenta e vistosa, várias gerações de escritores, num tempo em que todas essas coisas constituíam bem coletivo, Stefan Zweig poderia ter escrito estas memórias com ajuda das recordações apenas. Estas me-

mórias, porém, são subjetivas. Dizem muito das impressões que ficaram no espírito do escritor, de um ou outro episódio, esquecendo o resto. Ao cabo da leitura não temos nenhuma idéia do mundo visto por Stefan Zweig. Expulso da pátria, por ser judeu de origem não reagiu propriamente, cultivando os recalques da justiça grosseira. Os fenômenos desfechados pela diátese nazista não lhe sugeriram protesto, reação e luta.

Neste livro ele nos fala dessas coisas, antes com amarguras. Escolhe o ângulo das vítimas confortadas. Não descongestiona o espírito, com confiança nas pugnias, que se generalizaram. Stefan Zweig era o que aqui se chama um "saudosista". Assim escreve: "Todos os sinistros ginetes do Apocalipse passaram impetuosamente pela minha vida a revolução e a fome, a desvalorização do dinheiro e o terror, as epidemias e a emigração, vi crescerem e propagarem-se sob minhas vistas, as grandes ideologias das massas, o fascismo na Itália, o socialismo nacional na Alemanha; o bolchevismo na Rússia, e, sobretudo, essa arquipeste, o nacionalismo, que aniquilou a florescência da civilização européia". Se reconstituisse os aspectos de tudo isso, seus efeitos, as variadíssimas transformações operadas, a fisiologia social, os artificios, farsas, cinismos, covardias, violências e fraudes, que fixaram o domínio nazista, Stefan Zweig teria escrito um livro formidável. Depois da sua morte dramática, lendo *O mundo que eu vi* fica-se com a impressão de que ele o concluiu já sob o domínio da idéia de suicídio. O suicídio não é nunca o resultado de súbita resolução. Decorre de uma idéia longamente como que emadurecida. O instinto soberano é o da conservação. O suicida, como toda gente, luta muito tempo com a idéia da morte, que reponta a cada contrariedade. Até que, um dia, ela domina e vence. Daí a rotura das resistências opostas pelo instinto. A rotura transforma-se em projeto fixo e tirânico. Um indivíduo que resolva matar-se atirando-se nua, saindo de casa com semelhante propósito, fugirá dos automóveis nas ruas. Para que? Se pretende morrer, tanto faz... Mas é que a idéia prevalece. O romancista Camilo Castelo Branco, cego e neurastênico, certa vez passeava na aldeia pelo braço de um amigo, quando sentiu o frio da tarde. Receloso, pediu que voltassem para casa, advertindo que o frio era o

emissário fatal das pneumonias. Na manhã seguinte meteu uma bala na cabeça, morrendo. A tendência natural é o horror à morte. Por isso mesmo os suicidas lutam com o projeto do suicídio longamente. Terá sido o caso de Stefan Zweig, cuja morte vem sendo descrita, mas não foi estudada? Acreditam uns ter sido o escritor vítima das persigações nazistas. Ao cabo de extensas resistências, na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e no Brasil, ele nunca mais tivera a calma, que lhe estimulava, em outros tempos, as faculdades e entusiasmos. Por diversos ensejos, assim teria dito aos amigos. Nas cartas que escreveu à última hora, sob a firme deliberação final, assim o repete. Considerava-se incapaz de reconstituir forças, pois atingira os sessenta anos. Desse modo, era melhor "concluir em tempo, e de pé, uma existência, na qual o trabalho espiritual sempre foi a maior alegria e a liberdade pessoal o mais elevado dos bens desta terra". Só? Temos dúvida. Stefan Zweig morreu com o projeto de escrever sobre Balzac. Desistirá. Por que? Informa Ernesto Feder: "Em sua última palestra disse-me que morrem todos quanto tentam a biografia de Balzac". Receioso, inclinara-se pela vida de Montaigne, estudando-a. Antes de começar o livro, porém, matou-se. Já se vê que Balzac não teve o condão de lhe desvanecer as idéias fixas.

Visitando-o, na véspera do suicídio, Ernesto Feder percebeu-lhe certa inquietação. O projeto dramático poderia ser descoberto através das frases vagas, da tristeza opressiva, das amarguras na palestra, com que o escritor recordará a casa distante, se o amigo suscitasse de alguma coisa. Recalcado, tendo nascido na opulência, ignorando os compromissos das lutas, incapaz de um desafogo, Stefan Zweig admitira o projeto da deserção. Ernesto Feder informa: "O que mais o entristecia era essa onda de raiva que espumava pelo mundo, incompreensível para quem como Antígona, se sentia criado para participar do amor e não do ódio". No fundo Stefan Zweig pertencia bem a sua terra. A despeito de tudo seus pensamentos giravam em torno da esperança de voltar a Austria... Não se incompatibilizara nunca com a hipótese... Encarou o anti-semitismo como fenômeno nazista. Não compreendia, talvez, que o nazismo era coordenado da raça que o cristalizara na consciência, dele fazendo doutrina. Por que o suicídio? Incapacidade de luta? E' o que não revelam suas cartas de despedida aos amigos. Seu último livro não nos revela coisa alguma. Numa das cartas escreve: "Quando alcanço 60 anos de idade, seriam neces-

"Jean Christophe" no Brasil

CARLOS LACERDA

Copyright by LEITURA

Ha uma inquietação geral sobre certos temas da vida humana, profundamente atingida em sua essência pelo que se convencionou chamar "a crise do mundo moderno". Desfizeram-se, pela caducidade, padrões morais que serviram em outras épocas para manter um nível de dignidade e grandeza nos atos e pensamentos humanos. A revisão que a crise impõe ao homem, nos seus sentimentos e na própria consciência de sua existência, está por fazer. A crise abalou tudo, impoz retificações, destruiu valores obsoletos, deu a todos uma certa sensação de liberdade, que, por definição, deveria aparelhar o homem para a formação de um novo conceito da vida. Nova moral, novo humanismo, si assim se pode dizer.

Mas, por motivos longos de explicar, a essa destruição não corresponde ainda — e tenho em vista, ao escrever, o caso brasileiro — a formação de uma consciência humanista em que os valores morais sejam propulsores do sacrifício e da grandeza de que se necessita para levar adiante a tarefa dos séculos.

Arrivismo, não importismo, cavacão, golpes, truques, habilidade-sinhas, prazeres miúdos, pressa de chegar, um certo cinismo que se julga filosófico e creador, esterilidade, recusa ao sacrifício, incapacidade de suportar o silêncio, agressividade indisciplinada, excesso de bom comportamento desconverso, ceticismo refalsado, má-gicas de mau caráter, baixezas dotadas de indulgências plenárias, medo do ridículo (ou, por outras palavras mais confusas, respeito humano), — é longa a lista de instrumentos através dos quais se extrai da vida todo o seu conteúdo dramático, todo o indispensável patético cotidiano que lhe dá substância, razão de ser e fecundidade. Na vida comum, a facilidade dos



ROMAIN ROLAND

desfalques, a intriga entre os amigos, a licença confundida com liberdade de ação, a instabilidade de pensamento, a ausência de uma diretriz ideológica. Na vida moral — que deve existir para todo materialista consequente, mais ainda do que para os que fazem dela o fundamento de todo ato humano — a disponibilidade, a gratuidade, a improvisação permanente, o gosto pelas coisas fáceis, o temor de qualquer renúncia, o horror de ser bom, são algumas consequências dessa crise na qual, desfeitos e ultrapassados os padrões antigos, ainda não se constituiram padrões compatíveis com o novo humanismo que se está forjando.

Muitos pensam que esse resultado será fatalmente obtido pelo próprio desenrolar dos acontecimentos. Os que pensam assim confundem dialética com fatalidade.

A verdade é que não só os valores morais do homem dependem da ação do próprio homem sobre os acontecimentos, como em grande parte atua sobre esses acontecimentos, contribuindo para transformá-los, apressando o seu processo.

E' neste sentido, sobretudo, que a obra de Romain Rolland constitui uma contribuição inestimável. O público de língua portuguesa conhecia-lhe os documentos políticos, mensagens e manifestos, e um que outro artigo, além de uma parte da sua biografia de Beethoven. Mas não conhecia "Jean Christophe".

O ímpeto ardente, a confiança na fraternidade, a destruição rude e lúcida dos restos de uma decadência que se obstina em impor seus valores degenerados; a força irreprimível de uma visão poética do mundo, dando à poesia o seu sentido de exaltação dos sentimentos humanos; acima de tudo, talvez, a compreensão de que a criação literária não pode limitar-se a reproduzir a vida mas tem de contribuir — e muito poderosamente — para retificá-la e mesmo para transformá-la em todos os seus erros e limitações, eis o que surge da luminosa linguagem de Romain, com tamanha força de comunicação e humano entendimento que já não sabe si ele realmente "creou" "Jean Christophe" ou si despertou em nós aquelas forças que constituem e animam Jean Christophe. Olivier, Antoinette.

Saúdo na tradução brasileira de "Jean Christophe" uma poderosa contribuição ao esclarecimento e purificação da consciência, especialmente da consciência dos jovens, que ali encontram razões substanciais para viver com dignidade, lutar com energia e construir, sobre os próprios elementos humanos, uma esperança ativa e vigilante.

sérios esforços imensos para reconstituir minha vida, a minha energia está esgotada pelos longos anos de peregrinação como um sem pátria". Nenhuma palavra clara, direta, aguda contra o nazismo. E' que o nazismo, propriamente, não lhe entrara no rol das advertências sem remédios. Eram os 60 anos, os dias idos e vividos, a juventude em Viena, as reminiscências, a mulher mais moça do que ele, ao seu lado, as amarguras invencíveis do Dr. Fausto, sem Me-

fistófeles, que o acompanhavam por toda parte, disfarçados, com os nomes de paz e tranquilidade...

Stefan Zweig no espaço dos sessenta anos, tentara a literatura de ficção, a biografia e o ensaio histórico. Nos dois últimos gêneros triunfara magnificamente. Seus estudos sobre Fuché, Maria Antonieta, Stendhal, Romain Rolland, Nietzsche resumem, com malícia e lucidez, tudo quanto se escreveu e acrescentam conjecturas lúcidas e oportunas, com ótima segurança de

tons e coloridos. Teríamos dúvidas em concluir da mesma sorte, a propósito do livro escrito sobre o Brasil. E' incostentável que Stefan Zweig tinha uma certa noção manufatureira em literatura e isso anienava-lhe a paciência no acabamento. O mundo que eu vi constitui apenas uma parte das memórias, que poderia ter escrito, pois conhecera tudo quanto o mundo visto tinha tido de elevado e relato e a guerra nazista, já agora, destruíra sem apelos.

Diogo Antonio Feijó

ASTROJILDO PEREIRA

Copyright by LEITURA

A biografia do Padre Diogo Antonio Feijó, que o Sr. Otávio Tarquínio de Sousa acaba de publicar, na Coleção Documentos Brasileiros, pode ser apresentada como um modelo no gênero, quer pela documentação sempre rica e esculpida, quer pelo texto sempre exato e límpido, quer pela probidade da linha interpretativa, em que a simpatia pelo personagem não exclui a análise sempre objetiva e inteligente. Das suas páginas, ao passo que as vamos percorrendo, vai emergindo a figura singular de Feijó, desde o momento incerto em que veio ao mundo, filho de pais incógnitos, firmando-se depois, da meninice à juventude e da juventude à maturidade, os traços cada vez mais vigorosos do lutador que não conheceu tréguas, até ao instante derradeiro, quando a morte o libertou do sofrimento e da humilhação. A personalidade do sacerdote e do estadista aparece-nos de corpo inteiro, ao cabo destas páginas, com o seu geito agreste de matuto perdido na Corte, com a sua casaca civil de padre que apenas na hora da missa metia-se em hábitos taláres, com a sua carranca austera e compacta solidamente plantada sobre os ombros largos, e onde Kilder notou, a par da expressão de benevolência, um certo ar felino bastante característico.

A tentação política, que acabaria por empolgá-lo para o resto da vida, foi atraído entre os cenobitas do Patrocínio, em Itú, arrancando-o dali, de um ambiente de pura cogitação espiritual, para fazê-lo deputado às Cortes de Lisboa. Isto se deu em 1821, e Feijó estava já com 37 anos de idade. Daí por diante pode-se dizer que a sua vida se confundiu com a vida política do Brasil durante largo e agitado período, abarcando a Independência, o 7 de Abril, a Regência e — Maioridade, até 1842, com o malogro da sedição de Sorocaba e a sua morte pouco tempo depois. A sua biografia havia de estar, por conseguinte, intimamente ligada à história desse período, que tamanha importância teve em nossa formação de país livre e independente, e que o Sr. Otávio Tarquínio de Sousa conhece como ninguém.

Esse período se caracteriza, sobretudo na sua primeira fase, pelo sentido liberal das lutas populares contra o absolutismo. Pedro I, distanciando-se de mais em mais da posição assumida em 22 e le-

vando de desilusão em desilusão os elementos mais moderados da opinião pública, criou para o regime que encarnava, e em consequência para si próprio, uma situação inconciliável com a vontade e os sentimentos do país. Por toda a parte, de norte a sul, crescia e vibrava a agitação liberal e exaltava-se o horror ao absolutismo. Ao chegar aqui a notícia da revolução que derrubara Carlos X, rei absolutista da França, Armitage, que então vivia no Rio, notou a enorme repercussão, entre nós, desse acontecimento longínquo. O Sr. Otávio Tarquínio cita a observação registrada pelo historiador inglês: "O choque foi elétrico. Muitos indivíduos no Rio, Bahia, Pernambuco e São Paulo iluminaram suas casas por esse motivo. Excitaram-se as esperanças dos liberais e o temor dos corcundas, e estas sensações se espalharam por todo o Império por meio dos periódicos". Estes periódicos — num total de 53 jornais, que se publicavam no Rio e nas províncias, em 1830, nada menos de 43 eram de feição liberal — criavam e alimentavam outros tantos focos de propaganda de idéias políticas. Era a marcha a passo acelerado para o 7 de Abril...

Era o advento de uma nova era, e o 7 de Abril marcou realmente o início de uma nova era, mas não de uma nova era de paz tranquilidade. Pelo contrário, o choque dos partidos, dos grupos e das paixões recomençava em seguida, com redobrada fúria, extremando os combatentes, pondo à prova os chefes e reagrupando as forças sociais que uns e outros representavam. Feijó viveu então os seus grandes dias, que foram também os dias dramáticos de uma batalha sem mercê.

Homem de formação liberal, mas de temperamento autoritário e duro, desse contraste nasceu o seu drama. Deputado, ministro, senador, regente, chefe de uma sedição malograda no fim da vida — faltou-lhe, evidentemente, o senso do equilíbrio e o tacto da manobra política, e daí os seus erros fatais. Sem querer avançar demasiado eu diria que os seus erros no ministério da justiça e sobretudo na regência contribuíram preponderantemente para abrir caminho à reação conservadora de 36.

Dois momentos supremos assinalaram em toda a sua plenitude a ténpera do grande lutador que

foi o Padre Feijó. O primeiro, quando, na qualidade de ministro da justiça, apresentou à Câmara o seu relatório famoso, documento sem par em nossa história política, e o sustentou com ânimo inquebrantável contra os Andradas. O duelo Feijó-Martim Francisco, que se prolongou por várias sessões da Câmara, constituiu na verdade um espetáculo que ainda hoje, à distância de mais de cem anos, nos empolga e nos comove. E não se pode dizer que o Andradinha illustre, gigante da tribuna, tivesse levado a melhor nesse encontro com o Padre rústico, "criado na roça" e "desconhecendo as etiquetas da Corte", conforme confessava e se justificava. Mas Feijó acabou perdendo a partida e demitindo-se do ministério.

Com a sua saída do governo, a crise política, ao invés de serenar, recrudescera mais ainda... e assim permaneceu durante anos, numa sucessão de crises e conflitos para os quais ninguém encontrava remédio eficaz. Nem podia encontrar: eram crises e conflitos próprios ao processo de reajustamento das forças sociais de um país jovem e vigoroso, que acabava apenas de cortar as cadeias da sua dependência colonial. E Feijó, e os outros chefes de grupos e facções, seus amigos ou inimigos, desempenhavam o papel que as circunstâncias lhes ditavam, mas poder-se-ia dizer que o desempenhoavam de cor, de improviso, sem estudo nem sequer conhecimento prévio da peça. Daí os sofrimentos pessoais, as amarguras, as desilusões, as decepções... Feijó, homem íntegro e honrado, sem dubiedade nem malícia, "ingênuo", como ele próprio gostava de se dizer, empregando a palavra no melhor sentido, foi por tudo isso uma vítima preferida pelo jogo cruel da história.

A sua passagem pela regência resultou num tremendo e desastroso equívoco, e o rompimento com Evaristo, seu principal eleitor, seu companheiro e amigo de sempre, mostra melancolicamente quanto havia de irreparável nesse equívoco. O Sr. Otávio Tarquínio fixa num julgamento perfeito e definitivo a natureza das causas imediatas que levaram Feijó a fracassar na regência: "Tomando posse de um cargo de tamanhas responsabilidades e em circunstâncias da maior delicadeza, as mais altas qualidades de Feijó, ao atrito e ao

(Continúa na pag. 21)

O Paroco de George Bernanos

RAUL LIMA

Copyright by LEITURA



Auto-Retrato Graciliano visto por Graciliano

Esta coluna de "LEITURA" é dedicada aos grandes nomes que honram a literatura brasileira. Não tem outra finalidade senão a de prestar algumas informações sobre a vida daqueles que, pelo talento e pela honestidade literária, deixaram de pertencer a si mesmos, para se tornarem figuras do povo.

Aparecerá mensalmente feita pelo próprio escritor convidado em cada número. Esta pertence a Graciliano Ramos.

Nasci em 27 de Outubro de 1892, em Quebrangulo, Alagoas, donde saí com dois anos. Meu pai, Sebastião Ramos, negociante miúdo, casado com a filha dum criador de gado, ouviu os conselhos de minha avó, comprou uma fazenda em Buíque, Pernambuco, e levou para lá os filhos, a mulher e os cacarecos. Ali a seca matou o gado — e meu Sebastião abriu uma loja na vila, talvez em 95 ou 96. Da fazenda conservei a lembrança de Amaro vaqueiro e de José Bafa. Na vila conheci André Laerte, cabo José da Luz, Rosenda lavadeira, padre João Ignácio, Felipe Benício, Theotoninho Sabiá e família, seu Batista, dona Mariçass, minha professora, mulher de seu Antônio Justino,

E' um grande bem que um tema como esse da vida do pároco da aldeia tenha sido tomado também por um homem de pensamento e de fé como Georges Bernanos. Quero dizer que tão difícil e perigoso motivo serve a lamentáveis deformações, seja com os exageros de uma duvidosa santidade, nas mãos dos apologistas, seja pelos traços caricaturais de uma deslavada hipocrisia, nas mãos dos ironistas.

Embora já consagrado há tempos, com o Grande Prêmio da Academia Francesa, o *Diário de um Pároco de Aldeia* aparece ainda agora no Brasil com todo o verdor de uma novidade, nessa correta tradução do sr. Edgar G. da Mata Machado. Simultaneamente quase, o autor publicava também aqui sua *Lettre aux Anglais* e todos sentíamos quanto já ele nos pertencia pela redobrada estima e admiração devidas a uma das vozes mais nobres e lúcidas da França democrática e ativa.

Mas não é dessa circunstância apenas que resulta a atualidade desse livro, nem dos característicos que o mesmo tem de legítima obra de arte. E' antes da universalidade de certos problemas, cada hora a se tornarem mais agudos, que o moço padre registrou na história de sua vida.

Há uma dolorosa angústia nesse jovem, saído de família miserável, e elevado, por seus próprios esforços e vocação, à dignidade da função sacerdotal. A angústia de ver o tédio que contagia os homens, "uma forma torpe de desespere que é, sem dúvida, como que a fermentação de um cristianismo desfigurado". Daí a crise de otimismo no seio do clero, a modificação dos termos da "eloquência oficial", embora ainda fiel a certo vocabulário.

O pároco de Bernanos chora sobre os obstáculos que encontra e as inconseqüências que não são apenas de sua aldeia mas do mundo. De tal modo que outro padre, o vigário de Torcy, esse mais confortavelmente instalado na sua valhice, compara, indignado, a formação dos antigos homens da Igreja, chefes de suas paróquias, senhores e donos, capazes de governar, e os novos padres, choramingas, que imaginam trabalhar mais do que ninguém, porque não chegam ao fim de coisa alguma.

Os diálogos com esse velho padre encerram considerações sobre a

personagens que utilizei muitos anos depois. Aprendi a carta de A B C em casa, aguentando pancada. O primeiro livro, na escola, foi lido em uma semana; mas no segundo encrenquei: diversas viagens à fazenda de um avô interromperam o trabalho, e logo no começo do volume antipático a história besta dum Miguelzinho que recebia lições com os passarinhos fechou-me, por algum tempo, o caminho das letras. Meu avô dormia numa cama de couro cru, e em redor da trempe de pedras, na cozinha, a preta Vitória mexia-se, preparando a comida, acocorada. Dois currais, o chiqueiro das cabras, meninos e cachorros numerosos, soltos no pátio, cobras em quantidade. Nesse meio e na vila passei os meus primeiros anos. Depois seu Sebastião aprumou-se e em 99 foi viver em Viçosa, Alagoas, onde tinha parentes. Aí entrei no terceiro livro e percorri várias escolas, sem proveito. Como levava uma vida bastante chata, habituei-me a ler romances. Os indivíduos que me conduziram a esse vício foram o Tabelião Jerônimo Barreto e o agente do correio Mario Venancio, grande admirador de Coelho Neto e também literato, autor dum conto que principiava assim: "Jerusalem, a deificada, dormia socegradamente à luz pálida das estrelas. Sobre as colinas palrava uma tenue neblina, que era como o hálito da grande cidade adormecida". Um conto bonito, que elogiei demais, embora intimamente preferisse o de Paulo Kock e o de Julio Verne. Desembestei para a literatura. No colégio de Maceló, onde estive pouco tempo, fui um aluno medíocre. Voltei para Viçosa, fiz sonetos e conheci Paulo Honório que em um dos meus livros aparece com outro nome. Aos dezoito anos fui com a minha gente, morar em Palmeira dos Índios. Fiz algumas viagens a Bulque, reví parentes do lado materno, todos em decadência. Em começo de 1914 enjoado da loja de fazendas de meu pai, vim para o Rio, onde me empreguei como foca de revisão. Nunca passei disso. Em fim de 1915, embrenhei-me de novo em Palmeira dos Índios. Fis-me negociante, casei-me, ganhei algum dinheiro, que depois perdi, enviei-me a casar, enchi-me de filhos, fui eleito prefeito e enviei dois relatórios ao governador. Lendo um desses relatórios, Schmidt imaginou que eu tinha algum romance inédito e quiz lançá-lo. Realmente o romance existia, um desastre. Foi arranjado em 1926 e apareceu em 1933. Em princípio de 1930 larguei a prefeitura e dias depois fui convidado para diretor da imprensa oficial.

Demiti-me em 1931. No começo de 1932 escrevi os primeiros capítulos de *S. Bernardo*, que terminei quando saí do hospital. As recordações do hospital estão em dois contos publicados ultimamente, um em Buenos Aires, outro aqui. Em janeiro de 1933 nomearam-me diretor da instrução pública de Alagoas — disparate administrativo que nenhuma revolução poderia justificar. Em março de 1936, no dia em que me afastavam desse cargo, entreguei à datilógrafa as últimas páginas do *Angústia*, que saiu em Agosto do mesmo ano, se não estou enganado, e foi bem recebido, não pelo que vale, mas porque me tornei de algum modo conhecido, infelizmente.

Mudei-me para o Rio, ou antes, mudaram-me para o Rio, onde existo, agora. Aqui fiz o meu último livro, história mesquinha — um casal vagabundo, uma cachorra e dois meninos. Certamente não ficarei na cidade grande. Preciso sair. Apesar de não gostar de viagens, sempre vivi de arribada, como um cigano. Projetos não tenho. Estou no fim da vida se é que a isso se pode dar o nome de vida. Instrução quase nenhuma. José Lins do Rego tem razão quando afirma que a minha cultura, moderada, foi obtida em almanaques.

N. R. — O último livro a que Graciliano Ramos se refere, chamando-o de "história mesquinha — um casal vagabundo, uma cachorra e dois meninos" é "*VIDAS SECAS*" — um grande romance consagrado pela crítica brasileira. Depois dele, além de artigos e contos espalhados pela imprensa do país, Graciliano fez de parceria com Aníbal Machado, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e José Lins do Rego, o romance "*Brandão entre o mar e o amor*".

O Paroco de...

missão de Joana d'Arc, certos textos do Evangelho, o sofrimento e a rebelião do povo russo e outros assuntos. Além de sua parte nos diálogos, o memorialista deixa nas páginas do *Diário* aquilo que a timidez ou o mal estar momentâneo não lhe permitiram dizer e que é todo um mundo de conjecturas, de terna divagação, de doloroso descontentamento consigo mesmo, por vezes um trágico delírio.

O embate com a vida, narrado dia a dia, resulta numa derrota aparente para o jovem pároco que, embora doente e humilde, não se entregou ao conformismo, não recuou no cumprimento do que considerava seu dever apostólico, não se preocupou com as aparências, não traiu a confiança recebida, não aprendeu a falar a linguagem dos outros.

Nessa história íntima, de um sacerdote, em vez de esbater-se, fa-color, a rotina de um pequeno burguês com os seus dramas insignificantes, as coisas simples conspiram contra a paz de espírito do pobre pastor, e um daqueles dramas domésticos deve mesmo envolvê-lo cruelmente, expondo-o a críticas e confusões.

Georges Bernanos escreveu mais do que um belo romance, onde o humano, ainda que em sangue vivo muitas vezes, se transcendentalliza no processo de uma angustiada meditação. Escreveu um livro de profundas reflexões que brotam, ora numa atmosfera crua de realidades cotidianas, ora num abismo de dúvidas. Penetrou na sombra misteriosa da alma de seus personagens, como na do próprio catolicismo, para dar-nos, numa linguagem a que não falta viva força poética, a interpretação de problemas da vida cristã, a visão de questões que disputam a combatividade da Igreja.

As angústias do pároco de Bernanos são a aproximação da morte põe fim. Ele imagina que a juventude é um dom de Deus, e, como todos os dons de Deus, não se devolve. "Só são jovens, verdadeiramente jovens, aqueles que Deus designou para não sobreviver à sua juventude. Pertencem a essa raça de homens".

Uma das últimas frases do *Diário* diz: "Se entrasse no Paraíso fantasiado de herói, parece que até meu Anjo da guarda rir-se-ia de mim". Porque era um simples os outros defendiam-se dele. Sua simplicidade queimava os outros como um fogo — dizia-lhe seu superior, Cônego de La Motte Beuvron.

E porque assim era, tão simples, é que foi incompreendido e derrotado.

“Viagem Através do Caos”

OSWALDO ALVES

Copyright by LEITURA

A França é sem dúvida o país que mais amargamente sofreu a opressão alemã e que mais amargamente sentiu o jugo nazista. Por isto mesmo os livros aparecidos sobre a tão falada tragédia da França, são incontáveis — e entre estes inclui-se agora o do sr. Ari Pavião — “Viagem Através do Caos” — recentemente lançado pelo Livreiro Editor Zélio Valverde.

Nesse volume de quasi quatrocentas páginas, o autor conta todos os acontecimentos verificados desde 1939, quando os exercitos nazistas invadiram o território francês, são narrados com vi-

vacidade e num tom de absoluta sinceridade. Nenhum detalhe foi esquecido no conjunto de atrocidades praticadas pelas forças de ocupação com aquele requinte de perversidade que se tornou famoso depois dos bárbaros assassinios de reféns. E no desenrolar desses acontecimentos o autor foi minucioso e honesto, muito embora não se tenha preocupado em aprofundar-se muito em certas razões fundamentais dos problemas surgidos com a invasão, e que determinaram a confusa posição em que se encontra a França. E' possível que isto não prejudique o livro, mas

talvez fosse mais necessário para o conhecimento dos males que atingiram a terra de Clemenceau, fixando os fenômenos que haveriam de transformá-la no caos de hoje.

Para reforçar ainda mais a sua intenção de não fugir à verdade, o autor incluiu no volume inúmeras páginas de clichês, que ilustram de maneira clara as atrocidades, as incríveis violências praticadas pelas forças de ocupação, contra um povo que já estava incapaz de reagir de maneira concreta, e já atordoado pela rapidez com que assistiam às mais absurdas transformações que se processavam no solo francês, inclusive as traições miseráveis e o pensamento inqualificável de muitos dos seus dirigentes, perdidos pela fraqueza moral e pelo recuo sistemático em face dos acontecimentos.

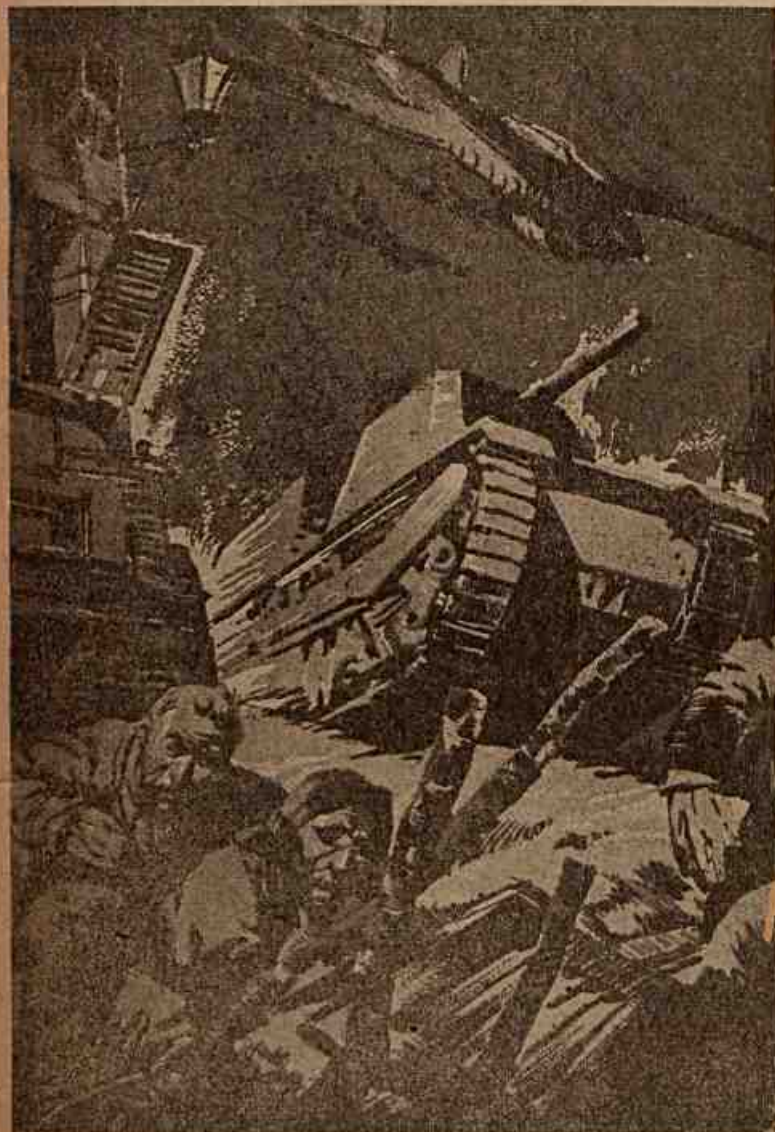
Em todo o volume o autor se limitou a narrar os fatos aos quais assistiu, sem se deixar apaixonar demasiadamente — talvez na intenção de melhor fixar a verdade.

O próprio autor confessa no seu prefácio a sua não identificação com os lances mais importantes, propositadamente, explicando: “Qualquer referência exagerada a certos quadros mais fortes poderia dar ao possível leitor a impressão de que desejo aparecer aos seus olhos sob um falso aspecto”. Portanto o aspecto trágico deste livro está, de certa maneira no seu sentido mais interior, na sua forma de narrar os acontecimentos, deixando margem a que o leitor perceba a angustia daqueles que sofrem sem compreender muito bem a razão do sofrimento, vivendo a miséria de dias infundáveis sem nenhuma possibilidade — quasi perdendo a esperança na doce paz de um recanto onde possa deixar-se ficar tranquilamente, longe do estrondo das bombas, sem precisar correr precipitadamente para os abrigos anti-aéreos.

Sob este aspecto poder-se-ia mesmo dizer que é mais um livro sobre as consequências da guerra do que sobre os seus movimentos. Daí a razão de se poder considerá-lo importante para qualquer pessoa que deseje conhecer a que extremos de sofrimentos estão sujeitos aqueles que teem diante de si um invasor arrogante e inescrupuloso, disposto a feri-los no que teem de mais sagrado.

Uma coisa está bem nítida nas páginas deste livro: o contraste

Continua na Pag. 21



A 3.^a edição do "Quinze" Minha Terra e Meu Povo

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

Copyright by LEITURA

CONFUCIO BARBALHO

Copyright by LEITURA

Quando escreveu "O Quinze" Rachel de Queiroz não morava no Rio, não era afiliada de nenhum literato de prestígio, não era conhecida de modo algum. O romance fora uma revelação. E "O Quinze" virou um caso, tão falado e logo depois tão famoso quanto "A Bagaceira" do Sr. José Américo, que representa o marco inicial de todo esse grande movimento de prosadores do Norte — "Os voluntários da morte" do poema de Manuel Bandeira.

A proporção que o tempo passa, e as coisas vão tomando os seus devidos lugares, a gente começa a se dar conta da importância dos escritores do Norte. E agora, longe de falar em tom demagógico, com jeito de desafio aos escritores do Sul, já se pode dizer como quem faz história literária: houve um movimento de romancistas do Norte, cujas características deixaram influenciadas e definiram rumos na literatura brasileira de nossos dias.

Os sinais de renovação do romance do Norte — a expressão geográfica, no caso, deve estender-se da Baía ao Ceará, de Jorge Amado a Rachel de Queiroz — mostraram-se principalmente nos temas humanos, ou melhor, na preocupação pelos problemas de natureza coletiva. Era um rompimento total com os velhos moldes de fazer romances. Em geral, os livros dos escritores do Norte são largos painéis regionais, capazes de interessar a todos, num sentido mais que nacional por que universal.

Quanto às influências, não será ocioso enumerá-las. Lembro-me que Antonio de Alcântara Machado dissera, certa vez, que o fenômeno literário Marques Rebelo não teria sido possível sem a rebelião modernista de São Paulo. O mesmo se poderá dizer, agora, sobre um Emil Farhat, um Perminio Asfora, um Dalcídio Jurandir, relativamente ao movimento iniciado por José Américo de Almeida, o grande abridor de picadas do romance social do Brasil.

Relendo as páginas de estreia de Rachel de Queiroz, — a caminhada de Chico Bento e sua família pelos campos estorricados, por exemplo, que tem qualquer coisa de patético que só encontramos nos romancistas russos, — mais de uma vez me senti surprezo, como diante de um acontecimento desconhecido. De um sentimento que despontasse de súbito, quente e vivo, como a própria realidade.

Há no "Quinze" uma espantosa naturalidade. Tudo é tão simples, tão sem artifício! É bonito como um grito! Até mesmo a trama um tanto ingênua do namoro entre Conceição e Vicente, com aquela solução vaga, indefinida, o que já é uma qualidade forte, de bom gosto, de instinto da escritora. E o começo do último capítulo, demasiado sintético, quase pueril:

"Um ano...

Dois anos...

Três anos..."

Rachel de Queiroz, entretanto, fez muito bem em não mexer no seu livro de estreia, hoje em terceira edição, deixando-o "com todas as ingenuidades, excessos e falhas que passaram despercebidos à menina que o escreveu". Ele deve continuar a ser lido, tal qual o escreveu a professorinha cearense: livre dos recursos técnicos, dos "trucs" de estilo que os escritores profissionais usam para tirar partido. "O Quinze" é grande assim. Como uma narrativa singela que ouvimos uma vez para nunca mais esquecer.

Lin Yutang é um temperamento curioso e original de escritor, na sua filosofia temperada por um fatalismo roseo, beirando o otimismo, e, sobretudo, encantador pela dose de "humour", não mais puro e legítimo sentido. E essa atitude literária, pelo menos, do homem de letras chinês, recorda muito aquela qualidade britânica do "fair play" na maneira de receber os fatos e cousas da vida, bem como a virtude, digamos assim, do "self-control", e que Lin Yutang prefere chamar indiferença, quando analisa, conforme diz, o "make-up" mental de sua raça.

Já agora, Lin Yutang está se tornando mais familiar e divulgado ao nosso público leitor. Ele possui, indiscutivelmente, uma característica própria na formação da frase, conseguindo agradar mesmo quando aborda os temas mais sérios e sézudos. Aqui e ali, aparece a imagem moderna, aplicada com propriedade, sem a preocupação, que a gente sente, de construí-la, aplicando artifícios, e muito mais com o intuito de ser natural, espontâneo, sem atingir o lugar-comum.

Ele e Pearl Buck, são indiscutivelmente os dois grandes divulgadores do moderno espírito chinês aos olhos do ocidente. Este mesmo espírito que consegue manter incólume, ao impeto invasor, a terra de Chang-Kel-Shek. Esse elemento impoderável, que é o verdadeiro sustentáculo, a "boulder-dam" invisível que se antepõe ao imperialismo de conquistados nipões.

Numa conversa íntima com certo japonês de cultura, na qual abordei o tema que mais os desconcerta, o conflito sem fim, ele me deu uma resposta bem significativa, no estilo quebrado de falar:

"Doutor, chinês, por fora magrinho, fraco. Povo mais resistente do mundo. Quem chega conquista. Mas vira chinês. Espírito muito forte".

Aquilo foi uma explicação definitiva à minha dúvida e uma confirmação insuspeita sobre o verdadeiro valor da resistência chinesa. As massas humanas da velha China eram a esponja absorvendo o militarismo imprevidente dos seus irmãos amarelos. Comiam japoneses e deglutiam legítimos espécimens humanos da terra dos mandarins.

Logo depois, no meu passeio por aquelas bandas, adquiri em Hong Kong, o exemplar do livro "My country and my people", edição William Heinemann Ltd., Toronto.

Um Educador Impenitente

JOSE AUGUSTO
Copyright by LEITURA

Quando se fizer a história dos servidores da causa da educação no Brasil, o nome de Carneiro Leão surgirá merecidamente como o de um dos mais esforçados, sinceros e constantes.

Toda a sua vida tem sido realmente a de um apóstolo, que não tem hesitações nem desfalecimentos, olhos voltados para o ideal de que se imbuíu e para cujo triunfo não poupa trabalhos.

Na cátedra de mestre a sua palavra é sempre ouvida com proveito. Sabendo, como sabe, revestir as suas lições de uma forma das mais perfectas, ao mesmo tempo que impregná-las das mais recentes conquistas do pensamento universal.

Na direção administrativa da instrução, ora como diretor do Departamento respectivo no Distrito Federal (administração Alar Prata), depois como Secretario da

Educação de Pernambuco no governo de Estácio Coimbra, os rumos que seguiu, as reformas que empreendeu e realizou, traduziram invariavelmente os melhores ensinamentos da pedagogia e a mais perfeita consonância com as condições particulares das regiões e da sociedade em que teriam de se desenvolver.

Como professor ou como administrador são, assim, da maior valia os serviços prestados por A. Carneiro Leão ao aperfeiçoamento educativo do Brasil.

Mas ha um aspecto pelo qual ainda mais benemerita tem se revelado a sua ação.

E' a de arauto, a de apóstolo da grande causa.

Para esse fim não ha quem o tenha excedido em constancia, pertinacia, fidelidade.

Na imprensa diaria, em revistas, na tribuna das conferencias publi-

cas, em livros, ha trinta anos que Carneiro Leão pede, supplica, reclama dos governos e dos dirigentes sociais que façam da educação o ponto de partida para a politica de largos horizontes renovadores de que o Brasil necessita para ocupar no concerto das nações civilizadas o papel de grande relevo que lhe deve caber.

E não ha senão justiça em proclamar que muitas das conquistas (e são incontaveis e incontestaveis), obtidas nesse largo periodo de tempo, em boa parte devem ser levadas á conta de pregação incessante e convincente do doutor Carneiro impenitente.

Lendo-se o seu ultimo e excelente trabalho — Planejar e Agir, — no qual reune muitos dos trabalhos que publicou exaustivamente, em outras eras, verifica-se quanto a palavra do pregador da boa causa influia junto aos dirigentes no sentido de serem postos em pratica, em nosso pais, muitas das medidas que hoje estão nas nossas leis e que sempre fizeram parte do seu opulento ideal.

Quero aqui fazer referencia apenas a uma: a da colaboração do governo federal, com os estaduais e municipais na disseminação do ensino primario, idéia que vinha de épocas remotas e pela qual ninguém, pejejou mais nem melhor do que Carneiro Leão.

Essa idéia está hoje vitoriosa, e os poderes públicos ainda ha poucos dias deram-lhe sanção official no convenio assinado com os Estados, tornando obrigatória a participação financeira e técnica da União para mais larga distribuição da instrução pública.

No — Planejar e Agir — ha vigorosas páginas de Carneiro Leão a pugnar por essa solução afinal vitoriosa entre elas o seu irresponsível relatório á Conferencia Interestadual de Ensino Primário, realizado no Rio de Janeiro em 1922, no qual esse trabalho foi sem dúvida nenhuma a tese central que inspirou as deliberações, somente agora, vinte anos decorridos, transformadas em lei.

Acompanhando, como acompanhamento, desde o inicio, o apostolado de Carneiro Leão, não quero perder uma oportunidade a mais, (como a que me oferece o aparecimento de mais um livro de sua lavra), de mandar o meu aplauso, que nunca faltou, ao pejejador incansável e pugnax, sempre e cada vez mais devotado ao progresso e á felicidade do Brasil.

Continuação da Pag. anterior

London, new and revised edition, may 1939, em cujas páginas notáveis de sabedoria fui encontrar elementos também os mais seguros do caráter e da força moral chinesa.

Este livro de Lin Yutang é profundo, sem ser massudo, cansativo. E' um livro do filósofo e do sociólogo, ao mesmo tempo. Todos os setores do pensamento, e o "modus vivendi" do grande povo, aparecem ali explicados e dissecados com uma clareza meridiana. A sua alma e o comportamento social do fabuloso aglomerado humano, ficam expostos ao nú. E' uma análise da grande civilização, especialmente dos rumos novos que toma pelo impulso da juventude moderna, da qual Lin Yutang é o porta-voz mais destacado.

Partindo da formação inicial do seu povo, percorre todo o processo evolutivo no tempo e no espaço, mostra com imparcialidade o seu caráter, sua mentalidade, os ideais da vida feminina, política, social, literária e artística. E põe em tudo um toque de "fino humorismo, de poesia lirica na linguagem, que é o milagre da grande aceitação.

Tem um conceito feliz, quando afirma que a China é muito mais que um povo, uma nação. Ela é uma civilização. Uma civilização que tem um passado grandioso e que refoma o caminho interrompido pela marcha natural e lógica do tempo.

O chinês possui o que Lin Yutang chama a religião do senso comum, que herdou do humanismo confuciano. Essa atitude de olhar a vida como ela se apresenta de fato, sem mistificações, sem convencionalismos prejudiciais. A mentalidade chinesa tem a própria vida como fim. Não como vida depois da morte, diz ele, porque é incompreensível. Também não em estado de Nirvana, porque é demasiadamente metafísico. O verdadeiro fim reside em gozar a vida simples, especialmente a vida de família, e em harmonia com as relações sociais.

E' preciso notar-se que Lin Yutang vê tudo com o espírito do chinês puro. Pode sofrer interpretações a nosso modo, à maneira do ocidental espíra a vida em si. Mas, indiscutivelmente para quem deseja compreender esse mundo quasi desconhecido do povo chinês, o livro é uma lição maravilhosa. E sobretudo, sincero, leal do ponto de vista em expor as idéias sem subterfúgios.

Termina o volume com uma exposição, uma história pessoal, como chama ele, do conflito sino-japonês, na qual aprecia a figura de Shangkai-Shek como homem e estrategista, e os motivos porque o Japão tem de falhar, fracassar na sua grande aventura.

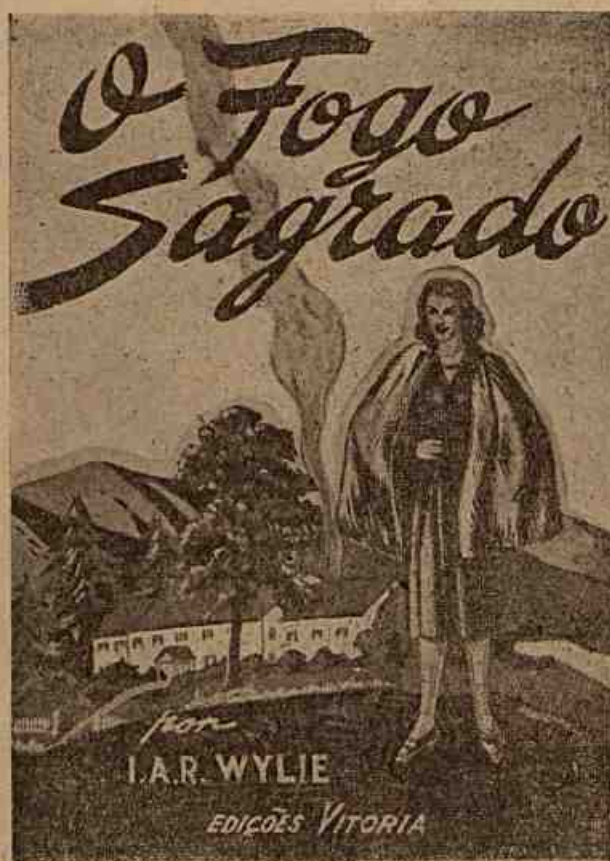
Na verdade, "My country and my people" é como disse Pearl: "the most truest, the most profound, the most complete, the most important book yet written about China".

Katherine Hepburn e Spencer Tracy

Dois grandes interpretes
para um grande livro

O extraordinario romance de **L. A. B. WYLIE**, a grande escritora norte-americana, autora de varios livros filmados, entre os mais modernos, destacamos "**4 Filhos**" — foi adquirido pela **Metro Goldwin Mayer**, que escolheu para os seus principais protagonistas aqueles artistas queridos, que constituem atualmente a mais formidavel dupla do cinema.

Com **O Fogo Sagrado**, a escritora



famosa, através de uma audaciosa historia em que mostra como os males do nazismo poderiam ter-se reproduzido nos Estados Unidos, brinda-nos um dos mais lindos romances de amor, admiravelmente vivido por Katherine Hepburn e Spencer Tracy.

O FOGO SAGRADO será o grande livro e a superprodução da Metro em 1943, conforme já assinalou a critica de Nova York.

Edições VITORIA
Caixa Postal 2798 - Rio de Janeiro

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: CR\$ 15,00

Um Romancista no Meio do Povo

DALCIDIO JURANDYR

Copyright by LEITURA

José Lins do Rego é, talvez, o mais popular dos nossos romancistas. O "Ciclo da Cana de Açúcar" é uma obra que ha de ficar pelo seu conteúdo social, pela sua densidade humana, porque fixa uma sociedade patriarcal cuja influência no Brasil perdura até hoje com tão vivas sobrevivências. Seria interessante saber se o romancista de "Bangue" é, realmente, um escritor de massa, um nome íntimo do povo, um autor para cem mil leitores, como se podia esperar pela tamanha amplitude de seus romances escritos em ruído mas verdadeira língua do povo, com um caráter tão profundamente brasileiro.

Ja ha tempos dizia o autor de "Uzina", a um jornal literário, que teríamos de intensificar a educação popular se quizessem os escritores do Brasil ser conhecidos pelo povo, ter cem mil leitores, com melhores possibilidades de viverem da profissão literária. Acontece que, além do problema do analfabetismo, ha tambem o da falta de capacidade aquisitiva por parte do público que mal pode comprar a carne, o pão, pagar a casa e a roupa e o cinema, sabendo-se que este é, afinal, o divertimento mais barato. Entretanto, o povo gosta de ler, quer livros, tem uma enorme curiosidade de saber, olha as livrarias com o maior interesse. Não quer somente o livro de S. Cipriano, os intermináveis fascículos da Irmã Branca, as brochuras de Dely passadas de mão em mão, os livros de modinhas, os almanaques, os ABC. Um livro de ciência custa pelo menos uns quinze mil réis, um romance de José Lins do Rego apresenta o preço pouco módico de doze mil réis o volume. Resultado: as livrarias continuam distantes do povo exibindo os livros caros e inatingíveis como objetos de luxo.

Andamos pela cidade a fazer perguntas aos chauffeurs, motorneiros, condutores de trens, domésticas, caixeiros, garçons, homens do povo, a respeito do autor de "O Moleque Ricardo".

"Pureza" e uma Costureira

A moça trazia um embrulho, um figurino e lia um livro: "Pureza", de José Lins do Rego. Quando lhe perguntei se conhecia os romances do Ciclo da Cana de Açúcar, encarou-me quasi assustada. Mas respondeu, com frieza:

— Não.

Inalisti e justifiquei a minha curiosidade em saber se gostava da

leitura de "Pureza" e se o romance era ou não melhor que os de Dely ou Ardel. A moça sorriu e me disse que não tinha tempo para ler. A sua vida era no atelier de costuras.

— O tempo que tenho é no bonde e no trem. Leio, às pressas, e atoa. Este livro veio as minhas mãos por acaso. Sou costureira e a minha leitura se limita aos figurinos. Interessou-me ler este romance por causa do filme que vi ha tempos. Um filme brasileiro. Estou gostando da leitura. Nem sei se posso ler até o fim. Cadê tempo? Esse José Lins do Rego é daqui ou mora na Bafa?

Conversa com um Chauffeur

Um chauffeur na praça Quinze. Conversamos como bons amigos. O assunto era a falta da gasolina. Depois falamos em jornais e mais tarde em livros.

— Sabe quem é José Lins do Rego?

— Com esse nome, isto é José do Rego. Quem é?

— E' um escritor. Um romancista brasileiro. Você nunca lê romances?

— Já li dois romances na minha vida. "O Pão dos Pobres" e o "Martir do Golgota".

— Sabe o nome do autor?

— Bem, não sei lhe dizer. Uma coisa que não me preocupa muito saber é o nome dos autores. Mas desse José Lins do Rego não tenho nenhuma lembrança, a não ser de um açougueiro que conheci na Penha.

Um Padeiro que leu a História de Carlos Magno

— Gostaria de ler muitos livros, disse o padeiro de minha rua, mas não ha verba. Não me lembro de ter lido história tão bonita como a história de Carlos Magno. O livro não era meu. Hoje me limito a ler os jornais.

— Nunca ouviu falar em José Lins do Rego?

— Esse nome... esse nome não me é estranho. Ah, já sei, li esse nome na seção de esportes. Foi um artigo do cronista esportivo Mário Filho. Esse José Lins do Rego escreve o que?

Encontro com o Quitandeiro que compra Jornais aos Quilos

— Você nas horas vagas lê algum livro, meu amigo? perguntei ao quitandeiro visinho que acabava de comprar dez quilos de jornais para embrulho.



JOSÉ LINS DO REGO

— Leio o X9 e oigo o rádio em minha casa.

— Já ouviu falar em José Lins do Rego?

— E' um novo cantor de rádio?

— E' um romancista muito conhecido. Deve conhecer...

— Já li um romance bom o "Iracema" de José de Alencar. Aquele sim. Esse José Lins do Rego nunca ouvi falar na minha vida.

Um Açougueiro que gosta de ler o Dicionário

Havia despachado todos os seus fregueses. Limpou as mãos no avental e continuou a conversar.

— Para falar a verdade, apreço um jornal aos domingos. Sou um bocado maluco por um teatro pelo rádio. Mas o que me faz passar horas e horas na leitura é um dicionário prático ilustrado que comprei num sebo. Aquilo tem sabedoria para a gente aprender durante toda a vida!

— E romances?

— Acho chato.

— Nunca leu, nunca ouviu falar em José Lins do Rego, por exemplo?

— Qual é o cartaz dele?

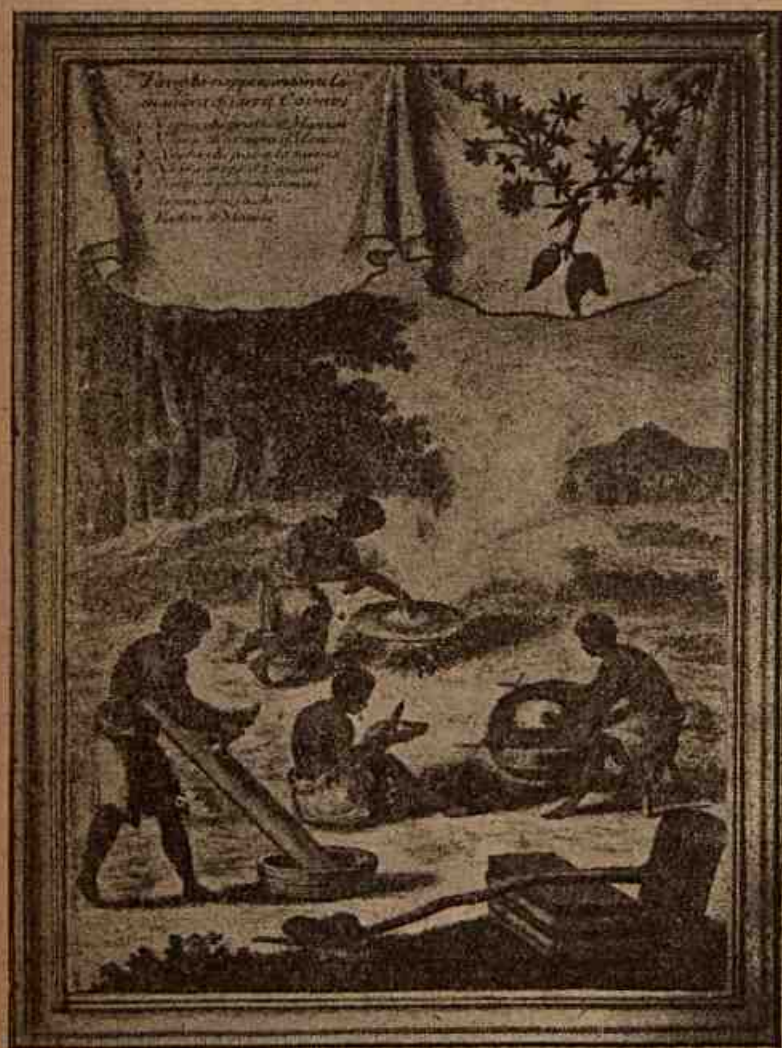
Uma Creada faz Compras no Armazém

Com o cesto cheio de compras, a criada insiste com o caixeiro por um quilo de batatas. De súbito se lembra que tem ainda de ir à banca dos jornais comprar o "Diário de Notícias" para a patroa.

— Nunca foi a uma livraria comprar algum livro para a patroa?

— Vou, às vezes comprar livro de receitas para doce.

— Nunca leu coisa alguma, você?



PREPARAÇÃO DA FARINHA DE MANDIOCA

Formação do Brasil Contemporâneo

Entre os últimos livros aparecidos entre nós, merece amplo destaque "Formação do Brasil Contemporâneo", de Caio Prado Junior,

— Se eu pudesse, o que tinha em minha casa era romance. Mas é uma dificuldade para se conseguir ler um romance. A patroa, uma vez, me ralhou. Disse que não devo ler romances porque posso me desviar. Os romances ensinam coisas feias mas eu gosto de ler e não vejo coisas feias nos que eu leio. Já li "Dois amores", "Namorada", "A Moreninha". Vários. Tenho uma loucura para ler "E o vento levou". Mas ainda não sei quem tem. Comprar não posso.

— Você conhece o romancista José Lins do Rego?

— Ele é português?

— Um romancista brasileiro que escreveu "O moleque Ricardo" romance que conta a vida dos operários de Recife, dos pobres.

— Ah, queria ler. E' lindo esse

romance? Eles se casam no fim? Me empreste esse livro. Nunca ouvi falar nesse... como é bem o nome?

Encontro com uma Manicure

Encontramo-nos defronte do Sileu. Fiz a minha pergunta.

— Ah. Era o nome todinho do meu namorado, respondeu-me a manicure. O que é que você quer me informar ao falar no nome dele? Que aconteceu com ele? Ele trabalhava num banco. Foi um ingrato. Passou-se.

— Casou-se? Ele escrevia?

— Escrevia, sim. Tenho muitas cartas dele. Cada qual a mais terna. Os homens não valem nada, meu caro.

— Mas, minha amiga, trata-se

editado pela Livraria Martins, de São Paulo.

Esse livro notável pela transcendência dos problemas abordados, abrangendo os aspectos fundamentais da nossa formação e o desenvolvimento político, social e econômico do Brasil — oferece uma idéia exata da nossa evolução em todos os sentidos, com os seus respectivos caminhos, analisando com equilíbrio e sinceridade as razões das nossas falhas.

Em um ótimo artigo sobre o livro, Hermes Lima diz que o escritor paulista não fez de "tão complexa realidade" uma interpretação ao deus dará — e acrescenta que Caio Prado "interpretou para compreender e, portanto, para julgar, sabendo que todo problema social, inclusive naturalmente o do Brasil colônia, possuía a sua "razão". Não a razão dos que pretendem justificá-lo, "a posteriori", mas a razão dos elementos de que se tece: a razão que deita raízes na sua estrutura material".

Seria difícil, numa nota tão pequena, explicar exatamente a importância deste livro, num momento em que interessa a todo mundo, um estudo geral sobre a nossa formação étnica — onde haja unidade e verdade — capaz de cobrir algumas faltas e oferecer uma idéia completa sem o trabalho de se ter de recorrer a vários autores.

Basta portanto citar mais um trecho do artigo de Hermes Lima situando o volume e afirmando: "O livro de Caio Prado Junior parece-me um dos mais sérios e profundos que, sobre o conjunto físico-etnico-econômico-social da nossa formação já se escreveram entre nós. Ha que destacar nele o seguro critério na utilização das fontes. São todas de primeira ordem. O autor não se deixou empolgar pelo eu-

do romancista — José Lins do Rego. Desse escritor é que lhe quero falar. Conhece? Já publicou dez livros e ha pouco um novo romance "Água Mãe" em que fala de um crack de futebol que morreu, depois, abandonado por todos. Uma história triste. Ha também a história de uma lagoa e de uma casa fatídica...

— Não conheço esse senhor. Romance que li foi "E o vento levou" que gostei muito. Li "Rebeca". Estou louca para ler "Rosa da Esperança". Sabe de uma coisa: o meu divertimento é o cinema. Mas vou procurar conhecer esse crack do romance. Como é bem o nome do livro? Depois, é o nome do autor tanto que me faz lembrar o meu namorado. Vou ler os romances dele para matar saudades.

ditismo fácil. Selecionou, escolheu seus documentos. Não tem digressões inúteis, nem devaneios, nem essa queda pela postização do passado, hoje tão na moda. É uma interpretação inspirada por verdadeiro espírito científico, uma reconstituição severa do passado a que o presente se acha ainda tão ligado. É, em suma, um livro fundamental".

“Dois Mundos”

Auréllo Buarque de Hollanda que pertence ao rol dos escritores experimentados, com vários estudos sérios, estreia agora na ficção com um livro de contos — “Dois Mundos” — no qual apresenta uma coletânea que constitui uma interessante contribuição. Feito todo ele num estilo agradável, numa linguagem das mais puras, este volume lançado pela Livraria José Olympio Editora, vem revelar uma nova figura de ficcionista, capaz de se fixar entre os melhores escritores nacionais.

O volume é todo ilustrado com desenhos de Augusto Rodrigues, Luis Jardim, Santa Rosa, Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes.

Todos os contos estão revestidos de uma grande ternura, uma suave e humana compreensão, jogando com inúmeras personagens, todas bem fixadas e cheias de uma singela vida nordestina, com os seus aspectos às vezes serenos, outras vezes amargos e esbatidos por um leve ceticismo.

Um Garçon que leu “A Ilha do Tesouro”

O garçon serviu-me e perguntou se vou ver o jogo do “Flamengo” com os paulistas para a disputa do campeonato de futebol. Começamos a falar nos cracks. Ele é fan de Heleno. Perguntei se gostava de ler livros.

— Já li um livro sobre futebol. Gosto de revistas policiais. Leio muito “Seleções”.

— Conhece José Lins do Rego?

— Conheço. É o secretário do Flamengo.

— E um romancista. Você nunca leu um romance dele? Todo brasileiro deve ler os livros brasileiros...

— Meu amigo, não tenho costume de ler romances. Isso dá muita

preocupação na cabeça. Mas mesmo que lesse, então, você acha que ia ler romances de um flamengo? Sou do Botafogo cem por cento.

Um condutor de trem

Na Central do Brasil apinhada de gente. O condutor estava de folga e vínhamos conversando a respeito da resistência de Stalin. Falamos em livros. Ele achou que a carestia da vida proibia de uma vez a leitura de livros. Ele gostava de ler livros sobre os problemas sociais.

— E romances?

— Li uma vez um romance que nunca mais saiu de minha memória.

Qual?

— A mãe, de Gorki.



DE “DOIS MUNDOS”

Ilustração de Santa Rosa

— E romancistas brasileiros? Conhece José Lins do Rego?

— Não. Já ouvi falar nesse escritor. Ele fala em problemas sociais? Fala da nossa vida? Gosto que trabalham, dos que lutam no de ler romances que falem dos batente. Vou ver se compro um romance desse autor...

Só pode ser um bom escritor quem defende o samba

Um motoneiro a quem lhe falei de José Lins do Rego respondeu-me:

— Não é um que uma vez discutiu com um sujeito da Academia por causa do samba? Me lembro do nome dele. Gostei um bocadinho que ele defendesse o samba. Esse romancista deve ser bom. Só pode ser bom quem fica ao lado do samba.

Huxley e os Americanos

GUILHERME FIGUEIREDO

Copyright by LEITURA

Aldous Huxley escreveu um romance em que retrata os americanos do norte. É naturalmente fixou o ambiente nas cercanias douradas de Hollywood, onde agora ele passeia a sua erudição e o seu ar livresco através de pernas lapidadas e pouca profundidade de problemas sérios. Ele não faria residir o seu grupo humano em New York, numa New York trágica e desalinhada, incongruente e dispersiva, como a criou John dos Passos em "Manhattan Transfer". Também pouco esse crítico de sociedades fez questão de reunir expressamente uma sociedade para sua crítica. Huxley faz sátira social pondo nela girinos, carpas e vivissecção para estudo de biologia. A sua sátira vem impregnada da ciência do irmão Julien, empapada da tradição inglesa do avô companheiro de Darwin. Nesse ponto, o catedrático Huxley exige que lhe descubram logo a nobreza britânica da tradição; se no "Contraponto" feriu de "humour" justamente essa tradição, agora, em "... Também o cisne morre" não quer deixar lembrar que veio das Ilhas Britânicas, e que, ao contacto com milionários extravagantes e futeis estrelinhas de cinema, continua sendo um aristocrata-socialista, mas sobretudo um aristocrata.

Porque Huxley está em "... Também o cisne morre", como em "Contraponto", como também nos contos de "Brief Candles". O mesmo Phillip Quarles, discutidor, insensível a sentimentalismos, analista que alia farrapos de ciências para fazer comparações literárias, posando de cético, de desenganado, de frio. O "homo intelligens" já é nele uma afetação; o seu desejo de brilho não respeita a presença das personagens mais vulgares. Muitas vezes eu me ponho a imaginar o que teria havido se a Lady Chatterley de Lawrence tivesse sido uma personagem de Aldous Huxley, e me assusto ao ter a certeza de que o romance não teria acontecido. Teríamos, diante do jardineiro, apenas uma Lucy Tantom, ansiosa de requintes onde coubesse literatura e houvesse motivo para citações e breves análises do próximo. Nada do sopro quase animal que Lawrence verteu naquelas páginas.

Esse cerebral despreza os sentimentos porque não sabe, não tem coragem de fotografá-los. Tem, sim, a coragem fria de avançar com seus pequenos bisturis, e cortá-los

com muito cuidado, para ver de que são feitos. Como um homem de laboratório, mas também com um prazer sádico de criança que estripa uma boneca no desejo de ver o que tem dentro. Assim procedia Phillip Quarles, o colecionador de exemplos, cujo diário continha catalogações de leituras, de pesquisas biológicas, e nunca de fatos íntimos. Quando muito citava fatos íntimos como quem cita exemplos para uma teoria geral. Assim também procedem as duas personagens que são Huxley em "... Também o cisne morre": Jeremy Porridge e Mister William Propter. Não é de estranhar que, com esses dois Huxley, um diante do outro, o romance passe a ser de repente um longo diálogo em que há ensaio, crônica, digressão em que entram todos os assuntos Huxley. Há uma espécie de duelo vaidoso entre os dois cientistas — o literato e o metafísico — duelo de uma só voz, que lança prós e contras. Há outros duelos, com outra alma de Huxley, o Huxley satânico, uma espécie de Spandrell domesticado e guloso de vida, que se chama doutor Obispo.

Um romance sobre o medo da morte... aí está um tema ideal para o autor de "Contraponto" brincar, com todos os Morilégios da inteligência, e mais citações, e mais erudições, e mais bom-humor, e mais uma luta tremenda contra a impossibilidade de ser macabro. Quando Huxley fala na morte, ela não inclui o leitor. Esse fica de fora, saboreando a agilidade do paradoxo, ou o equilíbrio das construções lógicas. Não entra ali, porque ali não há contorções, não há esgares, não há agonias que possam ser consideradas "realisticamente vertidas para o papel". Pirandello também se deliciava com as construções puramente inteligentes; mas quando ele se inclinava sobre um sentimento, sobre um receio, sobre uma fraqueza, sobre isto que os filósofos designam como "o mundo", "a contingência humana", ele se apoderava daquilo sem ciência e sem vivissecção. E com meia dúzia de palavras fazia brotar o horrível, o trágico, o incognoscível. Mas Pirandello, embora repleto de filosofia, era um mal-assombrado. Huxley é um homem que divulga a impressão de que se deve encarar a morte com a mesma frieza de análise com que se espla uma maçã que murcha e apodrece. O seu "terror da morte", ele o faz resi-

dir num tipo, o do milionário gordo Jo Stoyte, que por ser gordo, ter o apelido de "Moloide", e demonstrar uma ampla e inobturável ignorância, é o cidadão indicado para receber na cabeça todas as pedradas de ironia de Huxley. Stoyte teme a morte; mas ele é ridículo, é um apavorado de tudo, e nunca enfrentou uma situação em que a iniciativa o salvasse de morrer. Espera o fim, e, enquanto espera, enriquece. Rouba, e a sua piedade pelo semelhante é unilateral como a de todo burguês próspero. Com um tipo assim, a morte é quase uma personagem heroica. Já não torcemos ali pelos vivos, mas por Ela, pela que virá como um castigo — só porque para Stoyte ela tem que ser um castigo.

Receio que a galeria das personagens de Huxley não esteja enriquecida com esse livro, embora o estejam as que reúnem as suas construções cerebrais, em que a poesia e a ciência vivem nas mesmas circunvoluções, para serem citadas. Mas embora Huxley continue furiosamente cerebral, ele soube descobrir uma afirmação que amacia o seu socialismo de profeta: "... Duas virtudes que realmente importam: a compreensão e a compaixão". Só aí estamos diante de um outro Huxley, não o que exigia apenas compreensão. Ele agora já conhece outro timbre, que não pertence apenas aos livros escritos, mas à vida. Se souber segurar essa compaixão, prendê-la aos seus heróis, retransmiti-la brava e simplesmente através de fatos — e não de raciocínios — terá resurgido milagrosamente para uma outra literatura, a grande, nobre e forte literatura que faz sátira, mas faz sátira com lágrimas nos olhos.





LINDOLFO COLLOR

O Ultimo Livro de Collor

WALDEMAR CAVALCANTE

Copyright by LEITURA

Esse livro tem qualquer coisa de um testamento — o testamento ideológico de um homem que não perdeu a fé (*). Foi pouco antes de morrer que Lindolfo Collor resolveu colecionar os seus últimos artigos e pequenos ensaios, escritos no período de um ano e quatro meses. Ainda morno do calor do prelo e tímido de tinta, esse volume foi o derradeiro, parece, que esteve entre as mãos do escritor gaúcho e sob os olhos que a morte veio cerrar inesperadamente, numa tarde de setembro carioca.

Que especial interesse teria ele em furtar ao efêmero das colunas de jornal uma série de reflexões esparsas, inspiradas pelo quotidiano de nossos tempos heróicos? Evidentemente, Lindolfo Collor quis não se perdessem, distantes e apagados, os traços do seu pensamento democrático, quando mais não fosse para definir uma atitude pessoal diante do mundo que morre ou do mundo que nasce.

Não me apraz discutir aqui os termos em que Lindolfo Collor, sempre leal à sua consciência e aos seus princípios, colocava os problemas da vida contemporânea e, em particular, da democracia. Bem podemos deixar de lado, sem prejuízo das necessárias ressalvas, as suas superstições e intransigências — tão comuns, de resto, numa época de generalizados equívocos e fáceis aderências. Louvemos, an-

Diogo Antonio Feijó

Continuação da Pag. 10

choque de forças adversas, iam exaltar-se, como reação, até o extremo dos defeitos correspondentes. Sua firmeza degeneraria em intransigência teimosa; sua visão lúcida dos homens e das coisas, em amargo pessimismo; seu natural feitio reservado, em desconfiança hostil; seu desapego aos bens e honrarias, em desprezo por todo o mundo".

O segundo momento culminante da sua carreira política viveu-o Feijó ao rebelar-se contra o golpe de força do governo que decretara a dissolução prévia de uma Câmara recém-eleita e ainda não empossada. Era um desafio violento a que os liberais não podiam fugir e que só podiam enfrentar de armas na mão. Feijó, recolhido ao seu sítio de São Carlos, gravemente enfermo, sentindo aproximar-se o instante derradeiro da morte, não hesitou, porém; abandonou tudo e entrou na conjura. Porque esse velho doente, escreve o seu biógrafo com justificada admiração, "esse velho doente, que no retiro de sua pequena fazenda cuidava de preferência da outra vida, guardava no fundo da carcassa quase imprestável a mesma alma impetuosa, a mesma flama, o mesmo dom moço e fresco de comover-se, de apaixonar-se, de indignar-se". O fim inglório da sedição de Sorocaba é bem conhecido: Feijó acabou preso, deportado, processado, humilhado, e morria um ano e meio depois. Mas, em compensação dos seus erros, deixou-nos o legado de uma lição imorredoura.

Viagem Através ...

Continuação da Pag. 13

flagrante entre o sentimento do povo francês, esmagado e vencido, e o sentimento do povo alemão — flutuando entre a vitória e a derrota e já prestes a se despeñar no abismo. Enquanto a França aparentemente sufocada clama pela liberdade e pela tranquilidade dos povos, pagando o seu tributo por alguns erros, disposta a restaurar a igualdade entre os homens, a Alemanha se envenena de ódio e sente crescer em seu seio o desejo de escravizar e destruir. O povo vilipendiado da França, dentro da sua mágica, ainda se sente com coragem para acreditar no mundo de amanhã. O povo alemão, a cada recuo do seu exército, pensa com horror na derrota da Alemanha nazista, que só acredita na força — esta força que se está aquilando lenta, mas progressivamente.

...E na Lama Trabalhamos...

ABGUAR BASTOS

Copyright by LEITURA

O terror é a base de toda organização nazi-fascista. O terror "serve" para disciplinar, e a disciplina, segundo os métodos nazi-fascistas, é a forma de anular os sentimentos de resistência dos povos. O Instituto de lutar pela preservação das liberdades coletivas e individuais deve desaparecer para dar lugar a um período de estagnação, que é como um relaxamento de músculos de todo e qualquer impulso de defesa.

"Guerra de nervos" "reeducação", "readaptação"... qualquer nome que o facismo alemão ou italiano de aos diversos sistemas que

emprega para desarmar os mais nobres sentimentos de humanidade esconde nos seus detalhes os mais torpes e hediondos crimes que a História já registou.

Pouco a pouco vão surgindo os documentários dessa "nova ordem", cada qual mais contundente e espantoso.

Agora, é a vez de W. Langhoff e Georg M. Karst, dois egressos dos campos de concentração nazista.

A canção favorita dos presos de Boergermoer com o seu estribilho:

...E na lama trabalhamos,

a pá no ombro
e marchamos
para o pântano...

bem pode ser chamada a Balada dos Pântanos de Boerg e, bem como todas as baladas medievais, pode apresentar-se nos futuros séculos como um dos documentos mais tristes desta segunda "idade média" que ora campeia no coração da Europa.

Boergermoer, Buchenwald, Oranienburg, Lachsenhasen, Lichtemburg, Dachau, entre outros, são nomes conhecidíssimos de todos os sofredores povos da Alemanha e da Áustria.

São as regiões já célebres no mundo pelas iniquidades, perversões, infâmias, monstruosidades, que aí se praticam.

Esbofeteliam-se homens desarmados, arrancam-se-lhes os dentes a murros, abrem-se-lhe feridas no corpo, deixam-no 3, 4, 5, 10 horas, de pé, no campo, com roupas leves, numa temperatura de 5 graus abaixo de zero, quase que se vestidos com a compacta neblina, branca, longa, flutuante, como mortalha.

Mas isso não é nada. E' preciso correr, horas a fio, até cair extenuado. E' preciso cantar, até estourar os pulmões as abjetas canções hitleristas. E' preciso ajudar a espancar os prisioneiros recém-chegados. E' preciso receber os açoites com toda a "disciplina", pois o menor gesto de defesa trás imediatamente o tiro de misericórdia.

Mas isso é pouco. Porque há os que são obrigados a lamber o chão salpicado com o sangue das vítimas. Há os que devem proferir, como o filho de Ebert, palavras imundas contra o seu pai e palavras nojentas contra si mesmo.

E no meio de tudo isso as gargalhadas dos soldados das Seções de Segurança; as bebedeiras dos membros das Seções de Assalto; as selvagens praticadas pelas guardas de Hitler.

Ninguém dorme, porque é acordado três, quatro, cinco vezes, pelos embriagados guardas. Ninguém descansa, porque a legenda de um campo de concentração nazista já está escrita num papel dependurado no portão central: O trabalho é a liberdade.

Mas é o trabalho ultrajante; é o trabalho entre ponta-pés, bastonadas, socos, insultos baixos, ciliadas, tiros... E' o trabalho no inferno... E' o trabalho que faz

Continua na Pag. 24

tes, fazendo-lhe justiça, a sua compostura intelectual, a sua coerência ideológica, a sua crença nas fórmulas democráticas — in quase dizendo, o seu fanatismo pela democracia, para acentuar-lhe, com algum exagero, a posição ortodoxa.

Decerto que me agradaria contradizer o autor, em dados pontos de suas concepções, se valesse a pena contrariar um morto — e um morto respeitável, pela dignidade com que defendeu os seus ideais, em circunstâncias tantas vezes difíceis. Poderia então aludir, de um modo geral, à exagerada ênfase de algumas conclusões de Lindolfo Collor, bem como ao tom discursivo, senão declamatório, com que, aqui e ali, ele expõe os seus pontos de vista. Pontos de vista de um espírito às vezes ranzinzamente conservador.

Não nos preocupemos, porém, com as questões por assim dizer marginais do testamento de Lindolfo Collor. O que importa, acima de tudo, é o exemplo e a lição que podem ser colhidas nas páginas desse livro, particularmente pela nova geração. No último período de sua vida o escritor gaúcho situou-se entre os que tudo fizeram e fazem para esclarecer a opinião pública do país sobre a verdadeira face da ideologia nazi-fascista. A presente obra reveste-se, por isso mesmo, de um vivo interesse político e apresenta, em conjunto, uma análise de diversos aspectos da doutrina e da ação do hitlerismo.

Os acontecimentos, por mais complexos, Lindolfo Collor sempre os examinava, não como um simples comentarista, mas como um intérprete perspicaz, dotado de amplos recursos de cultura, capaz de ir às raízes dos assuntos, com a mais minuciosa das curiosidades. Era com um raro equilíbrio que o escritor estudava os "sinais dos tempos", encontrando nos temas do momento, oportunidade para as suas digressões doutrinárias. Aliás, ele pertenceu a uma família de jornalistas doutrinários, cujos membros vão pouco a pouco desaparecendo entre nós.

Sendo um panfleto contra a ideologia da violência e do egoísmo, o livro de Lindolfo Collor é todo ele, invariável atualidade. Chamaréi, contudo, a atenção do leitor para as páginas referentes à infiltração nazista no Brasil, bastante compreensivas e esclarecedoras, sob vários aspectos.

Da leitura da obra, afinal, fica-nos a grata impressão de que Lindolfo Collor soube aproveitar o conselho que Clemenceau lhe deu, quando o jornalista brasileiro, aos vinte anos, iniciava a sua carreira nas letras: "Nunca deixe de dizer o que pensa. Faça de sua pena um instrumento da liberdade e da justiça".

A Vida de Turgueniev

JOSE FIRMO

Copyright by LEITURA

Ivan Turgueniev foi uma das forças dominantes da literatura russa do século XIX. E quando um homem ocupa um lugar tão considerável na vida intelectual de um país, tão rico de seiva criadora, é porque esse homem exerceu, na realidade, uma atividade de prodigiosa e substancial dentro das letras.

Sainte Beuve dizia que a literatura russa, mais interpretativa do que descritiva, mais psicológica do que panorâmica, era dessas literaturas que poderiam resistir ao tempo com a mesma exuberância de forças.

E tanto isso é verdade que Dostoiévsky, da metade do século vinte, ainda é mais atual, hoje, do que o foi, ontem. As modificações atingem e inatualizam as formas mas nunca penetram ou deformam as almas.

No fundo, a criatura humana, mesmo sofrendo evoluções naturais, permanece a mesma, com as características imutáveis.

Fidalgo de nascimento, esse homem Turgueniev poderia ter-se acomodado aos acontecimentos políticos e sociais de sua Pátria, vivendo, então, um dos períodos mais oprobriosos de sua história. Mas, não quis fazê-lo, e por essa insubmissão incorporou-se àqueles que mais sofreram a opressão e a miséria dos poderosos.

Esteve preso, viveu longos anos exilado. Na França, encontrou o seu genio uma acolhida generosa e fidalga. Todas as portas se abriram ao exilado insigne que se acolhia à sombra da tradicional hospitalidade francesa. Conviveu com os mais altos espíritos daquela época e sentiu as profundas afinidades que tinha com aquele povo, afinidades que nunca o levaram a esquecer a sua Rússia querida.

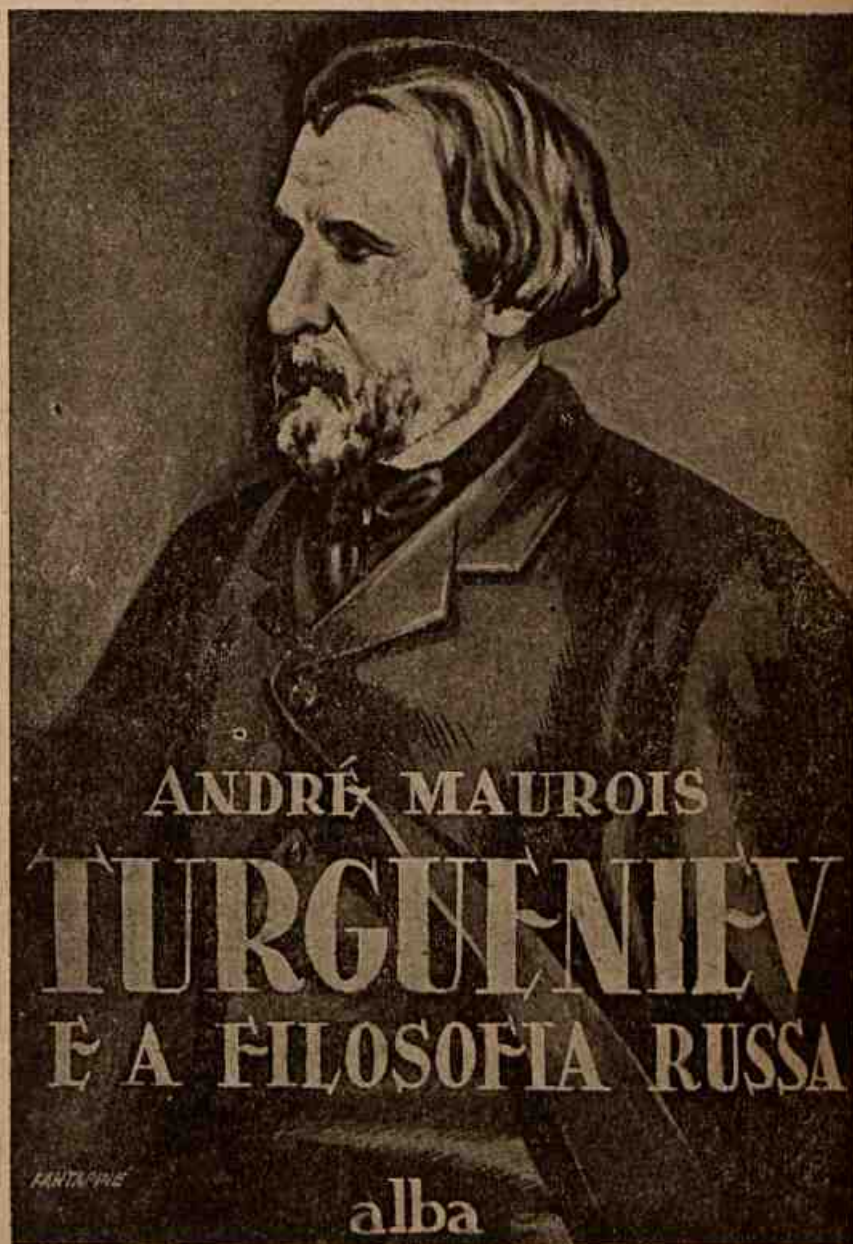
Nos seus romances, nos seus admiráveis ensaios, em qualquer dos seus livros, sempre a Pátria estava presente. Procurava inspiração nos motivos russos. Em quasi todas as suas páginas lapidares irrompe, espontanea, essa ternura, ha o vestigio desse apego à terra natal.

Em pouco tempo, domina Paris, uma Paris do século XIX, com as ruas cheias, por assim dizer, de homens consideráveis como Flaubert, Zola, Balzac, os Goncourts, Gautier, Daudet e essa mulher diabólica de genio, que

é George Sand. Ha em torno dele uma solidariedade comovida.

A gloriosa França nem pensava em se despir, como veio a fazê-lo, melancolicamente, tantos anos depois, das suas nobres insignias de Pátria espiritual do mundo. Naquella fase gloriosa, nenhum francês indagava onde este ou aquele genio nascera, onde esta ou aquella força se gerara, em que lugar abrisse os olhos à vida este ou aquele criador de belezas. Paris acolhia os exilados, incorporando-os à sua propria existencia.

Turgueniev, sem esquecer a Rússia, onde sem-



O Instituto Nacional do Livro e a Criação de Bibliotecas

O Instituto Nacional do Livro, tomando uma iniciativa de grande utilidade, procedeu ao registro de todas as bibliotecas existentes no país, proporcionando os dados interessantes que oferecemos aos leitores:

Até fins de 1938, 201 bibliotecas haviam respondido ao questionário, em Outubro de 1939 esse número ascendeu a 408. Foi iniciado então o serviço de doação de livros, aumentando o interesse pela organização de bibliotecas em todo o território nacional — e em 1940 já estavam registradas 700. Em Dezembro de 1941 os registros revelavam a existência de ... 1.325 — e até 14 de Outubro de 1942 constatou-se que esse número se elevava a 1.620 bibliotecas.

Destas, 864 recebem doações mensais do Ministério da Educação, de outros órgãos administrativos e fazem aquisições de obras no mercado com os recursos orçamentários. Os recursos para estas aquisições desde a expedição do Decreto-Lei n.º 93, de Dezembro de 1937, foram os seguintes: Em 1938 (Não houve empenho de verba)

Em 1939	127:510\$000
Em 1940	267:338\$000
Em 1941	500:000\$000
Em 1942	1.000:000\$000

Volumes Distribuídos pelo Instituto Nacional do Livro desde a Expedição do referido Decreto-Lei:

De 21-12-37 a 31-12-940 — (três anos de atividades)	33.000
Em 1941 — (um ano de atividade)	93.000
Em Janeiro de 1942 ..	3.453
Em Fevereiro " " ..	4.863
Em Março " " ..	5.251
Em Abril " " ..	5.473

Em Maio " " ...	5.189
Em Junho " " ...	8.533
Em Julho " " ...	12.623
Em Agosto " " ...	7.168
De 1-9-42 a 14-10-42 ...	9.786

TOTAL 150.339

O auxílio que o Instituto Nacional do Livro presta às bibliotecas do país consta de doações de livros, assistência técnica expressa em instruções biblioteconômicas,

circulares e livros editados pelo próprio Instituto. Entre estes livros, destacam-se: "Instruções para Organização das Bibliotecas Municipais", "Guia das Bibliotecas Brasileiras", "Bibliografia Brasileira" (em forma de catálogo-dicionário).

O Instituto cogita ainda de fazer a remessa de livros doados acompanhadas das respectivas fichas catalográficas, serviço que está prestes a ser iniciado.

...E Na Lama Trabalhamos...

Continuação da Pag. 22

suar sangue, é a terra empapada de sangue, são os olhos injetados de sangue... é o vermelho do martírio colorindo a paisagem sombria do fascismo.

São essas as dolorosas, as torturantes e estupefaciente cousas que nos contam W. Langhoff e Georg M. Karst, de Boergermoer, Lichtemburg e Dachau.

Dachau! A "terra da Morte"! A terra dos homens-fantasmas!

O prisioneiro resistiu algum tempo ao infernal tratamento e, um dia, pôde sair, fugir, exilar-se. Na penumbra do seu quarto de refugiado, ao lembrar-se do horror de Dachau, sua mão escorregou no papel e escreveu:

"Dachau é um recanto tão ameaçador, que aterroriza as próprias andorinhas"...

E as andorinhas, que estão em toda a parte, não se atrevem mais, como o faziam antigamente, a cruzar os limites pestilentos de Dachau!

16.000 prisioneiros que morrem lentamente... Loucos atirando-se contra os fios elétricos... Amaginados berrando incoerências nas noites imensas... Moribundos gemendo e as bastonadas dos guar-

das cantando sobre os moribundos que incomodam com seus gemidos...

E Dachau continua...

Os depoimentos de Langhoff e Karst que agora vemos em FERAS HUMANAS, estonteante obra que acaba de ser lançada pela Editorial Galvino, são narrações que não apenas assombram, mas profundamente envergonham... envergonham profundamente aqueles que vivem sobre a terra e se dizem possuídos do dom da inteligência e do espírito humano.

Este mundo não é o mundo dos homens, desses homens que se dizem divinos pela poderosa e gigantesca obra que realizaram pelos séculos afora!

Este mundo nazista é, sim, o mundo das feras, das bestas, do feroz apocalipse!

E' o mundo que só pode ser concebido através de um delírio, de uma tremenda crise alucinatória.

E' o mundo que deve ser destruído, não só em nome dos que lhe sofrem as torturas, mas, e mais profundamente, em nome da ciência, das artes, da cultura, da moral, da liberdade e dessa divina solidariedade que une os homens na paz e no trabalho.

para foi buscar os motivos e as inspirações para os seus grandes estudos, sentiu a grandeza dessa ternura, e elegu a França a sua segunda patria.

E' sobre esse homem tão completo do século XIX e tão atual no século XX, que versa o livro que acabo de ler. São algumas conferencias lapidares que André Maurois pronunciou em Paris em 1930. Nelas tomamos um conhecimento perfeito da obra e da vida de Turgueniev. Mais ainda: de toda a história russa daquele tempo.

Em tom de palestra, fugindo, tanto quanto possível, do eruditismo, Maurois vai fixando aspectos da vida e analisando a obra do russo ilustre. Aspectos de uma vida prodigiosamente rica de incidentes e a análise de uma obra que se vem prestigiando

com o tempo, de uma poderosa e complexa obra de pensamento, de beleza e de cultura.

Em 1930, a França ainda era a França. Podia-se ainda ter inspiração e os homens ainda tinham gosto para ouvir dissertações sobre os que souberam elevar o pensamento do século XIX.

Homens como Laval, soberanos na sua semvergonhice, não tinham ainda penetrado equívoca e sombriamente na história de um dos maiores povos do mundo.

"TURGUENIEV E A FILOSOFIA RUSSA", traduzido excelentemente pela escritora Edith Magalhães Torres, é uma das melhores coisas de Maurois.

Essas palestras dão bem uma idéia da força e da grandeza de Turgueniev, conferindo à agudeza crítica de Maurois mais um título de gloria.

John Gunther, Reporter do Mundo

JOEL SILVEIRA

Copyright by LEITURA



JOHN GUNTHER

Foi Samuel Wainer, numa entrevista maliciosa com John Gunther, quem perguntou ao reporter norte-americano como é que ele pretendia conhecer um país tão grande como o nosso, descrevê-lo e compreendê-lo em suas reportagens, demorando entre nós apenas quinze dias. John Gunther, respondendo a Samuel Wainer, explicou seu método. Quando ele salta do avião, em qualquer nação do mundo, já sabe a quem se dirigir. Jornalista famoso, estão sempre à sua espera, no aeroporto, no hotel, em todo canto, os prestimosos informantes oficiais, dispostos a descerrar diante dos olhos abalondos do reporter todo um mundo maravilhoso de perfeição e ordem. O primeiro trabalho de John Gunther, portanto, quando desce em qualquer país, é conseguir livrar-se de gente assim. Feito isso, e ele o sabe fazer como ninguém, é procurar agora o que de fato lhe interessa, as pessoas que de fato têm alguma coisa para lhe contar. Gente do povo, descontentes e felizes, sociólogos e homens da rua, romancistas e economistas, poetas e políticos. Tudo isso já era gente conhecida. Antes de dar o bote, como as jararacas, Gunther já preparou esse golpe com muito cuidado, olhando de longe, informando-se, tomando nota de nomes e de coisas. Quando ele chega ao país, pela primeira vez, já não encontra tudo por explorar. Metade do trabalho já fora feito, e agora é cuidar exclusivamente do ver de perto o que ele já vira de longe.

Ora, por isso mesmo é que ninguém pode exigir de John Gunther, como de qualquer outro reporter, conclusões muito claras e deduções muito acertadas. Um reporter é, antes de tudo, um cidadão que informa.

Como todo reporter que se pressa, John Gunther tem uma bruta inclinação para o "contra". Quando ele vê contar, por exemplo, que a baía de Guanabara é a mais bela baía do mundo, já desce do avião decidido a provar que não é, que a de Nápoles, é muito mais bonita. Mas essa inclinação, que afinal de contas serve como impulso a uma melhor observação, nunca se deixa levar pelo desejo exclusivo de contrariar. Depois que Gunther olha para a Guanabara, se extasia com ela, não tem nenhum pudor em afirmar que de fato não pode existir baía assim neste mundo.

Politicamente, que é John Gunther? Seus três livros ("Drama da Europa", "O Drama da Ásia" e o "Drama da América Latina") são verdadeiras espinhações no fascismo e seus diversos ramais. Mas, em compensação, ha neles também muita coisa contra o comunismo. No fundo, o que Gunther é mesmo é um bom liberal-democrata, romântico, sem ortodoxia, sem qualquer fanatismo político, enfim, um desses cavalheiros norte-americanos que não trocam a sua coacola democrática por qualquer outra bebida mais extremada. Mas pouco importa a política de Gunther, contanto que ela não influa no seu poder de observação e informação. E não influe. Contando as coisas que viu, não pode haver ninguém mais imparcial do John Gunther. Mesmo falando da Argentina...

Este "O Drama da América Latina", que acaba agora de sair numa boa edição dos Irmãos Pongatti, segue o velho método de Gunther. O que ha aqui é muita observação, uma visão geral do continente sul-americano, com sua política toda original, seus vultos pitorescos, seus caudilhos e suas experiências sociais. Deade o absolutismo de Trujillo, o proprietário incondicional da República Dominicana, até a Frente Popular do Chile, a facção democrática mais avançada de todo o continente, a América do Sul se estende aos nossos olhos, através da descrição precisa e inteligente de John Gunther. O democrata Eduardo Santos olhando de sua janela as montanhas andinas e confessando que

apreciar diariamente aquele panorama era a única coisa que ele tinha de igual com o Hitler de Berchtesgarden; Haiti com sua banana e seu problema negro; a Venezuela, afogada na lama do petróleo, onde um hotel vagabundo custa mais de cem mil réis por dia; a Argentina, vassala do bife, na sua intransigente política anti-norte-americana; a Bolívia com a sua desgraça e sua pobreza; o Equador, vítima dos assaltos implodidos do vizinho Perú; o Brasil, que estonteou o reporter com suas florestas continuando o asfalto, e a alegria instintiva do seu povo; o Chile, com a alma democrática de Aguirre Cerda se espraiando de norte a sul; o Uruguai, com sua legislação social que é a mais avançada do mundo, um bloco democrático espremido entre o imperialismo argentino e as poucas possibilidades econômicas nacionais; e vizinho, mas distante séculos, o Paraguai, mutilado na sua população pela guerra implacável do Chaco.

John Gunther falou pessoalmente com todos os dirigentes latinos-americanos. Abordou-os sobre o problema da defesa continental. Livro escrito antes de Pearl Harbour, ha aqui a preocupação de saber qual a posição da América do Sul ante o inevitável ataque nipônico aos Estados Unidos. Ha políticos reacionários que respondem más respostas. E ha os democráticos, firmes na sua vontade de se porem ao lado dos norte-americanos quando o momento chegar. Mas, como já fizera nos seus dois livros anteriores, John Gunther também ouviu o povo. Nos cafés, nas ruas, no campo e nas fábricas, cada um foi consultado, e suas respostas e opiniões anotadas com honestidade. Em "O Drama da América Latina" não ha a preocupação de agradar a ninguém. Muita coisa que Gunther diz sobre o Brasil é coisa que não nos agradará. Mas também ele diz coisas muito amargas sobre a Argentina, sobre a Venezuela, sobre a Bolívia e sobre o Perú. Mas tem que ser assim. Porque John Gunther não veio ver somente nossas doguras e os nossos encantos. Ele veio nos ver como de fato somos: cheios de virtudes e de defeitos, de alegrias e tristezas, de belezas e feiuras. Caudilhos, tropicais, certos e errados, escravidos e senhores, analfabetos e cultos, revolucionários e pacíficos, nós, sul-americanos, estamos vivinhos dentro de "O Drama da América Latina".

Novidades de Dezembro

VIDA DE S. FRANCISCO DE ASSIS PARA AS CRIANÇAS

De Jorge de Lima

Edição ricamente impressa, com inúmeras ilustrações no texto e linda capa ilustrada a cores por Marcier. É o melhor presente de Natal para uma criança. — Preço Cr\$ 12,00

OBRAS COMPLETAS DE FAGUNDES VARELA

Em 3 volumes. Cada volume contendo respectivamente estudos de Edgard Carvalheiro, Ademar Tavares e Murilo Araújo. Edição rigorosamente revista e ricamente apresentada em lindas cartanagens. — Preço de cada volume Cr\$ 9,00

UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

De Joaquim Manoel de Macedo

Nova edição revista e anotada por Gastão Penálva, prefaciada por Astrojildo Pereira e com 18 magníficas ilustrações em couché. É um exemplar com 420 páginas impressas em ótimo papel. — Preços: br. Cr\$ 40,00 e enc. Cr\$ 55,00. Desta edição foram tirados 110 exemplares em papel especial (inglês) numerados. — Preço Cr\$ 200,00

OBRAS COMPLETAS DE CASIMIRO DE ABREU

Nova edição rigorosamente revista e prefaciada por Murilo Araújo. — Volume cartonado — Preço Cr\$ 9,00

TEÓFILO OTONI — Ministro do Povo De Paulo Pinheiro Chagas

É um notável trabalho que será publicado na "Coleção de grandes biografias", em edição impressa em ótimo papel, com 400 páginas e inúmeras ilustrações. — Preço Cr\$ 30,00

CONSULTOR DE GRAMÁTICA E DE ESTILÍSTICA

Em ordem alfabética pelo Professor Vitorio Berço. Livro indispensável a todos os estudiosos da nossa língua. — Preço Cr\$ 15,00

MARQUESA DE SANTOS

De Carlos Maul

2.^a edição revista e aumentada, com inúmeras ilustrações em couché, capa ilustrada. — Preço Cr\$ 12,00. Exemplares em papel especial, numerados e rubricados pelo autor, em rica encadernação. — Preço... Cr\$ 50,00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à

Livraria Editora Zelio Valverde

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

Caixa Postal n. 2956 — Rio de Janeiro

REMESSAS PARA O INTERIOR PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Registo Bibliografico

QUEREMOS ser os primeiros em reconhecer as falhas desta secção, que prometemos eliminá-las à proporção que os editores e impressores, compreendendo a sua importância, contribuam para que a mesma seja perfeita. Para esse fim, torna-se necessária a remessa normal e pontual dos livros, por parte dos editores, e simplesmente a relação dos livros confeccionados em suas oficinas, por parte dos impressores. Estas informações são absolutamente gratuitas, e com elas prestamos um serviço aos leitores, aos livreiros e à indústria nacional do livro, finalidade de LEITURA.

No próximo número, a ordem alfabética deste registo obedecerá ao sobrenome dos autores, em vez do nome próprio.

R o m a n c e

DISTRITO FEDERAL

André Gide — LA PORTE ETROITE — Roman — America Edit. — Roman — Americ Edit. — 1942 — 215 pags. in 8.º — Rio.

Bertita Harding — O TOSÃO DE OURO — Trad. de R. Magalhães Junior — Col. O Romance da Vida — Livraria José Olympio — Rio — 1942, 397 pags. in 8.º.

Earl Derr Biggers — O LADRÃO DE DIAMANTES — Trad. de Enéias Marzano — 312 pags. in 8.º — Pr. Cr\$ 8,00 — Casa Editora Vecchi — Rio.

Earl Derr Biggers — A CASA SEM CHAVES — Trad. de Anita M. de Souza — Casa Editora Vecchi — Rio — 1942 — 250 pags. in 8.º.

Harriet Henry — CONFLITO — Romance — Trad. de Izabel L. de Medeiros e Hilda Lobo — Editora Panamericana — Rio — Rio — 1942 — 330 pags. in 8.º.

Helena Morley — MINHA VIDA DE MENINA — Editora José Olympio — Jornal do Comercio — Rodrigues & Cia. — 385 páginas in 8.º.

Jesuino Ramos — OS FLAGELADOS — Romance — Casa Editora Vecchi — Rio — 1942 — 164 pags. in 8.º — Pr. Cr\$ 8,00.

John P. Marquand — O SOL DE OUTONO — Trad. de M. P. Moreira Filho — (Col. Fogos Cruzados) — Livraria José Olympio — Rio — 1942 — 403 pags. in 8.º.

Julio Ribeiro — A CARNE — (17.ª edição) — Livraria Francisco Alves — Rio — 1942 — 278 pags. in 8.º.

Lucia Benedetti — ENTRADA DE SERVIÇO — Livraria José Olympio — Rio — 1942 — 328 pags. in 8.º.

Maximo Gorki — A BATALHA DA VIDA — Trad. de J. da Cunha Borges — Casa Editora Vecchi — Rio — 1942 — 165 pags. in 8.º — Pr. Cr. \$ 12,00.

Maxence von der Meersch — O PECADO DO MUNDO — Trad. de Edson Carneiro — Editora Vecchi — 1942 — 258 pags. in 8.º — Cr. \$ 12,00.

Ocello de Medeiros — A REPRESENTAÇÃO — Romance da Amazonia — 1942 — Irmãos Pongetti — 210 pags. in 8.º.

P. Mac Niven — ANPU-SER A FILHA DOS DEUSES — Ed. Panamericana — Rio — 1942 — 280 pags. in 8.º.

Ramos de Oliveira — LIRIO DO LODO — 151 pags. — Rio — 1942.

Sigrid Usdset — VOLTA AO FUTURO — Trad. de Augusto Rodrigues e Jorge Reisman — Editora Epasa — Rio — 1942 — 362 pags. in 8.º.

Simão de Laboreiro — PERSEVERANÇA — (Historia de um português no Brasil) — 4.ª ed. — Graf. Alba — Rio — 1942 — 252 pags. in 8.º — Pr. Cr. \$ 15,00.

Sinclair Lewis — ANA VICKERS — Trad. de Paulo Silveira — Editores Pongetti — Rio — 1942 — 338 pags. in 2.º — Pr. Cr. \$ 12,00.

Visconde de Taunay — INOCENCIA — (22.ª edição) — Livraria Francisco Alves — 240 pags. in 8.º.

SÃO PAULO

Afonso Schmidt — "A SOMBRA DE JULIO FRANK" — Ed. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 236 pags. in 8.º.

A. Manzoni — "I PROMESSI SPES" — Adaptação, introdução e notas por Ferruccio Rubbiani — Liv. Humberto Chigginio — s/d — S. Paulo — 495 pags. in 8.º.

Francis Finon — S. J. — "TON PLAYFAIR" — S. Paulo — Ed. Salesino — 1942 — 264 pags. in 8.º.

Germaine de Souvigni — "PENHOR DE GRATIDÃO" — Trad. de J. FOURNIEL — 1942 — Ed. Anchieta — S. Paulo — Pr. — Cr\$ 8,00.

George Sand — "NARCISO" — Trad. de Regina de Carvalho — Ed. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 217 pags. in 8.º.

Henry A. Wallace — "O PREÇO DA LIBERDADE" — Ed. Universitária — S. Paulo — 1942 — 86 pags.

Jan Etruther — "FLOR DE ESPERANÇA" — Trad. de Esther Mesquita — Comp. Ed. Nacional — S. Paulo — 1942 — 236 pags. in 8.º.

Kit Reed — "SO' AMO MINHA ESPOSA" — Trad. de Haydée Calmazini — Ed. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 228 pags. in 8.º.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registo, peça-o pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Kitt Reed — "AMOR QUE CAS-
TIGA" — Trad. de Haydée Cal-
mazin — C. Paulo — 1942 —
228 pags., in 8.
Margaret Simpson — "O HOMEM
QUE SONHEI" — Trad. de Hay-
dée Calmazin — 1942 — S.
Paulo — Pr. — Cr\$ 5,00.
Theofilo Gauthier — "MUMIA DE
AMOR" — Trad. de Ivone de
Toledo Leite Moraes — Ed. Au-
chieta — S. Paulo — 1942 —
221 pags., in 8.

RIO GRANDE DO SUL

Charles Dickens — "GRANDES ES-
PERANÇAS" — Trad. de Alceu
Masson — Bibl. dos Séculos —
Liv. Globo — 1942 — P. Ale-
gre — 508 pags.
Marques Rebelo — "STELA ME
ABRIU A PORTA" — Liv. do
Globo — P. Alegre — 171 pags.
in 8.
Margaret Kennedy — "A NINFA
CONSTANTE" — Trad. de Gil-
da Marinho — Liv. do Globo —
P. Alegre — 1942 — 332 pags.
in 8.
Mirko Jelusish — "HANIBAL" —
Trad. de Herbert Caro — 1942
— 216 pags. — Liv. do Globo
— P. Alegre.
Romain Rolland — "JEAN CHRIS-
TOPHE" — Trad. de Vidal de
Oliveira — Col. Nobel — Liv.
do Globo — P. Alegre — 406
pags.
R. M. Balantine — "AVENTU-
RAS DE MARTIM RATLER" —
Trad. de Isaac Soares — (Col.
Universo — Liv. do Globo — P.
Alegre — 1942 — 194 pags.,
in 8.
Thomas Mann — "OS BUDDEN-
BROOK" — Decadência de uma
família — Trad. de Herberto
Caro — Liv. do Globo — P.
Alegre — 1942 — 645 pags.,
in 8.

Biografia

DISTRITO FEDERAL

François Duhamel — SANTA
BERNARDETE DE LOURDES
— A vida prodigiosa de uma ilu-
minada — Trad. de J. da Cunha
Borges — Editora Vecchi — Rio
— 1942 — 174 pags. in 8. —
Pr. Cr. \$ 10,00.
Aluizio Napoleão — SANTOS DU-
MONT E A CONQUISTA DO AR
— Imp. Nacional — Rio 1942
— 270 pags. in 8.
M. Nogueira da Silva — BIBLIO-
GRAFIA DE GONÇALVES DIAS
— Col. Bio-bibliografia — Imp.
Nacional do Livro — Rio —
1942 — 204 pags. e 38 ilustra-
ções in 8.
Viriato Correa — CAXIAS, O PA-
CIFICADOR DO BRASIL — Gra-
fica Guarani — Rio — 1942 —
54 pags. in 8.

Voltaire — ZADIC — Trad. de
Genolino Amado — (Col. Fogos
Cruzados) — Livraria José
Olimpio — Rio — 1942 — 210
pags. in 8.

SÃO PAULO

Alvaro Guerra — "GREGORIO DE
MATOS" — (Galeria de Gran-
des Homens) — Ed. Melhora-
mentos — S. Paulo — 1942 —
56 pags., in 14. — Pr. —
Cr\$ 2,00 — (2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "TOMAS GON-
ZAGA" — (Galeria de Grandes
Homens) — Ed. Melhoramentos
— S. Paulo — 1942 — 56
pags., in 14. — Pr. Cr\$ 2,00
— (2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "GONÇALVES
DIAS" — (Galeria de Grandes
Homens) — Ed. Melhoramentos
— S. Paulo — 1942 — 56 pags.
in 14. — Pr. — Cr\$ 2,00 —
(2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "JOSE DE
ALENCAR" — (Galeria de Gran-
des Homens) — Ed. Melhora-
mentos — S. Paulo — 1942 —
56 pags., in 14. — Pr. —
Cr\$ 2,00 — (2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "CASEMIRO DE
ABREU" — (Galeria de Gran-
des Homens) — Ed. Melhora-
mentos — S. Paulo — 1942 —
56 pags., in 14. — Pr. — Cr\$
2,00 — (2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "CASTRO AL-
VES" — (Galeria de Grandes
Homens) — Ed. Melhoramen-
tos — S. Paulo — 1942 — 56
pags., in 14. — Pr. — Cr\$
2,00 — (2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "MACHADO DE
ASSIS" — (Galeria de Grandes
Homens) — Ed. Melhoramen-
tos — S. Paulo — 1942 — 56
pags., in 14. — Pr. Cr\$ 2,00
(2.ª ed.).
Alvaro Guerra — "OLAVO BI-
LAC" — (Galeria de Grandes
Homens) — Ed. Melhoramen-
tos — S. Paulo — 1942 — Pr.
— Cr\$ 2,00 — (2.ª ed.).
P. Eleodoro Pires — "ALEIJADI-
NHO" — Gigante da arte — Ed.
Melhoramentos — S. Paulo —
243 pags., — 1942 — in 8. —
Pr. — Cr\$ 35,00.
Zaman Cotler — "USSISHQUIN,
sua vida e sua obra — Eds. do
Centro Hebreu Brasileiro — S.
Paulo — 1942 — 60 pags.

Poesia

DISTRITO FEDERAL

Carlos Drummond de Andrade —
POESIAS — Liv. José Olimpio
— Rio — 1942 — 220 pags. in
8.
Nelson de Araujo Lima — PRELU-
DIOS DO OUTONO — Magalhães
Correa & Cia. — Rio — 1942
— 128 pags. in 8.

Octavio Tarquinio de Souza — RU-
BAYAT DE OMAR KHA'M —
(4.ª ed.) — 1942 — Livraria
José Olimpio — Rio — 1942 —
102 pags. in 8.
Olavo Bilac — POESIAS — (19.ª
ed.) — Livraria Francisco Al-
ves — Rio — 1942 — 278 pags.
SEMANA DA PATRIA — Ilus-
in 8.
Yonne Stamato — A IMAGEM
AFOGADA — Editora "A Noite"
— Rio — 1942 — 106 pags.
in 8.

Historia

DISTRITO FEDERAL

A. L. Pereira Ferraz — AMERICO
VESPUCCI E O NOME DA AME-
RICA — Separata.
A. Tavares de Lira — SENADOR
PEDRO VELHO — Conf. reali-
zada no Inst. Histórico Brasileiro
— 1942 — 24 pags. in 8. —
Jornal do Comercio — Rodri-
gues & Cia. — Rio.
Antonio Carlos de Oliveira Mafra
— EPISODIOS DA HISTORIA
DO BRASIL — Em versos e le-
genda — Graf. Perfecta — Rio
— 1942 117 pags. in 8.
Antonio Carlos de Oliveira Mafra
— EPISODIOS DA HISTORIA
DO BRASIL — Em versos para
crianças — Graf. Perfecta Ltda.
— 120 pags. in 4. — Cart. —
Ilustrações.
Carlos Gois — HISTORIAS DA
TERRA MINEIRA — (13.ª ed.)
— Paulo de Azevedo & Cia. —
Rio — 1942 — 182 pags. in 8.
— Pr. Cr. \$ 5,00.
Castilhos Goycochea — O FRON-
TEIRO MOR DO IMPERIO —
(Duarte da Ponte Ribeiro) —
Imp. Nacional — Rio — 1942
— 32 pags. in 16.
Coudet de Segur (General) — A
DERROTA DE NAPOLEAO NA
RUSSIA — Trad. de Dirio Gor-
got — Editora Mundo Latino —
Caixa Postal n.º 1540 — Rio —
1942 — 265 pags. in 8. — Pr.
Cr. \$ 10,00.
Cassiano Ricardo — MARCHA PA-
RA OESTE — 1.ª e 2.ª vols. —
Col. Documentos brasileiros —
1942 — 280 pags. in 8. — Rio.
Ernesto de Souza Campos — INS-
TITUIÇÕES CULTURAIS E DE
EDUCAÇÃO SUPERIOR NO
BRASIL — Resumo Histórico —
Imp. Nacional — Rio — 1941
— 728 pags.
Georgino Avelino — CAXIAS NUMA
SINTESE EMOCIONAL — DIP.
— Rio — 1942 — 46 pags.
Prefacio do Sr. J. Lins do Rego
— Editora Livraria José Olim-
pio — 177 pags. — 1942 — in
8.
J. Paulo de Medeiros — A MISSAO
DO GENERAL MITRE NO BRA-
SIL — Separata dos anais do
Terceiro Congresso de Historia
Nacional — (III vols.) — 1942.

Editora Pan-Americana - 5/A

End. Tel. "Epanasa"
Telefone 43-9876



Av. Rio Branco n.º 25
Rio de Janeiro



**VOLTA
AO FUTURO**

SIGRID - UNSET

A mais pungente página de realismo e lirismo escrita por uma refugiada norueguesa sobre a invasão de sua Patria — Premio Nobel de Literatura.

DESCOBERTA do HOMEM — STANLEY CASSON

Grandioso trabalho de divulgação científica em torno da arqueologia e etnografia.

ADEUS JAPÃO — JOSEPH NEWMAN — Sensacionais reportagens de um jornalista norte-americano que deixou o Japão na véspera do ataque a Pearl Harbor.

CHAMAVAM-ME CASSANDRA — GENEVIÈVE TABOUIS

O mais tremendo libelo contra os dirigentes da França.

Os RUSSOS não se RENDEM

ALEXANDER POLISKOV

Correspondente de guerra no front de Stalingrad.

O mais fiel relato do que tem sido a luta na Rússia.



SERVIÇO de REEMBOLSO POSTAL:

Avenida Rio Branco n. 25
RIO DE JANEIRO

José Wanderley de Araujo Pinho — TESTAMENTO DE MEM DE SA' — Separata dos Anais do Terceiro Congresso de Historia Nacional — (III Vol. Publ. do Inst. Histórico Nacional — Imprensa Nacional — Rio — 1941 — 161 pags. in 8.º.

Laurenio Lago — OS GENERAIS DO EXERCITO BRASILEIRO — de 1860 a 1889 — 3.º vol. — Imprensa Nacional — Rio — 1942 — 316 pags. in 8.º.

Liberato Bittencourt (Gal.) — NOVA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA — (Em 6 volumes) — Vol. 1.º — Graf. Gl. nasio 28 de Setembro — Rio — 1942 — 587 pags.

Martins de Andrade — A REVOLUÇÃO DE 1842 — Graf. Apolo — Rio — 1942 — 282 pags. in 8.º.

MONOGRAFIA HISTORICO-COROGRAFICA — Município de Conselheiro Lafaiete — Minas — 1942 — Graf. Senhor Bom Jesus — Congonhas do Campo — 107 pags. in 16.º.

Primitivo Moacyr — A INSTRUCÃO E A REPUBLICA — 4.º Vol. — Reformas Rivadavia e C. Maximiliano (1911-1924) — Imp. Nacional — 1942 — 351 pags. in 8.º.

Primitivo Moacyr — A INSTRUCÃO E A REPUBLICA — 6.º Vol. — Imp. Nacional — 193 pags. — 1942 — in 8.º.

Saverino Sombra — FORMAÇÃO DA SOCIOLOGIA — Biblioteca Militar — Vol. avulso — 1941 — 231 pags. in 8.º — Rio.

Sergio Correia da Costa (Consul) — A DIPLOMACIA BRASILEIRA NA QUESTÃO DE LETICIA — Impr. Nacional — Rio — 1942 — 97 pags. in 8.º.

Sergio Correa da Costa — PEDRO I E METERNICH — Traços de uma guerra diplomática. Prefácio do Sr. Martinho Nobre de Melo — Editora "A Noite" — 235 pags. in 8.º — Capa Ilustrada — Rio — 1942.

SÃO PAULO

Arthur Cesar F. Reis — "A CONQUISTA ESPIRITUAL DA AMAZONIA" — Esc. Prof. Salesianos — S. Paulo — 1942 — 130 pags., in 8.º.

Arrisson de Souza Ferraz — "(1.º Ten.) — FRAGMENTOS DA TROPA PIRATININGA" — Graf. Cruzeiro do Sul — S. Paulo — 1942 — 223 pags. in 8.º.

Ariosto Espinheira — "VIAGEM ATRAVÉS DO BRASIL" — (2.º ed.) — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 92 pags., — Cartonado — Pr. — Cr\$ 12,00.

Caio Prado — "FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO" — Colonia — Liv. Martins — S. Paulo — 1942 — 388 pags., in 8.º.

Edgar de Cerqueira Falcão — "FORTES COLONIAIS DA CIDADE DO SALVADOR" — Liv. Martins — S. Paulo — 1942 — 100 pags., in 8.º.

Edgar Cerqueira Falcão — "ROTEIRO DE PAULO AFONSO" — Liv. Martins — S. Paulo — 1942 — 40 pags. in 8.º.

Lisboa Santos e Lopes de Barros — "VALOR E PROGRESSO DO BRASIL" — Graf. Revista dos Tribunais — S. Paulo — 1942 — 411 pags. in folio — com numerosas gravuras.

SUBSIDIOS PARA A HISTÓRIA DA RESTAURAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL — Por ocasião do seu 1.º centenário — 1842-1942 — 139 pags., in 8.º — S. Paulo — 1942 — com ilustrações.

W. Kloster e F. Sommer — "ULRICO SCHMIDT — no Brasil Quinhentista" — Trad. de Alemão: G. A. Buechler — Pub. da Soc. Hans Staden — S. Paulo — 1942 — 113 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 20,00.

RIO GRANDE DO SUL

Romario Martins — "QUANTOS SOMOS E QUEM SOMOS" — (Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná) — Emp. Graf. Paranaense — Curitiba — 1942 — 214 pags., in 8.º.

C i e n c i a

DISTRITO FEDERAL

A FLORA MEDICINAL EM SEU LAR — J. Monteiro da Silva & Cia. — Rio — 1942 — 93 pags. in 8.º.

Adriano de Azevedo Ponde — INFARTO DO MIOCARDIO — (2.º ed.) — Livraria Odeon — Rio — 1942 — in 8.º.

Alfredo Galvão — NOÇÕES DE ANATOMIA, DE FISIOLÓGIA ARTÍSTICA E DE PROPORÇÕES — Fasc. Generalidades — A Cabeça — 1942 — Of. Graf. "O Globo" — Rio — 142 pags. — 2.º Fasc. — 1.º Cap. — Pescoco, Tronco e Membros — 57 pags. — 3.º Fasc. — 3.º Cap. — Proporções da Figura Humana e do Cavalo — 34 pags. in folio.

Américo Braga — SOROS, VACINAS, ALERGENOS E IMUNIZACÃO — II — 1941 — Imprensa Nacional — Rio — 242 pags. in 8.º.

A. M. Douglas — TRATADO DE ANESTESIA — Narcose — Anestesia Local, Regional e Espinhal — Ed. Brasileira — Trad. do Dr. Edgar Caldas Barbosa — Editora Científica — Rio — 1943 — 565 pags. — Ilust. e Enc.

Antonio A. Quinet — CIRURGIA DO SIMPÁTICO PELVIANO NA DISMENORRÉIA — Graf. Sauer — Rio — 1942 — 102 pags. in 8.º.

ANAIIS DO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA — Vols. 1.º, 2.º e 3.º — 1942 — Do mesmo — Rio 438, 520 e 446 pags. in 8.º.

Barros Terra — QUÍMICA ORGÂNICA — Para os cursos complementares — Graf. Apolo — Rio — 1942 — 647 pags. in 8.º.

Alfredo Galvão — "NOÇÕES DE ANATOMIA, DE FISIOLÓGIA ARTÍSTICA E DE PROPORÇÕES" — Fasc. Generalidades — A Cabeça — 1942 — Of. Graf. "O Globo" — Rio — 40 Pags.

2.º Fasc. — 2.º Capítulo — Pescoco — Tronco e Membros — 57 Pags.

3.º Fasc. — 3.º Capítulo — Proporções da Figura Humana e do Cavalo — 34 Pags in folio.

Américo Braga — "SOROS, VACINAS, alergenicos e imunizacões" — II — 1941 — Imp. NACIONAL — Rio — Pags 242 in 8.º.

A. M. Douglas — "TRATADO DE ANESTESIA" — Narcose — Anestesia Local — Regional e Espinhal — Ed. Brasileira — Trad. do Dr. Edgar Caldas Barbosa — Ed. Científica — Rio — 1943 — 565 Pags — Ilust. e Enc.

Antonio A. Quinet — "CIRURGIA DO SIMPÁTICO PELVIANO NA DISMENORRÉIA" — Graf. Sauer — Rio — 1942 — 102 Pags. in 8.º.

ANAIIS DO IV CONGRESSO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA — Vols. — 1.º, 2.º e 3.º — 1942 — Do mesmo — Rio 1942 — 488, 520, 446 Pags. in 8.º.

Barros Terra — "QUÍMICA ORGÂNICA" — Para os cursos complementares — Gra. Apolo — Rio — 1942 — 647 Pags. in 8.º.

C. H. Beste e N. B. Taylor — "AS BASES FILOSÓFICAS DA PRÁTICA MÉDICA" — 1.º e 2.º Vols. Trad. de Silvio A. de Lima — 1942 — 962, 1020 Pags. — Liv. A Casa do Livro — Rio.

Ernestino de Oliveira — "GAZES DE COMBATE" — (Biblioteca Militar) — Vols. LIV e LV — Rio — 1942 — 308 Pags.

FREUD E SEU PROCESSO DE CURAR — Trad. de Oliveira e Silva — Ed. Calvino — Rio — 1942 — 206 Pags. in 8.º — Pr. Cr\$ 8,00.

Henry Borsook — "VITAMINAS" o que são e para que servem — Trad. de A. Patric e Décio de Abreu — A CASA DO LIVRO LIMITADA — Rio — 1942 — 250 pags. — Cart. in 8.º.

Herminio Linhares e Alberto Carlos — "PESQUISAS SOBRE A

FEBRE AMARELA — Tese — Imprensa Nacional — Rio — 1942 — 78 pags. in 8.
Paulo de Gois — "ESTUDOS SOBRE A MONONUCLEOSE INFECTUOSA" — Tese — Of. Graf. do Jornal do Brasil — 1942.
Stanley Casson — "A DESCOBERTA DO HOMEM" — Formação de duas ciências — Trad. de Adda Coaracy — e Vivaldo Coaracy — Ed. Panamericana — Rio — 1942 — 259 pags. in 8.
TERCEIRO CONGRESSO SUL AMERICANO DE QUÍMICA — Rio, S. Paulo e a 15 de julho de 1937 — Atas e trabalhos — (SECÇÃO) — "INDUSTRIAS QUÍMICAS ORGÂNICAS — MATÉRIAS PRIMAS CORRESPONDENTES — ESTATÍSTICAS — INDUSTRIAS DE FERMENTAÇÃO" — Vol. IX — Imp. Nacional — 1942 — 296 pags. in 8.
Victor Heiser — "SEJA O SEU PRÓPRIO MÉDICO" — Trad. do dr. Roberto Pessoa — Casa Ed. Vecchi — Rio — 1942 — 310 pags. in 8.

SÃO PAULO

Ary F. Torres — "CONSTITUIÇÃO QUÍMICA DO CIMENTO PORTLAND" — Graf. Edanée S. Paulo — 1942 — 135 pags.
Clementino Praga — "DOENÇAS DO FÍGADO" — (3.^a ed.) — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 216 pags. in 8.
FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO — "PUBLICAÇÕES DO DEPARTAMENTO DE ANATOMIA" — 7.^a vol. 1940-1941 — S. Paulo.
Fonseca Ribeiro — "VITAMINAS" — Noções fundamentais, teorias nos alimentos — Vol. 1.^o — Série — científica — Imp. da Universidade de S. Paulo — 1942 — 212 pags. in 8.
Humberto Cerruti — "UM CASO DE PITIRIASE RUBRA PILLAR GENERALIZADO" — (Separata) — Rev. de Medicina de S. Paulo — 1942 — Graf. Cruzeiro do Sul — 42 pags. in 12.
João Paulo Vieira — "PENFIGO POFIACEO E SINDROMO DE SENEAR URCHER" — Rev. dos Tribunais — 1942 — 170 pags. — S. Paulo.
PARALISIA INFANTIL — (Secção de Propaganda e Educação Sanitária) — S. Paulo — 1942 — 77 pags. in 8.
Stepp-Kuhnau Schroeder — "AS VITAMINAS" — E seu emprego terapêutico — Trad. de Raul Margarido — (2.^a ed.) — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 310 pags. in 8.

Teodolindo Castiglione — "A EUGENIA NO DIREITO DE FAMÍLIA" — Liv. Acadêmica — S. Paulo — 247 pags. in 8.
PERNAMBUCO
Nelson Chaves — "AS ADRENAIS NA FISIOLÓGIA SEXUAL" — Imp. Industrial — Recife — 1942 — 125 pags. in 8.

D i r e i t o

DISTRITO FEDERAL

A. Bevilacqua — "CARTEIRA FORENSE" — Leis em vigor — 3.^a ed. — Liv. Ed. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 1.388 pags. in 8.
Adauto Fernandes — "O HABEAS CORPUS" no DIREITO BRASILEIRO — N.^o 46 — Biblioteca Jurídica Brasileira — A. Coelho Branco — Ed. — Rio — 1942 — 319 pags. in 8.
Antonio Dellaplane — NOVA TEORIA DA PROVA — Liv. Jacinto — Rio — 1942 — 202 pags. in 8.
Carlos Maximiliano — "DIREITO DAS SUCESSÕES" — Vol. 1.^o e 2.^o — (2.^a ed.) — Liv. Freitas Bastos — 1942 — 567, 592 pags. in 8.
C. J. de Assis Ribeiro — "INTRODUÇÃO À FILOSOFIA DO DIREITO PENAL" — Congregação — 1941 — Tip. do Patronato — Rio — 60 pags. in 8.
C. J. de Assis Ribeiro — "COMENTÁRIOS À NOVA LEGISLAÇÃO PENAL, BRASILEIRA" — Tip. do Patronato — Rio — 1942 — 88 pags. in 8.
Costa Lima — "INSETOS DO BRASIL" — 3.^o Tomo — Homopteros — Escola Nacional de Agronomia — Série Didática — n.^o 4 — 1942 — 327 pags. — Ilustradas — in 8.
"DIREITO" — Doutrina — Legislação — Jurisprudência — "REVISTA", Vols. 15.^a e 16.^a — Liv. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 482, 474 pags. in 8.
Eduardo Espinola e Eduardo Espinola Filho — "TRATADO DE DIREITO CIVIL BRASILEIRO" — Vol. VIII — Parte especial — Tomos 1.^o e 2.^o — Liv. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 624-625 a 1.209 in 8.
Eduardo Espinola Filho — "CÓDIGO DO PROCESSO PENAL BRASILEIRO" — Vol. IV. Coment. aos arts. 381-502 — Liv. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 491 pags. in 4.
"EMENTÁRIO DE LEGISLAÇÃO FEDERAL" — 1940 — 1.^o trimestre — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 220 pags. in 8.

"EMENTÁRIO DE LEGISLAÇÃO FEDERAL" — 1942 — 1.^o e 2.^o Trimestre — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 419, 346 pags. 2.^o vol. in 8.
Eurico Paulo Valle — "ANOTAÇÕES AO CÓDIGO BRASILEIRO DO AR" — Ed. A. Coelho Branco — 1942 — 198 pags. in 8.
F. Sá Filho — "PARECERES" — de 1940 — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 517 pags. in 8.
F. Sá Filho — (Procurador Geral da Fazenda Pública) "ESTUDOS DE DIREITO FISCAL" — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 575 pags. in 8.
Gustavo Adolpho Bailly — "NAVEGAÇÃO" — Índice — Cronológico da Legislação Brasileira — 1889-1941 — Imp. Nacional — 72 pags. in 8.
Guilherme Estelita — "DIREITO DE AÇÃO, DIREITO DE MANDAR" — (2.^a ed.) — Liv. Jacintho — Rio — 1942 — 156 pags. in 8.
J. M. de Carvalho Santos — "CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO" — Suplemento 2.^o — Vol. XXVII — Liv. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 409 pags. in 8.
Leopoldo T. da Cunha Melo — (Procurador) — "PARECERES DO" Vol. 1.^o — Tribunal de contas — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 305 pags. in 8.
LEGISLAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — ano de 1939 — 2.^o semestre — Prefeitura do D. Federal — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 82 pags. in 8.
LEGISLAÇÃO DO ENSINO COMERCIAL — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 158 pags. in 8.
LE NOUVEAU CODE PENAL DU BRÉSIL — et L'exposé des Motifs de S. E. M. Le professeur Dr. Francisco Campos — Ministre de la Justice — Traduction et introduction par le prof. Dr. Neco Gunzburg — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 235 pags. in 8.
Luis de Andrade Machado — "TENTATIVA PARA COORDENAÇÃO E SIMPLIFICAÇÃO DO NOSSO IDIOMA" — Graf. Laemmert — Rio — 1942 — 65 pags. in 8.
Luciano Pereira da Silva — "QUESTÕES JURÍDICAS em Processos Administrativos" — PARECERES (2.^a série) — 1.^o vol. Serviço de informação Agrícola — Min. da Agricultura — Rio — 1942 — 427 pags. in 8.
Machado Vieira — "PREVIDÊNCIA SOCIAL" — Ed. Panamericana — Rio — 1942 — 168 pags. in 8.
Macário de Lemos — "PICANÇO" — "DA DESAPROPRIAÇÃO" — Anotações ao decreto lei n.^o 3.365, de 21 de Junho de 1941.

— L. v. Zelio Valverde — Rio — 113 pags. in 8.
Oliveira e Silva — "TRATADO DAS SOCIEDADES COMERCIAIS" — Liv. Jacintho — Rio — 1942 — 685 pags. in 8.
Orlando Carlos da Silva — "PRÁTICA DA JUSTIÇA NO TRIBUNAL" — (O processo nas Juntas de Conciliações e Julgamentos e nos Juizes de Direito) — Liv. Jacintho — Rio — 1942 — 262 pags. in 8.
Reynaldo de Souza Gonçalves (prof.) — "PATRIMONIOLOGIA E CONTABILIDADE DE TRANSPORTES" — Ed. do Autor — Rio — 1942 — 121 pags. in 8.
Saul de Gusmão — "PROTEÇÃO À INFÂNCIA" — (Relatório) — do Juiz de Menores do Distrito Federal — Imprensa Nacional — Rio — 1942 — 216 pags. in 8.
Theobaldo Miranda Santos — "FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO" — Os grandes problemas de Pedagogia Moderna — Ed. Boitoni — Rio — 1942 — 232 pags. in 8.
Themistocles Brandão Cavalcante — "TRATADO DE DIREITO ADMINISTRATIVO" — Vol. 3.º — Liv. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 495 pags. in 3.º — Pr. — Cr\$ 50,00 — Enc.
Valdemar Ferreira — "COMPENDIO DE SOCIEDADES MERCANTIS" — Vols. 1.º, 2.º e 3.º — (2.º ed.) — Liv. Freitas Bastos — Rio — 1942 — 527, 509, 438 pags. in 8.º. Preço dos 3 vols. — Cr\$ 120,00 — encad. Cr\$ 150,00.

SÃO PAULO

Giuseppe Chiovenda — "INSTITUIÇÕES DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL" — Vol. 1.º Trad. da 2.ª ed. Italiana — por J. Guimarães Menegale — Liv. Acadêmica — S. Paulo — 1942 — 583 pags., in 8.º.
Gonçalo Marinho — "CONSULTOR CRIMINAL" — de acordo com o código do processo penal brasileiro — Liv. Acadêmica — S. Paulo — 1942 — 312 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 8,00.
Oscar Tenorio — "DIREITO INTERNACIONAL PRIVADO" — Cia. Ed. Nacional — 1942 — S. Paulo — 1942 — 418 pags., in 8.º.
Paulo Passalacqua — "A IMPRENSA E OS SUICÍDIOS E CRIMES" — Separata dos arquivos da Polícia Civil de S. Paulo — 1942 — n.º IV — 1.º semestre — S. Paulo — 56-58 pags., in 8.º.
Torquato Castro — "AÇÃO DECLARATÓRIA" — (2.ª ed. Rev.) — Liv. Acadêmica — S. Paulo — 135 pags., in 8.º.
BOLSA DE MERCADORIAS DE S. PAULO — "LEVANTAMEN-

TOS DOS ESTOQUES DOS GENEROS ALIMENTÍCIOS NO ESTADO DE S. PAULO — EM 30 DE JUNHO DE 1942 — Graf. Cruzeiro do Sul — S. Paulo — 1942 — 223 pags., in 8.º
Fernando Costa — (GOVERNO) — "UM ANO DE REALIZAÇÕES" — Album estatístico ilustrado — 1941-1942 — Tip. Siqueira — S. Paulo — 1942 — 197 pags., in 8.º.
INSTITUTO DO CAFE' DO ESTADO DE S. PAULO — "RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE S. PAULO" — Vol. 2.º — Tip. Siqueira — S. Paulo — 1942 — 562 pags.
Luís de Mendonça Jr. — "CURSO DE ORGANIZAÇÃO RACIONAL DO TRABALHO" — Vol. I.º — (2.ª ed.) — Série E — Col. E. C. C. — N.º 1 — Ed. Clas. Científica — S. A. — S. Paulo — 1942 — 161 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 12,00.

PARANÁ

Ribeiro Pontes — "CÓDIGO PENAL BRASILEIRO" — Comentários — 1.º vol. (art. 1 a 183) — Ed. Guairá — Curitiba — 1942 — 334 pags., in 8.º — Cart.

BAÍA

Nelson de Souza Sampaio — "O INDIVÍDUO E O DIREITO PENAL FUTURO" — Eds. Forun — Baía — 1942 — 44 pags., in 8.º.

PERNAMBUCO

Esdras Gueiros — "UMA SUPPOSTA APROPRIAÇÃO INDÉBITA" — Habeas Corpus — Jornal do Comércio — Recife — 1942 — 58 pags., in 8.º.

Pedagogia

DISTRITO FEDERAL

Achilles Alves — "BREVES NOÇÕES DE PORTUGUÊS" — Liv. Jacintho — Rio — 1942 — 192 pags., in 8.º.
Alvaro J. Rodrigues — "GEOMETRIA DESCRITIVA" — 1.º vol. — Imprensa Nacional — Rio — 1942 — 250 pags., in 8.º.
Cora de Alvarenga — "LIÇÕES DE COUSAS" — (13.ª ed.) J. R. de Oliveira — Rio — 1942 — 112 pags., in 8.º. — Pr. — Cr\$ 4,50.

SÃO PAULO

A. da Silva D'Azevedo — "VERBOS LATINOS" — Ed.ANCHIETA — S. Paulo — 1942 — 84 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 5,00.

A. de Melo (Pe) — "S. J. — ESBOÇO GRAMATICAL DO IDIOMA PAKECI" — S. Paulo — 58 pags., in 8.º.

Bueno de Moraes — "A NOSSA LINGUA" — 1.ª Série Ginasial — (3.ª ed.) — Col. Didática — Ed. Nacional e Publicações Brasil — S. Paulo — 1942 — 221 pags., in 8.º.

Erasmus Braga — "LEITURA I" — (153.ª ed.) — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 184 pags., in 8.º.

Armando Guerrazzi — "O LINGUAGUJAR DA CRIANÇA" — Te. Se — Tip. Gutierrez — Sorocaba — 1942 — 45 pags., in 8.º.

Henrique Ricchetti — "INFÂNCIA" — 3.ª liv. (2.ª ed.) — Ed. Nacional — S. Paulo — 1942 — 173 pags., in 8.º.

Julio de Faria — E. Souza — "LEITURA INTERMEDIÁRIA" (Cartilha) — Liv. Ed. Record — S. Paulo — 1942 — 124 pags. — Cartonado.

José Sevá — Ataliba A. Sevá — "NOÇÕES DE CONTABILIDADE (Teoria e Prática)" — Dist. Liv. João Amendola — Campinas — S. Paulo — 1942 — 205 pags., in 8.º. — Pr. — Cr\$ 15,00.

Jorge Buarque Lira — (Rev. Prof.) — "CONSELHOS DE MESTRE" — (2.ª ed.) — Graf. Cruzeiro do Sul — S. Paulo — 1942 — 71 pags., in 8.º.

Leo Bonfin — "EXERCÍCIOS DE TRIGONOMETRIA" — (2.ª ed.) — Série A — Col. E. C. C. n.º 2 — Ed. Clas. Científica — S. Paulo — 1942 — 117 pags., in 8.º.

Napoleão de Almeida — "NOÇÕES FUNDAMENTAIS DA LINGUA LATINA" — Graf. Cruzeiro do Sul — S. Paulo — 1942 — 210 pags., in 8.º.

Nicanor Miranda — "ORIGEM e preparação dos parques infantis — e Parques de Jogos — Dep. de Cultura — S. Paulo — 1942 — 24 pags., in 8.º.

Nicanor Miranda — "ATIVIDADE GIMNICA E ATIVIDADE LUDICA" — Dep. de Cultura — S. Paulo — 1942 — 260 pags., in 8.º.

Renato Seneca — Fleury — "VAMOS LER?" — 4.ª Grau Primário — Comp. Ed. Nacional — S. Paulo — 1942 — 195 pags., in 8.º — Cart.

RIO GRANDE DO SUL

Bertha Schetter — "ENCICLOPEDIA DE TRABALHOS MANUAIS" — Liv. do Globo — P. Alegre — 1942 — 748 pags., Pr. — Cr\$ 150,00.

José Mesquita de Carvalho — "LIÇÕES PRÁTICAS SOBRE A LINGUA NACIONAL" — 1942 — Liv. do Globo — P. Alegre — 94 pags.

Literatura Infantil

DISTRITO FEDERAL

Fred Harman — BRONCO PILER E A LEI DO OESTE — Vol. XV — Globo Juvenil — 1942 — 428 pags. in 8.º — Pr. Cr. \$ 4,00.
Judith Freitas de Almeida Melo — HISTÓRIAS DE UM AVÔ CARIOCA — Irmãos Pongetti — Rio — 1942 — 102 pags.

SÃO PAULO

Antonio Vieira — "TRÂNSITO ENTRE AS FORMIGAS" — (3.ª ed.) — Bib. Infantil — Anchieta — S. Paulo — 1942 — 62 pags., in 8.º.
A GALINHA RUIVA — "Série" — "HORAS FELIZES" — N.º 5 — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — Pr. — Cr\$ 5,00.
CASINHA DE BONECA — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — Pr. — Cr\$ 6,00.
FIGURAS DE OUTROORA — "Série" — "HORAS FELIZES" — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — Pr. — Cr\$ 5,00.
José Reis — "AS GALINHAS DO JUCA" — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — Pr. — Cr\$ 8,00.
JOÃO FELPUDO — Versão brasileira de Guilherme de Almeida — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 48 pags., in 14.º — Pr. — Cr\$ 6,00.
Marina Tricânico — "A CIDADE DOS BRINQUEDOS" — (2.ª ed.) — Ed. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 63 pags., in 8.º.
Renato Seneca Fleuri — "AVENTURAS DO MACACO SIMÃO" — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 48 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 7,00.
Renato Seneca Fleuri — "BRINCAR DE LER" — Livro de Figuras — (7.ª ed.) — Ed. Melhoramentos — S. Paulo — 70 pags. in 8.º — Pr. — Cr\$ 5,00.

Religião

DISTRITO FEDERAL

Alexandre Dias — O MISTÉRIO DAS SOMBRAS — Livraria Editora da Fed. Espírita — Rio — 1942 — 114 pags., in 8.º.
Alexandre Dias — CONTRIBUIÇÃO PARA O ESPIRITISMO — Liv. Federação Espírita — Rio — 1942 — 186 pags., in 8.º.
Amadeu Santos — O RETUMBAR DA TROMBETA — Liv. Federação — Rio — 1942 — 247 pags., in 8.º.

SÃO PAULO

Aloysio de Castro — "CHRISTUS" — (Escritores religiosos, publicados em separata e na imprensa, neste últimos anos) — (2.ª

ed.) — Imp. Nacional — 1942 — 101 pags., — Rio — in 8.º.
Dom Tarciso da Silva Ferreira — "A VIDA EM CRISTO" — 1.º livro — 1.ª e 2.ª séries — Ed. Lumen Christi — Rio — 1942 — 308 pags., in 8.º.
Emílio Condé — "PENTECOSTES PARA TODOS" — Doutrina do Espírito Santo — (3.ª ed.) — Graf. Apolo — Rio — 1942 — 121 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 3,00.

Humberto Rhoden — ("PE" — "AGOSTINHO" — Um drama de humana miséria e divina Misericórdia — Ed. Panamericana — Rio — 1942 — 386 pags., in 8.º.

IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA — "CANTICOS" — Fasc. II — (12.ª ed.) — Tip. Mercantil — Rio — 1942 — 99 pags., in 8.º.

J. B. Rostaing — "OS QUATRO EVANGELHOS" — Tomo 3.º — de Guillon Ribeiro — Liv. Ed. Federação — Rio — 1942 — 536 in 8.º — Cartonado.

W. E. Entzinger — "A PRÁTICA DA ORAÇÃO" — (3.ª ed.) — Casa Publicadora Batista — Rio — 1942 — 123 pags., in 8.º.

William Carey Taylor — "OS MANDAMENTOS DE JESUS" — Casa Publicadora Batista — Rio — 1942 — 208 pags., in 8.º.

J. D. Kerruish — "UNE MEDIUM DETECTIVE" — Col. Police Secours — N.º 1 — Graf. Apolo — Rio — 1942 — 190 pags., in 8.º.

ESTADO DO RIO

Basilio Rower — (Frei) — "A ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL" — com 5 mapas — e 9 estampas — Vozes — Petrópolis — 1942 — 159 pags., in 4.º — Pr. — Cr\$ 20,00.

Conrado Stefani — "A EUCARISTIA" — Tesouro da alma cristã — Trad. de Tibúrdine M. Pestana — Vozes — Petrópolis — 1942 — III pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 5,00.

Frei Celestino — "CONFERÊNCIA PARA RELIGIOSAS" — 1942 — Vozes — Petrópolis — 286 pags.

Jeronimo Pereira de Castro — (Pe) — "S. VICENTE DE PAULO E A MAGNIFICÊNCIA de suas obras" — Ed. Vozes — Petrópolis — 1942 — 467 pags., in 8.º.

João Vaudon — (Pa) — "MONSENHOR VERJUS" — (sua vida) — Ed. Vozes — Petrópolis — 1942 — 524 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 25,00.

João Vaudon — "MONSENHOR HENRIQUE VARGAS" — Sua vida — Trad. pelo Cônego — Aristides de Oliveira Resende — da Ed. Francesa — Ed. Vozes — Petrópolis — 1942 — 534

pags., in 4.º — com um retrato e 2 mapas.

MANUAL DE CANTICOS E ORAÇÕES — Para uso das dioceses da Província Eclesiástica de Porto Alegre — 1942 — Ed. Vozes — Petrópolis — 554 pags., in 8.º.

VOZES DE PETRÓPOLIS — "MANUAL DA SANTÍSSIMA TRINDADE" — Santuário de Barro Preto — pub. pelos padres Redentores — (4.ª ed.) — 1942 — in 8.º.

Pa. Luis Terrone — "PIO XII" — 1942 — Salselanos — Niterói — 156 pags., — Pr. — Cr\$ 3,00.

Agro-Pecuaría

SÃO PAULO

Armando Chieffi — "INDUSTRIALIZAÇÃO DOS HÍBRIDOS" — Elementos formadores dos mares Nacionais.

José Osório de Souza Junior — "CARTILHA DO LAVRADOR" — 146 pags., — Ilustrações.

J. Wilson da Costa F. — "INSTALAÇÕES AVICOLAS INDUSTRIAIS" — Bib. Agro-Pecuaría de Sítios e Fazendas — S. Paulo — 1942 — 56 pags., in folio.

Paulo Fonseca — "LAGARTAS NOCIVAS DOS ARROZAIIS E CAPINZAIIS" — 6 pags.

Economia

RIO DE JANEIRO

J. Bertino de Moraes Carvalho — "E. A. — O NORTE E A INDÚSTRIA DE OLEOS VEGETAIS" SOB O ASPECTO TÉCNICO-ECONOMICO" — Ministério da Agricultura — Rio — 1942 — 301 — in 8.º.

LEI DO SELO — "Decreto Lei n.º 4.655 de 3 de Setembro de 1942" — Com índice Alfabético Remissivo e a Legislação Especial — Liv. Zélio Valverde — Rio — 1942 — 110 pags., in 8.º — Pr. — Cr\$ 5,00.

Luis Souza Gomes — "Dicionário" — econômico-comercial e financeiro — (2.ª ed.) — Irs. Pongetti — Eds. 1942 — 300 pags., in 8.º — encad. — Pr. — Cr\$ 35,00.

MINIST. das RELAÇÕES EXTERIORES — **Alvaro Teixeira Soares** — ROTEIRO DE UMA VIAGEM" — (A missão econômica brasileira) — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 256 pags., in 8.º.

Valentin F. Bouças — "dr." — "FINANÇAS DO BRASIL" — Vol. 7 — História da Dívida Externa — Estadual e Municipal — Jornal do Comércio — Rodrigues & Cia. — Rio — 1942 — 354 pags., in 8.º.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registo, peça-o pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Livros Norte-Americanos

(Continuação da pag. 36)

berdade e dignidade espiritual — e continuam a trabalhar para a salvação da cultura universal. Escrevendo ficção ou assuntos de guerra, abordam os problemas espirituais, políticos e econômicos da paz vindoura.

Além disso as exigências da indústria de guerra têm provocado uma verdadeira onda de livros técnicos e instrutivos, tão necessários ao seu constante aperfeiçoamento.

Todos estes aspectos do Comercio de livros dos Estados Unidos são oferecidos pelo grande órgão PUBLISHERS WEEKLY, que celebra este ano o seu 70.º aniversário de existência.

Entre os últimos "Best sellers" dos Estados Unidos, destacamos os seguintes:

THE SONG OF BERNADETTE (A Canção de Bernadette) — por Franz Werfel, com mais de 400.000 exemplares. A edição brasileira vai ser lançada por Irmãos Pongetti, Editores.

DRIVIN'WOMAN — por Elisabeth Pickett Chevalier, com 100.000 exemplares. Os direitos para a edição brasileira foram adquiridos por Irmãos Pongetti, Editores.

THE PRODIGAL WOMEN (As mulheres prodigas) — por Nancy Hale.

THE UNIVITED (O que não foi convidado) — por Dorothy Macardie.

THE SEVENTH CROSS (A sétima cruz) — por Anna Seghers — Romance sobre a fuga de um campo de concentração.

AND NOW TOMORROW (E agora só amanhã) — por Rachel Field.

ASSIGNMENT IN BRITANNY — por Helen Mac Innes.

THE MOON IS DOWN (A Lua Caiu) — por John Steinbeck.

KINGS ROW — por Henry Bellaman.

SEE HERE PRIVATE HARGROVE (Olha o soldado Hargrove) — por Marion Hargrove.

SABOTAGE — por Michel Sayers e Albert Kahn.

THE COMING BATTLE OF GERMANY (A próxima batalha da Alemanha) — por William B. Ziff.

VAN LOON: LIVES (Vidas) — por Hendrik Willem van Loon — tradução da Livraria do Globo.

GET THEE BEHIND ME (Vai atrás de mim) — por Hartzell Spence.

THE LAST TIME I SAW PARIS (A última vez que vi Paris) — por Elliot Paul.

LAST TRAIN FROM BERLIN (O último trem de Berlim) — por Howard Smith.

HOSTAGES (Refens) — por Stefan Heym — Romance sobre o drama da Tchecoslováquia, a ser lançado brevemente pela Edições Vitoria.

Livros que vão ser filmados

THE SONG OF BERNADETTE (A canção de Bernadette), de Franz Werfel — FOX Film.

DRIVIN'WOMEN, de Elisabeth Pickett Chevalier.

ONE FOOT IN HEAVEN (Com um pé no céu), de Hartzell Spence — Warner Bros.

KEEPER OF THE FLAME (O Fogo Sagrado), de A. I. R. Wylie.

HOSTAGES (Refens), de Stefan Heym — O drama dos refens na Checoslováquia.

DEEP VALLEY (O Vale Profundo), de Jan Totten.

EDUCANDO PARA A MORTE (Hitlers Children), de Gregor Ziemer.

CLAUDIA, de Rosi Franken — O célebre romance vai ser filmado pela RKO.

THE GAY SISTERS (As irmãs alegres), de Stephen Longstreet — Paramount. Atores: Barbara Stanwyck, George Brent, Geraldine Fitzgerald.

THE LIFE OF LOU GEHRIG (A vida de Lou Gehrig), de Paul Gallico — RKO. Ator: Gary Cooper.

THE GRAND CENTRAL MURDER (O Trem do Diabo), de Sue Mac Veigh — MGM. Atores: Van Heflin — Lorraine Day.

FULL CRASH DIVE (Submergiu quebrando), de Allan R. Bothworth — A tragédia dum submarino. FOX.

WHERE EVER THE GRASS GROWS (Onde cresce a grama), de Allan R. Bothworth — United Artists.

I ESCAPED FROM HONGKONG (Escapei de Hongkong), de Marssmann — O conto da fuga do autor de Hongkong e das atrocidades japonesas.

TIME OF PEACE (Tempo da Paz), de Ben Ames Williams — Um romance dum pai e seu filho antes da guerra.

ALL NIGHT LONG (Durante toda a noite), de Erskine Caldwell — MGM. Um romance dos guerrilheiros russos).

SILVER SPOON (Colher de prata), de Clarendon Keland — RKO.

JOURNEY FOR MARGARET (Viagem para Margarida) — Atriz: Lorraine Day.

BLACK MARTINIQUE — RED GUYANA (Martinica preta — Guiana vermelha), de Nicol Smith — A história das colônias francesas.

**O
MELHOR
PRESENTE
DE
NATAL**



.....é SEM DUVIDA.....

**UM BELÍSSIMO CORTE
DE FASENDAS**

DAS AFAMADAS

**CASAS
PERNAMBUCANAS**

**Variado sortimento de
artigos para o verão**

Um só preço para todos

CASAS PERNAMBUCANAS

Organização genuinamente Brasileira

Filliais em todo o País

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

DEZEMBRO 1942

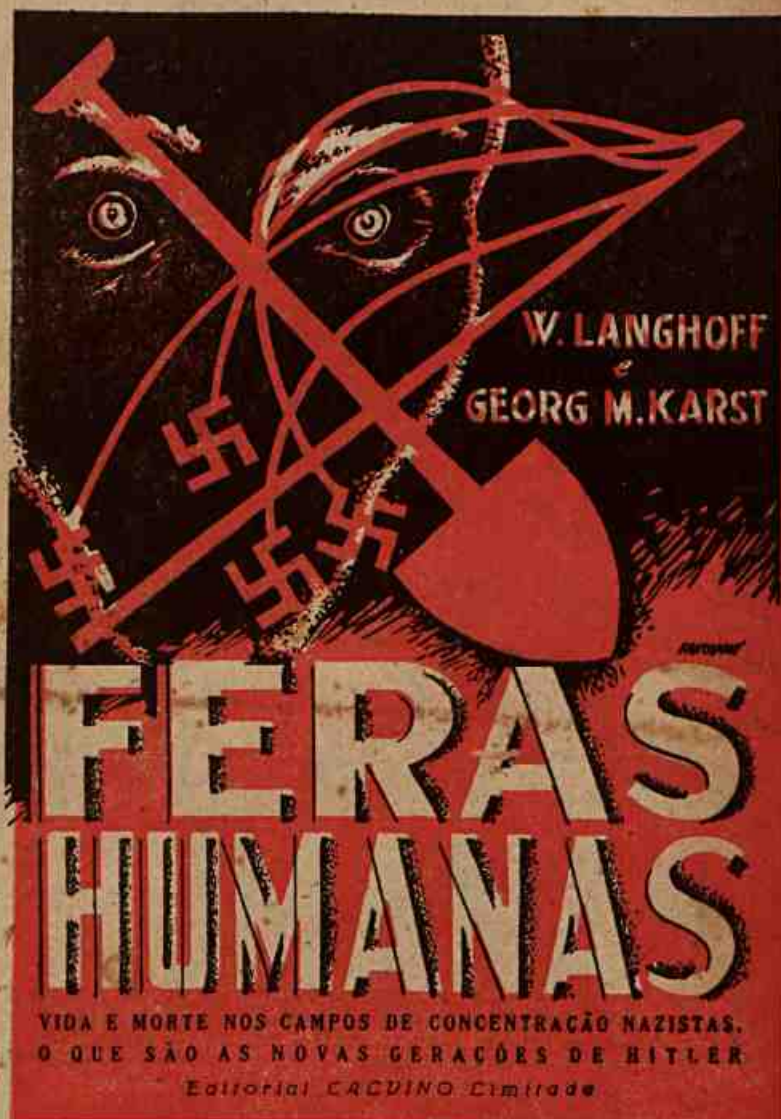
ANO 1.º NÚMERO

RUA DO ROSÁRIO, 129

RIO DE JANEIRO • BRASIL

Cr. \$ 0,50

FERAS HUMANAS é a história dramática, dolorosamente verdadeira, dos impressionantes Campos de Concentração nazistas, onde toda a fúria assassina de Hitler e seus asseclas se manifesta em requintes de perversidade que outras imaginações não haviam concebido antes. Langhoff e Karst foram dois prisioneiros desses cárceres tenebrosos, dos quais é quase impossível sair com vida. Langhoff trabalhou nas prisões das zonas pantanosas, enterrado na lama; Karst, jornalista austríaco, foi transportado de Viena para Dachau, o mais espantoso Campo de Concentração de Hitler. Ambos escreveram não somente as suas próprias odisséias, mas narraram também a história de vários companheiros de infortúnio, muitos dos quais morreram ao seu lado, varados por balas assassinas, enquanto outros enlouqueciam, não suportando os castigos; outros ainda lá ficaram, mais mortos do que vivos, sofrendo a afronta, a brutalidade, o sadismo, a covardia e as perversões dos desalmados monstros nazistas. É um livro de estarrecer, um documento impressionante. Nas livrarias, Cr\$ 25,00. Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00. Pedidos à Editorial Calvino Ltda., rua de S. Bento, 28 — Rio de Janeiro.



Livros Norte-Americanos

LEITURA oferecerá mensalmente, nesta página dedicada ao movimento editorial norte-americano, informações sobre os livros que lá obtiveram grande sucesso, de crítica e livraria — os chamados "best-sellers".

Embora o comércio de livros norte-americanos se encontre como é natural — muito influenciado pelos problemas da guerra, é um dos ramos que menos sofreu as suas consequências. Este fenômeno

animador tem uma razão principal: não existe escassez de papel. É verdade que se tem observado uma ligeira modificação em relação à qualidade, mas não faltam matérias primas para sua fabricação.

Muitos autores europeus de fama mundial, como Thomas Mann, André Gide, André Maurois, Sigrid Undset, Franz Werfel e outros, têm se refugiado no nosso continente, onde ainda encontram li-

(Continúa na pag. 64)

Leitura



CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

O Livro e o Papel

NO QUE SE REFERE à indústria do livro no Brasil, o papel nacional, por uma lamentável incompreensão dos seus fabricantes, tem prejudicado indiscutivelmente o seu desenvolvimento. Primeiro, porque o seu preço é o duplo do estrangeiro, e, às vezes, mais; e segundo, porque sua qualidade inferior é a responsável pela deficiente apresentação gráfica dos nossos livros.

Ha ainda um fator importantíssimo: se os livros impressos em papel inferior estrangeiro, mas fabricado com celulose, na opinião inobjeável dos técnicos, não resistem à ação do tempo durante dois séculos, que diremos dos nossos livros confeccionados com papel nacional, onde a porcentagem de celulose é mínima, porque se empregam outros sucedaneos mais baratos, como a cola, o caulim, a baretina, etc., em evidente prejuizo da sua qualidade?

Possivelmente, os nossos livros, com semelhante papel e tinta idêntica, não possam ser lidos pelos contemporâneos do primeiro centenario da proclamação da República! Este é um problema que está exigindo uma atenção especial dos poderes públicos.

Existe, porém, um argumento em favor da importação de papéis para livros, livre de direitos, que elimina os temores da tão apregoada ameaça à indústria nacional. E' o de que a porcentagem do papel fabricado exclusivamente para livros escolares, didáticos e de literatura em geral, não chega a 4 % da produção total. Das 120.000 toneladas desta, apenas cerca de 4.000 correspondem à nossa industria do livro. As restantes 116.000 estão distribuídas entre os papéis de embalagem diversa, de sacos de cimento e outros tipos inferiores. Cerca de 25.000 toneladas são empregadas em livros de uso comercial.

E' evidente, pois, que os magníficos resultados obtidos pela industria nacional de papel procederam da fabricação de diferentes tipos de papel, que não são precisamente os que interessam aos editores. Observando-se a estatística verificar-se-á que a porcentagem dos tipos não classificados, é inferior à dos últimos.

Liquidada a baleia de que 4 % conspiram con-

PIERRE J. HUSS

O INIMIGO QUE ENFRENTAMOS

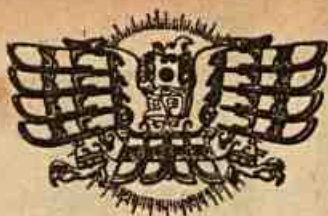
COMO SURTIU, COMO VIVE
E COMO AGE A HORDA NAZISTA

Editorial CALVINO Limitada

tra 96 % de uma industria, torna-se urgente e imprescindível a liberação de direitos para importação de papéis destinados à nossa incipiente e promissora industria de livros. Se os jornais e as revistas gozam destas justas vantagens, é natural e lógico que as mesmas sejam extensivas ao livro brasileiro.

Enquanto o papel nacional não puder competir em preço e qualidade com o estrangeiro, a isenção de direitos aduaneiros impõe-se como solução patriótica, porque é necessaria e inadiável à defesa de nossa educação e da cultura.

LIVRARIAS



INCAHUASI

EDIÇÕES EM CASTELHANO

O mais completo estoque de LIVROS sobre todos os temas: as mais perfeitas traduções de autores estrangeiros. Todas as grandes novidades literárias indo-americanas de grande sucesso nos países de língua espanhola.

COLEÇÃO CLUB DEL LIBRO DE BUENOS AIRES

Una mujer sola contra el mundo ..	Luis Alberto Sanchez — Peruano	Cr\$ 24,00
Tipacoque	Eduardo Babelero Calderon — Colombiano	Cr\$ 24,00
Puerto America	Luis Maria Albamonte — Argentino	Cr\$ 24,00
El la Corte del Virrey	Arturo Capdevila — Argentino	Cr\$ 28,00
Chinita	Afranio Peixoto — Brasileiro	Cr\$ 24,00
Quando la Sierra Florece	Dinah Silveira de Queiroz — Brasileira	Cr\$ 24,00
Mocedades de Bolivar	Rufino Blanco Fombona — Venezolano	Cr\$ 21,00
La Ciudad Imperial	Elmer Rice — Norteamericano	Cr\$ 56,00
Las llaves del Reino	A. J. Cronin — Norteamericano	Cr\$ 28,00

EDITORIAL AMERICALEE

El Pueblo en la Revolución Americana	Luis Alberto Sanchez	Cr\$ 28,00
Rumbos para America	Waldo Frank	Cr\$ 25,00
Espana Heroica	General Vicente Rojo	Cr\$ 28,00
La Francia de Hoy (de Laval a Laval)	Alexandre Nesviginsky	Cr\$ 28,00
Filosofia de la Economia	Prof. J. Prado Arrarte	Cr\$ 35,00
Diario Intimo	Otto Weininger	Cr\$ 18,00
Chiang Kai Shek	Eduardo Borrás	Cr\$ 18,00
Mac Arthur	Mariano Perla	Cr\$ 18,00
Stafford Cripps	Ramon Prieto	Cr\$ 18,00
Timoshenko	Clemente Cimorra	Cr\$ 18,00

EDITORIAL CLARIDAD

Mar Tranquilo	Emil Ludwig	Cr\$ 18,00
Diana	Emil Ludwig	Cr\$ 18,00
Vida Exemplar de José Ingenieros	Sergio Bagú	Cr\$ 8,00
El Inferno Azul y Blanco	Juan Marin	Cr\$ 8,00
La Vida es Sueño	Calderon de la Barca	Cr\$ 8,00
El Anticristo	Frederico Nietzsche	Cr\$ 4,00
La Desigualdad entre los Hombres	Juan Jacobo Rousseau	Cr\$ 4,00
Werther	Goethe	Cr\$ 4,00
Krishnamurti el Inspirador	Arturo Montesano Delchi	Cr\$ 5,00
Frente de Guerra de Las Mujeres	A. A. Kuhnert	Cr\$ 5,00
El Nuevo Orden del Mundo	H. G. Wells	Cr\$ 14,00
Historia de la Musica	A. Einstein	Cr\$ 14,00
Movimientos revolucionarios en las Colonias españolas de America	Lincoln Machado Rivas	Cr\$ 18,00
El gran Dictador	H. G. Wells	Cr\$ 28,00
Dreyfus	Bruno Weil	Cr\$ 42,00
El fin del Mundo	Upton Sinclair	Cr\$ 28,00
Teatro Completo	Florencio Sanchez	Cr\$ 21,00
Historia Estetica de la Musica	Mariano Barraneches	Cr\$ 35,00
Sangre, sudor, lágrimas	Winston Churchill	Cr\$ 35,00
MI primera juventud	Winston Churchill	Cr\$ 35,00
El conde Fersen gran amor de Maria Antonieta	Felix Moeschlin	Cr\$ 21,00
Yo fui secretaria privada de Churchill	Cr\$ 18,00
La esencia del cristianismo	Ludwig Fuerbach	Cr\$ 21,00
El drama de America Latina	John Gunther	Cr\$ 35,00
El Corazon del Mundo	Pablo Lazlo	Cr\$ 18,00
Batlle Ordoñez, el reformador	E. Rodriguez Fabregat	Cr\$ 42,00
Antologia de César Vallejo, el primer poeta social de America X. Abril	Cr\$ 18,00
Rivadavia	Angel Ossorio y Gallardo	Cr\$ 21,00

Aceitam-se encomendas de quaisquer obras de autores indo-americanos e fazem-se remessas contra reembolso para todo país.

LIVRARIAS INCAHUASI

AVENIDA RIO BRANCO, 58 — RUA DA CARIOCA, 45, 2.º andar — Galeria Cruzeiro

O Último Livro de Mauriac

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Copyright de LEITURA



François Mauriac

APARECEU em Paris, em 1941, mais um romance de Mauriac. Chama-se *La Pharissienne*, e é um estudo das deformações produzidas pela beatice. A farisaica, Brigitte Plan, é uma pobre mulher que não seria má se a estreiteza do seu catolicismo não a tornasse cheia de malícia, de orgulho, de intransigência.

Livro sombrio, livro pessimista. A vida só entra de esguelha, quasi sorratamente, como a luz pelas gelosias colocadas muito alto. Visto pelo ângulo de refração da beatice, o amor toma figura de pecado, a bondade assume feição de fraqueza criminosa.

Toda a gente é infeliz — a farisaica talvez mais do que as criaturas que persegue. Ninguém tem liberdade, ninguém ousa viver normalmente.

E, entretanto, esse livro sem ar é um livro verdadeiro. No mundo de Mauriac, a beata Brigitte Plan é tão real quanto a mundana Odette de Crécy no de Proust.

O que não significa que este romance se possa comparar a nenhum dos episódios de Proust, e nem a outros do seu autor, a *thérèse Desqueyroux*, a *Genitrix*, a *Ce qui était perdu*.

Mas está na sua linha, representa, não só um estudo psicológico em profundidade, como mais um capítulo desse processo da burguesia

que é, afinal, a obra de Mauriac. Do processo intentado por alguém que a ama, e que, por isso, lhe sente mais duramente as fraquezas.

Em regra, os críticos de Mauriac se preocupam sobretudo em saber como concilia a fé católica com a liberdade de criação, com a perversão dos tipos que constroem — questão que, do ponto de vista da obra do romancista tem somenos importância.

Certo, não se pode reparar o Mauriac católico do Mauriac romancista, porque este é informado por aquele: o mundo que re-cria é um mundo narrado pelo pecado, um mundo onde se distingue nitidamente o bem do mal. Não nas pessoas, mas nas ações. Nas pessoas eles se confundem — como na vida. Desde que, tratando de tipos normais ou anormais, de almas solares ou noturnas, de santos ou de monstros, ele não traira — como nunca trairá — a sua concepção espiritualista, cristã, do mundo, não importa indagar se a sua fé é mais ou menos ortodoxa. Pelo menos não importa para se avaliar do alcance de sua obra. Muito mais interessante é saber o que esta representa, em si mesma, humanamente, e não escatologicamente.

E esse aspecto tem sido esquecido.

Talvez nem o próprio Mauriac perceba claramente que, há cerca de vinte anos, vem sendo um implacável acusador da sociedade provinciana que estuda. Como o que o interesse é muito mais o indivíduo, o caso humano, do que a sociedade, o caso social possivelmente não sentirá como, somando-se uns aos outros, os seus livros adquirem um inesperado sentido de crítica, de impressionante e impiedosa crítica.

La Pharissienne não será, isolado, nem mesmo um bom livro, mas, dentro da obra de Mauriac, adquire uma grande significação: é mais uma face, uma horrível face, do mesmo espírito que suscitou a *Genitrix* ou o *Meud de Vipères* — mais um requisiatório contra a vida familiar de uma burguesia precon-

ceituosa e mesquinha, onde o interesse substitui o amor e a hipocrisia se insinua em todas as relações, onde a única força, ativa e franca é o ódio.

Dura lucidez que não se choca em absoluto com o catolicismo de Mauriac porque para a miséria humana ele deixa luzir sempre uma esperança. Luz que vem sempre, porem, do plano sobrenatural. No natural, não vê salvação para a gente que evoca. *La Pharissienne* talvez seja dos mais amargos dos seus amargos romances.

Terá sido escrito depois da guerra esse livro cruel?

Esperemos que não, que a invasão, em 1940, lhe tenha retardado a saída.

Se o foi, tornará evidente um aspecto de Mauriac, que constitui, a um tempo, a sua grandeza e a sua limitação: a incapacidade de desprender-se dos seus temas habituais, dessa pobre humanidade diminuída que vê viver na sua província.

Todos sabem que Mauriac não saiu de França, que ficou nos seus vinhedos perto de Bordeaux. Desses retiros melancólicos, dessa dolorosa reclusão não pode ter resultado esse minguado estudo de um caso de beatice, estudo sério, é certo, mas no qual não se percebe a influência do drama sangrento da França, no qual nada sugere o choque de humilhação suprema.

A tragédia da mocidade francesa, da geração da derrota, é, nesse momento, o único assunto digno de Mauriac — assunto que talvez, na França ninguém possa tratar como ele.

Esse é o livro que esperamos da sua missão de romancista, dessa missão de imitador de Deus que tem, nele, a gravidade de uma vocação, de um chamado do alto.

Venha para a América, já que na França não pode escrever em liberdade, abandone os burgueses de Bordeaux, e dê, aqui, o livro que deve escrever — o livro que fará o mundo tremer de horror ante a paixão da mocidade francesa.

UM AMOR QUE NAO MORREU — Guimarães Passos tivera uma namorada, cuja mão jamais disputara, e que acabou casando com outro, com o qual tivera um filho a quem deu o nome de Antonio. O poeta que trazia latente uma certa paixão pela ex-namorada, retirava-se às vezes de repente e entristecido das rodas dos amigos, e, se lhe pediam explicações, ele respondia jovialmente:

— Vou pensar na mãe do Antonio. E ia para casa, onde só e silenciosamente, ficava horas a fio no enlevo de adoráveis recordações.

Devia ser um grande amor esse cuja lembrança transformava um boêmio da "conquista" num solitário...

O Povo na Revolução Americana

DIOCLECIO D. DUARTE

QUANDO os filósofos e generais, sacerdotes e universitários, resolveram assumir ação mais enérgica, colocando-se à frente do movimento libertador das nações americanas, a alma indígena, durante séculos, sofrendo os martírios impostos pelos conquistadores europeus, já estava preparada para a grande e heróica rebelião emancipadora. Como todas as revoluções, de caráter ideológico ou motivadas por fatores econômicos, o fenômeno continental experimentou várias fases, aguardando fosse determinado o instante oportuno da explosão e no qual se traçasse o destino de uma raça que jamais se adaptara à escravidão. Certamente os elementos econômicos em face da ganância desmedida dos colonizadores, muito contribuíram para desenvolver as hostilidades nativas. A força, entretanto, fundamental estava na ansia incontida de liberdade, que é um sentimento inseparável dos povos da América. Este sentimento foi, sem dúvida, com inteligência, aproveitado pelos clérigos indígenas perseguidos pela metrópole e pertencentes à Companhia de Jesus. Outros pesquisadores da origem revolucionária pretendem explicá-la sob aspectos diversos. Apontam as promessas feitas por Pitt ao general Miranda, o precursor dos precursores, descobrem a influência das idéias do "Contrato Social", transmitidas por Simon Rodriguez, a Bolívar, o Libertador; lembram as inquietações do jovem estudante Antonio Marino e do seu condiscípulo Francisco Zéa ao examinar os princípios estabelecidos na "Declaração do Direito do Homem".

Na verdade, declara Luiz Chavez Orozco, em sua "História econômica e social do México", que a guerra da independência dos países americanos é um fenômeno muito mais complexo do que à primeira vista se afigura e, por isso, a sua observação escapa a todos os métodos. Entende, porém, o ilustre historiador que ela foi, sobretudo,

"uma consequência da dissolução do império espanhol, dissolução consumada pelo desprestígio da burguesia européia, desejando desfrutar, sem reservas, a exploração comercial de todo um continente, e para o qual contribuiu Napoleão I, ao desorganizar o estado espanhol, destronando a casa de Borbon".

A observação é exata. Realmente, as circunstâncias da política do Velho Mundo se refletiram nas transformações sociais e econômicas do Novo Mundo. A insurreição americana atravessou, todavia, várias fases. Na primeira delas, ao regressar Bolívar da Europa, depois de exclamar, no alto do Monte Sacro perante Rodriguez: "Juro delante usted; juro por el Dios de mis padres; juro por mi honor; juro por la patria, que não dará descanso a mi brazo ni reposo a mi alma, hasta que haya roto las cadenas que nos oprimen por voluntad del poder español", os chefes eram filósofos, a filantropia era legislação, a dialética era tática e os sofistas eram soldados, conforme o próprio julgamento do maior estadista e general da América, que, com incomparável dignidade viveu para a sua pátria e com extraordinário heroísmo defendeu a liberdade do seu povo. E esse povo soube sentir o ideal do grande caudat. Os exércitos de soldados inexperientes, egressos das florestas e filhos de índios, realizaram verdadeiros prodígios de disciplina militar e de bravura guerreira, repetindo, em condições mais hostis, episódios épicos que a história não pode recordar sem profunda emoção. Revelaram os chefes americanos inéditas virtudes de comando, coragem, previdência, desprendimento, gênio e ação, a serviço de um patriotismo iluminado e de um amor singular pela liberdade, sem a qual os povos não conseguem viver felizes nem apreciar a grandeza da dignidade humana. Mas não teriam também alcançado o objetivo se o sentimen-

to popular fosse surdo à voz que, ouvida em todos os recantos do continente, convocava as nações da América para a luta.

Simon Bolívar e San Martín, continuando o plano de Miranda, realizaram o sonho de Tupac Amaru, chefe da primeira insurreição peruana; concretizaram os ideais dos comuneros de Nova Granada e da revolta indígena do México, demonstrando sempre que o povo nunca estivera alheio ao movimento contra o domínio estrangeiro, em qualquer país da América.

Esta é a tese que, brilhantemente, defende o escritor erudito, que é o sr. Luis Alberto Sanchez, em seu livro "El Pueblo en la Revolución Americana", da "Editorial Americalee", livro de segura observação psicológica, elegância de estilo, independência e argumentações lógicas.

Leitura

Crítica e Informação
Bibliográfica

Registrada no Departamento
de Imprensa e Propaganda
sob número 10.974

Direção de
DIOCLECIO D. DUARTE

e
RAUL DE GÓES

Secretaria de
OSWALDO ALVES

Gerencia de
RAFAEL BENAION



Redação e Administração:
Rua do Rosario, 129, 4.
Telefone 23-0873
Rio de Janeiro, Brasil
Composta e impressa nas
Officinas Gráficas A L B A



Correspondentes e
Representantes
em todos os Estados



Preços:

INTERIOR

Número avulso ... Cr\$ 0,50
Número atrasado .. Cr\$ 1,00
Assinatura anual . Cr\$ 6,00
Assinatura semestral Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . . . \$ 1,00
Assinatura semestral . \$ 0,50
(Dólar americano)

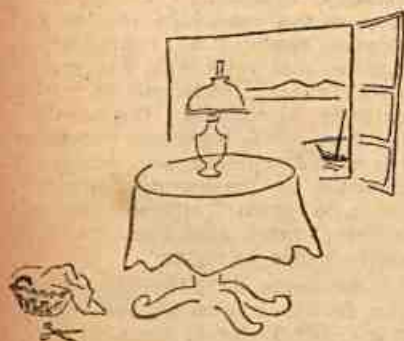
MEDITERRANEO

O OPORTUNÍSSIMO LIVRO DE EMIL LUDWIG QUE
A LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO, Editora,
LANÇARÁ DENTRO DE POUCOS DIAS.

Uma Biografia por Fazer

OTAVIO TARQUINIO DE SOUZA

Copyright de LEITURA



UM BRASILEIRO que está merecendo um estudo biográfico feito com boa técnica moderna, em que o homem apareça na sua expressão natural, sem as deformações dos panegíricos, é Manoel Odorico Mendes. Porque muito mais interessante talvez do que suas quase sempre medíocres composições poéticas e mesmo suas esforçadas, pacientes e respeitáveis traduções de Virgílio e Homero é o Odorico íntimo, o Odorico político, o Odorico tão ligado ao seu Brasil e ao seu Maranhão e, ao mesmo tempo, capaz de viver longos anos expatriado.

O menino que, com treze anos, já manifestava num soneto a sua revolta ante o espetáculo de um pobre escravo açoitado na praça pública, em meio da zombaria de calceiros desalmados, seria sempre uma creatura de reações generosas, dessas que não nos enganam, e cujas atitudes, quaisquer que sejam as circunstâncias, de antemão conhecemos sem necessidade de dons divinatórios.

Natureza assim equilibrada, não lhe devia agradar o ambiente político do Primeiro Reinado, embora fosse daqueles monarquistas de razão que, por espírito objetivo e amor à terra natal, sustentaram o trono mal abafando no coração os mais puros sentimentos republicanos.

Reinando Pedro I, temos Odorico Mendes jornalista, a redigir no Maranhão o *Argos da Lei*, aqui no Rio, no grupo da *Astréa* e colaborador de Evaristo na *Aurora Fluminense*, e, por fim, em São Paulo, nas férias parlamentares, companheiro de Costa Carvalho no *Farol Paulistano*, do qual foi tudo, de redator até tipógrafo.

Quando ele se torna grande, porém, é nas horas crepusculares de Pedro I, no momento em que a opinião liberal vence todas as resis-

tências, e o monarca, antes tão querido, agora olhado como um tirano estrangeiro, opta pela abdicação. Ai, com a autoridade moral de quem fora um dos chefes do movimento popular e estivera na trama dos quartéis e nos comícios de praça pública, Odorico é a voz da moderação e da ordem, o homem que quer realizar a revolução, evitando-lhe os excessos, impedindo vinganças, não consentindo que a vitória se manche com as mesquinhas dos medíocres e as soluções extremas e simplistas dos primários.

E aí a sua autoridade realmente se torna ainda maior, porque esse rapaz de 32 anos regeita uma pasta de ministro, e pouco depois o lugar de regente, indicando para substituí-lo outro jovem conterrâneo — João Bráulio Muniz.

Em toda a sua história, nunca o Brasil teve outro mais agitado do que o de 1831. Odorico Mendes, então deputado, fez liga com Evaristo, juntou-se a Feijó, associou-se a todos quantos queriam evitar a anarquia. Mas sempre desinteressado, sempre modesto, nada disputando para si. Talvez uma só glória o deslumbrasse: a literária.

Foi em meio dos distúrbios, dos motins, das sedições, das "rugas", como então se chamava, do turbulento ano de 1831, que ele traduziu e fez imprimir a "*Merope*" de Voltaire. Porque entre a política e a literatura os seus amores eram pela segunda. Queria ser mais que tudo um poeta, viver como poeta e para a poesia. O homem que não quiz ser regente do Império, nem Ministro de Estado, e não era rico, foi obrigado a aceitar o lugar de inspetor do Tesouro provincial do Rio de Janeiro. Nessa ocasião, já casado e com filhos, sua situação financeira era bastante precária. Para obter maiores recursos, de volta do emprego dava aulas de latim e grego. Que grandes somas poderia ganhar!...

Além disso, o poeta e político Odorico Mendes era o mais hospitaleiro dos homens: sua casa estava permanentemente aberta, a mesa sempre posta, e todos os aposentados disponíveis hospedavam amigos, quasi sempre maranhenses. Um "hotel gratis", como ele dizia nos transeos difíceis do fim do mês.

Um dia, para melhor educar os filhos, para fugir de vez a hóspedes tão semcerimônia, ou mais certamente tentado por sua musa, ob-

teve uma modesta aposentadoria e partiu para a Europa, com os filhos (já enviuvara) e com uma irmã fidelíssima. Isso foi em 1847, quando ainda não terminara um mandato de deputado com que Minas Gerais se honrara, elegendo-o sem a menor solicitação de sua parte. Na Europa ficou até morrer, em 7 de agosto de 1864. Foram desessete anos de vida de estudo, de trabalhos forçados e de peregrinações artísticas. Conheceu grande parte da França, foi testemunha dos dias de 1848 em Paris, assistiu à queda de Luís Felipe, à república efêmera e depois do golpe de Estado de Luís Napoleão ao antipático segundo Império bonapartista.

O liberal de 1831 no Brasil não ponde ver com indiferença o triunfo reacionário na França. Escreveu versos contra o novo tirano; falou mal dele em roda de amigos e conhecidos; o que lhe valeu incômodos com a polícia. Mas não fora para a Europa cuidar de política: o fim de sua viagem era a literatura, a arte, as atividades desinteressadas do espírito.

Em 1854, publicava na França a sua tradução da *Enéida*; em 1858 todas as obras de Virgílio. E viajava. Primeiro, a Alemanha, depois a Itália. Nesta última, residindo em Pisa, começou as suas traduções de Homero, trabalho a que se entregava durante quatorze e quinze horas a fio.

Pensou em ir à Grécia e chegou a pedir a amigos do Brasil que lhe arrumassem o lugar de encarregado de negócios lá. Só veio um título de cônsul com remuneração insuficiente. Desistiu. El-lo de novo em França.

Envelhecendo precocemente, desde algum tempo sentia sufocação, dores no peito. Completara as traduções de Homero e o seu sonho agora, depois do contato de tantas paisagens flustres, era rever o Maranhão, o seu Maranhão da infância. Antes quiz atravessar a Mancha e visitou a Inglaterra. Foi a sua última viagem. Lá encontrou velhos amigos e foi por eles obsequiado. Ao voltar uma noite, de uma visita a um inglês que conhecera no Rio de Janeiro e que morava nos arredores de Londres, sentiu no trem sufocação e no próprio trem morreu.

No dia 20 de agosto de 1864 foi enterrado no cemitério católico de Kental Green.

Uma vida chela a desse Manoel Odorico Mendes.

Waldo Frank e a America

RAUL DE GÓES

DEPOIS desta guerra cruel, os falsos patriotas da América — aqueles que simplesmente por indústria acreditavam nas boas intenções do III Reich, terão fatalmente um lugar bem triste na história. Sobre tudo, os quinze milhões de isolacionistas que, sob a chefia do mecânico Lindbergh, tapavam os ouvidos à voz profética de Roosevelt, quando este enumerava os perigos a que estava exposta a nação. Para eles "não havia o que preferir entre o imperialismo britânico e o nazismo". Mas, no íntimo talvez preferissem mesmo o regime hitlerista...

Está provado hoje, que Roosevelt não falava de otiva. Apoiado no resultado de pacientes investigações dos seus diplomatas, esclarecia o povo a respeito do que vinha ocorrendo e agia, ao mesmo tempo, com prudência, decisão e segurança.

As suas mensagens de paz dirigidas a Hitler e Mussolini, quando começou a tensão européia, nunca tiveram resposta. Apelava o presidente para que fossem discutidos pacificamente, em reuniões a que compareceriam os Estados Unidos, os problemas que as nações totalitárias apresentavam como pretexto para a guerra. Estava, porém, já a esse tempo, delineado o programa inicial dos ditadores: a invasão dos países independentes da Europa.

Roosevelt, todavia, assimilou, ainda em tempo, o sentido da política do Eixo. E daí a sua providência de cooperar às claras, moral e materialmente, com todos os povos livres que se antepunham à marcha dos exércitos invasores.

Com a queda da França, em meados de 1940, e sem o auxílio dos Estados Unidos, a Inglaterra, desprovida e desarmada, não teria, certamente, suportado a rude ofensiva das armas inimigas.

O sr. Valdo Frank formou, desde a primeira hora, entre aqueles que apoiaram sem reservas a orientação do presidente Roosevelt, achando que esta "era uma guerra nacional como a passada".

Frank andou recentemente pelas repúblicas sul-americanas. Aclamado pelas consciências democráticas, pelos homens que não aspiram viver como escravos, realizou várias conferências sobre os acontecimentos que de três anos para cá veem convulsionando o mundo. Para vergonha nossa, foi também agredido e espancado pela atrevida minoria que, neste Continente, insiste em manter fidelidade à doutrina hitlerista. Nem por isto, entretanto, ele se deixou



Waldo Frank

intimidar; a sua pregação continuou com o mesmo desassombro e vigor.

A ação intelectual de Valdo Frank vem sendo, aliás, das mais puras. E' a ação da defesa dos princípios de liberdade e de ordem; ação contra todas as idéias, formas e modelos de regime que se escoram na violência e na força, negando o primado do espírito.

No seu livro "Rumos para a América" vamos encontrar a história dos regimes totalitários instalados na Europa depois do conflito de 1914. E' a história contada pelo miúdo, desde a caminhada de Mussolini à Roma até à escalada de Adolf Hitler ao governo do velho Hindenburgo.

Foi suave a princípio a tarefa do ditador italiano. Tentando estabelecer o chamado infantilismo racial,

já hoje inteiramente fracassado na Itália, e explorando no meio da massa a sua conhecida técnica psicológica, soube tirar vantagem do trabalho mal orientado dos grupos oposicionistas, conseguindo, assim, ludibriar a opinião. Desmoralizados, logo cedo, os seus processos, teve que descambar por outros caminhos e, aí, inaugurou, definitivamente, o atual sistema político apoiado "numa argamassa feita de sangue e óleo de ricino".

A ideologia de Hitler é, na opinião de Frank, uma segunda modalidade do fascismo. Domina como condição inelutável a preocupação de criar uma super-raça. E' o regime da intolerância, do ódio, da insensibilidade moral e estética, destruindo a tradição da alma germânica. O governo estimula, sob todos os aspectos, o aumento da população. As mulheres alemãs tem hoje um mister que se sobrepõe a qualquer outro: produzir crianças. A mulher não casada tem o direito à maternidade e é amparada pela sociedade e pelo Reich. Hitler traçou deliberadamente o plano de regressão de todos os sentimentos de um povo que, ao lado do proclamado espírito belicoso, sempre foi inclinado ao amor honesto, à ternura, à dignidade e até à compreensão entre os povos. Essa tradição tinha que ser substituída pelo mito do Estado e do Fuhrer.

O alemão não podia ser nunca um selvagem inconciente, porque antes de tudo era um autentico herdeiro da Europa. O nazismo, entretanto, transformou-o, através do seu Fuhrer, num povo que veio adotar, afinal, normas e valores contrapostos aos de sua cultura milenária.

E' um mundo profundamente humilhado este em que vivemos! Enquanto Valdo Frank faz esta afirmativa, vê com otimismo o futuro próximo.

Há quem diga que tudo entrará definitivamente nos seus verdadeiros eixos quando forem extirpadas as raízes do nazismo como doutrina política e concepção filosófica. Na altura, porém, em que se encontram as coisas, com um mundo assim encharcado de tanto sangue inocente e dominado por tanta maldade humana, não sei mesmo si depois da vitória os homens ainda acharão meios de concertá-lo.

PORQUE SE APAVORAVA — Antonio Lemos costumava dizer aos amigos: "Eu não dispensei as homenagens a que tenho direito no dia da minha morte. Faça questão de barulho, de descargas militares, e, se for possível, do estrondo de artilharia. Eu tenho medo de ser enterrado vivo..."

“Dois Mundos”

GRACILIANO RAMOS

Copyright de LEITURA



fusões. Teem as palavras que o sentido requer, instaladas nos lugares convenientes e com as flexões exigidas pela regra. Aurélio, professor de gramática, não lesou o seu officio desdobrando-se, parecendo um homem no colégio, outro na revista e na livraria. Conservou-se ligado à tradição, attitude razoavel, pois se erigissemos em lei tudo quanto ouvimos em conversas, revelaríamos na mais tremenda anarquia.

Certo é necessário renovar a lingua culta, não deixá-la perecer e mumificar-se nos alfarrábios, fixar nela os subsidios que a multidão lhe oferece. Não se conclue daí que devamos tartamudear em livros uma infeliz algaravia indigente, apenas compreensivel quando percebemos a intonação e o gesto.

O autor do *Dois Mundos* não nos quiz impingir corruptela e giria como instrumentos de arte. Também não se agarron ao Fernão Mendes, ao Damião de Góis, a outros veneráveis fosséis. Entre a expressão erudita e a vulgar, escolheu esta se nela enxergou a possibilidade de ganhar raiz, vingar, substituir a coisa aristocrática e pedante. Procedeu assim com método, pesando, medindo, comparando, levando a literatos avançados em demasia a convicção de que um professor de gramática não é necessariamente imbecil, produtor de lugares-comuns. Suas histórias — não tenho a intenção de analisar nenhuma, nesta rápida nota, destinada apenas a indicar um dos aspectos do livro — são admiravelmente simples e claras. Com certeza não foram concebidas nesse estado de sonambulismo, indispensavel, segundo alguns pensam, à execução da obra sublime. Fizem-se em plena lucidez — e por isto são sublimes. São, porem, humanas, revelam-nos figuras admiraveis — Molambo, João das Neves, o otimista Gonçalo, Maria Araquã, d. Cândida Rosa, sobretudo d. Cândida Rosa, grande velha, personagem que ficaria bem numa literatura sólida.

Esses tipos foram construidos pacientemente, peça por peça. Mas então? O génio, o sobrenatural, o estalo? Nada. Somente paciências. E,

no fim, clareza, simplicidade. Simplicidade e clareza obtidas com esforço. Na ordem. Não podemos dispensar a ordem. O que nos desagrada em nossa pequenina revolução é que promotores dela não conseguem explicar-se. Um solecismo? Isto não tem importância. O leitor corrige o solecismo e passa adiante. O pior é a anfibologia, consequência natural de tanta balbúrdia. As vezes lemos adivinhando, como se decifrásemos charadas.

Certamente Aurélio Buarque de Holanda utiliza muita observação e muita imaginação. Mas utiliza também o dicionário, o que talvez lhe proporcione remoqueos de espiritos superiores e emancipados. O dicionário, em certos meos, é tão desconsiderado como os palavões obcecos que a critica pudibunda repele. Contudo não poderíamos trabalhar sem ele, como não poderíamos trabalhar sem couro ou tijolos se fossemos sapateiros ou pedreiros.

DOIS MUNDOS, o livro de Aurélio Buarque de Holanda, vem desmantelar um preconceito difundido nestes últimos anos entre reformadores da literatura indigena: a idéia de que sintaxe e bom gosto são incompatíveis.

Esse engano deriva provavelmente duma observação imperfeita. Vistas, julgadas, condenadas com rigor e sem apelação numerosas obras nacionais, decidiu-se que todas se achavam redigidas em português direito — e isto se considerou uma das razões da falência delas. Tornou-se a razão principal, chegou a ser a razão única. Desdenharam-se exames atentos, exigências de pouca monta para afirmações categoricas. Não se provou a ruindade completa dos livros postos no index. Alguns tinham páginas legíveis. Também não se demonstrou existir neles ausência de incorreções. Vários capengavam. Mas foram reputados inteiramente corretos — e péssimos. Essas generalizações muitas vezes são indispensaveis, quando alguém precisa defender tese difficil. Originou-se uma certeza — e sobre ella se ergueu parte da nossa literatura contemporânea. Liberdade. Carta de alforria. Abaixo o galego. Os direitos do homem. Calmos no exagero. Desejando libertar-nos, reforçamos a dependência escrevendo regularmente contra as normas. Nossos avós ignoravam os pronomes. Estudamos agora essas miudezas e colocamos sempre ás avessas, não raro em desharmonia com a linguagem popular, invocada como autoridade suprema.

Os contos de Aurélio Buarque de Holanda desfazem abundantes con-

★
LA RÉVOLTE DES ANGES
Anatole France

★
LES FLEURS DU MAL
Ch. Baudelaire

★
LES MASSACRES DE PARIS
Jean Cassou

★
UNE MEDIUM DETECTIVE
J. D. Kerruish

★
AGORA
à venda em

todas as livrarias do continente as melhores edições francesas para as Americas:

CHANTECLER

O QUE UM DIZIA DO OUTRO... — E' pena — dizia Joaquim Nabuco — Rui Barbosa não tem obra espontânea, impessoal... sempre reflete, sempre provoca...

Sabeedor do que comentara o abolicionista a seu respeito, Rui, que não admittia observações contrárias aos seus atos, explodiu:

— Nabuco bem pode fazer tal critica: dos seus dois livros um é sobre o pai, o outro sobre ele próprio...

Escritores Norte-Americanos e Outros

EDGARD CAVALHEIRO

Copyright de LEITURA

ALMIRO Rolmes Barbosa estava longe de pensar que a sua curiosidade pelo idioma inglês e o seu amor aos bons livros o conduziriam ao caminho da crítica e do ensaio literário. Apesar de ter passado por quasi todos os postos do jornalismo ativo, Almiro Rolmes era, e continua a ser, um ficcionista nato. Essa afirmativa não revela nenhuma argúcia crítica no autor destas notas, pois nada mais facil do que ressaltar, através dos seus ensaios, a tendência para o trabalho puramente criador. Vejam, por exemplo, as páginas iniciais dos estudos sobre John Steibeck, William Faulkner, Katherine Mansfield ou Virginia Woolf. Elas traem o futuro romancista, denotam um excelente reconstituidor de ambientes, um seguro fixador de tipos, qualidades essenciais e indispensaveis a qualquer contador de histórias. O fato do seu livro de estréia ser este "Escritores Norte-Americanos e Outros" (edição da Livraria do Globo Porto Alegre) mostra, tão somente, que nem sempre trilhamos o caminho preferido. As circunstâncias nos conduzem, muitas vezes, ao inesperado, ao imprevisito. Isso, porém, não implica menosprezo ou desinteresse pelo trabalho realizado. Somente aqueles que nada tem para dizer, aqueles que escrevem sem consciência do "metier", sem dignidade profissional, é que se extraviam pelas viéas excusas da literatura de conveniência. Da literatura que nada diz do homem, da literatura que revela, quando muito, habilidade, jamais necessidade de evasão, de libertação.

A produção intelectual norte-americana era ainda completamente desconhecida no Brasil quando Almiro Rolmes Barbosa começou a falar, em algumas páginas definitivas, dos nomes que estavam em maior evidência nos Estados Unidos. Daqueles que constituíam seus constantes companheiros nas longas noites de vigília. Hoje em dia é muito facil alinhar quatro ou cinco páginas em torno de Ernest Hemingway ou Sinclair Lewis, Theodore Dreiser ou Saroyan, Faulkner ou Thomas Woolf. As edições brasileiras, portuguesas ou hespanholas aí estão, ao alcance de todos. E os Estados Unidos constituem o grande cartaz do momento, todos se interessam pelos múltiplos e apaixonantes aspectos da sua civilização. Mas quando Almiro Rolmes iniciou seus artigos e ensaios admiravelmente lançados, o terreno ainda estava virgem, o assunto inexplorado

e a curiosidade dos leitores muito pequena.

Começando por simples curiosidade, empolgando mais tarde pelo mundo inédito e fabuloso que os ficcionistas americanos lhe apresentavam, quando deu acôrdo de si, Rolmes se transformara nisso que os noticiaristas chamam de "ensaista" ou "crítico". Era tarde para recuar. O êxito dos primeiros artigos impunha outros. O estímulo recebido levou-o não só a prosseguir, mas também a perلustrar o campo da literatura inglesa. Descobriu Katherine Mansfield e as irmãs Bronte, Joyce, Somerset Maugham e tantos outros mais. Não era possível parar. Como escrever sobre certos autores ingleses ou americanos sem um passeio pela obra de Proust ou Martin du Gard?

Assim nasceu "Escritores Norte-Americanos e Outros". Sem planos preconcebidos. Sem idéia de livro



Ernest Hemingway

propriamente dito. Um volume que se impôs ao seu autor, não direi contra a sua vontade mas sem dúvida com alguma surpresa para quem vivia arquitetando novelas sobre os pequenos dramas de cada dia. No entanto, está aqui uma obra que se pode louvar com o maior dos entusiasmos. Trata-se, incontestavelmente, do mais completo lúcido e fiel repositório de informações sobre livros e autores de língua inglesa. Oferecendo ainda de quebra, um excelente ensaio so-

bre Proust e outro sobre Roger Martin du Gard. Isso sem contar-mos a lista das cem obras norte-americanas publicadas nestas últimas duas décadas, lista destinada a orientar os leitores brasileiros que queiram entrar em contato com o que tem produzido nestes últimos anos os intelectuais lanques.

Não sei, em língua portuguesa, de outro volume nestas condições. Eugenio Gomes publicou, é certo, um trabalho mais ou menos parecido sobre escritores britânicos. Deu preferência, contudo, aos poetas, o que em parte restringiu a importância, ou melhor, a repercussão de "D. H. Lawrence e Outros". Rolmes, ao contrário, revela decidida preferência pelos romancistas. Com exceção do ensaio sobre Eugene O'Neil, dramaturgo, e Van Wyck Brooks, pensador, os trabalhos restantes giram em torno de romancistas ou "conteurs". Faulkner, Sinclair Lewis, Hemingway, Pearl Buck, Wilder, Wolfe, Fitzgerald, Dreiser, Steibeck, Bromfield, Anderson, Caldwell, dos Passos, Dorothy Parker são as principais figuras evocadas e estudadas. É toda a história do romance norte-americano nestes últimos tempos. Um ou outro nome que tenha sido esquecido, em nada prejudicará o conjunto. O panorama apresentado é, pode-se afirmar, completo. Completo e excelentemente realizado. Todos os trabalhos — tanto os maiores como os menores — espelham com nitidez absoluta os minuciosos e sólidos conhecimentos do ensaista. Antes de se aventurar a traçar os retratos que apresenta, Rolmes não somente foi ler todos os livros, como procurou, pacientemente, conhecer a vida dos autores e o ambiente em que as suas obras surgiram. Não oferece, portanto, um simples, apressado e impressionista ponto de vista crítico, mas quasi sempre um amplo, cuidado e completo ensaio, que abraça não só o livro que o provocou, como toda a carreira passada e presente do autor. Inútil exemplificar, ou ressaltar este ou aquele estudo. Todos se equivalem, e fazem de "Escritores Norte-Americanos e Outros" um livro equilibrado, harmonioso e já agora indispensável a quem quer que se interesse pela vida e pela obra de um punhado de autores dos mais representativos da nossa época.

NEM SEMPRE ESTAO CERTOS OS DICIONÁRIOS — Altas, falando de consus científicos, é sempre imprudente aludir ao Dicionário de Cândido de Figueiredo. Foi ele que confundiu elefantiasis com morféa. Foi ele quem fez da tartaruga um peixe.

Um Romancista no Meio do Povo

Reportagem de Joel Silveira sobre Erico Verissimo

JOSÉ Lins do Rego é um escritor popular? Foi esta pergunta que o meu amigo Dalcídio Jurandir, no primeiro número desta revista, andou fazendo a vários cavalheiros urbanos: padeiros, chauffeurs, açougueiros, costureiras, quitandeiros, domésticas, garçons, condutores de trem e uma manicure, que ele não descreve bem, mas que, pelo seu jeito lírico, acredito ser loura e empinada. Pergunta melancólica. Melancólica para o reporter, que naturalmente caiu na rua atrás de afirmações. E pergunta particularmente melancólica para José Lins, já que padeiros e costureiras, espalhados nesta Cidade de mil mistérios e mil ruas, não são gente do seu mundo. O chauffeur da praça Quinze, muito sinceramente, confessou que sua leitura nunca foi além de dois livros: "O Martir do Golgota" e o "Pão dos Pobres". José Lins do Rego? Nunca ouvira falar de tal cidade. Também o açougueiro, que adora ler dicionários, não conhecia o escritor paraibano. Pior ainda: para ele, todo romance é chato.

Ora, por uma coincidência, sou eu, agora, quem estou na rua. E estou na rua fazendo a mesma coisa que Dalcídio fez no último número. A pergunta é a mesma. Apenas o escritor é outro: Quero saber se Erico Verissimo anda cá por fora, nos bondes, nos trens, nos elevadores, nas praças, neste mundo sem portas nem janelas. Não se discute que Erico Verissimo leva vantagem sobre José Lins do Rego ou qualquer outro escritor moderno do Brasil nesta questão de público. Mas também eu não sei se tal coisa pode ser tomada como um elogio ou uma restrição à literatura do romancista de Porto Alegre. Neste estado de analfabetismo em que ainda bolamos, escritor de muito público é escritor suspeito. O público nacional — e eu falo do público classe média — tem suas preferências visadas, que naturalmente não são preferências de estilo ou de tese. O que ele quer são histórias fáceis e bem acabadas, e rimas doces e muito lindas. Daí a popularidade da poesia do sr. Menotti del Picchia e do sr. Guilherme de Almeida, para citar dois bardos de grande público. Estarão os romances de Erico Verissimo compreendidos naquele rol? Ora, não estão! Pelo menos, de um modo geral, não estão. Ninguém terá coragem de afirmar que "Caminhos Cruzados" é coisa que, literariamente, vale tanto quanto o "Moisés" do sr. Menotti. Mas é certo também que Erico Verissimo vem transigindo muito com o seu público. Os



Erico Verissimo com Bing Crosby

seus últimos romances já não possuem aquela afirmação literária dos dois ou três primeiros. São romances escritos para um público certo, inimigo das situações difíceis e dos problemas abstratos.

UM LUSTRADOR: SIM

Daí, esta alegria: quasi todo mundo conhece ou já leu Erico Verissimo. Como Raul Augustin Borrego. Raul é um cidadão casado, de 36 anos de idade, argentino de nascimento. Mas vive no Brasil há muito tempo, casou-se aqui. Atualmente, depois de várias caminhadas por profissões várias, Raul ficou o pé como estofador e vendedor de uma mobiliaria da rua do Catete. Antes, ele já fôra chauffeur, lustrador de moveis, boxeur, proprietário de uma pequena casa de negócios (um incêndio levou tudo, numa noite de chuva) e autor da letra de um tango.

Meu velho conhecido, por motivos de compra e venda que não veem ao caso. Encontro-o coberto de verniz, o suor grosso escorrendo da testa. Faço-o parar seu trabalho, limpar o rosto e as mãos, e pergunto-lhe se ele conhece Erico Verissimo. Conhece, sim.

— O escritor? Conheço.

— Que é que você acha dele?

— Nunca o vi pessoalmente.
— Falo dos livros.
— Acho ótimos. Considero Erico Verissimo o melhor escritor do Brasil.

Outra pergunta: Já leu todos os livros de Erico Verissimo? Não, Raul não os leu todos, mas uma boa porção:

— Já li a "Viagem à aurora do mundo", "Clarissa" e "Um lugar ao sol". Dos três, gostei mais do primeiro. Li também o "Gato preto em campo de neve", o melhor livro de viagens que já vi.

Mas uma coisa Raul não entende: para que diabo eu estou fazendo, oito horas da manhã, tanta pergunta tola. Indaga:

— Erico Verissimo vai ser frequentes aqui da casa?

UM GARÇON: NÃO

Ari Braga tem uma doce recordação na sua vida: dos tempos em que foi "garçon" da Taberna da Glória. Ali, ele conheceu várias celebridades: Carvalho Leite, Perácio, o cantor Orlando Silva, a senhora Roxane, o boxeur Brasilino, uma porção delas. Hoje Ari perdeu muito o "cartaz". Está metido num cafezinho do "Boulevard", muito popular, é certo, mas muito escondido. De noite, as lampadas do ci-

(Continua à pg. 26)

Como o Embaixador Davies Viu a Rússia

GUILHERME FIGUEIREDO

Copyright de LEITURA

RARAMENTE, um homem, mesmo quando seja sincero nas suas convicções políticas, dedicou tanta atenção aos antagonistas dessas convicções, tanto quanto o fez o embaixador Joseph E. Davies durante o tempo que passou na Rússia. O embaixador Davies, entre algumas dezenas de seus colegas, também representantes de países cuja organização é contrária ao comunismo russo, foi o único a pensar que deveria examinar, informar, anotar tudo que via e ouvia, e usar de tudo como material de um livro sincero. Necessário é notar que o sr. Joseph E. Davies pertence à classe burguesa que vê no estado soviético ameaça constante ao próprio gênero humano. O autor de "Missão em Moscou", entretanto, procura esclarecer pontos que até então a propaganda tem colocado como questões encerradas no combate ao comunismo. Ele firma, no prefácio a sua posição, quando declara: "A verdadeira base do capitalismo não é a propriedade. É a liberdade individual, no que se refere ao pensamento e à oportunidade. O capitalismo é apenas uma faceta do individualismo. Na realidade, sou um produto de tal sistema individualista, sob um governo e uma sociedade que considero a melhor civilização até agora alcançada pelo homem... Sou um firme crente na evolução, contra a revolução. Creio que o nosso sistema (o da democracia norte-americana) está realizando a melhor tarefa para o homem comum, e o está fazendo lentamente, porém seguramente, porque se esforça em avançar através da evolução, em vez de pela revolução... Estas convicções, com as quais fui a Moscou, trouxe-as no regresso, sem alteração alguma. Vi, entretanto, e aprendi muitas coisas que antes não conhecia. Contemplei forças existentes e aparentemente evolucionando, que causarão profundos efeitos nas condições políticas e sociais do futuro. Renovei a minha fé na religião cristã como indestrutível e nas vantagens de nossa própria forma de governo e de nossa maneira de viver". Ao presidente Kalinin, o embaixador Davies se afirma "um produto do sistema individualista e capitalista".

Esse homem, no entanto, dedicase a ver o que o regime soviético fez na Rússia. O seu livro se compõe das próprias informações oficiais enviadas ao Departamento do Estado, em Washington, ao presidente Roosevelt, a membros do go-

verno americano e a amigos em cartas particulares, e das notas que tomou num diário e numa agenda. Nele estão contidos os mais variados assuntos, muitas vezes sem outra sucessão que não seja a cronológica. Assuntos comerciais russo-americanos se misturam com visitas e jantares; entrevistas com homens públicos russos estão de permoio com a vida social do corpo diplomático; descrições da vida russa estão ao lado das questões de produção; exposições de arte e comentários pitorescos ao lado de visitas às grandes instalações da indústria soviética. Dessa série de assuntos, onde os costumes diários, o mundanismo diplomático se alternam com problemas da mais alta importância comercial ou social, o leitor fica com uma idéia panorâmica da vida e do regime russos. A vida e o regime são descritos pelo representante de um país que é o próprio símbolo do regime capitalista; e, no entanto, as conclusões a que chega o embaixador Davies deixam bem claro que a propaganda nazifascista por assim dizer inventou uma outra Rússia, incapaz de quaisquer relações com a humanidade, incapaz de quaisquer empreendimentos, incapaz de uma idéia sobre o progresso, a liberdade e o bem-estar humanos. Estamos longe da "Roth Pest" de Hitler, e dos lemas de combate criados por Mussolini, e que os próprios acontecimentos desta guerra vieram desmentir. Desorganização, anarquia, violência, atos atentatórios à dignidade e à moral, ações sistemáticas contra os princípios cristãos da nossa civilização ocidental, tudo é mostrado pelo embaixador Davies como trabalhos de propaganda das potências totalitárias, no seu desejo de desunir da Rússia os povos de que ela poderia ser aliada e oferecer proteção.

Decerto, o embaixador Davies tem censuras para com os processos secretos a que pôde acompanhar, e à falta de liberdade individual. No primeiro caso, porém, mostra que muitas necessidades vitais para a Rússia e para o mundo ditaram aqueles processos, como os do jornalista Radek, o do marechal Tukachevsky, o do secretário do Tesouro Grinko, o secretário do comércio Rosengoltz, o do ex-embaixador na Grã-Bretanha Sokolnikov. Hoje, se pode verificar que esses homens entraram em entendimentos com a Alemanha e o Japão; eles seriam os primeiros agentes da quinta-coluna na Rússia, e o fato de que a

Rússia, desde que foi atacada pelo Reich, não tenha tido necessidade de desenvolver qualquer trabalho contra a espionagem estrangeira em seu território demonstra que os violentos processos que impressionaram o mundo em 1937 e 1938 não exprimiam apenas um meio brutal com que uma corrente política eliminou outra: exprimiam um zelo que, em muitos outros países, eram unicamente condescendências e até mesmo aplausos. Quanto à falta de liberdade individual, evidentemente o ponto de vista americano de Davies leva vantagem sobre a atitude russa; ela, porém, poderá ser criticada em outros países, em que o cerceamento da expressão impediu a propaganda antifascista e em muitos casos favoreceu a propaganda totalitária. A Polônia, como vítima do nazismo, se coloca neste caso; a România e a Bulgária, como seus asseclas, se colocam no segundo. Um olhar sobre o atual panorama europeu mostra com muita nitidez o problema, que foi examinado com bastante felicidade na "Recomendação Preliminar sobre os problemas de após-guerra" elaborada pela Comissão Jurídica Inter-americana do Rio de Janeiro, presidida por Afrânio de Melo Franco. Desse impressionante trabalho vale a pena citar o trecho referente ao assunto: "Essa nova ideologia (o nazi-fascismo encontrou nessa época raízes mais profundas do que teria sido possível em gerações anteriores, porque os governantes que a sustentavam silenciaram as fontes de informação pública. A censura rigorosa da imprensa, o monopólio governamental das emissões radiofônicas, a supressão das reuniões públicas e outras formas de intervenção impediram a opinião pública de formar uma justa idéia da política seguida pelos outros Estados." Com o livro do embaixador Davies, esse problema ainda fica no ar. Mas em muitos pontos importantes, a sinceridade do autor de "Missão em Moscou" merece a atenção dos americanos. Porque somente através do amplo debate e do amplo estudo se poderá fazer uma idéia da posição da Rússia no mundo; para compreender a permanência e a evolução do seu regime, a maneira pela qual se tornou uma potência militar capaz de resistir ao exército alemão, "Missão em Moscou" é um livro que não pode ser deixado de lado. É um livro esclarecedor, feito por um democrata esclarecido.

Uma Folha na Tempestade.

LUIS MARTINS

Copyright de LEITURA

O ÚLTIMO romance de Lin Yutang, traduzido para o português por Monteiro Lobato (para a Editora Nacional) me reconciliou com a ficção, conforme há pouco mandei dizer para São Paulo. É uma epopéia da jovem China. E tem a sabedoria, a juventude e a profundidade da China milenar.

Disse que ele me reconciliou com a ficção porque há muito eu não lia romances, não no noticiário de guerra. E não poderia admitir que a imaginação alcançasse patético maior, maior intensidade dramática, do que nos dão todos os dias os telegramas do mundo. Fome, miséria, orfandade, atos de heroísmo trágico, detalhes sombrios de filme policial, tudo isto nos serve com abundância a realidade deste momento. Todas as tragédias se banalizam num ramerrão de quotidiano. E portanto, para que escrever romances?

Poesia, façam poesia! Mas não nos chateiem com pequenas aventuras sentimentais de personagens que nem existem, quando um simples repórter pode descrever dramas muito mais extraordinários do que todos os romancistas do mundo reunidos poderiam conceber.

Ora, si Lin Yutang me reconciliou com o romance, é porque há em seu livro uma grande porção de reportagem. Não no sentido rigidamente jornalístico, profissionalmente jornalístico. "Uma folha na tempestade", afinal de contas, não é um relatório. É um episódio. É, aparentemente, um episódio pessoal. Passa-se porém, na China convulsionada pela guerra e é tal o poder do seu autor de criar dramaticamente o cenário onde se movimentam os seus heróis, que aos poucos os dados do livro se misturam e se invertem: o decor passa a ser o essencial, o próprio drama — e a vida dos personagens nele se ajustam como seus elementos necessários.

Livro estranho e sugestivo. "Uma folha na tempestade" conserva aquela tom envolvente, coleante, e morno das histórias orientais. Não antecipa, não insiste, não força. Conta, diz e às vezes comenta. Seria injusto dizer-se que o autor comenta com absoluta serenidade. Ele é um chinês de nossos dias e sua carne sangra ainda das desventuras de todo um povo. É impossível não distinguir a revolta, a amargura, a piedade de um homem que viu o seu povo sofrer uma invasão de bárbaros, que viu a gente do seu sangue e da sua alma morrer, estraça-

lhada pela estupidez selvagem dos bandidos do mar oriental; e crianças mortas à ponta de baloneta, mulheres estropadas, velhos martirizados, casas incendiadas, campos devastados, cidades destruídas — e a velha China resistindo em todas as trincheiras, em todas as aldeias, em todas as montanhas, lutando, matando, morrendo, vivendo intensamente, renascendo!



Lin Yutang

E em meio dessa epopéia extraordinária de uma força jovem que resurge entre ruínas, passa silenciosamente a sombra dominadora de Chang Kai Chek. Não é um personagem do romance e está presente em todo o romance. É como o próprio espírito do romance, que lhe

dá unidade de ação e de sentimento.

O que empolga sobretudo no livro de Lin Yutang é esse espetáculo do renascimento chinês. O renascimento da consciência, da inteligência e da vontade. Um episódio característico desse espírito quando uma jovem universitária e sina aos guerrilheiros que os chineses não estão simplesmente combatendo contra "os diabos do mar oriental", mas sobretudo contra o imperialismo japonês. De fato, é esse o sentido supremo da luta heroica do povo do velho país e tra a ganância do expansionismo nipônico. E é esse sentido que jovens cultos, saídos das universidades, tratam de explicar a gente simples dos campos e das aldeias.

No choque da velha e da jovem China, provocada pela guerra, vê-se o espírito da juventude, que o da resistência, o de adaptação de sacrifício. O gigante asiático, desperta sacudido pelo troar metálico da guerra moderna e não se ofende com citações de Confúcio, papagaios de papel. Sem desprezar a sua velha sabedoria acumulada pelos séculos, procura se preparar espiritualmente e materialmente, para as novas contingências que as circunstâncias lhes impõem.

Um budista tem o espírito preparado por uma longa experiência de amor. Mas isto não quer dizer que seja incapaz de manejar uma metralhadora, si houver metralhadora. Aliás, como acentua Poya, um dos personagens de Yutang, foram os próprios japoneses os melhores propagandistas da realização da unidade chinesa, fenômeno que parecia impossível antes de Chang Kai Chek. E o foram com as suas atrocidades, que uniram quatrocentos milhões de indivíduos no mesmo ódio.

O POETA LAURINDO TINHA DAS SUAS... — Achava-se Laurindo Rabelo uma tarde apreciando o movimento da rua do Ouvidor, quando passou uma madmoiselle, um pouco magra, mas bonita, trajando vistoso vestido verde. A' passagem da moça, um sujeito metido a espirituoso, que estava ao lado do poeta exclamou:

— Que pena! Tanta alface para tão pouca carne!

— Pois olhe — sensurou o poeta — eu não acho. O que me parece é que há ali pouco capim para um burro do seu tamanho!

A VOCAÇÃO LITERÁRIA DE MITRE — "Ódio a Rosas não só porque foi o verdugo dos argentinos, mas também porque me obrigou a vestir a farda, tomar as armas, correr os campos, tornar-me político e lançar-me à carreira tempestuosa das revoluções, sem poder seguir minha vocação literária. Hoje mesmo, em meio das embriagadoras agitações da vida política, não posso deixar de dar uma olhada retrospectiva sobre os dias que passaram, e contemplar com inveja a sorte dos que podem gozar de horas serenas, entregados aos braços da musa meditativa."

Máquinas da Democracia

MARQUES REBELO

Copyright de LEITURA

ROGER Burlingame traz em alta — o que é um dos seus encantos — a marca tão característica dos homens que fazem cultura na sua terra — esta ingenuidade cultural que faz com que haja naturas que se doutorem em professoras (teóricas) de dansas proençais da segunda metade do século XVII.

"Máquinas da democracia", que estuda as invenções e suas influências sociais nos Estados Unidos, e acaba de ser posto em português, em brilhante tradução do insuspeito Monteiro Lobato, é a tese, de quase 500 páginas, de que "estudar a máquina é estudar o homem". Tirante esta ingenuidade exagerada, tirante umas conclusões que nos parecem pelo menos erradas, para não dizer medrosas daqueles altos edifícios que conspiciam em Manhattan por umas tantas tranquilidades no mundo, é inevitável que o livro de Burlingame, que tão justo sucesso teve nos Estados Unidos, vale bastante e está muito bem encaixado na "Biblioteca do Espírito Moderno", esta esplêndida coleção que a Editora Nacional vem mantendo de uns dois anos para cá.

Escrito, ora com uma leveza de crônica, ora com a força de um romance, chega a nos dar páginas de intensa emoção. Estudando

do todos os inventos cujas consequências fizeram da América do Norte uma grande nação — remonta portanto, a esse curioso período de 1850, que Hollywood com tanto romantismo sabe reconstruir nos melhores dos seus filmes, capítulos sempre heróicos da vida do homem americano, e acompanha o seu trabalho com algumas gravuras, quasi sempre velhas gravuras, da mais encantadora importância.

Na última parte, que é a sexta do livro, e que ele batiza de "O atraso social", está o melhor da obra desse vulgarizador. Começa rindo-se da mania aéro-dinâmica, "a ilusão aéro-dinâmica", pois "o aéro-dinâmico representa o ideal subjetivo da velocidade divorciada da utilidade", e estas linhas tão belas e arredondadas que invadiram o mundo afinal nada mais valem senão um inteligente truque capitalista no comércio dos automóveis. E termina lembrando que enquanto a máquina foi compreendida como um auxiliar do trabalho humano, era lógico que todos vissem nela uma bênção para a sociedade, mas quando se tornou automática a ponto de substituir no trabalho o esforço humano, uma nova significação teria de haver para ela. E o fato de homens libertados pela máquina de trabalhos penosos ficarem sem adequada ocupação, mostra uma pro-

funda falha na invenção social. E é quasi épico quando traça uma cena num laboratório tecnicológico duma sociedade bem organizada:

"Inventor Social (com desespero): — Pelo amor de Deus, invente mais máquinas.

Inventor Técnico: — Para que?

I. S. — Para libertar mais homens e mulheres.

I. T. — Quantas máquinas necessita mais?

I. S. — Quantas puder me dar. Um milhão, digamos, para o próximo ano.

I. T. — Para que fim as destina?

I. S. — Para levar a efeito meus planos sociais. Preciso fazer muita gente realizar o trabalho que as máquinas não executam. Preciso de desenhistas, construtores, artistas, músicos, professores, pregadores, arquitetos urbanistas, mestres da arte de pensar. Preciso de grande número de trabalhadores que me ajudem a melhorar as condições gerais da humanidade".

Mas infelizmente, ao tempo em que escreve, a cena seria outra, todo mundo sabe como, e para os raros que não a adivinham, Burlingame reproduziu-a. E estes raros que leiam o livro.

Uma Lavadeira Originou a Invenção da Litografia

A idéia de desenhar e gravar sobre a pedra remonta à épocas muito longínquas. São conhecidas pedras gravadas na China no século XV.

Sabe-se que na Espanha, no século XVIII já era usado o alabastro para pequenas faces impressas, que fixavam as imagens dos santos. Isto foi, porém, um pequeno ensaio que não prosseguiu e foi preciso chegar aos fins do século XVIII, ou mais precisamente em princípios do século XIX, para que o mundo conhecesse a litografia artística. O seu inventor foi Alois Senefelder, nascido em Praga em 1771. Seu pai era um comerciante e esforçou-se para que o filho cursasse Direito, mas foi inútil. Pouco depois Alois escreveu duas peças de teatro e como a impressão das mesmas era muito caro tentou ele escrevê-las em madeira, depois em cobre e por último na pedra. Esta última tentativa levou-o a descobrir a litografia. O próprio Alois conta:

"Acabava eu de pulir uma face de pedra para cobri-la com massa e continuar minhas experiências de escrever inverso para imprimir, quando minha mãe me pediu que fizesse a lista da roupa que deveria entregar à lavadeira, já impaciente, enquanto nós procurávamos um pedaço de papel para fazer a lista. Como não o encontrasse, decidi escrever sobre a pedra que acabava de pulir, utilizando a tinta preparada com cera, sabão, e fuligem. Procedi assim com a idéia de passar tudo depois para um

pedaço de papel e não fazer a lavadeira esperar. Quando terminei a lista, veio-me de pronto a idéia de experimentar o que aconteceria se eu submetesse aquele escrito a uma camada de água forte. Misturei um pouco de água forte com dez partes de água e joguei esta mistura sobre a pedra escrita. Havia tomado a precaução de fazer uma borda de cera na pedra afim de reter a água, como fazem os gravadores. Examinei o efeito produzido e observei que as letras adquiriam um relevo de quasi um quarto de linha — o suficiente para se conseguir uma boa impressão..."

Foi pois graças a esta experiência fortuita que Senefelder achou um meio prático de escrever sobre a pedra. Isto se passava em 1796. Neste mesmo ano fundou um atelier de "impressão mecânica" em Munich, com a ajuda financeira do músico M. Gleisner. Em 1799 Senefelder experimentou pela primeira vez uma impressão estritamente química. Em seguida associou-se com um editor de música, Antonio André, de Offenbach e transferiu-se para Londres em 1800, com o objetivo de obter uma patente pela invenção da Litografia.

Mais tarde, em 1802 seu sócio André enviava a Paris seu irmão Frederico com o mesmo fim. Senefelder dirigiu-se logo a Austria e fundou em Viena

(Continua à pg. 14)

Biografia e Arquitetura

VIANA MOOG

Copyright de LEITURA

O QUE mais me agrada na biografia que o sr. Otávio Tarquínio de Sousa acaba de escrever sobre a invulgar figura do primeiro regente do Império, padre Diogo Antonio Feijó, é a arquitetura. Arquitetura no sentido de proporção entre as várias partes do todo, de harmonia entre o peristilo e o corpo do edifício, de equilíbrio entre as colunas, os frontões e os baixos relevos, de absoluta subordinação no plano geométrico das linhas secundárias às linhas mestras que presidiram à concepção e execução desta magnífica obra de arte. Daí a beleza do conjunto.



...os, os baixos relevos, como as pinturas murais.

A explanação sobre a origem bastarda do regente do Império, que foi filho de padre, explica mais tarde a sua violenta campanha contra o celibato, levada com paixão contra tudo e contra todos, assim como o capítulo referente à sua crise mística, em Itú, uma espécie comemorativa de Port-Royal extraviada no solo selvagem da América, explica-lhe o ascetismo, o desprezo das glórias, a desconfiança, o alto senso do dever, a preferência que dá em todas as conjecturas aos aspectos morais da vida que acabam nele sempre predominando sobre as razões de ordem política.

Através do livro do sr. Otávio Tarquínio encontramos todas as imagens necessárias para configuração do retrato caracterológico do biografado. Lá está o menino atri-

bulado com o segredo de sua origem; o seminarista exemplar, o místico de Itú procurando através do cilício libertar-se da servidão irremível da carne e do pecado; o padre de conduta irrepreensível; o representante do Brasil nas cortes de Lisboa, que pelo desassombro de sua conduta gravar-se-lhe para sempre na imaginação dos seus patriotas; o Feijó da fuga dramática para a Inglaterra; o Feijó desafrontado do orgulho dos Andraadas e de qualquer forma de superioridade que lhe quizessem impor; o Feijó deputado incapaz de cortejar a multidão e as formas banais de popularidade; o Feijó do Ministério da Justiça, dominador de motins e sedições, "homem próprio para tempo de revolução" como o classificou Evaristo da Veiga; como também o Feijó dos grandes defeitos, incapaz de conciliação e de transigência que sacrifica à sua teimosia a glória e o destino da Regência, o Feijó a um tempo trágico e grotesco da revolução de 1842.

Depois da biografia do sr. Otávio Tarquínio de Sousa não há mais pontos definitivamente obscuros na personalidade e na vida do padre de Itú. Já não estamos em face de um enigma, de um mistério indecifrável. Estamos agora em presença de um homem singular, é certo, cheio de humanidade, plêtorico de paixões, de virtudes e de defeitos, mas cujo processo histórico está feito e em condições de ser julgado.

O QUE ELES QUEREM E' "CHOTOLATE" — Era José de Alencar ainda criança, quando se reuniam secretamente na casa de seu pai, o padre Martiniano de Alencar, no Rio, os políticos do Club Matorista. Logo que chegavam as altas personalidades do partido, era um reboleio em toda a casa para o arranjo do "chocolate", com bolinhos e manteigas. Vendo voltar da sala secreta as mucamas com as enormes bandejas devastadas, o pequeno futuro romancista, desconfiado, comentou certo dia:

— Quê! Estes homens... o que eles querem é "chotolate"!...

LIVROS TÉCNICOS
CIENTÍFICOS
LITERÁRIOS

Livraria por atacado

Importadores
e distribuidores

A. HERRERA & CIA. LTDA.

RIO - SÃO PAULO

Matriz: RIO DE JANEIRO - Rua Rodrigo Silva, 11 - 1.^o
Sucursal: SÃO PAULO - Rua Boa Vista, 127 - 3.^o

As Letras Francesas no Exílio

ELOI PONTES

Copyright de LEITURA

A INDÚSTRIA editora francesa tinha-nos disciplinado o espírito, o gosto e o temperamento. Além dos seus autores originais, (críticos, romancistas, filósofos, historiadores, eruditos) já formados e definitivamente constituídos, a indústria editora francesa nos mandava, em ótimas traduções, tudo quanto o mundo produzia de seleto. Com a guerra nazista, aos poucos, fomos privados desses contágios necessários até chegarmos à escassez completa e absoluta da atualidade. Daí, iniciativas de editoras, que se estão fixando aqui. Entre elas, se conta, já com folha corrida muito sensível, a Americ-Edit, creada e dirigida por Max Fischer, romancista do mais seguro valor, que trouxe da França, com esse título, um perfeito conhecimento das letras contemporâneas. A Americ-Edit, por isso, surgiu sob bons auspícios, selecionando e corrigindo a ausência dos livros franceses. Entre os volumes que publicou, ultimamente, se inclui *La dernière harde*, de Maurice Genevoix. Romancista da geração surgida logo depois da guerra de 1914-1918, prêmio Goncourt com tendências características, que lhe concederam as vantagens duma glória literária rapidamente fixada, Maurice Genevoix pertence ao número dos escritores que a guerra nazista colheu, emudecendo. Este romance é antigo. A propósito dele se repetiu muito o nome de Rudyard Kipling e do seu notável *The Jungle Book*, que Monteiro Lobato traduziu, não ha muito tempo, com este título: *O livro do Jangal*. Como se sabe, Kipling, indiano de nascimento, reconstitue a vida das selvas, com suas feras terríveis, às quais atribue raciocínios e sentimentos, à medida que os caçadores as perseguem. O romance de Kipling é quasi uma fábula, em vários capítulos, onde animais, aves e insetos discutem, tecem projetos e compreendem a incurável perfídia humana dos caçadores. Em *La dernière harde* as cousas ocorrem noutra atmosfera. As paisagens nada teem do jangal rude, hostil e inhóspito. São paisagens civilizadas, onde Brehaigne, Cerf Bigle, Epi-Noir, Pigache,

Tête-Rouée, Creille-Coupé e outros animais passeiam, tranquilos, engordam durante certo período do ano, à espera da estação de caça. Os caçadores aqui não teem nome próprio. *Le Tueur*, *l'Homme*, *La Futaill*, *Brisefort*, *Chêne Rond*, *La Vieux* são personagens que se acoovelam e movimentam estas páginas. Maurice Genevoix, como é natural, emprega muito a técnica e a linguagem venatórias, que teem na Europa significado especial. Nem no jangal indiano nem nas selvas e matas que conhecemos, existe o delito de braconage. O braconier é tipo dos países venerandos, onde as caçadas se transformaram em prazeres de ricos. Por isso *La dernière harde* difere imenso do *The Jungle Book*. O espírito de ambos é análogo. Também no livro de Maurice Genevoix não existe intriga, enredo, emoções, desfechos, imprevistos e surpresas. *Breche-Pied*, *daguet Rouge*, *Chat Sauvage* não fogem de caçadores intrépidos, que transpõem correntezas, vencem colvâras, sobem montanhas e furam caminhos imprevistos. Não. Fogem apenas das equipages, vestidas a caráter, com casacos de cores, botões distintivos, o cor de chasse a tiracolo, a creadagem de libré, à distância, com o farnel (matalotagem e vinhos), os campônios recebendo indenizações pelos incômodos, terminando tudo em namoros e adultérios. Maurice Genevoix explica ter usado com sobriedade o vocabulário, rico variadíssimo, que les veneurs inventaram. O romance foi escrito, todavia, no empenho exclusivo de fixar aspectos duma vida ociosa. As caçadas de equipage não decretam perigos... Os animais (coursas e cervos calmos, coelhos mansos, falsões amigos, raposas disciplinadas) como que são nutridos o ano inteiro para esses dias de festas... Entretanto, como tudo isso é bem urdido! Maurice Genevoix nos devolve aqui o prazer de louvar. As letras francesas, como ninguém ignora, chegaram a um estado completo de cristalização. A propósito do comum dos escritores da França Contemporânea poderíamos repetir o que Jules Lemaitre escreveu de Anatole France: "Ils sont l'extreme

fleur du génie latin." A França emudeceu com a guerra nazista. Depois? Acreditamos que uma reação virá. O domínio espiritual do mundo não poderia pertencer nunca aos povos formados por doutrinas contrárias aos sentimentos humanos. Lendo os velhos autores franceses, onde se cristalizam todos os impulsos que a contemplação do mundo provoca e estimula, sentimos que uma reação ha de vir. Quando viér, os valores reais restabelecidos, assistiremos à derrota das fráudes literárias, hoje em pleno fastígio até mesmo cá por casa... As fráudes sempre triunfaram à mingua dos contrastes...

Historia das Doutrinas Economicas

(Continuação da pg. 40)

nias" do francês Bastiat. A quarta época é, de todas, a mais importante, diríamos mesmo a época magna do pensamento econômico universal. Chegam os dissidentes. No dizer dos próprios autores da "História", eles suscitam divisões em quatro sentidos: no método, com a escola histórica; na política social, com o nacionalismo de Estado, na concepção científica, com o máximo; na inspiração ética, com o cristianismo social. Como a economia, também a filosofia muda inteiramente de conceito: já não se trata de interpretar filosoficamente o Mundo, mas de transformá-lo, materialmente. O fim do século XIX e o começo do século XX constituem a quinta e última época a ser estudada. Nesta fase não surgem mais doutrinas novas. São as antigas que se transfiguram ou se desfiguram. Predominam as teorias hedonísticas, as da renda, o solidarismo, "posta entre o individualismo e o socialismo", e, finalmente, o anarquismo, espécie de "liberalismo exasperado".

Não queremos terminar esta breve nota sem deixar de reconhecer que o tradutor enriqueceu a alentada obra em um apêndice sobre a economia, desde a antiguidade até os Fisiocratas.

(Continuação da pg. 12)

um novo atelier, que vendeu em 1806. Regressou então a Munique e fundou com Gleissner e o Barão de Aretino um grande atelier onde começou a trabalhar intensamente para aperfeiçoar o invento e aumentar os recursos. Sob sua direção, dois desenhistas experimentaram a utilização da litografia com fins artísticos — e entre as primeiras expe-

riências feitas com êxito na pedra, destaca-se o retrato do conde de Seefeld, grã-mestre da Casa Real da Baviera.

Conhece-se também uma grande paisagem encontrada em 1802, executada sobre o mármore polido, na qual se lê esta inscrição: "Math Hoch invento ed incisit in marmo 1802, y Si Vende presso Franc Johannot in Offenbac sul nemo".

Um Poeta e Dois Reporter.

RIVADAVIA DE SOUZA

Copyright de LEITURA

O CELEBÉRRIMO "raio que te parta" deve ter sido invenção de Antero de Quental, naquela sua fase delirante de incendiário, quando o poeta, sozinho, queria reformar o mundo a chicote, chegando ao ponto de investir contra a própria poesia, que, então, (estávamos no século XIX) ele já considerava incapaz de traduzir as emoções humanas. O homem havia perdido o seu centro de gravidade e ficou com uma espécie de "béri-béri" na alma. Como, porém, naquela época, tudo se fazia de uma forma romântica, a luta de Antero de Quental era mais ou menos inconsequente.

Certa noite tempestuosa, por exemplo, o poeta, acompanhado da sua turma, subiu no alto de um morro e deu o prazo de cinco minutos, marcados a relógio, para que Deus Nosso Senhor mandasse um raio sobre a sua cabeça. Em caso contrário, a existência do mesmo Deus ficaria gravemente comprometida. E' claro que o bom Pai, todo misericordioso, nada fez contra o doidinho de Coimbra.

Quando, entretanto, Quental passou a interessar-se pelos problemas sociais, a coisa mudou de figura. Toda aquela sua força emocional, a vibração maravilhosa da sua inteligência, a beleza da sua sensibilidade poética, ficaram tocadas pelo sopro divino da paixão política.

Então o maluquinho da "Sociedade do Raio" deixou de atirar pedras contra o disco do sol.

Algumas conferências suas a respeito da eterna batalha entre a liberdade e a opressão, poderiam ser reproduzidas agora, com acentuado sabor de atualidade.

Nas suas "Prosas Escolhidas", que a "Livros de Portugal" editou recentemente, existem algumas páginas dignas de serem meditadas. Creio que se pode, até, transcrever aqui uma pequenina amostra, assim como quem faz aquele clássico "calado" numa melancia, para provar-lhe o gosto.

Falando sobre as "Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos", dizia Quental, em 1871, sete anos antes do nosso 13 de maio: "A Austrália tem feito em menos de 100 anos de liberdade o que o Brasil não alcançou com mais de três séculos de escravidão! Fomos nós, foram os resultados do nosso espírito guerreiro, quem condenou o Brasil ao estacionamento".

Esses trechos poderiam ser desenvolvidos, ampliados e robustecidos pelo jacobino indígena Raul Pompéia, muito parecido, aliás, com Antero, até nos arroubos extremistas dos seus gestos. Como Antero, Raul Pompéia era pouco dado a aventuras mulherengas, o que levou Bilac, ligeiramente estroina, a fazer-lhe algumas imputações temerárias. E como o maluquinho de Portugal, Pompéia era incendiário, violento, inconformado, inimigo das soluções ponderadas, que ele definia assim: "o meio termo é o "statu quo" da covardia"... Finalmente, ambos sofriam do mesmo mal — falta de pagamento regular do



Antero de Quental

imposto devido ao sexo — e ambos buscaram o mesmo remédio extremo, como extremados eram os dois: um tiro no peito.

...

Em "Os Homens não falam de mais" (porque não podem), que a Alba Editora entregou às vitrinas das nossas livrarias, Joel Silveira e Francisco de Assis Barbosa fizeram ótimo trabalho de reporter. Os dois inquietos redatores de "Diretrizes" são, ao mesmo tempo, tão diferentes um do outro como o Sr. Augusto Frederico Schmidt o é do Sr. José Sanz, por exemplo. Enquanto Joel é capaz de irritar um entrevistado até ao desespero, Chico Barbosa dá sempre a medida exata daquilo que o palrante deseja ser. O paulista é um fotógrafo, o sergipano é um caricaturista. Chico Bar-

bosa, por exemplo, senta-se diante do entrevistado e recolhe tudo quanto este diz de grande ou de solene, sem ser grande. Mas si o entrevistado nada disser, Chico Barbosa volta para a redação irritado e diz que o homem é uma besta. Trata-se de um reporter seguro, cem por cento conservador, incapaz de trair-se ou de trair o seu interlocutor.

Já Joel é diferente. Si o homem ou a mulher fôr, de fato, incapaz de dizer qualquer coisa digna de registro, Joel começa por perguntar como é o nome do cachorrinho da casa, de quem é aquela fotografia com dedicatória sentimental, quem lhe deu aquela vitrola, e termina dizendo que a poetisa não fez outra coisa durante a entrevista senão revirar os olhos, suspirar profundamente e excluir ál — ál...

Dai a natural vivacidade e o equilíbrio de "Os homens não falam demais", obra de reporter, essa admirável síntese de cronista, crítico e noticiário, que transportou para um plano sério e respeitável a legenda dos semanários do interior, onde quasi todos nós cometemos as nossas tropelias literárias: crítico, humorístico e noticioso...

DESDE AQUELE DIA



parece que os negócios tomaram novo impulso...

A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os três sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida

O General Rondon

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Copyright de LEITURA

OUTRA biografia do general Rondon. Biografia e não elogio. Nenhuma deformação ou ampliação encomiástica. Um livro equilibrado e claro, com uma emoção que não se inflarçou para dar a ilusão de superioridade e distância à sensibilidade.

Rondon já possui meia biblioteca. O sertanista é o menos teatral dos heróis e o mais humano dos civilizadores do sertão brasileiro. Dá alegria acompanhar-lhe a existência limpa e bonita, simples, corajosa, dedicada, honesta, ativa. Rondon é uma das mais legítimas alegrias brasileiras, alegria de citar, indicar, apontar o explorador pacífico, o geógrafo de campo, o naturalista sem abumhas, o soldado sem clangor. Nenhuma página, em nenhuma literatura do mundo africano, com seu rosário de sábios e de mártires, apaga a luz teimosa, alta e doce, dessa atividade de meio século diária, vigilante, ininterrupta, sertão a dentro, plantando cidades e continuando o pobre.

Clovis de Gusmão conservou a fisionomia de Rondon na pureza de sua espontaneidade. Todos nós reconhecemos o velho e o moço Rondon nesse livro excelente.

Também nada mais orgulhecedor que a recordação dos auxiliares de Rondon. Que gente estranha... Parecia formada com outro plasma orgânico. Almas superiores à nossa compreensão. Superiores aos instintos humanos da legítima defesa, da fome, da sede do cansaço e da distância. Revivem o ciclo dos Bandeirantes, não preando indígenas para vendê-los como bestas, mas Bandeirante pela resistência, arrojo, valentia serena, convicção do próprio valimento.

Aqui em Natal conheci Costa Pinheiro, o Nhéco Pinheiro, companheiro de Rondon durante doze anos, o incrível Pinheiro que agasalhava seus soldados nas barracas e adormecia, placidamente, numa rede armada ao ar livre, debaixo da chuva.

Nhéco contava, isto é, vivia as histórias da Rondonia. Dizia, com naturalidade, os nomes dos amigos. Eu ficava tremendo de entusiasmo. Pirineus, Amarante, Lira, os manos Horta Barbosa, Alencar, fiense, Pinheiro... Contava as lutas vencidas a pé, os índios abatendo os soldados a flechas, a ordem de morrer e não matar. Contava o chá para o Estado Maior e o rancho para os soldados. Contava o

encontro dos rios misteriosos, a fixação das coordenadas, as caminhadas, meses, nas picadas silenciosas, abertas no matão verde e alto. Uma história atual que pare-



General Rondon

cia sucedida há séculos. Outra espécie humana, cobrindo de ofertas os agressores, renunciando tudo, com um ideal que faria sorrir o "homem prático".

Clovis de Gusmão contou esses temas. Voltam eles, sonoros e atuais, aos nossos olhos, comovendo, entusiasmando, gritando as possibilidades de uma santa constituição, como diria Eugenio D'Ors, em todos nós. Esses da arrancada para a Rondonia vieram de todos os Estados, de todas as patentes, engenheiros, oficiais, sargentos, soldados, indígenas que foram guias, mulheres, mateiros, caçadores, canoeiros. Todo esse mundo se fundiu para um tipo uniforme, empreendedor, quicado, estoico, teimoso, vibrante de patriotismo. Disciplina, justiça, elevação moral, foram os ditados imediatos de Rondon. Não reduziu seus homens a um padrão mas respeitou-lhes a personalidade, pesando e apregoando os valores pessoais de maiores e mínimos na escala social.

Rondon explorando meio milhão de quilômetros, identificando de sessete rios, varando o sertão, atravessando, anotando, determinando a função cultural de botânicos, zoólogos, geólogos, etnógrafos, historiadores, cartógrafos, conseguiu ainda o supremo dom de não vulgarizar-se depois do triunfo. É a mesma voz, o mesmo gesto, a mesma forma seca, incisiva e polida

de conversar, responder e sugerir.

É também um homem que não se presta aos anedotários. Os episódios da mata não são material aproveitável ao ridículo. Sofre apenas do inevitável mal de fornecer assunto aos discursos apologéticos, detonantes e vãos.

Esse "RONDON" de Clovis de Gusmão é lido com film. Inteligência para mover as frases, bem seguras, reais e evocadoras. E se alguém disser que o capítulo XVIII, o último, recordando a derradeira viagem, a viagem de despedida de Rondon às terras em que sofreu e viveu meio século, não é uma página positivamente magnífica, de sobriedade, viveza, emoção e realidade, tenho o direito de desconfiar da integridade funcional do entendimento.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

- Sociedade Anônima -

Capital Cr\$ 10.000.000,00

Todas as operações bancárias
às melhores taxas

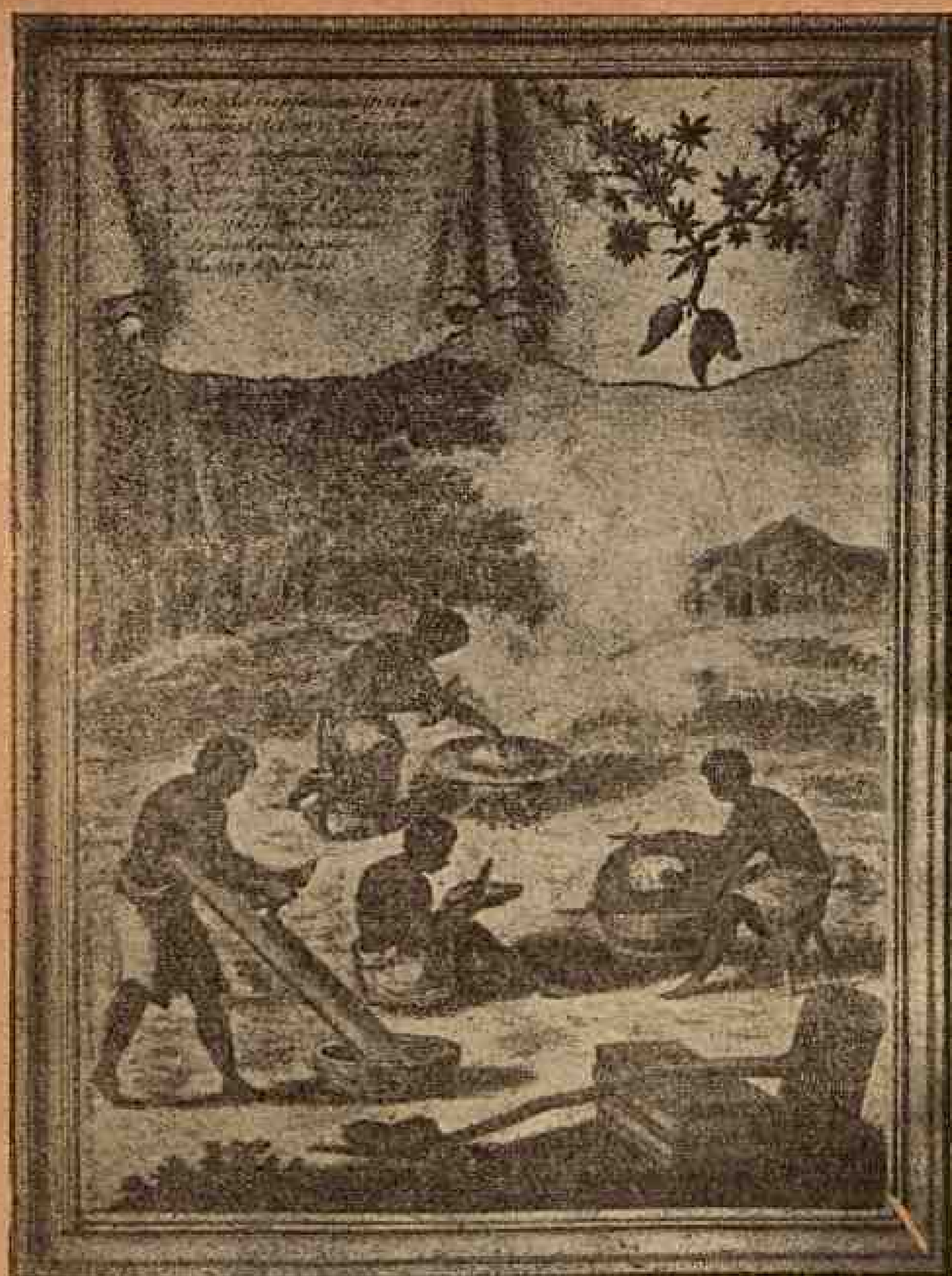
Contas Correntes

PÓPULARES

(com talão de cheques)

juros de **5%** a / a

PAGA E RECEBE ATÉ
AS 7 HS. DA NOITE



Fabricação de farinha de mandioca

Nova Interpretação de Nossa Historia

JOSE HONORIO RODRIGUES

Copyright de LEITURA

O EXAME mais demorado, mais sério e menos respeitoso (a falta de respeito é essencial à história) dos nossos vícios, erros e pecados levou-nos a reexaminar a nossa formação e as nossas origens sob um ponto de vista mais crítico que caracteriza, exatamente, o renascimento dos estudos históricos.

Iniciou-se, assim, uma nova idade madura da nossa história, onde, ao lado do estudo dos textos e documentos, alertava-se o espírito crítico, distinguiram-se as épocas, dava-se ao leitor o sentido agudo das diferenças e analogias. Os velhos dogmas predominantes no período de Southey e Varnhagen,

que a história era o passado político ou a biografia coletiva, eram abandonados para sempre.

Na história da nossa história, a obra que Caio Prado Júnior acaba de publicar representa um marco definitivo na arte ou na técnica de escrevê-la. Trata-se do livro histórico de lógica mais impressionante até hoje aparecido entre nós e que a nova e estranha luz projetada na compreensão do nosso passado como o melhor e mais afiado instrumento de análise do Brasil.

A época escolhida pelo autor para início de seu estudo é, de modo geral, considerada característica, pelo fato de nela rompermos com

o regime colonial. Que este permaneceria e se perpetuaria, todos não temos dúvida. Sobre isso escreveu o autor magníficas páginas, que nasceram clássicas, pelo valor e dignidade de suas idéias. "O Brasil não sairia tão cedo, embora nação soberana, de seu estatuto colonial a outros respeito, e em que o 7 de setembro não tocou". Continuamos a ser simples produtores de alguns gêneros destinados ao comércio internacional, simples fornecedores de produtos tropicais. Realmente, a liberdade é muito mais a presença da oportunidade econômica, do que a ausência do constrangimento político. No nosso caso não houve a oportunidade de libertação econômica e o constrangimento apresentou-se sob outras formas. Não era mais o regime colonial imposto por Portugal, mas o estatuto colonial estabelecido por forças estranhas à nossa vida. Subordinados economicamente a mercados estrangeiros, sem mercado interno, "ainda hoje não completamos a nossa evolução da economia colonial para a nacional".

O autor retrata admiravelmente a evolução da nossa economia colonial como uma evolução cíclica, ou como se poderia ainda dizer, uma sucessão de desequilíbrios. Desequilíbrios do açúcar, do algodão, da borracha, das minas e, hoje, do café.

O que é preciso acentuar, especialmente, é que se trata de um livro de unidade e generalidade lógicas. O Brasil é visto como um e total. Não se trata de um livro regional através do qual se quisesse ver o Brasil todo, alargando demasiadamente a vista, numa atitude unilateral. Livro de conhecimento profundo e geral, ao findarmos suas páginas, sentimos que o autor não se restringiu a um quadro limitado, a certo ambiente determinado por certas condições geográficas ou econômicas, geradoras de formas sociais tais ou quais. Ao contrário, o autor sentiu o Brasil todo: estudou sua formação, fazeste ou aquele rumo, a este ou do valer, condições que originaram aquele pedaço. Acentuou a importância do açúcar no Nordeste, mas não esqueceu o povoamento que, em outras altitudes e noutras latitudes, condicionaram lavoura diferente, não esquecendo a formação peculiar de São Paulo ou do Maranhão. Não esqueceu também as minas, cujo aparecimento determinou definitivamente a mudança brusca do centro econômico do Norte para o Sul.

Não desmediu a importância do açúcar que estruturou formas sociais diferentes das do Norte, cujos alicerces se assentaram não na fazenda, porque as terras eram comuns, mas nos frutos da indústria com que cada um as fabrica e de que são únicos instrumentos os

(Continua à pg. seguinte)

Uma Viagem Memorável

HERMES LIMA

Copyright de LEITURA

NA Biblioteca Histórica Brasileira, que a Livraria Martins está editando, um dos volumes aparecidos mais importante é o de Jean Nienhof, a *Memorável Viagem Marítima e terrestre ao Brasil*, obra que constitui fonte de grande valor para o estudo do Brasil Holandês.

Nienhof foi grande viajante, conheceu o Oriente, esteve na China, visitou Malaca, Sumatra, Amboina, a serviço da Companhia das Índias Orientais. Antes, como agente comercial da Companhia das Índias Ocidentais, estivera no Brasil, aqui se demorando pelo espaço de nove anos. Observador inteligente, havendo aprendido o português, sua *Memorável Viagem* ficou como um dos documentos essenciais para a história da aventura holandesa no Brasil.

A significação especial da obra de Nienhof está em que ela é justamente a que nos relata a situação econômica e social, que precede e gera a reação que acabou expulsando os holandeses. Sob esse ponto de vista, a *Memorável Viagem* não tem rival na bibliografia do Brasil holandês.

Da obra de Nienhof muitos trechos em português se haviam já publicado, porém pela primeira vez foi agora editado na íntegra. A edi-

ção é excelente. Traduzida do original inglês pelo sr. Moacir N. Vanconcelos, coube ao sr. José Honores Rodrigues, cotejar essa tradução com o original holandês, tocando-lhe ainda a tarefa de anotar a obra toda, redigir a introdução, assim como a nota bibliográfica e a bibliografia do autor.

O sr. José Honório Rodrigues desempenhou-se dessas tarefas com segurança, erudição e conhecimento do assunto realmente notáveis. O trabalho do jovem historiador nas anotações é mesmo surpreendente pelo número e variedade e interesse e precisão delas. Revelam até certa pontinha de luxo, mas que não fica mal ao caráter mesmo da obra. Poucos livros, senão raros livros desse gênero, entre nós, terão sido anotados com a abundância e a competência deste de Nienhof.

Mas, não há senão como louvar esse senso de rigor. Graças a ele, livrou José Honório a edição brasileira da *Memorável Viagem* do grave defeito de que padece a edição inglesa, por onde a nossa se fez. Realmente, confrontando a edição inglesa com a original, pôde José Honório verificar que naquela se haviam suprimido 35 colunas que se encontram na parte final da edição holandesa, além de outros tre-

tido, das relações mútuas entre, por exemplo, a economia e a vida social. Utilizou-se sempre da geografia humana, mas não exagerou suas influências, porque, afinal, o que importa não é o solo, mas o uso que dele faz o trabalho humano. Sempre que estuda o povoamento, a lavoura, etc., procede, primeiro, à sua distribuição e localização geográfica. Extraiu desse estudo sob fundamentos tão sólidos todas as consequências que daí realmente derivaram.

Ao caracterizar, por exemplo, a lavoura brasileira, como exploração em larga escala, oferece-nos esta conclusão: "É deste tipo de organização em que se constituiu a lavoura brasileira que derivou toda a estrutura do país: a disposição das classes, e categoria de sua população, o estatuto particular de cada uma e dos indivíduos que a compõem. O que quer dizer: o conjunto das relações sociais no que tem de mais profundo e essencial".

Caio Prado Júnior não teme conclusões.

Chamou atenção no capítulo "Correntes do povoamento" sobre a expansão para o interior, obra considerável daquele punhado de povoa-

chos; que nomes e datas e referências estavam muitas vezes errados. Tudo isso corrigiu-se na edição brasileira, prova do cuidado e da atenção com que foi organizada.

A crítica bibliográfica e a bibliografia de Nienhof são também objeto de duas notas completas, magistrais de José Honório.

Apezar de haver percorrido terras longínquas e estranhas, de acesso difícil e perigoso no seu tempo, Nienhof não se entregou a fantasias nas descrições de suas viagens. É fundamentalmente verdadeiro. Seu irmão, Henrich Nienhof, conta dele na "Advertência ao Leitor" da *Memorável Viagem*, que era "indivíduo alegre, acessível, bem humorado, de prosa amena e grande admirador da poesia, desenho e música". Ha de ter se divertido muito, e no melhor sentido da palavra, vendo tanto mundo, frequentando nações exóticas.

Para nós brasileiros, Joan Nienhof deixou duas coisas preciosas: um livro e uma invenção. Do livro acabamos de falar. Da invenção vamos falar para dizer, antes de mais nada, que se trata da "médica", essa mistura tão nacional e tão gostosa de café com leite. Foi Nienhof quem a inventou. Não contente com isso, ainda escreveu a *Memorável Viagem*...

dores capazes de ocupar e defender um território de oito milhões de quilômetros quadrados, capazes de transpor e transformar as fronteiras do Brasil.

No capítulo sobre raças não salientou bastante o autor as razões econômicas do desmoronamento cultural, pois, como se sabe, a entrada do branco força os povos indígenas a participarem da engrenagem da economia mundial e assim, o seu progresso ou decadência ficam irremediavelmente comprometidos àquelas razões.

Na p. 150 da sua obra, diz que se deve ao Marquês de Lavradio a introdução, em 1769, do anil. Não desconhecendo Watjen, pois o cita logo a seguir, deveria ter verificado que em 1644 segundo o mesmo, ou em 1642 segundo Nienhof, foram feitas tentativas sérias para o estabelecimento da cultura do indigo na ilha de Fernando Noronha.

Alguns outros reparos, especialmente relativos ao açúcar, serão feitos em outra oportunidade e se referem à introdução da cana caiana, à introdução das fornalhas e ao sistema dos lavradores livres na questão da moagem das canas, etc.

(Continuação da pg. anterior)

braços indígenas. Não foi, assim, sob os fundamentos da indústria açucareira ou outra qualquer que interpretou o Brasil; de um modo severo por vezes duro e inflexível, viu que em sangue e com sangue se amassaram e ligaram pedras e edifícios. O Brasil não é um dom do açúcar, embora lembrasse o autor a frase, porque o Nordeste, onde se gerou sua importância, não explica o Brasil rural e interior, mas sim o gado, as minas, as bandeiras, a expansão pelo sertão e as fronteiras é que explicam.

As forças produtoras e as relações de trabalho são diferentes na unidade econômica brasileira. Talvez o que mais resultará deste trabalho, como ensino, será o método, que nunca vacila, que sempre busca na antropogeografia e na economia sua razão de ser e justifica sua ordenação. As bases são sempre as condicionadas pela terra, homem e produção. As outras razões constituem apenas a face da árvore descascada, mas as suas raízes profundas.

Não procurou evitar — o que é raro no Brasil — a interpretação causal das correspondências de sen-

Auto- Retrato

José Lins visto por José Lins

A Crítica Francesa
e SERETH NEU

PEDE-ME LEITURA algumas notas autobiográficas. Que eu lhe escreva alguma coisa que fale de minha vida. Não acredito que haja em meus 41 anos nada de particular para o interesse de leitores que desejam narrativa de espanto. Nasci de gente rica, nunca passei fome, nunca fui preso, nunca me senti perseguido. Vida de regato sem quedas d'água. Não posso fa-

veis, como si quizessem arrancar a doença, a unha, de minhas entranhas. Foi o pior período de minha vida. Depois tudo foi correndo sem tragédia. Fui estudante, fui jornalista, fui promotor, fiscal de banco, fiscal de consumo, romancista sem caminhar por cima de espinhos. Não tenho inimigos, não tomei o lugar de ninguém.

Um grande amigo me disse uma vez que era um egoísta, que só via em tudo, a minha pessoa. Fiquei a pensar na coisa. Vi, no entanto, que via no mundo mais alguma coisa que a minha única pessoa. Refleti em todos os meus romances, em todos os meus personagens (os que mais sinto) e pude verificar que a humanidade existia para mim. Será que nesta humanidade que eu amo só existe, de verdade, ou mesmo? Que vendo as dores dos homens, as suas angústias, os seus desesperos, eu esteja procurando me defender, procurando um jeito de escapar da vida? Quem sabe que não tem razão o meu amigo? LEITURA quer fatos e eu estou em exame de consciência.

Nasci em 1901, no Engenho Corredor, do meu avô José Lins Cavalcanti de Albuquerque. Fui menino rico, fui estudante rico, — nunca tive doença grave, nunca precisei suar camisa para viver. Devo estas facilidades aos latifúndios de meu avô e depois ao Estado brasileiro. Sou desde 1926 funcionário público, com ordenado que me dá tranquilidade de vida. Tenho três filhas, e moro em casa própria que estou pagando à Caixa Econômica. Nada quero mais do que tenho. Já escrevi 11 livros e espero fazer mais alguns. Gosto dos meus livros, como gosto das minhas filhas. Quando sucede reler algum é como se estivesse a fazer uma carícia paterna. Podem não prestar, mas gosto deles.

Em síntese é esta a minha vida: de menino rico a funcionário bem pago. Não me sinto preterido, entendo, roubado.

Agora, isto de dizer que só sou um egoísta, é julgamento duro demais. Porque, há momentos, em que sofro, de fato, pela humanidade. Sei que amo a humanidade porque odeio as tiranias com todo o peso de um corpo e toda a pureza de minha alma. E este odiar sem tréguas a opressão me reabilita de todas as minhas fraquezas. O moleque Ricardo pode dar o braço a Carlos de Melo. Eles dois juntos compõem a humanidade que eu amo.



José Lins do Rego

lar mal da vida e — nem tão pouco me senti roubado. De mim nada tomaram até hoje. Nunca sofri uma seria injustiça. Fui menino de colégio que apanhei muito do meu diretor, Eugênio Lauro Maciel Monteiro, porque merecia mesmo apanhar. É verdade que me criei sem mãe. É tudo quanto posso arguir contra o destino: o de ter ele matado a mãe a um filho com menos de um ano.

Fora o que sempre ouvia dizer quando comeci a entender-me de gente: "coitadinho, tão pequeno, e sem mãe!" Isto me doía de verdade. Tive uma infância de "Menino de Engenho", atormentado pela asma. — Tudo me fazia mal: sol, chuva, goiaba verde, mormaço, banho de rio. Responsável por tudo era o "puxado". Toda a minha infância foi assim perseguida pela doença. O remédio que me davam para cura era os vômitos terri-

da "Société des Gens de Lettres" — de França que acaba de publicar no Brasil:

MICHEL PLATANAZ

"Alors que tant de livres, à quel que genre qu'ils appartiennent, se décorent du nom de roman. Mme Sereth Neu, a sévèrement intitulé "étude" ce roman véritable, même s'il est véridique. Il contient, d'ailleurs, une analyse très poussée d'un caractère de femme ordoyante et diverse, d'autant plus exactement dépeint, sans doute, qu'il est plus instable et plus complexe. Cette fine et curieuse "étude" de femme, bien indulgente, peut-être, pour les défauts du modèle, mais en tout cas fort édifiant, est précédée d'une intéressante et judicieuse préface de M. André Bellessort.

(Le Figaro — Jacques Patin)

Une madame Bovary plus émanicipée. Après une cure d'indépendance, elle regagnera son foyer. Une étude sous forme de roman.

(Intransigeant)

Madame Sereth Neu débute dans les lettres avec "Thérèse Quincia" étude de psychologie féminine d'une attachante sincérité.

(Cri de Paris)

Ce qui fait le charme de ce récit, c'est son style clair, naturel et vivant. Madame Sereth Neu sait écrire, c'est un fait.

(La Pensée Latine)

MICHEL PLATANAZ — o novo romance de SERETH NEU — é uma edição de

— ATLANTICA EDITORA —

MICHEL PLATANAZ, de Sereth Neu, editado pela Atlantica Editora, é um romance escrito com muita naturalidade, força emotiva e com uma grande poesia que vem da própria terra de Savola que aí aparece, magnífica, como se fosse uma das personagens do livro. Um drama simples, tipos bem definidos e muita humanidade.

MICHEL PLATANAZ — um volume em papel Bouffant, — de 334 páginas por Cr \$ 22,00.

Contistas do "Prêmio"

Reportagem

O CONCURSO anual de contos, PRÊMIO DE CONTOS HUMBERTO DE CAMPOS, instituído pela José Olímpio editora, já revelou dois grandes contistas. Telmo Vergara, o primeiro a obter o prêmio, com o excelente livro *Cadeiras na calçada*; no ano seguinte, Luiz Jardim, com *Maria Perigosa*, uma verdadeira revelação e hoje um dos nossos maiores contadores de histórias para crianças, sem falar nas ilustrações que ele mesmo faz para os seus livros. E em dezembro do ano passado, julgadores escolhidos pela José Olímpio — Aníbal Machado, Raimundo Magalhães, José Lins do Rego, Herman Lima e Almir de Andrade — premiaram *Navio sem porto*, de Lia Corrêa Dutra.

O desejo de estimular os novos escritores brasileiros parece ter sido compensado, pois os livros vitoriosos encontraram boa aceitação do público e da crítica.

Cadeiras na calçada indicou um grande fixador de cotidianos. Simples, puras, as histórias de Telmo Vergara nos fizeram ver coisas que nunca víamos, mas sobre as quais passávamos todos os dias, como no deslumbrado poema "Visão" de May Watts.

Navio sem porto, de Lia Corrêa Dutra, reúne contos dignos do prêmio que lhes concederam.

Ela já era conhecida por suas colaborações para o "Correio da Manhã", "Diário de Notícias", "O Jornal", "O Cruzeiro", "Revista do Brasil", tendo mantido um rodapé no "Imparcial", mas que nunca lhe foi pago.

— *Navio sem porto* é o meu primeiro livro de contos e foi escrito especialmente para o concurso Humberto de Campos. Entreguei-o quando faltavam apenas alguns minutos para encerrar o prazo. Fiquei numa aflição horível, mas afinal foi entregue...

— E venceu...

— Pois é. Venci.

Lia Corrêa Dutra nasceu aqui mesmo, no Rio, mas, se lhe agrada, poderá passar por uma cearense... Os temas de seus contos são quasi todos tirados de fatos e costumes cariocas.

— Escrevi-os sem preocupação política, mas não deixam de exprimir as inquietações, alguns problemas e algumas vicissitudes da época. Ninguém pode ficar indiferente ao que se passa no mundo, à luta contra o nazismo. *Navio sem porto*, que dá o título ao livro, é a história daquele navio cheio de ju-

deus que andava desesperadamente à procura de um porto... Lembra-se? Ele esteve também aqui na Guanabara, de passagem. Gosto desse conto.

— E dos outros?

— Bem, é natural que eu goste de todos, mas reconheço que há uns dois assim-assim... Sabe? São oito, ao todo. — E Lia Corrêa Dutra fez um gesto com a mão, sorrindo. Falou um pouco do drama da vocação, do tempo enorme que



Lia Corrêa Dutra

muita gente perde num conto que logo depois é rasgado ("mas vale a pena"); falou da necessidade da experiência, que a seu ver é tudo; citou o nome de Genolino Amado; contou as estranhas amabilidades de uma cadelinha para com uma gata que havia parido naquele dia; queixou-se de certas visitas que a iam interromper no melhor do trabalho, quando estava inteiramente esquecida do que a cercava, e acrescentou, voltando ao livro:

— "O trem", "A Finada dona Ninhas", "Banho no rio", "O Negro", "Adolescência" — não estão maus.

As crianças são o seu tema predileto e lê Tchecoff com a paixão sempre incontida que o escritor russo provoca num contista. Tem por William Faulkner uma grande admiração e não compreende porque ainda não traduziram nenhum de seus livros. Na verdade, esse americano discípulo de Dostoiévski merecia a atenção de nossos editores,

assim como já me eceu um excelente estudo de Almiro Holmes.

— Acho Graciliano Ramos um grande romancista. E' formidável — disse, querendo fugir das notícias para LEITURA.

Não obstante a admiração sincera e justa pelo autor de "Angústia", recentemente escolheu José Lins do Rego (José Lins do Rego e o romance brasileiro) para um longo e acertado ensaio, que saiu em *Scara Nova*, de Portugal e posteriormente distribuído em plaquete pela mesma revista.

— Mas não gosto de fazer ensaio ou artigo. Prefiro o conto.

— E o romance?

— Acredite-me que não consigo fazer dois capítulos dum romance. Todas as minhas tentativas se transformam em contos, simplesmente.

— Depois de uma pausa: — Em 1931 fui premiada com um livro de versos, *Sombra e Luz*, pela Academia Brasileira de Letras.

— Presta?

— Não presta. E' um livro tão infantil e pretencioso que me fez merecer o gracioso título de "espírito alcandorado", de certo crítico...

E não quiz revelar o nome do crítico, mas o certo é que esse homem alcandorado ainda continua vivo e escrevendo e, de tempo em tempo, delatando...

— Ganhei um outro concurso...

— diz, rindo-se, zombeteira.

— Importante?

— Sim, e muito! Fiz uma carta sobre o filme "O Príncipe e o Es-

Uma Autobiografia



Eliczer Burlá

Humberto de Campos”

e Melo Lima

tudante” e ganhei quinhentos mil réis. Eu tinha quinze anos, as colegas de colégio me fizeram uma grande festa e eu fui filmada quando recebia o prêmio.

— Não quer mais saber de versos, porém a humanidade de seus contos revela a poesia que vem espontaneamente da própria vida. Aníbal Machado, esse Ternura paternal e lírico invulgar, considera Navio sem porto um grande livro e não me esconde o seu entusiasmo para com o “Banho no rio”. “É trágico e muito emocionante”, acrescentou-me.

— Ficou satisfeita com o concurso?

— Demorou, mas está claro que o resultado me fez esquecer esse fato tão significativo para quem concorre assim pela primeira vez.

Lia Corrêa Dutra é uma criatura sem atitudes e gosta de falar nos seus trabalhos. Mora numa casa grande, com automóvel, jardim, quadros, poltronas e tudo. Está preparando outro livro e possivelmente um romance.

— É difícil, diz-me, mas vou tentar mais uma vez.

Com a experiência atual que lhe permitiu vencer inúmeros concorrentes e com a que se obtém à custa de exercícios e mais exercícios, há de escrever romances. Estou certo.

— Mas vamos primeiro saber o resultado de Navio sem porto, conclui, acompanhando-me até a porta da rua.

a de Eliezer Burlá

TENHO um nome que parece pseudônimo: Eliezer Burlá. Nasci no Distrito Federal a 7 de setembro de 1920, dia e mês em que D. Pedro resolveu a liberdade do Brasil.

Fiz o curso primário e de admissão na capital quando, aos 12 anos, minha família embarcou para o Pará e, matriculando-me no Ginásio Paraense em Belém, fez com que tomasse gosto pelos estudos. Nunca fui, entretanto, um aluno aplicado ou de inteligência fora do comum. Sempre gostei de ler e escrever, como outros gostam de passar o dia inteiro na rua soltando papagaio.

Ao terminar o 3.º ano ginasial fui levado a Natal e ali, no Ateneu Norte-Riograndense, fiz um péssimo 4.º ano que me deixou dependente de uma terrível matéria: química.

Leda Maria Conta-nos Os Seus Varios Sucessos

NASCI aqui mesmo no Rio, por volta de 1920. Era o único rebento da família e por isso cresci sozinha. Por isso também me acostumei desde muito cedo a ler horas seguidas. Li todas as aventuras de



Lêda Maria

gatos, cães, patos e coelhos que se publicavam naquele tempo. Depois evolui para as aventuras da turma de D. Benta e para os livros da Condessa de Segur. Li “Os desastres de Sofia”, “As meninas exemplares”, “As férias”. Quando acabei, fiquei com tanta pena que es-

De volta ao Rio, em 1935, terminei o curso ginasial, ingressando na Escola de Agronomia onde fiz os complementares. Não prossegui por falta de recursos. Pela primeira vez a literatura me pareceu útil como o meio mais fácil de ganhar dinheiro. Fui tradutor de diversas revistas e colaborador de outras, entre as quais “Caricaca”, “Vamos Ler”, “Seiva”, “Rotelero” e “Esfera” — na época em que os ânimos fervilhavam e havia um grande entusiasmo entre a rapaziada de 18 a 20 anos.

crevi uma continuação. Infelizmente a obra prima se perdeu.

Só muito mais tarde criei um personagem. Neste tempo era infatigável de Julio Verne, vivia agarrada a livros de aventuras e pensava “there is no place like Africa”. Estava lendo um livro de caçadas. Os caçadores eram dois, duas criaturas perfeitas e invulneráveis que enfrentavam a morte vinte vezes ao dia sem pestanejar. Acabei me cansando de tanta coragem e inventei um terceiro caçador, criatura humaníssima que batia os dentes, arripiava os cabelos e não desdenhava uma boa corrida.

Depois meu tio fez um concurso de quebra-cabeças e ganhou como prêmio uma assinatura do “Malho”. Eu me tornei leitora assídua da “Caixa”, que reproduzia de vez em quando trechos dos pretendentes falidos. Um dia achei que se não conseguísse fazer nada melhor do que aquilo, pior também não poderia e mandei um pequeno conto, escrito às escondidas. Até hoje não sei quem na realidade dirigia aquela seção. Mas era uma pessoa amável e paciente. Não só publicou o meu trabalho, como ainda me aconselhou.

Quando o “Malho” se tornou mensal e encerrou a seção da “Caixa”, eu me vi reduzida a ser meu único público. Nunca teria coragem de embarafustar por uma redação ou casa editora com um famigerado rolinho de papel embaixo do braço. Foi então que me lembrei de fazer concursos. Comecei pelos concursos permanentes de Ca-

(Continua à pg. 25)

O conto foi o gênero que mais me atraiu, talvez porque me aparecesse como um prelúdio ao romance. Nunca entrei em concursos literários, exceção feita do de “Humberto de Campos”, da José Olímpio, que me facultou uma menção honrosa.

“Os Braços Suplicantes” é o título do principal conto do livro que tem o mesmo nome. Acredito que tenha algumas qualidades, porque é sincero e está em coerência comigo mesmo. Si é mais bom do que mau, os leitores é que dirão.

O Gato Fialho

ASTROJILDO PEREIRA

Copyright de LEITURA

LEMBRO-ME bem de que, aí por volta dos meus vinte anos, dois, entre os escritores portugueses mais conhecidos, disputavam as minhas preferências de leitor infatigável e desorientado: o prosador Fialho de Almeida e o poeta Gomes Leal. Não tanto o Fialho ficcionista, autor de contos, criador de mundos, nem o Gomes Leal das *Claridades do Sul*, tão cheio de ternuras líricas, mas antes o Gomes Leal das tremendas virulências do *Fim de um Mundo* e o Fialho dos sarcasmos contundentes, espécie bem portuguesa de caceteiro literário. Eu andava ainda meio bêbedo da primeira campanha civilista; porém, desencantado já do que via em torno de mim, buscava com sofreguidão alguma coisa nova que significasse um rumo, um roteiro, um fânal. A consequência lógica desse estado de espírito era o desejo, a ânsia, a fúria de demolir e arrazar tudo. Interessavam-me, por isso, em primeiro lugar, os campeões da sátira, os panfletários, os polemistas, os guerrilheiros da letra de forma. Fialho pertencia, justamente, a essa categoria, e daí as minhas preferências.

Regra geral, os escritores dessa categoria se esgotam depressa e acabam quasi sempre mais famosos de referência do que conhecidos de leitura, o que facilmente se explica pela própria natureza ocasional do gênero. Apenas fragmentariamente consegue um ou outro resistir à prova do tempo, e assim mesmo de modo relativo, mais ativamente aos processos de expressão do que à essência ou à substância da obra. É este o caso, sem dúvida, do Fialho das verrinas e pasquinadas. Seria penosa tarefa para os leitores de hoje ler — já não digo reler — toda a sua obra de panfletário, que enche uma dúzia ou mais de volumes. São volumes demais, são milhares de páginas mortas abafando sob o peso da quantidade duas ou três centenas de páginas dignas de sobrevivência. E eis pois como se impõe, em circunstâncias tais, a necessidade das páginas escolhidas, comodamente enfiadas num só volume, como este que José Lins do Rego seleccionou e prefaciou, por incumbência das Edições Livros de Portugal.

José Lins do Rego escolheu uns vinte artigos dos melhores e mais característicos, publicados no rumoroso panfleto *Os Gatos*, que Fia-

lho de Almeida redigiu, entre 1889 e 1894, com unhas e intenções felinas — por vezes mais de tigre que de gato. Aqui está, bem típico, bem ele mesmo, o Fialho áspero e desabusado, como aliás convinha ao seu officio de panfletário. Mas aqui encontramos também, como acentua o seleccionador e prefaciador, o Fialho bom, o poeta Fialho, "o artista de alma quente, de olhos e ouvidos abertos à natureza, às cores e à música da vida", em suma, o Fialho que sobreviverá. Na verdade, o gato Fialho não raro miava mais e arranhava menos do que pretendia. Muito felizmente para ele próprio.

Si me pedissem para seleccionar nesta seleção o que me parece mais autenticamente fialhesco, eu apontaria sem hesitar o artigo intitulado "A cozinha portuguesa". É um trecho de boa prosa gorda, succulenta, fumegante, da qual se pode com toda a propriedade dizer que está condimentada a carater. Não lhe falta sequer, de onde em onde, uma pitada de grossa facécia, como

esta alusiva a certos efeitos que a comezaina costuma produzir: "... em Portugal não há província, distrito, terra, que não registre entre os monumentos locais, a especialidade de um petisco raro, sábio, fino, verdadeira sinfonia de sabores sempre sublime, embora uma ou outra vez palreira e desinquieta nas regiões infra-diafragmáticas do tubo esmoedor". O escritor nos aparece a lamber os beiços quando se refere à "caldeirada de salfio e eirós dos catraeiros da Trafaria e Porto Brandão", ao "coelho com sangue e arroz da Bairrada, esmagado à pedra", às "sopas de tomate, ovos e queijo", ou, enfim, "ao sagrado e arquissimplíssimo caldo verde, essência da vida, móvel de atividade e de força, que faz o segredo da validade das nossas raças do norte...". De toda a evidência, esse artigo de Fialho nos mostra como a culinária e o estilo se podem confundir e identificar como formas de expressão daquilo que existe de mais nacional num povo.

O Pecado do Mundo

DIAS DA COSTA

Copyright de LEITURA

O que ressalta principalmente neste livro de Maxence Van der Meersche é o tom de realismo que perdura em todas as suas páginas. Não um realismo sensacionalista, procurando explorar o escabroso ou o repulsivo, mas um realismo quasi sereno, que não recua diante de qualquer tema, mas que aborda a todos com uma sincera compreensão não isenta de certa ternura. Daí o clima doloroso alcançado em todo o desenrolar do romance. Doloroso sem ser pessimista, registro equilibrado de fatos e reações humanas, em um ambiente onde tudo parece muito pouco romanceável. Denise, por exemplo, a modesta heroína da história, sente-se conduzida quasi sem qualquer reação por tudo que se passa à sua volta. Começa cedo para a vida, para a terrível vida do Paris dos bairros pobres de antes da primeira grande guerra. As horas de sua infância e de sua adolescência não tem os vagares dos que podem parar para sentir os dramas que estão atrás de cada porta de cortiço, que se despejam para os patamares e pátios lóbregos das casas de habitação coletiva. Dentro de sua própria casa, o trabalho sobra, falta o dinheiro, seu pai está sempre de mau humor e a espanca, sua mãe trabalha, é espancada e lhe bate. Tudo está organizado assim, com aparência de coisa imutável. Denise não tem consciência de que é uma criança infeliz enquanto sua tia não o diz em sua presença. A idéia de felicidade está acima de suas possíveis cogitações. Assim, nesse ritmo quasi monótono de registros diários, com uma enumeração de acontecimen-

O Rio de Janeiro, de J. M. Macedo

AGRIPINO GRIECO

Copyright de LEITURA

O livro é mau? Não, o livro é bom. Apenas não é o livro que eu esperava. O título, "Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro", sempre me fazia entrever um regabofe de tipos populares, de notações pitorescas sobre este retalho de Brasil em que tenho vivido quarenta anos. Ora, a reedição de Macedo veio trabalhar um bocado contra o meu gosto de saudosista.

Julgo eu a antiga Sebastianópolis qualquer coisa de prodigioso? Não, não julgo. Estou mesmo certo de que, sob todos os aspectos de arquitetura, de urbanismo, o que vai por aí hoje é mais agradável do que o que foi nos dois reinados, no começo da República. Evidentemente,

se eu pudesse ressuscitar o mundo carioca (ou fluminense...) da época de Laurindo Rabelo ou mesmo do Castro Urso, não o faria. As casas de hoje são melhores e até as almas são menos roncintas. Mas o exato é que, na minha ternura de garoto de cabelos brancos, persiste um recanto em que cabe um daqueles pardieiros da plebe com a sua fauna variadíssima...

Ora, o que eu desejava, ainda que envergonhado da minha fraqueza, era que o autor amplamente me falasse dessa gente extinta. E Macedo, mais um escriba que um caminhante de becos e ladeiras, achou melhor internar-se pelos edifícios solenes do que mover-se em meio

aos tipos da patuléia. Estar entre quatro paredes venerandas é preferível a vagabundar sob o céu de que veem chuvaradas favoráveis às bronquites... Fala-nos em passeio, mas a sala de palestra bem mais o atrai que o pó das ruas ou a lama levantada pelas seges.

Referindo-se ao Palácio Imperial, esquece tantas vezes o anedótico, o pitoresco, supremo encanto de trabalhos assim (ah! as peregrinações de Hallays e de Cain através das cidades, das aldeias de França!), e demora-se a fornecer-nos detalhes gravemente históricos. Vê-se que as crônicas apareceram no "Jornal do Comércio": eram folhetins, mas folhetins do mais austero e encasacado dos nossos diários.

A propósito do vice-rei Luiz de Vasconcelos, lá vem cena de amor, bastante ao gosto do homem das namoradeiras e dos chichibéus burgueses do "Moço louro" e da "Moreninha". Manifesta a vontade de explicar tudo, inclusive a criação de um parque (no caso o Passeio Público), através de episódios novelescos. Prolixidade? Talvez. Mas com a desculpa de que tudo isso foi redigido para gente que dispunha de lazeres na sua rua estreita, sem automóveis.

A descrição do convento de Santa Teresa oferece-nos a história de uma devota, em ambiente de milagre. Evocação notável, sim, verdadeira obra-prima, sem superfluidades irritantes, a da Igreja de São Pedro, com a nobre figura de Alexandre Dias de Rezende, um mestiço, cristão à antiga, incapaz de rancores e bemfeitor póstumo dos que o haviam menosprezado. "O Imperial Colégio de Pedro II" deveria constituir monografia à parte: bom capítulo, mas derramado, extenso demais para o conjunto, sentindo-se no cronista a meia validade de ser professor de lá. O famoso incêndio do Recolhimento e da Igreja do Parto é também explicado de modo romântico.

Em suma: o elemento popular é o que não se vê muito. Astrojildo Pereira não deixou de sugerir-lo ao indicar a falta do "senso do folclórico" em Macedo. O homem pelava-se por uma visita às casas de governo, e ficava lá no interior pesquisando, relembrando.

—o—

Quem quer que disponha de férias, tome desse livro, possivelmente longo para leitura aqui na metrópole, e vá passar alguns dias com ele entre as árvores da província...

tos do cotidiano, vai o autor conduzindo suas personagens. Tudo é visto através de Denise, de sua sensibilidade mais ou menos embotada. Se o autor não força nenhuma tecla para alcançar momentos culminantes, também não recua diante de qualquer pormenor necessário ao conjunto. E não há um só momento em que seja necessário ao leitor um descanso na leitura. É que, com precisão de fotógrafo, vai registrando os mais reais aspectos de numerosas existências. Acompanhamos passo a passo a moléstia do pai de Denise, seus desejos súbitos de iguarias difíceis, suas brigas com a mulher, seus ideais políticos, sua ternura tardia pela família. Em volta, há as mulheres que se entregam, as disputas pela vizinhança, o sexo ocupando um grande lugar na vida de todos. Depois, são as modificações trazidas pela guerra, os homens estrangeiros possuindo as mulheres dos que estão no "front", os americanos trazendo dinheiro. O trabalho continua na vida de Denise. Esse trabalho que é uma maldição permanente na vida dos desamparados. Uns vão caindo, vão ficando para trás. Mas a vida continua com o seu ritmo triturrante.

Não há conclusões no livro de Van der Meersche. Ele não procura explicar porque o seu mundo é assim, nem afirma que poderá deixar de o ser algum dia. A maioria sucumbe, é esmagada, outros ocupam o lugar dos que tombaram. É a guerra pela vida, muito mais cruel do que a guerra nas trincheiras. Entretanto, alguns escapam. Escapam marcados, com cicatrizes indeleveis para o resto da existência. Denise, por exemplo, é das que escapam. Mas, são as cicatrizes que traz consigo que lhe ditam as palavras que ela escreve um dia, quando o mundo em que nasceu e que a encarcerou durante anos, ficou para trás como uma dolorosa recordação:

"E eis porque me resta alguma coisa hoje, uma melancolia, o pensamento perpétuo de que outros infelizes, nesse mundo de que pude me evadir, continuam a empurrar a roda... A idéia de que tudo o que utilizamos custa sofrimentos insuspeitados. E, sobretudo, a impossibilidade material de me adaptar, de me fazer semelhante àqueles e àquelas que não conheceram isto. Vejo mulheres em torno de mim, jogar tennis e guiar automóvel, discutir "toilettes" e penteados, viver apenas com o cuidado de seu prazer e da sua beleza. E penso em mim, em Vévelne e nas demais, em tudo o que impunhamos em sofrimento e em dor às nossas carcaças, por um pedaço de pão... Lázaro, ressuscitado, não sabia mais viver entre os vivos. Eu não sei mais viver entre os felizes..."

Uma Antologia de Contos

RUBEM BRAGA

Copyright de LEITURA

LIVROS de contos costumam ser mau negócio em nosso país, e não sel si também em outros. O público evidentemente gosta de lêi contos em jornais e revistas; mas quando se trata de comprar um livro prefere uma história só, um romance grande, que dê tempo para o leitor criar amor e raiva pelas personagens. O prestígio do romance sobre o conto vem talvez dessa cronometria sentimental que leva tantos estudantes a se apaixonar pela filha da dona da pensão. Um romance ruim raramente pode ser tão ruim como um conto ruim; nossos corações continuam a ser prolixos no meio de toda a rapidez das coisas de hoje. Quantos de nós não aturamos com mais facilidade um conhecido chato através dos anos que um companheiro de viagem cacete durante quatro horas? A repetição é uma força desgraçada, e nossas almas fracas são vencidas pela repetição de imagens; sem querer tomamos

velha senhora estava cansada, mas não tinha coragem de largar a história, já estava demasiado presa à sorte das personagens, e durante todo o tempo se queixou que a história era muito cacete, mas foi até o fim. Essa senhora não se interessava de maneira alguma por contos. Sim, nossos corações são lerdos e monótonos.

Essas divagações me chegam a propósito da antologia "As Obras Primas do Conto Universal" que a Livraria Martins editou, com introdução, notas, compilações e traduções de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Talvez devido à apresentação, talvez ao critério seguido na seleção, o fato é que esse livro está ficando relativamente popular, coisa rara em livro de contos; eu o tenho visto em mãos inesperadas de moças, no ônibus. O livro merece isso, embora seja muito ambiciosa a afirmação da capa: "os maiores contistas do mundo nas suas mais belas histórias". É exagerado, mas devemos render justiça ao bom gesto de Edgard Cavalheiro e Almiro Rolmes, bom gosto muito menos frequente nas ilustrações de Urbano. A introdução é bem informativa, e assim também as notas biográficas e críticas que precedem cada conto. Essas notas aumentam sensivelmente o valor do

livro. Os mestres representados são Andersen, Anatole, Andreief, Balzac, Cervantes, Daudet, Dickens, Hoffmann, Mansfield, Mark Twain, Maupassant, O. Henry, Peretz, Pirandello, Poe, Saji, Strindberg, Tchecoff, Tolstoi e Wilde. Os compiladores lamentam, e com razão, não terem podido incluir outros nomes, como os de Kipling, Conrad e Dostolewsk. Outras omissões que o leitor deve ter sentido na lista são devidas ao critério de não incluir contos de autores da língua portuguesa e escritores vivos. Todos os gêneros estão bem representados.

Embora seja às vezes muito discutível a preferência dada a este ou àquele autor, ou a este ou àquele conto — nada é mais furiosamente discutível que uma antologia — a verdade é que se conseguiu manter uma qualidade literária média bem aceitável. Nenhum conto chega a comprometer a seleção, e muitos são realmente obras primas. Junte-se a isso que as traduções são, no geral, razoáveis, variando a qualidade por variarem os autores. E eis aí um livro útil do ponto de vista de divulgação cultural; da amenidade de sua leitura, às vezes cheia de encantos, posso dar testemunho, porque li o livro inteiro numa viagem a S. Paulo-Rio, pela Central, estrada cansativa e feroz.



Charles Dickens

interesse pela paisagem mais banal que todo o dia está diante de nossa janela, e mesmo quando supomos aborrecê-la na verdade estamos de algum jeito presos a ela.

Assim o gênero difícil que é o conto é também um gênero ingrato. Jamais me esquecerei da raiva e do amor com que uma velha senhora minha conhecida acompanha um interminável folhetim dominical. Eu era encarregado de por em ordem os rodapés, e isso durou anos; a

Concurso Interamericano

PATROCINADO pela "Revista do Brasil", com o apoio da Sociedade Filipe de Oliveira, o Concurso Inter-Americano desta vez obteve ótimo resultado na escolha dos livros que vão representar a literatura brasileira no julgamento final, a realizar-se nos Estados Unidos.

Na seção de Romance foram escolhidos *Terras do sem fim*, de Jorge Amado e *Marco Zero*, de Osvaldo de Andrade. Votos de Manuel Bandeira e Prudente de Moraes Neto. Alvaro Lins votou em *Água-Mãe*, de José Lins do Rego.

Na seção de Sociologia, História, Viagens e Memórias, os trabalhos *Hileia Amazônica*, de Gastão Cruls e *Caminhos e Fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda, indicados por Afonso Arinos de Melo Franco e Artur Ramos, contra o voto de Roquete Pinto, que escolheu o primeiro daqueles livros e *Bartolomeu de Gusmão*, de Afonso de E. Taunay.

Na seção Literatura Juvenil foi escolhido unanimemente *Pequena História de Amor*, de Marques Rebelo e Arnaldo Tabalá. Votos de Carlos Dumond de Andrade, Abgar Renault e Augusto Frederico Schmidt.

O sr. Augusto Justo Pastor Benitez, escritor paraguaio domiciliado aqui e ex-ministro do Paraguai no Brasil, apresentou *La vida heroica del Mariscal Felix Estigarribia*, que foi enviado para julgamento nos Estados Unidos.

Força e Encanto de "Boemios Errantes"

DALCIDIO JURANDIR

Copyright de LEITURA



John Steinbeck

ESCREVI estas histórias porque eram histórias verdadeiras e porque me agradavam. Mas os literatos receberam esta gente com a vulgaridade de duquezas que se divertem e se lamentam por causa dos camponeses. Estas histórias estão na rua — e nada posso fazer "diz John Steinbeck na abertura de seu "Tortilla Flat" excelentemente traduzido por Edison Carneiro com o título "Boemios Errantes" para a Casa Vecchi Editora.

A história em "Boemios Errantes" é a história de um grupo de encantadores aventureiros em Monterey, uma velha cidade da costa da Califórnia. A aventura sempre saborosa e selvagem de Danny, dos amigos de Danny e da velha casa de Danny a que se refere o romancista.

Danny nasce aventureiro, dormia na floresta, trabalhava nos ranchos, tinha uma vida rude e difícil como ele gostava. O tipo de um norte americano primitivo que respirava o ar dos pinheiros, olhava uma baía azul e peregrinava pelas toscas habitações de madeira onde os "paisanos" não sabiam ainda roubar nem sonhavam os "complicados sistemas de negócios americanos" que fizeram a glória inhumana do Wall Street.

A força de John Steinbeck está, justamente, nas suas histórias de rua das quais ele não pode fugir porque são a substância de sua arte, o segredo de sua própria vocação literária, a sua profunda integração no povo, nas grandes massas, nos enormes sofrimentos coletivos, nos ingênuos sonhos do camponês errante, na angústia dos "sem trabalho" e na consciência política dos trabalhadores urbanos. O romancista de "Vinhas da Ira", escritor mau disse o confortável sr. André Maurois, mau porque seus livros não mentem nem entorpecem

nem desconversam como os do sr. Maurois, abriu um caminho novo no romance norte americano, trouxe para a indecisa literatura de seu país uma consciência poderosa de vida, a contribuição do povo, tão essencial para uma verdadeira literatura. Num país jovem, sem tradições literárias, sem fundas raízes culturais como os Estados Unidos, o romance, sobretudo, tem de nascer do seio primitivo do povo, das fontes bárbaras do homem que se espalha e se define nas montanhas e nos campos, nos ranchos e nos algodoads do imenso país dos negros da Virgínia e dos vaqueiros do Far West. John Steinbeck com o ímpeto e a dureza de seu romance transmite-nos esse caráter que faltava ao romance norte americano. Sente-se que há uma presença social dos Estados Unidos nos seus livros, a presença vital do povo que dá um sentido eterno e universal à arte. "Vinhas da Ira", "Boemios Errantes" trazem a marca da terra e da gente norte americana, as lutas ásperas, as brutalidades, os tumultos, a existência incerta e perigosa dos homens que estão criando a civilização ianque, que estão plasmando uma nova liberdade, os fundamentos de uma cultura que ainda não há e isso representa o caráter de uma literatura tipicamente norte americana e com uma real densidade de vida.

"Boemios Errantes" é um romance breve e podemos falar aqui num

adjetivo exato: fascinante. Sim, genuinamente fascinante. E essa fascinação nos leva a amar e participar em todas as aventuras, alegrias e inquietudes dos humildes e errantes personagens que percorrem as ruas e os ranchos da Califórnia, andam bêbedos, comem pão dormido e presunto sob a névoa caindo nos desolados pinheiros. Danny é um pequeno ser humano inesquecível que nos dá o próprio gosto de suas aventuras, vivemos com ele uma espécie de sonho e de maravilhamento sem perder o contacto com a vida que ele arrasta pelos caminhos entre paisanos e com os amigos e as mulheres do povo.

Não poderemos esquecer jamais a história de Danny e seus amigos que se aventuravam sempre e por isso podiam viver. Como esquecer a solidão de Danny na cadeia, o seu encontro com Pilon, a sua exclamação ao descobrir que Pilon tem uma garrafa de aguardente e a conversa dos dois companheiros que, ao pé do fogo, comeram o presunto, ouviam o vento, deixavam a névoa descer sobre os seus pobres casacos "sugavam delicadamente a garrafa, como beija flores"?

"Boemios Errantes" é uma das novelas que para mim melhor fixaram a vida desses homens de ruas e de estradas para os quais só a aventura é o seu mundo e só a vida ao acaso, sem lei e sem segurança, pode compensar a miséria e o desalento.

Lêda Maria Conta-nos Os Seus Vários Sucessos

(Continuação da pg. 21)

rioca e da Cigarra e o resultado me animou a concorrer a um concurso de crônicas da Livraria José Olímpio e mais tarde a outro da Alba Editora em combinação com o "Dom Casmurro", onde depois colaborei.

Mas apesar de ter sido bem sucedida em todos, foi por acaso que tentei obras mais longas. A "União Nacional de Estudantes" abriu um concurso de teatro. Num bonde de Barcas, a caminho da Faculdade eu e Mirta de Queiroz Lima discutimos a oportunidade. Perguntei, meio por brincadeira: "E se nós concorressemos?".

Myrta é uma criatura de resoluções súbitas. Quando chegamos à Faculdade já havia um esquema e um mês depois a peça estava pronta. Tinha tudo, menos teatro. Não sei como conseguiu o primeiro lugar, em chave com duas outras.

Passei uns tempos sem escrever

até que uma tarde de muita chuva, quando estava gripada e sosinha em casa, escrevi "Convalescença". Depois de pronto gostei tanto dele que resolvi dar-lhe sete companheiros e mandá-los, bem penteados e arrumadinhos, ao "Prêmio de Contos Humberto de Campos".

Enquanto esperava o resultado, tirei outro prêmio de teatro e li a portaria do Ministro Marcondes Filho. Resolvemos tentar a sorte, eu e Maria Luisa.

Se minha colaboração com Myrta se originou de modo dinâmico, com Maria Luisa foi de um modo elétrico. Resolvemos colaborar às 8 horas, às 8 e 15 surgia Maria Tereza, às 8 e 30 D. Estefania.

No dia em que minha peça foi estreitada recebi um telefonema da Livraria José Olímpio avisando-me de que havia tirado a 1.ª Menção Honrosa.

17 livros que não morrem...



I —	TRES POETAS DE SUA VIDA, encad.	Cr\$ 25,00
II —	OS CONSTRUTORES DO MUNDO, encad.	Cr\$ 25,00
III —	A CORRENTE, encad.	Cr\$ 25,00
IV —	A CURA PELO ESPÍRITO	Cr\$ 25,00
V —	JOSEPH FOUCHE, broch. Cr\$ 20,00; encad.	Cr\$ 25,00
VI —	KALEIDOSCOPIO, encad.	Cr\$ 25,00
VII —	MARIA ANTONIETA, broch. Cr\$ 20,00; encad.	Cr\$ 25,00
VIII —	MARIA STUART, broch. Cr\$ 20,00; encad. ..	Cr\$ 25,00
IX —	UMA CONCIENCIA CONTRA A VIOLENCIA, encad.	Cr\$ 25,00
X —	ENCONTRO COM HOMENS, LIVROS E PAÍSES, encad.	Cr\$ 25,00
XI —	FERNÃO DE MAGALHÃES, encad.	Cr\$ 25,00
XII —	CORAÇÃO INQUIETO, br. Cr\$ 20,00; encad.	Cr\$ 25,00
XIII —	MOMENTO SUPREMO, br. Cr\$ 20,00; encad.	Cr\$ 25,00
XIV —	BRASIL, PAIS DO FUTURO, br. Cr\$ 20,00; enc.	Cr\$ 25,00
XV —	O MUNDO QUE EU VI (Minhas Memórias), broch. Cr\$ 25,00; encad.	Cr\$ 32,00
XVI —	AS TRES PAIXÕES, broch. 20,00; encad.	Cr\$ 25,00
XVII —	OS CAMINHOS DA VERDADE, encad.	Cr\$ 25,00

Obras Completas de STEFAN ZWEIG
EDITORA GUANABARA RUA OUVIDOR, 132
 RIO DE JANEIRO

(Continuação da pg. 9)

nema defronte anunciando o corpo de Paulette Goddard, faço a pergunta:

— Você conhece Erico Veríssimo?

Ari joga o guardanapo para o ombro, pergunta:

— Como é?

— Erico Veríssimo?

— E' aquele rapaz com quem o senhor estava ontem aqui?

— Não, Ari. Um escritor.

— Ah! néca. Conheço o Éri Cerqueira...

Não servia.

UM ASCENSORISTA: SIM

José da Conceição não é homem dado a muita leitura. Sua biblioteca se resume num único livro: "O nosso idioma", cujo autor ele não sabe quem é. Mas conhece Erico Veríssimo. Já leu "Olhai os lírios do campo".

— Que livro penoso, seu rapaz! E depois:

— Não sei a quem emprestei este livro. Esqueceram aqui no elevador e levei para casa. Li e emprestei a alguém. Não sei a quem foi. Penso que foi à Lourdes...

Esqueci de dizer que José da Conceição é ascensorista do "Edifício Rubens", na rua do Riachuelo.

E' — quem sabe?

OUTRO ASCENSORISTA: SIM

Outro ascensorista: o famoso "Cearense" do Edifício Odeon.

"Cearense" é um bom leitor. Conhece quase todo o Erico Veríssimo.

— Mas o melhor livro dele é "Olhai os lírios do campo". Muito bem feito. Já li duas vezes e minha mulher está lendo-o pela terceira ou quarta.

UM PANDEIRISTA: SIM

Armando, pandeirista de um dos regionais cariocas, mora em Cascadura. Todos os dias ele tem que gramar um bom trem elétrico. Na vinda, não é possível fazer nada dentro do elétrico a não ser segurar o pingente. Mas na volta, madrugada feita, Armando se distrai com a leitura enquanto chega sua estação. Dentro desse método, ele já leu dois livros de Erico Veríssimo: "Olhai os lírios do campo" e "Um lugar ao sol". Informo que há um novo romance de Erico nas livrarias — "O resto é silêncio", e Armando promete que vai comprar.

UMA DATILOGRAFA: SIM

Uma datilografia: Arlete Saraiva, de um escritório da rua da Alfândega. Converso com ela na praia, num domingo de muito sol. Arlete

é minha vizinha. Sei que ela é fan de Erico Veríssimo, pois já a vi, várias vezes, devorando o escritor gaúcho, nas suas idas e vindas de bonde entre Botafogo e a cidade.

— E' um escritor muito bom. Mas muito triste.

— Qual é o livro dele que você gosta mais?

— "Olhai os lírios do campo". Fiquei adorando a Olivia! Que mulher, hein?

Cresço de importância diante de Arlete porque revelo que conheço pessoalmente o escritor.

— E' verdade? Eu queria tanto conhecer ele de perto.

Faço vagas promessas.

UM GRANFINO: QUASI...

Djalma Lemos é um cavalheiro que eu só encontro aos domingos, estirado na praia. Meu companheiro de "medicine ball". Grande cabedal de números telefônicos e proprietário de uma giria colorida. Erico Veríssimo? Não se lembra.

— O autor de "Um lugar ao sol", "Olhai os lírios do campo"...

— Ah! "Olhai os lírios do campo"? Já li este livro. Todo, não. Quasi metade. Estava no meio quando minha irmã — a errada! — emprestou a uma amiguinha.

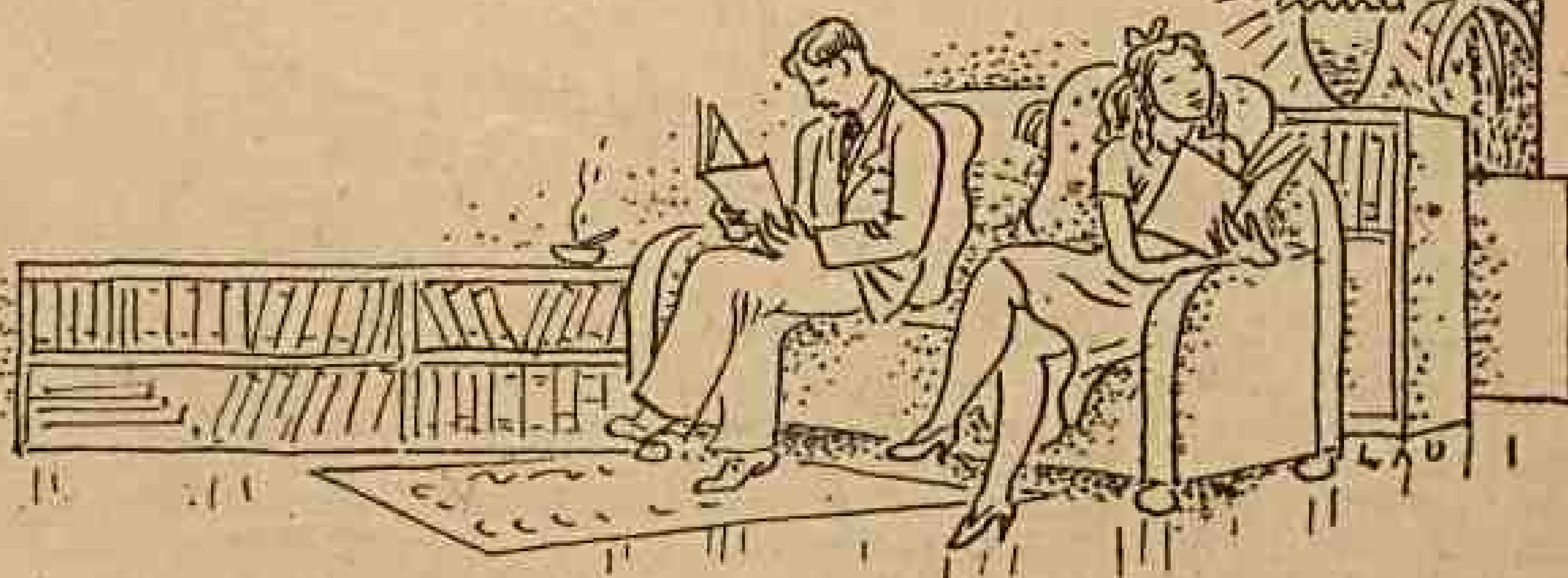
— Que tal achou?

— Meio fulêro, não é?

COMPRE O SEU LIVRO NA
LIVRARIA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL
AVENIDA RIO BRANCO, 129, loja 13
Tel. 42-1346

FAZENDO ASSIM:

- 1 — Auxiliará uma obra de assistência ao estudante brasileiro.
- 2 — Contribuirá para o desenvolvimento de uma instituição do povo.
- 3 — Concorrerá para uma organização que garanta a seu filho a oportunidade de estudar.
- 4 — Ajudará o desenvolvimento de uma editora que visa somente os interesses dos estudantes, dos intelectuais e do povo.
- 5 — Cooperará num esforço pela aproximação dos povos e para o bem-estar da humanidade.
- 6 — Prestará auxílio à construção da grande séde da C. E. B. — verdadeiro lar do estudante, no triplice aspecto moral, material e intelectual.
- 7 — Fornecerá meios para se elevar o padrão de vida do estudante brasileiro.
- 8 — Estimulará os trabalhadores da C. E. B. no esforço que fazem pelo desenvolvimento da técnica nacional.
- 9 — Dará ajuda para a tradução e publicação dos melhores livros de ciência e de técnica estrangeiros.
- 10 — Favorecerá — o que é mais importante — o barateamento do livro brasileiro.



Casa Editora Vecchi Ltda.

Rua do Rezende, 144

Rio de Janeiro

ALGUMAS DAS SUAS EDIÇÕES PRÓPRIAS OU EM DISTRIBUIÇÃO

OS LIVROS DA GUERRA

TRAGÉDIA NA FRANÇA (5.ª edição), André Maurois, Cr\$ 18,00 — SEGREDOS DO MUNDO, Linton Wells, Eugène Lyons, Cr\$ 18,00 — O REI DOS BELGAS TRAIU?, Roberto Goffin, Cr\$ 18,00 — ...E EU NÃO ENCONTREI A PAZ!, Webb Miller, Cr\$ 25,00 — EMIGRADOS DE LUXO, Maurice Dekobra, Cr\$ 16,00 — O ROMANCE DE UM COVARDE, Maurice Dekobra, Cr\$ 14,00 — A DERROTA DE NAPOLEÃO NA RUSSIA, Gen. Conde de Ségur, Cr\$ 10,00.

A CIÊNCIA DA VIDA

ARTE DE VIVER (3.ª edição), André Maurois, Cr\$ 10,00 — SENTIMENTOS E COSTUMES, André Maurois, Cr\$ 8,00.

ROMANCES CÉLEBRES, ÊXITOS DA TELA

BOÊMIOS ERRANTES, John Steinbeck, Cr\$ 15,00 — NASCIDA PARA O MAL, Ellen Glasgow, Cr\$ 16,00 — ROMEU E JULIETA, Paul Reboux, Cr\$ 10,00 — QUANDO MORRE O DIA, Barre Lyndon, Cr\$ 12,00 — OS IRMÃOS CORSOS (3.ª edição), Alexandre Dumas, Cr\$ 6,00.

OS MAIS FAMOSOS ROMANCES DE ANATOLE FRANCE

A SOMBRA DO OLMO — O MANEQUIM DE VIME — O ANEL DE AMETISTA — O SENHOR BERGERET EM PARIS — Cada um destes volumes ao preço de Cr\$ 10,00.

BIOGRAFIAS

STRAUSS, Da Valsa ao Jazz, H. E. Jacob, Cr\$ 22,00 — A VIDA DE PASTEUR (3.ª edição), R. Vallery-Radot, Cr\$ 25,00 — A VIDA ÍNTIMA DE NAPOLEÃO, (2.ª edição), Ocave Aubry, Cr\$ 25,00 — A RAINHA VITÓRIA, Lytton Strachey, Cr\$ 20,00 — A VIDA PATÉTICA DE DOSTOIEVSKY, (2.ª edição), André Levinson, Cr\$ 15,50 — SANTOS DUMONT (2.ª edição), Gondin da Fonseca, Cr\$ 18,00 — OSVALDO CRUZ, Sales Guerra, Cr\$ 35,00 — MARAT, O AMIGO DO POVO, Gérard Walter, Cr\$ 22,00 — GARIBALDI, Paul Frischauer, Cr\$ 22,00 — Mrs. SIMPSON, A MULHER QUE PODERIA TER SIDO RAINHA, Percy Th. Seton, Cr\$ 12,00 — O PRÍNCIPE DE METTER NICH, Raoul Auernheimer, Cr\$ 22,00 — ABDUL HAMID, O DÊSPOTA VOLUPTUOSO, Alma Wittlin, Cr\$ 15,00.

VIDAS DE SANTOS

SANTA BERNADETTE DE LOURDES, François Duhourcau, — SÃO FRANCISCO DE ASSIS, G. K. Chesterton — SÃO VICENTE DE PAULO, Antoine Redier, Cada volume Cr\$ 10,00.

LIVROS ESCOLHIDOS

VISIONÁRIOS E PRECURSORES, Aldous Huxley, Cr\$ 18,00 — GANHANDO MEU PÃO, Máximo Gorki, Cr\$ 15,00 — A BATALHA DA VIDA, Máximo Gorki, Cr\$ 12,00.

UM LIVRO ÚNICO

SEJA SEU PRÓPRIO MÉDICO!, Arte de Viver Muitos Anos em Perfeita Saúde, pelo Dr. Victor Heiser, famoso cientista americano, Cr\$ 18,00.

OS ROMANCES DE CHARLIE CHAN, POR EARL DERR BIGGERS

O CAMELO PRETO (2.ª edição) — O GUARDIÃO DAS CHAVES (2.ª edição) — ATRÁS DA CORTINA — O PAPAGAIO CHINÊS — A CASA SEM CHAVES — O LADRÃO DE DIAMANTES Cr\$ 8,00 cada volume.

ROMANCISTAS BRASILEIROS

CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA, Dalcídio Jurandir (Primeiro Prêmio do "Concurso Vecchi-Dom Casmurro"), Cr\$ 15,00 — CIRANDA, Clovis Ramalho (Prêmio Vecchi de Romance), Cr\$ 8,00 — BRASA, Jenny Pimentel de Borba, Cr\$ 15,00 — OS FLAGELADOS, Jesuino Ramos, Cr\$ 8,00.

ROMANCES INTERNACIONAIS

TRES CAMARADAS, E. M. Remarque, Cr\$ 18,00 — O PECADO DO MUNDO, Maxence Van der Mersch, Cr\$ 10,00 — AS RAIZES, Eduardo Zamacois, Cr\$ 12,00 — A MÁQUINA DE LER PENSAMENTOS, André Maurois, Cr\$ 10,00 — A GONDOLA DAS QUIMERAS (2.ª edição), Maurice Dekobra, Cr\$ 10,00 — POKER DE ALMAS, Cr\$ 10,00 — INTEMPERIES, Rosamond Lehmann, Cr\$ 18,00 — OS SUBTERRÂNEOS DO VATICANO, André Gide, Cr\$ 14,00 — AMOR SE ESCRIVE SEM AGA!, E. Jardiel Poncela, Cr\$ 10,00.

A DELICIOSA COLEÇÃO PITIGRILLI

A VIRGEM DE 18 QUILATES (4.ª edição), Cr\$ 10,00 — COCAINA (4.ª edição), Cr\$ 10,00 — ULTRAGE AO PUDOR (4.ª edição), Cr\$ 8,00 — O CINTO DE CASTIDADE (3.ª edição), Cr\$ 8,00 — MAMÍFEROS DE LUXO (3.ª edição), Cr\$ 8,00 — O EXPERIMENTO DE POTT (3.ª edição), Cr\$ 8,00 — OS VEGETARIANOS DO AMOR (3.ª edição), Cr\$ 8,00 — LOURA DOLICOCÉFALA (3.ª edição), Cr\$ 10,00 — O COLAR DE AFRODITE (2.ª edição), Cr\$ 10,00.

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Romance

RIO DE JANEIRO

- AMADO, Gilberto — **Os Interesses da Companhia** — Liv. José Olímpio Edit. — Rio — 1942 — 314 pgs. in 8.^o.
- ARANHA, Graça — **Chanaan** — Edit. F. Briguelet & Cia. — 1943 — 276 pgs. in 8.^o — Rio 1942 — Vol. 1.^o (9.^a ed.).
- ARAUJO JORGE, J. G. de — **Um Be-souro contra a Vidraça** — José Olímpio Edit. — 1942 316 pgs. in 8.^o — Capa de Luis Jardim.
- ALENGAR, José de — **Iracema** — (9.^a ed.) — Liv. H. Antunes — Rio — 1942 — pgs. 109 — in 8.^o.
- BUTLER, Samuel — **Destino da Carne** — Liv. José Olímpio Edit. — 1942 — 410 pgs. in 8.^o.
- CRONIN, A. J. — **As Chaves do Reino** — Trad. de Hka Labarte e W. Magalhães Junior — Col. Fogos Cruzados — Rio — 1942 — 314 pgs. in 8.^o — Liv. José Olímpio Edit.
- CASSOU, Jean — **Les Massacres de Paris** — Imp. Tip. Alba Edit. — 1942 — 237 pgs. in 8.^o — Liv. Vitor Edit. — Rio — 1942.
- DEKOBRA, Maurício — **O Romance de um Covarde** — Trad. de Edson Carneiro — Edit. Vecchi — Rio — 1942 — 267 pgs. in 8.^o — Pr. Cr\$ 14,00.
- DOSTOIEWISKI, Fêdor — **Stephantchikovo** — Edit. Seculo XX — Rio — 1942 — 280 pgs. in 8.^o — Trad. de D. Martins de Oliveira.
- FRANCE, Anatole — **La Revolta dos Anjos** — Departement des éditions françaises Chanteclair, de la Librairie Victor — Rio — 1942 — 224 pgs. in 16.^o.
- FONTENLA — **Eterna Inquietação** — Tip. Coelho — 1943 — 138 pgs. in 8.^o — Rio.
- FRANCE, Anatole — **O Anel de Ametista** — Edit. Vecchi — Rio — 1942 264 pgs. in 8.^o — Trad. de Eloi Pontes.
- LANGHOFF, W. e G. M. KAST — **Féras Humanas** — Trad. de Dias da Costa — Rio — Edit. Calvino Ltda. — 1942 — 217 pgs. in 8.^o.
- MARANHAO, Estela — **A Ponte de Ouro** — Irs. Pongetti Edit. — Rio — 1942 — 219 pgs. in 8.^o.
- MARTINS, FRAN — **Estrela do Pastor** — Liv. José Olímpio Edit. — Rio — 1942 295 pgs. in 8.^o — Capa de Luis Jardim.
- MOESCHLIN, Felix — **O Grande Amor de Maria Antonieta** — Edit. Panamericana — Rio — 1942 — Trad. de Robert Furquim — 355 pgs. in 8.^o.

- MORLEY, Helena — **Minha Vida de Menina** — Cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX — Liv. J. Olímpio Edit. — 1942 — 385 pgs. in 8.^o.
- LEBOUX, Paul — **Romeu e Julieta** — Os Amantes de Verona — Col. Amores Imortais — Trad. de Edson Carneiro — Casa Edit. Vecchi — Rio — 1942 — 208 pgs. in 8.^o — Pr. Cr\$ 10,00.
- SCHNEIDER, Frei Saturnino — O.F.M. — **Cristovam Colombo e Aventureiro dos Mares** — Edit. Panamericana — Rio — 1942 — 205 pgs. in 8.^o.
- SERETH NEU — **Michel Platanaz** — Atlantica Edit. — 1942 — 333 pgs. in 8.^o — Rio.
- SCHOPENHAUER, A. — **O Amor, a Mulher e a Morte** — Casa Edit. Vecchi — Trad. de Persiano da Fonseca — Rio — 120 pgs. in 8.^o — Pr. Cr\$ 3,00.
- FABOIS, Genevieve — **Chamavam-me Cassandra** — Panamericana Edit. — Rio — 1942 — 335 pgs. in 8.^o — Trad. de Fernando Tude de Souza.
- TOLSTOI, Leon — **Os Cossacos** — Liv. J. Olímpio Edit. — Rio — 1942 — Trad. de Almir de Andrade — 220 pgs. — Col. Fogos Cruzados — Vol. 19 — Capa de Luis Jardim.
- TURGUENEEF, Ivan — **Rudine** — Trad. de Marques Rebelo — Irs. Pongetti

- Edit. — Rio — 1942 — 182 pgs. in 8.^o — Pr. Cr\$ 8,00.
- WERFEL, Franz — **A Canção de Bernadette** — Irmãos Pongetti Edit. — Rio — 1942 — Trad. de Mariana Guaspari — 411 pgs. in 8.^o.

SÃO PAULO

- BALZAC, Honore de — **O Chagrem Mágico** — Trad. de Virginia Silva La freve — Edit. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 191 pgs. in 8.^o — Pr. Cr\$ 6,00.
- DUMAS, Alexandre — **A Dama do Colar de Veludo** — Trad. de Cretela Jr. — Edit. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 219 pgs. in 8.^o — Pr. Cr\$ 6,00.
- STANDHAL — **Armance** — Trad. de Edith de C. Negrals — Edit. Anchieta — S. Paulo — 1942 — 214 pgs. in 8.^o.

RIO GRANDE DO SUL

- HUXLEY, Aldous — **Tambem o Cão Morre** — Liv. do Globo — P. Alegre 1942 — Trad. de Paulo Moreira da Silva — Col. Nobel — 304 pgs. — Vol. 8.
- TOLSTOI, Leon — **Guerra e Paz** — Liv. do Globo — P. Alegre — R. G. do Sul — 1942 — Trad. de Gustavo Monnenberg — 2 Vols. — 1.^o, 604 pgs. — 2.^o, 630 pgs. in 8.^o.

Conto

RIO DE JANEIRO

- As Mil e Uma Noite** — Contos Arabes — (3.^a ed.) — Trad. de Carlos Janssem — Edit. Minerva — Rio — 1942 — 127 pgs. in 8. — Pr. Cr\$ 15,00.
- BUARQUE DE HOLANDA, Aurelio — **Dois Mundos** — J. Olímpio — 1942 — 264 pgs. in 8.^o — Rio — Capa de Sta. Rosa.
- MARCONDES REIS, Morel — **Contos Brasileiros** — 1.^o Livro — Liv. Francisco Alves — 1942 — 122 pgs. — Cart.
- MARCONDES REIS, Morel — **Contos Brasileiros** — 2.^o Livro — Livraria Francisco Alves — 157 pgs. — Cart.
- NOVAS HISTORIAS DE FANTASIA E ENCANTAMENTO — 2.^o Vol. — **João Valente** — **As Tres Princesas** — **Os Principes Encantados** — Edit. Pan Americana — Rio — 1942 — 113 pgs.

- NOVAS HISTORIAS DE FANTASIA E ENCANTAMENTO — 3.^o Vol. — **Dos Apeninos aos Andes** — **A Amiguinha dos Pássaros** — **O Menino que Virou Formiga** — Edit. Pan Americana — Rio — 1942 — 103 pgs. — Ilust. e Cart.
- NOVAS HISTORIAS DE FANTASIA E ENCANTAMENTO — 4.^o Vol. — **O Pássaro Maravilhoso** — **O que o Moinho e as Tulipas disseram** — **A flor de uma Maravilha Azul** — Edit. Pan Americana — Rio — 1942 — 95 pgs. — Ilust. Cart. in 8.g.
- NOVAS HISTORIAS DE FANTASIA E ENCANTAMENTO — 5.^o Vol. — **Aventuras de Celadim** — **Um Passeio com Neptuno** — **O Balanço Mágico** — Edit. Pan Americana — Rio — 1942 — 80 pgs. — Ilust. e Cart. in 8.^o.
- NOVAS HISTORIAS DE FANTASIA E ENCANTAMENTO — Vol. 1.^o — **A Ino-**

EDITORA MINERVA Ltda.

RUA DO
OUVIDOR,
145

Caixa
Postal 2798

Telefone
22-9308

ENCOMENDAS
PARA O
INTERIOR

O DOMINIO DE SI MESMO PELA AUTO-SUGESTÃO CONCIENTE — 5.ª edição — Emile Coué — br.	Cr\$ 6,00
A AUTO-SUGESTÃO CONCIENTE — o que eu digo e o que eu faço — 3.ª edição — Emile Coué — br.	Cr\$ 6,00
A ESPOSA PERFEITA — eficiencia sexual, pela cultura física — por Th. Van de Velde, 3.ª edição, br.	Cr\$ 12,00
DEUS LHE PAGUE — comedia de Joraci Camargo — 7.ª edição, completa, br.	Cr\$ 7,00
MARIA CACHUCHA — comedia de Joraci Camargo, br.	Cr\$ 6,00
SANGUE DE TIGRE , por Eliana — 4.ª edição — bellissimo romance no gênero do famoso "SCARAMOUCHE", de Rafael Sabatini, um volume com cerca de 250 págs., br.	Cr\$ 10,00
O FOGO SAGRADO , por I. A. R. Wylie, belo romance filmado pela METRO-GOLDWIN-MAYER, considerado um dos melhores de 1942. Um volume com cerca de 250 páginas, brochado,	Cr\$ 15,00
ELEMENTOS DE GEOMETRIA ANALÍTICA — 1.º volume, pelo professor Roberto Peixoto, 2.ª edição, br.	Cr\$ 18,00
ELEMENTOS DE GEOMETRIA ANALÍTICA — 2.º volume, pelo professor Roberto Peixoto, 2.ª edição, br.	Cr\$ 15,00
PROBLEMAS DE GEOMETRIA ANALÍTICA — 1.º volume, pelo professor Roberto Peixoto	Cr\$ 12,00
PROBLEMAS DE GEOMETRIA ANALÍTICA — 2.º volume, pelo professor Roberto Peixoto	Cr\$ 8,00
ELEMENTOS DE CALCULO VETORIAL , pelo professor Roberto Peixoto, 3.ª edição	Cr\$ 10,00
RADIO , parte geral, 1.º volume pelo Capte. J. Luiz Belart, 4.ª edição, cart.	Cr\$ 20,00
RADIO , parte prática, 2.º volume, pelo Capte. J. Luiz Belart, 3.ª edição, cart.	Cr\$ 25,00
EU SEI FAZER PERFUMES , por Jean Belys, um vol. cart.	Cr\$ 6,00
EU SEI TIRAR FOTOGRAFIAS , por Jean Belys, um volume muito prático e ao alcance de qualquer pessoa, contendo noções indispensáveis ao fotógrafo amador, cart.	Cr\$ 10,00

Utilize o SERVIÇO DE REEMBOLSO, prático, econômico, infalível — Façam seus pedidos à Caixa Postal 2798 — RIO

cento Mensageira — A Princesa e o Ouriço — O Pássaro Verde — Edit. Pan Americana — Rio — 1942 — 107 pgs. — Ilust. Cart. in 8.º.

SÃO PAULO

ACQUARONE, F. — Parque de Diversões — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 (2.ª ed.) — 54 pgs. in 8.º — Pr. Cr\$ 6,00.

ALMEIDA MOURA, Pedro — A Estrelinha Cadente — Edit. Melhoramentos — S. Paulo (1.ª ed.) — 1942 — 27 pgs. in 8.º — Pr. Cr\$ 6,00.

ANDRADE, Tales C. de — O Pequeno Mágico — Edit. Melhoramentos — São Paulo — 1942 — (4.ª ed.) — 56 pgs. in 8.º.

ANDRADE, Tales C. de — O Sono do Monstro — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — (3.ª ed.) — Vol. 2.º — 56 pgs. in 8.º.

ANDRADE, Tales C. de — A Estrela Mágica — Edit. Melhoramentos — São Paulo — 1942 — (2.ª ed.) — 54 pgs. in 8.º — Encantos e Verdade — Vol. 23.

CÂMARA, João — O coração que vê tudo — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — (4.ª ed.) — 56 pgs. in 8.º — Série Biblioteca Infantil — Vol. 30.

OLIVEIRA BARRETO, Arnaldo de — A pétala de rosa — Edit. Melhoramentos — São Paulo — (6.ª ed.) — 53 pgs. in 8.º — Série Biblioteca Infantil — Vol. 2.

OLIVEIRA, Arnaldo de — As extraordinárias aventuras de Robinson Crusó — Edit. Melhoramentos — São Paulo — 1942 — (3.ª ed.) — 63 pgs. — Série Biblioteca Infantil — N.º 45.

SENECA FLEURY, Renato — A escrava que se tornou princesa — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — (2.ª ed.) — 1942 — 55 pgs. in 8.º — Biblioteca Infantil — Vol. 66.

SENECA FLEURY, Renato — As chinelinhas de cristal — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — (2.ª ed.) — 1942 — 54 pgs. in 2.º — Série Biblioteca Infantil — N.º 69.

SENECA FLEURY, Renato — Histórias do Pai João — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — (2.ª ed.) — 56 pgs.

in 8.º — 1942 — Série Biblioteca Infantil — N.º 67.

SENECA FLEURY, Renato — Linda Flor e o Príncipe — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — (2.ª ed.) — 56 pgs. in 8.º — Série Bib. Infantil — N.º 70.

SENECA FLEURY, Renato — Ao passo das caravanas — Histórias Maravilhosas — Edit. Melhoramentos — São Paulo — 1942 (1.ª ed.) — 67 pgs. in 8.º.

VIGIL, Constancio — A formiguinha viajadora — Edit. Melhoramentos — São Paulo — (1.ª ed.) — 27 pgs. — Trad. de Guilherme de Almeida — in 8.º — Pr. Cr\$ 6,00.

Pedagogia

RIO DE JANEIRO

P. T. D. (Col.) — Novo Manual da Língua Portuguesa — Para uso do curso ginásial por Mario Bachalet — Liv. Francisco Alves — Rio — 1942 — 474 pgs. — Cart. — Pr. Cr\$ 14,00.

LENK, Maria — Organização da Educação Física e Desportos — Imprensa Nacional — Rio — 1942 — 302 pgs. — in 8.º.

ROMERO, Nelson — Pronúncia do Latim — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 178 pgs.

SOUZA E SILVA, A. M. de — Proceitua-

rio da Ortografia Oficial — (2.ª ed.) — Edit. A Noite — Rio — 1942 — 130 pgs. in 8.º.

SÃO PAULO

BRAGA, Erasmo — Leitura Intermediária (97.º) — Série Braga — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 110 pgs. — Pr. Cr\$ 2,50.

CUBOS A. B. C. (Modelos de frases padrões para os) — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — Pr. Cr\$ 25,00.

FILHO, Lourenço — Cartilha do Povo — (216.ª ed.) — Edit. Melhoramen-

Alguns livros à venda em todas as Livrarias

PEDIDOS A

LIVROS DE PORTUGAL, LTDA.

TRAVESSA DO OUVIDOR, 23 e RUA DO OUVIDOR, 106

Serviço Rapido pelo REEMBOLSO POSTAL

Obras de Vicki Baum:

Sangue e Volupia em Bali	20,00
Ina Raffay	12,00
Helena Willfuer	12,00
O Lago do Amor	12,00
A Vida sem Misterio	12,00
Elle o Anão	12,00
A Loucura em Lohwinckel	12,00
Futuras Vedetas	12,00
Sentença de Morte	12,00
A Carreira de Doris Hart	12,00

Obras de Anton Tcheckoff:

A Sala numero 6	6,00
O Duelo	6,00
Romance duma Vida	6,00
Historia dum Desconhecido	6,00

Coleção Ciclame (Romances para Senhoritas):

Princesa duma Noite	10,00
Sonho de Rainha	10,00
Prima Desconhecida	10,00
A Tia Jane	10,00

Obras de Julio Diniz:

Os Fidalgos da Casa Mourisca	7,00
Poesias	7,00
Uma Família Inglesa	7,00
As Pupilas do Senhor Reitor	7,00

Coleção Portuguesa:

(Romances para Senhoras e Senhoritas):

A Tentadora, por Arminda Fortes	10,00
Rosa do Adro, por Manuel Rodrigues.	10,00
Sozinha, por Sarah Beirão	10,00
Serões da Beira, por Sarah Beirão ...	10,00
Amores no Campo, por Sarah Beirão.	10,00

Coleção Monumentos de Portugal:

(Profusamente ilustrada)

Mosteiro da Batalha	9,00
Tomar	9,00
Porto	9,00
Alcobaca	9,00
Santarem	9,00
Leiria	9,00
Coimbra	9,00
Lisboa	9,00
Batalha, 2.ª	9,00
Queluz	9,00
Mafra	9,00

Coleção Ecran:

A Vida de Edison	10,00
Tom Edson, o pequeno génio	10,00
O Filho também roubou	10,00
Sonhos de Estrelas	10,00
Torturas da Carne	10,00

Obras de Arnaldo Gama:

O Genio do Mal, 3 vols.	24,00
A Caldeira de Pero Botelho	8,00
Honra ou Loucura	8,00
Só As Mulheres Sabem Amar	8,00
Paulo, o Salteador	8,00
A Última Dona de S. Nicolau	8,00
O Filho do Baldaia	8,00

Biblioteca etnográfica e histórica portuguesa:

O Simbolismo Cristão na cantiga popular, por F. Pires de Lima	18,00
Heráldica (Estudos, notas e comentários, por Armando Matos	18,00
O Vinho Verde na Cantiga popular, por F. Pires de Lima	18,00
Tradições Populares (de entre-Douro e Minho, por J. Pires Lima	18,00
Como Nasceu Portugal, por Damião Pires — 2.ª edição	18,00
Etnografia Artística Portuguesa, por Vergilio Correia	18,00
Novos Estudos de Historia do Direito, por Paulo Merêa	18,00
O Cíelo do Natal na literatura oral portuguesa, por Afonso Duarte	18,00

Coleção Terras de Maravilha:

Dez Anos debaixo da Terra, por Norberto Casteret	10,00
No País dos Homens Leões, por Attilio Gatti	10,00
Vinte Anos debaixo do Mar, por J. E. Williamson	10,00
O Desporto das Grandes Emoções (captura das feras e dos paquidermes), por J. Delmont	10,00
Sobre o Sahara Ardente, por William Seabrook	10,00
A Índia dos Marajás, por Jean Pellenc,	10,00
O Inferno Verde, por Julian Duguid..	10,00

Coleção Clássicos e Contemporâneos:

As melhores obras da literatura portuguesa, com estudos e prefácios dos melhores nomes da literatura brasileira:

Elogio Histórico de José Bonifácio, por Latino Coelho, prefácio de Afrânio Peixoto	16,00
Sonetos Completos e Poemas Escolhidos, de Antero de Quental, prefácio de Manuel Bandeira	18,00
Prosas Escolhidas de Antero de Quental, prefácio e seleção de Fidelino de Figueiredo	18,00
O que o Povo Canta em Portugal, por Jaime Cortesão	20,00
Obras Completas de Gonçalves Crespo, com um estudo de Afrânio Peixoto	18,00

Próximas publicações:

As Farpas de Ramalho Ortigão, com um prefácio de Gilberto Freyre.	
Os Melhores Contos Históricos de Portugal, com um prefácio de Gustavo Barroso.	
A Carta de Pero Vaz de Caminha, fac-simile, leitura paleográfica e em linguagem atual e largo estudo de Jaime Cortesão.	
Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, com prefácio de Pedro Calmon.	

los — S. Paulo — 1942 — 48 pgs.
Pr. Cr\$ 1,00.
LITURA IIIª Série — PATRIA BRASI-
LEIRA — Edit. Melhoramentos — São
Paulo — 1942 — 142 pgs. — Pr.
Cr\$ 5,00.
LIVEIRA, Mariano de — **Páginas Infan-
tis** — (Leitura preparatória) — 58.ª
ed.) — Edit. Melhoramentos — São
Paulo — 1942 — 111 pgs. — Pr.
Cr\$ 2,50.
QUENA AFRICA (Mapa) — Carteira
— Esc. 1:40.000.000 — Edit. Me-
lhoramentos — S. Paulo — 1942 —
Pr. Cr\$ 4,00.
NECA FLEURY, Renato — **Primeiras**

Leituras na roça — Edit. Melhora-
mentos — S. Paulo — 1942 — 17.ª
ed.) — 58 pgs. in 8.ª.

RIO GRANDE DO SUL

BACHEUSER, Everardo — **Manual de Pe-
dagogia Moderna** — Liv. do Globo —
Trad. de Herbert Caro — 1942 — 408
pgs. in 8.ª.
JUNQUEIRA SCHMIDT, Isabel — **Orienta-
ção Educacional** — Liv. do Globo —
P. Alegre — 1942 — Col. Vida e Edu-
cação — Vol. 3 — 135 pgs. in 8.ª.
TOCHTROP, Leonardo — **Método de Por-
tuguês** — Liv. do Globo — P. Alegre
— 1942 — 154 pgs. in 8.ª.

J. BUECHKEN, Francisco — **Tecnolo-
gia do Alumínio** — Biblioteca Engen-
heiro Prático — Edit. Melhoramen-
tos — S. Paulo — 1942 — 164 pgs.
— Pr. Cr\$ 35,00.
MONTEIRO NEVES, Arthur — **Babaçô**
— Tese — Fasc. Ciências Econômicas
— S. Paulo — 1942 — 55 pgs.
in 8.ª.

História

RIO DE JANEIRO

ACCIOGLY CARNEIRO, Augusto — **A His-
tória da República e a Tríplice Aliança**
Graf. Olímpica — Rio — 1942 —
239 pgs. in 8.ª.
COSTA, Sérgio Corrêa da — **Pedro I e
Meternich** — (Traços de uma guerra
diplomática) — Rio — 1942 — 237
pgs. in 8.ª — Edit. A Noite.
L. MENEZES, Rodrigo Otávio de — **A
Nacionalidade de Fray Hermano Trejo
Sambraia** — Separata do Vol. n. 176
da Rev. do Inst. Histórico — Impren-
sa Nacional — Rio — 1942 — 88
pgs. in 8.ª.
MONIZ, Heitor — **Episódios Históricos
do Brasil** — A Noite Edit. — Rio —
1942 — 180 pgs. in 8.ª — Pa.
Cr\$ 10,00.
PARSEUA, Du Plessis — **Expedição
Francesa contra o Rio de Janeiro em
1711** — Trad. do Comandante Adal-
berto Rechsteiner — Sep. do Vol.
176 da Rev. do Instituto Histórico
— Imp. Nacional — Rio — 1942 —
95 a 219 pgs. in 8.ª.
TARQUINIO DE SOUZA, Otávio — **Diogo
Antonio Feijó (1784-1843)** — Col.
Documentos Brasileiros — N. 35 —
Liv. José Olímpio Edit. — Rio —
1942 — 332 pgs. in 8.ª.

SÃO PAULO

BESOUCHE, Lúcia — **Mauá, e seu Tempo**
— Edit. Anchieta — S. Paulo —
1942 — 255 pgs. in 8.ª.
BRASILEIROS ILUSTRES (2.ª ed.) —
Edit. Melhoramentos — S. Paulo —
1942 — Pr. Cr\$ 10,00.
PRADO, Dr. Durval — **Noções de Ótica,
Refração Ocular e Adaptação de
Oculos** — Edit. Mario Ponzini — S.
Paulo — 1942 — 342 pgs. in 8.ª.

Ciência

RIO DE JANEIRO

ALMEIDA MAGALHÃES, Eugenio de —
**Noções Práticas de Socorros Médicos
de Urgência e Enfermagem** (3.ª ed.)
— Graf. Laemmert — Rio — 1942
— 191 pgs. in 8.ª.
TRAÇAMENTO DA AERONAUTICA EM
TEMPO DE PAZ — Min. da Aeronau-
tica — Imp. Nacional — Rio — 1942
— 53 pgs. in 8.ª.
BERGAMINI, Francisco — **Hormônio do
Corpo Amarelo** — Fisiologia, patologia
e terapêutica — Dist. Liv. Ateneu —
Rio — 1942 — 319 pgs. in 8.ª.
HOTELHO REIS, N. — **Sífilis Pulmonar
Adquirida** — Graf. Sauer — Rio —
1942 — 194 pgs. in 8.ª — Ilust.
RAGA, Americo — **Soros, Vacinas, Aler-
genos e Imunígenos** — Tomo III —
Imp. Nacional — Rio — 1942 — 246
pgs. in 8.ª.
HOTELHO, Dr. Talino — **Os Pequenos
Fundamentos da Boa Alimentação** —
Graf. Barbero — 1942 — 84 pgs. in
4.ª — Rio — Coleção EPES-2-N.E.
S.D.N.S. (2.ª ed.).
CARNEIRO, A. Piquet — **Alergia e
Doenças Alergias** — Imp. Nacional
— Rio — 1942 — 191 pgs. in 8.ª.
COSTA BONFIM, Renato da — **Trata-
mento das Fraturas da Coluna Ver-
tebral** — Dist. Liv. Ateneu — Rio
— 1942 — 148 pgs. — Ilust. in 8.ª
— Pr. Cr\$ 30,00.
MODEL DOS SANTOS, Sebastião —
Manual de Enfermagem — Para us-
dos enfermeiros, samaritanas e socor-
ristas — Liv. Lusitana Edit. — 1942
— 137 pgs. in 8.ª.

GESTEIRA, Prof. Mariagão — **Puericul-
tura** — Edit. Panamericana — Rio —
1942 — 491 pgs. in 8.ª.
CASSON, Stanley — **A Descoberta do
Homem** — Formação de duas ciências
Edit. Panamericana — Rio — 1942
— 359 pgs. in 8.ª.
LIMA SOBRINHO, Barbosa — **Alcool
Motor** — Americ. Edit. — 1943 —
55 pgs. in 8.ª — Ric.
MULLER, Erich — **Tratamento e Ali-
mentação da Criança** — Trad. de
Germano G. Tomp Tomsem — Edit.
Científica — Rio — 1942 — 682 pgs.
in 8.ª — Pr. Cr\$ 150,00.
OLIVEIRA, Eduardo Sabino de (eng.)
— **Alcool Motor e Motores de Explosão**
(2.ª ed.) — Inst. Nacional do Açúcar
e Alcool — Rio — 1942 — 360 pgs.
in 8.ª.
ROCHE (Nota científicas) — Public.
de Produtos Roches S. A. — Dis-
tribuição gratuita à classe médica do
Brasil — 144 pgs. in 8.ª — Rio.
LAVEIRA, Mario — **Substâncias Gordas
Modernamente Usadas na Alimentação**
— Tese de concurso — Tip. Jorn.
do Comércio — Rio — 1942.

SÃO PAULO

ANDRADE MAIA, Jorge de — **Índice Ca-
tálogo Médico Brasileiro** — 1939 —
Rev. dos Tribunais — S. Paulo —
1942 — 216 pgs. in 8.ª.
FILHO, Dr. Lourenço — **Exercícios de
Aritmética** — Série B — Edit. Me-
lhoramentos — S. Paulo — 1942 —
Pr. Cr\$ 5,00.

Como
leitor

O matutino de
mais amplo no-
ticiário local,
nacional e
internacional.

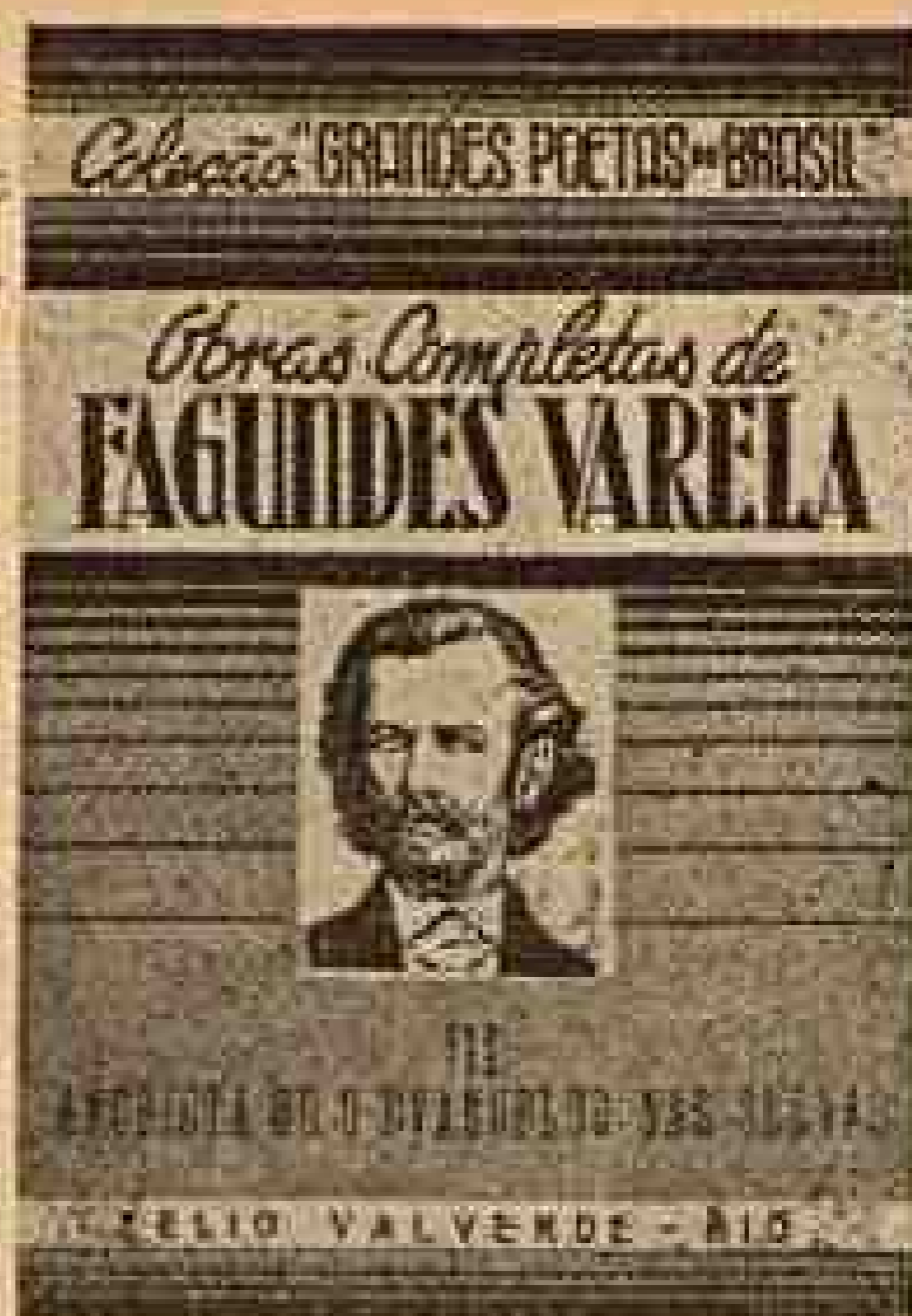
Faça do

Diário de Notícias

o seu jornal

Como
anunciante

O matutino de
maior tiragem
no Distrito Fe-
deral. 41.000
exemplares nos
dias úteis e
65.000 aos
domingos.



Na Coleção “Grandes Poetas do Brasil”

A LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE acaba de publicar em 3 volumes toda a obra deste notável poeta romântico. Essa edição contém estudos de Edgard Cavalheiro, Attilio Milano, Ademar Tavares e Murillo Araujo. — Todos os volumes foram rigorosamente revistos e compostos na nova ortografia. Preço de cada volume em linda cartonagem..... Cr\$ 9,00

...A seguir na mesma Coleção :

OBRAS COMPLETAS de CASIMIRO DE ABREU com prefácio de Murillo Araujo.

OBRAS COMPLETAS de CASTRO ALVES em 2 volumes com prefácio de Agrippino Grieco.

POESIAS COMPLETAS de GONÇALVES DIAS em 2 volumes.

POESIAS COMPLETAS de ALVARES DE AZEVEDO em 3 volumes

Todos os volumes em linda cartonagem. Preço de cada volume Cr\$ 9,00

PEDIDOS A

Livraria Editora ZELIO VALVERDE

Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956

Remessas para o interior pelo **SERVIÇO DE REEMBOLSO**

RIO DE JANEIRO

BRASIL, Etienne — **A Lei sobre os Alugueiros e o Inquilinato** — (Decreto-Lei n. 4.598 de 20 de Agosto de 1942) — Liv. Coelho Branco — Rio — 1942 — 126 pgs. in 8.º.

CONSELHO NACIONAL DO TRABALHO — **Jurisprudência** — Vols. 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 10.º, 11.º — 1941 — Rio — Imp. Nacional.

CONSELHO SUPERIOR DE TARIFAS — **Jurisprudência** — Vols. 2.º, 4.º, 5.º, 7.º, 9.º, 10.º, 11.º — 1941-1942 — Rio — Imp. Nacional.

CONSELHO NACIONAL DE TARIFAS — **Jurisprudência** — Vol. XLI — Imprensa Nacional — Rio — 1942 — 189 pgs. in 8.º.

D. A. S. P. — **Jurisprudência** — Vol. H — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 189 pgs. in 8.º.

D. A. S. P. — (Órgãos da Administração) — Vol. 2.º — 1942 — Imp. Nacional — Rio.

D. A. S. P. — **Indicador da Legislação Administrativa do Executivo** — Atualizado até 1.º de Janeiro — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 217 pgs. in 8.º.

D. A. S. P. — **Imposto de Exportação** — Parecer — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 55 pgs. in 8.º.

DIREITO JUDICIÁRIO BRASILEIRO — **Primeiro Congresso Nacional de Direito Judiciário**, promovido pelo Inst. dos Advogados Brasileiros — Vol. I-II anexos — I parte — II, parte vol. I, II, III — partes. Vol. IV e Vol. IV em (continuação) — anexos Vol. V — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 306 pgs. in 8.º. — 9 vols.

MENTARIO DA LEGISLAÇÃO FEDERAL — 1942 — Imp. Nacional — Rio — 346 pgs. in 8.º.

MENTARIO DA LEGISLAÇÃO FEDERAL — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 220 pgs. in 8.º.

LEIS PENAIS — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 410 pgs. in 8.º.

MINISTERIO DA JUSTIÇA — **Arquivos Penitenciários do Brasil** — Órgão da Inspeção Geral da Penitenciária e do Conselho Penitenciário do D. Federal — ano 2.º — n. 44 — 4.º trimestre

— 1941 — Imp. Nacional — Rio — 1942 — 410 pgs. in 8.º.

OLIVEIRA, J. Martins de — **Direito Fiscal** — Liv. Jacinto — 1943 — 300 pgs. in 8.º.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL — **Jurisprudência** — Vols. 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º — Imp. Nacional — Rio — 1941-1942.

SUPREMO TRIBUNAL MILITAR — **Jurisprudência** — Vols. 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º — 1941 — Imp. Nacional — Rio.

TRIBUNAL DE SEGURANÇA NACIONAL — **Jurisprudência** — Vols. 1.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º e 9.º — 1941-1942 — Imp. Nacional — Rio.

TRIBUNAL DE CONTAS — **Pareceres do Procurador Dr. Leopoldo Cunha Melo** — Vol. I — 1941 — 305 pgs. in 8.º.

TRIBUNAL DE APELAÇÃO — **Jurisprudência** — Vols. 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º — 1941-1942 — Imp. Nacional — Rio.

PARANÁ

FRANCO SOBRINHO, Manoel de Oliveira — **Desapropriação por Utilidade Pública** — Edit. Guaira — Curitiba — Paraná — 1942 — 168 pgs. in 8.º.

LIBEIRO PONTES — **Código Penal Brasileiro** — II vol. — Guaira Edit. — Curitiba — Paraná — 1942 — 351 pgs. in 8.º.

MINAS GERAIS

VEIGA, J. Pimenta da — **O Caso do Sargento Ananias** — Liv. Edit. Inconfidência — 1942 — 103 pgs. in 8.º — B. Horizonte — Minas.

ALMEIDA, Clodomir F. de — **Empresários** — Tip. Rassolilo — S. Paulo — 1942 — 16 pgs. in 8.º.

RIO GRANDE DO SUL

REINERT, A. W. José Diehl — **Selo Federal** — (A última lei) — Biblioteca Fiscal Trabalhista — Vol. III — Ed. do Conselho Federal — Porto Alegre — 1942 — 212 pgs. in 16.º — Pr. Gr\$ 3,00.

RIO DE JANEIRO

BASILE, Ragi (Prof.) — **Vocabulário Etimológico dos Vocabulários Portugueses derivados do Árabe** — 1.º Fase. — J. do Valle — Rio — 1942 — 32 pgs. in folio.

BOLIVAR, Simon — **Ideário Político** — Edit. Vecchi — 1942 — 124 pgs. in 8.º — Rio.

DONNAY, Maurice — **La Vie Amoureuse d'Alfred de Musset** — Americ Edit. — Rio — 1942 — 226 pgs. in 8.º.

MEIRA, Cecil — **Introdução ao Estudo da Literatura** — Irs. Pongetti, Edit. — 1942 — Rio — 255 pgs. in 8.º.

POLIAKOV, Alexander — **Os russos não se Rendem** — Editora Panamericana — Rio — 1943 — 156 pgs. in 8.º — Trad. de Augusto Rodrigues e George Reizman.

SILVA, Oliveira e — **Meditações** — Ofc. Gráf. Alba — 1942 — 167 pgs. in 8.º — Rio.

SÃO PAULO

CAMÕES — **Obras Completas** — 2.º vol. — Eds. Cultura S. Paulo — 1942 — 323 pgs. in 8.º — Pr. Cr\$ 25,00.

CAMÕES — **Obras Completas** — 3.º vol. — Eds. Cultura — S. Paulo — 1942 — 373 pgs. in 8.º — Pr. Cr\$ 25,00.

LONATO, Mario — **Cinco Irmãos Bichanos** — Eds. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 15 pgs. — Cart. Ilust. — Pr. Cr\$ 6,00.

FIGUEIREDO, Fidelino de — **Antero** — 4 conferencias promovidas pelo Departamento Municipal de Cultura de S. Paulo — Graf. da Prefeitura — S. Paulo — 1942 — 226 pgs. in 8.º.

PARANÁ

PONTES, Elói — **Romancistas** — Editora Guaira — Curitiba — 1942 — 100 pgs. in 8.º. — Col. Caderno Azul — vol. 11.

SILVEIRA, Peixoto — **Rapsódia de Escândalos** — Edit. Guaira — 1942 — 107 pgs. in 8.º — Curitiba — Paraná.

RIO GRANDE DO SUL

ALBUQUERQUE, Medeiros e — **Quando eu era vivo** — Liv. do Globo — P.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registo, peça-o pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

O PROGRAMA KALEIDOSCOPIO

Sob a orientação de CARLOS FRIAS,

tem o prazer de apresentar:

SILVIO VIEIRA

O maior baritono da America do Sul



TODOS OS DOMINGOS ÀS 19 HORAS

Numa gentileza da

“CINTA MODERNA”

RADIO TUPI ☆ PRG-3

Você quer se desfazer dos seus Livros ?

Procure, imediatamente,

ANTONIO S. SANT'ANA

Largo de S. Francisco, 44 - 1.º - sala 2

QUE LHE PAGARÁ OS MELHORES PREÇOS.

Livros avulsos ou mesmo bibliotecas completas

TELEFONE: — 23-4323

ATENDE A DOMICILIO

Alegre — 1942 — 326 pgs. in 8.º — Edição Póstuma e Definitiva.

BARBOSA, Holmes A. — **Escritores Norteamericanos e outros** — Liv. do Globo — 1943 — 275 pgs. in 8.º — P. Alegre — R. G. do Sul.

PARAIBA

MEDEIROS, Coriolano de — **O Tambia do Minha Infancia** — João Pessoa — Paraíba — 1942 — 107 pgs.

Política

RIO DE JANEIRO

AMOROSO LIMA, Alceu (Tristão de Atalide) — **Pela União Nacional** — Liv. José Olímpio Edit. — Rio — 1942 — 53 pgs. in 8.º.

DUTCH, Oswaldo — **A Nova Ordem na Europa** — Resultados e observações do primeiro ano — Mendes Jr. — Rio — 61 pgs. in 8.º.

GONZALEZ, Videla — **Habla el Embajador** — Democracia, Fascismo, Guerra — Inst. Brasileiro-Chileno de Cultura — Tip. Alba Edit. — Rio — 1942 — 53 pgs. in folio.

VISCONTI, Vitor — **Sinarquia** — Democracia Cooperativista — Irs. Pongetti Edit. — 73 pgs. in 8.º — Rio — 1942.

Viagem

RIO DE JANEIRO

ACQUARONE, F. — **A Conquista do Mar** — História da Navegação — Edit.

Panamericana — Rio — 1942 — pgs. in 8.º — Ilust. Carl.

SÃO PAULO

ESPINHEIRA, Ariosto — **Viagem Aravés do Brasil** — Vol. IV — Brasil-Sul — Sta. Catarina — Edit. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 83 pgs. in 8.º.

Religião

RIO DE JANEIRO

BAETEMAN, José — **Na Escola de São Vicente** — Trad. de Vicente Jr. — Tip. Batista de Souza — Rio — 1942 — 137 pgs. in 8.º.

CAMARA, Artur da (Pe.) — **Como se faz o Casamento Religioso com Efeitos Civis** — (2.ª ed.) — Tip. Jornal do Comercio — Rio — 1942 — 20 pgs.

SÃO PAULO

PELUCIO, Alberto José — **Templos e Crenças** — Baependi — Graf. Paulista — S. Paulo — 1942 — 108 pgs. in 8.º.

WHITE, E. G. — **Testemunhos para a Igreja** — (2.ª ed.) — Casa Publicadora Brasileira S. André — S. Paulo — 1942 — 238 pgs. in 8.º.

RIO GRANDE DO SUL

PETHAN, Atalicio — **O Divino Mestre** — Liv. do Globo — Porto Alegre — R. G. do Sul — 1942 — 181 pgs. in 8.º.



Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo !

Sempre novidades !

Centenas de filiais no Pais.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Explendido sortimento de artigos leves para o verão !

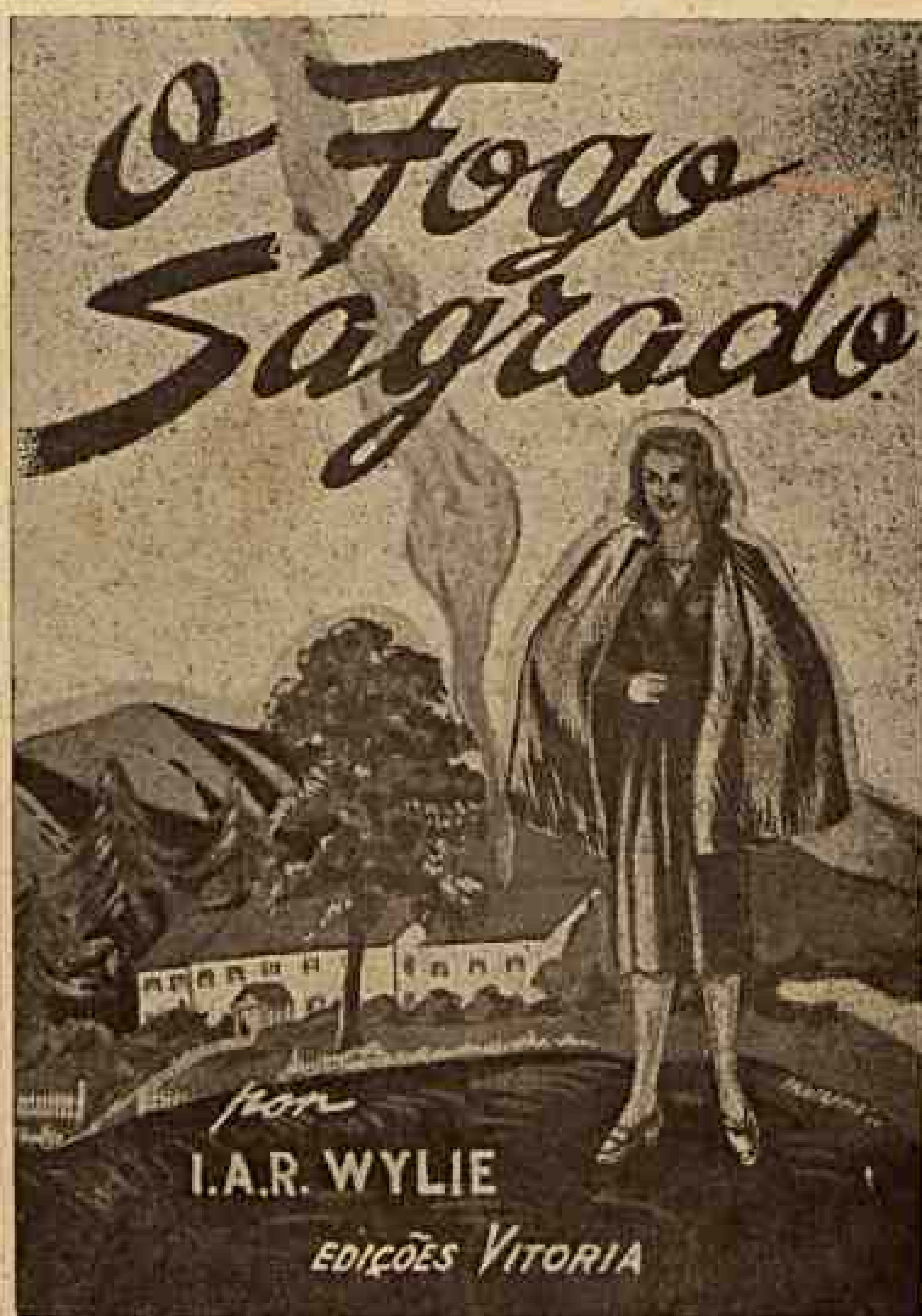
CASAS PERNAMBUCANAS

Katherine Hepburn e Spencer Tracy

Dois grandes interpretes
para um grande livro

O extraordinario romance de **L. A. R. WYLIE**, a grande escritora norte-americana, autora de varios livros filmados, entre os mais modernos, destacamos "**4 Filhos**" — foi adquirido pela **Metro Goldwin Mayer**, que escolheu para os seus principais protagonistas aqueles artistas queridos, que constituem atualmente a mais formidavel dupla do cinema.

Com **O Fogo Sagrado**, a escritora



famosa, através de uma audaciosa historia em que mostra como os males do nazismo poderiam ter-se reproduzido nos Estados Unidos, brinda-nos um dos mais lindos romances de amor, admiravelmente vivido por Katherine Hepburn e Spencer Tracy.

O FOGO SAGRADO será o grande livro e a superprodução da Metro em 1943, conforme já assinalou a critica de Nova York.

Edições VITORIA

Caixa Postal 2798 - Rio de Janeiro

EM TODAS AS LIVRARIAS — PREÇO: CR\$ 15,00

PRH - 8

RADIO IPANEMA

OFERECE AO BRASIL DOIS PROGRAMAS DIFERENTES :

☆ NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE PRH-8

■ ■ ■ UMA COMPLETA RESENHA DOS ACONTECIMENTOS LITERÁRIOS DA SEMANA.

☆ BACIA DE PILATOS

■ ■ ■ UM CARTAZ LITERÁRIO MOVIMENTADO E ORIGINAL EM COMBINAÇÃO COM "VAMOS LER".

Programas dirigidos e apresentados por

José Queiroz Junior

na faixa de 1.130 kilociclos.

*diretamente nos novos auditórios da RADIO IPANEMA,,
à Avenida Atlântica, 24, no Leme.*

UMA REALIZAÇÃO EDITORIAL EM PROL DA DIFUSÃO DA CULTURA

OS GRANDES PENSADORES

é a coleção filosófica mais econômica, mais completa e mais bem feita que até o presente se publicou em nossa língua.

Alguns dos primeiros volumes:

O AMOR, AS MULHERES E A MORTE, A. Schopenhauer — IDEÁRIO POLÍTICO, Simón Bolívar — AFORISMOS, ANEDOTAS E JULGAMENTOS SALOMÓNICOS, Voltaire — BREVIÁRIO DO HOMEM DE BEM, Benjamin Franklin — ARABESCOS FILOSÓFICOS, Charles Baudelaire — OS DOZE LIVROS DA SABEDORIA, Marco Aurélio — CARACTERES E ANEDOTAS, Chamfort — O ESTADO E O INDIVÍDUO, E. Laboulaye — A LUTA PELO DIREITO, Ihering.

Cr\$ 3,00 — Três cruzeiros! cada volume

Obras escolhidas de autores universalmente famosos — Traduções esmeradas, cuidadosamente revistas. Volumes elegantemente apresentados, com o retrato do respectivo autor e uma notícia bio-bibliográfica do mesmo.

CASA EDITORA VECCHI LTDA. - Rezende, 144 - Rio

alba, editora

HISTORIA DAS DOUTRINAS ECONÔMICAS *por* CHARLES GIDE E CHARLES RIST
Um volume em formato duplo francês, de 880 pgs., encadernado — Cr\$ 85,00.

HISTORIA DAS IDÉIAS POLÍTICAS *por* RAYMOND G. GETTELL
Um volume em formato duplo francês, de 650 pgs., encadernado — Cr\$ 75,00.

O ESPIRITO DO DIREITO ROMANO *por* RUDOLF VON JHERING
Um volume em formato 1/16 BB, de 500 pgs., encadernado.... — Cr\$ 70,00.

INOVAÇÕES DO NOVO CODIGO PENAL *por* OLIVEIRA E SILVA
Um volume em formato 1/16 BB, de 300 pgs. broch. e enc.... — Cr\$ 20,00 e 25,00.

CARTAS INEDITAS DE EÇA DE QUEIROZ *a* RAMALHO ORTIGÃO
Um volume em formato francês, de 300 pgs. brochado — Cr\$ 10,00.

A COMEDIA LITERARIA *por* OSORIO BORBA
Um volume em formato americano, de 280 pgs., brochado — Cr\$ 10,00.

TURGUENIEV E A FILOSOFIA RUSSA *por* ANDRÉ MAUROIS
Um volume em formato francês, de 240 pgs., brochado — Cr\$ 12,00.

BOLIVAR *por* SILVIO JULIO
Um volume em formato americano, de 400 pgs., brochado — Cr\$ 20,00.

OS HOMENS NÃO FALAM DE MAIS *por* F. ASSIS BARBOSA
e JOEL SILVEIRA
Um volume em formato francês, de 270 pgs., brochado — Cr\$ 12,00.

O SAL NA ECONOMIA DO BRASIL *por* DIOCLECIO DUARTE
Um volume em formato 1/16 BB, de 300 pgs., brochado — Cr\$ 12,00.

O BOI ARUA' *por* LUIZ JARDIM
Um volume em formato americano, de 160 pgs. — Cr\$ 10,00.

O FUTEBOL E SUA TÉCNICA *por* MAX VALENTIM
Um volume em formato americano, de 280 pgs. — Cr\$ 10,00.

O TESOURO DA ILHA DOS COCOS *por* AFFONSO VARZEA
Um volume em formato americano, de 240 pgs. — Cr\$ 10,00.

alba, editora - Lavradio, 60 - Rio de Janeiro

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

JANEIRO 1943

ANO I • NÚMERO 2

RUA DO ROSÁRIO, 129

RIO DE JANEIRO • BRASIL

Cr. \$ 0,50

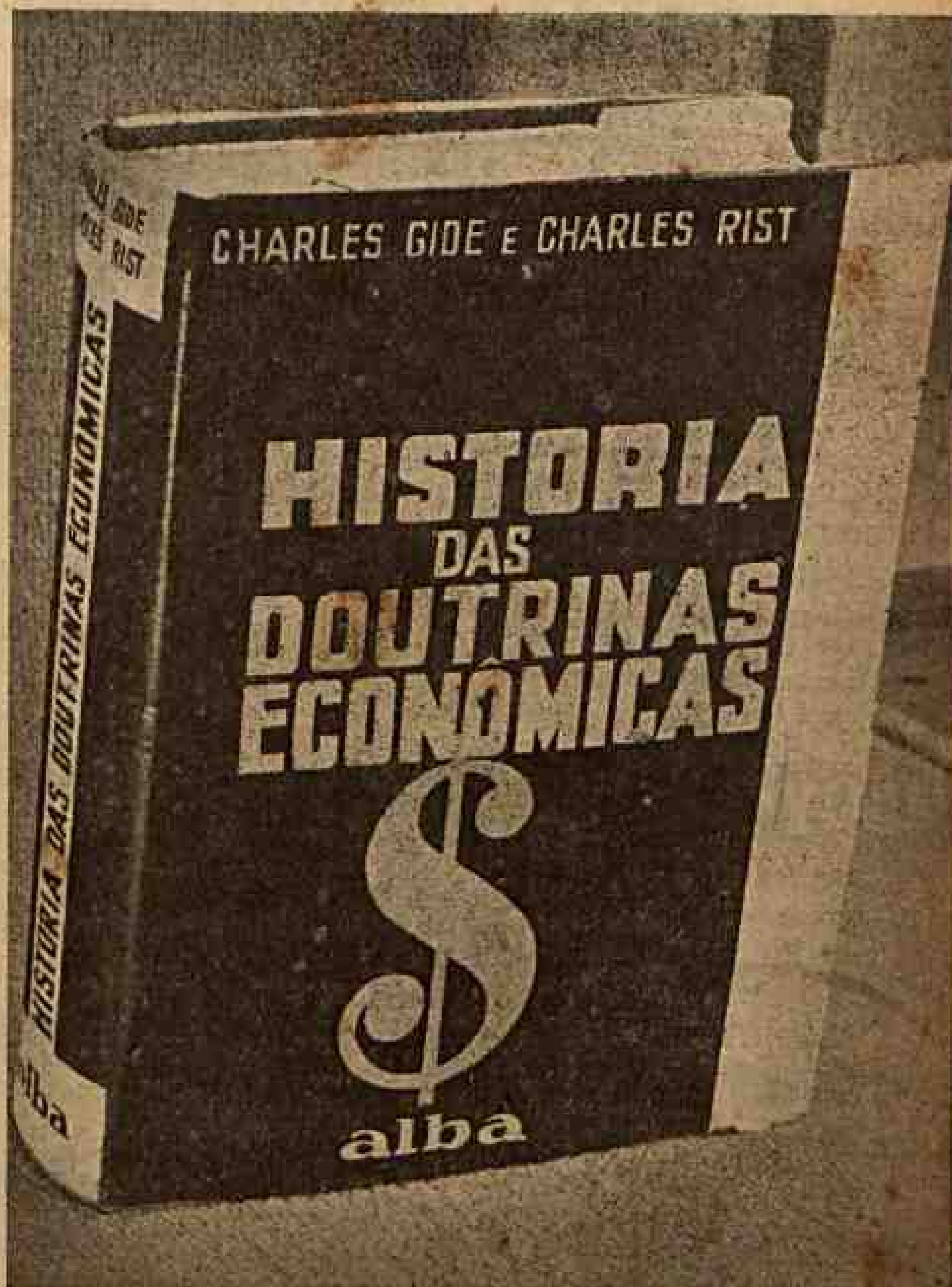
“Historia das Doutrinas Economicas”

SADY GARIBALDI

Copyright de LEITURA

A “História das Doutrinas Econômicas” (desde os Fisiocratas até nossos dias), da autoria de Charles Gide, antigo professor do Colégio de França e de Charles Rist, professor da Faculdade de Direito de Paris, que a editora Alba publicou, numa excelente tradução do sr. Eduardo Salgueiro, é, sem dúvida, uma das obras modernas mais notáveis e mais necessárias como auxiliar do estudo geral da história da civilização. A verdade é que se não conhecemos as idéias que determinaram a evolução de tal fenómeno social, desde a sua genese, dificilmente compreenderemos o sentido histórico e as consequências desse mesmo fenómeno. Por outro lado, se não conhecemos as causas que determinaram o aparecimento de tais idéias, então nada teremos compreendido da própria história que não-lo mencionou. Assim, a “História das Doutrinas Econômicas”, de que agora nos ocupamos, serve para abrir caminho à compreensão do mais importante aspecto da história dos séculos XVIII, XIX e XX: o da sua evolução econômica, o que nos pode conceder a chave para a solução dos problemas políticos. A política nada mais é, consoante a definição de um dos mais bem orientados publicistas da atualidade, do que a economia concentrada.

Os autores da “História” dividiram a sua obra em “épocas”, e, assim, nos expõem as doutrinas que dominaram o pensamento econômico durante determinada etapa histórica, até que a implacável transformação do mundo material, as relegasse para o museu das idéias mortas. A primeira época é a que vai do fim do século XVIII ao princípio do XIX. Aqui aparecem os fundadores da economia política clássica. O primeiro plano é ocupado por Adam Smith e J. B. Say, os campeões da “ordem natural”. Mais tarde, porém, surgem Malthus e Rieds e esta “ordem natural” se desfaz como um castelo de cartas para dar lugar a uma concepção mais racional e formar a economia política de uma doutrina mais realística. A segunda



época abrange a primeira metade do século XIX. São os demolidores de teorias que a máquina a vapor se encarregou de abalar, criando os exércitos do proletariado industrial e mostrando, em hora balbuciantemente, através de Sismondi, de Saint-Simon, de Proudhon e de List, a necessidade da estruturação de um novo mundo. Daí o “associaçãoismo” reinante neste período. A terceira época é a que constitui o apogeu da escola libe-

ral. É a época do processo de industrialização interna. É a época da crise de desenvolvimento, de crescimento do regime capitalista. Porisso pode resistir vitoriosamente aos ataques dos inimigos, mas não sem fazer algumas concessões”. As grandes leis desta etapa encontram a sua forma mais durável, em hora entrevistas sob ângulos bem diferentes, nos “Princípios” do inglês Stuart Mill e nas “Harmo-
(Continua à pg. 14)

Leitura

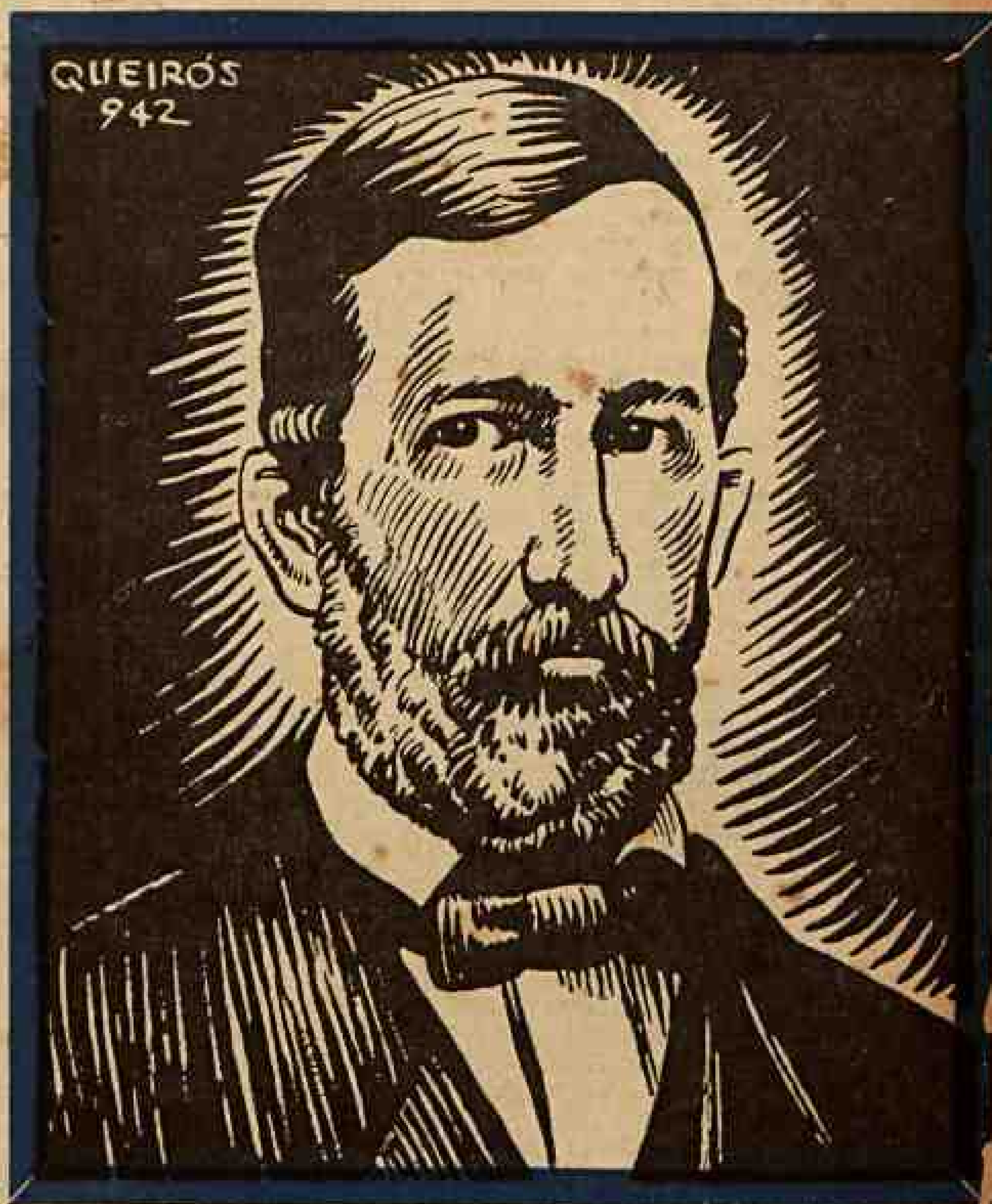
CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Intercâmbio Cultural

SENDO o livro um dos elementos de maior eficiência para a compreensão e aproximação entre os povos, é absolutamente lógico e imprescindível que se lhe devem proporcionar todas as facilidades para sua entrada no país.

Se quisermos conhecer a realidade social, política e econômica dos países com os quais mantemos ou não relações de amizade para tirarmos as conclusões mais favoráveis ao nosso intercâmbio e à própria coexistência humana, é evidente que recorreremos ao livro. Porque pouco valem as informações particulares, por mais precisas que sejam, quando estas não são secundadas pelas que nos transmitem os escritores, os estudiosos — aqueles que em cada país do mundo, honesta e patrioticamente, refletem em suas obras os anseios, as inquietudes e as realidades do seu povo. E para citar um único exemplo recente, dizemos que a China legendária e distante, imensa e gloriosa no seu veterano sacrifício pela causa da humanidade, que hoje todos abraçamos, nunca foi tão compreendida e sentida entre nós como depois que o seu grande intérprete Lin Yutang a apresentou ao mundo na comovida mensagem de suas obras.

A política de boa vizinhança que vem se desenvolvendo por iniciativa do Presidente Roosevelt há cerca de um decênio, demonstração prática de ação governamental que corresponde ao sentimento comum de toda América, porque tende a nos conduzir inevitavelmente à União Continental, somente terá a eficiência que todos desejamos quando mais e melhor se conhecerem mutuamente os povos americanos. E tal necessidade surge hoje de maneira imperativa diante da contingente realidade universal que todos enfrentamos. Aquele admirável conceito de Alberdi: — "... para os países ligados pela geografia, pelo comércio e pela civilização, não há calamidade que não seja comum, nem prosperidade



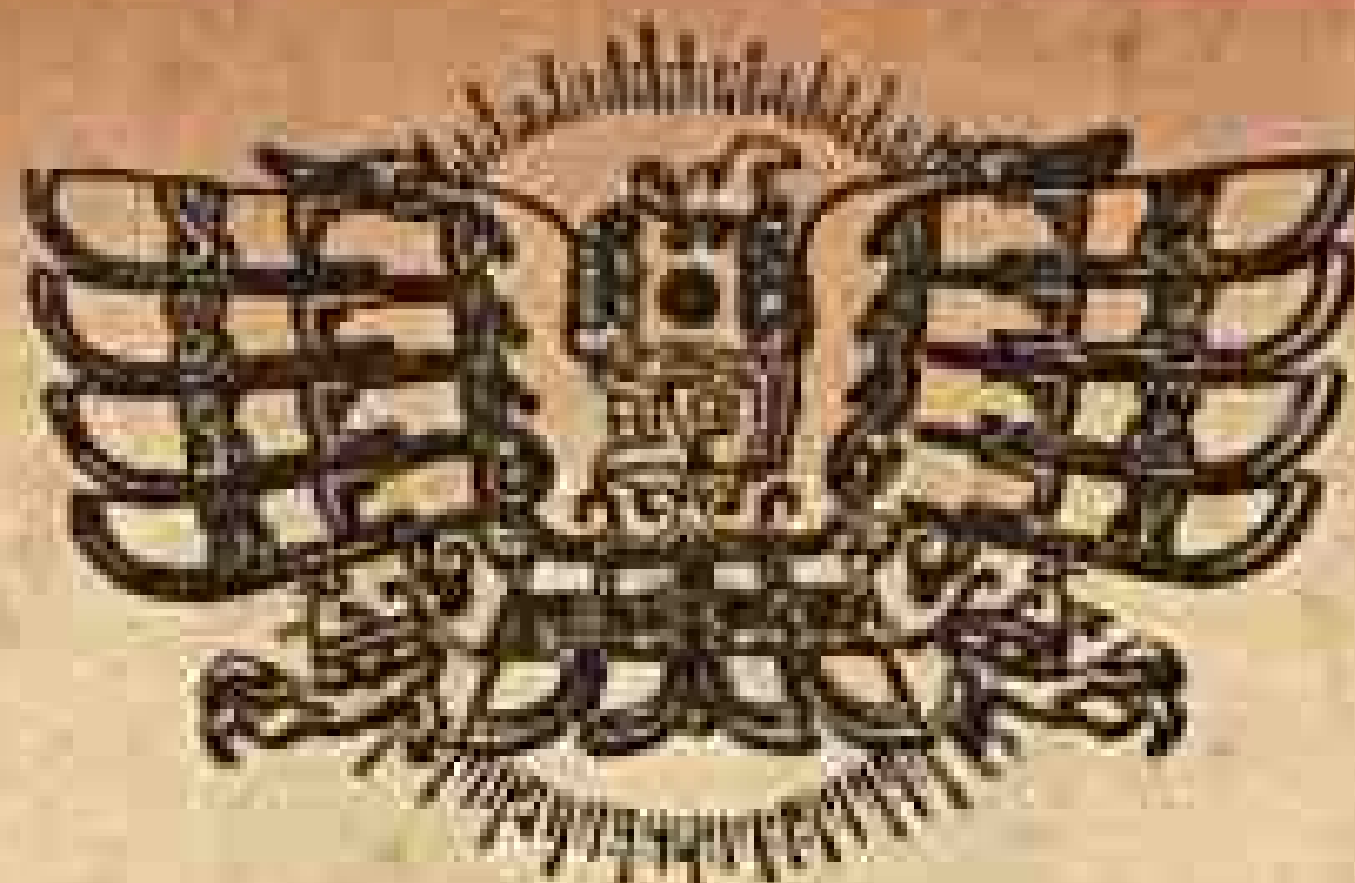
TEÓFILO OTONI, MINISTRO DO POVO — Ed. Zélio Valverde

que não seja recíproca" — renasce fortalecido por uma oportunidade sem par na história.

Já não é possível continuarmos nesse isolamento, que é o mesmo que desconhecimento, em que sempre temos vivido no continente. Devemos ter presente que o livro é o agente mais desinteressado e inteligente que temos ao alcance de nossas mãos. Restringir a entrada de livros de nossa América ou de qualquer parte do mundo pelo aumento de tarifas postais e aduaneiras é dificultar a prática da política de boa vizinhança, de cujos resultados já nos temos beneficiado.

Não se pode realizar intercâmbio cultural dificultando a entrada de livros em nosso país. Tais dificuldades são prejudiciais aos interesses do Brasil e da América.

LIVRARIAS



INCAHUASI

EDIÇÕES CHILENAS

Fracasso de una misión	Neville Henderson	Cr\$ 35,00
Los italianos tal como son	Conde Sforza	Cr\$ 17,50
El drama político Oriental	G. F. Hudson	Cr\$ 14,00

EDIÇÕES MEXICANAS

Torbellino	Gomes Maganda, período de la vida político-social de México	Cr\$ 21,00
Clochemerle	Gabriel Chevallier	Cr\$ 35,00
Refugiados através de la Europa en llamas	Elll R.	Cr\$ 24,50
Páginas del destierro	Alvaro de Albornoz	Cr\$ 24,50
Canibales políticos, capítulos de la volución española	J. Gorkin	Cr\$ 24,50
Epitalamio del Prieto Trinidad	Victor Serge	Cr\$ 17,50
El Oscuro invasor	Capitan Von Rintelen	Cr\$ 26,25
Mission ou demission de la France?	Cr\$ 14,00
Advertência a Francia	Paul Reynaud	Cr\$ 14,00
Hombres contra Stalin	Fritz Max Cahen	Cr\$ 21,00
Epitalamio del Brieto Trinidad	E. Sender	Cr\$ 35,00
Como conseguir y conservar un marido	Dorothy Dix	Cr\$ 17,50

EDIÇÕES ARGENTINAS

Seleção de grandes clássicos — Romanes — Biografias — Filosofia — Aventuras — Viagens.
Preço — Encadernado de luxo — 16,00; cartonado, Cr\$ 11,00.

(Colección Verde):

Los Grandes Inventores — Infancia de Grandes Hombres — Madre de Grandes Hombres — Magallanes — Vida y empresas de Napoleon — Vida de Livingstone — La vida santa y heroica de Juana de Arco — San Francisco de asis — San Ignacio de Loyola — Santa Teresita del Niño Jesus — Santa Teresa de Jesus — Vida de San Juan Bosco — Los Grandes Musicos — Vida de Carlos V — Vida de Hernan Cortes — Martires de la Ciencia — Viajes de Marco Polo — Vida de Pasteur — Vida de Maria Curie — Vida de Mahoma — Vida de Cromwell — Vida de Cabeza de Vaca.

(Colección Azul):

El ultimo Mohicano — Leyendas y fabulas Guaranies — Vida y obra de Liniers — Aventuras de Huck Finn — Los Incas — Martín Pierro — Los Pielas Rojas — Franklin — Una excursion a los indios Ranqueles — El Ultimo Mohicano — Fausto — Vida de Bucharcho — Vida de Miranda — La Gran Aldéa — Maria — Teatro Infantil — Los Sertones — Vida de Simon Bolivar — Amalia — Far West — La Conquista del Perú — Vida de Lincoln — Vida de Juarez — Vida de José de San Martin — Vida de Sarmiento — El Rastreador.

(Colección Roja):

La Araucana — Gil Blas — El Jinete sin Cabeza — Oliverio Twist — La cancion de Roldan — Cuentos de Tolstoi — Tartarin de Tarascon — Fabulas de Iriarte — Taras Bulba — La Enelda — Tres Obras de Shakespeare — Tres Obras de Schiller — Los tres Mosqueteros — La Divina Comedia — El Anillo del Nibelungo — Poema del Cid — La Feria de las Vanidades — Tres Obras de Molière — La Odisea — Tres Obras de Calderon de la Barca — La Cartuja de Parma — Cuentos de Oscar Wilde — La Piel de Onagro — Viajes de Gulliver — Viajes de Simbad — Don Quijote de la Mancha — La Iliada.

(Colección Oro):

Maravillas de las Regiones Polares — La Civil izacion del Nilo.

(Colección Antorcha):

La Conquista del Aire — Socrates — Sarmiento de Gamboa — San Pablo — Edison — Los Piratas — Miguel Angel — El Cine — Los Misterios del Amazonas — Vida de Sutter — La Atlantida — Darwin — Tolstoi — Felix de Azara, su vida y su obra.

(Biblioteca Atlantida) — Cr\$ 12,00 o vol. encadernado —

Shakespeare (Hamlet)

Pedro A. de Alarcon (El Sombrero de Tres Picos).

Lucio V. Man silla (Una Excursion a los Indios Ranqueles).

Hurtado Mendoza (Lazarillo de Tormes)

Fray Luiz de León (La Perfecta Casada).

Goethe (Werther).

**ACEITAMOS ENCOMENDAS DE LIVROS EM CASTELHANO; FAZEMOS REMESSAS
CONTRA REEMBOLSO**

**AVENIDA RIO BRANCO, 58 — TELEFONE 43-7056 — CARIOCA, 45 —
2º AND. — S. 4 — TELEFONE 42-6624 — GALERIA CRUZEIRO N.º 3**

As Memórias de André Maurois

LIA CORRÊA DUTRA

Copyright de LEITURA

VIRADA a página final das "Memórias" de André Maurois, verifiquei, com melancolia, que não tinha lido apenas a história de um homem, mas a de um mundo que desmoronou.

Menino de boa família, nascido em meio próspero e conservador, estudante sempre laureado, rapaz brilhante, industrial por hereditariedade, escritor por vocação, amando duas vezes e duas vezes feliz no amor, cidadão comedido, influente, reacionário, autor amável e de bom gosto, jamais tendo conhecido a miséria, o insucesso e a dúvida, sua vida teria pouca importância, se não estivesse misturada a todo esse período da vida da França, que vai das últimas décadas do século XIX aos dias de hoje. Esse período, tão rico de conteúdo e de significação, sacudido por três guerras, por descontentamentos populares, por embates de doutrinas e ideais, pela crise, pela falta de trabalho e pela luta das classes, é, evidentemente, um período de transição, que marca o fim de uma Idade. Assim, ao escrever suas Memórias, o escritor desvenda aos nossos olhos uma época que parece irremediavelmente perdida. Embora sejam ligeiros e incompletos muitos de seus apontamentos, a importância maior dessas "Memórias" consiste em nos dar uma visão da França durante mais de cinquenta anos de sua história, e sua leitura nos ajuda a compreender melhor o drama de hoje. Livro escrito com aquela facilidade e aquela elegância próprias da obra de Maurois, dá-nos o retrato de um homem culto, artista, imbuído do verdadeiro espírito francês, com seu amor pela clareza, sua curiosidade pelas coisas da inteligência e seu respeito pelas tradições — um mixto de grande burguês, de intelectual e de professor. Dá-nos, porém, mais ainda, embora não tenha sido essa, talvez, a sua intenção: dá-nos a descrição de uma França feliz, ingênua, egoisticamente despreocupada, dos fins do século passado, depois a de uma França inquieta, atormentada pelo choque de opiniões, e, afinal, a de uma França doente, desarticulada por implacáveis divergências internas, desarmada diante do inimigo, dividida por sucessivas crises políticas.

Em "Memórias" a narração se inicia nos fins da guerra de 1870, antes mesmo do nascimento de Maurois. A derrota da França, com a anexação da Alsácia à Alema-

nha, expulsa a família do escritor de sua província natal. Entretanto, na Normândia, a família retoma pé, consegue para aí transplan- tar a fábrica de tecidos de sua propriedade e os antigos operários alsacianos, assenta a sua vida den-



André Maurois

tro da mesma prosperidade de outrora. Ali, no solo novo, a indústria se restabelece nos moldes anteriores, cria raízes tão fortes quanto as que a prendiam às terras da Alsácia. Houve apenas mudança de cenário, mas a concepção de vida continuara a mesma, continuaram as mesmas as condições trabalhistas. Num sistema meio patriarcal ainda, os patrões passavam por entre as máquinas, conhecem os operários pelo nome, e tomam sua parte dos trabalhos, quando, para dar o exemplo, movimentam os teares e fiam a lã. Os sócios, capitalistas, unidos por laços de sangue e de interesse, desprezam qualquer escrituração e dividem os lucros em harmonia. Diferente, em suas consequências, da guerra de 1914, que revolveu todas as camadas da sociedade, e da guerra atual, que faz tremer a civilização burguesa em suas bases, a de 1870, com sua derrota apenas militar, não afetou profundamente a estrutura política, social e econômica do país. Apesar da perda de suas províncias tão ricas, a França, aparentemente mutilada,

permaneceu intacta em sua essência. E' que, naquele momento, se podia ainda aplicar aos franceses a frase de Rénan, transcrita por Maurois na página 36 de suas "Memórias": — "Ter glórias comuns no passado, ter uma vontade comum no presente, ter feito juntos grandes coisas e querer continuar a fazê-las — eis as condições essenciais para um povo ser um povo". Essa vontade comum, esse desejo de fazer juntos grandes coisas é que começa a faltar ao povo francês depois da guerra de 1914, preparando o desastre de 1940.

Na França serena e feliz do final do século XIX, vem ao mundo o escritor; nesse ambiente sossegado é que ele cresce, nesse molde é que se vai formar o seu espírito. Mas o ar do século XX é diferente: tudo, rapidamente, se transforma. Morrem os velhos operários, e os novos exigem aumento de salário; a velha geração de industriais desaparece, é substituída por seus herdeiros jovens, que receberam educação clássica, conhecem literatura, ciência e filosofia, mas já não chamam cada operário pelo nome, já não são capazes de movimentar os teares e de tecer a lã para dar o bom exemplo. Entre patrões e empregados surgiu a barreira de desconfiança e ódio. O movimento do mundo acelerou-se, os métodos rotineiros já não podem acompanhá-lo. Reacionário, Maurois lamenta o crescimento dessa nova França que ele desconhece, que não é mais a França quieta de sua infância.

E, pelo livro, enquanto o escritor vai narrando suas memórias, seus dias de adolescência, seus amores juvenis, seus sucessos nas letras, desfilam, em instantâneos ligeiros, todos os grandes vultos da literatura, da política e do exército francês, figuras da aristocracia inglesa, professores, acadêmicos, generais. Conta como nasceram seus livros e seus filhos, descreve os salões parisienses, a coroação de Jorge V, a cerimônia de sua recepção na Academia, a vida nos castelos da província. Tendo tomado parte ativa na guerra de 1914, como oficial de ligação, Maurois viu mais os oficiais do que os soldados, os quartéis gerais do que as trincheiras, pois sempre se detém, com mais prazer, na reprodução dos aspectos fáceis e amáveis do mundo. Falta-lhe certa generosidade, certo calor de solidariedade humana; judeu, não chora a tragédia dos judeus da

(Continua à pag. 24)

Porque estamos em Guerra

DIOCLECIO D. DUARTE

EM FACE da agressão, é impossível conter os espíritos mais pacíficos e tolerantes. Continuar numa atitude contemplativa, quando os corsários invadem as nossas fronteiras e derramam o sangue de irmãos, desafiando a própria dignidade nacional, é esquecer os legítimos sentimentos de honra. Não valeria a vida sem o respeito a esses

compromissos que enobrecem o caráter humano e preparam a solidariedade entre os povos. A civilização é uma consequência de tais princípios, defendidos e cultivados pelos que procuram amenisar as tortuosidades do mundo e libertá-lo das ambições satânicas e perversas. Os séculos, porém, ainda não conseguiram assistir à concretização da doutrina conciliadora. Contra ela, a crueldade dos homens, dominados pelo ódio e cegos pelo egoísmo, erguera sempre barreiras intransponíveis. A ambição insensibilizou a alma dos conquistadores. E' o imperativo orgânico de uma raça que permanece na fase primária da evolução moral. Deus é o símbolo da violência e o condutor da guerra. A religião transformou-se no tóxico das melhores virtudes da humanidade. Somente a brutalidade dos gestos inspira os iconoclastas furiosos na marcha sanguinária que empreenderam. E o mundo estorrecido e desaparelhado para o embate, sofre os castigos de sua imprevidência. Mas a catástrofe ensina dolorosamente a necessidade dos povos se unirem para vencer a tirania histórica. E' a lógica dos fatos. A eloquência singular da ação que os políticos teóricos e os verbalistas românti-

cos haviam esquecido. Os bárbaros renascidos no meio displicente e comodista obrigaram os povos que não desejam perecer e ainda teem fé nos destinos humanos a uma enérgica reação. Fomos mais uma vez arrastados pela força dos acontecimentos. Os apelos sufocantes de crianças e mulheres mortas pelos sicários nazistas apressaram o despertar de nossa revolta profunda. A agressão infame exigia a justa atitude que o governo brasileiro assumiu. Outro não deveria ser o gesto de quem interpreta as emoções da Pátria. Todas as classes se uniram para a resistência e para o ataque. O sangue brasileiro será vingado e os valentes soldados do Brasil ajudarão a salvar a liberdade e a garantir no mundo o princípio de justiça, com o prestígio da inteligência e o respeito pela cultura.

Foram esses os motivos que nos conduziram à luta. Motivos de ordem moral e de legítima defesa.

O livro que o Departamento de Imprensa e Propaganda, por iniciativa do major Coelho dos Reis, acaba de publicar, justifica plenamente a atitude do governo do Brasil. Impressiona e comove. "Agressão" é um título exato. Sabemos porque estamos em guerra.

Leitura

Crítica e Informação
Bibliográfica

Registrada no Departamento
de Imprensa e Propaganda
sob número 10.974

Direção de
DIOCLECIO D. DUARTE

e
RAUL DE GÓES

Secretaria de
MELO LIMA

Gerência de
RAFAEL BENAION

Redação e Administração:
Rua do Rosário, 129, 4º
Telefone 23-0873
Rio de Janeiro, Brasil
Composta e impressa nas
Oficinas de A MANHÃ

Correspondentes e
Representantes
em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . .	Cr\$ 0,50
Número atrasado . .	Cr\$ 1,00
Assinatura anual .	Cr\$ 6,00
Assinatura semestral	Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . .	\$ 1,00
Assinatura semestral	\$ 0,50

(Dólar americano)

OSVALDO ALVES

Tendo sido distinguido pelo Ministério da Educação e Saúde com a nomeação de Técnico de Educação, trabalho que lhe toma o tempo que devia dedicar a LEITURA, Osvaldo Alves viu-se forçado a deixar a secretaria desta revista. Mas, se o companheiro de redação foi solicitado para outra tarefa honrosa, ficou conosco a colaboração permanente do grande romancista. A sua presença em LEITURA não sofreu solução de continuidade. Substituindo-o na secretaria fica o jovem escritor Melo Lima, conforme sua indicação e desejo.

Os Homens não Falam de mais...

"OS HOMENS não Falam de mais", o livro vitorioso de Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira, lançado pela Alba, editora, continua recebendo de críticos e escritores as maiores expressões de simpatia. Hoje queremos destacar apenas 4 opiniões valiosas. São estas:

"Acho-o um livro útil, um livro que deve ser lido. E' um documentário à altura do que fez outrora João do Rio". — Alvaro Lins, "Correio da Manhã".

"Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira deram à nossa reportagem uma vida nova. O livro que eles agora publicam podia chamar-se de viagem à vaidade alheia. E vão atrás do ridículo como caçadores ladinos. E viram e remexeram no passado, no presente, e trazem os homens e os mulheres que falam para eles, para onde eles bem querem. E' inútil não querer falar, fingir modestia, fugir do reporter. Eles terminam abafando toda a vontade de suas vítimas, sugando, até o última gota, o ridículo de seus pacientes. Mas tudo isto não é odioso, não é virulento". — José Lins do Rego, "O Jornal".

"Em "Os homens não falam demais...", encontramos desde já e encontraremos os pesquisadores do futuro, um documentário de primeira ordem sobre certos homens e certos aspectos do tempo presente, com os seus modos de ver e sentir as coisas, com as suas reações particulares diante dos acontecimentos, com as suas manobras mentais, os seus tiques característicos, com os seus ridículos visíveis e invisíveis. Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira realizam, com muita argúcia e não menor vivacidade, a função própria do reporter: documentar, isto é, relatar fielmente o que vê e o que ouve, para que o leitor do presente e do futuro analise e conclua". — Astrojildo Pereira, "Diretrizes".

"Os homens não falam demais...": trata-se do livro de dois moços sagacíssimos, que de cada criatura recolhem os traços realmente definidores. Livro que não é um convite ao tédio, ao bocejo. Livro que se lê com prazer, mesmo em posição horizontal, sem o perigo de cair no sono, deixando a luz acesa. Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira sabem ver e — o que vale mais — sabem escrever. Inteligência e malignidade de um sulista, de um nordesta, a completarem-se, a fundirem-se neste volume que vença o efêmero do periodismo e toma lugar nas estantes". — Agrippino Grieco, "O Jornal".

O "CALUNGA", de Jorge de Lima

LIA CORRÊA DUTRA

Copyright de LEITURA

NUM país como o nosso, em que ainda se lê pouco, e em que se lêem, de preferência, traduções de romances estrangeiros, uma segunda edição é um acontecimento. Publicado pela primeira vez em 1935, "Calunga", do Sr. Jorge de Lima, foi, em 1941, traduzido para o castelhano e editado em Buenos Aires, e já está prestes a sair a versão francesa, havendo, também, a promessa de uma versão em língua inglesa. Poucos livros brasileiros terão conhecido tamanha divulgação, semelhantes excursões extra-fronteiras. Essa notoriedade perturba, naturalmente, a apreensão da crítica, que mais não é a autora destas linhas. Quero, porém, dar aqui, minhas impressões sinceras de leitora, interessada em tudo quanto se escreve e se publica no Brasil.

Acabei de reler "Calunga", de cuja primeira leitura há oito anos, não me ficara recordação bastante nítida. E agora, como então, fechei o livro com uma pergunta: — "É 'Calunga' um romance?" — Muitas de suas páginas nos darão mais a sensação de um poema: têm do poema a força descritiva, o lirismo, a ênfase, o apelo à sensibilidade do leitor; as palavras ganharão às vezes mais importância que a idéia, o ritmo irá sacrificar à frase, a escolha do adjetivo sonoro (quase sempre no superlativo) irá destoar da simplicidade intencional do estilo, que de outras vezes se serve da gíria, de regionalismos e alguns palavrões. O desprezo pela minúcia, pelos acontecimentos miúdos, pelo desenrolar pacífico de uma cena fará com que a ação se precipite e muitos trechos do livro pareçam pequenos quadros rápidos, soltos, desatados, sem a necessária ligação entre si, sem a unidade que seria de esperar num romance. Diria que lhe falta a "técnica do romance", se essa definição um tanto vaga não tivesse sido tão abusivamente empregada: a torto e a direito de algum tempo para cá. O Sr. Jorge de Lima não tem essa paciência, essa "humildade" do romancista, que entretesce fios diversos, arma cenários, movimenta personagens, prepara as cenas e as récorde umas às outras, com todo um laborioso trabalho de bastidor, trabalho obscuro que nunca deverá tornar-se aparente, embora forme a estrutura do livro, como um esqueleto que as carnes, os músculos e a pele recobrem, mas que mantém o corpo de pé. O Sr. Jorge de Lima, antes de ser romancista, é poeta. E, assim, poeta e romancista se misturam no seu livro, sendo que o primeiro fica com a parte maior e cede a contragosto seu lugar ao outro. Entretanto, não faltam ao Sr. Jorge de Lima — longe disso — os dons do romancista. Suas personagens, quando alcançam permissão do poeta para agir e para falar, mostram que têm vida, carne e sangue. Seus diálogos são extremamente vivos e naturais. A linguagem de Seu Tôtô do Canindé tem um sa-

bór de coisa verdadeira. Poca diz tudo o que diria um caboclo nas suas condições. A prostituta Mosquitinha, com suas alusões ao espiritismo, seu "benzinho" colorindo todas as frases, seu ingênuo orgulho de "se dar" com os maiores da terra, de ter intimidade com a parentela do governador, de ser amiguinha particular do Inspetor da Guarda Civil, seus plebeísmos pitorescos, seus nomes feios ditos com toda a naturalidade, é, apesar de personagem episódico, outra esplên-



Jorge de Lima

da figura de romance, porque é, na realidade, uma figura da vida. No entanto, quando as personagens não falam, como Joaquim, ou quando falam pouco (quatro ou cinco frases to romance inteiro), como Ana, elas se tornam pouco mais do que sombras; são seres inventados, não existem, não convencem. E isso nos prova a força de criação do Sr. Jorge de Lima, apenas prejudicada pela sua maneira de fazer romance; mal sua mão se desprende da personagem, deixando-a livre de andar e respirar, dando-lhe autonomia, a personagem anda, respira, transforma-se num ser autônomo. E' pena que poucas vezes ele consinta em soltá-las, que as mantenha quase sempre sob controle, que as arraste consigo para onde queira levá-las, que faça sua vontade própria intervir a todo instante. Assim, as coisas acontecem bruscamente, sem preparo e sem explicação, como a cena do encontro de Lula e Ana, e o modo como ele a convence a ir viver em sua companhia, ficando, desse momento, anulado todo o passado da moça e desaparecendo, sem que nunca mais nele se fale, aquele Durão que a maltrata tanto durante sua breve permanência no romance contra figura que não consegue livrar-

se um só momento da tutela do Sr. Jorge de Lima). O autor lançará mão de processo semelhante quando arranca todos os moradores de Varginha e os leva atrás do Santo. Criação viva e verdadeira é esse Santo, com a palavra única que pronunciará durante páginas e páginas: — "Anda, Anda" — e ao seu grito de ordem andarão paralisados e aleijados, e andarão, acompanhando-o, cheios de fé e fanatismo, toda uma multidão pavorosa de doentes, mutilados, moribundos, "cegos de todas as cegueiras", feridos e opilados de barrigas enormes. Essas cenas de êxodo estão entre as mais sugestivas e convincentes do livro, principalmente as últimas, da debandada atrás do Santo expulso do Canindé.

Entretanto, se não há uma coerência maior nos capítulos e mais nitidez nas personagens, o leitor logo compreenderá que isso não constitui um defeito, porque a personagem de primeiro plano, a única realmente importante, a única que realmente nunca falha e que está presente da primeira à última página, estabelecendo continuidade entre elas, aquela que determina toda a ação e em torno da qual as coisas se realizam, é a terra, e o núcleo do romance é a luta do homem contra a terra — diríamos melhor: a luta da terra contra o homem. O livro começa com a volta de Lula à região de sua infância. Essa viagem de trem, narrada com uma vivacidade, uma presteza, uma variedade de paisagens, uma mobilidade de fita cinematográfica, fita colorida, é um pequeno poema de que cada estação, cada parada do trem, assemelha-se a uma estrofe. O estilo dessas primeiras páginas é propositalmente despojado, ofegante como um trenzinho da Great Western que passa a toda velocidade de sua máquina (velocidade relativa de um trenzinho da Great Western), detendo-se de vez em quando, partindo logo depois, varando campos e matas. Lula chama o condutor, indaga para onde irá o trem. — "Ao começo da terra" — responderá o homem. E é realmente ao começo da terra que o trem levará Lula e seus vãos planos messiânicos de salvação da sua gente. Ao começo da terra. Ao começo do mundo. A região onde Lula nasceu assemelha-se ao mundo do período de formação, quando não havia, entre a água e a terra uma diferença nítida, quando os dois elementos se misturavam e confundiam, e davam nascimento a seres amorfo, semi-aquáticos, semi-terrestres, bichos mal definidos, peixes rudimentares, vermes e insetos de corpos moles, algas gelatinosas, toda uma fauna e uma flora da era paleozóica, muitos milhares de anos antes do nascimento do Homem. Mas na região natal de Lula o homem existe e trabalha, tirando seu sustento daquele mistura dos dois elementos, água e terra confundidas numa lama fértil.

(Continua à pag. 37)

POR QUE ELES RESISTEM?

ABGUAR BASTOS

Copyright de LEITURA

EM DATAS diferentes Hiroito, Mussolini e Hitler tiveram oportunidade de fazer esta pergunta. Era pergunta que, a princípio, significava não alarma, porém surpresa, ainda que, depois, passasse a resumir indisfarçável inquietação.

A Itália cobrira-se de glórias contra os bisonhos soldados do Negus, quase ao mesmo tempo em que o Japão procurava subjugar a China.

A China, que pela fraqueza militar deveria ser para o Japão o mesmo que fora a Abissínia para a Itália, demorou de tal maneira a sua rendição que, depois de algum tempo, essa palavra era totalmente riscada do dicionário chinês. O Japão nunca soube explicar direito o "fenômeno" da resistência chinesa, da mesma maneira como o italiano, ainda encantado com a primeira campanha da Abissínia, não saberia explicar mais tarde o "milagre" da resistência grega.

E o fato era que a Grécia, sozinha, não só aguentava o italiano na fronteira, como, passando a ofensiva, quasi reconquista a Albânia e joga o italiano no Adriático. Foi preciso a enérgica intervenção alemã para que a pequenina Grécia fosse subjugada, num ataque de dois flancos. Foi essa uma das vitórias melancólicas das armas do Eixo, vitória sem panache, pois o que entusiasmava o mundo era apenas o heroísmo e a grandeza da resistência grega. Nunca os gregos foram tão gregos, como nesses dias históricos em que as alvas colunas sagradas — símbolos de séculos heróicos — se tingiam novamente, no meio das vetustas ruínas, com o sangue de um povo que ainda sabia morrer nos combates.

Se Hiroito provava a sua desilusão com a China, e a Itália se decepcionava com a Grécia, Hitler ainda roncava grosso, porque tudo, para ele, até então, corria às mil maravilhas. Noruega, Holanda, Bélgica, França, Polônia, Iugoslávia tinham sido, para a faca nazista, apenas macio queijo, deliquescente gelatina.

Hitler gabava-se de sua faca, até que lhe veio a necessidade de experimentá-la no petisco de leste, representado por aquele imenso país de barro, que tomava nos mapas da primeira guerra mundial o nome de Rússia.

Vejamos o que os alemães e algumas pessoas de outros países pensavam a respeito dessa aven-

tura. Tem a palavra Maurice Hindus em *A resistência russa*, seu segredo político e militar: "Algumas semanas antes de irromper a guerra russo-germânica, eu estava em Cambridge, Massachusetts como convidado de um professor de Harvard. Ali estava também presente um alto funcionário de Washington. Durante uma discussão sobre as relações russo-germânica e as possibilidades bélicas da Rússia, caso houvesse um conflito entre os dois países, disse ele: "O exército alemão atravessará a Rússia como faca em manteiga!" Disse isto sem desprezo ou alegria, sem outro sentido senão o de um cientista proclamando um fato indiscutível".

Também os alemães assim pensavam e isto por vários motivos: 1º) O expurgo alguns anos antes, em que foram fuzilados inúmeros generais e demais oficiais do exército Vermelho, fato que hoje podemos conhecer em suas minúcias manuseando o sensacional relatório do embaixador Davies: "Missão em Moscou"; 2º) A guerra com a Finlândia, onde os observadores só teriam visto, da parte dos russos, armas obsoletas, soldados mal equipados, comando inferior e terrível indisciplina; 3º) A invasão da Polônia pelos russos, que deu para os observadores alemães oportunidade para avaliar a qualidade do futuro exército inimigo de leste. Eis como Pierre J. Huss, em seu *O inimigo que enfrentamos*, descreve a impressão dos nazistas diante dos russos acampados a pouca distância de Varsóvia: "Os oficiais alemães que atravessaram a fronteira com o fito de avaliar o Exército Vermelho em ação, voltaram com uma noção quimérica e uma expressão no olhar que exprimia o menosprezo e o desdém que sentiram por aquela população armada que acabavam de ver. O Exército Vermelho, diziam eles, não tem qualquer noção de disciplina e não passa de uma multidão de recrutas comandados por homens que não sabem o que seja comando e que são agulados e maltratados por comissários políticos que têm o poder de dispôr da vida e da morte de qualquer um deles... Era difícil de compreender esse Exército Vermelho de Stalin..." 4º) a informação de Hindenberg, afirmando ser de 2.ª classe a aviação militar dos Soviéticos; 5º) A possibilidade de uma revolu-

ção na Rússia contra Stalin, logo que os nazistas atravessassem as fronteiras.

A faca iria entrar na manteiga. E o poderoso assalto alemão às terras de leste foi efetuado em grande estilo.

Não precisamos recordar os fatos.

Leningrado, Moscou, Sebastopol, Stalingrado, entortaram a faca, dentaram-na, arreventaram-na. A manteiga virou pedra, depois aço, ou antes, havia manteiga por fora e dinamite por dentro. Todos os prognósticos nazistas falharam. E mais uma vez a disposição de resistência de um povo se impôs como fator decisivo da vitória.

Maurice Hindus em *A resistência russa* precioso e honesto documentário — explica os segredos dos formidáveis êxitos da defesa russa. E acentua que tudo se deve ao gigantesco plano de produção para a guerra, que em vez de começar em 1939, já se vinha desenvolvendo na Rússia desde 1929.

O que foi esse drama da produção para guerra, o inenarrável sacrifício do povo dos soviets, a espantosa tenacidade dos dirigentes, bem mostra porque os russos não se renderam. Mas, acima de tudo, existia a consciência nacional do perigo. Nisso, além da produção e mesmo sem ela, é que residia o principal segredo da resistência do chinês, do grego e do russo.

Essa consciência nacional do perigo é que salva as nações. Saber porque luta, e contra o que luta; saber o que defende e porque o defende, saber a quem segue e porque a segue, eis os termos que assinalam a inflexibilidade da defesa intransigente de que deram provas os povos da China, da Grécia e da Rússia.

E é isso que vemos bem claro no depoimento de Maurice Hindus. Não há resistência onde a confiança nacional debilita ante a dúvida, a indecisão, a contradição e a dúvida. O governo decidido de Churchill salvou a Inglaterra. A consciência nacional inglesa do perigo salvou a Grã-Bretanha. E se todos estiverem convictos que só há um perigo e que, contra ele, unidos, todos devem marchar, então a guerra durará muito menos e menores serão as suas calamidades.

DIZIA LAURINDO RABELO: — "Há muita gente que conhece a palavra gramática porque nela vê "grama".

Um Dante de Verdade

JOSÉ LINS DO REGO

Copyright de LEITURA

UMA vez um amigo perguntou-me se eu já lera Dante.

Respondi-lhe que não. E ele, então, me disse:

— Depois dos quarenta você lerá.

Isto já foi há quase 20 anos. E sucede que só agora comecei a ler a *Divina Comédia*. Poderá parecer um crime, mas foi para mim



Dante

uma felicidade. Descobri um mundo que me era, inteiramente, novo. Dante existia para mim como um Newton, que a gente conhece, somente, pela lei da gravidade, sem nunca ter ido aos seus livros. Era ele espécie de marco da literatura, ponto mais alto de uma cordilheira que só os alpinistas de fôlego atingiam. Vimos cá de baixo o pico subindo para o céu, mas nos contentávamos de vê-lo, dominando tudo, de sua elevação. E era só. Todos nós sabíamos que lá estava o que de mais arte concebera a Idade Média, era tudo que de mais trágico, de mais original, saíra da Escolástica. Era a poesia maior do Cristianismo, o que podia confrontar-se com o mundo antigo, o poeta que superara os gregos, pela concepção, e que, ao lado do sopro lírico, da força da alma atormentada, era o mais sábio dos homens. Este era o Dante das nossas medidas, a figura de cera que nós admirávamos.

Mas o livro de Louis Gillet, que o editor francês Max Fischer nos apresenta, fez-me caminhar para o cimo da montanha. O crítico de Shakespeare, este Gillet que é tão

intimo da Inglaterra elizabetiana, nos dá um Dante que foi mais que um testemunho dos séculos, que foi um começo de século. Isto é, homem que foi semente de uma vida nova. Para um fim de tempo como este que vivemos, nada como nos aproximarmos de um que foi princípio, de um que trouxe para os homens mais que uma concepção de filosofia, mais que uma lei da natureza, que trouxe um homem novo. Dante não sabia mais que os sábios de seu tempo, não era mais agil que os retóricos de sua cidade, mas acima de tudo isto, ele tinha uma alma de carne e osso. E' aí que está a novidade do seu gênio. Dante deu carne ao que era abstração. Ele seria assim um Homero da alma. Homero fazia os deuses descerem à terra e partilharem das dores do homem. Em Dante é a terra que sobe aos céus. O homem que ele vê no inferno, no purgatório, no céu, não perdeu a condição humana. Assim será ele o poeta da alma inseparável da condição humana. A alma que a Idade Média quizer despojar da sua forma viva, do seu relêvo terreno, cresce no poema de Dante, grita pela terra, quer as árvores, as flores, os frutos, do primeiro paraíso. O Grande Dante de Florença faz do inferno um campo de concentra-

ção para os inimigos do homem. Lá estão os seus adversários, mas os que mais estão lá são os que pretenderam destruir a liberdade, que é a mais bela flor do jardim de Dante. O poeta da Suma Teológica, é o mais dialético dos poetas. Ele jogou com a história como quatrocentos anos mais tarde, jogaria João Batista Vico. E quando deforma os fatos ele comete deformações poéticas. E o mundo que o Teólogo queria ordenado, apoiado nos bons costumes, um mundo que Deus governasse quase como um rei constitucional, não é este campo de paz eterna. O mundo de Dante se agita como ele bem diz, como navio desgarrado. Entram neste mundo de 1200 a 1300 as contradições que regem a história do homem. O poeta que quer chegar aos pés de Deus leva na alma o mundo da terra. E' por isto que as suas dores são mais esculturas do que pintura. E a sua poesia é mais dramática do que lírica. Dante entra no céu com todas as experiências do inferno...

E' deste Dante que nos fala Louis Gillet. Agora pode-se ver de perto a montanha que azulava no horizonte.

E' bem terra, é bem pedra, é bem árvore, aquilo que nós víamos coberto de névoas. Surge-nos um Dante de Verdade.

«Seleções» e os Editores

E' NATURAL que os editores do país vejam com muito bons olhos a extraordinária aceitação do *Rider's Digest*. Em todos os cantos do Brasil, nas capitais, e nas cidades que ainda se orgulham de expor e vender uma revista da Metrópole ou do estrangeiro, essas "Seleções", intelectual e economicamente acessíveis, foram descobrir, despertar e criar leitores que já não mais se conformam com as leituras digeridas do próprio *Rider's Digest*. Querem mais, desejam notícias pormenorizadas e mais suas e, consequentemente, procuram livros. "Uma história puxa outra história", como diz a sabedoria popular.

Um romance, cuja condensação aparece nas "Seleções", será um livro procuradíssimo, o mesmo acontecendo com os testemunhos dos que narram sensacionais aventuras na Hitlerlândia, nas selvas, no Polo Norte, etc.

E' bem provável que milhares de leitores não se sentiram inteiramente satisfeitos só com a condensação do último romance de Steinbeck, "A Lua caiu": querem a novela inteira. O raciocínio é simples, baseia-se no interesse espontâneo que uma leitura desperta para com novas leituras, e não precisa ser mais explicado.

O certo é que, com um ano de circulação, sempre crescente, se pode afirmar sem receio que as "Seleções" criaram, efetivamente, muitos leitores e trouxeram à luz da estatística a certeza de que existe um imenso público no Brasil, capaz de apoiar revistas bem dirigidas, de igual interesse e com uma tiragem superior a 300 mil exemplares. A questão é aproximar-se realmente do povo, é penetrar-lhe o gosto com a humildade do preço e a excelência, a simplicidade e a honestidade dos artigos.

Os editores, pois, estão satisfeitos com a grande circulação das "Seleções", porque esta revista tem contribuído evidentemente para aumentar o gosto e o interesse dos leitores para a boa leitura.

UM INGLÊS NO NORDESTE

RAUL DE GÓES

Aí POR volta de 1809 chegava a Recife o súdito inglês Henry Koster. Doente do peito vinha atrás dos ares pernambucanos tão gabados por amigos e parentes da Inglaterra e de Portugal que haviam parado por aqueles rincões. Koster identificou-se logo com o capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro que já governava a província há cerca de dez anos; relacionou-se com figuras do comércio e da indústria e não perdia folguêdos e reuniões da sociedade.

Da noite para o dia esmiuçou tudo o inglês. Cidadão sem luxo, simples, comedido, exato, adaptou-se facilmente aos hábitos e costumes da terra. A nossa incipiente civilização tinha para ele um encanto sem igual, chegando até a louvar os avanços ranceiros do nosso progresso e o bom gosto do nosso povo.

O Brasil, nessa época, graças às influências de dom João VI, já tinha o comércio livre às outras nações e a Tipografia Régia começava a espalhar livros; tínhamos ainda liberdade de produção industrial, isenção às matérias primas nacionais, favores às fábricas brasileiras, simplificação para a entrada e re-exportação de mercadorias nas alfândegas e várias outras facilidades que vinham ao encontro dos nossos anseios de desenvolvimento.

Essas medidas, digamos de passagem, constituíam, sem dúvida, o aspecto benéfico da fuga do rei português para o território brasileiro, em face das ameaças dos exércitos de Napoleão.

Nada escapou ao espírito observador de Koster. Nem as iniciativas e exemplos do poder público, nem as atividades particulares.

Desembarcando em Recife iniciou imediatamente a entrega das cartas de recomendação de que era portador, e, aí, foi conhecendo e indagando de tudo. Conheceu as nossas igrejas e conventos, as nossas casas-grandes e senzalas; viu e examinou os nossos métodos de trabalho, tendo, por outro lado, contáto com os elementos mais esquivos da nossa aristocracia rural. Isto foi o bastante para que se tornasse dentro de pouco tempo um dos nossos. Penetrou Koster todas as camadas sociais. E daqui a pouco era uma figura popularíssima em Recife e Olinda. Era o seu Henrique da Costa, como passou a ser chamado, participando de tudo; participando até dos fuxicos locais.

Henry Koster revigorando os pulmões não quis ficar inativo na terra que o acolhia tão simpaticamente. Arrendou o engenho "Jaguaribe", nas proximidades da capital e foi plantar cana; entregou-se de corpo e alma aos serviços da lavoura e ao fabrico de açúcar. Lidando diariamente com os escravos do seu eito, sentiu como eram amesquinhantes as condições de vida dessa gente. Comparou o rendimento do trabalho do operário livre ao do escravo, chegando a conclusões alarmantes. Conclusões que vinham, afinal de contas, confirmar o velho princípio de que o homem em estado de servidão não é tão útil à comunidade como aquele que age livremente e cujos esforços são dedicados à expansão de sua fortuna pelos meios regulares para conjugá-la, depois, à prosperidade geral da sociedade. Mesmo como estrangeiro tornou-se um dos elementos mais ativos e decididos na coordenação do movimento que se esboçava em favor da extinção da escravatura.

Achava Koster que o sistema escravocrata que adotávamos, além de desumano e deprimente, servia para desmoralizar o próprio governo.

Voltando alguns anos depois à Inglaterra publicou Henry Koster um livro curiosíssimo, cheio do mais vivo sabor regional — "Viagens ao Nordeste do Brasil". Não é um simples livro de turista; é um trabalho de fôlego — um trabalho de quem sentiu de verdade a vida das nossas abandonadas províncias nordestinas, as tendências afetivas do nosso povo, o seu caráter altivo e arrebatado, as suas virtudes e os seus defeitos.

Os apontamentos que Koster enfeixou em livro há mais de um século tiveram, agora, um tradutor paciente e fiel: o sr. Luiz da Câmara Cascudo.

O conhecido escritor norte-riograndense era uma das raras figuras que, no Brasil, se podiam encarregar desse trabalho. Pos-

suindo uma devotada experiência de pesquisador, tem ele ainda uma qualidade essencial que o apontava naturalmente a rever o depoimento de Koster — é a de profundo conhecedor dos problemas humanos, sociais e econômicos do Nordeste.

As notas de Henry Koster são as primeiras, cronologicamente, sobre a psicologia, a etnografia tradicional do povo nordestino e a ação do sertanejo no seu *habitat*. Antes dele nenhum estrangeiro varrera a região, de Pernambuco ao Maranhão, debaixo do sol escaldante das estiagens e presenciando dramas pungentes de miséria e de fome.

O depoimento de Koster é perfeito; tem pormenores, movimento, pitoresco, cores, informações. Não lhe falta, absolutamente, nada. Imaginem que o inglês descrevendo a cena da descida da Cruz, numa igreja de Recife, por ocasião da Semana Santa, ficou positivamente deslumbrado com os tons da cerimônia. Procurou investigar as menores coisas e tudo era fiel na representação. Até a Madalena, em prantos ao pé da do Calvário, era uma mulher da vida alrada para que a cena não perdesse o caráter...

Koster, como Saint-Hilaire, como muitos outros europeus, que nos conheceram, em nossa infância nacional, não descreveu o Brasil, à maneira dos historiadores de gabinete — livrescamente, teoricamente, mas muito pelo contrário: vendo, ouvindo, sentindo, compreendendo. Aí é que está o mérito desses observadores simples e sinceros, muitos deles de uma bisbilhotice ingênua e superficial, como Tolenare. Mas todos de uma fidelidade de quem viu com os próprios olhos. Eles são, pode-se dizer sem exagero, a matéria-prima da nossa história...

VIAGENS AO NORDESTE DO BRASIL — Henry Koster — Trad. de Luiz da Câmara Cascudo — Cia. Editora Nacional — 1942.

VOLTAIRE DIRIA O MESMO — Dedicou Gregório de Matos, em Pernambuco, uma sátira ao clero, na qual falava de todos os padres conhecidos, não tendo nela incluído um certo cura. Julgando-se considerado por ter escapado à mordacidade satírica do poeta, o cura foi ao encontro daquele para agradecer a complacência. Gregório rindo da ingenuidade do padre, perguntou-lhe maliciosamente:

— Reparou vossa reverendíssima na poesia num "multitudo cavalorum" que lá vem?

— Sim, senhor — disse o padre.

— Pois ah! — concluiu o poeta — está vossa reverendíssima...

O DESORDEIRO ZOLA

RUBEM BRAGA

Copyright de LEITURA

LANÇA agora a Vecchi, traduzido para o português, mais uma edição do "Germinal" de Zola. Li esse livro numa biblioteca pública, lá pelos quinze anos, e ainda me lembro da funda impressão que recebi. Mas no momento em que vejo essa nova edição não estou pensando no livro, mas no autor. Esse homem que veio morrer no começo do século, quando as máquinas começavam a tomar conta definitivamente da paisagem do mundo — e Zola saudou com alegria o automovel e tinha a terrível coragem de andar dentro de um pelas ruas de Paris — é um belo assunto para os dias que correm.

Imaginemos o que pensaria e o que sentiria ele se pudesse ressuscitar hoje, e passear pelo mundo. Veria, na sua própria França, ocupando alegremente o poder, como cachorrinhos ensinados por Hitler, toda a quadrilha importantíssima e soleníssima de autoridades agaloadas, todos os altos "patriotas" que ele apontou em "J'accuse". Dreyfus estaria apodrecendo em algum campo de concentração e ele mesmo, Zola, se abrisse a boca para um simples "oh!" de espanto — teria de morrer outra vez, se não quizesse ser fuzilado.

Zola não acreditava na frase famosa — "prefiro uma injustiça a uma desordem". Zola era um desordeiro, um agitador, cuja audácia chegava ao ponto de não respeitar sequer os sacratíssimos generais do Estado Maior do Exército de sua Pátria! Não trepidava em atormentar com acusações terríveis as mais respeitáveis pessoas pelo simples gosto de reclamar justiça para um apagado oficial judeu. Em resumo: ele acreditava na justiça. E não simplesmente acreditava, como nós acreditamos na existência das girafas: acreditava, achava necessária e lutava de corpo e alma pela justiça.

Detesto a moral metafísica. Ela permite todos os trucs, facilita os mais formidáveis e patéticos jogos de palavras, dá margem às mais dramáticas imprecações oratórias e fabrica enfim todo o pomposo material que disfarça as humildes realidades da vida. Seu vício pior é colocar todas as criaturas humanas no mesmo nível ideal — um nível deshumano, um mundo de mentira, carregado de revelações e crenças ina-



Emilio Zola

tas que Deus tem o máximo cuidado de soprar ao ouvido de alguns eleitos que fazem profissão disso. Desconfio dos que escrevem justiça com J grande e le-

vam meia hora falando de Justiça sem explicar concretamente as pobres perplexidades minhas e de minha cozinheira. Esses paladinos da "Justiça Em Si" teem um profundo desprezo pelos verdadeiros injustiçados, e quando estes reclamam qualquer coisa humilde — mais 30 cruzellos por mês, suponhamos — jogam-lhe as faces uma enorme felicidade eterna e recomendam a prática do Bem.

Zola não costumava adiar para o Juízo Final o acerto das velhacarias humanas. E via a justiça como alguma coisa concreta, útil à sociedade, alguma coisa que precisa ser feita para que a maior parte das pessoas viva com decência — alguma coisa que precisa ser feita e que "pode" ser feita. Ele ajudava a fazer.

GERMINAL — Emilio Zola — 3ª edição — Trad. de Bandeira Duarte — Casa Editora Vecchi.

"A Cinza do Purgatório"

DIAS DA COSTA

Copyright de LEITURA

ESTE livro de Otto Maria Carpeaux vale como a reação de um espírito de boa tempera, ao emergir quasi ileso dos escombros de um mundo que se esfacelou. Vendo tombar em torno de si os valores mais queridos, em meio ao terrível naufrágio de toda uma civilização, Otto Maria Carpeaux não se deixou vencer. As contradições, os choques e, finalmente, a derrocada que se processou à sua volta, embora ferindo-o, não lhe conturbaram o discernimento, não diminuíram sequer a sua acuidade de visão. Depois da tormenta, o passado tornou-se rapidamente, para a sua capacidade de resistência, uma provação vencida e uma profunda fonte de ensinamentos para o futuro. "As vozes proféticas do passado ensinam-nos a interpretar a nossa situação; interpretação que equivale a um julgamento do mundo e de nós mesmos, a um exame de consciência".

Foi essa capacidade de sofrer sem transigir, que permitiu ao autor de "A Cinza do Purgatório" escrever esse livro realmente precioso, agora editado pela "Casa do Estudante do Brasil". Nele, o pensador manteve intactas as suas qualidades essenciais: um critério de julgamento seguro e atilado e uma coragem singular de transmitir honestamente aos seus leitores as suas próprias conclusões.

Denso, sem jamais ser difícil, Otto Maria Carpeaux tem a habilidade de conduzir os que o leem, através dos seus ensaios, mantendo certa benevolência amável de guia habituado a palmilhar os mais árduos caminhos do espírito. As passagens mais difíceis são transpostas com segurança sem titubeios, sem qualquer esforço aparente para superar obstáculos muitas vezes traiçoeiros. E vemos que o crítico não hesita em considerar o intangível Thomas Mann um "pensador confuso e o maior dos escritores da segunda ordem", assim como o católico não vacila em admitir que Santa Teresa, a grande, foi, em última análise, uma bemaventurada histórica. Ao se referir a Charles Maurras, em um dos mais admiráveis julgamentos de todo o seu livro, o autor consegue manter um extraordinário equilíbrio entre o prosador dono de uma técnica seguríssima de dizer e o juiz absolutamente incorruptível, produzindo um libelo dos mais contundentes, em um estilo de sobriedade admirável. E o desfile prossegue, página após página. O leitor, conduzido por um verdadeiro mestre, jamais sente esse cansaço tão comum às caminhadas através dos cipóis de cer-

GONÇALVES CRESPO

JORGE DE LIMA

Copyright de LEITURA

UMA vez Gonçalves Crespo escreveu uma carta a Machado de Assis dizendo-lhe que simpatizava vivamente com ele, por muitas razões, mas principalmente porque "lhe disseram, a ele Crespo, que Machado era de côr". Não sei se Machado respondeu tal carta, possivelmente há respondido, sem tocar nesta questão de côr que sempre foi vexame seríssimo para ele. Já se vê, por aí, que Gonçalves Crespo era homem mulato, filho de portugueses. Indo para ultra-mar à procura de melhoras à saúde, tinha muitas saudades do Brasil, da casa onde nascera, da mãe, da irmã; sonhava desde que em solo estrangeiro chegara, "em constituir família e construir um ninho agradável, mimoso e confortável, no Minho, por exemplo". Sabemos que saudades do Brasil teem produzido muitos dos nossos melhores poetas, principalmente um de quem gosto ardorosamente — o infeliz Casimiro. Crespo amava tanto sua terra de nascimento, que ao publicar as suas "Miniaturas",

em Coimbra, em 1871, imprimiu na tampa do livro o seu nome por extenso e contra os usos de todos os tempos: no subtítulo: "natural do Rio de Janeiro".

Outros motivos para explicar sua excelente poesia: um romance de amor. Casa-se com uma rapariga portuguesa tão inteligente quanto ele (talvez mais), ainda estudante. Outras excelências da moça: nobre e bonita e verdadeiramente fiel ao feio mulato, e tão dedicada que além de tudo acumulava ao lado do poeta as funções de musa e de enfermeira, pois o vate era doentíssimo. Depoimento sobre ela: Maria Amalia Vaz de Carvalho, foi senhora de alto engenho, de rica cultura, intelectual e de trato fidalgo, afável e cativante: foi das mais simpáticas figuras femininas que nos últimos tempos mais brilhantemente honraram a literatura pátria.

Resultado de tantos acidentes: a grande poesia de Antonio Candido Gonçalves Crespo.

Nasceu, ficou menino, amou, vi-

rou homem, vivendo romanticamente. "Quando planeio, dizia ele, ir ao teatro lírico, entro muito cedo na platéia, escolho um sítio onde não possa perder uma nota, e onde possa chorar, sem que me vejam". As suas maneiras estudadas, a declamação perfeita que prendiam o auditório a seus lábios e a seus gestos, o gosto sibarítico pelo luxo, e outras coisas mais, faziam dele um tipo curioso, doce-tirânico bastante admirado pelos portugueses, que se apoderaram, e com razão, do mulato fascinador. O próprio Camilo Castelo Branco discutindo com humor as origens do poeta escrevia: — "Chamam-lhe uns ateniense, outros brasileiro; eu quero que ele seja português, porque levo o amor de minha pátria até o latrocínio".

No fastígio do romantismo, o amor da pátria podia levar um grande homem até ao crime do latrocínio, muito menos do que nos tempos de hoje em que se cometem milhares de crimes mais horripilantes, por obra deste mesmo amor. Não aceito Gonçalves como paisagista; tal coisa produziu a má poesia de Crespo; mas a sua brasilidade aportuguesada é esplêndida e boa poesia porque não sendo regional-brasileira nem europeia-portuguesa, ficou poesia universal capaz de resistir às traduções.

Mas que mania é esta de se chamar a poetas brasileiros e portugueses de atenienses?

Com Machado foi a mesma coisa, os críticos começaram a chamar o nosso genial mestiço de grego e até de inglês.

Nada disso: é Crespo antes de tudo um poeta da nostalgia, da saudade à moda luso-brasileira, saudade com lágrimas, com sensualidade, com África, com veleiros, saudade que nunca sentiram gregos ou britânicos. Crespo é apesar de toda a estudada e intencional aparência de sua vida, um vate de rede, de preguiça, de mormaço, de indolência atávica, de madoras, coisa diferente de Grécia ou das Ilhas da Grande-Britânia.

Para que comparar Crespo a outras gentes estranhas? É mais legítimo compará-lo a um português ou a um brasileiro. Parece mais, mesmo de dentro na universalidade em que desde o começo se colocou, para chorar e para não perder nenhuma nota da Poesia.

Viveu e morreu num teatro lírico este poeta português ou brasileiro.

tos pensadores inextricáveis. Nesse purgatório, Goethe perde muito de suas roupagens de semi-Deus, Dostoiévski é situado no seu legítimo cenário, Milton surge em corpo inteiro, na audácia de sua religiosidade paradoxalmente revolucionária. E livros ingleses de autores que jamais suspeitaram de suas habilidades de escritores, são-nos revelados em deliciosos resumos de literatura despida de qualquer artificialismo.

Mas, como já foi acentuado, o que mais impressiona nesse escritor forçado ao exílio, é a sua atitude vertical diante da vida nova, mesmo quando essa vida já não parece ter mais nada que lhe ofertar. Nem mesmo um certo gosto pelos torneios brilhantes de idéias, uma certa predileção para os jogos florais de frases bem feitas (jamais o jogo das palavras), uma certa insistência em manejar antíteses de efeito, ele perdeu, depois da sua transplantação. Sem permanecer estacionário, em um mundo que se transforma vertiginosamente, a sua inteligência manteve-se fiel a todos os seus princípios. E pensador e o esteta não fizeram qualquer concessão ao gosto mais em voga no momento. Tudo isso, porém, não indica, em nenhuma hipótese, o apego a um passado morto, uma fidelidade impossível a fórmulas que não mais subsistirão. A tragédia humana que aconteceu diante de seus olhos não teve a força necessária para embotar o seu capacidade de renovação, o seu senso de julgamento sempre alerta. O passado ficou, no máximo, como uma cicatriz, com algumas doces recordações das horas felizes, com a amarga tristeza das horas cruéis. Apoiando-se nas forças mais íntimas de seu espírito, pode Otto Maria Carpeaux afirmar, com a maior das seguranças, a sua fé em si mesmo e no futuro da inteligência humana: "É só a luz interior que pode iluminar o caminho pelas trevas, para conferir um sentido moral ao purgatório dos nossos dias, para acender, na cinza do que foi, a vacilante luz duma nova esperança. Era o meu caminho também: ainda sinto na boca o trago amargo da cinza do purgatório; já devo agradecer a aurora duma vida nova".

Uma bela profissão de fé. E uma profissão de fé confirmada pelos ensaios que iluminam, com uma claridade absolutamente serena, essas páginas de "A Cinza do Purgatório". E, não resta dúvida, a mensagem de Otto Maria Carpeaux será entendida, no seu sentido mais puro, pelos homens de inteligência, tal como será totalmente sentida pelos homens de coração. Apesar de tudo, ainda é extraordinariamente poderosa a força de uma inteligência que tem algo a dizer, e que o diz com tão sincera e comovedora convicção.

A CINZA DO PURGATÓRIO — Ensaios — Otto Maria Carpeaux — Casa do Estudante do Brasil — 1943.

NÃO TEME A TCHECOSLOVÁQUIA PELA SUA VIDA INTELECTUAL

JOAQUIM FERREIRA

Copyright de LEITURA

VIKTOR FISCHL, que fomos conhecer em Londres, é uma das grandes vozes líricas da Europa. Tendo deixado Praga 15 dias depois da chegada das tropas nazistas àquela capital ele serve atualmente no Ministério do Exterior da Tchecoslováquia, em Londres. Autor de 4 livros de poemas, traduzido para o inglês e bem recebido pela crítica britânica, Viktor Fischl é detentor do Prêmio Melantrich, o mais alto laurel concedido em seu país, a trabalhos literários. Na entrevista que ele nos concedeu analisa assim a vida intelectual da Tchecoslováquia:

Quando os alemães em primetiro de março de 1939, ocuparam a forças a Tchecoslováquia, tentaram destruir a nossa Nação, política e culturalmente. A imprensa se viu controlada pelos nazistas. Milhares de livros desapareceram das bibliotecas e grande número de peças teatrais foram proibidas, não se permitindo mais, as estações de rádio, tocarem composições mais populares de Dvorak e Smetana. A Galeria de Arte de Praga foi fechada e os únicos filmes exibidos nos cinemas locais eram as cruas comédias alemãs. Pouco depois, eram fechadas as Universidades e os Institutos de Cultura, sendo os estudantes arrastados para os campos de concentração ou levados a trabalhar na Alemanha. O mesmo destino tiveram os mais proeminentes líderes culturais da Nação. Muitos deles foram fuzilados. Entre os que os nazistas assassinaram, perversa e friamente, devem ser mencionados Vancura, um dos fundadores do nosso sistema pedagógico; o professor Baxa, reconhecida autoridade em direito. Dos que se encontram em campos de concentração, citarei Joseph Capeck, irmão de Carol Capeck e também notável teatrólogo; V. Nezval, líder da nova geração de poetas tchecos, e F. Peroutka, jornalista destemido e democrata sincero.

Acreditaram os alemães que isso seria suficiente para abalar a vida intelectual tcheca e que o país privado de seus chefes, caísse facilmente na órbita do colaboracionismo. Hoje eles sabem que se enganaram. Os tchecos não leem a imprensa nazista do país, preferindo os jornais clan-

destinos que temem larga distribuição. As estações de rádio alemãs não são ouvidas. Os tchecos arriscam-se à pena de morte, escutando os programas tchecos de Londres. Não são bastantes argutos os censores alemães, para evitar que os nossos poetas os enganem, nos seus próprios jornais oficiais, publicando fervorosos apelos à Nação, em versos alegóricos. Ainda circulam os livros escritos em tcheco. A produção literária diminuiu, mas a sua qualidade conserva-se boa. Em-



Viktor Fischl

bora tenham o seu repertório limitado, os teatros continuam funcionando. E é preciso esclarecer que a técnica teatral tcheca era a melhor de toda a Europa central e a segunda, depois da Rússia, em todo o Continente. Esta arte, os produtores teatrais lutam para encontrar os meios que possam dizer ao povo, o que o povo deseja ouvir deles. Até mesmo nas menores cidades do interior, são organizados concertos sinfônicos e exibições de artes plásticas. Tenho certeza de que os alemães em nosso país, já

se capacitaram de que a vida cultural da Nação tcheca não pode ser eliminada.

Eles fecharam as nossas Universidades para evitar que o povo recebesse um grau mais alto de educação. Mas, não fizeram o mesmo, porventura, com as suas Universidades? Não abafaram o desenvolvimento de toda a vida intelectual alemã, quando aboliram a liberdade de pesquisa, de opinião e de pensamento? Uma nação que deu ao mundo homens como Dvorak, Smetana, Massary e Kapeck, não precisa recear pelo seu progresso cultural. Quantos Goethes, porém, precisaram aparecer para reparar as devastações produzidas por Hitler na cultura germânica. Continuamos aqui a nossa vida do espírito, enquanto os nossos aviadores se vingam dos atos de indignidade praticados pelos nazistas, contra a nossa terra.

Viktor Fischl fala de um filme sobre a destruição de Lidice, aldeia que os nazistas arrasaram:

— "Quando escrevi este enredo, tinha em mente a semelhança da vida dos mineiros de Lidice, com a vida dos de qualquer outro lugar, e bem assim a circunstância de que os horrores por que passou Lidice podem suceder em toda a parte. A companhia a quem enviei o argumento gostou muito do assunto e é por isso que, hoje, os mineiros de gales estão revivendo, para o cinema, o triste destino dos seus companheiros da Boêmia. Nenhum ator profissional toma parte no filme. Os mineiros da aldeia de gales Ystradgynals que escolhemos por serem os que mais se parecem com os de Lidice, tem o seu próprio comitê de produção e, sob a supervisão de Humphrey Jennis, conhecido diretor inglês, estão fazendo todo o filme. Quando recentemente estive em gales, afim de prestar todo o meu apoio à produção do filme, cheguei à conclusão de que esta guerra teve, pelo menos, um bom resultado. Durante os tristes dias da tragédia de Munich, o primeiro Ministro Inglês, referindo-se à Tchecoslováquia, falou num país distante e desconhecido. Hoje qualquer mineiro de gales sabe que os mineiros de Lidice são seus irmãos e que devem persistir na luta em que se empenharam. Acredito que esta guerra nos apro-

"Pequena História de Amor"

JOEL SILVEIRA

Copyright de LEITURA

ESTE ano a escolha dos livros que vão aos Estados Unidos representar o Brasil no Concurso Inter-Americano, não foi desesperadora. Nomes de valor foram selecionados. Entre eles, Jorge Amado, Osvaldo de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Gastão Cruls e Marques Rebelo. Jorge Amado concorreu com um romance inédito, "Terras do sem fim", que, segundo Prudente de Moraes Neto, que geralmente sabe o que diz, é um belo e forte romance, talvez o melhor livro do romancista de "Jubiabá". O livro de Osvaldo de Andrade, o velhíssimo e anunciadíssimo "Marco Zéro", é mais um documentário sobre a vida paulista nestes últimos anos. Os méritos literários do sr. Osvaldo de Andrade podem ser discutidos, mas não negados. As vezes ele é palhaço e palhaço ruim. Mas de vez em quando, precisamente nos instantes em que resolve tirar aquela máscara de cavalheiro de espírito por atacado, faz umas coisas boas. Não li ainda o "Marco Zéro", ou por outra, li dele alguns centímetros que Osvaldo vem espalhando pelos jornais de uns dez anos para cá. Impossível dar uma idéia do conjunto do livro através apenas daqueles detalhes. Mas o certo é que Osvaldo de Andrade é paulista que conhece sua terra, seus homens, seus orgulhos e seus defeitos, esteve envolvido em muito acontecimento essencialmente paulista, como revoluções e crises — pode, por isso, nos dar um depoimento muito real e muito autorizado sobre a vida de São Paulo de antes e depois de 30.

Marques Rebelo, com a sua terna e maravilhosa "Pequena História de Amor", foi o único escritor escolhido para representar a literatura infantil do Brasil nos Estados Unidos. A escolha podia ser melhor? Não podia. Marques Rebelo, além de ser o nosso me-

lhor contista, é também, no cenário da literatura infantil nacional, o nome mais forte e mais significativo. Para mim, "A casa das três rolinhas", "Aventuras de Barrigudinho" e esta "Pequena história de amor" valem por toda a literatura infantil de Monteiro Lobato e Erico Veríssimo. Talvez a razão disso esteja na maneira de proceder de Marques Rebelo diante de sua literatura. Não se deixando dominar pelos truques literários, nunca se escravizando ao enredo, Marques tem sempre o que contar, coisas simples para contar. A sua simplicidade literária é a grande arma que usa, simplicidade como ninguém entre nós — a não ser Graciliano Ramos — possui em tão alto grau. Seus contos são histórias simples, seus dois romances são fatos da vida quotidiana: a história de uma rua alegre, com suas prostitutas, seus proxenetas e seus atritos, e a história de uma senhorita radiofônica, com suas subidas e descidas, sombras e claridades.

Nesta "Pequena história de amor," descobrimos a mesma força do contista e do romancista: o João de Barro, a Cambaxirra, a Coruja tão miserável, a meiga e sacrificada senhora João de Barro são outros tantos personagens magníficos que podem ser incorporados ao rol dos melhores personagens de Marques Rebelo, como Leniza, Teixeira, a rua d. Emerenciana, Oscarina ou o cabo Gelibert. Tudo muito vivo. Neste pequeno livro, endereçado às crianças, não há nenhum daqueles recursos usados e abusados em nossa literatura para a infância: coisas sobrenaturais, príncipes encantados, milagres e visões. É uma história comovida, uma bela história de amor, e o João de Barro e sua senhora poderiam perfeitamente ser qualquer casal do Engenho de Dentro ou de Nova Iguaçu.

Outra coisa muito Marques Rebelo que a gente nota neste livrinho: a sua ironia, fina, ingênua, mas sempre com um objetivo certo, esta ironia que é o tormento das rodinhas literárias cariocas. Como este trecho: "Os funcionários públicos tinham relógio de ponto, prática que um técnico de administração trouxera de uma viagem de aperfeiçoamento à República das Preguiças, onde havia a maior fábrica de relógios automáticos do mundo. Os jogadores de futebol, brilhantes como estrelas cadentes, durante os dois ou três

anos do seu apogeu esportivo eram as personalidades mais entrevistadas e discutidas do país, mas, com a decadência do chute, caíam num esquecimento lamentável, não raro sucumbindo num hospital ao peso da indigência. Os locutores de rádio, que se acreditavam criaturas excepcionais, se distinguiam mais pela extravagância dos sapatos e dos colarinhos que pelo acerto da linguagem. Quanto aos cantores de rádio, tão analfabéticos como os jogadores de futebol, a sua glória mostrava-se um pouco menos efêmera que a dos heróicos desportistas — ganhavam salários



Marques Rebelo

fabulosos, eram intensamente fotografados para as revistas e apreendidos ao microfone com apelidos sensacionais: "o rouxinol do eter", "o sabiá do espaço", "o quero-quero querido", "o azulão que tem um gemido em cada nota", e outros que tais.

"Pequena história de amor" já foi editado (Editora CRIANÇA Ltda.), e traz esplêndidas ilustrações de Percy Deane, o jovem pintor que vem se afirmando como uma das mais fortes revelações de nossas artes plásticas.

ximará mais, fazendo com que tenhamos mais interesse, um pelo outro, e nos conheçamos melhor. O mesmo se pode dizer com relação ao Brasil. Estamos em guerra com Hitler desde Munich e, assim, somos, na realidade, o seu mais velho aliado europeu. N. R. Por uma especial deferência do seu autor, divulgamos hoje este notável fragmento do seu livro prestes a aparecer: "Eles Esperam Hitler, em edição da Livraria José Olímpio.

Um Romancista no Meio do Povo

Reportagem de Osvaldo Alves Sobre Raquel de Queiroz



RAQUEL DE QUEIROZ ao tempo em que publicou "O Quinze", quando tinha 18 anos e era "Rainha dos Estudantes do Ceará".

PARA este número de "Leitura" fiquei incumbido da reportagem que vem aparecendo sob o título "Um romancista no meio do povo". A primeira foi sobre José Lins do Rego, a segunda sobre Erico Veríssimo — e agora coube-me a vez de averiguar até onde vai a popularidade de Raquel de Queiroz.

Pareceu-me inútil andar pela cidade indagando das pessoas se conheciam a escritora Raquel de Queiroz. Pensei num processo que me permitisse uma sondagem, um cálculo que me aproximasse de uma base razoável para saber se Raquel era muito lida e o interesse pela literatura no Brasil.

Resolvi por em prática esse processo: entraria em contacto com determinados grupos, nos quais não seria difícil encontrar uma percentagem mais ou menos razoável daqueles que vivem outras atividades, com uma parcela de interesse pelos livros e pelos escritores. Entre esses grupos encontraria uma "chave" que determinasse um plano de leitores — representantes da massa — no qual pudesse me apoiar, afim de chegar a um resultado satisfatório.

Servi-me de alguns amigos. O primeiro foi um vizinho meu, com o qual já havia conversado muitas vezes — nunca, porém, sobre livros. E' bancário e o nome dele é Moacir. Falei-lhe da minha intenção, disse que precisava saber se a sua classe se interessava pela literatura. Respondeu-me que a classe se interessava pelo "leitu-

ra em geral", mas "não propriamente por literatura". Não lhe falei de Raquel de Queiroz. Propuz-lhe apresentar-me a um grupo de amigos seus. Achou a idéia ótima e garantiu-me que ia "se divertir muito" com a coisa.

No dia seguinte fui até a rua da Quitanda, esquina de Buenos Aires, onde funciona o Banco Hipotecário. (Havíamos combinado um encontro num café próximo às cinco e meia — hora em que encerra o expediente). O grupo já me esperava — e eu disse rapidamente o que pretendia. Eram onze ao todo. Cheguei a um resultado curioso: entre os onze, um estava mais ou menos informado, acompanhava sem muita preocupação o movimento literário e conhecia alguns escritores nacionais e estrangeiros. Três se interessavam pela literatura, mas "não tinham muito tempo de ler", conhecendo apenas meia dúzia de escritores. Não tinham nenhuma orientação — e tanto podiam gostar de Steinbeck como de Dely. Sete deles se interessavam pela "leitura em geral", inclusive o "Gibi". Pertenciam à categoria dos leitores que só leem aquilo que lhes cae nas mãos.

Depois de chegar a esse resultado, perguntei se conheciam Raquel de Queiroz e fiquei satisfeito com a resposta: quase todos a conheciam. Um havia lido a maioria dos seus livros; dois haviam lido casualmente um volume da escritora, mas não sabiam em que categoria de romancista poderiam enquadrar a autora de "As Três Marias". Os outros conheciam-na apenas de nome. Isto me pareceu um índice ilusório de popularidade, porque um romancista pode ser considerado popular quando o povo o conhece... ainda que seja de nome.

O primeiro grupo estava terminado. Moacir deu-me outras informações, com as quais fiquei seguro de que o inquérito servia para estabelecer-se uma base em relação aos bancários.

O outro grupo foi de mulheres. Servi-me de uma criatura inteligente a quem eu estimo muito. Chama-se Ilka e é datilógrafa. Pedi-lhe que me ajudasse e ela não fez nenhuma objeção. Apresentou-me a algumas amigas, com as quais conversei durante muito tempo. Não creio que este grupo possa caracterizar a média de leitores no plano em que se encontra enquadrado, mas pode, pelo menos, dar uma idéia. Entre as amigas de Ilka encontrei uma ligeiramente in-

formada, de algum modo interessada em coisas de literatura, cinco que leem sem mesmo se preocupar com o nome do autor, e três que ignoram quase completamente o assunto. Todas, porém, leem muito, embora sem se darem ao trabalho de escolher. Três conheciam Raquel de Queiroz apenas de nome, uma conhecia uns dois livros seus, um tanto vagamente. Penso que nesse "setor", em cada grupo de vinte, poder-se-ia encontrar uma bem informada. Entre todas, apenas Ilka sabe o que quer, mas não serve para representar o "tipo padrão", porque o seu caso constitui uma exceção. Já leu todos os livros de Raquel e fala deles com entusiasmo. Acha que o melhor é "Caminho de Pedras" e que a morte do Guri é das melhores coisas que conhece. Quando me despedi dela, agradecendo a cooperação, fez alusão a certas cenas do romance e repetiu entusiasmada a frase final, quando a "heroína" subia a ladeira com o filho a mexer-lhe no ventre: "Mais devagar, companheiro!"

Puz-me ainda em contacto com um grupo de colegiais de ambos os sexos, mas creio que não valeu a pena. Em geral não estavam informados, não tinham nenhuma orientação, nem mesmo interesse pela coisa. De literatura conheciam apenas aquilo que anda nas Antologias. Não conheciam Raquel de Queiroz, o que me deu muita pena. Não sabem quanto estão perdendo.

De qualquer maneira, penso que se poderia aceitar uma percentagem de cinco em cem, pouco mais ou menos informados e interessados pela literatura.

Tenho um amigo que é garçon do Bar Carioca — um sujeito inteligente, conciente da profissão, que serve com presteza e atenção, sem humildades e servilismo. E' o garçon mais completo que já vi. Não lê muito, não entende de literatura, mas está em dia com o desenvolvimento da guerra. Aprecia música, tem bom gosto e sabe viver como pouca gente. Mostrou-se cético quando lhe disse o que pretendia, dizendo que era muito difícil chegar a uma conclusão razoável no meu inquérito. Falei-lhe que o julgava uma espécie de representante de 100 mil brasileiros — "chauffeurs", garçons, barbeiros, etc.

(Continua à pág. 30)

Um Reporter Que Entrevistou Hitler

DALCIDIO JURANDIR

Copyright de LEITURA

PIERRE J. HUSS é um reporter americano que viveu muito tempo na Alemanha e viu de bem perto o nascimento e ascensão vengonhosa do Terceiro Reich. Seu pequeno livro "O Inimigo que enfrentamos" lançado em língua portuguesa pela Editorial Calvino mostra-nos com uma impressionante crueza as misérias e a estupidéz do regime nazista. Suas páginas estão cheias daqueles tipos mórbidos e desclassificados que integram o Partido Nacional "Socialista".

Pierre J. Huss nos conta como viu Hitler no seu chalé alpino em Obersalzberg, acima de Berchtesgaden, "um tanto nervoso, à espera do resultado do plebiscito de Sarre". O reporter o entrevistou ali sobre a neve perto de um café de estilo bávaro. "E ali mesmo Hitler confessou, ou melhor, esbreviou ao reporter: 'Antes de ter de abandonar um ponto qualquer, por mínimo que seja, do meu programa subirei naquela árvore e me enforcarei.'"

Viu Hitler sempre excitado, sombriamente excitado, exibindo a sua pistola, rangendo os dentes contra o mundo. Tratava-se de um Fuherer que viera trazido pela Providência Divina e vingava-se de todos aqueles que nos tempos lhe negavam abrigo num hotel ou o recebiam com indiferença. A desforra pessoal sempre foi uma dos seus prazeres mais sádicos. E uma qualidade marcante nesse homem estúpido e vil é a de mistificador. Cultiva a hipocrisia com um exibicionismo sem exemplo. Farçante político sem a menor sutileza, farçante brutal, à frente de um instrumento de insânia e de fanática demagogia que é o partido nazista e de um Exército mecanizado que defende os privilégios de sua aristocracia feudal, as suas bárbaras tradições de casta. Custa a crer que em nossos tempos, pudesse o mundo assistir o espetáculo tão degradante que é o da existência de um Hitler e de sua inqualificável tirania.

Pierre J. Huss pinta-nos Hitler com o realismo e a agilidade de reporter que não precisa exagerar para nos descrever a degradação de um regime que assolou a Europa. Todas as entrevistas que fez com o ditador nazista mostram o Fuherer com os seus excessos, a sua fúria, o seu ar de palhaço e de rei bárbaro. Vê-se que um homem anormal e alucinadamente ambicioso como Hitler era o homem escolhido pelo

imperialismo germânico e pelo militarismo prussiano para fazer a guerra e obter com os velhos políticos reacionários de Londres e Paris as concessões que lhe foram feitas até culminar nas sujas e sinistras combinações de Munich.

O reporter de "O Inimigo que enfrentamos" fala-nos dos auxiliares de Hitler: a sordidez, o cinismo, o aventureirismo, as intrigas, os ódios que de quando em quando explodem, as ostentações, o roubo das propriedades judias, os escândalos com mulheres, uma onda de lama cobrindo aquele povo que nos deu Heine e Tomaz Mann, eis, em resumo, o que significa o grupo de Hitler, o grupo de Goering, Goebbels, Ribbentrop e Himmeler. São os Vice-Reis da Nova Ordem capazes do mais repugnante sabujismo e dos mais terríveis massacres que já foram praticados sobre judeus, poloneses, reféns franceses, russos e os próprios alemães que caem na desconfiança da Gestapo. A propósito de Himmeler, diz Pierre J. Huss que é o melhor sabujo humano que conheceu e por certo o chefe da Gestapo não simpatizava muito com o seu competidor, esse outro monstro fascista que se chamou Heydrich, o enforcador dos tchecos, um dos espécimes mais típicos da depravada e monstruosa fauna fascista que destruiu Lidice e incendiou a casa de Tolstoi.

Um dos capítulos mais interessantes do magnífico livro de Pierre J. Huss é o que se refere à Itália "província alemã". Os oficiais germânicos dizem dos soldados italianos: "Os italianos, aqueles fantásticos homenzinhos de lá da Itália, não puderam vencer os gregos e quando chegamos e os obrigamos a capitular, os italianos não estavam de posse de uma polegada sequer do território grego. Agora Mussolini vai fazer preces em Berlim e quer ser o primeiro a entrar em Atenas."

O Duce é hoje um títere de Hitler. Perdeu toda aquela arrogância que Carlotto genialmente caricaturou em seu filme. E diz Pierre Huss: "Quando os gregos o levaram à parede, Hitler levou meses sem dizer coisa alguma e não levantou um dedo sequer para auxiliá-lo para, finalmente, ter Mussolini em Berlim mendigando, no princípio de 1941, lhe fosse apontado um caminho por onde pudesse sair daquele impas-

se. Era o que o Fuherer queria. Desde então Mussolini foi transformado num abjeto vassalo de Hitler."

"O Inimigo que enfrentamos" narra episódios que marcam nitidamente uma época na qual a civilização burguesa caracterizou a sua agonia e se revelou toda numa crise espantosa de instituições e de homens. Hitler foi a sangrenta caricatura do último esforço burguês para tentar salvar os seus costumes políticos condenados e os seus processos de conservação do poder.

O fim da monstruosa época se aproxima. Na entrevista que Hitler concedeu a Pierre J. Huss, o ditador fascista bradou:

"Stalin e os seus Exércitos Vermelhos estão praticamente esmagados, jogados lá na lama e na neve esperando em vão que a Inglaterra e a América os salvem do ajuste de contas final."

Meses depois Huss saiu da Alemanha, seu país declarava guerra a Hitler e a Providência Divina resolvia contrariar os desejos e desmentir as palavras do infalível e do invencível Fuherer, cuja fúria se quebrou com es-troando à beira do Volga e de encontro às montanhas do Cáucaso.

O INIMIGO QUE ENFRENTAMOS — Pierre J. Huss — Editorial Calvino Limitada — 1943.



Continua obtendo o maior êxito de livreria este sensacional livro de Pierre J. Huss, lançado pela Editorial Calvino.

Em todas as livrarias Cr\$ 25,00.

AUTO-RETRATO

ELOI PONTES VISTO POR ELOI PONTES

NASCI de pai cearense e mãe fluminense. Pelos quatro costados sou descendente de portugueses. Das influências paternas recolhi a intrepidez de opinião, a coragem diante dos fâtuos, a indiferença pelas evidências, que constituem apanágio dos presumidos. Das influências maternas recolhi o caráter mordaz nos conceitos, o instinto crítico, o desprezo pelos que de mim discordam, a espécie de repugnância com que, em regra, assisto ao triunfo dos tolos. Meu avô materno era fazendeiro, vindo do tempo dos escravos, homem inteligentíssimo, com pendores literários (que só agora compreendo), corajoso e generoso. Foi ele quem me criou até a idade da compreensão e do colégio. Não porque meu pai não pudesse fazê-lo. Meu pai, a esse tempo, tinha mais do que começo de fortuna. Minha avó, porém, não se fatigava de criar seis filhos e tomava os netos às filhas. Como sempre aconteceu no Brasil antigo. Insisto nestas reminiscências porque elas são as mais nítidas que a minha memória conservou. Lembro-me dos internatos, que percorri, dos professores, dos dias melancólicos, dos sacrifícios, das discórdias, dos dias bons e dos maus dias, das esperanças perdidas. Mas o panorama da fazenda do meu avô, com a antiga senzala, os cafezais, onde as laranjeiras punham manchas apetitosas, os moleques, que eu comandava como um general impune, repontam sempre e principalmente nas horas de amarguras e desânimos, que me assustam, de onde em onde, à toa. Sou propício às melancolias injustificáveis, desconfiado e pessimista, comigo e com os outros, certo mais comigo mesmo. Vim para o Rio sem tostão, disposto a vencer os caprichos do pessimismo. Aqui vivi e estudei (estudante pobre) com pertinácia. Fui tudo. Tipógrafo, revisor de

provas, reporter, diretor de jornal. Nunca desejei ser mais do que os proletários, de cujos contágios sempre conservei lembranças indelévels. Outras circunstâncias concederam-me vantagens de empregado público. Atingi a tanto muito tarde. Não sou perseverante. Sou teimoso, que é outra coisa. Não sei exculpar os que me agridem e ofendem. Ao cabo de longos esforços nada possuo, além de livros. Fui sempre leitor assíduo. Daí ter escrito pouco. Melhor: ter publicado pouco de tudo quanto escrevi. Se não mudar de idéia publicarei ainda alguns livros. Se examino e avalio os fatos da minha formação sinto que o mais importante de todos decorreu da curiosidade que me levou ao Apostolado Positivista, onde Teixeira Mendes explicava as doutrinas de Augusto Comte, em conferências de duas horas, e, às vezes, mais. A curiosidade durou anos. Nunca empreguei tão bem o tempo. Daí me vieram resultados magníficos. Depois fui levado a preferências, que minha vida de infância explica. Interessei-me pelos problemas de ordem coletiva. Sem ambições. Nunca invejei ninguém. Tenho a certeza lúcida de que ignoro a maioria das coisas que os homens não devem ignorar. Com algumas qualidades de analista julgo que sou indiferente aos louvores sem motivos. Gostaria de viver na roça. Tudo, porém, conspirou contra essa vontade. Se me fosse dado dezandar a roda da vida, gostaria de voltar à fazenda de meu avô, com as calças curtas, a ignorância completa do mundo, sem aspirações definidas. Por que? Apenas porque a vida fatiga. E' bem possível que ainda me reconcilie com ela. "Toutes les réconciliations sont fautes de lassitude", garante Anatole France. E' a lassidão que me empolga... Cada vez que olho para traz, porém, não resisto ao desejo de prosseguir. Sou



Eloi Pontes

como toda a gente. A coerência não faz parte dos meus defeitos...

Quais os projetos que me inquietam? A bem dizer só tenho projetos literários. Acontece, porém, que todos eles veem sendo embalsamados pela contemplação do que ocorre entre nós. A medida que examino tudo quanto está feito e tudo quanto se vem fazendo, sinto os efeitos de contrastes insanáveis. Minha vida é um fenômeno meramente espiritual. Os episódios de outra espécie, que poderia recordar, nada explicariam. Além disso não tenho coragem para dizer tudo, sem subterfúgios ou reticências. Para que mentir? Nem todo o mundo é Jean Jacques Rousseau, quando escreve "confissões"... O comum é dissimular. Para não dissimular prefiro concluir singelamente que não tenho a coragem de dizer tudo, como seria, talvez útil e, certo, divertido... Minha covardia é enorme, sem dúvida alguma. Felizmente não faz contrastes... A importância dos fatos que formam o romance da minha vida são duma mediocridade triste. Os fatos que escapam à regra devem ser emudecidos. Até quando? Até um dia...

Como
leitor

O matutino
de mais am-
plo noticiário
local, nacio-
nal e inter-
nacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de
maior tiragem
no Distrito Fe-
deral. 41.000
exemplares nos
dias úteis e
65.000 aos
domingos.

Uma Viagem pelo Rio de Janeiro

GALEÃO COUTINHO

Copyright de LEITURA

O TÍTULO deste livro de Joaquim Manoel de Macedo não me parece certo. Em vez de "Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro", o autor seria mais exato chamando-o "Uma Viagem pela Cidade do Rio de Janeiro". Foi como viajante, e não como cronista ambulatório que o autor da "Moreninha" teria realizado as suas incursões pela velha cidade dos vice-reis. Se hoje, em pleno século do automóvel e do avião, para ir de Cascadura ao Leblon, um sujeito sofre o diabo, imaginem o que seria naquele tempo!

Alphonse Karr viajou pelo seu jardim e nos deu as impressões em "Voyage autour de mon jardin"; Garrett viajou pelo seu país, narrando mil peripécias em "Viagens na Minha Terra". Nenhum deles, porém, foi mais minudencioso e deu de si mais substância do que Xavier de Maistre, que viajou em redor do seu quarto. Oh! o prodígio das inteligências que sabem ver! Anchieta, prisioneiro dos índios, matava o tempo estudando a nossa flora; há sujeitos que se entendiam em Paris e prometem aos Deuses nunca mais lá pôr os pés. Sei de um cavalheiro que foi mais de vinte vezes a Paris, só para se aborrecer. Entretanto, aí temos Pierre Van Paassen fazendo o louvor da Cidade do Espírito, hoje sob a pata dos partidários de Hitler, para afirmar esta coisa tão verdadeira: em Paris, o tempo nunca é perdido e vale a pena ficar sentado numa terrassa olhando as pedras da rua!

Joaquim Manoel de Macedo, ainda que descontentes a sua maneira de escrever, que era um pouco a maneira de todos os folhetinistas da época, prolixa e difusa, incontestavelmente soube ver o velho Rio. O que este belo volume, agora reeditado graças à diligente

sagacidade selecionadora de Zello Valverde, contém prova que já por aquelas priscas eras, o Rio podia ser visto e comentado por um homem de espírito. Como a vida social e artística estava toda ela concentrada nas igrejas, o cronista enveredado pelas sacristias, revolve o arquivo dos templos, fala-nos de José Maurício, o compositor que se bateu com Marcos Portugal (era como se hoje o Villalobos se batesse com o Ruy Coelho em matéria musical...), defendendo com galhardia os brios da nossa terra em face da gente reinol. Bons tempos, não há dúvida!

Macedo faz digressão turística, ao mesmo tempo que faz História. Igrejas, chafarizes, estátuas, velhas ruas, palácios, tudo que tem já a patina da ancianidade, merece do autor um comentário explicativo, uma alusão anedótica. O Passeio Público de mestre Valentim aparece aqui em sua gênese pitoresca. Mestre Valentim era um frascário de primeira ordem, e Macedo recolhe a sua opinião a respeito do amor. Nacionalista ferrenho, abria, entretanto, exceção para as mulheres, achando que Venus nasceu no mar, e não na terra, para não ficar limitada às contingências de pátria. O mar é de todos...

Quem compulsar este livro, achará um novo encanto em contemplar as coisas antigas a que se refere: igrejas, monumentos públicos, tudo quanto ficou sobrando dos séculos coloniais e resistiu às depredações inovadoras do prefeito Passos. De certo, Macedo não o escreveu com o propósito exclusivo de contar a vida das casas e monumentos, praças e árvores, mas também do material humano. E, como a gente antiga não era, como hoje se pensa, de tal modo austera que refugasse a chalaça e a

anedota, o livro está cheio de episódios curiosíssimos, muitos deles de sabor picante. O Rio de então era habitado por uma classe de indivíduos pachorrontos, que tinham tempo para digerir suculentos repastos e tratar da vida alheia, como hoje dificilmente se pode fazer. O homem não melhorou muito, senão porque a luta pela vida mal lhe dá vageares para tomar um café.

O Rio sedentário do comércio lusitano e dos burocratas de manga de alpaca e pena de pato, aqui está bem palpitante de humanidade. Macedo realizou dupla viagem: uma no tempo, outra no espaço. Evoca os fatos que deram origem a muito monumento público. Mas, já aí se revela o gênio anedótico do povo carioca (ou fluminense, como então se chamavam os naturais do Rio). O próprio vice-rei Luiz de Vasconcelos aqui aparece envolvido numa história de salas. Era o tempo dos lundus cantados pela voz quebrada e mole de desejo das nossas patricias. Em melados do século passado, que foi quando Macedo escreveu esta obra, já se lamentava que a modinha e o lundu estivessem em dezuso. O próprio autor faz a isto referência: "As modinhas e os lundus brasileiros quasi que já não existem senão na memória dos antigos; foram banidos dos salões elegantes e com todos os costumes primitivos, à semelhança das aves que, espantadas dos bosques vizinhos do litoral pelo ruído da conquista dos homens, fogem para as sombrias florestas do interior".

Hão de convir que essa tirada de Joaquim Manoel de Macedo tem ainda hoje um significado comovente para os tradicionalistas. E o livro encerra algumas reflexões assim amargas, de mistura com o jocoso e o informativo. O prefácio que lhe deu Astorjildo Pereira, é uma obra-prima de concisão, clareza e senso do a-propósito, como tudo que Astorjildo Pereira escreve. As notas de Gastão Penalva são como as palavras avisadas de um guia respeitoso, esclarecendo aqui e acolá o leitor sobre possíveis obscuridades do texto. O editor Zello Valverde acaba de prestar um serviço assinalável ao público de bom gosto.

Um Passeio Pela Cidade do Rio de Janeiro — Joaquim Manoel de Macedo — Notas de Gastão Penalva — Pref. de Astorjildo Pereira — Zello Valverde Editor — 1943.

O ESTILO DE EUCLIDES — Conversava-se uma vez em um grupo de homens de letras, sobre Euclides da Cunha, que acabava de publicar os "Sertões", quando Joaquim Nabuco, que lhe censurava o estilo "retorcido", opinou:

— É um grande escritor, concordo.

E ponderando uma restrição concluiu:

— É pena que escreva com "cipó".

* *

CORRER NÃO PODE... — Pedro II não era partidário radical da abolição, mas consentia determinadas medidas em prol da santa causa dos escravos. Quando chamou ao poder Souza Dantas, temendo que este por demais se adiantasse na reforma do elemento servil, previni-o dizendo:

— "Quando o senhor quizer correr eu lhe seguro pela aba da casaca!"

Porque os Homens não são Bons

GUILHERME FIGUEIREDO

Copyright de LEITURA

NO FINAL do "Chantecler", aquela peça tão anti-teatral e tão engenhosa de Edmond Rostand, quando a amorosa Faisã é presa numa rede e se resigna à prisão, o velho cão Patou grita:

— Chut! Baissez le rideau vite! Voilà des hommes!

Os animais fogem, e apenas a heroína permanece, "as asas abertas, o peito arfante, esmagada no chão, sentindo o gigante que se aproxima". O pano cai.

O pano cai no momento em que os homens vão entrar em cena, e tudo então insinua que eles não são dignos daquela história, daquele cenário, da poesia que jamais perceberam nos frágeis irmãos do santo Francisco. Em "La dernière harde", Maurice Genevoix consegue colocar os homens. Coloca-os, porém, como inimigos, como monstros que apenas cruzam o mundo dos veados e das corças, dos animais da floresta, e para eles representam o grande perigo, a fatalidade que extingue a idade de ouro. Diante desse livro, o leitor tem o direito de se perguntar se os homens ainda são o único assunto, e se a bondade e os defeitos humanos são os únicos que merecem a pena, para exaltação ou correção, na figura de flores personagens que cruzam páginas de mesquinhos problemas, e entre esses problemas conseguem tempo para um tiro, já não mais em si mesmos, mas nos outros animais. Que a humanidade que apenas faz a paisagem dos romances humanos aqui se transforma em imagens de primeiro plano é impossível de contestar. Mas não está no fato de as personagens de Maurice Genevoix se chamarem Gorge Blanche, Le Rouge, Biche Longue, Le

Vieux des Orfosses, Brèche-Pied, que esse romance passa a ser um romance de bichos. Ele também não se transforma em fantasia de alexandrinos declamados por um galo, um melro, uma faisã. Os animais de Genevoix conservam a sua qualidade de animais, e merecem por isso ser distinguidos com o adjetivo animal, para marcar a sua "animalidade", do mesmo modo que a literatura convencionou o "humano" para marcar a "humanidade". Mas as qualidades que emprestamos ao nosso "humano" de seres que sofrem racionalmente, está em "La dernière harde" nas personagens da floresta, naquela manada de veados que os caçadores vêm abater. A "animalidade", tal como a entendemos para designar o anti-humano, pertence a esses caçadores, frios e maus no seu fundo de quadro, únicos que pronunciam palavras inteligíveis para o prazer de matar. Os animais do romance de Genevoix não falam. Não há nesse livro o milagre da fábula, embora o ensinamento moral ressuma dessas páginas repletas de encantamento. O que o autor considera e observa é a vida dos bichos, não também como um sábio sentido maeterlinckiano, mas com uma vasta poesia de movimentos, de cores, de sons, de naturalidade. Genevoix descreve o animal que anda, lento e grave, pastando os ramos mais verdes, numa fraternidade tão intensa que não precisa de dizer palavras. Súbito, uma orelha se torna atenta; os vagos olhos das gazelas alargam-se e brilham; o velho cervo levanta a galharia e os seus músculos se retesam sob o couro; "le jeune cerf au poil rouge avait rejoint sa mè-

re. Lui aussi avait entendu, reconnu l'approche de l'homme". E então é a disparada, os saltos lesto, os colos e as patas recurvadas, no meio de um odor que eles conhecem, "o cheiro do homem". A chacina começa, a fuzilaria, as vozes dos brutos:

— Les biches seulent! Laissez passer les mâles!

Não sei de maior reabilitação do moderno romance francês do que esse "La dernière harde", cheio de todas as qualidades com que costumamos distinguir as pequenas misérias que se passam sob telhados, entre gente que se despe e se veste, e que não sabe frear de amor sem que o temperamento e a psicologia venham reger as suas torpes vontades. A linguagem de "La dernière harde" não se refere ao plano chato em que colocamos os nossos pés descalços, à triste paisagem que celebrizamos, dando-lhe um verniz inteligente e esteta. Ela é a paisagem, tal como a devem sentir os seres que nela vivem e que ali se agitam, e que a amam sem metáfora e sem técnica, apenas com a enorme verdade das coisas simples. Dentro dela é que explode de repente o latido de um cão, de toda a matilha, e com ela as trompas de caça que significam a morte. Com esses elementos, Maurice Genevoix construiu um documento humano contra os homens, que é por si só uma condenação do que os cavalheiros bem pensantes designam como a "vontade de poder". Desse contraste, entre o bicho bom e o homem mau, que parece ter brotado de uma tese de Rousseau, é que nos fica a impressão de desalento de que a cada dia nos afastamos mais e mais da perfeição, e de que a nossa fisionomia, à medida que os séculos a transformam, atinge um rito de ferocidade (Porque "ferocidade", de "feras" e não "humanidade", de "homens"?), que nos torna distantes de toda a paz... Nós é que somos os selvagens, à medida que fugimos da selva; nós é que nos brutalizamos, à medida que requintamos o nosso horror ao homicídio e requintamos a arte de praticá-lo. Isto nasce do poema de Maurice Genevoix, com uma tal força de grandeza que, terminada a leitura, nos sentimos ao mesmo tempo sórdidos e irmãos de São Francisco de Assis, abjetos e arrependidos, angustiados, descrentes, e apenas com a humilde contingência humana de exercer o perdão, a única qualidade do bem que os animais desconhecem.

Um Concurso do Tico-Tico

UM CONCURSO ENTRE GENTE GRANDE para dar boa leitura aos pequeninos, é o que O TICO-TICO resolveu lançar entre escritores adultos, encerrando o prazo em 31 de julho do corrente ano. Bases: um prêmio de Cr\$ 300,00 ao autor do melhor conto infantil sobre assunto patriótico; um prêmio de Cr\$ 150,00 ao autor do trabalho do mesmo gênero imediatamente classificado; um prêmio de Cr\$ 300,00 ao autor do melhor conto infantil sobre motivo do folclore brasileiro; um prêmio de Cr\$ 150,00 ao autor do trabalho do mesmo gênero imediatamente classificado; um prêmio de Cr\$ 300,00 ao autor do melhor conto infantil para meninas; um prêmio de Cr\$ 150,00 ao autor do trabalho do mesmo gênero imediatamente classificado. Os originais, datilografados em 2 espaços, não poderão exceder de 6 folhas, tamanho almaço, escritas de um lado só. Assinados com pseudônimo, uma sobrecarta com a identidade e trazendo por fora o título do trabalho concorrente e o gênero a que pertence. Cada autor poderá concorrer com um ou mais trabalhos e a um ou mais gêneros. Endereço: à Redação d'O TICO-TICO (Concurso de Contos), Senador Dantas, 15 - 5.º andar — Rio de Janeiro. Os trabalhos enviados serão propriedade d'O TICO-TICO.

Notas de Viagem de um Comerciante

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

Copyright de LEITURA

NA BIBLIOGRAFIA brasileira, a literatura de viagens ocupa um lugar de grande destaque. No primeiro século, Schmidel, Thevet, Lery, Hans Staden; no segundo, Yves d'Evreux, Claude d'Abbeville, Nieuhof, Aldenburgh, Richshoffer, Brito-Freire e outros fornecem-nos dados cheios de interesse e sabor. As invasões francesas e holandesas provocam a desconfiança e o temor ao estrangeiro e o consequente isolamento do Brasil. Segue-se um século de abandono e desconhecimento — obra do governo português, impedindo a entrada de estrangeiros, muito mais devida ao receio, do que ao desprezo pela ciência. Do lado português, só Alexandre Rodrigues Ferreira empreendeu a obra imensa de devasar o território para conhecê-lo melhor. Mas as viagens realizadas por estrangeiros no século XVIII são de pequeno valor. Affonso d'E. Taunay divulgou-as em livros que fazem parte da *Brasiliana* da Cia. Editora Nacional. São obra de pouco merecimento e que pouco ou nada nos adiantam quanto ao conhecimento do Brasil. Só travamos relações com estes velhos viajantes porque nos são apresentados pela sabedoria enciclopédica de A. d'E. Taunay.

Os oitocentos são, porém, um século de penetração, de povoamento, de esparramamento de nossas fronteiras. Isolamo-nos, interiorizamo-nos e conhecemo-nos melhor. Nada de estranhos que perturbem a obra ilimitada que tivemos de realizar, que nos distraíam de nossas ocupações de internamento, de demarcação, de tentativas de independência e revoluções. Deles só a influência intelectual a se exercer nas revoltas que brotam do sentimento da nossa superioridade para com Portugal.

E' por isso que, com a abertura dos portos, no ralar do século XIX, um novo movimento bibliográfico se inicia.

A Inglaterra, pela aliança com Portugal, e especialmente porque não consentiria que o vasto domínio português na América do Sul seguisse o exemplo das colônias espanholas na América, que passaram praticamente para o controle francês (Tratado de S. Idelfonso, 1798), demonstrava vivo interesse e curiosidade pelo Brasil. Daí as traduções da obra do Bispo Azere do Coutinho.

A intensificação de nossas relações diplomáticas com a Inglaterra, espécie de herança portuguesa,

e das relações comerciais que um autor — J. Sturz — avaliava, em 1837, em maior do que o comércio franco-britânico, resultou na grande atração pelas nossas coisas e na consequente literatura inglesa de viagens sobre o Brasil.

A literatura de Viagens no século XIX, no Brasil, pode ser claramente dividida em dois grupos bem característicos. O científico, onde predomina o elemento germânico, com Wied Neuwied, Eschwege, Pohl (austriaco), Spix e Martius, Burmeister, Guenther, e o grupo descritivo de primeira ordem, com predominância anglo-saxônica, com J. Mawe, J. Luccock, Koster, Kidder e Fletcher (americanos), Burton e Gardin, e os franceses Agassiz e St. Hilaire. Há uma literatura de segunda ordem, como a de Debret, Rugendas, etc., embora, nestes, a iconografia suplante as deficiências das observações.

Varnhagen, tão grave no julgamento dos que escreviam sobre o Brasil, considerava John Luccock, com Mawe, os mais noticiosos e importantes dos viajantes ingleses deste período, acrescentando que em Luccock se encontrava a mais fiel pintura do verdadeiro estado material, moral e intelectual em que estava a capital do Brasil à chegada da família real e dos progressos que fez nesses poucos anos.

Realmente, John Luccock é, dos viajantes que nos deixaram suas impressões, um dos mais saborosos, pelo seu tom natural, e por isso mesmo verdadeiro. Os capítulos II e IV constituem fontes indispensáveis para a reconstituição dos primeiros anos do século XIX. Eles nos revelam os costumes, usos, hábitos e pensamentos do brasileiro dos oitocentos. As minúcias e detalhes registrados são tão curiosos que merecem ser lembrados. Assim, por exemplo, a de que o bife só aparecera ultimamente (a viagem é de 1808 a 1818) e assim mesmo se limitara às classes altas; do mesmo modo o pão de trigo, "caro demais para que dele usem outros que não os mais ricos". Atribue também John Luccock influência religiosa ao pouco uso, pelo povo, da carne de carneiro, porque, segundo alegavam, "não era comida própria de cristão"; ao contrário da avidês expressão.

com que se alimentavam de carne de porco, "como se o encantassem todas as oportunidades de demonstrar que não são nem judeus nem maometanos".

As informações sobre alimentação, higiene, saúde, figuram ao lado dos acontecimentos políticos e das informações sobre caráter, classes, e profissões (advogados, médicos, farmacêuticos).

Sobre as artes mecânicas relata Luccock um fato curioso, tal como o de procurar um carpinteiro, que, depois de combinado o serviço, apresentou-se "vestido em grande gala, de tricórnio, fivelas nas sapatos e abaixo dos joelhos e outras quejandas magnificências. Ao chegar à porta estacou, à cata de um negro que levasse as ferramentas, ao que Luccock ofereceu-se para ele próprio carregá-las, o que pareceu ao carpinteiro um grande solecismo, como o de usar ele próprio suas mãos.

Esse horror ao trabalho manual, de que conservamos ainda hoje traços bem vivos, como, por exemplo, o de não gostar de carregar embrulhos (consequência da utilização do escravo), foi acentuado por Rodrigues de Brito, nas *Cartas Político-Econômicas* em 1807, quando falava "da preocupação que excluía dos empregos aqueles que por si, seus pais, ou avós, tivessem exercido artes mecânicas. Um escravo da mais insignificante Câmara não pode encartar-se na propriedade de seu ofício, sem provar verdadeiro ou falsamente a perpétua inação de seus braços e dos seus pais e avós".

Trata-se, portanto, de um livro que nos ajuda a reconstituir a vida íntima nacional nos primórdios de nossa independência.

Coube a Rubens Borba de Moraes, que tão magnificamente dirige essa coleção, prefaciar a tradução brasileira. Rubens Borba de Moraes é um homem que vem realizando modesta e silenciosamente uma tarefa magnífica de cultura e ensino. Reorganizando a Biblioteca Municipal de São Paulo, obra que ficará como modelo de ação e inteligência, dirigindo esta coleção de viagens, que a Livraria Martins imprime com tanto carinho e esmero, e ultimando os preparativos para o *Handbook of Brazilian Studies*, impôs-se como uma figura de singular expressão.

DIZIA VOLTAIRE — "Sei de um país onde as artes têm honras e recompensas, onde há diferenças nas condições sociais, mas onde o mérito é enaltecido entre os homens". E esse grande país ao qual tanto amou o imortal autor de "Candide", é a Inglaterra.

A GUERRA E A PAZ

OTTO MARIA CARPEAUX

Copyright de LEITURA

"GUERRA E PAZ", a poderosa epopéia de Tolstói, está hoje à luz duma grande atualidade. Outra vez, como nos dias de Napoleão, o inimigo está no coração da Rússia, para fracassar, outra vez, na imensidade dos espaços orientais e naquela estratégia do recuar e de alongar que parece própria do caráter oriental do povo russo. A luta secular e milenar entre a atividade febril, "faústica", do Ocidente e a calma superior do Oriente parece sempre destinada ao mesmo fim. No romance histórico de Tolstói os acontecimentos que se passaram só uma vez, na data histórica de 1812, condensam-se as lutas épicas que se repetem sempre. Eis a grande lição da obra: a história não é um acaso, é uma epopéia, artisticamente ordenada. Todos os outros romances históricos param num nível mais baixo, na descrição de costumes definitivamente antiquados e de acontecimentos definitivamente passados, na erudição e no pitoresco. Em suma: no contingente. Só "Guerra e Paz" supera a esfera da contingência, eleva-se à al-

tura, onde o contingente histórico desaparece, o seu criador assemelha-se a um Demiurgo. Por isso, todos os romances históricos da literatura universal envelheceram ou desapareceram. Apenas "Guerra e Paz" sobrevive, e hoje está à luz duma nova atualidade.

Esse raciocínio basta para excitar o interesse; mas não para evidenciar a significação da obra. Se "Guerra e Paz" fosse um romance histórico, mesmo a maior obra do gênero, seria morto como todo o gênero. Realmente, o que ficou dos romances históricos? Ficaram os "Promessi sposi", de Manzoni, que devem, porém, a vida a outros motivos, não puramente artísticos. Walter Scott, que passou, na sua época, pelo malor dos romancistas, fica hoje reduzido a autor de romances de divertimento para a mocidade, e todos os seus sucessores e imitadores sofreram o mesmo destino, inclusive a "Notre-Dame de Paris", de Victor Hugo. Até "Salambo", de Flaubert, parece hoje um artifício, a mais fria das obras do mestre. Considerando os grandes talentos e, em parte, gênios literários que se dedicaram ao romance histórico, não se deve procurar a responsabilidade nos autores, mas no próprio gênero. Um ponto de partida para a crítica do gênero "romance histórico" foi fornecido pelo próprio Manzoni, num ensaio explicando a antinomia irresolúvel entre a fidelidade histórica e a liberdade artística. Continuando o raciocínio, podemos dizer: o romance histórico reproduz um mundo inteiramente passado, inteiramente alheio ao nosso sentimento do mundo presente e, com isso, incompreensível; ou, dá uma modernização ilegítima do passado, "revivificando-o" por meio de alusões ao nosso mundo presente. Realmente, o romance histórico sobrevive hoje nessas duas maneiras: à segunda, modernizando ilegítimamente o passado, na "biographie romancée", ou, à primeira, transformando o nosso próprio mundo em mundo alheio e incompreensível, nos romances de Hemingway e Malraux. De outra maneira, o romance histórico não é possível. Ora, "Guerra e Paz" está vivo, poderosamente, pois, não é romance histórico.

Quasi não existe outra obra de arte em que as contingências e acasos da história desapareçam tão inteiramente como em "Guerra e Paz". Os exércitos de soldados e os exércitos de homens, mulheres e crianças que passam pelas suas páginas, são despidos de fardas e roupas. O olho implacável de Tolstói penetra até os corpos nus, até as convulsões da carne viva, até os sentimentos mais elementares desses seres. A grande matança da guerra segue-se, com razão biológica, a fertilidade ressuscitadora da paz, duma nova geração. E: "sic semper"! Apenas, Tolstói não é biólogo, como não é historiador. Não dá abstrações. É artista, criando homens vivos, vestidos, necessariamente, do costume duma determinada época. Em certo sentido, somos todos seres históricos, e a própria história é uma parte da vida pré-histórica e post-histórica da espécie humana. Por isso, Tolstói reduz a quasi nada o papel dos heróis na história, enaltecendo o papel das massas anônimas, escrevendo um romance essencialmente antihistórico. Por isso, não se limita a descrever uma guerra; dá à guerra e à paz o ritmo eterno das vidas humanas; eterno e sempre atual. Por isso, "Guerra e Paz" não é duma atualidade de hoje. É de hoje como foi de ontem. É de amanhã e de sempre, como toda grande obra de arte.

"Guerra e Paz" — León Tolstói
— Trad. de Gustavo Nonnenberg
— 2 volumes — Livraria do Globo.

BRASILEIROS!

LEIAM O ESPLÊNDIDO LIVRO DE SILVA MELO

ALIMENTAÇÃO, INSTINTO, CULTURA

(Perspectivas para uma vida mais feliz)

"O livro que tenho em mãos e que assusta pela sua expressura, é uma das mais agradáveis leituras que tenho feito nestes últimos tempos. Lembra Wells, o romancista que se fez historiador e filósofo. Não é, como o seu título poderia fazer crer, um fastidioso Tratado da Alimentação. É mais uma História filosófica da alimentação vista através de um prisma biológico. Lê-se com agrado desde as primeiras páginas. Aprende-se. Sorri-se. Compreende-se o alcance longínquo das vistas do Autor".

MAURICIO DE MEDEIROS

EDIÇÃO DA LIVRARIA JOSE OLÍMPIO EDITORA

Leiam SEIVA

UMA REVISTA DEMOCRÁTICA DOS MOÇOS BAIANOS PARA TODO O BRASIL

O SOBERANO E O POETA — O Imperador Pedro II visitou Victor Hugo na manhã de 22 de maio de 1877. O poeta fê-lo sentar-se ao seu lado, cuja cortesia o Imperador agradeceu dizendo:

— Sentando-me ao lado de Victor Hugo cuido, pela primeira vez, que estou num trono. Admirado da extrema modéstia do soberano o poeta sorriu.

Um Milhão de Livros à D

Reportagem de E



Biblioteca Nacional — Painel de George Biddle

O CARIOCA desabafa suas queixas através de anedotas. Sobre a Biblioteca Nacional já ouvi inúmeras, cada qual a melhor, embora injustas, às vezes. A última que me contaram aconteceu com Stefan Zweig. Depois de visitar a Biblioteca, alguém perguntou ao autor de "Confusão de Sentimentos" o que ele achava de tudo o que lhe fora mostrado.

— Não vi nada — respondeu, categórico.

Mas o certo é que ela contém atualmente mais de um milhão de livros, entre volumes e folhetos.

— E note bem — explicou-me o secretário, Felipe de Souza. — Tudo isso na primeira seção, que é

a de obras impressas. Na seção de manuscritos, temos seiscentos mil; na seção de estampas e cartas geográficas, há cerca de trezentos mil volumes, entre jornais e revistas.

Como se vê, há livros suficientes para o carioca se distrair e preparar-se, mas, sinceramente, a frequência não é lá muito elevada. Culpa da casa?

— Não é culpa da casa — garantiu-me o grande continuador da obra de Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e atual diretor da Biblioteca Nacional. — Pois nós facilitamos tudo. Em verdade, eu gostaria de encher a cidade de livros, de levar livros ao povo, mas isso não é possível, não está ao meu alcance. Também não é pos-

sível dar um caráter assim tão popular à Biblioteca. Tem de ser uma ou outra coisa.

— E reformas?

— Vamos fazer muitas, e já fizemos algumas. De tempo em tempo, organizamos exposições de sucesso como a de Machado de Assis, a do livro norte-americano e outras iniciativas igualmente importantes e úteis. Mas é cedo ainda para falarmos nas reformas.

O Diretor vai para o seu gabinete e o Secretário prossegue:

— Temos uma seção nova, que é um desdobramento da de impressos — Salão de Referências — onde há livros de consulta imediata, como dicionários, enciclopédias, e tudo ao estirar da mão.

Rodolfo Garcia volta ao gabinete do Secretário:

— Os Anais da Biblioteca contam hoje com 62 volumes e os Documentos Históricos com 55 volumes. Há também o Boletim Bibliográfico. Quando cheguei aqui, em 1923, tudo isso se encontrava atrasado.

Rodolfo Garcia falou-me ainda da displicência de autores e editores do país para com a obrigatória remessa de livros; disse-me estar de acordo com uma Biblioteca inteira e verdadeiramente popular, onde o povo pudesse entrar como se estivesse em sua própria casa. Iria fazer muitas reformas, mas não as garantia para já. Trabalho intenso, dificuldades de toda espécie e não se contava com a verba desejada.

Dele mesmo nada me queria dizer. Um dia, quando se aposentasse, iria dedicar-se aos seus próprios livros. Havia exagero na afirmação de que ele era o maior comentador de nossa História Colonial, depois de Capistrano. Seus comentários às notas do notável cearense não passavam de comentários insignificantes, qualquer um poderia fazê-los. Difícil suplantarmos o esforço de Capistrano de Abreu.

Enquanto conversávamos, o Diretor e eu, Felipe de Souza trouxe para a mesa a estatística de consultas no mês de dezembro, o histórico da Biblioteca e recomendou-me procurasse os funcionários, moços e velhos, para uma palestra.

— Seria interessante.

Concordei, lendo a estatística, que me dizia coisas também interessantes. Por exemplo: em todo o mês de dezembro foi consultado somente um livro em italiano.

Disposição dos Leitores

ELO LIMA

Houve um total de 57.506 consultas no mês de dezembro. Em janeiro passado, foram atendidos 3.896 leitores, que consultaram 7.921 impressos, 16.616 manuscritos, 809 cartas geográficas e 13.682 periódicos. Tanto em dezembro como em janeiro, o francês bate o recorde em línguas estrangeiras e, em seguida, vem o inglês.

Mas, Wanderley não estava de acordo com a notícia de que somente um livro italiano fora consultado:

— Não é possível, houve engano. Em geral, os livros consultados são justamente os livros básicos, clássicos, em todas as línguas.

Manuel Adolfo Wanderley é também estudante de Direito, uma cara larga de nortista e não chega para quem quer. Anda sempre atarefado com rapazes e moças que lhe pedem explicações e auxílio na procura de livros.

— A guerra não influíu na procura de livros — responde-me. — O movimento é o mesmo e o gosto quasi não varia.

— Eu acho que não — protesta a senhora que não me disse o nome porque o "marido talvez não gostasse". — Bem que diminuiu um pouco.

— Acho que sim — concorda Maria Antonieta, funcionária do novo salão de que me falara o Secretário. — Pelo menos aqui na secção eu noto disso.

— E os livros sobre política são mais procurados atualmente?

— Não — respondem ao mesmo tempo.

— Sempre houve muita procura de livros sobre História — acrescenta Wanderley.

E a jovem Maria Antonieta elogia o "Salão de Referências", onde há livros novos que o próprio leitor vai buscar nas estantes.

— Só exigimos uma coisa: é que os leitores deixem os livros em cima das mesas.

E à tarde, no final do expediente, elas (nesse salão há grande número de funcionárias, todas jovens e entusiasmadas pelo serviço. O leitor sente-se à vontade e é atendido por criaturas solícitas e nada burocráticas) apanham os volumes deixados em cima das mesas e fazem a estatística.

— Assim é melhor — explica-me Celuta Hanniquim. — O senhor tira o livro desejado, senta-se, lê e pode deixá-lo ali mesmo.

— Queremos o trabalho de apanhar muitos livros. Quanto maior

o número, melhor — acrescenta Maria Antonieta, sinceramente.

E eu lhes digo, provocando-as, que a Biblioteca espanta as pessoas humildes, cuja roupa domingueira também é tão rasgada como a dos dias da semana.

— Não senhor! — protestam com veemência. — Pois eu não me canso de receber gente mal vestida e não conto até mesmo as fedorentas — exclama Antonieta, que sorri agora como quem pede desculpas.

— Bem que a Biblioteca tem formado uma porção de gente pobre — diz Celuta Hanniquim.

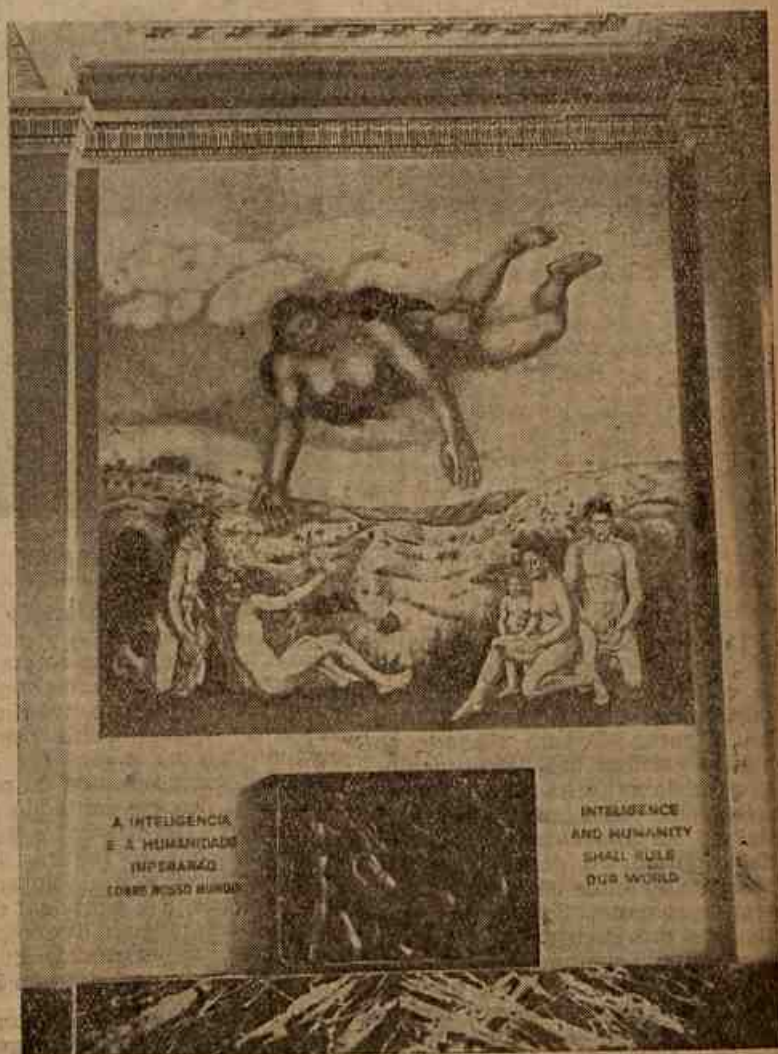
— Há uns loucos... — arrisca Antonieta.

— Mansos — completa Celuta.

— Os loucos gostam muito de bibliotecas — afirma uma senhora de rosto magro e de excelente pronúncia francesa, baseada em certo trabalho de bibliotecário estrangeiro ou talvez (quem sabe?), talvez mesmo baseada no léxico belarminiano ou naquele outro filósofo vibrátil e amarelo que morreu de fome, "caído portanto na lógica imanente das coisas"...

E elas me descreveram uma porção de tipos curiosos que há anos frequentam a casa, diariamente. "Rockefeller", um desgraçado que parece sofrer de fome crônica, lenço no pescoço, roupa

(Continua à pág. 25)



Biblioteca Nacional — Painel de George Biddle

«Os Interesses da Companhia»

NELSON FIRMO

Copyright de LEITURA

FALANDO em "Contraponto" sobre o mau livro, Huxley assinala com admirável senso crítico: "Custa tanto escrever um mau livro como um bom; sai com a mesma sinceridade da alma do autor. Mas sendo a alma do mau autor, pelo menos artisticamente, de qualidade inferior, suas sinceridades serão, se não sempre intrinsecamente desinteressantes, pelo menos desinteressantemente exprimidas, e o trabalho dispensado nessa expressão será malbaratado".

E quando ele afirma, logo depois, que não há substituto para o talento, eu descobri a razão por que andam tão atulhadas, de livros frívolos e tolos, as livrarias nacionais.

Não havendo, pois, um substituto para o talento, deveria haver rigorosamente uma seleção dos livros a imprimir.

Só assim não nos decepcionaríamos ao contato com alguns deles, mesmo com a grande maioria deles.

*

A nenhum dos livros do sr. Gilberto Amado, porém, através dos quais o pensador, o sociólogo, o poeta, o crítico, o exegeta e o romancista tão fascinadamente se afirmam, nos seria lícito aplicar aqueles mordazes mas tão justos conceitos de Huxley.

E' que o lúcido pensador de A Chave de Salomão, inteligência das mais claras e poderosas, servida por uma opulenta e tão bem disciplinada cultura geral, dono ainda de um estilo perfeito, sempre fugiu daquela "arte de lugar comum escolhido", a que alude Joaquim Nabuco.

Dai seus livros e seus trabalhos avulsos suscitarão invariavelmente o maior e o melhor interesse público, as emoções mais diferentes e puras. E' bem verdade que alguns críticos brasileiros acolheram desfavoravelmente a sua estréia como romancista, autor prestigiado de *Inocentes e Culpados*. Este, porém, a despeito de seus possíveis defeitos de técnica, é um grande romance. Seus personagens vivem, movimentam-se e atuam num mundo e num meio que não desconhecemos. E' um romance sobretudo muito humano, fixando aspectos sociais e dramas íntimos, os grandes males de uma época de nossa vida, com as suas paixões,

as suas virtudes e os seus enormes defeitos. E tudo isso, convenhamos, com um notável poder de compreensão e análise.

Dando-nos agora um outro romance, *Os Interesses da Companhia*, o sr. Gilberto Amado apresenta-se evidentemente mais senhor da seara, da técnica que o gênero exige.

Sentimos que ele venceu, de maneira incomum, as pequenas falhas da estréia — de sua grande estréia como romancista.

Em *Os Interesses da Companhia*, ele já se torna o mestre de um gênero literário realmente difícil, que não dispensa de quem se propõe a adotá-lo um mundo de atributos, dentre os quais sobressaem



Gilberto Amado

a inteligência, a cultura, a vocação, a espontaneidade, a observação, o bom senso das coisas e das medidas, o dom de criar, penetrar e entender as almas, jogando por vezes com personagens psicologicamente absurdas mas tão necessárias à trama e à vida do romance, ao seu próprio conteúdo e desfecho. Essas tão diferentes qualidades, essenciais à feitura de um bom romance, sobram no sr. Gilberto Amado. E a gente sai da leitura do seu último livro convencido disso, da existência de mais um romancista completo no Brasil.

A urdidura, as teses do romance, a maneira como ele cria, joga, agita, move e transforma os seus personagens, dando-lhes uma vida

quasi real, tudo isso confirma e consagra as qualidades do autor como romancista.

Sidônia, por exemplo, é uma criação estupenda. Um tanto mesmo genial. Ninguém, a princípio, vendo-a tão miudinha, de passos tão lentos e fala tão mansa, geralmente representando um papel impossível, o de fazer rir e fazer viver aquela incrível mulher do velho Casaes, ninguém surprenderia nela a desconcertante mulherzinha que no fim de tudo se define, atuando calculadamente, pacientemente, visando e alcançando o que bem queria por amor ao filho, aquele também curioso e estranho André, cujos êxitos na vida é obra sua, do seu tino, de sua mirada, do auto-domínio com que se movia, até mesmo de sua enorme senvergônhice.

Que tipo, que mulher excepcionalmente diferente das outras, incomum, insensível aos preconceitos, ao decoro, às normas corretas da vida!

No entanto, ninguém melhor do que ela sabia compor atitudes, guardar as aparências, parecendo uma mulher de grandes virtudes e grande conceito, zelosa da sociedade de que se fez por fim uma das pilstras mestras e da qual era, sem dúvida, o mais perfeito e caricaturável dos seus membros.

Casaes e Anita, pai e filha, são outras criações que dão vida e intensidade ao romance, ambos de temperamentos desiguais, vivendo sob o mesmo teto, mas em mundos diferentes, um agarrado e vendo apenas os interesses da companhia que fundou e dirigia, a outra traindo bem a espécie de mãe que tivera, tendo fases de recolhimento religioso, de uma quasi grandeza moral, para cair depois e depois viver a pior das vidas.

O segundo romance do sr. Gilberto Amado situa-o, assim, merecidamente, entre os melhores romancistas brasileiros.

Através de suas páginas o leitor toma contato com os vícios e erros de uma sociedade que não nos surpreende em absoluto quando nos dá tipos da espécie dos que o escritor soube tão admiravelmente criar, movimentar e fazê-los viver.

Os Interesses da Companhia — Gilberto Amado — Livraria José Olympio Editora — 1942.

ERICO VERISSIMO E A CRÍTICA

CLOVIS RAMALHETE

Copyright de LEITURA

SE AS paredes dos Museus são o que escuta as mais espantosas tolices é porque, sem dúvida alguma, são os críticos quem as dizem.

E' terrivelmente difícil transportar para a linguagem a impressão causada pela arte. Um dos grandes pámos dos leitores de jornal não deve ser os inventos nem as catástrofes do século, mas simplesmente a persistência daqueles que se propõem a registrar num papel, em palavras, o que ouviram num concerto, dedicando meia coluna às pessoas que não foram lá. Os críticos de todas as artes defrontam-se com esse obstáculo. E encontram, cada qual no seu gênero, soluções análogas. Ladeiam, derivam, e a análise que apresentam não se ajusta precisamente à essência artística da obra de que tratam. Acabam por criar, até, um dialéto técnico, índice de seus transes e fraquezas.

Diante da obra do escritor gaúcho, no esforço que lhes custa sangue para transferir para a análise o que sentiram na leitura de seus livros, os críticos lobrigaram duas ou três idéias, que são secundárias e esqueceram tudo o mais quanto significa propriamente o romance que o escritor Erico Verissimo vai fazendo sobre a sociedade urbana brasileira, nesta fase da história republicana.

Vai o romancista e lança um livro sobre a decadência de uma família da nobreza caudillesca dos pampas, vista através a alma imprecisa de uma adolescente — "Música ao longe". E logo toda a crítica, num murmúrio unânime, tece conceitos sobre Aldous Huxley! Seguem-se outros livros, que significam um painel da cidade de hoje do Brasil, tentativa nova, que não está nos antigos autores, e que pinta costumes recentes, riquezas frescas da cidade industrial: — e um sussurro geral sobre Aldous Huxley completa-se agora com reflexões intrincadas sobre técnica. O detalhe do "herói" ceder lugar ao "grupo" — (tão afim com o nosso tempo coletivista que adota a morada coletiva, a pintura mural e o canto orfeônico) — é tido como prova máxima das ligações filiais de Verissimo com o enfadonho intimista de "Point Counter Point", quando o romance sem herói já estava em "Vanity Fair" de Thackeray, e é moda universal, sendo que, enquanto Huxley fixa os personagens na época através da introversão, Ve-

risimo ao contrário é objetivo, exterior, e pinta-os sem aquele equipamento de erudição que faz com que Huxley semelhe a um filho da união de Proust com um volume qualquer da Enciclopédia Britânica...

"O resto é silêncio" descreve as reações de um grupo de pessoas, de temperamento e categoria social diversas, a um mesmo caso da crônica policial de Porto Alegre. "Contraponto"! — vão dizer. Não! Apenas Erico Verissimo, do bom, do que sabe nome de vinhos e de sedas, bem como o de páu de árvores tropicais e lendas e costumes gaúchos; o que voluntariamente se poda do regionalismo e pretende num sacrifício alçar-se ao universalismo e, aí, ter face igual a de todos os homens, Dickens ou Huxley, Machado ou Balsac, eu ou o carteiro da minha rua.

O que Erico Verissimo val fazendo tem uma significação maior que a de renovar bibliografia de modelos aconselháveis aos ficcionistas brasileiros. E certamente não é pecado obter e manter o amor do público, desde que persistam suas qualidades mestras. Escrever é para comunicar. E não há glória maior que atingir a su-

prema glorificação de ver seus livros abrigados entre a literatura de cordel. Num país onde a elite e a multidão andam tão distantes, não é acusável aquele que descobre o caminho para o coração do povo. Estes são os grandes, os representativos. E nesse passo o escritor Erico Verissimo não fez tudo, por que sem dúvida ele ainda não é o nosso Dickens, o nosso Dostolewski, no sentido de escritor que se identifica com a alma nacional.

Na verdade, há lugar para todos, sob o sol. E é útil até hermético, depurado e falso cerebral. Mas diz o meu médico neurologista "que um livro só é bom quando a gente lê e gosta", conselho profundo de um homem que me livra de irritações desnecessárias, e dos malefícios de certas obrigações, e com que significa que o senhor Erico Verissimo é um excelente, um ótimo romancista, lido com infinito prazer principalmente por aqueles que o aproveitam para demonstrações de cultura de pequena cabotagem.

O RESTO É SILÊNCIO... —
Erico Verissimo — Livraria do Globo — 1943.

Exposição do Livro Feminino

A EXPOSIÇÃO do livro feminino foi iniciativa espontânea da escritora Adalza Bittencourt. O visitante não encontrará naquele salão do Pálace Hotel novidades excepcionais ou magníficas edições. Contudo, receberá a certeza de que existe no Brasil um número considerável e surpreendente de escritoras e muitas com livros de tiroens elevados.

A seção infantil e a de poesia são abundantes em volumes, mas também se pode ver nomes respeitáveis e conhecidos nas seções de Direito e Medicina. Em várias mesas estão expostos retratos de romancistas, poetas e jornalistas e, em torno dos livros, a presença viva de Adalza Bittencourt e a de sua secretária, que nos fez questão de mostrar todos os livros, um por um.

* *

NETO DE MARCO AURELIO — Ao contar Victor Hugo o modo por que distribuía o seu tempo, o Imperador do Brasil, observa-lhe que não tinha "direitos" sobre o seu povo; tinha "deveres", que lhe couberam por acasos da fortuna e do nascimento.

E o poeta comovido enalteceu-o:

— Senhor, sois um grande cidadão! Sois neto de Marco Aurelio!

CÓDIGO SINTÉTICO — Capistrano de Abreu foi procurado por uns jornalistas que lhe interrogaram sobre o problema social do Brasil.

— Agora — respondeu o ilustre historiador — andam falando em reforma constitucional. Queiram atribuir os erros à lei... Eu proporia que substituísem todos os capítulos da Constituição, decretando: "Artigo único: Todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha".

As Memórias de André Maurois

(Continuação da pág. 3)

Europa; vê, com indiferença, a nuvem de tempestade que se aproxima, e a mulher, que indaga o que lhes cumpre fazer diante do desmoronamento do mundo, a que assistem, responderá, como o Candido de Voltaire: "Cultivar nosso jardim". Só sente o drama quando, deixando de ser espectador, passa a representar também a sua parte, porque, como confessa na página 230 de suas "Memórias", adotara o costume de considerar como impossível tudo o que não lhe tivesse acontecido diretamente.

Mas, apesar das falhas pessoais que se poderão descobrir no autor, seu livro de "Memórias" interessa, e muito, como depoimento de um homem inteligente sobre mais de meio século da vida de um povo e de uma nação.

O livro, que começa numa era de inocência, no "Paraiso terrestre", acaba no exílio, com o mundo todo ardendo em redor. Expatriado, Maurois encontra na América um refúgio generoso, mas, atrás dele, ficou uma França traída e subjugada, ficou a família dispersada, ficaram os amigos — e esses amigos se chamam Roger Martin du Gard, Jean Schulemberger, André Gide, outros nomes, todos grandes e belos, nomes daqueles que concorriam para fazer da França o coração do mundo.

Fechando o volume, perguntei a mim mesma, com tristeza: "Que outra criança terá, na França de hoje, na França de amanhã, a infância tranqüila de Maurois? Que futuro espera essa mocidade desenraizada, mandada antes de tempo para as trincheiras, privada da cultura que fez gente igual àquela? Estará morta a França?"

No fundo de mim mesma, porém, uma certeza, mais forte do que uma esperança, me diz que a França renascerá, melhor, mais digna e mais feliz do que a que hoje agoniza, e que o que morreu não foi um mundo, mas foram os erros do mundo, e que o extermínio de uma geração bem pouco importa diante da promessa que contém o dia de amanhã.

CAMPOS SALES

JOSE AUGUSTO

Copyright de LEITURA

Uma das mais frequentes acusações que se faz a Campos Sales é a de que, instituindo, durante o seu governo, a política dos governantes, desvirtuou o sentido do regime criado pela Constituição de 1891.

Este regime era o republicano, e na boa doutrina republicana tanto podem vencer governos como oposições.

Mas não esqueçamos que também era presidencial, e o presidencialismo conceitualmente conduz à supremacia, ao primado político do poder executivo, e este é levado a se socorrer de todos os meios para fazer preponderar os seus pontos de vista e prevalecer os seus objetivos.

Cumprir observar que Campos Sales não gostava da expressão política dos governadores. Ele pretendia haver feito antes a política dos Estados, através suas forças políticas preponderantes.

Era coerente o grande presidente, pois desde a Constituinte de 1891, no seu ultra-federalismo, Campos Sales havia traçado todo o seu programa político na síntese — A União indestrutível com os Estados indestrutíveis.

Todas as controvérsias são possíveis em torno das vantagens ou desvantagens, das benemerências ou da infelicidade da política iniciada na presidência Campos Sales e seguida religiosamente por todos os seus sucessores.

Uma virtude, porém, é preciso que se lhe reconheça: a da coerência.

Em um regime de ultra-federalismo, os Estados não podiam deixar de ser indestrutíveis.

Em um regime presidencial, a política não podia deixar de ser de governadores.

Assim, política de presidentes e governadores, longe de ser uma corruptela do regime presidencial, era uma imposição fatal do seu mecanismo, um imperativo necessário do seu próprio dinamismo.

Campos Sales foi, desse modo, o mais fiel intérprete do regime presidencial, e não o seu deturpador.

Mas outras pechas foram atiradas ao seu governo, um dos mais combatidos em toda a história da primeira República no Brasil.

Esta, por exemplo: — a de que não soube defender convenientemente os interesses do Brasil nas pendências de que afinal resultou o chamado tratado de Petrópolis, que resolveu definitivamente o caso do Acre.

A sua política internacional teria sido, na hipótese, imprevidente, desavisada, menos cautelosa.

A acusação era tanto mais impressionante quanto resultava das palavras de Rio Branco.

Muitos anos decorreram sem que Campos Sales ou o seu Ministro do Exterior, Olinto de Magalhães, viesse a público falar a respeito.

No entanto, desde 1911 estavam os dois mais do que documentados para mostrar que ainda nesse passo, o governo Campos Sales agira em bem do Brasil.

A documentação procedia da mesma fonte, donde viera a implícita acusação — Rio Branco.

Eram estas as suas próprias palavras, em carta a Olinto de Magalhães: "Não me pareceu conveniente, durante a agitação daqueles dias, tornar imediatamente pública e de modo solene, a minha retificação ou retratação, a qual em nada invalidava o ajuste internacional pendente de decisão do Congresso".

E mais adiante: "Nunca oculte esse incidente às pessoas que sobre ele me falaram".

Todo esse caso vem relatado minudentemente no livro recente de Olinto de Magalhães, "Centenário de Campos Sales", de edição dos Irmãos Pongetti, cheio de episódios os mais interessantes para o julgamento definitivo da grande obra do governo que Campos Sales realizou, inspirado no desejo constante de engrandecer o Brasil.

Um romance delicioso e comovente

COM UM PE' NO CÉU

de HARTZEL SPENCE

HISTÓRIA DE UM PADRE VIRTUOSO E PRÁTICO QUE
TINHA UM PE' NO CÉU E OUTRO FINCADO NA TERRA

EM TODAS AS LIVRARIAS

BROCHURA CR\$ 18,00
ENCADERNADO .. CR\$ 26,00

EDIÇÃO PONGETTI

O Livro antes e depois da Imprensa

PARA caracterizar as principais formas do livro, devemos dividir sua história em dois grandes períodos: antes e depois da invenção da Imprensa (1440). Os antigos se serviram de várias matérias para escrever, tais como metais, madeiras, couros, tabletes de cera, etc.

Do costume de escrever na casca das árvores, especialmente palmeiras, deriva o nome de folium (folha) e de liber, película entre a casca e a madeira, (livro).

De todas essas substâncias, as que adquiriram maior uso e difusão, foram o papiro e o pergaminho. Os livros primitivos revestiam-se de duas formas: rolos e códices.

Rolo, era uma tira de papiro escrita numa só face e em coluna (anepistógrafa); quando estava escrita em dois lados — (opistógrafa). O papiro se enrolava sobre uma vareta de madeira, ou metal. De uma das pontas se prendia uma membrana, a etiqueta chamada pithacium ou syllabus, na qual se inscrevia o nome do autor e o título da obra.

Códice, (no singular codex) era um conjunto de folhas manuscritas, retangulares, de pergaminho ou papiro, costuradas juntas. Eram dúplices, triplíces, múltiplices, etc., segundo o número de folhas que o compunham. O formato dos Códices era muito variado. As páginas estavam divididas em duas ou três colunas e não tinham numeração. Na Idade Média, se começou a numerá-las.

Palimpsesto (palavra composta de origem grega que significa escrever de novo sobre o apagado, — assim se chamavam os Códices ou documentos dos quais se haviam riscado a primitiva escrita para escrever uma nova por cima. Este processo teve sua origem na grande escassez de pergaminho e os altos preços que alcançou durante a Idade Média.

A partir do século XVIII, os estudiosos se dedicaram a decifrar as escritas apagadas e lograram por meio de reativos químicos, como o ácido gálico, fazer a leitura de palimpsestos, mas deteriorando-os consideravelmente. Nos últimos anos tem evoluído a técnica sob este aspecto. Guido Biagi, iniciou na Itália a tarefa de decifrar palimpsestos por meio da fotografia e o professor José L. Perugi criou o método da Anastasiografia (ressurreição da escrita que permite a leitura destes documentos pela filtração de raios ultravioletas, usando para isto a lâmpada de cristal de quartzo que, ao iluminar o papel ou pergaminho torna-se visível toda a escrita oculta.

Com a invenção da Imprensa no século XV e com o uso cada vez mais generalizado do papel, o livro adquiriu a forma moderna que conhecemos:

Incunábulo (de incunábulo, origem) são os livros impressos durante o século XV; mais concretamente até 31 de dezembro do ano de 1500. É inadmissível o critério de alguns autores que pretendem estender o referido limite até o ano de 1520, pois esta interpretação não se ajusta ao significado etimológico da palavra Incunábulo, e muito menos ao consenso dos "autores mais sérios". Por extensão se usa também a palavra Incunábulo para designar os primeiros livros impressos na América.

Os incunábulo se dividem em xilográficos, cujas páginas estavam formadas por um texto obtido por uma só face gravada em madeira — o tipográfico ou seja, impressos com tipos móveis. Os primeiros são os mais antigos, sendo porém de data imprecisa. O número de Incunábulo existentes no mundo é bastante elevado. O "Gesamtkatalog Weigendrucke", editado pela Comissão Prussiana em 1925 considerado como a melhor fonte para a identificação de incunábulo — calcula em mais de 30 mil as edições do século XV.

Os incunábulo se caracterizam por certos traços: não tem Capa, o título iniciava o texto da primeira folha (Incipit); não tem em geral indicação do impressor; são foliados e não paginados como os livros atuais; o texto contém numerosas abreviaturas para poupar espaço e não traz pontuação; em sua maioria estão impressos em grande formato e adornados com letras iniciais a mão escritas, alternativamente, em várias cores.

UM MILHÃO DE LIVROS À DISPOSIÇÃO DOS LEITORES

(Continuação da pág. 21)

usadíssima e bengala, é um deles. Espirita. Sujeitos que há anos pedem somente um determinado livro e assim por diante.

A funcionária que não me deu o nome, mostrou-me as preciosidades bibliográficas, trancadas num cofre de segredo e permitiu-me folhear os dois grossos volumes da Bíblia de Mogúncia (de

1462), a primeira que traz a data, lugar de impressão e nome do impressor. O cofre estava chelo e como cheirava! Quem tiver curiosidade, creio que poderá ver esses velhíssimos livros.

O melhor de tudo é que os funcionários da Biblioteca Nacional têm entusiasmo, são funcionários por vocação e gostam de falar no serviço, gostam dos li-

vros, gostam da velha Biblioteca que se constituiu da livraria que o rei de Portugal D. José I fizera organizar para substituir a da Real Biblioteca de Ajuda, destruída pelo terremoto de Lisboa. (Depois ela veio com D. João VI, foi enriquecida com a livraria do português Diogo Machado, que constava de milhares de volumes, inclusive as "coleções factícias", raríssimas e únicas. Funcionava no Hospital da Ordem 3.ª do Carmo, à rua Direita, hoje 1.ª de Março. Em 1858 foi para a rua do Passelo n. 60, de onde veio para o prédio atual).

Hoje, à entrada do edifício, há os painéis do pintor norte-americano, George Biddle, arte viva e atual, que desperta logo a atenção para o drama que se passa no mundo, lembrando os crimes nazistas contra Iasnaia Poliana, contra o Museu de Tchecoff e as fogueiras de livros que eles continuam a atear na Europa.

Acrescentou-me Wanderley que aumenta dia a dia o número de visitantes femininas:

— Quasi todas são alunas, querem livros didáticos.

Realmente, vi inúmeras garotas e perguntei a umas cinco o que liam: história, biografias, química.

E para não fazer só elogios, vi um senhor revoltadíssimo com o estado lamentável do livro que pedira:

— Nem se pode ler, de tão poe-

do! Se não me engana a memória, o livro se intitulava "Las Cortes de Cades". E também ouvi, na secção de periódicos, queixas de um senhor que precisava consultar um jornal relativamente novo, da Sociedade Parisiense de Escritores da América, e não o encontrou. De minha parte, confesso ter procurado inutilmente um volume, de 1914, sobre a defesa da borracha, que faz parte da Coleção Documentos Parlamentares, da Câmara Federal.

Lê-se muito romance, tanto nacional como estrangeiro, mas a frequência domingueira não é tão numerosa como seria natural.

— Diga em Leitura que a Biblioteca está aberta aos domingos — recomendou-me o Secretário.

No Curso de Biblioteconomia, em dois anos, mantido pela casa, a quantidade de mulheres é elevadíssima: meia dúzia de rapazes e dezenas de moças.

Embora não pareça, a Biblioteca Nacional é do povo, está aberta para toda a gente, sem distinção de espécie alguma, e o povo deve visitá-la.

— E o senhor também — recomenda-me Maria Antonieta, com ironia. — Não tenha cerimônia, apareça.

Últimas Edições



Da Casa editora IRMAOS PONGETTI:

ALMAS PENADAS, novo romance de Pedro R. Wayn, com ilustrações de Carlos Scliar e capa do autor. Quem leu o primeiro romance de Pedro R. Wayn, de merecido sucesso, poderá avaliar a força e a humanidade de **ALMAS PENADAS**.

O ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA, de 1942, já foi lançado com a aceitação certa de sempre e obedecendo ao mesmo critério literário, de divulgação, dos cinco números anteriores. Assuntos de maior interesse, reportagens, contos, notícias de livros, ilustrações e numerosos artigos firmados por escritores de prestígio, é o que esta edição nos apresenta.

COM UM PÉ NO CÉU... de Hartzell Spence, é a história humana de um pároco original e prático que andava com um pé no céu e outro na terra. Este romance obteve inumeráveis leitores nos Estados Unidos. Tradução de Sodré Viana.

Da CASA EDITORA VECCHI:

O ANEL DE AMETISTA, é um dos melhores romances de Anatole France que, segundo André Suarés, narra como Voltaire, moiteja como Montesquieu, insinua e afaga como Renan. Tradução de Eloi Pontes.

A MULHER — seus transtornos sexuais — considerado um valioso breviário de conhecimentos úteis sobre o organismo feminino e farto repositório de conselhos, de sugestões e de preceitos médicos para uso da mulher.

Na coleção **OS GRANDES PEN-SADORES: O AMOR, AS MULHERES**

RES E A MORTE, de Schopenhauer; **AFORISMOS, ANEDOTAS e JULGAMENTOS** SALOMONICOS, por Voltaire; **BREVIÁRIO DO HOMEM DE BEM**, por Benjamin Franklin; **ARABESCOS FILOSÓFICOS**, Baudelaire; **IDEÁRIO POLÍTICO**, por Simón Bolívar; **O ESTADO E O INDIVÍDUO**, por Edouard Traboulaye; **OS DOZE LIVROS DA SABEDORIA**, por Marco Aurelio.

Da editora PAN-AMERICANA (EPASA):

OS HUGUENOTES, da autoria de Otto Zoff, um dos mais lidos escritores da atualidade americana. Livro muito documentado e imparcial sobre os acontecimentos dos tempos de Henrique IV.

VALES PROFUNDOS, de Dan Tothorot, é uma emocionante novela que se desenrola num ambiente selvagem da Califórnia.

OS POLONESES VOLTAM A LUTA, foi escrito por um polonês combatente, Ksawery Pruszyński, que nos conta admiravelmente coisas e fatos da Polónia que não se entregou, e luta.

Da LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA:

O PERIGO JAPONÊS (publicação do "Jornal do Comércio"), distribuído pela Livraria José Olympio Editora, é uma série de vigorosos artigos sobre o gravíssimo assunto. Síntese histórica os costumes, a religião e a política do Império do Sol Nascente, além de farta documentação sobre as origens e o sentido de um sonho alucinante de conquista, em que o Brasil tem sido visado.

Na coleção **MENINA E MOÇA: O MISTÉRIO DO CASTELO DE MORANDE**, de Valmor, tradução de Valdemar Cavalcanti; **A HERANÇA DO CIGANO**, de Roger Dombre, tradução de Lígia Estrada; **AFILHADA DAS ABELHAS**, de Jacqueline Rivieri, tradução de Branca do Canto e Melo. Todos esses livros podem ser lidos sem receio por meninas e moças. São fáceis, moralizantes e cheios de amor.

VOCE E A HEREDITARIEDADE, do professor americano Anram Scheinfeld, que se fez explicar na

parte genética pelo dr. Norton Schweitzer, da Universidade de Cornell. Obra de vulgarização, escrita de "dentro para fora", expondo claramente os problemas da genética e ao mesmo tempo destruindo muitas crenças errôneas e superstições enraizadas em nosso espírito. Traduzido pelo dr. Freire de Carvalho e copiosamente ilustrado com tricomias, fotografias, 118 desenhos, mapas, e diagramas do próprio autor.

FAMÍLIA LITERÁRIA LUSO-BRASILEIRA, de Manuel Anselmo, português residente no Brasil e um dos mais compreensivos e inteligentes críticos de Portugal. Seleção dos rodapés críticos em que Manuel Anselmo vem apreciando, simultaneamente, escritores brasileiros e portugueses, na imprensa do Rio e do Nordeste.

AS CONFISSÕES DE MOLL FLANDERS, de Daniel Defoe, traduzido por Lucio Cardoso para a coleção **FOGOS CRUZADOS**. Esse livro de Defoe foi um tanto prejudicado pelo êxito formidável de "Robinson", mas é tido por André Gide como obra prima da literatura inglesa. A própria Moll Flanders, personagem meio real e meio ficção, conta os sucessos e as desgraças de sua extraordinária existência de prisioneira, de prostituta, de ladra, de vagabunda, de deportada e, finalmente, de milionária e de criatura arrependida e honesta.

De EDIÇÕES LIVROS DE PORTUGAL:

CARTA DE PERO VAZ CAMINHA na Coleção Clássicos e Contemporâneos. Reprodução "fac-símile", leitura paleográfica, versão em linguagem atual, notas e estudo literário por Jaime Cortesão.

ELOGIO HISTÓRICO DE JOSE BONIFÁCIO por Latino Coelho, com um largo estudo histórico e literário de Afrânio Peireto.

O QUE O POVO CANTA EM PORTUGAL, trovas, romances, canções e seleção musical com um interessante estudo sobre a arte popular portuguesa nas suas relações com o Brasil, por Jaime Cortesão.

«LEITURA» E OS EDITORES

DE PREÇO muito acessível, ótimas colaborações e largamente distribuída, não nos resta a menor dúvida de que foi lida pelo povo. Criaturas exigentes, os que escrevem também gostaram do primeiro número de LEITURA, mas desejamos saber se fora também recebida com agrado pelos editores, pois que as suas páginas pertencem mais legitimamente à divulgação dos livros por eles editados.

— Pois é uma revista magnífica, disse-nos o sr. Antonio de Sousa Pinto, diretor de Livros de Portugal e editor. — Digo mesmo que é uma revista necessária, um grande veículo de cultura e que deve ser fartamente distribuída em todo o Brasil, sobretudo nas cidades do interior. Porque os senhores não conseguem do DIP a oportunidade de distribuí-la sem os despesas de transporte? Todos sairiam ganhando. Sinceramente, é uma boa revista — concluiu, folheando uma edição da casa e indicando-nos os livros recentemente chegados da Portugal, pois que ali é a casa do livro português, uma casa cheia e acolhedora.

Logo adiante, a Civilização Brasileira e, no primeiro andar, o gabinete de seu diretor:

— Pode escrever todas as coisas otimistas a respeito de Leitura. Está bem dirigida. — Depois perguntou: — teve boa saída?

— Quasi esgotada.

— E o segundo número?

— Vai sair com mais páginas.

— Repito que é uma boa revista e, sobretudo, muito útil.

No Edifício da Bolsa, o gabinete de José Olimpio e de seu irmão Daniel. Livros, estantes, claridade e a franqueza de um dos mais eficientes e simpáticos editores da terra:

— Também gostei da revista. Está bem dirigida, é boa de se ler e de guardar. — Daniel também concordou e lembrou a propaganda de revistas estrangeiras, citando algumas por nós consultadas para noticiário de livros norte-americanos.

Na Travessa do Ouvidor, na Editora de Zélio Valverde, é um senhor que nos atende em nome do conhecido livreiro e editor.

— A melhor prova de que gostamos de fato da revista, está no contrato de publicidade que acabamos de fechar.

Rogério Pongetti, de Irmãos Pongetti, editores, achou-a igualmente necessária:

— E' excelente, disse.

No final da Avenida Rio Branco, a Editora Pan-Americana S. A., a secretária que nos anuncia a seu diretor:

— Acho que LEITURA veio preencher uma lacuna — disse-nos o sr. Souza Sobrinho. Se conseguir manter esse preço tão acessível, há de ir para o frente. Pessoalmente, li-a com muito prazer e como editor, posso afirmar-lhe que é uma revista necessária.

Na rua S. Bento, a Editorial Calvino Limitada e o sr. Hansen, sócio da editora que nos diz, em nome de Calvino e no seu próprio:

— O interesse da revista aqui no Rio é relativo, mas para o interior do país representa muito. LEITURA deve ser distribuída largamente nas cidades do interior. Gostei da apresentação gráfica e não podemos deixar de elogiar o empenhamento de vocês. Os editores estavam precisando de uma revista assim.

Na Loja do Livro, à rua do Ouvidor, encontramos o sr. Oscar Mano, que dirige a editora Minerva:

— LEITURA já se impoz como o órgão oficial da classe. Sua distribuição para o interior do Brasil precisa ser intensa. Gostei do primeiro número, mesmo com as falhas naturais de quem principia, e gostarei ainda mais dos números seguintes, porque já observei a seriedade e o interesse que vocês demonstram. E se não esquecerem de ativar a remessa de LEITURA para o interior.

Palavras de entusiasmo também foram ditas pelo diretor da Atlântica Editora, e de outros, que infelizmente não conseguimos entrevistar, já tínhamos obtido apoio e, consequentemente, aprovação.

SONETOS COMPLETOS E POEMAS ESCOLHIDOS, de Antero de Quental, seleção, revisão e prefácio de Manuel Bandeira.

PROSAS ESCOLHIDAS, de Antero de Quental, com um estudo de Fidelino de Figueiredo.

OS GATOS, de Fialho de Almeida, seleção e prefácio de José Lins do Rego.

Da Editora CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL:

A CINZA DO PURGATÓRIO, de Otto Maria Carpeaux, um ilustre representante da cultura europeia hoje tão humilhada, um filho da Austria, já estimado por nós todos. Homem de cultura, não desprezou a política e dela participou vivamente em seu país, de onde se viu forçado a fugir das

forças reacionárias que assolam a Europa. Aqui chegou há três anos, onde, no dizer de Gilberto Freyre, "se integrou na nossa vida intelectual com rapidez surpreendente". Agora, a Editora Casa do Estudante do Brasil lançou o primeiro livro de Otto Maria Carpeaux, **A CINZA DO PURGATÓRIO**. Não é livro de exilado lamuriento, mas uma mensagem de grande e profundo significado cultural que nos vem através da interpretação e análise de filósofos, de santos, de profetas, de artistas e heróis.

GORDOS E MAGROS, de José Lins do Rego. Reunião de artigos escritos de há muito, e em diversos lugares, sob circunstâncias variadas.

De AMERIC-EDIT:

SAPHO, romance que representa um ponto muito elevado no romance francês. Foi escrito por Alphonse Daudet e ele só bastaria para dar-lhe a imortalidade.

INTROIBO, de André Billy, pode ser considerado como um dos melhores romances da moderna literatura francesa, no gênero "espiritual".

VAMILE SOUS LES CÈDRES, de Henry Bordeaux, cuja ação se passa nas terras do Levante e recebe o fogo da própria terra.

CHOIX DE POÉSIES, de Paul Verlaine. Contém poesias de grande sentimento; muita harmonia e, sobretudo, de grande espontaneidade. Verlaine é ainda um dos melhores mestres da difícil arte de fazer bons versos.

Da EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

A RESISTÊNCIA RUSSA seu segredo político e militar, traduzido por Isabel e Ana Maurício de Medeiros, é um livro de valor substancial na luta que todo homem livre deve sustentar contra as forças totalitárias. Maurice Hindus não defende um ponto de vista político, mas limita-se a informar e a descrever o esforço heróico do povo russo, e o faz com a autoridade de quem conhece profundamente a U. R. S. S.

MISSAO EM MOSCOU, por Joseph E. Davies, representa um documento impressionante da vida atual na Rússia. Depoimento imparcial e insuspeito. Tradução integral. O embaixador Davies narra o que viu, diz o que sentiu e revela o que aprendeu.

De ALBA EDITORA:

COMBUSTÍVEIS, do técnico brasileiro dr. Janot Pacheco, é um livro de grande atualidade. Esta obra mostra como se deve empregar racionalmente os nossos combustíveis, prestando uma valiosíssima contribuição a todos que se interessam e lutam pela emancipação econômica do país. O livro está obtendo o merecido êxito.

O TESOURO DA ILHA DOS COCOS, de Afonso Varzea, enriquece a nossa literatura infantil. O autor, ademais de ser um grande professor de geografia, é um dos escritores de maior significação da atual geração. As suas obras revelam um estudioso apaixonado pelos temas de história. Duas obras são suficientes para demonstrá-lo: **O ESTADO SOCIALISTA DO PACÍFICO** e a **VIDA MARAVILHOSA DOS MAIAS**. Como autor de obras infantis aí está uma sua adaptação e ampliação de **A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS**, que constitui uma verdadeira originalidade.

TURGUENIEV E A FILOSOFIA RUSSA, de André Maurois, tradução de Edith Margarinos Torres. É sobre a vida e a obra do grande escritor russo do século passado,

tão atual pelo sentido humano de todos os seus romances, que o famoso escritor francês escreveu o seu livro oportuníssimo. Maurois destaca uma fase importante das lutas anticzaristas, na Rússia, — a época dos "nihilistas" — assim qualificada por Turgueniev, e que foi a precursora da grande corrente revolucionária que em 1917 sacudia o mundo com a sua revolução.

OS HOMENS NÃO FALAM DE MAIS..., de Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira. Uma série de entrevistas sobre personalidades diversas dos múltiplos setores da vida brasileira. Um livro que marca uma época no nosso jornalismo. Através de suas páginas entramos em contacto íntimo com políticos, escritores, artistas, etc. Estes dois jovens jornalistas demonstram pertencer à estirpe dos João do Rio e Antonio Torres.

Da LIVRARIA EDITORA
ZELIO VALVERDE:

VIDA DE S. FRANCISCO DE ASSIS PARA AS CRIANÇAS, de Jorge de Lima. Edição ricamente apresentada, com inúmeras ilustrações e capa de Marcler. É mais um livro de geral interesse do notável poeta e romancista nortentino.

OBRAS COMPLETAS DE FAGUNDES VARELA, na Coleção **GRANDES POETAS DO BRASIL**, em três volumes, contendo magníficos estudos de Edgard Cavallero, Atílio Milano, Ademar Tavares e Murilo Araújo.

UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, de Joaquim Manuel de Macedo. Nova edição revista por Gastão Penalba e prefaciada por Astorjildo Pereira, com 18 magníficas ilustrações em papel couché. A reedição deste livro foi um grande acerto da simpática editora da Travessa do Ouvidor.

TEOFILO OTTONI, Ministro do Povo, de Paulo Pinheiro Chagas, é uma biografia extraordinariamente evocativa da grande figura de Teófilo Ottoni, e bastante documentada. Paulo Pinheiro Chagas soube ver, analisar e descrever com segurança e justiça a época em que viveu o "ministro do povo".

AVISO AOS EDITORES: — Só anunciaremos nesta secção os livros que nos forem enviados. Solicitamos, portanto, aos editores a sua remessa pontual até o dia 15 de cada mês.



Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

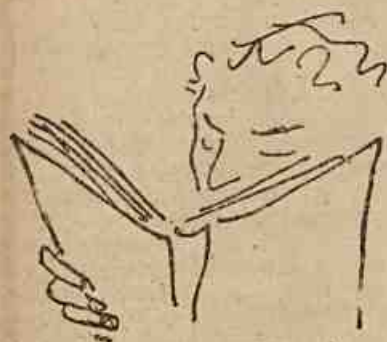
Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

*Esplêndido sortimento de
artigos leves para o verão!*

CASAS PERNAMBUCANAS

Próximas Edições



De ATLANTICA EDITORA:

OS ITALIANOS COMO REALMENTE SÃO, de Conde Sforza.

NAZISMO PRINCÍPIO E FIM, reportagem de Cesar Vilar.

Da LIVRARIA MARTINS EDITORA:

Na BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA: IMAGENS DO BRASIL, de Kai Von Koseritz, tradução e notas de Afonso Arinos de Melo Franco; VIAGENS AS PROVÍNCIAS DE MINAS E RIO DE JANEIRO, de Hermann Burmeister, tradução e notas de Augusto Meyer; DIÁRIO DE MINHA VIAGEM AO BRASIL, do príncipe Adalberto da Prússia, tradução e notas de Sergio Buarque de Holanda; e HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PADRES CAPUCHINHOS A ILHA DO MARANHÃO, de Claude d'Abeville, tradução de Sergio Milliet e notas de Rodolfo Garcia.

Da LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA:

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Sílvio Romero, 3ª edição, aumentada, em cinco volumes, cerca de duas mil páginas na coleção DOCUMENTOS BRASILEIROS. Edição organizada e prefaciada por Nelson Romero, filho de Sílvio.

CASA GRANDE & SENZALA, de Gilberto Freyre, 4ª edição, definitiva, em dois volumes, amplamente ilustrada a bico de pena por Santa Rosa e cuidadosamente revista pelo autor. Essa reedição trará ainda como novidade uma completa bibliografia das obras citadas ou consultadas.

DAPHNE ADEANE, romance da coleção FOGOS CRUZADOS, de

autoria de Maurice Baring. Tradução e prefácio de Oscar Mendes.

MEMÓRIAS, de Maria Grã Duquesa da Rússia, com prefácio de André Maurois e tradução de Gulara de Moraes Lobato. Coleção ROMANCE DA VIDA.

MINHA VIDA, de Trotski, tradução de Livio Xavier.

ANJO DOS ABISMOS, que será uma excelente estréia do jovem poeta paraense Rui Guilherme Barata.

A VIDA DE GONÇALVES DIAS, de Lucia Miguel Pereira, um volume de quinhentas páginas da coleção DOCUMENTOS BRASILEIROS.

A VIDA EXUBERANTE DE OLAVO BILAC, de Eloi Pontes.

HISTÓRIA DA CIÊNCIA, de David Dietz professor de Ciências da Universidade de Western Reserve, E. U. A. Tradução de Azevedo Amaral, edição profusamente ilustrada da coleção A CIÊNCIA DE HOJE.

JORNAL DE CRÍTICA, 2ª série, de Alvaro Lins.

Da EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

TIMOSHENKO, notável biografia, escrita por Bob Considine. A vida inteira de quem foi sempre um revolucionário e os feitos atuais do grande Marechal Soviético.

STALIN, por Emil Ludwig, uma biografia compreensiva e humana do poderoso e simples dirigente do povo soviético.

PARA ONDE VAI A INGLATERRA? é a pergunta que toda a gente faz e poucos responderão tão bem como esse livro de Danton Jobim, que esteve há pouco na ilha de Churchill e está realmente autorizado a dizer que a Inglaterra marcha para o socialismo.

O PODER SOVIÉTICO, pelo Rev. Hewlett Johnson. Trata-se de um livro excepcional sob todos os pontos de vista.

Da EDITORA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL:

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA, um admirável estudo de Gilberto Freyre, fazendo tendências recentes nos estudos antropológicos que o Brasil vem resolvendo ou tem ainda de resolver. Esse livro inicia a COLEÇÃO ESTUDOS BRASILEIROS DA C. E. B.

Da EDIÇÕES LIVROS DE PORTUGAL:

Na Coleção Clássicos e Contemporâneos: OS MELHORES CONTOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL, por Alexandre Herculano, Conde de Sabugosa, Lopes de Mendonça, Jaime Cortesão, etc. Seleção, ordenação cronológica e prefácio de Gustavo Barroso.

AS FARPAS, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, seleção e estudo de Gilberto Freyre.

POLEMICAS EM PORTUGAL E NO BRASIL, de Camilo Castelo Branco, seleção e prefácio de Pedro Calmon. Grafia atualizada e com glossário.

DIALOGOS DAS GRANDESAS DO BRASIL, de Ambrósio Fernandes Brandão, com notas de Rodolfo Garcia e prefácio de Jaime Cortesão.

EÇA POLEMISTA, seleção e prefácio de João Luso.

CONTOS ESCOLHIDOS, de Teixeira Gomes, seleção e prefácio de Martinho Nobre de Melo.

HOMENS E IDEIAS DO SÉCULO XIX, de Eça de Queiroz, organizado e prefaciado por Viana Moog.

OS MELHORES CONTOS RUS- TICOS, de Raul Brandão, representado por Guerra Junqueiro, Trindade Coelho, D. João Camara, e Loureiro Botas. Seleção e prefácio de Jorge de Lima.

A FELICIDADE PELA AGRICULTURA, de Antonio Feliciano de Castilho, prefácio de Antonio Guimarães.

CARTAS SOBRE O BRASIL, do Padre Antonio Vieira, com um estudo de Pedro Calmon.

Um Romancista no Meio do Povo

(Continuação da pág. 13)

— Não acredito muito — respondeu.

E pelo que tentou explicar-me, percebi que ele via um grande desequilíbrio de nível mental entre as cem mil pessoas que formam o "tipo" do qual julguei-o "representante".

Mário — é esse o nome dele — confessou-me que não leu nenhum romance — e que está interessado apenas em literatura de guerra. Agora está lendo "Missão em Moscou". Disse-lhe quem era Raquel de Queiroz, falei dos livros dela, contei que era uma das poucas escritoras do Brasil que sabem fazer um bom romance — e ele garantiu-me que iria ler. Pediu-me mesmo um dos livros emprestado, mas eu o aconselhei a comprar...

Julgo que um em cem, nesse grupo, poderia ser considerado bom leitor.

Tenho a impressão de que esses três grupos reunidos constituem representantes da massa de leitores do Brasil — e por assim dizer,

o povo. Nessa base, portanto, Raquel de Queiroz goza de popularidade como poucos escritores brasileiros.

Devo dizer honestamente que os meus cálculos estão sujeitos a muitas falhas e que não representam em absoluto a expressão da realidade. Mas são ligeiramente aproximados e são razoáveis, se considerarmos os recursos tão escassos de que me servi.

Em síntese encontrei o seguinte resultado, de acordo com os cálculos: quatro por cento do Brasil conhece Raquel de Queiroz apenas de nome. Dois por cento leu-a com certa atenção, guiando-se por informações de terceiros, ou por casualidade, sem contudo precisar o seu valor, a sua categoria, sem saber muito bem onde está a diferença entre Raquel e os romancistas mediocres.

Um por cento conhece-a através de leituras esparsas, ou de um dos seus livros, enquanto apenas meio por cento sabe em que categoria de escritores deve colocá-la

e compreende exatamente a extensão do seu valor e do seu talento.

Posso acrescentar, embora não seja do programa, que a autora de "João Miguel" é relativamente conhecida no Interior do país. Em todos os lugares por onde já passei, em vários Estados, em proporção reduzida, é claro, vi livros seus e encontrei pessoas perfeitamente conscientes do valor da grande escritora. Poderia entrar em detalhes, mas já disse que não é do programa. O essencial é saber-se que Raquel de Queiroz conseguiu impor-se no país inteiro — e que, com outros escritores, valendo o lugar dos "recitativos", o lugar de Delly e Ardel — o lugar que só será ocupado em maior extensão, quando o nível mental do Brasil estiver mais alto. Por agora podemos perceber com satisfação que Raquel sabe desenvolver vigorosamente o sentido humano nos seus livros, ao mesmo tempo que consegue dozá-los, tornando-os acessíveis à medida dos leitores, coisa que só se realiza quando se escreve a verdade, com força e emoção.

OS NOVOS POETAS PORTUGUESES, estudo e seleção de Cecília Meireles.

LIRICAS, de Luiz de Camões, revisão do texto e prefácio por Sousa da Silveira.

CONTOS SELETOS, de Herculano, Fialho, Camilo e Aquilino Ribeiro, com um estudo sobre a evolução do conto em Portugal, de Fidelino de Figueiredo.

METAMORFOSES E OBRAS ESCOLHIDAS, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, seleção e estudo de Afonso Arinos de Melo Franco.

O QUE HITLER ME DISSE, de Herman Rauschning, na coleção **DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA GUERRA**. Ler esse livro e depois meditar em como o mundo seria terrível se Hitler pudesse fazer tudo o que pensava... Cordell Hull afirmou recentemente que era uma das duas obras mais sérias que se haviam escrito sobre as figuras e os acontecimentos desta guerra.

Da **LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE**:

Na coleção **GRANDES POETAS DO BRASIL**, as **OBRAS COMPLETAS DE CASIMIRO DE ABREU**, com prefácio de Murilo Araújo.

OBRAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES, em dois volumes, com prefácio de Agripino Grieco.

POESIAS COMPLETAS DE GONÇALVES DIAS, em dois volumes.

POESIAS COMPLETAS DE ALVARES DE AZEVEDO, em três volumes.

Da **EDIÇÕES VITÓRIA**:

REFENS (Hostages) de Stefan Heym, escritor tchecoslovaco refugiado nos Estados Unidos. Conforme o título indica, este romance reflete a vida dos patriotas tchecos sob o domínio da brutalidade nazista no seu país. Esta obra é hoje um verdadeira best-seller nos Estados Unidos, tendo o seu autor vendido os seus direitos a Paramount por 60.000 dólares. Dentro de alguns meses veremos o filme no Rio, que de acordo com a crítica novayorkina é uma superprodução.

Da **ALBA EDITORA**:

O ESPÍRITO DO DIREITO ROMANO de Rudolf von Jhering, tradução do original alemão do professor Rafael Benaion, prefaciada por Clóvis Bevilacqua. É a primeira edição portuguesa desta obra

monumental, imprescindível aos advogados, professores e estudantes.

OESTE PAULISTA, de A. Tavares de Almeida. Obra de observação e estudo de uma das regiões mais características de São Paulo. O autor, conhecido advogado e escritor, é um pernambucano há longos anos residente em Rio Preto.

DO DEPARTAMENTO EDITORIAL DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES:

DIREITO PENAL, do professor Ary Franco.

RESISTENCIA DOS MATERIAIS do professor Milton Fontete.

Da **GUAIRA EDITORA**:

O DIA DE UMA FAMÍLIA, contos de Raimundo Sousa Dantas, na coleção **CADERNO AZUL**, dirigida por Luis Martins. Será uma estreia digna de ser registrada.

AVISO AOS EDITORES:

Sendo esta secção absolutamente gratuita e de real interesse tanto para os leitores como para os editores, agradeceríamos se nos enviassem, na primeira quinzena de cada mês, notícias de próximas edições.

J. JANOT PACHECO

Combustíveis

EMPREGO RACIONAL
DOS COMBUSTÍVEIS
BRASILEIROS

alba

COMBUSTÍVEIS

EMPREGO RACIONAL DOS COMBUSTÍVEIS BRASILEIROS

POR J. JANOT PACHECO

Carvões brasileiros — Petróleo sintético — Alcool —
Combustíveis Pulverizados — Briquetagem — Fontes
diversas de energia — Motor de explosão a carvão
pulverizado — Combustíveis líquidos para
todos os tempos

Um livro da maior oportunidade para todos que se interessam ou lutam pela independência econômica do Brasil

Em todas as livrarias — Preço do exemplar Cr\$ 40,00

Para o Serviço de reembolso postal, dirigir-se a ALBA, Editora,
Rua do Lavradio, 60 — RIO

EDITORA MINERVA LTD.

RUA DO OUVIDOR, 145
Rio de Janeiro-C. Postal 2798-Tel. 22-9380

ALGUMAS EDIÇÕES MINERVA:

MEU BEBÊ — O livro das mães, 5.ª edição, texto de Bastos Tigre — Ilustrações de F. Acquarone, cartonado, com estojo. — Cr\$ 32,00. O mesmo enc. em percaline Cr\$ 42,00.

A. B. C. DOS ANIMAIS, album com muitas ilustrações a cores, por F. Acquarone. — Cr\$ 5,00.

MEUS BICHINHOS, album para colorir — N. 1 — desenhos de F. Acquarone. — Cr\$ 3,00.

MEUS BICHINHOS, album para colorir — N. 2 — desenhos de F. Acquarone. — Cr\$ 3,00.

DOMÍNIO DE SI-MESMO PELA AUTO-SUGESTÃO CONCIENTE, 5.ª edição, por Emile Coué, br. — Cr\$ 6,00.

A AUTO-SUGESTÃO CONCIENTE, — o que digo e o que faço — 3.ª edição, por Emile Coué, br. Cr\$ 6,00.

AS MIL E UMA NOITES — Contos Arabes — tradução de Carlos Jansen, 3.ª edição, atualizada e muito ilustrada, cart. — Cr\$ 15,00.

A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS — por H. de la Vaux, 4.ª edição, brasileira, inteiramente refundida e atualizada no texto por Afonso Varzea e nas ilustrações por F. Acquarone, volume único, grande formato, com cerca de 400 páginas, com polícromias, cartonado. — Cr\$ 25,00.

AVENTURAS MARAVILHOSAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEN, tradução de Carlos Jansen, 2.ª edição, cuidadosamente revista por Terra de Cena, muito ilustrado, cartonado. — Cr\$ 5,00.

SANGUE DE TIGRE, por Ellana — 4.ª edição, um vol. com cerca de 250 páginas, br. — Cr\$ 10,00.

EU SEI TIRAR FOTOGRAFIAS, por Jean Belys, um volume muito prático e ao alcance de qualquer pessoa, contendo as noções indispensáveis ao fotógrafo amador. Cart. — Cr\$ 8,00.

GRAFOLOGIA — A escrita e o caráter — por J. Crepiaux-Jamin, 2.ª edição traduzido da última edição francesa, com corrigendas do próprio autor. — Cr\$ 40,00.

A MARCHA DO TEMPO

6 - LIVROS QUE REFLETEM OS TRÁGICOS ACONTECIMENTOS DE 1938-1943

CHAMAVAM-ME CASSANDRA, da célebre comentarista Geneviève Tabouis, que desvendou, ao mundo as tramas sinistras de Hitler antes de desencadear a guerra aos povos livres. — Enc. Cr\$ 40,00 — Broch. Cr\$ 30,00.

VOLTA AO FUTURO, de Sigríd Undset, a narrativa dolorosa do sofrimento do povo norueguês durante a invasão alemã e sob o tacão das hordas de Hitler. — Enc. Cr\$ 28,00 — Broch. Cr\$ 20,00.

SINAIS DOS TEMPOS, de Lindolfo Collor, a mais lúcida análise dos problemas sociais relacionados com a situação européia e o estudo da posição do Brasil em face do conflito. — Enc. Cr\$ 26,00 — Broch. Cr\$ 20,00.

ADEUS JAPÃO!, o livro célebre do correspondente do "New York Tribune", Joseph Newman, que esclareceu os sinistros aspectos da traição japonesa. — Enc. Cr\$ 26,00 — Broch. Cr\$ 20,00.

OS RUSSOS NÃO SE RENDEM, de Olexander Poliakov, guerrilheiro das tropas soviéticas e que narrou em primeira mão os métodos vitoriosos da estratégia russa no combate às hordas militares nazistas. O primeiro livro publicado em nossa língua sobre a guerra russo-alemã. — Enc. Cr\$ 23,00 — Broch. Cr\$ 15,00.

OS POLONESES VOLTAM A LUTA, do combatente polonês Raszewy Pruszyński, que acompanhou as heroicas forças militares do seu país e nessa sua firme decisão de enfrentar os poderosos exércitos nazis, como o fazem hoje em todas as frentes de batalha.

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO A

EDITORA PAN-AMERICANA S/A

Av. Rio Branco, 25 — RIO

A fascinante autobiografia de

ANDRÉ MAUROIS

o maior biógrafo do século

Quando pensamos em Shelley, Disraeli, Lyautey, lembramo-nos logo de MAUROIS, que soube, como ninguém, descrever a vida desses gran-



des vultos da história e da literatura. Agora o grande biógrafo vem contar-nos a história de sua própria vida, a história de um homem que prestou relevantes serviços à sua pátria, de um homem que conhece todo mundo e escreve sobre todos e até sobre si mesmo, com franqueza, correção e brilho incomparáveis.

LEIA

MEMÓRIAS

primorosa tradução
de MONTEIRO LOBATO



Outras obras
do mesmo autor:

A VIDA DE DISRAELI
Trad. de Godofredo
Rangel... Cr. \$12,00

A VIDA DE SHELLEY
Trad. de Manuel Bendeira... Cr. \$12,00

LYAUTEY
Trad. de Gutavo Barroso... Cr. \$12,00



118

VOLUME ENCADERNADO MAIS CR. \$6,00

A venda em todas as Livrarias
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

REGISTO BIBLIOGRAFICO



ROMANCE

RIO

- Azevedo, Aluisio — "O CORTIÇO" — Obras completas — F. Brigulet e Garnier — eds. — 1943 — 304 pgs. in. 8.^o — Rio — Vol. IX — 9.^a edç.
- Billy, André — "INTROITO" — Americ. — Edit. — 252 pgs. in. 8.^o — 1942 — Em francês — Rio.
- Cardoso, Jaime — "SACRIFICIO DE FABIANO" — Irs. Pongetti Edits. — 1942 — 208 pgs. in. 8.^o — Rio.
- Daudet, Alphonse — "SAPHO" — Americ. — Edit. — 225 pgs. — in. 8.^o — Em francês — 1943 — Rio.
- Eliana — "SANGUE DE TIGRE" — Edit. Minerva Ltda. — 1942 — 236 pgs. in. 8.^o — Rio.
- Fontenela — "ETERNA INQUIETAÇÃO" — Tip. Coelho — 1943 — 134 pgs. — Cr\$ 12,00 — Rio.
- Monjardin, Adolpho — "O TESOURO DA ILHA DA TRINDADE" — Ofs. Grafs. d' "A Noite" — 1942 — 160 pgs. in. 8.^o — Rio.
- Mauriac, François — "LE MISTERE FRONTENAC" — Americ. — Edit. — 1942 — 240 pgs. in. 8.^o — Rio.
- M. Dely — "MITSI" — Edit. Getulio Costa — 1942 — 236 pgs. in. 8.^o — Trad. de Yara Pongetti — Rio — 5.^a edç.
- R. Wayn, Pedro — "ALMAS PENAS" — Irs. Pongetti Edits. — 1942 — 182 pgs. in. 8.^o — Rio.
- Thaan, Malba — "O HOMEM QUE CALCULAVA" — Edit. Getulio Costa — 1942 — 290 pgs. in. 8.^o — Rio.

RIO

- Bentencourt, Adalberto — "ALEGRIA" — Impress. Comercial — 1940 — 128 pgs. in. 8.^o — S. Paulo.
- Dutra, Osorio — "MUNDO SEM ALMA" — Graf. Sauer — 1943 — 152 pgs. in. 8.^o — Rio.
- "PRO-CORPORACION INTELECTUAL ENTRE LOS PUEBLOS AMERICANOS" — Poetas Norteamericanos — Bipa

- Totheroh, Dan — "VALES PROFUNDOS" — Editora Panamericana S/A — 1942 — 326 pgs. in. 8.^o — Trad. de V. Coaracy.
- Varzea, Afonso — "O TESOURO DA ILHA DOS COCOS" — Alba Edit. — 1943 — 236 pgs. in. 8.^o — Rio.

S. PAULO

- Leos, Anita — "OS HOMENS PREFEREM AS LOURAS MAS, CASAM COM AS MORENAS" — Edits. Universitária Ltda. — 1942 — 214 pgs. in. 8.^o — Trad. de Corah A. Roland.

RIO GRANDE DO SUL

- Verissimo, Erico — "O RESTO E SILÊNCIO" — Liv. do Globo — 1942 — 415 pgs. in. 8.^o — 2.^a edç. — Porto Alegre.
- Werfel, Fraz — "VERDI O ROMANCISTA DA OPERA" — Edições da Liv. do Globo — 1942 — Trad. de Jerbert Caro — 350 pgs. in. 8.^o — Porto Alegre

CONTO

- "AVENTURAS MARAVILHOSAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEM" — Edit. Minerva Ltda. — 1943 — 118 pgs. in. 8.^o — Rio — Trad. de Carlos Jansem — 2.^a edç. — revista por Terra de Sena — Cr\$ 15,00.
- Paglia, J. — "O HOMEM DO FUTURO" — Esc. Prof. Salesianos — 1942 — 128 pgs. in. 8.^o — Niterói.

POESIA

- Edit. 1942 — 190 pgs. in. 8.^o — prólogo de Gastão Figueira — Rio.
- Verlaine, Paul — "CHOIX DE POESIES" — Americ. — Edit. — 1942 — 318 pgs. in. 8.^o — Rio.

ESPIRITO SANTO

- Silva, Alvimar — "MÚSICA DE LONGE" — 104 pgs. in. 8.^o — 1942 — Vi-tória — Esp. Santo.

S. PAULO

- Carvalho da Silva, Domingos — "BEM-AMADA IFIGÊNIA" — Revista dos Tribunais — 1943 — 39 pgs. in. 8.^o — São Paulo. Edição Fora do Comércio.

BAIA

- Contreiras, Aureo — "ARCO IRIS" — Imprensa Vitória — 1940 — 102 pgs. in. 8.^o — Baía — Cr\$ 10,00.

PEDAGOGIA

- Coleção — F. T. D. — E. Aragon — "GRAMÁTICA LATINA" — Curso Elementar — Clássicos — Liv. Francisco Alves — 204 pgs. in. 8.^o — Nova Edição — 1942.
- Coleção — F. T. D. — E. Aragon — "GRAMÁTICA LATINA" — Curso médio — Clássicos — Liv. Francisco Alves — 360 pgs. in. 8.^o — 1942 — Rio.
- Coleção — F. T. D. — E. Aragon — "PRIMEIROS EXERCÍCIOS DE LATIM" — Clássicos — Liv. Francisco Alves — 320 pgs. in. 8.^o — 1942 — Trad. de Mario Bachellet — Rio.

- Coleção — F. T. D. — Didáticos — "IRMAO ISIDRO DUMONT" — Deu-xième année de Français — Liv. Francisco Alves — 238 pgs. in. 8.^o — 1942 — Nova Edição — Rio.

- Lopes, Luciano — "O PROFESSOR IDEAL" — Liv. Francisco Alves — 1943 — 126 pgs. in. 8.^o — Rio.

- Mello e Souza — "MATEMÁTICA DIVERTE E DIFERENTE" — Anedotas — Edit. Getulio Costa — 1943 — 196 pgs. in. 8.^o — Rio.

- Neves, Domingos — "CURSO DE GUARDA LIVROS" — Estudos — Liv. H. Antunes — 1943 — 512 pgs. in. 8.^a — 5.^a edç. — Cr\$ 20,00 — Rio.

S. PAULO

- C. M. S. P. — "CUBOS ABC" — Cia. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — in. 8.^o — 1.^a edç. — Cr\$ 25,00.

ACABA DE APARECER
UM GRANDE LIVRO!
TEOFILO OTONI-MINISTRO DO POVO
de
PAULO PINHEIRO CHAGAS

BIOGRAFIA DO PIONEIRO DA DEMOCRA-
CIA BRASILEIRA, ADMIRAVELMENTE
ESCRITA E DOCUMENTADA

PEDIDOS A LIVRARIA EDITORA
ZÉLIO VALVERDE

Trav. do Ouvidor, 27 — C. Postal n. 2.956
Rio de Janeiro

AVISO AOS CLIENTES DO INTERIOR: Se
não encontrarem no seu livreiro PEÇAM
PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

CIENCIA

RIO

"ANAIAS BRASILEIROS DE GINECOLOGIA" — Vol. 14 — 6 de dezembro de 1942 — Red. Av. Graça Aranha, 226 — 6.º and. — 92 pgs. in. 8.º — Rio.

"ANAIAS DO 3.º CONGRESSO BRASILEIRO E AMERICANO DE CIRURGIA" — 1942 — 562 pgs. in. 8.º — Tip. Borsoi — Rio.

Bentencourt, Adalberto — "DIREITO DE CURAR" — 1942 — 40 pgs. in. 8.º — Rio.

C. Perrusi, Dr. Leonardo — "A MULHER" — Casa Edit. Vecchi Ltda. — 1943. — 267 pgs. in. 8.º — Rio — Trad. do Dr. Luis Paulino de Melo — Rio.

T. Barbosa, Dr. Jonbert — "EXAME DAS FUNÇÕES MENTAIS" — Liv. Ateneu — 1942 — 216 pgs. in. 8.º — Rio.

Greenhill, J. — "OBSTETRÍCIA PRÁTICA" — A Casa do Livro Ltda. — 1943 — 492 pgs. in. 8.º — Trad. do Prof. Dr. Vitor Rodrigues — Cr\$ 80,00.

"JORNAL DE PEDIATRIA" — Vol. VIII — Fasc. 11 — 12 de dez. de 1942 — Red. Av. Graça Aranha, 226 - 6.º and. — Rio.

LABORATÓRIO QUÍMICO — N.º 179 de nov. dez. 1942 — Red. ad. General Camara, 100, 3.º — Rio.

MIN. EDUCAÇÃO E SAÚDE — Pedro Pernambuco Filho — "VENENOS SOCIAIS" — Serviço Nac. Educ. Sanitária — 1942 — 15 pgs. in. 8.º — Rio.

MIN. EDUCAÇÃO E SAÚDE — Cunha Lopes — "TABAGISMO" — Serv. Nac. Educ. Sanitária — 1942 — 24 pgs. in. 8.º — Rio.

O HOSPITAL — Vol. 23 — n.º 1 de Janeiro de 1943 — Red. Quitanda 5 - 4.º and. Imp. nas ofs. Graf. de "A Noite" — Rio.

Romeiro, Vieira — "TRATADO DE PA-

TOLOGIA" — Edit. Guanabara — 1942 — 843 pgs. in. 8.º — Tomo 3 — com 6 estampas coloridas e 20 figuras em negro — Cr\$ 140,00 — Rio.

SER. NACIONAL DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA — Alexandre Moscoso — "ALIMENTAÇÃO DO TRABALHADOR" — Col. SPES — 6.120 pgs. in. 8.º — 4.ª edç. — 1942 — M. E. S. — D. N. S.

S. NAC. EDUCAÇÃO SANITÁRIA — Martins J. Alvares — "A SAÚDE E OS DENTES" — Col. SPES — 11 — M. E. S. — D. N. S. 1942 — 60 pgs. in. 8.º — Rio.

Souza Araújo, D. H. P. — "COLÔNIA DE ITANHANGUERA" — Graf. Miloni Ltda. — 1942 — 20 pgs. 37 estampas in. 8.º — Livro Comem. do 5.º aniv. da col. de Itanhanguera.

Souza Araújo, D. H. P. De — "A LE- PRA NO ESPÍRITO SANTO E A SUA PROFILAXIA" — Graf. Miloni Ltda. — 1942 — 58 pgs. in. 8.º — 23 estampas — Rio.

BELO HORIZONTE

Ferreira, Dr. Blair — "MEDICINA DE GUERRA" — Imp. Ofc. Minas Gerais — 1942 — 52 pgs. in. 8.º — Belo Horizonte.

S. PAULO

S. J. Paul Siwek — "LE PROBLÈME DU MAL" — Desclée de Brouwer et Cie — 1942 — 162 pgs. in. 8.º — Imp. Tip. Siqueira — S. Paulo.

HISTÓRIA

S. PAULO

Van Lon, Hendrik — "TOLERANCIA" — Cia. Edit. Nacional — 1942 — 340 pgs. in. 8.º — Trad. de James Amado — Biblioteca do Espírito Moderno — Série 3.º — Vol. 29 — S. Paulo.

GRAFIA NACIONAL" — Liv. Zélio Valverde — Edit. — 1942 — 124 pgs. in. 8.º — Vol. 5.º — Cr\$ 7,00 — Rio.

SÃO PAULO

Duarte, Aureliano — "DA FAMÍLIA DO PRESIDÁRIO" — Conferência — Empr. Graf. da Revista dos Tribunais — 1942 — 58 pgs. in. 8.º — S. Paulo.

Millet, Sergio — "MARGINALIDADE DA PINTURA MODERNA" — Graf. da Prefeitura — 1942 — 84 pgs. in. 8.º — Col. Dep. de Cultura — Vol. 28 — São Paulo.

Ramos, Arthur — "A ACULTURAÇÃO NEGRA DO BRASIL" — Cia. Edit. Nacional — 1942 — 252 pgs. in. 8.º — Série 5.º — Brasileira — Vol. 224.

CEARA

Catunda Gondin, Galdino — "A NOVA ORTOGRAFIA E A FONÉTICA" — Ramos e Pouchain Edits. 1942 — 32 pgs. in. 8.º — Fortaleza-Ceará — Cr\$ 4,00.

Sarazate, Paulo — "PORQUE DEVEMOS COMBATER O NAZISMO" — Edit. Fortaleza — 1942 — 112 pgs. in. 8.º — Ceará.

RIO

Serpa, Osvaldo — "KEY-TO" — Liv. Francisco Alves — 1943 — 60 pgs. in. 8.º — 1.º Vol. — Rio.

S. PAULO

Figueiredo, Fidelino de — "CONFERENCIA" — Graf. da Prefeitura — 1942 — 224 pgs. in. 8.º — S. Paulo — Coleção Departamento de Cultura — Vol. XXVI.

ECONOMIA

ECONOMIA

L. Mesquita, Mario — E. F. MOREIRA DOS SANTOS — "PRONTUÁRIO DA LEGISLAÇÃO E DOUTRINA DO SELLO FEDERAL" — Edição dos Autores — Imp. na Tip. Batista de Souza — 1942 — in. 8.º — 424 pgs. — Rio.

Porto, Anibal — "POSSIBILIDADES ECONÔMICAS DO BRASIL" — Imp. Nacional — 1942 — 70 pgs. in. 8.º — 2.ª edç. — Rio.

Souza Gonçalves, Prof. Reinaldo de — "A TEORIA QUANTITATIVA DA MOEDA" — Imp. na Tip. Trans — Edi-

ção do Autor — 1942 — 155 pgs. in. 8.º — Rio.

Souza Gonçalves, Prof. Reinaldo de — "PATRIMONIOLÓGICA E CONTA DE TRANSPORTE" — Graf. Olímpica — Edição do autor — 1942 — 124 pgs. in. 8.º — Rio.

DIREITO

RIO

Vergara, Pedro — "DELITO DE HOMICÍDIO" — Liv. Jacinto — Edit. — 1943 — 520 pgs. in. 8.º — Vol. 1.º — Rio.

ASSUNTOS DIVERSOS

RIO

Andrade, Renato — "CONSERTE E CONSTRUA SEU RADIO" — Estudo Liv. H. Antunes — 1943 — 380 pgs. in. 8.º — Rio — II parte.

Carneiro de Queiroz, Honorino — "GASOGÊNIO" — Ensino Técnico Profissional — Edit. Getúlio Costa — 1943 — 184 pgs. in. 8.º — Rio.

D'Albuquerque, Irene — "NOÇÕES DE

EDUCAÇÃO DOMÉSTICA" — Edit. Getúlio Costa — 1942 — 350 pgs. in. 8.º — Rio — Cr\$ 16,00.

Maranhão, Paul — "FATOS E VERDADES" — Crônicas — Pizarro e Cia. — 1942 — 130 pgs. in. 8.º — Rio.

ORÇAMENTO PARA O EXERCÍCIO DE 1943 — Dec.-Lei 5.120 — de 19 de dezembro de 1942 — Imp. Nacional — 306 pgs. in. 8.º — Rio.

Simões dos Reis, Antonio — "BIBLIO-



UMA SENSACIONAL REPORTAGEM DO GRANDE JORNALISTA NORTE-AMERICANO, JOHN GUNTHER, SOBRE A AMÉRICA LATINA. Em todas as livrarias Cr\$ 25,00

LITERATURA

S. PAULO

RIO

Alves, Manuel — "BRASIL E AS NAÇÕES DO MUNDO" — Edição do Autor — Imp. na Tipografia Glória — 1942 — 224 pgs. in. 8.º — Rio.

Barbosa de Moraes, João — "DRAMATIZAÇÕES CÍVICAS" — Liv. Jacinto Edit. — 1942 — 206 pgs. in. 8.º — Rio — Cr\$ 3,00.

Cornelio Tacito, Caio — "GERMANIA" — Edig. da Liv. Para Todos — 1942 — 100 pgs. in. 8.º — Trad. de Sady Garibaldi — Rio.

E. Davies, Joseph — "MISSÃO EM MOSCOU" — Edit. Calvino Ltda. 1942 — 415 pgs. in. 8.º — Trad. de Eduardo de Lima Costa — Cr\$ 25,00 — Rio.

Freitas, João de — "UMBANDA" — Imp. na Tipografia Glória — 1942 — 151 pgs. in. 8.º — 2.ª edç. — Rio.

Hindus, Maurice — "A RESISTÊNCIA RUSSA" — SEU SEGREGO POLÍTICO E MILITAR" — Edit. Calvino Ltda. — 1943 — 375 pgs. in. 8.º — Trad. de Izabel e Ana Maurício de Medeiros — Rio.

Izgar, Ernest — "ASSIM FALARAM OS PROFETAS" — Distribuidora para o Brasil — Livros de Portugal Ltda. — 1942 — 300 pgs. in. 8.º — Versão portuguesa de Roberto das Neves — Rio.

J. Huss, Pierre — "O INIMIGO QUE ENFRENTAMOS" — Edit. Calvino Ltda. 1943 — in. 8.º — 318 pgs. Trad. de Tude de Souza — in. 8.º — Rio.

Manoel de Macedo, Joaquim — "UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO" — Edit. Zélio Valverde — 1942 — 420 pgs. in. 8.º — Edig. revista e anotada por Gastão Penalva — e prefaciada por Astorjildo Pereira — com 18 gravuras — Rio.

M. Carvalho, Orlando — "O MECANISMO DO GOVERNO BRITÂNICO" — Liv. Acadêmica — 1943 — 209 pgs. in. 8.º — Rio — Os amigos do Livro.

Maurois, André — "HISTÓRIA DA INGLATERRA" — Irs. Pongetti Edits. — 1942 — 460 pgs. in. 8.º — Trad. de André Carlos Domingues — Rio.

Osmar Gomes, Antonio — "COMPREENSÃO E HUMANISMO" — Liv. Edit. Zélio Valverde — 1942 — 140 pgs. in. 8.º — Rio.

Pruszyński, Ksaery — "OS POLONESSES VOLTAM A LUTA" — Edit. Panamericana S/A — 1942 — 238 pgs. in. 8.º — Trad. de Augusto Rodrigues.

Simões dos Reis, Antonio — "BIBLIO-

GRAFIA NACIONAL" — Liv. Zélio Valverde, Edit. — 1943 — 132 pgs. in. 8.º — 6.º vol. Cr\$ 7,000 — Rio.

Strowski, Fortunat — "LES LIBÉRATEURS" — Editions Bel-Air — 1943 — 190 pgs. — in. 8.º — Publicación autorisée por le Departamento de Imp. e Prop. de la Republica des Etas Unis du Bresil — Rio.

S. Varão, Antonio — "SONHO E VI-SÃO" — Novela Espírita — Graf. Mundo Espírita — 1942 — 60 pgs. in. 8.º — Rio.

Zoff, Otto — "OS HUGUENOTTES" — Edit. Panamericana S/A — 1942 — 296 pgs. in. 8.º — Trad. de Gastão Pereira da Silva — Rio.

Gardner, Jorge — "VIAGENS NO BRASIL" — Cia. Edit. Nacional — 1942 — 468 pgs. in. 8.º — Trad. de Albertino Pinheiro — Brasileira — Vol. 123 — Série 5.º — S. Paulo.

ESTADO DO RIO

Pimentel, Mesquita — "ALGUNS ESTUDOS DE LITERATURA ESTRANGEIRA" — Edit. Vozes — Petrópolis — 1943 — 148 pgs. in. 8.º — 1.ª edç. — Cr\$ 14,00 — E. do Rio.

Sinzig, Frei Pedro O. F. M. — "DONA ROSA" — Edit. Vozes — Petrópolis — 1942 — 300 pgs. in. 8.º — Cr\$ 12,00 — 2.ª edç. — E. do Rio.

LITERATURA INFANTIL

Al Capp — "LIL ABNER E OS RATAZANAS" — O Globo Juvenil — in. 8.º — Coleção Gibi — Vol. — XVI — Cr\$ 5,00 — 1942 — Rio.

Cunha Cesar, Dr. Herminio da — "LINDA DA HERVA MATE SAPECA-DA" — Graf. Olímpica — 1943 — 72 pgs. in. 8.º — Rio.

Falk, Lee — "REY MOORI" — "O FANTASMA E A JUSTIÇA DO DESERTO" — O Globo Juvenil — 426 pgs. in. 8.º — Coleção Gibi — Vol. 17 — Cr\$ 5,00 — 1942 — Rio.

Machado de Almeida, Luisa — "O MISTÉRIO DO POLO" — Edit. Criança — Ltda. — 1942 — 58 pgs. in. 8.º — Rio. Série Melo e Souza — "MINHA CAR-

TILHA" — Edit. Getúlio Costa — 1942 — 86 pgs. in. 8.º — Rio.

S. PAULO

Braga, Erasmo — "LEITURA INTERMEDIÁRIA" — Cia. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 110 pgs. in. 8.º — 97.º edç. — Cr\$ 2,50.

Oliveira, Mariano de — "PAGINAS INFANTIS" — Comp. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 112 pgs. in. 8.º — 58.º edç. — Cr\$ 2,50.

Seneca Fleury, Renato — "SÉRIE PATRIA BRASILEIRA" — LEITURA III — Cia. Melhoramentos — S. Paulo — 1942 — 142 pgs. in. 8.º — 1.º edç. — Cr\$ 5,00.

RELIGIÃO

PETRÓPOLIS

Barros Camara, Don Jaime de — "APONTAMENTOS DE HISTÓRIA ECLESIASTICA" — Edit. Vozes — 1942 — 392 pgs. in. 8.º — Cr\$ 35,00 — Petrópolis — E. do Rio.

Fonseca, Padre Manoel da — "SÃO FRANCISCO DE BORJA" — Edit. Vozes Ltda. — 1942 — 168 pgs. in. 8.º — E. do Rio — 1.ª Edig. — Cr\$ 7,00 — Petrópolis — E. do Rio.

Rossi, Padre Agnelo — "MISSA EM HONRA DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS" — Edit. Vozes —

1942 — 22 pgs. in. 8.º — Petrópolis — E. do Rio.

Schurhammer, Jorge — "S. FRANCISCO XAVIER" — Edit. Vozes — 1942 — 270 pgs. in. 8.º — Trad. de Alexandrino Montenegro — Cr\$ 15,00 — Petrópolis — E. do Rio.

RIO

Coleção F. T. D. — "NOSSA SENHORA" — Liv. Francisco Alves — 150 pgs. in. 8.º — Rio.

Coleção F. T. D. — "IRMAO CELESTINO AUGUSTO" — Ação Católica nas

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Edições da Casa do Estudante do Brasil



Preço: Cr\$ 12,00

"Miniatura de História da Música"

Esta é uma história da música diferente, sem excessos de erudição, sem pretensões acadêmicas, sem intenção de impressionar pela repetição de dados e conhecimentos por demais vulgarizados pelos dicionários enciclopédicos.

Trata-se, sobretudo, de um livro de iniciação, de uma espécie de introdução ao conhecimento da história da música. E aí reside, justamente, seu maior valor.

Através de sua leitura as pessoas de sensibilidade descobrirão novos e maiores motivos para compreender a obra dos grandes compositores, sentindo-se mais próximas deles, vivendo com maior força as suas composições imortais.



Preço: Cr\$ 12,00

"A Cinza do Purgatório"

Mais do que simples coletânea de estudos críticos sobre os grandes mestres da literatura, da arte e da vida, este livro é uma lição sobre os valores imperecíveis do mundo. E através das suas explicações, das interpretações e análises, nos sentimos mais próximos do homem e de sua essência criadora.



Preço: Cr\$ 3,00

"Uma Cultura ameaçada: a luso-brasileira"

Referindo-se a este trabalho de Gilberto Freyre, o crítico Alvaro Lins declarou: "Ouí esta conferência e me lembro que provocou, tanto pelo orador como pelas suas palavras, uma impressão que podemos dizer revolucionária. Uma advertência dramática..."

LIVRARIA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

AVENIDA RIO BRANCO, 120 — LOJA 13 — TEL. 42-1346

Escolas — Liv. Francisco Alves — 356 pgs. in. 8.º — Rio.

Fontes, Ofelia e Narbal — "REGINA A ROSA DE MAIO" — Comp. na Impr. na Cia. Carioca Arte Gráfica — 1942 — 222 pgs. in. 8.º — Rio.

S. PAULO

A CONGREGAÇÃO DE JESUS MARIA JOSE" — Ind. Graf. Siqueira — 1943 — 62 pgs. in. 8.º — S. Paulo.

"AVISO PARA OS IRMÃOS NOVIÇOS DA PROVINCIA DO BRASIL CENTRAL" — S. J. Ind. Graf. Siqueira — 1942 — 240 pgs. in. 8.º — S. Paulo.

"FORMAÇÃO PRELIMINAR DOS NOSSOS CRUZADOS" — Col. "Fides Intrépida" — 1942 — 204 pgs. in. 8.º — Impr. na Ind. Graf. Siqueira — 3.º edç. — S. Paulo.

"PRELAZIA DE S. JOSE' DO ALTO TOCANTINS" — Of. Graf. Ave-Maria — 1942 — 65 pgs. in. 8.º — S. Paulo.

Siwek, Paul — "LA REICARNACION DES ESPRITS" — Imp. Tip. Siqueira para Atlântica — 1942 — 240 pgs. in. 8.º — S. Paulo.

NITERÓI

Ugoelani — "BIMBALHAR DE SINOS" — Esc. Prof. Salesianos — 1942 — 128 pgs. in. 8.º — Leituras Católicas de Don Bosco — n.º 631 — Niterói.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 10.000.00,00

Todas as operações bancárias às melhores taxas

Contas Correntes POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de **5%** a/a

PAGA E RECEBE ATE' AS 7 HS. DA NOITE

LIVROS NORTE-AMERICANOS

FICÇÃO

Na chamada lista de "Bestsellers", a última que chegou ao Brasil, destacam-se os seguintes livros:

The Robe — por Lloyd C. Douglas.

The Song of Bernardette — por Frenzy Werfel.

The Prodigal Women — por Nancy Hale.

The Valley of Decision — por Marcia Davenport.

The Seventh Cross — por Anna Seghers.

Crescent Carnival — Frances Keyes.

Look to the Mountain — Legrand Cannon.

The cup and the Sword — por Alice Trisdale Hobart.

The Drums of Morning — por Philip van Doren Stern.

Drivin' Woman — Elisabeth Chevalier.

The Day Must Dawn — por Agnes S. Turnbull.

Signed With Their Honour — por James Aldridge.

Hostages — por Stefan Heym (Refens). Grande Romance sobre o drama dos refens checoslovacos.

The Uninvited — por Dorothy Macardie.

Gentleman Ranker — John Jennings.

Kings Row — por Henry Bellamann.

ASSUNTOS DIVERSOS

See Here Private Hargrove — por Marion Hargrove.

Suez to Singapore — por Cecil Brown.

They Were Expendable — W. L. White.

Last Train from Berlin — por Howard Smith.

Van Loon's Lives — por Henrik Willem van Loon.

A Mathematics Refresher — por A. Hooper.

Queen of the flat tops — Stanley Johnston.

The Last Time I Saw Paris — por Elliot Paul.

The Coming Battle of Germany — William B. Ziff.

Victory Through Airpower — por Alexander P. de Seversky.

Storm over the Land — por Cal Soudburg.

Sobre novos livros que vão ser filmados, temos a seguinte informação:

The Last Time I Saw Paris — Elliot Paul. MGM. Hedy Lamarr, Robert Taylor.

Storm — George Stewart (Paramount).

Somewhere i'll find you — Charles Hoffmann. MGM. Clark Gable, Lana Turner.

Now Voyager — Oliver Higgins Proudy — Warner Bros. Bette Davis, Paul Henreid.

Silver Spoon — Clarence Kelland (O Colher de Prata) RKO.

Para todas as informações sobre livros dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e dos países estrangeiros, especialmente referente ao esclarecimento e a aquisição dos direitos autorais para a tradução portuguesa, queiram dirigir-se à:

Agência Literária «Dona Carlota»

Rua Almirante Alexandrino 306 Tel. 22-0427 — RIO DE JANEIRO



UM DOCUMENTO IMPRESSIONANTE DA TRAIÇOEIRA AGRESSÃO NAZISTA CONTRA O BRASIL. — CR\$ 5,00

"Lettre Aux Anglais"

II — EDITON

GEORGES BERNANOS

"LA LIGNE" — MERMOS GUILLAUMET — SAINT EXUPÉRY

"OS ITALIANOS COMO REALMENTE SÃO

CONDE SFORZA

Um poderoso depoimento do grande líder anti-fascista

PRINCIPIO E FIM DO NAZISMO CESAR VILAR

DIÁRIO DE UM PAROCO DE ALDEIA GEORGES BERNANOS



LIVROS DE PORTUGAL, LTDA.

RUA DO OUVIDOR, 106

RIO DE JANEIRO

Acaba de receber, entre outras, as seguintes novidades:

De Eduardo Brazão, autor de "Relações Externas de Portugal" e "Relance da História Diplomática de Portugal", a sua última obra — "Subsídios para a História do Patriarcado de Lisboa"	Cr\$ 20,00	Tristão de Ataíde e outros, "O Problema Sexual", 2.ª edição	Cr\$ 15,00
De Elaine Sanceau, que já havia publicado "Em Demanda do Preste João" e "O Sonho da Índia" o seu último livro "D. Henrique o Navegador"	Cr\$ 35,00	Marques, "História Maravilhosa de Madame Curie"	Cr\$ 9,00
João Ameal, "História de Portugal", 2.ª edição	Cr\$ 50,00	Marques, "História Maravilhosa de Beethoven"	Cr\$ 9,00
João Ameal, "São Tomaz de Aquino"	Cr\$ 35,00	Belo Redondo, "A Batalha do Petróleo"	Cr\$ 17,00
João Ameal e Rodrigues Cavalheiro, "De D. João V a D. Miguel"	Cr\$ 25,00	Mario Rosa, "A Batalha Aérea"	Cr\$ 17,00
Teixeira de Pascoaes, "O Penitente" (Camilo Castelo Branco)	Cr\$ 18,00	J. M. Spaight, "E Londres Resistiu" (Com um prefácio do marechal do Ar britânico Visconde Trenchard"	Cr\$ 20,00
Alfredo Pimenta, "D. João III"	Cr\$ 25,00	Oliveira Martins, "D. Carlos e os Vencidos da Vida", 2.ª edição	Cr\$ 12,00
		Knut Hamsun, "Pão e Amor"	Cr\$ 18,00
		Xavier Fernandes, "Topônimos e Gentilícios"	Cr\$ 30,00
		João Gaspar Simões, "O Marido Fiel" (romance)	Cr\$ 15,00
		Armando Leça, "Da Música Portuguesa"	Cr\$ 12,00

A SAIR BREVEMENTE::

Da **Coleção Clássicos e Contemporâneos** — "As Farpas" de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz; prefácio de Gilberto Freyre e "Os Melhores Contos Históricos de Portugal", de Alexandre Herculano, Eça de Queiroz, H. Lopes de Mendonça, Julio Dantas, Rebelo da Silva, Jaime Cortesão e outros; prefácio de Gustavo Barroso.

ACABA DE APARECER !

"O QUE HITLER ME DISSE"

Hermann Rauschning

Cr\$ 25,00

PRH-8

RÁDIO IPANEMA

OFERECE ao BRASIL DOIS PROGRAMAS DIFERENTES:



NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE PRH-8

■ ■ ■ UMA COMPLETA RESENHA DOS ACONTECIMENTOS LITERÁRIOS DA SEMANA.



BACIA DE PILATOS

■ ■ ■ UM CARTAZ LITERÁRIO MOVIMENTADO E ORIGINAL EM COMBINAÇÃO COM "VAMOS LER".

Programas dirigidos e apresentados por

José Queiroz Junior

na faixa de 1.130 quilociclos,

diretamente nos novos auditórios da RÁDIO IPANEMA,
à Avenida Atlântica, 24, no Leme.

alba, editora

HISTORIA DAS DOUTRINAS ECONÔMICAS *por* CHARLES GIDE E CHARLES RIST
Um volume em formato duplo francês, de 880 pgs., encadernado.... — Cr\$ 85,00

HISTORIA DAS IDÉIAS POLITICAS *por* RAYMOND G. GETTELL
Um volume em formato duplo francês, de 650 pgs., encadernado.... — Cr\$ 75,00

O ESPIRITO DO DIREITO ROMANO *por* RUDOLF VON JHERING
Um volume em formato 1/16 BB, de 500 pgs., encadernado..... — Cr\$ 70,00

INOVAÇÕES DO NOVO CODIGO PENAL *por* OLIVEIRA E SILVA
Um volume em formato 1/16 BB, de 300 pgs., broch. e enc.... — 20,00 e 25,00

CARTAS INEDITAS DE EÇA DE QUEIROZ *a* RAMALHO ORTIGÃO
Um volume em formato francês, de 300 pgs., brochado..... — Cr\$ 10,00

A COMEDIA LITERARIA *por* OSORIO BORBA
Um volume em formato americano, de 280 páginas..... — Cr\$ 10,00

TURGUENIEV E A FILOSOFIA RUSSA *por* ANDRÉ MAUROIS
Um volume em formato francês, de 240 pgs., brochado..... — Cr\$ 12,00

BOLIVAR *por* SILVIO JULIO
Um volume em formato americano, de 400 pgs., brochado..... — Cr\$ 20,00

OS HOMENS NÃO FALAM DE MAIS *por* F. ASSIS BARBOSA
e JOEL SILVEIRA
Um volume em formato francês, de 270 pgs., brochado..... — Cr\$ 12,00

O SAL NA ECONOMIA DO BRASIL *por* DIOCLECIO DUARTE
Um volume em formato 1/16 BB, de 360 pgs., brochado..... — Cr\$ 12,00

O BOI ARUA' *por* LUIZ JARDIM
Um volume em formato americano, de 160 páginas..... — Cr\$ 10,00

O FUTEBOL E SUA TÉCNICA *por* MAX VALENTIM
Um volume em formato americano, de 280 pgs., brochado..... — Cr\$ 10,00

O TESOURO DA ILHA DOS COCOS *por* AFFONSO VARZEA
Um volume em formato americano, de 240 páginas... — Cr\$ 10,00

alba, editora - Lavradio, 60 - Rio de Janeiro

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

FEVEREIRO 1943

ANO 1 — NÚMERO 3

RUA DO ROSÁRIO, 129

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Cr. \$ 0,50

Edições Calvino

Entre as editoras do Brasil, a Editorial Calvino vem se distinguindo pela preocupação de divulgar obras de real interesse sobre a atual situação do mundo.

"Missão em Moscou" bem comprova esta afirmativa. O conhecimento desses fatos, honestamente relatados por grandes espíritos, como Davies, torna essa editora brasileira uma colaboradora de notável influência na luta contra o inimigo comum: o nipo-nazi-fascio-integralismo. Vale a pena insistir que o livro do embaixador norte-americano se compõe das próprias informações oficiais enviadas ao Departamento do Estado, em Washington, ao presidente Roosevelt, a membros do governo americano e a amigos em cartas particulares, e das notas que tomou num diário e numa agenda. Nele estão contidos os mais variados assuntos, muitos vezes sem outra sucessão que não seja a cronológica. Assuntos comerciais russo-americanos se misturam com visitas e jantares; entrevistas com homens públicos russos estão de permoio com a vida social do corpo diplomático; descrições da vida russa estão ao lado das questões de produção; exposições de arte e comentários pitorescos ao lado de visitas às grandes instalações da indústria soviética. Dessa série de assuntos, onde os costumes diários, o mundanismo diplomático se alternam com problemas da mais alta importância comercial ou social, o leitor fica com uma idéia panorâmica da vida e do regime russos.

A situação da Alemanha, sob a tirania hitleriana, ficaria às escuras, se não fossem divulgados: "Eu fui médico de Hitler", "Féras Humanas", "O Inimigo que Enfrentamos" e outros livros de igual interesse social e político.

Em "Féras Humanas" descobre-se a fisionomia da miséria, escarnada e apavorante, estendida, como um espectro tremendo, pelos campos de concentração alemães, onde o instinto bestial nazista se eleva às mais degradantes experiências contra os que caíram nas malhas assassinas.

Este livro emocionante é o drama da fé contra o despotismo. Nele se estampa um quadro de revolta, cipoal de intrigas, de embusto, de espionagem, de banditismo, reduzindo um povo e uma civilização a uma esfera de rebaixamento moral, que o desesperoniza, degrada e humilha.

MISSÃO EM MOSCOU

PELO EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS NA UR.S.S.
JOSEPH E. DAVIES

2.^a edição

Tradução completa e direta do
original norte-americano



Editorial CALVINO Limitada

Não há adulteração em "Féras Humanas". O que nele se vê, o que se encontra, o que se sente é a clareza da realidade, meridianamente divulgada.

Já em "O Inimigo que Enfrentamos" analisa-se um panorama diferente, emoldurado num sentimentalismo verídico.

E' preciso ler essas obras, senti-las na inspiração que as motivara, vê-las, auscultá-las, para ajuizar com segurança a que grau de ridículo e de inferioridade houve de descer a pátria de Goethe, humilhada e aviltada pelo mais repugnante dos déspotas que infelicitaram o mundo.

Esses livros que a Editorial Calvino vem oferecendo ao público, numa com-

preensão social elevada, qual a de mostrar aos menos avisados o retrato de uma época de vícios e de irresponsabilidades, que visava derribar a democracia, clima de todo homem livre, e instaurar um regime de assassinatos e das mais inconcebíveis explorações humanas.

LEITURA, como todos os demais órgãos da imprensa, acaba de receber o seu batismo de guerra. Não se trata de granadas, mas sim de papel... que neste número aparece em três tipos diferentes.

Oxalá, em tais emergências, sempre possamos apresentar desculpas semelhantes.

Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Transporte Aéreo para Livros

OS EFEITOS imediatos da guerra na retaguarda dos países beligerantes ou não, ainda mesmo daqueles mais distantes das linhas de fogo, têm criado uma série ininterrupta de problemas que estão exigindo soluções fora das normas estabelecidas nas épocas de tranquilidade. Para fazermos frente à guerra é necessário ação rápida e segura, prévia mobilização de todas as energias nacionais, depuradas naturalmente das distintas forças desagregadoras ocultas sob o manto multicolor do quintacolonismo.

Entre os numerosos problemas resultantes da guerra, destaca-se nitidamente o dos transportes. E num país de extensões enormes como o Brasil, este problema cria situações prementes que todos sentimos em sua brutal intensidade, e que estão desafiando a ação executiva do nosso governo, afim de que sejam atenuados os sofrimentos impostos pela selvageria da guerra nazi-fascista a que fomos arrastados em defesa própria.

Sabemos que os transportes não atendem, na medida desejada, outras necessidades urgentes da própria guerra, exigidas como aliados que somos das Nações Unidas. Sem embargo, todos reconhecemos que a educação nacional não pode ser detida pela marcha dos acontecimentos, e não o tem sido nos países aliados mais próximos e diretamente envolvidos na guerra. Exemplifiquemos com os Estados Unidos, que estão realizando um esforço máximo de guerra e não se despreocupam absolutamente dos seus problemas educacionais e culturais, inclusive os de intercâmbio cultural. Dezenas de milhares de toneladas de livros e revistas são transportados em vapores e aviões para manter aquele intercâmbio com o nosso continente. E são várias as revistas que para satisfação e interesse nosso nos chegam de avião semanalmente. Estes livros e estas revistas prestam também um serviço de guerra, porque nos ilustram sobre a mesma, e desde que a guerra é total não se deve desprezar nenhum elemento que possa contribuir para tornar a nossa ação mais eficiente. Esta política cultural se realiza como complemento imprescindível do intercâmbio econômico.

Continuemos com a nossa argumentação. Além do grande problema central de divulgar a cultura, — base natural do nosso progresso — temos outro consequente daquele, imediato e inadiável, que é o de levar a nova lei do ensino a todo país, isto é, nacionalizá-la na prática. As novas edições de livros didáticos reajustadas à reforma Capanema, estão impossibilitadas de chegar às mãos dos alunos do nordeste e do norte do país por insuficiência de transportes. Assim, pela dita reforma só entrou em vigor no centro e no sul do Brasil, e não é possível ficaríamos inativos diante desta anomalia. A nova lei do

O PODER SOVIÉTICO

Rev. Hewlett Johnson
Deão de Canterbury

PREFÁCIO DE
DOM CARLOS DUARTE COSTA
BISPO DE MAURÁ

Editorial CALVINO Limitada

ensino deve ser nacionalizada de fato com a urgência requerida. E só o transporte aéreo resolve cabalmente este problema transcendental.

Não possuímos os grandes transatlânticos aéreos para tal fim? Os nossos aliados do norte, a grande nação americana pode proporcionar-nos esses grandes navios do ar de acordo com a lei de Empréstimos e Arrendamentos. Os nossos habéis aviadores militares estão capacitados para realizar esta cruzada em prol da educação e da cultura. E o Ministério da Aeronáutica, com ampla visão, tem resolvido satisfatoriamente a questão da correspondência postal, fazendo transportá-la pelo Correio Aéreo Nacional a todos os recantos do país.

Confrontes na ação do governo esperamos que este, tomando em consideração as nossas sugestões patrióticas, adote as providências necessárias para solucionar este grande problema nacional, que é o da educação de nossa juventude.

LIVRARIAS



INCAHUASI

EDIÇÕES EM CASTELHANO

O mais completo estoque de LIVROS sobre todos os temas: as mais perfeitas traduções de autores estrangeiros. Todas as grandes novidades literárias indo-americanas de grande sucesso nos países de língua espanhola.

EDITORIAL AMERICALEE DE BUENOS AIRES

El Pueblo en la Revolución Americana	Luis Alberto Sanchez	Cr\$ 28,00
Rumbos para America	Waldo Frank	Cr\$ 25,00
Espana Heroica	General Vicente Rojo	Cr\$ 28,00
La Francia de Hoy (de Laval a Laval)	Alexandre Nesvignsky	Cr\$ 28,00
Filosofia de la Economia	Prof. J. Prado Arrarte	Cr\$ 35,00

EDITORIAL CLARIDAD — COLEÇÃO — EDUCACAO SEXUAL

Despertar de la sexualidade	Dr. Roberto Jahr	Cr\$ 10,00
Secretos del matrimonio	Dr. G. Mac Hardy	Cr\$ 10,00
El matrimonio moderno	Dr. Edwrd F. Griffith	Cr\$ 10,00
La locura Amorosa	Guido Pacl	Cr\$ 8,00
Esquema sexual	Humberto Salvador	Cr\$ 8,00
La Posesión	Raymonde Machard	Cr\$ 8,00
Amor triunfante	Ellnor Glyn	Cr\$ 6,00
El arte de elegir mujer	Pablo Mantegazza	Cr\$ 5,00
El arte de conservar el amor en el matrimonio ..	Dr. Jaff	Cr\$ 4,00
Higiene sexual del hombre	Dr. E. Pozner	Cr\$ 4,00
El derecho en la vida sexual	Dr. Auguste Forel	Cr\$ 4,00
Miseria sexual	Dr. Starkenburg	Cr\$ 4,00
La vida sexual	Dr. Eugenio Mesonero Romanos	Cr\$ 4,00
Normas para el matrimonio	Dr. Alfredo Max	Cr\$ 4,00
Esterilidad y fecundación	Dr. León Sociac	Cr\$ 4,00
Patologia sexual	Dr. Augusto Forel	Cr\$ 4,00
El amor conyugal	Dr. Otto Schewarzi	Cr\$ 4,00
La mujer en el amor y la voluptuosidad	Dr. E. Tairenz Drangs	Cr\$ 4,00
El hambre sexual	Dr. Carlos Stump	Cr\$ 3,00
El problema sexual en las prisiones	Dr. Julio Altmann Smythe	Cr\$ 3,00
Lo que deben saber las juvenes	Dra. Mary Wood Allen	Cr\$ 3,00
El histerismo	Dr. Otto Schwarz	Cr\$ 4,00
El tratamiento de la sífilis	Dr. Antonio Peyri	Cr\$ 3,00
La revolucion sexual	Hildegart y Blazanov	Cr\$ 3,00
Amor y Matrimonio	Dr. Alfredo Max	Cr\$ 3,00
Amor sin peligros	Dr. W. Wasroche	Cr\$ 3,00
La seleccion sexual	Dr. Carlos Stump	Cr\$ 3,00
Secretos de la vida sexual	Dr. Ricardo Dupuy	Cr\$ 3,00
La perfección sexual en el matrimonio	Dr. Hebert Leitd	Cr\$ 3,00
El arte de tener hijos	Dr. Leon Sociac	Cr\$ 3,00
La higiene en la vida sexual	Dr. Max Von Gruber	Cr\$ 3,00
Higiene sexual del soltero	Dr. Ciro Bayo	Cr\$ 3,00
La salud por el ejercicio	J. B. Olavarrieta	Cr\$ 3,00
El amor	Profesor Radetzky	Cr\$ 2,00
Etica sexual	Agusto Forel	Cr\$ 2,00
El amor fisico	Dr. Carlos Stump	Cr\$ 2,00
El onanismo	Havelock Ellis	Cr\$ 2,00

Aceitam-se encomendas de quaisquer obras de autores indo-americanos e fazem-se remessas contra reembolso para todo o país.

Distribuidora: LIVRARIA INCAHUASI - CARIOCA 45, 2.º AND. — S. 4.
— TEL. 42-6642. — GALERIA CRUZEIRO N.º 3 — TEL.: 22-4836

PEÇAM CATALOGOS DAS NOSSAS NOVIDADES

Os dias * Os fatos * Os homens

CUMPRIMOS NOSSA PROMESSA

COM este número resgatamos o compromisso assumido com os leitores no lançamento desta revista. Dissemos, então, que LEITURA era uma simples amostra da revista que ofereceríamos ao público do seu quarto número em diante. Os progressos verificados do número o número foram aplaudidos pelos leitores, que aumentam diariamente, obrigando-nos a dobrar a nossa tiragem inicial de seis mil exemplares. (Controlada pelos editores Ribeiro Bertrand e Rogerio Pongetti, da "Civilização Brasileira", e "Irmãos Pongetti Editores", respectivamente) já no quarto mês de existência de LEITURA, pese a crise de papel para a imprensa e a limitação dos transportes internos. Esta aceitação invulgar de nossa revista significa que a sua presença era imperiosa, correspondendo assim ao notável desenvolvimento da indústria do livro no Brasil.

Se é verdade que a LEITURA de hoje, com as suas novas secções, nos satisfaz, isto não quer dizer que ela deixe de ser melhorada nos próximos números, pois as exigências nossas e dos nossos leitores aumentam à proporção que vamos realizando algo de interesse comum.

A biografia sintética de Gonçalves Dias que apresentamos hoje, — trabalho do admirável artista argentino Bruno Premiani, que se encarregará das próximas histórias — é uma eloquente demonstração de que para bem servir aos leitores não sabemos regatear esforços.

Sendo sensíveis às críticas construtivas é com o máximo prazer que as recebemos dos leitores, dos editores e de todos os que se interessam por LEITURA.

A MORTE DE UM POETA

ANTONIO MACHADO morreu no dia 22 de fevereiro de 1938. Parece que ninguém se lembrou do quinto aniversário da morte do grande poeta espanhol, que era também nosso pela universalidade e humanidade de seus poemas. Quando as tropas republicanas vencidas não pelo fascismo mas pelo famoso "Comité de não intervenção" cruzavam as fronteiras de Catalunha em direção à França, não foram recebidas pelo povo republicano francês, mas sim pelos "gendarmes" que as conduziram aos campos de concentração. Entre esses últimos defensores da independência de sua pátria, esgotados pela fadiga e pelos sofrimentos, ia Antonio Machado todo envolto em tropas para obrigar-se um pouco das intempestivas do inverno. Poucos dias depois, não resistindo a tantos padecimentos, ele que havia lutado desde a primeira hora contra a invasão dos bárbaros, desaparece para sempre no seu penoso desterro em Collioure. Sua velha mãe,

que o acompanhara nesta nobre evasão da pátria, também não sobreviveu àquele trágico destino.

Antonio Machado era um dos maiores poetas da língua castelhana, cheio de vigor e doçura, conciente e combativo. Ele cantou admiravelmente a terra de Castilha e foi o mestre querido de toda uma geração de poetas e escritores espanhóis. Há em "Juan de Mairena" uma sentença simples e clara que nos diz muito do caráter e do retidão do poeta: "Siempre que advirtais um tono seguro en mis palabras, pensad que os estoy enseñando algo que creo haber aprendido del pueblo".

O CENTENARIO DE UM HISTORIADOR

COMEMOROU-SE em Bristol, onde nasceu, o centenário da morte de Robert Southey, um dos maiores historiadores do Brasil. A sua magnífica "História do Brasil", em seis volumes, traduzida ao nosso idioma pelo cônego Fernandes Pinheiro, e editada em 1862 pela Livraria Garnier, está esgotada, exigindo uma nova edição, devidamente anotada por um dos nossos estudiosos da matéria.

Southey não foi somente um notável historiador, foi também um poeta de

ters, nos informa das homenagens prestadas ao poeta, biógrafo e historiador inglês. A notícia nos revela, entretanto, uma coisa triste e está redigida assim: "A despeito da grande importância da "História do Brasil", de Southey, somente uma edição em inglês foi publicada, de um a dois mil exemplares". Num país em que as tiragens iniciais vão além de 10.000 exemplares, é lamentável que o honesto e fiel "Histórico" de Southey não somente tenha tido uma tiragem tão limitada, mas também não merecesse outras edições.

O EXEMPLAR DOS LUSIADAS QUE PERTENCEU A CAMÕES



APESAR da guerra e de outras aperturas em que vive Portugal (e nós também), a revista "Ocidente" despertou grande alvoroço nos meios intelectuais portugueses com a idéia, que já se transformou em campanha, de fazer voltar a Portugal o exemplar dos "Lusiadas" que pertenceu a Camões e que se encontra no Brasil. Patriotismo. Não conhecemos Camões tão bem como os portugueses o conhecem; quando pequenos, estudantes gineasiais, consideramos o poeta uma criatura difícil de ser analisada: chegamos, às vezes, a odiá-lo; depois, homens feitos, o compreendemos e estimamos a ponto de considerá-lo "o companheiro Camões". Mas, nem o patriotismo português nem a nossa ignorância de moço não são motivos plausíveis e convincentes para satisfazer este novo desejo dos irmãos de além-mar. Nós nos conformamos com o fato indiscutível de Camões ser português, porém o exemplar dos "Lusiadas" que lhe pertenceu é nosso. Não importa que ele tenha sido furtado por um padre que há séculos arribou ao Brasil. Deus já o castigou, sem dúvida... A guerra ainda nos permite apreciar e aplaudir o patriotismo dos que colaboram ou leem a revista "Ocidente", mas esse exemplar deve ficar aqui mesmo. Conhecemos o cofre onde se encontra: está bem guardado, não tenham receio.

Se a moda pegasse, quantas repatriações teriam de ser feitas de quadros, livros, objetos de arte...

O DEPARTAMENTO EDITORIAL DA U.N.E.

OS ESTUDANTES estão unidos e trabalham com entusiasmo e consciência. Não é pequeno o esforço da "União Nacional dos Estudantes" no sentido de alertar cada vez mais o povo contra o nipo-nazi-fascismo. Fundaram um restaurante onde se come bem e barato,



Robert Southey

sensibilidade pouco comum, gosando de merecida fama em toda Inglaterra, que o considera como uma das maiores expressões de sua poesia.

Um telegrama de Londres, da Reu-

promovem festas e manifestações, vão para a rua confundir-se com o povo, vendem bonus de guerra, oferecem-se para lutar em qualquer frente, e vão editar livros. Para isto, criaram um "Departamento Editorial" que divulgará obras realmente úteis não só para os estudantes como para o público em geral, e a preços redutidíssimos, ao alcance de todos. O "Departamento Editorial da U. N. E." merece o apoio de LEITURA, dos professores e dos escritores do país.

EDITORA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

O SERVIÇO editorial da "Casa do Estudante do Brasil" aumenta dia a dia. LEITURA tem anunciado os seus livros e sempre o fará com prazer, pois são obras honestas, bem escolhidas, de preços acessíveis, sem intuídos exclusivamente comerciais e que exprimem o espírito elevado desta editora. Os lucros de suas edições reverterão em favor da "Casa do Estudante" que foi e é um abrigo e amparo econômico de numerosos rapazes que precisam estudar. Por isso, e porque é uma iniciativa cultural que vem aumentando o número de leitores no país, merece o apoio desinteressado de todos os que escrevem e leem.

"UM JANTAR CONTRA O FASCISMO"



O TÍTULO desta nota pode parecer estranho, mas exprime perfeitamente o caráter da manifestação espontânea e extraordinária feita ao escritor e jornalista Osório Borba no dia 3 do corrente. Não houve propaganda, mas comparece-

ram ao jantar mais de uma centena de escritores, tendo ficado gente em pé, por falta de lugar. Isso bem prova que a classe dos que escrevem defendendo a dignidade humana está unida na luta contra os matadores da cultura e destruidores da "política de bem conviver com o próximo". Osório Borba mereceu a homenagem, pois que é um dos mais esclarecidos, corajosos e sinceros jornalistas do Brasil, bem como um escritor necessário, que vê e critica o que deve ser visto e criticado.

Genolino Amado e Guilherme Figueiredo externaram o sentimento de todos.

Não nos é possível dar a lista completa, tantas as pessoas que testemunharam amizade, admiração e solidariedade ao autor da "Comédia Literária", mais eis aqui alguns nomes: Aníbal Machado, Pedro Nava, Amando Fontes, Austrágio de Azevedo, Dário de Almeida Magalhães, Viana Moog,

Candido Portinari, Alvaro Lins, Genolino Amado, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto, Alvaro Moreira, Barreto Leite Filho, Samuel Wainer e Sra., Guilherme Figueiredo, Emil Farhat, Rubem Braga, Osvaldo Alves, Malba Tahan, Graciliano Ramos e Sra., Carlos Scliar, Lia Corrêa Dutra, Lúcia Jardim, Edgar Susseind de Mendonça, Eliezer Burlá, Caio de Freitas, Melo Lima, Augusto Rodrigues e Sra., Cap. Jehovah Mata, Eneida, Prof. Artur Ramos, Jocelym Santos, representando o Pres. da A.B.L., Orris Soares, Antonio Bertrand, Arquimedes de Melo Neto, da Casa do Estudante do Brasil, J. A. Mesplé, Lelio Landucci, editor J. B. Martins, editor S. O. Hersen, Moacir Werneck de Castro, Valdemar Cavalcanti, Clovis Gusmão, Rivaldavia de Sousa, Novais Teixeira, Lucio Pinheiro dos Santos, Dias da Costa, Dalcídio Juranir, Otavio Malta, Gentil Noronha, Fernando Tude de Sousa, Joel Silveira, Joaquim Cardoso, Miguel Costa Filho, Saturnino de Brito, Aydan Couto Ferraz, Astrojildo Pereira, Otavio Tirso, Paulo Mota Lima, Caio Pedro Moacir, Barbosa Melo e Sra., etc.

Osório Borba agradeceu com um discurso simples, mas bem expressivo, cujo final transcrevemos, juntando nossa simpatia ao escritor e ao homem: "E justifico-me perante a mim mesmo com a ponderação de que não estamos num jantar em homenagem a um jornalista que, entre tantos outros, procura cumprir o seu dever. Não é este um jantar em homenagem a uma pessoa, mas um ato público a mais de aplauso e estímulo a todos os que no Brasil, exercendo atividades intelectuais, as empregam no combate em que se congregam todas as consciências honestas do mundo; é um jantar em suma, não em homenagem, mas contra — um jantar contra o fascismo."

PRÊMIO JOSE' DE ALENCAR

TEMOS recebido cartas e pedidos insistentes para que falássemos da demora do resultado do "Prêmio do Romance José de Alencar", organizado pela "Livreria José Olimpio Editora", e "Mc Millan", de New York. É natural que o elevado número de concorrentes (97) não permitisse ao julgadores um exame mais rápido. Todavia, informamos que o resultado sairá brevemente, conforme prometeu a "Livreria José Olimpio" quando noticiou o resultado do "Prêmio Humberto de Campos". Gostariamos de oferecer ampla reportagem em nosso próximo número sobre o Prêmio e sobre os romancistas premiados.

5.º ANIVERSÁRIO DE DIRETRIZES

DIRETRIZES completou o comemorou o seu quinto aniversário, naturalmente orgulhosa do que tem feito e do que fa-

rá a serviço do povo. Esclarecedora, sempre firme nos seus altos propósitos, mesmo em épocas de transe, "Diretrizes" se fez necessária e conquistou um público numerável e sincero que a apoia e lê como se fosse única no Brasil. Um dia se avaliará a grande importância de seu papel na vida cultural do país, e na luta contra o nazi-fascismo.

CENTENÁRIO DE BARATA RIBEIRO

COMEMOROU-SE este mês o centenário do nascimento de Candido Barata Ribeiro, o primeiro Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, amigo do povo e das crianças, médico, professor e ministro do Supremo Tribunal. Foi uma criatura extraordinária, que merecia homenagens mais significativas. Nasceu na Baía, era abolicionista e republicano. Embora fosse capaz de destruir a célebre "Cabeça de Porco" em uma ação que lhe deu maior popularidade (tantos os perigos que isso representava, mesmo para um Prefeito), Barata Ribeiro era boníssimo para os desamparados e um ídolo para a garotada de rua. Várias instituições prestaram-lhe homenagens.

JULIO BARRENECHEA NOS VISITA

REGISTAMOS com alegria a visita à nossa redação do deputado chileno Julio Barrenechea, vigorosa expressão dos movimentos político e intelectual da nobre nação andina. Barrenechea, defensor incansável dos direitos da classe trabalhadora chilena como parlamentar socialista, é também o mesmo defensor da cultura ameaçada pelo obscurantismo nazi-fascista, já seja como poeta — que é um dos bons da sua terra — ou como dirigente da "Alianza de Intelectuales Chilenos", organização de frente comum da defesa da cultura.

A atuação de Julio Barrenechea no cenário político, cultural e estudantil do seu país ultrapassou as fronteiras do Chile, projetando-se em todos os quadrantes de América. São vários os congressos internacionais em que representou a sua pátria com a inteligência, a capacidade e a arrogância juvenil que contagiavam a todos que teem o prazer de ouvi-lo.

A conferência que teve oportunidade de pronunciar na União Nacional dos Estudantes, a convite desta prestigiosa agremiação da juventude estudiosa, sob o título "A América ante o Fascismo", é uma feliz demonstração do que acima dissemos. A assistência numerosa que o aplaudiu há muito não ouvia uma peça oratória tão densa de conteúdo, tão extraordinariamente perfeita.

A visita de Julio Barrenechea é uma honra para LEITURA porque o é sobretudo para o Brasil.

Pequena Louvação a Gilberto

RAQUEL DE QUEIROZ

Copyright de LEITURA

RECEBENDO agora o volume recém-publicado de Gilberto Freyre — "INGLESES", — que é lançado pouco após a saída da nova edição do **GUIA PRÁTICO, HISTÓRICO E SENTIMENTAL DA CIDADE DO RECIFE**, senti que me pesava uma velha obrigação que eu não cumprira nunca e que deveria ter cumprido há muito, como brasileira e como pessoa de letras: escrever sobre Freyre, falar sobre Freyre.

E' claro que não vou me aventurar a discutir ou analisar a obra conjunta do homem, nem mesmo um ou outro volume importante. Romancista de magros romances, conheço o meu lugar e não me atiro por caminhos alheios. Quero apenas alinhar alguns comentários, procurando exprimir, aos retalhos, algo do muito bem que penso desse homem do Recife, numa espécie de "louvação" fragmentária.

Muito se tem falado sobre a linguagem de Gilberto Freyre. E a verdade é que quando pela primeira vez percorremos uma página sua, a surpresa, de início, é quasi chocante. Ele não usa a linguagem que se supõe do ofício, esse mosaico penoso arremado a poder de dicionários e de compêndios, que se imagina ser o instrumento adequado à expressão da verdade científica. Freyre, que de sábio só tem mesmo a sabença, escreve como um rio corre, escreve, meu Deus — desculpem o precipício — escreve como uma flor se abre.

Pouco importa o tema. Pouco importam os vocábulos necessariamente eruditos que é obrigado a intercalar de vez em quando na frase, a bem de uma definição ou da expressão precisa de um conceito mais formal, (palavras como *ecologia* ou *miscigenação*...) nem por isso o seu estilo perde um instante a fluidez e o colorido: — ao contrário, a palavra difícil é que se ageita, se arredonda, acaba se acomodando gostosamente entre as locuções nacionais e os modismos nordestinos, como uma mestra inglesa que vestisse o cabeção e se assentasse num estrado de sinhá, entre o dengo das mucamas.

Só Gilberto Freyre se lembraria e ousaria fazer ilustrar o seu livro capital — essa **CASA GRANDE & SENZALA** hoje célebre, pela mão de Cícero Dias. Nem esquemas, nem amplificações, nem gráficos. Apenas, os líricos, os atrevidos bonecos de Cícero; quando aparece um mapa, é aquele delicioso mapa doengenho Noruega, onde a par da planta da casa e da fábrica há de um tudo: poesia, ingenuidade, minúcia e até mesmo o detalhe rabelaisiano. E quando o autor intercala fotografias no texto, são daguerreotypes de doces donas pernambucanas, de trepa-molêque ao cabelo e linda mão branca cheia de anéis.

Este "INGLESES" se compõe de uma série de artigos que um mesmo fio de pensamento liga e encadela; apresenta e renova estudos, conceitos, sobre a gente inglesa e a mentalida-



de inglesa. Mas Gilberto fá-lo à sua moda. Não se traveste de bretão, para comentar esse "anglos às vezes anjos". Os seus estudos não deixam de ser, na sua essência mais íntima, estudos "brasileiros"; brasileiro no espírito e na interpretação. E' como se ele nos apresentasse uma pintura fiel de figuras estrangeiras, pintura feita entretanto com material da terra, em moldura de jacarandá. Isso se nota logo de início, na escolha da maioria dos personagens que discute; são sempre gente que, corporal ou intelectualmente andou ligada à nossa história, à nossa cultura, à nossa terra — ou a Portugal, cujo sangue temos. Fala por exemplo no sábio Watterton, aquele naturalista, vagabundo romântico, autor de **WANDERINGS IN SOUTH AMERICA**. Ou no velho Thomas Hardy, que meteu com tão pouca veracidade a paisagem do Paraná num dos seus romances. Ou em Southey, que parece ter sido um antecessor longínquo dos nossos poetas indianistas e foi, mais que isso, o homem da **STORY OF BRAZIL**. Ou naquele anônimo "Fabricante Inglês", profeta econômico, inventor ignorado do "slogan" dantes tão em voga, e que Volta Re-

donda, com a sua siterurgia anda tratando de desmentir: "Brasil, país essencialmente agrícola". Ou revela um curioso consul britânico de Pernambuco, que escreve aos súditos de Sua Majestade que vivem sob sua jurisdição volumosas pastorais", onde trata de moral e política. Ou, em referências mais rápidas, faz desfilar ante os nossos olhos, recordando alguma observação aguda, uma lembrança de estudioso, ou numa citação a propósito, os vultos de Mawe, de Maria Graham, de Bates, de Wallace ou de James Henderson.

LOUVO esta dedicatória de **INGLESES**, que não carece de comentários: "A Sir Stafford Cripps, para quem se voltam hoje as melhores simpatias dos que separam a causa anglo-americana dos interesses plutocráticos de Londres e Nova York".

Foi Gilberto o inventor desta expressão genial — que nós, mestiços de toda cor, do mameluco ao gajurú, nunca festejaremos bastante: o *mulato eugênico*.

Enfim, louvo o homem que num banquete público, a ele próprio oferecido, articulou no meio do seu discurso de cerimônia esta frase corajosa, este grito de fraternidade, que muito pouca gente poderá repetir sem omissões ou sem mentira:

"Sou um combatente para quem **NEM NEGRO, NEM JUDEU, NEM CHINA, NEM MOURO, NEM MULATO, NEM FILHO DE PADRE, SÃO EXPRESSÕES PEJORATIVAS**".

Louvo e agradeço; porque eu própria, Gilberto Freyre, eu própria sou tataraneta de padre...

"Vales Profundos"

PINHEIRO DE LEMOS

Copyright de LEITURA

DAQUI, de distâncias que não são apenas geográficas, tem-se a impressão de que o primitivo puritanismo americano, tão desmentido pelos filmes de Hollywood, refugiou-se no romance.

De fato, o contraste é mais do que aparente entre o conceito vulgar da civilização americana, com os seus homens eufóricos e ingênuos, com a sua mocidade frívola, com os seus "jitterbugs" e com a sua liberdade sem complexos e os romances americanos, sempre amargos, revoltados, não-conformistas, como o zelo pessimista e ardente de um "quaker".

Dreiser, Sinclair Lewis, Waldo Frank, Upton Sinclair, John dos Passos, Steinbeck, Hemingway são todos adversários da realidade superficial da América e mostram nos ataques e nas sátiras que lhe dirigem um sentimento de culpa de fundo religioso, apesar das tendências ou das denominações que aos romancistas possam ser dadas.

Em todos eles, como consequência de uma comum nostalgia da América pio-

neira e austera dos tempos coloniais, talvez de fato a alma profunda do país, se a despojarmos de todas as contingências epidérmicas que veem os turistas, encontram-se, vivas e constantes, a noção do pecado, a sua formal condenação e a idéia da redenção pelo sofrimento, tão firmes e arraigadas como o poderiam estar no espírito e no coração dos peregrinos que viajaram no "Mayflower", contemporâneos de uma idade de ouro cuja impossível reprodução no presente amargura e indigna os romancistas da América. Não importa onde encontrem eles o mal que nos seus livros combatem. A estrutura social, a mediocridade de Babbitt, os quadros econômicos são outros tantos disfarces que dissimulam a ação maliciosa e multiforme do espírito diabólico, que os primeiros americanos temeram tanto a ponto de emigrar da alegre Inglaterra dos Stuarts para as praias inhóspitas da América.

Mais uma vez esse puritanismo essencial do romance americano se con-

"Seu Doutor, o Homem é o Paraíba"

AURELIO BUARQUE DE HOLANDA

Copyright de LEITURA

"EU PEGO a escrever, e vai tudo me saindo de dentro, sem esforço. E' como se furasse um barril chelo".

Assim me falou José Lins do Rego, certa vez, em Maceió, porque me visse admirado da rapidez de composição dos seus romances.

Furado o barril, dele não cessou de fluir o vinho: sob a forma de romances principalmente, mas, em menores porções, sob a de rápidos artigos, nos quais todavia se sente, aqui e ali, o mesmo gosto da ficção.

E' este o caso de Gordos e Magros. Volta e meia, aqui, o romancista se tral, dando-nos quadros de uma seiva intensa de vida, a que não falta o movimento, a dialogação, ou comunicando-se com a decadência de velhas cidades, como nas crônicas sobre Vassouras, ou, ainda, na página a respeito de Cabo Frio, mostrando-nos o melhor do seu lirismo denso.

"Cabo Frio" parece-me coisa de excepcional importância, mesmo na importante obra do sr. José Lins do Rego. Sente-se a fundo nesse conjunto de impressões a força da "linguagem imitativa, de conexões quasi físicas com o que muitas vezes exprime", que o sr. Olívio Montenegro viu no autor de "Bangüé".

Em "Vassouras", não é coisa que nos saia facilmente da memória a pintura daquela velha de preto, sobrevivente dos Avelares, a narrar o abandono triste da fazenda "Pau Grande". — "Tudo por aqui se acabou!" — diz a pobre da velha. Móveis reduzidos a cacarecos; quadros vestidos de poeira; o porão atravancado de esqueletos de carruagens: resíduos de uma grandeza desmoronada. E a chuva anunciando-se por ventania e relâmpagos. O passado perdido, irremediavelmente morto, levava tudo: até as asas das chcaras em que a mulher oferece o cafézinho. — "E eu não tenho com que agasalhar os senhores. Já se foi o tempo".

De um romancista é esse interesse pelos tipos, pelas figuras — João Rouco, Nascimento Grande... — manifestado a cada passo; e essa comunhão com as forças da natureza. Forças que o sr. Lins do Rego tantas vezes sabe humanizar. Escreve

das enchentes do Paraíba — e o rio surge-nos diante dos olhos, como gente, agindo, derrubando pontes, invadindo fornalhas de usina, — o rio, "solto de canga e corda". E parece-nos ouvir da boca do escritor as palavras que ele põe na de mestre Baquara:

— "Seu doutor, o homem é o Paraíba".

Certos artigos de Gordos e Magros — o "Natal de um menino de engenho", por exemplo — são como apêndice ao "Ciclo da Cana de Açúcar". Resíduos do barril, que ainda não se haviam escoado para os romances. Por outro lado, alguns trabalhos apontam, embrionários, romances que viriam depois. Já se adivinha Água-Mãe na página sobre Cabo Frio.

A mesma preocupação social, o mesmo gosto e amor das vidas apagadas tão característicos do romancista, andam bem vivos neste volume de ensaios dispersos.

O ensaio e a crítica foram os caminhos que levaram José Lins do Rego ao romance. E' fato comum, penso eu, o de um escritor não encontrar logo o seu gênero definitivo. A viagem até este é por vezes acidentada, áspera; e acaso em certos exemplos de absoluto malogro literário poderia o autor consolar-se com o argumento de não haver achado o verdadeiro rumo.

Aos trinta e um anos — e não foi tarde — o sr. José Lins do Rego descobriria o seu caminho exato, aquele em que daria plenamente a medida de suas forças. Todavia, no crítico e ensaísta de antes já estava o escritor de ficção: no seu fundo interesse pelo aspecto humano e telúrico das obras que lhe eram temas de ensaio e crítica. Foi o sr. Lins do Rego quem — ao menos em Maceió — pela primeira vez compreendeu e

sentiu o poeta modernista Jorge de Lima, num ensaio que é dos mais agudos já escritos no Brasil. O conteúdo humano e o tom regional dessa poesia impressionaram de modo singular aquele que viria a ser o autor do "Ciclo da Cana de Açúcar".

Afinal de contas, tal sentido humano-telúrico se define na mesma divisão do livro: as duas primeiras partes — cerca de 250 páginas — chamam-se "Homens e mulheres" e "Terras e costumes". E ainda quando, nas 90 páginas de "Suposições", se entrega a estudos de aspecto diverso, o homem e a terra acham jeito de aparecer, de vez em quando.

Além do ensaio sobre Jorge de Lima há em Gordos e Magros outros estudos de primeira ordem, entre eles as "Notas sobre Gilberto Freyre".

Em todos se revela a preponderância daquela direção, daquele sentido já assinalado. Daí terem, de um modo geral, uma importância raramente igualada pelos ensaios incluídos na parte "Suposições". Quando, como acontece nestes últimos, o escritor vai para o julgamento frio, para o terreno das idéias puras, das abstrações, sentimo-lo, não raro, fraquejar um pouco. Servido de boa formação cultural contudo ele é o instintivo por excelência, o homem da intuição, aquele que apanha as coisas no ar.

A sua inteligência opera por impetos — tantas vezes admiráveis; não lhe exijam a análise miuda, inanimada, inhumana; não o façam conduzir-se ante as idéias como diante de cadáveres. As idéias para ele existem como seres vivos, reflexos animados do homem, de onde brotaram.

Gordos e Magros — José Lins do Rego — Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1942.

COMO LINCOLN DEFINIU A DEMOCRACIA — Do mesmo modo que não quero ser escravo, não quero ser patrão. Eis o que expressa minha idéia da democracia. E tudo o que difere disto, não é democracia.

O CUSTO DA PASSIVIDADE — Por terrível que seja o custo da guerra — escreve o filósofo inglês Bertrand Russell — creio que o presente é um desses casos raros em que o custo da passividade é maior ainda que o da guerra...

firma com o livro "Vales profundos" de Dant Totheroh, que acaba de ser editado em português.

O cenário em que se desenvolve a ação, um vale da Califórnia, é estranho e ingênuo como uma paisagem de primitivo. Ali, em recessos esquecidos da mata virgem, leva-se na industrial e super-povoada América, uma existência primária e rude como deviam ser a dos primeiros colonos. E a história se desenrola puritana e triste, entre pecados, remorsos e expiações, embora tocada aqui e ali de uns traços de lirismo, de uma vaga poesia que, singularmente não entra em conflito com o tom austero do livro, pois leva sempre o trazo do remorso.

As figuras centrais são um casal de velhos que há vinte anos vivem na mesma casa, como inimigos, sem falar-se, num ódio ardente que o tempo não mitiga, a filha do casal, Libbie, vítima desse desajustamento e, por culpa dele, exilada da vida e um presidiário, Barry, que vem trabalhar na construção de uma estrada perto da casa onde viviam aqueles seres amargurados. Entre um pai cruel e libertino e uma mãe orgulhosa e rancorosa, o pobre Libbie oprimida procura desesperadamente a evasão, que afinal lhe aparece no amor do presidiário. Mas esse amor é culpado, como era culpado o ódio dos dois velhos. E ambos encontram no romance o caminho da

redenção, pela heróica abnegação em que amor e ódio se resolvem.

Há no romance cenas admiráveis. O trecho em que os dois velhos inimigos da casa do vale se reconciliam, ressuscitando em ternura um amor estrangulado por vinte anos de incompreensão; o idílio de Libbie e de Barry na floresta; o vívido capítulo do incêndio são passagens reveladoras de um bom romancista, que nos deu este livro puritano e triste, este romance de amor e de culpa.

VALES PROFUNDOS — Dant Totheroh — Trad. de V. Coaracy — Editora Panamericana — Rio, 1913.

Gorki, os Vagabundos e a Rússia

MOACIR WERNECK DE CASTRO

Copyright de LEITURA

MAXIMO GORKI amou os vagabundos e fez da literatura o instrumento ativo de sua reabilitação social. Não romantizou a miséria, porque havia participado dela e a conhecia bem, mas reconstituiu nos miseráveis a imagem do Homem esmagado pela degradação. Foi direto e brutal muitas vezes, e no entanto suas páginas realistas se animam de um lirismo que só poderia vir da enorme ternura pela humanidade que ele cria. Nessas páginas aparece o russo clássico, portador da famosa "alma eslava", criatura que chora e ri sem motivo, que gesticula e arranca os cabelos dissendo interminavelmente sobre o

ro chefe e orientador da literatura russa, mas não perdeu a consciência da sua própria medida, que o fazia dizer numa carta a Roman Rolland, em 1932: "Se eu tivesse de escrever uma crítica sobre Gorki, ela seria a mais desfavorável e a mais implacável... Não sou um admirador de Gorki." E pelo fato de ser um escritor proletário na legítima aceção da palavra, não esqueceu, como ele diz, "o respeito devido ao estilo". Chega a confessar na mesma carta esta coisa surpreendente: "Meu ideal como escritor é muito temerário, muito pouco modesto: escrever como Flaubert". Ao escritor G. Annenkov declarou que sua pátria tinha necessidade também de escritores de choque, mas que em arte esse "choque" devia consistir sobretudo na "elaboração minuciosa da qualidade".

O último livro de Gorki traduzido no Brasil — "Tormenta sobre a cidade" — é uma novela onde se vai encontrar a sua humanidade característica, um punhado de pobres diabos do subúrbio de uma remota cidade, cuja existência Sima, o poeta local, assim descreve:

"Desgostos e cuidados,
Vida triste, nenhum prazer...
Há entre nós centenários,
Mas para que?"

Bebedores de vodka, arruaceiros que todo ano, por volta do dia de S. Miguel, vão puxar briga com a gente abastada da cidade. Homens violentos e contraditórios, que não sabem o que querem mas acreditam num tempo de justiça e no destino da Rússia.

Um deles fala: "Não sou um amotinador. Mas... vou dizer-te francamente o que penso... Está surgindo uma nova Rússia; ela renasce das cinzas. Isto significa simplesmente que o amor da pátria, da querida terra russa, desperta no povo." Idéia confusa da liberdade, antecipação da tormenta maior. E muitas vezes no diálogo o pressentimento em relação aos alemães. — "Como se explica que a Alemanha nos arranje sempre disputas?" — "E' por que os alemães vivem apertados em seus pais, tanto mais que a sua população aumenta sem cessar"...

Há pessoas delicadas que não gostam de ler livros onde se fala de miséria, porque, afirmam, a vida já tem bastantes desgraças. Não foi seguramente para tais sensíveis que Gorki escreveu. Mas deste seu livro, como da generalidade da sua obra, irrompem com tamanha força a sugestão profética de um mundo melhor e a certeza da regeneração do homem pela equidade, que o conta da miséria ali descrita, em vez de deixar qualquer marca deprimente, se transforma ao contrário num fator de esperança. E' confortador relembrar na presença da grande arte de Gorki a transformação das condições de vida dos russos graças à técnica e à ciência socialmente dirigidas. E é estimulante saber que foi da massa humana desses tipos desvairados, patéticos e miseráveis que saiu o povo cujo heroísmo, disciplina, capacidade de resistência e de combate estão concorrendo tão generosamente para assegurar a continuidade da civilização.



Máximo Gorki

mistério da vida e o destino da alma — mas se entrevê também o herói do dia seguinte, o *mutik* que viria a guiar tratores, depois tanks, e que venceria os super-homens nazistas em Stalingrado. E para além das fronteiras da "mãezinha Rússia", essa obra transmite a todos os homens uma mensagem de esperança.

"Eu compreendi com veneração que forças poderosas contem a terra dos homens", escreveu ele certa vez. Por isso foi capaz de descobrir no bêbedo, na prostituta, no ladrão, no mendigo e no desordeiro da sociedade tsarista o elemento comum que os torna irmãos de todos os humilhados da terra. Homem do povo escrevendo, nem por isso deixa de ser um dos mais finos artistas do nosso tempo. Passou de vagabundo faminto a escritor glorioso e continuou sempre o mesmo, "com aquela imensa bondade e, no fundo, aquela tristeza". Ocupou nos seus últimos anos a posição de um verdadei-

Um Homem que não se Modifica

CORONEL LUIS LOBO

Copyright de LEITURA

HA HOMENS cuja concepção cívica da vida não se modifica nem com os triunfos legitimamente obtidos, nem com as decepções sempre esperadas.

Frederico Villar, que se foi para a Reserva da Marinha de Guerra sem as platinas de almirante, que tanto fulgor teriam nos seus ombros, é um desses homens incomuns. Nasceu com a predestinação de construir, e de interpretar o patriotismo, não com o gongorismo onomatopáico das frases campanudas e vãs, mas com a magnífica teimosia de estudar os problemas nacionais, para resolvê-los com objetividade profícua aos interesses da Pátria. E foi assim que fez patriotismo, desligando-se desprezadamente das intrigas e invejas da terra, para voltar os olhos enamorados para o mar, caminho eterno para todos os rumos, fonte inesgotável de riquezas sem par.

Oficial de Marinha com por cento, deu a todas as questões orgânicas da nobre classe, o concurso conjugado de sua lúcida inteligência e de sua atividade incançável, mas onde sua valentia de patriota, maior e mais pugnaz se confirmou foi na campanha de nacionalização da pesca. Para por em equação tão precipuo proble-

ma nacional, sacudiu o marasmo popular, agitou o sentimento real de brasilidade, e enfrentou com denodo os velhos preconceitos de nossa incurável intoxicação sentimental para com estrangeiros.

Vencida a campanha, criadas as colônias em toda a zona litorânea, Frederico Villar, colheu os dados práticos para fulgar do empirismo ainda existente na profissão dos homens do mar, empirismo extenuante e desastroso como fator industrial. E agora, aceitando a incumbência da Confederação dos Pescadores, vem completar a campanha fecunda, dando a esses seus queridos pescadores o "Manual do Patrão de Pesca", que será um farol a iluminar a rota das fangadas e a esteira dos pesqueiros, donde o petróleo exilou a vela galharda de outrora. Destina-se o "Manual" às escolas profissionais que se criarão por toda a costa brasileira e será nessas bases nucleares do nosso povoamento costeiro, uma cartilha de ensino e um missal de civismo.

Noções de matemática elementar, legislação de pesca, piscicultura, ostriocultura, produtos e sub-produtos do

(Continua à pág. 30)

O Revolucionário Batlle

DIOCLECIO D. DUARTE

CONCLUÍ a leitura do grande livro de Rodriguez Fabregat a respeito do mais sincero apóstolo da justiça social no ambiente americano. O magnífico trabalho biográfico do escritor uruguaio reviviu em mim uma profunda emoção da juventude. Apertei a mão que redigiu as páginas mais humanas da história política de sua pátria e ouvi a voz que sabia penetrar os corações e não temia o ódio dos tiranos. Foi em 1919. Entusiastas partidários do Reformador, todos ainda moços e iluminados pela beleza do ideal que sempre animou a ação dinâmica de José Batlle y Ordóñez, conduziram-me à redação do "El Día".

Ali estava, sereno, de cabelos brancos, cercado de amigos, respaldado e querido, o gaul das novas gerações, que nele proclamavam o verdadeiro Profeta dos princípios democráticos em terras americanas, o Patriarca da Justiça Social neste hemisfério.

Em uma Democracia de verdade, o operário deve exercer amplamente a sua missão de homem, dizia ele. E acrescentava: "não é razoável que os benefícios que a ciência descobre no seio da natureza ajudem aos que já se mostram poderosos e mergulhem cada vez mais na miséria aos que já sofrem as suas torturas. Os pobres devem ser menos pobres enquanto os ricos precisam conformar-se em ser menos ricos. Esta é a missão dos governos. Sem a fiscalização do Estado, as fábricas devoraram os homens que as servem".

Assim pensava e agiu. Nunca um político foi tão coerente. Concluía a vida como havia começado, dentro das fileiras e das lutas do seu partido. O seu desejo foi realizado. Não aspirava o governo pela simples e mesquinha aspiração de mandar. Era o objetivo superior de servir, defendendo as classes humildes e fortalecendo as bases de uma nação, em cujo ambiente social se realizaram, graças à intrepidez do pioneiro, avançadas e surpreendentes experiências.

Quando a Europa conservadora e plutocrática não acreditava ainda no rápido domínio das idéias, despresando, com ironia, os renovadores que pretendiam diminuir as diferenças de classes, por meio de leis oportunas, no sentido de harmonizar os interesses, já o Uruguai apresentava ao mundo uma legislação que correspondia às aspirações da coletividade, produ-

zindo, no seu tempo, perante os espíritos céticos imprevisível revolução.

José Batlle y Ordóñez foi o autor da formidável obra. O moço revolucionário do "Espírito Novo", periódico em que a inteligência e o coração do estudante, formado no ambiente moral de Lorenzo Batlle, se revelaram, continuou a campanha no "El Día" e, à frente do governo, não desmentiu a doutrina humanitária, para a qual muito influiu a companhia de Miguel Lemos nos estudos da filosofia de Comte.

Ele foi também um entusiástico adepto na memorável Conferência de Hala, da fórmula apresentada pelo representante do Brasil, com relação aos conflitos internacionais. Se a proposta de Rui houvesse sido aceita, declarava Batlle, teria desaparecido do mundo o espírito de conquista, origem e impulsor de maior parte das guerras.

Nele a força da razão estava em harmonia com a delicadeza dos sentimentos. As suas atitudes eram, por isso, revestidas de uma grande dignidade. E os pensamentos que externava tinham um caráter profundamente humano. O indivíduo deve estar subordinado às conveniências da felicidade coletiva. Com tal diretriz é que ele deve viver e trabalhar, imprimindo ao mundo o justo critério de cooperação e do amor.

Assim compreendeu Batlle. E ninguém soube defender, com inteligência superior e maior sinceridade, as idéias. A história de sua pátria deve ser dividida em dois capítulos. O primeiro antecedeu à ação reformadora do revolucionário. Teve nesse período a heróica figura de Artigas, assegurando a independência política do país. E o segundo, contrariando o sensualismo dos caudilhos, a serviço do capitalismo estrangeiro, deu ao povo os direitos que jamais conhecera, impondo-lhe, ao mesmo tempo, os deveres junto à família e à nação. Batlle é o centro de tudo. O construtor admirável de uma sociedade nova. Espantam-se os retardatários. Os políticos ignorantes e venais temem a tempestade

que se anuncia. Começam as intrigas e a oposição se robustece. Mas tudo é vencido pela veemência do verbo profético e a pena que ele transforma em clava de Hércules. A bravura de Artigas ressurge no espírito culto do filósofo. Batlle congrega todas as virtudes da raça indomável. E' o herói. O condutor que a nação esperava. A sua vida é uma glória para a América e a Humanidade, cujos ideais sintetizou.

Encontrou um perfeito biógrafo. Batlle y Ordóñez não poderia descobrir quem melhor a escrevesse do que Rodriguez Fabregat. Soube o brilhante discípulo recordar o mestre incomparável com extraordinária emoção e o talento que todos reconhecem.

Leitura

Crítica e Informação

Bibliográfica

Registrada no Departamento de Imprensa e Propaganda sob número 10.974

Direção de

DIOCLECIO D. DUARTE

RAUL DE GÓES

Secretaria de

MELO LIMA

Gerência de

RAFAEL BENAION

Redação e Administração:
Rua do Rosário, 129, 4º
Telefone 23-0873
Rio de Janeiro, Brasil
Composta e impressa nas
Oficinas de A MANHÃ

Correspondentes e
Representantes
em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . .	Cr\$ 0,50
Número atrasado . .	Cr\$ 1,00
Assinatura anual . .	Cr\$ 6,00
Assinatura semestral	Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . .	\$ 1,00
Assinatura semestral	\$ 0,50

(Dólar americano)

MENOS UM HOMEM — Conta Henri Bergson que em certo domingo o cura de uma aldeia pronunciou um sermão tão comovedor que toda a congregação começou a derramar lágrimas, menos um homem. Depois dos ofícios, o cura se acercou do dito homem, e, por curiosidade, lhe perguntou por que não havia chorado como todos os demais. — E' que eu não pertencço a esta párrua.

Um Romancista no Meio do Povo

Reportagem de Galeão Coutinho sobre Graciliano Ramos

PODE um intelectual sinceramente reconhecer e proclamar a popularidade de um colega? Tal foi a pergunta que vim fazendo a mim mesmo, no bonde Tijuca, depois de aceitar a incumbência dada pelo diretor de LEITURA, de proceder uma reportagem sobre Graciliano Ramos. Sempre abominei a classe letrada, porque a considero sórdida, mesquinha, cheia de recalques, vaidosa, com uma fome de cartas que não se sacia nunca. E, sobretudo, invejosa. Raramente um literato suporta o êxito alheio. Sempre foi assim. Ninguém suponha que os de ontem eram melhores do que os de hoje.

Edmond Rostand, que sempre detestou as camarilhas artísticas e literárias, costumava dizer a respeito do seu amigo Leon Bourgeois, velho político que, durante vinte e cinco anos, passara por todas as pastas ministeriais da França:

— C'est seulement le jour où il a pris l'Instruction Publique qu'il a su au juste, jusqu'où peuvent aller la bassesse, la haine, la jalousie e la laideté morale.

Eis aí um retrato perfeito dos artistas e intelectuais, nas lutas que travam silenciosamente para se imporem, guerreando-se uns aos outros.

Mas, Deus de Esaú e Jacó, eu não sou um literato profissional! Nunca fui. Talvez pelo horror que as intrigas literárias sempre me inspiraram, com as suas competições miseráveis, que não têm sequer o mérito do pitoresco. Também no comércio, na indústria, nas chamadas profissões liberais, há uma terrível emulação; mas, em certos casos, essa emulação não é isenta de lealdade, o que não sucede nos meios intelectuais. O português que vê instalar-se, em frente, ou ao lado do seu estabelecimento, uma loja congênera, cofia pensativamente o bigode e trata de desmontar o "colega", afastando-lhe a clientela. Em Santos, quando lá morei, havia o Fernandes da "Miscelânea", um brica-à-braque. E eis que um patriótico monta, paredes meias, o mesmo gênero de negócios. Pois o velho Fernandes não se atrapalhava. Quando sucedia aparecer-lhe um freguês e pedir, por exemplo, móveis de vime, se não havia no momento a mercadoria, o Fernandes coçava a cabeça:

— Não temos agora; mandei vir do São Paulo. Questão de poucos dias.

— Quem sabe se o seu colega aqui ao lado tem?

E o Fernandes, franzindo a testa:

— Que colega? Isso é a nossa filial. Também não tem.

E o freguês ia bater a outra porta, se tinha urgência dos móveis de vime, deixando de comprar na casa ao lado, certo de que era a filial da "Miscelânea".

Não há palavra mais cavilosa do que a palavra "colega". Em regra, todos estamos resando pela desgraça do "colega", desejando-lhe a morte, ou,

na melhor das hipóteses — quando se trata de escritores — que não encontre editor, que escreva sempre mal, que os críticos lhe caiam em cima e o arrazem, que o grande público não lhe dê preferência.

Se assim é, — e todos sabem que estou registrando a verdade pura e



Graciliano Ramos

simples — há muita ingenuidade, ou muita malícia, nisto dos diretores de LEITURA incumbirem os literatos de pesquisar no meio do povo os possíveis leitores uns dos outros. Feita esta ressalva, entro fêlo e forte na matéria. Andei abaixo e acima, aqui e em São Paulo, nestes últimos quinze dias, indagando se Graciliano Ramos tem muitos leitores. Tem. Podia ter mais. Deve contentar-se, entretanto, com aqueles que já arranhou. Como Graciliano escreve romances, claro que o seu público devia ser, em grande parte, formado de mulheres. E, o que importa muito, de mulheres inteligentes. Porque não acredito, nem tampouco o meu amigo Graciliano, que as mulheres de tipo normal, aquelas que se deliciam com Dely e Ardel, sejam capazes de suportar um romance como "Angústia", onde tudo acaba mal e não como deseja tal casta de leitoras habituadas ao enredo dos filmes. Romance que não acabe em casamento, filme que não acabe em bel-jos de parafuso, não prestam. Mas, sucede que o meu inquirido não pôde ser feito como eu desejava: queria, por exemplo, conhecer a média das leitoras que já se habituaram a guar-

dar o nome dos autores, o que é absolutamente impossível. As mulheres, com exceção das tais leitoras inteligentes — número reduzidíssimo, é claro, mesmo porque não há também muitos homens inteligentes — quando leem, não guardam o nome dos autores. Com frequência, ao serem apresentadas a um literato, fazem questão de dizer que já leram muitos livros:

— Acabei de ler ontem um romance muito bonito. Que romance! E' um amor!

A gente, é claro, indaga logo qual é o autor. E elas respondem invariavelmente:

— Já não me lembro. E' um autor muito conhecido, mas esqueci o nome.

Ora, eu estava fazendo a barba numa barbearia da rua da Quitanda, em São Paulo, quando a manicura se acercou para perguntar-me se queria fazer as unhas, luxo a que nunca me dei. Mas, como a manicura tinha largado um livro em cima da mesinha, segundo pude observar através do espelho, perguntei-lhe:

— Que é que a senhora está lendo?

— Um romance.

— De quem?

— Não sei; espere um pouco.

E foi até o fundo do estabelecimento, para ver o nome do autor. Por sinal que não era romance, era um livro de crônicas de Humberto de Campos. Mas, para ela, tudo é romance. Tive um sobressalto. Sempre imaginei que Humberto de Campos havia prestado um grande serviço, fazendo com que as mulheres fixassem o nome de um autor. A grande reclama feita em torno da sua doença comoveu, como todos estamos lembrados, o mundo feminino. Pois, nem assim. Aproveitei o ensejo:

— A senhora já leu alguma obra do Graciliano Ramos?

E a criatura, tirando uma barofada do algar, que estava com a ponta vermelha de "baton":

— Graciliano Ramos? Espere.

Creio que já li. Não é o autor de um livro sobre a "Marquesa de Santos"?

Não fui adiante. Estava satisfeito.

Claro que, não as frequentando ainda de raro em raro, ou travando com elas ligeira palestra numa simples apresentação, deixei de fazer uma incursão na esfera das "literatas", cujo número hoje é legião. Mas o valor deste inquirido, se algum valor tem, consiste em ser feito entre pessoas que gostam de ler, sem serem literatas. Posso assegurar que Graciliano Ramos conta grande número de leitores dessa espécie. Os melhores, aliás. Um guarda-livros português, meu amigo, em São Paulo, possui todos os livros do Graciliano. Assegura-me, porém, que sua predileção vai para "Vidas Secas". Um rapaz que trabalha no Matarazzo, advogado, se não me enganar, disse-me que votava em "Angústia". Perguntei-lhe se entre os

(Continua à pag. 18)

O ÚLTIMO BANDEIRANTE

RAUL DE GÓES

O SR. PAULO Pinheiro Chagas acaba de reconstituir uma das vidas mais estranhas e mais edificantes do passado nacional. A essa reconstituição, calcada numa documentação inteiriça, num estilo forte, numa apreciação objetiva dos fatos, deu o autor este título, que é um nome e uma classificação gloriosa: "Teófilo Otoni, ministro do Povo".

O grande parlamentar, o revolucionário ardente, o colonizador do norte de Minas, o último bandeirante, que foi Teófilo Otoni, é uma das vidas ilustres do Brasil de outrora pouco conhecida dos brasileiros de hoje.

O trabalho de Paulo Pinheiro Chagas veio revelá-la às atuais gerações do país; veio demonstrar eloquentemente que a posteridade nem sempre é justa no critério de seleção dos heróis. Em geral, no panorama histórico do segundo Reinado o vulto do Imperador como que ofusca todos os demais com a claridade solar de suas virtudes, dos seus gestos magnânicos, da sua personalidade de patriarca da Nação. Mas, na projeção da individualidade imperial, os historiadores dos nossos dias não percebem as falhas, os erros de visão política e administrativa, enfim a estreiteza de vista, do agrupamento palaciano de então a respeito de valores autênticos que encontravam muitas vezes um obstáculo no trono para as suas iniciativas de engrandecimento e progresso do Brasil. Ninguém desconhece as dificuldades que se antepuseram a Mauá, que nunca foi um dos favoritos da Coroa. Teófilo Otoni se deparou com os mesmos óbices, com as mesmas barreiras criadas pela má vontade, pelos ressentimentos de partido, que se levantaram ante a marcha do seu programa de colonização do norte mineiro, por meio da Companhia de Mucuri, o primeiro empreendimento industrial levado a efeito no Brasil.

Nasceu na Vila do Príncipe aquele que nunca foi nem nunca quis ser ministro de Estado para ser o ídolo das massas, ou melhor, o ministro do Povo. Nas veias de Teófilo Otoni fervia o sangue turbulento dos Godoy, dos Paes, dos Lemos — gente que ia ao sacrifício da vida na defesa de um princípio, de uma causa, de um ideal. Criou-se Otoni entre a mata e a montanha, ouvindo as histórias de seus ancestrais, desde o genovês Manuel Antônio Otoni, sempre agitado, intransigente, explosivo, ferocemente honesto, não se dobrando nunca aos caprichos dos morgados. Foi o velho Antônio um eterno proscrito político. Sempre perseguido pelos poderosos, atelando aqui e ali o facho de uma insurreição. Para ele foi mesmo Deus quem criou o Mundo mas, por outro lado, foi um genovês quem descobriu a América para o Mundo.

Teófilo Otoni tinha bem de quem herdar aquele espírito de rebeldia, aquela flama de lutador, aquela inquebrantável coerência que foi, até à morte, a diretriz de suas atitudes de homem público.

O povo desconfiava muitas vezes do liberalismo de alguns líderes do tempo; mas acreditava cegamente em Teófilo Otoni. Não o admirava apenas; amava-o como a um pai desvelado, que seria capaz de morrer para redimi-lo, de dar a última gota de sangue para vê-lo feliz e livre. Daí a ascendência que Otoni exercia sobre os multidões. Impunha-lhes a vontade com um simples olhar. Quando, durante a agitação popular da Maioridade, o povo enfurecido tentara assaltar a residência de Bernardo de Vasconcelos, que era contrário à aclamação do imperador adolescente, só uma voz, só um homem teve poder bastante para deter o ímpeto coletivo. Foi Teófilo Otoni.

O que caracterizava fundamentalmente as convicções patrióticas do grande democrata era o seu apego à ideia da unidade nacional, chegando, por isto, a sacrificar muitos dos seus pontos de vista filiados aos princípios democráticos pelos quais se batia no Parlamento. Ninguém mais do que ele respeitava a letra constitucional, mas quando a Constituição colidia com os interesses superiores da Nação, não hesitava em repudiar aquela e ficar com estes, em obediência ao velho preceito latino: *Salus populi suprema lex est*.

Com o pensamento voltado para a unidade do Brasil, ao ser convidado pelo general Canavieiro para tratar junto ao poder imperial do reconhecimento da República de Piratininga, Teófilo Otoni em carta ao bravo caudilho farroupilha aconselhou-o a depor as armas para evitar o aparcamento da Pátria. Era contra o despotismo. Combateu-o de armas nas mãos em Minas. Mas transigia com o arbítrio oficial para não quebrar a unidade brasileira, que era a viga em que apoiava o seu programa de ação política.

Foi partidário da Maioridade, apesar de ser esta contrária à Constituição, porque julgava a ascensão ao trono do imperador menino um imperativo de salvação nacional. Assim agiu, assim lutou Teófilo Otoni.

O período mais admirável de sua vida é, entretanto, o que consagrou à colonização do norte de Minas, fundando por iniciativa própria a Companhia de Mucuri. Como seus ancestrais das Bandeiras, palmilhou a mata invia e hostil, arrostando com todos os perigos da "jungle". Demos, porém, a palavra ao seu biógrafo: "Um dia, num ponto a cerca de 200 kms. de Santa Clara, e à distância mais ou menos igual de Minas Novas, a bandeira divisa uma bela planície na vizinhança do Rio Todos os Santos. As

doçuras do clima e a excelência das terras causaram admiração àqueles homens rotos e cansados. Otoni manda



Teófilo Otoni

abivacar. Sua figura está irreconhecível: roupas imundas, barba crescida, o cabelo crescido de sol".

"E Otoni, de fisionomia aberta, designando aos companheiros as margens do Todos os Santos:

— Aqui farei a minha Filadélfia".

E fundou uma cidade. Deu-lhe esse nome em homenagem à histórica cidade dos Estados Unidos, berço da Constituição de Washington e Jefferson. E' essa cidade que hoje possui o nome de Teófilo Otoni. Daquela que a fez surgir do meio da mata virgem, despertando, com o seu rumor de progresso e de vida, as solidões agrestes das Gerais...

CA' TE ESPERO — A imprensa era, a esse tempo, da maior desenvoltura, e sem contemplação para quem quer que fosse. Havia um jornal — "A Razão" — cujo diretor, comandante Mutos, era espírito, e uma alma combativa. Desfechou, em dado momento, um forte ataque a Juliano Moreira, o grande sábio brasileiro. Em nada, porém, se exasperou o psiquiatra, que era então diretor do Hospício, limitando-se a este lacônico recado telegráfico, que importava numa suave advertência:

"Cá te espero".

Não sabemos se o diretor da "Razão" foi ter com Juliano Moreira...

Revelações de uma Missão em Moscou

SUD MENNUCCI

Copyright de LEITURA

QUANDO Joseph E. Davies, ex-embaixador norte-americano em Moscou, declarou à imprensa, em junho de 1941, que a resistência do exército vermelho assombraria o mundo, não houve quem não recebesse a assertiva com um sorriso incrédulo, em que havia laivos de mofa. Todos supuseram que a afirmação tinha uma dose exagerada, mais do que a permitida de otimismo ingênuo, fruto quicá do desconhecimento do que representava o indiscutível poderio das hostes germânicas.

E quando o milagre anunciado pelo diplomata "yankee" se foi, aos poucos, transformando em evidência e quando a capacidade de resistir dos russos se consolidou em ímpeto ofensivo e soube infligir aos "invencíveis das margens do Reno" as suas primeiras derrotas, as únicas que as democracias haviam até então inscrito, em combates terrestres, no seu ativo, este livro, esta "Missão em Moscou" tornou-se uma premente necessidade. Queríamos todos saber da chave desse segredo e quem no-la podia explicar era, sem dúvida, o homem que Roosevelt, rompendo a tradição da burocracia diplomática, mandara à Rússia como representante do país das quarenta e oito estrelas, S.M. era preciso explicar à ansiedade do mundo como se tornara possível que um país, a Rússia, imensamente maior que a Alemanha, do ponto geográfico e demográfico, mas também, pelo que julgávamos, imensamente mais atrasado que ela, havia podido resistir à tremenda investida de todo o poderio bélico tedesco e, mais do que isso, havia podido fazer-lhe frente e derrotá-lo estrondosamente, aplicando-lhe revezes que nós podemos classificar, sem a menor hipérbole, de legítimas e inevitáveis surras.

E a "Missão em Moscou" apareceu para esclarecer o ambiente, para mostrar, que as coisas, dados os seus antecedentes, em exame frio e imparcial, não podiam passar-se de outra forma. Estavam na lógica fatal dos acontecimentos.

E' que Hitler, que conseguiu assumir o papel de "papão" e de "tragamontanhas" da Europa, encontrou, do lado de leste, o adversário que não o teme, que nunca o temeu. Stalin era o homem a que não dava estremeção algum a idéia de ter de fazer outra vez a guerra, e que, em lugar de contorná-la e de adotar expedientes para afastá-la, foi incutindo no seu povo, pela propaganda sistemática, a certeza de que a guerra estalaria porque era inevitável.

E' o que ressalta meridionalmente das páginas vivas e documentárias deste livro: duas pessoas, no globo, Roosevelt e Stalin, nunca tiveram a mínima ilusão quanto aos intúitos e objetivos que Hitler colimava. O chefe russo, entretanto, mercê do regime autoritário que organizara na U. R. S. S., dispunha de muito maiores facilidades para se preparar rapidamente contra os botes futuros da cruz swástica. Enfeixando nas



Chestakowich, o maior compositor soviético, transformado em bombeiro de Stalingrado.

mãos um poderio total, controlando todas as fontes de produção e todas as formas de propaganda do imenso país, o solitário do Cremlim pôde acompanhar, um a um, os movimentos do adversário e por-lhes o revide de suas iniciativas, preparando-se, febril e vertiginosamente, para o pior.

Hitler só cuidava de reorganizar e de engrandecer as suas forças armadas; Stalin, em três anos — de 1933 a 1937 — sem alarde, sem espalhafato, elevou a percentagem das despesas militares, de 3 para 23 por cento. Isso revela flagrantemente que para o ditador de todas as Rússias os desígnios do vizinho nunca tiveram mistério. E mais ainda: que enquanto os outros povos recebiam as declarações de Hitler como fanfarronagens, feitas mais para assustar do que para serem efetivadas, os homens de Moscou tomavam-nas ao pé da letra e as aceitavam como manifestações reais de uma vontade incoercível.

Em 1937, Stalin fez o mais brutal e o mais violento dos expurgos de seu próprio partido, alcançando, nessa "razzia" figuras da mais elevada projeção nos círculos militares. A segunda autoridade do exército foi sumariamente sacrificada e junto com ela, uma dúzia de generais dos mais acatados nas hostes nacionais. E enquanto nós, cá de fora, sinceramente nos horrorizávamos com a crueldade desses métodos expeditos, ele calmo, frio, insensível, ia sistematicamente eliminando o mais feroz inimigo de infiltração adversária, extinguindo, no nascedouro, a célebre "quinta-coluna". Isto é, a mais terrível infecção que um organismo social pode enfrentar. Stalin fechou os consulados de quatorze nações. Fez

explicar o gesto, indiferente à grita e às reclamações. Expulsou quanto estrangeiro lhe pareceu suspeito, mesmo quando não tinha provas de nenhuma atividade que lucilasse um vislumbre de procedimento menos correto. Fez uma limpeza em regra, desinfetando a nação.

E para que não pairasse dúvida quanto às suas razões, o ministro das Relações Exteriores declarou a Davies que um dia, não muito distante, a Europa entenderia os supremos motivos que haviam ditado as providências, e perceberia que, em salvando a Rússia, Stalin havia salvo também o mundo das diabólicas intenções de Hitler.

E continuando a tarefa encetada, Stalin, nos estudos do terceiro plano quinquenal, fez aprovar um programa que repugna o país no seu velho ideal de desenvolvimento da grande siderurgia, mas desta vez inteiramente adstrito aos interesses militares. E o resultado dessa política férrea, seguida incondicionalmente, aí está: a invencível e invencida "wehrmacht" aguentando desastres sobre desastres, perdendo a sua flamante auréola de "a maior e a melhor força aguerrida do planeta", coagida a retiradas sucessivas, batida, fustigada, implacavelmente perseguida meses a fio, incapaz de manter até mesmo os mais sólidos bastiões de sua defesa, perdendo material em números astronômicos, e humilhada no seu arrogante orgulho pela aniquilação de um inteiro corpo de exército, com a rendição de duas dúzias de generais.

O depoimento de Joseph E. Davies, neste livro que se lê com o mesmo ou talvez com maior interesse que um romance de grande classe, explica não só o mistério da resistência e da obstinação russas, mas também o perfeito, embora não explícito, nem prolapado entendimento entre Roosevelt e Stalin, os dois estadistas que sempre viram transluçidamente a situação que se vinha criando no mundo por obra da desmedida ambição de outros homens, completamente despidos de qualquer resquício de senso moral, homens que não recuariam, como não recuaram, diante de nenhum método, contanto que ele ajudasse à conquista do mais absoluto e do mais incontrastado domínio internacional.

Entretanto, se a lucidez e a clareza e a exata compreensão do grave e difícil momento histórico da humanidade foram o apanágio dos dirigentes dessas duas nações, outras figuras de outros povos saem do relato do embaixador norte-americano em atitude bem menos simpática.

O leitor há de perceber que um livro destes não se analisa em poucas linhas. Requer o ensaio longo e meditado. E que este artigo tem como capital intento espicaçar-lhe a curiosidade, levando-o a ler essa obra séria e honesta, das mais notáveis que já se escreveram acerca das ra-

(continua à pág. 19)

Nem Jeremias nem Narcisos

JOSÉ AUGUSTO

Copyright de LEITURA

NO BRASIL ou somos Jeremias ou somos Narcisos; ou nos julgamos um país em que tudo é inferior ao que existe nas outras terras, a começar pelo homem, ou nos reputamos o primeiro país do mundo, diante de cujas riquezas nós quedamos contemplativos, inoperantes.

Somos radicais, não conhecemos o meio termo.

Facil é imaginar as péssimas consequências que resultam desse radicalismo.

Se é imensa a nossa riqueza, se tudo nos é facil, pouco precisamos trabalhar e agir, numa época em que tudo pede, reclama e exige trabalho e ação.

Se somos pobres e incapazes de prosperar, povoadas as nossas terras por mestiços incapazes de progresso e elas próprias em sua maior parte inaptas à produção e condenadas à esterilidade, nada nos resta senão nos conformarmos com a situação de inferioridade e subalteridade que o destino nos reservou.

A verdade aqui, como sempre e por toda a parte, está no meio termo.

A população brasileira é boa, inteligente e operosa. O que lhe está faltando é uma educação à altura da hora histórica que estamos vivendo, uma educação que dê às gerações novas o sentido do mundo contemporâneo que não dispensa dos que tem de vivê-la saber organizado e capacidade realizadora.

A terra, por sua vez, é feroz e generosa. Em se plantando, nela tudo dará.

As suas florestas são densas, as suas pastagens as mais ricas, permitindo a multiplicação dos rebanhos, e as suas riquezas em minérios as mais variadas e abundantes, verdadeiramente inexauríveis.

O que resta fazer é conservar e não destruir as florestas, melhorar, seleccionar os rebanhos, penetrar no sub-solo para colher as riquezas que contem e encerra.

Dir-se-ia que na era industrial que estamos vivendo só são ricos e prósperas as nações que possuem combustíveis excelentes e abundantes, e estes nos faltam.

Estarão com a verdade os Jeremias, que se encantam no limitado recanto dos combustíveis para descrever do nosso futuro?

Negativa é a resposta que nos dá Janot Pacheco na sua recentíssima e magnífica monografia intitulada "Combustíveis", que a Editora Alba acaba de lançar ao público com ruidoso sucesso.

Temos combustíveis gasosos, líquidos e sólidos, em uma infinita variedade.

Nesse domínio é imenso o nosso patrimônio.

Basta que saibamos utilizá-los pelos meios e processos que a ciência aconselha e a técnica realiza.

E a Terra continuará rolando por seus caminhos, guiada por leis imutáveis, cada vez menos cheia de mistérios apesar dos milhões de mistérios que a Humanidade ainda tem a decifrar...

Panhamos mãos à obra e, como diz

Janot Pacheco, "a questão dos combustíveis deixará de ser o tormento dos geólogos, dos economistas, dos pensadores.

As gerações vindouras, nossa geração transmitirá o grande patrimônio que recebeu das gerações que passaram, acrescido das descobertas que realizou, dos enigmas que pôde decifrar.

Como se "adaptou" ao Cinema "Por quem os Sinos Dobram"

DESDE que o romance de Ernest Hemingway **POR QUEM OS SINOS DOBRAM** foi vendido à "Paramount", — pouco depois de sua publicação em 21 de outubro de 1940, — sua adaptação para o cinema tem sido uma fonte permanente de controvérsias e contrariedades. Apesar de uma enfática declaração da empresa produtora, segundo a qual não seria permitida a supervisão do filme por um representante



Ernest Hemingway

te da embaixada franquista, o argumento vem sendo desvirtuado pouco a pouco.

Na primeira "adaptação" cinematográfica, feita por Louis Bromfield — em boa hora rejeitada — todas as palavras "ofensivas", tais como fascismo ou fascista (aplicadas às forças de Franco) foram eliminadas. Não obstante a crescente pressão — de fora e de dentro da empresa — contra a

tendência antifascista do romance, o conhecido liberal e artista competente Dudley Nichols escreveu uma nova versão cinematográfica. Quando tudo estava pronto para a filmagem se intensificaram os propósitos do produtor para eliminar da película todo o conteúdo político. Nas altas esferas da "Paramount" manifestou-se o desejo de converter o romance num filme totalmente abstrato, transformando a luta antifascista da personagem principal em façanha de um saboteador que atua numa Ruritânia hipotética. As palavras "república espanhola", "fascista", "democracia", seriam suprimidas. Para dar satisfação ao governo de Franco, à Igreja Católica, a certos funcionários do Departamento de Estado e a alguns homens influentes da "Paramount", pediram a Hemingway que escrevesse um novo final. O romancista se operiou de tal maneira que escreveu dois finais distintos. No primeiro — destinado aos públicos sofisticados das cidades — a heroína (Maria) morre num hospital norte-americano, em consequência de parto. No segundo — para ingênuos matutos — apresenta-a dando à luz uma bandeira norte-americana, que lentamente vai enchendo a tela.

Como resultado de todas as mutilações, alterações e tergiversações introduzidas no "scrit", existem atualmente duas versões: uma que reflete, mais ou menos, as intenções de Hemingway, e outra que representa justamente o que, segundo Franco, deveria ter escrito um autor norte-americano sobre a guerra espanhola.

Nesta luta de influências se decidirá qual das duas versões há de chegar às telas do mundo. Felizmente o romance se encontra ao alcance de nossas mãos: grande, porque sincero, verdadeiro e humano.

(De "El Tiempo", México).

ENTRE O MILIONÁRIO E O OPERÁRIO — Alguns amigos de Humberto de Campos pediram para editar um de seus livros, afim de ser vendido a duzentos mil réis o exemplar. — Vendendo um livro de oito mil réis por duzentos a um milionário — respondeu o romancista — ficarei impossibilitado por cento e noventa e dois mil réis de me insurgir contra esse milionário, quando ele escorchar um proletário.

Castro Alves - Poeta Burguês

FERNANDO GÓES

Copyright de LEITURA

SEM DÚVIDA causará espécie, a quem abrir este "Castro Alves e sua época", do sr. Heitor Ferreira Lima, encontrar logo nas primeiras páginas dele algumas estatísticas industriais, mostrando, por exemplo, o aumento da produção mundial da hulha, em milhões de toneladas, entre os anos de 1850 a 1880, ou uma citação de dados censitários sobre o crescimento das populações urbanas em certos países europeus no século XIX. Afinal de contas, tudo isso vem a propósito do autor de "O Laço de Fita"? Vem. E talvez por causa de coisas assim, justamente, que o sr. Heitor Ferreira Li-

fridas em virtude de uma série de invenções que revolucionaram as indústrias e de acontecimentos políticos que culminaram com a vitória definitiva da burguesia sobre o feudalismo, e com a implantação, na França, da Terceira República.

O seguinte capítulo estuda, também em linhas gerais, a vida econômica e política da sociedade brasileira na segunda metade do século passado, com o desenvolvimento comercial, o aparecimento da indústria nacional e a ascensão da nova classe — a burguesia urbana, como lhe chama o autor. Os ideais dessa nova classe que surgia, eram, naturalmente, revolucionários. Eles é que inspiram as várias medidas radicais pleiteadas pelo Partido Liberal, no seu manifesto de 1869 — autonomia das províncias e municípios; direito de voto direto geral; abolição da escravidão, do Conselho de Estado e do Poder Moderado; eleição dos presidentes de províncias e dos senadores; liberdade de ensino, imprensa e religião; princípio do "rei reina mas não governa". Um ano depois, em 70, um novo partido que surge, tem um título que "já é por si um programa" — Partido Republicano. Da sua síntese, o sr. Heitor Ferreira Lima conclui — "Tal era o Brasil no segundo reinado. O seu ideal de vida era o ideal burguês. As reivindicações das massas eram reivindicações burguesas".

Essa foi a época de Castro Alves. E a "tendência predominante" desse tempo são as aspirações e reivindicações da nova classe em ascensão — aspirações e reivindicações burguesas. Ora, é como um intelectual tipicamente representante dessa classe, que encarnou, na sua arte, os ideais então revolucionários por ela esposados, que o sr. Heitor Ferreira Lima nos apresenta Castro Alves. E na verdade, oriundo dessa burguesia que vinha se afirmando, não reivindicou o Poeta nos seus versos, algumas das principais medidas pelas quais ela se batia? A abolição, a República, a liberdade democrática? Por isso é que o autor deste novo estudo sobre o poeta dos *Hinos do Equador* escreve, muito acertadamente, que — "o seu lugar histórico é como poeta burguês e nisso reside todo o seu mérito e aqui se

encontra toda a força da sua projeção". E ainda — "E" como poeta burguês que Castro Alves é "altamente revolucionário entre nós".

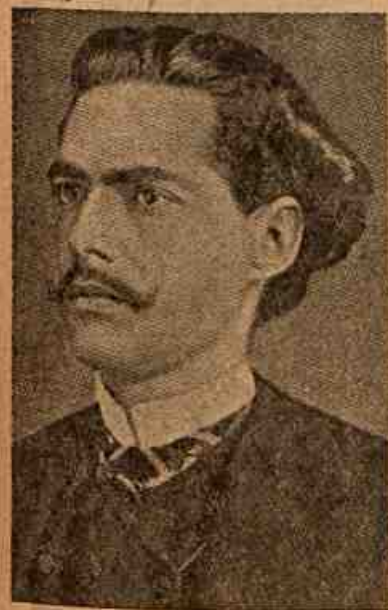
De tal modo foi ele um legítimo representante dos ideais da sua classe, de tal maneira eram também suas as melhores reivindicações dela, que jamais foi Castro Alves um grã-fino, um dilettante dessas reivindicações, aspirando-as somente dentro do fogo dos seus versos. O sr. Heitor Ferreira Lima, sempre lúcido em sua exegese, resalta a atuação pessoal de Castro Alves, que soube, como bem poucos sintetizar harmonicamente os ideais da sua arte com as atitudes da sua vida — são os versos sobre "O Século", "cheios de aspirações renovadoras", que ele recita na Faculdade de Recife; é a fundação de uma sociedade abolicionista, da qual foi o primeiro presidente; é a sua participação em comícios republicanos, como orador; é protestando, na praça pública, contra as arbitrariedades da polícia, que maltratava o povo; é tomando parte, em S. Paulo, no protesto popular contra a queda do Gabinete Zacarias e, em seguida, participando da homenagem que os liberais prestaram a José Bonifácio; é, finalmente, a revolução que provocava nos salões literários, recitando, ao invés de simples poemas líricos, versos altisonantes que constituíam verdadeiros libelos contra a escravidão e a monarquia. Comentando esses fatos, o sr. Heitor Ferreira Lima diz — "Não se trata de meros gestos fortuitos, ou de simples posturas literárias, mas caracterizam uma posição definida. Combatente de posições político-sociais novas no país, leva-as às massas, pois queria vê-las concretizadas, porque julgava que elas dariam maiores felicidades e bem estar à sua terra e ao seu povo".

São essas as contribuições novas apresentadas pelo sr. Heitor Ferreira Lima no seu ensaio, e que me parecem de grande valor e importância não só pela novidade que encerram, mas principalmente pelo que nelas encontro de verídico e acertado.

"Castro Alves e sua época" — Heitor Ferreira Lima — Livraria Anchieta, limitada — São Paulo, 1942.

UMA OPINIAO QUASI DESCONHECIDA — Todos sabem que Fialho de Almeida não morria de amores por Eça de Queiroz. Pelo menos em público. Particularmente, porém, o seu conceito sobre o criador de "Os Maias" era bem diverso. Vejamos o que Fialho diz numa carta dirigida a Ramalho Ortigão: "Não lhe occultei que simpatia profunda me inspira a sua obra d'artista e pensador, e que benéfica influência exerceram os seus livros nos meus estudos, num tempo em que a renovação literária post-romântica apenas tinha entre nós a representá-la V. Ex. e seu amigo Eça, nas "Farpas". Da sua revista nasceram todos os novos, e dela emanou com certeza um reviramento mental da multidão, pequeno é certo, mas iniciado, em muitos focos d'atividade artística e literária".

O FILÓSOFO E O TEOLOGO — Recorda-me a história do filósofo e do teólogo, escreve Julian Huxley. Discutiam os dois, e o teólogo empunhava a velha frase sarcástica de que o filósofo se parece com o cego que procura num quarto escuro um gato preto que não está ali. — Pode ser — disse o filósofo; mas estou certo de que um teólogo o encontraria.



Castro Alves

ma conseguiu que o seu livro sobre Castro Alves não fosse um simples repositório de cousas já ditas e tantas vezes repetidas sobre um dos nossos poetas mais estudados.

Pugnando à praxe dos biógrafos e críticos nacionais, o sr. Heitor Ferreira Lima não isolou a figura e a obra de Castro Alves, examinando-as unicamente à luz de fatos particulares. Antes, integrou-as na dinâmica dos acontecimentos da época, fazendo o poeta e a sua obra resultarem como o fruto de fatores influentes e decisivos do tempo, como uma consequência lógica e natural das transformações que, então, se operavam no campo da política e da economia. E assim, estudando o poeta dentro da "tendência predominante do tempo", foi que o sr. Heitor Ferreira Lima realizou o seu belo retrato de Castro Alves.

Qual era, no entretanto, essa "tendência predominante do tempo"? E para explicá-la que o sr. Heitor Ferreira Lima inicia o seu volume com um estudo breve, mas honesto e bem feito, da Europa no tempo de Castro Alves, mostrando, no primeiro capítulo, as transformações econômicas o-

O Cinema não é Arte Intelectual

JUAN M. PLAZA

Copyright de LEITURA

A ARTE é a realidade objetiva do complexo espiritual do homem. Do complexo espiritual em existência ativa, uma vez que, enquanto potência, se pode realizar numa abstração localizada no pensamento: metafisicamente. Mas, enquanto se vincula à vida, o homem há de impregnar a sua dialética. Queremos dizer que o fenómeno artístico, como realidade concreta e tangível da potência espiritual do homem, possuirá o pulso próprio e se sujeitará fatalmente ao seu processo vital. Em virtude desse processo — em íntima conexão com a dialética histórica — o homem se determina no espaço, sustentado por uma energia secreta, cuja denominação cederemos às distintas escolas filosóficas e cria, como expoente de sua existência específica, a cultura, da qual a arte é unidade integrante.

A varia manifestação da arte responde às múltiplas exigências do espírito que evoluciona sob o imperativo das circunstâncias históricas trazendo inédita entidade em seu conteúdo e em sua forma.

Na iniciação de todo fenómeno artístico há um floração de impotências produzidas por um divorcio entre a arte e o espírito que, por sua vez, emana de uma troca de posturas deste último na consideração do universo. Portanto cada estágio da arte é uma distinta e nova especulação sobre o espaço.

A aparição do cinema no quadro da cultura não é produto da casualidade. Responde à esta etapa histórica, constituindo a etapa superior no desenvolvimento dialético da arte. Não poderíamos justificar o cinema noutra momento que não fosse o actual. O cinema está vinculado historicamente a todo o conteúdo ideológico de uma cultura que ferve sua formação nas ruas e esquinas do mundo. Cultura que rompe os moldes estreitos do idealismo germano representado por Schelling, Hegel e sua escola — Weise, Rosenkraud e F. T. Wischer — que davam à estética uma base metafísica, e consideravam cometimento da arte a resenatção do infinito — abstrato — em sua aparência finita.

Na utilização distinta destes fundamentos gerais da arte em cada uma das suas manifestações, encontramos a autêntica personalidade da pintura, da música, do cinema...

Que significa, que representa o cinema na estimativa artística?

O cinema se realiza no quadro da plástica. O dinamismo plástico é o postulado lógico formal da concepção cinematográfica. Entendendo-se por dinamismo, não o movimento aplicado a um objeto, mas sim a integração na unidade cósmica, onde cada objeto está vinculado inextricavelmente. Este dinamismo se inicia na plástica como o impressionismo ao basear sua especulação sobre a luz.

A luz. Eis aqui o signo de um novo estágio na história da arte. Estádio que principia no impressionismo para se realizar com plenitude no cinema.

No impressionismo, a luz é o afan obsessante, o fim, o objeto último. Mas não é reduzida a domínio. E' no cinema que a luz passa de fim a meio, de procedimento a instrumento.

A categoria ótica que pode servir de base, por si mesma, para construir uma doutrina plástica (pictórica, para maior claridade do nosso ponto de

como manifestações artísticas, como interpretações do mundo, mas como elementos integrantes do universo.

Esta doutrina, que em pintura nos conduziria a um naturalismo pousiniano — em virtude das próprias limitações — no cinema nos leva a compreender sua essência realista, enquanto que apreende o acento cósmico na realidade concreta de seus



vista) não serve ao cinema. O cinema não opera sobre categorias abstratas, por que nele não conta a interpretação das coisas. Há uma relação direta e imediata sobre o cinema e o seu objeto de expressão. O pintor faz uma interpretação da natureza e traslada para a tela, não a natureza, mas sua interpretação. No cinema, a natureza mesma constitui a sua interpretação ou representação intelectual.

Se o impressionismo procura as categorias abstratas dos elementos numa experimentação continuada do concreto (por exemplo: Monet: a luz; Delacroix: o calor), no cinema não é possível tal empenho por contradição substantiva. Se acaso procura uma categoria síntese que unifique o universo em cada um dos seus estados; pois que não é mais que o encontro desta categoria universal realizando-se plenamente no concreto de cada momento objetivo. O cinema extrai, não o conteúdo vital da luz: extrai a temperatura do mundo numa captação do gesto da natureza.

Mousinac poudes afirmar que o "cinema constitui, como realidade mesma, o sentimento da realidade. Não há sentimento, impressão ou interpretação da realidade. Há realidade. O cinema faz uma tradução direta da vida, sem intervenção da facilidade abstrativa do homem. Daí que, em sua complexa estrutura, quando outras artes intervissem — música, pintura, poesia... — não as utiliza

objetivos de expressão.

Esta vibração cósmica é o que dá caráter específico e distinto à sétima arte. Não existe nela a unidade atômica, independente, com entidade própria. Chegando até a não reconhecer diferença substantiva entre o artista e o mundo como objeto de criação artística. O artista significa interpretação do mundo; ou seja criação duma realidade distinta ao mundo e à obra de arte. Seu papel é o de aglutinar estes dois elementos. O artista, no conceito tradicional, faz uma interpretação intelectual do universo, reduzindo-o em idéias que são trasladas para a obra de arte.

Não interessam ao cinema as idéias como representação do mundo, mas o mundo sem interpretações. O cineasta não procede, como o poeta ou o pintor, por representações intelectuais. E' a imagem pura, a imagem mediata da natureza num estrequecimento de vitalidade universal, o instrumento primário e único do cineasta. O plástico ou o poeta abstraem os fenómenos e utilizam, não os fenómenos, por suas abstrações. E o fenómeno como manifestação da energia cósmica o que apreende o cinema.

Aplicamos concientemente uma equivalente potencialidade artística à idéia, imagem, sensação.

Podemos colocar René Clair e S. M. Eisenstein, dois cineastas de

(continua à pág. 16)

Auto * Retrato

Jorge de Lima visto por Jorge de Lima

NASCI em União, no Estado de Alagoas, a 23 de Abril de 1895. Estudei no Instituto Alagoano, dos irmãos Aristau e Goulart de Andrade, no Colégio Diocesano e no Liceu Alagoano. Formei-me aos vinte anos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Acontece que comecei a fazer versos segundo as formas consideradas parnasianas, e um desses sonetos, "O Acendedor de Lampões", entrou para as antologias e ficou fazendo concorrência à minha verdadeira poesia. Com o modernismo, espíritos imaginosos inventaram mitos sobre minha "conversão", subestimando o fato de que o meu processamento lírico me levava até uma norma poética mais livre e ampla. Foi aí que nasceram "Negra Fulô" e outros poemas de temática nativa. Em seguida, colaborei com Murilo Mendes na restauração da Poesia em Cristo. Não faltaram as incompreensões e as molecagens intelectuais que ainda continuam em moda no Brasil. Escrevi sempre o que desejei escrever, e se hoje me dedico a outras tentativas de arte, não é porque ache bonito ser romancista ou pintor, mas porque estas necessidades de vida se impuseram dentro de mim, chegando a constituir uma condição essencial de minha vida total, verdadeira, absoluta.

Muitos me chamam de dilettante: acho que o artista tem a sua realidade própria, e não está sujeito a nenhuma exigência superior. Não faço o que poderia agradar aos outros, mas o que nasce em mim e luta para se libertar de minha sensibilidade, sem ligar a qualquer espécie de chatos.

Aliás, parece que o que há, no Brasil, com os escritores, é um inexplicável medo de ser "eles mesmos", sem premeditações nem compromissos. Muitos são os espécimes de homens de letras que traem a si mesmo, não tendo coragem de enfrentar a crítica, preferindo realizar coisas impessoais e informes.

Há postas que fazem da poesia um acontecimento lógico, um exercício escolar, uma atividade dialética. Para mim, a Poesia será sempre uma revelação de Deus, dom, gratuidade, transcendência, vocação. Longe de mim o egoísmo de dizer que sou poeta porque quero, de vez que meu pensamento é que sou poeta porque nasci poeta.

Minha bagagem literária anda espolhada, há livros meus traduzidos, poemas musicados em outros países da América. Há produções que muito me agradam, e fazem com que lhes dedique um amor de cego, como "A Mulher Obscura", "Calunga", "A Túnica Inconsútil", "O Anjo" e os "Poemas Escolhidos". Dentro de poucos dias,

sairá a "Poesia em Pânico", livro de foto-montagens, que, me parece, é a primeira tentativa nesse sentido, feita na América. Tenho um romance inédito, uma peça de teatro; e em Português será lançado, brevemente, meu poema cíclico "Mira-Celi".

É verdade que, lendo este auto-retrato, muitos pensarão que não estou fazendo um auto-retrato, mas um resumo bibliográfico. Engano. A vida, para mim, vale pela sua solidariedade com a minha arte. Um poema é um



Jorge de Lima

acontecimento muito maior que uma distinção oficial, pois "Mira-Celi" e os seres que vivem nos meus versos, realmente existem, como qualquer indivíduo do mundo animado.

O ROMANCE — Em um audacioso e inteligente ensaio, "A Sociologia da Novela", Roger Caillois afirma que o romance, sem grandes preocupações teóricas, "se permite todas as liberdades, ensala todas as audácias, acrescenta cada vez mais seus domínios e ambições, se enriquece com naturalidade a expensas do que outras artes perdem ou desprezam, ou abandonam ou desperdiçam. Quasi sem consciência disso, ingenuamente, mas com segurança, anexa a si mesmo, pouco a pouco, os gêneros que antes se repartiam as letras, epopéia, sátira ou libelo. Herda suas maneiras, sua natureza, seu espírito. Dir-se-ia que a literatura não lhe basta: apodera-se da ciência, desdenha limitar-se à ficção, empreende a descrição do real e, prontamente, a sua explicação, ou melhor, seu desenvolvimento; quero dizer que se esforça em representar o real sob todos os seus aspectos, pondo em relevo sua arquitetura, suas conexões, suas molas. Com esse fim, mobiliza os diferentes aportes das diversas disciplinas. Não retrocede diante das ampliações necessárias, das análises indispensáveis, das dissecações apropriadas, das sínteses úteis, das hipóteses convincentes e, afinal, de todos os procedimentos do anfiteatro e do laboratório. E assim como certos romances são poemas, outros são manuais".

Há quem me acuse de não compreender a missão social do escritor, nos dias de hoje, em que as forças da opressão pretendem sufocar a liberdade e os direitos humanos. Há nisto outro engano. Meus poemas, o romance "Calunga", "A Túnica Inconsútil", finalmente, toda a minha obra literária, é social, porque nela eu falo do homem, de sua presença no mundo, de suas lutas e sofrimentos, de suas inquietações e de seus desejos. Aliás, ninguém pôde fazer um romance dizendo de início: "Vou já, já escrever um romance social". Puro engano. O romance é que emerge social, revolucionário, católico, etc., impressivelmente, como se revelasse ao escritor sua alma grafada em letra de fôrma. Bernanos, por exemplo, acha que não sou um poeta católico, o que para mim foi uma surpresa. Vi depois que ele tinha razão.

Um auto-retrato, para uma revista literária, não pôde revelar nenhuma fidelidade de espelho; no mínimo conterá acontecimentos e opiniões dispersas, principalmente para quem é, de há muito, vítima de toda sorte de pergunta jornalística. Aliás, nem tudo pôde ser dito e observado jornalisticamente. Murilo Mendes, um poeta raríssimo, exemplar, que vive poeticamente desde que nasceu, a mais explosiva reserva de poesia que já conheci, observado por cronista ou redator seria, no máximo, um sujeito muito interessante. Entretanto, quotidianamente, ele é a mais absoluta negação do quotidiano, vive jogado constantemente em uma invulgar atmosfera de poesia pura, e há mesmo quem o considere louco varrido. Portanto, mostrei apenas fragmentos de espelho, para satisfazer a pedidos. Procurei dar-lhes um tom de sinceridade, um tanto de defesa da insignificante imagem "floue, fluante".

"A Canção de Bernadette"

ROSARIO FUSCO

Copyright de LEITURA

TODA VEZ que fecho um volume traduzido, costumo perguntar a mim mesmo se a impressão da leitura não seria diversa se o lesse no original. Uma tradução confere sempre à obra original um ar de intimidade tal que, nivelando o autor de outra língua com os nossos, tira-lhe muito desse valor da cerimônia que todo livro deve conter. Agora seria o caso de se indagar se esse nivelamento representa um bem para o leitor em detrimento do autor. O prestígio do idioma, que se funda num mistério, é imenso, na verdade, e o mistério dessa diferença reside num recanto tão insondável do espírito que até hoje ninguém conseguiu explicá-lo devidamente.

Muitos autores que pude ler no original, quando, tempos depois, fui lê-los traduzidos, me deram uma impressão penosa de seus livros. O caso aconteceu, principalmente, com Flaubert.

Poderão dizer que o *Trois centes*, por exemplo, é um mero monumento pela forma e que, talvez por isso, se tenha dado o fenômeno. Mas, se há autores que resistem pelo estilo, pela existência pura do fato estético acabado, outros há que, mesmo em essência, sofrem essa depreciação inexplicável, essa interrupção do sortilégio literário na consciência do leitor, onde a obra, toda obra, se realiza necessariamente. Muitos livros nacionais, de outra parte, traduzidos, nos comunicam, também — para mostrarmos que a recíproca é verdadeira — algo de estranho, capaz de influir no nosso julgamento. Dir-se-ia que o idioma contribui, de modo inequívoco, para a aceitação ou a recusa de uma obra. Lembro-me de recente tradução de Gilberto Freyre, feita para o espanhol, e do *Jubiabá*, de Jorge Amado, em francês. O último, na língua de Racine, me pareceu pior, ao passo que o primeiro, no idioma de Cervantes, não se alterou. É possível que, aqui, tudo se tenha passado assim em virtude da natureza dos livros. Um, de estudo, de pesquisa, de conclusões sociológicas; outro, de pura invenção. Um, construído no plano da inteligência lógica, outro, no campo da imaginação sem limites. Tudo é possível invocar como explicação provisória do fenômeno, mas a verdade é que muitos livros

maus, em português, se tornam ótimos em outra língua, assim como inversamente. Não é o caso, vamos dizer logo dessa *Canção de Bernadette*, mas acredito que se eu pudesse ler o livro de Franz Werfel no original teria gostado mais. Não se pode fazer coincidir certas intenções, certas subtilezas musicais de uma língua com as de outra. Todo mundo sabe que a linguagem é um fato psicológico e a minha experiência como tradutor, mais do que qualquer outra, me autoriza a temer, hoje mais do que nunca, qualquer tradução.



Impossível não resistir à tentação de colaborar com o autor. Impossível não desobedecer à limitação que a forma nos impõe, com respeito à essência do livro traduzido. E, daí, os desajustes fatais a que se condenam, de saída, todos os autores traduzidos. Uma maneira de dizer vale, muitas vezes, por todo um capítulo. A vantagem é, quase sempre, como dizia Vieira, escrever pouco. Mas a regra aplicada às traduções é exten-

der mais. O livro de Werfel, que a editora Pongetti acaba de lançar, foge a essa regra porque é, antes de tudo, um livro que permite colaboração. Não tenho autoridade para dizer se essa colaboração se efetivou; porém, de qualquer maneira, o livro é agradável de ler-se e a poesia que varre as suas quatrocentas e poucas páginas é ponderável e eficaz. Um livro que fará leitores entusiastas, propagandistas naturais em cada pessoa que o ler. As vezes, costumo pensar que a crítica é uma inutilidade justamente por isso. A glória de Shakespeare não é uma glória forjada nas coteries dos defensores de rodapés. Em qualquer língua, a essência do pensamento do escritor inglês se mantém. Dostolevski é outro caso vivo de desafio às impropriedades e às confianças demasiadas dos tradutores. Werfel, que, espero, tenha sido traduzido cuidadosamente, pertence ao que parece a essa classe de "escritores de resistência". Pois se em português este seu romance é bom, no original deve ser ótimo. Livro que se lê, prazerosamente, como está. E que se releria, sem dúvida alguma, se estivesse mais perfeitamente redigido em vernáculo. Porque a aura que escolta a emoção de sua leitura é a mesma que emoldurou a *santidade de Bernadette*. Isto é, uma névoa de prodigioso misticismo que empresta à poesia das coisas simples essa marca de ternidade contra a qual o agnosticismo dos homens já-mais prevalecerá.

— A Canção de Bernadette —
Franz Werfel — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1943.

A FESTA DE HERCULES — A festa do trabalho, a festa de Hércules é, a partir deste momento, a festa de todos, diz Jean Guehenno. Sei muito bem que o intelectual que há em nós mesmos pensa que tem outro patrão: Prometeu, o ladrão do fogo. E podemos até mesmo nos sentir um tanto ébrios pela liberdade que constitui nosso privilégio. Mas a liberdade é bem pouca coisa enquanto não seja mais que um sonho de ideólogos. O problema da liberdade não é o problema da liberdade de nossas pequenas imaginações. É o problema dos que trabalham ao nosso redor, conosco.

Há numa lenda antiga um mito admirável: Hércules, o homem das obras menosprezadas, dos trabalhos imundos. Hércules, o doloroso, esse bastardo, esse escravo, esse herói cujas façanhas são o trabalho, a liberdade, Prometeu, o herói do pensamento, preso pelos deuses. Depositemos, como fazia Michelet, nossas obras, nossas vontades e nossos pensamentos aos pés de Hércules.

(Continuação da pág. 14)

marcante personalidade, como tipos exemplares.

O primeiro é o tipo do cineasta com formação na cinematografia intelectual. Concebe, ordena e realiza. Cada uma destas funções tem uma valorização e uma existência autônomas. Para ele não existe mais realidade que a que deseja expressar depois de abarcá-las com seu conhecimento, de captá-las mentalmente. Clair opera sobre uma realidade escolhida, limitada, criada por ele. Resultado: a realidade sobre a qual ele opera, enquanto criação intelectual,

é sempre inferior à fábula, à intenção. Recorde-se do "Milhão" e do "Viva a Liberdade!" Em Clair, mais que em outros, se nota a influência do último movimento artístico, que lhe deve a formação. E com esta formação o cinema salta violentamente, sem se apoiar em nenhuma relação de continuidade. Daí sua frieza, intelectualismo e cerebralismo que reduzem sua obra a limites estranhos à essência do cinema.

Eisenstein é, ao nosso juízo, o que mais penetrou na estranha da cinematografia. Há em sua obra a preocupação de encontrar a expressão

privativa do cinema. No "Couraçado Potemkin" a cena de repensão da esquadra é, a meu ver, o primeiro e o único que se realizou, até agora, com plenitude cinematográfica. Num instante, vê-se nela todo o processo da luta de classes, centro da intenção artística do cineasta russo. Eisenstein se esforça em captar o fenômeno fora do raio da volição do homem, sem prévia interpretação intelectual. Mas à exceção de raros pormenores, como o citado, não consegue mais que ficar em documento. E já é muito que o documento adquira nele uma categoria dramática.

As Confissões de Hitler

DIAS DA COSTA

Copyright de LEITURA

DESDE que o perigo nazista transpôs as fronteiras da Alemanha, para se derramar pelo mundo, como uma onda terrível de lama, sangue e morte, muito se tem falado na celebre "doutrina de Hitler". Até homens sérios e cultos, muitas vezes com uma ingenuidade que somente se explica por um absoluto isolamento das realidades presentes, procuraram encontrar os fundamentos teóricos em que se apoia o monstro de Berchtesgaden. Entretanto, a proporção que se vai conhecendo melhor os pormenores íntimos dessa vida que se dirigiu no sentido da construção de uma "grande Alemanha", mesmo à custa da destruição de todas as forças vivas do mundo, vai-se tendo a confirmação de que o ditador nazista, como quase todos os ditadores, jamais se guiou, por qualquer doutrina, nem já existente, nem criada por ele. Tal convicção reforça-se, sem nenhuma dúvida, no espírito de todo aquele que ler "O que Hitler me disse", de autoria do ex-nazista alemão Hermann Rauschning agora publicado em português nas "Edições dos Mundos", iniciando uma coleção que se intitula "Documentos para a história da Guerra".

Reune esse volume a reprodução fiel de uma série de conversas, nas quais Hitler, diante de seus colaboradores mais íntimos, desafiava a máscara usada diante do povo, e desvendava, aos arrancos, os seus pensamentos secretos, as suas opiniões privadas, a sua verdadeira moral política, as suas ambições de megalomaniaco desvairado.

Gozando da confiança do "fuehrer", pôde o autor, que chegou a presidente do Senado de Dantzig sob o regime nazista, reunir extratos de suas palestras com Hitler, conseguindo assim uma das documentações mais

copiosas e idôneas para a revelação total dessa figura de degenerado que é Adolf Hitler, impellido, por forças poderosas, de que ele é instrumento muitas vezes inconsciente. Sim, porque tanto este, como todos os depoimentos verídicos prestados sobre Hitler e sua ação, não fazem mais do que confirmar a verdade científica de que, mesmo os ditadores mais absolutos, os homens julgados momentaneamente condutores da história humana, nada mais são do que simples instrumentos, meros agentes das forças subterrâneas, geradoras de todas as revoluções sociais. Daí a falta de apoio doutrinário que se verifica em todas as suas ações. Eles representam a ação e jamais o pensamento. E é por isso que Marcel Ray, prefaciando a edição francesa do livro de Hermann Rauschning, afirma: "Hitler não tem doutrinas, não tem idéias secretas. Os conquistadores — sejam Alexandre, Aníbal, Tamerlão, Napoleão ou Bismarck — não criaram doutrina alguma."

No caso particular de Hitler, nem mesmo o célebre "Mein Kampf" pode ser considerado como revelação de um pensamento doutrinário. É, apenas, um programa de ação, nem sempre sincero. Mesmo porque, as verdadeiras intenções do antigo cabo de Viena jamais foram confiadas ao papel. Revelou-as aos pedaços, de acordo com o momento, nas conversas que manteve, em épocas diversas, com os seus mais íntimos logares-tenentes. Captando-as, para reuni-las posteriormente em volume, o sr. Rauschning prestou inestimável serviço aos futuros historiadores desta hora trágica do mundo.

Em verdade, há nesse livro revelações tremendas, desvendando abismos de indignidade humana, de sorcice, de degenerescência, de espírito mesquinho, de vinganças torpes, de crueldade e de horror, todo esse cortejo de ignomínias, acompanhamento obrigatório de qualquer manifestação fascista de poder. Não há dúvida que se trata de um depoimento sombrio, mas, de qualquer modo, utilíssimo, talvez indispensável. Como muito bem afirmam os editores brasileiros: "estas extraordinárias revelações mereciam ser meditadas por todos os homens, seja onde for, que tenham uma pátria, uma lei, uma moral e uma religião a defender."

Porque foram exatamente a cegueira e a má fé e, por vezes, as duas coisas reunidas, que permitiram às quadrilhas fascistas levar ao poder espécimens da qualidade de Mussolini ou de Hitler. Por isso mesmo, se não foi possível evitar a tempo a calamidade que hoje afoga o mundo em sangue e horror, torna-se cada vez mais imperativo esclarecer honestamente os povos de todo o mundo, para que jamais se repita esse crime de minorias ávidas e sem escrúpulos aleitarem monstros dessa espécie, na crença ingênua de que assim defendiam, mesmo à custa do sacrifício das maiorias, os seus interesses inconfessáveis e mesquinhos. Esqueceram-se, esses que viram nos fascismos soluções interes-

sadas, que as criaturas teem o mau hábito de se voltarem contra os seus criadores. E é o resultado desse esquecimento que o mundo está sofrendo em todos os quadrantes da terra.

Entretanto, não é olhando para o passado que se salvará o mundo. Agora cabe a todos os homens ainda não escravizados, unirem-se na luta contra o perigo comum, esquecendo, para sobreviver, todas as dissensões anteriores e todos os erros passados.

E é exatamente por isso que o sr. Hermann Rauschning, ex-nazista convicto, ex-admirador deslumbrado de Hitler, ex-colaborador dedicado do "fuehrer", tem o direito de terminar o prefácio de seu livro com as seguintes palavras:

"Hoje, o 'Monstro saiu do Abismo' e todos, sem distinção de nacionalidade, os alemães tanto ou mais do que os outros, nos devemos congregar para um só e comum esforço: remetê-lo ao Abismo".

Que assim seja, para salvação do mundo. As outras tarefas virão depois.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 10.000.000,00

Todas as operações bancárias às melhores taxas

Contas Correntes

POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de 5% a/a

PAGA E RECEBE ATE'

AS 7 HS. DA NOITE



Este livro é o grande sucesso do momento. Em todas as livrarias, Cr\$ 25,00

A Vitória pela Força Aérea

FRAN MARTINS

Copyright de LEITURA

NAO é demais afirmar que a guerra que o mundo está vivendo vai marcar uma época na história da humanidade. Tudo o que a primeira grande guerra deixou atrás de si, todas as experiências que resultaram na sangueira que há vinte anos passados correu pelo mundo, foi aproveitado pelos homens como ponto de partida para novos empreendimentos a serem executados com uma precisão matemática. Dessa maneira, a primeira grande guerra não foi uma lição: foi um exemplo. Vinte e cinco anos se gastaram a corrigir as falhas, a aprimorar os instrumentos de combate, a desenvolver os métodos que podem apresentar maiores rendimentos. Nesse período de tempo, o mundo não repousou. A ilusão de que tudo entrou em colapso é apenas para efeito externo. Na verdade, nas oficinas, nos gabinetes, nos campos de experimentação, o trabalho continuou sem tréguas, porque uma nova guerra mundial havia de surgir. Trabalhou-se em todos os materiais, inclusive na mentalidade das novas gerações. Os mais engenhosos empreendimentos foram minuciosamente estudados, para que na prática oferecessem os fins desejados. Enquanto isso, o mundo externo dormia, na esperança de que a primeira experiência tivesse mostrado suficientemente quão dolorosa, quão trágica para todos os povos fora aquela luta de quatro anos. Criaram-se sociedades pacifistas, organizaram-se cruzadas que pregavam a paz eterna. E no silêncio, os laboratórios trabalhavam. As fábricas, as organizações, os campos experimentais trabalhando. O cérebro do homem trabalhando sem cessar.

Com o deflagrar da atual guerra o mundo ficou estarecido. Quanta coisa nova, quanta coisa completamente ignorada por parte da grande massa! Guerra relâmpago, guerra de nervos, países invadidos e dominados em um abrir e fechar d'olhos, e o mundo estarecido, vendo aquilo tudo sem compreender.

Mas os técnicos não descuraram. Dos acontecimentos de todos os dias

foram extraíndo conclusões, estudando falhas e defeitos, observando com atenção os resultados práticos daquilo que silenciosamente, ocultamente foi realizado pelos aticadores da fogueira. E uma vez de posse dos dados essenciais, entraram também a fazer novos estudos que viessem melhorar as suas condições, aproveitando a experiência do inimigo.

Isso é o que nos mostra o major Alexander P. de Seversky, um veterano da outra guerra que se tornou perito em matéria de estratégia e tática de guerra aérea. Desde muito tempo vinha ele se dedicando à aviação. Em 1915 já comandava aviões russos, tendo conseguido algumas vitórias que lhe deram um lugar de destaque no exército do Czar. Terminada a guerra, foi para os Estados Unidos, continuando a empregar toda a sua atividade nas questões da aviação. Naturalizado cidadão americano, deve-se ao major de Seversky algumas das mais importantes invenções de aparelhos tendentes a melhorar os aviões de combate, inclusive a primeira mira de bomba inteiramente automática. Mas a sua melhor contribuição não foram esses melhoramentos. Foi justamente a publicação de um grande livro, cujo título se pode traduzir por "A vitória pela força aérea".

Nesse trabalho, que recebeu do público e dos técnicos do mundo inteiro os mais calorosos aplausos, o major de Seversky faz revelações sensacionais. Mostra-nos, com a autoridade que ninguém lhe pode negar, que, de to-

das as armas hoje utilizadas na guerra, a mais importante é a aviação. Mas empregar esquadrilhas de aviões para destruir o inimigo é matéria delicada. O major de Seversky, dentro da mais rigorosa imparcialidade, vai nos mostrando o que não foi feito e o que se poderá fazer para derrotar o inimigo. Não são palavras vãs, conselhos de quem deseja apenas dar um palpite. São conclusões reais, de precisão quasi matemática, filhas da observação dos fatos culminantes desta guerra, que ainda estão bem vivos na memória. Porque esta guerra também está sendo uma lição. Cada dia os técnicos vão aprendendo e é urgente levar em conta o que está sendo praticado para que os mesmos fatos não venham a se reproduzir, com resultados desastrosos para nós. E assim que o major de Seversky encara esta guerra. E fala sobre a batalha da Inglaterra, a batalha da Noruega, a batalha da ilha de Creta. Daí ele conclui que várias coisas estão sendo feitas erradas mas que é possível e fácil corrigir. Por exemplo: a força aérea que tem base em terra é muito mais eficiente que a que tem base móvel, em porta-aviões, por exemplo. Também deve haver um comando único para as forças aéreas. Aviões de forças diferentes, como por exemplo do exército e da armada, treinados de maneira diversa, visando, no seu regime experimental fins díspares, não podem combater juntos, porque os resultados que daí advirão serão mínimos, quando não desastrosos.

CARTEIRA HIPOTECÁRIA — Empréstimos a longo prazo para construção e compra de imóveis. Contratos liberais. Resgate em prestações mensais.

CARTEIRA COMERCIAL — Descontos de efeitos comerciais, warrants e contas correntes garantidas.

DEPÓSITOS — Em conta à vista e a prazo, mediante as seguintes taxas: MOVIMENT, 3% ao ano; CONTA LIMITADA, 5% ao ano; CONTA PARTICULAR, 6% ao ano; PRAZO FIXO, 1 ano, 7% ao ano, 2 anos ou mais, 7 1/2% ao ano; COM AVISO PRÉVIO de 60 dias, 4% ao ano e 90 dias, 5% ao ano; A PRAZO COM RENDA MENSAL, 1 ano, 6% ao ano; 2 anos, 7% ao ano.

SECÇÃO DE VENDA DE IMÓVEIS — Residências, Lojas e Escritórios modernos, ótimas construções no Flamengo, Avenida Atlântica, Esplanada do Castelo e outros bairros valorizados. Vendas a longo prazo, com pequena entrada inicial e o restante em parcelas mensais equivalentes ao aluguel.

**BANCO HIPOTECÁRIO
LAR BRASILEIRO**
(S. A. CRÉDITO REAL)

Sucursais: São Paulo, Santos, Bahia

R. OUVIDOR, 90 - RIO DE JANEIRO



Nossos funcionários incorporados às forças armadas — convocados ou voluntários — percebem os seus ordenados integralmente

(Continuação da pag. 9)

companheiros de trabalho havia quem se dedicasse à leitura. Disse-me que sim, e que havia emprestado "Angústia" a vários deles. Observei-lhe que era um mau hábito, esse de emprestar livros. Obtemperou-me que não. Tomando livros de empréstimo, o sujeito habituava-se à leitura e acaba freqüente de livrarias. De fato, assim é.

Aqui no Rio, as minhas pesquisas limitaram-se a alguns rapazes de bar, pois tenho amigos no comércio e no meio bancário. Os que amam a leitura já leram pelo menos um livro de Graciliano.

Eu estava satisfeito, quando devia estar furioso. E a primeira vez que um "colega" sorri cheio de contentamento ao verificar que a botica do outro "colega" está atraindo boa clientela. Mas já disse que não sou, nunca fui um homem de letras profissional.

O Último Romance de Erico

ILHERME FIGUEIREDO

Copyright de LEITURA



Erico Veríssimo

JÁ TINHA lido o último romance de Erico Veríssimo, intitulado "O resto é silêncio", quando uma seção de humorismo literário de uma revista carioca fez a maldade de insinuar que o volume do escritor gaúcho não passava de um plágio do meu "Trinta anos sem paisagem". A maldade do autor da pilhéria não permitia que eu silenciasse. Admiro muito Erico Veríssimo, não escondo o meu entusiasmo pela sua obra, e por isso mesmo não quero que uma acusação tão inverídica paire sobre esse romance humano e denso que o autor de "Música ao longe" soube fazer brotar do núcleo central de um fato sem aparente relação com as personagens.

Creio que foi por causa dessa técnica que o humorista menos avisado julgou ter motivos para distinguir um plágio em "O resto é silêncio". Porque no meu romance, as personagens se unem para julgar um fato, e porque no de Erico Veríssimo elas se aproximam, nas páginas do livro, apenas porque assistiram a um suicídio, tanto bastou para que os dois livros se aproximassem. O romancista sulino jamais precisaria de consultar livros meus para obter seus efeitos de técnica; e não deixa de ser uma pura ingenuidade supor que a adoção de uma técnica signifique precisamente um plágio. Antes de "Trinta anos sem paisagem", Erico Veríssimo já escrevera "Caminhos Cruzados",

em que usa a mesma disposição para a narrativa, ou melhor, para as narrativas. O "unanimismo" de Jules Romains que o crítico Tristão de Athayde encontrou nas minhas páginas tampouco pertencia ao autor de "Les hommes de bonne volonté". Muito antes, esse múltiplo e atordoante John dos Passos erigira o monumento que é o "Manhattan Transfer", condensação de toda a vida de uma cidade num "puzzle" de histórias que se entrecrocavam, se contradizem, e se completam. E Aldous Huxley, mais do que qualquer outro escritor, tornou conhecido o gênero, aproximando seres no espaço e no tempo, em "Point counter point" e "Eyeless in Gaza".

Se se disser que Erico Veríssimo permanece um apaixonado da técnica de Huxley, e a usa insistentemente desde que traduziu o "Contraponto" — aí está uma afirmação que apenas o filia a uma escola. E se daí partiu em busca de variantes — a primeira sendo a realização de um romance que transcorra em uma semana, a segunda a de outro que transcorra em dois dias —, isto mostra que Veríssimo, após a tentativa de regresso à tradição romântica com "Saga", preferiu voltar à juxtaposição de caracteres para sentir-lhes a sua reação diante de um mesmo fato, ou dentro de um mesmo período. Pode ser que seja prejudicial a insistência nessa técnica, porque ela distancia o romancista dessa coisa escultural que é a piedade, o amor ou o ódio que o criador vai sentindo pela personagem. E tanto isto é verdade que a gente, lendo esse último livro de Erico Veríssimo, sente faltar ali aquela aproximação com a personagem, que nos faça amar Clarissa e ter vontade de aconselhar Vasco. Fala-se muito da equidistância que Huxley mantém de seus personagens; mas estou em que muito dessa equidistância fica em que o romancista, pelo desejo de erigir figuras repletas de realidade, se esquece de amá-las. Distribua-as através de ações, nas quais lhes examine os temperamentos e as inteligências; não trata, porém, de fazê-las continuar dentro de nós *uma vida como se fosse a nossa*, como acontece, por exemplo, às personagens Copperfield, Paulo e Virgínia, Raskolnikoff, João da Eça, Rastignac, Tartarin e todas as figuras feitas de tinta que julgamos de carne e osso. O romance feito como quem joga uma inteligente partida de xadrez, com lances hábeis de posição e engenhosidades de situação, acaba com o mesmo defeito das partidas de xadrez: não inspiram amor nem piedade pelos peões, e nos deixam sempre a impressão de que a qualquer momento uma nova partida poderá ser jogada. Erico Veríssimo atira também as suas personagens para dentro das páginas com perfeição de mestre: o desembargador Ximeno, o aventureiro Norival, o casal Barreiro, o regente de orquestra e sua mulher, toda a fauna que se agita em "O resto é silêncio" é verdadeira e humana, mas de uma verdade e humanidade que nos desligam de suas vidas. Não encontra-

mos ali uma dramaticidade que acabe morando dentro de nós mesmos, como a que existe naquela bela cena do fuzilamento do italiano em "Saga". E creio que isto se deve a essa equidistância, a essa isenção de ânimo com que o romancista passou a tratar os seus títeres. Sinto-o porque também me seduz essa feição "unanimista", embora esteja certo de que qualquer repetição me levará a todos os desastres das repetições.

Onde, porém, "O resto é silêncio" se torna uma obra exemplar de análise, de finura de observação do cotidiano, é nos tipos femininos que transitam no livro. Não apenas as jovens, que com os rapazes vivem ali uma vida um tanto cinematográfica, um tanto sofisticada demais para a cidade de Porto Alegre, mas as matronas, que se movem independentes dos cordéis com que o romancista comanda a história. Marina, Livia, Linda, Verônica são retratos exemplares de mulheres, como Nora, Rita, Aurora são tipos padrões duma geração feminina nascida sob o signo de Hollywood. Referi-me à sofisticação de Porto Alegre, e esta me parece uma questão em que Erico Veríssimo vem insistindo. É claro que o ficcionista pode colocar a personagem tomando "cock-tail" de champagne, se isto lhe apraz; mas — pergunta-se — até onde o cavalheiro elegante de Porto Alegre levará o seu hábito de tomar "cock-tail" de champagne? Até onde, se nos atermos à pintura de costumes, admitirmos uma porção de requintes nessa sociedade, requintes que, descobre-se logo, pertencem à imaginação do autor, ou ao próprio autor, como é o caso da música sinfônica? Tão flagrante é o fato que Veríssimo não atentou em que uma "Tocata e fuga" de Bach, por exemplo, é uma propriedade sinfônica de Stokowski, e nunca chegaria a esses Brasis para que a regresso o maestro Bernardo Rezende. Essa hipertrofia do cosmopolitismo portoaletrense vem surgindo com alguma insistência nos romances de Erico Veríssimo. Eu, por mim, gostaria de vê-lo reatando a veracidade tão exata de Jacarecanga, ou, na cidade grande, limitando a cidade grande às proporções de pequena cidade grande que ela possui.

Densidade, unidade, coesão compacta da massa humana, tais são os característicos desse trágico e sarcástico "O resto é silêncio", em que Erico Veríssimo, impessoalizando-se dentro do livro, logrou construir um bloco da vida cidadã brasileira. Erico se afirma como o nosso grande romancista da cidade, do mesmo modo que Graciliano Ramos é o maior romancista dos aspectos rurais do nordeste. Dia a dia, parece-me, aumentam mais as qualidades de observação e de análise desse fabuloso narrador, que já nos deu alguns dos melhores romances da moderna literatura brasileira, e ainda não nos deu o melhor de toda a sua literatura.

O RESTO É SILÊNCIO... — Erico Veríssimo — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1943.

(Continuação da pág. 11)

ções que levaram a humanidade a mais esta dura e atroz encruzilhada de sua vida.

Lê-o. Lê-o com todas as suas faculdades intelectivas aguçadas e despertas. E sentirá que não há retórica nenhuma quando os homens das democracias que vão fatalmente vencer a guerra, lhe dizem que entre a fumaça desta luta de gigantes, pressentem-se desde já os albores da nova aurora que vem aí.

MARÇO DE 1943

LEITURA — 19

Perspectivas do Progresso

VALDEMAR CAVALCANTI

Copyright de LEITURA

FOI com uma exposição monumental que a cidade de Chicago assinalou a passagem do seu centenário. O objetivo dessa mostra internacional, denominada "Um Século de Progresso", foi dar ao povo uma visão sumária das conquistas do homem moderno no terreno da ciência e apontar, pelos meios mais sugestivos, os caminhos abertos pelos conhecimentos científicos em proveito da humanidade. Quarenta milhões de pessoas visitaram essa feira original, à procura de quaisquer esclarecimentos sobre a constante transformação dos estilos tradicionais de vida, ansiosas por explicações que afastassem as suas perplexidades diante dos milagres do engenho humano.

Enquanto se realizava essa exposição, verificou-se perto de Chicago um acidente aviário de consideráveis proporções. Dentro da cidade, um surto de desintéria amebiana fez 41 vítimas em 721 casos registrados só nos dois principais hotéis. E os entendidos disseram que muitas maravilhas expostas estavam incompletas ou eram insuficientes em relação às necessidades do homem. Todo espírito curioso percebeu que o muito alcançado pela ciência até então era quase nada em confronto com o que se fazia necessário alcançar no futuro. Viu, por exemplo, "que os melhores biólogos do mundo não podiam explicar satisfatoriamente o mecanismo que leva a seiva às franças de uma árvore nem qual a causa do câncer ou de um simples resfriado. Os especialistas em química orgânica não lhe puderam dizer a composição de alguns dos alimentos mais simples nem indicar-lhe um analgésico satisfatório para as dores do parto. Nem os psiquiatras nem os fisiólogos lhe puderam explicar a loucura ou a imbecilidade. Nem os fisiologistas puderam explicar os princípios fundamentais da simples contração muscular que lhe permitia caminhar pelos terrenos da exposição. Os físicos pretendiam mostrar as propriedades irradiantes da matéria e nada disseram de positivo sobre as possibilidades materiais da radiação".

Diante de tudo isso, um escritor norte-americano, C. C. Furnas, resolveu-se a escrever um livro, não sobre as descobertas científicas a que a feira de Chicago deu um relevo espetacular, mas sobre descobertas que ainda não foram feitas e das quais depende, entretanto, o verdadeiro progresso, nos vários campos da atividade humana. Livro, como se vê, de palpitante interesse, que nos dá a perfeita noção dos "assuntos inacabados da ciência" e também a certeza de que a solução de tantos enigmas de hoje tornará melhor o mundo de amanhã e o homem mais feliz.

Nesse livro — *Os próximos cem anos* — "há alguma experiência, considerável investigação pessoal, grande copia de leituras, muita conversação e um certo grau de especulação". Para escrevê-lo, o autor que se confessa um estudioso interessado em todos os setores do conhecimento, ob-

teve o depoimento dos especialistas em cada assunto, realizou estudos especiais e fez um esforço apreciável de "mastigação", tudo sem perder de vista os aspectos sociológicos de todas as questões postas em foco. Assim, examinou sob um ângulo pessoal e tornou acessíveis ao leitor médio temas de biologia, química, física e engenharia, para terminar apontando as consequências sociais das descobertas científicas.

O que torna particularmente agradável a leitura dessa obra de vulgarização é o seu tom natural e nada dogmático. Furnas dissolve todos os problemas técnicos em água fria e transforma certos "mistérios da natureza" em modestas charadinhas de almanaque. Ele sabe evitar todo luxo de erudição e o aparato de terminologia técnica, sem com isso tornar imprecisa ou vulgar a sua prosa. E podem-se incluir entre as suas melhores qualidades o senso do humor e o gosto do pitoresco, que dão às suas páginas um vivo traço pessoal. Se fosse preciso citar um exemplo, citaria o capítulo dedicado aos insetos. Em meio a uma série de informações de varia natureza, diz ele, a certa altura, que os insetos, nos Estados Unidos, são considerados úteis porque "polinizam nossas flores por seu trabalho (sic) matizam a paisagem com uns tons de colorido e de beleza, fazem desaparecer os detritos animais, adoçam nossa vida com o mel", e também porque propõem-nam "empregos permanentes para os inspetores do governo, exemplos de diligência e persistência, ótimas iscas para os pescadores, pulgas amestradas para os circos, alguma coisa para tornar os cães espertos". Uma delícia de "boutade", evidentemente. Com isso é que Furnas consegue desolennizar os assuntos, arejá-los e até humanizá-los à sua maneira. Outra coisa a notar é o tratamento especial que ele dá às estatísticas, utilizadas sempre com o máximo de discrição e sob aspectos originais.

Sallentando, embora, que o novo da ciência mal começou a desenvolver-se, Furnas coloca-se entre os que desejam o pleno desenvolvimento das atividades científicas, sem os entraves que tantas vezes lhes opõem os interesses, os preconceitos ou a ignorância. Ele sabe que a ciência e a técnica não complicaram a vida, como há quem pense; a vida, com o correr dos tempos, é que se tornou complexa por si mesma, e mais densa e mais exigente. A máquina, se piorou as condições de existência do homem no mundo moderno, é porque não tem sido convenientemente aproveitada, nas mãos dos que a monopolizaram e a colocaram a serviço do seu egoísmo e da sua fartura. É certo que a ciência e a técnica trouxeram perturbações, alteraram fundamentalmente o ritmo e a fisionomia da vida social. Mas perturbações e alterações dessa natureza sempre se verificaram, em todos os tempos, independentemente das inovações impostas pelo progresso.

A idéia que justamente nos deixa a leitura desse livro de C. C. Furnas é a de que a ciência não tem marchado a passos tão lentos como se diz. O proveito que dela vimos tirando é que tem sido mínimo, e isso porque, em grande parte dos casos, as descobertas científicas, no mundo de hoje, não aproveitam a todos nem ao maior número. Muitas maravilhas do conhecimento humano constituem privilégio de uma minoria, e com elas não lucram, em vários sentidos, as classes menos favorecidas, que por sinal às vezes contribuem, direta ou indiretamente, para certas invenções ou descobertas. No dia em que os benefícios de tantas pesquisas científicas forem equitativamente distribuídos por todos, sem distinções de qualquer espécie, dentro do critério da igualdade de oportunidades, então esse pouco alcançado até hoje pela ciência será bastante e dará melhor a medida do progresso.

A Vida de Timoshenko

HERRERA FILHO

Copyright de LEITURA

A EDITORA Novidades, nova entidade editorial, estreou com um livro pleno de interesse e atualidade. Trata-se da biografia do marechal Timoshenko, de Clemente Cimorra. A biografia do marechal soviético vem satisfazer a grande curiosidade que entre nós havia sobre o passado e o presente dessa vida singular, desse personagem que tão surpreendente se revela no drama da guerra.

Timoshenko nasceu de camponeses, em Furmanka, vilarejo da Bessarábia, e entrou no caminho da História quando o Czar mobilizou a juventude dos campos para atirá-la contra o poderoso exér-

cito do kaiser. Nesta biografia vemos-lo crescer à medida que a revolução ganhava terreno no vasto império czarista e sobressair na luta dos soviéticos contra os russos brancos e os exércitos da intervenção.

Clemente Cimorra conta-nos os episódios salientes da carreira de Timoshenko, mantendo na sua prosa uma sobriedade de conceitos e uma imparcialidade meritórias. O autor limita-se ao papel de narrador, preocupado apenas com o gênio e a figura de seu biografado, embora, como não poderia deixar de ser, se veja, em certos episódios,

(Continua na página 41)

MARÇO DE 1943

Literatura de Guerra

FRITZ TEIXEIRA DE SALES

Copyright de LEITURA

O VELHO e tão irritado Arthur Schopenhauer, que tanta habilidade literária soube ter, equivocou-se quase sempre a muitos propósitos — porém, principalmente ao afirmar, como é sabido, que seria necessária a presença do Mal como coisa em si, para que pudessemos conceituar o Bem, sentindo-o não só em nós, como também na dança universal dos eternos valores. Ao primeiro lance de vista, tal observação se nos depara com grande cunho de verdade; entretanto, ao analisarmos mais penetrantemente o problema, veremos logo que tanto o bem como o mal não existem como coisas em si, ou como conceitos absolutos — mas que pelo contrário, surgem e vivem sempre mesclados um ao outro, tornando-se-nos, amiúdo, impossível uma segura delimitação das suas fronteiras. E' difícil encontrar-se um fato completamente mau ou completamente bom. Des'a natural promiscuidade e como consequência direta dela, poderíamos apontar várias outros conceitos e até mesmo teorias inteiras, tais como a teoria do menor mal ou ainda a teoria que afirma ser o fim, quando bom, uma justificativa do meio por mais pecaminoso que este tenha sido. Não cabe aqui, porém, uma dissertação filosófica sobre o velho tema, mas simplesmente focalizar um benefício que a mais terrível hecatombe da História — a guerra atual — está proporcionando ao nosso país.

Infelizmente, somos um povo que para tomar conhecimento de um livro clássico da importância de *Guerra e Paz*, de Tolstói, foi necessário, no mínimo, que o mundo se ensanguentasse e se despedaçasse em a mais profunda guerra de vida e de morte que a humanidade registra em seus tão pitorescos anais. Disto não se conclui como poderia supor algum incauto e afoito leitor, destes tão contraditórios entre nós — que a guerra européia só aconteceu para abalar o marasmo intelectual do Brasil; pelo contrário, causaram este segundo conflito mundial, fatores históricos-econômicos estranhos não só à cultura em geral, como também ao Brasil, (por exemplo, o choque dos dois imperialismos, e, depois, o ataque do imperialismo alemão à U. R. S. S.), mas, por ser estranho a estes fatores, o nosso país não deixa de sofrer algumas das suas influências decisivas de maneira muito forte. Uma das maiores entre estas é o despertar da massa. Assim como na Índia, também no Brasil a guerra provocou uma gigantesca queda do pau de boia que revelou ao nosso povo mil verdades encobertas, até então, por interesse tendenciosos, pela propaganda nazifascista, que continua, apesar de desmascarada em parte, a sua tática de envolvimento.

Ocupa lugar destacado nesta revelação do povo brasileiro, o aparecimento de alguns livros que tratam de política internacional e cujo característico essencial é a documentação objetiva, a análise penetrante a honestidade experimental com que abor-

dam os principais acontecimentos dos tempos hodiernos. Observa-se claramente, no seio do povo, um formidável movimento de esclarecimento da consciência política, uma ironia irreverente contra os dogmas impostos até há pouco, como verdades, pois que lhe haviam sido apresentados como tal pela 5.ª coluna através da técnica científica da propaganda; por outro lado, é visível o desenvolvimento cada vez maior, no pensamento popular, de uma admiração profunda e sincera pela impressionante vitória dos ideais libertários da humanidade, tidos, até então, como tabús subversivos.



O conceito de democracia se alarga e se aprofunda no sub-consciente coletivo em sua ampla e concreta concepção. E, para isso, tem colaborado enormemente as grandes obras como o *Guerra e Paz*, de Tolstói.

Em outro plano, menos profundo que este clima genial do grande Tolstói, e talvez de maior oportunidade política, destacam-se três livros, entre tantos que tem sido publicados sobre o assunto guerra, de especial importância. Os dois primeiros são: *A Derrocada de uma Nação*, de André Simoni e *Dias Decisivos* — (A defesa das Américas), de André Chéradame (Atlântica Editora - Rio, 1941), e o terceiro é *A Resistência Russa*, de Maurício Hindus (Editorial Calvino Limitada - Rio, 1943).

Chéradame, jornalista francês exilado no Canadá, é um grande especialista internacional, conhecedor da técnica nazista em todos os seus diabólicos detalhes e análise percutiente o objetivo da vida política da Europa que antecedeu à última grande vitória ocidental alemã. Por ele e através da sua impressionante documentação, chegamos a saber, por

exemplo, que a Alemanha pediu o armistício de 1918, exclusivamente para se reorganizar afim de escravizar o mundo; que conseguiu este armistício unicamente pelo pavor que Clemenceau, Loyde George e os generais aliados — tinham que se repetisse, em seus países, revolução russa de 1917. Os alemães convenceram aqueles emigrantes estadistas que se continuassem a guerra, cairiam fatalmente nas mãos "dos terríveis bolcheviques" e, por este motivo, deviam não só fazer a paz, mas também lhe fornecer os recursos econômicos e as armas para que ela pudesse exterminar a França e a Inglaterra em um futuro próximo. Isto está provado por fatos. E foi assim que chegamos ao assassinato de Barthout, ministro do exterior da França, assassinado por não achar que este país devia se transformar em colônia alemã. Outro grande escândalo revelado ao mundo por este livro utilíssimo, é a venda de armamentos que Chamberlain fez à Alemanha e à Itália, para que o nazismo ocupasse a França e atacasse a Inglaterra. E aqui cabe-nos interessante consideração: se a Inglaterra não possuía armamentos para fazer a guerra — como fez constar — nunca lhe faltou esses armamentos para vendê-los à Alemanha e Itália. Estabelece Chéradame, baseado em documentos incontestáveis, a diferença que os alemães fazem entre a guerra invisível e a guerra de superfície; a guerra invisível é a feição mais importante da concepção bélica alemã e deve ser bastante conhecida por nós brasileiros, pois tem sido amplamente praticada no Brasil; consiste na ação corrosiva e destrutiva da 5.ª coluna, como se deu na França. Também André Simoni trata da queda deste país, apresentando aspectos sensacionais da delinqüência moral e cívica da França de Laval e Petain, esclarecendo-nos grandemente contra o perigo da fascitização das consciências, fascitização que nem sempre se revela através das camisas coloridas, mas que procura sempre se fantasiar com o manto diáfano de um pseudo-nacionalismo, ou se arvorar em inimigo de um extremismo inexistente a não ser em seus intuitos corrosivos. O conceito da ordem dos fascistas, (não só dos fascistas de partido, mas de toda mentalidade fascitizante), é muito parecido com o conceito romano da ordem, para usar um exemplo histórico. A concepção da "nova ordem" nada mais é que uma tentativa retardada de reproduzir no mundo a chamada "paz romana", um dos períodos históricos mais rigorosamente fascistas que o mundo já conheceu.

Revelando, com honestidade sincera, vários detalhes da organização do exército russo, de sua admirável disciplina democrática e até mesmo da vida dos russos, esta obra desmente, indiretamente, todos aqueles romances fantásticos tão amplamente espalhados pelo mundo, pela propaganda nazi-fascista, para a desmoralização dos ideais democráticos dos povos hoje irmanados na grande luta universal pela liberdade.

Últimas Edições

DOS IRMAOS PONGETTI
EDITORES:

COM UM PÊ NO CEU, de Hartzell Spence, a biografia de um pastor metodista, escrita por seu filho, notável jornalista norte-americano. Tradução de Sodré Viana.

ALMAS PENADAS, romance do escritor gaúcho Pedro R. Wayne, com ilustrações de Carlos Scliar e capa do autor.

SACRIFICIO DE FABIANO, romance de Jaime Cardoso. História bem desenvolvida, bem contada e bem escrita.

Da LIVRARIA MARTINS
EDITORA, de S. Paulo:

O PENSAMENTO VIVO DE TOLSTOI, apresentado por Stefan Zweig, tradução de Lígia Autran Rodrigues para a "Biblioteca do Pensamento vivo". Como os demais livros dessa excelente coleção, que aparece simultaneamente em quinze países, este volume de Stefan Zweig é ensaio, é biografia e é seleção de textos da obra do grande Leão Nikolaevitch Tolstói.

A PINTURA NORTE-AMERICANA, bosquejo da evolução da pintura nos E. E. U. U., escrito pelo romancista e crítico paulista Sérgio Milliet. É mais do que uma tentativa "para apresentar esboço rapidíssimo da pintura norte-americana", mas um trabalho de interpretação, análise e divulgação que satisfaz perfeitamente à natural curiosidade dos leitores, sobretudo daqueles cuja bolsa não lhes permite comprar alguns livros da bibliografia que Sérgio Milliet recomenda. É a sua autoridade e experiência. Edição ilustrada, papel bom e a marca inconfundível de uma das mais bem orientadas editoras do país.

A MORENINHA, a grande obra romântica e decididamente imortal de Joaquim Manuel de Macedo aparece na coleção "Excelsior", que é outra das felizes e procuradas coleções da Livraria Martins.

SINTESE DO DESENVOLVIMENTO LITERARIO NO BRASIL, de Nelson Werneck Sodré, é um ensaio de inter-

pretação e de crítica dos mais felizes que se tem feito ultimamente no Brasil sobre o movimento literário. Inicia a coleção "Mosaico", que promete ensaios tão bons e concientes como o de Nelson Werneck Sodré. Graficamente, é um volume apresentado com um bom gosto digno de referência.

TERRA & CIFRAO, de Humberto Bastos, estuda as reservas do Brasil, os planos econômicos para o seu aproveitamento, a política da produção, o problema da borracha, etc. Completa o volume uma síntese das idéias expendidas pelo escritor.

Da CASA EDITORA VECCPI
LIMITADA:

A ALMA DO MEDICO, de autoria do Dr. René Dumesnil, traduzido por Flavio Goulart de Andrade. Uma excelente obra sobre as experiências do médico; a formação moral do médico; psicologia médica; medicina e humanismo; grandezas e misérias da profissão; especialização médica, etc.

MARTINS SOARES MORENO, o "guerreiro branco" imortalizado por José de Alencar, é biografiado agora por Hektor Marçal. Excelente contribuição para o conhecimento dos primeiros tempos do Brasil-colônia.

TORMENTA SOBRE A CIDADADE, romance de Máximo Gorki, traduzido por J. da Cunha Borges. Tipos rudes e humanos à melhor maneira do grande romancista russo, movimentados com vigor, realismo, dramaticidade.

MACAU, INFERNO DO JOGO, romance de Maurice Dekobra, traduzido por Abelardo Romero. Como todos os romances de Dekobra, este romance significa mulheres belas e paixões desenfreadas.

Da EDITORA PANAMERICANA (EPASA):

ESQUADRAO 303, de Arkady Fiedler, traduzido por Japi Freire, com um prefácio de Mario Martins relembrando os dias passados em Londres e explicando o significado e as emoções que este livro encerra para o leitor. A história, as lutas, os feitos do ES-

QUADRAO 303, constituído de aviadores poloneses dispostos a tudo, e principalmente, a vingar a sua pátria.

Da LIVRARIA JOSE OLIMPIO EDITORA:

ELES ESPERARAM HITLER, do jornalista Joaquim Ferreira, que esteve recentemente na Inglaterra. Um depoimento muito significativo da vida atual na Grã Bretanha. As grandezas e misérias da "brita"; Mrs. Miniver em Guerra; os ingleses são humanos; a Europa em Londres; o que pensa o povo inglês, etc. Joaquim Ferreira descreve simplesmente as suas impressões, as entrevistas com Churchill, De Gaulle, Sikorski, Wulke e outros líderes democráticos, assim como as palestras com a gente do povo, com escritores, poetas, jornalistas, artistas e romancistas. É um depoimento que se lê com esse prazer que somente os livros sinceros despertam.

O MEDITERRANEO, de Emil Ludwig. Livro oportuníssimo, escrito por um grande escritor e biógrafo.

PUBLICAÇÃO DO INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL:

OS HOLANDESES NO BRASIL, de Jan Andries Moerbeek, traduzido pelo Rev. Pde. Fr. Agostinho Keijzers, O.C. e José Honório Rodrigues que escreveu o prefácio, as notas e a bibliografia. "Motivos porque a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar tirar ao Rei da Espanha a terra do Brasil. Amsterdam, 1624". Conforme escreve José Honório Rodrigues, eis um documento que não foi aproveitado pelos historiadores do período holandês. O autor, ao estudar as razões da conquista do Brasil, frizou, especialmente, a atração que exercia o açúcar.

Da SOCIEDADE EDITORA PANORAMA:

UM TEMA E TRES OBRAS, de Genésio Pereira Filho. Um curioso estudo comparativo entre "Rebeca", "A Sucessora" e "Encarnação". O autor fez um bom trabalho de cultura e de crítica.

Da ATLANTICA EDITORA:

OS ITALIANOS COMO REALMENTE SÃO, do conde Sforza que é, atualmente (Continua à pag. 41)

MARÇO DE 1943

O que eu vi nas Vitruinas

— VAMOS olhar primeiro as vitruinas de algumas livrarias. — Mas você me disse que iríamos diretamente ao cinema, não foi? — As vitruinas estão em nosso caminho, criatura. — Está certo, mas você ainda me paga — e ela apertou-me no braço, com raiva, fazendo "boicinho" para ver se me cavia.

Passamos primeiro diante da "Civilização Brasileira" e meus olhos se detiveram em vários livros do momento, mas viram, sobretudo, "A Aculturação Negra no Brasil", do mestre Artur Ramos e "Los cuadernos de Malte Laurids Brigge", de Rilke. — Há três anos que eu andava procurando este livro. — Qual? — Aquele todo de branco, em espanhol... — Presta mesmo? — Presta, ignorante. — Pois eu prefiro este daí... — e ela apontou para um volume de "Com um pé no céu", acrescentando: — Assistiremos esse filme, não é? — Não sei ainda, este livro de Rilke é de uma beleza... Escute: "Senhor, daí a cada um a sua morte própria, uma morte que derive da vida e na qual houve amor, compreensão e desinteresse, pois somos apenas casca e folha". Rilke teve a sua morte própria. Ele se feriu com um espinho quando apanhava flores para oferecer a uma amiga que o ia visitar. Veio a infecção, mas o poeta negou-se a tomar injeções: "Não; deixem-me morrer de minha própria morte. Não quero a morte dos médicos". — E morreu? — Morreu como queria: morreu de sua própria morte... — Literato! — Eu sabia que você ia dizer isso. — O livro dele é também assim? Prefiro o "Com um pé no céu"... você compra um para mim, compra? — Vou saber se o Pongetti já mandou um para a redação. — Assim não vale, quero um comprado. Você me disse a mesma coisa quando eu lhe pedi "Vales Profundos". — Bem que lhe dei "O Fogo Sagrado", que é um bom romance, não se lembra? Também lhe dei o "Guerra e Paz" e o "Angústia" que o Graciliano Ramos autografou. Toda semana lhe dou três ou mais livros, assim também já é demais, você anda cada vez mais cara. Vou procurar outra...

Ela sorriu, ajeitou o cabelo e arrastou-me até a vitruina de "Livros de Portugal", onde vi "O que Hitler me disse", de Rauschning, e outras edições que não tive tempo de observar.

— Já começou a sessão das quatro, meu bem. Vamos. Segunda-feira você olha as vitruinas e poderá folhear todos os livros do mundo, mas hoje você me prometeu levar ao cinema. Vamos logo... — Não amasse a manga de meu palitô! — e dei dois passos, onde me vi diante das vitruinas da "Livraria José Olimpio". Muitas edições inglesas e americanas, "O Mediterrâneo", de Emil Ludwig, "As memórias", de Maria Grã-Duquesa da Rússia, e o excelente livro de Helena Morley, "Minha vida

de menina". — Você me prometeu também as "Confissões de Moll Flanders". — Prometi mesmo? Idiota... — Prometeu, sim; vive prometendo, mas agora não me importa, estou louco para ir ao cinema. — Qual o filme? — "Com um pé no céu"... — Pois eu quero assistir os "Boêmios Errantes". O romance é ótimo. — Não vou por que não gosto daquele artista — John Garfield; ele é tão tolo, olha para as mulheres assim com um desprezo. — Vamos logo! — Espere. Olhe ali o livro do Joaquim Ferreira. — Já saiu? — Está ali ao lado do de Helena Morley. — Vou pedir um ao Ferreira. — Pidona. — Não escuto, mas vamos logo que está passando da hora.

Na sucursal da "Livraria Freitas Bastos" eu vi "A Filha do Capitão", de Puchkin, vendido a dois cruzeiros. Entrei, comprei um volume, sai e apressamos os passos. Nas vitruinas da "Livraria Odeon", edições inglesas, brasileiras

e principalmente argentinas; vi o "Disparadero Espanhol" e "Detrás de la Cruz", de Bergamin, e uma edição de Juan Quirós maravilhoso poema que "Platero y yo", de Juan Ramón Jiménez, assim como as "Poesias" de Rafael Alberti. ("Negro, da la mano al blanco; blanco, da la mano al negro; dadle já, dadle já!") Quis entrar, quis folhear o "Paralelo 42", de John dos Passos, quis saber o preço da "Formação do Brasil Contemporâneo" de Caio Prado Junior, mas a criatura deu-me um beliscão, protestou com veemência e levou-me para a Cinelândia, onde ficou indecisa na escolha dos filmes. — "Boêmios Errantes" é um bom romance, disse-lhe. — "Com um pé no céu" é melhor, respondeu-me, teimosa.

Mas um casal nosso amigo nos levou a assistir o "Bambi". Fomos, de graça. "Boêmios Errantes" talvez fosse melhor...

EDVALDO

Sou um Homem ou um Monstro?

LUCIO CARDOSO

Copyright de LEITURA

O ACASO colocou em minhas mãos, nestes últimos dias, dois livros aos quais o cinema garantiu uma repentina e vasta popularidade: "Drácula", de Bram Stoker e "Frankenstein", de Mary W. Shelley. O primeiro, em tradução francesa, e o segundo, em edição brasileira da Editora Universitária, São Paulo. Ora, confesso que a minha curiosidade pelos dois volumes foi muito grande desde o início, não só porque tenho uma especial predileção pelos livros desse gênero, como pela celebridade de que hoje gozam as duas narrativas. "Drácula",

que vimos no cinema encarnado por Bela Lugosi (creio que foi um dos seus primeiros filmes) consta de um Diário e de algumas cartas, passando-se tudo na Bucovina, onde a lenda garante a existência de um conde com aquele nome e a de outros vampiros suplementares. Estamos aqui em plena atmosfera do terror: carros velhos, cenários em sombra e crepúsculos carregados de bizarros pressentimentos, morcegos gigantes, cemitérios violados, ramalhinhos de arruda para afugentar os máis espíritos, castelos sinistros, enfim, todo o material do horror que o cinema vem estragando sistematicamente há tanto tempo. A narrativa de Bram Stoker é realmente emocionante, e o terror real, ante a metamorfose que atravessam as vítimas de Drácula.

Não sei o que dizer do livro de Mary Shelley. Produto direto do romantismo alemão, este romantismo que inundou a Europa e o mundo inteiro com três enormes vagas de poetas, videntes, santos, farçantes e romancistas fantásticos, a própria autora não nos esconde a origem da sua ficção. "Frankenstein" é um neto de Hoffmann, Achin von Arnin ou Ludwig Tieck. Tudo nele foi criado para transportar o leitor a um mundo próprio, diferente deste em que vivemos, povoado por autênticos duendes. Ora, primeiro erro a meu ver, pois um dos grandes interesses do romance fantástico é a semelhança com o nosso próprio mundo. Mas Mary Shelley, apesar de ser esposa de um grande poeta, esqueceu de transmitir ao seu livro esse sopro de poesia que varre por exemplo as tremendas histórias de Arnin. Não há em "Frankenstein" o que é tão comum ao autor de "Her-



Frankenstein

(Continua à pág. 35)



ANTONIO GONÇALVES DIAS

"Depois, erguendo o esquelado cadáver
Sobre a cabeça, horrendamente belo,
Nos seus olhos, ensanguentado e torpe."
"OS TIMBIRAS" - Canto Buneiro



No sítio Boa Vista, distante 14 leguas de Caxias, Maranhão, nasce o grande poeta nacional Antonio Gonçalves Dias, no dia 10 de agosto de 1823. O seu pai é o comerciante português João Manuel Gonçalves Dias, e sua mãe a mestiça Vicência Mendes Perreira, que vivia maritalmente com aquele. Em 1829, porém, um casamento interrompe aquela felicidade. D. Adelaide Ramos de Almeida se casa com o lugar de Vicência, legalmente. E Antonio, aos seis anos incompletos, é arrancado dos braços de sua mãe para viver em companhia do novo casal. Com 7 anos de idade aprende tudo que sabe o seu professor e, aos 10 anos, vai ajudar o pai no comércio. Constatando que a vocação do filho é a das letras, pois tudo aprende com facilidade, chegando a dominar o francês e o latim aos 12 anos, João Manuel resolve, em 1837, embarcar para Portugal, levando o filho para Coimbra, ao mesmo tempo em que procurava restabelecer a sua saúde. Antonio Gonçalves Dias deixa a sua terra natal, pela primeira vez, aos 14 anos com o sonho de ser bacharel pela famosa Universidade de Coimbra, sonho que realiza.



Vivia Antonio, em Coimbra, retraído e dedicado inteiramente aos seus estudos. Ao chegar lá a notícia da aclamação de Pedro II à imperador do Brasil, Antonio recitou para os seus colegas de Universidade uma poesia de sua autoria alusiva a aquele acontecimento. Os aplausos que recebeu naquele momento marcaram o início de seu magnífico destino de poeta. Viveu vários anos em Coimbra, dedicando-os às suas obras e amores pouco felizes.

Durante esse tempo adquiriu grande fama. Tinha grandes amigos e admiradores. Regressando ao Brasil veio diretamente a Rio de Janeiro. Aqui as suas obras também lhe deram a popularidade merecida. Foi professor e jornalista. Compôs e escreveu "Os Timbiras" e "Leonor de Mendonça". Publicou "Segundos Cantos" e as "Sextilhas do Frei Antonio". Escreveu ainda "Últimos Cantos", "Brasil Oceania" e "Boabdil". Surgido em plena época romântica seu lirismo o colocava entre os primeiros autores da língua portuguesa. Conhecedor de latim, italiano, alemão, inglês e francês, as literaturas destes idiomas não tinham segredo para ele.

Em missão ao norte do país conheceu a Ana Amelia Perreira do Valle. Subitamente os dois se enamoraram, porém os pais da moça não permitiram que esta se casasse com um mestiço. Para esquecer a mulher que tanto amava casou-se com Olívia da Costa, mulher cuarentona e marta pela tuberculose que converteu a sua vida num inferno até forçá-lo a separação.

DIAS

no Prémiant



Algum tempo depois Antonio Gonçalves Dias vai ao Ceará, chefiando uma missão científica, e em seguida ao Amazonas. Cansado por anos de intenso trabalho, suas energias estão quase esgotadas. Os desgostos e as molestias contraindas naquelas regiões se converteram em grave enfermidade. Contra sua vontade levaram-no a Europa para curar-se. Por uma casualidade o supõem morto durante a viagem e todo o Brasil prestou-lhe homenagens fúnebres. Pouco depois recebem-se noticias suas da Europa.



Presentindo a inutilidade daquela viagem, quis regressar para morrer na pátria. Essa viagem foi trágica. Não tinha forças nem para falar. Vivia de água apicada. Ao entrar no porto de São Luiz o navio em que viajara encalhou num banco de areia e afundou. Gonçalves Dias, esquecido no seu camarote, sem forças para salvar-se morreu afogado. Entretanto, as praias do Maranhão receberam o cadáver do seu poeta.

Calunga, Miséria e Solidão

POETA, romancista, pintor e ensaísta, Jorge de Lima se destaca pela sua contribuição à moderna literatura brasileira. Escreveu "Calunga", por exemplo, que é uma feliz realização romanesca, o relato doloroso de uma luta trágica entre o homem e a terra nordestina, focalizando o drama numa região de lagoas e canais, onde a febre dizima crianças, onde o barro constitui alimento e as cidades são abrigos de sub-alimentados e de doentes. Os pescadores procuram na lama o "sururu" que os alimenta e, na cachanga, a ilusão de fuga. Mas um filho pródigo da região tenta aproveitar a terra viscosa da Ilha Santa Rita com uma criação de carneiros. O barro exigente repele esse sonho. A terra só prestava para a criação de porcos: e surge então, como produto ocasional desse Nordeste povoado de mistérios e de misticismos, a figura de Lula Bernardo que procura assegurar a firmeza de seu sonho. Mas o governo estava em mãos torpes, a geografia dominava os homens, o barro parecia ser o pão de todos. E o "calunga" — um sorvedouro localizado no meio da lagoa que jamais deixará alguém passar sobre ele, devora finalmente o sonho de Lula Bernardo e ele próprio.

SERÁ REEDITADO PELA "ALBA EDITORA"

LEITURA, posta ao par de que a ALBA EDITORA vai lançar uma segunda edição de "Calunga", procurou ouvir o poeta e romancista Jorge de Lima.

— Eu já tive oportunidade de dizer que "Calunga" é história do homem que come a terra e da terra que come o homem — disse o escritor Jorge de Lima. — Realmente, é este o seu verdadeiro significado. Muitos críticos pensam que Lula Bernardo é a principal personagem de meu livro, porém isso é engano. A personagem principal de "Calunga" é a terra dos canais e lagoas da região onde nasci. E' viva como qualquer figura de romance. A natureza inimiga do homem, que o mata aos poucos, em sua impressionante foma de vidas, é um ser vivíssimo. Há vida nos coqueiros que jamais cessam de se curvar ao sopro do vento, como exímios bailarinos, há vida em árvores que se assemelham aos poderosos tentáculos de polvos, há vida nesse vento de Alagoas que ainda

hoje parece dormir em meus ouvidos, arrastando atrás de si a destruição e a febre, reduzindo a pó as humildes palhoças dos habitantes da região. As dunas, ora aqui, ora acolá, escravas submissas da ventania, dão uma impressão de vida com os seus estranhos movimentos emigratórios. E por fim, o homem, que é uma personagem de menor valor junto dessa terra cheia de visco, procura nela o pão nosso de cada dia, que é o sururu escondido na lama ou o barro.

FOME, MORTE, MISÉRIA E SOLIDÃO

— Minha intenção, ao escrever essa história que ainda hoje tanto me agrada, e constitui um dos livros mais queridos de minha obra, foi lembrar que há uma terra em Alagoas completamente ignorada dos homens, uma terra em que há fome, morte, miséria e solidão. Nela, eu narro a volta de Lula Bernardo às pagas nativas, o seu sonho impossível, a escravização do homem pelo próprio homem, a hostilidade dos elementos. Quando

Lula, coagido pelo seu inimigo Totó de Canindé, busca auxílio do governo, o que encontra são prostitutas que prometem auxiliá-lo, pois representam, indiretamente, esse governo. Não há hospitais para os pescadores. Não há coisa nenhuma para essas pobres almas mergulhadas na escuridão do mundo. Creio que, em todo o Nordeste brasileiro, os párias de minha terra representam uma legião bem estranha, e que possui os seus acentos de grandeza trágica.

HA APENAS O CALUNGA

— Enfim, meu amigo, — concluiu Jorge de Lima — nessa terra onde Lula Bernardo realizou sua aventura, não há nada que se destaque pela sua comunhão com os ideais humanos, com a compreensão cristã da pessoa humana. O que há é o calunga, vórtice no meio da lagoa, que sorve tudo que passa sobre ele. Há apenas o calunga, que intenta libertar os homens da fome, da febre, da miséria e da ignomínia, expressões violentas de uma sociedade que persiste inutilmente em eternizar-se.

Um recanto delicioso
para os homens de espírito...

A TOCA DO LEME

Aperitivos estonteantes preparados por verdadeiros mestres na arte do cock-tail. Coquinho da Baía, o aperitivo que dá inspiração...

SORVETES — FRIOS — BATIDAS

Entregas a domicílio

(GUSTAVO SAMPAIO, 39-A) — LEME

Tel: 47-0343

Como
leitor

O matutino de mais amplo noticiário local, nacional e internacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de maior tiragem no Distrito Federal, 41.000 exemplares nos dias úteis e 65.000 aos domingos.

Uma História da Música

LUIS HEITOR

Copyright de LEITURA

O PEQUENO volume que Guilherme Figueiredo nos deu, em 1942, editado pela Casa do Estudante do Brasil, não teve a merecida repercussão nos arrais da nossa crítica. Por um lado é possível que os nossos Sainte-Beuves não se sentissem muito à vontade com essa incursão pelo terreno das letras musicológicas; e razão não deixam de ter, dado o caráter excepcional que assumem publicações como essa na bibliografia brasileira. Por outro lado, a única revista especializada publicada no Rio de Janeiro, a *Revista Brasileira de Música*, deixou de circular, em 1942, por obra e graça da Congregação de Professores da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, que com essa patriótica e progressista medida se fez merecedora de um registro, na próxima edição do livro de Guilherme Figueiredo... Sem revista especializada, pois, e sem críticos afiados, fez-se um certo silêncio em torno desse volumezinho que não apenas pela sua raridade é digno do nosso apreço.

No Brasil, obras sobre história geral da Música, temos até hoje somente quatro: a de A. de Rezende Martins (1926), a de Mário de Andrade (quatro edições, de 1929 a 1942), a de Margaret Steward & Francisco Mignone (2 vols., 1935) e a de Carlos Torres Pastorino (duas edições, 1938 e 1941). Dessas obras, como desenvolvimento, nenhuma pode competir com a de Guilherme Figueiredo; nem mesmo, sob certos aspectos, a de Mário de Andrade, que é mais filosófica, mais conclusiva, porém menos pitoresca e menos informada, quanto aos detalhes.

Se quiséssemos continuar as comparações entre a *Pequena História da Música* de Mário de Andrade e a *Miniatura* de Guilherme Figueiredo,

poderíamos notar ainda que a primeira é, evidentemente, a obra de um musicólogo esclarecido, concentrada, homeopática, destinada à divulgação. A segunda surge-nos, antes, como obra de um escritor afeiçoado à música e desejoso de que seus leitores participem desse cul'o que tantas satisfações lhe tem trazido. O pouco desenvolvimento dado aos períodos pré-clássicos evidencia o caráter não musicológico da História da Música de Guilherme Figueiredo. Como também o colorido extremamente pessoal, por vezes acadamente pitoresco, da sua linguagem.

Longe de mim considerar essa feição mais literária do que musicológica da *Miniatura de História da Música* como um defeito. Assinala-a apenas, para caracterizar a obra. E estou convencido que ela só pode servir à causa a que nós todos nos consagramos — que é a de mobilizar adeptos da boa música, — penetrando mais afoitamente pelo mundo dos leitores, com a sua graça irreverente, os seus ditos desconcertantes, do que o faria um desses sizados volumes de sobrecasaca e punhos engomados, aos quais, sem dúvida, eu não recusaria o epíteto de "cem por cento musicológicos".

Algumas vezes, todavia, parece-me que o tom de *blague* empregado pelo autor, val um pouco longe e pode ser motivo de confusão para o leitor inexperiente. Assim, p. ex. quando ele declara que o mérito principal de Felix Mendelssohn Bartholdy "consistiu em ter regido por inteira, pela primeira vez, a *Paixão, segundo São Mateus*, de Bach" (p. 141); quando diz, de Heitor Berlioz, que "ele vale como um tipo, uma grande e bela personagem infeliz, que incidentalmente compôs alguns trechos de música dignos de serem ouvidos" (p.

156); ou quando dá aos melomanos catecúmenos do drama lírico, na oportunidade de ouvirem os *Mestres Cantores*, este singular conselho: "auram os ouvidos durante as overtures do I e III atos, durante a entrada dos *Mestres Cantores*, e durante a canção do prêmio. Quando ao mais, durmam mesmo. Durmam também bem, durante o entaonno *Parsifal*, se a orquestra o permair, mas aguardando uma vigília para o *Preliuio* e a *Sexta Feira Santa*" (p. 183)...

As melhores páginas do livro, a meu ver, são as que o autor dedica ao pré-romantismo e ao romantismo. Senão-se que é onde ele, como ouvinte, está mais à vontade. Sua crítica torna-se mais conciente, as apreciações mais robustas, o traço com que denuncie autores e obras mais individual. Algumas passagens, como a que situa Mozart no limbo da era clássica com a romântica (p. 112 a 113), tem um subtil nuanceamento, uma segura compreensão do tema debatido.

Quanto ao capítulo sobre *Brasileiros*, parece-me difícil que não tenha ferido algumas dessas susceptibilidades à flor da pele, que qualquer frase de não-adoração arranhe logo...

Mas se um admirador de Villa-Lobos se sente chocado com as irreverências que Guilherme Figueiredo comete contra o compositor, declarando recuar que ele apareça na história da nossa arte menos como autor do que "como uma dessas pessoas que, nos grupos fotográficos, ficam na ponta dos pés e espiam por cima das outras, no terror de serem omitidas pela objetiva" (p. 232), é preciso não esquecer de que o estilo do escritor o levou a praticar esse esporte da irreverência quase sistemática à custa dos mais conspícuos mestres. Citei, linhas acima, alguns exemplos que podem servir de consolação aos que se sentirem maltratados. Mas é preciso não esquecer, sobretudo, que Guilherme Figueiredo sabe fazer plena justiça às produções de nossos compositores, quando declara que "elas são, desde muito tempo, bem mais brasileiras do que a nossa literatura ou do que a nossa pintura" (p. 218).

INTEIRAMENTE INÉDITO

O NOVO LIVRO

DO

EMINENTE ESCRITOR

TRISTÃO DE ATHAYDE

MITOS DE NOSSO TEMPO

UMA EDIÇÃO DA

LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 110

RIO DE JANEIRO

Leiam SEIVA

UMA REVISTA DEMOCRÁTICA DA JUVENTUDE BAIANA
PARA TODO O BRASIL

Próximas Edições



Da LIVRARIA MARTINS EDITORA, de S. Paulo:

NA BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO serão publicados os seguintes volumes: O PENSAMENTO VIVO DE TOBIAS BARRETO, por Hermes Lima; O PENSAMENTO VIVO DE KANT, por Julien Benda; O PENSAMENTO VIVO DE FREUD, por Robert Waelder.

NA COLEÇÃO MOSAICO: O BAILE DAS QUATRO ARTES, de Mario de Andrade; A POESIA AFRO-BRASILEIRA, de Roger Bastide; PROSA DOS PAGOS, de Augusto Meyer; MONTAIGNE E O INDIO BRASILEIRO, de Lúcia da Câmara Cascudo.

NA COLEÇÃO EXCELSIOR: MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, por Manuel Antonio de Almeida; A PRINCEZA DE BABILÔNIA, por Voltaire; UM CASO TENEBROSO, por Honoré de Balzac; SEBASTOPOL, por León Tolstói; O CAPITÃO VENENO (com o CHAPÉU DE TRÊS BICOS), por Pedro de Alarcón; CORNELIA e outras novelas, por Cervantes.

Da ATLANTICA EDITORA:

NA COLEÇÃO LES CAHIERS DE LA VICTOIRE: VICTOIRE AU RABAI, do tenente-coronel Pierre Gausson, uma crítica à tática militar aconselhada por Chéradame para neutralizar os ataques do Eixo; LE MORAI ET LA GUERRE, pelo Général Chabedec de Lavalade.

MARINS D'HIER, de Maurin Cosel, narração da última viagem do veleiro "Duc de Rohan", cheia de episódios emocionantes da vida do mar a bordo de um fragil barco de guerra.

COMBAT 1940, de Guy Chézel, que narra a odisséia duma companhia de um carro de assalto, com impressionante realidade.

MONSIEUR OUINE, célebre romance de Georges Bernanos.

MEMOIRES D'OUTRE-TOMBE DE BRAZ CUBAS, de Machado de Assis, que inicia a coleção de autores brasileiros traduzidos para o francês.

Da CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA:

ENTRE O CHÃO E AS ESTRELAS, de Tito Batini, autor de "E agora, que fazer?", romance premiado no

Brasil e que será editado brevemente em inglês, francês e espanhol. ENTRE O CHÃO E AS ESTRELAS, que também será publicado nos Estados Unidos, é considerado muito superior ao primeiro. Um enredo atualíssimo, forte, emocionante e bem realizado.

Da SOCIEDADE EDITORA PANORAMA:

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, talvez o melhor romance do grande Lima Barreto.

Da CASA EDITORA VECCHI LIMITADA:

LIZA OF LAMBETH, romance de Somerset Maugham, cuja tradução está sendo feita.

THE FARM, romance de Louis Bromfield, o autor de "Um herói moderno" e "As Chuvas Chegaram".

THE PASSIONATE WITCH, romance de Thorne Smith.

LUTERO, biografia de Funck Brentano.

O SENHOR BERGERET EM PARIS, romance de Anatole France.

MORRER POR ELA, romance de Charles Dickens.

A DAMA DAS CAMELIAS, edição íntegra e definitiva, de Alexandre Dumas Filho.

MADAME VALEWSKA, biografia de Octave Aubry.

SETE CHAVES PARA BALDPATE, romance de Earl Derr Biggers, criador de Charlie Chan.

De IRMÃOS PONGETTI EDITORES:

MINHA TERRA E MEU POVO, de Lin Yutang.

ANA KARENINA, de León Tolstói.

EPISCOPO & CIA., novela de Gabriele D'Annunzio.

REGENCIA VERBAL, de Artur de Almeida Torres.

SUITE BRASILEIRA, de Marques Rebelo.

DODSWORTH, um dos melhores romances de Sinclair Lewis.

Da ALBA EDITORA:

CALUNGA, o melhor romance de Jorge de Lima e um dos mais significativos da moderna literatura brasileira. Sairá em 2.ª edição.

OESTE PAULISTA, de A. Tavares de Almeida. Obra de observação e estudo de uma das regiões mais caracterizadas de São Paulo. O autor, conhecido advogado e escritor, é um pernambucano há longos anos residente em Rio Preto, S. Paulo.

De DOIS MUNDOS EDITORA:

NA COLEÇÃO CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS: AS FARPAS, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, seleção e estudo de Gilberto Freyre.

POLEMICAS EM PORTUGAL E NO BRASIL, de Camilo Castelo Branco, seleção e prefácio de Costa Rego.

PEREGRINAÇÃO DE FERNÃO MENDES PINTO, em grafia atualizada e com um glossário. Prefácio de Pedro Calmon.

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL, de Ambrosio Fernandes Brandão, com notas de Rodolfo Garcia e prefácio de Jaime Cortesão.

HOMENS E IDEIAS DO SÉCULO XIX, de Eça de Queiroz, organizado e prefaciado por Viana Moog.

GUERRILHEIROS RUSSOS, de Erskine Cardwell, o famoso romancista de "Tabaco Road".

Da EDITORA MINERVA LIMITADA:

GRAFOLOGIA — a escrita e o caráter — por J. Crepieux. Segunda edição traduzida da última edição francesa, com corrigendas do próprio autor.

(Continua à pág. 43)



Leitura Escolhe um Conto

Dois Caminhos

OSVALDO ALVES

Copyright de LEITURA

POUCOS minutos depois que Daniel tocou a campainha, Alda apareceu à porta esfregando os olhos vermelhos, com o vestido amarrotado, caminhando com negligência. Ao vê-lo fez um gesto de surpresa:

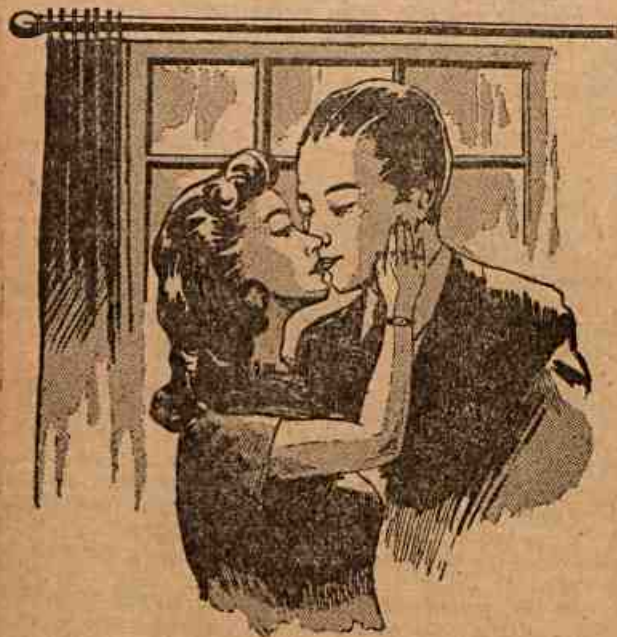
— Não pensei que fosse você.

Daniel sorriu meio desconcertado, ela convidou:

— Entra.

Ele deu uns passos para o meio da sala, sempre calado, esperando que Alda desfizesse a indecisão do momento, exatamente como acontecia em outras ocasiões.

Viu-a dirigir-se à janela com a intenção de correr a cortina, deteve-se perscrutando a sua fisionomia triste, os olhos de uma inexplicável sombra ansiosa, na qual fazia reparo pela primeira vez. Tentou descobrir o mo-



tivo da sua inquietação, pensou no seu jeito confuso ao entrar naquela mesma sala onde vinha diariamente, desocupado, apenas por força de um hábito.

Gostava de Antônio, vinha conversar com ele, tomava parte em ligeiras questões domésticas, apresentava uma ou outra sugestão relativa às coisas do filho de Alda.

Agora, logo na entrada, sentia-se embaraçado, com vontade de voltar sem compreender o motivo que o levava a pensar coisas bem diversas das que os interessavam sempre. A ausência de Antônio não seria certamente a razão desse embaraço, porque não era a primeira vez que encontrava Alda sozinha. Ao contrário, sempre que isso acontecia, deixava-se ficar, sem constrangimento, esperando por ele. Havia agora qualquer sentimento de indecisão, uma sensação vaga de receio, uma emoção forte e desuzada, um pressentimento de que algo estava para acontecer.

Alda aproximou-se mais, tocou-lhe o braço com os dedos longos e lisos.

— Espere um momento; vou ver se Luciano dorme.

Daniel fez um gesto de assentimento, acomodou-se numa poltrona, mas sentiu que ela ficara ainda por uns segundos olhando para ele. Seu rosto dava uma impressão de ligeiro cansaço, de tédio — os olhos pareciam fa-

tigados, sonolentos, ao mesmo tempo que boiava na umidade deles o vestígio de uma esperança mal esboçada, por alguma coisa estranha e grande.

Ela demorou-se no quarto por algum tempo e, quando voltou, Daniel olhou novamente para o seu rosto amarranhado, perguntou se ela estivera dormindo. Respondeu que não. Sua voz foi trêmula, meio arrastada; ele ficou pensativo, julgou que alguma coisa a atormentava, sentiu vontade de ajudá-la.

— A senhora está doente, dona Alda?

Ela sorriu, conseriou os cabelos negros e macios.

— Não. Eu estava lendo. Meus olhos estão vermelhos, não é isso?

Daniel não disse nada, continuou com a idéia de que havia alguma coisa na sua alma. Estava habituado a vê-la sempre pensativa, com uma leve tristeza a ensonbrar a sua beleza calma, mas naquele momento a expressão era diferente. Insistiu:

— Alguma coisa a atormenta?

— Nada. Estava lendo, você duvida?

Respondeu que não havia motivo para duvidar da sua palavra, começou a folhear uma revista que se achava sobre a mesa ao lado, na intenção de dominar as sensações que enchiam a sua alma.

Alda abaixou-se, pegou a sua mão repetindo:

— Você duvida? Venha ver a cama; está lisa.

Daniel sentiu uma grande emoção, suas mãos tremeram, o corpo todo tremeu, respondeu cada vez mais inquieto:

— Eu acredito, dona Alda.

A mão dela, entretanto, continuava a arrastá-lo docemente, os olhos ansiosos procuravam os seus, os lábios se entreabriram num sorriso inconscientemente provocador.

Num segundo, Daniel pensou em muitas coisas que se relacionavam com o que estava acontecendo. Lembrou-se rapidamente de outras atitudes de Alda, repasou-as na memória, esforçando-se para aceitar a verdade. A clareza dos fatos era insuficiente, os olhos de Alda, o contato das suas mãos eram insuficientes. Alda na sua beleza calma, ao lado do marido e do filho, no conforto da sua casa, aparecia-lhe como um enigma.

Depois fixou na retina a figura de Antônio, sentiu que a realidade extralda das conclusões a que chegara se desfazia. Sua incredulidade aumentou, voltou a olhar para Alda em silêncio. Os olhos dela mantinham a mesma expressão ansiosa.

Aquela situação durava já por um pequeno espaço de tempo, Daniel sentiu que era necessário defini-la. Quis recuar um pouco, mas os dedos de Alda se comprimiram entre os seus. Julgou que não devia levar longe as suas atitudes, pensou que toda mulher está sujeita a um momento de fraqueza em que não encontra forças para vencê-la. Não devia aproveitar-se daquele momento que seria fatal na vida de Alda, que iria perdê-la para sempre. Ela fez um gesto rápido com a outra mão, ajeitando os cabelos soltos pelas espaldas, sua voz rompeu o silêncio, velada e suave:

— Venha.

Daniel correu os olhos em torno, andou devagarinho, o coração aos pulos, seguiu-a com o sangue a ferver nas veias, achando que se sua vida fosse apenas aquele momento, seria imensa. Ele valla por uma existência inteira.

Entretanto, não lhe viera à cabeça nenhum pensamento ruim. Satisfazia-lhe a certeza de que Alda o estimava muito, porque a realidade parecia impossível.

um olhar e pes...

— Acredita agora?

Quis dizer que não havia duvidado, que a seguiria apenas para satisfazê-la, mas ficou calado olhando os seus olhos, tentando decifrar tudo que parecia imponderável dentro deles. Descobriu apenas uma mistura de tristeza e sensualidade que o desorientava.

Alda ofegava aguardando a sua decisão. Sem querer ele se aproximou dela, sentiu a sua respiração apressada, o cheiro do seu corpo que se adensava em torno.

Viu-a semi-cerrar as pálpebras languidamente; os lábios se entreabriram sôfregos. E a mão de Alda abandonou o seu pulso, começou a subir — passou suavemente pelo seu ombro, parou na face, numa carícia morna.

Tudo lhe parecia inacreditável, seu espírito se fixou na realidade para que não restasse dúvida. Alda o estimava muito e estava agora ao seu lado, suas mãos acariciavam-lhe o rosto afogueado. Daniel ficou quieto, sem fazer nenhum gesto, ela chegou os lábios junto dos seus. Não era uma atitude provocante, nem a mais leve sombra de cinismo transparecia no seu semblante. Era um gesto natural, de sensualidade inconsciente, d'um sentimento que havia sido cuidadosamente escondido por muito tempo. Era, sobretudo, um gesto de abandono que não diminuía o seu pudor, nem feria o seu recato.

Então as idéias sensatas fugiram da cabeça de Daniel. Num segundo viu-se unido ao corpo de Alda, abraçando-a pela cintura — as mãos moveram-se instintivamente acariciando-lhe as espáduas. Olhou para a cama esticada e lisa, sentiu que tudo se transformava dentro dele, morria aquele respeito estranho que o imobilizara. Nesse momento passou os olhos pelo quarto, deu com a cama de Luciano, que dormia tranquilamente. A visão tocou fundo a sua alma, julgou-se sórdido e perdido, o peso da responsabilidade se interpôs, desfazendo lentamente o prazer que lhe causava o calor do corpo misterioso que se entregava. Desvendou-se bruscamente:

— Vou-me embora, Alda.

Pela primeira vez tratou-a pelo nome, simplesmente. Ela ficou espantada com aquela resolução inesperada, como se não quizesse acreditar, mal podendo esconder a alegria que lhe dera aquele tratamento íntimo. Não disse nada, baixou os olhos envergonhada, deixou pender o braço que ainda se apoiava sobre o seu ombro. Daniel olhou significativamente para a cama de Luciano, ela compreendeu, duas lágrimas rolaram dos seus olhos. Depois deixou-o parado, dirigiu-se para a sala de jantar, pegou uma toalha grossa, estendeu-a sobre a mesa, ligou o ferro elétrico. Tirou de uma cômoda algumas peças de roupa e disse:

— A empregada não veio hoje. Eu mesma passarei isto.

Compreendeu o seu desejo de desmanchar aquela situação embaraçosa, seguiu todos os seus movimentos, esforçando-se para manter uma atitude calma e esconder os pensamentos que ferviam na sua cabeça. Sua intenção era fazer com que ela se sentisse à vontade o mais depressa possível, livre da lembrança da cena, como se nada tivesse acontecido.

A expressão do rosto de Alda era agora amarga, de arrependimento e vergonha. Daniel daria tudo para que ela não se sentisse tão abatida, com aquela dolorosa

olhar, não era mais a mesma. Ela não estava segura quanto ao juízo que Daniel pudesse fazer e a sua altivez impedia-lhe tentar uma explicação.

Ele se aproximou dela, disse algumas palavras que foram difíceis e inúteis, tentou fazê-la compreender a impressão que lhe ficara do ocorrido. Ela não entendeu as suas palavras vagas e inadequadas mas ficou mais tranquila. Alda sabia qual era a sua intenção. O rubor fugiu do seu rosto, sorriu, depôs o ferro no lugar, arriscou uma frase:

— Afinal, eu não tenho culpa.

Olhou para ele ansiosa, esperando apoio:

— Que é que você acha?

Antes que ele respondesse, ela afirmou que não tinha receio de nada e disse que se fosse preciso contaria tudo ao marido. Ninguém pôde lutar contra o coração e Alda não achava que fosse um crime gostar de uma pessoa depois de se ter casado com outra.

Concordou com ela, disse-lhe que naturalmente tudo passaria e que voltaria à tranquilidade. As palavras eram inexpressivas, havia o receio de magoá-la, de ser imprudente assumindo uma atitude que pudesse diminuí-la.

Ela sorriu de novo sem tentar um esclarecimento que parecia inútil, achando mesmo difícil que ele compreendesse certas sutilezas. Liquidou a questão:

— O melhor é não falarmos mais nisso. São situações que ninguém entende. Nem mesmo nós.

Desligou o ferro, dispôs as coisas que se achavam sobre a mesa, assentou-se na poltrona ao seu lado, disse alguma coisa que ele não entendeu, estirou o braço para pegar uma revista. Evitou o contato da sua mão, depois disse sem o olhar:

— Não deixe de vir aqui por isso. Creio que eu ficaria mais desassossegada.

Prometeu voltar — e para mudar de assunto lembrou que Antônio estava demorando a chegar. Em seguida disse que estava ficando tarde e que era melhor ir embora.

Alda não pediu para que ele se demorasse como das outras vezes, não insistiu para que esperasse por Antônio. Então ele se levantou, estendeu a mão:

— Até amanhã.

Ela levou-o até à porta da sala conversando sobre coisas diferentes, refeita do imprevisto, esquecida da situação que lhe fora tão penosa. Era como se nenhuma recordação lhe restasse da cena, seu semblante não manifestava a mais ligeira sombra de apreensão. Estava de novo ao natural, envolto naquela atitude insondável, o mesmo aspecto sonolento, a mesma tristeza nos olhos batidos, a mesma melancolia ensombrando a sua beleza calma.

Daniel, porém, não podia esquecer aquele momento único na sua vida, nem esconder a emoção que perdurava. O beijo de Alda, o corpo de Alda, os seus cabelos negros espalhados pelas espáduas — tudo persistia, indo e vindo na sua retina, fragmentado ou completo, envolto numa névoa de sonho.

Olhou-a ainda uma vez, longamente, desceu a escada e encaminhou-se para casa. Durante o trajeto ia repassando na memória todos os gestos, todas as atitudes de Alda durante mais de um ano de convivência,

(Continua à pag. 34)

Um Homem que não se Modifica

(Continuação da pag. 7)

mar, aparelhagem aplicada, técnica da pesca, tudo contém o "Manual" em linguagem simples, corrente e compreensível. Mas, indo ainda além dessas noções fundamentais, Frederico Vilar, numa seriação lógica e fácil compreensão, ministra ainda nas páginas de seu valioso livro noções de Cosmografia, Zoologia, Oceanografia física e biológica, propulsão

mecânica e frio industrial, guardando sempre um caráter elementar como devem ter dado o nível intelectual dos que vão aprendê-las.

E' um livro útil e feito com aquele caduco amor que Frederico Vilar tem pelas coisas da profissão. Corroa-lhe a campanha entusiástica da nacionalização da pesca, onde lhe embranqueceram os cabelos, e onde sua figura avulta — *primus interpa-*

res — entre os realizadores mais capazes, mais brilhantes e mais intrépidos.

E as lições de guerra de agora, onde o Mar é um fator primordial, e a guarda do litoral questão de vida ou de morte, dirão melhor no futuro em quanto para isto concorreu aquela belíssima e difícil campanha da nacionalização da pesca, de que Vilar foi o pioneiro audaz.

Leitura condensa um Romance

Entrada de Serviço, de Lucia Benedetti. — Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1942.

MARIA ISABEL fôra forçada pela mãe à custa de rogativas e bordoadas, a casar-se com um indivíduo que lhe inspirava a mais viva repulsa. Falador, bem apumado, aparecia em sua casa sempre de gravata e sapato. Dizia-se próspero, dono de várias cabecas de gado, casa própria — enfim um bom partido para uma rapariga que trabalhava na enxada; podia torná-la feliz e tirar-lhe a família da miséria. Mas não passava de um pobre-tão, de um bêbedo vagabundo. Um dia Maria Isabel sabe por um foreiro que o dono do sítio ia botá-los na rua. O cachaceiro rressonava debaixo de uma árvore, com algumas moscas pousando no nariz e na boca. Maria Isabel, num gesto de revolta, toma o rumo da casa materna, abandonando o marido repulso e inútil.

Mas estava grávida. Tinha nas entranhas um filho do homem a quem odiava. Lançou mão de toda sorte de abortivos — rezas e beberagens. E nada! A mãe, ao saber do seu estado, dá-lhe uma bofetada. "Coisa ruim não morre"

Maria tem a certeza de que vai odiar o seu filho. Numa noite em que a mãe e as irmãs saíram a passeio, pelos arredores, deixando-a sozinha, nas vésperas do parto, a infeliz tomba desacordada. Ouve ainda o ruído de qualquer coisa que cai com ela. E um choro de criança. Ao despertar com o barulho de vozes no quarto, aproxima-se dela a parteira:

— Está bem agora? não quer ver a sua filha?

Ódios e rancores apagam-se subitamente de sua lembrança. Uma grande paz a envolve toda.

A sua preocupação agora é manter a filhinha. Trabalharia, desdobrar-se-ia dia e noite para dar-lhe todo o conforto. Pagaria com o suor do seu rosto aquele odio que sentira, quando

a tinha no ventre. Subitamente cai na realidade. Abate-a um traço de desânimo. Onde encontrar trabalho?

Estava ela assim entregue a estas cogitações torturantes, quando lhe aparece o mano Gabriel. Maria pergunta-lhe se não sabe de algum emprego. O rapaz, um tanto hesitante, por vê-la tão fraca, diz que D. Romana da fazenda dos Pinheiros está precisando de ama de leite para uma criança que resolveu adotar.

— Precisa mesmo?

— Precisa. Se você pudesse, hein? Mas assim, tão fraca, não vale a pena...

Maria não quer ouvir mais nada. Corre à fazenda. E consegue o emprego. Acostumou-se logo à sua nova vida, no meio de tanta gente, pois a viúva fazendeira, além dos filhos — Samuel, um mentecapto, uma espécie de demônio familiar desobediente e impulsivo; Maria Alice, Renata e Eunice, — criava uma multidão de filhos dos colonos e pessoas que se abrigavam à sua sombra protetora e generosa. Tendo a viúva dado uma festa em casa para recepcionar uns moços estudantes, vindos do Rio (com o plano de casar as filhas) contrata um cozinheiro na cidade para que as refeições tenham o sabor e o bom gosto das preparadas pelas mais modernas cozinhas internacionais. A velha criada Matilde não se conforma com a sua substituição pelo cozinheiro da cidade. Despeitada com a concorrência desleal, põe agucar no "beef", dá motivos para ser despedida. Quem a substitui é Maria Isabel. As crianças já estão crescendo, podem comer mingau, podendo, portanto, a ama de leite entregar-se aos mistérios da cozinha. A viúva gaba-lhe os pratos, afecção-se a ela, aumenta-lhe o ordenado.

Uma das filhas de D. Romana, a Eunice, casa-se com o dr. Rodrigues, um médico residente na Capital Federal. A velha pede então a Maria que acompanhe a recém-casada. É a única pessoa em quem confia. Cui-

daria da Clarissa. Não tivesse cuidados. Seria para a filhinha dela uma segunda mãe. Maria termina acedendo. No Rio, a pobre roceira custa a adaptar-se ao turbilhão carioca. Trava conhecimento com uma empregada já idosa, de um apartamento vizinho, a Justina. Esta, perguntando-lhe quanto ganhava, fica surpreendida com a ninharia. Faz-lhe ver que está sendo explorada miseravelmente ganhando um ordenado de criada da roça. Aconselha-a a pedir aumento. Mas tendo Maria Isabel seguido o seu conselho, Eunice irrita-se, vomita-lhe grossos desaforos, esbofetela-a e aponta-lhe a porta da rua.

Com os trastes debaixo do braço, procura a Justina. Mas a Justina recusa-se a recebê-la. Andando de rua em rua, cansada e com fome, Maria Isabel é abordada por um velho português, "seu" Joaquim, porteiro de um edifício que lhe arranja emprego. A nova patroa não pagava a ninguém. Os credores batiam-lhe à porta de vez em quando. Maria Isabel, uma noite, para distrair-se um pouco, desce até a porta da rua. O movimento da praia do Flamengo a encanta. A lua reflete-se no mar. Desperta-a do seu enlêvo uma voz de homem. É "seu" Joaquim. Convida-a para um passeio. Dias depois já é sua amante. Arranja outro emprego. Outra miséria. Passa até fome. Fica morando com o português. Mas o velho não podia sustentá-la. Leem o "Jornal do Brasil". Há um bom emprego em tal rua, número tal... Maria Isabel vai até lá. Tem sorte. Emprega-se no apartamento de Maria da Graça, uma pequena do barulho, mantida por um velho rico e que tinha um "gigolô" nas horas vagas. É uma patroa alegre, sem pose, que gosta dela e lhe paga direito, com essa prodigalidade inconsciente das fêmeas de alto bordo.

Assim vai transcorrendo a vida de Maria Isabel, quando de Minas chega a sua irmã Augusta. Antes recebera uma carta da mãe pedindo-lhe que tomasse conta da irmã, pois continuava sendo uma menina asanhada, capaz de se perder no Rio. "Seu" Joaquim arranja para Augusta um cômodo perto do seu, no mesmo edifício. O português era um velho sã-tiro, insaciável de mulheres. Já fôra até ameaçado de ser despedido pelo patrão, por encher o seu quarto de negras e mulatas, que provocavam escândalo. Não hesita em possuir a irmã da amante. Ao voltar do hospital, onde estivera internada uns dias, Maria Isabel descobre tudo. Indignadíssima leva o caso ao conhecimento da polícia. Pede à patroa para mudar-se para o quarto de criada.

— Você vai mudar-se para cá? e o marido?

— Larquei ele. Vou ficar aqui no quarto de criada. Não pode?

— Pode. Mas por que é que você largou ele?

— Brigas. Ele se meteu com outra...

Quando Maria Isabel se retira, a patroa abre um jornal. Na terceira

(Continúa à página 33)



SR

A Campanha do Livro da Vitória e a União Nacional dos Estudantes

Reportagem de PETRONIO DE CASTRO SOUZA

O LIVRO ainda vive cercado por uma série de restrições que lhe diminuem a divulgação ampla nas camadas populares. Para muitos, ele continua a ser um objeto de luxo quando, numa época como a que vivemos, o livro devia ser considerado como um instrumento de primeira ordem na luta de morte que movemos às ideologias totalitárias.

UNE, como as bibliotecas das uniões estaduais, onde os estudantes convocados terão livros para ler. Várias editoras têm sido incorporadas à "Campanha do Livro da Vitória", oferecendo exemplares de edições suas e inserindo nas primeiras páginas das próximas edições um apelo para que o leitor colabore nesta grandiosa cam-

dos, etc. A comissão de Apostilas se encarrega de recolher notas de aula nos cursos das diferentes escolas, para mimeografá-las. A Comissão de Financiamento procura conseguir anúncios com que custear as edições, e conseguir patrocínio para as mesmas. O objetivo do Departamento Editorial, no que diz respeito aos livros escolares, distribuindo-os diretamente nas escolas, é proporcionar aos estudantes textos bem impressos e cuidadosamente selecionados, que ele poderá adquirir com 60 % de abatimento em relação ao preço normal do livro. O problema do livro nos cursos superiores, sempre foi muito sério. Quasi que não temos livros brasileiros sobre o assunto, e os estudantes ficam a depender de livros estrangeiros, vendidos a preços proibitivos. Assim é que o Departamento Editorial também pensa em traduzir livros considerados clássicos no ensino superior, como o "Cálculo" de Granville, "Direito Romano" de Leon Daguít, "Anatomia" de Testut, etc. só citando os livros que o calouro precisa no primeiro ano das faculdades. Quanto à edição de livros de competentes professores brasileiros, o Departamento Editorial já possui contratos assinados com o sr. Milton Fontenele, da Escola Nacional de Engenharia para editar o livro "Resistência dos Materiais", e com o sr. Ary Franco, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, para edição de "Direito Penal". Também já estão em poder dos estudantes os originais de "Guerra e relações de raças", do professor Artur Ramos, que será editado brevemente.

Nas atividades de guerra, tratando do problema da imediata industrialização do Brasil, problemas que tão de perto se relaciona com o nosso esforço de guerra e a nossa participação efetiva no conjunto das Nações Unidas, o Departamento Editorial da UNE editou em separado a entrevista feita por Samuel Wainer na revista "Diretrizes" sobre "A vitória do petróleo no Brasil". Além disso, o Departamento tem editado discursos do general Manuel Rabelo, do ministro Osvaldo Aranha, dos estudantes Paulo Silveira, Vitor Koncer, etc. Também está incluído no plano de atividades de guerra do Departamento Editorial a edição de instruções sobre variados problemas da guerra, prestando assim uma valiosa obra de divulgação das instruções do governo sobre a conduta nos black-outs, preparação do povo para anular a ação da quinta-coluna, etc., etc.

Os estudantes editam livros para estudo prestando um valioso serviço à cultura e, prestando serviço à cultura eles automaticamente combatem o Eixo. Mas não agem apenas por meios indiretos. Os estudantes do Departamento Editorial da UNE sabem muito bem, como todos os estudantes do Brasil, que só a derrota completa do fascismo dará à cultura a possibilidade de sobreviver, e para essa derrota devem ser mobilizados todos os meios de combate, sem esquecer um único, por mais aparentemente insignificante que seja.



Os acadêmicos Maurício Queiroz, do Dep. Editorial, e Rosa Weingold, Yedda Leite e Sara Kolker, da "Campanha do Livro da Vitória", em plena atividade

Compreendendo a importância do livro como arma contra o fascismo, quer no terreno puramente cultural ou no terreno da preparação ideológica, a União Nacional dos Estudantes de há muito vem dedicando cuidadosa atenção a todos os problemas que com ele se relacionam. Esta atuação se desenvolve no tratamento do problema normal do livro para o estudante, e no problema do livro em geral num estado de guerra como é o do Brasil.

A CAMPANHA DO LIVRO DA VITÓRIA

Nos intervalos dos trabalhos a que se dedicam os homens e mulheres nos serviços de guerra do Brasil, nada melhor para descansar o espírito e retemperar o ânimo para novas lutas, do que a leitura de um bom livro. Os estudantes empreenderam uma campanha para dar livros aos nossos irmãos que, destacados em postos difíceis, estão alertas para a defesa e prestes a auxiliar a abertura da segunda frente que vencerá o fascismo. Livros para os nossos soldados, foi o objetivo dos estudantes com a sua "Campanha do Livro da Vitória", que encaminhará os livros por intermédio da Legião Brasileira de Assistência e para outras bibliotecas em contato direto com a

panha dos universitários, como vem sendo feito com êxito na Inglaterra e nos Estados Unidos.

A "Campanha do Livro da Vitória", embora de recente criação, já vem obtendo grande êxito, graças à compreensão com que vem acolhendo os editores brasileiros, e ao espírito de cooperação de vários particulares que prontamente colaboraram, com doações de livros lidos que de grande utilidade serão para os filhos da pátria brasileira.

O DEPARTAMENTO EDITORIAL

O Departamento Editorial foi fundado para, em tempos normais, proporcionar aos estudantes livros didáticos a preços acessíveis, e, em tempos anormais como os que atravessamos, quando o Brasil luta pela liberdade e pela sua independência, para colaborar na mobilização espiritual que cristalizará as consciências dos brasileiros em torno da política de guerra do governo, que nos conduzirá à vitória, ombro a ombro com as Nações Unidas na segunda frente e em todas as operações ofensivas contra o fascismo. O Departamento Editorial da UNE se compõe de três comissões: a Comissão do Livro seleciona os textos que devem ser traduzidos, editados, mimeografa-

LEITURA Condensa um Romance

página está o retrato de um velho de olhos tristes, fisionomia cansada, de quem não espera mais nada no mundo. "Dom Juan de sessenta anos". E mais em baixo: "Seduziu a irmã da amante, menina de 17 anos". Maria da Graça passa os olhos indiferentemente sobre o noticiário policial e vai procurar a secção radiofónica. O seu "gostoso" é artista de rádio.

Um incidente escandaloso ocorre dias depois. O "coronel" de Maria da Graça, o sr. Custódio, é avisado por uma carta anónima que, nas suas ausências, aparece lá outro homem... Encontrando-se com o rival no apartamento da amante cobre-o de bofetadas e pontapés. Todos os inquilinos do edifício reclamam ao senhorio, acusando Maria da Graça. Como esta, que se reconciliara com Custódio, tencionasse fazer uma estação de águas, até que não se falasse mais no escândalo, permitiu que a empregada fosse passar uns tempos em Minas. Maria Isabel estremeceu de alegria e ansiedade ao pensar em rever Clarissa. Devia estar crescida já. Com quatro anos. Havia de escolher para ela uma escola que tivesse um uniforme muito bonito. Havia de educar a filha tão bem que lá na roça muita gente ficaria de queixo caído, quando ela voltasse professora.

— Está no mundo da lua, Maria? Estremece de novo, sorri contente.

— Quando penso que vou ver minha filha outra vez!

Ao chegar à palhoça onde nasceu, trêmula de júbilo, abraçando e beijando a todos, vai logo perguntando pela filha. Mas Clarissa não está. Está com D. Romana, que é agora a sua madrinha. E apesar da tempestade que caía, Maria Isabel corre à fazenda dos Pinheiros.

D. Romana senta-se diante dela. Tem um ar compungido.

— É verdade. Coitadinha de Clarissa. Já estava bem grandinha. Foi uma pena. Chamei o médico. Mandeí-la para o hospital. Tive que batizá-la às pressas, para não morrer pagã...

Alguem grita para ela, grita, e o grito se perde na mata.

— Maria!

Maria Isabel tornou-se um caso perdido. O médico aconselha a sua volta ao Rio. Para mudar de ambiente, para não sentir tão de perto a brutal realidade daquele cenário de luto e de dor. D. Romana recomenda-a aos cuidados de Eunice que a recebe, de novo, como empregada.

— Vai trabalhar, Maria.

Maria baixa a cabeça, confusa.

— Pra que? — pergunta de olhos no chão.

Um dia é procurada por "seu" Joaquim que, em lágrimas, lhe im-

plora um auxilio para Augusta que está passando muito mal. Maria Isabel fica impassível. Nada a emociona mais. Eunice insiste que ela auxilie e visite a irmã. Dará dinheiro. Augusta é operada e morre no hospital. Mas a criança sai viva.

No hospital, uma irmã de caridade leva Maria Isabel para junto do cadáver de Augusta. Maria não se moveu. Contemplou-o como se não compreendesse o que significava aquilo.

A irmã de caridade apresenta-lhe o bebé. Maria Isabel contempla aquela testa miúda, riscada de rugas, o queixo pontudo. Como por encanto, o seu coração desperta. E ela chora convulsivamente. Pede para ver de novo o cadáver da irmã e abraça-o soluçando. Uma voz se faz ouvir nesse momento doloroso. Maria volta-se e dá com o seu antigo amante, o português Joaquim, o culpado de tudo. Atira-se contra ele, descarregando-lhe bofetadas e ponta-pés. Volta para a casa de Eunice com o bebé nos braços. Mas Eunice explode:

— E você acha que vou ficar com você e mais a criança?

Não sabe. Ao recolher o menino, não tinha nem pensado no que poderia suceder depois. Sabia apenas que a criança lhe pertencia, que era sangue de seu sangue, de sua gente, e que seus olhos escuros tinham a mesma expressão desamparada dos olhos de Clarissa... — E.

Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

*Esplêndido sortimento de
artigos leves para o verão!*

CASAS PERNAMBUCANAS



LEITURA escolhe um Conto

(Continuação da pág. 39)

tentando discerni-las, procurando para cada uma delas um ponto de convergência que fizesse luz àquela súbita revelação. Cenas velhas se fixaram na sua lembrança esclarecendo aos poucos aquilo que lhe parecia tão estranho: um olhar mais demorado, um leve roçar de corpos e, mais do que tudo, os cabelos negros de Alda, quando ela se curvava sobre ele para mostrar alguma coisa.

Esqueceu esses detalhes, voltou a pensar na cena recente, a emoção aumentou. A figura de Alda dançava na sua cabeça envolta em gasé branca, na mesma névoa de sonho. Tentou fixá-la com mais força mas foi impossível. Uma ponta de arrependimento nasceu no seu espírito, mediu a extensão da sua responsabilidade e achou absurdo não ter ido até ao fim. As idéias que lhe pareciam justas fugiram por uns momentos, a figurinha de Luciano, encolhido na caminha ao lado, se tornou impertinente e foi afastada. A recordação do beijo de Alda fazia de novo ferver o seu sangue. Experimentou um grande pesar por ter renunciado, esforçou-se para reviver a carícia da mão de Alda, o cheiro do seu corpo, procurando desfazer o aspecto de sonho, para dar uma forma consistente a tudo que acabava de acontecer. Teve pena de si mesmo por haver raciocinado num momento em que nenhum outro homem seria capaz de fazê-lo. Certamente ninguém em seu lugar teria agido daquela forma imbecil.

Daniel pensou que não passava de um idiota, assaltou-lhe o receio de que Alda estivesse agora rindo dele. Sem dúvida seria a coisa mais natural do mundo, se ela fizesse isso.

Estava a poucos passos de casa, seus pensamentos se conduziam por um caminho desconhecido e escuro, onde sua consciência se perdia. Toda a sua serenidade desaparecera aos poucos, viu Alda dando gargalhadas enormes, zombando dele com um gesto de desprezo pela sua excessiva honestidade. Uma raiva enorme tomou conta do seu coração, sentiu um desejo imenso de voltar, segurá-la pelos pulsos, fazê-la curvar-se, obrigá-la a entregar-se na cama esticada e lisa, bem perto da cama de Luciano. Alda se contorcia ainda em gargalhadas que enchiam o silêncio, olhava para ele com uns olhos desmedidamente abertos, dizia-lhe coisas obscenas, ridicularizava-o sem piedade. E naquele desejo de vingança que se juntava às cenas que sua imaginação criava, ia figu-

rando toda a sua brutalidade diante de Alda, desejando ao mesmo tempo que Luciano despertasse e visse outro homem na cama de seu pai.

Estas idéias cresciam no seu espírito, detalhes imaginários se desenvolviam tornando-o ridículo diante de Alda, diante de todo mundo, diante dele mesmo, impedindo que o raciocínio tomasse um sentido razoável.

Lembrou-se de Antonio, deteve-se por uns segundos olhando a noite clara, as estrelas miúdas no céu sem lua, sentiu-se abandonado e infinitamente pequeno. Entrou no jardim da sua casa, uma rajada de vento sacudiu as roseiras. Daniel deixou-se ficar parado no grádil do alpendre sem saber por que, escutando o bater apressado do coração. Os sentimentos tumultuavam incompreensíveis, uma dor aguda entrava na sua alma. Tão bonita a noite! Subitamente os pensamentos foram caindo de intensidade, afrouxando-se, emaranhando-se em outras conjecturas. Estabeleceu-se um certo equilíbrio nas idéias, um jogo de prós e contras prolongou-se na sua cabeça em brasa. Depois de algum tempo sentiu que tudo se desfazia de um lado e resvalava para um caminho menos negro. Sorriu, o espírito serenou. Uma alegria íntima despontou no seu coração, a princípio meio tímida, depois mais ampla — e se fixou, luminosa.

Nesse momento descobriu que se sentiria tranquilo ainda que Alda estivesse realmente rindo dele. Que importava?

Levou a mão aos lábios, sentiu ainda a umidade do beijo de Alda, compreendeu que ela seria permanente, mas estava tranquilo. Experimentou uma sensação leve, qualquer coisa de transparente se dilatava na sua alma. Então Daniel voltou-se para a porta, fez a chave ranger na fechadura. Enquanto isso pensava em Alda, na sua beleza calma, na carícia morna da sua mão, seguro de si mesmo, procurando descobrir o mistério da consciência sempre vigilante e atenta, presidindo todas as fraquezas humanas.

Antecipou a alegria sem limites que iria sentir quando se encontrasse com António e o olhasse nos olhos tranquilamente, sem receio de que ele desconfiasse de alguma coisa, sem precisar mentir quando falasse da sua amizade.

Daniel respirou profundamente, sentiu vontade de rir também, dar grandes gargalhadas para encher o silêncio com a sua imensa alegria, pensando ao mesmo tempo que ela devia se espalhar no mundo, contaminar todas as criaturas abafando as atribulações.

BANCO FIGUEIREDO ROCHA S/A

CONTAS CORRENTES

À ORDEM	4%
POPULAR	5%
LIMITADA	4 1/2%

PRAZO FIXO

3 meses	6%
6 "	6 1/2%

RENTA MENSAL

12 meses	7%
----------------	----

RUA DA QUITANDA, 111

Sou um homem ou um monstro?

(Continuação da pág. 25)

deiros do Majorado", isto é, esta fusão de planos, essa aparência de loucura que faz um homem não olhar pela janela e ver um baile de mortos na casa vizinha.

No livro de Mary Shelley tudo é sério e medido, pelo menos no que se refere à parte sobrenatural. Porque, quanto ao resto, não há medida de espécie alguma. O romance parece ter sido feito com acréscimos, a última parte em primeiro lugar, as primeiras em último, etc. Não se sabe bem qual é o processo que dá nascimento ao monstro, que é uma espécie de coisa saída de repente do nada, sem as retortas, sem os tubos e geradores, que no cinema conduz vida ao corpo inanimado do gigante.

Qual é a origem de "Frankenstein"? É a própria Mary Shelley quem nos conta como nasceu o livro. Estavam em certa noite de inverno, ela, o marido e... Lord Byron. Como o tédio fosse grande e a noite ainda maior, apostaram quem escreveria mais depressa uma história fantástica. Segundo a própria autora, estavam todos impregnados de narrativas alemãs. Puzeram-se a escrever, mas só Mary Shelley levou a obra a termo, pois Shelley abandonou-a em caminho e Byron converteu-a nalguns cantos do "Childe Harold". "Frankenstein" nasceu assim quasi por acaso e, é justo dizer que a sua fama começou imediatamente, graças ao prefácio elaborado por Shelley e à enorme aceitação que na época tinham os romances do gênero.

Em tão ilustre companhia, seria de esperar que a obra saísse com qualquer centelha genial. Mas não: temos apenas um livro pretencioso, inferior até mesmo aos romances negros de Anna Radcliffe, eivado pelos males do pior romantismo, isto é, aquele inconcebível furor de descrever paisagens, cascatas, neves, montanhas, lagos e todo o acessório que tornou a escola quasi proibida para nós. Que Byron descrevesse estas coisas, está bem, ele o sabia melhor do que ninguém neste mundo e não era atoa que encarnava de tão magnificante maneira o espírito do romantismo. Mas em Mary Shelley temos uma penosa impressão de morosidade, de tempo perdido, de estilo difícil e tortuoso. As descrições se amontoam completamente inúteis, os personagens mal aparecem sob esta avalanche descritiva, tudo é difícil e mal arranjado. A autora devia colher informações com Hans Heinz Ewers, que escreveu "Mandrágora", "Estudante de Praga" e outras exposições de horrores...

Resta a idéia. Poderá haver nada

de mais artificial do que este monstro, feito de restos humanos? E além do mais, que aparece falando em Milton, com tiradas filosóficas, etc... Um monstro absoluto, tal como Frankenstein deveria ser, não se deteria em plena tempestade para indagar: — "Aho, respiro, sofro. Entretanto, sou homem ou monstro?" Isto só acontece em Shakespeare.

Bem pesados os dois livros, regresso ao "Dracula". Neste, há qualquer coisa que não se afasta da terra e mergulha ao mesmo tempo nos negros mistérios que mal ousamos sonhar. Neste, há um cenário sem descrições, há almas que padecem, há seres que se transformam, há um demônio que se agita e causa vertigem aos homens. Neste existe a noite e mais do que a noite, existe a morte. Só ela é fantástica e grande, só ela é responsável por todos esses fantasmas que a terra não pode guardar no seu seio. Isto não pertence só aos romances de pura fantasia, mas a outra coisa mais, a alguma coisa que sempre faz vibrar nos homens uma corda secreta e misteriosa.

Para todas as informações sobre livros dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e dos países estrangeiros, especialmente referente ao esclarecimento e à aquisição dos direitos autorais para a tradução portuguesa, queiram dirigir-se a:

Agência Literária «Dona Carlota»

Rua Almirante Alexandrino 306 Tel. 22-0427 — RIO DE JANEIRO

TIMOSHENKO

BIOGRAFIA DO FAMOSO MARECHAL RUSSO

Por CLEMENTE CIMORRA

Tradução de HERRERA FILHO

"A RÚSSIA NÃO SU-
CUMBIRA' NEM AO
FERRO NEM AO FOGO
POR QUE NÃO HA'
FERRO NEM FOGO SU-
FICIENTES PARA DES-
TRUI-LA".

(TIMOSHENKO)



"NÃO PERGUNTES
PELAS FORÇAS DO INI-
MIGO, PERGUNTA ON-
DE ELAS SE ENCON-
TRAM, VAI AO EN-
CONTRO DELAS E DES-
TROÇA-AS."

(TIMOSHENKO)

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS CR\$ 10,00

Distribuidores:

Rio — Rua Rodrigo Silva, 11-1.

A. HERRERA & CIA. LTD.

S. Paulo — R. Boa Vista, 127-3.

UMA EDIÇÃO DA EDITORA NOVIDADES

A fascinante autobiografia de

ANDRÉ MAUROIS

o maior biógrafo do século

Quando pensamos em Shelley, Disraeli, Lyautey, lembramo-nos logo de MAUROIS, que soube, como ninguém, descrever a vida desses gran-



des vultos da história e da literatura.

Agora o grande biógrafo vem contar-nos a história de sua própria vida, a história de um homem que prestou relevantes serviços à sua pátria, de um homem que conhece todo mundo e escreve sobre todos e até sobre si mesmo, com franqueza, correção e brilho incomparáveis.

LEIA

MEMÓRIAS

primorosa tradução

de MONTEIRO LOBATO



Outras obras
do mesmo autor:

A VIDA DE DISRAELI
Trad. de Godofredo
Rangel ... Cr. \$12,00

A VIDA DE SHELLEY
Trad. de Manuel Ban-
deira. ... Cr. \$12,00

LYAUTEY
Trad. de Gutavo Bar-
roso Cr. \$12,00



VOLUME ENCADERNADO MAIS Cr. \$6,00

A venda em todas as Livrarias
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

SRS. BIBLIOFILOS

A Livraria Editora ZELIO VALVERDE, à Travessa do Ouvidor 27, nesta Capital, inaugurando as suas novas instalações, está vendendo uma biblioteca de cerca de dois mil (2.000) volumes de literatura, arte, filosofia, sociologia e história de todos os grandes autores, em exemplares em perfeito estado de conservação, sendo que existem entre eles um grande número de edições especiais e ilustradas, que acaba de adquirir de um ilustre escritor brasileiro.

NOTA: Remetemos relação dos livros de que consta esta biblioteca a quem o solicitar.

2 LIVROS DE REPERCUSSÃO MUNDIAL

MONTANHA MÁGICA — A obra prima do baluarte da democracia alemã THOMAS MANN, o primeiro exilado de Hitler, que fez queimar sua biblioteca e confiscou seus haveres. **MONTANHA MÁGICA** é um romance sociológico que custou ao seu insigne autor 12 anos de elaboração. **MONTANHA MÁGICA**, é um estudo psicológico de uma época atormentada por que passou a humanidade, a época do advento do nazismo.

MEU DIÁRIO DE GUERRA — De W. Somerset Maugham, é a história cínica, mas verdadeira, de um genial escritor que, abandonando a visão panorâmica dos grandes lances dos primeiros dias de guerra de Hitler, se deteve nas pequeninas misérias humanas que observou durante aquele cruciante transe da humanidade. É um livro, portanto, de sinceridade e realismo. É, sobretudo, um espelho fiel dos desgraçados dias das primeiras vitórias do barbarismo hitlerista. Com um mágico poder analítico, W. Somerset Maugham nos revela, de par em par, toda a gama de heroísmos, de sublimidades, mas também, outras vezes, de torpesas, traições ignominiosas e misérias humanas.

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E DA
AMÉRICA LATINA.

Pedidos pelo reembolso postal, a

EDITORA PAN-AMERICANA S/A

AVENIDA RIO BRANCO, 25 — RIO DE JANEIRO

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por Aureo Ottoni

Fevereiro de 1943

0) GENERALIDADES

AGENDAS — ANUARIOS — BIBLIOGRAFIAS — BIBLIOTECAS — Dicionários — ENCICLOPÉDIAS — NOVAS PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Dicionários de algebrista. — PORTUGUES-INGLES. — (7/6). — 672 p. br. Cr\$ 10,00. — (2/43). — Livr. Lusitana.

Reis (Antônio Simões dos). — BIBLIOGRAFIA NACIONAL. — 1942. 6.º volume. Pref. Carlos Drummond de Andrade. (12/19). 131 p. br. Cr\$ 7,00. (2/43). — Zello Valverde.

1) FILOSOFIA

Baudelaire (Charles). — ARABESCOS FILOSÓFICOS. — Trad. Dyrío Gorgot. Col. Os Grandes Pensadores, 4. (12/16). 108 p. br. Cr\$ 3,00. (2/43). Vecchi.

Siwek, S. J. (Paul). — LE PROBLEME DU MAL. Bibl. Française de Philosophie. (14/21). 161 p. br. Cr\$ 20,00. (1942-2/43). Distr. Atlântica Ed.

Siwek, S. J. (Paul). — LA REINCARNATION DES ESPRITS. — Bibl. Française de Philosophie. (14/21). 244 p. br. Cr\$ 25,00. (1942-2/43). — Distr. Atlântica Ed.

2) RELIGIÕES

GENERALIDADES — RELIGIÕES CRISTAS — RELIGIÕES DIVERSAS E MITOLOGIA — CIÊNCIAS OCULTAS

Charles, S. J. (Pierre). — LA PRIERE DE TOUTES LES HEURES. Trois séries de trente-trois méditations. (13/19). 432 p. br. Cr\$ 25,00. (1942-2/43). — Distr. Atlântica Ed.

Fort (Gertrud Von Le). — A ÚLTIMA AO CADAVALSO. — Trad. Roberto Furquim. Col. Presença, 1. (11/19). 99 p. br. Cr\$ 6,00. — Stella Ed.

Leite, S. J. (Serafim). — HISTÓRIA DA

COMPANHIA DE JESUS NO BRASIL. — Tomo IV. Norte — 2. Obra e assuntos gerais. Séculos XVII-XVIII (17/23). 442 p. il. br. Cr\$ 50,00. (2/43). — Distr. Civilização.

ZILLOAUSTRO. — Livro de sonhos dos magos do Egito e da Caldeia. Trad. Ricardo Fontes da Silva. (14/19). 203 p. br. Cr\$ 9,00. (Nova ed. 2/43). — Ed. e Publ. Brasil

3) DIREITO-CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

AGRESSÃO — Documentário dos fatos que levaram o Brasil à guerra. (19/27). 96 p. il. br. Cr\$ 5,00. (2/43). — Imp. Nacional.

Athayde (Desembargador Feliciano de). — CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL ANOTADO — (14/23). 321 p. br. Cr\$ 30,00. (2/43). — José Olímpio.

Cysneiros (Amador). — LEIS PENAS DE GUERRA. CÓDIGOS E LEIS MILITARES. LEIS SEGURANÇA NACIONAL. ÍNDICE REMISSIVO — Bibl. Jurídico-Militar, 1. (14/19). 248 p. br. Cr\$ 20,00. (2/43). — Ed. Autor, Rio

Espínola Filho (Eduardo). — CÓDIGO DE PROCESSO PENAL BRASILEIRO. Anotado. Vol. V. Arts.: 503 a 620. (16/23). 547 p. enc. Cr\$ 48,00. (2/43). — Freitas Bastos.

Ferreira (Joaquim). — ELES ESPERAM HITLER — (14/20). 223 p. br. Cr\$ 12,00. (2/43). — José Olímpio.

Guastini (Raul). — IDEÁRIO POLÍTICO DE GETULIO VARGAS — Seleção e comentário de Raul Guastini. Pref. Osvaldo Orico. (16/34). 212 p. il. cart. Cr\$ 25,00. (2/43). — Rev. Tribunais.

Lopes (Luciano). — O PROFESSOR IDEAL — Pref. La-Fayette Cortes. (13/19). 128 p. br. Cr\$ 5,00. (2/43). — Livr. Alves.

Mello (Linnéu de Albuquerque). — GENESE E EVOLUÇÃO DA NEUTRALIDADE — (17/24). 246 p. br. Cr\$ 25,00. (2/43). — Distr. Civilização.

PROGRAMA (O) — do Ensino Secundário e sua lei orgânica. (Reforma Gustavo Capanema). Com um estudo do Prof. Jonathas Serrano. (14/19). 87 p. br. Cr\$ 5,00. (3.º ed. 2/43). — Zello Valverde.

Pruszyński (Ksawery). — OS POLONESES VOLTAM A LUTA — Trad. Augusto Rodrigues. (14/19). 238 p. il. br. Cr\$ 12,00. (2/43). — Ed. Pan-Americana.

Ribeiro (Alberto). — HIPOTECA — Col. Leis Usuais Anotadas, 1 (16/23). 237 p. enc. Cr\$ 35,00. (2/43). — Rodarte.

Vachias (Raul). — ENTREATOS DA TRAGÉDIA EUROPEIA — (1918-1939). (13/19). 137 p. br. Cr\$ 9,00. (2/43). — Dist. H. Velho.

3-6) EXERCÍCIO — MARINHA — AERONAUTICA

BIBLIOTECA — Enciclopédica Militar. Legislação Militar. — N.º 5. Regulamento para os exercícios e o combate da infantaria. (R.E.C.I.). 1.ª parte. Introdução e instrução técnica. (12/16). 294 p. il. br. Cr\$ 5,00. (2/43). — N.º 2. Regulamento de continências, honras e sinais de respeito das forças armadas. (12/16). 115 p. br. Cr\$ 5,00. (2/43). Ed. e Publ. Brasil.

Fiedler (Arkady). — ESQUADRAO 308 — Trad. Japí Freire. Pref. Mário Martins. (13/19). 174 p. il. br. Cr\$ 8,00. (2/43). — Ed. Pan-Americana.

Hindus (Maurice). — A RESISTENCIA RUSSA. SEU SEGREDO POLÍTICO E MILITAR. — Trad. Isabel e Ana de Medeiros. (14/19). 397 p. br. Cr\$ 25,00. (2/43). — Calvino.

Martins (J. Salgado). — CÓDIGO PENAL MILITAR DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL — (15/22). 296 p. br. Cr\$ 25,00. (1942-2/43). — Ed. Thurmman.

Desejando V.S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Spence (Hartzen) — COM UM PE' NO CÉU — (One foot in Heaven). Trad. Sodré Viana. (15/22). 308 p. il. br. Cr\$ 18,00, enc. Cr\$ 26,00. (2/43). — Pongetti.

Totheroh (Dan) — VALES PROFUNDOS — Trad. V. Coaraci. (14/19). 325 p. br. Cr\$ 18,00. (2/43). — Ed. Pan-Americana.

Wallace (Calton) — L'INSAISSABLE MR. DEATH. — Col. "Police-Secours", 6. (11/18). 181 p. br. Cr\$ 8,50. (2/43). — Livr. Victor.

Wayne (Pedro) — ALMAS PENADAS — II. Carlos Scliar. Capa de Pedro R. Wayne. (14/20). 182 p. br. Cr\$ 10,00. (1942-2/43). — Pongetti.

Zola (Emile) — GERMINAL — Trad. Bandeira Duarte. Col. As Obra Eternas. (17/24). 209 p. br. Cr\$ 15,00. (2/43). — Vecchi.

B. 6) CONTOS

Mizar (André Jean) — LES MILLE NOUVELLES HISTOIRES MERSEIL- LAISES — II. de Tom. Col. Chante- cler. (11/18). 240 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — Livr. Victor.

Nery (Adalgisa) — Og. (13/19). 133 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — José Olim- pio.

Pire (Cornello) — QUEM CONTA UM CONTO... E OUTROS CONTOS — (14/19). 28 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — Livr. Liberdade.

5) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS, FÍSICAS E NATURAIS

Augusto (J. Cesar) — ARITMÉTICA ES- PECIALIZADA — Cálculos rápidos e sem produtos parciais. (16/24). 148 p. br. Cr\$ 20,00. (2/43). — Ed. Autor. Rio.

Cattony (Carlos) — LIÇÕES DE MATE- MÁTICA ELEMENTAR — 1.º vol.

Geometria intuitiva e aritmética prá- tica para 1.ª série dos ginásios. (14/19). 262 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (2/43). — Ed. Anchieta.

Maeder (Alcayr Munhoz) — TABUA DE LOGARITMOS E FORMULÁRIO DE MATEMÁTICA — (14/20). 92 p. cart. Cr\$ 8,00. (2/43). — Ed. Melhoramen- tos.

Oliveira (Valdemar de) — CIÊNCIAS NA- TURAIS — 3.ª série ginásial. Bibl. Es- colar Brasileira. 19. (14/20). 157 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (2/43). — Cla. Ed. Nacional.

Scheinfeld (Amram), Schweitzer (Mor- ton D.) — VOCÊ E A HEREDITA- RIEDADE — Trad. e pref. de A. Freire de Carvalho. II. do Autor. Col. A Ciência de Hoje. 6. (14/20). 460 p. br. Cr\$ 25,00. (2/43). — José Olímpio.

Silveira (Adel da) — O POSTULADO DE EUCLIDES — Demonstração. Pref. Luiz Caetano de Oliveira. (13/19). 60 p. il. br. Cr\$ 8,00. (2/43). — Z. Val- verde.

Wolff (Antônio Pedro) — MEUS PRO- BLEMAS — (Primeiro ano). (13/20). 159 p. il. br. Cr\$ 6,00. (2.ª ed. 2/43). — Saraiva.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

AGRICULTURA — COMÉRCIO — ECO- NOMIA DOMÉSTICA — FINANÇAS — INDÚSTRIA — PROFISSÕES — TECNOLOGIA

Beltrão (Odaclir) — CORRESPONDÊNCIA OFICIAL — (16/23). 98 p. br. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 1942-2/43). — Ed. Thurmann.

Gudin (Eugenio) — PRINCÍPIOS DE ECONOMIA MONETÁRIA — Pref. Maurice Byé. (17/24). 435 p. br. Cr\$ 45,00. (2/43). — Civilização.

MANUAL DO GASOGÊNIO — Pelos as- sistentes do Instituto Nacional de Tecnologia, do Curso avulso de ve- ículos e motores a gasogênio, do Mi- nistério da Agricultura. (14/20). 41 p. il. br. Cr\$ 8,00. (2/43). — Ed. Autores. Rio.

Pacheco (J. Janot) — COMBUSTÍVEIS — Emprego racional dos combustíveis brasileiros. (14/19). 354 p. il. br. Cr\$ 40,00. (2/43). — Alba.

Paula (L. Nogueira de) — SÍNTESE E EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ECO- NÔMICO NO BRASIL — Ciclo de Conferências. Pref. Juan Rodriguez Lopez. (16/22). 198 p. br. Cr\$ 15,00. (1942-2/43). — Distr. Pongetti.

Queiroz (J.) — O SECRETÁRIO MODER- NO — (14/19). 532 p. enc. Cr\$ 15,00. (Nova ed. 2/43). — Livr. Quaresma.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

MEDICINA

Dumesnil (René) — A ALMA DO ME- DICO — Trad. Flávio Goulart de An- drade. (12/19). 235 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — Vecchi.

Greenhill, B. S., M. D., F. A. C. S. (J. P.) — OBSTETRICIA PRÁTICA — Trad. F. Victor Rodrigues. Col. Elementa Médica. (15/22). 492 p. 112 figs. enc. Cr\$ 80,00. (2/43). — Casa do Livro.

Maia (Motta) — QUEIMADURAS — Fi- siopatologia e tratamento. Pref. Bran- dão Filho. Col. Elementa Médica. (15/22). 253 p. il. enc. Cr\$ 65,00. (2/43). — Casa do Livro.

Nogueira (Pedro da Fonseca) — PERSO- NALIDADES PSICOPÁTICAS E PSI- COSES DA INTUIÇÃO. FATOS PSI- COLÓGICOS E PSICOPATOLÓGICOS — Tese. (16/23). 120 p. il. br. Cr\$ 30,00. (1942-2/43). — Jornal Comér- cio.

Ralph (J.) — CONHECE-TE PELA PSI- CANALISE — Trad. José de Almeida Camargo. (14/20). 308 p. br. Cr\$ 13,00. (4.ª ed. 2-43). — José Olim- pio.

7) BELAS-ARTES — ESPORTE — JOGOS — DIVERTIMENTOS

Alaleona (Domingos) — NOÇÕES DE HISTÓRIA DA MÚSICA — Trad. am- pliada da 4.ª ed. italiana de Il Libro d'oro del musicista, por J. C. Cal- deira Filho. Pref. Savino de Bene- dictis. (16/23). 199 p. il. br. Cr\$ 15,00. (2/43). — Ricordi Americana. S. Paulo.

Martins (Luís) — A EVOLUÇÃO SOCIAL DA PINTURA — Seis conferências. Col. "Departamento de Cultura". S. Paulo. 27. (17/24). 116 p. il. br. Cr\$ 12,00. (1942-2/43). — Distr. Zello Valverde.

Milliet (Sérgio) — MARGINALIDADE DA PINTURA MODERNA — Col. "De- partamento de Cultura". S. Paulo. 28. (17/24). 85 p. il. br. Cr\$ 15,00. (1942-2/43). — Distr. Z. Valverde.

Milliet (Sérgio) — A PINTURA NORTE- AMERICANA — Bosquejo da evolu- ção da pintura nos EE.UU. (18/23). 35 p. 25 il. br. Cr\$ 15,00. (2/43). — Livr. Martins.



HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO

publicada sob a direção de:
Dr. Antonio Bayão — Dr. Hernani
Cidade — D. Manuel Murias

Direção gráfica de Luis de Montalvor

com a colaboração do sr. Ministro das Colônias de Portugal e dos maiores professores, engenheiros, militares de Portugal e Brasil. — Esta obra tem o alto patrocínio do Ministério das Colônias de Portugal.

EM FASCÍCULOS A Cr\$ 13,00

Completa — 3 volumes encadernados — Cr\$ 700,00
ACABA DE APARECER

O 4.º VOLUME (SÉCULOS 19 E 20) DA

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA
SOB A DIREÇÃO DE ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO (ENC. Cr\$ 240,00)

DISTRIBUIDAS EM TODO O BRASIL PELA:

LIVRARIA H. ANTUNES

Rua Buenos Aires, 133 — Rio

(Enviam-se catálogos e atende-se pelo Serviço de Reembolso)

A) FILOLOGIA (GENERALIDADES, ENSINO DE LINGUAS)

Binns (Harold Howard) — KING'S ENGLISH. — 4.ª série ginásial (14/20). 212 p. cart. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 2/43). — Cia. Ed. Nacional.

Bruno (Anibal) — LINGUA PORTUGUESA — Atologia, 1.ª e 2.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira, 18. (14/20). 362 p. cart. Cr\$ 14,00. (2/43). — 3.ª e 4.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira, 17. (14/20). 345 p. cart. Cr\$ 14,00. (2/43). — Cia. Ed. Nacional.

Carvalho (Felixberto de) — QUARTO LIVRO DE LEITURA — Curso superior. Des. e refundido por Epaminondas de Carvalho. (14/21). 290 p. cart. Cr\$ 8,00. 4.ª ed. (2/43). — Livr. Alves.

Faria (Ernesto) — GRAMATICA ELEMENTAR DA LINGUA LATINA. (14/20). 263 p. cart. Cr\$ 14,00. (2/43). — Cia. Ed. Nacional.

Ferreira (Tito Livio) — PREMIER LIVRE DE FRANÇAIS — Méthode directe et intuitive. II. J. U. Campos (14/20). 157 p. cart. Cr\$ 10,00. (8.ª ed. 2/43).

DEUXIEME — (14/20). 155 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (8.ª ed. 2/43).

TROISIEME — Textes littéraires français (14/20). 251 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (4.ª ed. 2/43). — Cia. Ed. Nacional.

Fleury (Renato Sêneca) — SÉRIE PATRIA BRASILEIRA — Leitura I. (14/19). 113 p. il. cart. Cr\$ 3,50. (6.ª ed. 2/43).

LEITURA II. (14/19). 153 p. il. cart. Cr\$ 4,00. (1942-2/43).

LEITURA III. (14/19). 142 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (1942-2/43).

LEITURA IV. (14/19). 220 p. il. cart. Cr\$ 5,50. (2/43). — Ed. Melhoramentos.

Fonseca (Eugênio Pinto da) — HISTORIETTES — Leitura suplementar para a 1.ª série. (15/19). 56 p. il. cart. Cr\$ 3,00. (8.ª ed. 2/43). — Ed. Melhoramentos.

Magne (Augusto) — Curso ginásial de latim, III. Primeira antologia latina. 1.ª e 2.ª série ginásial. (14/19). 339 p. cart. Cr\$ 14,00. (2/43). — Ed. Anchieta.

Reis (Morel Marcondes) — CONTOS BRASILEIROS. 4.º livro. (14/19). 213 p. il. cart. Cr\$ 5,50. (6.ª ed. 2/43). — Livr. Alves.

Siegler (Ana Teodora) — GRAMATICA LATINA — (14/19). 216 p. cart. Cr\$ 15,00. (2/43). — Saraiva.

Torres (Artur de Almeida) — COMPENDIO DE LINGUA PORTUGUESA — Antologia, 1.ª e 2.ª séries. B.P.B. s. 2.ª. Livros Didáticos, 117. (14/20). 315 p. cart. Cr\$ 13,00. (2/43). — Cia. Ed. Nacional.

B) LITERATURA

B. 1) GENERALIDADES — HISTÓRIA LITERARIA — ENSAIOS — CRITICA — CARTAS — CRÔNICAS

Andrade (Mário de) — ASPECTOS DA LITERATURA BRASILEIRA — Pref. Alvaro Lins. Col. Joaquim Nabuco. (13/19). 251 p. br. Cr\$ 14,00. (2/43). — Americ-Edit.

Anselmo (Manuel) — FAMILIA LITERARIA LUSO-BRASILEIRA — (Ensaio de literatura estética). (13/19). 286 p. br. Cr\$ 12,00. (2/43). — José Olímpio.

Zweig (Stefan) — O PENSAMENTO VIVO DE TOLSTOI — Trad. Lígia Antan Rodrigues Pereira. Bibl. do Pensamento Vivo, 13. (12/18). 185 p. cart. Cr\$ 12,00. (2/43). — Livr. Martins.

B. 3) POESIA

Alvarez (Martins D') — O NORTE CAN-TA... — (Poesia popular). Pref. Gustavo Barroso. (13/19). 128 p. il. br. Cr\$ 5,00. — Civilização.

Barros (C. Paula) — LAGUNA — Poema. (16/23). 22 p. il. br. Cr\$ 5,00. (2/43). — H. Velho.

Verlaine (Paul) — CHOIX DE POESIES — Précédée d'une préface de François Coppée. (13/19). 317 p. br. Cr\$ 20,00. (2/43). — Americ-Edit.

B. 4) TEATRO

Mesquita (Alfredo) — OS PRIAMIDAS — Peça em três atos. (14/19). 158 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-2/43). — José Olímpio.

Mesquita (Alfredo) — RETOURS — Pièce en deux parties e quatre tableaux (14/19). 113 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-2/43). — José Olímpio.

B. 5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS

Balfour (Hearnden) — TOUT EST POS

SIBLE — Col. "Police-Secours", 2. (11/18). 200 p. br. Cr\$ 8,50. (2/43). — Livr. Victor.

Barling (Maurice) — DAPHNE ADEANE — Trad. e pref. de Oscar Mendes. Col. Fogos Cruzados, 15. (13/19). 424 p. br. Cr\$ 16,00. (2/43). — José Olímpio.

Borba (Jenny Pimentel de) — PAIXÃO DOS HOMENS — (17/24). 302 p. Cr\$ 25,00. (2/43). — Borba Ed. — Rio.

Dekobra (Maurice) — MACAU, INFERNO DO JOGO — Trad. Abelardo Romero. (14/19). 229 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — Vecchi.

Fontenla — ETERNA INQUIETAÇÃO — (Romance no Rio). (14/19). 138 p. br. Cr\$ 12,00. (13/42-1943). — Distr. Hottum, Zagari — Rio.

France (Anatole) — LA RÔTISSERIE DE LA REINE PÉDAUQUE — Col. Chantecler. (11/18). 217 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — Livr. Victor.

Gide (André) — LA SYMMPHONIE PASTORALE, SUIVIE DE ISABELLE — (12/19). 219 p. br. Cr\$ 20,00. (2/43). — Americ-Edit.

Gorki (Máximo) — TORMENTA SOBRE A CIDADE — Trad. J. da Cunha Borges. (12/19). 188 p. br. Cr\$ 8,00. (2/43). — Vecchi.

Hansun (Knut) — PAI — Trad. Augusto Sousa. Col. Excelsior, 17. (12/18). cart. Cr\$ 10,00. (2/43). — Livr. Martins.

Norris (Kathleen) — ALGEMAS DE OURO — Trad. Dora Alencar de Vasconcelos. Col. O Romance para Você, 4. (13/19). 309 p. br. Cr\$ 8,00. (2/43). — José Olímpio.

Rizzo (Paulo Lício) — PEDRO MANETA — (Romance) — Albuquerque (Leda Maria de), Branco (Maria Luísa Castelo) — JULHO, 101 — (Comédia). Concurso de romance e teatro. Ministério do Trabalho. (16/23). 235 p. br. Cr\$ 10,00. (1942-2/43). — Distr. Civilização.

LEIAM

RENOVAÇÃO

REVISTA DEMOCRÁTICA
UNIVERSITÁRIA A SERVIÇO
DO ESFORÇO DE GUERRA.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo *Serviço de Reembolso Postal* da *Livraria Civilização Brasileira*, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Carvalho (Carlos Delgado de) — GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL — 4.ª série, B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 120. (14/20). 232 p. 2 mapas, il. cart. Cr\$ 13,00. (2/43). — Cia. Ed. Nacional.

Carvalho (Delgado de) — GEOGRAFIA DO BRASIL para a 3.ª série, B. P. B. s. 2.ª, Livros didáticos, 115. (14/20). 245 p. il. cart. Cr\$ 13,00. (2/43). — Cia. Ed. Nacional.

Chagas (Paulo Pinheiro) — TEÓFILO OTONI, MINISTRO DO POVO — Bibl. de Grandes Biografias, 2. (15/22). 438 p. il. br. Cr\$ 30,00. (2/43). — Z. Valverde.

Figueiredo (Fidelino de) — ANTERO — Quatro conferências. Col. "Departamento de Cultura", S. Paulo, 26. (17/24). 224 p. il. br. Cr\$ 15,00. (1942-2/43). — Distr. Z. Valverde.

Franco (Carvalho) — NOBILIÁRIO COLONIAL — Pref. Sebastião Pagano. Publ. do Instituto Genealógico Brasileiro. (16/23). 160 p. il. br. Cr\$

12,00. (2/43). — Ed. Meridiano.

Leme (Alberto Betim Paes) — HISTÓRIA FÍSICA DA TERRA — (Vista por quem estudou no Brasil). Pref. E. Roquette Pinto. Rev. de Otacílio Rainho Carneiro. (16/23). 1.020 p. 297 figs. enc. Cr\$ 200,00. (2/43). — Brigueit.

Marçal (Heltor) — Martim Soares Moreno. O "Guerreiro Branco" de "Iracema". (14/19). 163 p. br. Cr\$ 8,00. (2/43). — Vecchi.

Tácito (Cálo Cornélio) — GERMANIA — Trad. Sady Garibaldi. (17/24). 96 p. br. Cr\$ 10,00. (2/43). — Livr. Para Todos.

Weygand (General) — TURENNE, MA-

HECHAL DE FRANÇA — Trad. Oscar Mendes. (13/19). 239 p. br. Cr\$ 15,00. (2/43). — Americ — Edit.

Ludwig (Emil) — O MEDITERRANEO. DESTINO DE UM OCEANO — Trad. Almir de Andrade. (14/23). 557 p. br. Cr\$ 30,00. (2/43). — José Olimpio.

Gunther (John) — O DRAMA DA AMÉRICA LATINA. (Inside Latin America) — Trad. Jorge Jobinsky. (15/22). 499 p. 2 pranchas, br. Cr\$ 25,00, enc. Cr\$ 32,00. (2/43). — Pongetti.

Harris (Frank) — MINHA VIDA E MEUS AMORES — 1.º volume. Trad. Elias Davidovich. (14/20). 276 p. br. Cr\$ 20,00. (2/43). — Distr. Livr. Martins.

A "Campanha do Livro da Vitória"

"Colabore na Campanha do Livro da Vitória, promovida pela União Nacional dos Estudantes. Eis alguma coisa que você pode fazer pessoalmente pelos homens e mulheres nos serviços de guerra do Brasil; eles precisam de livros para estudo e livros para recrea-

ção; quando você acabar de ler este ou qualquer outro livro, envie-o para o endereço abaixo, para que também eles possam apreciá-lo. Os livros serão encaminhados para onde forem mais necessários". Endereço: UNE, Praia do Flamengo, 132.

A NOSSA TIRAGEM

Não obstante considerarmos insignificante a atual tiragem de LEITURA — 10.000 exemplares, controlada pelos editores Calvino e Valverde — somos obrigados a dizê-lo em público, porque, infelizmente, as tiragens no Brasil são muito limitadas. Sem nenhuma modéstia dizemos que só desejaríamos fazer declarações públicas quando a nossa tiragem correspondesse à importância de LEITURA, isto é, 100.000 exemplares. Esperemos alguns meses...

AO LIVRO TÉCNICO --- CANETA ESCOLAR

A CIDADE GANHOU ESTE MÊS MAIS UMA NOVA E IMPORTANTE LIVRARIA:

AO LIVRO TÉCNICO-CANETA ESCOLAR — inaugurada no dia 22 do corrente e que, como o título indica, se dedicará, principalmente à divulgação de livros técnicos, tanto nacionais como estrangeiros.

Assinalando a inauguração desta casa, única no gênero do Brasil, observamos a excelência de suas instalações, no mais moderno estilo, o que a Imprensa teve ocasião de apreciar, visitando o novo e elegante estabelecimento para venda de livros.

Além desse ramo, AO LIVRO TÉCNICO-CANETA ESCOLAR — tem um variado sortimento de canetas que oferece ao preço de Cr\$ 15,00 com completa garantia de funcionamento, artigo raro no mercado, tanto pelo preço como pela excelência do material apresentado.

AO LIVRO TÉCNICO --- CANETA ESCOLAR

Av. Rio Branco 120 — Loja 16

A Vida de Timoshenko

(Continuação da pág. 20)

obrigado a pincelar o ambiente histórico em que Timoshenko se apresenta aos nossos olhos.

Palpita-se de emoção através destas páginas quentes de batalhas e repassadas pelo gigantesco sopro de uma revolução. Qualquer que seja a atitude mental do leitor ante a tragédia da guerra civil, não deixará de admirar a fulgurante trajetória militar de Timoshenko no exército soviético, nesse mesmo exército que agora está suportando o maior peso da guerra, forçando os alemães a dar uma trégua ao Ocidente, trégua que a Inglaterra e as Américas estão gosando.

Nesta biografia, travamos conhecimento com um Timoshenko desconhecido. O "homem das ofensivas" aparece-nos simples, sóbrio de palavras, concentrado, preocupado com as falhas que possam existir no exército de sua pá-

tria, cheio de ansiedade por uma vitória que jogue os nazistas não apenas fora da Rússia, não apenas fora da Alemanha, mas também fora do mundo.

A impetuosidade no combate, a capacidade de comando, o sentido da camaradagem com a tropa, a avaliação perfeita das forças inimigas, tudo que caracteriza um general de gênio encontram-se em Timoshenko. É verdadeiramente um espetáculo admirável o que nos oferece este livro: ver o despertar de uma consciência humana através das vicissitudes da guerra civil mais trágica que se conhece (incluindo-se na comparação a de 1936 na Espanha).

Compreenda-se, ao ler estas páginas trepidantes como uma carga de cavalaria cossaca, o gênio militar de Timoshenko, e que o pesadelo de Hitler é também um profeta quando em certa altura afirmou aos seus comandados: "A Rússia não sucumbirá nem ao ferro nem

ao fogo porque não há ferro nem fogo suficientes para destruí-la."

Seja qual for o resultado da guerra entre as Repúblicas Socialistas e o III Reich, o fato é que a figura de Timoshenko ficará na História como um dos generais mais completos e fofoado com as terríveis energias de um Aníbal, de um Napoleão, de um Alexandre, porém, com mais alta significação para todos aqueles que estão com seu destino, homens e nações, pendentes de sua espada.

Clemente Cimorra escreveu com imparcialidade esta biografia. A força e o lirismo das narrativas correspondem à índole do tema. Sem exageros mas com propriedade de conceitos e numa linguagem simples, Cimorra proporciona ao leitor momentos sensacionais e conhecimentos valiosos sobre o ídolo de milhões de homens, dentro e fora da Rússia.

Últimas Edições

(Continuação da pág. 24)

mente, o chefe do movimento italiano livre e um dos líderes anti-fascistas do mundo. Ele dedica esse livro aos italianos livres das duas Américas, procurando colocar o povo de sua terra em suas verdadeiras perspectivas históricas. Uma síntese da vida política e social da Itália, descrita com sabor e cheia de recordações dos antigos tempos de liberdade do povo. Foi traduzido por Lelio Landucci.

Edição do INSTITUTO BRASILEIRO-CHILENO:

PAISAGENS DO CHILE, de Anglone Costa, é um livro de viajante inteligente que sabe descrever com simplicidade, elegância e clareza. Todos os capítulos de PAISAGENS DO CHILE têm novidades que prendem e emocionam o leitor.

Da GAZETA DOS TRIBUNAIS:

IDEÁRIO POLÍTICO DE GETULIO VARGAS, de Raul Guastini, é uma sintetização de conceitos políticos, de discursos, de entrevistas e de proclamações do presidente Getúlio Vargas. Este livro de Raul Guastini, como era de se esperar, foi bem recebido, sobretudo por parte daqueles que se tem aprofundado no estudo da obra de Getúlio Vargas.

De DOIS MUNDOS EDITORA:

NA COLEÇÃO CLASSICOS E CONTEMPORÂNEOS: OS MELHORES CONTOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL, seleção e prefácio de Gustavo Barroso. Dez séculos de história de Portugal, narrados por Alexandreerculano, Conde de Cabugosa, Eça de Queiroz, Antonio Saldanha, H. Lopes de Mendonça, Julio Dantas, Pinheiro

Chagas, D. João de Castro, Rebelo da Silva, Jaime Cortesão, etc.

NA COLEÇÃO DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA GUERRA: O QUE HITLER ME DISSE, de Hermann Rauschning. É um livro importante, que explica a guerra e nos diz claramente dos designios de Hitler para com o Brasil e os demais países sul-americanos.

Da EDITORA MINERVA LIMITADA:

A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS. Os pequenos heróis da célebre obra do Conde Henri de la Vaux e Arnaud Galopin, atualizados por Acuarrofe (desenhos e mapas) e Afonso Varzea (texto). Volume único.

NA COLEÇÃO PEQUENOS MANUAIS: EU SEI TIRAR FOTOGRAFIAS, de Jean Belys. Uma obra de orientação sobre a arte fotográfica.

SANGUE DE TIGRE, por Eliana, um romance que já alcançou quatro edições. Uma aventura cheia de imprevistos, contada com desenvoltura, força, emoção.

Da EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

O PODER SOVIÉTICO, do Rev. Hewlett Johnson. Deão de Canterbury. Finalmente já se encontra à venda este livro poderoso, que nos fala com justiça verdadeiramente cristã do povo da U. R. S. S. Traz um prefácio significativo do Bispo de Maura.

TRATADO DE ARITMÉTICA SIMPLI-

FICADA, pelo professor J. Cezar Araujo, vem despertando o maior interesse. Prefaciado pelo professor Rafael Benalón, o TRATADO DE ARITMÉTICA SIMPLIFICADA apresenta métodos simples de realizar operações matemáticas que pareciam difíceis para o espírito dos estudantes.

DA LIVRARIA ANTUNE

NA COLEÇÃO GLAUDIO: NATAL PORTUGUES, de Luis Chaves; O ISLAO NA INDIA, de Eduardo Dias; 1640-RICHÉLIEU E O DUQUE DE BRAGANÇA, de Rodrigues Cavalheiro; O SOCIALISMO E ANTERO DE QUENTAL, de José Tomás de Sousa; A VIDA DE ANTERO DE QUENTAL, de Luis Teixeira; ALBERTO SAMPAIO, o historiador das Instituições Rurais, (Franz-Paul-Langhans); A CONQUISTA DO AR, de Fernando Garcia.

NA COLEÇÃO CLASSICOS PORTUGUESES: SONETOS DE LUIS DE CAMÕES, prefácio, seleção e notas de João de Almeida Lucas; D. DUARTE — Leal Conselheiro —, notícia histórica e literária de F. Costa Marques; CRÔNICA DOS FEITOS DE GUINÉ, prefácio, seleção e notas de Alvaro Julio da Costa Pimpão; MANUEL BERNANDES, introdução, seleção e notas de A. do Prado Coelho; MENINA E MOÇA, notícia histórica e literária de F. Costa Marques. Estes livros são edições da Livraria Clássica Editora, distribuída pela Livraria Antunes. o

AVISO AOS EDITORES:

SÓ PUBLICAREMOS nesta secção os livros que nos foram enviados. Solicitamos, portanto, aos editores a sua remessa pontual até o dia 15 de cada mês.

Clássicos e Contemporâneos

OS GRANDES LIVROS CALMOS PARA ESTA HORA INQUIETA

Uma estimuladora leitura que vale pelo melhor tônico dos nervos conturbados

Os mais altos escritores lusos prefaciados e anotados pelos mais destacados intelectuais brasileiros.

Antero; Eça; Camilo; Ramalho; Fialho; Gonçalves Crespo; Latino Coelho; Dantas; Rebelo da Silva; Herculano; Sabugosa; Julio Dantas; Homens do Século XIX, vistos pela crítica de Manuel Bandeira, Fidelino Figueiredo, Costa Rego, Gilberto Freyre, Lins do Rego, Afrânio Peixoto, Gustavo Barroso, Viana Moog e muitos outros.

O que o povo canta em Portugal — Jaime Cortesão	20,00
Elogio Histórico de José Bonifácio — Latino Coelho	16,00
Sonetos Completos e Poemas Escolhidos de Antero de Quental	18,00
Prosas Escolhidas, de Antero de Quental	18,00
Os gatos, de Fialho de Almeida	18,00
Obras Completas, de Gonçalves Crespo	18,00
Os Melhores Contos Históricos de Portugal, de Herculano a Julio Dantas	18,00
As Farpas, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz — 2 volumes	18,00

PEDIDOS A

Livros de Portugal Ltda.

RUA DO OUVIDOR, 106

ACEITAM-SE PEDIDOS PELO "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL"

PRH-8

RÁDIO IPANEMA

OFERECE ao BRASIL DOIS PROGRAMAS DIFERENTES:



NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE PRH-8

■ ■ ■ UMA COMPLETA RESENHA DOS ACONTECIMENTOS LITERÁRIOS DA SEMANA.



BACIA DE PILATOS

■ ■ ■ UM CARTAZ LITERÁRIO MOVIMENTADO E ORIGINAL EM COMBINAÇÃO COM "VAMOS LER".

Programas dirigidos e apresentados por

José Queiroz Junior

na faixa de 1.130 quilociclos,

diretamente dos novos auditórios da **RÁDIO IPANEMA**,
à Avenida Atlântica, 24, no Leme.

Próximas Edições NOSSA CAPA

(Continuação da pág. 28)

COMO EXPLICAR O MÉTODO COUE, pelo dr. Jean D'Orgemont. Um pequeno volume, muito útil aos estudiosos da auto-sugestão.

DA EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

TIMOSHENKO, notável biografia, escrita por Bob Considine. A vida inteira de quem foi sempre um revolucionário, e os feitos atuais do grande marechal soviético.

MAC ARTHUR, por Emil Ludwig, biografia do grande general norte-americano, escrita por um dos maiores biógrafos do mundo.

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Ana Luíza Strong. Eis um livro quase desconhecido da maioria dos leitores impacientes que procuram as edições castelhanas ou americanas, mas podemos afirmar que é um depoimento e um estudo tão grande como o **PODER SOVIÉTICO**, apenas não foi escrito pelo Deão...

DA LIVRARIA JOSE OLIMPIO EDITORA:

OS DIREITOS DO HOMEM, de Jacques Maritain, em tradução de Afonso Coutinho.

NA COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS: CÉU ROUBADO, de Franz Werfel, o sereno e profundo romancista de "A morte do pequeno-burguês", que escreveu também um romance sentimental, "A Canção de Bernardette". Tradução de Sodrê Viana.

NA NOITE DO PASSADO, de James Hilton, o romancista de "Horizonte Perdido", "Adeus, Mr. Chips" e "Não estamos sós".

DIAS PERDIDOS, de Lucio Cardoso, o romancista poderoso e estranho de "A Luz do Sub-solo" e de outros romances que dão o que pensar aos nossos críticos, pois que se realizam em atmosferas que não são as nossas, mas da própria força imaginativa e incontida de Lucio Cardoso.

CONTISTAS DO PRÊMIO HUMBERTO DE CAMPOS: NAVIO SEM PORTO, de Lia Corrêa Dutra, que obteve o primeiro lugar; **OS BRAÇOS SUPPLICANTES**, de Eliezer Burla, que obteve menção honrosa; **A SEMANA DE MISS SMITH**, de Maria Leda de Albuquerque, menção

honrosa. A jovem contista já é detentora de um prêmio de teatro concedido pelo sr. Ministro do Trabalho.

AVISO AOS EDITORES:

SENDO esta secção absolutamente gratuita e de real interesse tanto para os leitores como para os editores, agradeceríamos se nos enviassem, na primeira quinzena de cada mês, notícias de próximas edições.

A PRIMEIRA página de **LEITURA** foi ilustrada com a capa do livro que está alcançando o maior sucesso de livreria no Brasil: **O PODER SOVIÉTICO**, pelo Rev. Hewlett Johnson, Deão de Canterbury, lançado pela **Editorial Calvino Ltda.**

E' muito provável que as tiragens deste livro estabeleçam um novo "record" no Brasil. Em todas as livrarias: Cr\$ 25.00. Pelo serviço de reembolso postal: Cr\$ 26.00.

DESDE AQUELE DIA



parece que
os negócios tomaram
novo impulso...

A direção da firma cabia a um sócio apenas. Por isso, os Bancos limitavam seu crédito. Não havia pleno desenvolvimento. Um dia, porém, os três sócios resolveram proteger a firma e protegerem-se mutuamente, instituindo um Seguro Comercial, na Sul America. Desde então o crédito firmou-se, os negócios aumentaram e os lucros multiplicaram-se. Siga este exemplo, o Sr. que também é comerciante!



SUL AMERICA

Companhia Nacional de
Seguros de Vida

Edições da Casa do Estudante do Brasil



Preço: Cr\$ 15,00

"Gordos e Magros"

"Duas idéias centrais encontramos nestes ensaios sob formas diversas: o gosto do espírito romântico e o sentimento da província; a afirmação do espírito de liberdade e de aventura ao lado de raízes profundas que vieram da terra e que voltam à terra com a sensação do ser que busca a sua própria vida".

ÁLVARO LINS

("Correio da Manhã", Rio — 5-9-942).



Preço: Cr\$ 12,00

"A Cinza do Purgatório"

"Neste volume de título tão belo e tão sugestivo — "A Cinza do Purgatório" — reuniu Otto Maria Carpeaux uma série de breves e admiráveis ensaios críticos, que são verdadeiras sondagens realizadas nos mares mais profundos da literatura universal. Esta precisamente a impressão ou, antes, a imagem que me deixam muitas das páginas deste livro: o de que o crítico, depois de cada mergulho, volta à tona extenuado, com as mãos sangrando, mas oferecendo à nossa admiração as pérolas mais autênticas que o cérebro humano já segregou".

ASTROJILDO PEREIRA

("Diretrizes", Rio — 21-1-943).



Viana Moog

"Uma Interpretação da Literatura Brasileira"

Viana Moog, nesta sua interpretação da literatura brasileira, realiza uma das primeiras tentativas, entre nós, de estudar as manifestações artísticas e culturais do Brasil à luz de uma concepção mais sociológica do que histórica. Sua preocupação é de explicar os fatores determinantes de nossa evolução no mundo das idéias. E para tanto estabelece novos conceitos, distinguindo no conjunto da literatura brasileira o que denomina de sete ilhas culturais. De acordo com esta divisão, o autor de "Eça de Queiroz e o Século XIX" procura situar as diferentes correntes do pensamento brasileiro em relação às diversas regiões do país, em que predominam fatores diferentes, não só de ordem social e econômica, mas inclusive de ordem geográfica e climática.

Seguindo este processo de análise, Viana Moog estuda o movimento literário do Brasil, procurando situar cada escritor dentro do seu grupo cultural de província, sujeito às influências do meio com todos os seus caracteres físicos e sociais.

(Preço: Cr\$ 4,00).

BONIFICAÇÃO DE 30 % NAS EDIÇÕES DA C. E. B., PARA OS ESTUDANTES.

LIVRARIA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

AVENIDA RIO BRANCO, 120 — LOJA 13 — TEL. 42-1346

ALBA, EDITORA

apresenta a 2.^a EDIÇÃO do
grande romance brasileiro

CALUNGA

DE

JORGE DE LIMA

EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO — Cr\$ 15,00

Outras edições da ALBA

COLEÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS:

HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONOMICAS, de Charles Gide e Charles Rist. — Obra premiada na França. Um volume de 850 págs., formato duplo francês, ilustrado com várias gravuras dos grandes economistas mundiais, e luxuosamente encadernado Cr\$ 85,00

HISTÓRIAS DAS IDÉIAS POLÍTICAS, de Raymond G. Gettell, professor catedrático da Universidade da Califórnia. — Um volume de 650 páginas, formato duplo francês, ilustrado com várias gravuras e encadernado como o precedente. Preço Cr\$ 75,00

COLEÇÃO DOM CASMURRO:

CARTAS INÉDITAS DE EÇA DE QUEIROZ a Ramalho Ortigão. — Um volume de mais de 300 págs. Cr\$ 10,00

MAYERLING, de Claude Anet. — Tradução, prefácio e notas de Edith Magarinos Torres. Um volume em formato americano, com 240 páginas e várias ilustrações Cr\$ 12,00

LA POÉSIE BRÉSILIENNE 1930-1940. — Poemas escolhidos e traduzidos pelo prof. Henri de Lanteuil. — Um volume de mais de 300 páginas, em formato grande (1/16 BB) Cr\$ 25,00

COLEÇÃO ESTUDOS AMERICANOS:

BOLIVAR, de Sílvio Júlio. 2.^a edição da obra que mereceu o 1.^o Prêmio no Concurso estatuído pelo governo venezuelano para comemorar o centenário de sua Independência. Um volume de 400 págs., brochado Cr\$ 20,00

COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA:

OS HOMENS NAO FALAM DE MAIS... de Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira. Uma seleção de 20 entrevistas sensacionais dos dois grandes jornalistas e escritores. Um volume de cerca de 300 páginas, brochado Cr\$ 12,00

O SAL NA ECONOMIA DO BRASIL, de Dilecio Dantas Duarte. Toda a história e a legislação sobre este grande produto de nossa economia, escrita por um profundo conhecedor da matéria. Obra imprescindível para os estudiosos. Um volume de 300 págs., broc. Cr\$ 12,00

COLEÇÃO INFANTIL:

O BOI ARUA, de Luis Jardim. — Livro que mereceu o 1.^o Prêmio no Concurso de Literatura Infantil do Ministério da Educação. Uma linda edição ilustrada pelo autor Cr\$ 10,00

EM TODAS AS LIVRARIAS

Solicite qualquer destes livros pelo Serviço de Reembolso Postal

"ALBA", EDITORA — LAVRADIO, 60 — RIO DE JANEIRO

Representantes exclusivos para a praça de São Paulo

LIVRARIA EDITORA PAULICÉIA

S O U S A & S I L V A L T D A .

RUA DUQUE DE CAXIAS, 121 — Fone 4-2623



COMBUSTÍVEIS

EMPREGO RACIONAL DOS COMBUSTÍVEIS BRASILEIROS

POR J. JANOT PACHECO

Vasto repertório sobre os recursos naturais do Brasil. Para técnicos e leigos. Interessa a todos os brasileiros a sua leitura. Emancipação econômica do Brasil. Petróleo nacional. Petróleo sintético. Fontes diversas de energia. Combustíveis líquidos para todos os tempos. Carvão nacional. Briquetagem. Pulverização. Alcool. Motor a explosão, a carvão pulverizado. Turfa. Xistos diversos. Linhito. Economia de combustíveis.

Um livro da maior oportunidade para todos que se interessam ou lutam pela independência econômica do Brasil

Em todas as livrarias — Preço do exemplar Cr\$ 40,00

Para o Serviço de reembolso postal, dirigir-se a ALBA, Editora,
Rua do Lavradio, 60 — RIO

A inauguração da Sucursal da "Livraria Espanhola"

CONSTITUIU um verdadeiro acontecimento a abertura da sucursal da LIVRARIA ESPANHOLA, à rua Sen. Dantas, 46-A, com as suas modernas e magníficas instalações, as vitrinas expondo as últimas novidades livrescas do país e do estrangeiro. O ato inaugural realizou-se com a presença do embaixador argentino, exmo. sr. Adrian C. Escobar e de Angel Rivera, adido à mesma Embaixada, além de escritores, jornalistas, etc.

Ganhou assim a cidade mais uma fonte de cultura, por iniciativa de José Nuñez Macías, filho do saudoso Samuel Nuñez López, que foi o introdutor entre nós do livro hispano-americano. Esse autêntico bibliômano chegou em 1908 ao Brasil e desde então um só ideal o empolgou: o de divulgar o livro espanhol, em larga escala; não somente o de seu país, mas o de idioma castelhano editado em todos os países hispano-americanos. Fundando a LIVRARIA ESPANHOLA, concretizou o seu grande objetivo, prolongado e desdobrado pela inteligência progressista de seu filho José Nuñez Macías.

Na livraria que acaba de fundar a sucursal, existe uma quantidade bem elevada de obras dos maiores escritores espanhóis, em "primeira edição". Para destacar um nome apenas, citamos o extraordinário Don Ramon Del Valle-Inclan, autor das célebres "Sonatas" e de "Tirano Banderas".

Uma visita às estantes da LIVRARIA ESPANHOLA, significa entrar em íntimo contacto com uma das maiores culturas que o mundo já produziu. Nunca será demasiado repetir e salientar o valor dessas "primeiras edições", hoje tão raras, mesmo na Argentina.

Além das "primeiras edições", há edições primorosas dos clássicos espanhóis e a preços verdadeiramente mínimos em comparação com a raridade das mesmas.

Estas palavras são nossas, são espontâneas, não nos foram dita-



José Nuñez Macías

das por José Nuñez Macías. Conhecemos a livraria, já folheamos as primeiras edições dos livros de Valle-Inclan, dos clássicos e de inumeráveis e importantes escritores da Espanha de Antonio Machado, Juan Ramon Jiménez, Rafael Alberti, Garcia Lorca, Ganivet, Unamuno e de tantos e tão admiráveis romancistas, poetas e ensaístas. Conhecemos esses estantes e somos os primeiros a valorizar as edições que nós próprios gostaríamos de possuir.

José Nuñez Macías herdou de seu pai a capacidade de trabalho e o amor às letras. Não limitou os seus negócios em face das contingências atuais que erguem barreiras cada vez mais pesadas e mais difíceis para iniciativas desse gênero; antes, multiplicou-os, desenvolveu-os, oferecendo aos leitores e à cidade do Rio de Janeiro um novo e completo estabelecimento onde se encontram as últimas e as mais interessantes publicações em língua castelhana, além de tudo que se vem publicando de melhor no Brasil.

No ato inaugural, após as taças de "champagne", falou o es-

critor Alarcon Fernandez. Em seguida, José Nuñez Macías, cujo retrato ilustra esta página de LEITURA, agradeceu e expôs aos presentes as finalidades da sucursal de sua conhecida e procurada LIVRARIA ESPANHOLA.

Por outro lado, a inauguração da sucursal de José Nuñez evidencia também a enorme e sempre crescente aceitação nos leitores brasileiros para com os bem apresentados livros em castelhano, venham de Espanha ou do México, da Argentina ou do Chile. Em todos os Estados do Brasil, mesmo nos mais longínquos, hoje as livrarias expõem os livros espanhóis com o mesmo interesse que as levava a expor o livro francês. Sem audácia, podemos afirmar que o espanhol começa a substituir o francês. No Rio de Janeiro, em São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, esses leitores são mais numerosos e as livrarias mais abundantes nas novidades que veem sobretudo da Argentina, onde se encontra a maioria das grandes e experimentadas editoras da Espanha e onde certos escritores brasileiros começam a aparecer com mais frequência e sucesso editorial.

Muito disso se deve ao pai de José Nuñez, que foi o primeiro no Brasil a acreditar nessa procura de livros da sua terra e das terras que falam a mesma língua.

A sucursal da LIVRARIA ESPANHOLA é uma casa especializada, que pode realmente oferecer aos leitores de todo Brasil, tudo o que se publica nos países vizinhos. Livros científicos, livros didáticos, literatura, história, filosofia, tudo se encontrará mais facilmente na LIVRARIA ESPANHOLA e na sucursal. Antigos, clássicos e modernos lá estão ao alcance de qualquer um. E não esquecer as "primeiras edições" e as edições de luxo dos clássicos, assim como as grandes edições dos escritores do momento.

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

MARÇO L. 1945

ANO I — NÚMERO 4

RUA DO ROSÁRIO, 129

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Cr. \$ 0,50

Um livro atual

"O mais fascinante livro de guerra que já li. Um livro mais importante para os americanos do que todos os outros que se escreveram até agora, no gênero", assim se referiu a este admirável trabalho o célebre historiador Charles Beard.

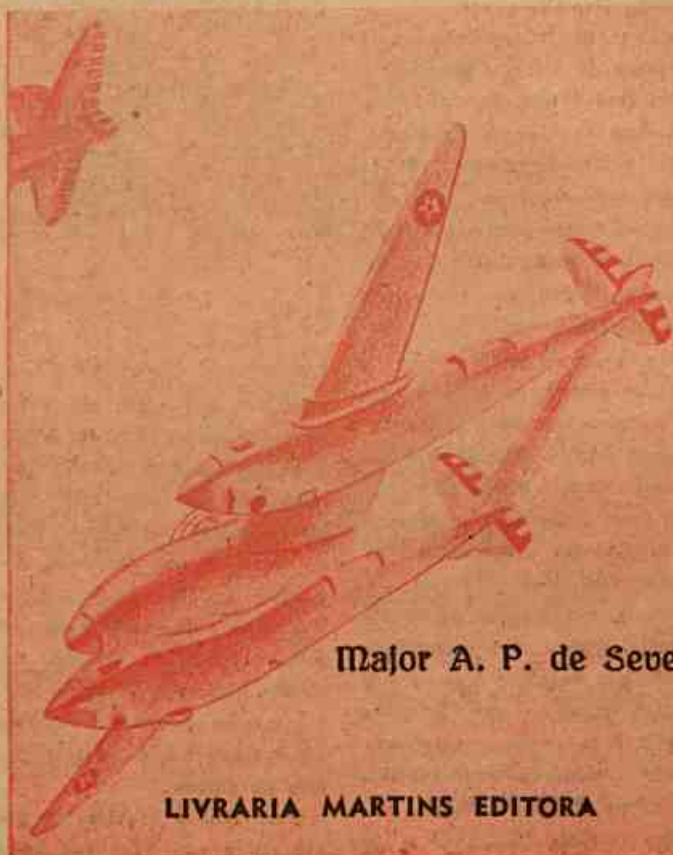
O MAJOR Seversky é uma das maiores autoridades em matéria tática e estratégia de guerra, e um notável construtor de aviões. Comandante de uma esquadrilha de aviões russos, na primeira guerra mundial, perdeu uma perna em 1915, mas conseguiu voltar ao seu posto graças a uma licença especial do Czar. Obteve várias condecorações, e, finda a guerra, veio para os Estados Unidos, onde se dedicou inteiramente à aeronáutica. Inventou a primeira mira de bomba automática e conseguiu construir o primeiro avião de combate com tubo compressor e motor resfriado a ar. É detentor de vários recordes de velocidade, tendo ganho, em 1939, o "Harmon Trophy" como o aerotécnico de mais relevo nos Estados Unidos.

A publicação do livro do major Saversky, cuja venda nos Estados Unidos já atingiu a muitas centenas de milhares, foi uma das sensações mais fortes da vida norte-americana em 1942. Walt Disney não conseguiu resistir à atração deste maravilhoso livro e acabou fazendo um filme de longa metragem baseado nas suas páginas vivas e palpitantes.

Tal é o livro que agora apresentamos ao público brasileiro, em tradução de Asdrubal Mendes Gonçalves, e em uma belíssima edição magnificamente ilustrada.

Preço: Cr\$ 25,00.

A VITÓRIA PELA FORÇA AÉREA



Major A. P. de Seversky

LIVRARIA MARTINS EDITORA

Transcrevemos abaixo algumas opiniões autorizadas sobre esta importante obra:

"O mais fascinante livro de guerra que já li, é um livro mais importante para os leitores do que, reunidos, todos os outros que se tenham escrito no gênero." — Charles Beard.

"Para um leitor comum, o argumento do major Seversky é dos mais convincentes. Este li-

vro, se lido e compreendido com clareza, pode transformar o ponto de vista de qualquer leitor sobre a guerra." — Lewis Gannett, "New York Herald Tribune".

"É um livro terrível e oportuno. Raramente tem sido discutido assunto mais vital, com tantos fatos autorizados e opiniões expandidas com mais entusiasmo e bom gosto." — Orville Prescott — "New York Times".

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

AINDA E SEMPRE O PAPEL

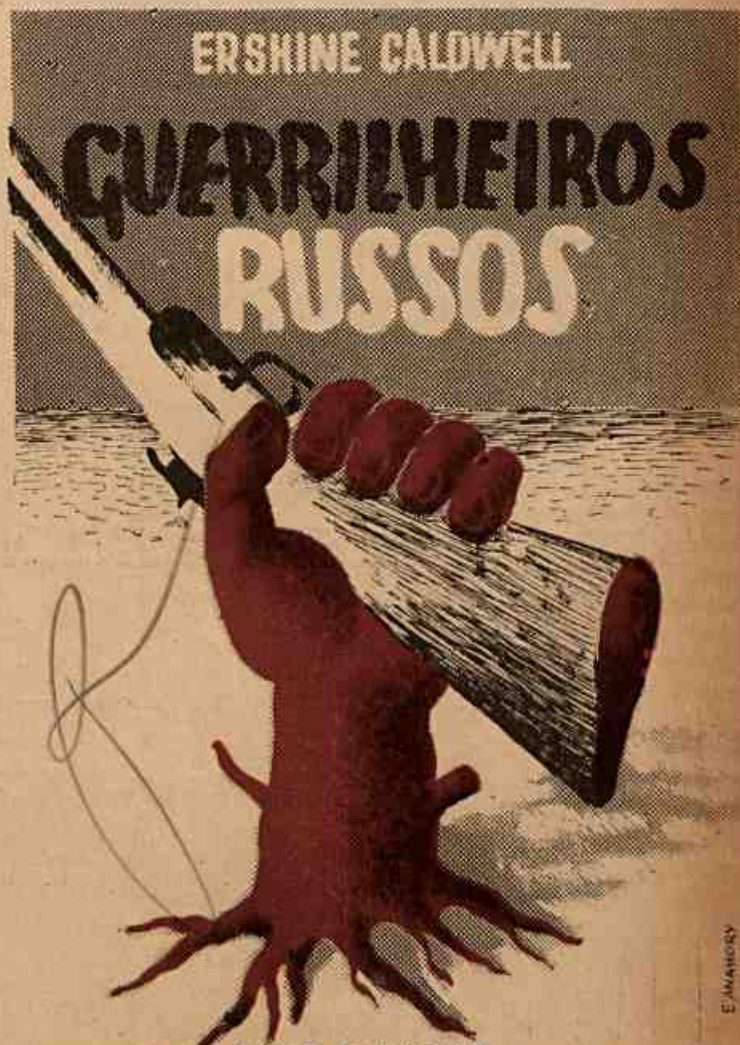
SENDO o papel a matéria prima da nossa indústria editorial, é lógico que LEITURA esteja sempre vigilante na defesa dos interesses fundamentais do livro brasileiro. Por isso, não deixaremos passar nenhuma oportunidade de protestar contra os lucros excessivos — dizemos excessivos para usar uma linguagem sóbria — dos fabricantes de papel que, enquanto o Setor Preços da Coordenação Econômica não adotar medidas que restrinjam estes lucros, não sabemos aonde iremos parar nesse constante aumento de preço contrastando com a qualidade que é cada vez mais inferior.

O Presidente Roosevelt, compreendendo a alta significação do papel nos problemas da educação e da cultura, limitou o seu preço, procedendo da mesma maneira com os produtos farmacêuticos, por que a educação e a saúde exigem da administração um zelo permanente e, nas épocas de anormalidade como a que estamos vivendo, um controle eficiente. E outra atitude do governo americano que devemos destacar com a maior simpatia, é a de contribuir com 50% das despesas extraordinárias (seguro e frete de guerra) afim de que a imprensa dos países que importam papel — a totalidade na América latina — não seja prejudicada mais seriamente pela difícil contingência que a guerra a todos nos impõe. Como demonstração prática da política de boa vizinhança convence até aos mais pessimistas.

Pese a má qualidade do papel buffon de 2.^a e 3.^a, que equivaleriam à 3.^a e 4.^a respectivamente de apenas há três anos passados, e que são os tipos usualmente empregados nos livros nacionais, o seu preço varia de Cr\$ 7,00 a 7,50 no primeiro caso, e de 6,40 a 7,00 no segundo. Os papéis assefinados, muito empregados nos livros escolares, por ser melhor a impressão das gravuras, custam 20 e 30 % mais que aqueles. (Aqui vemos como o problema da educação foi diretamente agravado por essa desagradável situação). Não vamos argumentar com os preços de antes da guerra, que eram de Cr\$ 2,00 a 2,20 para aqueles tipos de papel buffon. Vamos demonstrar o absurdo e o artificialismo dos preços atuais, hoje mesmo, comparando-os com os papéis de ótima qualidade que poderíamos importar do Canadá e dos Estados Unidos. Pagando frete de guerra, seguro de guerra, comissão aos intermediários, o papel estrangeiro equivalente ao buffon de 2.^a — a diferença é para melhor — sendo importado livre de direitos, custaria de Cr\$ 3,60 a

4,00 o quilo, ou seja quase a metade do preço que pagamos para o buffon de 2.^a. Os direitos aduaneiros se aproximam dos Cr\$ 3,00 por quilo. O produtor nacional soma o custo do papel com estes direitos hipotéticos e faz o seu preço. Desta simples operação resultam os seus lucros fabulosos. Acresce mais a dificuldade de importação... Que incrível prosperidade!

Evidentemente o Setor Preços da Coordenação deve dirigir as suas vistas para a indústria nacional de papel, como o vem fazendo para todas as atividades comerciais e industriais, merecendo o aplauso unânime dos consumidores.



EDIÇÕES DOIS MUNDOS RIO DE JANEIRO

DOIS LIVROS SENSACIONAIS DE GRANDE OPORTUNIDADE!

EL PODER SOVIETICO

Rev. Hewlett Johnson

(Deão de Canterbury)

Edição CLARIDAD — Buenos Aires

Preço: Cr \$ 21,00.

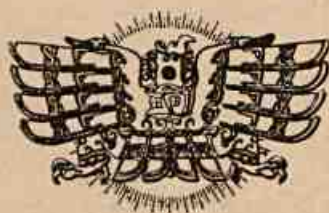
Las fuerzas militares de Rusia

Cp. Sergio N. Kurnakoff

Editorial LAUTARO — Buenos Aires

Preço: Cr \$ 24,50.

LIVRARIAS



INCAHUASI

CARIOCA 45 — 2.º ANDAR — SALA 4 — TEL. 42-6642 — GALERIA
CRUZEIRO N.º 3 — TEL. 22-4836

ATENÇÃO! PEÇAM OS LIVROS ACIMA PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL, QUE
ATENDEREMOS COM O MÁXIMO PRAZER.

Solicitem catálogos das nossas novidades

Os dias * Os fatos * Os homens

INTERCAMBIO CULTURAL

COM a entrevista que publicamos em outro local, iniciamos um inquérito sobre intercâmbio cultural, ouvindo, primeiramente, todos os representantes diplomáticos dos países americanos. Em seguida, falarão as pessoas que compreendem e sentem a necessidade de uma maior e melhor aproximação continental.

As razões da escolha do Embaixador Gonzalez Videla para ser ouvido em primeiro lugar, são ditadas, sobretudo, pelos seus sentimentos profundamente americanistas, demonstrados numa prática incansável de solidariedade continental efetiva e duradoura.

No histórico "Congresso das Democracias da América", realizado em Montevideu em 1939, — continuador do programa de unificação continental do Congresso do Panamá — o presidente da delegação chilena, então deputado Gonzalez Videla e chefe do Partido Radical, teve oportunidade de dizer estas palavras: "Foi por isso que fizemos esta crua exposição; compreendemos que vossos anhelos grandiosos de realizar o sonho de todos os povos de produzir a unidade da América será um sonho, e o será sempre se essa unidade não começar por onde deve começar: por uma política americana que saia da solução verbal e vá para a realidade. E essa realidade não é outra que reconhecer, sem reservas, como ilusória, toda união dos países americanos, sem que antes homens e partidos, todas as forças populares e democráticas em cada país, acreditem, sintam e realizem a unidade do povo, chave mágica e insubstituível para alcançar a outra unidade, a unidade dos povos de Norte e Latino-América".

As condições atuais são favoráveis para essa realização. Todos os povos estão unidos na defesa do seu direito de viver livremente. O povo do nosso continente forma um só bloco na luta contra o nazi-fascismo, sem uma única exceção em toda América.

Dai a necessidade de dar uma consistência eterna a essa unidade americana. Se a contingência histórica de luta pela liberdade nos tem sido comum desde a época da colônia, façamos da nossa união atual o alicerce indestrutível da grande pátria americana de amanhã, em que as fronteiras não signifiquem barreiras de nenhuma espécie.

Classificamos o intercâmbio cultural, baseado no verdadeiro conhecimento das nossas realidades, como um dos elementos fundamentais da política de boa vizinhança. Assim justificamos o nosso inquérito.

JEFFERSON PENSADOR E HOMEM DE ESTADO

COMEMORANDO o bicentenário do nascimento de Thomas Jefferson, o es-

critor Ivan Lins pronunciou, no auditório da A. B. L., no dia 13 do corrente, uma conferência sobre "Jefferson pensador e homem de Estado".

Disse o conferencista que "o maior interesse de Jefferson está em sua imensa atualidade num tempo, como o nosso, em que os totalitarismos visam implantar a pior modalidade de escravidão: a escravidão moral e intelectual".

Alem de dar uma síntese excelente da vida e da obra do grande democrata norte-americano, o sr. Ivan Lins viu na vida de Jefferson uma extraordinária "lição para os escritores que covardemente fogem do movimento social de seus dias para se encaustelarem, com ares de superioridade, em acomodaticia torre de marfim".

A conferência esteve à altura do conferencista.

"HOMENAGEM A GRACILIANO RAMOS"



"HOMENAGEM a Graciliano Ramos" é o título do livro que os admiradores e amigos mais próximos do grande romancista acabam de editar por conta própria. Tiragem de quinhentos exemplares; capa de Luis

Jordim, de muito bom gosto e muito simples; confecção da Alba Editora.

Nele se encontram reportagens, crônicas, notícias e artigos sobre o autor de "Vidas Secas" por motivo do seu cinquentenário, assim como o discurso do poeta Augusto Frederico Schmidt e o de Graciliano Ramos, que infelizmente não teve a necessária divulgação, pois é muito mais que um simples agradecimento pelo jantar que lhe ofereceram.

O discurso do poeta Schmidt, que ninguém esperava fosse tão compreensivo (Augusto Frederico Schmidt é de uma classe demasiadamente fria para entender a grande mensagem humana dos romances de Graciliano Ramos), é na verdade o seu melhor poema, e tem a virtude de conciliar o poeta com as forças vivas do Brasil que fazem questão de considerar o autor de "S. Bernardo" e "Angústia" como o seu maior romancista.

VENCEDORES DO CONCURSO LITERARIO LATINO-AMERICANO

OS VENCEDORES do segundo concurso literário latino-americano foram os co-autores haitianos Phillippe Thoby Marcelin e Pierre Marcelin, que obtiveram um prêmio de 2.000 dólares com o romance "Canapé Vert"; Argentina Diaz Lozano, de Honduras, prêmio 2.000 dólares com o livro "Peregrina-

naje"; Fernando Alegria, estudante chileno na Universidade de Califórnia, prêmio de mil dólares com o livro "Lautaro, jovem libertador de Arauco". Menções honrosas: "Los Isleros", do escritor argentino Ernesto L. Castro; "Sur América, tierra del hombre", do jornalista colombiano Eduardo Caballero Calderon.

EDITORES PORTUGUESES CONTRA UM EDITOR PORTUGUES NO BRASIL

EDITORES de Portugal se sentem prejudicados com a publicação no Brasil de antologias de clássicos e contemporâneos portugueses, feita pela editora DOIS MUNDOS, dirigida por Sousa Pinto. Mas acontece que essa editora anda fazendo uma obra de divulgação realmente notável, colocando ao alcance de toda gente, selecionada por escritores como Gilberto Freyre, Afrânio Peixoto, José Lins do Rego, etc., uma literatura que não saia de Portugal senão para gramáticos, eruditos e para outras pessoas que a tornavam cada vez mais distanciada (pois só se serviam dela para questões gramaticais, para ensinamentos morais) do nosso povo, dos nossos estudantes.

Com essas antologias o editor Sousa Pinto aproximou os grandes escritores clássicos e contemporâneos portugueses do povo brasileiro. Pode-se facilmente calcular que um empreendimento editorial desse quilate não indica sucesso imediato, dinheiro fácil. Mas os editores de Portugal se consideram prejudicados economicamente, dizem que Herculano, Eça, Junqueiro, Camilo, Fialho, Antero lhes pertence, que não podem ser publicados no Brasil sem autorização dos mesmos. Ameaça inútil, porque, como disse Sousa Pinto, "tanto a lei portuguesa como o Código Brasileiro permitem, sem consultas a editores, a publicação de antologias. Além disso, a Convenção de Berne defende, no Brasil, a propriedade literária do escritores portugueses até 50 anos "post-mortem".

PREMIO DE POESIA RAUL DE LEONI

A ACADEMIA Carioca de Letras acaba de premiar com três mil cruzeiros (Prêmio de Poesia Raul de Leoni) um poeta inteiramente desconhecido, de Coaritia, Baía. Camilo de Lima é jovem e concorreu com o livro "Poemas", tendo vencido 48 competidores. Não conhecemos o poeta Camilo de Lima, nem sabemos se o seu livro contém poesia rimada, metrificada, fora do mundo. Mas é da justiça elogiar o gesto dessa Academia que foi premiar justamente um rapaz tão distante e desconhecido. Isso é raro, isso é surpreendente nos meios acadêmicos, e representa um grande e permanente elogio ao Prêmio de Poesia Raul de Leoni.



"AS BUSSOLAS LEAIS MARCAM O CAMINHO DESTE MOMENTO"

GABRIELA Mistral, "moestra" muito querida em seu país e uma das maiores poetisas da língua castelhana, dirigiu, no "Dia Pan-Americano", pelo microfone da Rádio Difusora da Prefeitura, uma mensagem aos povos do Continente.

"Seja hoje a primeira lembrança para as mães americanas e canadenses". Em seguida, a grande poetisa de "Desolacion" falou do esforço de guerra dos Estados Unidos, do Canadá, do Brasil e dos países sul-americanos; disse que o "Brasil quer pagar o misterioso dixmo de sangue que em cada vinte ou cinquenta anos tornam a entregar os povos por sua liberdade"; e finalizando: "Em alguns meses mais, já o sabemos, uma legião de voluntários do Pacífico, começando por meu povo chileno, seguirá os combóios brasileiros pelo único caminho deste momento, pelo único rumo que marcam hoje as bússolas leais".

MIL CRUZEIROS POR UM CONTO

BASES do concurso de contos — Mil cruzeiros por um conto — instituído pelo quinzenário "Mensagem" e a LIVRARIA CULTURA BRASILEIRA LIMITADA, de Belo Horizonte. Os contos deverão ser apresentados em duas vias datilografadas, espaço dois, firmados por um pseudônimo. A identificação se fará por meio de envelope fechado, trazendo o verdadeiro nome do autor e o pseudônimo. Facultada inteira liberdade quanto ao número de páginas, ao assunto e ao ambiente.

Prazo: até o dia 30 de junho de 1943. Prêmios: 1.º, mil cruzeiros; 2.º, uma luxuosa coleção de livros ofertados pela Livraria Cultura Brasileira Ltda; 3.º, outra coleção de livros, oferta da mesma livraria.

Comissão julgadora: Guilhermino Cesar, Wilson Castelo Branco, Oscar Mendes, João Alfonsus e Godofredo Rangel.

Os originais deverão ser remetidos a Paulo Dantas, secretário de "Mensagem", Livraria Cultura Brasileira Ltda., rua São Paulo n.º 552, Belo Horizonte, Minas Gerais.

MAIS UM IMORTAL

O POETA e romancista paulista Menotti Del Picchia, realizando o seu antigo

sonho de entrar para a Academia Brasileira de Letras, conforme faz questão de ressaltar nas suas declarações à imprensa, acaba de ser eleito para o vago do romancista baiano Xavier Marques, desaparecido no ano passado.

Desta vez os candidatos não eram tão numerosos como em outras oportunidades. Entre estes se destacavam os escritores Wanderley de Pinho e Ivan Lins, nomes que dispensam elogios, por ser demais conhecida a sua atuação no movimento cultural do país.

Apesar de que no primeiro escrutínio saísse vitorioso o sr. Wanderley de Pinho, cabendo seis votos ao sr. Ivan Lins, no segundo escrutínio o sr. Menotti Del Picchia foi definitivamente eleito com 22 votos.

Um sonho realizado, mais um imortal.

USO OBRIGATORIO DA ORTOGRAFIA OFICIAL

O MINISTRO da Educação assinou a seguinte portaria: "O ministro de Estado da Educação e Saúde, usando da atribuição que lhe confere o art. 2.º do decreto-lei n.º 5.186, de 13 de janeiro de 1943, resolve:

Art. 1.º — Observar-se-á desde logo a ortografia prescrita pelo art. 1.º do decreto-lei n.º 5.186, de 13 de janeiro de 1943, nos livros didáticos que devam ser usados em todos os estabelecimentos de ensino do país.

§ 1.º — Os livros didáticos ora em circulação e os que venham a ser aplicados até três meses depois de expedida a presente portaria ministerial não

deixarão de ser usados pelo fato de não adotarem a ortografia prescrita pelo decreto-lei n.º 5.186, de 13 de janeiro de 1943.

§ 2.º — Os livros didáticos, impressos no país até que entre em vigor a definitiva ortografia de cuja definição ora trata a Academia Brasileira de Letras, não terão, por esse fato, o seu uso vedado.

Art. 2.º — No ensino de língua portuguesa, e bem assim nos exercícios e provas escritas referentes às demais disciplinas, em todos os cursos ministrados nos estabelecimentos de ensino do país, é obrigatória a observância das regras de ortografia constantes do formulário de que trata o decreto-lei n.º 5.186 citado no artigo anterior.

Art. 3.º — O formulário de que trata o decreto-lei n.º 5.186, de 13 de janeiro de 1943, será publicado pelos órgãos oficiais dos governos estaduais, e adotado nas publicações oficiais.

Art. 4.º — As regras do formulário ortográfico referido no artigo anterior aplicam-se, em todos os casos, aos nomes próprios".

LEIAM
RENOVAÇÃO
REVISTA DEMOCRÁTICA
UNIVERSITÁRIA A SERVIÇO
DO ESFORÇO DE GUERRA.

Universalidade e Nacionalidade

Da extraordinária obra de Rudolf von Jhering — O ESPÍRITO DO DIREITO ROMANO — cujo primeiro volume, que corresponderá ao 1.º e 2.º da edição alemã, será lançado no próximo mês de Maio pela "Alba editora", destacamos dois parágrafos de grande oportunidade, constantes do capítulo: "Idéia de universalidade e de nacionalidade".

A TROCA de produções materiais e intelectuais é a forma por meio da qual se nivelam as desigualdades geográficas naturais e intelectuais da riqueza dos povos. Graças a esta troca, a parcimônia da natureza foi vencida e a idéia da justiça absoluta se realiza na história universal. O sol das Índias não brilha somente para os Índios. Também o habitante dos países do Norte tem direito ao excedente do calor e da luz que a natureza ali derramou com mão prodígia. Em contra posição, quem vive nos trópicos tem por sua vez direito às produções da zona mais fria, ao ferro que ali se acha, que ali se fabrica, aos trabalhos da indústria e da arte, da ciência e às bênçãos da religião e da civilização. Deixemos ao direito internacional proclamar que todo povo tem para si só o que possui e o que produz: princípio tão verdadeiro e tão falso como quando se afirma para o indivíduo.

"UMA NAÇÃO que se isola, não somente comete um crime contra si mesma, privando-se dos meios de aperfeiçoar a sua educação, como também se torna culpável de uma injustiça que pratica com os demais povos. O isolamento é um crime capital das nações, porque a lei suprema da história é a comunidade. O país que repele toda idéia de contacto com outra civilização, isto é, da educação pela história, perde o direito de existência. O mundo tem o direito de exigir o seu desaparecimento.

Tal é a vida; tal é o destino dos povos".

A FONTE DE SOLIDÃO

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Copyright de LEITURA

HA MUITO que me venho interessando pela tradução do livro de Radclyffe Hall "The Well of Loneliness". É um dos mais belos romances contemporâneos da língua inglesa e um livro absolutamente único em seu gênero. Pela primeira vez uma mulher conseguiu — da maneira mais direta e, no entanto, menos chocante, fixar o pungente quadro da vida de uma anormal, da que padece de uma das alterações mais complexas e mais profundas da personalidade. Para mim, amiga que sou da literatura de tese — esse livro me abriu novas perspectivas. Radclyffe Hall foi tão espontâneo, gritou tão sentidamente os seus rancores, pintou-nos tão afletivamente os seus desentendimentos com a vida, que — no correr da narrativa — se torna bem mais a própria Stephen Gordon, figura do romance, que a advogada que presume ser. Gostaria — tal a identificação que se sente entre escritora e personagem — que o livro fosse feito na primeira pessoa. Fugiria do terreno da tese para a narrativa simples feita pela menina que um dia veio ao mundo lançando em altos berros, e durante três horas, o seu protesto por se encontrar "projetada na vida". Era o primeiro sofrimento daquela valente e rancorosa solitária — que foi Stephen durante toda a existência.

Os pais desejavam ardentemente um filho. Já haviam, mesmo, escolhido um nome — Stephen — e aquela menina de quadris estreitos e ombros largos, de pulmões fortes como os de um menino, punha abaixo todos os carinhosos planos. Os Gordon não tiveram — embora acrescentassem dois nomes femininos a Stephen — coragem de tirar da criança o nome que tanto amavam e em torno do qual haviam feito tantos projetos.

Assim a "Fonte de Solidão" é o romance daquela que *deveria ter sido homem*.

Da que, desde pequenina, era colérica como um rapaizinho mal educado; que gostava dos brinquedos violentos e caía em êxtase com a beleza da camareira de Morton — o solar dos Gordon. É o romance da criatura incompreendida, perseguida, ridiculizada, da criatura que nasceu por um engano de Deus. Radclyffe Hall nos pinta a sua Stephen lutando asperamente com a vida, com as convenções. Reata-nos, por exemplo, a incompreensão, o ódio surdo da mãe contra a filha. Incompreensão e ódio da mulher por aquela caricatura, aquela imagem deformada do marido que tanto amava. E a autora faz com que essa mãe, revoltada, abismada, diante do ser monstruoso que criara, expulsa do lar a própria filha — que terá para todo o sempre a nostalgia de Morton — que ela tanto amava. Esse Morton — paraíso que era a residência de campo dos Gordon e onde — havia tantos anos! — Lady Ana Gordon, sentada sob um velho cedro, contemplava o desdobrar de serras e aprendera neles uma nova significação. "Aqueles montanhas eram como

imensas mulheres de seios fecundos, de ventres verdes e arredondados, grávidas de filhos esplêndidos..."

Stephen fora expulsa do paraíso e, a sua luta foi grande, a sua luta continua ainda depois que fechamos o livro. Vêmo-la atingir a glória como escritora, mas, sobretudo, vêmo-la lutar por seu quinhão de afeto. Conhecemos a trivial e encantadora Mary — feminina e infantil criaturinha que acompanha Stephen por toda a parte — a tola e simpática Mary que cuidava das gravatas e das meias do seu escritor como qualquer dona de casa o faz com as coisas de seu marido. Depois o fim, a vingança do mundo contra a criatura que vivia a vida proibida e Mary carregada, roubada, justamente pelo homem que — havia tantos anos — se enamorara de Stephen, sem conhecê-la bem, naturalmente...

A renúncia final é uma página das mais dolorosas que tenho lido. Radclyffe se desencarna de Stephen e intertem como apaixonada defensora:

"Eles a possuíram. O seu seio árido se tornou fecundo e ela sofria com o esteril e pesado fardo, com esses filhos ferozes, mas impotentes, que clamavam em vão o seu direito à bemaventurança". Radclyffe traz pa-

ra o livro, de maneira empolgante, uma multidão implacável, uma multidão formada de todos os desarmonios, dos que nasceram, como Stephen, vítimas do monstruoso erro. A escritora brada doloridamente a Deus por aqueles que "pedem pão e que recebem pedra", os que caminham em solidão, os que a lançam em torno, como malditos.

Depois de conhecer a fotografia da autora compreendi certos aspectos acanhados e até mesmo ridículos num tão belo livro. A identificação da autora com a personagem não é apenas uma atitude literária. É algo bem mais profundo. Assim, perdoo-nos e nós comovemos até onde julgamos parcial o relato. Conseguimos — através dos rancores de Radclyffe, isolar, por exemplo, a doce figura de Ana Gordon, doce, pura e serena contra a própria vontade da romancista que a deseja retratar como um modelo de incompreensão e tirania. E conseguimos até deixar de sorrir, quando devíamos — diante da ingenuidade — lices de pequenos trechos do livro. E' que existe — por traz de tudo, a seriedade do problema, a gravidade do problema nos seus aspectos psicológicos e sociais.

ANGLOS E ANJOS

ASCENDINO LEITE

Copyright de LEITURA

ENCERRANDO a leitura de "Mansfield Park", o delicioso romance de Jane Austen em que ela faz uma pintura colorida dos sentimentos ingleses, me achei em face de um outro livro de igual riqueza documental, sobre o temperamento, os costumes, as tradições, grandezas e fragilidades dos ilhéus da Grã-Bretanha: — "Ingleses".

Tanto mais importante me parece este livro, quando considero que foi escrito pelo sr. Gilberto Freyre, nosso mais eminente pensador moderno, o que vale dizer que as impressões nele desenvolvidas trazem a autoridade de um espírito acostumado a analisar e interpretar as sociedades, um espírito que pela sua própria força de penetração e sua excepcional faculdade de surpreender o regional e o universal, se identifica com muitas das coisas da Commonwealth britânica e da estrutura social dos ingleses. Engana-se quem for procurar no ensaio do sr. Gilberto Freyre o retrato do inglês frio, puritano, solene, cheio de "self-control", porque esse ainda não é, a despeito do juízo vulgoso, o verdadeiro homem das ilhas. Aos seus olhos, o inglês médio com todas as suas virtudes, que o planificam e o anulam, que quase não pensa, jamais poderá representar esse povo indomável e heróico que

resiste com admirável estoicismo à mais devastadora das guerras para salvar a humanidade.

Em "Ingleses" — (estará muito exata essa expressão para designar os quatro povos que habitam as ilhas Britânicas?) — outro é o retrato que no seu amor quase físico à Inglaterra, o sr. Gilberto Freyre chega a traçar desse povo insular. Apenas essa imagem, essa figura do anglo não é a repetição, não é a cópia da que foi encomendada e corre mundo, sugerindo do inglês um grande artifício — jamais aquele mistério angélico que com extraordinária precisão de estudo descobre o notável sociólogo brasileiro nos ilhéus da Mancha.

Para ele longe de ser habitada exclusivamente por homens práticos, aferrados a um rígido anglicismo e desprovidos de qualquer espírito de plasticidade, a Inglaterra é dominada e iluminada pela presença de anjos: homens que emergem da horizontalidade virtuosa e aparentemente característica da sua comunidade para irradiar sobre todos os povos do mundo a força do seu gênio angélico; homens que, como diz o sr. José Luis do Rego no luminoso prefácio deste livro, "massacraram índus, egípcios, malaios, mas que liquidaram a cólera-morbus da Ásia, que fizeram a Aus-

A Tolerância e a Intolerância

HERMES LIMA

Copyright de LEITURA

TOLERÂNCIA de Hendrik Van Loon é um dos bons livros da Biblioteca do Espírito Moderno, que a Editora Nacional edita. É livro que instrui e, ao mesmo tempo, consola. Instrui porque está cheio de episódios, fatos e acontecimentos, de que, em geral, não falam os livros didáticos de história, mas que são exatamente aqueles em que o sentido ético da vida do homem em comunidade se manifesta. Consola porque mostra que, apesar das oscilações e dos revezes, a conquista da dignidade humana, pela afirmação e respeito da personalidade individual, conta nos seus anais muitas vitórias. É que essa batalha está animada por um espírito indomável.

Talvez a melhor maneira de saber o que é *Tolerância* seja indagar primeiro o que é *intolerância*. Há uma definição excelente de intolerância que, a meu ver, serve admiravelmente a esse fim. A essência da intolerância, escreveu Olive Bell, consiste em transformar preconceitos em princípios, impondo-os aos outros. Ora, a tolerância prega exatamente o contrário. Tolerante é o homem que, mesmo convencido de suas opiniões, admite que possa haver opiniões diferentes e, principalmente, que os homens podem conviver adotando opiniões diferentes. Até mais do que isso:

não só podem, como devem.

A luta pela tolerância é uma luta pela individualidade. Só depois que a individualidade se tornou um valor, senão o valor da vida social, é que o problema da tolerância veio a manifestar-se em toda a sua plenitude. No fundo da luta pela tolerância o que se defende é a personalidade. E aí está porque essa luta verdadeiramente só começa na civilização grega, pois a glória suprema da filosofia grega foi exatamente a descoberta, a afirmação da personalidade. O homem é uma invenção grega, já se escreveu.

A tolerância é, desse modo, o escudo da personalidade. De fato. É difícil achar um partido, uma igreja, uma seita defendendo a tolerância, a menos que se encontre em minoria. A esse respeito, há no livro de Van Loon coisas interessantíssimas, como a narração da luta e triunfo do cristianismo no mundo antigo. As páginas dessa narrativa constituem uma das passagens culminantes do livro. Quando os membros cristãos do Senado protestaram contra a presença da estátua da Vitória no recinto das sessões, estátua que há mais de quatrocentos anos ali se achava, o senador Quintus Aurelius Symmachus escreveu uma carta, em que dizia: "Por que não poderemos nós pagãos e nossos vizinhos cristãos viver em paz e harmonia? Levantamos os olhos e olhamos as mesmas estrelas, somos passageiros deste mesmo planeta e moramos sob o mesmo céu. Que importância tem se os indivíduos procuram a verdade por caminhos diferentes? O enigma da existência é muito grande para que só exista um caminho que conduza a uma resposta".

Essas admiráveis palavras ficaram sem resposta. Mas, elas formam, em síntese, o evangelho da tolerância. Evangelho saído da boca de um pagão, é verdade, mas, antes de tudo, ditado por uma alma que compreendia e aceitava a tolerância.

Na luta entre a tolerância e a intolerância é mister notar ainda a desigualdade de armas existente. A intolerância tem por si as armas do es-

tabelecido, dos interesses criados, das igrejas e dos partidos, sempre propensos a não admitirem discussões, e críticas, pois procuram defender-se resistindo à marcha do tempo. A tolerância não tem por si mais do que a intrepidez das almas, a força das próprias convicções. No espetáculo do mundo, o que invariavelmente temos visto é a personalidade, o homem defendendo a tolerância contra a instituição — a igreja, o partido, a seita, a casta, a classe. Pois é a história dessa luta que Van Loon conta, história cheia de páginas comovedoras, de atos heróicos.

"**TOLERÂNCIA**", de Hendrik Van Loon — Trad. de James Amado — Biblioteca do Espírito Moderno — Companhia Editora Nacional.



Emocionante romance de
FONTENLA
Em todas as livrarias
Distribuidor:

Hottum, Zagari & Cia.
PEDRO I, 5 — RIO

Leiam SEIVA UMA REVISTA DE- MOCRÁTICA DA JU- VENTUDE BAIANA PARA TODO O BRASIL

trália, a África do Sul, e criaram um país de sonhos que é o Canadá".

Alguns desses ingleses — "anglos e anjos" — às vezes simplesmente anjos, estiveram no Brasil e deles nos dá o sr. Gilberto Freyre uma biografia saborosa, com uma interpretação colorida de seu caráter, desde Whitall, que se estabeleceu em Santos no século dezessete a Henry Koster que veio fixar-se em Pernambuco, nos princípios do século dezanove. Sobre outros, escreveu trechos enaltecendo, acentuados pelo esforço da investigação sociológica que é nele uma força em potencial. Particularmente exprimiu, através do seu interesse pela figura de Robert Southey, o reconhecimento do Brasil pelo amor com que esse inglês de Oxford se aplicou ao estudo das nossas coisas a ponto de escrever uma história da formação do nosso país, "obra — acentua o sr. Gilberto Freyre —

em que a simpatia pelo índio não se extrema em sentimentalismo, nem mesmo em idealismo primitivista; um livro a que não falta a justa consideração pelo esforço colonizador do português, pela obra missionária do jesuíta e até pela ação construtora do negro".

E ainda sobre alguns outros compatriotas de Southey, — "homens que para sempre se ligaram ao Brasil pelos seus estudos de doenças chamadas tropicais; anglos que foram anjos para muito brasileiro doente."

Mas nem só elogios escreve o sociólogo de "Casa Grande & Senzala" neste ensaio sobre "Ingleses". Há uma série de verdades ditas com coragem e até audácia em certas afirmações, desde aquela dedicatória a Sir Stafford Cripps, até a maneira com que se exprime a respeito do insularismo excessivo dos ingleses, da

sua hipocrisia, na política internacional, do seu exagero de pudor, contra o que, aliás, se opunham Swift, George Elliot, Havelock Ellis, David Herbert Lawrence, Cripps e também Churchill, este "um tanto arcaico, talvez, nas idéias, mas honesto como ele só na palavra e esplêndido na luta".

Penso que dificilmente será possível, nesta hora de justa exaltação da Inglaterra e dos anglos, se escrever um livro mais cheio de sinceridade nos seus propósitos de definir e esclarecer o verdadeiro caráter do povo insular da Mancha, do que este ensaio brilhante, que dentre outros elementos vitais, se anima de uma rica originalidade pensante: a visão do mestre, do artista e do sociólogo, que na realidade estão no sr. Gilberto Freyre e o fizeram uma das mais discutidas personalidades da cultura americana.

"O VERMELHO E O NEGRO"

GUILHERME FIGUEIREDO

Copyright de LEITURA

RELEND o estudo magnífico e irregular de Taine sobre Henri Beyle, no mundo de verdades ditas sobre o mais curioso romancista da primeira etapa do século passado encontra-se esta frase verdadeiramente distante do analisado: "De forma alguma ele (Stendhal) procura ser louvado por ela (a grande massa) ou conduzi-la, pois ela está situada em baixo, e ele teria que descer". Com isto o crítico deseja frisar o "espírito superior" do mestre de "Le Rouge et le noir", esquecido mesmo daquela voracidade de glória que o acompanhava, aquela sofreguidão pelo que D. H. Lawrence chamou "A Deusa Cadela". O mentiroso Beyle, que conseguiu pintar os mais belos quadros de costumes e idéias gerais da sua época, era um dominado pela deusa, e a superioridade do seu espírito certamente não estava na fraqueza com que a sua ciclotimia lhe soprava receios, exaltações e lamentos: Serêi lido? Nunca serêi lido! Serêi célebre lá por 1880..." Das anotações tomadas por Pierre Jourda, para a edição francesa da casa Fernand Roches, pode-se concluir que nunca um autor acompanhou com maior angústia a carreira de seu livro, nunca sofreu tanto a indiferença do público, e nunca recebeu com tanta união qualquer fumacinha de turbulento literário.

Talvez mesmo porque ele fosse um dissimulado, por temperamento e por hábito diplomático, sempre se deixava atordoar pela infelicidade de não ser lido, e via nos louvores, que recebeu sempre com agrado, alguma coisa da hipocrisia do próprio Julien Sorel, que Thibaudet chega a aproximar de Tartufo num estudo para a "Nouvelle Revue Française". Sim, Sorel é um outro Tartufo, e esse tartufismo também se encontra pulverizado em Fabrício del Dongio, em Lucien Leuwen — é uma hipocrisia que pertence ao pai desses hipócritas, ao próprio Stendhal que, graças a um defeito, extinguiu na literatura francesa o "herói sempre heróico" (Taine), podendo facilmente substituí-lo por outro mais humano em que virtudes e defeitos não são peças inteiriças, mas variações da psicologia dos homens. Uma omissão da edição brasileira de "Le rouge et le noir", a omissão de uma frase de Danton que serve de epígrafe ao romance, "La vérité, l'âpre vérité", como que inconscientemente definiu essa ante-sala do espírito stendhaliano: a primeira vista, o homem, e portanto a sua obra, nunca poderia ser verdadeiro. Mas, justamente porque a franqueza de Beyle se refluiu para outros desvãos da alma, justamente porque o exato, o preciso, o analítico, o sincero dessa personagem moravam noutros espaços mais fechados e escuros da consciência, é que o mentiroso ponde adotar a legenda de Danton e sair-se bem com ela toda vez que tratou de fazer ficção, isto é, mentira. Porque ficção ainda é a maneira mais justa de ser verídico, sobretudo para consigo mesmo. A mudança de um nome, o transporte de um acontecimento no espaço ou no tempo, esse

pudor impudico de mostrar escondendo-se tornam o romance uma realidade que a maioria dos escritores seria incapaz de dizer de si mesmos numa página biográfica ou numa carta. Por mais impessoal que procure ser, o romancista é um homem que fala de si. Goethe sabia que sua obra era fragmentos de autobiografia; Gide confessa que concertava os fatos "de façon à les rendre plus conformes à la vérité que dans la réalité". Que dizer então desse Stendhal que, por dissimulação e por musicalidade, jamais ousou "pintar" um rosto de personagem, mas despejou dentro de cada um, para que ficasse em pé, todas as suas fraquezas e fortalezas de homem? Por dissimulação, sim, para que as faces não se denunciasssem. E por musicalidade, porque era mais um tipo auditivo do que visual, e por isso deixou de "ver" como seriam Fabrício, Julien Sorel, Madame de Rênal, a condessa Pietranera, Clélia e até mesmo a paisagem circundante. Nisso ele difere do minucioso Balzac, pintor com tintas, tanto que mais tarde lamentará a secura, a falta de número e a ausência de retratos físicos em "Le rouge et le noir", prometendo corrigir-se. Ele que no sentido estilístico reagiu contra o romantismo verboso de Chateaubriand, lamenta que isto lhe tenha tornado o livro "d'un style trop haché". E na sua angústia, escreve que "Le Rouge" estará esquecido em seis meses...

A ausência de traços físicos, de topografia metódica, de "mise en scène" é o que talvez me leve mais para o lado de Beyle do que para o de Balzac. Arrisco-me à acusação de sacrilégio por parte dos balzaquianos, mas devo confessar que me encanta o traço leve de ironia, a exatidão da anotação psicológica, o desdém da prolixidade que leva Beyle a irregularidades como a de arrematar quase todos os raciocínios que já permitam uma conclusão com uns aflitos "et coetera, et coetera" para passar adiante. Ele nunca se demora no desenho da forma das coisas, e sobretudo tem a destreza de observação capaz de oferecer um gesto justo a um canailha, ou de dignidade a um cínico, ou uma fortaleza a um fraco. Não o interessaria o avaro se no mister literário de ser avaro, o ambicioso só na função de ambicioso, o bom pai unicamente na função de bom pai. E isto ele o fez antes mesmo de "Eugénie Grandet", ou do "Père Goriot", numa época em que se entendia ainda como "psicologia" a languidez de Benjamin Constant, a maceração de Lamartine, e a tristeza tumular de René. Ele inveja esse mundo de cor, de luz e de verbo que Chateaubriand inventou. Inveja e odeia. E por causa desses sentimentos, a secura de "Le rouge et le noir", o desdém da grande metáfora o levam muitas vezes a lugares comuns de adjetivação; mas, na maioria dos casos, levam-no a uma certeza de observação, a uma pontaria em caçar o pormenor da alma humana que raramente se descobrem na literatura farfalhante dos

românticos, inclusive Victor Hugo. Sob esse aspecto, Stendhal é um precursor, um realista, e anunciou o que Balzac faria em milhares de páginas e Flaubert na "Education Sentimentale" e sobretudo em "Madame Bovary".

Não me ocorre o autor que demonstrou a tese admirável de que a car-



Stendhal

reira de Napoleão se projetou sobre os jovens do princípio do século XIX, servindo de exemplo para as aspirações dos moços da burguesia. De fato, a Revolução Francesa, e depois dela Bonaparte, foi o embrião disso que nós, americanos, chamamos o "self made man". Stendhal, analista de costumes e de temperamentos da época, fixou esses tipos para que o "subir na vida" constituísse uma lição napoleônica. Ele foi também um dominado dessa ambição, de que Balzac deu o melhor retrato nas personagens cujo único sentido na vida seria violar o Faubourg St. Germain. Julien Sorel é uma dessas figuras, um parente de Rastignac. Nasceu de um processo verdadeiro, o processo Berthet, cuja mediocridade apenas cresceu de vulto porque Beyle a elevou com seu gênio. Bourda exprime-o assim: "... Stendhal prétend y symboliser aussi toutes les angoisses d'une génération à laquelle la chute de l'Empire ôte tout espoir de faire son chemin dans la vie et qui se sent mieux que l'enfant du siècle, car elle est mieux armée que Musset — le droit d'espérer arriver à la gloire". Taine anota, do próprio romance, que "a figura do sub-tenente que se tornou imperador anima seus dissabores e esperanças". Berthet foi também uma espécie de Lovelace napoleônico, e daí Beyle ter encontrado em sua história o tema para "Le rouge et le noir". A atualidade do assunto não pode ser mais curiosa. Também hoje esse "vencer na vida" pertence a uma geração cuja sanha na conquista de "seu lugar" é tanto mais angustiosa

(Continua à pag. 25)

Leon Nicolaiévitch Tolstói

DIOCLECIO D. DUARTE

O MUNDO pagão havia morrido na doutrina teórica dos mestres. Jesus, dando o exemplo de uma divina renúncia, acreditou na vitória eterna do espírito. Uma civilização diferente, baseada no amor, viria substituir a época trágica das violências e das usurpações. Os homens deixaram de ser escravos de outros homens. A fraternidade seria o sentimento dominante. Todos se auxiliariam no desejo da perfeição, trabalhando a consciência crente nas vantagens da vida simples e harmônica. A beleza da Arte imprimiria uma melhor tonalidade às atitudes humanas e a cultura ajudaria a criar novos recursos.

Para substituir o sensualismo, uma profunda revolução interior deveria se operar. A revolução das almas seria mais forte do que a revolução dos punhos que os guerreiros pagãos empregavam para o aumento dos seus impérios e satisfação materialista dos seus hábitos. Deus, símbolo da justiça e da bondade, despertando no coração dos homens o sentimento do amor, uniria os povos de todas as raças. E o sentido da vida não seria mais o ódio. A civilização cristã tinha essa finalidade. Os homens modificados pelo altruísmo e, sabendo perdoar as fraquezas dos outros, permitiriam a necessária modificação da ordem universal. Assim, porém, não aconteceu. Rapidamente, as criaturas esqueceram o sacrifício do divino mestre. E os doces conselhos do Messias que os apóstolos transmitiram, entre martírios e dúvidas, ainda não conseguiram, através de quase dois mil anos, mostrar à humanidade insensata o seu verdadeiro destino.

São repetidas as lindas expressões dos evangelhos. Nas escolas, as crianças inocentes os decorram sem interpretar o exato sentido, logo deturpado no ambiente doméstico ou nas relações sociais, onde a hipocrisia predomina e as virtudes sagradas se envolvem no ridículo. Desta forma a religião que era uma força do espírito, conservou apenas o caráter externo, mergulhando as almas na mais dolorosa inquietação. O mundo cristão em que vivemos chegou a apresentar incríveis contradições. Mesmo nos períodos bárbaros, os tiranos não revelaram o cinismo que hoje demonstram audaciosos governantes de povo escravizados. Os governos autocratas não receiam falar em nome de Deus para justificar as sangrentas hecatombes que provocam. E o temor apocalíptico continua a se espalhar na longa noite que o cristianismo tanto procura corrigir.

Não morreu, todavia essa esperança. Os corações puros ainda existem. E existem também os espíritos que acreditam no valor da inteligência desejosa de combater os erros em busca da verdade.

Outro não era o pensamento vivo de Leão Nikolaievitch Tolstói. Ele conheceu todos os prazeres. Jovem,

belo, rico, inteligente, foi amado pelas mulheres e respeitado pelos homens. Derramou sangue nos campos de batalha e sonhou romanticamente entre braços amorosos nas alcovas perfumadas. Viveu nos salões aristocráticos e recebeu todas as homenagens, ouvindo e aprendendo, na companhia de sábios eminentes e de criaturas fúteis. Poeta, artista, filósofo e guerreiro, ninguém pôde sentir a vida tão profundamente, avaliar os seus prazeres que não atendem à exigência da alma e injustiças que revoltam as consciências honestas.

Tolstói preferiu romper com a sociedade cheia de contradições e recolheu-se à existência rústica de



Tolstói

Iasnaja-Pollana, onde viveu até aos 83 anos, visando unicamente aquela revolução moral, isenta de violência que, o mais cedo possível, operaria um nivelamento de classes e pouparia à humanidade uma outra revolta sangrenta. Uma revolta, como lembra Stefan Zweig, — analisando o pensamento vivo desse profeta da cólera e ébrio de amor — vinda da consciência, uma revolta realizada pela renúncia espontânea dos ricos às riquezas, dos ociosos à inação, pela próxima redistribuição do trabalho segundo o sentido expresso por Deus, onde ninguém se ache sobrecarregado para alijar a outrem, e todos tenham somente as mesmas necessidades.

TEIMOSIA DE CEARENSE. — Um cearense e um pernambucano iam por uma estrada quando de repente o primeiro exclama, apontando para determinado lugar na caatinga: — Veja, aquilo é água. — Não é não, contesta o pernambucano; não vê que é areia. — E' água, insiste o outro.

E para acabar com a teima, aproximam-se do lugar indicado. Era realmente areia. E o pernambucano, vitorioso, enche a mão de areia e joga-a na cara do cearense que responde, indignado: — Não me molhe, por favor!

O analista penetrou bem no pensamento do sonhador russo. A semelhança do extraordinário psicólogo de "Ana Karenina", que aconselhava "não resistir ao mal pela violência", Zweig foi também uma alma extremamente inquieta, cujas visões proféticas não lhe permitiram sobreviver o tormentoso panorama da hora contemporânea. Quis como Tolstói reinar pela própria glória, servindo sinceramente a humanidade, "no esforço para descobrir a verdadeira ética, artista e ao mesmo tempo um exemplo moral".

Ambos morreram. E os sonhos ainda estão muito longe de ser realizados. O caráter demoníaco dos inimigos da humanidade desafia o poder divino e obriga à reação armada os que se acham perseguidos, lembrando aquela carta, cuja origem ninguém sabe, recebida pelo profeta, poucas horas antes de morrer, quando aos seus amigos ainda reclamava o amor sobre a terra: "Não, Leão Nicolaiévitch, não concebo como vós que as relações entre os homens possam melhorar unicamente pelo amor. Somente gente bem nascida e que tem o que comer pode pensar assim. Mas que direis aqueles que, desde a infância, se sentem famintos e que passam toda a vida curvados ao jugo dos tiranos? Não de lutar e de esforçar-se para sair da escravidão. E eu vos digo, na véspera de vossa morte, Leão Nicolaiévitch, o mundo ainda será sufocado por ondas de sangue e mais de uma vez serão mortos e despedaçados, não somente os proprietários, sem distinção de sexos, mas ainda seus filhos, para que a terra nada mais tenha a recear destes. Lamento que então não sejais mais deste mundo, para que testemunhasseis, vós mesmo, o vosso grande erro. Desejo-vos uma morte tranquila".

Palavras terríveis. O moribundo as leu silenciosamente. A sua doutrina não produzira o efeito que desejava. Também o ódio não desaparecera do coração humano com o sacrifício de Jesus. Mas o sentimento cristão continua a ser um consolo para os que sofrem. E assim acontece com o pensamento de Tolstói. Vive no espírito dos que tem fé na força da justiça que, aos poucos, há de dominar.

O PENSAMENTO VIVO DE TOLSTOI, por Stefan Zweig — Col. "O Pensamento Vivo" — Livraria Martins — S. Paulo, 1943.

Um Romancista

Reportagem de Dias da Costa sobre Amando Fontes

HA POUCOS dias me contaram uma anedota. Uma anedota que, afinal de contas, pode ser perfeitamente verdadeira. Foi o caso de um escritor nosso (não importa se contista, romancista ou poeta) que desejou comprar um de seus próprios livros, encontrado em um "sebo" da rua São José. Sem se identificar, travou o seguinte diálogo com o proprietário da casa:

- Qual o preço deste livro?
- Vinte e cinco cruzeiros.
- Mas, não é possível! O preço



Amando Fontes

marcado, para o livro novo, é de dez cruzeiros.

— E', meu amigo, mas esse é um livro raro, edição exgotada.

— E' possível, mas não é tão raro que valha vinte e cinco cruzeiros.

— Como não? O autor já é morto há muito tempo e o livro está valorizado.

— Como? O autor já é morto há muito tempo?

— Sim senhor, há mais de dez anos.

— Ah, e eu não sabia! Era tão ligado com ele!

— Muito? Parente dele? Bem, então vou lhe fazer uma diferença de cinco por cento. Está bem?

— Está. Que jeito?

— Mas, qual era o grau de seu parentesco com o morto?

— Muito próximo: eu sou o morto.

Lembro a anedota ao pensar que todos nós que escrevemos no Brasil, contistas, romancistas, ensaístas ou poetas, somos, mais ou menos, para o público brasileiro o "morto" do homem do "sebo". Daí não me espantar com o resultado do inquérito que procedi para saber a situação do romancista Amando Fontes no meio do povo.

Primeiro abordei um reporter. Vi o rapaz lendo, certa vez, uma tradução de Pitigrilli.

— Que é que você pensa de Amando Fontes?

— Amando Fontes, quem é?

— O autor de "Corumbas" e de "Rua do Siriri".

— Ah, não conheço não. Porque?

— Por nada, era só para saber. Com a datilógrafa foi diferente.

Estávamos falando de cinema. Ela achava Tyrone Power "um amor" e dizia que Bob Taylor era "formidável". Perguntei-lhe se gostava de ler.

— Ler o que?

— Qualquer coisa. Romances, literatura em geral.

— As vezes.

— Qual foi o livro de que já gostou mais?

— "Escrava ou rainha".

— Bonito nome. Quem é o autor?

— O autor? Não me lembro.

— Já leu os "Corumbas", de Amando Fontes?

— Os o que?

— Os "Corumbas".

— Ah, não, é bom?

— E' ótimo.

— Como é?

— E' a vida de uma família pobre, em Sergipe.

— Em Sergipe?! Não gosto não. Gosto de livro que se passe na França, que tenha condes, castelos, gente alinhada.

— Ah, bem...

Aí terminou a conversa. Tentei depois um ginásiano meu conhecido.

Ele vinha com um livro em baixo do braço, encapado em papel verde.

— Que é que está lendo?

— "Tarzan".

— E' bom?

— E' "batuta". O "cara" é o "amargar".

— De amargar como?

— Resolvido. Com ele não têm "le-ro-lero". A "dona", acaba sempre entregando os pontos.

— Você já leu "Rua do Siriri"?

— O que é?

— Um romance, rapaz, de Amando Fontes.

— E presta?!!!

Já o caixeiro da casa de artigos para homens foi mais breve ainda. A minha pergunta, respondeu apenas:

— Não leio nem jornal. Nos dias de semana não tenho tempo. Aos domingos vou ao "foot-ball" ou jogo "sinuca". Esse negócio de ler é muito "chato".

Com o "garçon" do café a coisa foi diferente. O rapaz é um insaciável devorador de livros. Não hesitou diante da pergunta:

— Amando Fontes? E' dos que eu faço circular. Gosto muito de literatura brasileira. Compro tudo.

Quando o livro não presta, leio e jogo fora. Quando é bom, passo adiante.

Comprei os "Corumbas" e "Rua do

Siriri". Dei todos dois. Ótimos livros. Um grande romancista. Até hoje não esqueci a figura de Cagulinha, dos "Corumbas"; nem de Pedro Corumba, nem daquele sargento. Um romance decente, equilibrado, honesto. "Rua do Siriri" reafirma o romancista. Coloquei Amando Fontes entre os maiores romancistas brasileiros.

Decididamente, a coisa estava melhorando. Depois conversei com o tipógrafo.

— Como é, você gosta de ler?

— Si gosto? Leio tudo que posso.

— Conhece Amando Fontes?

— O dos "Corumbas"? Conheço.

Li os dois romances que ele publicou.

— Qual a sua opinião?

— A melhor. Aquilo ali é romance no duro. Tem sangue, os personagens vivem de verdade, não são bonecos.

Tentei mais um estudante. Aluno da Escola Politécnica, rapaz sério, comedido, estudioso.

— Acho que Amando Fontes está na primeira fila entre os romancistas do Brasil. Com Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, etc. Equilibrado, sem excessos, expõe os problemas honestamente.

— Talvez isso seja mais uma virtude.

— Sim, talvez. O escritor só deve publicar um livro quando já conviveu com seus personagens, já os incorporou ao seu "mundo físico".

Creio que Amando Fontes usa esse processo.

— Dos dois livros, qual o que prefere?

— Os "Corumbas". Mais realizado, talvez, mesmo, mais romance do que "Rua do Siriri".

— Acredita que o autor ainda nos dará um livro maior que os "Corumbas"?

— Acredito. Tudo o indica.

— Acha que Amando Fontes é um romancista popular?

— Penso que é um romancista para o povo.

— Não é a mesma coisa?

— No Brasil, talvez não. Pelo menos, por enquanto. No futuro, sim.

Restava-me D. Dolores, viúva e severa, respeitável nos seus cinquenta anos. Tinha lido Rua do Siriri.

Não sabia o nome do autor, mas achava o livro impróprio. Onde já se viu fazer romance com mulheres da vida?

— Mas D. Dolores, e a "Dama das Camélias" e "Naná" e "Luciela"?

— Ah, isso é diferente.

Não consegui saber o que era diferente. Apenas, depois do inquérito, fiquei mais certo do que nunca sobre a veracidade da história do "morto" do homem do "sebo" da Rua São José. O que consola é saber que pode ser pior. Por exemplo: si eu quizesse saber a minha própria situação no meio do povo.

O Presidente e a Unidade Nacional

RAUL DE GÓES

ENTRE os conceitos lapidários que repontam dos discursos, proclamações e mensagens do senhor Getúlio Vargas, ao povo brasileiro, destaca-se este pela sua precisão e eloquente simplicidade: "Se me perguntar qual o programa do Estado Nacional, eu vos direi que esse programa é cortar o país de estradas de ferro, de estradas de rodagem, de vias aéreas; é incrementar a sua produção, amparar a sua lavoura e fomentar o crédito agrícola; é desenvolver a sua exportação; é aparelhar as suas forças armadas, para que elas estejam sempre prontas a encarar todas as eventualidades da Pátria; é organizar a opinião civil, para que ela seja, de corpo e alma, um só pensamento brasileiro".

Condensam-se nesta síntese admirável as múltiplas e complexas realizações de ordem econômica, social e política dum regime de cinco anos, mas que já ultrapassou em ação construtora todos os períodos anteriores da história administrativa do Brasil.

O milagre, porém, desse plano grandioso de organização nacional não está nos utilíssimos empreendi-

mentos materiais, tão relevantes como fatores do progresso atual do país. Todo o milagre do regime de 10 de novembro está na conquista de 45 milhões de consciências; está em ter feito de uma nação continental, como a nossa, outrora tão erizada de fronteiras autonômicas e antagônicas entre si, uma comunidade moral e cívica com "um só pensamento brasileiro". O milagre é este. E' o mila-



Getúlio Vargas

tiva a soberania da Nação; fazendo do amazonense, do paraibano, do fluminense, do paulista ou do gaúcho um cidadão com por cento brasileiro, isento de quaisquer tendências regionalistas, para sentir e pensar, única e exclusivamente, com o Brasil; sem a compreensão moral sentimental e intelectual revelada pelo fundador da nova ordem, não teria sido possível a extraordinária ação administrativa destes cinco anos e meses de governo de autoridade, de trabalho, de harmonia e bem estar geral.

Outrora, a nação brasileira era um arquipélago político de grandes e pequenas ilhas cercadas pelas águas revoltas da prepotência caudillesca, das rebeldias autonomistas e de interesses que se entrecrocavam e explodiam no Congresso, através a grita das representações estaduais. Desde 1937, o quadro mudou: é um só panorama, uma única paisagem; um bloco homogêneo, sem marcas, nem divisas; um só corpo e um só pensamento. E' o Brasil. Só o Brasil.

Diz-se-á que as grandes vantagens decorrentes da nossa homogeneidade nacional implicam na tácita condenação do princípio federativo pelo qual tanto se bateram, durante o Império e a antiga República, eminentes expressões liberais no Parlamento e na imprensa. Não é, porém, o princípio federalista que a era getuliana destruiu e sim a falsa aplicação desse princípio às nossas realidades. O mérito do regime de novembro foi precisamente este: ajustar uma constituição e um sistema político às peculiaridades mais sutis da comunidade brasileira, ao invés de vistosos e retumbantes formas de governo que não se adaptam ao nosso meio e à nossa mentalidade.

A Carta Magna de 1937 não é uma simples letra constitucional; mas o espírito e a vida da própria Nação.

Atendendo nesse empreendimento máximo do governo Getúlio Vargas, todo bom brasileiro deve ter expandido a sua gratidão patriótica nas comemorações do dia 19 de abril — dia em que nasceu o Homem indicado pelo Destino para fazer do Brasil uma nação com uma só alma nacional.

gre da unidade nacional. O título de glória mais alto do presidente Getúlio Vargas.

Só a espíritos demasiados simplistas ocorre a idéia de dissociar a administração da política, como se esta, no seu sentido orgânico, não traçasse necessariamente àquela as diretrizes a seguir. Sem a prodigiosa realização política do Estado Nacional congregando num todo uno e indivisível a opinião civil do país; restringindo as autonomias estaduais para tornar mais ampla e efe-

DISCURSO DE UM NOIVO. — "Declaro solenemente que não sou um homem feliz, exclama John Tanner na peça "Homem e Superhomem", de Bernard Shaw. Ana parece venturosa porque está triunfante, feliz por haver vencido. Não é isso felicidade, mas o preço pelo qual os fortes vendem a sua felicidade. O que fizemos, ambos, nesta tarde, foi renunciar à liberdade, renunciar à tranquilidade, e acima de tudo, renunciar às possibilidades de um futuro romanesco, de um futuro desconhecido pelas preocupações de uma casa e de uma família. Peço que ninguém aproveite essa ocasião para embriagar-se, para pronunciar discursos imbecis, nem para fazer pilherias grosseiras à minha custa".

...

ESPAHOLADA. — "Um homem com a muleta na mão diante dum touro não é um problema: é uma atrocidade".

Leitura

Crítica e Informação

Bibliográfica

Registrada no D. I. P. sob número 10.974

Direção de

DIOCLECIO D. DUARTE

e

RAUL DE GÓES

Secretaria de

MELO LIMA

Gerência de

RAFAEL BENAION

Redação e Administração:

Assembleia, 79, 1.º andar

Telefone 23-0873

Rio de Janeiro, Brasil

Composta e impressa nas

Officinas de A MANHÃ

Sucursal em São Paulo

Rua do Carmo, 138 - 1.º - Sala 9

Diretor: Paulo Zingg

Correspondentes e

Representantes

em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . . . Cr\$ 0,50

Número atrasado . . . Cr\$ 1,00

Assinatura anual . . . Cr\$ 6,00

Assinatura semestral Cr\$ 3,00

EXTERIOR

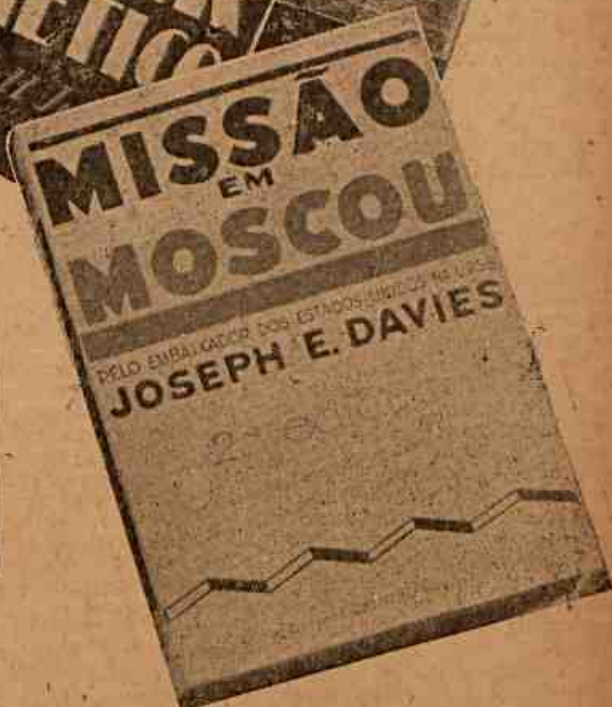
Assinatura anual . . . \$ 1,00

Assinatura semestral \$ 0,50

(Dólar americano)

EDITORIAL CALVINO LTDA.

SÃO BENTO, 28 — RIO DE JANEIRO



TIMOSHENKO E MAC ARTHUR

Um estudo completo sobre os dois maiores cabos de guerra de suas respectivas nações. O trabalho sobre Timoshenko é de autoria de Walter Mehring. O de Mac Arthur é de Bob Considine, famoso jornalista norte-americano. Um volume original com duas capas, contendo 400 páginas Cr\$ 25,00
Pelo reembolso postal Cr\$ 26,00

MISSÃO DE MOSCOU

O grande advogado norte-americano Joseph E. Davies, nomeado pelo presidente Roosevelt, embaixador dos Estados Unidos em Moscou, teve oportunidade de fazer um estudo amplo e completo sobre o regime soviético. O seu livro — "Missão em Moscou" — é o depoimento mais imparcial, insuspeito e equilibrado que conhecemos sobre a Rússia de hoje. Um lindo volume de 580 páginas Cr\$ 25,00
Pelo reembolso postal Cr\$ 26,00

A RESISTÊNCIA RUSSA

(Seu Segredo Militar e Político)

Revelação das forças morais e materiais que possibilitaram ao governo soviético a heróica resistência às hordas de Hitler. Maurício Hindus, o seu autor, é um dos mais autorizados escritores especializados sobre assuntos da Rússia. Um volume de boa apresentação, com 400 páginas Cr\$ 25,00
Pelo reembolso postal Cr\$ 26,00

O PODER SOVIÉTICO

O autor desta obra de real importância é o sacerdote Hewlett Johnson, Deão de Canterbury, um dos homens mais cultos e íntegros da Inglaterra. "O Poder Soviético" pela sua elevação, profundidade e insuspeição é o maior livro até hoje escrito sobre a URSS. Prefácio do Bispo de Maura. Um volume lindamente apresentado de 464 páginas Cr\$ 25,00
Pelo reembolso postal Cr\$ 26,00

A CRISE DO FEDERALISMO

JOSE' AUGUSTO

Copyright de LEITURA

A PUGNA teórica entre o federalismo e o unitarismo já teve a maior relevância, merecendo dos escritores fillados a uma ou outra orientação, largas e doulas explanações, nas quais eram invocadas as razões de ordem doutrinária ou de ordem prática que decidiam das soluções proferidas.

Isso aconteceu durante o largo período em que os povos, aproximados por laços e interesses comuns, raça, língua, economia, etc., começaram a sentir a necessidade de se unirem sob um regime que lhes permitisse atingir mais facilmente o seu destino histórico, fortalecidos por uma união perfeita e pela unidade de direção política que lhes era condição indispensável de êxito e sucesso.

Foi o que ocorreu com as confederações da Norte América, da Suíça, da República Argentina, da Alemanha, e quantas tiveram a revelação da vontade firme e decidida do seu povo de se constituir em Nação, de formar uma só unidade nacional, imprescindível à consecução do seu melhor conviver entre os demais povos do globo. A federação foi então a doutrina da moda, o recurso político a que todos esses povos, fracionados em pequenos núcleos soberanos, se apressaram para poderem conquistar, com a coesão, força e prestígio no concerto internacional.

Federação, como se sabe, etimologicamente, significa aliança, liga, vínculo, e no terreno político se traduz pelo ato em virtude do qual países afins se aliam para a constituição de um só Estado.

O federalismo foi, assim, e para aqueles povos acima citados, uma necessidade indeclinável, e um passo firme e decidido na marcha para a unidade que é a fatalidade histórica, a que estão presas todas as Nações.

Cumprida a sua missão, o federalismo perdeu todo o seu prestígio como doutrina, e hoje se debate na maior das crises, igual à que afetara antes a centralização, e resta apenas como uma tendência de caráter mais acentuadamente econômico a procurar enlaçar continentes inteiros, na defesa de sua armadura material, dos seus interesses comerciais, de sua vida de produção.

Nesse sentido é que se fala, por exemplo, na federação européia e certos utopistas vão até à ideia de uma federação universal, abrangendo todas as Nações, cujas barreiras alfandegárias ficariam, assim, riscadas dos mapas geográficos.

Nos planos puramente nacionais, o federalismo cumpriu a sua tarefa, e o que hoje se observa em todos os países de constituição federativa é a marcha acentuada e célere para a unidade política, imposta pelas contingências inelutáveis da evolução social.

A luz desse critério, a Federação como instituímos no Brasil foi uma aberração.

Tinhamos unidade nacional, um só o direito, uma só a religião, uma só a língua, uniformes as aspirações, idênticos os ideais.

O embaraço único estava na grande extensão do território, nas dificuldades de comunicações entre os diversos núcleos de população.

Para isso o remédio seria não esse federalismo hipertrófico que rege a Constituição de 1891, mas uma ampla descentralização administrativa que a nossa geografia reclama e impõe. Ao invés disso, fizemos uma federação moldada pela norte-americana, sem exame sequer das condições históricas militantes em uma e outra Nação.

Chegamos a estabelecer na Constituição Federal que competeria aos Estados federados todo e qualquer poder ou direito que lhes não fosse recusado por cláusula expressa ou implicitamente contida nas suas cláusulas expressas.

Era a reprodução de disposição idêntica existente em leis de outros países federativos, vindos da confederação, e nos quais, por isso, o poder da União era e não podia deixar de ser, a exceção, uma vez que as unidades federadas eram preexistentes, e cediam parte de sua competência em bem do organismo político superior, por elas criado e patuado.

Houve algumas das nossas antigas províncias, guindadas a Estados, que se supuseram com todos os atributos de soberania, e soberanas se afirmaram nas suas cartas políticas.

A Constituição Federal chegou a proclamar a eternidade da federação, declarando expressamente que as futuras revisões não poderiam tocar no princípio sagrado.

Os exageros de nosso federalismo de importação foram ao ponto de alarmar o próprio Rui Barbosa, sabidamente o principal autor da Constituição, o qual, ainda na constituinte afirmava: "Federação tornou-se moda, entusiasmo, cegueira, palavra mágica, a cuja simples invocação tudo há de ceder ainda que a invoquem mal fora de propósito, em prejuízo da federação mesma"; e, em outro ponto de vista do mesmo discurso: "Ontem, de federação não tínhamos nada. Hoje, não há federação que nos baste. Essa escola não pensa, ao menos, no papel vivificador da União, relativamente aos Estados, não sabe ver nela a condição fundamental da existência destes".

As consequências da errada política que seguimos e do ultra-federalismo que adotamos aí estão aos olhos de todos. Fecharam-se, no território brasileiro, vinte diversos núcleos de populações, com interesses próprios, verdadeiros esboços de Nações, muitos dos quais possuindo suas universidades, forças policiais que eram quase exércitos, estrutura econômica sólida, contraindo perante o estrangeiro sérios compromissos financeiros, por vezes em condições mais favoráveis e propícias que a própria União.

Criaram-se, assim, consciências regionais, uma consciência paulista, uma consciência gaúcha, uma consciência mineira, etc., diversas da consciência nacional, com ela por vezes se chocando.

Estas considerações acodem ao meu espírito ao ler agora "O Regime dos Estados da União Americana", belo ensaio de interpretação do federalismo norte-americano, escrito por Osvaldo Trigueiro, vigorosa e lúcida inteligência moça, servida por uma cultura jurídica constitucional que desde já se revela das mais sólidas.

O livro de Osvaldo Trigueiro precisa ser lido pelos nossos juristas e pelos nossos homens públicos, pois mostra a estrutura do Estado federal em pleno funcionamento, no país em que ele se caracteriza de maneira talvez a mais perfeita, mas no qual já se revela a tendência para alargar e ampliar o poder da União, dando-lhe cada vez mais força e autoridade política em prejuízo e desfavor das unidades federadas.

"Para essa profunda transformação — são palavras de Osvaldo Trigueiro — concorreram os mais variados fatores políticos, ao longo da história do país.

De criação de treze, a União passou pouco a pouco a criadora de trinta e cinco Estados, representando dois terços do número total.

No quadro interno, o poder federal, que foi instalado como o governo de um país agrícola com uma população de 4 milhões, tornou-se o governo de uma Nação sob cuja bandeira se abrigam 140 milhões de habitantes.

No quadro externo, o país passou da classe de uma colônia de futuro incerto ao primeiro plano entre as potências do mundo, em cultura, em força militar, em recursos econômicos, em possibilidades imperiais.

Essa mudança de situação no terreno político, cultural e econômico, não podia deixar de importar na expansão do poder nacional, e isso teria que ocorrer, parcialmente ao menos, a expensas do prestígio dos Estados.

Estes são hoje, sem dúvida, mais populosos e mais ricos do que em 1789, e possuem aparelhos de governo com um raio de ação muito mais largo.

Mas o poder da União cresceu em ritmo muito mais acelerado, o que com o tempo veio dar aos Estados uma expressão política comparativamente muito mais restrita."

O fenômeno não é exclusivo da Norte América.

É peculiar a todas as federações e resulta da evolução natural, e só os teóricos algemados não enxergam que o federalismo nos quadros puramente nacionais está em crise evidente.

Trata-se, de resto, de um fato perfeitamente explicável.

A Federação já cumpriu a sua missão quase por toda a parte missão que era, que só podia ser unificada, pois federar não quer dizer dispersar, como se pensa no Brasil, mas pilar reunir, congregar, como se entende alhures.

Acra, a missão do federalismo é outra, transporta-se para campo mais vasto, e procura unir todos os povos, começando, nos continentes, pelas Na-

(Continua à pág. 15)

A Contribuição da Inteligência para a Unidade Continental

A Palavra do Embaixador Gonzalez Videla

Reportagem de JOEL SILVEIRA

D. GABRIEL Gonzalez Videla, embaixador do Chile aqui no Brasil, é um homem muito simples e muito inteligente. Creio que a simplicidade é uma arma diplomática. Tenho lido alguns livros de histórias e conhecido, de perto ou de longe, alguns embaixadores seleníssimos e inteiramente despidos de "sense of humour". São cavalheiros que, representantes no estrangeiro dos seus países, se metem em complicações, criam casos, inventam uma atmosfera antipática, e nunca resolvem as situações com alegria e inteligência. Gente assim, não ajuda; atrapalha.

A simplicidade de d. Gabriel Gonzalez Videla é a simplicidade de um homem acostumado com o contacto popular. É homem do povo, que veio do povo e que representa um governo

mem culto, mas não de homem encaixado por detrás das ameias do fichário. Um homem culto que vive no meio dos outros homens, que vive dentro dos problemas que conhece, um homem que pisa no chão.

As credenciais de escritor e jornalista de d. Gabriel Gonzalez Videla, leva-nos a iniciar esta inquérito, a propósito do intercâmbio cultural entre as nações latino-americanas, com o seu depoimento. O embaixador do Chile muito tem feito, desde que aqui chegou para um melhor entendimento entre a cultura e a arte brasileiras e chilenas. Ele é de opinião que nenhuma amizade sólida entre dois países pode ser construída sem que, parcialmente às suas relações comerciais e diplomáticas, não se acresça uma permuta dos valores espirituais de ambos os países. Disse-nos d. Gabriel:

— Na minha opinião, não há melhor maneira de realizar, entre as nações latino-americanas, um intercâmbio cultural de resultados certos e positivos. Segundo creio, todos os meios que forem utilizados tem que chegar a bons resultados. O importante, o que faz falta, é começar por levar à prática alguns desses meios e, à medida que as circunstâncias o permitam, todos os demais que elas indiquem. Acho que uma das imediatas realizações que se precisa proceder é que, pelo menos em cada capital de um país latino-americano, exista em sua Biblioteca Central uma "Sala" destinada a cada uma das nações do continente e na qual estejam todos os livros que representam sua atividade intelectual. Neste sentido estou, por minha parte, trabalhando para que o meu governo traga ao Brasil a "Exposição do Livro Chileno" e para que as obras que aqui se exibirem sejam oferecidas à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, formando-se assim, nela, a Sala do Chile, da mesma maneira que na Biblioteca Nacional de Santiago exista a Sala Brasil.

Outra sugestão de d. Gabriel Gonzalez Videla:

— Se fosse possível aos latino-americanos contribuírem para a criação de bibliotecas em cada Universidade dos demais países do continente, muito já teríamos feito para um melhor conhecimento espiritual. Deste ponto deve passar-se à criação de círculos pessoais entre os escritores de um e outro país, fazendo-se intercâmbio de suas obras. Estas vinculações pessoais são da mais alta importância e constituem, por assim dizer a "força viva" do intercâmbio cultural. Para alcançar estes resultados, especialmente os últimos, acho que é indispensável que as representações diplomáticas americanas contem sempre no rol do seu pessoal os Adidos de Imprensa e Cul-

tura. São eles os funcionários que devem intervir na criação destes vínculos pessoais entre os escritores de sua pátria e os da nação ante cujo governo está acreditada a missão de que faz parte.

Indagamos do embaixador do Chile qual o papel que a imprensa desempenharia num tal intercâmbio, e ele assim nos respondeu:

— Ele é um terceiro aspecto da maneira de como seria possível alcançar resultados positivos nas relações culturais dos países latino-americanos, ou seja, estabelecendo vínculos mais estreitos entre os jornais dos diferentes países. A organização de grandes consórcios fornecedores de informações, produto individual da velocidade das comunicações que o mundo moderno exige, fez com que os diários acabassem com o regime dos Correspondentes Especiais; mesmo as grandes empresas jornalísticas, salvo contadas exceções, não tem nem sequer nas capitais dos países americanos representantes especiais que, frequentemente, lhes enviem, não a notícia dos acontecimentos diários, mas comentários sobre os fatos mais importantes — políticos, econômicos, literários, musicais, etc. — do país onde estejam trabalhando. É indispensável promover uma maior identificação entre os jornalistas dos diferentes países do continente, criando uma Entente Cordial do Jornalismo latino-americano e, se possível, chegar a obter que jornalistas de um país vão a outro trabalhar um ou dois meses em jornais e revistas, de maneira que possam por-se em íntimo contacto com os problemas nacionais. A visita recíproca de jornalistas, que ficam no país por poucos dias, não lhes permite formar um juízo exato do país que visitam, do seu povo e de suas tradições, e faz com que suas opiniões — tendo-se-lhes por "técnicas" acerca do país que visitaram — desorientem a opinião pública de sua pátria.

Segundo d. Gabriel Gonzalez Videla, também devem ser usados, num tal intercâmbio, todas as modalidades artísticas do país:

— É necessário que a música, a pintura, a escultura e as artes aplicadas, sejam melhor conhecidas nos países latino-americanos. Deverão, então, os governos e as organizações respectivas dos cultores dessas artes, promover intercâmbios e exposições que permitam um completo conhecimento. Este quarto aspecto das permutas culturais está entregue, até hoje, à iniciativa pessoal dos interessados. Meu país tem tido iniciativas desta natureza, e uma exposição de pintura chilena se encontra atualmente nos Estados Unidos; abriga a esperança de que essa exposição possa ser apre-

(Continua à pág. 24)



O Embaixador Gonzalez Videla falando a Joel Silveira

essencialmente democrático e, por isso, essencialmente popular. Jornalista, intelectual, escritor muito forte, d. Gabriel lembra o inteligentíssimo cubano Hernandez Catá, que morreu daquela maneira tão horrível.

Temos conversado várias vezes com d. Gabriel. E ele tem sempre idéias próprias a respeito de tudo. Sua conversa é fácil, viva, conversa de ho-

ANJOS DE CARA SUJA NO "TESOURO DA ILHA DOS COCOS"



Afonso Varzea

LEITURA foi procurar Affonso Varzea e encontrou Max Valentim remexendo em seu arquivo de futebol. Dirigiu certo referer uma consulta ao técnico, de sorte que apontamentos e instruções sobre sistemas de arbitragem estavam sendo estudados com o cuidado que requer uma boa resposta. De momento a momento textos ingleses, com esquemas e outras figuras, passavam entre os dedos do desportista cuja preferência futebolística ainda agora, durante a verificação do geógrafo à alta bacia do São Francisco, viera horas muito interessantes em Belo Horizonte, onde fotografou aspectos da mocidade atlética mineira.

Mas uma das belas fotos tomadas no Estádio Antonio Carlos cai sobre o tubarão da capa do **TESOURO DA ILHA DOS COCOS**, e a palestra deixa o escritor do soccer para fugar o escritor de aventuras:

— Norberto é um garoto expressamente inventado?

— Norberto existiu. Quando os diabolos fabricados pelo romancista do norte e pelo novelista do sul moravam em ruas que formavam ângulo reto, filhos de Coelho Neto no Roso, filhos de Virgílio Varzea na Ipanema, aquelas bandas das Laranjeiras foram associadas por danada matula de moleques absolutamente democratas, pois os "filhos de família" irmanavam-se aos filhos das estalagens na pelota

de rua, na barra-manteiga, na frequentação aos rinhadeiros com frango em baixo do braço e na caçada aos coleiros da pedreira. Pela frente da pedreira passava o gramado do Comercial F. C., do qual apoderou-se o C. R. Flamengo quando criou secção de futebol, para afinal ser expulso pelo acampamento das casachicas de Carlos de Campos e Marquez De Pinedo.

Naquele gramado o Mano, eu, Zézé, o Chiquinho, Honório tantos e tantos, fizemos muito aprendizado de boia de couro. Que distância, que mundo vai da granfa que entra hoje de cara enfiada para dentro do reluzente gasogênio na rua do avador que amuava com os cavalos fascistas, e a redonda baiana dos cuscus, mãe do Plínio, discutindo com nossos magros niquéis no capim, rodeada das gaiolas de bambu, o preço dos esnários que o filho apanhava. Como ela cobrava caro os veados e como empurrou no Joãozinho um pardinho que encheu de fúria o velho Coelho Neto! Avaliem que era dia de anos do Preguinho e a compra enguliu inteirinhos os dois mil réis que lhe havia dado D. G... .

Pois Norberto era o preto mais fiel da nossa quadrilha. O porte está tal qual no **TESOURO DA ILHA DOS COCOS** — produto da Avenida Figueira, a mesma donde saiu o Epaminondas que foi centromédio do Caricoca F. C. e da representação da falecida Liga Metropolitana. Filho de um creolão valentão, que saía de índio na Flor da Primavera, o cordão da fábrica Aliança, Norberto entrou em todas as no sas paradas, saíndo-se invariavelmente bem, coisa que não era fácil, pois sempre ficou com o encargo de cobrir a retirada.

Como retaguarda, um de seus corajosos expedientes salvou-nos de sermos esfaqueados pelos mastins, que guardavam a chácara do Conde Moraes e Leal. A frente do palacete, em vastos jardins, dava para a rua das Laranjeiras, mas os fundos, todos em boas árvores frutíferas, subiam pelo metro da rua Alice. Nós éramos gangsters de entrar pelos fundos, e num fim de tarde por tal maneira nos deliciávamos com os abios e as ameixas, que só demos com os molossos-dinamarqueses dos maiores e mais musculosos — quando eles estavam em cima de nós. Seguiu-se uma debandada desesperada para o velho muro, tão verde de musgo.

Pois Norberto, não. Pretinho de qualidade. Deixou-se ficar mais um instante, atraindo — retinto que era contra o fundo verde — a matilha inteira. Depois, quando a fera que vinha na frente de olho cinzento e cutro azul armava o penúltimo salto para agarrá-lo, Norberto subiu pela mangueira acima com a velocidade de um guaribá. A Dinamarca de patas e dentes concentrou-se em roda da árvore numa raiva de latidos, enquanto nós repulávamos o muro de respiração suspensa. Paulo Varzea com tanta infelicidade que partiu dois incisivos centrais, o que lhe valeu uma

sova de escova de cabelo, ao chegar em casa. Naquele tempo não havia Freud, e os pas não sabiam que andavam arranjando recalques para a gente. Felizmente Paulo Varzea encontra-se bem, muito obrigado, entre os algodoads e os cafezais da alta bacia do Paraná, e a mãe vive ali em Ipanema, apreciando que os netos estejam livres da escova de cabelo e da vara de marmelo.

No alto da mangueira deixou-se Norberto ficar muito quietinho — o português chacareiro já nos tinha gritado a ameaça de tiros — e nos quietinhos do lado de fora, esplando por cima do musgo de vez em quando, até que os canzarrões, enjoados de tanto pular e latir no nosso calculado silêncio, desceram de rabo abanando para a cozinha da nababesca residência.

Quando voltou calmamente à rua — naquele tempo um trecho deserto de verdadeira estrada, serpenteando para o tunel do Rio Comprido — Norberto foi o único a trazer ameixas e abios.

— Mas o Norberto do **TESOURO DA ILHA DOS COCOS** não é preto!

— E' branco por causa do filho da minha lavadeira, no tempo em que morei no Arpoador. Este chamava-se Rubens e era um belo tipo de 15 anos. Melhor jogador do futebol de areia, era também o primeiro nas ondas, furando-as em resaca, fazendo jacaré, nadando lá fora.

— Portanto Norberto são dois garotos caricatos?

— Justamente. O do vale interior dessas montanhas que tamanha beleza original dão à paisagem, e o da



beira do oceano por onde se alastram ba'ros maravilhosos da cidade. Aproveitei o nome do negro que era feio e a cor do Ipanemetro que era bo-

(Continua à pág. 18)

ABRIL DE 1943

Tosse, Febre e Thomas Mann

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Copyright de LEITURA



Thomas Mann

UM TUBERCULOSO, dois tuberculosos, muitos tuberculosos. São alemães, holandeses, russos, checos, italianos. Comem vorazmente cinco vezes ao dia, e de cada vez são "formidáveis comidas", que desfilam diante de nós num processo elementar, mas definitivo, de despertar-nos a atenção. Duas vezes por mês ouvimos conferências sobre o amor como doença, a psicanálise e os fenômenos espíritos. Também há concertos no terraço, de música não excessivamente clássica, ou melhor de música terapêutica. Passeios pela montanha, horas de repouso, lanterna mágica e discussões. Alguns dos tuberculosos despedem-se, mas para voltar meses depois. E morrem — sem escândalo, como convém a uma sociedade indiferente e à boa administração da casa. Mal se lhes nota o desaparecimento, porque um que morreu é substituído por outro que vai morrer, e no conjunto não há propriamente tuberculosos, há a tuberculose, de que vive o sanatório e o livro.

Porque tudo isto se passa (ou não se passa, pois há menos ação do que reflexão) a alguns milhares de metros de altitude, em um sanatório sulco. O livro faz da tuberculose, mais do que um fundo de cenário para a movimentação de personagens, uma atmosfera que suscita certos problemas, e o que importa é que esses problemas sejam suscitados e discutidos. Não resolvidos. O autor não é bastante categórico para isso, e ele mesmo está imerso em dúvida, em perplexidade e em melancolia. Daí o ter escolhido a morte ou a quase-morte desses doentes incuráveis para sobre ela projetar a sua inquietação, o seu desgosto, o seu taciturno romantismo.

Tenho a impressão de que na "Montanha Mágica" as personagens não morrem apenas de tísica. Morrem

também de discutir abstrações. Morrem até mesmo para se livrar de Thomas Mann, que com o seu implacável e minudente descritivismo chega a contar as bolinhas de manteiga que elas deglutiram em cada refeição, e a todo instante lhes toma a temperatura, seja com o termômetro comum de graduação escrita, seja com o termômetro secreto, em que só o médico sabe ler. E' desesperador.

E' desesperador, mas não há jeito senão viver nesse ambiente, já que se entrou nele e padecer essa opressão. Thomas Mann faz do seu livro um círculo fechado, aparentemente amplo pela contínua trepidação do pensamento, mas na realidade mesquinho (um quarto de doente, no máximo a sala de repouso coletivo, o refatório), e nesse círculo confinado as discussões seriam eternas e o livro infundável, se o autor não lançasse mão de um elemento exterior — a guerra, para onde desvia o fragil Hans Castorp, herói do romance. A morbidez essencial da obra não se destrói com essa rutura do círculo, e temos aí um motivo suficientemente forte para nos libertarmos da presença de Hans e de todo o mundo de especulações em que ele inocentemente se envolva nos seus sete anos de sanatório.

São especulações sobre o Tempo, a Doença, o Corpo. O sutil e exuberante ardente Settembrini se encarrega de fornecer-nos o maior e o melhor dessas loquelas. E é curioso observar, como o fez o sr. Otto Maria Carpeaux, que trabalhando matéria tão próxima das grandes questões que atormentam o espírito, lidando com gente que vai morrer e que a todo instante cruza com a morte, Thomas Mann não se preocupa um instante sequer em discutir o que possa ocorrer além desse limite. Não que seja um materialista (o materialista faria da "Montanha Mágica" um romance exato de trezentas páginas, relato saudável de situações doentias). O que há é uma espécie de escamoteação, uma cuidadosa ausência de metafísica, tal

como anota Carpeaux. Thomas Mann detém-se diante do pneumotorax, de que aliás extrai toda a cruel e triste poesia, mas nem se revolta contra a doença nem a supera pela filosofia, antes tem para com ela uma complacência que é vizinha da fascinação e que dá a este livro um encantamento fúnebre. Alguma coisa como esses perfumes que nos transportam às salas onde está exposto um cadáver e há moscas zumbindo sobre flores que também elas se decompõem, num conjunto de amarello, preto, vermelho e velas.

Afinal, a montanha não é mágica. Nela se obtém apenas uma ilusão passageira de cura. Nenhuma restauração se opera nesse clima de altos cumes. Pelo contrário, a montanha tem o dom de revelar a doença aos que a carregavam como um segredo para si mesmos, de fazê-la explodir e florescer. Do mesmo modo, falta ao livro de Thomas Mann — ou pelo menos lhe faltou para mim — esse caráter de purgação necessária, que, ao cabo da leitura, nos desembaraça de umas tantas preocupações, interpretadas pelo autor.

De certo não pedimos ao autor que pense por nós, que resolva os nossos problemas. Mas temos o direito de pedir-lhe que nos esclareça um pouco, e nos ajude a resolvê-los, ou que pelo menos não nos estorve na solução. Não deve deixar-nos em estado de desordem e de necessidade. Sobre tudo, não deve fazer-nos recuar a um estado já ultrapassado de sensibilidade. A leitura é uma experiência crítica e uma experiência humana. E' também um ato de confiança um abandono. Podemos abandonar-nos a esse ambiente de febre sem esperança e de análise sem resultado?

Saio deste imenso livro com um pouco de tosse. Fictícia, felizmente.

MONTANHA MÁGICA — Thomas Mann — Romance — Tradução de Otto Silveira — Editora "Pan-Americana" — Rio, 1943.

A CRISE DO FEDERALISMO

(Continuação da pág. 12)

ções que tem afinidades maiores, sobretudo de natureza econômica, até vir a constituir toda a sociedade política numa só família internacional.

Perde, assim a federação o seu sentido local e nacional e adquire feição ampla e universal.

A crise do federalismo não é, desse modo, a da agonia, mas a do crescimento, passando de quadro mais restrito para campo mais vasto.

Crise de agonia, estertor de quem está prestes a desaparecer, apresenta a outra noção, a da centralização.

No mundo moderno não é possível admitir um regime centralista, enfeitados os poderes e as tarefas de admi-

nistração e governo em uma só autoridade, salvo nos povos retardados, ignorantes, incapazes.

E' tal a complexidade dos problemas a atender, tantos e de tanta relevância que indispensável tem se tornado operar a descentralização em um duplo sentido, — no sentido de serviço público, destacando-se todos os dias os serviços conhecidos e clássicos, outros novos e importantes, abrangendo as modalidades decorrentes da época, e no sentido da autonomia das regiões que só podem ser administradas e dirigidas de perto, por quem possa atender e conhecer ao interesse público, cada vez demandando soluções mais urgentes para os seus problemas.

O Diário de Dostoevski

RUBEM BRAGA

Copyright de LEITURA

LÍ POUCOS livros de Dostoevski, e todos eles quando era muito moço. Mais tarde fiquei sabendo que havia lido péssimas traduções, e que deixara de ler exatamente o romance que pode ser considerado sua obra prima. Mas não voltei a ele. Agora que o acaso que eu lesse de fio a pavio o seu "Diário de Um Escritor" — e terminei a leitura com uma sensação penosa, a mesma que agora lembro me inspiraram outrora os seus romances. Esse desgosto que Dostoevski produz em mim, outras pessoas mais ou menos sensíveis também experimentam. Seria fácil explicá-lo dizendo que a nossa vida está demasiadamente longe do mundo de Dostoevski, e por isso ele nos parece sempre de algum modo monstruoso — ou a verdadeira explicação é que ele diz coisas de nós mesmos que achamos preferível não ouvir? Isso é um problema de psicologia, espécie de problema que me aborrece demais. Não sei se a propósito disso, ou sem propósito, acabo de lembrar, neste momento, a conversação a que assisti, uma noite dessas, na residência de um casal distinto. Falou-se de Freud, de sonambulismo, de sonhos, de pesadelos e do subconsciente. Uma das pessoas contou o interesse com que analisava os próprios sonhos — e então a distinta senhora dona da casa deu a sua opinião sincera: sim, acredita em grande parte dessas teorias, mas achava que esse negócio de subconsciente o melhor é deixá-lo onde está. Não convém mexer muito com essas coisas, não é? Se essas coisas estão no porão da alma, então, que fiquem lá no porão; certamente é lá o seu lugar.

Dostoevski viveu sempre no porão, a mexer com "essas coisas", não como analista frio, mas dramaticamente, com ódio, com amor, com raiva e por necessidade. Experimente-se ler uma página de Proust depois de ler Dostoevski, e logo se verá que Proust era de uma extraordinária mediocridade. Sua inteligência e sua sensibilidade nos parecem então desprezíveis, em contraste com o gênio. E qualquer um de nós se sente infinitamente mais perto de Proust que de Dostoevski. Ambos, de resto, tem exercido a pior influência na literatura brasileira — o que não é culpa de nenhum dos dois.

Talvez o que também me desgoste em Dostoevski seja o seu misticismo profundamente cristão, no sentido mais sério e pior dessa palavra. Ao lado de influências boas, o cristianismo teve influências desgraçadas sobre a humanidade, talvez por veicular sob forma nova, adotando na aparência mas conservando no fundo, como armas essenciais do domínio sobre o espírito, os velhos mitos de culpa e de expiação, todo um arsenal de pavores e humilhações insensatas. Nesse sentido não posso me impedir de pensar que o nazismo recolheu uma grande parte — a pior — dessa herança cristã, e a Gestapo repete, com a mes-

ma cruza e inabalável lógica, os feitos famosos da Santa Inquisição. A doutrina da igualdade nunca impediu a Igreja de apoiar todas as opressões e expolições organizadas pelas mais fortes sempre que esses, inteligentemente, a gratificaram com seu apoio. O caráter rigorosamente lógico da monstruosidade nazista está em que ele nasceu e cresceu dentro do mundo cristão como um bicho dentro de uma galinha podre. Hitler é uma caricatura furiosa, não é um demônio inventado.

Em Dostoevski vamos encontrar as mais perigosas idéias partindo dos mais generosos fundamentos. Esse anormal esforçava-se por colocar o mundo em ordem, e se agarrava a alguns conceitos com evidente medo de cair na anarquia, como ao mesmo tempo duvidava de Deus — mas precisamente, não acreditava em Deus — e proclamava sua fé na ortodoxia. A base de todo seu pensamento político, filosófico e religioso é a Rússia. É visível que ele odeia os alemães, os franceses, os ingleses, os judeus — desse mesmo ódio de suas personagens, feito de amor, de egoísmo exacerbado e necessidade de confraternização profunda e impossível. Sofrendo muito a influência do Ocidente, ele raivosamente procura se negar a ser outra coisa senão russo e se reconcilia com a idéia de que ser profundamente russo é buscar uma predominância espiritual da Rússia sobre o mundo, é salvar o mundo, porque ser russo é ser extraordinariamente humano e universal. Todos os argumentos são bons para ampliar desde logo o Império russo: a igualdade de raças, quando se trata dos eslavos, a igualdade de crença, quando se trata dos gregos. Esse imperialismo, entretanto, não é, ou não quer ser, uma expressão dos interesses das classes dominantes de sua Rússia: ele vê antes de tu-

do o povo (naturalmente o russo, o único povo que conhece) e luta para salvá-lo da miséria e da degradação, insiste que na sua alma está a salvação dos outros povos do mundo.

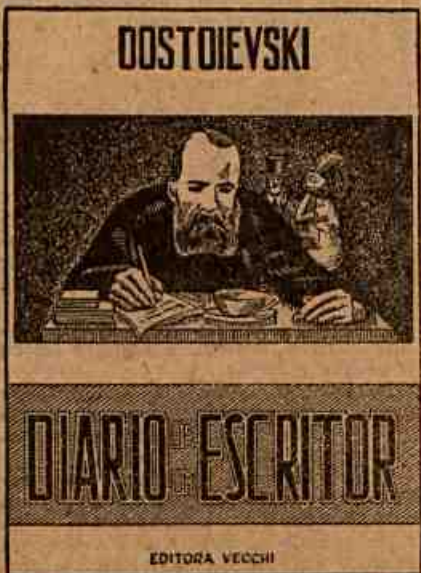
Em muitas páginas do "Diário" vemos esse nacionalismo popular e místico — às vezes, como na resposta a um jovem judeu, propositalmente irracional — tomar de súbito acentos proféticos. Vou citar frases:

"E quem sabe, senhores estrangeiros, talvez a Rússia esteja destinada a esperar que os senhores tenham terminado; enquanto isso, ela assimila o seu pensamento, inicia-se no seu ideal, objetivo e caráter das suas aspirações; harmoniza as suas idéias, eleva-as até a compreensão do humano universal e, com o espírito livre, desembraga de todos os interesses secundários, relativos à casta e ao solo, empreende uma tarefa nova, imensa e desconhecida até aqui na História, começando no ponto em que os senhores terminaram, arrastando tudo após si." Outra frase: "Nossa miserável terra talvez possa, no fim dos fins, anunciar ao mundo uma palavra nova". Outra: "A mais alta entre as elevadas missões que nós, os russos, sentimos o dever de realizar — é a missão de aproximar a humanidade e reuni-la num só feixe, porque nós não servimos só a Rússia, ao pan-eslavismo, mas à humanidade inteira."

No discurso famoso sobre Puchkin há várias frases nesse sentido, e ele pergunta: "Porque não há de estar guardada em nós a última palavra de Cristo"? Não deixa de ser espantoso que cerca de 70 anos depois o Deão de Canterbury, com razão ou sem ela, responda "sim" a essa pergunta.

O "Diário de Um Escritor" foi publicado periodicamente, em brochuras, pelo próprio autor, e contém artigos sobre os mais variados assuntos filosóficos, políticos, religiosos e literários, além de discursos e ensaios. Veja-se especialmente o que ele escreve sobre Puchkin, Lermontov e Nekrassov e sobre o famoso debate sobre a arte pela arte. Entre outras coisas o "Diário" inclui a novela "Ela era melga e humilde", e só isso valeria o preço do volume. A tradução é de Frederico dos Reis Coutinho, e me parece boa; não acredito que muitos fizessem melhor, principalmente tratando-se de um livro enorme como esse, com largas passagens em que o tradutor deve sentir uma grande fadiga. Apenas quero fazer uma observação sem nenhuma importância: porque o tradutor prefere escrever Moskva? Os portugueses escrevem Moscovo, mas os brasileiros já fixaram sua preferência na forma Moscou — cidade, de resto, muito falada, principalmente pelo seu olho.

DIÁRIO DE UM ESCRITOR,
Dostoevski — Tradução de Frederico dos Reis Coutinho —
Editora Vecchi — Rio, 1943.





LIVRARIA KOSMOS

*

Erich Eichner & Cia. Ltda.

*

RIO DE JANEIRO
Rua do Rosário, 137 (Matriz)

SÃO PAULO
Rua Marconi, 91-43 (Filial)

RIO DE JANEIRO
R. Ev. da Veiga, 138 (Oficina)

LIVREIROS • EDITORES • ALFARRABISTAS • ENCADERNADORES

CATÁLOGOS PUBLICADOS E EM DISTRIBUIÇÃO

- N.º 25 "Brasiliana". Livros novos e usados sobre o Brasil, Portugal e as Américas, de 1521 até 1939. 78 pgs. Trazendo mais de 2.000 livros, dos quais muitos anotados.
- N.º 26 Livros novos e usados sobre Medicina. 1939. 46 pgs. Trazendo 1.400 livros.
- N.º 27 Christmas Catalogue of New English and American Books. (Novos livros Inglêses e Americanos de todos os assuntos). 1939. 22 pgs.
- N.º 31 American and English Books. 1940. 34 pgs.
- N.º 33 Livros novos e usados em vários idiomas sobre: Espiritismo, Ciências Ocultas, Teosofia, Positivismo, Mágica, Astrologia, Grafologia, Rosa Cruz, Yoga, Christian Science, etc. 25 pgs.
- N.º 34 Livros novos e usados das Ciências Concretas, em todos os idiomas. 188 pgs.
- N.º 35 American and English Books.
- N.º 36 Livros novos e usados sobre o Brasil, Portugal, as Américas, etc. 1942. 36 pgs.
- N.º 37 American and English Books. 1941. 49 pgs.
- N.º 38 Livros Técnicos e Científicos, novos e usados, 1941. 16 pgs.
- N.º 39 Livros novos sobre Medicina. 1942. 30 pgs.
- N.º 40 Miscelânea. 1942. 24 pgs.
- N.º 41 Miscelânea. 1942 (2.ª parte). 24 pgs.
- N.º 42 Medicina. Livros de ocasião. 1942. 26 pgs.
- N.º 43 Livros Novos principalmente Americanos e Ingleses sobre Engenharia, Química, Economia, Arte, Arquitetura, Filosofia, etc. 1943. 89 pgs.
- N.º 44 Livros sobre Direito. Catálogo referente a duas importantes Bibliotecas recentemente adquiridas. 1943.
- N.º 45 História Naturalis Brasiliensis et Generalis. Contendo mais de 3.000 livros. (No prelo).
- N.º 46 100 obras raras e escolhidas, de todos os assuntos para Bibliófilos. (Em preparo).

DAS NOSSAS EDIÇÕES DESTACAMOS:

- ADALBERTO AUMULLER** — Novo Dicionário Técnico Inglês-Português, encadernado 45,00
- MARTIN e FORMENTINI** — Inglês para o Engenheiro Civil e Industrial, encadernado 18,00
- COLEÇÃO DE 6 ORQUÍDEAS DO BRASIL** — em cores, artisticamente montadas, em pasta 25,00
- COLEÇÃO DE 6 PASSAROS DO BRASIL**, em cores, artisticamente montados, em pasta 2 5,00

NO PRELO A RARISSIMA OBRA:

PAISAGENS E COSTUMES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, Brasil e seus arredores, segundo desenhos feitos pelo TENENTE CHAMBERLAIN, da Artilharia Real, durante os anos de 1919 a 1920, acrescidos de explicações descritivas. A edição comum no formato de 34 por 24 cm. terá 41 gravuras coloridas em quatro cores, o texto original inglês e tradução portuguesa feita pelo Sr. RUBENS BORBA DE MORAIS. — A edição de luxo será limitada e somente em subscrições nominais.

A nossa nova oficina de encadernação, que foi montada no Rio de Janeiro sob a chefia do melhor encadernador de São Paulo, sr. CID PEREIRA LOPES, executa qualquer serviço de luxo como também restauração de obras raras, lavagens de gravuras antigas. Consulte sempre nossos técnicos.

Já se acha em montagem a nova estufa elétrica de grande capacidade para desinfecção de livros, cuja construção se baseia nas últimas pesquisas científicas e técnicas feitas nos Estados Unidos.

LIN YUTANG E OS CHINESES

DALCÍDIO JURANDIR

Copyright de LEITURA

LIN Yutang escreveu "Momento em Pekim" e o dedicou aos soldados chineses. Não se tratava mais do tranquilo e cético autor de "Com amor e ironia", ainda risonho inimigo dos japoneses, querendo tomar o partido de uma quase neutralidade entre a implacável luta de dois mundos que não podem se reconciliar mais. Em "Momento em Pekim" Lin Yutang fixou o drama das servas dos pés atrofiados e das "memels" na velha sociedade decadente dos últimos mandarins e dos últimos dias do Império. Passou a ser um escritor político participando nos debates a respeito dos problemas de auto-determinação dos povos e da igualdade das nações, transformou-se em combatente que não fugiu das multitudes que se uniram em torno de Chiang Kai Chek contra o fascismo asiático.

Em seu livro "Minha terra e meu Povo", o romanista de "Uma folha na tempestade", estuda o caráter dos chineses, a cultura, o velho, o poético e sábio mundo de Confúcio. Muitas vezes discordamos de suas idéias tradicionalistas, ou de suas conclusões a respeito dos acontecimentos destes últimos tempos. Às vezes sua linguagem, que lembra o velho Anatole France, é como uma voz irônica e desencantada do passado para o qual a China não poderá mais voltar. Há em suas páginas a ironia, a sutileza, a graça dos velhos e amáveis filósofos chineses. Lin Yutang faz a análise da estrutura mental e moral do povo chinês e do ideal que rege o tipo fundamental da sua existência". Segue-se depois um estudo da vida chinesa mesma, nos seus aspectos sexuais, sociais, políticos, literários e artísticos". Sobre a cultura, diz Lin Yutang que ela é um produto de ociosidade e que "os chineses tem disposto de três mil anos de lazer para desenvolver-lá. No correr desse prazo considerável, eles tem tido todo o vagar para contemplar pacificamente a vida por cima das suas chibaras de chá, e das suas palestras durante o chá extraíram toda a essência da vida".

Fascinado "pela arte de viver" o romanista de "Momento em Pekim" louva frequentemente nos chineses o fato de se consagrarem mais "a viver que progredir". Distinção muito sutil, muito preciosa essa entre progredir e viver. Aí está o gosto individualista de Lin Yutang pe'a tradição chinesa do "vinho chelroso" e do "chá bem preparado". Tradição que cultivava a "arte de viver" enquanto as mulheres chinesas eram ainda consideradas escravas...

"Minha terra e meu povo" é um livro que nos faz conhecer a China nos seus aspectos mais sutis, nas suas paisagens mais íntimas. Guardamos reservas a respeito do pensamento do

autor sobre o futuro destino político de sua pátria, sabe-se que Lin Yutang não é revolucionário. Mas em todo o



Lin Yutang

livro sente-se uma sinceridade, uma paixão pela terra, um gosto pelo humano e pelas idéias que fazem de Lin Yutang um grande escritor de seu

tempo, um dos melhores cronistas da China atual. Sua arte não se dissolveu em brinquedos e balões de Pekim, não se refugiou numa espécie de mandarinato alheio ao mundo.

Acredito que já não considera hoje que a cultura seja um produto de ociosidade. Os soldados chineses que defendem essa cultura sabem quanto é difícil e dramático defendê-la. O povo chinês defende, sim, a sua "arte de viver" mas não se pode resumir essa arte no retorno ao passado e ver, à distância, a doçura de uma conversa em torno de um chá e o prazer de ler Confúcio e recitar Wang Wei, um poeta do século 769, sob o sussurro das fontes...

Lin Yutang agita em seu livro todos os problemas da vida contemporânea e deixa em tudo que escreve e pensa aquele saboroso e sólido espírito confuciano que vem dos seus velhos mestres e duma antiga tradição de simplicidade e bom gosto. Ele nos dá a imagem fraternal, contraditória e pura da China de hoje: a graça, a poesia, a finura e o ímpeto guerreiro, o amor das idéias e das imagens e o entusiasmo pela máquina, a contemplação e o heroísmo.

MINHA TERRA E MEU POVO, de Lin Yutang.
Tradução de Carlos Domingues — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1943.

ANJOS DE CARA SUJA NO "TESOURO DA ILHA DOS CÔCOS"

(Continuação da pág. 14)

nito — ambos fortes, ágeis, corajosos filhos do povo.

Nisso entram os cinco anos e pouco de Fernanda — e esse escritor de vida ao ar livre e de mocidade, geógrafo que já percorreu o Brasil inteiro, exceto a Amazonia, tomando das mãos da filha o livro leve, de grande capa em tom azul e curo:

— Ora, aí tem. Esta iniciação na leitura corrente afasta-se completamente do mundo irreal das bonecas — fabulagem doentia à custa de insistir numa monotonia que data de séculos — e da cacetíssima convenção da planola das historietas de papai, mamã, tia e avós, cheias de virtudes inoperantes de marionettes. Nas vezes em que me foi dada oportunidade de palestrar com o coronel Jonas Correia, à testa da Secretaria de Educação da Prefeitura, ou com um veterano guerreiro da didática, como Paulo Maranhão, como outro dia falava ao professor Teobaldo, no De-

partamento do Ensino Primário, tenho insistido nas vantagens da literatura didática concreta, realista, e a este respeito o mundo da geografia vale por um campo maravilhoso de colorido e de formas.

Falava agora uma experiência de dezenas de anos alfabetizando operários de todas as idades físicas e mentais, desde o menino trabalhando na fábrica de balas de São Cristóvão, até o ferroviário maduro do morro da Conceição — para esclarecer que, depois de experimentar todos os livros de leitura de indicação pragmática, de autores e editores mais variados, acabara por verificar que os filhos do povo aprendiam muito melhor com as histórias tiradas de suas viagens, as descrições de paisagens, costumes e bichos vistos através de centenas de quilômetros de Brasil, quando não eram as próprias aventuras vividas de sôcia com Norberto ou com Rubens, os dois garotos que formam o corajoso e nobre moleque do **TESOURO DA ILHA DOS CÔCOS**, editado pela ALBA.

Uma Seleção d' «As Farpas»

JOSUE MONTELO

Copyright de LEITURA

AS CONTINUAS citações e referências a autores portugueses em "Casa Grande e Senzala" são suficientes para indicar no espírito de Gilberto Freire uma forte impregnação da cultura lusitana. As predileções de sua inteligência para fatos e opiniões oriundas de Portugal mostram que o sociólogo brasileiro, embora de formação universitária americana, permaneceu mais ou menos fiel às sedu-

de facilidade exigível para tarefas de tal natureza. A incompetência audaciosa acha-o solucionável com o acaso dos trechos apanhados nos autores de renome — e com isso conseguem, ao mesmo tempo, a fortuna das editores de livros escolares e a ogeria dos estudantes para os infelizes escritores arrolados naquelas seleções precipitadas.

Esse fenômeno é o das antologias que procuram apresentar os fragmentos de uma literatura. Há uma outra modalidade, ainda mais difícil: a que busca apresentar apenas os trechos mais perfeitos ou mais representativos de um único escritor. A dificuldade cresce porque, mesmo nos grandes escritores, a perfeição literária, no seu equilíbrio de idéias, forma e oportunidade, não é uma constante, mas, forçosamente, um acontecimento ocasional. Selecionar esses instantes em vários autores será, indubitavelmente, mais fácil do que pesquisá-los, para trabalho de vulto, na obra de um único prosador ou um único poeta.

Só os que têm uma exata consciência da honestidade podem avaliar as horas de meditada leitura para que, desse caminho percorrido com lentidão, se reünam as paisagens mais belas e capazes de dar a imagem justa do colorista que as fixou. Essa tarefa trabalhosa e rude Gilberto Freire realizou com o êxito mais completo através dos volumes com que Eça e Ramalho Ortigão pretenderam, pela sátira objetiva e pelos ensinamentos de compêndio, reformar no crepúsculo da monarquia a mentalidade de Portugal.

Eça de Queiroz, num capítulo das "Notas Contemporâneas", definiu exatamente as duas fases vividas pelas Farpas na sua obra criadora e inconoclasta: na primeira, apenas saíram da pena dos dois panfletários as setas de combate; na segunda, cada página, além de seu riso rumoroso, espalhava em Lisboa um ensinamento novo, destinado a instruir a larga multidão dos ignorantes que sabiam ler. Eça de Queiroz participou apenas do primeiro período. No segundo, Ramalho Ortigão, sozinho, foi o professor e o moralista, o didata e o missionário, além de panfletário destemido capaz de abalar instituições e princípios com um período flamejante de sátira e de sarcasmo irresponsável. Literatura e arte, política e sociologia, religião e moral, instrução

e culinária — tudo participava do programa das Farpas. As conquistas da ciência moderna surgiam nessa publicação famosa, de leitura com as páginas de ironia com que se criticava o último ato do Rei e o discurso mais recente das assembleias portuguesas. Nada lhe escapava. Era um jornalismo alerta, com a capacidade de registo crescente e inédito de todos os acontecimentos de relevo. E



Eça de Queiroz

ções de uma cultura que, na juventude do autor de "Sobrados e Mocambos", o fascinou com mestres da estirpe de um João Lucio de Azevedo. Joaquim Nabuco, nas palavras iniciais do seu capítulo sobre "Massangava", lembra que os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído da vaga. E ninguém se liberta das impressões deixadas pela vida nas suas horas de madrugada. Por isso, apesar da universalidade da sua cultura, há em Gilberto Freire uma espécie de fidelidade aos autores portugueses que foram o primeiro contacto de sua inteligência e que, em horas sombrias, são as forças subterrâneas que o arrastam a meditações como as de sua famosa conferência em Recife sobre "uma cultura ameaçada: a luso-brasileira".

Se aquela impugnação de cultura se deixara entrever em "Casa Grande e Senzala" — há uma nova circunstância, que vem agora confirmá-la: a publicação de uma seleção de "As Farpas", realizada por Gilberto Freire para a "Editora dois Mundos", aqui no Brasil.

Nenhum trabalho intelectual tem merecido mais predileção das incompetências do que o da organização de antologias. Isso resulta da aparência



Ramalho Ortigão

daí serem "As Farpas", além de um momento de literatura de combate, um apanhado muito vivo da história do ocaso da monarquia em Portugal.

Um trabalho como esse nasce, comumente, sob o signo das coisas perecíveis. A inteligência de Ramalho Ortigão e o riso de Eça de Queiroz, conjugados em um estilo transitável pelos entendimentos mais rebeldes alteraram aquele signo do efêmero, marcando com o sinal da eternidade as páginas que agora Gilberto Freire indica à nossa admiração no corpo de uma antologia.

AS FARPAS, de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão — Prefácio de Gilberto Freire — Coleção Clássicos e Contemporâneos — Dois Mundos Editora — Rio, 1943.

O FILÓSOFO GRIPADO. — Kant levantava-se muito cedo e vivia quase sempre gripado, os olhos inchados e lacrimosos. Esquecia o lenço em todo canto da casa, motivo que desesperava a empregada. — Que homem, dizia, trritada... Não serve para nada!

ROMANTISMO. — "No alento vital de Espronceda se condensa o melhor do Romantismo espanhol, escreve Miguel Perez Ferrero. Este é um movimento defensor das liberdades, não essa magnólia triste que um punhado de tolos ou de reacionários têm querido vestir nestes dias com luzes de "crepúsculos".

O Romance da Sra. Dupré

CAIO DE FREITAS

Copyright de LEITURA

MONTEIRO Lobato não poderia ter expressões mais elogiosas em relação a um livro do que as que usou no prefácio do último romance da sra. Leandro Dupré. Esse prefácio, feito com aquela graça característica do escritor paulista, cheio de imagens pitorescas e comparações desconcertantes, constitui o maior elogio que a romancista pudesse ter dos homens de letras do Brasil.

De fato, Monteiro Lobato tem uma situação privilegiada no cenário das letras brasileiras. É um grande nome, um escritor admirável, dono de um estilo que tem feito a admiração de duas gerações de leitores. Nas oito páginas desse prefácio que já vai se tornando tão ruidoso como o próprio romance da sra. Leandro Dupré, o autor de "URUPES" escreveu livremente, abrindo-se em exaltações entusiásticas, refletindo nitidamente a impressão de que o livro, de fato, o encantou e comoveu.

Quando a esmola é muito grande, o santo sempre desconfia. A sra. Leandro Dupré, até há pouco tempo, era inteiramente desconhecida pelo menos nos meios literários do Rio. De um dia para outro, entretanto, tudo mudou. Ignorada por todos, o aparecimento do seu livro foi celebrado, todavia, como um acontecimento na atividade literária do país. Seu nome, estropeado por uns e mal fixado por outros, entrou a fazer parte das conversinhas de livreria, evocando a glória nascente de um espírito de alta voltagem, fadado à larga projeção do marasmo do romance brasileiro. E isso por que?

No Brasil as glórias se fazem de vagar, através de lenta assimilação pelo público que lê da atividade diária dos que se dão à tarefa de construir uma personalidade. A sra. Leandro Dupré quebrou o ritmo dessa normalidade desconhecida. Surgiu de chofre, da noite para o dia, celebrada por um dos maiores nomes da literatura nacional, em oito páginas compactas de elogios francos. Daí a desconfiança e o descontentamento. Daí a referência que fez da esmola em excesso prejudicando o beneficiado.

Quem se der ao trabalho, de ler, entretanto, esse encantador romance da sra. Leandro Dupré há de concluir por dar razão a Monteiro Lobato. Realmente "ERAMOS SEIS" é um livro que comove e entusiasma. É um romance que se lê, com sofreguidão, da primeira à última página, abençoando ainda, no fim, a noite acordada que se passou a lê-lo.

A romancista não revela, nem uma só vez, essa preocupação, tão em moda atualmente, de dramatizar as coisas, emprestando tintas violentas a fatos banais e corriqueiros. No livro existe tragédia, mas a tragédia ali não é contada com tetéias de estilo ou sublimada em angústias inventíveis que dão sono e tédio ao leitor que as lê com indiferença. A viúva, (o romance é o relato da vida infeliz de

uma viúva como muitas outras) lembra os dias dourados e negros que viveu a sua família de seis pessoas, através uma longa série de incidentes, desde os tempos alegres da infância dos filhos até a dissolução do "clan", com a morte de uns e o afastamento dos outros. Os capítulos se sucedem. As situações se complicam.

O destino, antes propiciador e compassivo, transforma-se, subitamente, num demolidor impiedoso de ilusões.

O relato, entretanto, não perde a suavidade que lhe soube emprestar a sra. Leandro Dupré. O estilo revive a voz pausada, comovida e, muitas vezes, plangente da viúva que se despede do mundo, sem ódio pela vida que lhe roubou os filhos; sem desespero pela miséria que lhe veio disputar o pão no recolhimento de um asilo de velhos.

Outra romancista, principalmente mulher, se escrevesse um romance com um entredo parecido com o de "ERAMOS SEIS" haveria forçosamente de inundar as páginas de imprecisações contra o destino, lambusar os capítulos de prantos lancinantes, de forma a deixar no leitor que se ariscasse por aquelas páginas tenebrosas uma sensação de molhado na mão, como se escorressem lágrimas das frases...

A sra. Leandro Dupré não usa desse processo e, talvez, resida aí o encanto maior do seu romance. É

serena, de uma serenidade comvente e altruística, cheia de boa vontade e compreensão para com os azarados da sorte.

Seus personagens vivem, são criaturas humanas que se movimentam através das páginas, com os seus perfis característicos, perfeitamente identificáveis como criaturas que poderíamos, amanhã, conhecer na rua ou na confusão de um bar. Nada é artificial na sua narrativa que decorre tranquila, espelhando fatos e acontecimentos, todos eles absolutamente humanos e reais como se fossem vividos por cada um de nós.

Depois de se ler esse romance da ilustre escritora paulista é que se compreende o entusiasmo de Monteiro Lobato e se justifica o seu prefácio. "ERAMOS SEIS", de fato, é um dos grandes livros desta época agitada que vivemos. A serenidade que se respira nas suas páginas estabelece um contraste confortador entre a vida que se desenrola diante dos nossos olhos no mundo e aquela outra que se surpreende no livro. De uma coisa, entretanto, podemos ficar certos: é que em "ERAMOS SEIS" a vida não se despiu dos seus atributos para parecer verdadeira.

ERAMOS SEIS, romance da sra. Leandro Dupré — Pref. de Monteiro Lobato — Cia Editora Nacional — S. Paulo, 1943.

OS DECRETOS DE FITÁ. — Fitá é um tipo interessantíssimo criado por Eugênio Zamiatin, escritor russo do século passado e grande humorista. Os contos de Zamiatin são curtos, meio anedóticos, meio sátiras, mas não deixam de possuir humanidade. Na Rússia czarista o ambiente se prestava às suas notáveis criações satíricas. Fitá é um governador que bebe tinta e soluciona de maneira simplista os dramas de seus governados. Decreto n.º 666: 1.º) em todos os municípios de meu Estado desaparecerá imediatamente a fome; 2.º) todos os habitantes cessarão de ter fome; se alguém persistir faminto sofrerá as mais severas penas, Fitá. O decreto 666 foi lido nos templos e pregado em todos os cantos. Os habitantes deram graças a Deus com um Te Deum, e naquele mesmo dia ergueram um monumento na praça do mercado ao grande Fitá. Decreto n.º 741: Fica ordenado, a partir desta data, a imediata desapareção da Catedral desta cidade, de origem completamente desconhecida, sem que venha em contrário nenhum decreto que anule o presente. Sobre as ruínas se traçará um caminho reto para que possa ser utilizado pelos senhores cocheiros de aluguel. Para evitar sentimentalismos inúteis, a realização do que acima ficou dito deve ser encomendada aos sarracenos. Fitá. Os sarracenos destruíram a Catedral e o trajeto dos coches ficou assim diminuído em 100 metros. Decreto n.º 958: Ordeno que todo mundo saia cantando pelas ruas hinos patrióticos, e se organizem desfiles nacionais. Fitá. O povo desfilou em trajes nacionais, cruzando as ruas ao compasso de tambores. Ao lado de cada pelotão ia um soldado com um canhão. Cantava-se alegremente o hino oficial: "Glória, glória ao nosso chefe! Viva o chefe que Deus nos deu! Glória imortal a Fitá, Nosso Senhor!" Da janela do palácio Fitá distribuía cumprimentos e sorrisos para a multidão que o aclamava. Decreto n.º 980: Ordeno que de amanhã em diante todos os habitantes fiquem completamente idiotas. Fitá. Na manhã seguinte todos se levantaram idiotas. Isso obrigou o chefe a pensar ainda mais por todos. Mas o pior foi que o povo ficou tão idiota que assaltou o palácio, arrombou portas e matou o Fitá...

Auto * Retrato

José Maria Belo visto por José Maria Belo

NASCI num engenho de Pernambuco, de velha família rural empobrecida pela crise econômica do açúcar, consequência da abolição e que se prolongou pelas primeiras décadas da República. Tal condição, comum a tantos milhares de pernambucanos, naturalmente, não valeria ser notada. Todavia, todas as vezes que me analiso — e a introspecção é irresistível — tendências nas pessoas do meu temperamento — ela parece-me decisiva na minha formação moral. Atribuo-lhe o fundo de timidez, de desconfiança em mim mesmo, de frequentes crises de indecisão, de vago cansaço de tudo e de todos, de indefinido tédio, que somente a muito custo, no decurso de uma vida de altos e baixos, consigo vencer.

Fiz as primeiras letras no engenho paterno e os "preparativos" num internato no Recife. Não me distingui entre os bons alunos; não me atraí, como ainda hoje, os estudos a horas certas com a constrangedora finalidade dos exames. Gostava e gosto de ler, escrever, aprender, saciar a curiosidade do meu espírito por minha exclusiva conta, ao sabor da minha fantasia. Entretanto, a minha gente acreditou-me sempre na inteligência e nos pendores literários. Benévolo julgamento de parentes...

Ambicioso, sonhando vagamente com as vitórias do mundo, compreendi cedo que bem limitadas eram as perspectivas que se me abriam em Pernambuco. Em 1905, ainda adolescente, emigrei para o Rio. Como me supunha sensível à pintura, desejei matricular-me na Escola de Belas Artes. Conselhos de amigos e mais demorada reflexão levaram-me a preferir o curso de direito. De futuro e provavelmente mau pintor surgiu um bacharel como toda gente. Fui mais uma vez mediocre estudante; forçado a trabalhar para manter-me, não pude sequer frequentar as aulas da Faculdade. Desconfio, aliás, que, como no colégio do Recife, elas pouco me interessariam. Bacharel pobre com veleidades literárias, tive o banal destino da maior parte dos pobres bachareis brasileiros: um emprego público, forma de assistência do Estado, ao mandarimato universitário... Completava o emprego a atividade de repórter parlamentar na própria Câmara de que era funcionário. Instalado burguesamente na vida, com ordenados curtos e certos, casei-me e enchi-me de filhos...

De cronista parlamentar, passei a articulista e a colaborador literário de alguns jornais cariocas. Estreei na crítica literária, à maneira, digamos, impressionista. Creio que tive algum êxito, pois mereci elogios de alguns mestres que não conheci pessoalmente, como José Veríssimo, João Ribeiro e

Medeiros de Albuquerque. Recebi certa vez uma carta, muito tocante à minha jovem valdade, de Rui Barbosa. Evitei sempre os grupos literários, os pequenos cenáculos de louvores mútuos. Reuni os meus primeiros ensaios de crítica literária e política em alguns volumes. Se, hoje, não me enchem propriamente de remorsos, também me não agradam. Acredito que poderia ter feito bem melhor; mas tinha pressa em aparecer, em traduzir coisas que julgava bem pensadas. Consola-me a certeza de que no Brasil raros homens de letras conseguiram realizar a obra de que seriam capazes em outras condições de cultura, de



José Maria Belo

método e de estímulo ambiente. Sobre todos, mais ou menos, improvisadores e, sob certos aspectos autodidatas heróicas. Na idade madura escrevi um livro — a "História da República" — que acreditava mereceria o meu melhor esforço de escritor...

Mais de uma vez já me referi aos escritores que maior influência exerceram em minha mocidade: Eça de Queiroz, os "realistas" franceses, Anatole France, Saint Beuve, Taine e Renan. Dos brasileiros, talvez Joaquim Nabuco. Muito tendo admirado Machado de Assis e Euclides da Cunha, não me despertavam as afinidades, que me aproximavam, por exemplo, de Joaquim Nabuco. O mesmo poderia dizer de Rui Barbosa. Sempre preferi os prosadores aos poetas; entre estes foi Castro Alves o que mais me impressionou. O gosto da literatura de ficção, hoje meio diluído, não me sufocou jamais a curiosidade pe-

las indagações filosóficas e sociológicas. A filosofia de William James e, posteriormente, a de Bergson abalaram-me profundamente a crença nas "certezas", das quais, aliás, já instintivamente desconfiava, do velho spencerismo. Acredito que o pragmatismo e o intuicionismo me abriram o caminho para o retorno à fé religiosa...

De família de políticos e tendo vivido sempre entre políticos, não poderia fugir à tentação da vida pública. Fui deputado federal, passei rapidamente pelo Senado da República e vi frustrarem-se-me os espasmos com o governo de Pernambuco... Deixou-me saudades a política? Tenho afirmado algumas vezes que não; mas talvez não tenha sido muito sincero em tais momentos ou que apenas tenha procurado afastar o meu pensamento de cousas irremediáveis.

É bem difícil estrangular nos homens a paixão pela vida pública. Todavia, já me julgo quase curado; os grandes problemas do mundo e, muito deles especialmente os do Brasil, absorvem-me o que nela haveria de melhor ou de mais elevado. O prazer sedativo de evocar o passado e a esperança de dias melhores para a humanidade, depois de destruídas as últimas tiranias que degradam a civilização cristã aliviam-me boa parte das angústias do presente. Não quero duvidar um instante de uma ordem mais justa, mais equitativa, de menos imperfeito equilíbrio social num futuro próximo...

Entre a velha tendência do desencanto e a esperança num mundo melhor, vivo os meus conflitos íntimos. Friso, no entanto, que não é propriamente para mim este mundo melhor em que acredito. Dou-me resignadamente, no aspecto da vida pública, como um "homo finito". Procuro ajustar minhas contas com a vida. Falhei em muitas cousas que honestamente desejei, mas sempre por culpas minhas, por defeitos irreduzíveis do meu temperamento. Não tenho de quem me queixar; não guardo nenhum rancor, não cultivo nenhuma inimizade. Gosto de dar frequentes balanços à minha consciência, preocupado em evitar qualquer pensamento ou sentimento mesquinho. Somando tudo, julgo tenho bem mais condições exteriores de ventura do que de desventura. Viajei, conheci do mundo grande parte do que ele oferece de mais interessante. Muitas vezes pude realizar com os homens e as mulheres a dupla experiência de Gulliver... Estimo minha gente. Renovo, com dobrado encanto, nos primeiros netos, a alegria de butrora dos primeiros filhos, e namoro o meu próximo jardim de Cândido, nas alturas úmidas de Petrópolis, entre livros e entre as cousas simples e puras da vida: crianças, flores e plantas...

Um Etnógrafo Salesiano

LUIS DA CÂMARA CASCUDO

Copyright de LEITURA

O RIO UAUPES, afluente do Negro, fervilha de aldeias indígenas, fixadas pela catequese. Pelo Tiquié e Papuri vivem Tucanos, Tarianos, Dessanos, Piratapúios, Arapaços, Tuidicas, Piratapúios, Uananas, Macús, várias raças, várias famílias linguísticas, aranjadas e classificadas pelos etnógrafos e reformadas depois. O problema continua seduzindo. O profeta Betóia, de Brinton, passou a pertencer aos Chibchas, e Rivet propôs o nome para um vasto saldo de tribos que sobra do rótulo. Nasceu a família dos Tucanos. Mas os Uananas, Arapaços, Assai são Tucano, como também os Tajassú que denuncia a intrusão dos Tupis. O Macú, por si só, constitui um plano completo de pesquisas étnicas. Com os muitos representantes dos Aruacos, Caribbas, os rios se enrolam n'areia como pontos de interrogação.

Os Salesianos têm missões fixadas nessas regiões, colégios, oficinas e ambulatórias, hospitais, escolas práticas. Os padres são missionários. Procuram contacto com a índia distante, conversando, espalhando remédios, utensílios, procurando elevar o nível da vida e remodelar a forma do trabalho. Em dois anos, 43.000 receitas médicas aviadas.

Esses Missionários Salesianos têm função cultural destacada. Estudam o indígena sem deformá-lo. Registam o Folk Lore, a etnografia integral. Muitos passam a vida anotando e morrem sem que se saiba o nome do fiel observador. Outros informam, oralmente, aos estudiosos, compendiando material. Simples cruces de madeira marcam sepulturas no meio das matas. Difficilmente saber-se-á o número exato das comunicações e valores em plena atividade intelectual pelo rio Negro e Madeira, preziaza do monsenhor Pedro Massa.

Vezes, emergindo do silêncio, sabemos do trabalho científico de um Antonio Colbachini, o etnógrafo dos Boróros Orarimugudoges, coroado solenemente "Boe Migera", a quem o presidente Getúlio Vargas deu o oficialato do Cruzeiro do Sul.

O general Alexandrino da Cunha, depois de inspecionar as fronteiras, visitou as missões. Reparou no padre João Marchesi, o diretor do aldeamento de Lavareté, no Uaupés. Chamou-o "Anchieta dos nossos dias".

O padre Marchesi, pequenino, pálido, magro, com uma voz muito suave e doce, exgotou-se, andando centenas de léguas, catequizando tribos inteiras, estudando de noite e vivendo, duplicadamente, de dia. Tive a alegria de vê-lo em minha casa, trazido pelo padre Dalla Via, no Natal, e receber lembranças da manufatura Tucana.

Esses indígenas Tucanos, Tarianos, Dessanos e Piratapúios não aprendem nas missões apenas orações e cantos. Aprendem trabalho, método, proces-

sos racionais de agricultura, de conservação dos cereais, plantio, começando a viver mais confortavelmente, retirando das indústrias extrativas elementos de uma economia que lhes era desconhecida. Residem em casinhas de tápa e madeira, longe das malocas de palha, viveiros de parasitas.

A percentagem de maior influência é do Tucano cujo idioma realiza a função da língua-geral tupi. Nesses vocabulários Tucanos não há a palavra "agradecer" e seus derivados.

O padre João Marchesi escreveu páginas curiosíssimas sobre a psicologia indígenas, sobre hábitos e tradições, revivendo paisagem social que ele de perto viveu e modificou para melhor. Apenas, criminosamente modesto, não publica.

O padre Marchesi tem um "duplo", um fides-Achates, na pessoa do padre Antonio Glacone. Ambos são pequeninos, fracos, doentes, pálidos. Ambos vivos, alertas, inteligentes, com uma resistência de miolo de arceira e uma confiança cega e divina no patrono Dom Bosco. Falam, como raros, quase todos os dialetos indígenas dos rios jurisdicionados.

O padre Antonio Glacone já publicou uma "PEQUENA GRAMÁTICA E DICCIONARIO DA LINGUA TUCANA". Julgam-no o melhor conhecedor desse idioma, sabendo os segredos de expressão, as finuras estéticas, os floreios ornamentais, no uso pleno da dialética dos Tucanos.

O padre Glacone finalmente publicará um volume contendo estudos sobre os indígenas do Uaupés. Uma inteira existência de sacrifício dará motivo a um livro vivo, com informação e documentário preciosos. O indígena dará seu depoimento completo, vida, trabalho, superstições, pavoros, cantos, danças, indumentária, religião, psicologia, tendências, índices de adaptação social, aproveitamento mental, etc.

O padre Glacone teve a bondade de enviar para mim o volume datilografado. Pude calcular seu preço em suor e sangue, e quanto de útil será para a Indianologia brasileira.

Constituí uma réplica ao livro do Padre Colbachini aos Orarimugudoges do Mato Grosso. E' a vez do rio Negro, no Amazonas, com sua multicolor e sugestiva confusão étnica e etnográfica.

Veremos a couvade indígena obedecida no rio Negro como noutras paragens do Mundo. Veremos a "tak-cécé", cerimônias, dos cultos nativos as proezas do demônio que tem o bo-

nito nome de "Uakticé". Veremos o regime doméstico, os ritos matrimoniais. Há leis do casamento que são três: — exogamia, ter vinte anos e caçar o mais velho em primeiro lugar. O casamento só se torna estável depois do primogênito viável. A viúva volta para sua tribo e os filhos ficam sendo propriedade tribal, do grupo de que saiu o marido. As moléstias, como para todo Mundo primitivo, têm duas explicações: "nimá", veneno, ou "dohocé", mau-olhado, malefício.

Há um modo infalível para afastar as tempestades. Passar a mão debaixo das axilas e soprar na palma da mão, no rumo do vento. Temendo o perfume a tempestade retua...

Como entre os indígenas da raça Tupi, existe o diálogo de saudação inteiramente igual ao que temos nos cronistas da manhã colonial. Em Tucano, como tantas vezes Anchieta e Nobrega foram saudados, diz-se: — "Ektati mee"? Chegaste? Responde o hóspede: — "Ektape"! Cheguei...

E' simultaneidade ou influência tupi? Creio na segunda hipótese.

Deixo aqui uma lenda inédita, colhida entre os Piratapúios, sobre a origem das tribos Tucana, Dessana, Arapaços e Piratapúios. A arma original do conto etiológico não seria certamente uma velha espingarda.

"Antigamente Deus subiu o rio Negro e entrou no Uaupés com uma grande canoa cheia de peixes e de aves. Quando chegou a ilha do Jacaré (Ioaçon-nukqueno) que dista uns 150 quilômetros da foz, encostou a canoa numa grande pedra, onde ainda se vê a marca da canoa. Depois tirou os peixes que levava e, com o seu poder os fez homens, e são os Uaicana ou Piratapúios, índios de peixes. Depois pegou as aves e fez os índios Tucanos ou Dacéla, os índios Arapaços ou Coné (Picapáu) e os Dessanos ou Uilina, filhos do trovão. Antes de dividi-los, Deus pôz em terra, a uma certa distância uma velha espingarda, dizendo-lhes que o primeiro que a pegasse ficaria perto dos brancos, e os outros deveriam subir mais o rio; depois deu o sinal. Todos correram, mas um Dessano foi o mais esperto e a pegou primeiro, porisso muitos Dessanos estabelecem-se abaixo da ilha do Jacaré, perto dos brancos, e outros no rio Negro, até a foz do Curicuri-ri. Deus depois continuou a viagem até a grande cachoeira do Ipanuré onde colocou numa grande pedra a semente dos outros índios, que vivem no Uaupés e afluentes.

"Anhuças", está bom...

PRIMEIRO AMOR. — Era um sentimento que não se parecia com a misantropia nem com o desejo de casar-me: nem ao amor platônico nem ao desejo carnal que já havia experimentado. Necessitava vê-la, queria chamá-la, saber que se encontrava perto de mim, e então me sentia, não feliz, mas tranquilo. — Tolstói.

Onde o Fogo Destrói a Cultura

ABGUAR BASTOS

Copyright de LEITURA

"SERIAM quatro horas da tarde quando toda a classe resolveu sair para um passeio a pé, antes de retornar o navio para a viagem de retorno.

Nessa ocasião observei que o senhor Franzen levava um saco dobrado. Esse jovem da S. A. tinha 25 anos, com um brilho fanático em seus olhos negros e uma voz vibrante. Havia sido uma espécie de líder, durante todo o semestre.

"Lentamente nos dirigimos para o bosque de pinheiros e fomos através deles, até atingirmos um lugar bastante isolado. Ali paramos para descansar. Ao por do sol, Franzen subitamente exclamou: ATENÇÃO! ATENÇÃO! Todos se levantaram. Franzen lançou-se numa preleção sobre a pureza da raça germânica, sobre a nova ordem do Terceiro Reich e exaltou a santidade da ideologia de Hitler, a qual viera substituir todas as religiões e todas as formas de pensamento do mundo. Sua voz elevou-se ao dizer:

"Para provar quanto nós desprezamos todos os cultos existentes, exceto a ideologia de Hitler, encerraremos o semestre com um rito. Esse rito deixará em nós a certeza de que o fogo e a destruição serão o fim de todos aqueles que não pensam como nós".

"Com gestos dramáticos, ele retirou do seu saco uma série de livros, anunciando-lhes os nomes. O primeiro deles era um Talmud, livro desprezível, dizia ele, de uma raça mais desprezível ainda. Cuspiu no livro e passou-o de mão em mão entre todos os estudantes, que fizeram o mesmo.

"Quando o livro voltou às mãos de Franzen, foi colocado sobre uma pequena pilha de galhos de pinheiros e sobre o volume foi derramada a gasolina que trouxera numa garrafa. Depois veio um Alcorão que recebeu tratamento idêntico. Seguiu-se uma cópia dos trabalhos de Shakespeare; uma cópia do tratado de Versalhes e uma sobre a vida de Stalin. O último foi uma Bíblia. Fez-se um grande silêncio no meio da floresta. Novamente a voz de Franzen elevou-se no silêncio. Após a saudação a Hitler, exclamou: "Deste modo trataremos tudo aquilo que nos desafia".

Eis o que nos descreve, sobre uma excursão de estudantes das universidades alemãs, o professor Gregor Ziemer, no seu recente livro *EDUCANDO PARA A MORTE*, agora em tradução brasileira da Editorial CALVINO LTDA. e que a R. K. O. acaba de firmar sob o título "Os Filhos de Hitler".

Isto, entretanto, representa apenas uma cena entre milhares das que são diariamente repetidas em toda a Alemanha nazista.

A cultura no sentido filosófico, religioso ou artístico, e muitas das mais avançadas manifestações da

própria ciência, sofrem todos os dias golpes mortais sob o regime do fascismo germânico.

Gregor Ziemer é um antigo professor norte-americano que até há pouco tempo dirigia uma escola americana em Berlim. Travou conhecimento direto com todos os métodos brutais da educação hitlerista e no-lo transmite em seu curioso depoimento, a que acima fazemos referência. De fato, ainda não tínhamos encontrado manancial suficiente para avaliar o que lá, em matéria da educação, no Terceiro Reich, EDUCANDO PARA A MORTE soprou uma luz, ainda que tenebrosa, sobre a vida do escolar alemão.

Os rapazes recebem educação restrita às suas necessidades de guerreiros e as moças não passam dos rudimentos de economia doméstica, geografia e biologia, sendo esta última disciplina aplicada para efeitos exclusivamente procriadores.

As moças alemãs no regime fascista germânico devem apenas ser escravas do homem, devem apenas dar filhos para morrer por Hitler. Nada de arte. Nada de ciência. Nada de conhecimentos alem daqueles que estejam ligados à concepção ou ligados à história da vida de Hitler ou do Partido.

Para essa juventude masculina ou feminina, só existe a NOVA ALEMANHA. A outra morreu, com seus artistas, seus filósofos, seus homens de ciência, seus poetas e cantores. Os livros são empilhados e queimados em praças públicas, a memória dos sábios mais respeitáveis é conspurcada publicamente entre fanfarras e brados.

As mulheres devem produzir filhos. Os homens devem produzir armas. Eis a mentalidade da nova cultura alemã. E para isso, os jovens alemães sofrem horrores, despersonalizam-se, automatizam-se, no mais in-

frene dos delírios, no mais louco dos processos pedagógicos.

* * *

Estamos, pois, defronte de uma realidade eminentemente dramática da vida de um povo. Conhecer a tragédia da juventude alemã, nos dias que correm, como no-la revela GREGOR ZIEMER, é, pelo esclarecimento recebido, sentir a necessidade de novos processos de defesa contra a corrupção fascista.

Deste modo, hoje, que o Brasil se acha em luta declarada contra o fascismo italiano e alemão, todo esforço pela cultura é esforço que corre paralelo à luta contra o nazi-fascismo.

O fascismo é contra a cultura, porque não admite a liberdade de pensamento, a liberdade artística, a liberdade científica, a liberdade religiosa. Ele mete a mão onde há resto de humanidade e dela sacrifica até a última gota de sangue.

Não há fogueiras para os inimigos da paz, para os criminosos da famigerada "nova ordem". Há fogueiras, sim, nos campos da Alemanha moderna, para os livros mais celebrados da humanidade.

E se os nazi-fascistas são contra a cultura, é porque a cultura emancipa, esclarece, acorda, desacorrenta, torna mais lúcido e belo o espírito livre do homem.

O nazi-fascismo é contra a cultura justamente porque não deve haver cultura entre povos escravos da tirania de um grupo aventureiro que quer manter o poder pela corrupção das almas e das mentalidades.

Mas nós, da América, estamos vigilantes. Nós do Brasil estamos acordados. Sabemos o que a brutalidade da educação nazi-fascista representa para o mundo. E por isso, o povo brasileiro se irmana com a Nação

(Continua à pág. 25)



As foguetras da Inquisição moderna

Os Guerrilheiros de E. Caldwell

VERA DE GUSMÃO

Copyright de LEITURA

POUCOS, porventura, se deram conta da variedade e vastidão de horizontes humanos que a guerra trouxe ao panorama da literatura. Essa evolução gradual atingiu todos os gêneros, sem excluir o romance, cujos temas pareciam até hoje girar à volta do "duo" eterno.

A literatura americana nos pode fornecer um exemplo típico deste fenômeno de contágio com Erskine Caldwell, o autor do famoso "TO-BACCO ROAD", que vimos no cinema com o nome de "Caminhos Asperos", — um dos melhores filmes do ano passado — e cuja pungente humanidade é difícil esquecer.

Erskine Caldwell foi como correspondente de guerra à Rússia; e de lá voltou com os olhos cheios da terrível verdade da guerra e os bolsos atulhados de notas. De tudo isso nos deu três livros de crônicas: "All-Out on the Road to Smolensk", "Moscow Under Fire" e "Russia at War". Mas Caldwell quis reconstruir a vida para além dos fatos e criou este romance que nos vai ser dado em breve nas telas cariocas, em filme da Metro, e nas montras do Rio, em tradução. "All the Nigh Long" reza o título, e com efeito conta-nos a luta dos guerrilheiros russos, luta nas trevas, contra o poder das trevas. Cenas duma violência terrível, embora sempre sóbrias na notação, mostram-nos as hordas hitlerianas invadindo os lares, torturando os homens, violando as mulheres, enforcando as crianças, fuzilando velhos, queimando campos. E contra a força esmagadora e monstruosa dos seus exércitos, ergue-se vitoriosa a vontade de vencer dos camponeses russos, vontade de vencer furiosa, inhumana, implacável, vontade de

vencer dos que tem nos olhos as cenas de horror inesquecíveis a que assistiram, dos que sabem que lutam contra um flagelo pior do que a peste e que a loucura. Vontade de vencer que faz morrer nos lábios o gosto da vida e transforma cada nome no instrumento invencível duma consciência coletiva.

"Não podemos fracassar", diz o velho brigadeiro dos guerrilheiros, Pavlenko, a um punhado de homens que vai fazer um "raid". "Não podemos fracassar", repete implacavelmente. "É necessário que cada objetivo previsto seja atingido. A nossa tarefa é demasiado importante para podermos falhar. Conosco não há circunstâncias atenuantes".

E a última impressão que nos deixa o livro é a duma vitória inevitável. A vitória não dum povo, mas da humanidade inteira, animada duma vontade de vencer que nada poderá quebrantar. Aliás, essa vontade não é a força cega do ódio. Fez-se implacável e definitiva, porque vem duma iluminação final, duma consciência tardia mas fulminante da amplitude do perigo.

E o livro contará esse perigo, com uma sobriedade e aliás quase esquemática. Mas em cada página a vida palpita fortemente, e a verdade se ergue sangrenta e nua, uma verdade e uma realidade tão alucinantes e monstruosas que ultrapassam as criações da mais diabólica fantasia.

No livro se conta a história dum par de camponeses russos, Sérgio e Natacha. Esse par é eterno: ela tem cabelos loiros, desatados e parece mais uma criança do que uma mulher. Ele é alto e agil, tem a pele trigueira e tisonada pelo vento e as mãos grandes e calejadas pelo traba-

lho. Há entre eles um amor jovem e forte. "Natacha sabia que, acontecesse o que acontecesse, jamais receberia coisa alguma contanto que estivesse junto dele".

Sérgio e Natacha foram surpreendidos na sua vida laboriosa e feliz por um brusco avanço duma coluna alemã. Sérgio consegue fugir e lutar com as guerrilhas; mais tarde voltará a encontrar Natacha, graças à dedicação do pequeno Vladimir, o inesquecível herói de doze anos que morre enforcado, perante a multidão impotente e desesperada.

O livro é conciso, condensado, forte e o autor continua implacavelmente o seu relato; surdo é a sensibilidade e as forças do leitor, Caldwell arrasta-nos sem parar de horror em horror: aldeias desertas, em que apodrecem rente aos muros esburacados pela metralha, centenas de cadáveres fuzilados; corpos contorcidos e exangues de crianças violadas; o ódio alucinado que viu acutillar a baioneta o ventre da mulher grávida; o fragor contínuo e longínquo dos canhões; o deflagrar do combóio dinamitado.

O livro de Caldwell é uma obra forte, de forte emoção. Mas mais do que isso ela é um grito de alarme, um grito às armas a toda a humanidade, um incitamento a todos para não fraquejarem na cruzada universal: não contra homens, mas contra aqueles que, pelos seus crimes inexpríveis, se apartaram para sempre dos homens.

GUERRILHEIROS RUSSOS, de Erskine Caldwell — Trad. de Vera de Gusmão — Dois Mundos, Editora — Rio, 1943.

(Continuação da pág. 13)

sentada aqui no Brasil, e disso venho me ocupando desde algum tempo.

Tocamos, em seguida, na questão das tarifas aduaneiras, e o embaixador do Chile foi categórico nas suas afirmações:

— Estou de completo acordo em que devem ser suprimidas as tarifas aduaneiras sobre os livros e publicações. No novo Tratado de Comércio e Navegação, firmado recentemente entre o Chile e o Brasil, foi suprimido o direito aduaneiro para o intercâmbio de livros, revistas, etc. No Chile não existem os direitos consulares e adicionais para estas compras e creio que seria uma medida útil a um maior intercâmbio que também fossem eles suprimidos nas demais nações. No que diz respeito às tarifas postais, você sabe que no Chile, e em geral em todos os países, elas são consideravelmente baixas em relação com outras remessas postais. É natural que tudo quanto se faça para suprimi-las, tem que contribuir para criar uma maior circulação cultural. Porém nesta matéria, ocorrerá fatalmente um problema, que convém ter presente: os países que possuem uma maior produção editorial — livros, revistas e jornais

— produção esta mais barata em vista das grandes tiragens, asfardão a daquelas outras nações menores, onde os custos de produção são mais altos. Haveria então que estabelecer um sistema que, ao mesmo tempo que permita um desenvolvimento maior do intercâmbio cultural, não traga, como consequência, a asfixia da atividade editorial em alguns países. Finalmente, existe um sistema de aproximação cultural e espiritual que não devemos esquecer e cuja importância cresce de dia para dia. Refiro-me ao cinema. A história de um país, a vida de um homem de projeção numa nação do continente, uma etapa do desenvolvimento espiritual de um povo, podem ser melhor e mais facilmente conhecidos através do cinema. Poderíamos citar vários exemplos, como essa admirável "Juarez", sobre um grande homem do México; "A Casa dos Corvos", que focaliza um trecho da história da Argentina; "A marquezia de Santos", que se refere a uma parte da história do Brasil, sem contar as películas descritivas de um país. Todas estas são obras que aproximam os povos do continente e fazem com que se conheça seu espírito, sua cultura e sua história. No mundo

futuro, para a defesa dos princípios de liberdade e democracia, para o triunfo dos ideais de justiça social e econômica, o cinema será uma das ferramentas mais poderosas de estreitamento entre as nações latino-americanas.

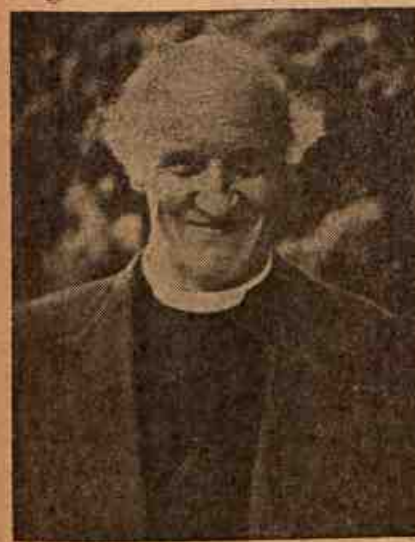
As últimas palavras de d. Gabriel Gonzalez Videla foram de felicitações para esta revista. Acha ele da maior importância o inquérito que iniciamos agora. Ele nos disse:

— Agradeço a oportunidade que LEITURA me deu para falar destes problemas. O trabalho que vocês estão levando a efeito, de "ensinar a ler" a coletividade, apresentando-lhe, mensalmente, os livros mais importantes publicados, com uma breve e exata síntese deles, deve ser ampliada com comentários dos últimos livros de cada país latino-americano. Neste sentido, os governos, ao outorgar concessões às companhias de aeronavegação comercial para seu tráfego, deveriam impor-lhes a obrigação de transportar gratuitamente os jornais e revistas que seus editores enviassem aos jornais e revistas de outro país. Assim, todos estariam em dia nas suas informações sobre toda a atividade material e espiritual de cada nação.

Uma Grande Experiência

OSVALDO ALVES

Copyright de LEITURA



Rev. Hewlett Johnson

mesmas tentações, as mesmas fraquezas, os mesmos defeitos e as mesmas qualidades. Apenas mais interessado em experiência científica.

O que apasiona mais — a esse arcebispo que conhece um pouco de tudo — é a vida. Sempre a vida, com a sua claridade e franqueza, solidariedade e amor aos homens — coisas tão necessárias para que ela se torne boa e desejável. Esse ideal cristão, que se tornou tão estranho ao mundo de hoje, é a preocupação máxima do Rev. Hewlett. Ele faz um apelo aos homens que acreditem nele e afirma que não é uma utopia. O que interessa é saber se pode ou não um povo viver tranquilamente, ter alegria e fé no seu próprio destino — se pode ou não haver uma paz duradoura neste mundo transtornado pela ambição, pelo ódio e pela mentira. O Deão de Canterbury acha que pode. "Não um mundo perfeito, — diz ele — mas um mundo onde a humanidade, libertada finalmente, do muito que a prende à terra, poderá encontrar dentro de si um bem e uma beleza mais nobre e mais permanente".

Se alguém disser que o Rev. Hewlett está errado e que essa verdade e esse amor são impossíveis no mundo — eu sinto muito, mas não ficarei admirado. Se alguém disser, porém, que ele não é sincero, me causará espanto. Porque para compreender isso, basta ler esse pequeno trecho, já no final do seu livro: "A tocha da vida está agora em nossas mãos. Aqueles que vierem depois de nós serão mais capazes do que nós para julgar se ela arde mais clara e brilhantemente ou se ficou mais fraca; se melhoramos a vida de nossos dias ou se a pioramos. Eles nos julgarão pelos nossos propósitos e pelo nosso esforço e não pelas nossas realizações. Se há qualquer verdade e justiça moral na grande experiência que tentei descrever, ela prevalecerá. Podemos aceitá-la e a alegria de acelerar seu progresso, ou podemos rejeitá-la e sofrer a frustração pessoal. Mas, segundo a verdade que contem, ela triunfará".

O Poder Soviético do Rev. Hewlett Johnson — Pref. do Bispo de Maura — Editorial Calvino Ltda. — Rio. 1943.

QUEM abre esse livro do Rev. Hewlett Johnson, depois de ler o título — "O Poder Soviético" — pensa, naturalmente, em algo extraordinário no terreno puramente militar. A medida que o leitor vai passando as páginas, porém, se apercebe de que nada há de informação direta sobre a organização do maior Exército do mundo.

O Deão de Canterbury não apresenta nenhum detalhe sobre a máquina bélica russa. Não diz nada sobre as suas fábricas de tanques e canhões, nem sobre os seus estrategistas. Ele não descreve esse poderio militar assombroso, que levou a cabo as mais formidáveis batalhas — e cuja resistência causou espanto aos próprios nazistas.

"O Poder Soviético" ao qual o Rev. Hewlett faz alusão, é uma força que se derramou, amalgamando a consciência coletiva e o sentimento, formando a base e a estrutura da qual emergiram todas as coisas de sentido consequente, tais como a unidade, a compreensão e as recentes vitórias russas contra o fascismo.

Ele se refere à capacidade da Rússia apenas do ponto de vista científico, acreditando, certamente, que a ciência desenvolve todas as possibilidades de um povo, quando a sua aplicação perfeita se processa para um fim: — melhorar a situação do homem na terra.

Dentro desse pensamento, ele esmerou-se em detalhes, esplanou as suas idéias claramente, procurando desfazer tudo o que foi dito durante muitos anos com o fim de tornar a Rússia um país enigmático — intangível aos olhos do mundo. Quis mostrar um povo com os mesmos sentimentos dos demais povos, com as mesmas necessidades quotidianas, as

LEIAM

A ESCOLA DOS DITADORES

de Ignazio Silone

UM LIVRO QUE TODOS OS ANTI-FASCISTAS DEVEM LER

ATENA EDITORA

S. PAULO

O VERMELHO E O NEGRO

(Continuação da pág. 7)

quanto mais recheada dos exemplos sinuosos da moral de Julien Sorel. Uma época de amáveis obtenções, de facilidades em que lutar pela glória se substituiu por uma caricatura do "self made man", pelo homem que se faz do nada, — mas apesar do nada moral que existe dentro de si mesmo. A geração de Julien renasceu, infelizmente, não para imprimir uma direção, mas para se aconchegar aos poderosos, como o preceptor Sorel ou o homem-de-sociedade Rastignac. Essa atualidade de Stendhal, a mais

impressionante, coloca a sua literatura no plano em que se agitam as personagens-padrão, de Tartufo a Bel-Ami. O plano das personagens com que cruzamos na rua. Que a leitura de "Le rouge" rehabilite o "bric-à-brac" a que esses moços dão o nome de "valores morais" — são os meus votos.

O VERMELHO E O NEGRO, de Stendhal — Romance — Tradução de De Sousa Junior e Casemiro Fernandes — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1943.

Onde o Fogo Destrói a Cultura

(Continuação da pág. 23)

em armas nesta luta que só terá um epílogo: VITÓRIA.

E se o fogo destrói a cultura humana nos campos da Alemanha nazista, que o fogo entre nós sirva para destruir as mentiras do hitlerismo. Que nos campos da América democrática o incêndio lave para calcinar os

germes dessa infiltração perigosa que é o método atual da educação germânica.

EDUCANDO PARA A MORTE é uma suprema advertência. "Eduquemo-nos para a vida!", brada o editor brasileiro dessa obra. Ela um slogan que poderá ser repetido por todas as gerações que se seguirem.

JEFFERSON E A INDEPENDÊNCIA

BARBOZA

A AFIRMAÇÃO de que a Independência dos Estados Unidos da América do Norte exerceu uma influência decisiva na emancipação de todo continente, é categorica e indiscutível. E se constatamos que a "Declaração da Independência", de 4 de julho de 1776, considerada como a expressão legítima da soberania popular, serve de paradigma aos lutadores republicanos da América latina, observamos também que a mesma teve particular repercussão nos postulados da Revolução Francesa. A "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", decretada pela Assembleia Nacional da França em agosto de 1788, se identifica perfeitamente com o preâmbulo da Carta Magna da grande democracia do norte. As origens de ambas declarações vamos encontrá-las, evidentemente, em "O Contrato Social" e n' "O Espírito das Leis".

Muito antes, porém, que os representantes do povo norte-americano votassem sua Constituição, um patriota — talvez o chamassem de visionário — havia escrito uma sucinta exposição dos direitos americanos intitulada: Summary of the rights of British America", que teve a virtude de servir de prelúdio da "Declaração da Independência", pouco mais de um lustro depois. Este sonhador se chamava Thomas Jefferson. E desde esse momento desenvolve uma ação democrática e progressista tão eficiente que os patriotas o elevam à presidência do partido nacionalista, de tão singular atuação na cruzada libertadora do seu país.

Jefferson era um dos poucos políticos de sua pátria que havia formado sua cultura nas fontes do enciclopedismo francês. Diferia assim radicalmente dos seus companheiros libertadores, que estavam possuídos das doutrinas liberais inglesas. Sem embargo, era tal a sua autoridade que foi naturalmente o escolhido para presidir a comissão encarregada de redigir o projeto da Carta Magna, que não sofreu modificações substanciais ao ser votado pelo Congresso de Filadélfia. E é ainda o grande nacionalista democrático que, contrariando os desejos de uma grande parte dos congressistas, impôs o dólar como moeda do país.

Em 1785, o futuro presidente dos americanos foi nomeado ministro plenipotenciário na França, substituindo a nada menos que Benjamin Franklin. Nessa época, três estudantes brasileiros que residiam em Montpellier cursando a Faculdade de Medicina, dominados pelos ideais da revolução norte-americana com o mesmo fervor que outros doze colegas da Universidade de Coimbra, resolvem entrar em contacto com tão eminente personalidade. O arrogante entusiasmo daqueles jovens crescia cada vez mais, porque toda França estremecia contagiada pelo espírito revolucionário dos seus filósofos, aguardando apenas o momento decisivo para derrotar o feudalismo.

José Joaquim da Maia, Domingos Vidal Barbosa e José Mariano Leal, eram os três estudantes patriotas de

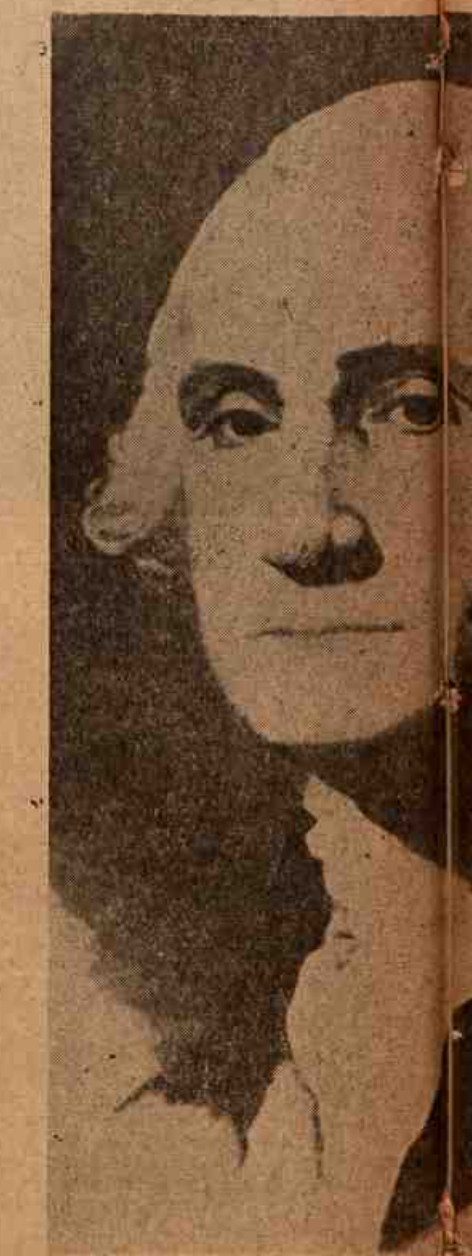
Montpellier. O primeiro, filho de um pedreiro do Rio de Janeiro, é o mais entusiasta e de maiores iniciativas. Conhecia a ação e a capacidade do revolucionário Thomas Jefferson, e o papel que este desempenhou na libertação do seu país. Interpretando o pensamento dos seus companheiros intenta comunicar-se com o diplomata americano. E no dia 2 de outubro de 1786, desde Montpellier, sob o pseudônimo de "Vendek", enviou uma carta a Jefferson, concebida em termos muito humildes, e endereçada a Legação dos Estados Unidos. Comunicava-lhe que tinha um assunto muito importante para levar ao seu conhecimento, porém o estado de saúde não lhe permitia realizar a viagem até Paris. Confessava-lhe que era um estrangeiro e lhe rogava, ao mesmo tempo, que se dignasse responder se podia expor o que desejava por carta.

Seu pseudônimo — "Vendek" — estava amparado pelo prestígio de Mr. Vigorons, conselheiro do Rei e professor de medicina da Universidade de Montpellier, a quem devia ser enviada a resposta. Jefferson respondeu a carta de Maia quase em seguida, e lhe disse que podia escrever-lhe informando o que desejava, com confiança, pois a correspondência chegaria ao seu destino.

O estudante carioca recebeu atarraxada a carta, mas a respondeu imediatamente. Era no dia 21 de novembro do mesmo ano. Depois de pedir mil desculpas e de explicar que o seu estado de saúde exigia uma temporada no campo, disse-lhe que a sua pátria vivia em uma terrível escravidão, e que esta situação era insuportável depois da gloriosa independência americana. Os portugueses, temerosos de que o exemplo fosse seguido, se tornavam ainda mais bárbaros. Convinco de que os usurpadores não cessariam de "cometer crimes contra as leis da natureza e da humanidade", eles, brasileiros resolviam seguir o caminho indicado pelos Estados Unidos. Desejavam contar com a solidariedade de uma nação forte, porque temiam uma possível aliança de Espanha e Portugal para a defesa das suas colônias. "Nesse estado de coisas, senhor, olhamos e com razão somente para os Estados Unidos, porque seguiríamos o seu exemplo e porque a natureza, fazendo-nos habitantes do mesmo continente, nos ligou naturalmente pelas relações de uma pátria comum".

Jefferson compreendeu a importância do assunto tratado nessa correspondência e de imediato se interessou pelo mesmo. Respondeu a "Vendek" dizendo-lhe que esperava realizar uma viagem pelas províncias meridionais da França e, oportunamente, lhe avisaria a data, pois desejava encontrá-lo com ele em Montpellier ou nos arredores. É muito possível que o inquieto revolucionário do norte tenha pretextado essa viagem para avistar-se com o seu desconhecido companheiro do sul.

Na primavera de 1787, em Nîmes,



Thomas

nas vizinhanças de Montpellier. Jefferson se entrevistou com o modesto estudante brasileiro, para conversar e discutir questões comuns aos destinos do continente. Esse encontro é, sem dúvida, a primeira manifestação de solidariedade dos nossos irmãos do norte com o Brasil. E é maior nossa alegria quando constatamos que o homem que se interessou por nossa emancipação foi um dos mais ardorosos lutadores pela independência dos Estados Unidos. O "pai da Democracia" como a história o qualificou depois, e o estadista que havia jurado

DEPENDENCIA DO BRASIL

MELLO



Jefferson

quemos apenas dois parágrafos desse documento histórico: "Os brasileiros consideram a revolução norte-americana como precursora da que eles desejam para sua pátria; e dos Estados Unidos esperam todo o socorro. As maiores simpatias são para conosco. A pessoa que me dá estas informações é natural do Rio de Janeiro, onde reside, que é atualmente a capital e conta 50.000 habitantes. Meu informante conhece bem a cidade do Salvador, antiga capital, e as minas de ouro que se acham situadas no interior. Todos esses lugares são favoráveis à revolução, e como constituem o corpo da nação devem arrastar aos demais. O quinto que o Rei cobra do produto das minas, anda por 13 milhões de cruzados, (seis milhões e meio de dólares, aproximadamente). Só ele tem direito de explorar as minas de diamantes e de outras pedras preciosas, que lhe produzem quase aquela quantia. O remanescente do produto das minas, porém, que sobe a 26 milhões de cruzados, pode aplicar-se aos gastos da revolução. Eles necessitam de artilharia, munições, navios, marinheiros, soldados e oficiais entendendo-se sempre que os serviços prestados serão necessariamente pagos". Finaliza o relatório ressaltando que "caso a revolução seja vitoriosa se organizará um governo republicano geral para todo o país".

Também informava Jefferson que depois de ouvir o jovem brasileiro lhe disse como opinião pessoal, que seu país não estava em condições de se comprometer em uma guerra e que desejava cultivar a amizade com Portugal, com o qual acabava de fazer um tratado vantajoso. Não obstante, alimentava as suas esperanças dizendo-lhe que uma revolução no Brasil não pode deixar de despertar interesse em sua pátria. É evidente que multissimas pessoas se sentiriam atraídas por tal acontecimento embarcando para o Brasil, da mesma forma que muitos oficiais americanos, porque tão nobre causa contaria com a boa vontade dos seus compatriotas.

Mais preciso não podia ter sido aquele alto representante diplomático no primeiro contacto com o emissário da causa revolucionária do Brasil.

De qualquer maneira, porém, deu uma demonstração de solidariedade dos seus profundos sentimentos americanistas. A correspondência, primeiro, a entrevista, depois, e por último o relatório ao seu governo, são elementos suficientes para justificar tal asserção.

Nesse interim a conspiração começava a tomar corpo em Minas Gerais, ou mais precisamente, em Vila Rica. O infortunado José Joaquim da Maia quando regressava ao Brasil, morreu em Lisboa. Mas seu companheiro Domingos Vidal Barbosa, apesar da sua covardia, foi um dos conjurados de 1789, e morreu no desterro. A semente da revolução norte-americana havia fecundado no Brasil.

Tiradentes, o líder do movimento ma-

logrado pela delação, ao ser preso no esconderijo que lhe havia proporcionado o padre Ignacio Nogueira tinha como companheira a Constituição "norte-americana traduzida ao francês. Fracassava assim o primeiro movimento republicano da América latina. E no mesmo momento em que os revolucionários brasileiros eram atraídos nos calabouços coloniais, a "Bastilha", o símbolo da tirania do velho regime francês, caía fragorosamente, esmagada pela Grande Revolução.

Jefferson, depois daquele encontro, jamais olvidaria o Brasil. Secretário de George Washington, escrevendo ao coronel Humphreys, (no Rio), se interessava pela situação política do país. "Mandai-nos todas as informações possíveis acerca da força, riqueza, recursos, ilustrações e disposições do Brasil". Entusiasmado com a revolução pernambucana de 1817, envia uma carta a Mr. de La Fayette, na qual dizia ao finalizar: "Portugal preocupado com a conquista de uma parte dos domínios espanhóis no sul, acaba de perder sua grande província de Pernambuco, e não será de admirar que todo o Brasil se levante e mande a família real para Portugal. O Brasil é mais povoado, mais rico, mais forte e tão instruído como a mãe pátria".

Afastado da atividade política, em Monticello, dedicado exclusivamente à Universidade que fundara, novamente se preocupa com o Brasil. Desta vez a referência se encontra na correspondência com o seu amigo William Short, datada de 4 de agosto de 1820. Impressionado com as sangrentas contendas da Europa faz alusão aos desejos de uma íntima união com o Brasil, e diz: "Para este fim quanto me alegraria ver as esquadras do Brasil e dos Estados Unidos navegando juntas como irmãs, seguindo o mesmo destino".

O sonho de Jefferson, se bem que tardiamente, se realizou. Hoje as duas esquadras estão unidas fazendo frente ao inimigo comum, na luta pela sobrevivência dos povos que amam a liberdade e a dignidade humana.

E não há dúvida de que Jefferson foi um dos "conspiradores" da malograda revolução de Tiradentes. Alguns dos que foram condenados não tiveram igual participação. Neste momento, em que os nossos destinos são comuns, é oportuno reconhecer que o abraço das duas Américas tem seu precursor na pessoa de Thomas Jefferson, aquele que tendo sido tido na sua pátria, quis ser apenas, conforme e seu próprio epitáfio: "Autor da Declaração da Independência Americana, do Estatuto de Virgínia em defesa da liberdade religiosa, e Pai da Universidade de Virgínia".

A história, sintetizando a sua vida chamou-o simplesmente "O PAI DA DEMOCRACIA".

(Condensação de um capítulo do livro "DE TIRADENTES A FLORIANO" — Um século de luta republicana — a aparecer este ano.)

"hostilizar toda forma de tirania sobre o pensamento do homem".

Aos poucos dias dessa entrevista histórica, em que a franquesa e o entusiasmo do jovem conspirador brasileiro eram captados pela aparente reserva do diplomata revolucionário, em maio desse ano, Jefferson escrevia a John Day, presidente do Congresso Norte-Americano, enviando-lhe um longo relatório a propósito das suas conversações com José Joaquim da Maia. Através deste, avallamos a importância que o "Pai da Democracia" deu àquelas entrevistas. Desta-

CARTA AOS INGLESES

VINICIUS DE MORAIS

Copyright de LEITURA

BERNANOS foi dos primeiros romancistas franceses que li, da geração da grande guerra, nessa fase da vida em que se descobre Proust e Gide e se começa a insultar a Academia Francesa. Descobri-o com grande emoção, através um de seus romances que, para mim, mais há de apontá-lo ao julgamento da posteridade, "Sous le Soleil de Satan", obra que frequentemente se areja dos ventos mais altos e poderosos da criação romanesca. Daí, foi atravessar de um só fôlego todos os seus livros. "La Jole" e "L'Imposture" deixaram-me, em sua monumental trajetória, uma das maiores impressões literárias que já tive. Hoje em dia sinto em Bernanos — exceção feita de Proust, que se situa num regime aparte — o maior romancista que a França deu ao mundo, desde Balzac e Flaubert.

No intervalo de tempo que separa tais homens surgem, não há que negar, realizações que poderão satisfazer, individualmente, mais que qualquer dos romances já citados, de um ângulo puramente estético: tomem-se, por exemplo, "Les Faux Monnayeurs", de Gide; "Le Bal du Comte d'Orgel", de Radiguet; "Le Noeud de Vipères", de Mauriac. Aparecem romancistas excelentes fazendo excelentes romances, como aquele "Isabelle", que Jacques Rivière tão modestamente esqueceu em meio à sua obra de crítico; sem falar no primoroso "Le Grand Maubert", de Alain Fournier; nunca esquecendo a obra primitiva de Julien Green e sobretudo o nome desse luminoso Robert Francis, uma envergadura de romancista como poucas vezes verá a França. Haveria ainda volumes a citar na obra desigual de Romain Rolland, como os livros da infância e adolescência de "Jean Christophe"; de Roger Martin du Gard; de Schlumberger; de Daniel Rops; de Giraudoux; de Chardonne. No entanto, em muitos destes já estaríamos vi-

vendo uma literatura de decadência, um intrincado mundo de sub-influências e compromissos literários que se transformariam, com a guerra, em compromissos políticos. Muito disso foi o cupim da França. Mais que nesse ou naquele, o parasita se escondia nos alicerces mesmo do edifício que se levantava de um labor artístico sem outra finalidade que o brio, eu diria melhor o brilho literário. Nenhum contacto com o povo, nem com a terra.

Tal não se veria com Georges Bernanos. Como em Péguy, sua natureza mais funda, de bom "paysan" francês, reagiria pari-passu a esse espírito reacionário que se vinha formando na França contra a vida mais que contra qualquer outra coisa. Nele, nenhum paradoxo à Valéry, nenhuma metáfora à Claudel, nenhuma disponibilidade à Gide. Sua linguagem fez-se substanciosa e clara, carnal e direta em sua ligação angrégina com a terra, ao mesmo tempo que seu espírito se esclarecia na observação dos tempos e dos ventos mais propícios ao plantio e à colheita. E' bem essa a imagem que dele me faço, de velho camponês sadio, plantado no seu campo como uma grande árvore, os cabelos cheios de aragem, o coração cheio de amor, o bastão pronto para enxotar o mau vizinho, invejoso ou derrotista, de junto da sua seara. Um homem simples, com todas as qualidades e defeitos dos homens simples, eis o que é fundamentalmente Bernanos, ausente de toda a glória, vaidade ou privilégio. Seu instinto mais íntimo, como cristão e como francês, é o de bem servir, na medida das suas posses. Ele próprio o diz, às primeiras páginas da sua dolorosa carta aos ingleses: "Il n'y a pas de privilèges, il n'y a que des services". "Tel était le principe fondamental de la Monarchie populaire française à laquelle je reste attaché".

Muitos o acharam "pleurnicheur". Muitos o atacaram por querer, ausente, justificar a França da derrota e da humilhação sofridas, derrota e humilhação que precipitaram, logo no princípio da guerra, a queda de países mais fracos e desprotegidos, e que lutaram no entanto com outra ganhardia. Só quem não conhece a sinceridade da obra bernanosiana pode levantar suspeita de qualquer conveniência sua com os acontecimentos ou com a atitude do seu governo em face da invasão. Na verdade, a velha França nada teve a ver com isso, nem seu povo. A grande culpa coube às elites bem-pensantes, que vinham desde o princípio do século, alimentadas mais de inteligência que de instinto, vivendo uma sedutora aventura de decadência. Eu tive a infelicidade de assistir à eclosão desse apodrecimento, espetáculo a que melhor fora não tivesse assistido, tão triste e desagradável me pareceu. Quis a sorte que me achasse em Paris, nos quinze dias imediatamente anteriores à declaração de guerra. Uma tarde, lembro-me bem, vinha descendo o "boulevard des Italiens", — uma maravilhosa tarde parisiense, as ruas apinhadas, — quando os jornalistas puseram-se subitamente a gritar a notícia do pacto russo-alemão. Imediatamente as ruas se esvaziaram e passou logo a reinar a maior consternação. Nessa mesma noite saí e encontrei Paris deserta. Pela manhã seguinte fui ao Louvre: já estava fechado. A progressão do fenômeno era tão grande, o pânico e o desencanto de todos tão irremediável que nem sei contá-lo. Pobres franceses, vítimas inconscientes de uma politicagem de meia-dúzia de calhordas cujo único pensamento era o exercício do poder, a vaidade do posto, encapados num pretensão patriotismo a que encorajava uma imprensa relapsa! Como poder esquecer a conversa que tive, três dias antes da guerra, com aquele velho combatente de 1914, à porta do humilde hotel Saint Thomas d'Aquin, em meio ao "black-out" do Quartier Latin? Aquele velho que vi chorar como Bernanos choraria, certo como ele de que a vida "vaut bien qu'on la pleure"...

Não sei se o livro de Bernanos é para ser entendido já, em meio ao rugir dos canhões que silenciam todas as vozes do mundo. Mas que se não negue o sofrimento com que foi escrito, e a dignidade com que se dirigiu ao aliado ainda íntegro. Bernanos é a voz de uma França que não morre, a França de São Luis, de Joana d'Arc, de Bayard, de Cambronne, dos heróis, santos e soldados simples e malcriados, a França que legou ao mundo a Canção de Rolland, a lírica de Villon, e a obra monumental de Balzac. A essa França Bernanos pertence, como o pão e o vinho, e é do fundo dela que se levanta sua voz, sua voz que merece o maior respeito dos homens, assim embargada de emoção.

"LETRE AUX ANGLAIS", de GEORGES BERNANOS — Segunda edição — Atlântica Editora.

FOTO PRESS CONTINENTAL

Serviços fotográficos para jornais e revistas, foto-montagens e modelos posados para agências de publicidade e capas de livros. Reportagens, artigos, entrevistas, contos, figurinos de modas femininas, masculinas e infantis, historietas cômicas, foto-notícias, serviço noticioso por televisão, via Buenos Aires, etc.

DESEJAMOS MANTER CONTACTO COM JORNAIS,
REVISTAS E AGÊNCIAS DE PROPAGANDA
DO BRASIL E AMÉRICAS

FOTO PRESS CONTINENTAL

Diretor-secretário

Luís Barreiros

(Pery Barreto)

TRIUNFO, 285 — SÃO PAULO — BRASIL

Edições da Casa do Estudante do Brasil



Preço: Cr \$ 12,00

"A Cinza do Purgatório"

"Será justo não ter medo de elogiar (o que é uma inferioridade igual ao medo de dizer mal), não economizar palavras, quando se trata de fixar um caso excepcional, o deste escritor, por exemplo que se debruça dez horas por dia sobre livros e papéis, que se entrega todo ao ato de escrever, que renunciou ao mundo, como um frade, para somente viver dentro do espaço da inteligência e do espírito. E fora desse clima seria impossível um livro como A CINZA DO PURGATÓRIO".

ALVARO LINS

(Correio da Manhã — Rio, 3-4-943)



Preço: Cr \$ 12,00

"Miniatura de História da Música"

"No Brasil, obras sobre história geral da Música, temos até hoje somente quatro: a de A. Rezende Martins, a de Mário de Andrade, a de Margaret Steward & Francisco Mignone e a de Carlos Torres Pastorino. Dessas obras, como desenvolvimento, nenhuma pode competir com a de Guilherme Figueiredo; nem mesmo, sob certos aspectos, a de Mário de Andrade, que é mais filosófica, mais concludente, porém menos pitoresca e menos informada, quanto aos detalhes".

LUIS HEITOR

(LEITURA — Rio, abril de 1943)

"Problemas Brasileiros de Antropologia"



Gilberto Freyre

Um livro em que Gilberto Freyre fixa, ao lado de tendências recentes nos estudos antropológicos, aspectos de viva atualidade dos problemas de antropologia que o Brasil vem resolvendo ou tem ainda que resolver. Não só os de mestiçagem e de aculturação da moderna cultura brasileira, seu lastro hispânico, sua marca lusitana, seus traços africanos e ameríndios, seus contactos com os colonos alemães, italianos e japoneses no Sul do país, suas relações com as demais culturas americanas. Da antropologia científica o autor passa para a filosofia social, indo até a sugestões de interesse político.

Preço: Cr\$ 12,00

BONIFICAÇÃO DE 30% NAS EDIÇÕES DA C. E. B., PARA OS ESTUDANTES

LIVRARIA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL

Av. Rio Branco, 120 — Loja 13 — Tel.: 42-1346

Últimas Edições



Da EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

TIMOSHENKO E MAC ARTHUR, dois livros sensacionais num só volume para satisfazer inteiramente a natural e incontida curiosidade do leitor brasileiro. A biografia do Marechal da URSS foi escrita por Walter Mering; a do General norte-americano por Bob Considine.

Da EDITORA PAN-AMERICANA:

A MONTANHA MÁGICA, romance traduzido por Oto Silveira, considerado pela crítica mundial como a obra prima de Thomas Mann, o qual levou doze anos na sua elaboração. Thomas Mann, escritor alemão anti-nazista, obteve o Prêmio Nobel de Literatura.

MEU DIÁRIO DE GUERRA, de Somerset Maugham, traduzido por Fernando Tude de Souza. É a narrativa de fatos desta segunda Grande Guerra, participados vivamente pelo autor, inclusive a sua sensacional corrida da França para os Estados Unidos.

AINDA SERÁS MINHA, de Charles Hoffman, traduzido por Alex Vianny. O ambiente jornalístico norte-americano, a ânsia das grandes reportagens, tudo se acha registrado neste livro irônico e dinâmico.

DE ALMA PARA ALMA, de Huberto Rhoden, é um livro de análise das pequeninas misérias humanas.

NA BIBLIOTECA DE ENSINO MODERNO: EXCERPTA LATINA (Liber I e Liber II) dos professores Frederico Curio de Carvalho e José Ricardo Neto. Textos Latinos, comentados e

precedidos de lições de gramática latina, de acordo com os programas da primeira e da segunda série do curso ginasial.

GRAMÁTICA BRASILEIRA DO PORTUGUES CONTEMPORÂNEO, pelo professor Cândido Jucá (Filho). Do primeiro ao quarto ano ginasiais de acordo, rigorosamente, com os programas elaborados na Portaria Ministerial, de 11 de julho de 1942.

DE EDIÇÕES MERIDIANO:

NA COLEÇÃO TUCANO: AS MÃOS DE MEU FILHO, contos, artigos e crônicas de Erico Veríssimo; **CONFLITO**, peça de Maria Jacinta, autora da peça premiada pela Academia Brasileira de Letras, "O Gosto da Vida". Maria Jacinta nos faz acreditar no futuro do teatro nacional. Suas peças são humanas, construídas com uma segurança realmente notável.

DA EDITORA GETULIO COSTA:

BANCÁRIOS... (Misérias de uma profissão), de Jaci Pacheco, é um romance que fixa a vida de bancários.

DA LIVRARIA DO GLOBO: O VERMELHO E O NEGRO, romance de Stendhal, traduzido por De Souza Júnior e Casemiro Fernandes para a BIBLIOTECA DOS SÉCULOS. Nesta obra, que lhe valeu notoriedade universal pelo refinamento da análise psicológica e pela pintura dos heróis fora do comum, Stendhal faz, pela primeira vez, uma análise psicológica amorosa dentro do quadro do romance político social, tornando-se um legítimo precursor do romance contemporneo. Edição integral.

EMINÊNCIA PARDA, de Aldous Huxley, tradução de Paulo Moreira da Silva. Biografia da figura extraordinária do colaborador de Richelieu, François Leclerc du Tremblay, conhecido na vida religiosa como Frei José de Paris e na história anedótica como "Eminence Grise".

BENJAMIN FRANKLIN, de Carl Van Doren, traduzido por J. de Matos Ibiapina, foi considerada a biografia definitiva da personalidade e da obra de Benjamin Franklin. Venceu o Prêmio Pulitzer de 1939. Seu autor realizou uma obra que contém grandes re-

velações sobre Benjamin Franklin. Carl Van Doren é hoje um dos maiores críticos americanos.

NA COLEÇÃO NOBEL: O DESTINO DE UM HOMEM, de Somerset Maugham, traduzido por Moacir Werneck de Castro, "é um livro de romancista de férias". Reminiscência da vida pitoresca de um escritor famoso.

De DOIS MUNDOS EDITORA:

O QUE HITLER ME DISSE, de Hermann Rauschning, tradução integral revista por Jaime Cortesão.

OS GATOS, de Fialho de Almeida, seleção e prefácio de José Lins do Rego. **OBRAS COMPLETAS**, de Gonçalves Crespo, prefácio e seleção de Afrânio Peixoto; **OS MELHORES CONTOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL**, de Herculano, Conde Sabugosa, Eça de Queiroz, Antonio Saldanha, H. Lopes de Mendonça, Julio Dantas, Pinheiro Chagas, D. João de Castro, Rabelo da Silva e Jaime Cortesão; seleção e prefácio de Gustavo Barroso; **AS FARPAS**, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, prefácio de Gilberto Freyre, dois volumes.

Da EDITORA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL:

UMA INTERPRETAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA, de Viana Moog, constitui uma tentativa séria de estudo das manifestações artísticas e culturais do Brasil à luz de uma concepção mais sociológica que histórica. Analisando o movimento literário brasileiro, o autor de "Eça de Queiroz e o Século XIX" procura situar cada escritor dentro do seu grupo cultural de província, sujeito às influências do meio com todos os seus característicos físicos e sociais.

ATENAS, ROMA E JESUS, de Odilon Nestor, é uma síntese da evolução do espírito humano através dos séculos. Partindo de suas concepções filosóficas e religiosas, analisa as diversas fases por que tem passado o homem em sua ansia de alcançar a perfeição. É neste sentido que o autor estabelece um paralelo entre as civilizações grega, romana e cristã, simbolizadas em Atenas, Roma e Jesus.

O prefácio deste livro é de Gilberto Freyre.

Da CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA:

ERAMOS SEIS, da sra. Leandro Dupré. Este romance tem sido muito bem recebido pela crítica.

Dos IRMÃOS PONGETTI EDITORES:

MINHA TERRA E MEU POVO, de Lin Yutang. A China e o povo chinês vistos por um grande escritor e romancista chinês.

Da EDITORA VECCHI:

NA COLEÇÃO OS GRANDES PENSAADORES: O ESTADO E O INDIVÍDUO, de Edouard Laboulay, que foi estadista, juriconsulto e literato franceses.

SÃO VICENTE DE PAULO, o apóstolo da caridade, de Antoine Redier, tradução de Anita Marfins de Souza. A vida de um homem que conservou a alma de seus primeiros dias.

ETERNO MOTIVO, poesias de J. G. de Araújo Jorge. Um livro de poesias líricas dedicado "à inteligência e sensibilidade da mulher brasileira".

NA COLEÇÃO VIDAS EXTRAORDINÁRIAS: LUTERO, de Funck Brentano (da Academia Francesa), traduzido por Elói Pontes. Como diz o tradutor, "este livro tem extraordinária atualidade".

Do EDITOR COELHO BRANCO F.º:

TRINTA E SETE DIAS EM NOVA YORK, de Adalberto Bittencourt.

PORTEIRA VELHA, livro de estréla de Leonor Teles, jovem contista pernambucana. Contem 16 contos. O prefaciador faz-lhe grandes elogios. Edição da autora.

Da ATLANTICA EDITORA: DA LIVRARIA HACHETE DE BUENOS AIRES, representada no Brasil pela Atlântida Editora: MADAME CURIE, de Eva Curie; L'HOMME CÉT INCONNU, de Alexis Carrel; LES JOURS DE L'HOMME, do Docteur Besançon; L'EXTRAORDINAIRE ODYSSEE D'UN MEDECIN, do Docteur Victor Heiser e UN ARTE DE VIVRE, de André Maurois.

LA PRIERE DE TOUTES LES HEURES, do P. Pierre Charles, S. J., já ultrapassou a tiragem de 122 milheiros. 2.ª edição.

LA REINCARNATION DES ESPRITS, de P. Paul Suick, S. J., professor da Universidade Gregoriana de Roma; LE PROBLEME DU MAL, do mesmo autor; DEMAIN L'HOMME, de Van Den Bossche; LE DESTIN DE L'HOMME, de Gustave Thibon.

Da LIVRARIA JOSÉ OLÍMPIO:

NA COLEÇÃO O ROMANCE PARA VOCE: — ALGEMAS DE OURO, romance de Kathleen Norris, tradução de Dora Alencar de Vasconcelos. O tema deste romance da conhecida escritora norte-americana é a eterna fascinação do dinheiro pelos jovens sedentos de prazer e vida folgada.

NA COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS: DAPHNE ADEANE, de Maurice Baring, traduzido por Oscar Mendes. Um romance de enredo movimentado e sem artificialismo. Maurice Baring é uma das personalidades mais interessantes da literatura inglesa contemporânea.

INSUSPEITOS, de Helen Mac Innes, traduzido por M. P. Moreira Filho, e uma empolgante, movimentada e original aventura através da Alemanha nazista no verão de 1939, ou seja justamente depois dos panos quentes ingleses do acordo de Munique e nas vésperas da premeditada invasão germânica da Polónia.

CONHECE-TE PELA PSICANALISE, de J. Ralph, traduzido por José de Almeida Camargo. Série Educativa. Trata-se de um livro excelente para a compreensão dos problemas da psicanálise.

OS DIREITOS DO HOMEM, de Jacques Maritain, traduzido por Afrânio Coutinho. A palavra reconhecidamente autorizada e honesta de um dos mais inteligentes escritores do mundo.

NA COLEÇÃO O ROMANCE DA VIDA: MARIA GRA-DUQUESA DA RUSSIA — Memórias —, prefácio de André Maurois, tradução de Guinara de Moraes Lobato.

De EDIÇÕES CLA:

EDIÇÕES CLA, foi fundada recentemente em Fortaleza, Ceará. E' talvez a primeira editora cearense que se apresenta com um aspecto verdadeiramente progressista. A prova disso é a edição recente do livro AGUAS MORTAS, contos de Eduardo Campos, com ilustrações de A Bandeira. O livro é muito bem apresentado, trás boas ilustrações e ótimos contos.

AS CONTRADIÇÕES DO PADRE ANTONIO VIEIRA, de Gil de Aguiar. Vários ensaios e uma carta autógrafa de Capistrano de Abreu. Edição do autor.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 10.000.000,00

Todas as operações bancárias às melhores taxas

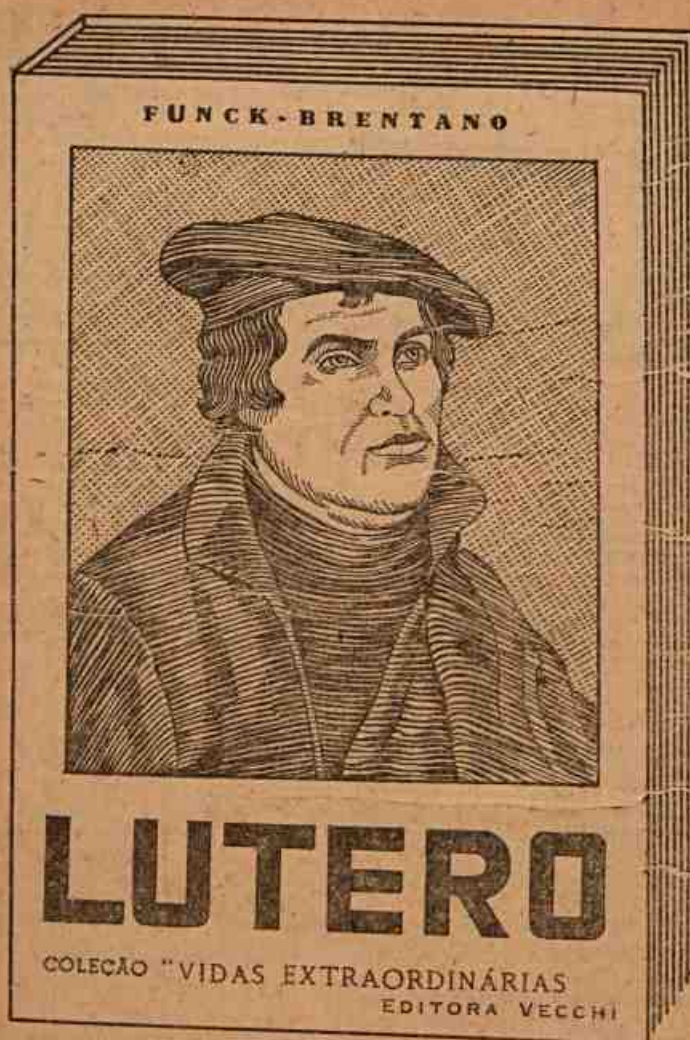
Contas Correntes POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de 5% a/a

PAGA E RECEBE ATE' AS 7 HS. DA NOITE

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.



Lutero, precursor do NAZISMO?

"Este livro tem extraordinária atualidade. Nele se encontram as provas e as demonstrações de como brotou o nazismo, a última forma dos velhos sentimentos racistas de pandemonínio, que sempre inquietaram os povos da Europa central.

Tal é a obra de Lutero. Funck-Brentano mostra que, com ela, nasceu o nazismo, ou sejam as arrogâncias da raça germânica, com seus sonhos mórbidos de domínio universal.

Livro pitoresco para quem gosta de apanhar em flagrantes os homens célebres" - ELOY PONTES.

Tradução de ELOY PONTES

Preço: Cr\$ 16,00

ROMANCES DE MAIOR ÉXITO NA TELA:

John Steinbeck
BOEMIOS ERRANTES
Cr\$ 15,00

Ellen Glasgow
NASCIDA PARA O MAL
(Prêmio Pulitzer, 1942) Cr\$ 16,00

Barre Lyndon
QUANDO MORRE O DIA
(2.ª edição) Cr\$ 12,00

Harold Bell Wright
O MORRO DOS MAUS ESPÍRITOS
Cr\$ 12,00

Charles Dickens
MORRER POR ELA
(A Queda da Bastilha) Cr\$ 15,00

Alexandre Dumas
OS IRMÃOS CORSOS
(3.ª edição) Cr\$ 6,00

Alexandre Dumas (filho)
A DAMA DAS CAMÉLIAS
Cr\$ 10,00

Edgar Allan Poe
O MISTÉRIO DE MARIE ROGET
Cr\$ 10,00

M. Dekobra e Lelia Georges
A FILHA DE MATA HARI
Cr\$ 12,00

Paul Reboux
ROMÉU E JULIETA
Cr\$ 10,00

EDITORA VECCHI — Rezende, 144 — RIO DE JANEIRO

Leitura Escolhe um Conto

Não Tarda a Madrugada

MELO LIMA

Copyright de LEITURA

OLHOU demoradamente o céu e formulou um pensamento que lhe pareceu estranho, com um significado interior que não saberia perscrutar. Assim, nessas noites de seca, porque havia mais estrelas no firmamento?

Embora se esforçasse para não cair totalmente no desânimo, um vazio ainda maior lhe encheu o espírito



já amargurado por tantas e tão penosas realidades. Mas, venceria a fome, a fadiga, o desalento, as noites assim desoladas e sem vida.

Quo era a primeira seca, a primeira desgraça que sofria com os seus. Nascera à margem de uma estrada como um bicho qualquer, quando seus pais fugiam nas mesmas condições em que ele agora fugia com a mulher e as filhas. A mãe morrera em consequência do parto, mas Sebastião relevara aquela primeira seca e resistiria às secas que o Senhor enviasse ao Ceará.

Encheu a mão esquerda da areia alva da gruta, circunvagou o olhar pelo firmamento sem nuvens, pensou na filha mais velha. Sentiu vontade de fazer qualquer coisa e apertou o resto de areia que lhe restava na mão. Tinha o corpo dolorido, os pés e as pernas inchados, uma cor rosada nas faces magras e os calcanhares tão gretados como a própria terra.

Fazia dois dias que se encontravam abrigados na Ponte Preta, esgotados pela fome e pelo esforço da caminhada. Aparecida esperava um filho a qualquer hora. Magra, faminta, fatigada, a pobre sofria mais que as irmãs, mais que o pai e a mãe, reunidos. E fazia tudo para conter os gemidos, afim de evitar maiores angústias para a família. Era o seu primeiro e sonhado filho, mas

já assistira ao nascimento de várias crianças, vira o exemplo da mãe enfrentando as dores com um sorriso nos lábios. Queria ser como a velha mãe, mas era-lhe impossível esconder o medo, o receio de nunca mais avistar o marido, que a esperava em Ipu. Se morresse, Senhor Deus, que ao menos o filho a seguisse para o mesmo lugar que lhe fora destinado. Não temia a morte, aceitaria calmamente a separação do companheiro, porém sofria só em imaginar que o filho ficaria no mundo, tal como o avô.

Francisquinha, Glória e Jandaira dormiam agarradas como se temessem o aparecimento dos fantasmas que habitavam a ponte, segundo se dizia em Crateús. Francisca, a mais velha das três, contava quatorze anos; Glória, doze incompletos e Jandaira, seis. Elas estavam esfomeadas, febris e mortas de cansaço. Uma fraqueza imensa lhes tirava até a vontade de chorar. De quando em quando uma se erguia penosamente à procura da cabaça de água para suavizar a fome cada vez mais aterradora.

A velha safu debaixo da ponte e veio silenciosamente para perto do marido, que agora apertava a cabeça entre as mãos. Acocorou-se a seu lado, pôs-lhe a mão de mansinho no ombro, suspirou. Gostaria de tirar uma caminhada, de sossegar a gostosa fumaça de fumo baiano. Mas, para que desanimar, quando já tinham vencido a terça parte do caminho? E' verdade que Ipu ainda distava muito de Crateús, porém já haviam alcançado Crateús; a distância portanto diminuiria, Ipu estava mais próximo...

Sebastião ergueu a cabeça, olhou indiferentemente para a cidade de Crateús que brilhava na noite. Assim, contemplada de longe, ela parecia tranquila como nos tempos de abundância. No entanto, dezenas e dezenas de flagelados enchiam suas ruas a pedir esmolas, esmolambados e tropeços.

Os casebres do alto das Venâncias eram como se fossem sombras na escuridão. Dois ainda se conservavam iluminados, mas o resto, que se espalhava em desordem, se confundia com a noite.

A velha tornou a bater no ombro do companheiro e sussurrou:

— Ela está gemendo...

Sebastião recebeu uma pontada aguda no peito, o sangue subiu-lhe à cabeça e por um minuto teve a sensação de que um abismo mais negro que a noite lhe nascia aos pés. Depois, aspirando com força, a imagem da filha torturada diante dos olhos, arriscou a pergunta que ainda não tivera coragem de fazer:

— Escapará?

A velha balançou a cabeça, também aterrada com a resposta exigida. Como a filha suportaria o parto se há semanas passava fome e não tivera ainda um minuto sequer de repouso?

— Talvez, respondeu sem fitar o marido que respirou mais tranquilo.

Sebastião distendeu as pernas, sentou-se mais à vontade, coçou o umbigo:

— A barriga está grudada no espinhaço...

A velha não pôde deixar de sorrir interiormente e quis demonstrar-lhe que seria também capaz de zombar da tragédia comum:

— Pois a minha só não está grudada porque ainda não se acostumou com a fome.

E os dois se fitaram com um agradecimento mútuo nos olhos mídos e oblíquos. Mas a desgraça também lhes ameaçava os filhos, e novamente baixaram a cabeça, abatidos e infelizes.

— Talvez ela escape, aventurou Sebastião.

— Se Deus quiser, acrescentou a mulher, benzedo-se.

— Se Deus quiser, repetiu o matuto, inquieto pelo fato de haver esquecido o poder divino.

E voltou a encher a mão esquerda com a areia alva da grota da Ponte Preta. A noite estava parada, as árvores sem folhas, a terra sem vida, difundindo uma angústia ilimitada. Somente a cidade e as estrelas pareciam possuir vida na noite tão longa. Os dois casebres, agora sem luz, desapareciam nas trevas, confundiam-se com as sombras de inumeráveis outros casebres. A noite ia adiantada, mas a terra que o camponês esfregava nas mãos permanecia morna como se estivesse também febril. Aparecida se contorcia e as três irmãs se apertavam ainda mais, como se o contacto as fizesse suportar melhor as tremuras da fome.

Sebastião contraiu os músculos, apurou o ouvido, olhou para a Ponte Preta:

— Ouvi um gemido...

A mulher também ficou sem movimentos, apurou o ouvido, olhou para a Ponte Preta:

— Parece...

— E' eu, disse Sebastião, com os dentes trincados, inteiramente esquecido das contrações violentas do estômago e do suor frio que lhe escorria pelo corpo. — E' a Aparecida gemendo... — repetiu mansamente. — Não terá chegado a hora?

— Não, respondeu a velha, o queixo apoiado na mão esquerda, os braços flácidos à mostra desde as axilas. — Ainda não; coitadinha, sofre tanto...

— E sente fome...

— Sente.

— E eu não trouxe nada...

— Trouxe a farinha, homem.

— Tão pouca!

— Mas trouxe.

— E de que serviu?

— Remediou a fome das bichinhas.

— Continuam com fome...

— Continuam.

— E então?

— Então...

Silenciaram novamente em face da realidade esmagadora. Como arranjar alimento se não existia a oportunidade do trabalho e se a gente rica fechava as portas o dia todo? Roubar? Esse pensamento atravessou a imaginação do matuto, que se estremeceu com um resmungo difícil de ser entendido.

A velha coçou uma perna, falou em formigas de roça, lembrou os formigueiros de que ela, o marido, o genro e as filhas deram cabo na roça. Reviu os dias de fartura chegados com o casamento de Aparecida, pois o genro trouxera duzentos mil réis, um casal de jumentos, três cabritas e uma égua que pariu ainda duas vezes. Viera morar com os sogros; fizeram sociedade no roçado e trabalharam em comum, como pai e filho. Os vizinhos eram bons vizinhos, e de semana em semana se matava uma galinha cevada com milho. Feijão não faltava e as meninas mantinham o luxo de usar roupas interiores e vestidos domingueiros, de vistosa chita estampada. O marido conseguira comprar um chapéu de massa, que era o seu sonho. Ela mesma obtivera o que desejava. Até chapéu de só comprara no dia em que foram passar as festas de fim de ano em Crateús. A casa continha de tudo um pouco. Aos domingos, quando Sebastião e o genro eram felizes na caçada noturna de sábado, comiam tatú; caso não houvesse tatú, na certa se comeria arroz com feijão ou toucinho. As crianças lambiam os beijos de tão satisfeitas e era um gosto espiar o Sebastião cachimbando como gente rica. As visitas recebiam presentes de fumo, mastigavam rapadura da Serra Grande, bebiam cachaça e voltavam falando muito bem da família de Sebastião. O genro e Aparecida andavam sempre agarrados como tamanduás, soltavam risadas de criança, e como eram felizes! Mas com a seca tudo se transformara dum dia para o outro. Aquilo fora apenas um sonho: a fartura não passa de sonho em casa de pobre. O genro partira na frente e agora se encontrava em Ipú, onde ainda havia possibilidade de salvação para os retirantes do norte do Estado. Se conseguissem vencer a caminhada, talvez escapassem, porque diziam que em Ipú havia o que se comer, existia um campo imenso para os alojar e alimentar como se fossem um rebanho de bestas.

Sebastião e a família tinham vencido vinte e tantas léguas, parando de hora em hora por causa da filha, mas haviam de chegar a Crateús, haviam de chegar a Ipú.

Em Crateús, ao contrário do que esperavam, tudo lhes saíra adverso. A cidade estava entulhada de famílias em estado semelhante. Os gêneros escasseavam,

a água era obtida com sacrifício. A prefeitura, esgotada, esperava o auxílio do governo. O comércio da seca fora prejudicado pela falta de transportes. Havia promessas de que o serviço da estrada de ferro Ibiapaba-Oiticica, ligando o Ceará ao Piauí, se iniciaria brevemente, mas até aquele dia nada de positivo alimentava as promessas feitas aos flagelados.

Mas Sebastião venceria a provação que Deus mandara ao Ceará, possivelmente por causa dos pecados cometidos naqueles três anos de abundância ininterrupta... Se conseguisse trabalhar ao menos uma semana, alimentaria as filhas e lhes daria algumas forças para enfrentar dezenas de léguas em caminhos desconhecidos e atravessados de mortes. Alcançado Ipú, todos estariam salvos... Seriam amparados pelo genro, Aparecida receberia os carinhos e o conforto merecidos pela suprema coragem de dar mais um filho para a fome do mundo.

Sebastião sentiu sede, ergueu-se, foi procurar a cabaça de água que se encontrava perto das crianças. A Ponte Preta quase não lhe permitia ficar inteiramente de pé; era porém comprida, cabia a família inteira. Do lado direito, por onde descia a água da grota, Sebastião fincara algumas estacas, erguera uma parede de garranchos. O mesmo fizera do lado por onde acabava de entrar, deixando um espaço livre para a passagem.

Encontrou a cabaça, bebeu com economia um gole de água salobra e se acercou de Aparecida. Quase encostou o rosto em seu rosto, observando que a filha lhe sorria. Sentiu então uma ansia imensa no peito. Aquele sorriso triste, forçado e doloroso era um estímulo que dificilmente suportava. Sorria-lhe, mas a respiração curta lhe trala a angústia, a tremenda luta que sustentava para reprimir os gemidos.

Sebastião ciciou-lhe qualquer coisa, levou a mão áspera à testa quente da filha, e, em seguida, lhe perguntou se sentia dores.

Ela movimentou negativamente a cabeça, contraiu os lábios, levou a mão do pai ao ventre volumoso:

— Escute, pai...

Sebastião, agoniado e sem fôlego, retirou rapidamente a mão do ventre da filha. Acariciou-lhe de novo a testa, reteve o rosto de Aparecida entre as mãos:

— Sente muita fome, minha filha?

— Não sinto não.

— Sente, sim...

— Não se amofine por mim, pai.

— Você quer um caldinho?

— Não senhor, estou bem.

O velho ergueu-se, foi até onde se encontravam as três meninas. Francisca abraçou-lhe subitamente a perna esquerda e começou a chorar. Glória imitou-a, agarrando-se desesperadamente à outra perna de Sebastião, que tremia emocionado e impotente. Estavam com fome, queriam comer o caldinho que o pai oferecera a Aparecida...

Somente Jandira, a mais nova, permanecia encolhida, sem uma palavra. Entre ela e o pai existia um carinho que as outras nunca recebiam: ele beijava-a. Sebastião gostava de passar a mão na cabeleira fina e macia de Jandira e sentia um orgulho enorme pela filha. Dizia frequentemente com validade: "Jandi é branca, tem os olhos da cor do céu, pode passar por uma branca".

Viu-se tolhido por uma comoção poderosa e profunda, que lhe despertou o pensamento de roubar que tivera minutos antes. O coração pulsava-lhe com uma violência incomum, o sangue subia-lhe à cabeça, as veias entumecidas, o rosto ainda mais púrpuro. Quis baixarse para acarinhar as crianças, mas perdeu a coragem, procurou fugir-lhes dos braços aflitos e do choro desesperador. Finalmente, quase se arrastando e sem magoá-las, conseguiu chegar fora da ponte. Olhou para as estrelas com uma raiva incoitada. Mas arrependeu-se logo, perguntando a si mesmo que importava descompor as estrelas quando a realidade permanecia a mesma...

Acercou-se da companhia, preocupado com a insistência do desejo de roubar que lhe embotava até mesmo a piedade para com as filhas. De qualquer maneira havia de conseguir alimento, não podia ver as filhas mortas de fome.

Estava trêmulo, com um palidez de morte, e o suor frio lhe porejava mais abundantemente. De tempo em tempo recebia fortes golpes no coração, como se um corpo estranho o comprimissem. O tórax doía-lhe, havia gosto de sangue na boca. Sentou-se no mesmo lugar, as costas apoiadas numa pedra lisa e ainda morna. No céu, estrelas e mais estrelas; na terra, árvores mortas,

(Continua à página 43)

Biblioteca do Espírito Moderno

A herança cultural da espécie

FILOSOFIA — CIÊNCIA — HISTÓRIA, BIOGRAFIA E LITERATURA

FILOSOFIA

HISTÓRIA DA FILOSOFIA — Will Durant: A Vida e as Ideias dos grandes filósofos — Ed. ilustrada	Cr\$ 22,00
A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE — J. H. Robinson — Aplicação da inteligência na reforma social	Cr\$ 12,00
SOBRE A LIBERDADE — John Stuart Mill	Cr\$ 12,00

CIÊNCIA

OS GRANDES HOMENS DA CIÊNCIA — Crowe Wilson — Ed. ilustrada	Cr\$ 15,00
AS GRANDES EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS DO SÉCULO XX — Charles Key. Ed. ilustrada	Cr\$ 15,00
O UNIVERSO MISTERIOSO — James Jeans. — Ed. ilustrada	Cr\$ 12,00
O HOMEM E SEU UNIVERSO — John Langdon Davies	Cr\$ 14,00
OS FENÔMENOS DA VIDA — Julian Huxley	Cr\$ 15,00
NA AURORA DA HUMANIDADE — Dorothy Davison — Ed. ilustrada	Cr\$ 15,00
MÉDICOS ANÔNIMOS — William Mc Kee German, M. D. — Ed. ilustrada	Cr\$ 13,00
OS PRÓXIMOS CEM ANOS — Os assuntos inacabados da ciência — C. C. Furnas	Cr\$ 16,00
O ROMANCE DAS VITAMINAS — Estevão Fázekas — Ed. ilustrada	Cr\$ 12,00

HISTÓRIA E BIOGRAFIA

HISTÓRIA UNIVERSAL — H. G. Wells — 3 vols. Ed. ilustrada	Cr\$ 60,00
HISTÓRIA DO FUTURO — H. G. Wells	Cr\$ 12,00
ENSAIOS HISTÓRICOS — Lord Macaulay — 2 volumes	Cr\$ 24,00
PEQUENA HISTÓRIA DAS AMÉRICAS — Afrânio Peixoto. — Ed. ilustrada	no prelo
MEMÓRIAS DE UM NEGRO — Booker T. Washington	Cr\$ 10,00
EPOPEIA AMERICANA — James Truslow Adams	Cr\$ 15,00
O DESTINO DA ESPÉCIE HUMANA — H. G. Wells	Cr\$ 12,00

A VIDA DE SHELLEY — André Maurois	Cr\$ 12,00
LYAUTEY — André Maurois	Cr\$ 12,00
OS GRANDES HOMENS CONTEMPORÂNEOS — Winston Churchill	Cr\$ 15,00
OS ESTADOS UNIDOS DE ONTEM E DE HOJE — Roy F. Nichols, William C. Bagley e Charles A. Beard	Cr\$ 20,00
UM ESPÍRITO QUE SE ACHOU A SI MESMO — Clifford W. Beers	Cr\$ 12,00
A EVOLUÇÃO DE UM CIENTISTA — Leopold Infeld	Cr\$ 16,00
LINCOLN — Nathaniel Wright — Ed. ilustrada	Cr\$ 20,00
AS GRANDES CARTAS DA HISTÓRIA — M. Lincoln Schuster — Ed. ilustrada ..	Cr\$ 25,00
NIETZSCHE — Crane Brinton — Ed. ilustrada ..	Cr\$ 13,00
SOMENTE NESSE DIA — Pierre Van Paassen	Cr\$ 18,00
BEAUMARCHAIS — Paul Frischauer	Cr\$ 15,00
HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS — Firmin Roz	Cr\$ 20,00
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO — Will Durant — 1.ª parte, 2 vols.	Cr\$ 66,00
HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO — Will Durant — 2.ª parte, 2 vols.	Cr\$ 66,00

LITERATURA

O LIVRO DA JANGAL — Rudyard Kipling	Cr\$ 15,00
NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS LINGUAGENS — Manuel Bandeira	Cr\$ 18,00
MEU FILHO, MEU FILHO! — Howard Spring	Cr\$ 16,00
HISTÓRIA DA LITERATURA MUNDIAL — John Macy — Ed. ilustrada	Cr\$ 18,00
LÁGRIMAS DE HOMEM — Warwick Deeping	Cr\$ 12,00
O LOBO DO MAR — Jack London	Cr\$ 12,00
MOMENTO EM PEKIM — Lin Yutang	Cr\$ 25,00
POR QUEM OS SINOS DOBRAM — Ernest Hemingway	Cr\$ 20,00
KIM — Rudyard Kipling	Cr\$ 13,00
ADEUS AS ARMAS — Ernest Hemingway	Cr\$ 12,00

Volumes encadernados mais Cr\$ 6,00.

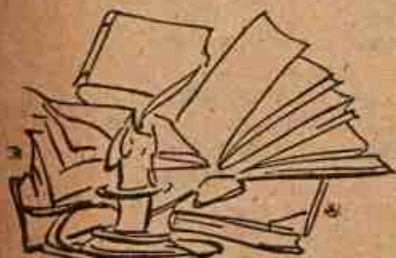
Pedidos à **COMPANHIA EDITORA NACIONAL** — Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Livraria Civilização Brasileira — Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo

Editora Civilização Brasileira S. A. — Rua Ouvidor 94 — Rio de Janeiro

Próximas Edições



DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO:

VIAGEM AO INTERIOR DO BRASIL, de Pohl; **MEMÓRIAS HISTÓRICAS DO RIO DE JANEIRO**, de Monsenhor Pizarro, em 10 tomos; **A DEMANDA DO SANTO GRAAL**, em 3 volumes; **DICIONÁRIO MEDIEVAL E CLASSICO DA LINGUA NACIONAL**, 1º volume, do padre Auguste Magne; **PRIMAVERAS**, de Casimiro de Abreu, edição fac-similar, texto da primeira edição; **ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA**, de Orris Soares; **DICIONÁRIO POPULAR BRASILEIRO**, de Alarico Silveira.

O Instituto Nacional do Livro anuncia uma coleção de caráter popular — **BIBLIOTECA POPULAR BRASILEIRA** —, composta de 50 volumes que serão vendidos de três a quatro cruzeiros, cada volume.

DA EDITORA PAN-AMERICANA:

A COMÉDIA HUMANA, de William Saroyan, traduzido por Alex Vianny. Saroyan é teatrólogo e contista norte-americano admirável nas pequenas composições.

TEMPESTADE, de George Stewart, traduzido por Alex Vianny.

OLEO, SANGUE E AREIA, de Robert L. Baker.

OS POSSESSOS, um dos grandes romances de Dostoiévski, tradução revista por Augusto Rodrigues.

NA BIBLIOTECA DE ENSINO MODERNO: EXCERPTA LATINA (Liber III — Liber IV), pelos profs. Frederico Curie de Carvalho e José Ricardo Neto.

THE WORLD-LANGUAGE OF TODAY, Part I e II, pelo prof. Ansgar Knud Jensen, do Colégio Paiva e Souza.

DA LIVRARIA KOSMOS:

VIEWS AND COSTUMES OF THE CITY AND NEIGHBORHOOD OF RIO DE JANEIRO, do tenente Chamberlain. Tiragem especial de 310 exemplares de alto, em papel Westpost, contendo cada um 41 gravuras a cores, montadas em papel forte (uma delas coloridas a mão), encadernados a couro, com folhas douradas, dentro de um estojo. Cada exemplar terá impresso o nome do subscritor. A reedição desse livro raríssimo contém todas as gravuras da edição original, o texto inglês, sua tradução para o português e um prefácio de Rubens Borba de Moraes, além da lista de subscritores.

DE DOIS MUNDOS EDITORA:

GUERRILHEIROS RUSSOS (All the Night Long) por Erskine Caldwell, o grande romancista de "Tobacco Road". Traduzido por Vera de Gusmão.

OS PORTUGUESES NO DESCOBRIMENTO DOS ESTADOS UNIDOS, por Jaime Cortesão; **A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA**, por Jaime Cortesão; **POLEMICAS EM PORTUGAL E NO BRASIL**, de Camilo Castelo Branco; seleção e prefácio de Costa Rego; **DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL**, de Ambrosio Fernandes Brandão; com notas de Rodolfo Garcia e prefácio de Jaime Cortesão; **HOMENS E IDEIAS DO SÉCULO XIX**, de Eça de Queiroz, organizado e prefaciado por Viana Moog; **OS MELHORES CONTOS RUSTICOS**, de Raul Brandão (apresentado por Guerra Junqueiro), Trindade Coelho, D. João da Câmara e Loureiro Botas, seleção e prefácio de Jorge de Lima; **A FELICIDADE PELA AGRICULTURA**, de Antonio Feliciano de Castilho, prefácio de Antonio Guimarães; **EÇA POLEMISTA**, polémicas de Eça de Queiroz, seleção e prefácio de João Luso.

DA ATLÂNTICA EDITORA:

A ORAÇÃO DE TODOS OS MOMENTOS, do Pe. Pierre Charles; **A DOCTRINA ESPIRITUAL DA IRMÃ ELIZABETH**, do Rev. M. M. Philpott, O. P., em tradução do Fr. Domingos Mala Leite, prefaciado pelo Arcebispo de S. Paulo, D. José.

SUD-AMÉRIQUE, de Jean-Gérard Fleury, lançado em New York pela editora "La Maison de France". Grande parte desse livro é dedicada ao Brasil. Jean-Gérard Fleury peregrinou o Brasil em todos os sentidos, a serviço do "Paris Soir".

DA LIVRARIA DO GLOBO:

A QUADRAGÉSIMA PORTA, novo romance de José Geraldo Vieira, autor de "A Mulher que fugiu de Sodoma". Trata-se de uma biografia de duas gerações, a da guerra passada e a contemporânea, na luta por se ultrapassarem a si mesmas e atingirem a quadragésima porta daquele misterioso palácio que representa a suprema libertação — o sonho maravilhoso de todas as mocidades. Sua ação trepidante transcorre em Portugal, na Inglaterra, França, Rússia, Itália, Espanha, África, Ásia e outras regiões, assistindo o leitor a um desfile fascinante de personagens: escritores, jornalistas, políticos, revolucionários, diplomatas, músicos, artistas e mulheres — toda uma humanidade com seus hábitos, vícios, virtudes, emoções, compromissos e emancipações — uma humanidade que se agita, sofre, arde, louca, num anseio frenético por um mundo melhor.

A QUADRAGÉSIMA PORTA encerra capítulos sobre música, arte, literatura, e oferece uma visão caleidoscópica da Europa desde o pré-guerra de 1914 até a Batalha da Inglaterra.

NA COLEÇÃO NOBEL: DR. ARROWSMITH, de Sinclair Lewis; **HORISONTE PERDIDO**, de James Hilton; **DIÁRIO de Marie Bashkirtseff**; **NOITE EM BOMBAY**, de Louis Bromfield. **Na COLEÇÃO BIOGRAFIAS: SIMON BOLIVAR**, de Emil Ludwig. **Na COLEÇÃO BIBLIOTECA DOS SÉCULOS: CONTOS**, de Guy de Maupassant; **OBRAS COMPLETAS**, de Edgar Allan Poe. **Na COLEÇÃO TAPETE MÁGICO: HISTÓRIA DAS GRANDES ÓPERAS**, de Ernst Newman; **BIOGRAFIAS DE GRANDES CONDUTORES DE POVOS**, de Henry & Dana L. Thomas.

BOTÂNICA GERAL, de Alarico Schultz; **COMO SE APRENDE INGLÊS**, de J. Campos; **ZOOTECNIA**, de Dulphe P. Machado; **O DESENHO RACIONAL NA ESCOLA**, de F. Liénau.

NA COLEÇÃO AMARELA: UM ENIGMA PARA DÓIDOS, de Patrick Quentin; **O ÚLTIMO CASO DE TRENT**, de Bentley; **A MORTE DANÇA NA RUMANIA**, de Van Wyck Mason.

DA EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

STALIN, uma das biografias mais felizes escrita pelo biógrafo alemão anti-nazista Emil Ludwig.

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anne Louise Strong. Um dos

ABRIL DE 1943

livros mais bem escritos até hoje sobre a U. R. S. S.

DA EDITORA CASA DO ESTUDANTE:

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA, de Gilberto Freyre. Nesta obra o autor de "Casa Grande & Senzala" fixa, ao lado de tendências recentes nos estudos antropológicos, aspectos de viva atualidade dos problemas de antropologia que o Brasil vem resolvendo ou tem ainda a resolver. Da antropologia científica o autor passa para a filosofia social, indo até a sugestões de interesse político.

HISTÓRIA ANTIGA DO ORIENTE PRÓXIMO, de H. R. Hall. Este livro, escrito para o uso dos estudantes do curso de "Civitates Humaniores em Oxford", adquire uma importância especial para mestres e discípulos dos nossos cursos de história e para todos quantos se interessam pelos temas da antiguidade e pelo desenvolvimento e influência da cultura grega.

DA EDITORA VECCHI LIMITADA:

A FLECHA PRETA, de R. L. Stevenson, que iniciará a coleção "OS AUDAZES"; **A FILHA DE MATA HARI**, de Maurice Dekobra e Leula Gerges; **AS MULTIPLAS VIDAS DO CONDE DE CAGLIOSTRO**, de Ch. Photiades; **MAMÍFEROS DE LUXO**, (4.ª edição), de Pitigrilli; **O CAMINHO DA GLÓRIA**, de Bete Davis; **BASES BIOLÓGICAS DA NATUREZA HUMANA**, de H. S. Jennings. Na coleção **OS GRANDES PENSADORES**:

RES: A LUTA PELO DIREITO, de Ihering; **O BREVIÁRIO DO HOMEM DE BEM**, de B. Franklin.

DE EDIÇÕES DE CULTURA,

São Paulo:

NA COLEÇÃO NOVELAS DO CORAÇÃO: O AMOR DE PERDIÇÃO, de Camilo Castelo Branco; **AMOR DE SALVAÇÃO**, do mesmo autor; **O CURIOSO IMPERTINENTE**, de Cervantes; **A MORENINHA**, de Joaquim Manuel de Macedo.

NA COLEÇÃO NOVELAS UNIVERSAIS: A TULIPA NEGRA, de Alexandre Dumas.

NA COLEÇÃO OS MESTRES DO PENSAMENTO: OBRAS COMPLETAS, de Virgílio.

DA LIVRARIA JOSE OLÍMPIO: AS TRES MARIAS, romance de Raquel de Queiroz, que obteve o prêmio Felipe d'Oliveira, 2.ª edição.

NA COLEÇÃO A CIÊNCIA DE HOJE: O TRIUNFO SOBRE A DOR,

história da anestesia, de René Fulop-Miller, trad. de Cecília Rets.

JORNAL DE CRÍTICA, 2.ª série de Alvaro Lins.

NA COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS: TEMPESTADES D'ALMA, de Phyllis Botone, trad. de Raquel de Queiroz; **SANGUE E VOLÚPIA**, de Vick Baun, trad. de Valdemar Cavalcanti e Raul Lima.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Silvio Romero, 3.ª edição, aumentada, em 5 volumes. Prefácio de Nelson Romero.

OS GAZÊIS, de Hafiz. Poemas do famoso poeta persa, traduzidos por Aurélio Buarque de Holanda; **O JARDIM DAS ROSAS**, de Saadi, poemas traduzidos por Aurélio Buarque de Holanda; **O JARDINEIRO**, de Rabindranath Tagore, 2.ª edição, traduzido por Guilherme de Almeida; **O GITANJALI**, de Tagore, 3.ª edição, poemas traduzidos por Guilherme de Almeida; **O AMOR DE BILITIS** (Algumas canções), tradução de Guilherme de Almeida.

Para todas as informações sobre livros dos Estados Unidos, da Grã Bretanha e dos países estrangeiros, especialmente referente ao encarecimento e à aquisição dos direitos autorais para a tradução portuguesa, queiram dirigir-se a:

Agência Literária «Dona Carlota»

Rua Almirante Alexandrino 306 Tel. 22-0427 — RIO DE JANEIRO

PRH-8

RÁDIO IPANEMA

OFERECE ao BRASIL DOIS PROGRAMAS DIFERENTES:

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS DE PRH-8

■ ■ ■ UMA COMPLETA RESENHA DOS ACONTECIMENTOS LITERÁRIOS DA SEMANA.

BACIA DE PILATOS

■ ■ ■ UM CARTAZ LITERÁRIO MOVIMENTADO E ORIGINAL EM COMBINAÇÃO COM "VAMOS LER".

Programas dirigidos e apresentados por

José Queiroz Junior

na faixa de 1.130 quilociclos, diretamente dos novos auditórios da **RÁDIO IPANEMA**, à Avenida Atlântica, 24, no Leme.

OBRAS VITORIOSAS

MEU DIÁRIO DE GUERRA

SOMERSET MAUGHAM

Análise fria e incorruptível. Páginas trepidantes e cruéis como a tragédia que ensanguenta o mundo.

Broch. Cr\$ 20,00

A MONTANHA MÁGICA

ROMANCE DE THOMAS MANN

A obra-prestígio da literatura moderna. Depois de Goethe jamais se escreveu algo semelhante em profundidade e magnitude.

Broch. Cr\$ 40,00

CHAMAVAM-ME CASSANDRA

2ª edição

GENEVIEVE TABOUI

Um livro que sacode as Democracias para a luta contra o nazismo. Um livro que Pierre Laval daria a própria vida para destruir. A primeira edição se exgotou em tempo recorde.

Broch. Cr\$ 30,00

ESQUADRÃO 303

ARKADY FIEDLER

A narração fiel de um combatente sobre as atividades dos aviadores poloneses que integram a Real Força Aérea.

Broch. Cr\$ 8,00

OS POLONESES VOLTAM À LUTA

KSAWERY PRUZYNSKI

Um livro que mostra o espírito indestrutível da Polónia, que nunca se rendeu, nem pela alma nem pelo corpo.

Broch. Cr\$ 12,00

OS RUSSOS NÃO SE RENDEM

ALEXANDER POLIAKOV

O autor, morto no campo de batalha, através de emocionante narrativa, dá uma idéia nítida da resistência da Rússia ao assalto hitlerista.

Broch. Cr\$ 15,00

VOLTA AO FUTURO

SIGRID UNSET

E' o panorama trágico da luta cuja brutalidade toda a humanidade tentou evitar espavorida e que os acontecimentos precipitaram.

Broch. Cr\$ 20,00

Em todas as livrarias do Brasil

Pedidos pelo reembolso postal à

E P A S A

AV. RIO BRANCO, 25 — RIO

ALGUMAS EDIÇÕES DA EDITORA MINERVA LMTDA.

Rua do Ouvidor, 145

CAIXA POSTAL, 2798

- A volta ao mundo por dois garotos, edição completa em um volume, cart. e muito ilustrado Cr\$ 25,00
- As mil e uma noites — contos árabes — tradução de Carlos Jansen, edição atualizada e muito ilustrada, cart. Cr\$ 15,00
- Aventuras maravilhosas do Barão de Munchausen, edição revista por Terra de Cena, muito ilustrada, cartonado Cr\$ 15,00
- MEU BEBÊ — O livro das mães — 6ª edição, texto de Bastos Tigre, desenhos de F. Acuarone, muito ilustrado, cartonado e com estojo Cr\$ 32,00
- A. B. C. dos animais, album com muitas ilustrações a cores por F. Acuarone Cr\$ 6,00
- Sangue de Tigre, por Ellana — 4ª edição Cr\$ 10,00
- O Fogo Sagrado, por I. A. R. Wylie — romance filmado pela Metro Goldwin Mayer, considerado um dos melhores do ano de 1942 Cr\$ 15,00
- GRAFOLOGIA, por J. Crepleux - Jamin — tradução da última edição francesa, cuidadosamente revista por Bandeira Duarte, 1 grande volume, com cerca de 400 páginas e mais de 200 ilustrações, em brochura Cr\$ 40,00
- o mesmo encadernado Cr\$ 50,00
- DEUS LHE PAGUE, por Joracy Camargo — a peça que maior sucesso alcançou até hoje no Brasil Cr\$ 7,00
- PEDIDOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO A EDITORA MINERVA LMTDA.
RUA DO OUVIDOR, 145 — C. POSTAL 2798

Finalmente

em todas as livrarias

HISTÓRIA DO BRASIL

de J. ARMITAGE

3.ª edição brasileira com prefácios e anotações de Eugênio Egas e Garcia Junior
Volume em grande formato, com 400 páginas, ilustrado, preço Cr\$ 40,00 — tiragem em papel especial inglês, numerada, preço Cr\$ 250,00

Pedidos à

LIVRARIA EDITORA ZÉLIO VALVERDE

Travessa do Ouvidor, 27 —

Caixa Postal 2956 — Rio



Aos clientes do interior: Si não encontrarem no seu livreiro, peçam pelo Serviço de Reembolso Postal.

LEITURA em São Paulo

(Da sucursal de LEITURA)

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL:

NA BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO: HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, de W. Durant, dois novos tomos com a 1ª e a 2ª parte de "Nossa herança clássica", tradução de Monteiro Lobato e Guinara de Moraes Lobato; CARA OU COROA (Oliver Twist), romance de Kenneth Roberts, tradução de Guinara de Moraes Lobato; A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, de H. G. Wells (O trabalho, a riqueza e a felicidade ao mundo), tradução de Monteiro Lobato; PILOTO DE GUERRA, de Antoine Saint Exupéry, tradução de Monteiro Lobato; NOITE SEM LUA, de John Steinbeck, tradução de Monteiro Lobato; A FILOSOFIA DE WILLIAM JAMES, de William James, tradução de Antonio Ruas.

NA COLEÇÃO BRASILEIRA: DO CAMPO À ESCRAVIDÃO, de Alexandre Marchant, tradução de Carlos Lacerda.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA:

OS FILHOS DA CANDINHA, seleção de críticas de Mario de Andrade; A SETIMA CRUZ, romance da escritora anti-nazista alemã Ana Seghers; A VIDA MARAVILHOSA DE SARAH BERNHARDT, de Louis Verneuil, tradução de Galvão Coutinho; SEBASTOPOL, de Tolstói; UM CASO TENEBROSO, de Balzac; AS IRMÃS SOONG, de Emily Hahn; PEQUENA HISTÓRIA DO COMÉRCIO, de Roberto Haddock Lobo.

NA COLEÇÃO O PENSAMENTO VIVO: O PENSAMENTO VIVO DE TOBIAS BARRETO, de Hermes Lima.

DA ATENA EDITORA:

NA BIBLIOTECA CLÁSSICA: DICCIONARIO FILOSOFICO, de Voltaire; A ILÍADA, de Homero, em tradução de Carlos Alberto Nunes.

DA EDITORA OCEANO:

A BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO, de Marx Werner; A CARTUXA DE PARMA, de Stendhal; PATOLOGIA DA ALEMANHA (Origem da crise contemporânea), de Heraldo Barbuy.

DAS EDIÇÕES PROMETEU:

ALVORADA DA VITÓRIA, de Louis Fischer; ELA QUERIA DOMINAR NO KREMLIN, de Gerhard Schacher; BREVE INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA ESTUPIDEZ HUMANA, de Walter B. Pitkins.

MARCO ZERO — Vai ser finalmente publicado o grande romance de S. Paulo, o romance da sua vida tumultuosa e complexa. Oswald de Andrade acaba de enviar à LIVRARIA JOSE'

OLÍMPIO EDITORA os originais do famoso e esperado MARCO ZERO, a obra máxima desse escritor paulista.

ERAMOS SEIS — Está alcançando grande sucesso de livreria o novo romance da sra. Leandro Dupré. ERAMOS SEIS também tem sido bem acolhido pela crítica.

SERTÕES BRAVIOS — Willli Aureli, o chefe da Bundeira Piratininga que devassou os sertões de Mato Grosso e Goiás, acaba de terminar o seu novo livro SERTÕES BRAVIOS, obra em que continua a descrição das nossas selvas iniciada com "Rançador" e em que dedica vários capítulos a fauna brasileira.

VAMOS FALAR DE CINEMA? — Abram Iagel e Waldermar Cigliconi são estudiosos dos problemas técnicos e artísticos do cinema moderno. Eles acabam de resumir suas observações num livro de divulgação intitulado VAMOS FALAR DE CINEMA?

RUMOS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA — Humberto Bastos, autor de "Terra & Cifra", e estudioso dos nossos problemas econômicos e sociais, já entregou à LIVRARIA MARTINS EDITORA os originais de seu novo livro RUMOS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.

PEQUENA HISTÓRIA DO COMÉRCIO — Roberto Haddock Lobo é um dos mais esforçados professores secundários de S. Paulo. Autor de um estudo sobre "O negro na vida social brasileira", feito em colaboração com Irene Aloisi, Haddock Lobo publicará ainda neste semestre a sua PEQUENA HISTÓRIA DO COMÉRCIO, já programada pela LIVRARIA MARTINS EDITORA.

CARTAS DA AMÉRICA — Sergio Milliet publicou na imprensa uma série de CARTAS DA AMÉRICA, nas quais examina a situação dos Estados Unidos em face da guerra e da paz futura, fazendo curiosas observações sobre os problemas políticos, sociais, raciais e intelectuais da pátria de Roosevelt. Espera-se que Sergio Milliet publique as CARTAS DA AMÉRICA num livro que afirme de modo mais seguro as suas impressões da América do Norte.

REINA grande atividade nos meios editoriais de S. Paulo. A abertura de

novas perspectivas para o comércio de livros, apesar da crise do papel, determinou a fundação de novas editoras. A EDITORA OCEANO vai publicar a BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO, de Marx Werner, um dos mais documentados estudos políticos-esistêmicos sobre a segunda guerra mundial e a CARTUXA DE PARMA, a grande obra de Stendhal. A EDITORA MOEMA já publicou um livro de Afonso Schmidt e está trabalhando as EDIÇÕES PROMETEU já anunciaram três livros de atualidade. A EDITORIAL LETRAS BRASILEIRAS publicará uma coleção de obras técnicas. As editoras mais antigas, como a EDITORA NACIONAL, a LIVRARIA MARTINS EDITORA, a COMPANHIA MELHORAMENTOS, as EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL, a EDITORA ANCHIETA continuam em grande atividade.

Não se observa mais a repetição dos fracassos editoriais que assistimos no período 1930-40. Ao mesmo tempo, uma dezena de livrarias foram abertas na capital bandeirante.

As livrarias estão abandonando seu antigo centro entre os largos da Sé e de S. Francisco, e aparecendo em todos os pontos da capital, na rua Marconi, na Av. S. João, onde algumas já funcionam à noite. A livreria noturna é um índice de civilização de uma grande capital. O homem que trabalha durante o dia poderá e colher livros depois de um jantar ou de uma sessão cinematográfica.

Outro índice do aumento do número de leitores está no crescimento das importações de livros norte-americanos, chilenos, argentinos e mexicanos. Antes as livrarias faziam importações diretas, hoje o volume das mesmas é tão grande que várias firmas se encarregam de importar em grandes quantidades para distribuí-las aos livrinhos. O livro francês tornou-se um produto nacional; o norte-americano e o mexicano chegam com regularidade, mas o chileno e o argentino transportados por via terrestre são imediatamente consumidos por milhares de leitores.

S. Paulo pede livros, livros e mais livros. Essa exigência determina a abertura de novas livrarias e editoras. Dá mais trabalho e remunera melhor o intelectual. Determina também o aparecimento de uma revista como LEITURA para melhor orientação dos leitores. O sucesso de LEITURA em S. Paulo é um dos índices mais seguros do nosso progresso editorial e cultural.

INSTALADA A SUCURSAL DE "LEITURA" EM SÃO PAULO

ACABA de ser instalada em S. Paulo a sucursal de "Leitura", que ficou a cargo do jornalista Paulo Zingg. A nossa sucursal está à disposição de todos os editores, livreiros e intelectuais paulistas. Funciona à rua do Carmo 138, 1.º andar, sala 9, fone 35492.



PROGRAMA CASE'

O MAIS ANTIGO E ATRAENTE DO RÁDIO BRASILEIRO
APRESENTA AOS DOMINGOS

DEFENSORES DA LEI

Rádio-novela-semanal

SOB A DIREÇÃO DE SADY CABRAL
às 11,30

PERVERSIDADE

Rádio-teatro-policia

SOB A DIREÇÃO DE MANOEL BRAGA
às 14,15

Grande Elenco Rádio Teatral:

Lídia Matos — Lucília Peres — Teixeira Pinto — Manoel Braga — Athayde Ribeiro — Jairde Thaumaturgo — Sarah Nobre — Dina Vita — Urbano Loes — Vilma Faria — Zani Filho

Acordeonista:
Jorge Brass

Música lírica e mexicana:
Angelo de Freitas

Música Popular:

Nelson Gonçalves — Carlos Roberto — Darcy Rezende

GRANDE ORQUESTRA DE SALÃO
dirigida por ALBERTO LAZOLI

Speaker's:
DILO GUARDIA
URBANO LOPES

Programa Casé — aos domingos, de 11 às 15 horas

Rádio Mayrink Veiga

Leitura condensa um Romance

Calunga, de Jorge de Lima. — 2.^a edição
Alba editora — Rio, 1943.

LULA Bernardo virha voltando para sua terra depois de tantos anos! A curiosidade de rever os lugares da infância, talvez de ainda encontrar algum parente sobrevivente à miséria em que abandonara a família, fazia-lhe bater mais apressadamente o coração.

Queria ir sentindo de vagarinho o prazer de encontrar depois de tanto tempo os recantos saudosos e surpreender-se com as modificações que pensava se tivessem realizado na sua ausência. Nada. Tudo andava no mesmo.

Lula olhava demoradamente a cidade despertando: os casebres, os mocambos, meléguas abriam-se, e a mesma população esmulhada saía para as olarias para a lagoa do sururú, colher moluscos, tarrafejar, tirar o pão de dentro das panelas águas lamacentas. O coqueiral imenso cobrindo léguas e léguas circundando as margens dos dois grandes lagos, invadindo as praias do mar.

Há quantos séculos multidões igualmente miseráveis metulhavam na grande lagoa, catando de comer, ou argamassavam suas arquiteturas, suas tálpas, seus fornos de assar. Não era a mesma coisa, muitas vezes comidas e caciaia indo parar nos estômagos vazios dos miseráveis, devoradores da própria mãe terra que os vira nascer e que os matava depois de amarelão.

Lula foi habitar a casa de varanda da Varginha, na ilha de Santa Luzia. Parentes não lhe era possível encontrar não. Agora se preocupava em dar o exemplo a seu povo, procurando iniciar ali outro meio de vida que não fosse aquele de viver da pesca de sururú e do trabalho das olarias.

Apesar do pessimismo dos pescadores a quem falava nos seus projetos, mandou vir umas cabeças de carneiro para criação. Retirou da pesca meia dúzia de ca-

moradores, grande criador de suínos. Criava porcos, dizia que era para seu pessoal não estranhar muito em outro trabalho que não fosse a lama, e dele se contavam muitas ruindades.

Em breve começaram a surgir as encrencas. O pessoal do Canindé xingava os da Varginha porque este agora usava botinas, atendia a uma exigência de Lula para evitar a propagação das zezões da opilação. E carneiros de Lula sumindo, aparecendo envenenados com manipueira, porcos do Canindé invadindo plantações da Varginha.

Lula foi se entender com o vizinho e encontrou um parafítico, sórdido, numa casa imunda, gritando para os trabalhadores e espancando de sua rede suja a empregada Joaquina. Mas para o visitante uma voz mansa, conciliadora, apenas firme na teoria de que caboclo não presta, cambembe é nação muito abaixo de porco.

E mesmo com os estragos do pessoal do Canindé e um contratempo ou outro, o rebanho de Lula progredia. Mas Zé Pioca, o feltor, homem leal e disposto, duvidava sempre.

— Só vendo, patrão — dizia ele —; de bicho que vive na lama só conheço um, que é porco. Mas vosmecê o que sabe; cambembe não sabe nada. Vamo ver, quando o inverno chegá.

E o inverno trouxe efetivamente grandes contratempos. A lagoa criou no fundo algas nocivas, verdetes, que envenenavam os próprios peixes. Os carneiros já não tinham capim do fundo da lagoa. E as zezões baixaram definitivamente na ilha. Lula voltou de uma viagem próxima com a maleita, tremendo de frio, a febre vindo depois secar a garganta e o sopro das ventas; ingeriu quinina e mais quinina, aguardente, uísque, para se aquecer, para se reanimar. Dizia a Zé Pioca, que o aconselhava a deixar aquela terra que lhe devorava a saúde.

— Estou aqui para viver, para fazer vocês viverem de novo numa terra nova. Isso é o começo da terra, Zé Pioca.

As desavenças com o pessoal do Canindé continuavam, apesar da mansidão do coronel Totô deante de Lula. Até cabras experimentados em lutas assim, em "serviços bem feitos", vinham se oferecer.

Lá um dia, pela boca de uma velha moradora da zona, Lula vem a obter algumas informações sobre sua família:

— De seu povo só resta uma menina trabalhando que nem escrava no Canindé. Sua velha morreu de desgosto; não recebia notícia de vosmecê, foi ficando desadurada, se finou. Sua irmã morreu de maleita; deixou uma filha de cinco anos, foi criada em casa de gente rica; terminou no Canindé. Talvez não seja bom aumentar tanta desgraça, vendo ela. Dizem que é um caco de gente, até para mulher dama de.

Era a pobre Joaquina, que realmente Totô do Canindé infelicitara ainda quando ela era apenas uma criança e hoje cedia aos homens da propriedade.

Lula foi buscar a sohrinha, Totô entregou-a sem oposição. A noite o moço, sob a impressão das narrativas da pobre, bebeu cachaca, bebeu, até esquecer a vida. A maleita veio mesmo com o homem dormindo. Pela manhã viu a moirga quebrada e tinha a boca suja de barro. Havia comido caco de quartilha, dormindo. Era o jugo da lama. Até a ele a lama vencera. Mas não pensava aquelas coisas com revolta, não: sentia o visgo da lama amolecer-lhe o ânimo.

O pessoal de Lula deu de abandonar o trabalho. E que tinha chegado um santo nas terras do Canindé. Não deixava um serviço por outro, mas por um santo fazendo santa-missão no Canindé, a chamado de seu proprietário. O certo, porém, é que tudo estava paralizado, a carneirama comendo pasto venenoso, ninguém para cuidar nem da cozinha; a debandada era geral.

Uma onda de misticismo acompanhava o milagreiro, falsas curas começaram a aparecer, o ajuntamento no Canindé crescia, o coronel Totô se imaginou curado, a propriedade de Lula passou a sofrer as consequências.

Por aquele tempo, as lagoas mandavam um bafo quente, contendo mil mortes; a mosquitama avoava noi-



bochos dispostos, e entregou o negócio que iria desenvolver e salvar os antigos comedores de moluscos. Ele mesmo ensinava os homens, guiava os pastores que haviam tido fe perto trocado os anzóis pelo bordão da apascenta. Da sua varanda, Lula sonhava com a transformação de sua ilha. Olhando as palmas do coqueiral bulindo, sonhava com o futuro de sua gente...

Uma mulher, Ana, a quem encontrou escorraçada por um bêbedo, e que era uma pobre sertaneja vitimada por Lambeão tendo servido de coito a vinte cabras do bando sinistro, fazia agora com que a solidão de Lula não fosse mais erma. Ana costurava ao lado. Ambos se contavam coisas de sua vida. Certa noite, despertada de surpresa, Ana ofereceu-se ao companheiro como uma irmã. Os lábios de Lula encontraram o beijo bambo, envergonhado, puro cor de criança, estragado pela agressividade.

Por mais de uma vez Lula tinha ouvido falar em Totô do Canindé, rei do coco daquelas piragens, dono de mais da metade da ilha, mandão de muitas centenas de

te e dia da flor d'água; as senções arruinavam aquele mundo péssimo.

Ana caiu logo com um frio imenso, depois febre, depois delírio, depois a mesma coisa sem parar. Vó mito verde costumava aparecer. A doente botava um lodo das entranhas, como se tivesse comido o próprio verde das águas.

— A vida deserta desta terra! — pensou Lula, vendo Ana, compreendeu que a vida se evadía para sempre daquela mulher — ilha humana que ele descobria para seu refúgio.

Lula também doente, caído de malalta de vez em quando, bebendo para reagir, comendo terra como o cambembes. E o pessoal do milagreiro lúbrico do Canindé comendo-lhe os carneiros. Zé Pioca não se conteve, e foi pedir providências ao sub-delegado. Encontrou a autoridade no meio dos penitentes, prestigiando-os, mandando prender Zé Pioca. Mas o caboclo, transfigurando-se, bateu a mão ao punhal e desacatou ordenanças, desacatou dois cangaceiros devotos, ninguém pôde com ele, correu depois de um salteiro medonho.

Lula compreendeu que as providências contra o companheiro fiel não terdariam. Foi a Maceió falar com bons amigos para remediar a situação, e, em vez disso, voltou mais desiludido de tudo, da impossibilidade de lutar contra o erro. Os erros da terra naviam, sem ele consentir, se apossado do seu corpo, e afinal de contas o arrasavam para os erros seculares de seu povo. Teve de consentir no contrato de dois homens de confiança, no rifle, para ajudar Zé Pioca na segurança da Varginha. Os cabras deram uma surra no ajudante do santo e disseram que o mandante tinha sido o coronel Tó e novamente entrevado na rede. E o santo e a multidão de seus fiéis deixaram a ilha de Santa-Rita.

Da varanda, Lula olhava o êxodo. Os olhos vagos de Lula viam magotes se dispersando longe, como seres que andassem nas nuvens, fossem para rumos, para destinos além dos quatro pontos cardiais da terra. Sem protesto nenhum, a turba, ante a ameaça e os facões desembainhados dos soldados, se desfazia, marchando na areia quente do mar, subindo e descendo comoros cobertos de salsa e espinheiro bravo. Os olhos de Lula acompanhavam os retirantes, desejosos agora de ir com eles, confundido com eles. Tinha aquele mesmo ar, aquelas mesmas pernas bambas, o bucho inchado, o ar aparvalhado. Até a mesma crendice doentia começava a enfraquecer o homem. Uma tarde, sentiu que lhe tomavam a mão e o arrastavam para o tãumaturgo. Era uma mão fina, mas condutora, mão leve, como devem ser as mãos dos anjos. Ele foi seguindo também. Era a mão da sobrinha; o homem, sem vontade, seguia trôpego, miserável igualzinho aos retirantes. Parou com os pés dentro da lagoa. E nesse momento como que se corporificou. Voltou ao mundo em que nascera. Sentiu num minuto toda a humilhação, todo o declive a que tinha descido. Voltando ao seu alpendre, encontrou os dois cangaceiros que lhe queriam avisar a partida: tinham vindo para lutar, não para ofender santo. Também eles iam partir.

— Fica o dito por não dito, que nós partimo de cança pra seguir o santo, fazê penitência mode nos salva. Vossurria nos desculpe, serviço contra Deus não fazemo não, nem contra padrin padrin padre Cicero, nem contra santo nenhum.

Pioca ficou só mas redobrou de cuidados com a saúde do patrão. Lula sofria cada vez mais as visitas da malalta, as consequências da cachaca que bebia e do barro que comia. Não podia reagir; era um calunga de barro mole, imobilizado, trágico pelo viço dominador; a ilha devorava-o aos poucos, sem ele reagir. Parecia-se agora muito com o senhor do Canindé, imaginava-se constantemente o próprio loto em quase tudo igual ao repugnante vizinho. Numa de suas adivinhações, saiu aos berros, gritando por Pioca, Pioca que poderia tirá-lo à realidade.

Pioca? Pioca?

Trouxeram-lhe o cadáver de Pioca. Moradores tinham encontrado o caboclo esfaqueado na beira de um mangue, esburcado de faca, ainda quente.

E Lula abarcou num minuto toda a realidade. Só podia ter sido o mandado do senhor do Canindé.

Foi à casa de Totó. O aleijado ficou de pé, numa reprodução do milagre do santo. As duas forças mais solitariamente iguais: a mesma degradação, a mesma miséria e os mesmos bigodes tapando quase as mesmas racas do mundo atacaram-se. Em tudo, eram al

Finalmente!

A EDIÇÃO BRASILEIRA
DA OBRA-PRIMA
DE



Lin Yutang

"MINHA TERRA E MEU POVO"

EIS o livro que faltava aos admiradores brasileiros do grande escritor chinês, para mais ampla compreensão da sua obra. A China pitoresca e exótica, onde um povo cheio de tradições milenares ama, sofre e vive à sua maneira encantadora, são apresentados ao público do mundo ocidental, pelo seu mais célebre pensador. O mesmo estilo irônico, imprevisível e jovial que atraiu um público imenso e universal, fulge nas páginas desse livro vívido e colorido. Tradução primorosa de Carlos Domingues.

Cr\$ 22,00 - Enc. Cr\$ 30,00



**IRMÃOS
PONGETTI**

EDITORES

Sacadura Cabral, 240 — Rio

LEITURA Escolhe um Conto

(Continuação da página 34)

o sofrimento de Aparecida, a fome das crianças, a angústia de Sebastião.

A revolta crescia, apassava-se de todas as fibras de seu ser. Lembrou-se do pai, imaginou o sofrimento de sua mãe trazendo-o ao mundo numa estrada poeirenta por onde toda gente passava, e a revolta tomou-lhe inteiramente a consciência. Havia de conseguir alimento, seus filhos não morreriam de fome! Roubaria e mataria, se fosse preciso.

Mas recebeu o contacto da mão da mulher, ouviu-lhe a voz calma e foi serenando aos poucos.

— Deus se compadecerá dos pobres, Sebastião. Nossos avós sofreram a mesma coisa; nossos pais também sofreram a mesma coisa; agora chegou a nossa vez e havemos de ser tão fortes como eles.

— Mas os bichinhos estão morrendo de fome!

— Não tarda a madrugada e conseguiremos então um caneco de leite num curral qualquer.

— Talvez.

— Estou crente.

A afirmação categórica da mulher tranquilizou-o. Quedou-se imensamente aliviado, e pôde olhar sem revolta para a beleza das estrelas.

Uma branda viração da madrugada lhe refrescou o espírito. Viu-se homem, sentiu-se poderoso, disse a si mesmo que era mais forte que todas as misérias do mundo. Seria digno dos filhos e da lembrança dos avós e dos pais.

— Sebastião, falou a velha, nós dois vamos pedir o leite, talvez se encontre quem nos dê uma garrafa cheia...

— Ainda há pouco era um caneco!

— Um caneco não chega; digo uma garrafa.

— Acho muito, ninguém dá.

— Talvez... mas é pouco ainda.

— E a garrafa?

— Temos a cula.

— Cula não é garrafa. Cula é cula.

— Eu sei, homem, mas vale a mesma coisa. Até ainda cabe mais um tantinho...

— Dessa maneira não se ganha nem um pingote de leite!

— Ganha-se a cula cheia, homem, que vale mais que uma garrafa.

— Duvido.

— Quem duvida perde a vida.

— Ainda duvido.

— Duvide...

— Deixe-se de prosa!

— Pois não duvide. Uma cula bem cheia, já disse, duvide ou não duvide. Uma cula bem cheia...

— Está certo! Uma cula bem cheia, um prato de arroz doce, um surrão de farinha, uma vara de fumo, dez rapaduras, um queijo!...

— Talvez... quem sabe?

— Pelo amor de Deus, mulher! Acabe logo com isso senão a gente não consegue nem uma chicara.

— Uma cula de leite, e também uma chicara de café.

— Lá vem mais...

— Não duvide. Quem sabe?

— Conversando tanto, mulher, você gasta as forças.

— Uma chicara de café, uma cula de leite... Aparecida precisa!

— Seria mesmo bom.

— Ela precisa.

— Precisa, sim.

— Francisquinha também precisa; Jandaira também precisa; Glória também precisa; você precisa e eu também. "Uma chicara de café, uma cula de leite".

Sebastião levantou-se, ajudando a companheira a erguer-se também, e repetiu, como se estivesse falando sozinho:

— "Precisa".

— Estou com os quartos dormentes, disse a velha, fazendo uma careta, a testa brilhante, o suor de fraqueza ensopando-lhe as roupas ralas.

Ela entrou na casa improvisada e Sebastião deixou-se estar à porta, pensando na cula de leite e na chicara de café.

"Uma cula de leite, uma chicara de café", repetiu mentalmente, tentando dormir. E, depois de uma pausa: "Precisa"...

Mela hora depois, mais ou menos, quando ia adormecendo, ouviu qualquer coisa se arrastando na areia. Olhou vagarosamente para o interior da ponte e percebeu a filha mais nova que se aproximava de mansinho. Fechou os olhos como se estivesse adormecido. Jandi avisou-se mais, encostou o rosto na mão estendida do pai, soluçou. Disse baixo, quase num sopro, como se temesse feri-lo:

— Estou morrendo de fome, paisinho!

Encostou os lábios ao ouvido do pai, que tinha os nervos em tensão desesperada, o gosto de sangue mais acentuado na boca. Soprou suavemente a queixa penosa e depois passou a mãosinha em torno de seu tórax, murmurando ainda mais brandamente, receiosa de feri-lo como as irmãs:

— Estou morrendo de fome, paisinho!

E viu assombrada que Sebastião se contorcia, espasmodico, o tórax elevando-se e descendo aos arrancos, a boca derramando golfadas negras de sangue.

LEITURA Condensa um Romance

(Continuação da página anterior)

bocas. Parecia luta de dois fantasmas. Afinal, quando Lula viu que o coronel havia caído, ensanguentado no chão, verificou que não se tinha matado, matara. E fugiu. Desamparado, queria uma proteção qualquer. Entrou numa canoa na beirada da água, empurrou-a com o resto da força que tinha, para o canal. Adeante, sentiu que a

canoa rodava, rodava, num círculo ligeiro, puxando-a para a morte. Era o redemoinho, estava mesmo em cima do Calunga, o Calunga que nunca "deixou gente viva passar em riba dele", como tinha dito certa vez um canoeiro.

Quando a manhã raiou, não havia ninguém sobre a face das águas. A lagoa estava muito calma.

Como
leitor

O matutino de mais amplo noticiário local, nacional e internacional

FAÇA DO

Díário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de maior tiragem no Distrito Federal. 41.000 exemplares nos dias úteis e 65.000 aos domingos.

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por AUREO OTONI

MARÇO DE 1943

MES DE MARÇO DE 1943:

O) GENERALIDADES

Agendas. — Anuários. — Bibliografias. — Bibliotecas. — Dicionários. — Enciclopédias. — Novas publicações periódicas.

COLUMBA. — Rev. columbófila brasileira. Dir. responsável, Ten. Pedro Vidal de Sá. Ano, 1, n.º 2. (19/27). 36 p. il. Cr\$ 3,00. (3/43). Av. Rio Branco, 183, 7.º. Rio.

FRANCO (Alvaro). — Dicionário Inglês-Português, Português-Inglês. (14/19). 396 p. enc. Cr\$ 30,00. (4.ª ed. 3/43). Globo.

KOEHLER, S. J. (Pe. H.). — Pequeno dicionário escolar Latino-Português. (14/19). 478 p. cart. Cr\$ 26,00. (7.ª ed. 3/43). Globo.

METODOLOGIAS do curso ginasial e Programa dos cursos clássicos e científico. (14/18). 51 p. br. Cr\$ 4,00. (3/43). Z. Valverde.

REIS (Antônio Simões dos). — Bibliografia Nacional. 1942. 7.º volume. — (12/19). 102 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). — 1943. 1.º volume. (12/19). 92 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). Z. Valverde.

REIS (Antônio Simões dos). — Pseudônimos brasileiros. Pequenos verbetes para um dicionário. 1.ª série, 2.º volume. (12/19). (3/43). Z. Valverde.

VINHOLES (S. Burtin). — Dicionário Francês-Português, Português-Francês. Redigido por M. J. Nonnenberg e L. Curtenez, rev. por S. Burtin-Vinholes. (14/19). 490 p. enc. Cr\$ 30,00. (4.ª ed. 1942-3/43). Globo.

1) FILOSOFIA

INGENIEROS (José). — As forças morais. A juventude da América Latina. Trad. S. Montemór. Col. Conhecimen-

tos Científicos e Sociais. 4. (14/20). 133 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43).

Getúlio Costa. INGENIEROS (José). — A humanidade e seus problemas sociais. Trad. Col. Conhecimentos Científicos e Sociais. 3. (14/20). 240 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43).

Getúlio Costa. MENEZES (Djagir). — Psicologia. (15/22). 234 p. il. cart. Cr\$ 18,00. (3.ª ed. 3/43). Globo.

NIETZSCHE — O crepúsculo dos deuses. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores. 5. (12/16). 123 p. br. Cr\$ 3,00. (3/43). Vecchi.

PITAGRILLI — O colar de Afrodite. Coleção de Pensamentos de Pitagorilli compilados por G. Blasset. Trad. (14/19). 301 p. br. Cr\$ 10,00 (2.ª ed. 3/43). Vecchi.

ROHDEN (Huberto). — De alma para alma. Filosofia para os que pensam e sofrem. (14/19). 193 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43). Ed. Pan-Americana.

2) RELIGIÕES

Generalidades. — Religiões cristãs. — Religiões diversas e Mitologia — Ciências ocultas.

AZEVEDO (Ody). — Páginas de formação para moças. (13/19). 312 p. br. Cr\$ 10,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.

BRAGA (Lourenço). — Umbanda (magia branca) e Quimbanda (magia negra). (14/19). 150 p. il. br. Cr\$ 8,00. (3.ª ed. 1942-3/43). Distr. Z. Valverde.

FEITOSA (P. Antônio). — A violeta de Lisieux, Santa Teresinha, sua vida e sua doutrina. (15/22). 315 p. br. Cr\$ 15,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.

JOERGENSEN (Johannes). — A escalada do Alverne. (12/19). 231 p. br. Cr\$ 10,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.

KARDEC (Allan). — O Evangelho segun-

do o espiritismo. Trad. Antônio Lima. (14/19). 350 p. cart. Cr\$ 8,00. (3/43).

S. E. L. K., Rio. MONTEIRO (Pe. Eymard L'E.). — Alocuções Marianas. Para o mês de Maria. (12/18). 88 p. br. Cr\$ 5,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.

RUDLOFF OSB. (D. Leo V.). KECKLEISEN OSB. (D. Beda). — No Deus Vivo e Verdadeiro. Pequena teologia dogmática para os leigos. (12/19). 222 p. enc. Cr\$ 15,00. (1943-3/43).

Tip. Beneditina, Bala. SAMPAIO (Bittencourt). — Do Calvário ao Apocalipse. Ditado pelo espírito de Bittencourt Sampaio, sendo medium Frederico Pereira da Silva Junior. Tomado o ditado e publ. a primeira vez por Pedro Luiz de Oliveira Sayão. — (13/19). 308 p. br. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 3/43). Fed. Espírita.

SCHURHAMER S. J. (Jorge). — São Francisco Xavier, apóstolo da Índia e do Japão. Trad. Alexandrino Monteiro S. J. (15/22). 270 p. br. Cr\$ 15,00. — (1942-3/43). Ed. Vozes.

TORRES (A. S.). (Aristoteles Italia). — O poder pessoal. (13/18). 175 p. br. Cr\$ 7,00. (4.ª ed. 3/43). Distr. Z. Valverde.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

BARROS (Jayme de). — A Política exterior do Brasil. (1930-1942). (15/22). 312 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 3/43).

Z. Valverde. BECKER (Guilomar Meirelles). — Educação física infantil. Pref. Abgar Renault. II. de Horizontina. (16/23). 240 p. il. br. Cr\$ 20,00. (1942-3/43).

Imp. Oficial Minas Gerais. BERNANOS (Georges). — Lettre aux anglais. (14/20). 325 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 3/43). Atlântica Ed.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

- BRAGA** (Antônio Pereira). — *Exegese do Código de processo civil*. Vol. I e II (tomo I), (17/24), 2 vols. 228-256 p. br. Cr\$ 50,00. (1942-3/43).
- Max Limonad, Rio.
- CARVALHO** (Orlando M.). — *O mecanismo do governo britânico*. (Ed. de Os Amigos do Livro, Belo Horizonte). (17/24). 209 p. il. br. Cr\$ 30,00. (3/43).
- Distr. Saraiva.
- CASTANHO** (Iracema Soares). — *Etiqueta social. Como obter e desenvolver o encanto e a personalidade*. (14/22). 333 p. br. Cr\$ 20,00 (3/43).
- Ed. Universitária.
- CAVALCANTI** (Themistocles Brandão). — *Tratado de direito administrativo*. Vol. IV. Dos serviços públicos, execução direta, autarquias, economia mista, concepções. (17/24). 484 p. enc. Cr\$ 50,00. (3/43).
- Freitas Bastos.
- DAVIES** (Joseph E.). — *Missão em Moscou*. Trad. rev. por Eduardo de Lima Castro. (14/19). 415 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 3/43).
- Calvino.
- ESPINHEIRA** (Ariosto). — *Ciências sociais*. Vol. II, II. do Autor. (14/19). 111 p. cart. Cr\$ 4,00. (16.ª ed. 3/43).
- J. R. de Oliveira.
- FERREIRA** (Joaquim). — *Let Hitler Come! The English version of Joaquim Ferreira's "Eles esperaram Hitler"*. Translation and pref. by L. Josefsohn. (14/19). 217 p. br. Cr\$ 20,00. (3/43).
- Distr. Pongetti.
- FRANCO SOBRINHO** (Manoel de Oliveira). — *O problema da municipalização dos serviços públicos*. (18/23). 84 p. br. Cr\$ 8,00. (2.ª ed. 1942-3/43).
- Tip. João Haupt, Curitiba.
- GURGER** (J. do Amaral). — *O selo do papel*. Comentários ao dec. lei 4.655, de 3-9-1942. (14/19). 203 p. br. Cr\$ 15,00. (3/43).
- Ed. e Publ. Brasil.
- JOBIM** (Danton). — *Para onde vai a Inglaterra?* Pref. J. E. de Macedo Soares. (14/19). 318 p. br. Cr\$ 20,00. (3/43).
- Calvino.
- JOHNSON** (Rev. Hewlett). (Deão de Canterbury). — *O poder soviético*. Trad. David J. de Castro. Pref. Dom Carlos Duarte Costa. Bispo de Maura. II. Nowell Mary Hewlett Johnson. (14/19). 462 p. br. Cr\$ 25,00. (1.ª e 2.ª ed. 3/43).
- Calvino.
- LEGISLAÇÃO** Brasileira. — *Lei do selo*. Dec. Lei 4.655, de 3-9-1942. Índice alfabético e remissivo por Fernando Pentead Medici. (12/18). 178 p. br. Cr\$ 6,00. (3/43).
- Saraiva.
- LIMA** (Alceu Amoroso). (Tristão de Athayde). — *Mitos do nosso tempo*. (14/20). 237 p. br. Cr\$ 15,00. (3/43).
- José Olímpio.
- LIMA** (Eusebio de Queiroz). — *Teoria do Estado*. (17/24). 416 p. enc. Cr\$ 40,00. (4.ª ed. 3/43).
- Freitas Bastos.
- MAXIMILIANO** (Carlos). — *Direito das sucessões*. Vol. II. (17/23). 592 p. enc. Cr\$ 50,00. (2.ª ed. 3/43).
- Freitas Bastos.
- MORAES FILHO** (Evaristo de). — *Trabalho a domicílio e contrato de trabalho*. (Formação histórica e natureza jurídica). (17/24). 201 p. br. Cr\$ 20,00. (3/43).
- Rev. do Trabalho.
- NORONHA** (Edgard Magalhães). — *Crimes contra os costumes*. Comentários aos arts. 213 a 225, e 108 n. VIII do Código Penal. Pref. Basileu Garcia. (17/24). 364 p. br. Cr\$ 30,00. (3/43).
- Saraiva.
- OLIVEIRA** (Mario Cardoso de). — *Noções de legislação fiscal e aduaneira*. Col. Didática Nacional. Série Comercial. (14/19). 158 p. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
- Ed. e Publ. Brasil.
- PEREGRINO JUNIOR**. — *Biometria aplicada à educação*. (16/23). 87 p. il. Cr\$ 10,00. (3/43).
- Jornal Comércio.
- PINTO** (Paulo Roquette). — *Organização e preparação de museus escolares*. Pref. Mello-Leitão. (15/22). 191 p. 266 figs. cart. Cr\$ 12,00. (1942-3/43).
- Globo.
- RAUSCHNING** (Hermann). — *O que Hitler me disse*. Pref. da ed. francesa por Marcel Ray. Trad. Jaime Cortesão. Col. Documentos para a História da Guerra, I. (17/24). 302 p. br. Cr\$ 25,00. (3/43).
- Ed. Dois Mundos.
- REVES** (Emery). — *Manifesto democrático*. Trad. (13/19). 205 p. br. Cr\$ 14,00. (3/43).
- Americ-Edit.
- SFORZA** (Conde). — *Os Italianos como realmente são*. Trad. Lello Landucci. (14/19). 213 p. br. Cr\$ 16,00. (3/43).
- Atlântica Ed.
- TABOIS** (Geneviève). — *Chamavam-me Cassandra*. Trad. Fernando Tude de Souza. (16/23). 335 p. br. Cr\$ 30,00. (2.ª ed. 3/43).
- Ed. Pan-Americana.
- TORRES** (Vasconcelos). — *Ensaio de sociologia rural brasileira*. Pref. Oliveira Viana. (14/19). 94 p. il. br. Cr\$ 7,00. (3/43).
- Cochlo Branco.
- VERGARA** (Pedro). — *Delito de homicídio*. Vol. I, O dolo no homicídio. Modalidades do dolo, suas causas exclu-
- denies, irresponsabilidade. (17/24). 530 p. enc. Cr\$ 50,00. (3/43).
- Jacinto.
- VILAR** (Cesar). — *Princípio e fim do nazismo*. (14/19). 245 p. il. br. Cr\$ 15,00. (3/43).
- Atlântica Ed.

3-5) EXERCÍCIO — MARINHA — AERONÁUTICA

BIBLIOTECA Enciclopédica Militar. — *Legislação Militar*. — N.º 19. Regulamento para o serviço em campanha. (12/16). 378 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 10,00. (3/43).

Ed. e Publ. Brasil

4-8) LETRAS

A) Filologia (Generalidades, Ensino de Línguas).

AHN (F.). — *Novo método prático e fácil para aprender a língua francesa*. Adaptado ao uso dos brasileiros por Francisco de Oliveira. (12/18). 176 p. cart. Cr\$ 4,00. (33.ª ed. 3/43).

Livr. Alves.

ALMEIDA (Napoleão Mendes de). — *Gramática metódica da língua portuguesa*. Curso único e completo. (14/21). 472 p. cart. Cr\$ 25,00. (3/43).

Distr. Livr. Alves.

ARMSTRONG (Charles W.). — *A conversação inglesa*. (14/18). 172 p. br. Cr\$ 10,00. (7.ª ed. 3/43).

Z. Valverde.

BRUNO (Antônio). — *Língua portuguesa*. Gramática e Exercícios. Bibl. Escolar Brasileira, 16. (14/20). 332 p. cart. Cr\$ 14,00. (4.ª ed. 3/43).

Cia. Ed. Nacional.

BUENO (Francisco Silveira). — *Páginas literárias*. 1.ª e 2.ª séries ginasiais mas-



HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO

publicada sob a direção de:
Dr. Antonio Bayão — Dr. Hernani Cidade — D. Manuel Murias

Direção gráfica de Luis de Montalvor

com a colaboração do sr. Ministro das Colônias de Portugal e dos maiores professores, engenheiros, militares de Portugal e Brasil. — Esta obra tem o alto patrocínio do Ministério das Colônias de Portugal.

EM FASCÍCULOS A Cr\$ 13,00

Completa — 3 volumes encadernados — Cr\$ 700,00
ACABA DE APARECER

O 4.º VOLUME (SÉCULOS 19 E 20) DA

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA
SOB A DIREÇÃO DE ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO (ENC. Cr\$ 240,00)

DISTRIBUIDAS EM TODO O BRASIL PELA:

LIVRARIA H. ANTUNES

Rua Buenos Aires, 133 — Rio

(Enviam-se catálogos e atende-se pelo Serviço de Reembolso)

- culinas. (14/20). 426 p. cart. Cr\$ 15,00 (3/43).
- 2.^a e 4.^a séries ginásiais masculinas. — (14/20). 457 p. cart. Cr\$ 16,00. (3/43).
Saraiva.
- CARVALHO (Frederico Curlo de), RICARDO NETO (José) — Excerpta latina. Liber I — Liber II. 1.^a e 2.^a séries. Bibl. Ensino Moderno, s. I. Livros para o Curso Ginásial, III e IV. (14/19). 247 p. il. cart. Cr\$ 18,00. (3/43).
Ed. Pan-Americana.
- CHEDIAK (Antônio J.). — Carlos de Laet, o polemista. 2.^a série. (13/19). 415 p. br. Cr\$ 20,00. (3/43).
Z. Valverde.
- CINTRA (Raymundo), LYRA (Jorge). — Latim ginásial pelos textos. 1.^a série. (13/19). 128 p. cart. Cr\$ 12,00. (3.^a ed. 3/43).
Gr. Cruzeiro do Sul.
- CORREIA (Jonas). — Estudos de português. (Ortografia e pontuação). (13/19). 226 p. cart. Cr\$ 15,00. (3.^a ed. 1942-3/43).
José Olympio.
- CRUZ (José Marques da). — Seleção. Português prático. Para a 1.^a e 2.^a série do curso secundário. (13/19). 165 p. cart. Cr\$ 8,00. (3/43).
Ed. Melhoramentos.
- DUPONT (Margaret). — Les aventures de Toio. (Leçons élémentaires). (14/19). 142 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
Pongetti.
- ESCREVA CERTO! — Por um professor. Prof. Dácio Pires Correia. (14/19). 76 p. cart. Cr\$ 7,00. (3.^a ed. 3/43).
Atena Ed.
- FERNANDES (Francisco). — Dicionário de verbos e regimes. Prof. Aires da Mata Machado Filho. (16/24). 623 p. enc. Cr\$ 10,00. (3.^a ed. 3/43).
Globo.
- FONSECA (Alcides da), ARAGÃO (Jardas Cavalcante de). — A língua portuguesa. Antologia. Curso ginásial. 1.^a e 2.^a séries. (14/19). 221 p. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
Liv. Alves.
- FONSECA (Anita). — O livro de Lili II. Elza Coelho Junior. (24/16). 90 p. br. Cr\$ 4,00. (4.^a ed. 3/43).
Liv. Alves.
- FONTES (Dida Machado), PINTO (Diva Alvares —), HULL (Melissa Stodart), FRANCO (Christiano Augusto), SERPA (Oswaldo), REIS (Otelo de Souza). — English direct method. First book. Série Didática Brasileira. (12/18). 152 p. cart. Cr\$ 12,00. (13.^a ed. 3/43).
J. R. de Oliveira.
- FONTES (Orelia), FONTES (Narbal). — Cartilha de brinquedo. (Método ativo). História do bebê. Série Pindorama. (14/19). 111 p. il. cart. Cr\$ 4,50. (14.^a ed. 3/43).
Liv. Alves.
- FREITAS (Gaspar de). — Lições práticas de gramática portuguesa. Exame de admissão. (12/16). 160 p. cart. Cr\$ 5,00. (20.^a ed. 3/43).
Distr. Antunes.
- GALLO (João Capusso). — Latim ginásial. 2.^a série do curso ginásial. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 182 p. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil.
- GONÇALVES (Maximiliano Augusto). — Tratado de análise. (Léxico e sintática). (14/20). 195 p. br. Cr\$ 10,00. (2.^a ed. 3/43).
Antunes.
- HORTA (Brant). — Latim 1.^o ano. (1.^a Série). (14/19). 142 p. cart. Cr\$ 7,00. (3/43).
J. R. de Oliveira.
- JACOBINA (Blanche Thiry). — Premier livre-cahier. Le français par la méthode directe et par la méthode active. Première série. II. Cella Rocha Braga e Margarida Maria Barbosa de Oliveira. (16/23). 168 p. cart. Cr\$ 14,00. (4.^a ed. 3/43).
Rev. Tribuna.
- JAQUIER (Louise). — Français. 4.^{ème} année. B. P. B. s. 2.^a, Livros Didáticos, 127. (14/20). 143 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).
Cla. Ed. Nacional.
- JUCA' (filho). (Cândido). — Gramática brasileira do português contemporâneo. Bibl. de Ensino Moderno, s. I. Livros para o Curso Ginásial, I. (14/19). 324 p. il. cart. Cr\$ 20,00. (3/43).
Ed. Pan-Americana.
- LEAO (Antônio Carneiro). — Meus heróis. Des. de Armando Pacheco. (13/18). 261 p. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).
A Noite.
- LOBO (Haddock). — Francês para a 2.^a série do curso ginásial. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 117 p. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil.
- LOBO (Haddock). — Leituras para a 1.^a e 2.^a série do curso ginásial. Francês. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 134 p. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil.
- MAGNE (Augusto). — Segunda antologia latina. Para a 3.^a e 4.^a série ginásial. (14/19). 410 p. cart. Cr\$ 16,00. (3/43).
Ed. Anchieta.
- MORAIS (Bento Bueno de). — A nossa língua. Programa de português para a 1.^a e 2.^a série ginásial. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 269 p. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).
Ed. e Publ. Brasil.
- NOBREGA (Vandick Londres da). — O latim do ginásio. (Programa completo da 1.^a e 2.^a séries do curso de ginásio). (14/20). 223 p. cart. Cr\$ 13,00. (3/43).
Cla. Ed. Nacional.
- NOGUEIRA (Júlio). — Programa de português. Gramática. B. P. B. s. 2.^a, Livros Didáticos, 123. (14/20). 311 p. cart. Cr\$ 15,00. (3/43).
Cla. Ed. Nacional.
- POZO (Adolfo Pozo y). — Florilégio castellano. Literatura espanhola. Col. de Livros Didáticos — F. T. D. (12/18). 414 p. il. cart. Cr\$ 24,00. (3/43).
Liv. Alves.
- POZO (Adolfo Pozo y). — Gramática espanhola. Col. de Livros Didáticos. — F. T. D. (12/18). 258 p. cart. Cr\$ 15,00. (3/43).
Liv. Alves.
- RAGON (Emile). — Gramática latina. Curso médio. Trad. Mario Bachelet. Col. de Livros Didáticos — F. T. D. (12/18). 358 p. cart. Cr\$ 15,00. (Nova ed. 3/43).
Liv. Alves.
- RIALVA (Rita Amil de). — Meu novo amigo. (Cartilha). (13/18). 84 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (3/43).
Briguiet.
- RIALVA (Rita Amil de). — A vida de Maria Lúcia. Leitura intermediária. (14/19). 102 p. il. cart. Cr\$ 6,50. (3.^a ed. 3/43).
Briguiet.
- ROCHA (Sebastião de Oliveira). — Cartilha ativa. (16/23). 89p. il. cart. Cr\$ 4,00. (3/43).
Liv. Alves.
- ROMERO (Nelson). — O programa de latim no ginásio. Gramática e texto. (1.^a e 2.^a séries). (14/19). 220 p. cart. Cr\$ 13,00. (3/43).
Liv. Alves.
- SERPA (Oswaldo), SILVA (Machado da). — English for children. Direct Method First book. II. A. Espinheira. (16/23). 95 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (6.^a ed. 3/43).
Liv. Alves.
- SERRANO (Jonathas). — Antologia brasileira. (13/20). 271 p. cart. Cr\$ 15,00. (3/43).
Liv. Martins.
- SILVA (P. A. B. Alves da). — Gramática

Acaba de aparecer

o
novo livro
de

ALVARO LINS

“Jornal de Crítica”

2.^a série

Edição da

Livraria José Olympio Editora

Rua do Ouvidor, 110 — Rio de Janeiro

grega. (17/24). 319 p. cart. Cr\$ 22,00. (1942-3/43).

Esc. Prof. Salesianas.

SOARES (Conselheiro Antônio Joãoquim Macedo). — Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro. Obras Completas, II. (16/23). 269 p. br. Cr\$ 25,00. (3/43).

Imp. Nacional.

SOUZA (Chimério de Oliveira, BARRETO FILHO (Mello). — It's easy to learn portuguese. E' fácil aprender o português. The portuguese language such as spoken in Brasil. (13/19). 180 p. br. Cr\$ 15,00. (1942-3/43).

TORRES (Artur de Almeida). — Compêndio de língua portuguesa. Antologia. 3.ª e 4.ª séries. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos, 118. (14/20). 415 p. cart. Cr\$ 18,00. (3/43).

Cia. Ed. Nacional.

TORRES (Artur de Almeida). — Questões Filológicas. (16/24). 118 p. br. Cr\$ 10,00. (3/43).

Pongetti.

TORRES (Artur de Almeida). — Regência verbal. (17/24). 233 p. br. Cr\$ 25,00. (3.ª ed. 3/43).

Pongetti.

VASCONCELLOS (Nuno Smith de). — English intuitive method. 1.º vol. para 4.ª série ginásial. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos, 50. (14/20). 189 p. fl. cart. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 3/43).

Cia. Ed. Nacional.

VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Como se aprende o francês comercial. (3.º ano do curso propedêutico). (14/19). 136 p. br. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 3/43).

Livr. Franco-Brasileira.

4-8) LETRAS

B) Literatura.

B. 1) Generalidades. — História literária. — Ensaíes. — Crítica. — Cartas. — Crônicas.

MAUROIS (André). — O pensamento vivo de Voltaire. Trad. Lívio Teixeira. Bibl. do Pensamento Vivo, 3. (12/18). 217 p. cart. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 3/43).

Livr. Martins.

PIMENTEL (Mesquita). — Alguns estudos de literaturas estrangeiras. (16/23). 147 p. br. Cr\$ 14,00. (3/43).

Ed. Vozes.

PITANGA (Argelino da Costa). — "Carapuça". (11/16). 15 p. br. Cr\$ 2,00. (3/43).

H. Velho.

POETAS Norteamericanos. — Pró cooperación intelectual entre los pueblos americanos. Prólogo de Gastón Figueira. (Editorial "Novo Continente"). (13/19). 188 p. br. Cr\$ 10,00. (1942-3/43).

Bipa Ed., Rio.

SODRE' (Nelson Werneck). — Síntese do desenvolvimento literário no Brasil. Col. Mosaico, 1. (12/18). 118 p. cart. Cr\$ 8,00. (3/43).

Livr. Martins.

4-8. B. 3) POESIA.

CAMÕES. — Obras completas. 2.º vol. Elegia, Ecloga, Oitavas, Canções, Sextinas, Odes. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 1-A. (11/18). 323 p. br. Cr\$ 25,00. (3/43).

Delgado de). —

3.º vol. Redondilhas. Teatro: Comedias das Anfitriões, Comédia de El-Rei Seleuco, Comédia de Filodemo. Cartas. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 1-B. (11/18). 375 p. br. Cr\$ 25,00. (3/43).

Ed. Cultura.

ICI DES POÈES Canadiens vous parlent du Canada. (13/19). 191 p. br. Cr\$ 16,00. (3/43).

Americ-Edit.

JORGE (J. B. de Araujo). — Eterno motivo. (14/19). 230 p. br. Cr\$ 15,00. (3/43).

Vecchi.

PISSILAO. — Fósforos riscados. Versos do poeta "Pissilão", para Crianças barbadas. (14/19). 120 p. br. Cr\$ 10,00. (3/43).

Jornal Comércio.

VALLY (Valéry). — Exils. Poèmes sans date-ni feu-ni lieu. (16/20). 133 p. br. Cr\$ 30,00. (3/43).

Atlântica Ed.

VARELA (Fagundes). — Obras Completas. Pref. Mario Donato. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa, "Os Mestres da Língua", 8. (11/18). 624 p. br. Cr\$ 35,00. (3/43).

Ed. Cultura.

4-8. B. 4) TEATRO

LEANDRO (Luiz). — O príncipe encantado. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 11. (12/16). 67 p. br. Cr\$ 3,00. (3/43).

Pap. Coelho.

RUY (Affonso). — A 5.ª coluna. Peça em 3 atos. Col. Cena Brasileira. (12/16). 59 p. br. Cr\$ 3,00. (1942-3/43).

Distr. Pap. Coelho.

TOJEIRO (Gastão). — Solteira é que

Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo !

Sempre novidades !

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Esplêndido sortimento de

artigos leves para o verão !

CASAS PERNAMBUCANAS

- não fioei ou (Aquele que pisca o olho). Farsa em 1 ato e 5 quadros. Série Teatro Rápido, 7. (12/16). 56 p. br. Cr\$ 1,50. (3/43). Pap. Coelho.
- WANDERLEY (José), ROCHA (Daniel). — A vida brigou comigo. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 10. (12/16). 62 p. br. Cr\$ 3,00. (3/43). Pap. Coelho.
- 4-8. B. 5) ROMANCES. — NOVELAS — LENDAS.
- ANET (Claude). — Ariane. Trad. Manoelito de Ornellas. Col. Grandes Romances para a Mulher, 10. (13/19). 304 p. br. Cr\$ 13,00. (3/43). José Olímpio.
- ARAUJO (Daura Gonçalves de), OLIVEIRA (Julietta D'). — A sarabanda do Destino. (14/19). 281 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43). Tip. Batista de Souza.
- CHATEAUBRIAND. — Afala e Renato. Trad. Série "Novelas do Coração", 5. (10/17). 175 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43). Ed. Cultura.
- CHRISTIE (Agatha). — O caso dos 10 negrinhos. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 101. (13/19). 277 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-3/43). Globo.
- CROFTS (Freeman Wills). — O grande caso de French. Trad. Idalina Dias. Col. Amarela, 106. (13/19). 271 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). Globo.
- DICKENS (Charles). — Morrer por ela. (A Tale of Two Cities). Trad. Enéias Marzano. Col. "As Obras Eternas", 2. (17/24). 280 p. br. Cr\$ 15,00. Vecchi.
- DUMAS (Alexandre). — Uma noite em Florença. Trad. Nossa Col., 40. (10/14). 234 p. br. Cr\$ 3,00. (3/43). Emp. Ed. Brasileira.
- DUMAS FILHO (A.). — A dama das Camélias. Trad. Antônio Rodrigues. Série "Novelas do Coração", 3. (10/17). 220 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43). Ed. Cultura.
- DUMAS FILHO (Alexandre). — A dama das Camélias. Prólogo de Jules Janin. Trad. Flávio Goulart de Andrade. Col. Amores Imortais. (14/19). 224 p. br. Cr\$ 10,00. (3/43). Vecchi.
- DUPRE (Sra. Leandro). — Eramos seis. Pref. Monteiro Lobato. (14/22). 272 p. br. Cr\$ 18,00. (3/43). Cia. Ed. Nacional.
- FLETCHER (J. S.). — Os diamantes falsos. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 90. (13/19). 254 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). Globo.
- FRANCE (Anatole). — O Sr. Bergeret em Paris. (História Contemporânea). Trad. Eloy Pontes. (14/19). 235 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43). Vecchi.
- KNIGHT (Clifford). — O carangueijo escarlate. Trad. Hamilcar de Garcia. Col. Amarela, 104. (13/19). 257 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). Globo.
- LACRETELLE (Jacques de). — Silbermann. (12/19). 213 p. br. Cr\$ 18,00. (3/43). Americ-Edit.
- LAMARTINE. — Graziela. Trad. Série "Novelas do Coração", 4. (10/17). 165 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43).
- MACEDO (José Manuel de). — A Moreninha. Col. Excelsior, 19. (12/18). 203 p. cart. Cr\$ 10,00. (3/43). Livr. Martins.
- MACINNES (Helen). — Insuspeitos. Trad. M. P. Moreira Filho. Col. Fogos Cruzados, 20. (13/19). 405 p. br. Cr\$ 18,00. (3/43). José Olímpio.
- MANN (Thomas). — A montanha mágica. Trad. Otto Silveira. (17/24). 538 p. br. Cr\$ 40,00. (3/43). Ed. Pan-Americana.
- MARTINS (Cyro). — Mensagem errante. (14/20). 263 p. br. Cr\$ 12,00. (1942-3/43). Globo.
- MAUPASSANT (Guy de). — Yvette. (12/19). 211 p. br. Cr\$ 20,00. (3/43). Americ-Edit.
- MAURIAC (François). — Le noeud de vipères. (12/19). 261 p. br. Cr\$ 18,00. (3/43). Americ-Edit.
- MAURIER (Daphne du). — A estalagem maldita. Trad. (14/20). 289 p. br. Cr\$ 14,00. (1942-3/43). Globo.
- MAVITY (Nancy Barr). — O homem que não temia a força. Trad. Carlos Casanovas. Col. Amarela, 94. (13/19). 252 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-3/43). Globo.
- MORFONTAINE (Raul). — Paixão criminosa. Trad. Nossa Col., 41. (10/14). 260 p. br. Cr\$ 3,00. (3/43). Emp. Ed. Brasileira.
- PACHECO (Jacy). — Bancário... (Misérias de uma profissão). (14/19). 191 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43). Getúlio Costa.
- PACKARD (Frank L.). — Jimmie Dale e o fantasma. Trad. Homero de Castro Jobim. Col. Amarela, 81. (13/19). 241 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-3/43). Globo.
- SAINT-PIERRE. — Paulo e Virginia. Trad. Série "Novelas do Coração", 1. (10/17). 191 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43). Ed. Cultura.
- SAPPER. — Knock-Out. Trad. Isaac Soares. Col. Amarela, 103. (13/19). 250 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). Globo.
- TAHAN (Malba). — Lendas do céu e da terra. Des. F. Acquarelone. (12/18). 241 p. br. Cr\$ 10,00. (6.ª ed. 3/43). Getúlio Costa.
- VERISSIMO (Erico). — Caminhos cruzados. (Prêmio Graça Aranha). (14/20). 335 p. br. Cr\$ 14,00. (6.ª ed. 3/43). Globo.
- WARIN (Reynaldo de). — Romeu e Julieta. Trad. Série "Novelas do Coração", 2. (10/17). 189 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43). Ed. Cultura.
- XAVIER (Francisco Candido). — Renúncia. Romance de Emmanuel. (13/19). 421 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43). Fed. Espírita.
- de Gustavo Barroso. (14/22). 307 p. il. br. Cr\$ 18,00. (3/43). Ed. Dois Mundos.
- REYNA (Alberto Wagner de). — Psyche, tecedeira de estrelas. Trad. Georgino Paulino. Col. Flama, 4. (14/20). 91 p. br. Cr\$ 8,00. (3/43). Moema Ed.
- 4-8. B. 8) OBRAS PARA CRIANÇAS
- BARATA (Antônio). — Dois meninos e um cachorro. Des. Edgar Koetz Bibl. de Nanquino, 12. (19/27). 29 p. cart. Cr\$ 6,00. (1942-3/43). Globo.
- PINTO (João). — A juventude do Brasil. Pref. Mario Pinto Serra. (16/23). 96 p. il. br. (3/43). Gr. Mangione, S. Paulo.
- SOUSA JUNIOR (De). — As proezas do macaco guisadinho. Des. Armando Kuwer. Bibl. de Nanquino, 13. (19/27). 32 p. cart. Cr\$ 8,00. (1942-3/43). Globo.
- TRINDADE O. F. M. (D. Fr. Henr. G.). — Os contos de frei Jacopone. (1.ª série). Des. H. Graf. (12/18). 127 p. br. Cr\$ 5,00. (1942-3/43). Ed. Vozes.
- VERISSIMO (Erico). — As aventuras de Tibicuera. Que são também as aventuras do Brasil. Il. Ernst Zeuner. (15/22). 177 p. cart. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 1942-3/43). Globo.
- 5) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS, FÍSICAS E NATURAIS
- CALIOI (Carlos, D'AMBROSIO (Nicola). — Matemática. (1.º ano propedêutico). Aritmética. Pref. Humberto Alfredo Pucca. Col. Dom Bosco, 17. (14/20). 318 p. cart. Cr\$ 15,00. (5.ª ed. 3/43). Cia. Ed. Nacional.
- CATTONY (Carlos). — Lições de matemática elementar. 2.º vol. Geometria intuitiva e aritmética prática para a 11.ª série dos ginásios. (14/19). 230 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43). Ed. Anchieta.
- COSTA (Carlos). — Elementos de física, química e história natural. Curso propedêutico. Col. Dom Bosco, 20. (14/20). 314 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (4.ª ed. 3/43). Cia. Ed. Nacional.
- ESPINHEIRA (Ariosto). — Ciências naturais. Vol. III. Il. do Autor. (14/19). 127 p. cart. Cr\$ 5,00. (12.ª ed. 3/43). J. R. de Oliveira.

LEIAM

"HOJE"

A REVISTA DEMOCRÁTICA
DE S. PAULO

Em todas as bancas

FREITAS (Gaspar de). — Ciências físicas e naturais. Exame de admissão. (12/16). 268 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (19.ª ed. 3/43).
Distr. Antunes.

GOMES (Lélio), MACEDO (Luiz), SÃO PAULO (João G. De Lamare). — Ciências naturais. 3.ª série. (14/19). 243 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (3/43).
Liv. Alves.

LINTON, Ph. D. (Ralph). — O homem: Uma introdução à antropologia. Trad. Lavinia Villela. Pref. Donald Pierson. Ph. D. Bibl. de Ciências Sociais. 1. (15/22). 533 p. br. 30,00. (3/43).
Liv. Martins.

PEIXOTO (Roberto José Fontes). — Elementos de cálculo vetorial. (16/23). 94 p. il. br. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 3/43).
Ed. Minerva.

PEREIRA (Lafayette R.). — Compêndio elementar de ciências naturais. 1.º vol. 3.ª série ginásial. (14/19). 221 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (3/43).

2.º vol. 4.ª série ginásial. (14/19). 318 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (3/43).
Alba.

QUINTELLA (Ary). — Matemática. 4.ª série ginásial B. P. B. 2.ª. Livros Didáticos. 124. (14/20). 258 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (2.ª ed. 3/43).
Cla. Ed. Nacional

STAVALE (Jacomo). — Elementos de Matemática. 1.º vol., 1.ª série ginásial. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 113. (14/20). 246 p. il. cart. Cr\$ 13,00 (4.ª ed. 3/43).

2.º vol., 2.ª série ginásial B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 121. (14/20). 213 p. cart. Cr\$ 14,00. (2.ª e 3.ª ed. 3/43).
Cla. Ed. Nacional

THURE (Cecil). — Exercícios de aritmética. Teóricos e práticos. (14/18). 249 p. br. Cr\$ 14,00. (12.ª ed. 3/43).
Liv. Alves.

TRAJANO (Antônio). — Aritmética primária. (15/20). 64 p. il. br. Cr\$ 1,50. 116.ª ed. 3/43).
Liv. Alves.

Liv. Alves.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura. — Comércio. — Economia doméstica. — Finanças. — Indústria. — Profissões. — Tecnologia.

AURIA (Francisco D'). — Contabilidade agrícola e pastoreio. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos. 32. (14/20). 389 p. i. prancha, cart. Cr\$ 22,00. (2.ª ed. 3/43).
Cla. Ed. Nacional.

BARRETO (Anita Ribeiro de Menna). — 500 Receitas de Dona Anita. (15/22). 184 p. carta Cr\$ 15,00. (3/43).
Globo.

BERNARDI (Marsueto). — O Herá do Bebê. (16/23). 232 p. il. enc. Cr\$ 39,00. (18.ª ed. 1942-3/43).
Globo.

BORGES (H.). — Amendoim. Cultura e utilização de suas sementes e folhagens. (16/23). 114 p. br. Cr\$ 25,00. (1942-3/43).
Rev. Tribunais.

HERMANN JR. (Frederico). — Organização econômica e financeira das empresas industriais. Bibl. de Ciências Econômicas e Administrativas. 2. (16/24). 350 p. il. enc. Cr\$ 50,00. (3/43).
Ed. Continental.

LIPPIMANN (Edmundo O. Von). — História do Açúcar desde a época mais remota até o começo da fabricação do açúcar de beterraba. Tómo II. Trad. Rodolfo Coutinho. (Ed. do Instituto do Açúcar e do Alcool). (16/23). 443 p. br. Cr\$ 20,00. (1942-3/43).

Distr. Z. Valverde.

MULHER (A.) e o Lar. — N.º 9. Para o chá e o cocktail. (23/29). 20 p. il. br. Cr\$ 5,00. (3/43).
Globo.

PAHL (Guilherme), ROTHIER (Spinoza). — Mercologia e tecnologia merceológica. Para uso nas escolas de comércio. (16/23). 87 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43).
Liv. Excelsior.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina

BRIQUET (Raul). — Manual da socorrista de guerra. Comité Feminino dos Cursos de Enfermagem e Socorros de Guerra da II.ª Região Militar. (13/19). 162 p. 214 figs. br. Cr\$ 20,00 (3/43).
Rev. Tribunais.

CIANCIO (Nicolau). — Dor de cabeça. (13/19). 59 p. br. Cr\$ 4,00. (3/43).

A Noite.

CIANCIO (Nicolau). — Neurastenia. (13/19). 47 p. br. Cr\$ 4,00. (3/43).

A Noite

PIRES (Dr.). — Guia da beleza. (14/19). 228 p. il. br. Cr\$ 10,00. (5.ª ed. 3/43).

Alba.

RAMOS (Vespasiano). — Novo método de diagnóstico precoce do câncer uterino. (16/23). 55 p. 30 figs. br. Cr\$ 20,00. (1942-3/43).
Gr. Sauer

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografia)

AUBRY (Octave). — Madame Walowska. O grande amor de Napoleão. Trad. Maria Luiza Barreto Sanz. (14/21). 227 p. br. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 3/43).
Vecchi.

AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia geral. Tómo 2.º Geografia dos continentes. B. P. B. s. 2.ª Livros Didáticos. 125. (14/20). 500 p. il. cart. Cr\$ 18,00. (3.ª ed. 3/43).

Cla. Ed. Nacional

BITTENCOURT (Adalberto). — Trinta e sete dias em Nova York. (13/19). 337 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43).

Coelho Branco.

CABRAL (Mário Da Veiga). — Geografia secundária. (1.ª série). (13/19). 399 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (3/43).

Jacinto

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia dos continentes. Para a 2.ª série. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 122. (14/20). 333 p. il. cart. Cr\$ 15,00. 1.ª e 2.ª ed. 3/43).

Cla. Ed. Nacional.

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia física e Humana. 1.ª série B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 119. (14/20). 320 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (3/43).

Cla. Ed. Nacional

CIMORRA (Clemente). — Timoshenko. Trad. Herrera Filho. (13/19). 149 p. br. Cr\$ 10,00 (3/43).

Distr. A. Herrera.

CORREIA (Azevedo). — História geral. 1.ª série. (13/19). 191 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).

2.ª série. (13/19). 216 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).

J. R. de Oliveira.

COSTA (Angyone). — Paisagens do Chile. Publ. do Instituto Brasileiro de Cultura. n.º 1. (13/19). 114 p. br. Cr\$ 10,00. (3/43).

Jornal Comércio.

DOSTOIEVSKI. — Diário de um escritor. Trad. Frederico dos Reis Coutinho. (16/23). 485 p. br. Cr\$ 30,00. (3/43).

Vecchi.

FONSECA S. J. (Pe. Manuel da). — S. Francisco de Borja. (12/18). 168 p. Cr\$ 7,00. (1942-3/43).
Ed. Vozes.

GICOVATE (Moisés). — Geografia geral. 1.ª série. (15/21). 218 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Ed. Melhoramentos.

GOMES (Alfredo). — História do Brasil. (Do Primeiro Reinado até o Estado Novo). 4.ª série do curso ginásial. Col. Didática Nacional. Série Ginásial. — (14/19). 184 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Ed. e Publ. Brasil.

HEIDEN (Konrad). — Hitler, a vida de um bárbaro. Trad. Alvaro Franco. (15/23). 409 p. br. Cr\$ 25,00. (3/43).

Ed. Thurmman.

LIMA (Afonso Guerreiro). — Atlas escolar. 3.ª parte, Globo Terrestre. (24/31). 96 p. (mapas). cart. Cr\$ 35,00. (4.ª ed. 3/43).

Globo.

LUDWIG (Emil). — Napoleão. Pref. Henry Bidou. Trad. rev. por Mario de Sá. (17/24). 462 p. br. Cr\$ 20,00. (6.ª ed. 1942-3/43).

Globo.

MAGALHÃES (Basílio de). — História do Brasil. 3.ª série. (14/19). 282 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

4.ª série. (14/19). 220 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Liv. Alves.

MAGALHÃES (Basílio de). — História geral. (História Antiga e medieval).

BANCO LINO PIMENTEL LTDA.

TRAV. DO OUVIDOR, 34 - RIO DE JANEIRO

DEPOSITOS · DESCONTOS · COBRANÇAS

VERIFIQUE AS NOSSAS TAXAS

Abra sua conta e pague com cheque

O que eu vi nas Vitruinas

E' UM sábado de calor intenso. A rua do Ouvidor fervilha de gente. Os gazeteiros gritam as últimas notícias: "Mais uma vitória russa na frente oriental!", "Brasileiros traidores!".

Meu programa da tarde já está traçado. Nem cinemas, nem teatros, nem sorvetes, nem conversa fiada; meu objetivo são as vitruinas empoeiradas da rua S. José. Quera ver o que há de interessante, e talvez adquirir alguns livros por preços módicos.

Na esquina da rua S. José com Rodrigo Silva encontrou um amigo. Saudações, abraços e perguntas mútuas quase sempre sem respostas. Noto que conduz um livro em baixo do braço, como quem pretende escondê-lo. Pergunto o nome. Ruboriza-se. Com muito custo e insistência consigo ver o título e mesmo folheá-lo. "Psicóses do amor" era a preciosidade que tinha obtido à custo de doze cruzeiros numa daquelas livrarias.

Convido-o a visitar comigo as prateleiras corunchosas. Não faz objeção. E conversando amigavelmente, dirigimo-nos à primeira livraria.

Na livraria "Brasil", vimos muita coisa de interessante. Livros sobre diversos assuntos. Economia, indústria, comércio, tratados de medicina e engenharia misturavam-se em confusão com trabalhos de Anatole, Tolstoi, Dostoiévski, Jack London, Sinclair Lewis, etc.

"A Sonata de Krentzer", edição antiga, mal tratada, com vestígios de traço, foi descoberto pelo meu olhar de

bibliófilo irreverente num cantinho escondido. Ainda nessa livraria, vi "A revolta dos anjos", de Anatole, editado pelos Irmãos Pongetti. "Estalagem maldita", de Daphne de Maurier, a já célebre autora de "Rebecca" e "Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro", de autoria de Joaquim Manoel de Macedo, volume de luxo também faziam parte dos livros expostos na vitruina principal.

Prosseguindo na minha visita, que por se estar tornando demasiadamente longo já dava o que falar ao meu companheiro, entrei na livraria seguinte. Era a "Londres", que, sendo a única que não negocia com livros usados, nem por isso deixa de ter suas vitruinas repletas. "Infância", de Tolstoi, o romancista cuja "vida era didática", um tratado, um folheto de propaganda, e "O Ingênuo", de Voltaire, exigiram minha atenção. Folheei "O Ingênuo", aquela história verdadeira extraída dos manuscritos do padre Quesnel e recordei-me de muitas e interessantes passagens por mim lidas sem capricho e atenção, há vários anos. Comprei-o com o objetivo de relê-lo com a merecida análise que requer.

Entre na livraria "Ideal", com diversos livros que eu comprara. O livreiro, obeso e risonho, acudiu solícito: — Quer vendê-los? — e examinando um por um os volumes que eu tinha, terminou a frase interrompida: — Cinco cruzeiros por tudo.

Nessa casa entrei em contato com muitos clássicos que, devido ao pó, era

facil advinhar a pouca curiosidade que atraíam do público leitor. "Ganhando meu pão" e "A batalha da vida", de Gorki, o escritor dos vagabundos da Rússia antiga, há muito não viam espalhados. "Assim falava Zaratustra", "Hece Homê", de Nietzsche, "Obras filosóficas", de Denis Diderot, "O mundo como vontade e como representação", de Schopenhauer, "História do futuro", de Spencer, todas essas obras imortais que fazem parte da "Biblioteca dos autores célebres" estavam espalhadas sem carinho em uma das muitas e sujas prateleiras. O livreiro, vendo-me tanto escolher e nada comprar, afastou-se e murmurou uma frase incompreensível que bem sei não ter sido de simpatia.

Mais uma loja de livros recebeu minha visita. Desta vez foi a livraria "Acadêmica". Dos seus muitos volumes, espalhados sem ordem, sobre uma mesa larga no centro da sala, registei alguns. "Voltaire", do biógrafo Alfred Noyes, não foi por mim adquirido por causa da quantia exorbitante pedida pelo livreiro. Em vez desse, comprei num só volume as "Obras completas", de Beccquer, em castelhano, lançamento duma editora portenha. "A Montanha Mágica", de Thomas Mann, enorme, um dos últimos sucessos da EPASA, desviou-me os olhos dos demais livros. Não pude comprá-lo. Ainda não se hospedara nos "sebos".

A livraria "Principal" foi a última que percorri. Muitos livros foram folheados por mim. "Memórias", de Maurois, mesmo sendo um livro egoísta onde o autor fala mais de si do que da própria época em que vivemos, não deixa de ser um livro de grande interesse. Vi "Um beizouro contra a vidraça", romance de estreia do poeta J. G. de Araújo Jorge; "Eles esperaram Hitler", depoimento significativo do jornalista Joaquim Ferreira, feito de sua recente estada na Inglaterra. "O Mediterrâneo", de Emil Ludwig; "O pensamento vivo de Tolstoi", de Stefan Zweig; "Para onde vai a Inglaterra?", de Danton Jobim; após a leitura desse trabalho, não há espírito por mais cético que seja que duvide da vitória da Liberdade e da Justiça contra as forças da opressão e do mal. "O poder soviético", do Rev. Hewlett Johnson, prefaciado por Dom Carlos Duarte Costa, é o livro predominante em todas as livrarias. "Missão em Moscou" e seu suplemento "A resistência russo", de Maurice Hindus, também fazem parte das novidades expostas.

Erão 5 horas quando sai da rua S. José. O temporal não tardaria. Acelerei o passo afim de conseguir condução para a rua em que residio. Corri. Tomei o bonde no momento em que grossos pingos d'água prenunciavam algumas horas frescas e sem suor.

1.ª série ginásial. (14/19). 196 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Livr. Alves.

MAGALHAES (Basilio de). — História geral. (História moderna e contemporânea). 2.ª série ginásial. (14/19). 342 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Livr. Alves.

MARIA, Grã-Duquesa da Rússia. — Memórias. (Educação de uma princesa). Pref. André Maurois. Trad. Guinara de Moraes Lobato. Col. O Romance da Vida, 23. (14/23). 234 p. hr. Cr\$ 20,00. (3/43).

José Olimpio.

MATTA (Ary da). — História geral, para a 1.ª série. Pref. La-Payette Cortes. Il. A. Schnoor. Cartogramas de Isaac Lopes. (14/20). 249 p. cart. Cr\$ 13,00. (3/43).

Cia. Ed. Nacional.

MAUA (Visconde de). — Autobiografia. ("Exposição aos credores e ao público"). Seguida de "O meio circulante no Brasil", 2.ª ed. pref. e anotada por Claudio Ganns. Col. Depoimentos Históricos, 3. (15/22). 368 p. 30 grav. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 3/43).

Z. Valverde.

RAPOSO (Abel de Senna). — Portugal jamais morrerá. (13/19). 15 p. br. Cr\$ 3,00. (3/43).

Tip. Elka, Rio.

REIS (David Penna Araújo). — Geografia do Brasil. 4.ª série ginásial. (Brasil regional). (14/19). 156 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Z. Valverde.

REIS (Otelo de Souza). — Geografia geral. 1.ª série. (Geografia física e humana). (14/19). 226 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Livr. Alves.

SILVA (Joaquim). — História do Brasil. 3.º ano ginásial. (14/20). 218 p. 2 mapas, il. cart. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 3/43).

4.º ano ginásial. (14/20). 209 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).

Cia. Ed. Nacional.

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Geografia do Brasil. (2.º ano propedêutico). Col. Didática Nacional. Série Comercial. (14/19). 175 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).

Ed. e Publ. Brasil.

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Geografia. (1.º ano propedêutico). Col. Didática Nacional. Série Comercial. (14/19). 196 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3/43).

Ed. e Publ. Brasil.

VITORIO (João Pereira). — História geral. 1.ª série ginásial. Col. de Livros Didáticos — F. T. D. (12/18). 268 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (3/43).

Livr. Alves.

ALBA, EDITORA

apresenta a 2.^a EDIÇÃO do
grande romance brasileiro

CALUNGA

DE

JORGE DE LIMA

EM TODAS AS LIVRARIAS

PREÇO — Cr\$ 15,00

Outras edições da ALBA

COLEÇÃO CIÊNCIAS SOCIAIS:

HISTÓRIA DAS DOUTRINAS ECONÔMICAS, de Charles Gide e Charles Rist. — Obra premiada na França. Um volume de 850 págs., formato duplo francês, ilustrado com várias gravuras dos grandes economistas mundiais, e luxuosamente encadernado Cr\$ 85,00

HISTÓRIAS DAS IDEIAS POLÍTICAS, de Raymond G. Gettell, professor catedrático da Universidade da Califórnia. — Um volume de 650 páginas, formato duplo francês, ilustrado com várias gravuras e encadernado como o precedente. Preço Cr\$ 75,00

COLEÇÃO DOM CASMURRO:

CARTAS INÉDITAS DE EÇA DE QUEIROZ a Ramalho Ortigão. — Um volume de mais de 300 págs., Cr\$ 10,00

MAYERLING, de Claude Anet. — Tradução, prefácio e notas de Edith Magarinos Torres. Um volume em formato americano, com 240 páginas e várias ilustrações Cr\$ 12,00

LA POÉSIE BRÉSILIENNE 1930-1940. — Poemas escolhidos e traduzidos pelo prof. Henri de Lanteuill. — Um volume de mais de 300 páginas, em formato grande (1/16 BB) Cr\$ 25,00

COLEÇÃO ESTUDOS AMERICANOS:

BOLIVAR, de Sílvio Júlio. 2.^a edição da obra que mereceu o 1.^o Prêmio no Concurso estatuído pelo governo venezuelano para comemorar o centenário de sua independência. Um volume de 400 págs., brochado Cr\$ 20,00

COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA:

OS HOMENS NÃO FALAM DE MAIS... de Francisco de Assis Barbosa e Joel Silveira. Uma seleção de 20 entrevistas sensacionais dos dois grandes jornalistas e escritores. Um volume de cerca de 300 páginas, brochado Cr\$ 12,00

O SAL NA ECONOMIA DO BRASIL, de Dióclcio Dantas Duarte. Toda a história e a legislação sobre este grande produto de nossa economia, escrita por um profundo conhecedor da matéria. Obra imprescindível para os estudiosos. Um volume de 300 págs., broc. Cr\$ 12,00

COLEÇÃO INFANTIL:

O BOI ARUA, de Luis Jardim. — Livro que mereceu o 1.^o Prêmio no Concurso de Literatura Infantil do Ministério da Educação. Uma linda edição ilustrada pelo autor Cr\$ 10,00

EM TODAS AS LIVRARIAS

Solicite qualquer destes livros pelo Serviço de Reembolso Postal

"ALBA", EDITORA — LAVRADIO, 60 — RIO DE JANEIRO

Representantes exclusivos para a praça de São Paulo

LIVRARIA EDITORA PAULICÉIA

S O U S A & S I L V A L T D A .

RUA DUQUE DE CAXIAS, 121 — Fone 4-2623

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

ABRIL DE 1943

ANO I — NÚMERO 5

ASSEMBLEIA, 79 - 1.º

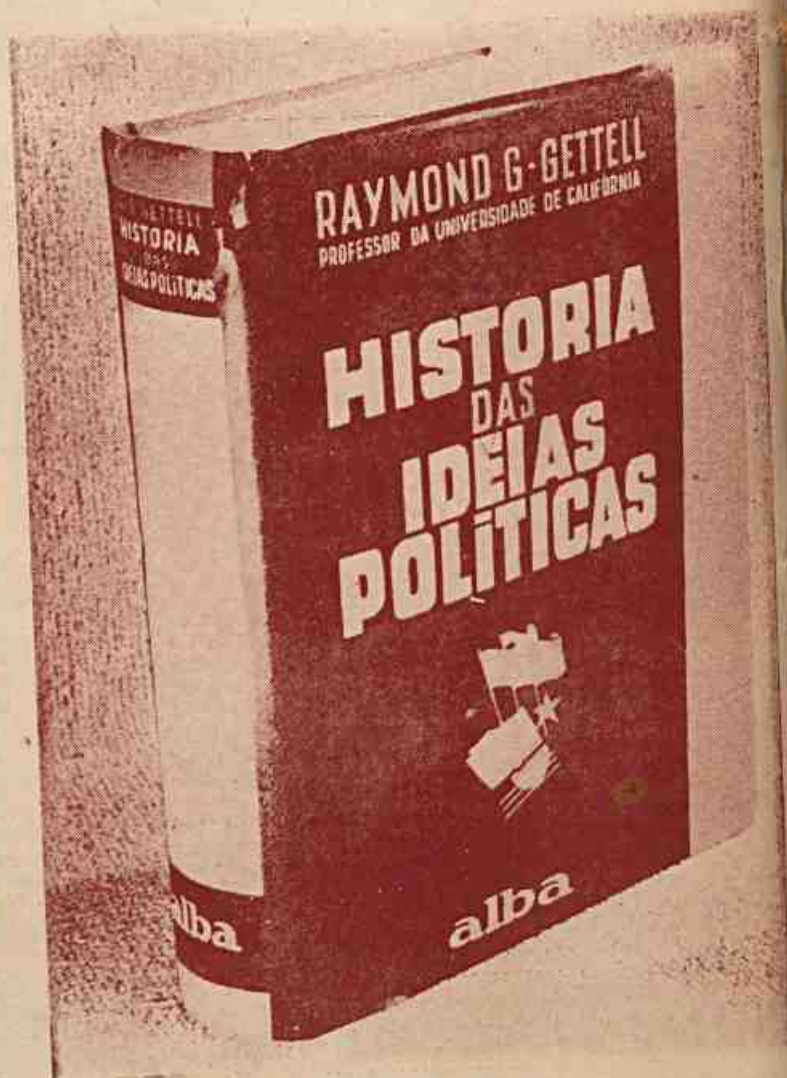
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Cr. \$ 0,50

ROMANTISMO E JUVENTUDE

UMA ÂNSIA de reivindicações e um anseio de justiça alimenta o sangue de todo o magnífico século XIX. Escola de rebeldias, descobridor de misérias, precursor das grandes transformações atuais, cada homem que viveu nessa época se consumiu num destino visível, na sua própria insatisfação. O heroísmo procura uma fórmula especial de perecer em holocausto. Enquanto uma corrente racionadora e fria se empenha em mostrar às claras a realidade, a crua realidade de um mundo metido a capitalista, a outra corrente do Romantismo sonha, mas até em sonhar combate. A história do Romantismo está cheia de guerras íntimas e de conflitos exteriores. O ambiente é odioso. A burguesia ordena e rompe com sua prosa egoísta e ri dos frágeis poetas que acreditavam na liberdade e numa ordem (desordem) nova da arte. É a história dos sofrimentos dos povos oprimidos, o grito dos libertadores, o sacrifício dos nobres de coração, a batalha contra o academismo. É o momento em que os homens julgam desdobrar-se em infinitas ondas e alcançar o céu, o amor, o desespero e a morte. Não são felizes, mas antes também não o eram. Não têm fé, mas antes também não tinham fé. A burguesia começa a formar-se, a tomar corpo de ouro, e friamente se chocam a economia antiga e a moderna, a se chocam os poetas contra os muros da Bolsa. Por isso, é o momento misterioso da conspiração. Os homens conspiram e estão inquietos. Para poder falar de Liberdade — grande palavra romântica — poetas, romancistas, escritores, inumeráveis homens morrem na força. Um tremor de descontentamento, de abnegação e de virtudes cívicas corre pelo ambiente. Parece que todos os dias algo vai acontecer. E todos os dias a burguesia encontra algo para escandalizar-se: uma barricada, a estréia de "Hernani". O século XIX é o grande preparador de acontecimentos futuros. O princípio da história operária pertence-lhe. Junto aos crentes estão os descrentes. Não é só o rio da fé o que corre, também o da negação da fé. É o século dos grandes descontentes.

No Romantismo não são somente crepúsculos, lírios, contrariedades de amor. Essa parte vem-na unicamente



os que sentem particular empenho em esquecer sua ação apaixonada, sua escola de rebeldia. É preciso valorizar ante nós e ante a juventude, o ardente sentido de batalha do Romantismo. A lição romântica não se dilui entre fontes sujas e gestos pálidos. A simbologia romântica deve opor-se o viver romântico. Não se pode deixar passar

em silêncio a lição romântica precisamente quando estamos em pé de guerra e o "mal do século" — ação e paixão até o desfalecimento, a agonia e a morte — volta a penetrar-nos com mais ardor e decisão do que nunca". ("Problemas de 'La Nueva Cultura', número extraordinário dedicado ao Romantismo. Valência, abril de 1936".)

O novo endereço de LEITURA
ASSEMBLEIA, 79 — 1.º
Rio de Janeiro

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Restauramos a Biblioteca de Lima

O INCÊNDIO da Biblioteca Nacional do Perú — perda irreparável para a cultura desse país e do continente — está exigindo de todos os americanos e do mundo civilizado uma demonstração palpável de solidariedade humana. Diante do infortúnio que feriu tão profundamente a inteligência universal, devemos assumir o compromisso — escritores, editores, livreiros e leitores americanos — de enviar não 70.000 volumes, mas o dobro, para que, pelo menos quantitativamente, já que é impossível substituir o tesouro que acaba de se perder, possamos remediar aquela calamidade.

A iniciativa dos intelectuais brasileiros neste sentido deve ser seguida pelos intelectuais de todos os países, afim de dar a este movimento cultural pan-americano a amplitude desejada. Os nomes dos primeiros signatários brasileiros do manifesto encabeçado pelo Mestre Clovis Bevilacqua, são uma garantia de que a inteligência brasileira sentiu aquele golpe em toda sua intensidade.

LEITURA, desejando colaborar efetivamente na restauração da Biblioteca de Lima, a mais antiga do continente, se dirige neste momento ao corpo diplomático acreditado no Brasil, para que, por seu intermédio, seja levada ao governo e povo de cada país a sugestão que acima fazemos. Num movimento de fraternização universal como o que vivemos — fraternização imposta de maneira duradoura pelos inimigos da humanidade aos que desejam preservar e dignificar a vida — esse golpe vem servir, estamos certos, para por à prova os nossos sentimentos de solidariedade e de boa vizinhança.

O pedido feito ao governo brasileiro para que os livros enviados ao Perú, destinados à nova Biblioteca de Lima, sejam liberados de tarifa pos-


tal ou aduaneira, contará seguramente com a compreensão e boa vontade dos poderes públicos. O mesmo deve ser feito em caráter universal. Mas enquanto esta medida justa não for decretada devemos mandar os nossos livros à Embaixada do Perú, para que, sem perda de tempo, o movimento se inicie com os melhores auspícios possíveis.

Assim, pois, hoje mesmo remetamos as obras que pudermos dispor ao Embaixador Manuel Prado, Embaixada do Perú, à Avenida Pasteur, 146 — Rio.

MAURICE HINDUS

A RESISTENCIA RUSSA

Seu Segredo Político e Militar



Editorial CALVINO Limitada

Jante bem **no melhor ambiente do Rio**

ALJAN

À RUA 7 DE SETEMBRO, 101 É O MELHOR E MAIS ELÉ-
GANTE RESTAURANTE DA CIDADE. OS MAIS FAMOSOS
COSINHEIROS! JANTARES AO SOM DE MARAVILHOSA
ORQUESTRA!

VEJA ALGUMAS DAS GRANDES CRIAÇÕES CULINÁRIAS DOS FAMOSOS
COSINHEIROS DO ALJAN!

PERU AO SAUCE CANADEAN

ESCALOPE SURPRISE

PATO GRAND FAME

TOURNEDO' ALJAN

ESCALOPINOS DELICIOSOS

SUPREMO DE FRANGO NORMANDIE

FILET DE PEIXE CUBANO

CABRITINHO A MARQUEZ DE RISCAL

ESPECIAL GATEAU ALJAN

CHARLOTTE RUSSE

ESPECIAL TORTA PONCHE AO RHUM



Convite

GRATIS

CORTE AQUI —>

ALJAN convida você a tomar o delicioso **Aperitivo ALJAN**,
antes do seu jantar. Apresente este convite a um dos gar-
çons do **ALJAN** e tome o seu aperitivo gratuitamente!

ALJAN COSTA & CIA. LTDA.

7 de Setembro, 101

Os dias * Os fatos * Os homens

EXPOSIÇÃO LASAR SEGALL

LASAR Segall é hoje uma das figuras de maior força e talento da pintura moderna, aqui e fora do Brasil. Residente em São Paulo, há anos, vivendo na companhia de criaturas como Mario de Andrade e outros, nunca deixou de trabalhar ativamente. Agora, por intermédio do Ministério da Educação, realiza uma grande exposição no Museu Nacional de Belas Artes.

Como Picasso, ele tem uma personalidade definida, facilmente reconhecível, mesmo através de uma das suas mais audaciosas, variadas, inquietas e ansiosas formas de procura e de invenção. Não se pode definir a sua arte com a facilidade com que se define a de um pintor de figuras da sociedade, porque ele sempre anda desesperadamente em busca de algo, mas esta procura é tão grande, poderosa e característica que lhe dá paradoxalmente uma personalidade definida. Realiza uma pintura libertada, de conteúdo humano e universal, mas permanece prisioneiro da sua própria ânsia de liberdade, da não sentir-se sempre e cada vez mais em liberdade.

Sem dúvida alguma tudo isso é o resultado de fatores sociais, da incerteza e da falta de compreensão imediata em que se debatem esses grandes pintores, embora no íntimo estejam perfeitamente certos da estrala que os ilumina e iluminará. Há intelectualismo nesta ânsia penosa de acertar em inumeráveis temas, nessa procura cada vez mais angustiada de Picasso, de Segall, de Portinari e de outros admiráveis pintores da época. Isso desaparecerá no dia em que a sua arte não mais se encontrar em contradição evidente com a realidade em que vive. (Tal contradição, é o melhor sinal de excelência da sua pintura). E então, libertados do caminho penosíssimo que os conduziram a si mesmos que aos outros, já não mais sofrerão o desespero de não querer mentir a si próprios. No retorno à claridade, no caminho para a maioria, sem paradoxo e sem contradição, eis que a sua pintura será perfeitamente definida e consagrada pelo povo.

O Ministério da Educação merece o nosso aplauso, pelo fato de chamar Lasar Segall e de nos proporcionar o ensejo e a felicidade de ver e sentir a força humana e a grandeza criadora do grande pintor brasileiro.

A PREFEITURA PREMIOU A RADIO MAYRINK VEIGA E GENOLINO AMADO

A COMISSÃO julgadora do "Prêmio fez.

MAIO DE 1943

Prefeito Henrique Dodsworth", designado pelo cel. Jonas Corrêa Filho, Secretário de Educação da Prefeitura, e composto dos srs. cap. Menezes Dutra, diretor da Divisão de Rádio do Departamento de Imprensa e Propaganda, Baptista Pereira, diretor do Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura, Byington Jr., da Confederação de Rádio, João Mello, do "Jornal do Comércio", representante da crítica radiofônica, e Guilherme Figueiredo, do "Diário de Notícias", representante da crítica literária em geral, conferiu aquela distinção ao programa de rádio intitulado "Biblioteca do Ar", da Rádio Mayrink Veiga.

O "Prêmio Prefeito Henrique Dodsworth" é conferido anualmente ao melhor programa de rádio de sentido cultural transmitido pelas estações do Distrito Federal, e sem nenhum intuito



publicitário ou comercial. A "Biblioteca do Ar", que recebeu a distinção referente ao ano de 1942, é dirigida pelo escritor Genolino Amado, e se mantém sempre com extraordinário êxito durante quatro anos. A comissão decidiu sugerir ao prefeito do Distrito Federal a concessão de um segundo prêmio ao programa "Como nasceram as obras primas", redigido pelo crítico Edmundo Lys, e apresentou propostas no sentido de ser ampliada o certame anual, oferecendo-se diplomas de honra aos patrocinadores de programas de fins publicitários que se mantenham em elevado nível cultural. O primeiro prêmio, a ser entregue ao sr. Genolino Amado, é da importância de dez mil cruzeiros.

O CENTENARIO DE PEDRO AMÉRICO

COMEMOROU-SE em todo o Brasil o centenário de nascimento do pintor parabaense Pedro Américo.

Mestre da pintura histórica, de painéis movimentados e imensos, Pedro Américo possuía um notável poder de fixação, e demonstrou um talento realmente grande em quase tudo o que

Nasceu na Cidade de Aroias, Paraíba, em 25 de abril de 1843. A primeira amostra pública de sua vocação foi um retrato que desenhou de um pregador fanático. Os admiradores do místico sertanejo obrigaram-no a reproduzir esse retrato umas centenas de vezes, o que lhe deu algum dinheiro. Um dia, ele desenhou um galo na parede da casa comercial de seu pai, provocando comentários de admiração que chegaram ao conhecimento do cientista francês Jacques Brunet e do desenhista alemão Bindseil, ambos de passagem em uma expedição científica. Os dois expedicionários ficaram maravilhados com o menino, a ponto de levá-lo na expedição. Brunet ensinou-lhe os primeiros rudimentos de história natural e Bindseil ensinou-lhe a arte do desenho. Além disso, os dois viajantes estrangeiros fixaram tudo para que o menino Américo obtivesse um auxílio do governo. O menino sofreu muito e também aprendeu muito nessa viagem exaustiva pelos caminhos ásperos do Ceará, Piauí e de outros Estados. Tinha dez anos de idade. Em 1854 veio estudar no Rio, por conta do governo Imperial, e aqui se inicia verdadeiramente a sua carreira de pintor.

Morreu em 1905, deixando inúmeros trabalhos de caráter histórico, como "Batalha de Campo Grande", o retrato equestre do Duque de Caxias, o "Ataque da Ilha do Corvalho", a "Batalha do Araripe", etc., além de outros trabalhos conhecidos e de igual merecimento.

ENRIQUE GONZALEZ TUNON

O PREMATURO desaparecimento de Enrique Gonzalez Tunón, priva a Argentina de um dos seus melhores escritores. Era um contista insuperado no seu país. Descrevia os ambientes portenhos com a segurança admirável dos grandes temperamentos artísticos. Não sabemos ao certo a sua idade: oscilava entre a década dos 30 aos 40 anos.

Raul Gonzalez Tunón, — o poeta — vanguardista da poesia contingente, deve estar desolado com a morte de Enrique, que não era somente seu irmão, era o seu melhor companheiro. Ninguém exultava mais com os estupendos poemas de Raul que o próprio Enrique. Os triunfos literários do irmão mais jovem não faziam sombra aos seus méritos de escritor.

Da saúde precária, não pôde desenvolver as mesmas atividades do irmão. Solidarizava-se com elas, que era a mesma coisa que estar ao lado dos que repugnam o obscurantismo. Desde que a inteligência é incompatível com o fascismo, o menor que se pode esperar de todo homem livre é a sua presença entre os que lutam contra os inimigos

LEITURA — 3

Os dias • Os fatos • Os homens • continuará

da vida. Enrique, sempre doente, vivendo grande parte do ano no agradável clima de Córdoba, jamais deixou de manifestar sua solidariedade na contenda, cujo epílogo se aproxima com a inexorável destruição do nazi-fascismo.

Enrique Gonzalez Tuñón também conheceu e amou a nossa terra. Viveu aqui no Rio durante meses e cultivou as melhores relações entre os escritores brasileiros. Basta citar Manuel Bandeira, a quem jamais esquecerá. Considerava-o o maior poeta da nova geração brasileira. Raul também compartia essa opinião.

E' mais um companheiro que parte. A sua inteligência e a lembrança de sua vida cheia de dignidade estarão sempre conosco.

O EXTRAORDINARIO SUCESSO DE "SELEÇÕES"

NO TERCEIRO número de LEITURA publicamos uma nota sobre o extraordinário êxito de "Seleções" e o que isso representava para o aumento de leituras no Brasil. Mau grado as prevenções injustificáveis, o povo é que tem comprado a revista, e até hoje não se sentiu logrado, mas, ao contrário. A prova do que afirmamos está na notícia de que em breve a tiragem de "Seleções" se elevará a meio bilhão. Eis um triunfo que não nos assombra, pois estamos certos de que a sua tiragem ainda se elevará, mas não deixa de ser um triunfo digno de registro, o que fazemos com prazer.

O Leitor nos dá sua opinião

LEITOR do interior, afastado das afamas e agitações literárias, conta o que leu. E é justamente a respeito de "O Resto é Silêncio", que já se está tornando uma espécie de prato do dia, provocando os comentários que costumam despertar todos os livros que se colocam acima do vulgar.

Há em Erico Veríssimo esse estranho fenômeno: ou fazem silêncio em torno de seus livros, ou então, muito barulho — pró ou contra, conforme as tendências do leitor. E entre acusações, elogios, interpretações mais justas e equilibradas, o autor vai subindo com segurança, para os melhores postos da literatura contemporânea da nossa terra.

"O Resto é Silêncio" é um livro construído em largos e vivos painéis, mostrando o avesso e o direito de uma sociedade moderna, e, portanto, complexa. A população de "Olhal os filhos do campo", "Caminhos Cruzados", "Um lugar ao sol", com outros nomes, outras atividades. Gente que se agita, sofre e luta. Gente sem direção ou com nitidos objetivos. E durante o livro, não sei se intencional ou inconscientemente, o autor permite

JOHN FORD NO BRASIL

ENCONTRA-SE no Rio de Janeiro um dos mais concientes, honestos e sérios diretores cinematográficos de Hollywood, John Ford. Ele dirigiu "O Delator", "Vinhos da Ira", "A Longa Viagem de Volta", "Como era verde meu vale" e outros filmes admiráveis em conteúdo, força revolucionária e direção.

John Ford vai filmar no Brasil a "batalha da borrocha" e outros motivos do esforço econômico realizado pelo Brasil, afim de auxiliar as Nações Unidas na luta contra o nazi-fascismo.

SETIMO ANIVERSÁRIO DE "DOM CASMURRO"

"DOM CASMURRO", semanário de literatura que se publica no Rio de Janeiro, sob o direção do jornalista Brício de Abreu, completou e comemorou o seu sétimo ano de existência.

E, como prova de vitalidade, apareceu, no dia do aniversário, em edição extraordinária, com muitas páginas cheias de literatura e ilustrações a cores.

Mesmo a guerra, com suas tremendas responsabilidades exigindo definições políticas, não conseguiu ainda modificar o caráter puramente literário do habdomadário de Brício de Abreu.

"Dom Casmurro" continua impossível dentro do programa a que se traçou.

pronto aparece com outras atitudes, outra personalidade, como se, numa arrancada brusca se tivesse libertado do domínio do seu criador, colocando-se fora do seu controle, criando sua própria vida dentro do romance. Não sei se me faço entender. Parece-me apenas que a intenção do autor era dar outro destino ao Chicharro, tirar outro partido da sua personalidade tão interessante. Talvez me engane...

Roberto é um parente espiritual muito próximo do Eugênio revoltado e quixotesco do princípio. Seu diálogo com Aristides Barreiro explica sua posição no livro e se não fosse seu idílio bem conduzido com a deliciosa Nora, poderíamos dizer que sua presença, o objetivo de seu aparecimento é animar a idéia do não conformismo, da luta por dias melhores, por um pouquinho de manteiga para o miserável passar no seu pão seco.

Porem o que há de bom são as mulheres. A começar por Tilda, lá está Livia, Nora e mesmo Marina. Mas sobretudo Nora, agradável reunião de sensatês e uma certa ingenuidade de atitude que a tornam a alma da Torre, a célebre Torre.

Já Verônica e Aurora, embora possam ser encontradas cá fora na vida, são tipos que num romance não podem ser tomadas muito ao pé da letra. Um pouco acima desse conceito está Marina, mais real, suportando um marido bobo, um cretino metido a gênio.

Ximeno Lustosa, Marcelo e sob certos aspectos mesmo Tônio Santiago, Norival Petra e Aristides Barreiro, são do gênero a que para mim chamo de idéias vivas. Animam idéias, conceitos que se movimentam pelo livro a fora entre os personagens de verdade, que parecem gente mesmo. Desabrocha o romancista, que por intermédio deles vai pendurando raios de papel colorido na casaca, no faminto religioso, no "cartas" social, político ou financeiro.

Com isso consegue Erico Veríssimo um dos seus bons livros.

A técnica é mais ou menos a que foi empregada em "Caminhos Cruzados". Não compreendo porque fazem cavalo de batalha com isso. Não se pode acusar o romancista só porque insiste nisso, em tal processo de composição. "Caminhos Cruzados" lá está nos Estados Unidos e "Crossroads" tem sido apreciado e elogiado. Santo de casa dificilmente faz milagres. E alguns de nós ainda achamos gozito de dizer que Erico está aproveitando a técnica de Aldous Huxley, que se parece com Maugham, que tem a ternura de Kate Mansfield, que faz e mais aquilo.

O artista produz e a crítica, como primeira atitude, sente-se na obrigação de pô-lo ao lado de padrões conhecidos para medir seus erros e virtudes. E' cômodo para quem julga medir os livros novos pelos conhecidos.

HERMINIO MIRANDA

MAIO DE 1943

O "CALUNGA", de Jorge de Lima

LIA CORREA DUTRA

Copyright de LEITURA

NUM país como o nosso, em que ainda se lê pouco, e em que se lêem, de preferência, traduções de romances estrangeiros, uma segunda edição é um acontecimento. Publicado pela primeira vez em 1935, "Calunga", do Sr. Jorge de Lima, foi, em 1941, traduzido para o castelhano e editado em Buenos Aires, e já está prestes a sair a versão francesa, havendo, também, a promessa de uma versão em língua inglesa. Poucos livros brasileiros terão conhecido tamanha divulgação, semelhantes excursões extra-fronteiras. Essa notoriedade perturba, naturalmente, a aprendizagem da crítica, que mais não é a autora destas linhas. Quero, porém, dar aqui, minhas impressões sinceras de leitora interessada em tudo quanto se escreve e se publica no Brasil.

Acabei de reler "Calunga", de cuja primeira leitura há oito anos, não me ficara recordação bastante nítida. E agora, como então, fechei o livro com uma pergunta: — "É 'Calunga' um romance?" — Muitas das suas páginas nos darão mais a sensação de um poema; têm do poema a força descritiva, o lirismo, a ênfase, o apelo à sensibilidade do leitor; as palavras ganharão às vezes mais importância que a idéia, o ritmo irá sacrificar a frase, a escolha do adjetivo sonoro (quase sempre no superlativo) irá destoar da simplicidade intencional do estilo, que de outras vezes se serve da gíria, de regionalismos e algumas palavras. O despreso pela minúcia, pelos acontecimentos miúdos, pelo desenrolar paulatino de uma cena fará com que a ação se precipite e muitos trechos do livro pareçam pequenos quadros rápidos, soltos, deslacados, sem a necessária ligação entre si, sem a unidade que seria de esperar num romance. Diria que lhe falta a "técnica do romance", se essa definição um tanto vaga não tivesse sido tão abusivamente empregada a torto e a direito de algum tempo para cá. O Sr. Jorge de Lima não tem essa paciência, essa "humildade" do romancista, que enretece fios diversos, arma cenários, movimenta personagens, prepara as cenas e as recosa umas às outras, com todo um laborioso trabalho de bastidor, trabalho obscuro que nunca deverá tornar-se aparente, embora forme a estrutura do livro, como um esqueleto que as carnes, os músculos e a pele recobrem, mas que mantem o corpo de pé. O Sr. Jorge de Lima, antes de ser romancista, é poeta. E, assim, poeta e romancista se misturam no seu livro, sendo que o primeiro fica com a parte maior e cede a contragosto seu lugar ao outro. Entretanto, não faltam ao Sr. Jorge de Lima — longe disso — os dons do romancista. Suas personagens, quando alcançam permissão do poeta para agir e para falar, mostram que têm vida, carne e sangue. Seus diálogos são extremamente vivos e naturais. A linguagem de Seu Tódo do Canindé tem um sa-

bor de coisa verdadeira. Poca coisa tudo o que diria um caboclo nas suas condições. A prostituta Mosquitinha, com suas alusões ao espiritismo, seu "benzinho" colorindo todas as frases, seu ingênuo orgulho de "se dar" com os maiores da terra, de ter intimidade com a parentela do governador, de ser amiguinha particular do Inspetor da Guarda Civil, seus piebelismos pitorescos, seus nomes feios ditos com toda a naturalidade, é, apesar de personagem episódico, outra esplên-



Jorge de Lima

da figura de romance, porque é, na realidade, uma figura da vida. No entanto, quando as personagens não falam, como Joaquina, ou quando falam pouco (quatro ou cinco frases, no romance inteiro), como Ana, elas se tornam pouco mais do que sombras; são seres inventados, não existem, não convencem. E isso nos prova a força de criação do Sr. Jorge de Lima, apenas prejudicada pela sua maneira de fazer romance; mal sua mão se desprende da personagem, deixando-a livre de andar e respirar, dando-lhe autonomia, a personagem anda, respira, transforma-se num ser autônomo. E' pena que poucas vezes ele consinta em soltá-las, que as mantenha quase sempre sob controle, que as arraste consigo para onde queira levá-las, que faça sua vontade própria intervir a todo instante. Assim, as coisas acontecem bruscamente, sem preparo e sem explicação, como a cena do encontro de Lula e Ana, e o modo como ele a convence a viver em sua companhia, ficando, desse momento, anulado todo o passado da moça e desaparecendo, sem que nunca mais nele se fale, aquele Durão que a maltrata tanto durante sua breve permanência no romance (outra figura que não consegue livrar-

se um só momento da tutela do Sr. Jorge de Lima). O autor lançará mão de processo semelhante quando arranca todos os moradores de Varginha e os leva atrás do Santo. Criação viva e verdadeira é esse Santo, com a palavra única que pronunciará durante páginas e páginas: — "Anda, Anda" — e ao seu grito de ordem andarão paralíticos e aleijados, e andarão, acompanhando-o, cheia de fé e fanatismo, toda uma multidão pavorosa de doentes, inutilizados, moribundos, "cegos de todas as cegueiras", feridos e opilados de barrigas enormes. Essas cenas de êxodo estão entre as mais sugestivas e convincentes do livro, principalmente as últimas, da debandada atrás do Santo expulso do Canindé.

Entretanto, se não há uma coerência maior nos capítulos e mais nitidez nas personagens, o leitor logo compreenderá que isso não constitui um defeito, porque a personagem de primeiro plano, a única realmente importante, a única que realmente nunca falha e que está presente da primeira à última página, estabelecendo continuidade entre elas, aquela que determina toda a ação e em torno da qual as coisas se realizam, é a terra, e o núcleo do romance é a luta do homem contra a terra — diríamos melhor: a luta da terra contra o homem. O livro começa com a volta de Lula à região de sua infância. Essa viagem de trem, narrada com uma vivacidade, uma presteza, uma variedade de paisagens, uma mobilidade de fita cinematográfica, fita colorida, é um pequeno poema de que cada estação, cada parada do trem, assemelha-se a uma estrofe. O estilo dessas primeiras páginas é propositalmente despojado, ofegante como um tremzinho da Great Western que passa a toda velocidade de sua máquina (velocidade relativa de um tremzinho da Great Western), detendo-se de vez em quando, partindo logo depois, varando campos e matas. Lula chama o condutor, indaga para onde irá o trem. — "Ao começo da terra" — responderá o homem. E é realmente ao começo da terra que o trem levanta Lula e seus vagos planos messiânicos de salvação da sua gente. Ao começo da terra. Ao começo do mundo. A região onde Lula nasceu assemelha-se ao mundo do período de formação, quando não havia, entre a água e a terra uma diferença nítida, quando os dois elementos se misturavam e confundiam, e davam nascimento a seres amorfo, semi-aquáticos, semi-terrenos, bichos mal definidos, peixes rudimentares, vermes e insetos de corpos moles, algas gelatinosas, toda uma fauna e uma flora da era paleozóica, muitos milhares de anos antes do nascimento do Homem. Mas na região natal de Lula o homem existe e trabalha, tirando seu sustento daquele mistura dos dois elementos, água e terra confundidas numa lama fértil.

(Continua à pag. 37)

O Profeta da Cólera

DIOCLECIO D. DUARTE

MARTIN Lutero pode assim ser chamado. O turbulento agostinho do velho convento de Wittenberg surgiu como demônio enraivecido contra o espírito humanista que o período da Renascença criara. E com ele despertou também a indole dos primitivos germânicos para quem o ódio representava sempre um fator decisivo de triunfo. Uma espécie de Sãnao erguendo arrogantemente as portas de Gaza lembrava a violência do marido de Catarina Bora nos desafios ao poder espiritual de Roma. A ninguém respeitava. Ele foi o profeta da cólera que soube perfeitamente aproveitar as transformações econômicas da época, produzidas pela descoberta da América, e a inquietação dos descendentes da nobreza feudal alemã, insulados em seus castelos de pedra e desejosos de empunhar as armas contra os dominadores que haviam transportado as fronteiras da terra empobrecida e sem unidade nacional.

De um lado a opulência dos grandes eleitores, constituindo privilégios de classes, e do outro a miséria da massa rural ligada à rebelião pronta a explodir dos antigos caudilhos. Entre estes se encontravam os audazes cavaleiros Franz von Sickingen, senhor do castelo de Ebernburg, que acusou de alta traição contra Deus e o império, o arcebispo grande eleitor de Fréves, e Ulrich von Hutten, inimigo do grande eleitor de Mayence.

O ambiente era, portanto, propício à tempestuosa investida da Reforma, sem dúvida, um dos maiores acontecimentos da história, e para o qual — é justo acentuarmos — menos influíram as interpretações contraditórias sob o ponto de vista teológico apresentadas pelo renovador do que as circunstâncias materiais e concretas discutidas pelos exegetas marxistas.

Se os embaixadores de Leão X houvessem correspondido às habéis sugestões desse sábio humanista, a controvérsia de Augsburg não teria tido, certamente, as consequências cruéis e a revolta dos camponeses estimulada pelos ardorosos protestos dos estudantes que se inspiravam nos ensinamentos filosóficos dos mestres de Wittenberg, solidários com a atitude de Lutero, não mergulharia, como mergulhou, numerosas cidades alemãs em verdadeiro oceano de sangue.

A incompreensão política inflamou, porém, o ímpeto dos contendores, apaixonando os partidos e atraindo, desordenadamente, a alma ingênua e sofrida do povo, explorada por guias vingativos ou fanáticos ignorantes e perversos. Estabeleceu-se tremenda anarquia. A onda revolucionária envolveu os templos sagrados e destruiu os lares tranquilos. Crianças e mulheres desapareceram na voragem destruidora.

Com a justificativa de manter a doutrina dos evangelhos e continuar

a tradição misericordiosa do cristianismo, foi hasteada a bandeira da guerra civil, originando o orgulho nacional em toda a Alemanha e criando no caráter místico do povo falho de capacidade crítica o sentimento do ódio e desprezo às idéias estranhas. Esse caráter que os arautos reformistas conquistaram não foi modificado pela cultura do século e ainda hoje vive e serve, inconscientemente, à fúria satânica dos modernos adversários da liberdade humana. Frantz Funck-Brentano, reportando-se ao outono de 1511, quando um jovem monge alemão partia do convento d'Esfurt com destino à Roma, afim de pleitear certos privilégios para a ordem dos agostinhos, de que era provincial Jean Stämpitz, consegue colocar em evidência as características da psicologia germânica, imperialista, absorvente, voluntariosa, dominada pelo ódio que a conduziu a todas as violências.

O livro que Eloy Pontes traduziu, com admirável precisão, precedendo de um estudo crítico, sintético e penetrante, esquecendo, todavia, o aspecto econômico do extraordinário acontecimento, evidencia o temperamento impulsivo de Martin Lutero, cuja cólera não respeitou a própria delicadeza e mansuetude de Erasmo, que foi o mais célebre humanista do seu tempo, e para quem antes havia apelado, numa doce e carinhosa epístola. Erasmo não demorou em ver no seu antigo admirador e assim escreveu — um espírito insaciável nas injúrias e na violência. Um Orestes furioso que deseja passar por um doutor do Evangelho.

Idêntico é o julgamento de Melancthon, em carta dirigida a Camerarius, na qual, melancolicamente, censura as expressões grosseiras de Lutero, a quem nega a vocação religiosa.

Mas a época permitia a vitória desses animadores do ódio, que, pela cólera, intoxicava a consciência popular, e, clinicamente, abusando do nome de Deus, contrariavam a suave doutrina cristã, de amor entre as criaturas.

Foi Lutero um espírito perfeitamente integrado no seu tempo e na sua raça. E, por isso, não recejava em proclamar: "Na cólera, meu temperamento se retempera, meu espírito se aguça e as tentações (do diabo), os aborrecimentos se dissipam... Não escrevo e não falo nunca melhor do que durante a cólera. Se quero compor, escrever, rogar ou pregar bem, é preciso que esteja encolerizado". Ainda em carta escrita ao seu amigo Spalatin, assim se expressa: "Não posso negar que não seja mais violento do que seria preciso, mas os ouvidos contradizem o saber; cabe-lhes não irritar o cão. Tu sabes por experiência pessoal como se tem dificuldade em moderar, conter a pena. Quero até meu último dia, cobrir esses miseráveis de ultrajes e injúrias. Eles

não ouvirão de mim nenhuma palavra boa, meu trovão lhes explodirá nos ouvidos, seus olhos serão ofuscados por meus relâmpagos até que eu os tenha feito rebernar".

A nossa formação moral é, porém, diferente. O clima em que vivemos não admite esses profetas arrogantes, sedentos de sangue e entusiastas da força material. Queremos dominar pela palavra, artilharia da inteligência e fundamento da democracia, que é o regime da liberdade de pensar e de agir.

A glória de Martin Lutero está simplesmente em haver acendido a formidável fogueira da Reforma. Ele foi o profeta da cólera que ainda queima a alma dos bárbaros saídos da Floresta Negra para atemorizarem a consciência do mundo amável e trabalhador.

LUTERO, de Funck Brentano — Trad. do Eloy Pontes. — "Cólera Vidas Extraordinárias" — Editorial Vecchi. — Rio, 1942.

Leitura

Crítica e Informação

Bibliográfica

Registrada no D. I. P. sob número 10.974

Direção de

DIOCLECIO D. DUARTE

e

RAUL DE GÓES

Secretaria de

MELO LIMA

Gerência de

RAFAEL BENAION

Redação e Administração:

Assinaturas, 79, 1.º andar

Telefone: 22-8817

Rio de Janeiro, Brasil

Composta nas oficinas de "A Manhã" e impressa no "Diário Carioca"

Sucursal em São Paulo

Rua do Carmo, 138 - 1.º - Sala 9

Diretor: Paulo Zingo

Correspondentes e

Representantes

em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . . . Cr\$ 0,50

Número atrasado . . . Cr\$ 1,00

Assinatura anual . . . Cr\$ 6,00

Assinatura semestral Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . . . \$ 1,00

Assinatura semestral \$ 0,50

(Dólar americano)

MAIO DE 1943

ANA KARENINA E TOLSTOI

ELOI PONTES

Copyright de LEITURA

NÃO é fácil compreender a obra dum escritor, sem enquadrá-la nos fluxos e refluxos de sua vida. Certos fatos, de aparência estranhos às nossas inquietações, influem e alteram de tal modo os pensamentos, que nos empolgam, que seria inútil procurar libertá-los. Num belo estudo sobre Tolstói, analisando-lhe a evolução da obra, Romain Rolland acentua e explica a espécie de cesura, decretada pelas inquietações morais, que invadiram o espírito do romancista. Concluiu ele *Guerra e Paz*, escrevendo-lhe os últimos capítulos, quando se sentiu invadido por angústias indizíveis e dúvidas cruéis de consciência. Os distúrbios orgânicos, a esse tempo, são ainda mal definidos. Em carta à Condessa de Tolstói o romancista fala das angústias, que se repetem destruindo conceitos, que o amor, a atmosfera doméstica e as esperanças na família tinham criado e robustecido.

A esse tempo Tolstói se dedicava a estudos de grego, lendo Homero no original, para melhor compreender a falta de escrúpulos dos tradutores. A Condessa de Tolstói, impaciente com os males que lhe conturbam o espírito, atribui tudo à nova espécie de atividade mental. "Se te absorves sempre nos teus gregos, não convalescerás. São eles que te decretam essas angústias e essa indiferença pela vida presente". O romancista, porém, tinha-se deixado seduzir pela auto-inspecção. A análise íntima, o exame de consciência, as dúvidas, que o misticismo pessimista agravava, vão criando uma rede tal de hesitações, que Tolstói vacila à toa e quase compromete o romance com que procurará secundar o sucesso magnífico da *Guerra e Paz*. Esse romance é Ana Karenina. Várias vezes iniciado e várias vezes posto de quarentena, aí Tolstói vai fixar os pensamentos se-

cretos e as tremendas inquietações que nunca mais deveriam abandoná-lo. Em 1873, quando começa a escrever, uma chusma de contrariedades teima em aumentar-lhe o pessimismo e os desencantos. Há lutos na família. Por isso mesmo Ana Karenina se passa numa atmosfera melancólica, onde não se acham espaços aos surtos líricos, que se notam no romance anterior. Aquil as paixões tempestivas e a heróica aparece como encarnação da mulher fatal, diabólica, fulgurante como as labaredas dos incêndios, nas noites fechadas. A alma de Ana Karenina constitui laboratório terrível duma força que contamina, empoencha e tiraniza. Kitty dela se aproxima com receos. Wronski se deixa invadir de pressentimentos. Por fim Levine. Nele Tolstói fixará todas as idéias que lhe invadem a compreensão, a esse tempo, alterando-lhe a conduta, enquanto o amor invenci-

vel destrói a famosa estrutura moral de seus delírios. Ana Karenina, de sua parte, transfigura-se aos contactos de Levine. Abandona o luxo, reprime a vaidade, foge às perspectivas dos filhos, envenena-se com os filtros do ciúme, escravizada pelos instintos e só querendo agradar ao amante. O demônio da sensualidade insinua-lhe a graça dos artifícios, nas atitudes, na voz, nos olhos. Todas essas preocupações se agravam, aos poucos, até que, sem outros recursos, com o coração fistulado e os instintos em trapeço, ela recorre à morfina, no empenho de esquecer. Esquecer o quê? O mundo. As paixões carnis. A vida a dois,

Mas, para tanto, só há um apelo seguro: a morte. Ana Karenina solicita-a. Atrai-se sob as rodas de um comboio. Este o romance que os irmãos Pongetti (editores) publicam agora, em tradução de Marques Rebelo. Resumido assim, Ana Karenina perde

grande parte do interesse! Ao longo da vida trágica de Ana Karenina recolhem-se os panoramas da Rússia e os aspectos sociais da gente russa em 1880. Como ninguém ignora o herói do romance — Constantino Levine — é o retrato de Tolstói, com todos os fenômenos de transferência, que a psicanálise definiu. A bem dizer Ana Karenina é o romance auto-biográfico do romancista. Clubes, salões, teatros, hipódromos, sociedades, bailes, círculos de oficiais, tudo copiado a existência real, delata a presença de Tolstói nas páginas do romance. Os amores de Kitty e Ana são reminiscências dos primeiros anos domésticos do romancista. A morte do irmão de Levine é a morte de Dimitri, irmão de Tolstói. As angústias e dúvidas de consciência de Levine, a idéia de suicídio, que ele esconde à esposa, Tolstói escondia, a esse tempo também, à sua mulher.

Na última parte de Ana Karenina o romancista deixa entrever os primeiros sintomas das impaciências morais, que deveriam destruir-lhe todos os projetos de velhice calma, dois anos depois mergulhando-o nas torturas, angústias e dores convulsas das *Confissões*. A sociedade, seus artifícios, as hipocrisias, os sentimentos convencionais, virtudes falsas e falsos pressupostos, o liberalismo verbalista, a religião elegante, a filantropia mundana se enredam nos efeitos de um atraso desalinhado. Só a morte depura as almas. Levine comove-se e altera-se diante do irmão morto, primeiro, depois diante de Ana Karenina. Tolstói não faz mais do que desafogar-se procurando no trabalho derivativos. Foi com grande dificuldade que levou a termo Ana Karenina. Em cartas aos amigos ele fala sempre "na insípida Ana Karenina", no romance que lhe causa tédio". Por quê? Apenas porque, segundo ele próprio escreve, a razão não lhe enuncia coisa alguma, concluindo: "tudo quanto sei me foi concedido e revelado pelo coração". Vauvernaques já dissera: os grandes pensamentos nascem no coração.

Tolstói foi um sentimental antes de tudo. O misticismo dos últimos anos havia de lhe alterar os conceitos, longamente cristalizados nos contágios dos humildes. Escreveu preocupado com estes, e não com aristocratas do pensamento, com eruditos, com os artistas supremos. Em *Ressurreição* pretendeu fixar os pontos altos de suas doutrinas, colocando a fé nos ciúmos de todas as inquietações humanas. "Dans ces œuvres de maturité (adverte Romain Rolland), l'amour est le flambeau de la vérité". Nas obras do fim da vida, entretanto, "c'est la lumière d'en haut, un rayon de la grâce, qui descend sur la vie, mais ne se mêle plus avec elle", que prevalece e comanda os acontecimentos. Acontecimentos de ordem apenas subjetiva. Ana Karenina marca o ponto de encontro das duas fases de-

(Continua na página 24)



Uma Introdução ao Estudo do Homem

ARTHUR RAMOS

Copyright de LEITURA

O PROF. Donald Pierson escolheu excelentemente este volume do prof. Ralph Linton para iniciar a sua Biblioteca de Ciências Sociais que está dirigindo para a Livraria Martins, de São Paulo. Dentre os livros de texto de Antropologia dos autores norte-americanos, de um Wissler ou de um Goldenweiser, de um Kroeber ou de um Lowie, este é um dos mais representativos. Não haveria espaço, nesta rápida notícia bibliográfica, para fazermos uma análise técnica do volume. Como de regra nos tratados norte-americanos de antropologia, o livro de Linton é uma apresentação geral dos fatos e dos problemas da antropologia, tomada no sentido anglo-saxão: de ciência unitária do Homem, sem seus aspectos físicos e culturais. Assim, o volume tem de percorrer, numa síntese que por vezes se torna um tanto violenta, todo o imenso âmbito da Antropologia física e ciências correlatas como a Paleontologia humana, em capítulos introdutórios nos assuntos propriamente da Antropologia cultural.

Esta edição brasileira vem ampliada e retocada pelo Autor nos capítulos I e parte do II, para se pôr em atualidade com as aquisições mais recentes da Paleontologia humana. Infelizmente, são capítulos que deixam a desejar. A discussão sobre a filiação do grupo *Pithecanthropus-Sinanthropus* entre os Antropianos ou entre os Homínios ainda não foi resolvida e no entanto o Autor deixa a impressão que esses chamados Antropianos constituem o *missing-link* tão discutido da série evolutiva Antropol-Homem.

A discussão sobre as raças fósseis do pleistoceno médio não foram atualizadas pela orientação mais recente. A tendência é hoje para considerarmos o *Homo Neanderthalensis* europeu e o *Homo Rhodesiensis* como uma só espécie, a do *Homo Neanderthalensis*, com as variantes européia e a africana, ramo indiscutivelmente Homínio de caracteres muito primitivos, e por isso mesmo chamado por alguns autores de *Homo Primigenius*, com as variedades européias e africanas. O próprio *Homo* de Heidelberg é hoje considerado uma etapa pre-neandertaliana.

Nem uma palavra diz o Autor sobre as raças fósseis do Pleistoceno superior, as raças do *Homo Sapiens fossilis*. É no entanto a sua apresentação é indispensável para a compreensão do quadro racial do Homem post-glacial, das raças do Mesolítico e do Neolítico, em suma, das várias raças do *Homo sapiens actualis* ou alluvialis.

Compreendo bem que o intuito do Autor não foi, nestes capítulos introdutórios, fazer uma apresentação da Antropologia física, mas escrever algumas páginas gerais, indispensáveis, no setor racial, à compreensão dos problemas da cultura e da sua interdependência com a personalidade.

Al está Ralph Linton no seu legítimo domínio. Com uma grande expe-

riência "de campos", Linton é contudo o grande doutrinário dos problemas da cultura, principalmente em seus aspectos psicológicos. São bem conhecidos os seus trabalhos sobre aculturação, sobre a mudança cultural considerada nas suas influências recíprocas com a personalidade.

Conheci Ralph Linton, na minha passagem pela Universidade de Columbia, onde substitui o saudoso prof. Boas, à testa do Departamento de Antropologia. Foi por sua iniciativa que lá realizei a minha conferência sobre problemas de aculturação no Brasil, que ele animou com o seu interesse, dirigindo as discussões e tomando parte nos debates.

Lá, como depois, em sua casa, perto da Universidade, tive oportunidade de conhecer quase todo o grupo da Columbia, com exceção do prof. Boas, docente na ocasião, e de outros de seus discípulos. Conservei deste contacto com Ralph Linton, com as suas características de um tipo pânico, tão bem humorado e de espírito aberto, a melhor das impressões.

No Prefácio do seu livro, Ralph Linton previne-nos contra a multiplicidade de "escolas" antropológicas em conflito, que contribuíram efetivamente para o desenvolvimento da ciência da cultura, mas afinal de contas, indicadoras de uma ciência ainda na infância. No prefácio do editor da Série, o meu ilustre confrade e amigo Donald Pierson, as mesmas razões são alegadas. Diz Pierson que o livro não pode ser tomado como o "representativo de qualquer 'escola' das já passadas épocas da Antropologia". E argumenta que não podemos falar de uma Antropologia "americana", ou de uma Antropologia "francesa" ou "inglesa", da mesma forma que não podemos falar de uma astronomia "italiana" ou de uma matemática "russa".

Estou de pleno acordo com Pierson, mas quero lembrar-lhe que foram justamente os norte-americanos que criaram essas funções "adjetivas" da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia. Não há, por exemplo, Sociologia "rural" ou sociologia "urbana", mas uma sociologia da "sociedade rural" e uma sociologia da "sociedade urbana". Não há tão pouco uma psicologia "educacional", "anormal", etc., mas uma psicologia única, "aplicada" aos fatos educacionais, à vida normal ou patológica, etc.

Não há portanto uma Sociologia Americana, ou Psicologia Social Americana, ou Antropologia Americana, apesar de Riley nos falar de uma filosofia ou de um pensamento "americano", ou de Karpf de uma psicologia social "americana", ou ainda apesar de o mais conhecido dos jornais norte-americanos de antropologia se intitular *American Anthropologist*. Era o caso de perguntarmos, com Linton e Pierson, se haverá um tipo especial de "antropólogo americano" diferente dos outros, o que é pior do que considerarmos separadamente uma an-

tropologia "francesa" de uma "alemã" ou de uma "norte-americana" ou "brasileira".

Permita Pierson que eu tome parte na discussão e diga que devemos separar o "fato" ou o "objeto" dos seus "métodos" de estudo. Nesse sentido, não há "objetivo" diferente da Antropologia americana ou brasileira, dos da Antropologia "européia". Mas os homens são diferentes, o seu "approach" (é um termo tão caro aos americanos) é diferente. E isso explica que os "métodos" de estudo variem. Se esses métodos representarem um grupo, de tal Universidade ou de tal país, então podemos falar legitimamente de uma "Escola". E então vemos que as escolas existem, várias e fecundas, como aliás nos mostra Ralph Linton nos capítulos XVIII a XXIII.

O método nas ciências é sempre um esforço para uma melhor interpretação dos fatos. E na ciência do Homem e da Cultura, temos assistido a uma evolução e transformação destes métodos, desde os antigos critérios evolucionistas até as discussões mais recentes.

Ainda hoje se debatem historicistas e a-historicistas da cultura, diffusionistas e funcionalistas, etc. É o próprio Linton quem nos fala, nesse sentido do grupo norte-americano: "No desenvolvimento desta tentativa (ele se refere ao critério ou "método" ou "escola" das áreas culturais), o grupo norte-americano de antropólogos (sic), principalmente Wissler e Boas, tomou parte mais ativa que os outros, talvez porque os últimos índios norte-americanos se prestavam facilmente à classificação nesta base".

Chegamos assim a uma conclusão e a um acordo. Os objetivos antropológicos são universais; não podemos falar, pois, de uma Antropologia norte-americana como distinta de qualquer outra. Mas os métodos de estudo variam, dentro daquele princípio que Calverton chamou certa vez "cultural compulsives", e que não é mais do que um *Zeitgeist* influenciando os conceitos humanos. Assim, podemos falar de uma antropologia ou escola histórico-culturalista, ou de uma escola funcionalista, como de um "grupo americano" ou de uma "antropologia brasileira", sendo a função adjetiva referente ao método ou ao "approach" desta ou daquela escola.

A edição brasileira está muito bem apresentada e a tradução cuidadosamente revista. Gostaria que nós, os antropólogos brasileiros, nos reuníssemos em conferência para acertarmos a nomenclatura brasileira. Assim evitaremos a difusão de certos termos ingleses que devem ter o seu correspondente português. Há outros senões mínimos. Por exemplo, porque traduzir *Hominidae* por *Hominídeos*, quando o termo *hominídeos* ou mesmo a conservação da grafia latina já foram empregados pelos nossos antropólogos, como Roquette Pinto. Basta de Avila ou Fróes da Fonseca?

MAIO DE 1943

"Meu Diário de Guerra"

JAYME DE BARROS

Copyright de LEITURA

"MEU Diário de Guerra", traduzido por Fernando Tude de Souza, não é, como frisa o próprio autor, W. Somerset Maugham, romancista e autor dramático inglês que se impôs, de há muito, à admiração universal, um relato de grandes acontecimentos, "mas de coisas pequeninas", que lhe aconteceram e que observou "nos primeiros quinze meses de guerra".

O autor de "Histórias dos Mares do Sul" e de "Servidão Humana" passava o verão de 1939 em sua propriedade de Midl, na encosta de uma colina em Cap Ferrat, promontório que avança pelo Mediterrâneo a dentro, entre Nice e Monte Carlo.

Era intenção sua aí passar o resto da vida e exalar o último suspiro na cama em que havia em seu quarto.

No jardim da casa toda pintada de branco, por dentro e por fora, guardada e enfeitada com quadros e objetos de arte, possuía pinheiros, laranjeiras, mimosas, plúmes, uma touceira de timo selvagem, rosas silvestres e até abacateiros, por ele trazidos da Califórnia. Nesse pequeno paraíso, aguardava, sereno, o fim da vida.

Mas a guerra veio transtornar os desejos e planos de Somerset Maugham, forçando-o a novas peregrinações e a retomar, como escritor, o seu lugar na defesa de uma vida melhor para a humanidade.

É notável a página em que o autor se propõe a dar as razões por que, em sua opinião, a França foi levada a uma vergonhosa capitulação.

A um observador tão arguto como Maugham não poderiam passar despercebidas, diante da dramática capitulação da França, as razões profundas e fatais que a determinaram.

Na realidade, a desorganização interna era enorme. A desunião, produzida por crises políticas sucessivas, insanáveis, até que um desastre militar de proporções jamais vistas e um terrível sofrimento pudessem congregar de novo os franceses ainda dignos de viverem sob a bandeira tricolor.

Maugham mostra que desaparecera aquela frente unida com que os franceses, quando o país estava em perigo, se apresentavam diante do inimigo. A unidade que

existia nos círculos parlamentares era apenas superficial. Havia uma luta ignóbil pelas posições de mando. Dissolvido o Partido Comunista, seus deputados foram presos ou obrigados a fugir, sem que se considerasse o efeito que essa medida teria sobre os operários.



W. Somerset Maugham

Poucos empregadores dedicavam alguma atenção ao bem estar dos empregados. As horas de trabalho eram excessivas e o salário mínimo. Os ricos andavam horrorizados, com medo do comunismo. Na aristocracia e na próspera burguesia, muitos admiravam os ditadores, porque pensavam que eles haviam salvo seus países dos horrores do comunismo russo.

O autor de "Meu Diário de Guerra", escreve:

"A democracia depende em última análise da virtude dos indivíduos, e uma democracia corrupta tem que fracassar".

Lembra ainda, confirmando outros depoimentos, que a corrupção se alastrara a todas as classes. Havia uma decadência moral generalizada, uma louca sede de prazeres, um cinico desdém pela honra.

As forças armadas sofriam do mesmo mal e "muitos oficiais estavam contaminados". Já para casa ou a Paris gozar as licenças e se lhes perguntassem porque estavam combatendo, responderiam que tanto poderiam estar sob o domínio de Hitler ou sob outro

domínio qualquer. Queriam "viver calmamente e tratar de seus próprios interesses".

Faltava à heróica França um homem, condutor de homens. Já não existiam Clemenceau e Foch.

Como uma das lições que podem ser tiradas dessa trágica história, afirma ainda:

"Se uma nação valoriza alguma coisa mais que a liberdade, ela perderá a liberdade: a ironia disto é que se for o dinheiro ou o conforto que ela valoriza mais, os perderá também."

Maugham, ao expor dessa maneira franca e rude a situação da França, cuja plutocracia preferia viver sob as botas de Hitler a favorecer a expansão de avassalante sentimento socialista das massas, não dissimula o que também se passava na Inglaterra. Os interesses ferozes do mundo capitalista são os mesmos por toda parte. No fundo, os banqueiros de Paris e de Londres falavam a mesma linguagem. Na Inglaterra, a desorganização, a imprevidência, a desídia também eram enormes e só cessaram na hora da "debacle", com a ascensão de Churchill ao poder. De volta de Munich, Chamberlain agita ao povo boquiaberto um pedaço de papel com sua assinatura e a de Hitler, prometendo a paz perpétua entre a Inglaterra e a Alemanha. As fábricas de armamento trabalhavam em ritmo "câmara" lenta e só se pensava em evitar a guerra a todo preço.

Mas o que redimiu a Inglaterra de tudo isso foi a sua espantosa bravura na hora suprema. O seu instinto imperial, a ansia de sobreviver levou-a à épica resistência que deixou o mundo perplexo. A voz de Churchill era a voz dos sinos conclamando o Império à luta sem tréguas contra o selvagem inimigo. A metrópole, plantada no seu rochedo, circundada pela esquadra, olhava o mar em derredor, defendida nos céus pela RAF.

A França, ferida no coração pelo invasor, não teve tempo de reagir. Os que sobreviveram ao golpe terrível apontavam em vão o recurso extremo da resistência nas colônias do Império. O que se viu foi toda uma nação em pânico, partida a espinha dorsal do seu exército pelas divisões mecaniza-

(Continua à pag. 12)

Um Livro Para os Nossos Meninos

RAUL DE GÔES

A LITERATURA infantil é quase tão importante para o futuro de uma nação como as próprias escolas primárias. Se estas alfabetizam, aquela é um fator decisivo de formação moral, tal a sua poderosa influência sobre a tenra e plástica sensibilidade das crianças.

O ideal, portanto, para essa literatura, seria a descrição dos grandes feitos históricos, dos nobres exemplos de dignidade humana das nossas atividades criadoras, afim de que os pequeninos se, moldassem, por eles o caráter, com o instinto de imitação que é tão vivo na infância. Tudo feito, porém, como clareza e simplicidades, sem orientação e sentido estritamente literários.

Por outro lado, não devemos também deixar de compreender que as crianças são tão humanas quanto nós, adultos, e que a sua curiosidade e gostos não se comprazem, apenas, com o perfeito e o sublime na ordem moral. Haveria nada mais tedioso para nós que um romance no qual todos os personagens fossem virtuosos e puros? Quem de nós não bocejava de tédio ao ler, por exemplo, "A Divina Comédia", se esta suprema concepção do gênio poético se limitasse, tão somente, ao Paraíso?

Assim também são as crianças.

A literatura infantil tem que ser, por sua vez, um espelho da vida e da humanidade, com os seus contrastes, como o bem e o mal que constituem a argila humana.

Nós, homens felizes, tivemos uma infância que se alimentou espiritualmente com aqueles contos de fadas e de rainhas, de belas adormecidas no bosque e de príncipes encantadores e moçozinhos. As histórias que nos deixavam de olhos úmidos e coração suspenso eram, ainda por cima, de escritores europeus. Líamos "O Coração" de D'Amicis e chorávamos com aquele conto "O Naufrágio", tão intensamente dramático; vibrávamos de ar-

dente patriotismo francês ao ler "O estudante alsaciano" de Coppée.

Dessa maneira, nos teríamos uma geração formada à europeia, desviada do Brasil, voltada exclusivamente para os padrões transatlânticos da concepção literária e estética. As histórias para os nossos meninos devem ter um caráter e um orientação puramente nacionalista; os tipos, hábitos, costumes e ambientes não devem ser de outras terras, mas da pátria para que o espírito das crianças se desenvolva e floresça, integrado no clima nativo.

Nos Estados Unidos, a literatura infantil baseia-se no heroísmo nacional; na bravura, na capacidade e na força do "yankee", através de peripécias e triunfos os mais empolgantes. Precisamos de uma literatura mais ou menos assim. De uma literatura infantil realista, concreta, instrutiva.

Este objetivo está sendo, agora, tentado com êxito pelo sr. Afonso Varzea, no "Tesouro da Ilha dos Cocos", edição de "Alba". Conta-nos esse didata ilustre, que conhece o Brasil de ponta a ponta, histórias de-

liciosas, percorrendo o mundo da geografia — que é um centro maravilhoso de colorido e de formas.

Os lances cômicos dos diversos personagens — todos garotos brasileiros — do livro de Afonso Varzea, são de molde a prender a atenção dos leitores. Muitas daquelas figuras, como Norberto e Rubens, viveram uma vida intensa, livre, sem pelas, tomando parte nas travessuras dos nossos chamados "filhos de família"; eram integrantes da turma endiabrada de Laranjeiras, em que pontificavam as crianças da casa de Coelho Neto.

Nenhum menino, se enfiará com as narrativas de Varzea. Elas não são histórias ingênuas e banais. Os nossos meninos irão rir, vibrar e tomar interesses por esta série de aventuras interessantíssimas; nelas a gente sente um pedaço do Brasil, porque caminha e atravessa terras e céus bem nossos.

TESOURO DA ILHA DOS COCOS.
de Afonso Varzea — Literatura Infantil — Alba Editora. — Rio. 1942.

Companhia Internacional de Seguros

INCÊNDIO - TRANSPORTES EM GERAL - AUTOMOVEIS - VIDROS
- ROUBO - ACIDENTES DO TRABALHO - ACIDENTES PESSOAIS

Sede:

RIO DE JANEIRO

Rua da Alfândega n.º 48

Endereço telegráfico:

COMPINTER

Mascote 1. e 2. ed., Borges,
Brasil, Ribeiro, A B C 5TH Ed.,
impr. e 6TH Ed. e Lieber's

LEIAM

"HOJE"

A REVISTA DEMOCRÁTICA
DE S. PAULO

Em todas as bancas

A RAINHA E BRANCA DE NEVE — "Espelinho, espelinho da parede, quem é a mais bela de todo o país? E o espelho respondeu: — Senhora rainha, aqui reis a mais bela de todo o país, mas Branca de Neve, que está além dos montes com os sete anões, é ainda mil vezes mais bela que vós".

TRES IDADES — "Y edades no hay más que três: La edad en que se dice: Todavía no puedo. La edad en que se puede sin decir. La edad en que se dice: Ya no puedo.

Però en la edad de los hechos, se une el goce de haber llegado a la tristeza de sentir el descenso.

No protestamos, porque para nosotros todo é aceptación".

"Poemas Solitários", de Guiraldes, fevereiro de 1921. Edição póstuma, 1926.

"A CIÊNCIA DA VIDA"

PEREGRINO JUNIOR

Copyright de LEITURA

SÃO sem dúvida eternamente úteis e interessantes essas edições de livros de vulgarização científica que hoje se multiplicam no mundo inteiro, em todas as línguas. A publicação de tais livros corresponde, de resto, a uma exigência do público, cuja curiosidade pelas questões científicas é incontestável. O público, com efeito, tem fixado sua atenção, de certo tempo a esta parte, nas coisas superiores do saber, e deseja evidentemente acompanhar o movimento geral das idéias, para compreender, nas suas linhas fundamentais, a origem e as consequências dos grandes fatos científicos. Bem como das leis naturais. Mas será útil ao público essa combinação? E a ciência, que lucrará ela com isso? Eis aí dois aspectos da questão que tem suscitado ultimamente muitos debates e vivas controvérsias. Entre os homens da ciência — sobretudo entre aqueles que se devotam à chamada "ciência pura" — o assunto é examinado com unânime ceticismo. Contudo, as coisas, as controvérsias e os livros, destinados ao grande público, e versando as questões mais obscuras, ásperas e difíceis, com a finalidade expressa de colocar ao alcance de toda gente noções e conhecimentos que eram até então o privilégio de grupos fechados de especialistas e sábios, vieram mostrar que, mau grado todo esse ceticismo, a tarefa de divulgar é útil e generosa. Pode ter em todo caso, algumas consequências inesperadas, com sucedeu naquele ilustre salão da anedota que li não sei onde, no qual um conferencista explicava com gravidade o tempo que ainda temos para viver. Expondo uma série de cálculos baseados na diminuição da irradiação solar (o Sol pesa hoje 360.000.000 de toneladas menos do que ontem), no afastamento progressivo da terra (1 metro por século), em relação ao Sol (consequente à diminuição da força de gravitação solar devida à sua perda de peso), na possibilidade de transformar-se o Sol em "anão branco", o conferencista declarou que Jeans admitia que temos provavelmente 1 trilhão apenas de anos de vida possível para o homem na face da Terra.

De súbito, levanta-se, no meio da sala, um homem pálido e tremulo extremamente emocionado, que pergunta em voz alta: —

Quantos anos faltam, Professor, para o fim do mundo? — Um trilhão de anos! respondem o conferencista calmamente, com segurança e gravidade. E o assustado interlocutor sentando-se tranqüilo e aliviado, comentou num suspiro: — Felizmente! Eu tinha ouvido 2 bilhões...

De qualquer forma, uma vulgarização científica bem orientada e bem conduzida, com clareza, pru-



Einstein

dência e probidade, evitará sempre os perigos da "mela ciência" e facilitará o conhecimento de muitas noções proveitosas. Aliás, basta atentar na orientação do ensino moderno, para ver quanto essa conduta é vantajosa e consentânea com as necessidades do nosso tempo. Os nossos avós, que saíam das escolas com muito latim e pouca ciência na cabeça, eram pouco menos que ignorantes, em comparação aos filhos: eles poderiam ajudar missa ou traduzir Virgílio, mas desconheciam ou ignoravam a origem do mundo, a eletricidade, o rádio, os mistérios da vida, noções fundamentais da ciência. Depois, a vida moderna, dependendo íntima e profundamente da ciência, não prescinde de seu conhecimento. Nem só as profissões científicas, como a Medicina e a Engenharia, a Farmácia e a Química, a Arquitetura e a Odontologia, exigem conhecimentos de ciência, mas todas as técnicas e indústrias, a agricultura, a pecuá-

ria, o comércio, e até as artes, cujo progresso depende em grande parte do progresso da ciência, e que tudo fazem sobre bases científicas exigindo métodos e processos científicos. Como, pois, prescindir de tais conhecimentos?

O homem que lida com rádio e eletricidade, que anda de automóvel e de avião, não pode ignorar a magia da ciência, como não pode ignorar a origem e a natureza do mundo em que se move. Recordo, a propósito, as conclusões de um dos melhores livros de vulgarização de saber que já foram publicados em língua portuguesa ("Vida e Universo", de André Dreyfus), em que aquele eminente biólogo resumia em cinco consequências o valor da ciência: 1.º) Pelo progresso material que nos proporciona; 2.º) pela economia de pensamento, resultante obrigatoriedade do estabelecimento das teorias científicas; 3.º) pelo poder que concede ao seu detentor; 4.º) pelo prazer estético que proporciona a todos que a ela se tem dedicado; e 5.º) finalmente, pela melhora que deveria trazer ao homem. Toda divulgação científica, portanto, poderá contribuir, em última análise, para espalhar entre os homens todos os bens e todas as vantagens da ciência.

David Dietz, professor de ciências da Universidade de Western Reserv. E.U.A., compreendendo certamente assim a sua missão de homem de ciência, fez um livro admirável de vulgarização, que a gente lê com o prazer com que se lê um romance: "História da Ciência". Um livro excelente, raro, objetivo, simples, escrito com a facilidade e o equilíbrio com que os professores conseguem escrever. E nesse livro David Dietz põe ao alcance de toda gente o espetáculo da formação do mundo e do progresso da ciência. Sabendo, como comprova, que a ciência domina a vida moderna, e que a máquina, produto da ciência, marca o ritmo das atividades contemporâneas. David Dietz diz muito bem que descobertas científicas influem sobre a nossa conduta social, a nossa filosofia e até a nossa religião. É realmente impossível entender o mundo moderno, sem o estudo da ciência. E este livro nos oferece uma visão panorâmica, de extrema nitidez e precisão, da ciência moderna.

Cadernos Culturais

JOSE' LINS DO REGO

Copyright de LEITURA

Um meu amigo que vai ficando velho gosta muito de me falar dos moços do seu tempo. Aquilo era que era mocidade. Estudava-se mais, lia-se mais, levava-se tudo com mais seriedade. Não vou com o saudosismo do amigo descontente com os rapazes de hoje. Sempre houve e haverá um velho para gabar o seu tempo com o sacrifício dos tempos novos. Os dias que vivemos as gerações que se criaram no armistício que veio de 1918 até a guerra de hoje, foi sempre sacudida de todas as dificuldades. Contra ela os credos políticos se exercitaram, serviam-se de seus entusiasmos para reduzi-los a cobaias. Mas que a mocidade está viva, cheia de grandes intenções, desejosa de agir com força criadora, nunca duvidei.

Quando Gilberto Freyre veio para ensinar na Universidade do Distrito Federal não chegou com a esperança de encontrar um material humano capaz. E se surpreendeu com uma turma que seria orgulho de qualquer universidade americana ou europeia.

Mocidade com entusiasmo, com vigor, com inteligência existe. O que ainda falta, talvez, sejam os grandes mestres.

A Casa do Estudante do Brasil é outro campo de experimentação que nos anima a meditar na juventude do nosso tempo. Agora mesmo acaba de reler alguns de seus Cadernos, edições de conferências que foram por sua influência proferidas no salão do Itamarati. São temas tratados por homens que falam sem medo, e com toda confiança no valor da inteligência.

Quando Gilberto Freyre, em sua "Cultura Ameaçada", ou na "Atualidade de Euclides", clama pela grandeza da nossa particularidade, pela originalidade de nossa cultura ameaçada pelo fascismo, sabia que contava com o apoio dos estudantes, da mocidade que não vestiu camisa de espécie alguma, que era brasileira, sem um falso nacionalismo de estampa. Quando um Affonso Arinos de Mello Franco exprimia a sua fé na política cultural pan-americana, em tempo de agitação nazista, tenho a certeza de que o seu pensamento era o de todos os rapazes que o convidaram para falar em dias em que era perigoso tocar em assuntos dessa natureza.

As conferências que a Casa do Estudante do Brasil promove e manda imprimir valem como pedaços da história que vivemos. É uma história que já é do passado, mas que nos custou muito a atravessar. É preciso louvar a bravura desses rapazes que tudo fizeram para esclarecer a opinião brasileira. Havia muita nuvem passando por Juno, muito verde e amarelo que eram bem o pardo de Hitler.

Os rapazes da Casa do Estudante do Brasil tiveram sempre a coragem de procurar homens que lhes falavam com o coração, com o vigor de seus pensamentos, com flama de seus princípios. Levaram para uma casa como o Itamarati uma tribuna que não serviu aos traidores da lâbia totalitária.

Leio os seus Cadernos e me orgulho de pertencer a uma geração que não se entregou ao pânico, ao medo que a força fascista infundia por toda parte.

A história da quinta-coluna no Brasil precisa ser estudada. Há capítulos desta história que muita gente pedirá a Deus para não ouvir. Estes que nos insultavam, que falavam em vírus de Moscou, em ouro americano, em ouro inglês, estão por aí bem escondidos, convencidos de que se encontram esquecidos do povo. Não estão esquecidos. Não serão esquecidos. Os que se bateram pela verdade como estes rapazes da Casa do Estudante, estes serão vistos no dia da vitória que não está tão longe como imagina um certo derrotismo caviloso.

"Meu Diário de Guerra"

(Continuação da pág. 9).

das da Alemanha. Sempre faltou ao povo francês a disciplina, a serenidade, a determinação que caracteriza o temperamento britânico. No seu livro, Maugham registrou pequenos incidentes reveladores dessa tempera dos ingleses. Em meio dos maiores perigos, conservaram-se impassíveis, dispostos a executar até ao fim a tarefa sobrehumana que os seus interesses e sua honra lhes impunha.

Agora, quando já se aproxima a hora do triunfo, é necessário pensar na maneira de assegurar a liberdade de todos os povos que se empenharam na luta. E não só dos povos. Dentro de cada país, aos homens e mulheres que tornaram possível o triunfo. A esse respeito escreve Maugham: "Quando perguntei a Alexander, o primeiro Lord do Almirantado, que espécie de Inglaterra ele previa para depois da Guerra, respondeu-me apenas com uma frase: 'Um país onde haverá trabalho para todos, e onde não existirá nem gente muito rica, nem gente muito pobre'.

E o notável escritor ainda acentua, referindo-se aos problemas de após guerra, no seu país: "A intenção dos trabalhadores é introduzir medidas que transferirão as primeiras necessidades da vida da propriedade privada para a propriedade do Estado. Desejam eles que o comércio da Nação seja feito em benefício da comunidade mais do que para lucro do particular".

No encadeamento fatal dos fatos históricos, a guerra que estamos assistindo, cruenta e devastadora, representa, afinal, mais uma etapa da penosa evolução humana. Dos tremendos sacrifícios que está exigindo, alguma coisa de bom e duradouro há de ficar.

O livro de Maugham, escrito naquela definição de estilo que ele próprio nos deu — claro, simples, harmonioso — é um documento vivo para o estudo das causas da atual conflagração e dos seus desdobramentos futuros. Não é sem sangue, suor e lágrimas, para usar expressões de Churchill que havemos de construir um mundo melhor, uma vida mais bela e mais útil.



Emocionante romance de
FONTENLA
Em todas as livrarias
Distribuidor:

Hottum, Zagari & Cia.

PEDRO I, 15 — RIO

Auto Retrato

Oswald de Andrade visto por Oswald de Andrade



Oswald de Andrade

SAIRIA favorecido, por isso é melhor não tentar. Passo fornecer à LEITURA, através do meu camarada Paulo Zingg, elementos para um retrato.

Nasci em São Paulo, na atual Avenida Ipiranga, n.º 5 (primitivo), ao meio-dia de 11 de janeiro de 1890. Sou bacharel em Ciências e Letras e bacharel em Direito.

O meu tipo psicológico é, segundo uma classificação toda minha, pedagógico. Gosto de propor os meus pontos de vista, ensinar o que sei, ainda que errado, e intervir mesmo no que não sei.

Sou sentimental, inquieto e agrário. Talvez por isso tivesse me casado e divorciado diversas vezes. Esse "agrário" é complexo. Ocasionalmente fui plantador de café, tendo sofrido na pele, a alta de 28 e a quebra de 29. Mas originariamente, sou agrário de Portugal e Espanha, com escalas pelo norte da África (Mazagão), Amazonas e Pará (Obidos) e Minas Gerais. Do lado paterno, sou 5.º neto do bandeirante paulista Tomé Rodrigues Nogueira do O, fundador de Baependi.

Ainda sob o aspecto psicológico, faço fiado facilmente. Quero dizer que tenho a fé abundante. Cheguei a acreditar até em banqueiros. Como reação, posso atingir o cinismo, nunca o ceticismo. Este traria num tipo como o meu, o suicídio. Na solidão, sou saturno e amilético. Em público, afirmativo e solar. Briguei diversas vezes a português. Tomei parte em alguns conflitos públicos, dois

quando dirigia o jornal "O homem do Povo", em 1931. Estive preso e foragido muitas vezes. Enfrentei duas vãos, a da "Semana de Arte Moderna", no Teatro Municipal de São Paulo e a do Congresso da Lavoura, em 1929. Esta última foi provocada porque propuz que os latifundiários paulistas dividissem os lucros da terra. A mesa pediu a minha expulsão da Assembléia.

Fui preguiçosamente esportivo, pratiquei o futebol, a natação e o box.

Supersticioso e religioso de formação, nunca perdi essas taras, mesmo adotando um credo materialista.

Tenho poucos amigos e numerosos inimigos. Sou mais amigo da verdade do que de Plauto. Principalmente quando Plauto é canalha e a verdade gozada.

Realizei doze travessias para a Europa. Conheci o Oriente próximo, Atenas, Constantinopla, a Palestina e o Egito. Conheço bem meu Estado, e um pouco do Brasil — de Santa Catarina a Pernambuco e Mato Grosso. Fiz duas conferências, uma na Sorbonne, que era Universidade de Paris, e outra em S. Paulo, no Sindicato dos Padeiros, Confeiteiros e Anexos. Morei quase sempre em São Paulo, na capital, como no interior e no litoral. Morei também no Rio de Janeiro e em Paris. Em palácios, ranchos e cortiços, grandes hotéis e quartos modestos.

Literariamente, minha carreira foi tumultuosa. Pode-se dizer que se iniciou com a Semana de Arte Moderna, em 1922. Publiquei então "Os Condenados" e "Memórias Sentimentais de João Miramar". Descobri o poeta Mario de Andrade, do que muito me honro. Iniciei o movimento "Pau Brasil" que trouxe à nossa poesia e à nossa pintura a sua latitude exata. Daí passei ao movimento antropofágico que ofereceu ao Brasil dois presentes racionais: "Macunama", de Mario de Andrade e "Cobra Norato" de Raul Bopp. O divisor das águas de 1930 me jogou para o lado esquerdo, onde me tenho conservado com inteira consciência e inteira razão.

Estou atualmente trabalhando no meu romance cíclico "Marco Zero", em cinco volumes. O primeiro intitulado "A revolução melancólica", fixa o começo da nova era que se abriu para o Brasil, abrangendo episódios do movimento armado de 32. Foi entregue ao editor José Olímpio. Também estou voltando à poesia. Tenho o primeiro poema de um livro, poema que dediquei à Maria Antonieta d'Almeida, com quem vou me casar.

ATUALIDADE DE VOLTAIRE

GUILHERME FIGUEIREDO

Copyright de LEITURA



PARA os nossos dias, já não deve ter importância o fato de Voltaire ter desejado para o Estado "um despota esclarecido", como já perdem significação muitos dos seus ataques, sobretudo porque ele foi um vulgarizador que escreveu para sua época, atacando homens de sua época, emergindo e mergulhando das circunstâncias que impediam ou toleravam os seus escritos. Ele se sobrepôs a todo um sistema de censuras e proibições, e seus escritos estão diretamente dirigidos à massa que faria a Revolução um ano após a sua morte. Vingança do "bourgeois batonné", como alguém o chamou, essa vingança foi promovida por um pregador da tolerância. Hoje, só aos espíritos alemães caberá apontar esta "faute à Voltaire" para o nascedouro do governo popular, que nasceu banhado em tanto sangue e intolerância quanto qualquer estabelecimento dinástico ou qualquer ditadura com ou sem esclarecimentos. Porque tivesse transformado toda a sua filosofia em polémica, e porque tivesse sido antes de tudo um vulgarizador com imediata influência sobre a massa, os historiadores da filosofia, sobretudo os alemães como Vorländer, dedicam apenas duas páginas repletas de restrições ao criador de "Candide". Até onde haverá justiça nisso? Até onde se poderá afirmar que Voltaire "apesar do seu influxo sobre o pensamento livre, não representa filosoficamente uma figura de primeira ordem"?

Hoje já será impossível delinear uma crítica de uma ou outra obra voltaireana, separando-a das demais, justamente porque a unidade do pensamento de Voltaire se encontra diluída em todas as suas obras. Tratando de história em sua "Philosophie de l'histoire", ou de combater Leibniz em "Candide", ou Shaftesbury, ou Berkeley, ou resumindo todo um combate aos preconceitos religiosos e sociais no "Dictionnaire Philosophique", o iluminista foi, antes de mais nada um moralista. Razão para chegar à moral, e não razão para chegar às causas finais — ali está um lema que poderia ter pertencido a Voltaire. Ele escolheu, para trilhar esse caminho, uma arma esquecida pelos filósofos desde Sócrates: o riso. Através da ironia, do sarcasmo, dirigiu o combate para a raça, fornecendo argumentos à iniquificação burguesa nascente sob Luis XV, que tão gos-

osamente o reacionário Edmond Biré procura negar em suas "Causers littéraires" ao atacar Michelet e explicar que o "pacte de famine" foi uma infâmia inventada pela propaganda revolucionária. Voltaire poucas vezes argumentou para os sábios, e quase nunca se atirou à especulação pura, dessa espécie de pureza que torna os filósofos como Kant bem comportados, antológicos, amigos da polícia e em paz com as instituições. Voltaire riu: riu da Bíblia, riu da Igreja, riu do Estado, riu dos Reis e Ministros, riu da Harmonia Prestabeleada de Leibniz, riu dos preconceitos, riu dos contemporâneos da crítica de Bollesu... e só não parece ter estigmatizado... Deus e a Inglaterra. Mas o quanto o seu riso vinha feito de amor à justiça, à tolerância, ao fracasso contra o forte, de condenação ao castigo do sacrilégio, à execução dos cadáveres dos suicidas, a tudo que ele mesmo resumia na palavra "humanidade". "Le premier caractère d'un être pensant"! Usando a razão como instrumento de aperfeiçoamento moral, inconspicivelmente esse risinho pensador que era ao mesmo tempo tragediógrafo, poeta, crítico, epistológrafo, romancista de fantasia deixou uma herança de reconstrução social tão grande para os seus dias que se prolonga até os nossos. Ela pode ser contida nesta frase da "Reponse au système de la nature": "Condenamos o ateísmo, repudiamos a superstição amamos a Deus e a humanidade".

É claro que, dirigindo-se à sua época, as figuras vivas que agiam no cenário público europeu até 1778, muito do que Voltaire escreveu possui hoje um valor meramente histórico. Força é convir, entretanto, que esse valor histórico é reconhecido justamente porque em nossos dias o pensamento científico garante a verdade de muitas proposições voltaireanas. Mas a essência de Voltaire continua em seus livros, e não está toda ela incluída na nossa vida mais liberta de preconceitos. Tomando a "Princesa de Babilônia", o "Ingênuo", "Micromégas", nesta recente tradução brasileira, temos que admitir a existência atual dos erros sociais, políticos, morais que Voltaire satirizou nessas fantasias. Os Estados modernos estão longe ainda de ser como aquele País dos Gangarides; os bonzos estrangeiros expulsos da China ainda exercem uma influência no Estado que só poderíamos qualificar de "espanhola"; o elogio ao Wittenagemot inglês ainda deixa inveja entre os povos que não se governam; o oti-

mismo do "laissez faire", que da economia passou à moral e à política ainda promove o Munich de muitas conciências; o castigo para o pensamento não pesa apenas sobre o jansenista e o Ingênuo; a validade filosófica dos nossos dias ainda espera o raciocínio de habitantes de Sirius e de Saturno. E se lermos estas linhas? "A verdadeira arte ia desaparecendo, não se encontravam mais talentos. O único valor consistia em raciocinar a torto e a direito sobre o valor do século passado; qualquer borrador de paredes de bofetim criticava doutrinamente os quadros dos grandes pintores; os escrivinhadores desfiguravam as obras dos grandes autores."

A ignorância e o mau gosto tinham a seu serviço outros tantos beleguina. Repetiam-se as mesmas coisas em cem volumes de títulos diferentes. Tudo era ou dicionário ou folheto. Um jornalista druída escrevia, duas vezes por semana, os anais obscuros de alguns energúmenos desconhecidos de nação, e certos prodígios celestes operados dentro de celas por maltrapilhos e maltrapilhas. Outros ex-druidas, vestidos de negro, quase morrendo de fome e de cólera, se queixavam, em cem escritos, de não lhes ser mais permitido enganar os homens e de se ter dado esse direito a uns bodes vestidos de cinzento. Alguns arqu-druidas publicavam libelos difamatórios". Isto, cabe-nos esclarecer, era o que se passava na Nova Capital dos Gauleses.

Voltaire teve livros queimados e proibidos no seu tempo. Ainda hoje a Juventude Alemã queima e condena os seus livros. Não é estranho que até agora não tenha surgido uma doutrina que leve a um movimento de queimar o Leviathan, Machiavelli, Nietzsche, Spengler — para só citar estes? Não creio que alguém os queimasse. Eu por mim não os queimaria, e creio que se tal monstruosidade até hoje não se praticou isto se deve à existir em todos nós um pouco de tolerância de Voltaire, e também o desejo voltaireano de admirar e instruir-se. Mas ainda se queima a Bíblia, ainda se queimam as inofensivas poesias de Heine, as obras de Spinoza, os escritos de Voltaire... que sei eu? — queimam-se mais livros do que os contidos na Biblioteca de Alexandria que deu imortalidade a um ignorante. Por isso é grato ver aparecer no Brasil a tradução de alguns romances de Voltaire. Praza aos céus que as tenhamos para ler, e não como matéria prima para uma nova queima.

CONSELHOS AOS LITERATOS — "A literatura não deve limitar-se a imitar; deve informar, deve propor, deve criar."

Quanto a mim (devo desculpar-me em trazer um exemplo pessoal), de família burguesa, senti desde o começo da minha carreira literária que todos os meus trabalhos mais autênticos, mais valiosos e ousados estavam em contradição flagrante e direta com as convenções, os costumes e as hipocrisias de meu ambiente. Atualmente me parece quase impossível que na sociedade capitalista em que vivemos ainda possa existir uma literatura realmente valiosa que não seja uma literatura de oposição."

"A Cultura e a Sociedade", André Gide.

O maior trabalho literário
do nosso tempo!

HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO

por WILL DURANT
autor da HISTÓRIA DA FILOSOFIA



Partes publicadas:

Há cerca de 20 anos antes de publicar sua esplêndida HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Will Durant concebeu o plano de escrever uma história do século XIX. Começou, nessa época, a trabalhar no projeto, mas logo verificou que a evolução histórica e social daquele século só poderia ser exposta ou compreendida quando analisada em relação com acontecimentos anteriores, que deitavam raízes nas mais diversas e remotas quadras da história. Assim, suas pesquisas levaram-no a ampliar o projeto inicial e a formar o plano de uma história de toda a civilização, antiga e moderna, Ocidental e Oriental. Essa HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO, que se destina a ser a obra prima de Will Durant e na qual ele vem trabalhando desde 1927, constitui a mais brilhante e audaciosa tentativa feita por um único cérebro no sentido de interpretar, num todo, a longa e tumultuosa história da humanidade.

I - NOSSA HERANÇA ORIENTAL - Tradução de Monteiro Lobato. Compreendendo a história da civilização no Egito e no Oriente Próximo até a morte de Alexandre, e na Índia, China e Japão desde os primeiros tempos até nossos dias, com uma introdução sobre a natureza e os fundamentos da civilização. Dois volumes profusamente ilustrados.

Cr\$ 56,00

II - NOSSA HERANÇA CLÁSSICA (A Vida na Grécia) - Trad. de Guinara Moraes Lobato, revista por Monteiro Lobato. História da civilização grega desde o seu início, e da civilização do Oriente Próximo desde a morte de Alexandre até a conquista romana; com uma introdução sobre a cultura pré-histórica de Creta. Dois volumes profusamente ilustrados.

Cr\$ 56,00

EM TODAS AS LIVRARIAS

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Panorama do Brasil antigo

HEITOR FERREIRA LIMA

Copyright de LEITURA

UMA das características da atual geração brasileira é a preocupação com as cousas do passado. Há um verdadeiro anseio por saber o que se fez e como se vivia no Brasil dos nossos avós, e daí tirar conclusões para esclarecer muita coisa obscura e para aprofundar o estudo de questões modernas. Disso tudo já resultou uma série de trabalhos interessantes, alguns de méritos indiscutíveis, que servem até de marco no campo das nossas investigações sociológicas, outros de menor vulto, todos, porém, úteis e valiosos. Essa preocupação pelas cousas do passado, tem, por outro lado, provocado o aparecimento de numerosos livros velhos, escritos por viajantes ou estudiosos dos nossos problemas, livros que de há muito já se achavam esgotados uns, ou que não eram mesmo conhecidos em língua portuguesa outros.

Agora mesmo, iniciando a sua *Série Brasileira*, sob a direção do dr. José Pérez, a Edições Cultura acaba de publicar a célebre *Corografia Brasileira*, de Aires de Casal, muito bem apresentada, numa edição que dá prazer manuseá-la.

Manuel Aires de Casal deixou poucos elementos de informações sobre si. Sabe-se que era presbítero secular do Grão-priorado do Grato, aqui no Brasil. Nasceu, ao que consta, em Portugal, em 1754, tendo, portanto, 83 anos em 1817, quando apareceu sua *Corografia*. Regressou a Portugal juntamente com D. João VI e parece ter morrido pouco depois, na Congregação do Oratório do Corpo Santo, em Lisboa, onde morava em companhia do P. Damaso, nada se sabendo ao certo; tampouco se conhece sua sepultura. Informa-nos Inocêncio em seu Dicionário.

Segundo o mesmo Inocêncio, o seu trabalho "é em si um monumento importante, que será em todo tempo consultado com proveito por todos os que pretendem bem conhecer as cousas do Brasil". De fato, a *Corografia* de Aires de Casal constitui realmente um panorama do Brasil antigo, com defeitos, é claro, e insuficiente hoje. Sebreitudo do ponto de vista geográfico, apesar de presentemente conhecermos muito mais o nosso país, traz-nos contudo informações curiosas que para o tempo eram sem dúvida de grande valor. Ademais trata-se de um livro sempre citado pelas autoridades no assunto e que por isso mesmo já se tornou fundamental no gênero. Para escrevê-la o autor viajou bastante, daí a seriedade das informações que presta.

Embora com bem poucos dados em relação ao nosso desenvolvimento econômico de então, dá-nos, entretanto, uma visão clara do que eram nossas cidades ao alvorecer do século XIX. Eis, por exemplo, como descreveu a Capital de São Paulo daquela época: "São Paulo, Paulópolis, cidade medíocre, vistosamente assentada em terreno pouco levantado, no angulo da confluência do rio Tamandareti

com o ribeiro Anhangabaú, que a banham, este pelo lado ocidental, aquele pelo oriental, meia légua arredada do rio Tietê, que lhe passa ao norte; 12 léguas a noroeste de Santos, que é o seu porto, 2.º ao sul do trópico, e 350 braças acima do nível do oceano, é ornada com casa de misericórdia, várias ermidas, três hospitais, um convento de beneditinos, outro de franciscanos, outro de carmelitas calçados, dois recolhimentos de mulheres, casa de fundir ouro, várias praças, três magníficas pontes de pedra com outras de madeira, e diversas fontes; porém, a melhor água é a do rio. Muitas ruas são bem calçadas, os edifícios quase geralmente de taipa, isto é, de terra, como grada acalçada entre duas pranchas, e branqueadas com tabatinga". E mais adiante: "A salubridade e temperamento do clima, a abundância, e barateza dos viveres fazem julgar que se lhes dará preferência para a premeditada fundação da Universidade, que lhe dará crescimento, lustre, comércio e celebridade. Os corpos tem aqui mais vigor para a aplicação; e os insetos danificam menos as bibliotecas".

E assim vai ele descrevendo as cidades e províncias de que se compunha o Brasil, dando-nos, de uma forma geral, notícia sobre nossa flora e fauna, sobre nossas riquezas minerais, etc. Por vezes suas palavras são ingênuas e pirotécnicas, o que é somente um traço da época, suas informações, porém, são sempre cuidadosas e selecionadas.

Na parte histórica, a *Corografia Brasileira* é bem rica, e preciosa mesmo sob alguns aspectos. A viagem

de Cabral e dos outros primeiros navegantes que aqui aportaram antes da colonização definitiva, é amplamente estudada com documentos importantes e raros atualmente. Nesse terreno convém lembrar que foi Aires de Casal quem primeiro publicou a famosa carta de Pero Vaz de Caminha, que todo mundo cita mas bem poucos a conhecem, e que, como já disse alguém, é uma espécie de nossa certidão de nascimento. Na presente edição a carta vem na íntegra, com os mesmos termos e na ortografia em que foi escrita.

A viagem de Colombo para descoberta da América, assim como a viagem de outros espanhóis pelo sul, nos rios da Prata e Paraguai, são também tratados com abundância de material. O histórico da formação de cada província, bem como seu ulterior desenvolvimento, ocupa boa parte da *Corografia*.

Desejamos ainda salientar nestas breves notas o estilo do escritor, que, além de correto, é limpo e ameno, o que faz com que a leitura seja fácil e agradável, coisa que até hoje não é muito comum nos trabalhos deste gênero. Melhor do que nós entretanto, falam dos méritos desta obra estas palavras do nosso historiador Varnhagem: "A *Corografia Brasileira* e o nome de Aires de Casal não de passar aos séculos mais remotos pelas preciosas notícias geográficas que a obra encerra, pelo método e clareza do corógrafo escritor e até por uns tantos erros, principalmente históricos, que cometen; e que servem a provar o muito que desde então temos adiantado em tais estudos".

EDITORA UNIVERSITÁRIA LTDA.

PUBLICAÇÕES DE MAIO

"Se os médicos não acreditam, por que crê você?"

pelo dr. Augusto A. Thomen — Prefácio do prof. dr. Alencar Barros
Volume I da Biblioteca Ciência Para Todos — Grande formato, 12x22 cms. — 411 páginas

Preço: broch: Cr\$ 23,00 — Enc.: Cr\$ 32,00



Editora
Universitaria
Limitada
SÃO PAULO

ESTE HOMEM É MEU

por Faith Baldwin

Romance moderno, cheio de movimento que preenche a leitura da primeira até a última página

221 páginas — Preço: Cr\$ 12,00

Rua Quintino Bocaiuva 176, 3.º andar, sala 314, tel.: 2-1123

SÃO PAULO

MAIO DE 1941

BENJAMIN FRANKLIN

EDISON CARNEIRO

Copyright de LEITURA

BENJAMIN Franklin foi "o espírito mais insaciável, mais curioso da América", e dele se pode dizer que foi, mais do que Washington, Jefferson e Adams, o exemplar mais típico do americano do seu tempo, dos anos da Revolução. Em geral, conhecemo-lo como o inventor do para-raios, mas que agradável surpresa nos dá o retrato que dele faz Carl Van Doren!

Era um espírito aberto a todas as idéias. Inventou um fogão para o aquecimento doméstico, criou corpos de bombeiros voluntários, fundou um hospital e uma academia. Estudou as manhas do sol, a fumaça dos fornos, a purificação do ar e até o censo na

homem de pensamento e de ação. Benjamin Franklin representava bem o homem americano comum — era afável, inteligente e empreendedor. Chegava precedido por uma grande fama. Os primeiros sinais de rebeldia dos americanos, tinham-no encontrado em Londres, como representante das Assembléias de várias províncias, esforçando-se por conseguir concessões do governo. Era autor de um plano de desenvolvimento das colônias britânicas na América, destinado a remover as dificuldades que se opunham a um entendimento com a metrópole. Tinha agido, com diplomacia e coragem sem par, como negociador de paz junto a tribos de índios em guerra com os brancos. Tinha por si o extraordinário impulso dado aos correios americanos. E, sobretudo, pôde falar aos americanos com a sua enorme experiência teórica e prática, com o seu conhecimento do mundo, com essa receptividade para todas as idéias que foi o grande traço predominante do seu caráter.

Ninguém melhor do que Franklin poderia representar a Revolução americana junto a Corte de Luiz XVI. Embora o entusiasmo popular com que foi recebido se possa atribuir mais à América, que então representava, sem dúvida grande parte dessas homenagens eram dirigidas a um americano amigo da França, que tinha no país vários amigos entre intelectuais e homens de ciência e de quem, pelo menos, o povo sabia que inventara o para-raios. Mas Franklin soube tirar partido da situação política, soube explorar a inimizade reinante entre a França e a Inglaterra, soube arrancar, àqueles homens que mais tarde seriam envolvidos no turbilhão do tratado franco-americano, Embaixador dos Estados Unidos, Franklin não representava apenas interesses comerciais e políticos, representava também o pensamento da América. Ele se encontra com Voltaire várias vezes, e se interessa pelas experiências de Montgolfier com balões, escreve uma série de monografias sobre pequenos problemas e estuda os fenômenos meteorológicos. Elegem-no Venerável da Loja Maçônica das Nove Irmãs e as associações científicas se honram por tê-lo entre os seus pares, como antes, quando era um simples curioso americano a estudar eletricidade, a Royal

Society e a Society of Arts, de Londres, o tinham feito. E é a Franklin que os negociadores ingleses se dirigem, para a assinatura do Tratado de Paz anglo-americano.

Era, assim, "o mais famoso cidadão do mundo" ao voltar aos Estados Unidos. Foi o delegado mais velho a comparecer ao Congresso Continental — e dormia na sua cadeira "a maior parte do tempo", como se queixavam os seus companheiros. Fez um ou outro reparo na Declaração da Independência escrita por Jefferson e, ao assinar a Constituição, declarou: "Confesso que há várias partes desta Constituição que, no momento, não aprovo, mas não tenho certeza de que as desaprovarei sempre, pois, tendo vivido muito, tenho várias vezes mudado de opinião, mesmo em assuntos importantes, depois de mais bem informado ou de ter refletido melhor...". Mais do que o político, era o sábio Benjamin Franklin quem falava. Mas foi o político quem insistiu com o filho, governador de província, a aderir à causa de Washington, como foi ainda o político quem rompeu relações com esse filho e quem, já depois de reconciliados, ao fazer o seu testamento não lhe deixou "uma quota maior de uma fortuna de que ele se esforçou por privar-me".

Fundou jornais, associações de auxílio mútuo, bibliotecas, companhias de seguros, publicou o almanaque do "Poor Richard", criou a Sociedade Americana de Filosofia. Foi um agitador de idéias, um homem de grandes empreendimentos, um cidadão de raras virtudes. Foi um moralista amável, um cientista, que se interessava por todos os assuntos, do bicho da seda à correnteza do Gulf Stream, e mais do que tudo isso, um grande escritor, claro, simples, que falava a língua do seu povo.

Esse foi o homem que se atribuía apenas "uma pequena parte" na Revolução americana, mas esse foi também o homem para quem Turb e Escocau, em latim, o célebre programa para o busto executado por Houdon. "Ele arrebatou o ralo do céu e o centro dos tiranos".

BENJAMIN FRANKLIN. de Carl Van Doren — "Prêmio Pulitzer de 1939" — Trad. de J. Matos Diaspina. — Livreria do Globo, Porto Alegre, 1943.

REI CARLOS II ENFEITIÇADO. — O Rei Carlos II de Espanha manteve-se no trono mas foi incapaz de dar um novo descendente a casa de Austria. Isso aconteceu porque uma mulher lhe dera uma garrafada feita por um feiticeiro chamado José Cabeças, contendo entre outras coisas palas de ra, beijos de cão, bílis de gato, olhos de menino, suspiros de monja e rancos de frade. O rei Carlos II ficou inteiramente enfeitiçado, transformando-se num pobre macaco idiota. E o estado da nação era desastroso. Nas igrejas as devotas viam-se perturbadas e molestadas em suas orações pela presença de demônios em forma de aves lascivas que os sacristãos espantavam a pancadas. A situação da Fazenda Pública também era espantosa. Não se podia viver na Espanha daquela época! — "Romance", México.



Benjamin Franklin

China. Fez incursões pela História Natural e escreveu trabalhos sobre os dentes dos carnívoros. Já quase à morte, ensinava a um amigo como poderia ouvir melhor, aplicando o dedo sobre certa parte da orelha. Chegou a propor uma reforma ortográfica, desprezando, por inúteis, algumas letras. Deu idéias para a educação dos jovens americanos e se empenhou pela economia e pela filosofia, produzindo ensaios sobre a maneira de enriquecer e sobre a necessidade. Ainda criança, descobria novas maneiras de nadar — até mesmo com o auxílio de um papagaio — e, quando tipógrafo, chegou a fundir tipos de impressão. E, afinal, defendeu os escravos negros e escreveu um trabalho sobre os índios da América, revelando uma notável compreensão das suas instituições.

Este curioso Franklin, que aos 21 anos iria assinar a Constituição, era o homem mais conhecido da Nova Inglaterra. Tinha amigos em toda parte e, mesmo do outro lado do Atlântico, homens de ciência da Europa conheciam os seus trabalhos e nutriam curiosidade em torno das suas experiências. Tipógrafo em Boston e em Filadélfia, comerciante, jornalista, agente dos correios, mas sobretudo

"A RESISTÊNCIA RUSSA"

MOACIR WERNECK DE CASTRO

Copyright de LEITURA

LOGO depois que a Alemanha invadiu a Rússia, em junho de 1941, houve em vários países, sobretudo na Inglaterra e nos Estados Unidos, uma enxurrada de livros sobre o fenômeno da resistência russa. O público devorava quanto aparecesse anunciando a chave do enigma. Mas por que era preciso explicar? Por que antes quase tudo fora sistemática e deliberadamente desvirtuado. A experiência russa era qualquer coisa de gigantesco, acima da mediocridade imaginação de cépticos que veem na história apenas uma monótona sequência de sonhos frustrados. Vinha ferir de frente muitos valores considerados essenciais. Poderosos interesses eram contra ela. Havia escórias especialmente assalariadas para a propaganda anti-soviética. Em toda parte se descobria o dedo e olho de Moscou. O ouro também de Moscou andava por aí à larga, diziam. De mistura apareciam estranhas noções sobre a mentalidade russa, que seria incompatível com a dos povos ocidentais. Eslavos, inamáveis, semi-bárbaros, mongoloides. Moscovita era expressão pejorativa. Publicavam-se livros como "A Virgem Vermelha do Kremlin", cujo título espantava muito leitor ingênuo que honestamente supunha não existir mais nenhuma donzela neste país. Havia lá, na verdade, algumas fábricas, mas também não era vantagem, porque o povo estava trabalhando debaixo do chicote de seus ams, conforme Goering recordava ainda faz pouco tempo. E o exército? Era uma horda sem disciplina e mal armada. Estrategistas de primeira plana publicavam substantiosos estudos sobre a guerra da Finlândia, provando que a União Soviética não resistiria a uma eventual invasão. Seria como uma faca atravessando manteiga. De resto, o caos e a sabotagem na indústria só permitiam fabricar um material bélico completamente imprestável.

Quando o nazismo começou a esbarrar na resistência russa, viu-se que muita coisa estava errada na grande maioria das histórias sobre a URSS. Surgia um fato novo e positivo. O nacionalismo exacerbado pelo ódio ao invasor podia ser uma explicação, mas não bastava. O heroísmo não é base de nenhuma estratégia. Cumpria então abordar o problema de novo, ir às origens. Foi o que tentaram alguns escritores honestos, muitos dos quais confessaram lamente que tinham sido vítimas da colossal mistificação. Maurice Hindus foi um desses, e o seu depoimento pode considerar-se importante para a compreensão da realidade soviética. Ele escreve no prefácio do seu livro "A Resistência Russa": "Tão variadas e alardeadas

foram as narrativas sobre as transgressões da moral dentro da Rússia, sobre o seu poder militar, e sobre tudo o mais que se relaciona com as forças combatentes de um país; tão propagandas e enfáticas tem sido as profecias sobre a fatalidade do destino dos países vítimas da "blitzkrieg" germânica, que julguei necessário enumerar, detalhadamente, os recursos e as forças que permitiram à Rússia demonstrar ao mundo que nada há de superior na carne alemã quando ferida pelo aço e pelo fogo. Se a Rússia fosse tão fraca e desorganizada como nos dizem soldados profissionais, diplomatas e jornalistas, como nos poderia ter oferecido essa resistência espantosa? Tem por fim este livro descrever a terra e o povo russo como são hoje; descrever as forças passadas e presentes que trazem em si e que tornam impossível a um inimigo estrangeiro subjugarlos".

Maurice Hindus é insuspeito para efetuar esse balanço de forças. Não mostra simpatia pela doutrina marxista, declara mesmo que já a combateram "constante e apaixonadamente". Tem seus pontos de vista sobre o amor dos russos à terra mãe, fala de paixão eslava adormecida, e gosta bastante, como todos os comentaristas internacionais, de lembrar aos leitores que sempre profetizou tal ou qual acontecimento. Aliás não é como obra doutrinária que o seu livro deve ser encarado (sob este aspecto o que há de melhor, ultimamente, é "O Poder Soviético", do Deão de Canterbury) e sim como reportagem, onde interessam os fatos e não a opinião pessoal do jornalista. Maurice Hindus é um bom profissional, arguto, pitoresco, inteligente. Seu livro lê-se com muito agrado. E assume uma oportunidade política evidente, agora que a máquina de propaganda do nazismo procura disse-

minar aos quatro cantos do mundo o pavor do fantasma bolchevista, eficazmente auxiliada por alguns governos "neutros" e pela quinta-coluna dentro de cada país. Hitler sabe que ferindo essa nota sempre há de encontrar ouvidos incautos para acolhê-la. Ninguém pode imaginar quais os recursos que ainda usará para renovar o seu estropeado papão. Maurice Hindus sugere uma hipótese das mais razoáveis. É possível, diz ele, que na iminência da derrota, e com o fim de obter um armistício dos aliados, o nazismo fomenta por meio da Gestapo um levante comunista num dos países-satélites da Europa, digamos na Rumania. Seria amplamente noticiado o levante, com o seu seqüito de atrocidades, conflitos de bens, bandeiras vermelhas, populacho à solta depredando e matando. Muita gente ficaria horrorizada, e a máquina de propaganda nazista se lançaria em grande estilo sobre o tema: "Estão vendo? Nós não dizíamos sempre?". Mas a opinião pública nas Nações Unidas já foi suficientemente alertada pelos seus líderes para que quaisquer manobras nesse gênero, mesmo as mais audaciosas, possam ainda surtir efeito. Importa acima de tudo o exterminio do nazismo. E entre as forças aliadas para esse objetivo, é preciso reconhecer lealmente a contribuição do país que realiza a mais grandiosa experiência dos tempos modernos, segundo afirmava recentemente, em discurso ao embaixador inglês, um proeminente ex-integrante da resistência brasileiro, o dr. Santiago Dantas.

A RESISTÊNCIA RUSSA, seu Segredo Político e Militar, de Maurice Hindus — Trad. de Isabel e Ana Maurício de Medeiros. — Editorial Calvino Limitada. — Rio, 1943.

MASSA E POVO — "A massa não é o povo, sendo o que há de inerte e reativo em cada um, o que há de bruto. Mas não se esqueça que o bruto, docil ao plano da sua natureza, é inocente e que é, sem dúvida, uma das formas (nem superiores nem inferiores, mas definitivas) da graça. Quem somente enxerga no bruto a soma de reações de uma multidão, carece de sentido histórico.

Rebelião das massas? Se a rebelião é do povo é revelação, e se é das massas não é rebelião, porém cataclismo. Por medo à revelação do povo — medo que só se pode basear no esquecimento de filiação ou no medo à anemia da autoridade — pode a inteligência profissional por as suas lutas ou melhor, seus esquemas a serviço dos organizadores de catástrofes. Em tais engenheiros ou dominadores de massas é comum ver-se a união do "auto-intelectual" e do "auto-bruto" com uma penetração desumana. Já chega de heresias. Nem sempre se pode entender como reação a espontaneidade coletiva, pois há o heroísmo coletivo e, nele, ampla comunidade de espírito em lembranças e desejos: isso é o povo.

"Desde la coledad de España", Rafael Diez.

ISTO QUE VIVEMOS NÃO VALE — "Não é o que vivemos e sim o modo pelo qual "sentimos" o que vivemos, que constitui o nosso destino". Maria Ebner-Eschenbach.

A Contribuição da Inteligência PARA A UNIDADE CONTINENTAL

A IDENTIDADE de sentimentos entre o Brasil e o Uruguai é tão evidente que o brasileiro mais despreocupado, encontrando-se nas terras de Artigas, facilmente se apercebe dessa fraternidade. É que o Uruguai, país profundamente democrático, teve a oportunidade de dar asilo a milhares de brasileiros que, desde o Império, cruzavam as suas fronteiras para gozar de um merecido descanso, depois de dias, meses, e às vezes anos de lutas fratricidas no Rio Grande do Sul. A solidariedade dos orientais com os brasileiros era também retribuída por estes nas idênticas situações em que os nossos irmãos do Prata nos buscavam. Essa boa vizinhança é, também, consequente do alto grau de cultura dos uruguayos. E se destacamos que a instrução pública no Uruguai é obrigatória e gratuita, desde o jardim de infância até às faculdades superiores, avallaremos de imediato, o progresso cultural de que está possuído o povo do país irmão. A sua admirável capacidade de luta contra os inimigos da humanidade é reconhecida por todos os que amam a liberdade e a dignidade humanas. A tradição democrática de Baile y Ordoñez é cultivada carinhosamente por todos os orientais. Por isso a pátria de Artigas é querida e admirada não só em nosso continente mas em todo o mundo civilizado. Foi com este espírito que procuramos o embaixador do país vizinho.

Há coisas neste mundo que somente o repórter pode conseguir. Naquela manhã de tarde, o "hall" da embaixada do Uruguai estava repleto. Esperar que toda aquela gente fosse atendida pelo dr. Cesar G. Gutierrez seria sair dali à noite. O jeito é fechar olhos e ouvidos aos resmungos, e penetrar de súbito, sem ao menos ser anunciado, no gabinete do sr. Embaixador. Ele, naturalmente, saberá perdoar a nossa pressa, que é bem jornalística. Já ficou convencido que o homem de jornal tem todo o direito de ser mal-educado e inimigo do protocolo. São armas da nossa profissão, e sem elas não há trabalho que se torne fácil.

UM HOMEM ACCESSÍVEL

Mas o embaixador do Uruguai não é um homem "difícil". Ele mesmo explica:

— Creio que sou o mais acessível de todos os embaixadores.

Explica também que já está cansado de dar tantas entrevistas. Quantas? Já perdeu a conta. Umás vinte, umas trinta, nestes últimos seis meses, a propósito de tudo. LEITURA quer agora que o dr. Cesar G. Gutierrez, à semelhança do que já fizera o embaixador Gonzalez Videla, do Chile, diga qualquer palavra de estímulo ao incremento de um inter-



Embaixador Gutierrez

câmbio cultural entre as nações latino-americanas. Havíamos levado uma espécie de questionário, três perguntas somente, que o embaixador Gutierrez lê de relance. Mas, fugindo à regra geral, ele não dará as respostas amanhã, datilografadas e meditadas. Responderá tudo agora, enquanto vence em largas passadas, as mãos nos bolsos, o salão atapetado da Embaixada.

— Sente-se ali. Aqui tem caneta, papel — vá tomando nota.

AMÉRICA, CONTINENTE DE ESPERANÇAS

Suas primeiras palavras são de elogio à revista:

— A revista "Leitura" ao ocupar-se de uma campanha a favor de um intercâmbio de cultura, põe as suas colunas a serviço de um grande interesse moral da América. É evidente que nosso continente está fatiado a um grande papel histórico que exige uma unidade espiritual, e de princípios que só se pode obter conhecendo-se o pensamento do povo através dos luminares da inteligência, que são os seus guias e porta-vozes. As forças do mal hão de fechar com o fim da presente guerra um capítulo trágico e sombrio. Como reação, as forças espirituais terão que ocupar um plano de grande importância nos rumos do futuro. Só assim as gerações vindouras serão mais felizes que a nossa, gozando de uma estabilidade, de um trabalho criador, essenciais na produção de obras que possam desatir o tempo num impulso de per-

feição. Esse programa é uma necessidade onde germinala a raiz do mundo futuro. A América, continente de esperanças, das idéias claras e indestrutíveis, sem o lastro de um passado que a divide, e com a unidade histórica e espiritual, terá que articular com os povos que lutam em outros continentes pelos ideais democráticos, o verbo do futuro. Para isso, é necessário um conhecimento mútuo, cada vez mais profundo. Já que a história se nutre e se faz através de intercâmbio não só econômico, mas, também fundamentalmente do intelecto e do espírito. Em forma bela e exata, já se afirmou que a inteligência humana, como as palmeiras do deserto, se fecunda através da imensidade e da distância.

IMAGEM MUITO FELIZ

Agora uma imagem muito feliz do Embaixador Gutierrez:

— Se um navio que, desfraldando no seu mastro a bandeira do seu país e levando nos seus porões o fruto do seu trabalho, é uma pujante manifestação de nacionalidade, quando transporta livros, condensação de pensamento e de idéias, é uma magnífica afirmação da sua soberania espiritual, da mais alta hierarquia. Em todas as nossas nações há homens que meditam e criam, que mantêm acessas na vigília noturna as lâmpadas que iluminam a tarefa incessante, luta da luz vencendo as sombras. Todo intercâmbio entre nossos povos é digno de simpatia e fecundo, mas nenhum o é tanto como o que analisamos, porque este unifica o corpo do Continente, concedendo-lhe a força formidável de uma mesma alma.

O EXEMPLO DO URUGUAI E DO BRASIL

Entrando na discussão prática do problema, o embaixador do Uruguai faz notar que nos jornais as notícias de toda a América do Sul e Central não chegam a alcançar o espaço de uma meia coluna. Que é difícil encontrar, nas livrarias, vitrinas com a produção literária latino-americana. E acrescenta:

— Mas, à propósito, podemos fazer uma observação fundamental: ao que muito falta fazer, o Brasil e o Uruguai são pioneiros dessa cruzada de intercâmbio cultural, destinando seus governos uma verba permanente para esta alta função. Diversas mídias culturais se perambulam anualmente, trazendo expressões novas e vivas do pensamento, dobradas no espírito prático que deriva do conhecimento pessoal em que reside e floresce a grande força da simpatia, da compreensão e da amizade, forças que fletaram no mundo convulsionado de hoje, mas que estão a espera de entrar novamente no cenário internacional para a paz e felicidade da História.

A "Santa Rússia" e Púshkin

AURELIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA



PUSHKIN

ABRA o leitor comigo um livro publicado há quase um século (1857), La Sainte Russie, de Ach. Gaillet de Kulture, escritor francês. Diante dos olhos temos o capítulo intitulado "O Pensamento e a Autoridade", no qual o autor nos refere como Púshkin, por haver escrito uma ode, em que revelava seu talento de novel poeta, mas na qual havia ansios políticos, foi intimado a comparecer em presença do general Milorádovitch, governador de São Petersburgo. Não era sem susto que alguém obedecia a uma tal intimação. O poeta penetrou no gabinete de Milorádovitch com o coração a bater fortemente. O ar sorridente, porém, do general serenou-o.

— São de sua autoria estes versos? — perguntou-lhe o general.

— Sim, Excelência.

Então Milorádovitch saiu-se com esta tirada: "Belos versos. Você tem talento, e não deve ficar nisto. Cante os choupos e as coníferas que embalsamam as nossas ilhas; nossas noites claras, que rivalizam com o sol; a claridade do luar nos campanários de Santo Isaac; as ondas azuis do Báltico; os efeitos da neve nas esteiras, os costumes patriarcais nas isbas; a glória imortal dos exércitos russos (Milorádovitch se houvera ilustrado por feitos de audácia nas guerras do Império); são todos motivos fecundos, inextinguíveis. Quanto, porém, à política, fique sabendo, rapaz, ela não importa aos poetas. S. Majestade (Alexandre) leu seus versos. Poderia tratar a você como um criminoso; mas não o quis. Você ficará livre com uma ligeira correção". Ao que Púshkin disse consternado: "Uma correção!". "Oh! disse o governador, uma coisa de nada, um castigo de menina: trinta vergastadas". Púshkin, ainda mais consternado, voltou: "E a vergonha?". E Milorádovitch disse, então: "Rapaz, não há vergonha em se submeter às ordens do imperador".

Ato contínuo, tomou o poeta pelo braço e levou-o até uma porta existente ao fundo do gabinete. "Entre, disse, e acalme-se: é coisa de um instante". O poeta viu-se numa sala baixa e estreita, meio iluminada pela luz que vinha de uma trapeira. Uma

cadeira, com movimentos de gangorra, estava disposta no centro da peça. Dois soldados estavam de pé, de cada lado, rígidos, imóveis e armados de longas vergas flexíveis, que se não produziam o efeito mortífero do knut, podiam, em rigor, matar, como o knut, desde que os golpes fossem multiplicados. Um cabo parecia presidir a operação. Pôs a mão no ombro de Púshkin. Num momento a sobrecaçada e o colete do poeta foram tirados, e o executor baixou-lhe as calças até a altura das botas. Púshkin teve uma ideia súbita, e escapou-se para o gabinete daquele que velava pela boa ordem. "Perdão, meu general. V. Excelência não disse se na sentença o imperador especificou que a execução se faria com ou sem calças?" "Que importa isto?" respondeu Milorádovitch. "Isto pode ser indiferente a V. Excelência, mas importa muito a mim".

Milorádovitch viu-se por um momento embaraçado, pois as instruções não haviam previsto o caso; mas a lógica russa veio-lhe em auxílio. "O imperador, resumiu, ordenou que se batesse com força, para doer. Portanto é sem calças". E reconduziu, sempre com a mesma polidez, o poeta, mais morto que vivo, até a porta do fatal aposento. E, tendo deixado um olhar descontente aos três homens, retirou-se. Os soldados compreenderam a expressão daquele olhar. Num instante Púshkin foi devidamente despidido e colocado em posição conveniente. Não suportou com calma o suplício, não foi estóico; verteu lágrimas amargas e gritou horivelmente. Os carrascos, encorajados pela sensibilidade do condenado, mostraram-se implacáveis.

A violência de que fora vítima teve sobre a produção literária de Púshkin uma forte impressão. A independência que havia sido seu sonho de juventude desvaneceu-se. Submeteu-se com uma resignação de condenado a um aniquilamento voluntário. Toda sua vida passou-se dali por diante a combater os lances de seu pensamento. E certo que ainda tentou alguma vez volver ao caminho preferido; mas faltou-lhe energia para tanto... Da queda que sofrera, nem as emoções desenfreadas do jogo, nem as orgias noturnas puderam apagar a impressão, e encheu-lhe de amargura o restante de sua curta carreira...

Vários escritores e poetas, Lomonossóff, Karamsin, Kriloff, Joukovski, Bahtchikov, uns sofrendo a influência estrangeira, outros francamente de inspiração nacional, haviam preparado, com tentativas brilhantes, a obra de construção do pensamento russo. Púshkin enfeixou esses raios luminosos num mesmo foco. A língua russa, tida por uma das mais belas da Europa, surgiu dessa amalgama literária. Púshkin foi para a língua russa o que foi Corneille para a francesa e o Dante para a italiana. Contam-se três períodos da história da literatura russa, até Púshkin. Um começando no reinado de Vladimir (988), assinalado

pela introdução do cristianismo no país, e que chega até Pedro I; o segundo que vem deste monarca até o XVIII século; o terceiro, enfim, resumindo-se na pessoa mesma de Púshkin.

O poeta voltou a merecer as graças imperiais, por ocasião das festas da coroação de Nicolau I. Púshkin fez a campanha contra os turcos. Na volta o imperador nomeou-o seu historiógrafo e gentilhombre da câmara. Encarregou-o de escrever a história de Pedro I, aquele que mutilara o pensamento russo, de que Púshkin se quisera fazer restaurador. Mas a morte decidiu diversamente: a bala de Dantês poupou-lhe mais este suplício. A história do seu duelo vem na sua biografia... Ferido gravemente, no fimado, sua agonia durou três dias...

Do leito de morte o poeta escreveu ao tsar recomendando-lhe sua família. Nicolau enviou-lhe o poeta Jukovski, palaciano, para decidir-lo a destruir o que seus manuscritos poderiam conter de comprometedor. Ao mesmo tempo o imperador dirigia-lhe, pelo Dr. Arendt, o seguinte bilhete, escrito do próprio punho, a lápis: "Se a providência decidiu que nós não nos haveremos mais de ver, declaro que perdoo a você; e se tem o desejo de dar-me uma prova de seu afeto, siga morrendo, os preceitos da religião e de um bom cristão, que tomarei cuidado de sua mulher e de seus filhos". Em linguagem oficial — comenta o autor de La Sainte Russie — isto significava: "Destrua o que tiver escrito, em segredo e em liberdade de espírito; e, nestas condições, garantirei a existência material de sua família".

Púshkin, sobre cuja cabeça pairava o anjo da morte, não era mais senhor de escolher: cedeu. Este supremo esforço levado a cabo, exclamou: "Está acabado!". Alguém, que se achava aos pés do leito, perguntou-lhe: "O que?". E ele respondeu: "A vida!".

Era o dia 29 de Janeiro de 1837. Durante a agonia do poeta sua casa não houvera cessado de ser invadida pela multidão. Como os visitantes se apresentassem em número cada vez maior, os criados declararam que não mais permitida a entrada senão aos amigos do moribundo. "Deixai-nos passar — disse uma voz — a Rússia inteira é amiga de Púshkin".

O poeta morava a distância pequena do palácio imperial de inverno.

Nicolau, das janelas, contemplava a multidão. Encheu-se de inveja, e confiscou ao público os funerais de Púshkin. O corpo do querido poeta foi transportado furtivamente, por uma noite glacial, o atadeo cercado de policiais, para uma igreja de outra paróquia. Ali um padre teve ordem de ler apressadamente o ofício dos mortos. Em seguida o corpo foi reconduzido num trenó para o cemitério de um convento de Pskov, onde o poeta tivera as suas terras...

Quando a multidão de Petersburgo se dirigia para a igreja, onde fora

(Continua à pag. 38)

MAIO DE 1934

A TOLERÂNCIA DE VAN LOON

ODILON NEGRÃO

Copyright de LEITURA

ESSA "Tolerância" de Van Loon, obra que tem provocado comentários tão intransigentes, é um sintético relato da intolerância humana, desde os primórdios do terciário, época em que se acredita tenha surgido no mundo o bicho-homem, para desdita de si mesmo e dos outros bichos da escala zoológica.

Para sabermos, em teoria, o que seja tolerância não precisamos recorrer ao latim, nem à página 1.052 do volume XXVI da Enciclopédia Britânica; para tanto, basta que sejamos razoáveis e, mais do que tudo, que não estejamos em jogo os nossos interesses particulares, as idéias que pregamos, os tabus que defendemos e os hábitos que nos cristalizaram à mentalidade do clan de que somos parte.

A tolerância, portanto, é uma espécie de instinto de conservação do indivíduo ou da coletividade, sendo, por isso mesmo, função do nosso estômago, da nossa vaidade e de toda a safardanagem e ternura de que é ca-

paz, de acordo com as circunstâncias, a alma do homem. Fora disso, o resto é literatura...

E Hendrik Van Loon, para ser sincero consigo mesmo, não fez outra coisa que obra literária dessa "Tolerância", que James Amado traduziu para o nosso idioma.

Eu pertencço a uma classe de indivíduos que acredita nalguma coisa além da maldade humana. Apesar disso, porém, o ceticismo, às vezes, me desarvora, principalmente quando manuseio páginas da história universal. Van Loon obrigou-me a essa ginástica aborrecida, acordando-me no cérebro aqueles pensamentos espinhafrantes que a crença conseguira encasulhar. E agora que estou à solta, com todos os velhos recalques à flor da pele, que poderei dizer de um livro que nasceu para defender uma mentira e para enfeudar uma utopia? A história do homem sobre a face da terra (e eu creio em outros mundos habitados) é a história da mais

ragra e sordida rapinagem, a história do mais forte subjugando o punilânime, ditando leis, fabricando direitos e se cercando da força para garantir o crime e estabelecer o dogma da posse e da dominação.

De vez em quando, porém, surgem uns sujeitos desajeitados, uns tipos impacientes que não se acomodam ao viver da maioria e se insurgem contra os imperativos da ordem, da disciplina e da lei reinantes na sociedade. A tirania, então, — chama-se ela "Os velhos que sabiam", "Sacerdotes de Ostres", "Meletores", "Sinhedrin", "Guarda pretoriana", "Inquisição", "Comissão de salvação pública", "Ocrana" ou "Gestapo" — a tirania, então, repetimos, enforca, foga, queima, envenena, guilhotina, prende e mata de qualquer maneira, (sempre em nome da lei e quasi sempre em nome de Deus) todos aqueles pándegos irrequietos e cabeçudos que teimam em não se agachar ao "status quo" criado pelos moribundos tribais, pelo clero de todas as seitas, pelos césores de todas as Romas, pelos heróis de todas as revoluções, os quais, desde que o mundo é mundo, vivem estabelecendo "novas ordens" à paisagem humana do planeta.

Quando, depois da morte do pregador insubmisso, suas idéias conseguem transformar-se em lei para os demais, os apóstolos encarregados de sustentar o peso das responsabilidades renovadoras, nada mais fazem do que imitar a tirania dos vencidos e, em nome de uma tolerância por que se bateram, praticam todas as barbaridades possíveis contra os que não podem revidar-lhes — intolerância versus intolerância — com as mesmas armas.

Van Loon põe-nos diante dos olhos esse panorama desolador do egoísmo individual e coletivo, desse mesmo egoísmo que engendra e determina as guerras, que oblitera as idéias, que fanatiza as massas e joga as multidões para os circos ou para os campos da morte.

Mas o filósofo norte-americano esqueceu-se de apontar e de estudar em seu trabalho uma das formas mais nefastas da intolerância humana: — a intolerância da ciência, que é o dogma dos "conhecimentos adquiridos" das Academias.

Não foram vítimas da intolerância, apenas, Sócrates, Jesus, Peter Waldo, Bruno e Savonarola, mas também Galvani, Pasteur, Edison, Crookes e Richet.

No campo científico, como no político ou no moral, observa-se o mais misérrimo fenômeno de atestado de egoísmo organizado. Qualquer idéia nova é repelida sem exame.

Nesse particular, os cientistas imitam o comportamento dos fariseus ante os profetas ou o dos descendentes desses profetas ante os hereges.

E para que vença a nova idéia (porque ela vence sempre, apesar de tudo), é preciso, antes de montar

(Continua à pag. 23)

A Carta de Pero Vaz de Caminha

A CARTA de Pero Vaz de Caminha é o Auto do nascimento do Brasil e do "Novo Mundo", e também o primeiro e o mais gostoso dos elogios que recebemos. Eramos inocentes, vivíamos inteiramente nus e não demonstramos um pinga de pudor aos olhares espantados e admirados dos marujos portugueses.

Agora aparece na excelente coleção "Clássicos e Contemporâneos" da Editora Dois Mundos.

Pela primeira vez se dedica um estudo tão completo ao célebre documento, aqui não só reproduzido em "fac-símile", mas acompanhado de uma rigorosa transcrição, de uma adaptação à linguagem contemporânea e de numerosas notas de caráter cultural.

Jaime Cortesão, que estudou o escritor à luz do seu meio social e da sua profissão e comparou a obra com numerosas fontes contemporâneas do mesmo gênero, chegou a estas novas conclusões:

A Carta pertence ao gênero literário dos relatos diários de viagens, redigidos pelos escrivães das armadas ou das naus. Caminha era, pelo menos, escrivão da nau de Cabral, o que dá à Carta o caráter de um auto oficial, feito por oficial régio, e, por isso, em nome da nação.

O estudo de novos documentos e a comparação com a célebre epistola de Vespúcio, designada por Mundus Novus, leva à conclusão

que a Carta de Caminha é conjuntamente o Auto do nascimento do Brasil e do Novo Mundo.

Escrita por um cidadão do Porto, isto é, por um homem formado na defesa das liberdades lo-

JAIME CORTESÃO

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA



cais e dos direitos humanos a Carta é igualmente um testemunho da cidadania portuense no século XV e do humanismo universalista dos portugueses na Era dos Descobrimentos.

UM MINISTRO DO POVO

JOÃO DORNAS FILHO

Copyright de LEITURA

O SR. PAULO Pinheiro Chagas, acaba de entregar aos estudiosos da nossa história política um trabalho sério e comovido sobre uma das mais sugestivas figuras do segundo reinado — o bravo e intemerato Teófilo Otoni.

Esse homem extraordinário, que viveu todos os anos da sua vida braseando no vácuo contra uma instituição dourada e sedutora, mas inoperante e confusa, à força da própria incapacidade, é um símbolo de insubstituível significação no drama que o mundo ainda está vivendo — aquele mundo, aquele clima em que as suas golpeantes qualidades de camponês liberal foram provadas em fatos da mais decisiva eloquência.

E' que Teófilo Otoni viveu a hora crucial do destino humano, o grande século XIX que deu Pasteur e Karl Marx, Clemenceau e Cavour, Disraeli e Abraão Lincoln. A sua invulgar acuidade política pressentiu em 1865, quando o punhal da tirania era brandido nas sombras de um camarote de Washington, o perigo que corria o liberalismo servido pela crassa consciência de uns homens que ainda não tinham acordado de todo do infernal pesadelo do feudalismo. Eram barões humanitários e polidos, mas senhores de escravos tanto na Virginia como em Minas, tanto em Roma como na província do Rio...

Naquela altura da história política do mundo, quando uma consciência já devia estar amadurecida à custa das lágrimas, do suor e do sangue vertido em holocausto à liberdade humana, Napoleão III imolava Maximiliano no México e Pio IX desafiava a civilização ocidental com os dogmas da

infallibilidade e da imaculada concepção...

Era o caos. Era a balbúrdia, a incompreensão universal que preparariam as tragédias do pobre século em que vivíamos. O liberalismo não estava preparado, romântico que ainda era, para enfrentar e vencer os tentáculos agonizantes da hidra feudal. E esse romântico liberalismo nos iria custar a guerra de 14 e 39, crise que Teófilo Otoni pressentira com os primeiros arreganhos do feudalismo renascente...

Desse mar agitado de sangue e ódio há-de nascer, entretanto, a fina flor da dignidade e da beleza humana, como a queria o batalhador do Serro Frio, encarnada numa democracia viril e conciente, compreensiva e batalhante.

Eu sabia que Paulo Pinheiro Chagas há anos namorava a singular figura do grande liberal mineiro. Havia nisso, além da identidade de espírito, uma forte e generosa tendência para os empreendimentos sérios, bem conhecida. Mas, francamente, não esperava tão cedo, morosos como são no trabalho mental os escritores brasileiros, a bela realidade dessa biografia notável e definitiva a que o jovem escritor mineiro deu o excelente título de — "Teófilo Otoni, ministro do povo" — a maior ufania que agitava o longo branco do camponês e que ele prezava sobre todas as coisas.

Mauá e Teófilo Otoni, para não falar em Tavares Bastos e José de Alencar, são as figuras centrais da história do liberalismo econômico e político do segundo reinado, apesar do rótulo arbitrário dos partidos de então. E figuras cuja incompreensão

define a alarmada e obtusa incapacidade do monarca — o homem que lia Tucídides no original, mas não compreendeu o artigo de Bocayuva — "Do Capitólio à Rocha Tarpeia" — publicado no O País de 14 de novembro de 1889...

O sr. Paulo Pinheiro Chagas publicou um livro definitivo sobre Teófilo Otoni e o editor Zello Valverde, além de apresentar uma autêntica joia bibliográfica, apresentou a cultura brasileira com um trabalho que a enobrece e a apolenta de muito.

FRONTEIRA E CINEMA

(Continuação da pág. 29)

ção econômica, ressalta essa descon-tinuidade histórica que nos caracteriza. A nossa Natureza não é uma zona de exploração, mas, um motivo de ufanismo. No século XX, temos que fazer o que o norte-americano fez no século XIX. Será o deslocamento da fronteira econômica, afim de que coincida com a fronteira política.

Nos Estados Unidos, o deslocamento das fronteiras serviu para enaltecer os feitos do *little man*. Do homem comum. Entre nós, as bandeiras deram origem a uma aristocracia. São Paulo orgulha-se de descender da raça de gigantes. Fala até em nobiliarquia.

Embora tenha sido cantada a nossa epopéia, ainda temos muito que fazer. Se tivéssemos cinema, entretanto, já podíamos celebrar os feitos do bandeirante, do colonizador, do criador, do vaqueiro, do tropeiro, do caixeiro-viajante, do negro, do garimpeiro, do explorador, do *voyageur* e a colaboração do burro, do cavalo e do boi com o seu carro. Não nos esqueceríamos, também, do charlatão que, em inocência, Taunay pintou.

O nosso Oeste será um dia conquistado. Veremos, então, se ele nos dará um Lincoln.

Embora ainda não esteja estudado o influxo da Fronteira sobre o nosso povo, o exemplo dos dilatadores constitui um motivo de orgulho nacional. Quando as pesquisas nesse sentido forem realizadas e tivermos cinema, devemos seguir os Estados Unidos, ligando Fronteira e Cinema por laços indissolúveis.

Tolerância

(Continuação da pág. 21)

sua virtude e legitimidade, que passe pelo processo da intolerância, vergastando sem piedade aqueles que fogem de aceitá-la.

Penso, às vezes, que o mundo não foi feito com propósitos honestos... A bondade, que é quasi sinônimo de tolerância, constitui verdadeira excrecência social. Ser bom é um perigo. E, como tal, os máis, que representam a maioria, costumam transgredir na cadeia esses seres errados e anormais, que tem o coração maior

Banco Aliança do Rio de Janeiro S/A

Fundado em 1906

Presidente

DIOCLECIO DANTAS DUARTE

Gerentes

CICERO ARANHA e ANTONIO CUPERTINO DE MIRANDA

Prédio próprio — Rua da Alfândega n.º 32

TAXAS

Conta Corrente Limitada	5%
Depósitos à ordem	4%
Depósitos a prazo fixo	
6 meses	6 1/2%
1 ano	7%
Idem com aviso prévio	6%

Compre bonus de guerra e confie na vitória do Brasil

O MESTRE ANIBAL PONCE

BARBOZA MELLO



Anibal Ponce

DIFFICILMENTE encontramos num escritor de obra vasta, densa e profunda a qualidade artística imprescindível à sua unidade. Pareceria que a fecundidade prejudicava o estilo até dos bons escritores. Entretanto, no Mestre Anibal Ponce, a forma e o conteúdo ressaltam de tal maneira identificados que se assemelham a um bloco monolítico.

A vida breve desse argentino que morre no México, exilado de sua pátria, num incrível desastre de ônibus, aos 39 anos de idade, — precisamente num mês de maio há cinco anos — era uma das existências mais exemplares que temos conhecido. Ninguém o excedeu na dedicação à cultura, no cumprimento dos deveres da inteligência, na atividade infatigável pela dignificação do homem, e na defesa dos direitos inalienáveis do cidadão. As suas lições de sabedoria e de dignidade, que se encontram ao longo dos 39 volumes aproximadamente das Obras Completas, que estão sendo editadas pela "Librería y Editorial EL ATENEO" de Buenos Aires, — até agora foram publicadas nove — são de uma oportunidade permanente para a compreensão e valorização dos complexos problemas da nova cultura.

Discípulo de Ingenieros, logo sucedeu ao seu mestre na direção da Revista de Filosofía, aos 23 anos de idade. Morreu o autor de "Una moral sin dogmas". Ponce se encarrega da edição das suas Obras Completas, cujos volumes já ultrapassam a casa dos vinte, ajudado pelo seu amigo o editor S. J. Rosso, de Buenos Aires. Todos estes volumes estão prologa-

dos e anotados pelo discípulo que superou o mestre, porque soube viver o mais dramático ciclo da história contemporânea: o do nascimento e expansão mundial do fascismo nas suas várias modalidades. Não há nesta afirmação — superou o mestre — nenhuma restrição ou diminuição dos méritos do grande pensador argentino, ou melhor, americano. Se a morte não o tivesse levado tão prematuramente também Ingenieros estaria com Ponce e com todos os escritores que não vacilaram em ficar com o povo, na defesa dos seus direitos e da cultura, ameaçados pela barbárie nazi-fascista. Os seus últimos livros são uma confirmação do que acabamos de dizer.

A intensa produção intelectual de Ponce mostra-nos uma peculiaridade muito natural nos homens que sempre repugnam a metafísica "torre de marfim". As suas obras resultaram da sua ação democrática e cultural através de cursos especializados, ditados para estudantes e trabalhadores, aos quais compareciam intelectuais, escritores e professores. E' que ninguém deixaria de aprender ouvindo Ponce. Tivemos a fortuna de ouvir no "Colegio Libre de Estudios Superiores", — a mais alta tribuna do pensamento da nova Argentina — de que era um dos seus fundadores e o seu guia principal, dois desses cursos, ademais de várias conferências. Comemorava-se em todo mundo civilizado o 4.º centenário da morte de Erasmo, — 1536-1936 — coincidindo com o jubileu de Romain Rolland, — 50 anos de atividade literária em prol da humanidade. Buenos Aires, — Capital da América espanhola — não assistiria indiferente aquelas homenagens prestadas à cultura. E o "Colegio" anunciou o curso de Ponce: "De Erasmo a Romain Rolland". Otto conferências da maior significação para uma apreensão justa do humanismo nos seus quatro séculos de existência, constituem o 2.º volume das "Obras Completas". Ponce demonstra como o humanismo burguês encarnado em Erasmo conduz inevitavelmente ao humanismo proletário de Romain Rolland. Este livro é uma das mais valiosas contribuições à elucidação dos problemas que a nova cultura apresenta aos estudiosos.

O outro curso a que nos referimos foi o "Exame da Espanha Atual", realizado no momento em que esta era invadida pelos exércitos nazi-fascistas. As quatro longas conferências foram ouvidas, como sempre sucedia, por um auditório tão numeroso quanto seletivo. Mas destacamos a característica de que, pela primeira vez, escritores dos chamados apolíticos se encontravam nas primeiras filas ouvindo o Mestre. A tragédia

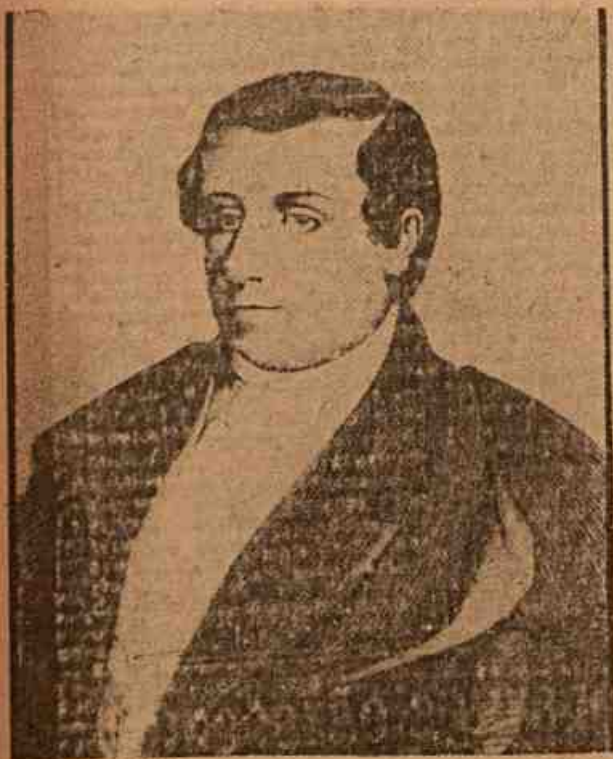
espanhola obrigou a todos os escritores, a todos os homens, a definir-se categoricamente: com o povo ou contra o povo. O curso de Ponce, mais uma vez, prestou notável e inapreciável serviço à causa da liberdade e da dignidade humana.

E assim Ponce ia realizando a sua obra. Sempre oportuna, sempre devotada ao povo. Uma centena de conferências pronunciadas em vários países sobre os temas mais diversos, uma quantidade incalculável de artigos de crítica literária e filosófica, dezenas de cursos realizados na Argentina, no Uruguai e no México. É o inventário da sua obra. Devemos ter em conta também os vários prologos que escreveu para livros literários ou de história, a pedido de generais do exército, professores e escritores velhos e jovens.

O seu livro "Sarmiento, construtor de la nueva Argentina", é o que melhor situa a personalidade, quase diríamos incomensurável, do estadista, escritor e mestre dos argentinos, na evolução da sua pátria. Continuando este trabalho escreveu "La vez de Sarmiento", livro de uma dezena de ensaios sobre este, e várias figuras de real prestígio pela atuação progressista no amplo cenário da Argentina. Mas se a obra de Ponce é enorme como pensador, não menor é a sua obra de psicólogo. Estava na primeira plana entre os maiores do mundo. Os seus livros "Problemas de Psicología Infantil", "Ambición y Angustia de los Adolescentes" e "El Diario Intimo de una Adolescente", são obras insuperadas na sua época. Isto é, nos nossos dias. Ponce era catedrático de psicologia e professor de professores nesta especialização. Quando teve de abandonar sua pátria, a grande nação mexicana lhe abriu as portas, oferecendo-lhe na sua Universidade a cátedra que mais lhe interessasse. Ponce escolheu a de psicologia, mas aceitou outras em mais de uma Universidade do interior. Na pátria de Juárez a sua atividade foi simplesmente extraordinária. Solicitado para ditar cursos e conferências em todas as partes do país, a sua presença não se fazia rogada. E assim foi até o dia que sofreu o acidente e morreu. Depois de realizar o seu curso na Universidade de Morelia, e atendendo aos estudantes da Capital do México, tomou o ônibus em direção a esta afim de fazer uma conferência comemorativa do aniversário da morte de Carlos Marx. Não pôde realizá-la, mas a conferência foi lida pelos estudantes. Morria Ponce, porém a sua palavra continuava a boca dos jovens, seus livros nas mãos dos estudantes e toda sua vida — curta, intensa e gloriosa — legava como bandeira aos defensores da cultura e dos inalienáveis direitos do homem e do cidadão.

EL PENSAMIENTO DE MAYO

ANIBAL PONCE



Mariano Moreno

ESA MARCHA confiada no es una marcha a ciegas. Un pensamiento vigoroso y de claridad ejemplar nos dirige a nos sostiene. Echegaray lo ha dicho con palabras que merecen recordarse: "La única tradición legítima para nosotros, y la única que debemos adoptar, es la de Mayo, porque de ella nace la fuente de nuestra vida social, y porque su pensamiento no es más que el resultado remoto del movimiento emancipador de la humanidad, iniciado en el siglo XV y que continúa todavía". No podría resumirse con más exactitud el itinerario de nuestra evolución. Heredero lejano del Renacimiento y heredero directo de la Revolución Francesa, el pensamiento de Mayo renacía en esta parte de América la profunda convulsión política e social, económica e filosófica que intentaba substituir el derecho divino por la soberanía popular y el privilegio feudal por la justicia social. (Ingenieros). Urgido por la solución de problemas inmediatos, Moreno no llegó a formular el

alcance verdadero de su pensamiento. Pero en la unidad armoniosa de su acción ejecutiva y de su propaganda educadora, se lo ve identificado de tal modo con la gravedad de la hora histórica que no nos es dado pensar en los orígenes de la nacionalidad sin que aparezca delante de los ojos aquel grupo magnífico de nuestros jacobinos; acompañando ejércitos, fundando bibliotecas, fusilando enemigos, mientras a sus espaldas, como en una visión de aurea, ascendía hasta el cielo la llamada de la Revolución.

Pero el mundo feudal no se resignó a morir. La autoridad de los siglos lo seguía sosteniendo, y era tan poderosa su armadura económica que en muchas ocasiones hasta tuvo por defensores a sus propios oprimidos. La historia del siglo XIX no fue, entre nosotros, como no lo fue en Europa, más que las alternativas dramáticas de ese largo batalla, y cuando en un momento de victorias parciales el pensamiento liberal dió constituciones a los pueblos, se vió a poca andar que la ideología revolucionaria había sido bastardeada. Al chocar contra viejos intereses, compromisos ineludibles la torcieron, y entre la soberanía popular de Rousseau y el constitucionalismo de Benjamín Constant hoy toda la diferencia que media entre el ideal político e la realización mezquina.

Casi sesenta años después de la Revolución Francesa, la revolución socialista de 48 reafirmaba los mismos ideales, corrigiendo con un concepto más firme de la asociación el individualismo burgués de los Derechos del Hombre. Echegaray y Alberdi, Sarmiento y Mitre, comprendieron de inmediato la magnitud del suceso, pero el fracaso político de la revolución de febrero, entibió el ardor de sus primeros entusiasmos, y mientras unos se alejaban de la filosofía de Leroux como de simples sueños generosos, otros se entregaban a perseguir sobre la realidad fugitiva de los hechos un reflejo siquiera de aquella grande ilusión.

Frente a la sociedad feudal que se mantuvo vigorosa, la actual organización de nuestra patria representa, por lo tanto, una etapa momentánea que es necesario superar. Los principios de la Revolución de Mayo no se han realizado totalmente. La soberanía popular, en efecto, se aviene mal con el enmohecido engranaje de nuestra república burguesa; y peor se aviene la justicia social con las formas subsistentes del privilegio económico. Recordar los aniversarios de la Revolución Argentina no significa, pues, un simple homenaje de gratitud a una gran fecha del pasado. El pensamiento que echó a andar por América en una lluviosa mañana de mayo, no ha detenido su marcha. Contemporáneo de los hombres de la Primera Junta, sigue siendo contemporáneo de nosotros, y seguirá siéndolo de los que vengan hasta el día quizá no muy remoto en que la Soberanía Popular no sea un mito y la Justicia Social se haga efectiva.

(EL VIENTO EN EL MUNDO, pag. 29. Librería y Editorial "El Ateneo". 1939. Buenos Aires).

ANA KARENINA E TOLSTOI

crônicas. Por isso mesmo é romance inquietante, cheio de sub-entendidos, auto-biográfico, que pode ser sentido pelo comum da gente, mas só poderá ser interpretado por quantos conhecerem o destino doloroso, convulso e dramático do romancista. Com Guerra e Paz e Ressurreição, Ana Karenina representa um momento supremo da consciência humana. É que Tolstoi

não perdeu jamais a coragem mental, que fez dele romancista de ação. Romanin Roland chega mesmo a dizer: "c'est l'action qui est son véritable objet, et non pas l'art". Romancista ele teve o instinto de penetração rápida, a completa segurança nas análises, o segredo da intensidade. Ninguém melhor soube definir personagens, subtraindo-os às fantasias de verbalismo. O que torna, aqui e ali, meio enfadonhos certos capítulos de seus romances é a inquietação do apostolado. Em Ana Karenina sente-se o voo a cada passo. Mas o roman-

ce foi obra de transição. Até aí Tolstoi escreveu dum modo. Dal por diante de outro. Ana Karenina constitui prova da grande crise, culminada mais tarde, na semi-loucura, que o levará a fugir, para morrer longe, em desespero esquecido de todos os seus depois de bater as portas dos conventos, na esperança de saúde. Como se os distúrbios orgânicos se pudessem curar com retiros espirituais apen-

ANA KARENINA, de Leon Tolstoi.
Trad. de Marques Rebelo —
Rio de Janeiro: Pioneiro Editores — Rio,
1942.

MISSÃO EM HOLLYWOOD

AO terminar a filmagem de "Missão em Moscou", livro de inteligente compreensão dos problemas da U. R. S. S., os diretores da Warner Brothers ofereceram ao Embaixador J. E. Davies um banquete em que tomou parte grande número de jornalistas, diplomatas, escritores, artistas e V. V. Pastoev, consul geral da Rússia em Los Angeles. O filme foi orientado pelo próprio Embaixador Davies — excelente garantia das bases reais do assunto.

Transcrevemos o discurso pronunciado então pelo autor de "Missão em Moscou", o qual foi interpretado em Washington como uma verdadeira mensagem dirigida aos povos livres de todo o mundo.

"QUANDO cheguei à Europa, o que mais me impressionou foi a confusão ali reinante. A maioria das pessoas estava convencida de que não existia outra alternativa entre fascismo e comunismo... Assim que Hitler atacou as defesas de Stalingrado, reconheci a ameaça direta contra a segurança e a liberdade das Américas. Tomando posse dos campos petrolíferos de Bakú teria o caminho livre para o Oriente Próximo. Destroçando o Exército Vermelho, nada o teria impedido de levar as unidades da Luftwaffe ao Egito e de ajudar as forças de Rommel a passar pelo Irã e Iraque, afim de unir-se com as forças japonesas. Devemos agradecer às forças russas a defesa da civilização.

"Prefiro morrer antes de converter-me em escravo dos nazistas. No mundo dos germanos não há lugar para homens livres, para ninguém educado na fé cristã. Os nazistas confiscaram as igrejas católicas; os dignitários da igreja foram torturados mentalmente nos campos de concentração. Os judeus foram simplesmente eliminados por pertencer ao povo que deu o Redentor ao mundo... Os

senhores creem, talvez, que Hitler nos deixaria em paz depois de conquistar a Europa? Os senhores pensam que ele não trataria de apoderar-se das riquezas das Américas? Creem os senhores que um cachorro faminto abandona um pedaço de carne que está ao seu alcance?

Qual é o significado da Rússia para as Américas? Esse país nos proporcionou o tempo suficiente para preparar-nos. É verdade que eles lutaram por sua própria liberdade, por seu país, por seus lares, mas foi precisamente esta luta que nos tornou possível preparar a defesa de nossas liberdades. Hoje temos plena segurança na defesa e conservação da liberdade porque os russos nos deram o tempo necessário. Jamais nos será possível pagar a esse grande povo tudo o que devemos! Por isso escrevi meu livro "Missão em Moscou" e por isso estou aqui, nos estúdios da Warner, assistindo o preparo da versão cinematográfica do mesmo.

Para falar de assuntos pessoais, tenho que dizer-lhe que sou capitalista. Também disse isso aos russos. Prefiro ganhar o dinheiro a recebê-lo de herança... Quando fui à Rússia abrigava muitas prevenções contra os Soviéticos, mas resolvi enxergar as coisas tal como se apresentaram. Sou advogado: estou convencido de que é impossível ganhar um pleito supondo simplesmente a falsidade da oposição do adversário e sem estudar os fatos. O governo soviético me respeitou como representante de um governo amigo. Também os respeito. Fui honesto com eles e eles comigo. Disse-lhes que era capitalista e que seguiria sustentando as vantagens do nosso sistema de vida. Eles não compartilhavam de minhas opiniões, porém eu reconheci o direito que tinham de estar em completo desacordo comigo. Sua forma de governo é assunto deles; nosso sistema econômico é

assunto nosso. Sobre esta mútua tolerância descansa a possibilidade de um futuro melhor.

Quando Hitler atacou a Rússia, teve pela primeira vez a absoluta certeza da sua futura derrota. Stalin assinou um convênio com os alemães em 1939 porque isto era a única maneira possível de proteger seu povo e de ganhar tempo para os urgentes preparativos. Stalin não poderia entender-se com Hitler. Disse-me isso pessoalmente. Quando a Inglaterra e a França recusaram fazer uma aliança militar recíproca, não pôde fazer outra coisa senão firmar um pacto de não agressão com os alemães, assegurando assim a paz que lhe permitia a defesa ao ataque que sabia haveria de iniciar-se algum dia contra o seu país.

Ao iniciar-se o ataque, eu fui um dos poucos que afirmaram que o Exército Vermelho surpreenderia o mundo! E quando Hitler invadiu a Rússia, seus trinta mil tanques tiveram que enfrentar os vinte mil de Stalin. Onde estaria hoje o mundo democrático sem aquela força que freou e contém as hostes de Hitler?... Não obstante, há quem creia ainda que a Rússia e a Alemanha continuariam lutando até exotar-se... mas os Soviéticos não têm intenção alguma de tirar as castanhas de outros do fogo...

É de uma importância vital que nosso país e todas as nações aprendam a conhecer a Rússia. Meu livro diz a pura verdade. Critico os Soviéticos da mesma forma como o fiz quando estive na Rússia, mas falo também de coisas boas que vi ali. Vi que os líderes são fortes, valentes e abnegados. Se eles prometem algo, cumprem a promessa. Nenhum país do mundo goza de reputação mais elevada do que a Rússia no cumprimento de obrigações contraiadas. O crédito dos bancos russos é o que nós chamamos "tipo A"; algo memorável, fora de toda discussão, não só neste como em qualquer país do mundo.

Em 1938, quando Hitler marchou sobre a Áustria, a França preveniu os alemães: "Se os alemães entrarem na Tchecoslováquia, nós lutaremos". Mas a Inglaterra se obrigava a lutar ao lado da França só no caso de que a França fosse agredida. Quando a França disparou o primeiro tiro contra a Alemanha, a Inglaterra estava livre de toda obrigação. Os jornalistas foram entrevistar Litvinov, um dos maiores homens que já vi em minha vida, e lhe perguntaram: "A Rússia lutará contra a Alemanha se ela atacar a Tchecoslováquia?" Sem titubear, respondeu: "Claro que sim! Existe o tratado com a França". "Mas o Exército Russo terá que cruzar a Polónia para poder lutar", exclamaram os jornalistas. E Litvinov respondeu: "Quando existe o desejo de cumprir não é difícil o método de cumprir". Uma semana mais tarde Litvinov iniciou as conversações com

(Continua à pag. 30)



O Embaixador J. E. Davies, V. V. Pastoev e Sr., nos estúdios da Warner.



ARTUR RIMBAUD

por Premiani

2) — DURANTE o guerra franco-prussiana foi preso, julgam-no um espírita porque fazia versos escritos de tal maneira que pareciam anotações peniciladas. Obrigaram-no a regressar a casa, mas ele não quis fugir. Andou mendigando de aldeia em aldeia, dormiu no chão, comeu da mesma panela dos camponeses. Em Paris tomou parte no movimento da "comuna" e se meteu entre os "chouans" da revolução, ao pé do water da aventura.

1) — NASCEU em Charleville, França, em 1854. Aos treze anos maravilhou os mestres com o seu gênio literário. Em um concurso académico obteve o primeiro prêmio de composição latina com 80 versos magistralmente construídos e escritos de um jato, quando já se encontrava o concurso.



3) — RIMBAUD era desagradável por ser "anfitrião de vagabundos". Brigava com os escritores, dormia nos salões noturnos, bebia até a embriaguez. Sua poesia de "Bateau ivre" foi aplaudida e negada, mas até mesmo os grandes escritores já sabiam de sua vida estranha. Num momento de admiração incontinente, o poeta Verlaine chamou-o de "Bateau ivre menino". Em consequência, Rimbaud arrastou o desgosto Verlaine a tudo o que era bar e doca numa boemia desenfreada. Rimbaud queria ir mais longe, não sabia onde. Desesperado, Verlaine disparou-lhe dois tiros, ferindo-o na mão esquerda. Rimbaud abandonou a literatura. Faz um auto de fé com os seus últimos poemas, hoje considerados de substância genial. Tem 19 anos. Percorre a pé uma parte da Europa. É carregador em Milão; vendedor ambulante em Hamburgo; mendigo em Ambrés. Não obstante, ilustra-se em ciências, estudo italiano, russo, grego, holandês. Para estudar sem ser incomodado encerra-se num armário. Mais tarde "assenta praça" no exército holandês após de ir a Java. Em Java morreu.



4) — **VERLAINE** disse que ele era o "homem das pernas de vento". Agora é chefe de pediteiros em Chipre, entre mercenários gregos, sírios, árabes, malitenses. Em seguida visita os portos do Mar Vermelho, chega a Aden, instala-se em Hattar com um barracão onde troca bagatelas por marfim, ouro, perfumes, incenso, peles. Tem o mal do tóxico, a febre de chegar mais além, ao mesmo tempo que explora, faz contrabandos e remete informações volúcas a Sociedade Geográfica.

com to-
varia
suavem-
poca-
pouca a
est em
a mes-
ris



5) — **LEVA** quarenta e dois anos nessa vida, sedento de riquezas. Algo o apressa como se fosse um impulso maldito. Decide vender fuste a Menelik, o futuro rei da Abissínia. Cinquenta dias de marchas no deserto, evitando tribos nômades e guerrilhas, beduínos fanáticos e perversos. Chega ao acampamento do monarca etíope e entusiasma-o com os fustis, com as sedas bordadas, os fogos mecânicos, sonchitais. Seu barracão em Hattar, nômada,

6) — **UM** tumor na retina o angustia constantemente. Deve vender trezentos quilômetros sob um sol e chuvas infernais. Chega a Zella, parte para Aden, cruza o Mar Vermelho num barco imundo, alcança Marselha. Sofre então de uma horrível doença nos ossos que o impossibilita sair da cama de um hospital. E quer partir para o trópico. Morre desejando voltar ao seu barracão, pensando numa mulher de bronze que espera impassível diante da sua tenda. É dia 10 de novembro de 1906. Rimbaud tinha 37 anos.

FRONTEIRA E CINEMA

ABELARDO FERNANDO MONTENEGRO

Copyright de LEITURA

F. J. TURNER, notável professor "yankee", reescreveu a história do seu país, sob o critério do deslocamento da fronteira. O seu olhar agudo e a sua interpretação original fizeram a cola. Outros estudiosos seguiram-lhe as pegadas.

A visão turneriana, embora original, não constitui uma lâmpada de Aladino. Se a fronteira é causa, é efeito também. Não explica tudo. Não pode ser como o surrão do Papai Noel, de onde sai um presente para cada menino. Nem se assemelha ao oráculo de Delfos que a tudo responde.

O cinema norte-americano, com o seu clima romântico e esportivo, mesmo sem querer doutrinar, exaltou esse fenómeno que não é peculiar aos Estados Unidos, porque eclodiu em toda parte. A dilatação da fronteira, com as consequências de toda ordem, aparece nos filmes exportados, de um modo empolgante. É pena que tais películas não obedecem a uma orientação mais histórica e mais didática e passem do heroísmo a aventura barata de capa e espada.

A nossa meninice foi embalada pelas histórias de Buffalo Bill e Texas Jack. Depois, os filmes mudos mostraram-nos as caravanas em procura do Oeste. As lutas sangrentas com os índios, com as feras e com as árvores. O cinema falado, em seguida, deu-nos a ver a "golden rush" e a caça aos "wild catings".

O cinema consagrou os tipos fronteirinos: cow-boy, sheriff, jogador, bellarina, pastor, banqueiro, especulador, proprietário de casino, garimpeiro, caçador de gatos bravos passaram a figuras mundialmente conhecidas. A tela ajudou à Escola do Professor Turner, ensinando, ainda que de maneira defeituosa, o que é um deslocamento da fronteira. O homem da rua começou a compreender o nascimento de uma cidade de vacas, de uma cidade de trigo, de uma cidade de ouro e de uma cidade de petróleo.

A fonte do romantismo "yankee" é, incontestavelmente, o Oeste. A epopéia americana está na incorporação económica e política de um vasto território. Notou-o muito bem James Truslow Adams.

A conquista das terras ocidentais brota do sentimento de independência, de um preconceito e de uma necessidade económica de correntes humanas. O imigrante precisava de terras e o branco empobrecido preferia o *lottery* a chance ao trabalho assalariado, cujas fontes estavam maquiadas pela escravidão.

Os homens que conquistaram o Oeste consagraram um tipo de norte-americano. A Fronteira produziu o antropocentrismo e até o etnocentrismo. "Os olhos do mundo estão sobre nós". "A nação marcha sob os olhos de Deus". São exemplos friantes. O *Thanksgiving day* constitui a celebração festiva de um povo eleito. Na última quinta-feira de novembro, todo

um povo considera-se o centro de atração dos poderes celestiais.

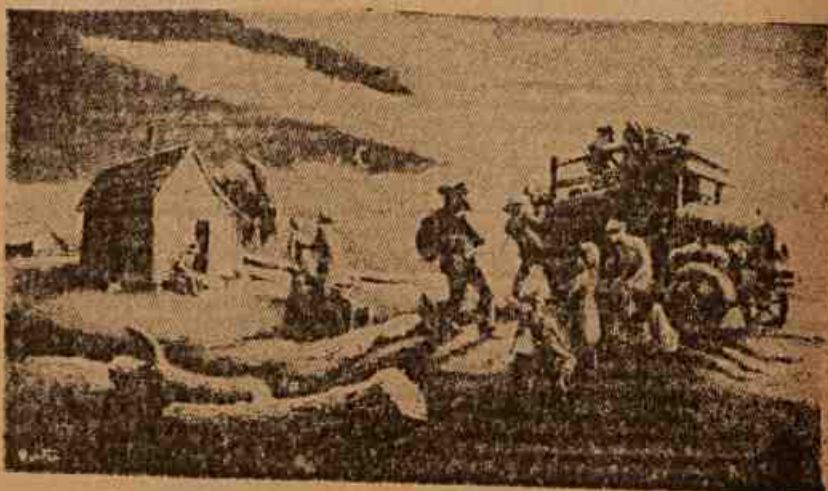
O cinema romantizou o tipo oesteiro. O fronteirino é verdadeiramente um forte. Bebendo e amando, sonhando e conquistando, fazendo mortes e fazendo vidas, ele merece a exaltação nacional. Buscando a "Terra da Promissão do Oeste", ele indica às gerações porvindouras o direito de todos à felicidade. E essa lição torna-se tão compreensível que o Oeste se transforma no refúgio da América. Numa fonte perene de inspiração. O peleador de índios, o duellista, o caçador, o armadilheiro, o criador e o agricultor fronteirinos continuam assinalando caminhos de bravura colectiva.

Fronteira não é, portanto, roubo de gado e de terras, luta de caravanas e diligências contra índios. Não são tiros de revólver. Não é roleta, nem "whisky" em profusão. Não é o ambiente de dissipação. Fronteira é um ideal. É toda uma válvula de segurança e de escape. O expansionis-

mo do fervor religioso de *New England*. Hollywood exprime a última etapa do fronteirismo libertário que realiza a destruição da censura dos *quakers*. É a decisão, de certo modo, dada ao duelo entre a igreja e o *saloon*. Entre o pastor e o aventureiro. Entre a oração e o ouro.

O estudo do fronteirismo "yankee" força-nos a uma análise do nosso pioneirismo. Convida-nos a um paralelismo entre as duas deslocções de fronteiras.

Notamos entre os dois tipos de pioneiro, uma diferença. O português católico não se adentra nas nossas selvas imbuído de certos preconceitos. No seu espírito, o mar continua a ser uma tentação. O puritano, ao contrário, sonha com um novo paraíso que virá com a destruição do pecado. O mar deve desaparecer da memória, porque traduz uma possibilidade de se comunicar com Salomão. Como salienta Gilberto Freyre, o mar é um irmão para o lusitano. O *falhar*, ao contrário, não se caracteriza por esse



mo, mais tarde, será um prolongamento da fronteira.

A iniciativa do "yankee", o pragmatismo e o utilitarismo provêm da Fronteira. Um dia, entre o bom senso do burguês da costa atlântica e o espírito aventureiro do oesteiro, o país irá escolher. Será a luta do prosaísmo e do sonho.

O amor de Jack London à verdade é um fruto fronteirino. A sua literatura, sob determinado ângulo, é deslocadora de fronteiras.

O sonho do Oeste é um sonho de civis e não de guerreiros. A luta representa o meio e não o fim. As massas humanas que se deslocam, assemelham-se mais aos hebreus de Moisés em busca de Canaan, do que às tribus de Israel destruindo os filisteus pela razão única de ser o povo eleito.

Hollywood constitui a réplica ao puritanismo dos *fathers*. A vitória da carne e da beleza significa um des-

luzamento. O mar é a ponte do pecado e não a esteira das fraternizações. O pioneiro norte-americano, entre dois oceanos, não tem saudade do Inferno. Enquanto o colono luso se dissolve, o *settler* puritano vê na Natureza o inimigo, a Eva tentadora a acenar com o fruto proibido.

Cumpramos salientar que o Oeste, para nós, constitui um complexo de inferioridade, ao passo que, para o norte-americano, representa um motivo de orgulho. O bandeirante, o cearense, e o gaúcho tem deslocado as fronteiras económicas e políticas da nação. Mas, não tivemos esse fenómeno de colonização em massa, essa imigração em larga escala, essa ocupação célere dos espaços vazios. Ainda hoje, continuamos a falar de marcha para o Oeste. J. F. Normano, aplicando a interpretação turneriana à nossa evolu-

(Continua à pag. 22)

LEITURA — 22

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG, Diretor da Sucursal

VÁRIAS iniciativas arrojadadas estão sendo tomadas no mercado editorial paulista. Alguns de nossos editores estão revelando possuir uma visão bem larga do que será amanhã o livro brasileiro. Quando a Editora Nacional lançou a "Brasiliana", ninguém poderia avaliar o sucesso dessa coleção, que já está em mais de 200 volumes. Depois, a "Biblioteca do Espírito Moderno" também obteve grande sucesso. Entretanto, a Livreria Martins conseguiu lançar no mercado edições melhor confeccionadas do ponto de vista gráfico. A "Biblioteca Histórica Brasileira", a "Biblioteca do Pensamento Vivo" e as coleções "A marcha do espírito", "Ereclior" e agora esta magnífica "Mosaico", revelam a que ponto o bom gosto pode ser um aliado de uma iniciativa comercial. O "Baile das quatro artes" que acaba de ser lançado é uma edição que honra a nossa indústria editorial. Mario de Andrade e o editor Martins estão de parabéns. As Edições Cultura, dirigidas por José Pérez, acabam de inaugurar suas novas instalações e de lançar uma "Série Brasileira", iniciada com a obra de Aires de Cezal, além de continuarem a publicação de suas coleções "Mestres da língua", "Mestres do pensamento", etc., todas bem cuidadas e sóbrias. A hora é das coleções. O "Livro de Bolso", que está lançando entre nós os volumes tipo "Pocket book" estão publicando as obras completas de Lima Barreto, o grande romancista brasileiro que ainda é praticamente desconhecido pelo grande público. A Editora Universitária iniciou a publicação de uma biblioteca de divulgação científica muito interessante. Anunciam-se ainda coleções de dicionários, de clássicos, de novelas, de livros técnicos, de reportagens de guerra, de biografias, coleções de todos os tipos. Novas editoras estão funcionando e trabalhando. De Homero ao jornalista Max Warner, de George Sand a Anna Seghers, de Gregório de Matos a Lima Barreto, tudo está sendo publicado e devorado pelo público. Há livros e livros reeditados que se esgotam em dois meses. "As obras primas do conto universal", "Quonada", "Somente nesse dia" e outros são exemplos do que afirmamos. "A Morangina", de Macedo, foi lançada quase simultaneamente por duas editoras. Isso constitui uma revelação concreta do nosso progresso editorial e cultural.

Já falamos muito de coleções. Mas vamos falar de mais uma. O professor Donald Pierson é um dos mais apaixonados estudiosos da sociologia brasileira. Sua obra "Negroes in Brazil", editada nos Estados Unidos, ainda espera ser traduzida e incorporada a uma das nossas coleções de documentos e estudos brasileiros. Agora, o prof. Pierson e o editor Martins acabam de iniciar a publicação de uma "Biblioteca de Ciências Sociais", lançando a obra de Ralph Linton "O homem: uma introdução à antropologia", tradução de Lúcia Vilela. O segundo volume da coleção será "Introdução à história econômica" de N. S. B. Gras.

Carlos Burlamaqui Coppe acaba de publicar um ensaio de poética intitulado "Os cantinhos poéticos de Jamil Almansur Haddad", curioso estudo crítico.

Edgar Caralheiro está escrevendo uma biografia de Francisco Glacrio, o famoso republicano paulista, e partiu para o Rio Grande do Sul, afim de continuar suas pesquisas.

Alonso Schmidt ganhou o prêmio "Ramos Paz", com sua novela "Um irmão sem nome". Uma vitória merecida.

MISSÃO EM HOLLYWOOD

(Continuação da pág. 25)

a Polónia para cancelar o tratado de não-agressão. Manifestou aos poloneses: "Para ajudar a França e a Tchecoslováquia é imprescindível violar as fronteiras da Polónia. Por isso lhes avisamos de antemão e lhes pedimos licença para poder fazê-lo..." Eu sei que sucedeu assim mesmo, pois eu fui

testemunha desses acontecimentos.

Resultaria completamente inútil ganharmos a guerra se perdemos a paz. Temos que encontrar o caminho para ganhar também a paz e fazê-la permanente e duradoura. Será impossível obtermos isso sem ter fé e mútua confiança. Devemos confiar nos homens que tantas vezes demonstra-

ram que para eles a palavra empenhada é sagrada. Será impossível assegurar a paz do mundo excluindo a Rússia, a sexta parte da superfície da terra. A paz não seria paz! Não é possível fazer um acordo ou assinar um tratado com o seu melhor amigo sem estar convencido da certeza de que ambas as partes saberão honrar a palavra dada. Eu tenho absoluta confiança na palavra dos dirigentes da Rússia porque eu os conheço!

— A mensagem que eu tratei de levar ao mundo no meu livro e na película baseada nele é a seguinte: a fé como base do conceito do direito e da justiça é eterna e salvará o mundo. Nossas instituições democráticas e republicanas, nossa sociedade baseada na rivalidade livre e no ensino livre, é o melhor sistema capaz de assegurar a felicidade do homem. Devemos crer no grande povo russo e em seus guias, porque se sacrificam pela humanidade inteira ao lutar contra a agressão. A civilização tem para com eles uma dívida enorme: eles se converteram em os defensores da liberdade. Temos que confiar na palavra dos Soviets e cumprir ao pé da letra as nossas obrigações contraidas com eles; esquecendo suas obrigações, as nações vitoriosas jamais poderão assegurar a paz às gerações futuras...

Os homens que morreram e continuam a morrer em Guadalcanal, Tunis, China e nas estepes russas, não poderão descansar em paz se nós fracassarmos ao assegurar para o mundo a paz e a liberdade, pelos quais eles sacrificaram a vida...

A "SANTA RUSSIA" E PÚSHKIN

(Continuação da pág. 20)

resado o ofício fúnebre, já a neve houvera apagado os traços do sentimento...

O imperador Nicolau concedeu uma pensão de seis mil rublos à viúva e de mil e quinhentos rublos a cada um dos filhos de Púshkin. Pagou suas dívidas e encarregou-se da impressão de suas obras completas...

"Obras incompletas" — diz ainda o autor do livro já citado mais de uma vez — mau grado o título, em que o gênio se revela ao lado dos desfalecimentos do coração. Púshkin deixara a alma na sua correspondência e em escritos secretos. Vendeu-a no leito de morte, e não teve mesmo a consolação — a única que sustenta o pensador oprimido pelos homens e pelos tempos — de ser vingado da vida pela morte.

Não poderia ter sido pior? — diriamos nós, o leitor e eu. A humanidade esteve em risco de não possuir um só verso, uma só linha do maior dos poetas russos... E era uma consolação de menos neste nosso mundo.



Eça,

sem o manto diáfano da fantasia

Quer conhecer a verdadeira personalidade do imortal romancista da nossa língua? Leia as suas cartas dirigidas ao seu grande amigo Ramalho Ortigão. Nelas, o leitor se surpreenderá com a "nudez crua da verdade". Encontrará um Eça muito mais humano, e bem português.

EM TODAS AS
LIVRARIAS

P R E Ç O

Cr\$ 10,00

ende se pelo reembolso postal
LBA Editora - Lavradio, 60 - Rio





Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo !

Sempre novidades !

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Esplêndido sortimento de

artigos leves para o verão !

CASAS PERNAMBUCANAS

MERIDIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS DE ACIDENTES DO TRABALHO

A única Companhia que se dedica a essa especialidade

Presidente:

D. R. LUIZ ARANHA

Diretores:

**MIRSILO GASPARI — TEMISTOCLES BARCELLOS — AUGUSTO
FREDERICO SCHMIDT — DARIO DE ALMEIDA MAGALHÃES**

RUA DA QUITANDA, 185 — 2.º ANDAR

Telefone: Rede Geral — 43-0840

AMBULATÓRIO PRÓPRIO

AVENIDA MEM DE SÁ, 226-B

Últimas Edições

DA LIVRARIA KOSMOS:

PAISAGENS E COSTUMES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, BRASIL E SEUS ARREDORES, segundo desenhos originais do tenente Chamberlain, executado no Rio entre 1819 a 1830. Tiragem especial de 310 exemplares de alto luxo, em papel Westergaard, com 41 gravuras a cores, montadas em papel forte (uma delas colorida a mão), encadernados a couro, com folhas douradas, dentro de um estojo. Cada exemplar terá impresso o nome do subscritor. A reedição desse livro raríssimo conterá as gravuras da edição original, o texto inglês, sua tradução para o português e um prefácio de Rubens Borba de Mornis, além da lista de subscritores.

DA EDITORA PAN-AMERICANA (EPASA):

ALGUNS HOMENS ME FALARAM DA PAZ, de Jorge Maia. Os depoimentos de Roosevelt, de Churchill, de W. Wilkie, Stafford Cripps, e outros líderes democráticos empenhados neste momento histórico na luta contra o nazi-fascismo.

O PAIS DE GLÓRIA E SANGUE, de Olgierd Gorka. Resumo histórico das tradições de heroísmo e cultura da Polónia.

AINDA SERAS MINHA, romance de Charles Hoffmann, traduzido por Alex Viany. O ambiente jornalístico americano, a ansia das grandes reportagens, tudo se acha registado com ironia e dinamismo bem de acordo com as personagens e cenas que descreve.

NA BIBLIOTECA DO ENSINO MODERNO:

THE WOLD LANGUAGE OF TODAY, pelo prof. Ansgard Knud Jensen.

DA VECCHI EDITORA:

BUTERO, de Funck Brentano, trad. de Eloy Pontes. A biografia do grande reformador alemão. Funck Brentano presta homenagem "à generosidade dos sentimentos que animaram o ilustre reformador, ao seu desinteresse, ao seu espírito de devotamento e de caridade. Felicita seu génio musical, admira seu grande e vigoroso patriotismo". Max Funck Brentano

no sentiu-se na obrigação de extrair as consequências da doutrina de Lutero, junto à predestinação e à doutrina do pecado original. Enganou-se nas suas deduções? O homem não é infalível; pelo menos elas foram feitas com sinceridade e boa fé. Vale a pena a leitura desse livro que possui realmente uma grande actualidade, como afirmou o tradutor.

NA COLEÇÃO OS GRANDES PENSADORES:

ARABESCOS FILOSÓFICOS, coletânea de reflexões sobre ética, política, arte, o belo, a filosofia em geral, de Charles Baudelaire, traduzido pelo dr. Dirio Gorgoi.

AFORISMOS, ANEDOTAS E JULGAMENTOS SALOMONICOS, de Voltaire, trad. de Persilano da Fonseca.

NA COLEÇÃO AMORES IMORTAIS:

A DAMA DAS CAMELIAS, de Alexandre Dumas Filho, em edição integral e definitiva, traduzido por Flavio Goulart de Andrade, e prólogo do crítico francês Jules Janin.

NA COLEÇÃO OBRAS ETERNAS:

MORRER POR ELA, romance de Charles Dickens, traduzido por Enéas Marzano. Esse romance tem por cenário a Revolução Francesa em seus dias mais vivos, com seus iluminados e verdugos.

NA COLEÇÃO OS AUDAZES:

A FLECHA PRETA, de Robert Louis Stevenson, trad. de Edson Carneiro. Um ótimo romance de heroísmo, aventuras, de emoção e de astúcias, digno de iniciar esta nova coleção da Vecchi.

DA ATLANTICA EDITORA:

MARINS D'HIER, de Maurin Cosel. Narração das aventuras da última viagem do veleiro "Duc de Rohan", que se despedia para sempre das mares, pois o progresso já começava a invadir o mundo, e os navios a vapor iriam acabar rudemente com os barcos a vela. Em "Marins D'hier" se encontrará todas as espécies de sensações que essas viagens ofereciam, além do lado humano que as mesmas despertavam entre os marujos.

NA COLEÇÃO LES CAHIERS DE LA VICTOIRE:

VICTOIRE AU RABAIS, de Lieutenant Colonel Gausson, antigo membro da "Missão Francesa no Brasil", agora a serviço de De Gaulle. Nessa obra o coronel Gausson critica os conselhos militares apresentados por Chéradame em seus "Dias Decisivos". Mas não se trata de um ataque ao grande livro de Chéradame. Esse livro possui ensinamentos práticos, é de grande actualidade para os militares e mesmo para os que acompanham interessadamente o desenrolar do conflito.

DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA:

NA COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS:

NA NOITE DO PASSADO, de James Hilton, trad. de Pedro Dantas e Aurélio Gomes de Oliveira. A história de um desmemoriado de guerra. Um romance de real interesse, altamente entusiasmante, que obteve nos Estados Unidos um enorme sucesso.

NA COLEÇÃO A CIÊNCIA DE HOJE:

A HISTÓRIA DA CIÊNCIA, de David Diez, trad. de Azevedo Amral. O autor é prof. da Universidade de Western Reserve, nos Estados Unidos, e um dos maiores vulgarizadores de assuntos científicos.

JORNAL DE CRÍTICA, 2.ª série, de Alvaro Lins. Um livro importante para quem deseja uma orientação certa sobre a moderna literatura nacional. Alvaro Lins é ainda o crítico deste momento que exige definições diretas e um método realmente determinante.

Coletânea de críticas publicadas no "Correio da Manhã".

MARTINS FONTES, de Jaime Franco. A biografia do poeta de Santos, que o escritor Jaime Franco denomina de "Cavaleiro do Amor", "Cavaleiro da Arte" e "Cavaleiro do Ideal". Santos, 1943.

DA LIVRARIA EXCELSIOR:

A COEDUCAÇÃO E OUTROS PROBLEMAS PEDAGÓGICOS, estudo do prof. Pedro Pinto, lente catedrático da Faculdade de Medicina; Dom

Duarte Costa, Buzo de Moura; prof. Maurício de Medeiros; escritores Osório Barba, Danton Jabin, Aquirésgilo de Azeite, Heltor Moniz, Maria Luiza Bittencourt, Adalgiza Bittencourt, Raquel Prado e outros.

SUPUPEMA, contos amazônicos de José Polyguara, capa de Alves de Menezes. Como todos os livros sobre a Amazônia, a floresta é a personagem central. Os contos de "Supupema" são agradáveis de se ler, embora regionais. Tipos nordestinos, sobretudo cearenses.

DE IRMAOS PONGETTI EDITORES:

MINHA TERRA E MEU POVO, de Lin Yutang, trad. de Carlos Dominique. A descrição da vida, da moral, das artes, da literatura, da política, da filosofia e dos costumes chineses. Lin Yutang é um verdadeiro filósofo, mas filósofo chinês: tranquilo e risosinho mesmo quando fala na matança de chineses pelos nipões; mesmo quando afirma que os milhões de chineses, operários, estudantes, camponeses e intelectuais, possuem hoje uma consciência socialista.

Por intermédio desse livro, o leitor ficará conhecendo a China de ontem e a China de hoje, na sua essência verdadeira. Não causa, porque Lin Yutang é senhor de uma maneira própria de narrar com suavidade e graça as coisas mais pesadas, mais austeras e profundas. Sua ironia, sempre presente, não destrói nem fere, mas serve como estímulo ou conselho.

ANA KARENINA, de Tolstói, em tradução de Marques Rebelo. Um dos melhores e mais emocionantes romances do escritor russo.

DA EDITORIAL CALVINO LTDA:

O PODER SOVIETICO, pelo Dado de Canterbury. A terceira edição desse livro poderoso e esclarecedor.

DA EDITORA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL:

NA SERIE ITAMARATI:
ATUALIDADE DE EUCLIDES DA CUNHA, de Gilberto Freyre, segunda edição, 1943.

POLITICA CULTURAL PAN-AMERICANA, de Afonso Arinos de Melo Franco, 1943.

O MOVIMENTO MODERNISTA, de Mario de Andrade, 1942.

UMA INTERPRETAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA, de Viana Freyre, 1943.

São conferências realizadas no Palácio Itamarati, por iniciativa do Departamento Cultural da C. E. B.

NA SERIE MANA:

UMA CULTURA AMEAÇADA, a lusobrasileira, de Gilberto Freyre, 1943.

CONTINENTE E ILHA, de Gilberto Freyre, 1943.

Conferências realizadas no Brasil e no estrangeiro, e editadas pela C. E. B.

DA LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE:

A POLITICA EXTERIOR DO BRASIL, segunda edição correta e aumentada, de Jayme de Barros. Sobre a política exterior do Brasil desde 1939 a 1942. Trata-se de um trabalho importante, documentado e escrito por um dos nossos melhores críticos.

DE DOIS MUNDOS EDITORA:

GUERRILHEIROS RUSSOS, de Erskine Caldwell, trad. de Vera de Gusmão. Erskine Caldwell é um notável romancista norte-americano, caracterizado por um sombrio humorismo. Ele esteve na Rússia como correspondente de guerra e, de volta, escreveu três livros marcantes, que são romances e formidáveis reportagens, ao mesmo tempo. A história convincente de dois jovens unidos no amor e na luta contra os invasores.

NA COLEÇÃO CLASSICOS E CONTEMPORANEOS:

AS FARPAS, de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, com um notável prefácio de Gilberto Freyre. "Literatura, arte, política e sociologia, religião e moral, instrução e culinária — tudo participava do programa das Farpas" através da inteligência de Ramalho e o riso de Eça. Dois volumes.

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. PAULO:

NA BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO:

NOITE DE LUA, de John Steinbeck, trad. de Monteiro Lobato. O último romance desse notável escritor norte-americano sobre a guerra e a quinta-coluna.

PILOTO DE GUERRA, de Saint-Exupéry, o romance da aviação francesa nesta guerra.

NA COLEÇÃO BRASILIANA:

DO ESCAMBO A ESCRAVIDÃO, de Alexander Marchant.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, São Paulo:

NA COLEÇÃO MOSAICO:

O BAILE DAS QUATRO ARTES, de Mario de Andrade, segundo volume dessa coleção.

NA COLEÇÃO EXCELSIOR:

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, de Manoel Antonio de Almeida.

DA LIVRARIA EDITORA PAULICEIA, S. Paulo:

DICIONÁRIO ESPANHOL-PORTUGUES, de Idel Becker.

DA EDITORA OCEANO, São Paulo:

A BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO, de Max Werner. Um dos mais curiosos estudos sobre a causa, o desenvolvimento.

DA EDITORA ANCHIETA, São Paulo:

JEANE, de George Sand.

DA EDITORA UNIVERSITÁRIA LTDA., São Paulo:

NA BIBLIOTECA CIENCIA PARA TODOS:

SE OS MEDICOS NAO ACREDITAM, porque era você?, pelo dr. Augusto A. Thomen, em trad. de Alfredo Cecílio Lopes, o primeiro volume desta biblioteca.

ESTE HOMEM É MEU, romance de Faith Baldwin sobre a vida social de Nova York.

DO LIVRO DE BOLSO, São Paulo:

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA, de Lima Barreto, primeiro volume das obras completas do grande escritor brasileiro.

DAS EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA COLEÇÃO OS MESTRES DO PENSAMENTO:

VIRGÍLIO, obras completas. **BUCOLICAS**, em trad. de Leonel da Costa Lusitano; **GEÓRGIAS**, em trad. de Antonio Feliciano de Castilho; **ENÉIDA**, em trad. de Odorico Mendes. No mesmo volume, uma síntese da vida e da obra de Virgílio, feita pelo orientador da coleção, José Perez.

NA SERIE NOVELAS DO CORAÇÃO:

AMOR DE SALVAÇÃO E AMOR DE PERDIÇÃO, os dois melhores romances de Camilo Castelo Branco.

A MORENINHA, a notável novela romântica de Joaquim Manoel de Macedo.

O CURIOSO IMPERTINENTE, de Cervantes. Contém ainda a "Senhora Cornélia" e o "Ciumento". O gênio e humanidade de Cervantes se evidenciam claramente nesse "Curioso Impertinente", trad. por A. F. de Castilho.

NA SERIE NOVELAS UNIVERSAIS:

A TULIPA NEGRA, de Alexandre Dumas.

NA SERIE CLASSICA OS MESTRES DA LINGUA:

OBRAS COMPLETAS, de Gregório de Matos, incluindo: Sacra, Lírica, Graciosa e Satírica.

Próximas Edições



DA LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA:

VIDA DE GONÇALVES DIAS, biografia de Lucia Miguel Pereira, a excelente romancista de "Amanhecer". Um volume de 450 páginas, com várias ilustrações fora do texto, e contendo ainda o "Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias ao Rio Negro".

CASA-GRANDE & SENSALA, de Gilberto Freyre, em 4ª edição definitiva. Dois volumes com 800 páginas ilustradas a bico de pena por Santa Rosa. Sobre o livro de Gilberto Freyre a crítica já disse tudo e o povo o consagrou como se fosse um romance, tão grande tem sido a sua aceitação. Na Argentina, onde naturalmente não se esperava tanto sucesso, "Casa-Grande & Sensala" já se encontra em 3ª edição.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Sílvio Romero, em 3ª edição. Cinco volumes com duas mil páginas. É um empreendimento editorial digno de elogios, pois a grande obra de Sílvio é ainda a mais importante história da literatura brasileira.

AS TRÊS MARIAS, de Raquel de Queiroz. Prêmio Felipe de Oliveira. O romance mais bem construído desta grande escritora brasileira. Aparecerá em 2ª edição.

Um novo romance de Raquel de Queiroz, intitulado "Aleluia". Uma notícia agradável, que transmitimos com muito prazer aos numerosos leitores da romancista cearense, hoje tão querida, retraída e caseira.

MARCO ZERO, o anunciado romance em que Oswald de Andrade pôs o melhor da sua capacidade criadora. Aparecerá em junho próximo.

PRINCIPAIS ESTADISTAS DO SEGUNDO IMPÉRIO, de Edmundo de Láz Pinto. Edição de luxo em papel especial Vergé, impresso a cores. Capa e vinhetas de Luis Jardim.

DA EDITORA PAN-AMERICANA:

OS POSSESSOS, um dos maiores, mais densos e impressionantes romances de Dostoiévski. Trad. de Augusto Rodrigues.

PEDRO E JOÃO, de Guy de Maupassant. Trad. de Alvaro Gonçalves. Os contos e as novelas de Maupassant

mais perderão a emoção e a humanidade de que estão possuídos. Na técnica do conto, ele é ainda um verdadeiro mestre, dificilmente suplantado. **A CONQUISTA DE GRANADA**, de Washington Irving. Trad. de João Teodoro. Irving foi um dos iniciadores da literatura norte-americana. Viajou muito. Os seus melhores trabalhos tem por cenário a Espanha. Escreveu os "Contos de Alhambra" que ainda hoje se lê com muito prazer.

A VIDA DE DOM QUIXOTE E SANCHO, de Miguel de Unamuno. Trad. de Rosário Fusco. Considerado pela crítica espanhola como uma das melhores e mais acertadas interpretações do livro de Cervantes.

A COMÉDIA HUMANA, de William Saroyan. Trad. de Alex Vianna. Estamos certos de que este ótimo livro de Saroyan terá grande sucesso no Brasil, pois o seu autor é realmente original e audacioso. Como teatrólogo e contista é um dos mais lidos e apreciados nos Estados Unidos.

DOSTOIEVSKI, de Henri Troyat. Trad. de Rosário Fusco. Henri Troyat é relativamente moço, mas já escreveu romances de grande aceitação da crítica e do público europeus. "A Aranha", o seu melhor romance, conquistou o "Prêmio Goncourt de 1938", e foi imediatamente traduzido para diversas línguas.

DA ATLANTICA EDITORA:

COMBAT 1940 (através les batailles de Mai), de Guy de Chérel.

AMBIENTE DE GUERRA NA EUROPA, de Miguel Osório de Almeida.

DE IRMÃOS PONGETTI EDITORES:

ANA KARENINA, de Tolstói, em tradução de Marques Rebelo. Romance poderosamente escrito por um dos maiores romancistas de todos os tempos.

MUNDO EM TRANSE, sensacional documentário de Leopoldo Schwarzschild sobre as origens da guerra atual, que devem procurar na luta de 1914. De "Mundo em Transe", disse Winston Churchill: "É um documento de alto valor para esclarecer aqueles que precisam ser esclarecidos".

EPISCOPO & CIA, uma das melhores novelas de Gabriele D'Annunzio, em tradução de Soaré Viana.

UMA GOTA DE VENENO (Trésor Desquiron), de François Mauriac, em tradução de Carlos Drummond de Andrade.

PETROLEO, de Upton Sinclair, trad. de J. Jobinsky. Upton Sinclair, escritor norte-americano, pôs nesse romance dramático e realista o melhor da sua revolta, da sua força descritiva e de sua técnica.

REEDIÇÕES:

JANE EYRE, de Charlotte Brontë. Um livro consagrado pelo tempo e pela procura sempre constante dos leitores.

COM AMOR E IRONIA, de Lin Yutang. Um dos bons livros desse escritor chinês de largas recurvas de humanidade, ironia e filosofia da vida.

BERNARDO QUESNAY, de André Maurois. O melhor romance desse conhecido escritor francês.

DA EDITORIAL CALVINO LTDA.:

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, por Anne Louise Strong, trad. de Luiz C. Afilhado. Um depoimento e análise tão valiosos como "O Poder Soviético". A obra demonstra uma compreensão verdadeiramente inteligente da Rússia anterior à guerra e da Rússia presente, que esmaga o nazismo.

STALIN, de Emil Ludvig, trad. de Eduardo de Lima Castro. A biografia do dirigente do povo soviético.

DA LIVRARIA DO GLOBO PORTO ALEGRE:

OS THIBAUT, de Roger Martin du Gard. Martin du Gard é prêmio Nobel de Literatura, e esse seu romance pode ser considerado, sem exagero, como um dos grandes romances deste século.

SAFIRA E A ESCRAVA, de Vula Cather.

AH KING, de W. Somerset Maugham.

VENTO SUL, de Norman Douglas. Um excelente romance.

RAPSÓDIA HUNGARA, de Scott e Harsanyi. A biografia de Liszt.

TRELAWNY, de Margaret Armstrong.

OS VENCEDORES DA FOME, de Paul de Kruif, médico norte-americano.

CONTOS GAUCHESCOS — LENDAS DO SUL — CANCIONEIRO GUASCA, edição com dois ensaios dos conhecidos e autorizados escritores gaúchos Augusto Meyer e Manoelito de Ornelas, e com um vocabulário regional.

THEMAS ESTATISTICAMENTE INDETERMINADOS, de Albert Strasser. Em junho próximo.

DA EDITORA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL:

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA, de Gilberto Freyre. Com este livro a editora da C. E. B. inicia sua "Coleção Estudos Brasileiros". Trata-se de uma obra em que o autor de "Casa-Grande & Senzala" fixa, ao lado de tendências recentes nos estudos antropológicos, aspectos de viva atualidade dos problemas antropológicos que o Brasil vem resolvendo ou tem ainda a resolver.

INTRODUÇÃO A ANTROPOLOGIA BRASILEIRA, de Artur Ramos, é o segundo volume da "Coleção Estudos Brasileiros". Esta obra, a ser lançada em breve, constitui a primeira tentativa de sistematização dos estudos antropológicos brasileiros, o que concede um caráter definitivo e de grande importância para os estudos e pesquisas posteriores.

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. PAULO:

MADAME CURIE, de Eva Curie. Nova edição dessa excelente biografia da filha da grande cientista, a descobridora do rádio.

A VIDA DE RUI BARBOSA, de Luis Vina Filho. O escritor balano Luis Vina Filho sabe contar a vida de Rui Barbosa como deveria ser contada: humanizando-o. Eis um Rui Barbosa de carne e osso, com todas as angústias naturais de seu gênio.

EVOLUÇÃO DA FÍSICA, de Einstein e Infeld. Nova edição.

FRONTEIROS E FRONTEIRAS, de Castilhos Gaycochêa.

ATRAVES DO SERTÃO DO BRASIL, de Theodor Roosevelt, trad. de Conrado Eriksen.

CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA DE MAUA NO RIO DA PRATA, com prefácio e notas de Lídia Besouche. MEMÓRIAS DE UM MAGISTRADO DO IMPÉRIO, pelo Conselheiro Alberto José Barbosa, reviso e anotado por Americo Jacobina Lacombe.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORES, S. PAULO:

PEQUENA HISTÓRIA DO COMÉRCIO, de Roberto Hadock Lobo.

AS OBRAS PRIMAS DO CONTO BRASILEIRO, seleção de Edgar Coss-Heiro e Almiro Roimes Barbosa.

A SÉTIMA CRUZ, de Ana Seghers, trad. de Olívio Mendes Cajado.

PROSA DOS PAGOS, de Augusto Meyer.

REMINISCÊNCIA DE VIAGENS E PERMANÊNCIA NO BRASIL — Províncias do Norte, de Daniel P. Kidder, tradução de Moacir Vasconcelos.

DA ATENA EDITORA, S. PAULO:

O DICCIONARIO FILOSOFICO, de Voltaire.

A ILLIADA, de Homero.

O BANQUETE E A REPUBLICA, de Platão.

DA EDITORA OCEANO, S. PAULO:

A CARTUXA DE PARMA, de Stendhal.

PAO E VINHO, de Ignazio Silone.

EIS MUSSOLINI, de Armando Borghi.

PATOLOGIA DA ALEMANHA, ensaio de Heraldo Barbu.

O GIGANTE DO NORTE, de Enrique de Gandia.

DA LIVRARIA EDITORA PAULICÊA, S. PAULO:

DICCIONARIOS DE FRANCES, INGLÊS E LATIM.

SECRETARIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO, em nova edição.

DA EDITORA PROMETEU, SÃO PAULO:

BREVE INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA ESTUPIDEZ HUMANA, de Walter Pilsin.

ELA QUERIA DORMIR NO KREMLIN, de Gerhard Schacher.

AS BASES DA PAZ FUTURA, de Henry M. Wriston.

DE EDIÇÕES LIVROS DE BOLSO, S. PAULO:

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, A VIDA E A MORTE DE J. M. GONZAGA DE SA, NUMA E NINFA, HISTÓRIAS E SONHOS, OS BRUZUNDANGAS, BAGATELAS e CLARA DOS ANJOS, de Lima Barreto.

DA EDITORA UNIVERSITARIA, S. PAULO:

REGRAS PARA TRIUNFAR NA VIDA, curso de educação da vontade, de N. D. Lafuerza, trad. de Tito Marcondes.

DA REVISTA DE SOCIOLOGIA, S. PAULO:

FORMANDO O HOMEM (plano de um ginásio ideal), do professor Paul Arbousse Bastide, da Universidade de São Paulo.

DAS EDIÇÕES CULTURA, SÃO PAULO:

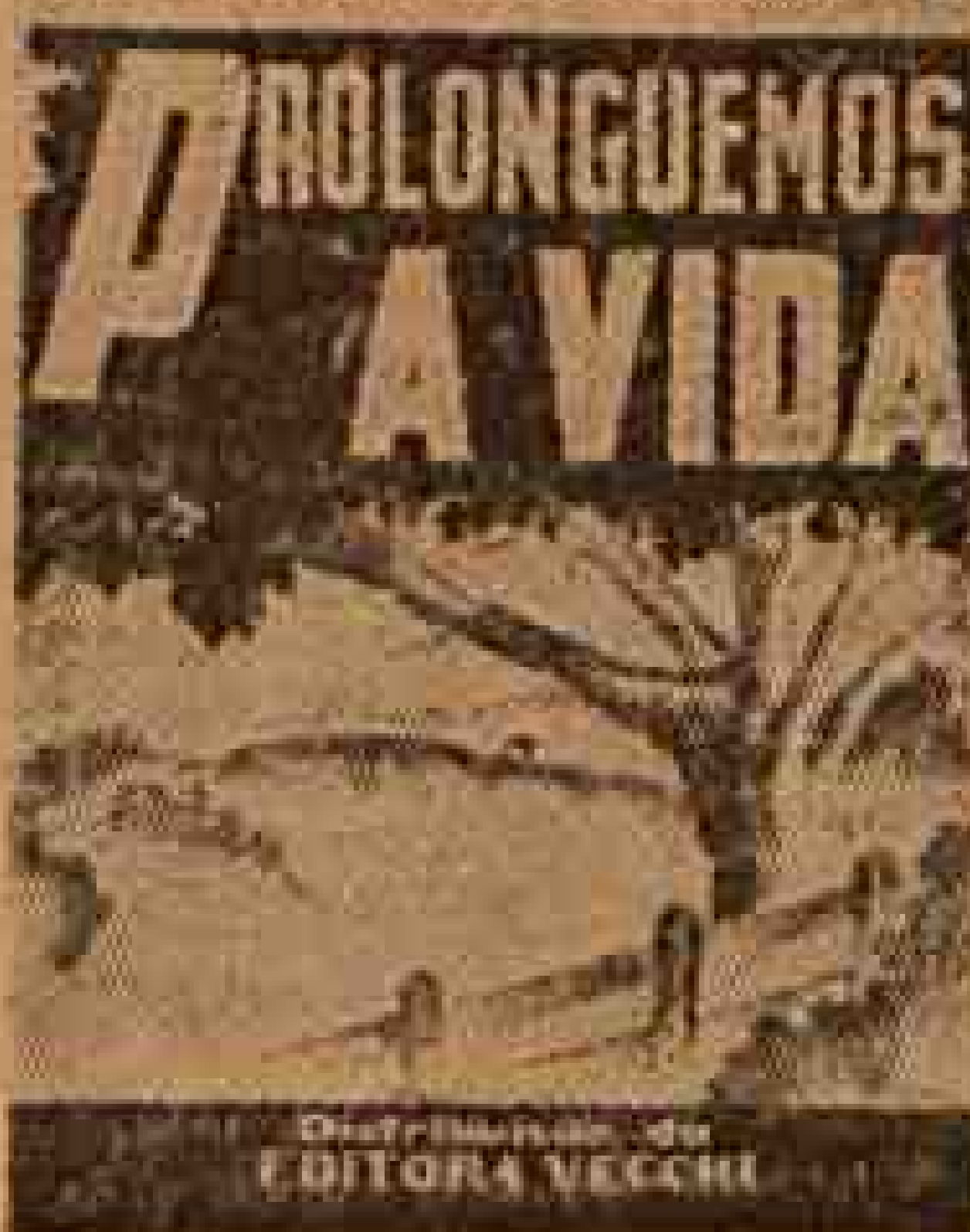
OBRAS COMPLETAS DE OVIDIO

A MORGADINHA DOS CANAVIAIS, de Julio Diniz.

CORINA, de Mme. Stael.

PROLONGUEMOS A VIDA

JOSÉ C. S. MASCARENHAS



Nunca tiveram tanta importância como em nossos dias os problemas referentes à saúde e à conservação das energias físicas e mentais. E estava fazendo falta, no Brasil, um livro que, enfeixando os principais desses problemas, lhes indicasse a solução mais simples e adequada. Esta falta deixou de existir, graças ao pequeno, mas interessante e preciso tratado que, sobre o assunto, acaba de escrever o prof. José C. S. Mascarenhas. É uma obra cuja leitura a todos o aproveitará.

Distribuição da Editora Vecchi

O "CALUNGA", de Jorge de Lima

Continuação da pág. 5)

pestilenta, que lhe dá o pão e que lhe dá a morte, a morte lenta sob a forma de febres, de opilação, de anemia, de desânimo e de doenças que minam as energias do corpo e as energias da alma.

Aquela paisagem de brejo, de manique, tem uma crueldade que impressiona o leitor. Na água que não é mais água, na terra que ainda não é terra, a vida do homem não tem a beleza e a poesia da vida daquele que trabalha sobre a água, da vida daquele que trabalha a terra, mesmo quando esse trabalho é luta, é injustiça, é desespero. O pescador, o marinheiro, perdidos no mar alto, veem diante dos olhos a vastidão de um horizonte que recua em frente a eles, respiram o vento do largo; o lavrador vê a semente brotar, colhe o fruto, move-se em baixo do sol; mesmo quando o peixe não basta para seu sustento, mesmo quando a terra seca, a surruga, lhe recusa o pão de um ano inteiro, seu trabalho terá ainda uma grandeza dolorosa, uma certa dignidade de derrota difícil. Mas os homens nascidos na região de Lula vivem mergulhados na lama, arrancam da lama o sururú e o carangueijo, molham na lama os utensílios de sua mesa e de sua cozinha, e a lama os vai pouco a pouco amolengando, os vai pouco a pouco transformando em "calungas", em bonecos de barro. A lama onde se enterram faz deles bonecos de lama. E da lama saem os vermes da opilação; na água estagnada do brejo criam-se mosquitos que lhes levarão as sezões, que os farão bater o queixo, delirar, agitar-se sem finalidade como se agitam os embriagados.

Nos outros livros do nordeste tratam-se entre a terra e o homem continuas batalhas, de que às vezes sai vitoriosa uma, outras vezes sai vitorioso o outro. O homem planta e colhe, obriga a terra a lhe dar o alimento de que precisa; depois a terra recusa-se, nega-se ao homem, mata-o a mingua. Mas em "Calunga" o homem não se rebela contra o barro, contra a lama; é dominado por ela, sujeita-se a tudo quanto ela queira fazer com ele.

Lula quer salvar seu povo. Desde o início do livro, porém, ressalta a ausência de senso prático de Lula. A grande inimiga de seu povo é a

lama; para salvar seu povo, Lula deveria atacar a fonte do mal, fazer o possível para sanear a região, secar as águas podres. Lula, entretanto, deixa a terra como está e resolve criar carneiros. O leitor não consegue acreditar que a criação dos carneiros virá trazer a felicidade aos infelizes, tanto mais que o terreno de brejo não parecerá apropriado à formação de rebanhos sadios (nada entendendo de agricultura nem de criação de gado, não insisto, portanto, nesse ponto). É verdade que Lula obrigará o povo a calçar-se para evitar a verminose, mas o próprio Lula se descalçará, botará o pé no chão para atravessar riachos, e eis que, depois de ter apanhado a maleita, nosso herói apanha também opilação. E Lula, que é homem de certa cultura, viajou, conhece livros, não se lembra de recorrer ao quinine, à atefrina, à plasmoquina, ao quenopódio com berva de Santa-Maria. Bebe mezinhas e "whisky", delira, deixa-se dominar pelas sezões, amolece, come barro, come papel, pega o vício da bebida, perde a coragem e o estímulo, assassina, numa hora de alucinação, Tótô do Canindé em que nele encarnou toda a desgraça e a ruína do lugar, transforma-se num "calunga", que o outro "calunga", o do rodameinho da lagoa, arrastará na sua voragem. Assim termina o livro, e a história de um homem, bem intencionado, virgo para lutar com os elementos, mas que não luta, e que os elementos vencem e destroem.

Evidentemente, o Sr. Jorge de Lima tinha o poder de salvar a sua personagem, proporcionando-lhe um tratamento conveniente, mas nesse caso a história seria diversa, e não teríamos o "Calunga", que é um livro necessário. Fico pensando que a Medicina poderia ter impedido muitas obras literárias; se tivessem sido descobertos mais cedo, o pneumotórax e o torocoplastia evitariam a morte da Dama das Camélias, e a malarioterapia transformaria o Oswaldo num rapagão saudável, livrando-o da paralisia geral. Mas essas curas não seriam um bem, pois várias gerações teriam deixado de chorar com a morte de Margarida Gauthier e Ibsen não escreveria os Espectros. O quinine e o quenopódio botariam Lula curado, mas o Sr. Jorge de Lima seria forçado a alterar o enredo de seu livro, o que, evidentemente, não convinha.

Lula valendo muito mais como símbolo do que como realidade, pois representa a fraqueza e a impotência do homem diante das forças da Natureza, a inutilidade dos Messias, a inanidade do esforço pessoal isolado diante de uma obra que deveria ser coletiva, partir do governo e da sociedade, a falência das boas intenções e dos idealismos vagos numa época de ação, de combate e de empreendimentos diretos. Mas a lição principal do romance — disse antes e repito para terminar este artigo — não é Lula: é a terra e o ambiente, é Alagoas, é o Nordeste, é o Brasil. E para os seus achaques, suas regiões e suas enfermidades, o remédio tem que ser outro, que o Sr. Jorge de Lima também não aponta. Mas nos mostra os seus males, honestamente, e mostrar o mal mesmo sem indicar a terapêutica adequada já vem a ser obra grande e meritória.

CALUNGA, de Jorge de Lima. — Romance — 2.^a edição — Alha Editora — Rio, 1943.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 10.000.000,00

Todas as operações bancárias
às melhores taxas

Contas Correntes

POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de 5% a/a

PAGA E RECEBE ATÉ
AS 7 HS. DA NOITE

INGENUIDADES — "Tenho um tio mais do que ele por consequente, dentro de um ano teremos a mesma idade".

"Se eu me casar com minha tia serei o meu próprio tio".

"Esta turquesa é tão linda e boa que me lançarei dum terceiro andar e quebrarei o pescoço sem que minha turquesa sofra com isso".

"A um barqueiro no outro lado do rio: — Vai procurar uma parteira para a criada do senhor cura, mas muito segredo com isso!".

"Aforismos, sentenças e julgamentos salomônicos, de Voltaire. Edição Vecchi.

ANEDOTA CONTADA POR VOLTAIRE — "Todas as mulheres de Hírculo queriam beijar a mão da rainha Cristina. — E porque eu me pareço com um homem, disse ela".

Leitura Escolhe um Conto

LOUCA

SANTOS MORAIS

Copyright de LEITURA

A PRINCÍPIO sentiu que a claridade da manhã, penetrando por uma claraboia no alto da parede, feria seus olhos. Depois foi diminuindo um peso forte que lhe oprimia a cabeça, e percebeu que havia despertado. Os objetos já não eram os mesmos. A cama de ferro não se parecia com a outra, a sua. E o quarto era simplesmente um quarto, não lhe transmitindo nenhuma impressão diferente. As paredes tinham uma pintura tosca, bastante suja. Demorou-se ainda um momento estirado na cama, procurando lembrar-se. Lembrar-se... Lembrar-se... Ouviu um ruído se aproximando. Algumas vozes, algumas pisadas cautelosas. Levantou-se procurando os chinelos. Não os encontrou, e se convenceu definitivamente de que algo acontecera. "Boias! Se estou aqui deve haver algum motivo. Enquanto não me lembro, porém, preparo-me". Bateram levemente na porta. Gritou que esperassem lá fora. "Mas, ah! como pode ter sido? Deitei-me com a calça suja, a camisa suja, a grata suja, tudo sujo?" Sentiu um pouco de nojo, subindo do estômago um mau estar, e não pôde conter um arrêto. De repente sentiu algo diferente nas mãos. Esperava en-



contrar seus sapatos quando se abaixou sobre a cama. Seus dedos porém não os reconheceram. Era algo espesso que não se identificava com o couro macio que costumava usar. Violentemente puxou-os e verificou que estavam sujos de lama. Lama? E este detalhe foi trazendo à sua memória pouco a pouco, tudo que havia acontecido.

Estivera, a noite passada, viajando num trem. Lembra-se que, encolhido num canto do vagão, olhava para os passageiros que estavam desconfiados da sua presença. Esforçava-se para manter-se como um negociante ou funcionário em férias, mas seus olhos exprimiam uma inquietação ou medo que lhe transformava o rosto. Experimentou levantar-se e olhar da plataforma como se estivesse distraído-se com a paisagem. Visivelmente nervoso, tropeçou numa criança que desatou em choro, e não acertou abrir logo a portinhola. Finalmente decidiu sentar-se num canto e esquecer o resto. Era um trem de subúrbio. Quando o empregado veio picotar o bilhete, remexeu os bolsos e disse que havia perdido o seu. Só depois é que se lembrou que não comprara. Alguém sentou-se junto e pediu seu jornal para ler, pois não tivera tempo de comprar na cidade. "Que jornal? Não, não sei de jornal Nenhum". Lembra-se que o companheiro ficou desconcertado, desculpando-se: "Bem, fuguel que havia um, desculpe". Levantou-se ostensivamente. Não desejava companhia. Que fosse para o inferno.

O empregado voltou para cobrar a passagem. Para onde ia? Não tinha certeza. Queria viajar mais uma hora. O homem não compreendeu que alguém não tivesse destino a tal hora da noite. Mas disse que o trem somente viajaria 50 minutos para diante. Ele pagou o preço e voltou-se para a janela aberta, olhando para o campo ou talvez não olhando para coisa alguma. Os passageiros ao lado viraram-se desconfiados. Meia noite e ele não tinha destino. Bem estranha a sua displicência! Um fugitivo, um criminoso, um ladrão, quem sabe? pensavam alguns. Somente ele é que não olhava para ninguém, não queria notar pessoa viva ao seu lado, desconhecendo o que se passava em torno.

O trem chegou no pequeno subúrbio ainda iluminado por lâmpadas vagas. Estava chovendo e havia lama em todas as ruas. Ele foi o primeiro a saltar, apressado, violentamente. A chuva caía em cheio na sua cabeça descoberta. Trazia algo na mão. Era um jornal. Lembrou-se de defender-se dos pingos de chuva, cobrindo a cabeça com o jornal. "Boias!" Jogou-o fora. Não se esquivava da chuva nem da lama, e se houvesse ali um tiro ele cairia fulminado. Andou em vão procurando alguma coisa, e, quando voltou, o trem havia partido para a cidade. "Muito bem, pensou, assim foi melhor". Já não havia ninguém na estação. Voltou-se para o subúrbio. As casas estavam fechadas. Bateu numa porta com os dois punhos fechados. Estava escrito em cima: Pensão.

Depois que rasgou com um canivete a lama do sapato quis calçá-lo mas estava por demais húmido. Atirou-o violentamente de encontro à parede. Deu alguns passos de cabeça baixa e meteu a mão no bolso. Arrancou-a ligeiro com algumas notas. "Dinheiro?" "Ainda bem", pensou. "Ficarei aqui algum tempo. É melhor desaparecer". Novamente afundou a mão no bolso e, tremendo, abriu os olhos espantados. Ah! suspirou aliviado.

Antes de tomar o trem, ainda cedo, correu ao local onde se encontrava sempre com alguns amigos. Era uma pensão. Quis ir até lá para ouvir música, conversar, aliviar-se. Nada. Estavam jogando... Abriu o rádio levemente, mas os outros protestaram. Obrigaram-no a sentar-se na mesa. "Hoje não. Não queria". Um dos amigos pagou o que lhe devia. Teve que ceder. Duas horas depois havia ganho bastante. Achou aborrecido ganhar. Quase sempre perdia, perdia, mesmo quando estava cheio de esperanças. Logo hoje, que lhe era indiferente ganhar ou perder, vinha aquela sorte maldita tentando alegrá-lo com ninharias.

Logo depois estava sentado num bar. Sem sosinho de jogo. Começou a beber coisas esquisitas, o que havia de mais esquisito. A radiola tocando... "besame... besame mucho". Ele próprio estava não somente esquisito como infeliz e desesperado. Quebrou dois cálices. Bebeu muito, lembrando tudo que se passou naquele dia interminável... Já estava tonto quando se levantou. Saiu caminhando pela rua cheia de anúncios luminosos, de pessoas indiferentes. Lembrou-se dos subúrbios, da pa-

serena dos subúrbios. E tomou o trem sem destino.

Na Pensão do subúrbio, os moradores estavam inquietos com aquele homem estranho que chegou tão tarde e que permanecia trancado. Vieram bater novamente e ele gritou ainda mais alto que não o aborrecessem. Sentado na cama remexia os bolsos e, inquieto, ia rasgando tudo, papéis, recibos, até uma cédula e um retrato que estavam no meio dos papéis sem o querer. Sentiu-se encaçado, triste. Precisava dormir algumas horas, descansar, esquecer. Tudo porém o fazia lembrar-se do que se passou.

Saiu muito cedo da Repartição. Tentou qualquer coisa para justificar a saída duas horas antes. Visitou as lojas à procura de um rico e caro presente. Seria definitivamente aquele o dia em que sua vida voltaria à normalidade. Acabaria de vez com aquelas bobagens. Seria terno, simples, adúlador, seria até uma criança. Durante algum tempo pensou muitas loucuras, andou se maltratando, imaginando, espionando. Mas agora estava definitivamente certo. Sua esposa era fiel e boa. Digna de tudo. Ele, sim, era um idiota, um culpado, um monstro que se fez capaz de pensar tantas iniquidades e atribuí-las a ela. Estava certo de que voltaria a paz a seu lar. Quanto ao que se passou, foi somente aborrecimento momentâneo, tédio de um dia que ele, com seu indiferentismo e sua estupidez, prolongara por tanto tempo. Agora, não, estava definitivamente certo, absolutamente convencido de que lhe era fiel e conservava a mais inatingível pureza como esposa. Comprou um bellissimo presente, algumas flores e pelo ônibus foi imaginando as mais ternas carícias, as juras mais simples, os mais enternecedores carinhos.

Acerrou-se levemente do quarto. Abriu de mansinho a porta e ficou olhando para a companheira que há tanto tempo não via, roído de ciúmes. Estava magra, porém ainda conservava a mesma cadência. Chegou-se levemente e murmurou baixinho... "Clara... minha santa..." Violentemente ela voltou-se, e silenciosamente ficou olhando para seu rosto, os olhos muito abertos, se afastando devagar. "Clara, eu te trouxe um presente... vai recomoçar a nossa vida". Ela levou as mãos ao rosto e deu um grito. Ele se aproximou e falou baixinho. Ela permaneceu silenciosa até que não mais conteve o choro alto, esmurçando-o, gritando nos seus ouvidos... "Eu te odeio... odeio... Se olhar para tua cara novamente eu te mato... vai embora... vai para o inferno..." Ele ficou impassível frio, sem um gesto, como se estivesse morto, irremediavelmente pregado ao solo. A esposa então, arrebitou, aos seus olhos, o rico estojo de perfumes, um a um aos gritos de raiva e desespero. Empurrou-o para fora, maldizendo-o em gritos.

Deitou-se na sala sobre um sofá, alheio ao mundo, angustiado, a cabeça fervendo em mil pensamentos. "Se ao menos fosse infiel, tivesse amante, podia matá-la, abandoná-la, mas assim..." A empregada veio falar com ele. "Eu nem vi o senhor entrar". Nada disse. A mulher continuou. "O médico disse que prevenisse o senhor". Sentiu um choque. "Médico?" Sim, ela está se tratando. O doutor disse que é uma perturbação mental e que ficará boa. Mas que isto se repetirá toda vez que se encontrar com o senhor". Levantou-se e deu alguns passos. "Louca? Minha mulher louca? Como?"

Somente depois dessa revelação compreendeu o motivo daquele ódio. Lembra-se que viveram bem até que um dia, há mais de um mês, quando estavam na mesa, ela lhe disse de repente, sem nenhum propósito e sem motivo: "Eu estou te odiando, José. Tua cara já me aborrece. Evita que te veja". A este despropósito não precedeu nenhuma discussão, nenhuma zanga. Estavam conversando simplesmente. A princípio não acreditou na sinceridade das palavras e se pôs a brincar com ela. A mulher zangou-se e ele retirou-se dominado de um súbito ciúme que arranjava mil situações e mil episódios românticos da esposa com algum namorado. A proporção que iam passando os dias, aquela atmosfera de ódio agressivo, frio, de repulsa, tornava-se mais forte. Procurava um motivo, o mais leve que fosse, para discutir, brigar, abandonar, mas encontrava somente aquele indiferentismo, aquela manifestação de aborrecimento, de ódio e tédio por parte da mulher, que não lhe permitia pronunciar uma só palavra, que lhe deixava apagado, imóvel, inexistente.

Dizia-lhe conhecer os seus amantes, saber das suas aventuras, mas a mulher lançava-lhe olhares tão frios e penetrantes, pronunciando apenas... "Como te odeio

e te desprezo..." Passava as tardes a pensar, as noites de insônia maltratando-se com sinistros pensamentos. Começou a investigar, espionando a esposa, os seus menores gestos. Pôs alguns amigos no par da situação e pediu-lhes que descobrissem a realidade. Tudo inútil e vão. A situação já tão agravada, ia criando surdamente uma revolta física. A mulher, agressiva no seu ódio frio, e ele, impotente na sua raiva e no seu despeito. Um dia, esbofeteara-a, após uma daquelas manifestações, sem nenhuma discussão. Teve remorsos, sentiu-se miserável, diminuído, bestial. Mas foi um impulso sem premeditação. Depois de acalmado, pediu desculpas. A mulher deixou-o aterrado, imóvel, imensa no seu ódio. De noite não conseguiu dormir um só momento até que ouviu um rumor de passos abafados. Abriu-se levemente a porta do quarto e surgiu a figura da esposa, os cabelos soltos, os olhos brilhando estranhamente. Pensou ainda numa reconciliação e levantou-se para abraçá-la. Logo que notou estar ele acordado e dirigir-se para ela, empurrou-o e saiu repentinamente. Assaltou-o durante toda a noite uma insônia desesperada. Pela primeira vez passou pela sua mente a idéia de crime. Sim, ela viera matá-lo enquanto estivesse adormecido. Sentiu impetos de sair e sufocá-la, apertar a garganta, matar. Pela manhã compreendeu a necessidade de se retirar, sair daquela casa, fugir daquele inferno, embora não pudesse abandonar também aquela angústia, aquele abismo de mil pensamentos e alucinações que ferviam dentro dele.

Afastado de casa, julgou que ela fizera tudo aquilo para lhe obrigar a abandoná-la e então começar a vida de aventura, de amante, de festa. Continuou a espioná-la, querendo conhecer a verdade. Achava impossível tudo aquilo. Assemelhava-se a um pesadelo medonho. Ela que era tão boa, tão amiga e simples! E ele, agora, mesquinho, vil, na triste condição em que estava. Passou muitos dias neste desespero e inquietação. Até que certificou-se de que tudo era imaginação doentia, que ela era fiel, pura, e que sua incompreensão e estupidez foram culpadas de tudo. Resolve reconciliar-se e voltar naquela tarde em que veio a saber a triste realidade. "Sim, a verdade estava naquela simples palavra: "Louca", pensava ele. E como não descobrira? Como pôde ser tão estúpido não vendo através daqueles gestos, daquele ódio, ela que era antes tão boa, a inevitável loucura, que talvez tenha existido nos seus avós, nos seus longínquos antepassados, mortos, irremediavelmente mortos, porém se repetindo como um estigma?" Estes pensamentos passavam pela sua mente, queimando-a como fogo. Ele sentiu-se pequeno, frágil para suportar tais pensamentos martelando seu cérebro, e saiu à procura de alguém, para esquecer, disfarçar. Chamou a empregada e entregou todo dinheiro que dispunha, recomendando-a tratar da esposa. Andou vagando pelas ruas, sozinho, indo depois até a pensão em que moravam uns amigos.

Ele sentiu um desejo brusco de desabafar, talvez contando a alguém, talvez chorando, à proporção que estas lembranças terríveis o invadiam, e sua recordação voltou-se para Clara... a doce Clara, a inesquecível esposa de dois anos, que lhe dera a melhor felicidade de sua vida. No quarto da Pensão de subúrbio, terno e estranho aos seus sentimentos, ele sentou-se na cama e encostou a cabeça tristemente. Viu no canto os papéis que rasgou, e o retrato que, sem querer, fez em pedaços. Apanhou os restos no chão e recompôs aquela fotografia simples, inapagável no tempo, eterna na sua lembrança. Revoltou a tarde em que Clara lhe deu aquele retrato. Eram namorados ainda. Ela veio como sempre. Quase aérea, meio frívola. Conversaram bobagens. O seu vestido era de bolinhas azuis. Passearam de mãos dadas. Desandaram a rir. Riram das ondas na praia bem próxima. Riram dos namorados que se beijavam. Somente não se riram da alegria feliz que sentiam nos olhos, nas mãos, na face, no corpo todo. Na hora da despedida ela disse simplesmente: "José... Olhe aqui... Eu tenho 13 anos neste retrato. Gosto muito dele e guardei sempre para aquele que fosse meu noivo. Agora, mesmo você não sendo, eu quero dar a você". Ele beijou aquela mão quase de criança, beijou seus olhos, beijou o retrato e se despediram até o outro dia.

Ele procurou conservar a fotografia perfeita, mas os pedaços baralharam-se, confundiram-se, o rosto desfez-se, a boca incompleta, os olhos perdidos. Reuniu-os e guardou-os carinhosamente enquanto seus olhos ficaram embaçados, e novamente uma única palavra tomou sentido no seu pensamento: "Louca".

Leitura condensa um Romanço

TRAMOS SEIS, da sra. Leandro Dupré — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1943.

QUANDO fiquei noiva de Julio, em Itapetininga, todos diziam a respeito dos dois: Julio de Lemos? Ótimo casamento! A primeira valsa que dansei com ele foi em casa de D. Sinhá: era aniversário dela e a valsa chamava-se Monic Cristo. Nesse tempo papai era vivo e estava na sala conversando; lembrei-me dela deitado no caixão, a face serena como se dormisse, as mãos cruzadas sobre o peito.

Quanta saudade eu tenho desse tempo da Avenida Angelica, quando meus filhos eram crianças e vivíamos todos juntinhos com Julio, meu marido, como passarinhos em gaiola. Os dois mais velhos tinham sete e nove anos quando nos mudamos para lá e não me davam muito trabalho. Eram fortes e saudáveis. Alfredo e Carlos já se vestiam sozinhos e estavam estudando na Escola particular de D. Benedita, próxima à nossa casa.

...Isabel com três anos, os cabelos castanhos presos por uma fita vermelha, sentada à volta da mesa pequena, batendo a colher no prato, sem vontade de comer. Eu dizia: Come, filhinha, o que está gostoso.

Julinho que já tinha cinco anos, comia tudo o que estava no prato e às vezes ainda pedia mais.

Carlos e Alfredo tinham a diferença de um ano e pouco um do outro, andavam sempre juntos, vestiam quase iguais, estudavam na mesma escola, mas eram muito diferentes em tudo: Julio dizia que Alfredo tinha o coração fechado, vivia para dentro; e parecia mesmo, era muito retraído, falava pouco e raramente se expandia, enquanto Carlos era alegre, brincalhão, risonho, e parecia um menino feliz.

Em princípios de Dezembro, minhas irmãs chegaram de Itapetininga. Clotilde e Olga estavam ansiosas por conhecer nossa casa... Disseram que mamãe ia bem, mas se queixando de reumatismo nas pernas, era de tanto trabalhar; tinha sempre muito serviço. Eu guardava os doces que mamãe tinha mandado: seis latinhas pequenas de gelabada em calda, seis pacotinhos de figos cristalizados, seis quadrados de pessegada e um bolo de marmore.

Esse ano foi duro para nós: tivemos que pagar a conta do médico, farmácia, e, como atrazel com meus tricos, quase não pudemos pagar a prestação da casa.

Outro inverno chegou e passou; e chegaram outras férias de dezembro. Mais uma vez nós apertamos para pagar a prestação da casa; pagamos. E outro ano começou. Esse passou rapidamente, depois outro e mais outro, todos iguais. Foi então que Carlos, o mais velho, fez doze anos. Ele era forte, tinha boa altura, apenas magro. Tirava boas notas na Escola e nunca nos dava aborrecimentos. Alfredo não passou de oito e o professor escreveu uma carta com queixas contra ele; dizia até que dava maus exemplos na classe.

Mais um inverno chegou e passou...

E mais um ano acabou para nós: chegamos então a 1922.

A noite, à volta da mesa da sala de jantar, conversávamos sobre o futuro das crianças. Carlos dizia que ia ser médico, Alfredo queria ser mecânico, Julinho queria estudar engenharia e Isabel dizia que ia ser professora.

Julio começou a ter dor de estômago duas ou três vezes por semana, então resolvemos consultar um médico; era impossível viver com essa dor. Só muito mais tarde é que fiquei sabendo que era úlcera.

Quanto mais velha eu ia ficando, mais forte me sentia contra as vicissitudes e as tormentas à minha volta. A desgraça e o sofrimento contínuo é que modelam os mais e os revoltados; só compreendi isso mais tarde. Essa impressão me ficou depois de anos de convivên-

cia com D. Genú, nossa vizinha; ela era boa a seu modo, uma bondade diferente, revoltada, uma bondade mais dura, se se pudessem falar assim.

Em princípios de 1926, Julio me disse:

— Lola, sabe que este é o último ano das prestações?

— Como não hei de saber? Venho contando os dias e é um sonho imaginar que esta casa será nossa um ano. Absolutamente nossa. É uma felicidade.

Trocamos essas palavras uns dias antes de Julio adoecer.

Tudo então se precipitou de maneira tumultuosa: veio uma ambulância buscá-lo às quatro horas. No dia seguinte levaram Julio para a sala de operações; D. Candoca, Clotilde e meus filhos estavam à minha volta. A operação durou mais de uma hora. No décimo dia depois da operação, veio a catástrofe: ele não tinha passado bem a noite, sempre muito agitado e quando o médico veio examiná-lo, sobreveio a síncope. No dia seguinte, cedo, morreu. Quando os filhos vieram visitar, vi o rosto bonito e alegre de Isabel no vão da porta, estava com uma blusinha vermelha. Julinho que entrara um pouco antes, voltou-se rapidamente e disse quando ela ainda estava na porta:

— Papai está morrendo!

Vi o rosto dela empalidecer até os lábios; olhei para mim como se não me visse e um soluço doloroso saiu da sua garganta; corri a abraçar minha filhinha e assim unidas, ficamos até o fim. Ele acabou de fechar os olhos e nós cinco, meus quatro filhos e eu nos abraçamos desesperadamente, pois parecia que estava arrancando um pedaço de nós mesmos. Foi horrível, dilacerante.

Passamos os primeiros dias sem direção, sem saber para onde ir, por onde recomeçar a viver.

O fim do ano se aproximava rapidamente e eu pensava na prestação da casa. Como iria pagar. Vivíamos com os cem mil réis de Julinho, cem mil réis de Carlos fazia com as amostras de remédios, algum dinheiro de trico. Só dois meses depois que pedi o emprego a tia Emília, Carlos foi chamado ao Banco e deram-lhe uma colocação.

Logo em princípios do ano novo, fui falar com o dono da nossa casa, para dizer que não podia pagar a prestação e pedi que esperasse mais trinta dias. Ele concordou. Isabel começou a cursar o segundo ano da Escola Normal e ia muito bem; já estava com 14 anos e muito esbaldinha de corpo, parecia uma mocinha. Em janeiro apareceu um emprego para Alfredo por intermédio de um genro de D. Genú; dei tantos conselhos para Alfredo ser bom e correto nessa colocação, que ele saiu com raiva de mim e nem se despediu no primeiro dia que foi trabalhar.

Quando, em Abril, juntei todo o dinheiro, levei o dono da casa, recebi o recibo e senti, tive certeza, completa certeza de que a "Casa da Avenida Angelica" era nossa, inteirinha nossa, fiquei tão torta, quasi e meus olhos se nublaram. Precisei me encostar na parede de uma casa e esperar a vertigem passar; lembrei dos projetos de Julio para esse dia e chorei, na rua mesmo. Fomos dormir mais felizes nessa noite como tivéssemos tirado um peso enorme das costas, e no dia seguinte, quando me olhei no espelho, como estava velha!

Uma noite, quasi no fim do ano, o dono da casa de Julinho veio nos fazer uma visita; elogiou muito o serviço de Julinho, dizendo que era um empregado muito correto que desejaria mandá-lo para o Rio de Janeiro na filial do irmão, uma casa importante, e de meu futuro.

Ele não me pertencia mais, pertencia ao mundo e o reclamava. E à noite, ao jantar, enquanto conversávamos animadamente sobre a sorte de Julinho, olhei outros três à minha volta e um pensamento sem cruzou meu cérebro: Qual deles irá em seguida?

Uns dias depois, recebi a primeira carta de Julinho: estava simplesmente encantado com o Rio de Janeiro.

neiro. Então mais um ano terminou na nossa vida e um outro começou; este ficou assinalado: o ano da formatura de Isabel.

Uma tarde, era meu aniversário, eu tinha saído para umas compras e, quando voltei, encontrei os três filhos na sala de jantar, rindo e escondendo qualquer coisa de mim; ri-me também sem saber o motivo e perguntei o que havia. Sairam os três da frente da mesa e vi com assombro um aparelho de rádio sobre ela; me abraçaram e gritaram:

— Viva mamãe! Viva!

No dia seguinte, recebi de Itapetininga, como mamãe fazia todos os anos, latas de doces e bolos, enviados por Clotilde, mas desta vez vieram quatro latas de goiabada em calda, quatro pacotes de figos cristalizados, quatro tijolos de pessegada. Já não éramos se- como um ano antes. Dois tinham desertado!

Alfredo passava muitas noites fora de casa e eu escondia o mais possível dos outros. De vez em quando lembrava:

— Alfredo, precisa procurar emprego; não pode viver assim.

Carlos me avisou um dia:

— Mamãe, Alfredo anda metido em complicações; parece que está frequentando reuniões comunistas ou socialistas, não entendo disso.

Alfredo cada vez se afastava mais de casa. Era como se alguém puxasse uma corda para um lado, e outro puxasse do outro lado. Um dia havia de arrebentar e eu não podia saber de que maneira nem de que lado.

Quasi no fim do ano, Carlos me procurou um dia no quarto e me disse:

— Olhe, mamãe, eu vi Isabel passeando hoje com um rapaz, sozinho os dois. Se eu falo, ela fica furiosa, é melhor a senhora falar.

Nos primeiros dias do ano novo, Carlos veio com a notícia: ele esperou que todos se deitassem e me procurou na cozinha, falando baixo, um ar exquisito:

— Mamãe, sabe, aquele moço que está namorando Isabel? Ele é casado; mas está separado da mulher.

Foi como se tivesse levado uma bordada no cérebro: olhei Carlos que me olhava também, sem dizer nada, a boca aberta, sentindo todo o sangue fugir do meu rosto.

Uns meses depois, ela se formou em datilografia e começou a procurar emprego nos jornais. Logo depois se empregou num escritório de uma Companhia importante, onde havia outras moças trabalhando. Começou ganhando pouco, mas fiquei aliviada; ainda mais que Alfredo também se colocou em Santos, com um amigo da Alfândega.

Uns meses mais tarde, Carlos me disse que um amigo que trabalhava numa estação de rádio achava que ele devia aprender canto porque tinha uma bela voz de barítono. Uma noite, foi cantar num programa caipira de uma estação de rádio; cantou com mais dois companheiros "Zezé Susuarana" e cantou tão bem que Isabel e Alfredo que estava essa noite em São Paulo e eu, à volta do aparelho de rádio, ficamos comovidos. Desde esse dia, ele cantou em vários programas caipiras e mais tarde, cantou também canções mexicanas e argentinas. Creio que foram as noites mais belas e tranquilas da nossa vida, apesar dos ausentes, Julio e Julinho; mas também foram curtas, passaram tão depressa.

Um dia, estávamos sentados à volta da mesinha da copa, almoçando, quando vimos Alfredo entrar de repente. Vinha assustado, o rosto sombrio, as roupas sujas, sem gravata, o cabelo em desordem.

— Andei envolvido num conflito, mamãe, mas não leve culpa.

A angústia se apoderou de nós quando ouvimos Alfredo relatar o fato; uma angústia pesada de incertezas.

Só três meses mais tarde, recebi um cartão postal com letra disfarçada e assinado: "Sua sobrinha Dina". Era de Alfredo; estava em Charleston, Estados Unidos.

Nossa casa foi ficando cada vez mais quieta, Julinho e Alfredo ausentes, Isabel sempre contrariada, tudo foi se transformando tristemente.

Nesse ano, Carlos tomou parte numa revolução; pedi a ele que não partisse, era o único filho que me restava e eu tinha tanto medo. Mas foi inflexível, não me

atendeu. Uma tarde um soldado trouxe uma mensagem à nossa casa; Isabel ficou com ela na mão e depois me disse com voz trêmula: — Avisaram que Carlos está no Hospital Militar do Braz. Perido.

Logo que ele sarou completamente, voltou a trabalhar no Banco e recomeçamos então nossa pobre vida.

Nesse mesmo ano, no dia do meu aniversário, recebi de Clotilde três caixinhas de figos secos, três "tijolos" de goiabada (pedindo desculpas porque dessa vez saiu puxa-puxa) e três latinhas de doce de leite. Olhei tristemente pensando: "Quem havia de dizer! Somos apenas três, e éramos seis!".

Esse ano se findou; veio outro. Esse outro foi tão cheio de acontecimentos e imprevistos que encheu minha vida; vivi muito nesse ano e os poucos cabelos pretos que me restavam tornaram-se brancos.

O ano começou com uma alegre surpresa: Julinho veio passar três dias conosco para contar que ia casar com Maria Laura, a filha do patrão.

Logo depois, um mês e meio talvez, Isabel saiu de casa para se casar.

Quando me vi só, fiquei parada no meio da sala de jantar, um turbilhão de pensamentos girando, desordenados. O que acontecera? Então eu ia ficando sozinha? Só me restava Carlos, o Calucho como chamávamos quando era pequeno?

Nos dias que se seguiram, Carlos continuou a se queixar de uma dorzinha no estômago, muito longe, muito funda.

No meio do ano, num dia de Julho, muito frio, e escuro... de repente ouvi uma voz forte atrás de mim: Alfredo estava no vão da porta, olhando para mim e rindo com alegria.

No dia seguinte, fui à Caixa Econômica, tirei as minguiadas, economias que estava guardando para arturar meus dentes e dei a ele para comprar roupa e calçado. Despediu-se de Carlos na hora do almoço e às quatro horas me abraçou, despedindo-se também. Contou no último instante que iria muito longe, não sabia quando voltaria. Perguntei:

— Mas se você é marinho, não é comunista, é?

Retrucou rindo:

— Não vamos falar nisso agora, mamãe. Está na hora. Adeus.

Assim meu filho Alfredo partiu em busca de um ideal e nunca mais voltou.

Foi para sempre.

Um mês depois, Julinho me surpreendeu na cozinha: assustei-me:

— O que é isso, Julinho? Você por aqui? O que aconteceu?

— Vim a negócio, mamãe. Meu futuro sogro quer me dar interesse na casa, mas quer que eu entre com cinquenta contos no mínimo. Eu acho que vale a pena, porque a loja vai bem, cada vez melhor. Lembra-me então desta casa; a senhora não quer vendê-la e me emprestar o dinheiro?

No fim de vinte e tantos dias, depois de muita gente ter visto a casa, apareceu um comprador que dava 45 contos à vista, nem um vintém mais. E como Julinho tinha muita pressa, fizemos o negócio. Depois disso, tivemos trinta dias para deixar a casa: foi então que qualquer coisa começou a doer no meu peito. Sentia uma ansiedade como se o coração fosse sufocar; aquela casa representava anos de sofrimento, de trabalho, de meses sem sobremesa, sapatos furados na sola sem poder mandar consertar, de trabalhadeira fazendo doces e salgadinhos para vender. E agora tinha de deixá-la.

E tudo se precipitou de repente. Foi a torrente que me arrastou ao fundo do abismo; nada pôde impedir. Vi Carlos depois no leito como que sumindo, tão branco, indo embora de uma vez. A luz dos seus olhos foi se extinguindo lentamente como a esperança quando morre nos corações; com pena de se apagar. De repente, se extinguiu de uma vez; percebi que seus olhos já não viam, eram dois pedacinhos de vidro muito fixos, muito parados, muito abertos.

1942. Mouro numa pensão de irmãs, num quartinho que dá para um jardim interno: essas quartos são mais baratos porque são menores, mas para que eu quero um quarto grande?

Isabel já tem dois filhos; um deles chama-se Chr-

A Sul Americana

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de anunciar ao público o lançamento do seu novo plano



Trata-se de uma modalidade na qual, mediante a economia mensal de

Cr\$ 16,00 para cada apólice de **Cr\$ 5.000,00**

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter para a família, sem exame médico, uma proteção de 5 a 20 mil cruzeiros com pagamento de prêmios mensais durante prazo limitado.

A Sul America já pagou mais de 500 milhões de cruzeiros a SEGURADOS E BENEFICIARIOS.

Sul America

Fundada em 1935



A SUL AMERICA

CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguro.
S. D. D. D. D. D.

Nome

Rua

Cidade Estado

los. Julinho tem duas meninas: Maria Laura e elas já me visitaram duas vezes.

Sinto-me quasi feliz; estou perto de Carlos, visito-o todos os domingos, levo-lhes rosas e ao lado do seu túmulo, recordo nossa vida numa rápida recapitulação. Penso que cada um dos meus filhos está feliz porque seguiu o caminho escolhido. Carlos foi o único que não escolheu, foi escolhido. Mas tenho certeza que é o mais feliz dos quatro. Tem tudo.

UM NOVO E ORIGINAL "BROADCAST"

na Radio Ipanema

O BRASIL E O APOS-GUERRA

Um depoimento radiofônico dos escritores brasileiros sobre a posição do Brasil depois da 2.^a Grande Guerra.

DIARIAMENTE, ÀS 12,05

sob o alto e exclusivo patrocínio da

IXAFISA

Imobiliária Xavier Filho S/A.

PROGRAMAS CULTURAIS DA

RADIO IPANEMA

RELICARIO

EVOCACÃO DOS GRANDES POETAS
BRASILEIROS

As sextas-feiras, às 22,30

A Vida dos Grandes Musicos

Grandes páginas musicais de todos os tempos — com a colaboração de Lilia e Sylvia

Guaspari

Programas redigidos por

CAMPOS RIBEIRO

No meu último aniversário, recebi um pacote de minha Clotilde, vindo de Itapetininga; abri com curiosidade. Havia "uma" caixinha de figos cristalizados, "uma" lata de goiabada em calda e "um" "tijolo" de passareda. Apenas.

Grossas gotas de chuva caem do céu sobre a terra sobre as folhas das árvores e sobre os telhados. Co de cinza. Solidão.

RAUL LIMA

MAIO DE 19

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por AUREO OTTONI

MARÇO DE 1943

0) GENERALIDADES

Agendas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas publicações periódicas.

BASILE (Ragy). — Dicionário etimológico dos vocábulos portugueses derivados da árabe. 2.º fascículo. Parte portuguesa revista por Hermanno Requeno. (15/22). págs. 33 a 64. br. Cr\$ 1,00. (4/43). Ed. Autor, Rio.

B. LETIDA do Conselho Nacional de Geografia. (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Dir. Cristóvão Leite de Castro. Ano I, n. 1, abril 1943. (10/23). 124 p. mensal Cr\$ 5,00, ano Cr\$ 60,00. (4/43). Praça Getúlio Vargas, 14, 5.º andar, Rio.

ESTRELA. — Revista mensal infantil. Dir. Maria Isabel P. C. Mac Dowell. Ano I, n. 2, janeiro 1943. (13/27). 28 p. il. Cr\$ 1,20. (4/43). Rua das Laranjeiras, 337, 2.º. 302, Rio.

REIS (Antonio Simões dos). — Bibliografia nacional. 1943. 2.º volume. (12/18). 212 p. br. Cr\$ 7,00 (4/43). Zello Valverde.

RUMO (3.º fase). — Dir. Arquimedes de Melo Neto. Propriedade da Casa do estudante do Brasil. Ano I, vol. 1, 1.º semestre 1943. (10/23). 100 p. il. Cr\$ 3,00, ano Cr\$ 10,00. (4/43). Largo Carioca, 11, Rio.

VITOR (D'Almeida). — "Ad Imortalitatem" Síntese histórica da Academia Brasileira. Bio-Bibliografia de seus membros. Separata do "Anuário Brasileiro de Literatura" de 1942-13/19. 165 n. il. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Pangetti.

1) FILOSOFIA

BALMES (Jaime). — O critério. Trad. rev. por Manoel Itabajara de Oliveira. Bibl. de Autores Célèbres. 12 (13/19). 204 p. br. Cr\$ 12,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasl.

CARNEGIE (Dale). — Como fazer amigos e influenciar pessoas. Trad. Fernando Tude de Souza. (14/20). 314 p. br. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 4/43). Cla. Ed. Nacional.

FRANKLIN (Benjamin). Breviário do homem de bem. Trad. Dirio Gorgei. Col. Os Grandes Pensadores. 7. (12/16). 128 p. br. Cr\$ 3,00. (4/43). Vecchi.

MORAIS JUNIOR (Padre Antônio D'Almeida). — A doutrina de Freud. (16/24). 70 p. br. (1942-4/43). Ed. Voxes.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões cristãs — Religiões diversas e Mitologia — Ciências ocultas.

AZAMBUJA (M. E.) — Uma nova ciência. E' inacreditável, mas é...! (12/16). 76 p. br. (1942-4/43). Distr. Fed. Espirita.

CIRNE (Leopoldo). — A personalidade de Jesus. (Jesus, nem Deus, nem homem). Observações necessárias por Guillon Ribeiro. (12/16). 109 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Fed. Espirita.

CORREIA (Manoel Tenteiro). — O universo e o homem. Vol. I, fasc. I, H. Ramon Hespanha. Bibl. de Cultura Teosófica. (16/23). 18 p. il. br. Cr\$ 2,00. (14/43). Ed. Autor, Rio.

CURSO de iniciação Esotérica. (16/23). 223 p. br. Cr\$ 12,00. (7.ª ed. 4/43). Ed. O Pensamento.

DESPLANQUES (F.). — Cristo em nossos caminhos. Trad. e adaptação brasileira de Ezequiel Schmitt. Col. Presença. 6. (14/19). 180 p. br. Cr\$ 9,00. (4/43). Stella Ed.

JINARAJADASA (C.). — O teosofista como cidadão ideal na guerra e na paz. Trad. Cordélia Marcondes de Campos. (14/19). 16 p. br. Cr\$ 3,00. (1942-4/43). Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo.

KOHNEH. O. F. M. (Prel Mansueto). — S. Camilo de Leffis. Sua vida. (13/19). 197 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Stella Ed.

PARABOLAS de ouro de Mestres do Novo Ritmo Universal. Pref. Lo-Uri-Rana. Edição do O Letran da Comunidade Religiosa "O Célan". (16/23). 87 p. br. Cr\$ 22,00. (4/43). H. Velho.

SANTOS (Amadeu). — Doutrina e crítica. Com a colaboração de: Astolfo O. de Oliveira, Carlos Imbaassahy, Fre-

derico Figner, João Augusto Ferreira, João Teixeira de Paula, José Passos, Leopoldo Machado, Oswaldo Melo e Souza do Prado. (13/19). 229 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Distr. Fed. Espirita.

TOLEDO (Demétrio de). — Eis a astrologia... Pref. Mauricio de Medeiros. (17/24). 508 p. il. br. Cr\$ 160,00. (4/42). Distr. Livros de Portugal.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

AVELLAR (Pedro de Alcantara). — Promissórias & Duplicatas. (16/23). 505 p. enc. Cr\$ 50,00. (4/43). Jacinto.

CARVALHO (Beni). — Crimes contra a religião, os costumes e a família. (Títulos V, VI e VII do C. Penal). Arts. 308 a 349. Tratado de Direito Penal Brasileiro, Vol. VIII, Dir. Oscar Tenório. (16/23). 384 p. enc. Cr\$ 40,00. (4/43). Jacinto.

CESARINO JUNIOR (A. F.). — Direito social brasileiro. (17/24). 2 vols. 341 + 337 p. br. Cr\$ 70,00. (4/43). Liv. Martins.

CÓDICO Civil Brasileiro. — Er. rev. com índice alfabético-remissivo por Rodrigues de Mello. (14/19). 296 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Ed. e Pub., Brasl.

FRANCO (Ary Amvedo). — Código de processo penal. 2.º vol. (Comentários aos artigos 294 e 311). (16/23). 531 p. enc. Cr\$ 45,00. (4/43). Jacinto.

LABOULAYE (Edouard). — O Estado e o indivíduo. Trad. Ilberio Rangel de Andrade. Col. Os Grandes Pensadores. 6. (12/16). 118 p. br. Cr\$ 3,00. (4/43). Vecchi.

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Código comercial brasileiro, como se acha em vigor. 6.ª ed. rev. por Adamastor Lima. (12/16). 325 p. enc. Cr\$ 17,00. (6.ª ed. 4/43). Saraiva.

MARITAIN (Jacques). — Os direitos do homem e a lei natural. Trad. Afrânio Coutinho. (13/19). 152 p. br. Cr\$ 12,00. (4/43). José Olympio.

Desejando V.S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo *Serviço de Reembolso Postal* da *Livraria Civilização Brasileira*, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

MENEZES (Geraldo Bezerra de). — Política sindical brasileira. (17/24). 134 p. br. Cr\$ 20,00. (4/43).

NOGUEIRA JUNIOR (J. A.). — Prática da legislação trabalhista. (16/23). 174 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 4/43).

PAIVA (Joel Ruthenio de). — Acidentes do trabalho. Projeto de lei. Justificação. Comentários. (13/19). 199 p. br. Cr\$ 15,00. (4/43).

PEKOTO (Cid). — Princípios elementares de direito público constitucional. Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 22. (14/20). 151 p. cart. Cr\$ 10,00. (3.ª ed. 4/43).

PENSAMENTO (O) político do Presidente. Separata de artigos e editoriais dos primeiros 23 números da Revista "Cultura Política". Comemorativa do 60.º aniversário do Presidente Getúlio Vargas, 19 de abril de 1943. (16/23). 494 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43).

PESSOA SOBRINHO (Eduardo Pinto). — Manual dos servidores do Estado. 1.º tomo: Livro do funcionário. Bibl. de Assuntos Administrativos, 1. (17/24). 319 p. br. Cr\$ 30,00. (4/43).

A BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO

de Max WERNER

O livro necessário para compreender a estratégia política e militar da guerra

EDITORA OCEANO

Rua Braulio Gomes, 25,

5.º andar - S. Paulo

PETITE Encyclopédie Politique du Monde. La "Coeur politique des hommes. Régimes, gouvernements, partis et journaux du monde entier. Col. Chantecler. (14/13). 226 p. br. Cr\$ 18,00. (4/43).

ROCHA (Pe. Edgar de Aquino). — Manual de economia política. Col. Dom Bosco, 1. (14/20). 221 p. cart. Cr\$ 16,00.

(5.ª e. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

3-6 EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

ANTUNES (Cap. De Paranhos). — Andrade Neves, o vanguardista! Bibl. Militar, 64. (16/23). 156 p. 1 mapa, il. br. Cr\$ 6,50. (4/43).

AQUINO (Radler de). — Tábuas náuticas e aeronáuticas, soluções uniformes e universais ultra simplificadas. (17/24). 2 vols. 78 + 246 p. 1 prancha, enc. Cr\$ 120,00. (2.ª ed. 4/43).

BIBLIOTECA Enciclopédica Militar. Legislação Militar. — Regulamento de combate a baioneta e da luta corporal. (12/16). 27 p. br. Cr\$ 2,50. (4/43).

N. 1. Regulamento interno e dos serviços gerais. (R. I. S. G.). (12/16). 167 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43).

N. 74. — Descrição e nomenclatura do fuzil Mauser 1903 e notas e tabelas referentes ao mosquetão Mauser 1903. (12/16). 117 p. br. Cr\$ 6,00. (4/43).

BIBLIOTECA Militar. — Vol. 58. Cautivos Militares. Coleção organizada por Mariza Lira. (16/23). 232 p. il. br. Cr\$ 8,50. (1942-4/43).

CAMARGO (Derval de). — Manual básico de aeronáutica. Teoria do avião e do voo. 1.º vol. Pref. João Ribeiro de Barros. (14/20). 245 p. il. br. Cr\$ 14,00. (3.ª ed. 4/43).

3.º vol. (14/19). 184 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 14,00. (2.ª ed. 4/43).

CHAVES (Cap. Omar Emir). — Fronteiras do Brasil. (Lâmtes com a República da Colômbia). Os tratados. Bibl. Militar, 63. (16/23). 219 p. il. br. Cr\$ 6,50. (4/43).

CORREIA (cap. Samuel A. A.). — Auxiliar do instrutor de pontes. Bibl. Militar, 62. (16/23). 255 p. il. br. Cr\$ 6,50. (4/43).

FRAGOSO (Gen. Augusto Tasso). — Método de Schreiber. Bibl. Militar. (16/23). 191 p. il. br. Cr\$ 15,00. (4/43).

GARENNE (A. Dalmay de La). — Pequeno manual de serviço em campanha da cavalaria. Trad. Maj. José Horácio Garcia. Bibl. de A Defesa Nacional. (14/19). 182 p. 1 mapa, il. br. Cr\$ 12,00. (1942-4/43).

LEBAUD (Ten. Cel.). — Comandar. Trad. Major Nêo de Viana Montezuma. Bibl. Militar, 60. (16/23). 145 p. br. Cr\$ 6,50. (1942-4/43).

Distr. Zello Valverde.

MERMET (Ten. Cel. Armando). — Ensaio sobre a tática alemã. Trad. Major Salm de Miranda. Bibl. Militar, 61. (16/23). 150 p. il. br. Cr\$ 6,50. (4/43).

MINISTÉRIO da Guerra. — N. 13. Regulamento para o emprego da artilharia R. E. A. (Costa). 1.ª parte. Título XII Manual de telemetria. Tomo I. (1.ª e 2.ª partes). (16/23). 214 p. 3 pranchas, il. br. Cr\$ 4,00. (4/43).

N. 12. Regulamento para o emprego da artilharia. R. E. E. (Campanha). 1.ª parte. Título XIV. Descrição e nomenclatura dos aparelhos topográficos e de observação. (12/16). 98 p. il. br. Cr\$ 2,00. (4/43).

N. 134. Regulamento de uniformes do pessoal do Exército. (R. U. P. E.). (16/23). 185 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 4,00. (1942-4/43).

PORTELA (General Artur Silló). — Exercícios na carta. Pref. Gen. Tasso Fragoso. Bibl. Militar. (16/23). 203 p. 3 respav. br. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 1942-4/43).

SEVERSKY (Major A. P. de). — A vitória pela força aérea. Trad. Astribaj Mendes Gonçalves. Col. "A Marcha do Espírito". 7. (14/22). 206 p. il. br. Cr\$ 22,00. (4/43).

SILVA (Major Alcibiades Tameiro de). — Guia para o comandante de pelotão de fuzileiro. 2.ª parte. (Defensiva). (16/23). 215 p. il. br. Cr\$ 12,00. (4/43).

4-8) LETRAS

A) Filologia (Generalidades, Ensino ou línguas)

BARRETO (Fausto). LAET (Carlos de). — Antologia nacional ou Coleção de excertos dos principais escritores da língua portuguesa do 20.º ao 16.º século. (13/19). 557 p. cart. Cr\$ 13,00. (24.ª ed. 4/43).

BINNS (Harold Howard). — King's english. 2.ª série ginásial. (14/20). 194 p. cart. Cr\$ 10,00. (8.ª ed. 4/43).

1.ª série ginásial. (14/20). 210 p. cart. Cr\$ 12,00. (6.ª e 7.ª eds. 4/43).

4.ª série ginásial. (14/20). 212 p. cart. Cr\$ 12,00. (3.ª, 4.ª e 5.ª eds. 4/43).

BRUNO (Aníbal). — Língua portuguesa. Antologia. 1.ª e 2.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira, 13. (14/20). 382 p. cart. Cr\$ 14,00. (4.ª, 5.ª, 6.ª e 7.ª eds. 4/43).

3.ª e 4.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira, 17. (14/20). 317 p. cart. Cr\$ 14,00. (3.ª ed. 4/43).

Gramática e exercícios. Bibl. Escolar

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros constantes deste registro, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

minas. (14/36). 402 p. cart. Cr\$ 16,00. (4/43). Saraiva.
CAMARGO (Alberto Mesquita de). — Primeiro livro de leituras latinas. Para 1.ª e 2.ª séries ginásiais. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 127 p. cart. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 4/43). Ed. e Publ. Brasil.

ACABAM DE APARECER NA COLEÇÃO

"As 100 obras-primas da Literatura Universal"

EPISCOPO & CIA. — de D'Anunzio.

BERNARDO QUESNAY — de Maurois.

UMA GOTA DE VENENO — de Mauriac.

PETROLEO — de Upton Sinclair.

4 grandes livros numa coleção consagrada pelo aplauso do público

Em todas as livrarias

Irmãos PONGETTI - Editores

CAMPOS (Ipê de). — Vocabulário ortográfico moderno. Pref. Silveira Bueno. Col. O Livro de Bolso, 7. (11/18). 431 p. cart. Cr\$ 15,00. (4/43). Distr. Civilização.

CINTRA (Geraldo de Ulhoa). — Língua portuguesa. Para a 3.ª série de colégios clássicos e científicos. (14/19). 324 p. 3 pranchas, cart. Cr\$ 20,00. (4/43). Ed. Anchieta.

CINTRA (Raymundo), LYRA (Jorge). — Latim ginásial pelos textos. 2.ª série. (13/19). 165 p. cart. Cr\$ 15,00. (3.ª ed. 4/43). —

1.ª série. (12/19). 171 p. cart. Cr\$ 15,00. (3.ª ed. 4/43). —
4.ª série. (13/19). 161 p. cart. Cr\$ 15,00. (3.ª ed. 4/43).

Gr. Cruzeiro do Sul, S. Paulo).
CORREIA (Jonas), AGUIRRE (Jose). — Antologia ginásial. 1.ª e 2.ª séries. Bibl. de Ensino Moderno, S. I. Livros para o Curso Ginásial, II. (14/19). 252 p. cart. Cr\$ 18,00. (4/43). Ed. Pan-Americana.

CRETELLA JUNIOR (J.). — Manual prático de pronunciação latina. (época Clássica). (14/19). 38 p. br. Cr\$ 3,00. (4/43). Distr. Ed. Anchieta.

SERREIRA (Tito Lívio). — Premier livre de français. Méthode directe et intuitive. II. J. U. Campos. (14/20). 157 p. cart. Cr\$ 10,00. (9.ª e 10.ª ed. 4/43). —

Deuxième. (14/20). 153 p. 2. cart. Cr\$ 10,00. (7.ª ed. 4/43). —

Troisième. Textes littéraires français. 3ème et 4ème séries. (14/20). 252 p. 11. cart. Cr\$ 12,00. (5.ª ed. 14/43). Cia. Ed. Nacional.

FONSECA (Alcides da), ARAGÃO (Jardas Cavalcante de). — A língua portuguesa. Antologia. Curso ginásial. 3.ª e 4.ª séries. (14/19). 319 p. cart. Cr\$ 17,00. (4/43). —

Programa para o curso ginásial e Escola Preparatória de Cadetes. (Gramática para as 4 séries ginásiais). (14/19). 410 p. cart. Cr\$ 26,00. (4/43).

Livr. Alves.
FONTES (Ofélia), FONTES (Narbal). — Brásileirinho. Leitura para o 3.º ano primário. Série Pindorama. (13/19). 160 p. 11. cart. Cr\$ 6,00. (8.ª ed. 4/43).

Livr. Alves.
GALLO (João Capusso). — Latim ginásial. 1.º ano de latim. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 179 p. cart. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 4/43). —
3.º ano. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 208 p. cart. Cr\$ 13,00. (4/43). Ed. Publ. Brasil.

LANTEUIL (Henri de). — Francês comercial. (1.º ano). Bibl. de Estudos Comerciais e Econômicos, 10. (14/20). 128 p. 11. art. Cr\$ 9,00. (7.ª ed. 4/43).

Cia. Ed. Nacional.
LIMA (Carlos Henrique da Rocha). — Teoria da análise sintática. Pref. Antônio Houaiss. (12/17). 163 p. cart. Cr\$ 8,00. (4/43). Livr. Alves.

LOBO (Haddock). — Leituras para a 3.ª e 4.ª séries do curso ginásial. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 158 p. cart. Cr\$ 12,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

LOBO (Haddock). — Lições de gramática francesa. Para as 3.ª e 4.ª séries ginásiais. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 212 p. cart. Cr\$ 13,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

MAGNE, S. J. (Augusto). — Curso ginásial de latim. Noções fundamentais de gramática latina. (14/20). 267 p. cart. Cr\$ 16,00. (4/43). Livr. Martins.

MARTINS (Mario Augusto). — My lessons for advance pupils. II. With conversation exercises. "Direct method". (14/20). 153 p. cart. Cr\$ 7,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

Brasileira, 16. (14/20). 362 p. art. Cr\$ 14,00. (5.ª, 6.ª e 7.ª eds. 4/43).

Cia. Ed. Nacional.
BUENO (Francisco Silveira), X Páginas seletas. 3.ª e 4.ª séries ginásiais feme-

MORAIS (B. Bueno de). — A nova ortografia da nossa língua. Dec.-Let 5.186, de 13/1/1943. (14/19). 31 p. br. Cr\$ 1,50. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

MORAIS (Bento Bueno de). — Antologia da nossa língua. Livro de leitura para 1.ª e 2.ª séries. Curso ginásial. Col. Didática Nacional, Série Ginásial. (14/19). 131 p. cart. Cr\$ 10,00. (4/43). —

Curso ginásial masculino. (14/19). 144 p. cart. Cr\$ 10,00. (4/43). —

3.ª e 4.ª séries. Curso ginásial feminino. (14/19). 146 p. cart. Cr\$ 12,00. (4/43). —

Curso ginásial masculino. (14/19). 167 p. cart. Cr\$ 13,00. (4/43).

Ed. e Publ. Brasil.
MORAIS (Bento Bueno de). — Vocabulário ortográfico. Baseado no Dec.-Let 5.186, de 13/1/1943. (14/19). 126 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

NOBREGA (Vandick Londres da). — O latim do ginásio. Programa completo da 1.ª e 2.ª séries do curso ginásial. (14/20). 22 p. art. Cr\$ 13,00. (2.ª ed. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

PEREIRA (Ambrosina Rodrigues). — Cartilha para o ensino simultâneo da leitura e da escrita. (14/19). 112 p. 11. cart. Cr\$ 3,50. (33.ª ed. 4/43).

Livr. Alves.
PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva. Curso elementar. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. B. P. B. 3. 2.ª. Livros Didáticos, 4. (14/20). 174 p. cart. Cr\$ 6,00. (94.ª ed. 4/3). Cia. Ed. Nacional.

PETER (José Ladislau). — Gramática latina para os ginásios do Brasil. Remodelada, rev. e aumentada por Marques da Cruz. (13/18). 294 p. cart. Cr\$ 10,00. (30.ª ed. 4/43).

Ed. Melhoramentos.
RAELO (Célia). — Os três amigos. Leitura intermediária. 1.º ano. 11. de Buth. (suplemento de Testes: 30 folhas). (14/21). 94 p. cart. Cr\$ 5,50. (10.ª ed. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

ROMERO (Nelson). — O programa de latim no ginásio. Gramática e textos. (1.ª e 2.ª séries). (14/19). 220 p. cart. Cr\$ 13,00. (2.ª ed. 4/43). Livr. Alves.

SERPA (Oswaldo), SILVA (Paulo Cesar Machado da). — Paul and Mary. Second book of english for children. Direct method. II. A. Espinheira. (16/23). 107 p. cart. Cr\$ 14,00. (3.ª ed. 4/43). Livr. Alves.

A nova e magnífica biografia da grande autora de
"Machado de Assis"

LUCIA MIGUEL PEREIRA

A Vida de Gonçalves Dias

CONTENDO O

DIÁRIO INÉDITO DA VIAGEM DE
GONÇALVES DIAS AO RIO NEGRO

Um vol. de 450 páginas in-8 com várias ilustrações fora do texto, publicado na COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

Edição da

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO Editora

RUA DO OUVIDOR 110 — RIO

SIEGLAR (Adm. Teodor). — Antologia latina. Para a 4.ª série do curso ginasial. (14/20). 230 p. cart. Cr\$ 20,00. (4/43). Saraiva.

4-5) LETRAS

B) Literatura

B. 1) Generalidades — História literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônicas.

AGROBOM (Gil de). — As contradições do Padre Antônio Vieira e outros escritos. Com uma carta autógrafa de Capistrano de Abreu. (13/19). 145 p. 6 pranchas, br. Cr\$ 15,00. (4/43). Distr. Antunes.

AUSTREGESILIO (A.). — Perfis de loucos. Obras Completas, 21. (13/19). 204 p. br. Cr\$ 5,00. 4/43). Guanabara.

LINS (Alvaro). — Jornal de crítica. 2.ª série. (13/19). 300 p. br. Cr\$ 15,00. (4/43). José Olympio.

MAYA (Alcides). — Machado de Assis. (Algumas notas sobre o "Humor"). (15/22). 165 p. br. Cr\$ 5,00. (2.ª ed. 1942-4/43). Academia Brasileira.

MOOG (Viana). — Uma interpretação da literatura brasileira. Conferência. (12/18). 30 p. br. Cr\$ 4,00. (4/43). Casa do Estudante.

NESTOR (Odilon). — Atenas, Roma e Jesus. Ensaio. Pref. Gilberto Freyre. (12/18). 38 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Casa do Estudante.

ORTIGÃO (Ramalho). QUEIROZ (Eça de). — As Farpas. Seleção e pref. de Gilberto Freyre. Col. Clássicos e Contemporâneos, 9 e 9-A. (14/22). 2 vols. 305 + 306 p. br. Cr\$ 35,00. (4/43). Ed. Dols Mundos.

PANORAMA da literatura estrangeira contemporânea. Conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras, pelos ares. Fortunat Strowsky, Jan Lechon, Fidelino de Figueiredo, Paul Frischauer, Giulio Dolci, Paulo Rónai, Frei Manoel Kolman, O. F. M., Erich Church, Leopoldo Stern, Franz J. van Cauwelaert, Takis Pollitis, José Maria Del Rey, Padre Pierre Charles, S. J., E. Rodriguez Fabregat, Carolina Nabuco, Conde Emmanuel de Bennisgen, Ministro Jean Déry. Pref. Levi Carneiro. (17/24). 403 p. br. Cr\$ 20,00. (4/43). Academia Brasileira.

PASSOS (Alexandre). — A nova geração intelectual da Bahia. (Aditamento ao ensaio "Letras bahianas"). (13/18). 27 p. br. Cr\$ 3,00. (4/43). Pongetti.

PEREIRA FILHO (Genésio). — Um tema e três obras. (Em torno de "Rebeca", "A sucessora" e "Encarnação"). Apres. de Manuel Carlos. (13/19). 191 p. br. (1942-4/43). S. E. Panorama.

SILVA (Dr. Noqueira da). — Gonçalves Dias e Castro Alves. (13/19). 167 p. br. Cr\$ 8,00. (4/43). A Noite.

4-5.B.3) POESIA

ALVES (Castro). — Obras completas. I. A cachoeira de Paulo Afonso. Os Escravos. Traduções e inéditos. Pref. Agripino Grieco. Col. "Grandes Poetas do Brasil", 3. (13/19). 209 p. cart. Cr\$ 9,00. (4/13). Zélio Valverde.

LOPES (Paulo Corrêa). — Canto da libertação. (17/24). 52 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Tip. Centro, P. Alegre.

MAUL (Carlos). — A marcha do gigante. Gravuras em madeira de Odete Barcelos. (22/30). 46 p. br. Cr\$ 50,00. (5.ª ed. 4/43). Bedeschi.

4-5.B.5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS

ARANHA (Graga). — Chanaan. Obras Completas, 1. (13/19). 276 p. br. Cr\$ 16,00. (9.ª ed. 4/43). Brigueit.

AZEVEDO (Aluizio). — O cortiço. Obras Completas, 9. (13/19). 304 p. br. Cr\$ 16,00. (9.ª ed. 4/43). Brigueit.

AZEVEDO (Aluizio). — Uma lágrima de mulher. Notas de M. Nogueira da Silva. Obras Completas, 1. (13/19). 138 p. br. Cr\$ 11,00. (5.ª ed. 4/43). Brigueit.

BARRETO (Lima). — Recordações do escrivo Isaias Caminha. Algumas palavras de Eliel Pontes. Col. "O Livro de Bolso", 3. (11/16). 233 p. cart. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 4/43). Distr. Civilização.

CUPERTINO (Nelson). — Moetata. (13/19). 221 p. br. Cr\$ 12,00. (1942-4/43). Rev. Tribuna.

FRANCE (Anatole). — Le lys rouge. Col. Chantecler. (11/18). 267 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Livr. Victor.

FRONDAIE (Pierre). — Deux fois vingt ans. (12/19). 230 p. br. Cr\$ 18,00. (4/43). Americ-Edit.

HOFFMAN (Charles). — Ainda será minha. Trad. Alex. Viany. (13/19). 340 p. br. Cr\$ 16,00. (4/43). Ed. Pan-Americana.

LIMA (Jorge de). — Calunga. Col. Romance Brasileiro. (13/12). 244 p. br. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 4/43). Alba.

MAUGHAM (W. Somerset). — O destino de um homem. Trad. Honor Werneck de Castro. Col. Nobel, 43. (14/19). 230 p. br. Cr\$ 14,00. (4/43). Globo.

MAUPASSANT (Guy de). — Pierre et Jean. (12/19). 335 p. br. Cr\$ 20,00. (4/43). Americ-Edit.

RAPOSO (Inácio). — A mulher que foi Papa. (Romance histórico). (15/22). 353 p. br. Cr\$ 25,00. (4/43). Ed. Panamericana.

SA (Leônido de). — Drácula e os milhões dos Mac. Kearson. (13/19). 152 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

STENDHAL. — O vermelho e o negro. Trad. de Sousa Júnior e Casimiro Fernandes. Bibl. dos Séculos, 4. (13/23). 475 p. br. Cr\$ 20,00. (4/43). Globo.

STEVENSON (Robert Louis). — A flexa preta. Trad. Edison Carneiro. Col. Audazes, 1. (14/19). 234 p. br. Cr\$ 3,00. (4/43). Vecchi.

VOLTAIRE. — A princesa da Babilônia. O ingênuo. Micromégas. Trad. Miroslav Silveira. Col. Excelsior, 20. (12/13). 207 p. cart. Cr\$ 10,00. (4/43). Livr. Martins.

4-5.B.6) CONTOS

DAUDET (Alphonse). — Lettres de mon moulin. (Editions Chantecler). (11/15). 194 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Livr. Victor.

SCHMIDT (Maria Junqueira). — Les plus belles histoires. Choix fait et publiés par Maria Junqueira Schmidt. Col. Juventude Brasileira. (13/19). 146 p. enc. Cr\$ 18,00. (4/43). Americ-Edit.

TELLES (Leonor). — Porteira velha. Pref. Benjamin Moraes. (13/19). 187 p. br. Cr\$ 12,00. (4/43). Alba.

4-5.B.8) OBRAS PARA CRIANÇAS

GUIMARAES (Vicente). — O frango desobediente. Il. Percy Deane. (18/21). 61 p. cart. Cr\$ 10,00. (4/43). Ed. Criança.

VARZEA (Afonso). — O tesouro da Ilha dos Côcos. (14/19). 336 p. il. Cr\$ 10,00. (4/43). Alba.

5) CIÊNCIAS MATEMÁTICA, FÍSICAS E NATURAIS

AMARAL (João Peçigueiro do). LEITÃO (Candido de Mello). — Noções de ciências naturais. 1.º vol. para a 3.ª série ginasial. (14/20). 332 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 4/43). —

2.º vol. para a 4.ª série ginasial. (14/20). 316 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (2.ª ed. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

F. I. C. (Frère Ignace Chaput). — Elementos de geometria descritiva. Trad.

LEIAM
RENOVAÇÃO
REVISTA DEMOCRÁTICA
UNIVERSITÁRIA A SERVIÇO
DO ESFORÇO DE GUERRA.

**Como
leitor**

O matutino de mais amplo noticiário local, nacional e internacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

**Como
anunciante**

O matutino de maior tiragem no Distrito Federal. 41.000 exemplares nos dias úteis e 65.000 aos domingos.

e adaptação brasileira de Eugênio B. Faria Cabagita. Rev. revista e atualizada pelo Ten. Cel. Dr. Waldemar Pereira Costa. (14/19). 438 p. il. cart. Cr\$ 35,00. (10.ª ed. 4/43). Brigulet.

MAEDER (Alcayr Munhoz). — Curso de matemática. 1.ª série. (14/21). 224 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (4/43).

Ed. Melhoramentos.

PINHEIRO (Póvoas). — Tabuadas. Elementos de aritmética. (12/18). 32 p. il. br. Cr\$ 0,50. (102.ª ed. 4/43). Livr. Alves.

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral

Ap. Gêrito-Urinário — Sífilis

Consultório:

Av. México, 163 - 11.º andar - Sala 111
Fone 42-8216

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 26-4978 —
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

QUINTELLA (Ary). — Matemática. 2.ª ano. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 106. (14/20). 223 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (4/43). Cia. Ed. Nacional.

ROKO (Euclides), SOUZA (Julio Cesar de Mello e), THIRÉ (Cecil). — Matemática ginásial. 1.ª série. (15/21). 245 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (4/43). Livr. Alves.

STAVALE (Giacomo). — Elementos de matemática. 2.ª vol. para a 2.ª série ginásial. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 126. (14/20). 233 p. il. cart. Cr\$ 18,00. (2.ª ed. 4/43).

Cia. Ed. Nacional.

THIRÉ (Cecil). — Exercícios de geometria. Formulário. (14/18). 165 p. il. br. Cr\$ 12,00. (10.ª ed. 4/43).

Livr. Alves.

THIRÉ (Cecil). — Manual de matemática. 1.º ano. (14/18). 178 p. il. br. Cr\$ 10,00. (5.ª ed. 4/43). Livr. Alves.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia doméstica — Finanças — Indústria — Profissões — Tecnologia.

ANDRADE (Renato). — Pequeno manual do rádio amador. "O que o rádio-ouvinte pergunta ao técnico". (14/19). 157 p. il. br. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 4/43). Getulio Costa.

CARLI (Gleno Dé). — Ensaio sobre a eficiência da indústria açucareira no Brasil. (15/22). 81 p. br. Cr\$ 8,00. (4/43). Pongetti.

FREUDENFELD (Rudolf Armin). — Manual fotográfico, prático para principiantes, com extensivo formulário. (12/18). 192 p. il. enc. Cr\$ 18,00. (1942-4/43). Química Bayer, Rio.

RODRIGUES FILHO (Antonio Peres). — Elementos de contabilidade bancária. (Para 3.º ano do curso de contador). Col. Didática Nacional, (Série Comer-

cial). (14/19). 145 p. cart. Cr\$ 12,00. (4/43). Ed. e Publ. Brasil.

SEABRA (José Augusto). — Organização contábil de I. A. P. L. 1. Subsidios para a contabilidade das autarquias. 2. Soluções de contabilidade. (17/24). 208 p. 103 pranchas, il. enc. Cr\$ 90,00. (1942-4/43). Imp. Nacional.

STRASSER (Victor E. de). — Em torno da soldagem elétrica ao arco voltaico do ferro e aço. (14/18). 162 p. 59 il. br. Cr\$ 25,00. (4/43). Gr. Milone, Rio.

AURELIO SILVA

Advogado

Praca 15 de Novembro, 38-A.

1.º andar - Sala 11 e 12

Rio de Janeiro

5) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina.

GRAZIANI (Mario). — Cirurgia buco-maxilar. (18/24). 407 p. 363 figs., enc. Cr\$ 120,00. (1942-4/43).

Mario M. Pontual.

SWARTOUT (Humberto O.). — O conselheiro médico do lar. (13/22). 649 p. 2 pranchas, il. enc. Cr\$ 110,00. (2.ª ed. 1942-4/43). Casa Publ. Brasileira.

7) BELAS ARTES — ESPORTES — JOGOS — DIVERTIMENTOS

NOVIDADES

A IGREJA E O NOVO MUNDO — Tristão de Athaide	Cr\$ 15,00
RETORNO A CRISTO — depoimentos de Claudel, Chesterton, Sigrid Undset, etc.	Cr\$ 10,00
CHARLES PEGUY, O BOM PECADOR — estudo literário de Karl Pflieger	Cr\$ 8,00
DOSTOIEVSKI, O HOMEM DO SUB-SOLO — estudo literário de Karl Pflieger	Cr\$ 6,00
CHESTERTON, O AVENTUREIRO DA ORTODOXIA — estudo literário de Karl Pflieger	Cr\$ 5,00
LEON BLOY, O PEREGRINO DO ABSOLUTO — estudo literário de Karl Pflieger	Cr\$ 6,00
ANDRÉ GIDE, O FILHO PRÓDIGO — estudo literário de Karl Pflieger ..	Cr\$ 6,00

FAÇA O SEU PEDIDO PELO REEMBOLSO POSTAL

STELLA — EDITORA

CAIXA POSTAL 3232 — FONE 43-7590

Atenção: Pedimos a gentileza de indicar este anúncio em seus pedidos

MARIANO FILHO (Jorge). — Os Iperípteros
faisões de Mestre Valentim. (30/27).
68 p. 42 estampas. Il. br. Cr\$ 25,00.
(4/43). Freitas Bastos.
5) História e Geografia (Biografia)

ARMITAGE (João). — História do Bra-
sil. Trad. 3.ª ed. brasileira. Com an-
otações de Eugênio Egas e Garcia Junior.
(17/23). 389 p. Il. br. Cr\$ 40,00. Ed.
de luxo numerada. (30/27). Cr\$ 2,50.
(3.ª ed. 4/43).

AZEVEDO SOBRINHO (José Vicente
de). — Efemérides da Acad. Bras. de
Letras. (Atualizadas até 1940). (18/24).
365 p. br. Cr\$ 30,00 (1942/4/43).

BARROS (A. B. Buys de). — Lições su-
cintas de história do Brasil. (Para a
2.ª e 4.ª séries das ginásios). (14/19).
300 p. Il. cart. Cr\$ 10,00. (4/43).

BRENTANO (Funch). — Lutero. Trad.
Elroy Pontes. Col. "Vidas Extraordi-
nárias". 1. (14/21). 318 p. br. Cr\$
10,00. (4/43).

CARVALHO (Deigado de). — Geogra-
fia do Brasil. Para a 3.ª série. B. P.
B. n. 2.ª. Livros Didáticos. 115. (14/
20). 245 p. Il. cart. Cr\$ 15,00. (5.ª
ed. 4/43).

CARVALHO (Carlos Deigado de). — Geo-
grafia regional do Brasil. Para a 4.ª
série. B. P. B. n. 2.ª. Livros Didá-
ticos. 123. (14/20). 222 p. Il. cart.
Cr\$ 13,00. (4.ª ed. 4/43).

COSSIDINE (Bob). — Mac Arthur.
Trad. Almir Rego. MEHRING (Walter).
— Timoshenko, Marechal do
Exército Vermelho. Com texto com-
pleto da Nova Constituição da U. R.
S. S. (14/19). 354 + 173 p. br. Cr\$
35,00. (4/43).

COSTA (Licurgo). — Cidadão do mun-
do. Prof. Valentim F. Bouças. (14/33).
136 p. br. Cr\$ 50,00. (4-42).

José Olympio.

CÂNCIONEIROS FAMOSOS

o grande cartaz da RÁDIO IPANEMA

Um programa idealizado por

JANUARIO FERRARI

Supervisionado por QUEIROZ JUNIOR e CAMPOS RIBEIRO

Todos os domingos de 18 às 19 horas.

Patrocínio exclusivo de

AMERICO AYRES & Cia.

DAUDET (Léon). — La vie originaire de
Clemenceau. (Editions Chantecier).
(11/18). 221 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43).

DIETZ (David). — História da ciência.
Trad. Azevedo Amaral. Col. A Ciên-
cia de Hoje. 7. (14/20). 370 p. 457
il. br. Cr\$ 20,00. (4/43).

DOREN (Carl Van). — Benjamin Fran-
klin. Trad. J. de Matos Rispina.
(15/23). 596 p. br. Cr\$ 35,00. (4/43).

DUBANT (WUB). — História da civiliza-
ção. 2.ª parte. Nova herança clássica.
A vida na Grécia. Tomo 1.ª. Trad.

Gulnara de Moraes Lobato. Rev. por
Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Mi-
serico, s. 3.ª. História e Biografia.
28-B. (15/23). 403 p. 1 mapa. Il. br.
Cr\$ 28,00. (4/43).

GICÓVATE (Molsés). — Geografia ge-
ral. 2.ª série. (14/21). 228 p. Il. cart.
Cr\$ 12,00. (4/43).

LEFEVRE (Maurilio). — Rudimentos de
prehistória. Prof. Mário Da Veiga Ca-
bral. (17/24). 61 p. br. Cr\$ 15,00.
(4/43).

MAUGHAST (W. Somerset). — Meu dia-
rio de guerra. ("Strictly personal")

Tipos e Máquinas Gráficas Papéis Nacionais e Estrangeiros

Sociedade Anônima Nebiolo

SOB ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

End. telegráfico: NEBIOLO

Agência de São Paulo

RUA BRIG. TOBIAS, 376/380

Telefone 4-3111

Agência Geral - Rio de Janeiro

RUA BUENOS AIRES N.º 263

Telefones 43-6025 - 23-0169

ALGUMAS EDIÇÕES DA LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

BIOGRAFIA, BIBLIOGRAFIA E HISTÓRIA

Altair de Moura — PAULO DE TARSO — Um vol. br. de 98 páginas	Cr\$ 5,00
Argeu Guimarães — EM TORNO DO CASAMENTO DE PEDRO II — Um vol. br. de 225 páginas	Cr\$ 20,00
Formato 22,5x15,5, encadernado	Cr\$ 35,00
Carlos Maul — A MARQUESA DE SANTOS — Um vol. br. de 174 páginas	Cr\$ 12,00
Ex. em papel especial, encadernado	Cr\$ 50,00
Carlos Maul — VIDA DA CONDESSA DE IGUAÇU (extraída de uma carta auto-biográfica da Condessa) — Um vol. br., formato 22,5x15,5, de 172 páginas	Cr\$ 12,00
Ex. em papel especial, encadernado	Cr\$ 50,00
Conselheiro Francisco Gomes da Silva (O Chalaga) — MEMÓRIAS — Um vol. br. formato 22,5x15,5 de 240 páginas Cr\$ 15,00 — Enc.	Cr\$ 25,00
Gastão Penalva — TAMANDARÉ (Para Aspirantes) — Vol. br., formato 22x14,5, de 140 páginas	Cr\$ 10,00
Jolo Armittage — HISTÓRIA DO BRASIL — Vol. br. de 322 p. — Cr\$ 40,00 — Encadernado	Cr\$ 55,00
Ex. em pap. especial inglês numerado	Cr\$ 250,00
Joaquim Manuel de Macedo — UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Um vol. br. com 415 páginas	Cr\$ 40,00
Encadernado	Cr\$ 55,00
José Pires — MEMÓRIAS SECRETAS DE D. CARLOTA JOAQUINA — Um vol. br. de formato 22,5x15,5, com 252 páginas	Cr\$ 15,00
Encadernado	Cr\$ 25,00
Paulo Coelho Neto — COELHO NETO — Um vol. br. formato 22,5x15,5, de 405 páginas	Cr\$ 25,00
Encadernado	Cr\$ 40,00
4.º vol. brochura, 68 páginas	Cr\$ 5,00
Ex. em papel especial	Cr\$ 50,00
Paulo Pinheiro Chagas — TEÓFILO OTONI — Ministro do Povo — Um vol. br. formato 22,5x15,5, de 440 páginas	Cr\$ 30,00
Encadernado	Cr\$ 45,00
Visconde de Mauá — AUTO-BIOGRAFIA — 2.ª edição — Um vol. br., formato 22,5x15,5, de 272 páginas	Cr\$ 25,00
Encadernado	Cr\$ 40,00
Exemplar em papel especial inglês, em grande formato	Cr\$ 200,00

DIREITO E LEGISLAÇÃO

Alcides Rosa — NOÇÕES DE DIREITO CIVIL — Um vol. cart. formato 22x15, de 285 págs. Cr\$	30,00
Macário de Lemos Picango — CONSTITUIÇÃO E LEIS CONSTITUCIONAIS — Um vol., cart. de 125 páginas	Cr\$ 7,00
Macário de Lemos Picango — DA DESAPROPRIAÇÃO — Um vol. br., de 115 páginas, formato 22x15	Cr\$ 12,00
Noronha Santos e Bento Pires da Rosa — GUIA DOS ASSOCIADOS DO INSTITUTO DE APOSIADOS — Um vol. br., de 248 páginas	Cr\$ 10,00

LITERATURA INFANTIL

Jorge de Lima — VIDA DE S. FRANCISCO DE ASSIS PARA CRIANÇAS — Um vol. cart., formato 25x19, com 115 páginas	Cr\$ 12,00
Elza Almeida — DOIS GURIS — Cartonado, de LIVROS DIDÁTICOS — CIÊNCIAS	
Antônio J. Chediak — CARLOS DE LAET, O POLEMISTA (2.ª série) — Vol. br., de 415 páginas	Cr\$ 20,00
Charles W. Armstrong — A CONVERSACÃO INGLESA — 7.ª edição aumentada e melhorada	Cr\$ 10,00
Dr. Cleto Seabra Veloso — ALIMENTAÇÃO — 2.ª edição aumentada. Um vol. de formato 24x17, br., de 479 páginas	Cr\$ 35,00
Encadernado	Cr\$ 40,00

David Pena Aarão Reis — GEOGRAFIA DO BRASIL — (Para a 3.ª série ginásial) — Vol. cart., com 123 páginas	Cr\$ 12,00
David Pena Aarão Reis — GEOGRAFIA DO BRASIL — (Para a 4.ª série ginásial) — Vol. cart., de 153 páginas	Cr\$ 12,00
Carlos Henrique da Rocha Lima — ANOTAÇÕES A TEXTOS ERRADOS — Vol. br., de 126 páginas	Cr\$ 12,00
Cap. Moneyr Fayão Abreu Gomes — MANUAL DE INSTRUÇÃO PRÉ-MILITAR — Um vol. cartonado, de 160 páginas	Cr\$ 15,00
O PROGRAMA DO ENSINO SECUNDÁRIO E SUA LEI ORGÂNICA — (Reforma Gustavo Capanema) — 3.ª edição revista. Vol. br., de 80 páginas	Cr\$ 5,00
Prof. Santiago Ramon y Cajal — REGRAS E CONSELHOS SOBRE A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA (Os Tónicos da Vontade) — Vol. cartonado de 218 páginas	Cr\$ 18,00
Silvio B. Coelho — EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA — Um vol. de 262 páginas, formato 23x15	Cr\$ 18,00
Vittorio Bergo — CONSULTOR DE GRAMÁTICA E DE ESTILÍSTICA EM ORDEM ALFABÉTICA — Um vol. de 265 páginas	Cr\$ 20,00
VOCABULÁRIO ESPANHOL-PORTUGUÊS — Um vol. br. formato 13x8,5, 255 páginas	Cr\$ 8,00

P O E S I A

Attilio Milano — TODOS OS POEMAS — Um vol. br. formato 22x15, de 230 páginas	Cr\$ 15,00
Ex. em papel especial, br.	Cr\$ 30,00

COLEÇÃO GRANDES POETAS DO BRASIL

Fagundes Varela — OBRAS COMPLETAS em 3 vols. cartonados. Cada volume	Cr\$ 9,00
Casimiro de Abreu — OBRAS COMPLETAS — Um vol. cartonado de 215 páginas	Cr\$ 9,00
Renato Travassos — MEUS FILHOS — Um vol. brochura de 130 páginas	Cr\$ 5,00
POESIAS COMPLETAS DE CASTRO ALVES em dois vols., com prefácio de Agripino Grieco, preço de cada volume	Cr\$ 9,00

POLÍTICA — SOCIOLOGIA

Carlos Maul — AS FONTES BRASILEIRAS DO PANAMERICANISMO — Um volume brochura, 140 páginas	Cr\$ 10,00
Carlos Maul — HA UM HUMOR DE LUTA NAS CATACUMBAS... (Crônica da Atualidade Brasileira) — Um vol. formato 24x17, brochura, 195 páginas	Cr\$ 20,00
General Manoel Meira de Vasconcelos — BRASIL, POTÊNCIA MILITAR (2.ª edição) — Um vol. br. formato 22x15, de 190 páginas	Cr\$ 25,00

ÚLTIMAS NOVIDADES

Jayme de Barros — A POLÍTICA EXTERIOR DO BRASIL (1930-1942) — Um vol. br. com 311 páginas	Cr\$ 35,00
Antônio Simões dos Reis — PSEUDÔNIMOS BRASILEIROS — 1.ª série, 2.º volume br., com 64 páginas	Cr\$ 5,00
Attilio Milano — PANEGÍRICO DA MORTE — Um vol. br. com 139 páginas	Cr\$ 7,00
METODOLOGIA DO CURSO GINÁSIAL E PROGRAMAS DOS CURSOS CLÁSSICO e CIENTÍFICO — Um vol. br. com 53 páginas	Cr\$ 4,00
Alvares de Azevedo — POESIAS COMPLETAS — 2 vols. cartonados, com linda capa a cores, preço de cada volume	Cr\$ 9,00

Pedidos à Livraria Editora ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 CAIXA POSTAL 2956 — RIO

AOS CLIENTES DO INTERIOR: — Se não encontrarem, no seu livreiro, qualquer livro deste anúncio, peça pelo serviço de reembolso.

O que eu vi nas Vitricinas

O TILINTAR da campainha telefônica obrigou-me a fechar o livro que lia com tanto interesse e atenção. Depositei sobre a mesa "Minha terra e meu povo", o mais recente livro de Lin Yutang e corri a atender o telefone, que me irritava os ouvidos.

— Alô! É você mesmo quem fala? Bichão, tenho uma coisa importante para lhe dizer.

Piquei intrigado com estas primeiras palavras; não sabia absolutamente do que se tratava. Conhecía o dono da voz, um amigo boêmio e brincalhão, mas não o supunha capaz de revelação séria. Do outro lado da fio a voz continuou: — Bichão, é o seguinte: aquela loura bonita de ontem mandou convidá-lo para uma festinha hoje às 17 em ponto. Não vá faltar!

Fiquei perplexo. Havia conhecido no dia anterior uma criaturinha adorável, responsável pelo pesadelo que tive essa noite... Seus cabelos lembravam uma espiga de milho no mês de São João, os olhos grandes e inquietos. Era uma loura fenómeno... — Agradeça por mim esse convite, mas...

— Não tem mas nem nada! Vamos nos encontrar às 16 horas na Avenida bem em frente à "Capital".

Consultei o relógio: eram precisamente 14 e um quarto quando sai de casa. Estava indeciso. Preferiria não ir. Gosto de ter livre os sábados, e de eu próprio escolher as meus programar. Porém, ao em pensar em reter aquela criaturinha parecia-me que o cronômetro marchava a passos de tartaruga...

Quis preencher as horas que me restavam da melhor e mais útil maneira. Não sabia como. Por fim, caminhando distraidamente, vi-me de frente à "Livreria José Olympio". Olhar os livros expostos talvez seja um bom passa-tempo, pensei. E distrai.

Vitrinas repletas. Livros grandes e pequenos. Autores nacionais e estrangeiros, traduzidos ou em original. Notei bem os recentemente publicados, aos quais a crítica tem dedicado colunas e mais colunas de elogios. Aqui vão alguns deles: "O fim do mundo", de Upton Sinclair; "Destino da carne", de Samuel Butler; "Cda roubado", de Franz Werfel, autor da "Canção de Bernadette"; "As confissões de Moll Flanders", interessante trabalho de Daniel Defoe; "Memórias", de Maria, Grã-Duquesa da Rússia; "Na noite do passado", o último romance de James Hilton publicado em português; "Inglaterra", de Gilberto Freyre, tendo como prefaciador José Lins do Rego; "Jornal de crítica", 2ª série, de Alvaro Lins; "Os direitos do homem", de Jacques Maritain. Além de edições brasileiras, vi muitos pertencentes a editoras estrangeiras. "Espanha", de Salvador Madariaga; "Filosofia social del futuro", de Hans Lindemann. Livros em francês atraíram a atenção de qualquer observador. "Le mystère Frontenac" um dos grandes romances

de Mauriac; "Lettres de mon moulin", livro de Alphonse Daudet; "Pierre et Jean", de Maupassant; "Lettre aux anglais", de George Bernanos o grande romancista francês de "La Joie", "L'imposture" e "Sous le Soleil de Saïan" eram os volumes que se destacavam dentre os demais.

Já tendo visto muita coisa nesta livreria, atravessei a rua, indo parar em frente à "Briguet" que mantinha as vitricinas cheias de edições da EPASA. "Meu diário de guerra", de Somerset Maugham; "Ainda serás minha", de Charles Hoffman; "Chamaram-me Cassandra" 2ª edição, de Geneviève Tabouis; "Os russos não se rendem", de Alexander Poliakov, um dos muitos heróicos combatentes russos mortos nos campos de batalha, ocupavam quase a totalidade das vitricinas.

Mais adiante, na "Livros de Portugal Ltda." pude notar o interesse do editor em dar divulgação aos clássicos portugueses, só encontrados anteriormente nas páginas marcantes das antologias. "Obras completas", de Gonçalves Crespo; "Os Gatos", de Flávia de Almeida, com um excelente prefácio de José Lins do Rego; "As jarpas", de Eça e Ramalho, prefaciado por Gilberto Freyre, livros de real interesse para quem deseja conhecer a literatura lusitana. "História de Portugal", de João Ameal; "Eis a astrologia" de Demétrio Toledo também faziam parte dos livros expostos.

Entrei na Travessa do Ouvidor a procura da "Livreria velho Valverde". Livros de diversas editoras, principalmente paulistas confundiam-se com

edições da casa. "Ana Karenina", de Tolstói; "Minha terra e meu povo", de Lin Yutang, editados pelos "Irmãos Pongetti"; "Lutero", de Funck Brentano; "Diário de um escritor", de Dostoiévski; "A dama das camélias", de Alexandre Dumas Filho, livros estes pertencentes à "Editora Vecchi". Vi ainda "Timoshenko e Mac-Arthur", biografias dos dois maiores generais desta guerra, editado pela "Editorial Calvino Ltda".

Ao sair desta última livreria estava farto de livros. Tinha a cabeça cheia de títulos e autores. Porém, o tempo correu depressa e não foi gasto inutilmente. Pelo menos illustrei-me.

Chegando ao lugar do encontro já estava o amigo a proquejar por causa do meu atraso de dez minutos. Sem cumprimentar-me e sempre resmungando foi dizendo: — Que diabo! Ninguém pode contar com você para nada. Quando promete, não vem; quando vem, chega tarde...

Não tive meios de replicar. Estava desarmado e sem razão. Fachei a cara afim de parecer zangado, e caminhamos juntos para o ponto do ônibus.

Quinze minutos de interminável espera! E nada, nem sinal de condução. Por causa disso a "Light" levou uma decompostura dos diabos.

Por felicidade passou um taxi na ocasião. Entramos. Em cinco minutos chegamos ao nosso destino. A orquestra lá dentro arrancava os últimos acordes de um "fox" sentimental. Fui entrando, enquanto o meu amigo discutia acaloradamente com o chofer...

Trad. Fernando Tade de Souza. (16/23). 185 p. br. Cr\$ 18,00. (4/43).

Ed. Pan-Americana.

MEHRING (Walter). — Timoshenko, Marechal do Exército Vermelho. Com o texto completo da Nova Constituição da U. R. S. S. — CONSIDINE (Bob). — Mac. Arthur. Trad. Alvaro Rego. (14/19). 175 + 354 p. br. Cr\$ 25,00. (4/43). Calvino.

PFLEGER (Karl). — Chesterton, o aventureiro da ortodoxia. Trad. O. Durieux, O. F. M. Col. Presença, 7. (11/19). 46 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Stella Ed.

PFLEGER (Karl). — André Gide, o filho pródigo. Trad. O. Durieux, O. F. M. Col. Presença, 9. (11/19). 64 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Stella Ed.

PFLEGER (Karl). — Léon Bloy, o peregrino do absoluto. Trad. O. Durieux, O. F. M. Col. Presença, 8. (11/19). 73 p. br. Cr\$ 5,00. (4/43). Stella Ed.

REDIER (Antoine). — São Vicente de Paulo, o apóstolo da caridade. Trad. Anita Martins de Souza. (14/19). 249 p. br. Cr\$ 10,00. (4/43). Vecchi.

ROSALIA (Orestes). — História geral. 1ª série. (12/19). 270 p. li. cart. Cr\$ 13,00. (4/43). Livr. Alves.

SERRANO (Jonathas). — Epitome de

história universal. Prof. Eschagnolle Doria. (13/19). 432 p. li. cart. Cr\$ 14,00. (2ª ed. 4/43). Livr. Alves.

SILVA (Joaquim). — História do Brasil. 3.º ano ginasial. (14/20). 277 p. 2 mapas. li. cart. Cr\$ 12,00. (4.ª e 5.ª ed. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

SILVA (Joaquim). — História geral. 2.º ano ginasial. (14/20). 341 p. li. cart. Cr\$ 13,00. (5.ª ed. 4/43). Cia. Ed. Nacional.

SOARES (José Carlos de Macedo). — Santo Antônio de Lisboa, Militar no Brasil. Il. de Wasth Rodrigues e Percy Lau. (24/33). 184 p. br. Cr\$ 100,00. 1942-4/43). José Olympio.

SOUZA (Alcindo Muniz de). — Geografia geral. (1ª série ginasial). Col. Didáticas Nacional. Série ginasial. (14/19). 100 p. li. cart. Cr\$ 10,00. (2ª ed. 4/43). Ed. e Publ. Brasil.

VARZEA (Alfonso). — Geografia do século no Leste do Brasil. (17/24). 420 p. li. br. (4/43).

Gr. Rio Arte. Rio. YUTANG (Lin). — Minha terra e meu povo. (My Country and my People). Introdução de Pearl S. Buck. Trad. Carlos Domingues. (15/22). 387 p. 16 gravuras fora texto. br. Cr\$ 22,00. e...

PROGRAMA CASE'

O MAIS ANTIGO E ATRAENTE DO RÁDIO BRASILEIRO

APRESENTA AOS DOMINGOS

DEFENSORES DA LEI

RÁDIO-TEATRO POLICIAL

SOB A DIREÇÃO DE MANOEL BRAGA

— às 14,15 —

PERVERSIDADE

RÁDIO-NOVELA — SEMANAL

SOB A DIREÇÃO DE MANOEL BRAGA

— às 11,30 —

Grande Elenco Rádio Teatral:

Lidia Matos — Lucília Peres — Teixeira Pinto — Manoel Braga — Athayde Ribeiro — Jaírde Thaumaturgo — Sarah Nobre — Dina Vita — Urbano Lóes — Vilma Faria — Zani Filho

Acordeonista:

JORGE BRASS

Música lírica e mexicana:

ANGELO DE FREITAS

Música popular:

NELSON GONÇALVES

CARLOS ROBERTO

DARCY REZENDE

GRANDE ORQUESTRA DE SALÃO

dirigida por ALBERTO LAZOLI

Speaker's:

DILO GUARDIA

URBANO LÓES

Programa Casé — aos domingos, de 11 às 15 horas

Rádio Mayrink Veiga

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

MAIO DE 1943

ANO I — NUMERO 6

ASSEMBLEIA, 79-1.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Cr. \$ 0,50

Os Guerrilheiros de Erskine Caldwell

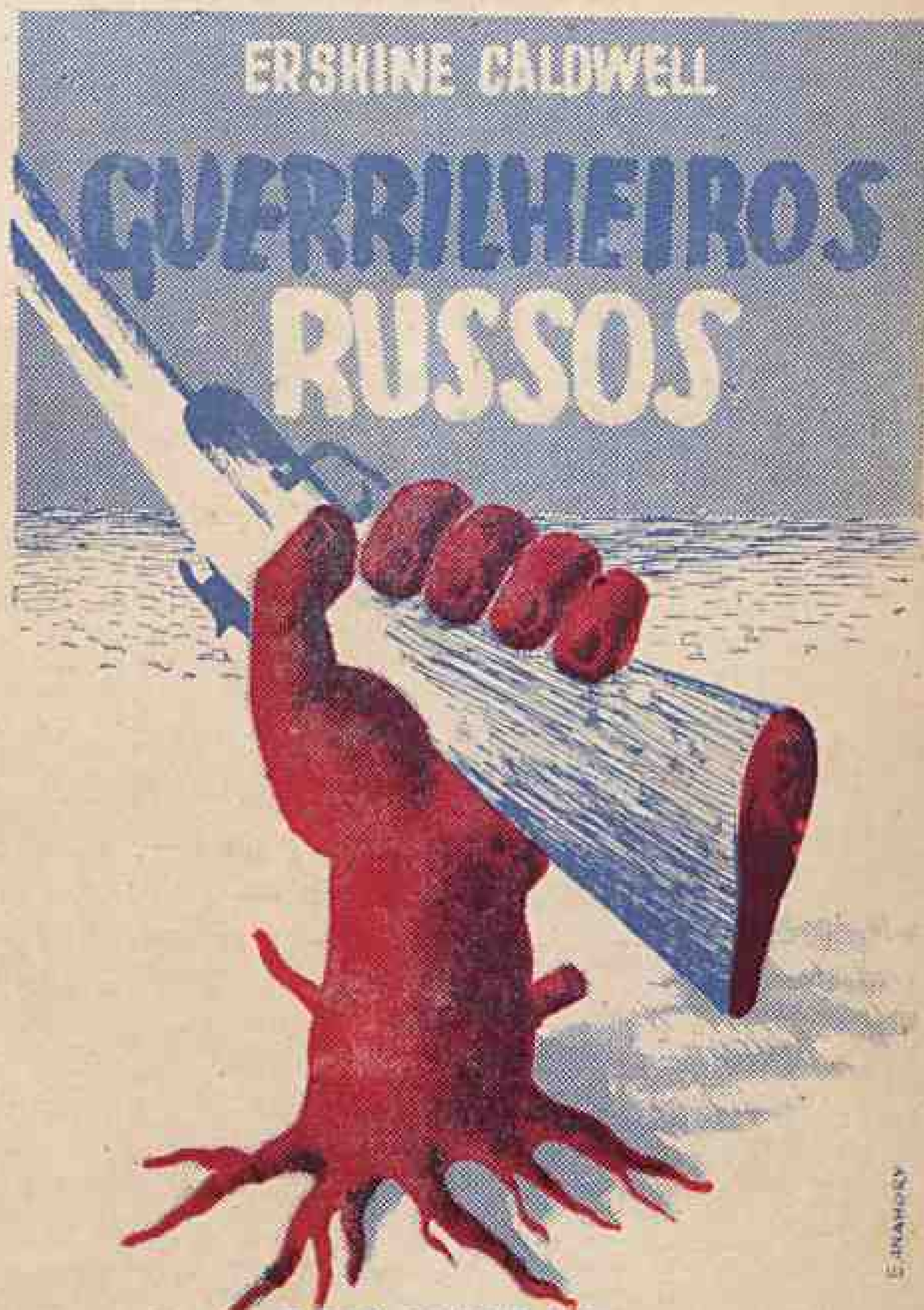
NASCIDO na Geórgia, Estados Unidos, em 1905, Erskine Caldwell pertence ao grande círculo de escritores norteamericanos cuja obra está em contração viva e palpitante com o ambiente em que vivem. É diretor do único jornal do mundo "P.M." ("Post-Meridian") que não publica anúncios de espécie alguma. Seus melhores livros, "Journeyman", que é a história de um místico à maneira do Jim Casey das "Vinhas da Ira", e "Tobacco's Road" ou "Caminho Aspero", como o conhecemos através do filme da Metro, se caracterizam por um humorismo doloroso e trágico. Caldwell lutou, sofreu, passou fome, e, finalmente, alcançou um imenso sucesso com os seus contos, romances, novelas. "Caminho Aspero" esteve mais de três anos num teatro da Broadway. Outro teria dormido sobre os louros e as mésas, mas Caldwell chegou até mesmo a abandonar a literatura propriamente dita para se dedicar à propaganda de caráter social, no Sul do país, em companhia da sua companheira, excelente fotógrafa. Veio a guerra, e ele foi um dos primeiros escritores americanos a deixar a boa vida e a dar um bom exemplo: partiu para a Rússia. Fez sensacionais reportagens. Romancista de grandes recursos técnicos, eis que superou o reporter comum na fixação de sentimentos do povo soviético, na descrição de batalhas, na caracterização de tipos e na composição literária da terra russa. Resultado: saíram-lhe quatro grandes livros que obtiveram nos Estados Unidos um triunfo digno desse grande país.

Aqui, em "Guerrilheiros Russos", se encontra a melhor prova de que o romance não tem limites, que bem pode ser um romance-poema, um romance-reportagem, e sem diminuí-lo nas ricas roupagens que os escritores burgueses lhe deram desde o século passado.

O leitor encontrará em "Guerrilheiros Russos" a história como-

vente, real e estimuladora de dois jovens camponeses, Sergio e Natacha: encontrará a reprodução coletiva do espírito guerreiro de Tchapaiev, aquele estupendo guerrilheiro dos princípios da Revolução Soviética; encontrará um sentimento de amor muito diferente desse amorzinho sentimental e lacrimoso que nós, miseros romancistas e homens caseiros, costumamos oferecer aos nossos con-

formados leitores; a descrição do achatamento de tanques nazistas feito pelos tanques russos de 50 toneladas; guerrilhas, batalhas, ambientes, e toda a estúpida e mórbida destruição que os animais da hitlerlândia levaram ao país natal de Natacha e Sergio. Enfim, é um livro que estimulará cada vez mais a união do nosso povo na luta contra o nazi-fascismo.



EDIÇÕES DOIS MUNDOS RIO DE JANEIRO

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Recomendação Inoportuna

O "CONGRESSO Pan-americano de Imprensa", que acaba de se realizar em Cuba, votou uma "recomendação" que consideramos contrária à causa da boa vizinhança, sobretudo agora quando se necessita, por imperativo da nossa sobrevivência como nações livres e soberanas, de maior unidade e colaboração inter-americanas.

Recomendar aos governos da América que restrinjam em seus territórios a circulação de revistas importadas e escritas no idioma nacional, para evitar competência desleal às publicações locais (os congressistas tiveram em vista o êxito invulgar de "Seleções") é confessar francamente nossa incapacidade de fazer revistas de real interesse para o povo. O argumento de que não podemos fazer uma revista tão bem apresentada e impressa em papel de ótima qualidade e vendê-la ao preço de Cr\$.. 2,00, não corresponde à realidade. Somos capazes de fazê-la, senhores congressistas! Uma publicação quando é superiormente orientada, isto é, quando deseja defender honestamente os interesses da empresa que a financia, a primeira coisa que faz é satisfazer amplamente aos seus leitores. Tal finalidade só é realizada quando se lhes oferece a melhor colaboração e informações interessantes ao preço mais acessível. A publicidade, que é a parte vital da empresa, está condicionada ao maior número de leitores. Sem estes, aquela é problemática, incapaz de garantir por meios lícitos a sua estabilidade.

O que evidentemente faz concorrência desleal às nossas publicações sérias, de grande tiragem facilmente demonstrada, não são as revistas estrangeiras; são as nacionais que não se vendem porque

não interessam aos leitores, e circulam exclusivamente entre os que lhes dão publicidade.

O êxito de uma revista — isto é primário — não reside simplesmente na sua feição material, por mais atraente que seja, mas nas seleções dos assuntos e dos colaboradores simpáticos aos leitores, porque contribuem para a elevação do seu nível cultural.

TIRAGEM: 15.000 EXEMPLARES

Educando
para a
Morte

Edição Popular

Editorial CALVINO Limitada



EDIÇÕES DOIS MUNDOS RIO DE JANEIRO

Erskine Caldwell foi como correspondente de guerra à Rússia: de lá voltou com os olhos cheios da terrível verdade da guerra e os bolsos atulhados de notas. De tudo isto nos deu três livros de crônicas que constituíram outros tantos sucessos. Mas o celebrado autor do "Tobacco Road" quis reconstruir a vida para além dos fatos e criou este romance — este extraordinário romance em que nos conta a luta de dois guerrilheiros russos, luta nas trevas contra o poder das trevas. Cenas duma violência terrível, mostram-nos as hordas hitlerianas torturando e fusilando, sem respeitar velhos, mulheres

e crianças. Mostram-nos, também, a implacável vontade dos guerrilheiros, vontade de vencer furiosa e inhumana dos que sabem que lutam contra um flagelo pior do que a peste e do que a loucura, servindo-se de todos os processos e recursos de combate, empregando todos os ardis e estratégias de guerra subterrânea.

Acompanhando toda a intensa ação do livro, a história de amor dum par de camponeses russos: Sérgio e Natacha. Esse par é eterno. Arrancado à sua vida laboriosa e feliz por um brusco avanço duma coluna alemã, Sérgio foge e consegue juntar-se às guerrilhas. Mais

tarde voltará a encontrar Natacha graças à dedicação do pequeno Vladimir, o inesquecível herói de doze anos que morre enforcado perante a multidão impotente e desesperada. Livro conciso, condensado e forte. "Guerrilheiros Russos" é um incitamento a todos para não fraquejarem na cruzada universal — não contra homens — mas contra os que, pelos seus crimes inexpríveis, se apartaram para sempre dos homens. Em todas as livrarias do Brasil. Primorosa tradução de Vera de Gusmão. Preço: Cr\$ 25,00. Pedidos à distribuidora: Livros de Portugal, Ltda. — Travessa do Ouvidor, 23, 1.º andar. — Rio.

Os dias * Os fatos * Os homens

A PRESENÇA DE CÂNDIDO PORTINARI

FAZIA muito tempo que o pintor Cândido Portinari não realizava uma exposição, mas o seu nome permanecia sempre muito lembrado e sempre discutido. O artista criara grande fama, era um nome quase sem fronteiras; seus quadros tornaram-se disputados e ele próprio estava sendo prestigiado até mesmo por aqueles que antes se apavoravam com a idéia de levar para casa uma daquelas figuras enormes e ameaçadoras. Mas, hoje, queira ou não queira, Portinari é um artista disputado por essas mesmas criaturas que leem meios para obter os quadros que outras pessoas gostariam de ter para apreciá-los permanentemente, com orgulho. É portanto um artista aceito, e já não lhe fazem as restrições estúpidas que antes lhe faziam constantemente. Apesar de algumas concessões, continua o mesmo Portinari que admiramos há tanto tempo: verdadeiramente criador e humano.

GRANDE OPORTUNIDADE PARA OS PINTORES BRASILEIROS

A COMISSÃO Nacional de Cooperação intelectual da Argentina acaba de convidar os artistas brasileiros para enviar os seus melhores trabalhos à Grande Exposição de Arte que se realizará em outubro próximo, na capital portenha, correndo as despesas de transporte por conta da referida Comissão.

É uma oportunidade com pouca, de verdadeira camaradagem panamericana, e que deve ser imediatamente aproveitada por nossos artistas. Além disso, há ainda a agradável esperança (certeza para muitos, está claro) de vender os respectivos quadros, logo após a Exposição. E na Argentina são bem pagos e bem valorizados os produtos da inteligência.

Obras pertencentes aos nossos museus também serão apresentadas nessa Exposição.

O convite da Comissão Nacional de Cooperação Intelectual, transmitido pelo ministro Osvaldo Aranha ao ministro Capanema, foi feito por intermédio da Embaixada Argentina.

CONFERÊNCIA DE ANIBAL MACHADO SOBRE LASAR SEGALL

A CONFERÊNCIA que o escritor Anibal Machado realizou no Museu Nacional de Belas Artes sobre a pintura de Lasar Segall foi um verdadeiro sucesso. O salão estava cheio,

ninguém se queixou da falta de cadeiras, e Anibal realizou uma ótima conferência.

Primeiro falou o representante da União Nacional dos Estudantes e, portanto, digno representante dos estudantes do Brasil. Maurício Queiroz leu um discurso de solidariedade ao pintor brasileiro, dizendo, mais ou menos, que as pessoas honestas e inteligentes do Brasil estavam a seu lado, compreendendo-o como devia ser compreendido, estimulando-o como merecia ser estimulado. Porque a sua pintura, se não é perfeita, é pelo menos uma pintura verdadeira, sentida e humana. Criticavam-no, não com o espírito justicheiro da crítica, mas com



o espírito baixo e mesquinho da delação deliberada, que é um dos alicerces de que se compõe a torpe mentalidade fascistizada.

De tal maneira atacaram a pintura de Segall, que a crítica autorizada e honesta se viu na contingência imediata e necessária de defendê-lo apenas, de apoiá-lo simplesmente contra os espíritos da opressão. Houve também — os mesquinhos — quem o elogiasse para diminuir o grande e sempre querido Portinari.

Anibal Machado situou a pintura de Lasar Segall onde precisa ser situada, e para isso, não fez mais do que analisá-la com inteligente compreensão.

ROMANCES BRASILEIROS EM LINGUAS ESTRANGEIRAS

DIA a dia aumenta o interesse dos leitores americanos para com a moderna literatura brasileira, sem dúvida alguma, no terreno da ficção, a mais importante da América Latina, a que se apresenta com romances verdadeiramente grandes em conteúdo, técnica, sentido social e humano.

E na Argentina, onde os leitores são mais numerosos e compreensíveis, é que mais se tem traduzido os nossos romances. Lá, um livro de Jorge Amado já alcançou a categoria de "best-seller".

Vários são os romances brasileiros traduzidos e triunfantes em língua castelhana. Nos Estados Unidos o interesse é cada vez mais evidente, efetivo e prático. Graciliano Ramos acaba de receber um pedido para a

publicação de "Angústia", que será traduzido pelo mesmo tradutor de "Caminhos Cruzados", de Erico Veríssimo. Esse livro do nosso grande romancista está sendo traduzido também por Eduardo Mallea para uma editora portenha.

A coleção de romances brasileiros que "Angústia" iniciará nessa importante editora de Buenos Aires, é dirigida pelo próprio Eduardo Mallea, e está com o firme propósito de editar romances de Raquel de Queiroz, Amando Fontes, José Americo de Almeida, José Lins do Rego, Lúcio Cardoso e outros.

José Lins do Rego viajará brevemente para a Argentina, a convite do "Colégio Libre de Estudios Superiores". Seus romances serão publicados em castelhano.

"Casa-Grande & Senzala", de Gilberto Freyre, editado em Buenos Aires, já se encontra em segunda edição. Como era de se esperar, "Os Sertões" (Los sertones) foi uma grande surpresa para os nossos vizinhos. "Canaan" já tem várias edições, e "A Viagem Maravilhosa" teve a sua primeira edição inteiramente esgotada.

A lista seria enorme, por isso ficamos aqui. Na verdade, queríamos apenas dizer que "Angústia" será publicado na Argentina e nos Estados Unidos.

ROMANCISTAS DO PRÊMIO NOBEL

O OBJETIVO dos prêmios literários é geralmente o de descobrir valores desconhecidos, ou de consagrar definitivamente valores reais. Entretanto nem sempre os prêmios alcançam esses fins.

O próprio Prêmio Nobel, cujas distinções são universalmente disputadas, e tem selecionado os maiores nomes da literatura mundial, como de todas as manifestações do saber, em mais de uma vez claudicou, premiando autores discutíveis. Deixou grandes escritores e grandes países no esquecimento, apenas por conveniências que, afinal, resultaram contraproducentes. Bunin, por exemplo, não é o maior escritor vivo da Rússia. Mas aqui está a lista de todos os escritores que obtiveram o cubículo prêmio, ficando assim satisfeitos a curiosidade dos leitores que nos escreveram pedindo a sua publicação.

Em 1901, Rully Prudhomme (francês); em 1902, Mommsen (alemão); em 1903, Bjornsen (norueguês); em 1904, Mistral (francês) e Echegaray (espanhol); em 1905, Sienkiewicz (polonês); em 1906, Carducci (italiano); em 1907, Kipling (inglês); em 1908, Eucken (alemão); em 1909, Selma Lagerlof (sueca); em 1910, Heyse (alemão); em 1911, Maeterlinck (bel-

15.000 EXEMPLARES

Como demonstração categórica do interesse popular que LEITURA vem despertando, registamos a tiragem assinalada à margem. A próxima normalização dos transportes para o norte do país, onde a nossa revista é apenas conhecida, e a maior regularidade na importação, do papel hão de permitir o aumento constante da tiragem de LEITURA até superar a cifra de 100.000 exs., que foi a do nosso cálculo inicial.

Os dias • Os fatos • Os homens • continuação

ga); em 1912, Hauptmann (alemão); em 1913, Tagore (indú); em 1914, o prêmio foi destinado a fundos de reserva; em 1915, o prêmio foi adiado para o ano seguinte; em 1916, Romain Rolland (francês) e Heiderstam (sueco) receberam cada um o prêmio completo; em 1917, foi dividido entre Ejellerup (dinamarquês) e Pontopiddam (dinamarquês); em 1918, destinado a fundos de reserva; em 1919, Spitteler (suíço); em 1920, Hamsun (norueguês); em 1921, Anatole France (francês); em 1922, Benavente (espanhol); em 1923, Yeats (inglês); em 1927, Grazia Deledda (italiana); mais uma vez para fundos de reserva; em 1926, Bernard Shaw (inglês); em 1927, Grazia Deledda (italiana); em 1928, Bergson (francês); em 1929, Thomas Mann (alemão); em 1930, Sinclair Lewis (norte-americano); em 1931, Axel Karlfeldt (sueco); em 1932, John Galsworthy (inglês); em 1933, Ivan Bunin (russo); em 1934, Pirandello (italiano); em 1935, para fundos de reserva; em 1936, Eugene O'Neill (norte-americano); em 1937, Roger Martin du Gard (francês); em 1938, Pearl S. Buck (norte-americano); em 1939, Emil Silanpaa (finlandês); em 1940, não foi adjudicado.

UM PRÊMIO ESPONTÂNEO

A ROMANCISTA Dinah Silveira de Queiroz obteve um prêmio espontâneo, nos Estados Unidos, com o conto "Pecado", sua primeira produção literária publicada no Correio Paulistano, em 1937, e incluída no livro "Sereia Verde", editado pela Livraria José Olympio.

Aconteceu assim: a revista "Mademoiselle" instituiu um concurso de contos latino-americanos, que seriam apresentados pelos próprios tradutores. A escritora Ellen Caldwell, do Comité de Relações Culturais da América Latina, traduziu e apresentou o conto da romancista brasileira, que venceu cento e cinquenta concorrentes.

É interessante notar, confessou a escritora, que a crítica brasileira, ao comentar o livro "Sereia Verde", quase não fez referências a esse conto...

Prêmio de cem dólares e, consequentemente, outras oportunidades, e convites para colaborações em diversas revistas newyorkinas, inclusive "Mademoiselle".

RUA RUERA, VISTA DE DOIS LADOS — Sobre as obras da Natureza ponho as do homem e sobre as do homem a vida mesmo, e com preferência a fonte da vida: a mulher. Mas concordo que me contradigo frequentemente. E então? Assim me sinto viver. Se não me contradissem e obedecesse à pura lógica, seria um fenômeno da natureza e não me sentiria viver. As obras do homem e mais ainda as da arte, são estimáveis na medida que as sentimos animadas dessa necessidade de contradição, que é a vida. Esta rua é formosa e tem vida, porque é contraditória. Deixe-me que a observe; não me vou sem pintá-la. A única nota antipática e discordante é aquela casa burguesa e afrancesada."

("Belarmino y Apolonio", de Ramón Pérez de Ayala. "Editorial Losada", Buenos Aires.)

♦ ♦ ♦

GUERRA DE COMÉDIA — "Era uma guerra de comédia. Todo mundo estava aborrecido dela. Rumores, histeria, boatos emanados do aborrecimento geral como os gases de um pântano. Nas ruas de Paris apareceram figuras estranhas e melancólicas; muitas iam disfarçadas de viúvas e a França quase não tinha tido baixas. Via-se um número exagerado de pessoas de luto. De repente a polícia francesa descobriu que essas viúvas, que esse pesar ostentoso não passavam de armas deliberadas na guerra de nervos dos nazistas. No final, receiosamente, a polícia deteve algumas, e descobriu que eram profissionais do luxo. Disse Edmond Taylor em "The Strategy of Terror": "tinham sido contratadas para viajar nos veículos públicos levando luto rigoroso e dando uma exibição exagerada de uma dor aparentemente incontrolada, com o propósito de deprimir a moral pública".

("Time")

AS REALIZAÇÕES DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

O INSTITUTO Nacional do Livro editou e vai editar uma quantidade respeitável de obras de grande merecimento, como já divulgamos no quinto número de LEITURA, nas "Próximas Edições". E seu programa tem sido cumprido com muita pontualidade e inteligência. Além disso, já distribuiu às bibliotecas por ele mesmo registradas uma quantidade de livros realmente digna de nota: 215.763.

É preciso salientar que esses livros foram distribuídos gratuitamente, de acordo com as necessidades de cada biblioteca.

O Instituto Nacional do Livro foi fundado em 1937, é dirigido pelo escritor Augusto Meier, e já registrou mais de 1825 bibliotecas espalhadas em todo o território nacional.

É DIFÍCIL COMEÇAR A VIVER

É DIGNA e merecedora de comentários elogiosos da nossa parte a notícia de que o Governo do Rio Grande do Sul resolveu instituir gratuidade para o ensino superior naquele Estado.

Felizes portanto os estudantes pobres do Rio Grande do Sul, e infelizes ainda os milhares de rapazes de outros Estados que continuarão a pagar taxas exorbitantes por um direito primário, que devia ser de todos.

A situação do estudante pobre no Rio, por exemplo, é verdadeiramente angustiosa. Vive sub-alimentado, mora em quartos úmidos, trabalha dia e noite, e ainda paga os seus próprios estudos. Resultado, na prática: não valeu a pena estudar. De qualquer maneira é difícil começar a viver, mas muito mais difícil ainda quando se tem a responsabilidade de um título. O estudante pobre não pode ser um simples estudante, fiel às suas aulas e aos seus livros. Trabalha para viver sem morrer, mas vive morrendo da mesma maneira: nas taxas, nas pensões — em tudo.

Por conseguinte, essa notícia que nos veio do Rio Grande do Sul merece ser divulgada para que outros Estados a repitam na prática, e logo.



TOLSTOI

JÁ SE ENCONTRA
EM TODAS AS
LIVRARIAS

ANA KARENINA

*O famoso romance do
imortal*

TOLSTOI

*numa edição primorosa
de*

IRMÃOS
PONGETTI

Preço do volume brochado Cr\$ 25,00
" " " enc. Cr\$ 32,00

Atende-se pelo serviço
de reembolso postal

Rua Sacadura Cabral, 240-A
Rio de Janeiro — Brasil

A Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

TEM A SATISFAÇÃO DE PARTICIPAR O LANÇAMENTO DO MONUMENTAL TRABALHO DE

SILVIO ROMERO

HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

em sua TERCEIRA e ÚNICA edição
COMPLETA

5 VOLUMES in-8

Com cerca de 2.000 páginas.

OBRA INDISPENSÁVEL
EM QUALQUER BIBLIOTECA, AINDA QUE
REUNA AS EDIÇÕES ANTERIORES, EM VIR-
TUDE DO PRECIOSO E ABUNDANTE
MATERIAL.

(PERTO DE 1.000 PÁGINAS)

ACRESCENTADO NESTA EDIÇÃO

Dirigiu e prefaciou a publicação definitiva desta obra
— que constitui a maior fonte da história literária de
nossa terra e que foi incluída na COLEÇÃO DO-
CUMENTOS BRASILEIROS — o Prof. Nelson Romero,
filho do mestre sergipano.

À venda na LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDI-
TORA, à rua do Ouvidor, 110, e em todas as
livrarias desta capital e dos Estados.

Preço da coleção completa — Br. Cr\$ 200,0

Enc. Cr\$ 250,00

Exemplares de luxo — Cr\$ 500,00.

A C A T E D R A L D O P E N S A M E N T O B R A S I L E I R O

Índice geral:

TOMO PRIMEIRO

Contribuições e estudos gerais para
o exato conhecimento da litera-
tura brasileira

Prefácio de Nelson Romero

Prólogos da 2.^a e da 1.^a edição.

1. Fatores da literatura brasileira.
2. Novas contribuições para o es-
tudo do folclore brasileiro.
3. O Brasil social e os elementos
que o plasmaram.
4. Conclusões gerais.
5. Da crítica e sua exata defini-
ção.

TOMO SEGUNDO

Formação e desenvolvimento auto-
nômico da literatura nacional

1. Primeira época ou período de
formação? (1500-1750).
2. Segunda época ou período de
desenvolvimento autônomo
(1750-1830).

TOMO TERCEIRO

Transição e romantismo

1. Transição.
2. Terceira época ou período de
transformação romântica —
Poesia (1830-1870).

TOMO QUARTO

Ainda o romantismo

1. Terceira época ou período de
transformação romântica —
Poesia (1830-1870) (Cont.).
2. Terceira época ou período de
transformação romântica —
Teatro e romance.

TOMO QUINTO

Diversas manifestações na prosa —
Reações anti-românticas na poesia

1. Terceira época ou período de
transformação romântica (pro-
sa) — Teatro e romance
(cont.).
2. Diversas manifestações na pro-
sa — História.
3. Diversas manifestações na pro-
sa — Publicistas e oradores.
4. Retrospecto literário.
5. Reações anti-românticas na
poesia — Evolução do lirismo.
6. Artigos esparsos — João Ri-
beiro — Lopes Trovão — Tito
Livio de Castro — José do Pa-
trocinio — O Barão do Rio-
Branco — Joaquim Nabuco —
Farias Brito — Nestor Victor
— Euclides da Cunha.
7. Quadro sintético da evolução
dos gêneros na literatura bra-
sileira.

Índice onomástico.

BRASILIDADE DE SÃO PAULO

RAUL DE GÓES

O LIVRO do sr. Celso Conde Leite, "Terra Bandeirante", é mais uma dobra da cortina que se ergue sobre São Paulo, desvendando a alma paulista ao resto do Brasil.

De todas as nossas comunidades estaduais, a menos compreendida ainda, na sua índole, tendências e sentimentos, e, sobretudo, na sua individualidade nacional é aquele grande povo milagrosamente dinâmico que avançou um século de progresso material sobre as demais unidades da Federação.

É preciso viver em São Paulo e conviver com os paulistas para penetrar-lhes a psicologia escura e profunda. É preciso conhecer a terra bandeirante, sentir-lhe o ambiente moral, estar em contacto com os paulistas no próprio meio paulista, para que o brasileiro de outros pontos do país alije do espírito a falsa e generalizada impressão de que São Paulo se fecha num orgulho arisco e calculado, numa espécie de separatismo moral dos seus irmãos nacionais.

Aquela frase desdenhosa e pedante no seu simbolismo depreciativo, tão espalhada durante a Velha República — a da locomotiva conduzindo vinte

vagões vazios — contribuirá de um certo modo, para tornar os outros brasileiros desconfiados dos paulistas a quem se atribua um frio e irônico desprezo pelos compatriotas de rincões menos prósperos, notadamente dos Estados do Norte.

É esta falsa impressão de São Paulo que o sr. Celso Conde Leite desfaz no seu excelente estudo. "Durante muitos anos — escreve o autor — criou-se na consciência nacional o falso preconceito de que São Paulo, movido por estreito espírito de regionalismo, não apreciava a colaboração econômica, política e social de filhos de outros Estados: nada mais falso, nada mais inconsistente, nada mais errôneo!" E passa, então, a enumerar os múltiplos exemplos da brasilidade paulista, da completa ausência de egoísmo regionalista, mostrando que a alma e o coração de São Paulo sempre estão abertos a todos os brasileiros.

Pela própria história política do grande Estado, prova o que afirma: "Dos 53 presidentes da antiga província, na fase monárquica, somente 13 foram paulistas e logo após a proclamação da República, foi um mineiro, Bernardino de Campos, o primeiro presidente constitucional de S. Paulo".

Seguem-se outros nomes de brasileiros de outros Estados, que governaram a importante unidade federativa, como o alagoano Manoel Joaquim de Albuquerque Lima e o fluminense Washington Luiz. Cita ainda o nome do baiano Manoel Pedro Villaboa, que tivera influência decisiva nos destinos do PRP, até o advento do Estado Nacional.

"Acredito, diz o sr. Celso Conde Leite, seja mesmo o Estado de São Paulo aquele onde mais se cultua, se homenageia e se reverencia a lembrança de filhos ilustres de outros rincões e de outras paragens". Que prova mais patente disto que as cidades paulistas de Alta Sorocabana que tem os nomes de Wenceslau Braz, Artur Bernardes e Epitácio Pessoa?

Para mais corroborar a sua afirmativa, acerca da brasilidade bandeirante, aponta os preitos de veneração de São Paulo a Rui Barbosa e a Euclides da Cunha e a vários outros brasileiros eminentes de outras circunscrições nacionais.

São precisamente os brasileiros não-paulistas, que bem conhecem e conheceram aquela gente, que não puderam conter o seu entusiasmo pelo Estado líder. O maranhense Viriato Corrêa, citado pelo autor, assim se expressou: "Tenho orgulho de ser brasileiro. É um dos maiores motivos desse orgulho é São Paulo ser brasileiro".

O baiano Anibal Amorim, no seu livro "Viagens pelo Brasil", diz o seguinte: "As vezes me convenço de que ele (São Paulo) é a síntese material e moral da civilização brasileira".

O paraense Edgar Proença chegou a dizer: "Conhecendo São Paulo, aumenta na gente a gloriosa vontade de ser brasileiro".

A estas panegíricos exaltados da grandeza e do nacionalismo de São Paulo, emitidos por brasileiros de outras unidades, podemos ajuntar o livro do mineiro Celso Conde Leite, que acabamos de ler, o qual representa uma franca homenagem de compreensão e, consequentemente, de admiração por aquele povo prodigioso que, mais do que outro qualquer da comunidade nacional, tem sobradas razões de ser brasileiro cem por cento.

Foram os Bandeirantes que descobriram e povoaram o interior do Brasil, rompendo, muitas vezes, com a sua bravura conquistadora, as lindas convencionais de Tordesilhas, com o objetivo de aumentar territorialmente o Brasil.

Como que para mais determinar e evidenciar, numa atitude simbólica da nossa história, o destino brasileiro de São Paulo, D. Pedro I, levantando o grito da Independência, às margens de um regato paulista, fez da terra bandeirante o berço da Pátria Livre.

Tem razão o sr. Celso Conde Leite, em glorificar São Paulo. São Paulo, além de ser historicamente uma síntese do Brasil, representa, nos nossos dias, uma grandiosa antecipação do futuro do Brasil.

TERRA BANDEIRANTE, de Celso Conde Leite — Algumas Impressões do Estado de São Paulo — Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais — São Paulo, 1943.

Leitura

Crítica e Informação

Bibliográfica

Direção de

DIOCLECIO D. DUARTE

RAUL DE GÓES

Secretaria de

MELO LIMA

Gerência de

RAFAEL BENAION

Redação e Administração:

Assembléia, 79, 1.º andar

Telefone: 22-8817

Rio de Janeiro, Brasil

Composta e impressa nas

oficinas d'A MANHÃ

Sucursal em São Paulo

Rua do Carmo, 138 - 1.º - Sala 9

Diretor: Paulo Zingg

Correspondentes e representantes em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . . Cr\$ 0,50

Número atrasado . . Cr\$ 1,00

Número avulso no in-

terior dos Estados Cr\$ 0,60

Assinatura anual . . Cr\$ 6,00

Assinatura semestral Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . . \$ 1,00

(Dólar americano)

DIVISÃO CRONOLÓGICA DA HISTÓRIA — "Em primeiro lugar, não concordamos com o seu método, que muitas vezes dá lugar, inevitavelmente, a algumas confusões.

... Acresce ainda que a teoria exposta pelo autor sobre a divisão cronológica da História, merece um exame mais acurado, porque se baseou numa análise insuficiente das diferentes épocas a que se refere. Não basta dizer que cada forma de sociedade — escravagista, feudal e capitalista — possui uma fase antiga, medieval e moderna. É ainda preciso mostrar claramente em que base econômica assenta cada um desses períodos. E, em particular, se verificarmos que a sociedade capitalista, logo que surge, adota certas idéias e teorias elaboradas na Antiguidade, é mister explicar as causas econômicas desse fenômeno.

Ao lado das analogias, é necessário ainda mostrar as diferenças profundas que existem entre certas teorias da Antiguidade e certas teorias modernas. Em nossa opinião, o autor não fez isso."

MARCEL OLLIVIER.

Uma Romancista Canadense

RACHEL DE QUEIROZ

Copyright de LEITURA

AS MITCHELL, as Vicki Baum e outras damas da grande bilheteria são responsáveis pelo desprestígio da chamada "literatura feminina", nos Estados Unidos. Salvo algumas exceções consagradas, — como o caso de Pearl Buck, por exemplo, — é sempre com desconfiança que o leitor abre um livro assinado por nome de mulher, publicado lá pela Norte Americana.

Essa senhora Mazo de La Roche, (que pouca gente no Brasil conhece, e que nos está sendo revelada pelo sr. Herman Lima), sendo americana do Norte, não é entretanto estadunidense: é do Canadá. E é o Canadá o cenário da sua série de romances — sete ao todo — que têm como personagens a família dos Whiteoaks, senhores da propriedade de Jalna, à margem de um dos grandes lagos.

Não estou apontando daqui ao público uma "revelação", propriamente; mas estou decididamente falando de uma romancista. Pois a sra. Mazo de La Roche, tenha embora cedido um pouco à atração do cartaz, e consentindo em certas complacências com a mania de "série" do grosso público americano, diz-nos nos seus romances coisas belas e, sinão inéditas, pouco ditas; desenha algumas figuras inesquecíveis, tem personalidade, tem originalidade, tem nervo.

As histórias dos sete romances giram em torno da família dos Whiteoaks, como já foi dito acima e essa raça vigorosa, cheia de apetite pela vida, rica de paixões, violenta, indolente, agressiva, tem a sua sêmula de defeitos e qualidades no personagem principal, Renny White-

oak, que é o "mocinho", e apresentando às vezes traços excelentes, não deixa de ser um tipo por demais estandardizado, e está longe de ser a primeira figura do bando. A grande criação da sra. Mazo de La Roche é indiscutivelmente a velha Adelaide Whiteoak, a avó, a rainha de Jalna. Nunca vi, em literatura, nada que, sem procurar atingir o grotesco da caricatura, se assemelhasse à amorável ferocidade daquela velha. A sua violência, aos seus apetites, aos seus caprichos, à sua linguagem. Engano-me: há uma figura mais perfeita, porque real, mais humana ainda, mais de carne e osso: é a dona Cândida Rosa da-quele admirável "Retrato de minha avó" do sr. Aurelio Buarque de Hollanda. Mas enquanto o nosso patricio aproveitou a extraordinária imagem da senhora sua avó apenas numas curtas páginas de conto, que deixam ao leitor um intenso desejo de intimidade com o personagem, de demora com o personagem, pedindo, exigindo, o romance de dona Cândida Rosa. — madame Mazo de La Roche não teve a preguiça ou o desinteresse do escritor alagoano e se estira por sete volumes contando as façanhas da terrível velha, que, com os seus dedos cheios de anéis, sua linguagem solta, seus traços excêntricos, seu papagaio e o seu dinheiro escondido, sua desabonada experiência de mais de um século de vida passada em três continentes, encha, até depois de morta, a longa série de romances, e — elemento de ligação entre os tipos soltos dos diversos Whiteoaks, — dá-lhes uma unidade e um vigor excepcionais.

Nenhum dos livros da série dos Whiteoaks, terá sutilezas de psicologia, requintes de laboratório analítico; é tudo feito em grandes traços, muitas vezes ingênuos, mas sempre coloridos e cheios de interesse. A paisagem daquela zona do Canadá, para nós tão ignorada quanto um antípoda, é retratada, — não posso dizer se com fidelidade, porque não tenho nenhum ponto de referência, — mas com grande aparência de realidade. E é curioso observar quanto a linguagem, como os costumes, como o ambiente daquela gente que vive a algumas horas de trem de New York, é tão primitiva quanto a dos nossos sertanejos do nordeste ou do centro.

Aliás o solar de Jalna (Jalna é palavra indiana, e teria sido transplantada para o Canadá pelo primeiro Whiteoak que lá chegou, antigo oficial do exército da Índia) tem muito parentesco com as nossas Casas Grandes da zona açucareira. O mesmo luxo de móveis antigos, os mesmos paredões de fortaleza, a velha louça da China, os soalhos de grandes táboas, os tectos com esteiras, o tom de grandeza e decadência, o desperdício, o ar ao mesmo tempo senhoril e rústico.

E' que a gente que vive pelos romances de Jalna é em muitos pontos semelhante à nossa gente do Brasil. Está num estágio de civilização muito parecido com o nosso. Os recursos econômicos, os seus problemas de produção e abastecimento, em muito se assemelham aos daqui, apesar da grande diferença de clima. Por aí se vê que é o homem e não a latitude que faz os lugares; e a famosa "indolência" que os "arianos" consideram como o estigma invencível dos mestiços de clima quente, é o pecado e o delito não só do Jeca Tatu, como daqueles brancos de puro sangue nórdico que criam cavalos de raça e raposas prateadas, sob os inclementes invernos dos Grandes Lagos.

Não gosto de me meter em comparações, mas parece que desde que inicie estas linhas não tenho feito outra coisa, começando por um paralelo entre a avó dos Whiteoaks e a avó do sr. Aurelio Buarque de Hollanda. Deixem-me pois confessar que os livros de Mazo de La Roche mais de uma vez me trouxeram a lembrança (e posso dizer a saudade, pois parece que não teremos mais da gente do "Santa Rosa" num livro inédito), de uma outra série de grandes romances, Mazo de La Roche, — caudalosa, doméstica, semi-feudal, lidando com bichos, com natureza rude, com gente primitiva, fez-me recordar muito a bela série chamada da "Casa de Assucar", do nosso grande José Lima do Rego.

JALNA, de Mazo de La Roche — Tradução de Herman Lima — Coleção Fogos Cruzados — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

Banco Aliança do Rio de Janeiro S/A

Fundado em 1906

Presidente

DIOCLECIO DANTAS BUARTE

Gerentes

CICERO ARANHA e ANTONIO CUPERTINO DE MIRANDA

Prédio próprio — Rua da Alfândega n.º 32

TAXAS

Conta Corrente Limitada	5%
Depósitos à ordem	4%
Depósitos a prazo fixo	
6 meses	6½%
1 ano	7%
Idem com aviso prévio	6%

Compre bonus de guerra e confie na vitória do Brasil

ACABARAM-SE OS VELEIROS...

GALEÃO COUTINHO

Copyright de LEITURA

EM 1918, entrava eu para a redação d'"A Tribuna", em Santos, jornal onde trabalhavam os poetas Afonso Schmidt e Paulo Gonçalves. Além destes, havia na redação alguns mourejadores do jornalismo, todos de nacionalidade portuguesa, destacando-se um estranho personagem — o piloto de navegação a vela, Costa Lopes, que se ocupava da reportagem policial. Era um sujeito enxuto de carnes, pele tostada do sol e dos ventos do mar alto. Falava pouco. Tornara-se notado, mesmo, pelo seu gênio taciturno, em meio de brasileiros e lusitanos de uma loquacidade torrencial. O "capitão" Costa Lopes, como o chamávamos, entrava a horas regulares, cumprimentava a todos com um leve aceno de cabeça e abanava-se para redigir as suas notas. Devo salientar que esse homem introduziu no noticiário policial a linguagem de náutica. Por exemplo, ao registrar que dois bêbedos se haviam esmurrado num botequim do cáis, falava-o mais ou menos nestes termos: "Ontem, quando o patacho português João da Silva, adernando de bombordo, por causa da carga mal estivada, se dirigia rumo ao Sul, no botequim do Falasca, abalróou com a escuna brasileira Valério de tal, que velejava com as bujarronas enfunadas por causa do Noroeste. Ambas as embarcações receberam avaria grossa, obrigando a polícia a tomar providências," etc.

De tal sorte esse noticiário se extremava pelo pitoresco, que o saudoso Valdomiro Silveira, escritor já então de méritos firmados, advogando em Santos, onde morreu não faz muito, desejou saber quem era o seu autor e felicitou o humilde reporter policial.

Com o correr dos tempos, travei a melhor camaradagem com o "capitão" Costa Lopes. Lamos, depois da tarefa do jornal, comer um bife no restaurante do Argentino, uma tasca da praça José Bonifácio, ou no Mareiro, que fica ao lado da Alfândega, junto ao cáis. O "capitão" Costa Lopes trabalhava no jornal, mas afirmando sempre que mais dia menos dia, haviam de vê-lo dentro de um brigue, largando por esses mares em fora. E falava de uma carta que recebera de Marselha, convidando-o a fazer parte da tripulação de um veleiro que não tardaria a deixar aquele porto, em demanda do Brasil. Questão de tempo, e mandaria ao diabo o ofício de reporter policial, para voltar à vida de lobo do mar.

Até que, um dia, apareceu uniformizado, sorridente, para nos mostrar, no cáis, a barca "Pernambuco". Lá estava o veleiro há tanto tempo esperado. O comandante era um personagem muito mais curioso, digno das novelas de Jack London e Conrad — o capitão Varela, meu vizinho paredes-mela à rua Agular de Andrada, negralhão atlético, do Cabo Verde, que até ali desempenhara as funções de prático da barra de Santos. Agora, tanto ele como o reporter policial d'"A Tribuna", iam realizar o sonho longamente acalentado, voltando às

lides do mar, depois de um aturado estágio em terra. Eram péssimos os prognósticos daquela viagem. O capitão Varela da mesma sorte que o piloto Costa Lopes, com dois dedos de aguardente no crânio, faziam tremer este mundo e o outro. Ótimas criaturas, no seu natural; dois demônios, quando abusavam um pouco do copo. Um fato, entre muitos. Costa Lopes, certa vez, um tanto "chumbado", entrou na delegacia de polícia, para colher notas, e um sargento lhe pediu fogo. Costa Lopes sacou do revólver e disse que era, no momento, o único fogo que levava; o sargento, também boa bisca, respondeu que "aquele mesmo servia". Ouve-se um estampido. Costa Lopes havia disparado a arma e a bala raspava pelos dentes do sargento. Quer dizer que o piloto, só por muita felicidade não estoura os miolos do homem. Quanto ao capitão Varela, nos botequins do cáis, costumava arrancar uma perna de mesa e, manejando-a à guisa de molinete, punha na rua todo o pessoal.

O caso é que a barca "Pernambuco" partiu, um belo dia, rumo ao Norte, de onde velejaria para Leixões, com um carregamento de café e açúcar. Mas arribou a Recife, com um motim a bordo. O capitão Varela tinha sido preso e amarrado ao mastro. Costa Lopes, que seguira, não como piloto, mas graduado no posto de imediato, foi quem dominou o capitão Otelo nome que dei ao espadado caboverdeano, pois recordava o ciumento estrangulador da Desdemona...

Assim findou a carreira dos dois lobos do mar.

Tais reminiscências me acudiram, bem vivas, ao concluir a leitura deste saboroso "Marins D'Hier", narrativa cheia de sugestões que Maurin Cosel escreveu e Atlântica Editora publicou, dedicada aos tripulantes do "Duc de Rohan" e a todos quantos se mantiveram fiéis à navegação a vela. O piloto Costa Lopes e o comandante Varela, tanto mais se ajustam ao espírito desta obra, quanto os fatos mencionados por Maurin Cosel teriam ocorrido mais ou menos na mesma época em que os conheci, isto é, há vinte e poucos anos passados.

Quem conviveu com os homens do mar, numa cidade intensamente marítima, naqueles dias de prosperidade que assinalaram o termo da guerra de 1914-1918, sabe como os tripulantes dos veleiros tinham o orguino do seu ofício, não querendo por coisa alguma fazer parte da equipagem dos vapores. Amavam as linhas estéticas dos seus barcos, dos representantes românticos que eram da navegação do século XVIII. O livro de Maurin Cosel é o canto do cisne de toda uma época que findou ontem mesmo. Livro de poesia, mas dessa poesia humana que melancolicamente transcende das coisas que submergiram no passado, sobrepujadas por esta tremenda civilização mecânica.

MARINS D'HIER, de Maurin Cosel — Atlântica Editora — Rio, 1943.

Retorno de Fagundes Varela

JAMIL ALMANSUR HADDAD

Copyright de LEITURA

DOS vários temas da poesia de Varela, o primeiro a merecer uma reflexão é o da natureza. Em nenhum poeta de nosso romantismo apresenta-se tão vivo o seu sentimento. Mais do que em qualquer outro, ela aparece aqui refratada através da sensibilidade do poeta, transfigurada ao contacto de seu espírito, superiormente interpretada. A natureza é muito mais bonita em Varela que em Gonçalves Dias, pois nesse ela surge por demais objetiva, por demais prosaica. Para o celebrado poeta de nosso indianismo, rio é rio, mata é mata, sol é sol, vento é vento. A natureza aparece nele sem mais apreciável subjectivização da realidade, sem o menor frêmito de alma e sangue a fazer estremecer os seus elementos. Falta-lhe em suma um sentido panteístico profundo, fora do qual o fenómeno natural dificilmente poderá ser fonte do poético inefável. Longe está desta frieza a poesia do cantor de "O Evangelho nas selvas". Nem lhe faltou sequer uma tocante simpatia por essa maravilha do panteísmo universal, o Rig-Veda, poema sobretudo de exaltação da natureza, cantando por

exemplo, a aurora que surge correndo num carro magnífico e vae abrindo o caminho para Surya, o Sol, o olho de Deus, imortal e jovem. Varela traduziu alguns dos seus cantos.

De resultados fecundos deveria ser o estudo do sentimento da natureza nos vários românticos brasileiros. Num Casimiro, por exemplo, assume significação que transcende a de qualquer outro. Nesse a natureza centraliza a poesia, dela é que dimanam todos os pensamentos e sugestões, nada existe que não seja em função dela. Já em Castro Alves pode-se notar o sentido brasileiro de que procura revestir-se, contrastando com o já aludido Casimiro que não satisfeito de fazer cousas como rimar mãe com também, dá-nos uma natureza híbrida, luso-brasileira, pois não obstante extasiar-se diante de juritis e mangueiras, nem por isso deixa de colher tulipas, adormecer à sombra de carvalhos, ouvindo arrulhos de calhandras e outras bonitezas da paisagem européia.

Voltando a Varela vemos que há em sua poesia amor e natureza, fé e solidão. Mas não é só isso. Muito

Os Ingleses e a França

EUGENIO GOMES

Copyright de LEITURA

A NOSTALGIA da França — a França como uma expressão de espiritualidade e doçura de vida — encontra na Inglaterra um culto que paira acima de qualquer dissensão política entre os dois povos.

Os exilados espirituais da terra de Villon desforram-se, lá, da separação imposta pela guerra reavivando incensantemente a chama votiva em honra do espírito francês.

Essa, a impressão que se colhe de algumas publicações editoriais, inglesas, que chegaram até cá ultimamente.

Mencionarei, em primeiro lugar, a excelente biografia de Amédée Pichot pelo professor L. A. Bisson, da Universidade de Oxford. Pichot, nome familiar às gerações brasileiras que se atiraram sofregamente às primeiras traduções francesas de Byron, é quase totalmente desconhecido em nosso tempo. Entretanto, graças a ele, não foram poucos os que, no Brasil, sem saberem nada de inglês, puderam travar conhecimento com o bardo de Parisina, Macaulay, Dickens e outros autores britânicos de primeira linha.

Mas não admira que Pichot seja aqui tão mal conhecido. Seu nome na própria França é apenas um eco remotíssimo, quase apagado. Isso mostra como é ingrata, e chôcha de compensações, a tarefa do tradutor. Pichot passou cerca de sessenta anos a traduzir e divulgar literatura inglesa, com um devotamento que lhe valeu o epíteto de anglomaniaco. Quantos não lhe deveram o acesso a obras que, de outro modo, continuariam a ignorar? Observe-se que a sua atuação está principalmente ligada à época de disseminação do romantismo inglês.

Foi ele o portador da antorcha romântica que, transplantada do "fog" britânico, parece haver adquirido maior intensidade em outros climas, como o nosso, onde logo ateou fogo em tantos corações. Com a obra do professor L. A. Bisson, embora tar-

diamente, Amédée Pichot teve enfim a recompensa póstuma a que fazia jus. Trata-se de uma biografia rica de conteúdo e simpatia, com a qual a Inglaterra prestou significativa homenagem a um dos mais antigos e abnegados divulgadores de sua opulenta literatura no mundo latino.

Outro comovido tributo à inteligência francesa é o livro de ensaios "Channel Packet" ("Navio do Ca-



CHARLES MORGAN

nal", de Raymond Mortimer. "Intitulei — esclarece ele no prefácio — porque essas duas palavras evocam essa coleção "Navio do Canal" porque, como os navios que faziam a travessia de Dover a Calais, as minhas leituras corriam diariamente entre a Inglaterra e a França; e, também, muitos das mais felizes horas de mi-

nha vida, passadas a bordo de um navio do Canal, a antecipação ao prazer de pisar ainda uma vez no solo da França". Apesar da feição aparentemente ligeira ou mesmo ligeira de alguns dos seus ensaios, Mortimer sabe marcar fundo a nota característica e as idéias de cada autor, sendo particularmente denunciadoras de singular "insight" as suas páginas consagradas a Balzac e Mallarmé. Mortimer que, segundo declara, conheceu de perto Virginia Woolf apresenta, entretanto, nesse livro, um pequeno estudo sobre a romancista de "The Waves" desprovido de qualquer observação original. Não obstante, é um ensaísta seguro e ágil, e o seu livro muito interessante.

Charles Morgan pôde expandir as suas simpatias pela França através de uma das personagens do seu último romance, "The Empty Room". Não resta dúvida que é Morgan quem fala pela boca de Richard Cannock, quando este defende a França das acusações de Flower. Mas o criador de Sparkenbroke não quis ficar somente nisto e escreveu um ode à França.

É um poema com pouco mais de cem linhas, mas extremamente concentrado e palpitante de fé na ressurreição da França rematado pela seguinte e admirável estrofe: "Tu és, ó França, a Sabedoria e, no plano do conhecimento, o sal de todas as delícias.

Quem morre por ti, morre pela perpétua redenção da humanidade; e, ninguém poderá viver em ti que não tenha morrido a morte dos santos e dos amantes e não se haja levantado, envolto em odio e santidade, para exmagar Satan sob os teus pés".

AMÉDÉE PICHOT — L. A. Bisson — Basil Blackwell — Oxford, 1942 — CHANNEL PACKET — Raymond Mortimer — The Hogarth Press — London, 1942 — ODE TO FRANCE, de Charles Morgan — MacMillan & Co. Ltd. — London, 1942.

mais sérios e ponderáveis do que estes momentos, há outros que nos revelam que não era em absoluto um poeta colocado numa torre de marfim, numa displicência completa diante do drama contemporâneo de seu país e do mundo. É possível rastrear por sua obra momentos reveladores de sua preocupação pelos problemas de seu povo e seu tempo. Há nele um pensamento político perfeitamente definido, muito embora pouco encarecido. Não quero nesta hora jubilosa do desmoroamento do Eixo na África, estar recordando a questão Christie, e a poesia que, verberando o atentado, jorrou da inspiração de Varela, inflamada e ansiosa, plena de acentos bélicos e de um entranhado amor à pátria "golpeada e insultada". Fora desse caso, o Romantismo tomou conta de seu espírito não só como romantismo literário propriamente como ainda como "romantismo político". Os ideais políticos caros ao Roman-

tismo, e que no fundo são a essência do regime liberal democrático, transparecem na poética vareliana que estremece de um imenso e generoso amor à liberdade, amor esse que gera poemas como os que dedicou a São Paulo, "terra da liberdade" (nessa mesma conta era tido por Castro Alves), à nossa emancipação política, ao México evocado na sua luta pela libertação, iluminada pela figura de Juárez. Não obstante uma ou outra manifestação de estima ao nosso segundo monarca, o republicanismo de Varela transluza de um poema ou de outra:

"Raça de flotas, que fizestes pois
Da fêrvida centelha que no seio
Vos pôs a divindade?
Porque reledes o passado escuro
Quando deveras derribar os tronos
Cantando a liberdade?"

Quanto à abolição, longe de ter tido a significação de Castro Alves nem

por isso se pode dizer que tivesse sido completamente infenso à sorte dos escravos. Comisera-se por seu destino e condena a crueldade torva dos senhores. Desse ponto de vista, seu poema "Mauro, o Escravo" é muito importante. Visivelmente decalcado no "I Yuca Pirama", tem apesar disso características diferenciais de relevo. I Yuca Pirama é o poema do índio. Mauro, é o poema do negro. O poema de G. Dias coroa de um halo de simpatia e beleza o índio. A mesma coisa faz Varela com a outra raça. Temos aqui que Varela apresenta em relação ao negro a mesma atitude de benévola simpatia que os indianistas assumiam em relação aos índios, o que pode sugerir que esteja em Varela um dos marcos iniciais de mais importância da poesia brasileira do negro.

VAGUNDES VARELA, Obras Completas — Edições Cultura — São Paulo, 1943.

Os Gordos e os Magros

ASCENDINO LEITE

Copyright de LEITURA

COM o seu recente livro de crônicas, editado pela Casa do Estudante do Brasil, veio o sr. José Lins do Rego demonstrar, pelo menos para alguns, que não é só o ficcionista com um lugar distinto na novelística nacional, posição um tanto incaracterística, quando se sabe que é incontável a relação dos nossos romancistas. "Gordos e Magros", — eis o livro, — acentua vivamente outras facetas da sua personalidade literária e termina por situá-lo entre os que, através do jornal tem concorrido para a divulgação dos temas nacionais e dos problemas humanos nesta agitada fase da vida contemporânea. Não nos esqueçamos que foi pelo jornal que o escritor paraibano ganhou o mundo das letras. Antes de ser o romancista feliz do ciclo da cana de açúcar, ele se havia constituído nestas três províncias do nordeste, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, um comentarista original e desembaraçado, fazendo um largo uso da liberdade de escrever e da curiosidade que era própria da sua geração, naquele tempo fundamentalmente compromissada nas coisas da arte e da literatura. Escrevia artigos e iniciava as suas tentativas de romance. Principalmente dedicou-se ao comentário das idéias e deu a público crônicas e ensaios tocados de espírito moço. Muitas vezes, tomando o partido da crítica, escolheu esse setor para dar evasão ao seu sentimento dos homens e do mundo. Mas raramente o espírito especulativo se libertou do idealismo poético, aliás poderosamente refletido nos seus romances. E' o produto da sua atividade como crítico, como ensaísta ou, em uma palavra, como simples articulista de jornal, o que se contém em "Gordos e Magros", juntamente com os êxitos do seu trabalho desenvolvido posteriormente na imprensa do país. Terá feito bem o sr. José Lins do Rego editando este livro? Não resta dúvida que sim. Reunindo as crônicas que escreveu, quase que sem interromper as suas tarefas de romancista, o autor de "Banguê" ressuscita páginas realmente curiosas, que não deviam ficar perdidas nesta grande vala comum do pensamento e das idéias que se diz a imprensa diária, onde todos os artigos ou passam sem leitura ou têm a efêmera notoriedade de algumas horas de circulação. No caso deste livro os assuntos são quase todos dig-

nos de revivescência, muitos deles estando bem latentes de atualidade.

Para sentir a oportunidade desta edição, necessária para completar a história literária do autor, é suficiente apenas que se atente para a expressão saudável e bastante liberta com que o sr. Lins do Rego trata os temas em que a presença da terra e do homem, as sugestões vivas e perenes do espírito brasileiro, se denotam continuamente. Trouxe também o sr. Lins do Rego um pouco de história, relativamente a alguns fatos da nossa evolução literária, de que participou há uns três lustros atrás, juntamente com outras figuras representativas da nossa cultura.

Suas atitudes daquele tempo, sincronizando com as ocorrências do pensamento nacional na sua ânsia de renovação, espelham uma época que interessará sempre as consciências pelo seu conteúdo forte de inquietação e humanidade. Melhor que em todos os trabalhos reunidos em "Gordos e Magros" exprime o sr. José Lins do Rego, no prefácio deste livro, o que aquilo significava realmente para si e para os seus outros companheiros da reação nacionalista que deu num episódio esplêndido e rumoroso, o modernismo. Esse prefácio tem a força de um depoimento, a comovente força de um juízo sincero sobre si mesmo e a sua geração, uma geração que ainda sobrevive nos seus poetas e romancistas, nos seus escritores e artistas, para os quais, repetindo uma conclusão do autor de "Gordos e Magros", a literatura e a arte são as únicas fontes essenciais da vida e da grandeza do homem. A beleza desse julgamento tem outra expressão igualmente primorosa nos artigos que o sr. José Lins do Rego escreveu sobre Jorge de Lima (1926-27), Manuel Bandeira (1936) e Gilberto Freyre (1941). Além desses temas sentimentais avulta em seus artigos a nota do seu apego à terra natal, às tradições do nordeste, ao engenho e ao carnaval: o regresso enfim ao provincianismo, através das sugestões e motivos da paisagem regional que estão sempre presentes no espírito e na obra do romancista.

GORDOS E MAGROS, de José Lins do Rego — Ensaísta, crônicas, artigos — Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1943.

AGONIA E VIDA — "No domingo, 30 de novembro deste ano da graça — ou de desgraça — de 1934, assisti aos ofícios divinos da Igreja grega ortodoxa de Santo Estevam, que está situada aqui próxima, na rua Georges Bizet, e ao ler sobre o grande busto pintado do Cristo que enche o tábano, aquela sentença em grego, que reza: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida", tornei a sentir-me numa ilha e pensei — sonhei verdadeiramente — se o caminho e a vida são a mesma coisa que a verdade, se não haverá contradição entre a verdade e a vida, se é a verdade que nos mata e a vida que nos mantém no engano. E isto fez-me pensar na agonia do cristianismo, na agonia do cristianismo em si mesmo e em cada um de nós. E dá-se acaso o cristianismo fora de cada um de nós? E aqui assenta a tragédia. Porque a verdade é alguma coisa coletiva, social, até civil; verdadeiro é aquilo em que convivemos e com que nos entendemos. E o cristianismo é alguma coisa individual e incomunicável. E eis porque agoniza em cada um de nós."

("Agonia do Cristianismo", de Unamuno. Trad. de Fidélino de Figueiredo. "Edições Cultura", São Paulo.)

MEIA HORA DE SILÊNCIO — O locutor: — Senhoras e senhores, esta meia hora de silêncio é uma gentileza da casa Alegria, fabricante das máquinas de escrever silenciosas.

AMERIC = EDIT

Já publicou:

PIERRE ET JEAN, roman
par G. de Maupas-
sant Cr.\$ 20,00

**MESSIEURS LES ROUNDS-
DE-CUIR**
roman par G. Cour-
teline de l'Académie
Goncourt Cr.\$ 20,00

THAÏS, roman
par Anatole Fran-
ce, de l'Académie
Française Cr.\$ 20,00

YVETTE, roman
par G. de Maupas-
sant Cr.\$ 20,00

SILBERMANN, roman
(Prix Femina)
par J. de Lacretelle Cr.\$ 18,00

**LA SYMPHONIE PAS-
TORALE**, roman
par André Gide .. Cr.\$ 20,00

Le NOEUD de VIPÈRES
roman
par François Mau-
riac Cr.\$ 18,00

SAPHO,
roman par Alphon-
se Daudet Cr.\$ 20,00

**HISTOIRE D'ANGLE-
TERRE**
par André Mau-
rois, de l'Académie
Française Cr.\$ 42,00

LA PORTE ETROITE,
roman par André
Gide Cr.\$ 20,00

HISTOIRE DE FRANCE,
par J. Bainville, de
l'Académie Fran-
çaise Cr.\$ 35,00

INTROÏBO,
roman par André
Billy Cr.\$ 18,00

CHOIX DE POÉSIES
par Paul Verlaine Cr.\$ 22,00

CYRANO DE BERGERAC
par Edmond Ros-
tand, de l'Académie
Française Cr.\$ 22,00

AMERIC = EDIT

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso

Um Romancista

Reportagem de Josué Montello sobre Jorge Amado

A HISTÓRIA do romancista Jorge Amado deve começar em 1933, ano da publicação de *Cacau*. Antes publicara ele *Carnaval*, que mostrara o escritor ainda indeciso. Depois vieram *Suor*, *Mar Morto*, *Jubiabá*, *Capitães da Areia* — reafirmando, com as qualidades e os defeitos, a personalidade de pintor de almas e criador de dramas revelada integralmente em *Cacau*.

Capitães da Areia foi o último contacto de Jorge Amado com o público de romances do Brasil. Depois desse livro, o escritor balano deu-nos um vigoroso estudo sobre Castro Alves, ao mesmo tempo explicativo e apologético do poeta dos escravos. Também publicou, em colaboração, pelas páginas do "Diretrizes", uma novela ligeira, depois reunida em volume pela Livraria Martins, de São Paulo. — *Brandão, entre o mar e o amor*. O título e os resumos iniciais deste livro revelam claramente que foi Jorge Amado o dono da idéia que se desdobrou depois com a colaboração de Graciliano Ramos, Aníbal Machado, José Lins do Rego e Raquel de Queiroz.

E esses foram os atos da presença de Jorge Amado nas livrarias do Brasil, depois da sua ruidosa passagem com aqueles romances que, discutidos temas do povo, trouxeram ao escritor balano um renome que se espalhou por todo o país e derramou-se pelas Américas e pela Europa. Esses romances estão traduzidos em várias linguas. E eu me recordo do triste olhar de inveja com que um romancista de minhas relações segurou, sobre um balcão da Livraria José Olímpio, a edição francesa de *Jubiabá*, lançada em Paris pelo mesmo editor de um André Gide e um Roger Martin Du Gard...

A publicação de *Capitães da Areia* data de 1937. Daí por diante, esquecendo-se aqueles capítulos rápidos de *Brandão, entre o mar e o amor*, não se falou mais, nos rodapés de crítica ou nos registos bibliográficos, em Jorge Amado romancista. O escritor andou por outros países, meteu-se em aventuras errantes ou não, afastou-se das rodas literárias do Rio. De vez em quando, um amigo surgia com uma notícia: "Jorge Amado está no México". Dias depois, outra notícia: "O Jorge Amado está em Buenos Aires". Depois, houve silêncio. A sua figura passou a ficar meio esquecida — por isso que, no Brasil, conforme já observou o ensaísta das "Aparências e Realidades", o escritor que publicou há oito dias o seu último trabalho, já está passando pelo risco de ser confundido com um autor do século passado... Onde andaria Jorge Amado? Que estaria fazendo o romancista? Que caminhos de ficção andaria a sua imaginação poderosa a percorrer com a inquietação que o caracteriza?

A resposta a essas perguntas veio subitamente com a notícia, divulgada há dois ou três meses, de que, no concurso de romances latino-americanos, um dos classificados havia sido *Terra do Sem Fim* — livro com que Jorge Amado, na plenitude de sua individualidade de romancista, traz mais uma vez à literatura brasileira a presença da velha Baía dos negros e das superstições.

Do silêncio sai Jorge Amado agora para uma vitória ruidosa e invejável. Em breve, através desse novo livro, o escritor estará outra vez identificado com o público que aplaudiu com entusiasmo veementes a aparição de suas obras de ficção. Esse público, constituído pelas massas populares, não é aquele grupo de elites, que foi a ambição de um Stendhal ou um Machado de Assis. Jorge Amado, ao fazer romances, pensa nos operários e nos trabalhadores, na pobre gente do povo que tem recalques e sofrimentos silenciosos e que devera os livros nos bancos dos bondes ou dos trens nos pequenos intervalos da dolorosa luta pela vida.

JUNHO DE 1945



Em literatura, como nos exercícios de tiro ao alvo, não se acerta, na maioria das vezes, no ponto que se tem em mira. A bala resvala ou foge do alvo, da mesma forma que o livro, escrito para um público determinado, recebe comumente as diferenças ou o descaso desse público. Só há um gênero na literatura que nos permite aquilatar com segurança de sua aceitação ou de sua repulsa por parte da multidão a que se destinou: o teatro. E os homens de teatro sabem que não se pode prever, de modo algum, o êxito ou o fracasso de qualquer peça, mesmo que ela esteja assinada por um Sacha Guitry ou um Henry Bernstein. Mas a arte dramática é uma reação do público, condicionada frequentemente a fatores ocasionais — ao passo que, no livro, essa reação é mais pura porque põe em equação apenas o comportamento de um indivíduo. Daí as dificuldades de se saber quando um livro realmente atinge os seus objetivos — alcançando a multidão que lhe presidiu, como alvo inicial — as idéias e a confecção. Talvez que nem mesmo a estatística resolva o problema. Porque um livro que sai de uma biblioteca ou de uma livraria — pode ter um, dez ou cem leitores, da mesma forma por que pode não ser lido nem mesmo pelo seu comprador, que o trouxe da livraria, ou pelo leitor curioso, que o solicitou à biblioteca de seu bairro. Só há um processo capaz de esclarecer satisfatoriamente o problema: o questionário, a indagação feita a grupos de indivíduos, as perguntas atiradas à multidão, para que esses indivíduos honestamente con-

LEITURA — 11

A MONTANHA MÁGICA

ROSARIO FUSCO

Copyright de LEITURA

"A MONTANHA Mágica" é uma rapsódia. É uma rapsódia não pode ser aceita ou recusada em bloco. Daí a situação do leitor ao fechar esse volume de cerca de 550 páginas compactas, com que se apresenta — em grande formato — a tradução brasileira do livro que passa por ser uma das obras primas da literatura europeia. Thomas Mann sabe, perfeitamente, o que caracteriza um livro com odor de eternidade; então, já no prefácio, com absoluta convicção, afirma que Hans Castorp é de todos os tempos. Seria o caso de se perguntar, nessa altura, se o homem permanece igual, através dos séculos, pelo exercício de suas paixões ou pela prática de suas idéias. Há pessoas que surpreendem as idéias pela vida, assim como outras vivem pelas idéias. Desses dois grupos, as mais humanas serão, com certeza, as pertencentes ao primeiro. Ninguém ignora que as idéias de cada um já aparecem comprometidas pelo afetivo. Por isso, temos sempre as idéias de nossos sentimentos e não os sentimentos de nossas idéias. Hans Castorp, refletindo toda uma filosofia da vida, que é mais do criador do que da criatura, não participa, portanto, desse ponto de vista universal e necessário. Seu carácter extra-temporal é uma aspiração visível do romancista Thomas Mann e nebroso das idéias do escritor Thomas Mann. Daí a sua natureza de coisa flutuante, oscilando no mar tenebroso das idéias do Escritor Tho-

mas Mann, de fato, reduz à letra mais as suas experiências intelectuais do que as existências. Tal coisa é típica do seu feitio, pois que obedece a uma constante de toda sua obra. E é por isso que ela acentua tanto a sua função dupla — de filósofo e de esteta — explicando-lhe as preferências num e noutro setor dessas atividades. Se recordamos, no momento, que o autor de A Montanha Mágica jamais pôde suportar Dostolevski, suponho esclarecer melhor o paradoxo Thomas Mann. Porque a verdade é que ninguém se parece mais com o escritor de A voz subterrânea — pela maneira comum de encarar o problema do tempo — do que o romancista de A morte em Veneza. Por esse aspecto, ambos se constituem contrários — e não apenas extremos — de um fenómeno criador igual, quando os dois, cada qual a seu modo, se municiam das imagens ancestrais que carregam. Poderão objetar que o mecanismo de toda criação romanesca procede assim; no caso porém, a diferen-

ça reside no fato de que um se serve das imagens e outro é servido por elas. Ordinov e Castorp são exemplos inequívocos dessa forma pela qual a hereditariedade espiritual se manifesta. Hans não "pensa", pelo menos no sentido em que um personagem de romance pode pensar. Ordinov, ao contrário, é um verdadeiro produtor de idéias, que ele tamisa pela redução dos fatos quotidianos. Hans será um Newton às avessas, que tivesse nascido com a única missão de aplicar o princípio da gravidade ao mundo. Ordinov procederá sempre a posteriori, até diante dos apêlos dramáticos do sexo. Hans pode ser Thomas Mann na proporção em que todo intérprete é um pouco o interpretado. Ordinov, podendo ser Dostolevski, não é "um" homem: é "o" homem. Castorp leva, no bolso, a carteira de identidade: se falar o vosso idioma, não se iluda com isso, exigilhe o documento contemporâneo de Lutero. Ordinov, por sua vez, parecendo um tehin, poderá, se quiser, adotar o pseudônimo de Isaias Caminha. No folk-lore nórdico o diabo toma todas as formas, menos a do teuto. Pois bem: se um grande romance, para sê-lo, precisa da colaboração do demônio (como diz André Gide), a meu ver essa é a falha constitucional mais evidente de A Montanha Mágica.

AURELIO SILVA

Advogado

Praça 15 de Novembro, 38-A,
1.º andar - Sala 11 e 12

Rio de Janeiro

A MONTANHA MÁGICA, de Thomas Mann — Tradução de Oto Silveira — Editora Pan-Americana (EPASA) — Rio, 1943.

fossem se tal livro de tal escritor é livro bom ou mal para o seu poladar de público...

Num grupo de estudantes lançamos a pergunta:

— Que tal Jorge Amado como romancista?

As respostas foram desencontradas:

— É político demais. Mas empolga. Principalmente em Mar Morto. Há páginas sobre o mar que só no Pierre Loti de "Pêcheurs d'Islande".

— Eu prefiro Jubiabá. É muito mais humano. Depois de Aluísio de Azevedo, de "O Cortiço", Jorge Amado é quem melhor tem descrito os movimentos do povo. José Lins do Rego só se compara a ele em alguns capítulos de "Moleque Ricardo".

Num "sebo", enquanto remexíamos pilhas de livros velhos, indagamos a um mulato de óculos e político surrado que estava a nosso lado:

— Gosta de romances?

— Às vezes.

— Gosta de Jorge Amador

Fez um gesto vago:

— Assim-assim.

E continuou a remexer nas pilhas de livros velhos.

Uma comerciária, no atropelo dos bondes das seis e um quarto, quando ninguém se entende e todos ambicionam um lugar nas conduções, me fez esta observação sagaz:

— Eu só não gosto mais de Jorge Amado porque ele não trata muito bem as personagens femininas de seus romances. A maioria delas acaba na rua da Amargura...

Esse inquérito, apressadamente feito, com uma meia dúzia de indagações orais a pequenos grupos de criaturas humildes, deu-nos, assim, a certeza de que Jorge Amado, escrevendo seus romances para o homem do povo, não está falando no deserto, como o santo dos Evangelhos. Na massa

das criaturas pobres ou sofrivelmente remediadas, Jorge Amado tem amigos dedicados, que lhe amam a obra de romancista e sabem aprender os rumos exatos de sua arte do movimentador de almas líricas e castigadas pelo infortúnio. Há um indicio de que os obras do escritor baiano, uma vez lidos, não são mais abandonados ou esquecidos: a absoluta ausência de seus romances nas livrarias de segunda mão, que é o abençoado local onde nos desfazemos das canastrões das letras pátrias em troca de alguns nomes eternos das letras universais. Somente por um acaso um livro de Jorge Amado chega aos livreiros do rua São José ou Regente Feijó. Seu público, que lhe adquiriu os volumes, conserva-os nos seus espólios de gente pobre — e deles não se desfaz porque nas páginas veementes ou líricas do criador da Jubiabá há sempre uma frase ou uma palavra que valem como os melhores companheiros nas horas boas ou más vividos neste mundo. Só isso vale como uma consagração. Provavelmente nenhum dos seus romances ainda não foi encadernado luxuosamente na casa Valele — mas ainda encopado em papel de seda ou mesmo numa folha vulgar que lhe esconde a capa para que a luz não desmanche o colorido dos desenhos de Santa Rosa. E isso vale mais, no balanço dos sentimentos humanos, do que as encadernações em pergaminho, trabalhadas com ouro de preço nas doações especiais das bibliotecas de nababos. O estudante, que vive das revisões dos matutinos, ou o comerciário, que não estuda mais porque o trabalho ao balcão lhe rouba as horas de leitura, são leitores fiéis ao romancista Jorge Amado. O autor de Mar Morto é uma criatura identificada com os humildes e os pequenos — e nisto repousa a sua glória, que é construída no propósito de revolver a consciência humana e iluminá-la com os líricos clarões de uma fé permanente na melhoria social dos homens sobre a terra.

*Um romance onde tudo é vida,
só vida!*

Um livro de palpitante realidade, de
leitura suave e interessante. Uma histó-
ria para tôdas as mulheres do mundo!



Éramos SEIS!

pela Sra. **Leandro Dupré**

2.^a EDIÇÃO — com originalíssimo
prefácio de MONTEIRO LOBATO

• A Sra. Leandro Dupré estreou há pouco mais de um ano com "O ROMANCE DE TERESA BERNARD", um livro que a gente lê de um fôlego, não só pela clareza e espontaneidade do estilo da autora, como pelo movimento e colorido do seu entrecho.

Teresa Bernard, sempre humana e feminina, ri, chora e vive nas páginas desse livro, como a maioria das mulheres riem, choram e vivem na vida real.

Volume com 400
páginas, em bro-
chura. 2.^a ed., Cr\$ 20,00

ÉRAMOS SEIS é um livro que comove e entusiasma. Um livro que se lê com sofreguidão, da primeira à última página.

...é um desses dramas raros e surdos que se desenrolam entre quatro paredes humildes. Seis figuras humanas transitam pelo romance, vivem as suas obscuras tragédias sem desespero e se perdem sem rumor.

...narrativa simples e movimentada, às vezes salpicada de ironia, ou de doce perversidade, a formar este romance esplêndido, que constitui prazer e repouso para o espírito.

— "ÉRAMOS SEIS" é o livro brasileiro mais discutido pela crítica nestes últimos tempos!

Volume em brochura, Cr\$ 16,00
EM TÔDAS AS LIVRARIAS



Edição da **COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

Peça pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL da Livraria Civilização Brasileira
RUA DO OUVIDOR, 94 - RIO DE JANEIRO

RUA 15 DE NOVEMBRO, 144 - S. PAULO

Poesia e Música em Verlaine

VINICIUS DE MORAIS

Copyright de LEITURA

VERLAINE criou uma poesia que é só dele, uma poesia de um inspiração a um tempo síngela e sutil, toda em meias tintas, evocadora das mais delicadas vibrações nervosas, dos mais fugitivos ecos do coração; uma poesia natural, no entanto, jorrada de fonte, às vezes mesmo quase popular; uma poesia onde os ritmos, livres e partidos, guardam uma harmonia deliciosa, onde as estrofes volteiam e cantam como um brinquedo infantil de roda, onde os versos, que se conservam versos — e entre os mais raros, — já têm de música. E nessa poesia inimitável, ele nos disse todos os seus ardores, todos os seus erros, todos os seus remorsos, todas as suas ternuras, todos os seus sonhos, e nos mostrou sua alma tão perturbada mas tão ingênua. E' como essas palavras que François Coppé define, em seu prefácio a Verlaine, a poesia deste que foi o mais sôrdido de todos os poetas, e com ser o mais sôrdido, o mais santos. Curiosa, essa página simples e humilde num académico precioso como Coppé, e que mostra bem a boa qualidade da influência de Verlaine em quem quer que o leia e trate com amor a sua poesia. Porque nenhum poeta exerceu influência mais profundamente sedativa e benéfica nos seus contemporâneos e pósteros, e até certo ponto inconsciente, pois o repúdio a Verlaine é uma doença inelutável em quem o ama.

Em geral a leitura de sua poesia é feita ao mesmo tempo que a de seus grandes pares como Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé, e o que geralmente acontece é se acabar com uma certa náusea pela aparente humildade, é falta de virilidade de seus temas. Verlaine sofre do mesmo mal que Chopin, a quem invencivelmente o ligo, tanto pelo sentido melódico da frase como pelo drama da paixão, comum aos dois. Chopin exerceu uma influência sem medida na música que se seguiu a ele, e nesse sentido, poucos músicos serão tão modernos. Essa náusea, vezo de prodigalidade, só mais tarde se vem a perceber como é cruel, tanto em relação ao poeta como ao músico, quando se chega a sentir que gigantes foram em sua passividade: quando vemos filtrar-se na natureza genial de Rimbaud, esse anjo de egoísmo, a mais sublime luz verlainiana, após o primeiro instante de maravilhamento; quando sentimos apontar a todo instante na linha herméctica de Debussy ou no impressionismo dos músicos espanhóis o melhor da invenção de Chopin. A importância dessa influência precisa ser frisada, pois poucos a sentem em sua real extensão, enganados pelos maus intérpretes e maus críticos, os Brilovaks de ambos.

E' um engano pensar que há falta de dignidade na poesia de Verlaine como na música de Chopin. Nada mais puro que os "Prelúdios" e nada mais digno que as "Mazurcas" nas mãos de um Cortot, por exemplo. Nem o "pobre Verlaine" das inóbeis

explorações críticas do caso Rimbaud é o macho do verso de "Parallèlement". Hoje em dia poucas coisas me irritam tanto como esse ar falsamente piedoso com que se diz bem de Verlaine pensando melhor ainda de Rimbaud, que no escândalo a que se liga seus nomes, leva sempre a melhor. Esse escândalo em si, seria uma coisa bem pouco importante, não fossem os acontecimentos literários que o situam na vida dos dois poetas. Vale o que vale, em termos é claro, o caso George Sand na vida de Chopin. Puro tema para as procasinações usuais dos literatos sem arte.

Há uma grande perfeição em Verlaine, e eu creio que uma releitura cuidadosa do poeta seria em extremo saudável a todos os nossos jovens estreatantes, estejam de que lado estiver, do de Mallarmé ou do de Baudelaire; do de Shelley ou do de Coleridge; do da poesia dos instantes ou do da poesia das palavras; mas sobretudo para os que, emaranhados de estrelas, flutuam na estrosfera da poesia. Veria que Verlaine está em Rimbaud, em Mallarmé e em Manuel Bandeira. Aprenderiam o que há de anti-barroco, de anti-metafórico na poesia deste amoroso irremediável. Conheceriam sobretudo o que há de irônico, de ácido e por vezes de selvagem na sua ternura. Imagens, colorações e mesmo rimas do "Bateau Ivre" seriam captadas ao sabor da leitura: poder inconsciente da música do verso verlainiano. Cito de cor, em Rimbaud:

"Et comme je descendais les fleuves
[impassible]
Je ne me sentis plus guidé par
[hele]
Des peaux-rouges criards les avalant
[pris pour cible]

No poema "Çavitri", de Verlaine, temos:

Ou que l'Envie aux traits amers nous
[ait pour cibles]
Ainsi que Çavitri faisons-nous im-
[passibles]

Essa coisa para mim não tem a menor importância. Nada mais prodigo que essa influência da música de um poeta na de outro, que por sua vez dará da sua própria, adiante. Eu pessoalmente acho Rimbaud um poeta bem maior que Verlaine, porquanto aquele possa ser uma criatura por vezes odiosa. Mas é preciso saber situar Verlaine num plano apertado na poesia moderna. E' um puro auditivo, um extraordinário captador de harmonias. Suas canções uma vez ouvidas, não se esquecem mais. E sempre dão filho.

A escolha de poemas que a Americ-Edit publicou em sua coleção, uma excelente escolha, vem, em boa hora, dar a todos, e especialmente aos nossos poetas, uma grande oportunidade para cada um por em dia o seu próprio Verlaine.

CHOIX DE POÉSIES, de Paul Verlaine
— Prefácio de François Coppé —
Americ-Edit. — Rio, 1943.



Max Werner escreveu um livro para a estante de guerra. A história da segunda conflagração mundial terá de se fazer baseada em obras do valor de A BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO, que não

pode ser confundido com a série enorme de trabalhos opressados que se publicam, em toda parte, sobre a grande catástrofe.

Max Werner traça a filosofia da guerra moderna, através de uma análise profunda dos fatos que precederam a dominação territorial da Europa Ocidental.

Um dos capítulos mais sugestivos de A BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO é o que estuda a política externa russa, principalmente o pacto de não agressão com a Alemanha.

EDITORA OCEANO

Rua Bráulio Gomes, 25
5.º andar - SÃO PAULO

ACEITAM-SE PEDIDOS PELO
SISTEMA DE REEMBOLSO
POSTAL

Auto * Retrato

Carlos Drummond visto por Carlos Drummond

DIZ o espelho:

— O sr. Carlos Drummond de Andrade é um razoável prosador, que se julga bom poeta, no que se ilude. Como prosador, assinou algumas crônicas e alguns contos que revelam certo conhecimento das formas graciosas de expressão, certo *homour* e malícia. Como poeta, falta-lhe tudo isso e sobram-lhe os seguintes defeitos: é estroplado, anti-eufônico, desconcertado, arbitrário, grotesco e tatibitante. O maior dos nossos críticos passados, presentes e futuros, o sr. Pontes, que tirou do próprio nome essa consistência de cimento armado, característica do seu estilo, incumbiu-se de lembrar-lhe todos os dias que ele não é poeta; que poeta, só B. Lopes e Theodore de Banville. Mas o sr. Drummond teima em não escutar a lição desse douto espírito, e a todo momento nos oferece mesquinhas produções poéticas, de que resultam cólicas e explosões nas pessoas de bom gosto, o sr. Pontes inclusive.

O sr. Drummond de Andrade passa por ser o autor de um poema (?) ou que melhor nome tenha, a que deu o título, "No meio do caminho". Essa produção corre mundo e é considerada ora obra de gênio ora monumento de estupidez. Na realidade, não é nenhuma dessas coisas, nem pertence ao estro do sr. Drummond. Com efeito, quem se der ao trabalho de examinar-lhe o texto verificará que se trata tão somente da repetição, oito vezes seguidas, dos substantivos "meio", "caminho" e "pedra", ligados por preposições, artigos e um verbo. Não há nisto poema algum, bom ou mau. Há apenas alguns vocábulos, que podem ser encontrados facilmente no "Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa", revisto pelo sr. Aurélio Buarque de Holanda.

Esse pequeno fato literário fez despertar em alguns julgadores a suspeita de que se trata de um mistificador. Tem-se por vezes a impressão de que o sr. Drummond se diverte com o escândalo produzido por seus escritos, escândalo de que emergem as seguintes opiniões a seu respeito: "É um burro". "É um louco". "É superior a Castro Alves e igual a Baudelaire".

Alguns traços pessoais do referido escritor contribuem para aumentar essa dúvida. O sr. Drummond de Andrade é um indivíduo oculto, como certos sujeitos da oração, ausente mesmo, usa no trato social palavras poucas e frias. Não é visto no Amarelhinho nem na livreria José Olímpio. Uns acham-no tímido, outros convencido. Quando está caceteado na presença de outro escritor, costuma acariciar a orelha com a ponta dos dedos, à procura de um fio de cabelo, que arranca discretamente. Em geral não ri. Apenas uma vez foi visto a esboçar um leve sorriso, devido a uma pilhéria oral e mímica do sr. Marques Rebelo. Dizem que o romancista da



Carlos Drummond de Andrade

"Estrela sobe" considera esse fato como um dos seus maiores triunfos.

No conjunto das exterioridades significativas do seu temperamento, há a assinalar que o sr. Drummond mais uma vez se contradiz, passando de escritor a homem prático. Se aquele é abstruso e não raro exotérico, este é funcionário em comissão, muito metódico e fiel aos preceitos burocráticos, que põe acima dos estéticos e dos políticos. Talvez ambicione com isso aproximar-se do inimitável diretor de secretaria que foi Machado de Assis.

O HERÓI ESQUECIDO — Trecho final do romance de Sillanpää, "Santa Mírelä", já traduzido para o português. O herói desse grande romance é um camponês comum, um desgraçado que recebe vários nomes como se fosse um cachorro: João Abraão Benjaminpeika, Nikkila, Jussi ou Juhá, ou Janne Toivola, ou ainda Tuorila. Franz Emil Sillanpää é finlandês e tirou o Prêmio Nobel em 1939.

"Aconteceu que o nosso repugnante e velho Jussi ficou para o fim. Tem ainda consciência bastante para se aperceber disso e elaborar uma idéia. Continua convencido de que acaba de comungar, e murmura incessantemente: "Deus, recebe a minha alma..." Hesita um momento em tirar as calças porque tem as cuecas todas rotas — este pobre ingênuo nem sequer pensou em ir buscar umas novas ao armazém da guarda vermelha — e, além disso, por virtude das circunstâncias, um pouco... Não obstante, desaperta o velho cinto e tira as calças. — "Deus, salva a minha alma! Deus, recebe a minha alma!"

No fundo do fosso, onde Juhá desce, enfim, com as meias esburacadas, há já um charco de sangue. Uma deliciosa lassidão o impela a deitar-se no monte formado pelos corpos. As bordas do fosso recortam-se na temerosa abóbada do céu. Um tremor de frio destrói o encanto da fadiga. Um punho crispado comprime-se-lhe contra a nuca.

Esqueceu por um instante o que o espera; mas logo o sacode a voz imperiosa do oficial que lhe manda pôr-se de pé. Em qualquer situação crítica, o homem obedecer sempre instintivamente as ordens que rece: Juhá ergueu-se pensativamente, segurando as cuecas rotas. E assim entrou Juhá Toivola, sem nenhuma "última vontade", na imensa solidariedade da morte."

Como servidor público, pode ser visto em seu gabinete à rua Alvaro Alvim, atendendo simultaneamente a três telefones, recebendo vinte pessoas e lavrando vertiginosamente despachos de "arquite-se", "cumpra-se" e "não há verba". Alguns prejudicados por esse último gênero de despacho insinuam que toda a sua atividade é fictícia, e que os negócios públicos caminhariam da mesma maneira ou melhor se ele, em vez de trabalhar, fosse a uma sessão de cinema. Outro ponto a esclarecer.

Não há muita coisa interessante na vida do sr. Carlos Drummond de Andrade, embora ele pense o contrário. Tem explorado largamente o fato de haver nascido em Itabira, cidade mineira do ferro, como se isto constituísse uma singularidade. Também já publicou que foi expulso pelos jesuítas de Friburgo e que não é bacharel em direito nem médico nem engenheiro; é gente, apenas. Dir-se-ia alimentar, entre outros preconceitos, o anti-clerical e o anti-universitário, o que já deixou de ser uma originalidade.

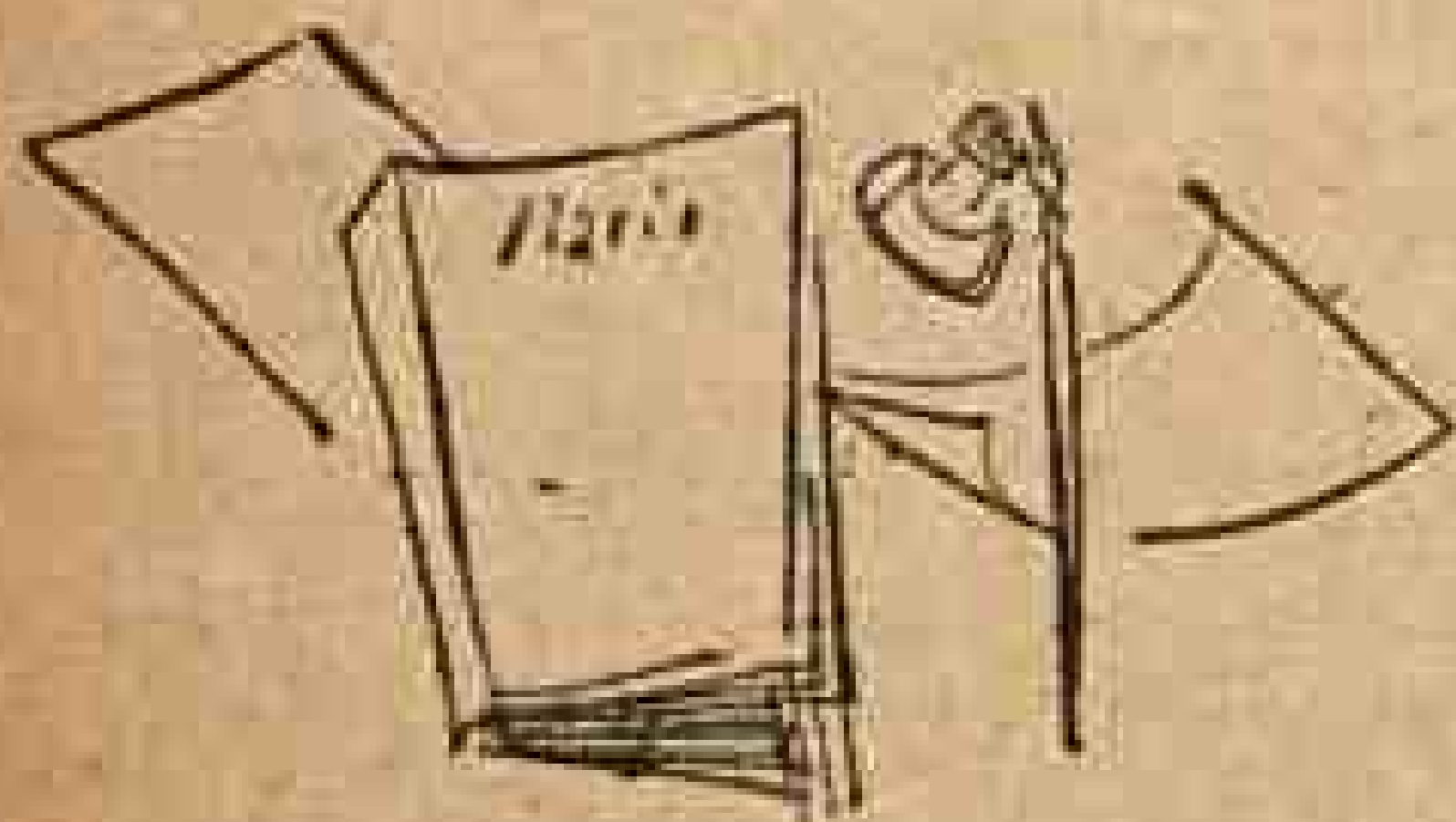
Quanto aos seus críticos, dão extrema importância ao fato de ser ele um homem magro, no físico e na poesia, ao contrário (segundo os mesmos críticos), do sr. Augusto Frederico Schmidt, considerado gordo por dentro, isto é, literariamente, e por fora. E talvez uma nova teoria de crítica literária, que se ensaia no Brasil: a da balança de armazém, para pesar banhas, ossos e letras. Se amanhã, com a velhice que chega, o sr. Drummond engordar e o sr. Schmidt emagrecer, terá de ser revista a classificação de ambos.

Por último, e do ponto de vista dos meridianos literários, que o sr. Viana Moog pôs novamente em moda, o sr. Drummond é um escritor do centro-sul, mas pouco fiel ao seu clan, pois vive de namoro com os escritores do norte. Será um mascarado? E, pelo menos, um sujeito exqueto.

"Enquanto não surge o dia"...

ROLMES BARBOSA

Copyright de LEITURA



EIS, enfim, a novela de Paris ocupada que todos os leitores estavam aguardando. Observem que digo "novela de Paris" e não "novela sobre Paris". Este "Enquanto não surge o dia" de Louis Bromfield, com que a Livraria Martins Editora, de São Paulo, iniciou a "Coleção Contemporânea", que já nos promete uma série de grandes romances modernos, constitui, no fundo, colorido retrato da cidade de S. Geneveva sob o tãção inimigo. A personagem principal da novela é a própria cidade com suas velhas ruas, velhos palácios, "boulevards", teatros, com a sombra e o perfume das mulheres que a tornaram famosa... "La Paiva", Cléo de Mero-de, miss Howard, La Castiglione, Cora Pearl... esses nomes que, reunidos, eram como uma grinalda de jóias ou de flores... essas famosas deusas do passado pertenciam a Paris, com toda a graça, o espírito e a beleza que as distinguiram". É a Paris que sofre, que luta, que não pode mais dançar nas ruas o que encontramos nesse livro fascinante, que se lê de um só jacto. É a Paris que apesar de invadida, e humilhada, será sempre Paris. "Até que ponto a modificaram os alemães? De alguma parte do seu íntimo veio a resposta imediata: "Não a modificarão em nada, absolutamente. Algumas semanas depois dos alemães terem partido, não se saberá nem mesmo se eles aqui estiveram. A vida voltará a ser a mesma de antes. Aconteceria o mesmo que acontecera há dois mil anos passados, quando Julio Cesar a chamava "minha querida Lutecia". Não seria possível modificar Paris, porque Paris representava uma idéia, um ponto de vista, um sistema de vida, uma filosofia. Era indestrutível!" (pág. 97).

É curioso, mas só um estrangei-

ro poderia escrever livro tão apaixonante sobre a Cidade-Luz.

É preciso lembrar, porem, que Louis Bromfield não é, precisamente estrangeiro. Há mais de vinte anos que residia na França. E — ao contrário do que sucede com grande parte dos estrangeiros domiciliados na pátria de Joana D'rc — residia ali por livre e espontânea vontade, pois é filho de um dos raros países do mundo que não têm exilados políticos.

Bromfield dedica a Paris um carinho como poucos francezes lhe dispensarão. Há certas cidades que são como mulheres. Com o passar do tempo a gente fica tão habituado a elas que deixa de notar seus encantos. Um belo dia chega um estrangeiro e começa a elogiar suas virtudes, sua formosura e, zás! — redescobrimos nela todos os motivos de sedução. É assim que, embelezada pela pena do autor de "Early Autumn", a cidade de S. Louis surge nesse volume — sedutora, misteriosa, lutando valentemente contra o invasor.

Sobre palpitante fundo de crimes à socapa, sabotagem, circulação de folhas clandestinas e espionagem, o autor de "As Chuvas Vieram" traça a trama de uma movimentada história de amor entre uma ballarina norteamericana, Roxane Dawn, que se tornara ídolo das platéias parisienses, e Nicky, mixto de herói e de aventureiro, que as convulsões da primeira guerra mundial atiraram para as mansardas e para os "boudoirs" do "faubourg" S. Honoré. Ao redor dessa intriga amorosa, que tem mais "suspense" do que um filme de Alfred Hitchcock e de Orson Wells reunidos, agita-se a colorida fauna dos que, desde o dia da entrada dos alemães em Paris, iniciaram a luta pertinaz, subterrânea e persistente contra o inimigo. É o astuto D'Abriazi; a monumental "La Biche", que na sua decadência de ex-favorita encerra todo um capítulo trágico-cômico; o bom Luigi, a impetuosa Filomena, a cartomante madame Thonars, e todo esse mundo de pequenos funcionários, chauffers, garçons, refugiados, artistas e operários que não podendo lutar de outra maneira, decidem trans-

formar Paris num inferno para os invasores.

A pesar de tudo, a vida da cidade continua: "Nos boulevards, como de costume, diante dos cafés apareceram cadeiras e mesas em baixo dos castanheiros; mas os parisienses, os verdadeiros parisienses que amavam Paris até a morte, não se sentavam. Só gente desprezível, gente traidora, e que não se incomodava de sentar ao lado dos inimigos. Árvores floridas, arruinhos de pombos, relvas inesperadamente verdes, não podem trazer alegria a quem está na prisão. E mais fácil suportar a miséria quando a nossa volta o aspecto de tudo é também miserável. Pois naquele ano, a paisagem se mostrava alegre, esplendorosa, como se a natureza, querendo zombar dos homens, lhe dissesse: "Façam as suas guerras! Matem-se! Destruam o que construíram! Eu cobrirei com um tapete verde os campos de batalha e as sepulturas que vocês próprios cavaram! A primavera voltará sempre, mesmo que não haja mais homens sobre a terra!"

Um dos mais bem apresentados personagens do livro é o major von Wessellhoff, ajudante do governador militar de Paris. O jovem oficial, apaixonando-se por Roxane, vê erguer-se diante de si a tragédia da impotência, do recalque provocado pela lembrança da linda governante que forá a única luz da sua infância, na fria casa ancestral nas florestas da Silesia, nos negros dias que tinham precedido a catástrofe da República de Weimar.

Na pintura desse personagem tão humano e mórbido encontramos o Bromfield mestre na criação de tipos, o grande Bromfield de "O Estranho Caso de Miss Annie Spragg", de "24 Horas", de Mrs. Parkington" e de tantas outras admiráveis novelas, que com seu colorido cosmopolita retratam tão bem o mundo destes dias tumultuosos.

ENQUANTO NÃO SURGE O DIA, de Louis Bromfield — Tradução de Miroel Silveira — 1.º vol. da Coleção Contemporânea — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1943.

Como
leitor

O matutino
de mais amplo
noticiário
local, nacional
e internacional

FAÇA DO

Díário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de
maior tiragem
no Distrito Federal.
41.000
exemplares nos
dias úteis e
65.000 aos
domingos.

TERESA, A IRREMEDIÁVEL

CARLOS LACERDA

Copyright de LEITURA

A DUBIA mas imperiosa necessidade de classificar os autores de acordo com rótulos já prontos tem surpresas como essa de incluir François Mauriac entre os romancistas católicos. Para quem tenha do catolicismo uma noção menos deformada do que a que empolga muitos dos seus próprios adeptos, poucos autores serão tão pouco católicos quanto Mauriac.

Sua piedade, sua caridade, estão bem abaixo, no plano de sua obra, daquela crueldade enternecida com que ele nos oferece a sua gente literária. Talvez porque a lúcida e desesperada crueldade do seu espírito venham envoltos numa nuvem de ternura pelo sofrimento se tenha incluído Mauriac entre os chamados autores católicos. Nesse caso seria preciso incluir também entre eles Romain Rolland, pois a cada momento, com menos grandeza mas idêntica penetração os tipos de Mauriac, dos quais Teresa Desqueyroux é o paradigma, nos trazem à lembrança aquelas pobres, heróicas, agônicas criaturas de "Jean Christophe".

O aparecimento de uma tradução brasileira de Mauriac, publicada sob a responsabilidade desse grande poeta, desse entusiasta a frio, desse amoroso inteligente que é Carlos Drummond de Andrade, oferece uma oportunidade para se falar de Mauriac e dessa criatura desabalada, a sua pobre e esmagada Teresa Desqueyroux, que surge no Brasil sob o nome melodramático de "Uma gota de veneno".

Já de saída, antes mesmo do prefácio do tradutor, esse livro nos apresenta um curioso aspecto do problema da tradução. Será uma tradução perfeita, essa que tanto abusa dos "na verdade", "sem dúvida", "de resto" e "lance", de tão desagradável aspecto, usa a mais não poder a expressão e fala do "casamento de Gamache", sem respeito pela Bíblia? Creio que não. Mas, não há dúvida, é a tradução mais fiel e mais desejável. Menos preocupada com a transposição corretíssima de idioma para idioma, o que ela nos dá é a própria substância poética de Mauriac, prolongando o sentido restrito das palavras, ampli-

ando-lhes a significação intrínseca, atirando longe a imaginação do leitor, naquelas breves, concisas, quase ríspidas pinceladas com que Mauriac compõe, para surpresa dos derramados, as mais penetrantes análises.

Antes de ser deísta ou agnóstico — e só uma classificação mais ampla do que a de seitas religiosas especificadas poderia, talvez, definir o ru-



François Mauriac

mo do seu pensamento —, Mauriac é principalmente um escritor representativo, porque criador da sua transposição literária, de uma classe e de uma época. É o que Drummond observa no prefácio: "... mas a verdade é que eles (os poetas e os romancistas) se comunicam, através de inumeráveis condutos, com as correntes morais, políticas e filosóficas que banham o mundo, e que sem essa comunicação não existiria mesmo a matéria que produzem, isto é, a literatura".

Vêde Teresa Desqueyroux. Olhai depois em redor e vereis como se multiplica, como se repete infinitamente essa criatura do sofrimento, esmagada pelo bom senso: "quantas vezes, através das grades vivas de uma família, eu te vi andar à roda, a passos de loba; e com teu olhar mau e triste me encaravas". Provavelmente é essa atmosfera poética, esse denso nevoeiro através do qual as figuras se definem, deixando sempre à vista a porta que dá para o mistério da consciência, o que faz os críticos bem-pensantes, os professores de literatura e os leitores apressados incluírem Mauriac entre os católicos. Mas, como diz o autor na

encomendação que faz do seu personagem, "muita gente se espantará por ter eu podido inventar uma criatura mais odiosa ainda que todas as minhas personagens anteriores. Mas saberei algum dia falar das criaturas rebrilhantes de virtude e que teem o coração na boca? Os "corações na boca" não teem história; mas eu conheço a dos corações secretos e misturados a um corpo de lama". Não, isto não é catolicismo. Que o digam aqueles católicos até hoje silenciosos em face da agressão à liberdade de criação artística, gravemente intentada contra a obra do romancista Erico Veríssimo. Ou, se isto é catolicismo, os que ficaram em silêncio não são católicos.

Isto é apenas a arte, num dos seus grandes momentos. Teresa não está em nenhum manual. Teresa foge. Teresa flui, se desvia, se esconde, e todos a chamam perversa e má, e se escandalizam com sua presença, admirando-se que ela tenha surgido do seio de uma excelente família como um cactus num canteiro de hortaliças. Mas o caso é que Teresa não é inesperada nem subitânea. Teresa é formal e precisa nos seus irremediáveis. Quase se pode armar a equação de Teresa. A família, os pinheirais, Ana — a que matava calhandras ao entardecer — tudo é uma parte de Teresa, ser múltiplo que se ignora e desconhece a própria amplidão da sua angústia. ("Nunca Teresa conhecera uma paz igual — o que ela acreditava ser paz e era apenas o meio — sono, o torpor daquele réptil no seu seio").

E Mauriac também é uma parte de Teresa. O monstro sutil e inteligente de uma época sem entranhas. Como Teresa, ele entrou na jaula como um sonâmbulo e, "ao barulho da pesada porta que se fechava, de repente a criança miserável despertou". Não, não pensem que a sua literatura é de decadência. Seria muito simples, mas incompleto classificá-la assim. Melhor seria dizer que é a literatura do apogeu, apogeu de miséria e desintegração, esplendor de formas decompostas ao sol. Essa é a grandeza de Mauriac e o que mais o afasta de qualquer classificação bem pensante, à qual se não me engano, ele também se deixou prender por credulidade ou comodismo. Graças à profunda correspondência entre a sua criação literária e a monstruosidade do seu tempo, ele permanecerá. Porque nele havemos de buscar, pelo menos, essa pobre vítima que ele transformou em heroína, Teresa Desqueyroux, a irremediável.

UMA GOTA DE VENENO, de François Mauriac — Tradução e pref. de Carlos Drummond de Andrade — Coleção 109 Obras Primas da Literatura Universal — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1943.

ULTIMAS PALAVRAS DE TOLSTOI — "Fora de León Nicolaevitch há muita gente no mundo. Mas vocês, vocês contemplam o único León".

(De "Tolstoi íntimo", por seu secretário Bulgakow.)

LEIAM

"HOJE"

A REVISTA DEMOCRÁTICA
DE S. PAULO

Em todas as bancas

DESTINO DE UM HOMEM

OSVALDO ALVES

Copyright de LEITURA

DE TODOS os romancistas que veem sendo traduzidos para o público brasileiro nestes últimos tempos, Somerset Maugham foi o que mais rapidamente conquistou as simpatias de milhares de leitores. Seu estilo claro e fácil, convence sem dificuldade. A maneira simples de narrar prende a atenção de qualquer espécie de leitor.

Creio que foi o próprio Somerset Maugham quem escreveu uma vez um artigo explicando os processos aos quais recorreu a fim de aperfeiçoar seu estilo. Não me lembro ao certo quais foram esses processos, mas o certo é que seu esforço não foi inútil. Neles residem sem dúvida o segredo que faz dos seus livros — geralmente construídos sobre acontecimentos banais — fragmentos de vidas, encadeados com absoluta segurança e inexcusável realismo. Ninguém melhor do que ele para fixar um personagem com aquela força e aquela facilidade com a qual nos familiarizamos. Ninguém melhor do que ele para narrar um acontecimento banal, de um dia qualquer — recente ou perdido no passado — enchendo-o de viva emoção, como vemos em "O DESTINO DE UM HOMEM".

Desde o prefácio — onde ele pretende mostrar aos leigos o pensamento do escritor — esse livro é interessante. Ali conta como havia concebido o livro — a princípio como um conto — e sintetiza o seu conteúdo numa nota que tomara, com a intenção de esperar o momento propício para escrevê-lo: Um romancista famoso, seu amigo de infância, casado com uma esposa vulgar, que lhe era infiel. Pois bem, E' disse que ele faz o ótimo livro que a gente lê de uma vez, sem se cansar, cada vez mais interessado no destino das personagens.

A figura de Driffield — delineada e fixada com grande força — enche-nos a imaginação, ganha a sua forma de homem um tanto rude e esperto, de origem humilde, que despreza impiedosamente aqueles que não entendem os seus pensamentos e as suas maneiras simples.

No prefácio Somerset Maugham contesta que tivesse tomado a pessoa de Thomas Hardy para modelo, como disseram. Mas pouco depois conta que: "viu o grande escritor uma vez, por alguns minutos — e traça-lhe um retrato em poucas linhas, dizendo: "Era um homenzinho cor de terra. Apesar da casaca, do peitilho engomado e do colarinho alto, tinha um estranho ar de gleba. Amável e brando, notei-lhe naquela ocasião uma curiosa mistura de timidez e confiança em si". E é precisamente assim, que vemos Driffield surgir no livro. Se o autor disse a verdade ou não, isso não importa. O certo é que Driffield enche as suas páginas, fica na nossa memória e no nosso coração, com aquele seu jeito franco e arguto, a zombar de quasi tudo, parecendo encontrar um estranho prazer em se sentir tão exposto e incompreendido. Ele está acima de tudo, perdoa tudo,

Sorri e esquece. Só uma vez vamos encontrá-lo irritado. E' quando se cansa de ouvir todo mundo dizer que não são verdadeiras as cenas mais reais que já havia escrito — as páginas em que descrevera a morte da filha e a atitude da mulher, traindo-lhe após o desastre que mais o feriu na vida. Então ele se agita cheio de rancor e grita: "Vão todos para o inferno! E' a pura verdade!"

Mas não é propriamente Driffield a personagem mais admirável. Pode ser, quando muito, a que mais nos comove. Mas a que desperta mais emoção é Rosie. Essa mulher que se entrega a todos sem se envilecer — apenas "para dar prazer a alguém" — toma-nos a atenção. Há momentos em que não sabemos como defini-la, em que categoria de mulher devemos enquadrá-la. Há momentos em que ela nos parece de uma pureza infantil. Noutros, sentimos vagamente que ela está perto de se degradar. Seu sorriso travesso nos enche de medo — um grande medo de que ela se "corrompa" e se "deixe" arrastar para o vício. Mas, subitamente, sua pureza renasce, seus olhos adquirem aquela limpidez azul — e passamos de novo a "respeitá-la".

Qualquer pessoa que tentasse definir Rosie apressadamente correria o risco de errar. Poderia também não compreender a intenção do autor, e julgar que ele não tivesse sido capaz de "firmar" sua personagem, marcando-lhe a conduta. Mas o traço que a caracteriza é exatamente esse mundo de contraste.

O autor se compraz em esconder dos outros personagens a verdade sobre Rosie e Driffield. Alimenta os erros de julgamento e prolonga a "injustiça" de todos para com eles. Nos rápidos diálogos com Roy Kear, parece que estamos vendo o seu sorriso benevolente diante de tantos equívocos, em relação aos dois amigos da sua infância e da sua adolescência. Fala duas ou três palavras contestando Roy Kear sem muito entusiasmo, mas logo cai em silêncio. Então é nas lembranças que procura levantar as duas personalidades — Driffield e Rosie — com um grande interesse, principalmente Rosie. Já no final do livro, quando o autor é levado para Blackstable para escrever as notas sobre Driffield, há um momento em que o vemos entusiasmar-se. E' quando se inicia o diálogo entre ele e a última esposa do ro-



W. Somerset Maugham

mancista, naquela sala que parece um museu. E' que Mrs. Driffield, tão zelosa da glória do marido, não chega a perceber a parte em que a sua vida foi realmente extraordinária, e pensa suprimi-la, de acordo com Roy Kear, que era o designado para escrever a biografia. Ela diz algumas palavras tentando amesquinhar a figura de Rosie. Então ele contesta quasi com calor.

Sentimos vontade que ele prosaísse falando, dizendo toda a verdade sobre Driffield e Rosie. Mas ele percebe o sorriso de incredulidade de Mrs. Driffield, que se sente ligeiramente escandalizada. E pára de falar. E aí, e nas recordações que ele se refugia, enquanto se dirige ao velho hotel de Blackstable. Através dessas recordações, narra os últimos passos de Rosie, que todos julgam morta. Vamos vê-lo então num pequeno distrito perto de New York — o seu último encontro com Rosie, já perto dos 60 anos. Mas sempre a mesma.

A coisa mais curiosa a assinalar nos livros de Somerset Maugham é essa forte sensação de vida que ele nos transmite. Não se tem a impressão de estar lendo um livro. E' como se estivéssemos ouvindo alguém contar muitas coisas que aconteceram a alguns amigos nossos, que não vemos há muito tempo. Coisas muito simples, mas que nos interessam vivamente, produzindo em nós uma grande emoção. E' a sua técnica. O processo com o qual ele se familiarizou tão bem.

Em "O DESTINO DE UM HOMEM" essa técnica atingiu o máximo de sua perfeição. São acontecimentos antigos que se juntam ao presente e se ajustam por meio de uma associação de fatos, pessoas e coisas naturais e lógicas.

E' dentro das reminiscências que Somerset Maugham se move com facilidade e segurança. A lembrança de Blackstable com sua gente, sua mo-

(Continúa à pag. 31)

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral

Ap. Gêntio-Urinário — Sífilis

Consultório:

1a México, 168 - 11.º andar - Sala 111
Fone 42-8816

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 26-4978 -
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

Uma Grande História da Literatura

Reportagem de MELO LIMA com ALVARO LINS

TEVE grande repercussão e provocou muitos comentários a notícia de que o editor José Olympio iria lançar uma grande História da Literatura Brasileira, em doze volumes.

— E é um fato, disse-nos o escritor Alvaro Lins, que foi o escolhido para dirigir essa obra. — Pode ficar certo, pode afirmar categoricamente em *Leitura* que, dentro de dois ou três anos, teremos os primeiros volumes dessa monumental História da Literatura Brasileira. Porque os escritores escolhidos para escrever os doze volumes estão empenhados na realização da obra, e têm a necessária competência e capacidade de trabalho. E o que é digno de louvor, o que merece ser divulgado está no fato de ter sido o editor José Olympio quem teve a ideia.

— Pois eu pensei que fosse sua.

— Não senhor. Eu não sabia de nada quando ele me comunicou e por sinal, fiquei muito honrado com o convite.

— Merecimento.

— Não. Atribuo a escolha a um fator sentimental: você sabe que o José Olympio foi quem me deu a oportunidade de aparecer aqui, em *Leitura*, como apareci, convidando-me a escrever a "História Literária do Rio de Janeiro".

— Continuo a dizer-lhe que foi por merecimento. Eu, Alvaro Lins, leitor comum, acho que a escolha está boa, você é um "cartaz", e também acho que o José Olympio pensou muito nisso. Ele e o Daniel devem ter feito cálculos e mais cálculos antes de autorizar-lhe a divulgação da notícia e a escolha dos escritores. José Olympio tem também a virtude de ser um homem gráfico, de inteligente compreensão.

— Também há um ponto que talvez justifique a escolha. Toda gente sabe que eu não tenho escola nem grupos, que, talvez por ser moço, me sinto mais em liberdade de escolher os escritores que escolhi. O primeiro volume (*O meio físico e os elementos étnicos, o ambiente sociológico da literatura brasileira*) ficou a cargo de Gilberto Freyre. Não me venham dizer que essa escolha não está acertada... O segundo, *Influências e Correntes estrangeiras*, será escrito por Otto Maria Carpeaux.

— Também muito boa escolha sob o ponto de vista literário.

— E, sim. Mas já me disseram que não, que a escolha devia ter caído num brasileiro.

— Tolice.

— Tólice, sim. Porque Otto Maria Carpeaux é, no momento, um dos mais autorizados, não só pelo fato de ser estrangeiro conhecedor profundo da literatura universal, como também por conhecer admiravelmente a literatura brasileira. Estou quase certo de que ele sabe melhor a literatura brasileira do que eu...

— E o terceiro?

— Será *Evolução da Língua Literária*, a cargo de Abgar Renault. Para o quarto volume, *Literatura Oral*, escolhi uma pessoa a quem eu nunca vi, mas que está autorizado a escre-

ver muito bem esse volume: o sr. Luis da Câmara Cascudo.

— Ele escreve em *Leitura*...

— Eu tenho lido. Escreve bem, sabe o que é folclore.

— E o quinto?

— "A Época Colonial, por Sérgio Buarque de Holanda. Para Sérgio Buarque de Holanda não é preciso palavra explicativa, os leitores já o



ALVARO LINS

conhecem de muito tempo. Como aos demais autores da História, aliás. O sexto volume, *De 1830 a 1870, Poesia*, ficou a cargo de Roberto Alvim Corrêa; o sétimo, *De 1830 a 1870, Prosa e Ficção*, será escrito por Astrogildo Pereira. Astrogildo é um exemplo, o melhor, de que fiz as escolhas com um espírito absolutamente crítico, observando apenas o valor e a autoridade de cada um.

— Já ouvi dizer que não haverá muita unidade...

— E' cedo ainda para se criticar a obra. Mas existe exemplos na Europa de empreendimentos semelhantes, feitos sob o mesmo critério...

— Cronológico...

— Sim, sob o mesmo critério, e que deu certo. A *Cambridge History of English Literature* é um exemplo magnífico, tem unidade. Dois franceses, conhecedores profundos da literatura inglesa, também participaram nessa história, com êxito.

— E o tal método cronológico?

— Isso ainda me provoca risadas... E' impossível deixar de se fazer história sem o auxílio do método cronológico.

— E' um tanto precário, não acha?

— Depende. Os marxistas são os primeiros a utilizar-se dele, apenas dentro dele, é que se analisa conforme se deseja. Naturalmente, porque há escritores de várias tendências nessa obra, não haverá uma unidade de pensamento no sentido individual, mas haverá perfeita unidade de construção. Nós nos reuniremos constantemente para debates. E, assim, atra-

vés de reuniões semanais, de discussões prolongadas, se fará uma obra com unidade. Assim o espero. Os que aceitaram, homens de personalidades definidas e concientes, provam, com a simples aceitação, que o tal método não será nenhum impedimento às suas análises...

— Bom, e os outros volumes?

— O oitavo, *De 1830 a 1870 (Prosa: História, ensaio, crítica, jornalismo)*, por Otávio Tarquínio de Sousa; o nono, *De 1870 a 1920, Poesia*, por Aurélio Buarque de Holanda; o décimo, *Prosa de Ficção, De 1870 a 1920*, por Lúcia Miguel Pereira; o décimo primeiro volume, *De 1870 a 1920 (Prosa: Filosofia, História, Ensaio, Crítica e Jornalismo, etc.)* por Tristão de Ataide; e finalmente, escreverei o último, *Literatura Contemporânea, De 1923 aos Nossos Dias*.

— Você mesmo o escolheu?

— Esse volume deveria ser escrito por Tristão de Ataide, pois a literatura moderna no Brasil é também um pouco da sua vida literária, ele a vem acompanhando faz muito tempo. Mas não aceitou, preferiu o outro.

— E fez muito bem. Há por aí uma forte campanha contra ele.

— Já notei isso. O brasileiro não tem memória, infelizmente. E' preciso lembrar então a sua grande obra de crítico. Tristão de Ataide não é escritor para ser atacado assim com essa facilidade com que ultimamente o atacam.

— Política...

— Não há mais crítica, sabe? Quase não se faz mais crítica, tudo é levado para o lado da política. Estamos vivendo uma época de tremendo desprezo para com a literatura, para com a inteligência.

— E' natural, não acha? Época de luta, de definições...

— Sim, é natural. Mas, depois da guerra teremos um grande movimento intelectual.

— Literatura mais definida, mais exterior, mais direta, menos arte pura...

— Creio que não. O homem não se modifica assim de um momento para outro. O homem gosta de tradições.

— José Olympio merece elogios...

— E muitos. Como o que estamos conversando não é para uma entrevista comum, com perguntas estudadas, eu lhe sugiro saltar o esforço, a boa vontade, o discernimento literário de José Olympio. E' preciso coragem e despreendimento para se arriscar assim. Lembre-se de que nesta obra ele gastará no mínimo...

— Um milhão de cruzeiros!

— Pois é. Mais de mil contos.

— Vou elogiar-lo, pode ficar descansado. *Leitura* também está de acordo, também acha que isso merece divulgação. José Olympio é um editor de primeira ordem, não resta a menor dúvida. Não é um comerciante, simplesmente.

— E Viana Moog, o que me diz da sua crítica?

— Vou lhe dar um furo... Pode publicar em *Leitura* (é uma revista muito informativa, sabe?) que o ministro Themístocles Graça Aranha, che-

Como Lutam os Guerrilheiros

ELOI PONTES

Copyright de LEITURA

A GRANDE diferença entre o romance francês e o romance russo, (escrevia Paul Bourget há vinte e poucos anos) nos exemplos mais significativos, é que o primeiro "*suppose un stade avancé de la société*" ao passo que o segundo, ao contrário, delata a presença de almas em atrazo. Assim falando Paul Bourget menciona Tourgueniev, o mais ocidental dos escritores russos no seu tempo, que se colocara sob as influências de Merimée. O *Journal* dos Goncourts, por isso mesmo, em diversos passos, acusa Tourgueniev por se haver *desbarbarizado*. Por essa época os romancistas russos andavam muito em voga na França, o que importa dizer no mundo inteiro. O livro famoso de Melchior de Vogue tinha feito carreira. Gogol, Dostolevsky e Tolstoi abriram caminhos a Máximo Gorki e mais alguns, que revelaram ao ocidente a alma convulsa, amargurada e enigmática do oriente. Aos poucos, porém, essa alma escolheu atitudes, tomou coloridos, urdiu telas de conduta, caracterizando os surtos duma vida nova. Aos velhos escritores juntaram-se outros, todos, porém, dominados pela espécie de messianismo, desse messianismo próprio das almas inquietas, que os críticos caólios (vide o Alvaro Lins) atribuem apenas aos semitas. A Rússia foi sacudida pela confiança na revolução. Dai iniciativas enormes e reformas incríveis, transfigurações, que o mundo ocidental recebeu ainda com as antigas suspeitas. Que? Seria possível? Os preceitos da civilização teriam invadido a Rússia, desde longos séculos exposta aos castigos do analfabetismo e às amarguras dos governos absolutos. Duvidamos. Duvidamos com justos motivos. Mas, veio a guerra. Com esta surgiram surpresas. Os exércitos nazistas tinham percorrido vários países da Europa, vitoriosos e arrogantes, marcando-os com os sinêtes humilhantes das derrotas e das ocupações. Pareceu-nos que a Rússia capitularia no espaço duma semana. Enganáramos-nos. As hordas nazistas detiveram-se a certa altura. Contra elas ergueram-se as forças enérgicas do país invadido. As batalhas de Sebastopol, de Stalingrado, de Moscou foram espetáculos

dramáticos, em que se imiscuíram todos os elementos de resistência, de longa data organizados para eventualidades dessa natureza. Um desses elementos foram os guerrilheiros. Na retaguarda dos invasores, pelos flancos, em tocaias e emboscadas, nos dédolos das ruas em todas as cidades e aldeias invadidas, eles foram a providência imediata e eficaz. E' o que nos explica Erskine Caldwell, reconstituindo os aspectos da luta magnífica em *Guerrilheiros russos*, tradução de Vera de Gusmão (Edições Dois Mundos, Rio.) Temos aqui a invasão nazista romanceada, com vivacidade e emoção, heróis e heroínas que, no meio de tumultos tremendos, não perdem as noções da vida, cedendo espaço aos instintos e neles confiando. Sergio, Fedor, Pavlenko são figuras que recordam aqueles homens rudes, fortes, veementes da *Guerra e a Paz*, de Tolstoi. Sergio é o homem-surpresa, surgindo em toda a parte, no justo momento, animando os companheiros de luta. Vladimir, Boronov, Tovarich, espelham nitidamente aquele estado d'alma que Paul Bourget julgava ainda distante do "*stade avancé de la société*"? E' possível. Mas, as hordas invasoras, seus métodos de guerra, suas crueldades ignóbels, encontram-se naquele "*stade avancé*"? Temos dúvidas.

Neste romance, colhido à vida vivida, como se sabe, notamos o contrário. As selvagerias do nazismo chegam a extremos espantosos. Apenas não intimidam, nem vencem os russos. Os russos sabem porque estão lutando. Lutam para defender o lar e os bens, o conforto e a tranquilidade. Lutam, sobretudo, por uma idéia, por um patrimônio nacional. Por isso não faltam sequer heroínas nestas páginas, heroínas que robustecem as coragens com as meiguices. Tânia, Maria, Natacha recordam as mulheres de Dostolevski, sem dúvida alguma. "As mulheres russas são como a natureza de seu país: quando sentem que alguém quer devassá-las, cobrem-se de neve", escreve certo crítico malicioso. A cada passo, aqui, temos cenas e instantâneos que lembram os das guerrilhas em Canudos, descritos por Euclides da Cunha. As guer-

rilhas constituem ponto de apoio nas grandes batalhas. Mas, não têm eficiência militar, propriamente. Eficiência militar só têm os exércitos regulares, com comandos, organização e disciplina. Foi o que ficou demonstrado, pelo menos na Espanha, diante da invasão napoleônica. Os guerrilheiros espanhóis só tiveram eficiência quando o exército regular lhes deu apoio, iniciando a expulsão dos invasores. Na Rússia não se passará de outra maneira. Entretanto as guerrilhas da retaguarda constituem ali um problema que o nazismo não conseguiu remover. Eis o que Erskine Caldwell reconstitue nestas páginas, com intensidade e segurança de tons. *Guerrilheiros russos*, como é natural, avivam, a cada passo, as recordações dos escritores eslavos. Os Cossacos de Tolstoi, por exemplo, passam e repassam aqui, com suas arrogâncias ingênuas. Os aventureiros de Máximo Gorki, com as amarguras da vida incerta e confiança nas forças iminentes, insinuam-se, ali, acolá, tomando formas modernas. Há um fatalismo heróico na coragem dos guerrilheiros, que enchem e movimentam os capítulos deste romance. E' isso que lhes concede coloridos originais. Conceder-lhes-á ainda as vantagens duma vitória formal, completa, invencível. Eis o que deduzimos duma leitura, feita sob os influxos de tudo quanto, a exemplo de outros, ignorávamos: até que a guerra nazista viesse desvanecer os enganos. A guerra nazista foi antípoda da inteligência. O mundo emudeceu até agora. Só agora aparecem os primeiros livros, onde se tentam vagas interpretações da diátese, que enferrou os povos. Seu exame vai ser longo e decretará séculos de calma e paciente capacidade nas análises. O mundo, sairá dessa guerra enervado e incapaz de julgá-la. Só as futuras gerações, a pique de novas guerras, poderão discutir o nazismo com prudência e segurança. Nazismo é qualificativo atual dum fenómeno antigo. Apenas...

GUERRILHEIROS RUSSOS, de Erskine Caldwell — Tradução de Vera de Gusmão — Edições Dois Mundos — Rio 1943.

fe do Serviço de Cooperação Intelectual do Itamarati, procurou o ministro Otávio Tarquínio e a mim para propor a tradução imediata, sob o patrocínio do Itamarati, de todos os volumes da grande História da Literatura Brasileira para o espanhol, o francês e o inglês. Propôs ainda providenciar a tradução diretamente dos originais, à proporção que os mesmos forem entregues a José Olympio, afim de lançar uma edição simultânea em português, castelhano, francês e inglês.

— Ótimo!
— Isso garante o futuro da obra.
— E prova a inteligência de José Olympio.

— Perfeitamente.
— E sobre Viana Moog?
— Soube que você tem um romance...
— Eu?
— Sim.
— Histórias. Sou um simples reporter, escrevo ruim como diabo. Já é tarde, você não deve ter muito tempo para palestra prolongada. Boa noite.
— Qual nada.
— Eu sei. Boa noite.
— E' cedo.
— Não senhor, é tarde. Boa noite. Espere... Você quer ler a entrevista? Garanto que sairá uma conversa, simplesmente uma notícia para os nossos leitores dos Estados. Leitura já re-

beu uma porção de cartas pedindo para noticiar pormenorizadamente os planos da obra.

— Eu também já recebi muitas cartas de apoio. Cartas e telegramas. Isso me estimula, e é um bom sinal para o editor.

— E'. Boa noite.

— Boa noite. Apareça.

— Quer ler a entrevista antes de publicada?

— Quero.

— Então, amanhã, às três horas na Livraria José Olympio. Certo?

— Combinado.

— Mais uma vez boa noite, e obrigado.

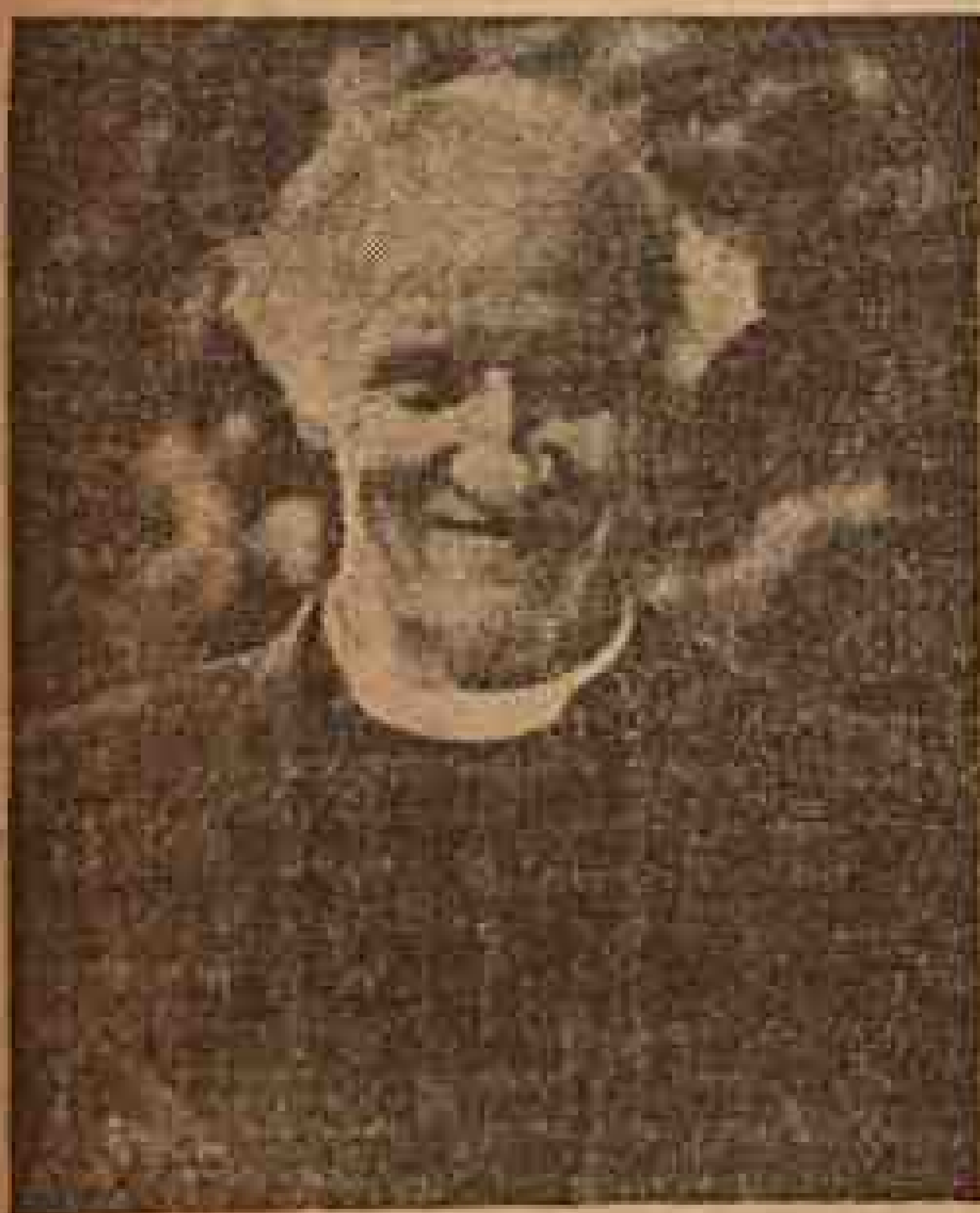
— Passe bem; boa noite.

Diógenes Encontraria um Homem

ABELARDO ROMERO

Copyright de LEITURA

ANTES de Hewlett Johnson, a literatura informativa soviética se dividia em duas categorias: a que era escrita por simpatizantes do socialismo em ação na sexta parte do mundo e a que era especialmente fabricada pelos artífices da calúnia e da intriga internacionais. Se a primeira não inspirava confiança nos círculos con-



Rev. Hewlett Johnson

servadores, a segunda era mal recebida pelas criaturas sensatas e bem informadas. De qualquer modo, o público, o grande público leigo, ficava naquela situação de eterna dúvida e de perene desconfiança, que é a mais dolorosa das atitudes do espírito. Sim, porque, desde que o espírito procura a verdade, é preciso encontrá-la de qualquer maneira, ainda mesmo com o sacrifício total das ilusões mais pueris.

Multiplicavam-se as obras sobre a Rússia Soviética, e quanto mais se multiplicavam essas obras, mais o público sentia aumentar a sua dúvida. E a proporção que se perdia a esperança de destruir o socialismo triunfante no seu próprio campo experimental, mais se tornava urgente a necessidade de difamá-lo cá fora, como se ele fora uma espécie de peste negra de contágio universal. A coisa chegou a tal ponto, que alguns jornalistas sem mérito tornaram-se célebres da noite para o dia, graças à grande propaganda que se fazia em torno dos seus "best-sellers", obras de caráter exclusivamente difamatório. Os títulos de tais obras eram, em sua maioria, semelhantes às manchettes dos jornais direitistas: — "O Inferno Russo", "O Papa Vermelho", etc. Lembrar aqui esses títulos seria transformar esta crônica num catálogo de livreiro...

Enquanto isso, não podendo competir na maratona da difamação, iam diminuindo os livros de informação e análise do fenômeno russo, espontaneamente escritos por homens cultos e decentes. Só os livros de encomenda estavam em moda e eram lidos à beça. Todo reporter desejoso

de fazer cartaz à custa da ignorância e da má fé alheias arranjava uma viagem a Moscou. Muitos foram até lá, nada viram de útil, e nem por isso deixaram de voltar com a valise abarrotada de laudas datilografadas, já prontas para o editor. John Gunther, que se crê dotado de olhos de lince, andou dando palpites errados sobre a política do Kremlin. É possível que não tivesse agido de má fé, mas foi bastante precipitado nas conclusões que tirou. Errou muito. O mais errado, entretanto, foi o sr. Eugene Lyons. O sr. Lyons, sem dúvida, foi o reporter que escreveu mais asneiras sobre os soviéticos. E, o que é pior, agiu desonestamente. Nem por isto os seus livros deixaram de gozar do maior favor público nos Estados Unidos. "Trespasso em Utopia" e "A Década Vermelha" obtiveram edições sucessivas. Foram lidos com enorme proveito para o bolso do autor. Nem poderia deixar de ser assim, porque o sr. Eugene Lyons não agia por conta própria. Atrás dele devia funcionar, perfeitamente lubrificada, uma grande máquina de publicidade. Sobre "A Década Vermelha", a revista literária de "New York Times" chegou a afirmar que se tratava "da mais completa reportagem sobre a infiltração stalinista no Estados Unidos", e o sr. Max Eastman, crítico de muita fama em Greenwich Village, opinou que o tal livro "era o mais interessante e oportuno dos manuais para aqueles que estivessem interessados na defesa da democracia".

Apesar de tudo, o público continuava na dúvida. Seria verdade? Seria mentira? Mas existiam certas pessoas que, mesmo não sendo letradas, tinham massa cinzenta no crânio. Essas pessoas refletiam como aquele português que, ao visitar em Lisboa uma exposição fotográfica anti-russa, cruzou as mãos à altura do peito, ergueu os olhos para aquela série quase infinita de mulheres enforcadas, e disse assim, no ar mais ingênuo deste mundo: "Qual! Isto é truí!"

O pior, porém, era que os livros pró-Rússia iam desaparecendo misteriosamente das vitrines e das estantes. Em lugar deles viam-se agora vistosas brochuras com títulos rubros e cujo conteúdo literário era mais um estimulante do que mesmo um narcótico que fizesse adormecer no espírito popular o desejo de saber o que se passava realmente na Rússia. O que se lia era parcial e insensato. O povo continuava na dúvida.

Foi quando, na própria meca democrática, surgiu a sólida e sisuda figura de um homem que resolveu aliviar o povo dessa dúvida atroz e de consequências funestas no futuro. Mas, apesar de sua respeitabilidade eclesástica, de sua grande cultura humanística e dos seus belos cabelos brancos, esse homem se viu logo atacado pelos sabotadores da verdade. Ele, que até à véspera era um santo, converteu-se de súbito no "deão vermelho", no "inimigo da democracia", no "apóstata do Cristianismo". Por que? Porque o reverendíssimo John-

son publicara um livro honesto sobre a sexta parte do mundo que se encontra em função do socialismo. "O Poder Soviético" vinha esclarecer o espírito público sobre problemas de solução inadiável para o progresso material e moral da humanidade. O livro acabava com a dúvida, destrua a mentira, pulverizava a calúnia. Ora, um livro, tão sério e tão puro nas suas intenções não poderia provocar aplausos gerais e incondicionais. Na própria Inglaterra, nação onde não se tem medo de pensar, o velho deão teria abafado as suas idéias, não fosse ele um dos homens mais corajosos deste século. Por isso foi que publicou "O Poder Soviético", livro tão sério e tão rigorosamente honesto que chega a nos dar a impressão de ser antes de tudo religioso. Traduzido hoje em quase todas as línguas, exceto, talvez, em italiano e alemão, esse livro é lido em milhares de lares cristãos, nos bondés, nos trens, nos bancos de jardim público. Só os fascistas não o lêem, no que obram, aliás, muito mal, porque a palavra do deão poderia curá-los de sua hitlerite crônica. Mas não lêem e nem querem que o povo leia o maior livro do século. A certeza, porém, de que o livro está sendo lido e relido por tanta gente sensata e conservadora torna os nossos fascistas verdes cada vez mais azedos. Não é por outra razão que eles enviam à Editorial Calvino, que lançou entre nós "O Poder Soviético", preciosas cartinhas anônimas em que fazem perguntas desta natureza: "Quanto é que vocês estão levando dos pluto-democratas de Londres e Washington?". Outros escrevem em maiúsculas, a lapis faber: "Comunistas!". Outros, ainda, prometem o diabo ao sr. Calvino! São os que ainda acreditam na reencarnação verde-oliva de Plínio e outros fenômenos espíritos...

Não resta dúvida, "O Poder Soviético" é um livro muito mais sério do que em geral se imagina. E' dessas obras a que os fascistas, com certa dose de razão, podem classificar de perigosas. Porque, quem quer que leia essa obra, a menos que seja um imbecil totalitarismo, o verdadeiro e único totalitarismo, o verdadeiro e único inimigo mortal da humanidade e de Deus. Na verdade, não se sabe o que mais admirar em "O Poder Soviético". Sob qualquer dos seus aspectos, a obra de Hewlett Johnson merece os louvores mais entusiásticos. Mas, o que acima de tudo nos emociona e estimula é a coragem moral do deão. Numa época em que os homens se sentem tão recelosos de dizer o que pensam e o que sabem, mesmo quando nada têm a perder, vem esse ilustre e venerável deão afirmar que "o nosso sistema carece de base moral, que sob o aspecto científico é o desgaste total e irracional da riqueza, que é a escassez artificialmente provocada, a pobreza na abundância, etc."

Se Diógenes voltasse a acender a sua lanterna para procurar a verda-

(Continúa à pag. 31)

História da Literatura Russa

AURELIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA

"A RÚSSIA não se limita com nenhum outro país; a Rússia limita-se com Deus". Esta frase de um jovem poeta alemão poderia considerar-se como sendo de Dostoiévski: exprime com realce a idéia pan-eslava propagada por todos os grandes russos, e traz, ao mesmo tempo, em si, a idéia de amor e desprezo pelos demais povos. "A Rússia é o Cristo, o novo Redentor, o povo de Deus". (Dostoiévski). O mundo gozará da Rússia no dia em que a Rússia gozar de si mesma".

Esses conceitos, o alemão Klabund os expõe na sua "História da Literatura", no início do capítulo dedicado à Rússia. E logo adiante escreve: "A literatura russa é a literatura dos acentos indeterminados".

Sente-me bem o que quer exprimir o autor. Mesmo aquele conceito de "amor e desprezo pelos demais povos" pode ser pressentido, quando, numa vista retrospectiva, volvemos os olhos espantados para a figura singular de Nicolau I, autocrata de um orgulho inextinguível, que dizia: "O mundo hoje é a Rússia; e a Rússia sou eu".

A Rússia surpreendeu sempre e surpreende ainda, quer de longe, quer de perto. "Os olhares da Europa inteira parecem hoje estar atentos na Rússia; e, quanto mais se tem exagerado sua barbaria, tanto mais se fica espantado dos seus progressos". Assim se expressou Charles Levesque, ilustre autor francês do século XVIII, no prefácio da 1.ª edição de sua "História da Rússia" editada em Paris, em 1781, após seu regresso daquele país. Ainda agora, em nossos dias, a Rússia surpreende a chefes militares, esquecidos da lição recebida por Napoleão, que, em Santa Helena, recordando a campanha da Rússia, dizia: "Se eu tivesse tido generais pela minha frente, todos nós teríamos ficado dormindo um sono eterno sob a neve". O que significava bem a surpresa que lhe houvera causado a invasão do país das estêpes.

Realmente, num país de vastíssimos limites, abrangendo climas tão opostos, em que há rios que descem de regiões geladas e veem desaguar em regiões de trópico; em que, quando o solo já contava sessenta milhões de habitantes, quarenta milhões eram de indivíduos sujeitos ao mais duro e cruel regime de servidão; onde o imperante dizia, como Paulo I: "O homem poderoso é aquele a quem o imperador fala; e seu poder dura apenas enquanto o imperador lhe fala"; num país, em que, "para impressionar a Europa", se teve a "habilidade" de surtir a pena de decapitação, e substituí-la pela do "knot" ou vergas, aplicadas num número de golpes, a que nenhum organismo humano podia resistir com vida; onde se abriam escolas "para a admiração" de Paris e de Berlim; num país, em que o Código se compunha de quinze volumes (sem contar os suplementos anuais), mas cujo primeiro artigo conferia ao imperador o poder exclusivo

de decidir de tudo; num país, enfim, em que tudo isto (aparte o que, de passagem, nos escapa de desconcerto) trazia como consequência uma constante instabilidade das posições sociais, mesmo as mais altas, a par da incerteza de se estar vivo, momentos após se haver experimentado as mais fortes realidades da vida; num país assim, o pensamento em geral e em particular, o literário não poderiam ter acentos determinados.

Mesmo quando Pedro I já abrisse, na fachada de seu império, "uma janela para a Europa", o pensamento russo sentia-se inquieto e desorientado.

Porque a Rússia, literariamente falando, é o país em que duas individualidades contemporâneas, únicas, vivas, representativas de uma época, tais Turguenev e Dostoiévski, mal se avistam e se falam, chegam quase a detestar-se, e só "se reconhecem" em face da glorificação de Púshkin e da recordação do seu trágico e doloroso destino. Porque a Rússia é o país, em que Tolstoi e Dostoiévski, as duas expressões literárias russas de maior repercussão mundial, num dado período do desenvolvimento do pensamento russo, nunca se encontraram, nem mesmo no dia da glorificação de Púshkin, a que ambos aliás compareceram; e, só dias após a morte de Dos-



O poeta Lomonosov

toievski, é que Tolstoi diz: "Nunca vi este homem, nunca tive relações diretas com ele; mas, agora, que é morto, compreendo que, de todos os homens, ele me era o mais próximo, o mais necessário. Nunca a idéia me virá de ousar comparar-me com ele. Nunca!"

Dir-se-ia que viviam em mundos diferentes e bem distantes.

Certamente, num país onde tantos contrastes se verificam, desde os que caracterizam as disposições geográficas até os que definem as individualidades mais em destaque, em parti-

cular no domínio do pensamento literário, não é fácil assinalar os vários tons deste mesmo pensamento.

Não obstante, é possível apontar as origens do movimento literário russo, seu curso mais ou menos irregular, inquieto e ansioso, seus pendores, sua orientação, inda que sujeitos às influências advindas da enorme extensão do país, de sua natureza tão variada, inclusive as gentes várias que por ele se espalharam e ainda se espalham.

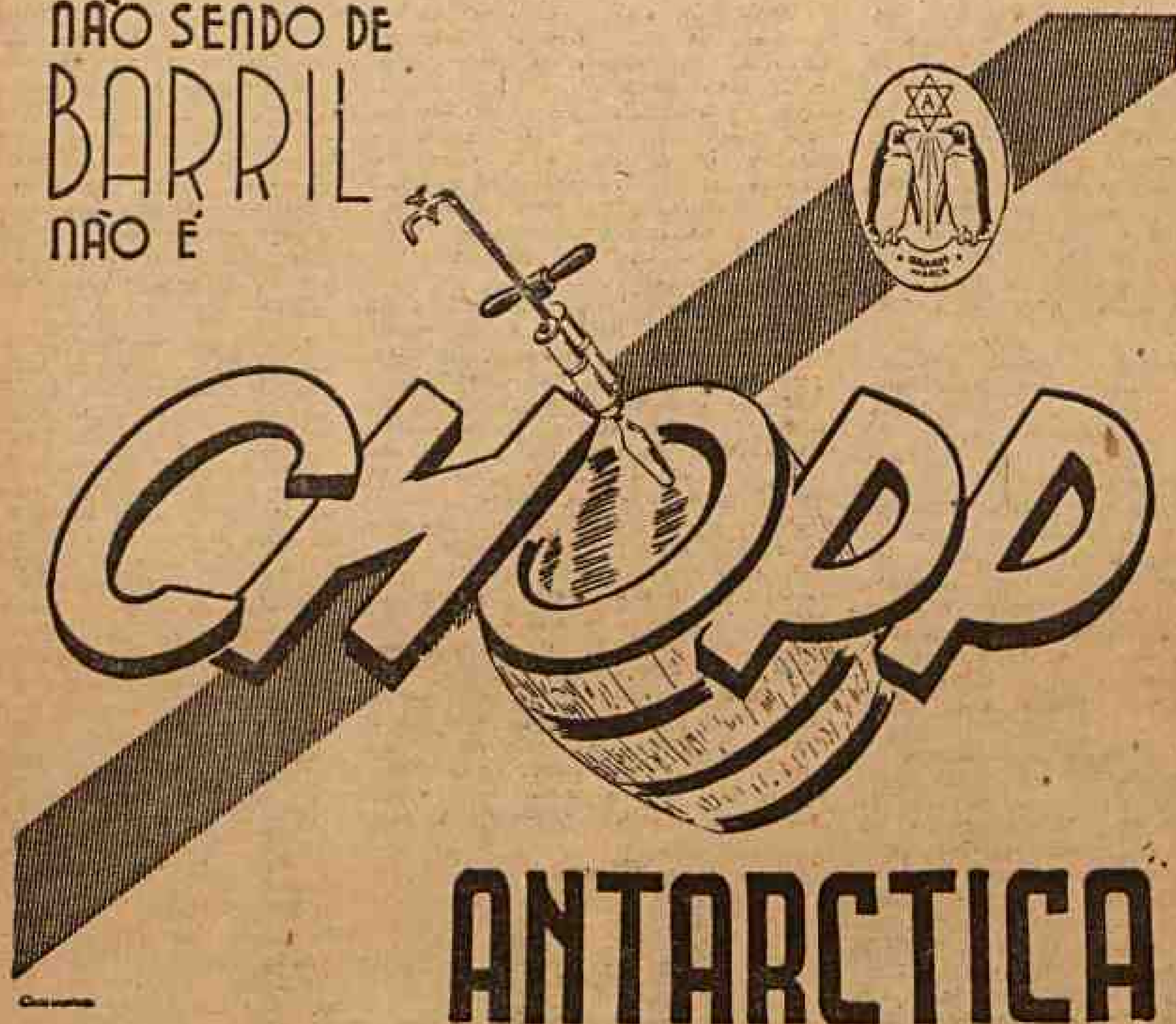
Muitos autores são acordes em dizer que a língua russa é uma das mais belas e harmoniosas da Europa. Lomonosov, poeta e escritor do século XVIII, o primeiro a manejá-la, devendo ser considerado o fundador da prosa moderna russa, dizia da língua de seu país: "Ela reúne a magestade do espanhol, a vivacidade do francês, a força do alemão, a delicadeza do italiano e, além disto tudo, a concisão pitoresca do grego e do latim".

A literatura russa tem sua origem no fim do século X, sob o reinado de Vladimir, grão-príncipe de Kiev (980-1015), durante o qual os russos adotaram o cristianismo. Os livros religiosos eram, porém, importados, já traduzidos em eslavão, também chamado paleo-eslavão (de que se formou o russo), por membros da Igreja da Grande Morávia e da Bulgária. A língua só era então cultivada pelos padres. A poesia era excluída, pois seu exercício era demasiado profano, e a língua não lhe oferecia modelos nem tradições. Apesar disto, a gente russa, essencialmente poética, não podia renunciar aos contos, lendas e canções que se foram transmitindo oralmente. No século XII surgiram obras valiosas, senão propriamente pelo cunho literário, mas pelas luzes que, lançavam sobre a história dos russos: destaca-se entre elas a "Crônica" de Nestor, monge de Kiev. Sua obra é considerada a fonte primitiva da história russa.

A invasão tártara pesou sobre a Rússia, perto de três séculos; retardou positivamente o desenvolvimento da civilização russa. Quando a literatura libertou-se da língua religiosa, o eslavão, o idioma de Moscou veio então servir-lhe de órgão. Este idioma não pereceu na luta contra os tártaros, exatamente como o espanhol não pereceu na luta contra os árabes. Mas a Rússia, no século XV, libertou-se do jugo dos tártaros, no reinado de Ivan III. Ivan desposou a princesa Sofia Paléologo, educada em Roma, que se esforçou por organizar a corte de Moscou pelo modelo da de Constantinopla, e mandou vir artistas da Grécia, da Alemanha e da Itália.

No reinado de Ivan IV, o "Terrible", ou, talvez melhor, o "Feroz", que durou cinquenta e um anos, parece que a única figura literária de destaque foi o padre Silvestre, que fora preceptor de Ivan, e redigiu uma obra curiosa elaborada provavelmente em Novgorod no começo do século

NAO SENDO DE
BARRIL
NAO E



ANTARCTICA

XVI ou fim do XV, sob o título de "Demostroi"; constituía um quadro vivo e pitoresco da antiga sociedade russa na sua intimidade.

Após a morte de Ivan IV, o país entrou num período de terríveis vicissitudes: passou pelo reinado efêmero de Boris Gudónov, assassino e usurpador, teve os falsos Dimitri, sofreu o jugo estrangeiro, até que afinal veio o advento da dinastia Romanov.

O reinado de Pedro I, Romanov, foi longo, 1682-1725. Caracterizou-se por um mundo de reformas, desde o corte das barbas até a fundação da marinha russa, de que ele construiu com as próprias mãos o primeiro barco, ainda existente. Seu espírito de reformador, de revolucionário mesmo, fê-lo ainda admirado dos bolchevistas. Pedro I, apelidado o "Grande", viajou duas vezes pela Europa. Atraiu para a Rússia homens hábeis, ou como diríamos hoje, técnicos em várias matérias.

De seu reinado começa o segundo período da literatura russa, que vem até o aparecimento da escola romântica, graças às influências recebidas da França, da Alemanha, da Inglaterra, da Itália, da Espanha. As primeiras individualidades notáveis começam a aparecer com Lomonosov, o príncipe Kantemir, Sumarokov, a princesa Dachkov, Kapnist, Novikov, Stcherbatov, Radistchev, Derjajine, o cantor de Catarina II, a própria Catarina, que se correspondia com Voltaire. Seguem-se, então, Jukovski, Batiuckov, Krilov, Griboiedov e afinal Alexandre Sergueievitch Púshkin, (1799-1837), tido, em si mesmo, como o iniciador, senão o constituidor, do terceiro período da literatura russa. Sem esquecermos Lermontov, o poeta do Cáucaso, que morreu em duelo, aos 27 anos, mais jovem que Púshkin, e Ryliev, enforcado, como conspirador, no início do governo de Nicolau I, que impôs à Rússia um terror sem ante-

cedentes e sem limites, e durante cujo reinado, não obstante, surgiram as figuras de Gogol, Dostoievski, Turguev, Gontcharov e Herzen. E' desta época o maior crítico da literatura russa, a quem todos respeitavam e mesmo temiam, Bielinski.

Tem-se a impressão hoje de que a literatura russa atingiu então seu apogeu.

E' provável que algum editor brasileiro queira esforçar-se pela publicação de uma história da literatura russa, talvez útil aos que desejem inteirar-se do seu valor verdadeiramente excepcional.

Certa vez, perguntaram a Massari-ck, presidente da Tcheco-Slováquia, qual era o maior homem do mundo; e ele respondeu: — Dostoievski.

Porque a literatura russa teve em toda a parte da terra uma repercussão como não teve nenhuma outra!

Will Durant e as Nossas Heranças

VALDEMAR CAVALCANTI:

Copyright de LEITURA

FALAM muito de Will Durant. Que é um escritor superficial, um tanto sofisticado; que é uma imaginação viva e fresca, dada a passeios pelos velhos caminhos da história e da filosofia; que é um estilista amável, incapaz de resistir à tentação de tornar os assuntos — mesmo os mais fundos ou solenes — sempre leves e agradáveis. Assim se manifestam, em geral, os seus concorrentes demasiadamente graves, para não dizer acadêmicos, que mantêm um supersticioso respeito a determinados assuntos.

Parace-me que há, pelo menos, certo exagero no que dizem a respeito

parece-me que nos arriscaremos a cometer uma injustiça.

Aliás, devo esclarecer, a esta altura, que não acredito existam assuntos leves e assuntos pesados; assuntos sérios ou frívolos; agradáveis ou desagradáveis. Há, isto sim, escritores leves e escritores pesados; sérios e frívolos; agradáveis e desagradáveis. O assunto que nas mãos de um Gilberto Freyre, por exemplo, tem a força, a dignidade e a beleza de um grande assunto, sob a pena de um... será apenas um pretexto para se descalcificar e se desvitaminizar a língua portuguesa. Com qualquer assunto, Will Durant nos pode oferecer leitura útil e fácil, enquanto muitos autores andam por aí crucificando os assuntos, sem muque nem personalidade para dominá-los e enriquecê-los a seu jeito. Esses, coltados, vivem a reboque dos assuntos, mantendo-se às vezes à custa deles, como simples parasitas.

Dizem então: o mal está na preocupação de nos dar sempre "leitura útil e fácil". Mas isso é outra história e não vale a pena discutir.

De apressado creio que não se pode mais chamar Will Durant. Não é apressado quem há vinte anos vem preparando uma vasta história da civilização. Gozando da fama — má fama — de leviano, o autor norteamericano se decidiu a isso, entretanto: a dedicar boa parte da própria vida a reviver vida da humanidade. E ele vem fazendo isso devagarinho, com a maior pachorra deste mundo. Nem parece sentir, como todos sentimos e intensamente, as angústias do presente nem as esperanças do futuro: está de olhos fitos no passado, juntando caprichosamente os fios de um velho e eterno romance.

É em cinco partes independentes entre si o plano concebido por Will Durant para essa vasta história do mundo, cuja edição brasileira vem sendo lançada na excelente "Biblioteca do Espírito Moderno". A primeira parte, já divulgada, em dois volumes, refere-se à "nossa herança oriental"; apresenta, além de uma introdução sobre os elementos e a natureza da civilização, a história do Egito, do Oriente Próximo — até a morte de Alexandre — e da Índia, China e Japão, até a era contemporânea. A segunda, que agora aparece, igualmente em dois volumes, em tradução — aliás muito boa — de Guinara Monteiro Lobato, revista por Monteiro Lobato, constitui um largo e minucioso estudo da "nossa herança clássica"; é um panorama geral da vida na Grécia e em Roma, bem como no Oriente Próximo durante a dominação greco-romana. As três últimas partes serão as seguintes: a) "Nossa herança medieval" — a Europa católica e feudal, a civilização bizantina, as culturas maometana e judaica na Ásia, África e Espanha, e o Renascimento italiano; b) "Nossa herança européia" — a história cultural dos Estados europeus, da Reforma protestante até a Revolução Fran-

cesa; c) "Nossa herança moderna" — a história da invenção européia e do estadismo, da ciência e da filosofia, da religião e da moral, da literatura e da arte, desde o surto de Napoleão até hoje.

Trata-se, evidentemente, de uma obra de apreciável envergadura, cuja execução está a exigir todo um complexo de qualidades excepcionais de historiador e escritor para que ela se torne original e interessante, documentada sem ser enfaticamente erudita, instrutiva sem ser secamente didática, séria sem ser artificialmente solene. Em resumo: a tal da "leitura útil e fácil". O que Will Durant deseja, como afirma, é "dizer o mais que possa, no menor espaço possível, sobre as contribuições que o gênio e o trabalho fizeram para a herança cultural da humanidade" — e esse objetivo é alcançado.

As 900 e tantas páginas, mais ou menos massivas, que Will Durant dedica à civilização helênica representam, sem dúvida, um esforço honesto de compilação e interpretação de vastíssimo material histórico. As forças vivas da nossa "herança clássica" são examinadas com meticolosa paciência e escrupuloso interesse, sendo de ressaltar, nisso tudo, a segurança do método e o senso crítico, sem os quais, no final das contas, semelhante trabalho, por mais completo que fosse, nenhum relevo poderia alcançar no conjunto da bibliografia universal relativa à Grécia. Todos os valores representativos da cultura grega foram aferidos com rigoroso critério, as coisas, os acontecimentos e os nomes vistos sob perspectivas nem sempre novas, decerto, mas sempre corretas. Não é por um milagre divino que os homens, os acontecimentos e as coisas adquirem então um intenso calor de vida, tão próximas de nos como se fossem de nossos dias. O autor restaura o mundo morto. Da árvore clássica, embora sem ir às vezes até às suas fundas raízes, ele nos mostra o verde da folhagem, e os frutos, e a sombra.

Ao escrever a história da civilização grega, Will Durant quis "ver e sentir essa complexa cultura não só no ritmo sutil e impessoal do seu surto e queda, como na rica variedade de seus elementos vitais, métodos agrícolas, sistema de organização industrial e mercante; experiências no terreno da monarquia, da aristocracia, da democracia, da ditadura e da revolução; costumes e moral, práticas e crenças religiosas; educação primária, regulamentação dos sexos e da família: casas e templos, mercados, teatros e campos de atletismo; poesia e drama, pintura, escultura, arquitetura e música; ciências e invenções, superstições e filosofias". Quis mais: "ver e sentir esses fatores não em seu isolamento teórico e escolástico, mas no vivo jogo dos movimentos simultâneos de um grande organismo cultural dotado duma centena de órgãos e cem milhões de células, mas com um só corpo e uma só alma".



Will Durant

de Will Durant. Não será ele, certamente, um grande, nem as suas obras representam o que de melhor poderemos encontrar na literatura norteamericana, no gênero. O que ele é na realidade, é um excelente vulgarizador de idéias, dotado de espírito de seleção e de síntese; um instrumento afeito aos trabalhos de democratização da cultura. Como escritor, um escritor saudável. Isso lhe tem talvez assegurado a preferência do grosso do público, o que, de resto, não lhe aumenta nem lhe diminui os méritos. Se não encararmos desse ângulo a personalidade de Will Durant,

As Escolas da Morte

DALCIDIO JURANDIR

Copyright de LEITURA

A EDITORIAL Calvino acaba de lançar uma edição popular do livro de Gregor Ziemer, "Educando para a Morte"... Ziemer, um professor norte-americano, viu de bem perto aquilo que se convencionou chamar de educação nazista. Assistiu aulas, leu livros, percorreu os sinistros internatos onde se fabricam nazistas, deu-nos depois um documentário amplo e impressionante que o povo deve conhecer em seus mínimos detalhes. A simplicidade com que o autor escreve cenas, tipos, espõe os métodos hitleristas é o que o leitor comum sempre deseja para se esclarecer cada vez mais nesta hora de muita confusão, de tanto mal entendido. Na base dos documentos que recolheu com paciência e habilidade Ziemer dá uma idéia completa do que é o nazismo aplicado à educação. É, positivamente, o que há de mais anti-humano, o regresso a um sistemático obscurantismo a serviço de Hitler, Goering e de toda a classe de Von Tyssen.

Toda a escola nazista foi destinada a manipular filhos de Hitler

em série para os campos da morte. Uma juventude perdida, dominada pelo terror, pelo ódio elementar, entregue ao ofício da chacina e do roubo, eis o que os teóricos do arianismo puderam oferecer à Alemanha. Para isso queimaram os livros de Heine, de Thomas Mann, todos os livros que falavam da vida, e que por isso mesmo negavam a barbaria hitlerista.

Ziemer nos dá trechos definitivos a respeito dos processos fascistas contra os pobres meninos da Alemanha.

Ele nos fala de um manual, de "título pomposo" que é um modelo da fascitização da criança germânica. Diz Ziemer:

"Li primeiro, atentamente, a introdução a que Rust (Ministro da Instrução) se referia especialmente, e da qual tanto se orgulhava. As teorias esplanadas nas vinte primeiras páginas comparadas aos métodos educacionais de qualquer país da Europa, Ásia ou da América do Sul, eram únicas em seu espírito, conteúdo e apresentação.

As ordens de Rust, aos professores, eram impressas em palavras brutais e dogmáticas, saturadas do ideal nazista de que os "Nórdicos Nazistas", devem traçar o direito universal.

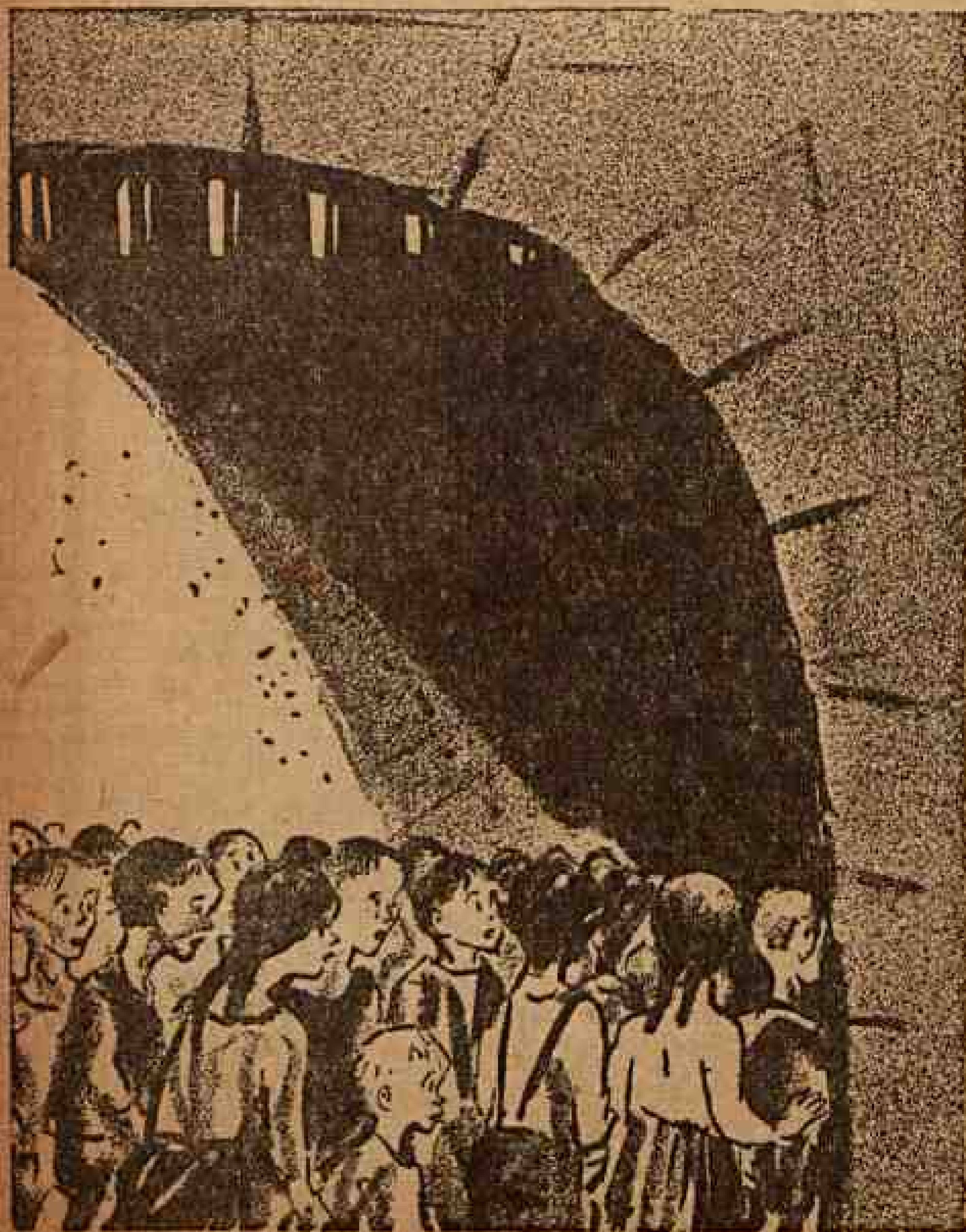
O Manual tinha sua própria terminologia. Um professor não era chamado professor (Lehrer) mas sim Erzieher. A palavra sugere um disciplinador férreo, que não instrua mas comanda e cujas ordens são cumpridas pela força se necessário.

As questões do espírito são enérgicas e abertamente menosprezadas. A educação física e a educação para a luta são as únicas merecedoras de atenção dos mestres. Tudo o mais pode ser dispensado como não tendo importância.

Todos os capítulos do livro mostram com uma nitidez terrível a monstruosidade dos mestres do ódio racial e da rapina. Há um mestre, Franzem, que, à sombra dos bosques, faz preleções às desgraçadas crianças sobre a pureza da raça germânica, da ideologia de Hitler, a qual viera sobre o terceiro Reich, a "santidade substituir todas as religiões e todas as formas de pensamento do mundo. "Adiante vemos o capítulo das mulheres procreadoras, as incubadoras dos semi-deuses germânicos.

Um mestre, como Franzem, foi que ajudou Hitler a arrastar uma cega e brutal juventude para Stalingrado. A mocidade eleita do Fuhrer não representa, porém, um estado de espírito do Chefe, tão somente, não é um produto de circunstância nascido pelas condições especiais do povo alemão. Os filhos de Hitler trazem outras origens. Eles foram indiretamente inspirados por todos aqueles que viam em tudo o espantoso bolchevista, anunciavam o materialismo histórico "feito regime reduzindo tudo a causas econômicas", advertiam que sempre era melhor ter um Hitler do que ser devorado pela tirania das massas populares. A classe média alemã que hoje sente em suas pobres carnes o pânico imenso lançado pelos bombardeiros da Ráfl contribuiu enormemente para que Hitler instalasse as suas escolas. Escolas onde o moço ariano ia aprender a ser assassino e ladrão. As regiões devastadas da União Soviética, a matança dos reféns na França foram um excelente campo onde Rosenberg experimentou a capacidade de seus pupilos para assassinar e pilhar. Lendo o livro simples de Ziemer compreendemos porque os soldados hitleristas são tão estúpidos, tão repulsivos, tão rapaces. A mística do sangue alemão faz-os assim mesmo. Os grandes proprietários alemães, os banqueiros, a casta dos oficiais prussianos necessitavam reorganizar o seu imperialismo, fazer

(Continúa à pag. 31)



A ARTE SOCIAL

FRANCISCO

SÃO ainda recentes as revalorizações históricas realizadas pelos cubistas ou surrealistas. Uns, recolheram e admitiram todo o plástico histórico da estrutura mais geométrica, como o egípcio, o negroide, etc.; outros, tudo aquilo que contivesse um simbolismo poético mais sugestivo, mais provocador e estranho, semelhante ao de um Bosco, por exemplo, ou também as gravuras mais ou menos de mau gosto, porém aptas a produzir certa excitabilidade.

Nós também temos o direito de extrair da História da Arte, de dar a conhecer esta setor da arte que exerceu uma ampla e educadora função da sociedade, e que nós chamamos de arte social, para aproveitar as ricas experiências e ensinamentos da que está repleto. Por outro lado, queremos demonstrar que todo sentimento do espírito humano teve por necessidade sua própria expressão artística, e na plasmação dos sentimentos de crítica e de protesto contribuíram homens como Hogart, Goya, Daumier, Toulouse Lautrec, etc. Suas obras, as especificamente sociais, elevam-se à altura técnica e emotiva das maiores obras de qualquer escola, por mais sublime que seja. Temos o direito de afirmar que a História da Arte não nos demonstra absolutamente que a arte social seja uma arte coxa, maltrapilha ou restrita, nem tão pouco uma arte para cuja realização os artistas tiveram de sacrificar a sua personalidade, mas, pelo contrário. O que nos demonstra é que foi realizada com plena integridade, força e grandeza de espírito, e também que a personalidade do pintor surgiu na obra com toda a sua fisionomia.

Mau grado a maioria dos artistas tenha sido educada pela sociedade burguesa, por intermédio de instituições ou pela natural reação de seus próprios espíritos num meio que não os excitava a expressá-lo, mas que, ao contrário, os reduzia à contemplação de si mesmos; apesar desses fatores



contribuírem para uma formação metafísica, cética, solitária, mística, etc., — a maioria dos artistas surgidos na etapa desta sociedade souberam também, para o nosso sorte, viver envolvidos, sem medo de diluir-se, na sociedade mesmo, expressando e criticando, uns com juízos mais ou menos empíricos e outros mais ou menos disciplinados tudo o que observaram e tudo o que a sociedade de seu tempo os fez pensar e sentir. Podemos afirmar que nessas obras eternamente sopram os ventos frescos da época em que foram concebidas.

Existem duas grandes correntes do espírito, manifestadas através da História da Arte e que determinam duas linhas claras e definidas: o realista e o idealista.

No século XVII, com os Holandeses, a corrente realista já sai da sua situação precária e se ergue na história como rival sério e potente do idealismo até então triunfante. É o triunfo do popular no grande arte. É a arte das corporações de artesãos, de camponeses e da burguesia nascente e revolucionária.

Há quem julgue (e demonstra ignorância) que não é possível dentro do realismo mais que um só matiz espiritual único, exacerbadamente objetivo, realista no vulgar sentido da palavra, e se engana redondamente. Dentro da corrente idealista cabe o épico, como dentro da corrente realista cabe o lírico. No realismo podem soar todas as cordas do espírito.

No matiz romântico podemos perceber produtos destas duas correntes numa mesma época: no realista, um Balzac; no idealista, um Musset; na pintura, um Daumier, por exemplo, e um Delacroix.

Há uma arte que trata de embalar e universalizar as coisas, de idealizar os personagens. Existe outro que trata de dar sua marca a cada coisa, que sobrecarrega os personagens de psicologia. Naquela, é como se o artista submetesse

todas as suas personagens a um objetivo. Nesta, pelo contrário, necessariamente grande, humano, e é como se o artista visse que sentir interiormente e expressar a realidade, segundo sua própria natureza.

Aquela é produto de uma concepção de mundo, de uma experiência, de uma intenção, de um sentimento, de um objetivo, de um sentimento popular; aquela nos chegam dos Países Baixos; aquela dos Países Baixos; aquela dos Países Baixos.

Dentro da arte realista, os artistas que fizeram a luta.

O desenho da tendência caricatura — é tão antigo quanto a arte. Sua origem e fundamento está no primitivo deste trabalho, no rizado da sátira primitiva, nas sões e por falta de melhor, voltar-se até o Renascimento, quando a caricatura é potestada na forma. Pode ser um instrumento.

A medida que se vai e costumes primitivos, deríamos chamar de caricatura, pai do desenho.

Não consideramos a caricatura que nos dá Marx: "a caricatura é a lógica habitual, a vida"... Efetivamente, a caricatura pela caricatura, mas ela não é mente o que desempenha o papel de um "claro" sua única finalidade.

Precisamente a caricatura revolucionária, e ainda tem por objetivo expor o bolo popular ou da verdade das coisas, por a expressão dessa, esta caricatura prova, produto do absurdo da falta de lógica, mas na realidade das coisas, aparência. O risível, em que esclarece os dos personagens, das atividades dos homens, o mandado da providência, a verdade e gestos, dessas atividades, quer que a caricatura maioria dos casos, um neo; o que os "classe" cidade o que sejam, olhos do vulgo, e o o cômico da caricatura.

É este o motivo das caricaturas políticas, que veem destruídas, delas as coisas de o



Uma vela a Deus, outra a Hitler...

A CARICATURA

O CARRENO

...o um sentimento sub-
...o, o artista tem que ser
...conhecedor do espírito
...realizar um assunto tí-
...mente o que deseja que
...personagens tirados do

...uma contemplação res-
...mundo e da humanidade,
...artista idealista. Este é
...ariamente saturado do
...tem que viver intensi-
...um realista. Aquele é
...to, aristocrático; este, do
...go através da Itália; este,
...ele é idealista; este, rea-

...lista, interessa destacar os
...a sua arte uma obra de

...cio — sátira desenhada,
...tigo como a humanidade,
...são populares. Não é pro-
...azer um estudo pormeno-
...ivo. Por razões de subver-
...os adequados para desen-
...mento e a Reforma, o só-
...em quantidade e rudi-
...sses motivos não chega
...e massas.

...nhece melhor as culturas
...te enriquecerá o que po-
...rigens e história da sátira
...nho social.

...sta o apreciação geral da
...o crítico Claudio Roger-
...uma composição contrá-
...verdade, ao bom sentido,
...uma grande parte da ca-
...a está de acordo com tol-
...toda a caricatura: é so-
...na vida social o mes-
...na" no circo: fazer rir —

...atura política, a caricatura
...a do costumes, muita vez
...ssor simbolicamente (sim-
...tra maneira a grande ver-
...ando fazer que nada falte
...ndo verdade. E o riso que
...nas multidões não é pro-
...ua representação, da sua
...lu que descobre e despe-
...mais "sérias" e de grande
...ta do desenho na medida
...mesmo tempo a aparência
...coisas, dos gestos afetados,
...mens públicos que "vieram
...ncia", e a verdadeira sig-
...ue se oculta através desses
...s e aparências. Quero di-
...revolucionário mostra, na
...a dupla realidade simultâ-
...dirigentes querem" da so-
...homens e as coisas aos
...são na realidade: eis aí
...política.

...qual são bem recebidas
...pelas classes populares,
...ridicularizadas por meio
...ncia mais sagrada e dog-

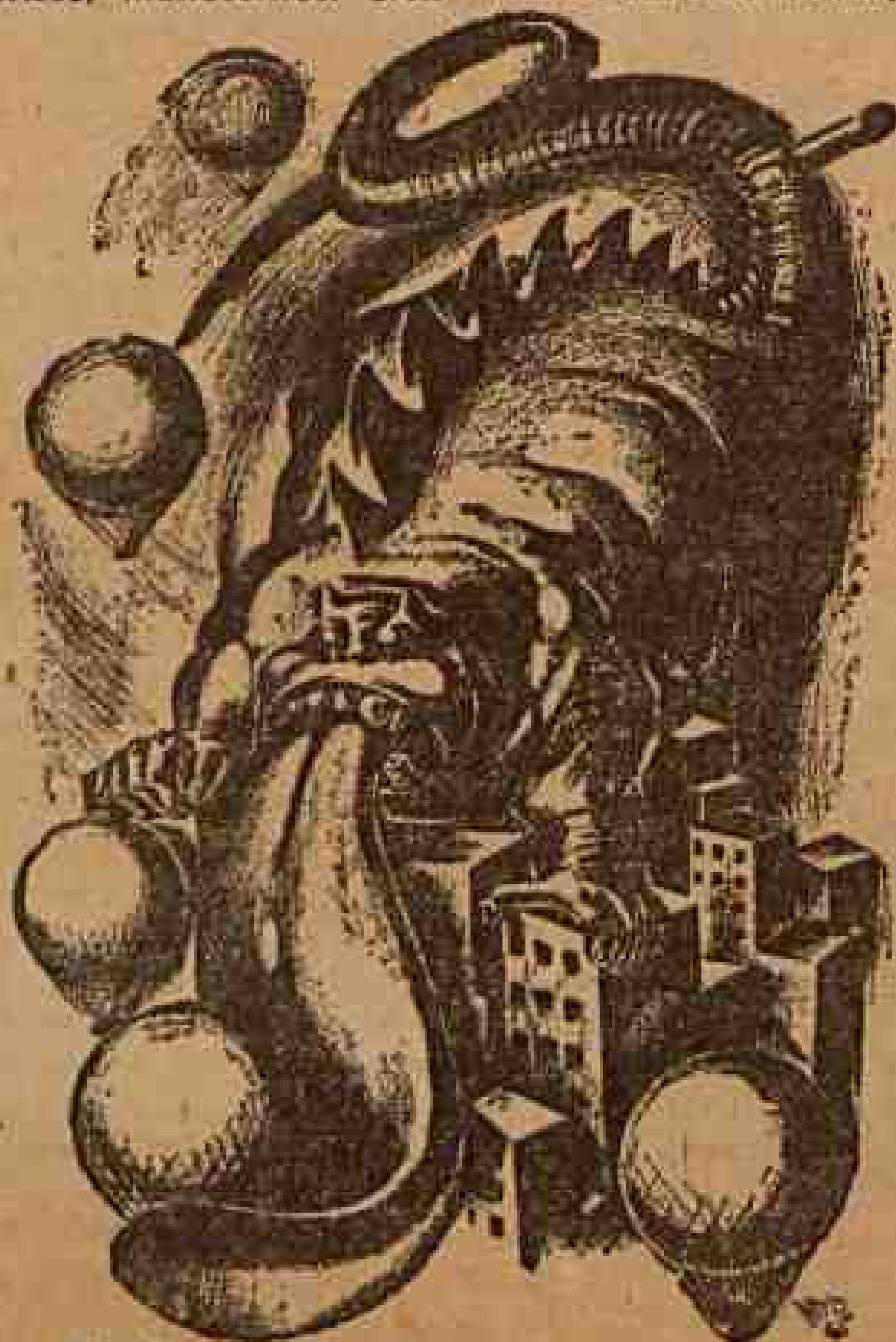
mática da sociedade que as oprime e explora, e
...porque, ademais, educam o seu espírito na luta
...contra os homens e instituições das classes do-
...minantes.

Outra grande verdade (nós a reconhecemos
...plenamente) que serve de pretexto para consi-
...derar esta manifestação da arte, é que a maior
...parte das caricaturas é de infima qualidade téc-
...nica, grosselramente desenhados e somente jo-
...gam com o papel de complemento e subordina-
...ção a uma legenda. Mas nós não podemos admitir,
...como a maioria o demonstra, que isso seja de-
...vido ao fato de que a caricatura e a arte se-
...jam termos opostos, ou que fazer caricatura sig-
...nifique para o artista realizar arte de baixa qua-
...lidade. O que isso demonstra é o garantia popu-
...lar que tem a caricatura, a apatência de imagem
...que as classes populares possuem e a necessi-
...dade de saciar este desejo e não outra coisa.

Como já afirmamos antes, ali onde um espírito
...profundo, uma sensibilidade estranha produziu
...caricatura, surgiu sob o ponto de vista de forma
...duma grande obra de arte.

Três fatores importantíssimos e fundamentais
...contribuíram para que se produzisse e desenvolve-
...se a caricatura ou o desenho de tendência: o sen-
...timento popular, a técnica e as condições so-
...ciais.

O sentimento popular é a fonte criadora e ins-
...piradora da caricatura, a sátira desenhada. Aon-
...de foi possível esse sentimento manifestar-se atra-
...vés da história; ali onde a arte, por seu caroter
...ornamental e secundário possui maior liberdade
...e independência, tanto com respeito às idéias e
...disciplinas dos altos dogmas da Igreja, como por
...não ser, pelo lugar que ocupam (tão controlada
...a sua representação pela censura sacerdotal), ali
...os artezãos medievais, em capitéis, em madeira,
...frisos, manuscritos, etc., manifestam sua ironia,



de Puyol

O doateiro — PUYOL



O estrategista de café — PUYOL

zombaria ou protesto popular. As Igrejas são o
...testemunho desta afirmação.

A técnica tem sido fundamental para o desen-
...volvimento, amplitude e independência completa
...do desenho de tendência popular. Com o desen-
...volvimento da técnica, a invenção da gravura, o
...papel, a litografia e a fotogravura, o desenho
...de tendência deixa de ser um desabafo, uma di-
...versão particular para ser um instrumento de mas-
...sas, um meio de coordenação social na luta con-
...tra idéias e instituições. Outro fator técnico mais
...profundo é o próprio desenvolvimento do realis-
...mo. O progresso que o realismo tem obtido no
...domínio da análise dos gestos e da psicologia hu-
...manas contribuiu para aumentar a força revolu-
...cionária do desenho de tendência.

O terceiro fator, as condições sociais, é tam-
...bem importantíssimo. Uma das condições para
...que se produza uma tendência de massas é que
...exista nestas um comum anseio social, um espírito
...de protesto coletivo, para que aquele se apoie
...em multidões e seja sua produção sistemática. Por
...outra parte, é necessário também uma certa mar-
...gem de liberdade, pois que ao passar a sátira do
...carater individual ao coletivo há de se por de
...acordo vários elementos, várias pessoas, há de
...existir uma determinada organização. Isso teria
...sido impossível na Idade Média, pois as santas
...fogueiras se encarregariam de dar fim a qual-
...quer intenção de protesto desenhado.

A caricatura, o desenho de tendência recolhe,
...como um termômetro, a temperatura social. Nos
...momentos de grande tensão e luta social, político
...ou religioso, é quando maior quantidade de de-
...senho revolucionário se produz. (Reforma, libera-
...lismo inglês, Revolução Francesa, Comuna, etc.).
...Em tempos de relativa estabilidade e tranquilidade,
...o cômico propriamente dito domina na carica-
...tura.

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG

Junho, (da sucursal)

INTELECTUAIS, editores e livreiros de São Paulo uniram-se num movimento espontâneo e muito significativo. A fundação da Biblioteca Pública de Caraguatatuba, biblioteca que recebeu o nome de Afonso Schmidt, em homenagem a um dos nossos escritores mais honestos e mais chegados ao povo, despertou grande entusiasmo e as doações de livros e revistas ainda não terminaram. Uma grande caravana da capital seguiu para a cidade do litoral e a biblioteca foi inaugurada no dia 27 de junho, na presença do seu patrono. Trata-se de uma iniciativa que deveria ser repetida em todas as cidades do interior, e oxalá todas pudessem receber um patrono como Afonso Schmidt.

NOVAS editoras paulistas já estão com seus livros nas vitrines. "Alvorada da vitória", de Louis Fischer, é o primeiro livro da Editora Prometeu, e "A batalha pelo domínio do mundo", de Max Werner, a obra inicial da Editora Oceano. Os seus dirigentes estão de parabéns, quer pela escolha de obras de

grande atualidade, quer pela apresentação gráfica que souberam dar às suas edições. Uma nova editora acaba de surgir. Seu programa está na sua denominação: Momento. Anuncia obras de Ilya Ehrenburg, de Gorki e de Chekov.

COM o lançamento de "Noite-sem lua" e "Piloto de guerra", as duas magníficas obras de Steinbeck e de Saint-Exupéry, a Editora Nacional apresenta ao público brasileiro dois romances vividos de uma época tumultuosa, época que somente escritores de fibra, como o romancista americano e o aviador francês, estão em condições de sentir e de descrever. Um livro que faltava será lançado pela Editora Universitária. Falamos do "Sargento Nikola", romance dos guerrilheiros da Iugoslávia indomável, dos heróis que desafiam os alemães do alto de suas montanhas invioláveis.

FALEMOS da produção nacional. A Livraria Élo vai lançar dois romances de Galeão Coutinho: a terceira edição das Memórias de Simão, o coelho, e Confissões de Dona Marcolina, a resposta

da esposa do trêfego Simão. Rossini Tavares de Lima, um jovem trabalhador intelectual, lançará "Música e revolução", edição "América Livre". João de Souza Ferraz é um dos mais esforçados escritores paulistas e está terminando "Fundamentos da psicologia", encomendado por uma editora de Buenos Aires. A "Pequena História da Economia", de Roberto Haddock Lobo, é um dos melhores ensaios escritos sobre o assunto no Brasil.

"O RIO", de Carlos Lacerda. Edição feita por iniciativa do conhecedor de livros raros e edições de luxo, Clovis Graciano. Apenas 220 exemplares com gravuras em madeira de Livio Abromo, vinhetas de Walter Lowy e um extenso prefácio do autor.

"O Rio" já foi levado à cena pela Cia. de Arte Dramática de Alvaro Moreira, em 1937, provocando muitos comentários da crítica do Rio e de São Paulo, pois mostrava uma nova fase do teatro brasileiro; o teatro sem convenções e sem enredo, feito de histórias, cenas e tipos. Seu autor visava renovar os convencionalismos que tradicionalmente apresentam o homem da raça no Brasil como um ser boçal e destituído de qualquer interesse humano.

Animado pelo êxito do lançamento dessa edição limitada de um drama de teatro moderno e brasileiro, Clovis Graciano pretende continuar suas edições especiais, estando em estudos uma edição da obra inédita de Gregório de Matos, com ilustrações do editor e de Carlos Leão, que pela primeira vez ilustrará um livro".

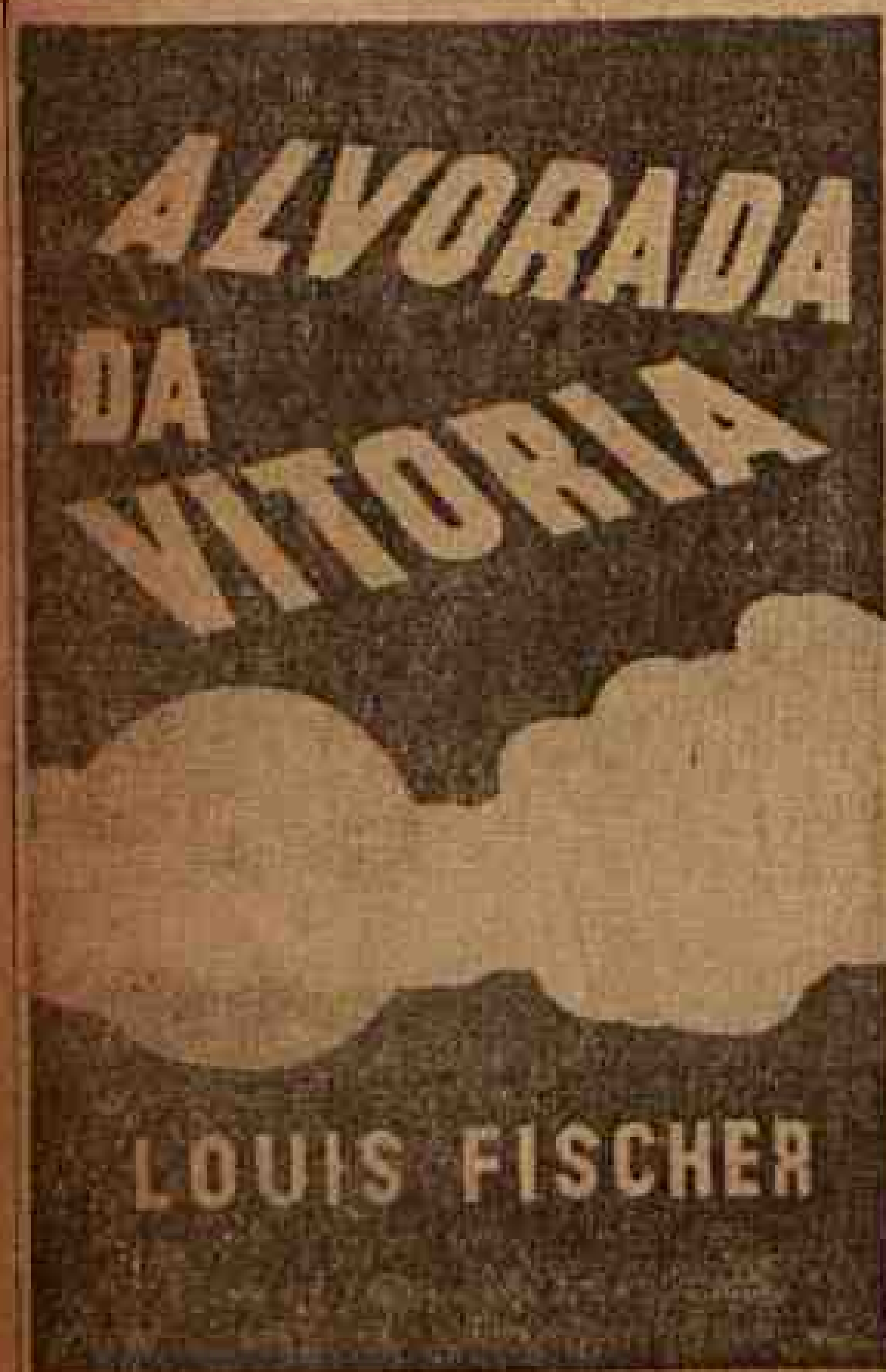
LIVROS GRATIS

Solicite-nos uma relação dos livros-bonificação que estamos distribuindo a todos os nossos fregueses.

Pelo Serviço de Reembolso Postal atendemos pedidos de livros de qualquer editora nacional. O nosso "Reembolso" garante: Rapidez na remessa. — Preços de tabela do editor e embalagem cuidada.

Solicite os nossos catálogos grátis.

LIVRARIA BOA LEITURA — R. Senador Feljó, 155 — SÃO PAULO.



FISCHER, famoso jornalista e escritor, era chamado no mundo político francês o "duende americano", porque, com astúcia e destreza, soube mais de uma vez apoderar-se dos herméticos segredos e destramar intrigas que fizeram abortar mais de uma manobra dos que já então preparavam o terreno de Vichy.

Fischer dialogou com todos os homens que nesta hora pesam nos destinos do mundo: Churchill, Stalin, Eden, Hitler, Mussolini, e com os olhos vendados seria capaz de andar por Downing Street, pelo Kremlin, Berchessgaden, o Palácio Venécia e o da Sociedade das Nações, em Genebra.

Documentado, pois, como nenhum outro escritor de nosso tempo, Fischer, em magnífica síntese, faz que este livro abarque o Passado (a incubação do drama pelos apaziguadores tipo Chamberlain); o Presente, cheio de promessas e já com realidades tão sublimes como a heróica defesa que

do solo Inglês, fez a R.A.F., a respeito da qual nos ministra preciosas informações até agora não divulgadas, soube pintar-nos seus heróis ao natural, com os quais o autor deste livro tratou e correu os mais graves riscos. E ao volver os olhos para o Futuro, quer Louis Fischer que a Vitória não seja estéril como a de 18, senão fecunda.

Quer que a Paz assente em alicerces duradouros e que a América, toda a América livre e unida, siga em seu posto de vanguarda a fim de levantar, para glória de uma Humanidade melhor, o grandioso edifício do porvir. E as normas básicas que Fischer sugere, normas lógicas e que trariam a maior garantia para a paz e o progresso mundiais, bastam sós por sós para dar a este livro o destino que merece: ver-se nas mãos de quantos anelam a vitória das nações unidas, aspirando a esse amanhã melhor cuja doutrina foi magistralmente exposta pelo presidente Roosevelt.

EDITORA PROMETEU

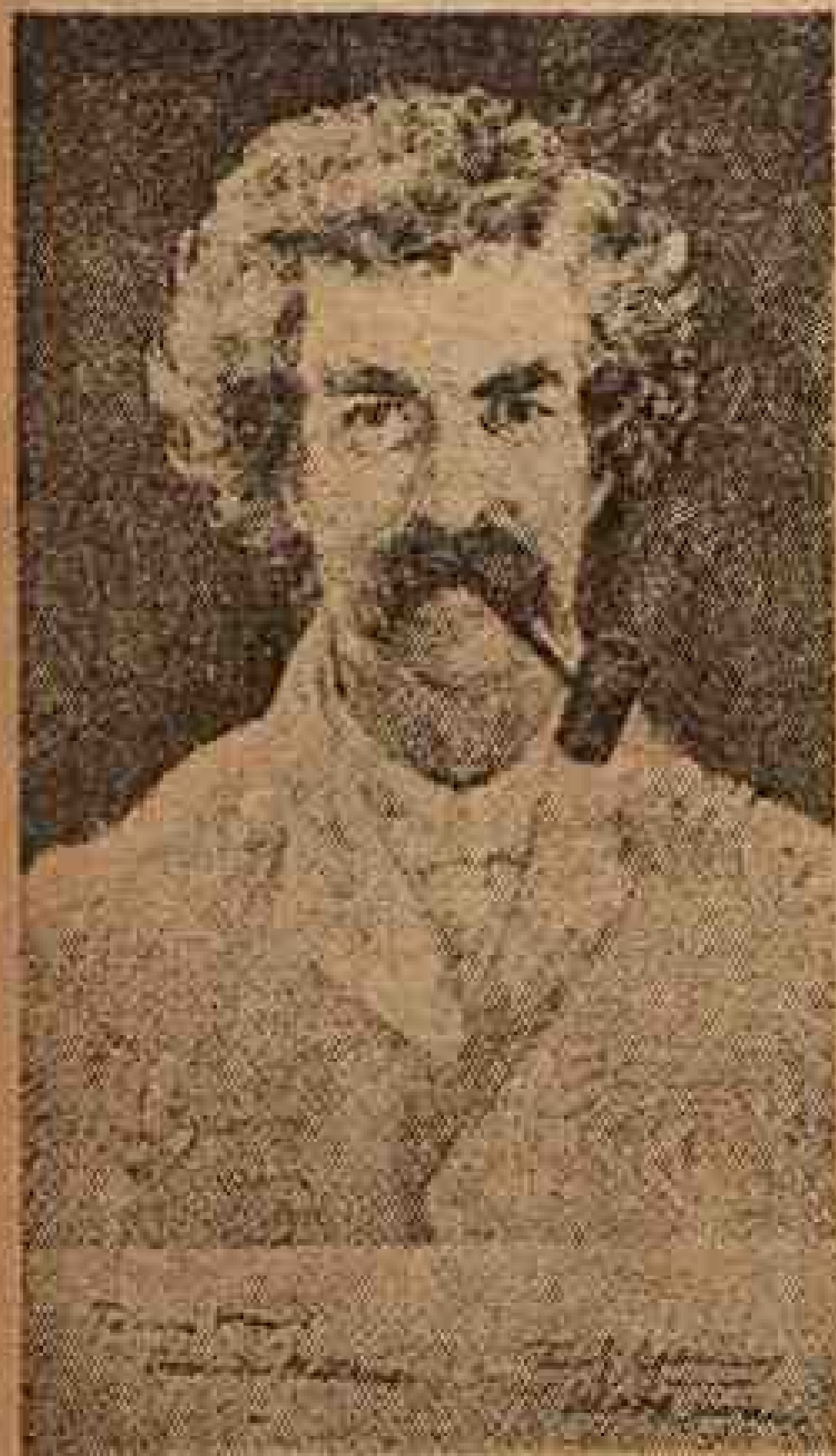
Caixa Postal, 4793 — SÃO PAULO

"OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR"

CAIO DE FREITAS

Copyright de LEITURA

AS EDITORAS brasileiras estão se dedicando, neste momento, à publicação de coletâneas. A iniciativa, encarada do ponto de vista da orientação que vem sendo dada a esse movimento, pode ser considerada como uma idéia feliz. De fato, nesta época de sensacionalismo em literatura, quando a atenção de todos os leitores vê-se ocupada em decifrar a equação realística da tragédia que sacode o mundo, não sobra tempo ao nosso cérebro pa-



Mark Twain

ra se debruçar sobre o passado e rever, numa leitura rápida que seja, as grandes páginas que integram, agora, o patrimônio espiritual da humanidade.

Vive-se, hoje, o momento presente, governados todos nós pelo que Emerson chamou o "gênio da hora". Tão grande é o sofrimento do mundo, tão espantosa é a tragédia que dilacera a humanidade, que a cultura em si — a cultura fator de decantação espiritual e resultado de equilíbrio seletivo entre tendências e fluxos de idéias as mais diversas possíveis — perde um pouco da importância da sua presença, convertendo-se numa exigência preciosa mas que, de forma nenhuma, deva preterir as imposições invencíveis da realidade que nos cerca.

Os livros que refletem a vida com as suas inquietações e suas dúvidas relativas ao mundo que nasceu desta guerra não podem deixar de ser lidos com sofreguidão e interesse. De manhã à noite, pelo livro, pelo rádio, pela imprensa, os acontecimentos polarizam a nossa atenção, recordando-nos a missão que nos cabe neste momento da história, como unidades integrantes do gênero humano, como elos pequenos mas vi-

taís da cadeia espiritual da humanidade. Nessas condições, quem poderá se isolar dentro dos acontecimentos e olhar para traz afim de rever a emoção de escritores que trabalharam dentro de um mundo diferente, construído sobre a paz e a concórdia entre as criaturas.

A coletânea realiza o milagre de trazer, até o tumulto dos nossos dias, as vozes dispersas que falaram de beleza no mundo. Em meia hora de intimidade com essas páginas escolhidas a gente recorda épocas distantes, revê perfis dourados pela glória dos séculos, sem que se tenha necessidade de fazer um alto dentro da vida, esquecendo ou negligenciando as solicitações da realidade que nos obumbra o olhar.

Um exemplo típico dessa verdade encontra-se na publicação, feita recentemente, de uma seleção cuidada de "As Farpas", em dois volumes da editora DOIS MUNDOS. Eça e Ramalho, através daquelas sátiras, voltaram à nossa imaginação sem que fizéssemos nenhum esforço para isso. O mundo em que eles viveram — o Portugal beato e modorrento, com as suas intrigas e corrupções — surge diante dos nossos olhos como numa tela mágica e colorida.

Neste momento, está sendo distribuída às livrarias uma outra coletânea que, certamente, realizará, com eficiência, a missão divulgadora que lhe foi emprestada pelos editores. Trata-se da coleção "Os mais belos contos de amor", organizada pela empresa Vecchi e apresentada numa esplêndida edição de mais de quatrocentas páginas. Essa coletânea reúne e congrega, no espaço reduzido de um volume, uma centena de contos famosos, desde Boccaccio até Pitigrilli, passando por Maupassant e Mark Twain.

Quem não dispõe de tempo para ler histórias agradáveis escritas, através dos tempos, pelos escritores que se celebrizaram em todas as línguas, encontra nessa coletânea um repositório variado e fascinante do que de melhor existe no gênero em todas as literaturas. Constitue uma hora agradável e de intenso prazer espiritual a que se gasta em percorrer essas páginas, cheias de cenas românticas e ressoantes de vozes amorosas que se abafaram em dramas infelizes vividos à sombra da noite dos mais distantes países do mundo.

Pena é que os editores não dispensassem uma atenção maior à tradução dos contos selecionados. Aqui e ali ressalta, de vez em quando, uma expressão pouco compatível com a elevação da linguagem que foi usada no original, tornando a versão portuguesa manca de dignidade espiritual e órfã de preciosismo linguístico. Gabriel D'Annunzio, dono de um estilo de europeus, senhor de uma linguagem esmaltada de ouro e fosforescente de pedrarias, contribui para essa coletânea com o seu conto "Voluptuosidade", uma das suas histórias de amor mais lascivamente encantadoras. Na tradução verifica-se, entretanto, um hiato de bom gosto

que prejudica enormemente a beleza serena que escorre de todos os seus períodos. Vejamos: "a seguir virou a mão para sentir os beijos sobre a palma, entre os dedos, na munheca, em cada veia, em todos os poros". Positivamente essa expressão "munheca" surge na frase como uma monstruosidade estética. Gabriel D'Annunzio, se fosse vivo, haveria de ter vergonha desse prosaísmo chocante, encrustado como um dente podre na boca vermelha de uma mulher bonita.

Agora esses pequenos reparos. "Os mais belos contos de amor" constituem uma coletânea inteligente, bem feita, cuja leitura agrada e espiritualiza. Nesta época de novidades sensacionais, vale a pena perder um pouco de tempo com essas páginas, relendo as histórias encantadoras que elas reproduzem e que deram fama e glória à literatura de muitas raças.

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR
— Compilação e tradução de Perrilano da Fonseca — Editora Vecchi — Rio, 1943.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 10.000.000,00

Todas as operações bancárias
às melhores taxas

Contas Correntes

POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de 5% a/a

PAGA E RECEBE ATÉ
AS 7 HS. DA NOITE

O QUE SE FAZ EM MINAS

FRITZ TEIXEIRA DE SALES Rep. de LEITURA em B. Horizonte

CONVIDANDO UMA GERAÇÃO A DEPOR

UM dos matutinos de Belo Horizonte está realizando um inquérito entre intelectuais menores de trinta anos. As perguntas que constituem o inquérito são as seguintes: a) Porque escreve? b) Crê numa função superior da literatura? c) Crê em sua geração?

Até o momento em que escrevo, já responderam a estas três perguntas mais de dez jovens escritores, sendo que somente um ou outro dos depoentes já tem livro publicado. As perguntas em questão prestam-se admiravelmente como captadoras do pensamento da juventude, além de ser também muito útil em Minas pelo fato de convidar o homem da montanha que se candidata à ingrata carreira das letras a uma espécie de profissão de fé. Ora, acontece que o mineiro nunca gostou muito de se definir com clareza e lealdade, sobretudo em público. "Jogar com uma carta de menos" foi sempre o lema do famoso "clima da montanha". E eis que o jornalista J. Etienne Filho, realizador do inquérito, agora nos exclama: "Vamos pôr as cartas na mesa, minha gente?"

Foi um nunca acabar de erudição. Erudição ainda engatinhante, porquanto quem não tem trinta anos não pode ter cinco anos de leitura metódica e assimilada; apesar disto, os meninos brilharam bastante, tendo mesmo havido um rapazinho que, para responder as três perguntas acima, encheu duas colunas inteiras do jornal com mais de cinco períodos em

francês citando Gide, Valéry, etc., etc. O interessante, porém, é que justamente esse respondeu todas as perguntas dizendo que não sabia: não sabia porque escrevia, não sabia se a literatura tinha uma função superior, não sabia se acreditava ou não em seus contemporâneos. Francamente, para ignorar tanto, penso ser desnecessário citar e escrever tanto. Outro fenômeno curioso nesse depoente é que, apesar das perguntas desse inquérito serem tão pouco metafísicas, ele falou várias vezes na ausência da noção do pecado no homem de hoje, nada dizendo, porém, sobre a ausência dessa noção no nazismo, sobre o desafio do nazi-fascismo ao Cristianismo, aos sentimentos cristãos da humanidade, ao pudor e à moral do homem tão requintadamente conspurcados por tantos feitos nazistas como, por exemplo, um mercado de escravos no Século XX...

Uma das respostas mais expressivas, mais objetivas e honestas, foi a de Murilo Rubião, cujo livro de contos está sendo anunciado.

Disse que "todos aqueles que se isolarem ou não tiverem consciência do perigo que o fascismo, ou qualquer outro inimigo da liberdade representa para os povos livres, devem ser considerados como os nossos piores adversários. "Não temos o direito de compreender ou de desculpar a indiferença".

O interessante é que o repórter, na sua breve introdução chamou o depoente de cético e de poeta. Trata-se provavelmente de um novo conceito de ceticismo.

Outra declaração honesta foi a do crítico Wilson Castelo Branco, uma das mais jovens e fortes vocações literárias de Minas de hoje. Afirmou que escreve por solidariedade humana, isto é, por simpatia para com o próximo, dizendo ainda belas verdades sobre sua geração e sobre o elemento essencial de todas as literaturas — que é o anseio pela vida melhor, mais humana e mais integral.

Foram também ouvidos Fernando Tavares Sabino, autor de "OS GRILLOS NÃO CANTAM MAIS", Alphonso de Guimarães Filho, Clemente Luz e outros.

* * *

ANUNCIA-SE para breve, em Minas, o lançamento da 2.ª edição do romance de João Lucio, PONTES & CIA., romance de costumes que foi qualificado como maravilhoso por Lima Barreto, quando publicado em 1912. Esse livro, que é escrito em estilo musical e luxuriante, com prolixidade de adjetivos e extraordinária beleza vocabular, focaliza com muito realismo a vida rotineira do interior de Minas de antes da 1.ª grande guerra.

* * *

SAIRA brevemente uma novela do escritor Clemente Luz, intitulada PRESIDIO, e que será a estréia do poeta de OMBROS CAIDOS como romancista.

* * *

SUMIDOURO é o romance com que José Calazans estreará como ficcionista introspectivo, focalizando interessante contraste entre o tempo atual e o passado.

Tipos e Máquinas Gráficas Papéis Nacionais e Estrangeiros

Sociedade Anônima Nebiolo

SOB ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

End. telegráfico: NEBIOLO

Agência de São Paulo

Agência Geral - Rio de Janeiro

RUA BRIG. TOBIAS, 376/380

RUA BUENOS AIRES N.º 263

Telefone 4-3111

Telefones 43-6025 - 23-0169

As Escolas da Morte

(Continuação da pag. 23)

uma redistribuição do mundo entre os monopólios, fortalecer as bases de sua classe dominante. Era necessário criar um regime policial com todo o caráter de um regime de repressão sistemática. Sem a demagogia e a mística racial não seria possível sustentar esse Estado Forte. E tiveram que inventar um Hitler para com ele armarem o jogo sangrento do nacional socialismo.

Ziemer cita um trecho de uma das furiosas proleções de Franzen:

"Para provar o quanto nós desprezamos todos os cultos existentes exceto a ideologia de Hitler, encerraremos o semestre com um rito. Esse rito deixará em nós a certeza de que o fogo e a destruição serão o fim de todos aqueles que não pensam como nós".

A voz de Franzen ainda insiste sob os escombros da Krupp, do fundo das represas bombardeadas. Cedo se calará.

'O Destino de um Homem'

(Continuação da pag. 18)

notônia e seus hábitos, produz em nós uma viva sensação de retorno. E' como se nos sentíssemos velhos, a recordar pedaços das nossas vidas. Ou de qualquer coisa antiga, que hoje vem transformada pelas exigências do gosto moderno. Mas, coisa interessante: essa sensação não chega a ser saudade. Não nos faz experimentar nenhum desgosto por tudo se ter modificado. Tem-se a impressão de que o pesar e o ligeiro sentimento de máguia, se convergem para a velhice. A certeza de que não anda longe o fim. O realismo frio, a consciência perfeita de que, em breve, nada mais restará daquilo que foi uma vida, com todos os seus grandes e pequenos sonhos.

Seria injustiça deixar de assinalar a boa tradução de Moacir Werneck de Castro.

O DESTINO DE UM HOMEM, de W. Somerset Maugham — Tradução de Moacir Werneck de Castro — Coleção Nobel — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1943.

Diógenes encontraria um Homem

(Continuação da pag. 21)

de, ele não se recolheria, cansado e desiludido, ao seu velho tonel vazio de vinho e humedecido de lágrimas. O filósofo encontraria o deão de Canterbury. Poucos homens no mundo têm se mostrado tão audazes na busca da verdade como o venerável Hewlett Johnson. Sua coragem é a de um "viking" que ousasse egrimir com uma pena e lutar com as teclas de uma máquina "Remington". O deão é um sábio e um valente. Ele entrará para a História entre os grandes heróis desta guerra. Não que esteja de fuzil em punho, porque sua reverendíssima não é soldado. Mas porque fez de sua integridade moral e de sua vasta cultura um escudo contra todos os preconceitos que entravam o progresso da humanidade em sua marcha para o futuro.

O BANCO DO COMERCIO S/A

(O mais antigo do Rio)

Brevemente, fará sua mudança para a sede provisória



A VELOCIDADE DA LEITURA — A leitura, como a praticamos hoje, silenciosamente, foi em um tempo quase desconhecida. Isso ocorreu faz muito tempo, séculos antes da invenção da imprensa, e a modificação era inevitável com a necessidade de ler-se mais depressa; era impossível ler-se depressa enquanto persistisse o costume de se pronunciar em voz alta cada palavra. Santo Agostinho observa em suas "Confissões" que um dia viu seu amo lendo silenciosamente as páginas de um livro, coisa que lhe causou surpresa, pois este costume era então muito raro. O ler em silêncio veio como um meio de encher o tempo, imposto pela urgente necessidade de fazer mais coisas.

A velocidade a que uma pessoa pode ler e compreender varia. Sir John Adams disse que ninguém deveria ler menos de 300 palavras por minuto, e afirma (algumas pessoas se sentirão inclinadas a duvidar) que "o aumento de velocidade na leitura aumenta necessariamente o valor dela mesma". Mas sua velocidade mínima é provavelmente demasiado alta para a maioria de nós, mesmo admitindo que na prática não leiamos cada palavra, pois não podemos obter proveito algum em ler rapidamente se nossa atenção marcha à mesma velocidade que nossos olhos.

(Do "Chambers Journal", Londres.)

PACO EM ESPANHOL — "Madrid está cheia de rapazes com o nome de Paco, derivado de Francisco. Existe mesmo uma anedota madrilenha a respeito de um pai que chegou a Madrid e mandou publicar no "Liberal" um aviso que dizia: "Paco, ven a verme al hotel Montaña, el martes por la tarde. Todo está perdonado. — Papá". Foi preciso chamar um esquadrão da Guarda Civil para dispersar os oitocentos homens que atenderam ao aviso".

("As guampas do touro", conto de E. Hemingway")

Últimas Edições

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, São Paulo:

NA BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO:

NOITES SEM LUA, de John Steinbeck, o grande livro do romancista norte-americano sobre o drama de uma nação ocupada da Europa.

PILOTO DE GUERRA, de Antoine de Saint Exupéry, o livro de guerra do grande romancista e aviador francês.

CEU ROUBADO, de Bertha Ruck.

DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS, de Nuno Smith de Vasconcelos e 4.^a edição do **PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA**.

DAS EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA SÉRIE BRASÍLICA:

COROGRAFIA BRASÍLICA, de Padre Manuel Aires do Casal, em dois volumes. Uma das mais importantes obras históricas brasileiras, que se destaca além disso pelo seu espírito científico. Aires do Casal foi o primeiro a divulgar a famosa carta de Pero Vaz de Caminha.

NA SÉRIE OS MESTRES DO PENSAMENTO:

OBRAS DE OVIDIO, reunindo num volume "Os amores", a "Arte de Amar" e "Fastos".

NA SÉRIE VIDAS LUMINOSAS:

MACHADO DE ASSIS, brilhante estudo de Elói Pontes, sobre o grande romancista brasileiro.

NA SÉRIE NOVELAS UNIVERSAIS:

IVANHOE, de Walter Scott, em dois volumes, e **NOSSA SENHORA DE PARIS**, também em dois volumes, de Victor Hugo.

NA SÉRIE NOVELAS DO CORAÇÃO:

ROMANCE DE UM MOÇO POBRE, de Otávio Feuillet.

DA EDITORA UNIVERSITÁRIA LTDA., S. Paulo:

NA BIBLIOTECA CIÊNCIAS PARA TODOS:

REGRAS PARA TRIUNFAR NA VIDA, de La Fuerza.

DA LIVRARIA ACADEMICA, LTDA., S. Paulo:

A BATALHA PELO DOMÍNIO DO MUNDO, de Max Werner. Curioso estudo sobre a estratégia política e militar da presente guerra.

DA LIVRARIA ACADEMICA, S. Paulo:

NOÇÕES DE PSICOLOGIA DA CRIANÇA, de João de Souza Ferraz. Segunda edição.

DA EDITORA PROMETEU, S. Paulo:

ALVORADA DA VITÓRIA, de Louis Fischer, tradução de Lívio Xavier.



Um dos mais interessantes documentários de guerra escrito por um jornalista.

DA LIVRARIA ELO, S. Paulo:

A TEORIA DE EINSTEIN AO ALCANCE DE TODOS, pelo dr. Ribeiro de Souza.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA:
A SÉTIMA CRUZ romance de Ana Seghers, tradução de Otávio Mendes Cajado.

NA COLEÇÃO A MARCHA DO ESPIRITO:

PEQUENA HISTÓRIA DA ECONOMIA, de Roberto Hadock Lobo.

DO LIVRO DE BOLSO, São Paulo:

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, segundo volume das obras completas de Lima Barreto.

DAS EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL, S. Paulo:

DICIONÁRIO LATINO-PORTUGUÊS do prof. Dirceu A. Vitor Rodrigues.

AS MIL E UMA NOITES, de Galant.

DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S. Paulo:

ENTRE O CHÃO E AS ESTRELAS, novo romance de Tito Batini, o autor vitorioso de "E agora, que fazer?".

NOVO MUNDO, romance de Celso Barroso.

DA AMERIC-EDIT:

EDIÇÕES EM FRANCES:

JEAN BAROIS, de Roger Martin du Gard, Prêmio Nobel de Literatura. Romance, dois volumes. "Roger Martin du Gard é um dos maiores nomes das letras contemporâneas. Poucos escritores terdo conseguido representar em tão alta escala o espírito francês, no que ele tem de mais expressivo e característico, imprimindo à sua mensagem estética um sentido tão profundamente humano e universalista.

JEAN BAROIS marca, talvez, o ponto culminante da obra do grande escritor. Abordando o drama de toda uma geração intelectual — a geração do processo Dreyfus, de que faz o histórico, — e mais do que isso: abordando o drama do pensamento moderno, em luta por se afirmar decisivamente entre a ciência e a religião, num conflito que assume, por vezes, um acento tão patético, Roger Martin du Gard conseguiu escrever um romance no qual a "aparência da vida e de verdade", que é o objeto e o cálculo das ambições de todo romancista", porque é o elemento fundamental de sua arte, encontra uma das mais vivas e palpitantes, se bem que das mais amargas expressões".

THAIS, de Anatole France. **THAIS** é a história de um monge que, trabalhado pelo orgulho, a dúvida e a luxúria, acaba por se deixar colher intempestivamente nas malhas de uma paixão alucinante e que, por uma terrível ironia, vai encontrar na resistência da pecadora, que é o objeto do seu interesse e a qual fora por ele convertida, o incitamento que o levaria a sorver, embriagado por uma exaltação furiosa, todo o veneno que havia em seu próprio coração.

LE GRAND MEAULNES, romance de Alain Fournier. Uma delicada e discreta aventura do coração, deu à literatura francesa o motivo de uma de suas mais elevadas obras-primas. — **LE GRAND MEAULNES** — talvez, mesmo, a mais notável destes últimos vinte anos, modelo da arte do romance do sonho, da evasão e da fantasia, de que é a expressão máxima, cabendo em suas páginas, como afirmou Albert Thibaudet, "toda a aventura romanesca francesa".

THERÈSE DE RAQUIN, romance de Émile Zola. A realidade da vida apanhada num dos seus aspectos mais brutais e violentos, porém não menos profundo e verdadeiro. Zola compôs o terrível drama de **THERÈSE RAQUIN**, imprimindo pela primeira vez a uma de suas obras, como acentuou Heinrich Mann, a marca inconfundível da sua arte, isto é, do seu gênio.

DA LIVRARIA DO GLOBO,
Porto Alegre:

NA COLEÇÃO NOBEL:

O DESTINO DE UM HOMEM, de W. Somerset Maugham, tradução de Moacir Werneck de Castro. "É o livro de um romancista em férias. Maugham, desfiando, sem plano preconcebido, ao sabor das sugestões da conversa, as suas reminiscências da vida pitoresca de um colega famoso".

DR. ARROWSMITH de Sinclair Lewis, tradução de Juvenal Jacinto. "Dr. Arrowsmith", prêmio Pulitzer de literatura, é o "doloroso e longo processo de cristalização de um cientista, numa atmosfera carregada de vírus do sucesso pessoal a todo o transe. A emocionante história de um médico, desde os seus primeiros dias de sua carreira vitoriosa".

NA BIBLIOTECA DOS SÉCULOS:

O VERMELHO E O NEGRO, de Stendhal, tradução de Casemiro Fernandes e De Sousa Junior. Um romance universal, escrito por um homem de gênio. Stendhal é um dos precursores do romance contemporâneo. A história de Julien Sorel — um jovem que era filho do século e da derrota.

BIOGRAFIAS:

EMINENCIA PARDA, de Aldous Huxley, tradução de Paulo Moreira da Silva. A história de Frei José de Paris, conselheiro de Richelieu. "A existência criminoso desse monge bem intencionado e sinistro, teve apenas uma virtude: a de constituir uma lição".

BENJAMIN FRANKLIN, de Carl Van Doren, tradução de J. de Matos Idiapina. Biografia de Benjamin Franklin, um representante típico do gênio norte-americano, escrita por um crítico de grande valor. Prêmio Pulitzer de 1939.

VERDI, O ROMANCE DA ÓPERA, de Franz Werfel, tradução de Herbert Caro. Werfel, romancista, poeta e dramaturgo, é checo-eslovaco e se encontra exilado atualmente nos Estados Unidos. Nesse romance histórico, Werfel escreveu também o romance da ópera, através de Verdi e

Wagner. A melodia italiana e a sinfonia germânica se enfrentam aqui num paralelo brilhante. O drama íntimo de Verdi.

NA COLEÇÃO AMARELA:

A MORTE DANSA NA RUMANIA, de Van Wick Mason, tradução de Hamílcar de Garcia. A luta de várias potências pelo segredo de um novo explosivo, cuja fórmula se acredita esteja em poder da bela e famosa bailarina Vera Radova. Cinismo, tráfego, suborno, assassinio e a beleza das mulheres — tais são as armas de que se utilizam os aventureiros dessa narrativa de intriga internacional.

DE IRMÃOS PONGETTI EDITORES:

UMA GOTA DE VENENO (Thérèse Desqueuroux), de François Mauriac, em tradução de Carlos Drummond de Andrade. Um romance intensamente poético, traduzido por quem devia traduzi-lo.

EPISCOPO & CIA., de D'Annunzio, em tradução de Sodré Viana. Uma das melhores novelas de Gabriele D'Annunzio.

BERNARDO QUESNAY, de André Maurois, em tradução de Aurelio Pinheiro. Um romance cheio de honra, e onde Maurois demonstra realmente talento.

ANA KARENINA, de Tolstói, em tradução revista por Marques Rebelo.

AS MULHERES NÃO QUEREM AMOR, romance de Benedito Mergulhão.

ESPUMAS, poesias de Casemiro Barata.

AS SOMBRAS DO CAMINHO, poesias de Severino Silva.

PETROLEO, de Upton Sinclair. Tradução de J. Jobinsky. Upton Sinclair, escritor norte-americano conhecido no mundo inteiro, pôs nesse romance dramático e realista o melhor da sua revolta, da sua força de romancista, e de sua técnica.

DA ATLANTICA EDITORA:

COMBAT 1940, de Guy de Chézal. En auto-mirailleur à travers les batailles de mai. Escrito por um combatente francês, é a narrativa da odisséia enfrentada por uma companhia de carros de assalto ligeiros, durante as batalhas de maio de 1940. Esse livro oferece a vantagem de revelar em todo o seu realismo o que é um combate pelas forças motorizadas.

MARINS D'HIER, de Maurin Cosel. Narração das aventuras da última viagem do veleiro Duc de Rohan, que se despedia para sempre dos mares, pois o progresso já começava a invadir o mundo, e os navios a vapor iriam acabar rudemente com os barcos a vela.

DE A. COELHO BRANGO FILHO, editor:

MILE. CHRISTINA, de Olga da Silva Braga. "Livro de leitura amena e

singela, própria para as horas de recreação". A vida amorosa e aventureira de Mile. Christina. Romance.

DA EDITORA PAN-AMERICANA (EPASA):

ALGUNS HOMENS ME FALARAM DA PAZ, de Jorge Maia. Depoimentos de Roosevelt, de Churchill, de W. Wilkie, Stafford Cripps, e outros tradições de heroísmo e cultura da Polónia.

O PAIS DE GLÓRIA E SANGUE, de Olgierd Gorka. Resumo histórico das tradições de heroísmo e cultura da Polónia.

DA EDITORIAL CALVINO LIMITADA:

EDUCANDO PARA A MORTE, de Gregor Ziemer. Aparece agora em edição popular, muito acessível. O que esse livro nos conta da educação nazista, que é uma educação para a morte, já foi filmado por Walt Disney, em desenhos animados, e pela Metro num filme que comoveu a cada. Um livro realmente emocionante e humano.

DE EDIÇÕES DOIS MUNDOS:

GUERRILHEIROS RUSSOS, de Erskine Caldwell, em tradução de Vera de Guimão. A história comovente de Natacha e Sergio, guerrilheiros da Rússia combatente.

NA COLEÇÃO CLASSICOS E CONTEMPORÂNEOS:

A CARTA DE PEDRO VAZ DE CAMINHHA. Pela primeira vez se dedica um estudo tão sério ao célebre documento. Aqui aparece não só reproduzido em fac-símile, como também acompanhado duma rigorosa transcrição, duma adaptação à língua moderna e de numerosas notas de caráter cultural.

DA ALBA EDITORA:

BIBLIOTECA DE DIVULGAÇÃO DO DIREITO:

O ESPIRITO DO DIREITO ROMANO, de Rudolf von Jhering. Primeira edição em língua portuguesa da mais obra do notável jurista alemão do século passado. O presente volume corresponde aos 1º e 2º edição alemã. Tradução direta original do prof. Rafael Benício. Prefácio do mestre Clóvis Bevilacqua. Um volume de cerca de 500 páginas bem encadernado. É uma edição Alba que se recomenda.

Leiam SEIVA

UMA REVISTA DE
MOCRÁTICA DA JU
VENTUDE BAIANA
PARA TODO O
BRASIL

Próximas Edições



DA AMERIC-EDIT: O GOROROBA (2ª edição), romance da vida proletária, de Lauro Palhano.

EDIÇÕES EM FRANCÊS:

DOSTOIEVSKY, de Henri Troyat. Dois volumes. Uma das maiores biografias até hoje escritas sobre o atormentado romancista. Henri Troyat, também grande romancista, de ascendência russa, realizou uma biografia realmente extraordinária, abordando todas as facetas de Dostoevsky. Podemos afirmar que aqui se encontra a mais completa análise que permite um homem como Dostoevsky, cujos limites se esbatem nas sombras do abismo em que viveu. Henri Troyat já obteve o prêmio Goncourt, e seus romances trazem o vigor e a técnica de um magnífico romancista.

MATERNELLE, de Léon Frapié. Prêmio Goncourt. Frapié iniciou tarde na carreira literária, à qual chegou por um caminho estranho e invulgar. Desio empregado da Prefeitura do Rio, perdeu-se longos anos na burocracia. Depois casou-se com uma fêmea, e Frapié começou a frequentar o lugar onde sua mulher levava. Do contato íntimo com o mundo infantil resultou *La Maternelle*, biografia apaixonante de uma jovem atraída irresistivelmente para a missão de educadora, e cuja vida nos é descrita por Frapié em páginas cheias de análise iluminada por uma grande compreensão da alma infantil. Esse romance é um verdadeiro poema.

DIVERSES FAMILLES SPIRITUELLES DE LA FRANCE, por Maur Barrès, da Academia Francesa. Este livro, facilmente se observará modo indiscutível e profundo a verdadeiramente grande e impressionante a que os franceses são capazes de realizar nos momentos difíceis da sua história. Ver-se-á a que unidade emocional pode atingir um povo novo quando defende contra os seus a sua independência vital, sua sua liberdade. Os testemunhos dados e comentados por Maurice Barrès, no fim da outra grande guerra.

DA EDITORA PAN-AMERICANA:

DOSTOIEVSKY, de Henri Troyat em edição de Rosário Fusco. Henri Troyat escreveu romances de grande importância crítica e do público europeu. "A Aranha", o seu melhor, conquistou o Prêmio Goncourt de 1938, e foi imediatamente traduzido para diversas línguas.

EDIA HUMANA, de William S. Trad. de Alex Viany. Estamos de que esse livro de Saroyan grande acatamento no Brasil, pois o autor é realmente original e novo em tudo o que escreve.

DE IRMAOS PONGETTI EDITORES:

de Walter Scott, em tradução de Riquelme Rebelo.

EM TRANCE, reportagem internacional de Leopold Schwartzchild.

VICOU EM MEM..., poesias de Mangabeira.

VOLTAREMOS, romance de Larinha Luis Carlos de Brito.

LEITURA

DA CASA EDITORA VECCHI LTDA.:

CLEOPATRA, E SEUS DOIS AMORES, de Paul Reboux. Romance. Tradução de Coralie Rego Lins.

ELA E ELE, de George Sand. Romance. Tradução de Abelardo Romero. Este volume dá início a um nova série de romances românticos, intitulada "Corações em Chamas".

OS VIVOS MORTOS, de Eduardo Zamaeols. Romance. Tradução de Modesto de Abreu.

AS SETE CHAVES, de Earl Derr Biggers. "Os romances de Charlie Chan". Tradução de Abelardo Romano.

CAIRO, por José Soares Dutra. Biografia.

NA COLEÇÃO OS GRANDES PENSAADORES:

OSCAR E AMANDA, de Regina M. Roche. Tradução de Maria Sales Joubert de Andrade.

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR, dos mais famosos autores. Antologia. 2ª edição.

NASCIDA PARA O MAL, de Ellen Glasgow. Romance. Prêmio Pulitzer de 1942. 2ª edição. Tradução de Alfredo Ferreira.

ESPERA-ME NA SIBERIA, MEU BEM, de Enrique Jardiel Poncela. Romance. Tradução de Galvão de Queiroz.

DA LIVRARIA DO GLOBO, PORTO ALEGRE:

NA COLEÇÃO NOBEL:

DIÁRIO, de Marie Bashkirtseff. Esse Diário é um livro humano e sincero, grande e simples.

A FONTE A VIAGEM, dois romances de Charles Morgan, o discutido autor de *Sparkenbrok*. Chamamos a atenção dos nossos leitores para o artigo do escritor Eugênio Gomes, no qual há uma afirmação interessante: Charles Morgan saiu de sua arte pura para escrever um livro exterior, de vida sozinha, assim como escreveu uma ode à França...

NA COLEÇÃO BIOGRAFIAS:

ISRAEL, de Harvey Allen. A vida de Poe, o genial poeta norte-americano.

NA COLEÇÃO BIBLIOTECA DOS SÉCULOS:

CONTOS, de Guy de Maupassant, e **OBRAS COMPLETAS**, de Edgar Allan Poe.

NA COLEÇÃO TAPETE MÁGICO:

O HOMEM SEU PRÓPRIO SENHOR E ESCRAVO, de Mark Graubard.

BIOGRAFIA DOS GRANDES FILÓSOFOS, de Henry & Dana L. Thomas.

DICIONÁRIOS:

DICIONÁRIO ESPANHOL-PORTUGUÊS, Hamílcar de Garcia; **DICIONÁRIO**

ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO; DICIONÁRIO DE SINÓNIMOS E ANTÓNIMOS.

DIVERSOS:

NOITE NA TAVERNA E MACARIO, de Alvares de Azevedo. 1 volume de uma Coleção Ilustrada. Ilustrado em preto e a cores por João Fahrion e com um estudo de Carlos Dante de Moraes.

SISTEMAS ESTATICAMENTE INDETERMINADOS, de Albert Strassner.

DE EDIÇÕES DOIS MUNDOS:

NA COLEÇÃO DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA GUERRA:

RUGE A REVOLTA NA FRANÇA, de Madeleine Gex Le Verrier, diretora da revista francesa "Europe Nouvelle". Trata-se de um livro interessantíssimo e esclarecedor sob o que se passa na França dominada pelos nazistas.

NA COLEÇÃO CLASSICOS E CONTEMPORANEOS:

DIALOGOS DAS GRANDESAS DO BRASIL, de Ambrosio Fernandes Brandão, com notas de Rodolfo Garcia e prefácio de Jaime Cortesão.

OS MELHORES CONTOS RUSTICOS DE PORTUGAL, de Raul Brandão, Trindade Coelho, D. João da Câmara e Loureiro Botas. Seleção e prefácio de Jorge de Lima.

NA COLEÇÃO ESTUDOS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS:

OS PORTUGUESES NO DESCOBRIMENTO DOS ESTADOS UNIDOS, por Jaime Cortesão.

DA LIVRARIA H. ANTUNES

O CASO DARLAN, de Francisco Veloso. A biografia de um homem que despertou grandes discussões. Editado em Lisboa, Parceria A. M. Pereira. Distribuído pela Livraria H. Antunes.

PROJEÇÃO UNIVERSAL DE EÇA DE QUEIROZ, de Silvio Júlio. Dissertação improvisada a 17 de abril de 1942 na sede da Casa dos Poveiros. Com um discurso de Herculano Rebordão.

DA EDITORA "O CRUZEIRO" S. A.:

O ÚLTIMO TREM DE BERLIM, narrativa do jornalista americano Howard K. Smith, em que se assiste à derrota do Reich na frente oriental e ao espetáculo do desmoronamento do front interno alemão, revelando pormenores impressionantes da luta de morte que se está travando na Alemanha.

VALE DA DECISÃO, de Marcia Davenport. Uma novela que há muitos meses vem obtendo um sucesso sempre crescente nos Estados Unidos.

FUI PILOTO DE RICKENBAKER, de James Wiltaker. A narrativa dos vinte e um dias vividos pelo famoso aviador americano na imensidão do Oceano Pacífico, amparado apenas pela sua fé inabalável na vitória da causa democrática, a que servia.

DA COMPANHIA EDITORA
NACIONAL, São Paulo:

NA BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MO-
DERNO:

A VIDA DE RUI BARBOSA, 2.º volume,
de Luís Viana Filho.

MADAME CURIE, de Eve Curie. Reedi-
ção.

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, de H. G.
Wells, em tradução de Monteiro Lo-
bato.

NA BRASILIANA:

FRONTEIROS E FRONTEIRAS, de Cas-
tilhos Goycochea.

CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA DE
MAUÁ NO RIO DA PRATA, prefácio
e notas de Lídia Besouchet.

SINGULARIDADES DA FRANÇA AN-
TÁRTICA, de André Thevet, em tra-
dução de Estevam Pinto.

DO ESCAMBO A ESCRAVIDÃO, de
Alexander Marchant, em tradução de
Carlos Lacerda.

DA LIVRARIA MARTINS EDI-
TORA, São Paulo:

NA COLEÇÃO A MARCHA DO ES-
PÍRITO:

AS OBRAS PRIMAS DO CONTO BRA-
SILEIRO, seleção de Edgar Cavalheiro
e Almiro Rolmes Barbosa.

NA COLEÇÃO BIBLIOTECA DO PEN-
SAMENTO VIVO:

O PENSAMENTO VIVO DE FREUD, de
Robert Waelder.

NA COLEÇÃO MOSAICO:

PROSA DOS PAGOS, de Augusto Meyer.

DAS EDIÇÕES CULTURA,
São Paulo:

NA SÉRIE BRASÍLICA:

HISTÓRIA DA LUTA CONTRA OS HO-
LANDESES NO BRASIL, de Varnha-
gen.

NA SÉRIE OS MESTRES DA LINGUA:

OBRAS DE GARRET e OBRAS COM-
PLETAS DE CRUZ E SOUZA, prefaci-
adas por Fernando Góes.

NA SÉRIE VIDAS LUMINOSAS:

MARX, de Engels, primeira edição por-
tuguesa.

NA SÉRIE NOVELAS UNIVERSAIS:

OS TRÊS MOSQUETEIROS, de Alexan-
dre Dumas, em dois volumes.

NA SÉRIE NOVELAS DO CORAÇÃO:

DIÁRIO DE UMA MULHER, de Otávio
Feuillet, e REGINA, de Lamartine.

NA COLEÇÃO OS MESTRES DO PEN-
SAMENTO:

MAHABARATA, obra inédita em nosso
idioma. Tradução do sanacritólogo
Anibal Faro.

DA EDITORA UNIVERSITA-
RIA, São Paulo:

SARGENTO NIKOLA, de Istvan Tamás.
Tradução de Calo Jardim. Romance
dos guerrilheiros sérvios que revive

Companhia Internacional de Seguros

INCÊNDIO - TRANSPORTES EM GERAL - AUTOMOVEIS - VIDROS
- ROUBO - ACIDENTES DO TRABALHO - ACIDENTES PESSOAIS

Sede:

RIO DE JANEIRO

Rua da Alfândega n.º 48

Endereço telegráfico:

COMPINTER

Mascote 1. e 2. ed., Borges,
Brasil, Ribeiro, A B C 5TH Ed.,
Impr. e 6TH Ed. e Lieber's

uma das maiores epopéias de nossa
época; a luta do povo iugoslavo con-
tra a brutal dominação alemã.

Na BIBLIOTECA CIÊNCIA PARA TO-
DOS:

NOSSA VIDA CONJUGAL, de Himes.

DA EDITORA OCEANO LTDA.,
São Paulo:

A CARTUXA, DE PARMA, de Stendhal.

PAO E VINHO, romance de Inazio Si-
lone.

EIS MUSSOLINI, biografia do quasi ex-
ditador italiano, de Borghi.

PATOLOGIA DA ALEMANHA, ensaio
de Herald Barbuy.

O GIGANTE DO NORTE, de Enrique
de Gandia.

DA EDITORA PROMETEU,
São Paulo:

BREVE INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA
ESTUPIDES HUMANA, de Walter Pit-
kin, em tradução de Edison Carneiro.

ELA QUERIA DORMIR NO KRELIN,
de Gehard Schacher.

AS BASES DA PAZ FUTURA, de Henry
Winston, em tradução de Paulo
Zingg.

DA LIVRARIA ELO, S. Paulo:

MEMÓRIAS DE SIMÃO, O CAOLHO, de
Galeão Coutinho. Terceira edição.

CONFISSÕES DE DONA MARCOLINA,
novo romance de Galeão Coutinho. A
resposta da esposa de Simão, o Caólho.

DAS EDIÇÕES E PUBLICA-
ÇÕES BRASIL, São Paulo:

GRAMÁTICA CASTELHANA, pelos pro-
fessores Vicente Solana e Bento de
Moraes.

DAS EDIÇÕES MOMENTO
LTDA., São Paulo:

NA SÉRIE DE DEFESA NACIONAL:

QUE POLÍTICA DE GUERRA DEVE SE-
GUIR O BRASIL, de Otávio Malta.

SEGUNDA FRENTE, CHAVE DA VI-
TÓRIA, de Armeni Guedes.

AUNIÃO NACIONAL EM MARCHA, de
João da Costa Falcão.

NA SÉRIE DE GUERRA:

COM O EXERCÍTO RUSSO NO FRONT,
de Ilya Ehrenburg.

A VOZ DAS NAÇÕES UNIDAS, discor-
sos de Roosevelt, Churchill, Stalin e
Chang-Kai-Chek.

NA DEFENSIVA NÃO SE GANHA A
GUERRA, de W. F. Kernan.

GUERRA DE GUERRILHA, de Bert
Levy.

AS FORÇAS MILITARES DA RUSSIA,
de Sergio Kurnakoff.

NA SÉRIE POLÍTICA:

ESPÍRITO E ESTRUTURA DO FASCIS-
MO ALEMAO, de Robert Brady.

HISTÓRIA SINISTRA DA ALEMANHA
DE HITLER, de Heinrich Mann.

NA SÉRIE CULTURA:

A MONTANHA E OS HOMENS, de Ilin,
e A CULTURA E O POVO, de Máxi-
mo Gorki.

NA SÉRIE FICÇÃO:

ESPANHA, de Erhenburg; CONFISSÃO,
de Máximo Gorki; HISTÓRIA DE MI-
NHA VIDA, de Chekov.

DA ATENAS EDITORA, São
Paulo:

NA BIBLIOTECA CLASSICA:

DICIONÁRIO FILOSÓFICO, de Voltaire;

A ILÍADA, de Homero; O BANQUETE,
e A REPÚBLICA, de Platão.

NA SÉRIE MUSICAL:

A VIDA DE BEETHOVEN, de Romain
Rolland.

DO LIVRO DE BOLSO, São
Paulo:

A IDA E A MORTE DE J. M. GONZA-
GA DE SA, de Lima Barreto.

RESTAUREMOS A BIBLIOTECA DE LIMA!

AJUDE a restaurar a Biblioteca de Lima, enviando por in-
termédio da Embaixada do Perú — Av. Pasteur, 146 —
todos os livros de que você pode dispor.

Um ato de solidariedade e panamericanismo que deve
ser multiplicado aos milhares em todo o Brasil.

Leitura Escolhe um Conto

A L U A

JOEL SILVEIRA

Copyright de LEITURA

Ilustração de Seliar

O GARÇON serviu a cachaça na caneca pequena. Bêbiu de um só gole. Queimava. Cuspia grosso no lágrimo — rosáceas se entrelaçando. Depois ficou brincando com a caixa de fósforos. Amarelo, vale um. Azul, nada. Em pé, valem dez. O rádio trouxe um samba novo. Lúcio ficou — pensou. Mas teve que concordar que fora um acnado de Zé Pretinho. Onde o malandro tinha encontrado aquela letra? Metia-se com aqueles amigos jornalistas, cneica de delicadezas, e o resultado era aquilo: boas letras, corretas, com rimas certas.

— Samba legal, hein parceiro?

O homem da mesa de frente concordou:

— Bonzinho. Mas este ano a coisa anda fraca. Não apareceu ainda nenhum de abafa.

Ele sabia disso. Mas apareceria. Sentia-o dentro de si, inteiro na cabeça, música, versos, tudo. Era só sair. Mas há uma semana — mais, talvez — que vinha fazendo esforço. Nada. Às vezes, no elétrico, as rodas chiando, os subúrbios ficando atrás parecia que estava na hora: mas tudo ficava muito vago, a música era apenas uma recapitulação do que fizera antes. De noite, na cama, a mesma coisa. Chegara até a compor o começo, muito curto — "Amor tão grande parece impossível" — mas o resto não vinha. Tolle insistir. Zeca da Bateria tinha razão:

— Não adiantava fazer força, mano. Vem quando tem de vir. Como mulher parindo.

Era, sabia. Mas por que demorava tanto? Nunca lhe acontecera uma coisa assim. O "Amor de ébrio" saiu de um jato, no bonde, nas vésperas nem havia pensado em nada. E o "Barulho na esquina", "Os olhos dela", até o "Venha pro meu cordão", tão difícil, com aquelas bréques infernais que tomaram conta da cidade — todos tinham vindo assim, repentinos, livres, como asas.

Rosa já reclamou uma porção de vezes:

— Onde está meu samba, Juca?

Despistava:

— Estou caprichando, néga. Você vai ver o que vem aí.

Tinha já o título — "Rosa" — simples, curto, uma homenagem. Não gostava de fazer música séria, com muito choro. Seus sambas eram todos alegres, bem alegres. Mas com Rosa tinham que ser diferente. Não que ele quisesse mudar de gênero, experimentar coisa nova. Não — somente procurava alegria, dentro de si, e não encontrava mais. Andava mudado — umas aflições tolas, uns desejos malucos, a cabeça na lua. De dia, na mobiliária, esquecia de verniz no sol, só acordava com a voz de seu Paulo:

— Dormindo, Juca?

Não era sono, estava era enrabichado. Coisa pau. Mas boa, dava uma felicidade, vontades diferentes. Ficava triste, porém. Parado. A música entalava dentro da cabeça, a cabeça como uma vitrola que só ele escutava.

— Estou caprichando, Rosa. Você vai ver.

Ela brincava:

— Você parece que não dá mais nada, fulêro.

O pior não era a tristeza. Eram aquelas dúvidas, espetando o dia inteiro, como prégos. Onde estaria Rosa naquele instante? (A garrafa de verniz parada, debaixo do sol). Rosa gostava dele mesmo? (Os olhos perguntavam à moça do sabonete, no anúncio colado do bonde). Tolle perguntar a ela mesma. Rosa não levava nada a sério!

— Gosto é de minha mãe.

Tudo isso, aflições, dúvidas, prégos, prégos — empurravam a música para um canto da cabeça, caíam sobre ele como uma massa pesada.

Pedira a opinião do Orestes, ajuizado nessas histórias, sempre muito equilibrado:

— Pode ser que ela goste de você, Juca. Mas ninguém sabe.

Ninguém sabia. Ele também não sabia. Mas saberia um dia, tinha certeza. Mulher é assim. Parece que está brincando, rindo de tudo, mas um dia desabafa. Rosa seria como as outras. Quantas vezes, no bonde, no trabalho, mesmo dentro do barulho da bateria, não antecipou aquele momento que seria inevitável. Um dia, ama-

nhã, depois, não importava. Rosa esconderia o sorriso fácil, despreocupado, conversaria muito séria:

— Eu gosto muito de você, Juca.

Quando? Talvez hoje mesmo — não importava. Se ao menos pudesse fazer o samba. Ajudaria muito. Era o que tinha para dar a ela: sua música.

— Riqueza de pobre, Rosa.

Ficara maguado, uma noite, quando ela lhe respondera:

— Samba é bonito, meu négo. Mas grana é mais bonita.

Sorrira. Mas uma coisa doeu dentro dele, bem em cima do coração — uma coisa que feriu rápida e foi embora. Foi, mas voltou. Na cama, madrugada, a mesma dor funda, uma dor triste, como se lhe estivesse faltando qualquer coisa. Chovia e os pingos martelavam o zinco do barracão. O vento vinha pelas frinchas. As ladeiras estariam escorregando, rios de lama amarela desaguando lá em baixo, no mar de asfalto. Samba triste, vagando na noite. Milhares de pandeiros e cuícas, apitos, bréques, mas tudo sem alma, sem compasso, tudo escorregando na chuva. Faltava alguma coisa. E se a chuva, de repente, virasse chuva de dinheiro? As moedas caindo sobre o zinco, o morro todo alvoraçado, o dinheiro entrando pelas janelas, forçando a porta.

— Tome, Rosa. Leve isso tudo para você.

Não queria dinheiro. "Não quero, Rosa. Pode levar".

Mas ela não viria para o barracão, sabia. Rosa metida nas sedas — seria engraçado. Ele chegava no apartamento, na cidade, teria que mudar seu nome:

— É um amigo dela.

— Dona Rosa não pode receber agora.

— Mas diga que é o José dos Santos. O Juca...

— Dona Rosa está muito ocupada. O senhor volte outra hora.

Voltaria? Não, nunca mais. E aí é que a dor vinha violenta, espetava duas, três, uma porção de vezes.

Luar bonito lá fora, sobre o Estácio, lua redonda bem em cima do Hospital da Polícia Militar, imenso, escuro, colado no céu azul. Já passavam das sete. Oito horas, encontrava-se com ela no portão do Matoso. Não gostava de chegar atrasado, nunca chegara. Bebeu outra cachaça, de um gole, jogou o niquel na mesa, saiu. Ficou na esquina esperando o Tluca. O morro de São Car-



los vinha caindo até o largo. Centenas de luzes se equilibrando lá em cima, vagalumes de fogo. "São Carlos querido, São Carlos da minha infância". Vivera ali uma porção de tempo. Recordações claras do tempo de menino, calças curtas, descendo correndo a ladeira, com a lata de gasolina vazia na mão. Iam buscar água lá em baixo — ele, Mercedes, Luiz (morreu debaixo de um bonde) — na bomba. De noite, era a mesma coisa de hoje: as cuicas roncavam, pandeiros, as vozes quentes. Fôra, mais tarde, orientador dos "Alegres de São Carlos", que venceram a Portela, em 32. Azul e vermelho, o estandarte inundando o salão da Estação Primeira, da "Flôr de Abacate", fazendo furor na praça 11. Dera tudo o que podia dar.

— Este ano o carnaval vai ser nosso.

Ensaio e mais ensaio. A camisa encharcada. Janelas fechadas para ninguém ver, e lá dentro um calor medonho — verão pegando fogo. O carburêto chiava, o vestido colava nos seios das mulheres. Chegava em casa como um morto.

— Você assim morre, Juca.

— Que morresse! Mas São Carlos tinha que vencer.

Não venceu. Nas véspera, Bichano, primeira cuica, se bandeira para Mangueira. Foi um choque! Teve vontade de matar o traidor. Dissera, na frente de todo mundo, para todos escutarem:

— Você é um sujo, Bichano! Nunca mais suba no São Carlos, se não quiser apanhar.

São Carlos não desceu. O carnaval gritando lá em baixo, a praça 11 como uma floresta doida, e as cuicas dormindo em cima do morro calado, as moças chorando como se tivessem sido deshonradas.

Ainda hoje ele tinha raiva quando pensava naquilo. Fizera força junto a ele:

— Vamos descer assim mesmo, Juca. Anunciato vai pra cuica.

Aguentou o galho. Para que? Para spanhar da Portela e voltarem escabriados? Não contassem com ele. Não havia carnaval. Ia para casa, fizessem o que bem entendessem. Não era homem de remendos.

Três dias medonhos de triste. Teve vontade de morrer, se atirar da pedreira em baixo, como o Moleque 25. Só pedia que chegasse a quarta-feira, com toda sua tristeza, a cidade como uma coisa morta estirada no asfalto.

Nunca mais voltara ao "São Carlos".

— Tolice, Juca. Sem você aquilo não vai pra diante.

Iria. Apareceriam outros, gente nova. Havia o Edgard, tão ordeiro e esforçado. Tomassem conta dele que era bom rapaz.

— Edgard não tem bôssa, Juca. Sem você não dá jeito. Você sabe disso.

Não se comoveu:

— De jeito quem precisa sou eu. Estou a néris. Tenho agora que amargar no batente.

Mas sentiu um despeito surdo quando viu, no outro carnaval, as cores do "São Carlos" dansando na praça 11. Rosalia, tão bonita, levava o estandarte, todo bordado de seda azul e vermelha. O estandarte não era do seu tempo. Também não o eram os quêpis de paia lustrosa, azuis, vermelhos, caprichados. Escondeu-se na multidão, ficou olhando de longe. Era o "seu" São Carlos. Ali tinha anidado sua mão, seu esforço. Prestassem atenção à batida dos tamborins, aquele compasso diferente, como ele ensinara. O estandarte era novo — Mas Rosalia o carregava como aprendera dele, os mesmos requebros, até o mesmo sorriso — "É preciso elegância, Rosalia. Não saia do compasso, moça". Teve vontade de passar por debaixo do cordão, se misturar com a turma do bloco, dar o braço a Mano Chico e sair pulando, como se nada tivesse acontecido. Mas estava chumbado no chão. As lágrimas começaram a sobrar nos olhos, quentes, inevitáveis. Rosalia levava o estandarte. E o coro cantava o samba de Paixão:

*Estou novamente na rua
Peço licença para cantar...*

Mas tudo isso é coisa que ficou atrás, longa, coisa perdida. Fôra depois para a Portela, se metera de amores com Emengarda, deixara-lhe um filho, abafara a banca, em 36, com o "Ingratidão". A vida rolando. Ia fazer seus trinta e dois para o mês. Rosa sabia disso? Era falta de educação dizer. Podia parecer que ele estava pedindo presente. Deixaria passar, contaria depois, indiferente:

— Ontem fiz aniversário, Rosa.

Que responderia ela? Podia adivinhar. "Não me diga, preto". Rosa não levava nada a sério.

— O que é que você quer que eu leve a sério? Me explique.

Era o jeito dela. Morreria assim

Também ele morreria um dia. Então, nada mais importaria.

Tristes e pequenas disputas desta vida, alegrias e tristezas, tudo acabaria de uma vez, a grande sombra cairia sobre tudo. Rosa seria apenas uma lembrança muito vaga. Os passos leves sem deixarem marca no mundo. Mas também não haveria mais preocupação nem angústia. Talvez pudesse ver, lá de cima, das nuvens, o estandarte vermelho do São Carlos como um doido na praça 11.

O bande lhe deixa na esquina. Compra cigarro no café, vai caminhando pela rua triste de calçada estreita. Rua conhecida, muitas vezes odiada. O portão vazio, horas, horas, a raiva se misturando com um sofrimento surdo. Vontade de ir embora, vontade de ficar a noite inteira. O rádio vinha lá de dentro do bangalô, onde havia luzes azuis. Pouco se incomodavam com a sua vida. Nem ao menos o conheciam. Voltava como um vencido, prometendo: fôra a última vez. Mas o primeiro telefonema, no dia seguinte, na mobiliária, era para ela:

— Por que não apareceu, Rosa? Lhe esperel até às 11.

— A patrôa teve visita, négo. Não pude sair.

Numa dessas voltas, todo amassado por dentro, foi o fizera o "Tristeza de malandro".

Muito sentimento, Juca. Desta vez você deu em cheio.

Mas Rosa não gostara:

— Parece um choro. Nem um brêque. Não é samba pra você!

Tomara ódio ao samba. Mas agora, as mãos nos bolsos, sente vontade de assoviá-lo. Era um bom samba, diferente dos outros, com muita sinceridade. Não gostava de fabricar música, não sabia. A coisa tinha que vir de dentro, como um suspiro. Vir de repente, sem hora. Sabia como muita gente do Nice fazia os sambas, rolando a melodia dos outros, passando cinquenta mil. Tinhorão, do Salgueiro, ou ao Sessenta e Três, da Matrê, que não queriam glória. Era uma senvergonhice. Nunca fizera isso. Pelo contrário, fôra até um dos roubados "Brincando de amor", que Odilon dera ao Chico Alves como coisa sua, era dele, bem dele. Fizera-o num pique, na Penha, na vista de muita gente. Mas não tinha importância, dizia aos amigos.

— Deixem minhas sobras matar a fome dos pobres. Inspiração aqui nunca encolheu.

Mas encolhera agora. A pedra sobre o peito, a música sufocada dentro da cabeça. E a voz de Rosa, lá no fundo, pedindo, pedindo, insistente como uma febre:

— Meu samba, Juca? Será que você não dá mesmo mais nada?

E se não desse? Se nunca mais pudesse fazer música? Estacou de súbito. O vento bulia com a trepadeira, toda carregada, na casa defronte. Seria terrível!

— Juca, coitado, afundou-se...

Antes morrer. Ou então viajar para a roça, bem longe, desaparecer por lá como um fugitivo.

Rosa não está no portão. Gruda-se na esquina, as mãos nos bolsos, o palhinha caindo sobre os olhos, o cigarro quase solto no canto da boca. Demoraria? Tem vontade de telefonar da esquina.

— Nunca me telefona de noite, Juca. A patrôa está sempre em casa.

Vai embora o primeiro cigarro. Acende outro. O rádio está tocando um samba de Zéca do Pandeiro.

*Ela partiu
Sem me avisar...*

Não variavam. Todos os anos martelava na mesma tecla. Antes não fazer nada. As vezes dava até razão aos críticos. Eram uns sujeitos meio errados, chelos de preferências não topavam o samba de jeito nenhum. No máximo, ficavam no Noel. Caiam de rijo sobre eles, sem piedade, e se o povo fosse se gular pelo que diziam, coladinho da turma do Nice que ficaria a néris. A verdade, porém, é que ninguém queria caprichar. Era tudo de afogadilho. As porções, só pensavam em arranjar melodia fácil para o povo e garantir a quota da SBAT. Aparecia um samba bom de vez em quando — mas era um só. Atrás, uma coleção de tolices — de dar pena. Uma tristeza. Quanto a ele, todos sabiam, a coisa era diferente. Pouco estava ligando para dinheiro.

— Não como disso.

Não comia. Tinha o emprego na mobiliária, que dava quatrocentos, mais uns biscates que pegava aos domingos. "Música é pro café pequeno". É verdade que já ganhara dinheiro com a bôssa. O "Amor de malandro" lhe dera três contêcos, logo no primeiro mês, e ainda estava pingando. Mas não guardava. Guardar para quem? Era sozinho no mundo. Enterrara a mãe, com seus sessenta e poucos, faz três anos. Está sozinho. "Ninguém leva dinheiro para a cova". Nunca fôra unha de fome, nunca negara quando tinha. Nem se lembrava mais do

dinheiro que já havia emprestado — uma fortuna! Só Carmo da Bateria lhe levava, de uma vez, duzentão. E o dinheiro que deixara nos "Alegres"? Não tinha ouvido para conselhos.

— Juca, amanhã você pôde precisar. Pense numa necessidade, numa doença...

Não pensava em nada, que tristeza não era com ele. Se adoecesse, não se incomodassem. Deixassem-no num canto, que iria embora sem fazer barulho. "Todo mundo tem que morrer um dia". Depois, cavassem um buraco e metessem ele dentro. Brincava.

— E plantem uma horta em cima. Meu corpo vai dar bom estrume.

Enchia Rosa de presentes. Um vestido no Natal, a fantasia baiana que ganhara o segundo prêmio na Banda Lusitana, e, na semana passada, um bols de verão, das grandes, das chiques, muito lustrosa.

— Você chega a me encabular négo.

Se pudesse, daria mais; daria tudo.

— Até a lua, Rosa.

A lua ela não queria, "Guarda para você".

Mas agora tinha outros pensamentos, sonhos, uma coleção de planos. Estava cansado de viver sozinho. As noites compridas pesando sobre o barracão, sobre o morro, sobre o mundo, e ele inquieto na cama, virando-se de um lado para outro, sem poder dormir. Acabava levantando-se, que não aguentava com tanta tristeza. Precisava de alguém dentro de casa, alguém de quem ele gostasse. O povo tinha razão. Mano Juca, outra, Guilomar, todos tinham razão. Amanhã vinha a doença, não tinha para quem apelar. Morreria sozinho, sem ninguém para pôr uma vela na sua mão. Se Rosa quisesse, tudo seria muito bom, tudo estaria resolvido. Desceria até do morro. Iriam para o subúrbio, para o Irajá, numa casinha nova, as cortinas brancas soltas para a rua. Depois do trabalho, não ficaria mais vagabundeando pela rua, comendo nos freixes, discutindo bobagens com o bloco do "Esperança". Teria uma casa, sua casa, um lugar que seria só seu, onde ele seria rei. Afinal, tudo cansa. Estava cansado de viver como um desprotegido empurrado de um canto para outro. Tinha que criar raiz, se plantar num lugar, não era cigano. Já falara com Rosa, mas sem coragem, como se quisesse apenas fazer uma brincadeira. Não tinha coragem de falar sério, olhando-a de cara. Medo da resposta, principalmente medo do sorriso, que sabia inevitável.

— A gente podia se casar, Rosa.

Ela? Pois sim. Não casaria tão cedo.

— Estou esperando idade, crioulo.

E casar para quê? Para se encher de filhos, cair na cozinha, se enterrar? Não tinha jeito para isso. Querida era gozar sua vida, que já não era das melhores.

— Mas um dia você envelhece, moça. E quem toma conta de você?

Não sabia. Não queria saber. Casaria quando ficasse velha, com qualquer outro velho, que eles nunca falassem neste mundo. Por enquanto, não; não lhe falassem em cemitério.

Ele ouvia tudo sorrindo, mas o sangue estava quente em sua cabeça, uma onda ardente de ódio.

A nuvem pesada veio de longe, dos lados da Tijuca, foi tomando conta do céu, afogou a lua num mar de

trevas. Pingos grossos começaram a cair. Depois veio a chuva, intensa, aguaceiro de verão. Correu para a esquina, refugiou-se sob a marquise do armazém. Já iam dar as dez horas. Quando a chuva passasse, iria embora. Agora é que Rosa não apareceria mais. Os olhos indiferentes pousam no pequeno rio da sarjeta, onde boiam restos de cigarros e folhas secas. Lá adiante, no fim da rua, e somente uma placa cinzenta. Os bondes passam chiando, os arcos arrancam relâmpagos roxos dos fios úmidos. A assistência passou, veloz, varando a noite com o seu tilintar lancinante. Sentimental, a voz do espíquer canta o programa feminino. "Amiga ouvinte de olhos cheios de sonho..."

Milhões são as vozes e os ouvidos deste mundo. Mas também há coisas que não podem ser ditas, que jamais serão ouvidas. Coisas que ficam dentro de nós, afogadas, pesando como o remorso de uma falta muito grande. Era preciso coragem. Coragem somente? Juca nunca fora um covarde. Podia ter se casado com Rosália, se amigado mesmo, que ela estava para tudo. Agora, teria sua casa e seus filhos. A chuva molhou o chapéu, escorreu pelos ombros. Sente-se muito pequeno coisa da sarjeta, como as pontas de cigarro, inútil, ridículo. "Gato debaixo da chuva, gato sem casa". Não era mal menino. Trinta e dois. Rosa nunca lhe dera importância — não podia mentir mais Maluca! Mas um dia vem o arrependimento, que este mundo é assim, com suas armadilhas, milhões delas. Podia estar com Rosália, agora mesmo, a chuva caindo lá fora, e eles dois na casa arrumadinha, a areia branca cobrindo o tijolo lavado, os cretons sobre o guarda-louça ou lá fora, na varanda de cimento, apanhando o aguaceiro. Vinho aos domingos, o rádio aberto com toda a força. De tarde, na porta, tocaria violão, rodeado dos amigos. Nunca pensara em coisas assim, tão sérias. Pensava agora. Não era arrependimento. É como se não pudesse ter pegado um bonde que passara à toda. Pegaria outro passariam dezenas de outros. Mas não era a mesma coisa. "Perdi meu bonde". Ficaria debaixo da chuva, o aguaceiro desabando sobre suas costas, à espera do seguinte. Não era a mesma coisa. Quando a chuva passasse, iria embora, não voltaria mais. Não voltaria mesmo. Trinta e dois, um velho.

— Um homem assim, caindo de velho, atrás de rabo de sala.

Como um menino de colégio, bancando o idiota. Nunca mais. Podia estar com Rosália, que gostava dele. Gostava, sabia.

— Gosto, Juca. Você não vê que eu gosto?

Via agora, tudo muito claro. Mas antes era cego. O mundo está cheio de cegos. "Abram os olhos enquanto é tempo". Não abra os seus.

O chapéu molhado, a chuva despencando, os ombros encharcados, é como uma ruína. Sentia pena de si mesmo, vontade de se amparar. A lua se apagara na chuva. Brilharia novamente esta noite? Não importava. Voltaria amanhã, quando o céu estivesse pesado de estrelas, que as coisas eternas nunca se apagam.

Mas ele se apagaria, se dissolveria na chuva como um pedaço de açúcar dentro de uma chicara. Amanhã não depois — mas seria bom que não tardasse. Queria desaparecer, sumir-se assim de súbito, engulido, como a lua. Brilharia novamente noutro mundo noutra época quando o Senhor quisesse. Mas agora precisava — sentia — de uma noite longa, profunda, uma noite que não terminasse mais.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

LIVROS RAROS E INTERES- SANTES SOBRE O BRASIL

1 — Jourdan — ATLAS HISTÓRICO DA GUERRA DO PARAGUAI — Edic. 1871 ex. raríssimo e precioso, em perfeito estado de conservação, ricamente encadernado e acompanhado de um lindo estojo, Cr\$ 1.000,00. 2 — Barléu — O BRASIL HOLANDÊS — Livro indispensável ao estudo da história do Brasil no período do domínio holandês — 1.^a edição, raríssima, em grande formato, com gravuras e mapas, publicada pelo Ministério da Educação, ex. ricamente encadernado, Cr\$ 800,00. Idem — Idem, idem, 2.^a edição, Cr\$ 400,00. 3 — Laet (Joannes de) — HISTÓRIA OU ANNAES DOS FEITOS DA COMP. PRE. VILEGIADA DAS INDIAS OCIDENTAIS — Desde o seu começo até 1636 — Tradução de José Higino e Souto Maior (raro), 2 vols. broch., Cr\$ 100,00, encad., Cr\$ 150,00. 4 — Frei Paixão e Dorez (Capelão da Esquadra Imperial Comandada por Lord Cockrane) — DIÁRIO (1/4 a 9-11/1823), encad., Cr\$ 30,00. 5 — Saldanha (José) — DIÁRIO RESUMIDO (livro precioso para o estudo da questão dos limites do Sul) c/mapa precioso — Enc., Cr\$ 30,00. 6 — Lisboa (Alfredo) — PORTOS DO BRASIL — 1 vol. de texto e 1 de atlas — Enc., 100,00. 7 — Senna (Ernesto) — DEODORO (subsídios para a hist. — notas de um reporter) — profusamente ilustrado — Enc., Cr\$ 25,00. 8 — Souza Brasil (Tomás Pompeu) — O CEARÁ NO COMEÇO DO SÉCULO XX — (Enc., Cr\$ 30,00. 9 — Romaguera Corrêa — VOCABULARIO SUL RIOGRANDENSE — Enc., Cr\$ 60,00. 10 — Rezende (Astolpho) — O ESTADO DE MATO GROSSO (As supostas terras do Barão de Antonina) — Enc., Cr\$ 30,00. 11 — Carvalho e Aragão (Salvador Pires) — ESTUDOS SOBRE A BAIÁ CABHALIA E VERA CRUZ — Ex. c/linhas ilustr. — Enc., Cr\$ 50,00. 12 — Alves Câmara — A BAIÁ DE TODOS OS SANTOS (c/relação aos melhoramentos de s/porto) — Ex. c/mapa — Enc., Cr\$ 15,00. 13 — Martius — DICCIONARIO DA LINGUA GERAL BRASÍLICA PORTUGUESA ALEMA — Enc., Cr\$ 50,00. 14 — Saint-Hilaire — VOYAGE DANS LE PROVINCES DE RIO DE JANEIRO ET DE MINAS GERAIS — edição de 1830 (raríssimo) — 2 vols. — Enc., Cr\$ 350,00. 15 — Lindlen's (Thomas) — REISE NACH BRASILIEN — raríssimo — Enc., Cr\$ 120,00. 16 — Typ. Imperial e Nacional — REGIMENTO DAS MERCES E DECRETOS RELATIVOS — 1826 — Enc. de luxo, Cr\$ 120,00. 17 — X X — THE AMAZON AND ITS WONDERS — c/28 lindas ilustrações — Enc., Cr\$ 60,00. 18 — Plácido de Castro — NAVEGAÇÃO DO RIO ACRE — Ex. precioso e repleto de mapas — Enc., Cr\$ 50,00. 19 — Assis Brasil — AOS MEUS CONCIDADAOS — Enc., Cr\$ 10,00. 20 — Taunay — HISTÓRIAS BRASILEIRAS — edição de 1884 (raro) — Enc., Cr\$ 50,00. Silva (Henrique) — A CAÇA NO BRASIL CENTRAL — c/um prólogo do Gal. Couto de Magalhães — Enc., Cr\$ 30,00. 22 — Jaguaribe Filho — OS HERDEIROS DE CARAMURO — (romance histórico) — 1880 — 2 vols. — Enc., Cr\$ 40,00. 23 — Gal. Rondon — COMISSÃO DE LINHAS TELEGR. ESTRATÉGICAS DO MATO GROSSO AO AMAZONAS (relatório apresentado à Diret. dos Telégrafos e à Div. de Eng. do Dep. da Guerra) — 3 vols., c/mapas e inúmeras gravuras — Enc., 100,00. 24 — Silva (Benedito Raimundo) — LEPIDÓTEROS DO BRASIL (contribuição para a hist. natural), c/ilustr. a cores (ex. c/as últimas páginas manchadas) — Enc., Cr\$ 50,00. 25 — Oliveira (Avelino Inácio) — RELATÓRIO DA COMISSÃO BRASILEIRA JUNTO A MISSÃO OFICIAL NORTE-AMERICANA DE ESTUDOS DO VALE DO AMAZONAS (c/mapas e inum. ilustr.) — Enc., Cr\$ 60,00. 26 — Montoya (P. A. Ruiz) — VOCABULARIO GUARANI (das palavras guaranis usadas pelo tradutor da conquista espiritual) Ex. c/encadernação de alto luxo — Cr\$ 250,00. 27 — Luiz Edmundo — O RIO DE JANEIRO NO TEMPO DOS VICE-REIS — Ex. ricamente enc., Cr\$ 150,00. 28 — Barbosa Rodrigues — PORANDUBA AMAZONENSE — Enc., Cr\$ 170,00. Idem — Idem — Enc. de luxo — Cr\$ 200,00. 29 — Batista Caetano — O MANUSCRITO GUARANI (sobre a primitiva catechese dos índios das missões)

Enc. de alto luxo — Cr\$ 150,00. 30 — Aarão Reis — OBRAS NOVAS CONTRA AS SECAS (c/mapas e inúmeras illus. trações) — (Ex. bichado e enc. de novo) — Cr\$ 40,00. 32 — Rocha Pitta — HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA — 2.^a edição rev. e aument. por J. G. Góes, c/6 belas, novas estampas — 1880 — Enc., Cr\$ 100,00. 32 — Laerne (Van Delden) — LE BRESIL ET JAVA — rapport sur la culture du café en Amérique, Asie et Afrique) c/grav. e plantas — 1835 — Enc., Cr\$ 150,00. 33 — X X — ALGUMAS NOTAS GENEALÓGICAS — Livro de Família — Portugal, Espanha, Flandres e Brasil — Enc., Cr\$ 120,00. 34 — Torres Homem — ANNAES DAS GUERRAS DO BRASIL — c/os Est. do Prata e Paraguai (acompanha 1 carta militar) — Enc., Cr\$ 40,00. 35 — Bernardino de Souza (Con. Franc) — VALE DO AMAZONAS (lembranças e curiosidades) edição de 1873, raríssimo — Enc., Cr\$ 110,00. 36 — Feydit (Julio) CAMPOS DOS GOITACAZES (subsídios para a s/hist. desde os tempos coloniais até a proclamação da república) — Enc., Cr\$ 35,00. 37 — Diogo de Vasconcellos — HISTÓRIA ANTIGA DAS MINAS GERAIS (raro) — Enc., Cr\$ 100,00. 38 — Silveira (Urias A. da) — FONTES DE RIQUEZA DO BRASIL — Enc., Cr\$ 50,00. 39 — Rodrigues dos Santos (Gabr. José) — DISCURSOS PARLAMENTARES — c/a biog. do autor — 1863 — Enc., Cr\$ 30,00. 40 Costa Almeida (Antônio Lopes) — REPERTÓRIO REMISSIVO DA LEGISLAÇÃO DA MARINHA — 1817 até 1856 — Enc., Cr\$ 80,00. 41 — Aníbal Matos — O BARÃO HOMEM DE BELO PERANTE A HISTÓRIA (apont., hist. geog. e críticos da s/vida e da s/obra) — Enc., Cr\$ 30,00. 42 — Ulysses Brandão — CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR (Pernambuco de outrora) edição comemorativa do 1.^o centenário — Enc., Cr\$ 30,00. 43 — X X — HISTÓRIA DA EXPANSÃO PORTUGUESA NO MUNDO (diretores: Ant. Baião, Hernani Cidade e Manuel Murias) edição impressa em ótimo papel, c/ricas ilustr. — 3 vols. — Enc., Cr\$ 800,00. 44 — Cerqueira Falcão — ROTEIRO DE PAULO AFONSO — c/magníficas ilustr. — Cr\$ 25,00. 45 — Idem — FORTES COLONIAIS DA CIDADE DO SALVADOR, c/plantas, mapas e magníficas ilustr. — Cr\$ 40,00. 46 — Idem — ENCANTOS TRADICIONAIS DA BAIÁ c/32 aquarelas impressas em magnífico papel (edição luxuosíssima) — Cr\$ 120,00.

COLEÇÃO DEPOIMENTOS HISTÓRICOS

I. Chalça — MEMÓRIAS c/prefácio e notas de Noronha Santos — broch., Cr\$ 15,00 — Enc. em percalina, Cr\$ 20,00 — Enc. de couro, Cr\$ 30,00. Tiragem em papel especial, ricamente encadernado, Cr\$ 50,00. II — Prêsa (D. José) — MEMÓRIAS SECRETAS DE D. CARLOTA JOAQUINA — tradução rev. pref. e anotada por R. Magalhães J.^o (contendo cartas inéditas e o manifesto com que a princesa se candidatou ao trono da América espanhola) — Cr\$ 15,00. III — Visconde de Mauá — AUTOBIOGRAFIA — edição prefaciada e anotada por Claudio Gama, acompanhado de indicações genealógicas, históricas e Bibliográficas, c/30 grav. fora do texto, este trabalho contém a famosa "Exposição aos credores e ao público" e "um meio circulante no Brasil" — Cr\$ 25,00. Enc. de luxo — Cr\$ 40,00, tiragem em papel especial inglês em grande formato, numerados e rubricados, Cr\$ 200,00. IV — Carlos Mauá — VIDA DA CONDESSA DE IGUAÇU (viúva de D. Pedro I e da Marquesa de Santos) extraída de uma carta autobiográfica da Condessa de Iguaçu — edição ilustr. — broch., Cr\$ 12,00. Tiragem em papel especial — Enc., Cr\$ 30,00. V — Argen Guimarães — EM TORNO DO CASAMENTO DE D. PEDRO II (pesquisas nos arquivos espanhóis) — edição ilustr. — Broch., Cr\$ 30,00 — Enc., Cr\$ 25,00.

PEDIDOS A

Livraria Editora Zelio Vaiverde

TRAVESSA DO OUVIDOR 27

CAIXA POSTAL 2.956 — RIO DE JANEIRO

Aos clientes do interior — Remetemos qualquer livro do presente anúncio pe'o "Serviço de Reembolso Postal"

Leitura Condensa um Romance

MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS, de Manuel An- tonio de Almeida.

Condensação de RAUL LIMA

ERA no tempo do rei. Quem passasse pelo "canto dos meirinhos", formado pelas esquinas das ruas do Ouvidor e da Quitanda, em qualquer dia útil dessa abençoada época, veria sentado um grupo mais ou menos numeroso daquela nobre gente conversando da vida dos fidalgos, das notícias do Reino e das astúcias policiais do Vidigal. Entre os termos que formavam essa equação meirinhah pregada na esquina havia uma quantidade constante, era o Leonardo-Pataca.

Sua história tem pouca coisa de notável. Fora Leonardo albigibe em Lisboa, sua pátria; aborrecera-se porém do negócio, e viera ao Brasil. No mesmo navio viajara uma certa Maria da Hortaliça, saloia rechonchuda e bonitota, e, sete meses depois de haverem desembarcado, teve a Maria um filho, formidável menino de quase três palmos de comprido, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão.

Durante os sete primeiros anos, sobre os quais a história passa por alto, o menino não desmentiu aquilo que anunciara desde que nasceu, era um verdadeiro flagelo.

Lá um dia, a Maria fugiu para Portugal com o capitão de um navio e Leonardo abandonou a casa, deixando o pequeno com o padrinho, barbeiro na vizinhança, e que tomou pelo afilhado um amor que subiu ao grau de rematada cegueira. Pretendia fazê-lo padre, o que a todos parecia impossível, pois o menino era mesmo levadíssimo. A madrinha, que exercia a profissão de parteira e era por isso conhecida em toda a cidade como "a comadre", visitava-os sempre.

Havia um velho tenente-coronel que cometera no seu tempo de moço, em Lisboa, uns tantos pecados, e um seu filho, cadete, abusara de uma jovem que mais tarde foi a Maria Hortaliça. Para apagar quanto possível sua culpa, o velho procurou, por intermédio da comadre, prestar algum benefício à saloia, mas só teve ocasião de fazê-lo a Leonardo-Pataca, livrá-lo de algumas encrencas. Agora, informado pela comadre do destino da Maria, decidiu tomar o menino sob sua proteção, mandou a comadre propor que o deixasse ir para a sua companhia. O compadre porém não esteve por isso de modo nenhum, e até se prometeu aceitar para qualquer outra coisa a proteção do tenente-coronel foi a instâncias da comadre. É que o barbeiro, além do gosto de criar o afilhado, tinha conseguido arranjar-se muito bem: enquanto aplicava sangrias num cliente a bordo de um navio, morreu o homem deixando-lhe a incumbência de entregar bons patacos a alguém que o barbeiro naturalmente nunca se deu ao trabalho de procurar.

A custa de muitos trabalhos, de muitas fadigas, e sobretudo de muita paciência, conseguiu o compadre que o menino frequentasse a escola durante dois anos e que aprendesse a ler muito mal e escrever ainda peor. Manifestou o peralta acesos desejos de ser coroinha e, uma vez que estava destinado a ser clérigo, obteve o consentimento do padrinho. Tais travessuras fez na Sé, porém, inclusive a denúncia das relações do mestre de cerimônias com certa moça cigana, que foi despedido.

Essas coisas eram narradas dias depois, a uma mulher velha, muito gorda e muito rica, D. Maria, amiga do barbeiro e cuja mania era manter demanda no fóro.

Passaram-se alguns anos, durante os quais o Leonardo-Pataca, pai do menino, andou metido com complicações amorosas e foi muitas vezes aconselhado pela comadre a tomar estado, pois tinha ela uma sobrinha que vivia em sua companhia, e que lhe pesava sofrivelmente sobre as costas.

Continuou o menino, já agora rapaz, a estar sem destino. Como sempre acontece a quem tem muito onde escolher, o pequeno, a quem o padrinho queria fazer clérigo mandando-o a Coimbra, a quem a madrinha queria fazer artista metendo-o em algum cartório, e a quem enfim cada conhecido ou amigo queria dar um destino que julgava mais conveniente às inclinações que nele descobria, o pequeno, entre tantas coisas boas, escolheu a peor possível: constituiu-se um completo vadio, vadio-mestre, vadio-tipo.

O padrinho desesperava com isso e deixava o afilhado ir à vontade. A comadre conseguira que o Leonardo-Pataca lhe resolvesse o problema da sobrinha. D. Maria envelhecera sofrivelmente e, prossequindo na mania das demandas, obteve ser nomeada tutora de uma sobrinha órfã e herdeira de alguns mil cruzados.

O jovem Leonardo, pois assim também se chamava o filho do meirinho e afilhado do barbeiro, considerou sempre medonhas massadas as visitas que tinha de fazer a D. Maria em companhia do padrinho, mas isso só até o dia em que lá encontrou, pela primeira vez, a sobrinha da velha ricaça. Era Luizinha já muito desenvolvida, porém que, tendo perdido as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça.

Como é que a sobrinha de D. Maria viera a inspirar amor a Leonardo, é isso segredo do coração do rapaz que nos não é dado penetrar: o fato é que ele a amava, e isto nos basta.

Um novo sucesso veio porém um dia dar outra cor e andamento aos sucessos: foi o encontro dos dois, padrinho e afilhado, em casa de D. Maria com uma personagem estranha a ambos. Era um conhecido de D. Maria que havia há pouco chegado de uma viagem à Baía, sr. José Manuel. Se os sinais físicos não falham, quem olhasse para a cara assinalava-lhe logo um lugar distinto na família dos velhacos de quilate. O sujeito começou a cumular de afagos D. Maria, visando o dote.

Essa circunstância levou o compadre, a comadre e Leonardo a formar uma aliança contra o tal José Manuel, que, além de perigoso maldizente, era deslavado mentiroso.

Como a própria Luizinha ignorava a luta que por ela se esboçava, Leonardo tratou de aproveitar uma oportunidade para declarar-se. Quando, num feliz ensejo aparecido, conseguiu, depois de muito gaguejar e hesitar, dizer "eu... eu lhe quero... muito bem" e viu Luizinha fazer-se cor de uma cereja e sair caminhando, soltou um suspiro de desabafo e assentou-se, pois se achava tão fatigado como se tivesse acabado de lutar braço a braço com um gigante.

Ora, aconteceu que, no famoso Oratório da Pedra, uma rica filha-família, que morava com a mãe, foi raptada sem que se soubesse por quem. A comadre, mais que depressa, vai e assegura a D. Maria que o autor do crime tinha sido o sr. José Manuel. E quando este apareceu na casa da velhota, esta não se pôde conter, e soltou contra José Manuel uma grande alicantina, dizendo que toda a cidade estava cheia do horroroso escândalo que ele acabava de cometer.

Tal como Leonardo conseguira uma procuradora, também José Manuel também tratou de conseguir um procurador para rehabilitá-lo perante D. Maria. E o encontrou na pessoa de um mestre de reza, um cego muito afamado pelo seu excessivo rigor para com os discípulos, entre os quais se encontrava número não pequeno de crias da casa de D. Maria, e também conhecido como bom arranjador de casamentos. O velho iniciou sem demora seu trabalho.

Por esse tempo o barbeiro, deixando ao afilhado, nas mãos do meirinho Leonardo-Pataca, um bom par de mil cruzados em espécie, a comadre assentou que devia substituir ao compadre no amor pelo afilhado, e determinou-se a vir morar com ele em casa de Leonardo-Pataca; assim ficava também reunida à família e à sua neta. O Leonardo-Pataca, que era condescendente,

esteve pelo caso e reuniu-se desse modo a família toda. Mas a birra da Chiquinha, mulher do Leonardo-Pataca, com o entendo, passou em breve a causar serias transtornos à vida de todos.

Um dia as coisas se azedaram demais e o jovem teve de abandonar a casa sob o espadim ameaçador do melrinho. Andou a bom andar por largo tempo, e foi dar consigo lá para as bandas dos Cajueiros, onde encontrou uns conhecidos a quem falou de suas desventuras. Os amigos, para consolá-lo, convidaram-no a ir ouvir Vidinha cantar modas. O Leonardo, que talvez hereditariamente tinha queda para aquelas coisas, ouviu boquiaberto a modinha, e tal impressão lhe causou, que depois disso nunca mais tirou os olhos de cima da cantora — uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peitos altos, cintura fina e pés pequeninos. A modinha foi aplaudida como cumpria. Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado em cestos, e puseram-se a caminho, acompanhando o Leonardo o farrancho. Mais tarde, já Leonardo, passando-lhe rápido um turbilhão de idéias, admirava-se de como é que havia podido inclinar-se por um só instante a Luizinha, menina sensaborona e exquísita, quando havia no mundo mulheres como Vidinha.

Enquanto Leonardo se integrava na sua nova vida, José Manuel, com a plena ajuda do mestre de reza, estava inteiramente rehabilitado aos olhos de D. Maria que, informada das suas intenções quanto a Luizinha, confessava que estas não lhe desagradavam. Essas intenções tornaram-se afinal plenamente vitoriosas quando D. Maria, regosijada com a vitória que José Manuel lhe proporcionara em mais uma demanda, consentiu em dar-lhe a mão da sobrinha.

A vida de Leonardo prosseguiu agitada. Instalou-se na casa do Tomaz da Sé, em amores com Vidinha, e isso atraiu-lhe a ira dos primos da mulatinha que o denunciaram ao major Vidigal. Foi preso, fugiu. Empregou-se na ucharia, despertou os ciúmes de um toma-largura e outra vez foi preso. Afinal, lhe sentaram praça, foi servir como granadeiro do furioso major Vidigal a quem tanto temera. Para ele não havia fortuna que não se transformasse em desdita, e desdita de que lhe não resultasse fortuna. Várias diabruras fez, dando sérios trabalhos à comadre para salvá-lo das encrencas. A boa mulher, em companhia de D. Maria, acabou arranjando a ajuda de Maria-Regalada, criatura que no seu tempo fora uma mocetona de truz e por quem o major Vidigal suspirava há muito tempo. O major, convenientemente rogado, perdoou as travessuras de Leonardo e ainda prometeu às mulheres fazer do rapaz sargento.

Quanto a Luizinha, José Manuel tornara-se para ela um verdadeiro marido-dragão, desses que só aquele tempo os conta tão perfeitos, que eram um suplício constante para as mulheres. Depois que se havia mudado de casa de D. Maria, nunca mais Luizinha vira o ar da rua senão às furtadelas, pelas frestas da rótula: então chorava ela aquela liberdade de que gozava outrora; aqueles passeios e aquelas palestras à porta em noite de luar; aqueles domingos de missa na Sé, ao lado de sua tia com o seu rancho de crioulinhas atrás; as visitas que recebiam, e o Leonardo de quem tinha saudades, e tudo aquilo enfim a que não dava nesse tempo

multo apreço, mas que agora lhe parecia tão belo e tão agradável. Por tudo isso, quando o marido, refinado valdevinos, esorou na rua com um violento ataque apoplético, Luizinha derramou apenas as lágrimas bastantes às conveniências.

Ao enterro, compareceu Leonardo, em completo uniforme de sargento da companhia de granadeiros, e o seu encontro com Luizinha causou a ambos surpresa e emoção. Luizinha achou Leonardo um guapo rapagão de bigodes e suíças; elegante até onde pode sê-lo um soldado de granadeiros, com o seu uniforme de sargento bem assente. Leonardo achou Luizinha uma moça espigada, airosa mesmo, olhos e cabelos pretos, tendo perdido todo aquele acanhamento físico de outrora. Depois que se retiraram todas as visitas, e que o moço sargento teve também de sair, Luizinha involuntariamente estendeu-lhe a mão à despedida e ele lhe apertou com força. Ora, isto naquele tempo era bastante para dar que falar ao mundo inteiro.

Para os planos que dentro em pouco começaram a agitá-los, pois Luizinha dispensou uma nova declaração de amor aceitando a que Leonardo lhe fizera quando ainda meninos quase, havia, porém, o obstáculo da situação do sargento de linha, que não podia casar.

Resolveu ele prontamente passar-se para a milícia, reduzindo-se a dificuldade a obter a baixa e essa passagem. Luizinha encarregou-se de vencer esse embaraço. Um dia em que estava sua tia a rezar no seu rosário, justamente num daqueles intervalos do Padre-Nosso e Ave-Maria, a viuvinha chegou a ela e comunicou-lhe com confiança tudo que havia, fazendo preceder sua narração da seguinte declaração, que cortava a questão pela raiz:

— Para lhe obedecer e fazer-lhe o gosto, casei-me uma vez, e não fui feliz; quero ver agora se acerto melhor, fazendo por mim mesma nova escolha.

Em breve, porém, conheceu que fora inútil sua precaução, porque D. Maria confessou que de há muito ruminava aquele mesmo plano.

Como de outra feita, D. Maria e a comadre foram procurar Maria-Regalada para obter a proteção do major Vidigal. Quando entraram em casa de Maria-Regalada, a primeira pessoa que lhes apareceu foi o major e, o que é mais, o major em hábitos menores, de rodapé e tamancos. A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ela viesse definitivamente morar em sua companhia. O segredo que ela dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhada por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major. Está pois explicada a benevolência deste para com o Leonardo, e explicada a presença do major na casa de Maria-Regalada.

Em uma semana Leonardo recebeu dois papéis: um era a sua baixa de tropa de linha; outro, sua nomeação de Sargento de Milícias. Além disso recebeu ao mesmo tempo carta de seu pai, na qual o chamava para fazer-lhe entrega do que lhe deixara seu padrinho, que se achava religiosamente intacto.

Passado o tempo indispensável do luto, o Leonardo, em uniforme de Sargento de Milícias, recebeu-se na Sé com Luizinha, assistindo à cerimônia a família em péso.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em LEITURA, peça-o pelo *Serviço de Reembolso Postal* da *Livraria Civilização Brasileira*, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

PROGRAMA CASE'

APRESENTA AOS DOMINGOS

DEFENSORES DA LEI

RADIO-TEATRO POLICIAL

SOB A DIREÇÃO DE MANOEL BRAGA

— às 14,15 —

PERVERSIDADE

RADIO-NOVELA — SEMANAL

SOB A DIREÇÃO DE SADY CABRAL

— às 11,30 —

Grande Elenco Rádio-Teatral:

Lídia Matos — Lucília Peres — Teixeira Pinto — Manoel Braga — Athayde Ribeiro — Jair de Thaumaturgo — Sarah Nobre — Dina Vita — Urbano Lóes — Vilma Faria — Zani Filho

Acordeonista:

JORGE BRASS

Música lírica e mexicana:

ANGELO DE FREITAS

Música popular:

NELSON GONÇALVES

CARLOS ROBERTO

DARCY REZENDE

Grande Orquestra de Salão

dirigida por ALBERTO LAZOLI

Speaker's:

DILO GUARDIA

URBANO LÓES

Programa Casé — aos domingos, de 11 às 15 horas

Rádio Mayrink Veiga

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por AUREO OTTONI

MAIO DE 1943

O) GENERALIDADES

Agendas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas publicações periódicas

ARCHERO JUNIOR (Achilles). — Exames de admissão ao comércio. Para as escolas de ensino comercial. Col. Didática Nacional. Série Comercial. (14/19). 265 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (3.ª ed. 5/43). Ed. e Publ. Brasil.

BECKER (Idel). — Dicionários "Lep". Espanhol-Português. (9/13). 263 p. enc. Cr\$ 12,00. (5/43). Livr. Ed. Paulicéa.

BINNS (Harold Howard). — Dicionário Inglês-Português. Col. O Livro de Bolso. 9. (11/16). 287 p. cart. Cr\$ 12,00. (5/43). Distr. Civilização.

CARMO (J. A. Pinto). — Bibliografia de Capistrano de Abreu. Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro. Col. Bl. Bibliografia. (16/23). 135 p. il. grav. fora texto, br. Cr\$ 5,00. (5/43). I. N. L., Rio.

GOMES (Alfredo). — Exames de admissão aos ginásios. Col. Didática Nacional. Série Ginásial. (14/19). 328 p. il. cart. Cr\$ 13,00. (3.ª ed. 5/43). Ed. e Publ. Brasil.

LETRAS Brasileiras. — Dir. Hektor Monteiro. Orientação artística de Silvio Freitas. Col. "Letras Brasileiras". Ano I, n.º 1, Maio de 1943. (18/23). 80 p. il. Cr\$ 4,00. (5/43). A Noite.

REIS (Antonio Simões dos). — Bibliografia nacional. 1942. 8.º volume. Pref. Berilo Neves. (12/19). 90 p. br. Cr\$ 7,00. (5/43). Zello Valverde.

TOCHTROP (Leonardo). — Dicionário Alemão-Português. (14/19). 572 p. enc. Cr\$ 35,00. (5/43). Globo.

VASCONCELOS (Nuno Smith de). — Pequeno dicionário Inglês-Português. (14/20). 375 p. cart. Cr\$ 16,00. (5/43). Cia. Ed. Nacional.

1) FILOSOFIA

LAFUERZA (N. D.). — Regras para triunfar na vida. (Curso de educação da vontade). Trad. Tito Marcondes. Bibl. Ciência Para Todos. 2. (14/22). 305 p. br. Cr\$ 20,00. (5/43). Ed. Universitária.

2) RELIGIÃO

Generalidades — Religiões cristãs — Religiões diversas e Mitologia — Ciências ocultas.

JAMIN (J. Crépiaux). — Grafologia (A escrita e o caráter). Trad. Elias Davi. (17/24). 323 p. il. br. Cr\$ 15,00. (5/43). Ed. Minerva.

KARDEC (Allan). — Filosofia espiritualista. O livro dos espíritos. Trad. e rev. por Antonio Lima. (14/19). 423 p. cart. Cr\$ 9,00. (5/43). Ed. S. E. L. K., Rio.

LIMA (Alceu Amoroso). — A Igreja e o novo mundo. Col. "Problemas de Cultura Contemporânea". I. (14/19). 194 p. br. Cr\$ 15,00. (5/43). Zello Valverde.

MAGALHAES (Mons. Henrique de). — Aos que sofrem. Palavras irradiadas ao microfone da Rádio "Jornal do Brasil". Adaptado de "Camino de elevación" de P. Luis J. Actis. (13/19). 124 p. br. Cr\$ 5,00. (5/43). Ed. Vozes.

MARCOS, SS. CC. (Pe. Dr.). — Curso de religião, em aulas desenvolvidas: práticas, vividas. Tomo I. Fé-Esperança-Caridade. (17/24). 349 p. br. Cr\$ 20,00. (1942-5/43). Tomo II. Mandamentos-Sacramentos-Pecados-Virtudes. (17/24). 381 p. br. Cr\$ 25,00. (5/43). Distr. Ed. Vera Cruz.

MARIOFILO. — O que a lâmpada do sacerdote contou. (12/18). 105 p. br. Cr\$ 6,00. (5/43). Ed. Vozes.

MONTFORT (Luiz Maria Grignon de). — Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem. Pref. rev. Pe. F. W. Faber. (10/15). 320 p. br. Cr\$ 6,00. (2.ª ed. 5/43). Ed. Vozes.

OLIVEIRA (Ramos de). — Por que me ufano de minha fé. (13/19). 63 p. br. Cr\$ 5,00. (1942-5/43). Ed. Vozes.

SEMERIA. Barnabita (P. João). — Maria ideal de virtude. Alocuções sobre a Ladinha Laudetana para o mês de Maria. (13/19). 178 p. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Ed. Vozes.

SERRA (Adaute de Oliveira). — As vidas sucessivas. (12/16). 106 p. br. Cr\$ 4,50. (5/43). Fed. Espirita.

SINSIG, O. F. M. (Frei Pedro). — De automóvel para o céu. Monólogos e Leituras. (14/19). 103 p. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Ed. Guaira.

VASCONCELOS, O. F. M. (Frei Felício da Cunha). — Palavras e gestos de Mãe Maria Santíssima no Evangelho. (13/19). 136 p. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Ed. Vozes.

VONIER, O. S. B. (Dom Anscarão). — A nova e eterna aliança ou O catolicismo clássico. Trad. Dom Joaquim G. de Luna. O. S. B. Col. "Vida Cristã". 5. (13/19). 283 p. br. Cr\$ 15,00. (5/43). Ed. "Lumen Christi".

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

BARBOSA (M.). — Cooperativismo desde a escola. Doutrina, fatos, legislação.

(14/19). — 248 p. il. br. Cr\$ 12,00. (5/43). Coed. Brasília.

BRANCO (Eurico Castello). — Dicionário de jurisprudência do Tribunal de Segurança Nacional. Pref. Raul Machado. (16/24). 401 p. enc. Cr\$ 40,00. (5/43). Ed. Universal.

CAMPÊLO (Barreto). — A dupla nacionalidade dos portugueses no Brasil. (Teoria da quase-nacionalidade). Ed. do Ciclo Cultural Luso-Brasileiro, Recife. (13/19). 45 p. br. Cr\$ 3,00. (1942-5/43). Distr. Livros de Portugal.

CARNEIRO (Levi). — O livro de um advogado. (17/24). 478 p. br. Cr\$ 5,00. (5/43). Coelho Branco.

CAVACO (Carlos). — "Viva o Brasil". Canalha!... (13/18). 148 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Baptista de Souza.

CITTADINI (Nicola). — A nova ciência de governo ou A redenção humana. Trad. do Autor. (16/23). 140 p. br. Cr\$ 12,00. (5/43). Distr. Zello Valverde.

CÓDIGOS E LEIS DO BRASIL. — I. Código penal. Lei das contravenções penais. Lei de introdução ao Código penal e da lei das Contravenções penais. Índice alfabético e remissivo organizado por Serrano de Andrade. (12/16). 343 p. cart. Cr\$ 14,00. (5/43). Freitas Bastos.

COEDUCAÇÃO (A) e outros problemas pedagógicos. Estudos e comentários de Pedro A. Pinto, D. Carlos Duarte Costa, Bispo de Maura, etc., etc. Série "Divulgação". n.º 1. (13/19). 67 p. br. Cr\$ 6,00. (5/43). Ed. Excelstor.

Atlântica Editora

E

DESCLEE, DE
BROUWER & CIE.



Edições em francês e português

ARTE — LITERATURA —
FILOSOFIA — CIÊNCIAS —
HISTÓRIA — RELIGIÃO

CRUZ (João Claudino de O. E.) — Questões objetivas de direito. Bibl. do Instituto de Iniciação Profissional. 1. (15/23). 174 p. br. Cr\$ 20,00. (5/43). Coelho Branco.

GAMA (Affonso Dionysio). — Teoria e prática dos contratos por instrumento particular no direito brasileiro. 7.ª ed. rev. e atualizada por Achilles Bevilaqua. (15/23). 638 p. enc. Cr\$ 50,00. (7.ª ed. 5/43). Freitas Bastos.

IHERING. — A luta pelo direito. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores. 9. (12/16). 126 p. br. Cr\$ 3,00. (5/43). Vecchi.

JOHNSON (Rev. Hewlett). (Deão de Canterbury). — O poder soviético. Trad. David J. de Castro. Pref. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo de Maura. H. Newell Mary Hewlett Johnson. (14/19). 459 p. br. Cr\$ 25,00. (3.ª ed. 5/43). Calvino.

MAQUIAVEL. — O príncipe. Texto completo. (Com as notas de Napoleão e Cristina da Suécia). Trad. e pref. de Mário e Celestino da Silva. (14/21). 168 p. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Vecchi.

MENDES NETO (João). — Rui Barbosa e a lógica jurídica. (Ensaio de prática da argumentação). (15/23). 140 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Saraiva.

MIRANDA (Vicente Chermont de). — O Estatuto da Lavoura Canavieira e sua interpretação. (17/24). 472 p. br. Cr\$ 60,00. (5/43). Gr. Sauer. Rio.

NASCIMENTO (Nelson Pinto do). — Da propriedade, desapropriação e trabalho. (13/15). 95 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Rev. Tribunais.

ORLANDO (Pedro). — Nova Jurisprudência. (Causas cíveis e comerciais). 1938 a 1942. Coletânea selecionada, condensada e resumida por Pedro Orlando. (16/24). 388 p. br. Cr\$ 40,00. (5/43). Rev. Tribunais.

PEIXOTO (José Carlos de Matos). — Curso de direito romano. Tomo I. Partes introdutória e geral. (17/24). 273 p. br. Cr\$ 45,00. (5/43). E. Peixoto.

PORTO (A. Rodrigues). — Prescrição penal. (15/23). 91 p. br. Cr\$ 15,00. (5/43). Rev. Tribunais.

REZENDE (Oswaldo). — A nova lei do imposto de renda. (Comentário, prática e legislação). (15/22). 238 p. br. Cr\$ 20,00. (5/43). Civilização.

RIBEIRO (Olympio Carr). — Compras governamentais e armazenamento. (15/23). 167 p. br. Cr\$ 20,00. (5/43). Saraiva.

SEGURO SOCIAL (o rumo do). — Pref. Alexandre Marcondes Filho. Bureau Internacional do Trabalho. Estudos e Documentos. Série M (Seguros Sociais). N.º 18. (15/22). 122 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Jornal do Comércio.

VEIGA (J. Pimenta da). — O caso do sargento Ananias. (14/19). 103 p. br. Cr\$ 6,50. (1942-6/43). Ed. Inconfidência.

3-4) EXERCÍCIO — MARINHA AERONÁUTICA

GAUSSOT (Lieut. Colonel). — Victoire au travail. Les Cahiers de la Victoire. III. (14/20). 161 p. br. Cr\$ 14,00. (5/43). Atlântica Ed.

— LEITURA

VASCONCELLOS (General Manoel Meira de). — Brasil. Potência Militar. (17/24). 206 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 5/43). Zélio Valverde.

4-5) LETRAS

A) Filologia (Generalidades. Ensino de línguas)

BINNS (H. H.) — From talks and stories of Daily Life to grammar with questions & answers. (14/20). 235 p. cart. Cr\$ 14,00. (5.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

BINNS (Harold Howard). — King's english. 2.ª série ginásial. (14/20). 164 p. cart. Cr\$ 10,00. (9.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

BRUNO (Anibal). — Língua portuguesa. Antologia. 3.ª e 4.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira. 17. (14/20). 317 p. cart. Cr\$ 14,00. (4.ª e 5.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Frederico Curio de). RILCARDO NETO (José). — Excerpta latina. Liber III — Liber IV. 3.ª e 4.ª séries do curso ginásial. Bibl. Ensino Moderno. S. I. Livros para o curso Ginásial. Vols. III e IV. (14/19). 327 p. il. cart. Cr\$ 22,00. (5/43). Ed. Pan-Americana.

FERREIRA (Tito Lívio) — Premier livre de français. Méthode directe et intuitive. II. J. U. Campos. (14/20). 187 p. cart. Cr\$ 10,00. (11.ª ed. 5/43). DEUXIÈME. (14/20). 156 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (8.ª ed. 5/43).

TROISIÈME. Textes littéraires français. 3ème et 4ème séries. (14/20). 252 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (6.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

FONSECA (Orlando, MORAES (Domingos de Vilhena). — Língua latina. Gramática, exercícios, textos. 1.ª e 2.ª série do curso ginásial. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 112. (14/20). 238 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (3.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

GALLO (João Capussao). — Latim ginasial. 4.ª série do curso ginásial. Col. Didática Nacional. Série Ginásial. (14/19). 153 p. cart. Cr\$ 12,00. (5/43). Ed. e Publ. Brasil.

GÓIS (Carlos). — Sintaxe de regência. Exame final de português — Sintaxologia. (13/18). 204 p. br. Cr\$ 6,00. (5.ª ed. 5/43). Livr. Alves.

GONÇALVES (Francisco). — A palavra "Quê". Funções, observações, concordância, exercícios práticos. (13/19). 204 p. cart. Cr\$ 18,00. (5-43). Coed. Brasília.

GONÇALVES (Maximiano Augusto) — Os autores do programa de latim. Vol. II, para a 3.ª e 4.ª série. Com suplemento: Textos latinos. Vol. II, Cícero e Cícero. (14/19). 116+16 p. br. Cr\$ 10,00. (5-43). Livr. Para Todos.

INDEX ortográfico. — De acordo com o Dec.-Lei 5.186 de 13.1.1943. Organizada por F. A. P. (12/16). 41 p. br. Cr\$ 2,00. (5/43). Ed. Vozes.

JENSEN (Ansgar Knud). — The world-language of to-day. Part I. Drawings by Sennem Bandeira. Bibl. Ensino Moderno. S. 1.ª. Livros para o Curso Ginásial. Vol. V e VI. (14/19). 97 p. cart. Cr\$ 12,00. (5/43). Ed. Pan-Americana.

KOPKE (João). — Histórias de meninos na rua e na escola. Ed. rev. em 1933 por Lúcia Monteirol Casassanta. (Da Coleção João Kopke). (12/18). 213 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (10.ª ed. 5/43). Livr. Alves.

MADRIGAL (Alfredo Lamarque). — Lengua española. Método gramatical y ejercicios adaptados ao programa oficial para los cursos: Clásico y científico. (14/19). 164 p. cart. Cr\$ 10,00. (5/43). Coelho Branco.

MORAES (João Barbosa de). — Para as classes de português. Sintaxe, análise, lógica, composição de palavras. (13/19). 312 p. cart. Cr\$ 12,00. (5/43). Jacinto.

EDITORA VECCHI

apresenta as suas NOVIDADES do mês de JUNHO
ELEN GLASGOW

NASCIDA PARA O MAL (prêmio Pulitzer de 1942)

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR,
dos MAIS FAMOSOS AUTORES

2.ª edição

Cr\$ 12,00

BETTE DAVIS

O CAMINHO DA GLÓRIA

A vida intensa da grande trágica da tela contada por ela mesma.
Cr\$ 12,00

MAURICE DEKOBRA — Leyla Georgina

A FILHA DE MATA HARI

Romance de paixão, guerra e espionagem Cr\$ 14,00

Paul Reboux

CLEÓPATRA

a rainha vampiro. A sercia do Nilo Cr\$ 10,00

Casa Editora Vecchi, Ltda.

RUA DO REZENDE, 144

RIO DE JANEIRO

NOBREGA (Vandick Londres da). — O latim do ginásio. (Programa completo da 1.ª e 2.ª séries do curso do ginásio). (14/20). 227 p. cart. Cr\$ 13,00. 2.ª ed. 5/43).

Cia. Ed. Nacional.

PENIDO FILHO (Raul). — Le français. Première année. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 132. (14/20). 150 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (5/43).

Cia. Ed. Nacional.

POSADA (Leonor), BELLUCI (Arnaldo). — Leituras cívicas. (Antologia). 1.ª e 2.ª séries. (14/19). 3.ª p. cart. Cr\$ 15,00. (5/43). Livr. Alves

RAEDERS (Georges), MORAES (Domíngos de Vilhena). — La littérature française par les textes et l'explications. (14/20). 544 p. il. cart. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 5/43).

Cia. Ed. Nacional.

ROMERO (Nelson). — O programa de latim no ginásio. Gramática e textos. (3.ª e 4.ª séries). (14/19). 327 p. cart. Cr\$ 18,00. (5/43). Livr. Alves.

SCHMIDT (Isabel Junqueira). — English. Fourth grade (13/20). 235 p. il. car. Cr\$ 14,00. (5/43).

Cia. Ed. Nacional.

SCHMIDT (Maria Junqueira). — Cours de français. 3ème e 4ème années. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 133. (14/20). 313 p. il. cart. Cr\$ 16,00. (5/43).

Cia. Ed. Nacional.

SERPA (Oswaldo). — Modern english grammar. (13/19). 190 p. cart. Cr\$ 14,00. (4.ª ed. 5/43). Livr. Alves.

SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Alegria de ler. (13/19). 341 p. il. br. Cr\$ 7,00. (3.ª ed. 5/43).

Getulio Costa.

TORRES (Artur de Almeida). — Compendio de lingua portuguesa. Antologia para as 1.ª e 2.ª séries. B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 117. (14/20). 215 p. cart. Cr\$ 13,00. (2.ª ed. 5/43).

Cia. Ed. Nacional.

TORRES (Artur de Almeida). — Compendio de lingua portuguesa. Grama-

tica. (Para o curso ginásio). B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos, 116. (14/20). 259 p. cart. Cr\$ 13,00. (2.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

WAGNER (Luiz Amaral). — Nosso Brasil, para o 4.º grau primário. (14-20). 220 p. il. cart. Cr\$ 6,00. (54.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

4-5) LETRAS

B) LITERATURA

B. 1) Generalidades — História Literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônicas.

ANDRADE (Mário de). — O balle das quatro artes. Col. Mosaico, 2. (12/18). 144 p. cart. Cr\$ 10,00. (5/43).

Livr. Martins.

CARNEIRO (Levi). — Na Academia. (15/23). 366 p. br. Cr\$ 20,00. (5/43). Civilização.

MATOS (Gregorio de). — Obras Completas. Tómo I. Sacra Lirica. Grécio-sa. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa. "Os Mestres da Língua", 9. (10/17). 309 p. br. Cr\$ 25,00. (5/43).

Tómo II. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa. "Os Mestres da Língua", 10. (10/17). 347 p. br. Cr\$ 25,00. (5/43).

Ed. Cultura.

RAPOSO (Abel de Senna). — Recordações de um Amor que já morreu. Cartas de Amor. (14/20). 20 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Ed. Autor, Rio.

ROLLAND (Romain). — O pensamento vivo de Rousseau. Trad. J. Cruz Costa. Bibl. do Pensamento Vivo, 1. (12/18). 199 p. cart. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 5/43). Livr. Martins.

VIRGILIO. — Obras Completas. Bucólicas. (Trad. Leonel da Costa Lusitano). Geórgicas. (Trad. Antonio Feliciano de Castilho). Enéida. (Trad. Odorico Mendes). Pref. José Pérez. Série Clássica de Cultura. "Os Mestres do Pensamento", 26. (10/18). 290 p. br. Cr\$ 30,00. (5/43). Ed. Cultura.

EDIÇÕES PORTUGUESAS

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses

Autores estrangeiros

Cada volume Cr\$ 16,00

- SA' DE MIRANDA
Obras Completas, 2 volumes
FRANCISCO MANUEL DE MELO
Cartas Familiares, selecção
JOAO DE BARROS
Panegíricos
TOMAS A. GONZAGA
Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES
Discurso do Método. Tratado das Paixões da Alma
DIOGO DO COUTO
O Seldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA
Anais de D. João III, 2 volumes
HOMEIO
Odisséia, 2 volumes
FREI ANTONIO DAS CHAGAS
Cartas Espirituais, selecção
Mme. DE SEVIGNE
Cartas Escolhidas
ANTONIO FERREIRA
Poemas Lusitanos, 2 volumes
HEITOR PINTO
Imagem da Vida Cristã, 4 volumes
FRANCISCO RODRIGUES LOBO
Poesias, selecção
MARQUESA DE ALORNA
Poesias, selecção
MARQUESA DE ALORNA
Inéditos, selecção
FILINTO ELISIO
Poesias, selecção
LA BRUYERE
Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE
Cartas, selecção
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA
Cartas, selecção
GIL VICENTE
Obras Completas (I e II vols.)
GIL VICENTE
(Vol. III e VI).
História da Literatura Portuguesa
4.º volume (século 19 e 20). Por Albino Faria de Sampaio — Encadernada Cr\$ 240,00.

Obras de Eça, Camilo, Fialho de Almeida, Aquilino Ribeiro, Bernardes, Padre António Vieira, Garret, H. Caine, Julio Diniz, etc.

(Importação de todas as edições portuguesas)



Livraria H. Antunes
Rua Buenos Aires, 133 — Rio
ENVIAMOS CATALOGOS

AS MAIS NOTAVEIS POESIAS MÍSTICAS JAMAIS SURGIDAS EM PORTUGUÊS : *HINOS A' IGREJA*

(Vol. 10.º da Coleção Presença, dirigida por Frei Mansueto Kohnen, O. F. M., professor de Literatura da Universidade Católica do Rio de Janeiro).

Preços ed. popular: Cr\$ 9,00
de luxo: Cr\$ 25,00

Faça o seu pedido pelo Serviço de Reembolso à

STELLA EDITORA

Caixa Postal — 3.232

RIO

AGUARDEM:

RELIGIÃO NA RUSSIA SOVIÉTICA

"Best-seller" norte-americano. Depoimento imparcial e objetivo sobre os problemas religiosos na U. R. S. S.

B R E V E

Faça desde já seu pedido pelo Serviço de Reembolso, à

STELLA EDITORA

Caixa Postal 3232

RIO DE JANEIRO

VOLTAIRE. — Cándido ou O otimismo. Os ouvidos do conde de Chesterfield. Trad. Galeão Coutinho. Col. Excel-sior, 21. (12/18). 213 p. cart. Cr\$ 10,00. (5/43). Livr. Martins.

WERFEL (Franz). — Cên roubado. Trad. Sodré Viana. Col. Fogos Cruzados, 23. (14/23). 351 p. br. Cr\$ 22,00. (5/43). José Olympio.

WILDE (Oscar). — Le portrait de Do-rian Gray. Trad. Edmond Jaloux e Felix Frappereau. Col. "Chantecler". (11/18). 250 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Livr. Victor.

4—J. B. 6) CONTOS

CONTOS DE AMOR (Os mais belos). — Dos mais famosos autores. Compilação e trad. de Persiano da Fonseca. (14/21). 311 p. br. Cr\$ 16,00. (5/43). Vecchi.

OLIVEIRA (Julietta D.). — Asas de cera. (14/18). 125 p. br. Cr\$ 6,00. (2.ª ed. 5/43). Tip. M. Weissman, Rio.

OLIVEIRA (Julietta D.). — Gotas de orvalho. (14/20). 136 p. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Baptista de Souza.

POTYGUARA (José). — Sapupema Con-tos amazônicos. (13/19). 215 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). H. Velho.

6) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS, FÍSICAS E NATURAIS

ABREU (Modesto de). — Aritmética. Admissão, 4 (12/18). 115 p. cart. Cr\$ 6,00. (5/43). Pongetti.

ARCHER JUNIOR (Achilles). — Mate-mática. 2.ª série ginásial. Col. Didá-tica Nacional, Série Ginásial. (14/19). 169 p. il. cart. Cr\$ 13,00. (5/43). Ed. e Publ. Brasil.

DUARTE (José Coimbra). — Ciências naturais para a 3.ª série do curso gi-násial. Col. Didática Nacional, Série Gi-násial. (14/19). 213 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (5/43). Ed. e Publ. Brasil.

NEVES (J. M. de Castro). — Desenho geométrico plano. Prof. Ary Quintel-la. (14/21). 201 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (5/43). Cia. Ed. Nacional.

QUINTELLA (Ary). — Matemática. 2.º ano. B. P. B. s. 2.ª Livros Didáticos, 106. (14/20). 185 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

THIRSE (Cecil). — Exercícios de trigo-nometria. (14/18). 84 p. br. Cr\$ 7,00. (3/43). Livr. Alves.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia do-méstica — Finanças — Indústria — Profissões — Tecnologia.

BERRINI (L. C.). — A avaliação de ter-renos de grande profundidade. Sepa-rata de "Engenharia" n.º 5, vol. 1, Janeiro 1943. (23/30). 7 p. il. br. Cr\$ 10,00. (5/43). S. Paulo.

BRITO (Saturnino de). — Obras Com-pletas. Vol. I. Publicações prelimina-res. Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro. (16/23). 360 p. 3 pranchas, il. br. Cr\$ 25,00. (5/43).

Vol. VII, Projetos e relatórios. Saneamento de Santos. (16/23). 513 p. il. br. Cr\$ 50,00. (5/43).

Vol. VIII, Saneamento de Recife. Descri-ção e relatórios. 1.º tomo. (16/23). 434 p. il. br. Cr\$ 50,00. (5/43).

Vol. IX, Saneamento de Recife. Descri-ção e relatórios. 2.º tomo. (16/23). 311 p. 67 est., 1 mapa. il. br. Cr\$ 50,00. (1942-5/43). I. N. L., Rio.

CAMARA (Nilo Vieira da). — Organiza-ção racional do trabalho. (Contribui-ção para o estudo de suas aplicações). (16/23). 120 p. br. Cr\$ 16,00. (5/43). Ed. Criança.

CARVALHO (Carlos de). — Estudos de contabilidade. (16/23). 4 vols. 1.057 p. br. Cr\$ 100,00. (6.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

CAVALCANTI (Paulino). — O gado ho-landês. Col. Agrícola do "O Campo", 1. (17/24). 228 p. il. br. Cr\$ 35,00. (5/43). Distr. Minerva.

DIAS (Inácio Marques). — Previsão da descarga das bacias hidrográficas. (16/23). 21 p. il. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Distr. Boffoni.

DIAS (Inácio Marques). — Secção de vazio das obras de arte. (16/23). 176 p. il. br. Cr\$ 40,00. (5/43). Distr. Boffoni.

FERREIRA FILHO (João Cândido), MON-TE (Oscar), MULLER (A. S.), GRA-VATA (Antonio G.). — Manual da mandioca, a mala brasileira das plan-tas úteis. Cultura, pragas e doenças. Indústria. Bibl. Agrícola Brasileira. (16/23). 299 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 40,00. (1942-5/43). Ed. Chacaras e Quintais.

GASOGÊNIO (O.). — Transformação e adaptação de motores à gasolina para gasogênio. Apêndice ao Guia do mo-torista. Col. Técnica. (13/18). 31 p. il. br. Cr\$ 6,00. (5/43). Antunes.

GOBBATO (Celeste). — Câmaras de fer-mentação. Pref. Amadeu A. Barbilili-ni. Col. Vamos para o Campo 9. (16/23). 12 p. il. br. Cr\$ 3,00. (5/43). Ed. Chacaras e Quintais.

HARTZFELD (G.). — Criar bem coe-lhos. Col. Vamos par o Campo, 10.

LEIA ESTE ANÚNCIO, PELO MENOS UM DOS LIVROS NELE MENCIONADO LHE INTERESSARÁ

- GRAFOLOGIA — a escrita e o caráter — por J. Crepleux-Jamin. 2.ª edição nacional, cuidadosamente revista. — Em brochura Cr\$ 49,00. Encadernado Cr\$ 50,00.
- O GADO HOLANDEZ, pelo prof. Paulino Cavalcanti, um volume muito ilustrado, edição de 1943, em brochura Cr\$ 36,00.
- EU SEI TIRAR FOTOGRAFIAS, por J. Belyr, um pequeno manual, próprio para amadores, um volume cartonado Cr\$ 8,00.
- A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS, por H. de la Vaux, 4.ª edição brasileira, inteiramente refundida pelo prof. Afonso Varzea e ilustrada por F. Acquarone, um grande volume, com cerca de 400 páginas e cinco tricromias, Cart. Cr\$ 28,00.
- SANGUE DE TIGRE, por Eliana, 4.ª edição, belíssimo romance, pró-prio para moças, um volume brochado Cr\$ 10,00.
- EMILE COUÉ (o — mestre da autosugestão) — O domínio de si mes-mo pela autosugestão conciente, 5.ª edição, um vol. br. Cr\$ 6,00.
- A autosugestão conciente — o que digo e o que faço — 3.ª edição, um vol. br. Cr\$ 6,00.
- COMO APLICAR O MÉTODO COUÉ, pelo dr. J. Dorgemont, um pe-queno volume, br. Cr\$ 4,00.
- O MEU BEBE — O livro da mamãe — 6.ª edição, texto de Bastos Tigre e ilustrações de F. Acquarone, um belo volume a cores, com estajo e cartonado, Cr\$ 32,00, o mesmo em percaline . . Cr\$ 42,00.

Caixa Postal, 2798 — Rio

PEDIDOS A EDITORA MINERVA LTDA.

- (14/23). 12 p. il. br. Cr\$ 3.00. (5/43).
Ed. Chacaras e Quintais.
- JACKSON (T. M.). — Livro de ouro dos rádio-técnicos. Trad. H. M. Costa. (14/23). 64 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43).
Emp. Ed. Brasileira.
- LIMA SOBRINHO (Barbosa). — Problemas econômicos e sociais da lavoura canavieira. (13/19). 293 p. br. Cr\$ 12.00. (2.ª ed. 5/43).
Zello Valverde.
- LINDEN (Ruber Van Der). — Pequenas quedas de água. Medição e aproveitamento. Il. de "Gleilda" e do Autor. Col. Vamos para o Campo, 8. (16/23). 18 p. br. Cr\$ 3.00. (5/43).
Ed. Chacaras e Quintais.
- MEENDES (Amando). — A borracha no Brasil. 1.ª série. (13/19). 194 p. 1 prancha. il. br. Cr. 15.00. (5/43).
Imp. Brasileira, S. Paulo.
- TORRENT, S. J. (Pe. Dr. Camillo). — Os cogumelos na alimentação e sua cultura. Col. Vamos para o Campo, 8. (16/23). 15 p. il. br. Cr\$ 3.00. (5/43).
Ed. Chacaras e Quintais.
- 8) CIÊNCIAS APLICADAS**
- Medicina.
- BAILEY, F. R. C. S. (Hamilton). — Cirurgia da guerra moderna. Publicada sob a dir. de Hamilton Bailey, F. R. C. S., Escrita por setenta e dois colaboradores. Trad. Jorge Dória e Jesse Teixeira. Pref. Ten. Cel. Dr. Marques Porto. (18/27). 464 p. 380 figs. enc. Cr\$ 250.00. (5/43).
Casa do Livro.
- BECK (Alfredo). — Clínica obstétrica. Trad. Pedro Alcover de Moura. Rev. de Fioravante Di Piero. Pref. Octavio Rodrigues Lima. (19/28). 568 p. 1.050 il. enc. Cr\$ 200.00. (5/43).
Pongetti.
- BORGES (Durval Ross). — Socialização da medicina. Pref. Mauricio de Medeiros. (16/22). 135 p. br. Cr\$ 12.00. (5/43).
Distr. Civilização.
- CAMPOS (Muriilo de). — Elementos de higiene militar. Pref. Afranio Peixoto. (17/24). 387 p. 66 figs. br. Cr\$ 75.00. (2.ª ed. 5/43).
Borsol, Rio
- CARVALHO (H. Veiga de). — Lições de medicina legal à luz das novas leis penais brasileiras. (16/24). 88 p. br. Cr\$ 15.00. (5/43).
Saraiva.
- CLARK (Oscar). — Jardins de infância e escolas-hospitais. (14/20). 159 p. il. br. Cr\$ 15.00. (5/43).
Saraiva.
- DEZONNE (Edméa). — O Brasil, precisa de enfermeiras. Noções de enfermagem. (14/19). 156 p. il. br. Cr\$ 20.00. (5/43).
Distr. Livr. Odeon.
- FONSECA FILHO (Olympio da). — Parasitologia médica. Parasitos e doenças parasitárias do homem. Tomo I. (16/24). 737 p. 109 figs. 1 mapa, enc. Cr\$ 140.00. (5/43).
Guanabara.
- MASCARENHAS (José C. S.). — Pro. longuemos a vida ou O catecismo dos cem anos. (14/19). 184 p. br. Cr\$ 12.00. (5/43).
Distr. Vecchi.
- MOREIRA (A. A. Santos). — Formulário de terapêutica infantil. 5.ª ed. rev e atualizada por Luis Torres Barbosa. (16/23). 538 p. il. br. Cr\$ 50.00. (5.ª ed. 5/43).
Ed. Científica.
- PINTO (Pedro A.) — Noções rudimentares de farmácia galênica. (15/22). 220 p. il. cart. Cr\$ 20.00. (6.ª ed. 5/43).
Livr. Alves.
- POVOA (Hélion). — Patologia geral. (Anotações de aula). (16/23). 272 p. 1 prancha. il. br. Cr\$ 80.00. (5/43).
Ed. Científica.
- ROHRBACH (Richard). — Compêndio de dermatologia. Trad. Germano Goeldner Thomsen. Rev. e anotada por Rabello Filho. (17/24). 556 p. il. enc. Cr\$ 170.00. (5/43).
Ed. Científica.
- ROMEIRO (Vieira). — Formulário clínico do médico prático. (16/24). 2 vols. 574+588 p. enc. Cr\$ 160.00. (2.ª ed. 5/43).
Freitas Bastos.
- ROMEIRO (Vieira). — Terapêutica clínica. Tomo I. Tratamento das doenças do aparelho circulatório, do respiratório, dos rins e vias urinárias. (16/25). 707 p. enc. Cr\$ 140.00. (2.ª ed. 5/43).
Guanabara.
- THOMEN (Augusto A.) — Se os médicos não acreditam, por que crê você? Pref. Logan Clendening e Alencar Barros. Introd. a ed. inglesa de Lord Horber. Trad. Alfredo Cecilio Lopes. Bibl. Ciência Para Todos, 1. (14/23). 411 p. br. Cr\$ 25.00. (5/43).
Ed. Universitária.
- 7) BELAS-ARTES — ESPORTE**
JOGOS — DIVERTIMENTOS
- CALDEIRA FILHO (João C.). — Palestras sobre sonatas para piano de Beethoven. (16/23). 105 p. br. Cr\$ 13.00. (5/43).
E. S. Mangione.
- SEGALL (Lazar). — Catálogo de sua exposição. Pref. Mario de Andrade. (19/25). 48 p. il. br. Cr\$ 6.00. (5/43).
Ministério Educação.
- 9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA**
(Biografias)
- ABRANCHES (Helena Lopes). — Palestras cívicas. (12/18). 172 p. il. br. Cr\$ 12.00. (2.ª ed. 5/43).
Gr. Olímpica.
- ABREU (Modesto de). — Geografia. Admissão, 3. (12/18). 107 p. il. cart. Cr\$ 6.00. (5/43).
Pongetti.



Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Esplêndido sortimento de

artigos leves para o verão!

CASAS PERNAMBUCANAS

— 3. B. 3) POESIA

- ARATA (Cantimiro). — Espumas. (12/19). 126 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Pongetti.
- MENEZES (Alves de). — Aturá de ritmos. II. do Autor. (14/19). 122 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Coelho Branco.
- REIS JUNIOR (Pereira). — Canções do infinito. Poemas. Pref. Agripino Grieco. (14/19). 103 p. br. Cr\$ 10.00. (5/43). Borsoi, Rio.
- SILVEIRA (A. Azeredo da). — Imagens rítmicas. Pref. Augusto de Almeida Filho. (15/21). 134 p. br. Cr\$ 10.00. (5/43). Distr. Civilização.

- BROMFIELD (Louis). — Enquanto não surge o dia... Trad. Miroel Silveira. Col. Contemporânea, 1. (14/23). 271 p. br. Cr\$ 18.00. (5/43). Livr. Martins.
- BRONTË (Charlotte). — Jane Eyre. Trad. Sodré Viana. (15/22). 382 p. br. Cr\$ 20.00. enc. Cr\$ 28.00. (3.ª ed. 5/43). Pongetti.
- CERVANTES. — O curioso impertinente. (Trad. A. F. de Castilho). "A senhora Cornélia" e "O ciumento". Série "Novelas do Coração". 2. (10/18). 187 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Ed. Cultura.
- CONRAD (Joseph). — Tufão. Trad. Queiroz Lima. Col. Nobel, 14. (14/19).

- Gomes de Oliveira. Col. Fogos Cruzados, 21. (14/23). 329 p. br. Cr\$ 22.00. (5/43). José Olympio.
- LEE (Harry). — Dança sem ritmo. Trad. Lígia Junqueira Smith. Bibl. da Mulher Moderna, 21. (13/19). 445 p. br. Cr\$ 13.00. (5/43). Civilização.
- MACEDO (Joaquim Manuel de). — A moreninha. Série "Novelas do Coração". 6. (10/18). 209 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Ed. Cultura.
- MARLITT (Suzanne). — A voz do coração. Trad. Ana Wey Meyer. Bibl. das Senhorinhas 17. (14/20). 216 p. br. Cr\$ 7.00. (5/43). Emp. Ed. Brasileira.

LIVRARIA J. LEITE

RUA SÃO JOSE, 80 — RIO DE JANEIRO — BRASIL
COMPRA BIBLIOTECAS E LIVROS AVULSOS SOBRE
QUALQUER ASSUNTO

E' o caso que melhor paga

— 4. B. 4) TEATRO

- GOETHE. — Fausto. Uma tragédia de Goethe. 1.ª parte. Trad. Jenny Klabin Segall. (14/21). 257 p. br. Cr\$ 20.00. (5/43). Cia. Ed. Nacional.
- MESSINA (Felipe). — A felicidade chegou. Comédia em 3 atos. (12/18). 81 p. br. Cr\$ 3.00. (5/43). Pap. Coelho.
- MESSINA (Felipe). — Os homens?... Que horror!... Comédia em 3 atos. Col. Teatro Nacional, 12. (12/16). 90 p. br. Cr\$ 3.00. (5/43). Pap. Coelho.
- TOJEIRO (Gastão). — Sai da porta, Deolinda! ou Um sobrinho igual ao tio. 3 atos cômicos e ligeiro. Col. Teatro Nacional, 13. (12/16). 89 p. br. Cr\$ 3.00. (5/43). Pap. Coelho.
- WANDERLEY (José). ROCHA (Dagiel). — Amo todas as mulheres. Comédia em 3 atos. Col. Teatro Brasileiro, 50. (12/18). 57 p. br. Cr\$ 3.00. (5/43). Distr. Zélio Valverde.

- 383 p. br. Cr\$ 12.00. (5/43). Globo.
- COURTELINE (Georges). — Messieurs Les Ronds-de-Cuir. Tableaux-romans de la vie de bureau. (12/19). 196 p. br. Cr\$ 20.00. (5/43). Americ. Edit.
- DUMAS (Alexandre). — A tulipa negra. Trad. Série "Novelas Universais", 4. (14/20). 289 p. br. Cr\$ 16.00. (5/43). Ed. Cultura.
- FRANCE (Anatole). — Thais. (Roman). (12/19). 232 p. br. Cr\$ 20.00. (5/43). Americ. Edit.
- FREEMAN (R. Austin). — L'affaire X-3-34. Trad. Col. "Police-Secours". 7.ª ed. Chantecler. (11/18). 196 p. br. Cr\$ 8.50. (5/43). Livr. Victor.
- GABRIEL (Mario). — "O segredo de um homem". "Jola" — "O bandoleiro romântico". (Rádio-Novela). (13/19). 165 p. il. br. Cr\$ 7.00. (5/43). Livr. Prado.
- GARD (Roger Martin Du). — Jean Barois. (Prix Nobel de Littérature). (12/19). 2 vols. 258-290 p. br. Cr\$ 45.00. (5/43). Americ. Edit.
- HILTON (James). — Na noite do passado. Trad. Pedro Dantas e Aurelio

- MAUROIS (André). — Bernardo Quenay. Trad. Aurelio Pinheiro. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 16. (13/19). 201 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Pongetti.
- MAURIAC (François). — Uma gota de veneno. Trad. e pref. de Carlos Drummond de Andrade. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 17. (13/19). 148 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Pongetti.
- MERGULHAO (Benedicto). — As mulheres não querem amor... (13/19). 202 p. br. Cr\$ 10.00. (5/43). Pongetti.
- PICCHIA (Menotti Del). — Salomé. (Grande Prêmio de Romance). (13/19). 349 p. br. Cr\$ 18.00. (2.ª ed. 5/43). A Noite.
- POE (Edgar Allan). — O mistério Marie Roget. Trad. Libero Rangel de Andrade e Frederico dos Reis Coutinho. (14/19). 258 p. br. Cr\$ 10.00. (5/43). Vecchi.
- SAND (George). — Jeanne. Trad. Edith de Carvalho Negrals. Col. Romances para Moças, 12. (13/19). 327 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Ed. Anchieta.
- SEGHERS (Anna). — A sétima cruz. Trad. Otávio Mendes Cajado. Col. Contemporânea, 2. (14/23). 335 p. br. Cr\$ 20.00. (5/43). Livr. Martins.
- SINCLAIR (Upton). — Petróleo. Trad. Jorge Jobinsky. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 18. (13/19). 289 p. br. Cr\$ 10.00. (5/43). Pongetti.

— 5. B. 5) ROMANCES —
NOVELAS — LENDAS

- ALENCAR (José de). — As minas de prata. (12/18). 1.051 p. br. Cr\$ 30.00. (5/43). Ed. Melhoramentos.
- ALMEIDA (Manuel Antônio de). — Memórias de um sargento de Milícias. Col. Excelsior, 22. (12/18). 204 p. cart. Cr\$ 10.00. (5/43). Livr. Martins.
- ANNUNZIO (Gabriele D'). — Episcopo & Cia — O mártir. — Os anais de Ana. Novelas. Trad. Sodré Viana. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 15. (13/19). 187 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Pongetti.
- BALDWIN (Faith). — Este homem é meu. Trad. Yolanda Vieira Martins. (14/20). 221 p. br. Cr\$ 12.00. (5/43). Ed. Universitária.
- BRANCO (Camilo Castelo). — Amor de perdição. Série "Novelas do Coração". 7. (10/18). 189 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Ed. Cultura.
- BRANCO (Camilo Castelo). — Amor de salvação. Série "Novelas do Coração". 8. (10/18). 207 p. br. Cr\$ 8.00. (5/43). Ed. Cultura.

OBRAS TÉCNICAS E LITERÁRIAS

LIVRARIA ODEON

AVENIDA RIO BRANCO, 157

Rio de Janeiro — D. F.

Atende-se pelo serviço de reembolso

ANTUNES (De Paranhos). — O pintor do romantismo. (Vida e obra de Manoel de Araújo Porto Alegre. Bibl. de Grandes Biografias. 3. (15/22). 238 p. Il. br. Cr\$ 25,00. (5/43). Zello Valverde. ed. 543).
 AZEVEDO (Aroldo de). — Geografia geral. Tôm. 1.º B. P. B. s. 2.ª, Livros Didáticos. 114. (14/20). 356 p. Il. cart. Cr\$ 15,00. (4.ª, 5.ª e 6.ª ed. 5/43).
 BLOCH (Pedro). — Grande era o Couto: (Romance-biografia de Miguel Couto).

(14/19). 157 p. br. Cr\$ 12,00. (5/43). Distr. Livr. Victor.
 CALMON (Pedro). — História do Brasil na poesia do povo. (13/19). 353 p. br. Cr\$ 15,00. (5/43). A. Noite.
 CAMINHA (Pero Vaz de). — A carta de Pero Vaz de Caminha. Com um estudo de Jaime Cortesão. Col. Clássicos e Contemporâneos. 1. (14/22). 353 p. 1 mapa, Il. br. Cr\$ 25,00. (5/43). Ed. Livros de Portugal.

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia do Brasil. Para a 3.ª série. B. P. B. s. 2.ª, Livros de Didáticos. 116. (14/20). 245 p. Il. cart. Cr\$ 13,00. (4.ª ed. 5/43). Cia. Ed. Nacional.

CASAL (Pe. Manuel Aires de). (Presbítero Secular do Grão-Priorato do Crato). — Corografia brasileira ou Relação histórica — Geográfica do Reino do Brasil. Composta e dedicada a sua magestade Fidelíssima. Tôm. I. (15/22). 297 p. br. Cr\$ 50,00. (5/43). Ed. Cultura.

COSEL (Maurin). — Marins d'hier. (14/19). 281 p. br. Cr\$ 22,00. (5/43). Atlântica Ed.

FIGUEIREDO (Tte. Cel. Lima). — A conquista do Brasil pelos brasileiros. Bibl. Geográfica Brasileira. Publ. n.º 1 da Série B., Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. (16/23). 28 p. 1 mapa, br. Cr\$ 6,00. (5/43). I.B.G.E., Rio.

FONTENLA (Vicente Paz). — Espanha Imortal. (14/19). 83 p. Il. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Distr. Pap. Coelho.

GICOVATE (Moisés). — Geografia Geral. 1.ª série. (15/21). 218 p. Il. cart. Cr\$ 12,00. (2.ª e 3.ª ed. 5/43). Ed. Melhoramentos.

GOMES (Alfredo). — História geral. (História moderna e contemporânea). Para o curso ginasial secundário, 2.ª série. Col. Didática Nacional. Série Ginasial. (14/19). 227 p. Il. cart. Cr\$ 12,00. (5/43). Ed. e Publ. Brasil.

GORKA (Olgierd). — O país de glória e sangue... Passado e presente da Polônia. Trad. Carmen de Faro Lacerda. Introdução de Afrânio Peixoto. (13/19). 179 p. Il. br. Cr\$ 12,00. (5/43). Ed. Pan-Americana.

HUXLEY (Aldoux). — Eminência Parada. A história de Père Joseph. O conselheiro de Richelieu. Trad. Paulo Moreira da Silva. (15/23). 203 p. Il. br. Cr\$ 20,00. (5/43). Globo.

MACEDO (Roberto). — A história do Brasil em cinco lições. (13/19). 48 p. br. Cr\$ 8,00. (5/43). Albo.

MACEDO (Roberto). — A história do Distrito Federal. (14/20). 32 p. br. Cr\$ 5,00. (5/43). Albo.

MIRANDA (Nini). — A vida do Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca. Sua vida no Exército e na política. (15/23). 80 p. Il. br. Cr\$ 10,00. (5/43). Ed. Autora. Rio.

PALMEIRA (João da Costa). — Epopéia amazônica. (13/19). 205 p. br. Cr\$ 10,00. (5/43). A Noite.

PIMENTEL JUNIOR (Menezes). — Lições de geografia física e humana. 1.ª série. (14/19). 303 p. Il. cart. Cr\$ 10,00. (5/43). J. R. de Oliveira.

A Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de anunciar ao público o lançamento do seu novo plano



Trata-se de uma modalidade na qual, mediante a economia mensal de

Cr\$ 16,00 para cada apólice de **Cr\$ 5.000,00**

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter para a família, sem exame médico, uma proteção de 5 a 20 mil cruzeiros com pagamento de prêmios mensais durante prazo limitado.

A Sul America já pagou mais de 500 milhões de cruzeiros a SEGURADOS E BENEFICIARIOS.

Sul America

Fundada em 1983



A SUL AMERICA
 CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguro. 8.UUUU.

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

« PERDÔO-TE »

(Memórias de um espírito)

DE

AMALIA D. SOLER

Tradução brasileira modernizada por José Fakira

A NOVELA MAIS SENSACIONAL DO SÉCULO

Um volume em grande formato, com 720 páginas. Cr\$ 25,00 — A venda em todas as livrarias do país — Perdidos aos distribuidores: LIVRARIA-EDITORIA ZELIO VALVERDE — Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2.956

Aos clientes do interior — Não encontrando no seu livreiro, peçam pelo Serviço de Reembolso Postal

PRUDENTE DE MORAES. O primeiro centenário do seu nascimento. (1841-1941). Colectânea. Pref. Prudente de Moraes Filho e João Sampaio. (14/22). 305 p. br. Cr\$ 15,00. (1942/43). Rev. Tribunais. 5/43).
ROSOLIA (Orestes) — História geral. 2.ª série. (14/19). 270 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (5/43). Livr. Alves.
SILVA (Joaquim). — História geral. 1.º ano ginasial. (14/30). 305 p. il. cart.

Cr\$ 13,00. (6.ª ed. 5/43) Cia. Ed. Nacional.
STRAUHEY (Lyttton). — A rainha Vitória. Trad. Stela Martins Paredes. (17/24). 327 p. br. Cr\$ 20,00. (2.ª ed. 5/43). Vecchi.
TROTSKY (L. D.) — Minha vida. (Ensaio autobiográfico). Trad. Livio Xavier. Col. O Romance da Vida. (14/23). 572 p. br. Cr\$ 30,00. (3/43). José Olympio.

Em todas as livrarias

A Teoria Einstein ao alcance de todos

DO DR. RIBEIRO DE SOUZA Cr\$ 10,00

GREGORIO DE MATOS, o boca do inferno e VIDA E ÉPOCA DE JOSÉ MAURÍCIO,

DE ROSSINI TAVARES DE LIMA Cr\$ 8,00 e Cr\$ 6,00

A Perícia de Documentos

(Noções de documentologia)

PELO DR. JOSÉ DEL PICCHIA FILHO Cr\$ 45,00

RIMAS

de Gustavo A. Bécquer

Edição popular, Cr\$ 3,00 — Edição especial, Cr\$ 5,00

— Edição de luxo Cr\$ 6,00 —

Edições da Livraria Élo

RUA SENADOR FELÍX, 28 — SAO PAULO

O QUE EU VI NAS VITRINES

Li certa vez em um dos famosíssimos "sermões" daquele "monstro de la natureza" que se chamou padre Antonio Vieira um trecho em que ele faz o elogio dos livros chamando-os de mestres e amigos. E as palavras do padre transformaram-se em paradigma das minhas ações no mundo dos livros, fazendo que eu criasse por tudo o que existe de bom escrito em prosa ou verso, não devoção que seria pouco mas verdadeiro janaísmo. Tornei-me então um visitante costumeiro de "sebos" e livrarias, trocando o cinema ou o passeio pelas prateleiras poeirentas. Confesso que para essas aventuras e viagens, eu nunca me preocupei em fazer roteiro com pontos de partida, paradas ou coisa semelhante. Desta vez, entretanto, senti vontade de traçar um itinerário, de anotar tin-tin por tin-tin o que fosse encontrando pelas vitrines e pelos balcões. Manias de D. Casimiro, diria o velho Machado.

Do ponto de partida — o tabuleiro da balança — fui para a rua São José. Ali há sempre esperança de uma pechincha, de um queima ou de algum achado. Entrei na primeira porta onde se lia o título: Livraria Quaresma; um velho nome conhecido através daquelas histórias gostosas da Carochinha e da Avózinha. Livros esparrramados em todos os cantos. Lá estavam "Os Budenbrook" de Thomas Mann; um imenso romance, ensaio sobre a decadência da burguesia alemã, escrito por um grande estilista, por um "Nietzsche disfarçado em Flaubert".

Continuando a minha viagem dirigi-me para a Livraria Imperial. Balcões repletos de livros recentes. De frente, chamando a atenção pela notável capa, estava "Os guerrilheiros russos", de Erskine Caldwell, o famoso autor de "Tobacco Road".

Ao folhear aquela maravilhosa história dos guerrilheiros russos contada através das figuras de Sergio e Natacha, lembrei-me dos versos de Miguel Hernandez — um poeta espanhol vítima dos falangistas:

Guerrilleiro, guerrilleiro
Te vi pero no me acuerdo
Si fué en la primera línea
O diez leguas más adentro.

E' contra o mesmo inimigo que morreu Hernandez, que lutam hoje os guerrilheiros e os camponeses mostrados por Caldwell. Além do livro de Erskine encontrei "A Montanha Mágica", de Thomas Mann. Um livro em que se discute o Tempo, a Vida e a Morte. Uma quasi epopeia do do, enca que se processa em uma montanha quasi mágica entre indivíduos quasi mortos.

Em continuação ao itinerário que havia traçado fui para a rua do Ouvidor. Em uma das vitrines da Livraria de Portugal encontrei uma novidade deveras interessante: "Novos contistas russos", coletânea dos melhores contos de grandes escritores modernos da Rússia. Ali há contos de Nicolau Gogol; de Mikhail Solokof o autor do grande romance "Sobre o Don aprazível"; de Alexandre Newerof; de Wsiwoloj Ivanof, o famoso autor de "Trem blindado 14-19", e de muitos outros contistas. Preferia ainda visitar outras editoras mas... esses encontros com gente do sexo feminino não deixam tempo nenhum de tolerância... — PETRONIO.

JUNHO DE 1943

RUDOLF
VON JHERING

RUDOLF VON JHERING

O
ESPÍRITO
DO
DIREITO
ROMANO

O ESPÍRITO DO DIREITO ROMANO

VOLUME
I - II

JANTARDIS

alba

alba

Já se encontra em todas as Livrarias a 1.^a edição em língua portuguesa da famosa obra do imortal jurista alemão. O presente volume, em papel assetinado, bem encadernado, corresponde aos 1.^o e 2.^o volumes da edição alemã. Cuidadosa tradução do professor Rafael Benalón. Preço: Cr\$ 70,00. PREFÁCIO DO PROFESSOR CLOVIS BEVILAQUA. Atendemos pelo serviço de reembolso postal ALBA, EDITORA — LAVRADIO, 60 — RIO DE JANEIRO

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

JUNHO DE 1943

ANO I — NÚMERO 7

ASSEMBLEIA, 79-1

RIO DE JANEIRO — BRAS

Cr. \$ 0,50

O espírito dos “chetniks”

BELGRADO nos últimos dias de paz. Capital da maior nação balcânica onde se encontram oriente e ocidente em perfeita harmonia, trabalhando, vadiando, chorando e rindo. O café Moscou, centro de “literatas” e refugiados de países absorvidos pela Alemanha nazista. Os irmãos Nikola, Stojan e Joco Vasiljevich, todos à volta dos 20 anos, vivendo neste ambiente caleidoscópico, exercem orgulhosos suas profissões humildes de jornalista, garçon e engrate, auxiliando sua mãe viúva na luta pela vida.

A situação política da Yugoslávia está se tornando sombria. Intrigas na corte, aspirações desmedidas de elementos sem escrúpulos, golpe de estado. Belgrado vive horas de incrível excitação e ardente entusiasmo. As consequências não demoram em manifestar-se. Guerra, bombas sobre a cidade indefesa. O exército, surpreendido pelos acontecimentos, insuficientemente preparado e equipado, levado de roldão pelas forças invasoras. Milan Nedich, o “Quisling” sérvio, estabelece seu governo fantôche, apoiado pelas baionetas nazistas. Perseguições, torturas, assassinatos em nome da lei do mais forte.

Muitos não se conformam com a capitulação e se retiram para as montanhas. Grupos de militares desobedecendo a ordem de desmobilização, operários, intelectuais e camponeses. Um homem surge no cartaz, escrevendo páginas de glória no livro da história de sua pátria: Draja Mihailovich, Ministro de Guerra do governo em exílio. O homem que recusou abandonar seu povo nas horas amargas. O general que, organizando os guerrilheiros, faz reviver as tradições dos “chetniks”. Terminou a guerra— inicia-se a luta.

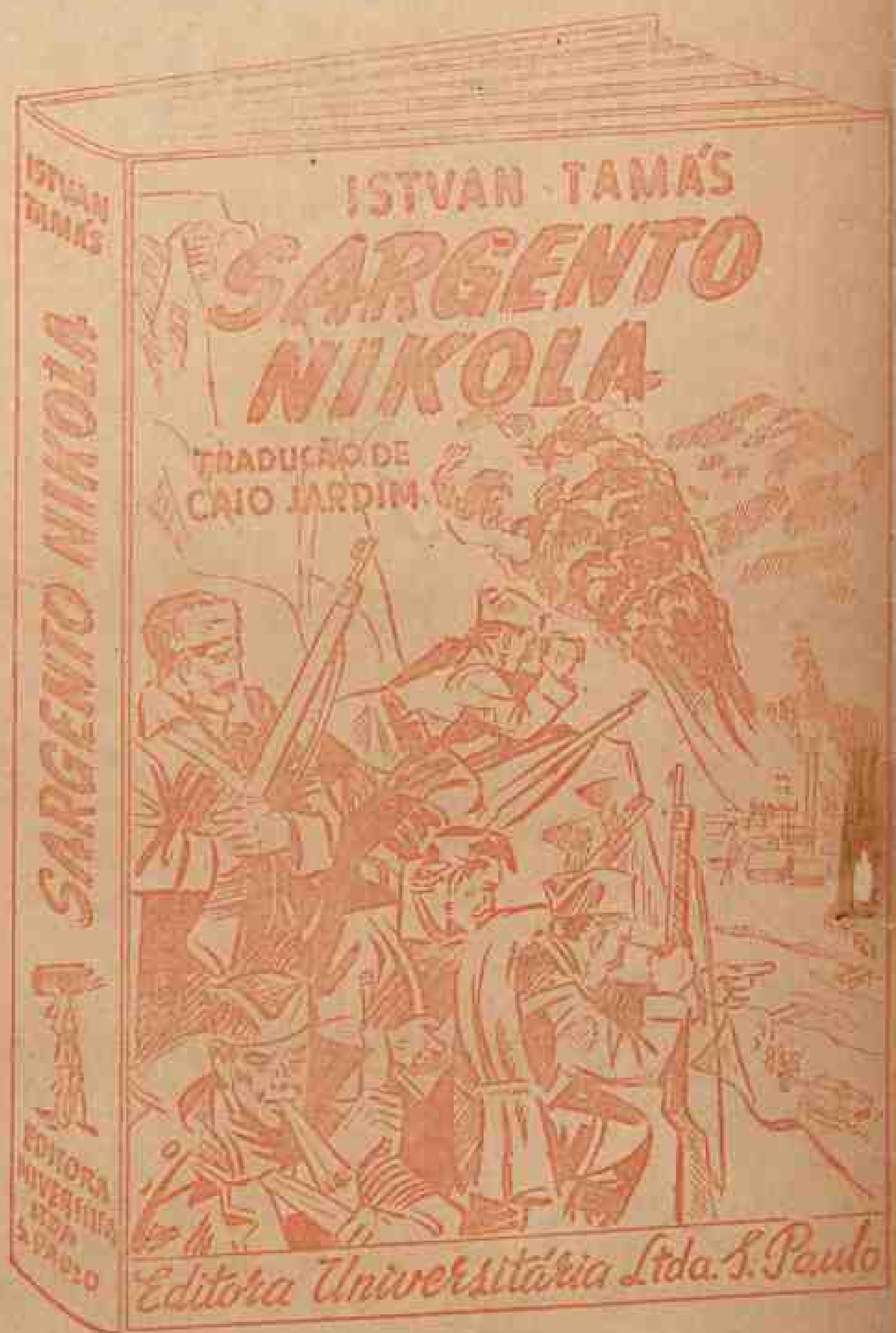
O cabo Nikola Vasiljevich aderiu ao movimento nacional. Isolado nas montanhas com seus companheiros de armas, consegue ele enviar cartas a sua mãe em Bel-

grado. Cartas endereçadas a terceiros e que jamais poderão ser respondidas. Guerrilheiros não têm quartel nem endereço. Nikola descreve a vida nas montanhas, sua promoção ao posto de sargento, missões arriscadas, conspirações, desforras.

István Tamás não escreveu uma reportagem de guerra. Desde a primeira página o leitor vive em Belgrado, conhece os personagens, acompanha-os através o céu, par-

ticipa de seus sofrimentos e pequenas alegrias. As cartas do Sargento Nikola não são “correspondência”. Apenas contam-nos dos “chetniks”, sem pretensão de heroísmo e sem o falso patriotismo dos indivíduos da retaguarda. SARGENTO NIKOLA comove pela simplicidade do argumento comove pela sinceridade dos personagens.

É uma publicação da EDITORA UNIVERSITÁRIA, traduzida por Caio Jardim.



RUDOLF
VON JHERING

RUDOLF VON JHERING

O
ESPÍRITO
DO
DIREITO
ROMANO

O ESPÍRITO DO DIREITO ROMANO

VOLUME
I - II

alba

alba

Já se encontra em todas as Livrarias a 1.^a edição em língua portuguesa da famosa obra do imortal jurisconsulto alemão. O presente volume, em papel assetinado, bem encadernado, corresponde aos 1.^o e 2.^o volumes da edição alemã. Cuidadosa tradução do professor Rafael Benaion. Preço: Cr\$ 70.00. PREFÁCIO DO PROFESSOR CLOVIS BEVILAQUA. Atendemos pelo serviço de reembolso postal — ALBA EDITORA — LAVRADIO, 60 — RIO DE JANEIRO

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A Visita dos Editores Norte-americanos

A VISITA de cinco editores norte-americanos aos principais centros editoriais do continente, foi recebida com a maior simpatia e as melhores esperanças dos que trabalham por um intercâmbio cultural americano amplo e eficiente. E' no mútuo conhecimento dos nossos problemas — ressaltamos mais uma vez — que reside a mais proveitosa compreensão da nossa comum realidade continental.

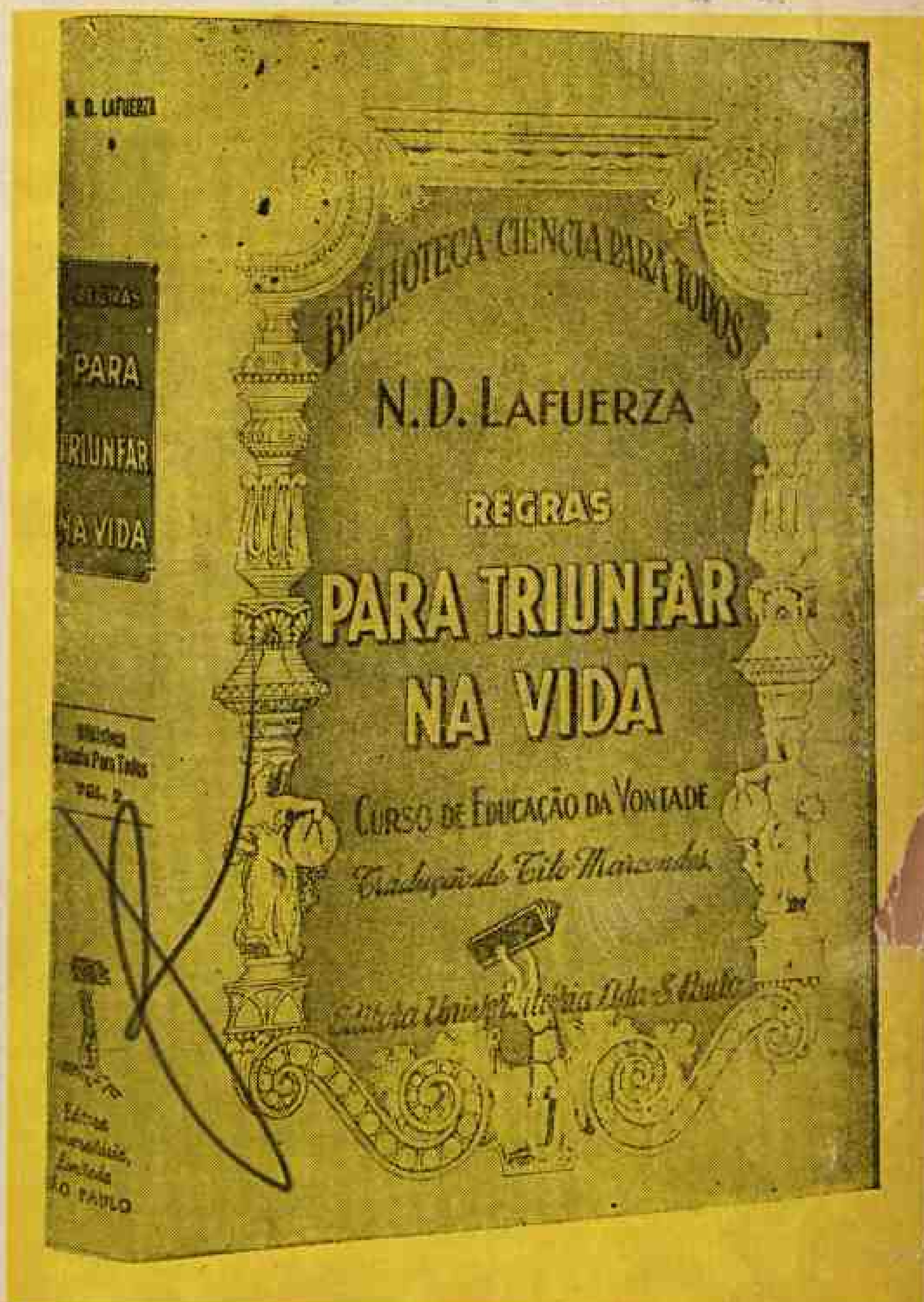
Os nomes dos srs. George Brett Jr., Malcolm Johnson, Burr Chase, Robert Graff e James Thompson, que nos honram com a sua visita, todos ligados às maiores casas editoras dos Estados Unidos, são uma garantia de que algo de útil e prático se realizará após o seu contacto com os nossos editores e escritores.

A propósito da importação de livros norte-americanos, problema importante que deve ser resolvido em benefício da maior difusão dos mesmos entre nós, o sr. George Brett disse estas palavras oportunas: "Sabemos que nossos livros chegam ao Brasil a preços altos, e transmitiremos a todos os editores dos Estados Unidos as nossas observações, ao mesmo tempo que realizamos negociações no sentido de obter um preço melhor, muito mais baixo, para a venda dos livros americanos no Brasil".

É evidente que os nossos visitantes comprovaram "in loco" a principal que impede o desenvolvimento do comércio entre o nosso país e o seu. As despesas alfandegárias e consulares têm encarecido os livros estadunidenses em mais 25%, o que é simplesmente lamentável para o progresso da política de boa vizinhança. As gestões certamente farão os nossos visitantes junto à "Cooperação Intelectual", corroborando às dos editores nacionais, produzirão os frutos desejados.

Mas, apesar da ausência de uma declaração categórica sobre a edição em inglês dos nossos bons livros de ensaio, história ou ficção, reproduzimos com verdadeira satisfação o que disseram os editores norte-americanos: "Estamos colecionando livros do Brasil para uma exposição ambulante em muitos lugares dos Estados Unidos".

Esta será a primeira vantagem do nosso contacto pessoal.



Os dias * Os fatos * Os homens



RESULTADO DO "PRÊMIO DE ROMANCE JOSÉ DE ALENCAR"

O desanimador o resultado final do Prêmio de Romance José de Alencar. Não houve vencedoras nem menções honrosas, mas vencidas. De todo concurso, ficou apenas o estímulo da vitória valiosa e comovedora de Graciano Ramos, para quem os romancistas jovens de Brasil sempre se voltam nos momentos de aperturas lectuárias, e desânimos tremendos, vocados pelo ambiente impróprio à criação de um verdadeiro romance. Graciliano Ramos considerou os sete romances dignos do prêmio: "A Ina", de Xavier Placer; "Monma", de Almir de Andrade, e "Quatro Paralelas" apresentado ao concurso com o provisório de "O Desespero do João" de Melo Lima. Para menções honrosas, Graciliano Ramos acrescentou os seguintes livros: "Dez anos e Agonia", de Cordeiro de Andrade; "Lixo", de Turibio Anunciação das Neves (pseudônimo); Brito Broca votou os romances de Almir de Andrade, Xavier Placer e Melo Lima para menções honrosas.

Foi muito simpática a decisão tomada por José Olympio de editar os livros que o romancista Graciliano Ramos indicasse, ou indicou.

Chamamos a atenção de nossos leitores para o excelente conto de Xavier Placer, que publicamos neste número. É o primeiro conto que publica no Brasil. Leve, despreocupado, "Romance Urbano" indica, no entanto, equilíbrio estilístico e a força poética do romancista de "A Escolha".

propósito do resultado do "Prêmio José de Alencar". Melo Lima enviou a seguinte carta ao editor José Olympio:

"Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1943. — Prezados Sr. José Olympio. — Já transmiti o seu irmão Daniel a minha decisão de não publicar o romance "O Desespero do Pecado", que mereceu votos de Graciliano Ramos e Brito Broca. E agora, antes de explicar, como é do meu dever, os motivos que me levaram a tomar semelhante decisão, quero agradecer-lhe o convite que me foi sos.

dirigido por essa grande editora. O sr. teve um gesto muito simpático, que hei de salientar sempre.

Esse meu romance pertence a uma fase de experiências puramente pessoais, já ultrapassada. É demasiadamente mórbido marcado de influências, possuindo graves defeitos de nascença. E não sinto necessidade de modificá-lo porque seria voltar a um tema de desânimos e incertezas. Para que publicar um romance pessoal e mórbido numa época de lutas, de idéias claras e sadias? Não sou político nem farei política em meus romances, mas pelo menos deve parecer útil aos que um dia abrirão um livro meu.

Agradecendo mais uma vez a sua generosidade, subscrevo-me atentamente

as.) MELO LIMA"

A MORTE DO POETA GUILLERMO VALENCIA

COLOMBIANO, Guillermo Valencia era conhecido não somente na Colômbia, mas em todos os países da língua castelhana. Teve destacada a meritória atuação política em sua pátria, e, por outro lado, era tido como um dos seus maiores poetas. Parnasiano legítimo, de "tons suaves e sensações vagas", gostava de traduzir Goethe e Vitor Hugo. Foi secretário de legação, representante da Colômbia em conferências internacionais, professor e reitor da Universidade, secretário e governador de Departamento, membro da Câmara de Deputados e do Senado de que foi presidente, candidato mais de uma vez à presidência da República. Poeta cheio de vida e dentro da vida morreu aos 70 anos de idade estimado pelo seu povo colombiano e por aqueles que conheciam a excelência de sua poesia.

UMA FEIRA DE LIVROS NA CINELANDIA

SERÁ inaugurada em agosto uma feira de livros em plena Cinelândia, por iniciativa do P.E.N. do Brasil, e sob os auspícios do presidente da República e do prefeito municipal. Doze pavilhões dos seguintes livreiros-editores: Companhia Editora Nacional, Editora Pan-Americana, Editora Civilização Brasileira, Livreria José Olympio, Livreria H. Autunes, Livros de Portugal, Livreria Ideal, Casa Editora Vecchi, Edições Irmãos Pongatti, Editora da Casa do Estudante do Brasil, Loja do Livro, Alba Editora, Editorial Inquérito, Livreria do Globo, Livreria Jacinto, Zalia Valverde e Livreria Martins.

A iniciativa merece apoio e aplauso.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES

SOB a presidência de Otávio Tarquínio de Souza, a Associação Brasileira de Escritores (A.B.D.E.) trabalha no sentido da maior prática e eficiência na defesa dos interesses dos escritores, bem como no desenvolvimento de instalações das seções estaduais.

A A.B.D.E. já delegou poderes aos seguintes escritores: Alagoas, Manoel Diegues Junior; Amazonas, Párcles Moraes; Bahia, Odorico Tavares; Ceará, Fran Martins; Espírito Santo, Ciro Vieira da Cunha; Goiás, Cristiano Cordeiro e José Bittencourt; Maranhão, Laura Torres; Minas Gerais, Guilhermino Cesar; Pará, Stelio Maroja; Paraíba, Ademar Vidal; Pernambuco, Anibal Fernandes; Piauí, Martins Napoleão; Rio Grande do Norte, Luiz da C-mora Cascudo; Rio Grande do Sul, Manoelito de Ornelas; Sergipe, Epifanio Doria; São Paulo, Afonso Schmidt; Mato Grosso, José de Mesquita.

Para ingressar na A. B. D. E., o escritor pagará apenas a mensalidade de dez cruzeiros, nesta capital. Nos Estados a contribuição será determinada pelas respectivas seções.

ERICO VERISSIMO, PROFESSOR-VISITANTE DA UNIVERSIDADE DA CALIFORNIA

ERICO Verissimo acaba de ser distinguido com um convite do governo estadunidense para assumir os cargos de professor-visitante de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia. O prazo mínimo de permanência será de um ano, estando o início das aulas marcado para novembro próximo. O autor de "Gato Preto em Campo de Neve" e "O resto é silêncio..." aceitou o convite, devendo seguir em setembro próximo.

"E AGORA, QUE FAZER?"

O ROMANCISTA brasileiro Tito Batini terá brevemente o seu romance "E agora, que fazer?" editado nos Estados Unidos, em tradução de L. C. Kaplan. Esse livro de Tito Batini teve grande sucesso quando apareceu em edição da Civilização Brasileira, que acaba de editar-lhe o segundo romance, "Entre o chão e as estrelas".

Tito Batini é um escritor moço, nascido e residente em São Paulo, onde exerce atividade jornalística.

O 25.º ANIVERSÁRIO DE "URUPÊS"

A ACADEMIA Carioca de Letras já divulgou a sua intenção de comemorar o 25.º aniversário de "Urupês", o livro popularíssimo que revelou o escritor Monteiro Lobato. A idéia é simpática, e sem dúvida encontrará boa acolhida tanto da imprensa como dos escritores do país, velhos e novos.

A propósito da comemoração a Academia Carioca de Letras convia a tomar parte na mesma o desenhogra-

Os dias * Os fatos * Os homens * continuação

do José Antonio Nogueira, da Academia Mineira de Letras, que foi o companheiro de Monteiro Lobato no "Cenáculo", quando eram ambos estudantes da Faculdade de Direito em São Paulo, e o escritor Astrogildo Pereira, que Monteiro Lobato confessa ter sido seu colaborador precioso no polimento gramatical de "Urupês", estando ambos, pois, em condições de prestarem ótimos depoimentos sobre os primeiros passos da carreira do grande intelectual que se vai comemorar em breve".

UM SUPLEMENTO LITERÁRIO

DIRETRIZES. com o fim de ampliar o número dos seus leitores, acaba de publicar um suplemento literário digno de interesse. Tal fato significa que a indústria nacional do livro, em pleno desenvolvimento, está criando um ambiente favorável às iniciativas culturais de caráter popular.

Do suplemento, que registamos com prazer, a matéria selecionada merece ser lida com atenção. Escrevemos que os próximos números continuam despertando o mesmo interesse do inicial.

PRÊMIOS LITERÁRIOS DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS PARA 1944

A ACADEMIA Brasileira de Letras concederá os seguintes prêmios:

I — "Prêmio Machado de Assis", da Academia Brasileira, de Cr\$ 10.000,00, destinado a um autor brasileiro pelo conjunto da sua obra literária, devendo ele ter publicado pelo menos um livro altamente recomendável no triênio de 1941-1943;

II — Sete prêmios de Cr\$ 4.000,00 cada um, destinados a livros inéditos ou publicados em 1943, em língua portuguesa, de autores brasileiros. Estes prêmios são os seguintes:

a) "Prêmio Olavo Bilac", da Academia Brasileira, para Poesia;

b) "Prêmio Raul Pompílio", da Academia Brasileira, para Romance;

c) "Prêmio Affonso Arino", da Academia Brasileira, para Conto e Novela;

d) "Prêmio João Ribeiro", da Academia Brasileira, para Crítica, História Literária, Filologia e Etnografia;

e) "Prêmio Joaquim Nabuco", da Academia Brasileira, para História Social ou Política e Memórias;

f) "Prêmio Coelho Neto", da Academia Brasileira, para Teatro (peça em prosa ou verso, com exceção das musicadas);

g) "Prêmio Paulo Barreto", da Academia Brasileira, para Crônicas, Viagens e qualquer outro gênero que se não enquadre precisamente nos gêneros anteriores.

III — "Prêmio Ramos Pex", de Cr\$ 1.000,00, destinado a obra original e inédita, do autor brasileiro ou português, de qualquer ramo da literatura em geral, especialmente do Brasil, dando-se preferência, em igualdade de mérito, ao autor mais jovem.

1 — As inscrições estarão abertas de 1 a 31 de março de 1944. Para os livros inéditos é obrigatória a inscrição, e facultativa para os publicados em 1943.

2 — As obras apresentadas serão acompanhadas de carta do autor, dirigida ao Chefe da Secretaria, declarando o que prêmio concorre e submetendo-se às condições do concurso.

3 — Quando se tratar de trabalho inédito, deverão ser apresentados quatro exemplares datilografados, dando o autor o próprio nome; no caso de trabalho publicado deverão ser enviados 10 exemplares, uns e outros na ortografia oficial da Academia.

4 — Os autores já premiados pela Academia não poderão de novo obter prêmio na mesma classe do concurso em que tiverem sido contemplados.



A Nova Ordem na França

Bestsellers

Estes livros são os de maior êxito atualmente em 14 cidades dos EE.UU. A ordem não obedece à importância dos autores, mas à venda dos livros.

Picção

The Robe, by Lloyd C. Douglas.
The Human Comedy, by William Saroyan.
The Valley of Decision, by Marcia Davenport.
The Forest and the Port, by Harvey Allen.
Gideon Plantish, by Sinclair Lewis.
Mrs. Parkington, by Louis Bromfield.
The Song of Bernadette, by Franz Werfel.

Assuntos Gerais

One World, by Wendell L. Willkie.
On Being a Real Person, by Harry Emerson Fosdick.
Between the Thunder and the Sun, by Vincent Sheean.
Guadalcanal Diary, by Richard Tregaskis.
Seven Came Through, by Captain Eddie Rickenbacker.
Our Hearts Were Young and Gay, by Skinner & Kimbrough.
Life in a Putty-Knife Factory, by H. Allen Smith.
George Washington Carver, by Rackham Holt.
Les's Lieutenants, Vol. 2, by Douglas Southall Freeman.
They Call It Pacific, by Clark Lee.

5 — A Academia premiará de preferência, nas classes do n.º 11, livros que estejam inscritos; poderá, entretanto, conceder o prêmio a quaisquer livros não inscritos, desde que publicados em 1943.

6 — A entrega dos prêmios será feita em sessão pública, nos 29 de junho de 1945; a do "Prêmio Machado de Assis" na mesma sessão, e possível ou em outra designada pelo presidente da Academia.

7 — Se a Academia entender que em determinada classe não haja obra que se recomende ao prêmio, poderá não o conceder, acrescentando então a quantia respectiva, em rateio, aos prêmios das demais classes.

8 — O direito aos prêmios prescreverá no fim de seis meses, a contar do dia marcado para a sua distribuição. Neste caso, a quantia respectiva acrescerá ao prêmio do mesmo gênero no concurso do ano seguinte.

A Secretaria da Academia funciona à Avenida Presidente Wilson n.º 2, todos os dias úteis, das 13 às 17 horas, com exceção dos sábados, quando funciona somente até às 15 horas.

UM LIVRO OPORTUNO
LANÇADO PELA
EDITORIAL PEIXOTO S. A.

ACABA DE SAIR

Preceituário da Ortografia Nacional

pelo professor

NOGUEIRA RIBEIRO

E' um manual prático, com vocabulário geral e de nomes próprios, inteiramente de acôrdo com o formulário ortográfico revigorado pelo Decreto-Lei 5.186, de 13 de janeiro de 1943, contendo, também, tôda a legislação anterior sôbre o assunto.

Pela inteligente e concienzosa interpretação das regras, pela abundância de exemplos e pelo rigoroso vocabulário que contém, constitue o melhor trabalho sôbre ortografia que já se fez no Brasil.

E' um livro indispensável a todos os que precisam conhecer com segurança e rapidex o sistema ortográfico oficial, sendo ao mesmo tempo uma fonte de estudo e de consulta diária.

ÍNDICE

Decreto-Lei 5.186
Portaria Ministerial 259
Decreto-Lei 292
Preceituário
Vocabulário Geral
Vocabulário de nomes
próprios

UMA PUBLICAÇÃO DA
EDITORIAL PEIXOTO S. A.

MATRIZ
RIO DE JANEIRO
R. Araujo Porto Alegre, 56

SÃO PAULO
Rua D. José de Barros, 337

RIBEIRÃO PRETO
Rua Alvares Cabral, 65-A

Fontes da Nossa História Diplomática

RAUL DE GÓES

O SR. Jaime de Barros, com a sua obra "A política Exterior do Brasil", enfiou em volume uma das documentações para a história diplomática da era getuliana.

Com a sua concisão e clareza de linguagem, com a elegância do seu estilo, o Autor podia ter-nos dado um ensaio deste fecundo período nacional, sem a profusa transcrição de relatórios que afasta o seu trabalho do gênero histórico propriamente dito. Deu-nos, porém, uma fonte incontestavelmente das mais preciosas para a história de nossa vida de relação continental de 1930 a 1942.

Na introdução do seu livro, o sr. Jaime de Barros salienta a transformação que se operou nos objetivos da diplomacia, sobretudo após a Grande Guerra, com o predomínio do problema econômico sobre os de natureza política. Destacando esse fenômeno, faz ver o empenho do governo Getúlio Vargas em resolver o nosso problema internacional por medidas de caráter econômico. A primeira providência "foi procurar estabelecer o equilíbrio nas trocas de produtos, numa atitude de defesa contra os países que cerceavam a nossa expansão comercial. Passaram os nossos mercados internos a exercer o seu poder aquisitivo no estrangeiro de acordo com as condições de acolhimento, em cada país, da produção nacional".

Uma das penetrantes observações do Autor em torno da atualidade brasileira é apontar, como um dos traços característicos da personalidade do presidente Vargas, "a sua ação de presença, desde 1930, em todos os setores da administração nacional".

Assim sendo, a política exterior do Brasil não podia deixar de exercer-se rigorosamente de acordo com as normas de ação do Chefe de Estado.

"Sucederam-se os ministros no Itamarati — diz o sr. Jaime de Barros — sem que se alterasse a sua orientação, nos princípios básicos que lhe traçou o Governo Provisório. A diplomacia brasileira não perdeu mais de vista os nossos objetivos econômicos, nas relações internacionais, integrada no espírito pragmático da nossa época, nem hesitou em intervir decisivamente nos maiores e mais delicados acontecimentos políticos da América e do Mundo, que culminaram na guerra de vida ou de morte em que estamos empenhados".

O livro do sr. Jaime de Barros documenta exuberantemente os propósitos que sempre animaram a política exterior do Brasil no sentido da aproximação interamericana. Para provar que não são de agora esses nobres propósitos de boa vizinhança, o A. evoca a surpreendente atuação diplomática de Alexandre de Gusmão quan-

do, no tratado de Madri de 1750, emitia estes conceitos que o fazem um precursor de Monroe: "Em caso de guerra entre as duas Corôas, que se conservem em paz os vassallos de ambas, estabelecidos em toda a América meridional, vivendo uns e outros como se tal guerra não existisse entre os soberanos, sem entrarem na menor hostilidade, seja por si sós ou juntamente com seus aliados".

Lançando-se um olhar retrospectivo ao longo do passado nacional, e verifica que os primeiros passos da nossa diplomacia norteiam-se para um franco entendimento com os povos deste hemisfério.

Proclamada a nossa Independência, procuramos liquidar, sem demora, os últimos compromissos que ainda nos ligavam à política ditada por Lisboa.

José Bonifácio dirigindo-se a Rivas, declarava que o Príncipe Regente "não desejava, nem podia adotar outro regime que não fosse o americano, uma vez que estava convencido de que os interesses de todos os Governos da América, quaisquer que eles fossem, deveriam ser considerados homogêneos, derivando todos de um mesmo princípio, e que era a justa e firme repulsa contra as imperiosas pretensões da Europa".

Teve o Império de enfrentar questões as mais delicadas no terreno das nossas relações com outros países. Para todas elas, porém, tivemos sempre a sorte de encontrar boas soluções. Tratados, pactos, acordos foram discutidos e assinados, sendo todos cumpridos, invariavelmente, com honra e proveito para o povo e para a Nação.

Pode organizar o Segundo Monarca uma tranquila e bela escola de diplomatas. Dela seguiram e brilharam na carreira grandes e dignas figuras — figuras cheias de espírito público, de requintes morais, de subtilidades, de galanteria.

A República recebeu uma herança preciosa. Herança representada num trabalho patriótico, criterioso e paciente, desenvolvido todo ele no interesse da Nação. Tiveram ser-se em mira os nossos maiores assegurar a unidade continental, dentro, sobretudo, de uma orientação de paz e de ordem. Sem egoísmo inconfessáveis, procuramos, por outro lado, estabelecer o equilíbrio nas trocas de produtos, transigindo com os países que se mostravam dispostos a manter conosco uma firme e clara política de compensações.

As nossas velhas afinidades com os países encravados em terras das Américas, estão muito bem registradas na história. Ninguém queira apontar as nossas atitudes de hoje como fatos isolados e improvisados, sem ligação e reflexo no passado.

Com os Estados Unidos as nossas relações seguiram sempre o mesmo ritmo de impatía, lealdade e compreensão. Nabuco, como chefe da nossa representação diplomática, traçou diretrizes à nossa política com a grandia da Nação do Norte.

Precisamente numa época em que eminentes publicistas sul-americanos se insurgiam contra o que consideravam o perigo "yankee", aquele homem admirável pelo "aplomb" e pelo espírito, inaugurava uma cordial política de aproximação entre o Brasil e os EE. Unidos, política esta que Oliveira Lima consolidou e Rio Branco consagrou como um dos pontos fundamentais do nosso intercâmbio econômico e social.

Através do livro do sr. Jaime de Barros, tem-se uma ideia da ação notável desenvolvida pelo Itamarati no período de 30-42, não só para continuar a obra diplomática do Império e dos primórdios da República como para alicerçar em bases sólidas e indutíveis a política panamericana do Brasil.

POLITICA EXTERIOR DO BRASIL, de Jaime de Barros — 2.^a edição, corrigida e aumentada — De 1930 a 1942 — 1.176 páginas. Editora Zello Valverde — Rio, 1942.

Leitura

Crítica e Informação

Bibliográfica

Direção de

DIOCLECIO D. DUARTE

RAUL DE GÓES

Secretaria de

NELO LIMA

Gerência de

RAFAEL BENAION

Redação e Administração:

Assembleia, 79, 1.^o andar

Telefone: 22-8817

Rio de Janeiro, Brasil

Composta e impressa nas

oficinas d'A MANHA

Sucursal em São Paulo

Rua do Carmo, 133 - 1.^o - Sala 9

Diretor: Paulo Zingg

Correspondentes e representantes em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . . Cr\$ 0,50

Número atrasado . . Cr\$ 1,00

Número avulso no in-

terior dos Estados Cr\$ 0,50

Assinatura anual . Cr\$ 6,00

Assinatura semestral Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . \$ 1,00

(Dólar americano)

HUMOUR INGLÊS — "Dois namorados metem-se num automóvel e vão passear no campo. Em meio do caminho, há um desarranjo qualquer, e o rapaz tem que meter-se debaixo do carro, para remediar a pane. Como o concerto esteja demorando muito, a moça decide-se a ajudar o companheiro, — mete-se também debaixo do auto. Passa-se o tempo e de repente um polícia aproxima-se, bate no ombro do rapaz: — Você sabe que seu carro foi roubado há mais de quinze minutos?"

"A noite estava tão fria que eu tive de beber um copo de cerveja. Mas a cerveja estava tão gelada que foi preciso rebater com um bocado de uísque. Depois disso foi que o tempo esquentou".

Uma Noite de Brutalidade

DANTE COSTA

Copyright de LEITURA

DRAMA dos países conquistados, drama que Hitler derramou pela Europa como um óleo de infância, pois é um outro sofrimento que o completa, um sofrimento justo, um dos poucos sofrimentos justos — senão o único — que esta guerra trouxe. Não me refiro à solidão dos expatriados, nem ao desconsolo dos que perderam casa, dinheiro, amor. Não me refiro à humilhação dos artistas — estes têm sempre a arte, que é deles, e não morre nunca, nem aos cientistas privados de seus laboratórios, expulsos do campo criador das pesquisas. Também não me refiro aos que a morte atingiu fora da pátria, nem aos que tiveram a sua glória desrespeitada, nem à velhice ferida, obrigada a construir força nova para exílio breve, nem à juventude que viu os seus sonhos um momento perdidos. Esses são os sofrimentos que vêm carregados de injustiça, desde o primeiro gesto que lhes dá origem, são aqueles sofrimentos que tornam a guerra uma coisa odiosa entre as coisas odiosas e fazem que o homem, em certos momentos, chegue a duvidar da missão generosa que lhe cumpre no mundo.

Refiro-me ao sofrimento íntimo do vitorioso, a dúvida que rói na solidão da vitória mal ganha. Os alemães se desgastaram pela Europa, levaram os

brutais a cidades que jamais constarão, cidades que possuem o sentimento da liberdade em cada pedra, rua e solidamente plantado no coração dos homens e das mulheres. No entanto o nazismo, em sua fase vitoriosa, pareceu-lhes trazer tudo isso, essas fronteiras sucessivamente tombadas, esse conjunto de coisas inalienáveis que constituem a eternidade de cada nação.

Foi o tempo da vitória, que eles sabiam efêmera. Então os nazistas talvez tivessem pensado que afinal de contas o mundo era pequeno para a expansão da sua arrogância. Todos os fascistas do mundo ofegavam de orgulho satisfeito. E os que não estavam na Europa cheia de sangue, esses se espalhavam um pouco por toda a parte, e muito em certos países imprudentes, vestindo ali camisas douradas aqui torpes camisas verdes, e esperando que a ordem estrangeira lhes dissesse qual a hora da traição.

Mas os que depois vieram a sofrer, a sofrer mais entre todos os nazistas, e chegaram a esse sofrimento justo a que me refiro, foram justamente os mais brutais, os mais orgulhosos, os que por isso mesmo, foram enviados aos grupos, a exercer o domínio material e o governo indelével sobre terras que não lhes pertenciam e sob céus que os recusam. Esses vieram, chegaram aos pequenos burgos da Holanda — tão cheios de humanidades, recortados de canais onde velhas oficinas de porcelana se assentavam placidamente — pisaram toda a Bélgica e violaram Bruges, pisaram toda a Flandres, os Vosges, as terras de Branca de Champagne, as de Clara d'Ellebeuse e de Mireille, toda a França e Paris — como se toda a França e Paris não representassem a parte mais sensível e preciosa da história das rea-

lizações humanas. Foram também ao resto da Europa, subiram à Noruega, escravizaram uma parte da Rússia, e tantos outros países, mas esqueceram que a conquista apenas material é efêmera, de nada vale, não se sustém sozinha. Agora estão sofrendo. Agora começam a estar aterrorizados com o mundo que os rodeia, em que cada



John Steinbeck

elemento é uma placidez apenas aparente e carrega em si o potencial da reação.

Poi esse mundo de brutalidade que começa a se encolher no medo que John Steinbeck pensou em fixar num romance. E fez nesse livro do medo que é "Noite sem Lua". O medo do que roubou e sente que as mãos queimadas pelo roubo um dia lhe serão cortadas para que possa talvez sobreviver.

Em "Noite sem Lua" está todo esse mundo de oficiais alemães que sabemos dominados em cada cidade escravizada. Esse magnífico romance poderia se passar, desgraçadamente, em qualquer parte da Europa, menos na forte Inglaterra, no pai Portugal na Suíça, na Turquia, na Suécia. Mesmo sendo uma realidade de todos os dias, que a própria leitura dos jornais nos comunicou fase por fase, é ainda espantoso pensar como é pequeno o espaço ocupado pela liberdade em um continente inteiro, justamente onde ela nasceu, fazendo progredir as ciências e as artes, tudo o que estimamos idealmente.

Passa-se no Noruega a ação de Steinbeck. Suas páginas exibem um grupo de espíritos aterrorizados. Ober é sinistro, ele manda matar os mineiros, sabendo que a ocupação nada significa. Mas manda matar para satia-

fazer a sua necessidade de sangue. Os outros nem precisam ser nominados. Não os chamarei pelos seus nomes. Eles são os brutais guerreiros da Alemanha, seus tenentes jovens e enganados, seus maiores duros, seus generais arrogantes. São os conquistadores que pisam a terra alheia e que começam agora a compreender que estão perdidos, não porque seus exércitos estejam sendo derrotados na frente de batalha, mas porque não mergulham um milímetro na terra em que estão vivendo. A terra norueguesa é o principal personagem do livro de Steinbeck. A terra das ruas, sempre da Noruega, onde os operários que vêm do trabalho colocam minas escondidas, a terra sobre a qual crescem pequenas coifas vegetais onde os patriotas escondem dinamite, a terra em que não se deita um corpo de mulher para o amor, uma terra dura para quem pretendeu dominá-la pela força. No fundo da mina estão escravos de trabalho vagaroso. Os sabotadores têm mãos macias e dedos lentos. Ober manda prendê-los, tirá-lhes a vida. O inverno é violento e não há carvão, não há comida, não há sossego para os da mina, nem para os de fora. Mas também não há uma casa que abra para o alemão, não há um banco de cervejaria, uma criança que se deixe acariciar, quando for preciso passar os dedos sobre uns finos cabelos louros, nem uma moça que se deixe beijar, que dê as mãos como nos tempos de paz antes da guerra. Tais coisas são essenciais, contudo. Um dos conquistadores pensa: que será quando essa máquina toda, articulada na sombra, se levantar contra nós? Essa gente que não nos olha e que se levanta quando chegamos, e que se cala quando entramos a sala? Outro começa a ficar esgotado, tem crises de nervos, pensa na mulher e no filho, começa a perceber a noite sem lua. É a noite deles. Uma noite de brutalidade na treva. Mas de luz no espírito dos que estão submetidos à brutalidade, cada vez mais inimigos, cultivando no silêncio os rebentos da árvore da vingança.

Ober manda matá-los.

Os mineiros são mortos. Muitos homens ainda serão mortos pelo nazismo.

Mas amanhã o mundo não será mais deles. Será dos que morreram lutando e dos que sobreviveram conservando a sua noção de liberdade e o seu amor pelo próprio homem.

NOITE SEM LUA, de John Steinbeck — Tradução de Monteiro Lobato — Biblioteca do Espírito Moderno — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1943.

TRAGÉDIA. — Do cronista mundano do Evening Standard, de Londres, publicado em abril de 1938, e traduzido por Herman Lima: "Mr. David Kirkwood, M. P., está aproveitando parte de suas férias parlamentares, a refazer-se numa pequena tragédia. Mr. David criava num tanque do jardim uma dúzia de lindos peixes dourados que suportaram muito bem os rigores do inverno. Mas, um golpe de vento jogou dentro da água um retalho de lona colorida, e as tintas dissolveram-se, matando todos os peixinhos. Mr. Kirkwood ficou desconsolado, mas não abatido de todo, e assim adquiriu já novos peixes, tendo mandado limpar e desinfetar o tanque".

A VERDADE HISTÓRICA

TERRA DE SENNA

Copyright de LEITURA

NO prefácio da 1.^a edição desse obra admirável que é, sem dúvida, a "História do Brasil", de John Armitage, encontramos este período que tem todas as características de uma sangria em vida; aliás perfeitamente dispensável. "O Autor é o primeiro a admitir que a sua condição de estrangeiro no Brasil lhe poderá ter, eventualmente, obstado de penetrar plenamente no espírito do seu tema. Cre todavia que se há de reconhecer que esta circunstância teve também a tendência de livrá-lo de ser indêbitamente prejudicado a favor de qualquer facção.

E' possível que a história contemporânea possa, em alguns casos ser com mais acerto escrita por um estrangeiro, por isso que um estrangeiro pode associar-se a todos os partidos e penetrar-lhes os sentimentos, sem participar de suas paixões".

Convenhamos, porém, que para a substância de um estudo crítico, quer de uma pessoa, quer de um fato ou de uma época, a condição de nacionalidade do autor não chega a pesar na balança da sinceridade de um Comentarista, ou simples narrador, ou mesmo na da verdade histórica do episódio narrado ou comentado. O que se torna necessário, imprescindível, é que o autor saiba ver quando o testemunha, nos seus fundamentos psicológicos a razão determinante deste ou daquele conhecimento.

E' essa percepção que torna imparcial um autor, estrangeiro ou não, de sorte que o ser contemporâneo de homens ou de fato não inutiliza, em princípio, uma obra histórica. Temos visto, é certo, John Günther, atender mais às suas observações de momento, rápidos e superficiais que ao estudo de fenômenos políticos resultantes de uma época ou de um fatalismo psicológico.

Mas John Günther tem alma de repórter e é essa alma agitada, inquieta, trepidante, que se derrama por entre os seus capítulos, períodos, ironias e perversidades, a que não falta, às vezes, um visível sentido humorístico.

Armitage, vivendo em outra época e sendo inglês, fez uma obra séria, documentada, com os cuidados de um Canning e as astúcias de um Pitts.

Estudando os primórdios da independência do Brasil, reportou-se aos tempos coloniais, quando se transpirava influência portuguesa por todos os poros: econômico, político e social. Na parte propriamente histórica da nossa independência e do primeiro rei-

nado dá o seu testemunho, de vez que assistiu a muitos episódios marcantes da formação do Brasil como nação livre.

Pouco ou mesmo quase nada comentou, talvez com receio de que seu pensamento fosse mal compreendido pelos filhos da terra, não repetindo a atitude de Austriolano de Carvalho, que classificou em o seu "Brasil Colônia — Brasil Império" D. João VI como um "rei pusilânime".

Não obstante, Armitage encontra margem para descobrir naquele juramento de fidelidade feito por Pedro I ao pai um certo vestígio de sinceridade, para afirmar em seguida no mesmo período "que essa sinceridade não o exonera da imputação de ter estado em conciliábulo com os conspiradores..."

Armitage parece esquivar-se, assim, a qualquer opinião mais positiva, mais concreta sobre os fatos em que se envolvem as figuras do seu livro.

Entretanto, o caráter de Pedro I sempre foi vago, oscilante, ora pendendo para o liberalismo, ora para o absolutismo; ora para Portugal, ora para este Brasil, que tanto foi para ele um belo sonho, quanto ele foi para nós uma feia desilusão... Ainda sobre o Príncipe, diz Armitage que não havia razão de se suspeitar de sua sinceridade". Não sabemos porque tal conceito, quando Pedro I primou sempre pela insinceridade.

"Não sou rebelde", escreveu ele a D. João VI e logo rebelou-se contra o pai.

E todo o seu governo foi um rosário de diatribes políticas até a constituição daquele famoso Ministério que, fechando as portas do governo aos verdadeiros patriotas, abriu os da abdicação, triste epílogo daquela frase intempestiva e inhábil — "Tudo farei para o povo, mas nada pelo povo".

"D. Pedro não era tirano", diz Armitage, para insistir.

"...Mas seus erros foram grandes e de variadas espécies".

Mais adiante, assevera: "Foram porém estes erros de menor importância. O maior de todos, o que causou a queda de D. Pedro foi como já indicamos, nunca ter ele sabido (ao menos desde a dissolução da Assembleia Constituinte) mostrar-se verdadeira e inteiramente brasileiro".

Ora aí temos a grande, a maior verdade, como pensamento, do livro de Armitage.

Por isso, porque ele nunca se sentiu "bem brasileiro", sua ação foi sempre tortuosa, sem consistência, tateando

entre os portugueses e a necessidade de se mostrar amigo do Brasil para a garantia do próprio trono.

Armitage não o diz, com precisão que mas recorda. Como a querer mostrar um exemplo, o vigor dado ao espiadouro público pela revolução francesa de 1830.

...

A verdade histórica e o pensamento de Armitage, com relação à independência do Brasil e os fatos posteriormente ocorridos até o 7 de abril, não firmam, portanto, nos episódios que ele nos conta, com a sua autoridade de os haver testemunhado.

Como obra de historiador, falta-lhe um pouco de consistência no estudo dos personagens de primeiro plano, não deixando de ser, entretanto, um documento, de inestimável valor.

Poderá o leitor, se já não tem um juízo firmado sobre o caráter de Pedro I, continuar na ignorância dos verdadeiros sentimentos do Príncipe com relação ao Brasil; mas não porá dúvidas sobre a sua maneira tendenciosa de governar, com os olhos presos aos antigos dominadores, procurando adivinhar-lhes os desejos e atendê-los na medida do possível.

Nesse particular, a História do Brasil de Armitage é completa.

E as anotações de Garcia Junior elucidando vários pontos da obra, não menos preciosas, mesmo que o escritor patricio reaviva os deuses de José Bonifácio, a quem acusa faccioso, muito embora, devemos conhecer, ele tivesse sido, realmente, a alma da nossa emancipação política.

Muito se aprende, enfim, com o autor inglês, autêntico inglês, nascido em Manchester e que aqui viveu, empregado de Phillips Wood e Cia. e escritor nas horas vagas.

O seu livro é útil sob todos os pontos de vista e ótimo para ser comentado e discutido.

HISTÓRIA DO BRASIL, de John Armitage — Prefácio e anotações de Garcia Junior — Livraria Editora Zello Valverde — Rio, 1943.

AURELIO SILVA

Advogado

Praça 15 de Novembro, 38-A,
1.^o andar - Sala 11 e 12

Rio de Janeiro

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral

Ap. Gêrito-Urinário — Sífilis

Consultório:

Av. México, 168 - 11.^o andar - Sala 111
Fone 42-8916

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 25-4978 —
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

CIENCIA HISTÓRICA. — "O descobrimento de um país, o seu conhecimento mais exato, a exploração dos anais de um povo novo, a sua entrada na civilização comum, tudo isto equivale, na ciência histórica, ao que é, nas ciências físicas, a observação de um fato desconhecido; e tudo isto engrandece o domínio da inteligência". — E. Littré.

"Meu marido estragou minha vida completamente. Imagine o senhor que quando ele me abandonou, escreveu-me um bilhete num pedaço de papel azul, e eu não posso mais suportar semelhante cor. E o azul era o meu cor predileto". "Na Ilha de John Bull", de Herman Lima. Livraria Jo Olympio Editora.

Qual o tipo?

«O Velho Campos», diz Genolino Amado

NO meu tempo de estudante, a Biblioteca Pública da Baía era um negro capão, de aspecto sinistro, que escorregava pela Ladeira da Praça. A entrada escura metia medo. Não se transpunha o umbral sem um apêto no coração. Era como se a gente se despedisse de todas as coisas alegres da vida. Aos primeiros passos no vestibulo, ainda nunca chegava a luz do sol, cortada pelo sobradão fronteiro, envolvia-nos o odor do mofo, acumulado em séculos de umidade e papéis velhos. Mal se aguentava em pé a escada ranjente, de degraus roídos e madeira podre, que nos conduzia, em meio de tanta tristeza, à sala de leitura, mais triste ainda.

Lá dentro, no ambiente de sombra fechada, mas também de calor sufocante, era quasi impossivel folhear-se um livro qualquer. Havia de início uma porção de formalidades a preencher — assinar lista de presença, exhibir documentos de identidade, submeter-se ao compromisso de não arrancar páginas e gravuras da obra consultada. Depois, era ter fé em Deus e muita paciência para esperar que o continuo, mulatão moroso, sempre com a ponta do cigarro apagado no canto do beijo, se resolvesse a atender naquela atmosfera de poeira e torpor. Vinha afinal, recebia o pedido, engrolava um resmungo molhado de saliva, ia embora, orrastando os pés. Só ao cabo de longo prazo é que voltava. E com outro volume bem diferente. Algumas vezes, quando acertava por acaso, após sucessivos enganos, já não havia mais tempo de ler, com o expediente a encerrar-se. A esquisita repartição, que se abria às onze e meia, trancava os portões às três da tarde, expulsando seus rarissimos frequentadores.

Mas, apesar de tudo, valia a pena ir ali, para conhecer o velho Campos. Era o diretor e também quem menos mandava na casa. Não por dissidia ou falta de energia. Apenas por desencanto. Perdera o gosto da função, creio mesmo que o gosto de viver desde que o bombardeio seobrista, em 1912, arruinara a Biblioteca, destruindo-lhe o antigo edificio e muitas das suas preciosas peças. Ao ser transferida para aquele pardieiro soturno, numa instalação provisória que já durava dez anos, era somente um frangalho do que já fora. E o velho Campos sofreu ainda mais do que ela. Desatendido pelo governo em seus apelos de reforma e restauração, afundou num desespero meio estontado, como se quisesse que tudo se acabasse logo de uma vez. Parecia até in-



Genolino Amado

diferença o que era dor sem esperança. O velhinho possuía pelos corredores como um fantasma.

Sua primeira impressão era desagradável. Baixo, compacto, dois tufos de cabelos brancos orlando a calva lustrosa, um narigão caído, o tronco desproporcionado para as perninhas curtas, sempre em chinelos, sugeria-me, nem sei mesmo porque, a imagem de um fauno decrépito. Era talvez porque uma estranha molícia lhe ardia nos olhos, em contraste com o sorriso bom, desprevenido. Causava repugnância, porém, ter de lhe apertar a mão descascada e porejante de artrítico. Só mesmo o sabor de sua prosa, um tanto amarelada, me fazia afrontar esse desgosto.

Desdenhoso de quasi toda a gente que frequentava o casarão, não resistia ao gosto de brilhar entre estudantes. Principalmente entre os que, como eu, terminavam o curso de humanidades. E que, fortissimo em geografia, datas históricas, fórmulas matemáticas, o diabo, encantava-o armor sabatinas em que nos atirasse à parede, vencidos em nossos conhecimentos recentes pelo seu dom milagroso de guardar tudo que aprendera cincoenta anos antes. Renovava-se-lhe, então, o entusiasmo. Era o fraqueza do velho... E talvez fosse também o sua força.

Geômetra e espirita, não suportava, entretanto, o estilo de Allan Kardec e, para dar um quinquê de mestre nos euclidianos, inventara uma nova demonstração simplificada para o teorema do

quadrado da hipotenusa. Quando a intimidade cresceu entre nós, confessou-me um dia que trabalhava para resolver o problema da quadratura do círculo. E era tocante naquela crença, a última que lhe restava.

Teria eu ficado apenas com essa lembrança pitoresca, se o velho Campos não tivesse ainda outra paixão, sem dúvida menos ardente, porém, muito mais fecunda. Era a paixão de guiar leituras alheias. Impunha aos estudantes suas preferências literárias. Usava para isso de um ardil singular, em que era ajudado pelo próprio desleixo administrativo. Dado o horário e o ambiente da repartição, o diretor consentia e até mesmo aconselhava que se levassem para casa, emprestados, os livros da Biblioteca. E com que facilidade, santo Deus! Pouco se importando com as consequências, não podia recibos, não tomava nota dos volumes saídos, embora caríssimos às vezes, e também não fiscalizava a devolução. Só fazia uma exigência: a qualidade da obra. Vetava terminantemente os que não se ajustassem às suas predileções, teimosos, retardados em certos casos, mas sempre utilissimos para quem estivesse em fase da formação intelectual.

Condenava tudo que fosse moderno. E moderno para ele era não só Benavente ou D'Annunzio, mas também Verlaine, Mallarmé, Hardy, até mesmo Ibsen. Dos "novos" — dizia-me — só suportava Baudelaire. Tinha, porém, o amor dos grandes clássicos europeus. Ainda o julgaria hoje um homem de apuradissimo gosto se não me lembrasse da sua admiração excessiva pelos primeiros românticos, de Byron a Chateaubriand. Sabia de cor trechos inteiros de "Childe-Harold".

Quando o livro que se pretendia levar para casa não era do seu agrado, o velho Campos usava de um argumento parcial, mas irresponsivel: "— Menino, você está maluco? Isto é livro do governo e não pode sair d'aqui. Quer ver o minha demissão?"

Não adiantavam rogos nem insistências. Tinha-se de largar decepcionado, o volume de Coelho Neto ou de George Ohnet.

No entanto, outro dia, o velho chegava devagarinho com um tomo de Schiller na mão entumecida e insinuava: "— Já leu esses dramas? São admiráveis. Leve e restitua-me para a semana".

Devo-lhe muito. Só agora compreendo o que fez por mim, em periodo tão decisivo, esse mestre inesperado. Quan-

O ÚLTIMO ARTIGO DE GORKI

Como se porta o homem quando está sozinho

HOJE, na ponte Troitski sobre o Neva, eu vi uma garota bonita e morena esticar a língua rosada para a lua, que escondia atrás de uma nuvem escura e parecia bêbeda de tão vermelha e enorme. Tive a impressão de que a jovem se vingava seriamente.

Esse episódio trouxe-me a recordação de certas estranhezas que me preocuparam durante muito tempo. Sempre que observo como se porta um homem quando está sozinho, chego à conclusão de que se idiotiza. (Não posso encontrar outra palavra para qualificá-lo).

A primeira vez que observei tal coisa, foi quando eu era menino. Um palhaço inglês, chamado Rondale, caminhava pelos corredores escuros e estreitos de um circo; parou subitamente diante dum espelho, e inclinou-se com toda cerimônia possível à sua própria imagem. Julgava-se sozinho, mas eu me encontrava sentado dentro de uma caixa, acima dele, e tinha posto a cabeça de fora precisamente no instante em que ele se ir

Semelhante ato me deixou em obcecadas impressões. Rondale era um palhaço e palhaço inglês, cuja profissão — ou arte — reside justamente na excentricidade.

Depois, eu me preocupei em observar um vizinho. Era Antón Pavlovitch Tchékoff, o grande escritor e contista; sentado no jardim de sua casa, Antón Pavlovitch preocupava-se nervosamente em recolher com o seu chapéu pelo menos um raio de sol, e de por ambas as coisas na cabeça...

O fracasso irritava o estranho caçador de raios solares que, após várias tentativas sempre malogradas, bateu com o chapéu no loelho, espantou o cachorro que se encontrava ao lado e levantou-se com impaciência. Olhou em seguida para o céu, murmurou não sei o que, e penetrou em casa.

Outro dia, esse mesmo Tchékoff quis meter um lápis vermelho, muito grosso, no gargalo de um frasco. Resultado: quebrou o frasco, infringindo aquela conhecida lei física... Mas insistia com a tranqüila obstinação de um cientista que realiza uma importante experiência.

León Tolstói perguntou, certa vez, a um lagarto, em voz baixa: "És feliz"? O lagarto estava sobre uma pedra, sonolento, enquanto León Nicolaévitch o contemplava com as mãos metidas entre o cinturão de couro, a fisionomia séria. E como o lagarto não respondesse, o grande escritor lhe confiou olhando cautelosamente para os lados: "— Pois eu não sou feliz".

O professor Tikhvinsky, químico, sentado sozinho na sala de jantar de minha casa, assim falou à sua pró-

pria imagem refletida na bandeja de chá:

— Oiá, meu velho! Que me dizes da vida?

E como a imagem continuasse muda, o ilustre professor suspirou profundamente, e começou a borralá com a palma da mão, enrugando a testa e torcendo o nariz, que parecia a trompa de um elefante em embrião.

Alguém me contou que uma vez encontraram Leskoff ocupado em lançar ao ar uma bolinha de lá, deixando-a cair numa taça de porcelana; imediatamente se inclinava sobre a taça e aplicava-lhe o ouvido como se esperasse que a minúscula bolinha de lá produzisse um som ao cair na taça.

O sacerdote Vladimírsky colocou uma bota à sua frente, dizendo-lhe solenemente: — "Agora, caminha!" E logo em seguida: — "Ah, não podes, hein?" — e acrescentou com muita convicção e dignidade: — "Bem vêes que não podes ir a parte alguma sem o meu auxílio!..."

Tenho observado frequentemente como certas pessoas riem e choram quando estão sozinhas. Um escritor, homem tão morigerado que jamais tocou num copo de vinho, costumava chorar quando se encontrava só, e a assobiar com uns ares de malandro: "Quando vou sozinho pela estrada... Assobiava mal, como uma mulher, os lábios trêmulos; de seus olhos brotavam lenta e abundantemente lágrimas que se iam perder na barba escura.

Uma vez chorou num quarto de hotel, as costas voltadas para a janela, os braços em movimentos natatórios. Mas não o fazia como exercício, porque os movimentos eram lentos, nada vigorosos nem rítmicos.

Todavia, esse caso não é muito raro: as lágrimas e o riso são manifestações de estados de alma naturais e saudáveis; não nos assombram. Tão pouco nos surpreendem as orações solitárias e noturnas dos sertanejos.

Não é raro ver-se um menino arrancando uma figura de um livro; mas ver um homem de ciência, como eu já vi, um professor respeitável a fazer o mesmo, escutando e voltando-se a todo instante como se temesse a entrada de alguém, é verdadeiramente estranho e engraçado.

Pois esse professor estava seguro de que poderia arrancar a estampa do livro e escondê-la no bolso de seu sobretudo. Uma ou duas vezes supôs realizar a operação. Por fim, ergueu uma coisa da página, acariciando-a com os dedos, e tratou de escondê-la no bolso. Em seguida, observando os dedos, sentiu um estremecimento, aproximou a figura da luz, e voltou a procurar nervosamente a página do livro. Finalmente,

ao ver que semelhante coisa não lhe trazia resultado algum, jogou o livro no chão e saiu muito zangado.

E' comum as mulheres falarem sozinhas, quando se pintam, por exemplo. Um dia eu observei, no espaço de cinco largos minutos, uma senhora



Máximo Gorki

muito bem educada a comer doces, e falando a cada um dos doces que comia, levantando-o no ar com umas pinças:

— "Sim senhor, vou te comer!"

Em seguida o engula, e perguntava:

— "A quem?"

E de novo:

— "Sim senhor, vou te comer!"

E depois que saboreava o pedaço de doce:

— "Viste?"

Num camarim de um teatro, vi certa noite uma linda mulher de cabelos negros; chegara atrasada para a representação, e ajeitava o penteado em frente ao espelho. E como se dirigisse a alguém, exclamou em voz alta:

"Para que tanto trabalho se temos de morrer?"

Eu também tinha chegado tarde, e estava no mesmo camarim, sem que ela o soubesse; mas, se por acaso me tivesse visto, duvido muito pensasse em formular tão estranha pergunta.

tas e quantas vezes, sob a sugestão da literatice ambiente, não ansiei por ler bonalidades prestigiosas no meu tempo! Estudante pobre, não podia comprar, na Livraria Espanhola, muito em voga na cidade, a versalhada do Villalpesa ou o pernosticismo ôco do Vargos Vila. Nemorava, sem sorte, os René Bazin e os Bourget expostos no bal-

ção de "Catilina". Sem dinheiro para adquirir obras tão ambicionadas, tinha de me contentar com as da Biblioteca Pública. E o velho Campos só me emprestava traduções shakespearianas, tragédias de Lessing em Francês, Shelley, Byron, afóra as versões mais legítimas dos clássicos greco-latinos. Li então, quase à força, o que talvez nun-

co mais tivesse tempo ou vontade de ler. A bonalidade só me apareceu mais tarde, felizmente quando o espírito já estava formado.

Anos após a nossa convivência, voltei à Boia. A Biblioteca Pública tinha agora prédio novo. Mas já não tinha o velho Campos, o que de melhor se poderia encontrar por lá.

Salões do Segundo Reinado

TULO HOSTILIO MONTENEGRO

Copyright de LEITURA

HÁ SEIS ou sete anos atrás, o senhor Wanderley Pinho, num estudo magnífico, apresentou em letra de fôrma, alicerçada em documentação segura, uma reconstituição apalmeada não só da vida de Cotegipe, mas de todo o ambiente que o cercou. Os aspectos mundanos não foram desprezados e a vida da alta sociedade contemporânea de João Maurício Wanderley foi descrita sem exageros, com particular propriedade. Demonstrando rara capacidade investigadora, o autor mostrou-se sábio no lastrear as próprias conclusões com o depoimento dos antepassados. E o livro, em consequência disso, sem prejuízo do texto correspondente, tornou-se um repositório de indicações preciosas sobre fontes de consulta.

SALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO, apresentado com desenhos de J. Wasth Rodrigues e mais uma centena de reproduções fotográficas, pelo editor Martins, de São Paulo, em grande formato, vem contribuir para a ratificação dos conceitos expendidos a respeito do historiador de **COTEGIPE E SEU TEMPO**.

De futilidades está cheia a vida. E talvez que a de ontem, livre das preocupações imediatas, mais do que a de hoje. Num salão, diz o senhor Wanderley Pinho, esmeravam-se "várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter uma palestra ou cultivar o humor; a de dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência, realçar a beleza feminina das últimas invenções da moda... Descrever, portanto, o que se passava nessas reuniões antigas, não é somente prestar homenagem à Deusa da Futilidade. E' também contribuir para que se tenha uma idéia mais compreensiva de uma sociedade que, evoluindo ou regredindo, não se conduzia nos dias correntes como antes da República.

Preferiu o pintor dessa sociedade morta ser minucioso a ser omissor. Certo lhe é mais grato o labor de Cellini que a pincelada larga de Miguel Angelo. Foi preciso, concludente, o colorido da evocação tirá-lo até o travo histórico, por vezes enfadante e sarsaborão. Ainda que a documentação escrita e os testemunhos orais estejam, inequivocamente, presentes, por trás dos parágrafos.

Que o coordenador das **CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE** é um homem de ontem, não ambientado completamente à nossa época, ressalta a todo instante. Só um saudosista poderia, com tanto carinho e tamanha vibração, ressuscitar uma sociedade morta, dando-lhe vida e calor. Sem essa credencial, ser-lhe-ia difícil, senão inexecuível, ver coroada de êxito a tarefa. Por outro lado, só a quem não foram estranhos os salões do Império, seria possível a re-

constituição. Tobias Barreto e outros, falando sem conhecimento pessoal, cometeram, é de ver, clamorosas injustiças. Principalmente porque esqueceram ou não atentaram devidamente para a sua grande função moderadora. "Os salões do segundo reinado exerceram esse grande papel de moderadores do cannibalismo das facções, e não poucas vezes favoreceram, dentro dos partidos, as conciliações, prevenindo rompimentos, cicatrizando dissidências, mantendo a unidade disciplinada dos grandes corpos políticos, sem a qual não era possível o regime representativo parlamentar." Porque esqueceram que os salões contemporâneos tiveram função quase que essencialmente política.

E' amplo o cabedal de informações obtido com a leitura de **SALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO**. A respeito da alta sociedade nos tempos coloniais e no primeiro reinado; dos salões e festas nas províncias da Bahia, Pernambuco e São Paulo; da vida mundana na Corte de 1840 a 1870; das atividades sociais dos Paços de São Cristóvão e Petrópolis e do Paço Isabel; dos salões da Marquesa de Abrantes — Viscondessa da Silva, de Nabuco, de Cotegipe, da Condessa de Barral, dos Heritoff, do Clube da Joana, político, e da casa de Francisco Otaviano, na qual "dança, modas, jóias, grandes damas do cartaz do dia seriam elementos secundários, onde tanto resumava espiritualidade", ponto de reunião em que Taunay fez a primeira leitura do **INOCÊNCIA**; dos salões da Condessa de Bela-Vista e da Viscondessa de Cavalcanti; do Albino Barbosa de Oliveira, do Conde de Nova Friburgo, do palacete Cornélio, dos Viscondes da Silva e Cavalcanti, da família Soares Brandão. Finalmente, da rua do Ouvidor, "um salão ao ar livre", como a denomina Wanderley Pinho, que proporcionava "uma evasão, o refúgio de uma sociedade saturada, embriagada de natureza, à qual fazia bem aquele aconchego acotovelante. E mais as platéias e frizas, divididas em partidos — Chartonistas e Cassalonistas, Lagulistas e Medoristas — e o Casino Fluminense, onde se davam encontro o luxo e a elegância e onde, a par da moda, a ponto de, por causa das casacas de casimira-se-tim cortadas pelos alfaiates Raunier e Blachon, a voejar nas valsas, serem chamados por um cronista de "alfides de bigode e pera"...

Isso tudo, misturado de indiscreções sem maior consequência, como a que revela José de Alencar, inimigo da valsa, libertando-se de ressentimentos sentimentais de Francisco Nogueira da Gama, nas páginas dos romances **DIVA** e **SENHORA**; D. Augusto de Saxe, neto do Imperador, forçando convite que lhe permitisse insinuar-se no salão de Cotegipe, para encontrar um dos seus "flirts"; Joaquim Nabuco,

(Continua na pág. seguinte)

AMERIC = EDIT

Já publicou:

DOSTOÏEVSKI,

(Prix Goncourt)

par Henri Troyat Cr\$ 40,00

LES DIVERSES FAMILLES SPIRITUELLES DE LA FRANCE

par Maurice Bar-

rès, de l'Ac. Fran-

çaise ... Cr\$ 20,00

LA MAISON DE

DANSES, roman

par Paul Reboux Cr\$ 20,00

LA MATERNELLE, roman

(Prix Goncourt)

par Léon Frapié Cr\$ 22,00

JEAN BAROIS, roman

(Prix Nobel de Littérature)

par R. Martin du

Gard (2 vol.) ... Cr\$ 45,00

LE GRAND MEAULNES,

roman

par Alain Four-

nier ... Cr\$ 23,00

THAÏS, roman

par Anatole

France, de l'Ac.

Française (2 vol.) Cr\$ 42,00

LA SYMPHONIE

PASTORALE,

roman

par André Gide Cr\$ 20,00

L'AIGLON,

par Edmond Ros-

tand, de l'Ac.

Française. ... Cr\$ 25,00

HISTOIRE D'ANGLE-

TERRE,

par André Mau-

rois, de l'Ac.

Française. (2 vol.) Cr\$ 42,00

DANTE,

par Louis Gillet,

de l'Ac. Fran-

çaise. ... Cr\$ 26,00

LA RÉVOLUTION

FRANÇAISE,

par Pierre Ga-

xote (2 vol.) ... Cr\$ 42,00

CYRANO DE

BERGERAC,

par Edmond Ros-

tand, de l'Ac.

Française. ... Cr\$ 22,00

SILBERMANN, roman

(Prix Femina)

par J. de Lacre-

telle ... Cr\$ 18,00

AMERIC = EDIT

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso

LIVRO DE PERMANENTE ATUALIDADE

DIAS DA COSTA

Copyright de LEITURA

AO PUBLICAR nos Estados Unidos o seu livro "Mission to Moscow", o embaixador Joseph E. Davies põe as seguintes palavras no seu prefácio:

"Na realidade, não tinha eu a intenção de escrever um livro, mais os tempos mudaram. A Rússia está na linha de frente desta guerra e o resultado dela determinará se a comunidade de nações do mundo constituirá uma sociedade ordenada e pacífica ou se serão elas regidas por um grupo de bandidos e de pessoas fora da lei.

"Faz pouco tempo, a Rússia era neutra. Entre ela e a Alemanha firmara-se um solene pacto de não agressão. Mas atualmente centenas de milhares de russos, homens e mulheres, e os chefes soviéticos, cujas lares foram atacados nas caladas da noite pelos pretensos amigos, lutam valorosamente e morrem por uma causa que é vital para a nossa segurança. São, agora, nossos aliados.

"Em nosso país tem existido e existe oposição, alguns preconceitos e, sobretudo, muita carência de informações sobre a Rússia e a União Soviética. Sem ser partidário ou pretender demonstrar alguma coisa, espero que o material contido neste livro ofereça uma base de fatos concretos e possivelmente um conceito mais exato do Governo Soviético, dos seus dirigentes e do seu povo".

Ora, creio que vem exatamente da qualidade do material utilizado pelo embaixador americano em seu livro, da sua "base de fatos concretos" a enorme repercussão alcançada pela sua obra, não só no momento em que foi lançada ao público, como ainda hoje.

Realmente, o valor do livro do sr. Joseph Davies apoia-se inteiramente na sua documentação insofismável, em ser um depoimento calcado em documentos oficiais insuspeitos e irresponsáveis. É o próprio autor quem informa:

"O material deste livro foi obtido com os seguintes elementos: informes oficiais escritos por mim e enviados ao Departamento de Estado, das Embaixadas de Moscou e de Bruxelas, ou de algum lugar no qual me encontrava destacado em missão especial; cartas pessoais a amigos; breves anotações feitas numa agenda quotidiana; extratos de um DIÁRIO que, por motivos ligados ao meu trabalho, levei como suplemento das anotações da AGENDA e notas marginais ou MEMORANDA escritos para interpretar ou comentar alguns parágrafos de textos diversos".

Tais citações são de todo necessárias para quem procura explicar o sucesso e a divulgação alcançados por "Missão em Moscou". O que até então conhecia sobre a Rússia o grosso público, levava sempre a marca de informação suspeita. Partidária ou oponente, a fonte de onde provinha a informação era fonte interessada. As notícias passavam através o crivo de censuras vigilantes, para que o público jamais fosse in-

formado além do conveniente. Documentos insuspeitos não podiam ser divulgados. Como saber onde estava a verdade? Si, de um lado, o homem comum desconfiava daqueles que lhe vinham falar de um paraíso soviético, do outro, não podia levar a sério uma propaganda contrária, que falava em monstruosidades tremendas, crianças em bando entregues à rapina pelas estradas, mortes, torturas, bacanais, e outras coisas horripilantes. Daí a ansia de encontrar algo de sério, de comedido, de baseado em fatos. E foi o que, afinal, ofereceu ao público o embaixador Joseph Davies. Si, algumas vezes, o leitor discorda de suas conclusões, nem por isso deixa de ter em mão elementos valiosos que lhe permitem concluir por conta própria. Mas, si isso explica o sucesso inicial de "Missão em Moscou", explicará também que o mesmo perdure, já passado tantos meses de sua publicação? Creio que o explique em parte. Vejamos o que sucedeu no Brasil, com a publicação em português, feita pela Editorial Calvino Limitada. Uma vez nas montras das livrarias, a primeira edição esgotou-se rapidamente. Uma segunda edição, e livro continuou procurado pelo público. Lançam os editores a edição número três, e o livro continua vendendo. Entretanto, meses se passaram, a guerra tomou novos aspectos, as relações entre os países que lutam, contra Hitler e seus seguidores evoluíram sempre para melhor. Porque "Missão em Moscou" continua sendo um livro atual? Apenas porque os fatos vão, dia a dia, confirmando as previsões contidas em suas páginas.

Tomo, ao acaso, uma informação do embaixador Davies, escrita em junho de 1938, quando nem sequer havia a guerra começado:

"A União Soviética mantém relações mais amistosas com os Estados Unidos do que com qualquer outra nação estrangeira. Isto é obvio.

"Se a URSS fosse excluída do pacto proposto entre as quatro potências e ficasse isolada (como agora parece convencida de que acontecerá) há razões que induzem a crer que poderá continuar a viver dentro de si própria e desenvolver-se indefinidamente".

E mais adiante:

"O Comunismo não acena com

ameaças sérias aos Estados Unidos. As relações amistosas no futuro, poderão ser de grande valor geral".

Como se vê, os fatos confirmaram as previsões e, continuam confirmando. Entretanto, o "post-facto" aduzido à terceira edição brasileira de "Missão em Moscou", assim como um índice cronológico dos acontecimentos, mais atual ainda o tornam. E, para aqueles que, mesmo diante dos fatos, ainda não estavam convictos, das verdades contidas em suas páginas, o embaixador Davies reúne novos argumentos irretorquíveis. Depois de enumerar as razões porque o Comunismo não representa um perigo para o mundo, afirma o autor:

"Finalmente, a questão das relações entre os Soviets e os Estados Unidos, é de suma importância, tanto durante a guerra, quanto durante a paz. A contribuição da Rússia para o esforço de guerra é um fato que fala por si mesmo. Mas tudo quanto a Rússia poderia fazer pela paz não tem merecido a atenção necessária. Não avaliamos suficientemente a importância da colaboração entre nós e a URSS no mundo de após guerra. As tradicionais relações mantidas entre a Rússia e os Estados Unidos têm sido de amizade e boa vontade. Na qualidade de potências continentais, não há interesses contrários que provoquem choques entre nós. Ambas, só temos a lucrar com a paz e a perder com a guerra. Não temos ambições territoriais, nem vastos empreendimentos ultramarinos. Em razão de nossas semelhanças econômicas e geográficas, só pode haver pontos de vista concordantes, entre nossos países, a respeito do que será necessário fazer, após a guerra para preservar a paz mundial".

É esse equilíbrio, essa visão clara dos problemas, essa ausência de paixão, que fazem do livro do embaixador Davies, já em terceira edição entre nós, um dos livros mais atuais, despertando o mesmo interesse que despertou desde o primeiro momento em que foi oferecido ao público do Brasil.

MISSEAO EM MOSCOU, de Joseph E. Davies. — Tradução revista por Eduardo de Lima Castro. — Editorial Calvino Limitada. — Rio, 1943.

"SALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO"

(Continuação da pág. anterior)

do que contem SALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO. E, nesse caso, tornará desnecessário ressaltar o mérito do Sr. Wanderley Pinho.

SALÕES E DAMAS DO SEGUNDO REINADO, de Wanderley Pinho — Desenhos de J. Wasth Rodrigues — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1943.

"Quincas, o Belo", a recitar madrigais às patricinhas encantadas com as suas atenções; Machado de Assis, a servir de cavalo do carro da "prima dona" Candiani.

Mas, só a leitura do volume, com a visão das reproduções fotográficas, será capaz de dar notícia exata

LIVROS DE GRANDE ATUALIDADE

O PODER SOVIÉTICO

pelo Rev. Hewlett Johnson, Deão de Canterbury

"O livro que mais me impressionou, até hoje,
sobre a Rússia".
TEODORO DREISSER

HEWLETT JOHNSON é um sacerdote culto, íntegro e inatacável. Apesar dos seus 70 anos e das vicissitudes por que tem passado a humanidade nêstes últimos tempos, não desesperou ainda de ver os ensinamentos de Cristo — humildade e fraternidade — executados sobre a terra. Nêsse sentido, tem empreendido viagens de estudos e pesquisas sociais a vários países, inclusive à Rússia, que percorreu em todos os sentidos, com o zelo e o rigor de um cientista. Dessas viagens trouxe êle **O PODER SOVIÉTICO**, livro hoje traduzido para tôdas as línguas do mundo, com uma circulação de milhões de exemplares.

Além de sacerdote, Hewlett Johnson é engenheiro e senhor de uma cultura invejável, qualidades essas que lhe facilitaram grandemente a compreensão da evolução política do povo russo, o êxito da industrialização soviética, bem como as bases reais da economia da URSS.



Este livro, por onde passa, tem modificado inteiramente o pensamento dos povos, via de regra iludidos, a respeito da União Soviética.

Nas livrarias, Cr\$ 25,00 — Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

MISSÃO EM MOSCOU

Por **JOSEPH E. DAVIES**
Ex-Embaixador dos EE.UU. na URSS
2.ª edição atualizada

Documentário impressionante da vida atual no país dos Soviets. O governo norte-americano concedeu uma permissão especial ao autor, afim de que êle pudesse divulgar os documentos reservados e oficiais de tudo o que viu, ouviu e mandou dizer ao Departamento de Estado, durante sua estada na Rússia.

Joseph E. Davies é multi-millionário, católico conciente, amigo íntimo e da maior confiança do Presidente Roosevelt.

Nas Livrarias, Cr\$ 25,00 — Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

A RESISTÊNCIA RUSSA

Seu Segredo Político e Militar por
Maurice Hindus

Eis a revelação das forças morais e materiais que possibilitaram ao governo soviético a heróica resistência às hostes de Hitler. O povo e a terra russos. As conquistas sociais. A natureza humana em face da ideologia, etc.. Logo após a invasão da URSS pelas tropas alemãs, Hindus afirmou: "Hitler não pode vencer a Rússia!" E as palavras cheias de fé e convicção de Hindus tiveram a mais ampla confirmação dos fatos.

Nas Livrarias, Cr\$ 25,00 — Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

EU FUI MÉDICO DE HITLER

KURT KRUEGER

O autor foi médico, assistente de Hitler durante 15 anos. Este livro é o estudo mais completo e idôneo dos que até agora apareceram sobre essa figura sinistra, no qual o psicanalista descobre o complexo de Edipo, o seu ódio ao pai, os amores de sua mãe com um judeu, os seus complexos de inferioridade, as crises de sonambulismo, acessos de furor, as crises de choro... Nas Livrarias, Cr\$ 25,00. Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00.

FERAS HUMANAS

LANGHOFF E KARST

A história dramática, dolorosamente verdadeira, dos impressionantes Campos de concentração nazista. Langhoff e Karst foram dois prisioneiros desses cárceres tenebrosos. Karst, jornalista católico austríaco, foi transportado de Viena para Dachau, o mais espantoso Campo de Concentração de Hitler. Este livro é um complemento natural de "Educando para a Morte". Nas Livrarias, Cr\$ 25,00 — Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00.

EDUCANDO PARA A MORTE

G. ZIEMER

Gregor Ziemer, na qualidade de ex-diretor de uma escola americana em Berlim, observou e estudou as várias fases da educação nazista e é isto que êle nos narra nêste livro impressionante, que nos emociona da primeira à última página. Nêle vemos o fanatismo com que os alemães depositam a sua vida nas mãos do Fuehrer. O sistema educacional administrado sob influência militar. Nas Livrarias, Cr\$ 25,00 — Pelo reembolso, Cr\$ 26,00.

Editorial CALVINO Limitada.
Av. 28 de Setembro, 734 - Rio de Janeiro

O Mundo de Wendell Willkie

AURÉLIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA

CANDIDATO do Partido Republicano, Wendell Willkie foi concorrente de Roosevelt, candidato do Partido Democrático nas últimas eleições presidenciais realizadas nos Est. Unidos. Foi um pleito verdadeiramente sensacional, não só no país como no exterior. Derrotado Wendell Willkie teve logo para seu concorrente vitorioso manifestações que se poderiam explicar pelo hábito do sport, próprio da raça. Mas havia alguma coisa acima do espírito propriamente de partido: era o sentimento de nacionalidade, que é de todos os povos. No momento a alma de toda a nação americana vibrava, pois aí vinha a guerra, na qual devia tomar parte. A guerra veio...

Wendell Willkie entrou a trabalhar pela vitória das Nações Unidas, como se as eleições, ao contrário do que sucedera, o tivessem elevado igualmente a um posto de responsabilidades. Entre outros passos, a que o levou sua iniciativa, está sua viagem ao Norte da África, à Turquia, ao Oriente Médio, à China e à Rússia.

De volta à América, concedeu interessantes entrevistas aos jornais e revistas; e, havendo reunido suas notas de viagem, acaba de publicá-las em um livro de quatorze capítulos, cujo título é "One World" — Um Mundo, que ao contrário do que se dá com muitos livros, é a epígrafe do último capítulo.

Não sabemos, ao traçar estas linhas, se "One World" já se achará à venda nas nossas livrarias. Tradução de — certo não há. Mas, através das apreciações feitas nos Estados Unidos, já podemos dizer alguma coisa aqui sobre o livro de Willkie, que produziu sensação em seu país, sendo julgado de grande originalidade.

No n.º de 11 de Abril do *The New York Times Book Review*, por exemplo, vem uma viva apreciação de "One World", da autoria de Harold Stassen, Governador do Estado de Minnesota, que procura dar ao leitor suas "impressões de primeira leitura", tendo a intenção, entretanto, de "volver a ler de novo o livro oportunamente". Tal fôra, é intuitivo, a impressão forte recebida antes.

De uma nota do editor, na mesma revista sabe-se que são estes os capítulos do volume: El Alamain — O Oriente Médio — A Turquia, Uma Nova Nação — A Rússia, Nossa Aliada — A República de Yakutsk — A China em Luta há Cinco Anos — A Descoberta do Oeste da China — Porque Luta a China Livre — Algumas Notas sobre a Inflação Chinesa — Nosso Reservatório de Boa Vontade — Porque Lutamos Nós — Esta Guerra é de Libertação — Nosso Imperialismo Interno — Um Mundo.

O livro de Wendell vem cheio de relatos dos encontros que teve o autor com altas individualidades, hoje em foco no mundo, tais por exemplo, o General Montgomery, o General Chiang-Kai-Shek, Joseph Stalin.

De seu encontro com Montgomery, diz-nos que a capacidade de trabalho do general é excepcional, que quasi nunca era visto no Cairo. (Vale notar que Wendell Willkie esteve no Norte da África antes da ofensiva do 8.º Exército Britânico, que levou à derrota o Afrika Korps). Supreende-se



Wendell Willkie

Willkie ao observar que o general inglês estava muitas vezes, mais ao corrente de tudo que interessava à sua tropa que mesmo os oficiais seus auxiliares. Vivia diariamente no front, com seus homens. Sua paixão pelos detalhes era admirável.

Nos capítulos sobre a China dá o autor do livro palpante impressões do país, de seu governo, da personalidade de Chiang-Kai-Shek, dos milhões de habitantes. Mas, parece, o que mais se destaca é a viva descrição da atual situação econômica do país, sob o peso da invasão japonesa, havia então já cinco anos. Dá-nos uma atraente descrição das colinas, de argila vermelha, da província de Lanchow, contempladas do avião, em que viajava, e proclama a promissora fertilidade.

Na República Soviética de Yakutsk na Sibéria, tem Wendell Willkie uma entrevista com o Comissário do Povo, Presidente do Conselho: ambos travam uma animada discussão em torno do comunismo e do capitalismo.

Um quarto do livro — segundo refere o Governador Stassen, é dedicado à Rússia, "Nossa Aliada", como escreve Willkie, que, logo ao chegar aos Estados Unidos, antes de dar publicidade ao seu livro, concedera uma entrevista à revista LIFE. E dessa entrevista um relato muito curioso, muito sincero do encontro do autor de "One World" com Joseph Stalin.

"A hora marcada para o encontro — contou Willkie — foi 7,30 da noite de 23 de Setembro (1942). Passei o dia a fazer um giro pelas instalações de defesa de Moscú, que considero das mais firmidáveis que vi... Por volta das 7,15, tomei o Packard negro posto à minha disposição, e parti para o Kremlin. Era uma noite fria de outono. A lua começava a elevar-se e iluminar as muralhas de que nos aproximávamos. Eu vestia um fato de uso diário sob um capote. Os altos guardas do Exército Vermelho, eretos e firmes nos portões do Kremlin, haviam evidentemente sido avisados de minha vinda, pois deixaram o carro rolar através da estrada, dirigindo-nos ape-

nas um rápido olhar, ao mesmo tempo que faziam a continência do estalo. Cheguei à ante-sala, no segundo andar do edifício em que Stalin tem seu gabinete, às 7,29; e, exatamente após haver me desembaraçado do chapéu e do capote, apareceu um intérprete que me vinha dizer o "sr. Stalin estava pronto a dar início à conferência". Ao entrar eu no seu gabinete, Stalin ergueu-se de uma cadeira, na extremidade de uma longa mesa, e dirigiu-se ao meu encontro. Se bem que de constituição robusta, notei que era mais baixo do que eu supunha; percebia agora que para chegar à altura de meus ombros, precisaria se pôr nas pontas dos pés.

"Ao apertamo-nos as mãos, suas palavras foram: *Rad vas videt gospodin, Willkie* "O que significava que tinha prazer em ver-me.

A princípio o chefe do Governo da Rússia quis saber das impressões da viagem do visitante. Mas a maior parte da conversação, conforme confessou Willkie, foi de "natureza altamente secreta".

"Posso afirmar — continuou Willkie — que o sr. Stalin deu francas respostas a todas as perguntas que formulei. Declarou-me que Hitler, fazendo suas tropas penetrarem através da Rússia até o Volga, havia desfechado um terrível golpe contra a União Soviética. Mas não deixou dúvida em meu espírito quanto ao poder da Rússia e sua resolução de resistir à Alemanha, de cada colina, de cada ponte, de cada árvore, de cada rua, de cada casa, até as forças das Nações Unidas terem destruído a máquina da guerra de Hitler".

"Eu disse ao sr. Stalin — rematou o notável norteamericano — que estava ansioso por chegar à América, e dizer a toda gente o que houvera visto da grande pugna em que a Rússia estava empenhada, tanto na frente como na retaguarda; do trabalho que estão executando as mulheres russas, nas fábricas, nos hospitais, nos campos nos serviços de transporte. — o que tão singularmente me havia impressionado".

E foi nesta altura, segundo se lê da entrevista concedida à LIFE, que Stalin, olhando sempre para Willkie, "como para um velho amigo", disse-lhe: "Consente que lhe faça uma sugestão, sr. Willkie"? E, havendo obtido o consentimento, ajuntou: "Sim, diga na América tudo que aqui viu. Diga, se lhe aprover, aos americanos que necessitam dos produtos de suas grandes manufaturas. Seremos muito gratos pelo que nos puderem enviar. Mas eu desejaria sugerir não lhes diga algo que pudesse por acaso dar a alguém a impressão de que nos protegemos".

"Estas palavras — confessa Wendell Willkie — eram sábias e vinham de um homem sagaz".

Não há a menor dúvida de que "One World" vai ter uma grande repercussão por toda a parte do mundo.

Tínhamos terminado de escrever quando uma notícia, transmitida pelo rádio, anuncia que uma empresa cinematográfica de Hollywood acaba de adquirir o direito de filmar a obra de Wendell Willkie por duzentos e cinquenta mil dólares.

Uma Grande História da Literatura

Entrevista com Astrojildo Pereira



Astrojildo Pereira

PERGUNTEI a Astrojildo Pereira, a caminho de um café onde se realizou a nossa conversação a voo da pássaro:

— Já começou a escrever para a História da Literatura Brasileira?

— Estou começando a ler, a reler, a juntar o material necessário, a delinear o meu plano, a discutir com os outros colaboradores os pormenores relativos à estruturação da obra.

— Qual é mesmo a parte que lhe toca?

— "Prosa de ficção", de 1830 a 1870.

Você mesmo escolheu esse período?

— Foi Alvaro Lins, que organizou o plano geral da História. Eu recebi o convite para incumbir-me desse volume e acertei, simplesmente. Atribuo a minha escolha ao fato de já ter escrito sobre alguns romancistas desse período, que aliás me parece um dos mais fascinantes não só da nossa história literária, mas ainda da nossa história em geral.

— Politicamente é um período significativo, mas no terreno da ficção?

— Você não se lembra de José de Alencar?

— Claro, é cearense... Mas, é a figura de maior projeção?

— Sem dúvida. É a figura central da nossa literatura em todo esse período, principalmente pela posição de luta que ele assumiu e sustentou pela nossa independência no terreno da expressão literária. Não é verdade?

— E depois dele?

— Manuel Antonio de Almeida, que é um caso singular, Macedo e outros no romance. No teatro, Martins Pena, Pinheiro Guimarães, Quintino Bocayuva, o próprio Alencar e ainda Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Castro Alves, Machado de Assis... Uns trinta autores de ficção, no romance e no teatro, que terei de estudar, em conexão, naturalmente, com os acontecimentos políticos e sociais da época.

— Que me diz do método cronológico?

— Suponho que uma história, por isso mesmo que é uma história, tem sempre de se bascar num critério cronológico.

— Você falou num plano geral da obra organizada por Alvaro Lins. Todos os colaboradores terão de obedecer a esse plano?

— É claro. Mas entendamo-nos: trata-se de um plano geral, vamos dizer, de ordem técnica: a da divisão e distribuição dos volumes por períodos cronológicos e ao mesmo tempo, por gêneros. Fora disso, completa liberdade de interpretação. Cada autor fará o seu volume de acordo, já se vê, com a sua própria maneira de ver as coisas, sem prejuízo da necessária e rigorosa objetividade.

— Haverá unidade nessa História?

— Unidades em que sentido? Em sentido político, ideológico, religioso, sociológico, antropológico, astronômico ou estratégico? A tais perguntas responderei com um não ou com um sim. Não, porque se trata de obra coletiva realizada por homens que pensam livremente em matéria de política, de ideologia, de religião, de sociologia, de antropologia, de astronomia, ou de estratégia. Sim porque é uma obra realizada coletivamente com o propó-

sito único, unitário e universal de bem servir à literatura brasileira. Neste sentido, pode você deixar bem acentuado, todos os colaboradores, estão cordialmente reunidos em torno de Alvaro Lins e do editor José Olímpio, cujo empreendimento, além de todo corajoso, merece todos os louvores.

— Você está de acordo com a escolha de todos os colaboradores?

— Ah, isso é com Alvaro Lins e com José Olímpio, e eles sabem o que fazem. Mas acrescentarei modestamente, que todos os colaboradores, exceto um, me parecem competentes.

— E você acha que foi justa a escolha de Alvaro Lins para dirigir essa História, quando há tanta gente mais idosa?

— Em primeiro lugar, a idade não é documento. Em segundo lugar, a escolha do diretor da obra é coisa privativa do Editor.

— E a escolha de Otto Maria Carpeaux?

— Boa escolha. Ninguém poderia fazer melhor a parte que lhe foi atribuída.

— Você não quer dizer umas palavrinhas sobre o...

— Já lhe disse o que devia dizer.

— Então, muito obrigado. Amanhã eu lhe levo a entrevista para você cortar as inconveniências.

PASSEIO EM TÔRNO DE UM PREFÁCIO

PERMÍNIO ASFÓRA

Copyright de LEITURA

NO prefácio que escreveu para "Atenas, Roma e Jesus", ensaio da autoria do professor Odilon Nestor, publicado recentemente pela Casa do Estudante do Brasil, Gilberto Freyre aproveita, em vários momentos, a personalidade do mestre de Direito Internacional, para se perder — melhor diria, para se encontrar — dentro de um romantismo que ninguém espera venha do autor de "Casa Grande & Senzala"; de um autor sempre preocupado com os mais sérios problemas sociais e nunca se lembrando de falar na primeira pessoa do singular. Esse romantismo que atinge, e em não raros momentos, os próprios domínios do sentimentalismo, não chega a ser para a sua carreira, — como a alguns poderia parecer — a "pedra no caminho", de que fala o poeta Carlos Drummond de Andrade. Em vez disso, concorre para que seu trabalho se torne definitivo, que essa página seja uma a mais no já crescido número de excelentes páginas que ele escreveu.

Um sentimentalismo que resulta, por certo, do estado de espírito do homem que se encontra hoje no mais original dos exílios: exilado na sua cidade, no seu bairro; ou melhor: no seu velho solar de Apipucos rodeado de árvores, podendo contemplar dois ou três lam-

piões que o acompanham para todas as suas residências e que rescendem ao mais simpático saudosismo.

Uma vez Jorge Amado, elogiando o prosador admirável que é Gilberto Freyre, me disse que ele escrevia como quem pintava. Foi disso que me lembrei ao ler esse prefácio de estilo bonito e que tão bem revela o amor iluminado de Gilberto Freyre pelo Recife, embora às vezes lhe provocando certa reação, transparecida na repetição por duas ocasiões, da frase de Sílvio Romero: "Não quero mais saber de viver em Pernambuco".

É o amor do homem que rejeitou, e rejeita ainda, situações na metrópole em troca de um exílio, mais ou menos voluntário, na sua cidade, que é também dos paraiibanos, dos alagoanos, dos piauienses, como ele mesmo diz, e que com a maior das tristezas chama de "burgo decadente". Amor semelhante ao do indivíduo que tem força de perdoar a falta da amada por saber que ela foi violentada. Grande amor que o obriga a aceitar a prática do provérbio que diz ser melhor estar só do que mal acompanhado; fazendo com que ele, o mestre de uma geração, veja-se de um momento para outro tentado a desacreditar nos homens, muitos dos quais desempenhan-

«O Espírito do Direito Romano»

HERMES LIMA

Copyright de LEITURA

ATO de audácia editorial, mas que o público certamente recompensará, é a bela tradução, que a Alga acaba de lançar, de "O Espírito do Direito Romano", um dos monumentos da moderna literatura jurídica, erguido pela excepcional capacidade de Rudolf Von Jhering.

Essa obra clássica não estava ainda traduzida para o português. Uma tentativa nesse sentido do dr. Pinto Junior, lente da Faculdade de Direito do Recife, em 1887, não foi avante, porque o professor morreu. Em 1934, a antiga editora Calvino quis retomar o empreendimento, mas ficou no primeiro volume da obra, e foi bom que não houvesse prosseguido porque a edição muito deixara a desejar. Agora, dessa tarefa se encarregou o dr. Rafael Bensaion. Dela pode-se dizer que se saiu com toda galhardia nesses dois volumes editados num só tomo. Dentro em breve, num novo tomo, serão publicados os dois restantes volumes.

O nome de Jhering está ligado à história do grande movimento brasileiro de emancipação intelectual, que no século passado teve na Escola de Recife o seu quartel-general, o seu foco de irradiação. Foi a Silvio Romero que coube a honra, conta Tobias Barreto, "de ter sido o primeiro que ousou convidar o dr. von Jhering para ir à Faculdade de Direito do Recife", lembrando-se de citá-lo na sua bela dissertação apresentada por ocasião das teses, que pretendeu sustentar, porém que tiveram, como é sabido, para glória eterna sua e vergonha dos mestres, aquele triste resultado metafísico-criminal". Isto em março de 1875, na ruidosa defesa de tese em que Silvio sacudiu a velha Faculdade dizendo às barbas dos lentes que a metafísica estava morta. S" acabou processado por desacato à Congregação. O nome de Jhering tinha então no meio daqueles

o tanto peso e influência, dis-
"Omas, "quanto poderam ter o
ome e a autoridade, verbi gratia, do

defunto major José Severino, velho rábula de Santo Antônio". Simplesmente, não era conhecido.

Porém, não tardou que essa grande voz representativa da teoria evolucionista aplicada ao direito dominasse o espírito das novas gerações. Principalmente por intermédio de Tobias Barreto, o pensamento brasileiro foi conhecendo e assinalando as idéias com que Jhering entrou a transformar a filosofia do direito do seu tempo.

Jhering combate a fluidez da concepção da escola histórica, opondo ao idealismo radical e tão ingênuo da formação inconsciente do direito a doutrina de que o direito se forma sob a determinação dos fins precisos e objetivos, que deve atingir. O fim do direito é assegurar as condições de vida da sociedade, a sua ordem. Isto é o faz por intermédio de normas dotadas de coação. Verdaderamente o que o direito visa é estabelecer a paz, mas essa paz é só a alcança por meio de luta. "Todos os direitos da humanidade foram conquistados na luta escreve Jhering: todas as regras importantes do direito devem ter sido na sua origem arrancadas aqueles que às mesmas se opunham e todo direito, o direito de um povo ou o direito de um particular, autoriza presumir que se esteja decidido a mantê-lo com firmeza". Esta concepção ainda difere do que pensava a escola histórica, porque deixa grande margem de ação à vontade humana no desenvolvimento do fenômeno jurídico, embora condicionada por fatores físico-sociais.

Nesse admirável O Espírito do Direito Romano o direito é justamente estudado à luz dessas idéias gerais como "o organismo objetivo da liberdade humana", organismo que Jhering examina na sua anatomia e na sua fisiologia, isto é, na sua estrutura e nas suas funções. No Espírito a doutrina é, por assim dizer, controlada pela prática. Talvez não haja na literatura jurídica obra alguma em

que tanto se completam as duas faces de um mesmo problema, de um mesmo estudo: a face teórica e a face prática. Jhering aí demonstra que o direito é pensamento e ação: "o que não se realiza não é direito" — eis a imperecível lição que deixou.

Livros como O Espírito do Direito Romano não perecem. E' dessas obras fundamentais à formação intelectual do jurista. O advogado, o juiz, o professor, que nunca a leram, é como o homem de letras que nunca leu Shakespeare. Pode advogar, pode julgar, pode ensinar, porém jamais será capaz de preencher a lacuna que representa o não conhecimento de uma realização típica e fundamental de estudo e de inteligência, no campo das letras jurídicas. Só poderá julgar a gravidade dessa lacuna quando a tiver preenchido. No prefácio à edição brasileira, Clovis Bevilacqua resume nestas palavras o valor do livro: "Em suas mãos o direito romano não é um simples corpo de leis, preparado para um povo que possuía, como nenhum outro, a faculdade criadora da jurisprudência, porém, que, há muitos séculos deixou de existir. E' um organismo cheio de vida, ou, antes, um mundo onde as idéias continuam a viver, agitar-se, desenvolver-se, proliferar, com uma fecundidade assombrosa. O direito romano ensina-lhe a função do fenômeno jurídico em toda a sociedade, fornece-lhe os elementos de uma dinâmica social, com as famosas alavancas: o direito, a moral, a remuneração e o amor. O direito romano mostra-lhe as origens da vida social e a influência do habitat sobre a civilização dos povos. O direito romano revela a seus olhos percutientes os elementos que entram na composição das regras jurídicas e dos institutos".

O ESPÍRITO DO DIREITO ROMANO, de Rudolf Von Jhering — Tradução do Prof. Rafael Bensaion, prof. de Clovis Bevilacqua — Alga Editora — Rio, 1943.

do o papel do personagem que se insurge contra o autor.

Um vasto caminho pelos dias finidos, é o que é esse prefácio; um largo aceno ao bairro de S. José, o mais pitoresco e onde está a alegria da cidade do Recife: escola de samba e de todas as perdições, bairro dos ladrões e dos comerciantes de todos os tamanhos, — desde os armazenistas até os que espalham bugigangas nos taboleiros ou nas calçadas. Do Mercado, que é um mundo, de vastidão; que é o mundo, pela desigualdade da sorte dos que nele trabalham: uns vivendo e morrendo dentro de suas quatro paredes sem sol, outros saindo para o comércio das ruas bem frequentadas. Alguns até saindo para se tornarem guarda-livros, médicos, bacharéis, literatos.

E não as calçadas, as antigas igrejas de festas movimentadas e barulhentas, as casas modestas e até hu-

mildes, os homens e os costumes do bairro de S. José que Gilberto Freyre está recordando nesse belo prefácio que é um poema, a despeito de vários períodos vazados em linguagem forte que é uma passela por um mundo que aparentemente findou, mas que vive no pitoresco, na cor local; pitoresco e local que não são apenas um pedaço do meu bairro, e sim da própria humanidade.

Foi por esses lugares que encontrei Gilberto Freyre triste, pesaroso como se isto se tivesse perdido nas perdas das folhinhas dos calendários. Por esses lugares é que o encontrei no seu prefácio suave e agradável como um banho — de rio com o gosto dos jambos, dos abacaxis, das carambolas, das mangas do bairro de S. José. Bairro que ele teve muita felicidade em mencionar no momento em que falava do caos do Sena, misturando assim recantos dos povos, os recantos que são

como propriedade de todo mundo onde os gringos e os nacionais não têm "diferença" onde se entendem e quase se estimam nas lutas pela conquista do essencial, na luta muitas vezes gananciosa de acumular riquezas que depois os separam.

O Recife do bairro de São José, do Pátio do Terço do Mercado, do Pátio de São Pedro de Afogados, de Apipucos constitui um pedaço do povo, não se insurge contra os que lhe querem bem: seus habitantes são daqueles que figuram no "Lenhadores", no "Vansourinhas", nesses mesmos clubs onde Gilberto Freyre dá dia-santo. Gilberto Freyre sabe disso melhor que os outros. Contam-me que uma vez, num banquete que lhe foi oferecido no Recife ele evocou nomes de seus amigos desses pobres clubs. Seu prefácio é uma evocação desse pitoresco, dessa humanidade que ele sabe estar sempre presente e que ninguém mata.

Os grandes livros
da literatura mundial

500.000
VOLUMES
PUBLICADOS

BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO



BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO visa coordenar para o leitor brasileiro, dentre as obras consagradas pela aceitação pública, aquelas que mais diretamente buscam condensar, esclarecer e popularizar a herança cultural da espécie. Biblioteca de civilização e cultura, os leitores terão em seus volumes o mais rico documentário com que se poderá acompanhar o longo esforço do pensamento humano para dirigir a vida.

ÚLTIMAS NOVIDADES

FILOSOFIA

A História da Filosofia — Will Durant — tradução de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel Cr\$ 22,00

Humanismo Integral — Jacques Maritain — tradução de Afranio Coutinho Cr\$ 16,00

Sobre a Liberdade — John Stuart Mill — Trad. e notas de Alberto Rocha Barros . . Cr\$ 12,00

CIÊNCIA

Médicos Anônimos — McKee German — trad. de Maslowa Gomes Venturi e Dr. J. M. Gomes Cr\$ 13,00

Os Próximos Cem Anos — C. C. Furnas — Trad. do Dr. Candido de Mello-Leitão. Cr\$ 16,00

O Romance das Vitaminas Estevão Fázekas — Trad. de Paulo Rónai, anotada pelo Dr. Dante Costa Cr\$ 12,00

HISTÓRIA E BIOGRAFIA

História da Civilização — Will Durant — Trad. de Monteiro Lobato — edição ilustrada

Nossa Herança Oriental 1.ª parte, em 2 vols. . Cr\$ 56,00

Nossa Herança Clássica 2.ª parte, em 2 vols. . Cr\$ 56,00

História Universal — H. G. Wells — Tradução de Anísio Teixeira — 3 volumes . . Cr\$ 60,00

História do Futuro — H. G. Wells — Trad. de Monteiro Lobato Cr\$ 12,00

Beaumarchais — Paul Fritschner — Tradução de Godofredo Rangel 15,00

Máquinas da Democracia Roger Burlingame — Trad. de Monteiro Lobato Cr\$ 25,00

Tolerância — H. Van Loon Trad. de James Amado . Cr\$ 18,00

Memórias — André Maurois Trad. de M. Lobato . . . Cr\$ 18,00

LITERATURA

Por Quem os Sinos Dobram Ernest Hemingway — Trad. de Monteiro Lobato Cr\$ 20,00

Kim — Rudyard Kipling — Trad. de M. Lobato . . . Cr\$ 13,00

Adeus às Armas — Ernest Hemingway — Tradução de Monteiro Lobato Cr\$ 12,00

Uma Folha na Tempestade Lin Yutang — Trad. de Ruth e Monteiro Lobato . . . Cr\$ 15,00

Onde Estão os Nossos Sonhos? — Howard Spring — Trad. de Godofredo Rangel e Jamil Almansur Haddad . Cr\$ 25,00

VOLUME ENCADERNADO, MAIS Cr\$ 6,00

Grátis

RECORTE E ENVIE ESTE "COUPON"

Pego-lhes remeter-me o catálogo geral da Biblioteca do Espírito Moderno

Nome

Rua

Localidade

Estado

COMP. EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES, 639 - S. PAULO

Pega pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL da Livraria Civilização Brasileira
RUA DO OUVIDOR, 94 — RIO DE JANEIRO RUA 15 DE NOVEMBRO, 1 — S. PAULO

Os Prêmios Nobel de Literatura

DEVE-SE a Alfredo Nobel a instituição desse famoso prêmio, que tem glorificado a tantos intelectuais e cientistas. Nobel era um químico sueco natural de Estocolmo, inventor da dinamite, e criador da moderna indústria da nitroglicerina. Em 1895, esse inventor deixou em testamento as rendas de sua fortuna — 30.000.000 de corôas — para que se distribuíssem cinco prêmios anuais a outros tantos indivíduos, que fizessem descobertas transcendentais na ciência física, nas ciências químicas, na medicina, que escrevesse a obra literária de horizontes mais amplos, ou trabalhasse com mais eficácia para a paz entre as nações. Dispôs ainda Nobel que, para a distribuição dos prêmios, não fosse levado em conta a nacionalidade do indivíduo, e sim o valor intrínseco de sua obra. Cada prêmio monta a 140.000 corôas, e é divisível — no máximo — entre 3 candidatos.

Esta secção historiará — por ordem cronológica — os escritores que mereceram tal título.

O primeiro premiado Nobel foi o francês Sully Prudhomme (Renato Francisco Armando Prudhomme). A vida desse escritor não apresenta curiosidade, não foi ele um homem de grandes caminhadas pela vida, mas um homem de gabinete, vivendo sua vida pacata e burguesa. Nasceu ele em Paris em 16 de março de 1839. Depois de se ter dedicado à indústria e posteriormente à advocacia, decidiu consagrar-se inteiramente à literatura, publicando seu primeiro livro de versos — "Stan-

ces et Poèmes", obra de algum valor poético, porém ainda imprecisa e pouco objetiva. Terminou sua vida academicamente, sendo recebido nos salões do Trionon. Em 1901 obteve a consagração do prêmio Nobel.

O crítico francês Edmond Esteve, em um trabalho publicado em 1925, em



SULLY-PRUDHOMME

Paris, afirma que: "Ainda concedendo uma grande importância à forma, não podia Prudhomme classificar-se entre os parnasianos. Por hábil que fosse em buscar formas de expressão, sua má-

xima procura residia na realidade interior do homem". O que se descobre nas suas obras não é simplesmente a forma, ôca e inútil na sua oratória, porém certas facetas do sentimento humano que o poeta desobriu olhando no espelho de sua própria personalidade.

Suas últimas obras possuem um carácter mais abstrato e menos lírico. Sua bagagem literária é uma miscelânea de escritos de puro lirismo, de obras filosóficas, de pesquisas científicas, etc. Foi um intelectual de atitudes aristocráticas e individualistas, não procurando nunca os símbolos eternos do lírico que vem das grandes massas humanas. Por isso sua poética perdeu o sentido da atualidade, ficando apenas como um grande escritor do seu tempo. Como filósofo, suas obras são uma continuação mediocre das idéias de Kant. Suas principais obras são: "Les épreuves"; "Les solitudes"; "La nature des choses"; "Les destins" (em verso); "L'expression des beaux-arts"; "Reflexions sur l'art de vers"; "Mon testament poétique"; "Le problème des causes finales"; "La vraie religion selon Pascal"; "Psychologie du libre arbitre" (em prosa).

Para um melhor estudo da personalidade humana e intelectual de Sully Prudhomme damos uma pequena bibliografia: E. Esteve — "Sully Prudhomme (1925); Hemons — "La philosophie de Sully Prudhomme (1907); Ernesto Zyromsky — "Sully Prudhomme (1907); J. Martin "Um poète philosophe" In Rev. Philosophique.

Tipos e Máquinas Gráficas Papéis Nacionais e Estrangeiros

Sociedade Anônima Nebiolo

SOB ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

End. telegráfico: NEBIOLO

Agência de São Paulo

RUA BRIG. TOBIAS, 376/380

Telefone 4-3111

Agência Geral - Rio de Janeiro

RUA BUENOS AIRES N.º 263

Telefones 43-6025 - 23-0169

A Vida de Gonçalves Dias

JOSUÉ MONTELLO

Copyright de LEITURA

A SENHORA. Lucia Miguel Pereira araba de publicar sobre Antonio Gonçalves Dias um modelo de biografia brasileira. Nas palavras iniciais de seu estudo, que sae agora em uma edição da Livraria José Olympio, explica a autora o motivo que inicialmente a levou a cogitar do livro que, divulgado agora, nos auxilia a compreender mais vivamente a vida e a obra do cantor dos Timbiras: "Depois de ter escrito um livro sobre Machado de Assis, assaltou-me, vai para cinco anos, a tentação de fazer outro sobre Gonçalves Dias, de estudar o nosso primeiro grande poeta depois do nosso maior romancista, de reunir de algum modo esses dois mestres admiráveis".

A leitura dessas linhas, reveladoras dos movimentos inaugurais de um grande livro de nossas letras modernas, traz-nos naturalmente à lembrança aquela crônica em que o autor das "Várias Histórias" narra o seu encontro tímido com Antonio Gonçalves Dias, encontro que fez o romancista ver apenas à distância o poeta admirado e sair trauteando, logo depois, a famosa *Canção do Exílio*.

Na obra da sra. Lucia Miguel Pereira os dois mais ilustres mestres da poesia do romance do Brasil se acham reunidos em dois retratos admiráveis.

Contar a vida de Gonçalves Dias, atualmente, é tarefa aparentemente fácil. Assim julgam os que conhecem o *Panteon Maranhense*, de Antonio Henrique Leal, onde há um volume inteiro de mais de trezentas páginas consagrado à história e à apologia do poeta dos Timbiras. Apesar de serem excelentes os subsídios daí oriundos muitos são, az revés, os erros capazes de atrair e perturbar o desenvolvimento de uma biografia moderna. Antonio Henrique Leal era mais um amigo do que um historiador. Suas biografias se desdobram por entre loquazes excessivos — e raro é o homem ilustre do Maranhão do meado do século XIX que não seja apontado por aquele Plutarco de Provincia como uma criatura de gênio inextinguível. Ademais Henrique Leal não se esmerava nas datas e nas referências, fazia afirmações ousadas e não sabia trazer à lume os aspectos menos heróicos dos seus estudos biográficos. Gonçalves Dias, em muitos passos de sua vida romântica, sofreu alterações que só muito mais tarde a paciência e o carinho de um admirador devotadíssimo lograriam restabelecer nos seus termos de verdade. Refiro-me ao sr. M. Nogueira da Silva, maranhense de nascimento e de inteligência, cuja vida se tem consagrado quasi que exclusivamente ao culto da glória gonçalina. Anatole France, num trecho de *Le Jardin d'Apocure*, participa da opinião de que é tão bom poeta quem faz os belos versos como quem é capaz de compreendê-los e amá-los. O sr. M. Nogueira da Silva, diante da obra poética de Gonçalves Dias, tem sido mais do que um zelador desse tesouro de inteligência e sensibilidade: vem sendo sem desfalecimentos e sem quebra de continuidade, o seu pregoeiro

— o proclamador constante da grandeza e da singularidade do escritor maranhense. Seus combates através do livro e do jornal só têm um escopo: o enaltecimento de Gonçalves Dias. A esse propósito é oportuno que se



Lucia Miguel Pereira

recorde aqui o seu último livro onde, apaixonadamente faz o paralelo de Castro Alves e Gonçalves Dias, com a conclusão veemente de que ao autor maranhense deve ser mantido o título de maior poeta do Brasil.

De todos os entusiastas da glória alheia, o sr. M. Nogueira da Silva tem, no panorama intelectual do nosso país, uma característica singular: o seu desejo de cooperar com todo aquele que estuda o poeta do Ainda Uma

Vez Adeus. Dissa del testemunho num ensaio publicado pela Academia Brasileira sobre a vida e a obra do cantor do selvagem americano. E disa também dá testemunho a sra. Lucia Miguel Pereira, ao confessar, nas palavras inaugurais de seu longo ensaio agora publicado, que somente se atirou à enorme tarefa desse estudo porque teve, desde a hora inicial, a espontânea cooperação do sr. M. Nogueira da Silva. E ele teve para com a romancista de *Amanhecer* um gesto que deve ser lembrado: havendo reunido, durante décadas a fio, um documentário de primeira ordem sobre o poeta, Nogueira da Silva colocou-o inteiramente à disposição da sra. Lucia Miguel Pereira. Todo o seu trabalho de pesquisador foi entregue como matéria prima para que a escritora o transformasse e com ele fizesse o momento de erudição que está hoje publicado entre os Documentos Brasileiros da Livraria José Olympio.

A sra. Lucia Miguel Pereira fez mais do que uma biografia: explicou toda a obra poética de Gonçalves Dias, fazendo incidir sobre claros charões das interpretações incontestáveis. Os trechos obscuros da biografia que Henrique Leal nos deu no *Panteon Maranhense* se acham iluminados também neste estudo moderno. E até a figura da mulher do poeta, mal compreendida por todos os que até agora falaram sobre ela, sae do livro da sra. Lucia Miguel Pereira como uma criatura mais humana e menos egoísta.

E este livro, além do seu valor documental, vem despertar entre nós a admiração por Antonio Gonçalves Dias, cuja obra imperecível é hoje um monumento clássico que poderemos apresentar ao mundo como uma paisagem de altiplanura da nossa inteligência e da força criadora e sentimental do nosso povo.

A VIDA DE GONÇALVES DIAS, de Lucia Miguel Pereira — Coleção Documentos Brasileiros — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

PERSONAGENS DE WILLIAM FAULKNER. — "Quando viu o dinheiro, eu disse: 'Esse dinheiro não é meu, não me pertence'. — Então de quem é? — É de Cora Tull, é dinheiro de dona Tull, é o dinheiro das tortas que eu vendi. — Dez dólares por duas tortas! — Não lhes toque, não são meus. — Tu não tinhas estas tortas, o que tinhas naquele pacote era tua roupa de domingo. — Não lhes toque; se tocar, é ladrão. — Minha própria filha chamando-me de ladrão! — Pai, pai. — Eu que te alimentei, e que te dei um teto, eu que te dei meu amor e meus cuidados, e és tu, minha própria filha, a filha de minha finada mulher, quem me chama de ladrão e tumba de minha mãe!... — Não são meus, já lhe disse. Se fossem meus Deus é testemunha de que seriam do senhor — Mas como foi que tu arranjaste estes dez dólares? — Pai, pai. — Não queres dizer-me? Fizeste então coisas tão vergonhosas que não te atreves a responder-me? — Não são meus, já lhe disse. Não pode compreender que não são meus? — Não é que eu os queira, mas atrever-se a chamar o próprio pai de ladrão! — Não posso, já lhe disse. Já lhe disse que este dinheiro não é meu, Deus é testemunha de que seria do senhor — Pois bem, não os quero... Minha própria filha, que há dezotto anos se sustenta com o meu pão, se nega a emprestar-me dez dólares! — Não posso, não são meus. — De quem são? — Foi que me deram para comprar uma coisa. — Para comprar o quê? — Pai, pai. — Não é mais que um empréstimo, Deus sabe que não me agrada ser acusado por meus filhos, mas tudo o que possui na vida foi para eles. Alegrementemente, sem limites, sem restrições eu dei tudo, e agora eles me negam tudo. Addie, como és feliz em estar morta, Addie! — Pai, pai. — Deus é minha testemunha.

Apoderou-se do dinheiro e se foi". — "Enquanto agonizo", de W. Faulkner.

Um Livro, dois Amigos e Eu

MARIO DA SILVA BRITO

Copyright de LEITURA

O NÚMERO de falhados na vida é tão grande que chega a formar legiões. Entretanto, o ser humano, desde bem cedo, se propõe a condição de vencedor. Tem planos, afaga projetos, acalenta sonhos, tudo, numa derradeira análise, equacionado em função de aspirações que o fixem no complexo social como indivíduo que se realizou.

Mas, em que termos alguém pode dizer, plenamente convicto, que não falhou? Conheço um milionário — dono de yacht, alegre e folgazão, culto e inteligente, — que se considera o mais desgraçado dos infelizes pela simples razão de se ter perdido vocacionalmente. Dinheiro e outras circunstâncias levaram-no a se afastar, ali a dia, de um grande desejo: ser vitrinista. Seu maior sonho foi sempre compor uma vitrina, dotando-a de mil e uma belezas, enriquecendo-a esteticamente, por força de seu talento artístico. Entretanto é apenas um sujeito que possui alguns milhões de cruzeiros. Jámais conseguiu trabalhar nesse serviço para o qual a sua vontade, desde moleque, o empurra. E com inveja que para diante das vitrinas da cidade e contempla, dentro delas, os profissionais que as arrumam, movendo-se daqui-pra lá, agitando um bibelô, sapeando, num meio afastar de corpo, o efeito que faz uma estatueta por sobre um móvel... O milionário gostaria de estar naquela jaula de vidro, ganhando um ordenado por mês, mas trabalhando num serviço que sabe ser realmente o dele. Se isto acontecesse, seria o tipo do cidadão feliz. Porém, do jeito que é, pobre de rico, se julga um vencido.

— O —

O milionário, o vendedor de geladeiras e eu, estudamos no mesmo grupo escolar, fizemos o curso secundário no mesmo ginasio e entramos juntos numa casa de ensino superior. Aqui nos separámos. O milionário desistiu de estudar para ser o ricoço de agora. O vendedor de geladeiras abandonou os livros universitários para se atirar no comércio e vender, e vender exatamente geladeiras, que, para ele, é o objeto mais importante do século, do mundo, da humanidade. Eu continuei nos estudos, mas indiferente a eles, jogando o jogo bruto da vida em outro setor, que é o pósto escolhido pela minha vontade. Quando nos encontramos — sempre por acaso — o milionário diz:

— Você venceu na vida. Vende geladeiras, entende de geladeiras, enche São Paulo de geladeiras. Até na minha casa tem uma geladeira que você me impingiu. Eu a comprei porque você me convenceu de que era indispensável e porque me fez acreditar que a sua marca é a melhor de todas.

Depois, olhando para mim, afirma: — Brito, você venceu na vida. Quis trabalhar como escritor, como jornalista, como profissional da pena em um. E nada impediu a realização do seu ideal. Na minha casa pego uma revista, apanho um jornal e vejo o seu nome num artigo, num poema, num conto. Ligo o rádio e escuto um traço do seu...

O milionário para um instante, olha para si mesmo e protesta:

— E eu? Sou um fracassado. Tenho dinheiro à beça, mas não tenho um trabalho que me interesse, a que me pudesse dedicar com a pujança de minhas forças. Algum dia, ainda largo mão de tudo que me rodeia, vou para o Acze, monto uma loja com vinte vitrinas e, sozinho, enfeito todas elas...

— O —

Não há dúvida de que a gente anda vivendo num mundo por demais pessimista. Está inflamando o universo uma guerra horrorosa e brutal. O milionário quando fala do conflito entre as democracias e o totalitarismo, fica num desespero terrível. Diz coisas negras, enxerga tudo ruim.

Entretanto, parece-me que ele não tem razão. No meu fraco entender, a guerra está valorizando os homens. Estes estão demonstrando que *querem* sobreviver, que amam a liberdade e que pretendem derrubar todos os erros do passado para conquistar um mundo novo, sem opressão e injustiças.

Por mais paradoxal que pareça, esta hora de "sangue, suor e lágrimas", é uma hora risonha, otimista e confiante. O homem acredita no homem. O pessimismo do milionário é balela, minha gente.

— O —

O cidadão chega em casa exausto, depois de um dia de trabalho, incessante. Quer uma distração. Pega um romance, mas fecha-o logo. Por quê?

Porque o escritor colocou na frente dele personagens sem caminho, gente desanimada, um pessoal macambúzio que dá sempre com os burros na água. Se gosta de ler teatro e apanha uma peça de méritos proclamados pela crítica, também logo se aborrece. De novo, encontra o mundo aflitivo de que quer fugir, pelo menos durante algumas horas. Assim também com a poesia cheia de angústia e de intranquilidade do momento atual.

Tudo isso me tem sido dito pelo milionário, pelo vendedor de geladeiras, e por outros camaradas desprentenciosos que adquirem livros como quem compra um sorvete. Todos se queixam do pessimismo exatamente porque são também pessimistas. Protestam, reclamam e vão ao futebol,

onde protestam e reclamam contra o juiz e os jogadores.

— O —

Quando recebi o volume de N. D. Lafuerza contendo as suas "regras para triunfar na vida", pensei imediatamente no milionário e no vendedor de geladeiras. No primeiro, porque ele está precisando mesmo de um curso de educação da vontade. No segundo, porque ele fará sinceramente a apologia do livro. Fatigado ou lampeiro, triste ou alegre, o vendedor de geladeiras faz questão de ser um "campeão de otimismo". É advogado perene da confiança do homem em si mesmo. É defensor permanente de todos os sistemas e processos de incentivo da personalidade criadora do homem que, na sua opinião, depende totalmente do domínio completo da vontade.

Lafuerza faz isso em pouco mais de trezentas páginas. Dá injeções de vitalidade. Propõe-se a transformar os tímidos e os abúlicos em criaturas empreendedoras e decididas. Pega o leitor e, sócraticamente, começa a fazer perguntas. É um inquisidor com boas intenções. Depois que nos obriga a um exame de consciência e nos despe mentalmente, tira de nós, aos arrancos, confissões de nossos recuos diante das realidades da vida, mostra que a gente andou vivendo lamentavelmente equivocada. E ensina um jeito de reconquista do "eu" pleno do indivíduo, e o resultado disso é o imediato abandono do "eu" aborrecido e enjoado que andou apontando rumos à nossa conduta até então.

— O —

Mandei o livro ao milionário. Recebi dele um bilhete escrito assim: "Obrigado pelo presente. Gostei muito. Li, há algum tempo. "O mundo como vontade e representação" de Schopenhauer. Mas, na realidade eu andava procurando Lafuerza quando me decidi a ler o filósofo alemão".

São do vendedor de geladeiras estas palavras, postas numa carta: "Sempre admirei Sócrates — (você se lembra daquele padre pernóstico que nos ensinava História da Filosofia?) — porque ele é o autor da frase: "Nosce te ipsum". Ao número de minhas admirações em virtude de sua filosofia voluntarista (é, assim mesmo que se diz, meu caro, acrescento agora N. D. Lafuerza. Preciso dizer mais alguma coisa?

RESPOSTAS DE BERNARD SHAW. — Toda a Europa gorou da resposta que Bernard Shaw deu a Isidora Duncan, quando ela lhe propôs um filho para o bem da humanidade. — "Com o meu físico e com a tua inteligência, ele será um super-homem". — "Não posso aceitar semelhante proposta, respondeu. A natureza às vezes zomba da humanidade... seria horrível que o nosso filho tivesse a tua mentalidade e o meu físico".

Bernard Shaw passou muito tempo sem permitir a filmagem de suas peças, mas um dia deixou que o diretor húngaro Gabriel Pascal fizesse uma versão cinematográfica de "Pigmalião". Esse filme obteve um extraordinário sucesso no mundo inteiro, e Pascal recebeu carta branca para filmar "O Dilema do Doutor" e o "Discipulo do Diabo". Todavia, ele ainda não perdeu o medo a Hollywood. Disse uma vez a Samuel Goldwin que não poderiam fazer negócios juntos, "porque você naturalmente só está interessado na arte, ao passo que eu só me interesso em ganhar dinheiro"... Essa indireta ao mais comerciante de todos os diretores, produziu gostosas gargalhadas em Hollywood.

A ANTROPOLOGIA - CIÊNCIA E ARTE

PAULO RONA!

Copyright de LEITURA

QUE experiência curiosa a de ver um povo tomar consciência de si mesmo! Na vida dos povos, como na dos indivíduos, chega um momento em que o presente cessa de ser apenas o plano em que sua existência se processa, para revestir-se de complexas significações, desdobrando-se na resultante de evoluções decorridas e no ponto de partida de diretrizes em germe; resultante cheia de ensinamentos, quando bem compreendida, partida rica de possibilidades, quando empreendida com o conhecimento dos meios.

O estrangeiro que aportou nestas praias com a alma disposta não apenas à afeição, como também ao conhecimento, tem a impressão de que o Brasil está passando atualmente por este momento patético. Os olhos dos intelectuais brasileiros, há poucos anos quasi exclusivamente preocupados em catar mensagens da Europa, estão-se voltando cada vez mais para a realidade peculiar no meio da qual vivem. Os resultados deste interesse, transformado de mera curiosidade de espectador em esforço sistemático de pesquisa, já são bastante numerosos para se dizer que a introspecção revelou-se o método mais certo da arte e a ciência brasileira enriqueceram o patrimônio espiritual do mundo.

Entre esses resultados avultam importantes trabalhos no campo da sociologia. A tal respeito, constitui um lugar comum, mas também um dever ressaltar o nome do Sr. Gilberto Freyre. Lembro-me ainda do entusiasmo que despertou em mim, nos primeiros meses de minha permanência no Brasil, a leitura de vários livros seus. Alegrei-me de ter encontrado um guia agudo, honesto e de gosto seguro, que me ia explicar os pormenores da nova paisagem espiritual em que a minha vida se enquadrava. E foi assim mesmo, pois continuo a ler esses volumes que incessantemente orientam e completam a minha experiência cotidiana do Brasil. E quando amigos estrangeiros me pedem livros que melhor lhes expliquem a vida brasileira de hoje, recomendo-lhes ao mesmo tempo os estudos de Gilberto Freyre e os romances de José Lima do Rego. Advertindo-os do grande valor documental que cabe à obra altamente humana e artística do romancista, não deixo de assinalar o sopro de poesia que penetra os ensaios do sociólogo sem em nada lhes diminuir o mérito científico e a probidade absoluta.

Não se pode salientar bastante a soma de estudos e de pesquisas que foi necessária para realizar obras como *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Nordeste*, nem a novidade e a perspicácia de um método capaz de reunir material valioso por to. da parte, dos pequenos anúncios de jornais amarelados aos maços de cartas de família conservados no fundo de gavetas, e — o que é mais difícil ainda — de filtrá-lo e de aproveitá-lo. Mas nem a extensão das pesquisas, nem a excelência dos métodos bastariam para explicar a feliz capacidade de descobrir problemas, abrir horizontes e sintetizar dados, se não houvesse no Sr. Gilberto Freyre uma misteriosa intuição.

Seu último livro, publicado pela Casa do Estudante do Brasil, não tem a amplitude de suas monografias e uma coletânea de artigos e de conferências. Mas é indispensável para quem queira realmente conhecer o pensamento do autor, isto é, de um dos pensadores que maior influência tem exercido sobre a mentalidade do Brasil novo. Os dez ensaios do livro, com sua larga gama de assuntos, oferecem um conjunto interessantíssimo de definições. Em vários deles, o autor delimita o campo de suas atividades. Determina o lugar da sociologia no concerto das ciências e suas relações com outras disciplinas afins, quais a antropologia, a psicologia e a psiquiatria. Importância particular cabe a maneira por que retira a antropologia do grêmio das disciplinas catalogadoras, relegada entre as paredes dos museus e dos anfiteatros, para pô-lo em contacto com a vida vivida, com as realidades cronológicas e regionais, restituindo-lhes toda a amplitude de funções a que tem direito a "ciência" do homem. Ao demonstrar a interdependência entre a sociologia e outras ciências e ao apresentar o desamparo do sociólogo que procurasse avançar sem o auxílio indispensável destas últimas, o autor não hesita em se impor a si e a seus companheiros maior esforço e maiores responsabilidades. Assim o livro pode ser considerado uma metodologia resumida da pesquisa sociológica-antropológica. Mas os problemas orgânicos, internos, da sociologia não formam o assunto exclusivo da obra. Como pode depreender-se do título, essa visa especialmente a focalização de problemas especificamente brasileiros. Seus reparos indicam às vezes o rumo das pesquisas futuras do próprio autor; mas frequentemente abrem caminhos em que outros pesquisadores possam se adentrar.

Erraria porém quem julgasse tratar-se de uma obra destinada apenas aos estudiosos de antropologia e sociologia, de interesse principalmente pedagógico. Em seu louvável propósito de fixar noções e esclarecer ideias, o autor afronta problemas que nos interessam todos de perto: os da raça e da cultura, da personalidade e do meio, da cultura e da técnica, etc., e os afronta com uma serenidade de humanista. Em cada página, muitas vezes acessoriamente, brotam pensamentos que fazem refletir o leitor atento, preocupado com a crise de nossos dias. De fato o autor, atormentado pelas mesmas preocupações, aplica as conclusões de sua antropologia esclarecida e compreensiva a problemas cuja solução não poderia ser encontrada nem pela parcialidade demagógica dos políticos, nem pelo esquematismo rigoroso de certos economistas.

Não menos interesse despertam várias páginas de auto-definição, em que o autor caracteriza indiretamente a sua própria personalidade. Assim quando apresenta a atividade do ir-

landês abasileirado Ricardo Gumbelton Daunt, predecessor dos atuais estudos antropológico-sociológicos, num retrato afetuoso e lúcido, é difícil não



Gilberto Freyre

identificarmos alguns traços desse retrato com os da fisionomia do próprio Gilberto Freyre. Por outro lado, sob o título modesto "A propósito da política cultural do Brasil", o autor dá uma verdadeira profissão de fé do intelectual americano de 1943, bastante emancipado para não recusar a herança européia, mas bastante conhecedor de si para saber que não é essa a sua única riqueza.

Assim vemos a oscilação deste espírito agil no plano de sua disciplina entre os polos do Brasil, do continente e do universo. O seu brasileiro não o impede em contribuir à elaboração de uma mentalidade americanista; o seu continentalismo não lhe veda levantar os olhos acima do horizonte americano. Olhos perscrutadores e clarividentes, mesmo quando sonham, prevendo a época em que, "reduzida a importância, atualmente enorme, das causas sociais de desajustamento de personalidades intensas ao meio, aumente o número de indivíduos de gênio saudáveis, harmoniosos, equilibrados, do tipo de Goethe e Robert Browning e, entre nós, de Joaquim Nabuco; e diminua o dos Poe, o dos Baudelaire, o dos Raul Pompéia".

Essas palavras bem caracterizam o generoso otimismo que inspira o último livro de Gilberto Freyre, este grande poeta que sabe nos comunicar a sua fé na ciência.

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA, de Gilberto Freyre — Coleção Estudos Brasileiros — Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1943.

"O juiz — Você pensa em algum recurso para pagar esta dívida? — O acusado: — Bem, pode ser que alguém morra e me deixe alguma coisa. Pode ser também que eu consiga uma redução no imposto de renda ou um aumento de ordenado. Mas, francamente, eu hesitaria em dizer que qualquer destas hipóteses seja plausível".

Porque Escrevi «Oeste Paulista»

A. TAVARES DE ALMEIDA

PORQUE escrevi "Oeste Paulista", pergunta **LEITURA**.

Se a arte pela arte seria cruel se não fosse ridícula; como disse Garcia Lorca, qualquer manifestação intelectual seria estúpida se não tivesse um endereço social. Escrevi "Oeste Paulista", para servir à minha terra e à minha gente.



A. Tavares de Almeida

Não é um livro de conceitos. Seu conteúdo é teleológico.

Homem do interior, mais do que isso, telúrico, venho de perto assistindo a maior tragédia brasileira: o empobrecimento dos campos e a degradação física do trabalhador rural. Euclides da Cunha denunciou o primeiro mal; Belisário Pen-

na, o segundo. De vez em vez, o assunto volta a ser ventilado com sensacionalismo. Passa o barulho, tudo continua. Este ou aquele administrador toma uma providência que nunca é mais que tratamento de sintomas.

Ora, a primeira e precípua necessidade do administrador para o acerto de uma providência é o conhecimento do problema. Questão de administração é, antes de tudo, problema científico. Inquérito, depois ação.

O meu livro é apenas um inquérito. É o estudo do homem do oeste paulista em suas relações com a terra e o meio. Tomo uma sociedade padrão de toda uma zona de cerca de 4 milhões de habitantes, e estudo a sua formação etnográfica, sua adaptação, suas transformações, como se misturaram ou se repeliram os diversos grupos heterogêneos que a compõem.

E porque julgo que o grupo que elegi para observações não é igual aos já estudados, vou ao princípio da composição da sociedade sertaneja de São Paulo.

Aí começa o interesse literário do meu livro, sem citações comprovantes nem bibliografia. Há tempos Gilberto Freyre e Sergio Milliet discutiram apaixonadamente o caso das formações regionais de grupos brasileiros. Sergio insurgiu-se contra a generalização do homem de Martius como fundador das populações do sul do Brasil. Gilberto julgou que o escritor paulista exagerava e ironizou chamando-o de orionista. O pitoresco da discussão é que ambas defendiam pontos de vista fundados em observadores estrangeiros, aliás dois notáveis estudiosos, Samuel Lowrie e Do-

nald Pierson. Se não sou eu quem está em erro, ambos erraram, extramando-se. "O Oeste Paulista" é um trabalho de campo. Os dois eminentes escritores fizeram, no caso, trabalho de gabinete.

Por quasi todo livro ando sozinho. Parece que só caminho por arribados. Nem Oliveira Vianna, nem Monteiro Lobato me serviram de companhia. Que não invoquem em algum centro espírita, o mestre Silvio Romero porque se o materializarem, levarei pancada de criar bicho. Não aceito a sua afirmação de que a terra tropical do Brasil, apenas, seja propícia aos mestiços. No sertão de São Paulo, o orionista só tem o temer, e isto se for nozi (desculpem o palavão), a polícia.

"O Oeste Paulista" será, em muita coisa, discutível. Talvez seja pretencioso. Não o escrevi para agradar ou hostilizar. O seu material é um tema inédito, e trabalhei nele sem idéias preconcebidas. Preocupe-me em não dizer o que já é sabido. É um livro de sínteses. Quem tiver fôlego e paciência pode desdobrar qualquer dos seus capítulos em volumoso tomo.

Enfim eu quis contar quem é a gente que mora perto de mim num recanto do Brasil. Muito breve direi como tal gente vive, trabalha, ama e pensa. Ai começará a tragédia. Sou um homem que sem veleidades de pensador, medita, olha, estuda e escreve sobre outros homens da sua terra. Quero servi-la. Cada um tem seu modo de amar ao Brasil. Eu escrevi "O Oeste Paulista" a serviço deste amor".

OESTE PAULISTA, de A. Tavares de Almeida — A experiência etnográfica e cultural — Alba Editora, Rio, 1943.

Banco Aliança do Rio de Janeiro S/A

Fundado em 1906

Presidente

DIOCLECIO DANTAS DUARTE

Gerentes

CICERO ARANHA e ANTONIO CUPERTINO DE MIRANDA

Prédio próprio — Rua da Alfândega n.º 32

TAXAS

Conta Corrente Limitada	5%
Depósitos à ordem	4%
Depósitos a prazo fixo	
6 meses	6½%
1 ano	7%
Idem com aviso prévio	6%

Compre bonus de guerra e confie na vitória do Brasil



Em todas as livrarias
Preço . . . Cr\$ 15,00

JULHO DE 1943

Um Romancista

Reportagem de José Lins sobre José Américo



José Américo de Almeida

EM 1923, em Recife, num jornal que dirigia com Osório Borba, eu punha um anúncio nêstes termos: "A aparecer, A Bagaceira, romance de José Américo de Almeida". Só cinco anos depois o grande livro do paraibano faria a sua aparição sensacional. José Américo de Almeida, o solitário escritor nordestino passava a ser um grande nome de nossas letras. O seu romance contava as histórias de homens rudes, de naturezas agrestes, falando de uma terra trágica. O público devorou várias edições, os críticos falaram de teorias de arte, mas o fato é que o romance A Bagaceira tomou o seu lugar de relêvo na nossa história literária. É um grande livro. Pouco depois o romancista assumiria um posto na revolução que tomara conta do país. E posto de ação decisiva. A pasta da Viação que ele dirigiria, em hora difícil, em suas mãos seria a revelação de um verdadeiro homem de Estado. O solitário romancista se transformara em um grande ministro. Agitou todos os problemas de seu ministério, pondo-se acima de todos os preconceitos. Em suma, o homem José Américo de Almeida projetou-se pelo país inteiro, como já fizera o romancista.

Pedi-me LEITURA que sondasse o povo, no seu juízo sobre este homem. Como povo, que sou, eu tenho a minha opinião segura: é um grande romancista, e é um grande brasileiro.

No salão de barbeiro onde estou to-

dos os dias procurei saber o que os oficiais pensavam sobre o paraibano. Emílio é um uruguaio loiro de Rivera.

— Você conhece José Américo, você já leu algum livro dele?

— Si conheço — Não é o homem que deu com a Light no chão? O livro dele não li. Mas tenho um freguês, o Dr. Calazans, que sabe pedaços decorados.

Num campo de "foot-ball", o extrema de amadores do Botafogo se chama José Américo. Ouvi, então, uma conversa na arquibancada:

— É filho de José Américo.

— Que José Américo?

— O homem que sabe onde está o o dinheiro.

Mais perto de mim estava outro torcida.

— O sr. é do norte?

— Sou.

— Estava conhecendo...

— Por que?

— Ora, o sr. se parece muito com o Dr. José Américo. Eu sou cearense. Aquele homem na minha terra é adorado.

— O sr. já leu A Bagaceira?

— Si já li! O meu pai, que foi telegrafista no Crato, sabe quase todo ele decorado.

Na saída do jogo eu vinha no autolotação com uns três torcidas do Botafogo, um tanto tristes pela derrota.

— José Américo não pegou na bola.

— Ele é filho do homem da Bagaceira?

— E'.

Quis saber o que o homem conhecia do romance?

— O sr. já leu o romance do pai dele?

— Não li não. Mas tenho um irmão na Central que me fala muito.

Entre as mulheres a figura de Soledade, a terrível menina sertaneja, é popular. Em Cabo Frio, no hotel, uma moça de Campos me perguntou se todas as sertanejas da Paraíba tinham aqueles olhos. Um médico de Alagôas, que era do posto de saúde da cidade, me levou para a casa dele e me mostrou um exemplar d' A Bagaceira todo riscado. Contou-me:

— Del este livro a um enfermeiro para ler e o homem não acreditou que a seca matasse assim como José Américo conta. Mata mesmo. Eu sou de Palmeiras dos Índios e vi em 1913 retirantes caído mortos pelas estradas. José Américo não exagera uma linha. Por isto ele fez tanto pelo Nordeste quando foi ministro. O Brasil precisa de homens como José Américo.

O ministro abafara assim a popularidade de José Américo romancista. Sempre que procuro sondar sobre o homem de letras ele me surge bem vivo, bem grande para o povo, pelas grandes coisas que fez como homem de Estado. É o homem que enfrentou a Light, é o homem dos açudes do Nordeste, é o ministro que fazia justiça, que não tinha amigos, que não tinha inimigos.

O chauffeur de taxi que me levava para a cidade e a quem eu lhe perguntava por José Américo, nada sabia do seu romance, mas se abriu:

— Olhe, seu doutor, este era o homem para acabar com essa história de tudo caro. Ele sabia onde estava o dinheiro, mas sabia também onde estava a fome dos pobres.

Para o inquérito sobre o romancista José Américo, no meio do povo, há esta dificuldade: o ministro José Américo está muito vivo no povo a que ele serviu com tanto amor, com tanta dignidade.

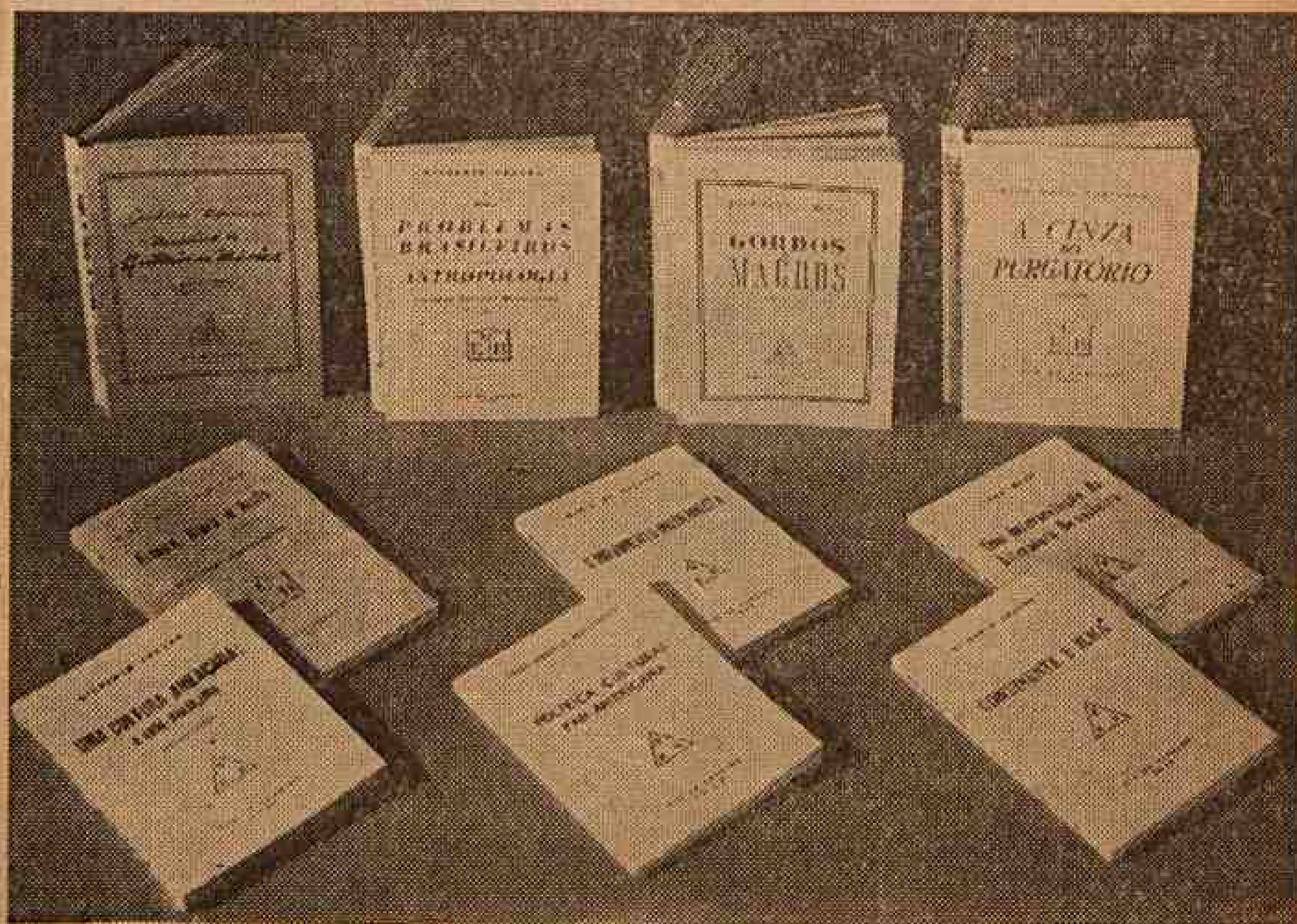
LEIAM

"HOJE"

A REVISTA DEMOCRÁTICA
DE S. PAULO

Em todas as bancas

EDIÇÕES DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL



À venda nas principais livrarias do país e na

Livraria da Casa do Estudante do Brasil

AVENIDA RIO BRANCO, 120 — Loja 13 — Telefone 42-1346

(BONIFICAÇÃO DE 30% NAS EDIÇÕES DA C. E. B., PARA OS ESTUDANTES)

Atendemos a pedidos de nossas edições, pelo Serviço de Reembolso Postal

Livros nacionais e estrangeiros, didáticos, científicos, técnicos e de ficção

Adquirir livros na LIVRARIA DA C. E. B. é auxiliar a construção da grande sede dessa
Fundação, que beneficia a mocidade estudiosa do Brasil.

A Carta de Pero Vaz de Caminha

HERMAN LIMA

Copyright de LEITURA

POR amor à verdade devo de início confessar que não sou um grande fan da História. Pode ser um ilogismo ultra-amplista, mas o certo é que não acredito mesmo na História, embora creia no Passado, os dois de maiúscula. Isso não interessa a ninguém, é claro, mas é bom ficar melhor explicado. Quero dizer que, mesmo quando a crônica dos acontecimentos, pretéritos me põha perplexo, não deixo de me comover diante do documento apontado como assinatura dos homens

rografia do Pe. Aires do Casal, como também o apuro da língua e a técnica dos informes, que levariam mesmo um historiador, o argentino Luis L. Dominguez a dizer, comparando-a à carta de Mestre João e à *Relação do piloto anônimo*, que "la sencillez de estas cartas de testigos e actores contrasta con el estilo limado y la narración llena de pormenores que solo podiam conocerse después de una residência en aquel país desconocido".

Mas não menos certo é que Capistrano de Abreu, respondendo a tal reparo, naquela sua incisiva bravura de caboclo nordestino, assinalou que a carta de mestre João era apenas "uma lenga-lenga confusa" (no que não exagerara nada) e que "todo o essencial da carta de Caminha aparece na *relação anônima*, às vezes em termos quasi idénticos", para fulminar a contravérsia com este aforisma realmente irresponsável: "Qualquer diploma fabricado visa sempre uma demonstração ou um interesse. Que demonstração se pode encontrar na carta do viajante e que interesse dela deduzir?"

Do mesmo passo, o eminente comentarista português que vem agora a campo analisando, traduzindo e anotando a Carta de Caminha, tudo com um inflexível critério crítico, uma erudição de substância e uma limpidez de exposição na verdade convincente, sumaria um grupo de conclusões capazes de por em K. O. qualquer de seus heréticos mais ferrenhos.

Na particular mesmo, o livro vale por um claro modelo de exegese histórica, destinado desde logo a figurar na primeira plana dos nossos livros de cultura, por isso que, penetrado de profundo conhecimento da matéria em que Jaime Cortesão é mestre de relevo internacional e realizado numa forma que bem revela o fino poeta e o prosador de classe das letras portuguesas contemporâneas.

Estudando longamente, na primeira parte, o autor e a obra (Caminha e a Carta), o ilustre historiador, que faz tabua rasa de todas as versões até agora publicadas, oferece, na segunda, em ótimo coucho que permite todos os confrontos, o *fac-simile* da carta, com a sua transcrição. A esta segue-se, com uma centena de notas seguríssimas, uma esplendida tradução na linguagem atual, num prodígio de estilística em que nada se perdeu do sabor arcaico e nada falta em clareza moderna.

Dessa apresentação exegetica, em que se renova e ganha colorido maior, por amor de certas expressões que "guardam em si e por forma inseparável a candura, a humildade ou o fervor que as ditou — aquele travo humano que a personalidade e a época vasam, ainda mais que nas palavras, na sua urdidura em frases" — a Carta de Caminha surge em toda a sua beleza e graça poética, em todo o seu contingente lírico da mais alta cepa lusitana.

E' que Pero Vaz de Caminha, poeta acima de tudo, viria à nossa terra com aqueles mesmos olhos enamorados de seu irmão mais novo do Só, o pobre Antão, que também se partira do Tejo no brigue *Bôa Nova* ao cantar depois o seu país de romarias e de procissões

"país das naus, de esquadras e de fro-tas" com os seus marujos, os seus po-veirinhos e as suas molçolas, aquelas Marias de corpos que "são ouriveras rias, gula e luxúria dos Manéis". Se as de cá não tinham, na época, como as cachopas de entre Douro e Minho,

nas orelhas grossas arrecadas e sobre os seios, entre cruzes, como [espadas, além dos seus, trinta "corações".

nem por isso Caminha deixaria de anotar contente que uma daquelas moças que vira entre os varões indígenas "certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela".

O poeta não esquecia contudo que estava brevemente dando conta do que vira na terra "achada", para governo de el-rei. Daí a minúcia do detalhe, o fervor do número, o repisar da nota comparativa em que nenhum reparo esquecia. De fato, com todas as suas galas de letras e de humanidade, que a tornaria um clássico de língua, no dizer de Cortesão, "porque é, ou tem de ser, um livro de classe, ou de escola, no Brasil e em Portugal". — a Carta se destinava em princípio a ser apenas um de tantos outros relatórios oficiais, como o *De Prima Inventionis Guínez* ou o *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*. De tudo El-rei precisava saber e cuidar para as medidas a seguir no domínio e na direção da terra. Outros homens e muitos para cá teriam de vir, fidalgos e homens bons, além dos degredados, e assim era de capital importância conhecer a tempo o grau do clima, a produção do solo, o retrato do gentio. "A terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados". "Águas são muitas; infinitas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem". Quanto aos índios "são como aves ou alimárias monteses, das quais faz o ar melhor a pena e melhor cabelo que as mansas, porque os corpos seus são tão limpos tão gordos e formosos, que não pode mais ser".

Assim, certo detalhe, a que o escrevente atilado e seguro, sem nenhum desrespeito aliás, alude nada menos de seis vezes a el-rei nosso senhor, teria talvez outro sentido, além do de simples sensualidade própria, tirante a objetividades práticas de alcance bem fácil de apreender. Incentivemos o turismo. As Iracemas, Moemas e Paraguassus do futuro atestariam vibrantemente como em tudo dera em cheio o arguto humanista do Porto, verdadeiro John Gunther da era manuelina, com o seu *Inside Brasil*, pelo tino duplo com que soube olhar o novo El-Dorado e fazer valer, perante a metropole, as suas belezas específicas, as suas possibilidades, as suas secretas delícias.

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA, com estudo e notas de Jaime Cortesão. — Coleção Clássicos e Contemporâneos — Editora Dois Mundos — Rio, 1943.



que nos precederam no correr dos séculos. Nesse ponto, aceito integralmente o precavido conceito francês que manda não discutir as relíquias. "Elles font du bien non par elles-mêmes, mais par les merites qu'on leur attribue". Não fosse assim e não teria nenhum sentido qualquer dessas romarias de emoção e de encantamento que são a súplica de toda viagem ao Velho Mundo.

O lado estético e sentimental su-põe portanto, desse modo, para mim, a veleidade duma indagação menos erédula, sob pena de se esvaír como fumo o prestígio duma emoção que eu prefiro capaz de perdurar para sempre.

Isso tudo, é natural, não diminui, antes, pelo contrário, serve apenas para acentuar o prazer que me dá um livro como este de Jaime Cortesão, verdadeiro processo de revisão do famoso diário de bordo do escrevente de Cabral, na expedição de Calecute.

Essa Carta de Pero Vaz de Caminha, oração matinal do Brasil, certidão de batismo da pátria, é mesmo um dos mais velhos e persistentes namoros literários, vindo dos serões do ginásio, do sabor de toda a vida, sem quebra de encantamento nem sugestões — a que eu chegaria mesmo um dia a parafrasear — ai de mim! — em certa sessão magna do Instituto Histórico da Baía: "Nesta hora natalícia da Pátria, eu cerro os olhos, comovido, em luminoso espelhismo interior, e toda a paisagem encantada e amável do Brasil ante a minha alma de Pero Vaz de Caminha transmigra de perpessa, na maravilhosa animatografia dos meus sentidos, para o esplendor do novo descobrimento".

Por certo há de parecer extraordinário ao leigo, não somente um silêncio de três séculos em torno de tão alto documento, sabendo-se que apenas em 1817 viria a sair in extenso no Co-

ROMANCE URBANO

XAVIER PLACER
Ilustração de Scliar
Copyright de LEITURA

TUDO nela era discreto e silencioso. Não direi a cor de seus olhos, pois eu mesmo nunca reparar nêles. Talvez fossem claros, é possível até que azuis e grandes... Não sei. Ela era dessas mulheres a quem a gente não ousa fixar abertamente. Pergunto-me agora o que me teria atraído para ela. Sua beleza? Não. Não, porque ela não era bonita. Pelo menos no sentido vulgar que os homens emprestam a essa palavra, referindo-se às mulheres, não o era. Para chamar de bonita, a ela, seria preciso entender da outra forma a beleza. Estranha. Sim, havia nela qualquer coisa de selvagem, de muito aspero e seco. Estranha, eis a palavra. Saberá acaso disso? Tão diferente das outras, tão diferente. Em tudo. Quando andava fazia-o ligeiro, passo largo de garça, sem atentar em nada o seu redor, muito concentrada em si. Terrivelmente grave, sempre. Dir-se-ia absorvida por uma idéia íntima qualquer. E que simplicidade no vestir! Difícil encontrar outra que soubesse tão bem ficar nêssa justa limite entre a extrema sobriedade e o bom gosto. Não, ela era única. Nunca vi assim.

Como era alta, esguia como uma figurinha egípcia (menos o aspecto de coisinha, ao contrário) usava sapatos roxos, pretos, sem um enfeite. O único detalhe acentuadamente feminino nela, e que aliás parecia merecer-lhe um cuidado especial, eram os cabelos. Realmente, como sabia tirar partido de sua abundante cabeleira castanha! Certos dias trazia-a em tranças, outros solta sobre os ombros, outros ainda... Oh, mas o que não sabe inventar a imaginação das mulheres para angústia da gente?

Outro detalhe que me feriu logo de início a atenção: sempre sózinha. Curioso, porque sózinha? Viajando em horário tão certo, devia ter um emprego, talvez fosse uma pequena funcionária... Como se explicava então que não tivesse amigas, ou simples conhecidas? Faltava-lhe capacidade para tê-las? Nêsse caso, que criatura singular! Não, nunca vi assim. Ela era única.

O' estranha desconhecida a quem eu já me habituara, inserindo-te para sempre em minha vida; ó tu a quem eu já ousava chamar (e foi o meu erro) "a minha pequena" — que rumo tomarás? Não mais te verei pelas manhãs e às tardes? Mas que farei então daqui em diante com as lembranças que me deixaste? Que farei de teus cabelos castanhos, de tua mão, já tão minha, tão minha? Foi há u... seis meses, lembraste?, que isto começou entre nós... Isto o quê? Será que alguma vez tu acoto me distinguiste de entre os teus outros companheiros de ônibus? Não creio. Conheci-te tanto, e nem sequer sei o teu nome! No entanto... Agora tenho apenas diante de mim uma série daqueles dias sombrios, daqueles dias sujos de cinza, que eram os em que não te via, eu sei. E foi pena. Que por poderíamos fazer! Si soubesses, teria tanta coisa a dizer-te, tanta! Talvez tu risses de mim — quem sabe? — mas eu não te quereria mal por isso. Antes acabaria rindo contigo... Pois eu bem sabia que, de repente, tu haverias de ficar muito sério, me olhando. Então eu me calaria também, porque o milagre esperado se havia realizado. Oh, o mistério do Amor! Nêsse lírico silêncio, a compreensão brotaria como uma flor, como uma

estranha flor entre nós. — "Querida!" tu murmurarias. E eu: — "Querida!" E não seria preciso mais nada, mais nada! Tudo estaria bem: os homens, o mundo, a vida... A própria vida.

Alegria de lembrar os primeiros dias em que a descobri... Andava então com um livro, de certo um romance. Entrava no ônibus, abria-o numa página e mergulhava na leitura. E com que prazer enchia depois, em casa, as horas da sua ausência! Passava certos dias a viagem inteira sem retirar dela os olhos, ela sem retirar os seus do livro. O vento do praia entrava pelas janelinhas do ônibus em disparada, alvoroçava-lhe a cabeleira castanha. Ela tinha o cuidado, lendo, de ajestar os cabelos. Passava a mão por eles, num gesto lento. Às vezes a mão se detinha um instante... Eu contemplava aquela mão: era grande, dedos compridos e morenos, as unhas sem pintura e arredondadas. E nem um anel, nada. Antes assim, não era portanto para exibi-la, pensava. Arrependia-me, em seguida, de ter admitido tal hipótese sobre ela e desgostava-me. Para exibi-la, porque? Tolo. Não estava logo vendo? Ela não era dessas, não podia ser... A mão desaparecida demorava a voltar. Era a leitura, talvez, que a retinha. Eu ficava à espera. Afinal vinha passear de novo pela cabeleira e eu me deixava absorver em olhá-la. Como seria bom apertá-la! Devia dar uma sensação de coisa seca, muito seca, mas uma secura quasi macia...

Mas o curioso era isto: si acontecia de eu poder tomar o mesmo banco que ela, evitava-o. Uma tarde que chegou atrasada, ficou de pé. Casualmente junto de mim. Passei a viagem inteira pensando em oferecer-lhe meu lugar, mas a caragem não me ajudou. Sentado, seu braço roçou duas ou três vezes eu meu rosto. Pois retrai-me, não fosse ela julgar aquilo proposital da minha parte. E nêsse dia tive dela mais um detalhe: interessante, nem um perfume!

Entrei então a preocupar-me seriamente como se chamava, como se poderia chamar. Abandonnei-me em conjecturas. Si fosse loura era fácil: Maria Helena, Cibele, ou... enfim, qualquer um desses nomes modernos, às vezes imprevistos. Pequena e engraçadinha, um diminutivo: Vaninha, Dorinha... Mas morena e alta, sem pintura nem lacinhos, nem um perfume, como, como? Levei vários dias preocupado com esta séria questão. Bem, podia sabê-lo pelo livro. Era só no dia seguinte chegar atrasada, não arranjar lugar e ficar de pé a seu lado. Quando ela abrisse o livro... Mas quando, no outro dia, entrei no ônibus, já estava acomodada junto à janela, de livro aberto, com um sujeito gordo a seu lado. Nem de propósito, mal o ônibus partiu, o sujeito gordo pôs-se deseducadamente a ler-lhe o livro por cima do ombro. Ela olhava-o de vez em quando de soslaio, apertava os maxilares, encolhia-se mais e mais em seu canto. De súbito fechou o livro, colocou-o sobre o bolso e, cruzando por cima os braços, lançou um olhar mau para o gordo, que pareceu nem se dar ingenuamente por ocheado. Eu, que não pude conter um sorriso, tão cômico me pareceu o cena, procurei-a com os olhos. Não sei porquê, esperava dela um olhar naquele momento. — "Vi o que estava fazendo este sujeito?" — Sim, eu vi.

Você faz muito
para ler, disse
Senti-me ferido
assim ao sujeito e
tia uma distinção
Vei ver que não
qua eu lhe atribua
podia lhe oferecer
cabeça? Orgulhos
às outras... A es
gordo tomou o lu
janelinha, enquanto

minho na rua... Qu
todo, tomei o lugar vo
Afinal este desceu
adiante. Ótimo. Tome
sido anteriormente d
me profanado pela
pida, do gordo, e nei
quei apenas a record
Foi nesta ocasião
sumiu alguns dias. E
ria levado? E si tives
mente? Levei perdend
tarde, à espera. Inut

Mosefo pôs-se a espiar
 ali. Comparava-me
 a... Será que ela não fa-
 zia nenhuma das qualidades
 Orgulhosa. Que interesse
 sua, porque não voltava a
 ver que era igualzinho
 a ela, desceu. O sujeito
 que ela ocupara junto à
 via mole corpo dela su-

naqueles longos dias de ausência, sonhei com
 ela. Eu no ônibus. Eu estava sentado e só ha-
 via um lugar vago no carro — exatamente a
 meu lado. O ônibus disparava pela praia, buzi-
 nando. Não sei como, ela entrou de súbito. Es-
 tava nessa tarde de saia azul e blusa branca.
 Linda. Sentou-se o meu lado, puxou a saia nos
 joelhos, num gesto espontâneo, e abriu a bolsa.
 Tive a sensação agradável de que ia conhecer
 toda a sua intimidade. Arregalhei os olhos, à es-
 pera da revelação. Que teria dentro? Talvez um
 lençinho, onde eu visse seu nome. De fato, lá

Encontrei-a pela manhã. Na tarde desse mes-
 mo dia viajamos de novo juntos. Que satisfação!
 Depois de tudo, ela como se eu a tivesse enfi-
 m recuperado, como se agora me pertencesse para
 sempre! Talvez seja absurdo me expressar as-
 sim. Mas foi o período melhor do nosso "roman-
 co". Sim, pois não sei por que falix copricho do
 acaso, mas daí em diante aconteceu vê-la todos
 os dias...

Pensar que hoje tudo acabou como uma
 bolha de sabão que os meninos atiram para o ar!
 Eles inflam as bochechas, a bolhinha cresce, cresce
 depois se desprende do conudinho e lá vai, es-
 paço afóra, trêmula, irrisante... Num momen-
 to: puff!

Eis o epílogo. Estava fazendo hora num "ca-
 fé" a ler uma revista antes de seguir para o
 ponto do ônibus quando, inexplicavelmente, um
 pressentimento me assalto. Ia vê-la. O coração
 começou a bater-me com força. Ia vê-la. E eis
 que levantando os olhos da leitura, dou com ela
 em minha frente. Ao primeiro olhar quase a
 desconheci, cheguei mesmo a duvidar da reali-
 dade. Que queria dizer aquela mudança? Vestia
 um "costume" marrom, avivado no peito por um
 lençinho branco, sapatos altos, da mesma cor
 da roupa e, completando esta toilette, um extra-
 vagante chapéu onde um pássaro enorme opo-
 nava para o alto um bico ousado e vermelho.
 Notei também que estava levemente pintado, e,
 em lugar do livro habitual, segurava com a bolsa
 um par de luvas. Como estava bonita! Passou-se
 tudo tão rápido que, por um instante, tive a
 certeza absurda de que se dirigia para mim, que
 havíamos marcado aquele encontro pouco antes
 pelo telefone... Acho que cheguei a ensaiar
 um movimento; felizmente refleti a tempo de
 não cometer uma esnoba.

Ela passou um olhar sobranceiro pelas me-
 sas; em seguida, tendo avistado a pessoa que
 procurava, dirigiu-se para ela. Era um rapaz que
 eu vira entrar comigo e que se deixara estar, a
 queixo apoiado na mão, fumando e observando.

— Você estava me esperando há muito? per-
 guntou ela.

Ele, que se levantara puxando-lhe com deli-
 cadeza uma cadeira, fez um gesto amável que
 não. Sentaram-se.

Passei dali em diante a observá-los pelo es-
 pelho. Como ela parecia feliz daquele encontro,
 que ternura no seu olhar! Por sua vez o dele
 não falava outra linguagem. Não os retirava
 dela um segundo.

Ví o garçon se aproximar. O rapaz consultou-
 a, ela escolheu logo qualquer coisa.

Que criatura simples! As outras não sabem o
 que querem, criam logo um caso, uma complica-
 ção. Ela não. Isto, e está acabado.

O garçon voltou dali a um nada, serviu-lhes
 umas taças de sorvete. Enquanto o tomavam,
 entraram a conversar em voz muito baixa. Em
 certo momento ele apertou-lhe a mão, os olhos
 nela, e ouvi-o dizer.

— E si você tirasse esse chapéu, querida?

— Tirar?

— Sim.

— Porque?

— Não lhe fica bem...

— Mas não foi você mesmo?...

Ele sorriu.

— Sim, fui eu quem lhe pediu que viesse
 com ele. Obrigado. Mas vejo agora que não
 lhe acenta, não sei... Quando você entrou
 quase não a reconheci. Você não é dessas, que-
 rida! e passou-lhe a mão pelo braço.

— Vou tirá-lo, então! disse ele.

— Ótimo.

Ergueu um pouco o busto e levou ambos os
 mãos para fazê-lo.

Senti um calafrio. Julgava aquela rapaz de



Quando ela desapareceu de
 go do gordo.

também, duas porções
 o seu lugar, o que havia

Mas o lugar pareceu-
 forlência, ainda que ró-
 anti o que imaginara, fi-

o, para desespero meu,
 ria doente? Que fim te-
 desaparecido definitivo-
 ônibus pela manhã e a
 não a via. Uma noite,

estava no fundo da bolsa um lençinho muito fino
 e branco. Numo das extremidades um nome
 bordado. Ela tirou-o, dobrou-o com o nome para
 fora e, ia oferecer-mo, quando u'o mão suaren-
 ta e gorda, coberta de pelos ruivos, se interpôs
 entre nós. Reconheci a mão do sujeito gordo.
 "Maldito gordalhão!" gritei, otirando-me àquela
 mão. Ela voou pelos ares, fragmentando-se em
 centenas de dedos que caíram pelos bancos do
 ônibus. A moça (aliás não era mais ela) con-
 teve um grito, levando a mão — oh, aquela mão
 tão minha conhecida — aos lábios. De repente um
 estremecção e tudo se dissipou abruptamente...

Cada Segundo era o Último Segundo

MARQUES REBELO

Copyright de LEITURA

COMPANHEIRO de Mermoz, Antoine de Saint-Exupéry teve as suas aventuras: foi pioneiro de linhas aeropostais, fez uma descida forçada e espetacular nas areias do Sahara, atravessou o Atlântico, cruzou os Andes. Escritor extraordinário, cada livro nos conta, com um estilo mágico e um pensamento profundo, estas aventuras. A maior delas nos relata agora em "Piloto de guerra" — a aventura da guerra em que a França caiu ante as forças mecanizadas dos nazistas.

Depois de um breve curso em que se adaptou a piloto de guerra, o capitão Saint-Exupéry passa a tomar parte na luta. Estamos nos últimos dias de maio de 1940, em plena retirada e em pleno desastre. E o grupo em que serve, o Grupo 2.33, que se compunha de 23, em três semanas de luta estava reduzido a 6, sendo preciso acrescentar a dramaticidade dos acontecimentos que o exército francês, ao romper da catástrofe, não dispunha senão de 50 equipes de reconhecimento — 50 equipes para a França inteira! Todo mecanismo estratégico francês repousava nelas, "copos d'água" para apagar uma floresta inteira que o fogo devorava.

O capitão luta em uma guerra absurda, obedecendo a ordens absurdas recebidas de um Comando que também as acha absurdas. Mas é preciso dar ordens — "dar ordens é uma obrigação em tempo de guerra". "Todos se esforçam como podem para fazer que a guerra pareça guerra", com um "piedoso respeito pelas regras do jogo".

Ouvindo as ordens do major, que exigia um vôo de reconhecimento sobre Arras, era como se ouvisse a sua sentença de morte, mas a morte não lhe parecia "nem augusta nem magestosa, nem heróica, nem pungente". Parecia-lhe apenas "um sinal de desordem". Ele sabe que não volta, mas se voltar esperaria pela noite, e insulado na sua amada solidão, pensaria, para descobrir "porque devia morrer".

E todo o sentido da guerra se resume então a um obscuro heróico, a gestos tão gratuitos como "as palavras de um poema". E o refúgio se encontra na "ação", na ação mecânica de guiar um aparelho, de manobrar alavancas e bússulas, e monômetros e lemas. Ser como uma peça do avião, com a impersonalidade de uma peça do avião, fazer bem à sua ta-

ta — "estou executando meu trabalho como um obreiro de boa consciência mecânica, eis o nada que lhe resta, o que não altera o fato de que me sinto um piloto da derrota". E é assim que ele atravessa o fogo das baterias anti-aéreas, é assim que escapa à perseguição dos caças, é assim que se



Antoine de Saint Exupéry

refugia a 9.900 metros de altura, onde o mais leve esforço muscular força o coração. "Fragil coisa é o coração. E tem de trabalhar por muito tempo. Grande erro julgar dele com trabalhos rudes. Equivale a queimar diamantes para assar batatas". 150.000 franceses estão sendo queimados para assar batatas, como se essa destruição pudesse retardar um dia o avanço dos alemães. E não só homens estão sendo queimados — aldeias, aldeias inteiras.

E a inutilidade. "Não há dignidade no sacrifício que é mera paródia do suicídio. Há beleza no sacrifício de si próprio. Os que se sacrificam morrem para que os outros se salvem". Mas agora é inútil. "Para que um homem lute de todo coração, é preciso que o esforço não seja negativo". E agora não há nada. Não há terra, não para recuo, não há reforços em

marcha — há 1 avião francês para 20 alemães, 1 tanque francês para 100 alemães, 40 milhões de agricultores não podem vencer 80 de trabalhadores industriais. E os aviões lançando bombas sobre a retaguarda "tornaram esta guerra uma coisa com a qual nunca senhou o homem".

E o capitão com seus dois companheiros voa para Arras. Desce a baixa altura para colher fotografias que jamais chegarão ao destino porque não há mais comunicações na França. As linhas telefônicas e telegráficas estão cortadas, as estações de rádio não existem, e os caminhos da França estão entupidos por milhões e milhões de paisanos evacuando aldeias, campos e cidades na fuga para o sul, como se fosse possível ao sul abrigar tanta gente.

172 metros de altura... Era como se fosse um epitáfio: "Manter o curso exatamente no grau 172". A metralha inimiga varre o céu. Cada segundo era o último segundo. Uma festa de fogos dança no céu. O fragor da metralha abafa o ronco dos motores. Os tanques estão perfurados, bons tanques reforçados de borracha que milagrosamente se fechavam à entrada das balas. E foi feito afinal o reconhecimento inútil. A equipe voltou para a sua aldeia, sob o espanto do próprio major — vocês por aqui? Mas daí a minutos a aldeia ia ser evacuada. Um último passeio noturno pela solidão das ruas. E, na sua amada solidão, o aviador e pensador encontra um sentido para a inutilidade dos seus atos: "a comunhão espiritual dos homens do mundo não agiu a nosso favor, mas se tivéssemos essa comunhão dos homens em geral, teríamos salvo ao mundo e a nós mesmos. Falhamos nesse ponto. Cada um é responsável pelo todo. Cada um de nós é responsável por si mesmo. Pela primeira vez compreendo agora o mistério da crença de que a civilização nasceu: "Carregar os pecados do homem". Cada homem carrega os pecados de todos os homens". E nesta guerra absurda, encontrando um sentido espiritual, só lamenta uma injustiça, a da aparência de culpadas que emprestam às vítimas.

PILOTO DE GUERRA, de Antoine de Saint Exupéry — Tradução de Monteiro Lobato — Biblioteca do Espírito Moderno — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1942.

início um namorado, na minha surpresa chegara mesmo a tê-lo (e já agora estava certo disso) em conta de um simples conhecido... Quando acaba, a realidade brutal daquela aliança em sua mão direita!

Noivos, murmurei. Noivos, noivos, noivos... fiquei repetindo sem querer acabar de crer. E de súbito invadiu-me uma intensa curiosidade de ver melhor o rapaz. No íntimo, o que eu queria era de certo compará-lo comigo. Estiquei o pescoço. Era um moço simpático, olhar inteligente, e se não trajava como um elegante também não vestia mal. Lembrei-me de sua observação de há um instante — "você não é dessas queridas!" — e refleti: em todo o caso, está aí um rapaz que a compreende como eu.

Nisto ele fez um gesto para o garçon, pagou a conta e purzaram-se de pé para sair. Mas qualquer coisa caiu das mãos dela ao chão. Ele abaixou-se, solícito, para

apanhá-lo. Era um das luvas.

— Obrigada, querido!

E tomando-lhe do braço, o chapéu na mão, via-a sair, com um sorriso. Como toda ela, um sorriso discreto e silencioso.

Deixei o "café", encaminhando-me, pensativo, para o ponto costumeiro do ônibus. Ou antes, foram as pernas e o hábito que me levaram. Pois, ao vê-la encostar, lembrei-me de súbito de seu sorriso — "obrigada, querido!" — e senti-me tão só, tão abandonado e só, que não compreendi como viera para ali. Porque não os havia seguido? Podia tê-lo feito à distância. Onde iriam? Agora era tarde, não mais os veria... Então afastel-me dali, andando à toa entre os transeuntes numerosos e indiferentes — "obrigada, querido!" — com um peso mortal no coração.

A História Literária de Silvio Romero

BRITO BROCA

Copyright de LEITURA

EM Silvio Romero devemos ver a mais alta expressão do cientificismo do século 19, no Brasil. Possuía ele todos os atributos que caracterizavam esse estado de espírito, tão diretamente ligado à revolução técnica e ao mundo novo por ela criado: instinto de luta e de oposição, horror ao fanatismo, a paixão da verdade com a conse-



Silvio Romero

quente defesa do livre exame e do direito de pesquisar.

Mas o seu caso se reveste de circunstâncias particulares, porque é através de um conflito especificamente brasileiro entre a província e a metrópole que se manifesta. Silvio Romero encarna a sinceridade, a fé ardente, a boa fé, o idealismo e, até por vezes, o quixotismo do provinciano contra as manhas, as simulações, os artifícios da metrópole. Nas últimas décadas do século passado já se começava a notar certa tendência para a formação de núcleos regionais de cultura nos Estados. O caso do Rio de Janeiro constituir o centro único de irradiações de valores e consagrações literárias, a semelhança do que acontece com a maioria das metrópoles — sobretudo na França, o nosso famoso exemplo — era, até certo ponto — uma anomalia no Brasil, cuja extensão territorial não comporta essa absorvência da capital. Até hoje insistimos no erro de admitir, entre nós, o mesmo conceito de província corrente nos atuais agrupamentos literários de São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia, com caráter autônomo e exercendo influência, aí estão a provar o contrário. A tendência a que nos referimos acentuava-se principalmente, no Norte como um prurido de rebeldia contra a onipotência cultural do Rio de Janeiro. Não se compreendia mais que só o Rio falasse, só o Rio desse cartas no terreno literário, uma vez que a capital nem sempre acolhia as maiores expressões da cultura brasileira. Com a sua honestidade intelectual, seu apêgo ao estudo e o empenho de encarar os problemas do espírito pelo ângulo mais sério, Silvio colocou-

se logo, em oposição à capital. Tobias Barreto fizera o mesmo, mas limitara a ação combativa a um certo de influência no Nordeste. Silvio Romero, de impeto mais largo, veio para a metrópole lutar, impor a voz do legítimo mérito perdido na vastidão do Brasil, reabilitar a província.

E sua ardorosa carreira literária, ou antes, sua longa e incessante campanha desenvolveu-se toda à sombra dessa idéia tutelar. Idéia que se evidencia, de forma bem nítida, na oritação da grande "História de Literatura Brasileira", hoje reeditada em cinco volumes, com o acréscimo de mais de mil páginas, introduzido pelo seu organizador e prefaciador, o prof. Nelson Romero.

O propósito do mestre sergipano fora bem ousado para a época em que o formulara — 1888 — estando, porém, bem de acordo com os ambições naturais de sua vigorosa personalidade. Não havia modelos, normas, roteiros para a sistematização histórica da literatura brasileira. Se se tratasse de um esboço, de uma visão geral, talvez se encontrassem com facilidade, as diretrizes. Mas Silvio não era homem de esboços: tudo no seu temperamento levava-o às grandes iniciativas, às vastas perspectivas. Essa "História da Literatura Brasileira" seria um panorama detalhado, tanto quanto possível completo, não apenas das nossas letras, mas — segundo a concepção da escola alemã, mais tarde combatida por Verissimo — de toda a nossa cultura, incluindo filosofia, economia política, ciências, e até música e belas artes. Um quadro imenso, onde o autor tinha de agir por si só, tão escassas e imperfeitas eram os instrumentos de orientação. Depois, todo esse desenvolvimento cultural devia parecer estruturado em bases sociológicas e históricas. Ao contrário da corrente hoje em voga — à frente da qual se encontra o famoso tratadista holandês Van Hieghen — que manda assinalar na história da literatura apenas os resultados, Silvio Romero procura, acima de tudo, os motivos, os originais, as filiações do fato literário, apreciando-o no arcabouço geral da civilização brasileira.

A obra foi publicada, primeiramente em capítulos, na "Revista Brasileira". A edição de dois volumes, a mais conhecida e que, como a outra se achava de há muito esgotada, era de 1902. Mas Silvio Romero já tinha reunido material para um terceiro volume, quando veio a falecer: o desenvolvimento da sua obra estava acompanhando, por assim dizer, a evolução da literatura nacional. E' essa última parte e outros trabalhos de Silvio que inteligentemente distribuídos por Nelson Romero, dentro do plano estabelecido por seu próprio pai, vêm constituir, agora, a edição definitiva, completa e monumental em cinco tomos.

Embora adotando o conceito de literatura da escola alemã, Silvio Romero deixa transparecer na sua "História" o predomínio de duas influências francesas: a de Taine e a de Edmund Scherer. Taine, com a conhecida teoria do meio, da raça e do momento histórico haviam, natural-

mente, de seduzir um evolucionista spenceriano, como o autor da "Filosofia no Brasil". Silvio insiste, com frequência, nos três fatores, mas não se submete inteiramente a eles pois, como declara em certa altura, ao lado das leis de Taine, considera o valor insubstituível da personalidade elemento preponderante na criação literária. Mas no seu método entra também a sugestão de Scherer: escrever a história literária, perdendo para as condições gerais, referindo-se aos fatos, às causas, distribuindo, classificando. A predileção por Edmund Scherer, citado constantemente por Silvio numa época em que Sainte-Beuve desfrutava tanto prestígio, poderá parecer estranha aos leitores de hoje. Scherer, atualmente, dos grandes críticos franceses, o menos conhecido no Brasil, estando também bastante esquecido na França. A simpatia que Silvio lhe votava, deve provir, em parte, de ter sido o autor de "Etudes Critiques" um combativo e homem de "gauche". Católico, depois protestante, depois hegeliano, Scherer destacou-se sempre como um defensor da livre pesquisa em matéria religiosa, possuindo assim certos pontos de contacto com o escritor brasileiro.

Dentro de tais moldes a "História" foi escrita sob o signo da luta, das reivindicações que tanto apaixonavam o autor. Com muita razão protesta Nelson Romero contra a versão dos que consideravam o velho Silvio uma espécie de bárbaro, inadaptado à civilização. O que dá essa impressão ao crítico superficial é a força do escritor sergipano "muito superior à medicina do seu tempo", segundo, ainda, as expressões de Nelson Romero.

Silvio era uma grande inteligência animada por um grande temperamento. Não lhe fossem pedir brilhos fáceis rutilâncias, requintes de talento. Toda a cultura européia, assombrosamente acumulada, não bastou para alienar o que sua personalidade conservava de instinto, as heranças bravias do nordestino. Sob esses aspectos, ele se apresenta como um dos escritores mais brasileiros. Seria um inadaptado à civilização, si por civilização tomarmos a teoria de transigências e disfarces, que nos leva a uma ilusória harmonia; e espécie de bárbaro, si para a barbarie tender a franqueza, a rompancia, a expansão dos impetos do coração e do espírito. Mas é a própria consciência do Brasil que desperta na obra desse poderoso desbravador (a cultura brasileira estava cheia de florestas virgens naquela época), desse pioneiro atrevido.

Bem ao contrário das índoles bárbaras, Silvio não tolerava o exagero, o excesso. E' contra isso que ele, a todo momento se insurge na "História da Literatura". Compelido, pela sua formação materialista e científica, a combater o romantismo, combateu-o, precisamente no que lhe parecia ser a deformação da velha escola — na tendência para o sentimentalismo piagnoloso, lacrimoso, lamuriante; para a falta de virilidade, que isto sim, não poderia

(Continua à pág. 50)

ESTÁ A VENDA O 1.º FASCÍCULO DO

Dicionário Geográfico, Gramatical e Biográfico Ilustrado

UMA OBRA
DE GRANDE
INTERESSE
PARA TODOS
QUE ESTUDAM



DOIS FASCÍCULOS
DE 64 PÁGINAS
POR MÊS, EM
ASSINATURAS
DE CR\$ 10,00

APRESENTANDO CERCA DE

30.000 verbetes

3.200 páginas

2.000 ilustrações

250 mapas e gráficos

100 fascículos

64 páginas mensais

3 volumes

PEDIDOS A

Editôra Brasileira Artística Ltda.

RUA EVARISTO DA VEIGA N.º 47-A — 4.º ANDAR

SALA 407 — FONES: 22-8550 E 22-8964

Auto * Retrato

Galeão Coutinho visto por Galeão Coutinho

A HISTÓRIA de um moço pobre que deixa a vida de provincial e vem tentar a carreira literária numa grande capital, e tão comum no Brasil como no resto do mundo, (semis tanta, mais ou menos, uns desencantados Lucena de Rubempre, sem uma senhora de Bargeton que nos console...) que só os egostas fazem disso um caso pessoal único e vivem caceteando os amigos, a lamuriar que esta não é a culpa dos seus sonhos.

Quando o jovem desiludido permanece para o resto da vida um lírico ineptel, e não um orgulhoso recalcitrante — estou neste ultimo caso — a estante das moças cloróticas fica aumentada de mais alguns volumes de versegadura chorona. Entretanto, assim como nas antigas cidades, ao atravessar a ponte, o peregrino pagava o chamado imposto de peagem, entrei na Cidade das Letras pagando honradamente o meu tributo: um livro de versos. Chama-se "Parque Antigo" e publiquei-o há vinte e três anos. Depois, mergulhei no jornalismo. Foi um bem? Foi um mal? Parece que foi uma e outra coisa. Impondo-me o anonimato, durante vinte e cinco anos de atividade ininterrupta, a imprensa curou-me do delírio exibicionista que crucifica no ridículo uma porção de provincianos que vêm para a capital descobrir a pólvora. Pelo menos, leio com frequência, nos vespertinos e matutinos, com o jamegão por baixo, crônicas e artigos que não passam de noticiário do mais pífio. Mas, para ver tais coisas é preciso ter vivido vinte e cinco anos na redação dos jornais.

Adiante.

Importa aos clientes de LEITURA saber que nasci em Belo Horizonte, no bairro do Calafate, a 26 de setembro de 1897? E que por estar, então, em voga, na Inglaterra, como hoje o grande Churchill, o Lord Salisbury, meu pai, que era doído pela política internacional, me tenha brindado com esse nome? Se importa, aí fica a informação. Interessa saber, também, que vivi a minha infância, e começo da adolescência, no município fluminense de Pádua, de cujas belezas naturais guardo uma recordação que se val acentuando com o avançar da idade? Se interessa, faça-lhes muito bom proveito. Confesso esta segunda parte só para provar que em mim o poeta lírico foi subjugado, mas não morreu. Sofro a nostalgia dolorosa da fazenda da "Floresta", que ficou sendo para mim — lá disse isso algures — uma espécie de Universidade. Pertence essa fazenda, situada embaixo da imponente Serra das Frexeiras, à família Dénys, gente robusta e trabalhadora, da qual repontam aí, em cargos de destaque, servindo à nação com exemplar probidade, o general Odílio Dénys, o tenente-coronel Olinho, o capitão Ostris e Otávio Dénys Filho, este último, atual prefeito de Pádua. Pela foi o saudoso fazendeiro Otávio Dénys pai, desses cidadãos prestantes, e ele próprio um cidadão prestante educado na Suíça, quem me

guicou os primeiros passos no mundo das letras. Havia na fazenda uma ótima biblioteca, reuniam-se lá várias pessoas para a palestra instrutiva. Volto-me em pensamento para essa ilha de inteligência, no início da minha carreira, como os discípulos do Corão se voltam, em crise de con-



Galeão Coutinho

ciência, para a cidade santa do Profeta.

Creio que nesta altura poderia dizer lindas coisas a meu respeito. Se todos se remiram, envaldecidos, na "vera effigie" feita por outrem, imaginem o que não acontece quando quem faz o retrato é o próprio retratado? Há tempos, uma jovem de espírito assegurou-me que os homens suportam com facilidade que as mulheres gabem, diante deles, a riqueza, a inteligência, a saúde, a força, a elegância de outro homem; ficam, porém, de mau humor quando gabam a beleza física desse outro homem. Neste caso, todo homem feio, por mais resignado que pareça, alimenta um secreto despeito contra os homens belos. E isto arrastaria uma parte considerável dos representantes do sexo forte para o negro pecado da inveja, se aos feios não restasse o consolo de serem simpáticos...

Ora, eu não sou belo, com tristeza o proclamo aos que não me conhecem pessoalmente, e o cúmulo da hipocrisia seria dizer que estou satisfeito com o físico que Deus me deu. Felizmente, atropelado por tantos trabalhos e preocupações, não tenho tempo de prestar atenção à própria feiura, como não me sobram vagares para imitar a famosa vaca de Homero, a exemplo de muitos dos meus confrades,

que vivem lambendo e adorando as crías, que são os seus escritos.

Quanto ao físico mal proporcionado, para glúrio dos nossos arianos puros não o atribuo ao lado lusitano, pois sou filho de português e neto, pela linha materna, de avô português; atribuo-o, ainda por linha materna, ao ramo mestiço oriundo da Baía (desconfio muito que entre esses mestiços havia jagunços dignos da minha maior consideração e estima, convém investigar...) que veio a florescer em Queluz de Minas, depois de subir o São Francisco. Em São Paulo, durante muito tempo, fui tido e havido como autêntico cabeçachata. Pelo menos, assim me disseram vários italianos.

Prosigamos.

Deverei falar dos meus livros, uns romances de costumes escritos para descarregar impressões várias acumuladas no tumulto dos negócios e do jornalismo? Não, não devo. Antes, desejaria descer mais ao subterrâneo de mim mesmo, para destruir a muralha de equívocos e falsas interpretações que ameaçam emparedar-me. Sou julgado como incapaz de levar a vida a sério, pelo fato de gostar de contar anedotas, sublinhando-as com umas gostosas gargalhadas, como o festeiro de arraial que toca o sino, solta os foguetes e ajuda a missa. Observou-me alguém, há pouco, em São Paulo, que não sou uma criatura de má fé, nem de boa fé: não tenho fé. Puro engano. Creio na amizade e sempre a cultuei com infrangível lealdade. Creio na vitória final da dignidade humana, mau grado as deformações morais por que tem passado o homem, desde que surgiram os primeiros esboços de vida agremiativa na terra. Só não acredito naquilo que muita gente também não acredita, mas finge acreditar: nas convenções sociais e terríveis contingências da luta pela vida que obrigam a reverenciar a nulidade triunfante. Acredito, por exemplo, na função nobilitadora do homem de letras; nego-me, entretanto, a bater palmas aos que com eles se confundem e lhes concurram a missão.

E' preciso que os meus amigos e conhecidos entendam o seguinte. Não há nada mais cruel para um sujeito de estômago delicado do que, tendo passado antes pela cozinha e aspirado as suas emanações enjoativas, abancar-se num restaurante, por mais floridas que estejam as mesas, resplandecentes as luzes, falacantes os cristais, alvos os guardanapos e toalhas.

Ora, sendo a sociedade esse restaurante, tive a imensa desgraça de olhá-la sempre de sua cozinha — o jornalismo...

HUMORISMO INGLES — "Há quinze dias, num bottle party, minha avó tomou uma dose de uisque tão forte que fiquei certo de receber a notícia de sua morte no dia seguinte. Mas, correram os tempos, eu não soube de nada, quando ontem, passando pelo parque de Acton Vale, fui achá-la jogando de hal-back no clube local".

UM ESPÍRITO POLÊMICO

WILSON CASTELO BRANCO

Copyright de LEITURA

DE MÁRIO de Andrade tudo já se disse ou quase tudo. Pela vastidão de sua obra, através de suas desconcertantes mas concientes experiências artísticas, os críticos e ensaístas têm exposto as opiniões mais justa e também as mais contraditórias.

Este reparo seria inútil se não dissessemos a que ele vem. É que, na leitura deste "Aspectos da Literatura Brasileira", nos saltou aos olhos uma singularidade do escritor paulista, singularidade que nos parece ainda não foi demasiadamente mostrada pela crítica.

Trata-se do espírito polêmico de Mário de Andrade. Espírito polêmico que não visa evidentemente abrir discussões públicas, mas que se infiltra, de vagar, com segurança, no pensamento do leitor.

O caráter dialético de sua crítica constitui porventura o mais sério ataque que já se fez, no Brasil, ao dogmatismo crítico. Outra não podia ser, realmente, a atitude de quem teve o sumo desassombro de publicar "Paulicéia Desvairada" e "Macunaíma", num tempo em que, pior que hoje, a inteligência nacional não estava em condições de receber nem as mais mansas tentativas de renovação.

É interessante notar que não há talvez uma só obra de Mário de Andrade que não tenha dado ensejo aos mais acalorados debates. E os ataques que se lhe fazem são por certo consequência, efeito imediato, da atitude polêmica deste escritor.

Em todos os ensaios e críticas de "Aspectos da Literatura Brasileira" vamos encontrar manifesto este espírito de contrariedade funcionando, não como simples elemento de oposição sistemática dos autores criticados, mas como método crítico e instrumento, desenvolvedor de idéias e temas apaixonantes.

A paixão, no caso, é antes pela arte que pelas teses desenvolvidas — pois Mário de Andrade pouco se preocupa com o modo de ser de cada escritor, em particular. O que importa ao crítico é estudar as idéias, as diretrizes e os possíveis rumos dos escritores, tudo do ponto de vista funcional e humano. E tanto isto é certo que atravessamos todo o livro sem sentir o malestar tão peculiar à crítica dos ensaístas que contestam por contestar e debatem pelo simples gosto de debater.

Não estamos de acordo com o senhor Alvaro Lins que, na introdução de "Aspectos da Literatura Brasileira", pensa enriquecer o nome de Mário de Andrade, apondo-lhe a designação de "mestre de gerações mais novas". Parece-nos restritivo esse aposto, de vez que Mário de Andrade não só é mestre das gerações mais novas, como foi também das gerações "mais velhas". Mestre pelo que ensinou aos que o admiram e igualmente mestre pelo que tem feito ver aos que se supõem isentos de sua influência.

Não se pode negar a importância que Mário de Andrade vem tendo dentro da literatura nacional. Quer como julgador de valores, quer como orientador de tendências literárias, o autor de "Macunaíma" muitas vezes acatou, não sem certo incômodo, a fun-

ção de "mestre-escola", das letras nacionais.

E nesse sentido foi decisiva a atuação de Mário de Andrade quando retificou os conceitos de que se estava imbuindo o movimento poético chamado neo-romântico. Seu ensaio, "A Volta do Condor", é todo ele uma tentativa de preservação das conquistas estéticas obtidas pelo Modernismo. Essa defesa, conseguida por força de seu método polêmico de crítica, visava mostrar o perigo a que se expunha a poesia nacional, caso aceitasse o "novo e falso condoreirismo de escola", que então grassava por todas as bandas do país.

Se algumas vezes, em sua atitude polêmica, Mário de Andrade chega ao ponto de não estar certo — nem isso é motivo para censurar um dos poucos escritores que, no Brasil, têm demonstrado a mais lúcida independência de espírito, a mais imperturbável coerência consigo mesmo e, enfim, a mais conciente compreensão do fenômeno literário.

ASPECTOS DA LITERATURA BRASILEIRA, de Mário de Andrade. — Americ-Edit. — Rio, 1943.



Mário de Andrade

PRESENÇA

TASSO DA SILVEIRA

Copyright de LEITURA

ACABA de ser lançado, pela "Stella Editora" a tradução brasileira dos *Hinos à Igreja*, de Gertrud von Le Fort. Em momento de interesse mais profundo pelas coisas do espírito teria o acontecimento repercussão enorme. Todos no Brasil conhecem o nome auctorizado de Gertrud, pelos romances de sua lavra, e de nomeada universal, que aqui nos têm aparecido em traduções francesas: *o vau de Verónica*, *O Papa do Ghetto*, *A Última, ao Cadafalso* (esse agora, igualmente, vertido em nossa língua). Seus grandes cantos católicos, no entanto, ainda não haviam ressoado a nossos ouvidos, a não ser em rápidas citações da crítica estrangeira.

São, em verdade, de uma extrema pureza de timbre e de uma beleza dominadora, esses cantos. E, sobretudo, de uma força de inspiração incontestável. Claudel não cantou mais alto, nem mais profundamente. Na poesia católica do instante, Gertrud é uma voz de particularíssima ressonância.

A tradução brasileira dos *Hinos à Igreja* foi incluída pela Editora na "Coleção Presença", que Frei Mansueto Kohner dirige. Não ficou mal colocada. A coleção referida se vem constituindo de maneira magnífica. Vai-se fazendo, de fato, aos poucos, uma "presença" impressionante.

Nela já figuram, além dos *Hinos à Igreja* e de *A Última ao Cadafalso*, de Gertrud von Le Fort, uma série espendida de monografias de Karl Pfleger: — *Dostoiévski, o homem do sub-solo*, *Chesterton, o aventureiro da ortodoxia*, *Charles Péguy, o bom pecador*, e

León Bloy, o peregrino do absoluto, e *André Gide*. — e ainda o livro do jesuíta F. Desplanques *Cristo em nossos caminhos*, e, em dois volumes, a coletânea de depoimentos de convertidos organizada pelos franciscanos Severim e Stephen Lamping.

Nas várias monografias, acima citadas, de sua pena, Karl Pfleger se nos revela um dos mais percucientes analistas do fenômeno literário na hora que vivemos.

Sua força, de penetração lhe vem sem dúvida, da simpatia desprevenida com que põe mãos à tarefa de estudar, compreender e definir os mundos de espírito, tão distantes uns dos outros, que na obra de alguns dos mais prestigiosos animadores do nosso tempo se movem. Gide, Chesterton, León Bloy, Péguy, Dostoiévski... Dir-se-ia fantasmagórica excursão pelas esferas perdidas nos espaços imensos. No entanto, Pfleger descobre-lhes uma secreta unidade de substância. E é isto que dá caráter construtivo e fecundo à sua crítica.

Sua expressão é sempre viva e deliciosa. De Chesterton discorre: "Também este é um lutador de Cristo. Não naquela sentença patética, como se tivesse caído nas mãos de Cristo como nas do Deus vivo, com quem se luta pela salvação da alma imortal. Mas neste outro sentido, que ele, pelas mãos do Cristo, foi elevado a uma visão nova e sublime do mundo, qual nunca imaginara, sentindo-se então obrigado e chamado a pregar e anunciar o Cosmos de Jesus Cristo, a abri-lo..."

O que eu vi nas Vitruinas

— (SE eu pudesse ouvir aquele zumbido metafísico de que falava o escritor; aquele ruído de vozes que se elevava dos livros, e que o ouvido armado talvez de um sexto sentido captava! Escutar um diálogo entre Marx e Aristóteles! Um, armado de argumentos terra a terra, profundamente convincentes, e o outro, jogando com sua prodigiosa inteligência de filósofo sistemático. Aprender as verrinas fulminantes que o gênio de Voltaire atiraria com irreverência à sisudez burguesa de Tomás de Aquino).

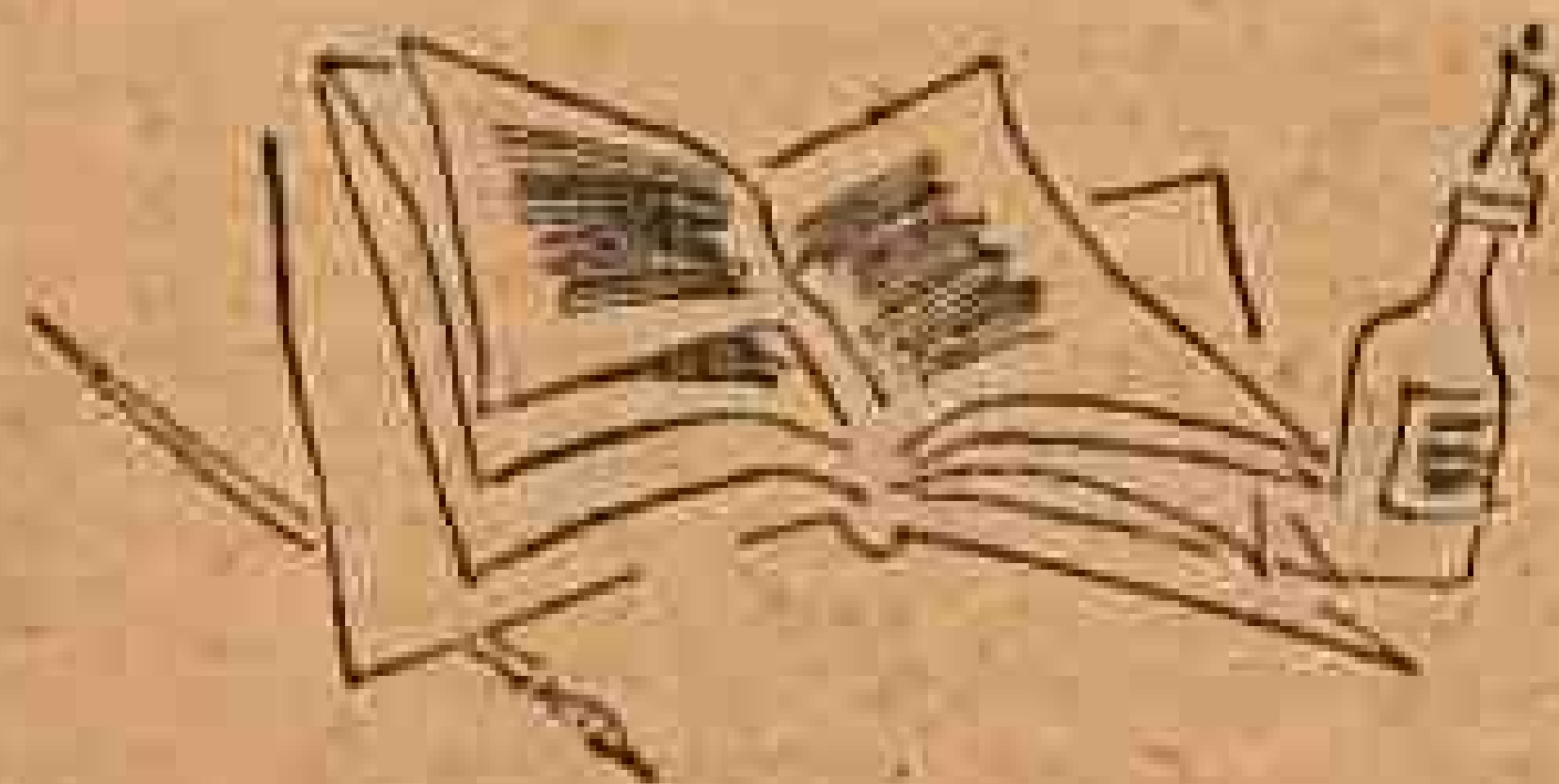
Era no imenso salão da Livraria Freitas Bastos, perdido entre centenas de volumes, que eu fazia semelhantes reflexões. Como as igrejas e as livrarias possuem um ambiente pesado e místico que favorece esses pensamentos. E refletindo resolvi percorrer, numa atitude de respeito e devoção, as filas intermináveis de prateleiras cobertas de livros.

Quantos homens não estavam dentro daquelas páginas! Alguns, mortos — os volumes transformados em jázigos, e outros bem vivos e presentes. Continuando a caminhar, resolvi descobrir entre tantos volumes os verdadeiros livros.

Tive sorte logo de início, conseguindo descobrir uma grande obra: "Uma gota de veneno" da autoria de François Mauriac. Um romance caracteristicamente francês, possuindo aguda penetração psicológica, e girando em torno a um tema central: o pecado. O autor procurou resolver o problema das relações entre o pecado e a graça, buscando um meio termo — solução puramente burguesa. Esse meio termo, entretan-

to, não é mais possível, porque "é um estado contínuo de pecado", é esse estado "é um pecado a mais", no dizer do filósofo Kierkegaard.

Continuando minha busca encontrei outros dois grandes livros: O "Dicionário Filosófico" de Voltaire, e "Reflexões sobre a validade dos homens", de Matias Ayres. O "Dicionário", obra famosa, é escrita por um homem que acreditava no direito de seus semelhantes andarem com a espinha



erecta e com o olhar erguido em um mundo que não é "o melhor dos mundos possíveis". As "Reflexões", velha obra brasileira — lida por mim há muito tempo em um velho "in folio", cheio de horríveis algarismos romanos — é a gêmula do pensamento de um filósofo sutil e irônico diante dos fatos e dos homens.

Além desses encontrei ainda "A Voz dos almos", de Charles Dickens, desse admirável Dickens, que conseguiu extrair do povo a vida e a força existentes em suas obras.

Já ia me retirando quando descobri os cinco volumes do grande romance "Jean Christophe", escrito por Romain Rolland. Essa obra admirável, escrita por um homem sem mis-

tificações, nos conta a história atormentada de um indivíduo genial, que se revolta contra o falso sentido da vida nos vários setores humanos: na política, na economia, na arte, na moral, etc. E nos diálogos que se travam entre os personagens desenha-se a atitude crítica do autor ante os defeitos e os prejuízos que dificultam a marcha da humanidade:

— "A natureza não foi feita para nós. Procuramos domá-la. É uma luta: não é de admirar que sejamos com frequência vencidos: como sair disso? Tornando-nos fortes.

— Tornando-nos bons.

— O, Deus! ser bom, arrancar o corpete do egoísmo, respirar, amar a vida, a luz, a humilde tarefa que nos toca o pequeno recanto do solo em que mergulham nossas raízes! O que se não pode obter em vastidão, assegurar-se por obter em profundidade e em altura, como uma árvore abafada, que sobe para o sol!

— Sim, e antes de mais nada, amarem-se uns aos outros. Se o homem quisesse sentir mais que é o irmão da mulher, e não somente sua presa, ou que ela deva ser a sua! Se quisessem os dois despir o orgulho, e pensar cada qual um pouco menos em si e um pouco mais no outro!... Somos fracos, ajudemo-nos. Não digamos ao que caiu, "Não mais te conheço", e sim: "Coragem, amigo. Nós sairemos daí".

Após ter recebido tão grande lição humana, resolvi encerrar minha procura de livros vivos. Sai da livraria, caí no bulício da cidade, e como o poeta: "Volvi a ver los hombres de nuevo, grandes como no son..." — PETRONIO.

almas e abrir-lhes as almas... Na sua entrevista com Cristo, não parece ter gasto muito tempo com os seus interesses pessoais. Provavelmente, não teve nenhuma experiência mística extraordinária, como as tiveram Bloy, Gide e Solovief. Mas compreendeu simplesmente que a vida inteira é um negócio enormemente místico".

De León Bloy, fala Kalr Pfefer em tom diferente, tomado, dir-se-ia, de comoção total. O "peregrino do absoluto", como lhe chama, é, para ele, uma figura de solitária grandeza no ambiente mesquinho em que viveu". Raros, escreve, foram os leigos que, com mãos ungidas da mais acerba miséria para o serviço do Senhor, ergueram no mundo o estensório da fé a tão sublime altura. Tivessem os católicos seus contemporâneos e conterrâneos ocorrido a ele com metade da deferência que tiveram para com espíritos de valor literário e religioso incomparavelmente menores, Bloy ter-se-ia tornado o pioneiro de um poderoso movimento religioso. Ele próprio o sabe. Não será esta a última razão por que se tornou panfletista. Ele o sabe. Mas, afinal, estando nos humbrais deste "caminho muito escuro" que conduz irremediavelmente para sempre ao absoluto autêntico e manifesto, ele bate

humildemente o mea culpa ao seu peito. E esta derradeira humildade talvez seja o melhor e mais sublime de quanto o místico das santas paixões nos tenha de dar".

Na coletânea *Retorno a Cristo* depõem a respeito de sua própria conversão à Igreja personalidades numerosas do mundo católico atual: Claudel, Francis James. — Farrane-Barrow Baroneza Erikke Rosenoern-Lehn, Henrique Matorros, Brahmochari-Remachand Animada, Knute Rockne, Ralph Matcalfe, Singrid Undeset, dr. Expedito Schmidt, Einar Berrum, Coronel Chang-Fel-Tú, Rudolph A. Undawenl, J. Stephan Rudolph A. Bispo Duane G. Hunt... De onde são essas figuras? Da China, do Indostão, da Índia, da Escócia, dos Estados Unidos, da Noruega, da França, da África... E vêm da maçonaria, do braamanismo, do protestantismo, do ceticismo, do indiferentismo... Das mais diversas origens e das mais antagônicas confissões para a unidade da Igreja que o Cristo fundou e cimentou com seu próprio sangue. Alguns dos depoimentos contidos nos dois preciosos pequenos volumes constituem motivos de meditação sobre os misteriosos rumos do espírito na história contemporânea.

O livro do Padre Jesuita F. Des-

planques é, propriamente, de meditações destinadas aos militantes da ação católica. É livro inteligentíssimo, perfeitamente adequado ao caráter do tempo e no qual ressalta, antes de tudo mais, o bom senso profundo de que nutre o pensamento dos trabalhadores da Igreja: esse bom senso que se define, sobretudo, por uma viva compreensão do real em seus mais fugidios aspectos, e por isto se fez o perpétuo dominador dos tumultos e confusões de todas as idades.

Pertencem ainda à coleção, como dissemos, *A última ao cadafalso* e os *Hinos à Igreja* de Gertrud von Le Fort. Um romance e um poema. O romance é de atitude igual, em pensamento e beleza, à de *O veu de Verônica* e a de *O Papa do Ghetto*, dos quais já se fez no Brasil o mais fervido elogio. O poema é algo, para nós inesperado. É um frêmito de alvorada em horizonte desconhecido. O Brasil, que ardentemente amou Tagore o místico cristão da Índia milenária, vai conhecer, no canto novo de Gertrud, acentos de ressonância ainda talvez mais alta e de mais viva pulsação de eternidade.

HNOS A IGREJA e A ÚLTIMA AO CADAFALSO, de Gertrud von Le Fort — Tradução de Roberto Furguim. — Stella Editora — Rio, 1943.

Programa de Difusão Cultural

MARIO DONATO

Copyright de LEITURA

VAI para pouco mais de dois anos que, numa tentativa tão séria como louvável de difusão cultural sem precedentes em nossos meios, José Pérez resolveu trocar o aconchego cómodo de sua biblioteca pelo sobressalto continuado do mercado editorial. As Cassandras corvejaram sobre o seu primêi. livro — o "Gulliver", de Swift — com o qual o novo editor tornava público o seu projeto de reeditar os clássicos do pensamento e da língua, certo de encontrar boa acolhida da parte dos leitores do Brasil. A coisa mais suave que então se disse a respeito do novo editor, foi que ele tinha enlouquecido, que, a exemplo do "Dom Quixote", tão de sua admiração, acabara por amolecer os miolos, não de tanto ler romances de cavalaria, mas sim as grandes produções do passado literário do mundo.

Por esse tempo ainda não conhecia José Pérez e estive entre o número dos que se penalizaram do editor. E, todos, alguns sinceramente e outros gozando mofistofelicemente o naufrágio de mais uma boa intenção, balançávamos a cabeça, compadecidos. Diante do "Gulliver", exclamamos: "Bom, esse sairá. As crianças, os adultos..." Quando saiu o segundo, as Fábulas de La Fontaine, admitimos que José Pérez venderia mais essa edição, "a-pesar-de" ser completa e nas traduções dos clássicos da língua no Brasil e em Portugal... Ao sair o terceiro volume da série d'"Os Mestres do Pensamento", fomos unânimes em declarar que o editor encontrara o seu Waterloo: quem, neste século de Hemingway e Steinbeck, iria ler as Odes Anacreônicas? Mas como um desafio ao nosso cassandrismo gratuito, José Pérez continuou a lançar e ser bem sucedido com obras que, a nosso ver, dariam para levar a falência não somente um editor brasileiro, mas mesmo um Rockefeller melido a vender livros: as cartas de Abelardo e Heloisa, o Robinson de Defoe, o Gil Braz, a "Agonia do Cristianismo" de Unamuno... Nesta coleção, até agora, a Edições Cultura publicou 30 obras, muitas das quais, como por exemplo as obras de Cícero, Horácio, o Talmud, Lucrécio e Marco-Aurélio se esgotaram, inexplicavelmente para a nossa descrença no gosto do público, tão rapidamente como qualquer romance americano pago pelo cinema.

José Pérez não parou n'"Os Mestres do Pensamento". Levando ao cúmulo o seu desafio, lançou a seguir nova série clássica, a d'"Os Mestres da Língua", aberta por Camões, em obras completas. Foi um autêntico sucesso — o que não era para admirar, alguns diziam, pois o bardo lusitano tinha pelo menos quatrocentos anos de publicidade gratuita! Mas o mesmo aconteceu, em seguida, com as obras completas de Gonçalves Dias, os sonetos de Bocage e Antero de Quental as "Reflexões" de Matias Aires, a biografia do Padre Vieira por João Francisco Lisboa e os "Sermões de Ouro" daquele primeiro. Nestes últimos meses, ainda nesta série, foram

editados Fagundes Varela e Gregório de Matos, em obras completas, e as melhores produções de Almeida Garrett. Está sendo distribuído pelas livrarias o "Cruz e Souza", dois volumes de prosa e verso.

Insistindo nas diretrizes da sua editora, José Pérez publicou há coisa de dois meses a "Corografia Brasileira" de Aires de Casal, na sua série Brasileira, que promete não desvirtuar as duas outras coleções, de imponente envergadura. A sua pequena série das "Vidas Luminosas", onde já foram lançadas as biografias de Spinoza, Marco-Aurélio, Leão XIII, Gutenberg, Colombo, Machado de Assis, neste mês apresenta "Marx". E as suas duas coleções de maior alcance popular, embora de sabor e linha clássicos, — "Novelas Universais" e "Novelas do Coração" — vêm proporcionando ao grande público livros imortais como "A Cabana do Pai Tomás", "Quo Vadis?", "Nossa Senhora de Paris", "Romeu e Julieta", "Paulo e Virginia", "Graziela", "Ivanhoé" e "Atala e Renato".

Se nos lembrarmos que sempre tivemos em pouca ou mesmo nenhuma conta o público leitor brasileiro (havia até quem julgasse o brasileiro ca-

paz de somente ler a literatura do cordel, os livros de bruxedos e os manuais para "se ganhar no bicho"), teremos que concordar, diante do bom êxito que corôou a aventura de José Pérez, que o nosso público, como qualquer outro, prefere as obras de valor incontestável e as adquire, desde que as encontre... O que acontecia é que livros como esses que em grande parte estão sendo lançados pela Cultura, somente chegavam às mãos dos privilegiados, vindos de além-mar nas edições originais ou mesmo nas célebres traduções portuguesas. E não era para admirar que, na falta de coisa melhor, lesse o público as aventuras e desventuras do "Soldado Desconhecido" na África e da "Condessinha Cega" em Paris!

Figuradamente falando, as Cassandras se calaram quando Estalingrado não caiu. Ai está a Edições Cultura, muito longe de arrastar-se pela rua da amargura a que outros, descrentes do público, foram arrastados. Porquanto a verdade é que ela, fazendo justiça aos leitores, com o fato de tornar-lhes acessível o que há de mais sério e profundo e valioso no espólio dos séculos, foi amparada e fortalecida, coisa que só nos pode abonar.

QUEM NÃO CONHECE A HISTÓRIA... — Um povo que não conhece a sua história está limitado ao presente da geração atual: esse povo não compreende nem sua própria natureza nem a sua própria existência, na impossibilidade em que está de se relacionar com o passado que a explica; e muito menos pode antecipar alguma crise do futuro. Somente a história pode dar a um povo a consciência de si próprio". — A Schopenhauer.

AS LIÇÕES DA HISTÓRIA. — "É na história que nós vemos como as instituições humanas se têm desenvolvido. A história é o resumo das experiências feitas pelos homens em suas relações entre si. O jovem cidadão que tem estudado a história e conhece, em particular, a de sua pátria, saberá, melhor do que aquele que não a conhece compreender as lições de instrução cívica". — "Numa Drex".

NOVIDADES DE JULHO

COLEÇÃO OS GRANDES NOMES

Fiedor Dostoievski
O S O S I A

Romance Cr\$ 8,00

Alexandre Dumas

MESTRE ADAM, O CALABRÊS

Romance Cr\$ 8,00

Coleção "Os mais famosos romances modernos"

Eduardo Zamacoia

OS VIVOS MORTOS

Romance Cr\$ 14,00

Coleção "Os mais belos romances de amor"

Regina M. Roche

OSCAR E AMANDA

Romance Cr\$ 15,00

Coleção "Os grandes pensadores"

Marco Aurelio

OS DOZE LIVROS DA SABEDORIA

Sêneca

A I R A

Cr\$ 3,00 — o volume

CASA EDITORA VECCHI LTDA. — RUA RESENDE, 144

RIO DE JANEIRO

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG
Diretor da Sueursal

JULHO, 1943. — O jornal "O Estado de S. Paulo", o venerando e conservador matutino paulista, iniciou um inquérito sobre o pensamento da nova geração intelectual. Essa "plataforma", apesar da confusão do questionário apresentado pelo organizador da enquete, é um sério esforço visando revelar o que pensam os moços de S. Paulo. Não conhecemos o nome dos convidados a depôr no inquérito. Lourival Gomes Machado e Cecílio J. Carneiro, dois jovens, um de mentalidade nitidamente universitária e realmente culto, e outro, um romancista brasileiro premiado nos Estados Unidos, já publicaram seus depoimentos. Lourival responde com seriedade, mas Cecílio J. Carneiro demonstra ignorar completamente o que se passa no mundo e ser o que sempre foi: um intelectual afastado do seu meio, de seu povo. Aguardamos com o maior interesse os depoimentos da "plataforma da nova geração". S. Paulo possui realmente uma nova geração no setor da inteligência. Será talvez uma geração menos literária, menos apegada ao brilho das formas e às aparências, uma geração com menos poetas e poucos romancistas, mas com inúmeros valores dedicados às pesquisas históricas e sociais, aos estudos de filosofia e sociologia, assim como à economia e também ao trabalho criador nas indústrias, nos laboratórios e no campo administrativo. Oxalá possa o inquérito iniciado pelo "Estado" revelar esses verdadeiros valores da nova geração e mostrar ao Brasil as diretrizes que orientam o pensamento dos moços de São Paulo nesta hora crucial do mundo.

A indústria do livro está em pleno desenvolvimento em São Paulo. Esse desenvolvimento é enorme e salta aos olhos dos observadores. Novas editoras, novas livrarias, fábricas de papel, tiragens relativamente grandes rapidamente esgotadas, propaganda do livro no rá-

dio e no jornal, etc. Agora acaba de ser fundada uma organização que faltava no Brasil: o "Clube do Livro". Na Europa, nos E.E.U.U. e mesmo na Argentina, clubes desse tipo editam livros populares e de luxo, e prosperam. Coube ao sr. Mario Gracioti, o pioneiro da re-

felizmente despertarão o interesse dos leitores.

A literatura econômica já se tornou uma necessidade num Brasil, que rapidamente se industrializa e que tende a se emancipar da tu-

LIVROS USADOS

COMPRAM-SE BIBLIOTECAS E LIVROS AVULSOS SOBRE TODOS ASSUNTOS E EM QUALQUER IDIOMA

Avaliação máxima

Atendemos a domicilio pelo fone: 2-1307

RUA 15 DE NOVEMBRO, 178
(FUNDOS)

SÃO PAULO — CAPITAL

vista moderna no Brasil, lançar as bases do "Clube do Livro", que acaba de ser fundado. Centenas de pessoas responderam ao apelo publicado na imprensa e tudo parece indicar que o "Clube do Livro" terá o mesmo sucesso que "Inteligência" teve na época do seu lançamento, nos bons tempos de 1933. Entretanto, o programa editorial do Clube deixa muito a desejar, pois anuncia obras que já contam várias reedições e que di-

tela estrangeira. Além das revistas especializadas, já estão aparecendo boletins informativos de grande interesse, como o Boletim Semanal da Associação Comercial, o Boletim da Bolsa de Imóveis e o da Bolsa de Mercadorias. A informação econômica tornou-se uma necessidade para o comércio e a indústria. Ao lado da revista, o livro sobre economia já tem um mercado garantido. Humberto Bastos acaba de lançar "Rumos da Civilização Brasileira", continuação da série de estudos econômicos que o autor começou em Alagoas e está continuando em São Paulo. Roberto Hadock Lobo publicou uma "Pequena História da Economia", revelando possuir uma cultura invulgar nesse terreno. A produção nacional está procurando encher as lacunas que a guerra abriu na importação de livros e que motivou a falta de literatura econômica no nosso país.

LIVROS GRATIS

Solicite-nos uma relação dos livros-bonificação que estamos distribuindo a todos os nossos freqüentes.

Pelo Serviço de Reembolso Postal atendemos pedidos de livros de qualquer editora nacional. O nosso "Reembolso" garante: Rápidês na remessa. — Preços de tabela do editor e embalagem cuidada. Solicite os nossos catálogos gratis.

LIVRARIA BOA LEITURA — R. Senador Feijó, 155 — SÃO PAULO.

O que se faz em Minas

FRITZ TEIXEIRA DE SALES

Representante de LEITURA em Belo Horizonte

JÁ SE disse e se repetiu várias vezes, que o conto é o mais difícil de todos os gêneros literários. Partindo do princípio elementar da espontaneidade na criação artística, poderíamos sugerir não existir nem um gênero literário completamente fácil nem tão pouco completamente difícil. Tudo depende da nossa "vontade" de criar neste ou naquele gênero. Entretanto, no ponto de vista da técnica e do processo, as dificuldades que se nos deparam para que possamos escrever um conto verdadeiramente bom — são inegáveis. O conto exige grande equilíbrio, sobriedade e principalmente força, pois deve revelar o máximo no menor espaço possível. Dir-se-ia serem os grandes introspectivos, os temperamentos condensados em uma lenta tortura da alma através de uma vida limitada e oprimida pelas circunstâncias, os fatores essenciais para o temperamento do "conteur".

E se assim fosse aí estaria uma explicação, embora bastante generalizada, para o fato do mineiro gostar tanto da história curta. No passado houve em Minas um Afonso Arinos e um Silva Guimarães, este último injustificavelmente desconhecido no resto do Brasil, mas que é autor de contos realmente admiráveis.

Depois, tivemos Godofredo Rangel e Rodrigo Mello Franco de Andrade, cujo livro VELÓRIO possui autênticas obras primas. Sem esquecer Anibal Machado, inigualável espírito de ficcionista.

João Alphonsus, cujo livro de contos GALINHA CEGA tanto sucesso obteve, acaba de lançar uma nova coleção de contos, EIS A NOITE, que apareceu em elegantíssima edição — Livraria Martins de São Paulo, distribuidora.

GODOFREDO Rangel, talvez a mais completa inteligência de ficcionista de Minas de hoje, terminou um livro de contos do qual faz parte aquele admirável "O BEZERRO".

O SUAVE poeta Austen Amaro, autor de POEMENTOS A FEIÇÃO DO ORIENTE, publicará brevemente uma coletânea de histórias curtas, sendo que as principais tratam da guerra de 1914 e da atual.

OITY Silva é um nome novo que surge assinando ótimos contos de conteúdo social e grande intensidade humana.

JOSE Calazans Filho, que estreará breve com o romance SUMIDOURO, já anunciado por nós, tem também uma coleção de contos.

"LENDARIO de minha terra", são contos folclóricos de Franklin de Sales que serão publicados ainda este ano.

NAZARENO Alphonsus, filho de Alphonsus de Guimarães e irmão de João Alphonsus e do poeta de LUME DE ESTRELAS, terminou um livro de contos que tem o título de ALEXANDRE, VELHO AMIGO.

ANTIGAS EDITORAS ESPAÑHOLAS E ARGENTINAS

BRAULIO SANCHEZ-SÁEZ

Copyright de LEITURA

LEMBRO-ME perfeitamente que juntamente com os livros didáticos começar o século atual, nós com as editoras estrangeiras, uma que saíamos da adolescência, já ou outra edição nacional, sempre fosse das incipientes bancas escolares; ou das magníficas aulas universitárias, costumávamos ver, em velha livraria "J. Lejonne", ou das mãos dos professores, está claro, oficinas gráficas da "Coni Herma-

nos", com aquele rico, pesado, brilhante e severo papel ilustração, que realmente nos impressionava... Obras de "nossos clássicos", daqueles homens da geração de 1860, que formaram o patrimônio da cultura no Rio da Prata.

Eram livros caros e curiosos, que poderiam competir com os de Espanha e da França, não somente em impressão como também em conteúdo. A velha arte do impressor já era um patrimônio desses velhos editores do século XIX, como nos primeiros dez anos do século atual. Como exemplos, as obras do polígrafo francês-argentino Paul Groussac, editadas pelo ilustre sr. Julio Menéndez; as do venerável Jacobo Peuser; as obras impressas por Guilherme Kraff, ou para ir um pouco mais longe, os impressos na "Casa de la Moneda", por conta exclusiva do governo nacional...

Foram anos de esplendor, dificilmente esquecidos. Foi uma literatura e uma ciência, gravadas em nosso espírito naqueles anos distantes da mocidade. Lentamente, ao começar o ano de 1910, as editoras espanholas, principalmente aquelas que mantinham um comércio ativo com o Rio da Prata (Argentina e Uruguai), não se limitaram somente ao envio das velhas editoras espanholas, como as de "Montaner y Simón", de Barcelona, ou as de "Hernando Paez", de Madri; começaram também, de simples agentes de livrarias, a ser igualmente parte ativa em impressões e lançamento de livros, tendo em conta, quase exclusivamente, o amplo comércio do livro peninsular, na América do Sul.

Lá pelo ano de 1909 se funda em Valencia, Espanha, uma empresa editora, cujo diretor literário era o ilustre Vicente Blasco Ibañez, criatura muito afelta, como bom meridional, aos grandes negócios e, sobretudo, um conhecedor profundo do gosto americano, para o qual criou uma coleção destinada a ser, logo após, o seu lançamento, algo assim como o prato predileto da juventude ansiosa de cultura. Tratava-se de uma empresa editora que logo se fez popular: "F. Semper y Cia."; e a coleção apadrinhada por Blasco Ibañez, "A Biblioteca Blanca", por ser essa a característica de suas capas que traziam aos contos o retrato de autores pertencentes à

(Continúa à pág. 43)

Caminhos da América

"O ROMANCE SOCIAL É O ROMANCE DO PRESENTE E DO FUTURO"

O ESCRITOR argentino Max Dickmann, autor de "Madre América", "Gente", "Los frutos amargos", romances fortes e humanos, recebeu convite especial do governo norte-americano para visitar os Estados Unidos.

Em Lima, de passagem aos Estados Unidos, foi ouvido por "La crónica" a respeito da literatura atual. Para ele, como para os grandes romancistas atuais do mundo inteiro, "o romance social é o romance do presente e do futuro". — "Já não interessa ao povo uma literatura baseada na pura ficção ou na mentira, que apenas nos pinta édens e mundos fantásticos, romantismos enfermigos e decadentes, mas as realidades e os problemas vividos pelo autor e pelos leitores". — "Nos países da América Latina devemos cultivar o gênero preferido e imposto pelo momento atual. E no mundo do futuro, esse tipo de romance naturalmente se aperfeiçoará, tornando-se mais polido". — "É difícil dizer assim, ao ouvir os motores do avião, quais os grandes romances e romancistas atuais da América Latina. Mas posso citar-lhe Romulo Gallegos, autor de "Doña Bárbara"; Rivera, da "Tragedia del Trópico"; Argueda, em "La raza de bronce"; Jorge Amado, em "Gacá e Jubiabá", que tão bem descreve a vida do povo brasileiro".

Concluiu Max Dickmann, afirmando que o povo argentino é totalmente aliado e que os escritores da Argentina desejam a união das juventudes americanas para preparar o mundo de amanhã, não com revoluções líricas e greves, mas com intercâmbios de intelectuais e homens de ciência, entre os países da América. Para isso, nos fins deste ano, haverá um Congresso Americano de Escritores, que fará os gastos de viagem e estada dos delegados de cada país.

CONGRESSO AMERICANO DE ESCRITORES

DE ACÓRDO com um voto formulado pelo Terceiro Congresso Argentino de Escritores, reunido em Tucumán em 1941, será organizado um Congresso Americano de Escritores, em Buenos Aires, nos fins do corrente ano, possivelmente.

É fácil de se avaliar a importância que assumirá esse Congresso, reunindo os principais escritores democráticos das Américas.

UM INTERCÂMBIO EFETIVO

"O COLEGIO Libre de Estudios Superiores de Buenos Aires", fundado em 1939 pelo grande escritor Anibal Ponce e G. F. Nicolái, o célebre autor da "Biología da Guerra", representa o que há de melhor na cultura e na inteligência viva da Argentina. O Colegio Libre empenhou-se desde cedo a um intercâmbio sistemático e elevado entre os povos americanos, por meio de cursos realizados por ver-

dadeiros mestres, abordando os temas que se relacionam com a vida social, jurídica e cultural de vários países.

O seu trabalho tem sido imenso, mas compensador. Mantém uma cátedra de estudos brasileiros feitos por escritores do Brasil e da Argentina. E recentemente convidou José Lins do Rego e Gilberto Freire para realizar cursos sobre temas nacionais. "O Romance brasileiro" será o tema de José Lins do Rego no curso que realizará brevemente no Colegio Libre.

No mês passado chegou à capital chilena uma delegação do Colegio Libre de Estudios Superiores, composta dos srs. Gregorio Halperin, Luis Reissig e Roberto F. Giusti.

Cada um dos professores realizou três conferências sobre um tema de sua especialidade, isto é, um curso.

LIVROS DE ERICO VERISSIMO PARA O ESPANHOL

A EDITORIAL Claridad, de Buenos Aires, adquiriu os direitos autorais de tradução para o espanhol dos livros "Viagem a Aurora do Mundo" e "A Vida de Joan d'Arc", do romancista Erico Verissimo.

JOHN STEINBECK

O FAMOSO autor de "Vinhas da Ira", "Ratos e Homens", "Boêmios Errantes" e "Noites sem Lua", acaba de ser contratado pelo grande consórcio jornalístico do Herald Tribune, de Nova York, como correspondente de guerra numa das frentes de batalha.

"LOS SIETE SOBRE DEVA"

ALFONSO Reyes, o esteta e ensaísta mexicano, oferece aos seus amigos, quando se liberta um pouco das suas ocupações diplomáticas, alguns livros ricos em sugestões e em sabedoria amável. Esses volumes não abundam nas livrarias; de algum ponto da América chegam as belas mensagens.

Victoria Ocampo se fez célebre por suas "Cartas", e Gabriela Mistral com seus "Recados". Alfonso Reyes é um escritor de correios, um suscitador de correios de luxo. De cultura universal, poucos os que são iguais a ele no conhecimento das novidades e antiguidades — Oquendo, Juan Ruiz, Ruiz de Alarcón, Dario, Neruda — espanholas e americanas.

Amável, sábio e discreto nos temas, nada parece dizer, e diz. Suas páginas são a exibição suave, precisa, moderada de telas de alto preço.

Este Siete sobre Deva é algo assim como um "estudo transcendental das galinhas, a páginas soltas. Isto mesmo nos diz que o seu livro, num outro século, teria sido chamado "Silva de varia lição" ou "Gaveta de Sapateiro". Trata-se de uma série de retratos que fazem da mesma forma uma roupa de Arlequim ou meia dúzia de bandeiras nacionais ou regionais.

Uns camponeses merendam ao ar livre, junto ao rio Deva e dão ensejo a que Reyes escreva cinco páginas magníficas sobre a paisagem e a psi-

cologia dos vascos. Amparados pelo histórico da comida alheia, três personagens alegóricas: "Oceana, Epônimo e Américo" — as Índias, a Europa e o mar revólto que as junta e separa — iniciam uma conversação inteligente, ao estilo dos diálogos helenos, em que se misturam por metades o transcendental e o anedótico.

Fala-se dos espanhóis da América como de "raças crepusculares" ou de transição, que têm que morrer ou matar eles mesmos sua raiz ibérica para se americanizarem. E quando o leitor espera uma continuação ou remate do anterior, passa-se a discutir a lei da constância vital, a juventude da terra, ou se propõe uma tradução dos termos esportivos ingleses, sem esquecer a notável figura de um poeta albanês ou as "fontes" de Rasputin, "monstro calórico siberiano".

"Sonho de uma noite de agosto", subtítulo do livro de Reyes, que é como uma antologia de momentos felizes de conversação entre pessoas muito versadas e nada pedantes. Um livro para ser lido quando se tem vontade de conversar. Edições Minerva, México, D. F. (Nota de Juan Uribe Echevarría).

"STEFAN ZWEIG, MONTANHA SEM BRILHO"

O CRÍTICO espanhol Benjamín Jarnés, de grande autoridade em todos os países de língua castelhana, escreveu um livro, editado no México, onde se encontra há três anos, sobre "Stefan Zweig, cumbre apagada". O livro teve grande sucesso editorial, despertou numerosos comentários favoráveis e desfavoráveis, foi muito lido e muito discutido.

Aqui está o resumo de uma entrevista de Jarnés, concedida a "La Crónica", de Lima, e que publicamos para o conhecimento de nossos leitores, amigos ou não do suicida de Petrópolis.

"UMAS TANTAS VERDADES"

— Eu me propus simplesmente a dizer umas tantas verdades a propósito de Stefan Zweig e de seus livros, e as escrevi. Logo após a saída de meu livro, choveram-me os protestos de toda gente, desde o insulto até o escárnio. No meu entender, não existem motivos para tanto. Será que um escritor não pode dizer nos seus livros umas tantas verdades?

— Acusam-lhe de um agudo ressentimento pessoal...

— Trafal de dizer algumas verdades sérias, tal como as concebo e sinto, e que, em geral, toda gente deixava de lado, embora sentindo-as. Não tenho a pretensão de possuir verdades absolutas e essenciais, porém verdades comuns à ordem literária e a todas as ordens honradamente professadas.

Não consigo compreender o motivo que leva certas pessoas a romper as vestes — vá lá a frase — simplesmente porque se julga, com certo rigor crítico, a vida e a obra de um homem público.

Como
leitor

O matutino
de mais am-
plo noticiário
local, nacio-
nal e inter-
nacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de
maior tiragem
no Distrito Fe-
deral. 41.000
exemplares nos
dias úteis e
65.000 aos
domingos

"UM GÊNIO DA SIMULAÇÃO"

— O que eu escrevi nas 235 pági-
nas de "Stefan Zweig, cunibre apa-
gada", sustento: Zweig é um tipo de
"enfant gate", de menino mimado
que não conhece a vida, a não ser
através de um processo de camareiros
e de lacaios. Viveu entre algodões que
lhe amorteceram os mínimos choques
com a realidade. Não conheceu a ci-
dade. Por isso a imagem que da realida-
de reflete em seus livros é falsa e
viscousamente poética. Quis ser realista
e não o conseguiu. Todas as perso-
nagens de seus romances da primeira
época se movimentam num ambiente
falso e sempre triste.

— Deixará de reconhecer que
Zweig é um grande biógrafo, ainda
que não o considere um grande ro-
manalista?

— É um biógrafo, porém, neste sen-
tido, as suas qualidades têm o defei-
to de uma falta de visão histórica
geral. Ele enxerga as grandes pers-
onagens. Tem a visão que poderia ter
um pintor, e não um analista. Como
escritor e como homem, ele se formou
na vida dos demais, como os selva-

gens de certas tribos que bebem o
sangue dos guerreiros para assimilar
suas virtudes heróicas. Tinha uma
grande capacidade para a simulação
de todas as genialidades dos homens
e mulheres como se se tratassem de
casos clínicos. Ele mesmo era um caso
clínico, como demonstrou o seu fim.
Estava mergulhado numa triste em-
braguês ilicita, porque nunca se
embriagara de amor ou de vinho. Por
temperamento era um homem de au-
sências, de ausências de alegria e de
amor, e estava completamente em-
botado para o humorismo, que é con-
dição de toda atitude genial diante
da vida. Foi um grande figurante de
gênio. Sua genialidade consistia na
prodigiosa capacidade de simulação.

"UM PRODUTO DOENTIO"

— Sua maior admiração é guardada
para o cavalheiro Casanova. Basta ler
a biografia que escreveu desse cini-
co, para se chegar à conclusão de que
era um produto doentio da época an-
terior à guerra de 14-18, e das confu-
sas tempos de após guerra. Todas as
suas personagens estão tomadas do
cientificismo do final do século XIX
e do princípio do século XX, que tem

sua máxima expressão em Freud e
que anula a vontade e a determina-
ção do homem de lutar contra o des-
tino. São irresponsáveis e freudianos,
sem ética, sem vertebração moral
alguma. Suas mulheres são histéri-
cas, dominadas por um obscuro e tris-
te sensualismo. Da única mulher que
escreveu bem, disse que possuía for-
mas de efebos... A mulher era para
Zweig um instrumento de prazer. Sua
maior admiração foi Casanova, um
vulgar gozador de mulheres. Como
romancista não soube criar outra coi-
sa além de sombras: como historia-
dor não enxergava nada fora do tê-
nuo e do longínquo; como intérprete
do nosso tempo não via nada. Por isso
se refugiu no passado. Foi um retra-
tista admirável e um afortunado co-
pista de certos ambientes históricos,
prezando da realidade histórica.
E além disso tudo, foi um bom ad-
ministrador de seus livros. Seu sul-
cício foi uma imitação de Kleist. Até
na morte foi um imitador.

Em resumo, isso é o que eu digo em
meu livro sobre o escritor extinto.
Basta estudar a fundo a obra de Ste-
fan Zweig para se chegar a conclu-
sões análogas".



Economise comprando...

*Compre economizando...
nas afamadas*

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

*Esplêndido sortimento de
artigos leves para o verão!*

CASAS PERNAMBUCANAS

Últimas Edições

DA LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA:

NA COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS:

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Silvio Romero. Cinco volumes, num total de quasi duas mil páginas, sendo que há perto de mil páginas inéditas. O plano da reedição dessa obra indispensável ao conhecimento de nossa história literária foi entregue ao próprio filho de Silvio Romero, Nelson Romero. Uma obra de interpretação e de critica das mais notáveis, pois Silvio Romero não viu a literatura como um fenómeno isolado. Leia o artigo de Brito Broca, publicado neste número, sobre este grande livro.

A VIDA DE GONÇALVES DIAS, de Lucia Miguel Pereira. O primeiro ensaio biográfico da fôlego que aparece sobre o poeta maranhense. Muito documentado, com várias ilustrações, e o diário inédito de Gonçalves Dias no Rio Negro. Para maior compreensão do valor dessa biografia, leia o artigo de Josué Montello publicado neste número.

NA SERIE DE OBRAS EDUCATIVAS:

A CIÊNCIA DE VIVER, de Alfredo Adler, em tradução de Tomas Newlands Neto. 2ª edição. Um bom livro de divulgação científica do grande psicólogo e psicanalista Alfredo Adler.

NA COLEÇÃO A CIÊNCIA DE HOJE:

O TRIUNFO SOBRE A DOR, de René Fulop Miller, em tradução de Cecilia Reis. É a "História da Anestesia", ou melhor, da grande luta do homem contra a dor. O trabalho tenaz e penoso de dezenas de homens que se arriscaram ou perderam a vida para suavizar a vida de seus semelhantes. Um livro que instrui e emociona.

NA COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS:

TEMPESTADE D'ALMA, de Phyllis Bottone, em tradução de Raquel de Queiroz. Romance famoso, de grande força emotiva, filmado pela Metro num filme de sucesso. Phyllis Bottone é inglesa, e esse seu livro é o primeiro a aparecer em nossa língua.

NA COLEÇÃO GRANDES ROMANCES PARA A MULHER:

NOVAS ESTRELAS ESTÃO BRILHANDO, de Faith Baldwin, em tradução de Genoveva Piza. Um bom romance para mulheres modernas, que já não se encantam com os livros de Ardel. O drama da jovem de hoje, escrito sem intencionalismos prejudiciais.

NAVIO SEM PORTO, de Lia Corréa Dutra, Premio Humberto de Campos. Vários contos "cheios de naturalidade, ternura, humour e os sentidos trágicos dos contrastes da vida". O público há de confirmar se foi justa ou não a decisão do júri em dar a Navio sem Porto o "Prêmio Humberto de Campos", por unanimidade.

AS TRÊS MARIAS, romance de Raquel de Queiroz, que aparece agora em segunda edição. É o romance mais bem construído da escritora cearense, capaz de emocionar e satisfazer as exigências do leitor de romances traduzidos.

DOS IRMAOS FONGETTI EDITORES:

NA COLEÇÃO AS 100 OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL:

O VIGARIO DE WAKEFIELD, célebre romance da literatura inglesa, de Oliver Goldsmith. Tradução da Sra. Clara Nori, revista por Marques Rebelo. Que dirige essa excelente coleção.

DA LIVRARIA DO GLOBO, PORTO ALEGRE:

A QUADRAGESIMA PORTA, de José Geraldo Vieira. "Um romance denso, animado por um quente sopro de humanidade e refletindo as idéias e as angústias de nosso tempo. É o livro inaugural da nova coleção "Autores Brasileiros".

DICIONARIO ENCICLOPEDICO BRASILEIRO, ILUSTRADO, de Alvaro Magalhães. Obra importante, feita com a colaboração de 65 ilustres professores. Volume com 1.400 páginas, 25.000 verbetes e termos de vocabulário, 2.300 ilustrações, 50 mapas em preto e 12 pranchas em 8 cores.

BOLIVAR, Cavaleiro da Glória e da Liberdade, por Emil Ludwig. Uma excelente biografia do grande Libertador.

VIDA E MORTE DE TRELAWNY, por Margaret Armstrong. Trelawny, uma das mais pitorescas figuras do século XIX, um personagem múltiplo, que foi poeta, grande amoroso, valente espadachim, intrépido lobo do mar, fanático da liberdade e arqui-aventureiro de todos os tempos.

OS GRANDES CATÓLICOS, pelo Rev. Pe. Claude Williamson. Uma antologia de 46 biografias de homens e mulheres que receberam sua força e inspiração da Igreja Católica. Com estudos de Tristão de Ataide, Alvaro Lins e Hidelbrando Leal, relatando, respectivamente, as vidas de Jackson de Figueiredo, Joaquim Nabuco e Dom Vital, Bispo de Olinda.

REEDIÇÕES: UM RIO IMITA O RENO, de Viana Moog; **PALAVRAS E SANGUE**, de Papini; **LORD JIM**, de Joseph Conrad, e "Estudantes, amor, Tscheka e Morte", de Alla Rachmanova.

DA AMERICADIT:

EDIÇÕES EM FRANCÊS:

DOSTOIEVSKY, de Henri Troyat. Prix Goncourt. Dois volumes. É realmente uma grande biografia do romancista russo. De ascendência russa, manejando fluentemente o idioma paterno, Henri Troyat sentiu toda a violência do estilo de Dostoiévski em suas expressões originais.

LA RÉVOLUTION FRANÇAISE, dois volumes, de Pierre Gaxotte. A Revolução Francesa como um quadro vivo e movimentado, e as grandes figuras da época retratadas com segurança.

LA MATERNELLE, de Léon Frapié, prix Goncourt. Depois de obter o prêmio Goncourt, LA MATERNELLE foi levada à cena com imenso sucesso no Théâtre des Arts em Paris, e mais tarde surgiu num film que assistimos no Brasil. Livro consagrado, um verdadeiro poema, incluído na lista de obras primas da literatura francesa organizada por René Jaloux.

LES DIVERSES FAMILLES SPIRITUELLES DE LA FRANCE, de Maurice Barres, da Academia Francesa. "Livro que explica a alma e o coração dos franceses — dos franceses de ontem como dos de hoje". Testemunhos recolhidos por Maurice Barres no fim da outra grande guerra e comentados com inteligência e emoção.

L'AIGLON, de Edmond Rostand. Se Academia Francesa. Contando a história do pequeno Rei de Roma, que era o objeto dos pensamentos e das preocupações de Napoleão em Santa Helena, Rostand, o imortal poeta francês, fez alguma das seus melhores versos, construindo um drama comovente.

DA EDITORA VECCHI:

O MISTÉRIO DE MARIE ROGET, de Edgar Allan Poe, em tradução de Libero Rangel de Andrade e Frederico dos Reis Coutinho. Uma dramática história de amor, de morte e de intrigas que tem por cenário a alegre Paris de antanho.

O PRÍNCIPE, de Maquiavel, com os comentários de Cristina da Suécia e Napoleão. Tradução direta e completa de Mario e Celestino da Silva. Além de seu valor eterno como tratado político e literário, tem sempre grande atualidade, e deve ser lido.

O CAMINHO DA GLÓRIA, de Bette Davis, em tradução de Stella Martins Pairedes. "A vida intensa de Bette Davis escrita por ela mesma". Edição de luxo, com oito fotografias de Bette Davis em cenas culminantes de seus filmes.

A RAINHA VITÓRIA, de Lytton Strachey, em tradução de Stella Martins Pairedes. 2ª edição. Com esse livro célebre, uma biografia que se lê com o prazer e a emoção de um bom romance, Strachey "inaugurou a era dos biografos irreverentes e verazes". Strachey é considerado o criador da biografia.

DE EDIÇÕES MUNDO LATINO:

A FILHA DE HATA HARI, de Maurice Dekobra e Leyla Georgie, em tradução de Eneas Marzano. Romance de guerra, um drama de espionagem.

DA LIVRARIA H. ANTUNES, RIO:

63 LIÇÕES DE INGLÊS SEM MESTRE, de Raul Reinaldo Rigo. Método prático, simples e rápido, com a pronúncia

nítida. 4ª edição aperfeiçoada e revista pelo autor, enriquecida com novos vocabulários, termos comerciais, bancários, industriais, verbos, noções de correspondência, modelos de cartas.

SENHORA, romance de José de Alencar. Um perfil de mulher.

NA COLEÇÃO DO SÉCULO:

SAUDADE DE JOÃO IMPERADOR, de Selma Lagerlöf, a grande romancista sueca, prêmio Nobel de Literatura.

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. PAULO:

A FELICIDADE VEM DEPOIS, romance de Judith Kelly.

NA BRASILEIRA:

DO ESCAMBIO A ESCRAVIDÃO, de Alexander Marchant, em tradução de Carlos Lacerda.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. PAULO:

NA COLEÇÃO A MARCHA DO ESPÍRITO:

AS OBRAS PRIMAS DO CONTO BRASILEIRO, seleção de Almiro Rolmes Barbosa e Edgar Cavalheiro.

NA BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA:

REMINISCÊNCIA DE VIAGENS E PERMANÊNCIA NO BRASIL — Províncias do Norte —, de Daniel P. Kidder, em tradução de N. Vasconcelos.

NA BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO:

O PENSAMENTO VIVO DE FREUD, de Robert Waelderer, em tradução de Catarina B. Cannabraba.

RUMOS DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, ensaio econômico de Humberto Bastos.

DA EDITORA UNIVERSITÁRIA, S. PAULO:

O SARGENTO NIKOLA, romance de István Tamas, em tradução de Caio Jardim.

DAS EDIÇÕES CULTURA S. PAULO:

QUE POLÍTICA DE GUERRA DEVEMOS SEGUIR, de Otávio Malta. Primeiro volume da Série de Defesa Nacional.

DAS EDIÇÕES CULTURA, S. PAULO:

NA SÉRIE CLÁSSICA D'OS MESTRES DA LÍNGUA:

OBRAS DE GARRET, em dois volumes, contendo o primeiro o romance "O Arco de Santana" e o poema "Camões"; e o segundo o poema "Dona Branca" e os dramas "Um Auto de Gil Vicente" e "Frei Luiz de Souza".

COLEÇÃO PRESENÇA

Director: FREI MANSUETO KOHNEN, O. F. M., professor de Literatura da Universidade Católica do Rio de Janeiro

Vol. 1 — **A ÚLTIMA AO CADA-FALSO** — Gertrud von Le Fort — Novela — trad. Roberto Furquim, Pr. br. Cr\$ 6,00 e Enc. Cr\$ 11,00

Vol. 2 e 3 — **RETORNO A CRISTO** — depoimento de personagens de destaque no mundo intelectual e social, que se converteram ao catolicismo. Depoem: Chesterton, Sigrid Undset, Paul Claudel, etc., Trad. Mário Serrano-Frei Mansueto Kohnen, Pr. Cr\$ 10,00

Vol. 4 — **CHARLES PÉGU**, O BOM PECADOR — Karl Pfleger — Estudo literário — Trad. O. Durieux, O. F. M., Pr. Cr\$ 8,00

Vol. 5 — **DOSTOIEVSKI, O HOMEM DO SUB-SOLO** — Karl

Pfleger — Idem, Pr. Cr\$ 6,00
Vol. 6 — **LEON BLOY, O PEREGRINO DO ABSOLUTO** — Karl Pfleger — Idem — Pr. Cr\$ 6,00

Vol. 7 — **CHESTERTON, O CAMPEÃO DA ORTODOXIA** — Karl Pfleger — Idem — Pr. Cr\$ 5,00

Vol. 8 — **ANDRÉ GIDE, O FILHO PRÓDIGO** — Karl Pfleger — Idem — Pr. Cr\$ 6,00

Vol. 9 — **CRISTO EM NOSSOS CAMINHOS** — F. Desplanques, S. J. — Trad. Elizário Schmidt, O. F. M. — Idem — Pr. Br. Cr\$ 2,00 e Enc. .. Cr\$ 15,00

Vol. 10 — **HNOS A IGREJA** — Gertrud von Le Fort — Poesias místicas — Pr. Ed. pop. Cr\$ 2,00 — Ed. luxo Cr\$ 25,00

FAÇA SEU PEDIDO PELO REEMBOLSO POSTAL A
Caixa Postal 13132
RIO

OBRAS COMPLETAS DE CRUZ E SOUZA, contendo o primeiro volume, dedicado à Poesia, "Broquéis", "Farcis", "Últimos Sonetos" e mais 25 poemas avulsos recolhidos pelo Sr. Fernando Góes, que prefaciou a obra; e o segundo volume, "Missal" e "Evocações".

NA SÉRIE VIDAS LUMINOSAS:

MARX, um artigo de Frederic Engels e a oração que proferiu à beira do túmulo de Marx. Tradução de Heitor Ferreira Lima.

DA ATENA EDITORA, S. PAULO:

NA BIBLIOTECA CLÁSSICA:

DICIONÁRIO FILOSÓFICO, de Voltaire, e **O BANQUETE**, de Platão.

DA EDITORA OCEANO, S. PAULO:

A CARTUXA DE PARMA, de Stendhal, em tradução de Antonio Rino. O primeiro volume da série de romances clássicos e modernos.

DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S. PAULO:

OLHO D'ÁGUA, poesia de João Accioli, em segunda edição.

DA EDITORA PROMETEU, S. PAULO:

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ESTUPIDES HUMANA, de Walter Pitkin, em tradução de Edison Carneiro.

DA LIVRARIA EDITORA PAULICELA, S. PAULO:

SECRETÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO, em nova edição.

DA ALBA EDITORA:

OESTE PAULISTA, de A. Tavares de Almeida. Ensino sobre a "experiência etnográfica e cultural" do sertão paulista. Trabalho de investigação social sobre uma zona que o autor considera a melhor do Brasil. É um livro que se recomenda a todos os estudiosos. Excelente edição da Alba.

RESTAUREMOS A BIBLIOTECA DE LIMA!

AJUDE a restaurar a Biblioteca de Lima, enviando por intermédio da Embaixada do Perú — Av. Pasteur, 146 — todos os livros de que você pode dispor.

Um ato de solidariedade e panamericanismo que deve ser multiplicado aos milhares em todo o Brasil.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em **LEITURA**, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Próximas Edições



Da LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA:

INSÔNIA, de Graciliano Ramos. O próximo livro do romancista de "Angústia" contendo os seguintes contos: Insônia, O relógio do hospital, Minsk, Luciana, A prisão de J. Carmo Gomes, A testemunha, Um ladrão, Silveira Pereira, Paulo, Clumes, Um pobre diabo, O sr. Krause, Dois Dedos, Uma visita, Último natal. Os melhores contos de Graciliano Ramos, escolhidos com a severidade e o bom-gosto literário que caracterizam o nosso maior romancista. "Insônia" e "O relógio do hospital" são merecedores de todos os elogios.

Depois de Insônia serão editados: — "Memórias de infância", "Histórias de Alexandre e Cesária" e, quando possível, as recordações de um prisioneiro...

VILA FELIZ, de Anibal Machado, o maior "fenômeno" literário de todos os tempos, no Brasil. Anibal Machado nunca publicou um romance, e é considerado, com a aprovação dos próprios romancistas, um dos nossos maiores romancistas. "João Ternura" já é um livro célebre, posto em pé de igualdade com os maiores romances da literatura brasileira, mas o certo é que poucos o conhecem integralmente. Anibal Machado é considerado ainda um dos nossos maiores contistas, e somente agora resolveu reunir num volume sob o título contraditório de "Vila Feliz" os seus melhores contos: "A morte da porta-estandarte", "Tati a garota", "O Piano", etc. Na arte de fazer contos, Anibal Machado é realmente um verdadeiro mestre como o demonstram os contos citados, hoje populares. Ele é pessoalmente assim como Tchecoff, uma figura que não se esquece, uma recordação que se guarda na certeza de que no futuro será repetida mil vezes com vaidosa alegria da nossa parte e grande interesse dos ouvintes. Na verdade ele é o Tchecoff brasileiro, e também entende um pouquinho de medicina...

FOGO MORTO, novo romance de José Lins do Rego, com prefácio de Otto Maria Carpeaux. Reedições: "Maninho de engenho", 4ª edição; "Doidinho", 4ª edição; "Banguê", 2ª edição; "Pureza", 3ª edição; "Pedra Bonita", 3ª edição.

ALELUIA, de Raquel de Queiroz, a maior romancista brasileira, autora sempre de romances bem construídos e humanos.

O AGRESSOR, romance de estreia do crítico e ensaísta Rosário Fusco. Dizem que é um excelente romance.

SILÊNCIO, o segundo romance de Tasso da Silva, autor de "A igreja silenciosa" e de outros livros de ensaios e poesias.

OLINDA, 2.º guia prático histórico e sentimental de cidade brasileira. 2ª edição, ilustrada por Luis Jardim.

NA COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS:

A VIDA EXUBERANTE DE OLAVO BILAC, de Elói Pontes: Perfil de Euclides e outros perfis; "O Rio de Janeiro no século 17", de Aivaldo Coaracy;

"O Brasil e a América", de Pedro Calmon.



Do CLUBE DO LIVRO:

O **MANGUE**, album de desenhos de Lassar Segall, tendo por motivo cenas da vida do "bas-fond" carioca, com texto de Mario de Andrade e Manuel Bandeira, o primeiro escrevendo sobre a obra propriamente dita, e o segundo sobre o assunto que serviu de motivo para os desenhos, isto é, o Mangue. Edição de luxo, limitada a cem exemplares, contendo quarenta trabalhos originais, a serem reproduzidos por meio de "clichês" e litograficamente, a uma, duas e três cores, levando, cada exemplar, o nome impresso do assinante. O prazo de inscrição terminará no dia 31 deste mês, custando cada exemplar 500 cruzeiros. Os interessados deverão dirigir-se à praça Getúlio Vargas, 2, sala 415 (Edifício Odeon).

EDIÇÃO PARTICULAR:

POEMAS E SONETOS, de Vinicius de Moraes. Continua aberta, até fins de agosto, a subscrição para o novo volume de poesias de Vinicius de Moraes "Poemas e Sonetos" (1938-1943) ao preço de Cr\$ 50,00 o exemplar. O livro conterá 20 litografias de Carlos Leão, e será editado pelo autor. A reserva poderá ser feita com o próprio autor ou com os escritores Rubem Braga, Anibal Machado, Manuel Bandeira, Moacir Werneck de Castro, devendo ser paga adiantadamente. Cartas para esses escritores podem ser dirigidas por intermédio de LEITURA.

Da AMERIC-EDIT.:

LA MAISON DE DANSES, de Paul Reboux. É um romance vivo, sempre interessante, que distrai e comove, num tom profundamente francês.

HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE, de Albert Tribaudet, em dois volumes. A última e mais importante obra de Tribaudet foi justamente a "Histoire de la Littérature Française". Livro fundamental para o verdadeiro conhecimento da literatura francesa.

RABOLIOT, de Maurice Genevoix, prêmio Goncourt. "Raboliot" é a história de um caçador furtivo, das suas lutas constantes com os guardas que o impediam de exercer aquilo que ele considerava como um legítimo direito.

Da COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. Paulo:

GUERRA E PAZ, nova coleção que reunirá os depoimentos mais interessantes sobre os problemas da conflagra-

ção e do após guerra, a Editora Nacional anuncia os seguintes livros:

A ITALIA POR DENTRO, de Richard Massockh, em tradução de Carlos Lacerda.

AO REDOR DO MUNDO, de Wendell Wilkie, em tradução de Monteiro Lobato. Leia, neste número, o artigo de Aurelio Domingues, que lhes dará melhor explicação da excelência do livro de W. Wilkie.

A ALEMANHA POR DENTRO, de Louis Lochner, famoso jornalista que viveu muitos anos na Alemanha, em Berlim.

NA BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO:

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, de H. G. Wells, em tradução de Monteiro Lobato.

NA BRASILIANA:

CORRESPONDENCIA POLITICA DE MAUA NO RIO DA PRATA, com notas de Lidia Bezouchet.

Da LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO A MARCHA DO ESPIRITO:

A VIDA MARAVILHOSA DE SARAH BERNHARDT, de Louis Verneuil, em tradução de Galeão Coutinho.

NA COLEÇÃO CONTEMPORANEA:

TERRAS DO SEM FIM, o grande romance de Jorge Amado, destinado a obter o maior sucesso de livraria do Brasil nestes últimos tempos.

O SARGENTO IMORTAL, de John Brody.

REPRESALIA, de Ethel Vance.

NA BIBLIOTECA DE CIENCIA SOCIAL:

INTRODUÇÃO A HISTÓRIA ECONÔMICA, de N. B. Gras.

DIVERSOS:

CONCIONEIRO DO AUSENTE, de Ribeiros de João Alphonsus, ilustrados por ro Couto, poesias. **EIS A NOITE**, com Percy Deane. **TRASANTEONTEM**, de Alberto Rangel.

Da EDITORAL OCEANO, São Paulo:

EIS MUSSOLINI, biografia de Armando Borghi.

PAO E VINHO, romance de Ignazio Silone.

Da EDITORA UNIVERSITARIA, São Paulo:

NA COLEÇÃO CIENCIA PARA TODOS:

NOSSA VIDA CONJUGAL, de Norman Himes.

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, de Charles Francis Potter, em tradução, de J. de

ERTOS BRAVIOS, de Willy Aureli.
Sampaio Ferraz.

Da EDITORA PROMETEU,
São Paulo:

AS BASES DA PAZ FUTURA, de Henry
Wriston.

ELE QUERIA DORMIR NO KREMLIN,
de Gehard Schacner.

Da LIVRARIA ELO, S. Paulo:

MEMÓRIAS DE SIMÃO, O CAOLHO, de
Galeão Coutinho, em terceira edição.

Da ATENA EDITORA:

NA COLEÇÃO CLASSICA:

A REPÚBLICA, de Platão.

NA COLEÇÃO MUSICAL:

A VIDA DE CHOPIN, de Portalés.

Das EDIÇÕES CULTURA, São
Paulo:

NA SÉRIE BRASÍLICA:

**HISTÓRIA DA LUTA CONTRA OS HO-
LANDESES NO BRASIL**, de Varnha-
gen.

NA SÉRIE NOVELAS UNI-
VERSAIS:

OS TRÊS MOSQUETEIROS, de Alexan-
dre Dumas, em dois volumes.

Das EDIÇÕES MOMENTO,
São Paulo:

COM O EXÉRCITO RUSSO NO FRONT,
de Ilya Erhenburg.

HOMENS DA GUERRA, de Brasil Ger-
son.

A BATALHA DE STALINGRADO, de
Kriger, Gregorenko e Rischin.

Da EDITORA PAN-AMERI-
CANA:

NA BIBLIOTECA EPASA DE
DE CULTURA:

**SOCIEDADE LIBERAL OU SOCIEDADE
INDUSTRIAL?**, de Peter F. Drucker.
O estudo da transição da sociedade pa-
ra uma sociedade industrial, à luz de
um rigoroso critério científico. Estudo
político, econômico, sociológico, psico-
lógico e histórico da época presente.
A "Biblioteca Epasa de Cultura" se
inicia com o livro de Peter F. Drucker.

UM MERGULHO NO INFERNO, de Allan
R. Bosworth. Um romance onde não
falta sensação, malícia e mistério. Foi
filmado pela 20th Centruty Fox.

ADULTÉRIO, romance de Guy de aMu-
passant. Traduzido do original francês
"Pierre et Jean", um dos mais intensos
dramas psicológicos, escrito pelo mais
notável contista da França. Tradução
de Alvaro Gonçalves.

Da LIVRARIA DO GLOBO,
Porto Alegre:

A FONTE e A VIAGEM, de Charles
Morgan. As traduções foram confiadas

A LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA

tem a satisfação de participar o lançamento
da obra-prima da sociologia brasileira

CASA-GRANDE & SENZALA

de

GILBERTO FREYRE

em sua 4.^a edição, DEFINITIVA — 2 vo-
lumes in-8, com 800 páginas

**4 RAZÕES QUE FAZEM DESTA REEDIÇÃO
UMA OBRA, PODE-SE DIZER, NOVA, IN-
DISPENSÁVEL POR CONSEQUENTE A
TODOS OS ESTUDIOSOS:**

- 1 — Pela 1.^a vez foi rigorosamente revista
por Gilberto Freyre.
- 2 — Pela 1.^a vez a obra toda foi admira-
velmente ilustrada a bico-de-pena por
Santa Rosa.
- 3 — Pela 1.^a vez traz magnífica biblio-
grafia.
- 4 — Pela excelente apresentação gráfica
dos volumes na Coleção Documentos
Brasileiros.

"Não sabemos se houve outro brasileiro
que com tanta acuidade nos observasse".

JOÃO RIBEIRO

"Obra-prima da Sociologia Americana.
... "Única na matéria e certamente uma
das maiores contribuições de todos os tem-
pos da América Latina às Ciências Sociais".

PROF. A. METRAUV

Da Universidade de Yale

Preço dos 2 vols. — Br. . . Cr\$ 80,00

Enc. . . Cr\$ 100,00

Exemplares de grande luxo,
para bibliófilos . . . Cr\$ 300,00

a Mario Quintana e Sergio Millet, res-
pectivamente.

A OUTRA COMÉDIA, de William Somer-
set Maugham, em tradução de Moacir
Werneck de Castro. "Uma história atre-
vida e quase cínica".

MÉDICOS DO ESPÍRITO, de Marie Bey-
non Ray, em tradução de Juvenal Ja-
cinto. A história da psiquiatria.

**O NASCIMENTO E A MORTE DO SOL
e A BIOGRAFIA DA TERRA**, dois cé-

lebres livro de George Gamow, pro-
fessor russo de geofísica. Tradução de
Monteiro Lobato, que passou a integrar
o número de tradutores da Globo.

DIREITOS ADQUIRIDOS:

ETHAM FROME, de Edith Wharton;
LEGENDA, de Clemens Dane; POEI-
RA, de Rosammond Lehman; THE MEN
WHO MAK THE FUTURE, por Bruce
Bliven; A MORTE DOS DEUSES e A
RESSURREIÇÃO DOS DEUSES, de Di-
mitri Merejkowski; MAIN STREET, de
Sinclair Lewis.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros
mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço
de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasi-
leira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

LEITURA Condensa um romance

AS TRÊS MARIAS,

de RAQUEL DE QUEIROZ — 2.^a edição —
Livreria José Olympio — Rio, 1943
Condensação de RAUL LIMA

EU tinha sete anos quando mamãe morreu, e estava longe, passando uns dias fora. Como teria se comportado aquela alma de passarinho diante do mistério da morte? Como teria ficado sua linda cara risonha, cheia sempre de luz e de vida, presa da imobilidade majestosa e definitiva? Não sei, nunca me contaram. E assim, ficaram-me dela duas imagens: — a primeira, mamãe viva, a moça barulhenta e infantil que tomava banho de chuva comigo, vestida numa camisa curta e transparente... A outra — essa eu nunca a pude conciliar com a primeira — é a minha mãe morta, a "finada Isabel", como dizem os conhecidos.

Papai casou depois de cinco meses de viúvo, com uma prima, creio que sua namorada dos velhos tempos. Em minha madrastra tudo era formal, correto, virtuoso. Era e é. Porque ela é sólida, indestrutível, inabalável. E é boa, monotónamente boa, implacavelmente boa. E ao mesmo tempo egoísta, mas serena, convictamente egoísta. Não é propriamente uma mulher, é um escoteiro. Chamo-lhe Madrinha, tomo-lhe a benção.

Foi a Irmã Germana, a nossa mestra, quem sugeriu o apelido, chamando-nos pela primeira vez: "as três Marias".

— Maria José, Maria Augusta, Maria da Glória, porque não fazem silêncio? São as três Marias! Se ao menos vivessem juntas como as três do Evangelho, pelo amor de Nosso Senhor! Mas sou capaz de jurar que perdem o tempo em dissipação.

Glória olhou para mim, eu olhei para Maria José. Sorrimos. "As três Marias"! As três Marias bíblicas? As três estrelas do céu?

Glória usava no peito um broche com um medalhão de duas faces. Dois retratos de mortos, pois Glória era órfã. E no Colégio, entre tantas outras que não tinham pai ou não tinham mãe, a orfandade de Glória revestia-se de não sei que sutis características que a tornavam excepcional — como de uma aristocracia na tragédia.

De nós três, só Maria José tinha família e casa próxima: uma grande chácara no fim da linha do Alagadiço, cheia de meninos miúdos, com a vacaria ao lado. O pai dela vivia ausente, e dona Júlia, a mãe, gorda e apetreçada, governava tudo. A própria Maria José um dia nos deu detalhes. Contou a briga que surpreendera entre os pais, num domingo de saída. Depois disso ele desertou da casa, não ia lá nem dormir, e a mãe ficou sozinha na alcova, ocupando a cama grande com o filhinho menor nos braços.

Tínhamos as nossas estrelas e vários outros problemas. A gente pensa que a infância ignora os dramas da vida. E esquece que esses dramas não escolhem oportunidade nem observam discrição, exibem-se, nus e pavorosos, aos olhos dos adultos e aos dos infantes, indiferentemente.

Menina e moça me tiraram do ninho quente e limitado do colégio — e eu afinal conheci o mundo. Em casa, a monotonia era tão opressora, tão constante, que chegava a doer como um calo de sangue. Chegava a ter equívocos de tédio. Ninguém me entendia, admiravam-se que, depois de tantos anos de reclusão e disciplina, eu

só quizesse, só aspirasse a liberdade e aos prazeres proibidos. Ouvia Madrinha comentar com papai, numa censura velada:

— Tantos anos de colégio! Como foi possível que não se acostumasse?

Mas, Deus do céu, ela não via, papai não via, ninguém via que o único desejo do meu coração era derrancar hábitos, esquecer a escravidão do sino, das fezas, da cama feita? Para que sair do colégio, para que ser afinal uma mulher, se a vida continuava a mesma e o crescimento não me libertara da infância?

E' difícil exprimir em algumas linhas tudo o que foi para mim esse tempo decisivo, que exigiria talvez um livro, só ele, para dizer as minhas rebeldias, minhas lágrimas à noite, meu desesperado desejo de fuga, que chegou a ser quase uma opressão. De forma que, quando vi no jornal o edital de um concurso para dactilógrafo em Portaleza, agarrei-me a essa esperança com tanta tenacidade e energia que Madrinha cedeu, papai cedeu, trouxe-me para fazer o concurso, visitou amigos, conseguiu a nomeação.

Comecei a trabalhar. E parecia-me que a felicidade começava. Viver sozinha, viver de mim, viver por mim, livrar-me da família, livrar-me das raízes, ser só, ser livre!

Primeiro fui morar em pensão, na casa de uma parenta de papai. Depois fui morar com Maria José. Dona Júlia tinha acabado com a vacaria que só lhe dava prejuízos e luta. Mudara-se para o fim da linha do Mororé, perto do cemitério. Maria José ensinava numa escola de arrabalde. Repartiu o quarto comigo. Era o primeiro da casa, onde deveria ser a sala de visitas, claro e grande, dando janelas para a rua.

Tinha eu dezoito anos quando comecei a trabalhar, e seis meses depois já sentia medo de ficar velha sem saber o que era o mundo.

Já há muito tempo eu me desprendera da religião trazida do colégio. O processo foi lento, como uma vagarosa desagregação, sem surpresa nem violência. A verdade é que nunca acreditei direito em nada. Fui abandonando a prática — a oração da noite, a missa, a confissão — e perderam-se as convicções.

Com Raul comecei o meu primeiro caso de amor. E' preciso notar, entretanto, que eu merecia realmente compaixão. Ainda lá fazer vinte anos, e me sentia inteiramente só, com minhas esperanças no mundo e nas suas promessas em completa crise.

Era pintor e fazia farras medonhas. Diziam até que tomava cocaína. Um boêmio sem eira nem beira, que conhecia metade da Europa e todos os cafés de artistas de Paris. Num dos acasos do seu vó, arribata aqui, anos atrás, e, ninguém sabe porque, aqui casara, carregando depois a mulher consigo pelos apartamentos de luxo, nos tempos bons, pelas pensoezinhas de terceira ordem, nas vacas magras. Voltara agora, emarginado de nova crise, pedindo hospitalidade ao sogro para descansar um pouco. Começou a pintar, a vender os quadros, arranjou alunos, ia ficando há mais de um ano. Chegava em casa de madrugada, a mulher brigava, os vizinhos ouviam. Um perdido.

Ouvi a biografia sem surpresa; era a única história que se harmonizaria com ele, com o que eu dele imaginara.

Nessa noite dormi pensando em Raul. Via sua cara pálida bem perto da minha, o olhar de expressão dolorosa, a boca de riso amargo. Descobria naquele rosto estranhas belezas.

EDITORIAIS ESPANHOLAS E ARGENTINAS

(Continuação da pág. 36)

cultura universal. Biblioteca econômica, de apresentação sobria, e não isenta de mérito, em suas seleções. Pouco tempo depois se inicia uma das grandes editoras espanholas, a que mais honradamen-

te marcaria sulcos de positiva cultura, a empresa "Espasa-Calpe", e que bem dirigida pelo sr. Nicolás María de Urgoiti, presidente da "Papelera Española", e com direções do valor de um José Ortega y Gasset, e por um Manuel Morente obteriam amplo domínio entre os leitores deste continente, nas coleções "Universal" e "Contemporânea". Em seguida se inicia a "Revista do Occidente", com

sua secção de obras fundamentais, que d'erepente predominaram em todo o mercado argentino. Foi assim despertado o apetite de cultura, e outras editoras já iniciadas, como "Renacimiento", sobre a direção de Gregorio Martínez Sierra, ou a do sr. Antonio Zozaya, ambas admiráveis, que predominaram e formaram a educação das gerações gestadas a partir de 1910 até 1930.

EPASA

ACABA DE LANÇAR:

A MONTANHA MÁGICA — 1.^a edição —

Romance de Thomas Mann — Trad. de Otto Silveira.

A grande obra, ainda não superada, de toda a literatura contemporânea. Esgotou-se em menos de 20 dias a tiragem da primeira edição brasileira.

"Não terá vivido a sua época quem ignorar este livro". (Roberto Lyra).

A COMÉDIA HUMANA — Romance de William Saroyan — Trad. de Alex Vianny.

Alentadora mensagem de otimismo e de compreensão do coração humano, num romance de palpitante ternura, de um escritor cuja virtude cardinal é a sua imensa bondade. Este livro de William Saroyan é um dos mais falados "best-sellers" americanos de 1943.

PAULO DE TARSO — de Humberto Rohden — 1.^a edição.

Qual impetuoso vendaval, varreu este livro todas as latitudes e longitudes do Brasil, agitando os espíritos, desencadeando intensa luta pró e contra. E, no dizer dos entendidos, a mais importante obra jamais escrita sobre o conhecido apóstolo.

OS POSSESSOS — Romance de Dostoiévski — Trad. de Augusto Rodrigues.

Que se poderá dizer ainda sobre o genial escritor russo? E sobre este livro, considerado pela crítica a sua obra-prima?

A CONQUISTA DE GRANADA — de Washington Irving — Trad. de João Távora.

Toda a epopéia que foi a luta entre cristãos e saracenos, até a conquista final de Granada, revive na empolgante narrativa de Washington Irving, num livro de admirável precisão histórica, mas que se lê como um romance.

LAMA NAS ESTRELAS — William Bradford Huie — Trad. de Giuseppe Ghisaroni.

História singular de um homem que analisou Deus, mediu o amor, pesou a fé, esgravatou a consciência e, depois, teve que se abeirar da morte para encontrar tudo isso no seu próprio coração.

"IMPESTADE — Romance de George Stewart — Trad. de Alex Vianny.

Alentadora mensagem de otimismo e compreensão do coração humano, num romance de palpitante ternura, de um escritor cuja virtude cardinal é a sua imensa bondade. Este livro de George Stewart é um dos mais famosos "best-sellers" americanos do ano de 1943.

DOSTOIEVSKI (Biografia) — de Henri Troyat — Trad. de Rosário Fusco.

O genial escritor russo estudado minuciosamente por um autor à altura da personalidade que é o tema central deste importante livro.

Pedidos pelo reembolso Postal
Av. Rio Branco, 25 - Rio

Poucos dias depois, nosso amigo Aluizio, conhecido de Raul, nos apresentou um ao outro. Era uma retrata, e a banda tocava o Danúbio Azul. Falou-se nas valsas de Strauss e em Viena. Raul me disse com ares de descoberta que me achava inteligente, falou em pintura, prometeu me mostrar uns quadros, convidou-nos a ir ao seu atelier.

Tive medo de ir, mas fui. Fui com Aluizio, o tal rapaz que nos apresentara, e com Maria José. E Raul não nos decepcionou em nada, realizou o artista tal qual o sonhamos, vestido na bata branca, perdido no enorme salão atravancado de cavaletes, de pranchetas e de quadros.

Enquanto Maria José e Aluizio comentavam a paisagem do Sena, Raul se aproximou, tocou-me o braço:

— Sabe que você dava um lindo retrato? Estou louco para pintar suas mãos e seus olhos.

Estávamos na quinta ou sexta sessão, de pose, e eu tinha ido só para o atelier. Depois de uns quarenta minutos, ele parou de pintar, pôs-se a mergulhar os pincéis no copo de água-tintas e sorriu:

— Agora vamos sentar ali e conversar um pouco. Confesso que estou fatigado.

Deixei que ele sentasse ao meu lado, que me pegasse as mãos, que me dissesse essas coisas doces de amor com que a gente sonha a vida inteira, mesmo depois de velha e desludida. Mas ele, via-se que falava sem interesse, que as palavras não lhe eram fáceis, que tinha uma espécie de pressa ou cuidado secreto e pensava em coisas diversas das que dizia. Encostava o rosto no meu, e eu sentia bem próximo o perfume que vinha do seu espesso cabelo grisalho, via-lhe as rugas em torno das pálpebras, a boca dolorosa de lábios pesados e o brilho dos olhos, acêso, suplicante, inconfundível.

Glória casou numa tarde de sábado, e vestida de seda rósea com grandes seias, na mão um bouquet de pequenas flores de setim, Maria José e eu resplandecíamos entre as damas de honra. A noiva deslumbrava, era um monte de setim e filó, suntuoso e espelhante, e nós todas concordávamos em que estava linda.

Ela não tem a nossa inquieta imaginação. Contenta-se com o papel que lhe cai por sorte, e trata apenas de se sair bem. Até então fora a órfã, sózinha no meio do mundo, com o seu violino apenas para companheiro. Hoje, porém, é a esposa, rainha e amante, toda submissão e amor.

O automóvel corria, a chuva parece que corria na nossa frente...

Raul me apertava nos braços, falando baixinho, pedindo coisas. Eu ia retirando as mãos, torcendo o rosto aos beijos, afundando-me na almofada, fugindo para o canto mais longe do assento. Ele me decepcionava horivelmente. Só queria aquilo, aquelas intimidades violentas, sempre de mãos estendidas, sempre ávido. Onde as maravilhosas coisas que o seu olhar prometera tanto? Onde estava o homem longínquo do primeiro dia em que o vi, sentado melancolicamente a sua cadeira de teatro, fumando e com tédio da vida? Onde as inebriantes palavras que eu esperava, os contos do mundo dos sonhos, a divina embriaguez, abolindo a consciência de tudo, o amor diferente, as carícias sem forma nem peso?

E Raul voltou a me segurar, murmurando risonho, como tendo descoberto uma solução:

— Vamos para o atelier, agora. Ninguém vê e você sai logo.

Endureci nas mãos dele, fugi para o mais longe que pude:

— Não, nem pense nisso! Já foi uma doidice minha ter vindo aqui! E me solte, senão eu desço aqui mesmo, no meio da chuva.

Parece que ele afinal compreendeu, soltou-me, furioso, surpreso, humilhado.

Eu tentava explicar, falava no meu modo de amar, na maneira que eu supunha me amasse ele, ia sem querer me perdendo na repetição desse verbo defeso, sem saber mais situar meus sentimentos na confusão daquele ajuste de contas, naquela hora em que ele exigia que eu pagasse com o corpo os meus devaneios imprudentes.

— Amor, você vem falar em amor? Então você não compreendeu que tinha de acabar sendo minha amante?

Talvez isso fosse lógico para ele e para todo o mundo. Mas não o era para mim. E eu não queria ser amante dele. Via bem que não queria, tinha medo, não sabia ainda ter desejos, aqueles desejos.

(Continua na última página)

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por
AUREO OTTONI

JUNHO DE 1943

O) GENERALIDADES

Agendas — Anuários — Bibliografias —
Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias —
Novas publicações periódicas

ARQUIVOS do Ministério da Justiça e
Negócios Interiores. Ano I, n. 1, junho
1943. (15/25). 320 p. il. Cr\$ 20,00.
(6/43). Imprensa Nacional.

LIMA (Hildebrando), BARROSO (Gus-
tavo). — Pequeno dicionário brasileiro
da língua portuguesa. Rev. por Ma-
nuel Bandeira e José Baptista da Luz.
(14/20). 1.234 ps. enc. Cr\$ 25,00. (4.^a
ed. 6/43). Civilização.

REIS (Antônio Simões dos). — Biblio-
grafia nacional. 1943. 3.^a volume.
(12/19). págs. 213 a 304. br. Cr\$ 7,00.
(6/43). Zello Valverde.

RODRIGUES (Dirceu A. Victor). — Dico-
nário latino-português. Para os cur-
sos de ginásio e colégio. (14/19). 704
págs. cart. Cr\$ 30,00. (6/43).
Ed. e Publ. Brasil.

1) FILOSOFIA

ADLER (Alfred). — A ciência de viver.
Trad. Thomaz Newlands Neto. (14/20).
304 p. br. Cr\$ 15,00. (6/43).
José Olympio.

FRANCA, S. J. (P. Leonel). — Noções
de história da filosofia. (15/22). 371 p.
br. Cr\$ 36,00. (2.^a ed. 5/43).
Cia. Ed. Nacional.

LACERDA (H. C.). — O homem, a ci-
vilização e o cristianismo. (14/19). 20
págs. br. (6/43).
Baptista de Souza.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões cristãs — Re-
ligiões diversas e Mitologia —
Ciências ocultas

GOMES (Abel). — Perolas ocultas e Fa-
tos e comentários. (13/19). 235 p. br.
Cr\$ 8,00. (6/43). Fed. Espirita.

LAMPING, O. F. M. (Severin & Ste-
phen). — Retorno a Cristo. (Depõem:
Chesterton, Claudel, Undset, Francis
Jammes, etc.). Col. Presença, 2-3.
(11/19). 2 vols. 82+89 p. il. br. Cr\$
10,00. (6/43). Stella Ed.

LULA (Monsenhor Mello). — O proble-
ma da dor. Pref. Dom Aquino Cor-
rêa. (13/19). 113 p. br. Cr\$ 5,00. (12.^a
ed. 6/43). Getúlio Costa.

ROXO (Hilda). — Livro dos médiums de
Umbanda. (Ditado por P. M. X.).
Centro Espirita Estrela D'Alva. (14/19).
32 p. il. br. Cr\$ 10,00. (6/43).
Jornal Comércio.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

BEVILAQUA (Achilles). — Carteira fo-
rense. Códigos e leis em vigor. Bibl.
Jurídica. (14/19). 1.388 p. enc. Cr\$
60,00. (3.^a ed. 6/43).
Freitas Bastos.

BEVILAQUA (Clovio). — Direito da fa-
mília. (16/23). 406 p. env. Cr\$ 40,00.
(7.^a ed. 6/43). Freitas Bastos.

BOUTS (Paulo), BOUTS (Camilo). — A
psicognomia. Leitura metódica e prá-
tica do caráter e das aptidões para
educadores e dirigentes. Trad. (13/18).
432 p. il. br. Cr\$ 30,00. (6/43).
Ed. Vera Cruz.

BRAGA (Antônio Pereira). — Exegese
do Código de Processo Civil. Vol. II.
(Tomo II). (17/24). págs. 255 a 529.
br. Cr\$ 30,00. (6/43).
Max Limonad.

BRASIL (Avio). — Reserva de domínio.
Doutrina — Jurisprudência — Legis-
lação. Pref. Nelson Hungria. (17/24).
315 p. enc. Cr\$ 45,00. (6/43).
Jacinto.

CARDOZO (Benjamin N.). — A natu-
reza do processo e a evolução do di-
reito. Trad. Leda Boechat Rodrigues.
(14/21). 199 p. br. Cr\$ 18,00. (6/43).
Cia. Ed. Nacional.

DAVIES (Joseph E.). — Missão em Mos-
cou. Trad. Eduardo de Lima Castro.
(14/19). 431 p. br. Cr\$ 23,00. (3.^a ed.
6/43). Calvino.

DUARTE (José). — Da ação penal. Da
extinção da punibilidade. Arts. 102 a
130. Tratado de direito penal brasi-
leiro. Vol. V. Oscar Tenorio. (17/24).
272 p. enc. Cr\$ 40,00. (6/43).
Jacinto.

DUNLOP (C. J.). — Legislação brasi-
leira do trabalho. (13/19). 1.155 p. br.
Cr\$ 80,00. (4.^a ed. 6/43).
Gr. Laemmert.

ESPINOLA (Eduardo), ESPINOLA FI-
LHO (Eduardo). — Tratado de direito
civil brasileiro. Vol. VIII. Parte es-
pecial. 2.^a tomo. Direitos reais e di-
reitos de família. (16/23). págs. 605
a 1216. enc. Cr\$ 50,00. (6/43).
3.^a tomo. Do direito internacional pri-
vado. (16/23). págs. 1217 a 1833. enc.
Cr\$ 50,00. (6/43).
Freitas Bastos.

FARIA (Bento de). — Código penal brasi-
leiro. Vol. III. parte especial (arts.
121 a 154). (17/24). 496 p. enc. Cr\$
50,00. (6/43).
Jacinto.

FIGUEIREDO (Waldemar). — Choques
de retorno. Revidando calúnias do
sr. Frota Aguiar. Decisões judiciais.
Pareceres. Cartas. Documentos. Per-
fil de um enfermo moral... (16/23).
229 p. il. br. Cr\$ 15,00. (6/43).
Distr. Livr. Victor.

FISCHER (Louis). — Alvorada da vi-
tória. Trad. Livio Xavier. (15/22). 238
p. br. Cr\$ 18,00. (6/43).
Ed. Prometheu.

FREYRE (Gilberto). — Continente e
Uha. Conferência. (12/16). 69 p. br.
Cr\$ 4,00. (6/43).
Casa Estudante.

JHERING (Rudolf Von). — O espírito
do direito romano. I e II tomos. Trad.
Rafael Benaion. Pref. Clovis Bevila-
qua. (17/24). 256+211 p. enc. Cr\$
70,00. (6/43).
Alba.

LEGISLAÇÃO Brasileira. — Constitui-
ção da República dos Estados Unidos
do Brasil, promulgada em 16 de no-
vembro de 1837. (12/18). 136 p. br.
Cr\$ 5,00. (4.^a ed. 6/43).
Saraiva.

LOPES (Miguel Maria de Serpa). — Co-
mentário teórico e prático da lei de
introdução ao Código Civil. Vol. 1.
(17/24). 375 p. enc. Cr\$ 45,00. (6/43).
Jacinto.

MACHADO (Antônio Carlos). — O pam-
pa heróico. (Eshôco geral de socio-
nômico riograndense). (14/19). 211 p. br.
(1942-6/43).
Ed. Autor. Rio.

MAIA (Jorge). — Alguns homens me
falaram da paz. (17/24). 215 p. br.
Cr\$ 20,00. (6/43).
Ed. Pan-Americana.

SILVA (Josino Ribeiro da). — Organi-
zação policial. Compilação da legisla-
ção em vigor. (14/19). 32 p. br. Cr\$
5,00. (6/43).
Ed. Casa do Policial. Rio.

ZIEMER (Gregor). — Educando para a
morte. (Aspectos da educação nazista).
Trad. Ana Maurício de Medeiros.
Edição Popular. (12/17). 221 p. br.
Cr\$ 12,00. (6/43).
Calvino.

3-6) EXÉRCITO — MARINHA — AE- RONAUTICA

CAMARGO (Durval de), DONALDO
(B.). — O que o piloto deve saber.
(14/19). 162 p. il. br. Cr\$ 15,00. (6/43).
Antunes.

CHÉZAL (Guy de). — Combat 1940 en
auto-mitrailleuses à travers les ba-
tailles de mai. Avant-propos de Mar-
cel Berger. (14/9). 261 p. 1 mapa.
br. Cr\$ 20,00. (6/43).
Atlântica Ed.

WOLF (Roberto G.). — Espionagem.
(15/22). 296 p. br. Cr\$ 25,00. (6/43).
Ed. Peixoto.

LEIA:

RELIGIÃO NA RÚSSIA SOVIÉTICA

"Best-seller" norteamericano. Depoimento imparcial
e objetivo sobre os problemas religiosos na U. R. S. S.

Faça seu pedido pelo Serviço de Reembolso, à

STELLA EDITORA

Caixa Postal 3232

RIO DE JANEIRO

A) Filologia (Generalidades. Ensino de línguas)

BRUNO (Anibal). — Língua portuguesa. Antologia. 1.ª e 2.ª séries. Bibl. Escolar Brasileira. 18. (14/30). 382 págs. cart. Cr\$ 14,00. (8.ª ed. 6/43).

Cia. Ed. Nacional.
BRUNO (Anibal). — Língua portuguesa. Gramática e exercícios. Bibl. Escolar Brasileira. 16. (14/20). 352 págs. cart. Cr\$ 14,00. (8.ª ed. 6/43).

Cia. Ed. Nacional.
FITZGERALD (Frederico). — Gramática teórica e prática da língua inglesa. 1880-1940. 8.ª ed. rev. e ampliada por Edgar Tweedie. (15/23). 374 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (28.ª ed. 6/43).

Livr. Selbach.
HENRIQUE (João). — Acentuação gráfica. (13/19). 105 p. br. Cr\$ 8,00. (6/43).

Livr. Andrade.
JAQUIER (Louise). — Méthode directe de français. Français. 2ème année. Dessins de Marie Munzinger. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 99. (14/20). 206 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (4.ª edição 6/43).

Cia. Ed. Nacional.
JAQUIER (Louise), MUNZINGER (Marie). — Méthode directe de français. Français. première année. Des. Marie Munzinger. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos. 90. (14/20). 207 p. cart. Cr\$ 12,00. (5.ª ed. 6/43).

Cia. Ed. Nacional.
JOVIANO (A.). — Primeira leitura parceranças. (16/23). 120 p. il. cart. Cr\$ 4,50. (20.ª ed. 6/43).

Livr. Alves.
LEAL (Antônio de Sousa). — Análises morfológicas. III volume. Método prático. Análises étimo-fonético-ortográficas de palavras de fonte latina. Para a 4.ª série. (14/19). 192 p. br. Cr\$ 12,00. (8/43).

Ed.ANCHETA.
LEITE (José Marques). — Primeira antologia helênica. Pref. Aug. Magno. (15/22). 111 p. 1 mapa, br. Cr\$ 18,00. (6/43).

H. Velho.
MENDES (Brito). — A função dos acentos em português. (14/18). 47 p. br. Cr\$ 4,00. (6/43).

Zelio Valverde.
RIALVA (Rita Amil de). — O clube dos sete amigos. Leitura para o 3.º ano primário (14/19). 144 p. il. cart. Cr\$ 7,00. (4.ª ed. 6/43).

Briguiet.
RIGO (Raul Reinaldo). — 45 lições de inglês sem mestre. (16/12). 104 p. br. Cr\$ 5,00. (4.ª ed. 6/43).

Antunes.

4-8) LETRAS

B) LITERATURA

B. 1) Generalidades — História Literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônicas

ALENCAR (Renato del). — "Canário" e seus contemporâneos. (15/23). 191 p. br. Cr\$ 15,00. (6/43).

Distr. Ed. Pan-Americana.
JÚLIO (Sílvia). — Projecção universal de Eça de Queiroz. (14/19). 79 p. br. Cr\$ 4,00. (6/43).

Antunes.
LOBATO FILHO (General). — Peças do meu arquivo. (13/19). br. Cr\$ 8,00. (6/43).

Pengetti.
VIDA Intelectual nos Estados Unidos. Palestras promovidas no ano de 1941. Vol. I. Pref. A. C. Pacheco e Silva. União Cultural Brasil-Estados Unidos. (13/19). 226 p. br. Cr\$ 8,00. (6/43).

Ed. Universitária.

4-8. B. 3) POESIA

ALVES (Amil). — O canto da liberdade e outros poemas. (13/19). 111 p. br. Cr\$ 7,00. (6/43).

Borsot, Rio.
AZEVEDO (Alvares de). — Poemas completos. I. Lira dos vinte anos. Pref. Atilio Milano. Col. Grandes Poetas do Brasil. 7. (13/19). 224 p. cart. Cr\$ 9,00. (6/43).

—
II. Poemas diversas. O poema do Frade. O conde Lopo. Pref. Edgard Cavalheiro. Col. Grandes Poetas do Brasil. 8. (13/19). 288 p. cart. Cr\$ 9,00. (6/43).

Zelio Valverde.
KEMP (Emílio). — Cantos de amor ao céu e à terra. (13/19). 134 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Globo.

NERV (Adalberto). — Ar do deserto. (13/19). 28 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

José Olympio.

4-8. B. 4) TEATRO

CAVACO (Carlos). — Caxias. Peça em 5 atos. (17/24). 211 p. il. br. Cr\$ 30,00. (1942-6/43).

Baptista de Souza.
LIMA (Stella Leonor da Silva). — Marahá. (Peça em 4 atos). (13/19). 138 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

Borsot, Rio.
ROSTAND (Edmond). — L'Aiglon. Dra-

ma en six actes, en vers. (13/19). 248 p. il. Cr\$ 25,00. (3/43).

Americ-Edit.

4-8. E. 5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS

AZEVEDO (Aluizio). — Philomena Borges. Pref. de N. S. Obras Completas. 6. (13/19). 219 p. br. Cr\$ 14,00. (4.ª ed. 6/43).

Briguiet.
BALDWIN (Faith). — Novas estrelas estão brilhando. Trad. Genoveva Piza. Col. Grandes Romances Para a Mu-

A Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de anunciar ao público o lançamento do seu novo plano



Trata-se de uma modalidade na qual, mediante a economia mensal de

Cr\$ 16,00 para cada apólice de **Cr\$ 5.000,00**

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter para a família, sem exame médico, uma proteção de 5 a 20 mil cruzeiros com pagamento de prêmios mensais durante prazo limitado.

A Sul America já pagou mais de 500 milhões de cruzeiros a SEGURADOS E BENEFICIARIOS.

Sul America

Fundada em 1985



À SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguro.
8-0000-1234567890

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

Iber. 11. (13/19). 253 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43). José Olympio.
BARRETO (Lima). — O triste fim de Policarpo Quaresma. Antes do romance, de Elói Pontes. Col. O Livro de Bolso, 10. (11/18). 253 p. cart. Cr\$ 10,00. (6/43).

Diatr. Civilização.
BARROSO (Celso). — Novo mundo. (15/22). 273 p. br. Cr\$ 18,00. (6/43).

Civilização.
BATINI (Tito). — Entre o chão e as estrelas... (15/22). 209 p. br. Cr\$ 15,00. (6/43).

Civilização.
BOTTONE (Phyllis). — Tempestades d'alma. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Focos Cruzados, 24. (14/23). 343 p. br. Cr\$ 22,00. (6/43).

José Olympio.
BRAGA (Olga da Silva). — Mlle. Christina. (13/19). 194 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Coelho Branco.
BUCK (Pearl S.). — O patriota. Trad. Esther de Viveiros. Col. Nobel, 24. (14/19). 342 p. br. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 6/43).

Globo.
CALDWELL (Erskine). — Guerrilheiros russos. Trad. Vera de Gusmão. Col. Documentos Para a História da Guerra, 2. (17/24). 285 p. br. Cr\$ 25,00. (6/43).

Ed. Dois Mundos.
DEKOBRA (Maurice). **GEORGE** (Leyla). — A filha de Mata Hari. Trad. Enéas Marzano. (14/21). 248 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Ed. Mundo Latino.
DOSTOIEVSKY. — Alma de criança. Trad. (13/18). 202 p. br. Cr\$ 8,00. (6/43).

Ed. Criança.
DUPRÉ (Sra. Leandro). — O romance de Teresa Bernard. (15/22). 409 p. br. Cr\$ 20,00. (2.ª ed. 6/43).

Civilização.
EXUPÉRY (Antoine de Saint). — Piloto de guerra. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª. Literatura, 15. (15/22). 177 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Cia. Ed. Nacional.
FOURNIER (Alain). — Le grand Meaulnes. (12/19). 328 p. br. Cr\$ 23,00. (6/43).

Americ-Edit.
KENNA (Marthe Mac). — Contre-espionnage. Col. "Police-Secours", 5. Ed. Chantecler. (11/18). 179 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

Livr. Victor.
LEWIS (Sinclair). — Dr. Arrowmith. Introdução de William Sockin. Trad. Juvenal Jacinto. Col. Nobel, G8. (15/23). 445 p. br. Cr\$ 20,00. (6/43).

Globo.
MASON (Van Wick). — A morte danada na Rumânia. Trad. Amílcar de Garcia. Col. Amarela, 107. (13/19). 255 p. br. Cr\$ 7,00. (6/43).

Globo.
MELLO (José Thales da Silva). — Faixa. Prêmio de romance "Lindolfo Collier" do Ministério do Trabalho. (14/19). 209 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Civilização.
REBOUX (Paul). — Cleópatra e seus dois amores. Trad. Corália Régio Lins. Col. "Amores Imortais". (14/19). 249 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

Vecchi.
RUCK (Bertha). — Dinheiro do céu. Trad. Aurélio Pinheiro. Bibl. das Moças, 108. (13/19). 254 p. br. Cr\$ 7,00. (6/43).

Cia. Ed. Nacional.
SOLER (Amalia Domingo). — Perdão-te! (Memórias de um espírito). Trad. José Fakira. (14/21). 720 p. br. Cr\$ 25,00. (6/43).

Zello Valverde.
STEINBECK (John). — Noite sem lua. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 4.ª. Literatura, 18. (15/33). 155 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Cia. Ed. Nacional.
TAHAN (Malha). — O homem que calculava. Trad. e notas de Breno Alencar Blanco. Il. Felicitas Barreto. Des. Geométricos de Horácio Rubens. (17/24). 289 p. br. Cr\$ 18,00. (2.ª ed. 6/43).

Getúlio Costa.
TOLSTOI (Leon). — Ana Karenina. Trad. rev. por Marques Rebelo. (15/22). 809 p. br. Cr\$ 25,00, enc. Cr\$ 32,00. (6/43).

Pongetti.
VOLTAIRE. — Candide ou L'Optimisme. Micromégas. Jeannot et Colin. Edition Chantecler. (11/18). 190 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

Livr. Victor.
ZOLA (Émile). — Thérèse Raquin. (12/19). 285 p. br. Cr\$ 22,00. (6/43).

Americ-Edit.
4-2. R. 3) CONTOS

JULHO DE 1943

"PORQUE LUTAMOS,
 COMO E ONDE
 DEVEMOS LUTAR"

Edições Momento Ltda.

Rua D. José de Barros, 337-7.º andar

SAO PAULO

AMARANTE (Jurandyr). — Porque espantaram Pedro Casário (14/19). 143 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

Pap. Coelho.
CASTRO (Mario Lopez de). — No tempo em que os homens falavam... (13/19). 205 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Zello Valverde.
CONTO Brasileiro (As Obras Primas do) — Seleção, introdução e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavaliheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. Col. "A Marcha do Espírito", 9. (14/22). 356 p. br. Cr\$ 20,00. (6/43).

4-2. R. 3) OBRAS PARA CRIANÇAS

BUSCH (W.). — Caracacô e Caracacá

e outras histórias. Trad. Guilherme de Almeida. Il. do Autor. (16/23). 32 p. cart. Cr\$ 6,00. (6/43).

FLEURY (Renato Sêneca). — O rei castigado. Bibl. Infantil, 74. (12/16). 55 p. il. cart. Cr\$ 1,50. (6/43).

Ed. Melhoramentos.
FLEURY (Renato Sêneca). — Os três grãos de trigo. Bibl. Infantil, 73. (12/16). 55 p. il. cart. Cr\$ 1,50. (6/43).

Ed. Melhoramentos.
FORMAÇÃO da Pátria. — Baseada na História do Brasil do Barão do Rio Branco. Prof. e rev. de Max Finkler. Des. de Miguel Hochman e Fernando Dias da Silva. (27/34). 100 p. cart. Cr\$ 20,00. (6/43).

A Noite. Publ. Infantis
MONTEIRO (Jerônimo). — O homem da

Guarde este nome:



Será, talvez, o romance nacional
 mais discutido do ano!

**LEIA ESTE ANUNCIO, PELO MENOS UM DOS LIVROS
NELE MENCIONADO LHE INTERESSARA'**

- GRAFOLOGIA** — a escrita e o caráter — por J. Crepleux-Jamin. 2.^a edição nacional, cuidadosamente revista. — Em brochura Cr\$ 40,00. Encadernado Cr\$ 50,00.
- O GADO HOLANDÊS**, pelo prof. Paulino Cavalcanti, um volume muito ilustrado, edição de 1943, em brochura Cr\$ 35,00.
- EU SEI TIRAR FOTOGRAFIAS**, por J. Belyz, um pequeno manual, próprio para amadores, um volume cartonado Cr\$ 8,00.
- A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS**, por H. de la Vaux, 4.^a edição brasileira, inteiramente refundida pelo prof. Afonso Varzea e ilustrada por F. Acquarone, um grande volume, com cerca de 400 páginas e cinco tricromias, Cart. Cr\$ 25,00.
- SANGUE DE TIGRE**, por Eliana, 4.^a edição, bellissimo romance, próprio para moças, um volume brochado Cr\$ 10,00.
- EMILE COUË** (o — mestre da autosugestão) — O domínio de si mesmo pela autosugestão conciente, 5.^a edição, um vol. br. Cr\$ 6,00.
- A autosugestão conciente — o que digo e o que faço** — 3.^a edição, um vol. br. Cr\$ 6,00.
- COMO APLICAR O MÉTODO COUË**, pelo dr. J. Dorgemont, um pequeno volume, br. Cr\$ 4,00.
- O MEU BEBE** — O livro da mamãe — 6.^a edição, texto de Bastos Tigre e ilustrações de F. Acquarone, um belo volume a cores, com estojo e cartonado, Cr\$ 32,00, o mesmo em percaline .. Cr\$ 42,00.

**Caixa Postal, 2798 — Rio
PEDIDOS A EDITORA MINERVA LTDA.**

perna só. Bibl. Infantil Anchieta, 3.^a série, 1. (14/19). 61 p. il. br. Cr\$ 2,50. (6/43). Ed. Anchieta.

CIENCIAS MATEMATICAS — FISICAS E NATURAIS

- AREYRE** (Gilberto). — Problemas brasileiros de antropologia. Col. Estudos Brasileiros da Casa do Estudante do Brasil, Série A, I. (13/19). 221 p. il. br. Cr\$ 15,00. (6/43). Casa Estudante.
- EVILHA** (Augusto). — Atlas elementar de zoologia. Des. Marian Colonna. (14/19). 71 p. 29 quadros il., cart. Cr\$ 20,00. (6/43). Briguelet.
- MIRÉ** (Cecil). — Manual de matemática, 1.^o ano colegial, científico e clássico. (14/18). 223 p. il. br. Cr\$ 13,00. (6/43). Livr. Alves.
- IGNI-NERI** (Guilherme Bonfim Del). — Problemas de física. (Com os resultados). Vol. 2.^o Mecânica dos líquidos. Mecânica dos gases. Calor. Acústica. Ótica. (16/23). 243 p. 2 pranchas, il. cart. Cr\$ 20,00. (6/43). Livr. Alves.

CIENCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia Doméstica — Finanças — Indústria — Profissões — Tecnologia

- AIRO** (Nilo). — Guia prático do pequeno lavrador. (15/22). 550 p. il. cart. Cr\$ 30,00. (6.^a ed. 6/43). Livr. Teixeira.
- ARLI** (Gileno De). — Gênese e evolução da indústria açucareira de São Paulo. (15/22). 230 p. 1 mapa, il. br. Cr\$ 20,00. (6/43). Pongetti.
- RIA** (Raul de). — Horticultura para todos. Bibl. Agro-Pecuária Brasileira de "Sítios e Fazendas". (16/23). 247 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 25,00. (Nova ed. 6/43). São Paulo.
- ANATO** (Lourenço). — Cultura do porangueiro. Bibl. Agro-Pecuária Brasileira de "Sítios e Fazendas". (16/23). 72 p. il. br. Cr\$ 8,00. (6/43). São Paulo.
- ERNER** (Ary). — Nos bastidores da publicidade. (13/19). 139 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43). Gr. Olímpica.
- OBO** (R. Haddock). — Pequena história da economia. Col. "A Marcha do Espírito, 8. (14/22). 343 p. il. br. Cr\$ 20,00. (6/43). Livr. Martins.
- UZI** (Luiz). — Arquitetura prática Domus. Pref. Francisco Salles Malta Junior (22/30). 77 p. il. br. Cr\$ 35,00. (6/43). Distr. Civilização.
- EIS FILHO**. — Método de dactilografia nacional. (22/16). 104 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (3.^a ed. 6/43). Conf. Taquigráfica, Rio.

6) CIENCIAS APLICADAS

Medicina


- BARBOSA** (Joubert T.). — Exame das funções mentais. (Semiologia psiquiátrica). Pref. Heitor Carrilho. (16/24). 215 p. 52 figs. br. Cr\$ 30,00. (1942-6/43). Distr. Livr. Ateneu.
- HIMES** (Norman E.). — Nossa vida conjugal. Instruções para solteiros e casados. Trad. Jayme de Barcellos. Pref. Edgard Braga. Bibl. Ciência Para Todos, 3. (15/22). 287 p. br. Cr\$

- 25,00. (6/43). Ed. Universitária.
- LIMA** (A. Oliveira), **SOARES** (J. Benjamini), **GRECO** (J. B.), **GALIZZI** (João), **CANÇADO** (J. F. Foneu). — Métodos de laboratório aplicados à clínica. Pref. J. Baeta Vianna. (17/24). 862 p. 133 figs. enc. Cr\$ 180,00. (6/43). Imp. Oficial, Minas.
- McCOLLUM** FH. D., Sc. D., LL. D. (E. V.), **ORENT-KEILES** Sc. D. (Elsa), Day, Sc. D. (Harry G.). — Os novos conhecimentos da nutrição. Trad. pref. e notas de Dante Costa. (17/24). 775 p. il. enc. Cr\$ 140,00. (6/43). Guanabara.
- MELLO** (A. da Silva). — Alimentação Instinto — Cultura. Perspectivas para uma vida mais feliz. (19/26). 483 p. br. Cr\$ 50,00. (2.^a ed. 6/43). José Olympio.
- MELLO** (Jorge Saldanha Bandeira de). — Atmosfera do interior dos edifícios e locais de trabalho. (16/23). 337 p. il. br. Cr\$ 50,00. (1942-6/43). Distr. Livr. Ateneu.
- MILLER** (René Fulop). — O triunfo sobre a dor. História da anestesia. Trad. Cecília Reis. Col. A Ciência de Hoje, 8. (14/20). 388 p. br. Cr\$ 20,00. (6/43). José Olympio.
- OLIVEIRA** (Ernestino de). — Moderna cirurgia de guerra. (16/23). 258 p. br. Cr\$ 20,00. (6/43). Distr. Livr. Ateneu.

- PEREGRINO JUNIOR, PEREGRINO** (Armando), **SANTOS** (Amambahy). — Ti-roide. Patologia e clínica. (Prêmio Academia Nacional de Medicina de 1941). (16/23). 99 p. 19 figs. br. Cr\$ 10,00. (6/43). Ed. Autores, Rio.


- PORTO** (E. Marques). — Três problemas de cirurgia de guerra. Bibl. do Médico Militar, 2. (16/23). 60 p. il. br. Cr\$ 10,00. (6/43). Rev. Medicina Militar, Rio.

- TILDEN** M. D. (J. H.). — Toxemia explicada. Trad. Euclides Machado. (14/19). 162 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43). Distr. Ed. Pan-Americana.



Confitaria Colombo

**AS MAIS DELICADAS IGUARIAS
EM UM
AMBIENTE DA MAIOR DISTINÇÃO**



A Colombo caracteriza a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almoço, chás, lanches e "cocktails" acolhem diariamente o escol da sociedade carioca para os seus prazeres do espírito, do coração e do paladar.

Serviço irrepreensível, a domicílio, de banquetes e recepções

Gonçalves Dias, 32/36 **72-7650**

LIVROS DE PORTUGAL, Ltda.

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

O volume n.º 1 da "Coleção Clássica e Contemporânea"
Escolhe-se este livro para número 1 da Coleção Clássica e Contemporânea, porque a Carta de Pero Vaz de Caminha é o primeiro e um dos mais belos monumentos da história do Brasil.

Pela primeira vez se dedica um estudo tão completo ao célebre documento, aqui não só reproduzido em "fac-símile", mas acompanhado duma rigorosa transcrição, duma adaptação à linguagem contemporânea e de numerosas notas de caráter cultural.

Jaime Cortesão, que estudou o escritor à luz do seu meio social e da sua profissão e comparou a obra com numerosas fontes contemporâneas do mesmo gênero, chegou a estas novas conclusões.

Um volume de 350 páginas, br. Cr\$ 25,00. — Encadernado Cr\$ 32,00.

— Da "Coleção Clássica e Contemporânea" encontram-se mais os seguintes volumes:

— N.º 2 — **ELOGIO HISTÓRICO DE JOÃO BONIFÁCIO** — por Latino Coelho. Com um largo estudo histórico e literário de Afrânio Peixoto.

1 volume brochado Cr\$ 16,00

— encadernado Cr\$ 23,00

— N.º 3 — **O QUE O POVO CANTA EM PORTUGAL** — liras, romances, orações e seleção musical com um largo estudo sobre a arte popular portuguesa nas suas relações com o Brasil, por Jaime Cortesão.

1 volume brochado Cr\$ 20,00

— encadernado Cr\$ 27,00

— N.º 4 — **SONETOS COMPLETOS E POEMAS ESCOLHIDOS** — de Antero de Quental, seleção, re-

visão e prefácio de Manuel Bandeira.

1 volume brochado Cr\$ 18,00

— encadernado Cr\$ 25,00

— N.º 5 — **PROSAS ESCOLHIDAS** — de Antero de Quental, com um largo estudo de Fidelino de Figueiredo.

1 volume brochado Cr\$ 18,00

— encadernado Cr\$ 25,00

— N.º 6 — **OS GATOS** — de Flávio de Almeida, seleção e prefácio de José Lima do Rego.

1 volume brochado Cr\$ 18,00

— encadernado Cr\$ 25,00

— N.º 7 — **OBRAS COMPLETAS** — de Gonçalves Crespo, edição crítica, acompanhada de inéditos, numerosas fotografias e um largo estudo de Afrânio Peixoto.

1 volume brochado Cr\$ 18,00

— encadernado Cr\$ 25,00

— N.º 8 — **OS MELHORES CONTOS HISTÓRICOS DE PORTUGAL** — por Alexandre Herculano, Rebelo da Silva, Conde de Sabugosa, Lopes de Mendonça, Eça de Queiroz, Julio Dantas, Antonio Sardinha, Jaime Cortesão, etc. Seleção, ordenação cronológica e prefácio de Gustavo Barroso.

1 volume brochado Cr\$ 18,00

— encadernado Cr\$ 25,00

— N.º 9 a 9-A — **AS FARPAS** — de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, seleção e estudo de Gilberto Freyre.

2 volumes brochados Cr\$ 35,00

— encadernado Cr\$ 50,00

A VENDA EM TODAS LIVRARIAS

Remessas para todo o Brasil pelo serviço de Reembolso Postal

TRAVESSA DO OUVIDOR, 23 — 1.º — BRASIL

7) BELAS-ARTES — JOGOS — DIVERTIMENTOS

ALMEIDA (Horácio de). — Pedro Américo. Ligeira notícia biográfica do genial pintor paraibano. (1843-1905). (13/21). 63 p. il. br. (6/43).

A União Ed., João Pessoa.

PORTINARI. — 1943. Biografia de Cândido Portinari por Manuel Bandeira. — O pintor Portinari por Mário de Andrade. — Profecias de Portinari por Otto Maria Carpeaux. — 19 reproduções. (24/33). 73 p. br. Cr\$ 25,00. (6/43).

Distr. José Olympio.

8) HISTÓRIA E GEOGRAFIA (Biografias)

ALENCAR (José de). (Sênio). — Guerra dos Mascates. Crônica dos tempos coloniais. (12/18). 307 p. br. Cr\$ 10,00. (6/43).

Ed. Melhoramentos.

BASTOS (Humberto). — Rumos da civilização brasileira. (14/20). 221 p. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Livr. Martins.

DAVIS (Bette). — O caminho da glória. A vida intensa da grande atriz contada por ela mesma. Trad. Stella Martins Paredes. Prefácio de Mireille Duchesne. (14/19). 166 p. il. br. Cr\$ 12,00. (6/43).

Vecchi.

FREITAS (Gaspar de). — Pontos de Geografia e história do Brasil. Exame de Admissão. (12/18). 202 p. il. cart. Cr\$ 8,00. (28.ª ed. 8/43).

Antunes.

KIDDER (Daniel P.). — Reminiscências de viagens e permanência no Brasil. (provincias do Norte). Trad. Moacir N. Vasconcelos. Bihl. História Brasileira, 12. (12/28). 265 p. il. br. Cr\$ 35,00. (Ed. de luxo, 22/28). Cr\$ 200,00. (6/43).

Livr. Martins.

MAGNE (Augusto). — Estudos e textos relativos à antiguidade grega e latina.

Vol. 1.º. Geografia, história e instituições da Grécia antiga. Adaptação do original francês de L. Laurand. (13/19). 236 p. il. cart. Cr\$ 20,00. (6/43).

Ed.ANCHETA.

PEREIRA (Lucia Miguel). — A vida de Gonçalves Dias. Contendo o Diário inédito da viagem de Gonçalves Dias

ao Rio Negro. Col. Documentos Brasileiros, 37. (15/23). 423 p. il. br. Cr\$ 35,00. (8/43).

José Olympio.

POMBO (José Francisco da Rocha). — História do Brasil. Para o ensino elementar. (12/18). 317 p. 4 pranchas, il. cart. Cr\$ 10,00. (22.ª ed. 6/43).

Ed. Melhoramentos.

Obrigações de Guerra



Nossos funcionários incorporados às forças armadas — convocados ou voluntários — percebem os seus ordenados integralmente. — —

Juros de 6% a. a., pagáveis semestralmente. Títulos de renda ao portador, ao alcance de todos, com cotação na bolsa.

RECOMENDAMOS aos nossos clientes a aquisição dessas obrigações em nossos "GUICHETS" pelo seu valor nominal

TÍTULOS DE

Cr\$ 100,00 — 200,00 — 500,00 — 1.000,00 — 5.000,00

AOS NOSSOS CLIENTES concedemos crédito com garantia das OBRIGAÇÕES DE GUERRA adquiridas por nosso intermédio

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO

(B. A. de Crédito Real)

Rua Ouvidor, 90 — Rio de Janeiro
Sucursais: S. Paulo — Santos — Baía

Bolsa de Livros

OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO

COMPRO COLEÇÃO COMPLETA
Proposta e preço para R. C.
redação de LEITURA

Ofereço

OBRA RARA

*Dictionnaire Raisonné
Universel D'Histoire
Naurelle*

Contenant

L'Histoire des animaux, des
végétaux et des minéraux

Sets tomos de 600 págs. cada
um, In. 8.º

EDIÇÃO DE MDCCCLXVIII

Oferta para A. A., redação de
LEITURA

A HISTÓRIA LITERÁRIA DE SYLVIO ROMERO

(Continuação da pág. 29)

tolerar um espírito exuberantemente
 másculo, como o seu.

Mas também, todo cientificismo
 não basta para fazê-lo suportar as
 afetações, o odor de clínica da esco-
 la materialista. Nas páginas da "His-
 tória" vê-se como o autor procura
 sempre o meio termo, julgando
 encontrar a verdade num sistema de
 vistas opostas. Quando se verificava
 a super-estimação do elemento indí-
 gena em nosso precipitado étnico ele
 insiste na importância do negro, anun-
 ciando o que os estudos afro-brasilei-
 ros de hoje iam comprovar. Os exem-
 plos de equilíbrio são frizantes e
 característicos nesse impulsivo, consti-
 tuindo uma das virtudes essenciais da
 "História da Literatura Brasileira",
 — obra gigantesca, grande movimen-
 to de massas que, naquele tempo só
 um Sylvio Romero seria capaz de rea-
 lizar.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASI-
 LEIRA, de Sylvio Romero — Notas e
 prefácio de Nelson Romero — Perio-
 do de mil páginas inéditas — 3 volumes
 — Coleção Documentos Brasileiros —
 Livraria José Olympio — Rio, 1943.

50 — LEITURA

COMPANHIA
INTERNACIONAL
DE SEGUROS



CAPITAL DECLARADO Cr\$ 3.000.000,00
CAPITAL REALIZADO Cr\$ 2.400.000,00

DO CAPITAL ACIMA DESTINAM-SE AO RAMO DE
ACIDENTES DO TRABALHO
Cr\$ 1.000.000,00 INTEGRALIZADOS

Séde: RIO DE JANEIRO

Fundada em 1920

RUA DA ALFANDEGA, 48 — TELEFONE: 23-1835
Endereço Telegráfico: COMPINTER

SEGUROS DE:

Incêndio — Transportes em Geral — Automóveis — Vidros
Acidentes Pessoais — Roubo

ACIDENTES DO TRABALHO
Reservas mais de Cr\$ 16.000.000,00

Banco Industrial Brasileiro S. A.

FUNDADO EM 1936

Capital: Cr\$ 30.000.000,00

MATRIZ: Rua do Rosário, 111
Caixa Postal 785

Telefone — 43-2830
(Rede Interna)

FILIAIS METROPOLITANAS

PRAÇA DA BANDEIRA — Praça da Bandeira, 305-A
MEIER — Rua Frederico Meier, 8
MADUREIRA — Rua Maria Freitas, 17-A

DEPENDÊNCIAS NO INTERIOR

ESTADO DO RIO

NITERÓI, PETRÓPOLIS, CAMPOS, BARRA DO PIRAI, NOVA IGUAÇU,
BARRA MANSÁ, ITAPERUNA, CAMBUCI, REZENDE, VOLTA REDON-
DA, VAISOURAS, CARMO, NATIVIDADE, SÃO GONÇALO

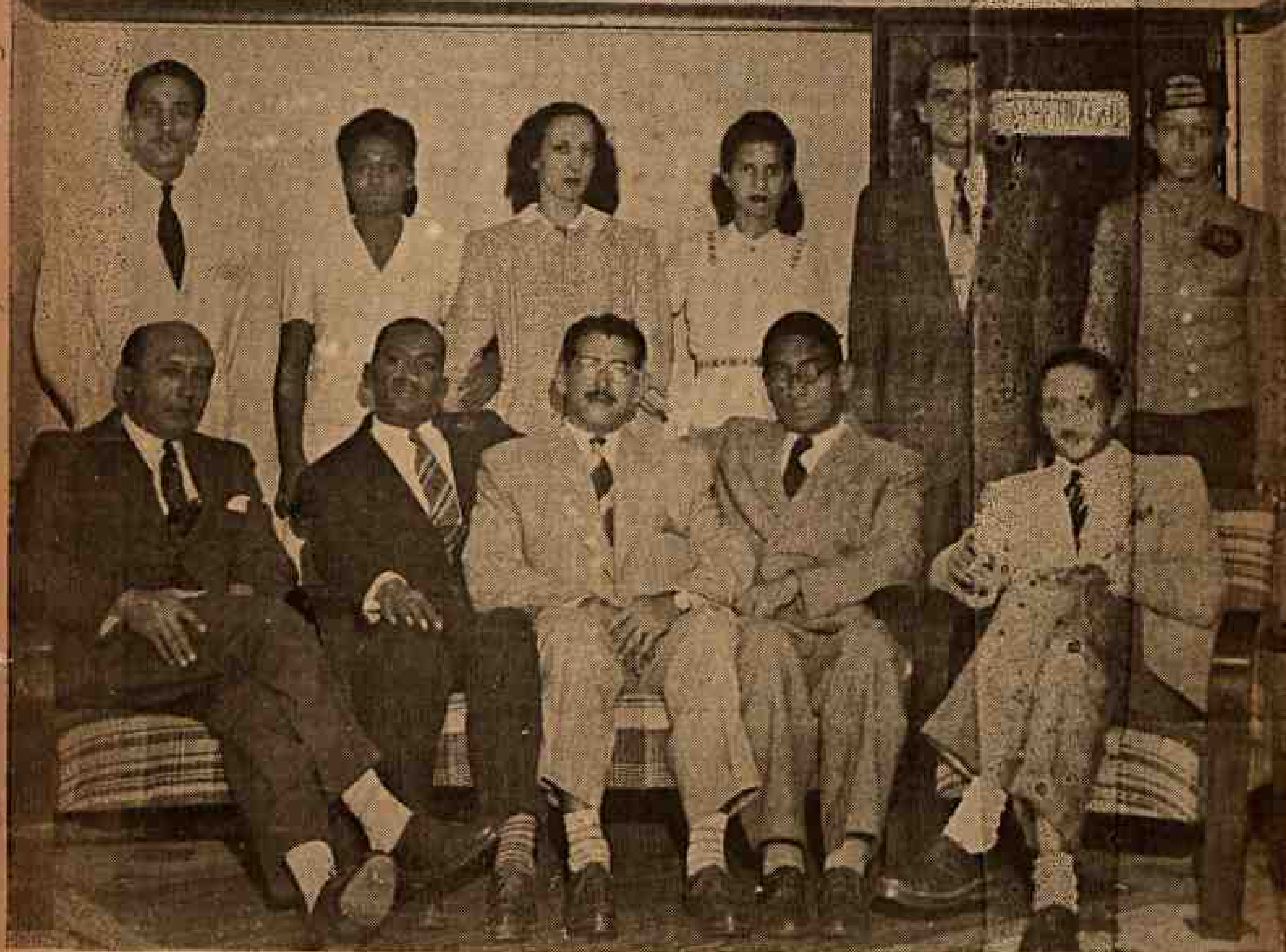
ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE — R. TUPINAMBAS, 380

DESCONTOS - DEPÓSITOS - COBRANÇAS - CAUÇÕES

JULHO DE 1943



EDITORA BRASILEIRA ARTISTICA LTDA.



Um acontecimento notável na vida da metrópole foi, sem dúvida, a inauguração das novas instalações da Editora Brasileira Artística Ltda. à Rua Evaristo da Veiga n.º 47-A, 4.º andar. Organizada para explorar a indústria e comércio de livros, a EBA Limitada é superintendida pelo Dr. Renato Cotta, secretariado pelo jornalista e escritor Rímus Prazeres, estando a gerência a cargo do Dr. Gilberto José Moreira.

A nova editora que foi fundada em 28 de Janeiro de 1943 está preparada para lançar, ainda este ano, grande número de obras de interesse público:

"Dicionário Geográfico, Gramatical e Biográfico Ilustrado", da autoria de Rímus Prazeres, A. C. Mattos Peixoto e Lydio Costa, com a cooperação de Gilberto Moreira, Hugette Amarel e Armando Pacheco, em cinco volumes de mais de 600 páginas, cada um.

Agosto — "Perfis Continentais", da autoria do conhecido escritor Paulo de Medeiros que faz um estudo biográfico-político dos maiores estadistas e militares das Américas.

"A Religião do Feitiço", interessante livro da autoria do escritor e jornalista Rímus Prazeres, num estudo interessantíssimo das seitas fetichistas africanas, baseado nas observações colhidas em vários "terreiros" e centros de magia, nesta Capital, na Baía e em Pernambuco.

"Cinco pedaços da vida de reporter", da autoria de cinco jornalistas de renome, especializados na reportagem técnico-policial da metrópole.

"Chuva Miúda", interessante livro de crônicas publicadas em um grande matutino paulista, da autoria do apreciado jornalista e escritor J. Lopes da Silva.

Três livros infantis de grande interesse para as crianças brasileiras: "Pinóquio no Brasil", da autoria da professora Nair Starling de Almeida; "Presente de Papai Noel" e "O Clube dos Gatos" da obra do escritor e poeta A. Lyrio Junior, feliz autor de "A Cortina que você rasgou" e "Lágrimas e Sorrisos".

A Editora Brasileira Artística Ltda. que se propõe a lançar uma série de livros literários e culturais sob a assinatura dos maiores nomes do magistério nacional, de acordo com o programa de ensino do Ministério da Educação e a aprovação da Comissão do Livro do Mérito, está fazendo a um grande sucesso pois a preocupação de seus diretores é facilitar a aquisição de livros pelos estudantes pobres.

AS TRÊS MARIAS (Continuação da pág. 44)

Foi duro para mim habituar-me à idéia de perder Raul.

Comecei a andar deprimida e neurastênica.

Depois do afastamento de Raul, Aluizio aproximou-se mais de mim, como aproveitando o lugar deixado vago pelo outro. Vinha quasi todos os dias à nossa casa, ficava conversando na salinha de dona Júlia, trazia livros.

Naquela última noite... Aluizio fumava e me olhava. Vi que ele tinha vontade de falar, mas não pôde ou não quis dizer o que ia começando. A saída, Aluizio demorou mais tempo com a minha mão nas suas, e me pareceram quentes, aquelas mãos, e um pouco trêmulas. Pareceu-me realmente isso, naquele momento, ou foi sugestão do que aconteceu depois? Porque no dia seguinte, de manhã, chegou Maria José com a notícia tão brutal e inesperada, como a conto aqui: Aluizio tomara várias pastilhas de sublimado corrosivo e estava para morrer. E concluiu:

— Todos dizem que foi por sua causa.

Eu receava obscuramente aquilo. Mas, porque por minha causa? Nunca entre nós houvera cenas de amor. Eu poderia talvez adivinhar que ele me queria, mais nada.

No entanto, todos estranhavam eu não me ter coberto de luto, como uma viúva, quando na verdade eu é que era realmente a vítima dele, vítima do suicida, que agora dormia descansado, sem pensar mais no que fez.

Meu abatimento começou a impressionar Maria José.

— Você vive tão deprimida, Guta, tão triste! Sempre foi precoce; e já está solteirona, nesta idade. Porque não pede uma licença, não vai ao Rio?

Agarrei-me à idéia da viagem. Fiz uma carta a papai e obtive dinheiro. Arranjei uma licença de três meses na repartição.

Os primeiros dias no Rio foram de cansaço, de rumor e tédio. Aclimei-me, entretanto, bem depressa. Com oito dias já conhecia o centro, já tinha pontos, já fizera amigos.

Conversava especialmente com o dr. Isaac, um ru-máico de cabelo vermelho e grandes mãos brancas, voz lenta e grave, dum sotaque pitoresco e arcaico, que lembrava a fala de línguas mortas. Começamos a sair juntos, Isaac acabou resumindo para mim todo o interesse da cidade, da manhã que começava, do meio-dia luminoso, das noites em que vagávamos a sós, desconhecidos e felizes, por entre ruas, praças e árvores que para nós não tinham nomes.

Isaac me queria, era evidente, mas nunca me falara de amor. Quando me tomou, não pediu nada, foi acompanhando gradualmente o seu desejo, levando-me a compartilhar dele, sorrindo do meu susto e dos meus recuos, obstinado, suave e inflexível. Era como se eu fosse sua mulher há muito tempo, e a minha entrega, que entretanto me custou prantos, arrependimentos secretos e terríveis — não tinha para ele outra significação além do seu próprio e imediato conteúdo de prazer e de ternura.

Nunca entendi o coração dele. Não sei se fui para Isaac apenas uma pequena a mais que ele tomou com uma certa piedade enternecida, ou se me considerou realmente uma mulher, naquele instante a única, a amanda, a escolhida. Será que tive, na sua vida, a mesma significação reveladora e inapagável que teve ele na minha? Nunca o soube.

Perto de Isaac, parecia-me sempre que ele me faltava ou me fugia. E nos últimos dias, tivemos apenas um momento de absoluta identificação: quando me atirei nos seus braços, na tarde do embarque, durante a nossa despedida.



Chequei, tomei conta do emprêgo, voltei à monotonia do livro de ponto da repartição, voltei a compartilhar o quarto com Maria José, a olhar, dia de sábado, os enterros ricos que pasavam.

E andava assustadíssima, com medo de ter um filho. Tinha eu alguma intenção secreta quando me deixei arrastar ao parque de diversões? Desde a véspera me sentia doente, com dores vagas aqui e ali, uma tontura, um mal-estar que eu não sabia bem donde vinha.

Deixava-me arrastar loucamente, fechando apenas os olhos a um choque mais brusco, que me abalava toda. Certos momentos despertava, queria saltar, salvar-me, fugir dali. Mas pensava logo que eu não fazia nada, não agia, deixava-me apenas levar pela vontade dos outros.

Foi-se embora para sempre o pobre pequenino. Quem sabe não teria os mesmos olhos azues de Isaac? Nem mesmo chegou a ter olhos, coitadinho.

Vou para o sertão, para casa.

O trem penetra no sertão, na noite, na fuga.

Olho as Três Marias, juntas, brilhando. Glória reluz, impassível, num raio seguro e azul. Maria José, pequenina, fulge tremendo modesta e inquieta como sempre. E eu, aí de mim brilho também, hei de brilhar ainda por muito tempo — e parece que minha luz tem um fulgor molhado e ardente de olhos chorando.

E nem sei quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada, brilhando na escuridão, até que minha luz se apague.

Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Idealismo Latino-Americano

DE quando em quando aparece um jornalista ou um escritor norte-americano surpreendido com o que fazemos em determinados setores da cultura. Supunha que ignorávamos uma coisa e, de repente, chega à conclusão de que nos encontramos na dianteira...

Forçados a ser idealistas, sem meios para a exteriorização clara ou a prática de nossas idéias progressivas, ficamos quase sempre em planos. Mas, aqui também se pensa, e se pensa muito, às vezes até em demasia... Noutros países são milhares a pensar para fins imediatos, de maneira que certos problemas perdem a significação por serem fáceis. Aqui continuam difíceis. Progredimos muito numa coisa e baixamos noutra; jamais com todas as cordas suficientemente esticadas. Contudo, o idealismo fica, a esperança permanece.

Hoje somos um povo digno de ser escutado em vários assuntos. Temos uma literatura... Os norte-americanos e os nossos vizinhos mais próximos já perceberam que possuímos "um romance brasileiro, com problemas brasileiros, tendente a universalizar-se". Uma penosa caminhada para nós mesmos, através do ciclo da cana de açúcar, da fome das secas do café, das fazendas, do algodão, do cacau... Caminho de dramas, perigoso, mas os problemas são tão fortes e poderosos, os temas tão humanos e sentidos que esse "caminho para nós mesmos tendente a universalizar-se", a ser sentido pelos de fora, que nos descobriram por causa da guerra. A agonia da fome se manifesta do mesmo modo tanto no cearense como no chinês.

Atrazados no ensaio, na poesia, na crítica e em outras manifestações de cultura e sensibilidade, eis que nos encontramos em contradição com o ambiente através do "romance da seca", do "romance do cacau", do "romance da cana de açúcar". Na Argentina dá-se o contrário; em outros países sul-americanos repete-se o fenômeno como no Brasil, ou como na Argentina, e assim — uma corda esticada e outra frouxa — vamos marchando penosamente, mas com um idealismo que surpreende e impressiona os lanques, os povos mais civilizados.

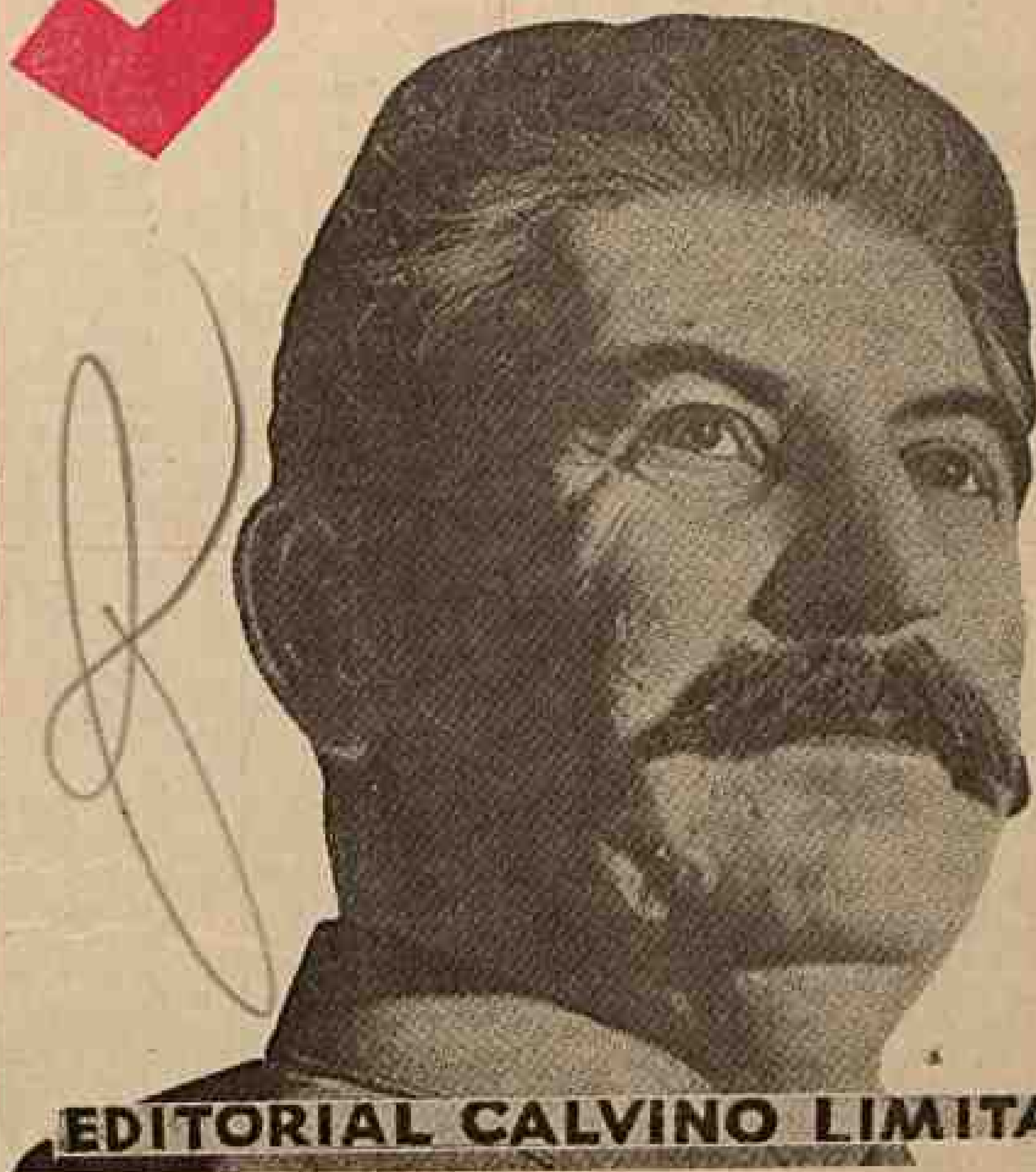
Quando os Estados Unidos principiaram em 1937 a comemorar o Centenário da Imprensa (1940), aparecendo livros e artigos sobre o tema, o México já havia iniciado a comemoração em 1935. Idealismo. A primeira máquina impressora do continente surgiu no México, cem anos antes que na Nova Inglaterra. "Nada de comercialismo", dizem os norte-americanos surpreendidos. Hellmut Lehmann-Haup e Marietta Daniels, que escreveram um artigo exclamativo sobre as diversas formas do nosso progresso cultural. E acrescentaram: "esse idealismo naturalmente tem resultados práticos". E foi a guerra que nos estimulou na indústria e comércio do livro,

pois antes dependíamos da exportação em grande escala de livros europeus e norte-americanos. E foi também a guerra que lhes deu a oportunidade de saber que na Argentina já se faz edições magníficas em papel nacional, que no México se comemora superiormente o Centenário da Imprensa que no Brasil se edita com sucesso uma revista como LEITURA...

Já não somos simplesmente um mercado de livros estrangeiros. O idealismo cresce, ferve, avoluma-se, cria corpo, cria músculos e cria punhos. As mãos calejadas de tanto puxar cordas frouxas já nos permitem a certeza de um alívio próximo e duradouro. Um alívio geral.

EMIL LUDWIG

STALIN



EDITORIAL CALVINO LIMITADA

TIRAGEM: 20.000 EXEMPLARES

A VIDA MARAVILHOSA DE SARAH BERNHARDT

POR LOUIS VERNEUIL
Tradução de Galeão Coutinho

Sarah Bernhardt representa para nossos avós e pais uma recordação jámais esquecida. Na memória de todos quantos tiveram a ventura de vê-la e de ouvi-la, paira envolto em imperecível poesia o seu vulto grandioso. Neste livro, entretanto, não vemos apenas uma sucessão de triunfos da grande artista, mas sim e principalmente a soberba mulher, a personalidade dominadora que foi Sarah. E, como uma opulenta novela de aventuras, recompomos em detalhes os episódios fantásticos dessa grande vida. Como bem acentua o Snr. Osório Borba, é nesse ponto precisamente, que encontraremos o grande mérito deste maravilhoso livro: o de ter conseguido rehumanizar a grande trágica. Ela não aparece, aos nossos olhos idealizada ou divinizada, mas simplesmente como uma inquieta figura humana.

Nenhuma outra artista teve, em tempo algum, uma vida mais rica, mais agitada, mais teatral. Vida que por si só constitui um maravilhoso e inesquecível romance.

Preço Cr\$ 22,00

cart. Cr\$ 26,00



AS OBRAS PRIMAS DO CONTO BRASILEIRO

Seleção, introdução e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro.

Ilustrações de J. Wasth Rodrigues.

Uma seleção de vinte e oito trabalhos, todos dignos de figurar em qualquer antologia universal, e não somente entre as obras primas do conto brasileiro. É um verdadeiro e completo panorama, do gênero, desde os princípios até os autores mais modernos. Tanto o critério observado na escolha dos originais, como as agudas e completas notas bibliográficas que precedem os contos não deixam margem a qualquer crítica e fazem de "As Obras Primas do Conto Brasileiro" um trabalho tão perfeito quanto é possível a perfeição em obras desse gênero.

Preço Cr\$ 20,00

A VITÓRIA PELA FORÇA AÉREA PELO MAJOR ALEXANDER P. DE SEVERSKY

Tradução de Asdrubal Mendes Gonçalves

"Ignoro se existe outro livro que valha este, pela cerrada demonstração e em favor da tese da conquista da vitória, na guerra de nossos dias, pela força aérea", assim se referiu a este admirável trabalho o notável jornalista Assis Chateaubriand. De fato, nenhum outro livro é mais oportuno e terrível do que "A Vitória pela Força Aérea". O comentário, admiravelmente feito, dos principais feitos da aviação nesta guerra e, sobretudo, a análise do poderio aéreo como meio de conduzir as democracias à vitória, dá ao livro do major Seversky uma atualidade que torna a sua leitura tão agradável como um livro de ficção.

Preço br. Cr\$ 22,00

A SÉTIMA CRUZ (romance)

POR ANNA SEGHERS

Tradução de Otávio Mendes Cajado

Os leitores de hoje, de um mundo em guerra, e os leitores do futuro, de um mundo em paz, virão ainda a considerar a história da fuga de George Heisler do campo de concentração de Westhofen, o maior e o mais profundamente compreensivo dentre os livros escritos sobre o mais tremendo assunto do momento: a luta contra a tirania nazista. Só um escritor, que conheceu a Alemanha de hoje, poderia ter escrito este livro. Só um romancista do vigor de Anna Seghers poderia cingir a trama desta história com tanta força e, ao mesmo tempo, com tanta poesia.

"Eu desejaria tê-lo escrito. É o romance mais extraordinário que já li..." — declarou Ethel Vance, a autora de "Fuga".

Preço Cr\$ 20,00

ENQUANTO NÃO SURGE O DIA... (romance) POR LOUIS BROMFIELD Tradução de Miroel Silveira

Um dos maiores romancistas do mundo conta o que se passa na França ocupada pelos alemães. É o primeiro grande livro de ficção que aborda a vida quotidiana de Paris ocupada pelas tropas nazistas e policiada pela Gestapo. A ocupação da Cidade-Luz, colunas e colunas de soldados pisando arrogantemente a calçada dos Campos Eliseos... O som bárbaro do "Horst Wessell" ecoando estranhamente pelas ruas desertas. Drama, tragédia, misérias e traições, amores e ódios. As represálias se iniciam: a vida de cada alemão custa cinquenta franceses. No entanto, a luta não cessará enquanto não surgir o dia em que, pelas ruas de Paris, não passe nem a sombra, sequer, de um soldado alemão...

Preço Cr\$ 18,00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Se não encontrar no seu livreiro peça pelo Serviço de Reem-

bolso Postal, à LIVRARIA MARTINS EDITORA —

Rua 15 de Novembro, 135 — São Paulo

Os dias * Os fatos * Os homens



Guilherme Figueiredo

"VIDA LITERÁRIA"

FOI uma agradável surpresa o aparecimento de Guilherme Figueiredo como crítico literário do "Diário de Notícias". Fazia tempo, muito tempo, que um crítico não se apresentava assim tão espontaneamente aos leitores, numa linguagem ao alcance de todos, humana e certa. E' que antes de tudo o escritor Guilherme Figueiredo demonstra estar integrado na vida mesma, sentindo o que a maioria sente, percebendo que existe uma geração literária de muita força e convicção, "eminentemente democrática", sem compromissos com fulano ou sicrano, capaz de todos os sacrifícios, mesmo no terreno que lhe é mais caro.

Guilherme Figueiredo promete fazer uma crítica para leitores, para todos os leitores, e não uma demonstração de cultura para embasacar literatos, para o prazer dominical de dois ou três eleitos ou para servir a interesses pessoais do momento.

OLIVERIO GIRONDO E NORAH LANGE

ENCONTRAM-SE no Rio, em viagem de passeio, o poeta Oliverio Girondo, autor de "Veinte poemas para ser lidos en el tranvía", e "Persuasión de Los Dias" e a poetisa Norah Lange; Oliverio Girondo foi o iniciador do movimento modernista na Argentina com o grupo da revista "Proa", e posteriormente com o grupo da revista "Martín Fierro"; Norah Lange obteve o grande Prêmio Nacional de Literatura com o livro "Cuadernos de Infancia", que se encontra atualmente em terceira edição.

No próximo número daremos uma entrevista com os dois grandes intelectuais argentinos.

MURALS BY CANDIDO PORTIRANI

JÁ está circulando em todo o Continente "Murals" By Cândido Portinari.

AGOSTO DE 1943

ri" — "In the Hispanic Foundation of the Library of Congress". Livro pequeno, mas cheio de notícias e reproduções da obra do grande pintor brasileiro.

PRODUÇÃO DE LIVROS NA INGLATERRA

TOTAL da produção de livros em 1940: — 11.053; total em 1941: — 7.531; total do ano de 1942: — 7.241. Como se vê, a guerra não foi impecilho para o povo inglês deixar de ler. Não houve grande queda. ("The Bookseller", de Londres).

PROTEÇÃO INTER-AMERICANA AOS DIREITOS DO AUTOR

A DELEGAÇÃO norte-americana à segunda conferência Americana de Comissões Nacionais de Cooperação Intelectual, reunida em Havana em novembro de 1941, apresentou à mesma um projeto sobre o aperfeiçoamento das relações interamericanas em matéria de direitos de autor, e que foi aprovado. Publicamo-lo por nos parecer de interesse. O texto é o seguinte:

1º) — Recomendar aos Governos das Repúblicas americanas sobre a conveniência de se efetuar, à luz dos progressos mais recentes em matéria de proteção dos direitos do autor, uma revisão completa das respectivas leis nacionais sobre proteção da propriedade literária, artística e científica, especialmente a inclusão de disposições referentes a novos métodos de publicação e difusão. 2º) — Recomendar que na referida revisão das leis de propriedade intelectual se disponha que, no caso de livros cuja edição estiver esgotada, se permita a qualquer pessoa efetuar uma transcrição para fins de investigação, sempre que se obtenha a permissão do autor, de seus herdeiros e representantes. 3º) — Recomendar que se estude a possibilidade de se incorporar às leis uma disposição em virtude da qual se permita a transcrição de traduções de obras cujos direitos já se encontram reservados, para fins de investigação e estudo, sempre que se obtenha a licença do autor, de seus herdeiros ou representantes, e quando não haja o propósito de publicar tal tradução. 4º) — Recomendar aos Governos que incluam em suas respectivas leis, disposições que autorizem relações reciprocas em matéria de propriedade intelectual, com os demais países do Continente, à base da isenção aos habitantes de outras Repúblicas americanas, das formalidades prescritas para obras nacionais. 5º) — Recomendar aos países que não tenham ratificado a Convenção de Buenos Aires sobre a proteção da propriedade literária e artística, a possibilidade de ratificar dito instrumento na maior brevidade. 6º) — Que as Repúblicas americanas celebrem e ratifiquem numa data próxima um Convênio sobre proteção interamericana da propriedade intelectual, seguindo as recomendações adotadas sobre a matéria pela Oitava Conferência Internacional Americana".

POEMAS DE GUERRA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O ESCRITOR Oreste Plath, que se encontra no Rio a convite da Cooperação Intelectual do Brasil, já traduziu os poemas de guerra de Carlos Drummond de Andrade e os envia, as melhores e mais importantes revistas do Chile. O autor da "Antologia de Poetas Chilenos" considera os poemas de Drummond de Andrade o que de melhor se fez de poesia nestes últimos tempos, no Brasil. E serão curazes de impressionar bem os poetas chilenos, que são grandes e populares.

"TRADUÇÃO REVISTA POR MARQUES REBELO"

EM uma entrevista ao "Diário da Noite" o sr. Araujo Ribeiro acusou o escritor Marques Rebello de ter plagiado a tradução de "Lenda de Uma Quinta Senhorial", editado recentemente pelos Irmãos Pongetti. Respondendo à acusação, Marques Rebello disse, entre outras coisas, que a tradução que lhe fora apresentada pelo editor lhe pareceu boa, merecendo, porém, alguns retoques. "Aconselhei portanto que se fizesse uma pequena revisão no livro. Foi aprovada a idéia e encarregaram-me. Fiz, cortei uma nota bestialógica a propósito de Weber, e assinei, isto é, responsabilizei-me pelo que tinha feito, como o faço com todos os livros que revejo, mesmo que sejam eles traduzidos por criaturas tão sublimes como Araujo Ribeiro, Goethe, Shakespeare e outros. No frontespício, aliás, lá está: "Tradução revista por Marques Rebello". Só uma pessoa perfeitamente estúpida poderá deduzir destas palavras que eu tenha traduzido o livro, o que parece ter acontecido infelizmente com o escritor Araujo Ribeiro, tanto assim que fez uma longa exposição das suas qualidades de tradutor, esquecendo-se de mencionar que eu não me considerava o tradutor, o que para um espírito leviano poderá parecer que o escritor Araujo Ribeiro esteja agindo de má fé, o que não acredito".

Fica, assim, encerrada essa desagradável questão.

O CASO DA ANTOLOGIA D'"OS GATOS"

LEITURA já publicou em seu 5º número uma notícia a respeito do protesto dos editores portugueses contra a publicação no Brasil de "Os Gatos", antologia organizada pelo escritor José Lins do Rego para a Editora Dois Mundos Ltda.. E agora por solicitação do Grémio Nacional de Editores e Livreiros, a Procuradoria Geral da República de Portugal deu o seu parecer, assestando o seguinte:

— "Tem de reconhecer-se que a seleção de "Os Gatos", feita por José Lins do Rego, não é mais do que uma antologia, extraída da obra de Plath de Almeida, que tem o mesmo nome.

José Lins do Rego limitou-se a transcrição de numerosos trechos dos seis volumes que constituem "Os Gatos" e verifica-se que seu trabalho

Os dias • Os fatos • Os homens • continuação

foi organizado com intuíto literários, em harmonia com um plano pre-estabelecido e enunciado no Prefácio que antecede a obra.

Trata-se portanto, de uma verdadeira "Antologia" destinada a fins literários, pelo que não pode deixar de considerar-se como lícita publicação, em face da lei portuguesa.

Mas a conclusão já não é a mesma, se a publicação for observada em harmonia com a lei brasileira".

LIVROS QUE SERVIRAM DE ARGUMENTOS PARA FILMES

OS seguintes livros serviram de base para a filmagem de películas. Os títulos poderão ser modificados antes que apareçam as respectivas películas.

"The Human Comedy", por William Saroyan — M. G. M., com Mickey Rooney (A Comédia Humana, editado no Brasil pela EPASA).

"Assignment in Brittany", por Helen MacInnes — M. G. M., com Pierre Aumont e Susan Peters (Destacado na Bretanha).

"Above Suspicion", por Helen MacInnes — M. G. M., com Joan Crawford e Fred MacMurray (Fora do suspeito).

"The seventh Cross", por Anna Seghers — M. G. M. (A Sétima Cruz, editado pela LIVRARIA MARTINS EDITORA).

"The Story of Dr. Wassell", por James Hilton (A História do Dr. Wassell).

"Mr. Winkle goes to War", por Theodore Pratt — Columbia (Mr. Winkle vai para a guerra).

"Phantom lady", por William Irish — Universal (Senhora Fantasma).

"The Edge of Darkness", por William Woods — Warner Bros., com Errol Fynn e Ann Sheridan (Fora da Escuridão).

"Buckishin Empire", por Harry Sinclair Drago — United Artists, com Richard Dix e Janne Wyatt.

O EDITOR Antonio Souza Pinto, que se encontra atualmente em Portugal, declarou numa entrevista ao "Diário Popular" que não havia "quase livros portugueses no Brasil, sobretudo os autores da geração de noventa e que a sua coleção "Clássicos e Contemporâneos" supriu essa falta mantendo viva uma chama que corre risco de se perder.

"Referiu-se ainda o editor Pinto ao acolhimento dado pela imprensa brasileira à sua iniciativa e acrescentou que nem todos os editores portugueses pensaram em processá-lo, e, entre outros que se acham contra essa atitude, perfila o grande editor e presidente do Grémio de Editores e Livreiros Portugueses.

Sobre os resultados da exposição de livros portugueses no Brasil, em 1941, disse que depois disso a importação de livros portugueses aumentou cento e nove por cento em quantidade e cento e quatorze por cento em valor".

O RESULTADO DO "PRÊMIO DE ROMANCE JOSÉ DE ALENCAR"

DO escritor Almir de Andrade, recebemos a seguinte carta que, com satisfação, publicamos:

Rio, 5 de agosto de 1943. — Meu prezado confrade Dioclecio Duarte. — No número de julho da sua revista LEITURA — que tão belo e útil serviço vem prestando às nossas letras — acabo de ver reproduzida a curiosa notícia, que há muito, aliás, se propala, não sei por que fontes, em certas rodas literárias, e segundo a qual, entre os noventa e oito romances apresentados no concurso ao "Prêmio José de Alencar" da Livraria José Olympio, haveria um que se atribui à minha autoria — e precisamente um dos três que chegaram a final, apontados para o primeiro prêmio por um membro da comissão e para menção honrosa por outro.

Devo esclarecer em tempo — já que o boato começa a enfeitar-se com letra de forma — que o romance que realmente escrevi, que está sendo anunciado, que se acha no prelo, a cargo da Livraria José Olympio e que será publicado dentro de oito ou nove semanas, não foi absolutamente apresentado no referido concurso, nem em qualquer outro. Como a Comissão Julgadora se compôs de escritores que estão em contacto permanente com o público — Alvaro Lins, Genolino Amado, Graciliano Ramos, Brilo Brega e Sergio Buarque de Holanda — cada um deles poderá

testemunhar quando saírem "As Duas Irmãs" que jamais figurou este livro, com o seu conteúdo, técnica, construção e desenvolvimento, entre os que foram por eles julgados.

E' o que vinha pedir-lhe para publicar, como ajuda oportuna aos que, por aí afóra, veem empreendendo essa vilíssima investigação de paternidade, num concurso que, segundo me consta, não foi além do pseudônimo.

Com um cordial abraço e os agradecimentos do Almir de Andrade.

Bestsellers North American

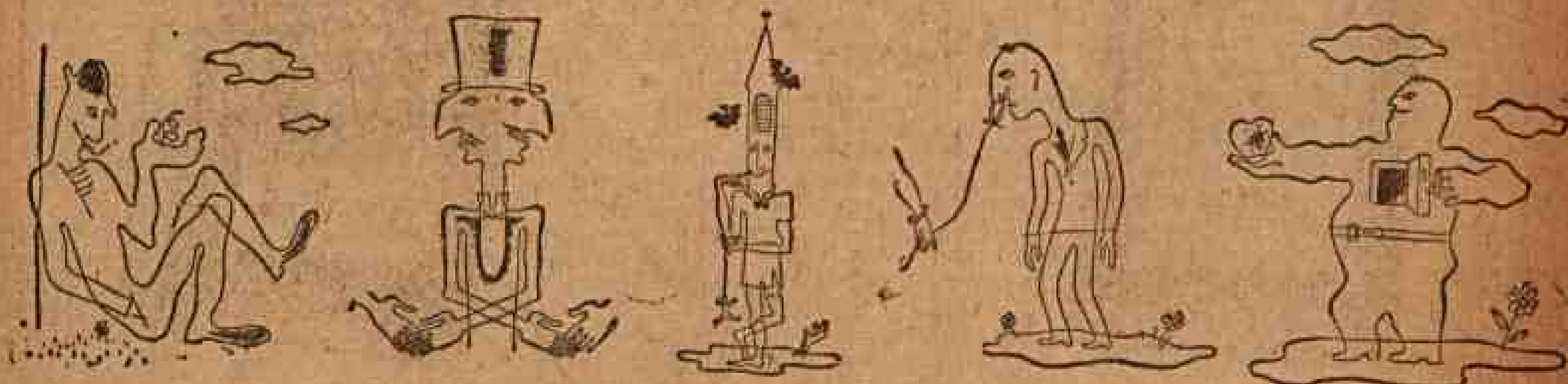
Estes livros são os de maior êxito atualmente em 14 cidades dos EE.UU. A ordem não obedece à importância dos autores, mas à venda dos livros.

Ficção

The Robe, by Lloyd C. Douglas.
The Human Comedy, by William Saroyan.
The Valley of Decision, by Marcia Davenport.
Gideon Planish, by Sinclair Lewis.
The Forest and the Fort, by Harvey Allen.
The Ship, by C. S. Forester.
Capricornia, by Xavier Herbert.

Assuntos Gerais

One World, by Wendell L. Willkie.
Journey Among Warriors, by Eve Curie.
On Being a Real Person, by Harry Emerson Fosdick.
Between the Thunder and the Sun, by Vincent Sheean.
Combined Operations, by Hilary St. George Saunders.
George Washington Carver, by Rackham Holt.
Guadalcanal Diary, by Richard Tregaskis.
They Also Ran, by Irving Stone.
The Joys of Cooking, by Irma S. Romsauer.
Lee's Lieutenants, Vol. 2, by Douglas Southall Freeman.
Queens Die Proudly, by W. L. White.



1) — Por um fio de cabelo...; 2) — O homem de duas caras...; 3) — O papa-hóstias; — Cara do morcego.
4) — Trazê-lo ao cabresto...; 5) — Com o coração na mão.

William SAROYAN

A COMÉDIA HUMANA



"Se ao homem o mundo parece cruel ou belo — escreve William Saroyan — isto apenas reflete o próprio homem e não as coisas que estão ao seu redor. Da mesma forma, se é mau, ou torpe, ou insípido — é sempre o próprio homem, pois cada homem é o mundo".

Nenhum outro livro tem maior beleza dentro de suas páginas!

Capaz de transformar por um momento a sombria paisagem do mundo atual, mostrando como seriam os homens se retornassem à própria essência humana!

A maior figura do teatro americano depois de Eugene O'Neil, um contista talvez maior do que O. Henry e um ensaísta de vigor e bravura incomparáveis, Saroyan acaba de publicar o seu primeiro romance.

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL À

EPASA

AV. RIO BRANCO, 25 — RIO DE JANEIRO — TEL. 43-9876



MAIS DUAS VERDADEIRAS OBRAS DA LITERATURA UNIVERSAL
A CONQUISTA DE GRANADA
Washington Irving
OS POSSESSORES
Dostoiévski



O Derradeiro dia de Kropotkin

CORDEIRO DE ANDRADE

Copyright da LEITURA

HÁ vinte e dois anos morria, na Rússia, o príncipe Pedro Alexievitch Kropotkin. Entretanto, os efeitos da Grande Guerra deixaram que sua morte passasse sem que os homens todos do mundo lhe rendessem as honras que de fato merecia.

Com a morte de Pedro Kropotkin apagava-se, na Rússia, a última grande voz da filosofia socialista. A sua palavra era ouvida por todos os cantos do mundo. Um revolucionário na extensão máxima do termo. E as suas qualidades de escritor reforçavam ainda mais a sua voz. "Memórias de um revolucionário" é um livro que possivelmente atravessará a história. Possivelmente Kropotkin encontrará um biógrafo de que é merecedor. Sem nenhuma dúvida a sua vida é das mais belas e exemplares dos tempos presentes. Pouquíssimas pessoas se tem empolgado num tão puro amor pela humanidade. E nenhuma teve tanta fé na bondade e nas grandiosas possibilidades do homem, como este doce predicador da ajuda mútua.

Kropotkin era príncipe da corte russa, pagem do Imperador, sábio, com o mais lindo porvir científico na esfera mundial, tudo sacrificando, fi-

nalmente, por amor e fidelidade ao seu ideal grandioso. Sem nenhuma vacilação aceita a miséria, as prisões russas que eram a pior coisa a imaginar-se, o desterro de sua pátria, e tudo isso suporta com uma prova de infinita sinceridade, uma paz de ânimo absoluta, uma como doce glória de sofrer. Kropotkin foi um apóstolo na predicação de seus altos ideais humanos, um apóstolo e um santo.

A princesa Kropotkin, numa carta que escreveu, a qual é bem um documento da vida de seu pai, nesta época já na União Soviética, começa assim, sem a menor preocupação literária:

"Mamae e papai estão vivendo em Dmitrov, uma cidade da província, pequena e tão ruínosa, que qualquer aldeola inglesa é hoje melhor. Ainda que esteja somente a 60 "verstas" de Moscou, as comunicações são horríveis, e se pode dizer que está completamente separada do mundo... Por outra parte, a saúde de papai é bastante boa. Digo bastante, porque papai trabalha mais do que pode, como todo mundo vê-se obrigado a fazer hoje na Rússia. As notícias de que está morrendo gente de fome, aqui, não são exatas. Papai está trabalhando, firme, para concluir sua "Ética", mas a falta de livros para consultar, lhe faz ir vagarosamente. Dias há em que se sente muito fraco e anêmico. Mamae está muito cansada. Este ano tive que ir a Moscou para tratar-me, pois passei oito semanas num hospital com tifo. Outras coisas muito mais absurdas teria para me desesperar. O bloqueio, por exemplo, é uma... E tantos outros métodos de ação violenta. Quanto a mim, já faz dois anos que desejo voltar à Inglaterra. Não é que tenha o menor desejo de fugir à Revolução, mas anseio com toda a minha alma procurar os livros, manuscritos, etc., de que papai necessita para terminar sua obra, pois é certo que não lhe restará muito tempo de vida, sobretudo vivendo nestas condições. Eu almejava estar em um lugar, onde também pudesse ler uns livros que desejo!..."

Adiante, a princesa Alexandra, ajudante de Kropotkin, escreve:

"Para considerar a Pedro Alexievitch Kropotkin, somente como um filósofo, um homem de ciência ou um tolstoyano, como fazem alguns é absurdo. Acima de tudo ele acredita na igualdade. Para ele, seu grito de batalha não podia existir sem a igualdade e a fraternidade. Mas a Justiça é algo inanimado, quando não a luz, esse profundo amor da humanidade, que constituem as raízes mesmas do seu ser".

Ele amava aos homens com esse amor do povo russo, que é também compaixão.

Por isso toda a sua vida foi uma prova disso, prova eloquente.

Kropotkin tem menos de trinta anos, apenas. Vem da Sibéria, para onde pediu ser destinado, ao sair da Escola Militar. Seus amigos todos o julgam louco. De fato, é um caso de admirar que o príncipe Kropotkin, descendente dos Rurik, mais nobres que os próprios Romanoff, pagem

querido do "czar", quebrasse voluntariamente, de tal maneira, as mais seguras esperanças de um esplêndido futuro. E' que na Corte já existiam as mentiras, as vergonhas, com o que ele não concordava. O estudo já o havia colocado em contacto com os ideais dos primeiros predicadores socialistas que lhe vinham do oriente. Era preciso batalhar pela Justiça e as suas reivindicações é que estavam certas.

Na Sibéria, Kropotkin descobriu o curso do Obi. Transpôs a fronteira do Celeste Império, disfarçado em mercador, e as observações que fez levam os homens a modificar inteiramente a noção aceita sobre o sistema orográfico do novo mundo russo. Quando volta a São Petersburgo, a Sociedade Geográfica o acolhe vitoriosamente, e sem mais demora o envia a estudar as águas glaciais da Finlândia. Ali chegando, Kropotkin elabora uma nova teoria sobre as formações glaciais finlandesas, hoje admitida pela ciência. Não deseja nenhuma posição social. Rejeita o posto de secretário que lhe oferecem na Sociedade Geográfica. Rejeita postos e mais postos de relevância social. Não quer coisa alguma, não quer nada.

A sua paixão é a política, é a ciência. Mas uma política completamente diversa daquela que se acostumara a ver na Corte Imperial russa. "A ciência é uma coisa admirável — nos diz ele. Eu conhecia os gozos que os cientistas procuram, e que talvez possa apreciá-los mais que meus colegas. Naquele tempo, visitando os lagos da Finlândia, novas e formosas teorias científicas me afluíam ao cérebro. Se a ciência é uma coisa admirável, que direito terei eu desses nobres deleites quando, em torno de mim, não via senão a miséria, a luta titânica pela vida? Tudo o que eu gostasse naquele mundo de emoções delicadas, infalivelmente seria arrebatada da próprio boca daqueles que semeavam o trigo e não tinham bastante pão para seus filhos, pois a produção total da humanidade é ainda bastante pequena... O saber é uma força enorme. E' preciso que o homem saiba. Mas já sabemos muitas coisas. Que sucederia se estes conhecimentos, nada mais que estes conhecimentos, se convertessem no bem comum de todos? As massas tem necessidades de aprender, e podem aprender. Falta-lhes apenas, tão somente, dar-lhes os meios, proporcionar-lhes o ensino. Eis aí a direção para onde eu me devo mover, eis aí os homens para os quais eu devo trabalhar..."

Efetivamente Kropotkin abraçou os homens pobres, deixando a outra vida, de futuro o mais brilhante. Era um fiel predicador dos seus ideais humanos, o mais sincero talvez de quantos o seguiam.

A vida de Kropotkin foi um martírio. Esteve encarcerado na fortaleza Pedro e Paulo, onde mal podia respirar, comer, outra coisa qualquer que pretendesse fazer. Depois, a fuga, a novela, as prisões na França, o trabalho manual forçado, a perseguição. (Continua à página 38)

Leitura

Crítica e Informação

Bibliográfica

Direção de

DIOCLECIO D. DUARTE

RAUL DE GOES

Secretaria de

MELO LIMA

Gerência de

O. FROES DA MOTA

Redação e Administração:

Assembléia, 79, 1.º andar

Telefone: 22-8817

Rio de Janeiro, Brasil

Composta e impressa nas
oficinas d'A MANHÃ

Sucursal em São Paulo

Rua do Carmo, 138 - 1.º - Sala 9

Diretor: Paulo Zingg

Correspondentes e representantes
em todos os Estados

Preços:

INTERIOR

Número avulso . . Cr\$ 0,50

Número atrasado . . Cr\$ 1,00

Número avulso no in-

terior dos Estados Cr\$ 0,60

Assinatura anual . Cr\$ 6,00

Assinatura semestral Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual . . \$ 1,00

(Dólar americano)

“O FENOMENO MILITAR RUSSO”

PELO CORONEL J. B. MAGALHÃES

A Editorial Peixoto S. A., prossequindo no seu programa de apresentar ao público livros oportunos e de real valor, vai lançar, dentro em breve, o Fenômeno Militar Russo...

Nenhum assunto tem desafiado mais o pensamento político e militar do que a inesperada e heróica resistência vermelha às hostes totalitárias. Entretanto, fica sempre no ar uma desconcertante interrogação:

...POR QUE A RÚSSIA NÃO CAIU?...

O esclarecido autor de “O Fenômeno Militar Russo” dá resposta a esta pergunta, depois de estudar todo o complexo da vida

russo. Rememora a história da nação eslava nos pontos de conexão com a guerra atual, analisa sua geografia e todas as solicitações dos fatores mesológicos, faz reviverem as principais glórias militares da Rússia e, então, começam a surgir as respostas a esta palpitante pergunta universal:

POR QUE A RÚSSIA VENCEU?

Pelo índice abaixo, se verá o alto interesse e a atualidade do tema versado neste livro moderno, oportuno e cheio das mais sensacionais revelações.

“O FENÔMENO MILITAR RUSSO”

ÍNDICE :

- | | |
|--------------------------------|--|
| I — Que é a Rússia? | V — Formação e Evolução do Exército Vermelho. |
| II — A Rússia e a Europa. | VI — A prova da Guerra. |
| III — A Revolução Bolchevista. | VII — Conclusão. |
| IV — A Tradição Militar. | VIII — A Luta na Rússia e as realidades da Guerra — Stalingrado. |

Uma publicação da
EDITORIAL PEIXOTO S/A.

RIO DE JANEIRO

Araújo Porto Alegre, 56

São Paulo
Rua D. José de Barros, 337

Ribeirão Preto
Rua Álvares Cabral, 65-A

AS MULHERES NA VIDA DOS GRANDES HOMENS

DURANTE cerca de um quarto de século, a sra. Einstein foi parte importante na carreira de seu marido, o grande sábio, autor da teoria da Relatividade e que foi uma das primeiras vozes de ressonância mundial a erguer-se contra o nazismo.

H. Gordon Gabelian, no livro "Einstein — O Criador de Universos", traça um perfil simples mas sugestivo da prima do cientista e a quem coube, como esposa de um gênio, mais do que uma companheira, desempenhar o papel de mãe, de governante ou de tutora, tão bem como o da mulher afetuosa.

Tanto ele como a moça haviam fracassado numa primeira experiência conjugal. Tinham sido amigos de infância e, quando outra vez se encontraram, divorciados ambos, tornaram-se um casal felicíssimo.

"Mulher atraente e encantadora, a sra. Einstein era tão simples, modesta e despretenciosa como o seu famoso marido.

Tinha além disso, como características, uma jovialidade e um bom humor que contrabalançavam idealmente as preocupações acadêmicas do marido.

Mulher à antiga, achando que o dever precípuo de uma esposa era cuidar dos arranjos domésticos, cercava de todos os confortos o lar do professor, enquanto com dedicação constante protegia o marido contra as bisbilhotices públicas.

Seus instintos protetores trouxeram sempre o maior sossego e tranquilidade para que o marido pudesse trabalhar com mínimo de interrupções prejudiciais, e quando lhe eram ortogadas fama e honrarias mundiais, ela entendia de seu dever conservar-se na penumbra em vez de partilhar do glorioso feito em que tinha não pequeno papel".

Einstein queria muito bem a sua mulher, cuja inteligência e tato lhe eram preciosos. Elogiava-lhe também os talentos domésticos, as qualidades de cozinheira.

Não somente as dificuldades criadas pela fama, a necessidade de proteger o esposo contra a curiosidade pública, que ele sempre aborreceu. Elza venceu galhardamente. Também estava sempre pronta a cercá-lo de todo o afeto, fazendo-lhe companhia e procurando compreendê-lo. Nunca o distraía, sequer, para uma explanação do trabalho em que ele se empenhasse. A amigos que se surpreendiam disso, explicava:

— Vocês sabem, não tenho pendor científico. O tempo do meu marido é tão precioso que não quero o desperdício tentando explicar, justamente a mim, suas teorias. Não tenho nenhuma parcela de inteligência, exceto, talvez como esposa e mãe. Meu interesse pela matemática reside, principalmente, nas contas domésticas.

Tinha ela, realmente, as contas da família a seu cargo. Modesta, em atraso com a moda, indiferente à fama, era ela quem zelava pela economia do lar, ao passo que ele, embora um mago da matemática, nunca pôde fazer o balanço de sua escrituração.

Era ela também quem se encarregava de todos os arranjos caseiros, mesmos os mais modestos, como se vê deste detalhe no livro de Gabelian:

"As oito horas da manhã, quando o sol invadia o seu apartamento térreo, costumava ela abrir a água



Einstein

da banheira e chamar o marido. Vinha ele de chinelos e de roupão colorido, tocava piano enquanto a banheira se enchia e quando a mulher gritava: "pronto, Alberto", dirigia-se para o banho.

A mulher tinha de ir atrás dele para fechar a porta — detalhe de que o professor nunca se lembrava". A sra. Einstein tinha diariamente o encargo de separar, segundo o idioma em que eram escritas, as cartas procedentes de toda parte, percorrê-las e classificá-las. Algumas eram postas de lado, sem resposta. Outras eram logo respondidas. Outras mais ficavam para posterior exame do sábio. Marido e mulher trabalhavam muito com a correspondência, duran-

te parte do dia, e, não raro, à noite.

Mas Elza bem compreendia que o esposo, trabalhando sob contínua tensão intelectual, necessitava de reuniões, música, divertimentos. Recebiam amigos, fazia-se música, discutia-se literatura, ela sempre muito correta como dona-de-casa. Einstein deixava-se também arrastar pela mulher a uma noite de Bach, Mozart ou Beethoven.

Quando o casal esteve nos Estados Unidos, em 1930, mais ainda teve de apurar-se aquela extrema habilidade com que ela o fiscalizava e, de certo modo, o dirigia sem que ele pressentisse, e, sobretudo, com que ela o amparava dos precalços da popularidade.

Logo ao embarcarem, na Europa, houve um desapontamento para Einstein, intransigente nos seus escrúpulos em face da ostentação e do luxo: o pessoal de bordo lhe havia reservado acomodações especiais, e ele, de modo nenhum, quis aceitar essas acomodações.

"Madame Einstein, que compreendia o marido melhor do que ninguém, tentou dissuadi-lo mostrando-lhe que a recusa iria ofender funcionários bem intencionados. Como o professor não desejasse melindrar as sensibildades dos ofertantes, acabou por ceder aos argumentos gentis e aceitou o apartamento de luxo".

Ao chegarem a Nova York, Einstein, impaciente, foi envolvido na trama jornalística de uma prometida entrevista coletiva. E, como sempre nessas ocasiões ela, serena e maternal, aproximava-se dele, pondo-se ora de um lado ora de outro, como um anjo protetor, evitando-lhe aborrecimentos sempre que possível e encorajando-o com um sorriso ou um afago.

Elza Einstein saiu da vida do seu marido como sempre estivera ao lado desse grande homem: silenciosamente, serena e previdente. Previdente, sim, pois deixou Helen Dukas apta a cuidar da casa, da roupa, da correspondência, da conta-corrente, da cozinha e dos demais arranjos do lar.

Foi em fins de 1935, em Princeton, Nova Jersey, Estados Unidos da América.

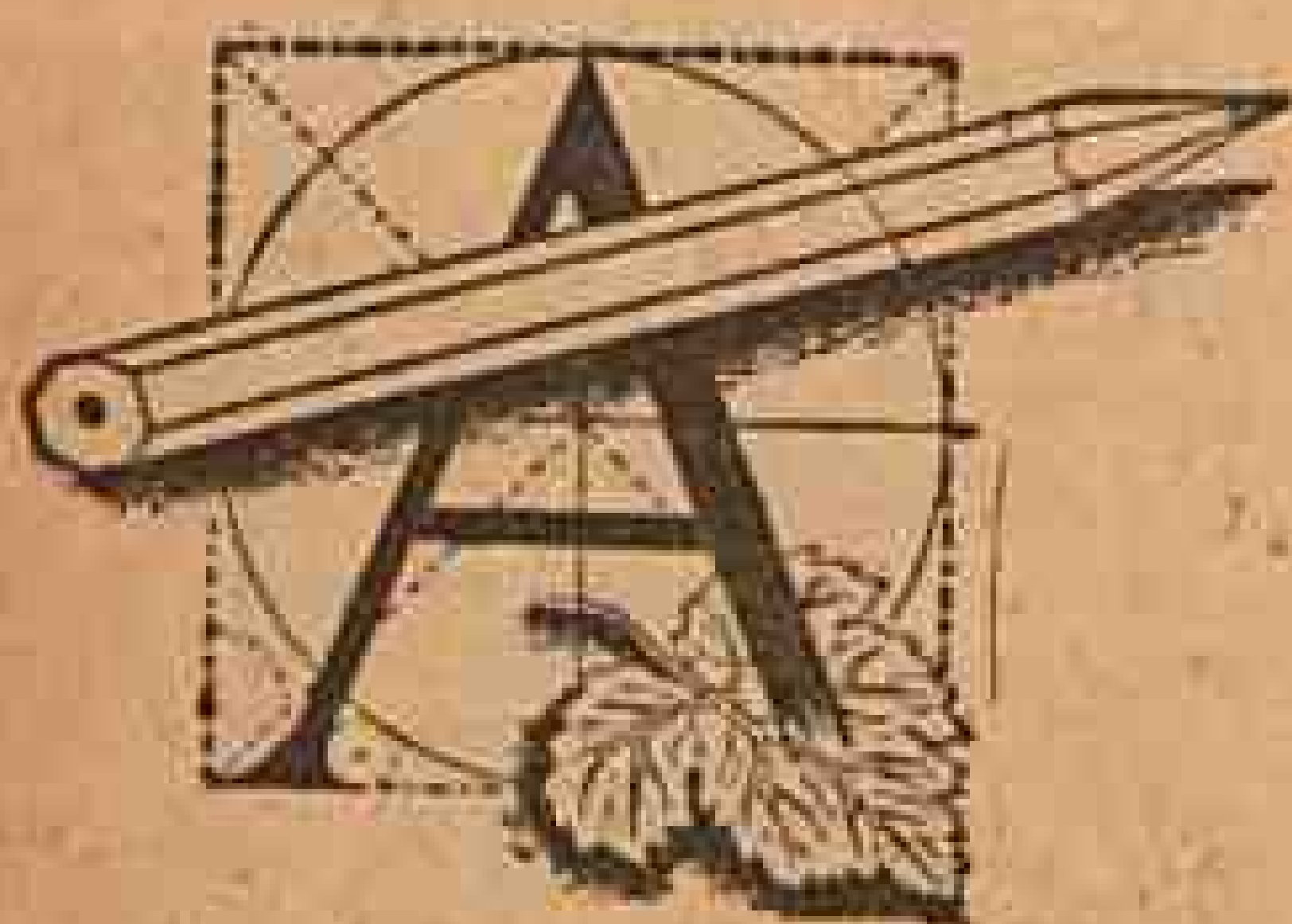
DECLARAÇÃO DE AMOR — Do célebre romance "Marie Chapdelaine", de Louis Hémon, cujo enredo se passa no Canadá francês, em Péribonka, na região de Quebec. — "Não sou rico, está-se vendo que não sou rico, mas já tenho dois lotes pagos de todo, e você bem sabe que são de boa terra. Quando chegar a primavera vou trabalhar neles, vou limpá-los das raízes vou cercá-los com boas cercas e quando maio vier já poderei sementar. Semearei sessenta e cinco alqueires, Maria; sessenta e cinco alqueires de trigo de centeio e aveia sem contar com um alqueire de cevada para os animais. As sementes serão as da melhor espécie, compradas em Rouerbal, e pagas peso por peso, pois que para isso tenho dinheiro. Nada de dívidas! E mesmo que o ano seja apenas sofrível, terei uma colheita magnífica... Imagine você, Maria: sessenta e cinco alqueires de trigo de primeira, semeados numa terra boa e jovem. E durante o verão, depois do feno, e entre o feno e a colheita, chegará o momento de edificar uma casinha bem forte e acolhedora, toda de madeira vermelha que já tenho cortada e afeitada lá detrás da minha granja. Meu irmão sem dúvida me ajudará e talvez Dá Bê e Esdras, quando regressarem. No inverno seguinte irei trabalhar no corte de troncos com um cavalo, e voltarei na primavera com muito dinheiro; e então, se você foi tão boa em fazer-me caso, eu..."

Nessa ocasião Maria Chapdelaine pensava no outro, pensava em Francisco Paradis.

O Romance de Jean Barois

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Copyright de LEITURA



O DRAMA do instinto — a luta contra a morte; o drama do espírito — as relações com o sobrenatural; o drama da inteligência — a inconciliável entre a pureza das idéias e a impureza das realizações; o drama do apóstolo — a verificação da falência dos seus esforços; o drama do indivíduo — o combate contra o meio que o quer sufocar; tudo isso, todos esses dramas fundidos num homem, numa nobre vida, é o que encontramos em Jean Barois, um dos livros mais importantes que se publicaram em França neste século já quase em meio.

Roger Martin du Gard começou a escrevê-lo em 1910, quando, chefiada pela alma de fogo de Péguy, a melhor parte da mocidade francesa encontrava na mística da ação o meio de escravizar a França do cepticismo que lhe incutira a geração precedente. Instaurou-se o processo do século XIX, que foi condenado como estúpido, dilante, materialista. Tinha tido o criador de Jean Barois o propósito de fazer do seu herói um representante dessa época vilipendiada, e de mostrar, por ele, o que ela teve de grande e respeitável?

Jean Barois é uma figura típica do século XIX — ou, melhor, do que, com a simplificação da distância, nos parece ser o seu feitiço dominante (Convém não esquecer de que, além de Renan, viveram então Karl Marx e Nietzsche, de que quase todas as nossas teorias de lá nos vieram). Mas o que guardamos desse tempo, o que para nós constitui a sua fisionomia, é uma mistura de liberalismo, racionalismo e ateísmo, com base na crença inabalável nos postulados da ciência, e na confiança na natureza humana.

São esses os imperativos morais que guiam Jean Barois. Criança doente, sente o choque entre os conselhos do pai, que lhe ensinam que só a vida importa, que precisa lutar com todas as suas forças para conservá-la, e os preceitos da avó, que procura educá-lo na tradição católica. Esta vence, de início. Mas, adolescente ávido de conhecimentos e ardente de sinceridade, Renan e o estudo das ciências biológicas destroem-lhe a fé. O meio bem pensante em que nasceu, e ao qual ainda se liga mais pelo casamento não tolera a afirmação da sua liberdade espiritual. A reação o obriga ao rompimento definitivo, ao abandono de tudo — família, profissão, posição — para todo se entregar à defesa do que lhe parecia constituir a suprema dignidade do homem — o livre pensamento, o direito a exami-

nar todos os dogmas, a decidir por si, a escolher o próprio caminho.

E, na tarefa de guia, de orientador que empreende cheilo de entusiasmo, os triunfos se sucedem; através da revista que funda, sua palavra desperta consciências, provoca adesões, incita à luta. A revisão do processo Dreyfus é uma vitória do seu grupo — a vitória dos que põem a verdade acima das conveniências, à justiça acima das tradições, o indivíduo acima da classe. Dos que querem a paz e a liberdade, dos que visam estabelecer entre os homens relações francas e leais.

Com tudo isso, sonhou, como Jean Barois, esse século XIX que, entretanto, trazia em seu bojo o embrião do nosso.

Mas não furaram muito os triunfos do apóstolo leigo. Politicamente, as consequências do caso Dreyfus não foram as que esperava. O combate ganhado pelos idealistas se transformou na vitória dos oportunistas, dos que, sob outras formas, restabeleceram a violência, a hipocrisia, a opressão.

Também na vida particular, Jean Barois assiste à negação da sua obra. Sua filha única vai ser freira, sem que sequer a abalem as idéias do pai; as novas gerações não o compreendem,

imprimem à sua revista uma nova direção. A luta entre o sectarismo religioso e o ateu, entre a intransigência dos conservadores e a dureza dos revolucionários prossegue como se a sua ação esclarecedora não tivesse existido.

A doença abatendo-lhe a resistência física, corrol-lhe também a moral: Jean Barois acaba dominado pelo meio burguês que renegara, reconciliado com a Igreja que tanto combatiera. Todo o sentido de sua vida se destrói, tragicamente, quando perde o resultado de sua primeira vitória: a vitória obtida sobre a morte na infância longínqua, na infância consciente de menino ameaçado pela tuberculose.

Mas importante do que a reconstrução da evolução espiritual de uma época através de um homem — embora tão impressionante de força e verdade — é, nesse livro denso e seco, a evocação da iniludível trajetória humana — das lutas desesperadas, físicas e psíquicas, acabando inexoravelmente na morte, tragadas pela morte, aniquiladas pela morte.

JEAN BAROIS, de Roger Martin du Gard — Roman, 2 volumes, edição em francês — Americ-Edit — Rio, 1943.

Isolacionismo . . .

RODRIGUES DE MIRANDA

Copyright de LEITURA

É MUITO estranho que a "tradicional Faculdade de Direito do Recife" esteja de "fogos apagados". Pelo menos há muito que não ouvimos as suas vozes, nem percebemos os seus ruidos característicos, tão agradáveis aos ouvidos daqueles que sempre acreditaram na cultura, a serviço do Brasil e de suas grandes causas. Enquanto a Baía estuda, luta e trabalha, dentro e fora das Faculdades, o velho e heróico solo das grandes batalhas da inteligência permanece estéril, desminuindo as fecundas tradições democráticas dos seus estudantes e professores. Não acreditamos que Recife esteja morrendo, que a sua "Universidade" continue distanciada dos problemas fundamentais do presente. Queremos ouvir os ruidos da Faculdade de Direito do Recife, desejamos vê-la marchando para a "encruzilhada do presente", com o mesmo ímpeto dialético dos espíritos anti-conventionais, dos Tobias, Artur Orlando e outros campeões da verdadeira cultura universitária. Nada de professores que decorem lições e as levem para a "torre de marfim" de sua cátedra, envenenando o ambiente com a terrível e voluntariosa falta de cultura e de bom senso democrático. Brilhante ensaísta brasileiro, referindo-se ao papel que cabe à Universidade desempenhar, acrescentou oportuna-

mente: "A Universidade não se constitui para isolar da vida a cultura, mas trazê-la para a vida e torná-la mestra da experiência. Os seus problemas serão os problemas de hoje, examinados à luz da sabedoria do passado. A serviço do presente e do futuro, a Universidade não deseja, entretanto, constranger o porvir, dentro de formas apriorísticas ou predefinidas". Infelizmente somos forçados a declarar que a Faculdade de Direito do Recife está encolhida, esquiava do mundo que arde e que exige não só a luta das armas, mas também a luta da inteligência, no sentido de esclarecer as manobras dos reacionários e dos professores de colete, beletistas e empavonados defensores de "ruínas".

Precisamos ouvir as vozes da gente moça de Recife. O tempo dos "punhos rendados" já passou.

Estas considerações vieram-me à mente, após a leitura do livro "Atenas, Roma e Jesus", do professor Odilon Nestor, editado pelo Departamento Cultural da C. E. B. Chamou-nos particularmente a atenção, o prefácio escrito pelo sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, o qual, para dizer a verdade, é metade do livro, quase todo o livro, lá dizendo.

E foi justamente levando de sopetão o "virtuosismo" decadente dos

ARMITAGE E O BRASIL

AGRIPINO GRIECO

Copyright de LEITURA

BELA realização editorial a da casa Zelio Valverde lançando a terceira edição da "História do Brasil" de João Armitage, com anotações de Engênio Egas e Garcia Junior.

Eram bastante raros, no mercado, os exemplares desse livro e os revendedores que corream em torno aos bibliófilos tratavam de explorar o mais possível os miséros clientes.

O trabalho do inglês Armitage — ninguém ignora — continua o do seu patrício Roberto Southey e descreve o período que vem da chegada dos Braganças à abdicação de Pedro I. Contribuição de um homem culto e honesto, de um estrangeiro que dispunha de perspectiva para bem julgar-nos, dadas as dissemelhanças de raça e temperamento.

Sabe-se que os albiônicos dignificam a arte da história. Há quem assegure ser a "Decadência e Queda do Império Romano", de Gibbon, a obra-prima do gênero em todo o mundo. De Carlyle escreveram ser um sonâmbulo do passado um ressuscitador de épocas e populações extintas.

Quanto a Roberto Southey, sem vir até nós e conhecendo-nos apenas através dos alfarrábios que percorreu em Lisboa, realizou a mais preciosa síntese de três séculos de vida brasileira. O poeta dos lagos, o companheiro de Coleridge e Wordsworth, o visionário da Pantisocracia, mostrou-se aí narrador dos mais objetivos, submatando o lirismo e a utopia a uma espécie de crítica pericial dos fatos.

mestres encapotados e sinistros que Gilberto Freyre acrescentou: "em 1910 já resvalava para a decadência hoje alarmante, que faz grande parte de sua congregação uma caricatura dos mestres antigos; e de muitos de seus estudantes, moços fantasiados de estudantes de direito, mas na realidade funcionários públicos, alguns até investigadores de polícia".

Referindo-se, em seguida, ao passivo e desintegrante espírito de rotina dos homens titulados, afirmou ousada e gostosamente: "os pecados que matam a alma do intelectual e reduzem a boca do professor de direito a sala às vezes da corteza: a negação íntima da toga viril".

É bom que se acrescente que o sociólogo Gilberto Freyre não quis com isso endeusar Odilon Nestor, subestimando o valor de outros professores. O que ele quis acrescentar foi o retraimento, a inocência catedrática e o amolecimento dialético daqueles que carregam a responsabilidade de "uma tradição viva". Através do prefácio ao

Em Armitage, o que se deve exaltar de preferência é o bom equilíbrio entre a sisudez e o "humor".

Se estão em jogo homens como Evaristo da Veiga, eis a falar com a compostura de quem compreende o papel desses arquitetos da nacionalidade. Em Evaristo enxergaria ele muito dos publicistas britânicos que ninguém amordaçava e dizem sempre desenvoltamente o que tinham a dizer, tal o Addison do "Espectador".

Mas falando de certos subalternos, da patuléia política, Armitage não deixa de ter aquele indefinível sorriso dos que passaram pelos volumes de Sterne e Lamo e conhecem os alcapões da comédia social.

No que se prende aos comentários de Engênio Egas, são valiosos. Tão bem lançados que, de início, ficamos com receio de que o segundo anotador nada pudesse trazer de novo ao assunto.

Pois o meu querido Garcia Junior não sai vencido do paralelo. Estudando um autor sobre o qual é

escassa a informação, trouxe a debate documentos originais. Surgem datas e nomes não explorados ainda com tal minudência, e tudo — o que é mais expressivo — através de uma crítica histórica sutil.

Certas observações suas sobre dom João VI e dom Pedro I aclaram almas onde existia muito recanto penumbroso, revivem, em nítido recorte, cenários já meio esfrangalhados nas memórias. Garcia, sem ser um um devoto do Brasil colonial ou imperial, não é também um difamador dos Braganças, um caricaturista de defuntos.

Seu contingente ainda mais valioso torna o livro de Armitage. Livro que, para aplicar uma expressão do poeta Alberto de Oliveira, ficará de pé nas estantes. E não apenas por ter trezentas e noventa páginas...

HISTÓRIA DO BRASIL, de John Armitage — Prefácio e anotações de Garcia Junior — Livraria Editora Zelio Valverde — Rio, 1943.

GIGANTES E ANÕES — Entre os livros também existem gigantes e anões. Citaremos primeiro a Bíblia do Tibet ou "Tandjur", que consta de 108 volumes de 10.000 páginas. (Cada tomo pesa 4,400 gramas). No Museu Britânico se encontra um Atlas oferecido a Carlos I, que mede 1,65 de altura e 1,15 de largura. O "Livro de Ouro" do Estado de Dakota na Exposição de Chicago em 1896 mede 45 milímetros por 30 e tem 876 páginas e 27 gravuras. Outra Bíblia editada em 1883 pela Universidade de Oxford era menor ainda que uma estampilha de quarenta centavos. Um calígrafo de Munich, chamado Valentim Kaufmann, fez um livro de 14 milímetros por 10, no qual escreveu a história da capital bávara desde sua fundação por Henrique II, o Leão, até nossos dias. Consta de 118 páginas que contém 12.070 letras e 180 números. Está encadernado em merroquim vermelho, com cantos dourados e feixes de metal. Já no século XVII se conheciam os livros de horas, um pouco maiores que uma passagem de bonde. Há bibliotecas somente compostas de livros minúsculos.

livro de Odilon Nestor. Gilberto Freyre interessou-se tão somente em palmilhar caminhos saudáveis, caminhos que levam a uma maior elasticidade da compreensão universitária, a um entendimento que aclare, em vez de enegrecer, como parece estar acontecendo por trás das trincheiras universitárias de Recife. É bem sabido que quando o pensamento enferruja, as iniciativas dos moços também enferrujam e morrem inapelavelmente, antes de nascer... É preciso que todos saibam que a guerra que as democracias estão vencendo é também a guerra da cultura. Que os moços de Pernambuco abram bem os olhos e vejam a claridade que emerge do seu passado. A época não é propícia para ladainhas propiciatórias, à sombra dos muros seculares. Deve-se recorrer à inteligência para evitar que as trevas da rotina venham arruinar a cultura. Os moços de Pernambuco têm um grande patrimônio. Defendê-lo é uma forma heróica de cul-

tivar a liberdade, tornando-a obrigação saudável nas suas tarefas cotidianas. Tudo que se fizer fora desse pensamento é reação e é insensatez dogmática também.

O prefácio de Gilberto Freyre ao livro de Odilon Nestor é, ao nosso ver, mais do que uma advertência: é uma mensagem angustiada salda do peito de um humanista e dirigida aos seus irmãos, irmãos roídos por não sei quantas provocações, infidelidades e desajustamentos...

Talvez o vigor universitário pernambucano volte a estremecer as entranhas da "tradição" que não emperra a experiência renovadora. Ai então o senhor Gilberto Freyre estará de novo no seu posto, ajudando os moços no trabalho gigantesco de servir à verdadeira ordem democrática que, felizmente, não está muito longínqua.

ATENAS, ROMA E JESUS, de Odilon Nestor — Prefácio de Gilberto Freyre — Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1943.

**ABRA, TAMBEM, A "SUA" SEGUNDA FRENTE
LENDO**



INVASÃO

QUENTIN REYNOLDS

Autor de "Somente As Estrelas São Neutras"

História épica da abertura da segunda frente
Visão completa da marcha dos exércitos libertadores contra a
fortaleza de Hitler

Sensacional "Best-Seller" sobre a ação dos comandos na costa europeia
Empolgante narrativa dos heróis de Mountbatten
Brevemente, em todas as livrarias

EDITORIA EMPRESA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.

Porque Escrevi "Navio Sem Porto"

LIA CORRÊA DUTRA

Copyright de LEITURA

PORQUE escrevi "Navio sem Porto"? Porque, desde que me entendo, não sei fazer outra coisa, nas minhas horas vagas, senão escrever contos.

Tinha sete para oito anos, e minha letra era ainda uma série de garatufas quasi ilegíveis, quando, em dois dias de chuva, fiz o meu primeiro conto. Chama-se "A Liberdade", e era a história muito convencional e tola de um passarinho preso numa gaiola (era um sabiá), de um menino mau chamado Haroldo e de uma menina boa chamada Luci. O sucesso que essa composição alcançou no meu público reduzido e entusiasta — as duas avós (minha avó paterna recopiou-o, mesmo, com sua letrinha clara e bonita, e andou pelas casas dos tios e primos, lendo-o com orgulho) — foi tão grande, que eu me enchi de estímulo e validade, e dei para compor historietas semelhantes, coisa que a família estimou em parte, porque me prendia, em casa, quietinha, horas e horas, longe dos perigos da bicicleta e dos patins, e em parte desaprovou, pois foi a causa do abaixamento nas notas de diversas matérias escolares. Não contente de escrever os contos, meti-me também a ilustrá-los. Tenho os cadernos até hoje. Todas as personagens, representadas a lápis de cor são uniformemente aleijadas, com cabeças enormes (as femininas cobertas de cachos, como compensação aos meus cabelos lisos), corpos moínos, braços sem articulações, dedos estatelados e pernas tão separadas quanto os dois lados de um arco de triunfo. Depois, levei quasi um ano na elaboração de uma longa novela, relativa a única história infantil, e que terminava por um casamento. Cito-a, porque foi a única história de amor que escrevi até hoje. Era muito religiosa nesse tempo, e compuz uma série de pequenas histórias, intituladas "Cenas da vida da Sagrada Família", e nas quais tratava Jesus, Maria e José com intimidade e ternura, atribuindo-lhes, arbitrariamente, episódios que não constam das Escrituras.

Devia ter meus quatorze anos quando saí do ineditismo, graças a Coelho Netto, velho amigo da família, a quem mostrei um conto, "Senhorita", que girava em torno da figura de uma solteirona, pianista de bailes familiares. Coelho Netto mandou "Senhorita" e ainda outro conto, "O garoto", para uma revista (Vida Doméstica, se não me engano). Foram ambos publicados, em dois números sucessivos, e eu, pela primeira vez, vi produções minhas em letras de forma, e, o que mais é, uma delas acompanhada de retrato — coisa que me deu alguns dias de prestígio no colégio.

Como LEITURA está vendo, fazer contos constitui para mim uma espécie de vício, de que não me posso libertar, e que me impede de realizar a minha mais sólida e antiga ambição: fazer um romance. Como aquele Pestana, do conto de Machado de Assis, que ansiava por compor um noturno mas que só conseguia fazer polcas, eu, também desejando com ardor escrever um romance, só posso escrever contos.

E isso me tem mortificado bastante. Minha incapacidade para o ro-

manço foi sobejamente provada em todas as ocasiões em que tentei esse gênero. Já me esforcei diversas vezes, tenho três ou quatro começos, dois quasi em meio, mas reconheço a tempo que não valem nada. Na realidade nem são romances, mas uma série de contos — sempre o conto! — com as



Lia Corrêa Dutra

mesmas personagens. Cada capítulo tem a feição do conto, constitui um episódio que começa, se desenrola e termina, podendo ser retirado do conjunto sem que lhe faça falta, e cujo sentido não depende dos outros capítulos. A melhor prova disso é "A finada d. Aninhas", que figura em "Navio sem Porto" e não é mais do que um capítulo de um desses romances malogrados (modifiquei apenas algumas linhas iniciais).

Acho que o romance deve desenrolar-se naturalmente, como um grande novelo de que se puxa a ponta do fio, e que vai se esvaziando aos poucos, até chegar à outra ponta. Mas os que comecei não têm essa unidade, essa sequência; são feitos de uma coleção de pequenos novelos bem redondos, postos lado a lado na mesma caixa.

Ora, possuindo vários contos, quando soube do concurso promovido pela "Livraria Editora José Olympio" voltei-me a idéia de arriscar a sorte e candidatar-me. Entretanto, logo a seguir, lembrei-me de que várias pessoas já os haviam lido, e que uma das condições do concurso é que os contos seriam "rigorosamente inéditos". Inéditos eram todos, pois nunca haviam sido publicados. Mas "rigorosamente"? Esse "rigorosamente" me deu pruridos na consciência. Resolvera entrar no concurso por possuir os contos; depois, tive que fazer os contos porque resolvera entrar no concurso. E, de fato, escrevi-os especialmente para esse fim, exceto "A finada d. Aninhas", extraído do romance, e "O Trem", que estava pronto há dois anos e de que gostava muito (é o melhor do livro, a meu ver).

De certo, cada conto do livro teve

seu motivo particular. O primeiro, "Navio sem Porto", que dá o nome ao volume, e que é o mais importante como tema, embora o mais fraco como realização (saíu muito mal feito e penso que é o único a não obedecer à "técnica" do conto), me foi inspirado por um navio de judeus fugitivos, que até aqui na Guanabara apareceu, e que todas as nações impiedosamente recusaram. A tragédia desse grupo de criaturas perseguidas, rejeitadas de todo lado, vagando sem rumo durante meses e meses, muito me impressionou e me tirou noites de sono. De manhã, corria para os jornais, procurando saber se tinham finalmente encontrado um refúgio, um porto onde desembarcar, e seus insucessos me doíam como se eu fosse um deles, gente de sua raça e de seu sangue errante, privada de simpatia e de segurança, desenraizada, repelida — como se eu também tivesse a minha espera, após a inútil viagem dolorosa, a tortura e a morte nos campos de concentração da Alemanha nazista. Foi por isso, para me livrar da obsessão que escrevi esse conto, e creio que os defeitos que ele contém são devidos ao fato de eu tomar partido, de não "inventar" a intriga, mas de ser forçada a me restringir ao fato vivido, daí o seu cunho de instantâneo fotográfico, de reportagem. Outras histórias que se inspiram em fatos verdadeiros são "Ronda Noturna" e "O Negro" — e, coisa engraçada, são estas três as que dão menos impressão de verdade, as que parecem mais falsas. Tanto a vida me vence em imaginação. ..

Para mim, porém, as páginas mais convencionais do livro são as que formam "Questão de dignidade".

O assunto em que me sinto mais à vontade é o que trata de psicologia infantil, talvez por eu ser professora e ter alguma experiência de meninos. Em meu livro há quatro contos sobre crianças: — "A finada d. Aninhas", "O banho no rio", "O Trem" e "Adolescência". No primeiro, que pode parecer recordação de infância e assim tem sido interpretado, mas que não se prende a nenhum acontecimento de minha vida e é inteiramente imaginário, mostro a incapacidade que as crianças têm de sentir e compreender a realidade, sua maneira imprevisível de raciocinar. O herói, um menino de sete anos, assiste à doença da avó, beija-lhe o cadáver, vê a chegada do caixão e a saída do enterro, porém só percebe que ela morreu quando a criada, referindo-se a ela como a "finada" d. Aninhas, a risca implacavelmente do mundo dos vivos, com essa única palavra, mais eficientemente do que o atestado de óbito. — Nos outros três contos, principalmente em "Banho no rio", faço ver que cada criança tem em sua alma uma parte obscura e fechada, de que vai tomando aos poucos consciência, e onde os adultos não conseguem penetrar. Agora, resumindo, dou minha resposta a LEI-

(Continua à página 22)

Lima Barreto Sentiu o Brasil

CAIO PRADO JUNIOR

Copyright de LEITURA



Lima Barreto

cial criado pela imaginação do autor. E' o que dele ainda afirma Elói Pontes, prefaciando a atual edição de "Triste fim de Policarpo Quaresma". Para este crítico, Lima Barreto não se funda na observação exterior, "a sua análise é própria do realismo subjetivo". De outros também ouvi o mesmo conceito.

No entretanto, eu vejo nele um objetivista como poucos têm havido nesta nossa literatura tão destacada da realidade, e vivendo no mundo dos sonhos. Certos pormenores são flagrantes. Em "Triste fim de Policarpo Quaresma" encontramos até uma página de geografia humana em que Lima Barreto, descrevendo uma pequena vila do interior, nos traça a sua formação topográfica, com a maestria de um especialista: "Tinha duas ruas principais: a antiga, determinada pelo velho caminho de tropas, e a nova, cuja origem veio da ligação da velha com a estrada-de-ferro. Elas se encontravam em T, sendo o braço vertical o caminho da estação..." Centenas de aglomerações brasileiras são assim, e assim, se formaram. Quem antes de Lima Barreto, ou mesmo depois dele se mostra observador tão sutil em matéria praticamente ignorada no Brasil, sobretudo no seu tempo?

Mas isto é apenas um detalhe, sem grande importância. Serve unicamente para indicar a capacidade de observação do romancista, que encontraremos a cada página de seus livros, e relativamente aos mais variados assuntos. O que vale na sua obra é a certeza e segurança com que apanhou e reproduziu os traços mais salientes da vida brasileira. Tome-se por exemplo o já citado "Triste fim de Policarpo Quaresma", que me parece sua obra prima. Assistiremos aí ao desfile de personagens que exprimem, cada qual, os tipos mais representativos de uma categoria, de uma atitude, de uma ação, da vida política do Brasil. Aquele contra-almirante cujo objetivo máximo na vida é a melhoria de sua reforma; o general Albernaz, que nunca participou de batalha nem exerceu comando, e voltado unicamente para o pequeno problema doméstico do casamento de suas filhas; o tenente coronel Bustamante, muito preocupado com a escrita e expediente burocrático de sua unidade, e revoltando-se contra a idéia de marchar e combater, o que iria naturalmente desorganizar a escrituração; Genelício, o funcioná-

rio modelo, perfeito cumpridor de suas obrigações, que para obter promoções, de vez em quando fazia imprimir na Imprensa Nacional algum trabalho de finanças, entulhado de textos de decreto e salpicado de citações de autores estrangeiros...

Em torno desta gente, gira a política do país. Ninguém como Lima Barreto sentiu e exprimiu tão bem até que ponto a política brasileira e os fatos máximos de sua vida são função daqueles pigmeus que formam a sua burocracia mesquinha onde se esterilizam todos os ideais. Destacando-se neste fundo sombrio, evolui o herói do romance. Policarpo Quaresma é uma criação do autor. Mas, dentro de sua personalidade abstrata, simboliza um outro aspecto do Brasil: o patriotismo "à outrance", para quem os rios brasileiros são os maiores do mundo, as flores, as mais belas criações da natureza, a terra, a mais fértil... Não faltam em Policarpo Quaresma os traços do D. Quixote, no bom sentido: o idealista às voltas com as duras contingências da vida real. Aquela aventura agrícola do nosso herói num sítio dos arredores do Rio de Janeiro, onde fracassa o seu idealismo pelas dificuldades da venda dos produtos, pela ação das formigas e do fisco, é uma transposição, em termos modernos e brasileiros, das melhores façanhas do herói de Cervantes.

Estão aí os dois polos máximos da vida política brasileira: as mesquinhas ambições da turbamulta que se acotoveia em torno do tesouro público, e o idealismo ingênuo que se fecha às realidades mais patentes, e somente enxerga o Brasil através dos prismas da excelência e da perfeição. O apetite grosseiro, de um lado; o otimismo beócio, mais belo com certeza, mas igualmente estéril, do outro. Quem nos daria uma síntese mais perfeita? Lima Barreto não era um subjetivista: sentiu e soube exprimir o Brasil.

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto. Prefácio de Elói Pontes. — Livro de Bolso. — São Paulo, 1943.

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral

Ap. Gêrito-Urinário — Sífilis

Consultório:

R. México, 168 - 11.º andar - Sala 11
Fone 42-8916

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 26.4978 —
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

Charles Nodier e Eça de Queiroz

AURELIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA

NÃO serão muitos os que, tendo lido o conto *O Tesouro*, de Eça de Queiroz já terão descoberto que o assunto da bela narração não é original seu. Já vem num apólogo de Charles Nodier, escritor francês do fim do século XVIII e começo do XIX. Poderia alguém, se quisesse, aceitar a hipótese de que a idéia original do achado, por três indivíduos, de um tesouro oculto, e a resolução entre os três, de o dividir igualmente entre si, nutrido, intimamente, embora, cada qual, o sinistro pensamento de ficar com todo o ouro para si só, concepção do mal, que vem a ter como desenlace do drama lúgubre a morte violenta e simultânea dos três espertalhões, houvesse sido concebida, mais ou menos ao mesmo tempo, ou em épocas pouco afastadas, por Charles Nodier, na França, e Eça de Queiroz, em Portugal. Teria, porém, igualmente, que ter em conta o fato de Charles Nodier haver nascido em 1780 e falecido em 1844, um ano antes de Eça de Queiroz nascer. Teria, enfim, de admitir que a idéia em questão não houvesse sido concebida em épocas aproximadas. Seria possível, contudo, admitir a hipótese...

Há um pensamento ou idéia universal, exatamente como há uma consciência universal e uma loucura universal. Cada qual de nós, mau grado seu, participa dessa idéia, dessa consciência, dessa loucura universal. Daí o associarmos espiritualmente, sem determinação própria a situações e a atos de outrem, estranhos a nós, vivendo longe de nós, a quem nunca vimos, e a quem não nutrimos mesmo a esperança de ver. Daí a satisfação e o entusiasmo que experimentamos, sem querer, pelo bem e pela justiça; a tristeza e a revolta, pelo mal e pela injustiça. Mesmo quando esse bem e essa justiça, esse mal e essa injustiça têm por objeto entes vivendo distantes de nós, como já eu disse quer no tempo, quer no espaço. Daí a idéia — indício que é de nobreza d'alma — de nos apiedarmos do criminoso e do louco, de não os castigarmos, se quisermos que a humanidade se torne melhor; pois todo aquele que comete um crime, ou que enlouquece, nos livra desses horribéis males, a nós outros, sujeitos, que somos, pelas forças universais e desconhecidas (não digamos hereditárias) às mesmas contingências funestas. Livra-nos, repito, e graças ao papel trágico e melancólico de que se encarrega, dessas eternas penas espirituais. Deus nos visita a nós; enquanto o diabo se insinua nele; assim dirá um homem de fé. Se é que aspiramos a um céu para todos, e não, somente para um certo número, que o busca e pretende alcançá-lo por meio de barganhas e embelços. Um céu assim seria o dos mais expertos, exatamente como as coisas mais vulgares...

Que se me revele a digressão, e eu volto ao ponto.

Poder-se-ia aceitar a hipótese de coincidência entre os referidos escritores. Há exemplos disso, embora com a nuance em relação ao nosso caso. Friedrich Nietzsche concebeu a teoria do *Círculo Eterno*, em Sils-Maria, na

Suissa, ao mesmo tempo que a concebiam na França, Blanqui, em 1871, e Gustave Le Bon, em 1881. Et ce qu'il y a de plus étrange, c'est que cette rencontre a été purement fortuite. M. Le Bon ne soupçonnait pas l'existence de la théorie de Blanqui, au moment où il écrivait "L'Homme et les Sociétés". Quant à Nietzsche, on peut affirmer qu'il n'a pas connu ses devanciers. Mme. Forster-Nietzsche n'a jamais entendu son frère parler ni de l'un ni de l'autre; leurs ouvrages ne figuraient pas dans sa bibliothèque; enfin l'année 1881 est l'une de celles où Nietzsche a été le plus malade, et où ses maux de tête ainsi que la faiblesse des yeux lui rendaient à peu près impossible toute lecture nouvelle. (LA PHILOSOPHIE DE NIETZSCHE - Henri Lichtenberger - Paris, 1907 - Felix Alcan, Editeur.)

No caso, porém, de Charles Nodier e Eça de Queiroz não é fácil aceitar o paralelo, por causa do afastamento do tempo, que é muito grande. O segundo nascia, como já mostrei, quando o primeiro já era morto. O que é de todo possível e mais aceitável é que Eça de Queiroz haja conhecido de sobejo a obra do notável escritor francês. E a isto bem nos ajuda sua forte paixão pela literatura francesa, seu gosto e pendor pela língua francesa, ao ponto de escrevê-la, parece, corretamente, talvez mesmo melhor que a sua própria, cuja vernaculidade nem sempre soube respeitar como devia.

Não há dúvida, contudo, de que "O Tesouro" é um dos contos mais pitorescos e atraentes entre os que escreveu o vivaz e inconfundível autor de "O Crime do Padre Amaro", seu livro de ações em conjunto mais bem feito, aquele em que as imagens são mais bem talhadas pelos figurinos afezados pela vida real, tirante, ainda assim, alguns transbordamentos e exageros, a que Eça de Queiroz era sujeito, sobretudo no trato com as suas personagens. No "O Tesouro" seu talento de novelista se destaca pela força com que prende a atenção do leitor, ao descrever a torpe traição seguida da copiosa sangueira, entre irmãos ferozes, com um talento que é seu, original ao mesmo tempo de realista e de romântico.

"Anoteceu. Dois corvos d'entre o bando que grassava, além dos silvados, já tinham pousado sobre o corpo de Guanês. A fonte, cantando, lavava o outro morto. Meio enterrada na herva negra, toda a face de Ruy se tornara negra. Uma estrelinha tremeluzia no céu. — O tesouro lá está na mata de Roquelanes".

Inexcedível essa beleza de entrelcho novelesco, em que as últimas tintas do cenário, onde se desenrolara, enfim, o desenlace da peça trágica, nos impressiona tão fortemente, graças a sutileza do colorido, que lhe soube dar o exímio artista, tão sensível às vozes e aos aspectos eternos da natureza!

No seu apólogo, em versos alexandrinos, que se intitula "O Tesouro e os Três Homens", Charles Nodier começa por contar que três sujeitos, após terem descoberto um tesouro, consideraram que de nada vale o ouro sem



Charles Nodier

os bons manjares e o melhor vinho. Então assentam em que um deles deve ir à cidade vizinha de onde trará os aprestos para um bom repasto. O mensageiro, de caminho, maquina pôr veneno num prato. E põe. Entretanto, os dois, que ficam à sua espera, preparam-se também para dar-lhe a morte: o que fazem assim que ele chega. E enterram o cadáver onde estivera o tesouro oculto. Neste ponto do estrecho do drama, Eça de Queiroz preferiu a variante, segundo a qual Ruy convence Rostabal de que deve matar Guanês, à traição, assim que ele chegue. Em seguida ao assassinio, liquida friamente Rostabal. E, julgando-se agora senhor único do tesouro, entra a beber do vinho que trouxera Guanês. Mas o vinho fora envenenado e, aí dele! morre também miseravelmente.

"E o tesouro ainda lá está — conclue Eça de Queiroz, como sabemos — na mata de Roquelanes".

Charles Nodier narra que, após o enterramento do morto, os dois felizardos restantes partilham entre si o quinhão que deveria caber ao morto, e passam a fazer as honras devidas ao lauto repasto que o desgraçado lhes houvera trazido. E eis como o illustre escritor e poeta francês termina seu apólogo:

"On divisa sa part avant d'avoir
[touché
Aux mets apportés par le traître:
Mais l'effet du poison ne tarda pas
[beaucoup;
La mort fit cette fois trois conquêtes
[tes d'un coup.
Et le trésor resta sans maître!"

O que poderíamos dizer na nossa língua assim:

"Mas, antes de um provar do que
[o traidor trouxera,
Foi logo seu quinhão bem partilhado
[lhado
Não tardaram, porém, do veneno
[os efeitos:

(Continua à página 23)

AGOSTO DE 1943

Que mais o impressionou?

«D. Quixote», - diz Anibal Machado

O TIPO que mais me impressionou? Ou o que mais me horrorizou?

Não tenho direito de alterar a pergunta, mas o mundo, de uns vinte anos para cá, se transformou em tal usina de monstros que os tipos que mais nos impressionam hoje são os que maior revolta e espanto nos causam.

De qualquer modo, dentro mesmo do espírito da pergunta, é difícil eleger o tipo que mais nos impressionou na vida; sem prejuízo de outros que nos acodem à imaginação pedindo preferência. Em geral, é na infância e adolescência — fase em que é maior o campo irracional de nossa vida — que se fixam em nós os tipos estranhos de mais duradoura permanência. O choque que nos produz o encontro com uma figura singular é tanto maior quanto menor a nossa capacidade de medi-la por uma escala impassível, de reduzi-la criticamente.

O nosso mundo interior está povoado de uma multidão de heróis e heroínas que se vão apagando e substituindo no desenrolar dos anos. É a constelação de mitos de cada um.

Há qualquer coisa de mágico e instantâneo no ato de se deixar impressionar pelo que quer que seja. — indivíduo ou fenômeno. E a força desse fenômeno está em relação à mentalidade mais ou menos "primitiva" mais ou menos "civilizada" do indivíduo que se impressiona; e também das circunstâncias em que se opera o choque. Para o índio selvagem que o caso vê pela primeira e única vez da sua vida descer de seu avião um aviador, será este o tipo que mais o impressionou.

Se coexistem em nós dois mundos — o real e o do sonho — cada qual elege os seus arquétipos-símbolos. E como as fronteiras de ambos não têm demarcação certa, e só não desapareceram porque a humanidade não soube ainda utilizar todos os seus poderes — os tipos que mais nos impressionam na

vida real são os que nos parecem tocados de maior porção de irreal.

É nos circos, nos estádios, nos grandes crimes, nas guerras e aventuras inverossímeis que em geral se recrutam os primeiros tipos-heróis que mais nos



ANIBAL MACHADO

impressionam; e veem depois, na segunda idade, os santos, os mártires, os reformadores; e veem ainda os poetas, os artistas, os homens de ciência e pensamento — os que, de certa maneira, fazem empalidecer a ação dos primeiros.

No plano mais restrito de indivíduo para indivíduo, há admirações quase incompreensíveis para quem assiste de fora. São formas atenuadas do fetichismo: o admirador atribui todas as virtudes ao objeto admirado e se transforma nele; discute e luta para que os outros participem dos mesmos sentimentos; e sofre quando não é conseguido. O perigo é quando o ídolo se transforma em espantalho — o que retarda a passagem do espírito do estado de superstição para o de liberta-

ção. É claro que a admiração que maiores garantias de durabilidade oferece é aquela que se processa de olhos abertos. Há entretanto, um complexo de fatores particulares e intransmissíveis que influem no modo por que se estabelece o entusiasmo admirativo. Assim se teria dado com Baudelaire, espírito extremamente lúcido (não falando no seu gênio poético), em relação a Teófilo Gautier; e com André Breton em relação àquele estranho e desesperado Jacques Vaché ("Surréaliste en moi") que conheceu na trincheira. Entre nós, existem alguns casos notórios e tocantes de admiradores-fetichistas.

A tendência do homem é não somente anular-se diante do que o impressiona, como impressionar-se com o que aos outros impressiona. Isso constitui uma fonte de surpresas e decepções e faz parte da fenomenologia social do espírito. Há equívocos coletivos e absurdos monstros gerados e alimentados pela técnica moderna de propaganda, que só se desfazem com o tempo, arruinados pelo próprio princípio de negação de que são portadores. Em compensação, os espíritos livres e poderosos, as consciências isentas de superstições e terrores atravessam essa floresta de mitos sem se perderem e sem nada perderem do sentido histórico dessas mesmas mitos.

Mas a pergunta é: qual o tipo que mais o impressionou?

Quer parecer-me que tanto pode ser ele encontrado na vida como colhido na ficção. Nesse caso, o tipo que mais me impressionou é um que ultrapassou as medidas humanas, de tão humano que foi: um que é a figura mais viva e real jamais criada pela imaginação: — D. Quixote. O inesquecível e eterno D. Quixote.

... Ou então, uma mulher imaginária, fusão maravilhosa das que já encontramos com as que desejamos encontrar. É que ainda não tem nome...

"O Fenômeno Militar Russo"

VIEIRA NETO

Copyright de LEITURA

O AGUERRIDO exército da Polónia cairá em poucos dias, frente às orgulhosas e invencíveis panzers prussianas. A França, — a velha e heróica França, depositária das melhores tradições militares e detentora do mais famoso exército do mundo, — a França não pôde ficar de pé por mais de uma quarentena!

Os pequenos países do norte do Velho Mundo mal puderam soltar um grito de revolta, logo abafado por golofadas de sangue que lavaram a honra da pátria, mas aumentaram a glória trágica do vencedor...

Era chegada a vez da Rússia... O colosso moscovita ia ser palmilhado até as costas do Pacífico, atra-

vés de suas magníficas terras negras e de suas imensas estepes, que constituíam caminho ideal para o supermotorizado exército alemão...

Houve, então, um fenômeno... A Rússia resistiu, contemporizou e venceu. Falharam as previsões do mundo atemorizado, falhou o moral dos invencíveis, falhou a previsão do

Cruz e Souza e a Arte pela Arte

MARIO DONATO

Copyright de LEITURA

Cruz e Souza, o grande simbolista, cujas Obras Completas, depois de vinte anos de silêncio, acabam de ser publicadas pela segunda vez, e agora em dois primorosos volumes da Série Clássica d'"Os Mestres da Língua" da Edição Cultura, de São Paulo, me proporciona um excelente argumento em favor do ponto de vista que adotel no meu depoimento para a "Plataforma da Nova Geração", promovida pelo "O Estado de São Paulo".

Dizia naquele depoimento (Perdoem-me os leitores a citação que faço dos meus próprios textos; mas como estes ainda não foram publicados, que passem por originais), que na pesquisa das razões da infertilidade que marca a nova geração brasileira, precisamos ter presente que, enquanto vigorou o "arte pela arte", a expressão literária e a manifestação artística em geral não estiveram sujeitas às flutuações sociais, ou, por outras palavras, as soluções estéticas não dependeram das soluções sociais. A arte, antes da conquista da máquina, constituía um problema aparte do todo social, e pedia soluções específicas. Era, em síntese, uma soma de experiências sensoriais feita no passado e que, agindo no presente, adivinhava o futuro e, à frente da sociedade, caminhava para o seu alvo. Todas as suas revoluções não foram mais que inversão da ordem de fatores na receita para obter-se um determinado resultado estético. Resumindo: nunca se pediu a um poeta, como hoje se faz, que buscasse uma fórmula capaz de abranger no seu soneto, objetivos es-

téticos e soluções político-sociais, embora o soneto e outras formas poéticas anteriores fossem arautos das revoluções.

O "arte pela vida", entretanto, juntou ao fenômeno social a manifestação artística, desde esse instante dependendo da solução política a solução estética. A falta de liberdade de expressão, de certo modo agora justificada pela guerra nos países democráticos e de há muito imposta pela ditadura nas nações totalitárias, veio confirmar que os dois problemas, diferentes e estranhos, como a revolução e a arte, se fundiram numa coisa só, indissolúvel. Nunca, pelos menos tão conscientemente, se temeu a força revolucionária da arte e se pretendeu amarrá-la como agora. Daí, também, não se compreender em nossos dias que alguém se isole de sua época e se afaste dos seus contemporâneos, para produzir uma obra de arte alheia aos interesses em jogo da coletividade. Mesmo os remanescentes do mundo anterior a este, que pregam o retorno às velhas formas neutras, sentem que não satisfaz "socialmente" uma arte que apenas "artisticamente" outrora satisfazia. A conclusão que se impõe é que foi a conquista da máquina que determinou a irmanação dos fenômenos sociais e artísticos; destruiu a "torre de marfim" e o mundo deixou de possuir ilhas e eremitérios para os transfugas dos antagonismos humanos.

Cruz e Souza, que tinha na sua cor e na sua posição de revoltado motivos suficientemente fortes para criar uma

arte eminentemente revolucionária, arte que de certo faria se vivesse nestes dias de "arte pela vida", parece jamais ter pensado em utilizar-se do seu estro para mudar ou pelo menos pretender mudar para melhor os destinos do mundo que o hostilizava e esmagava. O mundo e os homens, a falta de dinheiro e do respeito alheio, as amarguras que naturalmente lhe dariam seu prestígio meramente literário e, por isso mesmo, limitado e precário, — tudo isso era uma coisa que nada tinha que ver com a sua arte, enclausurada, solitária e passiva. A arte, uma coisa, a vida, outra muito diferente. A primeira, soberana, hierática, de braços cruzados; a segunda, miserável, acanhada, inutilmente revoltada, impotente na sua dor e na sua raiva. Jamais pensou o negro admirável que a sua arte, posta a serviço do fermento renovador que lhe fervia no cérebro porque era pobre e porque era negro, pudesse trazer-lhe, e aos seus irmãos, artistas, pobres ou negros, algum lenitivo ao sofrimento. Ele mesmo, com manter equidistantes entre si a sua arte e a sua vida, atribuía à primeira um atestado de ineficiência e inoperância, que outra coisa não significa, no fundo, o culto da arte sem o objetivo da vida.

Fernando Góes, prefaciando esta nova edição das "Obras Completas" de Cruz e Souza, disse rezear bastante que o reaparecimento do poeta "nestes dias tormentosos de guerra, venha acarretar para ele um número muito grande de críticas acerbas, ao mesmo

metódico e rígido Estado Maior prussiano...

E por que?

Por que, se a pequena Finlândia desmoralizara o faminto, indisciplinado e mal equipado exército vermelho?

Por que, se a tradição militar russa impunha o sentido exclusivo da guerra defensiva?

Por que, se a guerra defensiva jamais poderá conduzir à vitória?

Por que, se era uma luta da super-raça contra uma nação de escravos?

Em *O Fenômeno Militar Russo*, do Cel. J. B. Magalhães, encontram-se, indubitavelmente, respostas a estas perguntas. E respostas lógicas que o espírito aceita logo, sem relutâncias. A Santa Rússia é desvendada, e é analisada a interdependência entre o "habitat" e a criatura...

Matushka Volga! Mãe Volga! Traço de união que aproxima os extremos da nação moscovita e irmana eslavos, tártaros, escandinavos e judeus no mesmo sentimento indígena de amor à terra!

O Volga "é muito mais para os russos, do que o Mississipi para os americanos, o Reno para os alemães e o Tâmis para os ingleses e talvez tanto quanto o Nilo para os egípcios... Os que habitam sua bacia... cantam-no com ternura, temor ou alegria, em inumeráveis canções populares. Consideram-no o sangue da Rússia. Se secar, tudo morrerá. Raparigas fazem-lhe oferendas para arranjar marido e mulheres casadas,

para ter filhos fortes. Revoltas históricas da Rússia deram-se em suas margens; perseguidos deveram-lhe proteção e liberdade..."

A guerra, quase sempre, se resolve pelas forças imponderáveis. Talvez por isto é que o mundo e, especialmente, os alemães, não consideraram que é "claro que o russo bater-se-á a fundo para defender Matushka Volga..."

Alma de Pedro, o Grande, projetada no presente!

Alma de Pedro, o Grande, era a "água forte que corroi o ferro"... Nada melhor se poderia encontrar no momento, do que esta água pertinaz que se chocasse contra a couraça de ferro das panzers germânicas que batiam como arietes desatinados no Ocidente da terra dos Romanoff...

Espírito de Suvorov, redivivo em Timoshenko!

É certo que Suvorov preceituava: "A bala é louca, a baloneta é sábia"... — "Se fores atacado por três homens, enfrenta o primeiro a baloneta, o segundo a bala e o terceiro a coíxe darma"...

E o que tem feito os russos de Timoshenko? Apenas praticar a lição do velho marechal Suvorov...

O Cel. Magalhães apreendeu, com desigualável justeza, as causas do fenômeno. Estabelecendo relações entre as partes do complexo da vida russa, — geografia, povo, história, tradição, riqueza, — o autor estudou a orga-

nização militar moscovita e extraiu consequências lógicas e irretorquíveis.

Assim nasceu *O Fenômeno Militar Russo*, que a Editora Peixoto S. A. vai lançar nestes poucos dias e que é um livro realista e sincero, talvez o mais honesto que já se tenha feito entre nós sobre a controvertida questão da Rússia, dentro das espantosas contingências hodiernas.

A luta em Stalingrado é vivida nas páginas palpitantes deste livro com uma dramaticidade e um realismo de película cinematográfica. Vê-se o ruir dos destroços das paredes e das traves esfaceladas e o elemento humano, roto, descabelado, sangrento, mas decidido, na faina de salvar a gloriosa cidadela e na missão histórica de escrever um dos mais épicos episódios da acidentada vida humana.

O Coronel Magalhães, nesta parte, deixou a austeridade de pensador, pelo vivo realismo literário de novelista. Mas um novelista sem floção e sem artifícios. O que ele pintou com a consciência e a responsabilidade de profissional das armas, foi o quadro dantesco de um pugilo de filhos de Suvorov a defender com sangue e paixão a porta de entrada daquele pedaço sagrado de sua terra, banhado pelas águas maternais de Matushka Volga...

O FENÔMENO MILITAR RUSSO, do Cel. J. B. Magalhães — Editorial Peixoto S. A. — Rio, 1943.

IDEAIS E INTERESSES COMUNS

OSVALDO ALVES

Copyright de LEITURA

AGORA que a guerra atingiu um ponto capaz de fortalecer nosso otimismo em relação à vitória final — depois de todos os momentos de angústia e de ansiosa expectativa — podemos nos voltar com desafogo numa análise geral, através das páginas de um livro que é útil em todos os sentidos: "A Batalha pelo Domínio do Mundo", de Max Werner. É a história da guerra até 1942, em seus mínimos detalhes, com todos os seus movimentos, dando uma nítida idéia da disposição com que a Alemanha de Hitler se lançou na louca aventura de domínio universal. E mostra-nos claramente os perigos a que estivemos expostos, os erros cometidos — mostra-nos sobretudo o desmedido esforço feito pelas Nações Unidas no sentido de desenvolver e canalizar todas as energias para corrigir as falhas iniciais, opor as investidas do inimigo e preparar a ofensiva.

Descrevendo a crise política que precedeu o estalar da Guerra, Max Werner expõe os acontecimentos diplomáticos que levaram a Grã-Bretanha e a França até Munich — e determinaram o rumo desfavorável que a guerra tomou.

Percebemos então a série de erros da diplomacia franco-britânica, incapaz, naquela época de fazer face à nova orientação criada e posta em prática pelo Reich já preparado para desencadear a guerra total. Ainda insegura, tateando, duvidando dos planos gerais organizados pela Alemanha, os Aliados mal podiam acreditar nas formidáveis transformações da doutrina bélica nazista — e menos ainda nos métodos dos seus diplomatas sem escrúpulos. Para as Nações Unidas, talvez fosse difícil aceitar a idéia de que o Eixo punha em ação uma nova forma de diplomacia e que a eficiência dessa diplomacia se baseava no desprezo pelos tratados. Usar os mesmos processos era, sem dúvida, uma coisa que repugnava a Grã-Bretanha. Mas as coisas se precipitaram levando os exércitos de Hitler a vitórias retumbantes — e toram essas vitórias que se incumbiram de mostrar que a Alemanha estava disposta a levar a cabo um sistema de guerra que pisava todas as normas de direito internacional. Cumpria pois reunir as forças e criar um novo método que, sem os princípios cruéis dos fascistas, pudesse transformar o país numa fortaleza moral e material. E surgiu Chur-

chill que realizou a tarefa gigantesca de mobilizar todos os recursos para a resistência e em seguida para a ofensiva.

Especialistas em assuntos relacionados com a guerra moderna, Max Werner dedica especial atenção à doutrina bélica, desde o modo pelo qual ela foi concebida pelo Reich até a sua aplicação. Essa concepção da guerra moderna, de movimento, estava intimamente ligada à nova orientação diplomática da Alemanha, que agiu desde o início desenvolvendo as duas forças em sentido paralelo. Segundo Max Werner, foi especialmente na aplicação simultânea dessas duas forças, que a Inglaterra e a França se descuidaram. Apanhada de surpresa, a Inglaterra teria de sofrer as consequências da sua não preparação moral e material para o novo tipo de guerra concebido pela Alemanha; enquanto a França, minada e roída pela traição e inépcia de seus dirigentes, deixava-se arrastar para a derrota e para o caos.

Max Werner, não só percebeu os fenômenos de natureza psicológica, como os efeitos que eles deveriam produzir, indicando o rumo dos acontecimentos. As batalhas da Polônia, Dinamarca, Bélgica, Noruega e França são descritas com um perfeito conhecimento da nova doutrina bélica e dos recursos diplomáticos jogados na luta. Dessa maneira foi fácil ao autor penetrar o sentido de amplitude da guerra, compreender os seus desenvolvimentos e a sua elasticidade dentro

de uma concepção global das forças em jogo, observando, com precisão os movimentos. Desse conjunto aparentemente emaranhado, a verdade se destacou com uma clareza pura, os sentimentos dos povos em luta se mostraram na superfície, pondo uma luz viva em todas as fases da luta, mostrando ao mundo por que é que as Nações Unidas se batem. Compreendemos perfeitamente que esta guerra é de nós todos; percebemos que a finalidade da luta é de interesse universal; ficamos sabendo que além de duas poderosas forças em choque de primeiro plano, as dobras da guerra se estenderam abrangendo em segundo plano outras forças, que se definiram ao lado dos que lutam por um mundo melhor, entrelaçados por ideais e interesses comuns.

A página 306 Max Werner diz que "uma coalisão anglo-americana estaria em condições de atacar a bota italiana e vencer a Itália fora do mar, conseguindo o isolamento do III Reich e a dissolução da coalisão italo-alemã". E acrescenta: "Da África, do Oriente Próximo e do Mediterrâneo, as potências anglo-saxônicas estão em condições de exercer forte pressão sobre a Espanha, a França, a Itália e os Balkans. Qualquer que sejam os acontecimentos nos Balkans, este será o setor mais importante da Europa, o menos seguro para o Eixo". E isto é precisamente o que vem acontecendo desde o desembarque de forças aliadas na Sicília já agora totalmente em poder dos ingleses e americanos.

D. H. LAWRENCE E JOHN MIDDLETON MURRAY. — Murray temia casar-se com Katherine Mansfield porque ela era rica e ele pobre. O autor de "O Amante de Lady Chatterley" escreveu-lhe então: "Quando você me diz que não quer tomar o dinheiro de Katherine, isso significa que você não tem fé no seu amor. Quando você me diz que ela tem necessidade de um pouco de luxo e que não pode suportar a idéia de privá-la desse luxo, isso significa que você não tem, nem por si, nem por ela, bastante respeito para fazê-lo. Ela deveria pensar: 'Poderei viver na Itália, num cantinho com Jack, levar uma vida modesta e ser feliz?' Se acha que sim, então aceite o dinheiro dela. Se ela não o quer, não experimente, mas afaste-se. Deve dizer: 'Como posso tornar-me mais forte, mais sã, mais satisfatório para ela e para mim?' Se é nada fazendo durante seis meses, pois bem, não faça nada, e aceite-lhe o dinheiro. Tanto pior se o luxo lhe faltar; ela não morrerá por isso... Mas você, idiota, você se cansa em proporcionar-lhe um pobre luxo do qual na verdade ela não tem necessidade. Você a insulta. Uma mulher não satisfeita tem necessidade de luxo, mas uma mulher que ama um homem dormiria em cima duma taboia... Dê-lhe uma certeza, nada de complacências. Agarre-se a si mesmo; faça o que tem vontade de fazer; não tenha considerações para com ela; ela detesta as considerações. Você a insulta dizendo que não lhe tomaria o dinheiro".

tempo que uma nuvem densa e forte de incompreensões". Porque — acrescenta — "os versos de Cruz e Souza não sintonizam, absolutamente, com a hora, com o momento".

A verdade é que basta refletir um bocadinho para perdoar a Cruz e Souza. Não foi somente ele que praticou o "arte pela arte", porquanto antes dele e muito depois, até em nossos dias, o "arte pela arte" fazia e faz proclamos. Houve, é certo, em todos os tempos, homens que souberam como usar de sua arte como instrumento social; esses foram gênios. Os outros, não distinguidos pela natureza com a centelha do gênio, escravizaram-se às escolas e correntes literárias, que são como que os "rails" da estrada por

onde passou o gênio: infelizmente não basta correr sobre os mesmos trilhos e apitar de vez quando para ter-se a importância e a função da locomotiva...

Cruz e Souza foi um grande, um grandíssimo poeta, mas não foi um gênio. Aviou com talento a sua receita, mas não foi além disso. Antes dele, só os gênios compreenderam que a arte podia exorbitar das limitações que se traçara a si mesma; e compreendendo-o, fizeram arte em sentido vertical para cima, e o seu periscópio apreendeu os sinais dos tempos. Cruz, como tantos outros, antes que a máquina impelisse os artistas para a compreensão "sine-quantum" do mundo, projetou-se em

sentido horizontal na sua época, esquecido dos homens e de si mesmo, e não apreendendo do mundo exterior mais do que o carrancismo selecionado que a sua escola lhe permitiu.

É preciso reconhecer, contudo, que essa auto-emasculação propiciou ao mundo inextinguível artistas. O que nos leva a uma inquietante interrogação que, neste fim de artigo, passo graciosamente aos leitores: teria a máquina e o industrialismo agudo tornado arcaica a expressão literária?

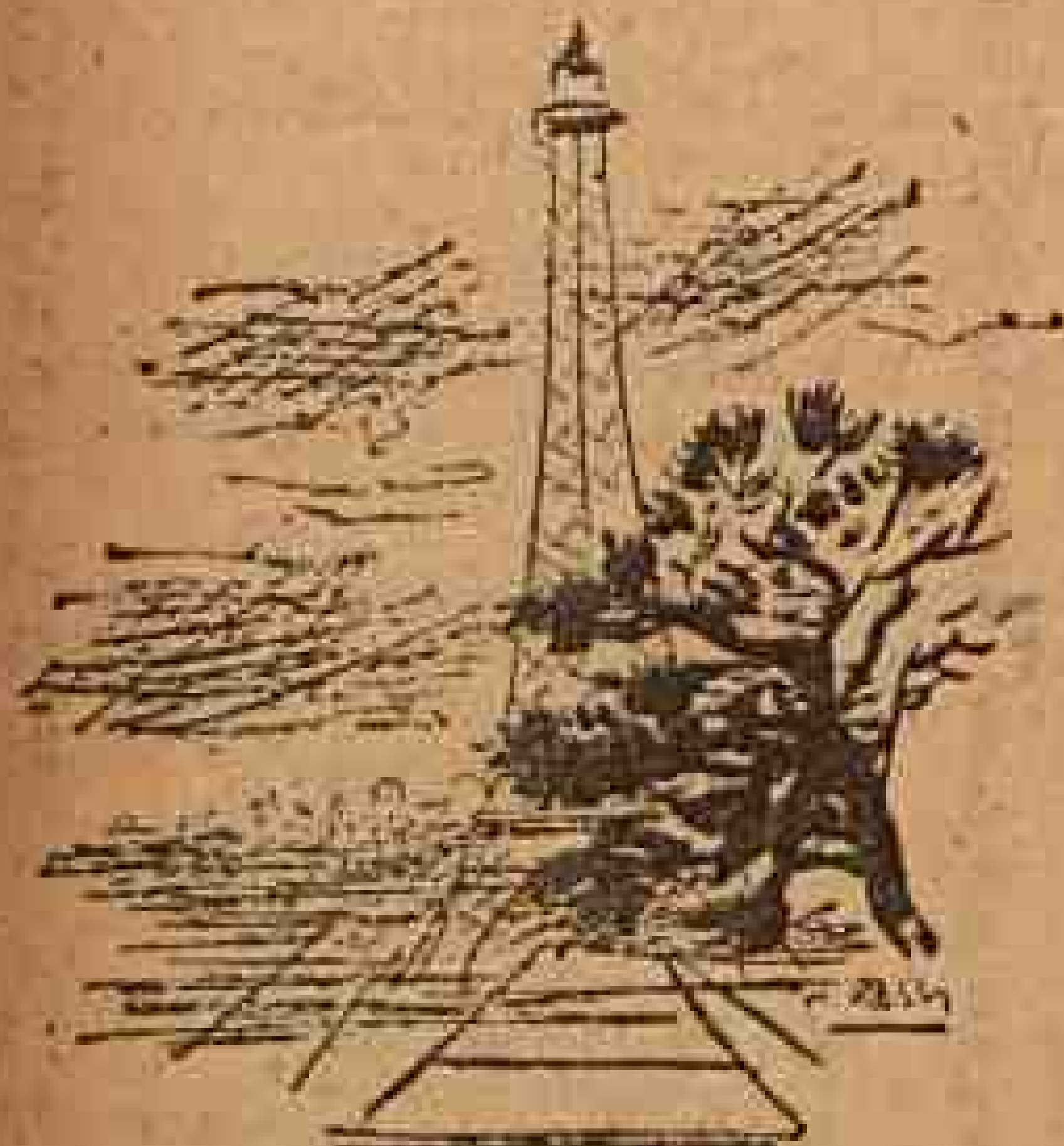
OBRAS COMPLETAS de Cruz e Souza, em 2 volumes. — Prefácio de Fernando Góes. — Série Clássica Os Mestres da Língua. Edições Cultura. — São Paulo, 1943.

Paris de Ontem e de Sempre

MOACIR WERNECK DE CASTRO

Copyright de LEITURA

OS LIVROS de ambiente parisiense têm neste momento um poder de sugestão mais intenso do que nunca. Não importa que de mistura nos venha um sentimentalismo meio vulgar, despertando súbito a um nome de rua, à lembrança de um café, à evocação de uma figura de mulher entrevista um dia na balbúrdia do "Métro", quando podíamos passear o nosso êxtase chucro pela cidade carregada de memórias. Não importa, não é preciso encabular por tão pouco. Apesar



da derrota e das humilhações sofridas pelos franceses, Paris não perdeu o seu misterioso e complexo sortilégio, nem merece a ingratidão desdenhosa, dos que à quizeram de longe nos dias de esplendor e hoje gozam a sua miséria. Não é fraqueza amá-la, muito menos agora que ela geme sob o nazismo; nem é vergonha ou ingenuidade deixar-se comover pelo seu espírito risonho, amável e boêmio dos outros tempos, quando a existência do homem não era feita só de agruras e privações, quando havia treguas na luta e a esperança não era amarga e vacilante.

Não importa também que o parisiense julgue (ou julgasse) guardar da sua cidade alguns segredos que o estrangeiro, o "météque", jamais poderia penetrar. Na realidade, a idéia de Paris não se pode dissociar do personagem "météque", e muito do seu encanto difuso vem daquela população de agonizados e aventureiros, de miseráveis e extravagantes, de exilados e turistas, que violentam a cidade mas fecundam-na com a inquietação que arrastam em si. E, digam o que disserem, Paris é uma cidade que se entrega fácil, mas sabe dar ao ato da entrega uma união que o torna inescusável.

Um dia saberemos exatamente como ela reagiu à ocupação alemã. Até lá, é bom que se conttenham os afetos de breves e volúveis entusiasmos, reservando os seus anátemas para distribuir depois. Há por toda parte uma legião de fanáticos de Paris que adotam uma atitude contrária e mais razoável: que esperam com tranquila confiança, em vez de renegar — uma legião que vai desde o russo Ehren-

burg, apesar de muito ocupado atualmente em sua pátria, até o republicano espanhol que antes de se fixar no México hospitaleiro tomou o gosto de Paris; desde o pintor Di Cavalcanti, que não queria outra vida falando no rádio para o Brasil, até o poeta Mário de Andrade que nunca atravessou o mar oceano. Que outra cidade no mundo saberia desencadear tamanha avalanche de ternura?

É possível que o "béguin" por Paris seja culpado de muitos erros de julgamento que cometemos diante de qualquer romances que decorram naquele ambiente, como esse "A rua do Gato-que-pesca", que aparece agora em tradução portuguesa nas vitrinas de nossas livrarias. O famoso livro de Yolanda Földes, Grande Prêmio Internacional de Romance em 1938, é a simples história de uma família húngara que se instala em Paris, onde passa a viver em contato com um grupo de exilados dos mais diversos países. As dificuldades de vida, a procura de trabalho, os amores de Annouchka, a filha mais velha, e as complicações dos expatriados formam uma intriga tênue, de uma poesia também tênue. O elemento mais importante, como sempre sucede nessa espécie de romances (veja-se por exemplo "Um pobre amor em Paris", de Gabor Vaszary, outro húngaro), é a atmosfera da cidade, o imponderável de Paris. É o que dá vida ao romance, uma estranha vida onde o absurdo e o banal integram igualmente o quotidiano, onde ex-ministros e operários se mis-

turam na humildade do exílio e suportam fraternalmente a vizinhança forçada dos seus destinos.

A comparação com o Paris de hoje impõe-se irresistivelmente, a cada página do livro, e eis porquê sua leitura não é um ópio que nos leve para longe das urgentes preocupações da guerra. O desassossego dos vinte anos de intervalo entre as duas conflagrações mundiais, como era suportável, quase sereno! Que paz a desses exílios, onde os homens sabiam ao menos que embora a espera fosse longa, encontrariam de volta o seu país materialmente intacto, e não uma pátria devastada e ensanguentada, violada na sua independência e na sua honra nacional!

A gente da "Rue du Chat qui pêche" está também devastada pela fome e pelo sofrimento. Por muito tempo há de ficar as cicatrizes. Talvez seja mesmo uma gente inutilizada, sem concerto, de nervos arrebatados. Mas outras gerações crescerão, e com elas há de renascer a esperança, a alegria da vida, o entusiasmo de criar. Paris voltará então ao seu brilho incomparável, feito de mil pequenas coisas que os séculos e o gênio humano acumularam, e que o nazismo não pode destruir em três ou quatro anos de ocupação.

A RUA DO GATO QUE PESCA, de Yolanda Földes — Romance, 2.^a edição — Tradução de Francisco Quintal — Da Livraria Renascença, de Lisboa, para Livros de Portugal — Rio, 1943.



Durante vários séculos se acreditou que este busto era o retrato de SENECA. Hoje está provado que é o de um escritor alexandrino, provavelmente Callimaco, porque existem cópias anteriores ao século II, a. de C. (Museu Nacional de Nápoles)



Aqui está o único, o autêntico retrato de SENECA: um busto em mármore que nos permite ver como eram característicos no rosto do grande filósofo os traços que denotavam sua constituição de asmático. Observem a forma da boca e do colo. (Museu de Berlim)

«Do Escambo à Escravidão»

EDISON CARNEIRO

Copyright de LEITURA

COM o livro do prof. Alexandre Marchant o índio brasileiro dos começos da colonização portuguesa surge a uma luz completamente nova — como um poderoso fator econômico indispensável aos primeiros povoadores do Brasil.

Os historiadores brasileiros estavam há tempos se orientando para essa conclusão, que desfaz a crença, muito cara ao nosso comodismo, de que o selvagem foi posto de lado por incapaz. Entre os historiadores que procuraram fazer justiça ao índio está Perdigão Malheiro, que, na "Escravidão no Brasil", estudou profundamente a questão, com fatos e documentos que nos conduzem inevitavelmente, à constatação de que os portugueses não souberam às vezes por ambição desmedidas, às vezes por impaciência — as mais das vezes — por estupidez, trazer o homem nativo do Brasil a participar mais ativamente da sua obra colonizadora. Um exemplo basta — o do "diretório" dos índios, no Grão-Pará e no Maranhão. Parece que toda a sociedade colonial se organizara ali para roubar o bugre, pois, além de uma série de despesas normais, pagava o dízimo para a Fazenda Real, o quinto para o cabo da canoa, a sexta parte para os diretores, 3% para o tesoureiro, 2\$000 de direitos e o viático para a Igreja.

Mas não houve apenas exemplos de crueldade, cobiça e imprevidência nas relações entre portugueses e índios — isso está bem documentado no livro do prof. Marchant. Por vezes acontecia surgir no Brasil homens de rara capacidade administrativa, como Martin Afonso de Souza, para dominar perfeitamente a situação e fazer prosperar a sua capitania. Outras vezes, homens de Estado como Tomé de Souza e Men de Sá faziam as guerras inevitáveis, concertavam a paz com os índios amigos, aproveitavam as divergências entre tupinambás e tupiniquins e garantiam a estabilidade dos entrepostos comerciais plantados na costa.

A forma inicial, mais rudimentar, de relações econômicas entre os lusos e os indígenas, foi a do "escambo", a da permuta de quinquilharias por produtos da terra, especialmente o pau-brasil, ou por trabalho. Historicamente, pois, o índio se tornou um elemento com que o português, desde o primeiro dia, devia contar para obter alimentos, água potável, pau-brasil e, mais tarde, braços para o trabalho da terra, nas suas roças e fazendas.

Esta forma elementar de comércio — a simples troca de espelhos, litas de cor, alfinetes e pentes por pesados torcos de madeira, frutos e paz — representou importante papel na consolidação do domínio português no país. E, embora posto em perigo, uma ou

outra vez, neste ou naquele ponto, o sistema do escambo prevaleceu na primeira metade do Século XVI, como norma nas relações entre os dois povos. Foi o escambo que deu a Tomé de Souza a possibilidade de fundar a Cidade do Salvador, pacificando ao mesmo tempo os índios de em redor, como foi o escambo que criou as condições necessárias para a expulsão dos franceses e para a fundação e o desenvolvimento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, durante o governo por tantos títulos excelente de Men de Sá. Mas foi o escambo, também, que, quando se modificaram as condições iniciais, deu nascimento à tapeação da "guerra justa" e, daí, à escravidão do homem índio.

Enquanto o índio tratou com os portugueses na base da simples permuta de mercadorias, na derrubada e no transporte de pau-brasil, das matas para a costa, reinou a paz. Entretanto, quando os descobridores se estabeleceram na terra, com engenhos e plantações; e começaram a utilizar o braço indígena na lavoura, a paz foi quebrada, a ambição dos portugueses os levou a tomar as roças dos índios ou a atacar as suas aldeias em busca de braços para o trabalho e os selvagens, em represália, desfechavam esporádicos mas violentos ataques contra os brancos. Nem mesmo nas "reduções" dos jesuítas o índio estava a salvo. O sistema de escambo entrava em declínio. Os ataques dos índios, se por vezes resultaram na liquidação dos estabelecimentos portugueses, também concorreram poderosamente para a instituição da escravidão em consequência de "guerra justa" e, afinal, para a escravidão pura e simples, que só iria terminar nos fins do Século XVIII.

O livro do prof. Marchant — "Do escambo à escravidão" — faz ao índio brasileiro a justiça que lhe estava tardando. O selvagem foi escravizado e mais tarde definitivamente aliado como fator econômico, não pela sua pretendida incapacidade para o trabalho disciplinado, mas pela falta de visão política dos portugueses, pela dificuldade em que se viram os descobridores — com as grandes exceções de Tomé de Souza e Men de Sá — de lidar com o homem nativo, tão maleável na mão dos corsários franceses que exploravam o litoral. Este pequeno grande livro dá ao prof. Alexandre Marchant um lugar de destaque entre os grandes historiadores do Brasil.

DO ESCAMBO À ESCRAVIDÃO, de Alexandre Marchant. — As relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil — 1500-1580. — Tradução de Carlos Lacerda. — Brasileira. — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1943.

ATRÁS DA CRUZ — "Vencereis, mas não convenceréis", dizia a esses chefes políticos o nosso don Miguel de Unamuno. E o digníssimo sacerdote catalão que dirigia "La Parábola Cristiana" escreveu estas palavras admiráveis ao sair de Espanha, em 1936: "Os anarquistas em Espanha queimaram as igrejas; os católicos queimaram a Igreja". Pois o que escreve isto teve que dar muitas vezes como resposta, ardorosa em sua consciência viva, aquela frase de que um espanhol cristão e católico... estaria melhor numa Espanha onde se mata por Cristo? Diante da Cruz por que se morre ou atrás da Cruz com que se mata? Não estará o Diabo atrás da Cruz?" "Detrás de La Cruz", por José Bergamín. Lucero, Editorial Seneca, México, D. F.

AGOSTO DE 1943

AMERIC-EDIT.

Já publicou:

DOSTOÏEVSKY

par Henri Troyat

(Prix Goncourt) 2 vols. Cr\$ 40,00

LES DIVERSES FAMILLES SPIRITUELLES DE LA FRANCE

par Maurice Barrès

de l'Ac. Française . . Cr\$ 10,00

HISTOIRE DE L'EGLISE

Prefácio de S. E. o Cardial

Baudrillart, par

Paul Lesourd' Cr\$ 20,00

RABOLIOT, roman

(Prix Goncourt)

par Maurice Genevoix Cr\$ 22,00

THAÏS, roman

par Anatole France,

de l'Ac. Française . Cr\$ 20,00

DANTE

par Louis Gillet,

de l'Ac. Française . Cr\$ 15,00

THERÈSE RAQUIN, roman

par Emile Zola . . Cr\$ 11,00

LA MATERNELLE, roman

(Prix Goncourt)

par Léon Frapié . . Cr\$ 22,00

LA MAISON DE DANSES, roman

par Paul Reboux . . Cr\$ 20,00

L'AIGLON

Par Edmond Rostand,

de l'Ac. Française . . Cr\$ 15,00

AMERIC-EDIT.

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso

Auto ★ Retrato

Marques Rebêlo visto por Marques Rebêlo

MOLHO minha pena de prata na tinta de ouro da modéstia, e eis-me aqui.

Nasci num domingo de sol, em Vila Isabel nas imediações do ponto de 100 réis. Se não tivesse um verdadeiro pânico do ridículo, haveria de ter

o escritor de "Oscarina" esteja apenas a um metro e meia acima do nível do mar, deve prevalecer a caderneta militar que me dá um metro e sessenta e dois. Na verdade, ainda é pouco. Mas por dentro? Quantos metros?

Pertença, como único título honorífico à Ordem do Fole, que aliás está no alcance de qualquer um. Mas mesmo que não acreditem, há barão na família.

Há coisas Inconfessáveis, mas isto é um auto-retrato. O numeroso Conabava, como foi ele adjetivado pelo crítico dos críticos, apanhou-me num sábado de surpresa e submeteu-me à ação de vários aparelhos psicográficos, ou que nome têm. O modestômetro não funcionou. O caractômetro (aparelho para medir o caráter), teve a sua agulha imantada funcionando de maneira bem singular — O senhor é católico? — Não. — O senhor gosta dos católicos? — Gosto. — O senhor é escritor? — Sou. — O senhor gosta da literatura? — Não. (A agulha estava desorientada). O complexômetro apresentou um registro de quinhentas e vinte e dois complexos recalcados de primeiro grau. Quanto ao sensibillômetro, ficou inutilizado. O amigo Conabava casa.

tem que mandar buscar outro nos Estados Unidos.

Só uma vez duvidei dos meus méritos, quando fui elogiado por... bem, devemos ser bastante três pontos na vida.

O mundo não tem remédio, eis porque meu pessimismo não é maior. Para o que não tem remédio, cabe um sorriso às vezes, às vezes um gesto de perdão, quase sempre uma pilheria. Quase nunca compreendem a pilheria.

Só o indivíduo pode, por exceção, saber, compreender, e estudar certo. A massa não. Perdoem! Dai a minha posição de franco-atirador, contra tudo, quase contra todos.

Sinto no mais fundo do meu ser, que posso me vender. Atualmente o preço é de oito milhões de cruzeiros por página datilografada, em espaço dois.

Memória de anjo, esqueço todos os insultos, mas me lembro de todas as delicadezas. Bom inimigo, péssimo amigo, isto é, emburreço muito os amigos com a leitura dos principais trechos das obras que detesto. Contra isto há um remédio — não ir aos meus serões.

Amo os pequenos, sofro com eles.

Só tenho um ideal — nunca sair de casa.



Marques Rebêlo

um ex-libris: "Quem nasceu para vir tem nunca chegará a tostão".

A 6 de janeiro de 1907, Marte andava longe da Terra... Gosto de ler horóscopos. "As pessoas nascidas sob o signo de Capricórnio serão homens feitos por si mesmos, construtores de sua própria fortuna e saberão como permanecer prósperos. Têm forte gosto por destruir coisas, disposição ativa, e são agressivos, belicosos, entusiasmados, veementes e, no entanto, inclinados à melancolia e ao hábito de se isolar. Grande força de vontade, bruscos de maneiras, de modo que parecem rudes por vezes. Obterão dinheiro por seus próprios talentos e esforços, raramente por presente ou herança. Suas famílias serão fonte mais de perturbação que de satisfação. Haverá grandes lutas nas suas vidas. Complicados e misteriosos intriga, desenvolvidas durante viagens ou por causa delas. Sacerdotes metidos nessas questões. Até os quarenta e dois anos terão de sofrer muitas vicissitudes".

Fala ainda o horóscopo no perigo das viagens por mar e dos resfriados. Apesar do horóscopo, nasci para duvidar. É o diabo!

Embora Grieco tenha divulgado que

WILLIAM SAROYAN E BERNARD SHAW — "De passagem pela Inglaterra, Saroyan foi visitar Shaw. Ao mordomo, que perguntou pelo seu nome, respondeu:

— Diga a Mr. Shaw que aqui está o maior escritor da América!

Momentos depois o mordomo voltava com a resposta: — O maior escritor do mundo manda dizer ao maior escritor da América que agora não pode recebê-lo.

Banco Aliança do Rio de Janeiro S/A

Fundado em 1906

Presidente

DIOCLECIO DANTAS DUARTE

Gerentes

CICERO ARANHA e ANTONIO CUPERTINO DE MIRANDA

Prédio próprio — Rua da Alfândega n.º 32

TAXAS

Conta Corrente Limitada	5%
Depósitos à ordem	4%
Depósitos a prazo fixo	
6 meses	6½%
1 ano	7%
Idem com aviso prévio	6%

Compre bonus de guerra e confie na vitória do Brasil



SENSACIONAIS REVELAÇÕES POLÍTICAS DE
STARHENBERG DITADOR DA ÁUSTRIA E
PILOTO DAS DEMOCRACIAS

MUSSOLINI, ADVERSÁRIO NÚMERO 1 DE HITLER

BREVEMENTE, EM TODAS AS LIVRARIAS

EDITORA EMPRESA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.

O Realismo de Sinclair Lewis

CLOVIS RAMALHETE

Copyright de LEITURA

EM "Dr. Arrowsmith" encontra-se um quadro da sociedade americana, mais restrito que em "Babbitt", a vida e o ambiente dos médicos. Mas aí se descobre, como no osso de Cuvier, um elemento que permite advinhar o conjunto.

Lewis põe-se perante os cidadãos norteamericanos, com intensões de dissecar erros e dramas; mas não os individuais. Não o convidam as sondagens do "eu", e o problema do "bem" e do "mal" o enfiada certamente se é arquitetado entre as pa-

Sua crítica enroupa-se de sátira de costumes, ao gizar caricaturas dos vícios de organização social, como Thackeray, e não criando exemplares universais, como Dickens.

Efetivamente, através das páginas de "Babbitt" como de "Dr. Arrowsmith" — seus dois romances representativos, e que o contêm: melhor frizo de sua população, sente-se que a sociedade norteamericana é visada diretamente, rasgada e exposta ao vivo, quase com ódio, e às vezes também com despeito, que é uma das maneiras que há de amar.

E as características desta gente são surpreendidas nos exemplares humanos que produz, deformados pelo ambiente. Sinclair Lewis comprás-se em tomá-los sob suas lentes de sarcasta. Amplia-lhes o traço fundamental, ao exagero. Tira-lhes o coração, e põe dentro um dólar ou um dado estatístico. Abre-lhes o crânio, atira fora os miolos, e enche-o com idéias feitas, retalhos de "slogans" publicitários, aspirações, sentimentos estandardizados e as listas da bandeira americana. Depois os põe por aí, a andar; mas como bonecos de engonço que portassem uma taboleta nas costas: — "Sou Babbitt, o homem médio, que confia na Eficiência", ou então: — "Chamo-me Pickerbaught, o homem da Ação, o Booster, que tem fé na Propaganda e na Técnica".

Haverá, em tudo isso, imensa maldade. O sentimento de fracasso da sociedade, da organização das coletividades para a busca da felicidade, invade o leitor de suas páginas. E de lá de dentro dos livros, todos os personagens são roubados nas ilusões e falidos na finalidade pessoal em troca de que aceitaram a deformidade social de sua atitude. Arrowsmith, como vocação de cientista contrariado... Babbitt, na corrida inútil dos negócios... Mc Curck, como financiador descrente de fundações científicas... Um a um, todos provam ao leitor, confidências secreta das entrelinhas, o enorme malogro que vem a ser submetermo-nos à convenção, ou aplicarmo-nos em perseguir um ideal social.

Para expressar sua atitude de crítica de costumes, Sinclair Lewis arma-se de um equipamento asfixiante de detalhes. É um "realista", na aposentada acepção da palavra. Transplantando o programa de Zola, a sua estética, tomando dele apenas o fanatismo da exatidão e da minúcia, contudo afasta-se da índole grossamente plebeia do épico de "Germinal", ignorando mesmo a alma da multidão e a cor dos andrajos.

Para narrar a vida do dr. Arrowsmith, convocou o médico Paul de Kruif afim de obter informações da vida dos esculápios. E o resultado foi que, nesse romance como nos demais, Sinclair Lewis, levanta um mundo real, extremamente parecido com o vivo. É fiel e exato, mas muitas vezes tem o brilho falso do papelão e da cinta cenográfica.

Sobra o detalhe, e falta a generalidade. Acompanha as vidas fielmente, contudo realiza tudo, isso em nome de

nada, e perante seus personagens não os anima, combate, maltrata, vence ou levanta, em nome de uma convicção. Esse revolucionário é um conformado, ócio de idéias, esse pregador é silencioso no tema de sua catequese.

Falta uma opinião a esse crítico frio, e com isso, sua obra não se vivifica. Até está uma sociedade espelhada fielmente como o mundo dos vivos, com as paixões, os dramas, as misérias e grandezas da outra. Mas debruçado sobre ela, o leitor que opine e se decida. O romancista silencia, e por isso fica na fronteira da região dos grandes ficcionistas, permanece-aquem, não se dispõe a avançar.

DR. ARROWSMITH, de Sinclair Lewis.
— Tradução de Juvenal Jacinto —
Coleção Nobel — Livraria do Globo,
— Porto Alegre, 1943.

CHARLES NODIER E EÇA DE QUEIROZ

(Continuação da pág. 14)

De uma vez pôs no saco a morte
três proveitos.
E lá está o tesouro abandonado!

...

Provavelmente, porém, Eça de Queiroz, não tendo havido o assunto de seu belo conto do apólogo de Charles Nodier, houve-o, de certo, de uma fonte mais remota, comum a ambos e a todos.

PORQUE ESCREVI "NAVIO SEM PÔRTO"

(Continuação da pág. 12)

TURA: — escrevi "Navio sem Pôrto", o livro, porque não posso deixar de escrever contos; estou pressa a esse gênero literário e já verifiquei serem inúteis minhas tentativas de evasão; escrevi "Navio sem Pôrto", o conto inicial da coleção, para demonstrar minha simpatia por uma raça injustamente tratada, e minha repulsa por toda perseguição de caráter racial, social, religioso ou político, por tudo quanto representa demonstração de força, intransigência, preconceito, crueldade e estupidez.

Creio que foram essas as razões — além do desejo bastante humano de ganhar o prêmio — que me fizeram escrever "Navio sem Pôrto" — Depois desses contos, já escrevi muitos outros, sem finalidade alguma — como o Pestana que compunha poemas pela incapacidade de compor noturnos...

NAVIO SEM PORTO, de Lia Corrêa Dutra — Prêmio Humberto de Campos de 1942 — Contos — Liv. José Olympio Editora — Rio, 1943.



Sinclair Lewis

redes de um coração. Dirige-se aos homens, esse romancista, mas através de suas instituições sociais. E surge daí o sarcasta de costumes, o satírico caricaturista de Babbitt e Pickerbaught. Torna-se ele o romancista que tenta com frieza cruel revelar o vácuo que forra toda a pompa da organização social de seus contemporâneos, sobre os quais conclue, afinal, que são seres ainda diante de tanto aturdimiento e dano quantos havia na última noite de Sócrates.

É exterior, descritivo, objetivista. Não vê, por isso, a humanidade, mas apenas os norteamericanos. Muitos há que supõem encontrar, por baixo da indumentária de pele de urso, de um esquimáu, a mesma humanidade que se abriga com elegância dentro do fraque protocolar de um Congressista.

Sinclair Lewis, pelo contrário, é dos que sabem que a realidade é exterior e material, e portanto, a humanidade, para o romancista, restringe-se na pessoa de seu vizinho de apartamento. — Não pretende, assim, acusar os vícios do homem, que são seguros e eternos, mas advertir a sociedade em que vive.

Um Dicionário da Gíria

Entrevista de MELO LIMA com ALMIRANTE

Copyright de LEITURA

RADIO só é diversão para quem ouve; para quem o faz é um trabalho como outro qualquer". São palavras de Almirante, criador e autor da *Caixa de Perguntas*, da *História do Rio pela música*, do *Dicionário da Gíria* e de outros programas úteis para nós, que amanhã iremos ter comodamente em nossas estantes o *Dicionário*, único no Brasil e fruto de trabalho merecedor. Por enquanto, os nossos escritores ainda não se preocuparam em ouvir o que esse homem de rádio, inteligente, popular e simples vem fazendo nesse sentido. O *Dicionário da Gíria* tem recebido espontaneamente a contribuição do povo brasileiro, das cidades mais afastadas, das vilas mais desconhecidas, de toda classe de gente. Mas não se dirigiu ainda um elogio sério, de estímulo intelectual a esse homem que não se diz literato nem escritor e que, não obstante, trabalha para nós, romancistas, poetas e escritores.

Almirante conversa com inteligência e sobriedade. O criador do *Dicionário da Gíria* não pronuncia gírias...

— Você quer dizer-me o seu nome verdadeiro?

— Digo não! — e Almirante corou, não sei porquê.

Gosta de falar em seus programas de valor, justamente naqueles onde se percebe maior espírito de criação e trabalho persistente, como o da *História do Rio pela música*.

— O Bertrand, da Livraria Civilização Brasileira, vai publicar esse livro — e Almirante apresenta-me pastas cheias de notas e documentos catados em jornais, revistas e livros do tempo do Bumba.

— O pior é que preciso arranjar o material que me satisfaça intelectualmente, sem prejudicar o interesse dos ouvintes, que quero divertir instruindo.

— Estudantes?

— Vem muitos estudantes ao auditório.

Almirante é organizado, tudo o que seu está em fichas, em pastas, em gavetas apropriadas, meticulosamente.

— Do contrário seria impossível fazer alguma coisa. A *História do Rio pela música* foi um trabalho de paciência, de consulta, de estudo comparativo...

— E é preciso saber música...

— Sem dúvida, e ter bons auxiliares.

— Quantos auxiliares você tem?

— A Rádio não me ajuda em coisa alguma, e nem sempre valoriza o artista que se esforça e trabalha. Ganho bem...

— Quanto?

— Perto de onze contos. Ganho bem, mas no final das contas verifico que não me sobra muito. Gasto um dinheirão com o material para os meus programas, sem contar com a conta de livros na Civilização Brasileira, na Livraria Zélio Valverde, e em outras. Não conto com um auxiliar que realmente me auxilie, pois necessito de um rapaz inteligente que saiba ao menos distinguir um verbo de um adjetivo. Tiro do meu bolso para pagar onde-nado. Tenho um contrato que me per-

mite fazer vários programas. Ora, se quisesse, se eu fosse um sujeito fácil já estaria ganhando uma fortuna — mais de vinte contos por mês. Os meus programas não são criados de improviso, passo dois anos organizando um. Faria quatro programas fáceis... e abriria a bolsa para receber...

— A "galta".

— Pois é. A "galta". Mas não quero assim. Seria valioso o auxílio dos jornais para divulgar o *Dicionário*, pois a rádio não alcança o país inteiro, e até agora eles não me procura-



Almirante

ram... Não é questão de validade, mas de maior divulgação de um trabalho útil para todos. Você, que não é repórter de rádio, que não pertence a nenhuma publicação ligada ao Rádio, que é de uma revista especializada, de editores e escritores, veio aqui para uma entrevista a respeito do *Dicionário* e não da minha pessoa. Não tenho nenhum interesse por entrevistas a meu respeito, mas sim ao meu trabalho, ao esforço de criação de programas que são de utilidade prática tanto para mim como para o Rádio.

— Vou escrever isso...

— Escreva. Sou independente. Você não acha que é boa política valorizar as pessoas de casa? Tira-se mais proveito, e os lucros serão mútuos.

— O seu *Dicionário* é trabalho digno de grandes elogios. Você sabe que em outros países os dicionários de gírias nasceram por iniciativas de professores. Trago-lhe um convite para uma edição em fascículos...

— Não quero pensar nisso, agora.

O *Dicionário* vai demorar um pouco a sair. Somente daqui há um ano é que poderei entregar tudo ao professor Celso Cunha, que me foi indicado por Antenor Nascentes para cuidar da parte filológica. Não quero ir além do trabalho de pedir ao povo... Cada macaco em seu galho, não acha?

Almirante mostrou-me dezenas de cartas recebidas do país inteiro. Até mesmo lá de Crateús tem vindo contribuições... Foi o Alexandre Sauly Mourão (o Mourãozinho), quem escreveu a Almirante enviando-lhe a nossa gíria crateuense, a nossa ironia áspera de sertanejo, de nossa fome constante, de nossas secas formidáveis de três anos seguidos, de nosso perê de caroco, que aqui na praça se chama feijão. Lá nós sabemos morrer, temos uma grande morte: a da fome. Mas isso não é nada, temos o nosso folclore, a nossa gíria, que é tão decente como a do carioca, e creio mesmo que é mais decente ainda. O carioca diz Tarzan quando se refere a um homem forte; nós dizemos *dobrado*, e nos entendemos. — "Você é mais dobrado que eu" diz o menino (as mães, quando se referem aos filhos pequenos dizem "bichinhos"), e não se briga. Quando se faz uma refeição na casa que nos convidou, achamos que o almoço estava *paidegua*. Não chamamos *cachaça*, mas *tiribitina*; os mais instruídos e imaginativos dizem *água que passari-nho não bebe*. Cana é *pau de capucho*; barriga para nós é *bucho ou pança*. Temos às vezes uma linguagem tão bonita e tão rica que o homem da capital — o viajante que nos vem vender fazenda — não nos entende, sobretudo quando a nossa casa não precisa de fazendas. Criamos um lindo verbo: *caringar*. Vocês em troca usam uma palavra difícil e feia: *claudicar*. Se estamos pobres — *puramos* uma *cachorrinha*. E temos o André Mentiroso, que é quem leva a culpa de todos os exageros, mentiras e safadesas da cidade. Se você fizer qualquer coisa demais, qualquer *despotismo*; se falar mal do governo, e depois receber uma intimação — pode botar na conta do André, e pronto, *valise o caboge*. Somos *alopradados* quando comemos em demazia ou fazemos extravagâncias; *escovados* quando ganhamos o *mata-pasto*, a noitinha, ou quando não pagamos os impostos; sempre estamos a *putar a cachorrinha*, a *caringar* na seca. Pois é isso. Não morremos, *esticamos*. Se quiser, acrescente *esticou a canela*. Mas falamos pouco, morremos diariamente, e *esticar* já é suficiente para o sujeito se encontrar devidamente morto, no país dos *pés funtos*.

Mas é o Mourãozinho quem se encarrega de mandar a contribuição de Crateús ao *Dicionário da Gíria*. Um dia, talvez vocês aqui da praça percebam como se morre em nossa terra... Copraremos alguns volumes para ver se a nossa fala foi bem entendida; será um orgulho verificarmos que uma palavra do nosso vizinho foi impressa num livro onde o povo falará livremente, sem sustos, cheio de humor e de pureza até mesmo nas gírias de significado indecente.

— A propósito, Almirante. Você tem recebido gírias de significado indecente?

— Já, e acho que elas devem ser incluídas no *Dicionário*...

— Do contrário ficaria incompleto.

— É lógico. Sabe, já recebi o protesto de quase toda a colônia cearen-

PALAVRAS, PALAVRAS...

RUBEM BRAGA

Copyright de LEITURA

"Lutar com palavras
parece luta vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã".

ASSIM diz o poeta, e ele sabe o que diz. Também na prosa temos essa luta, porém menos encarniçada: não precisamos de palavras tão precisas, e se uma que desejamos escapa agarramos outra e jogamos no papel, vamos tocando. Nossa verba é maior, não precisamos de tanta economia e condensação: estradas de ferro não se interessam pelo peso do passageiro, ao contrário do avião, escravo do vento e das nuvens. Há poetas Consolidated C-87, "Libertador Express", que podem suportar o peso de muitas palavras e conseguem voar com muita carga e mal estivada; mas esses mesmos sofrem sem cessar com os problemas de economia e arranjo.

Vivemos em um mundo de palavras, e se fugimos para o silêncio ele está horrivelmente povoado de palavras, palavras... Quando ficamos sem uma palavra para dizer uma coisa, mesmo para pensar uma coisa, ficamos aproximadamente sem respiração. E uma súbita palavra ouvida ao acaso, de qualquer homem da rua, nos agarra distraídos — e deixamos a rua ou o bonde, perdemos o dia da folhinha, somos raptados instantaneamente para quatorze anos atrás ou seiscentos quilômetros para o sul. Folhear dicionários é um tipo de vagabundagem que subitamente se torna aflitiva; ora estamos no meio de espinhos de um deserto, ora galopamos morro acima em tarde de chuva ou bordejamos penosamente com vento contrário num mar entretanto azul.

Tenho acompanhado com uma espécie de carinho esse "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa" que vai crescendo e melhorando, e agora chegou à quarta edição. Quando saiu a terceira escrevi um artigo falando de nomes de peixes e coisas de

jogatina. Lendo agora esta, quero surtir aos homens do dicionário uma série de palavras que nasceram tão fortes e necessárias que precisam com urgência ser incorporadas.

Nestes últimos seis ou oito anos a aviação começou a crescer no Brasil. As palavras inglesas e francesas usadas em aviação mostraram, em muitos casos, ser desagradáveis. Um foram substituídas por palavras portuguesas, outras foram adaptadas. O dicionário não dá, por exemplo, a palavra "biruta", que designa hoje aquela saca em forma de funil que serve para indicar a direção do vento.

De onde veio essa palavra "biruta"? Não creio que seja adaptação de alguma estrangeira, e um amigo me diz que conhecia o termo com um sentido indecente há muitos anos. Aliás não é o que vocês estão pensando nem é tão simples assim: a palavra tinha um sentido desesperadamente específico e preciso. De qualquer modo "biruta" hoje é uma palavra limpa, decente e útil.

O dicionário dá "beque", extremidade superior da proa do barco; penso que não custaria anotar também "bequilha", usada na navegação aérea. Notamos entre os jovens aviadores uma tendência a dizer "teto" no lugar de "plafond", no sentido especial que essa palavra tem em aviação. Sugiro ainda a aceitação de "planar", "cabrar", "picar" e "estolar", todas palavras utilíssimas, de uso diário e permanência assegurada. Lembramos ainda "regime", "cabana", "cavalô de pau", "empenagem"...

No apêndice, onde foram colocadas as palavras estrangeiras de uso corrente, acho dispensável a palavra "carring", tempo de verbo inglês usado no futebol que aposto como nem meu correlligionário do Flamingo José Lins do Rego é capaz de saber o que é, nem mesmo o Bertrand, torcedor "pó de

arroz" e editor do dicionário. Entretanto, Bertrand, seu dicionário dá "half-back" e se esquece do simples "back" ou "full-back". Acredito que você saiba o que essa palavra quer dizer, e se não souber consulte a população deste país e de vários outros a respeito da profissão de um certo Domingos da Gula. Creio que qualquer homem da linha do Fluminense pode lhe dar informações a esse respeito, e explicar que se trata de um fenômeno extremamente importante. É verdade que há no dicionário a palavra "zagueiro", mas não custava também registrar a outra, menos jornalística e mais popular.

Outras palavras estrangeiras que fazem falta no apêndice e que me ocorrem no momento são "carter", "nacelle", talvez já abrigada para "nacela" em sentido diferente do que o dicionário dá; "remous", "fading" e "brevet", esta última especialmente indispensável. Em matéria de aviação seria talvez útil dar o sentido de certas palavras acrobáticas, como parafuso, folha seca e, no apêndice, "looping".

Enfim ainda falta ao dicionário o que os jovens fanáticos da aviação chamam de "mentalidade aérea". Um aviador inteligente poderia ajudar o excelente Aurelio Buarque nesse setor, e o próprio ministro da Aeronáutica há de ter prazer em dar certidão de nascimento, carta de cidadania ou simples visto de permanência provisória a muitas palavras que andam no ar — conforme elas sejam brasileiras, abrigadas ou ainda estrangeiras. São palavras úteis, que ajudam a voar. Precisamos voar, voar, o país é tão grande, e um pobre homem preso ao Rio de Janeiro não esquece que sempre há uma cadeira vazia e um gesto cordial em qualquer mesa de botequim onde esteja Nunes Pereira ou Carlos de Reverbél, na beira do Guaiaba ou do Rio Negro.

se por causa de uma palavra que pronunciei...

— Já sei qual é...

— Mas a malícia está em quem protestou.

— Era o que eu ia dizer. Cearenses maliciosos!

Almirante riu, deu voltas no gabinete, passou a mão na cabeça e me contou como havia nascido a idéia do Dicionário.

— Imprevistamente. Você sabe que ele é um suplemento da Caixa de Perguntas. Pois bem. Uma noite, na Nacional, pronunciei várias vezes o "aquí é mato". Dias depois recebi uma carta de um professor de Minas Gerais, provando que Machado de Assis, Veríssimo e outros escritores haviam empregado a expressão. E então me veio a idéia de um dicionário brasileiro de gírias.

Não queria assumir a responsabilidade de aparecer sozinho — e procurei o professor Nascentes, que me elogiou a idéia e me indicou o professor Celso Cunha.

— E deu certo.

— Só o fato de ter mais de 50 mil palavras...

— Quando nasceu o Dicionário?

— Em 41. Uma idéia desperta outra idéia; um pensamento outro pensamento. Não se modifica um pensamento, mas cria-se outro pensamento ao modificá-lo, de maneira que é assim que me tem acontecido com os meus programas. Vou modificar uma idéia e nasce-me outra. Reuno material para um determinado programa; a proporção que reuno o material, vou descobrindo coisas interessantes para programas futuros. Não quero programas apressados, mas que me satisfaçam e levem algum proveito ao povo.

Operários, soldados, estudantes, indivíduos de todas as profissões e classes mandam-me gírias, expressões idiomáticas, palavras locais — tudo. Uns escrevem corretamente; outros assim-assim; uns com elegância estudada, com muita correção, e outros mal sabem escrever. Difícil para Almiran-

te a leitura de certas cartas. Viajantes que vão de cidade em cidade levando a sua mercadoria e sempre preocupados em colecionar gírias para o "O sr. Almirante", o "amigo", o "querido amigo", "querido Almirante", "o prezado", o "inteligente", o "grande"... e mais uma dezena de expressões carinhosas ou cheias de respeito e circunspeção.

Almirante é simples e inteligente, repito. E seu Dicionário da Gíria apresenta um sentido popular extraordinário, como nunca se fez em obra alguma neste país em que não é permitida a popularidade dos verdadeiros escritores — os que amanhã serão lidos com sofreguidão pelo grande público que trabalha espontaneamente para Almirante, para nós e para a própria literatura nacional.

— Mandê-me a sua contribuição, diz-me. E depois de me falar dos romancistas modernos do Brasil: — Fiquei muito satisfeito com o interesse de LEITURA para com o meu Dicionário. Foi-me um grande estímulo.

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG
Diretor da Sucursal

AGOSTO, 16 — Monteiro Lobato festejará em breve o seu jubileu literário. Há vinte e cinco anos, José Bento Monteiro Lobato iniciava sua vida de intelectual, enviando uma carta à secção de "Queixas e reclamações" do velho jornalão "O Estado de S. Paulo". Essa carta foi publicada como um artigo assinado e o nome de Monteiro Lobato ficou consagrado como de um grande escritor. Romancista, contista, panfletário, tradutor, editor, autor de livros para crianças, pioneiro da siderurgia e da exploração do petróleo, Monteiro Lobato é bem uma figura representativa da geração brasileira que iniciou sua vida pública nos últimos dias da guerra passada. Monteiro Lobato é um intelectual que se realizou e que soube se realizar, ao contrário de muitos outros, sem abdicar de sua dignidade de homem, de cidadão e de escritor.

✦ ✦ ✦

Os valores da nova geração continuam desfilar nas vetustas páginas do "O Estado". Coube ao sr. Otávio de Freitas Junior revelar o segredo das perguntas formuladas pelos donos do inquérito. Encontrou a nova geração grandes problemas não resolvidos? Qual o papel que incumbe à nova geração em face da confusão dos valores e das falhas que vêm do passado? Existe alguma desorientação nos moços? Como deve ser encarado o problema da estética e o que está por ser feito nesse particular? Qual a principal diretriz da toda a inquietação dos moços? Qual o problema cruciante da moderna geração intelectual? Eis algumas das questões formuladas aos "jovens" paulistas. Visivelmente, não há uma confusão de valores, mas uma confusão de coisas na cabeça dos donos do inquérito. O pensamento de uma geração não pode ser medido pela sua atitude em face de problemas estéticos, mas sim diante de problemas de ordem político, econômica e social. Um escritor que não possuir uma concepção de vida, que não definir sua atitude perante os grandes problemas mundiais e nacionais, poderá ter uma posição estética, mas esta não terá maior significação que o amor do sr. Sa-

muel Ribeiro pela literatura canina. Não se deve indagar se existe desorientação no espirito da nova geração ou perguntar se "para a solução dos problemas encontrados, deve a nova geração confiar na intuição e se valorizar pelos atributos pessoais, ou deve cuidar de uma melhor educação estética, filosófica e científica?" O sr. Otávio de Freitas Junior acha que precisamos de uma espécie de "Graça" ou seja uma unção divina. Mas, o problema é acima de tudo uma questão de cultura e de trabalho. E quanto ao inquérito, menos confusão, menos presunção, menos literatice. Mais clareza, mais objetividade, mais coragem. Ou um inquérito de natureza artística ou então a apresentação de problemas que sejam os problemas da nova geração de intelectuais — dos artistas aos jornalistas, dos estetas aos economistas, enfim de todos que procuram novos rumos para o pensamento brasileiro.

✦ ✦ ✦

A "Livraria do Globo" acaba de compreender a importância de São Paulo como centro produtor e consumidor de livros. A decisão de instalar nesta capital uma sucursal da editora e de confiar a sua direção a Edgar Cavalcheiro, evidencia a visão que a empresa da Porto Alegre possui do futuro do livro no Brasil. Edgar Cavalcheiro está terminando a vida de Francisco Glycério e preparando com Manuel Bandeira uma seleção das obras primas da lirica brasileira.

✦ ✦ ✦

A produção literária não deixa de aumentar. Mario de Andrade acaba de lançar "Os filhos da Candinha", edição da Livraria Martins, que publicou simultaneamente "O pensamento vivo de Tobias Barreto", de Hermes Lima. A sra. Leandro Dupré está terminando um romance sobre a vida paulista no fim do século passado. "Marco Zero", de Oswald de Andrade, sairá em setembro.

NOTÍCIAS DO CEARÁ

ALUIZIO MEDEIROS

Representante de LEITURA em Fortaleza

FALAR do movimento editorial cearense é o mesmo que falar, particularizando, da luta do povo cearense contra o ambiente. Esse povo luta desesperadamente para viver, e nunca sairá vencido, pois é dotado de uma vontade e persistência únicas. João Brígido, homem de imprensa que encheu com sua inteligência e sua mordacidade toda uma época, já disse que o Ceará é o ferreiro da maldição, quando tem ferro falta carvão. Nunca, talvez, depois dos tempos áureos da Pátria Espiritual, o Ceará tenha vivido uma época de tanta efervescência intelectual, o que quer dizer, nunca tenha possuído tanto ferro. Mas logo agora, o ambiente de guerra do nordeste brasileiro, que tem influenciado decisivamente na vida, mesmo cotidiana, dos cearenses, exigindo de todos os maiores sacrifícios, veio afetar a indústria do livro, exclusivamente pela falta de papel, ou seja, de carvão. Apesar disso o intelectual cearense trabalha como nunca e chega mesmo a publicar livros, o que é admirável e merecedor dos maiores

elogios. A "Editora Fortaleza" tem publicado desde o compêndio didático e o ensaio de investigação histórica e sociológica até o livro de ficção e de poesia, contribuindo, dessa maneira, para a valorização do livro cearense e maior difusão de certos problemas regionais, estudados por nomes até então desconhecidos do público. Outra editora, há pouco surgida, e que somente o nosso apoio merece, é a "Editora Clá", que se propôs a publicar principalmente os novos dignos de serem conhecidos, e reeditar obras, hoje esgotadas, de figuras expressivas do nosso passado. Isso para falarmos apenas de duas editoras que possuem um programa editorial traçado e que veem pondo em prática, apesar de todas as vicissitudes.

• •

Jader de Carvalho, figura das mais curiosas da intelectualidade moça do Ceará, autor já de "Terra de Ninguém" (poesia), "Povo sem terra"

(Continua à página 40)

LEITURA Escolhe Um Conto

DECISÃO

DIAS DA COSTA

Ilustração de ECLIAN
Copyright de LEITURA

SABIA que estava gritando, tinha certeza de que urrava como um demente, mas não conseguia ouvir a minha própria voz. Agora eles me seguravam (apesar de ter eu as mãos algemadas) e me desferiam ponta-pés nas rótulas. Com espanto eu via os biqueiras das botinas chocarem-se contra os meus ossos, estre-mecia ao impacto violento, mas não experimentava nenhuma dor. Apenas um terror imenso me empolgava, misturado a um ódio sem limitações. Odiava aquelas faces, aqueles olhos de feras que me fitavam sem piedade. Mas não reagia. Era surrada e tinha medo, gritava, urrava, gania, tentava fugir. Mas, fugir como, se eu tinha os pés amarrados, os pulsos presos com algemas e a porta tinha barrotes de ferro muito grossos? Entretanto, aquilo precisava acabar. Não havia mais resistência em meu corpo e o sofrimento era grande demais para as minhas forças. Então eu desmaiava, para descansar. Era um desmaio exquisito, diferente. Completamente imóvel, os olhos fechados de todo, eu via tudo o que se passava à minha volta. Via os monstros interromperem a tortura, ouvia as suas vozes escarnecendo da minha fraqueza:

— Desta vez entregou os pontos...

— Entregou nada, isto é truque...

— Em todo caso, uma duchasinha não faz mal a ninguém.

Nesse momento eu ouvia cantos de pássaros que eu não sabia onde estavam. Distinguia bem o aviso de um bem-te-vi, interrompendo o trinado de um canário belga. Mas a água açoitada do balde atingiu a minha face e desceu-me pelo corpo. Um frio bom acariciou-me a pele e eu abri os olhos com cautela, espiando os homens postados diante de mim.

— Parece que a ducha foi eficiente.

Não era segredo para mim o que viria agora. Queriam os nomes, todos os nomes. Mas, como revelá-los, se não me recordava de nenhum? Por que haveria eu de saber os nomes que eles queriam, pelos quais me torturavam há meses? Nomes de quem? Então, marcharam para mim e me sacudiram pelos ombros.

E, de repente, já não dormia, não estava mais naquela cela repelente. Sentia a frescura dos lençóis em minha cama e o calor do corpo de minha mulher ao meu lado. O silêncio durava minutos angustiosos, até que eu sentia a mão de minha mulher subir mansamente, os seus dedos se perderem em meus cabelos, numa carícia pacificadora e leve.

Era quando eu sentia que precisava esquecer, a interessar-me de novo pela vida de todo dia. Afinal, aquilo já terminara e eu voltara a ser um homem entre os homens. Porque aquela obsessão, aquele pensamento doentio de estar marcado, irremissivelmente marcado? Eu pagara cruelmente o meu tributo, sofrera demais, conhecera o lado mais hediondo da vida. Viro seres humanos que envergonhavam a espécie, transformados em besta-feras, degenerados até o inverossímil, monstros cheios de sadismo, gozando a maldade pela própria maldade. Sentia em mim mesmo o horror da covardia que vem da carne torturada, do fogo que lambe as carnes, dos espinhos penetrando sob as unhas. Ouvira lamentos humanos nos tons mais inacreditáveis, assistira a volta progressiva aos instintos primitivos, os pudores mais íntimos abolidos numa vida de promiscuidade repulsiva.

Não, já não poderia fitar um ser humano sem pensar na degradação a que poderia ser levado em determinadas condições. Sabia o que era viver limitado entre quatro paredes, ter uma grade de varões de ferro diante dos olhos, ver uma nesga do céu por acaso, não ler nunca, não escrever, não ouvir vozes de crianças; sentir o tempo como uma eternidade vazia, pensar apenas no passado, ter horror pânico ao presente e não crer na possibilidade de um futuro. Hoje e amanhã iguais, terrivelmente iguais. Dentro de tudo isso, a tortura. Dela é que até hoje ainda nasciam os pesadelos de agora, o receio de encarar de frente os outros homens, o medo pueril de andar na rua, de ombrear com outros seres humanos. Se pegava em um livro, depois de algumas páginas, surpreendia-me sem saber o que estava lendo. Aqueles três

homens estavam prontos para tirar seus olhos de mim a qualquer momento. Encolhendo-se de pavor retomavam a caminhada a pouco, o meu ódio alucinado, insatisfeitos, as unhas roçavam as mãos, os maxilares rangendo contra dentes que minha mulher não pousasse em mim. Os dedos me trouxeram a presença amigável, mas não a pouco, o meu coração paçando, as horas eram passadas pelos dias e o andar nas ruas não me dava às paredes.

Foi então quando

Exatamente o pior que ria mais alto em minha carne, e eu o vi como o lobo na sua janela estavado do-se para a direita alguns metros... ele fazia a barba a dias seguidos voltava em mangas de camisa pelho na folha de rosto e gania a... Ele era pontual como não me prestava atenção em meus os poucos metros para avisá-lo de... tão comecei a preparar a minha janela colhi o momento para agir, para pegar a possibilidade de fraqueza e ponto estampado no tombo do seu corpo pular, gritar de presença. Mas, fugança. E voltaram das torturas antigas. E resolvi-me de v...

Naquela noite horas, fumando... A minha mão não tremer. Era só preto, com a cara branca para sempre, vez a sua cantiga mais ninguém ouvia mais os seus dentes riso bestial e senti mais nenhum ser olhos frios fixados diminuta pressão docinho de aço iria aquele espaço

ante de mim, com os
fitando-me impiedo-
ne instintivamente, o
assalto. Mas, pouco
a dando lugar a um
tia os músculos rete-
rando nas palmas das
e contraidos, os dentes
e dentes. E era preciso
viesses, que sua mão
a cabeça, que os seus
em o conforto de uma
não enlouqueci. Pou-
adelos foram se es-
de calma se alarga-
ora e eu já conseguia
n me encolher rente

ornei a ver o monstro.
deles, o mais forte, o
quando o fogo chiava
e, sol estava brilhando,
um homem qualquer. A
ante da minha, abrin-
do edifício. Apenas
separavam, enquanto
o antardando. Durante
li a vê-lo. Ele chegava
chisa, pendurava o es-
janela, ensaboava o
cântiga desafinada.
eu também. Não sei
entia, como o ódio que
feito não atravessava
que nos separavam,
linha presença. E en-
tearar o meu plano. Fu-
e como eu queria, es-
xato em que deveria
de surpresa, sem pos-
sso. Queria ver a es-
em sua face, ouvir o
bo no chão, exultar,
legria, livre daquela
adiando o dia da vin-
as pesadelas, o horror
as no silêncio da noite.

não dormi. contei as
garros sobre cigarros.
tremeria, não poderia
mir o gatilho e o mons-
tanca de espuma, tam-
e, interromperia de uma
go desafinada. Nunca
viria a sua voz, nunca
ntes se mostrariam no
m misericórdia, nunca
humano teria aqueles
em sua face. Uma
e meu dedo e um pe-
gnificante atravessa-
vazio para levar a

morte onde eu a enviava. Agora eu já
não tinha ódio. Estava determinado e lú-
cido, com todos os sentidos alerta.

A hora habitual já me encontrou no
meu posto, olhos vigilantes, sentindo no
dedo o contacto frio do gatilho.

Vi quando ele chegou e deixei-o pen-
durar o espelho como de costume. Es-
perei que ensaboasse o rosto e que em-
punhasse a navalha. Mas então a crian-
ça surgiu. Veiu não sei de onde, e vinha
rindo. A cantiga cessou, a menina subiu
num salto ao colo do pai e sujou os ca-
belos louros na espuma de sabão. Ouvi
os risos que vinham da janela defronte

e um espanto enorme apossou-se de mim.

Ainda hesitei um momento mas, afinal,
lentamente, o meu dedo afastou-se do
gatilho. Mas foi somente quando senti
os dedos de minha mulher se introduzi-
rem em meus cabelos, que consegui vol-
tar de novo para a vida. Voltar sentindo
que o passado seria apenas o passado
e que o futuro apagaria todos os ódios
pessoais de minha memória. Porque o
ódio não poderia construir o mundo da-
quela criança, de todas as crianças do
mundo. Embora o meu corpo estivesse
cheio de cicatrizes e os homens estives-
sem se matando em todos os caminhos
da terra.



"A COMÉDIA HUMANA"

ABELARDO ROMERO

Copyright de LEITURA

EM tradução do sr. Alex Viany, a Editora Pan-Americana (EPASA) lançou ao mercado livreiro um romance que vem obtendo o maior sucesso nos Estados Unidos. Seu autor, que há alguns anos atrás



William Saroyan

era um simples estafeta de uma agência postal, é hoje um dos escritores de maior prestígio no continente. Trata-se de William Saroyan, novelista, contista e teatralogo que saiu do meio do povo para a glória literária. A humilde função de portador de missivas e

telegramas deve ter contribuído bastante para o seu extraordinário poder de fixação de fisionomias diversas e sensibilidades diferentes, revelando-se de uma intimidade de alcôva com a alma comum da gente americana.

Tendo nascido para escrever, Saroyan deve muitíssimo de sua arte ao fato de haver passado a sua adolescência na rua, no meio do povo, montado num selim de bicicleta. Foi assim que ele pôde, como talvez nenhum outro escritor de sua época, conquistar a terceira dimensão na literatura americana, provando que o povo tem alma e que essa alma não é, como se pensa, completamente vazia...

Sem aquele seu estreito e contínuo contacto com o povo, que foi o seu verdadeiro mestre na arte de escrever, William Saroyan não teria se imposto de maneira tão rápida à simpatia e à preferência de grande parte dos leitores lanques. Se ele não tivesse exercido a humilde função de entregador de telegramas, a sua "Comédia Humana" seria um romance a mais sobre a influência de mais uma guerra no espírito americano. É bem verdade que o seu romance não conseguiu o prêmio Pulitzer e nem foi apontado pela crítica profissional como sendo a melhor obra do ano. Nem por isso, entretanto, ele deixou de atingir um dos primeiros lugares na lista dos "best-sellers".

O motivo do rápido sucesso de Saroyan só constitui um mistério para os que não percebem a natural predileção do público para obras que relembram a realidade,

mesmo com o sacrifício das frases bem construídas e das idéias preciosas. O autor de "A Comédia Humana" teve a sorte de não conhecer Albalat. Nunca se inspirou em modelos clássicos para realizar uma obra literária que nem por isso deixará de ser clássica daqui a mais trinta ou quarenta anos. Entre os prosadores modernos, William Saroyan pode ser comparado, num certo sentido, a Thomas Wolfe e Ernest Hemingway. Do primeiro possui a virtude de mergulhar no lirismo da massa anônima, mesmo quando ela trata de negócios — business-as-usual... E do segundo ele conhece o segredo de ser bruto e sentimental ao mesmo tempo, mas dessa brutalidade simpática dos gênios e desse sentimentalismo que nunca desce ao "hokun" dos literatos coentios.

"A Comédia Humana" é um romance, apenas. Mas um romance que, mais do que qualquer documento autenticado, revelará ao leitor brasileiro a verdadeira impressão de como uma família típica da classe média dos Estados Unidos, que representa a maioria absoluta da nação, resolveu tomar parte em mais um conflito universal, na certeza de que os seus sacrifícios serão bem insignificantes se conseguirmos livrar todo o gênero humano da mais perigosa das manifestações oligárquicas — o fascismo.

A COMEDIA HUMANA, de William Saroyan. — Tradução de Alex Viany. — Editora Pan-Americana (EPASA) — Rio, 1943.

RICKENBACKER CAIU NO MAR

MILLOR FERNANDES

Copyright de LEITURA

PERCORRIA essa espécie de terra de ninguém da vida, o período que nos tira da infância e nos coloca no pórtico da juventude, quando travel conhecimento com Rickenbacker, lendo as histórias de sua autoria, que então apareciam pela primeira vez no Brasil. E o "Az Smith", seu "picture" famoso, ficou sendo para mim e para todos que lhe acompanhavam as aventuras extraordinárias, a própria pessoa do admirável capitão americano.

Depois tive notícias de feitos sensacionais de Rickenbacker, atuais e retrospectivos, dados em pequenas notícias de jornais. O herói aviador desceia num "looping" sensacional, deli-

xando o mundo boquiaberto diante de uma ação surpreendente, e logo sumia-se no horizonte da sua simplicidade, sem procurar sobrepor a glória alcançada com a despretenção.

Essa foi a pessoa, em seu formato exato, que a maior parte de nós há guardado de Rickenbacker. Ele era a perfeita encarnação humana do Az Smith, criado por ele. Heróico, nobre, audaz e, contudo, não se afastava dos elementos naturais da vida, não se delirava nem iludia as gerações de moços, explorando os seus feitos inimitáveis, transformando-se em criatura inatingível.

Emoldurava-o a lenda de invulnerabilidade conquistada nos céus da

Europa durante a Grande Guerra, rodeava-o o prestígio da pericia demonstrada nas batalhas aéreas em que aniquilava dezenas de "boches", prestigiava-o não a literatura eventual que se havia tecido sobre os seus feitos, mas os seus feitos mesmo intrinsecamente analisados. Era o homem que "sempre voltava".

Por isso, não era possível ao mundo acreditar que Rickenbacker desaparecera definitivamente da face da terra, que fora definitivamente tragado pelas águas do mar. Desaparecera, sim. O mundo inteiro o sabia. Mas não definitivamente. As águas do Pacífico não poderiam ter devorado o bravo aviador, a sua

Os Prêmios Nobel de Literatura

II — TH. MOMMSEN

Copyright de LEITURA

FOI Theodoro Mommsen, famoso historiador alemão, o segundo intelectual que conseguiu conquistar o prêmio Nobel. A vida de Mommsen é a vida do sábio, voltada para as coisas do espírito e impaludada pelo respirar constante do mofo das bibliotecas. Nasceu em Garding, na Alemanha, em 30 de novembro de 1817. Estudou Filologia e Direito na Universidade de Kiel. Quando a questão de Schleswig-Holstein agitava a opinião alemã Mommsen escreveu contos e poemas patrióticos. Logo depois, porém, o espírito da juventude abandonava o escritor, e ele recaía nos temas sapientíssimos, publicando: "De collegiis et sodalitatibus Romanarum" e "Die Römischen Tribus in administrativer Beschünung".

Indo à Itália — maravilhado com as ruínas que o país lhe apresentava — voltou e dedicou-se à ciência que fora sua vocação primeira: a arqueologia.

Como fruto desses estudos ele publicou: "Inscriptiones de Samnio" e "Inscriptiones regis Neapolitani latinae". De volta à Alemanha foi nomeado professor de Direito na Universidade de Leipzig, publicando logo depois: "Estudo sobre os dialetos da Baixa-Itália".

Quando Beust num golpe de Estado violento e brutal dissolve a Dieta e anula as conquistas mais sadias da revolução de 1848, o velho sábio que vivia a vida dos livros sai do recesso da sua biblioteca, e vem para a luz defender os direitos do povo. Em virtude de sua atitude é destituído do cargo que ocupa

na Universidade. Saindo do clima político asfiziante que reinava em seu país, procura abrigo na Suíça. Ali, o governo lhe oferece a cátedra de Di-



Theodoro Mommsen

reito Romano da Universidade de Zurich. Leciona durante algum tempo e publica num gesto de gratidão pelo país que o acolhera, a sua obra: "Inscriptiones confederationis helveticae latinae". Voltando à Alemanha, leciona na Universidade de Breslau, e ali, de 1854 a 1858 publica sua famosa obra: "História Romana".

Na "História Romana" — a mais literária de todas as suas obras — o velho professor parece voltar ao tempo e às paixões da mocidade. É uma obra viva e palpável, escrita com sangue e nervos, onde os personagens históricos criam corporeidade física e voltam ao presente com suas grandezas e suas misérias.

Em 1854 a Universidade de Berlim encarregou-o da direção do "Corpus inscriptionis latinae", e para que pudesse desempenhar a missão que lhe fora confiada foi nomeado catedrático de História Antiga da Universidade de Berlim. Dirigiu também os "Monumenta Germaniae", coleção histórica de fontes para o estudo dos povos germânicos na Idade Média. De 1873 até 1882 fez parte do Parlamento como deputado. Na união de Virchow foi adversário da mentalidade prussianizante do partido de Bismarck.

De alma nobre, esteve sempre ao lado da causa que lhe parecia justa e verdadeira. Durante a guerra imperialista contra a república do Transvaal, ele colocou-se resolutamente ao lado do país agredido, publicando um famoso artigo: "Um alemão e três ingleses".

Em 1902 foi laureado com o prêmio Nobel. Um ano depois faleceu em Charlottemburg. No seu túmulo poder-se-ia colocar como epítáfio as sábias palavras de Pascal: "Em pensar consiste a grandeza do Homem".

PETRONIO

glória e a sua invulnerabilidade não podiam ter-se afogado no Grande Oceano. Um dia, talvez, ele aportaria a alguma praia daquele vasto mar.

Essa a verdade. O "talvez" desapareceu da frase que milhões de pessoas se faziam, o futuro um dia tornou-se luminoso, e Rickenbacker aporta novamente à admiração entusiasta do orbe, depois de viver vinte e um dias ao sabor do acaso.

São esses vinte e um dias passados no mar que James Whittaker, copiloto da Fortaleza Voadora em que viajava Rickenbacker, narra no seu livro *Fui Piloto de Rickenbacker*. Vinte e um dias não constituem um período muito longo de tempo. São apenas três semanas. Mas quando se vive três semanas segundo a segundo, contando os décimos e analisando as frações de cada instante, então o tempo se desdobra, multiplica-se geometricamente, atravessa décadas, ampla-se em séculos, dilata-se ao infinito e por fim jaz estático, enquanto a dor humana aumenta sem cessar, rebelando-se impotente contra a inclemência das horas.

Assim viveram Rickenbacker e seus sete companheiros — homens que eram soldados e coronéis na hierarquia da vida normal, mas que, dentro das balsas miseráveis, eram apenas seres humanos de dores, de rancores e de esperanças comuns duran-

te três semanas sob a fomalha do sol. O calor do dia queimava-lhes a pele, ulcerava-lhes o corpo, o frio da noite anavalhava-lhes as carnes, obrigando-os a dormir abraçados para que pudessem conseguir um pouco de aquecimento aos seus corpos molhados.

As quatro mirradas laranjas — única provisão que haviam trazido — cedo terminaram. E eles, na aventura sinistra, debaixo do céu azul, gemiam diante da fome e da morte.

Havia isso e havia muito mais para se desesperar. Não eram somente chagas, fome, frio e o calor infernal. Os tubarões estavam sempre presentes, à espreita de um corpo que caísse na água.

James Whittaker em *Fui Piloto de Rickenbacker* deixa transparecer claramente duas enormes admirações — adorações, diríamos melhor. Rickenbacker não teve um minuto de fraqueza. Xingou seus homens, aqueles que moral e automaticamente haviam ficado sob o seu domínio, desceu à ofensa pessoal, disse-lhes nomes feios, mas manteve firme o espírito de resistência sem o qual teria sido impossível sobreviver.

A narrativa da privação dessas semanas no Pacífico enche belas páginas. Páginas em que ao mesmo tempo sentimos a grandeza humana e a mesquinhaz humana. Vemos o homem como um ponto insignifican-

te diante da natureza, e como um gigante de força extrema que domina elementos, e transpõe determinações. Igualmente lá está a criatura abandonada, desamparada, que recorre ao céu e implora clemência à Onipotência, e o animal forte e confiante em si mesmo que na mais trágica das situações grita para si mesmo: — "Seja homem!"

Rickenbacker, depois de salvo, não ficou inativo mais do que o tempo indispensável ao restabelecimento. Logo voava de novo para cumprir a missão que a pátria lhe incumbira. Inspeccionou as bases avançadas, e verificou que tinha tudo por verificar, quando a provação passada já seria motivo suficiente para dispensá-lo da tarefa de que fora inicialmente encarregado.

Whittaker também teve sua tarefa depois que conseguiu livrar-se do selo das ondas. Essa foi a de contar para milhares de operários, industriários, comerciários, gente de todas as idades e profissões, o perigo em que vivera ao lado do homem que agora, mais do que nunca, ele e todos os companheiros reconheciam como herói.

EU FUI PILOTO DE RICKENBACKER, pelo Tenente James C. Whittaker — Tradução de Frederico Chateaubriand. — Secção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio, 1943.



SENSACIONAL

**VENDA DE LIVROS
DE LITERATURA
— E DIDÁTICOS —**

**200.000 VOLUMES!
PELA METADE DO PREÇO!**

**UMA GRANDE OPORTUNIDADE
PARA BIBLIOTECAS, ESCOLAS,
PROFESSORES E ESTUDANTES!**

Livros didáticos, completamente novos —
Cursos completos de Matemática — Geo-
grafia — Química — Física — História Natural
Português — História da Civilização e ou-
tras matérias, tudo pela metade do preço!

Livros de aventura, policiais, arte, histó-
ria, biografia, poesia, direito, medicina,
etc., mais de 500 títulos diferentes, a
partir de Cr\$ 1,00 o volume.

★ **Peça a lista geral das obras**

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
RUA 15 DE NOVEMBRO, 144 — SÃO PAULO

Peça pelo SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL da Livraria Civilização Brasileira
RUA DO OUVIDOR, 94 — RIO DE JANEIRO — RUA 15 DE NOVEMBRO, 144 — SÃO PAULO

Um Romancista

Reportagem de Valdemar Cavalcanti sobre Jorge de Lima

NÃO me pareceu conveniente solicitar a opinião do homem da rua sobre o romancista Jorge de Lima. Pode muito bem acontecer que o homem da rua seja cliente do médico Jorge de Lima. A opinião seria, nesse caso, evidentemente suspeita: prejudicada pela lembrança das injeções de graça, das amostras gratuitas de remédios, das visitas clínicas feitas de manhã cedinho, das contas nunca apresentadas. O cliente grato ou satisfeito do médico de Cinelândia é um leitor compulsório do poeta e escritor alagoano. Leitor por dever de gratidão, leitor por dever de lealdade. Pode ser um leitor descuidado ou convencional, que não lhe parecia devidamente os arrojos de lirismo ou de imaginação, mas será um fiel simpatizante da literatura de Jorge de Lima em virtude da generosidade do médico. Há leitores, assim, cujos braços têm boa memória e não esquecem a sensação de certas picadas; como há clientes que estrategicamente guardam de cor um título de poema ou o trecho de um romance.

Valeria a pena falar a respeito de Jorge de Lima com chauffeurs da praça, manicuras do Catete, condutores do Light, barbeiros, auxiliares do comércio? Nada disso. Jorge de Lima é médico de vários sindicatos e todo santo dia está curando gripes, desinteria e doenças inferiores. O bom coração do clínico faz demagogia em favor do homem de letras — e convém não nos deixarmos iludir.

Mesmo, Jorge de Lima não é romancista para esse público, que gosta, na realidade, de livros que falam da vida, das grandezas e das misérias da vida. Dos livros que falam dessas coisas em tom simples e até vulgar. Vida comum, transposta em literatura trivial. O que há nas histórias romanceadas de Jorge de Lima é um fiapo de vida que conduz a um campo aberto de poesia. Como poderia um extranumerário do Ministério da Fazenda apreciar o mundo revolto e irônico de "Salomão e outras mulheres"? É uma aluna da Escola Wenceslau Braz amará a figura chapliniana de "Anjo? Domingos do Guia, mestre Domingos, meio time do Flamengo, será ele capaz de sentir o drama de Lula, o pobre diabo do "Calunga"? É o destino da "Mulher Obscura", quem o compreenderá perfeitamente — o mocinho de Copacabana, o professor de piano em Bangú, o doutor do armazém da esquina?

O plano em que vivem as figuras criadas pelo engenho de Jorge de Lima não é um plano acessível ao gosto do leitor comum. O chão que as suas personagens pisam é fofo: um chão de nuvens, entre o céu e a terra. Pode ele falar no asfalto carioca ou no mos-

sapê alagoano: os heróis das suas novelas vivem mesmo é no ar.

Até mesmo em relação aos intelectuais não sei se não haveria o mesmo receio de suspeição. Há sempre um grupo enorme de gente de letras que cuida de suas deficiências do corpo com Jorge de Lima. O médico alagoano põe em forma postas avariadas, escritores mal das vísceras e das finanças. Jornalistas e repórteres sem saúde e sem assunto. Intelectuais de vários tipos, classes, condições e cores ideológicas confluem no 11º andar de certo edifício da praça Floriano.

Na última vez que estive em Macaio perguntaram-me — velhos clientes da literatura e do consultório de Jorge de Lima — pelo que fazia o conterrâneo ilustre:

— Ainda está escrevendo futurismo?

Na província o grosso dos admiradores de Jorge de Lima ainda acende a sua vela aos "XIV Alexandrinos". A conversão do poeta parnasiano durante a campanha modernista permanece um mistério. O homem que escreveu "O Acendedor de Lampêões", para essa boa gente, não é o mesmo que rabiscou "Essa Negra Fulô". A voz de Jorge de Lima chega-lhe aos ouvidos, não com os ritmos largos de "A túnica inconsútil", mas com o eco dos hirtos alexandrinos de 1920.

Há algum tempo, em Goiânia, tive oportunidade de conversar com alguns intelectuais encravados no coração do Brasil. Um ou outro conhecia as novelas de Jorge de Lima. Em geral, por lá conhecem mesmo é o poeta.

— Quasi não entendo a língua de "Calunga" — disse-me um deles.

Do Rio Grande do Sul um amigo pediu-me recentemente o significado de várias expressões dessa pequena narro-

tiva, dizendo: "É pena que Jorge de Lima não tenha colocado no fim do volume um glossário".

Na Escola Nacional de Belas Artes, num encontro recente, obtive inesperadamente uma opinião sobre o romancista Jorge de Lima. Estava correndo



Jorge de Lima

uma exposição e, a certa altura, não sei a que propósito, pediu a sua opinião a respeito do escritor Alagoano e seus romances.

— Bons romances — declarou ele.

— Ótimos em relação aos quadros que ele anda pintando. A pintura de Jorge de Lima...

O resto é conversa de pintor contra pintor.

O GRITO REVOLUCIONARIO — Do "Desparadero Español", de José Bergamín, um dos maiores ensaístas católicos da Espanha — "Os povos se expressam na história de maneira efetiva, de modo eficaz, quando o fazem revolucionariamente: só pela revolução popular tem efetividade e eficácia a voz popular. Os povos nunca tiveram na história outro modo de fazer-se ouvir, de fazer-se entender do que o da voz em grito revolucionário, a voz em grito de sangue; o clamor de seu próprio sangue derramado. E por isso a voz popular é divina. Voz e não voto. Porque a revolução, em definitivo, é Deus. Pois, com o perdão dos teólogos, Deus se pode representar como a revolução em pessoa, popularmente, e não só como a proverbial voz do povo, mas também como a sua máscara divina. Na novela de Cervantes como no teatro de Lope, poderíamos encontrar a chave desta afirmação que, à primeira vista, parece estranha: Deus é a revolução dramática do povo, em pessoa. Como o Diabo, em definitivo, é a contra-revolução impessoal, pois a negação sempre lhe pertence. O Diabo é e foi sempre o "inimigo número um"; foi, é e será sempre, o inimigo do povo, porque o é, por definição. Inimigo, repito, impessoal, ziguezagueante serpentinoso".

O MAIS VERDADEIRO — Em uma das ruas principais de Madri quatro alfaiates ocupavam prédios vizinhos. O primeiro tinha por d'vsa o seguinte cartaz: "A Tesoura de Ouro — Rafael Garcia — O primeiro alfaiate do mundo". O segundo: "A Tesoura de Prata — Sanchez Iglesias, rei dos Alfaiates". Mas o terceiro escreveu simplesmente: "Vicente Perez — o melhor alfaiate desta rua".

Caminhos da América



Pablo Neruda

CHILE

NOVO CANTO DE AMOR A STALINGRADO

PABLO NERUDA — a mais alta expressão lírica da poesia revolucionária da América — acaba de publicar o seu último poema sobre "Stalingrado". Toda a imprensa continental tem dado a maior difusão ao "Nuevo canto" de Neruda, mais uma afirmação da sua permanente solidariedade à causa da dignidade humana.

Do seu poema destacamos estas estrofes:

Ahora americanos combatientes
blancos e oscuros como los gran-
[dos,
matan en el desierto a la serpiente.
Ya no estás sola, Stalingrado.

Francia vuelve a las viejas barrica-
[das,
con pabellón de furia enarbolado,
sobre las lágrimas recién secadas.
Ya no estás sola, Stalingrado.

Y los grandes leones de Inglaterra
volando sobre el mar huracanado
clavan las garras en la parda tierra.
Ya no estás sola, Stalingrado.

O poema é enorme, mas de um vi-
gor, de uma força extraordinária. E
termina assim:

Guárdame un trozo de violenta es-
[puma,
Guárdame un rifle, guárdame um
[arado,
y que lo pongan en mi sepultura
con una espiga roja de tu Estado,
para que sepan, si hay alguna duda,
que he muerto amándote y que me
[has amado,
y si no he combatido en tu cintura
dejo en tu honor esta granada obs-
[cura,
este canto de amor a Stalingrado.

REVISTA DE BENEFICÊNCIA

ACABA de aparecer no Chile o 1.º nú-
mero da "Revista de Beneficência"
— síntese vigorosa da cultura mun-

cial" —, dirigida por Carlos Reaño. Trás colaborações de figuras internacionais e vasto noticiário ilustrado do que se faz no Chile em serviços de assistência social. Endereço: Avenida Providência, 1701 — Casilla 1324 — Santiago de Chile.

WALT WHITMANN, COTIDIANO Y ETERNO

"WALT Whitmann, cotidiano y eterno" é o título da conferência realizada pela escritora Pepita Turina, 1.º Salão de Honra da Universidade do Chile, por motivo do cinquentenário da morte do grande poeta norte-americano. Separata dos "Anais da Universidade do Chile", 1943.

Pepita Turina traduziu para a revista "Hoy", que se edita no Chile sob a direção de Ismael Edwards Matte, os auto-retratos de Jorge de Lima e Carlos Drummond de Andrade, saídos nos 4.º e 7.º números de LEITURA respectivamente.

MOVIMENTO LITERÁRIO DE 1842

"LA Generación Chilena de 1842" é o último livro publicado pelo pro-

fessor e crítico Norberto Pinilla. O "Director de las Escuelas de Temporadas de la Universidad de Chile" se mostra mais uma vez como um estudioso e grande investigador literário da geração de 1842, época muito importante no desenvolvimento cultural do Chile como povo livre.

RANQUIL

SEGUNDO o escritor Oreste Plath, que nos deu esta notícia, "Ranquil" de Reynaldo Lomboy, é o melhor romance aparecido ultimamente no Chile. Reynaldo Lomboy soube escutar a voz e a dor do povo chileno em uma de suas maiores lutas: Ranquil.

MARTA BRUNET E MARIA TERESA LEÓN

NA Rádio "El Mundo", de Buenos Aires, Marta Brunet e a escritora espanhola María Teresa León fizeram uma "Evocación Lírica de Chile".

A escritora Marta Brunet desempenha em Buenos Aires trabalhos consulares e María Teresa León trabalha com força e consciência a favor da liberdade.

ROMANCISTAS CHILENAS

O SONHO, a poesia, materiais de Maria Luisa Bombal e Chela Reyes; a realidade, o humano, elementos de Pepita Turina e Mary Yan, nos colocam diante de opiniões estéticas segundo as quais a obra de arte é mais perfeita quanto mais se aproxima da realidade; e de outro lado, a ideia de que um afastamento do natural e do real é a melhor prova do caráter artístico de uma produção.

A margem destas opiniões se levantam as numerosas teorias estéticas, que afirmam não ser os elementos extraídos da realidade os que condicionam a obra de arte, sendo a forma em que eles são vestidos, transformando-se em sua essência para converter-se em arte.

Mas, até que ponto nos é permitido intervir em uma obra de arte, para saber se é realidade ou sonho.

Ao por em foco estas quatro escritoras chilenas estamos convencidos de que dizem com arte aquilo que sonham, como aquilo que lhes incomoda. Sonhadoras e realizadoras, a expressão nelas toma altura, capacidade sonâmbula e realidade sofrida.

Entrar na sua experiência, penetrar em sua psicologia, pedir planos de situações que correspondam a seu clima interno, seria nivelar a beleza e sujeitar a afluência dos processos. Então devemos nos contentar com seu transbordamento emocional, com seu estilo e proceder, que nunca poderemos resolver, porque são materiais do sonho, da poesia, da vida, do sentimento e do conhecimento.

Que poderíamos dizer de Maria Luisa Bombal, mulher de cultura essencialmente francesa, — portanto gostos e leituras européias, — viajante incansável, apreciadora do teatro e da cinematografia, em cujos ramos tem tomado parte?

Como escritora, tem lançado seus livros em dois grandes centros edito-

riais, e conta em seu haver com algumas reedições e o Prêmio Municipal.

Suas novelas, que me atrevo a classificar como relatos intensos mostram paisagens que pertencem a uma zona cuja região não figura em nenhum mapa.

Não conhecemos o perfil dos seus personagens que se movem com insistência e persistência no irreal e na tragédia. Não opinam, vivem, sonham com a máxima intensidade. São transparentes e "humanos" e quando chega hora se vão ou ficam, deixando sensações, emoções que se dissolvem na sensibilidade.

Maria Luisa Bombal consegue com suas ligações, com o silêncio que cresce em torno, a neve, casas, parques e a angústia. E estes estranhos elementos trabalhados com um estilo suave formam seus argumentos que são como um murmúrio, como o chiado do vento como o da corvoça no livro de Selma Lagerlof;

Chela Reyes, filha e sobrinha de poetas, mulher de um artista, o verso a conduziu ao teatro dramático e ao romance poético. Em Puertas Verdes e Caminhos Brancos, Prémios Atenea, segue um ritmo de infância e um compasso de adulto. É uma vida dos 10 aos 30 anos contida num diário feito por uma menina que em sua marcha e crescimento faz ótimas observações, e efeitos emocionais que se vêem à distância como num sonho, como ressonâncias poéticas de uma vida num fogo de ausências e presenças.

O preciso e o impreciso têm aromas do tempo que se desenterra. A suavidade, o calor e graça de um minuto de sua infância e adolescência são transportados com vibrante afun em sua plenitude de menina que se enche de rumores, que começa a conhecer os gestos do destino.

O pequeno, o frívolo, o pormenor

saltam como o acento de uma palavra ouvida e que nunca esqueçamos. A seus sonhos chega a realidade de amor; mas o faz abragando-se a sua mãe tiuva. Todavia, já crescida, conhece também este sentimento aproveita-o como o cheiro da noite, como o calor que produz o beijo. Mas o amor entrou em seu sonho só para apagar suas ilusões e enristecê-la.

E novamente Maria Milagros passa a ser uma esperança, esta Maria Milagros tão sutilmente poética que conhecemos em sua infância celeste, em sua adolescência floral, e em sua plenitude como a "clara madurez de seus trinta anos.

(Nota de Oreste Plath. Continua no próximo número).

URUGUAI

MARGARITA XIRGU

ENCONTRA-SE no Uruguai a extraordinária atriz espanhola, Margarita Xirgu, que dirigiu a estréia de "Numancia", de Cervantes — a epopéia da cidade sitiada pelos romanos.

Margarita Xirgu, companheira de Federico Garcia Lorca em suas inolvidáveis "tournés" na Espanha, não é simplesmente a maior atriz de todos os países de língua castelhana, mas uma das maiores do mundo. Ela mesma dirige, ensaia e se preocupa com os mil pormenores, com os mil afazeres do preparo de uma estréia importante como a de "Numancia", que foi refundida pelo poeta Róaz Alberti. E onde chega com sua Companhia vai logo aproveitando os bons elementos nacionais. Não pensa somente em si, mas em todos os que trabalham a seu lado, grandes e pequenos, velhos e crianças. Disse a imprensa uruguaia que "solo excepcionales condiciones de la existencia de nuestro tempo han colocado a nuestro alcance a una de las figuras más grandes de la escena contemporánea".

"SEGUNDA FRENTE: AMERICA"

"SEGUNDA Frente; América" é o título do livro do jovem poeta uruguaio Artigas S. Rodríguez, que nos fala "das quatro jornadas da guerra em vinte poemas". São poemas de caráter social, a começar pelo "Fué en Pearl Harbor, un día". Há um sobre a nossa terra e o nosso povo — "El Brasil es el sur", cujo final transcrevemos:

Brasil: tierra y figura de heroísmo
montaña donde América se encuen-
[tra,
donde el norte e el sur se dan la
[mano
y emplezan la jornada de mañana.
Quiero dejar sobre tu frente un
[canto,
sobre tu corazón una esperanza,
y en tu pecho de lucha y sacrificio
una rosa sangrenta de victoria...

Do poema "Fué en Pearl Harbor, un día"...

Fué un día de traición y de ver-
[güenza
asestado en tu entraña siempre jo-
[ven.
Y tú que eras el Norte, en ese día
fuiste los cuatro puntos cardinales.

PERÚ

EXPOSIÇÃO PANAMERICANA DE PINTURA

REALIZOU-SE em Lima, Perú, uma AGOSTO DE 1943

grande Exposição Panamericana de Pintura em que figuraram notáveis artistas da América do Norte, do Sul e do Centro. A imprensa peruana manifestou-se muito elogiosamente sobre os pintores mexicanos, argentinos, norte-americanos, e, especialmente, sobre o grupo revolucionário mexicano que se apresentou com obras admiráveis de Montenegro, de J. Guerrero Galvan e outros. Disse "La Crónica": — Es una lástima que la estampa típica brasileña haya coincidido tan a menudo con la "Bahiana" de Leopoldo Gotuzzo, pues, de no ser así, y claro está, de no haber incurrido el artista en dejarse llevar tan entusiastamente por los atractivos fáciles del tema..."

O PINTOR MEXICANO SIQUEIROS

O PINTOR mexicano David Alfaró Siqueiros, uma das mais altas expressões da pintura mundial, estava no Chile realizando uma grande decoração mural na Escola de Chillán, quando escreveu ao presidente de seus país: "... reclamo o posto que me corresponde na fileiras dos combatentes da minha pátria, embora seja no terreno particular da minha profissão de artista democrático. Aplauzo a determinação de meu governo".

AMÉRICA DO NORTE

PRODUÇÃO DE LIVROS NOS ESTADOS UNIDOS

NO ano de 1940 houve um total de 11.328 livros, e no ano de 1941 um total de 11.112; em 1942: 7.786 livros novos; 1.738 reedições; total 9.525.

ARGENTINA

O P. E. N. CLUB DE BUENOS AIRES OUTORGOU UM PRÊMIO DE POESIA

A C. D. do P. E. N. Club, uma vez consideradas as obras apresentadas para optar ao prêmio de poesia correspondente ao ano de 1942, resolveu premiar o livro "Sindéresis", de autoria de Salvador Merlino. O prêmio consistia na soma de \$1000 — moeda argentina.

CONCURSO EDITORIAL LOSADA

O JURI designado pela Sociedade Argentina de Escritores, e composto pelos escritores Julio Aramburu, Julio Noé e Guillermo de Torre, premiou por unanimidade o livro "Descontento creador", de autoria de Ramualdo Braghetti.

Romualdo Braghetti é jovem ainda, mas possuidor de grande inteligência e capacidade criadora.

LIBERDADE CREADORA

ACABA de ser lançada pela editora argentina Claridad a revista literária "Libertad Creadora", dirigida por Guillermo Korn. De grande formato e ótima apresentação, a citada revista publica artigos de notáveis escritores argentinos e espanhóis. Entre eles destacamos os seguintes: Angel Osorio, Ernesto Palacios, Pedro Olmos, Raul Ogueda, Cunill Cabanelle, etc.

MAIS UMA OBRA IMORTAL...

na série Gigante das

"100 OBRAS-PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL"



Ivanhoe

DE

WALTER SCOTT

Tradução integral do texto

inglês, por

MARQUES REBELO

Leia também:

DAVID COPPERFIELD, de Dickens; JANE EYRE, de C. Bronte; ANA KARENINA, de Tolstoi; ... E O VENTO LEVOU, de Mitchel

Preço Cr\$ 25,00 — Enc. Cr\$ 32,00

IRMÃOS PONGETTI Editores

R. Sacadura Cabral, 240-A RIO DE JANEIRO

Últimas Edições

Da EDITORA CALVINO LOMITADA:

STALIN, de Emil Ludwig, em tradução de Eduardo de Lima Castro. "Em uma série de notas, traçadas com mão forte, Ludwig pinta-nos a infância de Stalin, cheia de complexas impressões. Desse modo, seguimos os tortuosos caminhos que levaram Stalin ao Socialismo. Com simplicidade e emoção admiráveis, o escritor relata os encontros de Stalin com Lenin, seus anos de exílio, como se conduziu na guerra patriótica depois da Revolução e suas relações com Trotsky. Mais adiante vemos a lenta e paciente luta pelo poder supremo, os julgamentos de Moscou e a milagrosa transformação da Rússia em um Estado moderno, intensamente industrializado". Este livro contém os textos completos das Constituições da URSS, e do Brasil.

Dos IRMAOS PONCETTI EDITORES:

- O MUNDO EM TRANSE**, de Leopold Schwartzchild.
- OS DEGENERADOS**, de Máximo Gorki. Essa novela nos dá uma impressão verdadeira da grande força criadora e ditadora do romancista russo.
- O INGENUO**, de Voltaire.
- O RETRATO DE DORIAN GRAY**, de Oscar Wilde. Esse célebre romance do escritor inglês está sendo filmado.
- O QUE FICOU DE MIM...**, poesias de Edla Mangabeira.
- ELEGIAS**, poesias de Vinícius de Moraes. Embora não haja nenhuma indicação no livro, aqui está uma notícia grata aos leitores de Vinícius de Moraes e Manuel Bandeira: a capa de 5 ELEGIAS foi desenhada por Manuel Bandeira, o poeta. A notícia nos foi transmitida por Anibal Machado. Leia nas próximas Edições, uma notícia a respeito de "Poemas e Sonetos", de Vinícius de Moraes.

NA COLEÇÃO AS "100 OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL":

A CATEDRAL, de Blasco Ibañez, em tradução revista por Marques Rebêlo, diretor da coleção. Romance célebre, conhecido mundialmente, é vigoroso e empolgante, investindo implacavelmente contra os excessos praticados pelo clero na Espanha monárquica. E, uma vez desencadeada a tormenta, vai arrastando uma a uma as frágeis tapagens do preconceito com a sua lógica de aço. A sua obra revela um profundo respeito pelos direitos dos homens, uma constante preocupação de elevá-lo contra os embustes dos poderosos.

DA LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

CONTOS, de Guy de Maupassant, em tradução do poeta Mario Quintana, assistido pelo escritor Casemiro Fernandes. Ninguém supera Maupassant em manter o leitor encantado. Ele escreveu sobre paixão, sentimento nostálgico, aventura, frivolidade, situações picantes, heroísmo e covardia: tudo com a autoridade convincente de um urdidor de histórias nato. "Ele é vigoroso sem

esforço, é consumado em sua arte" — disse Anatole France.

CONTOS DE SHAKESPEARE, de Charles e Mary Lamb. Uma coletânea de 20 narrativas extraídas de outras tantas peças de William Shakespeare. Embora originalmente destinado à mocidade, este livro é recomendado também aos adultos, aos quais serve de excelente introdução à leitura e compreensão do teatro shakespeariano.

HEROIS BRASILEIROS, de Miguel Milano. Repertório biográfico de homens notáveis do Brasil: chefes de Estado, ministros, escritores, pintores, músicos, etc.

O ÚLTIMO CASO DE TRENT, por E. C. Bentley. Romance policial excelente, apontado pela Enciclopédia Britânica como sendo o modelo perfeito do romance policial.

O CASO DAS GARRAS DE VELUDO, por Eric Stanley Gardner. As aventuras de Perry Mason e sua secretária Della Street.

Da EDITORA VECCHI:

ELE E ELA, romance de George Sand, em tradução de Abelardo Romero. "Sob uma aparente ficção romântica, os turbulentos amores de Aurore Dupin com o poeta Alfred de Musset". Capa de Jan Zach.

OS VIVOS MORTOS, romance de Eduardo Zamacois, em tradução do professor Modesto de Abreu e Dina Brito. Esse livro é, segundo Jean Cassou, "uma autêntica obra prima do romance moderno, porque possui qualidades específicas dos romances mais bem concebidos e melhor realizados".

NA COLEÇÃO "OS AUDAZES":

HOBIN HOOD, lenda inglesa. Tradução de Franklin R. Coelho. "A bravura do extraordinário arqueiro que pôs em apuros o próprio rei da Inglaterra, o ambicioso João Sem Terra, que substituiu no trono seu irmão Ricardo Coração de Leão que estava combatendo como cruzado, na Terra Santa". Capa de Ramon Espanha.

NA COLEÇÃO "AMORES IMORTAIS":

CLEOPATRA E SEUS DOIS AMORES, romance de Paul Reboux, em tradução de Corália Rego Lins. "Romance que melhor evoca e reflete a fascinante figura da sereia do Nilo, tão astuta quanto formosa". Capa em cores onde aparecem Claudette Colbert e Henry Wilcoxon.

NA COLEÇÃO "ROMANCES FAMOSOS":

OSCAR E AMANDA, de Regina M. Roche, em tradução de Marina Sales Goulart de Andrade. Disse Florence L. Barclay: "Quem tardou em ler este romance, deplorará sempre o haver-se atrasado em saboreá-lo". Capa de Jan Zach.

Da ATLANTICA EDITORA:

CHARLES DE GAULLE, de Philippe Barrès, com um prefácio de Costa Régio e um autógrafo especial do general de Gaulle para a edição brasileira. "Hoje a França inteira está de pé para

a vitória, a libertação e a renovação. Porque nunca deixou de combater, porque está consagrada ao redor dos que nunca cederam, a França continuará a desempenhar no mundo o seu papel de grande nação. E será o bem de todos".

AMBIENTE DE GUERRA NA EUROPA, de Miguel Osório de Almeida. "Observações imparciais e reais feitas por um intelectual brasileiro, que apresenta assim importante elemento para melhor estudo futuro desse conflito". O professor Miguel Osório se encontrava na Europa antes de estourar a guerra.

De DOIS MUNDOS EDITORA LTDA.:

ATLANTICO, revista feita em colaboração com o Departamento de Propaganda de Portugal e com o DIP, do Brasil. Colaboração de conhecidos escritores nacionais e portugueses. Revista magnificamente impressa.

A RUA DO GATO QUE PESCA, de Iolanda Foldes, em tradução de Francisco Quintal. Belíssima capa de Amorim. Esse romance obteve o "Grande Prêmio Internacional do Romance", 1934. E' de fato um romance merecedor.

ETERNIDADE, romance de Ferreira de Castro. Capa sugestivo de Amorim. Primeira edição brasileira (conforme a 5.ª edição portuguesa). Ferreira de Castro, o autor de "A Selva", pôs nesse seu romance a sua capacidade de verdadeiro romancista.

Da AMERIC-EDIT.:

RABOLIOT, de Maurice Genevoix. Prix Goncourt. "A história de um caçador furtivo, das suas lutas constantes com os guardas que o impediam de exercer aquilo que ele considerava como um legítimo direito. As peripécias desta vida agitada e tumultuosa nos são contadas numa linguagem atraente, que prende a atenção do leitor".

LA MAISON DE DANSES, romance de Paul Reboux. "E' um livro vivo, sempre interessante e que sabe simultaneamente distrair e comover, num tom profundamente francês".

HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE, de Albert Thibaudet, em dois volumes. A última e a mais importante obra do grande crítico francês. Um livro fundamental para o verdadeiro conhecimento da literatura francesa.

HISTOIRE DE L'ÉGLISE, de Paul Lezourd, com um prefácio do Cardeal Beaudrillart. "Síntese da vida da Igreja, das suas lutas e das suas glórias, dos seus sofrimentos e dos seus triunfos".

De EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA SÉRIE "BRASILICA":

OS HOLANDESES NO BRASIL, de Varnhagen, como 3.º volume da coleção, na qual já foram publicados os dois volumes da "Corografia Brasileira" do padre Manuel Aires de Casal.

NA SÉRIE D'"OS MESTRES DO PENSAMENTO":

MAHABHARATA, traduzido na íntegra diretamente do sânscrito, obra de que se encarregou o notável sanscritólogo lusitano dr. Anibal Faro, diplomado na especialidade pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. É o 28. volume da coleção.

NA SÉRIE "NOVELAS UNIVERSAIS":

OS TRÊS MOSQUETEIROS, de Alexandre Dumas, em dois volumes.

NA SÉRIE "NOVELAS DO CORAÇÃO":

DIÁRIO DE UMA MULHER, de Otávio Feuillet.

Da COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. Paulo:

NA BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO:

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, de H. G. Wells, em dois volumes. Tradução de Monteiro Lobato. Uma das mais importantes obras de H. G. Wells, divulgadora de grandes idéias e de grandes sentimentos.

A VIDA DE THOMAS JEFFERSON, de Francis W. Hitt, em tradução de Carlos Lacerda. A vida e a obra de um dos maiores homens da América do Norte.

A FILOSOFIA DE WILLIAM JAMES, de William James, em tradução de Antonio Ruas.

PEQUENA HISTÓRIA DAS AMÉRICAS, de Afrânio Peixoto, em 2.ª edição.

CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA DE MAUA' NO PRATA, com notas da escritora Lidia Bezouchet.

DIVERSAS:

A NATUREZA DO PROCESSO E A EVOLUÇÃO DO DIREITO, de Benjamin N. Cardoso, em tradução de Leda Boechat Rodrigues.

VELHA E NOVA POLÍTICA, de Fernando de Azevedo. Aspectos e figuras da educação.

COMPENDIO DE LITERATURA ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA, história e antologia, de Idel Becker.

GRAMÁTICA DA LÍNGUA ESPANHOLA, do professor Antenor Nascentes.

Da LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO "A MARCHA DO ESPÍRITO:

A VIDA MARAVILHOSA DE SARAH BERNHARDT, de Louis Verneuil, em tradução de Galeão Coutinho. A biografia da grande artista.

NA "BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO:

O PENSAMENTO VIVO DE TOBIAS BARRETO, do professor Hermes Lima.

NA COLEÇÃO "EXCELSIOR":

UM CASO TENEBROSO, de Balzac, em tradução de Luis Martins.

DIVERSAS:

OS FILHOS DA CANDINHA, o último livro do poeta, ensaísta e romancista

Mário de Andrade, uma das grandes figuras da moderna literatura brasileira.

TRASANTEONTEM, de Alberto Rangel, em edição ilustrada.

Da ATENA EDITORA, São Paulo:

DICIONÁRIO FILOSÓFICO, de Voltaire, em tradução de Libero Rangel de Tarso.

Da EDITORA UNIVERSITÁRIA, de São Paulo:

NA COLEÇÃO "CIÊNCIA PARA TODOS":

NOSSA VIDA CONJUGAL, de Norman Hines. Livro bem apresentado e útil.

Da EDITORA OCEANO, São Paulo:

EIS MUSSOLINI, de Armando Borghi. O que era o ridículo fascista.

Da EDITORA PROMETEU, São Paulo:

ELE QUERIA DORMIR NO KREMLIN, de Gehard Schacher.

Da EDITORA ANCHIETA LTDA, São Paulo:

COMPENDIO DE TÉCNICA MICROSCÓPICA, de Wolfgang Bucherl (métodos de pesquisas biológicas).

NA BIBLIOTECA INFANTIL "ANCHIETA":

O TESOURO DO PERNETA e O HOMEM DA FERNA SO', de Jerônimo Monteiro.

Da LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA:

NA COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS:

CASA GRANDE & SENZALA, de Gilberto Freyre, 4.ª edição definitiva com ilustrações de Santa Rosa. O livro que consagrou o autor como uma das figuras mais ilustres da literatura brasileira contemporânea. Edição definitiva, pela primeira vez revista pelo autor, que lhe introduziu diversas modificações, apresentada em dois alentados volumes, ilustrada a pico de pena, e com magnífica bibliografia. A edição definitiva de hoje põe ao alcance dos brasileiros esse livro essencial.

ALIMENTAÇÃO, INSTINTO E CULTURA, de A. Silva Mello. Já se encontra na segunda edição esse livro que despertou comentários elogiosos da imprensa brasileira. Foi realmente inesperado o seu sucesso, pois o livro é enorme e o assunto parece limitado apenas aos especialistas. Mas acontece que o livro foi escrito com uma compreensão verdadeiramente inteligente dos problemas da alimentação, do instinto e da cultura.

DIVERSOS:

NAVIO SEM PORTO, de Lia Corrêa Dutra — Prêmio de Contos Humberto de

Campos. — Sobre o livro de Lia Corrêa Dutra a imprensa brasileira continua a manifestar-se com muita simpatia. É realmente um dos bons livros de contos surgidos nestes últimos tempos no Brasil. Leiam o próprio artigo da contista neste número de LEITURA, que lhes dará uma idéia melhor de "Navio sem Porto".

OS BRACOS SUPPLICANTES, de Eliezer Burlá, menção honrosa do Prêmio de Contos Humberto de Campos. Nove narrativas se agrupam no volume. Seus contos denunciam sempre um anseio de melhoria, um desejo de fuga das misérias do mundo.

NA COLEÇÃO "O ROMANCE DA VIDA":

MINHA VIDA, de Isadora Duncan, em tradução de Gastão Cruls. 4.ª edição desse livro notável sob todos os pontos de vista, inclusive a tradução brasileira.

NA COLEÇÃO "FOGOS CRUZADOS":

HERANÇA DOS WHITEOAKS, de Mazo de La Roche, em tradução de Herman Lima. Raquel de Queiroz escreveu no 7.º número de LEITURA um artigo sobre a autora canadense e sobre este romance. É um grande romance canadense, digno de ser lido.

NA SÉRIE DE "OBRAS EDUCATIVAS":

O ACANILAMENTE E A TIMIDEZ, de L. A. G. itia, em tradução do professor Nelson Romero. 3.ª edição. — Como diz Nelson Romero: "O livro é realmente um subsídio educativo interessante, capaz de prestar bons serviços a professores e a alunos".

Da IMPRENSA NACIONAL:

CURTA VIAGEM AO MEIO GRÁFICO NORTAMERICANO, de Rubens Porto.

Relatório da viagem do Diretor da Imprensa Nacional aos EE. UU. da América, em 1941. Livro informativo, escrito em forma de diário e trazendo numerosas ilustrações, gráficos e notícias dos progressos norteamericanos na arte gráfica.

EDIÇÃO DO AUTOR:

PASSADO, de Aurelio Domingues. Homem de idade, Aurelio Domingues é, no entanto, um espírito moço como o demonstram os seus excelentes artigos publicados em LEITURA. É uma das maiores autoridades no Brasil sobre a literatura russa, antiga e moderna, e está em dia com o que se publica de bom tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos. Homem viajadíssimo no Brasil e no mundo, conhecedor da Amazônia e da Bessarábia, da Alemanha e da França, da Itália e da Espanha, Aurelio Domingues tem realmente o que nos contar em seu "Passado", que é um livro escrito em pureza gramatical.

Disse Gilberto Freyre que esse livro pode ser comparado "As memórias de um senhor de Engenho", de Julio Belo, "como depoimento autorizado sobre a vida rural do Nordeste no século passado e nos começos do atual".

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

Próximas Edições



EDIÇÃO PARTICULAR:

POEMAS E SONETOS, de Vinícius de Moraes. Continua aberta a subscrição para o novo volume de poesias de Vinícius de Moraes, "Poemas e Sonetos" (1938-1943), ao preço de Cr\$ 50,00 o exemplar. O livro conterá 28 litografias de Carlos Leão, e será editado pelo autor. A reserva poderá ser feita com o próprio autor ou com os escritores Rubem Braga, Aníbal Machado, Manuel Bandeira, Moacir Werneck de Castro, devendo ser paga adiantadamente. Cartas para esses escritores podem ser dirigidas por intermédio de LEITURA.

Dos IRMÃOS PONGETTI EDITORES:

UM DIA VOLTAREMOS, de Lázinha Luiz Carlos de Brito. Segundo os editores, este romance vai constituir o grande sucesso de 1943, pois o seu enredo será tão agradável ao grande público como o foi o de "...E o vento levou". "É um romance histórico de grande envergadura, escrito com um surpreendente poder de evocação".

Da EDITORIAL CALVINO LTDA.:

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, pelo Reverendo Hewlett Johnson, Deão de Canterbury. Este novo livro do autor de "O Poder Soviético", é de uma atualidade permanente porque vem satisfazer a incontida curiosidade de milhares e milhares de leitores de todo o mundo.

Da COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. Paulo:

NA COLEÇÃO "GUERRA E PAZ":

UM MUNDO SO', de Wendell Wilkie, em tradução de Monteiro Lobato.

A ITALIA POR DENTRO, de Richard Massockh, em tradução de Carlos Lacerda.

A ALEMANHA POR DENTRO, de Louis Lochner, famoso jornalista que chefiou os serviços da Associated Press em Berlim durante muitos anos.

Da LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO "CONTEMPORANEA":

TERRAS DO SEM FIM, o grande romance de Jorge Amado. Disse Edson Carneiro que esse romance do autor de

"Jubiabá" supera todos os romances de Jorge e talvez o próprio romance nacional.

MRS. PARKINGTON, de Louis Bromfield. Um dos melhores romances desse escritor norteamericano.

DIVERSOS:

VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE, de Alcântara Machado, prefaciado por Sergio Milliet e ilustrada por J. Wasth Rodrigues.

A grande novidade de Agosto

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR

dos mais famosos autores
(Segunda série)

Oscar Wilde — Colette — Stefan Zweig — Marcel Proust —
Aldous Huxley — Molnar Tristan Bernard — Puchkin — An-
derson — Dostolewski — D. H. Lawrence — Zamacols — José
de Alencar — H. G. Wells — Leblanc — Benavente — Duver-
nols — Guglielminetti — Turguenev — Sudermann — Vargas
Vila — Goldschmidt — Cami — Barrés — Iver, etc.

Cr\$ 16,00 — Nas livrarias

Pelo serviço de reembolso postal

Casa Editora Vecchi, Ltda.

Rua do Resende, 144 — Rio de Janeiro

O SARGENTO IMORTAL, de John Brody.

NA "BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO":

O PENSAMENTO VIVO DE KANT, de Julien Benda.

O PENSAMENTO VIVO DE EMERSON, de Edgard Lee Martsers.

O PENSAMENTO VIVO DE JOAQUIM NABUCO, de Alvaro Lins.

NA COLEÇÃO "MOEAIKO":

PROSA DOS PAGOS, de Augusto Meyer.

NA COLEÇÃO DE "CIENCIAS SOCIAIS":

INTRODUÇÃO A HISTÓRIA ECONÔMICA, de N. S. Gras.

Das EDIÇÕES CULTURA, S. Paulo:

NA SÉRIE "OS MESTRES DO PENSAMENTO":

TRAGÉDIAS, de Eurípedes.
OBRAS COMPLETAS de Juvenal.

Da EDITORA UNIVERSITÁRIA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO "CIÊNCIA PARA TODOS":

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, de Charles Potter, em tradução de Sampaio Ferraz.

Da ATENA EDITORA, São Paulo:

A REPÚBLICA, de Platão.

Desejando V.S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em LEITURA, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Da EDITORA PROMETEU,
São Paulo:

BREVE INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA
ESTUPIDEZ HUMANA, de Walter
Pirkin.
AS BASES DA PAZ FUTURA, de Hen-
ry Wriston, em tradução de Paulo
Zingg.

Da EDITORA OCEANO, São
Paulo:

PAO E VINHO, de Ignazio Silone.
ORIGENS DA CRISE CONTEMPORA-
NEA, de Heraldó Barbuy.
TALLEYRAND, de Duff Cooper.
O GIGANTE DO NORTE, de Enrique de
Gandia.

Da LIVRARIA ELO, São
Paulo:

MEMÓRIAS DE SIMÃO, o CAÓLHO e
AS CONFIDÊNCIAS DE DONA MAR-
COLINA, de Galeão Coutinho.

Do CLUBE DO LIVRO, São
Paulo:

MANON LESCAUT, de Prevost.

Das EDIÇÕES MOMENTO, São
Paulo:

COM O EXERCITO RUSSO NO FRONT,
de Ilya Ehrenburg.
HOMENS DA GUERRA, de Brasil Ger-
son.
A BATALHA DE STALINGRADO, de
Kriger, Gregorienko e Rischin.

Da AMERIC-EDIT.:

EDIÇÕES EM FRANCÊS:

PAGES CHOISIES, de Renan. Nestas pá-
ginas escolhidas encontra-se o que há
de melhor na obra de Renan.
NENE, de Ernest Pérochon, Prêmio Gon-
court. É uma das mais recentes obras
do conhecido escritor francês, cujos
trabalhos literários tanto sucesso tem
alcançado no mundo inteiro.
L'ANCIEN RÉGIME, de Franzt Funck-
Brentano, em dois volumes. Um estudo
da época entre o século XVI, desde a
ascensão dos Bourbons ao trono e o

termínio das guerras de religião até o
século XIX, princípio da era revolucio-
nária.

Da ATLANTICA EDITORA:

EDIÇÕES EM FRANCÊS:

MONSIEUR OUINE, de Georges Berna-
nos. "Como os seus romances anterior-
es, as personagens de "Monsieur
Ouine" movimentam-se num ambiente
de constantes lutas interiores, conflitos
de almas e paixões humanas".
PILOTE D'ESSAI, pelo piloto Hubert
d'Herbomez, que apresenta um emocio-
nante documento do heroísmo dos pilo-
tos de provas. Prefácio de Jean-Gérard
Fleury, autor de "La Ligne", a epopéia
da aviação comercial.
JOURNAL DE GUERRE, de Georges Berna-
nos. Nesse livro, o primeiro de uma
série de três, estão reunidos os prin-

cipais artigos do autor de "Lettre aux
Anglais", agora em sua terceira edição.
SUD AMERIQUE, do escritor francês
Jean-Gérard Fleury. Observações dos
povos e países sulamericanos.

Da DOIS MUNDOS EDITO-
RA LTDA.:

POETAS NOVOS DE PORTUGAL, se-
leção e prefácio de Cecília Meireles.
Antologia dos modernos poetas portu-
gueses.
OS MELHORES CONTOS RÓSTICOS,
seleção e prefácio de Jorge de Lima.
A CIÊNCIA NAUTICA PORTUGUESA
NO DESCOBRIMENTO DOS ESTA-
DOS UNIDOS, pelo professor Jaime
Cortezão.
RUGE A REVOLTA NA FRANÇA, do-
cumentário da guerra secreta na Fran-
ça por Madelaine Max Leverrier.

Livraria do Povo

COMPRAMOS LIVROS NOVOS E USADOS,
BIBLIOTECAS E AVULSOS. EXECUTAM-SE
ENCADERNAÇÕES, NOVIDADES EM LIVROS
TÉCNICOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

PRAÇA JOÃO MENDES 35

TELEFONE: 28653

SÃO PAULO



Economise comprando...

*Compre economizando...
nas afamadas*

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

*Esplêndido sortimento de
artigos leves para o verão!*

CASAS PERNAMBUCANAS

COLEÇÃO PRESENÇA

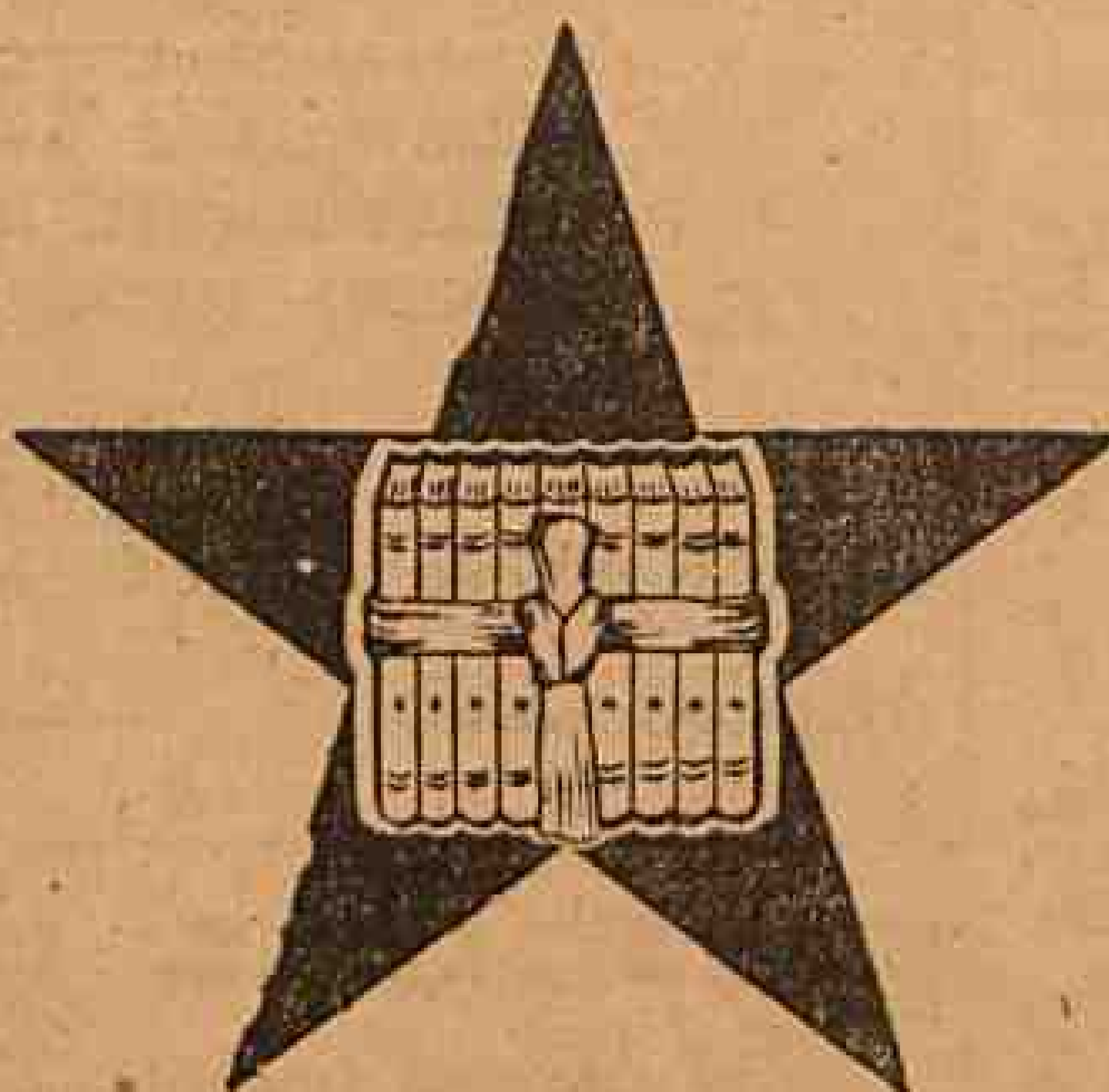
Diretor: FREI MANSUETO KOHNEN, O. F. M., professor de
Literatura da Universidade Católica do Rio de Janeiro

Vol. 1 — A ÚLTIMA AO CA-
DAFALSO — Gertrud von
Le Fort — Novela — trad.
Roberto Furguim, Pr. br.
Cr\$ 6,00 e Enc. Cr\$.. 11,00

Vol. 2 e 3 — RETORNO A
CRISTO — depoimento de
personagens de destaque no
mundo intelectual e social,
que se converteram ao ca-
tolicismo. Depõem: Ches-
terton, Sigrid Undset, Paul
Claudel, etc., Trad. Mâ-
rio Serrano-Frei Mansueto
Kohnen, Pr. Cr\$... 10,00

Vol. 4 — CHARLES PÉGUY,
O BOM PECADOR — Karl
Pfleger — Estudo literário
— Trad. O. Durieux O. F.
M. Pr. Cr\$ 8,00

Vol. 5 — DOSTOIEVSKI, O
HOMEM DO SUB-SOLO
— Karl Pfleger — Idem
Pr. Cr\$ 8,00



Vol. 6 — LEON BLOY, O
PEREGRINO DO ABSO-
LUTO — Karl Pfleger —
Idem — Pr. Cr\$ 6,00

Vol. 7 — CHESTERTON, O
CAMPEÃO DA ORTODO-
XIA — Karl Pfleger —
Idem — Pr. Cr\$ 5,00

Vol. 8 — ANDRÉ GIDE, O
FILHO PRÓDIGO — Karl
Pfleger — Idem Preço
Cr\$ 6,00

Vol. 9 — CRISTO EM NOS-
SOS CAMINHOS — F.
Desplanques, S. J. — Trad.
Elizário Schmidt, O. F. M.
Idem — Pr. Br. Cr\$ 9,00 e
Enc. Cr\$ 13,00

Vol. 10 — HINOS A IGREJA
— Gertrud von Le Fort —
Poesias místicas — Pr. Ed.
pop. Cr\$ 9,00 — Ed. luxo
Cr\$ 25,00

STELLA EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO PELO REEMBOLSO POSTAL A
Caixa Postal 3232
RIO

(Continuação da página 6)

ção política, cinquenta anos de pre-
dicação incansável, de esforço intelec-
tual, tudo isto feito em luta titânica
com as mais duras necessidades de
vida, uma vida de semi-faminto, uma
vida que era uma verdadeira misé-
ria.

É certo que Kropotkin morreu. Mas
é verdade também que estimamos este
santo homem, como a encarnação viva
e perfeita desse russo universalista
do século XIX, desse irmão de todos
os homens que anunciaram os profetas.

Voltando à Rússia, na época da Re-
volução, Kropotkin foi viver afastado
de tudo, na aldeia de Dmitrov, nas
imediações de Moscou. Um dia, teve
um convite para formar o governo,
convite insistente, que recusou. E que

estava cansado e doente das grandes
lutas. Três anos passou na Rússia,
esquecido por uns e exaltado por ou-
tros.

Foi em consequência de um ataque
de pneumonia, que a 8 de fevereiro de
1921, pela madrugada, deitado ao co-
lo de sua filha, rodeado de alguns pa-
rentes e amigos, que Pedro Alexie-
vitch Kropotkin deixava de existir.

Acabava-se um príncipe e um ho-
mem, um homem em toda a exten-
são do vocábulo, um homem que del-
xara tudo o que podia fazê-lo feliz,
para se entregar à fome, à prisão,
ao desterro.

O corpo de Kropotkin foi traslada-
do a Moscou. Foram-lhe decretadas
grandes honras pelo governo. Seu
corpo esteve exposto quatro dias no
salão de festas do antigo Palácio da
Nobreza. Uma comissão oficial do
governo veio honrar seu cadáver e a
metade de Moscou assistiu os seus
funerais.

Sua filha nos conta que no dia do
sepultamento, um "mujik" os espe-
rava no cemitério desde a véspera.
Vinha de longe. Ao vê-los, suplicou
consternado que o deixasse botar o
primeiro bocado de areia. Consenti-
do, o "mujik" falou: "Eu costumava,
quando o tempo me permitia, o tra-
balho e as outras coisas que temos a
fazer, ouvir Kropotkin, o homem mais
santo da Rússia. Disseram-me que
ele havia morrido. Não tenho flores
que trazer, mas queria fazer algo por
Kropotkin... Deixem, pois, que eu
bote o meu bocado de terra..."

E foi assim o derradeiro dia de
Kropotkin na terra hoje invadida
pelos germânicos.

Um "mujik" queria jogar na sua
tumba o seu último bocado de terra.

"Um mujik..." E não foi para ele
a sua maior glória, ter ali, na despe-
dida do mundo, um daqueles homens
por quem mais se batera em vida?
Andando léguas e léguas, esse homem
lhe bastava.

MEMÓRIAS DE UM REVOLUCIONÁRIO,
de Pedro Alexievitch Kropotkin —
Editorial Americana — Buenos Aires,
1943.

Editora Difusão S/A

Uma livraria diferente para
servir a V. S.

EDIÇÕES E LIVROS EM GERAL

Peçam-nos quaisquer obras pelo
Serviço de Reembolso Postal, prá-
tico, rápido e econômico.

RUA FLORIANO PEIXOTO n. 40
12.º andar — Sala 121
Caixa Postal 2215 — Fone 3-2062
SAO PAULO

LEIAM

"HOJE"

A REVISTA DEMOCRÁTICA
DE S. PAULO

Em todas as bancas

O Livro de José Mariano Filho

ESMARAGDO DE FREITAS

Copyright de LEITURA

COMO homem de letras ou — mais amplamente — como expressão social, José Mariano Filho, tipo bizarro que por vezes tem torcido o seu próprio destino, oferece facetas surpreendentes.

Quando nasceu, em data cuja pesquisa devemos deixar a posteridade, as gentes do Poço da Panela, morgadio simbólico e precocemente legendário cujos limites ultrapassavam a antiga província de Pernambuco, vaticinaram interessadamente que seria o continuador providencial de José Mariano pai — o morgado "sul generis", empolgante tribuno popular e prestigiado paredro do liberalismo franco-maçon de mil oitocentos e setenta e tantos; e as ditas gentes que-daram-se na expectativa de que a mais antiga escola de direito do norte faria, dentro de vinte e poucos anos, do primogênito do chefe — um bacharel.

Mal encompridou porém as calças, o morgadinho desconcertou o vaticínio, preferindo Léon Testut a Salinas et Eellan.

Nem com isto descorçoou as esperanças especialíssimas que causara: a medicina seria também profissão vantajosa para um aliado de votantes.

Preparatórios concluídos, José Mariano Filho abalou de Pernambuco...

Não decorreu longo tempo: e o Poço da Panela percebia que, se não caçasse sucessor para o velho José Mariano fora da dinastia deste, a herança política do tribuno ficaria jacente. Algo convêncera o bairro recifense de que José Mariano Filho não tinha gosto nem jeito para a trica partidária. Ao conhecimento do Poço da Panela chegara a notícia de que o futuro esculápio se revelava na Bala e no Rio um terrível fazedor de boas plhérias, um boêmio de espírito fino e endiabrado. Pládas sobre pládas, ricas de verva, a ele atribuídas, corriam de boca em boca — da Lingueta até Apipuecos.

Arraigado preconceito local dogmatizava que os discípulos ou parceiros de Paula Neiva Gregório Junior "não davam" para dirigir eleitores...

Aos devotos do marianismo, já votado a duradouro ostracismo "dirigido", amargou a nova procedente do sul do país.

Surgiram todavia entre eles mesmos alguns espíritos avisados e conciliatórios para encaminhar a explicação do fenómeno. José Mariano, o velho, era no fundo um boêmio impenitente, embora comedido. Em muita coisa o filho puxara ao pai: era vivo, robusto, tinha aparência sedutora, irradiava simpatia. O diabo tinham sido certas circunstâncias de natureza extrínseca... O moço abria os olhos para o mundo muitos lustros depois do velho, numa época voltada febrilmente para ideais insólitos e contrastantes. Entre o aparecimento de um e outras coisas importantes haviam acontecido. Rematavam-nas a libertação dos escravos, perpetrada com a cumplicidade do velho, e a república feita de uma hora para a outra à revelia deste.

Os efeitos económicos da primeira revolução tornavam-se palpitantes. Os resultados políticos do 15 de novem-

bro assombravam os indefesos sonhadores da democracia. A realidade já entrevista era que a república, aspirando o nosso parlamentarismo engatinhante, malhado, mas — apesar dos pesares — promissor, ameaçava nulificar de todos os partidos, imolando-os ao poderio dos governadores — os futuros "oligarcas", os porvindouros senhores quase absolutos das urnas...

Quem sabe se o jovem humorista, instantaneamente iluminado por um sexto sentido peculiar aos boêmios, não lograra enxergar longe: e prever que na república brasileira os pregadores da verdade nacional e os políticos de comícios estavam irremediavelmente condenados a dormir na rua?

O fato é que não deu um passo para a frente, em política.

Doutorando-se, tratou de encetar a sua vida civil fora de Pernambuco. E o silêncio decepcionado do Poço da Panela baixou sobre o conterrâneo inquietante que assim se "desatualizava"...

Depois... o burgo natal de José Mariano Filho soube com espanto que o boêmio malignado, e o estudioso nunca renegado, prorrompera, longe da patriazinha, como adiantado e bem sucedido homem de negócios...

De chofre a família de José Mariano, a luzda família de cigarras — da expressão enternecida de Mario Rodrigues —, passou a abrigar no seu seio objurgante e provida formiga. O indivíduo discrepante, mais amovível do que o seu similar lafontalmeiro, não rompeu com os penates. Pelo contrário. Avançou vida a dentro, inseparado do irmão mais moço — o poeta Olegário, cantor nacionalmente aplaudido da espécie hemiptera, e cordialmente adstrito ao pai — o bravo colliostro cujos estridulos, catilinando dom Frei Vital — o prelado de ferro, ou reforçando a atuação de Joaquim Nabuco — "o boca de ouro do abolicionismo", ainda retumbavam.

Dest'arte, desenvolvendo um dinamismo de himenóptero, José Mariano Filho chegou à flor da velhice.

E quando menos se esperava, desdobrou-se em cigarra, sem prejuízo da anterior encarnação. Mais apropriado seria dizer — eninsetação.

Foi aí que deu para pagar insistentemente tributo à letra de forma.

Nesse interim os amigos da formiga-cigarra dividem-se opinaticamente. Uns bateram palmas à combinação um tanto sirênica. Outros — extremunhados — murmuraram com os seus botões, e com Camilo Castelo Branco: "Não se pode ser perfeito hoje em dia sem se ser um bocadinho idiota".

José Mariano Filho sorriu a tudo isso com a superioridade de quem sabia o que estava fazendo.

E prosseguiu, investindo galhardamente em cavaleiro andante da arte brasileira, a escrever na imprensa periódica sobre tudo quanto se fez aqui com pretensões mais ou menos estéticas durante os primeiros séculos da europeização do Brasil, num tantame que para muita gente se afigurava mais abstruso que os moinhos de vento do torturado compatriota do Cid...

Com a tenacidade de propagandista que não tra os olhos de um ponto fixo buscou apurar em que vivendas se arrancharam os nossos rudes avós coloniais, que gosto lhes presidia o agendamento das casas e a escolha das mobílias, que adornos preferiam eles nos templos onde deviam orar e que ornamentos lhes agradavam mais nos logradouros dos pequenos centros urbanos para onde tinham de convergir.

Nesse afã, dizem, foi até descobrir, ou inventar, um sistema arquitetónico, aliás coerente com as nossas tradições, modelado conforme as nossas possibilidades modernas. Nesse afã, pode-se garantir, encheu anos a fio colunas de jornais.

Foi das suas "safras" de 1910 para cá que tirou, seleccionado, os artigos que capitularam os "Estudos de Arte Brasileira", soberbo volume de perto de duzentas páginas, material e espiritualmente bem arranjado, no qual debateu teias de sua predileção.

Não obstante traçados em datas diversas, os "Estudos" de José Mariano Filho guardam uniformidade literária e despertam do princípio ao fim intensidade.

O "estudante", em cuja casca se mefe a mestre veemente, produto de renhida e jovial autodidaxia desenvolve a sua tarefa de agora, metilculoso e sugestivo, expondo com clareza e bom amanho de frase pontos de vista próprios, num estilo distintamente sui, em que certos modos displícites de dizer traem aqui e ali — simpaticamente o longínquo menino do Poço da Panela, terriola "ranzinza", mas nunca refractária ao bom tom e às tendências progressistas.

Em José Mariano Filho o polemista burla o "magister dixit". O amavel defensor do nosso patrimônio artístico e histórico arrasta uma 3.ª tude de permanente agressão. E' acometendo opositores, quicá hipotéticos, que o antigo diretor da Escola Nacional de Belas Artes espanca as mentiras que deannaturam a gênese da arte monumental brasileira, escolma de lendas grosseiras os inúteis o agridoce romance vivido pelos mais celebrados artistas coloniais e coloca pesadas pedras nos alicerces de uma história que — para ser levada a sério — tem de ser verdadeira, ou pelo menos verosímil.

Assim reajusta a vida de mestre Valentim, lança luz em abundância sobre a biografia do Aleijadinho e fere com vantagens outros pontos interessantes.

Para o autor dos "Estudos" — o "amoso mobiliário" dom João V" foi profundamente deturpado nas terras de Santa Cruz, a influência holandesa na arquitetura pernambucana e uma lusão os jesuitas foram os criadores da "suntuária" nacional, mas não criaram para seu uso pessoal estilo arquitetónico.

Em sùmula — José Mariano Filho arma patrioticamente um sem número de problemas, resolve um bocado de questões intrincadas e logra seleccionar um livro interessante para o momento que passa momento em que no brasileiro vibra a avidez de conhecer o Brasil — sob todos os aspectos.

Leitura Condensa um Romance

TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA,

de LIMA BARRETO — Livro do Bolso — São
Paulo, 1943.

Condensação de RAUL LIMA

POLICARPO QUARESMA era um homem pequeno, magro, que usava "pince-nez", olhava sempre baixo, mas, quando fixava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quizesse ir à alma da pessoa ou da coisa que fixava.

Contudo, sempre os trazia baixo, como se se gulasse pela ponta do cavanhaque que lhe enfeitava o queixo. Vestia-se sempre de fraque, preto, azul, ou de cinza, de pano listrado, mas sempre de fraque, e era raro que não se cobrisse com uma cartola de abas curtas e muito alta, feita segundo um figurino antigo de que ele sabia com precisão a época.

Polcarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; o que Quaresma pensou, ou melhor, o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para depois então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa.

Aos dezoito anos, quis fazer-se militar; mas a junta de saúde julgou-o incapaz. Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria. O Ministério era liberal, ele se fez conservador e continuou mais do que nunca a amar "a terra que o viu nascer". Impossibilitado de evoluir sob os dourados do Exército, procurou a administração e dos seus ramos escolheu o militar. Era subsecretário do Arsenal de Guerra; a sua idade, a sua ilustração, a modéstia e a honestidade do seu viver impunham-no ao respeito de todos.

Havia mais de vinte anos, tomava o bonde às 3 e 40, por aí assim, e às 4 e 15, exatamente, sem erro de um minuto, batia em casa, ao jeito da aparição de um astro ou de um eclipse.

Naquela tarde, quando entrou em casa, foi a irmã, d. Adelaide, quem lhe abriu a porta, perguntando:

— Janta já?

— Ainda não. Espere um pouco o Ricardo que vem jantar hoje conosco.

— Polcarpo, você precisa tomar juízo. Um homem de idade, com posição respeitável, como você é, andar metido com esse seresteiro, um quâsi capadôcio — não é bonito.

Mas, de acôrdo com a sua paixão dominante, Quaresma estivera muito tempo a meditar qual seria a expressão poético-musical característica da alma nacional. Consultou historiadores, cronistas e filósofos e adquiriu certeza que era a modinha acompanhada pelo violão. Seguro dessa verdade, não teve dúvidas: tratou de aprender o instrumento genuinamente brasileiro e entrar nos segredos da modinha.

Ricardo Coração-dos-Outros vinha justamente dar-lhe lição. Era um homem célebre pela sua habilidade em cantar modinhas e tocar violão. Em começo, a sua fama estivera limitada a um pequeno subúrbio da ci-

dade, em cujos saraus ela e seu violão figuravam como aos poucos, com o tempo, foi tomando toda a extensão dos subúrbios, crescendo, solidificando-se, até ser considerada como coisa própria a eles.

A exibição de Ricardo numas festas na casa do general Albernaz levou o major a ampliar o seu interesse para festas e danças tradicionais, na quais passou a ver uma significação altamente patriótica. Entregou-se, em seguida, à organização de um código de relações, de cumprimentos, de cerimônias domésticas e festas, calcado nos preceitos tupis. Quando expôs esse projeto a sua afilhada, Olga, a moça notou que o major tinha alguma coisa de mais.

Havia entre os dois uma grande afeição. Quaresma era um tanto reservado e o vexame de mostrar os seus sentimentos faziam-no económico nas demonstrações afetuosas. Adivinhava-se, entretanto, que a moça ocupava-lhe no coração o lugar dos filhos que não tivera nem teria jamais. A menina vivaz, habituada a falar alto e desembaraçadamente, não escondia a sua afeição tanto mais que sentia confusamente nele alguma coisa de superior, uma ânsia de ideal, uma tenacidade em seguir um sonho, uma idéia, um voo enfim para as altas regiões do espírito que ela não estava habituada a ver em ninguém do mundo que frequentava.

Agora, Quaresma surpreendia a Olga com uma singular alegria nos olhos — uma alegria de matemático que resolveu um problema, de inventor feliz!

...

A força de idéias e de sentimentos contidos em Quaresma revelou-se em atos imprevisíveis com uma sequência brusca e uma velocidade de turbilhão. O primeiro fato surpreendeu, mas vieram outros e outros, de forma que o que pareceu no começo uma extravagância, uma pequena mania, se apresentou logo em insânia declarada.

Ao abrir-se a sessão da Câmara, o Secretário teve que proceder à leitura de um requerimento singular e que veio a ter uma fortuna de publicidade e comentário pouco usual em documentos de tal natureza. Enquanto lia, ria-se discretamente; pelo fim, já se ria o Presidente, ria-se o oficial da ata, ria-se o contínuo — toda a mesa e aquela população que a cerca, riam-se da petição, largamente, querendo sempre conter o riso, havendo em alguns tão franca alegria que as lágrimas vieram.

A petição era de Polcarpo Quaresma que, invocando o direito que lhe conferia a Constituição e alinhando vários argumentos, pedia ao Congresso Nacional decretasse o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

Dias depois, distraidamente, na repartição, Quaresma copiou no idioma indígena um ofício que o Diretor também não reparou, assinou, e foi dar ao ministério.

Depois... a loucura declarada, a torva e irônica loucura que nos tira a nossa alma e põe uma outra, que nos rebaixa. A primeira fase do delírio, aquela agitação desordenada, aquele falar sem nexo, sem acôrdo com o que se realizava fora dele e com os atos passados, um falar que não se sabia donde vinha, donde saía, de que ponto do seu ser tomava nascimento! E o pavor do doce Quaresma? Um pavor de quem viu um cataclisma, que o fazia tremer todo, desde os pés à cabeça,

peravam um livro de poesia, ele publica nas interessantes "Edições Clã", um volume sob o título "Escola Rural", onde estuda com muita argúcia e serenidade o palpitante problema do ensino primário nas zonas rurais do nordeste brasileiro, principalmente do Ceará.

...

(Continuação da página 25)

(ensaio sociológico), "Classe-Média" e "Doutor Geraldo" (romances), tem pronto mais um romance, "Eu quero o sol", considerado pelo próprio autor como sendo o seu melhor trabalho no terreno da ficção.

...

Mário Sobreira de Andrade tomou parte no movimento modernista cearense e foi, do grupo do jornal "Maracajá" — órgão do movimento — um dos vultos mais representativos. Nesse jornal que marcou época, Mário Sobreira de Andrade publicou poemas, crônicas e ensaios, mas nunca foi tentado, coisa curiosa, a reunir num volume sua produção. Somente agora, e quando dele todos es-

A "Editora Clã" acaba de lançar um livro de contos de Eduardo Campos, "Águas Mortas", com ilustrações a bico de pena de Antonio Bandeira. São contos regionais, de um regionalismo tendente ao universal, escritos numa linguagem violenta e cheios de imagens surpreendentes. Os contos estão bem construídos e as personagens bem caracterizadas.

e enchia-o de indiferença para tudo mais que não fosse o seu próprio delírio.

Após passar seis meses no Hospício da Praia das Bandadas, durante os quais viveu resignadamente, em repouso e útil sequestração, saiu mais triste do que vivera toda a vida. Por sugestão da afilhada, comprou um sítio, cujo nome — "Sossêgo" — cabia tão bem à nova vida que adotou, após a tempestade que o sacudira durante quasi um ano.

Então pensou que foram vão aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e costumes: o que era principal a grandeza da pátria extremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher.

Com auxílio de Mané Candieiro, conseguiu acabar de limpar as fruteiras do velho sítio abandonado. Não tardou que os botões rebentassem e tudo reverdecesse, e o renascimento das árvores como que trouxe o contentamento das aves e do passaredo solto.

Não durou muito essa alegria. Toda manhã, ele ia lá e já via o milharal crescido com o seu pendão branco e as suas espigas de coma cor-de-vinho, oscilando ao vento; naquela, ele não viu nada mais. Até os tenros colmos tinham sido cortados e levados para longe! Tinham sido as saúvas, os terríveis hinópteros, piratas infimos que lhe calam em cima do trabalho, com uma rapacidade turca...

...

Havendo negado ao chefe político do município fornecer ao partido um documento falso, o major Quaresma viu-se às voltas com intimidações da municipalidade e da coletoria. Veio a recordar-se, então, do seu tupi, do seu folclore, das modinhas, das suas tentativas agrícolas — e tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil.

Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz.

Foi então que leu no jornal a notícia da revolta da esquadra. Os seus olhos brilhavam de esperança. Foi ao telégrafo e escreveu: "Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. — Quaresma".

...

A revolta já tinha mais de quatro meses de vida. Quaresma permanecia no comando de uma guarnição no Caju. Mas o patriota tinha um espinho na alma. Aquela recepção de Floriano às suas lembranças de reformas não esperavam nem o seu entusiasmo e since-

ridade nem tão pouco a idêla que ele fazia do ditador. Saira ao encontro de Henrique IV e de Sully e vinha esbarrar com um presidente que o chamava de visionário, que não avaliava o alcance dos seus projetos, que os não examinava sequer, desinteressado daquelas altas coisas de governo como se não o fosse!...

Havia instantes que lhe vinha um mortal desespero, uma raiva de si mesmo; mas em seguida considerava: o homem está atrapalhado, não pode agora; mais tarde, com certeza ele fará a coisa... Vivia nessa alternativa dolorosa que lhe trazia apreensões, desânimo e desesperança.

O fim do levante foi um alívio; a coisa já estava ficando monótona e o Marechal ganhou feições sobre-humanas com a vitória. Quaresma teve alta, por esse tempo, de um ferimento que receara; e uma ala de seu batalhão foi destacada para guarnecer a ilha das Enxadas, onde estavam depositados os marinheiros prisioneiros. Os tormentos da alma do major mais cresceram com o exercício de tal função.

Ficava horas ao ar livre a pensar, olhando o fundo da baía. Fatigado, ia dormir. Certa noite, um inferior veio acordá-lo pela madrugada. Estava lá um oficial que tinha ido "buscar a turma do Boqueirão".

Uma dúzia de homens, escolhida a esmo, ao acaso, cercada pela escola, foi embarcada num batelão que uma lancha logo rebocou para fora das águas da ilha.

Quaresma não atinou de pronto com o sentido da cena e foi, após o afastamento da lancha, que ele encontrou uma explicação.

Não se pôde conter. Aquela leva de desgraçados a sair assim, a deshoras, escolhidos a esmo, para uma carnicaria distante, falou duramente a todos os seus sentimentos, pôs diante dos seus olhos todos os seus princípios morais; desafiou a sua coragem moral e a sua solidariedade humana; e ele escreveu ao Presidente uma carta com veemência, com paixão, indignado. Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franco nitidamente.

Foi preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama; e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-lo à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.

Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querer-lhe muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o.

Fôra bom, fôra generoso, fôra honesto, fôra virtuoso — ele que fôra tudo isso, lá para a cova sem o acompanhamento de um parente, de um amigo, de um camarada...

AS 3 ULTIMAS EDIÇÕES DA ALBA EDITORA

O ESPÍRITO DO DIREITO ROMANO DE RUDOLFF VON JHERING

Tradução do prof. RAFAEL BENAION. — Prefácio do Mestre CLOVIS BEVILAQUA
— 1º volume de 500 páginas, correspondendo aos 1.º e 2.º da edição original, otimamente encadernado, com sobre capa, Cr\$ 75,00.

O OESTE PAULISTA DE A. TAVARES DE ALMEIDA

Um estudo sobre um das principais regiões do Brasil. Nesse trabalho o autor observa a experiência etnográfica e cultural. Um volume de 230 páginas, com vários mapas e gráficos ilustrativos. Cr\$ 15,00.

CALUNGA DE JORGE DE LIMA

O grande romance do poeta e romancista brasileiro, em 2.ª edição. Cr\$ 15,00.

EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

Atendemos pelo Serviço de Reembolso Postal

ALBA EDITORA

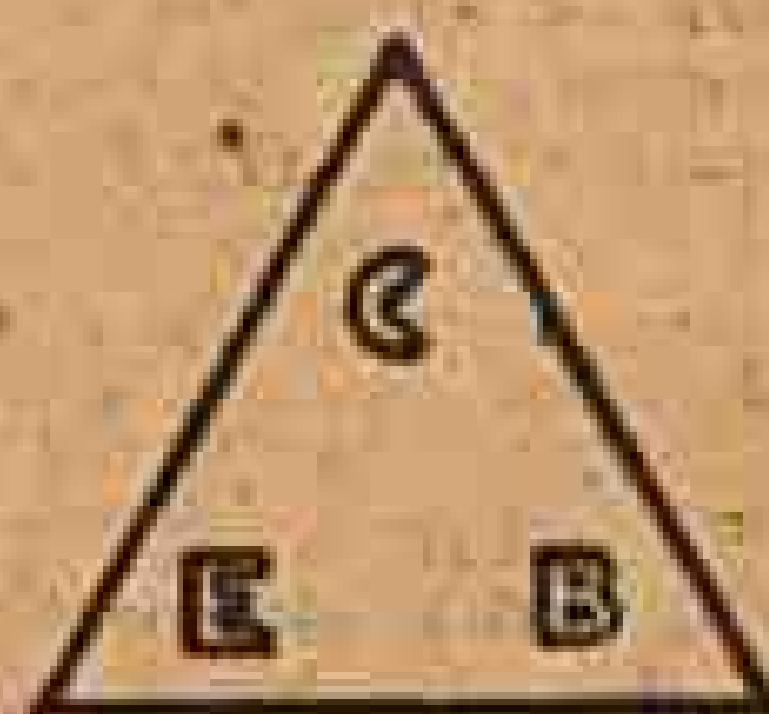
LAVRADIO, 60 — RIO

PEÇA AO SEU LIVREIRO AS EDIÇÕES
da

CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL



Estes são os emblemas de
seus livros de autores
escolhidos:



CONFERÊNCIAS:

Série Itamarati:

POLÍTICA CULTURAL PAN-AMERICANA

Afonso Arinos de Melo Franco — 1941 — (esgotada)

O MOVIMENTO MODERNISTA

Mário de Andrade — 1942 — Cr\$ 3,00

UMA INTERPRETAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Viana Moog — 1943 — Cr\$ 4,00

ATUALIDADE DE EUCLYDES DA CUNHA

Gilberto Freyre — 1943 — (2.ª edição) — Cr\$ 4,00

Série Mauá:

UMA CULTURA AMEAÇADA: A LUSO- BRASILEIRA

Gilberto Freyre — 1942 (2.ª edição) — Cr\$ 3,00

CONTINENTE E ILHA

Gilberto Freyre — 1943 — Cr\$ 4,00

ENSAIOS:

GORDOS E MAGROS

José Lins do Rego — 1942 — Cr\$ 15,00

A CINZA DO PURGATÓRIO

Otto Maria Carpeaux — 1942 — Cr\$ 12,00

ATENAS, ROMA E JESUS

Odilon Nestor — 1943 — Cr\$ 5,00

ENSAIOS DO NOSSO TEMPO

Otávio de Freitas Júnior — 1943 — Cr\$ 6,00

HISTÓRIA:

MINIATURA DE HISTÓRIA DA MÚSICA

Guilherme Figueiredo — 1942 — Cr\$ 12,00

COLEÇÃO ESTUDOS BRASILEI- ROS DA C.E.B.:

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA

Gilberto Freyre — 1943 — Cr\$ 15,00

Use o "Serviço de Reembolso Postal" para adquirir nossas edições.

Não cobramos a despesa de remessa.

Catálogo gratis.

Largo da Carioca, 11 — RIO

ADQUIRIR AS EDIÇÕES DA C. E. B. E' AUXILIAR A CONSTRUÇÃO DA GRANDE SEDE DESSA
FUNDAÇÃO, QUE BENEFICIA A MOÇIDADE ESTUDIOSA DO BRASIL

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por
AUREO OTTONI

AGOSTO DE 1943

1) GENERALIDADES

Agendas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas publicações periódicas.

ALVES (Manuel). — Esposa no lar fe-
liz. (13/19). 184 p. br. Cr\$ 5,00. (7/43).
Tip. Glória, Rio.

BRASIL. Sua Indústria e exportação.
1943. Ed. da Sociedade Brasileira de
Expansão Comercial Ltda., São Paulo.
(24/33). 373 p. enc. Cr\$ 200,00. (7/43).
S.B.E.C., São Paulo.

KOEHLER, S. J. (Pe. H.). — Dicioná-
rio escolar latino-português (14/19).
975 p. enc. Cr\$ 45,00. (1.ª ed. 7/43).
Globo

MONIZ (Edmundo). — Francisco Alves
de Oliveira. (Livretro e autor). No-
tas bibliográficas por Oswaldo Melo
Braga. Publ. da Academia Brasileira.
III — Bibliografia. (13/19). 139 p. 18
lis. fóra texto, br. Cr\$ 8,00. (7/43).
Academia Brasileira.

NABUCCO (Monsenhor Joaquim). — Bi-
bliófilos versus bibliófilos. A conser-
vação das nossas bibliotecas e arquivos.
Pref. Arthur Neiva. (17/24). 92 p. br.
Cr\$ 15,00. (7/43). J. Leite.

PERIÓDICO (O). — Revista mensal dos
Amigos da América. Dir. Ruyter Pa-
checo. Ano I, n.º 1. Julho 1943. (22/
32). 36 p. il. Cr\$ 2,00. (7/43). Av. Rio
Branco, 118, 8.º. Rio.

QUEIROZ (J.). — O secretário moder-
no ou Guia indispensável para cada
um se dirigir na vida sem auxílio de
outrem. (14/19). 512 p. enc. Cr\$ 15,00.
(Nova ed. 7/43). Liv. Quaresma.

REIS (Antonio Simões dos). — Biblio-
grafia Nacional. 1943. 4.º volume. (12/
19/19). pag. 305 a 422. br. Cr\$ 7,00.
(7/43). Z. Valverde.

SOUZA (Ferraz de). — Secretário enci-
clopédico brasileiro. (14/19). 503 p.
cart. Cr\$ 18,00. (6.ª ed. 7/43).
Liv. Ed. Paulicéa.

TAVEIRA (Carlos Luis), VALE (Rena-
to do). — Concurso de postalista e de
telegrafista. (14/19). 317 p. br. Cr\$
35,00. (7/43). Batista de Souza.

2) FILOSOFIA

AURELIO (Marco). — Os doze livros da
sabedoria. Trad. Persiano da Fonseca.
Col. Os Grandes Pensadores. 10. (12/
17). 132 p. br. Cr\$ 3,00. (7/43).
Vecchi.

PLATÃO. — O banquete. — PLOTINO.
— Do Amor. Trad. Albartino Pinhel-
ro. Bibl. Clássica. 36. (14/20). 153 p.
cart. Cr\$ 15,00. (7/43). Atena Ed.

VOLTAIRE. — Dicionário filosófico.
Trad. Libero Rangel de Tarso. Bibl.

Clássica. 19. (14/20). 300 p. cart. Cr\$
22,00. (Nova ed. 7/43). Atena Ed.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões Cristãs — Re-
ligiões diversas e Mitologia — Ciên-
cias Ocultas.

ARDITO (Sacerdote Davil). — Sagrado
Coração de Jesus. Confiô em Vós!
(13/19). 287 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43).
Pia Sociedade.

CABRAL (Dom Antonio dos Santos). —
A Ação Católica. Carta Pastoral. (16/
22). 29 p. br. Cr\$ 2,00. (Nova ed. 7/
43). Ed. Vozes.

CHASTEL (Guy). — Vida de Santo An-
tonio Maria Zacaria. Trad. Pe. Du-
bois, Barnabita. Introdução do Pe.
Paulo Lecourieux. (13/19). 329 p. br.
Cr\$ 10,00. (7/43). Ed. Vozes.

DEUS fala aos homens. — Introdução
de Lo-Ui-Rana. — Ed. do Supremo
Conselho Religioso O Letran da Co-
munidade Religiosa "O Cêlam". (14/
19). 20 p. il. br. Cr\$ 2,00. (7/43).
H. Velho.

GOD speaks to mankind. — Introdu-
ção de Lo-Ui-Rana. Ed. by The Su-
preme Religious Council "The Let-
ran" of The Religious Community
The Cêlam". (14/19). 21 p. il. br.
Cr\$ 2,00. (7/43). H. Velho.

GOBRINO (Mons. Aquiles). — São José
Benedito Cottolense. Trad. (16/22).
414 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43).
Ed. Vozes.

GUARDINI (Romano). — O espírito da
Liturgia. Trad. F. A. Ribeiro. Col.
"Liturgia". 7. (14/19). 112 p. br.
10,00. (6.ª ed. 1942-7/43).
Cr\$ 10,00 (7/43). Ed. "Lumen Christi"

JOERGENSEN (J.). — Peregrinações
Franciscanas. Trad. Frei Sebastião da
Silva Neto O. F. M. (13/19). 397 p.
br. Cr\$ 15,00. (7/43). Ed. Vozes.

LIMA (Alceu Amoroso). (Tristão de
Athayde). — O Cardeal Leme. Um
Depoimento. (14/21). 231 p. br. Cr\$
15,00. (7/43). José Olympio.

OLIVEIRA (Plínio Corrêa de). — Em
Defesa da Ação Católica. Pref. D.
Bento Aloisio Masela. (14/19). 383 p.
br. Cr\$ 15,00. (7/43).
Ed. "Ave Maria".

TERESA do Menino Jesus (Santa). —
História de uma Alma, escrita por ela
mesma. Trad. P. Amando Adriano
Lochu. S. J. (13/19). 400 p. br. Cr\$
10,00. (6.ª ed. 1942-7/43).
Liv. Salesiana.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SO- CIAIS E POLÍTICAS

ANDRADE (Gilberto Osório de). — Os

fundamentos da neutralidade portu-
guesa. Tese. Ed. do Ciclo Cultural
Luso-Brasileiro. Recife. (17/24). 217
p. br. Cr\$ 13,00. (7/43).
Dist. Livros de Portugal.

BEVILAQUA (Clovio). — Código civil
dos Estados Unidos do Brasil. Comen-
tado. (17/24). 459 p. enc. Cr\$ 67,00.
(6.ª ed. 7/43). Liv. Alva.

BORGHI (Armando). — Eis Mussolini.
(15/22). 191 p. br. Cr\$ 18,00. 7/43).
Ed. Oceano.

CABRAL (Carlos Castilho). — Terras
devolutas e prescrição. Tese apresen-
tada ao Congresso Jurídico. (16/23).
118 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43).
Dist. Civilização.

CAMPOS (J. L. de). — Das Obrig-
ações de Guerra. (16/24). 77 p. br. Cr\$
7,00. (7/43). A Noite.

CARTAXO (Ernani Guarita). — As pes-
soas jurídicas e suas origens roma-
nas. Evolução e conceito. (17/24). 744
p. enc. Cr\$ 35,00. (7/43). Ed. Guarita.

CARVALHO (J. Antero de). — Aspec-
tos da sucessão no direito do trabalho.
Com um estudo sobre Dissídio Coletivo.
Pref. Carlos Maximiliano. (16/23).
139 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43).
Ed. Rev. do Trabalho.

CHIOVENDA (Giuseppe). — Instituições
de direito processual civil. Vol. II. As
relações processuais. A relação pro-
cessual ordinária de Cognição. Trad.
J. Guimarães Menegale. Acompanha-
do de notas por Eurico Tullio Lieb-
man. (17/24). 532 p. br. Cr\$ 60,00.
(7/43). Saraiva.

FARIA (Bento de). — Código penal
brasileiro. Vol. IV. Parte especial.
(Arts. 155 a 212). (17/24). 374 p. enc.
Cr\$ 30,00. (7/43). Jacinto.

FERNANDES (Aduaco). — Cláusula de
não responsabilidade. Bibl. Jurídica
Brasileira. 48. (16/23). 279 p. br. Cr\$
30,00. (7/43). Coelho Branco.

FONSECA (Tito Prates da). — Lições
de direito administrativo. (17/24). 431
p. enc. Cr\$ 35,00. (7/43).
Freitas Bastos.

FREYRE (Gilberto). — Casa-Grande &
Senzala. Formação da família brasilei-
ra sob o regime de economia patriar-
cal. II. Thomas Santa Rosa. Col. Do-
cumentos Brasileiros, 36 e 36-A. (14/
23). 2 vols. 780 p. 1 prancha. br.
Cr\$ 80,00. (300 exempl. em papel Ver-
gê. 19/25. Cr\$ 300,00). (4.ª ed. 7/43).
José Olympio.

GOMIDE (Martins). — A Coordenação
Econômica e a sua legislação. (16/23).
251 p. br. Cr\$ 30,00. (7/43).
Ed. Autor. Rio.

GRATIA (L. E.). — O acanhamento e
a timidez. Conselhos de pedagogia e
de educação. Trad. Nelson Romero.

Como
leitor

O matutino
de mais am-
plo noticiário
local, nacio-
nal e inter-
nacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de
maior tiragem
no Distrito Fe-
deral. 41.000
exemplares nos
dias úteis e
65.000 aos
domingos

- 7/43). — José Olympio.
LEGISLAÇÃO Brasileira. — Consolidação do regulamento da Ordem dos Advogados do Brasil. Legislação complementar. Código de ética profissional. Índice alfabético e remissivo por Fernando Penteado Medici. (12/16). 184 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43). Saralva.
LEITE (A. Atico). — Legislação das Caixas Econômicas. (17/24). 131 p. br. Cr\$ 20,00. (2.ª ed. 7/43). J. Leite.
LOBO (Velho). — Pelo Futuro do Brasil. Guia do escoteiro. Pref. Ignácio M. Azevedo do Amaral. Il. Fritz Abbt e Francisco Acquerone. Ed. da U.E.B. (14/19). 458 p. il. br. Cr\$ 8,00. (3.ª ed. 7/43). Imp. Naval.
MEDEIROS FILHO (João). — Ação de rescisão de contrato. (16/23). 83 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43). Coelho Branco.
MENEZES (Djaci). — Direito administrativo moderno. Pref. Jube Junior. (16/23). 275 p. br. Cr\$ 30,00. (7/43). Coelho Branco.
MONTGEO (André Franco). — Os princípios fundamentais do método no direito. (16/24). 100 p. br. Cr\$ 15,00. (1942-7/43). Livr. Martins.
PEREIRA (Lafayette Rodrigues). — Direito das coisas. Adaptação ao código civil por José Bonifácio de Andrade e Silva. Vol. I. (17/24). 518 p. enc. Cr\$ 40,00. (4.ª ed. 7/43). Vol. II. (17/24). 408 p. enc. Cr\$ 40,00. (5.ª ed. 7/43). Freitas Bastos.
PESSOA SOBRINHO (Eduardo Pinto). — Manual dos servidores do estado. 2.ª tomo: Livro do extranumerário. Bibl. de Assuntos Administrativos, II. (17/24). 242 p. br. Cr\$ 35,00. (7/43). Borsol. Rio.
PONTES (Ribeiro). — Código penal. Comentários. 1.ª vol. (Arts. 1 a 183). (17/24). 334 p. enc. Cr\$ 35,00. (1942-7/43). 2.ª Vol. (Arts. 184 a 361). (17/24). 351 p. enc. Cr\$ 35,00. (1942-7/43). Ed. Guaira.
RAITANI (Francisco). — Prática de processo civil. Pref. Artur Ferreira dos Santos. (17/24). 378 p. enc. Cr\$ 40,00. (7/43). Ed. Guaira.
RIBEIRO (C. J. de Asais). — História do direito penal brasileiro. Vol. I. 1500-1822. Pref. Clovis Bevilacqua. (18/25). 206 p. il. br. Cr\$ 25,00. (7/43). Distr. Z. Valverde.
SANTOS (José Nicolau). — Fundamentos jurídicos da transformação dos estados. Col. Estudos Sociais e Técnicos. 12. Série Jurídica. 4. (14/19). 85 p. cart. Cr\$ 8,00. (7/43). Ed. Guaira.
SMITH (Howard K.). — O último trem de Berlim. Trad. Antonio Accioly Netto. Col. Documentos Contemporâneos. 1. (14/21). 424 p. br. Cr\$ 25,00. (7/43). Ed. O Cruzeiro.
WERNER (Max). — A batalha pelo domínio do mundo. Estratégia e diplomacia da segunda guerra mundial. Trad. (14/22). 311 p. il. cart. Cr\$ 25,00. (7/43). Ed. Oceano.

3-6) EXÉRCITO — MARINHA — AERONÁUTICA

- ARAGÃO (Cap. José Campos de).** — Topografia do sargento. (14/13). 210 p. il. br. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 7/43). Ed. e Publ. Brasil.
DONNICI (Americo Brasil). — O perigo aéro-químico. (17/24). 208 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 25,00. (7/43). Distr. Civilização.
EDUCAÇÃO FÍSICA (Regulamento de). — 1.ª parte. — (1.ª fascículo). — Capítulos I a IV. Bibl. da "A Defesa Nacional". Regulamento n. 7. (18/27). 338 p. il. br. Cr\$ 25,00. (Nova ed. 7/43). A Defesa Nacional.
FAROLEIRO (Manual do). — Ministério da Marinha. Forôis. D.N.-3-2. Diretoria de Navegação. (16/23). 170 p. 4 pranchas, il. cart. Cr\$ 25,00. — (1942-7/43). Min. Marinha.
GOMES (Cap. Moacir Fayão de Abreu). — Manual de instrução pré-militar. (De "O Livro da Juventude"). (14/19). 158 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (7/43). Z. Valverde.
MAGALHÃES (Cel. J. B.). — A compreensão da guerra. (Mobilização e economia de guerra. Conferências. (19/27). 233 p. il. br. Cr\$ 30,00. (7/43). A Defesa Nacional.

- MINISTÉRIO DA GUERRA. — N.º 18.** — Regulamento para o emprego da artilharia. R.E.A. (Campanha). 3.ª parte. Instrução geral para o tiro de artilharia (I. G. T. A.). (16/23). 341 p. 2 pranchas, il. br. Cr\$ 5,00. (7/43). Imp. Militar.
TAYLOR (Edmond). — A estratégia do terror. Trad. J. B. Magalhães. Bibl. de "A Defesa Nacional". (14/19). 327 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43). A Defesa Nacional.

- VASCONCELLOS (General Manoel Melra de).** — Brasil. Potência Militar. (17/24). 215 p. br. Cr\$ 25,00. (3.ª ed. 7/43). Z. Valverde.
VILLAR (Frederico). — Manual do patrão de pesca. Confederação Geral dos Pescadores do Brasil. (16/23). 689 p. il. br. Cr\$ 30,00. (1942-7/43). Imp. Nacional.
WHITTAKER (Tie. James). — Fui piloto de Rickembacker. Trad. Frederico G. Chateaubriand. Col. Cigarra Maga-

A Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de anunciar ao público o lançamento do seu novo plano



Trata-se de uma modalidade na qual, mediante a economia mensal de

Cr\$ 16,00 para cada apólice de **Cr\$ 5.000,00**

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter para a família, sem exame médico, uma proteção de 5 a 20 mil cruzeiros com pagamento de prêmios mensais durante prazo limitado.

A Sul America já pagou mais de 500 milhões de cruzeiros a SEGURADOS E BENEFICIARIOS.

Sul America

Fundada em 1985



À SUL AMERICA
CAIXA POSTAL 971 - RIO

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguro.

8-UUUU-1234567890

Nome.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

Guarde este nome:



*Será, talvez, o romance nacional
mais discutido do ano!*

zine, 1. (14/21). 240 p. Il. br. Cr\$ 15,00. (7/43). O Cruzeiro.

4-3) LETRAS

A) Filologia. (Generalidades. Ensino de línguas).

ABREU (Modesto de). — Idioma pátrio. 1.º volume. Seleta — Exercícios. (1.ª e 2.ª séries). (13/20). 294 p. cart. Cr\$ 15,00. (7/43). Cia. Ed. Nacional.

CARDOSO (Alfredo Luiz). — Memento filológico. (Subsídios ao idioma). (12/16). 147 p. br. Cr\$ 8,00. (7/43). E. Guira.

EDWARDS (Prof.). — Dicionário de verbos ingleses. (14/19). 175 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43). Livr. Para Todos.

FLEURY (Luiz Gonzaga). — Menínice. 4.º grau. (14/20). 180 p. Il. cart. Cr\$ 5,50. (12.ª ed. 7/43). Cia. Ed. Nacional

GAMA (Ramiro). — Português em 20 lições. (14/19). 117 p. cart. Cr\$ 7,00. (2.ª ed. 7/43). Fed. Espírita.

GOIS (Carlos). — Gramática expositiva primária. (13/18). 200 p. br. Cr\$ 5,00. (7.ª ed. 7/43). Livr. Alves.

GOIS (Carlos). — Método de análise (léxica e lógica) ou Sintaxe das relações. (Curso secundário — 1.º, 2.º e 3.º ano). (14/18). 222 p. br. Cr\$ 6,00. (12.ª ed. 7/43). Distr. Livr. Alves.

HUET (Maurice). — 200 Verbos franceses irregulares, impessoais e defectivos.

Para as 3 primeiras séries do curso secundário. (12/16). 171 p. br. Cr\$ 4,00. (3.ª ed. 7/43). Livr. Alves.

JENSEN (Ansgar Knud). — The World-language of to-day. Part. II. Drawings by Sennem Bandeira. Bibl. de Ensino Moderno, s. I. Livros para o Curso Ginásial, Vol. V e VI. (14/19). 127 p. cart. Cr\$ 13,00. (3/43). Ed. Pan-Americana.

JUCA* (Filho) (Candido). — A pronúncia reconstruída do latim. As falsidades, o conformismo, e a "Etruscificação". Resposta aos srs. Ernesto Faria, J. Matoso Camara Jr. e Seratim Silva Neto. (17/24). 112 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43). Ed. Pan-Americana.

LANTEUIL (Henri de). — Nouvelles leçons de français. — Textes-Notes-Exercices. — 3.ª e 4.ª séries. (13/19). 252 p. Il. cart. Cr\$ 14,00. (7/43). Liv. Alves.

LIMA (Hildebrando de). — Nosso Brasil para o 2.º ano primário. (14/20). 163 p. Il. cart. Cr\$ 5,00. (35.ª ed. 7/43). 3.º grau primário. (14/20). 198 p. Il. cart. Cr\$ 6,00. (42.ª ed. 7/43).

Antologia para uso nos cursos de admissão e 5.º grau primário. (14/20). 173 p. Il. cart. Cr\$ 6,00. (2.ª ed. 7/43). Cia. Ed. Nacional.

NOBREGA (Vandick Londres da). — O latim do ginásio. (Programa completo da 3.ª e 4.ª séries do curso de gi-

násio). (14/20). 335 p. Il. cart. Cr\$ 18,00. (7/43). Cia. Ed. Nacional.

PEREIRA (Eduardo Carlos). — Gramática expositiva. Curso superior. Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire. B.P.B. s. 2.ª. Livros Didáticos, 5. (14/20). 423 p. cart. Cr\$ 15,00. (60.ª ed. 7/43). Cia. Ed. Nacional.

RIALVA (Rita Amil de). — Luízinha aos oito anos. Leitura para o 2.º ano. (14/19). 126 p. Il. cart. Cr\$ 5,50. (4.ª ed. 7/43). Brigueit.

RIALVA (Rita Amil de). — De março a dezembro... Leitura para o 4.º ano primário. (14/19). 192 p. Il. cart. Cr\$ 7,00. (4.ª ed. 7/43). Brigueit.

RIBEIRO (Hilário). — Cartilha nacional. Novo primeiro livro. Ensino simultâneo da leitura e escrita. (12/18). 77 p. Il. Cr\$ 1,20. (236.ª ed. 7/43). Livr. Alves.

SCHMIDT — (Maria Junqueira). — Cours de français. 2ème année. Il. J. U. Campos. (16/22). 117 p. cart. Cr\$ 15,00. (7/43). Cia. Ed. Nacional.

SOLANA (Vicente). MORAIS (Bento Bueno de). — Gramática castelhana. Col. Didática Nacional. (14/19). 203 p. cart. Cr\$ 15,00. (7/43). Ed. e Publ. Brasil.

4-5) LETRAS

B) Literatura

B.1) Generalidades — História literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônicas.

AULER (Gulherme). — Antonio Sardinha. Ed. do Círculo Cultural Luso-Brasileiro. Recife. (14/19). 275 p. br. Cr\$ 7,00. (7/43). Dist. Livros de Portugal.

CAVALCANTI (Povina). — Ausência de poesia. (14/20). 229 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43). Coelho Branco.

GOYCOCHEA (Castilhos). — Ideário. (14/20). 127 p. br. Cr\$ 5,00. (7/43). Alba.

MURAD (Jorge). — Anedotas da Guerra. N.º 1. (13/27). 55 p. Il. br. Cr\$ 3,00. (7/43). Livr. Victor.

PIMENTEL FILHO (Francisco Mendes). — Vultos e assuntos de destaque. Prefácio de Afonso Penna Junior. (16/23). 185 p. br. (7/43). Jornal do Comércio.

RAMALHO (J.). — Ensaio. Enigmas da filosofia e o credencial da civilização. (14/19). 76 p. br. Cr\$ 4,00. (1942.7/43). Baptista de Souza.

WAEELDER (Robert). — O pensamento vivo de Freud. Trad. Catarina Barata Canabrava. Bibl. do Pensamento Vivo. 14. (12/18). 193 p. cart. Cr\$ 12,00. (7/43). Livr. Martins.

4-5. B.2) TEXTOS DE ESTUDOS (Literatura Antiga e Moderna)

ROMERO (Sylvio). — História da literatura brasileira. 3.ª ed. organizada e pref. por Nelson Romero. Col. Documentos Brasileiros, 24. (14/23). 5 tomos. 337+370+388+358+481 p. br. Cr. 200,00; enc. Cr\$ 250,00 (200 exempl. em papel Bufon especial: Cr\$ 500,00). (3.ª ed. 7/43). José Olympio.

4-5. B.3) POESIA

ACCIOLI (João). — Olho d'Água. (13/19). 142 p. br. Cr\$ 8,00. (2.ª ed. 7/43). Civilização.

AMERIC = EDIT.

JA' PUBLICOU:

THAÏS, roman

par Anatole France,

de l'Ac. Française. Cr\$ 20,00

AMERIC = EDIT.

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso

- rie). Pref. Celso Calmon. (1/19). 181 p. br. Cr\$ 8,00. (1942-7/43). José Olympio.
- BARATA** (Ruy Guilherme). — Anjo dos abismos. (13/18). 84 p. br. Cr\$ 8,00. (7/43). José Olympio.
- BASTOS** (João). — Caminhos da vida. (13/19). 89 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-7/43). José Olympio.
- COUTO** (Ribeiro). — Cancioneiro do ausente. (15/23). 113 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43). Livr. Martins.
- CUNHA** (Ciro Vieira da). — Alguma poesia. (14/19). 76 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-7/43). José Olympio.
- MANGABEIRA** (Edyla). — O que ficou de mim... (13/19). 75 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43). Pongetti.
- MORAES** (Vintous de). — 5 Elegias. (13/19). 45 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43). Pongetti.
- NASCIMENTO** (Faustino). — Cantos de paz e da guerra. "Ritmes do Novo Continente". Chants de paix et de guerre. "Rythmes du Nouveau Monde". Version française de Henri de
- LAPOEUILLE** revue par l'Auteur. (Original e trad.). (12/19). 28-30 p. il. br. Cr\$ 1,00. (7/43). Livr. Victor.
- OVIDIO**. — Obras Os Fastos, Os Amores, A arte de Amar. Trad. Antonio Feliciano de Castilho. Pref. José Perez. Série Clássica Universal. "Os Men- tres do Pensamento". 27. (11/18). 498 p. br. Cr\$ 30,00. (7/43). Ed. Cultura.
- RAMME** (Egon). — Proserpina. Um poema de amor e tragédia. (14/19). 130 p. br. Cr\$ 8,00. (7/43). Coelho Branco.
- 4-3.B.5 ROMANCE — NOVELAS — LENDAS**
- ALENCAR** (José de). — Senhora. Perfil de mulher. Col. Popular. (14/19). 253 p. br. Cr\$ 6,00. (7/43). Antunes.
- ARDEL** (Henri). — O pecado das mães. (Les Ames closes). — Trad. Ené Mar- tialva. Bibl. das Senhorinhas 19. (14/20). 237 p. br. Cr\$ 7,00. (7/43). Emp. Ed. Brasileira.
- BAUM** (Vicki). — Sangue e volúpia. Trad. Valdemar Cavalcanti e Raul Lima. Col. Fogos Cruzados. 10. (15/23). 379 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43). José Olympio.
- BURGESS** (Perry). — Eles caminharam... Trad. Margarida Igar. (14/22). 221 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43). Civilização.
- CHAMPFLEURY** (Guy de). — A con- desinha. (La petite comtesse). Trad. Bibl. das Senhorinhas. 21. (14/20). 323 p. br. Cr\$ 7,00. (7/43). Emp. Ed. Brasileira.
- CRONIN** (A. J.). — A cidadela. (O ro- mance de um médico). Trad. e pref. de Genolino Amado. Col. Fogos Cru- zados. 22. (14/23). 405 p. br. Cr\$ 22,00 (6.ª ed. 7/43). José Olympio.
- DELLY** (M.). — O passado. Trad. Zara Pongetti. Col. O Romance Para Nos- sas Filhas. (13/19). 290 p. br. Cr\$ 8,00. (Nova ed. 7/43). Getúlio Costa.
- FEUILLET** (Otávio). — Romance de um moço pobre. Trad. Série "Novelas do Coração". 10. (11/18). 164 p. br. Cr\$ 8,00. 7/43). Ed. Cultura.

NAO SENDO DE
BARRIL
NAO É



ANTARCTICA

A LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA

Apresenta algumas novidades de setembro:

**LUCIO CARDOSO
DIAS PERDIDOS**
Romance

**ROSARIO FUSCO
O AGRESSOR**
Romance

**AMILCAR DUTRA DE MENEZES
O FUTURO NOS PERTENCE**
Com il. de Santa Rosa

**LEDA MARIA DE ALBUQUERQUE
A SEMANA DE MISS SMITH**
Menção honrosa no Prêmio de
Contos Humberto de Campos

**Cel. Aviador LYSIAS RODRIGUES
ROTEIRO DO TOCANTINS**

**FRANCISCO MANGABEIRA
QUE É O HOMEM?**
Esboço de antropologia

**OSVALDO DE ANDRADE
MARCO ZERO**
Romance

**ALVARO LINS
NOTAS DE UM DIÁRIO DE
CRÍTICA**

**PEDRO CALMON
O BRASIL E A AMÉRICA**
História de uma política

**HAROLDO VALADÃO
DIREITO — SOLIDARIEDADE E JUSTIÇA**

FRANCE (Anatole). — História cômica. Trad. Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 8. (13/19). 209 p. br. Cr\$ 8,00. (Nova ed. 7/43). Pongetti.

FRAPIE (Léon). — La maternelle. (Prix Goncourt). — (12/19). 272 p. br. Cr\$ 22,00. (Nova ed. 7/43).

Pongetti.

GOLDSMITH (Oliver). — O vigário de Wakefield. Trad. Cira Néri. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 19. (13/19). 259 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43). Pongetti.

HUGO (Victor). — Nossa Senhora de Paris. Trad. Série "Novelas Universais, 5-6. (14/20). 2 vols. 239-272 p. br. Cr. 30,00. (7/43). Ed. Cultura.

IBANEZ (Vicente Blasco). — A catedral. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 21. (13/19). 315 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43). Pongetti.

KELLY (Judith). — A felicidade vem depois. Trad. Godofredo Rangel. (15/22). 400 p. br. Cr\$ 18,00. (7/43).

Civilização.

LAGERLOF (Selma). — A lenda de uma quinta senhorial. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 20. (13/19). 167 p. br. Cr\$ 8,00. (7/43).

Pongetti.

LIMA (Antonio). — Cruzada redentora. Romance histórico, em três épocas. (14/19). 451 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43). Fed. Espírita.

MA (Feltosa). — Almas desgraçadas. (14/22). 180 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43).

Guanabara.

MANN (Thomas). — A montanha mágica. Trad. Otto Silveira. (16/24). 517 p. br. Cr\$ 40,00. (2.ª ed. 7/43).

Ed. Pan-Americana

MAUGHAM (W. Somerset). — Um drama na Malásia. Trad. Teodomiro Tostes. Col. Nobel, 17. (14/19). 227 p. br. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 7/43). Globo

MAUPASSANT (Guy de). — Uma vida. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 22. (13/19). 240 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43). Pongetti.

ORSAY (Condessa D'). — A felicidade de Lilla. Trad. Haydée N. Isaac Lima. Bibl. das Senhorinhas, 20. (14/20). 217 p. br. Cr\$ 7,00. (7/43).

Emp. Ed. Brasileira.

QUEIROZ (Rachel de). — As três Marias. Prêmio Felipe de Oliveira. (13/19). 285 p. br. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 7/43). José Olympio.

ROBIN HOOD. — (Lenda inglesa). — Trad. Franklin R. Coelho. Col. "Os Audazes", 2. (14/19). 203 p. br. Cr\$ 8,00. (7/43). Vecchi.

ROCHE (Mazo de La). — A história de Jalma. A herança de Whiteoak. Trad. e pref. de Herman Lima. Col. Fogos Cruzados, 26. (13/19). 391 p. br. Cr\$ 16,00. (7/43).

José Olympio.

ROCHE (Regina M.). — Oscar e Amanda. Trad. Marina Sales Goulart de Andrade. Col. Romances Famosos. (17/24). 266 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43). Vecchi.

SAND (George). — Ela e ele. Trad. Abelardo Romero. Col. "Corações em

Chamas", (12/19). 267 p. br. Cr\$ 8,00. (7/43). Vecchi.
SCOTT (Walter). — Ivanhoe. Romance histórico. Trad. Série "Novelas do Coração", 7-8. (14/20). 2 vols. 250-239 p. br. Cr\$ 30,00. (7/43). Ed. Cultura.
STENDHAL. — A Cartuxa de Parma. Trad. Antonio Rino. Col. Romances Clássicos e Modernos. (14/22). 371 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43). Ed. Oceano.
STEWART (George). — Tempestade. Romance de uma Fúria. Trad. A' ex. Vianny. (16/23). 203 p. br. Cr\$ 22,00. (7/43). Ed. Pan-Americana.
TAHAN (Malba). — Aventuras do Rei Baribé. Romance Oriental. Trad. Breno Alencar Bianco. II. Solon Ribeiro. (14/23). 191 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43). Getulio Costa.

ZAMACOIS (Eduardo). — Os vivos mortos. Trad. Modesto de Abreu e Dina Britto. Col. Os Mais Famosos Romances Modernos. (14/21). 288 p. br. Cr\$ 14,00. (7/43). Ed. Mundo Latino.

4-B. 6) CONTOS

CONTO UNIVERSAL (As obras primas do) — Introdução, notas, compilação e traduções de Almiro Roimes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos por Ur. ban Col. A Marcha do Espírito, 8. (15/22). 381 p. br. Cr\$ 20,00. (3.ª ed. 7/43). Livr. Martins.

CONTOS DE AMOR (Os mais belos dos mais famosos autores. Compilação e trad. de Persiano da Fonseca. (14/21). 311 p. br. Cr\$ 16,00. (2.ª ed. 7/43). Vecchi.

DUTRA (Lia Corrêa). — Navio sem porto. Prêmio Humberto de Campos de 1941. (13/19). 287 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43). José Olympio.

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS



CAPITAL DECLARADO Cr\$ 3.000.000,00

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 2.400.000,00

DO CAPITAL ACIMA DESTINAM-SE AO RAMO DE

ACIDENTES DO TRABALHO

Cr\$ 1.000.000,00 INTEGRALIZADOS

Séde: RIO DE JANEIRO

Fundada em 1920

RUA DA ALFANDEGA, 48 — TELEFONE: 23-1835

Endereço Telegráfico: COMPINTER

SEGUROS DE:

Incêndio — Transportes em Geral — Automóveis — Vidros

Acidentes Pessoais — Roubo

ACIDENTES DO TRABALHO

Reservas mais de Cr\$ 16.000.000,00

FRANCE (Anatole) — Les sept femmes de La Barbe-Bien e outras contes merveilleux. Ed. "Chantecler". (11/18). 160 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43).

Livr. Victor.
PAPINI (Giovanni). — Gog. Trad. De Souza Junior. Col. Nobel, 1. (14/19). 373 p. br. Cr\$ 12,00. (Nova ed. 7/43).
Globo.

4-5. B. 7) ELOQUENCIA

ANSELMO (Manuel). — Manoel Luhambo, a amizade luso-brasileira e a latinitude. (Duas conferencias em Pernambuco). Ed. do Ciclo Cultural Luso-Brasileiro, Rrgife. (13/19). 77 p. br. Cr\$ 5,00. (7/43).

Distr. Livros de Portugal.
FREYRE (Gilberto). — Atualidade de Euclides da Cunha. Conferencia. Série Itamarati. (12/16). 63 p. br. Cr\$ 4,00. (2ª ed. 7/43).

Casa do Estudante.
VIEIRA (Pe.). — Sermões de ouro. Série Classica Brasileiro-Portuguesa. "Os Mestres da Língua" 7. (11/18). 451 p. br. Cr\$ 30,00. (7/43).

Ed. Cultura.

4-5. B. 8) OBRAS PARA CRIANÇAS

DISNEY (Walt). — Camondongo Mickey na Legião Estrangeira. Trad. e adaptação de Sodré Viana. Bibl. Mirim, 28. (16/12). 319 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (7/43).

A Noite, Publ. Infantis.
MONTEIRO (Jerônimo). — O tesouro do perneta. Bibl. Infantil Anchieta, 3ª série, 2. (14/19). 63 p. br. Cr\$ 2,50. (7/43).

5) CIÊNCIAS MATEMATICAS — FISICAS E NATURAIS

DECOURT (Paulo). — Elementos de mineralogia e de geologia. (15/22). 672 p. 540 figs. cart. Cr\$ 40,00. (3ª ed. 7/43).

Ed. Melhoramentos.
LACAZ NETTO (F. A.). — Lições de análise combinatória. Col. E. C. C. Série A, n.º 4. (17/24). 137 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43).

Ed. Clássico-Científica.
LACAZ NETTO (F. A.). — Teoria elementar dos determinantes. Col. E. C. C. Série A, n.º 5. (17/24). 134 p. cart. Cr\$ 20,00. (7/43).

Ed. Clássico-Científica.
LIMA (Candico Hollanda). — O método de Cross. 1ª vol. Principios fundamentais — Vigas contínuas e pórticos simples retangulares. (15/22). 129 p. il. br. Cr\$ 30,00. (7/43).

Livr. Inconfidência.
PAULA (Carlos F. de). — Aritmética comercial. Bibl. Estudos Comerciais e Económicos, 16. (14/20). 218 p. cart. Cr\$ 13,00. (8ª edição 7/43).

Cia. Ed. Nacional.
REIS (Otelo de Souza). — Seiscentas expressões fracionárias, para prática do Cálculo aritmético das quatro operações fundamentais. Introdução de F. Cabrita. (13/19). 114 p. cart. Cr\$ 5,00. (8ª ed. 7/43).

Liv. Alves.
ROXO (Euclides), CUNHA (Haroldo Lisboa da), PEIXOTO (Roberto), DA-CORSO NETTO (Cesar). — Matemati-

A NOSSA CAPA

A CAPA de frente apresenta um novo e oportuno livro editado pela Editorial Calvino Limitada — STALIN, de Emil Ludwig em tradução integral de Eduardo de Lima Castro. Trax a Constituição da URSS e a do Brasil, e uma apresentação de Stalin feita por Joseph E. Davies, autor de "Missão em Moscou"

Preço Cr\$ 25,00

Pelo reembolso, Cr\$ 26,00

AVENIDA 28 DE SETEMBRO, 174 — RIO

ca. 2.º ciclo. 1ª série. (15/21). 402 p. il. cart. Cr\$ 25,00. (7/43).

Livr. Alves.
SCHULTZ (Alarich R.). — Estudo práctico da botânica geral. (17/24). 166 p. 53 il. cart. Cr\$ 16,00. (7/43).

Globo.
THIRE' (Cecili). — Manual de matemática. 2.º ano. 2.º ciclo Científico e Clássico. (14/18). 285 p. il. br. Cr\$ 13,00. (7/43).

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia doméstica — Finanças — Indústria — Profissões — Tecnologia.

BRITO (Saturnino de). — Obras Completas. Vol. III. Abastecimento de águas. Parte geral. Tecnologia e estatística. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Saúde. (16/23). 263 p. 4 pranchas. il. br. Cr\$ 25,00. (7/43).

I. N. L., Rio.
BUCHERL (Wolfgang). — Compêndio de técnica microscópica. (Método de pesquisas biológicas). (14/19). 311 p. 35 figs. br. Cr\$ 22,00. (7/43).

Ed. Anchieta.
CURY (Antonio). — Curso teórico e práctico da contabilidade. (13/19). 211 p. il. cart. Cr\$ 16,00. (7/43).

Coed. Brasílica.
GERLING (Werner). — Moderníssimo repositório industrial. Bibl. de Cultura Técnica, 5. (14/19). 375 p. br. Cr\$ 35,00. (2ª ed. 7/43).

Ed. e Publ. Brasil.
NEVES (Domingos). — Inventários e balanços ou Técnica dos balanços. (14/19). 192 p. cart. Cr\$ 14,00. (3ª ed. 7/43).

Antunes.
OLIVEIRA (Manoel Marques de). — Lições de contabilidade. Teoria e prática. (19/27). 384 p. br. Cr\$ 30,00. (4ª ed. 7/43).

Sind. Contabilistas, Rio.
PESSANHA (Tiago). — Guia do correspondente. 6ª ed. rev. aumentada e atualizada por Pedro de Almeida Moura. (14/21). 300 p. cart. Cr\$ 10,00. (6ª ed. 7/43).

Ed. Melhoramentos.
TAGLIACOZZO (Carlos). — Concreto armado. Preleções sobre cálculos de resistência. (17/24). 344 p. il. br. Cr\$ 30,00. (7/43).

Cia. Ed. Nacional.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

MEDICINA

BAILEY, F. R. C. S. (Hamilton). — Cirurgia da guerra moderna. Vol. II. Publ. sob a dir. de Hamilton Bailey, F. R. C. S., Escrita por 72 Colaboradores. Trad. Jorge Doris e Jesse Teixeira. Pref. Ten. Cel. Dr. Marques Porto. (18/27). Págs. 465 a 930, figs. 382 a 919. enc. Cr\$ 220,00. (7/43).

Casa dos Livros.
CABOT (Richard C.), ADAMS (F. De-nette). — Diagnóstico físico. Trad. Elias Davidovich. (17/24). 881 p. 390 figs. enc. Cr\$ 180,00. (7/43).

Guanabara.
CABRAL (Ney). — Física médica. 1ª vol. (16/23). 399 p. 180 figs. enc. Cr\$ 60,00. (2ª ed. 7/43).

Globo.
COSTA (Clovio Corrêa da). — Enfermagem obstétrica e ginecológica. (16/23). 168 p. 47 figs. br. Cr\$ 30,00. (7/43).

Guanabara.
FUCCIO (Francisco de). — A sífilis. Pref. Flaminio Favero. Cultura Popular. (13/19). 88 p. br. Cr\$ 5,00. (7/43).

Atena Ed.
GOLDZIEHER (Max A.). — Endocrinologia prática. Diagnóstico e tratamento. Trad. Germano G. Thomsen.

Rev. e anotada por Luiz Capriblione. (17/24). 448 p. 41 figs. enc. Cr\$ 120,00. (7/43).

Ed. Científica.
KRETZSCHMAR (Lotte). — Breviário da mulher. Manual para conservação da saúde e beleza. (14/20). 258 p. il. br. Cr\$ 15,00. (7/43).

Getúlio Costa.
LAROCHELLE, O. M. I. (Estanislau), FINK (Telleforo). — Compêndio de moral médica para enfermeiras, médicos e sacerdotes. Pref. Mons. Jorge Gauthier. Trad. (10/14). 348 p. cart. Cr\$ 10,00. (7/43).

Ed. Vera Cruz.
OTAOLA (J. M.), HARO (F.). — Concepção e métodos anticoncepcionais. Trad. adaptação e notas de Maurício de Medeiros. Col. Cultura Sexual, 2. (13/19). 199 p. br. Cr\$ 10,00. (Nova ed. 7/43).

Calvino.
PERES (João). — Apuros e mancadas de médicos do interior. (13/19). 246 p. br. Cr\$ 12,00. (7/43).

Distr. Civilização.
QUINET (Antonio Augustol). — Cirurgia do simpático pelviano na dismenorréia. Indicações e resultados. (16/23). 103 p. 10 figs. br. Cr\$ 25,00. (7/43).

Casa do Livro.
RIEGER (João Paulo). — Sobre o valor práctico da colposcopia. Estudos baseados em 1.100 observações. (16/23). 78 p. 10 figs. br. Cr\$ 40,00. (1942-7/43).

Gr. Sauer, Rio.
SANTOS (Eurico). — Veterinária prática. Col. Agrícola do "O Campo", 2. (17/25). 277 p. il. br. Cr\$ 35,00. (7/43).

Distr. Ed. Minerva.

7) BELAS ARTES — ESPORTE — JOGOS — DIVERTIMENTOS

XADREZ sem mestre, por um Enxadrista. (9/13). 84 p. il. br. Cr\$ 3,00. (Nova ed. 7/43).

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografias)
ALMEIDA — (A. Tavares de). — Oeste Paulista. A experiência etnográfica e cultural. (14/18). 220 p. 1 prancha. br. Cr\$ 15,00. (7/43).

Alba.
ALMEIDA (Miguel Osorio de). — Ambiente de guerra na Europa. (14/19). 231 p. br. Cr\$ 15,00. (7/43).

Atlântica Ed.

BARRÈS (Maurice). — Les diverses familles spirituelles de la France. Avant-propos de Philippe Barrès. (12/19). 199 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43).

Americ-Edit.
BARRÈS (Philippe). — Charles De Gaulle. Pref. Costa Rego. (14/19). 289 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43).

Atlântica Ed.
CALMON (Pedro). — Vida de D. Pedro I. O Rei Cavaleiro. B. P. B. a. 8ª. Brasílica, 226. (13/19). 312 p. il. br. Cr\$ 16,00. (2ª ed. 7/43).

Cia. Ed. Nacional.

CASAL (Pe. Manuel Aires del). — Corografia Brasílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil. Tomo II. Série Brasílica, 2. (15/22). 261 p. br. Cr\$ 50,00. (7/43).

Ed. Cultura.
FRANCO (Carvalho). — Nobiliário colonial. Pref. Sebastião Pagano. Publ. do Instituto Genealógico Brasileiro. (16/23). 160 p. il. br. Cr\$ 20,00. (2ª ed. 7/43).

Distr. Z. Valverde.
GAXOTTE (Pierre). — La révolution française. (12/19). 2 vols. 250+247 p. br. Cr\$ 42,00. (7/43).

Americ-Edit.
GICOVATE (Moisés). — Geografia do Brasil, 3ª série. (14/21). 220 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (7/43).

Ed. Melhoramentos.

TIPOS E MÁQUINAS GRÁFICAS. PAPEIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

SOCIEDADE ANÔNIMA NEBIOLO

SOB ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

End. Telegráfico: NEBIOLO

Agência de São Paulo

RUA BRIG. TOBIAS, 376/380

Telefone 4-3111

Agência Geral — Rio de Janeiro

RUA BUENOS AIRES N.º 263

Telefones 43-6025 — 23-0169

Banco do Comércio, S. A.
O MAIS ANTIGO NA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO
FUNDADO EM 1875

CAPITAL Cr\$ 50.000.000,00
RESERVAS Cr\$ 23.135.372,00

CONDIÇÕES PARA CONTAS DE DEPÓSITOS

MOVIMENTO
(SEM LIMITE) 2 %
LIMITADA
(LIMITE Cr\$ 50.000,00) 3 ½ %
DEPÓSITOS POPULARES
(LIMITE Cr\$ 10.000,00) 5 %

PRAZO FIXO

3 MESES	4 ½ %
6 "	5 %
12 "	6 %

AVISO PRÉVIO

30 DIAS	3 ½ %
60 "	4 %
90 "	4 ½ %

TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS, EXCETO CÂMBIO
CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS
SECCÃO FUNDIAL

S E D E :
Rua General Câmara, 8
TELEFONE 43-8965
AGÊNCIA MEYER:
Rua 24 de Maio, 1355
TELEFONE 29-5538

- rante. Algumas impressões do Estado de São Paulo. (14/20). 158 p. 24 fotogr. fora texto, br. (7/43).
Distr. Ed. e Publ. Brasil.
- LIMA** (Stella Leonor dos Silva). — Palmares. Trilogia biográfica. II. Vida de Castro Alves. Teatro em alexandrinos. (13/19). 140 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43).
Borsol, Rio.
- MARCHANT** (Alexander). — Do escambo à escravidão. As relações econômicas de portugueses e índios na colonização do Brasil. 1500-1580. Trad. Carlos Lacerda. B. P. B. s. 5.ª Brasileira, 225. (13/19). 205 p. 1 mapa, br. Cr\$ 12,00. (7/43).
Cia. Ed. Nacional.
- MELLO** (Geraldo Cardoso). — O Barão de Mambucaba. (15/23). 91 p. il. br. Cr\$ 10,00. (7/43).
Tip. Adolst. Piracicaba.
- OSORIO** (Ubaldo). — A Ilha de Itaparica. Pref. Carlos Chiacchio. (16/23). 151 p. br. (2.ª ed. 1942-7/43).
Tip. Naval, Baía.
- PEIXOTO** (Afranio). — Pequena história das Américas. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª História, 7. (14/22). 307 p. il. br. Cr\$ 18,00. (2.ª ed. 7/43).
Cia. Ed. Nacional.
- POLIANO** (Luiz Marques). — Ordens honoríficas do Brasil. (História, Organização, Padrões, Legislação). (24/33). 224 p. 33 estampas fora texto, br. Cr\$ 250,00. (7/43).
Distr. Z. Valverde.
- PONTES** (Elói). — Machado de Assis. Série Biográfica de "Cultura". "Vidas Luminosas". 6. (10/17). 91 p. br. Cr\$ 10,00. (7/43).
José Olympio.
- PORTO** (Aurélio). — História das Missões Orientais do Uruguai. Publ. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 9. Ministério da Educação e Saúde. (20/28). 824 p. 1 prancha, br. Cr\$ 25,00. (7/43).
S. P. H. A. N., Rio.
- REBELO** (Marques). — Vida e obra de Manuel Antonio de Almeida. Instituto Nacional do Livro. Col. B3. Biografia. Ministério da Educação e Saúde. (17/24). 132 p. il. fora texto, br. Cr\$ 9,00. (7/43).
I. N. L., Rio.
- RIBEIRO** (Jorge). — Portugal no Brasil. (17/24). 234 p. br. Cr\$ 25,00. (7/43).
Ed. Autor, Rio.
- ROHDEN** (Huberto). — Paulo de Tarso. O maior bandeirante do Evangelho. (17/24). 365 p. br. Cr\$ 25,00. (3.ª ed. 7/43).
Ed. Pan-Americana.
- ROLLAND** (Romain). — A vida de Beethoven. Trad. José Lannes. (14/20). 117 p. br. Cr\$ 9,00. (7/43).
Atena Ed.
- SERRANO** (Jonathas). — História antiga e medieval. 1.ª série do curso ginásial. (13/19). 282 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (7/43).
Briguet.
- SILVA** (Joaquim). — História geral. 1.ª ano ginásial. (14/20). 305 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (7.ª ed. 7/43).
2.ª ano ginásial. (14/20). 342 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (7.ª ed. 7/43).
Cia. Ed. Nacional.
- SIHCH** (Alfredo). — Monografia do Município de São Jerônimo. (15/24). 250 p. 1 mapa, il. br. Cr\$ 25,00. (7/43).
Livr. Andradina.
- TROYAT** (Henri). — Dostoevsky. (13/19). 2 vols. 268+224 p. br. Cr\$ 49,00. (7/43).
Americ. Ed.
- VERISSIMO** (Erico). — Gato preto em campo de neve. (15/23). 421 p. il. br. Cr\$ 20,00. (4.ª ed. 7/43).
Globo.
- VERNEUIL** (Louisa). — A vida maravilhosa de Sarah Bernhardt. Trad. Galvão Coutinho. Col. A Marcha do Espírito, 10. (15/222). 370 p. br. Cr\$ 22,00. (7/43).
Livr. Martins.
- VIDAL** (Ademar). — Guia da Paraíba. Roteiro das condições históricas, econômicas, geográficas e sociais do Estado. II. J. Wasth Rodrigues. (23/31). 77 p. br. Cr\$ 20,00. (7/43).
Ind. do Livro.

- LAMEGO** (Alberto). — A Terra de Goytacá à luz de documentos inéditos. Tomo 5.º. Páginas avulsas. (17/24). 325 p. il. br. Cr\$ 25,00. (1942-7/43).
Tomo 6.º. Páginas avulsas. (17/24). 443 p. il. br. Cr\$ 25,00. (7/43).
J. Leite.
- LEITE** (Célio Conde). — Terra Bandei-

ACABA DE APARECER
(A 1.ª edição brasileira da melhor obra de
FERREIRA DE CASTRO

“ETERNIDADE”

considerado pelo grande poeta brasileiro MARTINS FONTES, como UM LIVRO GENIAL.
Ferreira de Castro, que tem algumas das suas obras traduzidas nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Canadá, Checo-Eslováquia, Rússia, Espanha, Holanda, Suécia, Itália, etc., é hoje o escritor mais lido de
Portugal

ETERNIDADE — é conhecido como o seu melhor romance, obra de arte perfeita e profunda, de largos horizontes, que conta já 6 edições em Portugal
À venda em todas as livrarias ao preço de Cr\$ 15,00

EDIÇÃO
de

LIVROS DE PORTUGAL LTDA.
RUA DO OUVIDOR, 106 — RIO DE JANEIRO
REMESSAS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

PROGRAMA CASE'

APRESENTA AOS DOMINGOS

PERVERSIDADE

Rádio-novela semanal de SADDI CABRAL

— Às 11.30 —

A VIDA É UMA CANÇÃO

Rádio-sketch litero-musical de SADDI CABRAL

— Às 13 horas —

DEFENSORES DA LEI

Rádio-teatro policial de Benvindo Edinaldo

— Às 14.15 —

Grande Elenco Rádio-Teatral:

sob a direção de MANOEL BRAGA:

Amelia de Oliveira (por especial deferência da Standard) Ataíde Ribeiro,
Lídia Motos, Jair de Taumaturgo, Manoel Braga, Sara Nobre, Teixeira
Pinto, Pedro Veiga, Paulo Moreno, Urbano Loes, Vilma
———— Faria e Vitória Régia ————

Música Popular:

Carlos Roberto
Nelson Gonçalves
Darcy Rezende

Música Lírica e mexicana:

Angelo de Freitas

Grande Orquestra de Salão

dirigida pelo maestro NICOLINO MILANO

SPEAKERS: DILO GUARDIA E URBANO LOES

PROGRAMA CASE' — Aos domingos, de 11 às 15 horas

Rádio Mayrink Veiga -:- PRA 9

A Construção do Mundo

O Trabalho, a Riqueza e a Felicidade do Mundo

por

H. G. WELLS

(Autor da História Universal e a Ciência da Vida)

Tradução de MONTEIRO LOBATO

Dois Volumes Cr\$ 40,00

Na obra tremendamente construtiva de H. G. Wells, nenhuma avulta tanto como "The Work, Wealth and Happiness of Mankind", que agora aparece sob o título de A CONSTRUÇÃO DO MUNDO. — O que esse livro de Wells representa é toda uma ciência nova, ou uma síntese de todas as ciências enfocadas para a sociologia prática. Wells não é um acadêmico. Não faz ciência pela ciência, como certos artistas fazem arte pela arte. — Sua grande ambição é contribuir com um corpo de noções certas no máximo possível, científicas no mais alto grau, para que com base nela os políticos e estadistas possam dirigir os povos menos empiricamente e menos às cegas do que até aqui.

SUMÁRIO

1.º TOMO: — Introdução: objeto desta obra e método a que obedece — Cap. I: Como o homem se tornou um animal econômico; II — Como o homem aprendeu a pensar sistematicamente e a ganhar domínio sobre a força e a matéria; III — A conquista da distância; IV — A conquista da fome: como se alimenta a humanidade; V — A conquista do clima: como se veste e como reside a humanidade; VI — Como se compra e se vende; VII — Como se organiza o trabalho; VIII — Por que o homem trabalha; IX — Como o trabalho é pago e a riqueza acumulada.
2.º TOMO: — Cap. X — O rico e o pobre — antagonismo tradicional; XI — O papel das mulheres no trabalho do mundo; XII — Os governos do mundo, sua economia e atividades militares; XIII — Humanidade, quantitativa e qualitativa; XIV — A transbordante energia da humanidade; XV — Como a humanidade é ensinada e disciplinada; XVI — Perspectivas.

EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÃO DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 — São Paulo

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

AGOSTO DE 1943

ANO I — NÚMERO 9

ASSEMBLEIA 79-1.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Cr. \$ 0,50

NOSSA VIDA CONJUGAL

Por NORMAL E. HIMES

ESTE livro, simples e compreensível, apresenta uma discussão completa e clara dos problemas que interessam não só aos casados como também aos solteiros. É obra de autoridade no assunto, moderna e sincera.

O doutor Himes põe, pela primeira vez, ao alcance do público em geral, os mais recentes "tests" científicos de predição para contratos felizes de casamento.

Além de expor francamente os aspectos sexuais do matrimônio, o autor aprecia as facetas psicológicas, econômicas e sociais do casamento, tantas vezes descuradas em obras desse gênero.

O livro é escrito com a mesma humana simpatia, o mesmo despreendimento científico, que fizeram do curso de preparação para o casamento, ministrado pelo autor, espontânea escolha de mais da metade do corpo docente da Universidade de Colgate.

Para escrever esta obra, o dr. Himes se baseou nos seus quinze anos de experiência no ensino da matéria, bem como em profunda observação da vida marital e premarital. Professor de Sociologia na Universidade de Colgate e respeitada autoridade em assuntos relativos ao controle de nascimentos, o autor tem sido, durante muitos anos, um estudioso do problema do casamento e da reprodução humana.

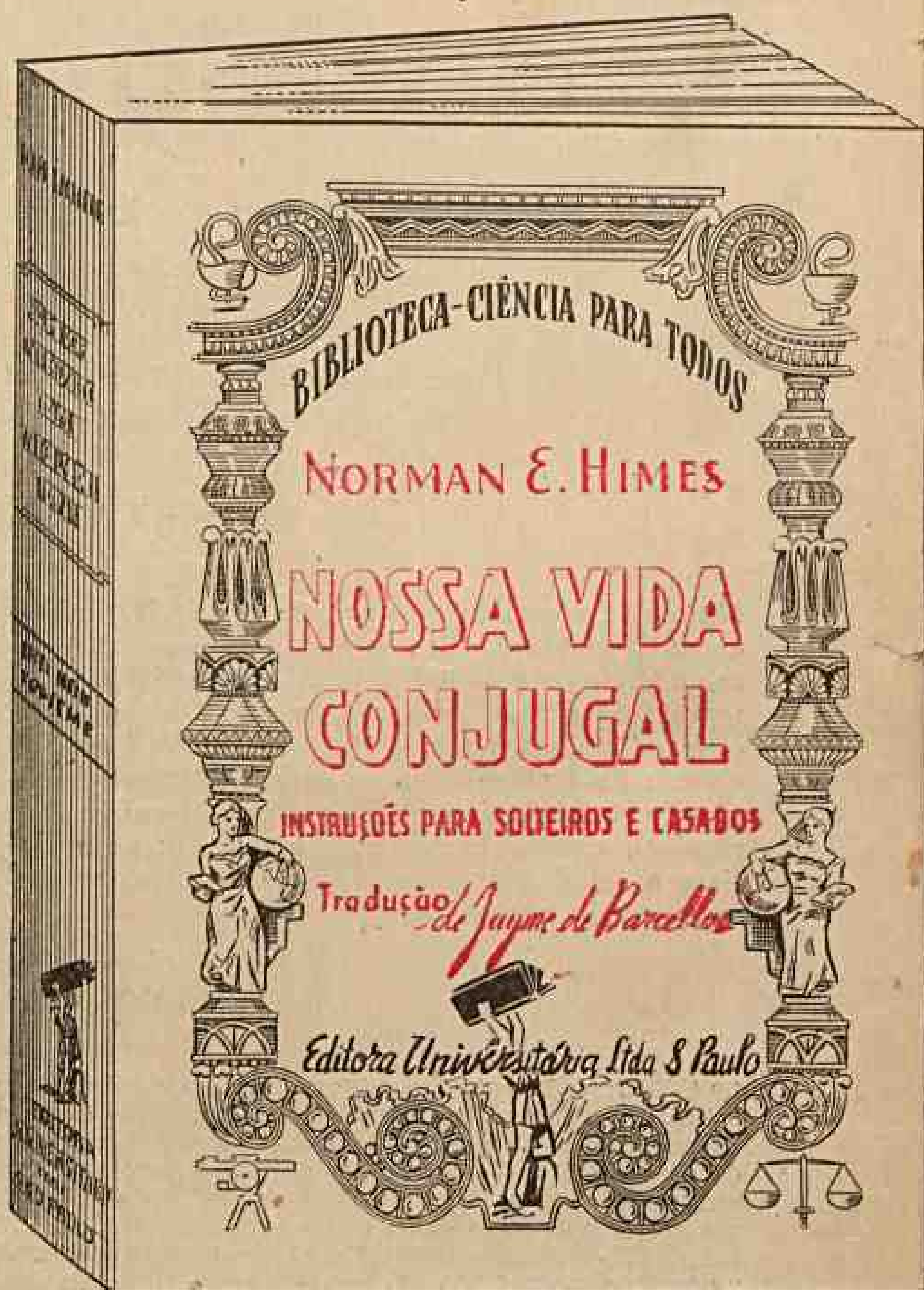
O dr. Himes lecionou Economia e Sociologia na Universidade de

Haward, bem como aquela matéria em Cornell (Iowa), no Colégio Simmons, na Escola Simmons de Ação Social, na Universidade Clark. Tem estado em Colgate desde 1932.

É assíduo colaborador de importantes revistas médicas, eugênicas e sociológicas, tanto nacionais como estrangeiras, sendo ainda membro do corpo de diretores da Sociedade de População da América e da Conferência Nacio-

nal de Relações Familiares, conselheiro editor da "Fertilidade Humana" (antes "Jornal da Contra-concepção") e presidente da Divisão de Biologia Social e População da Sociedade Sociológica Americana.

Suas principais obras são: — "História Médica de Contra-concepção", "Métodos Práticos da Limitação de Nascimentos", e "A Economia, a Sociologia e o Mundo Moderno".



Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Exposição-Feira de Livros

NA Praça Marechal Floriano, em plena Cinelândia, foi inaugurada, no começo deste mês, uma feira de livros nacionais e estrangeiros sob os auspícios do Pen Club. A incompreensível ausência de várias casas editoras, (algumas de grande importância) não justifica, de maneira nenhuma, a modesta e irreal demonstração da nossa já vitoriosa indústria nacional do livro. Preferimos atribuir o insucesso desta iniciativa à ausência de publicidade e, sobretudo, às limitadas perspectivas do empreendimento, que não chegou a interessar ou despertar a atenção do público carioca.

Se pelo menos aproveitássemos a experiência da Feira de Livros, a primeira realizada em Buenos Aires pela Câmara Argentina del Libro, em abril deste ano, estamos certos de que teríamos feito algo digno de registro em prol do livro e dos leitores. Quando pensamos que 2.300.000 pessoas desfilaram por aquela Feira, em 35 dias, vendendo-se aproximadamente meio milhão de pesos argentinos, (cerca de Cr\$ 2.500.000,00 de nossa moeda) e verificamos o resultado da nossa pobre experiência, ou melhor inexperiência, não nos devemos lamentar, mas sim pensarmos num futuro "certame" que dignamente apresente o nosso esforço editorial ao público brasileiro em perfeita consonância com a realidade.

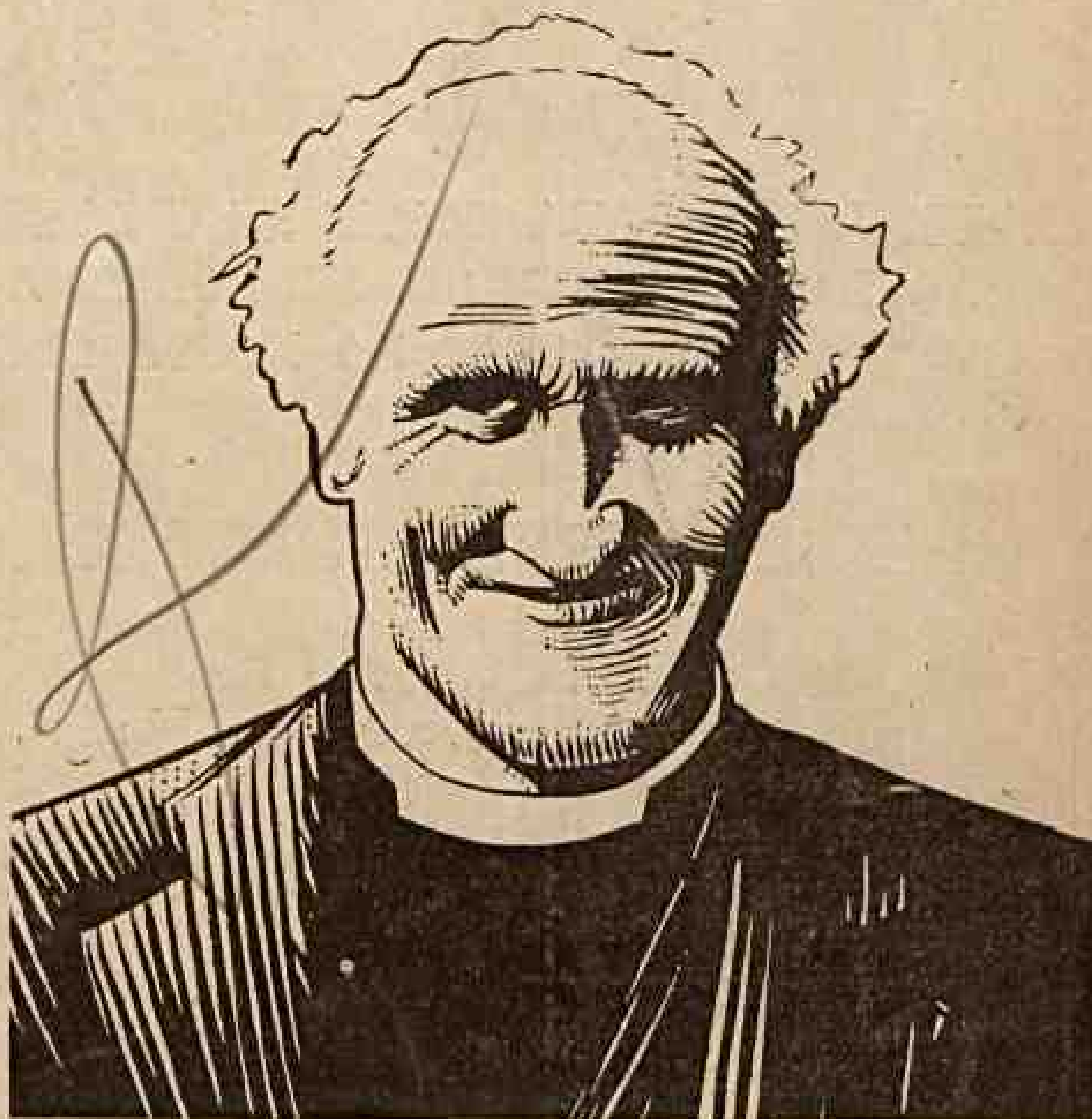
Ao Sindicato Nacional dos Editores, que congrega em seu seio todas as editoriais do país, devia ter correspondido a iniciativa de organizar a Feira. É evidente que, com a sua autoridade e despreendimento comercial, o Sindicato não só conseguiria a unanimidade dos editores, como também todas as facilidades que lhe poderiam proporcionar os poderes públicos. A imprensa e o rádio não deixariam de colaborar com a eficiência desejada, o que não se verifica atualmente porque a entidade organizadora não tinha interesse de

dispendir uma parte dos proventos, por menor que fosse, numa propaganda planificada.

O Sindicato, sim, só teria conveniência em fazer tal publicidade que, naturalmente, sacudiria da indiferença o público não acostumado a essas demonstrações. Temos fundadas esperanças em que a Feira de Livros de 1944 seja a expressão verdadeira da nossa capacidade editorial.

Essa esperança é o melhor conforto ao fracasso presente.

O NOVO LIVRO DO DEÃO



O CRISTIANISMO
e a Nova Ordem Social na
RUSSIA

EDITORIAL CALVINO LTDA.

TIRAGEM: 20.000 EXEMPLARES

William SAROYAN

A COMÉDIA HUMANA



UM LIVRO PARA *TODAS* AS CLASSES E PARA *TODAS* AS IDADES, PORQUE RESPONDE A *TODAS* AS ANGÚSTIAS DA NOSSA ÉPOCA

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A
E P A S A

AV. RIO BRANCO, 25 — RIO DE JANEIRO

WILLIAM BRADFORD HUIE:

LAMA NAS ESTRELAS

Mesmo no coração dos piores pecadores, há um caminho que dá para as estrelas

Mais um volume sensacional da série: "Redescobrimento da vida"

DOSTOIEVSKI

Série:
Redescobrimento
do
Homem



Vol. I
Trad.
de
Rosário
Fusco

por
HENRI TROYAT

Os dias * Os fatos * Os homens

ORIGEM DE THOMAS MANN

TRANSCREVEMOS trechos da carta que o escritor Ernesto Feder dirigiu ao "Globo", a propósito de uma afirmação de Eloi Pontes sobre a origem de Thomas Mann:

— "O sr. E. P. diz que Thomas Mann é judeu e daí tira algumas conclusões...

Mas, na verdade, Thomas Mann, nada tem que ver com o judaísmo, e nem mesmo os nazistas, sempre dispostos a tratar de judeu cada anti-nazista, fizeram tal afirmação. Thomas Mann é, o que é menos conhecido, de origem luso-india, pelo lado materno. Sua mãe, Julia da Silva Bruhn, era brasileira nata. Nasceu no Rio. Era filho de um plantador Bruhn que se casara com d. Senhora Rita da Silva, ela filha de brasileiro e de índia. Aos seis anos deixou Julia o Rio, sua cidade natal, para fazer seus estudos na cidade hanseática de Luebeck. Sentia saudades do



Thomas Mann

panorama e dos céus cariocas, no clima severo da Alemanha do Norte. Ainda que pouco, recordava-se da baía de Guanabara e não se esquecia de uma enorme cobra que a ameaçava e que um negro abatera. Em Luebeck, Julia esposara o senador Mann, segundo prefeito daquela Cidade Livre e pai do poeta. A senhora Julia Mann adorava a música, tocava piano e cantava agradavelmente. Chopin, Schubert, Schumann eram os seus compositores prediletos. Parece que o temperamento, o arreboço e a imaginação entraram, com esta mameluca na família daqueles comerciantes retraídos, frios e dificilmente acessíveis. Thomas Mann amava a mãe, a vibrátil brasileira, com um coração de poeta. Seu último romance, "José e seus irmãos", encerra mais de um lance de amor filial. Nunca fez o retrato da mãe o que, aliás, ocorreu com Goethe também.

Parcece, então que, nos "Buddenbrooks" a sra. Gerda e, na novela "Tonio Kröger", a mãe de Tonio emprestaram qualquer coisa de suas fisionomias à mãe do poeta. Ambas são belas, ambas introduzem a música no seio de famílias comerciantes

e dão como que uma feição artística a um ambiente burguês. Muito moço ainda, em 1892, Julia Mann enviuvou. Deixou Luebeck e passou a residir no sul da Alemanha, em Munich. Thomas, que contava 15 anos, acompanhou-a, ao passo que Henrique, o irmão mais velho, entrava como aprendiz numa livraria de Dresde, onde ia tornar-se também conhecido escritor. Julia Mann veio a morrer em 1922. Poude alegrar-se ainda com a glória ascensional de seus dois filhos, célebres também no país natal de sua mãe. O índio brasileiro, assim mais uma vez desmente estes preconceitos raciais. No caso Mann, no caso dessa velha família de mercadores nórdicos, é evidente que foi o sangue índio-brasílico que influuiu para a formação de um dos mais belos talentos da literatura contemporânea".

EXPOSIÇÃO DE PINTURA BRASILEIRA EM LONDRES

ARTISTAS modernos do Brasil vão expor os seus melhores quadros em Londres, com uma mensagem de confiança dos artistas brasileiros ao povo inglês. Cerca de 100 trabalhos de vinte e tantos artistas foram entregues ao embaixador inglês na A. B. I. Disse Augusto Rodrigues, a propósito desse notável empreendimento: "Esta exposição reúne o conjunto mais importante e representativo do meio artístico brasileiro. Nela tomam parte desenhistas e pintores que levarão ao povo britânico uma imagem fiel da nossa pintura atual. Convém ressaltar o seu nobre sentido de cooperação cultural e política entre as duas nações aliadas nesta guerra contra o nazi-fascismo. Os artistas modernos, pela condição de sua própria arte, demonstram, assim, que estão ligados a todo e qualquer movimento de luta pelos ideais democráticos. Já em diversas campanhas que se realizaram em prol do esforço de guerra do Brasil, como a Feira de Arte Moderna, promovida pela Liga da Defesa Nacional, no Rio, em benefício das obrigações de guerra, os artistas plásticos modernos definiram a sua posição. Agora faremos chegar a Londres os nossos quadros, com uma mensagem de confiança e de solidariedade ao povo inglês."

MISSÃO CULTURAL BRASILEIRA

SEGUIRÃO brevemente, para Montevideo, em missão cultural, e designados pelo Ministério das Relações Exteriores o professor Nelson Romero, catedrático do Colégio Pedro II, o romancista José Lins do Rego e o dr. Valter Osvaldo Cruz, chefe da Seção de Hematologia do Instituto Osvaldo Cruz.

Terminada a visita a Montevideo, esses intelectuais brasileiros farão conferências em Buenos Aires, e Assunção.

O LIVRO NA ALEMANHA

TENDO deixado há pouco a Alemanha, onde exercera a função de correspondente do "Bokforlag Tiden" de Estocolmo, o sr. Bernheim acaba de publicar no seu jornal um estudo interessantíssimo sobre a situação do livro no Reich. Segundo a opinião desse reporter, o povo começa a de-se

sintorizar-se da "literatura sangüinária" que o Nazismo tornou compulsória para todo "bom alemão". A propaganda dos impulsos primários não resistiu à contra-propaganda democrática, e por mais que Hitler tenha obstado a publicação e a circulação de qualquer obra honesta, seja de ciência, de arte ou simplesmente recreativa, o povo alemão ainda pode reter os seus grandes escritores do passado.

Oficialmente, como acentua Bernheim, os alemães só podem ler as obras já expurgadas ou as que tragam o visto de Goebbels ou uma recomendação de Rosenberg e de Rust. A destruição em massa da boa literatura só serviu para tornar mais zelosos de suas estantes particulares aqueles que tinham lido as obras primas da literatura alemã.

Essas circulam agora de mão em mão e são lidas em segredo, nos sótãos e subterrâneos.

Só uma coisa não se pode fazer na Alemanha: — escrever com honestidade. Mas, como Bernheim deixa entender, alguns soldados alemães que regressaram da frente oriental desejariam ser novos Remarques. Por enquanto é impossível. A máquina inquisitorial da "Reichschrifttumskammer" continua a rodar em toda a Europa ocupada. Ao que parece, é ainda, a única máquina que não enguiçou nas mãos assassinas dos nazis. Os censores são tão deshumanos quanto os tiras da Gestapo.

Ler, já se pode. Escrever, ainda não. Continua "verboten"...

ÉRICO VERÍSSIMO EM LOS ANGELES

O ROMANCISTA Eríco Veríssimo já se encontra em Los Angeles, Estados Unidos, onde dará um curso de língua e literatura do Brasil. Falando à imprensa americana, disse o autor de "Caminhos Cruzados" que são praticamente ilimitadas as possibilidades de um intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos. Salientou a utilidade das traduções de livros americanos e brasileiros como um dos melhores instrumentos para uma mútua compreensão dos dois povos.

INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

O INSTITUTO Nacional do Livro registrou no mês de agosto 77 bibliotecas: 9 privadas e 68 públicas e semi-públicas. Foram distribuídos 9.551 volumes, sendo 9.333 a bibliotecas e 218 a instituições do estrangeiro. De sua fundação até 30 de agosto último o Instituto distribuiu 243.281 livros.

BOLSA EUCLIDES DA CUNHA

POR sugestão de Afrânio Peixoto e atendendo a um apelo de estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, Roberto Simonsen instituiu a "Bolsa Euclides da Cunha", cuja execução ficou a cargo do Centro Acadêmico "XI de Agosto". Os regulamentos dessa bolsa são os seguintes:

a) — Poderão concorrer à Bolsa os alunos da Universidade de São Paulo, e os já formados, até um ano depois da sua graduação.

b) — A inscrição de candidatos terá início a 15 de setembro, prolongando-se até 15 de outubro. Dentro de 15

Os dias • Os fatos • Os homens • continuação

dias, realizar-se-á, em local previamente anunciado pela imprensa, a prova de seleção, sendo escolhido, no momento do exame, como tema, uma tese relativa à obra do autor de "Os Serões".

c) — Os trabalhos serão julgados por uma Comissão, presidida pelo Reitor, com voto de qualidade, e composta das seguintes pessoas: a) — um professor da Universidade de São Paulo, escolhido pelo Reitor; b) — o Secretário do Conselho de Museus e Bibliotecas; c) — um representante da Academia Paulista de Letras; d) — um representante do Centro Acadêmico "XI de Agosto".

d) — A Comissão escolherá cinco das melhores teses, cujos autores concorrerão à Bolsa, sendo-lhes proporcionada uma viagem coletiva a São José do Rio Pardo, berço de "Os Serões".

e) — Os prêmios serão entregues em agosto, em sessão solene, que se realizará na cidade de S. José do Rio Pardo, por ocasião dos festejos em homenagem a Euclides.

f) — Fica entregue ao Departamento de Estudos Brasileiros do Centro Acadêmico "XI de Agosto" a administração da Bolsa, devendo providenciar a publicação de editais e notícias. Caberá, também a esse Departamento, a guarda de todos os documentos referentes à Bolsa.

Roberto Simonsen já dirigiu as necessárias comunicações à Reitoria da Universidade de São Paulo, à Academia Paulista de Letras, ao Conselho de Museus e Bibliotecas e ao Centro Acadêmico "XI de Agosto".

MANIFESTO A GILBERTO FREYRE

REVIDANDO os ataques grosseiros do Diretorio da Faculdade de Direito do Recife, os universitários baianos dirigiram um manifesto, de repúdio às manobras de alguns moços que não representam de maneira alguma o espírito da mocidade pernambucana, ao sociólogo e escritor Gilberto Freyre.

"RIBEIRA DE S. FRANCISCO", PRÊMIO TAUNAY

PARA comemorar o centenário de Taunay a "Biblioteca Militar" instituiu um prêmio — Prêmio Taunay — de cinco mil cruzeiros e uma medalha de ouro para a melhor obra de história ou geografia apresentada. A comissão julgadora premiou o livro intitulado "Ribeira do São Francisco", do tenente Manuel Cavalcanti Proença.

A EXPOSIÇÃO ANTI-FASCISTA

A LIGA da Defesa Nacional organizou a Exposição Anti-Fascista que obteve, desde os primeiros dias, o sucesso que se esperava. O povo visitou-a com enorme proveito, pois, representava uma lição viva e eficiente contra o nazi-fascismo.

WALT WHITMAN

O Coordenador dos Negócios Inter-Americanos ofereceu à Discoteca Pública do Distrito Federal uma grande coleção de discos com os melhores poemas de Walt Whitman, em tradução de Pompeu de Souza e gravados por Luis Jafobá.

Os poemas do grande cantor norte-americano, um dos mais sadios e mais altos poetas do mundo, foram ouvidos em público, numa reunião previamente anunciada pelo "Globo", na A. B. I.

CONCURSOS DA AC. MINEIRA DE LETRAS

A ACADEMIA Mineira de Letras, com a cooperação da Livraria Cultural Brasileira Ltda., de Belo Horizonte, institui o prêmio "Bernardo Guimarães", no valor de Cr\$ 3.000,00, que será conferido ao melhor trabalho, inédito, de ficção, romance ou contos.

Igualmente, institui o prêmio "Diogo de Vasconcelos", na mesma importância, destinado ao melhor trabalho inédito de erudição, especificamente: filologia, literatura, arte, história, etnografia, etnologia e folclore.

Além de premiados, serão os livros editados, sem outras vantagens para

os autores, pela Livraria Cultural Brasileira Ltda., numa primeira edição com a tiragem máxima de 10.000 exemplares.

Poderão concorrer ao certame todos os autores nacionais, exceto os membros da Academia Mineira de Letras, havendo ampla liberdade na escolha dos temas, apenas com a ressalva de ser mineiro o assunto versado no trabalho de erudição.

Os originais devem ser datilografados, em duas vias, e assinados com pseudônimo, acompanhados de um envelope fechado com o nome e endereço do autor, para ulterior identificação.

O concurso será encerrado no dia 30 de outubro de 1943, devendo os trabalhos ser endereçados ao presidente da Academia Mineira de Letras, à rua Guajajaras, 176, Belo Horizonte.

Efetuar-se-á a entrega dos prêmios, em sessão solene da Academia, no dia 25 de dezembro de 1943, aniversário de sua fundação. — (a) Mario Casasanta.

A VISITA DE UM EDITOR ARGENTINO

ESTEVE no Rio um representante da Câmara Argentina del Libro, Jorge D'Urbano Viou, que veio aqui observar o que se faz na indústria do livro e o que se pode fazer para um intercâmbio mais eficiente de livros argentinos e brasileiros. Americ-Edit encarregou-se de apresentá-lo aos editores e escritores do Rio.

Jorge D'Urbano Viou é editor de grande importância na Argentina, possuindo uma das mais bem organizadas livrarias na capital.

No banquete que ofereceu a seus colegas do Rio, disse coisas interessantes que devemos repetir, como, por exemplo, que a Argentina "obteve a categoria de grande mercado mundial na produção de livros com uma cifra de exportação que passou de 10.000.000 de volumes, em 1942". Disse mais: "Em abril deste ano os editores argentinos, por intermédio da Câmara Argentina del Libro, decidiram passar pela prova de fogode toda atividade humana. Submeter os resultados de anos de tenaz e conseqüente trabalho ao juízo do mais severo e sutil dos críticos: o povo. Ganharam a rua e isso não é uma metáfora — instalando em forma monumental, no coração mesmo de Buenos Aires, exatamente na Avenida Nove de Julho, a Primeira Feira do Livro Argentino.

A empresa era delicada e talvez perigosa, pois uma coisa é receber visitas em nossa casa e outra coisa é visitarmos os outros.

Pois bem, no espaço de trinta dias, mais de 2.300.000 pessoas visitaram a Feira. Quase a totalidade da população de Buenos Aires outorgou o veredicto mais alto a que pode aspirar editor algum. Afirmção profunda de fé nos valores do espírito que o povo argentino sancionou de maneira indiscutível simplesmente com a sua presença.

Diante dessa realidade, sobre a qual não coem suposições maliciosas, os editores argentinos, cujas esperanças não só foram superadas como multiplicadas, pensem que esse feito não é produto local exclusivo, que todas as nações da América possuem interesse semelhante e querem ratificar o juízo de seu povo com o juízo de outros povos. E assim é que nestes momentos a Câmara Argentina Del Libro estuda a possibilidade de realizar uma exposição do livro argentino no Brasil que seja fiel reflexo do nível alcançado pela indústria editora do meu país".

Simple, direto, o discurso de Jorge D'Urbano Viou impressionou muito bem.

Livros que serviram de argumentos para filmes.

"The Moon is Down", por John Steinbeck — 20th. Century Fox, com Cedric Hardwick (Noite sem Lua, traduzido por Monteiro Lobato para a Companhia Editora Nacional, São Paulo).

"Mission to Moscow" por Joseph E. Davies — W. Bros., com Walter Huston e Ann Hardin (Missão em Moscou, editado pela Editorial Calvino Limitada).

"The Youngest Profession", por Lillian Day — M. G. M., com Virginia Weidler e Edward Arnold (A Profissão mais jovem).

"Ambassador Dodd's Diary", por William E. e Martha Dodd — 20th. Century Fox (O Diário do Embaixador Dodd).

"Christmas Holiday", por W. Somerset Maugham — Universal, com Deana Durbin (Férias de Natal, editado pela Livraria do Globo, Porto Alegre).

"The Fanatic of Fex", por Charles L. Leonard — R. K. O. (O Fanático de Fex).

ACABA DE SAIR “O FENÔMENO MILITAR RUSSO”

PELO CORONEL J. B. MAGALHÃES

A Editorial Peixoto S. A., prosseguindo no seu programa de apresentar ao público livros oportunos e de real valor, acaba de lançar, o Fenômeno Militar Russo...

Nenhum assunto tem desafiado mais o pensamento político e militar do que a inesperada e heróica resistência vermelha às hostes totalitárias. Entretanto, ficava sempre no ar uma desconcertante interrogação:

...POR QUE A RÚSSIA NÃO
CAIU?...

O esclarecido autor de “O Fenômeno Militar Russo” dá resposta a esta per-

gunta, depois de estudar todo o complexo da vida russa. Rememora a história da nação eslava nos pontos de conexão com a guerra atual, analisa sua geografia e todas as solicitações dos fatores mesológicos, faz reviverem as principais glórias militares da Rússia e, então, começam a surgir as respostas a esta palpitante pergunta universal:

POR QUE A RUSSIA VENCEU?

Pelo índice abaixo, se verá o alto interesse e a atualidade do tema versado neste livro moderno, oportuno e cheio das mais sensacionais revelações.

“O FENÔMENO MILITAR RUSSO”

ÍNDICE:

- | | |
|--------------------------------|--|
| I — Que é a Rússia? | V — Formação e Evolução do Exército Vermelho. |
| II — A Rússia e o Europa. | VI — A prova da Guerra. |
| III — A Revolução Bolchevista. | VII — Conclusão. |
| IV — A Tradição Militar. | VIII — A Luta na Rússia e as realidades da Guerra — Stalingrado. |

Uma publicação da
EDITORIAL PEIXOTO S/A.

RIO DE JANEIRO
Araújo Porto Alegre, 56

São Paulo
Rua D. José de Barros, 337

Ribeirão Preto
Rua Alvares Cabral, 65-A

Os Prêmios Nobel

III — BJORNSTJERNE BJORSON



Bjornstjerne Bjorson

COUBE ao teatrólogo norueguês Björson o terceiro prêmio Nobel de literatura. De vida agitada, política, tomando parte ativa na vida do seu povo, ele representa a gente norueguesa em sua plenitude e força. Toda a sua vida é repleta de atitudes combativas — nem sempre certas — mas decididas e vigorosas. Nasceu em Ostendal, no rústico povoado de Wikne, pais abrupto de camponeses e caçadores. Da convivência com aquela gente simples e rude parece ter herdado a firmeza do carácter e a retidão na ação. Em 1910 estudou na Escola secundária de Molde, e em 1852 começou seus estudos na Universidade de Cristiania. Cedo ingressou no jornalismo, atacando e defendendo-se, suscitando polémicas apaixonadas pelo vigor e originalidade de suas idéias. Crítico teatral, procurou arrancar o teatro de sua pátria da influência permanente da Dinamarca. Foi diretor do teatro de Bergen, tendo depois colaborado no Aftenbladet de Cristiania. Sua fama como escritor começou a se fazer sentir após a publicação das obras: "A montanha desolada" (1857); "Arne" (1858); "O rapaz alegre" (1860). Em 1866 se incumbiu da direção e organização do teatro de Cristiania, e na mesma época iniciou a publicação do periódico ilustrado Nørsh Folkblad. Fundou um teatro livre, dedicando-se posteriormente a fazer conferências na Suécia, Noruega e Estados Unidos. Foi eleito deputado, havendo então iniciado uma campanha com o fim de separar a Noruega da Suécia.

A obra de Björson pode ser delimitada em dois ciclos, mais ou menos distintos. No primeiro, encontramos as peças: "Maria Stuart na Escócia" (1869); "Sigur Jorsa Cfar", (1872); "Os recém-casados" (1870); coleção de cantos e poemas; a epopéia "Gelline"; as novelas: "A estrada de ferro e o cemitério" (1866); "A filha do pescador" (1868); "A marcha nupcial" (1872). Ao segundo ciclo pertencem: "A falência" (1874); "O rei" (1877); "O redator" (1875); "Leonarda" (1879); "O novo sistema" (1879); "Um guante" (1883); "Superior a nossas forças" (1883); "Laboremus" (1901); as novelas — "Ondeiam bandeiras na cidade e no porto" (1884); "No caminho de Deus" (1889).

Sobre Björson, afirmou Angel Ganivet, famoso escritor espanhol: "Como político e escritor é um romântico, e se alguém se lhe pode comparar é Victor Hugo, muito embora o escritor norueguês seja um Victor Hugo de segunda classe". Empreendeu Björson durante toda a sua vida grandes esforços no sentido de dar à Noruega uma cultura própria, com bases sólidas, e que mostrasse o verdadeiro homem da Noruega, falseado por literatos artificiais. Retrato ele em muitos dos seus livros o rude camponês da sua pátria, curvado sobre a gleba e dela tirando a sua força. Assim criou pelo agricultor uma veneração sem limites, pois, acreditava que no mesmo se encontrava ainda intacta e sem corrupção a bondade intrínseca do homem. Não fazia ele uma arte pura, sem finalidade social, e sim uma arte que procurava soluções para os problemas humanos. Em todas as suas obras ele fustiga um determinado erro ou prejuízo. No drama "A falência" ataca sem piedade a avareza dos homens de negócios; no "O redator" critica os jornalistas sem dignidade; em "O rei" prova que um rei por melhor que pareça ser é sempre mau, pois, isso resulta da sua própria condição de rei.

Com a convulsão política de 1870 que culminou com o esmagamento da França, Björson se converteu ao pangermanismo, manchando a dignidade de sua vida e perdendo a admiração do povo livre de sua terra. Durante a velhice voltou a assumir atitudes dignas, dedicando-se a tudo aquilo que lhe parecia justo e verdadeiro. Em 1903 era consagrado com o prêmio Nobel, e em 1910 falecia em Paris.

Damos a seguir uma pequena bibliografia sobre a figura do escritor norueguês: Brandes — "Moderne Geister" (Frankfurt 1897); Collins — "Björson" (Londres 1899); Halversen — "Vida de Björson" (1885); Angel Ganivet — "Hombres del norte" (Granada 1905).

PETRONIO

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Registrada no DIP sob n. 10.974

Direção de DIOCLECIO D. DUARTE
e RAUL DE GÓES

Secretaria de MELO LIMA

Gerência de O. FROES DA MOTA

Rio de Janeiro — Assembléia 79 - 1.º

São Paulo — Rua do Carmo, 133, 1.º - Sala 9

Ano I — Número 10

Setembro de 1943

Telefone: 22-8817

Composta e impressa nas oficinas d'A MANHA

...

Diretor da Sucursal de S. Paulo

PAULO ZINGG

Representantes e correspondentes em todos os Estados

Preços: Interior

Número avulso	Cr\$ 0,50
Número atrasado	Cr\$ 1,00
Assinatura anual	Cr\$ 6,00
Assinatura Semestral	Cr\$ 3,00

EXTERIOR

Assinatura anual	\$ 1,00
(Dólar americano)	

PAISAGEM DE VICHY

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Copyright de LEITURA

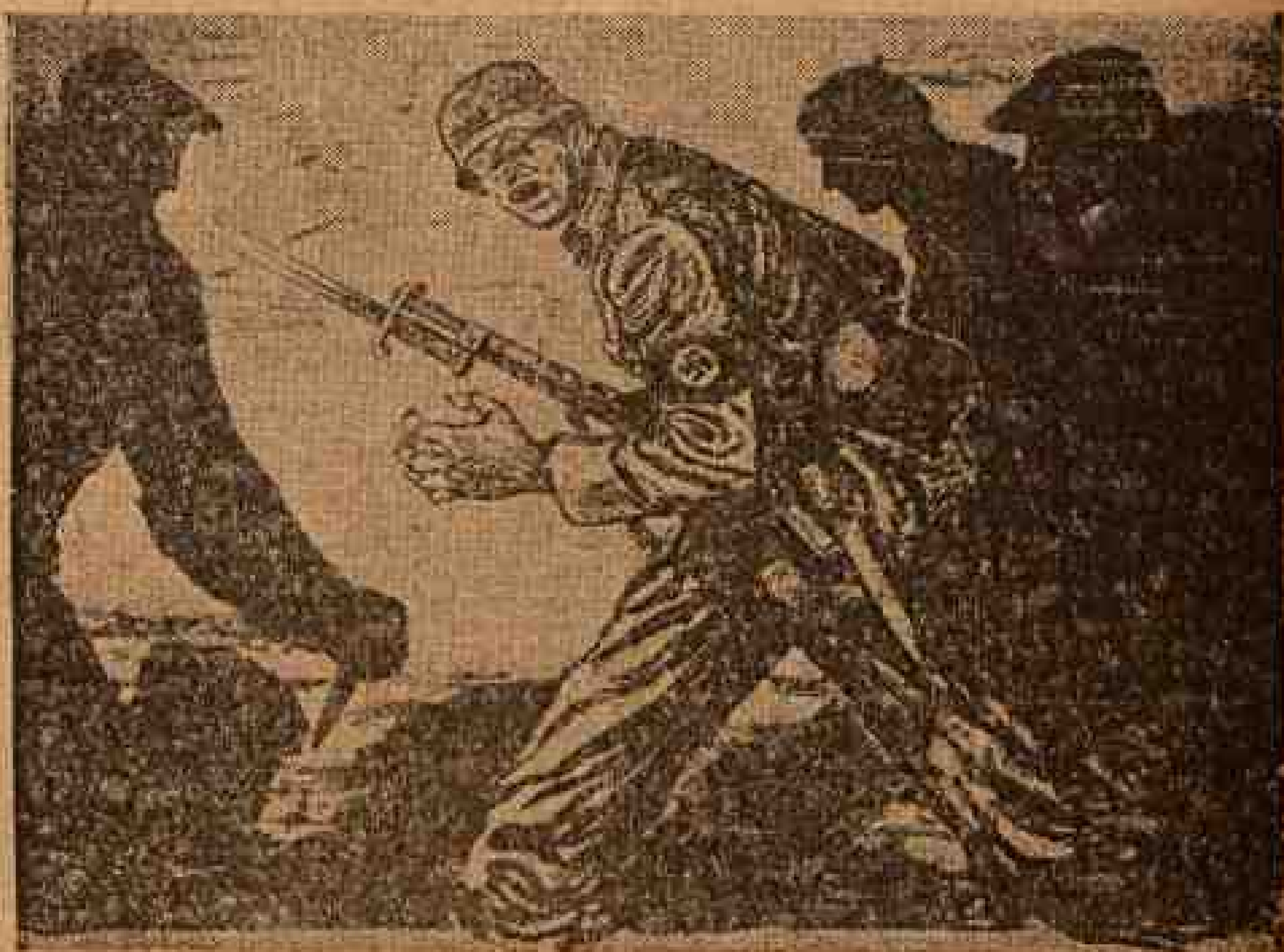
CONTEMPLA esta mão vermelha brandindo um punhal negro, na capa do livro da sra. Madeleine Gex Le Verrier, e lembro-me de Saint-Simon. Imagino Saint-Simon pondo toda sua imensa paixão na narrativa do "desastre" da França. Figure-o dizendo de Pierre Laval o que dissera do Duque de Noailles: "Je ne cache pas que le plus beau et le plus d'élégant jour de ma vie ne fût celui où il me serait donné par la justice divine de l'écraser en marmelade et de lui marcher à deux pieds sur le ventre". Em língua francesa, hoje parece que somente Georges Bernanos guardou esse acento feroz. Todos os demais escritores se fizeram discretos e penumbristas diante da capitulação de Petain e do que veio depois. Os males terríveis ficaram na melancolia nobre e patética, esforçando-se por confundir revolta com tristeza, e querendo insinuar-nos um sentimento de piedade física pela França, pobre pecadora martirizada à espera do resgate por um milagre do céu.

A sra. Le Verrier não tem a cólera saint-simoniana, mas também não se entrega aos exercícios de caridade de outros autores que abordaram o tema cruel. Felizmente. Ela é uma jornalista política, espécie bastante curiosa, que fica a meio caminho entre o partidário e o repórter, sem a fúria daquele e o objetivismo deste. Dirigiu por muitos anos a revista moderada "L'Europe Nouvelle", que se nutria dos legumes pacifistas de Briand mas não teve estômago suficiente para engulir o pacto de Munich. Paris estava cheia desses jornalistas, que desapareceram na confusão. Restaram uns poucos: Perlinax, a sra. Genevieve Tabouis, a sra. Le Verrier. Esta última achava-se na província quando cessou a débil resistência francesa. Seu livro começa aí e propõe-se a contar-nos o espírito de revolta na França. Mas desconfio que tenha conseguido contar-nos apenas as atribulações de viagem da sra. Le Verrier, no seu afã de recuperar os arquivos e pertences da sua revista, livrar-se de um processo movido pelos fascistas de "Je Suis Partout" e incorporar-se aos elementos do general De Gaulle em Londres. Destas preocupações, apenas a última apresenta certo interesse dramático. As duas primeiras são a humilde realidade sem romanesco. Preocupada ao mesmo tempo com a sorte da França e com a dos seus papéis particulares, falou talvez à jornalista um certo espírito de análise política, que deveria ter exercido em seus artigos e que agora lhe seria tão útil para ver "por dentro" os fatos que apanhou "por fora". Assim, da província a Paris, em junho de 1940 e até abril de 1941; a passagem para a "zona livre" e a atmosfera de Vichy entre maio e setembro de 1941; uma olhada em Bilbao, a caminho de Londres, via Rio de Janeiro; eis aí excelentes oportunidades de ver e interpretar não só os movimentos do in-

vasor alemão como a dupla reação dos colaboracionistas e dos inconformados, além da visão, embora rápida, da surda inquietação espanhola. Depois do esfacelamento militar, consumava-se a desagregação política; os espíritos, como as fortalezas, eram desmontados. Com um misto de brutalidade e açúcar cãndi, os alemães desarticulavam não só o Estado francês como até o senso político e a emotividade nacional dos franceses. O espírito público estava tão envenenado que, como assinila a Sra. Le Verrier, muita gente supunha que Petain e De Gaulle andassem intimamente de acordo, e a confusão servia para fortalecer o invasor nos seus desígnios implacáveis.

mais encerrados em seu egoísmo". Esses extraordinários senhores "não podiam conformar-se com a visita aos seus cofres fortes, o embargo sobre o ouro e as divisas estrangeiras e o isolamento das duas zonas que prejudicava os seus negócios". Daí a contradição aparente, mas tão simples: apoiavam Petain e mandavam os filhos alistar-se nas fileiras de De Gaulle... Não lhe escapou, também, a debilidade fundamental da burocracia de Vichy, com subcorrentes se degladiando e cada ministro, na intimidade, confessando a sua desaprovção ou a sua impotência (págs. 178-9).

É um quadro mesquinho, de pequenas intrigas políticas, humilha-



A sra. Le Verrier atravessou a confusão sem esclarecê-la; ainda bem que não a agravou. Seu olho calmo e simples de pequena burguesa teve entretanto feito de notar que os alemães fiscalizavam, no campo, até a postura de ovos (pág. 99); que nas vitrinas da capital de emergência o retrato do marechal (golpe de publicidade?) aparece entre calcinhas, combinações e cintos ortopédicos (pág. 165); que a "Revolução Nacional" expulsou as amantes dos antigos políticos, com grande mágoa do corpo diplomático entediado; e que em Vichy, lugar de águas excelentes para o fígado, o diário oficial publicou um decreto resolvendo que só em casos especiais poderiam ser admitidos doentes do fígado... (página 209).

Mas não julguem que a sra. Le Verrier realizou um passeio satírico. Não. Ela sentiu as dores do seu povo, notou a revolta latente contra o nazismo. E foi bastante fina para observar o duplo jogo dos burgueses (pág. 121) "que pouco se preocupavam com os interesses do país, os

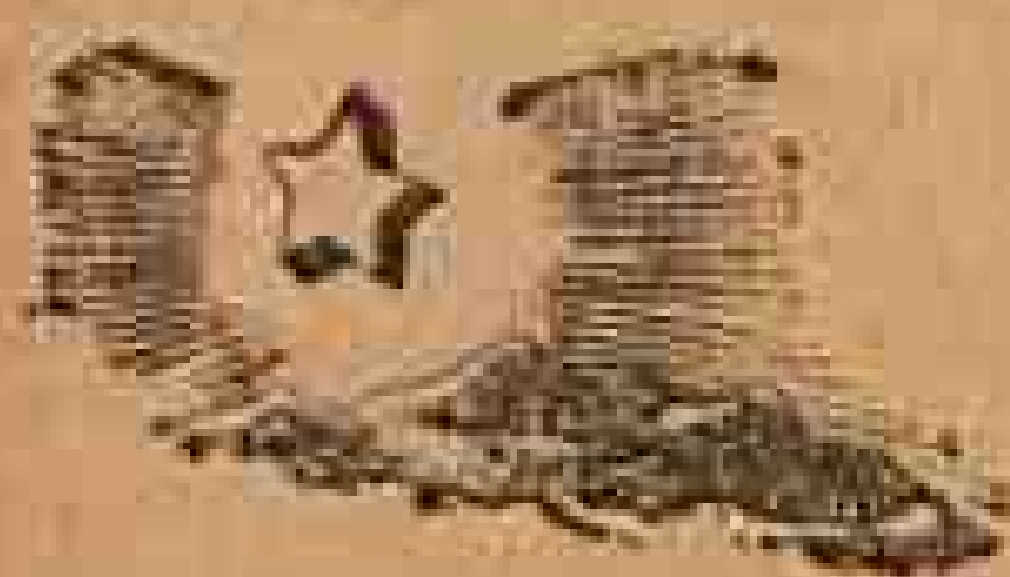
cozes e privações — de pão, de roupa, de liberdade, — que a sra. Le Verrier nos descreve em sua peregrinação. Sente-se, através de suas páginas, que alguma coisa cresce e erigiu raiz no solo francês ocupado; não seria ainda a revolta "que ruga na França", como diz o título enfático, mas os primeiros sintomas dessa revolta que há de forçosamente arrebentar um dia, que arrebentará, estamos certos — queiram ou não os tímidos, os exaustos, os comprometidos e os satisfeitos com a própria derrota. Mas isso é matéria para outros livros. Por enquanto, conforta-nos saber que a distinta sra. Le Verrier, tão honesta que não se furta a confessar-nos o seu medo em meio de um instante de viagem, conseguiu fugir a Gestapo e chegar a Londres sem outro incidente além deste, que deploramos: um pé torcido.

RUGE A REVOLTA NA FRANÇA.
de Madeleine Gex Le Verrier —
Tradução de Maria das Saude
dos Cordeiro — Coleção Do-
cumentos para a História da
Guerra — Edições Dois Mundos
— Rio, 1942.

A Rússia e Emil Ludwig

CAIO DE FREITAS

Copyright de LEITURA



NÃO sou dos que acreditam na sinceridade da obra biográfica de Ludwig. Sua existência tem sofrido revezes desconcertantes e se a gente analisar bem, verifica que muita coisa aconteceu porque o escritor nunca foi dos que primaram pela segurança e convicção com que defenderam os seus princípios. A sua ofensa por Hitler é justa e até certo ponto compreensível. Era judeu e foi corrido da Alemanha pelas baionetas das tropas de assalto. No entanto, Mussolini que foi o criador do fascismo, o espelho diante do qual o Fuehrer se mirou para construir a sua "Grande Alemanha" constituiu uma das grandes admirações de Ludwig. Do ponto de vista de ideologia política, fascismo e nazismo são a mesma coisa. Dois nomes diferentes e um só regime verdadeiro. Nos Estados Unidos, Emil Ludwig fez uma biografia do presidente Roosevelt e semeou as páginas desse alentado volume com uma série de elogio à democracia. Neste momento, acha-se em todas as vitrines da cidade o seu último livro: "Stalin".

A luta das potências européias, dentro do programa do equilíbrio continental preconizado pela Grã-Bretanha, criou em torno da Rússia e dos seus homens as mais contraditórias legendas. O recelo da revolução internacional foi usado indiferentemente, tanto pela Alemanha, como pela Inglaterra, como uma arma política para efeitos de propaganda. A Rússia, entretanto, curando as feridas deixadas pela sua guerra civil, era a única que não se interessava pelo que estava acontecendo além das suas fronteiras, e concentrava todas as suas energias no programa da consolidação do regime. Além de um regime novo, de uma experiência gigantesca a ser levada a efeito, os líderes soviéticos tinham sobre os ombros a maior tarefa que já pesou sobre o destino de um povo: transformar uma imensa nação agrícola, numa das maiores potências industriais do mundo.

O esforço feito por Stalin e os seus colaboradores nesse sentido é coisa que só o futuro poderá avaliar. Durante esses anos cruciais de reconstrução, ou melhor de

transformação, por que passou o antigo império dos Romanoffs, as potências européias discutiam, — a Alemanha contra a Inglaterra — e o regime russo constituía o bode expiatório dentro da maré alta das paixões soltas. Stalin, por ser o chefe do governo, o responsável direto pelas transformações sofridas pela Rússia foi o mais visado pela imprensa da Europa e do mundo. Emprestaram-lhe um perfil sinistro, apresentando-nos igualmente a Rússia como uma prisão coletiva, dentro de cujos muros aconteciam coisas e pantocas.

Essa biografia de Ludwig possui, por isso mesmo, uma grande virtude: é informativa. Conta-nos como realmente vive o povo russo sob o regime soviético e quais as diretrizes traçadas pelos líderes vermelhos em relação ao futuro da humanidade. Embora Ludwig, politicamente não possa merecer muita confiança, os seus livros não costumam falsear os fatos, de forma a impressionar de maneira propositada os que os leem. Toda a história dos soviets é recapitulada em suas páginas, dos tempos de Lenine às vitórias atuais contra as "panzers" germânicas. Stalin é, como não podia deixar de ser, a figura central da obra. Em torno dele gravitam os líderes vermelhos e, das suas ações decorrem os acontecimentos. Stalin, homem! Stalin, chefe do governo! Stalin, general!

Analisando-se as diferentes feições dessa estranha personalidade, misto de asiático e de europeu, qualquer um passa a compreender a razão do êxito da revolução russa, justificando plenamente os resultados que ela trouxe para a organização do seu povo. Nasceu da revolução, Stalin, depois de ter sofrido privações sem conta e prisões numerosas na Sibéria, percebeu que o ideal social cristalizou-se-lhe no cérebro habituado a raciocínio preciso, com a força de uma mística invencível. Guiado por essa mística, ele empreendeu a transformação do país. O sofrimento dos camponeses espoliados pelos príncipes que moravam em Paris deu-lhe forças para golpear fundo na estrutura do Estado. Não ignorando, entretanto que uma nação de camponeses não poderia nunca ser uma grande potência, Stalin sonhou e realizou a industrialização da Rússia. Nesse sentido seguiu o velho aforismo de Lenine que costumava dizer: "o processo da vida é criador. Exige do

homem uma atividade visando um fim".

A obra de eletrificação da Rússia representa um esforço gigantesco que não encontra similar na história, nem mesmo no desdobramento da indústria americana. "Toda a vida da nação", escreve Ludwig, "foi literalmente absorvida pelos dois planos Quinquenais. Nenhuma amizade se contraiu, nenhum casamento se realizou, nenhuma criança nasceu, nenhum trabalho se projetou sem se refletir previamente sobre se isso aproveitaria, mesmo num mínimo, à nova reconstrução". E a enorme empresa foi realizada. Galvanizando as energias da nação, o governo deu início à imensa tarefa. O problema, nas suas linhas gerais era simples: aproximar homens e jazidas minerais, fundir geologia com etnologia. O mapa do país já não era geográfico, nem econômico. Era político. A economia passou a ser uma questão política e todo o programa girava em torno de uma superstição religiosa nas virtudes da ciência. Vinte anos depois dessa campanha nacional para a eletrificação da Rússia, Stalin, como chefe do regime e depositário da confiança de milhões de russos, pode inaugurar nos Urais, a Montanha Magnética, uma das maiores usinas do mundo, em "cuja construção trinta e cinco nações tomaram parte".

Um outro aspecto curioso da personalidade do chefe do governo russo, segundo nos relata Ludwig, é a sua vocação estratégica. Ao tempo da guerra intervencionista das potências européias, o alto comando soviético entregou-lhe a defesa da Ucrânia e tão bem ele se saiu à frente das tropas vermelhas que Lenine em 1919 premiou-o com a mais alta condecoração da Rússia. Vinte e quatro anos depois, esse mesmo general, convertido, então, em marechal desse mesmo exército russo conseguiu, sobre a arrogante Wehrmacht de Hitler, e na mesma região da Ucrânia, Stalingrado, o mais espantoso triunfo da história guerreira do mundo, triunfo esse que decidiu da sorte da guerra e selou o destino da Alemanha.

"Stalin" constitui, pois, um livro de grande utilidade para os que queiram conhecer, de perto, como se formou e funciona a máquina do regime soviético.

STALIN, de Emil Ludwig — Tradução de Eduardo Lima Castro — Com as Constituições Brasileira e Soviética — Editorial Calvino Ltda. — Rio, 1943.

SETEMBRO DE 1943

O UNIVERSAL MAUPASSANT

EDGARD CAVALHEIRO

Copyright de LEITURA

ESTUDANDO com Almir Rolmes Barbosa qual o trabalho de Maupassant que deveríamos incluir em "As Obras Primas do Genio Universal", hesitamos durante dias e dias, para finalmente optarmos pelo "Colar de Brilhantes", sem dúvida alguma modelar como técnica e original como assunto. Estávamos, porém, fartos de saber que tal escolha acarretaria para os hesitantes antólogos não poucas censuras. As perguntas, realmente, vieram em notas, artigos, cartas e interpeleções verbais. "Por que não incluíram 'Bola de Sebo' 'Como foram esquecer Mademoiselle Fifi' 'Não leram, então, 'Miss Harriete'?' 'Não gostaram, por acaso, de 'Horla'?' E da 'Pensão Tellier'?' E de 'Monsieur Parent'?' E 'Toine', 'Clochette', 'O Porco do Morin'... e tantos outros mais.

A culpa, se alguém tem alguma, é do autor, que não se limitou a escrever duas ou três obras primas e sim dezenas e dezenas, numa prodigalidade que não foi, como seria de esperar, prejudicial ao conjunto da sua obra. Na verdade, quantos contos poderíamos apontar como ruins, entre os duzentos e sessenta que Maupassant escreveu? E mesmo, talvez nenhum. Este ou aquele menos bom, e talvez nada superior a "Bola de Sebo", escrito nos começos da sua carreira literária. Mas se nenhum dos outros trabalhos de Maupassant é superior a "Bola de Sebo", não quer dizer que sejam inferiores. O caso, como acentuou Thibaudet, é que não se supera o perfeito. "Chef-d'oeuvre", dizia Flaubert, garantindo que "ce petit conte restera, soyez-en sûr..." Pode-se igualá-lo, e Maupassant terá igualado muitas vezes aquele trabalho escrito para "Les Soirées de Médan". Daí as dificuldades para separar da sua obra o melhor. Dele somente podemos tirar os melhores, que em Maupassant são sempre ótimos. E foi o que fez Mario Quintana, neste volume de "Contos", que a Livraria do Globo incluiu na "Biblioteca dos Séculos".

O poeta da "Rua dos Cataventos" escolheu 44 trabalhos traduzindo-os com exceção de três, a cargo de Casimiro Fernandes e Justino Martins — com aquela segurança que já nos habituara em outras versões, inclusive "Sparkenbroke", de Charles Morgan. O critério da escolha não é explicado e compreende-se facilmente os motivos. Não há razão para critérios quando se trata de Maupassant. E' começar com "Bola de Sebo" (Mario Quintana escolheu, a título de curiosidade, um trabalho anterior, de 1875, intitulado "A Mão") e concluir com "A Mosca". De 1880 a 1890. Dez anos de atividade e todo um mundo levantado por um artista que era, incontestavelmente, um gênio na arte de dizer muita coisa em poucas palavras. Um mundo ora trágico, ora cômico, mundo em que todos os contraditórios sentimentos ou agitam os seres humanos se chocam, animados por um estilo preciso e vivo, estilo no qual todas as palavras são úteis, indispensáveis. Maupassant não teria sido, talvez um psicólogo dos mais profundos. Suas anotações psicológicas fe-

rem, de preferência, aspectos exteriores. As introspecções em geral ocupam pouco espaço nos seus volumes. Mas que habilidade em marcar com um simples traço o tipo humano que está



Maupassant

estudando! Ele não lida, jamais, com fantoches. E' certo que seus personagens não possuem vida interior muito intensa, mas o equilíbrio conseguido pelo conteur é natural. Nota-se o aparente alheamento, a calculada frieza ou imparcialidade da sua conduta diante dos acontecimentos. Chega a ser cínico, por vezes. Sirva de exemplo "Miss Harriete", e neste trabalho a cena em que essa estranha e infeliz mulher é retirada do poço, onde se joga a procura da morte. Quadros como esse são comuns através da obra de Maupassant. Ele não recua nem

mesmo diante do pormenor grotesco. E' certo que o que diz é sempre essencial, jamais se perde no simples e artificial jogo de palavras. Sua posição ante os conflitos humanos nunca é determinada por qualquer preconceito de escola literária, credo religioso ou patriótico. E' determinada sempre, e em todos os casos, pela consciência profunda da trágica condição humana. "A comum infelicidade da espécie" o atrai irresistivelmente. Apesar de estar comovidamente interessado no desfecho das aventuras que narra, não deixa, em momento algum, no entanto, transparecer tal coisa. Mantém-se frio, seco, áspero, às vezes brutal. O realista, disse ele no prefácio de "Pierre et Jean" se é artista, "procurará não mostrar a fotografia banal da vida, mas procurará dela dar a visão mais completa, mais flagrante, mais probante que a própria realidade". Ressalte-se o fato de que Maupassant partia sempre do acontecimento real. Muitos contos, como "Bola de Sebo" ou "A Mosca", por exemplo, são episódios reais, as personagens existiram, bem como a anedota aproveitada pelo autor. O que não impediu autênticos e perfeitos contos.

Em geral é o amor que povoa a maior parte dos trabalhos de Maupassant. Todas as nuances amorosas encontram nele análises psicológicas sutis, observações argutas, flagrantes apanhados com mestria. Esse infatigável colecionador de anedotas e tipos confessa sentir, em certos dias, o "horror do que é, até desejar a morte" e em outros dias, ao contrário, gozava a vida "à maneira de um animal", com toda a espontaneidade e força do seu ser".

E' bem uma imagem do homem ou da obra: estuante de vida, de alegria de viver, em alguns momentos; trágica e desesperadoramente inútil, em tantos outros.

CONTOS, de Maupassant — Tradução e seleção de Mario Quintana, Casimiro Fernandes e Justino Martins — Biblioteca dos Séculos — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1943.

OS NEGROS — "Na ilha Bulan há um rio, e em sua margem de cá se encontram os nossos, os peles vermelhas; na outra margem estão os negros.

...Esta manhã caçamos um negro no rio. Estava gordíssimo, gostoso e muito tenro; um puro filet. Fizemos uma excelente sopa: depois comemos uns pedaços com batata frita, cebolas e pepínos. Meu Deus, como estava gostoso!

Mas quando começamos a dormir a sesta, ouvimos gritos de satisfação. Os malditos negros haviam caçado um dos nossos. Desastre, acabavam justamente de tirar-lhe o couro e começavam a esquartejá-lo para assar na fogueira... Então nós gritamos, justamente revoltados: — Antropófagos, canibais, negros malditos! Que estão fazendo? — Ainda perguntam o que estamos fazendo?... — exclamaram, cínicos. — Isso mesmo, seus cobardes, canibais, ímpios! Comendo um semelhante nosso, um autêntico pele vermelha!... Não se envergonham? — Vocês não fizeram sopas e filets do nosso camarada? De quem são esses ossos que ainda estão aí? — Imbecis! Isso é diferente. Nós comemos um negro, e vocês estão comendo um pele vermelha. Onde já se viu coisa igual? No outro mundo vocês serão assados pelos demônios!

Os negros fizeram caretas, deram boas risadas e enguliram o cotado do pele vermelha... — "Que gente sem vergonha! Negros... Como é possível nascer semelhantes bichos?" — O FAROL, de Eugenio Zumiástin, escritor russo.

Mundo Melhor, Mundo de Esperança

DANTE COSTA

Copyright de LEITURA

NO meio da nossa luta — a dos homens livres contra os seus inimigos — surge frequentemente, como tema de discussões, a necessidade de definir os contornos da vida futura dos países e dos povos atualmente em guerra. E não só dos que estão em guerra, mas também daqueles que não souberam cumprir o seu dever nesta hora de transformação social, e também daqueles — como a Espanha de Franco, — que tiveram a sua guerra fascista vitoriosa na penúltima hora do fascismo.

Realmente não basta apenas combater e vencer. É preciso também que se saiba por quais nobres ideais se está combatendo e qual será o resultado do sangue derramado. Uma campanha pacifista muito intensa, feita por homens como Romain Rolland ou Barbusse, teve lugar entre as duas guerras que a nossa geração assistiu, e quando ela precisou ceder lugar a uma atitude bélica contra o fascismo, a partir do momento em que esse regime começou a se expandir pelo mundo, deixou em todos os espíritos o seu traço mais útil: essa necessidade de saber porque se está morrendo num campo de batalha. Aquela campanha pacifista, que os apressados não compreendiam e que sempre teve o apoio dos antifascistas verdadeiros, não era um gesto romântico. Foi uma atitude adequada ao seu tempo e quando forças exteriores — as do fascismo nascente — mostraram que ela devia ser surpresa, ela o foi. Porém até hoje nos beneficiamos dela: o soldado da guerra de 1940 contra Hitler, contra o integralismo de todos os países, quer saber porque está fazendo o seu sacrifício e qual será o mundo que vai sair das suas mãos.

Esse desejo é respeitável. Ele vem do coração paralisado de cinco milhões de russos do Exército Vermelho, que já morreram na própria terra natal. Ele vem da boca violenta de Neozelandeses, sul-africanos, australianos, canadenses, cujos corpos a areia dos desertos já cobriu. Vem dos franceses mortos, dos norte-americanos que deixaram o país mais confortável do mundo para irem morrer em terras pobres e desconhecidas, ele vem dos ingleses rijamente determinados à luta, e de tantos povos oprimidos pelo nazismo. Não devemos desdenhar dessa aspiração: qual o objetivo desta guerra, qual o regime de vida que restará quando ela passar?

As duas perguntas vão juntas. A morte é um meio de renascimento e só assim ela tem também a sua beleza. É o renascimento do homem, pelo maior respeito à liberdade, pela maior segurança oferecida aos que desejem exprimir qualquer idéia, pelo direito dos economicamente pequenos à vida, pela melhor distribuição das riquezas que o trabalho dos homens produz, esse renascimento deve ser delineado desde já para ser cumprido efetivamente. Para que o desejo dos mortos não seja traído e os sonhos dos vivos possam se cumprir.

Há uma expressão da qual já se tem abusado muito: "um mundo melhor". Mas essa mesma expressão pode ser, realmente, se trabalhada por lutadores sinceros, transformada num objeto de beleza moral e de progresso humano. Não é preciso mudar as palavras, se bem que muitos hipócritas já as tenham explorado e tantos mentirosos ainda se sirvam delas. Mas todos os homens dignos sabem que, realmente, há lugar para um mundo melhor, no coração dos que vivem neste século. Esse "mundo melhor" não é desejo de visionários, é desejo unânime. É o dever de todos ajudar a delineá-lo desde já, para que amanhã ele não se perca no engodo nem seja fonte de novas guerras e de novos ódios.

O sr. Wendell Wilkie fez uma viagem política em redor do mundo e dela retirou não só conclusões políticas, como também a lição desse desejo. Ele a recolheu de milhões de pessoas por cujas terras andou. Não sabemos ainda qual será o papel do sr. Wendell Wilkie no mundo de após guerra, mas o fato de ser um político representativo dos Estados Unidos dá às suas idéias e às suas palavras uma importância de primeira ordem. Essas idéias e essas palavras estão reunidas no seu livro "One world" ("Um mundo só", na tradução brasileira) e refletem o espírito de alguém que sabe ver agudamente os problemas políticos e sociais desta hora. Não se dirá que ele pensa acertadamente sobre todos os problemas que estuda. Mas a média de opiniões desse "leader" não pode deixar de contribuir para o período de "após guerra" que vamos viver. Ela possui uma noção exata da importância histórica desta guerra e parece saber senti-la em todo o seu significado social.

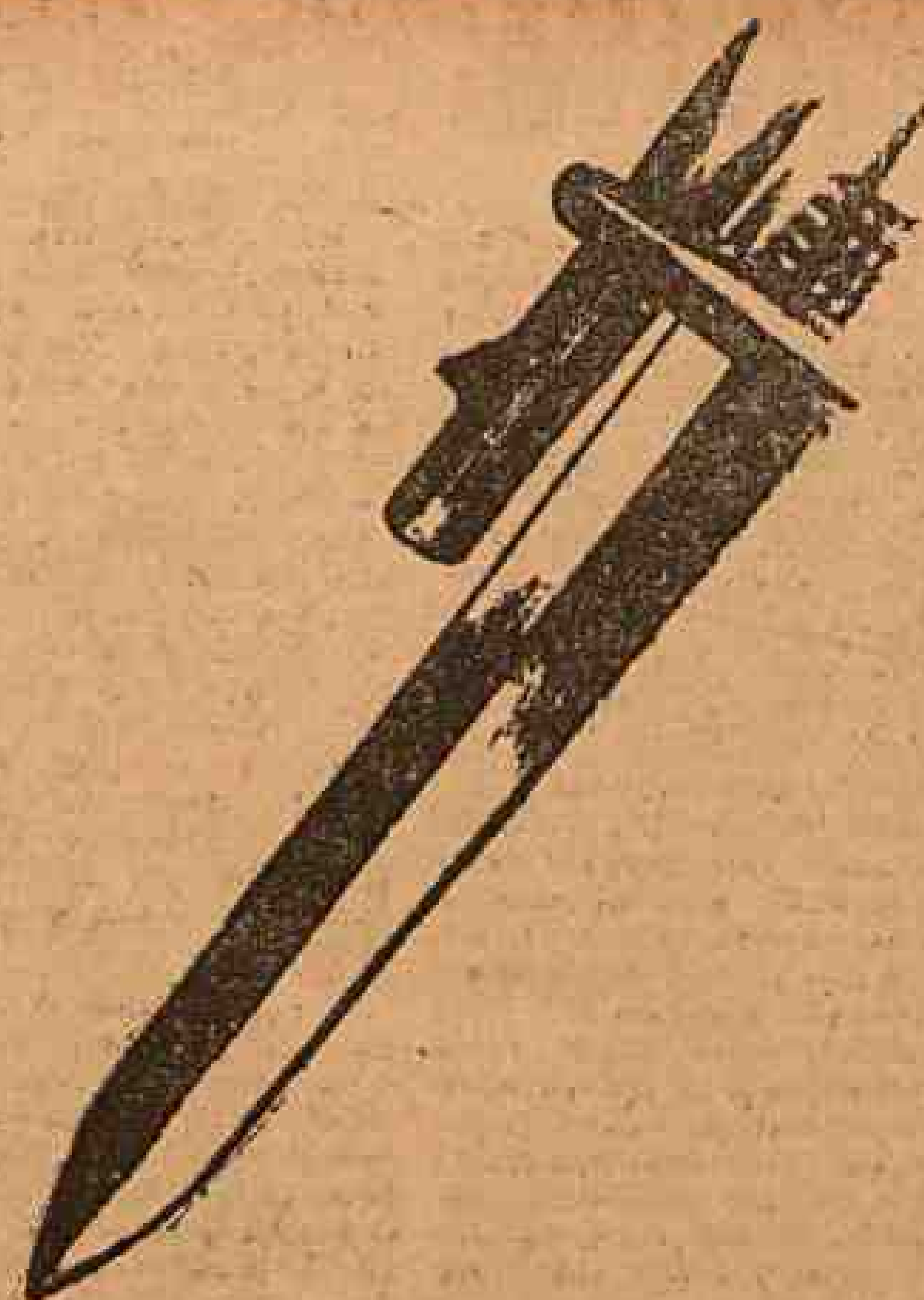
Da viagem que fez, o sr. Wilkie descreve apenas o essencial político, pondo-nos em contato com problemas sobre os quais as informações costumam ser pequenas, por ignorância, falta de meios de expressão, ou má fé. Assim, a sua visão da im-

portância dos povos orientais, como fiéis da balança moral dos grandes países em guerra. O exemplo deve começar por casa, diz Wilkie. É preciso extinguir os imperialismos, onde quer que eles existam, em suas manifestações claras ou disfarçadas, brutais ou mansas. O fenômeno chinês é visto com fidelidade: a China é um país cujo povo está totalmente interessado na guerra, numa escala que só encontra comparação no fenômeno russo, ele mesmo o afirma. Vale o livro, contudo, menos pelo que diz o sr. Wilkie dos países que visitou, que pelas idéias, as suas idéias gerais, sobre a guerra, sobre a maneira de conduzi-la para uma reconstrução mundial mais aperfeiçoada. No começo do livro, escreve ele: "esta guerra ainda é uma coisa confusa e suja, na qual muitos homens e grupos ainda não tomaram partido". No fim, quase nas últimas páginas de "Um mundo só", e igualmente explícito: "Para vencer esta guerra, diz Wilkie, os homens precisam de algo mais do que armas. Precisam de entusiasmo para com o futuro e da convicção de que a bandeira sob a qual lutam é limpa e luminosa". É a verdade que todos sentimos. Mas é preciso que haja um maior número de pessoas a dizer que essa bandeira deve ter a mesma luz e a mesma pulcritude quer seja levada nas mãos de um branco, de um negro ou de um oriental, ou nas de um capitalista ou um trabalhador. Nenhum grupo político deve carregá-la sozinho. Ela é um bem comum. Espera-se que venha operar vivas transformações sociais e, diminuindo o poder de corrupção do dinheiro, amparar melhor o fraco contra o forte. Uma bandeira de democracia e de igualdade. Os homens, que têm o mesmo direito à morte, tem também o mesmo direito à vida.

UM MUNDO SÓ, de Wendell Wilkie — Tradução de Monteiro Lobato — Coleção "Guerra e Paz" — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1943.

"COMPREENDA O NOSSO PONTO DE VISTA" Wendell L. Wilkie conversava com os jornalistas americanos e russos, em Moscou. Integramente livre para conversar o que bem entendesse, Wilkie de quando em quando fazia perguntas indiscretas a Somofov, que "é talvez o jornalista mais popular da União Soviética". Somofov tinha chegado naquele dia de Stalingrado. — "Por que não é Shostakovich enviado à América, onde já tem tantos admiradores e tanto trabalharia nesta obra de mútua compreensão?" Somofov respondeu: — "Mr. Wilkie, a compreensão tem que ser recíproca. Nós sempre procuramos estudar a América. Muito devemos dos Estados Unidos e para lá mandamos a estudos os nossos melhores homens. Sabemos algo do vosso país, não tanto quanto queríamos, mas o bastante para alcançarmos a significação desse convite a Shostakovich. Mandem-nos os senhores alguns homens honestos estudar-nos aqui, e então compreenderéis por que não aceitamos calorosamente tal convite. Estamos, como o senhor vê, empenhados numa luta de vida e de morte. Não somente nossas vidas como as idéias que já por uma geração veem aperfeiçoando nossas vidas acham-se em fogo, esta noite, lá em Stalingrado.

Sugerir-nos que mandemos para a América um compositor, que também está envolvido nesta luta em que tantas vidas humanas estão em fogo, para persuadir-vos por meio da música de algo que é tão claro como o nariz que vejo em sua cara, parece-nos cômico e até insultante. Por favor, compreenda o nosso ponto de vista". — "Creio que compreendi", respondeu Wilkie. UM MUNDO SÓ, de Wendell L. Wilkie. Trad. de Monteiro Lobato — Coleção Guerra e Paz — Companhia Editora Nacional.



ENTRE HITLER E MUSSOLINI

SENSACIONAIS MEMÓRIAS DO
PRINCIPE DE STARHENBERG

O LIVRO QUE DEVASSA A VIDA ÍNTIMA DOS DITADORES DO EIXO
EM TODAS AS LIVRARIAS

EDIÇÕES "O CRUZEIRO"

Contista do Fatal Desenlace

JOEL SILVEIRA

Copyright de LEITURA

Os contos de Lia Correia Dutra pertencem aquela maneira que o romancista José Lins do Rego aceita e define. São histórias de princípio e fim, um fato puxando outro, tudo formando uma trama chela de situações, com o fatal desenlace. Vejam "O Banho no rio", por exemplo. É o velho conto do passado, até dramático, com a história indo de explicação em explicação, aqui e ali um acontecimento imprevisto, tão ao agrado do leitor, e finalmente o último retoque: um fim que em nada destoa do conjunto, que de fato é um ponto final imperativo e definitivo. A autora de "Navio sem porto" não usa nenhum daqueles recursos comuns nos mais recentes contistas racionais, cujas histórias, sem a preocupação do enredo, são apenas pequenas manchas tomadas ao acaso, sugerindo mais do que contando, castigando o leitor (leitor num sentido geral e não o leitor literário, que muitas vezes é mais precioso do que o escritor) na sua preferência pelos lances fortes e pelas narrativas completas. A uma tal literatura o romancista José Lins do Rego, numa de suas definições tão espontâneas, já classificou de "passo miúdo", precisamente num artigo, muito justo, em que ressaltava as qualidades da contista Lia Correia Dutra.

A verdade é que sempre desconfiamos dos livros de contos que nos chegam repletos de grandes enredos e de grandes acontecimentos. Se não fosse muita ousadia, poderíamos até classificar tais histórias, tão fortes e tão completas, como uma maneira de pegar o leitor e grudá-lo nas páginas, o que seria um modo inteligente de suprir a falta de quaisquer virtudes literárias, virtudes estas que fazem, por exemplo, do Sr. Marques Rebelo o nosso maior contista, apesar de ser ele, aparentemente um contista sem ter o que contar.

Lia Correia Dutra não se localiza na maneira do conto atual. Volta atrás, e se acomoda onde estão os grandes nomes literários do gênero: um Machado, um Lima Barreto, um Lobato. Mas, apesar disso, ela não se perde entre eles nem se confunde com as centenas de histórias que, depois dos mestres, vêem se inutilizando anualmente nas revistas e suplementos literários do país. Lia Correia Dutra é uma contista inteligente. Inteligência é nunca perder o contacto com o chão, pisar sempre em lugar seguro, deixar, às vezes, que a imaginação dê seus arrancos, mas sempre prendê-la ao lógico e ao real. "Navio sem porto" é o que se pode chamar um livro de ficção. É provável que a autora não tenha vivido nenhum dos seus personagens, nenhuma das situações que enchem o livro, coisa que é fácil averiguar pela natureza mesma dos personagens e das situações. Mas a verdade é que a escritora sabe dar aos seus enredos um toque de realidade admirável, o que torna seu livro muito pouco literário e bastante humano. Vê-se logo que ela escreve sem embaracos, sem a preocupação de fazer estilo, apenas presa à his-



tória que, de ante-mão construiu e que desenvolverá em todas as sequências, antes imaginadas. No caso de Lia Correia Dutra, muito ao contrário do que acontece com os contistas de "passo miúdo", a narrativa não domina o escritor, mas é dominada por este, que a realiza inteiramente conforme fora planejada. Daí esta falta de subidas e descidas em "Navio sem porto", o que também

define, e muito bem, as histórias em que as emoções e sentimentos do autor são os maiores e mais vivos personagens. "Navio sem porto" é um livro da escritora Lia Correia Dutra: a escritora está aqui viva na maneira esplêndida de contar, nos grandes e magníficos recursos de composição, na criação dos tipos, etc. Poderíamos citar como ótimas amostras de tais engenhos literários, duas ou três crianças que fazem parte do livro, e no perfil das crianças é onde sentimos melhor a força da escritora.

"Navio sem porto" é um livro maduro. Não há nele a presunção, o preciosismo, as pequenas vaidades que geralmente definem as estreias. É um livro de alguém dono de todos os seus recursos, em plena posse de sua força e de suas possibilidades. Por isso mesmo, um livro homogêneo, homogeneidade, sob o ponto de vista de composição. Um livro, finalmente que eu, literato de "passo miúdo", li até o fim. Li e gostei.

NAVIO SEM PORTO, de Lia Correia Dutra — Prêmio Humberto de Campos — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

«A Mulher que foi Papa»

GASTÃO PEREIRA DA SILVA

Copyright de LEITURA

O CASO da Joana Papisa, ocorrido no século IX, é um dos que mais tem empolgado os historiadores e literatos contemporâneos.

Fato verdadeiramente sensacional e profundamente prejudicial à Igreja, esta tem se defendido, como pode, para apagar o escandaloso acontecimento que, em última análise, não passa de um fenômeno tão humano quanto inevitável, no encadeamento determinista das coisas que acontecem neste mundo de surpresas e avaliações.

Os homens mostram-se sempre falhos, porque são, em essência, comandados pelo instinto, sejam eles santos ou pecadores impenitentes. Apenas aqueles possuem uma força bem maior para reprimir as tendências agressivas ao sentimento da personalidade religiosa.

Não vejo, no entanto, em que possa deprimir o catolicismo quando se assegura que em determinada época da história do mundo houve uma papisa que se sentou num trono e como Papa reinou tão pouco. Sob o nome de João VIII, malgrado todas as leis canônicas e todos os princípios irredutíveis da doutrina cristã.

Joana, para a Igreja, não era Joana. Era João VIII! Se houve alguma vergonha, ou se fizeram algum crime, esse recaí na pessoa do Papa e não na comunidade da Igreja.

O fato de haver um padre, por exemplo, devasso, não quer dizer que

a santa Igreja católica fique ameaçada nos seus alicerces fundamentais. As ondas enfurecidas do oceano, que rebentam diques e rochedos em nada alteram a serenidade de sua profundidade. Mesmo as pequenas ondas, que se desfazem em espumas, são apenas formas que desaparecem. Em nada modificam a essência da substância, da infinita grandeza do mar...

Não sei porque a Igreja esconde, portanto, um fato sem importância e que nada representa para a magnitude de sua força.

Está fora de dúvida que, em realidade, houve um Papa mulher, ou melhor, uma papisa.

E mais uma vez esse acontecimento vem de ser agora, mais que nunca, robustecido pela pena de um brasileiro ilustre: Inácio Raposo.

O livro desse escritor patricio, lançado com apuro pela Editora Panamericana é, em verdade, um notável documento sobre a veracidade da passagem pelo Vaticano de uma formosa mulher, que apenas se perdeu numa hora em que a sua validade feminina se mostrou superior aos ditames da razão.

Não fosse o momento decisivo do instinto, cerceado, recalçado, inconfessável, mas insuficientemente preso, ou incompreendido e Joana teria passado por João, certamente como tantos outros, Papas ou não, cujos

(Continua à página 24)

Lobato, Editor Revolucionário

Entrevista com MONTEIRO LOBATO

LETTURA precisa, a ouvir o homem que tanto influu na vida das edições brasileiras, nos métodos editoriais e na cultura do país, nestes últimos anos. Seu mais recente trabalho é uma tradução de "Um Mundo Só", de Wendell Willkie, o "best-seller" norte-americano de 1943, com mais de um milhão de exemplares. Monteiro Lobato é uma perfeita máquina organizada e viva, para produção diária. Escreve e traduz, discute e passa, apesar dos seus quase sessenta anos. Sabemos que no momento se encontra escrevendo mais um livro infantil, dedicado à história da nossa América. Aguardemos a maravilha, enquanto o entrevistamos sobre as suas ligações

A vida tem suas necessidades inadiáveis e que ninguém remove. Herói seria evitá-las... Ganhar dinheiro é o que nos impõe a vontade de sermos honestos e pagarmos em dia nossas contas. Pois bem, de repente percebemos que, tendo tido essa preocupação, realizamos ao mesmo tempo uma grande obra que beneficia o país... Procure a origem dos grandes feitos e você terá essa confirmação. Tiradentes foi enforcado por causa de cinco mil réis...

— Como assim?

— Espanta-se? Pois o que ele queria não era um aumento de soldo? Sua preocupação ganhou extensão depois, é verdade, e se tornou vontade comum

— Blague?

— Não senhor, nada de blague. O que há é uma exploração da palavra herói e de outras palavras, como, benemérito, grande, patriota, etc., em benefício do bolso.

— Mas, doutor, a editora...

— Pois sim, como dizia, ao chegar em São Paulo meu primeiro pensamento foi como resolver a estabilidade econômica na grande capital. Cada fim de mês, você sabe, lá vem o padeliro, o açougueiro, o vendeiro. "tum-tum-tum" na porta. A primeira dificuldade que encontramos foi essa: o Brasil queria ler, mas, faltava quem lhe vendesse os livros. Que adianta escrever para não ser lido? Escrever para os amigos não dá dinheiro... Após o lançamento das nossas primeiras edições verificamos que em todo este vasto e cantado território não havia mais do que umas oitenta livrarias... Livrarias? Melhor dito, tipografias que vendiam alguns livros... Incrível! Como fazer circular o livro sem pelo menos uma porta que o exhiba? Foi então que tomamos uma resolução revolucionária. Eis o que reivindicamos: fui um revolucionário nos métodos empregados. Redigi uma circular que mandei remeter ao endereço de pessoas conhecidas, ou quando não, do prefeito de cada localidade. Essa circular dizia, mais ou menos: pedimos o favor de indicar-nos um livreiro, ou um vendeiro, ou um açougueiro... qualquer pessoa honesta, estabelecida, que possua no mínimo uma porta onde expor a mercadoria que pretendemos oferecer-lhe". Vieram os endereços. A estes, nova circular propondo essa coisa simples: aceitar nossos livros em consignação. O senhor, escrevamos ao interessado, não terá que pagar-nos. Se a mercadoria encalhar, devolva; se for vendida, remeta-nos o dinheiro menos a porcentagem que lhe toca. Trata-se de mercadoria que o senhor não precisa examinar nem saber se é boa, nem vir a esta escolhê-la. O conteúdo não interessa ao senhor e sim ao seu cliente, o qual dele tomará conhecimento através das nossas explicações nos catálogos, prefácios, etc.... Negócio da China! Recebemos inúmeras respostas, fomos fazendo nosso fichário. Criamos novas possibilidades antes nem sonhadas. E foi indo. E o negócio de livros prosperou. E surgiram novas editoras... Enfim, fui um pioneiro, mas não herói nacional...

— E havia realmente interesse por novas leituras, doutor?

— Não me chame de doutor. Havia. Um grande interesse. O povo brasileiro tinha grande fome e tem cada vez mais fome de ler e de saber, de conhecer explicações da vida e dos seus fatos. Daí a prosperidade sempre crescente...

— Como eram as edições naquele tempo?

— Havia nessa época quatro ou cinco editoras no Brasil, cópias ou apêndices de editoras portuguesas, as quais, por sua vez, não passavam de cópias das francesas. As capas eram aquelas

(Continua à página 32)



Monteiro Lobato

com o nosso movimento de editoras, desde que se transferiu do interior para a capital de São Paulo.

Monteiro Lobato é um homem acolhedor ao mesmo tempo em que critica abertamente os menores gestos do próprio reporter... Mas, a sua crítica ensina e, por isso, agrada. As perguntas foram uma chuvarada, a que ele se submeteu como um cearense após uma grande seca... O reporter não fez anotações no papel. Foi guardando de memória, e nem o espaço permitia registrar tudo quanto ouviu. Palavra-se de heróis, falsos e verdadeiros...

— O senhor também é considerado hoje um grande brasileiro...

O entrevistado se movimentava na cadeira de braços, pôs os pés sobre uma mesinha de centro, que range, e arrasta, com essa nova atitude, a gravidade do elogio:

— Grande brasileiro? Somente porque as circunstâncias me fizeram realizar essas coisas simples que outros não viram ou não quiseram ver? Qual nada! A mola de todas as coisas é econômica, estou convencido disso. Ela atua sobre nós sem que o percebamos,

entre os seus companheiros. A esse problema se juntaram outros, de maior repercussão e vulto. A coisa se alastrou. Poetas e políticos, jornalistas e populares, entraram para as mesmas fileiras. Resultado: corda no pescoço! Não só isso. O seu delator vendeu-se por dinheiro e posição. Tiradentes passou a ser perseguido também pelo nome na história, feito herói, por estátuas e grandes quadros a óleo — pela consagração, afinal de contas! Os exemplares seriam de repetição caceite. Fundei uma editora porque pretendia ganhar dinheiro. Para consegui-lo, estudei novos métodos que beneficiaram a todo o país. Resultado: fui à falência... Como essa corda no pescoço não conseguiu arrancar-me todo o ar, sobrevivi e aqui me encontro, depois de ter estado em múltiplas outras "inconfidências" comerciais...

— Sua primeira editora...

— Já o Leo Vaz contou essa história num rodapé d'"O Estado". Não disse, por cortezia, que eu desejava ganhar dinheiro... O dinheiro pode provocar a guerra. A guerra exige heróis. Como vê, há sempre uma relação entre uma coisa e outra.

O SOMBRIO DOSTOIEVSKY

ELOY PONTES

Copyright de LEITURA

É BEM curioso o interesse pela obra de Dostolevsky, que se pode notar, entre nós, de alguns anos para cá. Nenhum outro romancista russo é tão inquietante, sem dúvida. O conhecimento da vida de Dostolevsky, entretanto, será sempre indispensável à compreensão nítida de sua obra, opulenta, convulsa, mórbida, sob vários aspectos e auto-biográfica, a partir de certa altura. Toda a gente conhece *A vida patética de Dostolevsky*, de André Lavinson, biografia romancada, que oferece entrelinhas e recebe a todos quantos estimam as verdades crúas e simples. O conhecimento do seu jornal (livro de memória) esclarece bastante os estudos feitos em torno da personalidade extraordinária do romancista, encarado sob todos os aspectos, sobretudo nos episódios íntimos e domésticos, através das fraquezas e descaídas a que, desgraçadamente, vivem expostos santos e heróis, cretinos e gênios. Agora, num panorama mais amplo, com outro critério, procurando explicar a obra em razão do homem, esclarecendo-lhe as origens, definindo melhor as tiranias duma vocação, que não esmoreceu nunca, aqui temos Dostolevsky, de Henri Troyat, tradução de Rosário Fusco (Editora Pan-Americana, Epasa).

Henri Troyat reconstitue o romance do romancista. Fã-lo intrepidamente, conforme promessa no prefácio, onde afirma que quando se fala de Dostolevsky, a timidez será sempre pecado maior do que a audácia. Sua história é tão rica de desesperos espetaculares, de alegrias mágicas, de transfigurações súbitas, que ninguém sente a necessidade de romaneá-la, mas apenas cingi-la numa síntese magnífica. Até parece (adverte Henri Troyat) que esse escritor de gênio organizou a existência no estilo dos próprios romances, fazendo de sua vida o mais apaixonante dos seus dramas. Reconstituí-la com cautelas é provocar, certo, dúvidas no espírito dos que leem.

No entanto a verdade muitas vezes estonteia a verosimilhança... Partindo daí Henri Troyat garante ter seguido os caminhos indicados pela verdade, com segurança e disciplina, preferindo a exatidão sempre que os entusiasmos tentaram fascinar-lhe o espírito de análise. Começa dando o futuro romancista na família, ainda colegial, para levá-lo à adolescência, breve a estréia nas letras, Dostolevsky, como é sabido, começa imitando Gogol. Imita-o a ponto de copiar-lhe até mesmo trechos de romances, frases e maneiras. Depois experimentará as poderosas e inevitáveis influências dos escritores franceses, Balzac, sobretudo, George Sand, Victor Hugo, Corneille, Racine, depois dos ingleses, Walter Scott, Byron, Shakespeare. Foi-lhe o período de cristalização. Mas é incontestável que outras circunstâncias lhe influíram decididamente na cristalização completa e segura do gênio e estas podem ser fixa-

das pelos castigos da Sibéria, impostos ao revolucionário.

Depois duma das muitas insurreições, que inquietaram a Rússia czarista, certo grupo de acusados foi retirado dos ergástulos e conduzido ao campo de fuzilamentos. A manhã fria aumentava os ares trêmulos dos prisioneiros. O pelotão executor seguia sem dizer palavra, apesar das perguntas insistentes e aflitas das vítimas. "Para onde nos levam?" Attingido o ponto onde fizeram alto os condenados viram, a poucos passos, três fossas recentemente abertas e postas, onde foram sendo jogados com fortes cordas, depois dos olhos vendados com cautelas. Antes o oficial, comandante do pelotão, lêra a sentença em que se declarava haver o conselho de guerra condenado o engenheiro Dostolevsky à pena de morte, por não denunciar o manifesto do literato Bielinski contra a religião e o Governo. Rancorosa e feroz, a sentença injuriava as vítimas, julgando-as infames. Dostolevsky era o sexto condenado, na fila diante dos postes de execução. Antes de lhe chegar a vez, e da voz de "fogo" houve silêncio dramático. O ajudante de campo sacudira o lenço. Era a senha. O general Rostovzeff, que fora juiz no processo, anuncia o indulto. "Em sua inesfável clemência, Sua Majestade o Imperador lhes concede a vida!" Distribuíram-se, então, novas penas e Dostolevsky verificou que lhe couberam quatro anos de trabalhos forçados.

Segue para a Sibéria. Vai cumprir a primeira fase do destino. Seu gênio como que reclama estímulos energéticos. Parte duma pequena família burguesa, arruinada pelos maus negócios, Dostolevsky tivera infância triste. Através de sacrifícios e amarguras estudara, até poder matricular-se na escola de engenharia, em São Petersburgo. A esse tempo morreu-lhe o pai assassinado. A vida complica-se. Mas sua coragem já se caldeara. Dostolevsky não poderá fugir à vocação real. Daí traduzir "Eugenie Grandet", de Balzac, e "Dernière Albini", de George Sand com entusiasmos. Moço, ainda, irritante pelos modos de conduta irregular, vadio, notâmbulo, jogador, boêmio, sem escrúpulos severos, os contágios da literatura iriam definir-lhe os pendores implacáveis. Escreve "Pobre gente" romance nascido do ímpeto, numa noite em claro, com fúria, depois da leitura da "Memórias do Diabo", de Frederico Soule. O sucesso é imprevisível e fulminante. Os escritores russos voltaram-se para ele com curiosidade. Dentro de pouco tempo será incorporado ao núcleo de romancistas e poetas, que opulentam as letras russas. Isto vale dizer que aderiu à corrente poderosa dos revolucionários, que minaram as colunas do trono. Assim se compreende a sentença de morte, a comutação e os castigos das masmorras. Compreende-se também a "Casa dos Mortos", romance em que Dostolevsky fixou as amarguras impostas pela tirania.

Regressando do desterro cruel o romancista é empolgado pelo mal, que lhe atormenta o resto da vida: a epilepsia. Nas cartas aos amigos descreve, em vários ensaios, as visitas do mal. Por intermédio de personagens reconstitue o espetáculo constante de convulsões e caretas, que o dominam nos momentos de crise. Ao contrário do que informam os médicos, a despeito da discreção dos epiléticos, Dostolevsky gostava de aludir à molestia, descrevendo-lhe os assaltos com minúcias. Os analistas mais argutos encontram aí as origens do gênio do romancista. Serge Persky (em *La vie et L'oeuvre de Dostolevsky*) adverte que o gênio do romancista é cruel e tormentoso. Um gênio de análise e dissecação. Desde a infância como que o destino lhe afeiçoara tudo. Padecimentos morais, moléstias incuráveis, miséria, vício (o jogo), sacrifícios de toda a ordem, constituíram patrimônio desse filho de gente pobre, empenhado pelas revoltas que o cercavam e predisposto às lutas, com a opressão

E' o que Henri Troyat recorda e recapitula com ardor. Adolescente, agravaram-se-lhe todos os castigos da vida sem esperanças. A intrepidez, levando-o ao degredo triste da Sibéria, coépera na intensidade dos males, que lhe tingiram a vida de negro. Depois das longas experiências, que lhe avivaram o instinto de análise, a epilepsia primeiro, as dívidas insolváveis, depois, a paixão invencível do jogo, por fim, fizeram o resto, incluindo-o no rol dos gênios infelizes, que cumprem os deveres, a despeito de tudo, opulentando o patrimônio espiritual dos homens com obras-primas. Entre as obras-primas de Dostolevsky se alista, na linha de frente, "Crime e castigo", sem dúvida alguma. "Irmãos Karamazov", "Recordações da casa dos mortos", "Os humilhados e ultrajados", "O idiota", "Os possesos". São romances intensos e inquietantes onde a capacidade do escritor atinge extremos espantosos. "Crime e castigo", entretanto, é mais humano. Estudando a vida e a obra de Dostolevsky sem pedir conselhos à timidez, Henri Troyat resume, naturalmente, tudo quanto se escreveu, até bem pouco tempo, a respeito. Fazendo-o, urde uma exaustiva e inquietante análise, que se lê com o interesse de quantos leem os romances do romancista. Mostra Henri Troyat que a ação nos romances de Dostolevsky é sempre subjetiva. Seus personagens encarnam idéias. A trama apenas coordena o entrelhecho dessas idéias. Henri Troyat pouco discute. Análise menos ainda. Resume e narra, de preferência, dando notícias da vida do romancista, na parte que se relaciona com cada um dos seus livros. Reconstitue fatos e episódios, sem espírito de crítica, propriamente. A par da biografia de Dostolevsky escreve a biografia (se assim podemos dizer) de cada um dos seus romances. Não extrai conjecturas, nem sacarroliha deduções. No entanto aqui encontra-

(Continua à página 35)

SETEMBRO DE 1943

Qual o impressionado?

«O Catalão» — diz Raquel de Queiroz

ERA mestre curtidor, no costume de meu pai, em Belém do Pará. Eu tinha oito anos, ele teria trinta e cinco ou quarenta — não sei. Chamavam-no o Catalão. Usava um grande avental de couro que lhe batia nas pernas e quando se referia a meu pai dizia: "el burgués". Manquejava um pouco, resultado dum ferimento recebido num comício ou num atentado. Pois o meu Catalão, naqueles longínquos anos de 19, já era um refugiado. Não poderei dizer se era alto ou baixo, feio ou bonito. Aos meus olhos era um gigante, terrível, belo e sábio. Fomentava motins na fábrica, quasi sempre contra o gerente, — o meu finado primo Alvaro, cearense magricela, neurastênico e minucioso como uma solteirona. Bastava o Catalão erguer a voz, enquanto remexia os couros no tanque, e uma corrente elétrica percorria o pobre Alvaro. Mas embora hábil em fazer-se escutar, o meu herói desdenhava a amizade dos companheiros, — sempre só, "áspero e intratável" como o cactus do poeta. Não sei porque tomou por mim uma estranha amizade. Talvez porque eu era a única criança que andava ali por perto: talvez porque enojado dos homens, só tolerasse a companhia das crianças.

Muitas vezes partilhei do seu almoço — às escondidas, é verdade, enquanto papai, que me trouxera à fábrica, se perdia em contas nervosas com o Alvaro, na gerência. O Catalão punha dentro de uma caldeirinha de ferro, peixe seco, carne, feijão, couve e muita

água. Pendurava a caldeira numa corrente e deixava-a ferver horas e horas na boca da fornalha. Depois, quanto os outros operários saíam para almoçar no botequim vizinho, ou no pátio da fábrica, ele ficava a comer sozinho a sua sopa, com uma negra colher de ferro na mão, sentado no rebordo de um dos tanques de tanino.

Para mim, o Catalão estava acima de todos os homens por sua sabedoria, por sua coragem, seu desdém pelos grandes — e pelos

meros, ante a presença visível de um deus.

Não sei se era anarquista, republicano, ou o que era. Mas odiava os ricos, os curas, o rei. Ensinava-me a dizer: "Morra Alfonso!" E cantava comigo aquela canção que ninguém mais sabia.

Quando em fins de 19, vendida a fábrica, deixamos o Pará, fui procurar o Catalão, para as despedidas. Era no hora solitária do almoço e por isso mesmo eu a escolhi. O Catalão passou-me a colher da sopa, ficou a comer o pão molhado no caldo. Contei que ia embora, falei no Ceará. Ele não sabia onde era o Ceará — quasi não sabia onde era lugar nenhum, nem queria saber. Para ele só existia a Catalunha. "Morra Alfonso!" Mas falei enfaticamente em "minha terra" e isso o impressionou. Indagou onde ficava a minha terra. Porém minhas noções geográficas eram mais vagas do que as suas. E apenas pude estender a mão em direção ao mar, e dizer com os olhos cheios de água: "Longe..."

O Catalão ergueu-se, foi numa prateleira num recanto da fábrica, onde punha o chapéu e o paletó. Trouxe de lá um livro de capa vermelha que ainda guardo, em minha casa. Era um guia de turismo, "La ciudad de Barcelona", cheio de fotografias e lindos nomes de ruas. Aquele era o seu livro de estimação, eu o sabia. Entregou-me o presente, bateu-me no ombro, empurrou-me de leve para a porta: "No me olvides, chica". E saiu resolutamente para lavar a caldeirinha na torneira dos fundos da fábrica.

Muitos anos depois, nas notícias da guerra da Espanha, li a descrição da morte de dois jovens, fuzilados pelos franquistas. Morreram cantando um hino revolucionário, dizia o repórter, e citava dois versos da canção heroica.

Meu coração bateu com força, lendo aqueles versos: eram os da cantiga do Catalão.



Raquel de Queiroz

pequenos, aliás; quando movia as mãos curtidas como a sola com que lidava, de unhas roídas e escuras, quando escandia os versos de uma cantiga que cantava a sós comigo, quando dizia palavras sobre "el burgués" e baixava para mim os olhos, sorrindo — "perdo-na, chica" — quando passava entre as correias das polias, entre o bojo rodante das turbinas, — atrevido, sereno, claudicante, — eu, que nunca ouvira falar em Vulcano nem em mitologia, tinha entretanto a recelosa emoção que deveriam sentir os heróis de Ho-

ANDRÉ GIDE FALAVA ASSIM — A literatura sempre se renova e toma novo alento pela base, pelo solo, pelo povo. Talvez pudessemos compará-la a Antea que, segundo nos conta a fábula grega tão rica em ensinamentos, perdia suas forças e suas virtudes quando os pés já não se apoiavam no chão.

...A arte, ao perder o contacto com a realidade, com a vida, com o povo, se enche de artificialismo. "A cultura e a sociedade", A. Gide.

LISTA DOS PRINCIPAIS ARTIGOS DO NÚMERO DE OUTUBRO DA REVISTA:

HOJE

"Um Mundo Só" de Wendell Willkie — Hektor Ferreira Lima; Batalhas da Guerra Política — Paulo Zingg; Alimentadoras Perspectivas de Alimentação Humana — Time, New York; Lenda e Realidade de Rommel — W. Tennyson; Qual o Destino dos Homens Mecânicos? — Gastão Pereira da Silva; "Charles De Gaulle" de Philippe Barrès; O Gênio e o Cretino — S. Voronoff; Meu Assassino Predileto — George W. Herald; A Primeira Figura do Exército Vermelho — Curt Riess; Amor livre: o menos livre dos Amores — Lyn Arnold; O Engenho de Talleyrand — Serge Flaury; A Doença dos Insatisfeitos — Science Year Book.

ITINERÁRIO DE POETA

FERNANDO GÓES

Copyright de LEITURA

É BEM possível que o leitor que se disponha a ler este artigo, o faça julgando que eu vou tratar aqui de algum complexo problema de poesia, ou que então, em face dos acontecimentos desta guerra de agora, vá traçar ou aconselhar um caminho, uma diretriz para os poetas. No entretanto, quão longe estou de tudo isto agora. Longe e alheado também, o que vem a ser quase a mesma coisa, mas que na realidade não o é. O título que encima estas linhas, foi posto aí por causa de Machado de Assis. De Machado de Assis, sim. Senão vejamos. Em novembro de 1883, numa crônica para o "Diário do Rio de Janeiro", Machado escrevia, a propósito de um livro de Emilio Zaluar — "Peregrinação pela Província de São Paulo". — "É propriamente um itinerário, mas um itinerário de poeta, onde o rio, a floresta, a montanha, não passaram sem o tributo da poesia e do coração". Ora, Zaluar teve este mesmo volume ao qual Machado se referia, reeditado agora na Série Brasileira das Edições Cultura. E lendo-o, verifiquei quanto foi preciso e feliz o nosso clássico, ao dizer que o livro era um itinerário de poeta. Porque Emilio Zaluar era poeta, não poeta de verdade, mas poeta de fazer versos e publicar livros de versos, e o seu volume de peregrinação por S. Paulo ficou no campo puro das descrições lantejouladas. Pouco se preocupando com o homem e seus costumes, as narrações de Emilio Zaluar se limitam a dizer, cada uma das cidades onde ele esteve, que a casa da câmara é construída de maneira sólida e elegante, que a nova matriz, prestes a ser concluída, será uma joia de arquitetura religiosa, que a cadeia está muito bem instalada, e assim por diante. Coisa que ele anota sempre é a fidalguia, a boa educação das famílias, que o acolhiam muito cordialmente. E sensível a isso, o poeta Zaluar passava sempre um grande elogio, só não mencionando o nome delas, diz ele, "para não nos ficar o escrúpulo de ofender a sua modéstia".

Da cidade de S. Paulo, pouca coisa nos diz Zaluar nas doze páginas que lhe dedica. Acentua, por exemplo, que "o caráter dos paulistas, ameno e franco no trato familiar, se bem que desconfiado no primeiro encontro, dá-lhes um certo cunho de particular originalidade que os não deixa confundir com os habitantes de nenhuma outra província do Império", e com alguma sutileza verificou que "a fala deste povo também tem um descanso e um sotaque que lhe é peculiar". No mais Zaluar descreve, descreve numa prosa agradável da gente ler, se bem que às vezes a literatura, aquela literatura dos tropos e dos pontos de exclamação se intrometa no meio dos seus períodos, estragando tudo. Tudo, mesmo, como neste período — "Afortunados os rudes sertanejos que team mais fé na intervenção divina do que nos resultados tantas vezes mentirosos da ciência humana!"

Mas talvez eu não esteja sendo justo com o poeta das "Revelações", louvadas por Machado de Assis, porque

sem nenhuma pretensão e com muita humildade até, ele confessa na dedicatória do livro, que as páginas que o formam são simples notas, "desenhos a largos traços da carteira de um viajante". Por isso mesmo, eu acredito, é que toda vez que Zaluar

que nesse "átrio onde se consumou o fato mais brilhante da história nacional, e onde se gravou a data imortal da independência de um povo" não havia sequer uma estaca, e que só por causa disso prosseguiu a viagem recitando mentalmente Garret:

LIVROS GRATIS

Solicite-nos uma relação dos livros-bonificação que estamos distribuindo a todos os nossos fregueses.

Pelo Serviço de Reembolso Postal atendemos pedidos de livros de qualquer editora nacional. O nosso "Reembolso" garante: Rapidez na remessa. — Preços de tabela do editor e embalagem cuidada.

Solicite os nossos catálogos grátis.

LIVRARIA BOA LEITURA — R. Senador Feijó, 153 — SÃO PAULO.

tem observações humanas a fazer, toda vez que vai tratar do homem, passa a mão no excelente Saint-Hilaire e cita o trecho do francês. Mesmo assim o volume é curioso, e muito bom como itinerário de poeta, que atravessou a campina do Ipiranga indignado por-

Nem o humilde lugar onde repousam
As cinzas de Camões conhece o tuso!

PEREGRINAÇÃO PELA PROVÍNCIA DE S. PAULO — 1883-1891 — de A. Emilio Zaluar — Série Brasileira, vol. 4 — Edições Cultura — S. Paulo, 1943.

UM BRINDE DA EDITORA MINERVA LTDA.

A Editora Minerva Ltda., publicará, a partir deste número de LEITURA, o seu catálogo, que deverá ficar concluído com o número de DEZEMBRO, próximo.

Todos os clientes particulares, dos Estados, que nos fizerem encomendas superiores a Cr\$ 5,00, em livros constantes do catálogo, receberão um brinde, cujo valor corresponderá aproximadamente a 10% do total das encomendas feitas, bastando mencionar sempre: PEDIDO EXTRAÍDO DO CATALOGO PUBLICADO EM "LEITURA".

SÉRIE CULTURAL INDIVIDUAL

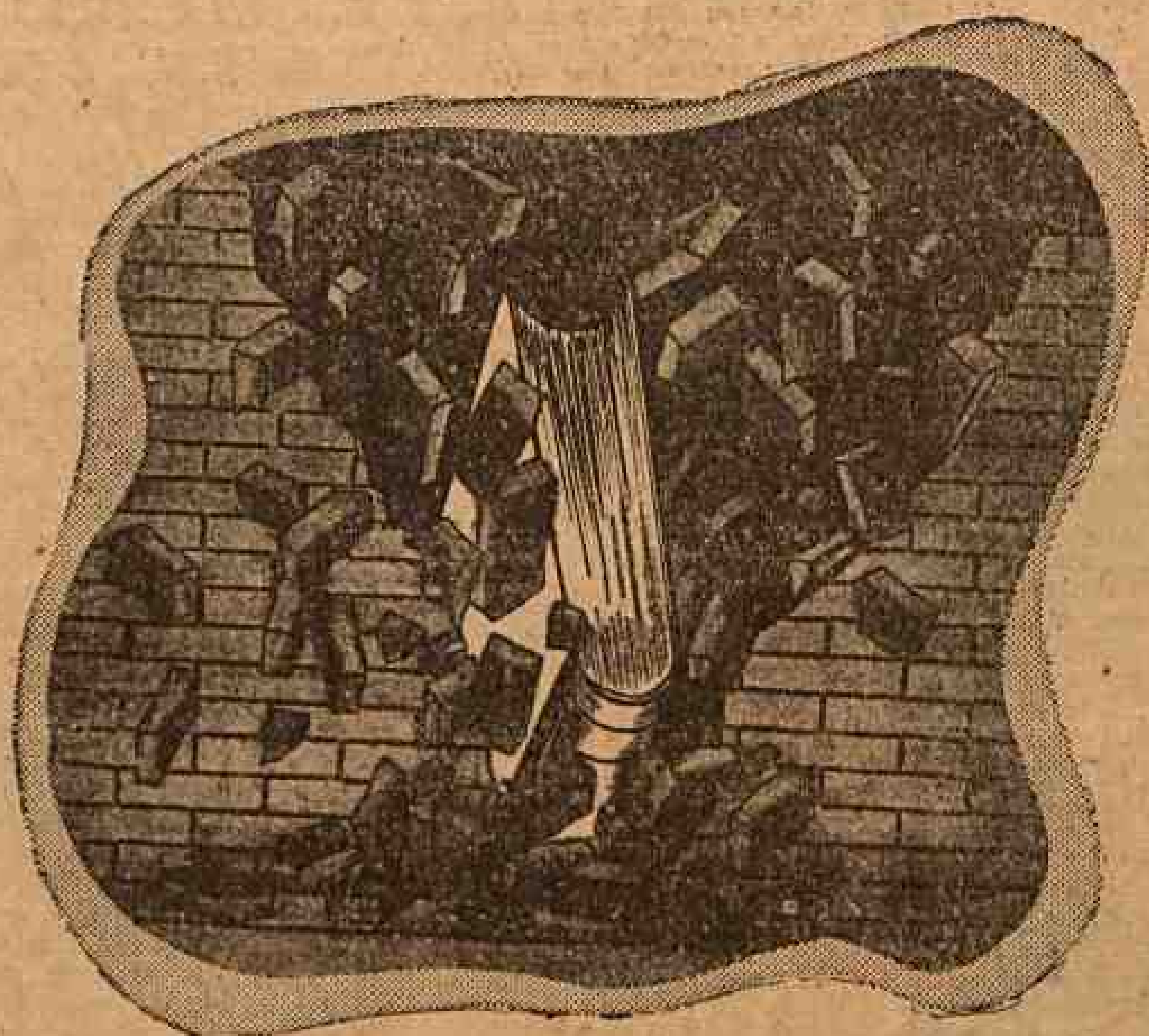
- O DOMÍNIO DE SI-MESMO PELA UTO SUGESTÃO CONCIENTE, por Emile Coué, 5.ª edição, em brochura Cr\$ 6,00
- A AUTO-SUGESTÃO CONCIENTE — o que digo e o que faço — por Emile Coué, 3.ª edição, em brochura Cr\$ 6,00
- COMO APLICAR O MÉTODO COUÉ, pelo Dr. J. d'Orgemont, um pequeno volume, muito útil aos estudiosos do método Coué, em brochura Cr\$ 3,00
- A EDUCAÇÃO DA VONTADE, por Julio Payot, 4.ª edição no prelo Cr\$
- A ESPOSA PERFEITA — eficiência sexual pela cultura física — por Th. Van de Velde, 3.ª edição, em brochura Cr\$ 12,00
- A MEMÓRIA EM 12 LIÇÕES, por Sankara, 2.ª edição, em brochura Cr\$ 4,00
- A ENERGIA EM 12 LIÇÕES, por Yoritomo Tashi, 4.ª edição, em brochura Cr\$ 4,00
- A TIMIDEZ VENCIDA EM 12 LIÇÕES, por Yoritomo Tashi, 4.ª edição no prelo Cr\$
- O BOM SENSO EM 12 LIÇÕES, 3.ª edição, por Yoritomo Tashi, em brochura Cr\$ 4,00
- A ARTE DE VENCER EM 12 LIÇÕES, por Yoritomo Tashi, 4.ª edição, em brochura Cr\$ 4,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à

EDITORA MINERVA LTDA.

Caixa Postal 2798 — Rio

UM LIVRO QUE VEM DERRUBAR AS
PAREDES DA INCÓGNITA RUSSA:



“A Religião na Rússia Soviética”

1917 — PROF. N. S. TIMASHEFF — 1943

Relato imparcial e autêntico sobre a verdade da situação
do cristianismo na URSS

STELLA EDITORA

CAIXA POSTAL 3232

RIO

Atendemos a pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal

As Mulheres

Na vida dos grandes homens

SASKIA REMBRANDT E HENDRICKJE

REMBRANDT, que não tinha consigo o mínimo cuidado, que passava semanas sem mudar de roupa nem para dormir, desde que estivesse preocupado com algum problema de luz e sombra, que se alimentava durante meses a pão e arenque, porque não podia desviar a atenção de uma água forte ou de qualquer outra questão parecida, que ao seu ideal de arte sacrificava corpo e pensamento, fraqueja-



Rembrandt

va diante de uma mulher. Ele não as compreendia e talvez as abominasse, mas era um organismo vigoroso com a força de um touro. A necessidade de uma mulher era para ele às vezes lancinante. Naturalmente afetuoso e dominável, essas qualidades eram logo apercebidas e exploradas pelo outro sexo, e o resultado é que o grande pintor andava sempre às voltas com complicações nas suas relações domésticas.

Havia na sua casa, servindo de ama seca para o filho de Rembrandt, uma mulher, chamada Geertje, verdadeira megera, motivo de tormento para o artista, mas que ele não conseguia despedir. A pobre esposa, Saskia, estava se consumindo, tuberculosa, sem que Rembrandt, ao seu lado, desse por isso, embora a amasse profunda e ternamente.

Ela bem sabia que o seu papel era secundário na vida do artista.

— Rembrandt tem a sua obra e nas horas vagas a mim — disse certa vez — e então veste-me como se eu fora uma princesa, o que eu não sou, ou para semeiar uma rainha de conto de fadas, o que sou muito menos, e dessa maneira sou integrada como parte de sua obra. Faço parte da sua obra e não da sua vida.

Contudo, quando ele afinal tomou conhecimento do perigo que a mulher corria, tornou-se o enfermeiro mais dedicado. Sentava-se a seu lado e lia até que ela desse sinais de fadiga.

Mas, mesmo quando se sentia fatigada, ela pedia que não a deixassem.

— Eu terei muito tempo para ficar só, preciso da companhia de Rembrandt e o do meu filho dia e noite.

Rembrandt trazia-lhe toda manhã rosas frescas. Até poucos meses antes de morrer, ela ainda se conservava linda. Não era talvez uma intelectual, mas ninguém lhe iria exigir que traduzisse Auveer em hoxâmetros latinos — observa o autor de "A vida e a época de Rembrandt".

Pouco depois de regressar à sua casa de volta do enterro de Saskia, Rembrandt já se deixava absorver inteiramente na continuação de um belo retrato da mulher ao tempo do noivado.

Alguns anos se passaram, durante os quais o histerismo da ama do pequeno Titus, a desastrosa Geertje, infernalizou a vida de Rembrandt até ser recolhida a um hospício. Uma com vantagem para o asselo, para a camponesa Hendrickje, substituiu a ordem daquela casa boêmia e para o sossego do artista. Quando ela estava para dar-lhe um filho, Rembrandt desejava casar-se com a moça, mas era de tal modo embaraçosa a situação financeira do pintor, tantas eram as suas dívidas e dificuldades, que ele decidiu adiar isso para quando o público lhe voltasse.

— Eu a quero muito, apaixonadamente mesmo — dizia — E' bela, boa, afetuosa, dá-me tudo de que necessito, eu seria um miserável se não a desposasse, mas é preciso esperar. Ela não se aflige, e diz sempre que não lhe faz grande diferença, e enquanto isso, vai dando ordem e alegria a esta casa.

E assim foi, apesar da pública repressão que lhe fez a igreja e contribuiu ainda para aquela alegria com uma garotinha, Cornélia.

Mais tarde, quando a situação financeira de Rembrandt, de mal a pior,

acabou por arrastá-lo à falência, a perda de tudo quanto o rodeava, Hendrickje manteve-se calma e senhora de si. Disse apenas:

— Isto não me causa sensação; sempre fui pobre e estava cercada de luxo demasiado. Dele é que tenho pena. O seu coração estava em todos esses objetos, receio que esta queda lhe seja fatal.

Entretanto, também a ela a fatalidade trouxe modificações, prejudicando-lhe a saúde já muito débil.

Agora que estavam mesmo na miséria, a sociedade não fazia mais nenhuma questão do casamento legal e todos a tratavam de Madame van Rijn.

Dada a manifesta incapacidade do artista para lidar com dinheiro, decidiu, com ajuda de amigos, estabelecer-se com uma loja de artigos de arte, formando uma sociedade comercial com Titus, o filho de Rembrandt e Saskia, e tomando o pintor como empregado, a salário certo, única maneira de consertar-lhe a situação financeira.

A moléstia que levava Saskia, também a ela buscava.

Rembrandt, nada entendido em sintomas, não se procurava muito. Ela, cada vez pior, chamou um notário, fez testamento das reduzidas coisas que possuía em favor da filha, do enteado e de Rembrandt. Viveu um ano, e até os últimos momentos nunca deixou de procurar alguma coisa para fazer; jamais se lamentou. O seu amor pelo marido e pelas duas crianças, pois nenhuma diferença fazia entre Titus e Cornélia, jamais esmoreceu; ao contrário, parecia aumentar à medida que se aproximava o fim. Era tão firme sua determinação de que ninguém sofresse por sua causa, que até o último momento nem Rembrandt nem Titus tiveram uma noção do seu estado.

PURIFICAÇÃO — De Sherwood Anderson, notável escritor norte-americano, ainda não traduzido para o português: — "Há um morador que trabalha em minha fazenda. Faz muito tempo que vem lutando para melhorar a terra quase exausta, e, devagarinho, mas com persistência vai vencendo. A terra esgotada é para ele uma coisa doente e ao mesmo tempo viva, que ele estimula, fortifica e ajuda para que recobre a saúde. Bem sei que esse é o seu modo de encarar o trabalho. E' um homem de poucas palavras, mas, ocasionalmente, diz o que pensa e fala do que vê. De quando em quando, depois de escutar demasiadamente os grandes pensadores, vou ao curral, onde poderei encontrá-lo ordenhando uma vaca. Conversamos, e purifico o meu espirito de todas as grandes frases que ouvi, de todas as interrogações e protestos inúteis. "Ele é o povo", penso, ao escutá-lo".

SAROYAN, O AUDACIOSO MOCINHO DO TRAPÉZIO VOLANTE — "O que mais impressiona em Saroyan é "o contentamento de viver" que ele nos transmite. Creio que poucas pessoas no mundo estão mais satisfeitas de existir do que esse rapaz de sangue armênio que, desde o dia do longínquo ano de 1934 em que Martha Foley e Whit Burnett publicaram no "Story" o seu conto "The Daring Young Man on the Flying Trapeze", se tornou o "enfant-terrible" das letras norte-americanas. "De todas as coisas boas que me poderiam acontecer — confessou Saroyan numa carta ao autor destas linhas — nenhuma poderia ser melhor do que estar vivo". "Escritores norte-americanos e outros", de A. Rolmes Barbosa. Edição da Livraria do Globo".

Coleção «Presença»

JORGE DE LIMA

Copyright de LEITURA

FREI Mansueto Kohnen O. F. M. é o diretor de "Coleção Presença", de que já saíram à estampa dez pequenos volumes de cultura sadia, moderna e verdadeira cultura cristã. Estes adjetivos são propositais, pensados e pesados no momento curto de lança-los ao papel deste comentário escrito sobre a perna. São aparentemente qualificativos redundantes em se tratando do cristianismo, de cultura cristã, sempre moderna, sadia e verdadeira.

Pode-se caracterizar uma geração por seus mestres: Proust, Chesterton, Gide, Ruy Barbosa, Claudel — fisionomias das tendências de uma época. Um Debussy nos deu uma escassa prole; um Picasso comparece em cada fase de seu fregolismo: é como um espelho mágico em que a pintura se depara em muitos de seus impasses. Estes titeres avançam, mas fecham as picadas em que a geração esbarra. No máximo indicam veios que elas esgotaram, que não são mais praticáveis sob pena de seus seguidores encontrarem o ridículo ou a palma da mediocridade, transformando-se em subprodutos de escasso valor. Uma geração se define também por suas predileções mais significativas, que são geralmente as suas preocupações e seus temas favoritos: organizando-se um apanhado dos assuntos mais dominantes, retirado de jornais, revistas, programas de congressos, centros literários e de diversões, rádio, etc., o que vemos, entre moços de espírito vasio que querem encher o tempo, é a fascinação do futebol, do cinema, do carnaval e dos esportes dirigidos para renda de clubes galantes. Os assuntos de arte se resumem em coteries em torno de um ou de outro poeta ou escritor que tal e tal grupo considera o maior, originando-se deste torneio animações ingênuas, entusiasmos sem raízes ou frutos de qualquer interesse material.

Confissões, denúncias, análises, debates: a geração atual (não estou citando só o panorama brasileiro) enche, com sua algazarra, toda a literatura contemporânea. Com um tal acervo de documentos incoerentes e heterogêneos, em que fáceis desdenhos substituem frequentemente, pelo acessório decorativo, o essencial oculto, é difícil ressaltar os poucos traços em que se resume em sua originalidade a fisionomia desta geração. Fixemos, de início, os fatos históricos que a situam, o sistema das grandes forças que a conduzem, a orientam e a limitam. Estes são: o século, a guerra e a revolução. Representa o século uma sinopse de nossa civilização, um período crítico do crescimento da humanidade que, por sua vez, amolda as forças naturais à engrenagem de sua própria organização. Deste progresso cada século representa uma fase. Calma ou angustiada. A face do século XIX foi calma. A face do século XX é inquieta, senão atormentada. A máquina que o homem ofertou ao século pôs a natureza a seu belprazer. O homem tornou-se ubíquo, locomove-se sob as águas ou na estratosfera como quer e para onde quer, e seu pensamento se transmite de antípoda a

antípoda em menos de um segundo. Conseguiu satisfações fáceis e com elas multiplica os seus desejos anulando o esforço. — uma vida vasia de sacrifícios, pois tudo está à sua mão e todos os sentidos sofrem a ação da ácida massagem que as suas experiências inventaram para gozo do corpo. A televisão, o rádio, a crítica de livros, o artigo doutrinário, as dezenas de "revistas-digesto", o cinema, o disco, que substituem o livro, reduzem as inteligências ao papel de ruminantes intelectuais de leituras já digeridas. A atividade do ser humano se transforma numa atividade de passatempo esportivo e intelectual. Ao lado desta gratuidade a vida vertiginosa do século trouxe uma confusão que não é somente moral, mas atinge ao próprio raciocínio. Etetivamente se pretendeu que este século houvesse dado ao homem um domínio sobre a natureza; mas o domínio que lhe outorgaram as suas conquistas foi um domínio sobre a vida, pelo suicídio, pela castração e pela eutanásia, domínio sobre a procriação, não por continência sexual, mas pela agressão criminosa às finalidades biológicas; domínio sobre a raça pela esterilização dos indivíduos supostos inferiores e indesejáveis; domínio sobre si mesmo pelo esfacelo voluntário da família e pelo desamor à prole futura; domínio sobre o tempo e sobre o espaço com o avião em que o dominador conduz a morte, pelo rádio que espalha o erro e a mentira e poucas vezes a verdade. Deduz-se de tudo isto que esta idéia de domínio encerra em seu bojo às mais das vezes a cessação da vida. A guerra acelerou ainda mais o espetáculo do domínio e das conquistas desta geração. Não assistimos a uma guerra de pessoas, mas de máquinas, de número, de engenhos de destruição e da possibilidade de fabricação de explosivos. E, entre a guerra passada e a presente, isto é, durante o armistício, os ideais antropocêntricos, as hipertrofias de individualidade fizeram com que, levado pelo seu elan romântico — força cega e sentimental — o homem não soubesse prevenir: o mercado mundial foi inundado de produtos que a pleora e a concorrência desvalorizavam. Chomage — miséria mundial — Weltschmerz. Os valores se haviam invertido, a civilização teve, para aliviar a sua fatalidade romântica, de se centralizar no econômico em que o homem esqueceu o espiritual. Em conclusão: a crise humana, psicológica e moral é que produziu o desequilíbrio do econômico, e ao lado de outras causas apressou a irrupção da guerra que já alcança duas adolescências. A nossa geração foi atingida duplamente: na juventude e em plena maturidade. Assistimos as consequências da primeira guerra, conhecemos os seus mutilados, assistimos a um armistício agitado de revoluções, registamos a população dos males decorrentes — as injustiças dos tratados, os totalitarismos absorventes, as febres das ditaduras, a chomage, a corrupção, a desorientação econômica, a fome, o des-

(Continuação à página 42)

AMERIC=EDIT.

Já publicou:

RABOLIOT, roman

(Prix Goncourt) -
par Maurice Geyvoix

Cr\$ 25,00

HISTOIRE DE L'EGLISE

Préface de S.
E. le Cardinal Bau-
drillard,

par Paul Lesourd Cr\$ 20,00

LA MATERNELLE, roman

(Prix Goncourt)

par Léon Frapié.. Cr\$ 22,00

LA MAISON DE DANSES,

roman par Paul Re-
boux

Cr\$ 20,00

AZIYADE', roman

par Pierre Loti .. Cr\$ 20,00

LA RÉVOLUTION FRAN-
ÇAISE

par Pierre Gazotte

(2 vols.) Cr\$ 42,00

LES DIVERSES FAMILLES
SPIRITUELLES DE LA
FRANCE

par Maurice Barrès

de l'Ac. Française.. Cr\$ 20,00

DANTE

par Louis Gillet, de

l'Ac. Française .. Cr\$ 20,00

THERÈSE RAQUIN, roman

par Emile Zola ... Cr\$ 22,00

THAÏS, roman

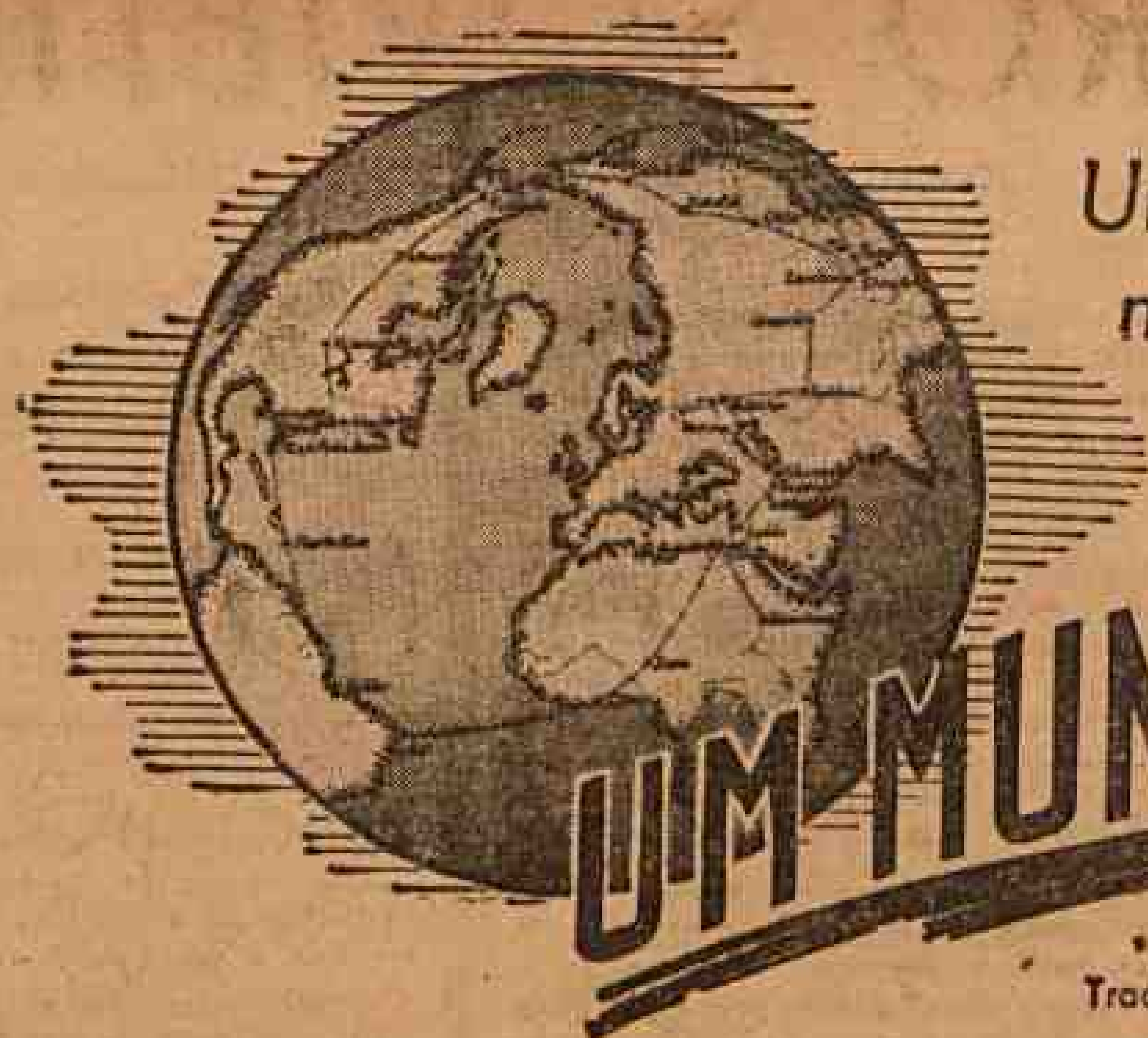
par Anatole France

de l'Ac. Française Cr\$ 20,00

AMERIC=EDIT.

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso



Um livro da
mais palpitante
atualidade!

UM MUNDO SÓ

• Por WENDELL WILLKIE
Tradução de MONTEIRO LOBATO
2a. EDIÇÃO

Acaba de ser apresentada a segunda edição de UM MUNDO SÓ, um dos maiores sucessos literários do nosso país. A primeira edição, de 10.000 exemplares, esgotou-se oito dias após o seu lançamento. UM MUNDO SÓ é um relato da sensacional viagem de Wendell Willkie ao redor do mundo em guerra, na qual visitou a África, o Oriente Médio, a Rússia, a China e outros lugares. Do que viu e observou nessa longa viagem, das entrevistas que teve com reis e ministros, almirantes e generais, soldados e homens do povo, ele nos dá conta neste seu livro, num estilo eminentemente pessoal, vivo e inquieto.

★ UM MUNDO SÓ superou todos os recordes de vendas nos Estados Unidos — 938.316 exemplares vendidos em pouco mais de um mês! ★

Volume em brochura Cr\$13,00

Brevemente, na coleção «GUERRA E PAZ»
A ITÁLIA POR DENTRO, Richard Massock
A ALEMANHA POR DENTRO, Lochner
A QUEDA DE PARÍS, Ilya Ehrenburg
JORNADA ENTRE GUERREIROS, Eva Curie



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

S. PAULO

Peça pelo Serviço de Reembolso Postal

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo

Rua do Ouvidor, 94 — RIO DE JANEIRO

O TEATRO SOVIÉTICO

JORACY CAMARGO

Copyright de LEITURA



FUI à Rússia atraído pelo Festival Teatral de Moscou. Quando surgiu, em Paris, o programa, anunciando o Terceiro Festival, e prometendo aos turistas dez dias maravilhosos, com a apresentação das maiores realizações de todos os gêneros de teatro levadas a efeito durante o ano de 1935, não resisti à tentação, e logo me incorporei à caravana de homens de teatro da França que partiria por aqueles dias para a capital artística do mundo. A excursão seria, como o foi, patrocinada por escritores cuja companhia, durante a viagem, seria, para mim, o primeiro motivo de sedução. Eram eles: — Emile Fabre, administrador geral da Comédia Francesa; Gaston Baty, diretor do Teatro Montparnasse; Victor Boucher, diretor do Teatro de Michodière; René Rocher, diretor do Teatro do Vieux Colombier; Robert Trébor, diretor do teatro da Madeleine; Charles Dullin, André Mauprey, Georges Colin, Marcel Achard, Pierre Audiat, Jean-Jacques Bernard, Edouard Bourdet, Jean-Richard Bloch, Benjamin Crémieux, Jacques Deval, Luc Durtain, Lenormand, Léon Moussinac, Charles Vildrac e tantos outros, cujos nomes não anotei, no momento. Tudo isto, pelo preço sedutor de dois mil e duzentos francos, embora os meus illustres colegas, por mais mil francos, viajassem em segunda classe, enquanto eu, com alguns outros menos afortunados, tivéssemos passado quatro dias e quatro noites num compartimento de terceira classe, gramando um banco duro e sendo grosseiramente importunados em quatro fronteiras, alta madrugada, tiritando de frio, e catando pelo chão as roupas que os funcionários das alfândegas e os policiais espalhavam, sem dó nem piedade... Felizmente, essa odisséia terminou na fronteira da Rússia, depois que um verdadeiro batalhão de soldados poloneses, que havia ocupado o trem em Varsóvia, desceu em Stolpce, dando-nos a sensação de ser postos em liberdade, quando fomos entregues a um grupo de rapazes risinhos, soldados soviéticos, que deveriam ter instruções muito especiais para receber carinhosamente as visitas. Assim, entramos em Niogoreloje, já na Rússia, para as primeiras formalidades policiais

e alfândegárias, e a necessária baldeação. Desta vez os nossos maletas foram rigorosamente revistadas, mas, em compensação, moças especializadas em arrumação de malas, recolocaram tudo, "cientificamente", em seus lugares. Passamos para o trem soviético, que nos aguardava do outro lado da plataforma, mas ali já éramos todos iguais, ou quase iguais, porque os excursionistas de terceira categoria também tinham direito a confortáveis leitos, e era com um leito que eu vinha sonhando, semi-acordado, desde a "Gare du Nord"! No dia seguinte, pela manhã, estávamos em Moscou, e recebíamos, no "hall" do hotel o seguinte programa de espetáculos, para os dez primeiros dias: — Grande Teatro: — "Sadko", de Rimski-Korsakow; Teatro dos Jovens Espectadores: — (matinée) "Till Eulenspiegel", de Coster; Teatro Judeu: — (soirée) "O Rei Lear", de Shakespeare; Teatro Nemirovitch-Dantchenko: — "Katherine Ismailova", ópera de Chostakovitch; Teatro da Criança: — "A Lenda do pescador e do peixe", de Polovinkine; em "matinée", e, na "soirée", "O Cura Espanhol", de Fletcher; Teatro Cigano: — (matinée) "Carmen", de Bizet; Teatro dos Artistas Profissionais de Moscou: — "A Cidade dos Ventos", de Kirchon; Grande Teatro: — "Os três obesos", bailado de Oranskov; Teatro Realista: — "Os aristocratas", de Pogodine; Pequeno Teatro Acadêmico: — "Os Combatentes", de Romachov; Teatro de Marionettes, ou Teatro do Livro Infantil, em "matinée"; Primeiro Teatro Acadêmico (Teatro Gorki): — "O Furacão", de Ostrovsky; Teatro Tairov: — "As noites egípcias", de Shakespeare-Shaw-Puchkina; e, por fim, no Teatro Vakhtangov: — "O Distante" (Dalakoye), de A. Afinoguenov. Além desse programa teatral, durante o curso da década de arte, várias projeções dos melhores filmes nos foram oferecidas gratuitamente, e, dentre eles, os seguintes: "Tchapéev", dos irmãos Vassiliev; "As jornadas culminantes", de Zerkhi e Heifetz; "O novo Gulliver", de P. Houchko; "Os camponeses", de Ermler; "Os aviadores", de Raïsmán, e "Pepo", de Bek-Nazarov.

Como se vê, era uma verdadeira festa olímpica de arte. Não disponho aqui de espaço suficiente para dar as minhas impressões de tantos espetáculos, que nos apresentaram todos os gêneros, como a tragédia, o drama, a comédia, a farsa, o "João Minhoca", o bailado, tudo enfim o que se possa fazer dentro de um palco, ou numa tela de cinema. Mas prometo, em artigos sucessivos, dar conta de tudo o que vi em matéria de arte teatral na Rússia Soviética, em 1935. Entretanto, tive o cuidado de colher impressões, entre os meus companheiros de excursão, anotando-as, para que um dia pudesse citá-las, e que posso e fazer. Charles Vildrac, por

exemplo, disse: — "Sem sei que entre os que se apaixonaram pela arte dramática, seria banal dizer que a expressão cênica na Rússia Soviética é a primeira do mundo, mas eu não resisto ao prazer de repetir essa banalidade". Georges Auric falou assim: — "Qual o artista que poderia deixar de inclinar-se diante do magnífico movimento que estamos presenciando com verdadeiro encantamento, no teatro e nas artes da U.R.S.S.? Eu me regosijo da oportunidade que me permite exprimir publicamente o meu reconhecimento e a minha admiração, pois seria escandaloso deixar de manifestar esses sentimentos com o mais pura sinceridade". Gaston Baty disse que o teatro francês lucraria muito, encontrando-se constantemente com o teatro soviético. Pierre Audiat achou que os russos não eram apenas artistas natos, mas também admiráveis inventores dentro de todas as artes. Estas opiniões, como todas as outras, e a minha, referiam-se aos resultados maravilhosos a que chegaram os artistas soviéticos em todas as artes, graças às facilidades de expansão das suas faculdades, e, sobretudo, aos elementos de que podiam dispor, em plena liberdade de ação. O teatro, na Rússia, incorporado, como todas as artes, no plano de construção do regime socialista, fora orientado, no princípio, pelo gênio de Lunatcharski, que era um dos homens mais dotados de quantos surgiram do movimento proletário, duma cultura extremamente rica, e servida de faculdades artísticas extraordinárias. Dizem os seus companheiros que ele não tinha um caráter de ferro, aquela firmeza, aquela força de vontade necessárias a um verdadeiro condutor de milhões de homens. Não tinha, mesmo, a profundidade teórica, a ortodoxia, a lógica inquebrantável da dialética que distingue os verdadeiros gênios da revolução, devido, talvez, à sua natureza sensível, artística, que chegava a produzir-lhe hesitações. Contudo, reconhecem os seus camaradas que Lunatcharski atravessou toda a sua existência como um dos mais nobres elementos do movimento revolucionário, um combatente inflamado, que entrará na história como o edificador entusiasta da cultura socialista. Orador, conhecedor profundo de todas as artes, desde a música à arquitetura, filósofo, jornalista, político, super-dotado em todas essas manifestações do seu talento, foi ele o organizador da cultura soviética, concebendo o socialismo como um desenvolvimento de todas as faculdades humanas latentes. Pois foi esse homem, cujos erros e vacilações deveriam de logo ser perdoados, como o foram, que, na qualidade de primeiro comissário da Instrução Pública, preparou os "milagres" da cultura soviética e, assim, contribuiu para a realização dos

(Continua à pág. 37)

UM ACONTECIMENTO LITERARIO



Com motivo do lançamento do novo romance de Jorge Amado, — um dos maiores romances brasileiros — **LEITURA** teve ocasião de ouvir vários escritores cujas opiniões transcrevemos com inteira satisfação

PRUDENTE DE MORAIS, Neto:

É o melhor livro de Jorge Amado, superior à maioria dos romances brasileiros aparecidos nestes últimos tempos.

EDISON CARNEIRO:

TERRAS DO SEM FIM supera todos os romances de Jorge Amado e talvez o próprio romance nacional.

RUBEM BRAGA:

Outro dia, lendo a obra e a vida de Gregório de Matos, encontrei uma Baía que me era familiar. Mas não podia ser a que eu conhecia de uma Semana Santa chuvosa da cidade do Salvador. Lembrei-me: era, em substância, a mesma Baía de Jorge Amado, cheia da injustiça dos homens e do perigo das mulheres.

Neste novo romance Jorge volta à sua terra mãe, e volta com uma força mais seca e um movimento mais apaixonado. Este é um livro de homem feito, mas a generosa criança está presente e viva.

EDGARD CAVALHEIRO:

Considero **TERRAS DO SEM FIM** superior a **JUBIABA**, como romance. É o mais denso dos livros de Jorge Amado, aquele onde suas melhores qualidades de narrador romanesco e humano, etc., estão presentes



Prestigiemos a nossa Literatura

(Da Sucursal de LEITURA em São Paulo)



S. PAULO (Da Sucursal) — Há indiscutivelmente no Brasil uma nova geração de editores, como há uma nova geração de escritores e uma nova geração política. Essa geração não se destaca das demais apenas pelo seu temperamento empreendedor e pela capacidade de realização, mas também pela vontade de vencer e de vencer pelo progresso. A vitória nos nossos dias não sorri apenas aos pacientes e aos que possuem essa virtude maravilhosa que é a constância. Ela sorri principalmente aos que sabem abrir perspectivas, aos que sabem romper com o passado, aos que sabem vencer valorizando o próprio esforço e o trabalho dos outros. Nesse caso particular, a vitória de um editor significa o êxito de uma aliança segura e leal com os intelectuais. Não precisaríamos dizer mais para que todos soubessem que estamos falando de um editor progressista ou melhor do Martins.

O Martins acha que a divulgação e valorização da literatura estrangeira no Brasil não deve significar o abandono da nossa produção. Ele soube incluir com inteligência os pensadores brasileiros na Biblioteca do Pensamento Vivo, organizada e planejada no estrangeiro, e na qual os nossos e mesmo os sulamericanos brilhavam pela ausência. Agora, ele acaba de lançar ao mercado dois novos livros de Mario de Andrade — "O Baile das Quatro Artes" e "Os filhos da Candinha" — obras que estão obtendo grande sucesso. Além

dos planos de uma grande História do Brasil, a ser escrita pelos nossos maiores historiadores e com unidade de método, o editor Martins acaba de resolver a publicação de obras fundamentais da nossa literatura, uma das quais inteiramente inédita e outras completamente esgotadas.

A Biblioteca Brasileira de Literatura, que já conta com as magníficas edições das "Reflexões sobre a validade dos homens", de Mathias Aires; "Iracema", "Noites na Taverna" e "Memórias de um sargento de milícias", será enriquecida em breve com as seguintes obras:

VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE, de Alcântara Machado ilustrada por J. Wasth Rodrigues, com uma introdução de Sérgio Milliet. Trata-se de um dos livros de maior interesse para o estudo do passado paulista;

CASA VELHA, romance de Machado de Assis, que não consta das edições das obras completas do criador de "Dom Casmurro", com ilustrações de Santa Roca e introdução de Lucia Miguel Pereira;

MARILIA DE DIRCEU, de Tomaz Antonio Gonzaga, ilustrada por Guignard e com uma introdução de Afonso Arinos de Melo Franco.

ALBUNS SOBRE O BRASIL ANTIGO

Ainda este ano a Editora Martins lançará dois albuns notáveis sobre o Brasil antigo, ambos com todas suas pranchas a cores: o de Moreau — "Rio de Janeiro pitoresco", verdadeira raridade bibliográfica, e o de Stalman — "Souvenir do Rio de Janeiro", ainda mais raro que o precedente.

VALORIZANDO A PRODUÇÃO BRASILEIRA

A coleção "Mosaico" não é apenas um esforço vitorioso na apresentação do livro, é também uma valorização do escritor nacional. Além de "Prosa dos Pagos", que acaba de sair, deverão ser publicados em breve na mesma coleção: "Poesia afro-brasileira", de Roger Bastide; "Montaigne e o

índio brasileiro", de Luís de Câmara Cascudo; "O Rio S. Francisco", de Carlos Lacerda; "Cobra de vidro", de Sérgio Buarque de Holanda; "Mar de sargaços", de Afonso Arinos de Melo Franco e "Três estudos", de Manuel Bandeira. Alguns livros de capital importância na literatura brasileira serão reeditados pela Livraria Martins e entre eles devemos destacar "Amazônia misteriosa", de Gastão Orulí; "Macunaima", de Mario de Andrade; "Em surdina", de Lucia Miguel Pereira; "Laranja da China" e "Braz, Be-xiga e Barra Funda", de Antonio de Alcântara Machado, e "Belazarté", de Mario de Andrade. E duas antologias encomendadas evidenciam ainda mais o interesse pelas nossas letras: "Obras primas da lirica brasileira", seleção de Manuel Bandeira e Edgard Cavalheiro, e "Obras primas do jornalismo brasileiro", seleção de Genolino Amado e Galeão Coutinho.

Esses planos são de um grande alcance intelectual e editorial. Traçando-os e realizando-os o editor José de Barros Martins lança um "slogan" que deve ser um programa: "Prestigiemos a literatura brasileira".

Bestsellers

North Americans

Estes livros são os de maior êxito atualmente em 14 cidades dos EE.UU. A ordem não obedece à importância dos autores, mas à venda dos livros.

Mcção

THE ROBE, by Lloyd C. Douglas.
HUNGRY HILL, by Daphne du Maurier.
THE VALLEY OF DECISION, by Marcia Davenport.
THE HUMAN COMEDY, by William Saroyan.
THE SHIP, by C. S. Forester.
CAPRICORNIA, by Xavier Herbert.
CITIZEN TOM PAINE, by Howard Fast.

Assuntos Gerais

ONE WORLD, by Wendell L. Willkie.
DURNEY AMONG WARRIORS, by Eve Curie.
U. S. FOREIGN POLICY, by Walter Lippmann.
THIRTY SECONDS OVER TOKYO, by Lawson and Considine.
ON BEING A REAL PERSON, by Harry Emerson Fosdick.
BETWEEN THE THUNDER AND THE SUN, by Vincent Sheean.
ROUGHLY SPEAKING, by Louise Randall Pierson.
GEORGE WASHINGTON CARVER, by Rackham Holt.
THE SPIRIT OF ENTERPRISE, by Edgar M. Queney.
WE CANNOT ESCAPE HISTORY, by John G. Whitaker.
QUEENS DIE PROUDLY, by W. L. White.



Os editores José de Barros Martins e Barboza Mello, e Paulo Zingo, diretor da Sucursal de LEITURA em São Paulo

PORQUE ESCREVI «O AGRESSOR»

ROSARIO FUSCO

COMEÇOU assim: num lugar subterrâneo, onde as noções de tempo e de espaço não contam, as impressões se acumulam. Uma frase que se ouça, uma lágrima que se surpreenda, um desastre que se assista... Certo dia, sem mais nem menos, o promotor das associações de experiências, que mora em nós, realiza, afinal, a figura do puzzle que pode ser um quadro, um poema, um romance (auto-affirmações intelectuais), um pião, uma crise de ciúme, um passo de conga (auto-affirmações digamos existenciais). Ninguém sabe de baixo de que bonde vai ficar, porque perde a namorada ou o bilhete de loteria. Presumo que a maioria ignore (a cujo número pertence, para obter, depressa, antes da segunda morte, o reino dos céus) porque o limão é azedo e o açúcar doce. Nunca pude justificar as minhas decepções com os amigos, ou porque eu os decepcionei. Jamais descobri porque, aos dezessete anos, fiquei sofrendo do peito por solidariedade a Manuel Bandeira (que deve possuir uma carta minha a respeito), "antropófago" com Mario de Andrade (idem), agora repentinamente interessado em Gauguin e cordialmente inimigo de Mozart. Tenho perdido ônibus, bondes, empregos, amizades. Nunca perdi a vontade de escrever (o autor de Macunaima já o testemunhou, de uma feita). Sempre fui um desprezível poeta (mamãe dizia que "versos não enchem barriga"), mas o meu consolo tinha contornos humanos na figura do velho Alberto Agostini (Guilhermino Cesar, romancista de Sul, Enrique de Resende, poeta de Cofre de Charão, e Francisco Inácio Peixoto, contista de Dona Flor, todos da minha terra, poderão atestá-lo). Marques Rebêlo, que me surpreendeu descalço jogando futebol nas ruas da minha cidade (hoje pareço mais velho do que ele), conheceu Alberto Agostini. Este calabrês boníssimo apaixonou-se pela filha de um alfaiate conterrâneo, moça prendada e bonita. Ninguém sabia do romance, mas o barão italiano bradava dominicalmente, nas colunas dos a pedido de "O Cataguazes": "por amor me puseram a bordo". Agostini ensinou-me isto:

"amor é doença, como escrever". Não sei, em verdade, porque escrevo, se todos escrevem, se há tantas coisas na vida menos melancólicas e mais



Rosario Fusco

eficientes. Não sei, pois, porque fiz O Agressor, ontem, como hoje faço O Livro de João, e, como amanhã, poderei escrever uma "arte de ser obediente" para minha filha cacula. A aventura se compensa com o prazer da aventura, tudo é aventura, tudo é imprevisito, nas epístolas de São Tiago e fora delas, na repar-

(Continuação da página 12)

segredos do sexo nunca foram violados. Por outro lado, a ciência moderna consigna inúmeros casos de indivíduos neutros, homens que não são nem homens nem mulheres, ou os casos em que há predominância de elementos femininos no homem e, contrariamente, de componentes masculinos nas mulheres.

São os chamados estados intersexuais e que ainda não se enquadraram no hermafroditismo.

Tais casos não podem ser negados e ninguém sabe ainda hoje se Joana era vítima de algum deles. Na época, os estudos médicos ainda estavam bastante insuficientes e creio por isso que ninguém pôde abordar a questão.

Deixando porem de parte esse aspecto do problema, o escritor Inácio Raposo defende a sua tese através do próprio valor moral de Joana, da sua bondade, da sua solidariedade para com os pobres e da qual que impossível recusa de subir ao trono papal. Tudo nessa singular mulher valeu pela intenção e entre ela e um Cesar Borgia, por exemplo, Deus, certamente, não hesitaria...

Não há nenhuma mulher que não tenha desejado ser homem e nunca em outra mulher esse desejo foi maior que em Joana! Traiu-a, como disse, o instinto narcísico de seu se-

xição e dentro da nossa própria casa. Vivo — quem não vive? — sob o signo do imprevisito, que manda chuva e manda guerra, protestos de títulos e cobradores à porta, falta de manteiga e falta de afeição, aumento do preço do cinema ou dore, de cabeça irremovível. O pintor Santa Rosa, entretanto, responsável pelo extravio de vários capítulos, há cerca de dez anos, poderá dizer-lhes que este romance não é de hoje nas minhas preocupações inconsequentes e, por isso mesmo, mais queridas. Custou, apenas, como custa à gente ler certos escritores, como custa a alegria otimista para o Graciliano Ramos ou a falta de apetite para o Almir de Andrade, grandes sujeitos, na intimidade e nas letras, extraordinariamente humanos nas suas virtudes que os livros não revelam e os encontros nas livrarias não descobrem. O Agressor não agradou a vários de seus leitores em primeira mão. Agrada-me e é o que basta. Minha vaidade é exclusivista, como o meu jeito de amar. Sou apaixonado, transbordante e — a quem interessar possa — violentamente ciumento. Escrevo com a caneta que usel no colégio, há vinte e três anos. Vivo num mundo onde raras penetram e, se penetram, faço tudo para não deixá-los sair. As lembranças escolheram o romance como veículo: expurgo-as debaixo da pena, com um prazer diabólico. É um mal, é um bem, é um erro? É tudo isso e não é nada disso: é uma fatalidade, para encurtar palavras. E, aqui entre nós e o respeitável público, eu sou fatalista, faço do provérbio mineiro a minha divisa: "o que tem de ser, tem força".

xo, quando não lhe foi mais possível resistir à sedução do próprio retrato que lhe fizera o pintor Tulio Clefas. Psicanaliticamente, poderia dizer que Joana se viu, como Narciso, refletida no pintor, possuindo-se a si mesma, ao ser possuída por ele!

Desse erro fundamental surge toda a tragédia, até a maior falta que a Igreja pôde cometer — muito maior que o de não querer admitir uma pápsa na sua história! — o de haver consentido que um dia de procissão a pobre mulher deasse a lux em plena rua, sem ser socorrida por ninguém e morrendo, por causa disto, logo em seguida.

Vasado numa linguagem clara e com argumentos poderosos, o estilo do sr. Inácio Raposo convence e nos leva, através de uma documentação exaustiva, a um passeio longo pelos caminhos às vezes esquecidos da verdade histórica.

Não fez ele, no entanto, obra copiosa e monótona, cansativa e inoportuna. Ao contrário, escreveu em forma romanceada à maneira de um Zweig, utilizando-se das fontes históricas, sem contudo indispor o leitor com enormes catáplasmas de transcrições.

A MULHER QUE FOI PAPA, de Inácio Raposo — Editora Pan-Americana Limitada — Rio, 1942.

TIPOS E MÁQUINAS GRÁFICAS. PAPEIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

SOCIEDADE ANÔNIMA NEBIOLO

SOB ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

End. Telegráfico: NEBIOLO

Agência de São Paulo

RUA BRIG. TOBIAS, 376/380

Telefone 4-3111

Agência Geral — Rio de Janeiro

RUA BUENOS AIRES N.º 263

Telefones 43-6025 — 23-0169

HOJE EM TODAS AS LIVRARIAS



INVASÃO

QUENTIN REYNOLDS

Autor de "Somente As Estrelas São Neutras"

História épica da abertura da segunda frente
Visão completa da marcha dos exércitos libertadores contra a
fortaleza de Hitler
Sensacional "Best-Seller" sobre a ação dos comandos na costa europeia
Empolgante narrativa dos heróis de Mountbatten

EDITORA EMPRESA GRÁFICA "O CRUZEIRO" S. A.

Leitura Escolhe um Conto

FILA A, N.º 20

Conto de LUIZ AUGUSTO DE MEDEIROS

Ilustração de PERCY DEANE

Copyright do LEITURA

ESTACOU à porta e olhou a rua: o movimento era grande. Sentiu falta de alguma coisa: voltou para apanhar a bengala, tornou a descer as escadas da pensão, e finalmente saiu. Depois de alguns quarteirões, indeciso no rumo a seguir, entrou num café pouco frequentado. A chibara vazia, o olhar distante, deixou-se ficar tempo esquecido a perder-se em lembranças da vila prateada. Terminada a sessão no cinema próximo, as mesas se enchiam. Levantou-se e foi olhar os cartazes. Numa tabuleta, cenas de uma história ligeira mostravam uma loura de olhos aguçados e sexo impreciso; teria a voz fanhosa e grossa. Nada como o filme silencioso... morenas de olhos negros e formas opulentas viviam amores apaixonados que um violino em valsa sentimental acompanhava ao único piano da vila. Desistiu do cinema. Queria aproveitar bem o domingo, mas dera para encontrar dificuldade em distrair-se. Cedo se fartara da grande cidade, onde por toda parte morcos de granito se levantavam em formas agressivas que um arvoredo escasso não abrandava. No alto do pico a cidade se negava: apenas entrevira pequenos trechos de casario nos pedaços esgarçados de intenso tapete de nuvens. Flocos destacados corriam rápidos e, ao se aproximarem, diluíam-se num sopro gelado que lhe bafejava o rosto. Sabia da escola que nuvens não passam de vapor de água, mas acostumara-se a vê-las no alto como seres consistentes a movimentar-se livres. Névoa, um hábito frio, o desgosto da verificação. Os bosques dos arredores, silenciosos e sombrios, eram tristes, e triste era o mar cor de cinza que muralhas de pedra aprisionavam. Tudo frio, escuro e triste. Passou a calçada. No jardim sem flores, árvores escuras levantavam-se de gramados escuros, mas gostava de andar por ali para sentir crepitarem esmagados sob os sapatos os pequeninos frutos que se espalhavam pelo chão. Caminhava devagar e os carocinhos faziam clic, clic, clic, clic. A aranha branca também fazia clic, clic, e alguns passos adiante as ondas de um mar muito azul desenrolavam na praia cachos brancos de espuma. A vibração balançava as palmas do coqueiral que se perdia ao longe nas colinas de barro ocre a requebrar no céu claro um horizonte de linhas sinuosas. A lembrança da paisagem suave, luminosa e quente encheu-lhe o coração de uma ânsia de ternura. Apressou o passo e, depois de atravessar o asfalto do largo, entrou na rua de paralelepípedos.

Convites ao amor chegaram-lhe aos ouvidos. Levantou a cabeça, mas o olhar das mulheres que se ofereciam semi-nuas na ombreira das portas arrefeceu-lhe o entusiasmo. A exibição impudente enocava-o, e a compra do prazer ordinário repugnava-lhe. Não, não eram essas as carícias que buscava. Queria também palavras de amor; na verdade não queria ouvi-las, queria dizê-las, mas não poderia dizê-las a semelhantes criaturas. Aborrecido deixou a rua. Subiu no primeiro bonde, e circulou a esmo até o fim da linha, numa praça onde teatros se defrontavam.

Na bilheteria restavam algumas entradas para os últimos lugares e uma cadeira na fila A, a 20. Embora muito do lado, preferiu a da frente, perto da orquestra que uma grade separava da plateia. A revista já começara havia muito logo que se acomodou, um ruído bolhoso desviou-lhe a atenção da "charge". Ao lado um moço pálido fungava. Aquietava-se alguns minutos, de repente levava com cuidado o polegar a comprimir uma das narinas, e numa expiração demorada rompia o obstáculo. "Girls" agitavam as pernas nuas, mas o gesto cauteloso distraía-o na espera da bolha rebentada e da respiração lenta. Para que tanto cuidado? Preferia que se assanhasse de uma vez, estridentemente. Quando um tenor cantou ao procedimento não pôde escutá-lo, os ouvidos presos à narina do moço pálido. Desejava sair. Encoste o queixo e cerrava os olhos para fechar as baquetas num jeito caricioso. De quando em quan-

do toda a fila estremecia sacudida pelas garra-lhadas de um sujeito gordo. A cortina se abriu e uma boneca dançou com um polichinelo. Bonita mulher. Os grandes olhos escuros, redondos e pestanudos também dançavam num rosto oval a que o "maquillage" espaventoso da coreografia não tirava a graça do sorriso claro nos lábios polpudos. Pena que o vestido tufado só deixasse ver a nudez de uns braços bem torneados. As

mã: aquela, porém, mauco de uma no uns belos olhos n Era 'uma boneca mãe': podia virar e, deitada, palpebras pilas. Só podia tê-la, a dormir não a prote- fantil. Sorrateiro, leva- vi-se na contemplação pantados e brilhantes cá. Uma noite, ao de- falso, derrubara-a. A cados dispersos nos e ligadas por molas o los continuaram fitan- apagaram-se, e numo palco a boneca fugia- nou a parar em fren- Confuso disfarçou vir- de um camarote um- deiro guardava duas- ros e parados. A dan-

Mais alguns volteios, numa corda que se- dando fim ao bailado e quando num agrado sorridente, deixando e pequenos, novamente ma emoção violenta, melha. Um repentino



pernas se desenhavam esbeltas em meias curtas calçadas nos sapatos rasos de bailarina. E o corpo, nos movimentos do bailado, deixava-se adivi- nhar esguio, mas cheio. Numa pirueta as saias giraram levantadas, e duas coxas morenas se mostraram na cartação firme de ginastia. Em gestos mecânicos parou bem em frente, e en- quanto o polichinelo dançava só os olhos de bo- neca se mexiam para lá, para cá, para lá. Para cá Onde vira uns olhos assim? Curioso... nunca mais pensara nisso, mas agora tudo surgia na lembrança. Não brincava com as bonecas da ir-

surda que lhe pesou- cena tornou a abri- mão ao nariz do me- zes do palco apare- cores. E a dor na cabeça. O tambor, lho, e vermelhos est- As meias pareciam de São Miguel. Fech- sava a perturbação numa tela vermelha as estrelinhas desap-

grande, quasi do ta-
no rosto de louca
miados e brilhantes.
Dizia "papai", "ma-
para cá e para lá;
am o negror das pu-
sua, quando a irmã
seu selo de mãe in-
para a cama e delicia-
seios olhos negros, en-
ver-se para lá, para
e, num movimento em-
zado vira que entre
negros duas esferas
invisíveis. Em pesade-
algumas noites, depois,
pensara nelas. No
do polichinelo. Tor-
num relance, olhou-o
rosto. Na penumbra
com area de fazen-
doras de olhos cla-
mava no outro lado.
angulosos e lentos, e
os bonecos pararam,
autos reanimaram-nos,
a boneca se curvou
pelo decote os seios
contornou os olhos. Nu-
contina fechar-se, ver-
tar-se fixou numa dor



chados ainda permanecia a tela vermelha. Em frente ao altar de São Miguel a mãe, atenta à imagem do arcanjo, rabiscava figuras num papel. Ia sair de anjo na procissão. Agitado passava os dias a ver o traie completar-se, mas suportava imóvel os longos minutos de prova na costureira. Sairia mesmo um São Miguel, de couraça e escudo prateados. Até uma garça de verdade apanharam, para as asas, e quando o corpo esguelo e branco ficara morto no ladrilho da cozinha, sangrando pelos dois buracos da amputação, não quisera que o jogassem no lixo; levantara-o pelo bico, a irmã segurando-o pelas pernas, e fora atirá-lo ao brejo que aratás mosqueavam de vermelho. Afinal chegara o dia da festa, e muito ancho andara ao lado do pai, bem na frente do andar da padroeira. Numa esquina a avó, toda contente e orgulhosa do neto, fizera-lhe menção para que levantasse a espada horizontalmente acima da cabeça, numa ameaça a um demônio invisível. Nem ligara. Segurava a balança na mão esquerda, o escudo enfiado no braço, e na direita empunhava a espada que cruzava no peito com a ponta para cima. E assim seguira, com a ponta da espada para cima. Um barulho maior da orquestra despertou-lhe a atenção. Não sentindo mais nada, abriu os olhos. O pano caía sobre um quadro patriótico. A platéia começou a esvaziar-se. Na primeira fila, tinha de esperar um pouco. Os músicos guardavam os instrumentos e iam-se retirando. Junto à grade, o tambor, livre do rapaz láso, mostrava a membrana esticada. A demora levou-o ao passado. Brincavam no sapotizeiro. De um galho mais alto, a caboclinha, azougue de vestido curto, avisara-o de que o ninho de pintassilgo estava sem filhotes. No quintal vizinho, de uma casa por alugar, carambolas amadureciam. Um olhar compreensivo, a descida rápida, e num instante se encostara ao muro. As mãos em estribo seguraram um pé da companheira, que num passo largo lhe subira ao ombro, e, dependurando-se, saltara do outro lado. Em dois pulos seguira-a. Algumas carambolas, e correram a explorar o terreno. Na casa fechada só se abria a porta do banheiro, onde um tanque enorme transbordava. Explicara que poderiam mergulhar juntos, a água cobrindo a nudez. Cerrou a porta para ela entrar no tanque, e logo também caiu na água, onde quasi não tomavam pé. Na brincadeira inocente, a intimidade dos contactos acabara por afogá-los. O acanhamento sumia-se. Foram para o cimento. Curiosidades esclareceram mistérios. Sós, no paraiso daquele silêncio ofegavam atônitos ante a surpresa das primeiras revelações. Num modo repentino da solidão, vestiram-se à pressa, e, como gatos assustados, tornaram a pular o muro. Não pôde tirar os olhos da membrana do tambor; os nervos a crispar-se numa ansia. Esperou alguns instantes que as pessoas mais próximas se retirassem, e, quando se levantou, num golpe rápido furou o tambor com a ponta da bengala. Aliviado, encaminhou-se para a saída. Num cartaz do saguão a boneca olhava-o sorridente. Desejos reacenderam-se imperiosos. Meteu-se num taxi e foi para a rua de paralelepípedos.

Sem saber como, encontrara-se no dia seguinte em frente ao teatro. Já era bem tarde, mas talvez alcançasse o bailado. Num acodamento, perguntara ao bilheteiro se tinha ainda o número 20 da fila A. Recebera a entrada, e na pressa deixara o troço da cédula. Imóvel, o rosto no travessão, os olhos fechados, não conseguia amortecer o pensamento, preso às lembranças da noite. Inútil o esforço, o sono andava longe. Desviou-se, e no escuro do quarto abandonou-se à visão da bailarina. Acompanhara embevecido os movimentos da dança, e quando, mais de uma vez, os olhos escuros cintilaram na sua direção, não voltara o rosto. A saída vira-a no meio-fio a esperar o carro. Os cabelos castanho-escuros, libertos da touca de abas largas, caíam de um minúsculo chapéu, inclinado na frente, e no rosto, sem as duas manchas vermelhas, apenas um leve toque de "rouge" atenuava a palidez da pele morena, escurecida ligeiramente numa penugem suave a marcar a curva do lábio. Os braços abrigavam-se num casaco de astracá, e as mãos nuas ostentavam pedras faiscantes nos dedos afilados. Sapatos altos acentuavam o talhe esbelto. Mai reconhecera o polichinelo no atleta moreno de rosto delicado que a acompanhara ao taxi. Pancadas de relógio lembraram-lhe o escritório. Tinha de dormir, ou a contabilidade sofreria na raspadeira. Cerrou as pálpebras, mas a cabeleira castanha, os cílios escuros e a penugem suave na curva do lábio cheio continuaram a revirá-lo no colchão. Impossível afastar os braços bem torneados, os seios pequenos, as coxas morenas. Um cão uivou no terraço. Não podia tolerar semelhante bicho. E era estúpido meter cachorros em sobrados apertados. A mãe não permitia animais na casa bem cuidada. Para que diabo queria a dona da pensão aquêle vira-lata? Pior era a mulher do gerente do escritório. Pendurava-se ao telefone, e eram pedidos de biscoitos especiais, sabonetes especiais e veteriná-

rios especiais para o terra-nova, que trazia o casal sem filhos suspenso às suas variações de humor, manhoso como criança. Saberia a boneca tratar de crianças? Seria doce beijar-lhe os olhos fechados. Os lábios polpudos... Um uivo lancinante arrancou-o da cama num pulo, e um tinteiro riscou o espaço. O cão aquietou-se. A garganta seca, acendeu a luz, e, enquanto a bica do lavatório enchia o copo, viu no espelho as têmporas grisalhas, a testa se alargando no cabelo ralo, duas linhas fundas a cair das asas do nariz. A água fria contraíu-lhe o estômago vazio. Torceu o computador e tornou a deitar-se. Precisava dormir. Pensou no ordenado magro de contador, na "toilette" luxuosa, nos brilhantes grãos. Não tinha juízo. A curta distância da cadeira ao palco era um abismo. Viu tudo claramente. Nada podia pretender, nada podia esperar. Era sensato. Mas voltaria ao número 20 da fila A.

Voltou. E os dias se transformaram em longos intervalos do espetáculo de revista. No escritório, as horas se arrastavam lentas, a mão alinhava os números da partida no borrador, o pensamento fugia num sonho iluminado pelos olhos da bailarina esguelo. Caía a tarde. Jantava e, na espera da representação, perambulava pelas ruas próximas ao teatro, a olhar os manequins das vitrinas de "lingerie", indiferente às mulheres que passavam. Afinal, os ponteiros marcavam a hora. Corria a cortina vermelha, e, na mesma cadeira, sem nada pretender, sem nada esperar, encontrava as pupilas da boneca morena. Mas o enlévo mudo era perturbado pela febre que lhe martelava as têmporas, uma turvação na vista, a garganta seca. Terminava a dança, a admiração silenciosa se quebrava nos aplausos que acompanhavam o fechar da cortina e, como um sonâmbulo, descia à rua de paralelepípedos. Com a boneca no alto, a mulher entre os braços e o espírito esgarçado entre as duas figuras, a vida se dissociava. Partida, contrapartida.

Não voltaria ao teatro. O fio da sua vida se partira, se emaranhara, e não sabia como desembaraçá-lo, atar os pedaços. Partidas dobradas; boas na contabilidade, na vida traziam inquietação e sofrimento. Não voltaria ao teatro. Desenharia o novêlo, encontraria as pontas, seguiria num fio só, mesmo cheio de nós. Partida simples. Bem percebia como a nova secretária do gerente o olhava com aqueles olhos sonhadores de miópe. Não, não voltaria ao número 20 da fila A.

Mas voltou. E, findo o bailado, não pôde esperar na cadeira que terminasse a revista. Foi para a porta. A caminhar de uma esquina a outra, as mãos nas costas, a cabeça baixa, aguardou a saída da bailarina. Queria certificar-se. Quando metera o rosto na portinhola, depois de hesitar algum tempo em frente à bilheteria, o velho, sem esperar que declarasse o número, entregara-lhe num sorriso benévolo o 20 da fila A. Surpreso, o sangue a esquentar-lhe as orelhas, pagara a entrada e escapulira-se para a platéia. Agora o homem não estava mais no "guichet". Melhor. Pensando bem, seria ridículo fazer-lhe perguntas. Não atinava como podia ter-lhe guardado a fisionomia, centenas de pessoas a passar-lhe diariamente pelos olhos. Não podia, não queria ser otimista. Era impossível que o abismo diminuisse. Que motivo teria a bailarina para mandar reservar-lhe o bilhete? Não, provavelmente a cadeira, muito de lado, era pouco procurada. Mas, porquê o bilheteiro, uma malícia nos olhos, o sorriso por detrás dos bigodes caídos, entregara a entrada, justamente aquela, sem uma pergunta? Não acreditava em coincidências. E não encontrava outra explicação — a boneca estreitava o abismo. Demorava o espetáculo. Entrou no saguão e, ao olhar o cartaz, percebeu que um sentimento novo se unira ao desejo que lhe atormentava as noites de insônia. E ela, porquê o distinguira? Talvez as palmas que ainda ecoavam, quem

LEITOR INÉDITO: — Envie-nos o seu melhor conto para ser publicado com o mesmo destaque dos contos já aparecidos em LEITURA. O autor do conto escolhido poderá orgulhar-se de que venceu um verdadeiro concurso... Pagaremos 100 cruzeiros. Não devolveremos os originais.

tes e únicas, quando os aplausos já haviam cessado, lhe chamassem a atenção para o número 20 da fila A, e a admiração insistente acabasse por comovê-la. Agora estava certo de que ela mandara separar o bilhete.

As portas da plateia se abriram e as primeiras pessoas apareceram. Foi para o meio-fio. Ela não demoraria, costumava sair com os últimos espectadores. A calçada se encheu; na rua o movimento aumentou, diminuiu; o coração começou a bater-lhe apressado. Avistou um rapaz da pensão, fingiu não tê-lo notado — não apreciava a sua delicadeza manietosa e insinuante. O jovem aproximou-se e tocou-lhe amavelmente no ombro:

— Que tal, gostou da revista?

— Mais ou menos.

Estava de arar. Não costumava puxar conversa, e logo numa ocasião desta é que um tipo daquele vinha abordá-lo. Não queria ser visto em semelhante companhia. Fechou a cara para ver se o afastava, mas o sujeito, os olhos miúdos atentos aos olhos que passavam, continuou:

— Só me agradou o bailado. O tenor também fez um número interessante. Mas o que esteve bom mesmo foi o bailado. Que polichinelo maravilhoso! Admirável nos "entre-chats". E que graça nas piruetas! Não lhe parece que já temos elementos para um grande "ballet" nacional?

Olhou-o e notou que as sobrancelhas, finas e aparadas, estavam enegrecidas a "crayon". Enojado, ia mandar o tipo afastar-se, mas como a bailarina apontasse no saguão em companhia do atleta de rosto delicado, limitou-se a responder impaciente:

— Não me parece nada. Não entendo, nem quero entender de "ballet", e muito menos de bailarinos. Que me importam bailarinos? Ora essa!

O tipo não se afastou; continuou a falar, mas não o ouviu, atento ao par que chegava à calçada. O taxi riscou no meio-fio e, quando se acomodaram, pareceu-lhe vê-la sorrir do fundo do carro. Não havia dúvida, ela mandara reservar o bilhete. Na felicidade que o invadiu esqueceu tudo, esqueceu até o indivíduo que lhe falava junto, e só percebeu o que dizia quando o automóvel desapareceu no outro lado da praça.

— Como ficou embebido na dançarina! Pois olhe, é amante do companheiro de palco, e um figurão do alto comércio morre nas despesas.

— Que? que está dizendo?

— Estou dizendo que ela forma um trio com o bailarino e um velhote do comércio.

— Vá para o diabo!

Numa raiva furiosa, saiu em passadas largas, sem atinar sonda lá. Que tolo fora! Nem vagamente imaginara tal barbaridade. Como seria admissível pudesse uma mulher gostar de semelhante dançarino? Ia adivinhar? Gestos ondulantes, ademanes femininos, corcadinhas nas pontas dos pés terminando num "staccatto" de nádegas arrebitadas. Nojento. Não, não era possível. Podia lá um tipo daquele ser amante de ninguém? Dava até vontade de rir. Mas não riu — a natureza era caprichosa e vária, e não havia absurdo a que outro absurdo não se ajustasse. Não, também o atleta de rosto delicado era moreno e alto, seriam irmãos. Mas... Uma idéia quis surgir, recalculou-a e transferiu todo o ódio ao figurão do comércio. Fora mesmo um imbecil. Então não viu que um simples número de revista não dava para tanto luxo? Jóias caras, uma "toilette" diferente cada noite, carro para cima e para baixo. E, para ter essa vida, agarrara-se a um meio homem e a um resto de homem. Ordinária. E fora enfeitigar-se por uma criatura dessa. Porque não gostava de uma moça direita como a secretária do gerente? Porque não voltava aos seus livros de história antiga, ao caderno de poemas, aos desenhos a nanquim? Era um idiota. Sim senhor! um velhote, um moço bonito, olhares aos marmenjos da plateia. Vagabunda. Estaria sentindo falta de um homem de verdade. Pois ia conhecer um. E também lhe daria umas trinchadas, depois de acertar as diferenças com o bailarino e o comerciante. Na certa os tipos seriam covardes.

O figurão do alto comércio não queria escândalo na rua nem explicações em casa, e o atleta, com aquela musculatura toda, não iria arriscar-se a estregar as linhas do rosto delicado. Até já gozava o triunfo. Dessa vez riu, e riu alto, agitando a bengala. Estava se atormentando à toa; afinal, aquela trinca não valia tanta amofinação.

— Que se lixemi! É isto mesmo, que se lixemi!

Deu com os olhos numa senhora, a observá-lo entre espantada e risonha. Calu em si, estava falando alto. Diminuiu as passadas e procurou acalmar-se. O sangue lhe queimava o rosto. Iria ao fim da avenida refrescar a cabeça no vento que vinha do mar. Diligenciou fugir das idéias que o atormentavam, pensar no escritório, na pensão, na vila distante, mas em nada se podia fixar, reavaliando temeroso para a dançarina, o moço bonito, o velhote endinheirado. No jardim à beira-mar encostou-se à amurada. Talvez fossem irmãos. Não se sentiu seguro nessa esperança. Qual era a moral da gente de palco? A idéia recalcada quis voltar, repeliu-a. Enfim, que era a moral? Olhou a estátua que imortalizava um cavaleiro no gesto de saudação a um golpe vitorioso. Mais longe, duas pirâmides afiladas cobertas de hera ladeavam um chafariz. Das pirâmides no jardim o pensamento foi para Santa Maria do Egito, deteve-se no barqueiro exigente, na descandência da santa, e deslizou para a noiva que tivera na vila. Não se entendera com aquele coração emurchecido num puritanismo cego às realidades. No seu amor, os olhos não se fechariam umedecidos pela ternura, os seios não arfariam arrepiados pelo desejo, as coxas não teriam função. Para atravessar o rio, Santa Maria Egípcia, o pensamento longe, entregara-se ao barqueiro; nenhum compromisso, nenhuma corrupção, que não se chega ao espírito pela carne. Mas vence-se o corpo quando se possui a alma. Não acreditara na alma da noiva. A santa só buscava o céu; a noiva queria compromissos, vantagens terrenas, e, com a alma embuçada em preconceitos, não percebia o eufemismo da sua virtude. Não aceitara a pureza da noiva, mas compreendia a perdição de Santa Maria do Egito. No Egito os Faraós se casavam com as irmãs, para resguardar a pureza da família. Que era a moral? A idéia recalcada libertou-se: mesmo sendo irmãos... Mas que diabo um tipo daquele tinha a preservar, ele que já trazia em si a causa da sua extinção? Nada tinha que preservar, mas, enquanto não se extinguia, atrapalhava a vida alheia. Ele merecia era morrer na ponta da faca. Instintivamente levou a mão ao cabo do punhal, que sempre trazia consigo. Nunca deixara aquele hábito, aquela tradição da sua gente. Para que andava de punhal? Tolice, não tinha coragem de matar ninguém. Talvez o conservasse no desejo de um dia entrar no bilhar da vila, pisando firme, de nariz levantado, o paletó aberto com o cabo da arma saindo pela cava do colete, a mostrar que a grande cidade não lhe tirara o caráter. Tantos anos longe! Não voltaria mais à vila. Os pais mortos, os irmãos mais moços, que mal conhecera, dispersos pelo mundo, a irmã casada com um estranho, que iria fazer lá? Não, nunca mais sentiria o calor da paisagem suave, luminosa e quente. Puxou o punhal e atirou-o às lajes do quebra-mar. Não queria mais ligações com um passado que só lhe trazia recordações penosas. Bastava-lhe a danação do presente. Sentia-se um fracasso. Era galho cortado a que nenhuma chuva daria raízes, nenhum sol daria flores. Debruçou-se na amurada. O mar desaparecia no escuro da noite, e as luzes apagadas no cimo dos morros deixavam confundir-se numa só mancha negra as fortalezas da barra, o céu sem estrelas, o oceano largo. A morte espreitava próxima sob as águas. Longe, muito longe, povos se estragavam. Não sentia fome, não se preocupava com terra, era um prisioneiro para quem essas palavras não tinham significação. A morte rondava perto. Não sentia fome? Não tinham significação as necessidades miúdas, as estreitas limitações que o arrancaram da vila para soltá-lo num

mundo onde não podia enraizar-se? E a ânsia de amor que lhe devorava o coração? Tolice estabelecer hierarquia para as vísceras. Todas as necessidades se confundiam numa fome só. A morte apagava as fronteiras. As contas seriam ajustadas, as luzes voltariam a acender-se no cimo dos morros, um novo dia iluminaria os campos, os frutos amadureceriam nas árvores, nenhum galho seria cortado.

Um ardor nos olhos, as pálpebras pesadas, foi para casa. Talvez o que o rapaz da pensão dissera da bailarina fosse mentira. Tipos como aquele sempre tinham que falar das mulheres. Com certeza era mentira. Adormeceu. Viu-se nua, um punhal na mão esquerda, a equipar num cavalo branco pela beira da praia. Havia luar. Subiu a calçada, mas as ruas tinham desaparecido entre as flores de um grande jardim. Cavalgou entre os canteiros que pequenas lâpidas salpicavam de branco. O jardim era um cemitério. Debaixo de um caramanchão distinguiu um casal de namorados e percebeu que eram fantasmas de muitos séculos. Adivinhou-lhes as fisionomias, mas não quis vê-las; desviou o cavalo e dirigiu-se para a capela, no fim de uma aléia de ciprestes. Fantasmas cegos andavam pela nave em círculos fechados. Quando souberam que o cavaleiro não estava morto e tinha olhos de ver, lançaram-se raivosos contra ele, mas o cavalo atirou-se no espaço e a terra se distanciou.

Ao ver os cartazes mudados anunciarem outra revista para o dia seguinte, o sangue fugiu-lhe das veias, uma garganta apertou-lhe a garganta, só os dedos trêmulos transpuseram o "guichet", obedientes ao olhar que pedia a entrada para a última dança da boneca.

Solteito, o velho entregou-lhe o bilhete:

— Já estava reservado.

O passado sumiu-se. Uma calma súbita levou-o em passos firmes à plateia, e, ao sentar-se na cadeira 20 da fila A, não sentiu nenhum abismo a separá-lo do palco. Estava decidido, hoje daria fim aos seus tormentos. O futuro seria diferente. Longe dos vizinhos da fila, dos músicos da orquestra, dos quadros que se sucediam na cena, voou nesse futuro sem paisagem, sem ambiente, a morena de olhos veludosos a fluir sem roupa de bailado, sem "toilette" luxuosa. A cortina correu, a boneca dançou com o polichinelo. Descobria agora intenções novas nos movimentos da bailarina e percebia a linguagem que as suas pupilas falavam entre os passos da coreografia. No instante em que ela parou em frente e os olhos, deixando de virar-se para lá e para cá, o fitaram, acenou-lhe perguntando num vultoso do indicador se podia encontrá-la na caixa do testro. Tomou como assentimento o sorriso claro e, logo que a cortina vermelha se fechou, levantou-se, contornou as frisas, procurou a ribalta. Com uma gorjeta informou o vigia de que o esperavam, e, ao alcançar os bastidores, diviso no fundo, à porta de um camarim, o par de bailarinos a conversar, gesticular, discutindo. Atordoado pela vai-vem dos artistas que se dispunham para as sequências do espetáculo, resguardou-se por detrás de uma árvore de pano. Silenciosos, sem embarçar-se nas cordas suspensas em roldanas, homens passavam carregando armações de cenários. Bruscamente o polichinelo se retirou, enquanto a boneca desaparecia no interior do aposento. Não fechara a porta, decerto o esperava. Confiante, andou rápido, e em três pulos subiu os degraus do camarim.

Sentada e pensativa em frente a um grande espelho que lâmpadas acetadas emolduravam, a dançarina, sem a touca de abas largas, o decote desatado, descobria vagarosa a nuca morena, arrepalhando os cabelos para um lado. As luzes perto do rosto não lhe permitiam ver muito além de si mesma, e a preocupação que a absorvia lhe cerava os ouvidos à presença da vista. O abandono daquele ar distante enterneceu-o, o coração bateu forte, um calor afogueou-lhe o rosto. Quis sair

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG — Diretor da Sucursal

SETEMBRO, 14 (Da sucursal) — Nenhum acontecimento intelectual perturbou neste mês a antiga Paulicéia Desvairada do sr. Mario de Andrade. Estamos em plena monotonia e em plena paz. Não há mais sensações, os poetas deixaram de comer amendoim e os sinais da borrasca desoporeceram. Debalde o sr. Oswald da Andrade ainda exercita o seu temperamento polêmico, mas os adversários não aceitam o combate. Parecem corridos pela mentalidade dos onunciantes e acham que é melhor evitar a luta, porque a luta permite também a propaganda do adversário. E nada de fazer cartas para os outros. Apenas Monteiro Lobato, cujo jubileu literário transcorreu agora, está disposto a dizer coisas pesadas contra tudo e contra todos. Possuidor de uma rica experiência literária, política e comercial, Lobato está desiludido com nossa época e com a nossa gente. Através de suas piadas de um sarcasmo causticamente, há o intelectual desiludido com os seus fracassos e com os fracassos coletivos. Nem a "plataforma da nova geração" chega a ser um acontecimento intelectual, apesar de ter melhorado muito com os depoimentos de Rubem Braga e Jamil Alamsur Haddad. E a paz intelectual reina em S. Paulo...

...

Os meios artísticos estão em grande atividade. Quadros de Portinari foram inaugurados numa estação de rádio; Carlos Prado abriu sua primeira exposição com grande sucesso e dentro de

preendê-la. Aproximou-se pé ante pé, e quando se curvou para beijar-lhe a nuca, as mãos buscando os ombros nus, a figura estranha que se desenhava no espelho arrancou da bailarina um grito de pavor que a música da orquestra amorteceu. Numa raiva súbita, despertada pela resistência imprevista, segurou-lhe fortemente o queixo e, desgostando-lhe a cabeça, prendeu-lhe os punhos, os cotovelos e apertou-lhe o busto contra o encosto da cadeira. Viu-lhe os olhos aterrorizados a girar nas órbitas. Numa ânsia, beijou-lhe suavemente as pálpebras e sorveu-lhe os lábios até ressumarem sangue. A dançarina, reanimada pelo medo, conseguiu alcançar com os pés a mesa do espelho, que desabou num estrondo de vidros a partir-se no chão. Pessoas acudiram, mãos fortes seguraram-no. Debateu-se em luta furiosa, mas ao distinguir, num falatório de mulheres aflitas, a voz da bailarina dizer: "Coisa horrível! Quasi me mata. E nunca vi esse homem, não sei quem é esse louco!", os nervos se afrouxaram, as pernas bambearam trôpegas, teve de amparar-se nos homens que procuravam dominá-lo. O rosto marejado por um suor frio ainda a procurou, mas as imagens rodopiaram e se esbateram em uma névoa que lhe embacou a vista. As idéias se confundiram, esgarçaram-se, diluíram-se numa noite negra, onde ficaram brilhando espantados dois olhos escuros e pestanudeas a mover-se para lá, para cá, para lá, para cá...

dias será aberta a da pintora France Dupaty. No meio dessa atividade artística e num momento em que problemas de ordem artística são discutidos e agitados por elementos inteiramente leigos no assunto, coube ao sr. Arnaldo Pedrosa D'Horta, dizer umas verdades a respeito. Falando sobre pintura social, afirmou friamente que não deve haver mais condotieri artísticos do que de homens. Isso é um grito contra a impostura que ameaça dominar o ambiente e transformar todos os alfabetizados e semi-alfabetizados em críticos de arte. Os verdadeiros artistas devem estar satisfeitos porque o número de críticos já ameaçava superar o de compzadores e os prejuizos não seriam pequenos.

...

A Editora Nacional acaba de lançar o livro de Wendell Willkie — Um mundo só, — obra que abre sua nova coleção "Guerra e paz". O trabalho do político norte-americano é de grande interesse e foi lançado num momento oportuno. Ele revela verdades, cujo co-

nhecimento pelo grande público poderá contribuir para evitar um desfecho político desagradável da guerra. Acima de tudo, Willkie compreende que o mundo é hoje uma unidade econômica, política e militar e que os problemas criados pela guerra só poderão ser resolvidos numa escala mundial.

Os magníficos trabalhos de Eva Curie — "Jornada entre guerreiros" — e de Ilya Ehrenbourg — "A queda de Paris" — deverão ser publicados nessa coleção que a orgúcia de Artur Neves está colocando nas mãos do público brasileiro. Se estivéssemos na Itália, concederíamos ao sr. Artur Neves a Ordem do Annunziato...

A intelectualidade piracicabana está de parabens. O sr. Antonio Osvaldo Ferraz acaba de reunir num volume editado pela Atena uma série de crônicas e de conferências. "Movimento literário" marca a estréia de um escritor que ainda poderá fazer muito. João Chiarini lançará em breve "Cururú", curioso ensaio sobre reminiscências africanas na região de Piracicaba.

Banco Industrial Brasileiro S.A.

FUNDADO EM 1936

Capital: Cr\$ 30.000.000,00

MATRIZ: Rua do Rosário, 111 — Telefone — 438830
Caixa Postal 785 (Rede Interna)

FILIAIS METROPOLITANAS

PRAÇA DA BANDEIRA — Praça da Bandeira, 305-A

MÉIER — Rua Frederico Méier, 8

MADUREIRA — Rua Maria Freitas, 17-A

DEPENDÊNCIAS NO INTERIOR

ESTADO DO RIO

Niterói, Petrópolis, Campos, Barra do Piraí, Nova Iguaçu,
Barra Mansa, Itaperuna, Cambuci, Rezende, Volta Redonda,
Vassouras, Carmo, Natividade, São Gonçalo

E. DE MINAS — B. HORIZONTE — R. TUPINAMBÁS, 380

Descontos — Depósitos — Cobranças — Cauções

A Experiência Literária

HERRERA FILHO

Copyright de LEITURA

REUNINDO vários ensaios de crítica literária e decifração dos enigmas da linguagem, e dando-lhes o sugestivo título de "La Experiência Literária", Alfonso Reyes apresenta-nos com um dos mais belos e sólidos trabalhos já saídos de sua pena. Porque, se é verdade que "a experiência é uma lâmpada que ilumina o caminho percorrido", nesta altura da civilização e do progresso o homem sonda esforçadamente a origem das coisas para tentar solucionar os graves problemas criados por essa mesma civilização e por esse mesmo progresso.

O terrificante negrume que todos nós, qualquer que seja a nossa atitude ante o eterno e o efêmero da Vida, deparamos no futuro, é uma causa bem forte da inquietude, do desânimo e das desesperações que o observador nota constantemente a sua volta, sem se julgar de modo algum alheio a essas desventuras cíclicas.

A experiência literária tem sido examinada, desde vários pontos de vista, por muitos críticos. E as várias correntes que ela tem suscitado e que habitualmente solicitam a nossa simpatia ou provocam a nossa antipatia, divergem entre si, fazendo-se muitas vezes notar somente pelas púgnas estéticas que atacam, desmanchando a serenidade teórica das investigações de laboratório das letras acadêmicas ou revolucionárias para se depravarem ou sublimarem aos imperativos político-partidários de grupos oposicionistas ou governistas.

Investigando os mistérios das primeiras tentativas feitas pelo homem para comunicar-se com seu semelhante, Alfonso Reyes passa em revista as variadas práticas mímicas e contorções corporais que necessariamente devem ter precedido a articulação dos primeiros fonemas — elementos radicais de onde nasceu, a pouco e pouco, a floresta sonora das palavras ordenadas por uma oracular gerarquia espiritual — essa mesma gerarquia que no artista vem a ser o núcleo central de sua prodigiosa capacidade criadora.

Alcançada a comunicabilidade oral, a par do ritmo descoberto pelo poeta e cujo segredo é um privilégio de sua natureza, as condições de vida da tribo melhoram extraordinariamente, surgindo as etapas superiores da existência social: tradição, religião, normas jurídicas estabelecidas pelos condutores de povos, estratificação de regras industriais e agrícolas, sem que, apesar da evolução, desaparecessem as vetustas mímicas e os pre-históricos contorsionismos alegóricos do corpo todo ou de suas partes: trejeitos labiais, gesticulação manual, atitudes declamatórias, ritualísticas e pornográficas, como ainda hoje se vê em todos os homens, sem distinção de classes, embora o ser educado nas convenções da alta sociedade seja um grande economizador de gestos para não perder a "linha" de ademanes elegantes.

Esse tema é abordado pelo autor em um número de páginas inferior

à sua magnitude (exigência de limite prefixado por motivos evidentes ao leitor culto), mas é-o de modo superior e baseado numa soma de leituras e exegese esplêndidas, realmente satisfatórias. Nós gostaríamos de esmiuçar os achados de Alfonso Reyes, caso o espaço ao nosso dispor fosse de molde a favorecer digressões menos esquemáticas.

Somos, pois, obrigados a só relacionar os títulos dos ensaios que integram "La Experiência Literária" tanto mais que a sua simples leitura entramos de chofre numa atmosfera de compreensão e simpatia: Hermes ou da comunicação humana, que é o que acabamos de pontilhar; Marsyas ou do tema popular, Apolo ou da literatura, Jacob ou idéia da poesia, Aristarco ou anatomia da crítica; da biografia, da biografia oculta, atrás dos livros; o avesso de um período, o avesso de uma metáfora, teoria da antologia; da tradução, categorias da leitura, alfândega linguística, sobre crítica dos textos, escritores e impressores, as "jitanjáforas" e perenidade da poesia.

Os temas assim propositadamente alinhados são coordenados de um mesmo mundo, conforme o diz o próprio Alfonso Reyes, dando ao leitor, logo de início, a chave crítica de seus ensaios, e servem de aperitivo para escritores e críticos novos e consagrados, mas indistintamente necessitados de livros substanciais como o que se acha em apreço.

Por exemplo, o ensaio sobre o tema popular parece-nos o mais interessante para alguns romancistas nossos que procuram interpretar a índole do povo brasileiro, ansiando topar os meandros mais recônditos da demopsicologia nacional, afim de surpreender o sentido que porventura se esconde nas incoerências temperamentais da nossa gente. Queró deixar bem claro, entretanto, que este meu conceito objetivo tão somente atrair a atenção dos romancistas sobre um conjunto de conclusões aplicáveis, em estudos comparativos, ao nosso país.

O ensaio sobre a tradução, trabalho de singular sabor para todos aqueles que já tivemos a nosso cargo passar uma página estrangeira para o nosso idioma, gira em torno do dilema de Schleiermacher, recordado pelo escritor mexicano: ou caminhar para a língua estranha ou atraí-la para a nossa própria língua. Os vaim técnicos do tradutor se reduzem realmente a este dilema torturante, e é precisamente das alternativas que constroem ou desembaraçam a linguagem do tradutor que nascem os méritos e os deméritos da tradução. De modo que as pungentes dificuldades linguísticas apontadas por Alfonso Reyes são bem classificadas e constituem, em certo sentido, a defesa do tradutor.

A observação pessoal que posso oferecer à crítica é que, como na vida humana, são as afinidades eletivas
(Continua à pág. 35)

NOVAS EDIÇÕES

CASEI-ME COM UMA FEITICEIRA

romance filmado —
Thorne Smith. Trad. de Edison Carneiro Cr\$ 14,00

CLEÓPATRA

romance Paul
Reboux. Trad. de
C. Rego Lins Cr\$ 10,00

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR

dos mais famosos
autores. Primeira
série Cr\$ 16,00

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR

dos mais famosos
autores. — Segunda
série Cr\$ 16,00

AS MULTIPLAS VIDAS DO CONDE DE CAGLIOSTRO

Biografia — Constantin
Photiadés — Trad. de Roberto
Pessoa Cr\$ 20,00

OS VIVOS MORTOS

romance — Eduardo
Zamacois. Trad. de
M. de Abreu Cr\$ 14,00

O AMOR, AS MULHERES E A MORTE

2.ª edição — Artur
Schopenhauer — Col.
"Os G. Pensadores" Cr\$ 3,00

ARABESCOS FILOSÓFICOS

Charles Baudelaire
— C. "Os G. Pensadores" Cr\$ 3,00

O PRÍNCIPE

(com os cáusticos
comentários de Napoleão e
Cristina de Suécia) — Maquiavel. Trad. direta e completa de
M. e C. da Silva. Cr\$ 8,00

SEJA SEU PRÓPRIO MÉDICO,

arte de viver muitos
anos em perfeita
saúde — Dr.
Vitor Heiser. Trad.
do dr. R. Pessoa. Cr\$ 18,00

NAS LIVRARIAS

Pelo serviço de reembolso
postal

Casa Editora Vecchi Ltda.

Rua do Rezende, 144 —

RIO DE JANEIRO

SETEMBRO DE 1943

COOPERANDO PARA ELEVAR O NÍVEL CULTURAL BRASILEIRO

Em virtude de contrato firmado entre nossa casa e a Editorial Losada, de Buenos Aires, os homens de cultura e o grande público do Brasil contam com um depósito de todos os livros lançados por aquela editora de renome e prestígio continentais.

Assim é que estamos habilitados a servir, principalmente a livreiros como a particulares, quaisquer títulos, em qualquer quantidade, das obras estompadas por Editorial Losada.

Relacionamos a seguir o nome das várias coleções em que se enquadra a copiosa produção da grande editorial argentina, *em modo* a facilitar aos interessados a solicitação dos respectivos catálogos.

Coleções em depósito na nossa casa

L I T E R Á R I A S

— Biblioteca Contemporânea — Las Cien Obras Maestras de la Literatura y del Pensamiento Universal — Los Inmortales — Biografías Históricas y Novelas — Las Grandes Novelas de Nuestra Época — La Pajarita de Papel — Obras Completas de Federico García Lorca — Grandes Escritores de América — Prosistas de España y América — Azul y Blanco — Libro de Juan Ramón Jiménez — Obras de Ricardo Rojas.

ANTOLOGÍAS — CRÍTICAS — TEXTOS — MANUAIS

— Antologías — Biblioteca de Estudios Literarios — Filosofía y Teoría del Lenguaje — Textos Literarios — Manuales de Enseñanza Secundaria — Enseñar Delicando.

ENSAYOS — PANORAMAS — HISTÓRIA

— Biblioteca del Pensamiento Vivo — Panoramas — Cristal del Tiempo — Obras Monumentales — Cuadernos del Arquero — Una Nueva Cristiandad — Biblioteca del Colegio Libre de Estudios Superiores.

F I L O S O F Í A

— Biblioteca Filosófica — Biblioteca de Filosofía Jurídica y Social.

SOCIOLOGÍA Y CIENCIAS ECONÓMICAS

— Biblioteca Sociológica — Biblioteca de Estudios Económicos.

C I E N C I A

Ciência y Vida.

PUBLICACIONES PEDAGÓGICAS

— Biblioteca del Maestro — La Escuela Activa — Biblioteca Pedagógica — Cuadernos de Trabajo — La Nueva Educación — Programas Escolares — La Pedagogía Clásica — La Pedagogía Social y Política — Nuevos Textos Bilingües

A R T E

— Monografías de Arte Americano (serie Argentina) — Libros de Arte (vários)

A. Herrera & Cia. Ltda.

DEPOSITÁRIOS E DISTRIBUIDORES

de

Editorial Losada S. A.

Matriz:

RIO DE JANEIRO

RUA RODRIGO SILVA, 11 - 1.º

Fone: 22-0350

End. Tel. DIROB

Sucursal:

SÃO PAULO

RUA BOA VISTA, 127 - 3.º

Fone: 3-1432

End. Tel. DIROB

Caminhos da América



WILLIAM FAULKNER

AMÉRICA DO NORTE

"ENQUANTO AGONISO"

WILLIAM Faulkner, um dos mais poderosos romancistas norte-americanos, autor de "Enquanto Agoniso", "Palmeiras Selvagens", "Luz de Agosto" e outros romances realistas e dramáticos, passou um ano contratado pela Warner Bros, ganhando quinhentos dólares por semana para trabalhar num argumento sobre a guerra, intitulado "Grito de Batalha".

EVA CURIE, VOLUNTARIA

EVE Curie, que se tornou célebre com a biografia que escreveu de sua mãe, Madame Curie, entrou para o Corpo de Voluntárias Francesas, anexo ao Exército das Forças Combatentes, como soldado, ganhando apenas 30 centavos, isto é, seis mil réis por dia...

HUMORISTA DE "PARADOXOS ORTODOXOS"

PARECE que os americanos encontraram um substituto para Mark Twain. Chama-se ele Robert Benchley. Recentemente a casa Harper & Bros editou um volume de "gags" desse novo humorista lanque que andava meio esquecido nas rodas literárias de Nova York. Agora, eis que o homem dos "paradoxos ortodoxos", dos epigramas alucinantes e dos diálogos à moda dos irmãos Marx resolveu reaparecer no mundo das letras com um livro engraçadíssimo: "Benchley ao lado de si mesmo".

Afirm de que os nossos leitores possam fazer um juízo desse livro, eis aqui uma amostra do gênio humorístico de Bob Benchley:

Sir T: — Detesto as flores vermelhas. São tão amarelas...

Lady E: — Como o senhor é cinico, Sir Thomas! Francamente, não devo ouvir o que diz, pois do contrário serei obrigada a escutar tudo que me disser.

Sir T: — Em absoluto, minha senhora! Abomino as pessoas que prestam atenção. São tão desatentas...

Lady E: — Não seja tão analítico, meu

caro Sir Thomas! Sempre que uma pessoa se mostra assim tão analítica, convence-me logo de que essa pessoa é superficial...

"A CARTILHA DA AMÉRICA"

QUE quer dizer América? Que possuem os lanques, além de suas riquezas e de suas liberdades, que seja essencial e particularmente americano? A maneira dos antigos poetas romanos, Robert Tristran Coffin conseguiu de tal forma unir a didática à poética, que os 135 poemas de seu novo livro podem ser compreendidos e sentidos pelo leitor de cultura mediana. O poeta desprezou a sua técnica, que só pode ser apreciada pelos "connoisseurs" da literatura moderna para, numa simplicidade de "rimance" e num ritmo leve de balada, cantar as instituições políticas dos Estados Unidos, as lendas de seus heróis, as características regionais e as atitudes físicas, mentais e emocionais do povo americano. O poeta canta as glórias antigas e as façanhas atuais dos lanques, a vida dinâmica das grandes cidades da América e a vida ainda idílica de sua vasta hinterlândia.

"Cartilha da América", que foi há pouco editada pela MacMillan Company, tem a virtude de ser uma obra de propaganda cívica que se lê com a emoção e o encantamento das legítimas obras de arte que não trazem a intenção ostensiva de "ensinar".

BIOGRAFIAS DE MARK TWAIN

A BOBBS-MERRILL, de Indianópolis, e as Edições Leon Tebbets, de Portland, acabam de lançar duas novas biografias de Mark Twain. A primeira, que é da autoria do professor De Lancey Ferguson, tem 332 páginas de texto e traz dois retratos do biografado. A segunda, de Cyril Clemens, conta 232 páginas. Prefácio de Van Loon. Apresentação de Grant Wood. Várias ilustrações.

Em 1935, quando se comemorou o centenário de Samuel Clemens, parecia ler-se esgotado o rico filão biográfico do saudoso humorista lanque. Bernardo De Voto e Van Wyck Brooks tornaram-se famosos nos Estados Unidos com as suas biografias completas de Mark Twain. Agora, eis que o professor Ferguson vem demonstrar que, mesmo sob o aspecto literário, ainda se pode dizer algo de novo sobre o velho Clemens. Quanto à obra de Cyril Clemens, é preciso notar que se trata de um estudo despretençoso sobre a juventude de Mark Twain, até 1856. Um livro de narrativa bem simples e de leitura agradável.

O LABIRINTO ESPANHOL

NUM volume de 384 páginas que acaba de ser editado pela Macmillan Company, o escritor Gerald Brenan condensou tudo que viu e observou durante a sua larga permanência na Espanha. Veterano da Grande Guerra, cidadão bem instalado na vida, o escritor inglês é daqueles que

arreditam piamente no "eterno enigma" espanhol, o que nos parece uma forma passiva de aceitar, como um determinismo histórico, o reacionarismo medieval que continua a imperar numa das nações mais idealistas da Europa.

Apesar de não gostar das "generalizações", o autor de "O Labirinto Espanhol" crê que todo ibero não visa outra coisa senão a fruição de um prazer ou a concretização dos seus ideais. Parece que o escritor britânico divide os espanhóis em duas categorias distintas: os que "conmem" e os que "sonham". Sancho e Don Quixotes. Mas tal classificação não é nada científica — é simplesmente literária. Há espanhóis que não "conmem" e nem "sonham". Além disto, é preciso não esquecer que, na realidade, os Sanchos tem sido muito mais sonhadores que os Don Quixotes. O sr. Brenan não define e nem conceitua a palavra "idealismo", o que é deveras lamentável num escritor que nos fala de uma terra onde um Franco e outros se rotulam também de "idealistas"...

POETAS AMERICANOS

"THE Yale University Press" deu grande destaque na sua lista de outono ao livro TWELVE SPANISH-AMERICAN POETS. Uma excelente antologia contendo os melhores poemas de doze poetas americanos: Velarde e Gorostiza, do México; López, da Colômbia; Neruda, de Rokha e Huidobro, do Chile; Florit e Guillén, de Cuba; Borges, da Argentina; Carrera Andrade, do Equador; Vallejo, do Perú, e Fombona Pachano, da Venezuela. Os poemas foram traduzidos e selecionados por H. R. Hays, e estão impressos com o original espanhol na página oposta à da tradução. Há uma nota biográfica e crítica sobre cada poeta.

AUTOBIOGRAFIA DE GEORGE SANTAYANA

"PERSONS and places: The Background of my life". Autobiografia de George Santayana, anunciada para os princípios de outono. O filósofo norte-americano nasceu em Espanha, e hoje em dia é considerado um dos maiores nomes do mundo inteiro. De Charles Scribner's Sons, que editou ainda: THE AMERICAN: the Story of the Making of a New Man, de James Truslow Adams; THE RUSSIAN ENIGMA, de William Henry Chamberlin; MYSELF AS I SEE IT, de Walter B. Pitkin; A CHOICE OF KIPPLING'S VERSE, made by T. S. Eliot, com um ensaio sobre Rudyard Kipling; THE RIGHTS OF MAN AND NATURAL LAW, de Jacques Maritain; THE LITTLE ANGEL: "A Story of old Brazil", de Alice Dalgliesh, com ilustrações a cores de Katherine Milhous e Jean Baptiste Dehret.

ENRIQUE AMORIM ROMAN. CISTA URUGUAIA

"THE Horse and Shadow" é o primeiro livro que o grande romancista uruguaio

(Continuação da página 13)

coisa simples e repetida, a mesma cor, os mesmos tipos nos dizeres... Então resolvemos revolucionar também isso. Chamei desenhistas, coisa nova e escandalizante chamar desenhistas... Mandei por cores berrantes nas capas... E também mandei por figuras! Imagine, naquele tempo uma capa de obra de um grande escritor, todo circunspeto na sua sabedoria — algum herói da literatura — com figuras na capa... Mas, vencemos também essas dificuldades. E hoje é o que você sabe. A mentalidade dos nossos editores, escritores e leitores é muito outra e até ganhou personalidade, não mais copia a Europa, embora copie um pouco a

América do Norte. Entretanto, copiar o novo e bom não é o mesmo que copiar o velho e aborrecido...

— E os autores, doutor?

— Já lhe disse, não me chame de doutor... Os autores? Bem, aí também fui revolucionário. Passamos a aceitar somente autores novos. Nada da gente velha. De original sob o braço, queria falar conosco, olhávamos a cara, em lugar de ler originals...

Gente nova? Publicávamos. Pagávamos os direitos, imagine que nós pagávamos os direitos, às vezes antecapados... Um escândalo, meu amigo! Mas, nada de velharias, medalhões, nada de acadêmicos com farda de ge-

neral de opereta, do tempo de Luís XIV, armado daquela espinha de cortar papel... Gente nova, de paletó saco, humilde nas suas pretensões, mas, gente nova. Como resultado, descobrimos um mundo desconhecido de saber e de vontades dentro do Brasil.

Grandes revelações. Grandes vocações, que, coitadinhas, teriam morrido à mingua, se lhes tivesse faltado alguém disposto a quebrar os preconceitos bolorosos do passado. Que tal?

— Ótimo, doutor.

— Por favor, não me chame de doutor. E cuidado com o que você escrever. Não altere demais. Ponha pelo menos alguma coisa do que eu disse...

publica nos Estados Unidos. O autor de "Tangarupá", "La Carreta" e "El paisano Aguilar" persiste nos motivos do pampa uruguaio e deles obtém realismo e conteúdo social dos mais puros e mais necessários. Homem de poucas palavras, de estilo ático, Enrique Amorín conseguiu escrever mais um romance que engrandece a própria literatura sul-americana. A vida do homem e a vida do cavalo narradas conjuntamente, bem como a vida da mulher do homem e a vida da fêmea do cavalo. Um menino e um poldro nascerão quase ao mesmo tempo... É um romance tão bem desenvolvido e trabalhado, de enredo tão "certanejo" que não conseguimos dar ao leitor a menor idéia do que realmente vale. "El Caballo y su sombra" foi lançado por uma editora de Buenos Aires, "Club del Libro A.L.A.", e editado nos Estados Unidos por Charles Scribner's Sons nos seus lançamentos de Outono.

CHILE

MILLANTUN

REVISTA Mensal de Arte e Literatura. MILLANTUN, que se publica mensalmente em Santiago do Chile, já se encontra no décimo segundo número, e cada vez melhor em colaborações e notícias.

Na "Galeria de Millantun" aparece desta vez a caricatura de seu diretor, feita por Romera, com as seguintes palavras: Nombre: Efraim Szumlewicz. Alias: "Freim". Nacionalidad: Chilena pero nuevita... Edad: No se le nota. Delitos principales: "Cuentos y algo mas" (1937) y "Un niño nació judío"... (1940) Perpetradora: Ediciones Millantun. Especialidad: En Meditaciones en bicicleta. Senas particulares: El apellido le sirve de rompecabezas a los que lo escriben enviando colaboraciones...

OITAVA EDIÇÃO DE CREPUSCULARIO

ACABA de sair no Chile a oitava edição de "Crepusculario", de Pablo Neruda, publicado originalmente em 1919, e que "bem sintetiza a atmosfera romântica e renovadora de uma geração, expressando-a em suas alturas e suas quedas. Está, dedicado, ao malogrado Juan Gandulfo, e tal gesto uniu o poeta ao leitor no livro que melhor mostraria o coração potente e são que, naquela época, quis penetrar o peito da pátria". (Jim Albro, Millantun n.º 10). Edição de Nascimento guardando toda a aparência da primeira edição.

O PRÊMIO DE LITERATURA "ORBE"

A EMPRESA editorial "Orbe", do Chile, acaba de estabelecer um valioso prêmio anual denominado "Prêmio de Literatura Nacional Orbe", que será outorgado ao melhor romance de tema nacional, escrito por um autor chileno ou sul-americano residente no Chile, no prazo de um ano compreendido entre o 1.º de Agosto de 1943 e o 1.º de Agosto de 1944. Prêmio de Cr\$ 10.000,00 e mais 10% de preço de venda. O Jurado está constituído por um representante da Universidade do Chile e um da Sociedade de Escritores.

CONTOS DA ALDEIA

APOSENTO DE BRUJOS, de Marta Elba Miranda, jornalista e escritora muito conhecida do Chile, nascida numa pequena aldeia à margem do rio Corimbo que banha terras do Valle do Elqui. "Aposento de Brujos" são crônicas ou pequenos contos da aldeia onde Marta Elba Miranda nasceu. Simples, humanar, femininas, essas crônicas despertam grande interesse da parte do leitor brasileiro que verifica que a vida numa aldeia chilena é também semelhante à vida numa aldeia brasileira. Marta Elba Miranda, anuncia a Editorial Orbe, trabalha atualmente num romance baseado na vida de uma mulher camponesa do Valle do Elqui. A história de uma mulher corajosa que luta e trabalha ao lado de seu homem. E, morto o homem, ela continua a lutar com a mesma coragem.

SETEMBRO DE 1943

com o mesmo vigor para sustentar a família inteira.

UM EDITOR BRASILEIRO NO CHILE

CARLOS Jorge Nascimento é o nome de um brasileiro que, em Santiago do Chile, se fez editor importante e se tornou um nome respeitado e estimado pelos escritores andinos. E muito tem contribuído, de maneira prática e inteligente, para maior desenvolvimento editorial e, consequentemente, intelectual do país.

A Editorial Nascimento está para o

Chile assim como a Livraria José Olympio está para o Brasil: reúne um número considerável de escritores nacionais de grande popularidade. Além de editora, a Livraria Nascimento é uma das melhores de Santiago, servindo também de ambiente para encontros entre intelectuais. O prêmio de romance da Editorial Nascimento, superior em dinheiro aos que são ofertados aos romancistas brasileiros, já revelou grandes figuras como a de Ciro Alegria com o seu primeiro romance "A Serpente de Pluma". LEITURA cumprimenta Nascimento e oferece-lhe os seus préstimos.

MÉXICO

CONCURSO LITERÁRIO CONTRA A BARBARIE NAZISTA

NA Cidade do México o chefe do Departamento Central convocou todos os escritores nacionais e estrangeiros para um concurso de obras dramáticas tipo "Gran Guñol", de tendência antinazista, destinadas a mostrar os crimes e as crueldades dos nazi-fascistas. Esse concurso teve grande repercussão entre os intelectuais mexicanos.

ARGENTINA

A MEMORIA DE ALBERDI

EM toda a República Argentina foi recordada a figura do dr. Juan Bautista Alberdi por motivo de mais um aniversário. "O autor de "Bases" recolheu como ninguém o pensamento dos homens de Mayo e condensou no livro vigorosas idéias que mais tarde frutificariam na realização de grandes ideais". Alberdi não é simplesmente uma figura argentina, mas de todo o continente. Grande escritor, grande jurista, deixou trabalhos notáveis e profundos, e seu livro "Bases" é o fundamento e matriz originária da Constituição argentina.

FOLKLORE ARGENTINO

"PANORAMA y Perspectivas de Nuestro Folklore", publicado em "Verbum", Dezembro de 1942 — n.º 2 e 3, de Augusto Raúl Cortazar, grande autoridade sobre folklore argentino, e autor já de uma dezena de estudos sobre o mesmo assunto. Neste livro Augusto Raúl Cortazar estuda o folklore e a ciência folclórica. La Sociología Romántica, Literatura Folclórica, Alentadores y Profetas, El Anorte de Ciencias Vines, La Investigación sobre el Terreno, Los Viajeros, Los Folkloristas Ocasionales, Los Sordofolkloristas, Los Folkloristas, Visión de lo Realizable, etc. Endereco do autor: Doblas 881, Buenos Aires, Argentina.

COLÔMBIA

GERMAN ARCINIEGAS, CONSELHEIRO

CATEDEATICO, jornalista. German Arciniegas exerce atualmente nos Estados Unidos da América do Norte a função de editor-conselheiro da casa Alfred A. Knopf para as obras hispano-americanas. Conferencista na Universidade de Colômbia e na Universidade de Chicago, Arciniegas nasceu em Bogotá, Colômbia, em 1900 e se formou na Faculdade de Direito da Universidad Nacional de Colômbia. É atual diretor da "Revista de las Indias", que se publica mensalmente, e é autor de muita obra histórica e biográfica, das quais uma, "The Knight of El Dorado" foi editada no verão passado por Wiking, Nova York.

UM DOCUMENTÁRIO SENSACIONAL! O MUNDO EM TRANSE

DE VERSALHES A
PEARL HARBOR

por

LEOPOLD

SCHWARZSCHILD

Eis uma história autêntica e documentada sobre a guerra da Alemanha contra o mundo, durante os anos de 1918 a 1939. Revela a política expansionista e militarista alemã, política que foi seguida por todos os governos da Alemanha e que travou uma guerra contra as potências ocidentais, desunindo-as e utilizando-se do apoio bem intencionado, mas mal informado, dos liberais e dos utopistas do ocidente.

A análise realista e as pesquisas informativas de Shwarzschild levaram WINSTON CHURCHILL a louvá-lo por sua "inestimável contribuição, para esclarecer os que querem compreender os fatos".

Preço: Cr\$ Broc. 20,00

— Enc. Cr\$ 28,00

Irmãos PONGETTI Editores
Secadura Cobar, 240-A

RIO DE JANEIRO

Peça pelo Serviço de
Reembolso Postal

O POVO ESCOLHE SEUS ESCRITORES

Entrevista de FRITZ TEIXEIRA DE SALES em Belo Horizonte

Copyright de LEITURA

— SR. engraxate, qual o escritor vivo do Brasil que o senhor prefere?

— Não tenho tempo para livros, mas quando minha vida era mais folgada, gostava muito de Edgar Wallace.

— Infelizmente esse não é brasileiro; pergunto entre os escritores nacionais.

O homem passou a mão pela testa. Os olhos tinham uma expressão de merível esforço mental, esforço este que minutos depois consideramos inútil, porquanto ele exclamou com um gesto de desespero:

— Eu só leio "O RADICAL".

— Pois o senhor é muito feliz: eu também só desejava ler O RADICAL.

Descemos a Avenida Afonso Pena e entramos na Casa dos Dez Mil Réis. Muitas loulas pelos balcões. (Não sei porque, sempre desconfiei que as mulheres loiras não gostam de ler. No entanto, conheço várias que desmentem isso). Procuro uma morena; lá está ela, último balcão à esquerda.

— Deseja alguma coisa?

— Desejava apenas entrevistá-la.

— A mim? Mas aqui dentro?

— Eu me explico: acontece que sou reporter e estou querendo saber quais as leituras prediletas do povo. A senhorita é um ornamento desse povo, e assim...

— Mas, o senhor quer uma entrevista daquelas grandes?

— A entrevista é pequena, apenas duas ou três frases.

— Pode fazer as perguntas.

— Qual o escritor vivo, brasileiro, que a senhorita lê com mais prazer?

— Erico Veríssimo, nem se discute.

— Deste autor, qual o livro que a senhorita prefere?

— "Caminhos Cruzados".

— Por que?

— Não entendo porque determinado livro me agrada, gosto ou não gosto. Sou muito burra, não acha?

— Então também sou, pois, com exceção da sua primeira resposta, assinar, tranqüilo, as duas outras.

— Mesmo a última? — perguntou ela com surpresa.

— Principalmente esta, — respondi: e saí, depois de agradecer-lhe.

Na rua encontrei um médico conhecido:

— Qual o romancista brasileiro, dos vivos, que mais lhe agrada?

— Graciliano Ramos.

— Em qual dos seus livros?

— "Angústia", naturalmente.

— Por que?

— Por tudo: é um livro que me enche as medidas, intenso, brutal e mau como os homens.

Encontrei um ex-integralista, fiz a pergunta e ele disse:

— Otavio de Faria em "O Lodo das Ruas".

Agora chegou a vez da garçonete do Café Nice. Muito minha amiga, mas foi uma luta para compreender.

Afinal declarou que gostava de "A Marquiza de Santos", de Paulo Setubal.

— Por que?

— Porque é muito bonito e fala da nossa História.

Na porta do Café, encontrei-me com um retadatório poeta parnasiano. Fiz as perguntas, explicando que se tratava de prosadores. Mas até mesmo como prosadores, ele gosta dos poetas. Consciência de classe:

— Menotti Del Picchia é o nosso maior prosador.

— E porque não Osório Borba? — perguntei.

Mas o homem era em realidade completamente parnasiano, não deu pela coisa e respondeu:

— Osório Borba também é bom.

— Eta Brasil! — exclamei — e co-

tado do Borba, um sujeito tão decente e tão infeliz...

Encontrei um engenheiro civil que já foi aviador e que respondeu:

— Gosto de Graciliano Ramos em "Angústia", Erico Veríssimo em "Caminhos Cruzados" e José Lins do Rego em "Banguê". O resto não compensa o trabalho da leitura.

Outros ainda opinaram por Erico Veríssimo, Jorge Amado e Graciliano Ramos, ninguém se lembrando, entretanto, de citar um só escritor mineiro, a não ser Carlos Drummond de Andrade, cujas qualidades de cronista foram lembradas por conhecido jornalista que exerce essa função.

Ao contrário do que supunhamos, não é Tristão de Aláide o escritor mais lido pelos católicos, e sim Paulo Setubal, e, às vezes, outros piores ainda. Algumas pessoas dizem que, sistematicamente, evitam os escritores nacionais, afirmando que o tempo disponível para leitura é muito pequeno para ser gasto com escritores brasileiros.



CAPITAL DECLARADO Cr\$ 3.000.000,00

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 2.400.000,00

DO CAPITAL ACIMA DESTINAM-SE AO RAMO DE
ACIDENTES DO TRABALHO

Cr\$ 1.000.000,00 INTEGRALIZADOS

Sede: RIO DE JANEIRO

Fundada em 1920

RUA DA ALEANDEGA, 48 — TELEFONE: 23-1835

Endereço Telegráfico: COMPINTER

SEGUROS DE:

Incêndio — Transportes em Geral — Automóveis — Vidros

Acidentes Pessoais — Roubo

ACIDENTES DO TRABALHO

Reservas mais de Cr\$ 16.000.000,00

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral

Ap. Gêrito-Urinário — Sifilis

Consultório:

R. México, 168 - 11.º andar - Sala 11

Fone 42-8915

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 26-4978 -

Jardim Botânico - Rio de Janeiro

Elogio de Drácula

COSTA NEVES

Copyright de LEITURA

A LITERATURA alegre e despreocupada é uma necessidade. O livro de aventuras ou mistérios faz tanto bem ao espírito como o banho de mar num belo domingo de sol, um passeio de bicicleta ao longo da Lagoa Rodrigo de Freitas, um "whisky" legítimo em alguma "bolte", ou uma fugidinha até o hipódromo, num sábado chato e sem novidades.

Já existem tantas coisas em que se pensar, são tamanhos os contratempos em que um pobre filho deste vertiginoso século XX sofre quase diariamente, que tudo quanto possa constituir um derivativo a toda essa enfermeira deve ser recebido de braços abertos.

Ora, entre os tipos literários da moderna literatura policial, desses heróis do mistério e da futilidade, um dos mais populares e interessantes é sem dúvida o incrível Drácula, figura excêntrica, sombrio morador de um misterioso castelo da Hungria. Já conhecia essa personagem, em outras aventuras, veiculadas pelo cinema norte-americano através da caracterização, creio, de Boris Karloff ou Bela Lugosi. Num livro, em letra de forma, só agora tive o prazer de conhecê-lo, por intermédio de uma gostosa tradução de meu amigo Lucio Cardoso.

Vê-se logo, pelo que eu disse acima, que gostei do livrinho. Divertiu-me muito, fazendo-me passar algumas horas agradáveis. Nada de grandes frases, cheias de palavras pomposas e pensamentos sublimes. Nada disso. A tradução é singela como deve ser o original. Prosa fluida, corrente, narrando lances por vezes altamente emocionantes, alguns momentos estupefacentes mesmo — no sentido "Mirim da palavra".

A par dessas palavras sombrias, trechos instrutivos, boas descrições da poética Hungria, de um observador atilado, além de um — Francisco Henrique de Sousa — ou outro arranjo de fina ironia e comichão. Em suma: o fútil a serviço do espírito. Aliás ninguém me venha dizer que não gosta de acalantar o torturado espírito com alguma digressãozinha que o predisponha de novo a reencetar a duradoura e fastidiosa batalha... em defesa do pão quotidiano.

O futebol, o chopp, as carreiras turfstas numa roda como a do José Olímpio, o Gordo e o Magro, meia sessão de "O vento levou", uma inocente palestra à mesa dum café sobre estratégia barata, tudo isso retempera os nervos do infeliz que tem de produzir de rijo para não sucumbir de fome.

SETEMBRO DE 1943

E' por isso, que venho, de público, proclamar minha gratidão pelo conde Drácula, cujo cérebro age nas trevas mas que contribue com magnanima benevolência para dissipar as trevas de meu cérebro.

Mais vale escrever o elogio de Drácula do que, parodiando Erasmo, o velho e respeitável Erasmo, fazer um novo elogio da Loucura.

Que os tempos modernos ou são de um ou são de outro...

DRÁFULA, O HOMEM DA NOITE, de Bram Stoker — Tradução de Lucio Cardoso — Editora "O Cruzeiro" S/A — Rio, 1943.

A EXPERIENCIA LITERARIA

(Continuação da pág. 30)

entre o traduzido e o tradutor o elemento plástico mais propício para possibilitar uma tradução mais ou menos livre de imperfeições.

Por causa dessa lei (considero-a convictamente, uma lei) sempre me foi possível traduzir os contos de Hernandez Catá de modo a satisfazê-lo inteiramente. E conste que aduzo esta minha experiência literária não para me elevar à altura do grande novelista cubano, mas justamente para demonstrar com fatos que por haver entre nossos temperamentos certas afinidades artísticas é que eu podia, escritor obscuro, traduzir sem traidão escritor tão ilustre.

E como esta nota já vai atingindo a fronteira gráfica do comentário, escolhemos, para encerrá-la, uma das conclusões mais concretas e mais exatas do ensaio, e que é: "Se a expressão de nossos pensamentos em nossa fala é já de si coisa indecisa e aproximada, o traduzir, o passar de uma língua a outra, é tarefa ainda mais equívoca".

Que tradutor deixaria de concordar com Alfonso Reyes?

Todavia, a responsabilidade do tradutor ante o público para quem traduziu um livro de categoria artística ou científica, é atualmente maior do que nunca, pois a época em que vivemos é daquelas que transformam facilmente a navalha de Figaro na de Guillotin...

LA EXPERIENCIA LITERARIA, de Alfonso Reyes, 242 páginas — Editorial Losada, Buenos Aires, 1942 — Distribuidor Herrera Filho — Rio, 1943.

O SOMBRIO DOSTOIEVSKY

(Continuação da pág. 14)

mes o necessário para fazê-lo. Esta é a biografia mais completa, até hoje escrita, do romancista fascinante e perturbador que nos deu as imagens trágicas do homem subterrâneo, solitário, maligno e corrosivo, encarando os semelhantes como um filósofo sem filosofia... Que estranhos mundos Dostoyevsky conheceu e revelou aos homens de imaginação curta!

DOSTOIEVSKI, de Henry Troyat — Tradução de Rosario Fusco — Editora Pan-Americana (EPA-SA) — Rio, 1943.

EDIÇÕES DA PANAMERICANA

"MANUAL TÉCNICO DOS CONCURSOS",
(de acordo com os programas do DASP)

2.ª edição,

pelos Profs. Hugo Laércio de Barros e Fausto Cardona

para:

ESCRITURÁRIO — POSTALISTA — TELEGRAFISTA — AUXILIAR E PRATICANTE DE ESCRITÓRIO — DACTILOGRAFO — CARTEIRO

Único livro que contém na parte postal, as fórmulas dos CORREIOS, devidamente preenchidas à mão. Um volume de fácil compreensão e de grande aproveitamento, de acordo com as exigências da Pedagogia Moderna. — Preço Cr\$ 20,00.

"A MULHER QUE FOI PAPA",

de Inácio Raposo.

Um romance biográfico sobre o Papa João VIII, que vem despertando vivo interesse. — Preço: Cr\$ 25,00.

"POR UMA NOITE DE AMOR",

de Emile Zola.

Um conjunto de novelas primorosas desse notável escritor realista. Preço: Cr\$ 8,00.

"A NOVA POLÍTICA DO SUB-SOLO E O REGIME LEGAL DAS MINAS",

de Atilio Vivaqua.

1.ª parte — A história política das Minas e dos Minerais do mundo.
2.ª parte — Comentários ao Código de Minas. Preço: Cr\$ 40,00.

"A PSICO-ANÁLISE EM 12 LIÇÕES",

de Gastão Pereira da Silva.

3.ª edição revista.

Preço: Cr\$ 12,00.

"O ADVOGADO EM AÇÃO",

de Astolfo Rezende.

Preço: Cr\$ 25,00

"EDUCAÇÃO PARA A VIDA MODERNA",

de Humberto Grande.

Sistema para a moderna Educação. Preço: Cr\$ 15,00

"BUB" (Aspectos Vivos do Brasil),

de Beneval de Oliveira.

Preço: Cr\$ 8,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à

Editora Panamericana Ltda.

Praça Tiradentes, 79; 1.º and., Rio.

LIVROS INDISPENSÁVEIS AOS ESTUDIOSOS DA HISTÓRIA DO BRASIL

Afonso E. Taunay — VIDA E OBRA DE NICOLAO ANTONIO TAUNAY, um dos fundadores da Escola de Belas Artes — cartonado — preço Cr\$ 15. — Argeu Guimarães — DICCIONARIO BIBLIOGRAFICO BRASILEIRO DA DIPLOMACIA POLITICA EXTERNA E DIREITO INTERNACIONAL — cartonado — Preço Cr\$ 40,00. — Ernesto Senna — DEODORO — Subsídios para a história — notas de um reporter — Vol. cartonado — Preço Cr. 25,00 — Gondin da Fonseca — BIOGRAFIA DO JORNALISMO CARIOCA — br. 20,00 — Ramiz Galvão — CATALOGO DA EXPOSIÇÃO DE HISTÓRIA DO BRASIL — 2 vols. ricamente encadernados — Preço Cr\$ 300,00. — João Severiano da Fonseca — VOYAGE AUTOUR DU BRÉSIL — Preço — enc. Cr\$ 35,00 — Jorge Marcgrave — HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL — Volume em grande formato — enc. Cr\$150,00. — Magalhães Corrêa — O SERTÃO CARIOCA — Vol. profusamente ilustrado — Preço enc. Cr\$ 30,00 — Mario Sette — MAXAMBOMBAS E MARACATÓS — 2.ª edição aumentada das bellissimas crônicas do Velho Recife com artisticas ilustrações a bico de pena. — Preço em broch. Cr\$ 10,00. — Spix e Martius — VIAGEM PELO BRASIL — Obra monumental em tradução brasileira promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — 3 vols. de texto e um de gravuras — Preço em broch. — Cr\$ 80,00. — Enc. Cr\$ 140,00. — Barbosa Rodrigues — PORANDUBA AMAZONENSE E VOCABULARIO INDÍGENA — Exemplar enc de luxo — Cr\$ 200,00. — Basílio de Magalhães — O FOLK-LORE NO BRASIL — Com uma coletânea de 81 contos populares organizados pelo Dr. João da Silva Campos — Vol. ricamente enc. Preço Cr\$ 30,00. — Gustavo Barroso — MYTHES, CONTES ET LEGENDES (Folk-lore brésilien) — broc — Preço Cr\$ 20,00. — José de Alencar — O PROTESTO — preciosa contribuição para a história política e literária de nossa terra — Vol. cartonado — Preço Cr\$ 100,00. — ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA AMÉRICA — Utilíssima publicação contendo todas as teses apresentadas ao Congresso realizado em 1922. Entre muitas outras destacam-se as seguintes teses: Política de Pombal com relação ao Brasil, de Lucio de Azevedo; Tiradentes na Inconfidência mineira, de Lucio dos Santos; a Cia. de Jesus, etc. de J. M. Madureira; A Cultura Jurídica no Brasil, de Clovis Bevilacqua — 9 vols. ricamente encadernados — Preço Cr\$ 350,00 — Edmundo von Lippmann — HISTORIA DO AÇUCAR — 2 vols. — Preço (b) Cr\$ 40,00. — F. A. Varnhagen — HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA — Grosso volume enc. — Preço Cr\$ 30,00. — Rodrigues dos Santos — DISCURSOS

PARLAMENTARES — Edição contendo 35 notáveis discursos do ilustre parlamentar do 2.º reinado — Preço enc. Cr\$ 30,00. — Henrique Handelman — HISTÓRIA DO BRASIL — Tradução feita por ordem do Instituto Histórico e revista pelo General Bertoldo Klinger — Preço dos 2 vols. ricamente enc. Cr\$ 70,00. — J. de Laet — HISTÓRIA DOS ANAIS DOS FEITOS DA COMPANHIA PRIVILEGIADA DAS INDÍAS OCIDENTAIS DESDE SEU COMEÇO ATÉ 1636 — 1 vol. ricamente enc. Preço 150,00. — J. P. Calogeras — A POLITICA EXTERIOR DO BRASIL — 2 vols. em grande formato, ricamente encadernados — Preço Cr\$ 70,00. — João Ribeiro — AS NOSSAS FRONTEIRAS (breve sinopse) — Preço, enc. Cr\$ 12,00. — Braz do Amaral — FATOS DA VIDA DO BRASIL — Preço, broch. Cr\$ 15,00 — Braz do Amaral — RESENHA HISTÓRICA DA BAÍA — Preço, broch Cr\$ 10,00. — CARTAS ANDRADINAS — Publicação da Biblioteca Nacional contendo a correspondência de José Bonifácio, Martim Francisco e Antonio Carlos — Preço enc. Cr\$ 25,00. — David Carneiro — O PARANÁ NA HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL — Artística edição com ilustrações a cores — Preço Cr\$ 28,00. em brochura. — A. B. Rossini — GUERRA DEL PARAGUAY — (Cronologia) — Preço — broch. — Cr\$ 5,00. — Baltazar da Silva Lisboa — ANAIS DO RIO DE JANEIRO — 1.º vol. — Preço em (b). Cr\$ 20,00. — Barão do Rio Branco — EFEMERIDES BRASILEIRAS — 2.ª edição revista e acrescida de índices analítico e onomástico feitos especialmente para esta edição por Basílio de Magalhães — Enc. Preço Cr\$ 30,00. — Basílio de Magalhães — A "CIRCULAR" DE TEOFILO OTONI — Preço, cartonado Cr\$ 15,00. — J. A. Marinho (conego) — HISTÓRIA DO MOVIMENTO POLITICO DE 1842 EM MINAS GERAIS — 2.ª edição, com mapas e gravuras — Preço, enc. Cr\$ 40,00. — Luiz Marques Poliano — ORDENS HONORIFICAS DO BRASIL — magnífica edição, com artisticas ilustrações — Enc. de alto luxo — Preço — Cr\$ 250,00 — Martins de Andrade — A REVOLUÇÃO DE 1842 — edição ilustrada — Preço Cr\$ 25,00 — Noronha Santos — MEIOS DE TRANSPORTE NO RIO DE JANEIRO (História e legislação) — Preço, enc. Cr\$ 25,00. — Vitor Viana — HISTÓRIA DA FORMAÇÃO ECONOMICA DO BRASIL — Preço, cartonado Cr\$ 20,00 —

ULTIMA NOVIDADE:

Almirante Henrique Boiteaux — O MARQUEZ DE TAMANDARÉ — Um grosso volume de 600 páginas de texto e 40 de gravuras, em couché — Preço Cr\$ 50,00.

PEDIDOS A

Livraria Editora Zelio Valverde

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

CAIXA POSTAL 2.956 — RIO DE JANEIRO

Aos clientes do interior — Remetemos qualquer livro do presente anúncio pelo "Serviço de Reembolso Postal"

O Teatro Soviético

(continuação da pág. 11)

outros "milagres", como o de Stalingrado.

Moskvin, o artista do povo, que é Ordem de Lenine e Membro do Supremo Soviet da U.R.S.S. publicou, recentemente, um artigo que nos mostra a situação em que foi encontrado o teatro na Rússia e o desenvolvimento a que atingiu. De início, convida Moskvin o leitor a imaginar, por um momento, que está contemplando um grande mapa da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas, para verificar que se converteria numa floresta de bandeirinhas vermelhas, se assim se marcasse cada um dos pontos onde existe um teatro, assim como ficaria completamente iluminado se estivesse representados por setecentas e noventa lampadazinhas elétricas... Em seguida, diz ele: — "Observe o extremo direito do mapa. A bandeira que você vê ali assinala um teatro na cidade de Vladivostok, que está no extremo oriente da União Soviética. Quando os espectadores se entaminhem para a saída desse teatro, o primeiro sinal de campanha convida o público a tomar os seus lugares no Teatro de Sverdlovsk, nos Urais, enquanto que em Minsk, exatamente na fronteira ocidental, os espetáculos estão sendo preparados pelos operários que armam os cenários para o início do primeiro ato". "Agora — continua ele — olhe mais para cima, até o círculo ártico, e mais para cima ainda. Aquela bandeira assinala o Teatro de Igarka, o mais setentrional dos santuários de Melpomene, não somente na Rússia, mas em todo o mundo. Quando ali o público vai ao teatro, se envolve cuidadosamente em peles de ursos, enquanto que no sul, no Teatro Kurdo, toda gente comparece à frescatto, dentro dos mais leves trajes de verão". E fica-se sabendo, como eu presencié, que todas as noites, mal o sol desaparece, em toda parte, centenas de milhares de pessoas anchem os teatros. Por duas vezes fiquei privado de ir ao teatro, em Leningrado, apenas porque procurei o "bureau" do "Intourist", às dez horas da manhã, para procurar bilhetes, e já não havia um único para nenhuma das casas de espetáculo! Por uma estatística organizada em 1937, os teatros da Rússia foram frequentados por 60 milhões de espectadores! Para isso foi necessário colocar o teatro ao alcance das massas, por todos os meios, e ainda considerando-se que nos palcos soviéticos as peças são representadas em quarenta línguas. Por esse processo, grande parte da população, que nunca tivera oportunidade de ir ao teatro, se converteu em espectadores cheios de entusiasmo. Isto também se deve ao grande número de teatros das granjas coletivas e do Estado, que realizam espetáculos nos distritos rurais. Em 1941 já ultrapassava de trezentos o número destes pequenos teatros. No verão, ou no inverno, com frio ou calor, por trem ou navio, e cavalo ou trenó, as companhias percorrem o país, indo de aldeia em aldeia, de granja em granja. Para esses pequenos

núcleos de população, o ator é uma necessidade igual à do mestre-escola, do médico ou do agrônomo. O Teatro da Criança foi também um outro ponto de partida, tanto que o primeiro começou a funcionar no dia 7 de novembro de 1918, ou seja no primeiro aniversário da Revolução. Agora existem 131 teatros para crianças. Esses teatros desempenharam um papel muito importante na educação da nova geração. É difícil encontrar uma cidade ou aldeia da Rússia que não disponha de um teatro, assim como não há um recanto do país que não seja constantemente visitado por uma companhia. Para atingir a esse resultado, também não foi esquecido o teatro de amadores, como o estabelecimento de escolas dramáticas em todo o território. Todos os ramos da arte, a música, escultura, teatro, são estudadas por centenas de milhares de pessoas, que, ao terminar os seus afazeres diários, vão aos seus clubes e escolas especializadas, para receber aulas de teatro, música ou belas artes, ministradas por notáveis artistas. Em 1914, isto é, três anos antes da Revolução, havia apenas 222 escolas dramáticas na Rússia. Eram destinadas à nobreza, comerciantes e militares czaristas. Hoje, a Rússia dispõe de 95.600 escolas dramáticas, das quais mais de 56.000 estão no campo. O teatro de amadores conta com a colaboração dos mais eminentes artistas, muitos dos quais receberam os mais altos recompensas do governo. Além disso, as grandes companhias, como a de Meyerhold, por exemplo, visitam os clubes de amadores, e realizam espetáculos. Desses clubes é que tem surgido os maiores artistas russos. Das pequenas escolas dramáticas, mantidas pelos sindicatos, pelas fábricas e pelos clubes, esses artistas passam para as grandes escolas de teatro. Antes da Revolução, havia somente três escolas desse tipo de preparação definitiva dos artistas, uma em São Petersburgo e duas em Moscou. E eram frequentadas por 40 ou 60 alunos. Agora, há dois Institutos Teatrais em Moscou e Kiev, e 44 Escolas de Teatro, com um total de 4.000 estudantes. Os cursos são gratuitos, todos os estudantes recebem uma bolsa e podem utilizar-se livremente de todas as dependências do edifício, como salões de leitura, biblioteca, museus teatrais, e podem ainda frequentar todos os teatros, sem a menor despesa. Moskvin diz que os atores soviéticos querem, por meio de sua arte, ajudar o povo a conhecer a vida, e a melhorá-la, compreendendo que, para isto, precisam conhecer as leis do desenvolvimento histórico e ver com clareza as idéias sociais. E acrescenta: — "Stalin disse uma vez que os escritores são os engenheiros do espírito humano. Esta notável definição se aplica a todos os artistas. Ser engenheiros do espírito humano é um dever honroso e muito importante, e nós, os atores soviéticos, estamos tratando de cumpri-lo honradamente. Temos nossa recompensa na estima e no respeito do povo, cujas atenções e cuidados eram coisas com as

Livros Brasileiros

Atendemos com rapidex a pedidos de TODA A AMÉRICA de livros antigos e modernos editados no Brasil

Livraria J. Leite

80 — RUA S. JOSE' — 80

Rio de Janeiro — Brasil

quais nam podíamos sonhar antes da Revolução. Ser ator era uma profissão pouco invejável nos velhos tempos. Os atores, nos teatros do Estado, estavam sob o controle do mundo oficial, das empresas particulares, tiranizados pelos empresários. Os atores eram considerados como membros de uma classe inferior, constantemente humilhados. A maioria vivia uma vida miserável, de cidade em cidade, em busca de trabalho e proteção. Os atores de grande talento tinham que sacrificar suas idéias e iniciativas aos caprichos de seus patrões. Quanto talento nascente morreu, na Rússia czarista, antes de amadurecer! Em compensação, aos atores soviéticos se oferecem tais condições, que o trabalho constitui um verdadeiro prazer. A profissão de ator é respeitada; os atores sentem que são cidadãos do país, com todos os direitos. Centenas de artistas notáveis receberam condecorações e menções honrosas do governo. Entretanto, a maior prova de respeito e de confiança de que gozam os artistas está no fato de terem sido muitos deles eleitos para os mais altos corpos legislativos". Estas palavras foram escritas por um ator que é membro do Supremo Soviet. Ele esqueceu de acrescentar que, por lei, os autores e atores são considerados e tratados como professores, e, nesse caráter, aproveitados na construção do socialismo. E os resultados dessa política de aproveitamento dos artistas, na formação de uma nova mentalidade, e mesmo da disciplinação do espírito público, dando-se plena liberdade ao desenvolvimento das artes e dos artistas, como garantindo a estes verdadeiros privilégios econômicos, além dos meios materiais, nós estamos agora presenciando, uns, com surpresa, outros com admiração, e ainda alguns, os que acreditam em "milagres", pensando que o novo soldado russo caiu do céu, porque ignoram que os tais milagres foram meticulosamente preparados com o aproveitamento e organização de todas as forças latentes, por todos os meios, e principalmente pela cultura. Nenhum elemento foi menosprezado, e o teatro, desde 1917, deixou de ser considerado como simples divertimento. Tanto assim é que, ajudou a levantar um povo quase atrofiado pela opressão, a miséria e a ignorância, com as "mágicas" que só o teatro pode realizar...

Últimas Edições

DA EDITORA PAN-AMERICANA (EPASA):

NA SÉRIE DE "CORPO E ALMA":

PEDRO E JOÃO, de Guy de Maupassant, em tradução de Alvaro Gonçalves. A história de dois irmãos — um médico e um advogado — entre os quais se interpõe uma desconfiança terrível, provocando um ódio implacável. Um deles é herdeiro de imensa fortuna, deixada por um velho amigo da família Roland. O outro irmão descobre, afinal, no belo rosto do herdeiro, na inquietação da mãe de ambos, a razão de ser daquela herança, encontrando assim o estigma de um erro do passado. Maupassant, escritor poderoso, consegue fazer uma novela emocionante e realista desse tema romântico.

OS GRANDES ROMANCES DA TELA:

A COMÉDIA HUMANA, de William Saroyan, em tradução de Alex Viany. Filmado pela Metro, tendo Mickey Rooney no papel principal. É um romance que sinceramente recomendamos aos nossos leitores. Em carta a Almiro Rolmes Barbosa, o primeiro escritor brasileiro que escreveu sobre o romancista, disse William Saroyan que o maior prazer deste mundo é o prazer de viver, o de ter nascido. Sadio, estimulador, humano, poético, Saroyan é um grande romancista, não obstante a aparência fácil da técnica de seus romances e contos.

LAMA NAS ESTRELAS, de William Bradford Huie, em tradução de Giuseppe Chiaroni. A história do soldado Garth Lafavor desde quando ele tinha os pés na lama e a alma nas estrelas, e até o ponto em que as estrelas e a alma ficaram salpicadas de lama; até o ponto em que o desejo de regeneração lhe exigiu uma jornada de sangue e sacrifício.

UM MERGULHO NO INFERNO, de Allan R. Bosworth, em tradução de Samuel Pena Reis. O velho almirante tinha 70 anos e estava reformado. Havia quem dissesse que permanecera muito tempo na base naval da China, o que era o modo, na Marinha, de dar a entender que ele não estava bom da cabeça. Mas o dr. Vicente Ayres, oficial encarregado do inquérito a bordo do Navio-Hospital "Consolação", e especialista em doenças mentais, sabia mais que todos a esse respeito... Livro do gênero policial, filmado pela "20th Century Fox" e estrelado por Tyrone Power.

Da EDITORIAL CALVINO LTDA.:

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RÚSSIA, pelo Rev. Johnson. Deão de Canterbury. Como apêndice, **A CONDIÇÃO DO TRABALHO**, famosa crítica de Henry George à "Encíclica Rerum Novarum". Este livro, pode-se dizer, é a continuação do "Poder Soviético", lançado pela mesma editora.

Da COMPANHIA EDITORA NACIONAL:

NA BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO:

FILOSOFIA DA VIDA, de Will Durant, reedição.

A VIDA DE THOMAS JEFFERSON, de

Francis Hirts, em tradução de Carlos Lacerda.

CARA OU COROA (Oliver Wiswell), de Roberts Kenneth, em tradução de Guinara de Moraes Lobato.

NA BRASILIANA:

HISTÓRIA DO BRASIL (A Organização), terceiro volume, de Pedro Calmon. **CORRESPONDÊNCIA POLÍTICA DE MAUA NO RIO DA PRATA**, em tradução e notas de Lídia Bezouchet.

NA BIBLIOTECA DAS MOÇAS:

POR QUE?, de Elinor Glyn. **MULHER DE CORAGEM**, de Louise Logan; e **O ROSÁRIO**, de Florence Barclay.

DIVERSOS:

PRESIDENTE VARGAS, biografia, de Paul Frischauer. **COMER BEM**, de Dona Benta, terceira edição.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA:

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado, romance premiado no Brasil para o concurso Panamericano, e considerado pelo que o leram como um dos maiores romances escritos nestes últimos tempos.

REPRESÁLIA, de Ethel Vance. Pungente história dos reféns numa pequena cidade da Bretanha.

NA COLEÇÃO MOSAICO:

PROSA DOS PAGOS, série de brilhantes ensaios do escritor gaúcho Augusto Meyer.

NA COLEÇÃO EXCELSIOR:

JOB, de Joseph Roth. Esta novela é famosa, emocionante e humana.

NA COLEÇÃO "EXCELSIOR GIGANTE":

BEL-AMI, de Guy de Maupassant.

Das EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA SÉRIE "BRASILICA":

PEREGRINAÇÃO PELA PROVÍNCIA DE S. PAULO, de Augusto Emílio Zaluar, 4.º volume da série.

NA SÉRIE "OS MESTRES DO PENSAMENTO":

TRAGÉDIAS de Eurípedes, contendo "Alceste", em tradução do Barão de Paranapiacaba; "Hípólito", versão direta do grego; "Medéia", tradução de J. S. Mendes Leal Junior; e "Ífigenia em Aulide", tradução de Antonio José Viale. Abrindo o volume, um estudo do dr. José Pérez, diretor da empresa e da série, sobre "Eurípedes e a humanização da tragédia". Volume 29 da série.

NA SÉRIE "OS MESTRES DA LINGUA":

OBRAS de Alexandre de Gusmão (cartas políticas, poesia e uma comédia). Volume 15 da série.

NA SÉRIE "VIDAS LUMINOSAS":

EL GRECO, de autoria do dr. Luiz Amador Sanchez em tradução de Tarsila do Amaral; e "Leonardo da Vinci", de

Carta de Vaux, traduzido por Heitor Ferreira Lima. Respectivamente, volumes 7 e 9 da série.

NA SÉRIE "NOVELAS UNIVERSAIS":

O CONDE DE MONTE CRISTO, em dois volumes. Volumes 11 e 12 da série.

NA SÉRIE "NOVELAS DO CORAÇÃO":

REGINA, de Lamartine. Volume 12 da série.

Das EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL, S. Paulo:

CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO — Decreto-lei n.º 5.452 de 1 de maio de 1943. Volume 86 dos Manuais de Legislação Brasileira — 190 páginas.

O CONDE DE MONTE CRISTO, de Alexandre Dumas. Dois volumes.

CONCURSO PARA OFICIAL ADMINISTRATIVO E ESCRITURÁRIO, de Alfredo Gomes. 800 páginas.

CADERNETA DO INFANTE, pelo Major Del Corona. 294 páginas.

LEI DAS FALÊNCIAS — Decreto n.º 5.745 de 9 de dezembro de 1929, pelo dr. Rodrigues de Meneze. Com índice alfabético remissivo. 115 páginas.

TEORIAS JURÍDICAS DA POSSE, pelo dr. Rodrigues de Meneze — 232 páginas.

MENINGITE AGUDA, de Zé Fidelis — 130 páginas.

SÃO CIPRIANO, com 162 páginas.

HISTÓRIA DO MUNDO, de Zé Fidelis, com 100 páginas.

Da EDITORA UNIVERSITÁRIA, S. Paulo:

ELE QUERIA DORMIR NO KREMLIN, de Gehard Schacher.

BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ESTUPIDES HUMANA, de Walter B. Pitkin, em tradução de Edison Carneiro.

GANHEMOS A PAZ!, de Henry M. Wriston, em tradução de Paulo Zingg.

Da ATENA EDITORA, São Paulo:

NA COLEÇÃO MUSICAL:

A VIDA DE CHOPIN, de Guy de Pourtales.

MOVIMENTO LITERÁRIO, crônicas de Antonio Osvaldo Ferraz.

Da EDITORA ANCHIETA, São Paulo:

1.400 PROBLEMAS DE ARITMÉTICA, de Miguel Milano.

Da LIVRARIA JOSE OLYMPIO EDITORA:

NA COLEÇÃO FOGOS CRUZADOS:

A CIDADELA, de A. J. Cronin, em tradução de Genolino Amado. 6.ª edição. Cronin focalizou a vida de um médico inglês que principiava a sua carreira numa sociedade que lhe era hostil. O drama do médico obscuro numa província e o drama do sucesso fácil na cidade. É um romance que vale a pena ser lido, e os médicos nele encontrarão estímulo.

SANGUE E VOLÚPIA, de Vicki Baum, em tradução, conforme diz a nota da editora, da própria Vicki Baum e de Valdemar Cavalcanti. As peculiaridades regionais da ilha de Bali e as caracte-

ísticas da vida quotidiana dos seus habitantes.

NA COLEÇÃO A CIENCIA DE HOJE:

O ROMANCE DA MEDICINA, do professor Logan Clendening. Traduzido e anotado por Almir de Andrade. O autor, professor da Universidade de Kansas, fez com habilidade e erudição uma história da medicina para os leigos, utilizando-se até mesmo da técnica do romance para tornar os seus ensinamentos mais acessíveis. Com 116 ilustrações: gravuras, fotografias, desenhos, etc.

POESIA:

AO DO DESERTO, de Adalgisa Nery — Aqui há versos de toda espécie, com rima ou sem rima. Técnica pessoal, liberdade absoluta de ritmos. Adalgisa Nery justifica muito bem a famosa frase de Mallarmé de que a poesia é mistério...

RELIGIAO:

A VIDA DE NOSSO SENHOR, de Charles Dickens, em tradução de Costa Neves, e com muitas ilustrações a cores de Luis Jardim. O romancista Dickens sempre se caracterizou por suas obras de caracter moralista, e ele próprio era uma grande moralista, e daí ter escrito "A Vida de Nosso Senhor" para os seus filhos. Livro que permaneceu inédito até há pouco tempo. É um livro para adolescentes e jovens, e até mesmo para gente grande.

Da AMERIC-EDIT.:

ANTES QUE A NOITE CHEGASSE, de Helen Iswolsky, em tradução de Oscar Mendes. A autora é filha de Alexandre Iswolsky, antigo ministro russo do tsar na França. Católica romana, mas de rito oriental, identificada com o trabalho de Maritain, com o movimento personalista do grupo Esprit e com os socialistas (Juventude Operária Católica). Nesse seu livro Helen Iswolsky recorda os tempos de "antes que a noite chegasse", descrevendo as suas atividades religiosas e as suas preocupações espirituais, bem como traçando o perfil de grandes figuras da França.

EM FRANCES:

AZIYADE, de Pierre Loti. Esse é um dos bons romances de Loti. Aziyadé é uma criatura estranha, e bem a encarnação da heroína do romancista de "Mon Frère Yves".

HISTOIRE DE L'EGLISE, de Paul Lesourd. Com um prefácio do Cardeal Beaudrillart. A vida da Igreja, das suas lutas e das suas glórias, dos seus sofrimentos e triunfos. Lesourd assinava crônicas religiosas no "Figaro", colaborava na "Revue des Deux Mondes". Era conferencista, professor, jornalista e punha toda a sua ciência a serviço da religião que professava.

Dos IRMAOS PONGETTI EDITORES:

UM DIA VOLTAREMOS, de Lasilha Luis Carlos de Caldas Brito. "Romanço monumental", segundo o editor, que vem fazendo uma propaganda dispendiosa em torno desse romance histórico e com o qual espera obter o mesmo triunfo editorial de "... e o vento levou". A autora não é ainda um no-

me muito conhecido mas os seus trabalhos poderão ter propriedade literária valiosa, o que será um prazer para a autora e para o editor.

NA COLEÇÃO AS "100 OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL":

UMA VIDA, de Guy de Maupassant, em tradução revista de Marques Rebelo. É um livro consagrado, sobre o qual pouco ou nada se pode acrescentar.

Da EDITORA PANAMERICANA:

A PSICANALISE EM 12 LIÇÕES, de Gastão Pereira da Silva.
MANUAL TECNICO DOS CONCURSOS, de Hugli Laerte de Barros.

DA LIVRARIA ANTUNES:

ESPUMAS FLUTUANTES, de Castro Alver, com um prefácio de Afranio Peixoto.

Da EDITORA VECCHI:

NA COLEÇÃO "OS GRANDES NOMES":

MESTRE ADAO, O CALABRES, de Alexandre Dumas, em tradução de J. Dubois Junior. Vivas, bazaras, de génio picaresco, destros esgrimistas, propensos a resolver á bruta todas as questões, as personagens de Dumas são irresistivelmente simpáticas. Capa do pintor Ramon Espanha.

BIOGRAFIA:

JUAREZ, de Héctor Pérez Martínez, em tradução de Dias da Costa. A biografia do libertador do México, uma figura poderosa, o símbolo de um povo que foi sempre grande em todos os seus movimentos revolucionários. A vida de Juárez está cheia de grandes e emocionantes atitudes.

NA COLEÇÃO "OS GRANDES PENSADORES":

ARABESCOS FILOSÓFICOS, de Charles Baudelaire, em tradução do dr. Dyrlo Gorgot. 4.º volume dessa coleção popular e acessível a qualquer um.

O AMOR, AS MULHERES E A MORTE, de A. Schopenhauer, em tradução de Persiano da Fonseca. 1.º volume, segunda edição.

IDEARIO POLITICO, de Simón Bolívar, em tradução de Persiano da Fonseca. 2.º volume.

A IRA, de Sêneca, em tradução de Antero Barradas Barata. 11.º volume. Todos estes livros da "Coleção os Grandes Pensadores" apresentam o retrato de cada autor, e têm um formato de livro de bolso. Uma coleção digna de interesse.

Da LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

NA COLEÇÃO "NOBEL GIGANTE":

OS THIBAUT, de Roger Martin du Gard, em tradução de Casemiro Marques Fernandes. Dois volumes contendo toda a matéria da edição original francesa. Roger Martin du Gard recebeu em 1937 o Prêmio Nobel de Literatura pela "força artística com que no seu romance "Os Thibault" soube fixar os conflitos humanos e a razão de ser da vida". O primeiro dos onze volumes da edição original francesa apareceu em 1922, e, desde então, os

críticos têm reconhecido nesta obra de proporções monumentais um mérito literário de importância universal.

SAFIRA E A ESCRAVA, de Willa Cather, em tradução de Miroel Silveira. Willa Sibert Cather, ainda quasi desconhecida no Brasil, ocupa um dos maiores postos na literatura de ficção da Norte América. Prêmio Pulitzer, autora de grandes romances marcadamente norte-americanos, como "O Pioneiro", merece dos críticos capitulos especiais em seus livros de ensaios.

NA COLEÇÃO "TAPETE MAGICO":

A HISTÓRIA DAS GRANDES OBRAS, de Ernest Newman. Em 3 volumes, encerrando o acervo completo e os movimentos musicais de 33 das maiores óperas, com a biografia dos respectivos compositores, e 170 frases musicais das principais motíves das partituras. Ernest Newman tem vários anos de trabalho literário e de crítica musical no "London Times".

REEDIÇÕES:

OS GRANDES SONHOS DA HUMANIDADE, de René Fulop Miller (3.ª edição); OS GRANDES PROCESSOS DA HISTÓRIA, 1.ª série, de Henri Robert (3.ª edição); O DRAMA DA EUROPA, de John Gunther, (3.ª edição); COMO FAZER O MEU TRICOT, 2.ª série, de Gaysita de Campos (quarta edição); APRENDE BRINCANDO, CRIANÇA, de Nina Caro (2.ª edição); COMPENDIO DE ECONOMIA POLITICA, de Carlos Gide (8.ª edição); COMPENDIO DE FILOSOFIA, de Estevão Cruz (4.ª edição); LEGISLAÇÃO FISCAL E FINANCEIRA, de Henrique Ornelas (3.ª edição); PSICOLOGIA PEDAGÓGICA, de J. de la Valsière (2.ª edição).

Da EDITORA CLA, Fortaleza:

ESCOLA RURAL (Razões de uma atitude), de Mario Sobreira de Andrade. A propósito do aparecimento deste livro de interesse não apenas regional, leiam o artigo de Eduardo Campos, publicado neste número. Mario Sobreira de Andrade é um escritor cearense, moço ainda, mas que escreve baseado em experiências por ele mesmo vividas ou observadas numa vasta região do Ceará. Esse livro tem despertado ótimos comentários na imprensa cearense. O autor critica, analisa e indica soluções para o problema tão importante da Escola Rural, não somente no Ceará, mas em todo o Brasil. Não costumamos dar, nesta secção, o endereço de editoras, mas aqui está o da Editora CLA, que se encontra tão distante e precisa de ajuda: Rua Major Facundo 748, Fortaleza, Ceará.

De HÉLIOS BASTOS TIGRE, Editor:

RECITALIA (Poesias para recital), de Bastos Tigre. Várias poesias comemorativas, cívicas e didáticas; humorísticas, infantis e juvenis.

EDIÇÃO DO AUTOR:

JARDIM DAS HESPERIDES, de Geraldo Costa Alves. Poesias. Capa de Raul Pederneras. Vitória, Espírito Santo. Poesias rimadas e metrificadas; poesias de ritmo livre, 191 páginas.

Desejando V.S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em LEITURA, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Próximas Edições



DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. Paulo:

NA COLEÇÃO "GUERRA E PAZ":

A QUEDA DE PARIS, de Ilya Ehrenburg que se encontrava em Paris quando a cidade caiu em poder dos nazistas. Desde 1935, como representante de um diário russo, que ele vivia entre franceses, acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos políticos que teriam que culminar, fatalmente, no desastroso colapso. Observador arguto, analista profundo, homem dotado de um sentido quasi profético da realidade social que se modifica, Ehrenburg foi, talvez, o único correspondente estrangeiro que não se surpreendeu com a queda da França. Enquanto os colegas corriam de um "bureau" para outro, à cata de notícias, ele ficava sentado, a mão no queixo, completamente alheio à azafama inútil dos repórteres. A Van Passen, que o encontrou numa sala de espera, declarou que "fôra assistir à queda de um corpo morto".

As notícias que Ehrenburg enviava a Moscou não tinham importância. As principais eram anotadas no seu "carnet". Sendo tão bom novelista como repórter, não teria nenhuma dificuldade em rebatizar as suas personagens e metê-las numa história que a gente lê com maior prazer por ser... artística. Daí o garantido sucesso de "A queda de Paris", um romance realmente grande.

A ITALIA POR DENTRO, de Richard Massock.

A ALEMANHA POR DENTRO, de Louis Lochner.

JORNADA ENTRE GUERREIROS, de Eva Curie. Esse livro é "best-seller" norte-americano.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, S. Paulo:

NA COLEÇÃO "CONTEMPORANEA":

MRS. PARKINTON, de Louis Bromfield, um dos melhores romances do autor de "As Chuvas Chegaram".

NA COLEÇÃO "MOAICO":

POESIA AFRO-BRASILEIRA, pelo professor Roger Bastide.

NA "BIBLIOTECA DO PENSAMENTO VIVO":

KANT, por Julien Benda; **EMERSON**, por Edgar Marters; e **JOAQUIM NABUCO**, por Alvaro Lins.

NA COLEÇÃO "CIENCIAS SOCIAIS":

INTRODUÇÃO A HISTÓRIA ECONÔMICA, de N. S. Gras.

DA EDITORA UNIVERSITÁRIA, S. Paulo:

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, de Charles Potter, em tradução de Sampaio Ferraz.

RONCADOR, de Willy Aurell, em terceira edição.

DAS EDIÇÕES CULTURA, de S. Paulo:

NA SÉRIE "CLASSICA UNIVERSAL":

OBRAS, de Juvenal; **OBRAS**, de Salustio; **ORLANDO FURIOSO**, de Ariosto; e **FABULAS**, de Esopo.

NA SÉRIE "BRASILEIRO-PORTUGUESA":

TEATRO CÔMICO, de Martins Pena; **OBRAS** de Frei Luis de Souza; e **OBRAS** de Alexandre Herculano.

NA SÉRIE "VIDAS LUMINOSAS":

BUDA, **GALILEU** e **EINSTEIN**.

DA LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

VIDAS, de Van Loon, uma obra de vulgarização da biografia, em tradução de Marques Rebelo.

OBRAS COMPLETAS DE FLAUBERT e **OBRAS COMPLETAS DE BALZAC**. A tradução dos trabalhos de Flaubert já foi iniciada pelo romancista Galeão Coutinho.

OS VENCEDORES DA FOME, de Paul de Kruif, obra que descreve as histórias dramáticas de mais um punhado de abnegados cientistas. Tradução de Lino Vallandro.

A ÚLTIMA VEZ QUE VI PARIS, "best-seller" de Elliot Paul.

GIDEON PLANISH, "best-seller" de Sinclair Lewis.

A HISTÓRIA DO DR. WASSEL, mais uma das tocantes narrativas de James Hilton.

SISTER CARRIE, o célebre romance de Theodore Dreiser.

DA AMERIC-EDIT.:

EM FRANCÊS:

FORT COMME LA MORT, de Guy de Maupassant. Com esse livro Americ-Edit inicia a reimpressão das obras de Maupassant, que será brevemente seguida de um "Choix" de contos do grande escritor francês.

EM PORTUGUÊS:

MARIA CHAPDELAINÉ, de Louis Hémon, em tradução de Dante Milano. Sairá ainda este mês. Célebre romance

canadense, mundialmente conhecido. Sob o título "declaração de amor" publicamos no número passado um trecho desse livro humano, poético e emocionante. A editora merece aplausos pela edição, em português, de "Maria Chapdelaine", que é um hino às belezas do Canadá e a seu povo.

NA COLEÇÃO "JOAQUIM NABUCO":

A VIDA DE JOAQUIM NABUCO, de Carolina Nabuco. Dois volumes, edição revista pela autora.

DA EDITORA PAN-AMERICANA (EPASA):

HENRY ESMOND, de William Thackeray — Tradução de Luiz Castro.

GASPAR HAUSER, de Jacob Weissman, em tradução de Adonias Filho. Há muito tempo que Adonias Filho vem traduzindo esse grande romance de Jacob Weissman, um dos maiores romancistas do mundo. "Gaspar Hauser", como "A Montanha Mágica" provavelmente trará grandes lucros ao editor e propaganda espontânea dos escritores nacionais, pois que é um desses livros que devem ser conhecidos pelos que escrevem e pelos que apreciam um bom romance.

OS ÚLTIMOS DIAS DE SEBASTOPOL, de Boris Voyetchev, em tradução de João Távora.

DA EDITORA VECCHI:

A FAZENDA (The Farm), famoso romance de Louis Bromfield, em tradução de Marina Guaspari.

BETHEL MERRIDAY, de Sinclair Lewis em tradução de Edison Carneiro.

A GAROTA DE LAMBETH, de W. Somerset Maugham, em tradução de Edison Carneiro.

DA EDITORA PANAMERICANA:

CONTOS DA SEGUNDA FEIRA, de A. Daudet. Os contos de Daudet não perdem a atualidade, pois não lhes falta o lado humano, popular, e a força criadora.

APOLONIA, A EXCELSA INTERPRETE, de Guimarães Martins. Na nota que nos enviou, a editora dá muita importância a essa sua próxima edição, estando disposta a fazer grande publicidade do livro. Apolonia foi uma grande artista e teve uma vida digna de romance. Guimarães Martins, segundo o editor, escreveu uma biografia que satisfará plenamente aos leitores, justificando a esperança que o editor deposita no livro, que é um dos mais importantes na sua lista de edições para este ano.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

Leitura Condensa um Romance

Publicamos esta condensação de CLARISSA em homenagem a Erico Verissimo, que muito tem contribuído para o aumento de leitores no país. Aparado há dez anos, quando Erico apenas escrevera um livrinho intitulado "Fantoches", CLARISSA permanece no entanto bem visível no grande caminho percorrido pelo romancista gaúcho.

Condensação de RAUL LIMA

NEM todos na pensão têm cara alegre. O mais triste é Amaro: um ar de quem sofre, olhos que nunca estão olhando para parte nenhuma. E depois aquela mania de viver em cima do piano, batendo à-tôa nas teclas, inventando músicas que ninguém compreende...

Um dia ainda há de escrever a rapódia da pensão de D. Eufrasina — pensa Amaro. Uma música colorida e viva em que aparecerão os gritos do papagaio, as cantigas do Nestor e de d. Ondina, as risadas do major, as anedotas do Barata, a voz dolorosa do Tinoco — o menino doente — e a juventude luminosa de Clarissa.

Clarissa vai andando... Porque será que a vida parece melhor e mais bonita de manhã quando há sol, vento fresco, céu azul... Sente impetos de dançar, de correr, de cantar de pegar no rabo dos cachorros, mas as recomendações da tia Eufrasina não lhe saem nunca da memória. E' preciso ter compostura: andar a passo normal, não rir alto, não saltar. Ser "direitinha". Ter "juizinho".

E no entanto o sol brilha, as casas estão encharcadas de luz, o vento boia nas árvores úmidas, a manhã cheira a sereno e a flor... Clarissa segue num encantamento: a sua sombra se espicha na calçada disforme. Como a vida é boa! E como seria mil vezes melhor se não houvesse esta necessidade (necessidade, não: obrigação) de ir para o colégio, de ficar horas e horas curvada sobre a classe, rabiscando números, escrevendo frases e palavras, aprendendo onde fica o Cabo da Boa Esperança, quem foi Tomé de Sousa, em quantas partes se divide o corpo humano, como é que se acha a área de um triângulo...

Pensa nos seus desejos e nos problemas dos outros e no que faria se fôsse Deus. Mas é apenas a Clarissa Albuquerque. Uma menina "do sítio" que veio estudar na capital e que mora na pensão da tia. Uma menina que não tem com quem conversar. Uma menina boba, como diz a titia Zina. Uma menina que não tem licença de sair a passear, nem de ir ao cinema, nem de nada... Consola-se imaginando:

— Mas isto acaba. Um dia chegam as férias. A fazenda... O primo Vasco... O negro Xexé, a Conca... Eu fico solta. Correr descalça pelo campo, molhado, de manhã. Tomar banho no lajeado, ficar debaixo das cascatinhas, sumida num monte de espuma... Passear a cavalo pelo campo... Livre! Livre! Livre!

Um dia, justamente quando, às escondidas da tia, estava lendo um romance "A que morreu de amor", e se emocionava com os sofrimentos de Elfrida, recebe a visita da sua colega Dudú, uma rapariga loura e moderna, que lhe diz esta coisa espantosa:

— Quase todos os homens têm amantes...

A vida tem segredos terríveis, a vida tem coisas que apavoram mesmo que a gente não as compreenda bem claro. Clarissa sente-se abatida. Dois sustos, duas emoções fortes uma após outra. Primeiro foi a aparição súbita do pai de Elfrida, que a surpreendeu em colóquio amoroso com o pintor. De repente o velho surgiu da sombra... u! Depois a revelação espantosa de Dudú: — Quase todos os homens têm amantes...

Clarissa mergulha a cabeça nos travesseiros e chora, chora porque as coisas más acontecem nos romances e na vida...

— Clarissa?

Clarissa ergue-se:

— Que é titia?

— Vá ver se estão fechadas as janelas do quarto do major. Eu desconfio que aquela mulata safada não fechou como eu mandei...

Levemente contrariada, Clarissa obedece. Sobe a escada de mansinho, lenta, segurando o corrimão lus-

troso. Chega-lhe aos ouvidos um rumor abafado de vozes. No alto da escada volta-se para a direita. No fundo do corredor sombrio recorta-se o retângulo claro duma janela. Um vulto imóvel. Clarissa se sobressalta, fica parada, olhos fixos na sombra misteriosa. A sombra se agita. Agora Clarissa vê melhor. São dois vultos... Dois vultos que... Não é possível! Arregaça os olhos... Sim, não há dúvida... Duas pessoas que... — mas será verdade? — duas pessoas que se beijam...

De súbito os dois vultos se separam, rápidos. Um deles caminha para a zona de luz. Clarissa sente um baque no coração. E' Ondina... Na sombra o outro se agita. Clarissa quer dizer alguma coisa mas não pode... O espanto a imobiliza. O outro... — santo Deus! — o outro é Nestor. Os olhos de Clarissa dançam, toncos. Não compreende. Nestor e Ondina... abraçados, colados num beijo muito longo? Mas, então... e o Barata? Ondina não é mulher do Barata? Boca aberta, mãos enlaçadas, Clarissa olha, ainda sem compreender.

Val agora descendo as escadas, passo rápido, pensando um mundo de pensamentos desconstruídos.

Então essas histórias que se contam de mulheres casadas que namoram, que beijam outros homens que não os maridos, são histórias verdadeiras? Horrível! Como poderá ela esquecer? Como poderá calar? Com que olhos, com que cara olhará de agora em diante os dois... os dois... amantes?

E que tristeza estranha para no peito de Clarissa? Uma pena infinita daquele pobre homem gorducho que não sabe que a mulher o engana. Pensa:

— Como é engraçada a vida! Quanto mistério, quanto segredo... Os homens riem uns na frente dos outros, mas choram quando estão sós. Seu Barata e a mulher sobem a escada abraçados, mas no quarto, porta fechada, brigam...

Quando ela crescer, quando ela ficar moça, há de saber de todos os mistérios da vida. Alguem lhe há de contar tudo. Talvez o noivo, talvez o marido... Ou talvez ninguém.

Clarissa fez catorze anos. Tia Zina serve "montanha-russa" e todos festejam a aniversariante. Apenas seu Amaro pede licença e se levanta. Passa por entre as mesas como uma sombra, sem falar, sem sorrir, e sobe.

Ela o acompanha com os olhos.

— Bruto! — pensa. — Nem uma palavra pra mim. Egoísta, metido no quarto a bater no tacho velho, inventando umas músicas que ninguém entende. Feioso. Cara enrugada. Insignificante. Bobalhão!

Mas de repente uma onda de ternura a invade. Quem sabe que desgosto o seu Amaro tem na vida? Que mistério enorme guardará consigo. Que grande segredo, que grande tristeza?

Tia Zina chamando. Clarissa vai ver, é um presente. De quem? De seu Amaro! Um pequeno aquário bojudo de cristal, dentro do qual se agita um peixinho dourado.

— Oh! Bem o que eu queria! Bem o que eu queria! O que eu vi o outro dia! Vou botar um nome nele... Pirolito! Pobre do seu Amaro! Tenho de agradecer... Deus me perdoe por eu ter feito mau juízo dele...

Amaro está sentado ao piano. Os seus dedos brincam sobre o teclado, tocam de leve uma melodia qualquer.

A pedido de Clarissa, improvisa uma música dedicada ao peixinho e cujo tema é "Pirolito querendo apanhar um ralo de sol".

Clarissa sente um misto de delícia e de medo. De delícia porque tudo isto é um encanto, um sonho. De medo, porque Amaro tem no rosto uma expressão assustadora. Dir-se-lhe que se esqueceu de tudo. Uma mecha de cabelo lhe cai sobre os olhos, duas rugas fundas lhe vinculam a testa.

(Mas Pirolito cansa, modera a corrida, pára... vê a enormidade do seu sonho. Impossível apanhar o ralo de sol!)

Amaro deixa cair os braços. Gotas de suor escorrem-lhe pelas faces. Tem um ar cansado de vencido. Há um silêncio longo.

— Então — pergunta Clarissa — o Pirolito não pôde apanhar o ralo de sol?

Amaro sacode a cabeça.

— Coitado!

Clarissa, numa onda de ternura, pensa que Amaro é

muito parecido com o peixinho dourado. Porque é amiga do Pirolito e ele nem fica sabendo: vive ali dentro do aquário, não vê ninguém, não fala com ninguém, não fica sabendo que Clarissa gosta dele. Também Amaro vive no seu quarto, fechado, não fala com ela, não a vê e nem fica sabendo como Clarissa é sua amiga.

E é apenas em pensamento que Amaro lhe diz:

— Menina, tu nunca poderias compreender. Nem tu nem ninguém sabe quanta ternura há em mim. Eu hei de ser sempre para vocês todos o seu Amaro melancólico e taciturno, o seu Amaro que trabalha num banco e faz música nas horas vagas, o seu Amaro que vai ler os seus livros à sombra dos plátanos, o seu Amaro que não sabe fazer um gesto de amizade nem de acolhimento. Vocês nunca compreenderão. E tu, menina, não podes compreender também a alegria íntima que me dá. Porque és poesia, és música, és... nem sei o que és... Tudo isto se pode sentir, tudo isto se pode pensar. Mas nada disto se pode dizer. Seria piegas, seria idiota também eu dizer que te amo. Tenho mais que o dobro da tua idade. Quanta coisa eu teria para dizer se pudesse falar, se pudesses entender...

— A manhã está inundada de sol. Mas dentro da casa do Tonico, o menino doente, há sombras, vozes em surdina, quatro velas ardendo, cheiro de remédio, de cera queimada, de flores.

Clarissa, um peso enorme no peito, entra na casa agarrada ao braço da tia. Pelos cantos, no corredor, gente desconhecida. Todos falam baixo. Caras sombrias. Suspiros.

— Morreu ao anoitecer, o pobrezinho... — diz uma mulher sardenta, com ar compungido.

Uma mulher magra de pescoço comprido explica que quem está fazendo todas as despesas do funeral é um moço muito simpático, recém-formado, que mora na casa vizinha. Chegado há pouco do Rio, onde estava estudando, foi ele quem atendeu o menino. Fez o que pôde. Mas ninguém vence o destino. O Tonico morreu e o doutor ficou com pena daquela miséria... E' rico: resolveu fazer todas as despesas...

E' o dr. Maia. Está no meio da sala, braços cruzados, olhando para o caixão. Os seus cabelos louros rebrilham na luz. Tem um ar pensativo, testa enrugada. E' claro, rosto fino, lábios delicados... Clarissa lembra-se de que já viu numa gravura um moço parecido. Foi no cinema? Não. Onde foi, então? Foi num livro de histórias, talvez... Sim. Na história do Príncipe Sapo.

Clarissa desce ao jardim. Quem é que não sente alegria nesta tarde bonita? Quem é que não sente vontade de viver?

Na janela verde da casa rica aparece um vulto. Clarissa sente um sobressalto. E' o dr. Maia. Debruça-se ao peitoril e fica olhando para o jardim.

Clarissa tem os olhos pregados na janela. O Príncipe fuma, sereno, parece alheio a tudo: dir-se-ia que sonha.

Clarissa recorda a história do sapo que era um príncipe e casou com a menina e levou-a para o seu reino, numa carruagem de ouro... Sente-se arrebatada também por um moço louro, dentro duma carruagem dourada, puxada por cavalos negros que galopam, caminhando para um reino de maravilhas...

Na janela o dr. Maia solta uma baforada longa, fica olhando para a fumaça que se dilua no ar e depois, com um gesto displicente, joga fora o cigarro, volta-se para dentro e se some.

A visão encantada se apaga. Clarissa entra com um pensamento alegre a brincar-lhe no cérebro.

Todas as tardes, depois do banho — vestido novo, cabelo cuidadosamente dividido ao meio por um risco traçado com capricho — Clarissa vai para o jardim olhar as janelas verdes.

Quem sabe? Acontece tanto milagre... Duma hora para outra se podem abrir as venezianas, deixando aparecer uma cabeça brilhante... Para onde teria ido o príncipe encantado? Clarissa suspira. As janelas verdes continuam cerradas.

— Sou infeliz — pensa Clarissa. — Ninguém gosta de mim. Não tenho amigos. Não tenho nada...

Vieram as férias.

Clarissa vai como num sonho... Que irá acontecer agora? Tudo mudou: já não é mais a menina de antes. Em casa terá um quarto separado, como moça que é. Os rapazes conhecidos da vila, os rapazes que o ano passado passavam por ela sem lhe dar atenção, agora vão ficar abismados quando a virem chegar assim, de sapatos de salto alto, crescida, quase mulher... Primo Vasco vai ficar admirado.

O auto rola, rola... O vento fustiga o rosto de Clarissa, agita-lhe os cabelos. Assim corria a carruagem do Príncipe Sapo, puxada pelos cavalos brancos que vieram da lua, pelos cavalos negros que nasceram da noite...

Clarissa imagina-se a noiva do Príncipe Sapo. Ela o sente a seu lado, muito claro, muito louro. Ouve-lhe até a voz macia, macia...

O auto dá um solavanco. Clarissa desperta: a imagem bonita foge.

Quando Amaro entra na varanda o silêncio o envolve. Ar parado. Imobilidade. Mas ele vai sentindo aos poucos uma presença invisível. Ali junto do aquário uma menina morena sorri, olhos muito arregalados: move os lábios de mansinho:

— Muito obrigada pelo peixinho.

Amaro se volta, brusco, para fugir à visão. Caminha para a escada. O silêncio pesa. Mas de repente uma voz estridula arranha o silêncio:

— Clarissa!

Já no segundo degrau, Amaro estaca, como que ferido de morte. Volta a cabeça, muito vermelho, todo turbado, e com a dolorosa impressão de que lhe descobriram o grande segredo.

No poleiro de alumínio o papagaio sacode a plumagem verde.

COLEÇÃO "PRESENÇA"

(Continuação da página 19)

vairamento dos seres. E pelo motivo da guerra ter concedido a literatura um superavit de escritores, e porque a literatura apesar desta superprodução ainda era a coisa menos superlotada, esta geração se pôs a escrever; e, não conhecendo senão suas decepções e suas revoltas, suas indiferenças e suas demissões, pôs-se a contar a sua própria história. Surgiu então uma demasia de romances cujos heróis, tendo apenas vivido, iam já inquietos entre suas recordações e suas memórias desnudar-se românticamente diante do mundo. Houve um exibicionismo da sensibilidade. E foi quando, ensaístas e críticos que tinham a idade destes heróis se reconhecendo neles, procuraram definir, através de suas observações tão fáceis e comuns, a própria alma de sua geração. Assim, para se compreender certos aspectos dos nossos contemporâneos, podemos, apesar de cem anos decorridos, aproximar as duas gerações românticas, nascidas ambas num mundo em desordem; mas, a desor-

dem atual é muito mais profunda e muito mais extensa do que a de cem anos atrás. Do mesmo modo, a nossa crise de desesperança é muito mais grave que a da outra geração romântica, pois associa, às renúncias intelectuais daquela época, outros sofrimentos que lhe são próprios como a luta entre o individualismo (comum às duas fases) e as ameaças, mesmo a pressão esmagante da massa.

Urge, pois, abandonar o romântico para voltar ao místico e ao puro objetivo. Mas é preciso antes de tudo compreender a significação de mística que nos dá Péguy: "Por ora mística fica significando a tensão espiritual em que está compreendida toda idéia original viva, heróica, ou todo homem original e heróico. Joana d'Arc era assim. Uma criatura real. Nós somos uns seres reais. Somos uns pobres seres. Muito pobrezinhos. Mas é precisamente o que não se deve confundir: o homem, a essência humana, com o triste papel que desempenhamos". Joana era uma criatura real, porque tinha mística no corpo e na alma; porque era toda possuída de mística. E, portanto, Péguy também se considera homem real,

porque está tomado de pensamento místico de enfeitar os homens como Joana d'Arc e de reuni-los numa amizade social que ainda o cristianismo não realizou. (Karl Pfleger, pag. 50. Charles Péguy, Coleção Presença).

Um bom itinerário ao objetivo, ao real, ao místico, está na mencionada coleção que Frei Mansueto começa a divulgar. Nela estudamos Bloy e Gide, Péguy e Dostoyevsky, Chesterton e Solovief, etc., sem falarmos dos dois volumes do "Retorno a Cristo", retorno que é dever de toda pessoa. A coletânea de Frei Mansueto Kohnen irradiava uma profunda e larga simpatia para com todos os homens reais ou místicos: Quem tem que lidar com Gide, tem que ocupar-se com coisas mais importantes que a arte. Tem que haver-se com a vida humana, na expressão sobremaneira problemática, mas atual e representativa, que ele em sua personalidade lhe empresta". (Pág. 31 André Gide, o Filho prodígio).

Há pois nesta coleção um roteiro de cultura, um roteiro de revolução como queria Péguy.

COLEÇÃO PRESENÇA, da Stella Editora — Rio, 1943.

EDIÇÕES DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL



Cr\$ 15,00

PROBLEMAS BRASILEIROS DE ANTROPOLOGIA é um livro em que Gilberto Freyre fixa, ao lado de tendências recentes nos estudos antropológicos, aspectos de viva atualidade dos problemas de antropologia que o Brasil vem resolvendo ou tem ainda que resolver. Não só os de mestiçagem e de aculturação, em geral, como o da caracterização da moderna cultura brasileira, seu lastro hispânico, sua marca lusitana, seus traços africanos e ameríndios, seus contactos com os colonos alemães, italianos e japoneses no Sul do país, suas relações com as demais culturas americanas. De antropologia científica o autor passa para a filosofia social, indo até sugestões de interesse político.

“ENSAIOS DO NOSSO TEMPO”

“Este livro é mesmo um exemplo bem típico de insatisfação e inconformidade. Otávio de Freitas Júnior tem a altivez de não se entrincheirar atrás da sua mocidade, para ao menos “aproveitar um bocadinho este fim de civilização goxada que está se acabando”. Otávio de Freitas Júnior é um dos exemplos muito belos de mocidade, que eu conheço, dentre os da geração nova. Sem ser esse tipo desagradável e anti-higiênico do bem-comportado, ele não se contenta de sua mocidade. Nem se utiliza dela p’ra ser imoral, contemplativo, diletante, molandro, ou simplesmente sujo”. — Mário de Andrade — (Prefácio de **ENSAIOS DO NOSSO TEMPO**).



Cr\$ 6,00

SE O SEU LIVREIRO NÃO TIVER AS EDIÇÕES DA C. E. B., PEÇAS PELO “SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL”. — NÃO COBRAMOS A DESPESA DE REMESSA. — CATÁLOGO GRATIS.

LARGO DA CARIOCA, 11 — RIO

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por AUREO OTTONI

Agosto de 1943

O) GENERALIDADES

Agendas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas Publicações Periódicas

CAMARGO (João Silveira). — Testes para concursos e provas de auxiliar de escritório, dactilógrafo, inspetor de alunos, arquivista, auxiliar de seleção. Pref. Filade Alberto Palagi. (16/24). 155 p. il. br. Cr\$ 15,00. Coelho Branco

GABAGLIA (Raja), RIBEIRO (João). — Exame de admissão para os ginásios. (13/19). 451 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (Nova ed. 8/43). Livr. Alves

KOEHLER, S. J. (Pe. H.). — Pequeno dicionário escolar latino-português. (14/19). 478 p. cart. Cr\$ 20,00. (9ª ed. 8/43). Globo.

NEVES (Domingos). — O meu secretário. (14/19). 399 p. il. cart. Cr\$ 18,00. 3ª edição (8/43). A Noite.

PREZERES (Ramus), PEIXOTO (A. C. de Matos), COSTA (Lidio). — Dicionário geográfico, gramatical e biográfico ilustrado. 1º fascículo. (16/23). 32 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Ed. Brasileira Artística.

REIS (Antônio Simões dos). — Bibliografia Nacional. 1943. 5ª vol. (12/18). paga. 425 a 560. br. Cr\$ 7,00. (8/43). Z. Valverde.

1) FILOSOFIA

DURANT (Will). — Filosofia da vida. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, s. 1ª. Filosofia, 2. (15/22). 372 p. br. Cr\$ 24,00. Cia. Ed. Nacional.

JAMES (William). — A filosofia de William James. (Seleção das suas obras principais). Trad. Antônio Ruas. Bibl. Espírito Moderno, s. 1ª. Filosofia, 8. (15/22). 223 p. br. Cr\$ 12,00 (8/43). Cia. Ed. Nacional.

MARQUES JUNIOR (Padre Antônio D'Almeida). — Filosofia da liberdade. (Ensaio). (16/23). 95 p. br. Cr\$ 7,00. (8/43). Ed. Vozes.

SCHOPENHAUER (Artur). — O amor, as mulheres e a morte. Trad. Persiano da Fonseca. Col. Os Grandes Pensadores. 1. (12/17). 119 p. br. Cr\$ 3,00. (2ª ed. 8/43). Vecchi.

SILVA (Gastão Pereira da). — Como se interpretam os sonhos. (14/20). 294 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43). José Olympio.

THOMPSON (Alm. A.). — Cosmos. Macrocosmos (O Astro) e Microcosmos (O Homem). (Estudo analítico científico). (13/10). 175 p. 4 pranchas, il. br. Cr\$ 15,00 (8/43). Barbosa Bastos.

TOLLENS (Paulo). — Fundamentos do espírito brasileiro. (14/19). 296 p. br. Cr\$ 16,00. (8/43). Distr. Globo.

TORRES (João Camilo de Oliveira). — O Positivismo no Brasil. Pref. Euryvaldo Cannabrava. (15/22). 335 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43). Ed. Vozes.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões Cristãs — Religiões diversas e Mitologia — Ciências Ocultas.

DESTEFANI, O. F. M. (Frei Benedito). — Luzes e forças. (13/18). 306 p. il. br. Cr\$ 10,00. (8/43). Ed. Lar Católica.

DICKENS (Charles). — A Vida de Nosso Senhor. (A história de Nosso Salvador Jesus Cristo). Trad. Costa Neves. Il. de Luis Jardim. (13/19). 142 p. br. Cr\$ 15,00. (300 exempl. em papel Bouffant, 19/25. Cr\$ 8,00). (8/43). José Olympio.

PAULHABER (Cardeal). — Sermões do Advento. (Judaísmo, cristianismo e germanismo). Trad. Alvaro Franco. (13/17). 165 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43). Ramos, Franco, S. Paulo.

FORT (Gertrud von Le). — Minos à Igreja. Trad. Tasso da Silveira. Co. Presença. 10. (10/18). 110 p. br. Cr\$ 9,00. (8/43). Stella Ed.

LESEUR (Elisabeth). — Cartas sobre o sofrimento. Pref. de R. P. J. Herbert. O. P., Trad. (13/19). 359 p. br. Cr\$ 10,00. (5ª m.ª 8/43). Livr. Santa Cruz.

LEUSER (R. P. M. — A.). — Vida de Elisabeth Leseur. Carta-pref. do Reverendíssimo Padre M. S. Gillet. O. P., Pref. do R. P. Leonel Franco S. J., Trad. (13/19). 339 p. br. Cr\$ 12,00. (4ª ed. 8/43). Livr. Santa Cruz.

LESOURD (Paul). — Histoire de l'Eglise. Pref. de Son Eminence Le Cardinal Baudrillart. (12/19). 217 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43). Americ. — Edit.

MARIA, SS. CC. (Pe. Sebastião). — Vida e milagros de S. Pancrácio (Martir). (10/16). 115 p. p. il. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Stella Ed.

O'BRIEN O. F. M. (Isidoro). — Compensação. (10/14). 28 p. br. Cr\$ 1,00. (8/43). Ed. Vera Cruz.

PALMAS, O. F. M. (Frei Adauto de). — O Católico perante a Bíblia. Bibl. Apologética, 2. (16/23). 45 p. br. Cr\$ 3,00. (8/43). Ed. Vozes.

PETERS, C. SS. R. (Padre Guilherme). — A Santa Eucaristia. O Sacramento e o sacrifício da Eucaristia. (15/22). 148 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43). Gr. Sant. S. Geraldo, Curvelo, Minas.

REZENDE (Co. J. Aristides de Oliveira). — Sejamos missionários. Pref. Pe. Ascânio Brandão. (12/18). 134 p. br. Cr\$ 7,00. (8/43). Ed. Vozes.

TÓTH (Monsenhor Tihamér). — Os Dez Mandamentos. (I vol.). Trad. Pe. Antonio d'Almeida Moraes Junior e Jerônimo Guimarães. Pref. Pierre L'Hermite. (13/19). 394 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Ed. S. C. J.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLITICAS

ALBUQUERQUE (José de). — Delito de contágio venéreo. Comentários ao artigo 130 e seus parágrafos, do Código Penal. (16/23). 14 p. br. Cr\$ 3,00. (8/43). Ed. Autor, Rio.

ASCARELLI (Tullio). — Teoria geral dos títulos de crédito. Trad. Nicolau Nazo. Pref. Edgardo de Castro Rebello. (17/24). 518 p. br. Cr\$ 70,00. (8/43). Saraiva.

AUTRAN (A. A. de Menezes). — Noções de estatística metodológica. (16/24). 275 p. il. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Ed. Pan-Americana.

AZEVEDO (Fernando de). — Velha e nova política. Aspectos e figuras da educação Nacional. B. P. B. s. 3ª. Atualidades Pedagógicas. 40. (14/20). 188 p. br. Cr\$ 18,00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.

AZEVEDO (J. de Paiva). — A energia elétrica no direito brasileiro. (16/23). 234 p. br. Cr\$ 30,00. (8/43). Jornal do Comércio.

CALMON (Pedro). — Brasil e América. História d'uma política. (14/23). 417 p. il. br. Cr\$ 20,00. (8/43). José Olympio.

COSOLIDACÃO das leis do trabalho. Dec. Lei 5452 de 1-5-1943. (13/18). 319 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Gr. Olímpica.

CONSOLIDAÇÃO das leis trabalhistas. Dec. Lei n. 5.452 1/5/43 (J. N. — Divulgação — n. 286. 2ª edição) (16/22) — 260 p. ler. cit. 5,00 (4/43) Imp. Nacional.

CONSTITUIÇÃO dos Estados Unidos do Brasil 1937 e Leis constitucionais ns. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8. Para concursos oficiais. (14/19). 79 p. br. Cr\$ 3,00. (8/43). Getúlio Costa.

Como leitor

O matutino de mais amplo noticiário local, nacional e internacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como anunciante

O matutino de maior tiragem no Distrito Federal. 41.000 exemplares nos dias úteis e 65.000 aos domingos

CULTURA Política. — O Brasil na guerra. Ed. extraordinária de 22 de Agosto de 1943. (C. P. ano II, n. 31). (16/23). 370 p. 1 prancha, 11. br. Cr\$ 3,00. (8/43). Distr. José Olympio.

DUGUIT (Léon). — Os elementos do estado. Trad. Eduardo Salgueiro. Cadernos "Inquérito". Série E — Direito. III. (Reedição brasileira). (12/19). 75 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Ed. Inquérito.

DUGUIT (Léon). — Fundamentos do direito. Trad. Eduardo Salgueiro. Cadernos "Inquérito". Série E — Direito. I. (Reedição brasileira). (12/19). 85 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Ed. Inquérito.

ESPINOLA (Eduardo). **ESPINOLA FILHO (Eduardo).** — A lei de introdução ao código civil brasileiro. (Dec.-Lei n. 4657, de 4-9-1943). Vol. 19. Arts. 1-7. (16/23). 632 p. enc. Cr\$ 60,00. (8/43). Freitas Bastos.

GAMBOGI (Joaquim). — Prontuário de jurisprudência. Vol. III. (Leis comerciais, fiscais e sociais). (17/23). 395 p. enc. Cr\$ 37,00. (1942-8/43).

Vol. IV. Código penal e código do processo penal. (17/23). 397 p. enc. Cr\$ 37,00. (8/43).

Vol. V. Código do processo civil. (17/23). 398 p. enc. Cr\$ 37,00. (8/43). Rodarte.

GUDIN (Eugenio). — Para um mundo melhor. Ensaio sobre problemas de Após-Guerra. (14/19). 238 p. br. Cr\$ 18,00. (8/43). Civilização.

ISAY (Jur. Ernst.) — A nova territorialidade no direito internacional público e privado. Pref. Haroldo Valadão. (14/23). 71 p. br. Cr\$ 6,00. (8/43). Distr. Z. Valverde.

JOHNSON (Rev. Hewlett). (Deão de Canterbury). — O Poder Soviético. Trad. David J. de Castro. Pref. Dom Carlos Duarte Costa. Il. Nowell Mary Hewlett Johnson. (14/19). 459 p. br. Cr\$ 25,00. (8 ed. 8/43). Calvino.

LANDIM (Jayme). — Reforma do código civil brasileiro. (17/24). 70 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43). Borsoli, Rio.

Lei de falências. Dec. n. 3746 de 9/12/1929. Com índice alfabético-remissivo e geral por Rodrigues de Moreda. (14/19). 116 p. br. Cr\$ 7,00. (8/43). Ed. e Publ. Brasil.

LOPES (Miguel Maria de Serpa). — Comentário teórico e prático da lei de introdução ao código civil. Vol. I. (17/24). 375 p. enc. Cr\$ 45,00. (8/43). A Noite — Jacinto.

MANUAIS de Legislação Brasileira. — Vol. 3. Lei de Imprensa Dec. 24778. de 14/8/1943. (14/19). 90 p. br. Cr\$ 5,00. (Nova ed. 8/43).

Ed. e Publ. Brasil.
MARCONDES FILHO (Alexandre). — Trabalhadores do Brasil! Palestras do Ministro Marcondes Filho na Hora do Brasil em 1942. (13/19). 292 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43).

Distr. Civilização.
PESSOA (Epitácio Monteiro). — Elementos de direito fiscal. Vol. I. Cartapref. Dídimo Agapito da Veiga. (15/22). 395 p. 1 prancha, cart. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 8/43). Freitas Bastos.

PIEDADE (José de Alencar). — Discursos e conferências. Observação sobre a lei que dispõe sobre o reconhecimento dos filhos naturais, divórcio e concordata com a Santa Sé com referência ao casamento dos católicos. (16/23). 65 p. Cr\$ 8,00. (8/43). Ed. Autor, Rio.

PRADO (Francisco Bertino de Almeida). — Eficácia probatória do registro. — (15/22). 138 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Freitas Bastos.

RAMOS (Arthur). — Guerra e relações de raça. Ed. do Departamento Editorial da União Nacional dos Estudantes. — (14/19). 185 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43). Distr. Livr. Victor.

ROSA (Inocencio Borges da). — Processo civil e comercial brasileiro. Vol. V. Arts. 882 a 1052. Suplemento do vol. I. (17/24). 739 p. br. Cr\$ 20,000. (1942-8/43). Globo.

SANTIAGO (F. R.) — Teoria e prática do escrivão. (13/18). 50 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Z. Valverde.

SANTOS (J. M. de Carvalho). — Código civil brasileiro interpretado. Direito das coisas. (Arts. 534-673). Vol. VIII. (16/23). 506 p. enc. Cr\$ 40,00. (3.ª ed. 8/43). Freitas Bastos.

SUSSEKIND (Arnaldo). **LACERDA (Dorval de).** **VIANA (J. de Sagadas).** — Direito brasileiro do trabalho. 1.º volume. Pref. Ministro Alexandre Marcondes Filho. (16/23). 627 p. enc. Cr\$ 70,00. (8/43). A Noite-Jacinto.

TORRES (Magarinos). — Nota promissória. Estudo da lei, da doutrina e da jurisprudência cambial brasileira. (17/24). 4777 p. br. Cr\$ 70,00. (5.ª ed. 8/43). Sarniva.

VARGAS (Getúlio). — A Nova Política do Brasil. IX. O Brasil na guerra 14 de Julho de 1941 a 1 de Janeiro de 1943. (14/23). 335 p. br. Cr\$ 30,00. (8/43). José Olympio.

VARRIER (Madeleine Gex Le). — Ruge a revolta na França. Pref. André Philip. Trad. Maria da Saudade Cortesão. Col. "Documentos para a História da Guerra". 3. (14/21). 383 p. br. Cr\$ 18,00. (8/43). Ed. Dois Mundos.

VIANNA (J. L. Werneck). — Consolidação das leis do trabalho. Manual de consultas. (14/19). 296 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Distr. Max Linonad.

3-4) EXÉRCITO — MARINHA — AERONAUTICA

FERNANDES (Cap. João Augusto). **CAZ-** — (ap. ojejuoy suqny dsj) OHJ. Topografia prática. (15/22). 256 p. 11. enc. Cr\$ 30,00. (8/43). Gr. Paz, Rio.

LIMA (A. Barbosa). — Tábuas de vencimentos. Diárias dos militares. (16/23). 137 p. br. Cr\$ 12,00. (8/43). Jornal do Brasil.

SERRA (Astolfo). — Caxias e o seu governo civil n a província do Maranhão. (Apontamentos para estudos mais autorizados). Bibl. Militar. 68. (17/24). 176 p. br. Cr\$ 6,50. (8/43). Dist. Z. Valverde.

SOPOCKO (Eryck K. S.). — A patrulha do "Orsel's". Façanhas do submarino polonês. Trad. Carmem de Faro Lacerda. Introd. J. M. de Castro e Silva. (14/19). 187 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43). Ed. Pan-Americana.

4-8) LETRAS

A). FILOLOGIA (Generalidades. Ensino de Línguas).

AUGE' (Claude). — Grammaire. Cours moyen. Livre de l'élève. (Edição fac-similada). (12/18). 288 p. 240 figs. cart. Cr\$ 12,00. (Nova ed. 8/43). Globo.

AVILA (Aristides). — Terra abençoada. Para leitura da 3.ª grau. (Escolas ru-

Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Esplêndido sortimento de

artigos leves para o verão!

CASAS PERNAMBUCANAS



rais). H. Waldemiro Gonçalves Christino. (16/23). 160 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43).

Ministério Agricultura.
BECKER (Idel). — *Compêndio de literatura espanhola e hispano-americana. História e antologia.* Prof. Roberto F. Gusst. (14/21). 303 p. cart. Cr\$ 18,00. (8/43).

Cia. Ed. Nacional.
BETHELL (Hubert Coventry). — *The english gymnasial grammar.* (17/24). 388 p. cart. Cr\$ 25,00. (Nova ed. 8/43).

Gr. Minas, B. Horizonte.
EILAC (O.), BOMFIM (M.). — *Prática da língua portuguesa. Através do Brasil.* (Narrativas). Livro de leitura para o curso medio das escolas primárias. (13/19). 314 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (33.ª ed. 8/43).

Livr. Alves.
FLEURY (Renato Sêneca). — *Série Pátria Brasileira. Leitura IV.* (14/19). 220 p. il. cart. Cr\$ 5,30. (8/43).

Ed. Melhoramentos.
FREITAS (Gaspar de). — *Exercícios de gramática e modelos de análise.* (12/16). 139 p. il. cart. Cr\$ 3,50. (8.ª ed. 8/43).

Distr. Antunes.
GONÇALVES (Maximiliano Augusto). — *Verbo e nômima latina. I. Caderno para a conjugação de verbos latinos.* (16/19). 64 p. br. Cr\$ 5,00. (3/43).

Ed. Inquérito.
HEUSER O. F. M. (Frei Bruno). — *Terceiro Livro de leitura.* (12/19). 354 p. il. cart. Cr\$ 3,50. (22.ª ed. 8/43).

Ed. Vozes.
JAQUIER (L.). — *Método directo de francês. Français. 3ème et 4ème années.* Dessins de M. Munzinger. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos, 100. (14/20). 400 p. 1 prancha, cart. Cr\$ 25,00. (8/43).

Cia. Ed. Nacional.
KOPKE (João). — *Histórias de crianças e de animais.* (Da Col. João Kopke). Ed. rev. em 1933 por Lucia Monteiro Casassanto. (13/19). 158 p. il. cart. Cr\$ 4,50. (12.ª ed. 8/43).

Livr. Alves.
MARTINS (Mário R.). — *A evolução da língua nacional.* (14/19). 363 p. cart. Cr\$ 25,00. (8/43).

Borsol. Rio.
MONTEIRO (Clóvia). — *Nova antologia brasileira ou Curso da Língua vernácula.* (13/19). 484 p. il. cart. Cr\$ 18,00. (8.ª ed. 8/43).

Briquet.
MORAES (João Barbosa de). — *Leitura amena, para a 2.ª série primária.* Il. J. Machado. (14/19). 190 p. cart. Cr\$ 3,50. (Nova ed. 8/43).

A. Noite - Jacinto.
MOURA (Luciano Cesar de). — *English practical lessons. First volume. 2nd grade.* (17/22). 96 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 8/43).

Ed. Melhoramentos.
NASCENTES (Antenor). — *Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros.* (14/21). 183 p. cart. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 8/43).

Cia. Ed. Nacional.
PEREIRA (Ambrosina Rodrigues). — *Eu já sei ler. Leitura intermediária.* (13/19). 144 p. il. cart. Cr\$ 4,50. (6.ª ed. 8/43).

Livr. Alves.
RIBEIRO (Nogueira). — *Preceituário da ortografia nacional.* (14/19). 131 p. cart. Cr\$ 13,00. (8/43).

Ed. Peixoto.
SANTOS (Ligia de Moura). — *Série O Bom Colegial. 2.º ano (Primavera da alma, do Prof. Cesar Martinez; rev. e atualizado).* (14/19). 156 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (18.ª ed. 8/43).

2.º ano (Leitura moral, do prof. Arnaldo de Oliveira; rev. e atualizado). (14/19). 184 p. il. cart. Cr\$ 5,30. (27.ª ed. 8/43).

4.º ano (Alma das coisas, do prof. Cesar Martinez; rev. e atualizado). (14/19). 320 p. il. cart. Cr\$ 6,00. (16.ª ed. 8/43).

Livr. Alves.
SETTE (Mário). — *Brasil. Minha Terra! Leituras civicas.* (13/19). 314 p. il. cart. Cr\$ 6,00. (19.ª ed. 8/43).

Ed. Melhoramentos.
CIRCULO Osbriano. — *3 anos de ortografia simplificada brasileira. Opúsculo 4.º Comemorativo do 3.º aniversário da publ. da OSB. pelo feneal Klingner. Colaboração de vários Osbrianos.* (16/23). 234 p. br. Cr\$ 18,00. (5/43).

Distr. Z. Valverde.
VASCONCELOS (Nuno Smith de). — *English anthology. B. P. B. s. 2.ª. Livros Didáticos, 30.* (14/20). 292 p. il. cart. Cr\$ 16,00. (7.ª ed. 8/43).

Cia. Ed. Nacional.

2 LIVROS DE SUCESSO

MODERNÍSSIMO RECEITUÁRIO INDUSTRIAL

pelo dr. Werner Gerling

(2.ª edição)

Mais de 8.000 fórmulas — 576 páginas — Para todas as indústrias:

PREÇOS: Brocura Cr\$ 35,00
Encadernado Cr\$ 42,00

DICIONÁRIO LATINO-PORTUGUÊS

Prof. dr. Dirceu A. Victor Rodrigues

Mais de 20.000 vocábulos — Mais de 700 páginas — O mais completo e moderno dos publicados no Brasil.

Preço encadernado Cr\$ 35,00

EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL EDITORA

Rua da Liberdade, 704 — Caixa Postal, 1.806
SAO PAULO

VASCONCELOS (Viveiros de). — *Verbo português de rudimentos de análise léxica.* (13/18). 80 p. br. Cr\$ 2,50. (24.ª ed. 8/43).

Ao Livro Novo.

4-8. LETRAS

B) Literatura

B. 1) Generalidades — História Literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônica.

ANDRADE (Mário de). — *Os filhos da Candinha.* (14/20). 163 p. br. Cr\$ 12,00. (3/43).

Livr. Martins.
FIDELIS (Zé). — *História do mundo.* Prof. Armando Bertoni (13/18). 98 p. il. br. Cr\$ 6,00. (3.ª ed. 8/43).

Ed. e Pub. Brasil.
FREITAS JÚNIOR (Otávio de). — *Ensaio do nosso tempo.* Prof. Mário de Andrade. Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras. (12/18). 127 p. br. Cr\$ 6,00. (8/43).

Casa do Estudante.
LIMA (Hermes). — *O pensamento vivo de Tobias Barreto.* Bibl. do Pensamento Vivo, 15. (12/18). 193 p. cart. Cr\$ 12,00. (8/43).

Livr. Martins.
MAHABHARATA. — *Reconstrução da epopéia feita sobre os originais sânscritos com prolegômenos e anotações por Annibal Mello de Noronha e Faro.* Série Clássica de "Cultura". "Os Mestres do Pensamento". 28 (10/17). 407 p. br. Cr\$ 30,00. (8/43).

Ed. Cultura.
MAUROIS (André). — *O pensamento vivo de Voltaire.* Trad. Livio Teixeira. Bibl. do Pensamento Vivo, 3. (12/18). 217 p. cart. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 8/43).

Livr. Martins.
ORNELLAS (Mangelito). — *Símbolos bárbaros.* Il. Edgar Koetz. (16/23). 105 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43).

Globo.
SILVA NETO (Serafim). — *Crítica verônica. Erros, confusões e atrasos do Sr. Cândido Jucá (filho).* (16/23). 18 p. br. Cr\$ 2,00. (8/43).

Ed. Autor. Rio.
SOUSA (Cruz e). — *Obras Tomo I. Versos: Broquéis, Farsas, Últimos sonetos. Poemas avulsos. Introdução de Fernando Góes. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa. "Os Mestres da Língua". 13.* (19/18). 264 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43).

Tomo II. Prosa: Missal, Evocações. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa. "Os Mestres da Língua". 14. (19/18). 405 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43).

Ed. Cultura.

VERGARA (Pedro). — *A poesia moderna Riograndense. Apresentação de Cláudio da Souza.* (19/28). 111 p. br. Cr\$ 30,00. (8/43).

Jornal do Comércio.

4-8 B 2) TEXTOS DE ESTUDOS (Literatura Antiga e Moderna).

COUTO (Annibal de Mello). — *Noções de literatura.* (14/19). 135 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43).

Coelho Branco.
RONAI (Paulo). — *Tendências e figuras da literatura húngara. Conferência. Separata do Panorama da Literatura Estrangeira Contemporânea publ. pela Academia Brasileira de Letras.* (17/24). 38 p. br. (8/43).

Bedeschi.

4-8. M. 3) POESIAS

BECKER (Gustavo A.). — *Rimas.* (Ed. Brasileiras de Literatura Espanhola e Hispano-Americana, sob a dir. de Idel Becker). (12/18). 71 p. br. Cr\$ 6,00. (8/43).

Livr. Elo.
CEARENSE (Catullo da Paixão). — *Serão em flor.* Prof. Mário de Alencar. (13/19). 256 p. br. Cr\$ 8,00. (7.ª ed. 8/43).

Bedeschi.
DÊMEZES (Eliezer). — *Poemas da hora amarga.* Prof. Manoelito de Ornellas. (18/22). 81 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43).

Distr. Globo.
FARIA (Maria Adail Philidory de). — *Jasmina.* (14/19). 60 p. br. Cr\$ 6,00. (8/43).

Jornal do Comércio.
LOUYS (Pierre). — *O amor de Bilitia.* (Algumas canções). Trad. Guilherme de Almeida. Col. Rubalyat, 8. (13/19). 110 p. il. br. Cr\$ 15,00. (100 exempl. em papel Vergé, numerados e assinados pelo Trad. 16/25. br. Cr\$ 80,00. (8/43).

José Olympio.
NASCIMENTO (Faustino). — *Ritmos do Novo Continente.* Il. Camila Alvares da Azevedo. (20/28). 244 p. cart. Cr\$ 50,00. (2.ª ed. 8/43).

Distr. Livr. Victor.
SILVA (Helo Montenegro da). — *Perolário.* (14/19). 90 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).

H. Velho.
TIGRE (Bastos). — *Recitália.* (Poesias para recitar). (14/19). 203 p. br. Cr\$ 12,00. (8/43).

Hélio Bastos Tigre.

4-8. B. 5) ROMANCE — NOVELAS — LENDAS

ALENCAR (José de). — *O Guarani.* (13/19). 390 p. br. Cr\$ 10,00. (Nova ed. 8/43).

Antunes.
BALZAC (Honoré de). — *Um caso tenebroso.* Trad. Tarila de Amaral e Luiz Martins. Col. Excelsior, 23. (12/18). 250 p. cart. Cr\$ 10,00. (8/43).

Livr. Martins.
BARRETO (Eloy). — *Escândalos! Romance novo para a vida nova...* (14/19). 85 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43).

Ed. Autor. Rio.
BROPHY (John). — *Argentito Imortal.* Trad. Maslowa Gomes Venturi. Col.

Contemporâneas, 3.ª (14/22). 202 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43).
 Livr. Martins.
 CASTRO (Ferreira de). — Eternidade. 13/19. 325 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43).
 Livros de Portugal.
 DINIZ (Júlio). — Os fidalgos da Casa Mourisca. (Crônica da aldeia). (14/21). 415 p. br. Cr\$ 18,00. (8/43).
 Ed. Dois Mundos.
 DOSTOIEVSKI (Feodor). — Os pccadores. Trad. Augusto Rodrigues. Série Redes-cobrimento da Vida, 2. (17/24). 541 p. br. Cr\$ 30,00. (8/43).
 Ed. Pan-Americana.
 DOSTOIEVSKI (Feodor). — O zófia. Trad. Corália Rego Lins. Col. "Os Grandes Nomes". (12/19). 260 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).
 Vecchi.
 DOUGLAS (Lloyd C.). — Deuses de barro. Trad. Dinah Silveira de Queiroz. Col. Grandes Romances para a Mulher, 3. (13/19). 429 p. br. Cr\$ 15,00.
 José Olympio.
 DUMAS (Alexandre). — Mestre Adão, o calabrês. Trad. J. Dubois Júnior. Col. "Os Grandes Nomes". (12/19). 229 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).
 Vecchi.
 DUMAS (Alexandre). — Os três Mosqueteiros. Trad. Série "Novelas Universais" 9-10. (13/20). 2 vols. 425+409 p. br. Cr\$ 33,00. (8/43).
 Ed. Cultura.
 ESCRICH (Enrique Perez). — O manuscrito materno. Romance de costumes. Vol. 1. Trad. Col. Maravilhas do Passado, 4. (17/24). 341 p. il. br. Cr\$ 25,00. (8/43).
 Livr. Para Todos.
 FEUILLET (Otávio). — Diário de uma mulher. Trad. Série "Novelas do Coração". Il. (10/17). 187 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).
 Ed. Cultura.
 GENEVOIX (Maurice). — Rabollet. (Prix Goncourt). (12/19). 273 p. br. Cr\$ 23,00. (8/43).
 Americ-Edit.
 GORKI (Maximo). — Os degenerados. Trad. rev. por Marques Rebelo. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 23. (13/19). 187 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).
 Pongetti.
 KIPLING (Rudyard). — A luz que se apagou. Trad. e pref. de Azevedo Amaral. Col. Grandes Romances para a mulher, 1. (13/19). 343 p. br. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 8/43).
 José Olympio.
 LOGAN (Louise). — Mulheres de cera. Trad. João Bussati. Bibl. das Moças, 109. (13/19). 232 p. br. Cr\$ 7,00. (8/43).
 Cia. Ed. Nacional.
 MACEDO (Joaquim Manoel de). — A Marenhina. Romance de costumes brasileiros. (13/19). 138 p. br. Cr\$ 4,00. (8/43).
 Antunes.
 MARMONTEL. — Os Incas ou A destruição do Império do Peru. Trad. Virgínia Silva Lefèvre. Série "Grandes Aventuras". 2. (14/19). 182 p. br. Cr\$ 7,00. (8/43).
 Ed. Anchieta.
 McCULLY (Johnston). — A Marca do Zorro. Trad. José Dauster. Col. "Os Audazes". 3. (14/19). 214 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).
 Vecchi.
 MONTEPIN (Xavier de). — As mulheres de bronze. Vol. 1. Trad. Col. Maravilhas do Passado, 1. (16/24). 371 p. il. br. 25,00. (2.ª ed. 8/43).
 Livr. Para Todos.
 POUSSADA (Antônio). — Olhai as aves do céu. (14/20). 189 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43).
 Distr. Antunes.
 REBOUX (Paul). — La maison de danse. (12/19). 206 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43).
 Americ-Edit.
 REID (Lawrie). — Assim é a vida... (Narrativa à guisa de romance). — Pref. L. Díez Rui. (14/23). 488 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43).
 Emp. Brasileira de Publicações.
 SAROYAN (William). — A comédia humana. Trad. Alex Viany. Il. de Don Freeman. (16/24). 286 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43).
 Ed. Pan-Americana.
 SIENKIEWICZ (Henryk). — Quo Vadis? (Romance do tempo de Nero). (13/19). 527 p. br. Cr\$ 25,00. (10.ª ed. 8/43).
 Briguiet.
 STOKER (Bram). — Dráculó, o homem da noite. Trad. Lucio Cardoso. Col. Mistério, 1. (14/19). 221 p. br. Cr\$ 12,00. (8/43).
 O Cruzeiro.
 TAMAS (Istvan). — Sargento Nikola. O romance das guerrilhas iugoslavas. Trad. Caio Jardim. (14/22). 295 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43).
 Ed. Universitária.

4-S. B. 5) CONTOS

ALPHONSUS (João). — Eis a noite! Contos & novelas. Il. Percy Deane. (17/24). 187 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43).
 Livr. Martins.
 BURLA (Eliezer). — Os braços suplicantes. Menção honrosa no Prêmio Humberto de Campos de 1941. (13/19). 218 p. br. Cr\$ 10,00. (8/43).
 José Olympio.
 MAUPASSANT (Guy de). — Contos. Trad. Mario Quintana. Bibl. dos Séculos, 5. (15/23). 479 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43).
 Globo.
 TAHAN (Malba). — Lendas do povo de Deus. Lendas e contos judaicos. Notas de Breno Alencar Bianco. (13/19). 199 p. il. br. Cr\$ 8,00. (3.ª ed. 8/43).
 Getúlio Costa.
 ZOLA (Emile). — Por uma noite de amor. Trad. rev. por Inácio Raposo. (13/19). 173 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).
 Ed. Panamericana.

4-S. B. 7) ELOQUENCIA

LINS (Ivan). — A cultura e o momento internacional. Conferência. (13/18). 33 p. br. (8/43).
 Gr. Sauer, Rio.
 TIGRE (Bastos). — Martins Fontes.

Conferência. Preâmbulo de Amílcar Mendes Gonçalves. Ed. da "Sociedade dos Amigos de Martins Fontes". (10/24). 40 p. br. (8/43).
 S. A. M. F. Santos.

4-S. B. 8) OBRAS PARA CRIANÇAS

DISNEY (Walt). — Bambi. Príncipe das Florestas. Trad. e adaptação de Renato de Biasi. Bibl. Mirim, 29. (9/11). 294 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (8/43).
 A Noite, Publ. Infância.
 FLEURY (Renato Sêneca). — Santos Dumont. Il. de Belmont. (18/23). 48 p. cart. Cr\$ 7,00. (8/43).
 Ed. Melhoramentos.
 GUIMARAES (Vicente). — A princesinha do castelo vermelho. Des. de Rodolfo. (16/23). 58 p. cart. Cr\$ 10,00. (8/43).
 Distr. Ed. Anchieta.
 LUCIO (João). — Pá, Pé e o Papão. (16/23). 155 p. il. cart. Cr\$ 6,00. (1942-8/43).
 Ministério Agricultura.
 MOSLEY (Zack). — Jack do Espaço, campeão das ares. — Trad. Col. Gibi, 18. (9/11). 427 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (8/43).
 Globo Juvenil.

5) CIENCIAS MATEMATICAS — FISICAS E NATURAIS

CATTONY (Carlos). — Lições de mate-

A Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de
anunciar ao público o lan-
çamento do seu novo plano

"SEGURO POPULAR"

Trata-se de uma modalidade na qual,
mediante a economia mensal de

Cr\$ 16,00 para cada apólice de Cr\$ 5.000,00

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade,
pode obter para a família, sem exame médico, uma
proteção de 5 a 20 mil cruzeiros com pagamento
de premios mensais durante prazo limitado.

Sul America

Fundada em 1895

Caixa Postal 971 — Rio de Janeiro



O seguro de vida ao alcance de todos

Queiram enviar-me um folheto explica-
tivo sobre esta modalidade de seguro.

Nome

Rua

Cidade..... Estado.....

LIVROS VALIOSOS

Novos e Usados

MAGNÍFICAS OBRAS DE
MEDICINA — FARMÁCIA —
ODONTOLOGIA — MATE-
MÁTICA — ASTRONOMIA —
LIVROS TÉCNICOS — BRA-
SIL — HISTÓRIA — FILOLO-
GIA — DICIONÁRIOS — FI-
LOSOFIA — CIÊNCIAS
OCULTAS — DIREITO E LE-
GISLAÇÃO — JOGOS, XA-
DREZ, CHARADAS — LI-
VROS PARA CONCURSOS —
LIVROS DE LATIM, ESPA-
NHOL E GREGO — ARTES
— LITERATURA ESCOLA-
RES EM GERAL, CONTABI-
LIDADE, ECONOMIA E OR-
GANIZAÇÃO. PEÇAM
BIBLIOGRAFIAS.

LIVRARIA ACADEMICA

REMETEMOS PELO SERVIÇO POS-
TAL DE REEMBOLSO, SEM AU-
MENTO DE PREÇO, QUALQUER
LIVRO EXISTENTE NO MERCADO
DO RIO

68 — RUA SÃO JOSE' — 68 — RIO
A CASA DO MAIOR "STOCK" E
DO MENOR PREÇO

mática elementar. 3.^o vol. Álgebra e geometria. 3.^a série ginasial. (14/19). 315 p. cart. Cr\$ 15,00. (8/43).

Ed. Anchieta.
MANGABEIRA (Francisco). — Que é o homem? (Um esboço de Antropologia). (13/19). 251 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43).

José Olympio.
MILANO (Miguel). — 1.400 Problemas de aritmética resolvidos para o curso primário. (14/19). 261 p. cart. Cr\$ 15,00. (8/43).

Ed. Anchieta.
MORRISON (A. Cressy). — O romance da química. A contribuição da indústria química em benefício da civilização. Pref. Arthur W. Hixson. Trad. Achilles Seára de Oliveira. Col. A Ciência de Hoje, 9. (14/20). 349 p. il. br. Cr\$ 20,00. (8/43).

José Olympio.
OLIVEIRA (Avelino Ignácio de), LEO-
NARDOS (Othon Henry). — Geologia do Brasil. Serviço de Informação Agri-

cola. Série Didática, 2. (16/23). 772 p. 1 mapa. il. br. Cr\$ 60,00. (8/43).

Ministério Agricultura.
PAULA (Maria). — Aritmética primária. (13/19). 130 p. il. br. Cr\$ 4,50. (7.^a ed. 8/43).

Cia. Ed. Nacional.
ROXO (Euclides), SOUZA (Julio Cesar de Mello e), THIRE' (Cecil). — Matemática ginasial. 2.^a série (15/21). 262 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (8/43).

Livr. Alves.
SOUZA (Julio Cesar de Mello e). — Dicionário da matemática. Vol. III, C—D—E—F. Fasc. III, D—E. (16/24). pags. 191 a 286. br. Cr\$ 8,00. (8/43). Fascículo IV, E—F. (16/24). pags. 287 a 380. br. Cr\$ 8,00. (8/43).

Getulio Costa.
VENEÇA (Nair). — Expressões. (13/19). 66 p. cart. Cr\$ 4,00. (2.^a ed. 8/43).

Livr. Alves.
WELL (H. G.), HUXLEY (Juliana), WELLS (G. P.). — A Ciência da vida.

VII. Como vivem e sentem os anir-
Trad. e notas de Almir de Andrada-
Ala. de L. R. Brightwell. (13/19).
p. br. Cr\$ 15,00. (2.^a ed. 8/43).

José Olympio

5) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia do-
méstica — Finanças — Indústria — Pro-
duções — Tecnologia.

CARLI (Gilenio Dé). — Custos da produ-
ção do álcool. (Safrá 1940-1941). (15/22).
67 p. br. Cr\$ 8,00. (8/43).

Pongetti.

COSTA (Paulo). — Caderno de encargos
para a construção de edifícios. (16/23).
262 p. br. Cr\$ 50,00. (2.^a ed. 8/43).

Distr. Livr. Odeon.

LIMA (Ed.). — Eletricidade sem mestre.
B. P. B. s. 4—A, Iniciação Técnico-
Profissional, 1. (14/20). 358 p. il. Cr\$
20,00. (3.^a ed. 8/43).

Cia. Ed. Nacional.

MERGULHAO (Benedicto). — O General
Café na Revolução Branca de 27. (13/
19). 148 p. br. Cr\$ 15,00. (8/43).

Pongetti.

NOGUEIRA (Claudio). — Introdução à
técnica da propaganda de especialida-
des farmacêuticas. (13/19). 157 p. br.
Cr\$ 12,00. (8/43).

Gr. Olímpica.

NOGUEIRA (Claudio). — Tipos psicoló-
gicos e a propaganda de especialidades
farmacêuticas. (16/23). 8 p. br. Cr\$ 3,00.
(8/43).

Ed. Autor. Rio.

PENA (Leonam de A.). — Jardins. Per-
quenos jardins em terraços. Plantas
em vasos e jardineiras. Pref. Alexan-
dre Curt Brade. (16/23). 118 p. il. br.
Cr\$ 8,00. (8/43).

Ministério Agricultura.

PORTO (Rubens). — Curia viagem ao
melo gráfico norteamericano. Relatório
da viagem do diretor da Imprensa
Nacional aos EE. UU. da América, em
1941. (16/23). 224 p. il. br. (8/43).

Imp. Nacional.

SCHMUTZ (George L.). — O processo de
Avaliação. Trad. L. C. Berrini. (16/23).
253 p. eno. Cr\$ 80,00. (8/43).

Distr. Freitas Bastos.

WELLS (H. G.). — A construção do mun-
do. O trabalho, a riqueza e a felicidade
do mundo. Trad. Monteiro Lobato.
Bibl. Espírito Moderno, s. 2.^a, Ciência

Banco do Comércio, S. A.

O MAIS ANTIGO NA PRAÇA DO
RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875

CAPITAL Cr\$ 50.000.000,00
RESERVAS Cr\$ 23.135.572,00

CONDIÇÕES PARA CONTAS DE DEPÓSITOS

MOVIMENTO		
(SEM LIMITE)	2	%
LIMITADA		
(LIMITE Cr\$ 50.000,00)	2 1/2	%
DEPÓSITOS POPULARES		
(LIMITE Cr\$ 10.000,00)	5	%

PRAZO FIXO

3 MESES	4 1/2	%
6 "	5	%
12 "	6	%

AVISO PRÉVIO

30 DIAS	3 1/2	%
60 "	4	%
90 "	4 1/2	%

TODAS AS OPERAÇÕES BANCA-
RIAS, EXCETO CAMBIO
CORRESPONDENTES NAS PRINCIPAIS
PRAÇAS DO PAIS
SECÇÃO PREDIAL

S E D E :

Ouvidor, 93

TELEFONE 43-8998

AGÊNCIA MEYER:

Rua 24 de Maio, 1355

TELEFONE 29-5538

12. (15/23). 3 vols. 398+358 p. II. br.
Cr\$ 40,00. (8/43).

Cia. Ed. Nacional.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina
LÉCOURT (Luiz V.). — O eixo elétrico cardíaco. Métodos para sua determinação e limites da normalidade. Tese. (16/23). 131 p. 50 fig. br. Cr\$ 20,00. (8/43). Ed. Melhoramentos.

KAHN (Fritz). — O corpo humano. 1.^o volume: 287 gravuras do autor. Trad. L. Mendonça de Barros. (16/23). 423 p. br. Cr\$ 30,00. (8/43).

Civilização.
MANSON-BAHR (Philip H.). — Manson. Doenças tropicais. Manual das doenças dos climas quentes. Trad. Lincoln de Freitas Filho e C. Magalhães de Freitas. (18/28). 2 vols. 1023 p. 384 figs. 33 quadros, 6 mapas, 28 gráficos, enc. Cr\$ 320,00. (8/43).

Guanabara.
MONTEIRO (Alfredo). — Técnica cirúrgica. Vol. III, Tomos I e II. (18/37). 2 vols. 1205 p. 1248 figs. enc. Cr\$ 230,00. (8/43). Ed. Scientifica.

MORAES (Arnaldo de). — Saúde materno-infantil. Conselhos e sugestões para futuras mães. (17/24). 152 p. 1 prancha, il. br. Cr\$ 15,00. (3.^a ed. 8/43).

Livr. Alves.
NEIVA (Cícero). — Formulário de terapêutica veterinária. (18/23). 207 p. br. Cr\$ 7,00. (1942-8/43). Ministério Agricultura.

PATTO (Ortiz). — Iniciação à alegria. Dir. de Ortiz Patto, colaboração de: Anibal Fabiano, Costa Cruz (F.), Djalma Ernesto, Monteiro de Carvalho (J.), Ulysses Fabiano e Ulysses Rocha. (17/23). 384 p. il. enc. Cr\$ 80,00. (8/43). Guanabara.

PAULA (Alvino de). — Argulvar e achar em medicina pelo sistema decimal. (16/23). 104 p. il. br. Cr\$ 20,00. (8/43). Distr. Livr. Ateneu.

ROSENTHAL (Eugene). — Doenças do aparelho digestivo. Compêndio para estudantes e clínicos. Pref. R. J. V. Pulvertaft. Trad. Benjamin Gaspar

Gomes. (18/26). 499 p. 234 figs. 16 tábuas, enc. Cr\$ 180,00. (8/43). Guanabara.

SIFFERT de Paula e Silva (Geraldo). — Gastroentologia clínica. Col. Elementa Médica. (15/22). 501 p. 49 figs. enc. Cr\$ 100,00. (8/43). Casa do Livro.

VILHENA (Rodolfo). — Chamados de urgência. (Diagnóstico e tratamento). (14/19). 552 p. 65 figs. 1 prancha, enc. Cr\$ 30,00. (3.^a ed. 8/43). Briguet.

7) BELAS-ARTES — ESPORTE — JOGOS — DIVERTIMENTOS

MARIANNO FILHO (José). — Influências

Em outubro, aparecerão o novo romance e cinco reedições do grande escritor brasileiro

JOSE' LINS DO REGO
FOGO MORTO

MENINO DE ENGENHO

4.^a EDIÇÃO

DOIDINHO

4.^a EDIÇÃO

BANGUE

2.^a EDIÇÃO

PUREZA

3.^a EDIÇÃO

PEDRA BONITA

3.^a EDIÇÃO

Livraria José Olympio Editora

RUA DO OUVIDOR, 110 — RIO DE JANEIRO

muçulmanas na arquitetura tradicional brasileira. (21/29). 47 p. 32 lâminas il. br. Cr\$ 35,00. (8/43). A Noite.

PEIXOTO (Afranjo). — A Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Publ. do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 10. (19/25). 103 p. il. br. Cr\$ 10,00. (8/43). S. P. H. A. N., Rio.

PEIXOTO (J.). — Curso prático de prestigitação e ilusionismo. Para uso dos amadores e profissionais. Introdução de Dakson. (16/23). 458 p. 1 prancha, il. cart. Cr\$ 120,00. (8/43). Emp. Ed. Brasileira.

8) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografias)

BOITEAUX (Almirante Henrique). — O Marquês de Tamandaré. (Um indigete Brasileiro). Bibl. de Grandes Biografias. 4. (15/22). 398 p. il. br. Cr\$ 50,00. (8/43). Z. Valverde.

BRANCO (Barão do Rio). — O Visconde do Rio Branco. Introdução e notas de Renato de Mendonça. (14/19). 347 p. il. br. Cr\$ 18,00. (8/43). A Noite.

CALMON (Pedro). — História do Brasil. 3.^o volume. A organização. (1700-1800). B. P. B. s. 5.^a Brasileira. 170-B. (13/19). 448 p. br. Cr\$ 18,00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Geografia dos continentes para a 2.^a série. B. P. B. s. 2.^a. Livros Didáticos. 122. (14/20). 333 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (3.^a ed. 8/43). Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Carlos Delgado de). — Texto-atlas de geografia. (22/27). 33 p. il. cart. Cr\$ 8,00. (8/43). Inst. Geogr. Agostini.

CARVALHO (Delgado de). — Geografia do Brasil. 3.^a série. B. P. B. s. 2.^a. Livros Didáticos. 115. (14/20). 245 p. il. cart. Cr\$ 13,00. (5.^a ed. 8/43). Cia. Ed. Nacional.

CURIE (Eva). — Madame Curie. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno. s. 3.^a. História. 1. (14/22). 336 p. br. Cr\$ 15,00. (5.^a ed. 8/43). Cia. Ed. Nacional.

ENGELS (F.). — Marx Trad. Heitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura". "Vidas Luminosas". 8. (10/18). 42 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Ed. Cultura.

FRISHAUER (Paul). — Presidente Vargas. Trad. Mário da Silva e Brutus Pedreira. (14/22). 393 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.

GOYCOCHEA (Castilhos). — Gumerindo Sereia na Guerra dos Maragotos. (13/19). 109 p. 1 mapa, br. Cr\$ 12,00. (8/43). Alba.

Creme de Arroz

COLOMBO

O ALIMENTO IDEAL DA CRIANÇA

Só é segundo para o leite materno

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

E NA

CONFEITARIA COLOMBO

RUA GONÇALVES DIAS, 32-36

RUA SETE DE SETEMBRO, 94-96

LIVROS

ÓTIMA OCASIÃO

Oswald Spengler — La decadencia de Occidente — 4 Vls. encadernados	Cr\$ 200,00
H. G. Wells — História Universal — edição 1939 — 3 Vls. brochura	Cr\$ 100,00
Michaelis — Dicionário Alemão-Português e Português Alemão — 2 Vls. encadern. perfeitos	Cr\$ 400,00
Saraiva — Dicionário Latino-Português — encadernado — perfeito — raro 1 Vol.	Cr\$ 350,00
Corrêa Bacellar — Manual do Engenheiro — 2 Vols. encadernados novos	Cr\$ 200,00
Joaquim Nabuco — Um estadista do Império — 1.ª edição — 3 Vols. encadernados perfeitos	Cr\$ 200,00
Leconte de Lisle — Eurípide — (Paris) 3 vols. encadernados perfeitos	Cr\$ 220,00

LIVRARIA DO POVO

8

FONE 2-8653

Praça João Mendes, n.º 35 — São Paulo

Compramos Bibliotecas, assim como qualquer quantidade de livros novos e usados.

N.º 2. (24/20). 24 estampas. cart. Cr\$ 20,00. (8/43).
 N.º 3. (30/21). 12 estampas. cart. Cr\$ 20,00. (8/43).
 N.º 4. (32/27). 24 estampas. cart. Cr\$ 35,00. (8/43). Ed. Cultura.
 SETH. — O Brasil pela Imagem. Desenhos de Seth (Alvaro Marins). (24/33). 188 p. cart. Cr\$ 100,00. (8/43). Ind. do Livro.
 SILVA (Jorge). — Geografia Infantil. (18/19). 88 p. 2 mapas. il. br. Cr\$ 2,50. (11.ª ed. 8/43). Jerônimo Silva.
 SOUZA (Antonietta de Paula), CARVALHO (M. Conceição Vicente de). — Geografia da hoje. 1.ª série ginasial. Pref. José Carlos de Macedo Soares. Col. Dir. por Pierre Monbeig. (14/20). 352 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (8/43). José Olympio.
 VARNHAGEN (F.). — História das lutas com os holandeses no Brasil. Desde 1624 a 1654. Série Brasília, 3. (15/22). 345 p. br. Cr\$ 80,00. (8/43). Ed. Cultura.
 VIANA FILHO (Luiz). — A vida de Rui Barbosa. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª. História, 17. (14/32). 301 p. il. br. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 8/43). Cia. Ed. Nacional.

BIRST (Francis W.). — A vida de Thomas Jefferson. Trad. Carlos Lacerda. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.ª. História e Biografia, 31. (15/22). 485 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.
 HORTA (Francisco Eugênio Brant). — Minha primeira história do Brasil. (13/18). 116 p. il. cart. Cr\$ 4,00. (Nova ed. 8/43). Getúlio Costa.
 IRVING (Washington). — A Conquista de Granada. Trad. João Távora. Série Redescobrimto da Vida, 3. (17/24). 381 p. br. Cr\$ 25,000. (8/43). Ed. Pan-Americana.
 LOPES (Luciano). — Pestalozzi, o grande educador. (13/19). 210 p. cart. Cr\$ 14,00. (8/43). Distr. Livr. Alves.
 LUDWIG (Emil). — Stalin. Trad. Eduardo de Lima Castro. (Contendo: A Nova Constituição Soviética e A Nova Constituição Brasileira). (14/19). 412 p. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Calvino.
 MARTINEZ (Héctor Pérez). — Juárez. Trad. Dias da Costa. (17/24). 207 p. br. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 8/43). Vecchi.

MAUA. — Correspondência política de Mauá no Rio da Prata (1850-1885). Pref. e notas de Lúcia Besouchet. B. P. B. s. 5.ª. Brasileira, 227. (13/19). 251 p. il. br. Cr\$ 12,00. (8/43). Cia. Ed. Nacional.
 MONTEIRO (Mario). — Pinheiro Chagas. Patriota e amigo do Brasil. (13/19). 72 p. br. Cr\$ 5,00. (8/43). Livr. Alves.
 PHOTIADES (Constantin). — As múltiplas vidas do Conde de Cagliostro. Trad. Roberto Pessoa. Col. "Vidas Extraordinárias", 2. (14/21). 355 p. br. Cr\$ 20,00. (8/43). Vecchi.
 PINTO (Pedro A.). — Fatos da história pátria. Linhas esquecidas (Escritos de vários tempos). (14/19). 144 p. br. Cr\$ 7,00. (2.ª ed. 8/43). Tip. do Patronato, Rio.
 RANGEL (Alberto). — Transmontem. (Episódios e relatos históricos). (18/24). 242 p. il. br. Cr\$ 25,00. (8/43). Livr. Martins.
 RUGENDAS. — Brasil Antigo. Introdução: A atualidade de Rugendas por Murilo Mendes. Album n.º 1. (24/18). 12 estampas. cart. Cr\$ 15,00. (8/43).

Editora Difusão S/A

Uma livraria diferente para servir a V. S.

EDIÇÕES E LIVROS EM GERAL

Pegam-nos quaisquer obras pelo Serviço de Reembolso Postal, prático, rápido e econômico.

RUA FLORIANO PEIXOTO n. 40
 12.º andar — Sala 121
 Caixa Postal 2215 — Fone 3-2062
 SÃO PAULO

Livraria José Sardinha

RUA SANTOS DUMONT, 45

1.º and.

Caixa Postal 26 — Campos Est. do Rio

"PREMIÁRIO" da Livraria Editora Freitas Bastos: Organização para facilitar a divulgação do livro e favorecer a educação da mocidade brasileira.

OBRAS SOBRE CAMPOS — Novidades nacionais e estrangeiras. Livros raros. Filologia e História. As melhores edições de todos os gêneros e para todos os gostos. Revistas — Figurinos — Músicas.

Depositário de LEITURA e de várias Editoras.

LIVRARIA E PAPELARIA

S. COHEN

OBRAS TÉCNICAS

E

LITERÁRIAS

PRAÇA DA REPÚBLICA N.º 76

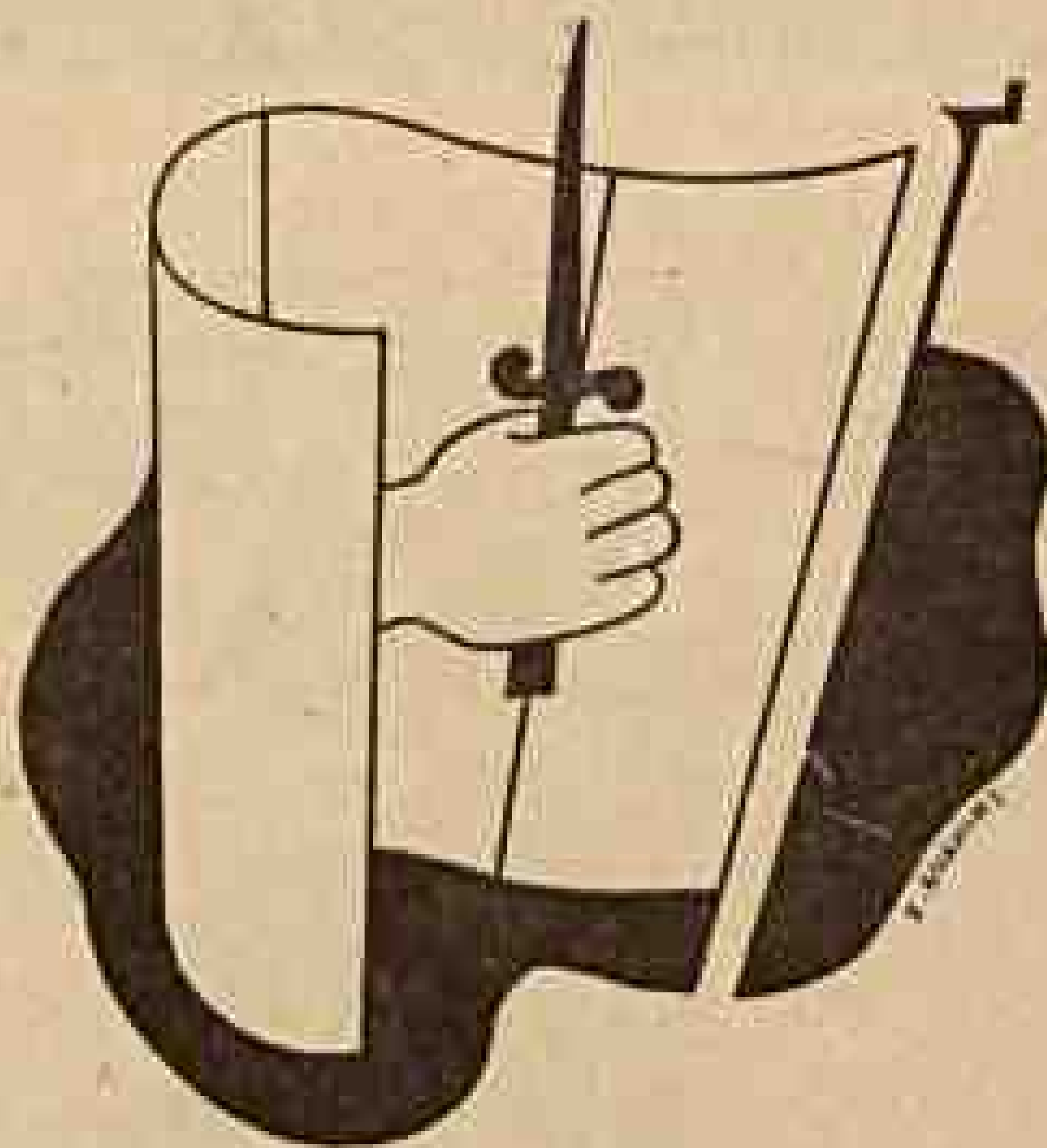
Tel. 43-3677

RIO DE JANEIRO

Um Depoimento

○ MELHOR LIVRO DO MOMENTO SOBRE A FRANÇA IMORTAL; SOBRE A REVOLTA DE TODOS OS FRANCESES; A REVOLTA DE TODOS OS POVOS SUBJUGADOS, DA HUMANIDADE... ASSIM NOS CONTA MADELEINE GEX LE VERRIER EM "RUGE A REVOLTA NA FRANÇA", NUMA ÓTIMA TRADUÇÃO DE MARIA DA SAUDADE CORTESÃO, TODO O PESO DUMA GRANDE DERROTA, O SUBLIME DUMA REAÇÃO HERÓICA CONTRA UM INIMIGO PODEROSO E BÁRBARO.

MADELEINE GEX LE VERRIER
**RUGE A REVOLTA
NA FRANÇA**



EDIÇÕES *DOIS MUNDOS* RIO DE JANEIRO

A seguir damos várias apreciações da crítica:

"A senhora Le Verrier projetou atender em pessoa ao apelo do general Charles De Gaulle. O que ela nos conta é a história de sua viagem com esse fim, ou sejam os esforços empregados para sair de Paris e chegar a Londres, no meio de incalculáveis dificuldades, bastando referir que teve primeiro de vir ao Rio de Janeiro para daqui tomar então caminho direto ao seu destino.

COSTA REGO, no "Correio da Manhã"

Mas não julguem que a sra. Le Verrier realizou um passeio satírico. Não. Ela sentiu as dores do seu povo, notou a revolta latente contra o nazismo. E foi bastante fina para observar o duplo jogo dos burgueses (pág. 121) "que pouco se preocupavam com os interesses do país, os mais encerrados em seu egoísmo". Esses extraordinários senhores "não podiam conformar-se com a visita aos seus cofres fortes, o embargo sobre o ouro e as divisas estrangeiras e o isolamento das duas zonas que prejudicava os seus negócios". Daí a contradição aparente, mas tão simples: apoiavam Pétain e mandavam os filhos alistar-se nas fileiras de De Gaulle... Não lhe escapou, também, a debilidade fundamental da burocracia de Vichy, com sub-correntes se degladiando e cada ministro, na intimidade, confessando a sua desaprovação ou a sua impotência. (págs. 178-9).

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, em "LEITURA"

"RUGE A REVOLTA NA FRANÇA" — É, a meu ver, o documento que mais luz nos projeta sobre a tragédia dessa grande nação".

JAIME DE MORAIS, no "Correio da Manhã"

"Em "RUGE A REVOLTA NA FRANÇA", recente tradução portuguesa, temos diante de nós uma nação que se ergue disposta à luta, capaz de todos os sacrifícios para honrar a sua tradição e reconquistar a sua liberdade".

VALDEMAR CAVALCANTI, no "Jornal do Comércio".

LIVROS DE PORTUGAL LTDA.

RUA DO OUVIDOR, 116 — RIO DE JANEIRO

REMESSAS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL PARA TODO O BRASIL

Leitura

50
CENTAVOS
1945

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

UMA
GRANDE
OBRA

Já se encontra em todas as Livrarias a 1.^a edição em língua portuguesa da famosa obra do imortal jurisconsulto alemão. O presente volume, em papel assetinado, bem encadernado, corresponde aos 1.^o e 2.^o volumes da edição alemã. Cuidadosa tradução do professor Rafael Benaim. Prefácio do Professor Clovis Bevilacqua. Preço Cr\$ 70,00. Atendemos pelo serviço de reembolso postal — ALBA, EDITORA — LAVRADIO, 60 — Rio de Janeiro.



TIRAGEM: 20.000 EXEMPLARES

Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

“CRIAR E’ MATAR A MORTE”

MORREU Romain Rolland: a dignidade humana está enlutada. Toda sua vida foi um raro exemplo de honestidade, de perseverança nos ideais de confraternização universal, de sacrifício pela liberdade de pensamento e de ação, base fundamental dos direitos do homem.

77 anos de existência e quase 50 anos de intenso sacerdócio intelectual e literário!

A sua palavra, ou melhor, a sua mensagem, era ouvida com um respeito religioso pelas gerações posteriores àquelas sacrificadas na grande fogueira imperialista de 14 a 18. Foi ao começar da catástrofe, — o mais crucial momento de sua vida — que a voz de Romain Rolland ecoou em todos os recantos da terra, levando o seu claro e humano protesto contra a chacina que iria sacrificar dez milhões de vidas, e acrescentar aos desgraçados do mundo, vinte milhões de mutilados. Nesse instante, o escritor pacifista adquiria cidadania universal.

Sobre o sangue de Jean Jaurés, assassinado nas ruas de Paris, porque, como Romain Rolland acreditava no destino criador do Homem, erguia-se o “Au Dessus de la Mêlée” como monumento à paz e à concórdia universais. E quase ao findar da tragédia, um novo alento fortalecia o espírito do exilado na Suíça, reafirmando a sua verdade. Henri Barbusse, ex-combatente, havia aprendido nas trincheiras o terrível significado do crime daquela guerra. “O Fogo” iria indicar o caminho da libertação do mundo.

“Jean Christophe” e “L’Ame enchantée”, — dois romances cíclicos — estão entre as maiores



MENINA LENDO

Desenho de Aldo Bonadei

criações da inteligência. Este último, — fruto de sua madurez total — é o derradeiro exemplo que o escritor dá a todos os romancistas honestos, convencendo-os de que a inatividade é incompatível com a vida. E a vida se orienta no sentido do povo.

Romain Rolland era uma das grandes consciências dos nossos tempos. Morreu combatendo, lutando contra o fascismo e o nazismo, — os maiores inimigos da vida — porque morreu num campo de concentração.

O exemplo de sua existência perdurará para sempre, porque, como bem o disse, “criar é matar a morte”.

TIRAGEM: 20.000 EXEMPLARES



SEMPRE HAVERÁ UMA INGLATERRA

DE
ALFREDO PESSÔA

É O LIVRO QUE CONTA O QUE VOCÊ QUER SABER SOBRE
A VIDA DO HERÓICO POVO BRITÂNICO NO SEU ESFORÇO
DE GUERRA EM PROL DA VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS



UM VOLUME DE GRANDE FORMATO, COM CAPA A CORES,

Crs. \$ 20,00

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS
PEDIDOS

À

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — CAIXA POSTAL 2956 — RIO

AOS CLIENTES DO INTERIOR — Não encontrando este livro no seu livreiro, peça no
endereço acima, pelo Serviço de Reembolso Postal.

Os dias * Os fatos * Os homens

EDMUNDO BITTENCOURT

FUNDADOR e diretor do "Correio da Manhã" do qual não se afastou durante 27 anos seguidos, o jornalista Edmundo Bittencourt, que acaba de falecer nesta capital, era de fato um "jornalista de grandes méritos. Foi útil ao país pelo que de mau destruiu ou procurou destruir, e pelo que de bom evitou ou cuidou evitar que se destruísse".

Sua atuação no "Correio da Manhã" se faz notória, e como intelectual estimulou e apoiou economicamente diversos escritores de renome, como Humberto de Campos, por exemplo. Sabia compreender os jovens de valor e aproveitava-os pagando-lhes os artigos, ensaios e contos.

Por esses motivos, e porque sempre agiu com honestidade, inteligência, coragem e amor à sua profissão, fez-se respeitado e estimado. "Olhava alto e pensava alto, sabendo o que queria e porque queria".

Toda a Imprensa do Rio recebeu a notícia de sua morte com sincero pesar.

A PRÓXIMA EDIÇÃO DO "ANUÁRIO BRASILEIRO DE LITERATURA"

LEITURA tem a satisfação de comunicar aos seus leitores que adquiriu, dos "Irmãos Pongetti Editores", o "Anuário Brasileiro de Literatura", que há cinco anos vinha sendo editado por essa empresa.

O ANUÁRIO apresentará uma nova feição: será uma completa resenha da vida cultural do Brasil em 1943, dentro de um critério eminentemente informativo e crítico. A literatura brasileira, em todos os seus gêneros, nos mínimos aspectos, será apreciada de modo objetivo em artigos e ensaios de autoria dos maiores escritores nacionais. Em trabalho especial terão registro apropriado os fatos importantes do ano, no terreno da letras, os de maior relevo sendo devidamente comentados. Além disso, o ANUÁRIO divulgará o cadastro bibliográfico de 1942 e 1943.

A Secretaria do ANUÁRIO foi confiada ao escritor Valdemar Cavalcanti.

Assim, com essa aquisição, LEITURA enriquece de modo apreciável o seu plano de trabalhos culturais e amplia o seu campo de ação literária, mediante um esforço honesto e eficiente, cujo significado e alcance os nossos leitores saberão compreender.

"BIBLIOTECA CIRCULANTE"

"A BIBLIOTECA CIRCULANTE" dos Empregados da Cia. de Carris, Força e Luz, do Rio de Janeiro, promoveu mais uma conferência, desta vez com o historiador Luiz Edmundo que falou de modo agradável e simples sobre "Cenas e coisas do Brasil antigo — A mulher brasileira no século XVIII".

A apresentação de Luiz Edmundo foi feita pelo secretário da Biblioteca, e a conferência irradiada pela Rádio Ministério da Educação.

A "Biblioteca Circulante" conta, atualmente, com mais de doze mil volumes, sendo uns quatro mil em inglês. Produto do esforço de alguns ra-

pazes inteligentes e práticos, a "Biblioteca" pode orgulhar-se de sua folha de serviços. Está muito bem organizada, possuindo uma excelente sala de leitura, que lhe foi oferecida pela Companhia.

Disse-nos o seu atual diretor, Manuel Teófilo, que a procura de livros por parte dos sócios aumenta cada vez mais.

Os livros mais procurados são os de organização do trabalho, excluindo-se, naturalmente, os romances policiais e os livros de... Humberto de Campos. — "O pessoal gosta muito de Humberto de Campos, mas os livros de guerra são muito procurados".

A "Biblioteca" quase não tem recebido auxílio exterior, salvo um bom abatimento que lhe faz na compra de livros a Livraria Civilização Brasileira.

Esses doze mil volumes foram comprados pelos próprios sócios.

Os rapazes da "Biblioteca Circulante" estão dispostos a auxiliar toda e qualquer iniciativa desse gênero.

UM NOVO COLABORADOR DE "LEITURA"

DO PRÓXIMO número em diante, LEITURA publicará a colaboração especializada de H. J. Koellreutter,



H. J. Koellreutter

compositor, musicólogo e instrumentista, radicado no Brasil desde 1937.

Nasceu em Friburgo, Alemanha. Foi aluno de composição e cântico do prof. Kurt Thomas, estudou direção de orquestra com o dr. Hermann Scherchen e realizou estudos instrumentais com os professores Marcel Moyse (flauta), em Genebra, e com C. A. Martienssen (piano), em Berlim.

Como diretor e flautista solista, realizou excursões artísticas na Alemanha, nos países bálticos, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Itália, Noruega, Suécia, Suíça, Tchecoslováquia e U.R.S.S. Em 1935,

fundou o "Círculo de Música Contemporânea", de Berlim, com os jovens compositores de vanguarda, em contraposição ao ambiente reacionário surgido na Alemanha nazista.

No Brasil, realiza o que pode realizar num ambiente acanhado o seu espírito progressista. Organizando o grupo MÚSICA VIVA, fundou e dirigiu a revista do mesmo nome que, infelizmente, não teve uma vida longa. Nela escreveu excelentes artigos sobre a nossa música moderna e sobre os problemas da música contemporânea. Ensina no Conservatório Brasileiro de Música, do Rio, e é autor de numerosos e importantes trabalhos musicais.

Ficando portanto satisfeitos os leitores que nos pediam uma página de música, em LEITURA, a colaboração de H. J. Koellreutter tratará de noticiar, com simplicidade e ao alcance de todos, o que se faz e o que se publica no Brasil e no estrangeiro no terreno da música.

COSTUMES LITERÁRIOS NA ALEMANHA DE HITLER

O ALEMÃO anti-nazista Egon Erwin Kisch, atualmente em Nova York, foi quem relatou os costumes literários na Alemanha de Hitler. Em seu livro "Sensation Fair", publicado na América do Norte, Kisch conta que Goebbels organizou um concurso literário com uma descomunal propaganda sobre "o humor nórdico" para estimular "o talento da raça ariana". Pois bem, um dos concorrentes copiou integralmente o conto de Kisch, "A Casa de Madeleine", e o enviou, com a sua assinatura, ao famoso concurso. Obteve o primeiro lugar, e daí em diante recebeu honrarias, condecorações do próprio Goebbels, que estava muito interessado em valorizar o concurso, pois queria provar ao mundo que havia grandes escritores entre eles... Mas aconteceu que o "Schwarzes Corps", da Gestapo, deu o alarme, não pelo plágio em si, mas pelo escândalo que representava ter sido escolhido como "o representante do humor nórdico" justamente um dos mais ferrenhos escritores anti-nazistas.

"Depois deste lamentável fim do grande concurso literário, anunciado com toques de clarim, todos os planos para estimular a criação de uma literatura nazi, foram abandonados", conclui Erwin Kisch.

A RÁDIO DA PREFEITURA E O "DIA DA AMÉRICA"

COMEMORANDO "O Dia da América", a Rádio Difusora da Prefeitura do Distrito Federal organizou um interessante programa de música, prosa e poesia. No suplemento musical "Música das Américas Livres e Unidas", foram apresentados grandes nomes americanos, como Juan José de Castro, Carlos Chares, Monard, Ponce, Barrimore, Hanson, Copland, Chadwick, Mac Donald, Mac Dowell, Villa-Lobos, Mignone, Carlos Gomes Romero e outros. Na poesia Gabriela Mistral, Walt Whitman, Weldon Johnson, Langston Hughes, Edwin Markham, Countee Cullen, Gerardo Alvar Pae, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, etc.

Os dias • Os fatos • Os homens • continuação

Um programa que merece ser repetido de quando em quando, com o mesmo espírito de seleção,

NOTÍCIAS DE UM PAÍS DISTANTE

OS LIVROS de Cholókhov, o autor de "Sobre o Don aprazível" e "Campos Sulcados", próximas edições da Empresa Gráfica "O Cruzeiro", alcançaram uma circulação na Rússia de 7.627.500 exemplares, sendo que 327.000 corresponderam a um só romance, "O Templo do Aço", já traduzido para o inglês e publicado em Londres e Nova York sob o título de "Como se faz um herói".

A produção soviética em 1939 foi de 791.000.000 de exemplares, distribuídos entre 43.000 títulos distintos, o que significa 180.000 exemplares por livro.

O tema principal é o político ou o social-econômico, mas os romancistas modernos como Ilya Erhenburg, F. Pnaferov, N. Tijonov, Cholókhov e outros alcançam tiragens enormes, embora a supremacia seja ainda mantida pelos clássicos, isto é, Puschkin, Tchekov, Turguênev, Dostolevski, Tolstói cujos livros alcançam tiragens de vários milhões de exemplares. Um dado curioso que nos dá ideia do desejo de elevação do camponês, é que em 1938 se editaram 30.000.000 de exemplares de livros sobre temas agrícolas.

O total das obras de Máximo Gorki, editadas pelo Estado, se eleva a 41 milhões de exemplares. De 1897 a 1915, suas edições, em oito idiomas, alcançaram 1.083.000 exemplares. De 1917 a 1942 os livros de Gorki foram editados em 65 idiomas com uma tiragem total de 39.876.000 exemplares. Já nesta guerra se fizeram edições em 15 idiomas de seus livros, com uma tiragem de 865.000 exemplares. O maior número de edições corresponde à trilogia auto-biográfica "Infância", "Minhas Universidades", "Entre Gentes Estranhas", e a novela "A Mãe", da qual já saíram 99 edições, com uma cifra total de 172.000 exemplares.

A CRIADORA DO "IT"

ELYNOR Glyn a conhecida romancista britânica que acaba de falecer aos 78 anos, estabeleceu sua reputação literária com o romance "Three Weeks", considerado muito "ousado" pelo puritanismo inglês. Os direitos autorais desse livro renderam-lhe a quantia de 10.000 esterlinos.

Elynor Glyn foi a lançadora do termo "IT", que tanto se popularizou no mundo, sobretudo na vida cinematográfica norteamericana.

Durante o longo tempo de sua atividade literária, Elynor Glyn fez, também, como as personagens de seus romances, vida de "glamours".

Nascida em Jersey em 17 de outubro de 1864, noivou e casou-se com Clayton Glyn, que morreu em 1915.

Foi para os Estados Unidos; em Hollywood se fez autora e diretora de muitos filmes aparecidos entre 1920 e 1930. Ela ensinou a Rodolfo Valentino a arte do amoroso cinematográfico... Desenvolveu, igualmente, a "técnica" de Clara Bow, a primeira "it girl".

Nos seus romances, nas histórias de "arte de agradar", na sua vida inte-

lectual e prática, Elynor proclamava nato de Almeida, Ribeiro Couto, Romário de seus encantos e que o amor é o maior tesouro do mundo... Padre Serafim Leite, Sérgio Buarque de Holanda, Souza da Silveira, Tristão de Ataíde, Viana Moog e Viriato Carreira".

UM PRÊMIO DE 250 DÓLARES

A REVISTA da União Pan-Americana, em sua edição de hoje, anuncia a abertura de um concurso com o prêmio de 250 dólares para o melhor artigo sobre o tema: "A América Latina no mundo de após-guerra".

O concurso é franco a todos os cidadãos das repúblicas latino-americanas.

A revista publicará o artigo vencedor e se reserva o direito de publicar outros que apresentem méritos excepcionais, pagando-os a preços comuns.

Os artigos não podem ter mais de três mil palavras, nem menos de quinhentas, e devem ser escritos a máquina. Só entrarão no concurso artigos inéditos e em língua inglesa.

Os originais deverão ser enviados por via aérea ao Comitê de Relações Culturais com a América Latina, Caixa Postal 1642, New Haven, Connecticut, antes de 31 de dezembro do corrente ano.

"HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA"

SERÁ editado pela Empresa "A Noite", sob a direção do escritor Mucio Leão, a "História da Literatura Brasileira", com um total de vinte e cinco volumes. — "A História da Literatura Brasileira", disse Mucio Leão, no plano que elaborei, será propriamente uma "História da Cultura Brasileira". Não se cingirá apenas às "belas letras", como o conceito de literatura parece indicar. Vai a todos os ramos do pensamento estrito como a filosofia, a ciência e o direito. E vai mesmo ao campo de outras atividades, como o das artes plásticas, o da música, etc."

Os colaboradores da "História da Literatura Brasileira": A. Carneiro de Leão, Afrânio Peixoto, Aníbal Freire, Aníbal Machado, Augusto Frederico Schmidt, Basílio de Magalhães, Barbosa Lima Sobrinho, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Chagas Filho, Clementino Fraga, Dante Milano, Gilberto Freyre, João Alphonsus, Jonas Correia, José Honório Rodrigues, José Maria Belo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Miguel Osório de Almeida, Oliveira Viana, Pedro Calmon, Prudente de Moraes Neto, Re-

CONCURSO LITERÁRIO SOBRE A AMÉRICA E O APÓS-GUERRA

A ASSOCIAÇÃO Pan-Americanista "Toda a América Unida para a Vitória", de Havana, instituiu um concurso para todos os escritores do Continente Americano.

Aberto do dia 10 do corrente até 20 de janeiro de 1944, constará de um trabalho de vinte páginas, escritas a máquina em papel tipo almaço, num só lado, com dois espaços e margem de uma polegada à esquerda, versando sobre os problemas de após-guerra, tendo em vista, principalmente, aqueles que se relacionarem com as Repúblicas americanas. Os trabalhos relativos ao Brasil poderão ser escritos em idioma português, e deverão ser remetidos ao seguinte endereço:

— "Toda América Unida para a Vitória", a/c da senhorita Fina Forca-de Jackson. Apartado 2069, Havana, Cuba.

Ao vencedor em cada país da América, será oferecida uma coleção da "História da América", editada sob a direção do reitor da Universidad de La Plata, além de um diploma, mencionando o nome do autor vitorioso.

Cada país terá, igualmente, direito a uma menção honrosa.

A entrega dos prêmios será feita no dia 14 de abril de 1944, "Dia das Américas".

MORREU PIETER ZEEMAN PRÊMIO NOBEL DE FÍSICA

LONDRES — Morreu Pieter Zeeman, Prêmio Nobel de Física de 1902 — anuncia-se de Berlim, pelo rádio.

Pieter Zeeman, que desaparece aos 78 anos de idade, era um dos mais famosos sábios holandeses, professor de Física da Universidade de Amsterdam.

LEIS E LITERATURA JURÍDICA DAS AMÉRICAS

NOVOS guias de leis e literatura jurídica de todas as Américas estão sendo organizados em Washington, sob a direção do dr. Crawford M. Bishop, educador e diplomata norte-americano, advogado de fama internacional, presidente do Instituto de Estudos Jurídicos Inter-Americanos, que funciona sob os auspícios da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos.

Esses guias servirão para estudo comparativo entre os sistemas jurídicos dos Estados Unidos, baseados no Common Law, com os sistemas vigentes nas outras Américas, que têm como base a lei escrita. Os dois primeiros guias serão publicados dentro de pouco tempo, sendo o primeiro dedicado à Colômbia, enquanto o segundo se referirá aos sistemas jurídicos dominantes em Cuba, Haiti e na República Dominicana.

Além disso, o antigo Guia da "Literatura Jurídica da Argentina, do Brasil e do Chile", organizado pelo dr. Borchard e publicado pela Biblioteca do Congresso, em 1917, e já sendo atualmente revisado e atualizado,

LEIAM

"HOJE"

A REVISTA DEMOCRÁTICA DE S. PAULO

Em todas as bancas

A C A B A D E S A I R

"O Fenômeno Militar Russo"

PELO CORONEL J. B. MAGALHÃES

A Editorial Peixoto S. A., prossequindo no seu programa de apresentar ao público livros oportunos e de real valor, acaba de lançar, o Fenômeno Militar Russo...

Nenhum assunto tem desafiado mais o pensamento político e militar do que a inesperada e heróica resistência vermelha às hostes totalitárias. Entretanto, ficava sempre no ar uma desconcertante interrogação:

...POR QUE A RÚSSIA NÃO
CAIU ?...

O esclarecido autor de "O Fenômeno Militar Russo" dá resposta a esta per-

gunta, depois de estudar todo o complexo da vida russa. Rememora a história da nação eslava nos pontos de conexão com a guerra atual, analisa sua geografia e todas as solicitações dos fatores mesológicos, faz reviverem as principais glórias militares da Rússia e, então, começam a surgir as respostas a esta palpitante pergunta universal:

POR QUE A RÚSSIA VENCEU?

Pelo índice abaixo, se verá o alto interesse e a atualidade do tema versado neste livro moderno, oportuno e cheio das mais sensacionais revelações.

"O Fenômeno Militar Russo"

ÍNDICE:

- | | |
|--------------------------------|--|
| I — Que é a Rússia? | V — Formação e Evolução do Exército Vermelho. |
| II — A Rússia e a Europa. | VI — A prova da Guerra. |
| III — A Revolução Bolchevista. | VII — Conclusão. |
| IV — A Tradição Militar. | VIII — A Luta na Rússia e as realidades da Guerra — Stalingrado. |

Uma publicação da
EDITORIAL PEIXOTO S/A.

RIO DE JANEIRO
Araújo Porto Alegre, 56

São Paulo
Rua D. José de Barros, 337

Ribeirão Preto
Rua Alvares Cabral, 65-A

Os Prêmios NOBEL

IV — FREDERICO MISTRAL



FREDERICO MISTRAL

PELA segunda vez, contrabalançando a conquista de um dos prêmios Nobel pela Alemanha, a França foi laureada. E no decorrer dos anos futuros, a Academia Sueca procuraria o equilíbrio entre as duas maiores nações intelectuais da Europa: ora premiando uma, ora a outra. E diante de Mommsen — representante do gênio pesquisador e paciente da Alemanha, levantou-se a figura de Mistral, o poeta.

Frederico Mistral, o lírico admirável da Provença, nasceu em Maillanes em 8 de setembro de 1830. Era filho de lavradores abastados, dessa gente grave e sábia que tráz nas linhas do rosto enrugado a sabedoria da terra. Ali, nas férteis campinas do seu país natal, ele passou a infância na liberdade dos grandes espaços, em contato com a natureza, de onde herdou a serenidade de sua obra, livre de restrições e complexos. A primeira instrução recebeu-a em um internato de Avignon, tendo depois cursado a Faculdade de Letras onde se graduou bacharel em 1874.

Sua vocação literária revelou-se graças a influência do poeta Roumanille, que lhe ensinou a língua provençal, a língua de seus pais e da sua gente, repleta de mundos que se escondiam sob a rudeza do falar camponês. Em 1848 Mistral, em plena juventude, compõe um poema em quatro cantos: intitulado "A Colheita", espécie de geórgicas, sem pretensões a grande arte. Graças à sua sólida cultura e ao seu temperamento poético, ele — ainda inexperiente em "A Colheita", estava talhado a ser o maior épico do século XIX.

Em 1852, Roumanille iniciou uma coleção das melhores poesias em língua provençal de poetas contemporâneos, que, devido à incompreensão e ao desprezo haviam ficado esquecidos. Nessa coleção, Mistral publica sua composição: "Bom dia a todos". Teve depois a idéia de seu livro mais famoso: "Mireio". E nos diz em suas Memórias como pensou em realizá-lo: "Repleto da fermentação da seiva provençal que enchia meu peito, livre de toda restrição ou preconceito de escola, forte na independência que me dava aos, uma tarde viajando pelos conteiros, ou acompanhando os lavradores que entoavam cantos populares, eu concebi o plano da obra e escrevi os primeiros versos de "Mireio". Este poema, filho do amor e da perseverança, germinou e se desenvolveu, pouco a pouco, ao cair do sol do Meio-dia, entre as rajadas do mistral turbulento e o murmurar dos rebonhos. Não pretendi com meu livro mais que duas coisas: proporcionar-me um prazer, e dar um pouco mais de alegria aos meus amigos. Não me lembrei que existia Paris, e me limitei a contar para os pastores e camponeses. Toda a minha obra se propõe a contar uma paixão entre dois adolescentes de condições sociais diversas, e a narrar as vicissitudes de um amor contrariado. Mi-

reio (o nome de minha heroína), era para mim muito familiar, pois o havia conhecido desde minha infância. Era um diminutivo carinhoso e terno que minha avó e minha mãe aplicavam a toda criatura formoso ou gentil, ou a toda coisa delicada e graciosa. Quanto aos demais atores do drama, meus lavradores, pastores, boiadeiros, lenhadores ou cesteiros, acaso não circulavam continuamente ante minha vista, desde a aurora até o por do sol, trabalhando nas tarefas diárias de nossa casa?"

Antes de terminar o poema, Mistral e Roumanille instituíram o Felibrige, que se propunha a renovar as glórias da literatura provençal.

Em 1859, era publicada a primeira edição de "Mireio", e em 1861 era Mistral recebido na Academia Francesa. Nesse mesmo ano, o poeta espanhol Calvet foi a Provença, e ali iniciou as relações entre os poetas provençais e catalães. Mistral publicou então sua ode: "Aos poetas catalães", que veio a constituir o credo do felibrismo catalão.

Mistral, apesar de todos os chamados, nunca abandonou a Provença, vivendo junto à terra, em contato com os camponeses, como um gênio bom, distribuindo poesia e conselhos. Em 1906 recebeu junto com o poeta espanhol Echegaray o prêmio Nobel. Com a grande quantia do prêmio, ele, — que sempre dava tudo, organizou o museu etnográfico de Arles.

Em 25 de março de 1914, morreu tranquilo como havia vivido. Morreu sem precisar implorar como o poeta Rilke: "Oh, Senhor, dai a cada um sua própria morte! a morte que nasce da vida, onde se conhece o amor, a missão e a aflição". No seu túmulo encontra-se como epítáfio a frase, por ele escrita: "Não a nós, Senhor, não a nós. — Sim a teu nome. — E a nossa Provença — de glória".

Além de "Mireio" escreveu ainda: "Calendau" (1867), poema provençal; "As ilhas de ouro" (1875); a tragédia "O rei Jano" (1890); "O poema do Rodano" (1897); "Minhas origens: memórias e relatos" (1906).

Bibliografia sobre Mistral: Autron — "Épîtres rustiques" (Paris 1861); Edmond Schuré — "Histoire du lied Mistral" (Paris 1868); Alphonse Daudet — "Lettres de mon moulin"; E. Gomez Corrilho — "La apoteosis de Mistral" (Paris 1911); E. Augier — "Mistral et Briseux"; Jules Saint Remy — "Les Félibres, Frédéric Mistral"; Albert Savine — "Les étapes d'un naturaliste" (Paris 1885). — PETRONIO.

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Registrado no DIP sob n. 10.974

Direção de DIOCLECIO D. DUARTE e
RAUL DE GÓES

Secretaria de MELO LIMA

Gerência de O. FROES DA MOTA

Rio de Janeiro — Assembléia 79-1.º

S. Paulo — R. do Carmo, 138-1.º, Sala 9

Ano I — N.º 11 — Outubro de 1943

Telefone: 22-8817

Composto e impresso nas oficinas d'A MANHÃ
Diretor da Sucursal de S. Paulo: PAULO ZINGG
Representantes em todos os Estados do Brasil

Preços: Interior

Número avulso Cr\$ 0,50

Número atrasado Cr\$ 1,00

Assinatura anual Cr\$ 6,00

O Mundo nas mãos de Wells

VALDEMAR CAVALCANTI

Copyright de LEITURA



H. G. Wells

WELLS é um homem de 76 anos, que ainda não perdeu o gosto de carregar pedra para a construção do mundo nem o jeito de sonhar com a felicidade entre os homens. Na sua idade, há os que pelo menos se recolhem melancolicamente ao passado, voltados só para as suas recordações ou para as sombras da História. Ele, não: põe os olhos vivos e azues — e não olhos miúdos e miopes de velho — no futuro. Já poderia ter-se aposentado, para gozar os proventos de sua fama internacional. Em vez disso, Wells aventurou-se a escrever uma autêntica biografia da humanidade — a sua excelente História Universal, já traduzida para o português. Um arrojo e um sangue-frio evidentemente de rapaz. De velho, ele revela apenas a pachorra no colecionar fatos e o senso realista no interpretá-los. No mais, um transbordamento e um calor de juventude. Aliás, numa época em que Wells se sentiu um pouco exausto e mesmo desanimado, deu para rabiscar uma "tentativa de auto-biografia", como para descansar e recobrar o ânimo: nada menos de 700 páginas.

Não é de admirar que esse homem satisfeito da vida e indiferente à morte haja pensado em pintar "um retrato da humanidade de hoje — um quadro da massa humana que trabalha, que gasta, que constrói e destrói". Ele toma entre as mãos o mundo cuja história já escreveu e procura fixar o sentido da sua evolução, sob um critério de síntese e com espírito de objetividade.

De uma considerável massa de fatos relacionados com o trabalho humano, a produção e o consumo, Wells separou os verdadeiramente significativos e reuniu-os com o propósito de torná-los "um só e único espetáculo". Fez assim um esforço de desbravamento, de compilação e, depois, de seleção, o que indica, por si só, o alto grau de vitalidade intelectual desse trabalhador infatigável

que o tempo ainda não conseguiu vencer.

De início, pensou Wells em dar à obra o título de "Conquista da força" e escrevê-la em colaboração com dois especialistas. Seria uma larga crônica sobre as transformações da vida humana decorrentes do aparecimento e utilização da máquina; um vasto estudo da vitória do homem sobre a natureza, graças à ciência, que determinou, por mil e um processos diferentes, uma verdadeira "mudança de escala" nas relações entre os homens. Afastada a idéia da colaboração, diante de inúmeras dificuldades, Wells decidiu-se a enfrentar sozinho a sua obra, que foi então batizada de novo: "Ciência do Trabalho e da Riqueza". Depois, outro título: "O como e o porque do Trabalho e da Riqueza". E afinal: "O Trabalho, a Riqueza e a Felicidade do Mundo".

Convenhamos em que o título é ambicioso. Mas o livro em si é que o é, na realidade. O próprio autor reconhece que a obra nada tem de modesta. Ao contrário: tem pretensões enormes, porque o seu objetivo é apresentar todos os motivos e atividades comuns da humanidade. E exagera: "É o primeiro sumário compreensivo de toda a humanidade, esteja ela trabalhando, divertindo-se ou desempregada; procura relacionar o jóquei na pista de corridas com o mineiro no interior da terra; e mostra a criança no berço, o selvagem na floresta, o funcionário municipal, o peixeiro, o camareiro, o Lord Chanceler na Câmara dos Lordes, o embaixador soviético, o jogador profissional de cricket, o fiscal de balcão, o vadio de ruas, o vendedor de microscópios usados, o policial, o vendedor de jornais, o bandido de automóvel, o gangster político e o professor de universidade". Acrescentando, enfaticamente: "Haverá falhado ao seu objetivo, no que diz respeito a qualquer leitor particular, se esse leitor não encontrar o seu próprio nicho claramente indicado aqui. O leitor deverá ser levado a dizer: 'Aqui me encontro eu, esta é a minha posição em relação aos demais'. Ou, no mínimo: 'Aqui neste grupo eu me encontraria se o quadro fosse em escala maior'. A obra pretende nada menos que estabelecer a cidadania econômica do leitor, 'situar' os seus direitos e deveres econômicos".

A ARTE — ...você cobrem com o nome de Arte e de Beleza (com maiúsculas) a luxúria nacional, quando não abrigam seu Pilatismo moral sob o nome de Verdade, Ciência. Dever intelectual, que se lava as mãos das consequências possíveis das pesquisas elevadas. A arte pela arte!... Uma fé magnífica! Mas a fé dos fortes unicamente. A arte. Agarrar a vida como a águia a sua presa, e levá-la pelo ar, elevar-se com ela pelo espaço sereno!... Para isso, é preciso ter garras, grandes asas e um coração poderoso. Mas vocês não são senão pardais que, quando acham um pedaço de carne, despedaçam-se ali mesmo, e brigam pipilando... A arte pela arte! Desgraçados! A arte não é um vil repasto entregue aos vis passantes. Ela é o prêmio de uma luta encarniçada e seus louros coroa a vitória da força. A arte é a vida domada. E como esses atores que se vangloriam de suas deformidades, vocês fazem literatura com as próprias. Vocês cultivam amorosamente as moléstias do povo, seu medo ao esforço, seu amor ao prazer, ideologias sensuais, humanitarismos quiméricos, tudo o que entorpece voluntariamente a vontade e que lhe põe tirar todas as razões para agir. Você o homem direito às casas de ópio. E vocês bem o sabem, mas não o dizem: a morte está ali no fim. — Romain Rolland — "Jean Christophe" — Edição da Livraria do Globo.

Não há dúvida que Wells dá à sua obra horizontes ilimitados, atribuindo-lhe uma extensão e uma profundidade que ela está longe de apresentar, apesar da sua indiscutível importância como tentativa de compreensão das atividades humanas, do bem estar social e do progresso. Mas estamos diante de um trabalho cuja leitura — em caráter preparatório, é certo — gostaria de aconselhar aos cidadãos tímidos, cautelosos ou assustados que se arrepiam ao ouvir falar em "mundo de amanhã". Wells quer que esse mundo surja de um esforço conciente e pacífico, mediante uma funda reforma de mentalidade pela educação. Ponto de vista que não sei se o autor ainda sustenta a estas horas, diante da brusca "mudança de escala" que a guerra determina e das perspectivas de maior transformação dessa escala com a aproximação de uma paz diferente.

É evidente que as idéias de Wells se revestem de certo primarismo, em relação ao qual todo leitor — particularmente o leitor que se convencionou considerar inteligente — deve manter-se alerta. Porque a verdade é que está, em parte, nesse aproveitamento maneirosos de fatos, problemas e soluções elementares o segredo do poder de sedução de Wells. Ele sabe tirar o máximo proveito da sua capacidade de vulgarizador, do seu espírito didático, do seu estilo "seleções". É um escritor raso, que não turva as águas para parecer profundo — e nisso reside o seu encanto. E olhem que é tão agradável ler Wells que às vezes não percebemos quando ele se desvia dos caminhos da verdade.

Mas uma coisa é de louvar nesse velho tão moço ainda: e é a sua fé na construção de um mundo melhor, em que o progresso não seja um dramático espetáculo de contrastes, um preto-e-branco de luxo e miséria; é a sua crença firme no amanhã, em que as relações entre os homens sejam baseadas em ideais de solidariedade, justiça social e compreensão humana.

A CONSTRUÇÃO DO MUNDO, de H. G. Wells — O trabalho, a riqueza e a felicidade do mundo — Tradução de Monteiro Lobato — 2 volumes — Biblioteca do Espírito Moderno — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1943.

O Segundo Livro do Deão

RUBEM BRAGA

Copyright de LEITURA

O REVERENDO Hewlett Johnson, Deão de Canterbury, autor do famoso "Poder Soviético", tem agora em português o seu segundo livro: "O Cristianismo e a nova ordem social na Rússia". O objetivo desse livro é mostrar aos ingleses como a lição da Rússia lhes pode ser útil.

O Deão acredita que "o resultado desta guerra será uma Europa socialista". Acha que o capitalismo não sobreviverá, não somente por que é imoral e contrário aos ensinamentos cristãos como também porque está em contradição com as exigências criadas pela técnica e pelas necessidades sociais de hoje. Alimenta a esperança de que os ingleses, graças à sua educação política, consigam passar do capitalismo para o socialismo sem as perturbações e sangueiras que houve na Rússia. Pensa mesmo que uma campanha de convicção, poderá contribuir educativa, um incessante esforço para isso, e tal é a razão de seu livro. Descreve o que poderá ser a Inglaterra sob o socialismo, e as imediatas vantagens que esse regime trará não somente ao homem do povo inglês como também à Inglaterra como nação, aumentando a sua força e a sua riqueza. Não vê, todavia, indícios de que as coisas estejam se encaminhando naturalmente nesse rumo. Pelo contrário, aponta o fato de que "se estreita o círculo dos super-ricos, senhores de vastos recursos, possuindo e controlando a imprensa, influndo na sua formação e dominando o Parlamento e, por intermédio deste, controlando, no momento, o Exército, a Armada, e a Força Aérea."

E junta:

"Ninguém pode negar que o capitalismo forte e está bem entrincheirado. Mas o povo é mais forte. Comparado com o capitalismo, a força de cada um de nós como unidade é nada. Mais um milhão é mais forte do que um. Diante de dez milhões de homens resolutos, o capitalismo ruirá por terra."

"Mais para a frente manifesta a convicção de que "os atuais possuidores nunca se entregarão sem luta — é a lição de toda a história. Mas podem ser obrigados a render-se por um povo bem instruído e determinado."

"Passa, a seguir, a estudar como deve se organizar o povo para conseguir isso e mostra os erros e fraquezas do Partido Trabalhista, pregando a necessidade de se formar um outro partido e dizendo

em que bases deve se formar, indicando, ainda nesse ponto, a experiência russa.

O livro, tem, naturalmente, uma parte de crítica à situação inglesa. Cita o especialista em alimentação Sir James Boy d'Orr que declarou, no começo desta guerra, que "só metade da população estava sendo convenientemente alimentada e um sexto das nossas crianças desastrosamente desnutridas." Sua crítica à política industrial, submetida aos interesses de um pequeno grupo e sem a menor atenção às necessidades coletivas, resume-se nesta pequena frase: "o capital não procura o maior bem e sim o maior lucro". Afirma o reverendo que na Rússia não é assim. Lá a indústria funciona para satisfazer as necessidades do povo. E resume: "a Rússia aplicou a moral às indústrias, e teve êxito."

Especialmente interessante no livro do Deão é a parte que ele dedica à questão religiosa na Rússia. Mostra os motivos pelos quais os chefes russos tomaram severas medidas contra os membros da Igreja, e lhes dá razão. Diz que "a Inglaterra de hoje não conhece o que seja uma Igreja agindo abertamente e conscientemente como aliada do Estado na exploração do povo. Aponta em que consiste a liberdade religiosa na Rússia de hoje. Aponta as restrições, como a proibição de possuir terras, que "é especialmente antipática aos católicos romanos". Não deixa de assinalar que essa proibição não se refere somente à Igreja Católica, mas a toda a população do país.

Trata-se, como deve ter concluído o leitor, de um livro que está em desacordo com as idéias de muita gente. Ninguém deixará, entretanto, de reconhecer que o reverendo expõe suas idéias com muita clareza. Além de clareza ele tem um tom de honestidade e de sinceridade. Escreve de maneira agradável — às vezes um pouco monótona, e gostando de repetir — e sabe argumentar para defender seus pontos de vista. Creio que essas qualidades bastam para indicar que seu livro merece muito ser lido.

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, do Rev. Hewlett Johnson, Deão de Canterbury — Apêndice, "A Condição do Trabalho", de Henri George — Editorial Calvino Ltda. — Rio/ 1943.

ULTIMOS ROMANCES BRASILEIROS

Lucio Cardoso

— DIAS PERDIDOS

José Lins do Rego

— FOGO MORTO

Tasso da Silveira

— SILÊNCIO

Rosário Fusco

— O AGRESSOR

Amílcar Dutra de Menezes

— O FUTURO NOS PERTENCE

Oswald de Andrade

— MARCO ZERO

EDIÇÕES

DA

Livraria José Olympio Editora

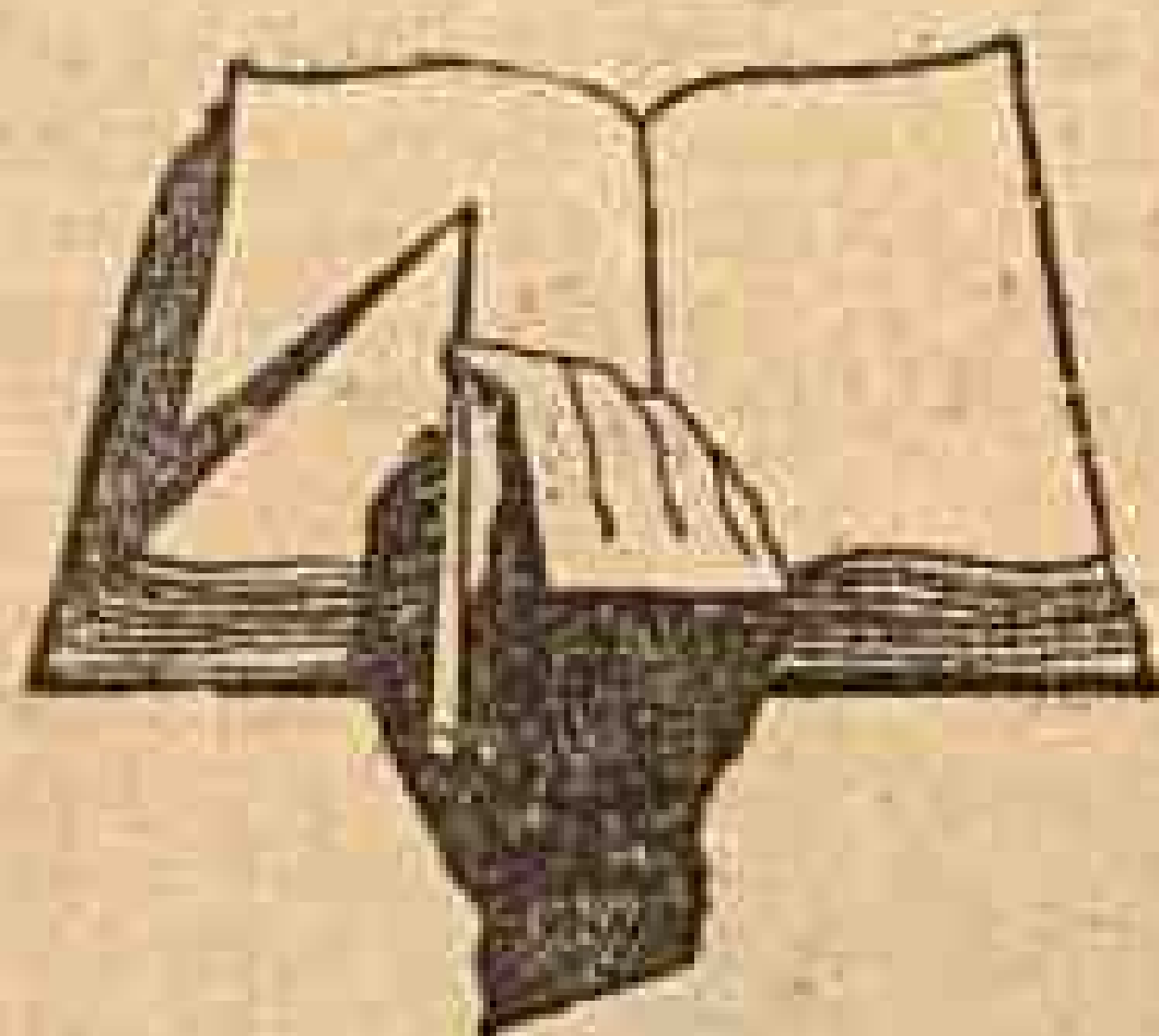
RUA DO OUVIDOR, 110

— RIO DE JANEIRO

Clara e as Andorinhas

DALCIDIO JURANDIR

Copyright de LEITURA



"RONDINELLA" é o primeiro conto do livro de Guilherme Figueiredo e se alonga muito rompendo os limites de um conto. É uma novela, cenas e costumes de Campinas, novela do tipo clássico, em que as cenas se desdobram com admirável regularidade e onde os personagens adquirem nitidez, vivem a sua vida, e se movem como verdadeiros seres com os quais brigamos, sonhamos e sofremos. Clara, por exemplo, é uma das criaturas mais bem amadas do novelista. Ele a trata muito bem, descobre-a em Campinas, entre pobres emigrados italianos e a leva para um drama, cuja conclusão foi menos justa talvez do que melodramática.

O pitoresco, a pacatez, os quadros da farmácia, dos velhos tipos que se reúnem na farmácia, os sobreviventes de uma ridícula aristocracia rural e bandeirante são recortados, com vigor e arte, mesmo com excessivo brilho, por Guilherme Figueiredo que, como sempre, tem achados saborosos. Seu estilo perdeu aquele artifício de "Trinta anos sem paisagem". Está mais perto da gente, misturado com a carne e o sangue de homens, mulheres, a terra, o gosto de província que envolve a novela. Não podemos esquecer certos aspectos de Campinas que o escritor sabe magnificamente nos descrever. Guilherme Figueiredo gosta de criar os cenários com minúcia e com um luxo de descritivo para que melhor se evidenciem os seus personagens. Talvez seja claro demais, preocupado demais com os cenários. Aquela "mudez de proclamação na gente que anda", na gente quieta de Campinas, que gira vagarosamente na praça da cidade provinciana se deixa, por vezes, dominar pelas andorinhas que moram no Mercado. Então o contista dá lugar ao cronista para dizer: "A princípio o velho galpão de tijolos e telhas abrigou-as a título precário, e até com protestos dos quitandeiros. Elas, entretanto, se multiplicaram ali dentro, numa invasão solerte e totalitária; antes eram uma minoria sem força; mas depois acabaram expulsando as frutas e os legumes, numa reivindicação de maioria prejudicada. A administração municipal, um tanto lírica, cedeu ao assalto. E hoje as assaltantes estão em sua própria casa, em boa paz com o prefeito, e possuem até um funcionário privativo, para a limpeza. Em troca, as andorinhas se prestam à curiosidade turística e consentem em fornecer metáforas aos poetas locais". Isto, porém, serve de pano de fundo para

o nascimento de Clara, a Rondinella:

"Mariano amava tanto as andorinhas como se fossem coisas suas, e só as comparava com Clara, a sua querida Clara. E porque os pais dela fossem italianos, e a mulher lhe desse essa mesma sensação de fragilidade, chamava-a Rondinella". E o contista conduz essa criatura através de seu enternecimento e de sua simpatia como se, solidário com a tamanha fraqueza de Mariano, o marido de Clara quisesse lutar contra o ambiente estúpido e triste, luta da qual Clara e o marido acabam perdendo.

O curioso é que o fraco, o covarde, o sempre vacilante Mariano, pela sua fraqueza mesma, pela força com que o contista sabe trazê-lo até nós com a sua pa'ermice e ao mesmo tempo com a sua estranha pureza, é um dos tipos de maior caráter da novela.

D. Amelia, senhora do confissionário e da sacristia, forma o quadro das beatas e das pobres fantasmas católicos que tornam a fé tão grotesca e inhumana. A magreza de Alice, irmã de Mariano, mostra-se sempre mais lancinante a cada vez que nos aparece nas miseráveis contendas de família, na sua maldade, na sua história, no seu ódio de solteirona. E o achado do contista a respeito do riso prognóstico de Alice faz um detalhe constante no desenvolvimento de Rondinella: "lembrava uma margarida que lhe tivesse nascido subitamente na boca".

Em seus contos, Guilherme Figueiredo exibe uma plasticidade surpreendente no estilo e sabe inteligentemente animar paisagens, evocar costumes, fixar velhos quadros de família provinciana, pequenas cenas domésticas, pobres sentimentos ignorados perdidos em pobres seres jogados na solidão. Nos contos da cidade talvez se encontre mais virtuosidade no escritor, mais abuso nos achados, no gosto da bela frase, na exploração menos humana do ridículo e do pitoresco.

Não somente o evocador realista da província com o seu feixe de vidas paradas e pitorescas, com as suas praças e os seus padres, as andorinhas e as montanhas decorativas, nem tão pouco o íntimo de Clara, de Mariano, de Silvia, do Eusébio, funcionário público carregando o peso atarrador de quatrocentos anos de paulista mas o poeta Guilherme Figueiredo trás ao livro um calor lírico que nos dá uma impressão mais viva e inesquecível na leitura da novela e dos contos de "Rondinella". Guilherme Figueiredo superou com seu livro de contos a sua estreia no romance. Nem o crítico poderá ser maior do que o contista e ainda bem. "Rondinella" é um dos livros mais bem escritos e mais poderosos da ficção brasileira surgidos nestes dois anos duros e densos de guerra.

RONDINELLA, de Guilherme Figueiredo — Contos — Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio, 1942.

EU QUERIA DORMIR NO KREMLIM

(O fracasso de Hitler na Rússia)

OLIVRO MAIS SENSACIONAL DO MOMENTO

POR GERHARD SCHACHER

ADQUIRA SEU EXEMPLAR NAS LIVRARIAS

OU PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Edição Princesa - Caixa Postal 4293 - São Paulo

CR\$ 15,00

"A CONQUISTA DO BRASIL"

AURELIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA

ÉIS aí um livro que, sem nenhuma dúvida, todo brasileiro, ou, melhor, todo habitante do Brasil deveria ler, ter mesmo consigo e, folheando-lhe os capítulos ricos de realidades, refletir e meditar — não deixando de voltar, de quando em quando, às eloquentes páginas do ilustre escritor — no que Roy Nash soube tão bem observar e dizer. Trata-se de um autor estrangeiro, é certo, mas, para mim — tenho-o também como certo — nenhum escritor brasileiro poderia nos dar um melhor trabalho, feito com mais cuidado, sobre nosso país, poderia falar do Brasil com mais conhecimento do seu território, de seus aspectos de hoje, de sua feição noutras tempos, inclusive suas origens e formação, esforçando-se, ainda por cima, por nos dar uma forte visão de seu futuro.

Antes de prosseguir — eu o digo, por já ter tido a prova de que devo dizê-lo — saiba o leitor que "A Conquista do Brasil", inda que título da autoria de escritor estrangeiro, norte-americano, significa a conquista do Brasil pelos brasileiros. Sim, porque — para que negá-lo? — deve ter parecido ao escritor que nos temos retardado em dar ao mundo testemunhos bastante fortes de nossa capacidade de senhores deste vasto e rico território. Não há nenhum exagero nem amargor nestas minhas palavras: há apenas um pendor de não querer nunca fugir a dizer a verdade, não negar nunca o que tantos sinais poderiam indicar.

Escrito, creio, ou publicado, em 1926, é, pelo menos, deste ano que data a "Saudação", com que o digno autor de "A Conquista do Brasil" abre-lhe as páginas. Não obstante, o livro notável bem que poderia, — à parte dados estatísticos — por muitos de seus conceitos e apreciações, ser tido como escrito hoje. Tal é sua força, seu valor de atualidade. Tão paciente e perspicaz se mostra o autor nas suas observações, tanto ele se afortuna nas suas análises, tal é o poder de sua penetração intelectual, quanto a tudo que viu no Brasil, de norte a sul e de leste a oeste, desde que estudou e aprendeu de nosso período colonial, seguido de nossa independência política, até as nossas tentativas de realização nacional.

Não se vê bem o que foi que o autor esqueceu de todas essas coisas feitas para interessar a todos nós do Brasil, que merece não só ser visto e admirado na sua vastidão e aspectos de beleza, como necessita ainda mais ser observado e conhecido de seus habitantes, para fins de utilidade da vida, que é uma dignidade de que o homem se deve esforçar por ser merecedor. O Brasil tem servido, talvez demais, de objeto de nossos deslumbramentos, já tem servido bastante, supponho de motivo para nossas canções. Já temos talvez abusado da prática de, chelos de vaidade, chamar para seus aspectos naturais a atenção de estrangeiros nem sempre desajustados apenas de escolarizar a essa espécie de adoração que nós tem por tudo. Seria quase inútil afirmar que longe de mim está a idéia de que

não devamos nos orgulhar de ser brasileiros. E vem a ponto lembrar aqui que há uma diferença entre o homem do norte e o do sul do Brasil, quanto ao conhecimento do país. E' mais fácil encontrar-se no norte um habitante que tenha já percorrido, mais ou menos, o sul do Brasil, que encontrar-se um habitante do sul que haja percorrido, por pouco que seja, o norte. O sulista conhece menos o país que o nortista. Embora mais pobre, e, por isto, mais inquieto, mais ansioso e talvez menos coordenado, o homem do norte é, contudo, muito mais curioso, muito mais vivaz. O nordestino, em particular, que resiste às intempéries, já sabidas, tira daí motivo de coragem para emigrar, para aventurar-se. E não conhece perigo. "Desgraça pouca é tiquinho" diz ele a quem "nunca viu nada".

Volvamos ao livro de Roy Nash. Uma coisa que logo fere a atenção de quem o abre, e começa a leitura das primeiras páginas é a sensibilidade intelectual do autor em face de nossos costumes, ou, melhor, dos pendores e anseios de nossa gente simples, a gente do campo em particular. Percebe-se que ele procurou sentir, viver a nossa vida, ao que ela tem de menos vistoso, portanto, de mais natural de mais espontâneo. E' por isso certamente que as páginas de seu livro são tão sedutoras, de todos os pontos de vista. E' possível que nestes meus dizeres vá uma boa dose desta minha paixão pelos livros, em particular, é claro, os bem feitos, os escritos com sinceridade e com amor. E o livro de Roy Nash é para mim um desses livros.

O volume "A Conquista do Brasil", da coleção "Brasiliana" divide-se em quatro livros. O livro I subdivide-se em cinco capítulos. O primeiro é dedicado ao Anno Domini de 1500. O segundo à SEMENTE: O Aborígene Brasileiro, O Negro da África, O Português. O terceiro intitula-se A TERRA, e compreende: Topografia, Clima, Florestas, Pastagens naturais, Força (quedas d'água), Fauna. O quarto capítulo trata de "A Semeadura", e abrange: O Primeiro Século, O Contingente Holandês, Contacto entre a Civilização e a Barbárie, O Brasil pelas Cercanias de 1700, Ouro!, A Chegada da Corte, 7 de Setembro de 1922, A Imigração de 1820 a 1920, A Contribuição do Negro, População Resultante. O quinto capítulo é: Anno Domini de 1926.

O livro II, que se intitula: Pontos Essenciais de Antrópogeografia, compreende seis capítulos, que são os: VI, Habitações do Brasil Rural; VII, Transportes por Vias Aquáticas e Terrestres; VIII, Campos de Cultura; IX, Zootecnia; X, Exploração Mineral; XI, A Destruição da Vida. Neste capítulo o autor trata da destruição das matas e dos animais.

Saltemos por cima do livro III, cujo título é: Alguns dos Fatores Essenciais à Felicidade Humana em que o autor revela a dose de filosofar de que não se pode dispensar nenhum pensador, e cheguemos ao livro IV, cujo título é: Com Vistas ao Futuro,

e que compreende quatro capítulos, dos mais atrativos do livro: XVIII — Rodovias; XIX, Política Florestal; XX, Pode a Amazônia ser Conquistada?; XXI, Possibilidades Demográficas.

De como Roy Nash percorreu pa-chorrentamente o Brasil são testemunhos as descrições, de um colorido perfeito, de três propriedades rurais, em pontos diferentes do país. A primeira, uma fazenda de café em São Paulo, ele chega no seu "Fordzinho", e é recebido, nos limites da mesma, pelo Coronel Ribeiro, um "gentleman", que viaja no "seu Rolls Royce". Na casa de residência há "um luxuoso quarto de banho" e "uma bem sortida adega". A fazenda conta "vinte e sete mil e seiscientos hectares de terras" classificadas "num cadastro", e "três milhões de pés de caféeiros". Depois de descrever a situação dos moradores ou trabalhadores da fazenda, fala de "uma escola para crianças e uma capela para as almas". "E' o feudalismo — remata Roy Nash — na sua mais suave modalidade, pois os servos, se lhes convier, podem emigrar, depois de terminado o contrato".

A fazenda de cacau na Baía, o autor não pôde chegar senão depois de utilizar-se de mais de um meio de transporte. Apeou-se do lombo de um burro, à porta da residência do Coronel Vasconcelos, que o recebeu "com ar de dignidade, mas em chinelos e num alvo terno de algodão". A mesa do Coronel alem de uma meia dúzia de filhos, sentava-se muita gente, e variada, inclusive o "carpinteiro negro, construtor de canoas" (a fazenda era na região do rio das Contas), "o empregado do armazém e um vizinho que ficara para pousar". A senhora do Coronel, que "estivera em Paris em menina", não parava um instante, afim de atender a todos". O Coronel não conhecia a extensão exata de suas terras, "Dois mil e quinhentos hectares, talvez". E pés de cacau? "Duzentos mil pés, mais ou menos".

A propriedade de João da Providência, no Ceará, "não excede de vinte e cinco hectares". "Uma roça de mandioca, alguns prodigiosos pés de algodão, que produzem anos e anos consecutivamente, com insignificantes resultados financeiros. Uns vinte caprinos. E só". "O proprietário "não tem certeza de seus títulos de propriedade, e mais provavelmente será desalojado, se for construído o grande reservatório e o terreno subir de preço".

O leitor destas rápidas linhas que procure ler o livro de Roy Nash. E saiba, desde agora, que ele estabelece, mais de uma vez, comparações, por alguns aspectos, do Brasil com o seu país, e não para deprimir o nosso, ao contrário, para mostrar-nos vantagens de nosso lado.

A CONQUISTA DO BRASIL, de Roy Nash — Brasiliana — Companhia Editora Nacional —

*A maior sátira de inteligência con-
temporânea contra a servidão totalitária*



H. G. Wells

Em todas as livrarias, lançado pelas Edições "O CRUZEIRO"

"O Espírito de Dostoevski"

ADONIAS FILHO

Copyright de LEITURA

O TEMA de Dostoevski são as paixões. As internas paixões que limitam quase totalmente a experiência do homem dentro da vida e provocam o abismo de piedade que é quase instinto na nossa carne. Saber descobri-las e iluminá-las, como criando violentamente a luz do mundo de trevas que envolve o nosso coração, senti-las como se sentem os delírios da febre e a obscuridade das noites — este o destino da vocação de Dostoevski.

Desconhecida, como desconhecida é a paixão de morrer, a vocação nasce, sem dúvida alguma, dessa força a que chamamos espírito: única e eterna fonte de beleza e vida. E a própria alma da criatura. E a alma de uma criatura, como se sabe, pode ser um pântano, um deserto, ou apenas o amor.

Em Dostoevski, na extraordinária movimentação apocalítica dos seus romances, na compreensão fraterna e cristã que sempre sentiu pela criatura, o que se percebe

é tão somente a permanência do amor acima e abaixo do pântano e do deserto. Não o terrível amor de generosidade e idealismo. Mas o amor estranho que nega o equilíbrio e os rumos, cego o ódio, espécie de consciência que sobrepassa o bem e o mal, último clima capaz de explicar a vocação, a obra e a alma.

Os seus críticos, mesmo os de grande amizade como Gide e Thurneysen, Chestov e Levinson, ainda que lutassem e quisessem, não haviam conseguido medir as pulsações, conter com as mãos a indisciplina e a agitação que inundavam a obra como um dilúvio. Trabalho muito amplo, e difícil, a não ser para um místico que fosse ao mesmo tempo um arrebatado como Rozanov e um subjetivo como Artzybashef. Fatalmente, o místico seria Berdiaeff.

Homem de entendimento, — mas desse entendimento que se estabelece entre o bom sacerdote e o pecador — de curiosidade tão sensível como a curiosidade das crianças, intérprete que já fôra do

tempo, de doutrinas e da história, a Berdiaeff não se impôs o impossível no momento em que resolveu projetar o espírito de Dostoevski aos nossos olhos e abrigá-lo como uma coisa viva sob o próprio calor do sol. Fê-lo sem que fizesse um exercício, ou um esboço, mas o fez como se praticasse uma virtude: antepondo a medida aos excessos de pensamento e estilo, aproveitando a realidade e a verdade na sua matéria autêntica, o coração humilhado e desprezando a si mesmo para que apenas Dostoevski subsistisse.

E o seu livro, em consequência, nasceu clássico. Atual e forte em todas as épocas da vida. Nós, os homens que acreditamos nos mistérios e nas profecias, quando fechamos este ensaio de tanta poesia e tanta intuição, só podemos sentir e pensar que Dostoevski estará conosco no instante em que nascermos de novo.

O ESPÍRITO DE DOSTOIEVSKI
de Nicolau Berdiaeff — Tradução de Otto Schneider — Editora Panamericana Ltda. — Rio, 1943.

EPASA

ULTIMAS EDIÇÕES

HENRIQUE ESMOND

ROMANCE DE W. M. THACKERAY

Série:

REDESCOBRIMENTO DA VIDA

Vol. IX

Romance histórico, considerado uma das obras-primas da literatura inglesa.

DOSTOIEVSKI

de HENRI TROYAT

Série:

Redescobrimento

do

Homem

VOL. I

Pela copiosa documentação, pela honestidade dos informes e pelo tratamento estético que recebeu, é a mais autorizada biografia do autor de OS POSSESSOS.



AV. RIO BRANCO N. 25 — RIO

TELEFONE 43-9876

Série: REDESCOBRIMENTO DA VIDA

(Volumes já publicados)

A MONTANHA MÁGICA, de Thomas Mann

LAMAS NAS ESTRELAS, de William Bradford Huie

OS POSSESSOS, de Dostoevski

A CONQUISTA DE GRANADA, de Washington Irving

Coleção: OS GRANDES ROMANCES DA TELA

(Volumes já publicados)

A COMÉDIA HUMANA, de William Saroyan

UM MERGULHO NO INFERNO, de Allen R. Basworth

TEMPESTADE, de George Stewart

AINDA SERÁS MINHA, de Charles Hoffmann

VALES PROFUNDOS, de Dan Totheroh

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL

"Terras do Sem Fim"

LIA CORRÊA DUTRA

Copyright de LEITURA



APROXIMADAMENTE dez anos depois de "Cacau", romance escrito por um menino de vinte anos, e cheio das qualidades e dos defeitos de uma obra de mocidade, aparece, agora, "Terras do Sem Fim", em que Jorge Amado aborda novamente o tema da luta pela terra e a história da cultura do cacau na Baía.

O menino Jorge Amado cresceu, e, crescendo, não perdeu nem o vigor, nem a generosidade, nem a audácia da juventude; para falar a verdade, não perdeu nem as extraordinárias qualidades de escritor, nem os defeitos de romancista que já estavam tão vivos em "Cacau". Não ficou privado de seus poderosos dons de narrador, como também não adquiriu a disciplina que lhe faltava. Amadureceu conservando ainda um pouco do amargo da fruta verde: sem adoçar nem aguar demasiadamente. Creio que esse é o maior elogio que se possa fazer a um autor que começou tão novo: o milagre de ter conservado, em dez anos de produção literária, e com a publicação de seu oitavo romance, todo o poder de criação.

Sem dúvida, o que preserva Jorge Amado de qualquer amolecimento, o que guarda intacta a pureza da sua obra, é o seu espírito combativo, sempre alerta contra a injustiça social; é a coerência de sua atitude diante da vida, que lhe assinala um lugar quase único entre os modernos escritores brasileiros. Aquilo em que acreditava o menino Jorge Amado é o mesmo em que acredita hoje o homem de trinta anos, na plena posse de suas faculdades e de sua força. Não houve a menor acomodação entre Jorge Amado e a sociedade: a posição de ambos continua inalterada, erguidos um em frente ao outro. E essa é a única posição em que se deve conservar o escritor que, como Jorge Amado, pretenda fazer uma obra popular, de sentido político; a única posição de quem queira levantar o histórico dessa sociedade.

A honestidade do romancista Jorge Amado, que nos deu "País do Carnaval", "Suor", "Cacau", "Jubiabá", "Mar Morto", "Capitães de Areia", devemos agora a publicação de "Terras do Sem Fim", evidentemente seu melhor romance, mas que não se afasta da direção para a qual tendiam seus livros anteriores. Em to-

dos, a mesma concepção da obra literária, a mesma filosofia da vida. E por isso que pode "contar uma história, uma história de espantar". Nenhuma timidez lhe tolhe os impulsos da criação, nenhuma hesitação quanto ao rumo a seguir; nenhum preconceito também. Não tem medo dos fatos nem das palavras: diz o que viu, o que sabe, o que pensa e o que quer, doa a quem doer, desagrada a quem desagradar. Sua obra, aliás, não é feita para agradar. Quando o autor era mais moço, navia nela, mesmo às vezes, como o desejo meio infantil de desagradar deliberadamente. Esse propósito parece ter desaparecido, ou, pelo menos, se atenuado bastante em "Terras do Sem Fim". Se desagrada agora, não é de maneira tão intencional. Isso faz com que o livro exceda os anteriores em intensidade, seja uma obra mais séria e mais viril. "Terras do Sem Fim" parece-me, ainda, purificada de certa demagogia que prejudica muitas das páginas de "Suor" e de "Capitães de Areia", do último principalmente. Quanto a mim, prefiro sempre que as verdades surjam da ação, nos fatos e das personagens, sem qualquer interferência sentimental do autor.

Apesar do extremo lirismo que transforma vários de seus trechos em longos poemas metidos no corpo do romance, e como que alheios a ele (em "Terras do Sem Fim" serviam de ilustração a essas alegações a história das três prostitutas: "Era uma vez três irmãs, Maria, Lúcia, Violeta, unidos nas correrias, unidas nas gargalhadas", em que até o ritmo é de poema, e o capítulo "O mar", passado num botequim do cais de Ilhéus) — lirismo que eu, pessoalmente, gostaria de ver mais contido, mais refeito pelo autor — sua obra é contundente, agressiva, é "uma história de espantar". Em toda ela há fome, morte, assassinatos, livres amores, palavrões, narrações cruas e cruéis. Seus heróis são prostitutas, jagunços, matadores de profissão, juizes corruptos, advogados sem escrúpulos, médicos politiquinhos, jogadores, meninos abandonados, feiticeiros, mendigos, duros senhores da terra, marinheiros e pescadores, gente rude, gente inculta, gente infeliz, gente vitimada por injustiças, gente que luta por um pouco de comida ou por um pedaço de terra; gente para quem não tem valor nem a própria vida nem a vida alheia.

Em "Terras do Sem Fim", o único valor verdadeiro e constante é o cacau, é a terra para o seu plantio. E o cacau que faz vir de longe os navios cheios de imigrantes, é o cacau que assassina os homens e faz nascer as cidades. As personagens existem e reagem em função do cacau; é ele quem está no fundo do amor, do ódio, da vingança, dos crimes e do progresso. Os homens caem aos tiros dos rifles na conquista de uma roça e de um pedaço bravo de floresta — roça e floresta que irão aumentar a riqueza dos coronéis. O sangue dos homens empapa o chão; o

solo adubado com sangue se transforma na melhor terra para o cultivo do cacau.

Atrás do cacau veem sitiantes, flagelados das zonas secas, lavradores, capangas para garantir os coronéis, advogados para defender os direitos dos coronéis (principalmente para "inventar" direitos para os coronéis e esbulhar pequenos proprietários sem apólo), médicos para tratar dos jagunços feridos nas tocas, mulheres da vida, aventureiros, fugitivos da justiça. Essa escória vai abrir novos caminhos no sertão, vai fundar os povoados, as vilas e as cidades, vai amassar, com suas mãos habituadas ao rifles ou à enxada, a pasta de suor e sangue que grudará as pedras de uma civilização.

"Terras do Sem Fim" conta a história do nascimento da cidade de Itabuna e das lutas travadas entre o Coronel Horácio da Silveira e os dois irmãos Badaró, Juca e Sinhô, luta em que são arrastados modestos plantadores, cangaceiros e colonos, gente que dela só esperam a morte ou o direito de continuar na sua escravidão. A causa das rivalidades, da fundação dos lugarejos, da transformação dos lugarejos em cidades, é o cacau, sempre o cacau. Uma das personagens do livro explica: — "Em roça de cacau, nessas terras, meu filho, nasce até Bispo. Nasce estrada de ferro, nasce assassino, caxixe, palacete, cabaré, colégio, nasce teatro, nasce até Bispo... Essa terra dá tudo enquanto der cacau. — ... Tudo é cacau, meu filho... Nasce até Bispo em pé de cacauero... Até Bispo".

O nascimento das cidades, nas terras do sem fim, se faz no meio de dores, de sangue, de gemidos, como um parto de animal. As cidades são geradas nas sementes do cacau, no visgo do cacau, no sangue dos homens que morreram lutando pelo cacau.

E, pelo livro — que, com o "Ciclo da Cana de Açúcar", de José Lins do Rego, vai reconstruindo todo o clima do Brasil agrícola do Nordeste — surgem as estupendas e vivas figuras de Sinhô Badaró, com sua barba de apóstolo, sua confiança nas palavras da Bíblia e sua inflexibilidade de chefe de clan; de sua filha Don'Ana (de olhos meigos, austera e casta em sua virgindade intocada, e de coração duro, de orgulho sombrio, capaz de mandar incendiar cartórios e plantações, de enfrentar cangaceiros com arma na mão); do Coronel Horácio; do capanga Antônio Victor; de Juca Badaró e sua ambição; de Maneca Dantas e sua lealdade de partidário; de Dr. Virgílio; do atrabiliário Coronel Theodoro; de toda uma humanidade brutal que só conhece a lei do mais forte, que ama e cultiva a violência, que faz da coragem pessoal a única virtude, raga resistente e rude de desbravadores de sertões, de pioneiros, de construtores de um mundo. De entre todas essas personagens primárias, sem complicações, destaca-se a figura bem tra-

(continua à pág. 16)

A Importância da Economia

CONSTANTINO INNANI

Copyright de LEITURA



JÁ se observou entre nós que nossos editores têm demonstrado pouco interesse pelas obras de Economia, não havendo ainda em muitas livrarias uma seção especial de livros dessa matéria, como acontece com outras, algumas menos importantes. Também já vimos, entretanto, publicada a afirmação de que atualmente quaisquer trabalhos sobre Economia, sejam de história de pesquisas, monografias ou de outra natureza, encontram um público certo, aumentando continuamente a procura de tais livros. Na verdade hoje existe por parte do público um interesse cada vez maior por obras de Economia, qualquer que seja a especialidade de que tratem, podendo até citar-se casos de edições esgotadas em períodos de tempo relativamente curtos.

O fato de ser ainda muito reduzido o número de livros de Economia de autores brasileiros faz com que a lançamento de uma obra de escritor nacional seja um acontecimento digno de atenção, merecendo tanto o autor como o editor aplausos dos que se interessam pela difusão dessa ciência em nossa terra, e que hoje não são poucos. É o caso da "Pequena História da Economia", do sr. R. Haddock Lobo (1).

✱

Ressaltar a importância do estudo da Economia ou de Finanças da divulgação dos seus conhecimentos, em nosso país, não pode ser considerado tarefa inútil, quando lembramos, por exemplo, esta observação de um notável economista norteamericano: "O estudo dos documentos oficiais relacionados com os orçamentos e a situação fiscal do país deixa-nos com a impressão do domínio de um dilettantismo profissional entre os políticos mais esclarecidos, inteligentes e capazes. Dilettantismo é a principal característica das antigas mensagens presidenciais e dos grossos volumes dos tempos recentes" (2). Além disso, muita coisa ainda está por fazer, sem se falar nos problemas básicos da nossa vida econômica, que só agora estão entrando num caminho mais ou menos propício à sua solução. Um exemplo mais? — "A bibliografia sobre história de finanças pública no Brasil não é somente pobre, mas praticamente não existe ainda" (3).

E aí está a guerra a lembrar-nos

como, nos tempos atuais, a segurança dos povos depende em alto grau de sua capacidade econômica, no sentido da produtividade, da organização e do poder de adaptação a circunstâncias inesperadas. Já em 1914 se dizia que a primeira guerra mundial tinha características especialmente econômicas e financeiras. O que dizer da segunda, em que o potencial econômico de dois países mudou o destino do mundo?

Não só as exigências elementares da vida moderna de qualquer povo, mas ainda a interdependência que faz da economia mundial um só organismo, exigem menos empirismo, mais direção científica. Não se trata apenas dos problemas da competição internacional, mas da organização e orientação da economia nacional de forma que não lhe sejam fatais, ou lhe sejam o menos possível nocivos, os abalos ou desequilíbrios externos. Principalmente quando se trata de países cuja economia é em grande parte dependente do comércio exterior, estando por isso grandemente sujeita aos efeitos da instabilidade política ou econômica internacional.

A base humana da emancipação econômica de um povo é a essencial e ela é representada pelo trabalho, no seu sentido mais amplo, desde o manual até o intelectual, cabendo a tarefa central ao economista. Muitos problemas até pouco tempo ignorados ou subestimados pelos responsáveis estão hoje amadurecendo para soluções que a guerra vem apressar. "Num mundo caótico — escreve Pigou — em que uma legislação desatinada estrangula o comércio, em que os governos, sem compreender o que significa o progresso, suprimem os benefícios do progresso técnico por meio de subsídios e de quotas, um das tarefas essenciais do economista não é tanto a de procurar novos conhecimentos, como a de difundir, em toda parte, e em todas as ocasiões possíveis, verdades econômicas amplas e elementares frequentemente desatendidas pelos que dirigem" (4).

Se lembrarmos ainda que o Brasil está vivendo atualmente um fase de acelerado desenvolvimento econômico, principalmente industrial, e que o mundo talvez será, depois desta guerra, teatro de competições de ordem econômica de vulto nunca visto antes, como não incentivar os esforços visando difundir os conhecimentos da Economia Política? Esses conhecimentos são essenciais quer à solução dos grandes problemas nacionais, quer à atividade econômica privada, e sem eles não teremos os técnicos indispensáveis ao desenvolvimento econômico do país. E grande parte dos próprios trabalhadores do comércio ou da indústria precisam, nesta época da técnica, de certo grau de cultura na qual devem ocupar lugar predominante os conhecimentos da Economia.

A necessidade de se elevar o nível profissional e cultural de nossos trabalhadores e da formação de técnicos, que vem sendo ultimamente procla-

mada com insistência em comentários e artigos de revistas e jornais, e a oportunidade de se realizarem estudos e pesquisas sobre as verdadeiras condições econômicas de nosso país e de sua história econômica e financeira, podem constituir uma indicação útil para os estudiosos de Economia e de História brasileiras e para os editores inteligentes. A atitude da Associação Comercial de São Paulo, por exemplo, editando uma revista semanal de Economia e Finanças, ou a de sua congênera do Rio de Janeiro, lançando um amplo programa visando "estender a todos os que participam das atividades mercantis a cultura geral e profissional que os coloque em nível adequado ao desempenho de suas tarefas", revelam bem o estado de espírito já existente no Brasil relativamente a esses problemas.

✱

Nas nossas condições atuais, em que os recursos econômicos do país são mobilizados para a guerra e para a paz futura, são da maior oportunidade os livros como o do professor R. Haddock Lobo, que veem nos fornecer "noções claras e precisas sobre a evolução do comércio, da agricultura e da indústria, e sobre a ação que exerceram nas mais decisivas ocorrências da História do Mundo e do Brasil". Hoje ninguém mais contesta a decisiva influência dos fatos econômicos sobre os acontecimentos históricos e o público de todos os países tem interesse e desejo de compreender os complicados fenômenos da Economia e da Política, e saber para onde estas nos levarão. É essa finalidade bem atual que a "Pequena História da Economia" vem preencher, visando, como diz o autor em seu prefácio, dar a conhecer a participação das atividades econômicas nos grandes acontecimentos históricos, esclarecendo o seu papel no passado, para melhor fazer compreender a sua repercussão no presente; salientar a decisiva contribuição de tais atividades nos progressos da civilização em geral, assim como nas guerras, nas grandes revoluções, e nos problemas internacionais de ontem e de hoje; expor as diversas fases da economia brasileira, as causas e consequências das transformações nela verificadas, a origem de nossos atuais problemas econômicos e, finalmente, como se relacionam estes com os acontecimentos mundiais e com a organização social e política do Brasil.

Embora de modo resumido, o sr. R. Haddock Lobo consegue realizar bem o seu objetivo, pondo diante do leitor um quadro bem vivo dos fatos que tem condicionado a evolução humana, desde a Pré-História até os nossos dias.

PEQUENA HISTÓRIA DA ECONOMIA, de R. Haddock Lobo — Livraria Martins Editora — S. Paulo, 1943.

EVOLUÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL, de Cia. Editora Nacional — S. Paulo, 1943.

Romain Rolland, Homem do Mundo

EDISON CARNEIRO

Copyright de LEITURA



Romain Rolland

"Podem assassinar os inocentes,
Que a força da verdade os ressus-
cita".

(Canção popular russa)

OS CAMPOS de concentração do nazismo acabam de roubar ao mundo a grande voz de Romain Rolland.

Com esse escritor, que decididamente se colocou na vanguarda dos movimentos populares contra a exploração fascista e pôz a sua pena a serviço do povo contra os ditadores e os tiranos, desaparece o herdeiro mais legítimo das tradições de luta dos intelectuais franceses, tão bem representadas no ânimo varonil com que Zola se atirou à campanha pela reabilitação de Dreyfus.

Romain Rolland foi um dos mais altos exemplos de dignidade da inteligência, no mundo. Escreveu algumas das mais belas páginas da língua francesa, algumas das páginas mais palpitantes de sentimento humano que já se escreveram em todas as línguas, em todos os países. O "Jean-Christophe", publicado nos começos deste século, era uma tomada de contato com a humanidade que ficava para além das fronteiras da França. Nunca mais abandonaria a linha de conduta esboçada nesse célebre "roman-fleuve". Em 1914, depois de alguns anos de silêncio, lançou o seu conhecido apelo aos intelectuais da Europa, no sentido de se não deixarem envolver pelo conflito, de se manterem "au dessus de la mêlée", mas e abstenção que propunha era uma abstenção ativa, de luta con-

tra a carnificina mundial que se aproximava, e a sua voz, mesmo nessa ocasião, se fez a voz de "milhares de outros que, em todos os países, não podem ou não ousam falar". Por cima das fronteiras nacionais, por cima das divergências do momento, Romain Rolland se fazia o porta-voz da fraternidade humana: "Soyez heureux".

O troar dos canhões abafou a sua voz, como a de Jaurès, mas o escritor continuou na trincheira. Encerradas as hostilidades, as campanhas populares contra a guerra, contra o fascismo, contra o preconceito racial, encontraram em Romain Rolland um dos mais destemidos combatentes. Era um homem de vanguarda, um pioneiro, e o seu nome representou os sentimentos de solidariedade, de decência e de compreensão do povo francês durante todos esses anos escuros que veem desde a mediocridade enfiada de Clémenceau até os governos para-fascistas que precederam imediatamente a Frente Popular.

Romain Rolland esteve sempre entre os primeiros na defesa da solidariedade humana. Não admira, pois, que tivesse por companheiro esse campeão dos ideais democráticos, esse Henri Barbusse de pulmões estragados pelos horrores da guerra de posição. Não admira que a seu lado estivesse o velho senador Marcel Cachin, homem essencialmente do povo, também internado num

campo de concentração da Bretanha a despeito dos seus setenta anos. Não admira a sua boa camaradagem com Maximo Gorki — sem dúvida o mais belo exemplar de humanidade de todos os tempos — uma camaradagem que o levou até Nizhni-Novgorod. Não admira que a sua palavra se esteja transformando em ação, na resistência subterrânea na França, encarnada na atividade de escritores saídos do povo — André Malraux, Jean-Richard Bloch, André Wurmser, — em comunhão com os "partisans" e os sabotadores.

Não é de surpreender que os fascistas nacionais e estrangeiros escolhessem os seus 76 anos gloriosos para alvo de humilhações e maus tratos. Os colaboracionistas de Vichy baniram da circulação o seu "Jean-Christophe", os alemães se divertiram em experimentar a sua resistência com inomináveis torturas físicas e morais. Mas nenhum fascista pôde fazer calar a sua voz, como nenhum ditador pode fazer calar a voz do povo. Romain Rolland, homem do seu tempo, homem do futuro, viverá para sempre no coração de todos os que amam a liberdade e estão prontos a morrer na defesa dos seus ideais.

A morte do grande soldado da solidariedade humana será mais um crime por que os fascistas, mais cedo ou mais tarde, terão de pagar.

UM HOMEM — E, bruscamente, Christophe viu-se deitado no lugar do morto; ouvia as terríveis palavras saírem da sua própria boca, sentia pesar sobre o coração o desespero de uma vida inútil, irremediavelmente perdida. E pensava, apavorado: "Todos os sofrimentos, todas as misérias do mundo, antes do que chegar a isso..." E, entretanto, como estivera perto! Não chegara quase a ceder à tentação de despedaçar a vida, para fugir covardemente à dor? Como se todas as dores, todas as trações não fossem pesares de criança ante a tortura e o crime de se trair a si próprio, de renegar sua fé, de se desprezar na morte!

Viu que a vida era uma batalha sem tréguas e sem quartel, na qual quem quer ser um homem digno do nome de homem deve lutar constantemente contra exércitos de inimigos invisíveis: as forças mortíferas da natureza, os desejos furros, os pensamentos obscuros, que nos arrastam traiçoeiramente ao aviltante e ao aniquilamento. Viu que a felicidade e o amor eram o engano de um momento para levar o coração ao desânimo e à abdicação. E o pequeno puritano de quinze anos ouviu a voz do seu Deus:

— Vai, segue, sem jamais repousar.

— Mas, onde irei, Senhor? Faça eu o que fizer, onde quer que vá, o fim não é sempre o mesmo, o termo não está ali?

— Ide morrer, vós que deveis morrer! Ide sofrer, vós que deveis sofrer! Não se vive para ser feliz. Vive-se para cumprir a minha lei. Sofre. Morre. Sé, porém o que deves ser: — um Homem. — De "Jean Christophe" — "Romain Rolland" — edição da Livraria do Globo.

TERRA DE FRANÇA — Querida terra, querida terra, nunca duvidarei de ti! E mesmo que tuas provações fossem mortais, ser-me-ia isso mais uma razão para conservar até o fim o orgulho de nossa miséria no mundo. Não quero que a minha França se encerre num quarto de dormite, contra o ar do exterior. Não faço questão de prolongar uma existência doentia. Quando, como nós, se foi grande, vale mais morrer do que deixar de sê-lo. Que o pensamento do mundo se atire contra o nosso! Não o temo. A torrente passará depois de ter adubado minha terra com o seu limo. De Romain Rolland "Jean Christophe" — Edição da Livraria do Globo.

Vida de Gonçalves Dias

ASCENDINO LEITE

Copyright de LEITURA

ESCREVENDO sobre Raul de Leoni, afirmou Ronald de Carvalho certa vez que o prazer de pensar deixa geralmente no espírito um pouco de melancolia, pois é feito de sacrifícios. Diria certamente o mesmo do prazer de evocar, essa febre de reviver ambientes ou figuras do passado, tão característica dos biografos modernos. Quero acentuar com isso que talvez não sejam menores os sacrifícios que ocorrem a todos aqueles que tentam reconstituir das sombras de um passado bem morto e distante os traços marcantes de uma personalidade ou os delineamentos de uma vida humana apanhada nos seus convenientes elementos de realidade.

Publicando agora uma biografia de Antonio Gonçalves Dias, um nome que por si só representa uma época literária em um largo estágio de verdadeira poesia nacionalista, — a sra. Lucia Miguel Pereira demonstra eloquentemente que seu sentimento de admiração pelo poeta não se revestiu de menos melancolia, quando narra os sofrimentos do seu biografado, nem lhe exigiu esforço modesto ao tentar evocá-lo. Nas três centenas de páginas que lhe dedicou acumulam-se as provas de simpatia e respeito à figura do cantor de "Timbiras", cuja existência reconstitui com acentuado e comovido interesse de nada ocultar, de nada perder, para melhor projetá-la à luz da atualidade. Sente-se, no desenvolvimento da obra, que a sra. Lucia Miguel Pereira levou muito adiante essa preocupação, não tendo sido, entretanto, nunca excessiva nos métodos empregados para a realização do notável trabalho que em nada fica a dever ao seu penetrante estudo de Machado de Assis.

Faltava-nos até então, sobre Gonçalves Dias, essa obra de percuciente sentido cultural que, afinal, chega como contribuição definitiva ao estudo completo da vida e dos empreendimentos literários do nosso poeta indianista. E' bem verdade que existia uma bibliografia respeitável, derivada da observação e do apaixonamento de muitos espíritos, deste e de outros países, pelo grande mestiço brasileiro, bibliografia dispersa e mal coordenada, todavia valiosa e a que a sra. Lucia Miguel Pereira dispensou a atenção merecida.

O valor imediato, além da sua indiscutível importância literária, do trabalho agora escrito está em ter sido dada à documentação e bibliografia existente uma ordem precisa, uma cuidadosa disposição, donde foi possível colher todos os elementos de compreensão da tragédia de Gonçalves Dias num aproveitamento em bloco. Essas foram as fontes positivas das quais a sra. Lucia Miguel Pereira extraiu um contingente precioso de conclusões para a exata fixação do drama em que se resumiu a vida do poeta da "Canção do Exílio". Outro manancial de esclarecimentos deveras interessante encontrou a escritora na própria obra poética de Gonçalves Dias, rica de registros pessoais, autobiográficos quasi — reflexos dos seus estados de espírito nas horas de ventura e nos momentos adversos — e



GONÇALVES DIAS

tão marcada dos seus sofrimentos e desgastamentos. A sra. Lucia Miguel Pereira soube traduzir com agudeza de inteligência e muita intuição penetrante o jogo de emoções fortes e insopitadas que o poeta transportou para as suas estrofes; soube descer às zonas mais sensíveis dessa alma atormentada pelo encontro das duas raças e desencontros do amor. E é precisamente da análise de seus versos que vemos sobressair, em nítido relevo, a figura moral de Gonçalves Dias, humana, admirável, profundamente lógica em todas as situações, até na tragédia que o sepultou no fundo mar, à vista da terra natal. A sua ilustrada biografia tornou patente a essa altura, o quanto de melancolia lhe ia deixando no espírito a evocação das peculiaridades daquele temperamento singu-

lar, cedo desiludido nas aspirações do seu romantismo insatisfeito. Pois não é com outro sentimento que se acompanha, através das páginas comovidas escritas pela sra. Lucia Miguel Pereira, a vida de Gonçalves Dias naqueles anos de amores inquietos e desencantados, de seu peregrinar tristonho pela França, pela Bélgica, pela Alemanha, mesmo quando tinha a iluminar-lhes, com um mundo de ternura e apaixonamento, as formosas cartas literárias e o amor verdadeiro de uma Celine.

Para os que não conheciam em Gonçalves Dias senão o poeta, o novo trabalho da sra. Lucia Miguel Pereira contém ainda um apreciável centro de interesse: revela o valor dos trabalhos de etnografia e história a que se dedicara o notável lirico das "Americanas", abrindo caminho aos estudos científicos através dos quais vimos procurando revelar e valorizar as coisas da nossa terra e da nossa gente. Vê-se que não só pela poesia, de que em nosso país foi um dos valores mais altos, Gonçalves Dias afirmou-se também — pelo sentido de objetividade de sua erudição científica, de sua obra de pesquisador, aplicadas ao Brasil e à América, — uma das maiores expressões da nossa cultura.

De hoje em diante será impossível escrever-se sobre o poeta das "Sextilhas de Frei Antônio" sem se consultar antes o belo livro da sra. Lucia Miguel Pereira, um modelo no gênero das modernas biografias, realizado com força criadora inextinguível.

VIDA DE GONÇALVES DIAS, de Lucia Miguel Pereira — Coleção Documentos Brasileiros — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

"TERRAS DO SEM FIM"

(continuação da pág. 13)

çada de Ester, com seus pavores noturnos e suas inibições de menina criada em collegio de freiras.

Embora movimentando tantas personagens, o que, forçosamente, dilui e espalha a análise dos caracteres, Jorge Amado não faz erros de psicologia. Seu romance não é introspectivo, mas suas figuras são marcadas, seguras e lógicas. E' que a gente que ele cria tem, como ele próprio, a capacidade de seguir o seu caminho e combater pelo que quer. Ele entende, e é ama suas criaturas: ele palpita durante todo o livro de ternura por elas: ternura pelo negro Damião chorando nos caminhos, ternura por Sinhô Badaró que mata sem vontade de matar, ternura pela moleca Raimunda com sua cara

amarrada, ternura pelo Coronel Horácio (ternura que se extravasa, sem que ele a possa conter, na cena do julgamento, o Coronel em pé, de braços cruzados, ouvindo os debates junto ao banco vazio do réu). Esse amor do romancista pelas suas personagens arrasta às vezes Jorge Amado a tomar partido, a intervir na narração, a derramar um lirismo talvez exagerado, mas também faz de seu livro um grande romance, apesar dos defeitos que se lhe queiram apontar, e transforma a luta de duas famílias baianas pela posse de uma floresta, no grande poema épico do cacau e das terras do cacau.

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado — Romance — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1943.

OS INTELLECTUAIS — Os intellectuais, diz Romain Rolland, se formam imobilizados por uma ideologia que é mais ou menos rica e matizada, mas que surge sempre das entranhas do espirito como sae do ventre o fio da cranha, e muito menos adequada que esse fio para prender-se nas arestas das coisas". "Par la révolution, la paix", pág. 126.

"O Grande Ditador"

GERALDO DE FREITAS

Copyright de LEITURA

UM DOS fenômenos mais admiráveis de nosso tempo, muito mais que o da aparição dos "iluminados" salvadores da humanidade, é o da mocidade da Inglaterra, da sua capacidade de renovação, da força substancial de suas idéias, no sentido de acompanhar a marcha da civilização na busca da melhoria da vida humana.

Depois de cada guerra, apesar de não ser a criadora dos princípios que proporcionam ao homem novos e vastos horizontes, a Inglaterra procura chegar-se ao sol abrasador dos reformadores sociais e deixa florir nos sulcos abertos pelos mártires e lutadores de outras terras e planta vigorosa das conquistas sociais.

Um povo, naturalmente, não se consegue nunca sair do estado de escravidão material ou mental, se lhe faltarem os homens decididos, de fé indestrutível, de convicções inabaláveis, de espírito livre e de coração leve, capazes de remexer no ramerrão da vida, de produzir grandes abalos, como se fossem correntes de uma fantástica fonte de energias elétrica.

A Inglaterra não submergiu ainda na obscuridade, caindo de sua presença imperial no mundo, como tantos outros povos que vivem de recordações de grandezas passadas, porque não lhe tem faltado os mágicos de sua influência material e espiritual entre todos os homens. Esses mágicos, dotados de uma vastidão de salutar humanidade, amparam as energias da nação, que o dinheiro seria incapaz de sustentar, deteriorando-as, pelo contrário. Quem mais que Bernard Shaw colocou nos corações a história das ilhas britânicas, os seus erros e os seus encantamentos? Quem mais que Winston Churchill, falando oficialmente, despertou a fé nos destinos humanos da Grã Bretanha? E agora, que melhor fonte de luz poderia abrir clareiras no mundo opressivo das libras que o livro de H. G. Wells, "O Grande Ditador", sátira enorme sobre os costumes britânicos, as ansias de renovação social, a escola dos demagogos e dos cesares mirins criminosos e covardes?

O famoso escritor, um dos gênios mais curiosos do nosso século, espírito sempre jovem, impregnado daqueles versos de Walt Whitman na "Canção da Estrada Livre", agita-se unicamente, tudo examinando, tudo perquirindo, tudo indagando, apresentando e debalendo sugestões como um novo Sócrates, incapaz de subordinar-se a qualquer tirania, por melhores argumentos que os falsos iluminados apresentem para explorar o povo, adiantando-se sempre muitos anos além das possibilidades atuais do engrandecimento popular.

Wells, em "O Grande Ditador", na simplicidade de uma novela satírica, discute os mais momentosos assuntos que atormentam a humanidade de nos-

sos dias, desde a questão educacional na Inglaterra, com seus colégios tradicionais, impondo uma educação falsa e acima das massas, a influência materna sobre o destino dos filhos, o papel das solteironas na vida infantil, a literatura de ficção, os guerreiros, os religiosos, os ateus, a desintegração da civilização, os conservadores britânicos e o seu império mundial, o anti-semitismo, as relações entre a Inglaterra e os Estados Unidos, a saúde do povo e o papel da mocidade, a democracia e as ilusões das massas, os sistemas sociais, os caudilhos políticos "amantes" do mundo, e no meio de todos esses absorventes problemas, fermentando no coração dos homens, o aparecimento do "grande ditador", que destrua todos os sistemas sociais, todas as religiões a propriedade privada, tudo, enfim, que existia, para construir uma nova ordem.

Wells debate página a página de seu livro, num entrosamento de personagens admiravelmente bem conduzidas, todas as perguntas que fazemos diariamente, isto é, como será o mundo futuro, o que estamos fazendo para chegar até lá, os tropeços e as traições que o povo tem sofrido e ainda sofrerá até o dia de sua direção dos assuntos que lhe dizem respeito, como ainda recentemente afirmou o vice-presidente Wallace, dos Estados Unidos, anunciando que o novo mundo será o mundo do homem comum. Também esse desejo é analisado pelas figuras que aparecem no "O Grande Ditador".

No fim do livro, para felicidade do leitor, o terrível amo da nova ordem no mundo, é assassinado, como acontece sempre a todo ditador, e então surge uma era mais sadia, mais prospera, os corações palpitam confiantes, desaparece o medo, surge a liberdade de crença e o direito de vida para todas as criaturas.

Naturalmente, e porque somos espíritos livres e temos as nossas próprias convicções e modos de encarar a vida, discordamos de muitas soluções que despontam nos capítulos de "O Grande Ditador". Wells, pela sua poderosa cultura e pela sua sempre renovada curiosidade, servida por uma inteligência fecunda, de certo, tem elementos melhores para chegar às conclusões que seu livro sugere, sem, no entanto, forçar nosso modo de ver as coisas e o mundo. Se há um livro que é no mar alto da confusão espiritual do mundo de hoje, uma estrela alumando o caminho da futura paz e convivência digna entre os homens, esse livro é a terrível sátira de Wells contra a demagogia e as ditaduras.

O GRANDE DITADOR, de H. G. Wells, em tradução de Marques Rebelo — Secção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio, 1943.

A VERDADE E A VIDA — A verdade não é um dogma duro, segregado pelo cérebro, como uma estalactite pelas paredes de uma gruta. A verdade é a vida. Não é na cabeça de vocês que deve ser procurada. É no coração dos outros. Unam-se a eles. Pensem tudo o que quiserem, mas tomem diariamente um banho de humanidade. É preciso viver da vida dos outros e submeter-se ao próprio destino, e amá-lo. — Romain Rolland — "Jean Christophe" — Edição da Livraria do Globo.

OUTUBRO DE 1943

AMERIC=EDIT.

Já publicados

RABOLIOT, roman

(Prix Goncourt) -

par Maurice Genevoix

Cr\$ 22,00

HISTOIRE DE L'EGLISE

Préface de S.
E. le Cardinal Bau-
drillart,

par Paul Lesourd Cr\$ 20,00

LA MATERNELLE, roman

(Prix Goncourt)

par Léon Frapié.. Cr\$ 22,00

LA MAISON DE DANSES,

roman par Paul Re-

boux Cr\$ 20,00

AZIYADE', roman

par Pierre Loti .. Cr\$ 20,00

LA RÉVOLUTION FRAN-
ÇAISE

par Pierre Gaxotte

(2 vols.) Cr\$ 42,00

LES DIVERSES FAMILLES
SPIRITUELLES DE LA
FRANCE

par Maurice Barrès

de l'Ac. Française.. Cr\$ 20,00

DANTE

par Louis Gillet, de

l'Ac. Française .. Cr\$ 24,00

THERÈSE RAQUIN, roman

par Emile Zola ... Cr\$ 22,00

THAÏS, roman

par Anatole France

de l'Ac. Française Cr\$ 20,00

AMERIC=EDIT.

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso

Auto * Retrato

DIAS DA COSTA VISTO POR DIAS DA COSTA

PARA saber, de fato, como sou, consulto o meu certificado de reservista. Lá, entre outras coisas, verifico o seguinte: nasci em 1907, no município de Salvador, Estado da Bahia, sou vacinado, sei ler e escrever, de cor morana, com um metro e cinquenta e cinco centímetros de altura, nariz oval, rosto regular, boca regular e, para espanto meu, não tenho sinais particulares. Confesso que fico meio encabulado. Onde já se viu um cavalheiro que se presa não ter sinais particulares? Mas, queira ou não, não posso fugir à evidência: não tenho sinais particulares. Logo me consolo. Não tenho sinais particulares no físico. Mas no resto... Tento me lembrar como sou. Antes de tudo, tímido, para pedir favores e emprego, para as relações sociais e mundanas. Creio que isso provém de várias causas. Entre outras, complexo de inferioridade e educação luso-nortista, do "não pode", do "faz mal", do "saia do sol, menino", das crendices, das assombrações e de outros "lobishomens" menores. Bem, mesmo assim, constato que não avancei muito. Descobri apenas duas coisas: que não tenho sinais particulares e que sou um sujeito meio esquerdo. Convenhamos que isso é muito pouco, mesmo para um retrato de meio corpo. Que fazer, então? Talvez, caso o faça com jeito, consiga alguma revelação, se estudar as minhas preferências mais marcantes. Muito bem, então, mãos à obra: não gosto de pimenta, não adoro o Senhor do Bonfim, não faço discursos, não sou "fan" do gênio espetacular de Rui Barbosa.

— Mas você não nasceu na Bahia?

— Nasci, sim senhor, por que?

— Por nada. Era só para saber.

(Revelo que esse diálogo foi feito comigo mesmo e ninguém teve notícia dele).

Depois disso, verifico que o processo de sondar as preferências não é dos melhores. Afinal, consegui apenas descobrir algumas coisas que não prefiro. Tento outro expediente. Espero ficar distraído, viro-me para mim mesmo e pergunto sem aviso prévio:

— Mas, afinal, que é que você é?

— E?!!! Eu sou é anti-fascista.

— Sô?!!!

— Só, não. Também sou torcedor do Flamengo.

— Ah, bem.

E encerro a discussão. Encerro porque tenho uma idéia. A mim, também, acontece ter uma idéia de vez em quando. Já que não consigo me encontrar, procurando sozinho, vou o que pensam os outros a meu respeito. Um amigo, num dia de otimismo, escreveu o seguinte:

"Pessoalmente, um sujeito baixo, de dentes maliciosos e de conversação absorvente".

Gosto do "malicioso" e de conversação absorvente. Gosto tanto, que até gosto o "sujeito baixo e de dentes". Mas, gostando ou não gostando, não

avancei muito no retrato. E, uma vez que prometi, preciso fazê-lo. E' quando me lembro que se me pediram o retrato é porque fulgam de algum valor o que eu já fiz na vida, desde aquele ano de 1907, em que nasci, até este belicoso ano de 1943 em que estou vivendo. E dou de procurar,



DIAS DA COSTA

com verdadeira ânsia, o que já fiz na vida. Olho para trás no tempo e encontro um vazio tão grande que me alarma. Adoto a ordem cronológica, como preconizam os bons historiadores. Foi revisor de jornal, escrivão interino de coletoria, funcionário de companhia de seguros, secretário e redator-chefe de revistas diversas, tradutor de agências telegráficas, funcionário público... Não sou bacharel, nem médico, nem engenheiro, nem dentista, nem protético, nem perito-contador. Então, porque diabo devo escrever um auto-retrato. Talvez porque publiquei um livro, um pobre e inocente livrinho, aí pelo ano de 1939. Mas, a obrinha, pelo que eu sei, não teve

nem no momento, nem depois, a menor importância. Não ofereceu nada de novo à humanidade, não serviu para ser dada de presente a qualquer namorada de boa família, não mereceu artigos elogiosos dos amigos de confiança, não foi melhor nem muito pior do que tantos outros livrinhos que andam por aí criando meio nas tranquilas prateleiras das livrarias. O livro contava umas histórias simples, que eu supuz interessantes. Outras pessoas disseram que as histórias chegavam a ser quase tão imbecis quanto o autor do livro. Entre as pessoas que pensaram assim, estava, por exemplo, o sr. Wilson Louzada. Era crítico do jornal "Dom Casmurro" e escreveu o seguinte:

"Os seres dos contos de Dias da Costa não impressionam ninguém. São fragéis, não possuem vida suficiente para a nossa memória, por mais sentimental que ele seja. Objetivo em excesso, imaginativo sem a nota lírica, o contista de "Canção do Bêco" raras vezes consegue fugir do convencional e do monótono".

E o sr. Mario de Andrade, crítico de maioridade intelectual comprova a, não teve dúvida em afirmar rotundamente:

"Evidentemente, percebe-se que o autor é uma inteligência por demais vigorosa para "ir na onda" do livro que escreveu e se decidiu a publicar. Publicou-o assim como é e como ele quis que fosse: um livro triste, um livro errado, um realismo bravo, parvo agudo".

Que importa que outros, com alguma boa vontade, tivessem descoberto, aqui e ali, qualidades discretas nas histórias? Preferi adotar a opinião do Sr. Mario de Andrade e do Sr. Wilson Louzada.

Assim, conforme se verifica pelas opiniões citadas, a única coisa que tentei fazer de bom, foi um fracasso.

E é por tudo isso que, ao rabiscar o auto-retrato pedido por "Leitura", vejo-me forçado a citar um personagem meu, (assim não serci acusado de roubar os alheios) que também procurava se encontrar:

"Dei hoje um balanço geral em meu quarto e na minha pessoa. O meu quarto não tem quase nada e, no entanto, estou quase satisfeito com ele. Mas, fiquei tão triste com o outro balanço".

ESCOLA PRIMARIA DE EDUCAÇÃO POLITICA — "Diante do mundo e da vida, ele (Romain Rolland) não aprovava, é verdade, o jhar frio do Buda (moral); mas sustentava, com tenacidade, os direitos indeclináveis do intelectual de levar com orgulho a máscara contra o gás. A guerra primitiva, a revolução russa depois lançaram-no no fervor da vida, no torvelinho do drama sangrento. Basta reler as dezenas de artigos, mensagens, polémicas que brotaram então de sua pena, para compreender até onde seus dois livros recentes — "Quinze anos de combate" e "Pela revolução, a Paz!" — são o diário doloroso de um espírito que se vê arrancado aos pedaços da carne viva da alma, os preconceitos, as mentiras, as ilusões, depositadas em largos anos de educação burguesa. Dia a dia nos mostra como a revolução e a guerra foram para ele — e com ele, para um punhado de intelectuais honrados — uma escola primaria de educação politica. Escola primaria, em efeito, porque tinham de aprender tudo de novo". De "Erasmio a Romain Rolland", de Anibal Ponce — Págs. 107-108, Libreria y Editorial "El Ateneo" — Buenos Aires.

Paulo Prado e a Sociologia Brasileira

FRITZ TEIXEIRA DE SALES

Copyright de LEITURA

TOBIAS BARRETO dizia que o brasileiro em lugar de se orgulhar dos nossos grandes homens, gaba-se dos nossos grandes rios. Pretendia com isso, o irreverente pensador sergipano, atacar a tão calada historiografia do "Porque me ufano do meu país". Historiografia essa que somente muitos e muitos anos após a morte de Tobias Barreto, já no período do modernismo, teve que ceder seu lugar à imposição decisiva da nova mentalidade que se instalava no Brasil.



PAULO PRADO

Os abalos sociais e econômicos que sacudiram a infra-estrutura da vida brasileira, não poderiam deixar de abalar também a super-estrutura, ocasionando a sua consequente revisão de valores e preconceitos, sua destruição de ilusões de mentiras oficiais e oficiais.

Nunca será demais falar na chamada crise do café e suas amplas consequências na vida mental brasileira e no panorama de nossas idéias gerais.

Foi aí nesse período pre-revolucionário que vai de 1920 a 1930, que surgiu o "Retrato do Brasil". Livro de crítica e de combate, de coragem e desassombro. O "Retrato do Brasil" surgiu precisamente quando era indispensável seu aparecimento, desenvolvendo uma tese que, embora não fosse muito original, nem tão pouco muito certa, pois que situa a sociologia brasileira numa base interpretativa unilateralmente psicológica. Este pequeno livro de crítica social

teve enorme influência na formação intelectual de mais de duas gerações de jovens brasileiros.

Esquematisando a vida afetiva, econômica e emocional do homem do Brasil na trilogia "luxúria", "indolência" e "tristeza", fazendo-a dependente de toda a nossa super-estrutura social e de toda a nossa base econômica desta constante psicologia, entusiasmado com o fulgor cintilante da sua tese, Paulo Prado se esqueceu da determinante primordial da evolução formativa das sociedades humanas, confundindo mesmo, até certo ponto, a causa com o efeito, ou pelo menos, dando mais importância às consequências psicológicas, do que às suas próprias causas.

Feita esta restrição inicial indispensável, resta-nos observar o admirável valor crítico da obra de Paulo Prado. Como historiador e analista da vida social do Brasil pre-revolucionário. Esta obra merece a nossa admiração e o nosso aplauso, porque foi um trabalho corajoso e honesto, que abriu o caminho, serviu de exemplo e encorajou muitas e muitas inteligências desarvoradas e dispersas por uma irresponsabilidade e levianidade intelectual, que tantos males nos causaram, males cujas consequências até hoje ainda sofremos.

Museus destruídos pelos Nazis

A CASA-museu de Tolstói, que fora destruída pelos alemães quando da ocupação de Yasnaya Polyana, já se encontra totalmente reconstruída sob a direção da Academia de Ciência da U.R.S.S.

O dormitório de Tolstói e a biblioteca, bem como o dormitório de sua mulher já têm o mesmo aspecto anterior. Muitos outros museus da URSS enviaram novos documentos e objetos que vieram substituir os que foram roubados ou destruídos pelos nazistas.

Agora, o museu conta com uma nova seção chamada "O Vandalismo dos nazis em Yasnaya Polyana", na qual se exibem diversas fotos do estado em que os alemães deixaram este museu: restos queimados de estantes construídas pelo próprio Tolstói; o retrato do escritor feito em pedaços, uma inscrição escrita e assinada por um soldado alemão Torn Siber, em 1.º de novembro de 1941, que diz: "Os alemães velam pela conservação dos valores culturais". O lugar está vazio e o quadro foi roubado ou destruído, motivo porque os russos atribuem à inscrição um sentido irônico e de mofa para com o valor cultural do Museu de Tolstói.

Na região de Poltava os alemães destruíram, durante a ocupação, o museu de Gogol.

Gogol nasceu em Sorotchibitz e aí passou os anos de sua infância, e sua casa foi convertida em Museu que constantemente se enriquecia com presentes do Estado e de particulares. O seu estado atual é lamentável.

É de estranhar portanto, que a imprensa brasileira em geral e os nossos suplementos literários em particular, tenham comentado tão laconicamente a morte de um escritor como Paulo Prado. Filho da famosa e decantada aristocracia paulista, o autor de "O retrato do Brasil", que soube se libertar da comodidade fácil do seu meio para ser um pioneiro da crítica democrática, do livre e ventilado debate de idéias, da destruição da historiografia falsa do "Porque me ufano do meu país", dos latifúndios intelectuais e muitas outras deficiências alarmantes da história do pensamento brasileiro.

Neste sentido, destaca-se expressivamente na obra do historiador paulista aquele belíssimo "prefácio" do seu último livro, "Paulística". Aqui é que podemos admirar melhor a honestidade intelectual, a coragem e a firmeza das convicções democráticas que caracterizaram o pensamento e a obra de Paulo Prado. É por tudo isto que lamentamos o seu falecimento como perda inesquecível e mesmo, irremediável para a vida literária do Brasil.

Entretanto, resta-nos o consolo de saber que seus livros tão úteis para as gerações passadas, continuarão através do tempo, esclarecendo e orientando as gerações futuras.

Os alemães quebraram os vidros das janelas, arrancaram as portas, foguearam na rua preciosas edições das obras de Gogol e valiosos documentos, queimando-os aos montões com móveis e objetos diversos. Suas cartas sofreram a mesma sorte. Numerosos bustos do famoso escritor e seus contemporâneos e amigos foram utilizados como alvos. As autoridades desconfiam de não poder reconstruir este museu.

Já estão reconstruídas as obras de restauração da Casa-museu de Tchaikóvski, em Klim, destruída pelos fascistas no ano passado. Foi restaurada tal como estava durante a vida do compositor no último lustro de século XIX.

Nas salas da casa se fez uma ampla exposição sobre o tema: A Vida e a Arte de Tchaikóvski. Os visitantes podem ver na seção "O fascismo destruidor da cultura", diferentes objetos do museu destruídos pelos fascistas durante a ocupação em Klim: os bustos dos compositores Tchaikóvski, Glazúnov e Glinka, os originais das primeiras óperas e ballets de Tchaikóvski, notas, livros e manuscritos com as marcas das botas dos soldados e oficiais alemães, com folhas queimadas e pedaços soltos.

A Casa-museu de Tchaikóvski realiza um grande trabalho educador e cultural nos kolхозes, hospitais, fábricas, etc., divulgando a vida e a obra do grande compositor, e oferecendo as conferências com trechos musicais escolhidos.

Papai J. Arnold Ross

LEONARDO ARROIO

Copyright de LEITURA

O GRANDE desenvolvimento da indústria do petróleo nos Estados Unidos data aproximadamente do período em que se desenrolou a Grande Guerra, quando então as possibilidades do "ouro negro" se abriam em perspectivas grandiosas, forçadas pela situação que o país atravessava. Os proprietários de terrenos petrolíferos ainda não haviam compreendido a riqueza de que eram possuidores e que andava sob seus pés adormecida. Praticavam a agricultura quando a terra permitia pela sua fertilidade, criavam o gado em pastos ralos e viviam, na grande maioria das vezes, em uma situação verdadeiramente miserável. Por outro lado, a espreitar a ignorância dessa gente, havia outra gente de larga visão, capitalistas audaciosos, empresas a cuja frente se achavam homens sem escrúpulos e requintados na prática persistente do "wild-catting", (processo deshonesto de valorização de terrenos para sua posterior aquisição) que lhes facilitava a posse das terras cobijadas por uma ninharia.

Foi nesse ambiente de inicial agitação econômica que Upton Sinclair situou o seu romance recentemente traduzido por J. Jobinsky, para a Pongetti. E foi ainda dentro desse panorama que ele fez viver, através de quase trezentas páginas, papai J. Arnold Ross e seu filho Bunny como personagens centrais de um fato que nos pareceu a suprema finalidade do autor — a aproximação do trabalho com o capital.

De início, "Petróleo" dá a impressão de uma sátira cujo sentido é sempre mais doloroso que os fatos apresentados, maximé quando o autor de "Feriado Romano" mostra o milagre das faixas de cimento, a insolência da buxina do automóvel e aquelas paisagens da Califórnia do Sul onde as árvores seriam substituídas brevemente pelas torres petrolíferas. Papai J. Arnold Ross é um homem de ação. No cérebro tinha a pontualidade de um eclipse de sol" e na boca um grande charuto apagado, "reminiscência dos dias rudes de outrora, quando mascava o fumo conduzindo animais de carga". Porque Papai J. Arnold Ross já havia passado maus bocados na vida, trabalhara como um mouro para manter o seu lar e sua mulher.

Um dia porém, cansada de suportar as amarguras de uma vida pobre, mamãe J. Arnold Ross disse ao marido que ele não era um homem de ação. E abandonou-o. Esta atitude da mulher transformou-se num recalque prodigioso. E papai J. Arnold Ross — se tudo aquilo era questão de dinheiro e de seda — passou a ser um magnata do petróleo. Meteu-se em aventuras industriais, cresceu, ficou rico, um homem de ação e de valor.

Esse recalque acompanha-lo-ia pela vida inteira. Da separação do casal ficaram-lhe dois filhos: Bunny e uma menina. Bunny será educado com o pai, seguirá todos os passos de papai através das estradas da Califórnia, observará a maneira de papai fazer os negócios, não dirá nada sem ser cha-

mado a falar e prestará, sobretudo, atenção às frases lapidárias e sábias de papai J. Arnold Ross — "sede um especialista em qualquer ramo do vosso mister" — "toma cuidado com as pessoas que te tomam por um poço de petróleo e tentam explorar-te". Em determinadas épocas do ano Bunny receberá lições de um professor particular, "um homem moço, magro, muito modesto, de olhos azues lânguidos" que "fora contratado sob a condição expressa de que o petróleo estaria acima da cultura". A obsessão de papai J. Arnold Ross é a possibilidade que aconteça ao filho a mesma coisa que lhe aconteceu — a traição de uma mulher.

Agora este aspecto espiritualmente dramático do romance, que apesar de tudo decorre num ambiente de aridez e ausente de poesia humana, ressalta aquele ponto que observamos acima — a aproximação do trabalho com o capital.

Observe-se, porém, que o romance de Upton Sinclair tentando uma tese difícil é porisso mesmo absolutamente destituído de humanidade. Falta-lhe a estranha identidade do autor com os personagens. Apesar disso é um livro que vale a pena ler. Ele ilustra muito bem o que foi aquele movimento observado nos Estados Unidos por ocasião do surto do petróleo. Parece-nos que as únicas páginas onde transparece humanidade, marcada embora pela miséria, são as que tratam da família Watkins com aquele soberbo e esforçado Paul. Esta família foi despojada de suas terras pela ganância de uma hipoteca bancária. Bunny interessa-se pela família porque ficara vivamente impressionado com a recusa de Paul quando lhe oferecera "dinheiro do seu pai". Ai está o primeiro e talvez único interesse humano do livro, mais acentuado pela figura de Eli, fanático religioso, que se intitulou profeta da Terceira Revelação.

Outros pontos interessantes do livro — a greve dos operários, as famosas "usinas abertas", onde não são admitidos operários sindicalizados, o traço de união de idealismo que representa Bunny entre seu pai e os trabalhadores.

Mas ao fim do romance, entretanto, fica-nos a certeza desolada de que Upton Sinclair não conseguiu a aproximação sonhada. Foi inútil todo o sentimentalismo ideal de Bunny?

Quem sabe? A cerca de arame farpado, separando os poços das casas dos operários em greve será — espere-mos — destruída pela compreensão e pela justiça e pela fraternidade. São caminhos abertos. E as roseiras, plantadas defronte às casas erguidas pelo idealismo de Bunny, florescerão novamente, belas, perfumadas, como os grandes dias que ainda não morreram na esperança dos homens.

PETRÓLEO, de Upton Sinclair, em tradução de J. Jobinsky, revista por Marques Rebêlo — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1943.

NOVIDADES

A FAZENDA

romance filmado —
Louis BROMFIELD
— Trad. de Marina
Guespari Cr\$ 18,00

O CISNE NEGRO

romance filmado —
Rafael SABATINI —
Col. "Os Audazes" Cr\$ 8,00

FRANKHESTEIN,

o Criador e o Monstro

romance filmado —
Mary SHELLEY —
Trad. de Siela Mar-
tins Paredes Cr\$ 10,00
romance filmado —

ABANDONADOS

Nevil SHUTE —
Trad. de Cruz Cor-
deiro Cr\$ 13,00

A BASE BIOLÓGICA DA NATUREZA HUMANA

Obra fundamental,
profusamente ilustra-
da, do célebre cien-
tista americano JEN-
NINGS — Trad. de
Dr. Fabio Leite Lobo Cr\$ 40,00

A MULHER E OS SEUS TRANSTORNOS SEXUAIS,

pelo Dr. Leonardo
C. PERRUSI — Trad.
do Dr. Luiz Paulino
de Melo — Com pro-
fusas ilustrações e
fotografias Cr\$ 22,00

MEDITAÇÕES DO CAMI- NHANTE SOLITÁRIO

Jéan Jacques ROUS-
SEAU — Trad. de
J. Dubois Júnior
(Co. "Os Grandes
Pensadores").

CAIRU' — Precursor da Economia Moderna

Biografia — José
SOARES DUTRA Cr\$ 8,00

AMOR, SUPREMO AMOR

Coletânea das mais
belas produções do
excelso lírico Hein-
rich HEINE — Trad.
de Edison Carneiro Cr\$ 10,00

PARA COMPREEN- DER FREUD,

por Gastão Pereira
da Silva — Sexia
edição Cr\$ 15,00

AS MÚLTIPLAS VIDAS DO CONDE DE CAGLIOSTRO

Biografia — Constan-
tin Photiadés — Trad.
de Roberto Pessoa . . Cr\$ 20,00

OS VIVOS MORTOS

romance — Eduardo
Zamacois — Trad.
de M. de Abreu . . . Cr\$ 14,00

NAS LIVRARIAS

Pelo reembolso postal

CASA EDITORA VECCHI LTDA.

Rua do Rezende, 144
RIO DE JANEIRO

A eterna submissão

OSVALDO ALVES

Copyright de LEITURA

NAO sei de ninguém mais revoltado contra a limitação imposta ao destino do homem do que aquela quase trágico personagem de Ferreira de Castro em "ETERNIDADE". A morte de Helena faz nascer nele um sentimento de humildade tão grande, que todos os seus atos vêm precedidos de uma pergunta: "Para que se um dia tenho de morrer?" Juvenal Gonçalves representa a universal aspiração de que a morte seja vencida; representa a máguia, o desespero, a impotência do homem, diante da lei inflexível que reduz o pensamento, o amor, a própria condição humana a um sentido efêmero.

A morte de Helena diminui aos seus olhos o sentido da vida, desvirtua a realidade, dando-lhe um aspecto mesquinho. Aquela que ficou no cemitério da Sintra enche o seu pensamento estabelecendo um ponto de partida para a análise de um problema que determina milhares de outros, produzindo as mais variadas sensações num círculo que jamais apresenta um caminho por onde as idéias possam distender-se, livres.

Perdida a fé, tudo o impede de aceitar o destino sem a clássica pergunta. A fé que mantém desperta a vontade. E Juvenal não se sente com forças para dizer como o advogado Max disse a Bigger, no "FILHO NATIVO", de Wright, apontando o casario: "Não é o cimento e o ferro que as mantêm de pé. É a fé do homem. Se o homem deixasse de crer, se deixasse de ter fé, tudo aquilo viria abaixo". Juvenal, porém, está longe de ser um cético. Abandonando a fé com o apelo da realidade simples, ele desloca os princípios, remove a base que a sustenta — e ensaia um imenso vôo de pensamento, repetindo constantemente que um dia "o homem matará a morte". Muito embora essa idéia tenha nele uma grande força, há momentos em que ele vacila, ou que sente uma profunda máguia, observando que, apesar de tudo, o homem aí está, vencido e mesquinho. "O homem — pensa Juvenal — precisava de velocidades alucinantes, medira distâncias inverossímeis, catalogara astros e estrelas, marcara, nem minuto a mais nem minuto a menos, a marcha dum cometa através de bilhões de quilômetros e de centenas de anos, e, contudo, não conseguira evitar que o seu próprio coração, ali pertinho, dentro dele, deixasse um dia de palpitar! Violara um passado que não tivera prônica, criara a epopéia da máquina, tão com-

plexa como o seu próprio organismo, erguera cidades fantásticas, corrigira por vezes a natureza, identificando as suas leis, e, depois da obra maravilhosa, vastíssima e de surpreendente



FERREIRA DE CASTRO

fantasia, ficara ainda tão humilde e insignificante como um verme, submetida a sua ansiedade e o seu gênio, ao grotesco predomínio de um dente cariado, à insuficiência do fígado, dos rins, dos pulmões, do coração!".

É como se Juvenal gritasse: "Eu não quero morrer! Eu não quero morrer!". E diante da indiferença com que o homem é arrastado para o nada, ele pensa com certa alegria no homem do futuro, livre e despreocupado, vivendo feliz, depois que a civilização tiver "matado a morte". O grito de Juvenal não vem, entretanto, acompanhado do medo. Não é o medo que o faz querer atravessar os séculos e ir ao encontro do seu irmão imortal do futuro. É apenas uma desesperada ânsia de vida, uma sensação de existência positiva e inviolável, como um direito individual que não pode ser usurpado. Esse sentimento se manifesta através das coisas mais insignificantes da vida de Juvenal. Quando se encontra em alto mar, a caminho da Madeira, descobre no camarote uma abelha. Con-

seguiu pegá-la e colocou-a num estojo para dar-lhe liberdade quando chegasse à terra. Sabia que se a soltasse ali, ela não conseguiria voar até uma praia — e morreria. Esse excesso de zelo, essa íntima solidariedade com todas as expressões da vida, é, na própria linguagem de Juvenal, o desejo de romper a eterna submissão.

Essa solidariedade e esse desejo, são as duas únicas coisas que movem a sua vontade, que lhe dão ainda ânimo para lutar. Este é o motivo pelo qual, Juvenal, não tendo fé — esta fé apoiada na realidade simples — não é um cético. Acredita no homem e na vida, tem piedade e justiça para tudo o que vive e palpita.

Não pode aceitar que ao homem seja roubado tudo que se lhe poderia legar através do amor, da solidariedade, da compreensão e da justiça. Quando toma parte no movimento revolucionário da Madeira, Juvenal é movido por esses sentimentos. E quando lhe perguntam depois que está preso em vésperas de ser deportado, se acreditava que o Governo do Continente permitiria, responde simplesmente: — "Não, não, acredito. Quatro ou cinco dias depois estavam aí alguns navios de guerra e nós seríamos derrotados". E acrescenta, justificando um movimento derrotado que, mesmo vitorioso na Ilha, seria depois vencido pelas forças do Continente:

— Quando elas nos derrotassem já a semente estava lançada... O exemplo de alguns dias seria um estímulo constante para o futuro. A grande massa nunca mais se aquietaria...".

Observaram que seria criada uma enorme confusão. Juvenal respondeu: — Talvez... Também a terra, quando nela se lança a semente, está revolvida, confusa... Há velhas raízes que se desprenderam e que ficam de cima. Mas algum tempo depois, parece que não houve coisa alguma e tudo floresce".

Só esse pensamento claro basta para dar ao personagem de Ferreira de Castro uma posição definida, de revolucionário lúcido e conciente. E mesmo sem a rígida concepção realista do herói de Richard Wright, Juvenal Gonçalves se identifica com ele na conclusão segura sobre o destino da Humanidade, quando diz: "O mundo não pode continuar assim. O mundo tem de ser melhor do que é e cada vez será melhor. Daqui a alguns séculos já nada disto será assim. Já nenhum homem estará em frente destas luzes com a mentalidade, e pelas razões que nós estamos. A própria cidade estará transformada e já ninguém compreenderá que se seja degradado, como eu, apenas por querer que haja mais justiça entre os homens".

RIQUEZA E ARTE — Estético um mundo onde de cada dez homens oito vivem com falta de tudo, ou cheios de necessidade, na miséria física ou moral? É preciso ser-se um imprudente privilegiado para admitir-se tal coisa. Um artista como Christophe, no seu fóro íntimo não podia deixar de ser ao partido dos trabalhadores. Quem mais do que o trabalhador do espírito sofre com a imoralidade das condições sociais, da escandalosa desigualdade das fortunas? O artista ao morrer de fome, ou se torna milionário, sem outro motivo além dos caprichos da moda e dos que com ela especulam. Uma sociedade que deixa perecer a sua elite, ou a remunera de modo extravagante é um monstro, deve ser destruída. — Romain Rolland — "Jean-Christophe" — Edição da Livraria do Globo.

ETERNIDADE, de Ferreira de Castro — Romance, 8.ª edição portuguesa e 1.ª edição brasileira — Edições Dois Mundos — Rio, 1943.

História Amarga e Humana

TULO HOSTILIO MONTENEGRO

Copyright de LEITURA

É UM Maxence Van Der Meersch mais profundo e capaz de dar sentido mais humano às criações literárias que encontramos em "O Pecado do Mundo" (tradução de Edison Carneiro, Vecchi Editor, Rio, 1943), no autor de "Marie Fille de Flanders, Invasion e L'Empreinte de Dieu" (prêmio Goncourt de 1936). O ambiente não é mais o norte da França invadido pelos alemães na guerra passada; nem os terrenos alagadiços de Flandres; nem as imediações da fronteira franco-belga infestadas de contrabandistas; nem a dinâmica Antuérpia; nem a serena ilha de Wancharen. É o Paris dos arrabaldes pobres onde pulula como vermes em corpo apodrecido uma multidão desigual, formigando em cortiços, movendo-se em ruas infectas.

Narra o romancista a história de Denise. História cheia de uma força dramática e de uma realidade tão viva que nos força a interromper aqui e ali a leitura para respirar com mais desafogo. No romance de Van Bergen, Wilfrida e Karelina (L'Empreinte de Dieu), como no de Daniel De Craemer, Barthelémy Senneville e Patrice Hennedyeck (Invasion), há momentos de calma que atenuam a presença da guerra e a expectativa da catástrofe sentimental. Em "O Pecado do Mundo" tudo se processa sem esperança de dias melhores. Fazendo lembrar o sofrimento dos doentes crônicos a quem se acaba por não prestar atenção, pelo hábito de vê-los a gemer. A luta é diária, sem gritos ou imprecções. A criança nasce como que predestinada a ser infeliz, a não ter infância nem juventude. Torna-se conformada porque outro caminho não lhe resta. O máximo de felicidade a que aspira é a de ser, por um dia ou uma hora, menos miserável, no meio da miséria em que chafurda...

Denise vê as coisas do seu ângulo, criança mais ou menos ingênua em um ambiente bastante livre. Nem chega a ter a idéia de que poderia brincar como as remediadas e ricas, lenta da preocupação do trabalho.

Sabe apenas que são inúmeras as próprias obrigações e que devera desincumbir-se delas antes de sair para a fábrica. As vezes, soluçando, nem sabe ao certo porque apanha. Sente-se maguada, deida. A mãe não escolhe lugar para bater. Nem com o que. A frio, subitamente, tem crises de violência, por uma palavra ruim, um trabalho mal feito. Certa vez atirou-lhe um garfo que se plantou verticalmente entre os ossos da mão.

De outra, enterrou-lhe o pente na cabeça a dentro com um murro. Denise nem extranha mais, embora sofra. Não conheceu outra vida...

A existência, fora do pátio, também não é fácil. É preciso ganhá-la. E como, sem trabalhar? Com doze anos Denise é posta à procura de trabalho. Não é estreitante. O serviço doméstico e a venda avulsa de jornais são seus conhecidos. Começa

por uma fábrica de calçados. Cortando fios e alisando costuras, goza ne a de pequenas folgas. Passa à de chicória. Chega a empacotar melhor do que qualquer outra das operárias. A poeira da chicória pigmenta-a, dando-lhe uma cor de ananás. No intervalo rápido que tem tira dos bolsos internos do vestido velhas boninas, bolas de gude, mil e uma inutilidades a que só crianças dão valor, e brinca.

O resto lhe é indiferente. Na fábrica de papel para cigarros torna-se cansada, pálida, de tanto repetir o trabalho monótono, no ambiente sem luz.

De carregadora é promovida a encadernadora de pequenos blocos. Os braços movem-se como partes de uma máquina, no serviço em série. Ignorante das coisas do sexo, sofre as maldades das companheiras, que odeiam a infância pelo muito que sofreram também, e dela se vingam fazendo-a de criada... Uma greve a expulsa.

Entra para uma casa impressora. Quatro dias depois, deixa-a por uma manufatura de envelopes. Que abandona pelo estabelecimento Bayet, cujo dono, um sátiro travestido de senhor bondoso, pretende apenas transformá-la em mulher. A fábrica de chocolate sucede ao estabelecimento Bayet.

O aprendizado de vendedora com madame Weil é um ponto de repouso na

atormetada juventude. Mas dura pouco. Depois segue para a oficina de costura de sacos de juta, onde também não se demora. No armazem do sr. Walter, negociante de café, é a um tempo considerada e combatida porque se mostra ativa. Mas a fábrica de pilhas elétricas paga mais.

E em troca estraga-lhe os dedos, encaroça-lhe as mãos que deixa supurando pús, altera-lhe o físico, torna-se repelente, classificando-a ao fim como boa operária. Por fim, volta Denise à vida do interior, de onde saía pequena, com a família.

Concluímos o romance. Solução?

Nenhuma. Antes uma ausência completa de explicação dos fatos pelas suas causas. Uma espécie de fatalismo domiando. Todos admitindo que a divisão desigual está certa e que sempre será assim, pois sempre assim foi, desde o começo do mundo. É uma desesperança que contagia. De mistura com a lembrança de Denise, sua mãe, de Suzanne e Véveine, peças sem importância de uma roda gigante.

Mantendo viva na nossa mente a história amarga e humana.

O PECADO DO MUNDO, de Maxence Van Der Meersch — Tradução de Edison Carneiro — Editora Vecchi — Rio, 1943.

O grito lancinante de um homem

que sentiu toda a dor da sua raça !

Espétros da Intolerância

FERNANDO LEVISKY

da Academia de Letras de S. Paulo
da Academia de Ciências e Letras e
da Associação Brasileira de Escritores

Episódios marcantes do drama multimilenar dos judeus, fixados por uma pena sensível e sincera

UM LIVRO QUE SE LÊ

UM LIVRO QUE SE ADMIRA

UM LIVRO QUE NÃO SE ESQUECE

A SAIR BREVEMENTE

Poetas Contemporâneos



CONSIDERAÇÃO DO POEMA

Carlos Drummond de Andrade

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indezessáveis.

Uma pedra no meio do caminho
ou apenas um riso, não importa.
Estes poetas são meus. De todo o orgulho,
de toda a precisão se incorporaram
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinícius
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Malacovski.
São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias:
é toda a minha vida que joguel.

Estes poemas são meus. É minha terra
e é mais do que ela. É qualquer homem
ao meio dia em qualquer praça. É a lanterna
em qualquer estalagem, se ainda as há.
Há mortos? há mercados? há doenças?
É tudo meu. Ser explosivo, sem fronteira,
por que falsa mesquinhez me rasgaria?
Que se depositem os beijos na face branca, nas principiantes
[rugas]

O beijo, ainda é um sinal, perdido embora,
da ausência do comércio,
boiando em tempos sujos.

Poeta do finito e da matéria,
cantor sem piedade, sim, sem fráguas lágrimas,
boca tão seca, mas ardor tão casto,
Dar tudo pela presença dos longínquos,
sentir que há ecos, poucos, mas cristal,
não rocha apenas, e peixes circulando
sob o navio que leva esta mensagem,
e aves de bico longo conferindo
sua derrota, e dols ou três faróis,
os últimos! esperanças do mar negro.
Essa viagem é mortal e comecá-la.
Saber que há tudo. E mover-se em meio
a milhões e milhões de formas raras,
secretas, duras. Eis aí meu canto.

Ele é tão baixo que sequer o escuta
ouvido rente ao chão. Mas é tão alto
que as pedras o absorvem. Está na mesa
aberta em livros, cartas e remédios.
Na parede infiltrou-se. O bonde, a rua,
o uniforme de colégio se transformam,
são ondas de carinho te invadindo.

Como fugir ao mínimo objeto
ou recusar-se ao grande? os temas passam,
eu sei que passarão, mas tu resistes,
e cresces como fogo, como casa,
como orvalho entre dedos
na grama, que repousem.

Já agora te sigo a toda parte,
te desejo e te perco, estou completo,
me destino, me faço tão sublime,
tão natural e cheio de segredos,
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,
o povo, meu poema, te atravessa.

EXPLICO ALGUNAS COSAS

Pablo Neruda (chileno)

Preguntaréis: Y dónde están las lilas?
Y la metafísica cublería de amapolas?
Y la lluvia que a menudo golpeaba
sus palabras llenándolas
de agujeros y pájaros?

Os voy a contar todo lo que me pasa.
Yo vivía en un barrio
de Madrid, con campanas,
con relojes, con árboles

Desde allí se veía
el rostro seco de Castilla
como un océano de cuero.

MI casa era llamada
la casa de las flores, porque por todas partes
estallaban geranios: era
una bella casa
con perros y chiquillos.

Radi, te acuerdas?
Te acuerdas, Rafael?
Federico, te acuerdas
debajo de la tierra,
te acuerdas de mi casa con balcones en donde
la luz de Junio ahogaba flores en tu boca?

Hermano, hermano!

Todo
era grandes voces, sal de mercaderías,
aglomeraciones de pan palpitante,
mercados de mi barrio de Arguelles con su estatus
como un tintero pálido entre las meluzas:
el aceite llegaba a las cucharas,
un profundo latido
de pies y manos llenaba las calles,
metros, litros, esencia
aguda de la vida,
pescados hacinados,
textura de techos con sol frío en el cual
la flecha se fatiga,
delirante marfil fino de las patatas,
tomates repetidos hasta el mar.

Y una mañana todo estaba ardiendo
y una mañana las hogueras
salían de la tierra
devorando seres,
y desde entonces fuego,
pólvora desde entonces,
y desde entonces sangre.

Bandidos con aviones y con moros,
bandidos con sortijas y duquesas,
bandidos con frailes negros bendiciendo
venían por el cielo a matar niños,
y por las calles la sangre de los niños
corría simplemente, como sangre de niños.

Chacales que el chacal rechazaría,
piedras que el caldo seco mordería escupiendo,
viboras que las viboras odiarán!

Frete a vosotros he visto la sangre
de España levantarse
para ahogarnos en una sola ola
de orgullo y de cuchillos!

Generales
traidores:
mirad mi casa muerta,
mirad España rota:
pero de cada casa muerta sale metal ardiendo
en vez de flores,
pero de cada hueco de España
sale España,
pero de cada niño muerto sale un fusil con ojos,
pero de cada crimen nacen balas
que os hallarán un día el sitio
del corazón.

Preguntaréis por qué su poesía
no nos habla del sueño, de las hojas,
de los grandes volcanes de su país natal?

Venid a ver la sangre por las calles,
venid a ver
la sangre por las calles
venid a ver la sangre
por las calles!

Indómito, de "A FLOR E A NAUSEA"

De ESPARA EN EL CORAZÓN

Os Zumbies vão Despertando

RACHEL DE QUEIROZ

Copyright de LEITURA



HOWARD K. Smith, no "Último Trem de Berlim" nos apresenta pela primeira vez uma doença singular, criada pela sinistra atmosfera da Berlim nazista: o "Berlin-blues". Doença de tédio e de nervos, mas que nada tem a ver com o literário e refinado "spleen" inglês, porque o "Berlin-blues" é, antes de tudo, uma doença de medo.

Do ponto de vista americano, felizmente, o "berlin-blues" é doença que já acabou; acabou por falta de pacientes, pois praticamente não existem mais americanos na Alemanha. Os poucos que ainda lá "residem" vegetam por algum campo de concentração onde a presença constante de privações e sevícias físicas tem pelo menos a vantagem de transferir para um segundo plano todos os outros sofrimentos menos objetivos, inclusive o medo.

Terrível coisa é o medo; e todos nós somos medrosos. Eu o sou, e muito. Tenho um medo danado de ser obrigada um dia a afrontar a tortura física para fins de polícia; submeter-me, por exemplo, a um "interrogatório" de uma gestapo qualquer, afim de revelar coisas que eu não sabia ou não possa dizer. Até onde iria a capacidade de resistência desta pobre carne, destas covardes entranhas de animal humano, — "saco de tripas" como dizia Gorki? Até onde a dignidade, o orgulho, a lealdade, o amor podem amparar e dar coragem a uma triste criatura que não é herói nem semi-deus?

E entre os piores medos inclui o pavor onipresente do estrangeiro perdido em país inimigo; a sensação de sítio, de cerco, de impotência ante os olhos ocultos que nos vigiam os menores movimentos, os ouvidos que escutam qualquer palavra; a expectativa da polícia que talvez esteja emboscada em toda parte, naquela sombra de rua, naquela sombra do quarto... Tudo, qualquer risco imediato, sangrento e mortal, mas diurno e delimitado é mil vezes preferível a essa angústia indefinida e paralizante.

Só sei de um outro sentimento muito semelhante a esse — e que aliás já foi maravilhosamente estudado por John Steinbeck em "Noite sem lua":

o medo do soldado invasor na terra ocupada, o pavor do vencedor, terrível e armado até aos dentes e que treme entretanto ante a silenciosa e subterrânea resistência do vencido. Vi também esse medo do senhor pelo escravo num velho filme de pavor: "Zombie, a legião dos mortos"; o encantador dos zombies vive permanentemente acochado pelo terror de que a sua multidão de automatizados se rebelde e o destrua — o que aliás acontece mesmo.

Pois esse medo, agora, esse medo é o pão cotidiano de cada soldado alemão no estrangeiro, de cada civil alemão dentro do Reich. Teem medo do que não conhecem, teem medo do que está por vir, — embora fortes, embora armados, embora senhores da Europa inteira.

Foi aliás a própria propaganda nazista que criou, na consciência germânica essa mentalidade de cerco, dando corpo, prestígio e forma à pretensa multidão de inimigos que lhes sitiava as fronteiras. E esse fantasma, inventado como pretexto e estimulante para a guerra, ganhou corpo, ganhou carne, fez-se material e medonho. Hoje, realmente a Alemanha está cercada pelo ódio do mundo inteiro, —

e não o ignora. Não é só o soldado nazista que treme com recelo de uma surpresa do patriota desconhecido, nas regiões ocupadas: todo o povo alemão fez-se tomador de zombies, tem zombies dentro de casa, nas fábricas, nos estaleiros, nos campos; tem zombies "aliados" ao seu lado, nos campos de batalha, escravizados, encadeados. E agora, parece que os zombies vão despertando. A mistura de sortilégio e terror que os chumbava vai perdendo a força. A Itália já acordou, já luta. Os outros vão despertando.

E a gente já pode fazer uma ideia do pavor que assalta um coração nazista quando pensa no dia do ajuste de contas com esses milhões de homens reduzidos a fantasmas; o nazista sabe que os seus escravos exigirão a paga e a vingança de tudo: — o sangue, os lares, a alegria, colheitas, os rebanhos, a liberdade e a paz roubadas. Sabe que é só para a obra de punição que cada vencido conserva como pode os seus miseráveis restos de vida.

ÚLTIMO TREM DE BERLIM, de Howard K. Smith — Tradução de Adolfo Neto — Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Gruselo" — Rio, 1943.

EXAME DE CONCIENCIA — "Cada um de nós, diz Romain Rolland, ao premeier o seu "Diário dos anos da guerra", cada um de nós deve fazer seu exame de consciência. Quanto a mim, digo-o francamente, não foi, ainda pouco a pouco no curso da guerra, que a cortina se me abriu, deixando-me perceber a enorme soma de erros, preconceitos e mentiras acumuladas em mim pela educação burguesa, como em todos os meus companheiros".

LIVROS - OTIMA OPORTUNIDADE

A. THIERS

HISTÓRIA DO CONSULADO E DO IMPÉRIO

13 Volumes Encadernados perfeitos 500,00

JOURDAN

HISTÓRIA DAS CAMPANHAS DO PARAGUAY

1864-1870 encadernado perfeito — edição 1893 180,00

IHERING

DICIONÁRIO DOS ANIMAIS DO BRASIL

Encadernado em luxo, 1940 90,00

A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA:

NUMERO COMEMORATIVO DO CENTENARIO DO BRASIL 1922
(contendo ilustrações dos melhores Pintores Brasileiros)

3 Vols. encadernados, perfeitos 350,00

A. DODERLEIN

Tratado de Obstetrícia 1938 — Editorial Labor 3 vols. 280,00

CESARE VIVANTE

Tratado de Direito Comercial, 4 vols. ultimamente enc., 5.^a
edição, ampliada e revista — Milano 1932 400,00

Compramos Bibliotecas e qualquer quantidade de livros usados. —
Executamos encadernações — Atendemos pedidos para o interior.

LIVRARIA DO POVO

PRAÇA JOÃO MENDES, 35

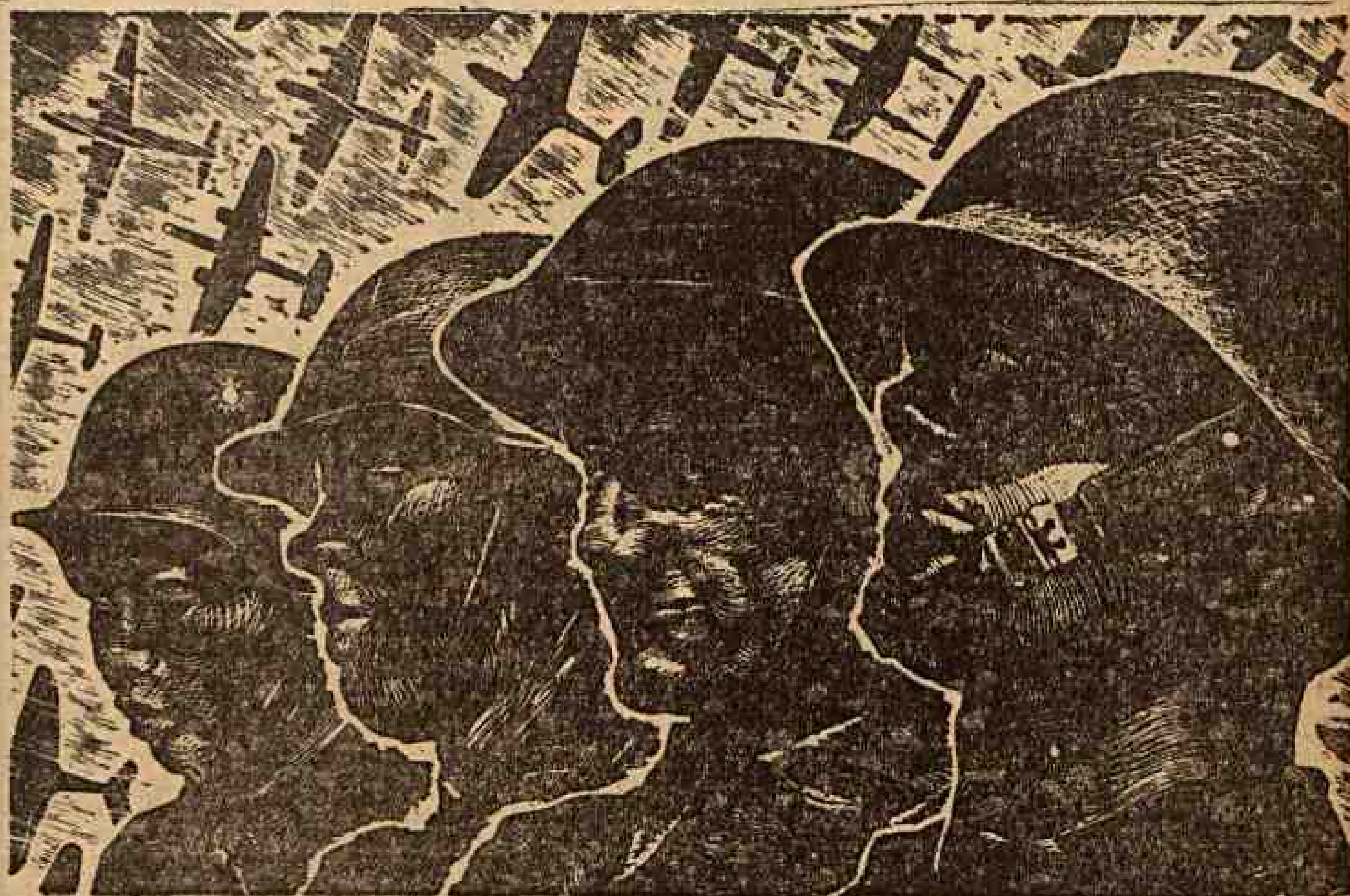
TELEFONE 3-8653

SÃO PAULO

Leia a historia da Frente Ocidental

EM

“INVASÃO”



QUENTIN REYNOLDS

Comentado por GIUSEPPE AMADO, autor
dos “Boletins de Guerra”

Russos, Ingleses, Americanos e Chineses lutam em vários fronts, mas foi na abertura da 2.ª Frente que as Nações Unidas firmaram sua decisão de Vitória

Edições “O CRUZEIRO”

"Eu fui um Guerrilheiro Sérvio"

PAULO SEBESSEN

Copyright de LEITURA

SALVO poucas exceções, é sempre difícil, para qualquer autor, falar sobre sua própria obra. As dificuldades são tão evidentes, que acho desnecessário analisá-las. Basta dizer que, em se tratando, no meu caso, de um livro de reportagens, a questão é ainda mais delicada do que se se tratasse de uma obra de ficção.

O leitor tem o direito de julgar que a pessoa do autor, no caso, não tem a menor importância para a compreensão do relato de acontecimentos reais, da mesma forma que ninguém se interessa pela pessoa do reporter que registra acidentes de rua. No entanto, há uma desculpa, e ao mesmo tempo uma necessidade excepcional, para eu dizer algumas palavras a respeito de "Eu fui um guerrilheiro sérvio". Esta necessidade resulta da circunstância de que trato no meu livro de um ambiente muitíssimo distanciado do ambiente americano e particularmente do ambiente brasileiro. O povo do Brasil, gozando uma vida muito mais fácil do que a européia, dificilmente poderia imaginar, em toda a sua extensão, a influência da desgraça ambiente sobre o caráter humano. É por isso que aproveito esta oportunidade para declarar o seguinte: Se os fatos que narro no meu livro são terríveis, ensopados de sangue e entrecortados de horrores, nem por isso deves julgar que o povo sérvio, cuja luta pela dignidade humana aparece em todas as páginas, seja perverso ou sanguinário. O povo sérvio defende-se com todas as armas ao seu alcance, desde os processos mais elementares de luta até os mais modernos, mas luta pela liberdade. Se não conhece a clemência, a razão é histórica, e explodiu, neste instante, uma vez mais, de forma extraordinária: séculos e séculos de sofrimentos temperaram o aço do ânimo do povo sérvio, levando-o a um estado de revolta permanente. Somos, pois, indomáveis, porque não queremos ser escravos.

Eu preferiria pintar o lado idílico desses guerrilheiros ferozes, que, como hoje contra os nazistas, há tantos anos atrás não deram tréguas aos invasores turcos, gostaria de falar sobre as nossas canções alegres, sobre o verdor dos nossos campos, sobre o nosso largo sentimentalismo eslavo, que tanto se aproxima do sentimentalismo brasileiro. Sou forçado, no entanto, a falar de forças, aldeias em chamas, de mulheres violadas e ataques noturnos, de traições, vinganças, intrigas de alta políti-

ca, raptos de reféns e mil e uma peças mais dessa estranha máquina que é a guerra moderna com todas as suas tragédias de raças, lutas de classes, concorrências econômicas, etc.

O tema mais profundo do meu livro é a transfiguração do cara-



PAULO SEBESSEN

ter humano em face da guerra. Veremos homens pacíficos, cheios de sentimentos humanitários, tornar-se, de um dia para outro, figuras sobrenaturais, em heróis sublimes ou animais ferozes. Essas transformações são espantosas. Por outro lado, mostro como se organizaram os primeiros movimentos, os primeiros ataques de guerrilheiros às tropas invasoras, quais os seus verdadeiros artifícios, causas aparentes e causas ocultas. Kosta Nadi e Mihailowitch, a luta, enfim, nos seus pródromos, de grupos de camponeses praticamente desarmados contra a que se supunha mais formidável máquina de guerra do mundo. Procuro explicar, de maneira mais objetiva, como era possível batermos colunas motorizadas nazi-fascistas, aprisionarmos regimentos e altas

patentes inimigas, paralisarmos todas as comunicações. Na Jugoslávia é corrente o seguinte provérbio: "O que combate não é a arma brilhante: é o coração do herói". Talvez seja um consolo saber que as circunstâncias e as necessidades não capazes de provocar na alma humana transformações tão decisivas.

Eu, por exemplo, dramaturgo do Teatro Real da Jugoslávia, espírito contemplativo e dado à poesia, tão alheio quanto possível às lutas políticas, vi-me, de uma hora para outra, dentro de um verdadeiro caos, como se o mundo velho estivesse desaparecendo para dar vida a novos povos, novas concepções, novas mentalidades. Ferro, fome, fogo e sangue a presidirem às novas formações. E quando me procurei a mim mesmo, ao velho poeta de pouco antes, encontrei-me como elemento ativo de aventuras sangrentas dando tiros e decepando cabeças.

Asilado, hoje, neste grande país, recordo os acontecimentos ainda tão próximos e não compreendo, apesar de tudo, de onde me veio tanta energia para enfrentar as lutas e os acontecimentos que enfrentei. Evidentemente, e esta é uma das poucas conclusões a que já cheguei, em cada indivíduo, como em cada povo, existe, oculto mas presente, um super-homem, um herói. Tanto no sérvio, como no brasileiro, como no chinês.

No meu livro fiz uma advertência aos leitores e aqui a reproduzo novamente: Todos os episódios narrados, por mais fantásticos que pareçam, são absolutamente verdadeiros. Limitai-me a trocar certos nomes próprios para evitar que a fúria assassina dos nazifascistas possa cair ainda sobre a cabeça de parentes e amigos dessas personagens. No mais, tudo é expressão da verdade.

EU FUI UM GUERRILHEIRO SÉRVIO. de Paulo Sebessen — Editorial Calvino Ltda. — Rio 1943.

O Comediógrafo Legível

ENÉAS DO AMARAL

Copyright de LEITURA

É **CURIOSO** observar como o teatro clássico — o grego de Eurípedes, o inglês de Shakespeare, o francês de Racine e Molière, o português de Garrett — todo ele deliberadamente concebido para a representação cênica mostra-se hoje mais agradável no livro do que no palco. Obras de arte acima das contingências e limitações do gênero, o tempo, longe de lhes empanar e encarquilhar as

idéias e o estilo, rejuvenesce-as e faz mais apetecíveis à leitura. Opinião unilateral? Talvez, se o leitor se possa considerar um cidadão intelectualmente superior ao espectador.

Mesmo o alternativo mecanismo das entradas dos personagens, o que mais frequentemente costuma tornar fastidiosa a leitura de peças, a qualidade inteligente e sedutora nos mestres, que dá uma vivacidade es-

(continua à pág. 36)

Qual o tipo?

Crônica de MARQUES REBELO

O QUE o atrapalhava agora era aquele dente da frente, (melhor seria dizer "a folta do dente da frente"). Mas o canino de ouro era infernal!

— Não, meu filho, não quero. Obrigado.

Tratava-se da fava perfumada, que eu recusara comprar — perfumada demais... E estávamos num café movimentado do Castelo, às cinco horas da tarde. De frente da mexinha, o espelho.

Ele:

— Gostei da palavra! É isso mesmo: meu filho. (Os olhos vermelhos, o jeito mulato, os cabelos mulatos e a atração do espelho, falando mais com o espelho do que comigo, falando mesmo só com o espelho, fazendo gestos, gostando dos seus gestos, admirando os seus gestos). É a sentimentalidade que a gente tem profunda, compreende, não é? Como a morte, como o mar, como o vento. Não é a boca que diz, é a coisa lá dentro, o êxtase sensível da criatura. Corri mundo, meu filho — batia no peito. O mundo estava aqui (o espelho refletia a sua mão esquerda batendo firme contra o coração) e aqui (o espelho refletia o dedo grosso, de unha suja, repuxando a pálpebra do olho direito, matreiro, puxa! sanguíneo, sabido, que tinha visto coisas, tantas coisas como o olho esquerdo! Deus é quem viu, nem adianta não acreditar em Deus — deu a risada, me envolvendo num hálito de cachoeira, mostrando as gengivas tão congestionadas, e o canino de ouro brilhante como uma jóia. Deus é quem viu — ordenança do general Rondon, ficou perdido no meio do mato, floresta brava, ele e um índio. Falava o guarani (falava também inglês), furou pelo mato, cipó como pó, deu no pouso de aviões do Tocantins, sabe não? do Tocantins. De Hamburgo a Bremen foi pendurado se agarrando por baixo de um carro de carga, ele e Kolovoski, cabra bom, doido, o polaco! No bolso nem um tusto. Botou e visto — não havia sombra de navio brasileiro no porto. Tinha era navio grego — ia para a Índia. Faltavam dois moços de convés, sabe o que é? Pois é, comeu muita galinha com açafrão, (com o mão), o calor derrubava o povo, até cobra na rua havia. Elefante é mato, e o inglês velho mandando. O polaco morreu — água de poço é aquela desgraça. Nada de voltar para Hamburgo. O "Brazilian Princess" era um navio conhecido. Navio bom. Engonja? Engonja. Faltava um moço de convés. Serve? Serve. Quem lhe dissera foi um caboclo do Paraíba, que estava no "Princess". Ele o conhecia do Havre, numa casa de mulheres. Mais de cinco mil franceses! Foi para o comandante.

"Are you an Indian sailor?" "No, I'm Brazilian. I'm from South America". "Oh yes, Brazilian!" (Caprichava na pronúncia, o suor descia pelo rosto, passou o lenço imundo).

Front. O mesmo que frontão aqui. Dix-se front — como se a gente dissesse: vou para a front. Pois é. Uma pula, meio dólar. (Dixiu meia dolar). Leptel! — deu uma lombada com os dedos — dois mil dólares! O primo estava dependurado no West Side. Va-



MARQUES REBELO

mos para o Brasil. Que Brasil, rapaz! Vamos é comprar tudo em cachoeira no primeiro navio brasileiro que aparecer. Ganhou dezoito dólares. Em cada garrafa, explicou. Gringo bebe p'ra chuchú. Fex uma peusa: Dinheiro no bolso é que é a história. Mais de doze contos no bolso. Se visse no chão uma nota de quinhentos, nem pegava.

— Baiano, meu filho. (riso e espelho).

Trinta e sete, estava bem, não é? Quem é que dizia que ele tinha trinta e sete anos. E tinha corrido o mundo. O que as autoridades, não as autoridades militares, porque o militarismo era no mundo um evangelho agora, o que as autoridades civis precisavam era isso — conhecer mundialmente o mundo, porque só o conhecimento das coisas é que dava para eles enxergarem,

FRANÇA E ALEMANHA — A Gália tem bom estômago; em vinte séculos ela digeriu mais de uma civilização. Nós somos a prova de veneno... Vocês alemães, que tenham medo, se quiserem! Vocês tem de ser puros, pois se o não forem, deixam de existir. Mas para nós, não se trata de pureza, trata-se de universalidade. Vocês tem um imperador, a Grã-Bretanha diz ser um império; de-fato, porém, nosso único ídolo é que é imperial. Somos cidadãos da Cidade-Universo, Urbis-Orbi. De "Jean-Christophe" — Romain Rolland — Edição da Livraria do Globo.

para poderem julgar, porque bofetada na cara, parei! não era assim que se julgava um homem (espelho). Bofetada na cara pagava dólar! Mas se era um lanho de sangue na cara, aí sim, e esse negócio da cadeia é p'ra isso.

Deu aquela suspiro fundo da virar os olhos — conhecia o mundo. Faves do Pará? Riu. O senhor não foi no golpe. Bom, ele também ali não estava mentindo. Não adianta mentir, e senhor viu logo. Puxa, mas no mundo há besta p'ra chuchú! Enfiava uma fava dentro d'água de cheiro, deixava e bicho sacar, portia na cara do bicho, e bicho tomava o cheiro — Pará, meu filho — o bicho comprava. O senhor é do Pará?

— Não, sou daqui.

— Bem, conhece as coisas. Faves... Agora eram faves, mas ele vendia o diabo! Risinho: abafava os troços — homem é isso, meu filho! Rou-bava, afanava, dava um jeito, vendia. Só na Baía vendera noventa e cinco máquinas de fotografia moombadas em Nova York. Daquelas pequenos de co-xão, não sabe? Por quanto, diga lá. Faça preço bem baixo.

— Quarenta.

Muchocho, espelho, três passos p'ra trás:

— Nove! O cobra de bordo dizia, você é doido, rapaz, custom aqui sessenta! Num gesto tranquilo: foi tudo por nove!

Pôs na vez um tom de quem fazia uma declaração de amor:

— Ai, eu gostaria de contar minha vida. Sabe como? De baixo duma gamelaire enorme, com uma boa vitrola, tocando ao lado uma ópera bem profunda. Ah, suspirava — assim é que eu gostaria de contar a minha vida!... Em volta, um barril de chopa, um barril de cachoeira, meu Deus!...

Mas de repente ficou agitado: Roubar? — espalmou a mão enorme no peito — puxa! deu um solavanco. Comprende, não é? foi o Lloyd que deu jeito na coisa, sabe, era brasileiro. Sing-Sing... — e arrancou para sumir. Arrancou, mas voltou: Olhe, ladrão é rico! Homem sério não vale neste mundo. Ladrão, meu filho, ladrão! E sumiu para sempre com suas faves cheirosas. No fundo da rua, entre os homens, ainda o vi um instante — atacamdo um homem.

O Bandeirismo no Romance

MELLO NÓBREGA

Copyright de LEITURA

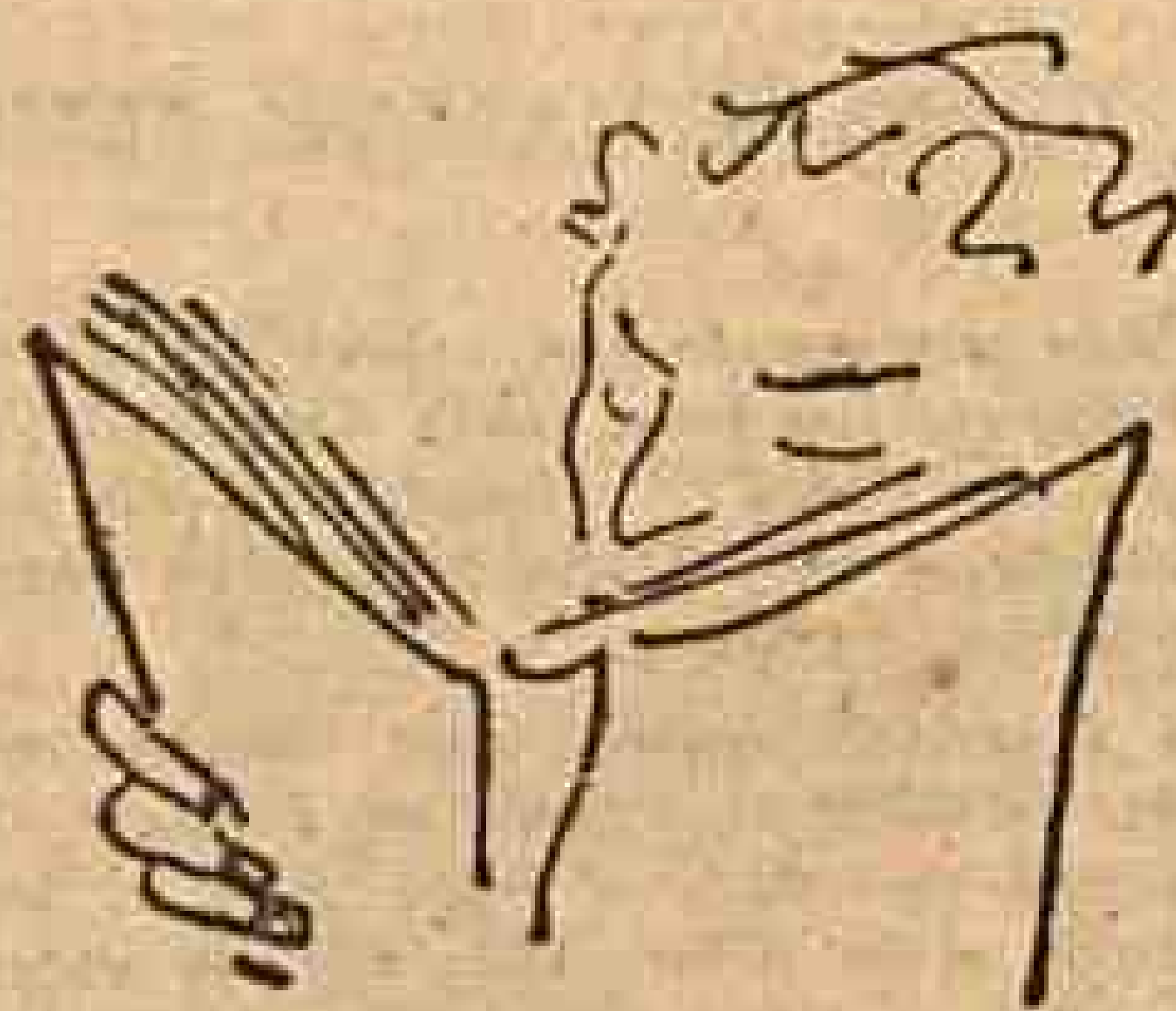
OS FATOS humanos, deixando rastro nos documentos e na memória dos contemporâneos, acabam deturpados na tradição antes que a crônica policiada os inventarie e analise. Aparece a poesia, logo depois da lenda e só mais tarde é que surge a história, reduzindo os acontecimentos às suas verdadeiras proporções. E veem por último os sociólogos, para extrair do passado as relações de causa e efeito, apresentando conclusões úteis. Ao bandeirismo ajusta-se muito bem a observação: de início guardadas nos registros dos cartórios (testamentos, inventários, roteiros, cartas de mercês) e na lembrança admirativa dos familiares, as façanhas dos mestres-de-campo e cabos-de-tropa de Piratininga acabaram recolhidas pela pena do pato dos cronistas. E só se fizeram capítulo importante de nossa história depois que os poetas já as haviam cantado, sublimando os exageros da tradição. O exame frio dos velhos arquivos refaz muitas páginas da crônica bandeirante, fornecendo elementos para estudos seguros sobre a ação social e política das expedições piratinhas.

Acompanhando mais de perto a poesia apareceu o romance, ora mais apegado à história, ora mais apegado à tradição e, por vezes, inteiramente libertado de qualquer peia, tomando a verdade apenas alguns nomes, a época e a paisagem, nem sempre devidamente respeitados. O gênero histórico, no romance, é aliás, de difícil caracterização. Bastará pôr em cena uma figura humana que tenha realmente existido, com projeção em seu tempo, dando livre curso à fantasia na trama dos episódios? Ou será indispensável respeitar os fatos, sem qualquer liberdade de efabulação? No primeiro caso, qualquer romance atual em que apareça personagem real, em ambiente definido, é ou acabará sendo romance histórico... No segundo, não haverá senão obra de biógrafo, mais chegada à história que ao romance.

Convencionou-se, porém, considerar "histórica" a narrativa que, embora imaginada, se desenvolva em ambiente do passado, satisfazendo mais algumas condições de verossimilhança: reconstrução razoável de usos e costumes, dialogação expungida de anacronismos, tratamento decoroso à verdade histórica.

Nos momentos de grandes desilusões sociais ou de profundas crises morais inconjuráveis é refrigerantemente agradável evocar os tempos idos, que sempre supomos haverem sido melhores que os atuais, e nos quais vamos buscar exemplos de heroísmo e virtude que acreditamos ausentes de nosso cotidiano.

Nós, como tantos outros, sentimos o prosaísmo e a secura da vida, neste século em que nem mesmo a guerra é empolgante ou o amor absorvente: mata-se à distância e do alto, sem ver sempre o inimigo; peca-se por cálculo, não mais pela fraqueza da carne. Daí o surto que vemos, da imaginação e do pensamento, para fora da atualidade, para dentro do tempo. Nunca, entre nós — país chelo de futuro —



se estudou tanto, nem tanto se divulgou o passado...

A esse movimento prende-se o romance "Um dia voltaremos...", de D. Lásinha Luis Carlos de Caldas Brito. Obra volumosa que, segundo se diz, custou à autora dois anos de trabalho, esse romance representa, em verdade, alguma coisa em nossa literatura do gênero. Bem estruturado, e bem conduzido, sem semelhanças de cultura histórica, prende a atenção do leitor, conseguindo, por vezes, despertar-lhe instantes de emoção. A trama da intriga é singela: um paulista à velha moda, vergôntea de boa estirpe planaltina, lá pelo alvorecer do século XVIII resolve atirar-se às aventuras da mineração do ouro. Vendo o que tem, pede emprestado algum dinheiro, recruta companheiros, mobiliza a escravidão da Terra e da Guiné e bota-se, vale do Paraíba em fora, rumo às catas riquíssimas da região do Rio das Mortes. Leva consigo a família inteira — mulher, três filhas e um filho. Durante a viagem sucedem-se os tropeços e os sofrimentos. Morre o menino, vítima, sem dúvida, mais da medicina do tempo que do mal que o atingira; escasseia o mantimento; desentendem-se os componentes da bandeira... Nada, porém, abate o chefe da expedição, obcecado pela cobiça de enriquecer nas Gerais e restaurar o brilho de sua casa. Chegados ao termo da viagem — o arraial da Ponta do Morro — saltam-lhe à frente os desenganos: ninguém dá importância aos viajantes. Nome, família, posição, nada lhes vale, aos paulistas, que ali são apenas aventureiros que veem disputar, aos já estabelecidos as riquezas do rio. A licença para mineirar é demorada e obriga o orgulhoso capitão a aceitar a interferência de um rei no rico e influente que lhe corteja uma das filhas. O ouro começa a aparecer nas bateias. Tudo corre bem e a única nuvem a embaçar a felicidade do velho casal é, a princípio, a lembrança do filhinho morto, cujo corpo ficou, em pleno sertão, sob uma copada mangueira. Os revezes recrudescem: a filha mais velha apaixona-se por um companheiro de viagem, espanhol de origem, que o orgulhoso paulista repudia, sob pretextos falsos, pois o que lhe move a recusa é o medo egoísta de perder a filha querida, o que tão bem o serve e compreende; a mocinha mais nova derrete-se por um fidalgo te e, depois, mal curada, se enche de

amores por um conterrâneo que não a quer, e sim à irmã, e acaba embarcando para a metrópole para enterrar-se na clausura de um convento carmelitano; a filha do meio, talvez a figura mais humana do romance, tipo de Capitã colonial ou de Scarlet O'Hara piratinhã, brinca de esconde-esconde com o amor, desafiando os homens, e vem a fugir de casa, e a perder-se de todo. O sofrimento do austero bandeirante não para aí: o irmão, que o ajudara a aviar a expedição, aparece antes do prazo marcado, exigindo o pagamento e obrigando o devedor a aceitar auxílio pecuniário de quem lhe roubava a filha, português insinuante e viciado que enriquecia no contrabando de ouro. E ainda mais: rebenta a guerra dos emboabas. A família paulista é apontada, entre seus próprios amigos, como ligada aos portugueses de Nunes Viana. O capitão é obrigado a quebrar seus princípios da paz e a lutar contra os lusitanos sem que as dúvidas quanto à sua lealdade se desfaçam porque depois da derrota é ainda o prestígio do amante da filha que o salva da represália. A riqueza chega a final. Muito tarde. O filho morto uma das filhas enxovalhadas outra no convento e a mais velha querida entre todas a caminho da demência por velha tara de família agravada pelo sofrimento sem expansão; os amigos mortos ou dispersados pela guerra — tudo isso roubou o encanto da riqueza.

E, de volta, vão os dois velhos e a moça indiferente à vida, com os carregueiros carregados de ouro, serra abaixo caminho de Piratininga. Certo dia chegam ao pouso onde ficara enterrado o filhinho. A obsecção materna é levar-lhe os despojos para a terra natal. No lugar em que fora sepultada a criança, à sombra de uma árvore, ergue-se agora uma casa de caboclo... O ambicioso paulista rememora as desgraças sofridas. Nos olhos da filha, vagos e inexpressivos, e nos da esposa, vermelhos de choro, lê a condenação de sua cobiça.

"Subito deu ordem de parar. Sua voz alteou-se na quietude ambiente, perdendo-se ao longe, aos poucos, nas quebradas da serra. Rapidamente, saltou do cavalo. E com as duas mãos trouxe para a beira do grotão os dois burros que tentavam empinar, puxando-os solidamente pelas rédeas. D. Sara e os negros olhavam-no atentamente. E com gestos firmes, como quem realiza uma coisa há muito tempo sonhada, abriu as canastras, uma a uma, e, tomando os sacos de ouro, começou a atirá-los, violentamente no abismo. Depois, vendo os cestos vazios, deu ordem de marcha. E sozinho, na frente, a pé, retomou o caminho de São Paulo".

Podem não gostar do romance. O que ninguém poderá negar é que mais uma romancista de apreciáveis qualidades acaba de aparecer.

UM DIA VOLTAREMOS... — Lásinha Luis Carlos de Caldas Brito — Romance histórico — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1943.

Notícia de um Diário Feminino

FERNANDO GÓES

Copyright de LEITURA



"PARA que mentir e fazer pôse? É verdade que desejo, ou pelo menos espero ficar nesta terra de qualquer maneira. Se não morrer muito moça, espero ficar como uma grande artista. Mas se morrer cedo, deixarei, para ser publicado, o meu diário, que não pode deixar de ser interessante".

Estas linhas pertencem ao início do prefácio do "Diário de Marie Bashkirtseff", e mostram que a russazinha valdosa teve razão quando as escreveu. Nem são bem as linhas que citei que mostram isso, convenhamos, mas sim o "Diário", sem dúvida interessante, muito interessante mesmo. E Marie Bashkirtseff, que queria viver na posteridade de qualquer maneira, conseguiu, com as suas confissões, que esse seu desejo enorme e absorvente se tornasse realidade.

Morta em outubro de 1884, seu nome anda citado por aí, e as páginas que escreveu continuam a despertar um interesse dos mais vivos. De mim, confesso que nunca senti nenhuma vontade de conhecer o diário dessa jovem russa grã-fina, apesar do nosso poeta maior — Manuel Bandeira, nos aconselhar a leitura dele em um dos seus poemas. E agora que surgiu em português uma tradução (1) desse livro famoso, me abalancei a lê-lo nem sei mesmo porque. Talvez que para fugir um pouco dessas leituras fatigantes e quasi obrigatórias dos livros sobre a guerra, ou por qualquer outro motivo, o certo é que li o "Diário de Marie Bashkirtseff"; li e gostei. Porque na verdade agrada a gente encontrar uma criatura como essa, de uma franqueza admirável e quasi ingênua, que faz com que ela conte todas as coisas naturalmente, sem enfase e sem literatura, confessando-se sem nenhum pudor, sem vergonha de narrar as coisas como as coisas de fato se passaram. Esta minha última frase faz supor, eu estou sentindo, uma insinuação à vida amorosa ou até mesmo sexual de Marie Bashkirtseff. Mas quem assim está pensando enganou-se, porque Marie Bashkirtseff não teve tempo para nada disso. Morreu muito moça, com apenas vinte e quatro anos, e de amores ela não teve mais que uns casos sentimentais e tópicos, próprios da sua condição e da sua classe. É verdade que

muito mais que aquele meu período, a própria Marie Bashkirtseff parece insinuar qualquer coisa nesse sentido, quando terminando o prefácio das suas confissões escreve — "Estou convencida de que me acharão simpática... E depois, digo tudo, tudinho. Se não fosse assim, para que escrever? Aliás, se nota perfeitamente que digo tudo..." Mas não há nada disso que muita gente já está pensando existir no livro. Até que este "Diário" é um volume puro, puríssimo e casto. E quando me referi às confissões feitas sem nenhum pudor, quiz apenas acentuar a sinceridade absoluta da autora. E isso é tanto mais para ser acentuado, porque ela estava escrevendo o seu "Diário" não para si mesma, mas principalmente para os outros, o que faz supor um certo embelezamento de si própria, umas tantas desculpas para umas tantas ações e até mesmo um romance, um romance legitimamente inventado, ao invés das anotações diárias e verídicas dos fatos realmente acontecidos e vividos por ela. No entretanto, o diário que ela escreveu é mesmo um diário de verdade, não é um romance, muito embora a gente o leia com o interesse palpitante e vivo com que leria um romance bonito e emocionante.

É impressionante, em Marie Bashkirtseff, a sua ancia de glória, a sua vontade de se tornar célebre. Já vimos que o "Diário" foi escrito apenas por isso, e o curioso é que desde os doze anos, quando ela começa as suas confissões, encontramos exclamações como esta — "Sonho com a glória, quero a celebridade, ser conhecida em todo o mundo!", que vão se repetir em quasi todas as páginas, como um refrão. Aliás, essa ancia de se tornar célebre rivaliza com outro dos seus desejos — viver intensamente a sua vida, aproveitando-a nos seus mínimos instantes. Se ela tivesse conhecido Kipling, provavelmente teria tomado como divisa aquele verso de um dos seus poemas mais citados, o "If" — "Enche o mais que puderes os sessenta segundos de um minuto". Porque o seu desejo de viver, de aproveitar o tempo, de não desperdiçar um segundo, chega quasi a ser um desvario. Ela queria saber tudo, ler tudo, estar a par de tudo. E dedica-se à pintura, ao estudo de línguas, à literatura. Esse é um lado pela qual eu a acho muito simpática, como ela queria.

E são curiosas nesse sentido algumas de suas opiniões literárias. De Théophile Gautier ela escreve acerca de "Mademoiselle de Maupin" — "O prefácio é muito bom, realmente; mas o livro?... Apesar de toda... a sua nudez, não consegue interessar; há páginas simplesmente aborrecidas. Parece-me ouvir protestos... e a linguagem, o estilo? etc. É um francês excelente, de homem capaz na sua profissão, mas não é um talento simpático..."

Dos romances de George Sand ela diz: — "Sempre o nivelamento social, através do amor, o que é ignóbil. Que se estabeleça a igualdade,

é admirável, mas que não seja dada aos caprichos sexuais... Uma condessa apaixonada pelo próprio criado, e dissertações a respeito! Eis o talento de Gorge Sand".

Zola, no entretanto, é para ela uma revelação. Noiva, aristocrata mesmo, rica, a ponto de escrever, quando ainda bem moça, quasi menina — "Jamais um homem de posição inferior à minha poderá agradar-me; todas as pessoas comuns me repugnam e me enervam. Um homem pobre vale a metade de si mesmo; parece-me pequeno, miserável, tem o ar de um pobre diabo", com o tempo Marie Bashkirtseff vai se humanizando, melhor diria que ela vai evoluindo. Porque em 1874 ela escrevia exaltadamente — "Dizem que na Rússia ha um grupo de patifes que pedem a Comuna. Que horror! Tudo dividir e tudo possuir em comum. E esta seita maldita está tão espalhada que os jornais fazem apêlos desesperados à sociedade. Será que os pais de família não vão por termo a esta infecção?", e alguns anos mais tarde, em 1881, depois da leitura do "L'Assomoir", de Zola, ela exclama, "conquistada inteiramente pela verdade deste livro" — "Fiquei indignada de continuar vegetando e comendo calmamente, enquanto, 'mais em baixo', passam-se tais horrores, em torno de nós... Todo o mundo deveria ler este livro: tornar-se-iam melhores... (...) Quem já ousou negar a questão social? (...) Ah! mas é preciso que todo o mundo se ocupe dela, sim, é indispensável!... mas tratam os socialistas como bandidos ou loucos, e eles se transformam muitas vezes em utopistas!"

Também, por essa época ela já havia compreendido muitas coisas mais, porque suas idéias são mais amplas, menos pessoais e mesquinhas. Apesar de continuar olhando e pensando muito em si mesma, Marie Bashkirtseff começa a sentir o mundo e a humanidade em torno de si. Por isso, sem dúvida, é que nesse mesmo ano de 1881, ela escreve isto — "Não pude ainda compreender que se chegue a dar a vida por um ser amado, porém mortal, pelo qual tudo sacrificamos, graças ao amor..."

Compreendo, porém, em compensação, que se sofram todas as torturas e a própria morte por um princípio, pela liberdade, por qualquer coisa que possa, de um modo geral melhorar as condições humanas". E já então essa russazinha havia compreendido que "a pátria vem depois da humanidade".

Mas isto que transcrevi não representa o "Diário" todo, que é bem um livro feminino — contraditório e cheio de pequeninas nada. Serve, no entretanto, para mostrar um pouco das idéias de Marie Bashkirtseff, e de como ela vinha caminhando, a largos passos, para uma maior compreensão das coisas humanas.

DIÁRIO DE MARIE BASHKIRTSEFF. Trad. de Gilda Marinho. Coleção Nobel — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1943.

Ensaaios que são uma resposta

RODRIGUES DE MIRANDA

Copyright de LEITURA

COM a publicação de *Ensaaios do nosso tempo*, do sr. Otávio de Freitas Júnior, pelo Departamento Cultural da C. E. B., fomos como que despertados de surpresa, sentimos mesmo uma mão leve tocando em nosso ombro e chamando-nos de irmão. E' que o rapaz pernambucano, muito oportunamente aliás, teve a audácia de sair do porão, olhar em redor e naturalmente exclamar para dentro de si mesmo: Estou realmente satisfeito. O círculo de ferro que me prende é pouco, porque o espírito se desvencilha, desta ou daquela maneira, liberta-se para servir melhor. Talvez o público não atine com o verdadeiro sentido destas palavras. Mas naturalmente estão lembrados que existe uma capital chamada Recife, muita linda e muito heróica também (não heroísmo de ribalta, confeccionado nas alcovas do mundanismo histórico, anti-popular, desmazelado e jornalístico. Há pouco de lá partiram uns grunidos contra a cultura, grunhidos de um grupo fanatizado pelas crenças isolacionistas, pela demagogia anti-poética dos prestidigitadores fascistas, presentes ainda no seio das Universidades, nos centros culturais e não sei quanto lugares mais. E o curioso em tudo isso é que o alvo dos ataques foi — vejam quem! — o sr. Gilberto Freyre. Evidentemente os que assim procederam estão glacialmente à margem da tormenta, atolados num mundo morto, proferindo palavras sem sentido, ausentes de si mesmos e da vida, obedecendo friamente os dizeres da cartilha de uma seita esotérica qualquer...

Felizmente, porém, o "grupo" que tomou a iniciativa inquisitorial, é a negação do próprio ideal universitário, do qual o sr. Gilberto Freyre se tornou, entre nós, um dos mais sinceros e corajosos animadores. Basta lembrar que o critério do autor de *"Casa Grande e Senzala"* não confina o universitário no ambiente um tanto doméstico do seu direito, da sua medicina, empedernido na sua especialidade, virgem do sol que banha o mundo, incapaz de "compreender" fora de sua quasi miopia profissional. Isso aliás me faz lembrar um concurso que assisti em Recife, na Faculdade de Direito. Certo lente posado, empoado e de excelente memória retentiva de artigos, parágrafos, etc., repriminou o candidato que se submeteu à prova, pelo simples fato de haver o mesmo entrado em considerações sobre a interdependência que deve existir entre o direito e a medicina, para efeito de humanização da pena. O encolerizado catedrático bradou e de mãos espalmadas quis transformar o concurso em "meeting" contra a medicina, acrescentando a inviolabilidade do direito e a pobreza de um médico intrometido e insensato (o candidato era médico e bacharel). Por aí poderemos compreender até onde o sr. Gilberto Freyre quer chegar e também o seu desejo de formar ao lado daqueles que querem ver a humanização da cultura, nunca a sua depuração para fins ilicítos, maquiavélicos, diríamos melhor.

O interessante porém em tudo isso é que o livro do jovem Otávio de Freitas Júnior responde incisivamente,

através de suas páginas quentes, ao "grupo" que pretendia arvorar-se em donos da "verdade", omitindo paradoxalmente os valores que fazem questão de revelá-la ao povo, como é o caso dos escritores democratas. Lembremo-nos bem que o primeiro livro do jovem ensaísta pernambucano *Ensaaios de crítica de poesia*, editado em Recife mesmo, no ano de 1941, era ainda um tanto desarrumado, dispersivo e talvez mesmo exageradamente impressionista. Os seus golpes de crítica, apesar do seu subjetivismo, nada tinham de profundos e claros, naquele sentido mágico de profundidade que consiste em apanhar a verdade, amá-la, sem deformações, sem trajectos perigosos e suspeitos. Não que o autor fosse um desses impressionistas manipulados à força, destituído de espontaneidade, inteiramente atolado nas nuvens, anjo somente anjo. O que havia nele era um bocado de influências que se entrecrocavam, um equilíbrio que parecia equilíbrio, mas que era apenas uma face fria da verdade, dormindo, sonhando demais talvez. Hoje dois anos passaram sobre o autor. Houve, nesse espaço de tempo muita coisa que morreu sem nenhuma solenidade, morte morrida como diria o caboclo, velhice de células sem função, esfrangalhadas mesmo. O menino que já pensava muito em 1941, com uma "dignidade" toda sua, está presente e diz o motivo de sua presença, porque bem o sei que a sua força não é a de nenhum intrometido, pois como acrescenta humanamente Mário de Andrade no prefácio ao livro, "Otávio, que principiou a vida partindo em busca da Poesia, desiste da Beleza agora, mas nenhuma dúvida, siquer longínqua, lhe aconselha a desistir do Bem!". Podíamos dizer, contrariando Mário de Andrade (não o Mário, mas a frase do Mário) que Otávio não desistiu da poesia, persegua-a esfalmado pelos caminhos do mundo, luta por ela em todas as páginas do seu livro, pois as suas palavras sobre Julien Green podiam ser tomadas como um auto-retrato, sem narcisismos, poético, verdadeiro, sem tristezas malucas: "Uma alma livre, num intelectual que compreende os homens, ou procura compreendê-los, unicamente sentido-os como são realmente, dum modo unânime, total, e termina por amá-los justamente porque os conhece".

E não fica aí. O ensaísta pernambucano caminha sempre, abre o peito ao temporal, sofre e se contorce mas não cede, não se escraviza ao que está feito, erradamente feito. E' proibido tocar, mexer com o "tabú", porque o "tabú" tem olhos intimidativos e até cruéis. Otávio de Freitas Júnior não lga importância, mete os peitos e vence tudo, porque à sua frente e mesmo junto dele há o Mistério, que não é absolutamente o mistério comum enervante, batidíssimo, dos "bichos papões", das trovoadas que parecem mundos caindo e acabando tudo, pois — é ele quem o diz — há "grande diferença entre o Mistério e a charada". Muita gente pensará que Otávio de Freitas Júnior fale nisso tudo, como um derivativo para fugir de possível angústia filosófica. Na-

da disso. O seu Mistério está dentro da verdade, vive dela, sem represas inúteis, sem incubações dogmáticas para uso interno, ampla e às vezes contundente, de uma contudência que parece panfleto. Há páginas que são respostas, especialmente ao "grupo" esotérico de sua província, dos seus irmãos (poucos irmãos, felizmente) disfarçados muitos deles em "guarda costas" da democracia, como se nós não soubéssemos que existe uma máscara, debaixo da qual as mais ignóbeis tramas se processam, completando a insensatez e a brutalidade que eles obstinadamente pensam estar bem escondidas dentro de si mesmos. Mas, Otávio de Freitas Júnior diz que não e diz com ousadia: "Os novos adesistas, que já a estão traindo com a própria adesão, pois a sujam e que confundem a causa do povo — a sagrada causa do povo — com a causa dos sinais cabalísticos, são nojentos e abjetos". O autor ainda vai mais longe, arregalando os olhos para dentro do mundo que estamos vivendo tragicamente, dizendo coisas tremendamente certas, condão pelo destino da França (e a França é uma parte bem grande do seu Mistério, do seu amor ao povo, da sua coragem que não amolece), sem se perturbar pela emoção, muito lucido quando afirma: "Todo governo que domina a massa e a inteligência, e não mais lhe representa a vontade, é um governo pré-fascista". E é o "clima" fascista, a "tática fascista", aquela tática que assassinou Matteotti na Itália, e tinha na sua técnica o óleo de ricino, óleo de ricino que foi tomado pelos inimigos de Mussolini, mas produziu efeito nos amigos, nas horas de perigo — que devemos combater, aniquilar, e não as nações dominadas pelo fascismo. A função dos combatentes desta guerra é a mesma da França de 93: libertar a Europa, o mundo, dar o poder ao povo, pois é o povo que o merece".

Não convém insistirmos. Não podia vir melhor resposta da província. De Recife emergiu uma voz que faz justiça, sem berrar demagogia. Quasi ao fechar o seu excelente, atrevidíssimo e humaníssimo prefácio, diz Mário de Andrade, sangrando nas entrelinhas: "Deixem os moços proferir a sua verdade. Eles a diriam com esplendor, porque será sempre do lado do instinto e da generosidade dos moços que vive a verdade do futuro".

Eles "a diriam"? E' muito, seu Mário. Otávio de Freitas Júnior rompeu metade da treva. E não é isso uma forma decente de exibir uma face viva da verdade? Mas, e a outra face, indagarão? Não a mostremos logo. A marcha que se processa, no mundo, é de profundidade e as vagalhões não mais se deteem, porque as represas se esbandalharam de uma vez. Não precisamos gritar de contentamento para antecipar a queda dos fascistas, de todos os fascistas. A tarefa dos "brutos" está por se findar. E' a face morta da verdade. Breve a contemplaremos, não é Otávio de Freitas Júnior?

ENSAIOS DO NOSSO TEMPO, de Otávio de Freitas Júnior — Prefácio de Mário de Andrade — Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1943.

Porque Escrevi «Os Braços Suplicantes»

ELIEZER BURLÁ

Copyright de LEITURA

AO DIRIGIR a mim mesmo esta pergunta, que me fora ditada originalmente por LEITURA, percebi, com espanto — eu o confesso sinceramente — que não tinha nenhuma resposta definida a dar. Pois, se depois de pronto e editado, "Os braços suplicantes" parece ter uma certa unidade de pensamentos, um "clima" intelectual mais ou menos comum da primeira à última página — não o teve durante todo o tempo de sua execução. Explico-me: os contos não foram escritos num mesmo período de minha formação e não obedecem a uma ordem cronológica definida. "Idílio", por exemplo, foi escrito muito antes de "Morte da bem amada" e este, por sua vez, foi escrito numa das pausas do conto "Os braços suplicantes".

Todos eles, porém, foram escritos com a sinceridade que só a mocidade, uma certa falta de experiência, um certo pudor de ser cínico, a honesta vontade de não desperdiçar o tempo de ninguém, nos dão. Outra coisa que convém salientar: não foram escritos para "contar" casos, no sentido de narrar histórias com "princípio, meio e climax final". Em todos eles senti a vontade de "fixar" um momento, uma situação, um pensamento, uma dúvida... Ao assistir, na rua, a passeata de um casal caricato que fazia a propaganda de uma conhecida casa de artigos de cama e mesa, cresceu dentro de mim a curiosidade de "saber" como e o que estaria pensando aquela pobre moça silenciosa e berrantemente pintada que se submetia, por necessidade, a desempenhar um papel tão humilhante. E "Humilde Presente de Natal" foi a resposta que dei a mim e aos meus futuros eventuais leitores. Lendo um poema oriental sobre a nostalgia que uma mãe sentia pelo filho prisioneiro, impressionou-me logo o seu drama de camponesa ignorante, porém muito, muito humana. E nasceu "Mensagem ao filho prisioneiro".

Reminiscências de infância, impressões de colegas de serviço, de amigos e conhecidos — costumam também corporificar-se nos contos. "Revolução", "Capítulo" e "Uma bolha de sabão" estão neste caso. Porque — o que gostaria que se tornasse claro — não é o caso em si que interessa, pois o caso é banal, vulgar, coisa de todo o dia. O que interessa é saber "como" e "porque" agem de tal ou qual maneira. Deverá existir uma razão determinante de todos os atos humanos. O excesso de preconceitos, a ingenuidade mental e física, a ignorância, o cinismo prematuro, as necessidades de todo o dia, a pobreza, a vontade de "subir" para fugir ao horror da miséria... são milhares de razões que agem em uns e outros, determinando reações diferentes. Esta inquietação por "saber", esta solidariedade humana que me impulsiona,

são os fatores decisivos da minha literatura.

No entanto, no fundo de quase todos os meus contos, existe um resíduo romântico, fantasioso, bem literário — que dão um certo tom dramático aos personagens. (Agora, quase três anos passados vejo que o ex-



ELIEZER BURLÁ

cesso de lirismo me prejudicou na construção objetiva das cenas).

Na verdade escrevi "Os braços suplicantes" pela necessidade de escrever; pela vontade de "dizer alguma coisa"; por inevitável solidariedade ao próximo, aos seus defeitos e às suas qualidades.

Com exceção do conto "Os braços suplicantes", todos os demais revelam estas aspirações, que os poucos críticos que de mim falaram ressaltaram como uma — ou única, talvez — de minhas qualidades literárias.

Confesso que, apesar de não considerar "Os braços suplicantes" o meu melhor conto, espantou-me verificar

como passava em brancas nuvens entre os que de meu livro se ocuparam. (Este artigo já estava escrito quando saiu um comentário de Pinheiro de Lemos focalizando-o).

Foi a coisa mais trabalhosa que já escrevi na minha vida, e que interrompi uma porção de vezes e uma porção de vezes retomei, tal o interesse que despertara em mim a situação que estava descrevendo. A situação, e não o enredo; o enredo foi algo que "tinha" de ser escrito para formar sentido, para dar a necessária "paisagem" que situaria o personagem central na memória do leitor. Minha vontade era criar um personagem aparentemente normal que "uma coisinha de nada" modificaria. Essa "coisinha" foi a sugestão representando a ansiedade sexual. Diante da mode'o e de sua própria pintura, renasceram velhas idéias e tendências infantis, todo um lastro de complexos e terrores sexuais que pesava dentro dele esperando uma provocação mental ou física qualquer para se objetivar. E as coisas começam a se desenrolar com certa vertiginosidade até que, no fim, há uma fusão de sensações, um hibridismo de reações, a confusão entre a ficção e a realidade de tal modo que resultam em uma tragédia passional barata de terceira ordem. Para tornar os contrastes mais nítidos, narrei o assunto em três planos diferentes: passado, presente e futuro. O passado é a tragédia em si; o presente é a repercussão nos jornais; o futuro é o hospital, a convalescença e o esquecimento. O leitor fica sabendo como é que o personagem sentia as coisas, como foi que elas se desenrolaram na realidade, que falsa interpretação sugeriu aos que não lhe conheciam todos os detalhes e a consequência final.

Mas parece que já estou falando demais e fugindo do limite imposto pela revista. Resta-me dizer que o concurso da José Olympio foi uma oportunidade de primeira ordem, e que considero absolutamente justo Lúia Correia Dutra ter merecido, dos três premiados, o primeiro lugar.

OS BRAÇOS SUPLICANTES, de Eliezer Burlá — Contos — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

JENNIE GERHARDT — Trecho de um romance de Theodore Dreiser, um dos mais poderosos romancistas norte-americanos. É sobre Jennie, "uma filha carinhosa, uma amante mais generosa que exigente". — "Dirias a rosa desfolhada pelo vento: — 'tu o merecias?' Dirias ao pino sacudido pelos ventos e marcado pelos raios: — 'és um fracassado?' Que pouco sabemos do êxito ou do fracasso no químico fluir das coisas! O fracasso e o êxito existem? Que pobre figura a desta mulher nascida na pobreza e na pressa de um mundo cheio de clamores! Que desgraça em não ser amargo colérico, brutal, febril... Cuidado. Por cima e por baixo de nossas percepções há hierarquias e poderes. Apenas nos concederam ver em parte e crer em parte. Mas quem pode profetizar o que será perfeito? Jennie amou e, ao amar, entregou-se. Haverá sabedoria mais alta? Em que lugar se encontram os seus monumentos e os seus sinais? De quem recebemos, pois, a vida e as coisas boas, e por que?..."

EM DEZEMBRO PRÓXIMO O 1.º LIVRO DA

Coleção MENINO-HOMEM

ZUMBI DOS PALMARES



Lêda Maria Albuquerque

A vitoriosa autora de "A Semana de Miss Smith", livro de contos que mereceu um dos "Prêmio Humberto de Campos", escreveu uma linda história para os meninos do Brasil sobre a lendária figura do herói da República dos Palmares.

Noemia Di Cavalcanti, a grande pintora patricinha, ilustrou o livro de Lêda Maria Albuquerque

Desta edição, serão tirados 100 exemplares em papel Vergé, numerados e autografados pela autora, vendidos exclusivamente por assinatura, ao preço de Cr\$ 100,00 cada exemplar.

PREÇO DA EDIÇÃO COMUM, capa cartonada, em cores, de Noêmia, e com todas as ilustrações da edição de luxo: Cr\$ 10,00.

COMPANHIA EDITORA LEITURA

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

ASSEMBLÉIA, 79 - 1.º andar

—

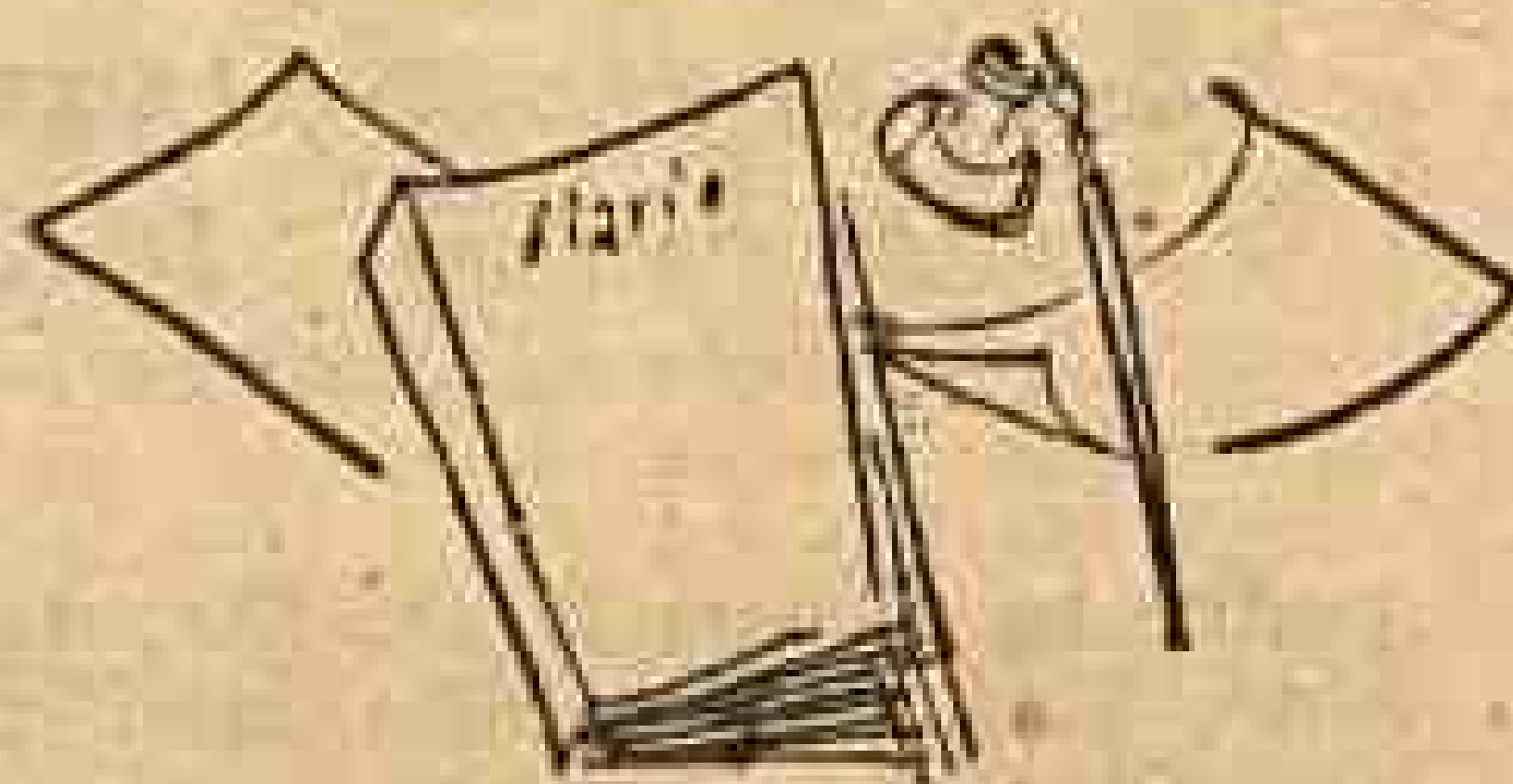
RIO DE JANEIRO

O Teatro Soviético

II — SINDICALIZAÇÃO

JORACY CAMARGO

Copyright de LEITURA



UMA vez que, no primeiro artigo desta série, mostrei, em traços largos, o panorama do teatro soviético, e os resultados obtidos com a política do aproveitamento das artes cênicas na construção do socialismo, seria interessante, e útil, estudar, agora, como se processou esse movimento.

Afim de desfazer um golpe mais seguro foram reunidos todos os artistas nos quadros do Sindicato dos Trabalhadores da Arte da U.R.S.S., não só os do teatro, como os do cinema, da música, da pintura, da escultura. Essa organização agrupou, desde logo, 150.000 artistas, com a única finalidade de trabalhar pela criação da arte socialista, e de colaborar, assim, com os proletários e os trabalhadores na edificação da sociedade sem classes.

Esse sindicato foi fundido em 1919, época em que, pela primeira vez, os artistas da Rússia, se juntavam para defender os seus interesses e lutar pelos interesses da coletividade, pois até o momento da revolução nem poderiam pensar nisso, o que explica a ausência dos artistas de todas as artes no movimento revolucionário. Eles quase não participavam da vida coletiva, constituindo uma verdadeira massa amorfa, cujos interesses não ultrapassavam os limites estreitos da própria vida privada e do trabalho desorganizado. Excluído um punhado de artistas famosos, a maioria dos atores, pintores, músicos e demais trabalhadores das artes, vivia em condições extremamente precárias. Os salários eram muito baixos, e dependiam exclusivamente da vontade arbitrária dos empregadores. Não havia uma lei que lhes desse personalidade jurídica, ou regulasse as relações entre artistas e seus exploradores. Em suma, estavam na mesma situação em que a "Lei Getúlio Vargas" encontrou os nossos artistas, cuja classe talvez estivesse hoje disfrutando a vida privilegiada de seus colegas russos, se os auxiliares do presidente da República tivessem sabido continuar a sua obra e aproveitar criteriosamente o interesse que a. ex. manifesta constantemente pela organização definitiva dos nossos trabalhadores de teatro. Como ainda sucede hoje no Brasil, os grandes artistas que floresceram antes da revolução davam humilhar-se para obter os recursos materiais necessários ao seu desenvolvimento. Alí está o caso de Tchaikovski, revelado pela publicação de sua correspondência com o famoso mecenas Von Mek, a cuja esposa o grande compositor recorria, para que hoje não estivéssemos privados das maravilhas de sua inspiração, que, por sinal, tem sido uma "mina" para os fabricantes de "fox-trots"...

Si era essa a situação dos artistas, antes da revolução de fevereiro de 1917, muito pouco se poderia exigir da mentalidade de uma classe que perdesse a confiança no seu próprio destino.

Depois do movimento revolucionário, começaram a surgir pequenas organizações, que se propunham a defender os interesses econômicos dos diversos grupos, até que o partido comunista adotou a política da fusão desses grupos, para o estabelecimento de uma vasta organização sindical, capaz de participar da imensa tarefa que lhes tocava em benefício do país. E não foi muito fácil vencer a oposição de certos artistas reacionários, que se esforçavam para manter o teatro independente do Estado, alegando que, enquanto o poder soviético não fosse reconhecido por uma Assembleia Constituinte, os atores não desejavam colaborar com o partido.

Mas, ao lado desses elementos havia um numeroso grupo de artistas de tea-

tro que, desde os primeiros dias da formação do novo poder, se colocaram à sua disposição para a educação artística de grandes massas de trabalhadores. E foi assim que, dentro das condições difíceis da guerra civil e da "débacle" econômica dos primeiros anos da revolução, esses artistas enfrentaram todos os obstáculos, trabalhando diante de milhões de espectadores novos, atraídos pela nova arte. Esses atores abnegados representavam com dificuldade, batendo os queixos, acossados pelo frio, em teatros sem aquecimento, diante de um público embuçado nas mais estranhas peles, ou indo às fábricas, usinas, minas e fazendas, ou ainda acompanhando os destacamentos do Exército Vermelho, afim de levantar o moral dos soldados, e lhes oferecer um repouso cultural. Estavam, portanto, lutando na defesa da revolução contra os russos brancos, e pela construção do Estado soviético. Esse grupo é que constituiu o núcleo central do Sindicato dos Trabalhadores da Arte. O primeiro congresso reuniu-se em maio de 1919, com a representação de 25.000 trabalhadores, formulando, pela primeira vez, as suas obrigações, que são as seguintes: — união de todas as forças; melhoria da situação material dos trabalhadores do teatro, do cinema, da música, do circo, etc.; regulamentação das questões jurídicas; participação nas atividades do Estado, no domínio da educação artística das massas; fixação de salários, e o estabelecimento do descanso semanal. Desde logo passou o sindicato a colaborar ativamente com o Comissariado do Povo para a Instrução Pública na realização da política artística do poder soviético. Essa política consiste em aproveitar o que é realmente precioso na arte do passado, assimilado por um espírito crítico capaz de torná-la acessível ao povo, contribuindo ainda para a formação de uma arte nacional que pudesse ser utilizada, em todos os gêneros artísticos, na divulgação das idéias do partido. Dessa forma, e à medida que a economia da U.R.S.S. se firmava, a arte socialista se desenvolvia paralelamente. Basta dizer que, em 1929 havia ainda 24.000 trabalhadores de teatro sem trabalho, e já em 1934, todos estavam empregados, inclusive os que foram surgindo durante esse período, e apesar do considerável aumento de todos os salários, que iam melhorando à medida que o país prosperava. Hoje em dia, os artistas de teatro são economicamente independentes, pois o que caracteriza a melhoria geral é o fato de estarem a salvo de qualquer influência do dinheiro. A política do Estado soviético em todos os setores da arte, a transformação dos teatros em instituições incluídas nos orçamentos do governo, e a grande atração exercida pelas artes sobre os novos espectadores, colocaram os atores, os músicos, os operários especializados, etc., em condições materiais verdadeiramente privilegiadas.

Para isso foi preciso, entretanto, gastar muito dinheiro. Durante o primeiro plano quinquenal, as despesas efetuadas com a edificação de novos teatros, se elevaram a 158 milhões de rublos. Se

assim se explica o número atual de 700 teatros contra 154 da Rússia czarista.

Não preciso me referir aqui aos resultados dessa política, que ficaram bem claros no primeiro artigo. Mas seria conveniente estabelecer aqui a diferença atual entre a arte socialista e a burguesa. A crise econômica que perturbou a vida de todo o mundo, feriu de morte a arte burguesa, com o fechamento de grande número de teatros, o afastamento do público e o abastardamento de quase toda a produção literária. Os artistas ficaram sem trabalho, e os que trabalham lutam com dificuldades enormes para viver, o que provocou, em quase todos os países, a proibição de contratos com artistas estrangeiros. Entretanto, o governo soviético, longe de proibir esses contratos, ou restringir o número de artistas estrangeiros, provoca o aumento do número considerável que pisam os palcos de todas as suas repúblicas. E' que o Sindicato dos Trabalhadores de Teatro, que, noutros países, protestaria contra essa política, ao contrário, participa da escolha e seleção de elementos estrangeiros, anualmente convidados. Esse critério, aliás, foi adotado em todos os outros ramos da atividade nacional, e que afastou dos artistas soviéticos qualquer temor da concorrência, que foi inteligentemente substituída pelo interesse de entrar em contacto com os melhores representantes da arte ocidental, afim de tirar proveito da experiência artística que, porventura possuíssem.

Pode-se mesmo dizer que o desenvolvimento do teatro soviético se deve exclusivamente ao Sindicato, embora a política do partido, como a do governo, em questões de arte, tenha sido o fator fundamental. Partido e governo consagraram uma atenção especial ao desenvolvimento de todas as artes, quando a sua transformação se tornou necessária à política da industrialização do país e à coletivização do campo, durante a realização do primeiro plano quinquenal. Todos os trabalhadores de teatro foram rapidamente convocados e reunidos para a luta pelo socialismo, recebendo cada organização a ajuda necessária e as mais amplas facilidades. Foi precisamente nesse período que surgiu um novo repertório, digno da grande campanha encetada, pois os autores e os artistas entraram em contacto direto com as massas, seus dramas e suas ansiedades. Foi a época da renovação geral, quando foi lançada a luta pela qualidade. Ao mesmo tempo, e como era natural, ressurgiu o amadorismo, ao lado e orientado pelo teatro profissional, ajudando a elevar ainda mais o nível artístico. Desse entendimento entre profissionais e amadores nasceu um repertório que eu chamarei de repertório-depoimento, feito de peças escritas por soldados, camponeses e operários. Formou-se, assim, uma nova geração artística, digna da geração anterior, que possibilitará o aparecimento de uma arte nacional na forma e socialista no fundo.

Não nos esqueçamos, entretanto, que, para atingir a esse resultado, a nova geração vinha sendo preparada pelo Teatro da Criança, que se organizara em 1918 um ano depois da revolução, sob a direção de Natália Satz, jovem ainda, mas orientada por um conselho de pedagogos, psicólogos, autores, músicos, bailarinos, electricistas, carpinteiros, enfim, todos os técnicos que pudessem concorrer para a realização de suas idéias, planejadas em conferência.

No próximo artigo tratarei do Teatro da Criança, mais amplamente do que o fiz na conferência que, a convite do ministro Gustavo Capanema, realizei em 1936, no Salão da Escola de Belas Artes.

Leitura Escolhe um Conto

ALBERTINA

Conto de PAULO ALVES

Ilustração de PERCY DEANE

Copyright de LEITURA

FALA com o seu padrinho, Glorinha!

Mas em verdade eu não era padrinho da mulatinha abobada que estava na minha frente, em cujos cabelos era evidente o mau gosto

padrinho de sua filha. Ela, Albertina, sim, fora minha madrinha. Quando saí de nossa casa, para consolar os meus soluços, ela dissera promessas. Mais ou menos eu me lembro de tudo. Os seus olhos

lembro de ter ouvido de sua boca. A mamãe ela dissera, em lágrimas na hora do trem partir: "Se eu for infeliz volto, sim, madrinha!" Tratava mamãe de madrinha, por uma outra necessidade imperiosa de caracterizar qualquer parentesco. Viera para nossa casa aos dez anos, incumbida de fazer o fogo pro café. Desenvolveu-se, e à medida que o tempo passava, a sua afeição crescia pelas crianças. Mamãe ia para o Grupo sossegada: Albertina daria o leite aos meninos na hora certa, e, quando chegasse, a casa estaria em ordem.

Atribulada de uma autoridade sempre crescente, mais se interessava pelos problemas domésticos, e mais ganhava a confiança de mamãe. Não sei por que, eu fui o seu favorito. Para todas as coisas há sempre uma criança favorita. As vezes a mais chorona e pirrarenta. Na parte inconsciente de minha infância, eu só conheço Albertina através das notícias de mamãe. Aos oito anos somente é que sei recordá-la com justeza. De vez em quando me vejo nú e sobressaltado, sob os raios mansos de sua boca: "Se o seu pai te pegasse, ocê ia ver". Estivera pelos pastos e o corpo vinha cheio de carrapatos. E Albertina tirava tempo para me catar os parasitas e depois me dar um banho. De noite, como se nada tivesse ocorrido, lá estava eu, bonzinho, para a solenidade do jantar de mesa comprida. Depois então de realizada esta farsa, pretextava o sono, cedo demais, e do quarto pulava para a rua, já descalço. Em seguida, adería à brincaadeira do "mãosua" infalivelmente.

Isto não era, entretanto, todo o acervo de lembranças da ama. Um dia papai estava nervoso com alguma coisa e eu fui infeliz numa travessura. Ele ia me pegando para passar a corréa. Albertina interveio com a sua autoridade materna. Em Joanito ninguém batia!, e não foi mesmo que o velho me deixou de lado...

Quando vovô morreu, era a pobre Albertina quem acalentava o meu sono, quem fazia descer uma paz para o meu pensamento.



de fazer duas tranças. Albertina talvez quisesse me dar uma com-... me chamando de

tinham felicidade, mas receiavam pela vida. "Minha primeira filha será tua afilhada" — foi o que me

imagem dos estertores de vovô, de seus gemidos, não me deixavam. Se conseguia adormecer, ao peso das pálpebras chumbadas, lá me vinha um sono assustado, e eu gritava por ela. Albertina me acudia com solicitude, e brotavam de sua boca histórias cheias de cintilações, de reinados maravilhosos e fadas benfazejas. A mulata tinha uma grande imaginação, e eu ia caindo, pouco a pouco, vencido ao encanto inacabável das ficções que não sei onde ela aprendera.

E agora ali estava, na minha frente, a mesma Albertina de há onze anos. A mesma? A mesma, não, que a outra era apenas memória e esta Albertina era um drama, era um fragmento de vida. Dizia com doçura para a menina abobada:

— Glorinha, fala com seu padrinho, fala neguinha!

A Glorinha abobada, a Glorinha muda, olhava com espanto. Com certeza, nem sabia falar direito. Do narizinho chato lhe escorria um líquido viscoso e vestia uma simples camisola.

Glorinha triste!

— Quantos filhos você tem? Lembro-me de que você nos comunicou o nascimento dos dois primeiros: Carlos e Abigail.

— Tem ainda a Glorinha e a Elisabeth. Vem cá ver a caçulinha!

Num berço velho a menina dormia. Fiquei pensando: quatro filhos... Quatro filhos, Albertina! Como foi que você teve tantos filhos? Adivinhou-me os pensamentos, e suspirou forte. Nos beijos grossos dansou-lhe o sorriso do seu otimismo cansado, quotidiano, gasto. Reparei que somente a metade da casa estava assoalhada. E como olhasse o chão, observando, ela reunia umas roupas sobre a mesa de engomar. Depois, sem dramaticidade, me explicou:

— Até isso que você está vendo Idelpino vendeu. Vai vendendo tudo para beber. Sempre embriagado, lá pras duas da madrugada.

Idelpino era um requintado almofadinha. Andava de bengala de ná, e o azul-marinho era impecável no corpo malandro. Dos seus primeiros passeios em frente de casa, me recordo muito bem, porque fui cúmplice de seus desejos. Dava-me duzentão para comprar bala no botequim de seu Quincas, e com isto conseguia a certeza do recado bem transmitido: Seu Del-pino mandou dizer que tem uma coisa muito importante para contar a você. Ele vai esperar na esquina. Ao don Juan eu trazia, depois, a vitória da mensagem: "Ela diz que sim".

Com o tempo ele se aproximou da namorada, e ganhava intimidades. As nove horas, quando estava prestes a soar o grito de alarme da vigilância de mamãe, eu lá estava inocente e alheio, entre os dois, perguntando bobagens. Qua-

si sempre não me davam importância. Distraíam minha atenção com qualquer coisa ou me ocupava em lutas pelo chão com o "Dick". Esperava por ela, afim de me lavar os pés na bacia e me estender as cobertas. Idelpino girava sempre a bengala nodosa na mão direita. Lembro-me de que algumas vezes levavam muito tempo sem se falarem, numa doce contemplação. Não tinha olhos para ver, nem para maliciar, porém, mais tarde, vim a tudo compreender. Amavam-se muito, razão por que ela fora infeliz e não voltara à nossa casa, como prometera. Vigorosa, achou também de enfrentar a dureza da vida absolutamente só, vexada de seu fracasso.

— Você sustenta a casa sozinha?

— Idelpino não para em emprego nenhum... Vou lavando

— Nossa. Mas foi uma pena. Você nem calcula: ontem morreram três. Tem doze, ainda.

Desci ao terreno úmido, movido pela ternura de acariciar um bichinho nas mãos. Fugiram-me todos e a galinha fez um espalhato.

Retornei:

— Se você não tivesse casado, Albertina...

— Qual! (Suspirou fundo). Talvez tivesse sido pior...

— Sido pior?

— Quem sabe, não?

— Talvez não, Bertina. Você não estaria metida neste buraco, cercada de tantos filhos, sem roupa para lhes dar. Sido pior?

— Bom, meu filho, mas esta é a vida.

— Que vida, que nada! Esta é a... tristeza!

— Mas é a vida, meu bem! Se



quanto posso como você vê aqui essa montueira de roupa... Tenho ainda que fazer almoço e janta, e, por cima, tolerar as bebedeiras dele.

Falando, me deixou reparar que estava quase inteiramente banguela. Também aumentara de dimensões e o vigor dos seus braços parecia maior. Estava abrutilhada, decidida, apesar do fardo que carregava.

Fiz uma pergunta que depois me traria arrependimento, se não lhe tivesse dado um tom de brincadeira:

— Idelpino lhe bate muito?

Riu-se, apenas:

— Coitado...

Tomel ares íntimos e circulei pela casa, que era, toda, um só aposento. Paredes não eram mais que esburacados cobertores descoloridos e manchados. Fui até aos fundos, com vista para o rio sujo. No terreiro, uma carijó cacarejava o clume de seus tenros filhos.

— De quem é esta ninhada de pinto, Albertina?

um dia você se visse como eu, não amaldiçoaria a ninguém.

Não respondi logo. Senti-me invadido de imenso vazio. Assim que ela se viu distraída, tirei uma nota de vinte do bolso e apresentei as despedidas:

— Vou-me embora hoje de tarde. Adeus, e quero que você seja feliz.

— Que Deus te faça um grande homem — respondeu-me.

E aietuosa:

— Muitas lembranças a sua mãe e a seu pai. Roberto como vai?

— Já está quase formado.

— Sempre sério, não?

— Sempre daquele jeito...

Abraçamo-nos. Depois chamei a Glorinha triste:

— E agora vem aqui, tetela. Guarda essa lembrança do padrinho.

Albertina agradeceu com um sorriso, e eu saí para fora, melo aliviado. Enquanto ia andando, pensava na vida de Albertina. Não se

(continua à pág. 49)

(continuação da pág. 18)

pecial ao enredo. Sendo embora a única circunstância a nos lembrar a ribalta, é uma das muitas que nos levam a abstrair, no interesse da leitura, qualquer imagem material da representação cênica. O que se exemplifica nitidamente com as tragédias de Shakespeare, que são todas assuntos magníficos de livro, mais do que de palco. Lemo-las como se fossem romances ou novelas — e talvez menos intensamente nos apaixonássemos assistindo à sua interpretação teatral.

Ao lançar Eurípedes, Shakespeare, Garrett e outros grandes da cena antiga, soube a Editora Cultura discernir louvavelmente o teatro legível do teatro representável, se assim podemos explicar a distinção que arbitrariamente introduzimos num mesmo gênero literário.

Ainda agora, como que aderindo em definitivo a tal modo de ver e apreciar, nos dá o "Teatro Cômico" de Martins Pena, na série clássica brasileiro-portuguesa "Os Mestres da Língua", que é uma das tantas coleções sérias, de indiscutível bom gosto e linha, com que José Pérez renova e enriquece o comércio editorial de São Paulo, com a colaboração de Mario Donato.

Martins Pena ganhou grandes elogios do Conservatório Dramático Brasileiro quando, em 1844, no Rio de Janeiro, subia à cena "O Judas em Sábado de Aleluia", uma das suas comédias mais irresistíveis — mordaz, valente, arrasadora.

Não obstante ser considerado o criador da comédia de costumes no Brasil, Martins Pena parece, antes, um destruidor de costumes... Carioca, vivendo no Rio ao tempo do segundo reinado, conhecia de observação diária os vícios e ridículos de seus patrícios, da pequena burguesia

e da nobreza. Sua pena se adestrava visando esses alvos vistosos, tentadores, seniveis como uma atiradora terrível de sátiras. Os inconfessáveis costumes da época, ele os surpreendia em flagrante a cada passo, e a título de fazer gargalhar a platéia escassas, encenando saborosas burlettas, esclarecia e reedificava toda uma sociedade.

Neste particular escreveu talvez as suas mais finas comédias, como "Os dois ou o inglês maquinista", "O Judas em Sábado de Aleluia", "O calxeiro da taverna" e "Quem casa quer casa", provérbio que hoje até serve de "slogan" à propaganda de popular empresa construtora e que, ao que sei, não chegou a ser representada no tempo do autor.

Apreciava também os motivos rurais. Várias comédias suas passam-se no meio campesino, e são, entre outras, "O juiz de paz da roça" e "A família e a festa da roça".

Delicioso, esse Martins Pena. Não é amigo de esparramadas descrições de cenários, nem de estiradas ou difíceis nomenclaturas de personagens. Comedido, singelo, inimigo de complicações. Sóbrio até no tamanho das peças. Todas breves, as mais longas, de três atos no máximo, divididos em cenas rápidas, que se sucedem e terminam quase sempre em reticências de súbita hilaridade. Muito chiste, muita viveza, franca irreverência. Nenhum desleixo ou inaptidão na exploração do assunto, que se revolve e deixa em realce, habilmente desfrutados, os motivos melhores de ironia e graça. Escolha e apresentação impessoal dos personagens, que se movem e se pintam e se caracterizam por si mesmos. Perspicácia e leveza no entretimento dos diálogos, simples e pitorescos como as conversas em família.

Tal é Martins Pena, tipo acabado do comediógrafo legível.

Obrigações de Guerra

Juros de 6% a.a., pagáveis semestralmente

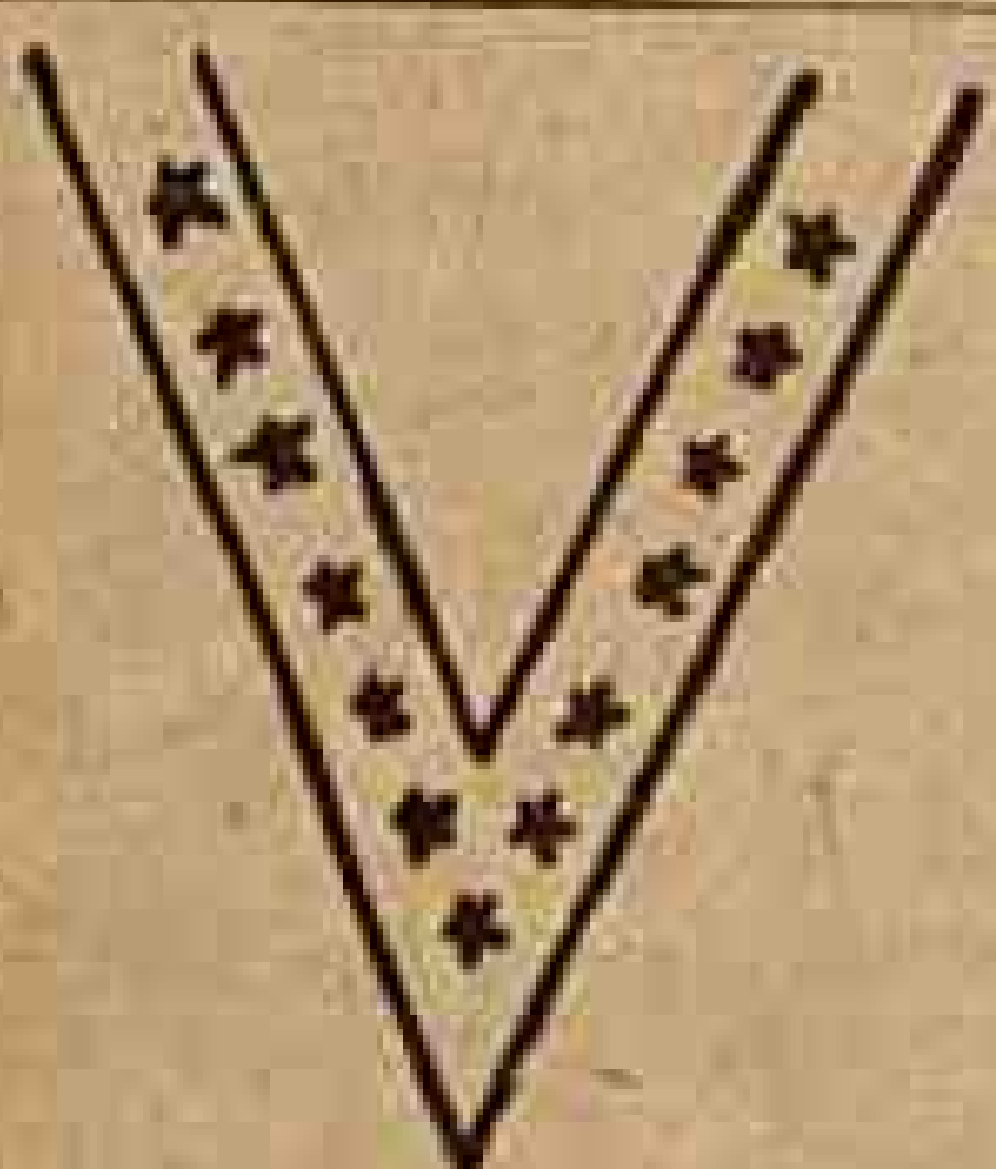
Títulos de renda ao portador, ao alcance de todos, com cotações na bolsa

RECOMENDAMOS aos nossos clientes a aquisição dessas obrigações em nossos "GUICHETS" pelo seu valor nominal

TÍTULOS DE

Cr\$ 100,00 — 200,00 — 500,00 — 1.000,00 — 5.000,00

AOS NOSSOS CLIENTES concedemos crédito com garantia das OBRIGAÇÕES DE GUERRA adquiridas por nosso intermédio



Nossos funcionários incorporados às forças armadas — Convocados ou voluntários — Percibem os seus ordenados integralmente.

Banco Hipotecário Lar Brasileiro

S. A. de Crédito Real

RUA OUVIDOR, 90

RIO DE JANEIRO

SUCURSAIS:

S. Paulo — Santos — Baía

Adquiram Cultura Lendo

"Cadernos Culturais"

NOVAMENTE À VENDA:

PLATAO

Diálogo sobre a Justiça Cr\$ 5,00
McTAGGART

Introdução ao estudo da
Filosofia Cr\$ 5,00

DUGUIT

Fundamentos de Direito Cr\$ 5,00

DUGUIT

Elementos do Estado. . . Cr\$ 5,00

OUTROS CADERNOS EDITADOS:

BAUDELAIRE

O Pintor na vida moderna
BACELAR

Arte Política e Liberdade
TREVILYAN

Pequena História da Itália
DAWSON

Pequena História da Alemanha
SOMERVELL

Pequena História da Inglaterra
BRASIL

Diderot e sua época
BARRETTO

A literatura portuguesa no sec. XIV
CARDIM

Projeção de Camões nas letras
portuguesas
FLEURE

Introdução ao estudo da geografia
MAC BRIDE

Introdução ao estudo da embriologia
HOLMES

A idade do terra
GRAÇA

Evolução das normas musicais
TAINÉ

Da natureza e produção da obra de
arte
RÉGIO

Expressão artística
HENRIQUES

O pensamento científico
BARTHELEMY

A vida religiosa dos Gregos
GOMES

Henri de Man
WALRAS

Economia política e social
BRASIL

Victor Hugo
MONTEIRO

Sobre o romance contemporâneo
COMTE

Importância da filosofia positiva
CHAVES

Sobre Eça de Queiroz
OLIVEIRA

História breve da literatura
Brasileira
PULLIN

Raio X e Rádio
DARWIN

A seleção artificial
MAC BRIDE

Sobre a evolução
LAKY

O direito no Estado
LIMA

Desportismo profissional
PLUTARCO

Lisandro

A venda: Em todas as livrarias importantes do Brasil e no

"AO LIVRO TECNICO"

AV. RIO BRANCO, 120 — Loja 16

e na

"EDITORIAL INQUERITO"

RUA DO REZENDE, 78 — RIO

Arquitetura Brasileira

LUIZ DA CÂMARA CASCUDO

Copyright de LEITURA

O MEU compadre José Mariano Filho ampliou e transformou num ensaio curioso de informação e beleza a sua conferência n.º "A Gazeta" de S. Paulo, sobre as influências muçulmanas na arquitetura brasileira.

Nós, no Brasil, somos os generalizadores por excelência. Não há literatura no mundo com menor "informação" que a nossa. Amamos a lição, o voo estratosférico, a citação importante, lá por cima, incapazes, por falta de tempo espiritual e capacidade de pesquisa sistemática, a reunir, seleccionar e indicar os materiais indispensáveis.

Os sociólogos recorrem aos cronistas coloniais e aos viajantes estrangeiros. O Brasil continua pintoresco e há sugestão preciosa para todas as atenções nos dias presentes. O raro é ter quem se digne contar onde existe essa sugestão e onde resiste esse fato interessante.

Falamos muito da influência oriental, chinesa e árabe, mas ninguém toma aos ombros o encargo de fixar essa influência num determinado ponto, arquitetura, crença, superstições, culinária, enfim, o Folclore ou a Etnografia tradicional.

Com a Índia muçulmana e a China tivemos navegação direta contínua. Ainda em 1809 Henry Köster encontrava em Pernambuco a linha de Gon, dois navios por ano, indo e vindo. Para Macau, esse intercâmbio veio ao século XX, trazendo louçaria azul, sedas, enfeites, corais, jóias baratas, entre elas uma espécie de barrete vermelho, lindosa, com o nome delicioso de alegria. Encontro nos inventários dos fins do século XIX as "alegrias de coral", memórias (anéis) de ouro com coral da China, os panos amarelos, azues e roxos de Nanquim. O Nordeste guardou a denominação popular do "imono" para quimão e timão, ainda usado para as crianças do sexo feminino no velho sertão do oeste. E se cantava, nas serenatas de 1904 ou 1908, no ritmo balçado dos lundús:

Quando tu morrer quero ir
Com o meu balão,
E a minha toca, e também
Com o meu timão!...

Teríamos identificações preciosas se alguém estudasse a etnografia árabe, ou simplesmente a etnografia oriental no Brasil, árabes, chineses, etc. No Rio Grande do Norte, na Igreja-Matriz de S. Gonçalo, na cidade do mesmo nome, há molduras de madeira nas "tribunas" de honra, recortadas em mirantes, com as extremidades recurvas, semi-upares, inteiramente ao sabor dos pagodes da China. A Igreja não é velha. Ficou pronta no terceiro lustro do século XIX. É um exemplo puro da "presença" oriental, a influência persistente e poderosa sem nenhum fator de continuidade material nem de cotêjo erudito. A "influência" estava nos hábitos, na tradição, bem longe de qualquer livro, indicação ou ordem.

José Mariano Filho estuda essa fa-

ce do problema. E a documentação é ampla e ao alcance dos olhos, fotografias, desenhos, ruas, casas, janelas, portadas, com os motivos e processos arquiteturais árabes muçulmanos inteiramente nítidos.

Naturalmente não os tivemos de importação direta, como os pratos da China e tecidos rusticos de Gôa. Recebemos através de Portugal que posou os muçulmanos durante cinco séculos. E a casa, a rua estreita das vias portuguesas não se libertaram da forma árabe. Nem nos costumes e mesmo no canto. Para o norte essa determinante sobrevive à própria quadratura do desenho melódico europeu, no abôio, por exemplo.

José Mariano Filho expõe, numa Aula Regia, suas conclusões e comentários. Vai em cima dos arranha-céus e os chama de empadeiras de cimento. Denuncia a incanção uniformizadora da pseudoconstrução moderna, impotente para imprimir fisionomia e relevo às máquinas de morar, como dizia Le Corbusier.

O português no Brasil defendeu-se do sol recorrendo às soluções bonitas dos árabes, como já o fizera, em necessidade menor, na santa terrinha. Recorreu ao muraxabi, cercandoo de gelosias, reixas, entrecruzamentos de taliscas de madeiras, rodeando-o de enfeites, arabescos, desenhos com inequívoco efeito decorativo. Os muraxabis sacudiam-se para frente, devorando o espaço das ruas, mas tornando-as mais frescas pela penumbra, como, há dois mil anos, discutia-se em Roma, a melhoria das ruas estreitas sobre as largas, as primeiras mais arejadas e tranquilas, as segundas amplas e melhores para o trânsito. É notícia que se lê em Tácito.

Os balcões salientes, guardados pelos gradeados, rótulas, as "peneiras" de palha, para as residências pobres, o emprego regular e geral das gelosias, refletiam uma solução natural e lógica, no clima e no tempo. O Intendente Paulo Fernandes mandou arrazar todo esse mundo. Luís do Rego fez o mesmo em Golana, com aparato militar. O Rio e cidades litorâneas "modernizavam-se" sem conseguir outro processo defensivo para a reverberação solar. Vieram as varandas com gradil de ferro, e mesmo a repetição dos motivos árabes em pedra-sabão, no regime de serra de fita, como se vê na sacada, com guarda-corpo, na residência do barão de Pontal, em Mariana.

Não foi Paulo Fernandes o general único contra o arabismo local. Combatia-o, desde 1808, a navegação direta com a Europa, especialmente as construções influenciadas pela colônia inglesa. Henry Köster testemunha essa transformação no Recife como John Luccock no Rio de Janeiro. Köster, mais intelectual, aconselhava o uso de tudo que não fosse a morte das tradições lógicas do povo. Nós somos sempre mais sbedores do "padre-nosso" que um Cardeal do Sacro-Colégio. Mandaram que adaptassemos. Pusemos tudo

abaixo e vamos fazendo cock-tail em vez do velho e saboroso vinho.

O gradeado miúdo satisfazia duas necessidades importantes para o português, suado e gordo, que Debret gostava de desenhar. Muxarabis, gelosias e adufas corrigiam os rigores da luminosidade tropical, não empavavam a livre entrada das aragens e escondiam a mulher aos olhares da rua. A gelosia significava justamente esse sentido social; gelosia, geloso, jalousie, ciúme, cuidado, precaução.

Outras "presenças" muçulmanas eram a calação constante das casas e templos religiosos; a cobertura piramidal de telhas nas torres sineiras das igrejas de Minas Gerais, pormenor tipicamente mourisco, substituída, em fins do século XVIII, pela forma bulbosa, influência da Índia muçulmana; as torres de certas igrejas (S. Francisco de Assis em S. João d'El-Rei) são tratadas à maneira de mirantes muçulmanos, com um balcão circular ao nível do tambor das cúpulas de coroamento.

Diz o autor: — "... no que respeita à expressão architetonica, na qual se fazem ainda sentir diretas influências orientais, quer no próprio sistema construtivo chamado "cangicado", e ainda no "partido" de carater ornamental, expressado de vários modos, artezoados, adufas, muxarabis, azulejos, embrechados, mobiliário, etc., as influências orientais de carater muçulmano foram mais importantes do que quaisquer outras, exceptuada a influência plástica romana, ligada esta, exclusivamente à peculiar interpretação dos temas architetonicos", p. 45.

E esta é a frase-martelo, fechando a lição ótima:

"No dia em que se renovar a tentativa feita, com o objetivo de reintegrar a arquitetura tradicional brasileira no seu verdadeiro sentido histórico, os elementos muçulmanos de caracterização, visceralmente integrados nas composições architetonicas, não poderão ser postos à margem, menos pela razão sentimental da tradição que eles encerram, do que pela utilidade que de fato representam. A arquitetura do sol neles encontra os seus mais velhos e prestimosos aliados, sem os quais ficariam sem solução muitos problemas a ela diretamente relacionados".

José Mariano Filho, pela documentação do seu arquivo, obstinação numa campanha de vinte anos, conhecimento e valentia, de argumentação, contra-prova na construção do solar de Monjope, divulgação de estudos ágeis sobre a casa e os problemas da arquitetura brasileira, influências, convergências, evolução, virtudes e vícios dispensáveis, pôz nessa "INFLUENCIAS MUÇULMANAS NA ARQUITETURA TRADICIONAL BRASILEIRA" (Editora A NOITE, Rio de Janeiro, 1943) uma série de conclusões e idéias que merecem o tempo da leitura e todos os momentos da meditação.

O que se faz em Minas

PAULO DANTAS — Representante de LEITURA em BELO HORIZONTE

"LEITURA" me pede a apresentação de um pequeno quadro das últimas atividades culturais de Minas. As atividades são muitas e o balanço literário seria mais fácil se essas atividades estabelecessem entre si um certo equilíbrio necessário.

Em Minas há de tudo e ultimamente um notável surto de progresso assinala a vida intelectual montanhosa.

O concurso "Mil cruzeiros por... um conto", instituído por "Mensagem" e pela Livraria Cultura Brasileira, recebeu a adesão dos ficcionistas de quase todos os Estados do Brasil. O seu resultado final será divulgado no próximo mês por "Leitura" e assim todos os nossos leitores terão o esclarecimento pedido.

João Alphonsus publicou mais um livro de contos "Eis a Noite" (Livraria Martins Editora) com ilustrações de Percy Deane.

João Camilo de Oliveira Torres, nos deu por intermédio das Vozes de Petrópolis, o seu esperado ensaio sobre "O Positivismo no Brasil".

Na poesia moderna, tivemos duas importantes estréias: "Ombros Caídos" de Clemente Lux (Edição "Mensagem") e "Quando a Lua Cheia Valtar..." de

Fernando Victor (Edição "Grifo").

Alves Junior, do Juiz de Fora, apresentou um interessante livrinho de versos "Meu Jardim das Oliveiras" e o poeta Osvaldo Soares da Cunha publicou "Estrela Cadente", também de poesia.

Adriano Carlos estreou com "Trovas", uma delicada coletânea de felizes achados poéticos.

Mário Matos foi convidado para dirigir "Alterosa", o mensário ilustrado mais popular da cidade. A revista "Cultura" reapareceu com Carlos Chaves e Amarílio Bandeira de Melo na

direção e Manoel Ferreira na secretaria.

"Grifo" promete reaparecer sob nova orientação e Oity Silva, a maior revelação de contista deste ano, continua nos apresentando os seus contos ricos de ternura e calor humanos.

Novos livros estão sendo anunciados para o fim do ano entre os quais "Pois Distante" de Fernando Victor (poesia) "Presídio" de Clemente Lux (novela) "Pontes & Cia." de João Lucio (romance) e um livro de contos de Oity Silva.

CRIAR E MATAR A MORTE — Alegria, furor de alegria, sol que ilumina tudo o que é e será, divina alegria de criar! Não há outra alegria sendo a de criar. Não há outros seres além dos que criam. Todos os demais são sombras que ajeitam pela terra, estranhos à vida. Todas as alegrias da vida se resumem nas alegrias de criar, amor, gênio, ação — chamadas de forças saídas do único braseiro. Mesmo aqueles que não podem achar lugar em torno da grande fogueira — ambiciosos, egoístas e depravados estéréis — procuram aquecer-se aos seus reflexos descorados.

Criar, na esfera da carne, ou na esfera do espírito, é sair da prisão do corpo, é projetar-se na viagem da vida, é ser Aquele que é. Criar é matar a morte.

Desgraçado do ser estéril que permanece só e perdido na terra, contemplando seu corpo ressequido e a noite que o habita, do qual nenhuma chama de vida jamais se erguerá! Desgraçada da alma que não se sente fecunda, pesada de vida e de amor, como uma árvore na primavera! O mundo poderá cumtilá-lo de honrarias e de venturas; coroa apenas um cadáver. De "Jean-Christophe" — Romain Rolland — Edição da Livraria do Globo.

BREVE Um livro para ler e reler...

"O JULGAMENTO DAS NAÇÕES"

do grande filósofo e historiador inglês:

Cristopher Dawson

- I. PARTE: A desagregação da Civilização Ocidental
II. PARTE: A restauração de uma ordem cristã

Leia esta análise e explicação, geniais na sua clareza e simplicidade, dos problemas filosóficos, políticos e sociais do século XX.

Tradução: J. Luiz de O. Araujo

O grande sucesso STELLA:
A RELIGIÃO NA RÚSSIA SOVIÉTICA

(1917 - 1943)

N. S. TIMASHEFF

Um relato imparcial e autêntico

Novidades:

HUMANISMO PEDAGÓGICO

(Estudos de Filosofia de Educação)
TRISTÃO DE ATAÍDE

SOLIDÃO SONORA

DURVAL DE MORAES
Obra prima do grande poeta brasileiro

STELLA EDITORA

Utilize-se do nosso Serviço de Reembolso Postal, evitando demoras ou extravios

Fone: 43-7590
Caixa Postal: 3232
RIO

O Romântico Casimiro de Abreu

JAMIL ALMANSUR HADDAD

Copyright de LEITURA

NESTA hora de tormenta, duas editoras fazem reaparecer Casimiro de Abreu. Reaparece com a ingenuidade de seu lirismo, a pureza transparente de sua inspiração, fonte de poesia das mais claras que em qualquer época a nossa poética registou.

A edição, organizada por Souza da Silveira para a Companhia Editora Nacional, é simplesmente monumental. Nessa plethora de publicações de

si, determina o acento do confronto das nossas maravilhas com as européas, assinalando a nossa indefectível superioridade. Renasce revigorado o espírito de Rocha Pitta. O "porque-me-ufanismo" entra no seu período de esplendor.

Entra no seu esplendor também o tema romântico do "exílio". Casimiro de Abreu, longe da pátria, sente a saudade da pátria. Longe da infância sente a saudade da infância. Daí a tortura, a inadaptação. É um exilado no espaço e um exilado no tempo. E chora por esses dois exílios. Não foi tão "chorão" como habitualmente se apregoa. Não acho a sua tristeza exagerada dentro da melancolia infinita do Romantismo.

Esse tema do exílio reaparece nos nossos poetas modernos mas invertido. Não é mais o desejo de volta ao lar paterno. Mas, pelo contrário, o que há é um desejo de fuga, um sonho de partida e que encontrou a sua expressão mais definitiva no "Vou-me embora pra Passargada" do poeta Bandeira.

Poeta da saudade e também poeta do Amor. Mario de Andrade estudou com cuidado a frequência do binômio Amor e Medo em Casimiro e outros românticos. O amor ainda traz este sinete do Romantismo: é triste. Porque todo amor em que o objeto amado está distante, carrega-se de tristeza. E as amadas dos românticos brasileiros perpassam no fundo como bruma, são vagas, longínquas, neblinosas, são sempre uma mulher... ausente, com licença de D. Adalgiza Nery. Raramente tem-se a impressão da presença efetiva da mulher amada. Ela é o sonho vago, inconsistente, brumoso. Ela é a sombra que se anseia mas não se pode palpar. Esta permanente impressão de ausência chega a ser aflitiva nos nossos românticos.

É da insatisfação sexual provavelmente que nasce um tema muito comum nos nossos românticos: o sonho. A sua interpretação aqui parece-me fácil e se aceitarem as vistas da psicanálise. O sonho é a realização de desejos cuja satisfação nos é negada pela realidade. A vida negava-lhe a posse material das mulheres? Pois bem! Sonhava, o que era a única maneira que o poeta descobria de possuí-la.

Essa situação de desespero, de solidão amorosa explicaria também outra ficção romântica: a da virgem. Vivendo em continência, o poeta acha uma maneira de justificar a inferioridade de sua situação. E vem nos dizer que a sua amada é virginalíssima, puríssima, coisa feita para não se tocar nem de leve. É pois a impotência acarretando uma valorização procurada da castidade. Mas mesmo nos cantos de louvor à virgem de seus sonhos, o poeta deixa transparecer o fundo terreno dos seus instintos, a tendência nada virginal de suas impulsões:

"No silêncio da noite a virgem vinha
Soltas as tranças junto a mim dormir"

Convenhamos em que uma virgem que de noite solta as tranças e se aproxima do leito da gente é demasiado suspeita. Este é enfim um amor que tem pés no chão e olhos nas estrelas.

Da insatisfação sexual resulta ainda o prestígio de outro tema nos nossos românticos: o da dança. A dança realiza perfeitamente um simulacro de posse da mulher, autêntica forma de masturbação que é, em que o poeta consegue efetivar de certa maneira os seus sonhos.

Poeta do amor e da saudade...

OBRAS COMPLETAS, de Casimiro de Abreu — Companhia Editora Nacional — S. Paulo, 1940 — Idem, Zello Valverde Editor — Rio, 1942.



CASIMIRO DE ABREU

nossos poetas fundamentais, creio que nenhum deles teve a fortuna de encontrar mais alto e lúcido exegeta. A sua análise é pejada de sugestões, e exatamente em virtude de sua vitalidade selvosa, ao lado de revelações com que a gente é obrigada a concordar, surgem pontos passíveis de divergência. Se de um lado consegue convencer, com a sua autoridade de mestre da língua, da improcedência da acusação de escritor incorreto que marcava a reputação de Casimiro, por outro leva longe o direito à compreensão e à boa vontade, dotando o seu bardo de uma auréola, que por vezes achamos por demais luminosa, exagerando a grandeza do poeta das "Primaveras". Entrando para o terreno perigoso das classificações, dá a Gonçalves Dias o lugar de primeiro poeta brasileiro, o que pode ser aceitável, e a Casimiro o segundo, o que é inaceitável. Onde então iríamos colocar a Castro Alves, bardo supremo, poeta do Brasil, nome tutelar da nacionalidade?

Esse Casimiro é o poeta do Amor e da Saudade, o binômio que há muito José Veríssimo assinalara. Saudade do lar paterno, saudade da pátria, saudade melancólica da infância. Como tantos outros poetas nossos viajou a Portugal. Essa viagem a Portugal sempre servira para robustecer a formação clássica dos nossos bardos, ao mesmo tempo que mais e mais acendrava a sua lusofilia, agindo por conseguinte como uma poderosa força desnacionalizante. Mas, temos que com o Romantismo (e os casos de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu são elucidativos) dá-se o contrário: a estadia em Portugal gera a saudade do Bra-

A LIVRARIA BOFFONI

sita à rua Chile n.º 1, nesta cidade, informa possuir à venda, as obras seguintes:

LUIGI SOBRERO:

Elasticidade, enc. Cr\$ 110,00

MIRANDA SANTOS:

Filosofia da Educação, br. Cr\$ 25,00

A. NUNES SERRAO:

Lições de trigonometria, br. Cr\$ 25,00

LELIO L. GAMA:

Teoria dos números — publicados em fascículos —
cada Cr\$ 4,00

AZZI:

Meio Físico e Produção Agrária, br. Cr\$ 35,00

Aos senhores livreiros serão concedidos descontos sobre os preços supra

A Bibliografia no Brasil

WILSON SOARES

Copyright de LEITURA

O ESTUDO da bibliografia entre nós vem de certo tempo para cá, merecendo alguma atenção da parte dos homens de letras, depois do grande hiato que se abriu com o desaparecimento de Sacramento Blake e de Ramiz Galvão, nada obstante o trabalho isolado de um ou outro pesquisador que explora aquele ramo da cultura literária.

Os senões que se constatarem no Dicionário de Blake, aliás com certa frequência, não restringem o louvor que mereceu o objetivo patriótico da obra e o esforço do autor na concatenação do material que ostenta, afinal, distribuindo nos sete volumes em que a mesma obra se divide.

Na impossibilidade de compulsar as publicações ditas em todo o Brasil, ou sobre este, e ainda as da autoria de escritores brasileiros, Blake fôra obrigado a aceitar as informações, provenientes de toda parte, e emendas, às vezes de pessoas de pouca cultura, via de regra, membros das famílias dos autores falecidos.

Sacramento Blake, como se sabe, publicara no Brasil o primeiro repertório bibliográfico de carácter nacional. Pouco conhecido era o gênero do trabalho. Os panegiristas da obra de ficção menosprezavam-no. Não eram só esses que o desestimavam. De um modo geral, ainda hoje, não se reconhece o valor devido aos trabalhos de pesquisa do domínio das letras.

Devido à indiferença do meio, não teve ele a colaboração ativa ou direta dos estudiosos, sem a qual se tornou demasiado árduo o inventário, porque já era vasto o material a coligir e também consideravelmente dilatado o âmbito geográfico sobre o qual deveria estender-se a coleta.

Consolidando a sua autonomia literária, o Brasil entrava em uma atividade livre, digna da sua grandeza. Por outro lado, deve ter sido pequeno o auxílio que obtivera das bibliotecas públicas e privadas dos Estados, às quais é provável que tivesse recorrido na perquirição de assuntos e de autores regionais. A esse tempo era precaríssima, na maioria deles, a organização de umas e outras. Em relação às particulares, bem poucas haviam com desenvolvimento digno de menção. Nas de propriedade dos Estados, ainda hoje não devidamente organizadas — ressalvadas honrosas exceções — se deplorava a deficiência das coleções de livros da literatura regional ou da autoria dos escritores ali nascidos. Em algumas, não haviam verbas para a aquisição das publicações novas e muito menos para as antigas. Limitavam-se a recolher as ofertas. Noutras, o critério do diretor levava-o a preferir, na compra, livros que sofressem maior procura. Seriam os romances, as novelas, os contos e outros trabalhos de ficção, sobre os quais incidia a predileção popular.

Havia ainda quem invocasse razões especiosas que os eximisse da apontada falta. Segundo o conceito de alguns desses faltosos, teria o escritor regional a obrigação moral de ofere-

cer as obras da sua autoria para a livreria pública do seu Estado. Se não cumpria tal dever, deixariam, por esse motivo, de incluir-se no respectivo catálogo as suas publicações. O raciocínio de tais bibliotecários conduzia-os a concluir que o autor regional não se interessara pela difusão das suas idéias ou das suas obras, na sua terra. Daí, passavam a comprar os livros daqueles a quem não corresse a tal obrigação moral a que se referiam.

Sacramento Blake animara-se ante o belo exemplo do êxito de Inocêncio Francisco da Silva. O opulento dicionário que este legou às letras portuguesas é, na realidade, uma obra erudita, que teve grande repercussão no Brasil, não só pela comunhão da língua e da literatura, como porque o plano da obra abrangera também as atividades literárias do nosso país.

Mas Inocêncio tivera recursos que faltaram ao nosso bibliógrafo. A Academia de Ciências de Lisboa, por proposta de Latino Coelho, sugerira ao Governo de Portugal que o dispensasse da prestação de serviços na repartição de que era funcionário, a fim de que pudesse dedicar-se inteiramente à elaboração do dicionário bibliográfico de Portugal, assegurando-se-lhe, entretanto, a percepção integral dos vencimentos do cargo que ali exercia.

Com essa providência, a que no decorrer do trabalho acresceram outras, tendentes a melhorar os meios de vida de que carecia Inocêncio, pôde este, até a morte, dedicar-se à obra gigantesca que empreendera.

Falecido o doutor bibliógrafo, Brito Aranha concluiu a revisão e publicação dos últimos volumes que faltavam editar. E assim as letras portuguesas puderam vangloriar-se do belo Index, que possuem, através dos vinte e dois volumes de que ele se compõe (1858-1923).

O dicionário de Sacramento Blake foi editado pela Imprensa Nacional. O primeiro volume saiu em 1883. Exposto à venda apenas nesse estabelecimento, que só ultimamente veio ter a organização industrial e autárquica que ora desfruta, foi limitadíssima a sua divulgação.

Por último, o incêndio que lavrou na Imprensa Nacional destruiu os exemplares que aí jaziam em depósito.

Conta já sessenta anos o início da obra de Blake e mais de quarenta decorreram da edição do sétimo e último volume. Surgiram, naturalmente, em todo o país, no decorrer desse tempo vários milhares de livros e folhetos, cujo registro deixou de ser feito pela razão simples de não existir um órgão a quem coubesse tal tarefa, nem um bibliógrafo que o suprisse, com a responsabilidade de um inventário metódico e geral.

E' certo que o levantamento retrospectivo muito poderá fazer, dependendo o êxito a alcançar, principalmente, do esforço do pesquisador e dos métodos de pesquisa que ele adotar.

Mas, quando consideramos que é assaz elevado o número de municípios

e cidades brasileiras, a cuja maioria correspondem uns tantos centros de cultura ou de simples publicidade, somos forçados a admitir que muitas monografias, mensagens, exposições, relatórios, notícias geográficas ou históricas, enfim quaisquer manifestações da atividade cultural ou administrativa daqueles centros, dada a estreiteza do âmbito de circulação, escapam ao inventário, respectivo, com prejuízo evidente para os estudos posteriores que se tenham de fazer.

Felizmente em 1937, J. F. Velho Sobrinho editou o primeiro volume do Dicionário Bio-Bibliográfico, Brasileiro, da sua autoria. Três anos depois apareceu o segundo volume, editado pelo Ministério da Educação.

Com essa obra ressurgiu a divulgação do repertório nacional, encerrando-se assim o primeiro colapso da história bibliográfica brasileira.

Não é que só tenha havido, entre nós, essa obra e a de Sacramento Blake. Essas, todavia, abrangeram as publicações em geral, sem distinção de assuntos tendo por isso carácter geral.

Para gáudio nosso, tivemos grandes valores, também a serviço da bibliografia nacional, mas em assuntos especializados, tais como Ramiz Galvão, José Carlos Rodrigues, Alfredo de Carvalho, Garraux, Vale Cabral, Saldanha da Gama, Solidônio Leite, Felix Pacheco e tantos outros, plêiade brilhante a que reunimos Rodolfo Garcia, Argeu Guimarães, Augusto Meyer e Antônio Simões dos Reis.

Dois nomes destacaram-se, entretanto, do citado conjunto, como guardas avançadas das tradições de cultura da nossa nacionalidade: Ramiz Galvão e Rodolfo Garcia.

Vio a morte interromper a atividade de Velho Sobrinho, surpreendendo o preparo do terceiro volume. Os dois volumes publicados versam as letras A e B. Vê-se, através dessa indicação, o esforço que ainda teria de despender o bibliógrafo, para levar a termo o trabalho a que se propusera. O segundo intervalo está aberto.

O Instituto Nacional do Livro não permitirá decerto, seja longo como o anterior.

Oxalá que no plano a ser adotado, para o prosseguimento do dicionário, se incluam as publicações feitas no estrangeiro e da autoria de escritores estrangeiros, que se referirem ao Brasil e aos brasileiros.

Útil seria também não abandonar o projeto de repetir a matéria coligida, em ordem sistemática de assunto, em volumes distintos e complementares.

Impõe-se ainda outra providência em favor da regularidade dos registros bibliográficos. Seria atribuir aos diretores das bibliotecas regionais a obrigação de registrar, na ordem cronológica da edição, todas as publicações que se fizerem na região, com a finalidade de, mensalmente, ser enviado ao Instituto Nacional do Livro um extrato dos assentamentos que constar do Registro.

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG — Diretor da Sucursal

OUTUBRO, 18 (Da sucursal) — Finalmente, Oswald de Andrade lançou o seu esperado "Marco Zero", tão esperado que muitos já o chamavam de fongerado. Outros diziam abertamente que o famoso romance cíclico paulista nunca seria publicado e que sua propaganda não passava de um recurso do autor para alardear publicamente sua forma literária. Esses boatos foram desmentidos e o "Marco Zero" está nas livrarias. Os críticos ainda não se manifestaram. Esta deve ser a obra mais importante de Oswald, o romance mais vivido, mais pensado, melhor trabalhado. Nele, o autor deve afirmar de modo mais evidente suas qualidades de romancista social, com suas blagues destrutivas, sua verve e principalmente sua orientação. Com o lançamento de "Marco Zero", Oswald cumpre a promessa de deixar uma obra séria, permanente e necessária.

A Biblioteca Municipal de São Paulo, essa magnífica realização de Rubens Borba de Moraes, hoje dirigida pela clarividência de Sergio Milliet, vai lançar um boletim bi-

bliográfico mensal. Nessa publicação, será exposto ao público o movimento da biblioteca. O boletim terá uma seção de colaborações, um registro bibliográfico, comentários sobre livros recentemente adquiridos e finalmente uma síntese das melhores críticas do mês.

Mário de Andrade festejará este ano o seu 50.º aniversário. Essa data, de tão grande significação para a literatura nacional, será comemorada no Rio, em Minas e em São Paulo. Não seria preciso recordar o valor da obra de Mário, nem sua influência literária. Basta informar que esse aniversário encontra o poeta de "Clon do Jaboti" em pleno sucesso e em plena vitória. A Livraria Martins lançou este ano o "Baile das quatro artes" e "Os filhos do Candinho" e deverá lançar nova edição de "Macunaima". A obra de Mário de Andrade ficará para sempre. Principalmente porque "ela tem sido o verdadeiro profeta da língua nacional — essa língua nova, colorida, expressiva que se está formando no Brasil".

O Esforço Cultural de uma Editora

A COMPANHIA Editora Nacional foi fundada em 1926 por Octalles Marcondes Ferreira, e, embora modesta no princípio de suas atividades, converteu-se logo numa das maiores casas editoras do Brasil.

Desde a data de sua fundação a Companhia Editora Nacional já publicou cerca de 4.000 edições, num total de mais de 35 milhões de exemplares. Sua produção anual é de cerca de 400 edições, num total de 3.500.000 exemplares.

Mantendo filiais e depósitos no Rio, em Recife, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Curitiba a Companhia Editora Nacional é hoje a empresa que conta com uma das mais extensas redes de distribuição de livros em todo o Brasil.

Entre as suas iniciativas editoriais, devemos destacar as seguintes:

A fundação da "Brasiliense", vasta

sistematização de estudos brasileiros que já conta com cerca de 250 volumes publicados. Essa coleção, a primeira a ser organizada no Brasil, está sob a direção de Fernando de Azevedo, e tem prestado um grande serviço aos estudiosos brasileiros.

A Companhia Editora Nacional foi também uma das primeiras a organizar uma série de livros didáticos, dirigida por grandes mestres e orientada nos moldes da moderna pedagogia. As suas coleções de livros primários, livros didáticos secundários, manuais para as escolas de comércio e outras coleções didáticas já contam com mais de 300 obras publicadas.

Esses livros didáticos, redigidos de acordo com as modernas normas de ensino e com os programas oficiais, são adotados em quase todas as escolas do país. Pode-se afirmar que 50 por cento das crianças brasileiras

aprendem a ler por cartilhas publicadas pela Editora Nacional...

Outra coleção mantida pela Editora e que merece citação especial é a BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO. Fundada há pouco mais de quatro anos, essa série, em que são publicadas as grandes obras de filosofia, ciência, história e biografia e literatura, de autores nacionais e estrangeiros, já conta com 70 livros, num total de mais de 600 mil exemplares vendidos. O sucesso da Biblioteca do Espírito Moderno revela o alto critério de seleção das obras nela incluídas.

Will Durant, Wells, James Harvey Robinson, Bertrand Russel, Stuart Mill, William James, Maritain, foram apresentados ao público brasileiro através das traduções da série de Filosofia da B. E. M.

Na série de História e Biografia, a B. E. M. apresenta obras de Eve Curie, Charles Seignobos, André Maurois, Wells, Macaulay, Afrânio Peixoto, Booker T. Washington, Van Loon, James Truslow Adams, Charles Bonneton, Papini, Winston Churchill, Luis Viana Filho, Leopold Infeld, Pierre Van Paassen, Will Durant, e outros grandes historiadores e biografistas. Na série de divulgação científica já foram publicadas as melhores obras de Einstein, Adler, James Jeans, Julian Huxley e outros. E, finalmente, na série de LITERATURA, alinham-se os grandes livros de Kipling, Howard Spring, Manuel Bandeira, Richard Wright, Warwick Deeping, Jack London, Lin Yutang, Ernest Hemingway, Antoine Saint-Exupéry e John Steinbeck.

Um grande corpo de tradutores colabora na Biblioteca do Espírito Moderno. Dentre esses convém destacar: Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Godofredo Rangel, Graciliano Ramos e outros grandes escritores brasileiros. Recentemente a Companhia Editora Nacional lançou a coleção GUERRA



OS SRS. PAULO ZINGG, C. LELOTH, A. NEVES, BARBOZA MELLO, OCTALLES MARCONDES FERREIRA, DIRETOR DA CIA. EDITORA NACIONAL E JERONIMO ROCHA

A arte não se Escravisa

MAIS de mil representantes da literatura e da arte russas, ucranianas, bielorrussas, azerbaijano e georgiano se reuniram num comício celebrado recentemente em Moscou.

A. TOLSTOY E SHOSTAKOVICH

"A arte soviética se transforma, nos dias de guerra, no porta-voz da alma popular" — declarou o presidente da reunião, o escritor Alex Tolstoy. E o compositor Dimitri Shostakovich recordou que o fascismo acarretou milhares de desgraças para a humanidade, e indicou que a missão de todo o gênero humano consiste em aniquilar totalmente o fascismo, criando condições para que não ressurja.

Um conhecido arquiteto relatou, também, as suas impressões. "Fui visitar as muralhas dos mosteiros de Nova Jerusalém. E de longe já se me ofereceu um espetáculo que me encheu de dor e pena. A magnífica catedral estava destruída. Os alemães voaram precisamente nos lados do mosteiro que tinham maior valor histórico e arquitetônico".

O artista de teatro de Arte de Moscou, Ivan Mosckvich declarou: "O Teatro de Arte foi um dos primeiros em experimentar os golpes das bestas hitlerianas. No dia 22 de junho de 1941 estávamos na cidade de Minsk.

No primeiro dia da guerra, às quatro horas da manhã, os fascistas começaram a bombardear a cidade, exterminando implacavelmente a população indefesa. Era o começo de uma larga carreira de sangrentos feitos de Hitler. Saímos de Minsk com um sentimento de dor, de ódio e de ira que nunca mais deixamos de viver um minuto sequer fora da atmosfera da guerra. O Teatro de Arte de Moscou foi sempre um teatro profundamente nacional, o teatro de Gorki, Tolstoy e Tchekov. O fascismo jamais logrará quebrar o poderoso espírito do povo russo e jamais aniquilará sua independência e cultura".

PINTORES, ESCRITORES E SÁBIOS TRABALHAM PELA VITÓRIA

O escritor ucraniano Nicolau Bakhán, ao assinalar que fazia mais de

um ano que nas terras da Ucrânia domina "a nova ordem", citou uma lista imensa de atos fascistas, orientados ao extermínio e ultraje da cultura do povo ucraniano e ao amordacamento da intelectualidade soviética da Ucrânia. — "Mas, acrescentou, já se aproxima a hora da vingança. Os pintores, os sábios, os artistas e escritores ucranianos trabalham em nome da vitória.

32 TEATROS DESTRUÍDOS

Alebandrowskaya, solista do Teatro Opera Bielorrussa, disse que "todos os bens culturais do povo bielorrusso, 32 teatros, milhares de escolas, academias científicas e universidades, foram destruídas por Hitler, transformadas em cinzas. Os verdugos alemães exterminaram fisicamente mais de 200.000 bielorrussos. Uma enorme quantidade foi levada à Alemanha para os trabalhos forçados. A intelectualidade bielorrussa prossegue na luta junto ao povo.

De todas as frentes chegam boas notícias. Nossas esperanças se realizam pela rápida libertação de nossa querida Rússia Branca".

O poeta Azerbaijano Zamed Burgun falou em nome dos povos irmãos do Cáucaso, e assinalou o extraordinário papel que desempenhou a cultura russa no desenvolvimento das culturas nacionais.

Entre os oradores figuraram também o artista Guerasionov e o diretor do cinema ucraniano Alexander Devodenko. Os espectadores fizeram um apelo aos intelectuais de todos os países amantes da liberdade, exortando-os a marchar unidos nas fileiras dos combatentes contra o nazi-fascismo. "Oferecemos nossos conhecimentos, nossa arte e nossa abnegação à pátria e à humanidade livre, por uma rápida vitória, os mais altos ideais da humanidade sobre o fanatismo e as trevas".

O congresso recebeu numerosas saudações, entre elas as da Organização de Escritores de Hollywood, Associação Britânica para o Desenvolvimento das Ciências, da Associação das Relações Culturais com a URSS de Chicago, a Associação de Escritores Suecos, etc

O ESFORÇO CULTURAL DE UMA EDITORA

(continuação da pág. anterior)

E PAZ, na qual serão publicados grandes livros sobre a guerra e sobre os problemas da paz futura. O livro de Wendell Willkie — UM MUNDO SO — marcou o início dessa coleção, que apresentará em seguida — A Itália por Dentro, de Richard G. Massock, A QUEDA DE PARIS, de Ilya Ehrenburg; A ALEMANHA POR DENTRO, de Louis Lochner.

A Editora Nacional mantém ainda coleções de livros populares, tais como a "Coleção Para Todos"; "Coleção Terramarear"; "Biblioteca das Moças", e outras. Possui também uma coleção de livros de literatura infantil, constituída quasi que inteiramente das obras de Monteiro Lobato, o cria-

dor da Menina do Narizinho Arrebaldado.

Na visita que recentemente fizemos aos escritórios da Companhia Editora Nacional, no Edifício Brasiliana, verificamos que os Diretores da Companhia traçaram grandes planos para o ano de 1944. Pretendem dar um grande impulso a todas as séries e coleções e para isso estão contratando grande número de obras de autores nacionais e estrangeiros. Nesse plano está incluída a publicação das obras completas de Guilherme de Almeida, Vicente de Carvalho, etc., bem como o lançamento de todos os contos de Monteiro Lobato num só volume. Será uma edição "onibus" comemorativa do 25.º aniversário do lançamento da 1.ª edição de "Urupês".

Bestsellers North Americans

Estes livros são os de maior êxito atualmente em 14 cidades dos EE.UU. A ordem não obedece à importância dos autores, mas à venda dos livros.

Ficção

THE ROBE, by Lloyd C. Douglas.
HUNGRY HILL, by Daphne du Maurier.
THE VALLEY OF DECISION, by Marcia Davenport.
SO LITTLE TIME, by John F. Marquand.
THE HUMAN COMEDY, by William Saroyan.
A TREE GROWS IN BROOKLYN, by Betty Smith.
CAPRICORNIA, by Xavier Herbert.

Assuntos Gerais

UNDER COVER, by John Roy Carlson.
ONE WORLD, by Wendell L. Willkie.
U. S. FOREIGN POLICY, by Walter Lippmann.
JOURNEY AMONG WARRIORS, by Eve Curie.
THIRTY SECONDS OVER TOKYO, by Captain Ted Lawson.
BURMA SURGEON, by Gordon S. Seagrave.
ROUGHLY SPEAKING, by Louise Randall Pierson.
BETWEEN TEARS AND LAUGHTER, by Lin Yutang.
GOD IS MY CO-PILOT, by Colonel Robert L. Scott.
MOSCOW DATELINE, by Henry C. Cassidy.
THEY ALSO RAN, by Irving Stone.

LIVROS QUE SERVIRAM DE ARGUMENTOS PARA FILMES

OS SEQUINTEES livros serviram de base para filmagem de películas. Os títulos poderão ser modificados antes que apareçam os respectivos filmes.

A HORA ANTES DO AMANHECER, de W. Somerset Maugham — Paramount, com Franchot Tone e Veronica Lake — Edição da Livraria do Globo, Porto Alegre, e traduzido por Moacir Warneck de Castro.

CASEI-ME COM UMA FEITICEIRA, romance de Thorne Smith, completado por Norman Motson — United Artists, com Frederic March e Veronica Lake — Direção de René Clair — Edição da Vecchi Editora e traduzido por Edison Carneiro — Rio, 1943.

A ÚLTIMA VEZ QUE VI PARÍS, de Elliot Paul — M. G. M., com Heddy Lamarr e Robert Taylor — Próxima edição da Livraria do Globo, Porto Alegre.

As Mulheres

Na vida dos grandes homens

ANA GRIGORIEVNA

FOI trágica a noite de núpcias de Dostoiévski com a sua primeira esposa Maria de Constant. Depois de alguns meses de extrema tensão, em que se viu desprezado pela mulher a quem tanto amava, e, afinal, agraciado por uma reviravolta do destino, o homem que estava escrevendo as "Recordações da Casa dos Mortos" é surpreendido, naquela noite, por uma crise de epilepsia.

Gelada, a lutar contra o pânico e contra essa invencível repulsa que ins-

te de uma irritabilidade que chegava à loucura.

Dostoiévski immortalizou-lhe os traços em vários livros, especialmente em "Crime e Castigo". E disse dela, em carta a amigo: "Ela me amava sem limites e eu a amei sem medida, mas não vivemos felizes... Contudo, se fomos positivamente desgraçados devido a seu caráter estranho, desconfiado, doentivamente extravagante, nem por isso deixamos de nos amar, e, até, quanto mais éramos infelizes, mais nos sentíamos unidos um ao outro... Era a mulher mais nobre, mais leal, mas generosa de quantas conheci em minha vida...".

Outras mulheres passaram pela vida do escritor: Alexandra, uma alcaz irritante, Paulina, a formosa e eterna amiga, Ana Korvine, aristocrata.

Dostoiévski anela por uma serena felicidade burguesa quando percebe que sua estenógrafa, de apenas 20 anos, portanto 24 anos mais jovem do que ele, o ama sinceramente e em silêncio e com ela se casa. Chamava-se Ana Grigorievna, era bonita, inteligente, de boa família destinada a ser o que realmente foi: uma esposa virtuosa e uma ótima companheira. Diz dela um biógrafo do seu grande esposo:

"Tinha todas as qualidades e todas as possibilidades para assegurar o bem-estar doméstico do marido, por em ordem seus trabalhos, servir-lhe de enfermeira durante suas crises. Ságaz e perseverante, nada a molestava. Desde a idade de 15 anos tinha venerado o escritor. Estava orgulhosa e contente de lhe pertencer, e, também, de crer que, agora "seu Pédiá" lhe pertencia. Serviu-lhe de secretário modelo, de escurupuloso guarda-livros, copiando cada linha, classificando cada nota, preocupando-se em cobrar os honorários, mantendo à distância os credores. Fê-lo criar raízes no seu círculo da pequena burguesia laboriosa e de mediana cultura, o único, em suma, onde Dostoiévski não se sentia desprezado. Seu espírito limitado na sua retidão, resvalava sobre a super-

fície daquele homem estranho por quem se desvelou durante 16 anos sem se dar conta de seu trágico, abismal "subterrâneo".

Segundo sua própria e ingênua confissão, servia ela para o marido experimentar o efeito que determinado capítulo de qualquer das suas obras em elaboração causaria ao "público médio". Assim era ela, junto daquele gênio, monstro ou super-homem, a delegada da memória. Está demasiadamente perto dele, faz muito intimamente parte dele, para participar da vida de sua imaginação. Nas suas cartas a mulher, Dostoiévski pede ao "seu anjo" que procure cuidar um pouco de si. Era pedir muito a uma boa amiga, a uma dona de casa, a uma mãe; e Dostoiévski adora seus filhos tanto quanto Ana Grigorievna.

9 de fevereiro de 1881...

Embora de cama, procurava Dostoiévski trabalhar nas provas do "Diário de um Escritor". Depressa seu estado piorou. Como o médico lhe tivesse proibido falar, chamou Ana com um gesto, e, com um olhar, pediu-lhe que trouxesse o velho e grande volume dos Evangelhos que guardara durante quatro anos sob o duro travesseiro do seu leito de presidiário em Tobolsk. Ana abriu-o ao acaso, conforme seu costume, e leu-lhe em voz alta as primeiras linhas da página. Era o versículo 14, do capítulo III, segundo São Mateus: "Mas João recusava-se, dizendo: 'Sou eu quem deve ser batizado por Vós e, entretanto, vinde a mim. E Jesus lhe replicou: Não me retenhas nesta hora, pois é assim que devemos realizar toda justiça'. Quando Ana acabou de ler estas linhas, o moribundo lhe disse com doçura: "Estás ouvindo, Ana? Não me retenhas; isto quer dizer que vou morrer".

Amou Dostoiévski com verdadeiro amor a sua segunda mulher? — Interroga o biógrafo André Levinson. E ele próprio responde: "Seu destino era sofrer por tudo aquilo que amasse. Façamos justiça a Ana Grigorievna: ela jamais o fez sofrer!".



FIEDOR DOSTOIEVSKI

pira a certas naturezas o espetáculo daquela moléstia, a jovem esposa contempla o enfermo, que espuma e se contorce diante dela. Ainda estavam em viagem para o seu lar, em Semipalatinsk, e já reconheciam o erro irreparável. Contudo, ela é demasiado orgulhosa para dar a perceber essa nova decepção, golpe de misericórdia da sorte, tanto que escreve à irmã, dizendo: "Não somente sou amada e mimada por meu marido tão bom, tão inteligente e tão apaixonado por mim, mas, ainda, sou respeitada pelos seus parentes".

A união dura sete anos, até a morte de Maria, nos últimos tempos presa

MORRER DE PÉ — E se vocês perguntarem a si próprios para que se dar tanto trabalho para que lutar, "para que?"... pois bem, saibam-no: — porque a França está morrendo, porque a Europa está morrendo, porque nossa civilização, a obra admirável edificada à custa de sofrimentos milenários, por nossa humanidade, mergulhará no abismo, se não lutarmos. A Pátria está em perigo, nossa Pátria européia — e mais do que todas, a de vocês, a pequena pátria francesa. A apatia dos franceses a mata. Ela morre em cada uma das vossas energias que morrem, em cada um dos vossos pensamentos que se resignam, de vossas boas vontades estéréis, em cada gota do sangue de vocês que seca inutil... De pé! É preciso viver! Ou, se vocês devem morrer, morram de pé! De Romain Rolland — "Jean-Christophe" — Livraria do Globo.

RURALISMO E POESIA

EDUARDO CAMPOS

Copyright de LEITURA

OS movimentos de província estão sempre em luta com fatores diversos. As dificuldades são maiores. Meio reacionário, falta de apoio, falta de valores, falta de tudo. E quando depois de tanta luta surge a perspectiva de um melhor horizonte, o trabalho foi tão intenso que o nível de realização não compensa. Dá-se então a debacle.

Se não conhecêssemos até onde vai o ardor dessas rapazes que promovem as "EDIÇÕES CLA", por intermédio da editora do mesmo nome, em Fortaleza, depois de um discutido Congresso de Poesia que sempre deixou alguma coisa (as "Edições", é claro...), teríamos como o certo o vaticínio de um inevitável fracasso.

Em menos de dois meses, para surpresa geral, são lançados três livros, todos eles trazendo o sinete dessa mocidade valorosa, que, como bem diz o sr. Mario de Andrade, vive num constante regougar. O último, de feição material bastante interessante, é um volume de ensaios do nortista Mario Sobreira de Andrade. Denomina-se: "Escola Rural", e nos deixa às voltas com um sério problema. Que razões levaram o poeta cearense, detentor de dois movimentos artísticos, conferencista de pulso, orador de palavra fluente, a escrever, ao invés de um livro de

poemas ou uma coletânea de suas melhores conferências, um ensaio sobre o ruralismo em nosso meio?

A resposta não é das mais fáceis. Se por um lado vemos o poeta ausentar-se de seus versos, numa renúncia inacreditável, por outro não o temos longe da poesia: "Escola Rural" é o que podemos chamar de ensaio poético do ruralismo.

Todos os aspectos desse problema agrícola (já não falo do poético), são vistos e anotados com cuidado. Já porque o autor é um conhecedor do assunto, já porque foi ele mesmo, de permelo com quatro ou cinco companheiros o realizador do movimento ruralista de Tauá, com significativas ramificações por todo o Ceará.

No próprio livro, vemo-lo entregando o blusão de mescla, ao lado de um arado, sentimo-lo em seu ardor combativo quando fala do estragamento do Pici, notamo-lo poeta, com todas as reservas de seu lirismo no amanhamento da terra.

Logo no início do livro, como se fora uma advertência ao leitor, temos aquela magnífica oração proferida na noite em que o sr. Mario de Andrade (digo, também Sobreira) recebeu o diploma de engenheiro-agrônomo.

A nota significativa desse curso de formatura, para outros

sem grande importância, é o marco inicial de sua campanha pela conquista do acordo entre as forças da natureza e do homem. Segue-se o organismo do livro dividido em três partes, compreendendo a história do movimento ruralista em Tauá, a fundação da Escola-Fazenda, regulamentos e informações técnicas.

Na parte referente à Escola Fazenda, que tem como título o nome do interventor cearense, está o ponto alto da obra do sr. Mario Sobreira de Andrade. Mais que em outras páginas, aqui se reúne o poeta, o agrônomo, o homem da cidade, num só tipo: o caboclo do interior que acredita na grandeza de Deus e nos milagres da terra.

Não sei porque, e isso é bem o pecado do sr. Mario Sobreira de Andrade, "Escola Rural" se apresenta como feito à pressa, sem obedecer a um critério previamente estabelecido. Salvam-se os conhecimentos do autor, e o equilíbrio do volume realizado pela poesia.

Em síntese o trabalho do sr. Mario Sobreira de Andrade, pela originalidade da maneira com que foi escrito, e sobretudo, pela honestidade de suas linhas, agrada a qualquer leitor, mesmo aos que não entendem de ruralismo como eu...

Notícias do Ceará

ALUIZIO MEDEIROS — Representante de LEITURA em FORTALEZA

FRAN Martins é um dos poucos intelectuais cearenses que militam na imprensa, mantendo, há mais de cinco anos, um rodapé de crítica, num dos melhores jornais da terra. Ao lado dessa atividade estafante, ele trabalha silenciosamente nos seus romances, já tendo publicado "Manipueira" (contos), "Ponta de Rua", "Poço dos Paus", "Mundo Perdido" e "Estrela do Pastor" (romances), sendo o primeiro e o terceiro editados aqui na província, e os demais por grandes casas editoras do Rio. Todos os críticos oficiais têm sido unânimes em afirmar o amadurecimento das qualidades inerentes a um verdadeiro romancista, quando estudam a obra do escritor Fran Martins, fato esse que se acentua, cada vez mais, de romance para romance. "Estrela do Pastor", seu último livro, ainda bem não sala dos prêmios, e Fran Martins já escrevia, empolgado, outro romance que deu o sugestivo título de "Nós somos jovens". No momento, Fran Martins dá os últimos retoques nesse romance que, ao nosso ver, é o seu melhor trabalho. É a história de alguns jovens perdidos em qualquer cidadezinha do interior do Brasil, com os eternos problemas de todos os adolescentes, mas que se vêm, de um momento para outro, envolvi-

dos na presente guerra, às voltas com problemas mais graves para os seus destinos, e obrigados a participar da grande luta em defesa das liberdades ameaçadas pelos fascistas. O romance todo é tratado com muito equilíbrio, não derrapando, um momento sequer, para a demagogia literária, facilitando-se de tema tão delicado, o que vem provar, mais uma vez, as qualidades de romancista de Fran Martins. O livro está pronto há uns seis meses e quando ele for publicado, cremos, será um sucesso de livreria, não só pela atualidade das questões que aborda, como também pelas suas qualidades artísticas.

A "Editora Fortaleza" acaba de lançar o livro "Classificação do Direito" de autoria de Alvaro Costa, professor de Direito Constitucional, da Faculdade de Direito do Ceará. No trabalho em apreço o autor critica, com grande documentação, a velha classificação dicotômica do direito, emanada dos romanos, tentando, em seguida, e tomando a sociologia como fundamento das construções jurídicas, uma nova classificação, baseada na complexa estrutura social.

A CONSTRUÇÃO do MUNDO

por H.G. WELLS - Autor da HISTÓRIA UNIVERSAL

★
TRADUÇÃO DE
MONTEIRO
LOBATO

NESTE seu novo livro, Wells aborda os problemas do trabalho, da riqueza e da felicidade da humanidade. O grande historiador transforma-se em sociólogo profundo, para descrever e analisar o enorme esforço que o homem vem dispendendo no sentido de tornar a vida mais bela e digna de ser vivida. Como um professor amigo, ele nos aponta erros e indica caminhos.

«A Construção do Mundo» é um livro que calará fundo no espírito dos homens do século XX. Ninguém poderá deixar de tomar conhecimento de uma obra que responde a esta pergunta angustiante: Quais são as causas que levaram o mundo à tremenda catástrofe com que nos defrontamos?

UM CURSO DE BOM SENSO E SABEDORIA



2 volumes
Brochura \$4,00

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Teremos em breve a

Sistematização dos Estudos

DE ANTROPOLOGIA BRASILEIRA!

2 V O L U M E S

Será lançado, em novembro, pela Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, o primeiro volume da grande obra, única no gênero - De interesse fundamental para os estudiosos e universitários brasileiros

O primeiro volume aparecerá nas próximas semanas, em novembro. Consta de cerca de 560 páginas, das quais mais de 50 são tomadas por extensa e metódica bibliografia; abrangendo duas mil referências sobre estudos especializados a cerca da contribuição dos índios e negros à formação cultural e social do povo brasileiro. Em síntese: o primeiro volume da notável obra do professor Arthur Ramos se divide em duas partes. A primeira compreende as **culturas indígenas**, ou sejam: estudo de conjunto sobre o índio; os tupi-guarani: distribuição linguística; os tupi-guarani: cultura material; os tupi-guarani: cultura não material; os gê; os aruak; os caribe; os borôro; os nambiquara; os carajás e outros grupos. A segunda parte estuda as **culturas negras**, abrangendo: o negro na África e no Novo Mundo; a cultura uoruba; o grupo nagô; a cultura fanti-ashanti; os negros mina; negros maometanos; o grupo malê; as culturas bantu; as culturas bantu no Brasil.

A obra do professor Arthur Ramos está destinada à mais ampla repercussão nos círculos culturais brasileiros, particularmente nos nossos meios universitários. Porque, como se sabe, a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil tem, em uma de suas seções, a cadeira de "Antropologia e Etnologia", e o livro do professor Arthur Ramos vem, a este respeito, preencher uma sentida e já antiga lacuna.

Encadernado: Cr\$ 50,00 — Brochado: Cr\$ 40,00

Si o seu livreiro não tiver as edições da C. E. B., peça-as pelo "Serviço de Reembolso Postal" — Não cobramos a despesa de remessa — Catálogo gratis.

AV. RIO BRANCO, 120 — LOJA 13 — TELEFONE 42-1346

RIO DE JANEIRO

Caminhos da América



AMÉRICA DO NORTE

NÚMERO UM

INTITULA-SE assim a última obra de John dos Passos, editada pelo Houghton Mifflin Company. Os críticos de maior renome nos Estados Unidos, são unânimes em apontar esse romance como sendo a mais alta realização literária do autor de "Manhattan Transfer".

Na personagem Homer T. Crawford, John dos Passos retrata todos os políticos do mundo, que "se parecem entre si de tal modo que é fácil reconhecê-los imediatamente, pela esgrima como arma de combate uma demagogia bastante conhecida". "A história — história de um homem e sua ascensão ao poder, de vendedor de jornais a advogado, e de advogado a senador — é uma história dentro da outra".

Como todos os romances de John dos Passos, "Número Um" é um grande documento da vida social e política da América do Norte.

"CARNEIRO PRETO E FALCÃO GRIS"

DE um passeio que fez ao sul do continente europeu, Rebecca West trouxe o carnet de turista cheio de impressões curiosas. Foi com essas impressões que ela escreveu para os editores "Little, Brown", uma obra que vem merecendo louvores gerais da crítica americana. William Shirer e Dorothy Thompson, para citarmos apenas dois cartazes internacionais, declararam que "Carneiro Preto e Falcão Gris" é a melhor obra produzida no curso desta guerra.

"A REVOLUÇÃO DO NOSSO TEMPO"

SEM o concurso de sociólogos da categoria de Harold Laski os estadistas modernos não poderão estabelecer as bases para a reconstrução do mundo de amanhã e o estabelecimento de uma paz que não seja apenas um ensaio de armas entre uma ou duas gerações. Nesse seu último livro, que foi há pouco editado pela Little, Brown, de Nova York, o sociólogo britânico destrói sem piedade os preconceitos sociais a que a maioria ainda se aferra, e esboça a sociedade do futuro — uma

sociedade que se pode chamar realmente humana.

"DEUS É MEU CO-PILOTO"

AO COMEÇAR a segunda guerra mundial, o nome de Robert L. Scott era pouco conhecido além do perímetro de uma grande cidade americana. Hoje, esse nome fulgura entre os dos heróis do Norte-América, surgindo ao lado de Doolittle, Kurtz, Ted Lawson, etc. Há pouco mais de um ano, o autor de "Deus é meu co-piloto" ainda treinava num campo de aviação. De repente, porém, ele faz-se portador de bombardieiros ao governo de Chiang-Kai-Shek. Logo em seguida entra para as hostes aéreas de Chennault, e do bojo de um "tigre voador", sob o céu ardente de Burma, vai registrando na parte exterior de sua nação o número dos aparelhos japoneses que fusila em nome dos ideais democráticos da América. Atribuindo a sua sobrevivência à proteção divina, o coronel Scott batizou o seu livro com o título de "Deus é meu co-piloto". Esse livro, que foi editado por Charles Scribner's Sons, de Nova York, vem merecendo irrestritos louvores da crítica americana.

"CARTA DA NOVA GUINÉ"

TENDO caído do bojo de um bombardeiro no seio da floresta virgem da Nova Guiné, o aviador Vern Haugland passou 42 dias sem destino e sem rumo, completamente afastado da civilização. Ao cabo desse tempo conseguiu avistar um acampamento de soldados americanos. Ao narrar aos camaradas os seus padecimentos na mata virgem, errante e sozinho, Vern teve a idéia de reproduzir por escrito o que acabava de contar. Daí surgiu essa "Carta da Nova Guiné", livro que se lê com intensa emoção, da primeira à última página. A edição é de Farrar & Rinehart.

"OS DENTES DO DRAGÃO"

UPTON Sinclair pode não ser o maior escritor dos Estados Unidos, mas sem dúvida alguma é aquele que, servindo-se da ficção, contribui de modo mais positivo para o esclarecimento do povo no que toca aos erros e defeitos de uma civilização pragmática, hedonística e anticristã. Entre "Petróleo" e "Os Dentes do Dragão" não se nota o mais leve

desequilíbrio na grande obra litero-política do famoso novelista. Upton Sinclair não é homem que afirme hoje uma coisa para negá-la amanhã. Como cidadão e como escritor ele não desilude aqueles que o admiram há tantos anos. Por esse motivo é que cada novo trabalho do velho escritor lanque desperta um interesse sempre maior, como acontece agora mesmo com "Os Dentes do Dragão", editado pela Viking Press".

"RESISTÊNCIA E RECONSTRUÇÃO"

O SEXTO aniversário da guerra sino-japonesa coincidiu com o lançamento, nos Estados Unidos, de um volume de 344 páginas no qual se encontram fixadas as idéias político-sociais do grande líder chinês — generalíssimo Chiang-kai-Shek. Afirma-se que o leitor possa ajuizar da importância desse livro num momento em que os condutores dos povos democráticos se preparam para realizar, em Moscou, a maior conferência política da guerra, reproduzimos aqui este pequeno trecho do livro de Chiang. Recentemente, entre os nossos amigos, tem-se dito que a China emergirá como líder da Ásia, como se a China pretendesse que a manta de um desprezível Japão caísse sobre os seus ombros. Tendo sido ela própria uma vítima da exploração, a China tem infinita simpatia pelas submersas nações da Ásia, e diante delas a China sente que possui apenas responsabilidade, e não direitos. A China não deseja substituir o imperialismo ocidental na Ásia por um imperialismo oriental, por um isolacionismo chinês ou de outra nacionalidade. Sustentamos a crença de que devemos abandonar a estreitíssima idéia das alianças exclusivas e dos blocos regionais, o que motivaria maiores e mais terríveis guerras à efetiva organização da unidade do mundo".

"Resistência e Reconstrução" foi publicado em inglês pela casa Harpers & Brothers.

"O QUE A AMÉRICA SIGNIFICA PARA MIM"

NESSE seu novo livro, que foi editado pela John Day Company, Pearl S. Buck pergunta: "Que tem o Oriente para oferecer ao Ocidente?" E em seguida ela própria responde: "O profundo conhecimento de como o povo pode viver unido e feliz, num respeito mútuo; a filosofia chinesa do que é razoável, filosofia essa que há séculos vem sendo aplicada pelo povo chinês, e o valor do espírito humano, que tem sido o seu fruto; a arraigada convicção de que o homem se relaciona com Deus e a eternidade, crença essa em que vivem, movimentam-se e se

TIPOS E MÁQUINAS GRÁFICAS. PAPÉIS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

SOCIEDADE ANÔNIMA NEBIOLO

SOB ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

End. Telegráfico: NEBIOLO

Agência de São Paulo

RUA BRIG. TOBIAS, 376/380

Telefone 4-3111

Agência Geral — Rio de Janeiro

RUA BUENOS AIRES N.º 263

Telefones 43-8025 — 23-0169

perpetuam os povos da Índia, e a nobre paciência que tem sido o fruto dessa convicção: a lealdade e o alto senso do dever que os japoneses desenvolveram, mesmo quando o objeto dessa lealdade tem sido desprezível; a convicção de que todas as raças são iguais, convicção essa com que a Rússia, somente ela no mundo, fundou a sua nova nação".

GLADYS SWARTHOUT ESCRVEU UM ROMANCE

GLADYS Swarthout, estrela da ópera, de concertos, do cinema e do rádio estreme com a facilidade de quem se encontra em seu próprio terreno e com uma simpatia humana e aguda pela jovem cantora ambiciosa que é a heroína de *CONFESSIO, TOMORROW!*, lançado pela Dodd, Mead & Company. Em certo sentido, esse romance é a história da própria vida de Miss Swarthout.

O NEGRO NORTE-AMERICANO

BROWN AMERICANS é o título do novo livro de Edwin R. Embree, autor de "Brown America", livro que permanece ainda como um dos estudos definitivos sobre a participação do negro na vida norte-americana. Como se vê pelos títulos, o autor redescobriu o assunto, continua a usar o velho material onde acha conveniente e sua filosofia de justiça e o seu programa para conseguir tal justiça. Não é uma edição revista, mas um exame completamente novo de um velho problema que se está complicando com o correr dos anos. "Brown Americans", como o seu predecessor, volta-se à história básica da origem dos negros, seu desenvolvimento, cultura, e a luta pela liberdade e respeito próprio.

LIVRO DAS NAÇÕES UNIDAS

UM grupo de quatro livros, cada um diferente e individual, sobre a gente jovem dos principais países das Nações Unidas. Cada livro nos dá a vida antes da guerra e o que se passou quando veio a guerra, e cada livro escrito por escritor de destaque em seu país.

Dois deles já estão à venda, e os outros dois aparecerão na lista de outono. O livro sobre a Inglaterra está sendo escrito por Mollie Painter-Downes; o da China está a cargo de Anor Lin filha de Lin Yutang. Edições Scribner's. A mesma editora anuncia: *TIMUR AND HIS GANG, A Story of Russia*, de Arkady Gaidar, traduzido do russo por Zina Voynow. Livros para crianças, ilustrados.

"A HISTÓRIA DAS AMÉRICAS"

COM o sub-título de "Descoberta, Colonização e Desenvolvimento do Novo Mundo", surgiu há pouco nas livrarias dos Estados Unidos uma obra que estava sendo aguardada com intensa curiosidade pelos que, com justa razão, estranhavam o fato de não se ter escrito até hoje uma história completa deste continente, desde o pre-colombianismo ao republicanismo americano. Agora, depois de pacíficas pesquisas nas diversas fontes de informação histórica, eis que o sociólogo Leland Dewitt Baldwin oferece a sua "História das Américas". O livro consta de 720 páginas, o que prova que seu autor conseguiu um milagre de síntese num panorama de proporções tão enormes e de tão variada multiplicidade de aspectos políticos, sociais e econômicos.

No capítulo em que trata da Revolução Americana, Dewitt Baldwin afirma que ela não teve, como em geral se acredita, uma profunda repercussão na parte meridional do continente. "A Revolução Americana no Sul — diz o autor — foi uma série de levantes contra o domínio político e econômico da metrópole. A independência trouxe pouca liberdade e nenhuma democracia aos povos latino-americanos. O comércio foi para a Inglaterra e o governo para os crioulos".

Referindo-se ao importante trabalho histórico de Dewitt Baldwin, o crítico Carl Bridenbaugh é de opinião que ele se torna "muito oportuno para a compreensão da política de boa-vizinhança".

A QUESTÃO DOS NEGROS

O PROBLEMA dos negros nos Estados Unidos atrai cada vez mais a atenção dos norte-americanos, não obstante a guerra que atinge negros e brancos, sem distinção. *THE RACE QUESTION AND THE NEGRO*, de John La Farge, S. J., editado pela Longmans, Green, é o tratamento católico da questão. Publicado originalmente em 1937 sob o título de *Interracial Justice* foi agora completamente revisado, posto em dia, e aumentado de quatro capítulos novos: *Racism, a World Issue; The Negro and Economic Opportunity; The Negro Migrant; Feibles and Fallacies*. Uma trezentas páginas.

ALVORADA

EM edição da A. S. Barnes & Cia., está circulando nos Estados Unidos um volume de poesias escritas por oficiais e soldados lanques que se encontram na front. Seleccionados por Daniel Henderson e John Kieran, os referidos poemas receberam o título geral de "Alvorada". Num dos seus últimos números, o suplemento literário do "New York Times" dedica uma coluna à antologia dos novos poetas-soldados da Democracia, reproduzindo dois ou três poemets de uma força lírica sem dúvida alguma extraordinária.

O MAR QUE BRILHA

TRADUZIDO para o inglês por Barrows Mussey, já se encontra exposto nas vitrines de Nova York o novo romance de Kjerstin Gorranson-Ljungman, a jovem escritora que conquistou o prêmio de novela da Suécia com o romance "O Mar e Uma Mulher". Os magazines literários da América fazem calorosos elogios à obra da senhorita Kjerstin, focalizando as suas grandes virtudes de ficcionista. "O mar que brilha" foi editado pela "Sheridan House".

LEOPOLD STOKOWSKI

"MUSIC for all of US" livro de Stokowski, lançado por Simon & Schuster. O grande condutor de orquestra apresenta o alcance pleno da música, segundo o seu modo de ver, e nos ensina porque o gozo da música é um direito ao qual toda gente devia participar livremente. O livro contém partes de aspecto físico da música, as técnicas se-

paradas usadas pelo músico para som certo e para música em discos, e nos dá informações das próprias descobertas de Stokowski sobre a música na televisão e no cinema.

KATHERINE CHRISTIAN

A EDITORA Doubleday, Doran acaba de lançar o último romance de Hugh Walpole-Katherine Christian. Os críticos lanques são quase unânimes em considerar essa obra como a melhor das "sagas" do famoso romancista britânico.

HISTÓRIA DO CINEMA

"PICTORIAL history of the movies", feita por Deems Taylor, Bryant M. Hall e Marceline Paterson. Edição de Simon & Schuster, Inc., 400 páginas de fotografias que nos contam a história dos filmes desde a primeira experiência de fita movida até os tempos presentes.

UM NOVO ROMANCE NORTE-AMERICANO

THE Journey é o título do romance de Robert Paul Smith, que conta apenas com um outro romance em seu abeno — "SO IT DOESN'T WHISTLE". "The Journey" parece ser melhor, e a casa editora Henry Holt and Company cre que existem grandes possibilidades nesse jovem, e alimenta a esperança de que, apolado e orientado, transforme os seus trabalhos em valiosa propriedade literária. O argumento desse romance é o drama de um jovem que se viu subitamente perdido. A procura de algo que lhe dê um sentido real da existência leva-o de Nova York ao México. Se não descobre uma resposta completa, pelo menos descobre, para conforto íntimo, que no mundo ele não é o único, e a descoberta de que todos andamos perdidos — em certo sentido — lhe dá valor suficiente para seguir vivendo.

ALBERT SPALDING, VIOLINISTA E ESCRITOR

TODOS nós sabíamos que Albert Spalding era um grande violinista, e poucos suspeitavam que soubesse escrever tão bem como toca. Sua vida e carreira de êxito são ricas em material, como prova a sua autobiografia lançada por H. Holt and Company sob o título "Rise to Follow".

ROMANCISTAS CHILENAS

II — ORESTE PLATH

MUITOS dizem que Pepita Turina em "Zona Intima: la soltería" entrou num assunto inundado pelo realismo; mas a verdade é que apenas começamos a nos preocupar com a natureza da obra, percebemos que ela toma elementos da realidade e expressa necessidades muito diferentes das do homem. Ela é fixadora de estados de alma, que refletem maneiras de sentir de uma mulher. Tem poder evocativo e construtivo. Seus capítulos são transcrições de momentos mesclados de experiência. Não copia as suas personagens, pois assegura que não são biografadas, mas elas estão próximas à sua verdade.

Em sua comunicação escrita ou expressão oral, não vai à poesia para resolver problemas de vida ou de meditação. Pode-se dizer que é anti-poética em seu desejo de ser explícita e certa.

Escreve com raízes e não com flores. Ninguém que a lê com honestidade poderá exclamar: que bonito! Mas muitos poderão dizer: — "que certo". Dir-se-lá que deixa fluir o que se lhe entrou, e é então o cérebro que ilumina seu sangue, e outros sangues.

Escreve como lhe apraz. Aceita que

lhe definam o estilo, porém não o tema escolhido nem as personagens, pois tudo isso é procura verdadeira, essência do instinto. Elas não se preocupam tanto de modelar uma obra de arte como de explicar caracteres e dar diálogos, com seu "intimismo", com sua monotonia, se se quer, mas também com seus achados e atrações.

Pepita Turina, de ascendência eslava, traz em sua obra um poder ancestral de sofrimento. A amargura e solidão lhes são inatas. No trato é extremamente reservada, e, com o pouco usufruto e o muito sofrido, escreve sem teorias emprestadas, sem interessar-lhes as tendências em voga, compreendendo mesmo que sua obra não tem significação social, mas que ela é o tremendo resultado de uma significação social.

Os leitores de Mari Yan poderão dizer, lendo "Las Cenizas", que ela cresceu ou regrediu em sua carreira literária. Se é completa ou definida criação isto somente o sabe a autora, filha de um grande orador chileno e neta de um famoso pintor florentino.

Mari Yan em seu romance não cria fábula nem máscaras. Simplesmen-

ta descreve, em traços certos, a tragédia de um casal.

A protagonista é uma mulher sensível, culta, delicada. O marido é um agente da Bolsa que vive preocupado com rendimentos e inversões. O trabalho converte-o num colosso numérico, em mago das finanças. Essa máquina de somar é o que suporta a mulher frágil, transparente, que sofre a sua solidão na residência em Santiago.

A solidão, a suavidade e as recordações da infância se unem às visões do campo, que a autora sabe descrever ao leitor sem cair no prosaísmo ruralístico.

Mas, acima de tudo está ele com sua vida fria, inhumana, abrindo ruas, enfrentando balanças, revisando traspases. Esse homem-sistema, cifra, classifica como se acariciasse. Cançado por preocupações e negócios, caído de fadiga, até mesmo no leito repete como uma oração o estribilho: "Comprar, vender, passar"... E a seu lado os familiares em conflito, neurastênicos ou histéricos.

Sobre esse drama de incompreensão, tece e entretela situações no meio do campo, até que num dia de vento aparece na praia onde repousa, um homem jovem e solteiro, e para o qual se volta o seu amor. Juntam-se, e então vive num meio sonho e desperta, num fogo de amor que é como o gozo da paisagem, como um fluido que a envolve na indolência em que vive e a possui. Mas o amor desaparece um dia como veio.

Finalmente o marido sofre perdas na Bolsa e a catástrofe econômica deve fazer modificar tudo, assim como variou sua maneira de sentir. Há uma esperança: a derrota pode encerrar o conjuro de aproximá-los mais, já que do triunfador ao vencido não seria impossível que resultasse uma transmutação.

A trama bem descrita tem valor psicológico; o que conta e o que passa e o que ela quis dizer e o que todos podem compreender quando literariamente se vive separados em bandos, separados por simpatias e antipatias, organizados para a crítica como para o elogio, e admirando a mulher, mas desestimando-a como escritora.

CHILE

TERCEIRO SALÃO DE ALUNOS DE BELAS ARTES

NA Escola de Belas Artes de Santiago inaugurou-se o Terceiro Salão de Alunos de Belas Artes, sobressaindo os quadros dos jovens pintores Sergio Montecino, Fernando Morales, Ximena Cristi, Eliana Benderet, Antonio Fajre, Stela Sepúlveda, Venturelli e outros, todos de grandes qualidades pictóricas.

MÉXICO

O CÉLEBRE cômico mexicano Cantinflas, considerado por Carlitos como um dos maiores cômicos da atualidade, obteve grande êxito na paródia de "Os três Mosqueteiros", e reaparecerá brevemente num filme da Posa Films intitulado "El Gendarme desconocido", dirigido por Miguel M. Delgado, que dirigiu a película anterior. Mapy Cortés acompanha-o como estrela. O argumento de "O Guarda desconhecido" pertence a Jaime Labrador e a música a Rafael Hernández.

A propósito de Cantinflas, quando é que poderemos assistir os bons filmes mexicanos desse grande artista?

URUGUAI

EN EL AIRE DE AMERICA

EN EL AIRE DE AMERICA, poemas de la democracia, de Artigas Milans Martínez. Onze poemas de conteúdo democrático, de entusiasmo e exaltação da democracia. O autor é jovem, mas já tem recebido de escritores de responsabilidade como Enrique Amorin opiniões de simpatia e estímulo. Além disso, Mi-

lans Martínez anuncia um "Panorama lírico del Brasil".

O TEATRO NA ARGENTINA

EXISTEM atualmente em Buenos Aires mais de 40 teatros independentes, segundo uma informação do Instituto Nacional de Estudios del Teatro. É realmente muito significativo tamanho movimento artístico, que sem dúvida alguma provocará o aparelhamento de grandes artistas.

A Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

tem a grande satisfação de anunciar ao público o lançamento do seu novo plano

"SEGURO POPULAR"

Trata-se de uma modalidade na qual, mediante a economia mensal de

Cr\$ 16,00 para cada apólice de Cr\$ 5.000,00

qualquer homem sadio, entre 15 e 40 anos de idade, pode obter para a família, sem exame médico, uma proteção de 5 a 20 mil cruzeiros com pagamento de prêmios mensais durante prazo limitado.

Sul America

Fundada em 1895

Caixa Postal 971 — Rio de Janeiro



O seguro de vida ao alcance de todos

Queiram enviar-me um folheto explicativo sobre esta modalidade de seguro.

Nome

Rua

Cidade..... Estado.....

ALBERTINA

(continuação da pág. 35)

maldizia a coitada, e isto me tinha surpreendido muito. A vida... Falava sobre a vida... Que entendia ela por vida? Tinha dado a Glorinha vinte mil réis. Dois ou três dias sem muita abertura... Depois viria a tal vida do conceito de Albertina. Seria Idelpino aparecendo de madrugada e tratando de vender as tábuas do assoalho para tomar cachaca. A pobre lavando roupa, se matando naquela umi-

dade de beira de rio. Os filhos criados ali no chão frio, tristonhos, abobados. E ela dizendo a vida, a vida...

Estava destrocada, era um trapo de gente a minha pobre Albertina. Mas ainda tinha um sorriso que não era de todo amargo, um sorriso quase bom de quem não acusa o destino ou se volte contra supostos designios, e apenas se lamenta com esta palavra: a vida... a vida...

Últimas Edições

Da CIA EDITORA NACIONAL, S. Paulo:

NA BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO:

MÁGICAS EM GARRAFAS, de Milton Silverman. Escrito em estilo fluente e leve, cheio de humor, este livro narra a história dos modernos medicamentos, assim como a luta empreendida pelos seus descobridores para chegar ao aperfeiçoamento atual.

A VIDA ÍNTIMA DE NAPOLEÃO, de Artur Levy. Esta famosa biografia apareceu numa época em que atingiu o seu ponto culminante a onda da difamação contra o imperador francês.

LIVRARIA MARTINS EDITORA, São Paulo:

NA COLEÇÃO "EXCELSIOR GIGANTE":
BEL-AMI, de Guy de Maupassant, em tradução de Clovis Ramalheira.

NA COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA:

AS TRÊS MULHERES DE ANTIBES, de Somerset Maugham, em tradução de Otávio Mendes Cajado.

NA BIBLIOTECA DO "PENSAMENTO VIVO":

O PENSAMENTO VIVO DE KANT, de Julien Benda.

OUTRAS EDIÇÕES:

SARGENTO, de Mario Donato, abrindo uma coleção de livros infantis.

VOLANDO AO SOL, de James Aldrige, obra sobre a guerra na Grécia.

Da EDITORA ANCHIETA LTDA. São Paulo:

NA SÉRIE "GRANDES AVENTURAS":

OS INCAS, de Marmonel, em tradução de Virginia Silva Lefèvre.

GONCALO DE CORDOBA, de Florian, em tradução de Virginia Lefèvre.

NA SÉRIE "ROMANCE PARA MOÇAS":

O SEGREDO DA BELA PAIMERS, de Renée D'Antillise, em tradução de Maria Amélia Ramos.

NA BIBLIOTECA INFANTIL:

A ILHA DO MISTÉRIO, de Jerônimo Monteiro.

Da LIVRARIA EDITORA PAULICEA, São Paulo:

DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS, organizado por Frederico José da Silva Ramos — Segunda edição.

Da ATHENA EDITORA, São Paulo:

A REPÚBLICA, de Platão.

Da EDITORA UNIVERSITÁRIA, São Paulo:

BERTÕES BRAVIOS, de Willy Aureli e **BONCADOR**, do mesmo autor, já em terceira edição.

Da EDITORA PROMETEU, São Paulo:

ELZ QUERIA DORMIR NO KREMLIN, de Gehard Schacher.

BREVE INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA ESTUPIDEZ HUMANA, de Walter Pitkin.

Da LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

NA COLEÇÃO NOBEL:

HORIZONTE PERDIDO, de James Hilton. Neste romance, James Hilton, o autor de "Adeus, Mr. Chips", alia o romance de aventuras ao romance de idéias. Xangri-lá, o mosteiro lamaico, é a meta sonhada, mais ou menos conscientemente, por todas as atribuladas criaturas desta época de regresso à barbarie.

CONTOS DE SHAKESPEARE, de Charles e Mary Lamb, em tradução de Mario Quintana e ilustrações de João Fahrion. Embora originalmente destinado à mocidade, o livro dos irmãos Lamb obteve enorme sucesso entre adultos, aos quais serve como introdução à leitura e compreensão do teatro shakespeariano, pois as belas narrativas ministram conhecimentos sintéticos acerca do enredo, das personagens e dos lugares onde viveram, amaram e sofreram as grandes figuras trágicas que o gênio inglês imortalizou.

NA COLEÇÃO AMARELA:

UM ENIGMA PARA DOIDOS, de Patrick Quentin, em tradução de Hamílcar de Garcia. Uma trama misteriosa e complicada, que se desenrola num sanatório para alcoolatras, um lugar cuja tranquilidade só é perturbada pelos ataques eventuais dos doentes.

NA COLEÇÃO BURRINHO AZUL:

FRANCISCA, de Johanna Spvrl, em tradução de Pepita Leão. Um livro infantil de muito bom gosto e de muito boa apresentação gráfica. A tradução merece destaque.

CHICO-VIRA-BUCHO E OUTRAS HISTÓRIAS, de R. Magalhães Junior e Lucia Benedetti. Ilustrações de João Fahrion. A primeira história intitula-se "Chico-Vira-Bucho". É a história de um príncipe muito infeliz que em pequeno foi entregue a uma bruxa da floresta. Na segunda, a história do Príncipe Sabre-ta, que tinha botinas de ouro e era sapientíssimo. A terceira, narra as aventuras de Bepo, o menino dos cabelos de ouro, e, por fim, na quarta, as peripécias do príncipe João e de três meninos saídos do fundo do mar.

Da LIVRARIA JOSE OLÍMPIO EDITORA:

A SEMANA DE MISS SMITH, de Leda Maria Albuquerque. Livro de contos que obteve um dos três prêmios do "Prêmio Humberto de Campos de 1941". "Muito humana na escolha de seus temas, sabendo explorar o cotidiano como só uma mulher o sabe fazer, a

autora nos apresenta sete contos de grande interesse emotivo".

NA COLEÇÃO "GRANDES ROMANCES PARA A MULHER":

A LUZ QUE SE APAGOU, de Rudyard Kipling, trad. de Azevedo Amaral — 2ª edição. Um homem e uma mulher desde criança juntos pela orfandade e ambos pintores, sendo que ela medior e ele grande pintor. Entre ambos ela só compreendia o amor de irmã para irmão, enquanto ele queria o amor natural, possuía-a, vê-la abandonar tudo por ele. E a vida continuou nos seus conflitos entre os dois artistas, desde a infância estigmatizados pela solidão. E ele resolveu então dedicar-se inteiramente à pintura. E pintou, pintou noite e dia, fazendo afinal a sua obra prima, que foi destruída por uma mulher má, e ignorante, que lhe servia de modelo. E a sua solidão se tornou mais completa ainda. E ele decide fugir da morte entre quatro paredes para uma morte no campo de batalha, no exército de sua pátria.

Da EDITORIAL CALVINO LTDA.:

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna Luolse Strong — 2ª edição desse grande depoimento sobre a evolução da URSS.

EU FUI UM GUERRILHEIRO SÉRVIO, de Paulo Sebescen, dramaturgo iugoslavo, ora entre nós, e que lutou nas montanhas da Sérvia contra os invasores da sua pátria. Pormenor importante: a obra, escrita especialmente para os editores brasileiros, já está sendo traduzida para o inglês, francês e espanhol.

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, 2ª edição do novo livro do Deão de Canterbury.

DE EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA SÉRIE BRASÍLICA:

O VALEROSO LUCIDANO, de frei Manuel Calado, primeiro volume compreendendo o 1.º, 2.º e 3.º livros dos originais publicados em edição "princeps" no ano de 1648. Esta edição da Cultura é a segunda, portanto, cerca de três séculos após a original. O quinto volume da coleção.

NA SÉRIE "MESTRES DO PENSAMENTO":

SÁTIRAS DE JUVENAL, duma antiga tradução portuguesa de Francisco Antonio Martins Bastos, tendo como prefácio um estudo do dr. José Pérez, diretor da coleção sobre "Sátira e filosofia da História". É o 3.º volume da série.

NA SÉRIE "MESTRES DA LINGUA":

VOLUME 16, da série, contendo as seguintes peças do teatro cómico de Martins Pena: "O juiz de paz da roça", "A família e a festa da roça", "O torão em sábado de Aleluia", "Os irmãos das Almas", "Os dois ou o Inglês Ma-

quintista", "O dileitante", "O Novoço", "O Caxeiro da taverna" e "Quem casa quer casa".

NA SÉRIE "VIDAS LUMINOSAS":
O BUDA, de Leon Feyer, em tradução de Heitor Ferreira Lima. É o 1.º volume da mesma série.

NA SÉRIE "NOVELAS UNIVERSAIS":

A SEPULTURA DE FERRO, de H. Conscience, numa excelente tradução portuguesa. É o 13.º da coleção.

NA SÉRIE "NOVELAS DO CORAÇÃO":

O MOÇO LOURO, de Joaquim Manuel de Macedo, e no volumes números 13 e 14 da coleção.

DA CASA EDITORA VECCHI LTDA.

NA COLEÇÃO "OS GRANDES PENSADORES":

IDEÁRIO POLÍTICO, de Simón Bolívar, em tradução de Pernalva da Fonseca. No "Ideário Político" acha-se condensado o pensamento de Simón Bolívar. Edição firmada livro de bolso, preço acessível a qualquer um.

O ESTADO E O INDIVÍDUO, de Edouard Louboul, em tradução de Libero Ranzel e Andrade. O autor foi um estadista, jurista e literato francês. Nasceu em Paris em 1811 e faleceu na mesma cidade em 1883. "O Estado e o Indivíduo" é uma das suas obras mais significativas.

NA COLEÇÃO "VIDAS EXTRAORDINÁRIAS":
AS MÚLTIPLAS VIDAS DO CONDE DE CAGLIOSTRO, de Constantin Photiadés, em tradução de Roberto Pessoa.

CASEI-E COM UMA FEITICEIRA, de Thomas Smith, completado por Norman Matson. Tradução de Edson Carneiro.

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR, dos mais famosos autores — Segunda Série. Tradução de Edison Carneiro. Odilon Gallotti e F. dos Reis Coutinho. Contos de Oscar Wilde, Colette, José de Alencar, Puchkin, Stefan Zweig, Dostoiévski, Wells, Marcel Proust, Turgueniev, Benavente, Vargas Villa, Aldous Huxley, Duvernais Sudermann, Tristan Bernard, Cami, Colette Yver, Zamaeols, Sherwood Anderson, Molnar, Maurice Barrés, Leblanc, Jaloux, etc.

DE IRMAOS PONGETTI EDITORES:

IVANHOE, de Walter Scott, em tradução de Marques Rebelo. A história de Sir Wilfred, Cavaleiro de Ivanhoe, escrita em 1819, justamente o ano de maiores sofrimentos e contrariedades para o autor. É considerado a sua obra prima.

O MUNDO EM TRANSE (De Versalhes a Pearl Harbor), de Leopoldo Schwarzschild, em tradução de Marques Rebelo. O autor é um dos maiores jornalistas e conferencistas contemporâneos. Este livro é uma história documentada sobre a guerra da Alemanha contra o mundo, durante os anos de 1918 a 1939.

DA AMERICA — EDIT:

EDIÇÕES EM FRANCÊS:

PAGES CHOISIES, de Renan. Para permitir uma visão ampla, conjuntural, do grande pensador francês que "iluminou a juventude de todos nós", essas páginas imortais, escolhidas, segundo a nota do editor, com a maior honestidade possível.

L'ANCIEN RÉGIME, de Franz Funck-Brentano. Dois volumes. Um estudo da época compreendida entre o século XVI, desde a ascensão dos Bourbons ao trono e o término das guerras de religião até o século XIX, princípio da era revolucionária. "Se estas páginas têm alguma qualidade, diz o autor, é a de terem sido escritas com independência, sem outra preocupação que a de apresentar uma imagem exata do que foi a França dos nossos bisavós".

NENE, de Ernest Pérochon (Prêmio Goncourt). Ernest Pérochon era simplesmente um professor numa pequena vila da França e jamais fora a Paris. Seus livros foram confiados a um impressor de La Rochelle. Por um acaso, este volume chegou à Academia Goncourt, que lhe concedeu o prêmio e publicou. Resultado: em menos de três semanas a edição alcançou uma tiragem de 100.000 exemplares.

HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE, de Albert Thibaudet. Dois volumes. Trata-se de um livro necessário a todas as bibliotecas. É a última e a mais importante obra do grande crítico francês, fundamental ao conhecimento da literatura de seu país.

DA LIVRARIA EDITORA — ZELIO VALVERDE:

NA COLEÇÃO "DEPOIMENTOS HISTÓRICOS":

D. PEDRO I. HERÓI E ENFERMO, de Luiz Lamago. Diz o autor: "Nesse ensaio, escrito em junho a novembro de 1934 e ligeiramente revisado agora, buscamos focalizar a figura de D. Pedro I, destacando-a, pelo lado moral, do agitado cenário da Independência, e do Primeiro Império. Não é uma biografia meticulosa nem um estudo crítico e erudito; sem descer a inquirições demasiadamente científicas, procuramos, à luz dos fatos e com a análise de documentos, desenhar, com a maior fidelidade, o perfil moral do 1.º Imperador do Brasil".

ESTUDOS DE FILOSOFIA — Do consciente, — de Syrio L. Drummond. Índice: — Do consciente. Da identidade dos estados conscientes. Sub-consciência e semi-consciência. Continuidade e incommensurabilidade da consciência. A influência da sociedade na consciência. A consciência moral e a consciência ética. A consciência das sensações. Sensações cenestésicas, cinésicas, algicas, estáticas, do tato. As sensações térmicas, olfativas, gustativas. A sensação auditiva, a visual.

DE EDIÇÕES MUNDO LATINO:

NA COLEÇÃO "A NOVA VIDA SEÑAL":

PARA COMPREENDER FREUD, de Gastão Pereira da Silva, 6.ª edição — "Estrutura da psicanálise", "Mecanismo dos lapsus", "Interpretação dos sonhos", "Neuroses", "Libido", "Aplicações", "Psicologia das multidões". Edição inteiramente revista e atualizada pelo autor.

DA GUAIRA EDITORA LTDA., Curitiba:

NA COLEÇÃO "CADERNO AZUL":

A INFLUÊNCIA SOCIAL DO NEGRO BRASILEIRO, de João Dornas Filho. 14 volume da coleção. Com um vocabulário quimbundo. Várias ilustrações.

SABINA, de Amadeu de Queiroz. — Novela.

DA STELLA EDITORA, Rio:

LENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS — A vida de S. Francisco de Assis narrada pelos seus discípulos irmãos Leão, Rufino e Angelo. Em suplemento: alguns escritos de São Francisco. Tradução de Nelson Carneiro da Cunha.

DA PAPELARIA E TIPOGRAFIA BRASIL, B. Horizonte:

AQUELAS MURALHAS CINZENTAS... — Novela da vida carceral, — de Paulo Dantas. O primeiro volume do "ciclo da angústia humana". Na explicação que faz ao leitor, Paulo Dantas afirma: "O meu livro vale mais como uma crônica objetiva da vida carceral do que como romance. Se tentei criar personagens foi apenas no sentido de tornar o livro mais humano, dando-lhe um melhor processo de condução." "Dividi o livro em duas partes distintas: a individual e a coletiva. Na primeira, o novelista está diante de si mesmo, tendo considerações sobre o seu drama, que é o drama do homem em face do irremediável. Na segunda, o novelista prefere a situação de observador, curvado diante da multidão condenada e a mão nervosa do cronista registra os mais variados aspectos da vida penitenciária".

DE EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL, São Paulo:

MARINA, de Fernando Levisky. Contos: "Cinderela", "O homem que fugiu da própria felicidade", "Um lar feliz", "Delito Passional", "Marina", "Amizade".

MEUS IRMAOS, de Fernando Levisky. "Trata-se de um volume dedicado aos israelitas sobre cuja vida entre nós, assim como em todo mundo, o escritor faz comentários e realiza amplos estudos". "Nas páginas de "Meus Irmãos" vivem as personalidades judaicas de maior relevo no mundo científico e literário".

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em LEITURA, peça-o pelo Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Próximas Edições



**DA COMPANHIA EDITORA
LEITURA:**

NA COLEÇÃO "HOMENS DO MUNDO":

CARLITOS — A Vida, a Obra e a Arte do Gênio do Cine, de Manuel Villegas López, em tradução de Melo Lima e com prefácio de Aníbal Machado.

A COMPANHIA EDITORA LEITURA inicia suas atividades editoriais com esta magnífica biografia de Charles Chaplin e da sua personagem eterna, Carlitos, convencida de que os nossos leitores se sentirão plenamente satisfeitos não só com o conteúdo da obra, como também pela apresentação gráfica. O exemplar encadernado (aliás não usaremos brochura em nossas edições e faremos todos os sacrifícios para não exagerar os preços) custará apenas 25 cruzeiros, com sobrecapa em papel couché, trocoia de Scliar, e 24 páginas ilustradas com as mais significativas fotografias de Charles Chaplin, de Charlie, Carlitos, Charlot — o grande vagabundo. Cremos ser um preço razoável, porquanto o livro não é pequeno, o papel não é ordinário, a tradução não é má e o escritor surpreende com a beleza de seu estilo, como prova o trecho que publicamos neste número, sob o título "O homem".

A FILHA DA TERRA (título provisório do original "Daughter of Earth") de Smedley, em tradução de Rubem Braga. Trata-se de um romance verdadeiramente social, e constitui um Best-seller tanto nos Estados Unidos como na América Latina. É um grande romance, escrito por uma camponesa norte-americana, que se tornou, há vários anos, uma escritora que já pertence à própria história literária dos Estados Unidos, como Villa Cather, Pearl S. Buck ou Theodore Dreiser. Na Argentina este romance já possui seis ou mais edições, e todo escritor o recomenda, quando se fala em literatura moderna da América do Norte. Cheira a terra, possui uma extraordinária força dramática, que se desenvolve naturalmente, à proporção que a camponesa conta a sua vida.

Também estamos convencidos de que um livro bem realizado penetra em todas as classes, mesmo quando combate o que às vezes pensamos ser natural e permanente...

NA "COLEÇÃO MENINO-HOMEM":

EUMBI DOS PALMARES, de Leda Maria Albuquerque, ilustrado por Noêmia. Um livro muito bem realizado literariamente e com uma visão instintivamente certa desse fato histórico e significativo. Leda Albuquerque não merece restrições neste livro escrito para as crianças do Brasil e até mesmo para os que compram livros apenas preocupados com o fato literário. Estilo simples e poético. O enredo desenvolve-se com força e interesse humano.

NA COLEÇÃO "CAMINHOS DO MUNDO":

A CHINA — (Como luta o povo chinês pela sua liberdade) — (Título provisório) — De Agnes Smedley — Tradução de Rubem Braga. A epopéia do povo chinês contada por uma grande escritora e romancista norte-americana.

DE "DOIS MUNDOS EDITORA LTDA.":

NA COLEÇÃO "CLASSICOS E CONTEMPORANEOS":

OS MELHORES CONTOS RUSTICOS DE PORTUGAL — Escolha e prefácio de Jorge de Lima.

A FELICIDADE PELA AGRICULTURA, por Antonio Feliciano de Castilho — Com um estudo de Antonio Guimarães.

OS POETAS NOVOS DE PORTUGAL — Seleção e estudo de Cecília Meireles.

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL, de Ambrosio Fernandes Brandão — Notas de Rodolfo Garcia, prefácio de Jaime Cortesão.

A MORGADINHA DOS CANAVIAIS, de Julio Diniz — Nova edição esmerada.

UMA FAMILIA INGLESA, de Julio Diniz — Nova edição esmerada.

NA COLEÇÃO "DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DA GUERRA":

A SEXTA COLUNA (As forças da Democracia dos países ocupados) — Depoimentos de Karim Michaelis, Jan Massaryk, Geneviève Tabouis, Sofocles Venizelos, Stranski, o Príncipe João de Luxemburgo, etc.

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, São Paulo:

NA COLEÇÃO "GUERRA E PAZ":

A ITALIA POR DENTRO, de Massock.

A QUEDA DE PARIS, de Ilya Ehrenbourg.

JORNADA ENTRE GUERREIROS, de Eve Curie.

NA BIBLIOTECA DO ESPIRITO MODERNO":

ESPAÑHA, de Fidelino de Figueiredo. Este livro é um dos ensaios mais curiosos sobre a Espanha, ensaio que nos permite penetrar profundamente no drama espanhol, conhecer as origens das desgraças desse grande povo e sentir melhor as suas aspirações.

DAS EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA SÉRIE "CLASSICA-UNIVERSAL":

ORLANDO FURIOSO, de Aristo e FABULAS, de Esopo.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, São Paulo:

NA COLEÇÃO CONTEMPORANEA:

MRS PARKINGTON, de Louis Bromfield.

NA BIBLIOTECA DO "PENSAMENTO VIVO":

EMERSON, de Edgar Marters, e JOAQUIM NABUCO, por Alvaro Lins.

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral
Ap. Gêrito-Urinário — Sífilis

Consultório:

R. México, 168 - 11.º andar - Sala 11
Fone 42-8916

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 26-4978 —
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

NA COLEÇÃO "CIÊNCIAS SOCIAIS":

INTRODUÇÃO A HISTÓRIA ECONÔMICA, de N. S. Gras.

DA EDITORA PROMETEU, São Paulo:

GANHEMOS A GUERRA, de Henry Wriston.

DA LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

NA COLEÇÃO "AUTORES BRASILEIROS":

FRONTEIRA AGRESTE, de Ivan Pedro Martins. É a estreia do autor. Um vigoroso romance em torno da paisagem física e humana do Rio Grande do Sul.

OS SOBRINHOS DO TIO SAM, de Arlino Pasqualini. Livro de crônicas, notas e impressões de viagem através dos Estados Unidos.

LETRAS DA PROVÍNCIA, de Moysés Vellinho. O ensaísta Moysés Vellinho (Paulo Arinos) volta ao terreno de sua especialidade, a crítica literária.

NA COLEÇÃO "NOBEL GIGANTE":

VENTO SUL, por Norman Douglas, em tradução de Leonel Vallandro. Livro Veríssimo, numa crônica que escreveu há tempo, citava esse romance como um dos mais belos que já lera em sua vida.

NOITE EM BOMBAIM, de Louis Bromfield, em tradução de F. Tude de Souza.

NA COLEÇÃO "NOBEL":

A HORA ANTES DO AMANHECER, por W. Somerset Maugham, em tradução de Moacyr Werneck de Castro. O romance de uma típica família inglesa.

DA EDITORIAL CALVINO LTDA.:

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, de Max Beer. Trabalho esgotado há vários anos, continua a despertar grande interesse.

DA EDITORA PAN-AMERICANA (EPASA):

VIDAL DE NEGREIROS, a biografia da grande figura de resistência nacionalista no século XVII, escrita pelo historiador paraibano Luiz Pinto.

DE HELIOS BASTOS TIGRE — EDITOR:

AS PARABOLAS DE CRISTO, de Bastos Tigre. 3ª edição. Ilustrado com gravuras de Gustave Doré. Capa de H. Goldschmidt. — Versão poética das parábolas do Evangelho, com uma apreciação crítica de D. Sebastião Leme.

DA EDITORA "A NOITE":

FALA O CORAÇÃO... de Lourdes Pedreira de Freitas. Contos baseados em assuntos sentimentais, abordando problemas da sociedade contemporânea. É a estreia da autora.

DA AMERIC-EDIT:

EM FRANCÊS:

LES PLUS BELLES PAGES DE SAINT THOMAS D'AQUIN, de A. D. Sertillanges O. P. e B. Boulanger O. P., respectivamente do Instituto de França e do Colégio Teológico de Rijckholt.

Leitura Condensa um Romance

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado —
Livreria Martins Editora — S. Paulo, 1943

Condensação de RAUL LIMA

O CORONEL Horácio da Silveira tinha cerca de cinquenta anos e seu rosto, picado de bexiga, era fechado e sóbrio. As grandes mãos calosas seguravam o fumo de corda e o canivete com que faziam o cigarro de palha. Aquelas mãos, que muito tempo manejaram o chicote quando o coronel era apenas um tropeiro de burros, empregado de uma roça no Rio do Braço, aquelas mãos manejaram depois a repetição quando o coronel se fez conquistador da terra. Corriam lendas sobre ele, nem mesmo o coronel Horácio sabia de tudo que em Ilhéus e em Tabocas, em Paléstina e em Ferradas, em Água-Branca e em Água-Preta, se contava sobre ele e sua vida.

O dr. Rul, quando bebia demasiado, gostava de lembrar a defesa que certa vez fizera do coronel num processo de há muitos anos passados. Acusavam Horácio de três mortes e de três mortes bárbaras. Fora uma questão de contrato de cacau. Uma noite chegou com seus cabras ao rancho do preto Albino, mais seu cunhado Orlando e um compadre chamado Zacarias. Cercou o rancho, dizem que ele mesmo liquidou os homens. E que depois, com sua faca de descascar frutas, cortou a língua de Orlando, suas orelhas, seu nariz, arrancou-lhe as calças e o capou. Tinha voltado para a fazenda com seus homens e quando um deles foi pegado, bêbedo, pela polícia e o denunciou, ele apenas riu sua risada. Foi impronunciado.

Ester era sua segunda mulher, a primeira morrera quando ele ainda era tropeiro. Era triste e linda, magra e pálida, e era a única coisa que fazia o coronel Horácio sorrir de uma maneira diferente.

Ester temia a mata como a um inimigo. Nunca se acostumara, tinha a certeza. Nasceu na Baía, em casa dos avós, onde a mãe fora ter criança e morrera de parto. Ester cursara o melhor colégio para moças, colégio de freiras, primeiro externa, interna depois quando os avós morreram no último ano do curso. No colégio sonhavam sonhos lindos, liam romances franceses, histórias de princesas, de uma vida formosa. Mas, depois da morte dos avós, viera para Ilhéus, uma cidade pequena, que apenas começava a crescer, de aventureiros e lavradores, onde só se falava em cacau e mortes. Aos poucos foi se deixando vencer pela vida da cidade, se despreocupando da elegância que tanto sucesso (e certo escândalo) fizera quando da sua chegada, e quando um dia seu pai muito alegre, lhe comunicou que o coronel Horácio, um dos homens mais ricos da zona, pedia a sua mão, ela se contentou com chorar. Se acostumou com tudo, se acostumou até com o marido, com o seu silêncio pesado, com os seus repentes de sensualidade, com as suas fúrias que deixavam os mais ferozes jagunços encolhidos de medo, acostumou com os tiros à noite na estrada, com os cadáveres que por vezes passavam estirados em rédes, um triste acompanhamento de mulheres chorando, só não se acostumou com a mata no fundo da casa, onde pelas noites, no charco que o rio-chão fazia, as rãs gritavam seu grito desesperado na boca das cobras assassinas.

E agora, Ester fora bruscamente retirada da fazenda, jogada para os dias do passado. Ali estava o dr. Virgílio Cabral, o novo advogado do coronel Horácio e do partido. Falava com sua bela voz cheia e modulada e escolhia as palavras como se estivesse num torneio de oratória. Suas maneiras finas, seu lânguido olhar, sua cabeleira loira, tudo contrastava com a sala. Para Ester, era como se ainda estivesse no colégio das irmãs, numa daquelas grandes festas de fim de ano, quando dançavam com os rapazes mais finos e distintos da capital.

Virgílio viera pôr seus conhecimentos da lei a serviço da ambição dos coronéis e descobria o amor nos olhos amedrontados de Ester.

A Sinhô Badaró repugnava ver correr sangue de gente. No entanto muitas vezes tivera de ordenar que um ou dois de seus homens fossem se postar na tocaia, para esperar alguém que passaria na estrada. Ele era o chefe da família, estava construindo a fortuna dos Ba-

darós, tinha que passar por cima daquilo que o irmão, Juca, chamava as "suas fraquezas". Agora mesmo Juca insiste:

— Eu já lhe disse, Sinhô, que não há outro jeito... O homem empacou que nem jumento... Que não vende a roça, que não há dinheiro, que ele não precisa... E você bem sabe que Firmino sempre teve fama de cabeçudo... Não tem jeito mesmo. Se a gente não manda fazer o serviço, Horácio manda na certa. E quem tiver a roça de Firmino tem a chave das matas de Sequeiro Grande.

O tiro do negro Damião era caixão de enterro encomendado e cabra de Sinhô Badaró era cabra garantido, não havia polleia para eles. Toda a gente sabia que o juiz era homem dos Badarós, até roça tinham botado para ele, os Badarós estavam por cima na política, contava com a justiça.

Mas, daquela vez, o negro errou a pontaria...

A mata do Sequeiro Grande dormia, em torno dela os homens ávidos de dinheiro e de poder concertavam planos para conquistá-la. Em torno da mata, na noite de ambições, desejos e sonhos desencadeados, as luzes se acendiam. Luzes de placas de querosene da casa de Horácio, luzes da casa dos Badarós. Vela que Don'Ana, filha de Sinhô Badaró, acendera aos pés da Virgem, no altar da casa-grande, para que ela ajudasse os Badarós nos dias que iam vir. Luzes na fazenda das Baraúnas, onde Juca e Maneca Dantas chegaram quase ao mesmo tempo para conversar com Teodoro. Luz de fífós, vermelha e fumacenta, nas casas dos trabalhadores que despertavam mais cedo para ouvir a história do negro Damião que havia errado a pontaria e sumira ninguém sabia para onde. Luz na casa de Firmino onde dona Teresa esperava o marido com seu corpo branco, pronto para o amor na cama de jacarandá. Luzes nas casas dos pequenos lavradores despertados pela inesperada chegada de Firmino com os cabras de Horácio, convidando-os para o almoço no dia seguinte. Em torno da mata brilhavam as luzes das lanternas, das placas, dos candelários e dos fífós. Marcavam os limites da mata do Sequeiro Grande, ao norte e ao sul, a leste e a oeste.

Foi a última grande luta da conquista da terra, a mais feroz de todas, também. Os cégos, poetas e cronistas dessas terras, cantam nas feiras:

"Eu vou contar uma história,
Uma história de espantar".

Uma história de espantar, a história da mata do Sequeiro Grande.

*Fazia pena, dava dó,
tanta gente que morria,
Cabra de Horácio caía
E caía dos Badaró...
Rolava os corpo no chão,
Dava dor no coração
Ver tanta gente morrer,
Ver tanta gente matar".

Na casa-grande dos Badarós, Don'Ana continua a ler um pedaço qualquer da Bíblia, todas as noites. João Magalhães, patoteiro que buscava enriquecer na terra dos cacauzeiros, fez-se passar por capitão engenheiro militar, fez medições para os Badarós com aparelhos de agronomia que ele nunca vira, e acabou casando com Don'Ana.

Dr. Virgílio, o moço advogado do coronel Horácio, que também viera apenas enriquecer, já brigou com a boa amante dos tempos de Faculdade, Margot, e passa agora suas noites nos braços de dona Ester, loucas noites de amor e de delírio, a carne dela despertada em sensualidade, se educando nos requintes que ele aprendera com Margot.

Foi quando a notícia correu em Tabocas, Tabocas que queria chamar-se Itabuna: Horácio estava doente, derrubado pela febre, a febre de que ninguém escapava. Mas Horácio não morreu. Mais que as medicações do dr. Jessé, talvez o tenha salvo o seu corpo forte, de homem sem vícios e sem enfermidades, de órgãos perfeitos. E mal a febre começou a abandoná-lo, ele ordenou que seus homens iniciassem a derrubada da mata do Se-

queiro Grande. Horácio nunca se sentira tão feliz como no fim daquela febre, que lhe provara a dedicação da esposa.

Quando Virgílio se encontrou com Ester, ela se abraçou nele, soluçava:

— Tu não ahas que eu devia fazer assim? Não podia ser de outro modo.

Se comoveu, acariciou o corpo amado por cima dos vestidos. Beijou os olhos dela, as faces dela, interrompeu alarmado:

— Tu estás com febre!

Ester morreu numa manhã clara de sol, quando os sinos repicavam na cidade, convidando os habitantes para uma missa festiva. Virgílio andou só pelas ruas, bebeu num botequim onde sentiu a curiosidade que o cercava, andou pelo calç. demorou na ponte onde um navio era descarregado, trocou umas palavras com um homem de colete azul que estava bêbado, procurava onde ir, alguém com quem falar longamente, alguém sobre cujo peito pudesse chorar todo o pranto que lhe enchia o coração. E terminou indo bater em casa de Margot, que já dormia e que o recebeu surpresa. Mas quando o viu tão triste e desgraçado, seu coração se abrandou e o acolheu no seu seio com o mesmo carinho maternal com que o acolhera naquela outra noite, na Baía, quando ele soubera que seu pai morrera no sertão...

Horácio, após a morte de Ester, se entregara por completo à luta pela posse do Sequeiro Grande. Ele e os Badarós progrediam de um e de outro lado da mata, numa corrida para ver quem chegava mais cedo. Horácio tinha em Virgílio o mais eficiente colaborador.

Num domingo, Juca Badaró fora almoçar com um médico recém-chegado a Ilhéus, que lhe trouxera uma carta de apresentação, de um amigo da Baía. Juca e o médico ocupavam a primeira mesa da sala, ao lado da porta de entrada. As costas de Juca Badaró davam exatamente para a rua. Um jagunço de Horácio encostou o revólver na porta e deu um único tiro. Juca morreu três dias depois, tranquilamente. Apenas lamentou, nas suas últimas palavras, não poder ver a mata do Sequeiro Grande plantada de cacau.

E, enquanto Sinhô Badaró imaginava como se vingar, e quando já os homens na mata ouviam o ruído dos machados dos adversários no outro lado do rio, Ilhéus despertou uma manhã com a notícia sensacional que o telégrafo trouxera: o governo federal decretara a intervenção no Estado da Baía.

O cerco da casa-grande dos Badarós foi o fim da luta pela posse das terras do Sequeiro Grande. Horácio, convidado a conferenciar com o interventor, prometera que tudo seria feito legalmente. Daí os jagunços que assaltaram a fazenda dos Badarós, e cercaram a casa-grande, apareceram nos jornais que noticiaram o fato transformados em soldados da polícia que procuravam capturar Teodoro das Baraunas, autor dos incêndios nas roças de Firmo e mesmo em algumas de Horácio. Sinhô Badaró resistiu, com seus cabras quatro dias e quatro noites. Finalmente os cabras de Horácio estavam reunidos no terreiro prontos para entrar na casa. De dentro alguém atirava ainda, procurando visar Horácio no meio dos capangas. Entraram, os olhos atentos, procurando. Quanto só restava o sótão, foram subindo a escada estreita. Um cabra de Horácio abriu a porta com um pontapé. Don'Ana Badaró atirou, outro cabra caiu. E como era a última bala que lhe restava, ela jogou o revólver para o lado de Horácio e disse com desprezo:

— Agora mande me matar, assassino!

Horácio saiu para um lado da escada:

— Vá embora, moça... Eu não mato mulher...

E depois que ela partiu na noite sem lua e sem estrelas, depois do seu vulto ter se perdido na estrada, Horácio levantou o braço e a voz, deu uma ordem, os homens puzeram fogo na casa-grande dos Badarós.

Anos mais tarde, quando se mudara para a Baía onde podia educar melhor os filhos, o advogado dos Badarós, dr. Genaro, que era amigo de frases brilhantes, costumava dizer, ao se referir aos barulhos do Sequeiro Grande:

— Toda aquela tragédia terminou numa comédia...

Ele queria se referir ao julgamento de Horácio pelo júri de Ilhéus.

Meses depois, num princípio de tarde, inesperadamente, o coronel Horácio da Silveira desmontou de um cavalo na porta da casa-grande de Maneca Dantes. Abraçaram-se, ficaram conversando. De repente, Horácio se voltou e falou:

NOVOS LIVROS DA Editora PANAMERICANA

"O ESPÍRITO DE DOSTOIEVSKI"

por NICOLAU BERDIAEFF.

O mais completo estudo de toda a obra do grande escritor russo. Tradução de Otto Schneider. Cr\$ 18.00.

✱

"CONTOS DE SEGUNDA-FEIRA"

de ALFONSE DOUDET.

Tradução de Orlando Portela. Cr\$ 15.00.

✱

"A MULHER QUE FOI PAPA"

romance histórico de Inácio Raposo. Cr\$ 25.00.

✱

"POR UMA NOITE DE AMOR"

de EMILE ZOLA.

Tradução de Inácio Raposo. Cr\$ 8.00.

✱

"A PSICANÁLISE EM 12 LIÇÕES"

de GASTÃO PEREIRA DA SILVA.

2.ª edição. Cr\$ 12.00.

✱

"MANUAL TÉCNICO DOS CONCURSOS"

pelos profs. HUGO LAERCIO DE BARROS e FAUSTO CARDONA.

(Para os Concursos no DASP, de Escriturário, Postalista, Telegrafista, etc.). Cr\$ 20.00.

✱

"A NOVA POLÍTICA DO SUBSOLO"

de ATÍLIO VIVAQUA.

Cr\$ 40.00.

✱

A SAIR:

"APOLÔNIA - A DIVINA INTÉRPRETE"

por GUIMARAES MARTINS.

Coletânea em que se acham reunidas as melhores páginas não só da autoria de Apolônia Pinto, mas, também, de notáveis escritores e artistas, tais como: Coelho Neto, Catulo, Cláudio de Souza, e outros intelectuais que estudam a sua personalidade a todas as luzes.

✱

Pedidos pelo Reembolso Postal

Editora PANAMERICANA

Praça Tiradentes, 79, 1.º

Tel.: 22-0383

RIO

LIVROS TÉCNICOS E LITERATURA

LIVRARIA ODEON

F. SORIA & CIA.

AV. RIO BRANCO, 157

RIO DE JANEIRO, D. F.

— Andei arrumando umas coisas no palacete de
mim. Umas coisas de Ester... Encontrei umas car-
tas...

Completo com a mesma voz em surdina:

— Era amante do doutor Virgílio...

Olhava o chão. Parecia recordar fatos antigos, mo-
mentos bons, lembranças felizes.

— E 'engraçado... Primeiro, eu sabia que ela não
gostava de mim. Vivia chorando pelos cantos, dizia que
era medo das cobras. Na cama se encolhia quando eu
tocava nela... Me dava raiva mas eu não dizia nada, a
culpa era minha mesma, eu fui casar com uma mulher
moça e educada... De repente ela mudou, ficou boa, eu
cheguei a acreditar que ela tava gostando de mim. An-
tes eu me metia na mata, me metia em barulhos era só
pelo dinheiro, um pouco pelo menino. Mas depois fiz
tudo, era por ela, tava certo que ela gostava de mim...
Tu não te imagina, compadre, o que eu senti quando ela
morreu. Tava ali dando ordens aos homens mas tava
pensando em me matar.

Riu para dentro seu riso amedrontador:

— E dizer que tudo era pelo outro, pelo doutorzinho.
Tava boa e carinhosa, era por ele. Eu comia os restos,
era as sobras...

E veio o crepúsculo, os trabalhadores retornavam das
roças. Quando pôs o pé no estribo, Horácio voltou-se,
avisou a Maneca:

— Vou liquidar ele...

E pela noite, na estrada de Ferradas, sozinho, com

o seu riso triste, Virgílio ouve a voz que canta sobre os
barulhos do Sequeiro Grande:

"Eu vou contar uma história,
Uma história de espantar..."

Uma história de espantar, a história daquelas ter-
ras, a história daquele amor. Uma rã grita na boca de
uma cobra. Ester vai na garupa do cavalo, de onde veio
ela? Virgílio solta a rédea, deixa que o cavalo corra.
O vento corta seu rosto. Ester vai segura na sua cintu-
ra. Uma história de espantar. Irão para o fim do mun-
do, os pés livres do visgo do cacau mole que os prende
ali... Esse cavalo tem asas, irão para muito longe das
cobras, das rãs assassinaças para muito longe das ro-
ças de cacau, dos homens mortos na estrada, das cruces
iluminadas por velas nas noites de saudade. Pelos ares
vai o cavalo negro, sobre as roças, sobre as matas, sobre
as queimadas e clareiras. Ester vai com Virgílio, gema-
ção de amor na noite de luar. Vão pelos ares, é desen-
freado o galope do cavalo... O luar envolve a noite,
chega uma música de longe. Um homem canta:

"Eu já contei uma história,
Uma história de espantar..."

E' como uma marcha nupcial. Nunca ninguém sa-
berá que o último verso daquela história seria escrito
nessa noite, na estrada de Ferradas. Que importa a
morte, um tiro no peito, uma cruz na estrada, uma vela
acendida por Maneca Dantas, se Ester vai com ele na
garupa do seu cavalo negro para outras terras que não
sejam essas terras do cacau? A música o acompanha
como uma marcha nupcial. Uma história de espantar.



Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País.

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Esplêndido sortimento de

artigos leves para o verão!

CASAS PERNAMBUCANAS

LEITURA condensa «Um Mundo Só»

UM MUNDO SÓ, de Wendell Willkie — Tradução de Monteiro Lobato — Coleção "Guerra e Paz" — Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1943.

NUM bombardeiro "Consolidate" de quatro motores, convertido em transporte comum e operado por oficiais do exército americano, deixei Mitchel Field de New York a 28 de agosto, para ver o que pudesse do mundo e da guerra, de sua frente de batalha, seus líderes, seus povos. E exatamente 49 dias mais tarde, a 14 de outubro eu saltava em Minneapolis, no Minnesota.

Já não há distância no mundo. A viagem me ensinou que os milhões de seres humanos do Extremo Oriente acham-se tão próximos de nós como Los Angeles o está de New York pelos trens mais rápidos. E não posso fugir à conclusão de que no futuro o que interessar a esses povos nos interessará também como os problemas da Califórnia interessam hoje à gente de New York. Daqui por diante temos de pensar em escala mundial.

O Cairo refervia de boatos e alarmas. Foi, pois, com vivacidade que aceitei o convite do general Sir Bernard L. Montgomery para em El Alamein ver com meus olhos o front. A personalidade quase fanática daquele homem magro, culto, intenso, causou-me profunda impressão mas nada me impressionou tanto como um vício seu — a paixão pelo trabalho. Antes de deixar o trailer que ele transformou em sala de mapas, aprendi muito sobre a guerra no deserto e me convenci de que algo mais do que a auto-confiança daquele oficial e gentleman britânico dava alicerces à sua certeza de que a ameaça alemã ao Egito já cessará.

De Alexandria duas recordações insistem em minha memória. A primeira, a longa discussão que tive com o vice-almirante René Godfroy, no comando dos abandonados vasos de guerra franceses retidos no porto e visíveis de toda a cidade; a presença daquelas grandes máquinas de morte, às quais marinheiros franceses davam a sua habilidade enquanto a França jazia os pés dos nazistas, era um trágico lembrete de que esta guerra ainda é uma coisa confusa e suja, na qual muitos homens e grupos ainda não tomaram partido; depois de minhas conversas com aquele almirante e outros oficiais marinheiros e soldados franceses do Norte da África, nunca aceitei sem desconto as histórias das prováveis perdas que teríamos se nos atracássemos com os franceses sem o concurso de Darlan. Minha segunda recordação de Alexandria vem da conversa com o almirante Harwood, herói da épica luta do "Exeter" contra o "Graf Spee", e mais dez compatriotas dos serviços diplomáticos, naval e consular; naquela tarde começou a cristalizar-se em meu cérebro a idéia que iria chegar a termo durante a minha parada no Oriente Médio: os mais brilhantes triunfos nos campos de batalha não nos farão vencer esta guerra que avassala o mundo inteiro; somente novos homens e novas idéias na entrosagem das nossas relações com os povos do Oriente nos podem dar a vitória sem a qual a paz será apenas mais um armistício.

Antes de deixarmos o Iran, rumo à União Soviética, eu estava com a resposta a algumas das questões mais imediatas e urgentes que a mim mesmo me formulara sobre o Oriente Médio. Esses povos que, de séculos — desde tempos anteriores, mostram muito realismo no pensamento e um seguro instinto de adesão ao partido de vitória mais provável. Mas me convenci de que algum fermento estava operando em quase todos os lugares que visitei, suas vidas mudarão mais nos próximos dez anos do que mudaram nos últimos dez séculos.

De quatro coisas ao meu ver, aqueles povos necessitam — em grau diverso e de diferentes modos. Necessitam de mais educação. Necessitam de mais assistência pública. Necessitam de maior modernização na indústria. E também necessitam de mais dignidade social e confiança em si mesmos, coisas que emanam da liberdade e da autonomia política.

A grande massa do povo — não incluindo as tribus nômades — vive na maior pobreza, sem nada possuir de seu e hediondamente governada pelas práticas da antiga religião; fisicamente vive em perfeita penúria. Mas, por mais estranho que pareça, sente-se um fermento nessas terras, um tactear nessas massas há tanto tempo inertes, um crescente abandono das práticas religiosas e rituais. Em todas as cidades encontrei um grupo — em regra pequeno — de moços inquietos, enérgicos, intelectuais, conhecedores da psicologia das massas e da técnica

dos agitadores que deram surto à revolução russa — o que conversavam sobre o assunto.

O problema de chamar os povos do Oriente Médio para o século XX por meio da técnica e da industrialização está a seu turno intimamente correlacionado ao problema da autonomia política. Em geral, árabes, judeus egípcios ou iranianos não desejam que o Ocidente se afaste totalmente de suas terras, e, sim, um bem ordenado planejamento inglês ou francês que lhes vá transferindo gradativamente as responsabilidades do governo próprio.

Se somos sinceros na proclamação dos nossos fins e se queremos que as forças novas despertadas no Oriente Médio trabalhem conosco, cumpre abandonarmos a política de perpetuação do nosso controle e da manipulação das forças nativas, afim de que, lançadas umas contra as outras, façam o nosso jogo.

O maior exemplo de como Oriente Médio está emergindo e mudando, temo-lo na Turquia. Mais impressionante ainda que a reconstrução econômica e industrial desse país, em pleno desenvolvimento mesmo no seio da guerra em curso, pareceu-me a revolução social e educacional que se operou. A mudança foi tão rápida que a muitos de nós passou despercebida. Em poucos anos transformaram-se completamente em seus hábitos de vida, em seus velhos costumes e nas velhas maneiras de pensar.

Demorei-me na Rússia um total de duas semanas apenas. Andei por lá tão livremente como se estivesse viajando nos Estados Unidos, e propus perguntas — inesperadas perguntas às pessoas mais inesperadas — sem a menor interferência ou limitação, e sempre diante dum americano que compreendia e falava o russo.

Estava determinado a atinar por mim mesmo com a resposta às interrogações da atual geração de americanos, pelo simples fato de que, aprovemo-la ou não, a U. R. S. S. existe. Algumas dessas respostas creio que as encontrei, pelo menos satisfatórias para mim. E posso resumí-las em poucas palavras.

1.º — A Rússia é uma sociedade humana efetiva. Funciona. Sobrevive. Para muitos de nós o fato da resistência contra as hostes de Hitler é prova mais do que suficiente, mas com toda a franqueza declaro que eu não cria nisso, como o creio agora, depois que vim à Rússia e lhe tomei o pulso como organização operante.

2.º — A Rússia é nossa aliada na guerra. Durissimamente atingida pelo poder de Hitler, mais ainda que os ingleses suportou magnificamente a prova. O ódio dos russos ao fascismo e ao nazismo é verdadeiro, amargo, profundo. E esse ódio leva-os à determinação de eliminar Hitler e exterminar a peste nazista da face da terra.

3.º — Temos de agir de acordo com a Rússia depois da guerra. Pelo menos a mim me parece que não haverá paz duradoura se não tomarmos por esse caminho.

Estas conclusões foram reforçadas pelo que vi e ouvi em várias partes da União Soviética.

No front, ao norte de Rzhev, encontrei no general Dmitri D. Lelyushenco um homem de personalidade tão colorida e empolgante que sua lembrança jamais se apagará da minha memória. Depois de minha visita àquela frente compreendi mais claramente do que nunca a verdade da expressão "um povo em guerra" aplicada à Rússia. Foi o povo russo, no sentido mais absoluto da palavra, que decidiu destruir o Hitlerismo. O que esse povo fez e o que ainda tem a fazer é de espantar a todos os americanos. Stalin já me acentuara com fatos os grandes sacrifícios da Rússia e as suas urgentes necessidades, e no front tive a prova das duas coisas.

Passei todo um dia numa fábrica de aviões. Eu já tinha visto outras fábricas russas — de munições, de latarias, metalúrgicas, mas aquela fábrica de aviões localizada nos subúrbios de Moscou não me sairá nunca da memória. Fora erguida desde os alborces em outubro de 1941, quando o som dos canhões nazistas começou a chegar aos ouvidos dos habitantes da capital; e em dezembro, dois meses depois, já estava com a produção em andamento.

As fazendas da Rússia, do mesmo modo que as fábricas foram mobilizadas para a guerra total, e sua capacidade para sustentar uma nação em luta foi uma das surpresas do mundo e um dos grandes erros de cálculo de Hitler.

Atrás das fábricas e fazendas, está a máquina que mantém aquela mobilização total. Uma das mais im-

portantes partes dessa máquina parcou-me a imprensa, que, como em toda parte, está hoje sob o controle do governo. Os diários têm circulação que sobe à casa dos sete algarismos, mas ainda não bastam para atender à procura.

Em Moscou tive duas demoradas conversas com Joseph Stalin. Muito do que falamos não tenho a liberdade de dizer, mas não há motivos para que oculte minhas impressões a respeito de sua pessoa. Stalin é um dos homens significativos da sua geração.

Surpreendeu-me sua baixa estatura, mas tem a cabeça, os olhos e os bigodes grandes. Fala calmamente, prontamente, e às vezes com uma eloquência simples que emociona. Tem uma mentalidade dura, tenaz, impulsionante. Quando falamos das causas da guerra e das condições políticas e econômicas do mundo depois da guerra, sua compreensão mostrou-se larga; estava minuciosamente bem informado e com o pensamento baseado na fria realidade. Stalin é um homem duro, talvez cruel, mas muito hábil. Um homem de poucas ilusões. Pessoalmente é simples, sem afetações nem atitudes. Por estranho que pareça, veste-se de cores claras. Sua bem conhecida túnica é de tecido fino, dum verde suave ou delicado cor-de-rosa; as calças, de tom amarelado ou azul. Botas pretas muito bem lustradas. As emenidades correntes da conversação social enfaram-no um bocadinho. Quando me levantei depois de nosso primeiro encontro e exprimi meus agradecimentos pela acolhida que me dera e pela franqueza com que me falara, ele respondeu com algum embaraço: — Mr. Willkie, o senhor sabe que nasci camponês da Geórgia. Não sou mestre em falas bonitas. Só o que posso dizer é que gostei muito do senhor.

Perguntarão: Será Stalin sincero no que diz? E virá a lembrança de que há dois anos a Rússia estava numa aliança de emergência com a Alemanha. Mas um russo conciente de que com a aliança alemã estava ganhando tempo para a Rússia, tem o direito de recordar a atuação das democracias em Munich e os sete milhões de toneladas de ótima sucata de ferro que os Estados Unidos embarcaram para o Japão entre 1937 e 1940. Talvez possamos medir melhor a boa fé de Stalin à luz de suas declarações sobre os milhões de russos já mortos na defesa da pátria e os 60 milhões escravizados pelos nazistas.

Não, não há razão para temermos a Rússia. Temos de aprender a trabalhar juntamente com ela na luta contra Hitler, o inimigo comum. Temos de aprender a trabalhar com ela na restauração do mundo depois da guerra. Porque a Rússia é um país dinâmico, uma sociedade nova e cheia de vida, uma força que não pode ser ignorada no desenvolvimento de nenhum mundo novo.

Na república siberiana de Yakutsk encontrei algumas respostas a questões frequentemente formuladas pelos americanos sobre a Rússia.

Muitas vezes me senti curioso de como um partido de três milhões de membros — é o que há de comunistas da Rússia, meio por cento da população — podiam impor suas idéias e exercer controle sobre 200 milhões de criaturas. Em Yakutsk comeciei a penetrar o segredo. Ali, como na maioria das comunidades rússas, os homens mais preparados, os de espírito mais alerta, os mais brilhantes e habéis de todos os grupos são membros do partido. Cada um daqueles clubes espalhados pela Rússia inteira faz parte duma cerrada organização nacional, da qual Stalin é ainda o Secretário.

Como nós, americanos, os russos são um povo robusto, prático, e que muito admira a América em tudo — menos no sistema capitalista. E, francamente, há muita coisa na Rússia que podemos admirar — o seu vigor, os seus grandes sonhos, a sua energia e tenacidade de propósitos. Ninguém pode ser mais contrário à doutrina comunista do que eu, porque sou contra qualquer sistema que conduza ao absolutismo. Mas nunca pude compreender a razão por que em contacto com o Comunismo a Democracia deva levar a breca.

A tendência de muitos dos nossos líderes de dividir a guerra em duas, uma de 1.ª classe, outra de 2.ª, apavora-me. E minha viagem ao Extremo-Oriente não deixou em meu espírito nenhuma dúvida a respeito. Ou vencemos a guerra em plena participação com os chineses na Ásia, tanto quanto com os ingleses, russos e nações ocupadas na Europa, ou não teremos vencido coisa nenhuma.

Minha primeira parada na China foi em Tihwa, pelos russos chamad Urumchi, principal cidade da província de Sin-Kiang, ou Turkestan Oriental Chinês. É lá que a China e a Rússia se encontram e onde o que está se passando pode exercer decisiva influência em nossa história. As relações se passando pode exercer de-

cisiva influência em nossa história. As relações russo-chinesas depois da guerra vão ser de importância mundial — e podem ser estudadas naquela zona. Vem daí a minha insistência sobre a necessidade de reunir a China, a Rússia, os Estados Unidos e a Inglaterra num acordo, já e já, para que vão se acostumando a trabalhar juntos — agora que imperativos da guerra os ligaram. Porque se o não fizerem, naquele centro da Ásia se acumulará explosivo bastante para terríveis explosões depois de finda a luta.

A luta econômica na qual a China se empenha tem tido menos divulgação na América do que a luta militar contra os invasores, mas nem por isso deixa de ser menos heróica. Deslocados do litoral, os chineses tiveram de levar consigo as fábricas, não em caminhões, nem sequer em carretas, mas em lombo humano, peça a peça. Transportaram-nas através de cadeias de montanhas e vales acima do grande rio...

Depois de visitar as fábricas de tecidos da China, e as de munição, cerâmica e cimento e depois de falar com seus diretores e centenas de operários, isso durante horas, comeciei a compreender e apreciar a engenhosidade e adaptabilidade dos chineses aos modernos métodos industriais. É isso que se diz do despertar da China tornou-se-me uma coisa viva, quando comentei com professores de colégios e escolas aquela irresistível urgência de abandonar o passado.

Minha idéia sobre o Generalíssimo Chian-Kai-Shek, como homem e como chefe, vai além da sua lendária reputação. Trata-se dum homem estranhamente calmo e suave no falar. Quando não está fardado, usa vestes chinesas, o que acentua a impressão que dá dum erudito, quasi dum clérigo, mais que de líder político. É evidentemente um homem que sabe ouvir, e afeito a extrair o que está nos cérebros alheios. Indubitavelmente sincero. Seu ar digno e imperturbável revela severidade.

O Kuomintang, o partido que orienta a China, inclui em seus planos de governo representativo um estágio tutelar em que o povo seja educado de modo a produzir os bons cidadãos duma democracia perfeita — e só então o povo adquirirá direitos eleitorais.

Enquanto estive na China não me saía da cabeça o fato de que já há cinco anos aquela povo estava em guerra com o Japão. Todos os camponeses da China diariamente mostram com seus efeitos de bravura o amor à liberdade e a ânsia em defendê-la. Também tive prova de que a China lutou por longo tempo dentro de uma organização militar chinesa, nova para mim e como vi mais tarde, nova também para muitos chineses.

Deixamos Chengtu a 9 de outubro, viajamos quase mil milhas na China, cruzamos o vasto deserto de Gobi e a República Mongólica, cruzamos milhares de milhas de território siberiano, saltamos por sobre o Mar de Behring e o Alasca e o Canadá e afinal chegamos aos Estados Unidos a 13 de outubro.

Quando o pacto das Nações Unidas foi anunciado, centenas de milhões de homens e mulheres, julgaram ver nele uma conjunção de povos para luta comum pela liberdade do gênero humano. Julgaram que esses povos iriam durante a guerra formar um conselho comum de estratégia, de economia, de planejamento do futuro. Porque não ignoravam que desse modo a guerra teria um fim mais rápido. Também não ignoravam que o aprender a trabalhar juntos, agora, seria a melhor indicação de trabalho conjunto no futuro.

Precisamos, agora e daqui por diante, juntar-nos aos povos que prezam a liberdade para si e para os outros, qualquer que seja a sua raça ou cor, para repudiar um imperialismo que condena o mundo a uma guerra sem fim.

Já de muito tempo os Estados Unidos abandonaram qualquer idéia de imperialismo à custa alheia — mas deixaram que se desenvolvesse aqui dentro algo equivalente a um imperialismo de raça. A atitude aqui dos bancos em relação aos negros tem inegavelmente alguma coisa dos pouco amáveis característicos dum imperialismo à moda européia — uma presunçosa superioridade racial, uma forte tendência para explorar os desprotegidos. Quando falamos de liberdade e oportunidade para todas as nações, o paradoxo da nossa situação interna ganha tal relevo que não pode ser ignorado. Se queremos ter o direito de falar em liberdade, temos de admitir que é a liberdade para os outros tanto quanto para nós mesmos, e tanto fora das fronteiras como dentro.

Nossos aliados no Oriente e os outros povos que ainda não entraram na luta anseiam para que aceitemos a mais tentadora oportunidade da história — a oportunidade de criar uma nova sociedade humana em que homens e mulheres de todo o mundo possam viver revitalizados pela independência e pela liberdade.

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por
AUREO OTTONI

SETEMBRO DE 1943

6) GENERALIDADES

Setembro 1943

Arandas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas Publicações Periódicas.

BARROS (Hugo Laércio de), CARDONA (Fausto). — Manual técnico dos concursos. Para escriturário, postalista, telegrafista, auxiliar e praticante de escriturário, datilógrafo. (16/23). 219 p. il. br. Cr\$ 20,00 (9/43).

Ed. Pan-Americana.

DORIA (Irene de Menezes). — Guia de classificação decimal. Pref. Rubens Borba de Moraes. Série de Biblioteconomia publ. pela Escola de Biblioteconomia de São Paulo, n.º 1. (16/23). 107 p. br. Cr\$ 15,00. (9/43).

Livr. Martins.

GARCIA (Hamilton de). — Dicionário Espanhol-Português. (14/19). 710 p. cart. Cr\$ 30,00. (9/43).

Globo

GOMES (Alfredo). — Concurso para oficial administrativo e escriturário para qualquer ministério. Manual do Candidato ao Funcionalismo Público. (13/18). 489 + 856 p. br. Cr\$ 50,00. (9/43).

Ed. e Publ. Brasil.

GONÇALVES (Antonio), RODRIGUES (Geraldo), MESQUITA (Marcelo). — Preparatórios ao alcance de todos (13/19). 244 p. il. br. Cr\$ 8,00. (18ª ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional

MAGALHAES (Alvaro). — Dicionário enciclopédico Brasileiro Ilustrado. Com a colaboração de Francisco Fernandes, Erico Verissimo, Everardo Backheuser, Aroldo de Azevedo, Balduino Rambo, S. J., Amaral Fontoura. (17/23). XXXI + 1557 p. enc. Cr\$ 90,00. (9/43).

Globo.

MAIA (Fausto), FREITAS (Byron T.), BAILLY (Gustavo Adolpho), BEZERRA (Argeu Machado). — Pontos de concurso para oficial administrativo organizado de acordo com o programa do D. A. S. P. (16/23). 351 p. 8 trancheas, il. br. Cr\$ 30,00. (2ª ed. 9/43).

Coelho Branco

REIS (Antônio Simões dos). — Bibliografia Nacional, 1943. 2.º tomo, 8.ª volume. (13/19). 122 p. br. Cr\$ 7,00 (9/43).

E. Valverde

TRICOT e Crochet. — Magazine feminino de trabalhos manuais. Dir. Francisco de Assis do Amaral Campos e Egon Felix Gottschalk. Ano I, n.º 1. Julho-Agosto 1943. (23/31). 44 p. il. bimestral Cr\$ 6,00. Ano Cr\$ 36,00. 9/43). Rua S. Bento, 308, 6.º.

São Paulo

1) FILOSOFIA

AUSTREGESILLO (A.). — Educação da alma. Obras Completas, I. (13/18). 173 p. br. Cr\$ 10,00. (6.ª ed. 9/43).

Guanabara

ORGEMONT (Jean D'). — Como usar o método Coué. Pref. René Fauvel. Série Cultura Individual. (13/19). 53 p. br. Cr\$ 3,00. (9/43).

Ed. Minerva

SENECA. — A ira. Trad. Antero Baradas Barata. Col. Os Grandes Pensadores, II. (12/16). 127 p. br. Cr\$ 3,00. (9/43).

Vecchi.

YUTANG (Lins). — A importância de viver. Trad. Mário Quintana. (16/23). 402 p. br. Cr\$ 20,00. (3ª ed. 9/43).

Globo.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões Cristãs — Religiões Diversas e Mitologia — Ciências Ocultas.

KARDEC (Allan). — O Evangelho segundo o Espiritismo. Trad. Guillon Ribeiro. (13/19). 409 p. br. Cr\$ 7,00. (18ª ed. 9/43).

Fed. Espirita.

KRISHNAMURTI — Palestras em Ojai e Sarabia 1940. (13/19). 158 p. br. Cr\$ Cr\$ 10,00.

Inst. Cult. Krishnamurti.

3) DIREITO-CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

ACHILLES (Paula). — O Brasil em marcha. (15/23). 429 p. br. Cr\$ 25,00. (2ª d. 9/43).

José Olympio.

ANDRADE (Mário Sobreira de). — Escola Rural. (Razões de uma atitude). (13/19). 137 p. il. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Ed. Cla.

BALDESSARINI (Francisco de Paula). — Dos crimes contra a incolumidade pública — Dos crimes contra a paz pública — Dos crimes contra a fé pública. (Arts. 250-311). Vol. IX. Tratado de Direito Penal Brasileiro. Dir. Oscar Tenorio (16/23). 291 p. enc. Cr\$ 40,00. (9/43).

A Noite-Jacinto.

BARACHO (Alfredo). — Pelo Brasil glorioso. (14/19). 161 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Norte Ed.

BARBUY (Heraldo). — As origens da crise contemporânea. (14/22). 293 p. br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Ed. Oceano.

BRITTO (José Saturnino). — Cooperativas de trabalho. (14/19). 125 p. br. Cr\$ 8,00. (9/43).

Ed. Pan-Americana.

CAMARGO (Ivete). — Pontos de direito civil. Pontos para Concursos Oficiais. Orientação de A. Tenorio d'Albuquerque. (13/19). 122 p. br. Cr\$ 7,00. (9/43).

Gerulio Costa.

CASTRO (Lauro Sodré Viviros de). — Exercícios de estatística. (14/19). 210 p. il. br. Cr\$ 16,00. (9/43).

Distr. Livr. Alves.

CAVALCANTI (Themistocles Brandão). — Tratado de direito administrativo. Vol. V Do domínio público D' poder de polícia e suas manifestações. (1ª parte). (16/23). 516 p. enc. Cr\$ 50,00. (9/43).

Freitas Bastos.

FONTOURA (Amaral). — Programa de sociologia. Carta-prof. de Jacques Lambert. Introdução de Alceu Amoroso Lima. (15/22). — 443 p. il. cart. Cr\$ 25,00. (3ª ed. 9/43).

Globo.

JOHNSON (Rev. Hewlitt). (Deão de Canterbury). — O Cristianismo e a nova ordem social na Rússia. Trad. Eduardo de Lima Castro. Em apêndice: Henry Gorge. A condição do trabalho. Crítica à Encíclica Rerum Novarum, de Leão XIII. Trad. Odilon Benévolo. (14/19). 457 p. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Calvino.

MONBEIG (Pierre). — La crise des sciences de l'homme. Conferência. Sau-

Como
leitor

O matutino de mais amplo noticiário local, nacional e internacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de maior tiragem no Distrito Federal. 41.000 exemplares nos dias úteis e 65.000 aos domingos

ção de Fabio de Macedo Soares Guimarães. (12/16). 62 p. br. Cr\$ 4,00. (9/43).

Casa do Estudante.

OSORIO (Joaquim Luis). — Introdução geral ao direito público. Prólogo de Cívica Bevilacqua. (15/23). 219 p. br. Cr\$ 24,00. (9/43).

Globo.

RIBEIRO (Jorge Severiano). — Do Crime — Da responsabilidade — Da Co-autoria. (Arts. 11-27). Vol. II. Tratado do Direito Penal Brasileiro. Dir. Oscar Tenorio. (15/23). 438 p. enc. Cr\$ 40,00. (9/43).

A Noite-Jacinto.

SMITH (Howard K.). — O último trem de Berlim. Trad. Antonio Accioly Neto. Col. Documentos Contemporâneos. 1. (14/21). 424 p. br. Cr\$ 25,00. (2ª ed. 9/43).

Ed. O Cruzeiro.

SORIANO NETO. — Pareceres. (Separata da Rev. Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife — XLIX). (16/23). 249 p. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Ed. Autor, Recife.

16) EXERCITO-MARINHA-AERONAUTICA

BIBLIOTÉCA Enciclopédica Militar. Legislação Militar. — N.º 3. — Regulamento de administração do Exército. (Anexos I e II retificados). (12/16). 264 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Ed. e Publ. Brasil.

BIBLIOTÉCA Enciclopédica Militar. Legislação Militar. — Instruções provisórias para metralhadora Madison, modelo brasileiro 1932. (12/16). 122 p. 3 pranchas il. br. Cr\$ 6,00. (9/43).

Ed. e Publ. Brasil.

CORONA (Cap. Del.). — Caderneta do Infante. (12/16). 294 p. 16 pranchas, il. br. Cr\$ 18,00. (3ª ed. 9/43).

Ed. e Publ. Brasil.

FONSECA (Mário Hermes da), ESCOBAR (Hedfonso). — Primórdios da organização da Defesa Nacional (16/23). 206 p. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Distr. Livr. Victor.

KAUFFMANN (Cap. Kurt). — Livro do carro de combate. Pref. Cel-Gen. Guadian. Trad. Cap. Frederico Neto dos Reis Pimentel. Bibl. Militar. 69. (16/23). 261 p. il. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Dist. Z. Valverde.

MINISTERIO da Aeronautica, Escola de Aeronautica. — Instrução de aerotécnica. Hélices. Organizado pelo P. A. M. Pref. Cap. Av. Itamar Rocha. (16/23). 217 p. 81 figs. br. Cr\$ 13,00. (9/43).

Min. Aeronautica.

REYNOLDS (Quentin). — Invasão. A história de Dieppe. Trad. Isaac Paschoal. Apêndice de Giuseppe Amado. A lição de Dieppe. Col. Documentos Contemporâneos. 3. (15/22). 255 p. il. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Ed. O Cruzeiro.

WANDERLEY (Major N. Levenêre). — Curso de navegação aérea. Ed. pelo Aero Clube do Brasil. Bibl. de Divulgação Aeronautica. 16. (16/23). 255 p. 114 figs. br. Cr\$ 17,00. (2ª ed. 9/43).

Distr. Z. Valverde.

WHITTAKER (Tte. James). — Fui piloto de Bickenbacker. Trad. Frederico C. Chateaubriand. Col. Cigarra Magazine. 1. (14/21). 231 p. il. br. Cr\$ 15,00. (2ª ed. 9/43).

Ed. O Cruzeiro.

14) LETRAS

A) Filologia (Generalidades — Ensino Linguas).

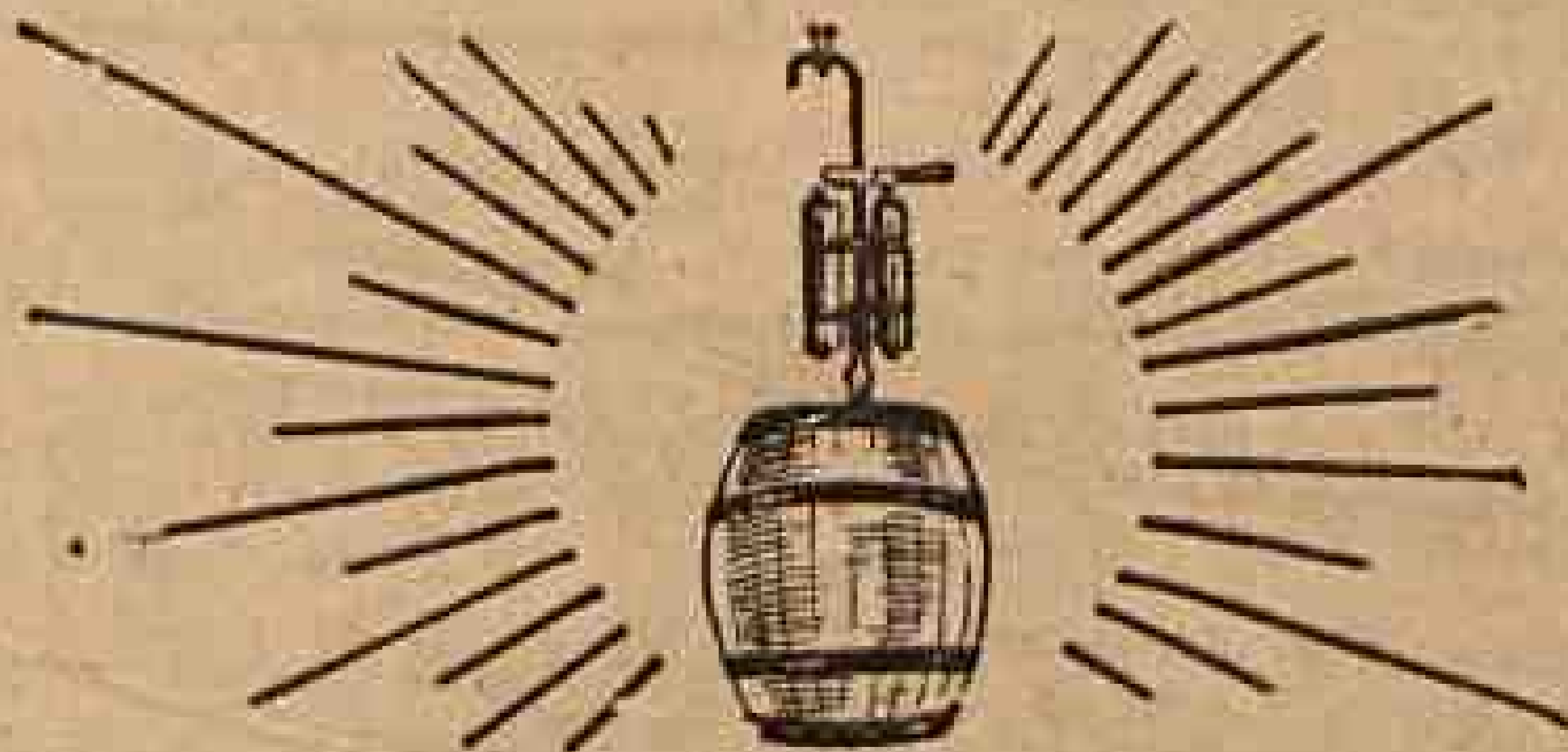
OUTUBRO DE 1943

ANIVERSARIO? O fereça CHOPP!..



...e terá alegria em casa!

O chopp ANTARCTICA é e será sempre a bebida predileta nas festas, por suas qualidades de frescura e leveza.



NÃO SENDO DE BARRIL, NÃO É CHOPPI

UM PRODUTO

ANTARCTICA

A.302

Continental

ALBUQUERQUE (A. Tenório D'). — Atentados à Gramática. (13/19). 180 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Getúlio Costa.

ALBUQUERQUE (A. Tenório D'). — Correção de frases. Lições para alunos e candidatos a concursos. (13/19). p. br. Cr\$ 7,00. (9/43).

Getúlio Costa.

CAMPOS Jr. (José Luiz). — Como se aprende inglês. (How to learn English). 2ª, 3ª e 4ª séries. Ginásial e propedêutico. (14/19). 302 p. cart. Cr\$ 18,00. (7ª ed. 9/43).

Globo.

ELIA (Hamilton). ELIA (Silvio). — 100 Textos errados e corrigidos. (Com explicações). (14/19). br. Cr\$ 10,00. (4ª ed. 9/43).

Antunes.

FONSECA (Orlando). MORAES (Domingos de Vilhena). — Língua latina. Trechos escolhidos. 3ª e 4ª séries do curso ginásial. B. P. B. s. 2ª. Livros Didáticos (14/20). 388 p. cart. Cr\$ 19,00. (9/43).

Cia. Ed. Nacional.

HENRIQUE (João). — Pontuação na escrita. (13/19). 97 p. br. Cr\$ 8,00. (3ª ed. 9/43).

Livr. Andradas.

NASCENTES (Antenor). — Antologia espanhola e Hispano-Americana. (14/19). 189 p. cart. Cr\$ 12,00. (9/43).

Z. Valverde.

RICO (Raul Reinaldo). — Método prático de espanhol sem mestre. (16/12). 98 p. br. Cr\$ 5,00. (9/43).

Antunes.

BOUZA (Cimério de Oliveira). BARRETO FILHO (Nello). — It's easy to learn portuguese. E' fácil aprender português. The portuguese language as spoken in Brasil. (13/18). 180 p. br. Cr\$ 15,00. (2ª ed. 9/43).

Alba.

4-3 LETRAS

B) Literatura

B. 1) Generalidades — História Literária — Ensaíos — Crítica — Cartas — Crônicas.

FIDELIS (Zé). — Meningite aguda. Pref. Raul Duarte. (13/19). 129 p. br. Cr\$ 7,00. (9/43).

Ed. Publ. Brasil.

GIDE (André). — Montaigne apresentado por André Gide. Trad. Sérgio Millet. Bibl. do Pensamento Vivo. 1 (12/18). 193 p. cart. Cr\$ 12,00. (2ª ed. 9/43).

Livr. Martins.

GUSMÃO (Alexandre de). — Obras. Cartas. Poesias. Teatro. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa "Os Mestres da Língua". 15. (11/17). 263 p. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Ed. Cultura.

MEYER (Augusto). — Prosa dos Págos. Col. Mosalco. 3. (12/18). 165 p. cart. Cr\$ 12,00. (9/43).

Livr. Martins.

PEIXOTO (Afrânio). — Parábolas. (13/19). 314 p. br. Cr\$ 12,00. (2ª ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

THIBAUDET (Albert). — Histoire de la littérature française. (De 1789 à nos jours). (12/18). 2 vols. 334 + 368 p. br. Cr\$ 50,00. (9/43).

Americ-Edit.

YUTANG (Lin). — Com amor e ironia. Pref. Pearl S. Buck. Trad. Carlos Domingues. Ilus. Kurt Wiese. (14/20). 336 p. br. Cr\$ 18,00, enc. Cr\$ 25,00. (2ª ed. 9/43).

Pongetti.

4-3. B. 3) POESIA

ALMEIDA (Moacir de). — Poesias completas. Gritos Bárbaros e outros poemas. Pref. Atilio Milano. Col. "Grandes Poetas do Brasil". 9. (13/19). 137 p. cart. Cr\$ 9,00. (9/43).

Z. Valverde.

ALVES (Castro). — Espumas flutuantes. Notas de Afrânio Peixoto. (13/19). 250 p. br. Cr\$ 10,00. (Nova ed. 9/43).

Antunes.

ALVES (Geraldo Costa). — Jardim das Hespérides. (13/19). 191 p. br. Cr\$ 12,00. (9/43).

Of. Vida Capichaba. Vitória.

BRANCO (R. P. Castelo). — Os Serões. Poema baseado na obra do mesmo título de Euclides da Cunha. (13/19). 63 p. br. Cr\$ 8,00. (9/43).

Distr. Livr. Martins.

HOMERO. — Ilíada. Trad. do grego no metro original por Carlos Alberto Nunes. Bibl. Clássica. 37. (14/19). 443 p. cart. Cr\$ 35,00. (Nova ed. 9/43).

Atena Ed.

MAIBON (Jean). — Haut les coeurs! (14/19). 77 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Livr. Franco-Brasileira

MALOUT (Riad). — Nusges. Pref. Menotti Del Picchia. (13/17). 63 p. br. Cr\$ 12,00. (9/43).

Distr. Civilização.

NAPOLEÃO (Martins). — O prisioneiro do mundo (1941-1943). Ed. P. E. N.

Clube. (17/24). 126 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Distr. Z. Valverde.

TAGORE (Rabindranath). — O "Gitanjali". Trad. Guilherme de Almeida. Col. Rubaiyat. 4. (13/19). 109 p. br. Cr\$ 15,00. (100 exemplares papel Bouffant extra, 10/25, Cr\$ 80,00). (3ª ed. 9/43).

José Olympio.

TAGORE (Rabindranath). — O Jardim do Jai. Trad. Guilherme de Almeida. Col. Rubaiyat. 5. (13/19). 123 p. br. Cr\$ 15,00. (2ª ed. 9/43).

José Olympio.

4-3. B. 4) TEATRO

EURÍPEDES. — Tragédias. Trad. m. tradução de José Pérez. Série Clássica de "Cultura". "Os Mestres do Pensamento". 29. (10/17). 207 p. br. Cr\$ 15,00. (2ª ed. 9/43).

Ed. Cultura.

FREITAS (Anibal de). — A proteção de Deus ou Os milagres da fé. Peça dramática em 1 ato. Col. Teatro Brasileiro. 3. (12/16). 13 p. br. Cr\$ 2,00. (9/43).

Pap. Coelho.

LIVROS BRASILEIROS E SOBRE O BRASIL

A LIVRARIA J. LEITE, fundada em 1921, possui o mais avultado sortimento de livros antigos e modernos sobre História, Geografia, Línguas indígenas, Etnografia, História Natural, Literatura, Direito, etc. do Brasil. Tem sempre à venda números avulsos e coleções de publicações oficiais, dos Institutos Históricos, Museus, Arquivos, Academias, etc.

Fornecedora das principais Bibliotecas e Universidades americanas, atende com rapidez a pedidos de TODA A AMÉRICA!

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS

COMPRAMOS BIBLIOTECAS E LIVROS AVULSOS

LIVRARIA J. LEITE

RUA S. JOSÉ, 80 - Rio de Janeiro - Brasil

MAGALHAES JUNIOR (R.) — Casa
mento no Uruguai. Comédia em 3 atos.
Col. Teatro Brasileiro, 52. (12/18). 61
p. br. Cr\$ 3,00. (9/43).

Distr. Pap. Coelho.

TOJEIRO (Gastão). — Uma vendedora
de recursos. Episódio doméstico em 1
ato. Col. Teatro Brève, 1. (12/18). 26
p. br. Cr\$ 2,00. (9/43).

Pap. Coelho.

43. B. 5) ROMANCES-NOVELAS-LEN-
DAS

AMADO (Jorge). — Terras do Sem Fim
Col. Contemporânea, 5. (14/22). 331 p.
br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Livr. Martins.

ANTILLAC (Renée d'). — O segredo de
Bella Palmira. Trad. Maria Amélia
Ramos. Col. Romances Para Moças,
13. (13/19). 208 p. br. Cr\$ 7,00. (9/43).

Ed. Anchieta.

BARCLAY (Florence L.) — O rosário
Trad. Bibl. das Moças, 29. (13/19). 239
p. br. Cr\$ 7,00. (Nova ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

BAUM (Vicki). — O lago do amor
Mario Quintana. Col. Nobel, G3
(5/23). 343 p. br. Cr\$ 22,00. (2ª ed.
9/43).

Globo.

BAUM (Vicki). — O lago do amor
Trad. Rubem Braga. Col. Grandes
Romances para a Mulher, 13. (13/19)
316 p. br. Cr\$ 12,00. (9/43).

José Olympio.

BOSWORTH (Allan R.) — Um mergulho
no Inferno. Trad. Samuel Penna Reis
14/19). 210 p. br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Ed. Pan-Americana.

BRONTE (Emily). — Morro dos ventos
vivantes. Pref. Carlota Bronte. Trad.
Oscar Mendes. Col. Nobel, 18. (14/19)
373 p. br. Cr\$ 14,00. (5ª ed. 9/43).

Globo.

BUCK (Pearl S.) — A exilada. Trad.
Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruza-
dos, 27. (13/19). 372 p. br. Cr\$ 10,00
(9/43).

José Olympio.

CHARTERIS (Leslie). — O Santo em
Anjos da Vingança. Trad. Millôr Fer-
nandes. Col. Detective, 1. (14/19). 358
p. br. Cr\$ 12,00. (9/43).

Ed. O Cruzeiro.

CRONIN (A. J.). — As chaves do Rei-
no. Trad. Ilka Labarthe e R. Magalhães
Junior. Col. Fogos Cruzados, 13.
(14/23). 341 p. br. Cr\$ 22,00. (2ª ed.
9/43).

José Olympio.

DELLY (M.). — O rei de Kijli. Trad.
Bibl. das Moças, 40. (13/19). 251 p.
br. Cr\$ 7,00. (Nova ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

DUMAS (Alexandre). — O Conde de
Monte-Cristo. Trad., Col. O Romance
Popular, (17/24). 2 vols. 432 + 443 p.
br. Cr\$ 24,00. (9/43).

Ed. e Publ. Brasil.

DUMAS (Alexandre). — O Conde de
Monte-Cristo. Trad., Série Novelas
Universais, 11-12. (14/23). 2 vols. 493 +
419 p. br. Cr\$ 40,00. (9/43).

Ed. Cultura.

FERRREIRA (Ondina). — Outros dias vi
150... (14/22). 267 p. rr. Cr\$ 15,00
(9/43).

Civilização.

OUTUBRO DE 1943

JULIO DINIZ AS PUPILAS DO SENHOR REITOR



EDIÇÕES "DOIS MUNDOS" RIO DE JANEIRO

OPINIÃO DE EÇA DE QUEIROZ
sobre a obra de Julio Diniz:

... A maneira daqueles povoados que Julio Diniz dese-
nha, escondidos no fundo dos vales sob o ramalhar dos
castanheiros, os seus livros serão procurados como lug-
ares repousados de largas ares, onde os nervos se vão
equilibrar e se vai pacificar a paixão e o seu tormento...

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

Nova edição esmerada com linda capa a cores

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS AO PREÇO DE CR\$ 15,00

Remessas para todo o Brasil pelo
Serviço de Reembolso Postal

Pedidos a Livros de Portugal, Ltda.
Ouvidor, 106 RIO DE JANEIRO

FLORIAN. — Gonçalo de Córdoba. Trad.
Virginia Silva Lefèvre. Série "Gran-
des Aventuras", 3. (14/19). 177 p. r.
Cr\$ 7,00. (9/43).

Ed. Anchieta.

HAMSUN (Knut). — Um vagabundo
toca em surdina. Trad. Raquel Benali-
man. Col. Excelsior, 4. (12/18). 216 p.
cart. Cr\$ 10,00. (2ª ed. 9/43).

Livr. Martins.

GARDNER (Erle Stanley). — O caso
das garras de veludo. Trad. Hamilton
de Garcia. Col. Amarela, 109. (13/19)
235 p. br. Cr\$ 7,00. (9/43).

Globo.

HAMSUN (Knut). — Vitória. (História
de um grande amor). Trad. Ofélia e
Narcis Fontes. Col. As 100 Obras
Primas da Literatura Universal, 24.
(13/19). 168 p. r. Cr\$ 8,00. (9/43).

Pongetti.

GLYN (Elinor). — Por que? Trad. Pau-
lo de Freitas. Bibl. das Moças, 7.
(13/19). 345 p. br. Cr\$ 9,00. (Nova ed.
9/43).

Cia. Ed. Nacional

HUIE (William Bradford). — Lama nas
estrelas. Trad. Giuseppe Ghisaroni. Sé-
rie Redescobrimento da Vida, 4.
(16/24). 388 p. br. Cr\$ 28,00. (9/43).

Ed. Pan-Americana

GUZMAN (René-Albert). — Cluene.
Trad. Gastão Cruls. Pref. Gilberto
Amado. Col. Grandes Romances para
a Mulher, 4. (13/19). 343 p. br. Cr\$
12,00. (7ª ed. 9/43).

José Olympio.

LAMARTINE. — Regina. Trad., Série
"Novelas do Coração", 12. (10/17). 141
p. br. Cr\$ 8,00. (9/43).

Ed. Cultura.

LOGAN (Louise). — Amor entre as ná-
vens. Trad. Guinara de Moraes Loba-
to. Bibl. das Moças, 110. (13/19). 254
p. br. Cr\$ 7,00. (9/43).

Cia. Ed. Nacional.

LOTTI (Pierre). — Aillyadé. Extrait des
notes et lettres d'un lieutenant de la
marine anglaise. (12/19). 219 p. br.
Cr. 20,00. (9/43).

American-Edit.

MAUPASSANT (Guy de). — Pedro e
João. Trad. Alvaro Gonçalves. Série
De Corpo e Alma, 1. (14/19). 198
p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Ed. Pan-Americana.

PUSKINE (Alexandre). — Agulha Negra
A dama de espadas. Um tiro Trad.
Cira Neri. Col. As 100 Obras Primas
da Literatura Universal, 25. (13/19).
227 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Pongetti.

QUENTIN (Patrick). — Um enigma para
doctos. Trad. Hamílcar de Garcia. Col.
Amarela, 102. (13/19). 227 p. br. Cr\$
20,00. (9/43).
7,00. (9/43).

Globo.

RIBEIRO (Eurico Branco). — Gralha
azul. Des. de Pedro Macedo. (12/16).
117 p. br. Cr\$ 5,00. (9/43).

Ed. Archiêta.

ROBERTS (Kenneth). — Cara ou co-
roa. (Oliver Wiswell). Trad. Guinara
de Moraes Lobato. Bibl. Espírito Mo-
derno, s. 4ª. Literatura, 17. (14/22).
782 p. br. Cr\$ 30,00. (9/43).

Cia. Ed. Nacional.

ROCHESTER (Conde J. W.). — A vin-
gança o judeu. (Romance mediunico).
Obtido pela Sra. W. Krijanowski.
Trad. Almerino Martins de Castro.
(12/18). 416 p. br. Cr\$ 12,00. (10ª ed.
9/43).

Fed. Espirita.

SCOTT (Walter). — Ivonhoe. Trad.
Marques Rebelo. (15/22). 521 p. br.
Cr\$ 25,00. enc. Cr\$ 32,00. (9/43).

Pongetti.

SILONE (Ignazio). — Pão e vinho.
Trad. Miguel Macedo. Col. Romanços
Clássicos e Modernos. (14/20). 371 p.
br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Ed. Oceano.

SMITH (Thorne). MATSON (Norman).
— Casé-me com uma feiticeira. Des.
de Herbert Roese. Trad. Edson Car-
neiro. (14/21). 250 p. br. Cr\$ 14,00.
(9/43).

Vecchi.

TAUNAY (Visconde de). — O Encilha-
mento. Cenas contemporâneas da Bol-
sa do Rio de Janeiro em 1890, 1891 e
1892. Pref. Afonso de E. Taunay.
(12/18). 302 p. br. Cr\$ 15,00. (3ª ed.
9/43).

Ed. Melhoramentos.

VANCE (Ethel). — Represália. Trad.
Otávio Mendes Cajado. Col. Contem-
porânea, 4. (14/22). 302 p. br. Cr\$
20,00. (9/43).

Livr. Martins.

VERISSIMO (Erico). — Música ao longo.
Prêmio "Machado de Assis". (14/20).
377 p. br. Cr\$ 12,00. (8ª ed. 9/43).

Globo.

VERISSIMO (Erico). — Olhai os lirios
do campo. (14/20). — 302 p. br. Cr\$
12,00. (10ª ed. 9/43).

Globo.

VERISSIMO (Erico). — Um lugar ao
sol. (14/20). 350 p. br. Cr\$ 14,00. (5ª
ed. 9/43).

Globo.

EM TODAS AS LIVRARIAS

PÃO E VINHO,
de Ignazio Silone

A CARTUXA DE PARMA,
de Stendhal

EIS MUSSOLINI,
de Armando Borghi

A BATALHA PELO DO-
MÍNIO DO MUNDO,
de Max Werner

AS ORIGENS DA CRISE
CONTEMPORÂNEA,
de Haroldo Barbuy

EDITORA OCEANO LTDA.

Rua Braulio Gomes, 25-5.º — S. Paulo

Distribuidores no Rio:

ZÉLIO VALVERDE & CIA.

Travessa do Ouvidor, 27

YUTANG (Lin). — Uma folha na tem-
pestade. Trad. Ruth Lobato e Mon-
teiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno,
s. 4ª. Literatura, 13. (14/22). 347 p.
br. Cr\$ 18,00. (Nova ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

42. B. 6) CONTOS

ALBUQUERQUE (Lêda Maria de). — A
semana de Miss Smith. Mensão Hon-
rosa do Prêmio Humberto de Campos
de 1941. (13/19). 225 p. br. Cr\$ 12,00.
(9/43).

José Olympio.

AZEVEDO (Aluizio). — Demônios. Pref.
N. S., Obras Completas, 12. (13/19).

176 p. br. Cr\$ 12,00. (5ª ed. 9/43).

Briguet.

CAMPOS (Eduardo). — Aguas mortas.
(13/19). 123 p. br. (9/43).

Ed. Cia.

CONTOS de amor (Os mais belos) dos
mais famosos autores. 2ª série. Trad.
Edison Carneiro, F. dos Reis Coun-
inho, I. da Cunha Borges, Manuel Ro-
drigues da Silva e Odilon Gallotti.
(14/21). 322 p. br. Cr\$ 16,00. (9/43).
Vecchi.

FALCÃO (Luiz Annibal). — .. mu-
lher que sofria da imaginação. Seus
contos de amor. Três contos medie-

LEIA E COLECIONE
MENSALMENTE



IMPENSAMÉDICA

A MAIS COMPLETA PUBLICAÇÃO
NO GÊNERO DA AMÉRICA LATINA

Aparece mensalmente com 164 páginas
de selecionada matéria científica

A REVISTA DOS BONS CLÍNICOS!

O MENSÁRIO DOS GRANDES LABORATÓRIOS!

ENDERÉCO:
CAIXA POSTAL, 2316
RIO DE JANEIRO, D. F.

ASSINATURA
ANUAL
Cr\$ 100,00

NÚMERO
AVULSO
Cr\$ 10,00

PEÇA UMA
AMOSTRA!

vaiz. Três contos insensatos. (13/19). 185 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Livr. Franco-Brasileira

LAMB (Charles e Mary). — Contos de Shakespeare. Trad. Mario Quintana. Il. de J. Fahrion. (15/23). 285 p. br. Cr\$ 18,00. (9/43).

Globo.

44. B. 3) OBRAS PARA CRIANÇAS

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — A festa das lanternas. Bibl. Infantil. 17. (12/18). 56 p. il. br. Cr\$ 2,00. (3ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — O filho do pescador. Bibl. Infantil. 11. (12/18). 56 p. il. br. Cr\$ 2,00. (10ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Flor encarnada. (Do folclore Africano). Bibl. Infantil. 18. (12/18). 56 p. il. br. Cr\$ 2,00. (9ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — O lago das pedras preciosas. (Do folclore chinês). Bibl. Infantil. 16. (12/18). 56 p. il. br. Cr\$ 2,00. (9ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — O sargento verde. Bibl. Infantil. 14. (12/18). 56 p. il. cart. Cr\$ 2,00. (5ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

BARRETO (Arnaldo de Oliveira). — Os três príncipes coroados. O príncipe do Limão Verde. Bibl. Infantil. 13. (12/18). 56 p. il. cart. Cr\$ 2,00. (10ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

CARROLL (Lewis). — Alice na casa do espelho. Trad. Pepita de Leão. Il. de João Fahrion. Col. Burrinho Azul. (16/22). 155 p. cart. Cr\$ 14,00. (Nova ed. 9/43).

Globo.

DAMLAO (Tio). — Papagaio real. Histórias do Tio Damlaio. Série A. n. 3. Des. de Dorca. (10/24). cart. Cr\$ 2,00. (9/43).

Ed. Melhoramentos.

DEFOE (Daniel). — Robinson Crusoe. Adaptação e rev. de Terra de Sena. Il. de Leda Acquarone. (16/24). 168 p. cart. Cr\$ 15,00. (9/43).

Ed. Minerva.

FERREIRA (Barros). — A maravilhosa história de José. Bibl. Infantil. 71. (12/18). 52 p. il. br. Cr\$ 2,00. (9/43).

Ed. Melhoramentos.

LEVETZOW (Hulda von). — Sinhasinha e Marieta. As irmãs de Juca e Chico. Trad. Collina Lion e Carlos Lebert. Il. de F. Madalena. (11/24). 56 p. cart. Cr\$ 8,00. (2ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

LOBATO (Monteiro). — Fábulas. Des. de Wiese. B. P. B. s. 1ª. Literatura Infantil. 34. (16/22). 157 p. cart. Cr\$ 15,00. (9ª ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

MONTEIRO (Jerônimo). — A ilha do mistério. Bibl. Infantil. Anchieta. 2ª série. 3. (14/19). 63 p. il. br. Cr\$ 2,50. (9/43).

Ed. Anchieta.

MYRI (Johanna). — Eveli, a pequena cantora. Trad. Pepita de Leão. Col. Burrinho Azul. (16/22). 151 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (9/43).

Globo.

MYRI (Johanna). — Heidi nos Alpes. Trad. Pepita de Leão. Il. de João

Fahrion. Col. Burrinho Azul. (16/22). 151 p. cart. Cr\$ 12,00. (9/43).

Globo.

5) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS FÍSICAS E NATURAIS

AMARAL (João Pecegheiro do). LEITAO (Candido de Mello). — Noções de ciências naturais. 2ª vol. 4ª série ginasial. (14/20). 316 p. 379 figs. cart. Cr\$ 14,00. (3ª ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

CARVALHO (Thales de Mello). — Matemática. Para os cursos clássico e científico. 1ª série. (14/21). 487 p. il. cart. Cr\$ 30,00. (9/43).

Cia. Ed. Nacional.

EINSTEIN (Albert). INFELD (Leopoldo). — A evolução da física. Trad. Monteiro Lobato e Nelson S. Teixeira. Bibl. Espírito Moderno, s. 2ª. Ciência. 1. (14/22). 344 p. 3 lâminas, il. br. Cr\$ 20,00. (Nova ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

WOLFF (Antônio Pedro). — Meus problemas. (Terceiro livro). (13/19). 129 p. il. br. Cr\$ 9,00. (3ª ed. 9/43). (4ª and). (12/19). 258 p. il. br. Cr\$ 12,00. (2ª ed. 9/43).

Saraiva.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia Doméstica — Finanças — Indústria — Profissões — Tecnologia.

ATHANASSOF (Nicolau). — Manual do criador de bovinos. Bibl. Agronômica Melhoramentos. 1. (16/24). 792 p. 350 figs. cart. Cr\$ 80,00. (3ª ed. 9/43).

Ed. Melhoramentos.

BENTA (Dona). — Comer bem. 1001 Receitas de bons pratos. (16/24). 524 p. cart. Cr\$ 20,00. (3ª ed. 9/43).

Cia. Ed. Nacional.

MARINHO (Gilda). — O caminho da beleza. Col. A Mulher e o Lar. 10. (23/29). 32 p. il. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Globo.

OLIVEIRA (L. M. de). — O enxoval do meu bilhinho. (16/23). 79 p. 2 pranchas, il. cart. Cr\$ 15,00. (9/43).

Globo.

PRONTUÁRIO de contas feitas. (10/14). 128 p. br. Cr\$ 3,00. (2ª ed. 9/43).

Ed. e Publ. Brasil.

SA (Paulo). A orientação dos edifícios nas cidades brasileiras. Instituto Nacional de Tecnologia. (18/22). 98 p. il. br. Cr\$ 10,00. (1924-9-43).

Imp. Nacional.

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS



CAPITAL DECLARADO	Cr\$ 2.000.000,00
CAPITAL REALIZADO	Cr\$ 2.400.000,00

DO CAPITAL ACIMA DESTINAM-SE AO RAMO DE
ACIDENTES DO TRABALHO
Cr\$ 1.000.000,00 INTEGRALIZADOS

Sede: RIO DE JANEIRO

Fundada em 1926
RUA DA ALFANDEGA, 48 — TELEFONE: 23-1835
Endereço Telegráfico: COMPINTER

SEGUROS DE:

Incêndio — Transportes em Geral — Automoveis — Vidros
Acidentes Pessoais — Roubo
ACIDENTES DO TRABALHO

Reservas mais de Cr\$ 16.000.000,00

SILVA (Léa). — Sejam as belas. Pequeno formulário de beleza. (13/19). 231 p. il. br. Cr\$ 15,00. (2ª ed. 9/43).

Gr. Olympia.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina.

CLENDENING (Logan). — O romance da medicina. 118 il. de James E. Broderick e Ruth Harris Bohan. Trad. Almir de Andrade. Col. A Ciência de Hoje. 10. (14/22). 489 p. br. Cr\$ 30,00. (9/43).

José Olympio.

COLARES (J. V.). — Coréas. (Têx). (16/21). 131 p. 18 figs. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Casa do Livro.

FIGUEIRÓ (José Maria). — Socorros de urgência, até chegada do médico. (16/23). 212 p. 154 figs. br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Distr. Civilização.

FULTON (John F.). — Fisiologia do sistema nervoso. Trad. Elso Arruda. (16/21). 361 p. 94 figs. Cr\$ 150,00. (9/43).

Ed. Científica.

KAISER (S.). — Esplenomegalia esclerocongênita. Têx. (16/23). 116 p. il. br. Cr\$ 15,00. (9/43).

Ed. Autor, Rio.

LEIDT (Herbert). — Perfeição sexual no matrimônio. Deveres morais e sexuais dos cônjuges. Trad. e anotações de N. Jonas Hersen. Col. Cultura Sexual. 5. (13/19). 197 p. br. Cr\$ 10,00. (Nova ed. 9/43).

Calvino.

LIMA (Ermírio Estevam de). — A via transmaxilar na cirurgia dos seios da face. (16/23). 96 p. 3 pranchas, 3 figs. br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Casa do Livro.

O'SHEA (M. V.). — Como educar meu filho. Trad. e pref. Fernando Tude de Souza. (14/20). 383 p. br. Cr. 18,00. (2ª ed. 9/43).

José Olympio.

PINTO (Pedro A.). — Termos médicos populares. Suplemento à 3ª ed. do "Dicionário de Termos Médicos". (13/18). 59 p. br. Cr\$ 4,00. (9/43).

Tip. do Patronato.

WITTRICK (Germiano Antonio). — Guia das mães. Pref. Coelho Netto e Eunice Pimentel Wittrock. (16/23). 215 p. il. br. Cr\$ 20,00. (8ª ed. 9/43).

Distr. Livr. Alves.

7) BELAS-ARTES — ESPORTE — JOGOS — DIVERTIMENTOS

ALBUQUERQUE (Amatyllo de). — Pequenas biografias das grandes composições. (16/23). 132 p. br. Cr\$ 15,00. (9/43).

Ricordi Brasileira.

MOREIRA (Pedro Lopes). — Cantores célebres. (História, reminiscências e considerações técnicas). (16/23). 221 p. il. cart. Cr\$ 30,00. (9/43).

Distr. Boffoni.

POTENGY (Carlos Gomes). — O futebol e suas leis. Comentários sobre as regras do "Football Association". (14/18). 66 p. il. br. Cr\$ 3,00. (9/43).

Ed. Autor, Rio.

SANTOS (Maria Luiza de Queiroz Amancio dos). (Ira Queiroz Santos). — Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal. Origem e evolução da Ma-

sica em Portugal e sua influência no Brasil. (26/33). 343 p. il. br. Cr\$ 250,00. (9/43).

Imp. Nacional.

9) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografias)

BARTHOU (Louis). — La vie amoureuse de Richard Wagner. (12/19). 189 p. p. br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Americo-Edit.

CARNEIRO (David). — Transição revolucionária. Apêndices sobre julgamentos em história. Col. História Geral da Humanidade. 7. (14/19). 143 p. cam. Cr\$ 9,00. (9/43).

Atena Ed.

COSTA (Licurgo). — Cidadão do mundo. Pref. Valentim F. Bouças. (14/23). 337 p. il. br. Cr\$ 30,00. (3ª ed. 9/43).

José Olympio.

FRISCHAUER (Paul). — Os anos perigosos da Inglaterra. O drama documentário da guerra mundial de 1792-1815. Pref. Lourival Fontes. (14/19). 369 p. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

A Nolte.

KOSERITZ (Carl von). — Imagens do Brasil. Trad. pref. e notas por Afonso Arinos de Melo Franco. Bibl. Histórica Brasileira. 13. (19/25). 292 p. il. br. Cr\$ 45,00. (9/43).

Livr. Martins.

LANEGO (Luiz). — D. Pedro I. herói e enfermo. Col. Documentos Históricos. 6. (15/22). 189 p. br. Cr\$ 15,00. (9/43).

Z. Valverde.

LUDWIG (Emil). — O Nilo. A história de um rio. Trad. Marina Guaspari.

(17/24). 538 p. 3 mapas. il. br. Cr\$ 24,00. (4ª ed. 9/43).

Globo.

NEVES (João Caetano Alves). — A Inconfidência Mineira. Cláudio Manoel da Costa. Não foi um sonho a tragédia Mineira de 1789. (13/19). 193 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Pongetti.

OLIVEIRA (J. M. Cardoso de). — Pedra Amerigo, sua vida e suas obras. Ed. especial comemorativa do Centenário do seu nascimento. (19/26). 208 p. il. br. Cr\$ 40,00. (9/43).

Ministério da Educação.

SCHWARZSCHILD (Leopold). — O mundo em transe. De Versalhes a Pearl Harbor. Trad. Marques Rebelo. (15/22). 329 p. br. Cr\$ 20,00. (9/43).

Pongetti.

STARHEMBERG (Príncipe). (Ernst Rudiger). — Entre Hitler e Mussolini. As memórias de Ernst Rudiger, Príncipe Starhemberg. Trad. e pref. de Costa Neves. (15/22). 374 p. br. Cr\$ 25,00. (9/43).

Ed. O Cruzeiro.

VAUX (Carra de). — Leonardo Da Vinci. Trad. Helitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura". Vidas Luminosas. 9. (19/18). 127 p. br. Cr\$ 10,00. (9/43).

Ed. Cultura.

WILKIE (Wendell). — Um mundo só. Trad. Monteiro Lobato. Col. Guerra e Paz. 1. (14/22). 249 p. br. Cr\$ 12,00. (9/43).

Cia. Ed. Nacional.

ZALUAR (A. Emilio). — Peregrinação pela Província de São Paulo. (1800-1861). Série Brasileira. 4. (15/22). 9 p. br. Cr\$ 50,00.

Ed. Cultura.

LIVROS RECEM-CHEGADOS DO EXTERIOR À VENDA EM NOSSA CASA:

1) Obras em castelhano

DE LAS CASAS, Fr. Bartolomé. "Del Único modo de atraer a todos los Pueblos a la verdadera Religión". Edición bilingüe	Cr\$ 150,00
GAETE & outros — "Modificaciones introducidas por el Derecho Social al Derecho Civil". 190 pags. (1939)	30,00
HUBNER, Manuel — E. "México en Marcha". 675 pags. SAYERS, J. — R., "La Banca Moderna". 300 pags. (México 1940)	28,00
TORRES RIOSECO — "Novelistas contemporáneos de América". 420 pags. (Chile 1939)	30,00
WJNER, Noé, "La Economía Interamericana". 125 pags. (Chile 1941)	35,00
	21,50

2) Literatura Francesa

DEKOBRA, Maurice. "Roman d'un Lâche". 295 pags. Cr\$	45,00
LUDWIG, Emil. "Staline". Essai biographique. 165 pags.	37,50
MAUROIS, André. "Toujours l'inattendu arrive". ca. 300 pags. (1943)	45,00
MARITAIN, Jacques. "Christianisme et Démocratie". 168 pags. (1943)	37,50
MARITAIN, Jacques. "Les Droits de l'Homme et la Loi naturelle". 145 pags. (1942)	37,50
SAINT-EXUPÉRY, A., "Pilote de Guerre". 255 pags. (1942)	45,00
SIMON, Yves. "La Marche à la délivrance". 130 pags. (1942)	37,50
WERFEL, Fr., "Le Chant de Bernadette". Roman d'une Destinée merveilleuse. 470 pags. (1942)	75,00

LIVRARIA SUISSA — WALTER ROTH

Travessa do Ouvidor N.º 12 — 1.º andar. Caixa Postal N.º 3504
Telefone: 23-6397
RIO DE JANEIRO

Casa especializada em Importação. Dispõe de Correspondentes nas principais praças das Américas. Executam-se pedidos do Interior pelo Reembolso Postal

Leitura de Revistas

LEITURA inicia, neste número, uma nova seção, destinada a registrar sucintamente as revistas nacionais e estrangeiras e a assinalar os trabalhos de maior importância ou interesse nas mesmas divulgados. "Leitura de revistas" já estava, de há muito, no plano de nossas cogitações. Motivos imperiosos, entretanto, retardaram até hoje a sua criação, sugerida ultimamente, com insistência, por alguns leitores. Enriquecendo com esta nova seção, entregue a um redator especializado, o seu sumário de todos os meses, LEITURA realiza mais uma parte do seu largo programa de iniciativas de vulgarização cultural.

ROGER Bastide estuda, na "Revista do Arquivo Municipal", de São Paulo (nº 90), alguns complexos afro-brasileiros, assunto a que vem ultimamente dedicando particular atenção. Depois de ressaltar a significação do esforço já realizado, no mesmo terreno, pelo Prof. Artur Ramos — que é, sem dúvida, o especialista de maior autoridade na matéria —, o A. declara que examina os problemas em foco sob o ângulo predominantemente brasileiro. Procura ver não mais as sobrevivências afro-africanas, mas, ao contrário, as inovações e as transformações; de modo algum a herança do passado, mas os problemas impostos ao inconciente por situações inéditas. A documentação de que se vale o A., na falta de melhor, é a seguinte: a) documentos "patológicos", como a percentagem das diferentes doenças mentais segundo as raças, as análises de certos doentes mentais ou de certos criminosos, nas revistas de psiquiatria ou de medicina legal, as investigações de certos jornalistas sobre as sessões de espiritismo, etc.; b) os documentos literários, pois que a arte se apresenta como uma sublimação de certas tendências recalcadas pela consciência clara. Baseia-se o A. em dois postulados: a linha de cor tem influência sobre a formação dos complexos, mesmo infantis, mas esta linha de cor age diferentemente nas diversas situações totais, de idade, de sexo, de educação, de meio social, económico ou geográfico.

Será que existe no Brasil uma linha de cor? Considera-se como barreira legal, não. E não haverá, mesmo sob forma jurídica, certo preconceito de raça ou de cor? Apesar da divergência de opiniões, os fatos parecem provar que existe. Fatos que Mário de Andrade, aliás, interpreta como sintomas de preconceito de classe, com o que concordam vários pesquisadores e estudiosos, inclusive Roger Bastide, em particular. Diz que o negro sofre ainda pela sua antiga condição de escravo; o desenvolvimento da oficina o fez descer ainda mais, e ele ocupa as classes mais baixas da sociedade. A linha de cor o separa do branco não é uma linha de casta, mas de classe, e a prova é que, à medida que o descendente do africano sobe na comunidade, ele transpõe os humbrais das classes dos brancos. Vê-se, entretanto, que ao preconceito de cor às vezes se une, dissimulando-se, o preconceito de classe. Este, em comparação com o que acontece nos Estados Unidos, toma formas infinitamente mais sutis e mais brandas, ocultas em outros preconceitos, disfarçadas de mil maneiras. Por um paradoxo interessante, sua ação, contudo, só sob o inconciente, é tanto mais forte quanto menos visível. Nos Estados Unidos a linha de casta é tão nítida que o sentimento se manifestará na consciência clara, e isso tanto mais quanto nos encontramos em presença de mulatos de pessoas instruídas. No Brasil ele se insinua, ao contrário, em surdina.

Roger Bastide focaliza detidamente o complexo de "separação" branca e o de inferioridade, com documentação abundante, para concluir: a) a separação, no Brasil, é mais uma separação de classe que de casta; b) o complexo toma formas mais nítidas à proporção que o preto se aproxima quer por sua cor menos carregada, quer por suas condições económicas, da sociedade dos brancos; c) a ascensão social encontra no Brasil menos obstáculos que em outros países, em razão da ausência duma linha jurídica de casta; d) enfim, entre estes "parvenus", por causa de sua educação ou instrução, o complexo se sublima em formas literárias e artísticas, dando origem à ironia machadiana, à caricatura de Lima Barreto, ou ainda, em uma sociedade em que a lei de barreira e de nível se fazia sobre a linha do

conhecimento perfeito da língua francesa, à filosofia alemã de Tobias Barreto.

— No mesmo número: "A alimentação da população paulistana", F. Pompêo do Amaral; "A habitação económica sob o ponto de vista político e sociológico", Numa Pereira do Vale; "Manuel Preto, o Moço", Vitor de Azevedo; "Aventura de um príncipe, na Baía, em 1840", Antônio Osmar Gomes; "Carnaúba e ecologia", Abelardo F. Montenegro; "Nos sertões do Brasil", Dr. Fritz Krause, "Itacoatiaras", José Antero Pereira Junior.

— Sumário do número anterior: "Alterações da estrutura demográfico-profissional de São Paulo — da capital e do Interior — num período de quatorze anos — 1920-1934", Lucília Herrmann, Gioconda Mussolini, Nair Ortiz, Cecília Castro Pain e Rita de Freitas; "Diluição da linha de cor na Baía", Donald Pierson, Ph. D.; "A planificação da casa económica", Raul Vieitas; "Habitação ideal ao trabalhador manual", Vicentina Ribeiro da Luz; "O exorcismo da caça, do peixe e das frutas entre os bororós", Manuel Cruz; "Nos Sertões do Brasil", Fritz Krause; "A conquista do solo na baixada fluminense", Renato da Silveira Mendes; "Lição etnográfica nas Cartas Chilenas", Luiz da Câmara Cascudo; "Os parques infantis como centros de educação extra-escolar", Carolina Ribeiro.

A "REVISTA Brasileira de Geografia", órgão do Conselho Nacional de Geografia, divulga uma conferência do General F. de Paula Cidade sobre "Aspectos geo-humanos de Mato Grosso: Corumbá", pronunciada este ano, como parte de um programa de propaganda cultural do X Congresso Brasileiro de Geografia.

O A. descreve a sua viagem de São Paulo a Porto Esperança, referindo, com espírito de minúcia, todas as peculiaridades da região, dentro da técnica mais moderna da geografia humana. Estuda, a seguir, o território da cidade de Corumbá, separado do resto do Brasil pelo curso do rio Paraguai.

A cidade foi edificada sobre o cimo chato de um enorme bloco calcáreo, que, como elemento integrante do maciço de Albuquerque, se ergue sobre as planícies meio-alagadas circundantes. Sob um céu geralmente muito limpo a casaria de cores claras sobressai no fundo verde das encostas boscosas. Lamenta o A. o aparecimento de muito chulé do tipo suíço, que viola o equilíbrio ecológico.

Em muitas casas, ou em quase todas elas, ressalta a influência da constituição do solo sobre a vivenda do homem. Pode-se fixar a evolução da casa residencial de Corumbá nos seguintes termos, que se sucedem como estágios da civilização: rancho inteiramente de folhas das palmeiras que abundam em suas cercanias; rancho com as paredes de estacas de madeira e barro, cobertos de folhas de palmeiras; casas de modesto porte, com paredes de pedra, cobertas com telhas cilíndricas, revestidas ou não de argamassa; casas de tijolos, cobertos com telhas planas, revestidas com argamassa, dos mais modernos tipos atuais.

O Pantanal, isto é, o "hinterland", não permanece inerte. Cobre-se de fazendas de criação. As terras ainda são muito baratas.

Há fazendas de 40 e 50 léguas de extensão. Os animais aí se perdem e se reproduzem sem intervenção do homem.

Depois de aludir às vias de comunicação — problema de cuja solução, aliás, depende a incorporação de uma vasta superfície ao ecumêno brasileiro —, o A. estuda as características do agrupamento humano do Pantanal — do homem de Corumbá.

Com uma densidade de população que vai de 0,3 a 1,3 por quilômetro quadrado e com uma capacidade suficiente para abrigar uma população vinte vezes maior, apesar das cheias periódicas que inhabilitam mais da metade daquelas terras para residência permanente do homem, o Pantanal hoje em dia dispõe apenas de uns poucos pilares humanos, que são núcleos heterogêneos constituídos pelos elementos que se aglomeram nos sítios mais favoráveis à vida, dentre os quais sobressai Corumbá. De início, verificou-se lá o cruzamento de portugueses e índios. Depois, houve o êxodo do Paraguai para o Brasil, finda a guerra entre os dois paí-

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

ses — o que deixou traços nos sobrenomes paraguaios que distinguem hoje muitas famílias brasileiras de Corumbá. Também pelo rastro dos sobrenomes se verifica a força da corrente asiática de sírios-libaneses, a partir talvez de 1900: Zambuti, Salim Kassar, Metram, Sahib, Jalade, etc., são comuns nos meios do alto comércio e das finanças. E' da fusão desses tipos, a que hoje pouco a pouco se vão juntando elementos de procedência vária, que há de resultar o homem de Corumbá. As suas qualidades ancestrais, juntamente as adquiridas pela adaptação ao meio. Já se pode verificar a influência da paisagem sobre o temperamento do povo: é um povo calmo. Reflete muito antes de agir. Não se precipita. Também a monotonia das águas aparentemente paradas faz-lo paciente.

— Na mesma "Revista": "As bétas e a cassiterita de São João del Rei", Eng. Henrique Cáper Alves de Sousa; "Feições morfológicas e demográficas do litoral do Espírito Santo", Prof. Fróis Abreu; um editorial sobre a terminologia geográfica.

"HISTÓRIA natural de uma rua suburbana" é o título de uma excelente monografia de Frederico Heller, publicada em "Sociologia" (nº de agosto). Excelente pela originalidade, pelo alcance da pesquisa e pela segurança de método. O A. traça uma biografia completa da Rua Nova, situada a doze quilômetros do centro da cidade de São Paulo, num bairro que há quinze anos representava o caráter de um subúrbio semi-rural com inúmeras pequenas chácaras e poucas casas residenciais. Rua com 210 metros de comprimento e 16 de largura, habitada, a julgar pelas aparências, por pequenos burgueses — 79 ao todo: 38 homens e 41 mulheres: 53 brasileiros, 11 alemães, 7 portugueses, 3 italianos, 2 norte-americanos, 2 austríacos e 1 argentino; 60 católicos romanos, 14 protestantes, 2 judeus e 2 espíritas.

No seio das 17 famílias da rua, o gosto pela leitura de jornais e revistas vem se acentuando, não em virtude das notícias de guerra, mas por influência da nova geração. Em casa de 3 das 17 famílias foram encontrados livros não escolares: a) Enciclopédia Britânica, 2 livros de Mark Twain (em inglês), Manual para criar cachorros (em inglês), 1 livro sobre hipismo (em português); b) Obras completas de Goethe e de Schiller (em alemão); 3 manuais técnicos (em alemão), 5 romances policiais (em inglês), 1 romance policial (em português); c) 2 obras de Emil Ludwig (em alemão), 3 obras de Stefan Zweig (em português). Os moradores da rua Nova disseram-se leitores de Machado de Assis, Paulo Setubal, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato, Erico Veríssimo, José de Alencar, Ruy Barbosa, Humberto de Campos, Belmonte, Euclides da Cunha, Gonçalves Dias e Marques Rebelo.

Num inquérito que abrangeu 41 pessoas adultas e referente à frequência de cinemas, verificou-se que 3 vão ao cinema 22 vezes por ano. Os outros vão menos. 4 nunca foram lá — 4 mulheres. E por que? "Meu marido não quer" — disse uma. "Lá se aprendem somente coisas feias", disse a outra. "É bobagem..." e "Não sei ler" — declararam as outras duas.

Ocorreram na rua Nova, nos últimos três anos, alguns pequenos conflitos: 12 desavenças por causa de cachorros; 2 — futebol; 1 — racionamento de açúcar; 1 — ciúme conjugal; 1 — informação desfavorável dada a uma casa comercial.

A rua Nova não tem telefone e é cortada em duas partes pela linha de bondes.

— Outros trabalhos do mesmo número da magnífica revista dirigida pelos Profs. Romano Barreto e Emilio Williams: "Acomodação e assimilação", Donald Pierson; "Assimilação dos portugueses em Havaí e na Califórnia", Gerald A. Estep; "Congadas e batuques em Sorocaba", Florestan Fernandes; "A mitologia dos Vapidianos do Brasil", D. Mauro Wirth; "Origem, formação e transformação do Direito à luz das pesquisas etnológicas", Richard Thurnwald.

— Sumário do número anterior de "Sociologia": "Problema e método em antropologia cultural", Melville J. Herskovits; "Elementos mágicos no folk moçicano", Osvaldo Elias Xidiet; "Educação e cultura infantil", Florestan Fernandes; "Sinopse de cultura guayaki", Herbert Baldus; "Competição e conflito", Donald Pierson; "Origem, formação e transformação do direito à luz das pesquisas etnológicas", Richard Thurnwald; Fatos e livros.

ALEM de reportagens, crônicas e notas informativas, a "Revista do Globo", de Porto Alegre (25 de setembro), publica uma entrevista de Justino Martins com Monteiro Lobato, a respeito do jubileu literário do autor de "Urupês", comemorado de maneira expressiva em todo o país. A certa altura, diz Lobato que os ingleses e os russos salvaram o mundo: "O primeiros, porque tiveram um Churchill no momento preciso, e os segundos porque fixaram de cada cidadão um político honesto. Se eles forem derrotados, o que já se torna impossível, estaremos perdidos. E' por isto que hoje não leio mais literatura: só leio a Rússia". E quanto ao mundo de após-guerra: "Os homens sabem que o erro está na distribuição da riqueza. Os homens sabem disso, assim como sabem que, mais fácil do que inventar um complicado motor de avião, é reconstruir uma sociedade. Não se pode abrir uma rua nova numa cidade antiga, sem destruir a rua velha: é preciso eliminar do mundo os políticos sujos. O mundo que eu desejo, enfim, é o mundo futuro idealizado por Wells: tão bom que a gente não precise nem mandar lavar a roupa..."

EM meio a trabalho técnicos e matéria de interesse informativo, a "Revista Brasileira de Estatística" (nº de julho-setembro) divulga dois estudos de demografia interamericana do Prof. Giorgio Mortara, sobre a taxa de mortalidade e de sobrevivência para a Colômbia, e um panora-

ma da evolução da estatística brasileira, do Sr. M. A. Teixeira de Freitas.

"IMPrensa médica", revista dirigida pelo Sr. Neves-Machado, dedicou os números de agosto e setembro a assuntos de traumatologia de guerra. Trabalhos de especialistas de primeira mão, cuja leitura, em alguns casos, não é do interesse exclusivo de médicos e cirurgiões.

"O BRASIL açucareiro" de agosto publicou: "O Brasil e a História do Açúcar", de E. O. von Lippmann; José Bonório Rodrigues: "Problema alimentar na indústria açucareira", Vasconcelos Torres; "Boi de engenho e boi de cana", Sodré Viana, etc.

BASTARIA o "Novo canto de amor a Stalingrado", de Pablo Neruda — uma alta e poderosa página de denso lirismo — para valorizar o número 805 de "Hoy", de Santiago do Chile (25 de junho). Há, além disso, um breve estudo sobre o grande poeta, de Andrés Sabella. Outros trabalhos: "Significado de la muerte del almirante Yamamoto", Salvador de Madariaga; "Visiones de Francia", Jorge Mario Mendez; "El anónimo", conto de Pablo Rojas Paz. Respondem ao inquérito "Que devemos fazer com os alemães?" Pierre van Paassee e William L. Shirer. O autor de "Estes dias tempestuosos" acha que é preciso salvar o povo alemão, destruindo-se, de vez, o nazismo. Para isso formula uma série de sugestões. O último, o correspondente famoso do "Diário de Berlim", é pelo castigo implacável dos alemães, considerando-os todos culpados da situação a que chegou o mundo.

NA "Revista de la Marina Mercante Nacional", de Valparaíso (nº de julho) — um conto de Jules Supervielle, "La vida de alta mar", e um artigo de Teodoro de Szizethy, "Leyendas supersticiosas de los marinos".

CERVANTES, de Havana, Cuba, é como irmã de "Leitura", o mesmo programa de vulgarização cultural e difusão bibliográfica. No número de março-abril, poucos artigos assinados; em compensação, farto material informativo, inclusive a bibliografia completa dos dois meses. Fornece uma série apreciável de informações sobre a vida cultural da Rússia.

O PRINCIPAL trabalho de "The Saturday Review of Literature", de Nova-Iorque (14 de agosto), é de autoria de George Freedley: "O teatro enguliu uma solitária". O A. acha que o teatro norte-americano está morrendo de fome em meio de fartura. Outro trabalho importante: "What Germany needs — A popular revolution against paternalism", de James Marshall. No mais, comentários sobre as últimas novidades bibliográficas e matéria de leitura ligeira.

MILLANTUN é uma revista de arte e literatura, que se edita em Santiago. No número de julho: "O sombrio humorismo de Erskine Caldwell", de Juan Sandoval; "Necessidade de uma autêntica poesia infantil", de Vicente Parrini Ortiz; "O sentido humano do socialismo", de Astolfo Tapia, etc. Antologia: um poema de Gabriela Mistral. Há uma nota de A. S., na seção bibliográfica, sobre o livro "Paixão dos Homens", de dona Jenny Pimentel. O A. registara a "atrativa dedicatória" e confessa não conhecer nada da língua portuguesa, o que o impediu de ler a obra.

"BRITISH book news" é um boletim mensal do "National Book Council". Entre os últimos livros editados na Inglaterra (ns. de maio e junho) incluem-se os seguintes: assuntos de guerra — "Report from Tokyo", Joseph C. Greve; "Long distance", Walter Elliot; "China, to-day and to-morrow", J. L. Murray; "The transition from war to peace", A. C. Pigou; "No retreat", Anna Rauschning; "The austrians", Arnold Haskell; "The Russians — The land, the people and why they fight", Albert Rhys; "Nazi rule in Poland", Simon Segal; "What about Germany?", Louis P. Lochner; "Persecution of the jews", H. M. Stationery Office; "Wings on her shoulders", Katherine Bentley Beauman. Assuntos de arte e literatura: "Annals of opera, 1597-1942", "compiled from original sources", Alfred Loewenberg; "Intelligent listening to music", William W. Johnson; "The soviet theatre", Joseph Macleod; "The literature of England, A. D. 500-1942", W. J. Entwistle e E. Gillett; "The poems of 1942", Editor Thomas Moult; "Modern russian stories", Elinaveta Fen; "Soviet anthology — Short stories", Editor John Rodker; "Russian Short stories", Ed. Faber & Faber; "Hardy the novelist", David Cecil; "Ivan Turgenev", J. A. T. Lloyd; "Winston Churchill", Lewis Broad.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS: — Rogamos aos nossos leitores o obséquio de remeter o pagamento das assinaturas em selos, e diretamente à redação. Assim, ficará facilitado nosso trabalho, revertendo também o mesmo em benefício dos leitores. —
ASSEMBLÉIA, 79 - 1.º andar.

Em dezembro próximo, o lançamento do primeiro livro da

Coleção HOMENS DO MUNDO

CARLITOS

A VIDA, A OBRA E A ARTE DO GÊNIO DO CINE

MANUEL VILLEGAS LOPEZ,



escritor e cineasta espanhol, que tem dedicado toda sua vida à observação, à criação e ao estudo da arte cinematográfica, é o autor desta magnífica biografia, considerada pela crítica como o melhor e o mais completo estudo sobre o homem da bengalinha. VILLEGAS LOPEZ era crítico da "Unión Radio", de Madri, chefe dos Serviços Cinematográficos do Ministério do Estado, (da Espanha republicana), Secretário da Comissão de Cinema da Exposição Internacional de Paris, Prêmio Nacional de Literatura para argumentos cinematográficos

em 1938, e autor de "Espectador de Sombras", "Arte de Masas", "Hoy en el Cine Espanol", "Oro en el Cine", "El Cine" e "El Fi'm Documental".

Tradução de MELO LIMA — Prefácio de ANIBAL MACHADO

Desta edição serão tirados **DUZENTOS** exemplares, numerados, em papel vergê, em grande formato, que serão vendidos unicamente por assinatura, ao preço de **DUZENTOS CRUZEIROS** o exemplar. Os pintores Augusto Rodrigues, Carlos Scliar, Percy Deane, Graciano e Gaeldi, ilustração com desenhos originais a edição de luxo. Candidate-se, desde já, à esta edição, para que seja o possuidor de uma verdadeira obra de arte.



CHARLES CHAPLIN é o único gênio do cinema, porque criou a única personagem eterna, humana e universal do cinema — o vagabundo Charlie, Carlitos, Charlot.

Preço do exemplar, encadernado, sobrecapa em papel couché, tricromia de Scliar, 24 páginas ilustradas com as mais interessantes fotografias de Carlitos e de cenas dos seus principais filmes Cr\$ 25,00

COMPANHIA EDITORA LEITURA

Assembléia, 79 - 1.º and. — Rio de Janeiro

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Leitura

50
CENTAVOS
1943

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

UM POVO QUE NÃO QUER SER ESCRAVO

PASSO pela velha ponte do Neretva e vejo, na praça onde os 18 *tchetniks* tinham sido enforcados, uma placa, pendurada à porta de um açougue, com os seguintes dizeres: "Carne de servo — um dinar o quilo!"

Ao lado da placa, pendurado e rachado ao meio, o cadáver de uma criança de quatro ou cinco anos de idade.

A noite, fui informado de que o comando geral dos alemães, logo depois de ter conhecimento do fato, mandara tirar o corpo e a placa.

Os próprios alemães estavam horrorizados.

Outros tantos dias mais tarde recebi outra informação, desta vez trazida por um *tchetnik* que se infiltrou em Mostar e conseguiu visitar o velho Cmar. Os três líderes *ústachi* da província de Herzegovina, o advogado dr. Julius Domac, o funcionário dos Correios e Telégrafos Vatroslav Kaconda e o proprietário de um café, Zdenko Mochacewic, tinham sido enforcados, quando faziam uma viagem de automóvel para a capital da Croácia, Sarajevo, onde iam saudar o *quisling* da Croácia, Ante Pavelic e o "generalíssimo" do novo Exército *ústachi*, o antigo tenente-coronel Eugen Kwaternik, do Exército Austríaco Imperial.

Todos os membros dos automóveis de que se compunha a caravana dos novos governadores da província foram mortos no combate com os *tchetniks*, menos os três líderes, que foram capturados e enforcados.

Junto aos seus cadáveres encontrou-se um cartaz, que dizia assim: "Carne de croata — gratis!"

A vingança dos *tchetniks* não se fizera esperar".

(Trecho do livro EU FUI UM GUERRILHEIRO SERVIO).

EU FUI UM GUERRILHEIRO SERVIO

A história eletrizante dos "tchetniks". A ação da quinta-coluna na Iugoslávia. Como se organizou a luta contra o invasor. Primeiras emboscadas e seus artifícios. Quando surgiu Mihailovitch, Kosta Nadj e Mihailovitch os chefes principais dos guerrilheiros sérvios. Onde vivem e como agem os patriotas iugoslavos. Os italianos auxiliam os guerrilheiros contra os alemães. As filhas das melhores famílias sér-

PAULO SEBESSEN

Eu fui um Guerrilheiro Servio

EDITORIAL CALVINO LIMITADA

vias são levadas à força para os prostíbulos. "Fuer Soldaten" (para os soldados) é a inscrição que os alemães fazem nos braços das moças destinadas à sua concupiscência. Os cadáveres de patriotas pendurados em praça pública para amedrontar as populações civis. Cenas da vida dos revoltosos. Como lutam os guerrilheiros. Homens simples que não corromperam. O autor deste livro, Paulo Sebesen, um escritor iugoslavo, lutou contra os invasores da sua terra e viveu as cenas que descreve. Não se trata, pois, de um livro de ficção.

Nas Livrarias, Cr\$ 25,00 — Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00. Editorial Calvino Limitada — Caixa Postal, 1889 — Rio Janeiro.

TIRAGEM: 20.000 EXEMPLARES

Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

APROXIMAÇÃO ARGENTINO-BRASILEIRO

A VISITA ao Prata dos intelectuais brasileiros, recentemente realizada, em cumprimento do programa de aproximação cultural entre aqueles países e o nosso, constituiu um legítimo triunfo da política de solidariedade continental. O momento em que José Lins do Rego e os seus companheiros de delegação pisaram o solo argentino, era propício à confusão gerada por determinados grupos que não conseguem libertar-se do obscurantismo medieval. E possivelmente jamais sairão deste apertado círculo por um imperativo do ridículo.

Criar divergências entre países americanos que exijam soluções violentas, nos dias atuais, em flagrante desrespeito aos sentimentos pacifistas dos povos americanos, cada vez mais fraternizados ante o drama que o mundo corajoso e vitoriosamente enfrenta, é dar uma triste demonstração de insensibilidade popular, de insensatez ou de loucura. Pois não veem os "pitucos" argentinos, melhor, antiargentinos, que a sua inqualificável propaganda subterrânea não encontram eco em nenhuma parte, e só deve ser respondida com uma gargalhada, como aconselhou o Embaixador Rodrigues Alves? Naturalmente não se dão conta porque são partidários de uma "nova ordem" envelhecida há quinhentos e tantos anos...

O romancista José Lins, ao iniciar o ciclo de conferências sobre a nossa literatura no "Colégio Libre de Estudios Superiores", — uma das mais altas tribunas do pensamento livre da América — rendeu uma comovida homenagem ao Mestre Aníbal Ponce, um dos fundadores daquela casa de saber. A oportunidade de suas palavras enaltecendo a ação cultural de um homem que viveu inteiramente devotado à cátedra e à divulgação da cultura, e que foi obrigado a viver e morrer fora de sua pátria pela intolerância de uma situação que parecia definitivamente morta, foi festejada de maneira unânime por todos os intelectuais argentinos que amam a liberdade e prezam a dignidade humana. Os aplausos recebi-



dos pelo escritor patricio ratificaram o elevado conceito em que é tido universalmente o povo argentino como democrata e adepto fervoroso das Nações Unidas.

A cátedra de Estudos Brasileiros que o "Colégio Libre" inaugurou há pouco mais de um ano, e que conta com a colaboração econômica do nosso governo, vem prestando uma real serviço à compreensão e aproximação argentino-brasileira. Merece, pois, o estímulo e a solidariedade de todos os brasileiros de boa vontade.

EDIÇÃO EXTRAORDINÁRIA DE NATAL

A Fogo Sagraado

UM GRANDE ROMANCE DE ATUALIDADE



*Dois grandes interpretes
para um grande livro*

VEJA O FILME!

LEIA O ROMANCE!

EM TODAS AS LIVRARIAS

EDITORA MINERVA LTDA.

Ouvidor, 145 — Caixa Postal 2789 — RIO

ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Os dias * Os fatos * Os homens

UM ROMANCISTA E DIPLOMATA CHILENO NOS VISITA

JUAN Marin, o grande romancista de "Paralelo 53 Sur", está entre nós, de regresso à sua pátria, depois de quatro anos de estada em Shanghai como representante diplomático do Chile. A sua visita nos enche de alegria, porque conversar com Marin é um prazer difícil de ser igualado por qualquer outro escritor. A sua simpatia pessoal é tão comunicativa quanto a sua cultura e informação de homem



JUAN MARIN

que conhece o mundo em todas as direções.

Alto, forte e saudável, possui um olhar cheio de ternura, em flagrante contradição com o seu físico agigantado. Poucos minutos são suficientes para que a intimidade se apodere dos que o cercam, criando um ambiente ideal para as conversações mais variadas e vivas.

Da sua viagem ao Oriente nos traz Marin um novo romance e dois livros sobre a China. Numa série de ensaios onde o estilo e a cultura se unificam, o romancista chileno nos descende a vida artística e literária da grande pátria de Confúcio. A poesia, o teatro, a pintura, a arquitetura, o romance, etc., são os temas principais do seu interessante livro. Com uma paciência budista, o escritor-diplomata perdeu para o castelhano os grandes poemas da poesia chinesa. Traduziu-os do inglês e do francês, e conseguiu o milagre de contagiar aos ocidentais toda a beleza e sensibilidade da alma chinesa. O outro livro se refere às religiões, e o romance Marin o considera como a sua melhor criação.

Uma ampla entrevista sobre a cultura chinesa e os escritores do seu país, é o que oferecemos no próximo número de LEITURA. Hoje apenas registamos a sua presença entre nós.

CORDEIRO DE ANDRADE

CEARENSE do interior, o romancista Cordeiro de Andrade, que faleceu recentemente nesta cidade, não podia deixar de refletir nos seus romances a angústia, as misérias e a revolta constante do cearense do interior. Nasceu em Sobral (norte do Estado), cidade que mais tarde seria descrita em "Tonio Borja", seu penúltimo romance.

Não teve oportunidade para fazer uma obra capaz de resistir ao tempo, mas todos os seus livros, desde "Casacos" até "Anjo Negro", que será lançado brevemente pela Livraria José Olympio Editora, descrevem os sofrimentos do homem cearense, isto é, do homem.

Fazia tempo que se encontrava em transe, afastado dos amigos e amparado pela esposa — uma verdadeira companheira — mas sempre confiante, e sempre disposto a escrever sobre aqueles que construíram e continuam a criar alguma coisa para a vida, para a humanidade.

Seu último artigo foi escrito especialmente para LEITURA, que o publicou com destaque no número 9. Apesar da tremenda fraqueza física que então passava, Cordeiro de Andrade compôs um artigo cheio de vida sobre a figura de um idealista conhecido de nós todos: o velho Kropotkin. E, nele, disse palavras de fé e de esperança no homem, "nas grandes possibilidades do homem".

A doença, o afastamento de toda atividade profissional não foram impedimentos suficientes para que ele, Cordeiro de Andrade, cearense do sertão deixasse de "amar os homens" com aquele amor que ele viu na grande figura de Kropotkin.

Aqui, no Rio, trabalhou na imprensa, e escreveu "Brejo", "Tonio Borja" e "Anjo Negro".

BIBLIOTECAS ESTRANGEIRAS

A BIBLIOTECA de Lenine, de Moscou, comemorou o seu 80º aniversário de fundação. Inaugurada com 125.000 volumes, foi instalada junto ao Museu de Rumiantsev, construído no século XVIII pelo grande arquiteto russo V. Bakénov. Hoje, uma das maiores bibliotecas da União Soviética, com 17 milhões de volumes, aproximadamente. O tamanho total de suas estantes é de 250 quilômetros. Todo ano empresta aos leitores 3 milhões de livros; durante a guerra e mesmo nos meses em que os nazistas estiveram tão perto da cidade, não deixou de estar aberta um só instante noite e dia.

Possui uma riquíssima coleção de manuscritos dos grandes escritores russos Nekrássov, Dostoiévski, Tchichkov, Tolstói e outros. Conserva valiosos incunábulos e paleotipos bem como raríssimas edições estrangeiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Nos registros da biblioteca encontram-se pedidos de livros dos grandes escritores russos como Tolstói, Dostoiévski, Mendeleiev, etc., e também de Lenine, que a visitava com frequência mesmo antes da Revolução, remontando-se ao ano de 1893 a menção mais antiga de uma visita que fez.

Agora, trabalha-se na construção de um enorme edifício para ela for-

mado por seis corpos de vários andares, cujos planos são dos engenheiros V. Chichouko e V. Helfreich. Sua superfície é de seis vezes mais a do atual edifício, com espaço suficiente para seis vezes mais ao número de visitantes que pode comportar a Biblioteca atual. Este novo edifício dispõe de oito enormes salas de leitura e numerosos gabinetes de trabalho.

A Biblioteca de Lenine é, como a do Congresso de Washington, a British Museum, de Londres, e a Nacional de Paris uma das maiores do mundo.

Atualmente prepara uma bibliografia completa sobre literatura de guerra. Um registro perfeito de todos os livros folhetos, cartazes, etc., publicados na Rússia sobre a guerra atual. Já tem confeccionado mais de 20.000 fizes.

Faz alguns meses a Biblioteca designou um novo Conselho Científico: Iaroslavski Fersman, Mints, Ehrenburg, Marschak o pintor Brabar e outros.

NA ARGENTINA funcionam atualmente 1.438 bibliotecas populares disseminadas por todo o país com 1.548.290 volumes e com uma concorrência de leitores de 4.000.000. O governo destinava anualmente a soma de \$100.000 para aquisição de livros às bibliotecas populares, excluindo-se a Biblioteca Nacional e a dos centros docentes.

A Biblioteca Nacional possui mais de 520.000 volumes, incluindo-se livros, folhetos e mapas. Depende da Municipalidade de Buenos Aires. As bibliotecas universitárias possuem mais de 500.000 volumes. Delas, a mais importante é a da Universidade Nacional de la Plata, com 176.000 volumes, entre os quais figuram exemplares raríssimos, incunábulos e obras antigas de grande valor, e uma coleção excepcional de jornais e livros antigos referentes à América.

JÁ FOI divulgado o balanço mais ou menos exato das destruições causadas pelos bombardeios alemães às bibliotecas e museus ingleses.

Bombas incendiárias destruíram 100.000 livros da Biblioteca de Londres; na Grande Sala da Biblioteca de Kings-College foram queimadas 7.000 volumes; 25.000 na de Guildhall; 20.000 na de Cumberland; 30.000 na de Plymouth. Em Manchester as salas da biblioteca foram totalmente destruídas, sofrendo ainda uma perda de 50.000 livros. Total de volumes perdidos: 232.000.

Convém não esquecer que 18 casas editoras de grande importância foram arrasadas em Londres, e numerosas tipografias e livrarias, cujos depósitos de livros e obras em execução desapareceram em sua maior parte.

CURSO ESPECIAL DE COMPOSIÇÃO MUSICAL

H. J. KOELLREUTER, professor de composição no Conservatório Brasileiro de Música, dirigirá, em janeiro e fevereiro de 1944, um curso de aperfeiçoamento de composição durante o qual tratará exclusivamente

Os dias • Os fatos • Os homens • continuação

de problemas e questões da composição moderna.

O curso visará a aquisição de uma vasta e segura técnica e um profundo conhecimento dos problemas da composição musical.

Dividido em cinco matérias principais — I — Composição; II — Instrumentação; III — Estética; IV — Acústica; V — Análise — abrangerá o curso um estudo detalhado da composição: melodia, harmonia, contraponto, instrumentação moderna, e, principalmente, o contraponto, baseado na técnica dos doze sons e na técnica exposta por Paul Hindemith no seu tratado sobre a composição moderna; — a música de quarto de tom; — a composição e a orquestração microfônicas (film sonoro, rádio e gravação).

Conferências, audições, discussões, experiências práticas e conversações analíticas completarão o trabalho. As conversações analíticas constarão das análises harmônicas melódicas, rítmicas e formais de:

J. S. BACH — "Arte da Fuga"; BEETHOVEN — Sinfonias e Sonatas para piano; STRAWINSKY — "Sacre du Printemps"; Obras de Mozart, Brahms, Debussy, Schoenberg, Villa-Lobos e Hindemith.

Poderão tomar parte no curso "ouvintes" e "participantes".

Os participantes concluirão o curso com um exame, apresentando em público, um trabalho de importância maior, escrito durante o curso. Exige-se para a matrícula como "participante" conhecimentos básicos de harmonia e contraponto.

O curso realizar-se-á em todos os dias da semana no Conservatório Brasileiro de Música, das 14 às 18 horas, exceto aos sábados.

Na secretaria do Conservatório serão fornecidos todos os informes, aceitando-se inscrições para o curso até 15 de dezembro próximo.

PRIMEIRA ESCOLA PARA LIVREIROS NA AMÉRICA LATINA

A "LIBRERIA do Colegio", de Buenos Aires, por uma decisão de seus dirigentes e proprietários, preparou e iniciou as classes que compreendem um "Curso Gratuito para Aspirantes a Livreiros".

A iniciativa é muito interessante e digna de ser aproveitada no Brasil. Damos a seguir o programa desta primeira escola para livreiros na América Latina:

I. Necesidad y propósitos de este curso. — Una Escuela de Librería en Madrid. — Escuelas de bibliotecarios. — Identidad y diferencia entre el librero y el bibliotecario. — Etimología de la palabra librería. — Librerías en el mundo antiguo. — Viejas librerías argentinas. — Librerías modernas. II. La escritura. — Materiales primitivos: piedra, vegetales, madera, arcilla, etc. — El pergamino. — El papiro. — El papel. — Tipos de papel. — Instrumentos para la escritura. — III. La imprenta. — Su desarrollo. — Los incunables. — Los primeros impresores. — Historia de la imprenta en América. — La imprenta en el Pto de la Plata: Montevideo, Córdoba, Buenos Aires. — Principales imprentas y casas editoras argentinas modernas. — IV. La im-

presión. — Tipos. — Terminología: cuerpo, ojo, etc. — Caracteres: gótico, romano, aldino, etcétera. — Los grandes tipógrafos. — Ilustraciones. — Clisés. — Composición y armado. — Pruebas. — Corrección. — Signos para la corrección. — V. El libro. — Su estructura. — Tamaño (formato). — Volumen, toma folleto. — Prólogo, índices, pie de imprenta, calafón, notas, etc. — VI. La encuadernación. — Terminología: pliego, cuadernillo, lomo, nervios, tejuelos, etc. — Materiales que se emplean en la encuadernación. — Tipos de encuadernación: rústica, tela, media tela, pasta, media pasta, "amateur", encuadernaciones lujosas etc. — VII. Fichado de libros. — Los problemas del fichado: apellidos con prefijo, artículos y preposiciones; obras anónimas; obras oficiales; seudónimos; libros escritos en colaboración; adaptaciones, comentarios, traducciones, etc.

(Este punto do programa compreenderá várias classes e exercícios práticos)

VIII. Catalogación y clasificación. — Las bibliotecas y los catálogos de librerías y bibliotecas como instrumentos de consulta. — Bibliógrafos argentinos: Angelis, Gutiérrez, Zinny, Navarro Viola, etc. IX. Nuestras librerías más importantes. — Tipos de lectores: bibliófilos, bibliólatras, bibliómanos. — Lectores cultos, lectores pedantes y lectores que no saben qué les gustaría leer. — Lecturas para niños y jóvenes. — Las mujeres y los libros. — X. Las bibliotecas públicas. — La Comisión Protectora de Bibliotecas Populares. — Las instituciones de cultura en nuestro país: academias, sociedades de escritores, Comisión Nacional de Cultura, Comisión Nacional de Cooperación Intelectual, institutos universitarios, etc. — Sus publicaciones. — XI. El vendedor de librería y sus relaciones con el público. — Cómo servir con eficiencia al comprador de libros, sea orientándolo en la elección de las obras, sea suministrándole información sobre ediciones, traducciones, librerías especializadas, etc. — El vendedor de libros debe aspirar a representar una función en la cultura. — El librero es algo más que un mero traficante. — XII. Repaso de los conocimientos expuestos.

PROIBIDA A CIRCULAÇÃO DO "TIME" NA ARGENTINA

OFICIALMENTE anunciada a noti-

AS RIQUEZAS DO MUNDO — A riqueza está demais: é um roubo que se faz aos outros. É preciso dizê-lo cruamente: todo o homem que possui mais do que é necessário para sua vida, para a vida dos seus, e para o desenvolvimento normal da sua inteligência, é um ladrão. O que ele tem de sobra, outros o tem de menos. Sorrimos com tristeza quando ouvimos falar da riqueza inesgotável da França, da abundância das fortunas, nós, a massa dos trabalhadores, operários, intelectuais, homens e mulheres, que, desde a infância nos exaurimos no trabalho para ganhar o quanto nos livre de morrer de fome, e que com frequência vemos os melhores sucumbir no estorço, nós que somos a força viva da nação! Mas vós outros que estais empanturrados com as riquezas do mundo, sois ricos graças aos nossos sofrimentos e às nossas agonias. Isso não vos perturba, nunca vos faltaram cofres cheios de ouro; direitos sagrados da propriedade, guerra sadia pela vida, interesse superior do Progresso, esse monstro fabuloso, esse problema melancólico, qual se sacrifica o bem — o bem dos outros. Seja como for, o que permanece é isso: tendes de mais. Nós valemos mais do que vós outros. Se a desigualdade vos desagrada, cuidado que ela amanhã não se vire contra vós! — Romain Rolland — "Jean Christophe" — Edição da Livraria do Globo.

cia de que a circulação da conhecida revista norte-americana "Time" foi proibida em toda a Argentina.

Referindo-se à proibição da revista "Time" em Buenos Aires, o sr. P. I. Prentice, diretor desse magazine, declarou, entre outras coisas: "Parece lamentável que as colônias americanas e inglesas da Argentina tenham de ficar privadas de tomar conhecimento de notícias apresentadas com imparcialidade e sem censura de qualquer espécie". Acrescentou ainda que, a partir do último número, o "Time" suspenderá sua impressão em Buenos Aires, estando em vista iniciar-se dentro de algumas semanas a sua edição em São Paulo, no Brasil, "onde um governo mais liberal já deu a entender, amistosamente, que a 'edição aérea' do 'Time' poderá ser impressa".

LIVROS BRASILEIROS PUBLICADOS NOS ESTADOS UNIDOS

"CANAN", de Graça Aranha, prefaciado por Guglielmo Ferrero, alcançou três edições. "Inocência", de Taunay, traduzida e publicada há muito tempo no século passado... "A Marquesa de Santos", de Paulo Setubal (aparecida sob o título de "Domífilia"); "Amar, verbo Intransitivo", de Mario de Andrade, publicado sob o título de "Fraulein"; "O Cortiço", de Aluizio de Azevedo, publicado sob o título de "A Brazilian Tenement"; "Iracema", de José de Alencar; "Caminhos Cruzados", de Érico Veríssimo, publicado sob o título de "Crossroads" que foi muito bem recebido pela crítica, mas com a restrição de ser "um romance europeu em ambiente brasileiro".

Ultimamente apareceu nas livrarias norte-americanas um livro de Sílvio Leão, intitulado "White Shore of Olinda" "Branca Praia de Olinda" e que tem recebido boa crítica: "história lindamente contada", "excelente história e ambiente exótico", "uma história cheia de emoção, violentas e de grande poesia, desenvolvida num cenário idílico", etc.

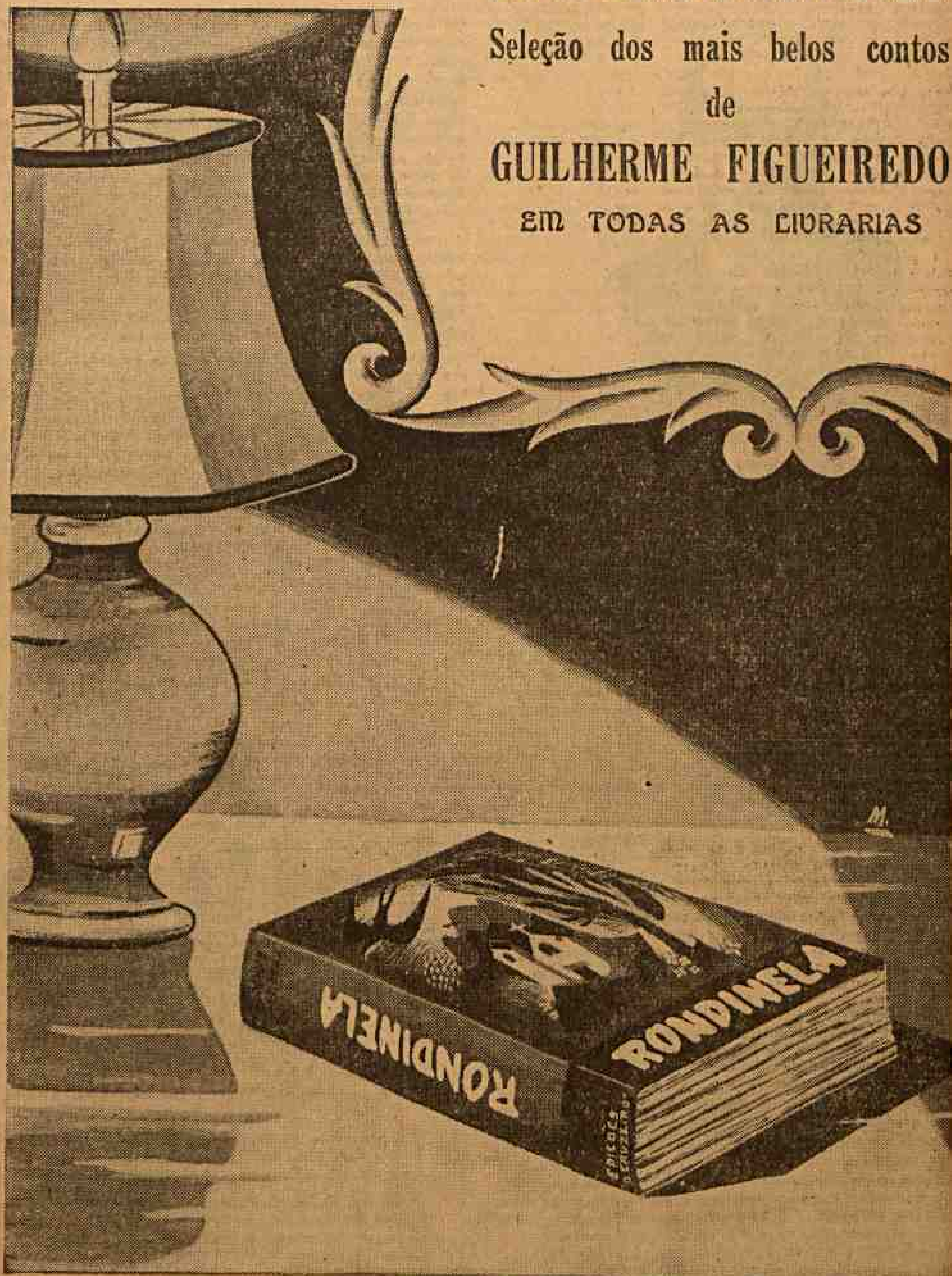
"A Fogueira", do escritor Cecílio J. Carneiro, que tirou o segundo lugar no concurso instituído por Farrar and Rinehart, não apareceu ainda nas livrarias, segundo nos informaram. O livro de Tito Batini, "E agora, que fazer?", também ainda não foi publicado. Os romances que compõem o "Ciclo da Cana de Açúcar", de José Lima do Rego, há muito se encontram traduzidos, mas não publicados.

RONDINELA

Seleção dos mais belos contos
de

GUILHERME FIGUEIREDO

EM TODAS AS LIVRARIAS



Os Prêmios Nobel

IV — JOSE' ECHEGARAY Y EIZAGUIRRE



José Echegaray y Eizaguirre

PASCAL afirmou que era da condição humana do homem ser o equilíbrio entre dois infinitos. Entretanto, o Don Quixote, "aquela estafalário fantasma do Mancha" replica dizendo que o homem é apenas o equilíbrio entre o mundo que é e o mundo que poderia ser. O louco manchego, mas sadio que todos nós, viu a injustiça e não acreditou na injustiça. Tinha uma fé estranha nos homens. Tão grande que transformou ladrões e criminosos em cavalheiros, hoteleiros em príncipes, e tabernas miseráveis em grandes castelos. Foi um Cristo bufão. Um Cristo sem a tragédia do Gólgota, porém, com a comédia ridícula dos galactas. Cristo crucificado por aquelas a quem libertara, e quem dera uma larga e profunda esperança, se engrandece e diviniza; o Quixote clamando justiça liberta os galactas, ganha pauladas, torna-se mais ridículo. Seu sofrimento é mais grotesco, mais físico e mais desesperado. Não podendo ecasitar a imensa negação do mundo, Don Quixote cria outro mundo. E do cheque do real com o irreal quem sai perdendo é sempre o Quixote. Crucificado muitas vezes e entre gargalhadas.

O Don Quixote é toda a Espanha. A quase-insula do poeta Larra não podendo dar um novo Cristo nos oferece um palhaço. Um palhaço que leva dentro de si todas as misérias humanas e sofre por todos nós. E diante do riso inconsequente a Espanha responde pelo boca de Sanchito: "Deus me entenda e basta. E não digo mais ainda que possa".

O outro Miguel, aquele admirável Unamuno disse que o Quixote era uma grande pedagogia. Como a Bíblia. Tão grande que absorveu os pósteros. Tudo o que veio depois, tornou-se pequeno diante da obra de Cervantes. Não se possui impunemente um livro assim. Sofre-se por isso.

Depois do Quixote, o silêncio. Algumas vozes isoladas, a geração romântica, Menéndez y Pelayo, Unamuno e os poetas modernos: Lorca, Machado, Alberti. Nas academias sempre o silêncio. A semente cervantina não medrou entre os estufados dos Triaxons. E foi entre o empoeirado e a sisudez preconcebida que a Suécia foi achar uma glória para a Espanha. O que se deu com Echegaray mais tarde se repetiria com Jacinto Benavente.

Echegaray y Eizaguirre foi um fazedor de dramas, também político e um pouco economista. Foi um pouco de tudo. Natural de Madri, onde nasceu em 1833. Estudou em Múrcia inicialmente, tendo depois cursado a Escola de Engenharia, graduando-se ali. Ao terminar o curso,

foi nomeado professor na Escola especial, lecionando durante desesseis anos cálculo diferencial, mecânica, estereotomia, e outras matérias de nomes igualmente difíceis. Dedicou-se depois ao estudo da Economia, tornando-se livre-cambista. Fundou "La Revista", onde escreveu graves artigos. Foi Ministro da Fazenda, demonstrando invulgar honestidade. Depois da revolução de 1868, ocupou outros cargos públicos e tomou parte nas lutas políticas, mantendo sempre uma atitude prudente. Em 1896, ingressou na Academia Espanhola. E em 1904, recebeu, junto com o poeta francês Mistral, o Prêmio Nobel.

A Espanha que perdera o império colonial, que fora batida pela jovem nação americana, achou na consagração de Echegaray um desafogo. Foi o próprio rei cercado dos seus ministros, entre todas as associações literárias e científicas do país que lhe conferiu o diploma de honra, enquanto nas ruas o povo aclamava o escritor.

Obras: "Elementos de agricultura teórico-prática acomodados ao clima da Espanha"; "A filha natural", drama em um ato, que, enviado anonimamente a uma famosa atriz, foi recusado; "A esposa do vingador" (1875); "A última noite" (1875); "No punho da Espanha" (1875); "Um sol que nasce e um sol que morre"; "Como começa e como acaba"; "O Gladiador"; "Ou loucura ou santidade"; "Iris de paz"; "Para tal culpa tal pena"; "No pilar e na cruz"; "O que não se pode dizer"; "Em busca de um ideal"; "Algumas vezes aqui"; "Morrer por não acordar"; "O seio da morte"; "Mar sem praias"; "A morte nos lábios"; "Haroldo e Normando"; "Os dois curiosos impertinentes"; "Conflito entre dois deveres"; "Um milagre no Egito"; "Manancial que se esgota"; "Vida alegre e morte triste"; "Da planície à montanha"; "Um crítico incipiente"; "Mariana"; "Mancha que limpa"; "O homem negro", etc.

Bibliografia sobre Echegaray: "Autores dramáticos contemporâneos", Tomo II (1886); León Querinel "Revue Bleue" (1885); Manuel de la Revilla "Obras" (1883); "Crítica" (1884); Leopoldo Alas "Palique" (1893); Luiz de Olmet y Garcia "Os grandes espanhóis" (1912).

PETRONIO

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Registrada no DIP sob n. 10.974

Direção de DIOCLECIO D. DUARTE e
RAUL DE GÓES

Secretaria de MELO LIMA

Gerência de O. FROES DA MOTA

Rio de Janeiro — Senador Dantas, 20 — 7.º and.
Salas 708 / 10

S. Paulo — R. do Carmo, 138-1.º. Sala 9
Ano I — N.º 12 — Outubro de 1943

Telefone: 22-8817

Compasta e impressa nas oficinas d'A MANHÃ
Diretor da Sucursal de S. Paulo: PAULO ZINGG
Representantes em todos os Estados do Brasil
Preços: Interior

Número avulso	Cr\$ 0,50
Número atrasado	Cr\$ 1,00
Assinatura anual	Cr\$ 6,00

Literatura para Adolescência

DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ

Copyright de LEITURA



EXISTE uma fase invariável de paixão da literatura — a que vai dos treze aos dezesseis anos. Ninguém lê com mais avidez, com mais prazer que um adolescente. É o tempo em que tudo pode ser sacrificado por uma gostosa leitura, em que nunca haverá cansaço, nem estudos suficientes para suprimir as horas de abstração, de esquecimento, no mergulho literário.

As vocações literárias pululam. Respeitáveis matronas, donas de casa de amanhã, hoje colecionam pensamentos (parece incrível, mas ainda é a mesma coisa através de todas as gerações) e escrevem elas mesmas pequenas baboseiras, versinhos de aniversários, coisa amáveis nos cadernos das amigas.

As conversas entre meninas — moças saem frequentemente do assunto cinema para a discussão em torno de leituras e podemos ouvir "adorável" ou "coisa horrível" a todo o momento, nestes debates acalorados. Os mocinhos são mais ambiciosos no terreno literário. Ainda não pensam em fazer literatura, ainda não — antes de passada a fase dos Tarzans, dos suplementos infantis, do velho Julio Verne redescoberto em todas as gerações — mas se preparam mais firmemente para fazê-la com os primeiros amores. E, então, até aqueles que se hão de transformar em honrados comerciantes nesta praça poderão — tanto quanto as meninas dos pensamentos guardados em albums — fazer versos, fazer literatura.

Entretanto, quando realmente desperta o gosto da leitura, que temos nós para oferecer à adolescência? Muito pouca coisa. A essa fome correspondemos com uns pratos já requentados indefinidamente. As meninas de treze ou quatorze anos ainda terão que ler a ajuizada condessa de Segur, e quem não souber francês tomará intimidade com as Camilas e Giselas, através das insossas traduções portuguesas dormindo nas estantes das bibliotecas dos colégios.

Também poderá — caso papai e mamãe forem mais liberais que o comum dos papais e mães — ler os Ardel, os Delly, e quem sabe se um "Tronco do Ipê" da irmãzinha mais velha. Mas a sua fome de leitura, a sua paixão estará longe de ser satisfeita, e se não apelar para a magnanimidade dos mais velhos, se não conseguir os três ou quatro semanários de aventuras

traduzidas que correm por aí — com homens voadores e mágicos heróis — terá mesmo que fazer o que fazem os rapazinhos — tomar os romances da estante dos mais velhos e ir lendo às escondidas, com o coração aos pulos.

O problema parece-me sério, porque, como a maioria dos escritores — gente respeitável, com filhos — eu o tenho em casa. Por várias vezes tentei afastar esses magazines com histórias absurdas — às vezes pessimamente traduzidas — que iriam intoxicar minha garota, que anda nos doze anos — mas nunca pude fazê-lo conscienciosamente, pois acho desonesto negar a um filho alguma coisa, quando não se pode substituir aquilo que foi pedido.

Não tenho que resolver — felizmente — o problema da leitura de um rapazinho dessa idade, mas creio ser igualmente difícil. Verdade é que os meninos têm menos tempo, pois que são os maiores leitores dos jornais esportivos, mas assim mesmo, e ainda acrescentando os Gibis, Mirins, Suplementos Juvenis, ainda ajuntando os Tarzans, as literaturas de viagem, um ou outro livro policial mais inocente, ainda fica um vazio muito grande.

Os escritores brasileiros não se ocupam da adolescência. Passada a época dos Narizinhos de Monteiro Lobato não há mais nada.

Conheço ótimos livros infantis de Lucia Miguel Pereira, José Lins do Rego, Erico Verissimo, Lúcio Cardoso — que poderão contentar um garoto ou uma menina até os dez ou onze anos.

Mas depois?

O livro de Helena Morley — *Minha vida de menina* — enternecedor para os mais velhos — poderá interessar uma adolescente e ser leitura própria para ela. Mas não chega a ser, propriamente, uma leitura apaixonante para uma menina-moça, pois que o seu encanto reside principalmente em

reviver os dias de uma burguesinha provinciana e vale muito mais como documentário de um mundo curioso já desaparecido, de deliciosos costumes brasileiros que se vão extinguindo.

José Olympio lançou uma esplêndida coleção — "Menina e Moça". São pequenos e ótimos romances para meninas. Lá um — *Afilhada das Abelhas* — com minha filha — e achei delicioso. História passada na Corte de Napoleão, tem todo o atrativo e toda a simplicidade necessária para satisfazer uma adolescente, sendo também um belo livro, sem pieguices, nem excesso de assucar — o que não sabe bem ao paladar da menina de hoje.

A conhecida coleção da Companhia Melhoramentos, embora sendo uma interessante contribuição, não logrou satisfazer integralmente as nossas mocinhas, talvez pelas numerosas traduções que a compõem.

Quando — a torto e a direito — se convocam os escritores para tanta coisa — tantas adesões, tantos movimentos em torno das mais variadas causas, seria bem interessante que uma revista se lembrasse dos adolescentes. Que os nossos escritores pensassem nelas, escrevessem para elas. Que uma casa editora lançasse uma série de romances brasileiros, de livros brasileiros para a adolescência.

É um grave erro que nos descuidemos desta maneira, pois nada é mais importante do que isso. As leituras infantis serão esquecidas, e os romances, os livros, passada a adolescência, encontrarão espírito já formado, ou quase formado. Mas a crise da puberdade vem com o abrir dos olhos para o mundo. O que se vê então nunca mais será esquecido. É um crime, um absurdo que não nos preocupemos com a adolescência. O escritor brasileiro que se dedicar aos adolescentes terá realizado importantíssima tarefa.

"Sargentinho"

LEONARDO ARROIO

Copyright de LEITURA

SEMPRE que se queira falar em literatura infantil o nome de Monteiro Lobato, na literatura brasileira, resalta como figura de primeiro naipe. Propriamente, a literatura infantil por estas terras de sol teve início com ele, que criou uma porção de figuras encantadoras para o mundo da criança, comprou o sítio do Pica-Pau Amarelo, importou um rinoceronte exótico, insuflou de vida um sabugo esquecido e saiu a contar aventuras dos seus personagens para a alegria do nosso mundo infantil. Monteiro Lobato depôs os velhos Grimm e Perrault, iniciando uma nova maneira de contar, como já havia iniciado uma outra literatura para nós, os homens grandes, de barba e gravata, calças compridas e que costumamos tomar aperitivo antes do jantar e depois do trabalho.

Esta posição do autor de "Cacadas

de Pedrinho", ou melhor, atitude, veio acabar de vez com as fabulosas "varinhas de condão", "Lâmpadas de Aladin", "gatas borralheiras", "príncipes encantados", que a imaginação nórdica e oriental havia criado com um poder de sonho quase incrível, como é o caso de Aladin. Correram mundo também as histórias de Andersen e aquelas enfeixadas nas maravilhosas "Mil e Uma Noites".

As histórias dos autores estrangeiros forjaram um novo mundo para as crianças brasileiras durante muito tempo, um mundo falso, está claro, um mundo cuja relação geográfica e histórica os nossos meninos não podiam compreender, embora pelo coração e pela imaginação o identificassem perfeitamente, de vez que correspondia aos seus anseios de sonhos e de maravilhas. É a irrealdade, po-

(Continua à pág. 48)

Na Paz e na Guerra

CAIO DE FREITAS

Copyright de LEITURA



ENTRE os livros publicados ultimamente sobre a Rússia, um dos mais serenos, mais sérios e informativos é aquele cuja edição portuguesa acaba de aparecer sob o título "A Rússia na Paz e na Guerra", da autoria de Anna Louise Strong. Essa jornalista americana conviveu intimamente com os grandes líderes soviéticos durante longos anos, informando-se, assim, em fontes legítimas sobre a evolução do regime russo, suas raízes, sua evolução através de lutas sangrentas e a atual projeção de que se goza entre as maiores potências do mundo.

A experiência russa, realizada como um imperativo do sofrimento coletivo em face de uma ordem social cruelmente injusta, depois de vinte e seis anos de trabalhos insanos cristalizou-se na indiscutível realidade atual que causa entusiasmo e inquietação aos responsáveis pelos dias que vivemos. A sra. Anna Louise Strong, simpaticamente embora do regime que assistiu funcionando, com esplêndido sucesso, na Rússia, não escreveu um livro tendencioso sobre o panorama político dessa misteriosa e inumerável nação. Os fatos que ela analisa, as estatísticas que revela, os confrontos que realiza e as conclusões a que chega são perfeitamente razoáveis e estão de acordo com o mais elementar princípio de lógica e de raciocínio sociológico.

Até antes desta guerra, a Rússia sofria o que se poderia chamar o mal de ser diferente. Diante da espantosa experiência social que ela estava realizando, nenhuma criatura poderia se manter neutra, ou numa atitude de descaso pelo que pudesse se apurar da extraordinária atividade das suas retortas políticas. Além de fazer muita luz sobre esses fatos que o mundo já discutiu, rejeitou, tornou a discutir para acabar compreendendo-os, a sra. Anna Louise Strong dá-nos um retrato fiel da alma russa, moldada segundo a filosofia de Lenine e tornada empreendedora sob a organização criada pelo gênio político de Stalin. Uma das partes mais marcantes desse livro é a que, com maior realismo, reflete a fermentação social que se operou na Rússia durante os longos anos da experimentação política, é a referente à vitalidade do espírito presidindo e norteando as conquistas mais audaciosas do re-

gime. Em todas as fases da sua administração, Stalin revelou-se um democrata sui-generis, cristalizando num regime forte as mais altas aspirações do sentimento popular. A Constituição soviética de 1936 é um exemplo típico. O fato dos jornalistas americanos repetirem assiduamente que "Stalin não pensa individualmente" é outra circunstância que não pode ser esquecida. Nós, ocidentais, com a cabeça chela do presidencialismo americano ou do parlamentarismo inglês, talvez tenhamos alguma dificuldade em compreender o sentido político que os russos emprestam à palavra democracia. Para eles, regime democrático é o regime do povo, nitidamente do povo e em benefício do povo tal qual está sendo realizado ali, desde que cessaram as agitações decorrentes da adaptação e reeducação das correntes populares, fomentadas pelo ódio ao czarismo. Stalin ao estabelecer o estatuto político que deveria reger as relações e os direitos do cidadão, preocupou-se em não desvirtuar o sentido democrático da revolução russa, tentando por todas as formas transformar em lei somente aquilo que, de fato, estivesse no sentimento e na aspiração das camadas populares. As instruções sobre a redação da Constituição soviética foram, pois, dadas a uma comissão de trinta e uma pessoas, todas da mais alta projeção no ramo da especialidade a que se dedicaram. Essas instruções rezavam que a constituição deveria ser a "mais democrática do mundo e com a maquinária mais eficiente ideada, até então, para expressar a vontade do povo". Depois de estudos exaustivos, o projeto que essa comissão preparou foi discutido, durante vários meses, por todo o povo soviético, em mais de meio milhão de "meetings" a que compareceram cerca de 36.300.000 de pessoas. Como resultado das discussões populares, chegaram às mãos da Comissão de Constituição 154.000 sugestões de emendas. Numa reunião especial do Congresso dos Soviéticos, Stalin discutiu pessoalmente o projeto apresentado, sugerindo modificações a fim de tornar o estatuto o mais democrático possível. "Não faltaram, por exemplo, escreve a sra. Strong, aquelas que achavam que as diferentes Repúblicas não deveriam ter o direito de separar-se da União. Stalin afirmou que, muito embora não fosse provável que quizessem separar-se, seu direito a fazê-lo deveria estar garantido pela constituição como uma afirmação democrática". Através de exemplos convincentes, de fatos verdadeiros relatados sem qualquer preocupação, de fazer proselitismo, a senhora Anna Louise Strong, mostra como, de fato, o povo russo participa do governo do país, derrotando nas eleições os próprios candidatos do partido e modificando muitos planos administrativos por intermédio das sugestões coletivas encaminhadas aos núcleos regionais.

O drama da resistência desse povo à investida das hordas de Hitler, oferece ao raciocínio da sra. Anna Louise Strong uma explicação compreensiva

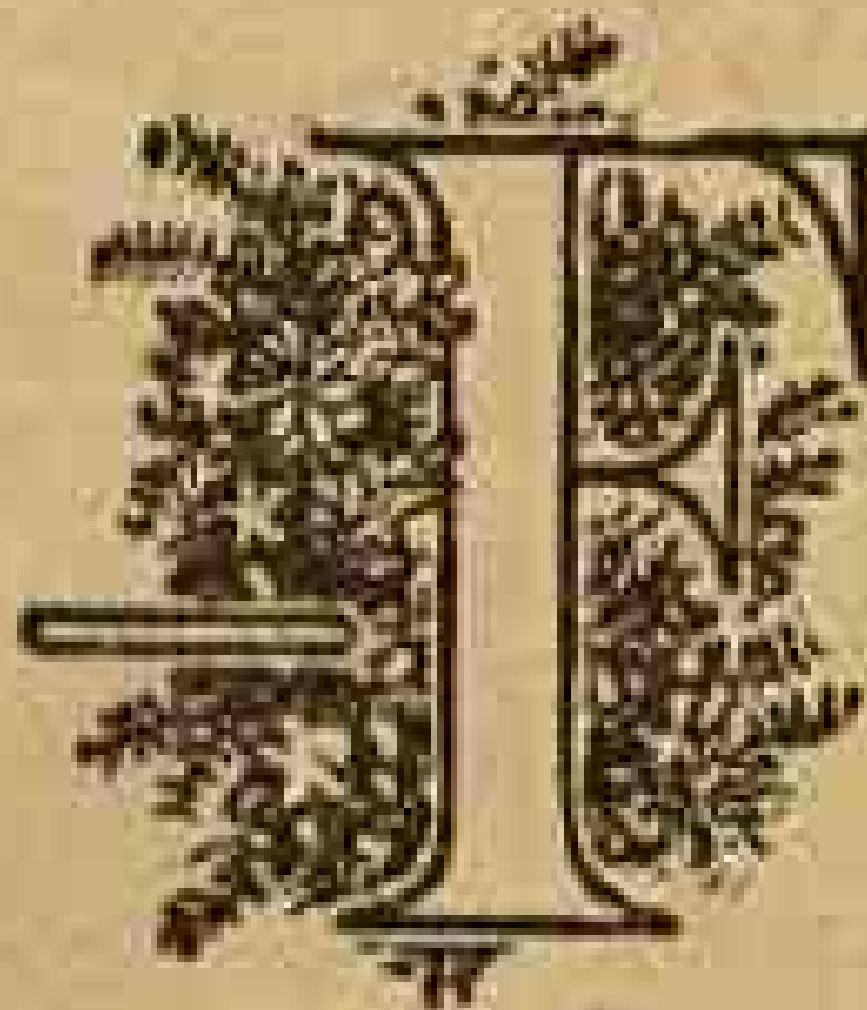
que muito esclarece a admiração das Nações Unidas pela parte que a União Soviética está desempenhando nesta guerra. Essa resistência, segundo a escritora, apoia-se em três fatores: o moral do povo favorecido pelo sistema da propriedade pública que nivela todas as criaturas, evitando as transações dos que traem a pátria querendo salvar os bens pessoais. Confronto: a França vendida pelos banqueiros, de um lado. Do outro, a destruição da represa do Dnieper, orgulho e glória do povo russo, no valor de 2 bilhões de dólares, destruída por uma simples ordem de um comandante de destacamento.

Segundo fator: o conceito que o povo russo faz da liberdade. As guerra intervencionistas e o ódio do mundo ocidental criaram na alma russa a mística de uma liberdade que é uma fonte de energia. O russo crê na liberdade como na própria vida, não uma liberdade formal e negativa que consiste na ausência de proibições, mas, sim, na liberdade dinâmica que se fortalece numa igualdade de direitos, para todas as criaturas, sobre as imensas riquezas do país. É patética a insistência com que Stalin e todos os líderes russos falam, em seus discursos, comunicados, etc., nos "povos amantes da liberdade".

Terceiro fator: o russo luta pela defesa da dignidade humana e igualdade de todas as raças, contra o conceito nazista de uma raça superior.

Quem analisa bem esses três fatores e faz os confrontos necessários com a realidade que encheu de luto e de sangue o chão talado da Europa não pode fugir à conclusão de que, dentro desse triângulo se encontra a explicação para o enigma da resistência russa. Exército melhor do que o da Rússia, teve-o a França com os seus oito milhões de homens, dos quais a metade eram veteranos da última guerra. Mas o que a França não teve, roída que estava pela ganância dos traidores interesseiros, foi a conjunção desses fatores imponderáveis que deram energias estranhas aos camponeses soviéticos, transformando-os, de um dia para outro, em defensores da civilização, em pioneiros responsáveis pela organização do mundo de amanhã.

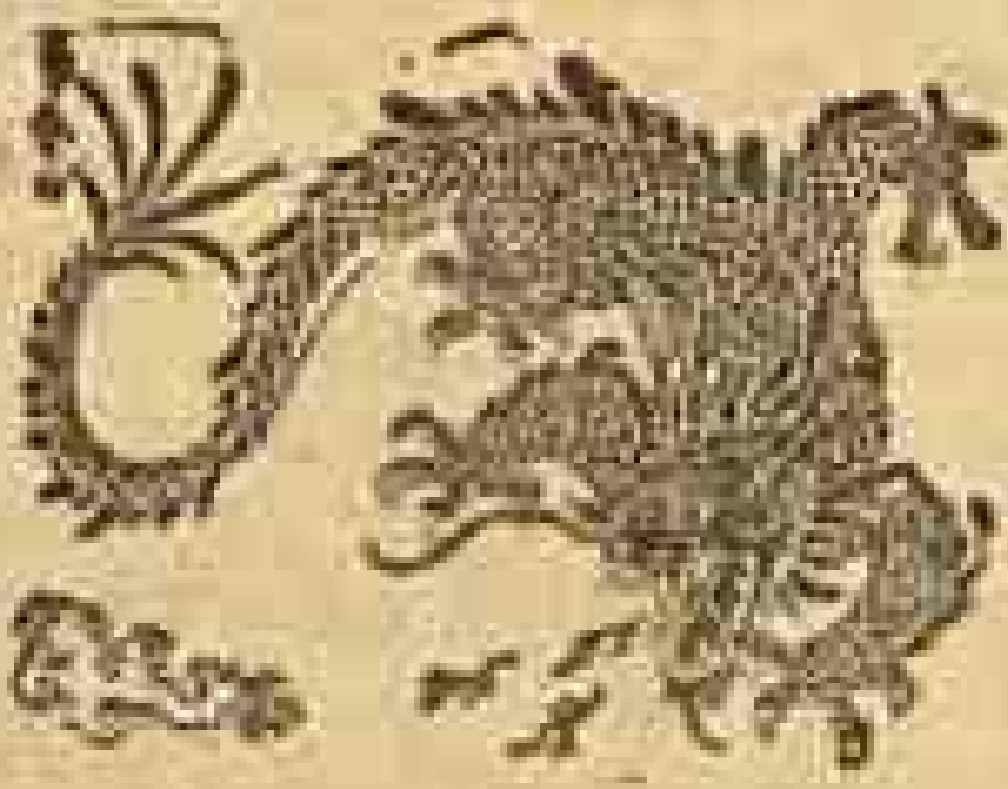
A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna Louise Strong — 2ª edição — Tradução de A. C. Afilhado — Editorial Calvino Ltda. — Rio, 1943.



Outro Exemplo Chinês

JOEL SILVEIRA

Copyright de LEITURA



EM abril de 1941, a moral da população norte-americana estava muito abatida. Com aquela nojenta traição de Pearl Harbour, os japoneses levavam uma terrível vantagem. E estavam se espalhando. Pontos estratégicos, da maior importância, já tinham caído em suas mãos. Parecia que ninguém podia deter os nipônicos na sua marcha para o sul e para o oeste. Se havia um ponto para onde todos nós, inimigos do fascismo, podíamos descansar a vista no Pacífico: Bataan, onde Mac Arthur e algumas centenas de soldados, sobreviventes das Filipinas, aguentavam a mão duramente, numa obstinação heroica. Mas a coisa não podia demorar muito, todo mundo sabia. Um dia Mac Arthur deu um pulo para a Austrália. Dias depois Bataan estava com os fascistas amarelos.

Foi o general Doolittle quem teve a idéia. Era mais loucura do que idéia. Ele conversou com os chefes do Estado Maior norte-americano, conversou com o presidente. A única maneira de levantar a moral do povo alquebrado pela traição inicial e pelas derrotas imediatas, seria dar um grande e fundo golpe no inimigo. Um golpe que fosse, ao mesmo tempo, doloroso e espetacular. Como o bombardeio de Tóquio, por exemplo. Mas bombardear Tóquio, naqueles dias e possivelmente ainda hoje, era coisa muito difícil. Os americanos não dispunham de um ponto de apoio, uma base qualquer, qualquer ilha, de onde seus aviões pudessem levantar voo, deixar cair suas bombas sobre as cidades e voltarem. Doolittle sugeriu, então, que um porta-aviões levaria os aviadores até certo ponto, próximo à costa nipônica. Os aviadores levantariam voo do navio, bombardeariam as principais cidades japonesas, inclusive Tóquio, e seguiriam viagem até a China.

Foi o que se deu. Agora é que nós estamos conhecendo todos os detalhes da formidável aventura. Devemos isto ao capitão Ted L. Lawson, que tomou parte no bombardeio, e que agora nos conta a história, em todos os seus pormenores, num livro que está fazendo grande sucesso. "30 segundos sobre Tóquio", que a "Cruzeta" acaba de editar, é a crônica completa do bombardeio das cidades nipônicas pelos dezesseis aviões de Doolittle. Nem todos os dezesseis conseguiram se salvar. Alguns aviadores tiveram que saltar em paraquedas no próprio território metropolitano japonês. Foram presos, torturados e, mais tarde, decapitados, segundo a moda da casa. Outros caíram na China, em território nas ves-

peras de ser conquistado pelos nipônicos. Outros tiveram que descer na Rússia.



O capitão Lawson, autor do livro, não foi dos mais felizes nem também dos mais infelizes. Seu avião, depois de vencer uma tempestade, teve que fazer uma aterrissagem pouco elegante nas costas de uma ilha, defronte da província chinesa de Chen Kiang. O avião caiu pesadamente dentro da água, água rasa, atolou-se na areia, causando grandes estragos no aparelho e na tripulação. O cap. Lawson perdeu todos os dentes, levou um profundo talho na coxa (mais tarde, num hospital empírico do interior chinês, sob uma porção de anestésico, ele teria que cortar a sua perna esquerda), enquanto que sofrimentos mais ou menos semelhantes acontecia com os companheiros.

A história do bombardeio de Tóquio é contada pelo cap. Lawson com grande precisão e abundância de detalhes. O capitão tem uma linguagem simples, de quem não é escritor por profissão, mas numa linguagem de quem sabe contar o que viu e o que sentiu. Para mim, no entanto, a parte mais importante do livro é aquela que diz respeito à ação dos guerrilheiros nas costas do leste chinês. Foram os guerrilheiros, pobres e miseráveis "coolies" famintos, róticos e maltratados de todos os lados, que salvaram Lawson e seus companheiros, como já haviam salvo, dias antes, a tripulação de um outro bombardeiro. Lutando contra os mais incríveis obstáculos, os "coolies", carregando os feridos em padiolas improvisadas, burlaram os nipônicos de todas as maneiras. Eles tinham uma missão a

cumprir, uma missão que lhes fora dada pelo chefe, o pequeno e inquieto Charlie, e as cumpriria. Durante dias e dias, por atalhos e caminhos terríveis, os "coolies" carregaram os aviadores por dentro do interior da China.

O cap. Lawson afirma que nunca viu, no rosto impassível dos seus salvadores, um gesto de impaciência ou medo. Nunca notou qualquer sinal de traição. Mais tarde os fascistas amarelos aprisionaram alguns dos guerrilheiros que haviam ajudado os aviadores norte-americanos, e os decapitaram.

A narrativa do capitão Lawson revela aos nossos olhos, em alguns dos seus melhores capítulos, o que tem sido a luta dos guerrilheiros chineses contra os nipônicos invasores. É uma luta muito desigual. Os japoneses estão armados até os dentes. Os chineses não têm armas. Os nipônicos estão cheios de aviões. Os guerrilheiros só dispõem dos seus terríveis e intrincados caminhos, de sua obstinação e do seu patriotismo. Mas a luta continua. Diariamente um japonês recebe um tiro ou uma punhalada, e fica estirado para sempre no solo sagrado da China. Em cada humilde barqueiro do Iang-Tze ou do Wekong, em cada libeio dos arquipelagos costeiros, dentro de cada sonolento plantador de arroz, mora um patriota em ação. Seus olhos tranquilos não dizem nada. Um chinês nunca revela o que pode fazer. Apenas faz. E o que eles estão fazendo é uma dessas coisas que, quando bem contadas, espantarão o mundo.

30 SEGUNDOS SOBRE TÓQUIO, do cap. Ted W. Lawson, em tradução de Isaac Paschoal — Coleção "A Cruzeta" — Seção Gráfica de livros da Empresa "O Cruzeiro" — Rio, 1942.

O HOMEM SOCIAL NÃO MORRE — O homem, o homem concreto, o indivíduo, origem de toda realização, não é simplesmente um ser de carne e osso, disfarçado em cada país com um traje de festa ou de guerra; não é simplesmente um centro egoísta do mundo, é também uma unidade que milita no grande conjunto dos homens. Seu destino não é exclusivamente individual, mas também coletivo.

O drama social é grande em si mesmo, e de uma grandeza ainda mais violenta neste momento do tempo. Situa e precisa o caso individual; não é possível já descrever um ser isolado sem colocá-lo nessa perspectiva geral. O drama social é, a miúdo, o drama dos dramas.

Profissionalmente, e do ponto de vista exclusivo do testemunho artístico, não se pode descuidar das relações sociais de cada um e de todos.

Não se trata simplesmente da semelhança dos corações e dos cérebros — é preciso ir mais longe ainda. A semelhança entra na ação, provocando a solidariedade. Isso não quer dizer — é preciso não fazer concessões a não em casos absolutamente imperiosos — que se deve arquivar a literatura puramente individualista, o caso particular individual. As obras clássicas que se criaram na base de sentimentos e paixões individuais — ciclo do amor, do desejo, da necessidade do novo, do medo a morte — podem voltar a criar dentro desse círculo de tragédias e de comédias que comecem e acabam claramente no âmbito de cada um. O gênio dos visionários que há de vir é o gênio chamado a renovar o monótono espetáculo do ser que calcula, goza e sofre na prisão de si mesmo, e que aparece e desaparece, ele e todas as conquistas aparentes e em decomposição de sua felicidade e de seus sonhos. Mas o homem social não morre. O homem social, que se liberta da solidão pela força de sua similitude e pela força da ação, é eterno. Não bastaria dizer que representa toda a massa solidária. É a massa mesma. É continuamente perfectível. O progresso e a ciência se acumulam indefinidamente nele. É forte. Tem força que pode mover um mundo. Junto ao fragil indivíduo isolado, é dono do tempo e do espaço. Feuerbach dizia que todos os atributos que as religiões dão à divindade poderiam dar ao homem social: onnipresença, onni-ciência, onnipotência. "Nação e Cultura", por Henri Barbusse (Discurso ao Congresso Internacional de Escritores).

Confissões de um Crítico

VALDEMAR CAVALCANTI

Copyright de LEITURA

"ALGUMAS notas dos cadernos de um estudante de literatura" — diz o Sr. Alvaro Lins das duzentas notas que, depois de publicar no "Correio da Manhã", acaba de reunir em volume. Impressões de leitura, reflexões sobre assuntos literários, sugestões, depoimentos, confissões. Aqui e ali, um ou outro desabafo, uma ou outra indignação — "mas sempre em face de motivos literários ou intelectuais". Não se trata de um diário à maneira gideana. Nem de uma coletânea de pensamentos ou máximas, o que, aliás, leva o autor a declarar que não merece, por isso, nem a glória de um La Rochefoucauld, nem a humilhação de um Marquês de Maricá.

Há muito o que observar, e de relativa importância, nesse pequeno livro. Se me sobrasse espaço, eu chamaria especialmente a atenção dos leitores para algumas idéias e pontos de vista do Sr. Alvaro Lins. Ou alguns aspectos da sua posição literária — a gravidade com que ele encara a literatura; a dignidade que empresta à sua missão de crítico; a sua intransigência diante do falso e do artificial, do fácil e do passageiro, do convencional e do acadêmico; a coragem com que ele enfrenta os tabus. O que mais nos interessa nestas páginas, entretanto, é a natureza humana que ela nos revelam. Refletindo, em geral, "impressões de determinados momentos, certos estados de espíritos inesquecíveis, alguns sentimentos em seu conteúdo primitivo e natural", essas notas nos indicam traços às vezes vivos e palpitantes da personalidade do crítico pernambucano.

É o caso, por exemplo, da nota, de um tom levemente sentimental, acerca da primeira aula de um curso de literatura no Colégio Pedro II. Diz o autor que sentiu intensa emoção, por motivos especiais. E confessa: "Ao terminar a aula tenho a impressão de que me encontro no meu verdadeiro caminho. Bem ou mal, não tenho sido na vida senão um professor, em todos os sentidos. É uma tendência do espírito que se afirma em qualquer atividade. Um amigo me lembra que é muito próprio de um crítico a categoria de professor de literatura. Acho que sim. Não será um bom crítico quem não for um bom professor. A crítica é o professorado da literatura" (LXXX).

De Gilberto Freyre ele disse que era um cético com a nostalgia da Irajá e de Deus. O mestre do Recife replicou: "O seu caso é exatamente o contrário: um católico com a nostalgia do ceticismo". O Sr. Alvaro Lins declara que se sentiu como que descoberto, surpreendendo-se diante do seu melhor retrato. "O retrato de uma contradição interior que nenhum recurso dialético conseguiu apaziguar" (LXV).

O jovem crítico fala-nos de suas melancolias: "Vou compreendendo com alguma tristeza que o gosto das idéias e o exercício da literatura não me permitiram na época própria a sensação de ter vinte anos. Sinto-me

como alguém cujo pensamento envelheceu há muito tempo" (CXXXIX). E fala-nos do seu isolamento no mundo dos livros: "Verifico mais uma vez a dupla e desencontrada capacidade de estar alegre quando em companhia de outras pessoas; a capacidade de estar triste quando isolado com um livro ou com o próprio pensamento. Apesar disso, o que continuo a preferir é o estado de solidão..." (XCIX).

Declara-se apaixonado por este gênero de trabalho: "procurar a verdade que se encontra nos meus inimigos e nos inimigos das idéias a cuja serviço o destino me colocou" (LXII). Afirma que toda discussão literária o perturba (LVIII). Parece mesmo que gostaria de evitá-las: "Não discutir; não se explicar de mais; não se perder em situações secundárias. Somente com o domínio de si mesmo, com a serenidade, com a energia tranquila, com a segurança do seu destino, pode um escritor executar o que lhe parece a sua tarefa" (CLXXXIX). Não lhe tem sido possível, como se sabe, manter essa atitude superior e distante. Quando atacado, não é com "o silêncio de inlariável desprezo" (CXLIX) que ele responde: é mesmo com palavras zangadas, muita vez ásperas e terríveis (CVII), por exemplo.

Diz o Sr. Alvaro Lins que o sentimento de piedade sucede a um movimento de irritação, ao contacto com a sub-literatura (CXVII). Mas não sei a que grau pode atingir a piedade ou a ternura humana, em relação aos nulos ou aos medíocres, nesse escritor que tão ferozmente os repele, com uma intolerância como que orgânica. Com intolerância e a sua ponta de orgulho. É ele, um homem capaz de escrever: "Há certos inimigos que se acham para sempre na minha gratidão. Como eles tem contribuído para o êxito e autoridade da minha crítica!" (CXCVI). Orgulho? Consciência de suas forças? Ou soberba? Nem sei. Ele escreve: "Eu sou talvez o crítico que nos seus artigos menos fornece frases para a propaganda na capa dos livros..." (CXXXV). E fala com indiferença de certas reações que a sua crítica em geral provoca, lembrando que não lhe cabe pedir desculpas aos autores por lhes dizer a sua opinião e acentuando que não deseja agradar, nem ser agradável ou agradado, como não pretende modificar o seu processo de fazer crítica, resumido, a seu ver, neste propósito invariável: "o esforço de procurar a verdade e a coragem de exprimi-la sem qualquer outro interesse que não seja a literatura" (LXXXII e XCVIII). Por isso mesmo é que George Bernanos profetizou: "Você terá a vida toda, seguido espero, o ódio dos mesquinhos" (CXXXVIII). Confesso, contudo, que gostaria de ver amaciadas, com o tempo, essas saídas de orgulho inútil e infundado, para que a sua crítica possa alcançar, o mais cedo possível, o equilíbrio e a serenidade capazes de lhe assegurar condições de singular permanência nas letras brasileiras.

É de louvar o amor e o respeito do Sr. Alvaro Lins à função a que se dedicou. "Não desejo ser senão um crítico" — confessa (CXIX). "Não tenho em literatura outra ambição. Penso que a questão principal do crítico consiste em não ter inveja dos autores nem da sua glória. E um dos meios mais fáceis de salvar-se o crítico desse perigo é não tentar a realização de nenhum outro gênero literário. Não levar para a crítica a amargura de um fracasso como poeta ou romancista. Ficar satisfeito com o seu próprio ofício". Satisfeito com o seu "professorado da literatura" (LXXX). E falando da sua tarefa o Sr. Alvaro Lins escreve: "Da minha obra de crítico, gostaria que uma única lição fosse transmitida: a de que a crítica não é adjetivo, mas interpretação e julgamento" (LXVI).

Acentuando: "Todo o meu esforço se orienta no sentido dessa crítica, contrariando em geral a mais inútil vaidade dos autores". Nessa nota, aliás, é feita uma crítica feroz a alguns dos nossos hábitos literários: os hábitos de elogiar sem medida, de louvar sem distinção, de passar moedas falsas. "Alguns autores, acariciados e viciados pelos elogios doces e fáceis, já não sabem receber as palavras sóbrias, as palavras exatas, as palavras autênticas que a verdadeira crítica lhes dirige, com o propósito exclusivo de exprimir um critério de verdade e justiça". Por isso, a luta pior que o crítico, entre nós, tem de sustentar é a luta contra o adjetivo. Luta corpo a corpo com as palavras gastas e sem sentido. E o Sr. Alvaro Lins comenta, noutra nota: "De vez em quando o crítico se vê tentado pelo entusiasmo, pelo desejo de exaltar, pelo veneno da exclamação. A atitude crítica exige uma defesa e uma vigilância de todas as horas contra esses perigos do sentimentalismo. Sucede muitas vezes que a maneira sóbria, serena e justa de um crítico foi conquistada duramente como uma vitória difícil.

Uma vitória através da luta entre as reflexões da inteligência e certas exuberâncias e solicitações sentimentais de temperamento" (CXLVI).

Há uma outra nota que define bem a orientação do Sr. Alvaro Lins na crítica literária: é a em que lhe atribui um caráter caustico. Deve manifestar-se de um modo especial em face de cada livro e de cada autor. "Assim, não se devem ter regras fixas para julgar um livro, mas deve-se julgá-lo dentro das suas próprias condições, respeitando-lhes as tendências mais íntimas e o que há de mais particular na pessoa do seu autor" (CV).

Como se vê, o "Diário de Crítica" do Sr. Alvaro Lins se reveste de interesse a um tempo literário e humano: de interesse literário, pelos seus depoimentos, e de interesse humano, pelas suas confissões.

NOTAS DE UM DIÁRIO DE CRÍTICA, de Alvaro Lins — 1.º Volume — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.



O LOBO DA ESTEPE

Hermann Hess

*Um Romance Mágico
Só para Loucos
Só para Heróis*

*Drama das inteligências que
estão na fronteira,
entre a lógica e o sonho,
assistindo a aurora do
novo mundo*

Em todas as Livrarias

Um Povo na Retaguarda

ABGUAR BASTOS

Copyright de LEITURA

UMA das surpresas desta guerra, mas não, positivamente, uma surpresa da História, é, sem dúvida, a ação das guerrilhas na Europa Central, na União Soviética e na China, descendo o olhar pelo fio da História e reencontrando os primeiros séculos da civilização americana não nos desapontamos com os velhos povos destas bandas. Porque, chama-se resistência do Povo Vermelho ou do Tupi e seus aliados, ao lado de Camarão, Vidal, Henrique Dias ou Vieira, de qualquer modo tais episódios sempre representam a rude tática de um povo que sabe guardar a sua retaguarda.

Sempre se disse que a guerrilha, como a tatuagem, é sinal de primitivismo. Sinal de manobras bem simplistas e aparentemente ingênuas. Mas ninguém nega igualmente, e por isto mesmo, a sua brutalidade e seus audaciosos impulsos.

A guerrilha assume desde logo três qualificações impressionantes: unidade, orientação e decisão. É uma liga de vários metais que sai da forja mais flexível e ao mesmo tempo mais dura. Da dureza da unidade e da flexibilidade da ação projeta-se a segurança do objetivo através de uma orientação conciente.

A guerra elástica começou com as guerrilhas. Recuar para poder atacar. Contornar para não desgastar. E, afinal, surpreender o inimigo para o desmoralizar. Eis o que um guerrilheiro deve aprender, não nos livros, mas pelo próprio instinto de conservação.

Justamente pela simplicidade de seu conjunto tático a guerrilha renasce hoje como a suprema força dos povos batidos ao primeiro encontro por inimigos numericamente superiores.

Devastar os celeiros do adversário era um dos constantes objetivos do nosso índio na luta contra o holandês e o português. Os tupis sabiam a diferença do valor entre um soldado de barriga cheia e um soldado de barriga vazia. Iam-lhe, pois, à gorja do gado, aos depósitos dos moinhos, às raízes das roças, aos grãos da lavoura. Metiam-lhe fogo às palçadas e sumiam, com a mesma rapidez do ataque, embuçados na noite.

Contudo, naqueles tempos não havia avião, tanques, minas, lança-chamas, metralhadoras. A madeira polida, dentada, erigida, ponteguda era o armamento básico. Assim mesmo, os primeiros povos da América venciam o invasor.

• •

Mas a guerrilha como capítulo de estratégia só surgiu nesta guerra. Não mais um fenômeno local de resistência. Não mais apenas o instinto de defesa pela sobrevivência. Mas sim o elo de uma cadeia, a peça de uma engrenagem, a parte de um todo em movimento harmônico para a frente ou para trás, conforme os acontecimentos.

Nas suas memórias sobre as guerrilhas montenegrinas, após a invasão nazista, Paulo Sebescen no seu EU FUI UM GUERRILHEIRO SERVIO reforça objetivamente o novo concei-

to. Após relatar de maneira impressionante a unidade dos camponeses montenegrinos na luta contra o invasor, explica:

"De que maneira essa gente chegou a entender-se entre si e a fazer-se entender pelos outros explica-lo-ei melhor na continuação da narrativa das minhas aventuras. Por agora farei apenas notar que, quanto mais avançavam os acontecimentos, mais me convencia de que a revolta e o seu sucesso não tinham sido a consequência de um acaso, mas de um plano cuidadosamente calculado".

A resistência em Montenegro, depois da capitulação iugoslava não representava apenas um impulso de ódio. Mas levava em si todo um processo de organização, onde a consciência dos objetivos da luta estava em primeiro lugar.

Pelo relato do guerrilheiro Sebescen mais uma vez se evidencia a capacidade da quinta-coluna em anular a capacidade defensiva dos povos.

"Contavam-se, casos surpreendentes da ação da quinta-coluna. Nossas linhas estavam cheias de alemães com o uniforme dos oficiais iugoslavos, falando perfeitamente a nossa língua e dando ordens que eram fatais ao nosso Exército. Os espiões conheciam até os códigos secretos do nosso Estado Maior. Enviavam, assim, ordens escritas e perfeitamente imitadas. Era impossível suspeitar da autenticidade delas. E foi deste modo que, durante essa guerra de quinze dias, as nossas tropas, obedecendo, sem saber, às ordens dos espiões, não fizeram outra coisa senão perambular de um lado para outro do país, completamente desorientados... Divisões inteiras depuseram as armas e renderam-se em virtude dessas ordens. A guerra tornou-se, assim, um pesadelo, sendo impossível distinguir o amigo do inimigo infiltrado entre nós tão enganosamente".

Como vemos, a quinta-coluna não dava tempo a que as forças organizadas impusessem ao inimigo um desgaste superior ao esperado, através de uma luta mais renhida e eficaz.

A ação da quinta-coluna facilitando a vitória nazista na Europa Central fez crer ao invasor que a disposição popular de resistência era não só inépta como fraca. O mundo mesmo, que acompanhava compungido a situação, entendia, como no caso da França, que a moral democrática estava incapacitada para deter o fascismo.

Não foi para admirar que a Iugos-

lândia caísse aparentemente como um fruto maduro, mas, para os alemães e italianos foi suprema surpresa o fato de um dia perder toda a região do antigo reino de Montenegro e ver seus imensos combolos de viveres e munições caírem nas mãos dos montanhezes.

A Servia em peso reagiu contra a opressão e, de maneira admirável, comunicava ao mundo que um povo na retaguarda não depusera as armas.

O assalto a Cetingja e a ocupação de posições básicas a dois passos do Adriático, abriu perspectivas novas na luta de retaguarda da Europa Central.

Posteriormente a invasão da União Soviética veio provar que a guerrilha assumia papel eminentemente estratégico porque se ligava a todo o sistema de operações dos exércitos democráticos que manobravam para um dia barrar e derrotar o inimigo nazista.

Não foi possível até agora deter a marcha de tais operações e a contribuição que tão oportunamente traz ao mundo o livro de Sebescen, mostra de maneira inequívoca o poder dos povos quando reunidos na defesa da liberdade e com uma exata e honesta consciência de suas lutas.

Hoje, ao ouvirmos um nome como o do General Tito ou de um Kosta Nadj, já sabemos quais os seus objetivos e de todo o povo que o acompanha.

Não há possibilidade de engano. Firmou-se de uma vez o conceito de que um povo disposto a lutar não será jamais escravizado. Não há poderio bélico que anule o entusiasmo das populações revoltadas, no momento em que os destinos humanos passam, sob o regime do terror ou da mistificação, a ser manipulados para os ingredientes de perpetuação dos grupos tirânicos.

Pode-se afirmar que as guerrilhas salvaram os povos, porque lhes deram consciência de suas reivindicações, à margem do que os governos chamados legais possam decidir.

EU FUI UM GUERRILHEIRO SERVIO é livro que esclarece profundamente o ânimo e a significação das guerrilhas, apresentando-nos quadros que sob as calenturas da paz julgaríamos absurdos, mas, ao calor da guerra, só achamos terrivelmente justos.

EU FUI UM GUERRILHEIRO SERVIO, de Paulo Sebescen — Apêndice: "Guerrilha, a velha arte da democracia", de David J. de Castro — Editorial Calvino Ltda. — Rio, 1943.

UM HOMEM DENTRO DO MUNDO — Meu último pensamento nessa noite foi para os homens, para a vida. Tinha a idéia fixa de que os homens eram os culpados por esse desequilíbrio, por essa angústia que andava solta pelo mundo, transtornando tudo, esmagando tudo. Não havia compreensão nem confiança, nem bondade, nem justiça. Veio-me um desejo secreto, forte, de sentir o conforto de um lar tranquilo, um pequeno mundo burguês se abriu aos meus olhos, uma saudade irresistível de alguma coisa desconhecida assim como o aconchego de uma casa que fosse minha, bem limpa, quando eu chegasse cansado. E sonhava ter os meus métodos, uma vida organizada.

Mas tudo isto desapareceu e deu lugar a um ódio secreto por esta espécie de vida. Juntei estes farrapos de sonhos, mandei-os por terra e veio-me um orgulho de estar sofrendo, acima desse plano de vida comum, como um ser miserável e por isso mesmo superior. "Um homem dentro do mundo", romance de Osvaldo Alves — Pág. 115 — Editora Guaira Ltda. — Curitiba, 1940.

Hitler e Napoleão

DANTE COSTA

Copyright de LEITURA

ANTES desta guerra, quando os fascistas de todo o mundo haviam chegado ao cume da montanha de torpezas que galgaram, era muito comum a comparação graciosa que se fazia entre Hitler e Napoleão. De quantas pessoas se ouvia que o ditador nazista era a réplica moderna ao general de Austerlitz. Não queriam recordar, tais pessoas, que um era alemão e outro francês e que só esse fato bastava para marcar significativas diferenças. Um representava uma nação luminosamente marcada pela história, mantendo-se nela viva pela sua galhardia e pela generosidade que a fazia dar-se ao mundo exemplarmente, enquanto que o outro provinha de uma nação de guerreiros avidos voltada toda para si e, ainda sem a lição dos sacrifícios nacionais nem a beleza de uma trajetória histórica completamente desenrolada. Era preciso criar uma aura de prestígio para Hitler e dizia-se: é como Napoleão. E até foi dito: é maior que Napoleão.

Evidentemente o tempo não é para louvar os homens como Napoleão. Vivemos numa hora em que ha chefes demais e demasiadas pretensões a comando. Os fascismos acabam com a felicidade da vida, insistindo tanto na direção disciplinar, como no mando orientador. Queremos a liberdade, afinal. Essa liberdade que o nazismo nega e que é, em suma, o próprio motivo de se amar a vida. Neste tempo Napoleão não encontra a sua hora ideal de louvação. Contudo, entre indicá-lo como força mundial a ser feita e compará-lo a esse pequeno genio do mal que é Hitler, ha uma distância que só os tolos não percebem. Felizmente quasi já não há mais tolos. Nem suspeitos. Os últimos êxitos nos campos de batalha da Europa os fizeram desaparecer, como por encanto... Mas se algum ainda há que esteja vagando por aí, á espera da conversão, acredito que nem mesmo esse retardado ou esse negociador esperto hesitará. Napoleão é um homem cheio de qualidades, como um homem, cheio de defeitos, como um homem.

Hitler não é assim.

Agora mesmo a publicação do livro de Arthur Levy sobre Napoleão, livro publicado na França nos doces tempos do século passado, serve de fundo de comparação e é um ponto de reparo muito oportuno. Nem concebivelmente contra Napoleão, nem demasiadamente seu advogado, o autor nos põe em contacto directo com Bonaparte. "A vida íntima de Napoleão" — traduzido pelo querido romancista Emil Fehér — mostra-o desde menino, revela o jovem ás voltas com os seus desenganos, o homem que trilha asperamente o caminho que se traçou, o amoroso, o pai, a pessoa meticulosa e seria que havia em Napoleão, e também aquela que foi feliz em sua vocação, o patriota, o general vitorioso, e o homem triste que ele foi.

Se colocarmos Hitler em frente desse quadro humano que acontecerá? Bem poucas coisas, das que estão ali em cima, ele foi ou ele é. A mais

importante, talvez, ele não foi: não foi uma vocação vitoriosa. Ao passo que Napoleão se fez soldado porque o desejou, e desejou ardentemente, e se formou na sua profissão, sofrendo por ela, para servi-la bem. Hitler é um transfuga de vários caminhos, um desmentido nas tentativas profissionais que fez. E como é importante este fato: isso de alguém sentir que o seu caminho foi bem escolhido e os seus passos bem sucedidos. Napoleão aluno de Brienne, Napoleão tenente em Auxonne, Napoleão general de 25 anos, era uma vocação que se realizava.

Reformado, o jovem general não se sentiu atingido: continuou a preocupar-se com a sua profissão, a realizar para a campanha da Itália, planos que ninguém aceitaria e que ele mesmo seria chamado a executar. E Hitler: arquiteto, pintor, comerciante, soldado, tudo sem vitória.

Tal circunstância, que poderia ter feito de Hitler um homem triste, também não o fez. Longe os profissionalmente tristes, os exploradores da tristeza preconcedida. Mas um homem triste, isto é, que conheceu alguma vez a consciência de um erro, ou que sofreu no seu espírito sem se abandonar ao desespero, e reagiu e venceu virilmente tal qual Napoleão foi triste — Hitler também não o foi. Hitler até bem pouco tempo era um demagogo torvamente alegre. Agora deve ser um inconsciente que não pôde mais rir. Sim, porque também, ao contrário de Napoleão, não foi um general vitorioso, não foi sequer um simples general. Também não foi um amoroso, e é preciso ter tido amor ou ter dado amor em qualquer época da vida: isto é uma força. Também não foi pai, outra força grande, outra realidade que enriquece a pessoa humana.

"A vida íntima de Napoleão", que os editores brasileiros publicaram conservando o compreensivo prefácio de François Coppée, escrito tantos anos antes de Hitler nascer, torna-se, assim esplendidamente actual. É possível tirar desse livro, que fixa Napoleão de perto, detalhes que insensivelmente nos levam a pensar em Hitler. Hitler abominando a cultura; Napoleão prestigiando-a, levando sábios nas suas campanhas militares, fazendo morrer soldados no Egito enquanto Champollion recolhia materiais científicos e Berthelot estudava. Hitler fazendo a política do desconforto popular, acabando a alegria de viver da Alemanha, e justificando isso com a guerra. E Napoleão em plena guerra, fazendo-a ele mesmo, e recordando-se sempre de que era filho do povo. Assinada a paz de Vienna, vendo que faltavam hospitais populares na França, escrevia: "Senhor Cretet, os hospitais de Parma e de Pilsance têm necessidade de uma organização especial. Mande fazer o orçamento respectivo e me envie informações sobre as providências necessárias". Ou então, vindo que faltava arte, quatro dias antes de começar a campanha da Prússia: "Peça informações ao se-

(Continua na página seguinte)

AMERIC = EDIT.

publica

todos os seus livros em
língua francesa, em
3 edições!

1.º. EDIÇÕES COMUNS

Preços variando, por volume,
entre: Cr\$ 13,00 e Cr\$ 25,00

2.º. EDIÇÕES DE LUXO

Com tiragem limitada — Preços variando, por volume, entre:

Cr\$ 40,00 e Cr\$ 80,00

3.º. EDIÇÕES ENCADERNADAS

A moda francesa — Preços variando, por volume, entre:
Cr\$ 145,00 e Cr\$ 180,00

AMERIC = EDIT.

Já publicou:

PAGES CHOISIES

par E. RENAN Cr\$ 15,00

HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE

par A. THIBAUDET
(2 vols.) Cr\$ 50,00

LES PLUS BELLES PAGES DE ST. THOMAS D'AQUIN

par A. D. BERTH-
LANGES O. P.
de l'Inst. de France et
B. BOULANGER O. P.
Prof. de Théologie
au Collège Rijkholt Cr\$ 20,00

AMERIC = EDIT.

RIO — CAIXA 429

Envio contra reembolso

Era uma vez...

ALVARO MOREYRA

Copyright de LEITURA



UM pouco antes da guerra, o pai de um noivo, na Alemanha, chamou o filho, deu-lhe um abraço, pediu que se sentasse, e disse:

— Meu filho, tu vais te casar, vais ter filhos, meninas e meninos... Há uma coisa muito importante, que precisas saber...

Detava-se, poz-se a chorar.

— Que é, papai?

— Oh! uma coisa que precisas saber com urgência! Mas eu não posso te contar. Vá onde está a mamãe.

Espantado, o filho foi ver onde estava a mãe. E ela:

— Querido Ludovic... tu vais te casar, vais ter filhos, meninas e meninos... Há uma coisa muito importante, que precisas saber... Oh! sim! Mas eu não posso te contar... Não! não!... (As lágrimas rolavam). Vá onde está a vóvó.

Mais espantado, o filho foi ver onde estava a avó. E ela:

— Meu neto, filho adorado da minha filha adorada... tu vais te casar, vais ter filhos, meninas e meninos... bastantes meninas, bastantes meninos... Ludovic! há uma coisa muito importante, que precisas saber...

Não podes deixar de saber... Ludovic! Mas eu não posso te contar... não posso... não posso... Teu vóvó está lá no quarto... Vai perguntar a teu vóvó.

Espantadíssimo, o neto foi perguntar ao avô:

— Vóvó...

— Meu neto, filho adorado da minha filha adorada... tu vais te casar, vais ter filhos, meninas e meninos... bastantes meninas, bastantes meni-

nos... Ludovic! há uma coisa muito importante, que precisas saber...

— Qua coisa, vóvó?!

— Não podes deixar de saber...

Espera... espera... (Fechou a porta com a chave. Fechou a janela, bem fechada. Veio até ao neto, caiu em cima dele, em plano pranto.) Ludovic! Ludovic! Precisas saber! Filho adorado da minha filha adorada! meu neto! — Papai Noel não existe!

Eis aí o que o fascismo fez: matou o papai Noel, aquele homem velho que dava brinquedos a todos os homens. "Nós somos umas eternas crianças. Andamos sempre correndo atrás de brinquedos novos". Falou assim um companheiro, que vivera longamente, e ainda acreditava que só as ilusões são verdadeiras... Hitler não repetiria o suspiro de La Fontaine: "Se me contassem Pelo do Burro, eu teria um grande prazer..."

Para os maiores, os romances policiais constroem o maravilhoso. Para os menores, as histórias ilustradas, em séries delirantes, formam a segunda natureza, que abafa a primeira. O resto é exceção, é documento, é saudade. Entretanto, quando existem monstros, existem fadas. Não devemos desesperrar. Os desenhos animados já criaram a terceira natureza. O fascismo passará, como a inquisição passou, e como passaram outros faltas de ar. A imaginação, sumida; a alegria, que o raciocínio escasseou; a inteligência, sem emprego, — tudo que justificava o desejo de não morrer, tudo, de repente, há de voltar por acaso... De propósito, nada volta... Horácio despediu-se para sempre de Hamlet: "Boa noite, amável príncipe, e que os anjos, voando, embalem com seus cantos o teu sono". Hamlet, um dia, ninguém esperava, voltou, e inventou o "week-end"... O campo, ao menos num sábado e num domingo, o campo simples, o campo calmo, é o convento das nossas almas tão aflitas, estas pobres Ofélias... Trazemos na segunda-feira, com o descanso, a poesia... Gastamos o descanso durante a semana. Porem da poesia sobra alguma coisa... e é bom, que parece a respiração das árvores... a noite limpa da guerra... longe, altas, as estrelas no céu... a felicidade de recordar: "Era uma vez..."

Bestsellers North Americans

Estes livros são os de maior êxito atualmente em 14 cidades dos EE.UU. A ordem não obedece à importância dos autores, mas à venda dos livros.

Ficção

SO LITTLE TIEME, by John P. Marquand.
THE ROBE, by Lloyd C. Douglas
A TREE GROWS IN BROOKLYN, by Betty Smith.
THE APOSTLE, by Sholem Asch.
THE VALLEY OF DECISION, by Marcia Davenport.
NONE BUT THE LONELY HEART, by Richard Llewellyn.
HUNGRY HILL, by Daphne du Maurier.
SURVIVAL, by Phyllis Bottome.

Assuntos Gerais

UNDER COVER, by John Roy Carlson.
BURMA SURGEON, by Gordon S. Seagrave, M. D.
JOURNEY AMONG WARRIORS, by Eva Curie.
PARIS-UNDERGROUND, by Ella Shiber.
THIRTY SECONDS OVER TOKYO, by Capt. Ted Lawson.
POD IS MY CO-PILOT, by Col. Robert L. Scott.
U. S. FOREIGN POLICY, by Walter Lippmann.
BETWEEN TEARS AND LAUGHTER, by Lin Yutang.
THE BAYOUS OF LOUISIANA, by Harnett T. Kane.
UPS AND DOWNS, by H. D. I.
EXCUSE MY DUST, by Bellamy Partridge.

HITLER E NAPOLEÃO

nhor Denon, sobre se é verdade que ontem atrasaram a abertura do Museu, obrigando o público a esperar longamente. Nada poderiam fazer de mais contrário às minhas intenções do que isto".

Hitler, pela boca de um de seus ministros, esse gordo Goering, diz: levar a mão ao bolso sempre que ouve pronunciar a palavra cultura. Napoleão em plena guerra da Polónia, escrevia a um dos seus ministros determinando medidas de apoio e de incentivo às belas artes, "que em todas as épocas sempre ilustraram esta nação".

Todos aqueles que, há seis anos, há cinco, ou ainda há poucos dias acreditavam Hitler igual a Napoleão, encontrarão neste, e em muitos outros livros, facéis termos de comparação. Comparar Hitler e Napoleão, eis um bom tema de estudo para os fascistas, mas o pior é que os fascistas não costumam estudar, e nisto têm razão. Para que? Se devem apenas obedecer e nunca pensar com autonomia, se devem entregar aos outros os seus sentimentos e as suas opiniões, o melhor é mesmo permanecer na ignorância. A ignorância sempre foi o refúgio do absolutismo e a cultura não é o clima dos tiranos.

A VIDA INTIMA DE NAPOLEÃO, de Arthur Levy, em tradução de Emil Farrhai — Biblioteca do Espírito Moderno — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1943.

FAÇA DE

ILUSTRAÇÃO

A SUA REVISTA

Palestra com Maria Rosa

Entrevista de Melo Lima com Maria Rosa Oliver

AFIM de proporcionar aos leitores uma noção exata de Maria Rosa Oliver (si que muitos gostariam de conhecê-la pessoalmente) fiz umas frases que, ou a elogiavam exageradamente ou não correspondiam à magnífica impressão que me dá. Depois, lembrei-me de Anibal Machado e pensei que, dizendo-a semelhante a Anibal Machado como me parecera desde o primeiro dia em que a vi, em espírito, compreensão inteligente e humanidade, daria uma definição acertada e mais compreensível da sua pessoa.

Perguntei a amigos argentinos se a casa de Maria Rosa, em Buenos Aires, era como a de Anibal Machado. Era, sim. Lá todos se sentiam igualmente à vontade, mesmo os cartomantes acidentais e aqueles que não compartilhavam das idéias da dona da casa.

Maria Rosa faz parte do grupo da revista SUR, que ainda se preocupa demasiadamente com literatura. SUR — editora e revista — é de Vitória Ocampo, sem dúvida uma grande escritora. E Maria Rosa Oliver, rica, também está nesse grupo, mas conservando uma independência natural por força das idéias claras e definidas que professa. É uma mulher de visão, o olhar poderoso, as palavras simples, diretas e bem pensadas. Uma mulher conciente, sem fragilidade e concessões.

Vi-a uma noite em casa de Anibal Machado, rodeada de umas vinte pessoas, homens e mulheres, a escutar o poeta Vinícius de Moraes que, de violão em punho deliciava José Lins do Rego com tremendas valsas sentimentais, do tempo do bumba-meu-boi.

Tudo lhe interessava. E, quando o poeta silenciava e José Lins do Rego se distraía com pancadinhas no joelho bem torcido de alguém, Maria Rosa ia satisfazendo nossa curiosidade sobre o seu país. Ao falar de Varela, o extraordinário romancista de "Rio Oscuro", surgido recentemente, disse com uma força que me surpreendeu:

— Não admito mais ninguém que não seja político.

Depois, ao visitá-la no hotel, um dia antes da sua partida para a América do Norte, aonde fora convidada pelo Coordenador para orientar trabalhos de relação cultural com a Argentina, falámos mais calmamente, sem perguntas engatilhadas. Muita coisa não pode ser dita nesta palestra — vocês compreendem.

Externalizei sinceramente o que pensava do grupo de SUR, e ela riu. Das explicações sensatas, afirmou que Vitória Ocampo é uma obstinada literata, só se preocupa mesmo com literatura.

E como a sua enfermeira tocasse no nome de Vinícius de Moraes, fiz-me a pergunta:

— Será mesmo verdade o que me dizem desse Otávio de Faria?

Mas, tanto a editora como a revista SUR tomariam brevemente uma orientação mais definida, de acordo com as exigências da época.

É verdade que não havia em Buenos Aires uma só editora que já não tivesse publicado um livro anti-fascis-



A escritora argentina Maria Rosa Oliver, — mulher conciente, corajosa e humana.

ta. Todas, em maior ou menor escala, faziam guerra ao nazifascismo. "Sudameriëgna" ia entrar numa fase mais directa politicamente, e muitas outras, como a "Lozada", que reúne um grupo considerável de escritores espanhóis republicanos, melhorariam também nesse sentido. Os editores argentinos se preocupavam cada vez mais com a apresentação gráfica de seus livros. O bom gosto nas edições já era uma própria exigência do grande publico.

O idioma não representava nenhum impedimento para um intercâmbio entre os nossos países. Ela, Maria Rosa aos quinze anos lera avidamente os romances de Eça de Queiroz. A nossa literatura moderna já possuía força suficiente para despertar fascinação no publico leitor da Argentina. José Lins do Rego fora muito bem recebido em sua terra, e isso era uma prova de que, com visitas assim, se faria alguma coisa realmente aproveitável, útil. E, bem apresentados, os nossos livros teriam boa aceitação.

Perguntei-lhe porque, existindo um movimento editorial tão grande em seu país, havia um número tão reduzido de romancistas verdadeiramente argentinos.

Por causa de Buenos Aires, o monstro que absorvia o país inteiro. Cidade cosmopolita, atraía demasiadamente os escritores para os temas universais e os velhos temas de cidade, já suficientemente explorados com mais experiências pelos escritores europeus. Raros os romancistas argentinos que escreviam sobre a "provincia". E os conhecidos, os de êxito, eram todos académicos, políticos, sem caracter próprio, burgueses acomodados. Romances sem problemas, frios e vazios,

distantes do povo e da terra argentinos. Don Segundo Sombra, Martín Fierro e Facundo permaneciam únicos, eram ainda os grandes livros da "provincia", do povo e da terra argentinos.

Muito se surpreendera com o fato de que os nossos romancistas do interior estivessem no Rio, vivessem no Rio a escrever livremente sobre os temas de seus respectivos Estados. Como explicar? É que Buenos Aires é um monstro, e o Rio não. Sim, a ficção brasileira já era a mais importante da América Latina, porque vivia sempre à procura necessária de problemas brasileiros, como os do café, das secas, da cana de açúcar, do sal, das fazendas, do cacau... Em compensação — podia escrever — os ensaístas argentinos eram superiores até mesmo aos ensaístas norte-americanos.

Tinha uma boa notícia, digna do maior destaque em LEITURA: — surgira na Argentina um romancista que superou a própria ficção argentina — Alfredo Varela, com "Rio Oscuro". E não esquecer a grande contribuição de Ernesto Castro com "Las Islas Del Delta", outro grande livro surgido recentemente. Com eles, a Argentina propriamente dita — não a de Buenos Aires, o monstro, a cosmopolita — entrava para a ficção, ficção com problemas sociais, ficção com o povo.

Era uma boa notícia, não era?

Vinícius de Moraes surgiu de repente, beijou Maria Rosa Oliver e interrompeu-nos a palestra. Vinícius, que está progredindo, trazia uma cópia daquele último poema de Pablo Neruda, aquele que foi lido pelo autor num enterro no México.

O Inesquecível Vagabundo

RUBEN BRAGA

Copyright de LEITURA

"DUENDE de nossos amores sepultados..." — assim disse, de Charles Chaplin, Waldo Frank. Sepultados já não direi, apenas atropelados na confusão seca da vida de hoje, repelidos pela lógica de um sistema social tão coerente, como absurdo. Chaplin me

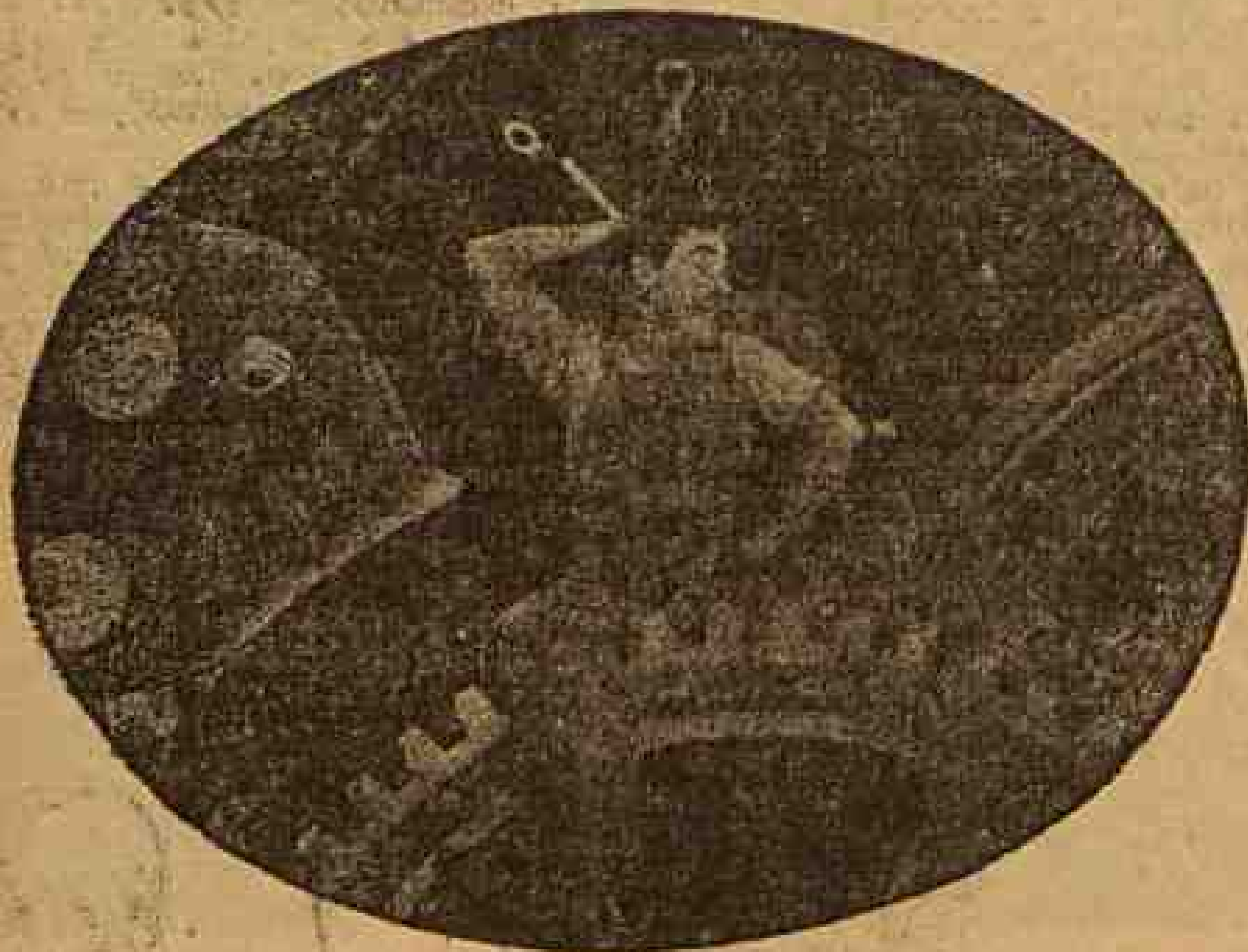
teria em muitas situações um valor espantoso. Não me refiro ao terrorismo, nem a qualquer ridícula instituição de finados ou quarta-feira de cinzas. Quero falar de uma propaganda séria, que incutisse no espírito dos responsáveis irresponsáveis de

sol abre caminho, que saímos das trevas para a luz, a alma dos homens tem azas, vamos entrar em um mundo novo, um mundo bom. Não é Carlitos falando, é Chaplin sonhando e querendo e, mais ainda, agindo.

Mas todo seu fundamento é triste, e é no fundo do rabo do tristeza que ele busca sua força. Esse homem de tantas mulheres exprime no cinema a dedicação perfeita e infantil a uma única mulher, pela qual o pequenino vagabundo, sem músculos e sem tostão se arrisca a todas as habilidades, agilidades e violências, em luta contra o gigante, as autoridades, o ridículo e todas as outras tremendas forças contrárias. Seu companheiro é o acaso e sua única arma a impossibilidade de perder qualquer coisa — ele não tem de modo algum o que perder, porque sua riqueza está dentro dele mesmo e isso ninguém pode tirar. Nesse fato é que reside o seu irredutível patético.

Acabo de ler o livro admirável e tão quente quanto sutil que Manuel Villegas Lopez escreveu sobre Chaplin. Esse livro foi traduzido para o português por Melo Lima, prefaciado por Aníbal Machado e ilustrado por Augusto Rodrigues, Clovis Graciano, Scallar, Goeldi e Percy Deane.

Vai representar, assim, uma verdadeira homenagem a Carlitos. Perseguido tantas vezes pelo calhordismo da censura de vários países onde seu último filme — contra Hitler — foi proibido, cortado, atrasado ou exibido menos tempo do que a platéia pedía ele bem mereça essa homenagem de artistas independentes.



faz pensar em mil coisas: porque usamos gravata, porque fumamos, porque na igrejas, porque vivamos aos milhões aborrecidos diante de impossíveis que só são impossíveis porque aceitamos que são impossíveis. A criminosa repugnante desordem dessa "ordem social" é posta a nu pela figura de Chaplin.

Não se trata de um revolucionário, nem sequer de um rebelado, mas de alguém que apenas não pôde aceitar as regras do jogo torpe e reage instintivamente, como os peixes, as crianças e os patetas. Assim ele começou: o inadaptado simples, do qual se pôde dizer que não é um homem inadaptado ao nosso estilo de vida social mas apenas um homem diante de um estilo de vida social que não é adaptável ao homem.

Não, não é adaptável. Mesmo os que fazem e cumprem o mais perfeito programa de adaptação, e vencem, precisam, para isso, renunciar a um tempo à humanidade e à hombridade: ficam sendo bestas, alegres bestas, às vezes até inteligentes, mas vagias à espera da morte. Grande tema é esse da morte, e orlo que ele não tem sido usado com a necessária força: uma grande propaganda da existência da morte individual inelutável, uma insistente e feroz propaganda da morte teria mais eficiência que a propaganda tão falsificada da vida e a propaganda idiota da outra vida.

Os sete enforcados são efetivamente enforcados, mas si não mataram o ministro eles deram ao ministro uma idéia bem sensível da morte, e o ministro não pôde dormir com medo de morrer. Uma propaganda melhor orientada, com exemplos concretos,

um modo tão traumático a idéia da morte que os fiz-se desistir de várias coisas.

No discurso final de "O Grande Ditador" Carlitos diz a Hannah que o

Charlie, Charlot, Carlitos O HOMEM

A SOMBRA do vagabundo — Charlie, Carlitos, Charlot — aparece no cinema em 1912 como Don Quixote na literatura do século XVI. No século XVI Don Quixote consegue o que a Inquisição não conseguiu: o desaparecimento dos livros caducos da Cavalaria, a partir de 1912, o que não conseguem as campanhas dos puritanos e a censura. Carlitos consegue acabar com o folhetim cinematográfico. Desaparecem os heróis e surgem os homens. Desaparece o folhetim, o inverosímil e o arbitrário, e principia a arte. Como no Quixote termina a supervivência de um falso romanesco e começa o romance.

A vida, a emoção, a dor e a alegria não eram o melodrama exagerado daquela poeira perseguida, as façanhas mitológicas do "cow-boy" ou do detetive, as tragédias intoleráveis de imperadores romanos, mártires e profetas... Era algo mais simples e comum. E aí estava, ao nosso lado, em todos os homens, as coisas e os fatos que se passam na existência quotidiana. Era preciso simplesmente olhá-los, analisá-los, recolhê-los. "O conhecimento do homem, diz Chaplin, é o segredo de todo meu êxito". Nada mais. É o que faz: criar o homem na tela. Por isso mesmo Chaplin marca a quinta etapa da criação do cinema como arte. Uma etapa fundamental, sem ela o cinema não teria passado jamais de um

espetáculo, de um embrião de arte elementar. Porque é o homem quem faz uma arte do homem e para o homem, o que lhe dá eternidade. Sómente através do humano é que se pode, dois mil anos depois, reconhecer, compreender e admirar os que um dia foram humanos. Pôde-se no cinema esta data: 1912. Dela é que saem, necessariamente, todas as que hoje constroem o cinema: o expressionismo, o cinema psicológico, o cinema social, a biografia... Sem esse caminho humano não poderia ser o que é.

Chaplin descobre para o cinema o homem e a vida real. Eis a sua contribuição fundamental à arte que principia. Mas esse homem e sua vida já não pertencem ao século XIX que se vai, mais ao século XX que se inicia. É a sua obra, a contribuição de Chaplin, a arte contemporânea. E, como a obra de todos os grandes artistas, contém uma profecia, uma resposta à pergunta que ainda não se formulara: a mensagem aos homens e à vida do século XX.

E tudo isso é, simplesmente, o trabalho do gênio, feito com a vida de Charles Spencer Chaplin e com as aventuras de Charlie, Carlitos, Charlot.

(Do livro "CARLITOS — A Vida e Obra, e a Arte do gênio do cine", de Manuel Villegas López, em tradução de Melo Lima — A sair brevemente, COM-PANHIA EDITORA LEITURA.

No País de Tatipirun

OSVALDO ALVES

Copyright de LEITURA

ACABO de ler um livro de Graciliano Ramos, um livro que talvez poucas gente conheça, um grande livro, apesar de conter apenas 70 páginas: "A Terra dos Meninos Pelados". Certamente não me surpreendi o fato de ter Graciliano Ramos escrito um livro para crianças, porque quasi todos os romancistas brasileiros já fizeram literatura infantil. O que me espantou foi encontrar o mesmo Graciliano Ramos de "Angústia" e "Vidas Secas", a mover-se noutro ambiente com um novo elemento de natureza psicológica: a ternura.

Pois aqui o temos nesta pequena história de um pobre menino, tímido e sozinho, acostumado às galhofas dos companheiros de rua, transportado para um país onde se sente igual aos demais garotos.

Tudo começou num dia em que o pequeno herói construía com areia molhada a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças. Os meninos da sua rua, escondidos atrás das árvores, começaram a gritar com ele. Sentiu um baque no coração. Depois "levantou-se, atravessou o quintal, ganhou o morro. Ali começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun".

Foi assim que Raimundo saiu andando por um caminho desconhecido à procura de um gesto de carinho e de uma palavra amiga. Vamos encontrá-lo junto da serra de Taquaritu, que se abaixa para lhe dar passagem, tal como nos desenhos animados, atravessando o rio das Sete Cabeças, cujas águas se fecham. É o caminho de Tatipirun, um maravilhoso país onde tudo é ameno, um país onde o sol não se delta nunca, lembrando aquele fabuloso "Shangri-Lá" do "Horizonte Perdido". O menino sozinho se espanta com a linguagem amiga dos troncos, dificilmente pode acreditar no que vê — o milagre da ternura até então desconhecida, agitando o seu coração, devolvendo-lhe a confiança e a certeza de si mesmo. Ninguém poderia deixar de se sentir comovido com a surpresa de Raimundo ao ouvir a doce voz dos troncos dando-lhe as boas vindas, a ele que só ouvira escárnio em Cambacará. Pois o menino sozinho encontra em Tatipirun uma porção de garotos como ele — e todos se aproximam contentes, convidam-no para os brinquedos, dizem-lhe coisas amáveis, abraçam-no. O sardento, o anãozinho, Fringo, Caralampia, Pirengo, muitos outros meninos, limpos, fortes e alegres, mostram as maravilhas de Tatipirun. Só um pensamento tira a alegria e a tranquilidade de Raimundo: a lembrança de que precisa voltar para Cambacará, onde o aguarda a lição de geografia. Do contrário ele poderia ficar em Tatipirun indefinidamente, conversar com os troncos, com dona Aranha, chupar as laranjas oferecidas por dona Laranjeira. Se não fosse a lição de geografia ele não precisaria ir embora. Ali ficaria para sempre no aconchego daquelas crianças que o estimavam, que não mangavam dele porque tinha um olho

branco e outro preto, porque tinha a cabeça pelada. Dormiria à luz do céu limpo, descansaria sobre a relva macia, sob os raios suaves de um sol que não se delta nunca. Dona Aranha não quer que ele deixe o país, nem dona Rã, nem os troncos.

Certamente um dia, voltará a Tatipirun e trará consigo o seu gato. Agora precisa rever Cambacará, contar aos garotos da sua rua que esteve num país maravilhoso, onde os automóveis não atropelam, onde os montes se abaixam e as laranjeiras oferecem aos meninos as suas laranjas. Claro que vão rir dele.

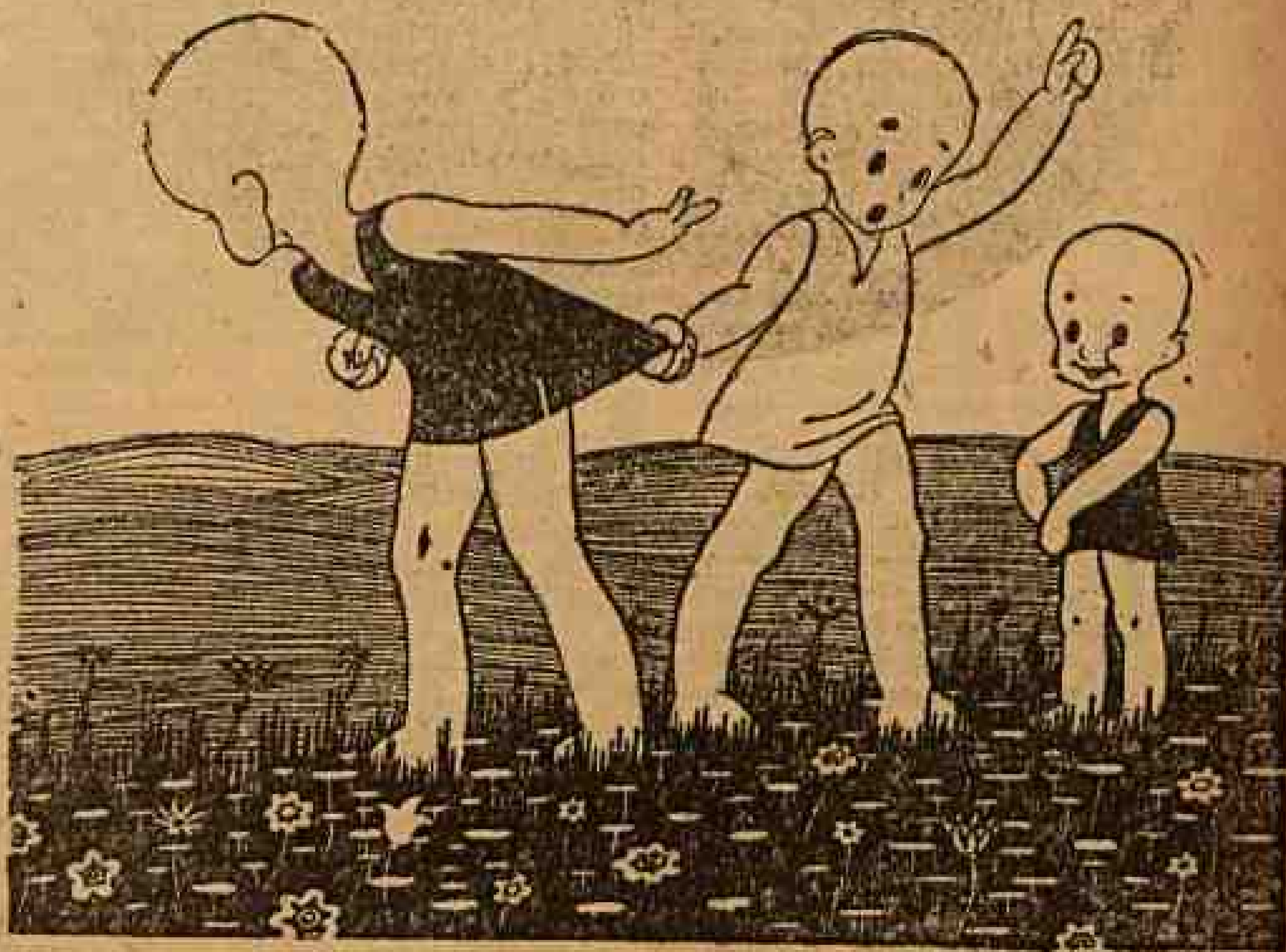
Graciliano Ramos é aqui o mesmo dos romances. Por mais incrível que pareça é absolutamente o mesmo: o estilo, a sobriedade, o sentido de realidade sempre presente, a força que

— Esta-se vendo. A propósito, por que é que a senhora não tem espinhos?

— Em Tatipirun ninguém usa espinhos, bradou a laranjeira ofendida. Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente?"

E Raimundo, envergonhado, confessou que era de fóra, não conhecia nada, nem os costumes de Tatipirun. Nem estava ele habituado a ser tratado assim.

Agora ele vai deixar o país, depois de tantos momentos de alegria. Vai se despedir de todos com uma grande saudade, mas promete voltar, trazer o gato e também os melhores meninos que encontrar em Cambacará. É uma grande página a despedida de Raimundo. "Adeus, seu Fringo. Adeus, seu Pirengo; Caralampia, adeus. Eu gosto muito de vocês todos. Vou pres-



dá aos personagens, a forma. alguma coisa faz desse pequeno volume uma história, ao mesmo tempo, séria e ingênua, útil e grande. Para crianças ou mesmo para adultos, não faz diferença. É o mesmo Graciliano Ramos, enriquecido com um novo elemento: a ternura. Uma grande ternura que dificilmente poderia ser encontrada nos seus romances. Ele trata os seus meninos com imenso carinho. Estima-os mais, certamente, do que a Luiz da Silva, Paulo Honorio ou Fabiano. Tem uma grande pena dos seus garotos e arranja as coisas de modo que Raimundo não continue a ser desprezado. Manda-o para um país onde tudo se ajusta à sua sensibilidade de menino sozinho. Um país onde nem sequer tem espinhos para ferir, como se pode verificar através deste diálogo delicioso (uma laranjeira que se afasta do caminho para deixar o menino passar, dizendo:)

— Faz favor.

— Não se incomode. A senhora é muito educada.

— Tudo aqui é assim, respondeu a laranjeira.

tar atenção ao caminho para não me perder quando voltar. Eu volto um dia. Não se incomodem comigo. Quando vocês não tiverem brinquedos, lembrem-se de mim. Adeus". Raimundo está comovido, todos os meninos de Tatipirun estão comovidos. Mas Raimundo tem necessidade de voltar para estudar a lição de geografia. E põe-se a andar, de volta para Cambacará, o coração apertado. Vai andando distraído, com muita pena. Nem vê a laranjeira afastar-se para deixar o caminho livre. E dona Laranjeira guarda silêncio, porque sabe que Raimundo está sofrendo. Raimundo, o pobre menino sozinho, sabe que ninguém pode deixar Tatipirun sem tristeza. Ninguém fere em Tatipirun. Ninguém fere.

Depois de ter lido esse pequeno livro senti comigo mesmo a vontade de que um dia Graciliano Ramos escreva a volta de Raimundo a Tatipirun.

A TERRA DOS MENINOS PELADOS, de Graciliano Ramos — Ilustrações de Boelira Paedrich — Coleção Infantil — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1939

Um Ditador às Avessas

DIAS DA COSTA

Copyright de LEITURA

“ESTE livro exagera alguns pontos... e simplifica demais. Que mais pode ser um livro?”

É uma personagem do próprio Wells quem profere as palavras acima, procurando emitir um julgamento sobre a biografia do “Grande Ditador”. E, sem qualquer injustiça o conceito é perfeitamente aplicável ao romance escrito pelo próprio Wells. Sátira das mais lúcidas, alcançando proporções verdadeiramente extraordinárias, por isso mesmo nem sempre é rigorosamente fiel o quadro que o autor fixou nas suas páginas magníficas. Nesse livro, ao descrever a vida de uma personagem de ficção, Wells, com minuciosidade deveras notável, estuda os mais palpitantes assuntos da vida humana atual, seus problemas mais cruciantes, as soluções mais absurdas, os milagres prometidos pelos falsos messias que, como os cogumelos, têm proliferado em todos os recantos da terra. Entretanto, para evitar mal entendidos, é o próprio Wells quem avisa ao leitor:

“É possível que este romance lembre muito a vida real; isto, porém, não passa da natural ambição de todo romancista que não repudia suas criaturas, com o que não faz mais do que ser consequente com as personagens que ele mesmo criou.”

E, criando a figura central de Rodolfo Whithow, procurou Wells, na medida do possível, “ser consequente” com a sua criação. Se os fatos entrassem em choque com a mesma, então os fatos é que teriam de ser adaptados. Mas, graças ao senso de medida do autor jamais essa adaptação uma deturpação aberrante da verossimilhança essencial à narrativa. Embora de ficção, personagens e ambientes do livro muito se assemelham aos originais existentes. Mas não é somente esse equilíbrio o que mais ressalta nesse romance. A par da grandiosidade do panorama fixado, sobressai também o minucioso estudo psicológico da figura do ditador, símbolo e símbolo de tantos outros espécimens que andam esolerosamente a circulação mundial. Esse estudo começa no berço, ao nascer a criança, quando a própria ama é levada a exclamar:

“— É um pequeno ditador! Nunca na minha vida vi um bebê igual. Não faz outra coisa senão gritar e mais gritar!... E como levanta os punhinhos cerrados!...”

Desde esse momento o ditador estava lançado ao mundo. E a que mundo! Deixemos que fale alguém que nele vive e o conhece de sobra:

“Os pobres diabos têm que engulir religiões mortas e fábulas antigas, que não são mais propícias ao consumo humano, e nós dizemos: deixá-los. Devoram os seus jornais idiotas. Distraem-se com assuntos públicos, com jogos, jogos de azar, com espetáculos e coroações e todas as estúpidas da massa, enquanto as estrelas nas suas esferas conspiram contra eles. E nós não dizemos nada. Nada que possa ser tomado em con-

sideração. Temos que destruir a fé ingênua que os faz caminhar para a sua desgraça. Não temos que duvidar das suas decisões, o que não seria democrático. E depois, ficamos sentados aqui, dizendo que os pobres vagabundos fracassam na sua adaptação às novas e terríveis condições... como se tivessem uma leve possibilidade de saber como são as coisas. Estão prostrados aqui e ali por patriotismo, por preconceitos religiosos fora da moda, por equívocos raciais, por forças econômicas incompreensíveis. No meio de um desenvolvimento de máquinas terroríficas...”

Pois bem, Rud, o ditador em potencial, não ficou sentado olhando a vida correr. Tinha ambições de mando, inquietação, complexo de inferioridade, (quem sabe se complexo de Édipo?) outros complexos e alguns recalques que a psicanálise vulgarizou, uma falta de caráter à prova de qualquer fraqueza cordial. E começou a pregar a ditadura do homem comum.

Do nascimento, à formação, ao apogeu, à morte do ditador, correm as páginas do livro de Wells. A volta do ditador, o mundo que ele conquistará, com seus anseios, suas dores, chagas, lutas, desajustamentos, inquietações, injustiças, misérias. E o autor, metódico, arguto, muita vez implacável, anota o que vai acontecendo, mesmo em seus pormenores, desvenda motivos, razões próximas ou remotas, caracteres humanos e situações sociais. Pode o livro não ser um retrato fotográfico porque é muitas vezes muito mais do que isso. O ditador é focalizado em todos os sentidos, em todos os seus momentos. Nas suas cóleras, desânimos, fraquezas e impulsos, nas suas ações e rea-

ções mais íntimas. Até à explicação final:

“Era um demônio das entranhas assassinas. E foi suprimido pelas contingências da vida, com as quais se enfumou como essas rãs que as crianças pescam nos charcos. Era um menino terrível, perverso e intratável, pusilânime, ambicioso mas pusilânime, receloso da violência, vítima do terror, vítima de uma época de terror ampliada até o infinito. Até num mundo repleto de covardia conseguiu encher o céu de vítimas.”

E, mais além, essa generalização admirável:

“Observei esses ditadores desde os tempos de escola primária, até agora, quando desapareceram para sempre. Conheci-os a todos. Os livros deles. O falso culto rasteiro do caudilho. Observei-os fisicamente e observei a veneração que se lhes tributa, enquanto eles mentem. Todos esses homens se julgam iluminados, assassinados pelo destino, eleitos para cumprir uma missão. Assim começam todos, e depois, quando se sentem impotentes diante dos problemas complexos que eles mesmos criaram, acabam ficando doídos.”

Um julgamento semelhante, será, sem dúvida o da história, para todos os caudilhos, chefes, tiranóides, pequenos e grandes, que hoje, na hora de transição em que vivemos agonizam em numerosos países do mundo. De um mundo que está morrendo, sem possibilidade de renascer jamais.

O GRANDE DITADOR de H. G. Wells, em tradução de Marques Rebelo — Coleção “O Cruzeiro” — Seção de livros da Empresa Gráfica “O Cruzeiro” — Rio, 1943.

LIVROS — Ótima oportunidade

BEST AND TAYLOR

PHYSIOLOGICAL BASIS OF MEDICAL

Practice enc. — 1939 200,00

JAMES CROSSEN

ENFERMIDADES DE LA MUJER

2 volumes encadernados — 1939 380,00

MACHADO DE ASSIS

OBRAS COMPLETAS

Edição Jackson — 31 volumes, enc. 550,00

MARTIN

HISTÓRIA DE FRANÇA

7 volumes encadernados 250,00

FRANCISCO NITTI

PRINCIPIO DE CIÊNCIA DAS FINANÇAS

2 volumes brochura em perfeito estado 80,00

Compramos Bibliotecas e qualquer quantidade de livros usados.
Executamos encadernações — Atendemos pedidos para o interior

LIVRARIA DO POVO

PRAÇA JOÃO MENDES, 35

TELEFONE 3-8653

SAO PAULO

O Teatro Soviético

III — O TEATRO DA CRIANÇA

JORACY CAMARGO

Copyright de LEITURA



NO DIA 7 de setembro de 1918, quando os corneteiros dos batalhões aliados executavam o toque de "cessar fogo", e terminava, assim, a primeira Grande Guerra, o povo russo festejava o primeiro aniversário da Revolução, e inaugurava o primeiro teatro exclusivamente para crianças, em Moscou. Como parte integrante do plano geral de educação, e visando, sobretudo, preparar a nova geração para receber a influência direta do teatro na formação de uma mentalidade diferente, o Teatro da Criança constituiria uma organização aparte, com a dupla finalidade de implantar o gosto pelas artes cênicas e desvendar os mistérios da alma infantil. Seria, ao mesmo tempo, um laboratório de pesquisas e um campo experimental. Parecendo, à primeira vista, que se destinava a satisfazer a necessidade elementar de divertir a petizada, a pouco e pouco suas intenções, cientificamente orientadas, foram-se revelando, e seus maravilhosos efeitos surgindo, de maneira impressionante. A direção geral fora entregue a uma mulher que, na época em que a visitei, não completara ainda os trinta anos. Natalia Sotz deveria ter sido escolhido a dedo, por todos os motivos. Nem bonita, nem feia, mas de uma simpatia que a gente só encontra nessas mãos jovens que estão sempre sorrindo, dando a impressão de que fazem todas as vontades dos filhos, quando essas vontades já tinham sido inspirados por ela... Natalia me pareceu genial, do ponto de vista de vocação para exercer a presidência do Conselho Diretivo do Teatro da Criança. Ela concebia os planos ge-

rais, e os executava, depois da examinados e aprovados em conferência com os mais capazes representantes de todas as ciências, artes e ofícios, que constituem os elementos fundamentais da literatura teatral e da arte cênica. A primeira peça foi lançada a título de experiência, embora previstas todas as condições que pudessem suscitar a maior diversidade de reações do público infantil. Tudo fora previsto, da ribalta para dentro e da ribalta para fora. Em primeiro lugar, o edifício, especialmente destinado à frequência de crianças, desde o estilo da fachada, ao tamanho pequeno das poltronas, à altura dos "guichets" das bilheterias. Até os aparelhos sanitários são minituras... Quis, assim, Natalia Sotz envaidecer as crianças, oferecendo-lhes um teatro que a meninada pudesse considerar como exclusivamente seu, pequenino, "engraçadinho", onde pudessem brincar em liberdade, longe das vistas e das constantes censuras dos pais. As crianças deveriam adquirir pessoalmente os seus bilhetes, entrar, sentar e assistir aos espetáculos, completamente isoladas, não só para lhes dar a maior autonomia, como para evitar a influência dos adultos na compreensão dos entrecos. Disse-me ela que os pais, muitas vezes, por preguiça ou ignorância, dificultam o desenvolvimento da capacidade de compreensão dos filhos, respondendo erradamente às mais simples perguntas. Os adultos ficam, portanto, localizados em um balcão superior, com acesso por uma entrada aparte, e sem comunicação com a platéia, mas de onde poderão observar as crian-

ças, quer quando estão na platéia, como na sala de espera. Depois da bilheteria, que obriga o pequeno espectador a sentir-se independente, a sala de espera constitui o segundo elemento da preparação. O espetáculo começa sempre depois da hora marcada, e a platéia é vedada às crianças durante o espaço de meia hora, no mínimo. A entrada, os garotos devem deixar em livro próprio os nomes, filiação e residências, e entram para a sala de espera, ampla, confortável, assistidos por um grupo de "nurses" especializados, que oferecem leite e atendem a todos os desejos porventura manifestados, ou apenas insinuados... E ali ficam, em liberdade, mas não sofrem as torturas de uma longa espera, porque, em cada recanto, encontram uma atração diferente. Aqui, há uma pequena oficina do mercenário; ali, um monte de blocos de madeira para armar edifícios; acolá, massa para fazer bonecos; mais adiante, uma vitrola com uma grande coleção de discos... Há ainda estantes com livros, mesas com revistas, oficinas mecânicas, papel e lapis para escrever ou desenhar, enfim, todos os elementos que possam dividir as crianças em grupos e selecioná-las segundo as suas tendências, ou simples preferências. Natalia Sotz, do seu observatório, em companhia de pedagogos barbadões, está observando as suas pequenas "vítimas". Os brinquedos e as oficinas vão sendo substituídos, conforme as observações.

Isto é o que se passa da ribalta para fora. Nos bastidores os cuidados ainda são maiores. Escrever, encenar, e representar para crianças é uma especialidade nova, que exige conhecimentos que vão da psicologia à pedagogia, do caso especial da complexa capacidade da percepção e receptividade dos futuros espectadores. Por isso, as peças devem surgir da conferência de pedagogos, dramaturgos, músicos, bailarinos, eletricitas, carpinteiros, cenógrafos, etc., conforme o gênero de teatro escolhido para cada espetáculo. As observações da sala de espera devem ser completadas pelo exame das reações do pequeno público durante o desenrolar das cenas, como ainda pela pesquisa nas cortas e desenhos que as crianças são convidadas a enviar à direção, o estudo da duração de cada impressão produzida sobre as diferentes individualidades infantis, o conhecimento dos atos da garotada, antes e depois dos espetáculos, e a diferença da impressão que a mesma peça tenha produzido sobre os meninos e as meninas. Um grupo de "visitadores", igualmente especializados, procura as famílias dos espectadores miudos, para indagar de seus pais,

(Continua à página 50)

Programa de Americanismo

SILVIO JULIO

Copyright de LEITURA

HOUVE um sujeito panglossiano que teve o seguinte pensamento: "A primeira coisa que deve fazer quem deseja caçar feras é ir a algum lugar onde as haja".

Parodiando o dono desta verdade irrefragável, sentimo-nos inclinados a também a formular máxima ou regra de idêntica póipa, mas a respeito da última moda dos brasileiros: o americanismo. Realmente, não é possível conquistar fama de conhecedor das coisas do Novo-Mundo sem antes estudá-las.

Entretanto, que vemos agora? Indivíduos que durante vinte, trinta anos desprezaram as nações americanas e as consideravam atrasadas, selvagens, bárbaras, por motivos que não nos convém salientar, estão pondo o carro na frente dos bois, porque ignoram a vida continental e, assim mesmo, opinam sobre os problemas mais altos da evolução das nossas repúblicas.

Isto deturpa, corrompe a pureza dos princípios de Bolívar, legítimo e insuperável campeão da doutrina a cujos dogmas recentemente aderiram os homens públicos do Brasil. A viagem cumpre que seja realizada logicamente: comece-se do começo e acabe-se no cabo.

Para não cometermos erros, o início de qualquer campanha americanista convém que obedeça a um plano sólido e bem arquitetado. Nada de improvisos anárquicos nem superficialidades.

A geografia física dar-nos-á o alicerce. A distribuição das terras e águas do Novo-Mundo, seus aspectos externos, as singularidades das nossas plagas explicarão o geral dos fenômenos que aqui se verificam.

A economia da gente que habita a América, os recursos naturais e biológicos que fundamentam as suas manifestações antropológicas de que não extrairá o crítico conclusões úteis?

Quando os brasileiros prestarem atenção a todos estes elementos, nunca voltarão aos disparates que vulgarizam no tocante aos países da América. Emendar-se-ão, aprendendo as razões que dificultaram o desenvolvimento da bacia do Amazonas e facilitaram o da do Mississipi; as que elucidam os motivos que criam o *llanero* e o *gaúcho*, a um tempo semelhantes e diferentes; as que iluminam as fontes de cada enigma da ascensão das democracias novo-mundistas.

As noções geo-biológicas, geo-econômicas, geo-etnográficas e geo-antropológicas concernentes às Américas não se podem desprezar, si na realidade desejamos, com respeito aos fatos e longe de mentiras, orientar a solidariedade continental para a prática e para o triunfo. Enquanto não paralelizarmos e confrontarmos as zonas do Novo-Mundo, grifando-lhes aproximações e diversidades, rodaremos improficuamente ao redor de hipóteses, louvaminhas e delírios, não da verdade e do êxito.

A geografia em todos os seus ramos, acrescentamos a história integral: política, militar, religiosa, artística, literária, científica, visto que os dois conhecimentos não se divorciam

jamais e um não se entende quando olvidamos o outro.

Todos os países americanos enfrentam ainda dificuldades da fase de formação inclusive os Estados Unidos, que também não atingiram o grau supremo dos seus impulsos e das suas possibilidades. É tolice acreditar que o Brasil, a Argentina, a Colômbia, o México, a Venezuela, o Peru, a Guatemala ou outra nação do Novo-Mundo já cumpriu a missão humana que o futuro lhes reservará. Nenhuma dessas repúblicas se acha povoada convenientemente nenhuma chegou à metade do caminho que, nos próximos cem anos, percorrerá.

Na pesquisa geo-histórica de causas e efeitos dos fenômenos passados na América é inadiável a aplicação das leis psico-sociais que elucidam o valor e a significação de cada acontecimento. Amontoar desordenada ou metodicamente fragmentos insulados da evolução, crêmos que representa perda de esforço. A orientação filosófica eleva a ciência, empréstando-lhe caráter humanístico e às vezes pedagógico. Assim precisamos conjugar fatos geográficos, históricos, sociológicos, extraíndo-lhes a lição constante e determinando-lhes o íntimo, o intrínseco mérito. Em terras do Novo-Mundo a vida coletiva revela complexidades de origem e traços originais quanto ao conjunto das tendências. Tais ligações e singularizações têm enorme função na análise dos nossos ideais. Seu estudo, portanto, é inadiável e básico.

Não adianta coisa nenhuma declamar ditirambos à fraternidade americana, si antes o conhecimento profundo da geografia e da história do Novo-Mundo não foi feito. Para estabelecermos os alicerces do comércio continental, o intercâmbio frutífero no terreno econômico e político, parece-nos imprescindível que compreendamos as razões do maior ou menor progresso das várias regiões da América através da geografia e da história. Ninguém gizará programas de aproximação e mútuo-auxílio entre os povos deste hemisfério sem reunir dados que permitam descobrir o como de sua execução.

No Brasil os cronólogos minudentes não rivalizam com um Tavares Bastos, um Silvio Romero, um Alberto Torres, um Euclides da Cunha. As teorias da formação da nossa nacionalidade superam as coleções de datas dos caçadores de insignificâncias salteadas. É fácil catar coisinhas esparsas em documentos. Difícil harmonizá-las e dizer por que se deram de um e não de outro modo.

Ora, o mesmo critério devemos seguir no julgamento da prosperidade e do sacrifício, das lutas e das vitórias dos países americanos. Acima dos trabalhos de investigação particular, de buscados fatos soltos no tempo e no espaço, coloquemos as teses honestas e eruditas dos pensadores que cultivam a sociologia: José Gil Fortoul com sua *Historia Constitucional de Venezuela*, Pedro M. Arcaya com seus *Estudios de sociologia venezolana*, Carlos Arturo Torres com *Idola Forti*, Luís López de Mesa com *Disertación socio-*

lógica, Ricardo Rojas com *Eurindia*, Manuel Ugarte com *Em porvenir de la América Española*, Alcides Argüedas com *Pueblo enfermo*, Salvador Mendieta com *La enfermedad de Centro-América*, etc.

Não é aceitável que os superficiais e adivinhos queiram substituir a observação e a cultura pela retórica diplomática. Em americanismo o que se tentou não produziu efeitos apreciáveis, porque a falta de preparo especializado dos homens públicos as forças a ineficazes iniciativas, desconheciamos graus e loucas fleções. Ou trocamos este disparatar negativo por um programa realista e global, ou teremos aqui — acabada a guerra de Hitler — uma desunida e débil América, como antes da catástrofe européia.

O Novo-Mundo não ocultará a sua dívida intelectual para com a cultura do Velho-Mundo. Certíssimo. Afastar-se-á, porém, de sua sórdida, nefasta política imperialista, de sua incrível, cavernária política racial e de todas as mazelas que maculam. A América não adotará atitudes ridículas e sanguinárias contra semitas, não consentirá no armamentismo feroz e destruidor, não permitirá privilégios de classe, pois a sua democracia ergue-se sobre a igualdade jurídica dos homens, a liberdade de pensar e agir dignamente, o direito do cidadão diante dos interesses do estado.

Picamos estupefatos ao averiguarmos que muitos brasileiros de responsabilidade, que opinam a respeito das repúblicas americanas, reprovando-lhes costumes, hábitos, idéias, nunca leram um compêndio de história, de geografia ou de literatura do Novo-Mundo. Andrés Bello, polígrafo máximo das Américas, é pesadamente conhecido no Brasil. Pior ainda o caso de Rafael Maria Baralt, poeta, crítico, filólogo e historiógrafo. Eugenio María de Hostos, mestre dos mestres, vive incógnito na sabedoria de nossos compatriotas. Juan Montalvo, prosador vigoroso, polemista imparizável, modelo de linguagem, não existe para os habitantes das terras que Cabral descobriu. Esses, que citamos e são extraordinários, como Juan Bautista Alberdi, José Enrique Rodó, Ricardo Palma, Rubén Darío, Amado Nervo e cem outros, burilaram obras imortais, universalmente aplaudidas, cujo valor não é inferior ao das de Machado de Assis, Euclides da Cunha e Olavo Bilac.

Andrés Bello cinzelou o poemeto genial e perfeito *Silva a la agricultura de la Zona tórrida*, espelho de americanismo. Bastaria esta maravilha para eternizar-lhe o nome. Entretanto, crítico, jurista, glotólogo, gramático, filólogo, deixou monumentos imperecíveis: *Código Civil de Chile*, *Gramática de la lengua castellana*, *Principios de Derecho Internacional*, *Ortología y Métrica Castellanas*, *Poema del Cid* e tantos. O certo é que não se conceberá americanista que ignore o colosso que se chamou Andrés Bello. Polígrafo, está acima de qualquer do Novo-Mundo.

Rafael Maria Baralt também legou-nos livros de peso e indestrutíveis: *Dic-*

(Continua à página 23)

Auto * Retrato

Sergio Milliet visto por Sergio Milliet



Auto-retrato de Sergio Milliet

NÃO me nego a fazer o meu próprio retrato. Mas tenho uma tendência para enxergar-me um pouco deformado. Mais deformado e estilizado, do que embelezado. Penso que me conheço muito bem e a pretensão me permite as liberdades caricaturais. Sou poeta e desconfiado. Um pudor quasi agressivo aumenta a desconfiança. Tinha outrora uma auto-crítica severa; os elogios dos amigos amansaram-na. Hoje me contemplo com alguma condescendência que a mediocridade ambiente justifica.

Nasci em São Paulo, bem no centro da cidade provinciana e besta de 1900. Exatamente 1898, mas já estou entrando na idade em que a gente escamoteia com prazer alguns anos incômodos. Desejaria mesmo escamotear uma dezena deles pelo menos, para fugir à classificação de "homem-ponte" com que me honrou a nova geração. As pontes se dinamitam nas retiradas e a perspectiva não me entusiasma. Estudei em colégio de padre e fui jogado aos 14 anos na liberdade excessiva da Suíça dos lagos transparente e das montanhas azues. Abusei con-

venientemente dessa liberdade, estudei pouco e escrevi versos para arranjar pequenas. Meti-me em lutas políticas e conheci os homens célebres da guerra de 14. Uma experiência da vida completa tive eu na Europa. De uma existência de moço rico passei à miséria do exilado sem mesada. Trabalhei como caixeiro de livraria, dançarino profissional e auxiliar de arquivista na Liga das Nações. Depois cansei. Voltei ao Brasil, passando pela Alemanha do marco desvalorizado e da desintegração social.

Aqui participei timidamente da Semana de Arte Moderna. Mais como admirador de Mario e Oswald de Andrade que como militante ativo. Depois cansei de novo. Dediquei-me a pesquisas sérias de sociologia e história; de crítica também. Tentei a ficção sem êxito, apesar do aplauso dos críticos. Escrevi poemas que ficaram sem eco e que eram bons. Entrei para o jornalismo, trabalhando no "Diário Nacional" e no "Tempo", antes de chegar ao "Estado de São Paulo". E como todo jornalista que se preza entrei também para a administração pública: Biblioteca da Faculdade de Direito, secretária da Universidade, Departamento de Cultura.

Nada brilhante, somente a minha honestidade crítica me trouxe respeito e acatamento. Mas a compreensão ampla e vertical da vida, conquistada nessa longa luta contra tudo e contra todos, angariou-me a amizade dos novos. E também uma linha de dignidade de que procurei já mais me afastar. Os induziu a confiar no mano mais velho.

De tudo o que fiz foi o ensino que me deu maior alegria. Sou um professor claro, nada dogmático, companheiro de seus alunos. Acusam-me de cético.

Apesar de meu nome, paulista sou há mais de um século. Com todos os defeitos do paulista e algumas das qualidades. Defeitos e qualidades que o banho prolongado da Europa acentuou ainda mais. Por isso mesmo os irmãos mais tropicais me acham por vezes antipático; mas quem me conhece muda de idéia.

Não tenho ambições políticas ou sociais. Gosto do elogio quando parte dos que eu admiro, e a crítica deles me magoa. Quanto aos indiferentes, podem falar à vontade. Literariamente aspiro apenas a um posto de reserva de primeiro time. Não por modéstia mas porque os azes são demais.

Dizem que sou egoísta. Creio que sim e bastante. Mas não acredito que o defeito me caracterize mais do que à maioria das gentes. Apenas em mim esse defeito se percebe muito bem porque não consigo fazer as concessões que os chatos exigem para qualificar-nos de camaradas. Apesar disso, ou talvez por isso mesmo, tenho uma gratuidade que chegam a confundir com bondade.

Sou de uma ternura que me irrita a mim próprio. Onde um esforço de impermeabilidade assás penoso. Passei a vida a purificar-me, a despir-me dessa fraqueza. Parece que consegui. Não perdi com isso a sensibilidade; antes a apurei. Mas os leigos se enganam, e os apressados também: pensam que sou frio e distante.

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

PROGRAMA DE AMERICANISMO

(Continuação da página 20)

cionário de galicismos, Dicionário Matriz de la Lengua Castellana e o Resumen de la Historia de Venezuela, além de poesias e artigos magistrais. Historiografo, tinha estilo, correção linguística, propriedade, clareza, erudição, honradez, todas as qualidades requeridas pelo clássico discípulo de Tucídides e Tácito. Foi o mais completo cultor da ciência de Guizot e Thierry na América do século XIX.

Eugenio Maria de Hostos é figura gigantesca que se agitou no terreno do pensamento e da ação. Era um apóstolo do americanismo filósofo, sociólogo e pedagogo. Virtuoso, sábio, ativo, não se limitou a escrever bem, por isso que orientou a juventude e lutou pelas grandes causas do Novo-Mundo. Suas Lecciones de Derecho Constitucional e sua Moral Social erigiram-lhe a fama sobre granito inarcomível. Na crítica shakespeariana, o seu Hamlet coloca-se à altura dos melhores estudos interpretativos.

Em 1874 Eugenio Maria de Hostos publicou vários artigos entusiásticos sobre as belezas tropicais do Brasil. Duas coisas, todavia, condenou na monarquia de Pedro II: 1.ª) a terrível e teimosa escravização do negro; 2.ª) a fria indiferença do governo e do povo pelos assuntos americanos. Não mentiu nem exagerou. Disse a verdade apenas.

O equatoriano Juan Montalvo levantou o prestígio intelectual do Novo-Mundo, concebendo os ensaios dos Siete tratados e os Capítulos que se le eivdaron a Cervantes, dois livros que fundamentariam a glória de mil literatos e pertencem hoje, não a seu país natal, mas ao idioma castelhano e à cultura da humanidade.

Não citamos sinão alguns vultos tomados a esmo. A eles agregariamos outros de igual merecimento, si necessário fôsse. O que quizermos salientar, mencionando-os, é a falta de conhecimento real das coisas americanas por parte dos brasileiros e, conseqüentemente, a necessidade de remediar este erro.

Os meios para alcançarmos bons frutos na prática do americanismo são muitos. Entretanto, tudo depende do conhecimento dos fenômenos da economia, da intelectualidade, da história dos povos deste continente. Ir aos trambolhões, improvisados e delirantes, é estragar um ideal sublime. Ordem, método, programa, eis o fulcro do problema da solidariedade continental.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS:

— Rogamos aos nossos leitores o obséquio de remeter o pagamento das assinaturas em selos, e diretamente à redação. Assim, ficará facilitado nosso trabalho, revertendo também o mesmo em benefício dos leitores. —

Novo endereço:

SENADOR DANTAS, 20
Ed. Galeno, Salas 708/710
RIO DE JANEIRO

ANIVERSARIO?

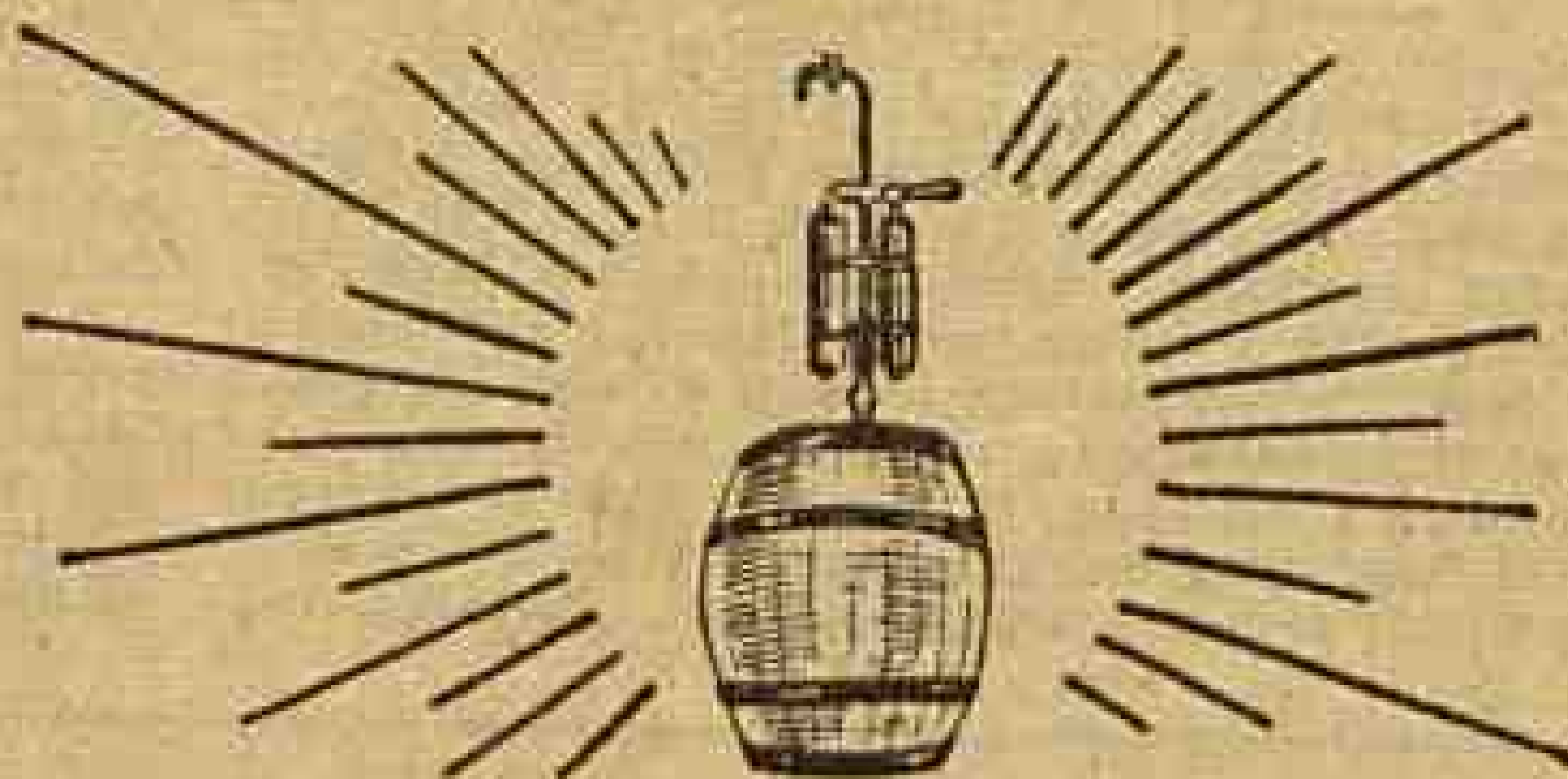
© fereça

CHOPP!..



...e terá alegria em casa!

O chopp ANTARCTICA é e será sempre a bebida predileta nas festas, por suas qualidades de frescura e leveza.



NÃO SENDO DE BARRIL, NÃO É CHOPPI

UM PRODUTO

ANTARCTICA

A.302

Continental

Qual mais o impressionista?

O preto Chico "Pagem" -- diz Galeão Coutinho

NÃO creio que apenas um tipo tenha impressionado a qualquer dos escritores que já responderam a este inquerito. Nós guardamos, pela vida em fora, grande variedade de máscaras humanas indelevelmente fixadas na memória. Mas a necessidade de simplificação levou, certamente, "LEITURA" a indicar um só tipo, aquele que se sobrepõe aos demais.

Assim, vejo-me embaraçado na escolha, depois de reduzir a vasta galeria a três figuras que dominam o primeiro plano — o Manuel "Cangalha", o velho Marinho e o preto Chico "Pagem".

Para dar uma idéia do Manuel "Cangalha", resumo aqui o seguinte episódio. Eu habitava o arraial de Marangatu e contava treze anos de idade quando, num dia de eleições o vi passar, barbaçudo, uma perna mais curta do que a outra, apoiando-se à muleta, pois não lhe bastava a botina ortopédica com quase um palmo de sola. Soube, logo depois, a razão daquele "estrago": Manuel "Cangalha", fazendeiro ilhéu, no ano anterior tinha sido vítima de uma tocala à beira do Paraíba (estes fatos se passaram no Estado do Rio, Município de Padua, onde vivi até à idade de dezoito anos). As balas choveram em cima do Manuel "Cangalha", que rolou por uma ribanceira e, com o corpo perfurado feito um irrigador, esvaindo-se em sangue, não morreu afogado, já que não viria a morrer por causa dos ferimentos porque ficou preso à galharia de um ingazeiro que se delatava sobre a corrente. Levado para a sua fazenda, recebeu curativos e as descomposturas da esposa. Esta, que em toda a sua vida só ganhara trabalhos pesados e máus tratos do "Cangalha" — no Município de Padua tornou-se corrente a legenda: "Espingarda de cabôclo, cavalo de negro e mulher de ilhéu, não chegam a segundo dono..." — vendo-o agora estirado num catre, sem forças para dar o troco, dizia-lhe a todo momento: "Morra para aí, desgraçado, que não lhe davel um copo d'água!" Mas o marido não morreu, com grande mágoa para a esposa, e no ano seguinte lá estava, firme, metido no banzé das eleições. Já o leitor poderá adivinhar de que matéria prima eram feitas as figuras que me impressionaram a infância e a adolescência...

Mas, vamos ao Chico "Pagem". Ele domina o quadro geral. Conheci-o em Monte Alegre; era empregado do comerciante Américo Monteiro. Calvo, baixo, andava com os pés espalhados. Fazia o serviço de estafeta, indo todos os dias buscar a correspondência a Ibitiguassú, sede da agência postal. Quanto ganhava para essa difícil caminhada? Não sei; sei que a princípio a realizava a pé, e, depois, a cavalo. E quem nunca viu o Chico "Pagem" montando um pangaré, com as malas na garupa, por aquelas estradas, nunca viu a imagem da be-

maventurança. Todo ele irradiava felicidade. Montar a cavalo é para o negro, que sempre subiu e desceu morro, percorrendo leguas e leguas a pé, a maior das alegrias. Chico "Pagem" vinha do cativoiro; tinha pertencido não sei a que família, das muitas cujos remanescentes conheci no Município, arruinadas pelo 13 de maio. Deram-lhe o sobrenome de



Galeão Coutinho

"Pagem", porque, tendo sido pagem dos seus senhores, continuava a exercer a mesma função pois costumava acompanhar o negociante Américo Monteiro, ou membros de sua família, às cidades, ocupando-se da bagagem e dos animais.

Chico falava pelos cotovêlos; de tudo se informava, dotado de uma curiosidade nervosa e barulhenta.

As viagens que fazia a Juiz de Fora, a Campos, ou a Guarulhos, acompanhando os patrões, ampliaram-lhe o campo de visão; no tempo do cativoiro, jamais saíra do Município. De regresso, o pobre Chico trazia uma provisão inesgotável de impressões e queria transmiti-las a todos, numa tagarelice tumultuosa. Que grande reporter perdeu-se no ex-escravo! Lembro-me da sua loquacidade crepitante quando, um dia, acompanhou o patrão a Juiz de Fora. Até ali Chico "Pagem" só admirava as pequenas locomotivas da Leopoldina; e, vendo nelas qualquer coisa de ciclópico, passava horas a fio a fazer perguntas aos engraxadores, aos maquinistas e foguistas. Para o entendimento infantil do Chico, a fornalha, a caldeira, os tubos de vapor, as rodas, as manivelas, as alavancas, tudo aquilo era o produto de uma inteligência superior, do engenho de um semi-Deus.

Mas, ao dar com os costados em Entre-Rios, viu que as locomotivas da Leopoldina não passavam de brinquedo de criança diante de uma possante "Mallet", que entra nas estações acfando, chiando, assobiando, como um imenso pulmão atacado de asma. Chico quase ficou maluco. Criança eterna pulava, gritava. Ao que me informou o comerciante Américo Monteiro, foi um espetáculo inédito porque logo se juntaram as pessoas que estavam na plataforma, para gozar aquele espanto alaridal.

Não foi menor o seu deslumbramento quando, pela primeira vez, pisou a praia de Guarulhos. O mar pareceu-lhe uma coisa formidolosa. A princípio, conservou-se de longe, atemorizado; depois, vendo que até as crianças o arrostavam e iam recebendo o beijo salgado das ondas, o Chico foi se aproximando aos poucos. Também aí juntou gente para divertir-se à custa da sua simplicidade de espírito.

Pois essa pobre criatura, boa como a luz e cândida como a água, que conheci em 1912 já envelhecida, — a idade do Chico "Pagem" foi sempre um mistério — palradora, sempre espantada diante da vida, indagando os "porquês" que tanto infernavam a sua imaginação frenética de primitivo, possuía em grão superlativo a probidade, em matéria de valores que lhe confiassem, e sabia como ninguém guardar segredo. Era discreto, mas tomada a palavra discreção no seu sentido vernáculo, que não quer dizer pessoa taciturna, lacônica, mas aquela que fala só o que convém, mesmo quando fala muito. Chico "Pagem" era loquaz, mas não era perverso; a sua curiosidade jamais se confundia com o fardo do escândalo, não era a curiosidade meída e maligna dos que procuram espiar pelo buraco das fechaduras, e que Eça de Queiroz distinguiu da curiosidade indagadora e inteligente que se volta para o sempre renovado espetáculo do universo.

Chico "Pagem" era tão estimado no arraial de Monte Alegre, pois com ele simpatisavam ricos e pobres, que resolveram todos, por subscrição pública, oferecer-lhe uma casa. No dia em que para ela se mudou o seu entusiasmo foi sem limites. Mas, como ha quem diga que a felicidade quando é demais mata, nesse mesmo dia Chico "Pagem" morreu.

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral

Ap. Gêrito-Urinário — Sífilis

Consultório:

B. México, 168 - 11.º andar - Sala 11
Fone 42-3316

Residência:

Rua Faro, 23 - Fone 24-4978 -
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

Vida de David Garrick

AURELIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA



David Garrick

ONTEM um homem que me tem ultimamente prendido a atenção por um gosto literário um tanto *surrané*, embora, mas sempre dominante, me dizia: "Numa época de tanto comediante e de tão pouco teatro, nada talvez mais deleitoso que ler-se a vida de um grande homem de teatro!" Perguntei-lhe a que vinha o dito. Abrindo então uma de suas estantes, tirou de dentro um volume, que abriu e de que pôs diante de meus olhos o frontespício. Era a vida de Garrick. Tomei-lhe o volume, em preciosa encadernação e, enquanto o meu interlocutor voltava sua atenção para uma linda criatura, que, de repente surgiu no aposento, fui folheando-o e lendo, aqui e ali, um trecho. O livro era deveras muito atraente. Longe de mim a idéia de pedir-lhe emprestado. Aquele homem não empresta livros. Nem quer que se saiba que os possui. E isso, francamente, torna sua pessoa para mim ainda mais simpática. Há tanta coisa ordinária, comum, desprezível, que tudo, fora desses limites, nos atrai fortemente e não raro nos move à simpatia.

David Garrick, celebre ator inglês, nasceu no condado de Hereford, em 28 de fevereiro de 1716, dizem uns cronistas, de 1717, afirmam outros. Seu avô era um negociante francês, cujo apelido de família era "La Garrigue" refugiado na Inglaterra ao tempo da revogação do Édito de Nantes. O Édito de Nantes facultava, na França tolerante de Henrique IV, aos senhores feudais a adoção da religião que quizessem, inclusive o luteranismo. Sua revogação, no reinado de Luís XIV, provocou desordens sociais e políticas, e a consequente emigração de muitas famílias francesas.

Garrick foi aluno e, depois, amigo do celebre dr. Johnson (Samuel Johnson), erudito dos mais notáveis da Inglaterra. Os dois juntos, partiram um dia, da província para Londres, à busca de fortuna. Era o ano de 1736. O jovem Garrick contava 17 ou 18 anos. Acompanhava-o o rumor dos sucessos, que já houvera alcançado, durante dois anos, fazendo parte de

um grupo de comediantes forasteiros. Em Londres, após várias tentativas, mais ou menos infrutíferas, Garrick conseguiu, enfim, fazer sua estréia no papel de Ricardo III, na celebre peça desse nome, da autoria, sabe-se, de Shakespeare. Seu sucesso foi enorme, desde o primeiro dia, e não se desmentiu nunca. O povo, os grandes, enfim toda a gente londrina, quis ver Garrick. Ele adquiriu uma importância considerável na representação, em particular, dos dramas de Shakespeare e fez, assim, a fortuna de seus associados e a própria. Cativou, durante quarenta anos, seus compatriotas, que o cobriram continuamente de aplausos. Muitos foram os europeus, do continente, que vinham de propósito à Inglaterra, afim de ver e admirar o grande homem do teatro de Shakespeare.

Um traço de caráter de Garrick, a que alguns de seus biógrafos aludem, era a parcimônia com que tratava seus dinheiros, e que tomava, às vezes, nele aspectos de avareza. Veio daí de certo sua enorme fortuna, que se elevava a mais de três milhões e quinhentos mil libras esterlinas.

Ao talento de ator Garrick juntava o de poeta. Compôs várias peças desse gênero literário. Mas teve, referem alguns biógrafos seus, a idéia pouco louvável de modificar alguns dos dramas de Shakespeare, no que não foi feliz, sem por isso, contudo, perder a admiração dos ingleses, nem fazer com que Shakespeare a merecesse menos. As obras poéticas, epigramas, etc., de Garrick, foram recolhidas por um editor inglês. Sua comédia "Casamento Clandestino" foi traduzida em francês por Madame Riccoboni.

Na idade de 30 anos Garrick desposou a celebre dançarina Eva Maria Veigel, natural de Viena, nascida em 1724 e falecida em 1822, muito depois de seu ilustre esposo. Dotada de grande beleza, atraía as graças da imperatriz Maria Tereza, que a fez adotar o cognome de *Veilshen*, que em alemão quer dizer "Violeta". Afinal, a grande dançarina passou a ser conhecida no mundo teatral por Violetti. Chegou a Londres em 1749.

Garrick faleceu 1779. Violetti sobreviveu-lhe 43 anos. Era tida, em seu tempo, como a mulher mais bela da Europa.

Como nos parece estranha hoje essa idéia de beleza! O produto feminino era de certo mais espontâneo em ou-

tros tempos. Quando havia hábitos de repouso, e a existência dos homens se passava sem pressas. Quando as artes e as ciências eram, não tratadas nas manufaturas, nos laboratórios e nas *incorporations*, mas cultivadas nos conventos, nas oficinas individuais e nos salões. Quando as idéias e a palavra eram as armas de combate — e não havia nada "mecanizado". A beleza era então uma função do espírito. Não será muito fácil ser bela uma mulher que deve lidar com a fabricação de armas de guerra, inclusive bombas, para serem atiradas do ar, com o máximo de garantia e eficácia, e causarem a destruição de muita obra de gênio, que não será reproduzida, e só poderá ser vilmente macaqueada, num mundo em que uma das maravilhas de arte é a habitação coletiva...

Garrick representou pela derradeira vez em 1776. Contava então quase sessenta anos. Três anos depois falecia. A Inglaterra sentiu profundamente sua perda. Uma pompa verdadeiramente real presidiu aos seus funerais. Os maiores senhores da Inglaterra a eles assistiram. O corpo daquele que incarnara o Rei Lear e o Príncipe Hamlet foi transportado para a Abadia de Westminster com toda solenidade e inhumado ao pé do mausoléu de Shakespeare.

Ao lado de um tal criador da arte dramática um tal intérprete.

Um Lord, entre os muitos amigos de Garrick, propôs-lhe, certa vez, entrar para a política e para o Parlamento. Garrick respondeu-lhe que não amava, depois de seu jardim, senão sua mulher: estava satisfeito com a sorte — e temia não saber fazer o papel de bôbo, que nunca fizera. Laplace pôs em versos franceses esses conceitos de Garrick sobre política e parlamento. E alguém lembrou que os versos de Laplace poderiam servir bem de epitáfio a Garrick.

Não querendo ser do parlamento Garrick faz-nos lembrar Alexis Piron, notável poeta cómico francês, consagrado de "La Metromanie". Este, a seu turno, também não quis ser da Academia. E, quanto a epitáfios, escreveu ele próprio o seu. Traduzo-o aqui, sem saber embora se agradará a quem por acaso lã:

"Aqui jaz — quem o diria!
Piron, que nunca foi nada,
Nem mesmo da Academia!"

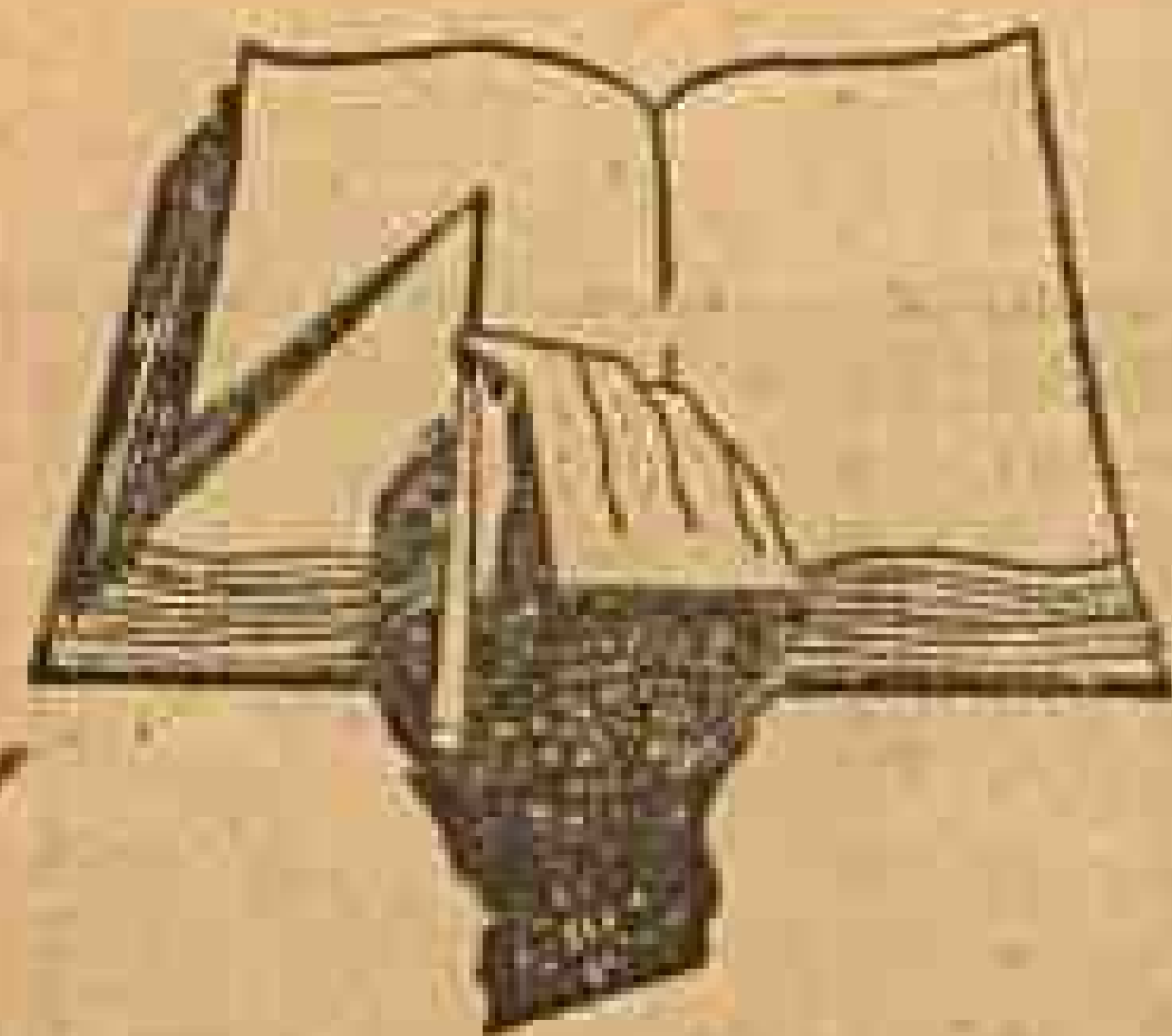
Parece até caçoadal

AMERICA — Eramos uma população de seiscentas almas de origem irlandesa, nenhuma das quais tinha jamais visto uma orquídea ou ouvido uma sinfonia. Nenhum de nós conhecia um abrigo de peles, um exemplar do "Vogue" ou um banheiro de azulejos. Nenhum de nós tinha visto um ateu e poucos teriam conhecido um católico. Com exceção dos professores, um advogado e um médico, jamais tínhamos visto uma biblioteca universitária, como não tínhamos a mais vaga idéia do livro de maior sucesso no momento. Eramos a gentinha do Sul, acorrentada à lama. Eramos o povo que esgrava o pó e nunca sabe que existem estrelas no céu. O povo, cujo coração se choca diariamente contra as rochas pontudas da realidade, que vive em contacto com a lama, o suor, o estêreo e todos os lodos da vida que fazem a alma estremecer. Eramos o povo cujas mulheres teem uma barriga enorme, abarrotada da progénie que o Bom Deus mandou. Eramos o povo cujos homens lutam contra os remendos das calças remendadas, ao passo que as mulheres se esforçam para não fazer de sacos de farinha a sua roupa de baixo. Eramos o povo sempre fludido pelos nossos guias que na realidade nos desprezam. "LAMA NAS ESTRELAS", do escritor norte-americano William Bradford Huie. Edição de Epasa.

Livros Preferidos pelas Crianças

FERNANDO GOES

Copyright de LEITURA



A LITERATURA infantil entre nós, vem, dia a dia, tomando um impulso dos mais notáveis. Acompanhando o ritmo do leitor adulto, que está devorando tudo quanto é livro que aparece, a criança brasileira também está lendo muito, e não é atoa que por estas alturas de fim de ano as livrarias quase que só ostentam livros infantis nas vitrinas. E não é atoa, também, que muitos dos nossos grandes escritores modernos — um Lins do Rego, um Lúcio Cardoso, um Jorge Amado, um Marques Rebelo, por exemplo, tem se preocupado, ou pelo menos já se preocuparam em escrever para as crianças. Certamente que aquele admirável e imortal conselheiro Acácio diria que as crianças leitoras de hoje serão os leitores adultos de amanhã, e que os nossos ficcionistas estão, por essa forma, preparando o seu público do futuro.... Mas talvez que o grande mestre, o mestre insuperável, o gênio do lugar-comum não estivesse com a razão, porque nem sempre autores de sucesso como José Lins do Rego ou Jorge Amado, merecem dos pequenos leitores uma preferência idêntica a que os leitores grandes lhes dedicam. Até pelo contrário, o que se verifica é uma completa disparidade nesse sentido, como pude observar na Biblioteca Pública Infantil aqui de São Paulo. Essa Biblioteca, que faz parte do Departamento de Cultura da Municipalidade, é frequentada, mensalmente, por cerca de três mil e quinhentas crianças, cuja idade máxima é de quinze anos. E, diariamente, entre livros retirados para ler em casa ou que são lidos na própria Biblioteca, há um movimento de cerca de trezentos volumes. Pois bem, verifico, nas fichas de pedidos, que o volume de Jorge Amado sobre "A descoberta do mundo" não teve, durante todo o ano corrente, um só menino que o lesse. Também Ribeiro Couto, autor de "Sela canções infantis", não teve essa sua obra lida sequer uma vez. Dante Costa, que escreveu as "Histórias de João Tajá", é outro autor pelo qual as crianças não se interessaram ainda este ano. Joraci Camargo, que possui três volumes na Biblioteca — "Proclamação da Independência", "Papai", e "Teatro da criança", também não foi lido. José Lins do Rego teve mais

sorte. Suas "Histórias da velha Tônia" foram procuradas, nestes onze meses, duas vezes. E Marques Rebelo, de quem a Biblioteca possui apenas uma obra "A casa das três rollinhas", teve um menino que se interessou por ele. Já Lúcio Cardoso, que publicou este ano um romance admirável, tem interessado muito mais às crianças. As "Histórias da lagoa grande", que ele escreveu há tempos, encontrou dez leitores. Mas as preferências da meninada vão, quase que inteiramente, para Monteiro Lobato. Ele é quem agambarca o maior número de leitores, e ganha longe de todo mundo. Está até mesmo na frente de autores estrangeiros como Andersen, Schmid e Walt Disney, que é dos mais lidos. E dos volumes publicações preferem as de Narizinho e suas renaixões. Dona Benta, o marquês de Rabicó, a Emília, todos perdem para Narizinho, que é o ídolo da meninada. E depois de Lobato, os autores mais preferidos pelos frequentadores da Biblioteca Infantil são nomes que, com algumas exceções, não fazem parte do primeiro time das letras nacionais — Tales de Andrade, Gondim da Fonseca, Ofélia e Narbal Fontes, Emília de Souza Costa, Maria Clarissa Villac, autora de um volume dos mais apreciados — "Clarita da pá-virada", Erico Veríssimo, Regina Mellilo de Sousa, cujo livro — "Candôca", a pretinha teimosa", é bastante lido, e outros. Mas para que os meus leitores fiquem mais bem informados acerca dos autores nacionais preferidos pelas crianças, vou dar uma pequena classificação daqueles que foram mais lidos desde janeiro até o dia 24 de dezembro, em que estou redigindo estas notas.

1.º — Monteiro Lobato, 324; 2.º — Gondim da Fonseca, 137; 3.º — Tales de Andrade, 117; 4.º Viriato Corrêa, 74; 5.º — Erico Veríssimo, 73; 6.º — Emília de Souza Costa, 57; 7.º — Maria Clarissa Villac, 52; 8.º — Regina Mellilo de Sousa, 51; 9.º — Ofélia e Narbal Fontes, 44; 10.º — Vicente Guimarães, 37; 11.º — Menotti Del Picchia, 24.

Os algarismos indicam o número de vezes que o autor foi lido e como se vê, a distância entre Monteiro Lobato e seus companheiros é enorme. É verdade que existem muitos fatores que tornam um livro mais procurado que outro, como as ilustrações, o colorido dessas ilustrações, o formato e a apresentação gráfica do volume, que para as crianças tem uma importância capital. Mas eu acredito que o principal fator de interesse ainda seja o enredo e a maneira despretenciosa e simples do autor ao narrar a história. Também

os personagens que sabem muito, que emprestam à vida um sentido heróico, são valentes e bonitos, despertam um maior interesse nos pequenos leitores. E isso pode ser observado pelas fichas onde as crianças, depois de lido o livro, manifestam a sua opinião. Por exemplo, um menino de onze anos que leu o "Emília no país da Gramática", de Lobato, respondeu aos quesitos da ficha dessa maneira: — "Que achou do livro? — muito bom; É realidade ou ficção? — realidade; Qual o personagem que mais o impressionou? — o Kinocronte. Por que? Porque era ele ele que ensinava todos o que sabia mais no país da gramática." Um outro menino de doze anos que andou lendo "As viagens de João Peralta e Pé de Moleque", de Menotti Del Picchia, depois de dizer que o livro é bom, preferiu, entre os personagens, o Pé de Moleque, porque, escreveu — "Pé de Moleque com o seu estelngue no reino do mar enfrentou os bandidos do mar que eram os tubarões, dando estelngada no olho dos tubarões"; e um menino de dez anos que também leu esse livro, volta suas preferências para o mesmo personagem porque "era ele quem ajudava o Joãozinho a salvar-se do dragão peludo". Também um menino de dez anos que deu a "Volta do mundo por dois garotos", de Henry de La Vaux, um dos autores estrangeiros mais lidos, prefere, entre todos os personagens, o de nome Francinet, porque "sabe enfrentar o perigo sem caretas". Um outro, de onze anos, que leu os "Serões de dona Benta", de Lobato, achou o livro "regular" porque "não tem coisas impressionantes". E é curioso observar que as meninas preferem os personagens masculinos, quase sempre alegando — "porque se vestem bem" ou então "porque são bonitos"....

Dos autores estrangeiros o mais lido é Walt Disney que teve 478 leitores para suas histórias do "Camundongo Mickey chofer de taxi". "O naufrágio de Mickey", "Branca de Neve e os sete anões" e outros livros. Segue-se o abade Schmid e logo depois La Vaux, com a "Volta ao mundo por dois garotos". Em seguida vem Andersen, com 121 leitores para as suas histórias do "Patinho feio", "O soldadinho de chumbo", os "Contos". E em quinto lugar figura Mark Twain, com trinta e oito leitores.

Os livros de Julio Verne e "As mil e uma noites" são também muito procurados. Mas isso já é outra coisa. Não é bem literatura infantil, enquadra-se com mais propriedade no gênero juvenil, fugindo, portanto, aos limites destas notas.

UM INSTANTE DE HEROISMO

Uma eternidade literária



TRINTA SEGUNDOS SOBRE **TOKIO**



"Si os livros fossem armas, este seria um torpedo"

Boston Globe

"Emocionante historia de uma das aventuras mais desesperadas dos tempos modernos"

New York Herald Tribune

"A mais impressionante historia de heroismo individual desta guerra"

New York Times

"Torna Sinbad, o marujo, uma insignificancia"

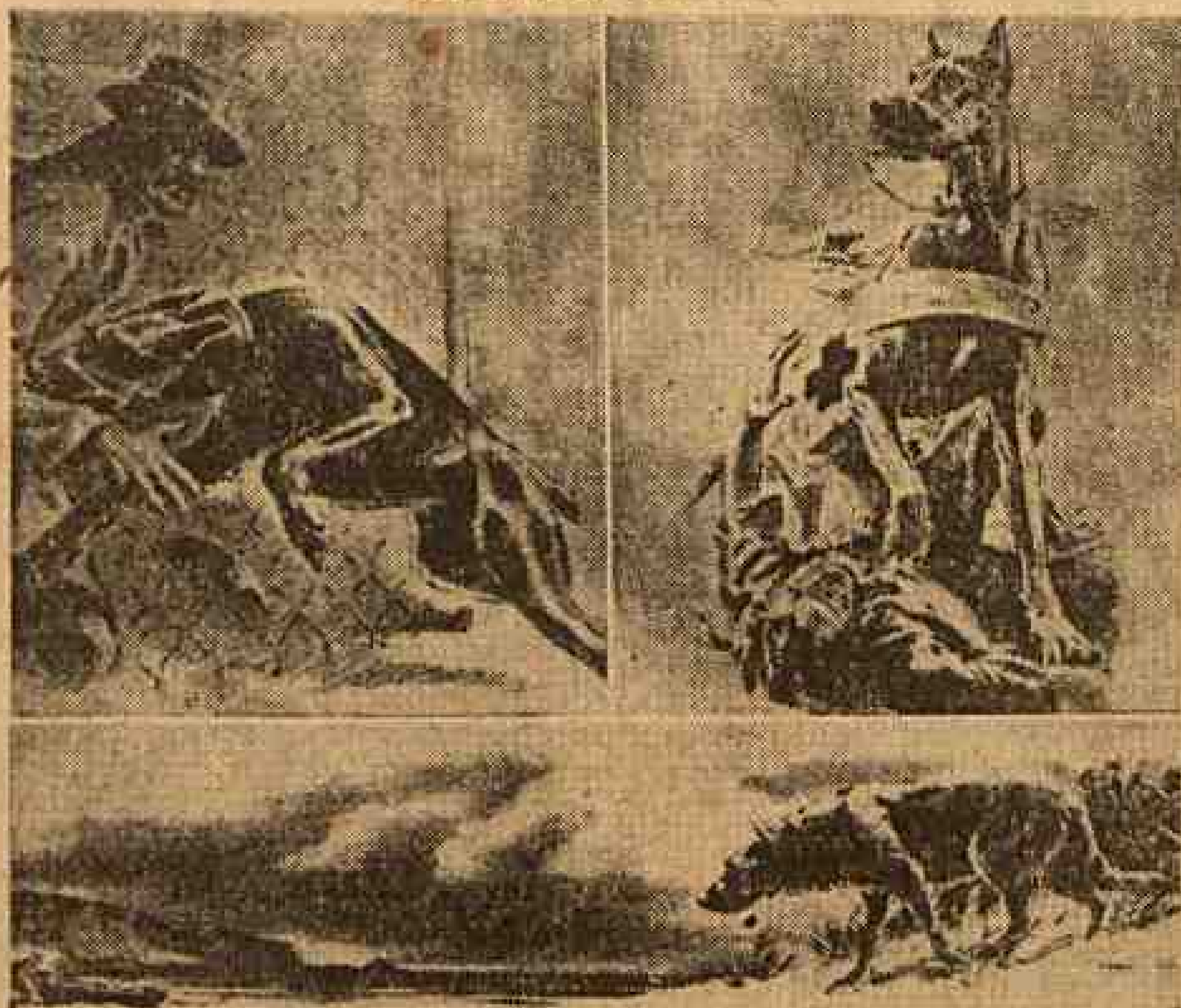
The Nation

EM TODAS AS LIVRARIAS

Antologia do Cachorro

ABELARDO ROMERO

Copyright de LEITURA



SIMON e Schuster, editores ianques, tiveram este ano uma idéia muito boa. Encarregaram o sr. Jack Goodman de escolher o que existisse de melhor em literatura canina, e meses depois editaram um volume de 608 páginas ao qual deram o título de "Dog Stories". Trata-se, é claro, de uma antologia do cão. Se não me falha a memória, é a primeira no gênero que aparece no mundo.

A idéia foi ótima. Depois que os biógrafos modernos saturaram o nosso espírito com a recapitulação de vidas de homens brilhantes e ao mesmo tempo suíçimos, vem agora o sr. Goodman deleitar-nos com biografias de cães. Sua antologia faz a gente esquecer os heróis que nada de útil team feito na vida e que inspiram, com máus exemplos, tantas criaturas de índole boa, mas que encontram estímulo nas poucas façanhas dos Casanovas políticos. Sentiamo-nos já chateados com biografias humanas. Considerando isso mesmo, foi que os editores americanos resolveram oferecer ao público biografias mais puras e até mais humanas — biografias de cães. O cachorro surgiu há muito tempo na literatura ocidental. Sendo, talvez, o mais antigo dos bichos domésticos, e existindo entre ele e o homem o mais forte dos laços afetivos, não é de estranhar que o simpático irmão inferior tenha entrado no mundo das letras, assumindo por vezes o papel principal entre comparsas da descendência de Adão...

A idéia de Simon e Schuster foi, portanto, uma idéia feliz. Verificando que a literatura canina andava dispersa e esquecida, os editores ianques resolveram encaixar num só volume o que existe de mais humano na vida dos cães. Entre os contos e excertos que constam da "Dog Stories" destacam-se

logo, pela sua fama, aquela página lírica de Jack London, a que o autor deu o título de "Por amor de um cão", "Laita azul", de Booth Tarkington, "Riquet", de Anatole France, "Rex", de Lawrence, "Bashon", de Thomas Mann e "Garm", de Rudyard Kipling.

Mas o selecionador do material antológico cometeu um erro gravíssimo. O sr. Goodman deixou de incluir no seu grosso volume uma paginazinha de René Maran. Ora, sempre que se fala de cão como personagem literário, acode logo à lembrança a triste figura de Djumá, o cachorro sem sorte. Nenhum escritor, seja clássico ou moderno, conseguiu analisar com tanta sublimidade a vida reles de um cão. René Maran é o Proust da alma canina. É o psicanalista do cachorro. É o psicanalista das criaturas que latem. Seu "Djumá" comove até às lágrimas e nos dá quase a certeza de que o cachorro é um ser tão inteligente e tão humano, que tem muito mais de comum com um homem normal do que a afinidade que existe entre esse homem normal e "herr" Hitler.

Pois apesar disso, o sr. Goodman não incluiu em "Dog Stories" uma só paginazinha do grande romance de Maran. A obra antológica ficou assim incompleta, e já agora não é possível reparar o seu grave defeito. O grosso volume está se esgotando nas livrarias americanas.

Sam conhecer em pessoa o sr. Goodman, aposto, entretanto, que se trata de um homem alto, rosado, de olhos azuis. Um cavalheiro cujo avô foi um quaker e cuja avó foi pioneira. Um cara intoligentíssimo, cheio de vitaminas e preconceitos. René Maran, ao contrário, é um negro. Teria sido por isso que o sr. Goodman não se lembrou de "Djumá"?

UM BRINDE DA

Editora
Minerva Ltda.

A Editora Minerva Ltda., publicará, a partir deste número de LEITURA, o seu catálogo, que deverá ficar concluído com o número de março próximo.

Todos os clientes particulares, dos Estados, que nos fizerem encomendas superiores a Cr\$ 50,00, em livros constantes do dito catálogo, receberão, um brinde, cujo valor corresponderá aproximadamente a 10 % do total das encomendas feitas, bastando mencionar sempre: PEDIDO EXTRAÍDO DO CATÁLOGO PUBLICADO EM "LEITURA".

LIVROS INFANTIS:

MEU BEBÊ. — o livro das mães — 8.ª edição, texto de Bastos Tigre e ilustrações de F. Acquerone — impresso a cores — cartonado e com estojo Cr\$ 32,00
o mesmo em percaline Cr\$ 45,00

A. B. C. DOS ANIMAIS, por F. Acquerone, um album ricamente ilustrado, grande formato Cr\$ 6,00

ALFABETO DOS ANIMAIS, por F. Acquerone, interessante jogo em tabletes, muito colorido, belo presente para as crianças quando começam a ler, numa artística caixinha . . . Cr\$ 10,00

AS MAIS LINDAS HISTÓRIAS DE FADAS, adaptação dos maravilhosos contos de fadas por F. Acquerone, um lindo album edição especial, ricamente ilustrado Cr\$ 12,00

AS MIL E UMA NOITES. — contos árabes — tradução de Carlos Jansen, 3.ª edição ilustrada e atualizada, cartonado Cr\$ 15,00

AVENTURAS MARAVILHOSAS DO BARÃO DE MUNCHAUSEN, 2.ª edição revista por Terra de Cena, muito ilustrado e cartonado Cr\$ 15,00

A VOLTA AO MUNDO POR DOIS GAROTOS, por H. de la Vaux, 4.ª edição brasileira, inteiramente refundida e atualizada no texto por Afonso Varzea e ilustrações por Francisco Acquerone, um grande volume, com cerca de 400 páginas e muitas gravuras a cores e em preto, cart. Cr\$ 25,00

AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOE, por Daniel Defoe — tradução e adaptação de Terra da Cena, um belo volume muito ilustrado, com cerca de 200 páginas, grande formato, cartonado Cr\$ 15,00

VIAGENS DE GULLIVER, por Swift, edição completa, tradução cuidadosamente revista por Terra de Cena, um volume, grande formato, ilustrado e cartonado Cr\$ 15,00

A REVOLTA DOS ESCRAVOS, por Rafael Giovagnoli, 2 vols., contendo um belo romance histórico da vida de Espartaco. — Cr\$ 10,00. — O mesmo cartonado em um volume . Cr\$ 15,00

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A:

Editora Minerva Ltda.

CAIXA POSTAL 2798 — RIO

ORIGENS ^E FINIS

UM GRANDE LIVRO
de um grande escritor

Estudos de verdadeiro mestre, os do notável crítico europeu — Problemas, homens e assuntos do Brasil e das Américas — Interesse do mundo intelectual brasileiro

O novo livro do autor de A CINZA DO PURGATÓRIO compõe-se de quatro secções: "Poesia do Mundo"; "Justiças e Injustiças"; "Origens e Fins"; "No Mundo Novo". Reune os ensaios mais lidos e mais discutidos que Otto Maria Carpeaux publicou durante a primeira metade de 1943: sobre os novos métodos de crítica de poesia, particularmente em aplicação à poesia brasileira; sobre García Lorca, Erasmo de Roterdão, o Subconciente e a Realidade, as Revoluções Europeias, sobre Ibsen, Mauriac e outros escritores europeus. A última secção do volume apresenta aspectos da literatura brasileira contemporânea e um estudo acerca de "Tradições americanas", vistas através de novas investigações relativas à sociologia do barroco e do romantismo.

Brochado: Cr\$ 15,00

400 PÁGINAS

Encadernado: Cr\$ 23,00

Se o seu livreiro não tiver as edições da C. E. B., peça-as pelo "Serviço de Reembolso Postal" — Não cobramos adespesa de remessa - Catálogo gratis.

Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil

ESCRITÓRIO

Largo da Carioca, 11

Tel. 42-8133

LIVRARIA

Av. Rio Branco, 120 - Loja 13

Tel. 42-1346

RIO DE JANEIRO

Novos Livros Ingleses

EUGENIO GOMES

Copyright de LEITURA

Os leitores não pedem — mandam. Daí esta nova secção, muito informativa, escrita por um grande conhecedor da literatura inglesa, antiga e moderna, Eugenio Gomes, autor de **D. H. LAWRENCE E OUTROS, de INFLUÊNCIA INGLESA EM MACHADO DE ASSIS**, livros que foram muito bem recebidos pela critica nacional e estrangeira.

A EXCELENTE coleção "Current Problems", editada pela Cambridge University Press, sob a direcção de Mr. Ernest Barker, já apresenta uma serie de obras, todas de pequeno tomo, mas de grande interesse para aqueles que se preocupam com os problemas internacionais.

A propaganda politica; os problemas do Báltico; o ideal democrático na França e na Inglaterra; a politica social da Alemanha nazista; a estratégia britânica militar e económica; o futuro da educação; a idêa e os ideais do império britânico; as bases e o futuro das leis internacionais; a politica e as leis nos Estados Unidos; a democracia e a ameaça que pesa sobre os seus fundamentos; a difusão da cultura inglesa; os problemas do Danubio; as escolas publicas e o futuro; os estados indianos e a federação indiana; a ciência e a educação; o cristianismo e a civilização; a educação para um mundo em flutuações e a imprensa diária, todos esses temas, na sua maioria, intimamente relacionados com a crise do mundo já foram desenvolvidos nessa coleção.

A reedição, no mês seguinte a quele em que saiu, neste ano, do último volume — "Daily Press" ("A Imprensa Diária"), de Mr. Wilson Harris — exprime bem o interesse despertado por esse estudo.

O autor é um jornalista profissional que, revelando-se um grande conhecedor do "métier", mostra o mecanismo da imprensa diária inglesa, através de todos os seus aspectos, no correr da sua obra que é dividida em sete capítulos assim enunciados: — I — As funções da imprensa; II — Origens; III — A imprensa diária; IV — Influência e restrições; V — O Jornalista; VI — O Editor e o Proprietário; VII — O Futuro.

Mr. Wilson Harris adotou como epigrafe para o seu estudo um conceito de Wilkes que já atravessou três séculos sem perder a sua edificante propriedade em relação à imprensa britânica: "A liberdade de imprensa é um direito de nascença do Britão, juntamente estimada como o mais sólido baluarte das liberdades neste país".

E' qualquer coisa de assombroso que esse privilégio, vamos dizer, inato da imprensa britânica haja sido preservado e respeitado através de tão longo espaço de tempo, durante o qual a Grã-Bretanha sustentou guerras e resistiu por todos os meios às ameaças da tirania e da violência.

Fazendo ver que nenhuma instituição é mais essencial num país democrático que um imprensa honesta e

independente, Mr. Harris considera a Inglaterra uma nação excepcionalmente feliz nesse particular.

Após um pormenorizado exame das origens e do desenvolvimento da imprensa inglesa, da sua força moral, de seus métodos, de sua técnica, de seus descurtos e, também, de suas limitações revela Mr. Harris como se forma um homem de jornal ou um jornalista na Grã-Bretanha.

Rico de informações sobre todos os aspectos principais do problema da imprensa diária, desde o ponto de vista de ética até o terreno económico ou financeiro, o estudo de Mr. Harris apresenta, em suas conclusões, um



Virginia Woolf

palpite sobremaneira otimista sobre o futuro dessa imprensa entre os países anglo-saxónicos.

Baseando-se no desenvolvimento crescente dos transportes aéreos, nas facilidades da técnica moderna de impressão, com a adoção por exemplo do monotipo, e na identidade da lingua e de interesse, Mr. Harris prevê o lançamento em futuro próximo de um jornal anglo-saxónico com circulação simultaneamente em Londres e Nova York.

Como um jornalista de vocação, naturalmente empolgado pela nobre função moral e educativa da imprensa, Mr. Harris entusiasma-se com a idêa acreditando que o futuro diário internacional poderá estabelecer um contacto decisivo para uma melhor compreensão entre os dois povos, inclusive no que se refere à lingua.

A revista "Life and Letters Today", que é uma das melhores publicações literárias da Inglaterra, homenageou o Brasil consagrando o seu número de abril deste ano exclusivamente a produções de autores brasileiros. Nesse número aparece um trecho do romance "Sun Over the Palms" do nosso Paschoal Carlos Magno e, dentre os cinco poetas contemplados, figura Moacyr de Almeida com a indicação de que foi um dos maiores poetas que jamais existiram na América do Sul. "Life" abre a coletânea de

autores brasileiros com o excerpto de um discurso pronunciado em Londres à inauguração da Sociedade Anglo-Brasileira, em que, referindo-se à influência da cultura inglesa no Brasil, um alto titular diplomático, brasileiro, infelizmente mal informado, afirma que, juntamente com outros escritores britânicos de primeira linha, Virginia Woolf e os irmãos Sitwell são autores tão populares em nosso país como se escrevessem em português. A verdade é que tais autores não são populares nem mesmo no seu país. E — porque não dizê-lo? — deveríamos estar muito achesos do nosso refinamento cultural se se pudesse falar aqui, sem correr o risco de parecer pedante, sobre a arte complicada de uma Edith Sitwell ou de Virginia Woolf.

Antes de qualquer exame, é preciso lembrar que ainda não existe (não me consta que exista) nenhuma tradução brasileira ou portuguesa de qualquer obra de uma ou outra.

Um editor brasileiro a quem lembrei certa vez a necessidade de lançar uma tradução de Virginia Woolf, cingiu-se a perguntar-me, um tanto intrigado com a exqu岸ite da sugestão: "E você não acha que ela é sofisticada demais?". Mas Aldous Huxley e Charles Morgan são também sofisticados e, não obstante, bem ou mal, já foram traduzidos e tem despertado não pequena curiosidade entre os leitores brasileiros.

Virginia Woolf já pode aliás ser lida em castelhano em traduções editadas na Argentina, onde a falante ficcionista de "The Waves" ("As Vagas") encontrou na escritora Victoria Ocampo um intérprete agudo e desvelado.

Tive o mês passado, a oportunidade de ocupar-me dela, ainda uma vez, a proposito do recente aparecimento da sua obra postuma de ensaios "Death of a Moth" ("A Morte de uma Mosca").

Há algo de incompleto e fragmentário nessa obra que a autora, tão exigente consigo mesma, não pôde organizar e rever com aquela ânsia de perfeição artística que a dominava.

Dentre, porém, os ensaios reunidos nesse derradeiro volume cuja forma pode ser considerada definitiva está a "Carta a Um Joven Poeta" ("A Letter To a Young Poet") que fora publicada anteriormente pela Hogarth Press numa série de ensaios, em moldes de carta, com a contribuição também de E. M. Forster, Rosamond Lehman, Rebecca West, Hugh Walpole e outros.

O que há de mais significativo na carta de Virginia Woolf é que ela constitui uma das melhores revelações do processo de captação do realismo mágico tão bem representado em suas obras de ficção. A impressionista de "To the Lighthouse" ("Para o Farol") aí se define de maneira muito proveitosa para os que não se familiarizaram ainda com as extravagâncias e os imprevistos do seu climax criador.

E' que, quando a escritora se dirige

(Continua à página 55)

O Condenado à Vida

AUSTEN AMARO

Copyright de LEITURA

JULHO DE 1935 — É noite no Observatório do Monte Wilson. É noite no Universo. E a noite gira em torno da fronte de Einstein.

Perto de Einstein, Erich Maria Remarque conversa com Maurice Maeterlinck e Marconi. Reunem-se ali para assistir de perto às observações de Einstein sobre a passagem de Marte.

O Dr. Wogley, antigo discípulo do abade Moreux, e diretor do Observatório do Monte Wilson, conclui o trabalho de focalização do planeta Marte pelo telescópio mais poderoso da Terra. Depois do que Einstein dita fórmulas e valores matemáticos ao seu secretário e aproxima-se do telescópio. O Dr. Wogley preocupa-se, agora, em conjugar com a ocular do telescópio a superfície refletora que deve espelhar a imagem de Marte. Dada a potencialidade do telescópio, nenhuma observação direta é possível como nos outros aparelhos em que o observador pode colar a vista à própria ocular.

A superfície refletora é formada por um enorme espelho de mercúrio. A massa do metal líquido gira vertiginosamente dentro de um receptáculo cilíndrico de aço, de pequena altura, e colocado no solo para receber diretamente a imagem sideral através da ocular do telescópio voltada para ele. Perfeita é a polidez da superfície metálica que gira e que Einstein, agora, fita.

Aos olhos de Einstein cresce, intensamente projetado na superfície refletora, o disco luminoso de Marte. Algo de extraordinário vai-se detalhando, então, no planeta refletido! A massa líquida de seus mares, no polo voltado para a Terra, tal como acontece com a superfície do mercúrio que reflete o planeta aos olhos de Einstein, vai-se transformando, pela gravitação vertiginosa de Marte, em um prodigioso espelho giratório! E esse espelho reflete, agora, imagens da Terra, sob a potencialidade aproximadora do telescópio! Ao chamado de Einstein, acodem Remarque, Maeterlinck e Marconi, que se deslumbram ante o refletor de mercúrio pelo que nele já podem perceber. E, ao assombro deles, Einstein explica:

— Esta é a face polida do grande oceano polar de Marte que o telescópio projeta no espelho de mercúrio. Dada a distância que separa da Terra esse planeta, a polidez da superfície líquida é para nós uniforme, e a convexidade de Marte amplia para nós as imagens nela refletidas, em seus menores detalhes. Para que essas imagens da Terra cheguem até o espelho de Marte são precisos trinta e um anos terrestres, dada a capacidade refletora da Terra para a luz solar que as emite. Assim como são necessárias trinta e quatro anos para que essas imagens, refletidas no oceano polar de Marte, possam chegar até nossa retina, levando-se em conta a intensidade refletora de Marte para a luz solar que as projeta no espaço e calculando-se a potencialidade do

telescópio para a aproximação do planeta. Quer dizer que estamos assistindo, agora, ao que se passou na Terra há sessenta e cinco anos!

Einstein silencia. Nos detalhes da cena, projetada pelo telescópio na superfície de mercúrio, desenrola-se como num filme a guerra de 70.

Einstein e os que estão junto dele veem, então, que, naquela cena, oculto atrás de um carvalho frondoso um soldado, nitidamente francês pelo uniforme, observa um cavalarião da Prússia. Este, numa elevação do terreno, perscruta com ansiedade o horizonte, enquanto o cavalo escarva o solo com a pata. Longa é a expectativa do desfecho daquela cena no desenrolar irremediável de um drama! A morte que, violentamente pelo tiro do francês que o observa, abate o prussiano, povoa de angústia aquela tarde longínqua que retorna do Passado aos olhos de Remarque!

E Remarque, Maeterlinck e Einstein e Marconi veem que o francês se aproxima do corpo do prussiano derrubado, agora, do cavalo que foge. Veem que o francês toma daquele corpo e afiladamente procura auscultar a vida impossível naquele peito! Depois do que, abraçando o morto, beija-o no rosto!

O eco daquela tarde longínqua repercute dolorosamente no coração de Remarque! Aquele prussiano é exatamente como Gerard Duval, o tipógra-

fo francês que, num capítulo de "nada de novo"... ele fez apunhalar pelo braço alemão, dentro de uma cova no "front"! E aquele francês é, como o assassino de Gerard, o mesmo arrependido... E Remarque compreende, e para sempre, que aquela cena é a que Octave Mirbeau viveu no "O Calvário"!

Em seguimento àquela cena e aos seus olhos atônitos e aos de Marconi, Einstein e Maeterlinck, desenvolve-se, com todos os detalhes, a tragédia do inadaptado ao ambiente europeu de após guerra. É o drama do reditivo de 70.

Assistem, então, deslumbrados, à ação do espírito anticlássico que presidiu a revolução filosófica, científica e estética do fim do século. E, ante os seus olhos, na superfície refletora, o telescópio projeta, agora, a imagem de um homem que caminha por uma estrada à luz de um grande e rubro disco solar! Ele caminha, ao pôr do sol, nessa estrada marginada de searas abundantes e de fontes que murmuram nos barrancos entre pedras muscosas! Esse homem, vestido de trágica beleza, traz a blusa do proletário e parece, pelo seu semblante, liberto de uma grande opressão! Erich Maria Remarque, mais do que os outros emocionado, reconhece nesse homem Octave Mirbeau!

E Marconi, Einstein e Maeterlinck reconhecem nesse homem o próprio Remarque!

UM DILUVIO — Existe um diário em Barcelona que tem o incrível nome de "El Dilúvio", pelo seguinte motivo: ao fundar-se, em 1870, chamava-se "O Telégrafo". Atacou o governador e este o fechou. O jornal mudou de nome. Chamou-se então "O Vapor". Mais uma vez atacou e foi fechado. E, assim, sucessivamente, chamou-se "El ferrocarril", "El gasómetro", "El Motor", "La Electricidad", "La Energia"... Quando se chamava novamente "El Dilúvio", o governador foi destituído. E o jornal continuou a viver com o nome incrível, não obstante ser um jornal que realizou um intenso trabalho de caráter republicano.

LIVRARIA ACADEMICA

Novidades e raridades bibliográficas

Especialidade em Filologia — Dicionários — Matemática — Livros Técnicos — Didáticos — Contabilidade — Finanças e Organização — Brasil — Artes — Medicina — Literatura — Xadrez e Charadas.

Peçam bibliografias.

Remessas pelo Serviço Postal de Reembolso de qualquer livro existente no mercado do Rio.

Compra bibliotecas e livros avulsos de qualquer assunto. Paga os melhores preços.

68 - Rua São José - 68 - Rio

Porque Escrevi "A Escolha"

XAVIER PLACER

Copyright de LEITURA

VAMOS ser sinceros, afinal a coisa se passa de igual forma com todo principiante.

De início o que eu pretendia ser, era poeta. — "Poeta? Um livro encadernado ao lado de Jean — Arthur Rimbaud?" Nada menos. — "E então?" E' daí que data o meu primeiro desengano. E ainda bem que me desenganei...

Mas havia a prosa. Havia sobretudo Marcel Proust. Ora, o autor do "A



Xavier Placer

la Recherche du Temps Perdu" marca. E o que eu havia feito, no final das contas, eram algumas páginas de anotações personalíssimas. Melhor: cheias de pretencioso personalismo. Ineptamente, chamei-as de "contos"; além disso mal realizadas, sem dúvida. De qualquer modo, era preciso vê-las em letra de forma!

Encaminhei-as a um secretário de revista. Leu-os. Disseram-me que não. Intrigas. O rapaz — é bacharel — não tinha tanta imaginação. Em resumo, devolveu-me as inéditas. E foi dos destroços de um poeta "que não houve", de um bolcotado candidato a contista, que surgiu o atual autor do imperfeitíssimo "A ESCOLHA".

"Porque o escreveu?" Ora essa. Porque, porque dá pera? Foi em novembro de 1910. Um mês antes eu havia sido convocado para as manobras no Vale do Paraíba. Marchas noturnas, bivaques, sacos de areia da aviação inimiga, avanços sob a chuva na direção de Taubaté. Acampamentos de um ou dois dias.

Nas horas de folga os outros iam para a "bicha" receber cigarros, esticavam as cordas da barraca. Como se fossem ficar ali para sempre! Eu, pessimo soldado, tirava da mochila uma edição de bolso de Dostolewsky que tivera o cuidado de lavar. E não havia manobras, havia somente Alexandre Pérovitch, Isaías Fomitch, e o banho, e a agulha de asa partida, e Akulka e o seu terrível marido...

Mas agora, novembro, estava de volta. E de repente me surpreendi a fazer o plano de uma trilogia de romances. Ora, impossível para mim escrever qualquer coisa sem previamente arranjar o título. Forjel-os. Título geral: — A JORNADA DE EMAUS. I — O SEMINÁRIO, crônica da vida interna; II — A ESCOLHA, romance; III — OS CAMINHOS, romance.

No primeiro volume, como o título sugere, eu contaria a história de um grupo de meninos assimilando despreocupadamente a educação religiosa. No segundo, esses mesmos meninos, já agora adolescentes, reagiriam contra essa mesma educação. Como outros a aceitariam, se acomodariam perfeitamente dentro dela, é claro. Enfim em "OS CAMINHOS", esses adolescentes, moços agora, tomariam cada qual o seu rumo.

— "Largas pretensões, hein?" Realmente, a ambição não é o menor dos meus defeitos. — "Mas porque esse tema e não outro?" Resposta: E' que tenho experiência deles, estudei no Seminário de R...

Bem. Atirei-me à execução. E meses depois estava com o conjunto esboçado. Aqui deu-se um fato que eu próprio não compreendi. "A ESCOLHA" se impôs sobre os outros. Então não quize perturbar esta espontaneidade e levei-a até o fim de um aranco, 1940-41. — Qual a tese que defende? A tese? Mas não há tal.

O que há é o seguinte: Capítulo primeiro: A PARTIDA. E aqui um seminarista (chama-se Cesário Machado e, ainda que seja o autor, nem em todos os aspectos o é...) um seminarista, numa embaçada manhã de julho, tomando o trem na gare de São Paulo. Sózinho. E' que acaba de deixar o Seminário. O trem larga. Inefável instante! E a medida que a marcha do trem se torna mais veloz, como que se avoluma nele uma íntima convicção de vitória, que põe para trás, para o passado, aquela desfilada de lembranças que a memória vai evocando sem esforço... Mas esta primeira impressão se dilui. E dali a pouco: "Curioso, mas afinal, porque

salo? Está aqui um sentimento que nunca julgarei possível num momento deste. Sim, porque saio? Sinceramente não sei..." E deixa-se ficar olhando pela janela a paisagem que corre. Afora, nem alegre nem triste.

Ou os dois sentimentos ao mesmo tempo. Mas muito quietos, muito quietos. Alegria dolorosa de convalescente.

Capítulo segundo: A ESCOLHA. Aqui, ao longo de 27 pequenos capítulos, eu tentei reconstituir os elementos psicológicos e materiais que poderiam ter sido direta ou indiretamente, a causa da atitude inicial de Cesário. Constituem o romance propriamente dito.

Enfim, Capítulo terceiro: — Epílogo. O seminarista está em casa, chegado da viagem descrita no primeiro capítulo. Dias sombrios, ensimesmado, numa tortura e indecisão. Mas no domingo decide ir à missa. Uma vez aí, aproxima-se dos sacramentos. Fica porém pela última vez rompendo de um modo patético com tudo.

Pessoas a quem dei a ler "A ESCOLHA" acharam um tanto primária a idéia final de liberdade em que Cesário se move. Mas é preciso não perder de vista que se trata de um adolescente. Acresce: ainda que essa mesma situação continuará nos primeiros capítulos de "OS CAMINHOS". Onde será dita a última palavra.

Não pretendo pedir indulgência no veredictum da crítica. Mas é bom ilque esclarecido: "A ESCOLHA" é a minha primeira tentativa de romance; e foi escrita quasi sem recursos técnicos, movido mais pela vontade de fazer do que por outra coisa.

Encerrando esta nota que LEITURA me encomendou, quero agradecer publicamente a Graciliano Ramos, esse grande amigo dos novos sem espalhafato, a Brito Broca e José Olympio, a parte que teve cada um na publicação de meu primeiro livro.

Novembro, 1943.

A ESCOLHA, de Xavier Placer — Romance — Próxima edição da Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

A PRESENÇA DA MORTE — A noite estava começando a cair sobre a terra azul. Sobre ambos os rios, o Pruth e o Cseremosz, se erguiam massas de nevoa e redemoinhos de vapor. Pedro levantou-se, espreguiçou-se, suspirou penosamente, recolheu a vasilha com as batatas ainda por cozinhar, e voltou as costas ao céu, à terra e à noite que caía. Deixou o cão do lado de fora. Logo voltou a deitar-se de costas, com as botas ainda postas. Havia perdido o apetite. Subitamente, levantou-se de pressa, dirigiu-se até a porta e fez girar a chave na fechadura. Era algo que jamais fizera antes. Voltou a deitar-se na cama. Estendeu-se de costas, tratando de não ver, nem pensar em coisa alguma. Porém, de todos os modos, viu muito. Fechou, então, os olhos. Também isto foi inútil. A realidade insinuava-se furtivamente em seu pensamento através dos olhos cerrados, e o torturava com imagens. Via e sentia as mãos como farpas do cabo Durek, as ameaçadoras mãos da justiça.

Era a hora em que as vacas, repletas de verdes pastos e flores da campina, regressavam da pastagem. A grave procissão deteve-se em seu caminho para os estábulos e permaneceu algum tempo imóvel. As vacas lambiam-se reciprocamente, e o rumor de seus mugidos parecia o estrondoso chamado das lanchas fluviais: queriam ser aliviadas do intolerável peso que lhes inchava as ubres. E no mugir das vacas soavam as primitivas forças da vida e da vegetação, do leite e da maternidade. Houve uma nota desgarrada em suas vozes, como se pressentissem a presença da morte. Numaque doloroso grito que pedía descanso, alívio, paz, Pedro reconheceu a voz de sua própria alma. Também ela estava pesada e oprimida, e alimentada de herva. Agora digeriria com dificuldade sua sorte, indigesta como a carne crua. "O SAL DA TERRA" — do escritor polaco José Wittlin.

«O Lobo da Estepe»

GERALDO DE FREITAS

Copyright de LEITURA

NO MEU mundo de reações otimistas, a leitura do livro de Hermann Hesse deixa um profundo amargor sem perturbar, contudo, os meus passos nas estradas largas, da esperança de melhores dias para o homem.

A satânica influência do poeta e pensador de "O Lobo da Estepe", diferentemente de Sócrates, cujo demônio era um vigia amigo desviando-o dos erros e dos males, esila-nos um doce veneno nas veias, iludindo-nos com o seu maravilhoso estilo, a exemplo dessas drogas que provocam sonhos e destroem os corações.

Hesse, no entanto, revela-nos pensamentos poderosos, verdadeiras massas sólidas de um edifício arejado, como aquelas imensas fábricas russas, que se transformaram um dia em fortalezas inexpugnáveis diante do assalto da brutalidade e da opressão.

O seu livro é um estudo sobre a seguinte questão: "A vida humana converte-se em verdadeira dor, em verdadeiro inferno, apenas quando duas épocas, duas culturas ou religiões se entrecruzam". "Há momentos nos quais toda uma geração se encontra extraviada entre duas épocas, entre dois estilos de vida, de tal maneira que perde toda a naturalidade, toda a norma, toda a segurança e espontaneidade".

Nós estamos neste momento histórico. Duas civilizações, duas concepções de vida se chocam, procurando estabilização. O ímpeto das novas idéias, mais vigoroso e mais consciente, avassala por isso mesmo o terreno cansado dos velhos métodos de cultura e de governo, causando a reação que Hesse chama de dor e de extravio.

Para os que olham para esses fenômenos com os olhos limpos da realidade, munidos dos ensinamentos de mestres previdentes e acertados nas suas concepções políticas, sociais e econômicas, o sofrimento, a dor e as atribulações dos que se chocam na encruzilhada de duas épocas, de duas culturas e religiões, representam apenas um momentâneo sacrifício físico, uma provação material, enquanto para os que lutam pelo velho estilo de vida, esses sim, perdem "toda a naturalidade, toda a norma, toda a segurança e espontaneidade".

A mocidade que hoje nos campos de batalha morre pela extensão dos princípios de liberdade, de fraternidade, de segurança da vida humana

sem a prepotência dos mais ricos e dos mais fortes, não sente aquela dor moral, que Hesse tão admiravelmente analisa no seu "O Lobo da Estepe". Os que se consideram submergidos num verdadeiro inferno, e, apontam nossos dias como uma época turva da humanidade, coberta pelas nuvens do mal e lambida pelas chamas infernais da felicidade terrena, são justamente aqueles que durante séculos menosprezaram o homem, deixando-o solitário, abandonado com doenças, fome, misérias e desconforto. Esse sofrimento pertence aos reacionários, aos gozadores do trabalho alheio, aos clericais que abrem os braços para os céus, esperando a luz de Deus e tem as botinas sobre os corações dos pequeninos, famintos nos quartos imundos das favelas e dos cortiços. Esses intermediários da divindade, em centenas de anos, não construíram nos caminhos do mundo, para a felicidade do homem, uma única choupana, onde qualquer peregrino da desventura pudesse repousar, sem a necessidade de curvar os joelhos à sua esperteza e demagogia. Eles hoje estão com dedos trêmulos e medrosos e já não podem mais fazer o velho jogo das figuras, de que Hesse fala em seu fantástico livro. Os cordéis apodreceram em suas mãos cavilosas e a figura de sua trapaça caíram no diminuto palco de seu "guignol", que eles pensavam ser todo o mundo! E o mundo não é tão pequeno assim! Há novas idéias além de suas falsas noções, há novos anseios além de suas opressões mentais!

"O Lobo da Estepe" é um machado sonoro cortando impiedosamente muitas das mais belas roseiras do falso otimismo, mas quando encontra as robustas árvores das nossas crenças num mundo melhor e mais compreensivo, seus terríveis golpes formulam trágicas melodias, que somente os fortes corações podem aninhar. E então ecôa, pelas florestas de nossas esperanças a nota musical de um espírito atribulado, que muito sofreu, como consequência dos erros e desganhos de uma humanidade ainda tateante nas trevas do seu destino.

O LOBO DA ESTEPE (Só para loucos), de Hermann Hesse, em tradução de Augusto de Souza — Coleção Caminhos de Espírito — Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio, 1943.

HUMORISMO RUSSO — Vejo com prazer que, na atualidade, o humorismo russo, em face da guerra, assemelha-se muito ao nosso. O humorismo britânico é diferente: baseia-se no que deixa implícito, isto é, no que não diz. O nosso é diferente: consiste em gracejos ruidosos e pitorescos, tal como a observação de Lozovsky: "Hitler verá o Kremlin... mas em cartão postal apenas". Ou esta outra declaração sua: "O Exército alemão iniciou sua marcha em direção a Vladivostok. Penso que devemos desejar-lhe boa viagem porque, seguramente, esta será muito longa..." Acredito que os norte-americanos se rirão, como se riu o povo de Moscou, ao verem uma caricatura soviética em que aparece um prisioneiro de guerra alemão. Este, sendo obrigado a mostrar sua bagagem, entrega por último dois pedaços de sabão para banho, depois de abrir cuidadosamente o embrulho que os continha. Está certa, também, de que os russos apreciarão todo o sabor contido neste refrão tipicamente yankee: "Devemos estar alegres, pois ainda falta o pior..." — "A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA", de Anna Louise Strong — Editorial Calvino Limitada.



STEFAN ZWEIG

I — TRÊS POETAS DE SUA VIDA

(Casanova — Stendal — Tolstói)

II — OS CONSTRUTORES DO MUNDO

(Balzac — Dickens — Dostolevski — Holderlin — Kleist — Nietzsche)

III — A CORRENTE

(Amok — Segredos de Amor — Confusão de sentimentos — 24 horas da vida de uma mulher — Ocaso de um coração — etc.)

IV — A CURA PELO ESPÍRITO

(Mesmer — Mary, Baker Eddy — Freud)

V — JOSEPH FOUCHE

VI — CALEIDOSCOPIO

(Momentos decisivos da humanidade — Leporela — O medo — O Candelabro enterrado — Os olhos do irmão eterno — etc.)

VII — MARIA ANTONIETA

VIII — MARIA STUART

IX — UMA CONCIÊNCIA CONTRA A VIOLENCIA

(Castêlo contra Calvino)

ENCONTROS COM HOMENS, LIVROS E PAISES

XI — FERNÃO DE MAGALHÃES

XII — CORAÇÃO INQUIETO (romance)

XIII — O MOMENTO SUPREMO

(nova série dos Momentos decisivos da humanidade: Cícero, Rouget de Lisle, Wilson, Lenine, Cirus Field, Balbôa — "O Cordeiro do Pobre" (teatro).

XIV — BRASIL, PAÍS DO FUTURO

XV — O MUNDO QUE EU VI (Memórias)

XVI — AS TRÊS PAIXÕES

(A partida de Xadrez — Dívida tardiamente paga — Seria ele?)

XVII — CAMINHOS DA VERDADE

(Erasmus de Roterdan — Américo Vespúcio)

XVIII — A MARCHA DO TEMPO

(nova série de impressões sobre homens, livros e países)

Pedidos a

Editôra Guanabara

RUA DO OUVIDOR, 132

RIO DE JANEIRO
Brasil

"Delícias Infantis"

MARIO DONATO
Copyright de LEITURA



De Roberto Cavalcanti — 5 anos —
Rio

A SÉRIE de Natal "Delícias Infantis" que, sob a nossa direção, foi lançada neste fim de ano pelas Edições Cultura, de S. Paulo, não constitui obra de improvisação e oportunismo editorial, mas fruto dum longo e fatigante trabalho no decorrer de, pelo menos, oito meses, de maio a dezembro corrente. E o que nos permite falar desta coleção sem receio de parecermos cabotinos, é justamente o fato de dever-se o seu êxito, agora já provado, não a quem subscreve estas linhas, mas à editora que a lançou.

Desde que se tenha em conta que a improvisação leva irremediavelmente à picaretagem editorial qualquer plano para o lançamento de livros assume um aspecto respeitável, difícil mesmo. Neste caso, havia logo de início, quando se pensou em juntar às demais coleções da casa, também uma infantil, o problema das diretrizes gerais. Que tipo de livro faríamos? Ou então, melhor: que livro infantil faríamos, que não desmerecesse os publicados pela Cultura nas suas outras séries? Mas essa questão não demandou demasiado esforço: bastou imprimir à série projetada as linhas mestras por que se orientam todas as coleções em movimento da empresa, isto é, propiciar aos leitores, em qualquer setor do conhecimento, obras realmente fundamentais, de indiscutível valor, firmadas por nomes de não menos indubitável autoridade na matéria versada, e, se estrangeiras, traduzidas por escritores de reputação insuspeitável.

Já em maio último principiámos, em combinação com o diretor da empresa, dr. José Pérez, a proceder à escolha das tres obras que, de certa forma em caracter experimental, mas já com largas probabilidades de êxito, deveriam inaugurar a série. Quanto à parte literária, havia os problemas de fundo e forma, de gosto e interesse, de originalidade do livro e da confiança que o seu autor pudesse inspirar; e, de outro lado, quanto à parte comercial a feitura gráfica dos livros, sua tiragem e, como resultado de ambas premissas, sua conclusão, o preço por que seriam vendidos.

Os preços, estes, vimos de antemão que não poderiam ser os usuais. E não sómente por pretendermos oferecer ao público leitor mirim um livro incomum, como, também, tendo em

vista o encarecimento da mão de obra e da matéria prima, sob a pressão dos acontecimentos da órbita internacional. Em resumo, a complicação do velho problema com fatores novos: não se pode vender um livro barato porque não se pode fazer grandes tiragens, e não se podem fazer grandes tiragens porque não se pode contar que a capacidade de absorção do mercado... E não é menos verdade que a capacidade de absorção do mercado não aumenta em parte porque não se pode vender um livro barato. Com a guerra, pior. E "da capo". Mas deixemos para falar de preços no fim.

Quanto à parte intelectual, a primeira obra que respondeu a todas as exigências foi a de La Fontaine: largamente conhecida; nunca apresentada às crianças do país em sua forma metrificada; moral recreativa, oferecendo excelentes possibilidades para a ilustração, etc. Era o primeiro passo. Então escolhemos vinte e cinco das suas fábulas, aquelas em que apenas intervinham animais e cuja moral ressaltasse mais facilmente ao espírito infantil, e simplificamos as traduções clássicas dos melhores "la-fontainistas", luso-brasileiros, reduzindo-as ao essencial e, em muitos casos, acrescentando-lhes versos finais, com o fito de auxiliar a apreensão da "moral". Para ilustrá-las, recorremos às famosas gravuras de Gustavo Doré, que mandamos reproduzir em rotogravura, trabalho de que carinhosamente se incumbiu Romiti, da Gráfica Siqueira, onde os livros foram confeccionados. Aproveitamos oito chapas de Doré para a rotogravura de páginas inteiras e ainda mais uma dúzia dos seus não menos belos desenhos a traço. Garuti desenhou especialmente para a edição as iniciais e os finais de fábulas fazendo a capa em cores, com elementos das próprias ilustrações de Doré.

O segundo livro escolhido foi uma adaptação do "Tales of Alhambra", de Washington Irving, que respondia ao desejo que tínhamos, de oferecer às crianças uma obra no caráter das célebres Mil-e-uma Noites. Então traduzimos quatro das mais lindas — e também das mais próprias — lendas narradas por Irving, resumimo-las e adaptamo-las. Para ilustrar este livro, recorremos a gravuras naturais de flagrantes e recantos pitorescos da famosa cidadela mourisca de Granada, reproduzindo-as igualmente em rotogravura. Completamos o trabalho com farta colchêrie de aspectos da Alhambra, recolhidos em livros e publicações dedicados à arte mourisca na Espanha. Garuti reproduziu na capa uma portada do "Pateo de los Leones", em sua cor natural.

Em seguida passamos ao último livro da série, e acabamos por escolher, dentre grande número de sugestões e palpites, o conhecido "Gil Braz de Santilhana", de Lesage, que, devidamente adaptado da admirável tradução de Bocage, servia perfeitamente aos fins que tínhamos em vista

para o terceiro volume da coleção: que fosse em prosa, que tivesse caracter aventureiro, que fosse divertido, sobretudo, que chegasse a conclusões morais evidentes. Confessamos não ter sido simples extrair cem páginas das setecentas do original. Para isso foi necessário atentar acuradamente para a história, desprezando os circunlóquios, deveras abundantes no livro de Lesage, eliminando os conceitos moralizantes sem apelo na ação, desbastando a linguagem bocageana, mas mantendo, sempre, a despeito de todas essas intervenções, de alta e prigosa cirurgia, o "sabor", ou ainda melhor, a cor local do verbo formalista do grande poeta português. Várias vezes hesitamos em prosseguir a tarefa nesses termos. Mas terminamos por optar francamente: "o aproveitamento da tradução de Bocage na linguagem do nosso tempo. Gil Braz perdia cento-por-cento da sua graça.

Ainda para ilustrar as "Aventuras e Desventuras de Gil Braz", recorremos a Doré, reproduzindo em rotogravura oito de suas magníficas gravuras de página inteira e muitos dos seus desenhos a traço. Garuti, com elementos dos desenhos, fez a capa.

O livro, pronto, — inextinguível nas suas ilustrações em rotogravura ou a traço, impresso em cores, formato álbum, papel Buffon de primeira e espesso, guardas especialmente litografadas com motivos de cada um dos volumes, encadernação esmerada, e — modéstia aparte, textos escolhidos e tratados com amor, — não saiu barato. Devíamos dizer, mais exatamente: os preços por que estão sendo vendidos sem tomar em linha de conta o seu conteúdo e a sua apresentação gráfica, não são baixos como aqueles por que são vendidos livros infantis de pequeno formato, em papel Buffon de segunda ou de terceira, impressos numa única cor, sem ilustrações ou então ilustrados simplesmente a traço. Mas preferimos que saíssem mais caros que os livros que vêm sendo publicados nesse gênero, afim de que constituíssem, como a nosso ver constituem, uma homenagem condigna às nossas crianças, que merecem realmente mais do que se lhes dava. Intelectual e mesmo comercialmente, temos, afinal, que acreditar não serem os papais levados a comprar livros para os seus filhos unicamente pelos poucos cruzeiros que lhes custem, desprezando a qualidade e os méritos educativos que tais presentes possam ter...



*A Livraria José Olympio Editora
tem a satisfação de parti-
cipar o lançamento do mo-
numental trabalho de*
Silvio Romero

HISTORIA da LITERATURA BRASILEIRA



*em sua TERCEIRA e ÚNICA edição COMPLETA
5 volumes in-8. Com cerca de 2.000 páginas.
Obra indispensavel em qualquer biblioteca,
ainda que reúna as edições anteriores, em
virtude do abundante e precioso material*

**(PERTO DE 1.000 PÁGINAS)
ACRESCENTADO NESTA EDIÇÃO**

Dirigiu e prefaciou a publicação definitiva desta obra — que constitui a maior fonte da história literária do nosso país — o prof. Nelson Romero, filho do mestre sergipano. A venda na LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, à rua do Ouvidor, 110, e em todas as Livrarias desta capital e dos Estados.

Preço da coleção completa	—	Br.	Cr\$	200,00
" " " "	—	Enc.	Cr\$	250,00
Exemplares de luxo...	—	Br.	Cr\$	500,00



A Lição de Romain Rolland

CARLOS L ACERDA

Copyright de LEITURA

NÓS não lutamos pela vida: nós nos queixamos da vida. A isso nos acostumaram e neste detestável costume perseveramos ainda... O que ireis fazer da nossa vida?... Eu vos quero alterados por um tropical amor do mundo, porque eu vos trago o convite da luta... não vos convido à luta pela vossa vida, nem à caridosa dedicação pela vida enferma ou pobre, mas exatamente à luta por uma realidade mais alta e mais de todos. Há grave ausência de homens que queiram aceitar este ideal. O maior número se refugia, acovardado, na luta pela sua própria existência. Mas se há falta de homens, façam-se homens! E esse é o dever irrecusável da mocidade a que pertencéis. Há sempre uma aurora para qualquer noite, e essa aurora sois vós... E pois que a noite ainda é profunda, e vai em meio, eu vos convido a forçar a entrada da manhã".

MARIO ANDRADE. Oração de Paraninfo (1936).

Não uma nem duas, mas diversas vezes comeci este artigo sobre o grande e querido morto. Sentia cada vez mais pesada a impossibilidade de escrever sobre ele um simples artigo, quando o que se tem a dizer ultrapassa esse espaço necessariamente reduzido e exige as proporções de um ensaio — ensaio indispensável, que algum dia há de ser feito por quem quer que seja, para ensinar aos novos o amor de um grande mestre. Mas aquela que ele chamou "a grande mentirosa", a imprensa, tanto lhe tem desfigurado a vida e a obra, em sucessivas confusões e até em mentiras de propaganda, que já não se pode evitar o artigo de circunstância. Mesmo longe de livros que seria necessário consultar, e reduzido às proporções de um artigo desambicioso, é preciso esclarecer.

A propaganda de guerra, aquela supina estupidez e mal disfarçado reacionarismo com que se tem conduzido ultimamente, sob o olhar complacente dos "técnicos" da mentira em massa, acentuou num telegrama que Romain Rolland, ao morrer num campo de concentração na França ocupada, "teria dito" a um amigo que, se ainda pudesse escrever, renegaria toda a sua obra para pregar "a violência contra a violência".

Os responsáveis por esse telegrama, amplamente divulgado, aliás, ignoram toda a obra de Romain Rolland e pretendem seguir a corrente daqueles que visam "entregar o fascismo para salvar a reação", reconstruindo o mundo sobre bases belicistas, acentuando nacionalismos, consolidando posições demasiadamente mantidas.

Outros comentários que surgiram na imprensa, por ocasião dessa morte que os alemães em vão procuraram desmentir, apresentaram um Rolland surgido extraordinariamente do nada, um homem vivendo num planeta morto de onde mandasse à terra algumas influências e mensagens. Já é tempo, no entanto, de situar Romain Rolland no seu tempo, na sua gente e na consciência dos homens de boa vontade.



R. Rolland por Frans Masereel

Nascido em 1866, em Clamecy, Nièvre, Rolland tornou-se professor de história da arte na Ecole Normale de Paris, depois foi ocupar uma cadeira na Sorbonne, defendendo tese, ("As origens do teatro lírico moderno", foi a sua tese aos 29 anos); viu-se premiada pela Academia Francesa. Além da musicografia, que tanto o atraiu (são excelentes os seus ensaios sobre Lully e os antigos músicos franceses), dedicou-se ao teatro com um projeto ambicioso, o da formação do "Teatro do Povo", no qual as peças seriam montadas com a participação de grandes massas corais e dançantes. O seu teatro — "Les Loups" (1898) — Danton, em 1901, "Le 14 Juillet", em 1902, o ensaio "Le Theatre du Peuple" (1904) "Le Jeu de l'amour et de la mort" (1915), eloquente até retórico em certos pontos, inspirado quase sempre em episódios da revolução francesa, trazia um propósito de renovação que influiu sobre grande parte do teatro moderno e até sobre o cinema pois, como acentuou Alvaro Moreyra, "Viva Villa!" resultou, afinal, das lições de Romain Rolland sobre o valor do espetáculo.

A geração de Rolland, na França, teve irradiação mundial. Seus companheiros, seus amigos e rivais literários, suportaram a grande crise da primeira guerra mundial e nem todos sobreviveram. Alguns, como o seu amigo Charles Péguy, "com a sóbria disciplina de um legionário romano e o impulso ardente de um profeta autêntico", procurou na fé cristã uma arma de salvação humana e sucumbiu na guerra. Outros se tornaram obesos, grávidos de excessiva importância, como Claudel. Quanto a Paul Valéry, esse monstro de fria perfeição, corrompeu-se pela arte pura a ponto de transformá-la num comércio ignobil de prefácios enquanto armava a

sua prosa processional, lisa como um espelho.

Quanto a Romain Rolland — quem o diz é um jovem escritor alemão, Claus Mann, que lhe repela a influência para aceitar a de André Gide — "tem o senso da tragédia, combinado com uma ardente compaixão típica dos grandes reformadores humanitários. "Meu bem amado Beethoven! — exclama esse francês cosmopolita, arauto da música alemã e da consciência social, "sois o maior, o mais confiante amigo dos que lutam e sofrem". O mesmo se pode dizer (é ainda Claus Mann quem diz) desse compreensivo biógrafo de genios e prestante companheiro dos escorregados, Romain Rolland".

Esse jovem professor de história da arte que há de ser contemplado com o prêmio Nobel, em plena grande guerra (1915) pelos romances que publicou de 1904 a 1912 (Jean Christophe), há de ser execrado pela propaganda chauvinista, praticamente expulso da França, ameaçado de condenação por alta traição, exilado na Suíça, escorregado e luminosamente só, não foi um caso único e miraculoso das letras francesas. Muito ao contrário, ele é um herdeiro legítimo da mais forte e, entre nós menos conhecida tradição da cultura que tantos dizem amar e poucos conhecem em suas verdadeiras fontes. A tradição a que me refiro é a dos professores surgidos com a Revolução Francesa, os descendentes espirituais dos Enciclopedistas. Esses professores, esses "normaliens" fizeram o Estado laico, lutaram pela preservação dos Direitos do Homem e viram crescer sobre a sua pátria e a sua época a reação contra esses princípios que, na sua humildade, eles tanto amaram. Alguns deles, então, estimulados pelo perigo agigantaram-se para resistir. Romain Rolland foi, de todos, certamente, o maior, o mais poderoso e mais desesperadamente admirável.

Fixemos, portanto, desde logo, a correspondência profunda entre a ação de Romain Rolland e a melhor tradição das letras francesas, ao contrário do que frequentemente se julga. Qualquer que seja a sua projeção universal, ele é sempre o professorzinho, o modelo dos professores radicais depositários da cultura francesa enquanto as estrelas internacionais, os pelotiqueiros e os genios de café-cantante deslumbravam, em nome da clareza e da lógica francesas, com trocadilhos e lugares-comuns bem torneados os idiotas que neles procuravam o rastro de Montaigne-Montmartre.

Outra confusão frequente, convenientemente aproveitada pela reação, é a da famosa obijulgoria de Rolland, resumida numa frase — "au-dessus de la mêlée". Procura-se definir então Romain Rolland por essa frase, acentuando que ele era frio e distante, desprezava as

(Continua à página 63)

A Revolução Melancólica

WILLY LEWIN

Copyright de LEITURA

A EXPRESSÃO "brilhante" se aplicaria com todo o rigor e propriedade ao Sr. Oswald de Andrade, figura eminente e já hoje histórica do movimento modernista brasileiro.

Poucos escritores, entre nós, realmente existem tão bem dotados quanto ele: tão cheios de qualidades potenciais para a realização de um gênero literário a que parece se dedicar de preferência aos demais: o romance. Uma prosa agiliíssima, inteligente e das mais saborosas que conheço. Capacidade invulgar de invenção. Senso de caricatura, nem sempre, embora, ferindo a nota justa, dramatizando-se com frequência, delatando-se na volúpia da própria facilidade com que brota, espontânea e exuberante.

Se todas essas qualidades bastassem, o Sr. Oswald de Andrade seria um romancista excelente.

Para mim, no entanto, à medida que vou amadurecendo em anos e me esquecendo dos meus antigos anos de entusiasmo pelas "piadas" de que o "modernismo" foi fértil, não creio que uma obra de arte se possa considerar satisfatoriamente realizada apenas pela originalidade ou quaisquer outras "qualidades" naturais, espontâneas do seu autor.

Começamos, mais ou menos todos, a compreender — e a exigir para a obra de arte — a necessidade de uma certa disciplina, uma certa construção. Para encurtar palavras: por mais românticas ou anárquicas que sejam as nossas tendências pessoais ou os nossos impulsos mais íntimos, chegamos a um período em que percebemos a utilidade e a fecundidade de certos antídotos, ponhamos "clássicos" à falta de outra expressão, talvez mais exata.

Na hipótese deste primeiro volume do romance cíclico "Marco Zero" — "A Revolução Melancólica" — que inicia uma anunciada série de cinco e com que o autor se candidatou ao Prêmio do Romance Pan-Americano, todas as qualidades pessoais do Sr. Oswald de Andrade, acima referidas, podem ser encontradas facilmente. Mas o seu próprio brilho é que submerge, decompõe, dissolve o romance. E será isso realmente um romance — esta série de caricaturas e de anedotas — tomada esta última expressão no seu sentido vulgar — sobre um momento, os costumes ou um modo de ser da vida brasileira? Trata-se de fragmentos juxtapostos, sem ligação íntima, todos muito bem escritos, muito inteligentes, muito "engraçados", abundantemente, quase sempre de uma realidade... brasileira bem surpreendida não obstante por vezes, grossamente deformada pela caricatura. Tudo isso, porém, não basta por si só para evitar o caos — é preciso dizer claramente — a má realização do romance, como obra de arte.

Não me interessa, do ponto de vista particular e essencial em que me coloco, discutir as intenções sociais ou políticas desse livro. (Que o Sr. Mário de Andrade, que muito prezo e admiro mas com quem nem sempre concordo, me chame amavelmente de desinteressado ou, se quiser, mais rudemente, de "sujo"). O que me apraz relembrar e insistir aqui é que uma

obra de arte deve conduzir-se de acordo com as suas exigências próprias. E para mim a primeira e mais essencial dessas exigências é a sua construção.

Não se cogita aqui, é evidente, de respeito ao convencional. Não se trata de "formulas" mas de forma. E a verdadeira forma é a do espírito, disse um conhecido poeta francês moderno, com o que estou de pleno acordo. "Non pas la manière de dire les choses, mais de les penser". Isso, é claro, possibilita todas as justas liberdades anti-acadêmicas, permanecendo, porém, a construção ou a arquitetura. Muitas vezes, — ou quase sempre — o romance que aos nossos olhos parece à primeira vista o mais "moderno" ou o mais anárquico, é, nas suas linhas ocultas, realmente arquitetônico. Nada mais arquitetônico do que o "Ulisses" de Joyce, dentro da indiscutível revolução artística que ele constitui. O próprio famoso romance também cíclico de John dos Passos sobre a vida americana, com os seus "backgrounds" de "atmosfera" formados pelos "newsreels" e "camerayes" intercalados na narrativa e aparentemente — só aparentemente — caóticos é uma obra construída. Os seus vários planos não se dissolvem. Fundem-se harmoniosamente.

Não basta, a meu ver, que o Sr. Oswald de Andrade idealize um vasto romance cíclico, rico de motivos ou flagrantes da vida brasileira, para que isto, por si só, constitua plano ou construção. Essas exigências objetivas que o artista deve receber e aceitar, um pouco por si artista, como disciplina, e muito por um movimento espontâneo, um impulso interior, são para mim essencialmente imprescindíveis à realização da obra de arte.

Poder-se-á dizer que level todo esse tempo a expor verdades elementares e conhecidas. De acordo. O fato porém é que assim mesmo, tão elementares e conhecidas, elas têm sido esque-

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 10.000.000,00

Todas as operações bancárias
às melhores taxas

Contas Correntes

POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de 5% a/a

PAGA E RECEBE ATÉ

AS 7 HS. DA NOITE

cidas com uma frequência muito maior do que se supõe.

Na hipótese do livro de que aqui se trata, elas foram inteiramente esquecidas.

MARCA ZERO, de Oswald de Andrade
— 1 vol. — A Revolução Melancólica
— Livraria José Olympio Editora —
Rio, 1943

**LEIA E COLECIONE
MENSALMENTE**

IMPENSAMÉDICA



A MAIS COMPLETA PUBLICAÇÃO
NO GÊNERO DA AMÉRICA LATINA

Aparece mensalmente com 164 páginas
de selecionada matéria científica

A REVISTA DOS BONS CLÍNICOS!

O MENSÁRIO DOS GRANDES LABORATÓRIOS!

ENDEREÇO:
CAIXA POSTAL, 3316
RIO DE JANEIRO, D. F.

ASSINATURA
ANUAL
Cr\$ 100,00

NÚMERO
AVULSO
Cr\$ 10,00

PEÇA UMA
AMOSTRA!

«ZUMBI DOS PALMARES»

JORGE DE LIMA

Copyright de LEITURA

NAO tem importância que a autora haja explorado uma lenda bonita, não importa; pois que uma história mesmo inventada como todo este drama de Zumbi é fácil de acontecer; e o que é já possível de suceder é verossímil, existe realmente, não há dúvida. Portanto: não foi o célebre rei negro morto ali no povoado do Sueca, onde há hoje uma capelinha cheia de ex-votos e uma ponte de ferro da Great Western. Da banda de leste o que a vista alcança é um matinho ralo de jurubeba, aqui e acolá um pé de velame. Isto se estende até uma meia légua junto às margens do rio torto Mundau margeado de ingazeiras, mulungús, aningas. De cima de qualquer pedra que aponta branquinha no meio daquele pasto paupérrimo podemos ver belas paisagens diluídas sem brilho de cartão postal, destas que se prestam a qualquer quadro anti-parnasiano de que os pintores modernos fogem apavorados. Frente a este quadro violento azul a serra dos Macacos de que Cerca Rial, depois Villa da Imperatriz, hoje União, retirou seu nome.

No costado de resistente burrico, passando pela Cana-Brava, por Laginha, por Cabeça de Porco encontramos um chapadão descampado de bem umas três léguas. Ali reina singular mistura de rumores de pequenos correios entremeada de um silêncio de grotas que põe medo. Põe medo por causa? Durante as noites luaradas, ouvem-se pios de caborés voando rente às estradas ou empoleirados nos capins. Nos meio-dias passados o que há é o grito dos gaviões de penacho, dos quiriris, dos caracaras-de-tesoura, o tem-tem dos papos-de-bico martelando árvores secas cheias de formiga; estridulam escalas de siriemas, aves pois comedoras de ovos de insetos e passarinhos bobos.

Não esqueçamos, ó queridos decoradores de assuntos nacionais: eis aí inúmeros tucanos, justamente quando rareiam as últimas macegas. Leio no roteiro do grande Ladislau Neto, o Ladislau que discutiu com Renan: "pousando aqui e acolá, lá vão os impacientes bicancas, mostrando os enormes leques amarelos, dentados na extremidade, e a belíssima pele do

papo, da qual como se sabe, era guarnecido o manto imperial de D. Pedro de Alcântara".

Passa tucanos, pois agora começa a fralda da Serra da Barriga. Há tanta caça dentro da mata inicial, que não dá tempo de acuar os bichos, queixadas, pacas, mocós, carnes apreciadas, melhores que galinha, rá, manjares de rotisseries, menus fora de racionamentos, nam-bu-pés, cadornas. Vi um sábio chamar este bicho-de-pena inteiramente bíblico de "Tynamus maculosus".

Agora, V. vai sempre subindo, pegando roças onde o milharal pendoa e a guaribada sai chorando que nem orfãos espantando com o sofisticado alarido as jaratatacas malhadas de preto. O solo destas encostas nunca se cansou, desde Zumbi. Nem os bandos dos garrulos periquitos, landaia, trombeteiros, maitacas e maracanans, acarinhos, ajurbe, tuins, conseguem arrasar. Acreditei que ainda há naquelas terras férteis, mesopotâmicas e gordas e formidável tatu-canastra e o pequeno tatustê caboclos. Estou descrevendo primeiro uma polegadazinha das riquezas do antigo mundo dos quilômbolas para vos mostrar como os negros fugidos souberam escolher um país muito condigno com a sua próspera república. Vê-se que muita necessidade de roubar não havia, quando a taturá ainda hoje é de dar com o pé, e já me disseram que o próprio valentíssimo cangaceiro se urina de medo, das manadas imensas dos queixadas. Conheço estes panos de terra a palmo, viajei nelas anos seguidos por minha infância e juventude. Vi a muralha de pedra atribuída à engenharia dos pretos e que o sábio louco Ludwig Schwenninghen julgava ser obra de egípcios, pois dos nômades bandeirantes não era decoro. Se construíram baluartes de pedra ou tanques ou lança-chamas, ou aviões mosquitos, não interessa. O que nos chama a atenção e de que não é bom descrever, é da excelente república que os revolucionários mussulmanos de pele negra, os cabindas inteligentes e outras nações escuras organizaram contra o imperialismo dos brancos e a brutalidade dos escravocratas estrangeiros e nativos. Por isso trou-

xeram para ali também muita moça bonita roubada por vingança às casas grandes, de cinquenta léguas em torno. Incorporaram índios, cambembes, guerreiros de todas as cores. Formaram leis contra o capitalismo do litoral, distribuíam entre si o bem comum, organizaram-se de oliva contra a velha sociedade que ainda hoje perdura. A violência de um grupo de aristocratas da minoria do Estado burguês, dos opulentos usurpadores daqueles tempos era descarada chegando ao crime com todas as suas modalidades. Eles, os pobres escravos fugidos, se reuniram, conta a lenda, em uma espécie de Estado proletário, sem utopistas retóricos, sem diretores livrescos. A base deste Estado negro chefiado por Zumbi, era a propriedade social dos meios de produção agrícola, da caça, da pesca, por meio de trocas. Não havia classes entre aqueles foragidos, não havia concorrências, não havia desviadores da nascente cooperativa do trabalho coletivo, tinha nascido no sertão brasileiro uma comuna. Ninguém a tinha preparado, nenhum livro, nenhum homem intencionalmente, nenhuma revolução, mas unicamente a solidariedade, o amor, a igualdade perfeita de homens desertados de uma civilização sangüinária. Era natural que o Imperialismo de então declarasse guerra à Comuna de Zumbi.

A autora deste livrinho "Zumbi dos Palmares", Léda Maria de Albuquerque, nos conta uma parte do episódio com muita singeleza e dedicação. Os quilômbolas durante anos a fio reagiram contra a guerra municipal do branco. Foram vencidos, massacrados, aprisionados; os chefes se suicidaram, preferindo o suicídio a voltar ao cativo.

Só resta deste longínquo estado proletário, da história desta massa negra perdida no passado, uma extensa muralha de pedra meio enterrada entre o mato vicioso; e isto mesmo, segundo os professores, não saiu das mãos daquele povo africano insubmisso e heróico. Mas ficou a memória da república dos Palmares, contribuição tradicional poderosamente lendária e longínqua para ter força de se incorporar à nossa instintiva democracia.

Literatura Norte-Americana

PETRONIO DE CASTRO SOUZA

Copyright de LEITURA

*O DIA do redescobrimento do homem pelo homem pode não estar tão longe como nós pensamos". Assim afirma Sherwood Anderson, representante da nova cultura norte-americana. Do país dos dólares, do desejo do ganho, e dos cubos de cimento semeados nas cidades, já nos chega uma ansia de libertação, uma procura angustiada de novos valores, mais positivos e eternos. O Deus-Progresso — puro na he-

dionex da sua pureza — já não satisfaz, e um grande cansaço penetra a alma do povo do país do Norte.

O mesmo Sherwood Anderson mostra-nos essa busca desesperada: "A velocidade, a mão de obra apressada, os automóveis baratos, as poltronas baratas nas casas baratas, os apartamentos da cidade com brilhantes quartos de banho, o Ford, a Twentieth Century Limited, a Guerra Mundial,

o jazz, o cinema. O jovem norte-americano sai e caminha pela noite, por dentro disso tudo. O problema é sobreviver. E consiste em alcançar através de todas as direções da rota superficial da vida moderna, aquele velho amor ao ofício de que nasceu a cultura".

Com Anderson trabalha uma legião que procura sobrepujar todos os prejuízos e alcançar a verdade, a vida.

não como palavras e chavões, porém com fatos concretos apreendidos pela humanidade. E no fim disso tudo mesmo que os esforços sejam baldados, ficará a mensagem, a mensagem que é transmitida, que é preciso ouvir que já foi escutada (em parte pelo paulista Almiro Rolmes, e que no-la transmite no seu livro: "Escritores norte-americanos").

Rolmes, estrelante orelo, com esse livro, revelou-se um conhecedor valioso do esforço cultural das novas gerações dos Estados Unidos.

Como um ficcionista vai le tecendo a ação, fazendo crítica como quem faz romance, num jeito gostoso de narrar, sem frases latinas ou coisa semelhante. Os escritores estudados transformam-se gradualmente em personagens de contos curiosos, feitos com pura realidade de fatos e livros.

Pelo livro todo sente-se os caminhos largos dos novos ideais da América, e uma fuga de todo o passado inútil, que entretanto ainda resiste e pesa. É um argumento positivo contra a velha concepção, tanto européia como nossa, talvez nossa por ser européia — de um povo norte-americano, infantil, sem problemas, dominado por um materialismo grosseiro, e incapaz de criar uma cultura de sentido humano. A semelhante generalização nem o espírito eminentemente crítico — em que vive suas atitudes — de um Keyserling, escapou, e que entretanto viu mais longe ao afirmar: "a possibilidade de uma cultura americana na direção geral que até hoje seguiu a vida estadunidense, desde que sejam ultrapassados os erros e defeitos graves da sua atual civilização, como sejam: o neo moralismo, a delificação do "man in the street", etc.

Alguns dos erros apontados pelo ficcionista já desapareceram, outros vão sendo sobrepujados pouco a pouco, e uma nova cultura vai emergindo lentamente para a vida. E todos os escritores estudados por Almiro Rolmes são uma afirmação dessa cultura. Ele vai evitando os "best sellers" — literatura vazia de problemas — e aborda obras de homens como Eugene O'Neill, Thomas Wolfe, esse curioso Sherwood Anderson, Hemingway, todos — com exceção do último que afirmou de si próprio pensar em inglês e escrever em inglês — vozes essencialmente americanas. Por todos elas sente-se o cheiro da terra e o vozeario do povo norte americano, e cada um deles poderia dizer como o poeta Whitman: "Minha língua e cada molécula do meu sangue nasceram aqui desta terra e desses ventos". É um fato inegável que Steinbeck, dos Passos, Sinclair Lewis, Bromfield e outros, representam verdadeiramente a realidade americana e estão ligados intimamente a ela. O próprio Almiro Rolmes nos faz essa afirmação: "Realmente, de certo ponto de vista, o malogrado Frank Norris, Henry James, Theodore Dreiser, Scott Fitzgerald, John dos Passos e, talvez o próprio Hemingway, não foram, em última análise, senão etapas da evolução das letras norte-americanas. Partindo do convencionalismo vitoriano, elas alcançaram um esplêndido período de vida original com Walt Whitman, mas somente após o grande desastre financeiro-social, é que, refletindo o sentimento coletivo retemperado pela desventura, começaram a viver por si próprias".

Desse modo, a geração intelectual que atualmente se afirma nos Estados Unidos, difere totalmente da geração

LIVROS PORTUGUESES

Acabam de chegar várias remessas a

LIVROS DE PORTUGAL, LTDA.

Rua do Ouvidor, 105 — Rio de Janeiro

Clássicos — Literatura — Artes — Medicina — Direito
— Filologia — Ciências — História

Obras de:

GIL VICENTE — LUIS DE CAMÕES — FRANCISCO RODRIGUES LOBO — FRANCISCO MANUEL DE MELO — BERNARDIM RIBEIRO — FERNAO LOPES — CASTANHEDA — ANTONIO VIEIRA — JOAO DE DEUS — BOCAGE — CONDE DE MONSARAZ — LEITE DE VASCONCELOS — CAROLINA MICHAELLIS — HERNANI CIDADE — TRINDADE COELHO — JOSE JOAQUIM NUNES — REBELO GONÇALVES — OLIVEIRA MARTINS — ANTONIO SERGIO — AUBREY BELL — LUCIO DE AZEVEDO, ETC. ETC.

Remessas para todo o Brasil, pelo Serviço de
Reembolso Postal.

LIVROS DE PORTUGAL, LTDA.

Ouvidor, 106 — Rio de Janeiro

Enviam-se catálogos gratis

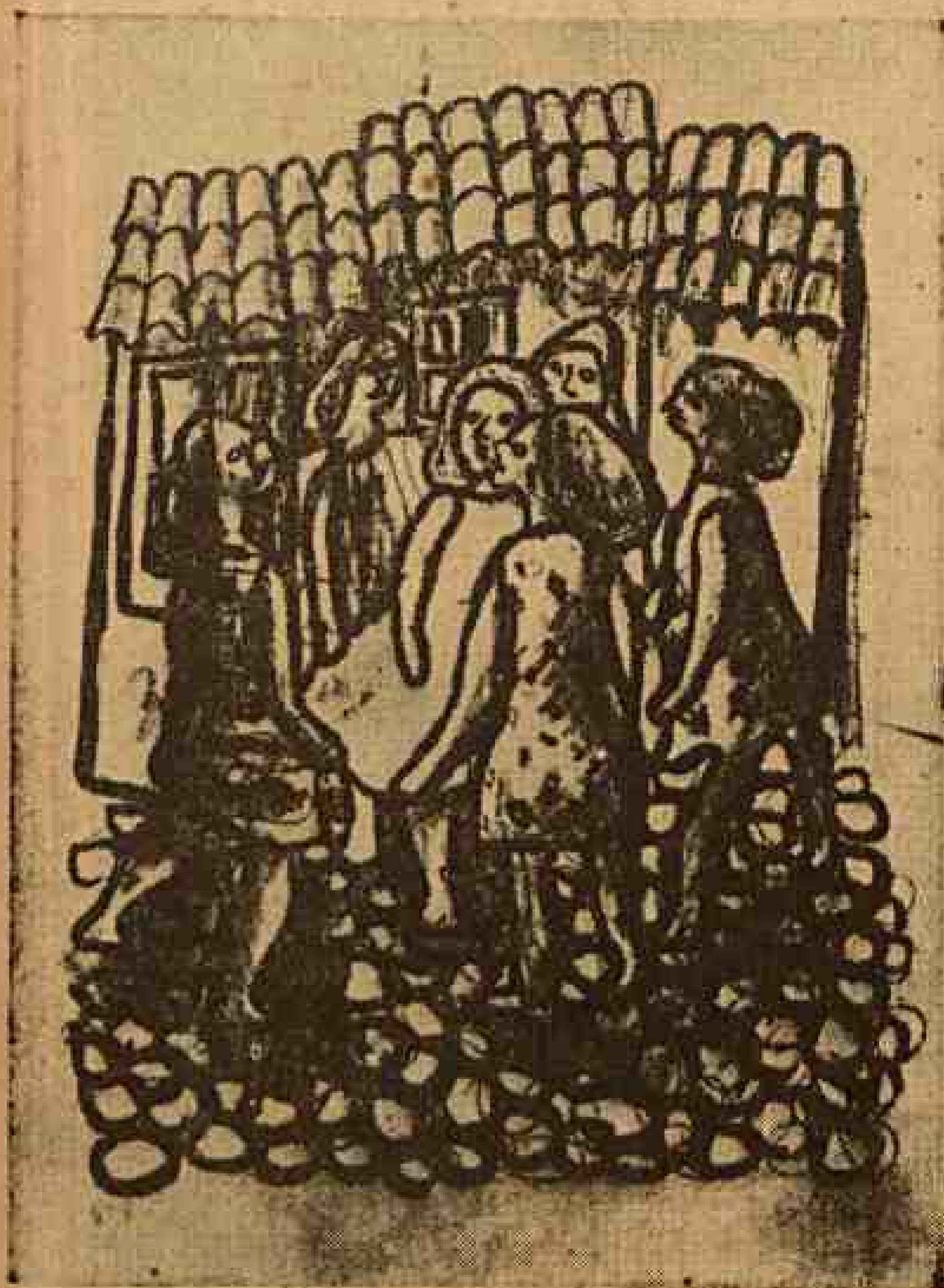
do século XIX, que estava profundamente dissociada do povo e de seus problemas, e que foram quasi todos uns incompreendidos como Poe, que se fez celebre no exterior e nunca na sua própria pátria. É uma geração liberta do artificialismo europeu, que procura nos oferecer uma literatura humana e ligada a sorte dolorosa do povo. Criou-se desse modo um novo

humanismo, em que os homens têm alguma coisa nova para contar, uma nova mensagem humana a revelar. E escutando-a diremos pela voz de Whitman: "Estou aqui observando e... espero!".

ESCRITORES NORTE-AMERICANOS E OUTROS, de A. Rolmes Barbosa — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1942.

LEIAMOS PARA SER MELHORES — "Todos os nossos grandes homens manifestaram cultores e propagandistas do livro. "Venceremos o deserto, a barbarie, a natureza primitiva e hostil com a arma da ilustração popular", disseram Rivadavia, Alberdi, Sarmiento. E San Martín, sob todos os céus onde fulgiu sua espada, dava bibliotecas aos povos que libertava. "Leiamos para ser melhores", aconselhava Avellaneda, talvez porque, como um grande poeta de Flandres, pensava que nos protegemos contra nossos instintos inferiores ganhado em saber. E Mitre, com sua visão que penetrava os homens e os tempos, afirmou: "Educar o povo é condição de vida, de ordem, de progresso, porque se a inteligência não imprime sua marca sobre as nações, o povo ignorante, em posse de sua soberania fará os governos à sua imagem e semelhança, e o nível político baixará tanto como o nível intelectual".

R O N D A



Ronda Noturna

Sellas

Ya vendrá la Estrella! Ya vendrá la Estrella!

Por el cielo anduvo con su pie de plata
recogiendo voces y canciones nuevas
— alba, sol y cielo para los gorgontas —.

Qué dice la Estrella que de lejos llega
con su pie desnudo sangrando horizontes,
rojas alboradas, cielos nacarados,
mañonitos rubias e inquietantes noches?

Por el cielo anduve con mi pie de plata
y era en primavera cuando hablé a mi madre;
mi madre — la luna — porfió mi destino
pero al alba dijo todos mis afanes.
Y llegaron nubes a tenderme alfombras
y túnica de oro para resguardarme
de los mil diabluras que perpetra el viento
con la torpe espuela de sus ademanes.
Camino del alba recogí canciones
de pájaros ciegos, que entre lluvias álcres
bailan con los gnomos de cinturas frágiles.

Baile que te baile
mientras la estrellita
cuenta sus afanes!

Llegué hasta los límites donde el horizonte
con el mar y el cielo, desceñido y grave,
pesca los adioses de los despedidos
y enloquece el rumbo de los capitanes.
La lluvia me dijo sus secretos, todos
con un ritmo alegre que coreaban ángeles;
y aprendí las voces de las brisas picaras
que entre cascabeles propician sus bailes.
Y heme aquí entre Vds. con mi ronda nueva,
la que al alba onduvo cabalgando el aire,
la que entre mis brillos, fresca y brincadora,
traigo para el juego que empiezo esta tarde.

Baile que te baile
mientras la estrellita
cuenta sus afanes!

La niña más buena vestirá mi túnica;
dirá mis palabras y en todas las calles
que haya ronda y niños ceñirá la gema
de las cinco puntas que mis torres hacen.

A la ronda, ronda!... Quién saldrá esta tarde?
Dígalo la Estrella con su voz que suena
como gota de agua sobre los cristales
cuando acuna el día sol de primavera.

Dígalo la Estrella! Dígalo la Estrella!

El gnomo barbudo que inventa los cuentos
dice que esta tarde sale bien dispuesta
añña la obediente que no fué de enredos.

Baile que te baile... Ronda que te ronda!
yo soy la obediente que no fué de enredos;
hice los mandados, copié los deberes;
barri todo el patio, puse leña al fuego;
no gané repriendas, no anduve descalza;
encendí la pipa del querido abuelo;
a papá le dije todas mis lecciones,
guardé sus anteojos, seguí sus consejos;
ayudé a mamita cuando fué al mercado;
cuidé las gallinas, planché los pañuelos;
hice los vestidos de mi muñequita
y limpié la jaula del canario ciego.

Tuya es esta túnica y las cinco torres!

Ronda que te ronda!... Baile que te baile!
yo tiene madrina lironda la ronda
y entre ronda y niños puede andar las calles;
puede andar las calles sin temerle al viento
y a la torpe espuela de sus ademanes.

La Estrella y la ronda y la túnica de oro
con la niña buena, baile que te baile!

José Portoacalo
(argentino)

Madame DU BARRY

A
mulher que
teve toda
uma Corte aos pés!



De Mme. Du Barry poderá dizer-se que teve um destino caprichoso. Todas as fases da sua vida foram vertiginosas. Sua ascensão, bem como a sua queda, constituíram alguma coisa de imprevisto. De simples modista passou, quase sem transição, a ostentar um título de nobreza. Foi Condessa quando menos esperava e de Condessa a favorita do Rei de França foi outro salto imprevisto. Venha espontaneamente, por força da sua personalidade singular e da sua beleza estonteante. Veio a Revolução Francesa e, com ela, por uma coe-

rência do Destino, um imprevisto mais: a morte de Madame Du Barry deveria ser vertiginosa como a sua própria vida triunfal. Foi uma dissoluta ou não passou de um produto do meio onde viveu e se agitou? Só o leitor poderá responder, após a leitura das páginas vibrantes e quentes que Paul Reboux escreveu e Clóvis Ramalheira traduziu. "A Vida Amorosa de Mme. Du Barry" é o 3.º volume da coleção "Os Grandes Amadores da Humanidade".

OS GRANDES AMOROSOS DA HUMANIDADE

A VIDA AMOROSA DE LADY HAMILTON, por ALBERT FLAMENT	
Nas Livrs. Cr\$ 10,00	Pelo Reembolso, Cr\$ 11,00
A VIDA AMOROSA DE NAPOLEÃO, por EMILE GIRARDIN	
Nas Livrs. Cr\$ 12,00	Pelo Reembolso, Cr\$ 13,00
A VIDA AMOROSA DE MME. DU BARRY, por PAUL REBOUX	
Nas Livrs. Cr\$ 10,00	Pelo Reembolso, Cr\$ 11,00
A VIDA AMOROSA DE BALZAC, por J. H. ROSNY-AINE	
Nas Livrs. Cr\$ 10,00	Pelo Reembolso, Cr\$ 11,00

EDITORIAL CALVINO LIMITADA — Caixa Postal, 1889 — Rio de Janeiro

Uma Garota Fala dos Grandes

Diz-nos a mãe de Clara Ramos, autora deste artigo escrito especialmente para LEITURA: — "Esta menina impossível escreveu um artigo tão 'pedante' só porque vocês disseram que ia ser publicado". Não estamos de acordo. Clara Ramos — Clarita — propôs que "filho de gato é gatinho", que sabe escrever certo, os pronomes devidamente colocados, as vírgulas e os pontos nos lugares precisos. Não iria fazer um artigo, que lhe fora solenemente encomendado, com a mesma despreocupação com que escreve os seus trabalhos escolares. Não é isto, Clarita?

Quem quiser uma opinião sensata sobre a morte, leia este trabalho de uma garota de onze anos. Ela é quem está certa.

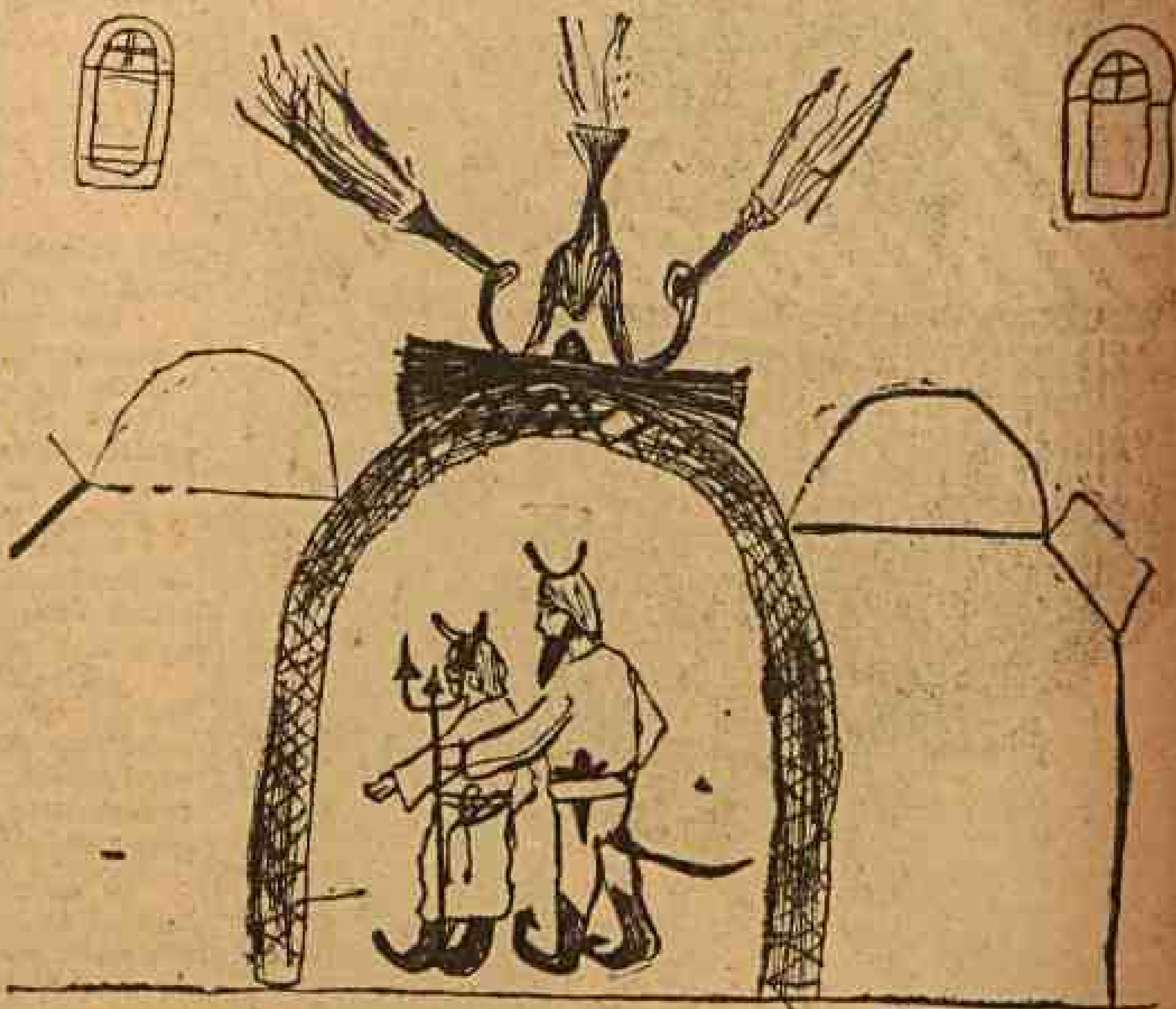
NASCI a 9 de novembro de 1932. Com sete anos de idade entrei para a escola. Um dos meus passatempos favoritos são os livros e desde que tive ocasião de os ler acostumei-me a admirar Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, etc...

Mesmo antes de aprender a ler, gostava de ouvir mamãe ler as poesias de Manuel Bandeira, naquele tempo eu não podia compreender como Bandeira era mais infeliz do que a Andorinha e achava-o muito desgraçado. Agora, já com onze anos eu compreendo muito bem os poemas de Bandeira e já sei de cor Desencanto, Andorinha, Tereza, Irene e outros.

Uma das poesias que mais gosto de todos os livros de Manuel Bandeira é O Solau do Desamado, e eu inventei uma música para ela.

Várias vezes tentei ler as poesias de Adalgisa Nery, mas ela só fala em morte e eu não gosto muito de poesias tristes, entretanto Manuel Bandeira quasi nunca fala nisso; Irene que morre e vai para o céu, não é triste e a gente fica até com vontade de morrer.

Um dos livros de Monteiro Lobato que mais me interessou foi Reinoação de Narizinho, aliás gosto de todos os livros da autoria do mesmo. De todos os personagens de que mais gos-



O "Diabo e sua Senhora" — de Eli, 9 anos — Pedra Branca, Sul de Minas — inspirado de um conto de Ana Osorio.

tei foi de uma bonequinha viva, loquaz, filosófica e asneirenta chamada Emilia. Eu achei muito interessante as aventuras dos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo.

O Saci é outro livro de Monteiro Lobato de que gostei muito, como também gostei de Viagem ao Céu, Memórias de Emilia, Peter Pan, As Caçadas de Pedrinho, O Picapau Amarelo, etc...

Já li quasi todos os livros de Lobato. Para eu completar sua biblioteca falta ler A Chave do Tamanho e O Minotauro.

Outro livro que admirei muito foi

Contos Fantásticos. Não há dúvida que Edgar Poe seja um grande escritor. Em todo o livro, há uma contos de que gostei mais, como: Duplo Assassínio da rua Morgue, A Carta Roupada e O Sistema do dr. Breu. Gosto assim de Poe porque ele não escreve confuso, e eu achei muita facilidade em lê-lo. Quanto a maneira de escrever do autor, acho que muita gente pensa como eu. Não sei elogiar ninguém, mas Poe merece todo o meu elogio.

Luiz Jardim escreveu um livro que é um verdadeiro sucesso: O Boi Arua. Gostei muito de suas histórias e da contadeira também.

Outra história de Luiz Jardim de que gostei muito foi O Tatú e o Macaco. O livro é engraçadíssimo e também gostei muito das suas ilustrações.

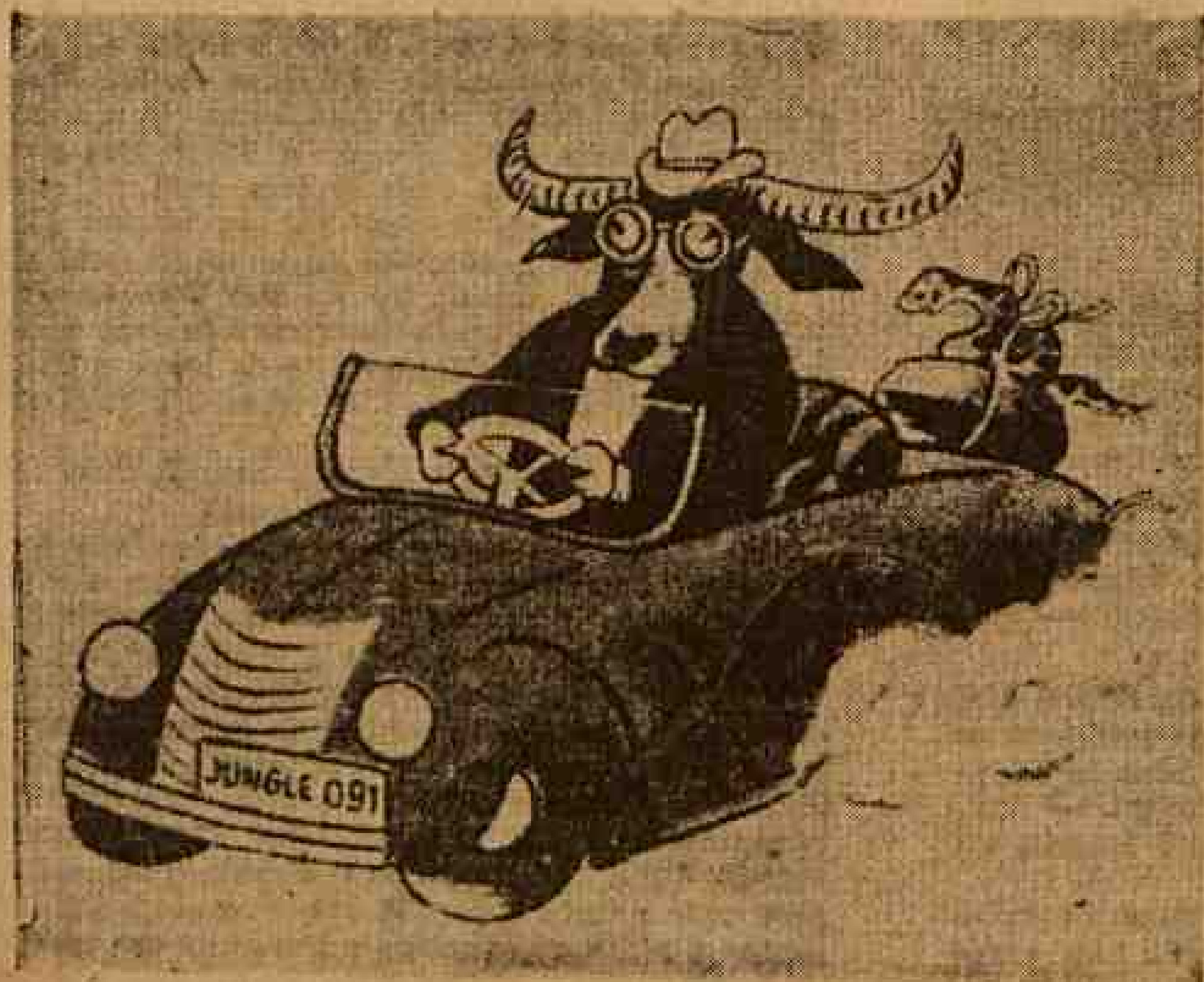
Vidas Secas é a história de um sertanejo, escrita por Graciliano Ramos. De todo livro, o conto de que gostei mais foi O Menino mais Novo, embora também tenha gostado de Baleia e outros.

A Terra dos Meninos Pelados é outro livro de Graciliano Ramos de que eu gostei muito. Achei muito boa a história do menino que tinha o olho direito preto, o esquerdo azul, a cabeça pelada e do gato Tatipirum.

Eu gostaria que Graciliano Ramos escrevesse a volta do menino e do gato à terra dos meninos pelados, se o autor não quiser escrever eu desejo, quando crescer acabar o livro.

Lí a poucos dias um livro que achei ótimo, foi Contos de Shakespeare. Gostei muito de todo o livro, principalmente do primeiro conto, a história de Próspero e um temporal.

E agora eu só espero que Monteiro Lobato, Manuel Bandeira, Luiz Jardim e outros grandes escritores continuem a escrever coisas tão boas como até então escreveram.

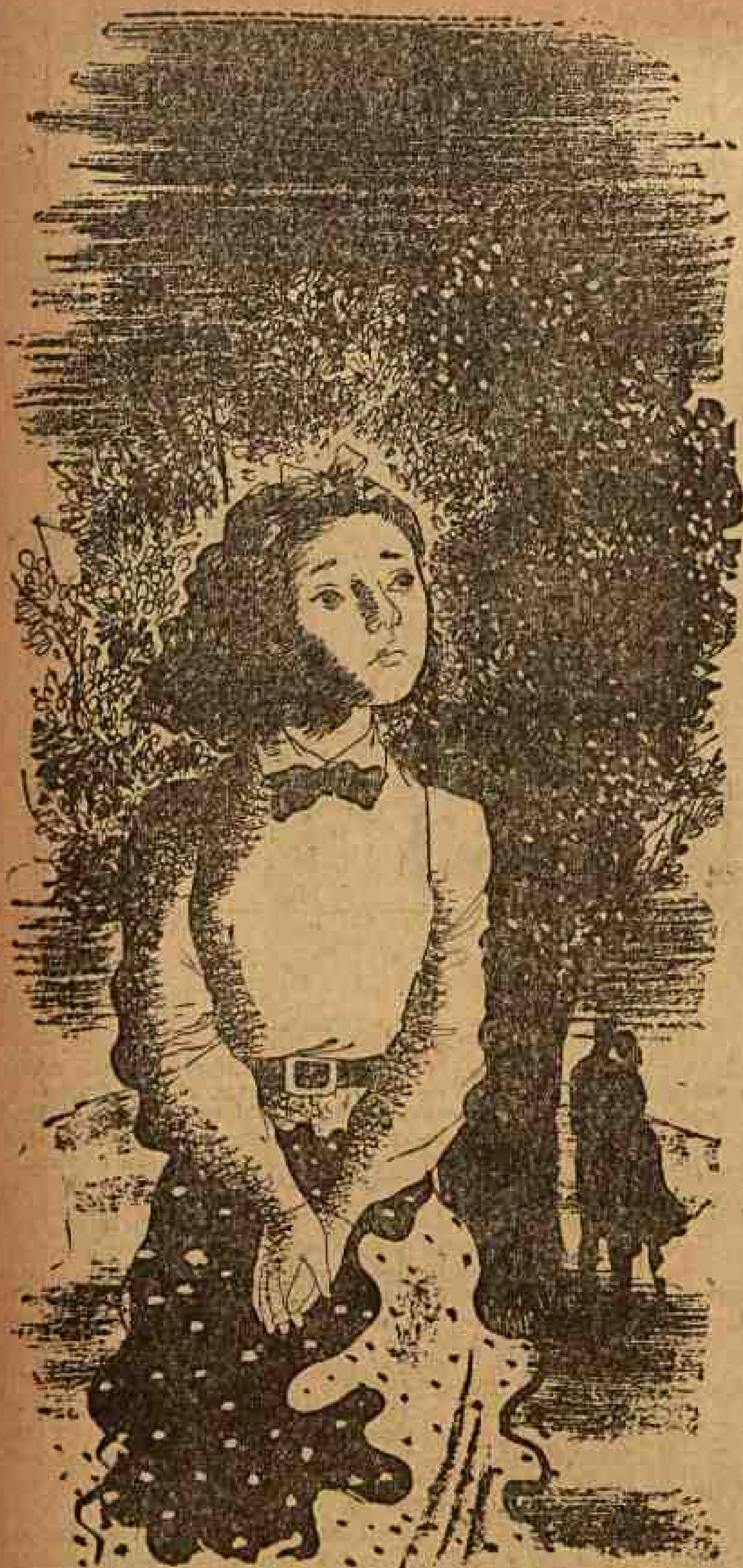


ADOLESCÊNCIA

LEDA MARIA DI

Ilustração de

Copyright



O SOL, entrando largamente pela janela aberta, iluminava as duas camas iguais, separadas pela mesa pequena, o armário e o penteadeira, carregada de figuras de louça, frascos de perfume, fitas e potes de pó de arroz. Zica, de bruços na cama, um pé levantado agitando-se no ar, estudava. Luciana arrumava o quarto devagar.

De repente, Zica virou-se na cama, deitou a cabeça sobre o livro e perguntou: — Você me empresta sua echarpe cor de rosa? Luciana abanou a cabeça: — Não empresto nada.

Os olhos no teto, Zica parecia contar os táboas. Mas vigiou o rosto da irmã: — Você ontem não teve aula de geografia. Como é que chegou em casa à hora do costume? Luciana ficou vermelha. Zica continuou: — Fernando chegou dois minutos depois de você. Mamão vai gostar muito de saber disso.

Luciana continuou a arrumação. Apesar de tudo, admirava a irmã, aquele seu jeito de conseguir tudo quanto queria. Não era atoa que ela era a primeira da turma.

Zica parecia bastar-se a si mesma. As vezes Luciana fica pensando se a irmã é feliz assim.

Está agora arrumando o penteadeira e cisma porque é que ela não para arrumada. Outra vez pô de arroz derramado. Zica não tem cuidado nenhum. Ela devia comprar um pó mais claro. Este assim suja muito a gola dos vestidos. Gola da vestido-echarpe. Luciana volta a pensar no pedido da irmã. Será que ela conta mesmo à Mamão? Se conta! O melhor é emprestar.

Voltou-se da porta; o espanador em baixo do braço: — Você pode usar a echarpe. Mas não vá deixar cair ácidos nela, como fez com a blusa azul. Zica, absorta na leitura, apenas abanou o cabeça.

Luciana desce a escada. Que graça achará Zica na História Natural? Ela mesma só consegue estudar o bastante para passar. Mas Zica, não. Sabe o nome de qualquer ossinho, de animalzinho mais insignificante. Como é que se pode perder tempo com coisas assim quando há outras melhores, tão melhores, na vida?

O colégio despeja na calçada bandos de meninas. Luciana sai por último, para evitar que as outras a sigam. Há muito tempo que o irmão já seguiu, os livros em baixo do braço, com seu passinho meudo, apressado, decidido.

Luciana penetra no parque deserto. Aspira o ar puro da tarde. Chovera e o chão estava húmido, sob as árvores.

Fernando esperava, sentado no banco de sempre. Luciana podia ver-lhe o perfil marcado, o queixo enérgico.

Eis já a vira. Levantou-se e veio de mãos estendidas. Sentaram-se e ela encostou a cabeça no ombro dele. Sentiu no rosto a carícia da casemira macia e quente. Um merreco saiu do repuxo, num passo balanceado, e ficou olhando para eles, com seus olhos redondos e cômicos. Um bentevi gritou na árvore sobre as suas cabeças. Devagar, para não incomodá-la, ele acendeu um cigarro. Luciana vê apenas a fumaça subindo e sente o movimento leve do braço que leva o cigarro à boca. Pelo cheiro do fumo percebe que Fernando não está mais fumando a mesma marca. Quer perguntar-lhe porque mudou, mas sente preguiça, muita preguiça. Tudo está tão bem assim, o merreco de olhos redondos, o bentevi cantando na árvore e até a folha seca que vem de leve cair-lhe sobre o vestido. Era bom ser moça e amar. A vida era boa...

Mas a hora encantada não durou muito. O merreco afastou-se, o bentevi voou para longe. O céu escurecia depressa. Luciana sabia que devia voltar para casa, mas deixava-se ficar. Não sabia quando teria de novo uma tarde assim, com aquela umidade que tornava tão agradável e quentinha a casemira do terno de Fernando.

Levantou-se, afinal: — Eu vou bem depressa pelo parque, você vai pelo rua devagar. Não faça como outro dia, quando foi me acompanhando de longe e chegou em casa logo depois de mim. Zica reparou e pode contar à Mamão.

E partiu correndo, o coração batendo forte como se carregasse toda a felicidade do mundo.

A' noite, toda a família se reuniu na sala de jantar. Tia Cota tricotava num canto. Do ponto da mesa Luciana ouvia o ruído das agulhas batendo uma na outra. Papai lia o jornal na cadeira de balanço e Mamão cozia junto da lareira.

Do corredor vem a voz de Zica, falando no telefone: — Não seja bobo. Hoje não posso conversar mais. Tenho prova parcial amanhã. Telefone outro dia. Luciana para de estudar e fica escutando. Com quem será que Zica está conversando? Carlos? Alberto? João? Parece incrível como Mamão deixa Zica namorar à vontade, enquanto que ela nem pode passar socegada com Fernando. Um dia perguntou a razão da diferença e a resposta que recebeu ainda hoje lhe dói: — "Porque sua irmã é uma menina equi-

CÊNCIA

LBUQUERQUE

PHY DEANE

LEITURA

librada, não é como você uma cabeça de vento, que nunca se sabe o que vai fazer".

Como Zica está despachando o coitado! Será que ela telefona outra vez? Telefona, sim. Os homens até parece que gostam de ser maltratados. No íntimo Luciana se revolta. Acha que eles deviam ter um pouco mais de brio. Um dia ela ainda vai gritar com o Fernando, bater o pé, impor-lhe sua vontade. Quantas vezes já não faz este projeto! E depois, quando olha bem de frente os olhos dele, perde a coragem.

Zica volta e se instala no outro ponto da mesa, numa confusão de livros e cadernos. Só então Luciana se lembra de que está ali para estudar. Recomeça: "Já os alboroses brancos dos árabes flutuavam além dos Pirinéus quando Carlos Martel os esmagou em Poitiers" (Meu Deus, para que estes povos brigavam tanto? Como pode um cristão guardar o nome de todas estas batalhas?). Neste ponto sentiu a tossezinha vir subindo, manhosa, pela garganta, quis retê-la e não pôde. A Mamão sobressaltou-se: — Menina, onde é que você apanhou esta tosse? Não vá ficar gripada outra vez. Luciana sente sobre ela os olhos irônicos da irmã e lembra-se da umidade sob as árvores do parque. A mãe continua: — Amanhã, antes da aula, passe pelo consultório do dr. Penteado.

Luciana concorda, submissa: — Sim, senhora. As agulhas da tia Cota batem mais depressa.

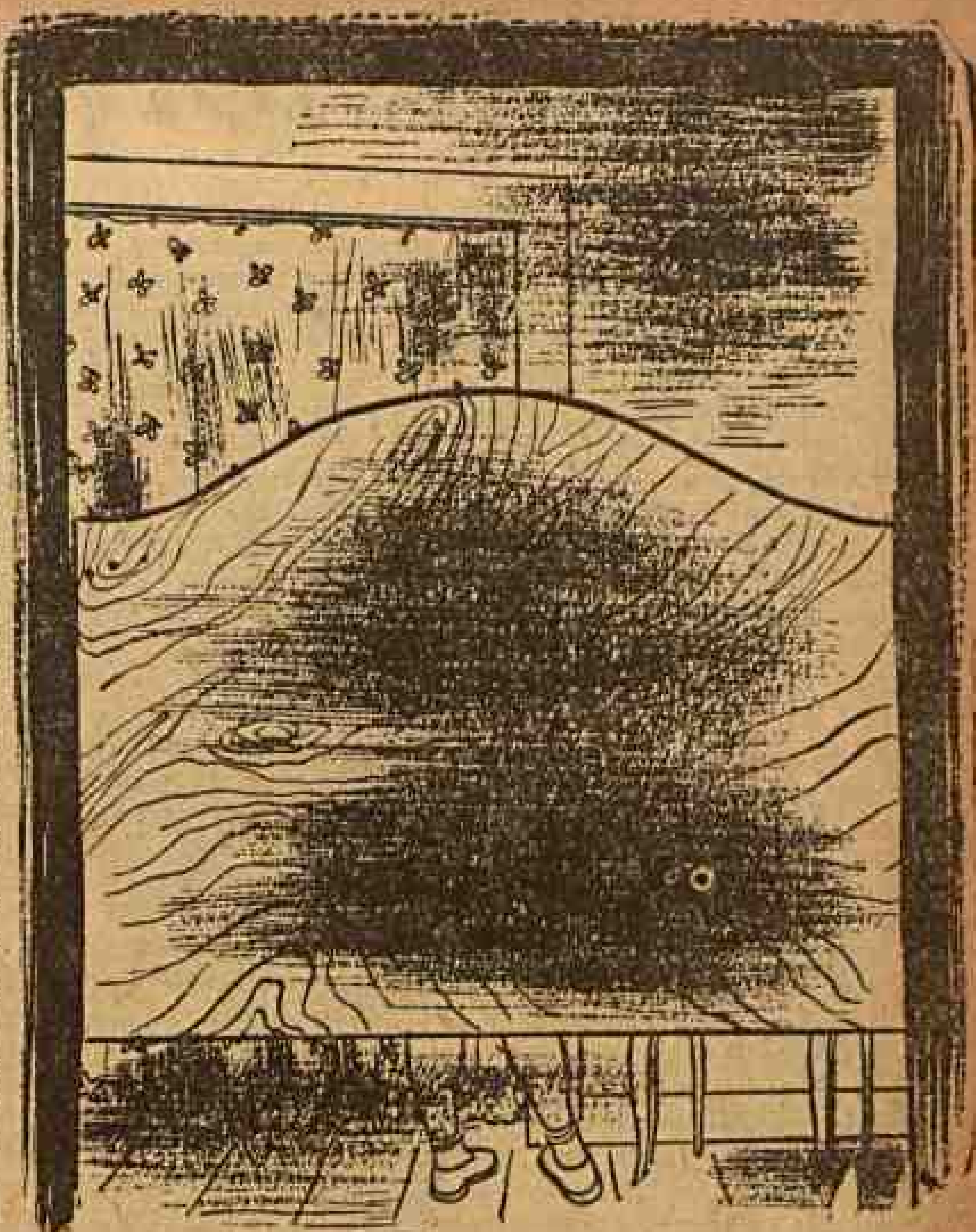
Uma mariposa entrou pela janela, voou em torno da lâmpada. O jornal que o pai lê projeta uma sombra enigmática na parede. A lua sobe no céu.

Luciana desce a rua, alegre e saltitante, como um passarinho. Viu a janela de Fernando aberta e ele estudando no quarto. Deu-lhe um adeus disfarçado. Está orgulhosa de ver como ele se esforça, porque precisa vencer no vestibular. Não pode perder tempo, eles precisam casar-se. A menina se enche de infinita indulgência por todos aqueles que não amam. Por tia Cota, sempre curvada sobre o tricô e de quem nunca ninguém gostou. Nem sente mais raiva de Zica, que saiu triunfante com a echarpe cor de rosa e o último sweater que a tia fez. Deseja até que a irmã encontre alguém que goste dela, não um desses bobos de quem ela faz o que quer, mas alguém que quebre aquilo que o pai chama, entre alegre e brincalhão o seu "self-control" e que o faça feliz.

Na esquina apareceu a Glorinha, crônica viva do bairro, e começou a desfiar uma de suas eternas histórias. Luciana vai ouvindo e observando a outra, para ter certeza de que o seu romance ainda é ignorado. Depois se apressa pela rua ensolarada, feliz, feliz.

Só quando a professora de francês (Bonjours, mes enfants) entrou, gorda e lusidiosa, é que se lembrou do Dr. Penteado. Assim que a aula termina, corre para pedir meia hora de licença à inspetora severa, de olhos de peixe, depois sai quase a correr. Precisa voltar dentro do prazo marcado, do contrário a bruxa velha anota no caderneta.

O consultório do Dr. Penteado é duas quadras adiante. Ela sobe os degraus dois a dois. Depois empurrou a porta envidraçada e entrou. Ia puxar a cortina quando um riso familiar, o riso agudo da tia Cota, lhe feriu os ouvidos. Tia Cota é inflexível em questões de disciplina. Vai contar à Mamão, vamos ter complicações. Luciana fica imóvel, fazendo uma oração forte para a tia sair pela outra porta. Faz-se silêncio, um silêncio tão longo que ela arrisca um olhar tímido pela borda da cortina. E fica petrificada de horror. O Dr. Penteado está com o braço passado em torno da cintura da tia Cota. A outra mão, gorda e balofo, descansava sobre a mesa, perto de uma cabeça de coqueiro, de metal, com olhos de pedras vermelhas. E



diz com uma voz pastosa que Luciana não conhece: — "Minha gatinha, porque é que me fez esperar tanto?"

A menina estremece de vergonha e nojo. Não quer ver nem ouvir mais nada. Seu corpo pesa como se fosse de chumbo. A cortina sufoca-a. Desce depressa, mas na rua, sente de novo o corpo pesado e o rosto quente. Segue maquinalmente o caminho da escola. Seu mal-estar é tão evidente que a inspetora não ralha, como se a meia hora não estivesse há muito tempo esgotada. E ela pede: — Por favor, vá chamar minha irmã.

Depois, como num nevoeiro, vê Zica vir se aproximando e debruçar-se sobre ela. Abraça-a pelo pescoço e soluça, os soluços que desde a rua vem lutando para conter. E conta. Pela primeira vez vê nos olhos muito abertos da irmã uma revolta igual à sua. E quase perdoa à tia Cota a grande decepção, pela sensação nova de se sentir tão perto de Zica. E sempre abraçada à irmã, pouco a pouco deixa de chorar.

O Dr. Penteado está jantando em casa de Luciana e ela espreita-o com uma raiva surda. Mas tia Cota não tira os olhos do prato e o médico olha indiferente para Luciana, para Zica e para a Mamão. Nem parecem as mesmas pessoas que Luciana viu no consultório.

Tonta, a menina percebe que falam dela, que ralam porque não foi consultar-se. Zica a defende: — A' última hora tivemos que chegar mais cedo ao colégio. Houve uma comemoração. — Comemoração de que? pergunta o pai. — De Antônio José o Judeu. Ninguém ali, nem mesmo o Dr. Penteado, jamais ouviu falar em Antônio José. Ninguém duvida. Continuam tomando o sopa com um ar entendido e o médico diz com bonhomia. Não faz mal, ela vai amanhã.

Luciana deseja intensamente estar só com Zica, com Zica, que sabe e sente vergonha também. Mas não pode. E fica sentada na sala, pensando. Até que o pensamento horrível surge pela primeira vez: ela e Fernando também disfarçam assim, na frente dos outros. Então será tudo a mesma coisa? Ela e Fernando, Tia Cota e o Dr. Penteado, a negra Josefa e o soldado que ela namora toda noite no portão.

Afinal sobe para o quarto. Zica vem logo depois.

Um Dicionário Gratis

ÉIS uma grande notícia que hoje damos aos nossos leitores, aos quais vamos oferecer, em oitavos anexos à revista, um dicionário da língua cujas primícias de publicação acabamos de contratar com o autor, o conhecido escritor, jornalista e filólogo Brito Mendes.

Trata-se de uma obra elaborada sob um plano especial e cujo intuito é auxiliar a aprendizagem do idioma aos estudantes que quiseram cultivá-lo, ministrando-lhes conhecimentos que só se adquirem depois de largos anos de convivio com os clássicos e com os grandes escritores da língua.

"Dos dicionários publicados — diz o autor no prefácio da obra — cremos que não há outro cujo plano se pareça com o nosso, e não ser, a certos respeito, o Aulete; mas este trata indistintamente da acepção e emprego das palavras portuguesas em geral e nós apenas do que concerne às dificuldades do idioma e especialmente áquelas que se nos deparam no Brasil e tanto prejudicam o seu ensino e perfeito conhecimento. É nesta particular que o nosso trabalho se diferencia das similares, aos quais se avanteja porque, além de ter sido feito no Brasil e para o Brasil, analisa, explica, exemplifica, em seus respectivos lugares, o emprego de palavras e formas que por aí correm erradas e bem assim as questões sintáticas que tanto embaraçam os estudiosos da língua.

Desta modo, a obra comporta abundante matéria nova que, para ser incluída no volume sem o aumentar, nos obrigou a eliminar muitas palavras, especialmente participios e substantivos de raro emprego, cuja ausência, aliás, não faz falta alguma. O objetivo do presente dicionário não é acumular palavras, mas reunir as que precisarem de mais alguma coisa do que uma simples definição. Note-se, entretanto, que foram conservadas todas as palavras de uso corrente. A economia de espaço não nos podia levar ao extremo de excluí-las, e

tanto assim que, apesar do critério adotado, ainda lhe acrescentamos muitos termos novos indispensáveis.

De acordo com o plano traçado, o nosso trabalho aborda o estudo das matérias que em seguida se enumeram, divididas por categorias de palavras:

VERBOS — O emprego dos verbos transitivos não apresenta dificuldade alguma e não se trata de troca frequente do pronome o por lhe e vice-versa. Este caso acha-se convenientemente explicado; não obstante, para melhor entendimento da matéria, todas as vezes que temos de dar exemplos, procuramos formá-los com os referidos pronomes. Aos verbos reflexivos que se formam dos transitivos juntamos, sempre a preposição, ou preposições que eles regem.

Os verbos intransitivos relativos e os transitivos que também se empregam como intransitivos é que apresentam maiores dificuldades em vista das diferentes regências de cada um. Por isto, para mostrar o seu emprego, juntamos-lhes frases dos melhores autores com as preposições que a cada um de tais verbos competem. Muitos deles são ainda anotados com observações sobre outras particularidades.

Os verbos irregulares vão todas conjugados em seus lugares no corpo do dicionário, de conformidade com a nova ortografia e com a precisa e rigorosa acentuação. Os verbos cujas irregularidades são apenas gráficas, isto é, os que terminam em *car, çar, cer, gar, ger, gir, guar, quir, qüir, quor, quir e uir*, devem ser procurados por estas terminações, sob as quais se explicam as diferenças a que na escrita está sujeita a conjugação de cada um deles.

PRONOMES — Além dos pronomes *lhe e o*, o que acima nos referimos, tratamos ainda de outras questões, tais como a sintaxe dos pronomes enclíticos, que é a mais importante, o emprego pleonástico dos mesmos e suas variações, etc.

SUBSTANTIVOS — Com esta categoria de palavras nos detivemos muito.

São palavras de fácil emprego, das quais nos limitamos a registrar as formas flexionais menos vulgares e algumas acepções novas que tenham tomado no Brasil.

ADJETIVOS — Os adjetivos deram-nos mais algum trabalho do que os substantivos. Tivemos de anotar, explicar e exemplificar o emprego de muitas delas, indicar a preposição ou preposições, que alguns exigem quando o seu sentido é restrito, assinalar-lhes as flexões, quando menos comuns, etc.

PALAVRAS INVARIÁVEIS — As preposições, os advérbios, as conjunções, etc., mereceram-nos atenção especial. Além de tratarmos da influência que algumas exercem sobre o emprego dos pronomes na oração, mostramos as particularidades inerentes ao uso de muitas e o modo de empregar com propriedade algumas que nos pareceram de compreensão menos acessível.

Éis aí um resumo do nosso plano com relação às diversas categorias de palavras. Com respeito a outras questões da língua tratamos, entre outras, da crase, do emprego do artigo com o possessivo, do infinito pessoal, do participio, do modo de acentuar as palavras, da ortóepia, da divisão das palavras, etc., o que tudo se encontra nos lugares competentes.

Em suma, os exemplos, notas e observações que aqui aduzimos, abrangem milhares de palavras com as quais os estudiosos poderão de hoje em diante travar mais íntimo conhecimento".

O dicionário do sr. Brito Mendes, autor de várias obras filológicas que alcançaram pleno êxito, é, assim, um trabalho de alto valor e utilidade para aqueles que desejarem manejar a língua com a correção necessária e sem as vacilações que tantas vezes experimentam. Tal é o valioso presente que **LEITURA** vai oferecer aos seus numerosos leitores.

Luciana se deita, sentindo a frescura do lençol em volta do corpo. Vê a irmã apagar a luz e ficar em pé diante da janela, o vulto branco recortando-se no céu.

Fecha os olhos. Sente Zica deitar-se e ficar imóvel, pensando. Uma angústia exquisita cresce dentro dela, obrigando-a a abrir os olhos outra vez. O luar corta em dois o assombro encerrado.

Luciana chama: — Zica! A irmã ergue o corpo, apoiada no cotovelo; Luciana pergunta: — Você acha que tia Cota, vendo o luar, fica pensando no Dr. Penteado? A resposta demorou um pouco a chegar: — Não sei. Deve pensar.

Zica estirou-se de novo, pronta pr'a dormir. Luciana virou-se na cama, inquieta. Afinal, não resistiu e perguntou: — Então ela gosta dele assim como eu gosto do Fernando? Da outra cama a voz de Zica veio arrastada, hesitante: — Não deve haver muita diferença. No fim, tudo vem a dar no mesmo.

Os pensamentos misturavam-se na cabeça de Zica. Tia Cota e o Dr. Penteado, no consultório, abraçando-se junto daquela horrível cabeça de caveiro; ela e Fernando

no parque deserto. Seria tudo o mesmo, tudo igual? Alguma coisa não estava certo. E o lugar, tão bonito aquela noite! Desperdício, porque ela não podia pensar em Fernando, não podia. Para que fora entrar sem bater? Agora, nunca mais seria o mesmo. Lembrar-se-ia sempre do Dr. Penteado e de tia Cota. Porque é que aconteciam coisas assim?

Lágrimas quentes, lágrimas de desgosto ante a feiura da vida começam a correr-lhe pelas faces. Chama baixinho: — Zica! E não tem resposta. Volta-se. A irmã dorme calma, a cabeça apoiada no braço dobrado. Como é que Zica não se importa? Como é que pode ser assim, tão indifferente?

Cansada de pensar, Luciana voltou-se para a parede e pouco depois dormia também. A lua subia no céu. O luar dividia agora a parede. A penteadeira desarrumada aparecia em plena luz, ladeada pelos fotografios de artistas de cinema, sorrindo um sorriso parado, vazio.

Zica moveu um braço, Luciana suspirou. Depois, uma nuvem cobriu a lua e tudo se diluiu na grande calma da noite.

UM PRESENTE DE NATAL UTIL E AGRADAVEL



OS MAIORES LIVROS DE 1943!

O PODER SOVIETICO, pelo Deão de Canterbury — "Foi o primeiro livro honesto e imparcial que li sobre a Rússia". "Li este livro comovidamente" — afirmou Monteiro Lobato.
Nas Livrs., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, 26,00

MISSÃO EM MOSCOU, por Joseph E. Davies — "É um honesto e corajoso livro, o qual lança muitas luzes em ocorrências da diplomacia, que eram até então obscuras e por isso mesmo misteriosas. Ademais, revela-nos uma Rússia inteiramente diversa da que imaginávamos". PIERRE VAN PAASSEN.
Nas Livrs., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

A RESISTENCIA RUSSA, por Maurice Hindus — "Devido à história russa, à geografia russa, à natureza do povo russo — as duas forças mais importantes desta luta — Hitler não pode vencer a Rússia" — afirmou o próprio Hindus.
Nas Livrs., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, pelo Deão de Canterbury — "Este segundo livro do Deão de Canterbury parece-me ainda mais convincente, pela documentação, do que 'O Poder Soviético'". MAURÍCIO DE MEDEIROS.
Nas Livrs., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, por Anna Louise Strong — "Além de fazer muita luz sobre esses fatos que o mundo já discutiu, rejeitou, tornou a discutir para acabar compreendendo-os, a sra. Anna Louise Strong dá-nos um retrato fiel da alma russa, moldada segundo a filosofia de Lenine e tornada empreendedora sob a organização criada pelo gênio político de Stalin". CAIO DE FREITAS.
Nas Livrs., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

STALIN, por Emil Ludwig — Toda a tragédia do povo russo retratada através das múltiplas facetas desse frio georgiano, desde o regime do comunismo de guerra dos primeiros tempos, até às vitórias espetaculares dos dias correntes.
Nas Livrs., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

Editorial Calvino Limitada

Caixa Postal, 1889

Rio de Janeiro

NOVIDADES

A GAROTA DE LAMBERTH

romance — W. Somerset Maugham — Trad. de Edison Carneiro Cr\$ 12,00

A FAZENDA

romance — Louis Bromfield — Trad. de Marina Guaspari . . Cr\$ 18,00

ABANDONADOS

romance filmado — Nevil Schute — Trad. de Cruz Cordeiro Cr\$ 15,00

O CISNE NEGRO

romance filmado — Rafael Sabatini — Trad. de Enéas Marzano — 2.^a edição Cr\$ 8,00

COLEÇÃO "OS AUDAZES"

FRANKENSTEIN, O CRIADOR E O MONSTRO

romance filmado — Mary Shelly Cr\$ 10,00

AMOR, SUPREMO AMOR...

Coletânea das mais belas produções do excelso lirico Heinrich HEINE — Trad. de Edison Carneiro Cr\$ 10,00

A PAZ PERPÉTUA

Ensaio — Kant — Preliminar de Edouard Herriot — Trad. de Galvão de Queiroz — Col. "Os Grandes Pensadores" Cr\$ 3,00

A TIRANIA

Tratado — Vittorio Alfieri — Tradução de P. da Fonseca — Col. "Os Grandes Pensadores" . . . Cr\$ 3,00

CAIRÚ — Precursor da Economia Moderna

Biografia — José Soares Dutra . . Cr\$ 8,00

AS MÚLTIPLAS VIDAS DO CONDE DE CAGLIOSTRO

Biografia — Constantin Photiadès — Trad. de Roberto Pessoa . . Cr\$ 20,00

A BASE BIOLÓGICA DA DA NATUREZA HUMANA

Obra fundamental, profusamente ilustrada, do célebre cientista americano Jennings — Trad. do Dr. Fabio Leite Lobo Cr\$ 40,00

NAS LIVRARIAS

Pelo reembolso postal

CASA EDITORA VECCHI LTDA.

RUA DO REZENDE, 144

RIO DE JANEIRO

Os grandes homens de calças curtas

I — FRANKLIN DELANO ROOSEVELT



Roosevelt, quando criança

NO DIA 30 de janeiro de 1882, no meio dos bosques verdejantes à margem do rio Hudson, onde se ergue a mansão de Hyde Park, nasce o único filho de Sara Delano e James Roosevelt.

— Era gordinho, rosado e agradável de ver — recordava Mrs. James Roosevelt há dois anos passados.

Teve Franklin uma infância sadia, sem sequer conhecer as doenças mais comuns às crianças, levando, até a idade de catorze anos, quando entrou no colégio de Groton, uma vida tranquila e quase de isolamento.

Seu pai, de quem Karl Schifftgiesser diz que parecia, com as espessas costeletas, um personagem de Dickens ou talvez de Thackeray, era um companheiro jovial e compreensivo, que se abstinha de influir sobre os gostos e inclinações do menino. Não obstante, andava este, até pelos cinco anos, tão melancólico, que despertou a atenção de sua mãe. Interpelado por ela sobre o motivo de uma precoce e injustificada desdita que ele próprio confessava, fez um rápido e curioso gesto que exprimia uma súplica e uma insinuação de impaciência; cruzou os dedos das mãos e exclamou:

— Oh, se eu tivesse liberdade!

Desde então foi considerado livre para fazer o que entendesse. Levantava-se às sete horas, recebia em casa as lições das nove às doze, saía depois a correr e brincar, depois do almoço estudava novamente e mais tarde outra vez se entregava às diversões que variavam conforme a estação e a idade, mas sempre relacionadas com a vida ao ar livre.

A primeira e grande paixão do pequeno Roosevelt foi pela navegação. Sabia montar bem a cavalo, fazia outros "sports", mas o seu interesse pelo mar e as grandes viagens era algo de mais profundo, em que a imaginação se expandia e os conhecimentos de geografia, adquiridos nos livros da biblioteca paterna, interviam alargando-a sempre mais.

De modo geral, o menino não deu nunca motivos de preocupação. Sara Delano contava como um dos incidentes mais graves da idade de calças curtas do seu Franklin o ocorrido a bordo do navio em que a família viajava para a Europa. Ao beber água, arrancou com os dentes um grande pedaço de vidro do copo. Reprendido, voltou à mesa, depois de livrar-se do perigo, e tentou repetir a façanha com um segundo copo.

— Franklin! onde está sua obediência? — falou, lhe energicamente a mãe.

— Minha obediência — diz-se que o menino afirmou solenemente — foi dar um passeio lá na coberta.

Além da navegação, foi a caça o mais querido passatempo do atual Presidente dos Estados Unidos. Caçava, porém, com um fim determinado e, por isso mesmo, com a preocupação de abater apenas um exemplar de cada

ave. Tinha decidido fazer uma coleção de pássaros da região, ele mesmo se incumbindo, durante certo tempo, do trabalho de empalhá-los. Coleccionou trezentas espécies, obra de perseverança que o avô, Warren Delano, premiou com um presente — o título de sócio remido do Museum of Natural History.

Sempre deu provas de ser um menino tão conciente de seus atos, que sua mãe disse jamais sentira preocupações ao ver que ele enfrentava sozinho certas empresas arriscadas. "Nem por um momento podia eu supor que empreendesse nada que não fosse capaz de levar a bom termo. Sofreu contratempos como aconteceu a todos os garotos de sua idade; mas os erros de raciocínio nunca figuraram entre as causas de tais dissabores".

Ao completar 11 anos, eis Franklin Delano Roosevelt no colégio de Groton. Ai cantou como tenor no coro do colégio, iniciou-se nos vários esportes em que se destacaria depois. "Era perito em debates — escreveu um dos seus biógrafos — e durante uma discussão profética sobre a independência dos filipinos defendeu a ditto destes; trinta e cinco anos depois assinou o decreto concedendo a independência das Ilhas Filipinas".

NOVOS LIVROS DA

Editora PANAMERICANA

"O ESPÍRITO DE DOSTOIEVSKI"

por NICOLAU BERDIAEFF.

O mais completo estudo de toda a obra do grande escritor russo. Tradução de Cito Schneider. Cr\$ 10,00.

"CONTOS DE SEGUNDA-FEIRA"

de ALFONSE DOUDET.

Tradução de Orlando Poeta. Cr\$ 15,00.

"A MULHER QUE FOI PAI"

romance histórico de Inácio Raposo. Cr\$ 25,00.

"POR UMA NOITE DE AMOR"

de EMILE ZOLA.

Tradução de Inácio Raposo. Cr\$ 8,00.

"A PSICANALISE EM 12 LIÇÕES"

de GASTAO PEREIRA DA SILVA.

3.^a edição. Cr\$ 12,00.

"MANUAL TÉCNICO DOS CONCURSOS"

pelos profs. HUGO LAERCIO DE BARROS e FAUSTO CARDONA.

(Para os Concursos no DASP, de Escriturário, Postalista, Telegrafista, etc.). Cr\$ 20,00.

"A NOVA POLÍTICA DO SUB-SOLO"

de ATILIO VIVAQUA.

Cr\$ 40,00.

A soir:

"APOLÔNIA - A DIVINA INTERPRETE"

de GUIMARAES MARTINS.

Coleção em que se acham reunidas as melhores páginas não só da autoria da maior atriz do Brasil, Apolônia Pinto, mas, também, de notáveis escritores e artistas, tais como: Coelho Neto, Catulo, Cláudio de Souza, Esdras Bóris, Olegário Mariano, Afrânio Peixoto, e outros intelectuais que estudam a sua personalidade a todas as luzes.

NAS LIVRARIAS

Pedidos pelo Reembolso Postal

Editora PANAMERICANA

PRAÇA TIRADENTES, 79 - 1.º

Tel: 22-0383 — RIO

«A Fazenda»

ELIEZER BURLA

Copyright de LEITURA

QUAL teria sido a intenção de Louis Bromfield ao escrever "A Fazenda"? É a interrogação que todos os leitores se farão a si mesmos após virar a última página do livro. E penso que farão aquilo que eu fiz: reler o prefácio que o autor dedicou às suas filhas. Parece-me que é aí, nestas linhas iniciais, que se encontra o pensamento de Bromfield ao tentar reconstruir aquele período agitado e desconexo em que viveram os primeiros latifundiários norte-americanos.

O que impressiona, logo de início, é a maneira de narrar a história. Não há "enredo", no sentido em que a entendemos; não há "romance", se o considerarmos como o apanhado das cenas mais culminantes da vida de um ser humano. Há apenas história, uma história cronológica de duas famílias, unidas pelos laços do sangue, e que viveram no mesmo sítio, na mesma fazenda, durante quatro gerações.

A maneira de narrar a história, repito, é que é curiosa e interessante. Bromfield apanha cada um dos personagens — e eles são dezenas — e descreve-os em traços sucintos. Nasceu assim, pensava assim, casou com fulana por isso e por aquilo, o seu método de trabalho era tal, sua opinião sobre os vizinhos, os amigos e os políticos da época era qual, morreu assim e assim, etc.

Nos primeiros capítulos, a gente fica pensando que aquela é uma maneira imaginada pelo autor para apresentar os personagens que, nos próximos capítulos, viverão algum grande momento romântico ou dramático.

Mas não é isto o que acontece. Capítulo após capítulo, em descrições inteligentes, mas que às vezes chegam a ser exaustivas, o leitor vai conhecendo um a um os membros da grande família fundada pelo velho nobre e pioneiro Van Essen. Compreende-se, portanto, que haja poucos diálogos, assim mesmo quando se tornam imprescindíveis para explicar qualquer traço de um caráter.

Entretanto, apesar desses reparos, feitos por um leitor acostumado a ler romances desta espécie escritos de outra maneira, não se pode negar que "A Fazenda" é um livro, bem feito e agradável, pois foi escrito com honestidade e, mais ainda, com paixão. De fato, há vezes em que me inclino a crer que Johnny, o menino que as-

siste às grandezas e decadências da família, é o próprio Louis Bromfield o qual escreve, volta e meia, referindo-se a um personagem: "A meu ver o tio de Herbert devia pertencer à espécie de homens irresolutos..." ou então: "Não creio que Jaime Willingdon visse esses sítios como realmente eram" e assim por diante.

Onde, porém, reside o maior mérito de "A Fazenda" é na reconstrução, valiosa para um historiador de costumes e mesmo para um sociólogo, do ruralismo estadunidense, naqueles tempos em que um aventureiro embrenhava-se pela Califórnia com duas ou três carroças, acampava onde lhe parecia melhor, construía uma casa de tijolos e punha-se a arar a terra. E a terra passava, de então em diante, a ser um patrimônio mais do que econômico, um patrimônio sentimental, onde o pai dizia ao filho: "Fui eu quem plantou a primeira árvore e quem arou o primeiro acete de terra. Esta terra, onde empreguei todos os meus esforços e a minha energia, fecundada pelo suor do meu rosto, viu-te nascer, meu filho, e espero que não descures no seu amanhã e no seu cultivo. Ela é nossa, é como si fosse tudo o que possuíssemos neste mundo..." E, da mesma forma, os bois, os cavalos, as éguas, os animais domésticos, eram membros da família com nomes próprios; que, quando morriam, costumavam ser enterrados num pequeno cemitério, próximo ao estábulo...

São estas características de "alguma coisa que acabou, e que jamais retornará"; de um "sistema de vida há muito fora de moda, exceto nalgum recanto quase esquecido, ou em raras famílias que, a despeito de tudo, a ele se apegam com persistência admirável" que Louis Bromfield procurou fixar nas páginas de "A Fazenda".

Para aqueles que conhecem o Bromfield posterior, o autor de "E as chuvas chegaram", e de "Noite em Bombaim", "A Fazenda" será uma verdadeira e grata surpresa, pois nela se descobrirá um romancista sincero e combativo, mais voltado às coisas do seu país e ainda não de todo influenciado pela fama e pelo cinema.

A FAZENDA, de Louis Bromfield
— Tradução de Marina Guaspari
— Vecchi Editora — Rio, 1943.

"SARGENTINHO"

(Continuação da página 7)

rem, provocou inúmeros inconvenientes de ordem educacional e psicológica. Apesar disso, quando usávamos calças curtas, não sentíamos também essa identificação? Pois bem, Monteiro Lobato modificou tudo. Nacionalizou. Criou o Pedrinho, a Emília, d. Benta, um mundo de gente que vivia ao redor de nós com uma realidade admirável. Deu também um sentido didático à literatura infantil.

A este respeito é típico o caso de um ginásio que, quando no curso, faltara-lhe sempre capacidade para compreender e interpretar a célebre lei de Newton sobre a atração universal. Tempos depois de bacharel, lendo a "Geografia de d. Benta", num tempo em que também já lia Huxley e Steinbeck, é que aprendeu a interpretá-la.

Agora é Mario Donato quem escreve um livro para crianças. Uma novela interessante que foge ao estabelecido nas histórias para os meninos e apanha para fundo o cenário de guerra. Sim, um cenário de guerra para localizar o seu herói "Sargentinho". A história deste menino deve ser conhecida porque encerra uma grande lição de sacrifício e de heroísmo, tão necessários para a vida do mundo presente. Esta não é uma história de frente, um bombardeio atinge a casa

fadas, nem de milagres. É a dramática existência da guerra. A vida de certo não é absolutamente semelhante a esta narrativa, porém é bem parecida e, às vezes, muito pior. Depois, este personagem central de Mario Donato é uma figura simpática e bem delineada, assim como a do seu tempestuoso tio Vicente, que "queria beber o sangue do inimigo".

Embora o país, a cidade e os inimigos sejam puramente fictícios, sentimos que tudo aquilo é realidade facilmente compreensível para os meninos que não de ler este último livro do autor de "Terra". Porque ele, de resto, está escrito com grande simplicidade, em tom narrativo direto, sem análises psicológicas, tão enfadonhas às crianças que só desejam o fato e a "história contada". E, o que muito importante, esta novela infantil tem enredo. Começa aqui, acontece aquilo, acontece isto e vai terminar assim. As crianças amam a clareza e por isso "Sargentinho" certamente agradará.

Em resumo, é a história de um menino alegre e trêfego que vive com os pais e um tio contador de aventuras de caçadas. Vem a guerra e divide a família. O pai parte para a

em que moram. A mãe, ferida, se perde na confusão dos hospitais e tio Vicente é novamente atingido na perna claudicante. "Sargentinho" procura o pai na frente de combate e pratica atos de heroísmo, encontrando-o, por fim, prisioneiro. Termina a guerra e os dois voltam para a cidade do interior onde moravam e então, como num sonho, encontram a mãe e esposa vestida de enfermeira. Ela não havia morrido, como julgaram. "Sargentinho" e o pai. Salvaram-se providencialmente. E a vida continua.

Mario Donato está de parabéns. O livro é triste, bem escrito e as intenções do autor foram as melhores possíveis, porque esta novela deseja ser uma contribuição, embora mínima, para o esforço de mobilização espiritual dos pequenos brasileiros neste instante decisivo da nossa história. Portanto "Sargentinho" é um livro triste, ou melhor, grave, sério e conciente. Como devem ser todos os brasileiros, grandes e pequenos: graves, sérios e concientes. Somente o nosso trabalho, a nossa energia e a nossa fé nos farão vencer esta hora amarga, de cabeça erguida. Nenhuma "varinha de condão" é capaz de realizar os milagres que realizam o nosso trabalho e a nossa confiança".

SARGENTINHO, de Mario Donato — Novela Infantil, com ilustrações de Dorcas — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1943.

DUAS COMOVENTES HISTÓRIAS DE AMOR

"BEST-SELLERS" NORTE-AMERICANOS
APRESENTADOS AO PÚBLICO BRASILEIRO



A Felicidade vem depois

de JUDITH KELLY

O livro que conquistou nos E.E. U.U. o cubi-
gado *Prêmio Harper* para o melhor romance
de 1941/42. Através de uma história profun-
damente humana e real, a autora analisa as
virtudes e os defeitos do casamento moderno.
A Felicidade Vem Depois é um livro sim-
ples e sincero como um pedaço da própria
vida, uma história que despertará intensas
ressonâncias no coração de todos os leitores.

Volume em brochura, Cr\$ 16,00



Nunca é tarde

de RACHEL FIELD

A mais bela história de amor jamais escrita
pela consagrada autora de *Tudo Isto e o
Céu Também*. Rachel Field revela mais uma
vez, neste livro, seu alto poder descritivo e
profunda compreensão da alma humana, que
a tornaram a novelista favorita de seu país.

Volume em brochura, Cr\$ 16,00

EDIÇÕES DA
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

O Teatro Soviético

(Continuação da pág. 19)

e, principalmente das mães, sobre o comportamento dos filhos, antes e depois dos espetáculos. Querem saber se reproduziram cenas em casa, se repetiram frases, e os comentários que fizeram.

Por essa forma, é que se orienta a escolha dos assuntos e a maneira de apresentá-los, obtendo-se, não só, uma base certa para atender às preferências das crianças, como um meio seguro de incutir os ensinamentos necessários à sua formação moral e mental. Por esse processo, Natalia Sotz chegou ao ideal de oferecer ao seu público peças que atingiram a um grau máximo de interesse, pois os espectadores, sem o saber, tornaram-se "autores" das peças; realizando, por intermédio de mãos sábias, artistas e artífices operfeccionadíssimos, as suas próprias idéias, postas ali, como se estivessem realizando os seus sonhos. A imaginação infantil, auxiliada pela sucessão de peças, e servida a cada passo de novos elementos, desenvolveu-se à proporção que as idéias, mais ou menos confusas, se tornavam nítidas, e suscitavam novas concepções, logo realizadas. Um espetáculo para crianças deve ser um alimento para o coração e o cérebro. A cor, a luz, a música, enfim, todos os meios de que dispõe o teatro, devem veicular as idéias do espetáculo.

Outro aspecto muito importante, que constituiu um dos mais sérios problemas a resolver, e que encontrou nas observações de Natalia, a mais acertada solução, é a questão do elenco. Desde logo ficou estabelecido que o Teatro da Criança deveria ser um teatro de adultos para as crianças. Nada de teatro infantil, com elenco de meninos prodígios. Ficou demonstrado, nas primeiras experiências, que os meninos prodígios não inspirem confiança aos meninos

da mesma idade, e, o que é mais grave, muitos vezes, colocados em situação privilegiada, no palco, metidos em lindas roupagens, "divertindo-se", recebendo aplausos e elogios, fazem brotar a inveja no espírito dos que estão na platéia, que, invariavelmente, se mostram desejosos de ir fazer o mesmo, embora sem aptidões. Foi preciso, nesse caso, selecionar entre grandes atores e atrizes os que pudessem ser aperfeiçoados e adaptados à nova modalidade artística de interpretar para crianças.

Instituído, previamente, um curso para essa adaptação, ficou ainda demonstrado que é muito mais difícil representar para crianças, dado que o artista não poderá contar com o grau de inteligência, cultura e receptividade que os espectadores adultos têm obrigação de oferecer aos intérpretes. Até as inflexões, ou seja, a entonação das frases foi modificada, para exprimir as idéias com mais clareza. E nada de falar abobelhadamente. Ao contrário, deve-se falar com autoridade, segurança e firmeza, salvo os casos especiais, e os gestos devem ser mais largos, a modificação da máscara mais brusca, a mímica constantemente empregada, e todos os movimentos perfeitamente definidos, dentro de uma ação intensa e ininterrupta. Tornou-se ainda necessário estabelecer a figura de um herói simpático, capaz de resolver todas as situações triunfar sempre. Esse herói, que é o Bem vencendo o Mal, passou a ser a figura central de quase todo o repertório. E é tão grande a sua influência sobre o espírito da criança, que passou a ser o guia absoluto do comportamento de todos os espectadores. Seus conselhos e exemplos são seguidos com prazer e até com um certo orgulho. Como se vê, o Teatro da Criança poderia realizar verdadeiros milagres, organizando e disciplinando a nova geração, e conduzindo-a pelo caminho da formação de uma nova mentalidade, rigorosamente dentro dos princípios que orientaram a construção do socialismo. Além disso, tem servido para selecionar vocações, encaminhando as crianças para os setores em que devem desenvolver as tendências inatas.

Dali partem para as diversas escolas, e, na idade adulta, procuram o teatro como verdadeiros cursos de extensão universitária, perfeitamente aparelhados para receber, em grau superior, a orientação que mais convenha à formação da nacionalidade. Tão expressivos foram os resultados obtidos com o Teatro da Criança, instituído no primeiro ano da Revolução, que não tardaram providên-

PRINCIPAIS ARTIGOS DE
DEZEMBRO DA REVISTA

H O J E

Que fazer da Alemanha após a Guerra? — Idesbald.
A Rússia e o Mundo da Pós-Guerra. — Ed. Benes.
Pelo que estamos lutando? — Wendell Willkie.
Meu Tratamento da Paralisia Infantil — Elizabeth Kenny.
A Determinação pré-natal do Sexo — Franco Collardi.
Quatro Continentes em Quatro D'as — Demaree Bess.
Seringa, Seringueiro, Amazônia, Burocracia — Abguar Bastos.
Batalhas da Guerra Política — Paulo Zingg.

O MUNDO NO SEU BOLSO — por Cr\$ 2,00.
A venda em todas as Bancas de Jornais

cias para o estabelecimento de muitos outros, rigorosamente idênticos ao da Moscou, e alguns de titere, para alcançar a primeira infância... Quando visitei a Rússia, em 1936, já existiam 131 teatros infantis. Há peças, como "A Lenda do Pescador e do Peixe", de Polovinkine, que já alcançaram milhares de representações. E, talvez, a única de entredo romântico, porque a maioria do repertório se constitui de aventuras destinadas à formação de heróis e bravos. A' esta hora muitos dos espectadores infantis de Natalia Sotz devem estar perseguindo os nazistas em retirada... E não me admiraria se soubesse que alguns dos jovens generais russos que exibem galhardamento, no teatro de operações do levante, a sua extraordinária capacidade estratégica e o heroísmo dos fulminantes arancadas, estão convencidos de que são invulneráveis, como o herói simpático que Natalia fazia triunfar sempre diante de seus olhos arregalados, sentadinhos nas pequenas poltronas para meninas até quatorze anos, no máximo...

E' por essas e outras que eu acho, desde que voltei de lá, que todos os países bem orientados devem ter o seu Teatro da Criança. E para que não se pense que trato do assunto como um simples literato, gostaria de lembrar que me propuz, em 1936, a colaborar numa organização semelhante. Cheguei mesmo a expor o assunto ao ministro Gustavo Capanema, proferindo a seu convite, uma conferência nesse sentido, e preparando o plano, adaptado ao nosso país, conferência e plano que foram publicados pela Comissão de Teatro Nacional do Ministério da Educação.

Livros editados ou representados pela

LIVRARIA BOFFONI

sita à RUA CHILE N.º 1 —
Rio de Janeiro — Tel. 22-6258

SOBRERO: Elasticidade. enc.	Cr\$ 110,00
MIRANDA FANTOS: Filosofia da Educação. br.	Cr\$ 25,00
AZZI: Ecologia Agrária — Meio Físico	Cr\$ 33,00
PEDRO LOPES MOREIRA: Cantores célebres	Cr\$ 33,00
BASSI: Da importância da topologia na matemática moderna	Cr\$ 7,00
ZUNINI: Novas diétrizes para as construções de cimento armado. br.	Cr\$ 10,00
JOSE DE CASTRO: Tiro ao voo, 2 vols. br.	Cr\$ 50,00
ARAGAO: Motores Diesel	Cr\$ 50,00
LELIO I. GAMA: Teoria dos conjuntos, 6 fasc.	Cr\$ 24,00

Para os livreiros será concedido o desconto de 30 % (trinta por cento) exceto para a obra de LEONARDOS: "Geologia do Brasil", sobre a qual será concedido o desconto de 20% (vinte por cento).

BRASIL
BANCO BORGES, S. A.

Correspondentes em todo o país e no ESTRANGEIRO
OS BANCOS QUE MAIS FACILITAM O INTERCAMBIO ENTRE
BRASIL e PORTUGAL!...

BANCO BORGES S. A.

24 — ALFANDEGA — 26

PORTUGAL

BANCO BORGES & IRMAO

A Amargura de Kessel

CONSTANTINO DEL ES LA



André Malraux

DOIS ROMANCISTAS NUM TERRAÇO, EM PARIS

CONHECI Joseph Kessel quasi ao fim da guerra de Espanha, na cidade de Madri, onde chegou pouco depois do desastre da Catalunha.

Era um correspondente de guerra retardatário. Recebera o batismo de fogo na guerra passada, em 1914, como observador da aviação francesa. Fizemos boa amizade. Depois de conversar várias vezes com ele, percebi que, já no fim da luta, ele havia compreendido a transcendência da guerra espanhola. Isso aconteceu a milhões de franceses, a todos que não queriam optar, decidir-se por uma facção, nem mesmo tendo a guerra ao lado, e que ainda criam que o paraíso estava em uma casinha com quatro metros de jardim na frente, cheio de flores. Kessel havia permanecido tranqüillo na outra vertente dos Pirineus. Já era tarde para chegar ao fundo da tragédia e auscultá-la. Viajou apressado para Madri. Chegou no último ato do drama, em busca de pormenores, sem vontade de entrar no argumento que havia deixado passar sem dar atenção, sentado no terraço de um café parisiense, sem escutar Malraux, que o convidava:

— Vai à Espanha. Oproxima-te das trincheiras. Lá te esperam vários romances.

— Já escreveste "L'Espoir", Malraux.

— "L'Espoir" é um livro de combate... Tu podes fazer algo psicológico, sentimental... Um livro do estilo de "L'Equipage"...

— "L'Equipage"... Basta de "L'Equipage"!

Kessel acompanharia suas últimas exclamações com um murro na mesa. É forte, pesado, amplo nos gestos e rouco na voz. Alguem que visse os dois romancistas no terraço, sem conhecê-los, pensaria que Kessel era o enérgico, o contundente; Malraux, debil em luta com uma tosse que lhe estremecia o peito, parecer-lhe-ia fraco. E assim o são na vida real; porém na vida sentimental, que é como se definem os artistas, Malraux apresenta-se vigoroso, golpeia ao escrever. Kessel toca o realismo, afasta-se

aproxima-se. Está equidistante entre Zola e Flaubert. Viu a guerra de longe, num avião, e por isso não quis descer ao barro e ao sangue das trincheiras.

GUERRA, POLITICA E TOREIO

Kessel não tinha simpatias pelo seu primeiro romance, que o tornou famoso. Mais adiante direi o motivo. Sempre que lhe falavam de "L'Equipage" se entristecia. Ele me produziu a sensação de um homem insatisfeito. Escuta com ar distraído. Procurei mostrar-lhe a guerra espanhola nos seus bastidores. Disse-lhe, por exemplo, quando falou de Catalunha, a respeito do desastre que era o tema impressionante daqueles dias:

— A derrocada do exército catalão tem suas origens, pondo-se de parte a pressão do exército franquista, em motivos de ordem psicológica, muito importantes. A Catalunha deu dois tipos de combatentes: os libertários e os separatistas. Estes perderam o espírito combativo quando se certificaram de que o governo de Negrin absorvia a Generalidad, e que a autonomia fixada nos estatutos não estava sendo cumprida: os anarquistas, que desejam a luta quando esta leva no seu bôjo a revolução, baixaram as armas ao perceber a impossibilidade de conseguir os seus fins. O exército da Catalunha era composto de soldados sem alma.

Kessel, longe do tema, interrompeu:

— O coronel Ortega é parente do toureiro do mesmo nome?

Eu procurei levá-lo à medula dos acontecimentos:

— Os dois têm uma única coisa em comum: a sobriedade. Ambos são castelhanos. O coronel Ortega fôge às complicações estratégicas, expõe o corpo às balas, visita a linha de frente. Ortega, o toureiro, não usa adôrnos e oferece, ao touro, o coração. Na Espanha sempre existe uma relação entre o toureiro e a política. Ou melhor, nas corridas de touros era onde melhor se manifestava o caráter espanhol na sua mais típica expressão racial: a oposição sistemática. A figura de relêvo acha-se diante de um público com assobios e palmas, que tanto pode aplaudir como vaiar. O povo espanhol deseja luta, choque. Busca um adversário para enfrentá-lo. O partidário de Josellito o era porque odiava Belmonte. Se deseja fazer uma "enquete" interessante, pergunte aos soldados de um lado o objetivo da luta. Responderão que dispararam tiros contra o fascismo. Caso pergunte aos do outro lado, responderão que combatem contra o comunismo. Poucos sabem o que é comunismo e o que é o fascismo. Dentre em breve terminará a luta. A ponta ocidental da Europa vai passar por uma séria experiência. Veremos se a guerra, a política e o toureiro perdem a semelhança neste país.

Prendi um pouco a atenção de Kessel:

— Crê você que a guerra também tem semelhança com o toureiro?

— O farpeador que coloca bem um par de bandeirinhas e é aplaudido, logo quer ser matador e primeiro espada; o soldado espanhol, apenas chega ao quartel e marca cem metros o passo, logo se crê general.

— É um povo pretencioso.

— Não é um povo rebelde

— Dificil de governar.

— Muito difficil, sim, porque não é um povo: são quinze reunidos em um, tantos quanto as regiões naturais. O galêgo considera-se estrangeiro em Valência. O mesmo se dá com o andaluz em Castilha. Sucede outro tanto ao asturiano em Aragon. Você pôde fazer um estudo interessante sobre isto, após as experiências dessa luta.

Kessel me disse:

— "Paris-Soir" me enviou em busca do perfil pitoresco da guerra. Nem sempre pôde algum escrever o que quer.

PERIODISMO PARISIENSE

Disfarçar o sensacionalismo com amáveis pinceladas era o estilo do referido jornal, que tirava milhões de exemplares. "Le Temps" não ia além dos escritórios do "Quai D'Orsay", isto é, voltava ao lugar de onde havia saído. "Le Figaro" era a política envolta num jogo de palavras e tinha pouca gente disposta a inquietar-se e a pensar, adivinhando intenções. "L'Action Française" detinha-se e enrolava-se nas barbas de uns cavalheiros sérios, elegantes, presos ao "bhic" e por uma idéia fixa: a flor de Lys. "Le Petit Parisien" perdeu seu maior sucesso com a trágica desapareição de Albert Londres, cronista melodramático e sensível, que é o contrário do dramático e sensível. Geo London passava da moda em "Le Journal". "Paris-Soir" foi o triunfo do oportunismo. Não pretendeu orientar. Orientou-se. Entra nas águas-furtadas de Montparnasse, nos cafés-concerto de Montmartre, nas portarias, nos bares. Assim como fez uma época de cronistas de boulevard, amenos, galantes, que escreviam uma prosa com perfumes e acácias, chega com "Paris-Soir" o diário do boulevard... Não tem nenhuma secção barrôca. Tudo é simples, elementar. Penetra alegre, galhofeiro, nas casas francesas vazias de crianças. Chaga à hora da saída da escola. Primeiro madame o recebe. Uns títulos grandes, escandalosos, apregoam as novidades. Madame lê o folhetim, olha as fotografias, sobretudo as fotografias, pois madame não tem tempo para lêr. Atende à casa, rega as plantas, vai de bicicleta ao mercado. Ao anoitecer, "monsieur" chega, com a cara rosada pelo "pe-nod" ou pelo aperitivo heterogêneo, resultante de absurdas combinações, tomado no bar proximo à estação ou ao velho porto, onde a fumaça dos tonéis e dos cigarros negros, faz concorrência à das locomotivas e dos vapores. "Monsieur" também lê pouco. Percebe as idéias de segunda e terceira mão, e as transmite a algum companheiro de fáblica que crê em Thorez e a outro que admira Doriot.

É o momento em que a França oscila entre a cruz católica e os extremismos. No entanto a França não perde o gesto, a elegância. Aí está "Paris-Soir", com seu periodismo literário, com suas crônicas curtas, sugestivas, sem espinhos. Blaise Cendrars, Cocteau, Kessel, ao alcance de todas as mãos de qualquer imaginação. Eis o segredo do êxito do "Paris-Soir": fazer dos escritores jornalistas.

Envia Joseph Kessel à Espanha com uma condição: que madame e monsieur não se inquietem, que façam uma boa digestão, que não pensem demasiadamente na guerra, que se distraiam com algumas narrações amenas, longe da realidade.

DIALOGO A CAMINHO DO FRONT

Uma manhã, enquanto caminhávamos para o front de Jarama, perguntei a Kessel:

— Qual de seus romances prefere?

Respondeu rápido:

— Nenhum. Talvez um que não escrevi.

O sorriso com que terminou a frase, em vez de apagar, acentuou a amargura do romancista. Ela floresceu nos lábios, não pôde ocultá-la, e prosseguiu:

— Sempre que aparece um livro meu, os críticos recordam-se de "L'Equipage", e às vezes de "Belle de Jour" ("Luxúria")... Não importa. Sempre me falam do meu primeiro romance, que escrevi quando tinha vinte e tantos anos. Agora tenho 45. Significa, se eu acreditar nos críticos, que num quarto de século nada fiz que valha a pena. Entristeço-me ainda mais quando recordo que percorri todas as editoras de Paris com o meu primeiro livro debaixo do braço sem que o aceitassem. Finalmente com-

praram-me todos os direitos autorais por mil francos. Agora foi filmado e está dando muito dinheiro. O editor me deu vinte mil francos quando vendeu o argumento. Em questão de arte literária não há critério exato. As obras em que alguém põe todas as suas ilusões e esperanças, às vezes são as que menos agradam. A mim, já pagaram 200.000 francos por argumentos de filmes feitos sem entusiasmo, e ainda me elogiaram muito. Estas coisas decepcionam. Certa vez o diretor do "Le Temps" me pediu um livro para publicar em folhetim no seu jornal. Mandei-lhe um original que já lhe havia remetido há vários anos antes de publicar "L'Equipage", e que foi recusado. Julguei que não se lembraria, que talvez naquela época nem sequer o tivesse lido. Dias depois me chamou ao telefone e disse-me que já conhecia o meu livro, já o havia lido há alguns anos. E o mais surpreendente foi que, quando julguei que não o aceitaria, ofereceu-me 30.000 francos pelos direitos autorais. Isto leva o escritor ao mercantilismo, a produzir em série, a fazer da firma uma marca de fábrica. Até agora, felizmente, pude livrar-me de tal tentação.

Quis interceptar a pergunta, porém não pude. Já saía da boca quando tentei freá-la:

— E' estas crônicas da guerra de Hespanha?

— Eram um motivo para vir. Guardarei as minhas impressões. No papel aparecerá o colorido. Em meu espírito ficará o drama.

UM FILME QUE NAO SERA EXIBIDO

Quando vi Joseph Kessel outra vez, já havia rebentado a guerra européia.

Outra vez estavam os dois romancistas no terraço. Malraux falava de seu filme, de "Sierra Teruel", que iam assistir em sessão privada. Estávamos no terraço do Mariyau. Chegou Henry Torres. Fomos ao cinema. Na escuridão da sala risonava com mais força a tossesinha de Malraux. A película, que talvez nunca seja exibida, é baseada em Esperança ("L'Espoir"). São alguns mil metros de celuloide cru. A principal personagem é o monte, a serra aragonesa. Demora cerca de meia hora o enterro de um aviador. Engrossam a proclamação, que tem um fundo musical impressionante, pessoas simples e rústicas, da aspera montanha espanhola... Saímos encolhidos. O ar da avenida dos Campos Eliseos não pôde aliviar-nos. Passavam naquele momento, em frente ao cinema, uma senhora jovem e uma criança de seis anos, ambas com suas máscaras contra gases.

Foi este o comentário de Kessel:

— Teu filme é muito realista, forte. Malraux porém a realidade é ainda mais rude.

E dirigindo-se a mim, tomando-me de um braço, em frente ao grupo, disse-me:

— Sabe que já não me amargura pensar em "L'Equipage"? Escreverei várias crônicas e logo irei às trincheiras. Tenho que voltar aos aviões, à íntima comunhão de piloto e observador, à amizade indissolúvel, diante dos comandos, entre as bombas; tenho que voltar à "L'Equipage".

• •

Mas o trágico para a França foi que "L'Equipage" talvez existisse, porém faltaram os aviões. — (De LA NACION, Buenos Aires).

T A R I

TRANSPORTES AÉREOS E RODOVIÁRIOS INTERESTADUAIS S/A

Transportes rápidos de domicílio a domicílio, entre
Rio — São Paulo — Campos — Petrópolis —
Juiz de Fóra e Goiânia

MATRIZ —

Rua Sen. Euzébio, 126/128

FILIAIS —

S. Paulo — Rua Visconde de Parnahyba, 89

Campos — Rua 7 de Setembro, 459

Juiz de Fóra — Rua Halfeld, 418

TRAPICHE —

Rua Santana, 21/31

Tel. 43-4860 (Rede interna)

O Bom Humor de Mr. Strachey

LYTTON Strachey, biógrafo e historiador inglês conhecido mundialmente, possui todas as qualidades de um grande humorista. Escreveu biografias romaneadas que se tornaram imediatamente célebres, como a da Rainha Vitória, que a Vecchi Editora lançou no Brasil, hoje em segunda edição. Seu humor é bem inglês, como demonstram os ecos seguintes. Sobre Clio, a Musa da História e sua musa também: "Clio é, entre as Musas, uma das mais gloriosas, mas todos sabem que sofre, como a sua irmã Nelpomene, de um triste defeito; tem tendência a ser pomposa. Com os seus colotes, as suas roupas, e os seus ares de importância, é quase sempre intolerável. Mas felizmente o destino trouxe um corretivo. Decretaram que em suas solenes altitudes seria acompanhada por certas criaturas simiescas, pequenos diabos que correm à sua volta, zombando e ameaçando ou mesmo levantando-lhe as saias de modo escandaloso. Essas criaturas são os fazedores de jornais, os epistológrafos, os faladores, e os jornalistas do passado, os Pepys, os Saint-Simon, cuja paixão é revelar-nos as pequenezas dos grandes e, ao mesmo tempo, lembrar-nos que a história foi outrora a vida real".

Sobre lady Hester Stanhope: "O nariz dos Pitt tem uma história curiosa. Pode-se estudar as suas transmissões através de três vias. Ao prodigiosamente curvo de lord Chatham, sobre a curva do qual nasceram os Império, sucede o nariz pontudo e erguido do jovem Pitt, símbolo rígido de indomável altivez. Com lady Hester Stanhope vem o terceiro estado. O nariz, embora conservando a sua tendência a subir, perde a masculinidade. As ossaduras do avô e do pai haviam desaparecido. O nariz de lady Hester exprimia uma selvagem ambição, um orgulho meio fantástico, um nariz que desprezava a terra, que se elevava para qualquer coisa de eternamente excêntrico. Era um nariz, em resumo, inteiramente no ar". Quando lady Hester morreu: "O fim chegou em junho de 1839. Os criados apoderaram-se imediatamente de todos os objetos da casa, mas que importava isso a lady Hester? Estava deitada no seu leito, grande, incrível com o nariz levantado".

Lytton Strachey, historiador honesto, detestava a eloquência, bem como a moral infometendo-se na história. "Desde Cícero até os nossos dias, a grande desvantagem da eloquência é que ela não prova coisa alguma".

A moral: "É talvez a sensaboria de um tal estado de espírito que seja o seu caráter mais exasperante. Na verdade, pode-se pensar que o pobre Lutz XV teria podido morrer sem um sermão de Chelsea. Mas não! É preciso que não se deite fugir a ocasião... O padre toma uma breve inspiração, e pronuncia um discurso enorme sobre os mais evidentes assuntos, e com uma enjase singular; a mortalidade, a fragilidade das coróas, a vaidade dos prazeres... a uma grandeza imaginativa na sua concepção de Cromwell, por exemplo. Mas fica tudo estragado pelo desejo dominante de transformar o protetor num herói moral feito para agradar ao próprio Carlyle, de sorte que, apesar de tudo, as linhas ficam embrulhadas, a produção confusa e o retrato decepcionante".

Strachey faz aqui o retrato da rainha Vitória, quando criança: "Terna, afetuosa, gostava da sua querida Leher, e da sua querida Fedora, e da sua querida Vitória, e da sua querida madame de Spath. E da sua querida mamãe... naturalmente que ela gostava da sua querida mamãe; era o seu dever; e todavia — ela não saberia dizer porque — sentia-se sempre mais feliz quando passava tempos com o seu tio Leopoldo em Claremont".

Sobre o encontro de Manning com Newman: "Era o encontro da água e da pomba; viu-se um bater de asas, qualquer coisa que se atirava sobre a presa, depois o bico alerta e as garras implacáveis fixaram o seu trabalho".

Notícias da rainha Isabel: "Selvagemmente imóvel a velha pata chocava a nação inglesa, cujas palpitantes energias, sob as suas asas, mostravam cada dia maior unidade e maturidade. Ela chocava, imóvel, mas com as penas eriçadas, temivelmente viva".

Sobre o jejum do cardeal Manning, na quaresma: "O cardeal Manning tomou a resolução, no seu jornal, de não comer nenhum doce durante a quaresma... salvo biscoitos secos".

Um epigrama: "Arnold acreditava na tolerância, mas até certos limites: tolerava as opiniões daqueles com quem estava de acordo". "Manning não era um homem que se esquecesse de olhar antes do salto, nem de saltar com menor convicção se, por acaso, soubesse que um excelente colchão fora preparado para recebê-lo".

UMA FAMÍLIA INGLESA



EDIÇÕES "DOIS MUNDOS" RIO DE JANEIRO

UMA FAMÍLIA INGLESA, de Julio Diniz.

JULIO Diniz — Joaquim Guilherme Gomes Coelho — era de ascendência inglesa por sua avó materna. Conhecia a língua e a literatura inglesa, e suas obras primas traduziu. E, quando estudante no Porto, onde se formou, e foi professor em Medicina, teve repetidos encontros de estudor, na intimidade, a vida das famílias de mercadores ingleses, nas suas relações com os portugueses. E' essa vida da sociedade lusobritânica do Porto de há um século que o escritor nos pinta com uma frescura de tinta incomparável.

De todas as suas obras, é esta a que mais afinidades tem com os romances ingleses do seu tempo. Romance lento, de vida interior, compraz-se em arrancar às cenas, na aparência triviais, a sua parte de emoção profundo.

Não obstante ser o primeiro, em data, dos seus romances, que escreveu cerca dos 21 anos, muitos leitores do bom gosto, o preferem aos demais. E' que "Uma família inglesa", como nenhum outro dos seus livros, irradia juventude. Desenvolve-se todo, à inglesa, em intimidade. E consegue traduzir, com a fluência duma fonte, o efusivo inafável dos sentimentos simples.

"Edições Dois Mundos" — Rio.

Como leitor

O matutino de mais amplo noticiário local, nacional e internacional

FAÇA DO

Díário de Notícias

O SEU JORNAL

Como anunciante

O matutino de maior tiragem no Distrito Federal, 41.000 exemplares nos dias úteis e 65.000 aos domingos

**O
MELHOR
PRESENTE
DE
NATAL**



..... é SEM DUVIDA

**UM BELÍSSIMO CORTE
DE FAZENDAS**

DAS AFAMADAS

**CASAS
PERNAMBUCANAS**

Variado sortimento de
artigos para o verão

Um só preço para todos

CASAS PERNAMBUCANAS

Organização genuinamente Brasileira

Filiais em todo o País

Domenico Scarlatti

H. J. KOELLREUTTER

Copyright de LEITURA

OS CELEBRES "Essercizi" para piano — mais tarde chamados "Sonatas" — de Domenico Scarlatti (1685-1757), o representante genial dos clavecinistas napolitanos, indicam um dos primeiros marcos na evolução da forma da sonata.

Entre as várias formas musicais dessa época, o tipo da sonata de Scarlatti é o mais importante e consiste de uma "exposição" de um "desenvolvimento" e de uma "reprise". Algumas das sonatas deste grande compositor napolitano já não são monotêmaticas como o foram a maioria das sonatas dos autores nos séculos XVII e XVIII. Scarlatti, pela primeira vez, expõe dois temas contrastantes os quais ele varia, modula e elabora no desenvolvimento".

Mais tarde, o célebre filho de João Sebastião Bach, Philipp Emanuel, cria a forma clássica da sonata que servirá de forma para as sinfonias, aberturas e a música de câmara, baseando-se na organização formal de Scarlatti.

Ainda não encontramos, porém, nas obras de Scarlatti o tema individual, de perfil próprio, da sonata clássica. O tema scarlattiano era somente uma parte da linha melódica sobressaindo da estrutura musical. O tema da sonata clássica, porém, é um motivo sonoro aparecendo como personalidade definitiva com direitos especiais.

O tema antigo da época barroca era de mera concentração melódica, técnica e o tema novo da época clássica é principalmente concentração espiritual. O tema antigo era tecnicamente ligado ao movimento melódico; o tema novo domina a estrutura técnica.

Assim o tema scarlattiano pode ser considerado uma transição do antigo tema barroco para o tema novo da música clássica e o seu estilo uma transição do pre-classicismo ao classicismo.

Desejava para o trabalho de Roberto Tavares, intitulado "Domenico Scarlatti" e republicado nas Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil", uma penetração mais profunda e mais detalhada nos problemas técnicos e estéticos da obra e do estilo de Scarlatti e na personalidade espiritual deste grande compositor italiano.

Surgem nas sonatas para piano, homofonias transparentes de grande beleza e encontramos nessas obras trechos de expressão dramática e apaixonada que se distinguem deciseiramente do "pathos" pesado do Barroco como também da leveza da "época galante" e que determinam o estilo pessoal dessa música. Infelizmente Roberto Tavares escreve pouco sobre os problemas técnicos e estéticos da composição, tratando quasi exclusivamente das questões pianísticas e dos dados históricos da época e da vida de Scarlatti.

Quanto à interpretação das obras de Scarlatti, Roberto Tavares escreve: "Julgo, portanto, um retrocesso interpretar ao piano as sonatas scarlattianas, procurando tirar os pobres efeitos de sonoridade peculiares ao cravo".

Orá, a sonoridade imaginada pelos

compositores dos séculos XVII e XVIII correspondeu à do cravo ou do clavicórdio e não à do piano moderno. A música dessa época é arquitetura sonora e é nesse estilo que a linha melódica traduz a expressão do sentimento. O "melos" é o elemento principal que forma a obra e predomina na construção musical. Na interpretação, as linhas melódicas devem diferir-se, umas das outras, pela clareza; pois, nada é supérfluo e cada detalhe tem a sua significação dentro da estrutura musical.

Quanto mais embaciado for o timbre de um instrumento, tanto menos próprio será para a interpretação de obras de estrutura polifônica. O som amplo e um tanto grosso do piano moderno tira o caráter da música de Scarlatti e da sonoridade imaginada pelo autor. No cravo, cada linha melódica aparece por si mesma e todos os detalhes têm plasticidade, porque o som sendo produzido por meio de "pizzicati", são de uma maneira mais nítida do que no piano moderno. É principalmente a linha do "basso" que aparece mais clara o que é de grande importância; pois, o "basso" forma o fundamento da obra.

A interpretação fiel das obras transparentes de Scarlatti, na minha opinião, exige em primeiro lugar sonoridade homogênea e cristalina, a extrema precisão e o fino som do instrumento antigo.

Não há dúvida que o piano moderno — tecnicamente falando — é superior ao antigo cravo. Quanto à sonoridade, porém, não vejo superioridade de um dos dois instrumentos, mas apenas uma diferença como existe, por exemplo, entre o piano e a harpa. Creio que ninguém foge ao encanto da sonoridade argentina e brilhante do som delicado e do timbre nobre do cravo tocado por um verdadeiro artista. Sim, também um Scarlatti teria apreciado a moderna mecânica do piano, porém não acharia, certamente, muito própria, para a execução de suas obras, a qualidade de som deste instrumento.

É justo mencionar entre as edições das sonatas de Scarlatti o belíssimo volume dedicado a este compositor da coleção "I Classici della Musica Italiana" idealizada por Gabriele d'Annunzio.

Na introdução do seu trabalho e antes de falar sobre o ambiente musical da Itália nos séculos XVII e XVIII, Roberto Tavares discute a tese de que "a Arte (inclusive a música) é uma função do meio", citando as belas palavras de Ronald de Carvalho, um dos maiores poetas do Brasil: "O meio não é apenas o ambiente, o momento e a raça. O meio é toda a civilização, é a humanidade inteira, são todas as reações estéticas e sociais, todas as aspirações, todas as dúvidas e todos os enganos, todas as verdades e todos os erros, o meio é o Universo", e concluindo que a arte (porque com letra maiúscula?) sempre deverá ser livre e soberana, embora sofra a influência relativa dos tempos, jamais será uma escrava do meio.

Novembro de 1943.

EM TODAS AS
LIVRARIAS

PÃO E VINHO

de IGNAZIO SILONE

O romance da luta subterrânea na Itália

EDITORIA OCEANO LTDA.
RUA BRAULIO GOMES, 25-5.º
São Paulo

LIVROS NOVOS INGLESES

(Continuação da página 29)

a um jovem poeta para o aconselhar, o que faz em suma é revelar um dos segredos de sua arte tão cheia de magia e encantamento, como se vai ver: "Diz-se que a ciência tornou a poesia impossível; que não existe poesia num automóvel ou no telégrafo sem fio; que não temos religião; que tudo é tumultuário e transitório. Por isso, diz-se, não pode haver relação entre o poeta e o tempo presente. Mas não há dúvida que isso é uma tolice. Esses acidentes são superficiais; não conseguem destruir o mais profundo e primitivos dos instintos: o instinto do ritmo. Tudo o de que você precisa é ficar à janela e deixar o seu senso rítmico abrir e fechar, abrir e fechar, ousada e livremente, até que uma coisa se misture com a outra, até que os taxis estejam dançando com os narcisos, até que todos esses fragmentos estejam formando um todo. Eu sei que estou dizendo tolices. O que eu quero dizer é que você deve despertar toda a sua coragem, exercer toda a sua vigilância, invocar todos os dons que a Natureza tenha sido induzida a conceder-lhe. Então o seu senso rítmico atuará desembaraçadamente entre homens e mulheres, ônibus e paradas, tudo o que houver na rua, até fundir-se em um todo harmonioso. É sem dúvida uma tarefa que lhe compete a de encontrar a relação entre as coisas que parece serem incompatíveis e que, no entanto, têm entre si uma misteriosa afinidade; absorver cada experiência que se faça acolher com intrepidez e saturá-la completamente, de modo que o seu poema seja um todo e não um fragmento assimilável à vida humana em poesia e oferecer-nos a tragédia e a comédia novamente por meio de caracteres, não tirados forçadamente à maneira do romancista, mas condensados e sintetizados à maneira do poeta. É isso que nós esperamos que você faça".

Já havia as cartas a um poeta de Tagore e Rainer Maria Rilke; a de Virginia Woolf leva sobre elas a vantagem de induzir o poeta que amanhã para o mundo atual a encontrar o seu ritmo, e isso é tão difícil, em meio às complexidades da nossa civilização.

Notícias do Ceará

ALUIZIO MEDEIROS — Representante de LEITURA em Fortaleza

ANTONIO Martins Filho, um dos mais trabalhadores intelectuais conterrâneos e um dos proprietários de "Editora Fortaleza", que tão grandes serviços vem prestando à cultura e à indústria do livro cearense, autor de alguns trabalhos de real importância para quantos queiram conhecer e estudar o Ceará em seus múltiplos aspectos, como o "Cariri" (subsídios para a história da região sul do estado) e, em colaboração com Raimundo Girão, "O Ceará" (alentado e completo trabalho histórico e informativo), vem de publicar, através da sua editora, o primeiro volume de "Noções de economia política". O novo livro de Antonio Martins Filho, feito com muita segurança, segue os programas oficiais de economia política das escolas superiores do Brasil.

A Editora Fortaleza acaba de lançar uma "plaquette" de autoria do jornalista Demócrito Rocha intitulada "A vida sentimental de Soares Bulcão (Discurso de recepção no Instituto do Ceará). No trabalho em apreço o jornalista Demócrito Rocha estuda a vida e a obra do autor de "Parecias", poeta que o Ceará perdeu em fins do ano passado.

Pierre Luz, autor de "A cela dos bedéis" (poemas), "Sinharinha" (prosa), "Traços biográficos de Carlos Gomes" (prosa), "Tumulto" (poemas) e "Caras & Caretas" (poemas), vem de publicar, por intermédio da "Editora Fortaleza", mais um livro de poemas — "Arvores e asas".

"Notas à nobiliarquia" é o título da "plaquette" de autoria de Hugo Victor — pesquisador infatigável dos arquivos públicos — que a "Editora Fortaleza" lançou recentemente.

Artur Eduardo Benevides, vigorosa afirmação da mais nova geração de intelectuais cearenses, tem o seu livro de estreia, um livro de poemas — "Canções do sacrifício" — pronto para o prelo.

A "Editora Fortaleza" lançou, não faz muito, no mercado livreiro, o compendio de autoria de Claudio Martins — "Elementos de finanças e de legislação fiscal", — interessante trabalho didático pelas qualidades de clareza, simplicidade, síntese e metodologia. Referido livro já se acha esgotado devendo, no início do próximo ano, o editor Zelio Valverde lançar a sua segunda edição, refundida e grandemente aumentada.

Eduardo Campos, uma verdadeira revelação da mais nova geração, e que publicou, recentemente, nas "Edições Clã", o seu livro de estreia, "Águas mortas" (contos) já terminou o seu primeiro romance, que tem como título "Pela porta da rua". Nele, o jovem autor, estuda aspectos curiosos da vida dos grupos que vivem na zona sul do Ceará, urdindo uma interessante história. A linguagem de Eduardo Campos é aquela mesma linguagem já usada em "Águas mortas": vigorosa, viril, bruta, mas com um sabor gostoso de um regionalismo amplo.

Sob os auspícios do núcleo local da Legião Brasileira de Assistência teve início, nesta capital, a campanha, sob todos os motivos louvável, em prol da aquisição de livros para os nossos soldados, que brevemente integrarão o Corpo Expedicionário Brasileiro. Essa campanha foi recebida pelo povo, com grande entusiasmo, que de pronto prestou o seu incondicional apoio e a sua colaboração.

A "Editora Fortaleza" vem de publicar "Curso de alimentação", uma série de dez palestras ministradas por José João Barbosa às alunas da primeira turma do Curso de Alimentação.

O que se faz em Minas

PAULO DANTAS — Representante de LEITURA em Belo Horizonte

"MIL CRUZEIROS POR UM CONTO"

CONFORME prometemos aos nossos leitores, divulgamos hoje o resultado final do concurso de contos instituído por "Mensagem" e pela livraria Cultura Brasileira. A comissão julgadora, composta pelos senhores Oscar Mendes, João Alphonsus, Wilson Castelo Branco e Godofredo Rangel, classificou os seguintes trabalhos: 1.º lugar — "Diva casa-se hoje" de Antonio D'Elia; 2.º lugar — "Orvalho" de Léo Ivo; 3.º lugar — "O meu caso da mala", de Dias da Costa.

A Livraria Cultura Brasileira está procedendo à seleção dos dez melhores trabalhos apresentados

no referido concurso, os quais serão editados num volume.

O poeta Bueno de Rivera publicará, em começos de 1944, o seu esperado livro de poemas, "Mundo Submerso".

"Esse meu mundo alheio" é o título do romance de estreia de Vinicius de Carvalho, a aparecer brevemente.

Outros livros anunciados: "A Marca" — novela de Fernando Tavares Sabino. "Dono do Arco Iris" — contos de Murilo Rubião.

"Santa Solidão" — poemas de Alphonsus de Guimarães Filho.

"Testemunho" — depoimentos de João Etlene Filho.

"Imagem da América" — notas de viagem de Edgar de Godoi da Mata Machado.

Foi inaugurado o IV Salão de Belas Artes, sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O referido Salão promove, todas as noites, interessantes sessões litero-musicais, nas quais tivemos oportunidade de ouvir palestras realizadas pelos maiores vultos da intelectualidade mineira.

Leitura em São Paulo

PAULO ZINGG — DIRETOR DA SUCURSAL



16. DA SUCURSAL — S. Paulo vive um momento de recuperação e de profunda mocidade. Novembro de 1943 marcou o início de uma era de renovação. Quem olhar para a multidão que atravessa o Triângulo e que espera pacientemente os ônibus em filas intermináveis, poderá sentir a sua vibração e um entusiasmo de quem espera mais do que um ônibus... S. Paulo desperta, revive seus velhos ideais de liberdade e justiça, read-

quire sua combatividade, resolve marchar na vanguarda, desta vez numa verdadeira vanguarda. Jamais um ano terminará tão feliz como o de 1943. Terminará feliz porque as estradas do futuro estão abertas...

As livrarias começam a receber um público bem diferente. É o público habitual do fim do ano. Pais, avós, padrinhos, tios, todos se dirigem a uma loja em que entraram poucas vezes durante o ano, vão para uma livraria comprar uma "Geografia de D. Benta", um caderno de desenhos de Walt Disney, as aventuras do Barão de Munchausen, enfim, toda essa numerosa literatura que diverte e educa as crianças. Se Walt Disney é o santo do momento, auxiliado pelo cinema e pela propaganda em grande escala, Monteiro Lobato é o preferido entre os nacionais. Preferido e querido, profundamente querido pelas crianças que o impõem aos pais de forma quase ditatorial que o próprio Monteiro Lobato não apreciaria muito. Mas, as crianças podem brincar de ditadura... Entre os novos que se dedicam à literatura infantil, queremos destacar Mario Donato, que acaba de publicar "Sargentinho" e Jerônimo Monteiro, de quem a Editora Anchi-

ta lançou uma coleção de histórias.

Fidelino de Figueiredo não é apenas um escritor português, é sobretudo um escritor ibérico, como o foi Oliveira Martins. Ele ama a Espanha, compreende sua tragédia e sente sua grandeza. Combatente da liberdade, Fidelino de Figueiredo sente que todas as nações estão divididas em dois grupos irreconciliáveis e que a história da humanidade foi feita e tecida da luta entre esses dois campos. As Duas Espanhas! Com isso evoca a imensa tragédia que galvanizou o mundo dividindo-o em dois blocos. Dias de esperança e de suprema alegria de libertação! Dias de tristeza e de dor em que as obras de Voltaire e de Blasco Ibañez foram retiradas das estantes em toda a Espanha, anunciando ao mundo inteiro que a noite negra do nazismo desabarara sobre o seu cérebro — a Europa eterna. Fidelino opõe a tradição felipizante às forças do progresso. Uma Espanha negra, clerical, autocrática contra uma Espanha que procurava cultura e liberdade, afim de fugir à sombra da Inquisição, ao cancer do carlismo estúpido e hoje ao falangismo germanizante. Fidelino ensina a compreender a Espanha, a amar uma e a odiar outra, como dois símbolos da própria humanidade.



Cr\$ 15,00

DOIS LIVROS JUVENIS



Cr\$ 12,00

Se não encontrar no seu livreiro, peça-o pelo reembolso postal à

Livraria Martins Editora

Rua 15 de Novembro, 135

São Paulo

Atividades Culturais em Campos

CAMPOS, a grande cidade do Estado do Rio, está assistindo agora a um apreciável resurgimento intelectual.

Estuda-se e produz-se muito em Campos no momento que passa, a despeito das inquietações da guerra.

Os jornais publicam aos domingos farta colaboração literária, parecendo-nos que vamos voltar à época dos suplementos. Realizam-se Cursos e Palestras culturais e científicas, que merecem sempre grande atenção do povo.

A Federação dos Estudantes mantém com grande atividade o seu Departamento Cultural, e todos os Educandários publicam periodicamente os seus jornalszinhos, inteiramente dirigidos e colaborados pelos alunos.

Conforme podemos verificar em rápidas visitas às livrarias locais, tem havido ultimamente um extraordinário aumento de venda, procurando os leitores os livros de todos os gêneros. Mesmo o comércio de livros raros, índice de refinamento bibliográfico, se tem desenvolvido bastante, já existindo entre nós uma livraria especializada.

Em consequência de sua visita a esta cidade, onde fez um Curso de História e Literatura Sul Americana, o escritor Silvio Júlio, lançará nos próximos dias de setembro um livro de impressões, editado sob os auspícios do D. E. I. P.

A Academia Campista, sob cuja direção está sendo preparada uma edição das poesias completas do nosso poeta Azevedo Cruz, já tem no prelo o 1º volume, "Sonhos".

Num gesto simpático, o Prefeito Municipal sugeriu à Academia Campista de Letras a instituição de um concurso, para premiar a melhor obra de autor campista publicada este ano. O prêmio será oferecido pelo Prefeitura, compondo a Academia a respectiva Comissão Julgadora.

Foi lançada à publicidade, sob a direção de José Honório de Almeida, uma revista literária, "PLANICIE", cujo 1º número foi muito bem recebido.

Obteve o maior êxito o 6º e último volume da "Terra Goitacá", de autoria do historiador conterrâneo, Alberto Lamago, cuja competência já é admirada mesmo além das fronteiras nacionais.

Obra insuperável pela documentação histórica, "Terra Goitacá", transcendendo aos limites de produção regional, sendo hoje considerada indispensável no conjunto da historiografia brasileira. Não fosse pequeno o espaço de que dispomos, gostaríamos de transcrever algumas opiniões sobre o referido livro, entre outras as de Rodolfo Garcia, Basílio de Magalhães, etc.

Foi recebida com grande satisfação a notícia de que o Conselho Nacional de Geografia editará, sem quaisquer modificações, "O homem e o brejo". A importante tese que Lamago Filho apresentou ao IX Congresso Nacional de Geografia, e que mereceu os maiores louvores.

Izimbardo Peixoto, Juiz e investigador de fatos históricos locais, publicou uma interessante plaqueta sobre a poética de Manuel Rodrigues Peixoto. O trabalho tem merecido elogios.

Também sobre a personalidade do mesmo filho ilustre de Campos, encontram-se quasi concluído um estudo de Godofredo Tinoco, um de nossos mais apreciados escritores.

A sra. Vivacqua Peixoto deverá publicar, dentro de algum tempo, livros de crítica e história.

O poeta Manoel J. Silva Pinto, está compondo uma Antologia de Poetas Campistas, para o que aceita contribuições de conterrâneos ora residentes fora de Campos. A revista "Planície" deu-nos uma amostra dessa Antologia, publicando várias páginas de Silva Pinto sobre Teixeira de Melo.

Um de nossos mais destacados intelectuais, "doublé" de médico e historiador, está reunindo elementos para um estudo sobre Machado de Assis, analisando particularmente a obra de Berto Conde sobre a insuficiência visual do primeiro romancista do Brasil.

Braz de Lucena, espírito dedicado aos problemas de filosofia, dá os últimos retoques ao seu livro de estréla, onde abordará, num fundo romanesco, algumas das inquietações espirituais da atualidade.

O sr. Oswaldo B. de Almeida, funcionário do I. A. A. em Campos, está divulgando pela imprensa alguns capítulos do seu romance inédito, "Vida". Os excertos têm causado sensação, já se tendo registrado um princípio de polémica brava entre seu autor e um dos nossos jornalistas.

Notas Sobre Ovidio

CARLOS BURLAMAQUI KOPKE

Copyright de LEITURA

OVIDIO (1) representa, sobremaneira, a essência da Antiguidade paga. Latino, foi nos últimos tempos da República e nos primeiros do Império romano, o que melhor soube incarnar o espírito dessa época, para cuja formação não só concorreu um florescimento econômico de grande envergadura, mas também as idéias epicureanas e hedonistas, vindas da Grécia.

Como Mecenas, Luculo e Horácio — Ovidio impôs-se aos seus concidadãos como um adepto substancial das idéias epicureanas. Nele, todavia, julgo que, de preferência, se devassava um hedonista. De fato, muito mais que a Epicuro, devemos buscar a Aristipo e sua Escola cirenáica as fontes ideais para a composição dos "Amores", da "Ars amatoria", do "Remedium amoris".

O epicurismo, não obstante ter origem nos ideais hedônicos, deles se foi diversificando, por sentir que o bem-estar individual não deve relacionar-se com a exigência e satisfação simultânea das paixões, mas, sim, a necessidade absoluta de estas se neutralizarem a ponto de contribuir para o sossego espiritual do coração e da consciência. O hedonismo, ao contrário, preconizava para o bem-estar individual a satisfação de todas as paixões...

Ora, na época de Ovidio, corria um desbragado individualismo, que não foi senão produto imediato desse florescimento econômico, a que me referi linha atrás. Os Mecenas contavam-se a-mancheias; evidentemente, para seu regalo, devia haver, também, quem soubesse dar expressão ou caráter artístico às comeczinhas paixões em que se refestelavam. Assim, "Ovidio proclamou esse gosto sófrego e ansioso dos prazeres dos sentidos, expressivo de uma época corrolada até o âmago, como em nó-lo diz o sr. José Perez, na Introdução (P. 3). Foi uma espécie de suplemento artístico, um fixador de instantes,

numa época em que o Mecenas favorecia ao artista somente com a finalidade altamente burguesa, de nele encontrar originais ou renovados modelos de prazer.

Mas Augusto viera e, no seu programa, muito se fartava a regeneração dos costumes. Ovidio, então, foi visado. E, por um edito imperial, vê-se exilado para o Ponto Euxino. Não adiantaram súplicas nem humilhações. Na única elegia do Livro II, ele, do exílio, procura quebrar a irreductibilidade cordial de Augusto: — "Adspicio, quantum dederis mihi pectoris ipse. — Quoque favore, animi teque tuosque canam!" — "Observa o quanto devo à tua inspiração, e com que entusiástica exaltação louvo a ti e aos teus".

Foram debalde seus lamentos. Ele mesmo desconhecia a causa do seu ostracismo. "Carmen", ou sua arte? "Error", ou qualquer falta? Seriam essas as causas da sua proscricção? "Perdiderint quum me duo crimina, carmen et error. — Alterius facti culpa sillenda mihi..."

Dos poetas latinos, Ovidio tem sido o mais injustificado. Mas a injustiça está em que salientam, demasiadamente, em prejuízo para a sua arte, a vida lasciva que levou, ou a face erótica que parte de sua obra apresenta. Não veem nele o estudioso cultor do transformismo universal, aquele que, pelos hexâmetros das "Metamorfoses" soube dar caráter artístico, que, em eloquência, muitas vezes, superou o próprio Lucrécio do "De natura rerum". Aquilo o qual considerava a eterna mutação dos seres e das coisas, Pichon chegou, até, a negar-lhe conhecimento da mitologia romana... E não ficaram mesmo as censuras e restrições capciosas. Negaram-lhe, também, originalidade no pensamento. E suas criações quantas vezes não foram consideradas pastiches dos poetas gregos?!

A dar-se crédito a tais censuras, (Continua à página 60)

Livros Científicos

ESTA secção fará o registro dos livros de ciência biológica, natural, e médica.

Há um número bastante elevado de técnicos interessados em nosso movimento científico. Naturalistas, biólogos, químicos, físicos e médicos possuem uma aguda curiosidade que a edição crescente de livros especializados procura atender.

Alguns desses especialistas contam com o recurso das revistas técnicas, pelas quais se põem em contato com as novas conquistas realizadas nos diversos setores do trabalho científico. Porém a amizade do livro é o verdadeiro refúgio enriquecedor, porque realmente útil. Milhares de médicos brasileiros, por exemplo, interessam-se não só pelos livros de sua especialidade como também pelos de ciências aproximadas à medicina e ainda pelos de cultura geral, mantidas as velhas tradições de cultura humanista da classe médica brasileira. Os Torres Homem, os Francisco de Castro, os Carlos Chagas, os Gaspar Vianna, que aliavam à pura estrutura médica o mais vasto lastro de cultura geral e humanista não desapareceram de todo.

É de justiça assinalar, entre os nossos valores médicos, entre professores ou clínicos, entre universitários ou extra-universitários, alguma fermentação nova, alguma ânsia de renovação, de anti-academismo (tomando o academismo em seu mau sentido), alguma procura ardente de novos horizontes culturais. A cultura médica precisa cada vez mais democratizar-se, receber do povo novos valores, enriquecer-se. O médico da capital e o médico do interior devem dar-se as mãos no estudo. Esta secção dará notícia, a uns e outros, do que de mais significativo os editores científicos publicarem, na medicina e fora dela, porque é pelo livro científico que os técnicos se aperfeiçoam, colaboram nos trabalhos realizados, e desenvolvem aquele amor pela ciência que é marca de vitalidade e garantia de progresso técnico.

LIVROS RECENTES

"Patologia geral" — pelo Prof. Helion Póvoa (ed. illustr., 284 págs. XVI caps. — "Editora Científica" — Rio). — A patologia geral, no conjunto de ciências médicas, representa uma das posições-chave de toda a formação profissional. Um bom contato com essa cadeia confirma vocações reais ou

pode esclarecer, ainda em tempo, malentendidos ou vocações desviadas do seu verdadeiro objetivo, de tal maneira ela é a ciência introdutória, aquela que estabelece entre o estudante bisonho e o doente os primeiros passos de compreensão e de harmonia. Todo o diretor de Faculdade de Medicina devia ter como primeira preocupação, a seguinte: dotar essa cátedra de um professor que realmente pudesse bem servi-la, pois pela patologia geral a Medicina abre-se ao aluno que nela exercita os seus primeiros passos. A leitura deste livro do Ilustre Professor H. Póvoa, e a notícia da maneira pela qual tem reformado o ensino da patologia geral em nossa Faculdade, dá-nos a convicção de que ele está justamente incluído nesse tipo de Professor de Patologia que cada Diretor de Faculdade haveria de desejar para a sua casa docente.

A patologia geral clássica cedeu lugar a uma nova patologia, que se serve a um tempo do anfiteatro e do laboratório, da enfermaria e da biblioteca. Os fenômenos mórbidos incluem cogitações fisiopatológicas, histopatológicas, e ainda referentes aos agentes etiológicos, aos aspectos sintomáticos, é ciência viva, de experimentação, de trabalho. Como diz o Autor deste livro "o médico terá que estudar patologia a vida toda" porisso que a "realidade mórbida", objeto da patologia geral, "deve ser uma perene preocupação de todos que desejam ser, não meros portadores de um diploma de formatura, mas profissionais cientes e conscientes".

"Patologia geral", depois de um capítulo introdutório, estuda entre outros os seguintes assuntos: os Mecanismos de regulação orgânica, os Tipos de saúde, as Disposições mórbidas (incluindo o estudo de fatores predisponentes, como a fadiga, a espécie, a raça, a sub-nutrição, as miopragias orgânicas, etc.), e a Evolução mórbida (isto é: como as doenças se iniciam, se instalam, evoluem, conquistam o organismo; notar o belo parágrafo sobre a interpretação fisiopatológica das metástases); estuda ainda a Etiologia, os Tipos e Classificações das doenças, o Biotrópismo e as reações biotrópicas; um dos capítulos de mais vivo interesse é o dedicado ao fenômeno de choque, esse território ainda escorregadio da medicina, que possui outro que lhe faz "pendant", aqui também estudado, e de forma magistral: o das sensibilizações orgânicas, on-

de está estudado o palpitante problema da Alergia. Criou o Prof. Helion Póvoa uma palavra e o seu conceito: *alergoses*. E é de ver ainda os capítulos dedicados ao sistema angio-histio-lacunar, ao estudo das inflamações, dos granulomas, das hemorragias, da infecção focal, das septicemias e dos edemas. Não faremos referência aos inúmeros pontos de vista próprios nem às contribuições pessoais que o Autor deste livro apresenta em suas páginas. Todos os que já se familiarizaram com a sua obra científica bem sabem que se trata de um experimentador da mais alta probidade que é também um expositor da mais sedutora forma. "Patologia geral", que se apresenta modestamente como "anotações de aula" é por certo um dos grandes livros médicos surgidos este ano, em nosso meio. Expondo o assunto e fixando-se o Ilustre Autor deste livro, ter-se-á a medida da sua excelência técnica e didática.

"Secreções Internas e Neurovegetativo" — pelos Drs. Enrique del Castillo e Pedro Rospide (tradução da 3.^a edição argentina; ed. illust.; 273 págs. — Editora Guanabara — Rio). Eis um utilíssimo manual semiótico sobre dois capítulos dos mais interessantes da medicina moderna: a endocrinologia e o sistema nervoso autônomo.

Encarregou-se o Dr. Enrique del Castillo, do Instituto de semiologia da Faculdade de Medicina de Buenos Aires da parte relativa a matéria endocrina, tendo escrito oito capítulos que muito servirão ao médico prático, pois ensina, de início, a anatomia, a fisiologia e a patologia geral (sempre a patologia geral...) das glândulas, e depois como fazer o exame do doente glandular, quais os sinais a serem pesquisados desde o interrogatório até as mais finas co-sagens de laboratório. A exploração semiótica das glândulas endócrinas é estudada detalhadamente. A seguir é feito o estudo das síndromes hipofisárias, pineais, tireoidianas, paratireoidianas, tímicas, suprarrenais, gonadais, em capítulos separados, nos quais cada glândula é vista em seu comportamento normal e patológico. Justamente uns dos problemas difíceis da endocrinologia é o do diagnóstico, o saber distinguir entre sinais finos ou quase inaparentes, o saber também deslindar no emaranhado de sintomas os fios reveladores do comprometimento funcional de cada glândula. O Dr. Del Castillo, Ilustre especialista



CAPITAL DECLARADO Cr\$ 3.000.000,00
CAPITAL REALIZADO Cr\$ 2.400.000,00

DO CAPITAL ACIMA DESTINAM-SE AO RAMO DE
ACIDENTES DO TRABALHO
Cr\$ 1.000.000,00 INTEGRALIZADOS

Sede: RIO DE JANEIRO

Fundada em 1920

RUA DA ALFANDEGA, 48 — TELEFONE: 23-1835

Endereço Telegráfico: COMPINTER

SEGUROS DE:

Incêndio — Transportes em Geral — Automoveis — Vidros
Acidentes Pessoais — Roubo
ACIDENTES DO TRABALHO

Reservas mais de Cr\$ 16.000.000,00

de Buenos Aires, ensina tal coisa, paciente e detalhadamente. Haverá mais necessidade de acentuar a utilidade deste livro em mãos do clínico? Notar a abundância de documentos pessoais e as ilustrações fotográficas, tão úteis para dar a noção exata de certos distúrbios glandulares. O capítulo sobre a Hipofise, onde os trabalhos argentinos de um Houssay tanto tem sobressaído, é dos de mais senso didático do livro, estendendo-se nos parágrafos destinados ao nanismo hipofisário ou ao diabetes insípido em uma lucida exposição de fatos semióticos, compreensivos e esclarecedores.

A 2.^a parte do livro foi entregue a outro especialista argentino: o Dr. Pedro C. Rospide e, pelo assunto, tal como foi tratado, situa-se em posição muito própria. Não são comuns os livros explicando ao clínico, em detalhe, o que é e o que faz o sistema nervoso neurovegetativo. O Dr. Rospide, dono de um estilo muito atraente, inicia a sua parte com o detalhado estudo da anatomia e da fisiologia do vago-simpático. Existem duas porções no sistema nervoso

autônomo: o simpático propriamente dito, ou ortosimpático, e o parasimpático, que por sua vez compreende: o tecto bulbar ou craniano, e o sacro. Partindo da anatomia, indo às funções, o Autor chega aos reflexos simpáticos e às 30 síndromes (esclerodermia, acrocianose, enxaqueca, sialorréia, edema agudo do pulmão, eritromelalgia, etc.) que tornam esse capítulo da medicina um dos mais curiosos da moderna patologia. "Secreções internas e neurovegetativo" merecia realmente ser traduzido e editado como foi, com apuro. Na verdade trata-se de dois livros úteis, num só.

Correspondência:

Os livros a serem noticiados nesta página devem ser enviados ao: "O Livro Científico" — Redação de Leitura" — Rua Senador Dantas, 20 - 7.^o andar - salas 708/10. — Edifício Galeno.

A Secção está entregue aos que, no Brasil e no estrangeiro se interessarem pelo livro científico, de medicina ou de ciência afim.

VOLUMES
PUBLICADOS PELA

LIVRARIA ODEON

PROBLEMAS MÉDICO-SOCIAIS DA INFÂNCIA. J. F. de Vasconcellos & J. Silveira Sampaio. Um. vol. de 272 págs. com 20 figs. 1938. Br. Cr\$ 15,00

NOÇÕES DE HIGIENE INFANTIL. J. Silveira Sampaio. Vol. I. 1937. Br. Cr\$ 15,00
NOÇÕES DE HIGIENE INFANTIL. J. Silveira Sampaio. Vol. II. 1937. Br. Cr\$ 15,00

AVENIDA RIO BRANCO, 157

RIO DE JANEIRO

NOTAS SOBRE OVIDIO

(Continuação da página 58)

que dizer-se, então, de um Lucrécio a reeditar, no "De natura rerum", as idéias de um Demócrito, as doutrinas de Epicuro? De um Vergílio tantas vezes inspirado nos modelos teocritianos? De um Ronsard, no século XVII, da História literária da França a mudar para "La matiere d'emense et la forme se perd" o "Omnia mutantur, nihil interit", de Ovidio?

E' que a poesia latina, a par de ser, como sutilmente escreveu o humanista Mario Meunier, "a primeira página da história poética da França, foi, em verdade, a última da história poética da Grécia, que nela se prolongou, acimatada genialmente pelos Lucrécios, Vergílios e Ovídios.

A Grécia atuou na poesia latina como um apriori dos gêneros literários que lá se originaram. Negar, por isso, como fez Boileau, riqueza de imaginação aos latinos, é desconhecer que, mesmo na paisagem vergiliana, se muitas vezes aparecem motivos de Teócrito, nunca o são, por fatores imitativos ou parcos em originalidade, mas porque Vergílio via no Arcade helênico a fatalidade de ser este a origem do gênero, inspiradas no qual as "Bucólicas" foram escritas!

Assim, um poeta, como Ovidio, que proclama: *Quidquid tentatam dicere vesus erat* — "Tudo o que me preocupava escrever eram, somente, versos — nada mais foi senão um artista que criou para cada aspecto das coisas um estilo. E, como estas encerrassem, em conteúdo, o espírito de uma época erótica; ou as idéias que os sábios da Grécia, bem mais antigos do que ele, forjavam para o comportamento do homem. — Ovidio todo se nos mostra a dentro de umas e outras, sem perder, todavia, a força do seu gênio. No fim de contas, sua poesia — erótica, elegiaca, épica e trágica — salienta-o entre os raros de sua época que souberam assimilar o gênio grego em prol da racionalidade latina, e contrapor ao pragmatismo dos romanos o exemplo, Ovidio próprio, de que a Arte, em todas as épocas, supera a fatalidade da História.

As Mulheres

Na vida dos grandes homens

MARY-ANN

NO COMEÇO de sua carreira mundana, que lhe abriria o caminho para o êxito da carreira política, Disraeli escreveu, certo dia, a sua irmã: "Desejarias, Sara, ter como cunhada, lady Z., inteligentíssima, com vinte e cinco mil libras e muito meiga de gênio?... Quanto a amor, todos os meus amigos que se casaram apaixonados batem nas mulheres ou vivem separados delas. É a pura verdade. Talvez eu faça muitas loucuras em minha vida, mas não a de casar-me por amor, pois estou convicto de que significa desgraça certa".

Não casou com lady Z. Tinha uma toda feminina de primeira ordem na Londres galante daquele tempo, roda da qual fazia parte a famosa lady Chesterfield. Teve uma amante, e em homenagem a ela escreveu dois romances, "Henrietta Temple" e "Venetia".

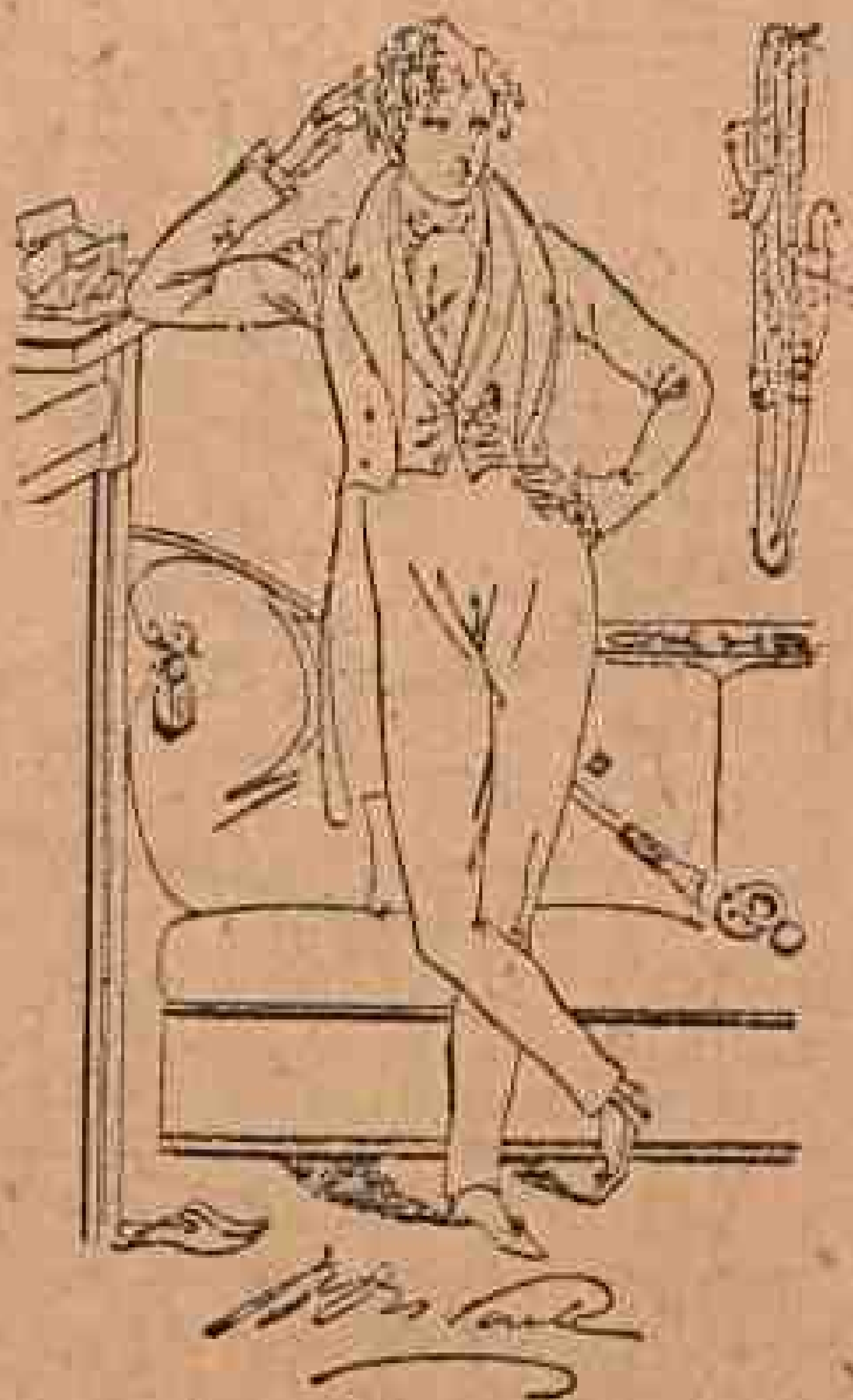
Seis meses depois de sua entrada no Parlamento, Disraeli teve notícias da morte repentina do seu colega Wyndham Lewis, cuja casa gostava de frequentar. Mary-Ann, sra. Wyndham, embora não tivesse os encantos de outras amigas, era preciosa para um parlamentar jovem, ambicioso e cheio de melindres. Apenas persuadiu-se de que ela seria a mulher desejável, disse-lho francamente: Sua declaração não foi mal recebida. "Casei-me a 28 de agosto de 1839" — escreveria ela mais tarde no seu livro de contas, acrescentando: "Meu marido é o querido Dizzy".

Diz Maurois:

"Um 'home' conjugal, uma bela casa em Park Lane, jantares de quarenta talheres oferecidos a seus colegas, com um pouco menos de trancelins de ouro e um pouco menos de rendas, Disraeli mudara muito em alguns meses. Mary-Ann podia ter mil defeitos aos olhos dos outros: mas era a mulher de que precisava aquele homem orgulhoso e sensível. Ela fazia-o viver em adoração, um tanto cômica, em um Paraíso, mas com uma sensação de segurança que apasiguava uma longa e dolorosa inquietação".

Ela fôra a única, até então, que compreendera a profunda tristeza acobertada pela ironia disraeliana; sua falta de alegria verdadeira, o contraste entre os modos fri-

volos e zombeteiros do primitivo Candy e os sentimentos violentos e sombrios que reserviam sob aquela delgada crosta superficial. Acompanhava-o a toda parte, era



Disraeli

adorada pela família de Disraeli.

Não deixava Mary-Ann de cometer "gaffes" medonhas, quase sempre causadas pela sua preocupação de exaltar o marido. Certa manhã, como o casal havia dormido, numa casa de campo aristocrática, no quarto contíguo ao de Lord Hardinge, ela disse a este, no break-fast: "Oh, Lord Hardinge, considero-me a mais feliz das mulheres. Disse a mim mesma, quando acordel, hoje cedo: — Quanta sorte a minha! Dormi deitada entre o maior orador e o maior guerreiro destes tempos".

Nos dias cruciais da carreira política do marido, ela tornava-se admirável pela sua afeição. Depois dos violentos debates de que ele participava no parlamento, debates que terminavam com frequência às quatro ou cinco horas da manhã, Disraeli, voltando para casa, encontrava Mary-Ann de pé, um bom fogo na lareira e todas as luzes acesas. "Luzes, muitas luzes", exigia Mary-Ann que desejava que a impressão do marido,

ao entrar, fôsse de conforto e alegria. Algumas vezes ia de carro até a porta do Parlamento e lá o aguardava parte da noite, tendo comida fria, para ele, no regaço.

Contava-se que era tão grande sua dedicação que, acompanhando Dizzy à Câmara, em um dia de importante discussão, e havendo ficado com a mão quase esmagada por uma portinhola que um laçoio fechara com violência, mostrara coragem de nada revelar até o momento em que se separou do marido, para não turbar-lhe o espírito em uma ocasião em que ele precisava tê-lo bem sereno.

Vitoriosa com ele, vão repousar no castelo de Hughenden. Disraeli tem quarenta e cinco anos e ela cinquenta e sete; mas ele inclinava-se para ela com ternura e ela volta-se para ele com faceirice.

El-lo primeiro ministro, realizado o grande sonho de toda a sua vida. E no baile que o casal oferece no Foreign Office, já a pobre sra. Dizzy parecia muito velha e doente. Havia um mês padecia de cancro no estômago e não queria contar nada ao marido.

Por seis anos seguidos, levou corajosamente a mesma vida mundana. Em 1872, era visto num salão aquele casal ridículo e comovente, ela com oitenta anos, imenso medalhão com o retrato do marido no peito, ele com sessenta e oito, ar sepulcral.

Ela dizia às pessoas amigas: "Graças à bondade dele, minha vida foi uma felicidade douradora". E ele, por sua vez: "Há trinta anos que nos casamos e nunca senti tédio a seu lado". Mary-Ann orgulhava-se, com razão, de poupar a Dizzy todas as preocupações mesquinhas que esgotam a um intelectual. Desde o casamento a casa e os criados tornaram-se máquinas perfeitas, às quais Disraeli não precisava manifestar um pensamento. "Não havia cuidado que ela não soubesse atenuar e dificuldade que não soubesse enfrentar. Era a mulher mais corajosa e mais animadora que tenho conhecido".

Dizzy perdeu, com a morte de Mary-Ann, a criatura que mais o amava no mundo, e ficou sem mais pessoa alguma com que satisfizesse seu imenso anseio de dedicação.

**Pato Donald
Mickey Mouse
Pinocchio
Branca de Neve**

Imortalizados pelo lapis
mágico do

Walt Disney

agora

em lindos álbuns das
"Edições Melhoramentos"

PATO DONALD: Cr\$ 6,00 • MICKEY, O MATADOR
DE GIGANTES: Cr\$ 6,00 • O PINOCCHIO: Cr\$ 6,00
OS COMPANHEIROS DE BRANCA DE NEVE: Cr\$ 5,00

OS TRÊS LEITOEZINHOS: Cr\$ 6,00 • CINCO IRMÃOS BICHANOS: Cr\$ 6,00
A GALINHA RUIVA: Cr\$ 5,00 • JOCA (Coelhinho aventureiro): Cr\$ 5,00
O CAOZINHO CABEÇUDO: Cr\$ 8,00 • O MISTÉRIO DO ANEL: Cr\$ 12,00
NO FUNDO DO MAR: Cr\$ 9,00 • OS DOIS VEADINHOS: Cr\$ 8,00
HISTÓRIA DO TREM DE FERRO: Cr\$ 6,00 • BRINQUEDOS PARA OS DIAS
DE FOLGA: Cr\$ 15,00 • HISTÓRIAS DO TIO DAMIÃO: Cr\$ 2,00
SANTOS DUMONT: Cr\$ 7,00 • O CAMONDONGO
e outras historietas: Cr\$ 6,00

**Edições
Melhoramentos**
Caixa Postal, 120 B - São Paulo



||| A venda em todas as boas livrarias, papelarias e bazares |||

Não encontrando nossas edições na sua livraria, peça-as diretamente pelo
"Reembolso Postal"

"OS DIREITOS DO HOMEM" Natal

REINOLD NIEBUHR

ESSE pequeno livro é um relato profundo e sucinto dos pontos de vista de um pensador católico em relação ao homem e à comunidade humana. Maritain crê que somente uma filosofia cristã pode fazer justiça às duas facetas da personalidade humana. O ser humano — declara o pensador — é um todo, mas não um todo fechado, mas um todo aberto. A integridade de cada ser, sua "relação direta com o absoluto", exige que a liberdade seja um dos "direitos do homem que cada sociedade deve organizar. Quer isto dizer que uma comunidade não deve procurar reivindicar uma lealdade final e absoluta do homem, porque "a pessoa humana transcende às sociedades temporárias e é superior a todas elas".

Por outro lado, o fato de ser uma pessoa um "todo aberto" e exigir a comunidade como remate de sua vida, empresta às relações sociais e às necessidades humanas uma dignidade e um valor que as concepções do direito natural do século dezoito não lhes concedem. O pensamento de Maritain é uma análise cuidadosamente equilibrada das relações do indivíduo com a comunidade. O filósofo é de opinião que o "moderno individualismo burguês" tende à destruição da relação orgânica do homem com a comunidade e que "os totalitarismos de hoje, cuja pior expressão é o nazismo, destroem a dignidade do ser humano ao negar e procurar destruir a dimensão de personalidade que transcende a todas as relações comunais. Maritain é de opinião que a natureza do homem reclama uma concepção personalista de sociedade, acentuando que a "dignidade das pessoas é anterior à sociedade". Isso requer uma filosofia social comunal, porque as pessoas "tendem naturalmente para a sociedade e a confraternidade". Por último essa concepção deve ser comunal porque a "pessoa humana busca normalmente uma pluralidade de comunidades autônomas que possuam os seus próprios direitos, liberdades e autoridade". ...

Não sei de nenhuma outra exposição mais persuasiva sobre as conjecturas cristãs de uma adequada filosofia política. Maritain não reivindica sua posição como a de um exclusivo patrimônio cristão "Não me esqueço — diz ele — de que os estranhos à filosofia cristã podem ser deveras sensíveis à creatura humana e à sua dignidade, e as vezes até revelam, pelo seu comportamento, um respeito prático por essa dignidade, no que podem ser iguais por pouco". Crê Maritain, todavia, que o secularismo pelo qual se procura compreender o ser humano dentro dos limites da natureza, facilmente degenera num individualismo que não faz justiça ao caráter comunal da personalidade ou que recai num estatismo que deixa de perceber a transcendente dignidade do homem.

Os idealistas seculares estão em condições de examinar toda essa tese com bom senso crítico, e provavelmente estarão inclinados a refutar o idealismo de Maritain com os fatos históricos. Eles demonstrarão que as tradicionais sociedades cristãs frequentemente têm desrespeitado as liberdades do ser humano, de uma maneira que Maritain declara ser ne-

cessária. Ele possui um método apaziguador de refutar tal criticismo. Não nega que muitas "sociedades" cristãs se mostravam mais interessadas na forma do que na própria substância dos ensinamentos cristãos acerca da sociedade humana. Ele quer mesmo admitir que o clericalismo, no qual o orgulho do sacerdote desvirtua a pura intenção da filosofia cristã, é uma frequente corrupção histórica do ideal cristão. E Maritain anseia por evitar essa corrupção.

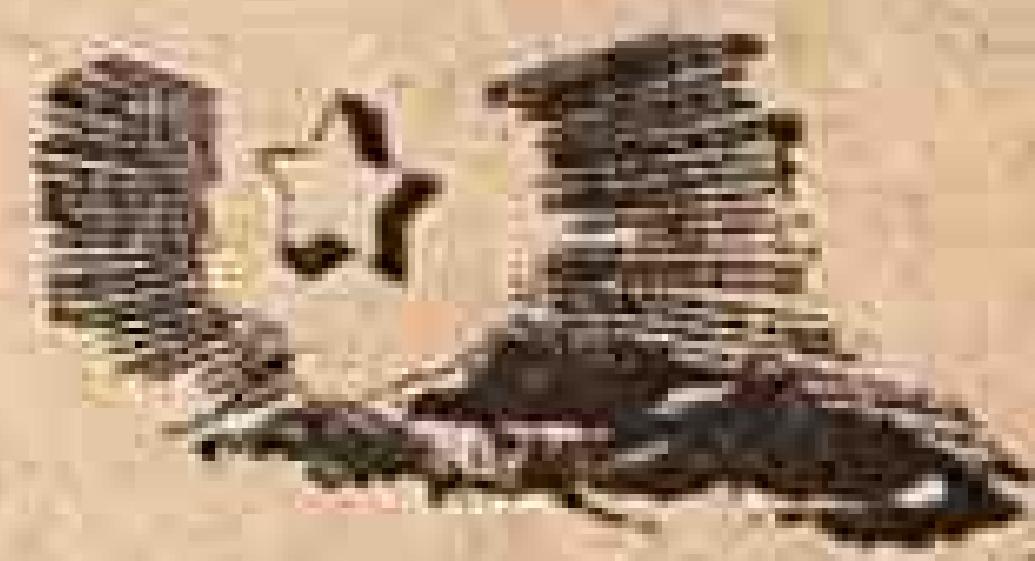
Agora seria o caso de saber se ele consegue isso na base de uma de suas pressuposições. A Igreja Católica — declara o filósofo — insiste sobre o princípio de que a verdade deve ter precedência sobre o erro e que a verdadeira religião, quando revelada, deve apoiar-se em sua missão espiritual, de preferência às religiões cuja mensagem é mais ou menos vacilante e na qual o erro se mistura com a verdade.

Aí está o calcanhar de Aquiles de um "político cristão". Quem pode determinar a "verdadeira" religião a que o Estado deva dar preferência? Quererá isso dizer que uma versão da fé cristã que reclama o direito de ser a única verdadeira (e que conta com a fidelidade da maioria dos cidadãos do Estado) tem o "direito" de exigir o apoio desse Estado, com exclusão das demais versões da mesma fé? Se é o que se deduz, como evitar o "clericalismo"? Ademais, não ignora tal princípio o fato de que alguma falsidade vem sempre de mistura com a verdade, mesmo na filosofia ou religião mais pura?

Um Estado secular pode tender para a criação de uma sociedade também secular, e uma sociedade secular pode degenerar exatamente como sugere Maritain. Não obstante isso, alguns dos valores da liberdade democrática que o pensador católico alimenta em seu espírito foram obtidos com sociedades seculares, precisamente porque elas romperam com o monopólio religioso. Maritain apresentou uma plausível e persuasiva alternativa ao secularismo e ao clericalismo. Mas, naturalmente, essa alternativa tem o defeito de evitar muito mais os erros do primeiro do que os do último..

OS DIREITOS DO HOMEM, de Jacques Maritain — Tradução de Afrânio Coutinho — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS: — Rogamos aos nossos leitores o obséquio de remeter o pagamento das assinaturas em selos, e diretamente à redação. Assim, ficará facilitado nosso trabalho, revertendo também o mesmo em benefício dos leitores. — SENADOR DANTAS, 20-7.º andar — S. 708/10 — Edifício "Galeno".



De repente, o sol raiou
E o galo cocoricou:

— Cristo nasceu!

O boi, no campo perdido
Mugiu num longo mugido

— Aonde? Aonde?

Com seu balido tremido
Ligeiro diz o cordeiro:

— Em Belém! Em Belém!

Eis sendo quando, num surto
Se escuta a tola do burro:

— Foi sim que eu estava lá!

O papagaio, que é gira
Pôs-se a berrar: — É mentira!

Os bichos de peno, em bando
Reclameram protestando:
O pombal todo arrulhava:

— Cruz credo! Cruz credo!

Brave

A arara gritava à beça:

— Mentira? Arara... Ora essa!

— Cristo nasceu! cante o galo

— Aonde? pergunta o boi

— Na mangedoura! — o cavalo
Contente rincha onde foi

Bale o cordeiro também:

— Em Belém! Mé... Em Belém!

E os bichos todos pegaram
O papagaio caturre
E de raiva lhe aplicaram
Uma grandíssima surra

DE VINICIUS DE MORAES
para todos os crianças do Brasil.

EM TODAS AS LIVRARIAS

"GASPAR SILVEIRA MARTINS"

(O Condestavel da Democracia)

"Três conceitos lhe definiram a vida: o da vontade, o da liberdade, o da democracia. Três palavras hoje melancólicas, no espetáculo das inquietações contemporâneas... — Este livro é bastante minucioso e documentado. Nele se retrata a figura de Silveira Martins como ele realmente foi: ímpar nos seus contornos pela sua inteligência, pela sua cultura, pelo seu caráter, pelos seus sentimentos de brasilidade, pelo seu culto indormido por tudo quanto seja direito, justiça e liberdade". (Palavras de introdução ao livro, escritas por COSTA REGO).

"GASPAR SILVEIRA MARTINS"

DO DR. PAULINO JACQUES

é uma edição da
BIBLIOTECA DE GRANDES BIOGRAFIAS
— da —

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — CAIXA POSTAL 2956 — RIO

Um volume com cerca de 300 páginas, ilustrado, Cr\$ 30,00

NAO ENCONTRANDO ESTE LIVRO NO SEU LIVREIRO PEÇA-O PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

O PROGRAMA CASÉ

Apresenta todos os domingos das 10,30 às 15,15 as seguintes audições:

- | | |
|--|---|
| 10,30 às 11,00 — Programa variado. | 13,00 — NICOLINO MILANO com solos de violino. |
| 11,05 — ALERTA TORPEDO! Sckét radiofônico. | 13,15 — ALERTA TORPEDO! Sckét radiofônico. |
| 11,15 às 12,00 — Programa variado com orquestra de Nicolino Milano — Regional de Luperce Miranda e os Cantores Angelo de Freitas, Conjunto Cancioneiros do ar — Adolfina Acosta — Nelson Gonçalves e outros. | 13,30 — ILLONA MASSEY, meia hora de arte e encantamento da estrela de Hollywood. |
| 12,00 — Santo do Dia. | 14,00 — Prefixo Musical de NOTRE DAME DE PARIS. |
| 12,05 — Novela semanal "O MOÇO LOURO" radiofoniação de Sady Cabral — direção de Manoel Braga. | 14,05 — DEFENSORES DA LEI — Radio Teatro policial de Benvindo Edinaldo — direção de Manoel Braga. |
| | 15,15 — Prefixo de encerramento. |

CARLOS RIBEIRO

LIVREIRO ANTIQUARIO
RUA DO CARMO, 29 - 1.º
SALA 9 — FONE: 43-8322

ESPECIALIDADE: — Livros raros sobre o Brasil — Primeiras edições — Livros de luxo — Livros antigos — Curiosidades Bibliográficas — Biblioteca Positivista — Autógrafos — Procura de livros raros e esgotados.

MERCADOR DE LIVROS, ESTAMPAS E AUTÓGRAFOS

A Lição de Romain Rolland

(Continuação da página 35)

criaturas e se colocava acima da multidão.

Tamanho é o poder da confusão reacionária que até alguns bons espíritos se têm deixado mistificar por esse falso conceito. Como toda a vida de Romain Rolland, desde o fim da primeira guerra mundial até agora, tem sido um veemente desmentido dessa versão, a insidia perdeu em importância. Mas se buscamos reconstituir ao menos uma parte da evolução de Romain Rolland, temos de retificar também essa confusão — que ainda agora vimos repetidas em muitos necrologios que, em grifo, os jornais lhe dedicaram:

Quando Romain Rolland começa a sua luta contra o crime da guerra imperialista, está quase sozinho — perto a seu lado, mudo, imperceptível, está apenas o germe que há de nascer na consciência dos povos. A necessidade de revelar se apressa desse homem e obriga a enfrentar o perigo e a mentira. Tudo se volta contra ele. Com quem poderá contar? Ele não fala no meio da multidão. Está só, obstinado, siderado por uma verdade insopitável. Então é por cima da confusão que a sua voz se levanta:

"Au-dessus de la mêlée des nations et des patries... je suis contre toutes les barrières qui séparent les hommes".

Querem maior demonstração de patibulo humana? É todo um programa de dedicação à humanidade o que esse homem esboça "contra todas as barreiras que separam os homens". Combatido, odiado, apedrejado pela venalidade dos órgãos que fazem a opinião e se submetem à reação, eis-lo que reafirma a sua fé na redenção das criaturas:

"Quando se ouve, na terra esmaçada, apenas se afastar o galope furioso dos Quatro Cavaleiros, levantando a cabeça e continuo o meu canto — misero e obstinado".
Chega então a desprezar os homens, individualmente considerados, para poder continuar a amá-los contra todas as decepções, contra as próprias amarguras, e a servi-los contra todas as vicissitudes. Ele alguma definição da sua atitude nessa época:

"Estarei errado por querer que o sapato seja feito para o pé e não o pé para o sapato? — Tínhamos muito que aprender com os nossos filhos. — Não se ama suficientemente a vida. — A solidão do espírito não passa de ilusão. Amarra dolorosa, mas sem realidade pro-

funda. Por mais sozinho que se esteja outros pensam em nós e a solidão se desfaz pela presença desses pensamentos comuns. — Penso que há sobre a terra muitas coisas boas e belas. A pátria é uma delas. Eu também a amo. Não discuto o amor, mas a maneira de amar. — A verdade mais temível — a dois, é ainda uma alegria. Mas a quem fica sozinho, ela é morta. — Existem muitos como ele, no mundo, orgulhando-se da sua incompreensão. Não é necessário que cada um se vanglorie uns daquilo que tem e outros do que não tem? — Todo homem de bem tem uma missão. — Folhas mortas, cá! A árvore então crescerá melhor, a primavera florescerá para outros... Querida primavera. — Jamais diremos que por ser um homem muito grande, o mundo não lhe bastou. — Desprezo o idealismo covarde que desvia os olhos das misérias da vida e das fraquezas da alma. — Nós que fruimos conquistas de nossos maiores, não pensamos mais no sangue derramado:

Non vi si pensa
Quanto sangue costa

Tenho querido ostentar este sangue aos olhos de todos, tenho querido fazer tremular, sobre as nossas cabeças, o rubro pendão dos heróis.

Finalmente: "Quando fiz ouvir o meu apelo 'au-dessus de la mêlée' não reneguei nenhuma das dores dos meus irmãos mas os seus erros. E eu tenho procurado suprimi-los."

Do homem Romain Rolland poucos terão dado uma imagem tão clara quanto Gorki, que disse: "Nunca o vi, mas penso que os olhos de Romain Rolland são calmos e tristes e que sua voz é doce mas firme." Ele a imagem ideal do homem que Gorki chamou "Tolstoi da França, mas um Tolstoi isento desse terrível odio à razão que foi para Tolstoi a fonte de seus sofrimentos e tão cruelmente o impediu de ser um artista genial".

Muitos dos nossos críticos, fazendo coro semi-colonial e semi-cultural à crítica bem-pensante, apontam como fatal à obra literária de Romain Rolland a sua eloquência. Não há dúvida, a eloquência pertence a Romain Rolland e mas que um cacoste de estilo é um modo de ser, um atributo essencial à sua personalidade literária. Mas, se a eloquência por si só fosse bastante para invalidar a beleza que dizem da Bíblia esses críticos? E da música de Beethoven haverá maior eloquência? E quando viram eles uma obra de arte para a multidão, sem

eloquência? A eloquência está em Miguel Angelo e em Shostakovich, e o temor à eloquência muitas vezes não é mais que o pavor da responsabilidade a que obriga o compromisso da inteligência.

O eloquente Romain Rolland viveu a sua obra com uma sinceridade talvez inigualada por qualquer dos que lhe censuram essa — como dizer? — qualidade? defeito? Anima-va-o essa convicção que ele tão bem exprimiu: "Sofrer não é nada, morrer não é nada quando se sabe porque se sofre ou se morre".

Vejamos exemplos da sua eloquência malsinada, que por sinal não impediu o aparecimento desse poema celta — "Colas Breugnon" que Gorki considerava "um dos livros mais espantosos do nosso tempo".

Em todo adolescente de dezesseis a dezoito anos há um pouco da alma de Hamlet. — Pela porta de seus olhos, no seu coração ela entrou. E a porta se fechou sobre o seu vulto. — Ficaram assim, na sombra protetora, suas mãos como dois pássaros encolhidos no mesmo ninho. — Como poderiam os pensamentos se comunicar livremente uns aos outros quando cada um evitava ir ao fundo dos seus próprios pensamentos? — Muitos deles haviam fundado pequenas revistas, cuja vida efêmera se extinguia, nos primeiros números, por falta de ar. A censura fazia o vácuo. O pensamento da França estava sob uma campânula pneumática. — Há no coração de Paris províncias ingênuas, pequenos jardins de claustros, pureza de fontes. Paris se deixa trair pela literatura. Os que falam em seu nome são os mais maculados. — Só se devia ser artista quando absolutamente não se pudesse guardar para si aquilo que se sente; quando se tem demais. — "... a palma da sua mão deitada na docura nua das duas mãos estendidas". — Mais do que nunca a música respondia à necessidade dos seus corações. Ela era a única arte que revelava a arte libertada, por trás da cortina das formas. — Agora o que é bom, é que existe amanhã. — Ainda que nunca mais a visse, ele sabia quem ela era, e que ela era o ninho."

O tempo amargo do exílio na Suíça, quando a violência crimínea triunfava nas consciências, Romain Rolland volta-se para o Oriente e vai buscar na Índia um possível remédio para a sua magua. A biografia de Vivekananda e depois a desse mártir indil, o Mahatma Gandhi, constituem o resultado da sua bus-

sa de um ideal de perfeição e pureza. Para as necessidades de pura cronologia, envio o leitor à biografia de Rolland por Stefan Zweig, medíocre mas suficiente como informação. O espaço que nos é facultado não permite mais.

Em artigo que escrevi em 1936, no número da "Revista Acadêmica", sobre Rolland, disse, a propósito do seu septuagésimo aniversário:

— O artista não é alguém esperado do comum dos homens. É um homem comum, penetrado de humanidade... capaz de dar forma ao que vive informe no comum dos homens... Para mim a ideia do artista se confunde com a do apóstolo. A criação de ambos tem de despertar nos homens o que eles trazem adormecido nos seus sentimentos. A arte, em vez de separar o artista do homem comum, liga a ambos por um sentimento de simpatia e de fraternidade que é, no artista, a glória de trazer revelações e no homem comum o deslumbramento da verdade e da beleza reveladas.

Na biografia de Miguel-Angelo, sem dúvida o mais belo livro que sobre a vida de um artista jamais se escreveu em qualquer tempo, como na de Tolstoi e na de Beethoven, Romain Rolland traçou a imagem do homem acorrentado à sua própria grandeza, fraco pela própria força, uma força primitiva que a natureza lhe deu para pensar e agir.

Com o choque da guerra, a ideia da união entre pensamento e ação, como partes que se completam, iluminou o pensamento de Rolland e resolveu essa contradição que ele apontaria em Miguel-Angelo. Mas foi depois da guerra, quando se debuceou sobre a experiência russa, ainda chelo de horror, pela violência, que Romain Rolland sentiu como a identidade de pensamento e ação, partes de um mesmo movimento, correspondia a uma exigência do seu propósito de salvação do homem.

É-lo então definindo melhor o seu programa de ação contra a violência. A violência abominável é a do perseguidor contra o perseguido, a do poderoso contra o fraco. Chegou o tempo dos fracos se unirem para vencer a injustiça e a brutalidade mortal dos donos da vida.

É a fase da sua vida que todos nós conhecemos. "Paroles d'un combattant" e "Vingt ans de combat" reúnem os manifestos, as proclamações, as incessantes advertências desse homem. Em nenhuma parte se comete uma injustiça sem que a sua voz se faça ouvir. Por algum

tempo tem que ele se tornasse uma espécie de Victor Hugo, um assinante de manifestos formais, sobre assuntos que ele mal podia compreender.

O poeta inglês Stephen Spender, que fez a guerra da Espanha ao lado dos republicanos, escreveu há tempos um ensaio muito útil sobre os manifestos de intelectuais. Assinala manifestos, parece dizer Spender. Mas fazel por merecê-los. Quando um artista assina um manifesto, está usando a autoridade que grangeou com a sua obra. Ora, se ele passa a só assinar manifestos e se esquece da obra ou ainda não a realizou, que será dos seus manifestos?

Romain Rolland podia assinar quantos quisesse, porque trazia consigo a verdade e a experiência, a glória de sua obra — "Jean Christophe" "L'âme enchantée" — e a certeza que ele luminosamente definiu:

"Somos na miséria e na vergonha do presente, os contemporâneos do futuro".

Diz Mac Leish que a grande miséria dos intelectuais em nosso tempo vem da separação fatal entre o erudito, o pensador, e esse criador de formas livres e puras, o artista. Dessa excessiva especialização surgiu a dissociação do artista e dos seus compromissos para com a vida. A inteligência obriga, mas os intelectuais nem sempre compreendem assim. No passado, foram grandes aqueles que uniram pensamento e ação, e ousaram defender "até com a própria vida, as suas ideias, a sua criação, a sua concepção da arte e do mundo. Esse compromisso que atinge a própria vida, foi o que iluminou a vida de Romain Rolland.

Hoje não sabemos bem como terá morrido o Mestre entre os desmentidos alemães e as mentiras de uma

propaganda que ainda está nas mãos indevidas dos mentirosos profissionais. Nem mesmo sabemos se Romain Rolland, do seu retiro na Suíça entrou voluntariamente na França para acompanhar, junto com o seu povo, a agonia da sua gente traída e vilipendiada.

Mas ainda que nunca mais o vejamos, saberemos sempre que ele foi, e que ele é o ninho. Alma imaculada, fonte de amor e de reivindicação, consciência rebelada, esse é o Romain Rolland que entre todos os artistas desse século mais merece o nome de Mestre. Ninguém como ele foi sincero e intenso, ninguém tão capaz de mostrar aos jovens o caminho da vida. Ele era de aço e de ouro, resplandecia, fulgurava e no entanto dava sombra como uma árvore poderosa. As circunstâncias secretas da sua morte, tudo o que dela ignoramos, ainda mais acentua a lembrança da vida encerrada, na semente a que se referia S. João, a semente que morre e fica em silêncio para renascer. Enquanto ao nosso lado ele combate, na força dos seus ensinamentos, sentimos que ele há-de renascer, no futuro como um contemporâneo.

Não foi apenas o nazismo que ele combateu, é claro. Ele bem sabia que o nazismo é um episódio, peçonheira da máquina monstruosa. Ele combateu a engrenagem que a cada momento ameaça reerguer-se sobre os mortos desta guerra para preparar a próxima. Graças à sua lição podemos estar alertas, desprezando igualmente os que nos falam dos inconvenientes de só pensar na guerra e os que nos convidam a não pensar noutra coisa senão na guerra. Pensar no que teremos depois da guerra é também uma forma de viver pensando nela e de encontrar estímulo e entusiasmo para suportá-la e vencê-la. Houve um momento em que todos os pensamentos deviam estar concentrados na guerra. Hoje ela se desenvolveu de tal modo que já as suas consequências se manifestam antes da sua terminação. Como não pensar, então, nessas consequências que desde já se evidenciam?

Dos abismos da morte surge a sua voz poderosa: "Quando se ouve na terra esmagada, apenas se afastar o galope furioso dos Quatro Cavaleiros, levanto a cabeça e continuo o meu canto — misero e obstinado". Possam todos ouvi-lo, possam todos aprender com ele o amor à beleza da vida, o único amor digno do artista, aquele que se manifesta pelo propósito de defender com ternura e desespero, aquilo que se ama.

LOJA DE LIVROS

A MAIS COMPLETA NO
GENERO

HENRIQUE SANTANA

51, TRAVESSA AURELIANO, 51

NATAL — EST. DO RIO GRANDE
DO NORTE

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em LEITURA, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

O que os Outros Dizem dos Livros

Não sendo possível publicar artigos sobre todos os livros aparecidos durante o mês, **LEITURA** inicia esta nova seção, entregue a um escritor de responsabilidade, afim de que tenham registro especial os bons livros que não obtiveram a oportunidade dos outros.

ROTEIRO DO TOCANTINS, de Lyllas Rodrigues — Diário de viagem das explorações terrestres e aéreas que o A. fez, em 1931 e 1935, para estabelecimento da rota da Panair: entre o Rio de Janeiro e Belém do Pará. Reportagem minuciosa, em que são focalizados aspectos, muitos deles inteiramente ignorados, do Brasil Central.

Para estudar o roteiro que iria reduzir a metade a viagem aérea entre aqueles dois pontos do território nacional, o A. saiu do Rio, na primeira vez, a 19 de agosto de 1931, andou de trem, de automóvel, a cavalo, a pé, de avião, para voltar, afinal a 25 de setembro. O voo de experiência foi realizado entre 14 e 21 de novembro de 1935. As informações contidas no livro são importantes, do ponto de vista econômico, sociológico, geográfico e político. Informações como referentes aos alemães que fazem fortuna com as riquezas do Brasil; às lendas e costumes; às deficiências dos estudos geográficos sobre a nossa hinterlândia. Ao lado das informações, algumas conjecturas como esta:

"Curioso é observar-se um contraste aqui: junto a um grande número de proprietários de vastidões territoriais que raramente os donos conhecem integralmente, vastidões que encerram riquezas das mil e uma noites, há uma massa da população pobre, miserável, curtindo fome, devorada pelas doenças, sobretudo pelo impaludismo. Quando liquidaremos o latifúndio no Brasil?... (Ed.: Livraria José Olympio, Rio).

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado — "No amadurecimento magnífico de seus trinta anos, Jorge Amado escreve o romance mais completo de sua carreira fecunda e brilhante. Estamos diante não só da obra-prima de Jorge Amado, mas ainda de um dos romances mais importantes da nossa literatura".

SERGIO MILLIET

PEDRO AMÉRICO, de José Lins do Rego — Conferência eralizada na Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Vivo retrato do pintor, interpretação da sua personalidade com intenso calor humano. "Não me pus a criticá-lo na sua arte, que não amo muito, mas a vê-lo como, de fato, me pareceu, no ambiente de sua terra, na sua infância mutilada, na sua carreira de grande homem malogrado" — escreve o A. "O meu Pedro Américo não será o da exaltação convencional, um gênio verde-e-amarelo da pintura. Este não se manteve de pé por muito tempo". Contando a história do menino-prodígio de Areia ("terra de verdura numa província de secas terríveis, terra de gente brava, de homens que por mais de uma vez se levantaram contra o poder do Império"), narrando a sua

fuga na expedição científica do naturalista Jacques Brunet, da cidadezinha para a metrópole e daí para a Europa e África ("o filho pródigo que um dia abandonou a casa paterna para conhecer o mundo. É um pródigo que tudo quer, que tudo pretende conquistar. Quer ser pintor se esquece da casa paterna para ser quer ser físico, quer ser literato, quer o que não podia e não devia ser"), o ser filósofo", o pródigo, enfim, "que A. revela-se o escritor essencialmente humano de sempre, e Pedro Américo, nas suas mãos, quase adquire um relevo de herói de romance. Sobre tudo quando ele fala do pintor que fechou todos os sentidos às coisas da sua terra para trancar-se ferozmente num mundo abstrato; quando fala do cego infeliz que tinha olhos para ver a paisagem da sua infância; o menino que se perdeu pelos caminhos do mundo. "Aquele carreiro do quadro do Ipiranga parece estar a dizer ao pintor: — Mestre Américo, porque não pintaste os matutos de Areia, a terra que olhaste com os teus olhos, as flores dos nossos campos, as águas dos nossos rios, a tristeza das nossas tardes, o verde dos nossos mares?" (Ed.: Casa do Estudante do Brasil, Rio).

CASA-GRANDE & SENZALA, de Gilberto Freyre — "Foi com este livro, exatamente há dez anos, que o sr. Gilberto Freyre se tornou um mestre em assuntos históricos e sociológicos, ao mesmo tempo que uma das principais figuras da literatura brasileira".

ALVARO LINS

OESTE PAULISTA, de A. Tavares de Almeida — Estudo de uma experiência etnográfica e cultural, realizado com espírito de método, dentro da melhor técnica do "field-study". O A. focaliza vários aspectos da região de Rio Preto, tentando uma interpretação do comportamento do homem em relação ao meio. Murido de estatísticas e de depoimentos valiosos, com os resultados de penosas pesquisas de campo, o A. aventura uma série de sugestões e observações pessoais sobre a zona agrária que escolheu para seu objeto de estudo. Com esse livro, que o escritor Hermes Lima considerou do maior interesse para a compreensão de vários problemas da Alta Araraquarense, o A. inicia uma obra cíclica, destinada a constituir completo panorama das realidades econômicas, sociais e culturais do Oeste Paulista. O sumário dá uma idéia da riqueza da matéria que o livro contém: 1. Paisagem; 2. Fundação social e política; 3. População; 4. "Melting-pot" rio-pretano; 5. Os problemas da adaptação por etnias; 6. Os problemas da adaptação pelas cores; 7. questão da cor; 8. A questão japonesa; 9. Assimilação política; 10. Aculturação; 11. Tipos e problemas. O professor Pierre Monbeig, que é um mestre em matéria de geografia humana, descreveu que se trata de "um livro de valor, não somente pelo que traz diretamente de novo acerca do sertão de Rio Preto, como também pelo exemplo que dá e pelas sugestões que dev provocar". (Ed. Alba).

CALUNGA, de Jorge de Lima — "O romance do massapé alagoano. Do sururú. Das seções. Da vida à margem das lagoas. Romance escrito por alguém que não é nada romancista, mas um poeta capaz de todas as aventuras". (Valdemar Cavalcanti). **MÁGICA EM GARRAFAS**, de Milton Silverman — História dos medicamentos modernos, escrita muito ao gosto norte-americano. Isto é, literariamente, um ingrediente que é a simples e natural mistura de história e ficção, de verdade e mentira, de realidade e imaginação. É um livro que, embora de vulgarização científica, interessa mais ao leitor médio pelo seu conteúdo humano. Quasi um volume de novelas, nesse sentido. A crônica dos grandes remédios da humanidade é, aqui, a narrativa às vezes apaixonante da luta de alguns fanáticos em suas pesquisas de laboratório e de hospital; mais do que isso, até: o drama entre a vida e a morte. O A. escreveu, por assim dizer, o romance da morfina, da quínina, da digitalis, da cocaína, da 205, da aspirina, do veronal, das vitaminas, dos hormônios da sulfanilamida. E com isso escreveu também o romance dos homens cuja vida ficou ligada à história das drogas usadas na medicina moderna — o romance dos cientistas cabeçudos e audaciosos, que tantas vezes deram a vida para combater a morte. A tradução brasileira desse volume da "Biblioteca do Espírito Moderno" é de Monteiro Lobato. (Cia. Editora Nacional, São Paulo).

LA CRISE DES SCIENCES DE L'HOMME, de Pierre Monbeig — "Raramente um trabalho se coloca com tanta oportunidade. (...) A conferência de Pierre Monbeig é uma meditação salutar para quem se interessa pelo assunto".

ANTONIO CANDIDO

HORIZONTE PERDIDO, de James Hilton — Misto de romance de idéias e romance de aventuras, realizado por um escritor que bem conhece ambas as técnicas necessárias a semelhante empreendimento literário. Quem conhece as outras obras do A., sobretudo o "Adeus, Mr. Chipps", há-de achar esta última algo estranha e, às vezes até monótona. O A. inventou Xangri-La, mosteiro lamaico, encrustado em Kuen-Lun, e que constitui a terra ideal da serenidade e da felicidade. Velhos monges, reunidos por força das circunstâncias, vindos das mais diversas latitudes, transformam Xangri-La em Terra da Promissão. O que há-de mais interessante em tudo isso, entretanto, não está no livro nem constitui um fato de conteúdo literário: é que, segundo já se divulgou, o Presidente Roosevelt leu o romance de Hilton e batizou uma vaso de guerra norteamericano com o nome de Xangri-La. A tradução de "Horizonte Perdido", incluído na Coleção Nobel, foi revista por Leonel Valandro. (Ed. Livraria do Globo, Porto-Alegre).

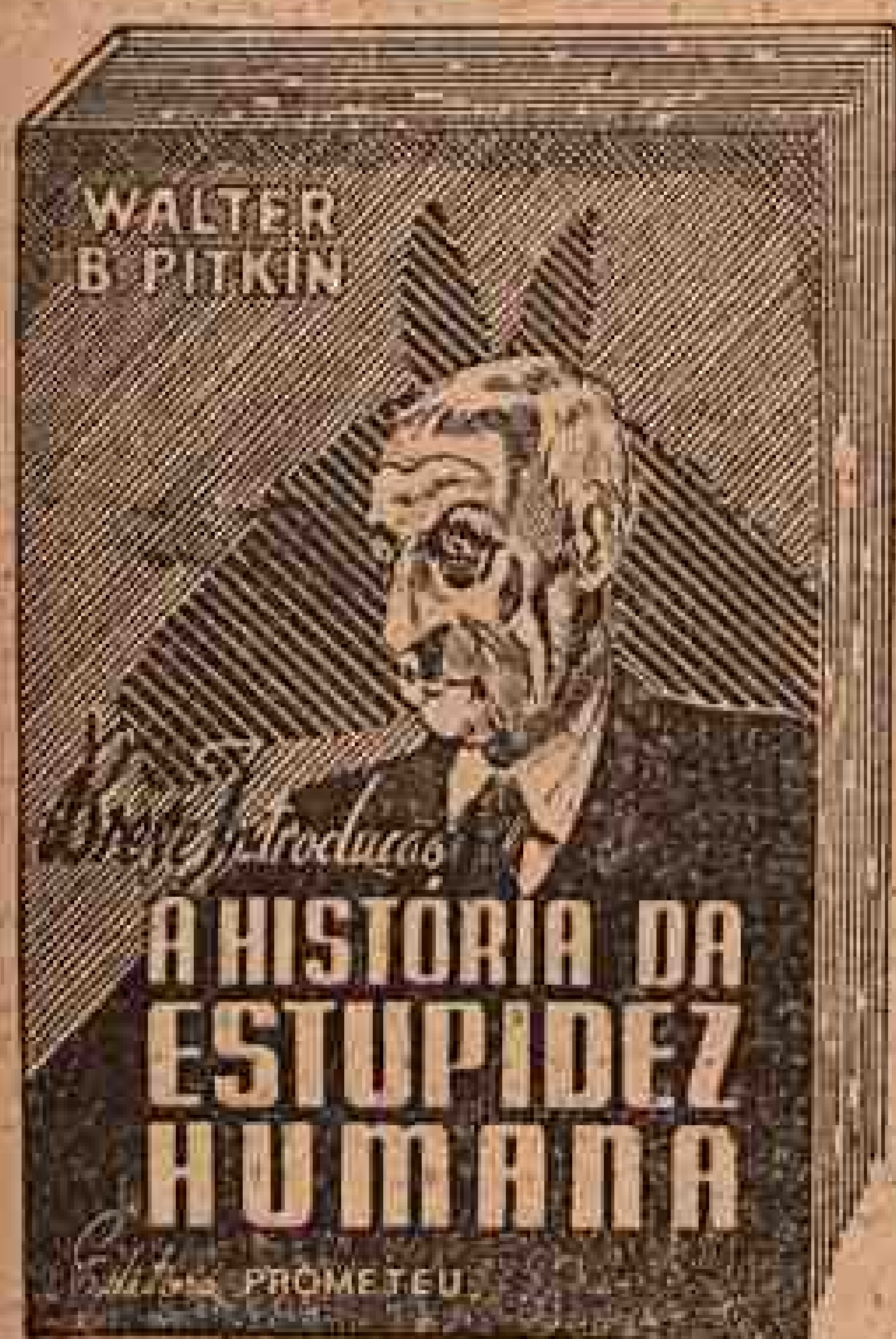
DO ESCAMBO A ESCRAVIDÃO, de Alexander Marchant — "O livro do professor Marchant, que o sr. Carlos Lacerda traduziu com precisão e

Breve Introdução à

História da Estupidez Humana

por

WALTER B. PITKIN



Esta obra é uma excursão preliminar a um território desconhecido. A psicologia explorou os domínios da insanidade sub-normal e as culminâncias do gênio porém as vastas áreas da estupidez humana, estupidez que assume tantas formas na vida cotidiana, se reflete na arte, se sutiza na ciência, regouga na política e trea na guerra, sendo o mais poderoso dos fatores na história da humanidade, a estupidez tem sido até agora quase completamente descurada.

Dai a fascinante originalidade da "Breve Introdução à História da Estupidez Humana", em que Walter B. Pitkin condensou os frutos de uma vida inteira de estudos consagrada a este tema inesgotável.

"Breve Introdução à História da Estupidez Humana", é um livro único no gênero, cuja leitura se recomenda a todos aqueles que, por força das circunstâncias ou por franciscano pendor de espírito, mantem contacto diário com a onipresente e contagiosa estupidez humana.

Walter B. Pitkin, que o leitor brasileiro já conhece como autor de "A vida começa aos quarenta", é um dos mais brilhantes ornamentos da Universidade de Columbia (E. U.), onde ensina psicologia e jornalismo.

Tradução de Edison Carneiro

UM ESPLÊNDIDO VOLUME DE 434 PAGINAS DE NUTRIDA LEITURA, ELEGANTEMENTE APRESENTADO COM ARTISTICA E ALUSIVA CAPA EM CORES.

Cr\$ 30,00 — Nas livrarias

Pelo serviço de reembolso postal

Editora Prometeu — Caixa Postal 4793 — São Paulo

bom gosto, é, em suma, uma contribuição de primeira ordem para o estudo do período mais obscuro da nossa história, em um dos seus aspectos mais importantes".

JAIME DE BARROS

LA REVOLUTION FRANÇAISE, de Pierre Gaxotte — Obra que faz parte de uma coleção de estudos históricos de autores franceses, editados no Brasil no idioma original. Será este, menos uma crônica de natureza histórica, propriamente, do que um esforço de análise e crítica. A verdade, porém, é que o A. tem pontos de vista sectários, que só poderão agradar mesmo aos espíritos reacionários. O processo subterrâneo e fecundo da Revolução não teve em Gaxotte, nem poderia ter, um intérprete capaz de ir às raízes do grande tema. Nem de compreender as razões profundas que determinaram a marcha revolucionária. O A. deixa-se prender à tela de certos incidentes, para tirar deles todo o efeito literário. Pinta algumas figuras da época com indiscutível vigor, sem, no entanto, frisar certas peculiaridades de meio e época, sem dúvida condicionantes de sua relativa importância histórica. Enquanto isso, determinados episódios e vultos humanos merecem do A. um testemunho rápido ou displicente. Os leitores de ânimo conservador é que apreciarão os dois volumes de Gaxotte. (Ed. Americ-Edit., Rio).

A QUADRAGESIMA PORTA, de José Geraldo Vieira — "Coloca o leitor diante dessas quarenta portas e este

val se certificando e conhecendo quarenta perspectivas, quarenta caminhos, quarenta horizontes ou quarenta labirintos. A primeira porta abre para a relativa felicidade de uns, e a segunda sobre a angústia permanentes de outros. Numa, a riqueza, o fausto, na outra, o pauperismo, a miséria".

EDGARD CAVALHEIRO

ENQUANTO NAO SURGE O DIA... de Louis Bromfield — Creio que é o primeiro romance escrito sobre aspectos do drama da ocupação de Paris e da resistência francesa aos boches. A figura central é um belo tipo de mulher — uma artista de revistas norteamericanas, que vive em companhia de um russo corajoso e conspirativo, inspirando paixão a um levantino muitíssimo feio e a um espião categorizado da Gestapo, ajudante de ordens do governador militar de Paris. É uma mulher frívola, que se impressiona com o espetáculo do povo humilhado e da luta de seus

amigos pela liberdade da França e termina tornando-se um elemento útil aos trabalhos de sabotagem. O A. dá a todos os seus tipos uma extraordinária expressão de humanidade, mesmo ao monstruoso alemão, a que ele empresta uma alma de demônio. A crueldade do invasor, o heroísmo dos franceses leais à tradição do seu país, a vida subterrânea dos conspiradores, dos revolucionários, dos boletins e jornais ilegais impressos em adegas, noite a dentro — tudo isso está no livro de Bromfield, que se revela senhor de uma técnica segura e de um profundo conhecimento da alma humana. A tradução, excelente, de Miroel Silveira. (Ed.: Livraria Martins Editora, São Paulo).

HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE, de Albert Thibaudet. — "... vasto e completo panorama das letras francesas... estudo compreensivo do gênio literário da França".

VALDEMAR CAVALCANTI

Aos Editores e Autores

PEDIMOS REMETER OS SEUS
LIVROS SIMPLEMENTE PARA

LEITURA

Senador Dantas, 20 — Ed. Galeno — Solas
708/710 (Novo endereço)

Caminhos da América

URUGUAI

O GOVERNO uruguaio escolhendo o escritor e poeta, professor catedrático de direito e líder socialista para representar a sua pátria em Moscou, como embaixador e ministro plenipotenciário, dá uma evidente demonstração de respeito à inteligência humana. Na pessoa de Emílio Frugoni, antigo militante socialista, o presidente Amérga foi encontrar o homem indicado para tal missão, embora fosse seu adversário político. Esse gesto, — prática de verdadeira democracia, — equipara-o como governante ao presidente Roosevelt, que não teve nenhum inconveniente em oferecer ao seu contendor na última eleição presidencial — Wendell Willkie — uma missão política de grande responsabilidade ante os governos da URSS e da China.

AMÉRICA DO NORTE

"O HINO DE BATALHA DA CHINA"

EDITADO por Alfred A. Knopf, de Nova York, acaba de aparecer mais um livro de Agnes Smedley que, como enfermeira e escritora, dedicou-se de corpo e alma à grande causa da China. Nesse seu livro focaliza e interpreta, cronologicamente, todos os sucessos dos dez últimos anos na terra dos deuses, desde a consolidação do Kuo-mintang à contra-ofensiva de Chiang-kai-Shek contra os exércitos do Mikado. — Este livro será editado pela "Companhia Editora Leitura".

"OS DOZE MESES QUE ALTERARAM O MUNDO"

O REPORTER Larry Lesueur conviveu com o povo russo durante o período mais heróico de toda a sua existência nacional.

Do que ele viu na União Soviética escreveu esse livro recentemente editado pela casa Alfred A. Knopf, de Nova York. Vincent Mc Hugh, crítico literário do "New Yorker", é de opinião que "Os doze meses que alteraram o mundo" é o melhor livro que apareceu até hoje sobre o povo russo em guerra contra o fascismo.

"OS DOIS MARECHALS"

PHILIP Guedalla, famoso biógrafo inglês, autor de "Churchill", e "Os 190 anos", acaba de publicar nos Estados Unidos um trabalho histórico sobre dois marechais de França — Bazaine e Pétain. O escritor mostra como um grande soldado pode converter-se em um inimigo da própria pátria. Bazaine começou bem. Subiu das fileiras para o alto posto de comandante em chefe. Lutou em Argélia, Criméia e na Espanha. Somente ele conseguiu equilibrar Maximiliano no bambu trono do México. Mas sucedeu que na guerra de 70, quando todos esperavam que o marechal se saísse bem, eis que Bazaine fracassa, convertendo-se no bode expiatório da guerra franco-prussiana. Foi submetido à corte marcial e sentenciado à morte.

Segundo Guedalla, Henrique Philippe Pétain completa agora o ciclo do declínio militar da França. Em "Os dois marechais", editado por Reynal & Michcock, o leitor tem uma visão de conjunto das desgraças da França, desde Waterloo a Vichy.

"DESCULPEM A MINHA POEIRA"

EXCUSE MY DUST, de Bellamy Partridge, A história de um dos primeiros automóveis numa pequena cidade. O autor é bem conhecido por seus livros anteriores: "Country Lawyer" (filmado) e "Big

Family". A casa editora anuncia uma despesa de US\$ 10.000,00 em publicidade para este livro, candidato a "bestseller".

A PRIMEIRA COLHEITA

FIRST Harvest, de Vladimir Pozner. Romance muito anunciado pelo editor. Tem recebido boas críticas. A vida numa pequena aldeia da Normandia sob a ocupação e as perseguições nazistas. Vladimir Pozner é francês e autor de "Deuil en 24 heures — The Edge of the Sword".

"O ESPÍRITO DEMOCRÁTICO"

TRATA-SE de volumosa antologia política organizada por Bernard Smith. Nela se encontram, na íntegra, o discurso de Roosevelt sobre as quatro liberdades, o relatório completo de Willkie à nação e "O século do homem comum", de autoria do vice-presidente Wallace. O volume tem 950 páginas e foi editado por Alfred A. Knopf.

A NOITE DO SOLSTÍCIO

THE NIGHT OF THE SUMMER SOLSTICE, an other Stories of the Russia War, em seleção de Mark van Doren. Uma seleção dos melhores contos de autores russos modernos, publicado desde o princípio da guerra. Acaba de aparecer, grandemente anunciado. Único no gênero. Tem recebido boas críticas.

"OS PILARES DA ASSISTÊNCIA SOCIAL"

SIR William H. Beveridge, que esteve há meses na América, autorizou a editora Macmillan Company a publicação, em forma de livro, dos seus artigos e discursos em defesa do plano de proteção social que recebeu o seu nome.

"ROBESPIERRE, O INCORRUPTEÍVEL"

MARJORIE Coryn, autora de "Adeus, meu filho", publica agora uma novela

A COLEÇÃO DOS GRANDES ROMANCES

Série: Redescobrimento da vida - Últimas edições

HENRIQUE ESMOND, romance de Thackeray. Uma história de amor e sentimento que é, também, um grande romance histórico.

GASPAR HAUSER, romance de Jacob Wassermann. Uma obra de mistério e sofrimento, de análise psicológica e compreensão humana. Clássico da literatura universal.

VOLUMES JÁ PUBLICADOS: A MONTANHA MÁGICA, de Thomas Mann; LAMA NAS ESTRELAS, DE W. Bradford Huie

OS POSSESSOS, de Dostoievski

A CONQUISTA DE GRANADA, de Washington Irving

EPASA

Av. Rio Branco, 25 - Fone 43-9876

R I O



Thomas Mann



Dostoievsky

histórias cujo personagem central é Robespierre, o revolucionário que encarnou, no século XVIII, o espírito democrático da nação francesa. "O Incorrupível" foi editado pela Appleton-Century, de Nova York.

"A NOVA EUROPA"

ESPECIALISTA em política internacional, o sr. Bernard Newman fixou nesse livro os seus pontos de vista sobre os fatores econômico, étnico e religioso que determinarão as novas linhas divisórias das nações europeias, após a guerra. O livro foi editado pela Macmillan Company.

"O LEGADO DO NAZISMO"

AUTOR de "Economia da Força", Frank Munk, economista tcheco, estudou a fundo as consequências econômicas e sociais do totalitarismo. O resultado desse estudo foi "O Legado do Nazismo", livro em que o leitor encontrará a mais esmerada análise da economia fascista em seus efeitos no mundo de após guerra. Edição de "The Macmillan Company", de Nova York.

"SANGUE PARA O IMPERADOR"

TENDO reunido depoimentos de soldados, marinheiros, fuzileiros, aviadores e correspondentes americanos, o sr. Walter B. Clausen escreveu "Sangue para o Imperador", livro que acaba de ser editado pela Appleton-Century, de Nova York. Nesse livro, onde há diversos mapas e fotografias, o autor dá um sumário de todas as batalhas travadas no Oceano Pacífico, desde 7 de dezembro de 1941, quando os japoneses atacaram de surpresa Pearl Harbor. E edição é de Appleton-Century, livreiros nova-iorquinos.

"MASARYK NA INGLATERRA"

O SR. R. W. Seton-Watson, amigo e conselheiro particular de Masaryk, acaba de publicar, em edição da Macmillan Company, essa excelente biografia do fundador da República tcheca.

"BRANCA PRAIA DE OLINDA"

INÉDITA em português, Silvia Leão estreou auspiciosamente nos Estados Unidos, publicando uma novela que recebeu louvores gerais da crítica americana. Robert P. Tristram Coffin diz que a novela brilha, e Mary Miles afirma que se trata de uma história lindamente descrita. "Branca praia de Olinda" foi editada por "Wanguard".

COLEÇÃO STEINBECK

A CASA editora Viking reuniu num só volume os melhores contos e novelas de John Steinbeck, o famoso autor de "Ratos e homens" e "Vinhas da ira".

"A LUTA PELA NOVA GUINÉ"

PAT Robinson, correspondente da "I. N. S.", observou de perto o desenvolvimento da campanha da Nova Guiné. Nesse seu livro, recentemente editado pela Random House, de Nova York, ele descreve a primeira ofensiva do general Mac Arthur no sudoeste do Pacífico. Essa ofensiva teve por objetivo evitar que os nipões invadissem o continente australiano. Pat Robinson revela como Mac Arthur conseguiu memorável vitória sem esquadra e com reduzido número de aviadores lanques.

"PUBLICATIONS ON LATIN AMERICAN FOLKLORE IN 1941"

ESTE é o título do folheto que nos acaba de remeter o professor Ralph Steele Boggs, da University of North Carolina. Trata-se de separata do artigo desse grande mestre sobre o Folklore da América Latina e da sua respectiva bibliografia, que figuram no "Handbook of Latin American Studies for 1941", publicação da Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.

O Brasil figura lona e documentadamente no trabalho de Ralph Steele Boggs, não só no seu artigo, como na parte bibliográfica.

Basilio de Magalhães, Artur Ramos, Camara Cascudo, Mario de Andrade, Antonio Omar Gomes, Mariza Lira, Mario Sette, Nicanor Miranda, Silvio Jullio e outros folcloristas nacionais aparecem, com maior ou menor evidência, nas páginas deste opúsculo.

ARGENTINA

EM LA FALDA, SIERRAS DE CORDOBA

NA "Exposición y Concurso del Libro y Revista Americanos", realizada pela Biblioteca Popular Sarmiento, na distante La Falda — Sierras de Córdoba, norte da Argentina — o escritor norte-americano Waldo Frank conquistou o primeiro prêmio "Governador de La Provincia de Córdoba", como o livro "Rumbos para América". João de Souza Ferraz, foi contemplado com diploma de honra por seu livro "Psicología Humana", e Jorge de Lima, com diploma de mérito pelo livro "Calunga".

COSTA RICA

"REPERTÓRIO AMERICANO"

FAZ 24 anos ininterruptos, em San José, Costa Rica, América Central, o escritor J. García Monge publica uma das revistas mais úteis do Novo Mundo: "Repertório Americano".

Acabamos de receber os números 0 e 10, 11 e 12, correspondente ao ano XXIV.

CUBA

COMANDANTE MARINA RÁSKOVA A SUA FILHA TANIA

NOS eminhos do céu — espessos de nuvens, Ráskova agnada, contra os ventos invasores e máus, livrando o espaço de sua imensa pátria, imensa e forte.

Os braços do velívolo, em que o grito claro da Liberdade tu levavas, despertavam autoras para a triste e escrava humanidade, escrava e tórva.

Neste momento, Ráskova, tombaste! Chegou-nos tarde esta notícia, quando já teu sonoro nome o seu ofício de te chamar na terra abandonara.

Tu não encurtarás agora a estrada que nos teus céus à Liberdade abrias, mas em câncões o nome que deixaste semeia o trigo onde o tentão caíra.

Qual bandeira, teu nome à frente vós das forças do futuro que contrõem hórtoes para o faminto e dão à vida nobre e justo sentido, justo e belo.

Imortalmente estás, Ráskova, à testa dos camaradas que o brutal germano exultam, palmo a palmo, das planuras fecundas onde o pão vai renascendo.

Em cada "Stormovik" que avança, um heróico se recorda e, dentre todos, "Marina Ráskova!" é o apelo eterno à vitória final na luta santa.

EMMA PÉREZ — Trad. de Silvio Jullio.

PERÚ

PERUANIDAD"

"PERUANIDAD", revista que a "Dirección de Informaciones del Ministerio de Gobierno" publica em Lima, sob a orientação do dr. Esteban Pavletich.

No número que recebemos, salientamos a informação relativa a "El primer ferrocarril del Perú", por Manuel Vegas Castillo, linha inaugurada em abril de 1881 e, portanto, a segunda da América do Sul, pois a primeira se construiu no Chile um ano antes.

Cumpro salientar que, apesar de pronto somente em 1851 o primeiro ferrocarril do Perú desde 13 de maio de 1826 já Simón Bolívar, o Libertador, convocara capitalistas para a construção de uma estrada de ferro entre Lima e o porto de Callao.

Ora, a primeira estrada de ferro do mundo começou a funcionar em setembro de 1825, na Inglaterra, graças a Jorge Stephenson. Portanto, a Simón Bolívar cabe esta glória, a de haver lançado o projeto do ferrocarril mais antigo do Perú e que seria o mais antigo da América do Sul, se executado o plano do Libertador em tempo.



ANTONIO BOTO

Canções	30,00
Dar de beber a quem tem sede	15,00
Não é preciso mentir	12,00
A Verdade e nada mais	12,00
Contos (adotados nas Escolas da Irlanda)	23,00

JOAO GASPAR SIMÕES

Crítica	25,00
---------	-------

FRANCISCO TORRINHA

Dicionário latino-português	75,00
Dicionário português-latino	90,00
Dicionário da língua portuguesa	40,00

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Brasília há publicados dois volumes — cada 120,00

HENRIQUE PERDIGAO

Dicionário Universal da Literatura enc.	200,00
---	--------

JOAQUIM FERREIRA

História da Literatura Portuguesa, enc.	45,00
---	-------

ALEXANDRE DUMAS

Memórias de um mé-dico, 2 vols. cada encadernado	5,00 220,00
--	----------------

MENDES DOS REMEDIOS

Filosofia elementar	40,00
---------------------	-------

STRATEGICOS

Guerre para o domínio mundial	14,00
-------------------------------	-------

CARLOS FERRAO

Os americanos no norte da África	12,00
----------------------------------	-------

JOAO AMEAL

S. Tomaz de Aquino	35,00
Dona Leonor (princesa perfeitíssima)	28,00
História de Portugal	50,00

RAMALHO ORTIGAO

Farpas (edição autêntica publicados 6 vols. cada	16,00
--	-------

FRANCISCO VELOSO

O Cavo Darian (serina-clonal)	18,00
Para além da Ciência (Filosofia e religião)	30,00
O Homem esse desconhecido — Dr. Alexis Carrel	28,50

ALVES DE AZEVEDO

Breve História da Literatura Inglesa	5,00
--------------------------------------	------

Importação e distribuição em todo o Brasil de todas as edições portuguesas.

Obras de Eça, Camilo, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Herculano, Fialho, Oliveira Martins, etc. etc.

ENVIAMOS CATALOGOS

LIVRARIA H. ANTUNES

Rua Buenos Aires, 133

RIO

Últimas Edições

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, S. Paulo:

ESPAÑA, de Fidalino de Figueiredo. Este livro é um dos mais profundos e mais eruditos já escritos sobre a terra de Cervantes. O mestre português possui uma cultura hispânica invulgar e apresenta neste trabalho as duas Espanhas que se combatem desde os dias de Felipe II até hoje: uma Espanha autocrática, negra, felipizante e outra Espanha livre, anti-felipizante, republicana.

DA EDITORA PROMETEU, São Paulo:

BREVE INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA ESTUPIDEZ HUMANA, de Walter B. Pitkin. Trata-se de um ensaio curioso e inédito destinado a classificar devidamente e inesperadamente figuras e fatos históricos. Religiões, revoluções, burocracias, arte, cultura, educação, cinema, tudo é causticado severamente pelo autor de "A vida começa aos quarenta", que dedica ainda um capítulo aos grandes cretinos da história.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA, São Paulo:

NA COLEÇÃO CONTEMPORANEA:

AS TRÊS MULHERES DE ANTIBES, de W. Somerset Maugham. O romancista de "Servidão Humana" é um desses ingleses que viveram e que amam profundamente a França e especialmente essa Riviera francesa, onde Antibes surge na ponta de um cabo, com três mulheres gordas que encham mais um romance do grande escritor britânico.

VOANDO AO SOL, de James Aldrige, é o romance da guerra na Grécia, desde os grandes dias das vitórias sobre Badooglio até os tristes dias da invasão alemã e da retirada para Creta e para o Egito.

DA COMPANHIA MELHORAMENTOS, S. Paulo:

OS DOIS VEADINHOS, de Ines Hogan, em tradução de Mario Donato e profusamente ilustrado.

BRINQUEDOS PARA OS DIAS DE FOLGA, de Marianne Mullenhoff, tradução e adaptação de Pedro de Almeida Moura, curiosa e interessante coletânea de brinquedos para crianças, com indicações completas sobre o material a ser empregado e destinado a crianças de 4 a 11 anos de idade, com indicações para cada idade.

OS COMPANHEIROS DE BRANCA DE NEVE, O PINOCCHIO e O PATO DONALD, de Walt Disney, sendo o segundo traduzido por Guilherme de Almeida. A criança adora Disney e suas criações, mas a apresentação feita pela Melhoramentos é de molde a aumentar ainda mais o entusiasmo da petizada em torno dessas três figuras de lenda e de sonho.

LULOS E BICHANOS com seus brinquedos e roupinhas. A vida de Mopsa, Flopsa, Pixie e Trixie para ser recordada e reconstituída pelas crianças.

DA EDITORA ANCHIETA LIMITADA, São Paulo:

NA BIBLIOTECA INFANTIL ANCHIETA:

O CAVALO DE TROIA, de Paulo Cre-tela.

QUATRO DESCOBRIMENTOS DA AMÉRICA, de Olga Jaguaribe Ekman Simões.

JOÃO FELPUDO, contos de Hoffmann.

O GIGANTE DERROTADO, da Condessa d'Hasamée.

TRANSITO ENTRE AS FORMIGAS, de Antonio Vieira.

O HOMEM DA PERNA SO, de Jeronimo Monteiro.

OS NAZIS NA ILHA DO MISTÉRIO, de Jeronimo Monteiro.

A ILHA DO MISTÉRIO, de Jeronimo Monteiro.

O YESOUBO DO PERNETA, de Jeronimo Monteiro.

O PALACIO SUBTERRANEO DAS ANTILHAS, de Jeronimo Monteiro.

MARIA FELIZ, de Jacanã Altair.

A CIDADE DOS BRINQUEDOS, de Maria Tricânico.

AVENTURAS DE MIMI GABOLA, de Kurt Eppensteln.

O BONEQUINHO DE MASSA, de Mary Buarque.

KUXININ, de Olga Jaguaribe Ekman Simões.

O PAPAGAIO DE OURO, de Lina Walkiria de Assunção.

NO PAIS DOS ANÕES, de Maria do Carmo Uthôa Vieira.

O REI OSCAR E O PERNILONGO, de Mary Buarque.

ZÉ — ZECA — ZEQUINHA, de Itacy da Silveira Pellegrini.

NA VILA DE SANTA ROSA, de Itacy da Silveira Pellegrini.

LUNALVA, de Mary Buarque.

A LIÇÃO DA ÁRVORE, de Itacy da Silveira Pellegrini.

NA CASA DO SONHO, de Sagramor de Seuvero.

A FADA BRASILEIRA, de Maria do Carmo Uthôa Vieira.

O CARNEIRINHO, de Contos de Schimidt — Tradução de Geraldo de Uthôa Cintra.

DE EDIÇÕES CULTURA, São Paulo:

NA SÉRIE "BRASILICA":

O VALEROSO LUCIDENO, de Frei Manuel Calado, segundo volume, contendo os quarto, quinto e sexto livros da obra original.

NA SÉRIE "MESTRES DO PENSAMENTO":

OBRAS DE SALUSTIO, volume 31 da coleção, contendo: "Guerra Catilinária" e "Guerra Jugurtina." — Prefácio de José Perez, diretor da coleção.

NA SÉRIE "MESTRES DA LINGUA":

FREI BARTOLOMEU DOS MARTIRES, em dois volumes, num total de quase mil páginas da famosa obra de Frei Luis de Souza. Reproduzida da edição portuguesa 1850. Vols. 17 e 18.

NA SÉRIE "VIDAS LUMINOSAS":

GALILEU, de Giuseppe Fagnin, numa tradução de Heitor Ferreira Lima. Vol. 11 da série.

NA SÉRIE "NOVELAS UNIVERSAIS":

OS PURITANOS DA ESCÓCIA, de Walter Scott, vols. 14 e 15 da coleção.

NA SÉRIE "ÚLTIMAS GERAÇÕES":

NESTA série, agora inaugurada, lançam as Edições Cultura, em dois volumes, as Obras Completas de Paulo Gonçalves, poeta e comediógrafo santista, morto em 1927. Esta é a primeira edição da poesia e do teatro do autor de "A Comédia do Coração", e de "1830".

DA EDITORA DOIS MUNDOS, Rio:

OS MELHORES CONTOS RÓSTICOS DE PORTUGAL, de Raul Brandão, Trindade Coelho, D. João da Camara, Teixeira de Queiroz, Antero de Figueiredo, Brito Camacho, Ramalho Ortigão, Pedro Ivo e José Loureiro Botas. Seleção e prefácio de Jorge de Lima.

AS DUPLAS DO SENHOR REITOR e UMA FAMÍLIA INGLESA, de John Diniz. Edições muito bem apresentadas.

EDITORA PAN-AMERICANA S. A. (Egusa), Rio:

DOSTOIEVSKI, de Henri Troyat, em tradução de Rosário Fusco. — A história de um grande genio criador, que viveu profundamente todas as dores e paixões de seus romances antes de escrevê-los.

"HENRIQUE FEMOND", de W. M. Thackeray, em tradução de Eduardo de Lima Castro. — A admirável evocação da Inglaterra sob a rainha Ana, um dos

maiores clássicos da Literatura Inglesa.

Andres — Piano — Editor Irmãos Vitale, São Paulo.

"GASPAR HAUSER", de Jacob Wassermann, em tradução de Adonias Filho. — Vida e paixão de uma alma contada pela pena do autor que mais fundo desceu nos sombrios abismos da existência.

OS ÚLTIMOS DIAS DE SEBASTOPOL, de Boris Voyetekhov, em tradução de João Távora. — O relato sóbrio e emocionante de uma grande epopéia.

LAMA NAS ESTRELAS, de William Bradford Huie, em tradução de Giuseppe Ghiarone. — Um destino perdido na viagem da guerra, que busca seu caminho para Deus.

OS POSSESSOS, de Fiódor Dostoiévski, em tradução de Rosário Fusco. — Uma descida vertical ao íntimo da alma russa, a seus sofrimentos, a suas angústias e a suas misérias.

DA LIVRARIA EDITORA PAULICZA, São Paulo:

NA COLEÇÃO ARTES DE OFÍCIOS:

DICIONÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS.

DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS, de Souza Iago.

E. PAULO EDITORA LIMITADA, São Paulo:

GRALHA AZUL, de Eurico Branco Ribeiro.

DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA, Rio:

NA COLEÇÃO "A CIÊNCIA DE HOJE":

O ROMANCE DA QUÍMICA, de Cressey Morryson, em tradução de Achilles Seara de Oliveira. Um trabalho que dará a todos a mais perfeita idéia da importância vital dos serviços prestados pelas indústrias químicas na experiência diária da vida humana.

NA COLEÇÃO RUBAIYAT:

O AMOR DE BILITIS, de Pierre Louÿs, em tradução de Guilherme de Almeida. Edição elegante e luxuosa dessas célebres "Chansons de Bilitis".

OUTRAS EDIÇÕES:

DIREITO, SOLIDARIEDADE, JUSTIÇA, de Haroldo Valadão. O autor, que é catedrático da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil e advogado de nomeada no foro do Rio, procede, em suas orações, a um largo exame dos grandes temas da atualidade e ao debate das idéias que mais de perto interessam à consciência jurídica do mundo moderno.

NOTAS DE UM DIÁRIO DE CRÍTICA, de Alvaro Lins. — 1º volume. No presente volume foram reunidas impressões de leitura e reflexões sobre assuntos literários. Duzentas "notas dos cadernos de um estudante de literatura", segundo a expressão do autor.

LIVROS SOBRE MÚSICA:

PALESTRAS SOBRE AS SONATAS PARA PIANO DE BEETHOVEN, de João C. Caldeira Filho. Editor E. S. Mangione, São Paulo.

DOMENICO SCARLATTI, conferência pronunciada no Conservatório Brasileiro de Música. — Oficinas Gráficas do "Jornal do Brasil".

ABC PARA CANTORES E ORADORES, de Hilde Schneider-Simonek, com um prefácio de Roquette Pinto.

TERCEIRA RUTE BRASILEIRA (Sobre temas originais), de Oscar Lorenzo Fer-

DOS IRMÃOS PONGETTI EDITORES, Rio:

NA COLEÇÃO "AS 100 OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL":

OS DEGENERADOS, romance de Maximo Gorki, em tradução revista de Marques Rebelo.

DA EDITORA VECCHI, Rio:

SCARFACE — AL CAPONE OU OS PISTOLEIROS DE CHICAGO, de Hugo de America em tradução de Armando Riedel.

DA EDITORA PROMETEU, São Paulo:

ELE QUERIA DORMIR NO KREMLIN, de Gerhard Schacher, em tradução de Lívio Xavier. Um livro que focaliza de maneira substancial o fracasso da "blitzkrieg" alemã na Rússia.

DA AMERIC-EDIT, Rio:

FORT COMME LA MORT, roman, de Guy de Maupassant. Entre os grandes romancistas da França, Maupassant é sem dúvida um dos maiores. Na história da literatura seu nome marca mais uma etapa vencida pelo espírito do domínio da ficção.

LA VIE AMOUREUSE DE RICHARD WAGNER, de Louis Barthou. Os fatos e as paixões que tecem o enredo agitado de uma vida genial.

L'ANCIEN RÉGIME, de Frantz Funck-Brentano. — Em dois volumes.

AZIYADÉ, de Pierre Loti.

DA EDITORA GUAIRA LIMITADA, Curitiba:

NA COLEÇÃO CADERNO AZUL:

ENFERMARIA DE 3ª, contos de Elsie Lessa. "O encontro com o passado", "Vida de Negra", "Manuela quer entrar para o convento", "A outra", "Enfermaria de 3ª" — são os contos que com-



põem este pequeno mas humano livro de Elsie Lessa. Neles, e especialmente, no último, um contista realizado, capax de criar mais tarde grandes tipos para a ficção brasileira.

DA EDITORA PANAMERICANA LIMITADA, Rio:

MANUAL TÉCNICO DOS CONCURSOS, organizado pelos professores Hugo Lacerdo de Barros e Fausto Cardona, de acordo com o programa do D-esp, para: escriturário, postalista, telegrafista, auxiliar e praticante de escritório, carteiro, datilógrafo. — 2ª edição.

AMERIC = EDIT.

Acaba de publicar:

MARIA CHAPDELAINÉ

(Narrativa do Canadá Francês)

por LOUIS HÉMON Cr\$ 15,00

(Trad. de D. Milano)

ANTES QUE A NOITE
CHEGASSE

por HELEN ISWOLS-

KY Cr\$ 15,00

(Trad. de Oscar Mendes)

A VIDA DE J. NABUCO

por CAROLINA NABUCO

3 vols. nova edição Cr\$ 35,00

CX. POSTAL 429 — RIO

Envio contra Reembolso

A PSICO-ANÁLISE EM 12 LIÇÕES, de Gastão Pereira da Silva. — 2ª edição revista.

DA EDITORIAL CALVINO LIMITADA, Rio:

EU FUI UM GUERRILHEIRO SÉRVIO, de Paulo Sebescen. — A história dos "tchetniks". A ação da quinta-coluna na Iugoslávia. Como organizou a luta contra o invasor. Primeiras emboscadas e seus artifícios. Quando surgiu Mihailovitch. Kosta Nadj ou Mihailovitch o chefe principal dos guerrilheiros sérvios? Onde vivem e como agem os patriotas iugoslavos.

O autor, que é um escritor iugoslavo lutou contra os invasores da sua pátria e viveu as cenas que descreve. Não se trata, pois, de um livro de ficção. Como apêndice, GUERRILHA, a velha arma das Democracias, estudo muito oportuno sobre a história das guerrilhas, desde os tempos mais remotos até os dias que correm.

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anne Louise Strong, em tradução de A. C. Afilhado. Leia, neste número, o artigo de Caio de Freitas sobre este livro oportuno.

DE ZELIO VALVERDE EDITOR, Rio:

REFENS, de Stefan Heym, em tradução revista por Jayme de Barros. Livro em que a trama policial e a psicologia se completam, é um grande libelo contra o barbarismo nazista nos países ocupados.

SEMPRE HAVERÁ UMA INGLATERRA, de Alfredo Pessoa. Sobre a vida do heroico povo britânico no seu esforço de guerra em prol da vitória das Nações Unidas.

NOVEMBRO DE 1943

Próximas Edições



DA COMPANHIA EDITORA LEITURA, Rio:

NA COLEÇÃO "HOMENS DO MUNDO":

CARLITOS — A vida, a Obra e a Arte do Gênio do Cine, de Manuel Villegas López, em tradução de Melo Lima e com um prefácio de Aníbal Machado. A COMPANHIA EDITORA LEITURA inicia suas atividades editoriais com esta magnífica biografia de Charles Chaplin e da sua personagem eterna, Carlitos, convencido de que os nossos leitores se sentirão plenamente satisfeitos não só com o conteúdo da obra, como também pela apresentação gráfica. O exemplar encadernado (aliás não usaremos brochura em nossas edições e faremos todos os sacrifícios para não exagerar os preços) custará apenas 25 cruzeiros, com sobrecapa em papel couchê, ricomia de Scliar, e 34 páginas ilustradas com as mais significativas fotografias de Charles Chaplin, de Charlie, Carlitos, Charlot — o grande vagabundo. Creemos ser um preço razoável, porquanto o livro não é pequeno, o papel não é ordinário, a tradução não é má e o escritor surpreende com a beleza de seu estilo. Para a edição de luxo, desenhos originais (escolha os pintores da sua preferência) de Goeldi, Percy Deane, Augusto Rodrigues, Graciano e Schia.

A FILHA DA TERRA (título provisório do original "Daughter of Earth") de Smedley, em tradução de Rubem Braga. Trata-se de um romance verdadeiramente social, e constitui um Best-seller tanto nos Estados Unidos como na América Latina. É um grande romance, escrito por uma camponesa norte-americana, que se tornou, há vários anos, uma escritora que já pertence à própria história literária dos Estados Unidos, como Vida Cather, Pearl S. Buck ou Theodore Dreiser. Na Argentina este romance possui seis ou mais edições, e todo escritor o recomenda, quando se fala em literatura moderna da América do Norte. Cheira a terra possui uma extraordinária força dramática, que se desenvolve naturalmente, à proporção que a camponesa conta a sua vida.

Também estamos convencidos de que um livro bem realizado penetra em todas as classes, mesmo quando combate o que às vezes pensamos ser natural e permanente...

NA "COLEÇÃO MENINO-HOMEM":

ZUMBI DOS PALMARES, de Leda Maria de Albuquerque, ilustrado por Noêmia. Um livro muito bem realizado literariamente e com uma visão instintivamente certa desse fato histórico e significativo, Leda Maria de Albuquerque não merece restrições neste livro escrito para as crianças do Brasil e até mesmo para os que compram livros apenas preocupados com o fato literário. Estilo simples e poético. O enredo desenvolve-se com força e interesse humano.

NA COLEÇÃO "CAMINHOS DO MUNDO":

A CHINA — (Como luta o povo chinês pela sua liberdade) — (Título provisório) — De Agnes Smedley — Tradução

ção de Rubem Braga. A epopéia do povo chinês contada por uma grande escritora e romancista norte-americana.

DA LIVRARIA DO GLOBO
Porto Alegre:

NA COLEÇÃO "AUTORES BRASILEIROS":

FRONTEIRA AGRESTE, de Ivan Pedrodro Martins. É a estreia do autor. Um vigoroso romance em torno da paisagem física e humana do Rio Grande do Sul.

OS SOBRINHOS DO TIO SAM, de Arlino Pasqualini. Livro de crônicas, notas e impressões de viagem, através dos Estados Unidos.

LETRAS DA PROVINCIA, de Moysés Vellinho. O ensaísta Moysés Vellinho (Paulo Arinos), volta ao terreno de sua especialidade, a crítica literária.



NA COLEÇÃO "NOBEL GIGANTE":

VENTO SUL, por Norman Douglas, em tradução de Leonel Vallandro. Erico Veríssimo, numa crônica que escreveu há tempos, citava esse romance como um dos mais belos que já lera em sua vida.

NOITE EM BOMBAY, de Louis Bromfield, em tradução de F. Tuda de Souza.

NA COLEÇÃO "NOBEL":

A HORA ANTES DO AMANHECER, por W. Somerset Maugham, em tradução de Moacir Werneck de Castro. O romance de uma típica família inglesa.

DA EDITORIAL CALVINO LIMITADA, Rio:

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, de Max Beer. Trabalho esgotado há vários anos, continua a despertar grande interesse.

DA LIVRARIA N. ANTUNES:

NAMORADOS, de Virginia Vitorino — Edição brasileira, prefaciada e revista por Olegário Mariano.

DE DOIS MUNDOS EDITORA LIMITADA:

A CIÊNCIA NAUTICA DOS PORTUGUESES E O DESCOBRIMENTO DOS ESTADOS, por Jaime Cortesão.

A FELICIDADE PELA AGRICULTURA, por Antonio Feliciano de Castilho — Com um estudo de Antonio Guimarães.

POETAS NOVOS DE PORTUGAL — Seleção e estudo de Cecília Meireles.

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL, de Ambrosio Fernandes Brandão — Notas de Rodolfo Garcia, prefácio de Jaime Cortesão.

A MORGADINHA DOS CANAVIAIS, de Julio Diniz — Nova edição esmerada.

UMA FAMÍLIA INGLESA, de Julio Diniz — Nova edição esmerada.

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, São Paulo:

NA COLEÇÃO "GUERRA E PAZ":

A QUEDA DE PARIS, de Ilya Ehrenburg, em tradução de Monteiro Lobato.

DA EDITORA UNIVERSITARIA, São Paulo:

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, de Charles Potter, em tradução de J. de Sampaio Ferraz. A verdadeira história de todos os credos e seitas contada sem dogmatismo doutrinário.

DICIONÁRIO DO PENSAMENTO, organizado por Falco Masucci.

GEORGIA BOY, de Erskine Caldwell. O último livro do grande romancista de "Tobacco Road".

THE CRISIS OF OUR AGE, de Pitirim A. Sorokin.

NOVEMBER STORM, de Jay McCormick.

CONGO SONG, de Stuart Coote.

DA EDITORA PROMETEU, São Paulo:

AS BASES DA PAZ FUTURA, de Henry Wriston, em tradução de Paulo Zingg.

DA EDITORA PAN-AMERICANA S. A. (Epasa):

MADAME DE STAEL (Memórias), em tradução de A. Leal da Costa. — A história de uma época através de uma sensibilidade. Napoleão visto e julgado por sua grande inimiga, que foi também uma grande escritora.

EDMÉIA, de Lourdes G. da Silva — Romance onde a autora faz o estudo da alma feminina.

VIDAL DE NEGREIROS de Luiz Pinto. — Biografia de um dos grandes vultos de nossa história, precursor do sentimento nativista.

CRUZ DE CARNE, de Valença Leal — Evocação dos nossos costumes, profundamente humana.

A GUERRA E A SOCIEDADE INDUSTRIAL, de Peter F. Druckner. — Obra que marca uma época no pensamento sociológico norte-americano e onde se busca confrontar as diversas doutrinas políticas e sociais de nossa época.

ANTOLOGIA DE AUTORES FRANCESES, de Elcias Lopes e Ricardo Vieira. — Magnífica iniciação ao estudo da literatura e do pensamento franceses.

REGISTO BIBLIOGRAFICO



Organizado por AUREO OTTONI

OUTUBRO de 1943

O) GENERALIDADES

Outubro de 1943

Agendas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas Publicações Periódicas.

AGRICULTURA — Dir. Aldo Bartholomeu e Sergio Ferraz. N.º 1. Setembro, 1943. (18/27). 90 p. il. mensal. Cr\$ 5,00, ano Cr\$ 50,00. (10/43). Praça Getúlio Vargas, 2, sala 1207/8.

CAMPOS (Ipê de) — Vocabulário ortográfico moderno. Pref. Silveira Bueno. Col. "O Livro de Bolso" 7. (11/16). 443 p. cart. Cr\$ 15,00. (2.ª ed. 10/43).

FARIA (Ernesto) — Vocabulário latino-português. (14/19). 354 p. cart. Cr\$ 32,00. (10/43).

Briguiet.

1) FILOSOFIA

DRUMMOND (Syrie L.) — Estudos de filosofia. Do consciente. (14/19). 155 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43).

LIMA (Alceu Amoroso). — (Tristão de Athayde) — Idade, sexo e tempo. (Três aspectos da psicologia humana). (14/20). 277 p. br. Cr\$ 15,00. (8.ª ed. 10/43).

McTAGGART (John-Ellis). — Introdução ao estudo da filosofia. Trad. e pref. de Antonio Sergio. Cadernos "Inquérito" Série C — Filosofia e Religião, VI. (12/19). 87 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43).

PLATAO. — Diálogo sobre a justiça. Trad. Lobo Vilela. Cadernos "Inquérito" Série C — Filosofia e Religião, II. (12/19). 102 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43).

PLATAO. — A república. Trad. Albertino Pinheiro. Bibl. Clássica, 38. (14/20). 398 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43).

PURINTON (Edward Earle). — A vitória do homem de ação. (The Triumph of the man who acts). Trad. rev. de Agripino Grieco. (14/20). 239 p. br. Cr\$ 12,00. (5.ª ed. 10/43).

RABELLO (Sylvio). — Psicologia da infância. B.P.B. s. 3.ª. Atualidades Pedagógicas, 23. (14/20). 365 p. il. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 10/43).

SILVA (Gastão Pereira da). — Para compreender Freud. Pref. Sócrates Diniz. (12/19). 275 p. br. Cr\$ 18,00. (6.ª ed. 10/43).

SILVA (Gastão Pereira da). — A psico-análise em 12 lições. (13/19). 155 p. br. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 10/43).

Ed. Panamericana.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões C. l. — Religiões Diversas e Mitologia — Ciências Ocultas.

CASTRO (Padre Jeronimo Pedreira de) — Segundo livro de Zêlia. (Irmã Maria do Santíssimo Sacramento). Seus escritos espirituais, cartas e exemplos. (13/19). 335 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43).

Ed. Vozes.

dos países americanos. (14/18). 163 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43).

Z. Valverde.

BARBOSA (Rui). — Obras Completas Vol. VI. 1879. Tomo I. Discursos Parlamentares. Câmara dos Deputados. Pref. e rev. de Fernand Nery. (17/23). 354 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43).

Ministério da Educação.

BUZAID (Alfredo). — A ação declaratória no direito brasileiro. Pref. S. Soares de Faria e Enrico Tullio Liebman. Col. Estudos de Direito Processual Civil, 1. (17/24). 198 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43).

Saraiva.

OS LIVROS DO MOMENTO:

BASES DA PAZ FUTURA

por HENRY M. WRISTON

AO GANHAR A GUERRA, poderão as Nações Unidas fazer triunfar a Democracia no mundo? Que benefícios consideráveis permanentes deverá esta atroz contenda trazer para a Humanidade? Wriston ensina-nos como a Vitória pode e deve redundar em proveito de todos, especialmente de quantos ajudaram a ganhar a guerra.

Um grosso volume com importante documentário
Cr\$ 20,00

ELE QUERIA DORMIR NO KREMLIN

por GERHARD SCHACHER

- Por que tem sido tão grande o número de generais alemães mortos na campanha russa?
- Qual é a única força dentro da Alemanha capaz de derrubar Hitler e o nazismo?

As respostas do dr. Schacher a essas e muitas outras perguntas hão de figurar-se novas para muitos brasileiros; aclararão o pensamento da maioria dos brasileiros e darão a todos os brasileiros sólidas razões para olhar o futuro com redobrada confiança.

Um grosso volume Cr\$ 15,00

Nas livrarias — pelo reembolso postal

EDITORA PROMETEU — Caixa Postal 4793 — São Paulo

Livros Brasileiros

Atendemos com rapidez a pedidos de TODA A AMÉRICA de livros antigos e modernos editados no Brasil

Livraria J. Leite

(FUNDADA EM 1931)

80 — Rua S. José — 80
Rio de Janeiro — Brasil

COMUNICAÇÕES de Zweig, 1942. Homens rebeldes, tudo conduz à esperança. — Prof. Maria de Oliveira. (13/18). 47 p. br. Cr\$ 3,00. (10/43).

Batista de Souza.

ISWALSKY (Helen). — Antes que a noite chegasse, 1923-1941. Pref. Jacques Maritain. Trad. Oscar Mendes. Col. "Sob o Signo do Cristo". (12/19). 229 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43).

Americ-Edit.

RACIONALISMO Cristão. Espiritismo racional e científico cristão. Ed. do Centro Espírita Redentor. (16/23). 243 p. br. Cr\$ 8,00. (16.ª ed. 10/43).

Distr. Taveira.

XAVIER (Francisco Candido). — Paulo e Estevão. Ditado pelo Espírito de Emmanuel. (14/19). 560 p. br. Cr\$ 18,00. (2.ª ed. 10/43).

Fed. Espírita.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

AMARAL (Eraz do). — Os Pan-Americanos. Estudo das origens e vida política

CARDOSO (P. Balmaceda). — O direito internacional privado em face da doutrina, da legislação e da jurisprudência brasileiras. (17/24). 221 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43).

Livr. Martins.

CARVALHO (Augusto de). — Bilhetes a uma Valquíria. Comentários de guerra. (14/19). 150 p. br. Cr\$ 8,00. (2.ª ed. 10/43).

Livr. Andradas

CASTRO (Francisco José Viveiros de). — Atentados ao pudor. (Estudos sobre as aberrações do instinto sexual). (16/23). 317 p. enc. Cr\$ 30,00. (4.ª ed. 10/43).

Freitas Bastos.

CESARINO JUNIOR (A.F.). — Consolidação das leis do trabalho. (16/23). 653 p. enc. Cr\$ 60,00. (10/43).

Freitas Bastos.

CÓDIGOS e Leis do Brasil. Col. Freitas Bastos. — II. — Código de Processo Penal. Dec. lei 3889, de 3-10-1941. Índice etc., organizado por Serrano de Andrade. (12/15). 435 p. 1 prancha, cart. Cr\$ 14,00. (10/43).

Freitas Bastos.

- DOCA (General Souza).** — Dia Panamericano. Conferência. (12/28). 116 p. il. br. Cr\$ 13,00. (10/43).
Distr. Z. Valverde.
- DOBNAS FILHO (João).** — A influência social do negro brasileiro. Col. Caderno Azul. 13. (14/19). 83 p. il. br. Cr\$ 4,00. (10/43).
Ed. Guaira.
- HAMANN (Hugo).** — O mundo de após guerra. (Ensaio social-econômico). (17/24). 183 p. br. Cr\$ 18,00. (10/43).
Distr. Civilização.
- IMPOSTO de Renda** — Dec-lei n.º 5844, de 23-9-1943. (13/18). 60 p. br. Cr\$ 2,00. (10/43).
Gr. Olimpica.
- JOHNSON (Rev. Hewlett).** (Deão de Canterbury). — O Poder Soviético. Trad. David J. de Castro. Pref. Dom Carlos Duarte Costa, bispo de Maura. Ilus. de Nowell Mary Hewlett Johnson. (14/20). 439 p. br. Cr\$ 25,00. (4.ª ed. 10/43).
Calvino.
- LOPES (Alexander Monteirol).** — Novo dicionário jurídico brasileiro. Bibl. Jurídica Brasileira. 15. (15/23). 294 p. enc. Cr\$ 40,00. (10/43).
Coelho Branco.
- MACHADO (Raul).** — A culpa no direito penal. 2.ª ed. rev. e ajustada ao código penal. Pref. Astolpho Rezende. (17/24). 408 p. br. Cr\$ 50,00. (2.ª ed. 10/43).
Emp. Ed. Universal.
- MANUAIS de Legislação Brasileira.** — Vol. 86. Consolidação das leis do trabalho. Dec-lei 5452, de 1-5-1943. (14/19). 192 p. br. Cr\$ 3,00. (10/43).
Ed. e Publ. Brasil.
- RIBEIRO (Clovio).** — Curso de economia política sociológica. Pref. Julio de Mesquita Filho. (15/24). 547 p. br. Cr\$ 30,00. (10/43).
Freitas Bastos
- RICARDO (David)** — Sobre a teoria do valor. Trad. Eduardo Saigüero. Cadernos "Inquérito". Série B — Economia e Sociologia. II. (13/19). 103 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43).
Ed. Inquérito
- SALAZAR (Alcino de Paula)** — Reparação do dano moral. (17/24). 179 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43).
Borsol, Rio.
- SCHACHER (Gerhard).** — Ele queria dormir no Kremlin. Pref. Jan Masaryk. Trad. Livio Xavier. (14/20). 231 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43).
Ed. Prometheu.
- SOUZA (Ribeiro de).** — O novo direito penal. Código penal de 1940. Código do processo de 1941. Teoria e prática. (17/24). 501 p. br. Cr\$ 60,00. (10/43).
Rev. dos Tribunais.
- STRONG (Anna Louise).** — A Rússia na paz e na guerra. (The Soviets Expected). Trad. Luiz C. Afilhado. (14/19). 396 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 10/43).
Calvino.
- VALLADÃO (Haroldo).** — Direito. Solidariedade. Justiça. (14/23). 205 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43).
José Olympio.
- VOYETEKHOV (Boris).** — Os últimos dias de Sebastopol. (The Last Days of Sebastopol). Trad. João Tavora. (14/19). 219 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43).
Ed. Pan-Americana.
- 4-5) EXERCITO - MARINHA - AERO-NAUTICA**
- BIBLIOTECA de Cultura Militar** — Regulamento interno e dos serviços gerais. (R.I.S.G.). (13/19). 130 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43).
A Noite — H. Velho.
- FIGUEIREDO (Ten.-Cel. Lima).** — Instrução de transmissão. Bibl. de Cultura Militar. (14/19). 279 p. 1 prancha. il. br. Cr\$ 15,00. (4.ª ed. 10/43).
A Noite — H. Velho.
- FREITAS (Ten.-Cel. Osorio Tuyuty de Oliveira).** — A invasão de São Borja. (13/19). 232 p. 1 mapa. il. br. Cr\$ 16,00. (2.ª ed. 10/43).
Tip. do Centro.
- IMBIRIBA (Cap. Mario Fernandes).** — Breviário da instrução moral e cívica do soldado. Pref. Gen. Lobato Filho e Agamemnon Magalhães. Bibl. Militar. 70. (15/23). 148 p. il. br. Cr\$ 6,50. (10/43).
Distr. Z. Valverde.
- LAWSON (Capitão Ted. W.).** — Trinta segundos sobre Tóquio. (Thirty seconds over Tokyo). Trad. Isaac Paschoal. Col.
- Cigarra Magarina. 2. (13/23). 244 p. il. br. Cr\$ 23,00. (10/43).**
Ed. O Cruzeiro
- MAGALHÃES (Cel. J.B.).** — O fenômeno militar russo. (15/22). 319 p. 6 mapas. il. br. Cr\$ 30,00. (10/43).
Ed. Peixoto.
- MENEZES (Cap. Marcelo de).** — Aplicações militares. Todas as armas. Cultura física. Pref. Lima Figueiredo. Bibl. de Cultura Militar. (14/19). 242 p. 1 prancha. 121 figs. br. Cr\$ 15,00. (10/43).
A Noite — H. Velho.
- POLDERMAN (Fabrice).** — La Bataille de Flandre. (14/20). 342 p. il. br. Cr\$ 25,00. (10/43).
Atlântica Ed.
- 4-5) LETRAS**
- A) Filologia (Generalidades — Ensino de Linguas).**
- ALEM (Neif Antonio).** — English easily spoken. (Método direto de inglês). Book 1. (13/19). 117 p. il. cart. Cr\$ 10,00. (9.ª ed. 10/43).
Ed. Melhoramentos.
- BARRETO (Arnaldo de Oliveira).** — Cartilha das mães. (15/21). 63 p. il. cart. Cr\$ 2,50. (56.ª ed. 10/43).
Liv. Alves.
- CRUZ (José Marques da).** — Português prático. Gramática. Para as 4 séries do curso ginasial. (13/19). 522 p. 1 prancha. cart. Cr\$ 20,00. (14.ª ed. 10/43).
Ed. Melhoramentos.
- VIANA (Francisco Furtado Mendes).** — Leituras infantis. Cartilha. (15/21). 72 p. il. cart. Cr\$ 4,00. (45.ª ed. 10/43).
Liv. Alves.
- 4-5) LETRAS**
- B) Literatura**
- B.1) Generalidades — História Literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônicas.**
- BENDA (Julien).** — O pensamento vivo de Kant. Trad. Wilson Veloso. Bibl. do Pensamento Vivo. 16. (12/18). 212 p. cart. Cr\$ 12,00. (10/43).
Liv. Martins.
- BERDIAEFF (Nicolai)** — O espírito de Dostolevski. Trad. Otto Schneider. (13/19). 291 p. br. Cr\$ 18,00. (10/43).
Ed. Panamericana.
- CAVALHEIRO (Edgard).** — Biografias e biógrafos. Col. Caderno Azul. 12. (14/19). 81 p. br. Cr\$ 3,00. (10/43).
Ed. Guaira.
- COTTAS (Maria).** — Folhas esparsas. Pref. Othon Ewald. (12/19). 160 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43).
Gr. Taveira.
- FIGUEIREDO (Fidelino de)** — Depois de Eça de Queiroz... Col. E.C.C. Série I, n.º 2. (14/22). 135 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43).
Ed. Clássico-Científica.
- HEINE (Heinrich).** — Amor, supremo amor... Com um perfil do poeta por

ORGANIZE O SEU PLANO DE SEGURO DE VIDA



como o Sr. construiria a sua propria casa...
— adaptado às necessidades de sua familia

É muito simples o Sr. realizar esse grande sonho... Anote, primeiro, as importancias relativas às suas obrigações pessoais e objetivos financeiros; depois, veja o mínimo que o Sr. deseja deixar como renda mensal para sua familia. Chame, então, um Agente da Sul America. Ele o ajudará a traçar o plano de seguro mais adaptavel à sua situação.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



PARA O SEU NATAL IRMÃZINHA SU

UM PRESENTE DE
MME. CHIANG KAI-SCHEK

à sensibilidade do
público brasileiro

Lindas ilustrações de
IANET FITCH SEWAL

IRMÃZINHA SU

Uma lenda popular chinesa por
MME. CHIANG KAI-SCHEK

EM TODAS AS LIVRARIAS

IRMÃOS

PONGETTI

EDITORES

SACADURA CABRAL, 240-A — RIO DE JANEIRO

ENVIA-SE PELO "SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL"



- J. Barbey D'Aureville. Trad. Edison Carneiro. Col. "Os Grandes Nomes". (12/19). 225 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43). Vecchi.
- HESSE (Hermann). — O lobo da estepe. (Só para loucos). Trad. Augusto de Souza. Col. Caminhos do Espírito, 1. (15/22). 265 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43). Ed. O Cruzeiro.
- LENS (Alvaro). — Notas de um diário de crítica. 1.º volume. (I-CC). (13/19). 186 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43). José Olympio.
- RENAN (Ernest). — Páginas escolhidas. (13/19). 280 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43). Americo-Edit.
- SILVA (F.L. de Azevedo). — Erro não se consagra. I — Porque Rio de Janeiro. II — O direito à luz do espiritismo. (13/19). 216 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43). Gr. Muniz.
- 4—S.B.—2) TEXTOS DE ESTUDOS
(Literatura Antiga e Moderna)
- LANTIEUIL (Henri de). — Histoire littéraire. Auteurs et textes. Moyen-Age-Renaissance — XVIIe e XVIIIe. 2.º cycle — 1.ª série. (14/13). 297 p. il. cart. Cr\$ 20,00. (10/43). Livr. Alves.
- 4—S.B.—3) POESIA
- ALVARENGA (Manuel Ignacio da Silva). — Glaura. Poemas eróticos. Pref. Afonso Arinos de Melo Franco. Bibl. Popular Brasileira, 15. (12/17). 283 p. br. Cr\$ 3,00. (10/43). Inst. Nacional do Nacional.
- CASSENA (Luiz Martins). — Fabulário. (Fábulas em versos) e outros poemas. (16/22). 96 p. il. br. Cr\$ 8,00. (10/43). Gr. Ondina, Rio.
- CEARENSE (Catullo). — Um boêmio no céu. (13/19). 173 p. br. Cr\$ 7,00. (3.ª ed. 10/43). A Noite.
- GRÇA (Itala da). — Poemas. (15/23). 71 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43). Jornal do Comércio.
- JUVENAL. — Sátiras. Trad. Francisco Antonio Martins Bastos. Pref. José Perez. Série Clássica de "Cultura", "Os Mestres do Pensamento", 30. (10/17). 234 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43). Ed. Cultura.
- LIMA (Nelson de Araújo). — Remigios. (Poemas da aviação). (14/19). 132 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43). Coed. Brasília.
- LINTZ (Zuleika). — Estrela cadente. (13/19). 85 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43). Pongetti.
- MARANHAO (Carlos). — Vibrações. 1917-1941. Pref. Jesus Martins. (13/19). 137 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43). Pongetti.
- MATHIAS (Marcello). — Doze sonetos e uma canção. (14/20). 45 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43). Distr. Livros de Portugal.
- SILVA (Oliveira e). — Sagitário. (14/20). 223 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43). Borsol, Rio.
- SILVA (Severino). — As sombras do caminho. (13/19). 118 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43). Pongetti.
- 4—S.B.—4) TEATRO
- PENA (Martins). — Teatro cômico. Série Clássica Brasileiro-Portuguesa. "Os Mestres da Língua", 15. (10/17). 307 p. br. Cr\$ 30,00. (10/43). Ed. Cultura.
- SANTOS (Miguel). — Uma visita de cerimônia. Comédia em 1 ato. Col. Teatro Brava, 2. (13/16). 26 p. br. Cr\$ 2,00. (10/43). Pap. Coelho.
- SILVA (Iracema Rello de A.). — Ubirajara e José de Alencar. Adaptação ao rádio-teatro. (13/18). 53 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43). Z. Valverde.
- A—S.B.—5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS
- ALBRIDGE (James). — Voando ao sol. (Signed with their honour + Flight the Sun). Trad. Wilson Veloso. Col. Contemporânea, 6. (14/22). 389 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43). Livr. Martins.
- AMERICA (Hugo de). — Scarface. (Al Capone ou Os pistoleiros de Chicago). Trad. Armando Riedel. (10/24). 321 p. il. br. Cr\$ 10,00. (10/43). Vecchi.
- BAILEY (Temple). — A mansão dos Marburgs. (Pink Camellia). Trad. Paulo de Freitas. (14/20). 262 p. br. Cr\$ 14,00. (10/43). Ed. Universitária.
- BELLAMANN (Henry). — Em cada coração, um pecado! (Kings Row). Trad. Clovis Ramalho e João Tavora. Col. Fogos Cruzados, 18. (15/23). 561 p. br. Cr\$ 30,00. (2.ª ed. 10/43). José Olympio.
- BENTLEY (E.C.). — O último caso de Trent. Trad. Hamílcar de Garcia. Col. Amarela, 100. (13/19). 263 p. br. Cr\$ 7,00. (10/43). Globo.

BRITO (Lúcia Lúcia Carlos de Caldas). — Um dia voltaremos... (15/22). 450 p. br. Cr\$ 25,00. enc. Cr\$ 32,00. (10/43). Pongetti.

BUCK (Pearl S.). — A boa terra. (China, velha China). "The Good Earth". Trad. Oscar Mendes. Col. Nobel, 30. (14/19). 386 p. br. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 10/43). Globo.

CERVANTES SAAVEDRA (Miguel de). — Dom Quixote de La Mancha. 2.ª parte. Volume II. Trad. Viscondes de Castilho e de Azevedo. Série Clássica de "Cultura". "Os Mestres do Pensamento", 21-A. (10/18). 586 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43). Ed. Cultura.

DANTAS (Paulo). — O ciclo da angústia humana. I. Aquelas muralhas cinzentas... — Novela da vida carceral. (14/20). 83 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43). Pap. Brasil.

DELLY (M.). — Ondina de Capdeuilles. Trad. Lygia Estrada. Bibl. das Senhorinhas, 22. (14/20). 201 p. br. Cr\$ 9,00. 3.ª ed. 10/43). Emp. Ed. Brasileira.

DINIZ (Julio). — As pupilas do Senhor Reitor. (Crônica da aldeia). (14/21). 283 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43). Ed. Dois Mundos.

ESCRICH (Enrique Perez). — O manuscrito materno. Romance de costumes. Vol. II. Trad. Col. Maravilhas do Passado, 5. (15/24). 353 p. il. br. Cr\$ 25,00. (10/43). Livr. Para Todos.

FUSCO (Rosário). — O agressor. (13/19). 250 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43). José Olympio.

GLYN (Elinor). — O homem e o momento. (The man and the moment). Trad. Tati A. de Mello. Bibl. das Moças, 79. (13/19). 240 p. br. Cr\$ 7,00. (Nova ed. 10/43). Cia. Ed. Nacional.

HILTON (James). — Horizonte perdido. (Lost Horizon). Trad. Leonel Vallandro. Col. Nobel, 49. (14/19). 219 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43). Globo.

MACEDO (Joaquim Manuel de). — O moço leiro. Série "Novelas do Cora-

PAGAMENTO DE ASSINATURAS: — Rogamos aos nossos leitores o obséquio de remeter o pagamento das assinaturas em selos, e diretamente à redação. Assim, ficará facilitado nosso trabalho, revertendo também o mesmo em benefício dos leitores. — **SENADOR DANTAS, 20-7.º andar — S. 708/10 — Edifício "Galeno".**

ção", 13-14. (10/17). 2 vols. 211+227 p. br. Cr\$ 16,00. (10/43). Ed. Cultura.

MAUGHAM (W. Somerset). — Um gosto e seis vintens. (The Moon and Sixpence). Trad. Gustavo Nonnenberg. Col. Nobel, 35. (14/19). 244 p. br. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 10/43). Globo.

MAUPASSANT (Guy de). — Bel-Ami. Trad. Clovis Ramalheira. Col. Excelsior Gigante, 1. (14/19). 315 p. cart. Cr\$ 20,00. (10/43). Livr. Martins.

MAUPASSANT (Guy de). — Fort comme la mort. (12/19). 265 p. br. Cr\$ 23,00. (10/43). Americ-Edit.

MAURIER (Daphne Du). — O roteiro das gaivotas. Trad. Rachel de Queiroz. Col. Fogos Cruzados, 32. (14/23). 303 p. br. Cr\$ 22,00. (10/43). José Olympio.

MENEZES (Amílcar Dutra de). — O futuro nos pertence. Il. de Santa Rosa. (13/19). 141 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43). José Olympio.

MONTÉPIN (Xavier de). — As mulheres de bronze. Vol. II. (2.ª parte). Trad. Col. Maravilhas do Passado, 2. (17/24). 367 p. il. br. Cr\$ 25,00. (10/43). Livr. Para Todos.

MOORE (Isabel). — A outra mulher. (The other woman). Trad. Jeannette Dante de Mello Vianna. Bibl. das Moças, 112. (13/19). 306 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43). Cia. Ed. Nacional.

OURSER (Will). — O crime de Vincent Doon. Trad. Geraldo de Freitas. Col. Detetive, 2. (14/19). 313 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43). Ed. O Cruzeiro.

PALHANO (Lauro). — O Geroroba. Cenas da vida proletária. (13/19). 290 p. br. Cr\$ 12,00. (2.ª ed. 10/43). Pongetti.

PICCHIA (Menotti Del). — Laia. (13/19). 190 p. br. Cr\$ 8,00. (7.ª ed. 10/43). A Noite.

QUEIROZ (Amadeu de). — Sabina. Col. Caderno Azul, 14. (14/19). 73 p. br. Cr\$ 4,00. (10/43). Ed. Guaiara.

ROCHE (Mazo de La). — A história de Jalna. Jalna. Trad. Herman Lima. Col. Fogos Cruzados, 29. (13/19). 433 p. br. Cr\$ 18,00. (10/43). José Olympio.

ROMANOWSKI (L.). — Ciúme da morte. Pref. Luis Guedes. (17/24). 206 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43). Coed. Brasilica.

ROTH (Joseph). — Job, o romance de um pobre professor. Trad. Dom José Paulo da Câmara. Col. Excelsior, 34. (12/18). 235 p. cart. Cr\$ 10,00. (10/43). Livr. Martins.

SABATINI (Rafael). — O Cisne Negro. (The Black Swan). Trad. Encinas Merziano. Col. "Os Audazes", 4. (14/19). 225 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43). Vecchi.

TOLSTOI (Leão). — Homens e escravos. Trad. Cira Neri. Col. As 100 Obras Primas da Literatura Universal, 25. (13/19). 193 p. br. Cr\$ 9,00. (10/43). Pongetti.

VERISSIMO (Erico). — Saga. (14/20). 201 p. br. Cr\$ 12,00. (3.ª ed. 10/43). Globo.

O ROMANCE DE TODOS OS TEMPOS:

Ivana Rowena

P. MAC NIVEN

Um livro simples, de leitura agradável, próprio para todas as pessoas de ambas as sexos e de qualquer idade. Romance de amor, de aventura, cheio de emoção e de imprevisíveis surpresas para o leitor. Quarta edição completamente refundida.

PREÇO: Cr\$ 25,00

do mesmo autor:

ANPU-SER, A FILHA DOS DEUSES

PREÇO: Cr\$ 20,00

BREVE:

MARIA DAS ANGÚSTIAS

(Marie des Angoisses)

MARCEL PREVOST

Da Academia Francêsa de Letras

Roberto Furquim

EDITOR

Caixa Postal 3.232

RIO

WELLS (H.G.). — O grande ditador. (The Holy Terror). Trad. Marques Rebelo. Col. O Cruzeiro, 1. (15/22). 407 p. br. Cr\$ 25,00. (10/43).

Ed. O Cruzeiro.

4-1.2.3) CONTOS

FIGUEIREDO (Guilherme). — Rondinella e outras histórias. (15/22). 281 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43).

Ed. O Cruzeiro.

YAHAN (Malba). — Mil histórias sem fim... 1.º volume. Pref. Humberto de Campos. Trad. e notas de Breno de Alencar Bianco. (13/19). 143 p. il. br. Cr\$ 8,00. (5.ª ed. 10/43).

Getúlio Costa.

4-1.2.3) OBRAS PARA CRIANÇAS

ACQUARONE (F.). — A guerra dos animais. Des. de F. Acquarone. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (23/31). 40 p. cart. Cr\$ 12,00. (10/43).

O Malho.

BUSCH (W.). — O Camondongo e outras historietas. Trad. Guilherme de Almeida. (15/23). 32 p. il. cart. Cr\$ 6,00. (10/43).

Ed. Melhoramentos.

CAMPOS (Humberto de). — Histórias maravilhosas. Il. de Theo. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr\$ 6,00. (10/43).

O Malho.

DISNEY (Walt). — Pato Donald. Col. Historietas, 3. (23/32). 16 p. il. br. Cr\$ 1,00. (10/43).

Ed. Melhoramentos.

DISNEY (Walt). — Pato Donald e suas (dez) aventuras. Trad. e adaptação de Sodré Viana. Bibl. Mirim, 30. (9/11). 223 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (10/43).

A Noite — Publ. Infantil.

DISNEY (Walt). — O Pinocchio. Trad. Guilherme de Almeida. Col. Historietas, 4. (23/32). 16 p. il. br. Cr\$ 6,00. (10/43).

Ed. Melhoramentos.

MAGALHAES JOR. (R.), RENEDETTI (Lucia). — Chico-Vira-Bicho e outras histórias. Il. de João Fabrion. Col. Burrrinho Azul. (16/22). 93 p. cart. Cr\$ 10,00. (10/43).

Globo.

MANHAES (Carlos). — No mundo dos bichos. Il. de Luiz Sá. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 27 p. cart. Cr\$ 6,00. (10/43).

O Malho.

MILANO (Miguel). — Heróis brasileiros. Repertório biográfico de homens notáveis do Brasil. (15/22). 195 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (10/43).

Globo.

MONTEIRO (Jerônimo). — Os nazis na ilha do mistério. Bibl. Infantil Anchieta, 3.ª série, 4. (13/18). 62 p. il. br. Cr\$ 2,50. (10/43).

Ed. Anchieta.

MONTEIRO (Jerônimo). — O palácio subterrâneo das Antilhas. Bibl. Infantil Anchieta, 3.ª série, 5. (13/18). 61 p. il. br. Cr\$ 2,50. (10/43).

Ed. Anchieta.

OLIVEIRA (Alaide Lisboa de). — A bonequinha preta. (16/24). 36 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (3.ª ed. 10/43).

Livr. Alves.

ORICO (Ovaldo). — Contos da mãe preta. Il. de Luiz Sá. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr\$ 6,00. (10/43).

O Malho.

PIMENTEL (Figueiredo). — Histórias da Baratinha. Livro para crianças. (14/19). 270 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (Nova ed. 10/43).

Livr. Quaresma.

QUEIROZ (Galvão de). — Reportagens de Pitusquinho. Il. de Miguel. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 87 p. cart. Cr\$ 6,00. (10/43).

O Malho.

SPYRI (Johanna). — Dora. Trad. Pepita de Leão. Il. de João Fabrion. (16/22). 142 p. cart. Cr\$ 12,00. (10/43).

Globo.

SPYRI (Johanna). — Francisca. Trad. Pepita de Leão. Col. Burrrinho Azul. (16/22). 157 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (1942-10/43).

Globo.

4-1.2.7) ELOQUENCIA

REGO (José Lima de). — Pedro Américo. Conferência. (12/16). 36 p. br. Cr\$ 2,00. (10/43).

Casa do Estudante.

JÚLIO DINIZ UMA FAMÍLIA INGLESA



EDIÇÕES "DOIS MUNDOS" RIO DE JANEIRO

Não obstante ser o primeiro romance que Júlio Diniz escreveu, muitos leitores de fino gosto o preferem aos demais. É que "Uma Família Inglesa", como nenhum outro dos seus livros irradia juventude. Desenvolve-se todo à inglesa, em intimidade. E consegue traduzir com a fluência límpida duma fonte, a efusão inefável dos sentimentos simples.

UMA FAMÍLIA INGLEZA

Nova edição esmerada com linda capa a cores

À venda em todas as Livrarias ao preço de
Cr\$ 18,000

Remessas para todo o Brasil pelo Serviço de
Reembolso Postal

Pedidos a LIVROS DE PORTUGAL, LTDA.
OUVIDOR, 106 RIO DE JANEIRO

1) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS, FÍSICAS E NATURAIS

(12/19). 57 p. 1 prancha. br. Cr\$ 8,00. (10/43).

Livr. Martins.

AMORA (Renato). — Operações financeiras e Imposto de renda. Métodos de Cálculo. (15/23). 243 p. br. Cr\$ 30,00. (10/43).

Imp. Nacional.

COSTA (Anyone). — Indivíduo. (17/24). 273 p. il. br. Cr\$ 30,00. (2da ed. 10/43).

Z. Valverde.

MAEDER (Algaeyr Munhoz). — Curso de matemática. 2.ª série. (14/21). 200 p. il. cart. Cr\$ 12,00. (10/43).

Ed. Melhoramentos.

THIRÉ (Cecil). — Exercícios de Álgebra. (14/18). 221 p. br. Cr\$ 16,00. (10/43).

Livr. Alves.

2) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia Doméstica — Finanças — Indústria — Profissões — Tecnologia.

CAMPOS (Gaysita de). — Como fazer o meu tricô. 3.ª série. (16/23). 29 p. il. cart. Cr\$ 14,00. (10/43).

Globo.

CARVALHO (Paulo Pinto de). — Aspectos de nossa economia rural. A lavoura cafeeira e o fomento à policultura. Pref. Tte. Cel. Valério Braga

COSTA (Herculano M.). — Análise dinâmica. (14/20). 62 p. 1 prancha. il. br. Cr\$ 8,00. (10/43).

Emp. Ed. Brasileira.

GOMIDE (José Carlos de). — Radiotelegrafia. (Guia do amador). (14/19). 343 p. il. pranchas. il. cart. Cr\$ 30,00. (2.ª ed. 10/43).

Emp. Ed. Brasileira.

MAGALHAES (Basilio de). — História do comércio. (14/19). 327 p. il. cart. Cr\$ 18,00. (Nova ed. 10/43).

Livr. Alves.

MEINEL (Benigna Lygia Renaud). — O bebê e seu enxoval. Conselhos práticos. (14/19). 34 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43).

Borsoli, Rio.

SANTOS (Eurico). — Avicultura, fonte de riqueza. Col. Agrícola do "O Campo". 3. (17/24). 328 p. il. br. Cr\$ 35,00. (10/43).

Distr. Ed. Minerva.

SILVERMAN (Milton). — "Mágica em Garrafas" (Magic in a Bottle). A história dos grandes medicamentos. Trad. Monteiro Lobato. Bibl. Espírito Moderno, S. 2.ª. Ciência, 13. (14/22). 280 p. br. Cr\$ 14,00. (10/43).

Cia. Ed. Nacional.

Medicina.

BAUER, M.D. (Julius) — Patologia constitucional aplicada. (Constitution and Disease). Trad. Francisco Laranja e Jorge Carneiro. Pref. A. Austregesilo. (16/23). 240 p. il. enc. Cr\$ 88,00. (10/43). Publ. Pan-Americanas.

CASTILLO (Enrique B. Del), ROSPIDE (Pedro C.) — Secções internas — Neurovegetativo. Trad. Benjamin Gaspar Gomes. Bibl. de Semiologia, 6. — (16/23). 280 p. 121 figs. br. Cr\$ 55,00. (10/43).

CHIAPERINI (Reinaldo). — Doenças do coração. (Patologia e terapêutica). (16/24). 700 p. 73 figs. enc. Cr\$ 150,00. (10/43).

LAMARE (Rinaldo de). — A vida do bebê. (16/23). 348 p. il. cart. Cr\$ 30,00. (2.ª ed. 10/43).

MATTOS (Sylla O.), LIMA FILHO (Octaviano Alves de). — O ovário. Contribuição ao seu estudo clínico e cirúrgico. Prêmio "Mme. Durocher" da Academia Nacional de Medicina em 1942. (16/24). 336 p. 111 figs. enc. Cr\$ 100,00. (10/43).

NOVAK (Emil). — Ginecologia e endocrinologia feminina. (Gynecology and female endocrinology). Trad. Victor Rodrigues. (18/27). 2 vols. 797 p. 425 figs. enc. Cr\$ 280,00. (10/43-1944).

RIBEIRO (Eurico Branco). — Litíase do apêndice. (13/19). 87 p. il. br. Cr\$ 10,00. (10/43).

TAVARES (Godoy). — Clínica e terapêutica. 2.º fascículo. Balsâmicos, Bismuto e balsâmicos, neurastenia médica. (16/23). 185 p. 29 figs. br. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 10/43).

WELTON (Thurston Scott). — Método moderno da limitação dos filhos. (The Modern Method of Birth Control). Trad. Calo Rangel. (13/19). 188 p. 1 disco-ca-



A ÚNICA ABERTA DIA E NOITE

S. PAULO

Matriz:

Avenida S. João, 597

Fone 4-9365

Filial:

Rua Barão de Itapetininga, 112

Loja 3 — Galeria Guataparã

LIVROS de todo o Mundo, principalmente nacionais
ESPECIALIDADE em publicações em castelhano
REVISTAS, FIGURINOS e JORNAIS estrangeiros e do país.

Acabam de receber novidades dos Estados Unidos,
Argentina e Chile.

lendário. il. cart. Cr\$ 20,00. (5.ª ed. 10/43).

Civilização.

do Rego (14/22). 421 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43).

Pongetti

7) BELAS-ARTES — ESPORTE — JOGOS — DIVERTIMENTOS

8) HISTÓRIA E GEOGRAFIA (Biografias).

ALVES (Sylvio). — Palavras cruzadas. (12/16). 138 p. il. br. Cr\$ 8,00. (10/43). Jornal do Brasil.

MÁRIO FILHO (Mario Rodrigues Filho). — Copa Rio Branco, 32. Pref. José Lima

ARMSTRONG (Margaret). — Vida e morte de Trelawny. Poeta, amoroso e capadachino. (Trelawny. A man's Life). Trad. Moscir Werneck de Castro. (15/23). 313 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43).

AURELI (Willy). — Expedição à Serra

JA' ESTÃO A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL, AS "Memórias para servir a Historia do Reino do Brasil"

a famosa obra do não menos famoso Cônego LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS
o PADRE PERERECA

Em dois grandes volumes com cerca de 900 páginas, fartamente ilustrados, com prefácio e
cerca de 200 anotações do historiador

NORONHA SANTOS

Os dois volumes em papel comum, Cr\$ 100,00

Em papel especial, edição limitada, Cr\$ 500,00

Livro que se considerava uma verdadeira peça de Museu pela sua raridade e valor histórico, a presente edição, da

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27

CAIXA POSTAL 2956

RIO

Coloca-a ao alcance de todos os estudiosos da nossa História e dos apreciadores de preciosidades

AOS LEITORES DO INTERIOR REMETEMOS CATALOGOS, BEM COMO QUALQUER LIVRO, DE
QUALQUER EDITOR, PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL.

DOIS GRANDES LIVROS:

Religião na Rússia Soviética

N. S. Timasheff

Obra bem documentada e imparcial sobre a verdade da situação religiosa na Rússia Soviética. De leitura indispensável a quem se interessa pelo assunto.

JULGAMENTO DAS NAÇÕES

CHRISTOPHER DAWSON

(trad. J. Luix de O. Araujo)

A situação política e social da humanidade, em seus diversos prismas, vistos todos por um filósofo de cultura invulgar e invulgar imparcialidade. Recomenda-se pelo assunto e pela autoridade indiscutível do autor.

STELLA EDITORA

CAIXA POSTAL 3.232 — RIO

- do Rencador. (Jornada da "Bandeira Piratinha"). (14/20). 299 p. 1 mapa, il. br. Cr\$ 18,00. (3.^a ed. 10/43).
Ed. Universitária.
- AURELI (Willy). — Sertões bravios. (14/20). 224 p. il. br. Cr\$ 18,00. (10/43).
Ed. Universitária.
- BASHKIRTSEFF (Marie). — Diário de Marie Bashkirtseff. (Journal de Marie Bashkirtseff). Trad. Gilda Marinho. Col. Nobel, 56. (14/19). 381 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43).
- BELMONTE. — No tempo dos bandeirantes. Des. do Autor. (17/24). 324 p. br. Cr\$ 35,00. (3.^a ed. 10/43).
Globo.
- BEVILAQUA (Clovio). — Revivendo o passado. VII — Figuras e datas 1892. (13/19). 25 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43).
Borsoi, Rio.
- BRENTANO (Franz Funck). — L'Ancien régime. (12/19). 2 vols. 302+275 p. br. Cr\$ 45,00. (10/43).
Americ-Edit.
- CALADO (Fr. Manuel). — O Valeroso Lucideno e o Triunfo da Liberdade 1.^a parte, 1.^o tomo, I II e III livros. Série Brasileira, 5. (15/22). 379 p. br. Cr\$ 70,00. (10/43).
Ed. Cultura.
- CASTRO (Mario Ribeiro de). — Rio de Janeiro. Descrição para turistas. (12/18). 151 p. br. Cr\$ 7,00. (10/43).
Rev. dos Tribunais.
- DUTRA (José Soares). — Cairu. (14/19). 171 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43).
Vecchi.
- FEER (Leon). — O Buda. Trad. Heitor Ferreira Lima. Série Biográfica de "Cultura". "Vidas Luminosas". 10. (10/17). 71 p. br. Cr\$ 5,00. (10/43).
Ed. Cultura.
- LACERDA (Joaquim Maria de). — Pequena geografia da infância. Curso primário. Rev. e melhorada por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro. (12/49). 154 p. 8 mapas, il. cart. Cr\$ 4,00. (Nova ed. 10/43).
Livr. Alves.
- LENDI dos três companheiros. A vida de São Francisco de Assis, narrada pelos seus discípulos Irmãos Leão, Rufino e Angelo. Trad. Nilson Carneiro da Cunha. (12/17). 136 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43).
Stella Ed.
- LEVY (Artur). — A vida íntima de Napoleão. (Napoleon intime) Trad. Emil Farhat. Bibl. Espírito Moderno, s. 3.^a. História e Biografia, 32. (14/23). 390 p. br. Cr\$ 15,00. (10/43).
Cla. Ed. Nacional.
- LIMA (Stella Leonardos da Silva). — Ru-fa ao longe um tambor! Vida de Olavo Bilac. Trilogia Biográfica. (Teatro em Alexandrinos). III. Pref. Modesto de Abreu. (13/19). 171 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43).
Borsoi, Rio.
- LUDWIG (Emil). — Stalin. Trad. Eduardo de Lima Castro. (Em apêndice: A nova constituição soviética e A nova constituição Brasileira). (14/19). 428 p. br. Cr\$ 25,00. (2.^a ed. 10/43).
Calvino.
- MARIANO (Filho) (José). — O Passeio Público do Rio de Janeiro. 1779-1783. (20/27). 51 p. 33 fotografias, br. Cr\$ 25,00. (10/43).
Dist. Freitas Bastos.
- MICHELET (Jules). — Joana D'Arc. Trad. pref. e notas de Antonio Lages. (14/19). 248 p. br. Cr\$ 10,00. (2.^a ed. 10/43).
Vecchi.
- MUNTHE (Anel). — O Livro de San Michele. (Boken om San Michele). Trad. Jayme Cortezão. (17/24). 864 p. il. br. Cr\$ 24,00. (6.^a ed. 10/43).
Globo.
- MURICY (Gen. José Cândido). — Parada morta. Pref. Tasso da Silveira. (13/18). 149 p. br. Cr\$ 10,00. (10/43).
Alba.
- PESSOA (Alfredo). — Sempre haverá uma Inglaterra. (15/22). 219 p. br. Cr\$ 20,00. (10/43).
Z. Valverde.
- POURTALES (Guy de). — Vida de Chopin. Trad. Aristides Avila. Col. de Cultura Musical, 2. (14/19). 212 p. br. Cr\$ 12,00. (10/43).
Afena Ed.
- RODRIGUES (Lysias A.) — Roteiro do Tocantins. (13/19). 323 p. 13 mapas e fotografias, br. Cr\$ 20,00. (10/43).
José Olympio.
- SCHLICHTHORST (C.). — O Rio de Janeiro como é. 1824-1826. (Uma vez e nunca mais). Trad. Emy Dodd e Gustavo Barroso. Anotado e comentado. (17/24). 301 p. il. br. Cr\$ 30,00. (10/43).
Getúlio Costa.
- 200 exemplares em papel Vergé. (21/27). Cr\$ 200,00. (10/43).
Z. Valverde.
- TROYAT (Henri). — Destolevski. Trad. Rosário Fusco. Série Redescobrimento do Homem. (17/24). 418 p. br. Cr\$ 30,00. (10/43).
Ed. Pan-Americana.
- VASCONCELOS (Simão de). — Vida do venerável Padre José de Anchieta. Pref. Serafim Leite, S.J. Bibl. Popular Brasileira, 3. (12/17). 3 vols. 235+269 p. br. Cr\$ 8,00. (10/43).
Inst. Nacional de Livro.
- WILKIE (Wendell). — Um mundo só. (One World). Trad. Monteiro Lobato. Col. Guerra e Paz, 1. (14/22). 349 p. br. Cr\$ 13,00. (2.^a ed. 10/43).
(Cla. Ed. Nacional).

PAGAMENTO DE ASSINATURAS: — Rogamos aos nossos leitores o obséquio de remeter o pagamento das assinaturas em selos, e diretamente à redação. Assim, ficará facilitado nosso trabalho, revertendo também o mesmo em benefício dos leitores. — SENADOR DANTAS, 20-7.^o andar — S. 708/10 — Edifício "Galeno".

Leitura de Revistas

"MAIS desassombro e menos prudência", é o título de um artigo do sr. Gilberto Freyre, publicado em "Rumo" (n.º 2). Comenta o sociólogo pernambucano o manifesto lançado pelos arcebispos brasileiros em face da atitude do Brasil na guerra contra o nazismo — documento, diz ele, e que não falta elegância de expressão; apenas exprimindo uma excessiva prudência, que faz de documento tão ilustre um convencional abaixo-assinado, quando o excepcional das circunstâncias parecia exigir palavras do mais claro desassombro. Desassombro que não é menos das tradições do Cristianismo e da Igreja que as atitudes de tato, de fleugma, de reserva, de discreção. O Brasil não entrou numa guerra igual às outras, mas num conflito em que sua participação moral vem dos primeiros dias de definição e afirmação do mesmo nazismo como movimento contrário ao cristianismo e contrário ao amalgamamento de culturas e de raças que, à sombra do mesmo Cristianismo e sob o estímulo das próprias reis cristãs de Portugal, são praticados entre nós desde os remotos começos da sociedade brasileira. Porque tanta prudência dos arcebispos brasileiros? — pergunta Gilberto Freyre. Porque tanta afã em deixar, pelo escândalo do contraste, um bispo como o de Maura — que antes denunciara atividades nazistas e fascistas, de religiosos ou de indivíduos disfarçados seraficamente em frades e padres, à sombra da Igreja no Brasil — simplesmente como novo "testa coldo" leviano, exagerado e tão sem razões a ponto de parecer sem razão? Amanhã talvez se diga de novo "testa coldo" que foi quem mais perto esteve dos seus deveres de bispo brasileiro nos dias dolorosos que o Cristianismo atravessa e em face do hitlerismo desembastado. Foi no Brasil quem falou contra o nazismo com desassombro igual ao do antigo arcebispo de Paris, ao do cardeal Hinsley, e ao de Buenos Aires; com energia igual à dos arcebispos anglo-católicos de Canterbury e de York; com a união de todos os grandes líderes cristãos que desde Pio XI se manifestam contra o racismo e contra o fascismo em palavras claras e vigorosas.

A seguir, o A. comenta um artigo de Georges Bernanos e um livro de Fr. W. Foerster — "Autorité et Liberté". E acentua não lhe parecer que a Igreja do Brasil constitua exceção à tranquila estabilidade de doutrina e de fé da Igreja, em geral, e se encontre tão fraca ou instável naquele pleno que lhe faça dano ou perda qualquer "entrechoque salubre" de opiniões, como as que há pouco se levantaram, provocadas pelas declarações de um bispo brasileiro: o de Maura. Mesmo que ao bispo de Maura faltem de todo razões — razões de qualquer espécie — para a atitude que assumiu, o problema ferido por S. Revma. existe. Existe e deve ser enfrentado, vasculhado e esclarecido para bem da Igreja e bem do Brasil e da América. E não afastado como invenção de "comunistas", "agitadores" e, agora, de "gente nervosa" e "sem razão", ao mesmo tempo que "sem razões". Nem se compreenda que a "nervosidade" — "nervosidade" da ortodoxia, é claro — toque o privilégio de taxar de "comunista" ou "agitador" quanto católico honesto se preocupe com problemas que, sendo católicos, são também brasileiros e americanos, enquanto qualquer defesa da parte do acusado desperta vocações inquisitoriais onde elas menos deveriam existir. Tal situação é verdadeiramente incompreensível. Incompreensível do ponto de vista "liberal" e incompreensível do ponto de vista católico.

Fr. W. Foerster acha que o belo, o justo, o saudável é que a Igreja Católica, Apostólica e Romana continue ao mesmo tempo uma e plural, com Dominicanos, Franciscanos, Jesuítas, Carmelitas, obedientes ao mesmo Papa. Para Gilberto Freyre, o belo, o justo, o saudável é que o Brasil, ou antes as Américas, formem uma vasta comunidade cristã em que várias tradições de pensamento cristão se façam sentir; e não apenas a jesuítica. Segundo o sociólogo de "Caso Grande & Senzala", este é o ponto de vista verdadeiramente cristão e americano; o critério verdadeiramente católico de unidade sem prejuízo da pluralidade de tendências e opiniões; a verdadeira conciliação da liberdade cristã com a autoridade eclesiástica. E se tal critério —

e não a identificação absoluta da Igreja com o grupo porventura predominante — deve regular as relações dos espíritos dentro do Catolicismo, assegurando-lhes saúde moral e o equilíbrio intelectual, com maioria de razões parece dever o mesmo critério orientar aquelas instituições — inclusive jornais — que, não sendo rigorosamente órgãos da Igreja, embora simpáticos à sua doutrina, à sua obra e às figuras eminentes dos seus chefes, tem, dentro da ética não só liberal — de que tanto falam — como cristã, o dever de acatar divergências de procedência respeitável e de intenção honesta.

— "Rumo" publica, no mesmo número: "Professores cinzentos", Arquimedes de Melo Neto; "Do bandeirante ao tropeiro", Sérgio Buarque de Holanda; "Aspectos sociais da história literária brasileira", Otto Maria Corpeaux; "As doutrinas mesológicas da cultura: os precursores", Artur Ramos; "Em torno de Vauthier", Diogo de Melo Menezes; "O destino do Brasil", Waldo Frank; "A arte da Lasar Segall", Aníbal M. Machado; "Prefácio quase romance", Carlos Lacerda; "Livros e Autores", Valdemar Cavalcanti, etc. O reitor Leitão da Cunha responde ao inquérito sobre a missão da Universidade.

É do professor Donald Pierson um excelente trabalho publicado no "Revista do Arquivo Municipal", de São Paulo (n.º XCI), sobre o casamento inter-racial na Baía. Depois de breve exame histórico, o A. declara que naquele Estado, atualmente, não se pensa nem se fala muito em casamento inter-racial. Atribue-se-lhe talvez apenas a mesma importância dada nos Estados Unidos aos casamentos entre indivíduos de nacionalidades ou classes diferentes. Seja qual for sua espécie, poucos casamentos transpõem as linhas de classe. Da vez em quando membros da classe alta se casam com indivíduos que subiram da classe baixa para uma posição intermediária, ou um destes últimos se casa com um membro da classe baixa. Mas muito raramente indivíduos pertencentes às extremidades da escala de classes se casam entre si. Os brancos da classe alta manifestam decidida oposição ao casamento com indivíduos pertencentes ao outro extremo da escala de cor, exatamente como acontece, talvez pela mesma razão, em relação aos casamentos com indivíduos pertencentes ao limite inferior da escala de classe. Os raros casamentos dessa natureza são ordinariamente recebidos com hostilidade. Os consórcios brancos-negros que envolvem membros da classe alta são em geral extra-legais, fora do casamento. Verifica-se que a oposição ao casamento com pretos, na Baía, baseia-se mais em classe que em raça. Quando a cor preta deixa de identificar o indivíduo como membro duma classe inferior, a oposição tende a diminuir. Virtualmente, não existe oposição ao casamento com mestiços claros, mesmo na classe alta, especialmente se não apresentem em seus traços fisionômicos, ou em sua cor, sinais muito evidentes de origem negra.

Embora lamentando não dispor de elementos estatísticos fidedignos, o A. observa que o taxa de casamentos inter-raciais está provavelmente aumentando, na Baía. A medida que o preto e o mestiço sobem de classe, é de esperar-se que assim aconteça. E mais: a cor preta, embora constituindo obstáculo inegável ao casamento com pessoas pertencentes às classes altas da Baía (pelo menos quando suficientemente aparente para ser facilmente observável) não é barreira absoluta e pode ser vencida com auxílio de vantagens tais como fortuna, inteligência, capacidade profissional, beleza e encanto pessoal. O indivíduo em questão será aceito mais em razão das qualidades mentais e sociais que da ascendência racial. É a luz dessa distinção que se chega talvez a compreender o que à primeira vista parece ser "discriminação" baseada em raça. Focalizando a atenção nos homens de cor que subiram de classe, e que por esta razão já não estão sujeitos aos mesmos preconceitos que pesam sobre seus semelhantes que ainda não subiram, vê-se que a conexão entre raça e "discriminação" não é direta, mas indireta; que a "discriminação" não se baseia necessariamente em raça, e sim em classe, atingindo na maioria dos casos, como seria inteiramente de esperar-se,

indivíduos de cor, devido ao fato de ter a porção mais escura da população ficado concentrada durante séculos nas fileiras de "status" inferior.

O professor Donald Pierson conclui: que indubitavelmente a raça foi no Brasil um fator que concorreu para fixar as classes e torná-las, pelo menos até certo ponto, hereditárias. Mas, como critério de classe, está progressivamente perdendo terreno, à medida que um número cada vez maior de indivíduos de cor escura dá provas de possuir, ou de ser capaz de conquistar, outras características, índices de "status" superior. O fato significativo é que o preto ou o mulato escuro pode vencer o obstáculo da cor, pode contrabalançar esta desvantagem por meio de outras vantagens. Sua posição social não é fixa, nem rígida. Está sempre sujeito a modificação. Por outras palavras, a estrutura social da Baía não é de casta, e sim de classe.

— No mesmo número: "Auto-suficiência e comércio externo", S. Barcourt-Rivington; "Síndrome de primitivismo mental: delírio de influência e místico e alucinações visuais", E. de Aguiar Whitaker; "História da filosofia e filosofia da História", Benno Daniel Silberchmidt; "O determinismo histórico", Heraldo Barbuy; "A orientação profissional e educacional na escola primária", Juvenina P. Santanna; "Araritaguaba", Aluisio de Almeida; "Mitologia tororó", Manuel Crux "Nos sertões do Brasil", Fritz Krause.

Pequeno ensaio de M. L. Bidal, na "Revista do Brasil" (n.º de setembro), sobre a literatura francesa de entre as duas guerras. Um dos aspectos dessa literatura é o da gravidade, da insistência com que foi encarado o problema do destino do homem neste século agitado. O A. distingue duas fases, com o ano de 1930 como eixo: uma primeira fase revolucionária de 1918 a 1930, no qual o gosto do escândalo, das proclamações espalhafatosas, a exibição do cinismo, das posições extremadas, o desprezo de que era francês davam a medida do choque provocado pela guerra nas sensibilidades; e um segundo período, por alguns qualificado de "reconstrutivo", no qual o modernismo, no seu exagêro, foi abandonado para dar lugar a obras que acusam aspirações novas. Teria passado o hora das inovações? A revolta ter-se-ia malogrado pelo excesso da sua violência, pela dureza de suas doutrinas, pela ousadia da suas ambições? Ou quem sabe se o escritor ouvia novamente, depois das falaciosas esperanças de uma paz apenas aparente, o apelo cada vez mais vivo de suas responsabilidades? Depois de uma série de considerações, de caráter nitidamente espiritualista, o A. conclui referindo-se às previsões e tentativas dos que não souberam salvar do naufrágio uma civilização cujo preço, entretanto, bem conheciam. "Mesmo hoje, neste nosso tempo muito próximo do tudo isso para ver com clareza, e muito sofrido para julgar sem amargura, devemos, porém, fazer-lhes esta justiça: não foram descuidados, não viveram no prazer egoísta; ao contrário, tiveram a aguda consciência do desejado equilíbrio do universo e da necessidade de encontrar uma ordem viável para o homem ameaçado de ruína".

— "Revista do Brasil" publica os seguintes artigos: "Alma holandesa", Otto Maria Carpeaux; "Uma república das letras para Portugal e Brasil", Vitorino Nemésio; "Influências estrangeiras no Espírito Santo", Manuel Diegues Júnior; "Cronologia de Hipólito José da Costa", Francisco Assis Barbosa; "A vida silenciosa e atormentada de Uriel Tavares", João Dornas Filho; "Extinção de la deuda de guerra de la triple alianza", Justo Pastor Benitez; "A pequena imprensa da Regência de Feijó (1835-1836)", Hélio Viana; "Teatro", Carlos Lacerda; "Música", Guilherme Figueiredo; "Política internacional", Austregésilo de Ataíde; "O conflito mundial", Raul Lima Ficção; "O fim do mundo", Gregiliano Ramos; "Hojas de espejo", Norah Lange; "Barganha", Albertine G. Moreira; "Aventuras do primeiro cigarro", Xavier Placer; "Aqui jaz Margarida", Camilla Soares de Figueiredo; "Pedro Barqueiro", Afonso Arinos; pequenos contos de "O Jardim das Rosas", de Sadi, traduzidos por Aurélio Buorquê de Holanda. Poemas: "Vão", Abgar Renault; "Dos poemas", Oliverio Girondo; "Depois", Cláudio Tavares Barbosa; "Sonetos da Ausência", Alphonse de Guimarães Filho. Comentários bibliográficos de Hélio Viana, Lúcia Miguel Pereira e Otto Maria Carpeaux.

Páginas de um diário de Marques Rebelo, na "Revista Brasileira" (n.º 6): "Há um mês que J... me ofereceu seu último romance. Há um mês que nos encontramos diariamente. Há um mês que ele espera, torturado, que eu

diga qualquer coisa. Pedir opiniões sinceras é, em noventa por cento dos casos, querer captar elogios".

— Sumário: "A Inocência no centenário de Tounay", Andrade Murici; "O anjo da pedra" (pedaço de romance), Otácio da Faria; "O sacrifício rejeitado", Lacerda Pinto; "Alice", Vinicius de Moraes; "A Caçamba", Afonso J. de Carvalho; "Do conto ao romance", Moisés Velinho; "Rui Barbosa e Eduardo Prado; "História de uma amizade", Hólio Viana; "Comentário a um poema gaúcho", Josué Montelo; "Vida literária", José Vieira; "Letras portuguesas e americanas", Oscar Mendes; "Literatura inglesa — Thomas Hard", Eugênio Gomes; "Afinidades da poesia popular de Portugal e Galícia", Silvio Júlio; "Poemas — Treva e pedra; Que vozes responderão?", Abgar Renault; "O mito e o conto popular", Artur Ramos; "Folclore de guerra", Joaquim Ribeiro; "Dois poemas de 1936", Odilo Costa Filho; "Filologia do travessão", Herbert Parentes Fortes; "Informações literárias", Peregrino Júnior. Etc.

Em entrevista concedida à "Revista do Globo" (n.º de 9 de outubro), Oswald de Andrade traça o seu auto-retrato: "O meu tipo psicológico é, segundo uma classificação toda minha, pedagógico. Gosto de propor os meus pontos de vista, ensinar o que sei, ainda que errado, e intervir mesmo no que não sei. Sou sentimental, inquieto e agrário. Talvez por isso tivesse me casado e divorciado diversas vezes". Adiante explica o sentido de agrário, que é complexo: "Ocasionalmente, fui plantador de café, tendo sofrido na pele, a alta de 26 e a quebra de 29. Mas originariamente, sou agrário de Portugal e Espanha, com escolas pelo norte da África (Mazexão), Amazonas, Pará (Óbidos) e Minas Gerais. Do lado paterno, sou 5.º neto do bandeirante paulista Tomé Rodrigues Nogueira do O, fundador de Baependi". Psicologicamente: "Faço fiado facilmente. Quero dizer que tenho o té abundante. Cheguei a acreditar até em banqueiros. Como reação, posso atingir o cinismo, nunca o ceticismo. Este traria, num tipo como o meu, o suicídio. Na solidão, sou seturno e homilético. Em público afirmativo e solar". O autor de "Marco Zero" faz uma proção de pilhérias e informa que está escrevendo um poema assim:

"Anda depressa, Timoschenko".

"Tenho uma letra e vencer no dia 26...".

Lemos em "Hoy", de Santiago do Chile (n.º de 2 de setembro), "Novas revelações sobre a paralisia infantil", de Lawrence C. Salter; "Nós e o vinho", de Oreste Plath; uma apreciação de Octávio R. Amadeo sobre um novo livro do acadêmico Osvaldo Orico, "Hombres de America". "Hoy" divulga, em tradução de Pepita Turina, e reportagem de Josué Montelo sobre Jorge Amado, publicada em LEITURA, na série "Um romancista no meio do povo".

RECEBEMOS:

"Selecciones", de Santiago do Chile (n.º 1).

Suplemento literário, da "Gazeta de Limeira", de outubro;

"Geração", de Belo Horizonte, órgão da União Nacional dos Estudantes, de Minas Gerais (n.º 1, set.);

"En America", de Buenos Aires (n.º de julho);

"Inter-Nos", de Buenos Aires (n.º 31);

"Reformador", do Rio (n.º de outubro).

VALE A PENA LER:

na "Revista do Serviço Público" (n.º de outubro) a reportagem, bastante informativa, sobre a Casa de Rui Barbosa, de autoria de Adalberto Mário Ribeiro;

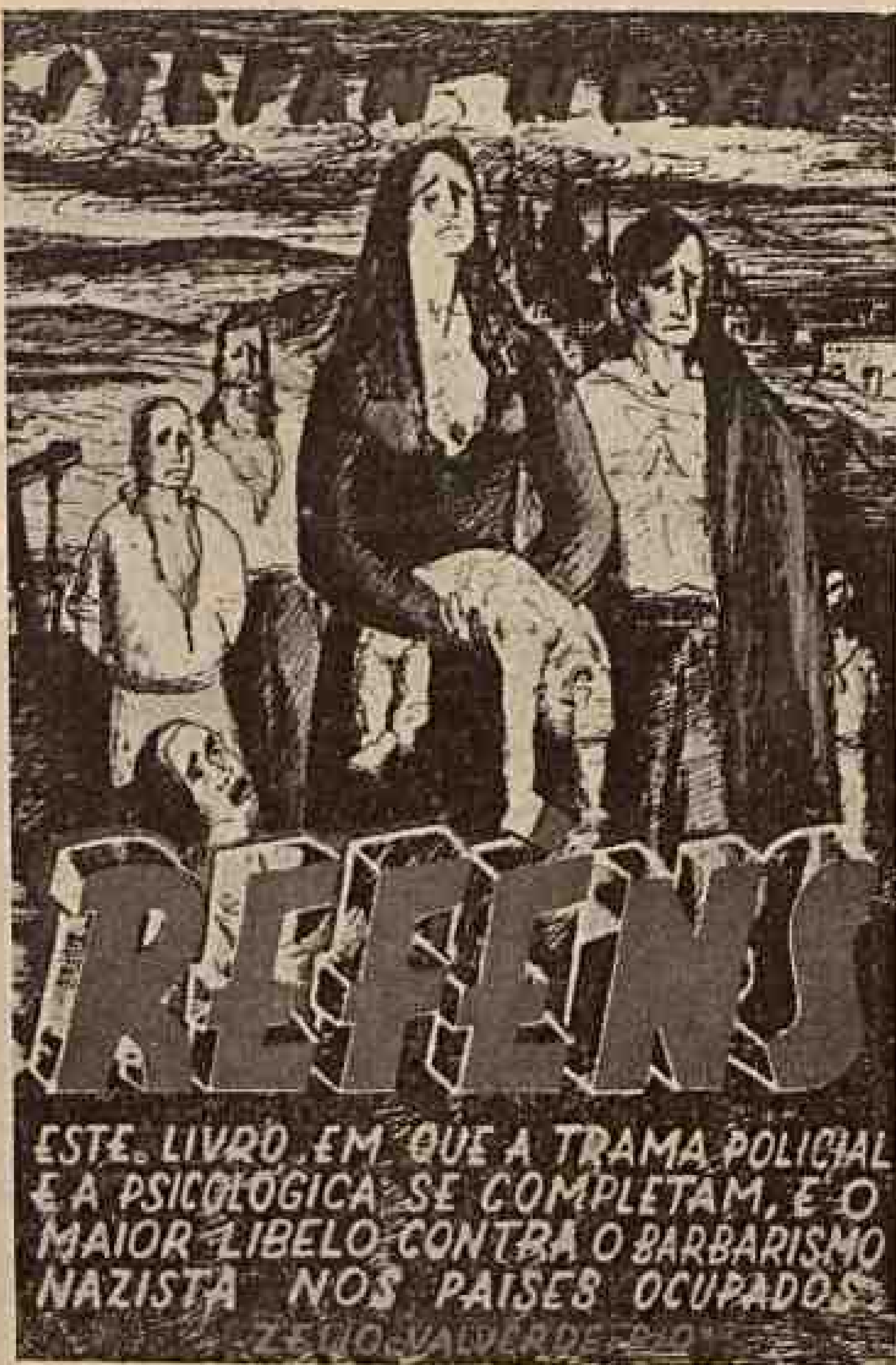
na "Revista do Globo" (n.º de 23 de outubro) a reportagem de Justina Martins sobre o cinquentenário de Mário de Andrade;

na "Brasil Açucareiro" (n.º de outubro) o artigo de Vasconcelos Torres — "Alimentação do trabalhador na indústria açucareira do Estado de Minas Gerais";

na Revista de Educação Pública, do Rio (n.º 2) o artigo de Henrique Batista Pereira — "A discoteca pública do Distrito Federal";

na "Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio" (n.º de setembro) o artigo de Afonso Várzea — "Relevo do Brasil";

em "Rodovia", do Rio (n.º de outubro) o artigo de Washington Luiz — "Os roteiros de um caudilho", sobre Antonio Raposo Tavares.



EM TODAS
AS LIVRARIAS:

“R
E
F
E
N
S”

Uma obra-prima de verdade e de beleza, escrita pelo famoso autor anti-nazista

STEFAN HEYM

que numa carta particular, disse:

“... será de grande vantagem saber que consegui imprimir na Imprensa Oficial do Estado Russo o meu livro REFENS, e que será editado em Moscou com uma grande tiragem. O Conselho de Livros de Guerra incluiu-o na sua lista de remessas para os soldados, tendo já seguido 50.000 exemplares para o Exército dos Estados Unidos. A filmagem de REFENS já está terminada e eu assisti à sua “preview”. Será exibida no mês de Outubro, e a esse tempo a Garden City publicará uma edição aprimorada do meu livro, sendo a tiragem de 50.000 exemplares...”

“ R E F E N S ”

Em elegante brochura, ao preço de Cr\$ 20,00

na tradução de

Jayme de Barros

é uma edição da

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — CAIXA POSTAL 2956 — RIO

Nota importante — Não encontrando este livro no seu livreiro, peça-o pelo nosso Serviço de Reembolso Postal, livre de porte.

Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

CARLITOS

A VIDA, A OBRA E A ARTE
DO GÊNIO DO CINE

MANUEL VILLEGAS LOPEZ, escritor e cineasta espanhol, que tem dedicado toda sua vida à observação, à criação e ao estudo da arte cinematográfica, é o autor desta magnífica biografia, considerada pela crítica como o melhor e o mais completo estudo sobre o homem da bengalinha. **VILLEGAS LOPEZ** era crítico da "Unión Radio", de Madri, chefe dos Serviços Cinematográficos do Ministério do Estado, (da Espanha republicana), Secretário da Comissão de Cinema da Exposição Internacional de Paris, Prêmio Nacional de Literatura para argumentos cinematográficos em 1938, e autor de "Espectador de Sombras", "Arte de Masas", "Hoy en el Cine Espanol", "Oro en el Cine", "El Cine" e "El Film Documental".

Tradução de **MELO LIMA** — Prefácio de **ANIBAL MACHADO**



Desta edição serão tirados **DUZENTOS** exemplares, numerados, em papel vergê, em grande formato, que serão vendidos unicamente por assinatura, ao preço de **DUZENTOS CRUZEIROS** o exemplar. Os pintores Augusto Rodrigues, Carlos Scliar, Percy Deane, Graciano e Goeldi, ilustrarão com desenhos originais a edição de luxo. Candidate-se, desde já, à esta edição, para que seja o possuidor de uma verdadeira obra de arte.

Novo endereço de LEITURA

RUA SENADOR DANTAS, 20-7.º Andar

Edifício Galeno — Salas 708/10

Telefone: 22-8817 — Rio de Janeiro

Preço do exemplar, encadernado, sobrecapa em papel couché, tricomia de Scliar, 24 páginas ilustradas com as mais interessantes fotografias de Carlitos e de cenas dos seus principais filmes. Cr\$ 25,00

COMPANHIA EDITORA LEITURA

Senador Dantas, 20 Ed. Galeno. Ss. 708/10 - RJ.
Atendemos pelo Serviço de Reembolso Postal

Leitura

50
CENTAVOS
1942

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A PRIMEIRA JORNADA

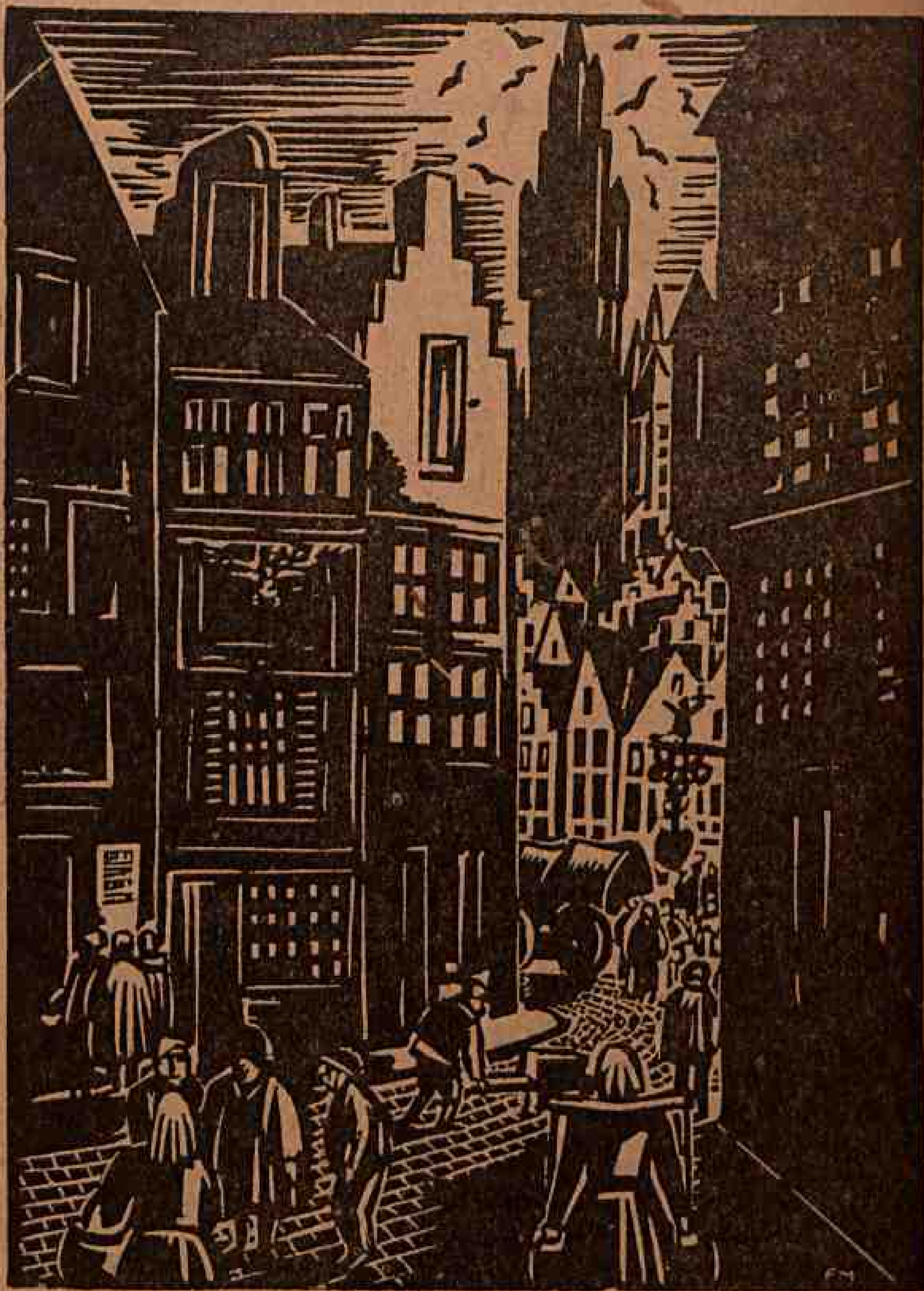
A OPINIAO de escritores, editores, leitores e livreiros sobre LEITURA, publicada em outro local desta edição em que comemoramos nosso primeiro aniversário, dispensa-nos de falar de nós mesmos, com evidente vantagem. Entretanto, se o pouco que realizamos é digno de tão favoráveis comentários, multipliquemos então os nossos esforços para oferecer aos leitores uma LEITURA continuamente melhorada. Porque não há satisfação maior do que a atividade desenvolvida nesta primeira jornada, que consideramos experimental de ante das imensas perspectivas que contemplamos, foi o resultado de um trabalho de íntima colaboração entre a direção e os colaboradores e leitores da revista.

As dificuldades de transporte para o norte e sul do país têm impedido que LEITURA chegue ao seu destino dentro do tempo desejado. Não fosse este imponderável, já teríamos alcançado, ao findar o ano, a casa dos 50.000 exemplares.

A próxima normalização da importação de papel, que permite a baixa do seu preço, contribuirá para um maior aumento de páginas sem alterarmos de maneira alguma o atual preço de LEITURA. O nosso objetivo imediato é ampliar até 100 páginas,

e colocar esta frase em lugar bem visível A REVISTA DE MAIOR TIRAGEM DO BRASIL.

Assim, poderemos repetir, com justa valdade, o que dissemos no primeiro número: "LEITURA, para os leitores do Brasil".



"TYL ULENSPIEGL"

Madeira de FRANS MASEREEL

EDIÇÃO EXTRAORDINARIA DE ANIVERSARIO

O MELHOR PRESENTE para uma filha inteligente; um pai erudito; uma senhora culta; um rapaz estudioso; para o seu médico; o seu dentista; o seu advogado; o seu amigo; o seu frequêns; o seu cliente; a sua namorada; o seu noivo; a sua esposa; o seu marido; o seu professor; é sem dúvida alguma:

U M L I V R O

CONVICTOS DE QUE CONTRIBUIREMOS PARA UMA ESCOLHA DIGNA DE SUA INTELIGÊNCIA, SUGERIMOS-LHE OS SEGUINTE:

COLEÇÃO DE "GRANDES BIOGRAFIAS"

COELHO NETTO — biografia feita pelo seu filho Paulo Coelho Netto — Preço Cr\$ 25,00

TEÓFILO OTONI — Ministro do Povo — de Paulo Pinheiro Chagas — Preço Cr\$ 30,00

O PINTOR DO ROMANTISMO — (Vida e obra de Manoel de Araújo Porto Alegre) — por De Paranhos Antunes — Preço Cr\$ 25,00

SILVEIRA MARTINS — O condestável da Democracia brasileira — Por Paulino Jacques — Preço Cr\$ 30,00

CADA VOLUME EM RICA ENCADERNAÇÃO: mais Cr\$ 15,00

LIVROS INDISPENSÁVEIS AOS ESTUDIOSOS DA NOSSA HISTÓRIA:

UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO — De Joaquim Manoel de Macedo — edição ilustrada — Preço Cr\$ 40,00

HISTÓRIA DO BRASIL — por João Armitage — edição ilustrada — Preço Cr\$ 40,00

O RIO DE JANEIRO COMO É — (De 1924 a 1826 — por C. Schlichthorst — Edição ilustrada — Preço Cr\$ 30,00

MEMÓRIAS PARA SERVIR À HISTÓRIA DO REINO DO BRASIL — de Luis Gonçalves dos Santos (Padre Perereca) — 2 vols. ilustrados — Preço Cr\$ 100,00

PREÇO DE CADA VOLUME EM ENCADERNAÇÃO DE LUXO, mais Cr\$ 20,00

COLEÇÃO "DEPOIMENTOS HISTÓRICOS"

MEMÓRIAS DO CONSELHEIRO FRANCISCO GOMES DA SILVA (O Chafaz) — Preço Cr\$ 15,00

MEMÓRIAS DE D. CARLOTA JOAQUINA — Pelo seu secretário José Presas — Preço Cr\$ 15,00

AUTOBIOGRAFIA DO VISCONDE DE MAUÁ — prefaciada e anotada por Claudio Ganns — Preço Cr\$ 25,00

VIDA DA CONDESSA DE IGUAÇU — (filha de Pedro I e da Marquesa de Santos) — por Carlos Maul — Preço Cr\$ 15,00

EM TORNO DO CASAMENTO DE PEDRO II — por Argeu Guimarães — Preço Cr\$ 25,00

D. PEDRO I HERÓI E ENFERMO — de Luiz Lamego — Preço Cr\$ 15,00

CADA VOLUME EM RICA ENCADERNAÇÃO, mais Cr\$ 15,00

COLEÇÃO "GRANDES POETAS DO BRASIL"

Poesias completas de:

FAGUNDES VARELA — em 3 vols.

CASIMIRO DE ABREU — 1 vol.

CASTRO ALVES — 2 vols.

ALVARES DE AZEVEDO — 2 vols.

MOACIR DE ALMEIDA — 1 vol.

Preço de cada volume — Cr\$ 9,00.

Todos os volumes cartonados, com lindas capas ilustradas com o retrato do poeta.

De todos esses livros temos edições em papel especial para amadores

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE

TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — TEL. 43-8582

CAIXA POSTAL 2956 — RIO DE JANEIRO

Os dias * Os fatos * Os homens



ALUNOS PREMIADOS COM ASSINATURAS ANUAIS DE LEITURA

UM PROFESSOR veio comunicar-nos que havia premiado, espontaneamente, alguns dos seus melhores alunos com assinaturas anuais de LEITURA. Queria fazer todas as despesas, mas, como era justo e natural, nós não consentimos. O presente seria da própria revista, e também fazíamos questão de publicar o nome dos moços.

— Eles vão ficar ainda mais satisfeitos — disse o Professor. E prometeu-nos a lista dos alunos, com os respectivos endereços. Não quis dar, porém, o seu nome. Ficava muito satisfeito só com o fato de publicar mos o dos alunos, mas o seu não devia aparecer. Podiam pensar que ele fizera tudo para isso mesmo. Que publicássemos o nome dos alunos — seria um estímulo. Eram todos muito inteligentes, aplicados e vivos. Havia um, então, que era extraordinário, fazia gosto ensinar a um rapaz assim. Nunca, mesmo na Europa onde ensinara tantos anos, tivera um aluno tão inteligente, com uma capacidade tão grande de assimilação.

— Uma inteligência excepcional — ainda acrescentou, a sorrir com bondade, dando-nos imediatamente a impressão de ser um desses professores que o aluno guarda a vida inteira na lembrança. — Só o senhor vendo como é inteligente — repetiu.

Queria fazer-nos uma sugestão que lhe parecia interessante. Por que não dávamos uma assinatura anual para os alunos mais aplicados de determinado colégio? Seria uma espécie de concurso permanente da revista, e muito útil.

— Estou certo de que despertaria o gosto do aluno para as coisas da inteligência. O senhor sabe que vários alunos do meu curso já conheciam a revista? Quando eu disse que ia premiá-los, uns cinco ou seis me disseram que a conheciam.

Nós já havíamos pensado nisso, mas agradecemos a lembrança do Professor. E aqui fazemos um convite aos professores: podem premiar os seus jovens alunos com uma assinatura anual de LEITURA, e façam-nos uma comunicação, enviando o nome e o endereço dos mesmos.

Alunos do COLEGIO METROPOLITANO premiados com uma assinatura anual de LEITURA, a começar deste número:

TURMA 41 do Curso Ginasial — Latim — Francisco Emygdio Krause — Rua Magalhães Couto, 19, Meier.

Turma 42, idem, idem — Aurea da Costa Oliveira — Rua Cirne Maia, 128, Meier.

I série do Curso Científico — Francês — Ana Alves Bastos, Rua Ana Guimarães, 26, casa 1 — Rocha.

II série do Curso Científico — Francês — Walmyr Neves de Mello e Alvim — Rua Magalhães Couto, 54 — Meier.

DO COLEGIO PAIVA E SOUSA — Turma 41 do Curso Ginasial — Latim — Regina Helena Braga da Veiga — Rua General Canabarro, 321, casa 5.

Turma 31, idem, idem — Sonia Nobrega da Cunha Braga — Rua 24 de Maio, 203.

Turma 32, idem, idem — Geysa Barreto de Oliveira — Rua Pereira Soares, 43 — Aldeia Campista.

60 ANOS DE TRABALHO DA LIVRARIA DO GLOBO

FUNDADA em 23 de dezembro de 1883, ao tempo do Império, por Laudelino Pinheiro Barcellos e Saturnino Alves Pinto, a Livraria do Globo, numa brilhante trajetória de 60 anos, transformou-se de uma simples loja de duas portas num dos mais importantes e bem aparelhados estabelecimentos gráficos do país. Muito longo e cheio de alternativas foi o caminho percorrido desde o modesto início, até hoje em dia, transformada numa organização de âmbito nacional.

Graças a uma habil condução dos negócios, a uma diretoria segura, a velha casa colonial cresceu e prosperou. Dentro de pouco tempo instalou-se uma tipografia, seguiu-se a encadernação. Adquiriram-se os prédios contíguos e, de reforma em reforma a pequena loja acabou por ser substituída pelo atual edifício, construído no mesmo local em 1924.

O crescimento da Livraria do Globo foi paralelo ao desenvolvimento da cidade e do próprio Rio Grande do Sul. A crescente expansão dos negócios adjacentes, um com frente para a Rua 15 de Novembro, para as oficinas, e outro à rua dos Andradas, para a seção de vendas. Fundaram-se as primeiras filiais e o âmbito dos negócios estendeu-se por todo o Brasil. Em 1930 instalou-se, em moldes modernos, a Seção Editora, atualmente um dos mais importantes departamentos da organização. O prestígio do estabelecimento gráfico firmou-se com maior solidez, e a fama de suas edições se trabalhou espalhou-se em todo o país, passando a Livraria do Globo a figurar entre as grandes casas editoras brasileiras.

Em 1937, verificada nova falta de espaço, foram edificadas dois grandes pavilhões no arrabalde do Menino Deus, para onde se transferiu parte

das oficinas gráficas. Em 1941, novamente foi preciso ampliar as dependências construindo-se novos e amplos pavilhões no citado arrabalde. A organização conta aproximadamente com 1.000 funcionários e operários que trabalham na casa matriz, nas oficinas e nas diversas filiais.

Dirigida atualmente pelos srs. José Bertaso, Mario C. Barcellos, J. Osvaldo Kentzsch e Henrique Bertaso, sob a razão social de Barcellos, Bertaso & Cia., a Livraria do Globo, faz 60º ano de existência. São 60 anos de trabalho em prol da divulgação da cultura no Brasil e de fomento de suas relações de comércio e de amizade entre nações e entre homens de boa vontade.

"OS SERTÕES" — "REBELLIONS IN THE BACKLANDS"

O GRANDE livro de Euclides da Cunha aparecerá brevemente em todas as livrarias dos Estados Unidos, editado pela Universidade de Chicago, com o auxílio do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos, sob o título de "Rebellion in the Backlands". A tradução foi realizada por Samuel Putnam, bem como o prefácio que é, segundo notícias de Nova York, uma súplica e um roteiro seguros da nossa literatura.

Há também um prefácio de Afrânio Peixoto, escrito especialmente para esta edição, que apresenta ainda uma completa biografia de Euclides da Cunha, e uma lista selecionada de livros, estudos e ensaios sobre o autor e o livro. Em apêndice, termos botânicos e zoológicos, uma relação de termos de uso regional, o índice dos nomes citados e o índice dos assuntos. Nas capas, diversos mapas: o da costa oriental brasileira, o da região de Canudos, e dois mapas táticos da zona central dos combates pela posse da cidade.

NOS CONFINS DA CHINA

NA CIDADE de Iantani, China, acabam de ser fundadas numerosas sociedades literárias de vanguarda, sob os auspícios da "Sociedade de Escritores Chineses".

Iantani está situada num distrito do Norte da China, onde há cinco ou seis anos não existia o menor sinal de atividade literária. Hoje conta com um número aproximadamente de 25 sociedades que agrupam uns 200 jovens escritores e poetas. Alguns deles já produziram interessantes estudos, contos, etc.; outros fazem o jornal de Iantani "Libertação", em cujas colunas aparecem os trabalhos dos sócios desses círculos literários.

O Governo chinês concedeu um crédito de 100.000 dólares para a aquisição de livros. Este fundo foi entre-

O PAPEL DA CAPA — A guerra novamente nos obriga a prejudicar a apresentação gráfica de LEITURA. Devido a falta absoluta de papel "couché" importado, empregamos o asstetizado nacional, cujo preço é igual ao daquele. Como se vê, a diferença de qualidade é bem visível.

que a um Comitê especialmente designado, para administrá-lo, pelas sociedades literárias de vanguarda de Tchouentsin.

O NOVO IMORTAL

CONSTITUIU um grande acontecimento literário a posse do acadêmico Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras. O novo imortal ocupou a "Cadeira n. 37", que tem como patrono Tomás Antonio Gonzaga, o poeta inesquecível de Marília, e um dos conjurados da Inconfidência Mineira. Foi fundador da "Cadeira n. 37" Silva Ramos, filólogo de grande presti-



Getúlio Vargas

gio não só no Brasil como em Portugal, onde cultivou o idioma em que se tornou um mestre. Sucedeu-o Antonio de Alcantara Machado, jurista paulista falecido em 1941.

O sr. Getúlio Vargas teve a satisfação de ser o substituto de um grande mestre e colaborador, pois ao professor Alcantara Machado o atual governo deve a redação do Código Criminal Brasileiro. "A organização do Código — diz o novo imortal — tem a ser, por conseguinte, uma espécie de coroamento das atividades do jurista, do professor e do advogado. Foi-lhe confiada numa hora de transição política, quando se mudavam as instituições para cuja adoção o parlamentar decisivamente contribuiu. Lembro a circunstância para salientar como o político sabia sobrepor-se serena e patrioticamente às contingências dos acontecimentos".

O discurso do acadêmico Getúlio Vargas foi uma peça oratória digna dos seus méritos e dos seus pendores literários. O estudo crítico que fez do patrono de sua cadeira e dos seus antecessores, confirma o que os vários biógrafos de S. Excia. tem destacado com tanta oportunidade.

O Brasil inteiro ouviu o novo acadêmico, no dia de sua posse, pois o seu discurso foi irradiado, por ondas longas e curtas, para maior satisfação dos seus inúmeros amigos e admiradores.

A festa da Academia foi sem dúvida um acontecimento singular na vida da Nação.

FEIRA DE LIVROS DE MOSCOU

NO boulevard Tverskói, de Moscou,

realizou-se a tradicional Feira do Livro. As publicações norte-americanas, de onde extraímos esta nota, asseguram que nos dois primeiros dias da feira foram vendidas cerca de 30 mil exemplares.

Este ano despertou atenção a enorme frequência de cidadãos, homens e mulheres, jovens, que procuravam livros diversos editados em pequenos volumes, por serem fáceis transportar nas mochilas de campanha.

Os livros mais procurados pelos estudantes foram os de Puschkin, Lermontov, Shakespeare, Mouere, Cervantes e outros grandes escritores.

Em postos especiais vendiam-se grande quantidade de livros sobre a guerra, bem como cartazes, selos, objetos artísticos, tudo o que se referisse à guerra.

Um dos livros que maior venda alcançou foi "A Queda de Paris", de Ilya Erhenburg, "Prêmio Stalin" de 1942.

O próprio autor teve o prazer de observar uma fila imensa de pessoas que esperavam a sua oportunidade de comprar o famoso livro.

O total de livros expostos de diferentes títulos calcula-se em 200 mil.

ESPAÑHÓIS REFUGIADOS NA ARGENTINA

A REVISTA Nuestra España publica esta relação mais ou menos completa dos intelectuais refugiados na Argentina:

Mariano Gómez, Juan Corominas, Francisco Ayala, Jesús Prados, Emilio Mira, Lorenzo Luzuriaga, Claudio Sánchez Albornoz, Gumersindo Sánchez Gulsande y Juan Cuartecasas; os ex-ministros e políticos Angel Ossorio, Augusto Barcia, Manuel Blasco Garzón, Manuel Serra Moret, Pedro Mesures Albert y Ramón del Aldasoro; os escritores e periodistas Rafael Alberti, Ricardo Baeza, Alejandro Casona, Clemente Cimorra, Guillermo Díaz, Rafael Dieste, Elena Fortún, Manuel Grau, Pascual Guillén, María Teresa León, Francisco Madrid, Juan G. Omedilla, Isaac Pacheco, Mariano Perla, Irene Polo, Ramón Sampelayo, Salvador Valverde, Manuel Villegas e José Venegas; os artistas Miguel Villadrich, Andrés Dameson, Federico Ribas, Ramón Pontones, Maruja Mallo, Geri Roberto, Linaje Victorina Durán y Castelao; os músicos Jaime Pahissa e os irmãos Aguilar; os artistas teatrais José Lódez Silva, Pedro López Lagar, Ricardo Galache, Josefina Deiz, Elena Cortesina, María Luisa Rodríguez, Manuel Collado e Isabel Barrón, Gregorio Martínez Sierra, Manuel de Falla, Catalina Bárcena, Ramón Gómez de la Serna, Alberto Insua, Pedro Massa, Clara Campoamor, Fernández Castillejo.

O NOVO "VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO"

ENCONTRA-SE à venda, editado pela Imprensa Nacional, o "Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", organizado pela Academia Brasileira de Letras e com o concurso de mais de quarenta filólogos brasileiros.

O Vocabulário compõe-se de cerca de 1.400 páginas, sendo apenas 47 de "introdução" e "formulário", que contém as regras necessárias à compreensão do assunto. Brochura, custa 25 cruzeiros e cartornado 60 cruzeiros.

No próximo número, daremos informações pormenorizadas.

LITERATURA ESPANHOLA NA RUSSIA

MAIS duas obras de Lope de Vega estão sendo atualmente representadas na cidade de Tomsk; uma é a versão de "Tonto para otros, listo para mí", com música do compositor Tikotski. A versão foi realizada por Golovchiner. A mesma obra representa a também o Teatro Satírico de Moscou, em uma tournée artística pelo Extremo Oriente, em Vladivostok.

A outra peça é "El perro del hortelano", traduzida pela primeira vez ao russo. Está sendo representada em muitos teatros da União Soviética, e já foi estreitada também em idioma tártaro, na cidade Kasan, pela Companhia do Teatro Dramático Nacional. A referida peça alcançou um êxito extraordinário.

A filial do Grande Teatro da Ópera fez uma nova representação do balet "Don Quixote", que foi durante a temporada passada uma das obras do repertório do Grande Teatro.

A tradutora de literatura espanhola, Schtepkina-Kupernic, já terminou a tradução de "La Estrella de Sevilla", de Lope de Vega. Vários teatros vão estreitá-la em breve.

"A viuva valenciana", outra comédia de Lope de Vega, foi representada em vários teatros da União, inclusive no Komsomol, de Moscou. O diretor deste importante teatro, Berseniev, montou novamente a comédia de Lope de Vega com outras decorações e trajes.

"Uma muchacha de Barcelona" é o título de uma comédia musical que se está representando no Teatro da Ópera de Moscou. Os autores da peça são I. Nazarov e A. Sofronov. Música do diretor da orquestra do teatro, Alexandrov.

O argumento, de guerra naturalmente, é o seguinte: o "sovjós", — propriedade agrícola do Estado — onde trabalha a jovem espanhola Mariana, foi ocupada pelos fascistas. Os trabalhadores do "sovjós" marcham com o administrador Pchelka à frente; nos bosques, estabelecem contacto com um destacamento de cossacos. A jovem espanhola oculta em sua casa um oficial ferido deste destacamento.

Um espanhol fascista da "Divisão Azul" chega com os alemães ao "sovjós" e reconhece Mariana. Sobre ela cai então a suspeita de que mantém relação com os alemães; mas a jovem de Barcelona permanece fiel a seus amigos russos e luta abnegadamente contra os fascistas.

O alegre e astuto administrador Pchelka volta às escondidas ao "sovjós" e consegue, com a ajuda de todos, vencer os fascistas alemães. Esta luta em comum contra os fascistas chega a fazer muito íntima a amizade entre Mariana e o administrador. Destruídos os nazistas, os destacamentos de cossacos caminham para o Oeste, e os trabalhadores do "sovjós" (granja coletiva) reiniciam suas tarefas habituais.

Constancia de la Mora, escritora espanhola, publicou em Moscou um romance intitulado "Em lugar do Luzo".

É um emocionante romance sobre a guerra de Espanha, muito rico em documentação sobre a preparação do movimento e de seus dirigentes.

Situação de Maria

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Copyright de LEITURA



"MARIA CHAPDELAINE" apresenta-se como uma "narrativa do Canadá francês". Mas essa narrativa tem alguma coisa de corografia e de ecloga. Livro didático: "As florestas do Quebec são ricas em bagas selvagens: as alocas, as romãs, as uvas, a salsa-parrilha brotam livremente nas clareiras das grandes queimadas; mas o mirtilo é a mais abundante de todas as bagas e a mais saborosa. Sua colheita constitui, de julho a setembro, uma verdadeira indústria para as numerosas famílias; "as famosas tortas, que são a sobremesa nacional do Canadá francês"; "as estâncias de madeira e a exportação são os dois ramos principais da grande indústria da madeira, que para os homens da província de Quebec é mais importante ainda que a das terras". A poesia bucólica está nas constantes descrições de paisagens, na contemplação (em que autor e personagens se comprazem) de árvores, arbustos, torrentes, superfícies geladas; e na atitude humilde das criaturas diante da natureza. Como se as árvores, os bichos, as águas fossem os donos da história, e as pessoas apenas um cenário móvel. O tempo, não no sentido filosófico, mas no meteorológico, tal como na poesia pastoril, desempenha aí um grande papel. É determinado por Deus, que prolonga ou encurta o inverno a seu capricho, mas torna-se por sua vez um deus e a vida depende dele: "Toda essa frígida brancura... falava de uma vida áspera num país austero"; "a eterna lamentação canadense: a queixa sem revolta contra o fardo esmagador do longo inverno"; "como uma queixa ingênua e como o grito penetrante e prolongado com que os lenhadores se chamam nos bosques"; "as raízes surgindo, depois o musgo ainda inflado de água, e logo o solo liberto, por onde se caminha com o olhar deliciado e suspiros de satisfação, como numa esquisita convalescença..."; "o campo que se oferece nu aos beijos do sol, com um abandono de esposa...".

Postas de lado, porém, as informações meramente utilitárias, um pouco "boletim econômico", sobre o solo canadense e a indústria de seus povoadores, esse lirismo campestre do livro nos conduz a uma intimidade tocante com a atmosfera em que alguns homens e mulheres vão viver a sua história simples. Louis Hémon age com calma e monotonia. Quer dar-nos uma

imagem poética e melancólica do Canadá e consegue-o; quer depois insinuarnos uma mensagem imperativa do sangue e da terra, e aqui o leitor adesivo pode deixar-se inocular, mas outros permanecerão reticentes diante da ingênua prestidigitação final. É verdade que se trata de uma história de e para franceses e que o seu êxito na França deve ter-se devido antes à pintura do exótico enraizado no sentimento de permanência nacional. Mas como toda obra literária tende à universalidade, eu gostaria de lutar nesse ponto com o malogrado Louis Hémon e sua, não digo tese, mas intenção. Mesmo com o risco de me considerarem "espírito de porco".

Trata-se de uma rapariga metida dentro de um bosque, a grande distância de qualquer forma razoável de vida social. Seu pai mudara cinco vezes de terra e cada vez mais para dentro da floresta. A mãe envelheceu na lida. Os irmãos crescem para o mesmo destino. E ela é, por sua vez, um docil instrumento de trabalho, como o machado ou o bô. Entende-se que não há nenhuma brutalidade de costumes. São seres cristãos, afetivos, calmos — oh, terrivelmente calmos demais — sem dúvida... Então completamente isolados de tudo — a missa, a igreja distante, é um acontecimento raro; uma visita é sempre irremovível. Há apenas um vizinho. E este gosta de Maria em silêncio.

Da foz dos rios chega outro homem, de temperamento andejo, que também gosta de Maria e promete voltar na primavera, depois de trabalhar e guardar dinheiro. Maria espera-o, espera-o. Um dia recebe a notícia de que ele morrera viajando na tempestade.

Vem um terceiro homem, de mais longe: das fábricas dos Estados Unidos. Conta a Maria que num certo lugar, longe, há ruas de asfalto, bondes elétricos, circo, teatros, cinemas (ela nunca entrará num cinema). Lá a vida é doce e excitante. Ele voltará na primavera, para casar-se com ela e leva-la. Maria, indecisa, deixa-o partir.

Então o primeiro homem a procura e diz-lhe que não se deixe levar pelas bonitas frases do outro. Era melhor ficar por ali mesmo, com gente igual. Maria continua indecisa; não promete nada. A mãe morre, exausta. O pai conta o que foi a vida da pobre mulher, que espantava ursos na floresta, com um pau. No cérebro da moça desenha-se o conflito entre a fidelidade ao solo e o obscuro pequenino, legítimo desejo de uma vida menos áspera. E quando Maria está fraquejando ante a miragem da cidade

grande, vozes obscuras na noite (o truque de Louis Hémon) lhe determinam que fique. Ela se casará com o vizinho e repetirá em tudo o sacrifício materno, porque assim o exigem os franceses de há trezentos anos, desbravadores do país "onde lhe fora ordenado viver".

A colonização aparece aí como um destino, uma coisa grandiosa em si, a qual tudo deve ser imolado. Não é um hino ao trabalho, mas à fadiga e ao sofrimento. Ninguém tem o direito de viver uma vida melhor, se os seus antepassados rachavam lenha e deixavam-se morrer numa cabana, sob a ventania, escutando o uivo das raposas. Dito assim, com brutalidade, parece que é toda a obra de arte que desmontamos estupidamente. Mas podia-se também fazer uma obra de arte com a solução contrária: Maria deixando a cabana e indo morar numa casa com água encanada, luz elétrica e um pequeno gramofone. O campo não é obrigatoriamente poético, nem a cidade necessariamente odiosa. Mas sobretudo, o que me preocupa é a decisão "superior" a respeito de Maria e sua gente. Também há uma decisão dessa natureza mandando os cafuni de Silone ser eternamente miseráveis; e aos trabalhadores de engenho de José Lins do Rego que vivam sempre na resignação, na ignorância e na dor. Mas José Lins do Rego, e Silone estão do lado deles, e se não podem salvá-los, dão testemunho, e nós todos que os lemos também ficamos ao lado deles. Enquanto Louis Hémon... É exato que Maria não tem patrões. Seu pai é um lavrador "livre". Não trabalha a soldo, não deve, não precisa. Tem uma cabana, um trato de terra e alguns animais. Mas em vez de possuir a terra, é possuído por ela: é possuído pelo tempo bom ou mau, pelos antepassados, pelo deus das nevascas e das escrituras, que proíbe qualquer deleitação como um pecado mortal. Um determinismo injusto o envolve e tritura. E o romancista assiste, com calma — essa mesma calma em que escorre sua narrativa e existem seus personagens — a esse lento esmagamento da pessoa humana embora conheça a fundo e descreva admiravelmente os duros trabalhos dessa "população dispersa num país semi-selvagem, analfabeta na maior parte e não tendo por conselheiros senão os padres"...

Paremos aqui.

MARIA CHAPDELAINE — Narrativa do Canadá francês, de Louis Hémon — Trad. de M. A. Bernard, revista por D. Milano — Romance — Americo Edit. — Rio, 1943.

CARGA PESADA — Quando o burro chegou a dominar a vida econômica do Brasil, o negro suportou toda a carga. Os milhares de toneladas de terra que não produziam quase nada eram transportadas pelos negros em suas cabeças, toneladas que seus senhores não podiam levar em cartetas porque eram demasiadamente estúpidos. Os negros transportaram, em suas costas musculosas todo o peso do Império português no século XVIII, como suportaram todo o peso do Império brasileiro na primeira metade do século XIX.

"A Conquista do Brasil" — Roy Nash.

Os Prêmios NOBEL

V — HENRIQUE SIENKIEWICZ



Henrique Sienkiewicz

FOI na planície polonesa, na terra fértil das invasões expansionistas realizadas pelas nações fortes do oeste e este europeu, que nasceu Henrique Sienkiewicz. Ali, na cidade de Wola Okrzejska, em Maio de 1846, abriu os olhos para o mundo o futuro autor de "Quo Vadis". Sua família, de origem lituana, refugiara-se na Polónia durante a invasão russa. Ele estudou na Universidade de Varsóvia, onde se graduou. Sua carreira literária foi iniciada com a publicação de um volume de contos humorísticos intitulado: "Ninguém é profeta em sua terra". Depois, de 1869 em diante, realizou exaustivos trabalhos de crítica literária. Nos anos posteriores fez grandes viagens através da África, América, etc. Regressando, publicou na "Gazeta de Varsóvia" um relatório de suas viagens em forma epistolar.

Muito embora possuindo obras superiores, Sienkiewicz só foi conhecido fora da sua pátria após a publicação do famoso romance histórico — "Quo Vadis", em 1895. Esse livro foi traduzido para cerca de 30 idiomas e lhe deu reputação universal. Em 1905 recebeu o prêmio Nobel.

Patriota exaltado, rememorou as glórias do povo polonês em várias de suas obras. Suas últimas palavras foram dedicadas à sua terra: "Gostaria de viver ainda para ver a Polónia livre." Toda a sua vida, como também a sua obra estão inspiradas por esse patriotismo tenaz e exaltado.

Percorreu Sienkiewicz todos os gêneros literários, po-

rem obteve sempre melhores frutos no romance histórico. Ele parecia viver a vida de cada personagem, situando-o cuidadosamente no plano histórico. As suas qualidades se manifestaram com grande vigor na trilogia: "Com ferro e fogo" — "O Dilúvio" — "Pan Wolodyjowski". O assunto da mesma repousa na luta que os poloneses sustentaram no século XVII contra os suecos, cossacos e turcos. Seu outro livro, o romance "Quo Vadis", apesar de sua fama, é inferior a essa trilogia. Neste livro, obra histórica dos tempos de Nero, sente-se a falsa psicologia dos personagens, as cores carregadas de certos ambientes, ficando muito a dever aos famosos romances de Gustave Flaubert. Apesar dos inúmeros defeitos, possui o "Quo Vadis" certa grandesa de conjunto, plasticidade descritiva e poesia. Após a aparição de sua obra, uma série de livros mais ou menos semelhantes apareceu, destacando-se entre eles a novela intitulada "A morte dos Deuses", do escritor russo Merezhkovski.

As outras obras de Sienkiewicz são: "O velho servidor" — "Mania" — "Traços de carvão" — "Janek, o músico" — "Pelo planície" — "Em busca da lanterna" — "A escravidão dos tártaros" — "Bartek, o vencedor" — "Os cruzados" — "Páginas da América" — "O anti-Cristo" — "A eterna vítima" — "Prússia e Polónia", etc. — PETRONIO.

Leitura

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Registrada no DIP sob n. 10.974

Direção de DIOCLECIO D. DUARTE e
RAUL DE GÓES

Secretaria de MELO LIMA

Gerência de O. FROES DA MOTA

Rio de Janeiro — Senador Dantas, 20 — 7.º and.
Salas 708 / 10

S. Paulo — R. do Carmo, 138-1.º, Sala 9
Ano I — N.º 12 — Outubro de 1943

Telefone: 22-8817

Composta e impressa nas oficinas d'A MANHÃ
Diretor da Sucursal de S. Paulo: PAULO ZINGG
Representantes em todos os Estados do Brasil
Preços: Interior

Número avulso	Cr\$ 0,50
Número atrasado	Cr\$ 1,00
Assinatura anual	Cr\$ 6,00

TODOS OS LIVROS DE TODOS EDITORES DE QUALQUER AUTOR

Peça pelo serviço de Reembolso Postal, sem despesa de parte de V. S. ao:

CONSORCIO PAN-AMERICANO DE ADVOCACIA

Seção de livros, revistas e jornais

AVENIDA RIO BRANCO, 277 18.º andar, Sala 1.601. Ed. S. Borja — No Distrito Federal entrega a domicílio.

Peça pelo telefone 42-9965. — Seção de livros.

General

Under Cover, by John Roy Carlson.

Thirty Seconds Over Tokyo, by Captain Ted Lawson.

U. S. Foreign Policy, by Walter Lippmann.

Journey Among Warriors, by G. J. Morris.

God Is My Co-Pilot, by Captain Scott.

One World, by Wendell L.

Burma Surgeon, by Gordon.

Between Tears and Laughter.

Roughly Speaking, by L.

New World A'Comin', by M. D.

Release from Nervous Tension.

The Joy of Cooking, by S.

Old Nameless, by Sidney Shalett.

On Being a Real Person, by Harry.

Moscow Dateline, by Henry C. Cassidy.

Pick Out the Biggest, by Frank T. Mor.

The Home Front, by David Hinshaw.

George Washington Carver, by Rackham.

Benchley Beside Himself, by Robert Benchley.

Harriet, by Florence E. Ryerson and Colin C.

O "New York Times" publica todos os domingos em seu suplemento literário, a classificação dos livros mais vendidos nos Estados Unidos. Nesta classificação, "30 SEGUNDOS SOBRE TOKIO", obteve, em menos de 15 dias após seu lançamento, um dos primeiros lugares, como se comprova pelo gráfico acima.

**BEST
SELLER**

**30 SEGUNDOS
SOBRE TOKIO**

EM TODAS AS LIVRARIAS

O Retrato da Paraíba

RAUL DE GOES

A EXEMPLO de Gilberto Freyre que escreveu um guia histórico e sentimental de Recife e outro de Olinda, o sr. Ademar Vidal, também escritor do Nordeste, da mesma geração, com a mesma intensidade humana do estilo, vem de publicar o "Guia da Paraíba". É um roteiro das condições históricas, econômicas, geográficas e sociais daquela nesga de terra que se esprega entre Rio Grande do Norte e Pernambuco. No mapa, quasi despercebido na imensa configuração geográfica do Brasil, aquele "rincozão pequenino" tem sido, entretanto, desde as éras priscas — desde as cruzadas marítimas de Portugal e de Espanha de 1500 em diante — uma arena de lutas heróicas e martírios fulgurantes que tanto contribuíram para fazer do Brasil uma nação.

É a longa história, acidentada e gloriosa da Paraíba, que Ademar Vidal fixou em rápidos flagrantes, em capítulos curtos, mas em que os episódios decisivos se apresentam num intenso relevo luminoso.

O que torna, porém, o "Guia da Paraíba", de um acessível encantamento, é a variedade dos aspectos de natureza social e física — o homem no seu quadro mesológico — ampliando, colorindo, explicando o processo histórico.

O sr. Ademar Vidal chega a ser poeta quando nos descreve a cor local do Nordeste, aquela claridade perpetua quer de dia com o sol vivíssimo, quer de noite com os platinicos românticos. Do quadro plutônico dos sertões, onde a luz cega os olhos estranhos ao meio ambiente, passa o Autor ao maravilhoso panorama do litoral, onde a "essa intensidade de luz se mistura o verde da paisagem".

Depois do capítulo dedicado ao Sol, Ademar Vidal nos fala do que ele denomina "a mística da Água", reportando-se à influência da água não só sobre a terra como sobre a própria alma das populações sertanejas. Vale a pena citar o período final do capítulo em torno da evolução sertaneja em função dos empreendimentos hidráulicos levados a efeito pela Inspeção Federal de Obras Contra as Secas:

"É na realidade tão extraordinário o prestígio da água em terra paraibana que custa a crer que um povo tão religioso não tenha ainda se lembrado de adorar alguma imagem com o batismo de Nossa Senhora da Água".

Com um senso muito próprio da mística, do pitoresco, é realmente expressivo o retrato que ele pintou da capital paraibana:

"Os bondes, o som dos sinos, a buzina dos automóveis, os transeuntes infatigáveis, taboieiros de rolete, coçada, e "midubim" cosinhado, mininos fazendo os seus pregões pessoais, o cavalo que carrega a lenha, os burros afogados em cargas altas de carvão para domicílio, os verdureiros, esses homens que vendem frutas, aqueles outros que compram jornais usados e garrafas vazias, os que consertam as ferrinas e vasilhas furadas, os meninos do bolo-chinês batendo no triângulo de ferro, crianças brincando nas calçadas e a corre-

rem despreocupadamente, colegiais que vão ou que voltam das escolas, moças alegres e de cintura fina, a rua Direita, o ponto de cem réis, o cruzelro de São Francisco, a lagoa com o Parque Solon de Lucena e o outro Parque, o da bica de Tâmbiá que todos não conhecem por Arruda Câmara, a rua da Ponte, rua do Melão, rua da Medalha, o Cordão Encarnado, Jaguaribe, Cruz de Almas, Trincheiras, Cruz do Peixe, Boi Só, agora o Montepio às boas mangueiras patriarcais das avenidas Maximiano de Figueiredo e João Machado, a torre do velho Liceu, que antigamente ostentava duas bandeiras azul e vermelho, anunciando vapores do Sul ou do Norte, o monumento a João Pessoa, que a Paraíba ergueu, tudo isso dá um sentido inconfundível da cor local que torna a cidade admirável e desejada por quem a tenha visto e experimentado alguma vez. Um doce ar de senhora matrona acolhedora.

Ninguém que nasceu ou viveu longos anos na Paraíba, pode ser indiferente à lista de nomes de ruas e bairros da velha cidade, substituídos pelo de vultos da política, e que se mantém nas indicações do homem do povo. Ademar Vidal, entre outros, citou os seguintes: rua do Baralho, Zumbi; Abacateiro; Estrada do Carro; rua da Viração; Mata-Negro; Boa-Boca; Quero - porque quero; Tâmbiá; Chão Duro; Cajueiro de Baixo; Cajueiro de Cima; rua da Raposa, rua do Portinho; Macacos, rua do Melão...

São estas e outras pinceladas azuis e rosas de um estilo que tão bem descreve e pinta a paisagem local, que emprestam atração e encanto ao "Guia da Paraíba". Já salientei, no princípio, a coloração lírica das suas descrições, nas quais a gente tem a impressão de que não está lendo prosa, mas uma poesia autêntica.

Um grande poeta paraibano de quem eu fui amigo íntimo — Perilo Doliveira — não cedeu roubado à vida, pela mesma tísica minaz que matou Alvares de Azevedo e Cesimiro de Abreu. Perilo chamou a Paraíba, a "Cidade dos Jardins".

Ave Cidade

Cheia de graça...

resou ele uma vez, num dos seus poemas de sofrimento e de ternura.

Ademar Vidal descrevendo a exuberância vegetal da cidade, afirma:

"A Capital mais se parece com um pomar, tanta a variedade de árvores frutíferas. É a mangueira, a bananeira, o sapotizeiro; é o cajueiro, a jaqueira e o abacateiro; é a cajazeira, a pitombeira e a laranjeira; é a goiabeira e o araçá, o maracujá e a pinha, além de grande número de frutas silvestres de um sabor gostoso: ameixa, mangaba, massaranduba, graviola e guagiru. As espécies de manga e laranja são variadas e de uma riqueza por demais conhecida. A fruta-pão com as suas sombras acolhedoras.

São essas árvores muito domésticas, nascem e crescem nos quintais e pequenos sítios, não havendo mesmo casa residencial onde não se encontre pelo menos a bananeira ou a mangueira, ou ainda a pitombeira ou a goiabeira. São boas árvores que fazem parte da família do homem".

No Autor, mais uma vez domina o poeta, de um gracioso lirismo, ao enumerar as espécies aladas que enchem de gorgeios as frondes altas e frescas dos bosques paraibanos. Diz ele:

"Os pássaros vivem cantando nesse pomar. Não se vêm apenas o doméstico rouxinol nem o senhassu, nem o bem-te-vi, nem o galo de campina. O pintasilgo não falta, como ainda não faltam o sabiá, o xexéo e o curió, a patativa que anda rara e só é boa quando o Jacupé, o papa-capim, o beija-flor, o anim do branco e do preto fazendo barulho com os seus píados agudos, o currupeiro falador, o bicudo, a rolinha cascavel e a rolinha cabocla no seus arrulhos cochichados, pombos em revoada, periquitos gritadores, lavandeiros, marrecos cortando o ar em bandos alacres, papagaios cantando hinos e dizendo nomes feios, todo esse espetáculo se nota bem nítido no festival da luz matutina e vespertina que envolve a cidade de uma paz bucólica nos seus encantamentos de sortilégio".

Encantou-me, confesso, o "Guia da Paraíba", de Ademar Vidal. Lendo-o foi como se eu lá aparecesse de súbito e visse tudo o homem a terra e a paisagem. Toda a Paraíba. Depois da leitura por que não dizer? É tão natural a gente sentir uma saudade...

O GUIA DA PARAIBA, de Ademar Vidal — Indústria do Livro Limitada — Rio, 1943.

PRINCIPAIS ARTIGOS DE JANEIRO — 1944 DA REVISTA **HOJE**

UM PROBLEMA AMERICANO — Antonio Costa Correia.
OS MÉTODOS E O ESPÍRITO DA CIÊNCIA — Gen. Chiang Kai Shek
AS BATALHAS DA GUERRA POLÍTICA — Paulo Zingg.
BENZEDRINA — SUCEDANEO DO HEROISMO — Romulo Quintana
COMO VIVEREMOS NO FUTURO — Mundial — Montevideo
DELINQUENCIA NO SEculo XX — Harry Elmer Barnes
GAUGIN, MARTIR DA ARTE MODERNA — Pedro Olmon
A AVIAÇÃO DE AMANHÃ — W. R. Courtney
REGINO PEDROSO, O POETA DO MUNDO — Rossini T. de Lima
O MUNDO NO SEU BOLSO — POR Cr\$ 2,00
A VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS

Um Estadista da República

EDISON CARNEIRO

Copyright de LEITURA



Rui Barbosa

PODE-SE dizer que o livro de João Mangabeira constitui uma revelação de Rui Barbosa. Com uma segurança e uma coragem de afirmar que fazem honra ao seu passado político, João Mangabeira traça o perfil do grande republicano, destruindo implacavelmente as deturpações criadas pela calúnia e pelos interesses do momento e incursionando por certos campos da atividade de Rui, que até agora haviam escapado aos que estudaram a sua vida e a sua obra, mas que o colocam, definitivamente, entre os vivos nas trincheiras mais avançadas da liberdade.

Uma revelação em vários sentidos, para este "país de desmemoriados".

Por exemplo, a sua atuação no Governo Provisório. "Na primeira semana, após a proclamação da República, só um cérebro pensou e agiu — Rui Barbosa" (Dunshee de Abranches). Ministro da Fazenda, não fez empréstimos, não criou novos impostos, pelo contrário aumentou a arrecadação das rendas e manteve o câmbio.

Esta aventura administrativa — a única da sua vida — mostra bem o tamanho do homem que, um pouco mais tarde, sob a presidência Floriano, atacaria o Supremo Tribunal com palavras de fogo: "Como quer que te chames, prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrê de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não há salvação para o juiz covarde". Uma coragem que por vezes ralava à temeridade — a coragem de enfrentar os mandões do tempo, de dizer-lhe as verdades rudemente, sem rodeios. Uma coragem que frutificou nos seus discípulos — e que leva João Mangabeira a dizer, comentando o incidente: "Foi esse o órgão (o Supremo Tribunal) que, pela maioria dos seus membros, mais falhou à República, e em todos os momentos de sua angústia, de 92 até 37". Era essa coragem moral de Rui, a sua grande cabeça erguida contra os desmandos dos poderosos,

que o iria singularizar entre os homens da República.

Era por isso que o sagaz Pinheiro Machado dizia: "Há uma coisa, meninos, que o Rui tem mais do que talento: é coragem".

Foi essa coragem que deu tão extraordinário brilho à campanha civilista — uma campanha a que se atribuiu certo da derrota: "Perderemos, mas o princípio da resistência civil se salvará". Foi essa coragem que o tornou o campeão dos oprimidos, amigos e inimigos, vítimas dos abusos do Poder, em toda a atormentada história da República. Foi essa coragem que o fez levantar a sua voz — muitas vezes só — contra a intrusão dos presidentes na escolha dos candidatos à sucessão, direito exclusivo do povo. Nesse sentido são muito expressivos os seus discursos, as suas cartas, as suas conferências, quando Rodrigues Alves, Afonso Pena e Wenceslau Braz tentaram roubar às massas populares o direito de escolher, livremente, o seu chefe. E, mais tarde, com a morte de Rodrigues Alves, a sua dor ao voltar de uma entrevista com Deilim Moreira: "Que maldade contra o país: fazerem a chapa presidencial com um moribundo e um louco!"

João Mangabeira consegue, com este grande livro, trazer novamente Rui Barbosa para as cogitações do nosso tempo. O elogio sem medida dos seus discípulos dedicados, mas sem inteligência, tinha transformado o grande combatente numa espécie de tabu, num policial da língua portuguesa, num homem ambicioso do Poder — para realizar grandes reformas, certamente, mas de qualquer maneira doído por chegar à presidência da República. Com João Mangabeira surge, entretanto, outro Rui Barbosa — o verdadeiro Rui Barbosa — pioneiro da cultura, defensor da liberdade e do direito, sentinela da Constituição, espírito aberto às grandes influências que varriam o mundo. Nesse trabalho de reconstituição da sua figura histórica, João Mangabeira se valeu do melhor dos auxiliares — o próprio conselheiro — citado com oportunidade, embora por vezes em demasia, quando se trata de fixar o seu pensamento político. Um livro que projeta novamente a grande cabeça apreensiva do velho Rui sobre o panorama do Brasil.

E isso é tanto mais importante quanto a palavra e o pensamento de Rui estão vivos no nosso tempo. É dele que parte o grito de alerta contra a formação de quistos de população alemã no sul do país, em meio ao troar dos canhões, na guerra passada. Vém dele, na célebre Conferência de Buenos Aires, o conceito da neutralidade vigilante, sob o funda-

mento de que "a guerra já não se pode insular nos Estados entre quem se abre o conflito" e de que "neutralidade não quer dizer impassibilidade; quer dizer imparcialidade; e não há imparcialidade entre o direito e a justiça". — um conceito hoje triunfante em todo o mundo que nesta guerra se reflete na atitude da Suécia e da Turquia. Num decreto de 1890, ainda no Governo Provisório, estabelece a regularização do trabalho dos menores, que infelizmente não passou de letra morta, e em 1919, em conferência no Teatro Lírico, defende um programa de reivindicações trabalhistas, um avançado programa que incluía casas para os operários, regulamentação do trabalho de menores, fixação das horas de trabalho, regalias às mães operárias, defesa contra os acidentes no trabalho, seguro do trabalhador, igualdade dos sexos ante o trabalho, salário mínimo para os menores, proibição ou redução do trabalho noturno, regulamentação do trabalho a domicílio, salário para certo período da gravidez, armazéns para os trabalhadores, etc. De Rui Barbosa vem a advertência de que "enganam-se muito mal enganados" os que durante a guerra, vendo cair o despotismo, num "movimento de profunda e irresistível democratização", na Rússia e na China, acreditam que "a essa preamar universal da conquista dos governos pelos povos, escapará indene a América Latina e com especialidade o nosso Brasil... Os governos vacilam ou tergiversam. Mas o oceano cresce para eles, e há-de acabar por envolver os que lhe resistirem". E é ainda a ele que devemos todo um programa de luta, todo um programa democrático, que não envelhece com o passar dos anos: "Povo brasileiro! Reclamai e vos escutarão; exigi e teréis; ordenai e sereis obedecido; sabei querer e tudo vos cederá! Uma nação não se deve recluir senão da sua própria inconsciência, da sua própria relaxação, da sua própria cobardia".

A vida de Rui Barbosa foi, assim, toda a vida da República, com que se funde e se mistura. Pioneiro das reformas sociais, defensor dos oprimidos, o primeiro a desautorizar a violência, o único dos nossos estadistas a considerar o Brasil, na prática, um país e não uma senzala. Rui Barbosa bem merecia a conhecida frase de Pinheiro Machado:

"Se tirarmos Rui do altar, quem poremos nele?"

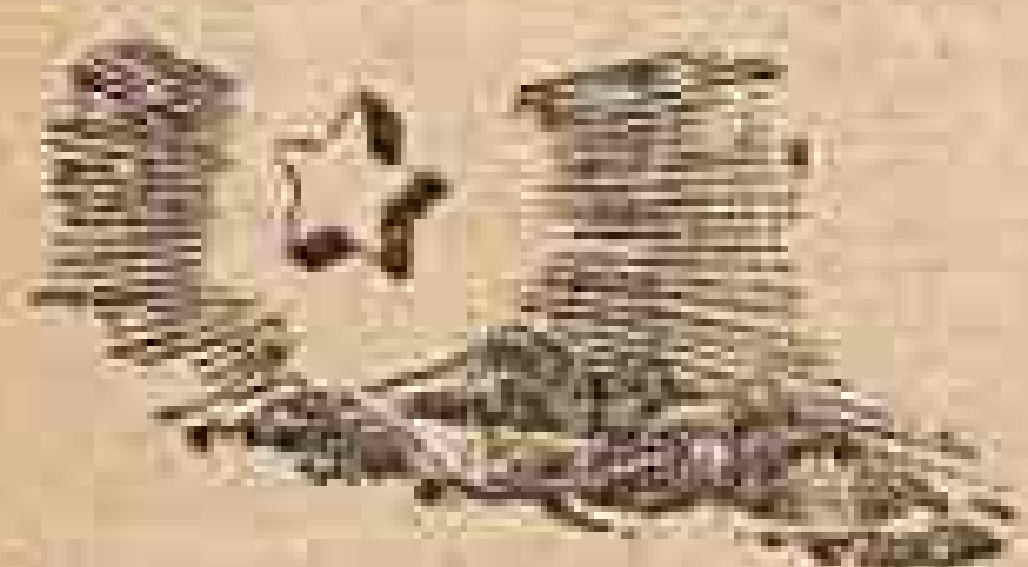
RUI — O ESTADISTA DA REPÚBLICA, de João Mangabeira — Vol. 4.º da Coleção "Documentos Brasileiros" — Edição Ilustrada — Livraria José Olympio Editora — Rio, 1943.

GRANDIOSA OPORTUNIDADE — "Podemos afirmar apenas uma coisa: que esta é uma luta de magnitude universal, de que devem compartilhar todos aqueles que desejam um mundo melhor.

É necessário, porém, que atuemos com rapidez. A História nunca ameaçou o homem com um perigo maior, mas, também, nunca lhe ofereceu tão grandiosa oportunidade — Anna Louise Strong — "A Rússia na Paz e na Guerra" — Pág. 281 — Editorial Calvino Limitada.

O Índio Brasileiro

DIOCLECIO D. DUARTE



O SENTIMENTO nacional, com o justo orgulho pela situação de relevo que as circunstâncias históricas permitiram ao Brasil, despertou o interesse de melhor conhecer a alma e os hábitos dos primeiros donos deste pedaço de terra americana. Muito distanciados já nos encontrávamos da época em que Couto de Magalhães e Ladislau Neto, avançando pelos sertões a dentro ou atravessando rios, para de perto examinarem a exuberante natureza, revelaram a curiosidade do sabio e o espírito arguto do pesquisador. O esforço intrépido de Candido Rondon, em torno de quem se reuniu uma pleiade brilhante de discípulos, começara também a entrar no esquecimento. Dele restariam as páginas magníficas de Roquete Pinto onde a energia do desbravador se apresenta de uma forma singular. Igualmente anônimo ia se tornando o trabalho de alguns abnegados missionários cristãos que preferiram a existência entre os selvagens, longe do mínimo conforto, criando escolas

para incorporarem à civilização elementos humanos que o materialismo egoístico desprezara.

Uma cultura superficial não compreendia, nem podia compreender a importância de que se revestia o estudo profundo do indígena para a exata estrutura de nossa sociologia. E porque o interesse era de um número restrito de pesquisadores, aliás mal interpretados, tudo quanto possuímos a respeito da vida brasileira apresenta base fictícia. Tornava-se consequentemente, necessário mostrar aos educadores, responsáveis pela evolução do povo, o erro grave em que incorriam e ainda incorrem os métodos de ensino entre nós. Este constitui, sem dúvida, o valor precioso do excelente livro de Angyone Costa. Trabalho de erudição, é, por sua vez, uma afirmativa de lúcido patriotismo e de corajosa atitude contra os sociólogos urbanos que ignoram os verdadeiros fatores étnicos da gente brasileira.

O que torna mais atraente o trabalho de Angyone Costa é a sua sinceridade. "Indiologia" é uma série de ensaios que bem evidenciam o talento do escritor e a austeridade do mestre, persuasivo, esclarecido e perfeitamente senhor dos assuntos. Dirigindo um curso de Arqueologia no Museu Histórico Nacional, o professor Angyone Costa, conseguiu organizar uma escola de real proveito para a cultu-

ra sistematizada da história, não só do Brasil como da América.

Declara, com simplicidade, que "Indiologia" é o último volume da série que resolvera escrever sobre o índio brasileiro. Não queremos acreditar nesta sua resolução. Ainda muito coisa existe reclamando estudo e divulgação. E ninguém melhor capacitado vem revelando para essa tarefa interessante, apesar de árdua, do que o ilustre professor nordestino, que é ao mesmo tempo, mestre na maneira de expor as idéias.

O êxito surpreendente do livro, já em segunda edição, quando a primeira tem apenas um mês distribuída pelos leitores da "Biblioteca Militar", indica que o assunto encontra um ambiente simpático.

Andou, por isso, acertado o editor Zello Valverde com a publicação desse "livro indispensável ao estudo do problema do índio brasileiro examinado sob todos os aspectos, desde o primeiro contacto do europeu, através da carta de Pero Vaz Caminha ao rei de Portugal, até as impressões pessoais colhidas pelo professor Angyone Costa na viagem feita ao Alto-Xapuri, em companhia daquele outro admirável escritor que foi Raimundo Moraes, então comandante de um pequeno navio fluvial.

INDIOLOGIA, de Angyone Costa
— 2.^a edição — Livraria Editora
Zello Valverde — Rio.

ACABA DE CHEGAR

HISTÓRIA DAS RELIGIÕES

PELO PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE LEYDE
CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE

tradução portuguesa de LOBO VILELA

SÚMULA DOS CAPÍTULOS:

- I
Introdução
- II
Os Povos selvagens
- III
Os Chineses
- IV
Os Japoneses
- V
Os Egípcios
- VI
Os Babilônios e os Assírios
- VII
Os Sírios e os Fenícios
- VIII
Os Israelitas

- IX
Os Irmãos
- X
Os Hindús
- XI
Os Persas
- XII
Os Gregos
- XIII
Os Romanos
- XIV
Eslovos e Romanos
- XV

Apêndice da edição portuguesa — O Cristianismo

1 grosso volume de 954 páginas otimamente impresso e com bela encadernação

Cr\$ 120,00

PEDIDOS A

LIVROS DE PORTUGAL LTDA.

OUVIDOR, 106 — RIO DE JANEIRO

REMESSAS PARA TODO O BRASIL PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

México -- Exemplo e Padrão

MOACIR WERNECK DE CASTRO

Copyright de LEITURA



Ezequiel Padilla

O MEXICO tem na sua história contemporânea um desses gestos nobremente românticos, capazes de imortalizar uma nação na memória dos povos. Um gesto entre muitos outros à primeira vista quixotescos e tão característicos desse povo que mantem puríssimo o sentimento da democracia e da dignidade que ela impõe no trato internacional. Foi o seu constante apoio à República Espanhola, quando num mundo de indiferença e da não-intervenção as grandes potências europeias, menos uma, caminhavam de cabeça baixa para o supremo erro de Munich.

A guerra civil espanhola foi um divisor de águas das forças políticas internacionais. Hoje é bem fácil ver que estavam errados os que não encaravam a República como a vanguarda combativa da liberdade mundial. Mas naquele momento a consciência dessa verdade não se encontrava em muitos dos que hoje se enfeitam com os louros da vitória moral dos republicanos espanhóis. Estava com os sentimentais da liberdade, os sonhadores. E o México como nação, ao liderar essa posição tão divorciada da prudência, chegava a um divino absurdo. Há países assim, dotados do que se poderia qualificar de imaginação histórica, porque compreendem a parte de inesperado que há em todos os esquemas. Transportam para a cena internacional as melhores qualidades individuais de heroísmo arrebatado, a paixão da liberdade, uma flama messiânica que se revela afinal, surpreendentemente, como a manifestação do melhor realismo. As vezes são chamados de "materialistas", num sentido pejorativo, embora sejam os únicos a prever a margem de imponderável na evolução das sociedades humanas, e a pressentir o momento em que de um processo estabelecido irrompem com fúria vulcânica os acontecimentos que vão conduzir a uma nova ordem de coisas. O seu quixotismo é uma sábia antecipação do futuro. Os prudentes, os que tem medo do povo, os apaziguadores, os calculistas das pequenas vantagens, os virtuosos das pequenas manobras, es-

ses é que acabam, condenados pela história.

Ezequiel Padilla, ministro das Relações Exteriores, é bem a imagem do México que abriu os braços aos republicanos espanhóis. Nós já o conhecíamos através dos seus candentes discursos na Conferência dos Chanceleres, reunida no Rio em janeiro de 1942. Foi o homem do momento, o que disse as verdades que ansiávamos por ouvir, dando um conteúdo popular a certas generalizações um tanto vagas do pan-americanismo. Agora ele nos reaparece com o mesmo impeto, embora sem o fogo da oratória, num livro que merece ser lido atentamente: "O Homem Livre da América". É o livro de um mexicano generoso, lúcido, ao mesmo tempo sonhador e realista, poético e positivo. Foi escrito com a urgência de contribuir para a maior unidade das Américas na luta contra o Eixo, e ainda sob o encanto do "sorriso do Rio", na época da reunião dos chanceleres. "Foi escrito — diz o autor — com a pressa com que se trocam mensagens entre os navios que tomam parte na mesma batalha, em alto mar. Não é dedicado aos peritos, aos eruditos, ou aos filósofos. Tem apenas uma pretensão: levar as massas das nações americanas um sentimento de responsabilidade e uma exultante e criadora determinação de construir a indissolúvel unidade das Américas".

O ministro Padilla mostra como a vocação democrática das Américas se conduz naturalmente à unidade. Faz o histórico dos impecilhos que sempre se opuseram a esse fim, sob mil formas diferentes, desde a opressão econômica ou política até os obstáculos da natureza. Demonstra conhecimentos minuciosos de história e sociologia, e um poder de síntese raro num orador de tamanha força. Não se deixa levar por devaneios pan-americanistas a ponto de ocultar os atentados à solidariedade continental ou os desvirtuamentos que a democracia tem sofrido no hemisfério. Nem recusa chocar susceptibilidades, quando diz corajosamente: "Apesar de todas as belas frases contidas nas suas constituições Políticas, os habitantes analfabetos de nossos países tropicais, assolados pela pobreza, não passam de miseráveis escravos, devastados pela malária, verminose e parasitas intestinais; impotentes contra as agruras do clima e as epidemias"...

Todo um mundo a construir. E um binômio a conciliar: o extraordinário padrão de vida dos Estados Unidos e o atraso econômico da América Latina. Para realizar essa conciliação, "precisamos agir no espírito de uma confederação de nações", pois "estamos marchando para uma indissolúvel

fusão de nossos destinos, e apenas pelo estabelecimento da unidade econômica da América poderemos erigir a solidariedade completa sobre uma base permanente". Mas, sob que bandeira social? — pergunta ele num capítulo de crítica às doutrinas contemporâneas. "Queremos liberdade, o fim do imperialismo, a abolição da pobreza, mas o caminho por onde se chega a tais aspirações ainda está obscuro". Acredita numa solução eclética, cujas linhas gerais são mais ou menos estas: controle do Estado sobre a economia, combinando a justiça social com o gozo da liberdade; eliminação dos lucros injustos, para remediar as desigualdades de riqueza; e no plano político, a prática da democracia tal como se vem fazendo no México. Aqui, o ministro Padilla pode altear a voz para dizer com o orgulho que sua pátria tem sido, em muitos aspectos, um exemplo, um padrão e um guia".

O processo democrático no México, diz o autor, teve de enfrentar três forças principais: a igreja, os latifundiários e os militaristas golpistas. Na parte referente à igreja, Padilla desfaz novamente a generalizada calúnia sobre a impiedade terrorista dos governos democráticos mexicanos. O que havia na realidade era a exploração da fé "popular" — "um fanatismo que confundia o clero com a religião e a propriedade dos conventos e bispados com a própria divindade. A secularização das enormes propriedades da igreja, que era a maior proprietária de terras do país, as subsequentes decisões seprando a igreja e o Estado serviram não somente como base para a reabilitação econômica do México, como constituíram um dos mais importantes fatores contribuintes para a liberdade de consciência, sem a qual nenhuma civilização merece tal nome".

Seria um nunca acabar se fossemos destacando os pontos importantes ou sugestivos deste magnífico livro do chanceler Padilla. Eles nos transmitem essa sensação de valor e generosidade humana que está presente em todas as intervenções do México na vida internacional. O que queremos, a propósito do livro e do seu autor, é render tributo ao nosso aliado de guerra, ao México de onde tem partido tantas inspirações poderosas sempre que a liberdade é eclipsada e a burrice, a injustiça e a opressão parecem momentaneamente triunfantes. Ao México, exemplo, padrão e guia.

O HOMEM LIVRE DA AMÉRICA, de Ezequiel Padilla — Prefácio do ministro Oswaldo Aranha — Tradução de Fernando Tude de Souza — Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" — Rio, 1943.

SABIAS PALAVRAS DE JUAREZ — Ainda que se multipliquem as escolas e os professores sejam bem pagos, sempre haverá uma grande escassez de alunos enquanto existir a causa que impede a assistência à escola. Essa causa é a miséria geral... O homem que não pode dar alimento para sua família compreende que as despesas com a educação de seus filhos são um obstáculo na luta diária pela existência. Eliminei a pobreza e o despotismo, e a educação seguirá sua forma normal.

As Visceras da Itália

VALDEMAR CAVALCANTI

Copyright de LEITURA

É COM uma perícia extraordinária que o jornalista norte-americano Richard G. Massock faz a autópsia da Itália fascista. O corpo da pobre nação apodrecida nas mãos de Mussolini está frio e estendido na morgue, com as vísceras de fora, as veias murchas de sangue. Dentro do mais rigoroso critério de objetividade, o observador estrangeiro aproxima-se do cadáver e recolhe todos os elementos possíveis para o estudo do câncer fascista. Cortando a carne, seccionando órgãos enfermos, colecionando germes, ele consegue recompor o quadro patológico de um regime que levou um povo à derrota e à vergonha.

Esse Richard G. Massock foi o chefe da Agência da Associated Press na capital italiana, entre 1938 e 1941, e teve meios suficientes de acompanhar, durante esse curto mas expressivo período, a tragédia do fascismo em face da guerra. Ele viu de perto o tremendo espetáculo da situação que Mussolini preparou e não soube enfrentar. Sentiu no íntimo das coisas e dos fatos o horror das glórias artificiais e das lutas sem compensação. Compreendeu, ao fim de meticulosas observações, o drama da Itália perdida no meio do caminho.

Desde o momento em que chegou a Roma, no desempenho da sua missão, até a hora em que, depois de uma féria forçada, sob a vigilância das autoridades fascistas, pôde regressar ao seu país, o jornalista norte-americano outra coisa não fez senão cumprir da melhor maneira possível a sua perigosa tarefa e reunir material para a análise crua e fiel que é o seu livro de impressões sobre a Itália por dentro. O que ele nos fornece, assim, é um laudo pericial de primeira ordem, que estava faltando à vasta bibliografia formada sobre os inumeráveis aspectos do mundo atual em guerra.

Com aquele estilo seco — a bem dizer, a pele fina cobrindo os ossos dos fatos —, peculiar aliás aos correspondentes norte-americanos, o sr. Richard Massock abre o livro com uma narrativa sobre o comício em que Mussolini, da sacada do Palazzo Venezia, ladeado pelos representantes dos governos da Alemanha e do Japão, comunicou a sua "solene decisão": a declaração de guerra aos Estados Unidos. Nesse e no último capítulo o jornalista não se cinge a relatar acontecimentos e retratar homens: vai um pouco além e tece uma série de comentários, em que define a sua posição anti-fascista.

No mais, ele se contenta em coligir o máximo de informações sobre o passado e o presente do fascismo, lembrando episódios, esclarecendo certas minúcias, fixando determinadas figuras. Com todo esse luxo de informações, o que ele quer é nos dar uma idéia precisa do regime — as suas contradições e misérias, a sua natureza e o seu destino. Removendo o lixo, o sr. Massock se dá ao trabalho de classificar a podridão, com uma meticulosidade de auxiliar de farmácia.

Que ele sabe perfeitamente distinguir as coisas, não há dúvida. Tanto

que não confunde nunca Mussolini com a Itália, o Estado fascista com o povo italiano. Uma coisa é o regime que cortou a língua à nação, e lhe tolheu os movimentos, e lhe amordaçou o espírito; e outra, muito outra, as massas populares experimentadas no sofrimento e na luta, cansadas da escravidão e capazes de grandes esforços. Quem tomar uma coisa pela coisa, é claro que estará a meio-caminho do mais legítimo quinta-columnismo.

O correspondente da A. P. pinta em tamanho natural os líderes do movimento fascista, sem esquecer sinais característicos quasi imperceptíveis a um observador menos arguto e malicioso. O time de Mussolini tirou retrato em grupo, posando para um fotógrafo hábil. E deve-se acentuar que a cara de Badoglio aparece em primeiro plano, como a flor do reacionarismo, que iria tornar-se mais tarde o encanto do jardim muniquiano. O velho marechal nos aparece mesmo com os dentes podres de roer o osso da Etiópia massacrada.

Talvez um ou outro retrato não esteja rigorosamente parecido com o original. O do ex-Duce é excelente (está entre as páginas 234 e 239 — vale a pena apreciá-lo com atenção). Com restrições apenas quanto às qualidades que Massock atribui ao ditador do macarrão: firmeza de vontade, inteligência, conhecimento dos homens, habilidade na administração prática, confiança em si mesmo, honestidade. Ora, com tantos dons Mussolini não teria sido então um grande estadista? Vê-se por aí que, fazendo todo o esforço para mostrar-se objetivo e imparcial, Massock emprestou boas cores à fisionomia trágica do bufão italiano.

Há mais no livro do jornalista norte-americano uma série de esclarecimentos do maior interesse. Entre eles, por exemplo, o do truque político de Mussolini — de "render a guarda" do fascismo sempre que pressentia o perigo dos rancores populares. Para iludir o povo, ele não trepidava em alijar um correligionário, desfazer-se de um princípio ou quebrar uma rotina. Outros esclarecimentos úteis, espalhados ao longo de A Itália por dentro: os relativos aos métodos da polícia política italiana, ao comportamento do povo em face do fascismo, à desorganização do sistema corporativo e à formação de uma todo-poderosa plutocracia do regime. Desses dois últimos esclarecimentos

deixam, por favor, o capítulo XXIII — "Pão e mercado negro" — ressaltar uma conclusão: de que o fascismo foi um péssimo negócio para o capitalismo.

E depois de Mussolini? A esta pergunta Richard G. Massock procura responder, com mil e uma cautelas, examinando bem todos os pontos da questão. Ele enxerga com nitidez a situação da Itália depois de um mergulho mortal nas águas da ditadura. Vê o mal que fez ao povo o longo martírio do silêncio obrigatório, da obediência sem debate, dos sinos compulsórios. Afirma a impossibilidade de uma rebelião das massas por falta de uma força ponderável capaz de dirigi-las, nas atuais circunstâncias. Estas e outras coisas estão analisadas com firmeza e precisão. E Massock fecha o livro com uma anedota: uma conversa entre o italiano otimista e o italiano pessimista. O primeiro diz: — Creio que vamos perder a guerra. E o outro: — Sim, mas quando? "Esta é a pergunta que os americanos e os ingleses terão de responder" — são as últimas palavras do jornalista. Mas aí interveém muito a propósito o tradutor brasileiro, o sr. Carlos Lacerda, para dizer que a resposta já foi dada, com a queda de Mussolini, a capitulação de Badoglio e a luta contra as tropas alemãs em pleno território italiano. Aludindo à declaração muito leal de Massock, de que não conheceu o "mundo subterrâneo da ilegalidade" da Itália, o sr. Carlos Lacerda lembra que esse mundo ressurgiu recentemente no manifesto dos cinco partidos e nas manifestações dos italianos anti-fascistas do mundo inteiro. "Aqueles que conheceram o horror do silêncio diante do crime e da opressão, sabem melhor do que ninguém como os italianos não podiam reagir vitoriosamente, quando todo o mecanismo do Estado policial se mobilizava contra qualquer manifestação da vontade popular" — acentua. "Esses devem falar para que a opinião mundial se convença de que o povo italiano não era inimigo e que os Vitorio Emanuele, os condescendentes Umbertos, os complacentes e retardatários Badoglios, estes sim, são os responsáveis".

A ITALIA POR DENTRO, de Richard G. Massock — Tradução de Carlos Lacerda — Vol. 2 da Coleção "Guerra e Paz" — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1943.

OS GENIOS SÃO ASSIM — "Pierre comparece às brilhantes recepções vestido de preto — a mesma roupa, um tanto lustrosa, que usa no curso em Paris, e apesar da grande polidez dá a impressão de alheado, como se as homenagens não lhe fossem dirigidas. Maria (Madame Curie) sente verdadeiro prazer em contemplar essas jóias, e com surpresa observa que Pierre também se distrai com os olhos fixos nos colares e "rivieres"..."

— Nunca imaginei que existissem jóias assim, diz ela à noite, ao despiem-se. Que coisa linda!...

Pierre ri-se.

— Durante o jantar puz-me a fazer a conta de quantos laboratórios seria possível construir com as pedras que cada uma dessas damas traz ao colo. Quando chegou a hora dos discursos, a minha conta já tinha alcançado um número astronômico! — "Madame Curie", de Eve Curie — Tradução de Monteiro Lobato — Biblioteca do Espírito Moderno — Cia. Editora Nacional

Antonio Machado

WALDO FRANK



Antonio Machado

PERTO de Figueras, nas férteis planícies do levante catalão, ergue-se uma antiga torre construída por camponeses do século XII. Na parte mais baixa está o estábulo de onde se desprende um calido cheiro de estêrco. Mais acima, a enorme cozinha de grandes vigas e travessas de cobre presas sobre a parede, em cujo forno foi cozido o pão de vinte e quatro gerações. Foi nesse refúgio que o poeta Antonio Machado, o poeta mais nobre da Espanha e um dos poucos escritores clássicos do seu tempo, passou seus últimos momentos sob um teto espanhol, nas horas que se seguiram à queda de Barcelona, em 27 de janeiro de 1939. Como se fosse uma última homenagem, talvez nem tanto ocasional, quarenta homens e mulheres, saídos como Machado de Barcelona, compartilharam com o poeta do frio daquele lugar. Quarenta espanhóis velando na escuridão, sem esperança na luz da alvorada que lhes ia trazer um novo dia, talvez sentindo a presença de uma noite ainda mais escura. Entre eles, achavam-se alguns intelectuais do primeiro momento, e que durante dois anos e meio haviam abandonado o trabalho de toda a vida para lutar pela existência da República.

Sua saída da Espanha, a própria morte de Machado, têm toda a realidade plástica de seus poemas. Mergulhado na angústia de milhões de compatriotas, chegou à fronteira francesa... à fronteira política, porque a França amada por ele, cuja língua e literatura havia ensinado durante quarenta anos como professor para ganhar o pão, não podia ter fronteiras. Aquela, a do arame farpado e das baionetas, era a outra. Com seus soldados senegaleses de fêz vermelha e rosto negro como manchas na escuridão; com seus oficiais brancos que acabavam de dizer aos soldados: "Tratem os espanhóis sem compaixão". Era a França política. Machado a conhecia bem.

Sua obra não é muito abundante, porém tão densa, poderosa e orgânica que sua glória entre os poetas de nossa época está assegurada. No começo — perfeitas a música e a expres-

são — é eco em parte, em parte dissidência entre a beleza e o cansaço da velha Espanha. Os primeiros poemas articulam a plasticidade estática de um país cujo solo, sol e alma, se haviam paralizado em um só tempo. Depois surge um anelo de liberdade e fluidez. O mar será o símbolo de sua poesia. Lembra a sentença de seu mestre, o grande Jorge Manrique — de quem ele descende, como Juan Ramón Jiménez de Gongora.

Durante a guerra, Machado esteve rodeado de seus amigos, jovens em sua maioria, que compartilhavam seu amor pela causa que defendia e amavam-no também. Era ele a alma inspiradora e crítica do grupo, e com ele publicavam, número após número, a revista HORA DE ESPAÑA — a meu ver o maior esforço literário que saiu de qualquer guerra, e que serve para provar que a luta da Espanha contra a traição do mundo é o nascimento de uma cultura que não deve morrer. Minhas recordações mais caras da última Primavera que estive na Espanha são as horas que passei na linha de frente, sob o fogo, com os soldados, e aquelas em que me encontrei junto de Antonio Machado (mais de uma vez, enquanto os italianos bombardeavam a cidade), e dos jovens poetas, seus discípulos, todos ou quasi todos de uniforme — soldados de duas frentes.

Machado não era um patrioteiro. Aceitava com fatos o isolamento da Espanha e a falta de armas. Conhecia a impotência dos homens de boa vontade na França e na Inglaterra. Quando lhe disse que havia telegrafado ao nosso Presidente e aos nossos senadores pedindo que anulassem o nefasto embargo contra o governo mais legítimo do mundo: o governo da Espanha, no qual republicanos, socialistas, comunistas, católicos, anarquistas, lutavam por um ideal comum Machado me olhou com seus olhos escuros, cheios de calor humano, e não disse nada. Nunca ouvi de seus lábios as palavras vitória ou derrota. Vivía em um plano de compreensão mais profunda. Sabia que com a eternidade dentro do tempo a Espanha estava realizando sua maior vitória dentro da luta, qualquer que fosse o resultado imediato.

A última jornada de Machado, unido até o final com a dor de seu povo, foi uma lição para todos nós.



Novidades

da

AMERIC = EDIT.

3 apresentações — em Francês

Edição Comum (C) — Edição de Luxo (L)

Edição de Luxo Encadernada (E)

PAGES CHOISIES,

por E. REMAN, da Ac. Fr. —
C. Cr\$ 25.00 — L. Cr\$ 75.00 —
E. Cr\$ 100.00

HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE,

por A. THIBAUDET — (2 vols.)
C. Cr\$ 50.00 — L. Cr\$ 150.00 —
E. Cr\$ 300.00

LA MATERNELLE,

romance (Prêmio Goncourt) por
L. FRAPIÉ — C. Cr\$ 22.00 —
L. Cr\$ 70.00 — E. Cr\$ 170.00

DOSTOIEVSKY,

por HENRI TROYAT (Prêmio
Goncourt), (2 vols.) — C. Cr\$ 40.00
L. Cr\$ 140.00 — E. Cr\$ 300.00

PRÉSENCE du PASSÉ

Contos, por MAX FISCHER, C.
Cr\$ 23.00 — L. Cr\$ 75.00 — E.
Cr\$ 180.00.

AZIYADÉ,

romance por P. LOTI, da Ac. Fr.,
C. Cr\$ 20.00 — L. Cr\$ 75.00 —
E. Cr\$ 180.00

NÈNE,

romance (Prêmio Goncourt) por
E. PEROCHON — C. Cr\$ 22.00 —
L. Cr\$ 75.00 — E. Cr\$ 170.00

FORT COMME LA MORT

romance por G. de MAUPAS.
SANT — C. Cr\$ 20.00 — L.
Cr\$ 75.00 — E. Cr\$ 180.00

LA MAISON DE DANSES

romance por P. REBOUX — C.
Cr\$ 20.00 — L. Cr\$ 70.00 —
E. Cr\$ 165.00

DANTE

por LOUIS GILLET da Ac. Fr.,
C. Cr\$ 28.00 — L. Cr\$ 75.00 —
E. Cr\$ 180.00

AMERIC = EDIT.

RIO DE JANEIRO

Caixa 429 - Tel. 22-9966

Envio contra reembolso

Uma Nova História do Mundo

DALCIDIO JURANDIR

Copyright de LEITURA

HÁ TEMPOS foi publicada no Brasil uma tradução do livro de Max Beer, sobre a história das lutas sociais, que em poucas semanas desapareceu das livrarias. No Pará, lembro-me bem, aparteceram alguns volumes que foram logo vendidos. Naquela época era possível ler com alguma tranquilidade. Tive a sorte de obter os dois volumes da obra popular e clássica de Max Beer; perdi-os depois e acredito que foram enterrados por mãos piedosas num fundo de quintal e se perderam para sempre. Sucedeu isto com muitos livros e posso recordar também que, certo dia, um volume de Bebel era condenado, na mesma época, a pior destino, num caminhão da Limpeza Pública em direção ao forno crematório. Aconteceu que o caminhão foi dobrar uma esquina e com o solavanco o livro saltou e caiu em plena rua. No mesmo carro iam talvez muitos volumes de Max Beer. A Limpeza Pública era nesse mistério muito diligente e meticulosa.

Esta nova edição da "História do Socialismo e das lutas sociais" que Calvino lançou enobrece o nosso movimento editorial, dá indícios de que nos vamos livrar um pouco de Valtin, Mitchel, "Minha luta", livros de Weigand, etc. Autor simples que não escreve para as chamadas elites nutridas em Bergson, Spengler, Ortega y Gasset, Croce, Bertrand Russell e São Tomaz de Aquino. Max Beer fez alguns excelentes livros para o povo. A respeito da questão social, Max Beer não propõe soluções requintadas nem usa palavras hermeticas. Não propõe novas e transcendentes interpretações acerca do Estado, da sociedade e da história nem procura captar um sentido "cósmico ou providencial" dentro das massas populares. Seu livro, sem sutilezas, nasceu para ser lido por milhares de homens simples que querem saber coisas de modo mais leal, de um modo diferente de quanto livro há por aí feito para "atrapalhar, confundir e tornar mais escuros os problemas que precisam ser tão claros.

A leitura de Max Beer foi para mim, provinciano de poucos livros, de melhores consequências. Desintoxicou-me de velhas idéias, velhas indecisões e confusões dentro da história. Outros livros puderam me dar uma impressão mais forte de leitura, dar-me esclarecimentos mais poderosos. A impressão daqueles dois volumes, porém, permanecem intacta. Isto para um poeta puro encharcado de Valéry, para um escritor puro embalsamado em Charles Morgan pode parecer ridículo ou ingênuo. Posso apenas dizer que li nos dois volumes alguma coisa que estava longe de se comparar com a dos livros de Carlyle, Macaulay e Jacques Banville. Era, enfim uma história contada não à maneira dos "donos da vida" e sim como deve ser escrita, feita para o povo e contra os proprietários do povo.

Muito aprendi com Max Beer e tive que fazer uma revisão de tudo que havia lido em matéria de história universal. Como muita coisa havia mudado! Como os romanos eram diferentes como foi possível compreender o cristianismo em função dos

interesses revolucionários já tão longe de Renan, autor tão atacado por Engels, como as Cruzadas apresentava um aspecto que não as engrandecia tanto. Tinha acreditado afinal que Babeuf era mais avançado do que Robespierre e que os ingleses na sua ilha não se tornaram democráticos tão pacificamente como se pensava.

Aprendi com Max Beer a ler outros



Max Beer

autores mais violentos e os que até então me apareciam elementares demais ou panfletos. Aprendi também a achar que a obra de Max Beer necessitava ser mais ampla, mais desenvolvida para dar uma idéia mais larga e completa da história dos homens que estão em maioria e que ainda não puderam governar-se. Nesse tempo lia um pequeno livro que me foi tão indispensável como o de Max Beer, um tomo de economia política, curso popular, de Bogdanov. Daí em diante acreditei em economia política e pude ler depois Carlos Gide com a segurança de um leitor que não se deixaria mais ludir tão facilmente.

Max Beer me ensinou essa precaução e me trouxe essa vantagem também, o de ler história sem ilusões, sem o perigo de me deixar enganar pela aparência dos belos compendios

dominantes. Havia nas páginas de Max Beer aquilo que há muito tempo procurava entre os historiadores brilhantes: uma história que contasse o que milhões de criaturas fizeram pela sua liberdade ao longo dos séculos. Compreendi as primeiras lutas do proletariado inglês e o que queria dizer Engels ao afirmar, sem a menor cerimônia, que o movimento operário alemão é o herdeiro da filosofia clássica alemã.

"História do socialismo e das lutas sociais" marca o início de uma nova história dos homens, dos povos, dos movimentos políticos que vêm mudando o mundo. Não é possível estudar o socialismo sem conhecer esse livro tão simples, uma síntese de história que veio satisfazer milhões de leitores que até agora liam histórias contra eles, feitas precisamente para atrair-lhes a uma escuridão da qual seria difícil se libertar. Os livros "contra" são muitos, milhares deles foram e ainda são escritos com brilho, eloquência, erudição, requinte e certa beleza. A multidão dos leitores paga e engole o logro. Haverá para a classe média livro tão "sensato" como o de História Universal de Wells? No entanto ainda é um livro contra. Há pouco li Ortega y Gasset em "A rebelião das massas" e vejo como o escritor espanhol escrevia contra. Como seu estilo e suas idéias nos ofuscam e nos envolvem. No entanto, logo se apagam, deixam a sensação de um fim de época, de uma agonia de homens e de idéias de colorido e cheia de um grande rumor e mais nada.

Um livro honesto de uma pureza inesperada a toda a hora, como "História do socialismo e das lutas sociais" dá-nos a certeza de que a história das idéias e das lutas dos homens pode ser contada para todos os povos em dias que não estão muito distantes. Max Beer me ensinou a ficar no lado oposto aos mitos da grande história dominante. Seu livro não engrandece meia dúzia de homens mas o homem.

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, de Max Beer — 2 volumes — Editorial Calvino Limitada — Rio, 1943.

UM LIVREIRO INTERESSANTE — "Pobre homem (nem lhe direi o nome) foi um que se meteu a comerciar em impressos lá para as bandas do campo de Santana.

Seu método era todo analógico. Se lhe ofereciam uma obra de Carducci, perguntava se o tenor também escrevia versos; confundia-o evidentemente com Caruso. A um sujeito que desejava um volume de Baltazar da Silva Lisboa queria impingir, em troca, outro de José da Silva Lisboa, com este argumento de extrema candura: "Afinal são irmãos".

Falava em mapa-mundi da América do Sul. Um dia levaram-lhe b'lo exemplar ilustrado da "Imitação de Cristo" e ele quis pagar uma miséria pelo "infólio, a pretexto de que se tratava de simples imitação. Em geral, diante dos vendedores mal vestidos, limitava-se a levantar o indicador da mão direita, assim como quem diz: "Dou-lhe um mil réis...".

Mau sujeito? Não tanto. Apenas um cidadão fora do seu caminho.

Mas este homem certa vez gastou espírito. Estava eu lá com o José Tolentino (lembra-se do epigramista que d'izou em espólio trinta monóculos e vinte pares de lunas) e uma dama apareceu procurando um livro de Albalat, mestre de estilo então em voga. E o x-bista, esclarecido não sei por quem no assunto, teve este comentário: "O Manual do Cozinheiro é que é o verdadeiro Albalat das senhoras".

Pouco antes, entrara na casa um poeta magro e Tolentino aconselhara-lhe uma estada nas montanhas, afim de engordar. O poeta, vendo o dono distraído, tratou logo de meter uns livros dentro do paletó. E Tolentino: "O que? Como estás gordo! Já voltaste de Minas?" — AGRIPINO GRIECO.

«A Estrutura Fundamental do Brasil deve ser modificada»

Entrevista de PAULO ZINGG com CAIO PRADO JÚNIOR



O autor da *Formação do Brasil Contemporâneo*, quando palestrava com Paulo Zingg, na Sucursal de LEITURA em São Paulo

A HISTÓRIA brasileira é ainda uma floresta que deve ser desbravada. Uma massa enorme de acontecimentos ainda espera sua interpretação e o esbarrecimento dos estudiosos. Do conhecimento e da justa interpretação da nossa evolução histórica, política e social, depende em grande parte a nossa atitude em face das realidades e dos problemas brasileiros. Nos últimos anos, a ciência histórica progrediu consideravelmente no Brasil. Abandonamos os obsoletos estudos e as conclusões reacionárias de Oliveira Vianna, o lirismo de um Pedro Calmon e tudo o que o sr. Taunoy escreveu, menos os documentos que soube reunir com paciência, por um Gilberto Freyre, um Nêstor Duarte e um Caio Prado Junior. Há dias, anunciava-se que um trabalho desse escritor seria publicado no México e tivemos a curiosidade de ouvi-lo e de apresentá-lo através das páginas da LEITURA.

A OBRA DE CAIO PRADO JÚNIOR

Em 1933, a "Revista dos Tribunais" imprimiu um livro chamado "Evolução política do Brasil", ensaio de interpretação materialista da história brasileira, de Caio Prado Junior. "Os nossos historiadores, preocupados unicamente com a superfície dos acontecimentos — expedições sertanistas, entradas e bandeiras; substituições de governos e governantes; invasões ou guerras — esqueceram quase que por completo o que se passa no íntimo da nossa história, de que estes acontecimentos não são senão um reflexo exterior". Com estas palavras, Caio Prado Junior trazeva e

seu programa de trabalho. O primeiro livro, apesar de corajoso e de constituir um marco inicial numa interpretação exata da nossa história, desapa-rece como tímido ensaio diante da *Formação do Brasil Contemporâneo*, publicada há um ano pela Livraria Martins. Caio Prado Junior anuncia um trabalho completo sobre nossa história e há dias fomos surpreendê-lo em plena atividade.

A REVOLUÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Queremos anunciar aos nossos leitores que Caio Prado está escrevendo o segundo volume da *Formação do Brasil Contemporâneo*.

Mas ele procura fugir do assunto e parece não apreciar essa intromissão na seu trabalho. A conversa foge, atravessa o Atlântico e logo estamos conversando sobre os cafés de Cosablanca, sobre a importância da água na África, sobre uma porção de coisas. Finalmente voltamos ao assunto e Caio começa a explicar o seu plano de trabalho. "Somente o estudo consciencioso do passado pode explicar a nossa época, os nossos institutos. Devemos procurar no passado a causa e a importância dos problemas de hoje. No segundo volume da *Formação do Brasil Contemporâneo* — e Caio fala com vivacidade — procuro explicar a situação do Brasil nas vésperas da independência, apresentando um verdadeiro balanço econômico-social do regime colonial. Estudo a transformação da organização que nos foi legada pela metrópole, escolhendo para melhor analisar os elementos que contam ver-

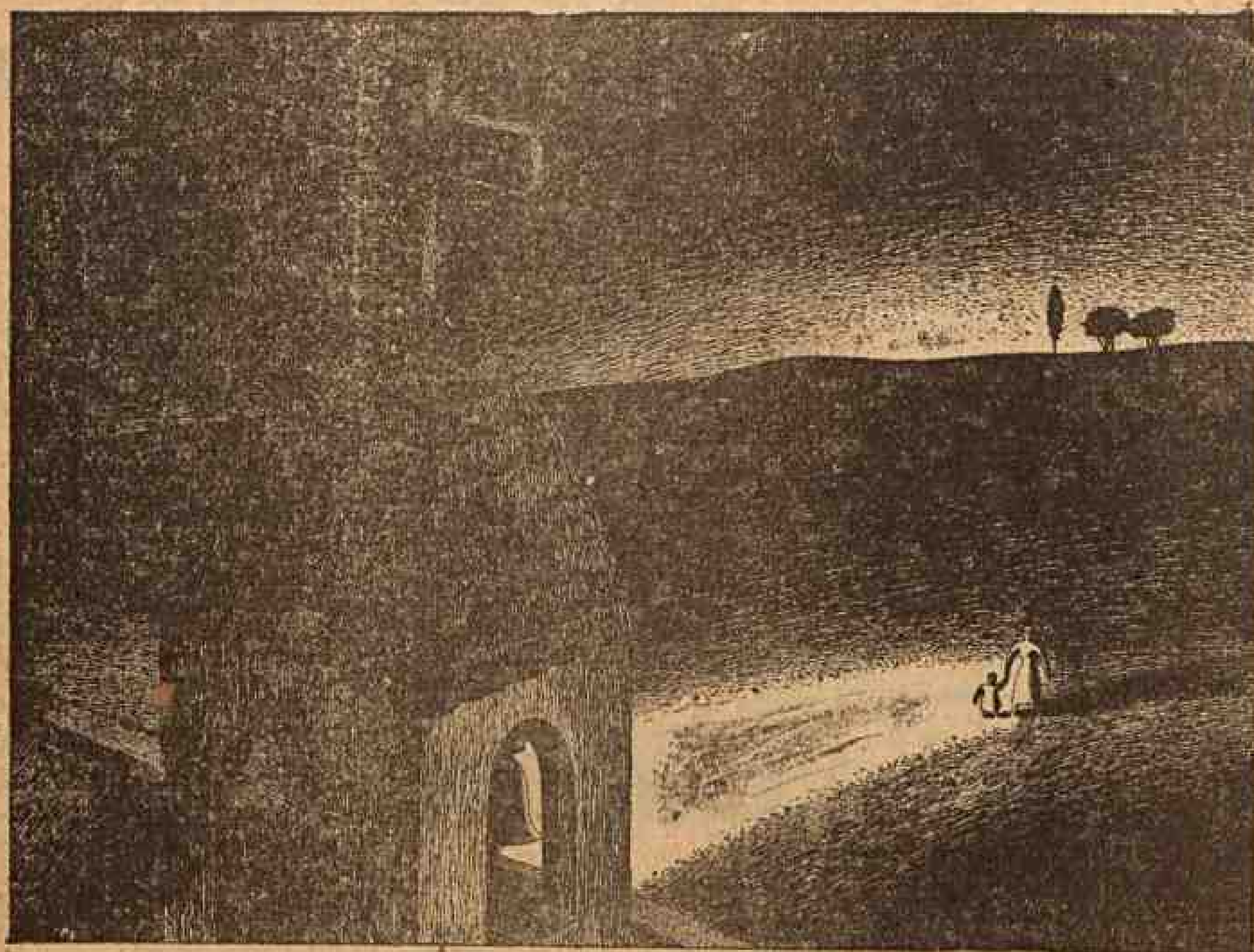
dadeiramente na nossa evolução econômica-política-social. Acompanho essas transformações para explicar com fundamentos históricos nossas instituições de hoje. A Revolução da Independência ocupa um papel importante na nossa história. A passagem de colônia para nação livre tornou-se possível porque a obra da metrópole estava acabada".

A TRANSFORMAÇÃO ECONÔMICA

"A escravidão africana e a grande unidade produtora de gêneros de exportação, foram as características fundamentais da estrutura econômica brasileira. A abolição do tráfico negreiro foi o primeiro grande golpe desfechado na nossa economia agrária de base feudal. Entretanto, a velha ordem conseguiu se manter graças ao tráfico interprovincial de escravos e à imigração estrangeira. Quando a agricultura nordestina começou a decair e o sul entrava no ciclo cafeeiro, milhares de escravos foram enviados para as províncias do Rio e do S. Paulo.

Quando a abolição se tornou uma fatalidade, o visconde de Sinimbu cogitou da possibilidade de importar trabalhadores asiáticos para substituir os negros nas lavouras. Em 1860, uma grave crise da mão de obra determinada pelo surto da lavoura e da exportação cafeeiras obrigou as classes dirigentes a lançar mão da imigração estrangeira. E até hoje o problema de braços para a lavoura não está solucionado. No terreno econômico, pode-se dizer que o trabalho livre ainda não se organizou inteiramente no Brasil. Não completamos ainda hoje a nossa evolução da economia colonial para a nacional. A estrutura fundamental do Brasil deve ser modificada. A velha organização, que sofreu terrível golpe com a abolição do tráfico e da escravidão, ainda precisa ser destruída. Nossas relações sociais ainda conservam acentuado cunho colonial. E tudo isso precisa ser explicado com documentos, com dados e com fatos do passado. O que já fiz com a época colonial, vou fazê-lo com a da independência e assim chegarei aos nossos dias" — concluiu Caio Prado Junior.

Não será preciso dizer que sua obra é uma das mais importantes para o conhecimento do Brasil. Sérgio Milliet, acha que *Formação do Brasil Contemporâneo* é a melhor obra histórica publicada nos últimos anos no nosso país. E quando concluimos a redação destas linhas, concordamos com Caio Prado: "A estrutura fundamental do Brasil deve ser modificada".



Standard

Paz... Saúde... Prosperidade...

Tenhamos fé em que o Novo Ano assinale a volta da PAZ ao mundo para um amanhã melhor e plena satisfação de todos os anseios da humanidade, pelos quais combatem as Nações Unidas. Que o desejo das Mães, as esperanças das esposas e noivas, a ambição dos jovens, se concretizem.

Tenhamos fé em que o som festivo dos sinos de Natal anuncie também uma nova era de PROSPERIDADE para o Brasil.

Que as nossas terras frutifiquem; que as nossas indústrias constituam sempre e cada vez mais o motivo de nosso orgulho; que a Ciência traga maiores luzes a todos os setores de nossas atividades.

Tenhamos fé em que, pela SAÚDE do corpo e do espírito, nossas gerações possam se manter cada vez mais vigorosas, para maior glória, grandeza e prosperidade de nossa Pátria.

CARLOS DE BRITTO & CIA.

Fabricantes dos produtos MARCA PEIXE

GRANDES FÁBRICAS PEIXE — USINA DE AÇUCAR CENTRAL BARREIROS

As Mulheres

Na vida dos grandes homens

CAROLINA MACHADO DE ASSIS

CAROLINA Augusta de Novais, que viria a ser uma das figuras femininas indiretamente de maior significação na literatura brasileira, era portuguesa e chegou ao Rio, para residir com o irmão enfermo, nos fins de 1866. Ao lado de Faustino Xavier de Novais, poeta satírico, prestando-lhe a desvelada assistência de irmã, Carolina, com os seus 32 anos, simpática, atraente, desembaraçada, inteligente, habituada ao trato com intelectuais, tornou-se o centro das reuniões com que os amigos do doente procuravam alegrá-lo. Entre aqueles amigos, estava Joaquim Maria Machado de Assis, com quem um ano após, vencida a resistência da família da noiva, toda ela rebelada contra o pretendente mulato, se casava movida por um firme e superior sentimento de mulher de espírito.

Lucia Miguel Pereira no seu excelente livro sobre o nosso maior romancista, escreveu quanto a esse aspecto da vida íntima do autor de "Quincas Borba":

"Essa ventura quase perfeita que o amor conjugal pode dar, quando verdadeiro e profundo, essa felicidade quotidiana, tépida e meiga, esse bem-estar íntimo da compreensão completa, do respeito mútuo, Machado os conheceu, num longo idílio de trinta e cinco anos. A sua vida correu, deste então, macia e plácida, cercada pelo carinho da mulher. Esse homem doente e feio conheceu a mais dedicada das dedicações femininas. Carolina foi-lhe mãe e mulher, amiga, e, num sentido largo, colaboradora. A sua saúde, o seu bem-estar, a sua obra, as suas leituras, tudo a interessava, a tudo estendeu o seu desvelo".

Machado de Assis não encontrou nela apenas o arrimo indispensável aos seus desânimos, mas ainda a enfermeira, paciente e chela de tato, da terrível enfermidade de que só depois de casada veio a saber ser o marido portador.

Até a comida — a carne ou o peixe já cortados — ele a recebia das mãos da companheira admirável que, instruída e fina ainda exerceu no espírito do marido considerável influência preenchendo

mesmo certas lacunas da cultura daquele que a isso estava sujeito, como todo auto-didata.

Além de registrar que consta ter sido Carolina quem guiou Machado de Assis para a leitura dos ingleses, o estudo crítico já citava assinala: "A própria pureza de lin-



Carolina Augusta de Novais

gua de Machado sofreu a influência da convivência com essa portuguesa cultivada; há positivamente uma grande diferença na sua frase depois do casamento, diferença devida sobretudo à colocação dos pronomes, quase sempre viciada nos primeiros escritos".

Todas as manhãs, logo depois que Machado saía, começava ela a ler as páginas escritas até pouco antes, anotando as distrações, as frases que lhe pareciam menos felizes, indo até a modificar uma ou outra expressão. E, à noite, "muito compreensiva, muito integrada no livro, como um segundo eu do autor", discutia com ele, integrados os dois numa perfeita comunhão de espírito.

Demonstração notável dessa rara e íntima comunhão, foi a elaboração das "Memórias Póstumas de Braz Cubas", a revelação máxima do romancista, livro que foi

ditado a Carolina. "Só a uma secretária que fôsse um outro eu poderia Machado ter ditado esse romance cuja simplicidade perfeita de forma deve ter sido o resultado de longas e pacientes procuras, e cujo fundo punha a nú a alma do autor. Para esse bicho de concha, esse introvertido, haver ousado pensar em voz alta um livro assim, era preciso que se sentisse absolutamente identificado com Carolina".

Inspirou-lhe ela, ainda o admirável romance auto-biográfico que intitulou "Memorial de Ayres", e, embora mais veladamente, o carinho que mereceram da pena do romancista tantas mulheres puras e boas que passam na obra.

Quando a doença começou a impedi-la de ajudar o marido, sentiu ele a grande falta daquela assistência espiritual tão proveitosa, e também aquela ajuda tão eficiente. E' que ela era "a crítica, a copista, a revisora, a secretária, a aima, a mão, os olhos, e a memória do marido". "Compunha para ele pequenos cadernos onde ia copiando pensamentos, expressões, frases célebres de várias línguas e autores, com as traduções ao lado, quando em latim".

Mesmo doente, a sua preocupação era que nada faltasse ao esposo, desejando viver sobretudo para poupar ao companheiro a dor de vê-la morrer, procurando distraí-lo, escondendo os padecimentos, empenhada em que a casa encasse em ordem, nada faltasse a Machado.

A 20 de outubro de 1904, ela o deixou com o consolo único de que também ele não tardaria muito neste mundo.

Agradecendo, na semana seguinte, a Domício da Gama, as condolências recebidas, Machado de Assis dizia que sempre havia nestas algum amparo. E acrescenta: "A razão é deveras a que me dá, dizendo haver nela um pouco da doçura, que é a simpatia humana. Aprendo esta verdade, e a minha completa fortuna seria ir levá-la cedo à companheira de toda a minha vida".

Nova Música nos Estados Unidos

H. J. KOELLREUTTER

Copyright de LEITURA

ATÉ UNS vinte anos atrás acreditava-se geralmente que os Estados Unidos eram uma das nações menos musicais do mundo. Hoje, porém, é um fato inegável que a América do Norte não só produziu alguns dos mais importantes compositores de nossa época, como também está continuando a cultura musical do velho continente e criando a sua própria.

No século XX. Não existia, nos Estados Unidos uma tradição musical como nos países europeus e os compositores desse país estiveram sujeitos à influência da música européia. A importação de grandes artistas e de grandes conjuntos europeus constituiu o abono cultural, no século passado, no terreno então virgem da música norte-americana; a ausência de valores próprios em compositores, executantes e regentes, foi compensada, então, pelos valores trazidos do estrangeiro.

Hoje, a música estado-unidense tem atingido identidade e coerência artísticas, enquanto a música européia se acha em franca decadência e os compositores mais importantes do velho continente são obrigados a viver no exílio. E são justamente eles que formam o laço entre a última criação musical européia e a jovem criação americana: os valores máximos da música européia e a jovem criação americana: como Schoenberg, Krenek, Hindemith, Strawinsky, Pisk, Milhaud, Toch e Korngold fixaram residência nos Estados Unidos e estão se dedicando ao ensino da composição. Isto, sem dúvida, influenciará decisivamente nas novas correntes musicais e desde já se nota por exemplo tendência ao atonalismo — um Schoenberg como nas obras de Georges Perle, Ben Werber e outros compositores do grupo "New Music". Tratando-se de valores da nova geração, pode-se afirmar que uma nova corrente cultural procedente de Schoenberg e Hindemith, está se impondo à música norte-americana.

O desenvolvimento da expressão musical continua num outro continente! A música de nossa época será a música do novo mundo e do homem americano!

Uma das personalidades mais marcantes da música contemporânea nos Estados Unidos é o compositor AARON COPLAND que no ano passado esteve entre nós durante poucas semanas. A linguagem musical desse autor mostra rigorosa construção — a sua Sonata para piano lembra-me construções de aço — e grande individualidade de concepção. Nesse autor reúnem-se de maneira mais feliz originalidade absoluta, brilho, precisão e profundidade. A sua "Música para o Teatro", a Primeira Sinfonia, o Concerto para piano e orquestra são obras-primas da literatura estado-unidense. Na sua linguagem não-classicista, Copland segue a Strawinsky cuja música influenciou fortemente na criação musical dos Estados Unidos. Aaron Copland concebe a sua música em grande estilo. A sua economia de meios, longe de dar impressão de pobreza, causa forte intensidade de expressão.

No "Jazz-Concert" e no célebre "Salon México" procura deliberadamente elementos vulgares e nas "Piano Variations" dá ao conteúdo primitivo da obra, grande força orgânica. Copland escreve numa linguagem áspera e concisa à qual falta o que geralmente se chama clima emocional. Essa música, porém, sabe chegar aos graus máximos de intensidade expressiva, como sucede na Sonata para piano, especialmente na "Cidade Tranquila" e na bellissima "Música para o Teatro".

Um músico de grande personalidade é CHARLES IVES cuja obra contém as sugestões mais originais e mais voluntaristas. Ives é um verdadeiro profeta e anunciador da Nova Música. Foi ele que, no começo deste século, chamou a atenção dos compositores estado-unidenses para os novos meios de expressão de um Arnold Schoenberg que revolucionaram nessa época a música européia. Ives, já de certa idade, mas jovem de espírito é uma das maiores autoridades musicais norte-americanas, sempre atuando entre os compositores da vanguarda. A mestria técnica de Ives é tão brilhante como livre e as suas composições são obras de carácter e verdadeiro estilo.

Compositores de fôlego revolucionário são GEORGES ANTHEIL e HENRY COWELL. O primeiro possui originalidade, colorido e força humorística. Escreveu para orquestras que incluem máquinas de várias espécies, hélices de aeroplanos, e instrumentos mecânicos. Henry Cowell é um experimentador nas suas atividades criadoras. Escreve acordes que são verdadeiras conglomerações de sons e que obrigaram o próprio autor a criar uma nova técnica de piano. Outras vezes, a finura e a limpeza de escrita, nas suas obras de câmara, atingem as das obras-primas desse gênero. Isto pôde ser observado na pequena e admirável Suite para madeiras cujos quatro movimentos são de grande encanto e a linha melódica, nessa obra, é de um puro classicismo. Vejo em Henry Cowell o compositor revolucionário que procura novos meios para exprimir idéias novas, partindo da reflexão consciente mais do que do impulso do seu temperamento.

Em WALTER PISTON os Estados Unidos têm sem dúvida alguma, um compositor de grande importância. O seu estilo é agradável e fêlido. Os seus dois Quartetos de cordas demonstram admirável trabalho contrapontístico e originalidade de idéias. Pertencem à vasta produção desse compositor um Concerto para orquestra, uma Suite para oboe e piano, uma Sonata para flauta e piano, um ballado, "Canto de Carnaval" para 11 instrumentos de metal e coro masculino e um Concerto para violino e orquestra.

A música de VIRGIL THOMPSON tem algo de Erik Satie. É alegre, desenfadada, às vezes irônica. O que mais impressiona, no estilo desse autor, é a simplicidade e elegância e a clareza da linha vocal e do contraponto instrumental. Uma das obras mais significativas de Thompson é a ópera Quatro Santos em três atos

para atores negros vestidos de celolano e sobre um libreto de Gertrude Stein.

Esta experiência musical de usar um texto onde as palavras parecem unidas por acaso, sem sentido nenhum, está orientada pela idéia de que a linguagem cantada na ópera, como se tem praticado até hoje, é quase irreconhecível e incompreensível. O que o ouvido percebe são somente o timbre das vozes e a sonoridade do conjunto vocal, não as palavras que os atores pronunciam e que, na maioria das vezes, se perdem no meio da polifonia total. Thompson crê, ademais, que é melhor divertir o expectador do que aborrecê-lo. Portanto, concebe a ópera na única forma na qual se pode aceitá-la hoje em dia: como uma divertida paródia de si mesma.

Com ROY HARRIS enfrentamos uma personalidade rica em recursos e dotada de uma indiscutível facilidade criadora que se exprime através de uma música potente e difícil. A sua melodia é intensa, a sua rítmica irregular e a sua concepção da forma realmente genial como o demonstram o seu Trio, o Quinteto, a Terceira Sinfonia, a Sonata para piano e a Sinfonia para vozes. O fundo da música desse compositor é expressivo, mesclado de rasgos de humor melancólico e que dá como resultado um inquietante complexo dramático, de clima estranho e sugestivo.

Sobre uma obra do compositor estado-unidense WALLINGFORD RIEGGER escreve um crítico em Berlim, em 1932, o seguinte: "Soou como se uma ninhada de ratos tivesse sido torturada lentamente até morrer, sendo interrompida pelo gemido de uma vaca agonizante". Estas palavras — aliás compostas com muito senso musical! — evidenciam o protótipo do crítico que teme a música nova e que fica permanentemente espantado com as sonoridades da linguagem contemporânea. Wallingford Riegger é um dos compositores mais discutidos nos Estados Unidos. Exprime-se com admirável naturalidade no ambiente do sistema dos 12 sons. A sua linguagem me parece a linguagem musical do futuro, principalmente em obras como o Divertimento para flauta, harpa e violoncelo, o "Dichotomy" para conjunto de câmara de 12 instrumentos, o "Estudo de sonoridade" para 10 violinos ou o Quarteto de cordas. O contraponto de Wallingford Riegger é de grande espontaneidade e a sua linha melódica homogênea e construída com consciência.

Compositora, trabalhando com extraordinária responsabilidade, é RUTH CRAWFORD que ocupa lugar de relevo na música norte-americana. O seu magnífico temperamento chegou a uma intensidade de expressão rara na música contemporânea. Ruth Crawford é possuidora de uma linguagem pessoal e sincera e de um poderoso estilo, uma das poucas mulheres realmente criadoras. A sua pequena Suite para flauta solo e o Quarteto de cordas (1931) são obras de alta organização espiritual.

O jovem compositor WILLIAM (Continua à página 24)

A Descoberta do Mundo

CELSE KELLY

Copyright de LEITURA



O ISOLAMENTO em que viviam os povos sempre foi o grande obstáculo para que o mundo se conhecesse. Cada qual se fechava dentro de sua cultura, ou culturas, e não só lhe faltavam meios e recursos para atingir as civilizações estranhas, como chegava a haver um profundo temor por outras fórmulas de vida que feririam as tradições locais. Por um sentimento de egoísmo, de modéstia ou de vaidade, por ignorância ou por medo, por excesso de nacionalismo ou por exatidão amor das tradições, o fato é que certas regiões se mantiveram totalmente afastadas de outras, quebrada violentamente a sequência das migrações humanas.

No ocidente europeu e através das águas acolhedoras do Atlântico irradiou-se uma civilização que, malgrado as diversificações regionais, se estendeu até nós, dentro de relativa unidade, na forma geográfica e sociológica euro-americana. O intercâmbio entre as nações da Europa intensificou ao máximo. As distâncias eram pequenas e os transportes acessíveis. E, deste lado do Atlântico, os povos que se formaram de ingleses, franceses, portugueses, espanhóis, italianos e alemães não cessavam de olhar, com profundo desvanecimento, as "pátrias de sua formação". Certos países, no mais puro esplendor da espiritualidade, incarnavam a tradição cultural clássica, e a redistribuíam, em formas atualizadas, ao seu mundo ocidental. Exemplo expressivo de um povo desses é a França. O nosso mundo — o mundo euro-americano — deve à França a cristalização do pensamento e da arte. O Atlântico não foi, em verdade, um mar misterioso e amplo que separasse os homens, mas, ao contrário, um lago manso, uma estrada larga e generosa por onde trafegavam as caravelas, os barcos e os vapores com uma facilidade só superada, nos dias de hoje, pelo domínio franco do ar. E assim, do mesmo modo que se fixou uma arte e se desenvolveu uma civilização mais ou menos comum à Europa e à América, constituiu-se também uma política internacional. Essa se baseava no predomínio da Europa sobre o mundo, com uma condescendência única: o respeito à América, sua filha espiritual. O imperialismo europeu se justificava na superioridade da raça e na estúpida afirmação de uma só cultura, digna desse nome, para a humanidade. Se na América, o imperialismo não tinha seus olhos voltados para fora, era, entretanto, perfeitamente tolerado e encontrava modalidade de vicar dentro do território.

Num ponto, porém, o continente de Colombo se afirmaria próprio e característico: no anseio de liberdade e no

progressivo encontro dessa liberdade. Onde não havia tradições, onde não havia privilégios, onde não havia estratificações sociais, a igualdade teria que imperar, e a maneira de fortalecer e garantir esses sentimentos — igualdade e liberdade — só poderia ser o caminho construtivo da educação. Por isso, o norteamericano erigiu a educação como seu problema fundamental, e fez das universidades, as catedrais do novo mundo. Menos filosofia e mais agudo sentimento da vida levaram esse povo, anante da liberdade e da igualdade, a prezar a espécie humana, a procurar aperfeiçoá-la, a proporcionar-lhe bem estar, e assegurar-lhe melhor saúde, a certá-la, enfim, de uma nova técnica de vida que outra coisa não era senão a noção do conforto, material e espiritual, aquele através dos objetos e processos, este através da livre manifestação do pensamento. A luta dos primeiros tempos lhes aguçou de um lado, a compreensão realista das coisas; de outro, um potencial idealista surpreendente. Só os homens dotados de 'ideia' constroem os grandes povos. Um novo humanismo nasceu na terra americana, e a técnica — revista, aperfeiçoada e poderosa — passou a ser a força decisiva desse novo mundo. Ela retribuiu à Europa o benefício que dali lhe veio, a base de seus processos, a ciência do tempo, o conhecimento da época: as descobertas e as renovações técnicas ganharam terreno no ocidente europeu. Mas, na Europa apenas? Não. No mundo.

Naquele povo que se construiu a si mesmo lampejavam continuamente centelhas de amor a seus semelhantes, de interesse por todos. Parece que as lutas rudes dos primeiros tempos o tornaram altruístico. Tinha os olhos além das fronteiras da pátria, mais para servir do que para dominar. Não basta cuidar da saúde e da educação de sua população. As intenções são mais largas. Missões sanitárias e educativas se espalharam no mesmo continente e em outras partes. Sobre tudo na Ásia. Lá estão os colégios americanos ou de americanos. Por todos os quadrantes, os engenheiros e a maquinária lanque já montaram algum serviço de relevo. De toda parte, inclusive da Ásia, encaminharam-se espíritos brilhantes para as universidades americanas. Estas tiveram sempre suas portas abertas a qualquer nação. E aos olhos do mundo, a América era liberdade, igualdade e técnica. Os homens informados da Ásia, seus estadistas, seus professores, seus líderes passaram a ver na América uma das esperanças mais fortes da independência e do reerguimento de suas nações. De outro lado, a técnica permitiu uma vertiginosa mudança de costumes. Aproximou os povos nas viagens e nas informações, e mostrou-lhes o que se pode tirar da terra e o que se passará a ter, após a industrialização em grande escala dos recursos naturais. Se a técnica pode existir em qualquer lugar, a riqueza se assenta nas possibilidades do solo e na energia dos homens. Uma nova consciência se despertou nos po-

(Continua à página 25)

OFEREÇA UM LIVRO

da

AMERIC = EDIT.

3 apresentações em
FRANCÊS

Edição Comum (C) Edição de
Luxe (L)

Edição de Luxo Encadernada (E)

LA SAMARITAINE

por EDMOND ROSTAND, da
Ac. Francesa.

C. Cr\$ 20,00 — L. Cr\$ 65,00 —
E. Cr\$ 130,00.

MON FRÈRE YVES,

romance, por P. LOTI da
Ac. Fr.

C. Cr\$ 22,00 — L. Cr\$ 30,00 —
E. Cr\$ 130,00

LA VIE AMOUREUSE
DE R. WAGNER

por L. BARTHOU da Ac. Fr.

C. Cr\$ 20,00 — L. Cr\$ 75,00 —
E. Cr\$ 130,00

LES PLUS BELLES PAGES
DE ST. THOMAS
D'AQUIN

por A. D. SERTILLANGES O.
P. do Inst. de França e B.
BOULANGER O. P. Prof. de
Teologia no Colégio Biekholt.

C. Cr\$ 20,00 — L. Cr\$ 70,00 —
E. Cr\$ 130,00

CYRANO DE BERGERAC

por EDMOND ROSTAND da
Ac. Fr.

C. Cr\$ 22,00 — L. Cr\$ 75,00 —
E. Cr\$ 160,00

L'ANCIEN RÉGIME

por FRANTZ FUNCK BRENTANO
do Inst. de França (2
vols.).

C. Cr\$ 45,00 — L. Cr\$ 140,00 —
E. Cr\$ 300,00

LA SYMPHONIE PASTORALE,

romance, por ANDRÉ GIDE.

C. Cr\$ 20,00 — L. Cr\$ 75,00 —
E. Cr\$ 165,00

THÉRÈSE RAQUIN,

romance por EMILE ZOLA.

C. Cr\$ 22,00 — L. Cr\$ 70,00 —
E. Cr\$ 150,00

AMERIC = EDIT.

RIO DE JANEIRO

Caixa 429 - Tel. 22-9966

Envio contra reembolso

UM PRESENTE DE NATAL UTIL E AGRADAVEL



OS MAIORES LIVROS DE 1943!

O PODER SOVIETICO, pelo Deão de Canterbury — "Foi o primeiro livro honesto e imparcial que li sobre a Rússia". "Li este livro comovidamente" — afirmou Monteiro Lobato.
Nas Livras., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, 26,00

MISSAO EM MOSCOU, por Joseph E. Davies — "É um honesto e corajoso livro, o qual lança muitas luzes em ocorrências da diplomacia, que eram até então obscuras e por isso mesmo misteriosas. Ademais, revela-nos uma Rússia inteiramente diversa da que imaginávamos". PIERRE VAN PAASSEN.
Nas Livras., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

A RESISTENCIA RUSSA, por Maurice Hindus — "Devido à história russa, à geografia russa, à natureza do povo russo — as duas forças mais importantes desta luta — Hitler não pode vencer a Rússia" — afirmou o próprio Hindus.
Nas Livras., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RUSSIA, pelo Deão de Canterbury — "Este segundo livro do Deão de Canterbury parece-me ainda mais convincente, pela documentação, do que 'O Poder Soviético'". MAURICIO DE MEDEIROS.
Nas Livras., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

A RUSSIA NA PAZ E NA GUERRA, por Anna Louise Strong — "Além de fazer muita luz sobre esses fatos que o mundo já discutiu, rejeitou, tornou a discutir para acabar compreendendo-os, a sra. Anna Louise Strong dá-nos um retrato fiel da alma russa, moldada segundo a filosofia de Lenine e tornada empreendedora sob a organização criada pelo gênio político de Stalin". CAIO DE FREITAS.
Nas Livras., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

STALIN, por Emil Ludwig — Toda a tragédia do povo russo retratada através das múltiplas facetas desse frio georgiano, desde o regime do comunismo de guerra dos primeiros tempos, até às vitórias espetaculares dos dias correntes.
Nas Livras., Cr\$ 25,00 Pelo Reembolso, Cr\$ 26,00

Editorial Calvinho Limitada

Caixa Postal, 1889

Rio de Janeiro

A Presença de um Romancista

Entrevista de MELO LIMA com JUAN MARIN

JUAN Marin esteve aqui no Rio, não muito tempo, mas o suficiente para que lhe arranjássemos, no apartamento de um amigo comum, pequena reunião de escritores que estavam ao alcance imediato de nosso telefone. Um encontro ligeiro, coisa de hora e pouco, mas o grande romancista chileno teve o prazer de conhecer pessoas como Graciliano Ramos, Carlos Lacerda, Rubem Braga, Vinícius de Moraes, Joracy Camargo, Valdemar Cavalcanti, e outros aqui da casa. Poucos os que conheciam a obra de Juan Marin. O demais sabiam de oitiva que era ele autor de um romance famoso e que vinha da China, onde passara cinco anos como ministro do Chile, em Chungking, e Consul Geral em Shanghai. Em compensação, o autor de "Paralelo 53 Sul" desconhecia a obra dos demais. Estávamos quites, portanto.

Mas isso não vem ao caso, e é bem possível que essa indiscreção venha ferir a suscetibilidade de alguém...

O certo é que Juan Marin ficou satisfeitiíssimo com a reunião. Apenas deplorou a ausência de José Lins do Rego, a de Jorge Amado, a de Rachel de Queiroz, a de Amando Fontes, a de José Américo de Almeida e a de outros excelentes romancistas da terra.

— Confesso que dos escritores brasileiros apenas conheço livros de Jorge Amado. E' um extraordinário romancista. E muito moço, não é?

— Sim, muito moço. Acaba de publicar um outro romance, "Terras do sem fim", tão grande como "Ranquil" do seu patrício Lomboy.

— Lomboy?

— Eduardo Lomboy, um grande romancista da sua terra, e parece-me que estreitou com esse romance. Recebemos um exemplar faz uma semana.

— Vou guardar o nome dele. Quando chegar no Chile vou conhecê-lo, naturalmente. Esses cinco anos na China deixaram-me isolado até mesmo do meu país. Mas, você sabe que fiquei muito admirado com a quantidade de escritores brasileiros que aparecem diariamente nas páginas dos jornais?

— Não tinha reparado.

— Pois fiquei muito admirado. Nunca pensei que houvesse tanta gente a escrever no Brasil. E o que você me acaba de dizer do romance brasileiro me assombrou...

— Devo ter exagerado.

— Estou convencido de que é a ficção de maior importância no continente. Gostaria de conhecer Rachel de Queiroz. E como são muitos os grandes romancistas nestes países! O "Ciclo da Cana de Açúcar", de Lins do Rego, parece-me único na América do Sul e muito significativo.

— Um ciclo absolutamente completo, uma análise de todo o drama econômico e social de um região inteira e com inesquecíveis personagens. José Lins acaba de publicar um novo romance. E' a melhor coisa que escreveu até hoje: "Fogo Morto".

— Superior ao ciclo?

— Superior a qualquer romance que escreveu até hoje. Em conjunto, o ciclo continua insuperável — o monumento de sempre.

— Assim?

— Sem exagero.

— Por que ele não veio conversar conosco?

— Não pôde, tinha um compromisso, mas enviou-lhe um abraço.

Juan Marin ergueu-se, pôs as mãos nos bolsos:

— Também pretendo fazer um ciclo composto de três romances...

— Gostaria de saber o título dos livros.

— O primeiro, "Paralelo 53 Sul"; o segundo, "Viento Negro" e o terceiro, "Desierto Fecundo". O Paralelo já está feito, como você sabe. "Es una novela de la realidad ma-



Juan Marin

gallánica, con sus gentes, sus islas, sus cielos, sus montañas". "Viento Negro" é o romance das minas de carvão do Chile.

— Já está escrito?

— Escrevi-o na China. E "Desierto Fecundo" será o romance do salitre nas províncias do Norte.

— Mas o "Paralelo 53 Sur" continua na dianteira...

— Para os outros. Os críticos acham que é o meu melhor romance, mas prefiro o "Viento Negro".

— A crítica decidirá...

— Mas não modificarei a minha opinião. Prefiro o "Viento Negro".

Juan Marin escreveu três livros na China — "Tryptico Asiático", "Ensalos Orientais" e "Viento Negro"

sem contar com os inúmeros ensaios, artigos, crônicas e traduções de poetas clássicos como Li-Po e outros. E ofereceu dois artigos inéditos para LEITURA.

— Não são artigos, apenas notícias de poetas e escritores chineses.

Ele viu muita desgraça, passou por muitas experiências (era ministro na China livre e consul na ocupada), mas é um homem que não se queixa e parece não apreciar as inevitáveis perguntas "sobre o que viu na China". Mas explicou que Pa-Kim e Mato-Tuan eram atualmente os maiores escritores chineses, autores de romances de vários volumes. E acrescentou que a influência russa, tanto política como literária, era notória em tudo o que se fazia na China de hoje, cujo povo se encontra tão conciente como não se pode imaginar.

Juan Marin não disse muito — perguntou muito. Queria saber quem era, como era e como vivia Graciliano Ramos, por exemplo. E não lhe surpreendeu a notícia de que o romancista de "Angústia" fosse um introspectivo.

— Vi logo.

Juan Marin escreveu desde muito cedo. Em 1929 publicou "Looping", "volumen a modo de affiche cubista en el que recoge las corrientes de las literaturas europeas de vanguardia, el maquinismo, el jazz, la aviación e la temática negróide".

Seus primeiros romances tendem ao folhetim, com personagens bons e maus, maus e bons. "Margarita, el Aviador y el Médico", novela; "Clínicas e Maestros en Inglaterra y Francia", crônicas de viagem; em 1933, o volume de ensaios "Poliedro Médico", iniciação notável de questões profissionais e temas estéticos entre os quais sobressaem "El arte y los mitos médicos indo-americanos" e "De la patología en el arte". Em 1934, "Acuarium", poemas dinâmicos, de ritmo sincopado.

"Con La muerte de Juan Aranda afirmam-se as condições do narrador. "Es una novela fluente, en la que el personaje, acaso, ha sido modelado por el terrible treponema", escreveu Gilberto Gonzalez y Contreras.

Depois, as pequenas novelas: "Alas sobre el mar", "Un avión volaba", "El secreto del Dr. Baloux"; livros de ensaios: "Hacia la nueva moral", "El problema Sexual y sus nuevas fortugilas sociales", "Ensayos freudianos", e, finalmente, o "Paralelo 53 Sur" — "suma de las tierras magallánicas, a las que opera en carne viva".

NOMBRAMIENTOS DE REYS POR TECHOTLATZIN, QUINTO EMPERADOR DE LOS CHICHIMEGAS — "Como ya las gentes eran tantas, y las señores de ellas muchos, habia ya gran confusión entre estos reinos, que se nombraban de las Cuatro Naciones, conviene a saber: Aculhuas, Matzotecas, que son lon Chichimecas, Tepanecas y Culhuas. Y como en todas las cosas confusas no puede haber orden, ni concierto así pasaba entre estos indios; por lo cual el Emperador Techotlatzin que era hombre prudente, ordenó veintiseis cabezas de reinos, provincias principales, para que siendo Reyes y Señores, le ayudasen, así en el Gobierno particular que cada uno tenía en el suyo, como también para que defendiesen, juntamente con él, todo el Imperio; para lo cual confirmó a los que ya eran reyes en el señorio de sus reinos, y a los que no lo eran, nombrándoles de nuevo. De manera que llegaron todos estos a cumplir el número de veintiseis, como dejamos dicho, y todos le reconocían con feudo, y vasallaje". Fray Juan de TORQUEMADA: "Monarquía indiana"; Tercera edición (fascimular); México, Editorial Salvador Chávez Hayhoe, 1943; Tomo 1, p. 88).

Maiacovski

ANIBAL BONAVIDES

Copyright de LEITURA

O POETA nasceu na Georgia. Sim, Maiacovsky, gênio da arte soviética, veio das regiões que ficam além das montanhas caucásicas. Quando viu o mundo logo os sentidos despertaram para as belezas ambientes. Maiacovsky trazia, no cerne de sua alma, a marca de uma personalidade poderosa. Chegou ao mundo poeta. E como poeta cresceu, primeiro cantando, em versos simples, a poesia da natureza;



Maiacovski

e depois, em poemas sonoros e palpitantes, a agonia da sua época e as ansias do seu povo. No princípio Maiacovsky lutou para vencer a linha do horizonte. Passou como um raio através das planícies georgianas e atingiu, um dia, a nova linha que marcava o seu amadurecimento. Attingiu a revolução. E projetou então, na luz e na força dos poemas que compôs, as lutas sociais do Cáucaso. O poeta enfrentou, naqueles dias pesados, todo o peso da reação czarista. Mas venceu a onda de reação que pretendia oprimir o pensamento eslavo. Venceu na qualidade de lutador, nas ruas, nas barricadas. Nenhum editor aceitava os seus versos para imprimi-los em livros. Maiacovsky não deixou, por isto, de produzir e divulgar. Nos comícios, no meio do povo, ele esteve sempre recitando aquilo que a sua inspiração ditava.

Um dia os guardas do Tzar lançaram-lhe a mão em cima. Maiacovsky, foi arrastado para uma masmorra imunda de uma cidade russa. Na prisão pôde refletir mais e formar a sua mentalidade revolucionária. Havia viajado muito através das estepes, sofrendo e pelejando. No cubículo escuro que lhe deram por habitação, Maiacovsky rememorou um passado e pensou em um futuro. E quando saiu das grades era mais poeta do que nunca. Pregou em versos contra a guerra. O

seu poema "Guerra e Paz", dirigido contra os fazendeiros de guerra, contra os gozadores das classes altas, que se compraziam na luxúria dos cabarets das cidades, enquanto os miseráveis iam para as trincheiras do "front" esse poema constituiu uma advertência profunda. Maiacovsky atacava, na expressividade dos seus poemas, o sentido desumano da guerra imperialista de 1914-1918.

O poeta agia diretamente. Não ficou indiferente à tempestade. Envolveu-se na convulsão, levando para a luta a arma candente dos versos maravilhosos de sua larva. Assumiu um posto na liderança do movimento futurista na poesia soviética. A escritora Lila Guerrero, autora de uma obra sobre Maiacovsky, define com exatidão o lugar desse futurismo russo, o seu caráter social e o sentido revolucionário que encerrava, distinguindo-se, portanto, do movimento futurista italiano, este voltado para a reação. A escola moderna da Rússia nada tinha de comum com a escola reacionária de Marinetti. Em Maiacovsky, assim como em Burlin, em Vajillo Kamensky o que há é energia. Nos seus versos está o povo apontando as misérias e as injustiças giradas pelo tzarismo político.

Quando jovem ainda Maiacovsky parecia uma cachoeira de lirismo. As montanhas, os campos, a natureza inteira inspiravam-lhe a imaginação fecunda e ansiosa. Mas o poeta saiu desse plano. Viu, em derredor de si, homens que passavam fome, viu mulheres apodrecidas e sentiu ódio no coração. Numa sublime decisão resolveu empregar a inteligência a serviço da causa dos humildes, dos famintos e das mulheres desgraçadas. Tornou-se, por esta razão, um profeta intelectual do seu tempo, cantando a madrugada do futuro, vivendo violentamente o presente e condenando, terrivelmente a sujeira social do passado. Abandonou o romantismo e o naturalismo, integrando-se na poesia consequente, de fundo evidentemente político, mas de grau de força espiritual, cujo condão superior consistia em exaltar o povo e chama-lo para a realidade. A esse tempo Maiacovsky dizia, dirigindo-se aos escritores russos:

— "É hora de trocar vossa atitude meramente estética por uma atitude social e política. É hora de transformar essa literatura de exercícios geométricos numa arma de nossas pequenas e enormes tarefas".

E logo depois:

— "Nós afirmamos que a literatura não é um espelho que reflete a luta histórica, porém uma arma dessa luta".

Em trechos como estes descobre o critério de sua poesia. Em virtude de tal concepção Maiacovsky mereceu aquele elogio do sr. Joseph Stalin, segundo o qual — "Maiacovsky foi e continua sendo o melhor e mais talentoso poeta da era soviética". (Ceará).

ANTOLOGIA DE MAIACOVSKI — Sua vida y su obra — Lila Guerrero — Editorial Claridad — Buenos Aires, 1943. Ioso poeta da era soviética".



ACABA DE SAIR

NAMORADOS

por VIRGINIA VITORINO

edição brasileira revista e
prefaciada por Olegário
Mariano 10,00

Edições portuguesas, che-
gadas recentemente

COULANGES

Cidade Antiga 2 vols. . . 22,00

ANTONIO BOTO

Canções 28,00
A verdade e nada mais . . 12,00
Contos 30,00

RAMALHO ORTIGÃO

Farpas (vol. I, II, III,
IV, V) cada 16,00
Figuras Literárias 18,00
Arte em Portugal 16,00

BRASILIA

(Revista da Academia) . 120,00

R. SALINAS CALADO

Memórias de um estudan-
te de Direito 18,00

OLIVEIRA SALAZAR

Discursos 2 vols. cada . . 25,00
Reorganização Financeira 40,00

LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

As mulheres na obra de
Eça de Queiroz 5,00

OBRAS DE FIALHO DE ALMEIDA

Cada volume 12,00

HALL CAINE

Profeta Branco 18,00
Mulher que Deus me deu
2 volumes 22,00
Filho Pródigo 18,00

Livraria H. Antunes

(1909-1944)®

Rua Buenos Aires, 133

Rio

Importação de todas as
edições portuguesas

ENVIAMOS CATALOGOS

Auto * Retrato

Flavio de Campos Visto por Flavio de Campos



Flavio de Campos

EMBORA tenha nascido em cidade capital, creio que sou, antes de tudo, um homem rural. Rural, suporto bem a solidão, detesto as relações diplomáticas com meu semelhante, sou leal e firme para o punhadinho de amigos que possuo, e tenho um grave, gravíssimo defeito que me tem feito evaporar quase todas as amizades: sou franco demais, cara a cara, quando me pedem a opinião (e às vezes, também, sem me pedirem...), de sorte que sou o tipo do que socialmente se chama de inconveniente. Além disso, desconfiado, ríspido no trato, orgulhoso e tímido ao mesmo tempo. Esse raio de incapacidade de dar opiniões não-sinceras esparrama-se por todos os campos do social de um modo tão forte e tão indomável, que fez de mim — reconheço — um exemplo do que os sociólogos denominam marginal. Marginal em política, marginal em estudos (nos post-acadêmicos, bem entendido), marginal a ponto de nunca haver ocupado na sociedade, no sentido tólo de "high life", o lugar que me estava aberto por nascimento.

Como é fácil deduzir, a família de intelectuais que mais me repugna é a dos pagens do poder. O intelectual prosternado, por medo, conveniência ou vocação de sabujice, diante do poder político, do poder do dinheiro, do poder das grandes forças organizadas como o clero, etc. Claro que acredito que um ou outro, raríssimo, seja realmente sincero quando põe sua força criadora a serviço de uma dessas forças. Não vou exigir do artista o superhumano sacrifício de, rico, pugnar pelo estabelecimento de um regime em que seus privilégios desapareçam; de, político, combater uma situação de que acaso venha a ser um dos líderes, mesmo porque, neste caso, o artista ou o político não é sincero e então não passa do lacão que já disse desprezível; ou religioso, convictamente religioso, também se separa proibindo o artista que há nele de se fazer, por sua arte, apóstolo de sua fé. Mas, estes casos

são raros que, de um modo geral, o que me agrada mesmo é o intelectual em pé, como crítico.

Com respeito à arte, e em especial a literatura, eu já escrevi, há tempos, que a considero maior do que a julgam hoje em dia. Em todo caso, repito: a literatura existe por si, a literatura é. — quero dizer, a literatura não é criadinha de recados da ciência, da política nem de coisa nenhuma. Entretanto, no caso brasileiro, e no momento que o mundo atravessa, se bem que eu não a veja obrigada a ser veículo de propaganda, não a compreendo enclausurada em sua torre, aérea e sonâmbula, como se os alicerces da vida coletiva não estivessem sendo abalados. Vou além: toda literatura, queira ou não queira seu criador, uma vez que seja um artista quem a produz, reflete não somente o temperamento do autor: índole, convicções, educação recebida, condições ambientais e econômicas em que foi criado, etc. Como também, e principalmente, o tempo e o meio em que vive. Pois, no caso brasileiro — é isto que quero acentuar — embora a literatura reflita até involuntariamente tempo e meio, no nosso caso acho que ela se deve fazer quanto possível voluntariamente localista e peculiar, como fizeram, por exemplo, Zé Lins, quando estava dentro do ciclo, e Jorge Amado, ainda agora como o "Terras do Sem Fim". Bem sei que me estou contradizendo com a exigência deste elemento-propaganda dentro da arte. Mas a questão é que estamos nascendo agora, e um artista conciente deve se sacrificar para conseguir esta coisa importantíssima: mostrar ao mundo que existe de fato um país chamado Brasil, que há tais e tais peculiaridades e diferenças regionais dentro dele, que seus anseios e aspirações são estes e aqueles.

Que mais agora? Creio que estou a falar de literatura e não a meu respeito, contradizendo o tal auto-retrato do título. Pois bem: minha cara é mais ou menos essa, assim triste quando estou só e penso (e só penso na solidão que tanto me apraz) não gosto de elogios principalmente a queima-roupa, tanto que uma das críticas que meu "Planalto" recebeu, e que mais me agradaram por este pormenor, foi a de Nelson Werneck Sodré, que denunciou em mim, como romancista, a mancha ou marca que o jornalismo, longamente exercido, me imprimiu. Mas, nem só defeitos, o jornalismo me deu. Deu-me, por exemplo, um orgulho, que muito estimo, bem diferente do aparente orgulho de alguns escritores, que se vangloriam de não ganhar com o que escrevem — observe-se o mecanismo: não ganham porque não vendem o que escrevem, não vendem porque são incompreendidos, são incompreendidos porque são superiores, como artistas, ao que o vulgo aprecia — isso para falar a verdade não é bem orgulho, mas ressentimento, e o ressentimento, todos sabem, implica o menosprezo do que não se consegue: no caso serem lidos e mais ou menos compreendidos. Aliás, a intuição popular já não percebeu há séculos que quem desdenha quer comprar? E eu a gastar o meu latim... Meu orgulho é saber-me lido, quando entrego um livro à venda. Não me importa averiguar que camada social comprou o que tornei produto comercial-editorial — importa-me, isso sim, saber-me lido, debatido, discutido. E' por isso que me pretendo daqui por diante — sem que isto signifique um programa de trabalho, pois não assumo compromissos — entregar-me unicamente a minha realização como romancista. Quem sabe se, insistindo, eu viro romancista de verdade e desminto a afirmativa de que S. Paulo que dá café, alcoão, dá cana de açúcar, bicho de seda, indústria, comércio, novos ricos e novos cultos, bancos, bancos — muitos bancos, amigos! — também dá romancista?

Aguardem no próximo número DI-
CIONÁRIO GRATIS que LEITURA
lhes oferece.

As Duas Espanhas

R. ARGENTIERE

Copyright de LEITURA



Toda a tragédia da Península se resume nessa dissociação. Na política, herdeira das duas Espanhas, "direita" e "esquerda" não se limitam ao conceito de Estado. Ambas se dividem de tal forma que entre elas não há meio termo. Tudo é extremo, da esquerda ou da direita. A tese de Fidelino de Figueiredo, a qual se juntam as de Salvador de Mandariaga e de Menéndez y Pelayo é consequência imprevisível e sua atração como tese sempre atraiu a atenção dos estudiosos. Fidelino de Figueiredo, por exemplo, acusa os autores estrangeiros, como Victor Hugo, Merimée e outros de explorarem apenas o colorido e o cenário espanhol sem conhecerem o fundo verdadeiramente característico da Península e de seu povo. Mas a sua tese de Duas Espanhas já está contida nas páginas de Paul de Saint Victor. Apolado na lenda e na Ópera de Mozart, Otto Rank no "Die Don-Juan-Gestalt" mostra como em Don Juan há uma dupla personalidade. Trata-se, como esclarece o illustre psicanalista, do conflito entre o Eu individual que não admite freios e o Eu social representado pelo pai (censor). Baseando-se ainda nos famosos estudos de Hekel sobre a figura do herói, Ranke mostra que Leporello, o criado, é sobretudo um amigo confidente, que toma as vezes o lugar de Don Juan e saboreia os despojos de amor de seu amo. Essa personagem não constitui uma entidade mas nos faz sentir que entre ele e D. Juan há uma certa interdependência psicológica, como esse "herói-negativo" está encadeado a esse sedutor temerário...

Mas, temos ainda aqui uma outra prova psicológica. Gregório Marañón e depois Stekel notaram que o tipo donjuanesco, longe de ser o extremo da sexualidade, é, pelo contrário, um tipo ambíguo — meia-a-meio, duas faces. Já Marañón, não se fazia isso com finalidade educativa ou queria apenas assustar seus patrícios, afirmava com toda sua autoridade, que o donjuanismo, o caráter inestável eram uma consequência da sua sexualidade ambígua de duas faces. Ele apontava Otelo como o homem perfeito, sem traços de feminilidade. Demonstrava que no caráter do espanhol, pelo contrário, haviam traços femininos: o gosto pelo corte-

jamento de mulheres nas ruas, suas discussões espalhafatosas, o exibicionismo dos trajes. Ele diz que o homem cuja especificação sexual alcançou o máximo é aquele austero, cujas demonstrações são recatadas, — porque os machos cem por cento como acontece mesmo entre alguns animais não espalham sua fama de conquistadores: são agéis e terríveis, porém, caçados. Marañón compara Don Juan às prostitutas que agem por um instinto aparatoso, mas pouco profundo.

Do ponto de vista da psicologia social e da psiquiatria muito se pode ainda dizer entre o conflito das duas Espanhas. Ele se parece com o conflito entre o consciente e o inconsciente. A Espanha Filípizante é o inconsciente; a Espanha do Quixote é o consciente. Quando a Espanha Filípizante consegue submergir a Espanha do Quixote, o fenômeno é o mesmo que se passa em psiquiatria: é o que Breuler denomina "a perda do contacto vital com a realidade", isto é, sobrevém a psicose. É a desesperadora tentativa de mergulhar num passado obscuro, junto a uma espécie de narcisismo nacional. Começar por cantar suas glórias passadas, tanta repetir os feitos heróicos dos Cid, tomar antigos impérios, reviver uma época sepultada estender-se pela o mundo... Substitue completamente a realidade por um símbolo por um mito. Vive integralmente o mundo de seus impulsos, e o "inconsciente torna-se consciente", como diz Nacht.

Sarada dessa psicose, estabelecido o equilíbrio orgânico a outra face que até há pouco estivera ali mergulhada nas sombras do inconsciente, transparece e olha para o futuro... com os olhos do Quixote.

Mas, o livro de Fidelino de Figueiredo nos ajuda a compreender em toda a sua plenitude a tragédia espanhola. E dele podemos concluir que apesar dessas Duas Espanhas, serem diferentes, constituiriam uma antítese completa, talvez algum surgir daí a síntese que acabará por dar a Espanha do Quixote a sua unidade dentro da Liberdade.

ESPAÑHA, de Fidelino de Figueiredo — Biblioteca do Espírito Moderno — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1943.

A REVOLUÇÃO franquista foi uma grande surpresa para o mundo que desconhecia a Espanha. Surpresa que deixou muita gente atônita porque se julgava que com a República um movimento dessa natureza seria impossível. Pelo contrário, a revolução franquista era um processo agudo de uma tendência que voltava a amadurecer. Era uma "volta ao ciclo" se nesse caso é possível aplicar-se a frase de Vico. A Espanha de Franco fazia retornar à vida o tremendo com suas raízes submergidas no pavimento. E creio que em língua portuguesa jamais apareceram ensaios do complexo de Felipe II. Por esse motivo, nunca mais do que hoje o problema da Espanha se tornou uma necessidade premente de esclarecimento feliz sobre a Península, como o recente livro de Fidelino de Figueiredo "Espanha", publicado pela Companhia Editora Nacional.

De fato, problema espanhol é de duplicidade, de dissociação. A Espanha é um Prometeu de duas caras, uma olhando o passado turvo, "filípizante" da unidade e da Inquisição, outra, encarando o futuro, rompendo com o passado, na ansia de reconstruir e descentralizar. "Os dois espanhóis mais vivos e, portanto, mais presentes na consciência espanhola são Felipe II que, pretendendo unificá-la, a dividiu para sempre, e o Quixote, que, visando a ridicularizar o seu gosto, a engrandeceu e lhe personificou as excelências do espírito ante o mundo. O Quixote representa permanente dissociação mental do caráter espanhol, que alterna entre o predomínio rasteiro dos sentidos e a superação alada da inteligência, de olhos vendados para a realidade, a excitação entre a ação impulsiva e o torpor mais prudente, entre a vulgaridade mais apegada à terra e as sublimidades dos santos, dos místicos e dos heróis. O Quixote é simultaneamente um mito humano e um símbolo nacional, porque, representando a excelsa loucura do idealismo, que a derrota não vence, nem cansa, a grande força propulsora do sonho, permaneceu espanholíssimo pelo seu extremismo e pelo contraste com o escudeiro, o outro polo da trivialidade calculadora, de olhos sempre abertos, mas, tantas vezes, assim mesmo cegos para as grandes perspectivas e para os grandes horizontes."

E Felipe II, de fato, ao tentar unificar a Espanha dividiu-a para sempre. Sua obra, por isso mesmo, foi imensa para o seu tempo porque ainda hoje ela rasteja viva e pronta a qualquer momento a regressar a luz.

Nova Música nos Estados Unidos

(Continuação da página 18)

SCHUMAN é um dos talentos mais promissores dos Estados Unidos. A sua Segunda Sinfonia é uma composição que causou excitação desenfreada e clamorosas aplausos no meio musical do Estados Unidos. Outras obras como "Pioneers" para coro misto e capela, a "Abertura Americana Festiva" e o "Quarteto N.º 3" para cordas mostram um dom excepcional de valor criador da maior potencialidade, grandiosa de concepção, profundidade de expressão e — o que me parece mais indispensável no artista criador — caráter.

Uma legião de jovens músicos norte-americanos garante a conservação da tradição musical e o desenvolvimento da música universal, nestes tempos de confusão intelectual. Como também os artistas atuam como seres humanos, a arte não pode ser excluída — em certos períodos mais do que em outros — da história social e cultural do homem. O momento atual, que decidirá o destino da humanidade, formará também a expressão artística da nossa geração. Nova Música será a linguagem sonora de uma nova época e a confissão a um novo mundo!

Qual o Impressionista?

— FOI UMA SENHORA - responde RUBEM BRAGA

FOI uma senhora — e não lhe digo o nome, senhor redator, porque na verdade não sei. Foi uma bela senhora — mas para que contar essas coisas? Seria melhor que eu falasse de outras pessoas. Sim, houve outras pessoas que me impressionaram muito: cinco ou seis ou mais, sete ou oito, deixe-me ver. Nove — lembro-me neste momento de nove, conto-as nos dedos. Sou muito impressionável. Agora, neste começo de velhice, parece que... Mas basta! Por que maldita inclinação hei-de eu estar sempre a explicar meu temperamento? Quando me convencerel de que a ninguém interessam meus desmanchos internos? Grandes e feios desmanchos, na verdade — mas vou lhe falar a respeito daquela mulher.

Abençoada eternamente seja aquela. Conheci-a dez minutos depois de minha morte. O médico e as duas enfermeiras me levaram até o elevador, mas desci sozinho. Fiz questão. Repugnava-me aquele médico, repugnavam-me as enfermeiras, três corvos brancos que tinham presidido à minha morte. Brancos, frios, vorazes, vorazes de minha carne, de minha dor física, vorazes, precisos, profissionais. Eu não sentia mais nenhuma dor aguda, mas ainda estava completamente embrulhado naquele sentimento da morte, a morte anunciada, ou, pior ainda, insinuada, sussurrada — e, durante 10 ou 20 minutos intensamente vivida. Corvos!

Eu pensara com raiva, com uma desesperada raiva, que ia deixar a vida. Tudo o que eu podia enxergar às vezes, e vagamente, era a cara do médico — uma cara de óculos, uma cara fria, a cara de um inimigo. Parecia exatamente um inimigo meu: a boca, o nariz, os óculos, tudo era igual à cara do meu inimigo. E ele mesmo era meu inimigo, pois me torturava ali com as mãos implacáveis e tinha aqueles olhos frios. Na minha impotência sonhei com me erguer, matá-lo, depois sair à rua, tomar um automóvel, matar o outro inimigo, matar torturando o patife. Desfilaram diante de mim outras caras de inimigos, caras antipáticas, frias, cruéis, mesquinhas, todas satisfeitas porque eles iam continuar vivos e eu ia morrer — eu ia morrer naquele momento, estava morrendo. Assassinei-os a todos em imaginação, assassinei-os e insultei-os mentalmente com pesados palavrões. Depois meu pensamento voltou para mim mesmo, e tive pena de morrer, tive uma extraordinária pena de mim, e me dirigi palavras de amizade. Pobre Rubem, lá se vai ele! E ouvi vozes amigas de homens e mulheres, revii rostos amigos — e pensei em vós, alma querida, alma querida a que jamais servi bem. Pensei em vós, e pensei com doçura e uma espécie de remorso, e senti que a vida tinha valido a pena, por que vos estimel e tive a vossa estima; pensei em vós, e vos beijei os olhos...

Uma dor aguda, insuportável, me feriu; depois, através das lágrimas que formavam poças nos meus olhos, vi outra vez aquela cara fria, de óculos frios...

Estivera desmaiado tão pouco tempo, mas no elevador me parecia que eu tinha regressado de uma longa morte. O cabineiro me olhou com susto, queria ir buscar um taxi. Eu não quis. Consegui chegar sozinho até a rua, e me encostei a uma parede. Fazia sol, ventava, era uma bela manhã de uma beleza assanhada e feliz. Mas meus olhos ainda viam a morte, a amargura da morte ainda embrulhava meu coração — embrulhava como um sujo papel de embrulho embrulha alguma coisa. Sentia-me fraco e vazio; talvez fosse melhor ter morrido, não ter voltado. Foi então que passou aquela mulher.

Seus finos cabelos negros brilhavam ao sol e sua pele era muito branca. Por um instante deteve em mim os grandes olhos verdes ou azuis, talvez porque lesse em meus olhos o que

eu acabara de passar. Aquelas olhos! Não diziam que estavam com pena, apenas me davam coragem; era limpo, amigos; e eram tão belos, eram fascinantes; era a vida, a úmida luz da vida, a bela e ansiosa vida. Voltel-me quando ela passou. Era alta, pisava com uma graça firme, caminhava levada pela poderosa e leve energia da vida, caminhava ao sol naquela manhã de verão, naquela manhã assanhada que brilhava feliz, brilhava em seus finos cabelos negros... Desculpe, senhor redator. Escrevendo demais, minha resposta está enorme. Eu sou muito impressionável! Sim, de todos os tipos humanos e divinos nenhum como aquela senhora me impressionou tanto; e quando a vi novamente, meses depois, em um bar... Mas para que falar nessas coisas? A quoi bon? — como dizem os franceses. Assim dizem os franceses, senhor redator, os franceses, os pobres franceses... Que é que o senhor pensa da crise da França?

O POVO LABORIOSO E SINCERO — O povo, a massa laboriosa e sincera que sofre e confia no campo e na cidade, está ajustada de todo o cálculo mesquinho e de toda a ansia de predomínio pessoal. Intue claramente o fim ideal e a atitude digna. A burla de seus direitos, pela violência primeiro, pela manha depois de interesse e de fraquezas obrigadas depois, invés de enfraquecê-la, renova a sua força. Sua incapacidade aparente para recuperar seus direitos não provém da impotência, e sim de um complexo de inferioridade determinado pela vacilação dos pontífices da intransigência, que por fim encobre uma das piores formas da fraude. "Utopia do Pastado mágico" de Guillermo Korn, in *Libertad Creadora* (revista argentina).

A Descoberta do Mundo

(Continuação da página 19)

vos da Ásia. Uma Ásia, nacionalista ou não, mas firmemente desejosa de se governar. Uma Ásia, com os olhos voltados para a América, onde não pode compreender imperialismos, ou para a Rússia, onde uma nova ordem vai revelando as intenções e os efeitos de sua filosofia e de sua organização.

Correndo o mundo, porém analisando mais detidamente a Ásia Wendell Willkie registrou, em seu recente livro, várias das considerações deste comentário, inspirado diretamente em sua obra: a) a boa vontade dos países asiáticos para com os Estados Unidos; b) as esperanças que nutrem na cooperação americana em favor de seus anseios; c) a consciência nacional dessas povos e seu propósito de ter um lugar definido na comunhão universal; d) a necessidade de as grandes potências conhecerem melhor o mundo; e) o declínio do imperialismo; f) a urgência de considerar a paz em função, não de potências, mas de todas as nações.

O que se tenta, pois, pelo esforço de Willkie, pela palavra franca dele e de outros líderes mundiais — ame-

ricanos ingleses ou chineses — pelas investigações recíprocas entre os povos, pelos serviços de intercâmbio pelos estudos de cooperação crescente: o que se tenta em verdade neste momento antes da hora final da guerra e antes do alvorecer da paz, é a descoberta do mundo, o seu conhecimento exato, a compreensão de seus anseios, da vitalidade de suas raças, do direito à vida individual e política do respeito às preferências e às peculiaridades, e o reconhecimento em consequência de uma larga e generosa política de conciliação, de aproximação e de afeto. Para isso, a viagem de Willkie e seu livro "Um mundo só" têm incalculável importância. Uma viagem que lhe permitiu ver, e um livro que lhe deu oportunidade de falar, com franqueza, aos seus patrícios e aos homens de boa vontade da terra, colocando-lhes problemas dignos da mais séria reflexão.

UM MUNDO SÓ, de Wendell Willkie — Tradução de Monteiro Lobato — Volume I da Coleção "Guerra e Paz" — Companhia Editora Nacional — S. Paulo 1943.



EZEQUIEL PADILLA

CHANCELER DO MÉXICO

O HOMEM LIVRE
DA
AMÉRICA

ESTE LIVRO É UMA PROFISSÃO DE FE'
NOS DESTINOS LITERÁRIOS DO NOSSO CONTINENTE

EDIÇÃO BRASILEIRA PREFACIADA
PELO

MINISTRO OSWALDO ARANHA
EM TODAS AS LIVRARIAS

O Primeiro Romancista Brasileiro

JOSE' VIEIRA

Copyright de LEITURA

DEVE aparecer ainda este ano na edição de "O filho do pescador", de Teixeira e Souza. Foi este o primeiro romance brasileiro. Imprimiu-o, em 1843, a tipografia Paula Brito, a que tão grandes serviços devem as nossas letras. A publicação comemorativa é feita pelo Instituto Nacional do Livro, e dirige-a o sr. Aurélio Buarque de Hollanda, que sobre o romancista já escreveu excelente estudo, no número da "Revista do Brasil" dedicado ao romance, em 1941.

Não se espere estejamos perto de ler uma obra prima. Nem obras primas se encontram entre as obras de Teixeira e Souza, prosa ou verso. Mas não se ponha de lado a importância da publicação, como não se cubra de desdém o livro de ingênua concepção e tateante feitura, embora concebido com propósitos morais. Tenha-se em vista, no "Filho do pescador", o haver sido o nosso primeiro romance e o interesse histórico que representa na bibliografia brasileira.

A iniciativa do Instituto Nacional do Livro torna-se, também, oportunidade para recordarmos um autor que não tem merecido dos historiadores da nossa literatura a devida atenção. Deu-se a Manuel Antônio de Almeida um justo lugar no quadro do romance; porém, o autor das "Memórias de um sargento de Milícias" cresceu na estima literária em detrimento do seu esforçado predecessor, e não seria errado dizer que mestre. Coube, pois, a Teixeira e Souza, não a outro qualquer, começar a fazer romances no Brasil, e por isto muito lhe deve a literatura nacional. Dando o autor de "O filho do pescador" como criador do romance brasileiro, José Veríssimo impõe-lhe esta restrição: "... sem lhe ser estorvo a pouquidade do seu engenho e da sua cultura". Sylvio Romero lhe imputara a "irregularidade de uns enredos emaranhados", posto que destacando algumas páginas que considera "aproveitáveis".

Tratando-se de Teixeira e Souza e do seu caso nas nossas letras, o principal não há de ser a questão — enredo, cultura e técnica literária. Neste particular, poucos seriam os que resistissem a um exame e crítica com o rigor estabelecido pelos dois mestres para o romancista dos primeiros anos da Maioridade, quando não existia, no Brasil, o gênero a que ele se aventurou antes de qualquer outro. Temos de olhar Teixeira e Souza nesta posição; e, se tanto nos enternecemos com as "Memórias de um sargento de Milícias", porque deixar, como até aqui se tem feito, do lado de fora aquele que, como assinala José Veríssimo, criou o romance nas nossas letras? Nenhuma figura da ficção brasileira mais simpática que Almeida; mas Teixeira e Souza, tendo-o antecedido, tendo sido, mui possivelmente, o seu inspirador próximo, é um escritor maior que ele e um romancista mais notável.

São vários os romances de Teixeira e Souza; e ele evoluiu sempre. Refere José Veríssimo ter sido Teixeira e Souza chamado em Portugal, a propósito do seu poema "A Independência do Brasil", escrito em oitavas camoneanas, um Camões africano. Nem Camões, nem africano. Entretanto, no poema, como nos "Cantos líricos" e outras produções poéticas do escritor, encontram-se versos dos melhores do seu tempo, quando era con-

dência do Brasil", escrito em oitavas camoneanas, um Camões africano. Nem Camões, nem africano. Entretanto, no poema, como nos "Cantos líricos" e outras produções poéticas do escritor, encontram-se versos dos melhores do seu tempo, quando era con-



Teixeira e Souza

siderado mestre e introdutor de uma nova escola literária no Brasil o famoso Domingos Gonçalves Magalhães.

Há dúvidas sobre se foi por convencer-se de não ser um poeta, depois dos ataques a seu poema, Gonçalves Dias à frente, que Teixeira e Souza se decidiu pela prosa e pelo romance. Certo é que publicou sete romances, todos eles com sinais da sua época. Esses romances podem chocar o lei-

tor de hoje à procura de novidade e diversão; mas não se diga faltar nesses livros de entre 1843 a 1858, primeiro um escritor, depois um romancista. Teixeira e Souza cultivou o romance histórico, moda vinda do romantismo inglês do começo do século, através do romance francês. E a vida colonial vista por um brasileiro que formou o espírito com a paixão da Independência e o mais decidido amor do Brasil. Apesar disso, o patriotismo do escritor não se transmite ao romancista como forma política combatente. Romancista, Teixeira e Souza estudou o mundo colonial como fenômeno histórico brasileiro e o Brasil em que viveu como espetáculo a ser registrado. Isto, ele o faz, muitas vezes, com a minúcia e o relevo que viriam a caracterizar os processos do naturalismo, só depois aparecido.

A publicação de "O filho do pescador", representa, de certo, uma homenagem merecida ao autor pouco feliz em sua hora e esquecido, quando não desdenhado, nos nossos dias. E, porém, para ficarmos, somente, no volume que se recomenda, antes de tudo, por ser, cronologicamente o nosso primeiro romance? Teixeira e Souza deixou na sua obra de ficção, um romance não muito longo como "A providência" e que poderia ser lido, hoje, com bastante agrado. E o "As fatalidades de dois jovens", que teve uma edição em 1897 e que só é encontrado na Biblioteca Nacional. Eis o que sugiro a um editor que queira aliar ao interesse comercial e o interesse da consagração dos nossos escritores do passado.

O FILHO DO PESCADOR de Teixeira e Souza — Próxima edição do Instituto Nacional do Livro — Rio.

T. Janér & Cia.



AVENIDA RIO BRANCO, 85 — 12.^o
EDIFÍCIO "CITY"

PAPEL E CELULOSE EM GERAL

Secção de Exportação

PRODUTOS INDUSTRIAIS E AGRÍCOLAS

TELEGRAMAS: "JANER"

Uma História Militar

JOSE' AUGUSTO

Copyright de LEITURA

O INSTITUTO de Geografia e História Militar do Brasil tem prestado inestimáveis serviços à reconstituição do nosso passado, naquilo que ele tem de glorioso (e cumpre acentuar que não é pouco) em face da atuação das nossas forças armadas.

Estas foram sempre, não apenas as defensoras das instituições, dos brios e da honra da Pátria, mas também ponderáveis elementos de participação ativa nas grandes campanhas liberais e humanas, resultando daí essa imperativa necessidade de exclusão política e social.

Assim, é inegável o papel relevante, através dos seus mais ilustres componentes, nas pelejas que travamos pela

E' verdadeiramente benemerita a obra que está realizando o Instituto na recomposição dos fatos históricos em que se envolveram os nossos soldados e no estudo e análise de cada uma das personalidades marcantes neles envolvidas como elementos da ação e, não raramente, de decisão.

Alem de uma Revista especializada, em que são publicados pequenos estudos de maior interesse na elucidação de nossos fastos militares, mantem os sócios do Instituto, com a colaboração de outros oficiais e de alguns civis estudiosos, uma Biblioteca Militar, que já editou par mais de 70 trabalhos de fôlego sobre o nosso passado guerreiro, e sobre figuras representativas.

O coronel Luiz Lobo, autor da História Militar do Pará, agora editada em volume especial, é um dos sócios mais ativos do Instituto Histórico Militar. São inúmeros os seus trabalhos, elaborados sempre com rigoroso critério histórico; exposta a verdade à luz de documentação abundante e veraz.

No que agora se divulga, a História Militar do Pará, são expostos com segurança e minúcias os acontecimentos da ordem militar ocorridos no extremo norte do país, território daquele atual estado da Federação Brasileira, desde o período de sua conquista e ocupação até a proclamação da República.

Aí provou o historiador, julgando de 1889 para cá ainda as paixões políticas, com a sua veemência destrutiva, não cederá o valor, a serenidade indispensável à obra de um verdadeiro historiador, a quem somente a verdade deve prevalecer.

O sentido da História Militar é, e deve ser essencialmente nacional, mas imprescindível é que se examine e esborçalhe do país, para que não se esqueça a participação de cada uma de nossas unidades administrativas na formação de uma grande e indestrutível força homogênea que é o Brasil.

Ninguém mais autorizado para realizar um trabalho do porte de História Militar do Pará do que o coronel Luiz Lobo, em quem se a'llam, para a integração de um autêntico historiador, tais as qualidades de inteligência, cultura, inteireza de caráter, amor pela verdade e acendrado patriotismo.

HISTÓRIA MILITAR DO PARÁ
de Luiz Lobo — Edição de Biblioteca Militar — Rio, 1943.



Coronel Luiz Lobo

nossa emancipação política, pela abolição do cativo e pela implantação do regime democrático.

Em cada uma dessas formidáveis campanhas, nas quais os brasileiros revelaram sempre os seus pendores altruísticos e o vigor de seu civismo, deparamos sempre a colaboração por vezes decisiva, como foi o caso da proclamação da República, de autênticos chefes militares.

Aos Editores e Autores

PEDIMOS REMETER OS SEUS
LIVROS SIMPLEMENTE PARA

LEITURA

Senador Dantas, 20 — Ed. Galeno — Salas
708/710 (Novo endereço)

LIVROS DO MES

SINCLAIR LEWIS

BETHEL MERRIDAY

O romance da moça que tri-
unfa por si mesma. Trad.
de Edison Carneiro. Um
grosso e luxuoso volu-
me Cr\$ 20,00

LOUIS BROMFIELD

A FAZENDA

A obra prima do grande ro-
mancista. Trad. de Marina
Guaspari Cr\$ 18,00

W. SOMERSET MAUGHAM

A GAROTA DE LAMBETH

Um vigoroso e inesquecível
romance. Trad. de Edison
Carneiro Cr\$ 12,00

OS MAIS BELOS CONTOS
DE AMOR

dos mais famosos autores. Ce-
gunda Série Cr\$ 16,00

RAFAEL SABATINI

O CISNE NEGRO

O maior êxito na tela, de
Tyrono Power. Trad. de
Enéas Marzano Cr\$ 8,00

E. ZAMACOIS

AS RAIZES

O romance dos sete pecados
capitais. Trad. de Modesto
de Abreu Cr\$ 12,00

LEAO E SOFIA TOLSTOI

DIÁRIOS ÍNTIMOS

A sinceríssima confissão do
intenso drama conjugal do
gênio. Trad. de F. dos Reis
Coutinho Cr\$ 20,00

NEVIL SHUTE

ABANDONADOS

O mais comovente romance
de nossos dias. Trad. de
Cruz Cordeiro Cr\$ 15,00

H E I N E

AMOR, SUPREMO
AMOR

Colêanea das mais belas
produções do excelso lí-
rico. Trad. de Edison Car-
neiro Cr\$ 10,00

K A N T

A PAZ PERPÉTUA

Preliminar de E. Herriot.
Trad. de Galvão de Quel-
roz Cr\$ 3,00

A L F I E R I

A TIRANIA

Trad. de P. da Fonseca Cr\$ 3,00
SE NAO ENCONTRAR NO SEU
LIVREIRO, PEÇA-O PELO
REEMBOLSO POSTAL A

Casa Editora Vecchi
Ltda.

Rua do Resende, 144

RIO DE JANEIRO

Novos Livros Ingleses

EUGENIO GOMES

Copyright de LEITURA

CENTRO emocional e convergente de idéias e aspirações que exprimem um alto grau de consciência social, a moderna poesia britânica revive, presentemente, o indistigável espírito de luta pela liberdade que inflamou um Shelley ou um Byron.

Os conflitos de cultura que a agitam transformaram-na em uma espécie de laboratório experimental, em que as reações perante o velho mundo que desaba se patenteiam sob várias formas, mas sempre de maneira inconfundível.

Um conflito expressivo é, por exemplo, o que mostra o poeta mal saído da universidade ou ainda dentro dela, em luta com a própria cultura absorvida, aí. Aqueles que a disciplina universitária converteu em expoente de uma elite intelectual revoltam-se contra essa prerrogativa, mas sem feito de atirar a carga ao mar. Nenhum deles quer ser elite. C. Day Lewis exprimiu bem o pensamento de sua geração ou melhor de quase todos os poetas modernos do mundo quando disse com o peculiar arrebatamento de sua linguagem: "Os poetas devem falar para os homens comuns e sofredores, enquanto a história está sendo escrita em lâminas de fogo".

Desgraçadamente, o poeta de "The Balliff" é um daqueles que se fazem entender com dificuldade, e isso torna redobrado o seu generoso esforço pela democratização da arte.

Enfim, a moderna poesia britânica passa, há já algum tempo, por uma série estonteante de experiências e peripecias para encontrar uma posição que não seja simplesmente decorativa no mundo que surgirá dos escombros e das cinzas da presente guerra.

Um exemplo bem recente disto é a coleção organizada por Alex Comfort e John Baylis — "New Road 1943" (The Grey Walls Press-Londres) — destinada a mostrar as novas diretrizes da arte, até os domínios do surrealismo.

O título — nova estrada ou novo caminho — não dá bem a idéia do labirinto representado na coleção pelos atalhos cruzados que assinalam as complexas manifestações da modernidade britânica, em 1942, através da crítica, da poesia, da política e das artes plásticas.

Quatro grupos estão representados em "New Road": o grupo do movimento denominado Apocalipse; o da poesia centralizada em torno de Anne Ridler, Kathleen Raine e Norman Nicholson; o dos poetas de Oxford, com Keyes, Kirkup e outros; e o dos individualistas que ainda não se associaram a qualquer escola. Entre esses últimos figuram alguns refugiados políticos como o tcheco Fred Marnau e Feyyaz Fergar, um poeta persa que escreve em francês.

O primeiro grupo — o dos apocalípticos ou apocaliptistas — é, sem qualquer dúvida, a maior atração que a coleção apresenta por ser aquele que expressa com maior ardor o senso de responsabilidade po-



Cecil Day Lewis

lítica entre os mais jovens poetas da Inglaterra.

Os poetas desse grupo apareceram antes, em conjunto, na seleção "The New Apocalypse" ("O Novo Apocalipse"), que trouxe, com os seus "escritos proféticos", um frontispício de Picasso.

A finalidade do "Novo Apocalipse" é explicada em "New Road" por Derek Stanford e Henry Treece, este, um dos chefes do movimento. Os apocalípticos pretendem realizar um impulso para a completação; definem a arte como uma comunicação formal da experiência orgânica; e querem promover o emprego consciente da energia subconsciente. Todo o seu esforço é orientado, porém, no sentido de adaptar o surrealismo à tradição afim de incorporá-lo definitivamente à linhagem romântica da literatura inglesa. Estamos assim diante de uma desenganação irrupção do romantismo nesta hora do mundo. A filosofia de vida e arte entre esses neo-românticos, explica Treece, gira toda em torno de uma palavra chave — orgânico — e sua meta do ponto de vista estético é a implantação de uma "linguagem orgânica" numa sociedade do futuro também orgânica.

Segundo ainda Treece, o apocalíptico significa a apreensão da multiplicidade tanto do mundo interior como do exterior, anárquico, profético, total, com todos os seus paradoxos e contrários. A presente guerra parece-lhe um fator educativo de valor inestimável para esse fim justamente por ser ela própria um elemento apocalíptico "importando em um movimento orgânico com todas as loucuras e a sanidade de um movimento intestino". Na vida e na arte — predica Treece — o movimento apocalíptico deve fugir às seleções facciosas conservando-se na direção de uma fecunda totalidade como uma nova afirmação de romantismo e de um vasto humanis-

mo. Mas, para que suceda assim, é indispensável que a criação estética obedeça a um impulso real de "necessidade orgânica", com a eliminação de tudo o que seja apenas decorativo e, portanto, "inorgânico". Em suma, os renovadores de Apocalipse querem extrair do caos e da confusão do mundo um sistema que permita a sobrevivência da arte, mas de uma arte, orgânica, redimida do falso e do ornamental. "We must reconsider our metaphors" ("nós devemos reconsiderar as nossas metáforas"), recomenda um deles, o poeta John Foster Dodds, e isso define o objetivo apocalíptico da renovação.

Se bem que os apocalípticos ingleses se declarem todos profetas, D. H. Lawrence é que foi o Allah do movimento. A própria denominação — Apocalipse — proceda, a nosso ver, mais diretamente do livro de Lawrence desse título, e que foi o seu derradeiro livro, do que do Novo Testamento. Essa mensagem "in-extremis", por assim dizer, do grande batalhador traz um apelo que, como se vai ver, não se perdeu, e é o seguinte: "Vamos retornar ao Apocalipse com isto no espírito: o apocalipse é ainda, em seus movimentos, um dos trabalhos da velha civilização pagã, e nele temos, não o processo moderno do pensamento progressivo, mas o velho processo pagão da imagem rotativa". Outro pensamento de Lawrence que justifica e terá inspirado os apocalípticos é o do caos na poesia. "Toda verdadeira poesia é sutil e sensivelmente caótica", disse ele.

O sentido político do movimento pode ser atribuído a um influxo imediato de Herbert Read, cujo nome é citado mais de uma vez em "New Road". Esse poeta, que já foi apontado como sendo o Valéry inglês pela singularidade de sua arte, paradoxalmente, é autor de uma obra recente "The Politics of the Unpolitical" ("A Política dos Apolíticos") que constitui uma réplica indireta à conhecida opinião de Julien Benda. Read procura mostrar aí que a expressão de Shelley qualificando os poetas de "legisladores do futuro" não é apenas uma metáfora, mas um vaticínio que se realizará plenamente numa sociedade do futuro em que o artista possa exercer irrestritamente a sua função inata de legítimo intérprete do pensamento e das aspirações do povo. A "sociedade orgânica" com que sonham os jovens de Apocalipse seria uma resultante lógica da "sociedade natural" que Read preconiza, mas o simples e ligeiro comentário que estamos fazendo aqui não comporta desenvolvimento.

O assunto do último romance de J. B. Priestley, publicado neste ano, "Daylight on Saturday" (Luz do dia aos sábados) é o trabalho subterrâneo de uma fábrica de aviões, com um flagrante terrivelmente realista do moral do trabalhador britânico quando a produção de guerra estava em declínio antes da arrancada triunfal de Alamein. O romancista foi acusa-

(Continúa à página 33)

Uma das mais importantes contribuições para a reconstrução social do mundo

O PLANO BEVERIDGE

Tradução de
ALMIR DE ANDRADE

Edição integral conforme o texto oficial publicado pelo governo Britânico

"As propostas deste Plano... traduzem em dados concretos as palavras da Carta do Atlântico... Expressam a crença de que o objetivo de todo governo, na paz ou na guerra, não é a glória dos dirigentes ou das raças, mas a felicidade do homem comum. Libertar o homem da miséria é algo que não pode impor-se à democracia, nem ser a ela oferecido, mas que deve ser por ela conquistado.

Para conquistá-lo, é preciso coragem, fé e espírito de unidade nacional; coragem de enfrentar os fatos e dificuldades, para vencê-los; fé no nosso futuro e nos ideais de justiça e liberdade, pelos quais deram a vida os nossos antepassados, através de séculos e mais séculos; espírito de unidade nacional, para ultrapassar todos os interesses de classe ou de região".

(O Plano Beveridge, parágrafos 459 e 461)

BELO VOL. in-8 de 470 páginas Cr. \$ 35,00
à venda em todas as livrarias do país. Uma edição da
Livraria JOSE OLYMPIO • Editora
RUA DO OUVIDOR, 110 • RIO de JANEIRO

O último Romance de Jorge Amado

ROLMES BARBOSA

Copyright de LEITURA



SE JORGE Amado se dispusesse a fazer poesia, seria um dos maiores poetas do Brasil de hoje. E não somente um dos maiores, como, também, um dos mais essenciais. Estaria, a estas horas, formando ao lado de Manuel Bandeira, de Carlos Drummond de Andrade, e de alguns outros. Ninguém como ele para evocar a misteriosa beleza das noites da sua Baía natal, das matas de cacau nas quais vivem as cobras e se amam, na escuridão, os pares de namorados; da Baía dos saveiros, das igrejas, da Balçada dos Sapateiros, — dessa Baía milagrosa e macumbeira que vamos encontrar refletida em todo o Brasil, seja através da arquitetura e das festas religiosas, seja do tempero de comida e da maneira de falar. Certo, aliás, que o Recôncavo é a região que mais influência exerceu no resto do país.

A influência pernambucana, por exemplo, estendeu-se pelo Norte todo. A de São Paulo, por uma região que, durante muitos anos foi quase exclusivamente litorânea, afirmando-se principalmente através do movimento comercial dos portos, desenvolvendo-se, agora, num sentido mais transcendental, em direção ao Oeste.

A do Rio Grande do Sul avança,

paradoxalmente, em direção aos países limítrofes.

A presença da Baía, porém, pode ser pressentida em todo o Brasil. Na realidade, não é na Baía de Todos os Santos que se encontram as raízes da nossa terra? E' por isso, talvez, que no extremo norte e no extremo sul do país, a expressão "baiano" designa, na linguagem popular, todo brasileiro vindo de outros Estados.

Ora, ninguém tem sabido interpretar tão bem essa força irresistível da Baía quanto o autor de "Jubiabá". E' o que se sente, principalmente, em "Terras do Sem Fim" (Livraria Martins Editora, 1943) possivelmente seu romance mais maduro, mais belo e saboroso.

Jorge Amado possui, como poucos entre nós, o instinto do romancista. Pode-se discutir a técnica, pode-se discutir a linguagem por ele empregada, mas não se lhe pode negar capacidade de criação romanesca, que é o que realmente importa neste caso.

Se em algumas sequências ele lança mão de recursos dramáticos já usados algures (Donana atirando-se aos pés de Sinhô Badaró, na 7.ª parte de "A Luta", por exemplo) há outras páginas em que fazendo galas de uma sobriedade que faria inveja ao próprio Joseph Conrad (a maneira de "comunicar" ao leitor a nova do assassinato de Juca Badaró constitui bela amostra) ele alcança efeitos impressionantes.

E, além disso, que vigor concentrado na criação de tipos e caracteres! Donana ficará na nossa literatura como um tipo único, meio-parenta da "Luzia-Homem" de Domingos Olímpio, embora mais profunda e complexa. Por mais fictícia que ela possa parecer à primeira vista, no fundo é

bem real e humana — seja quando a vemos palpitante de amor e de timidez diante do capitão Magalhães, seja quando a vemos encontrar, feroz e sanguinária, enfrentando o coronel Horácio.

A principal, a verdadeira personagem, desse novo romance do autor de "Suor", porém, é a região — aquela região de onde ninguém voltava, a região da terra de visgo que prendia o indivíduo inexoravelmente ao solo, acorrentando-o através do vício, da miséria ou do desejo brutal. O que mais se sente em todo o livro é a presença fatal da zona de São Jorge dos Ilhéus, com suas cidades que surgiam da noite para o dia, como cogumelos, nas estradas do cacau. Cidades sem lei, governadas por coronéis de anelão de solitário no dedo e de revolver na cinta. São Jorge dos Ilhéus do póquer desenfreado, do enriquecimento fácil e da moral mais fácil ainda. Terra onde uma vida humana valia, quando muito, cinco mil réis e um copo de cachaca...

E' toda a Baía que canta e vibra nesses trezentas páginas densas e fortes. Páginas que alcançam, em certos momentos, uma atmosfera quase milagrosa de pura poesia — poesia que vem da terra, do cacau, das estradas marcadas de cruzeiros, de violeiros perdidos na noite, dos navios que navegam sem destino. E' um grande poema terrível e forte, áspero e macio ao mesmo tempo. Através dele sentimos — nunca é demais repetir — a presença da Baía: — uma presença quase mística, colorida, presença que dá ao livro seu verdadeiro sentido.

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado — 2.ª edição — Romance — Livraria Martins Editora — Rio, 1943.

"Sempre Haverá Uma Inglaterra"

PEDRO TIMOTHEO

Copyright de LEITURA

FOI Felipe Snowden, um dos homens públicos britânicos de mais alto valor em sua época, construtor sereno, corajoso e firme do Partido Socialista Trabalhista a que consagrara o melhor de sua capacidade de ação durante cerca de quarenta anos que certa vez na Câmara dos Comuns declarou sob as palmas de vibrante entusiasmo da assembléia toda de pé, estes famosos versos:

— Nosso passado anuncia o futuro: A
[voz de Shakespeare, a mão
de Nelson,

A fé de Milton, a confiança de
[Wordsworth em nosso país li-
vre e predestinado

No-lo asseguram...

Venha o mundo atacá-la, a Inglaterra
[ela resistirá!

E' Winston Churchill quem, no seu livro "Grandes Homens Contemporâneos", recorda e regista essa cena co-

movente do Parlamento Britânico, cansada pela palavra de Snowden, que só se afasta do seu partido, e até o combate, violentamente, quando se lhe desfiguram as idéias que pregara e se tenta impelir o socialismo para além dos limites que previra e prefixara.

O justo orgulho é o amor profundo pela Bretanha é, talvez, que, muitas vezes, levam o inglês, de ordinário aparentemente frio e disfarçadamente imperturbável a exaltações de entusiasmo exteriores, com naquela sessão da Câmara dos Comuns, de que nos fala Churchill.

A pujança, em todos os domínios — intelectual, científico, industrial, comercial, artístico, territorial, político — da Grã Bretanha, dá ao seu povo a certeza do seu destino e da sua glória. A declamação de versos como aqueles que Snowden invocou, alvoroça-lhe os nobres e puros sentimentos de patriotismo e de devotamento extremado às ilhas e ao império. Neles

se reflete, nítida, a alma coletiva da nação.

Fenômeno psicológico idêntico obrigou o sr. Alfredo Pessoa no solo das canções populares inglesas, sempre que ali se canta a deliciosa e, a um tempo, fervente canção de que extraiu este verso heróico, para servir de título ao livro que acaba de publicar:

— "There'll always be an England"!

— Sempre haverá uma Inglaterra!

Podem crescer e desabar, roucas e titânicas, as marés do tempo; podem os deuses vir do Averno e todas as hostes de Jupiter ténante desencadear as tempestades do mal; podem os gênios da desgraça humana, chamem-se Bonaparte ou Hitler, armar e arremessar contra os povos, na prática desenfreada do saque, da pilhagem, do roubo, da devastação e das conquistas sanguinosas, suas hordas cúpidas; pode tudo isto e muito mais acontecer.

Mas, enquanto existirem o mundo e a humanidade,

"Sempre haverá uma Inglaterra!"

A leitura do livro do sr. Alfredo Pessoa deixa, indelevel, no espírito, a convicção de que a Inglaterra e, com ela, o seu vasto Império, vale dizer, os seus imarcescíveis tesouros materiais e espirituais, são, realmente, destinados à perenidade do progresso humano, inestancável na sua marcha, e à glória eterna da civilização, ininterruptível na sua evolução.

Embora não se cinja a um plano previamente gizado, de sistematização, em que os temas, as narrativas, as impressões, os argumentos doutrinários e as observações individuais estejam arrumadas em capítulos, o livro com que o sr. Alfredo Pessoa enriquece as letras brasileiras é, sob muitos aspectos, deveras precioso.

E' que, nas páginas de "Sempre haverá uma Inglaterra" não se encontra uma simples reportagem descritiva do que o autor viu e perquiriu no decorrer da visita que, como chefe da delegação de jornalistas brasileiros, fez, a convite do Governo Britânico, a esse país tradicionalmente nosso amigo. Não há, ali, tampouco, mera literatura de guerra, hoje em dia tão em voga, em que apenas se retraçam e se esculpem episódios emocionantes e trágicos desenrolados nos campos de batalhas travem-se estas em terras, nos mares ou nos céus.

O livro enfeixa, a bem dizer, anotações de um perspicaz estudioso dos mais sérios fenômenos pertinentes ao mundo contemporâneo, notadamente as nações mais diretamente responsáveis pelos destinos desse formidável patrimônio de civilização, cujos benefícios, e também cujos malefícios, gozamos ou sofremos, que nos legaram as gerações preteritas.

Adepto fervoroso da doutrina de Augusto Comte, propugnando sempre os altos princípios morais e sociais do criador da Religião da Humanidade, o sr. Alfredo Pessoa não leva, entretanto, ao seu positivismo, ao extremo das intransigências que, via-de-regra, caracterizam os propagadores de outros credos políticos e filosóficos, senão de quase todas as seitas.

Assim é que, no tocante a fórmulas estatais, — amante e defensor caloroso do direito de livre manifestação do pensamento crítico — ao se referir ao regime vigorante na Rússia, do mesmo passo que exalta, com ênfase, o sistema Getúlio Vargas, declara o sr. Alfredo Pessoa que, quando esteve naquele país, "em pleno apogeu de Stalin, já não mais havia lá o comunismo-democrático que atribui a todos, sem distinção, capacidade para todas as funções públicas, segundo o dogma da "igualdade". Esse comunismo, ou outro qualquer, — são palavras textuais do autor de "Sempre haverá uma Inglaterra" — só existia fora da Rússia, e com meio de engodo, para arrastar as massas à revolução. E o propagandista desse "comunismo" foi a própria Alemanha, para formar a cortina que cobriria a sua preparação para o domínio do mundo".

Revela-se, todavia, o escritor patriótico, contrário a certas teorias políticas de Trotsky e de Lenine.

Das suas e das visitas feitas pela delegação dos jornalistas brasileiros a Churchill; ao ministro do Interior, sr. Herbert Morrison; à Câmara dos Comuns, ao Cardeal Hinsley, arcebispo de Westminster; ao rei Haakon VII, da

VIVA NO MUNDO DE HOJE

LIVROS DE GUERRA

TRAGÉDIA NA FRANÇA

O MAIS COMOVENTE DEPOIMENTO
por ANDRÉ MAUROIS

5.^a edição — Cr\$ 18,00

A DERROTA DE NAPOLEÃO NA RÚSSIA

PELO PRÓPRIO AJUDANTE DE CAMPO DO CORSO
General CONDE DE SÉGUR

Cr\$ 10,00

O REI DOS BELGAS TRAIU ?

O SEGREDO DE UM GRANDE DRAMA POLÍTICO
por Maître ROBERT GOFFIN

Cr\$ 18,00

... E EU NÃO ENCONTREI A PAZ !

AS MAIS SENSACIONAIS REPORTAGENS
de WEBB MILLER

2.^a edição — Cr\$ 25,00

SEGREDOS DO MUNDO

AUDACIOSAS INFORMAÇÕES
LINTON WELLS — EUGENE LYONS, etc.

Cr\$ 18,00

O ROMANCE DE UM COVARDE

por MAURICE DEKOBRA

Cr\$ 14,00

A FILHA DE MATA HARI

NO MUNDO DA ESPIONAGEM
por MAURICE DEKOBRA e LEYLA GEORGIE

Cr\$ 12,00

NAS LIVRARIAS

Atendemos pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal

CASA EDITORA VECCHI LTDA.

RUA DO REZENDE, 144

RIO

Noruega; ao presidente da Polónia, general Sikowski; ao presidente Bénes, da Tchecoslováquia; a inúmeras outras personalidades e a diversas repartições públicas e institutos culturais, o sr. Alfredo Pessoa nos dá notícia, sem a abundância de detalhes, por vezes fastidiosa, quando não romancada, preferida pela maioria dos viajantes, porém em sínteses claras, remarcando e realçando sempre o que lhe pareceu mais digno de menção e de reflexão.

Em meio às páginas de "Sempre haverá uma Inglaterra" há muita

coisa referente aos Estados Unidos, que o autor, na viagem rumo a Londres, visitou primeiramente. Ao povo norte-americano e ao seu grande presidente, dedica o sr. Alfredo Pessoa páginas empolgantes, de entusiasmo pelos seus surtos de progresso e pelos seus nunca bastante louvados esforços, eficazmente empregados no combate, até à extinção, do barbarismo nazista.

— O mundo confia em Roosevelt — exclama o cintilante escritor patriótico. Tendo, porém, ouvido também a palavra de Churchill empolga-se ainda e a este igualmente reconhece que cabe a auréola, aliás o faz todo o povo britânico, de — "Autor da Vitória".

"Sempre haverá uma Inglaterra", é, em suma, um dos livros mais ricos em informações, em conceitos e em idéias, clara, imparcial e corajosamente expostos, que tem aparecido, entre nós, nestes últimos tempos.

SEMPRE HAVERÁ UMA INGLATERRA, de Alfredo Pessoa —
Livraria Editora Zello Valverde — Rio, 1943.

DR. LUIZ LAVIGNE

da Policlínica Geral
Ap. Gêntio-Urinária — Sifilis

Consultório:

R. México, 163 - 11.^o andar - Sala 11
Fone 42-8916

Residência:

Rua Faro, 28 - Fone 26-4978 —
Jardim Botânico - Rio de Janeiro

Uma Casa Editora Argentina



Galdós

JÁ ERA Buenos Aires, na América Latina, a cidade que possuía o maior número de casas editoras e as melhores, quando a terrível guerra provocada pelo nazismo explodiu em terras da Espanha. As hordas devastadoras de Hitler e os bandos de Mussolini associaram-se aos marroquinos para o combate às instituições republicanas da pátria de Unamuno e Antonio Machado. Tudo se converteu em tristes ruínas, principalmente a bela e genial cultura que produziu Ramón y Cajal, Joaquim Costa, Blasco Ibañez, Angel Ganivet, Juan Ramón Jiménez, etc.

Fugiram então da Espanha os seus intelectuais de verdade e espalharam-se pelas nações democráticas e livres da América Latina, sobre tudo Argentina e México. Com eles também emigraram para estes dois centros de civilização mais de cinquenta e prestigiosos técnicos dos negócios editoriais.

E é justo que salientemos os que abriram, em Buenos Aires, a famosa Editorial Losada, S. A., Aloina 1131.

Seu êxito foi rápido e definitivo. Hoje tem ela sucursais e depósitos em muitas cidades argentinas e em todos os países latino-americanos, inclusive o Brasil. E' que as obras por essa casa editora impressas são as mais notáveis de qualquer época e lugar, ou traduzidas de mil linguas, ou cinzeladas no pura e sonoro castelhano.

Metódica e prática, criou a Editorial Losada, S. A. diversas bibliotecas no total das suas impressões: a Contemporânea, a de Las cien obras maestras de la literatura y del pensamiento, a de Los Inmortales, a de Biografías históricas y novelescas, a dos Grandes escritores de América, a de Prosistas de Espanha y América, a de Poetas de España y América, a de Novelistas de España y América, a de Estudios literarios, a de Sociología y Ciencias Económicas, a de Antologías, a de Filosofía y teoría del lenguaje e uma porção enorme de outras, cada qual mais útil e bem norteada.

Em todas essas coleções os autores de fama, com suas produções selecionadas, figuram sempre. Destaquemos, por exemplo, a Contemporânea, que é

destinada à divulgação dos grandes mestres e livros entre o povo. Tomos e tomos circularam já, por preços ínfimos, de norte a sul da América Latina, educando os nossos intelectuais, estudantes, operários, jornalistas, burgueses, militares e homens públicos, que neles encontram inúmeras espécies de conhecimentos indispensáveis.

De Miguel de Unamuno, a Editorial Losada, S. A. em sua biblioteca Contemporânea incluiu *La agonía del Cristianismo*. Do requintado e original Ramón del Valle Inclán, teatrólogo revolucionário e romancista: *Sonata de primavera*, *Sonata de estío*, *Sonata de otoño*, *Sonata de invierno*, *Cara de plata*, *Águila de blasón*, *Romance de lobos*, *Martes de Carnaval*, *Jardín umbrío*, *La corte de los milagros*, *Viva mi dueño*, *Tirano Banderas*, *Cuento de Abril*, *Voces de gesta*. Do elegante e sóbrio Gabriel Miró, apareceu o *Libro de Sigüenza*. As *Poesías Completas* do máximo Antonio Machado honram a coleção. Honram-na também volumes de Azorín, o estilista e crítico: *La ruta de Don Quijote*, *Clásicos y modernos*, *Castilla*, *Doña Inés*, *Los pueblos*, *Al margen de los clásicos*, etc. De Benito Pérez Galdós: *Doña Perfecta*, *Fortunata y Jacinta*, *El amigo Manso*, *Gerona*, *Misericordia*, *Nazarín*, *Halma*, *La fontana de oro* e outros monumentos da novelística ibérica. José María de Pereda, irmão gêmeo de Benito Pérez Galdós na arte de escrever, tem o romance *Peñas arriba* a dignificar a biblioteca Contemporânea. Juan Valera, companheiro de Galdós e Pereda, representa-se por sua obra-prima: *Pepita Jiménez*. O argentino Alberto Gerchunoff por um estudo a respeito de Cervantes, sob o título *La Jofaina*

maravilhosa. Roberto Payró, igualmente argentino, por *El mar dulce*, crônica romanceada, *Pago chico*, contos gauchescos que se encadeiam e entrelaçam, *Diversas aventuras del nieto de Juan Moreira*, romance-sátira de natureza regionalista, *El casamiento de Laucha*, sintética e luminosa novela de costumes pampeanos. *El falas Inca e Chamijo*. Ricardo Güiraldes, ainda argentino, é natural que se alce do lado de Don Segundo Sombra, momento agudo e perfeito, no ramo gauchesco da novelística continental. Não podia faltar nem falta à coleção Contemporânea o assombro amazônico e selvático que é *La vorágine* do colombiano José Eustasio Rivera. Enfim, dos mestres espanhóis e americanos, nela se nos deparam Pío Baroja, Pedro Antonio de Alarcón, Jacinto Grau, Armando Palacio Valdés, Angel Ganivet, Ricardo León, Arturo Capdevila, Manuel Gálvez, Germán Arciniegas, Ricardo Rojas, Pedro Henríquez Ureña, etc. Além destes abundam os traduzidos ao castelhano, ingleses, portugueses, franceses, hindus, alemães, italianos, ianques, suecos, russos belgas, etc.

A biblioteca Contemporânea, dedicada à cultura popular e à extensão da alta literatura a todos os meios sociais, cumpre seu papel e obtém absoluto sucesso, não só na Argentina, mas igualmente em quaisquer países do Novo Mundo, quer de idioma espanhol, quer de idioma português ou inglês. Vende-se em todos eles e sempre com admirável êxito, porque a orientação moral, social e cultural das suas obras é uma das melhores tanto do ponto de vista estético, quanto do filosófico e educativo.

Novos Livros Ingleses

(Continuação da página 29)

do por isso de haver seguido em sua narrativa as descrições sensacionais de Dickens.

O escritor Michael Dawson, no seu romance de estréia, lançado ultimamente, e cujo título é *"Fathoms Deep"* (*"Profundidade marinha"*), profeta a vida que se passa no bojo de um submarino em pleno serviço.

Foram recentemente publicados, sob a direção do Prof. E. Selincourt, os diários de Dorothy Wordsworth. Até então só eram conhecidos alguns fragmentos desses diários em que a irmã do precursor do romantismo inglês deixou algumas impressões fugitivas e belas de sua passagem quase irreal pela terra.

Na sua magnífica obra *"The Heritage of Symbolism"* (*"A Herança do Simbolismo"*), o crítico C. M. Bowra passa em revista o movimento simbolista desde as suas origens na França até às realizações de seus últimos remanescentes, submetendo a demorada análise a obra de cinco poetas de fama universal, dois dos quais de língua germânica, Paul Va-

léry, Rainer Maria Rilke, Stefan George, Alexandre Blok e William Butler Yeats.

O mais recente e mais importante estudo sobre Thomas Hardy, o grande romancista de *"Jude The Obscure"* é a obra — *"Hardy. The Novelist"* por Lord David Cecil.

Um dos livros de crítica recomendados, neste ano, pela Book Society de Londres é o de H. E. Bates sobre a evolução do conto: *"The Modern Short Story"*. O autor é também um dos melhores contistas ingleses contemporâneos.

Na sua obra, publicada em 1942, sobre Thackeray, o crítico John Dodds reproduz uma anedota que evidencia o domínio que as criações do romancista exerciam sobre ele. "Quando Thackeray estava escrevendo o romance *"The Newcomes"* alguém lhe perguntou se ele tinha passado bem a noite. — "Mas, como eu podia passar bem a noite — respondeu o romancista — com o coronel Newcomes agindo como um louco?" — E por que você o deixou? — Ora, isso estava na vontade dele", retrucou-lhe Thackeray.

*Uma grande viagem
através do homem!*

O CORPO HUMANO

por **FRITZ KAHN**

Tradução de
Dr. L. MENDONÇA DE BARROS

A TRAVÉS de uma concepção altamente original, o autor de **O CORPO HUMANO** se propõe a transmitir a todos os leitores, de maneira fácil e atraente, um íntimo conhecimento do organismo humano, ensinando a se precaverem e curarem dos inúmeros males que afetam o homem de hoje, devidos em sua maioria à nossa ignorância sobre o funcionamento do próprio corpo.

O CORPO HUMANO é um livro que deve ser lido por todos, homens e mulheres, velhos e moços.

★

**2 VOLUMES — 925 PÁGINAS
555 BELÍSSIMAS ILUSTRAÇÕES**

Brochura Cr\$ 65,00

★

Peça-nos folheto explicativo

Edição da



LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S/A

Ovidor, 94 - RIO — 15 de Novembro, 144 - S. PAULO

Inatualidade de Oscar Wilde

PEREGRINO JUNIOR

Copyright de LEITURA

A MENSAGEM de Oscar Wilde — muito interessante sem dúvida no fim do século XIX — não tem mais sentido no nosso tempo. Não nós diz nada neste momento. E que interesse poderia ter para os dias tormentosos e graves que vivemos, um escritor que em toda a sua obra fez completa abstração dos valores humanos? Fazendo arte pela arte só lhe interessavam os valores estéticos. O resto, para ele, não contava. Ele mesmo explicou certa vez sua atitude literária: "Comprenez qu'il y a deux mondes: celui qui est sans qu'on en parle; on l'appelle le monde réel, parce qu'il n'est nul besoin d'en parler pour le voir. Et l'autre, c'est le monde de l'art; c'est celui dont



Oscar Wilde

il faut parler, parce qu'il n'existerait pas sans cela". E narrou, como de costume para ilustrar seu pensamento, o célebre apólogo do homem que contava histórias... Por isso mesmo Wilde não foi em rigor, um grande escritor. "mais un grand viveur", como reconhecia o lucido comentarista do "De Profundis". Ele próprio, aliás, o confessava: "Todo é meu gênio eu o puz na minha vida: nas minhas obras eu não tenho posto senão o meu talento". Daí o melancólico fenômeno: a sua obra envelheceu depressa, tornou-se muito cedo inatual e indiferente, embora permanecesse ainda bem vivo em nosso espírito o interesse pelo próprio Wilde, pela sua estranha vida, pelo seu terrível drama intelectual e humano. Em todo o caso, é preciso reconhecer uma coisa: o sentido confidencial da sua obra. Ela vale como documento humano. Essa série brilhante de diálogos intermináveis que é toda a obra de Wilde, marca o diagrama da sua vida com perfeita nitidez. "L'on peut presque dire que la valeur littéraire de celles-ci est en raison directe de leur importance confidentielle; et j'admire encore de combien peu de surprise l'événement était capable, dans une vie si étrangement consciente et où le fortuit même semblait délibéré, "Oscar Wilde" — Notice — André Gide — Paris).

Entretanto, diga-se de passagem, a obra de Wilde teve, em certo momento, uma grande importância para nós. Tendo sido talvez o primeiro

escritor inglês que as gerações brasileiras do começo deste século, conheceram intimamente graças às traduções de João do Rio e Eliete de Carvalho, Oscar Wilde exerceu no Brasil uma viva sedução, teve uma larga influência.

Tributários exclusivos da literatura francesa e da portuguesa, com as fontes da nossa curiosidade intelectual marcadas pelos meridianos de Paris e Lisboa, a revelação daquele "lord e language" foi para nós uma surpresa e uma maravilha. As traduções que João do Rio fez de "Salomé" (1903), de "Lady Windermere's fan", do estudo de Harborough Sherard, colocaram a literatura de Wilde no alcance de toda gente e desde então não houve escritor brasileiro, entre nós, que ao fazer a sua estreia no parágrafo não subtraísse algumas flores brilhantes e raras à estufa maravilhosa de "Dorian Gray".

As cómodas traduções espanholas de "Intentions", de "The Happy Prince", de "The young king", de "The critic as Artist", do "De Profundis", da "Ballad of Reading Gaol", bem como os dois admiráveis ensaios de André Gide sobre Oscar Wilde ("In Memoriam" e "Le De Profundis") completaram esse serviço ampliando ainda mais o círculo de interesse literário em torno da prosa suntuosa e exquisita do autor de "Dorian Gray". Mas a verdade é que a vida de Wilde foi muito mais rica, estranha e apaixonante do que a sua obra. "Como os filósofos da Grécia, diz André Gide, Wilde não escrevia, mas falava e vivia sua vida, bebendo-a imprudentemente à memória fluida dos homens, e como escrevendo-a sobre a água". Ele tinha mesmo um certo tedio à tarefa de escrever. Preferia falar e as mais famosas de suas obras ("Salomé", "Dorian Gray"), só as escreveu para cumprir apostas. O caso do "Retrato de Dorian Gray", é bem típico do processo wildeano. O próprio Wilde confessava em Alger a André Gide: — "Oh, mais mes pièces ne sont pas du tout bonnes, et je n'y tiens pas de tout... Mais si vous saviez comme elles amurent!... Presque chacune est le résultat d'un pari. "Dorian Gray" aussi: je l'ai écrit en quelques jours, parce qu'un des mes amis prétendait que je ne pourrais jamais écrire un roman. Cela m'amuse tellement, d'écrire". Gide acha a explicação razoável. Porque o melhor da obra dele estava na sua conversação — brilhante, colorida, imprevisível. E os que o escutavam, ficavam decepcionados quando o liam. "Dorian Gray", por exemplo. Inicialmente, era uma admirável história "combien supérieure à la "Peau de Chagrin"! combien plus significative! Hélas! écrit quel chef-d'œuvre manqué!", afirma Gide. A mais singular contradição de Wilde, é que ele dizia ignorar o público, ostentando por este um absoluto desprezo. "O verdadeiro artista ignora o público. Para ele o público não existe". E insistia: Naturalmente um artista não se importa com os juízos do público. Verdadeiro artista é o homem que está absolutamente nele mesmo". E fixando o ca-

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

— Sociedade Anônima —

Capital Cr\$ 20.000.000,00

Todas as operações bancárias
às melhores taxas

Contas Correntes POPULARES

(com talão de cheques)

Juros de 5% a/2

PAGA E RECEBE ATÉ
AS 7 HS. DA NOITE

so do público inglês designadamente, dizia que este só se sentia à vontade quando lhe falava uma mediocridade... Mas a verdade é que isso tudo era falso e artificial. Fingindo ignorar o público, Wilde cortejou-o até com exagero. Pelo menos a um certo público ele cortejou excessivamente. Ele viveu sempre muito para as galerias. Para o público, portanto. Daí a sua preocupação de escandalizar. Daí o seu gosto de brilhar. Daí a sua gula de originalidade e sucesso. Conta dele André Gide, que, em 1893, quando o conheceu, Wilde tinha aquilo que Thackeray chamava o principal dom dos grandes homens — o sucesso. Seu gesto só olhar triunfavam. Seus livros espantavam e encantavam. Londres aplaudia suas peças com frenesi. Ele era rico. Era grande. Era belo. Cheio de alegrias e honrarias. Uns o comparavam a um Bacchus asiático; outros ao próprio Apolo. E o fato é que ele rutilava. Apesar de tudo isso, ou por isso mesmo, ele procurava chamar a atenção, escandalizar, épater. Fumava cigarros "à bout d'or" e passejava nas ruas — elegante e impertinente como Brummell — com uma flor de gira-sol à mão... Ele havia criado para os olhos do público, superpondo-o à sua verdadeira personalidade, um duplo fantasma, que exibía com espírito. Nas rodas onde estava, centralizava todas as atenções, era o único que falava. E não falava: contava. Contava docemente, lentamente; sua voz era maravilhosa, segundo seus amigos. "De

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados nesta revista, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal** da **Livraria Civilização Brasileira**, Rua 15 de Novembro, 144 --- São Paulo

sa sagesse, ou bien de sa folie. Il ne livrait jamais que ce qu'il croyait qu'un pourrait goûter l'auditeur; il servait à chacun, selon son appétit, sa patûre"... Ele não sabia escutar: ele falava... "Wilde montrait un masque de parade, fait pour étonner, amuser ou pour exasperer, parfois". Tudo na sua vida foi atitude exterior: máscaras e gestos para a platéia, para o público. Sempre representando. A vida para ele era um teatro. Cenográfica, artificial, suntuosa. Certa vez, em Alger, André Gide chegou a exprobar-lhe essa atitude: "Vous avez mieux à dire que de plaisanteries: vous me parlez ce soir comme si j'étais le public. Vous deviez plutôt parler au public comme vous savez parler à vos amis. Pourquoi vos pièces ne sont-elles pas meilleures? Le meilleur de vous, vous le parlez pourquoi ne l'écrivez-vous pas?" Nas mesmo depois dos dias trágicos e desmoralizadores da prisão, que nos deram, de resto, as suas melhores obras ("A balada do Carcere de Reading" e o "De Profundis"). Wilde, sob o pseudônimo de Sebastião Melmoth, refugiado na discreta e cinzenta monotonia da aldeia de Berneval, entre gente simples e humilde, ainda pensava no demônio do público — e só queria reaparecer em Paris depois de escrever dois novos dramas: "Pharão" e "Achab e Jezebel", porque, dizia, "o público é de tal modo terrível que jamais conhece a um homem senão pela última coisa que ele faz". O público foi, por conseguinte, até o fim, a sua grande obsessão, embora ele fingisse ignorá-lo e desprezá-lo.

A vida de Wilde porém, foi bem mais importante, e mais significativa, que a sua obra. Irlandês como Joyce e Shaw, Oscar Wilde nasceu em Dublin, no ano de 1854, filho de um cirurgião e de uma poetisa de temperamento ardente. Formou-se em Oxford, onde foi discípulo de Ruskin, escrevendo já então poemas e cantos. As férias, passava-as em Paris, onde estudava pintura, e fez uma viagem a Grécia e à Itália. Em 1884, casou-se com Constança Lloyd, que era jovem, bela e rica. E desde 1882 vinha trabalhando intensamente, vivendo seus dias de maior esplendor. Conheceu o sucesso, a fortuna e a glória. E até então, foi rigorosamente normal: amou Constança Lloyd. Amou Mrs. Langston, o celebre "lirio de Jersey", para quem inventou a designação de "profissional beauty". Amou atrizes e bailarinas. Segundo os estudos de Kleins e Tucker, só depois que o acometeu o processo de meningoencefalite gonorréica que o matou, foi que Wilde sofreu a transformação biológica e moral que determinou o seu escandaloso processo. Datam daí os célebres

escândalos da vida dele: Lord Alfred Douglas, Atkins, Wood, Taylor, a cadeia de Reading.

A seguir o exílio de Sebastião Melmoth em Berneval; a volta humilhante e melancólica a Paris; o abandono, a miséria e a morte no Hotel d'Alsacia a 30 de novembro de 1900. Aquele vitorioso "King of Life" de 1882, apaga-se, irrite e mi-

seravel, em 1900, na solidão mais humilhante, como "quelqu'un qui a été frappé"... Daí esse soluço abafado e comovente que lhe vem do coração: "Suffering is one very long moment. We can only record its moods, and chronicle their return. With us time itself does not progress. It revolves. It seems to circle round on centre of pain".

ORGANIZE O SEU PLANO DE SEGURO DE VIDA



como o Sr. construiria a sua própria casa...
— adaptado às necessidades de sua família!

É muito simples o Sr. realizar esse grande sonho... Anote, primeiro, as importâncias relativas às suas obrigações pessoais e objetivos financeiros; depois, veja o mínimo que o Sr. deseja deixar como renda mensal para sua família. Chame, então, um Agente da Sul America. Ele o ajudará a traçar o plano de seguro mais adaptável à sua situação.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



OS GRANDES HOMENS DE CALÇAS CURTAS

II — WINSTON S. CHURCHILL

A 3 DE DEZEMBRO DE 1874 o "Times", de Londres, publicava na secção de nascimentos: "A 30 de novembro, em Blenheim Palace, Lady Randolph Churchill deu à luz, prematuramente, um filho".

Esse neto do duque de Malborough, filho de uma americana encantadora, e chamado Winston Spencer Churchill, mostrou-se assim apressado logo ao nascer, vindo ao mundo dois meses antes do tempo normal.

Aos quatro anos, teve uma primeira impressão mais forte, ao ouvir dos lábios do avô, ante a estátua de Lord

sua vida, diria mais tarde — e em seguida foi internado numa escola de Brighton, onde encontrou amizade e simpatia. Uma professora de dança de então, na localidade, diz ele: "Um pequerrucho de cabelos de fogo, o aluno mais impertinente do mundo. Era supinamente descarado, mas esperto. Os divertimentos não o atraíam, apenas o teatro. Construiu um teatrinho de brinquedo e montou "Aladin". (Citado de "Winston Churchill", de René Kraus, traduzido por Gilberto Miranda, edição da Livraria do Globo).

Aprendeu francês com facilidade, retinha ainda mais facilmente as poesias que lesse uma ou duas vezes, sentiu-se fascinado pelo estudo da História.

Aos nove anos, salvou-se de um ataque de pneumonia dupla e de tal maneira que o médico proferiu esta frase, ainda hoje, e por muitas pessoas, diversas vezes repetida: "Ele tem uma sorte extraordinária!" Foi na convalescença dessa moléstia que Churchill tomou contacto com a política, de maneira bem curiosa e sua: folheando velhos números do "Punch".

"E' quase certo que me tornarei um soldado e lutarei num encontro qualquer" — disse ele, quando tinha apenas 12 anos, mostrando um dom imaginativo bastante desenvolvido, para não dizer divinatório. E acrescentava: "Depois disso meterel o nariz na política".

A esse tempo, também, scandalizava-se de que um pobre burguês com quem conversava, em Marylebone, e que pagava impostos e taxas, não se incomodasse com a política.

Tido sempre como um menino indomito, arrogante, presunçoso, Winnie começou, em 1888, a cursar Harrow, onde encontrou no diretor um mestre e bom amigo. O dr. Welldon escreveria, mais tarde, do seu aluno favorito:

"Talvez Winston Churchill não fosse um menino que se distinguisse como comumente sol acontecer nas escolas públicas. Não se destacou nas cadeiras de latim ou grego, nem mesmo em matemática ou ciências naturais, nem tão pouco se salientou como atleta, nos jogos de cricket ou futebol. Mas, não muito depois de sua entrada, chamou a atenção por seu conhecimento de história e sua força literária, e entre os rapazes de Harrow do meu tempo, um dos mais ágeis na esgrima. Seria errado supor que não deu aos professores um bom bocado de incômodos, mas não obstante penso que sempre tive, da mesma forma que tenho agora, uma grande fé nele. Não pretendo afirmar que preve a grande vitória que teria no futuro de sua vida, mas é minha opinião deliberada que ele mostrava desde o tempo de colegial, em Harrow, uma inegável promessa de êxito".

A propósito, René Kraus comenta: "E' necessária a penetração de um dr. Welldon para antever desde logo essa promessa de êxito. Pois no princípio Winston estava enfileirado entre os piores alunos. Era o antepenúltimo em toda a escola. E como os dois últimos tivessem desistido quase em seguida, tomou-lhes o lugar na retaguarda de todos".

Não obstante, enquanto a vitória dos outros era obtida à custa de latim, grego e matérias semelhantes, ele se empenhava a fundo na língua inglesa, que viria a saber usar na tribuna de maneira admirável.

Ainda a respeito daquele tempo, em que Winnie se deve ter despedido em definitivo de suas calças curtas, disse H. G. Wells, num artigo recente:

"Desde os seus tempos da escola, o atual Primeiro Ministro tem estado em guerra com as tradições e solenidades defensivas da vida conservadora britânica".



Winston Spencer Churchill

Gough, uma frase eloquente: "E com uma descarga decisiva, destruiu as linhas inimigas..."

No palácio do vice-rei da Irlanda, onde o pai foi residir como secretário do duque, Winnie teve a zelar pela sua infância a cuidadosíssima Mrs. Everest, primeiro amigo que ele teve.

Certo dia, enquanto passeava, como de costume, pelos penhascos íngremes da costa, teve diante de si o belo espectáculo da aproximação do navio-escola "Eurydice" e viu transformar-se esse momento maravilhoso no desencadear do furacão que trágico o navio e trezentos aspirantes e marinheiros, causando-lhe esse pungente episódio uma crise de nervos.

A aprendizagem da leitura foi acidentada. "A criança lutava desesperadamente contra as figuras tortuosas, destituídas de senso, contra as letras e os números, que era obrigada a decifrar".

Entre os desvelos de Mrs. Everest e a tirania da preceptora, sob as vistas algo distantes dos pais preocupados com os seus deveres governamentais e diplomáticos na Dublin sempre agitada, o menino cresceu solitário e tímido.

Em breve chegou a hora de deixar os brinquedos que o distraíam e o luxo palaciano que o aterrorizava e seguir para St. James School, em Ascot, colégio antiquado, de processos anti-diluvianos.

Al sua teimosia tornou-se famosa. Reagiu bravamente ao latim que lhe quiseram introduzir na escola à custa de palmatória e, certo dia, reduziu o chapéu do diretor a pedaços.

Dois anos passou ele nessa luta desigual — os dois anos mais infelizes de

História do Retrato

MARCOS REI

Copyright de LEITURA

HA muito tempo que o poeta Paulo Gonçalves me é familiar. Não que eu tenha lido bastante à seu respeito, pois nem os seus versos ainda conheço, como também o conheci em vida; mas nada disso impede que eu o conhecesse realmente. Nunca me esquecerei do dia em que o vi pela primeira vez. A apresentação, porém, foi bem diversa das que se fazem usualmente. Um amigo meu veio visitar-me e trouxe-me um presente. Rasguei o papel de embrulho que o envolvia. Era um retrato. Mostrava um semblante amargurado, sofrido, comunicativo. Obra do pintor Bernardino Pereira.

— Quem é — perguntei.

— Um poeta...

— Como se chama?

— Paulo, Paulo Gonçalves.

— Bom poeta?

Meu amigo não sabia dizer. Não lera nada do que o poeta pudesse ter escrito, mesmo porque não gostava de versos e achava que todos os poetas juntos não valiam um jogador de

futebol. Se me dera aquele presente fora apenas porque sabia do meu amor pela poesia e porque guardava com carinho retratos de alguns dos nossos escritores. Coloquei o Paulo Gonçalves entre um retrato de Augusto dos Anjos e outro de Castro Alves. "Ficará bem aqui", pensei. "Vamos ver depois se merece continuar pendurado..."

Durante muito tempo não procurei conhecer a obra de Paulo Gonçalves. Limitava-me a olhar o seu retrato todos os dias e, com o decorrer do tempo, afeiçoei-me a ele e penetrei a sua máscara. Atrás daqueles traços duros e amargos havia uma alma, e eu principiava a compreendê-la.

Certo dia, numa livraria, lembrei-me de perguntar se havia à venda algum livro do homem do retrato. Não, nada. E daí fiquei definitivamente curioso pelos seus poemas. Corri outras livrarias, fui a diversos "sebos", inutilmente. Num deles informaram-

(Continua na página 58)

-- N. S. TIMASHEFF --

1917



1943

RELIGIÃO NA RUSSIA SOVIÉTICA

TRADUÇÃO DE JORGE DE AMARAL

Entre os anos 1917-1943 A RELIGIÃO NA RUSSIA SOVIÉTICA atravessou uma época que será gravada profundamente na história de ambas.

A verdade dos fatos foi nunca escrita tão objetivamente, como neste livro, cujo autor, russo, só visou um relato SIMPLES, RETO e AUTÊNTICO.



EM TODAS AS LIVRARIAS ou pelo serviço de reembolso postal.

— STELLA EDITORA —

CAIXA POSTAL 3232

FONE 43-7590

— RIO —

O Livro do Prof Paul Hugon

ROSSINI TAVARES DE LIMA

Copyright de LEITURA



HÁ MUITO tempo um livro de economia não alcançava tanto êxito como o do professor Paul Hugon, "Elementos de História das Doutrinas Econômicas". Não faz muito que foi lançado e já se acha na 2ª edição. Por isso é natural que aqueles que se interessam pelo assunto e não o tenham lido julguem-no um livro bom.

Entretanto, não é esta a nossa opinião. O livro merece não poucos reparos e apesar de não sermos autoridades na questão resolvemos criticá-lo, dada a inibição provocada em nossos críticos, talvez por se tratar da obra de um professor da Faculdade de Direito da França.

A nossa crítica, porém, apenas ficará no terreno das contradições que o livro encerra. Vejamos as contradições.

No capítulo intitulado "Interesse da História das Doutrinas Econômicas" o autor defende a tese da força da idéia sobre a história. Compreende-se, portanto, que toda a obra será uma demonstração dessa tese. Isso, porém, não acontece.

A página 28 realmente ele escreve que as idéias mercantilistas marcaram três séculos de política econômica. A página 81, entretanto, afirma que as transformações do século XV oferecem "novo quadro à atividade humana; oferecendo também um quadro novo ao pensamento econômico".

Como vemos, essas duas afirmações se contradizem. Se como diz Paul Hugon, a idéia é que determina a política econômica, não seriam as transformações do século XV que ofereciam um quadro novo ao pensamento econômico, mas o pensamento econômico é quem determinaria essas transformações".

A página 144, quando estuda Ricardo, o autor assevera que o economista inglês escreveu sob a imposição dos fatos da época. "Suas obras espelham cientificamente os acontecimentos e agitações da época". (pág. 143).

Diante de "enganos" dessa natureza Paul Hugon deixa-nos entre a cruz e a caldeirinha. Não se sabe, mesmo após o término da obra se o autor aceita a tese de que a idéia é que condiciona a vida econômica, como afirma inicialmente, ou a vida econômica é quem a determina ou ainda se aceita a tese da interação entre ambas. Paul Hugon defende todas com igual ardor.

Entretanto, quando empreende o estudo da reação socialista ele se volta novamente à primitiva tese — a idéia determina a vida econômica. E aceitando tal ponto de vista é natural que esperemos do autor uma violenta crítica ao socialismo. Agora, o que não

admitimos é que deturpe o socialismo científico.

A página 264, por exemplo, ele fala que a diferença entre o socialismo utópico e o científico está em que, o segundo "desdenhando as forças morais e espirituais" explica e acalenta a idéia de uma evolução econômica e social dirigida "apenas" pelas forças materiais".

Isto, porém, não é verdade. O próprio Cuvillier, professor da Universidade de Paris e grande autoridade em assuntos sociais, escreve na sua "Introdução à Sociologia" que a noção de "reciprocidade das ações" foi formulada por autores das mais variadas tendências, tais como Marx, Worms, Durkheim, Bouglé. E Marx na "Introdução a uma crítica da economia política" observa que a produção suscita novas necessidades no consumidor e essas necessidades determinam por sua vez a produção. E ainda na Tese sobre Feuerbach (3ª Tese) esse mesmo autor escreve que aqueles que pensam que os homens são "apenas" produtos do meio, esquecem de que são "precisamente os homens que modificam as circunstâncias e que o educador tem ele mesmo necessidade de ser educado". As circunstâncias podem, pois, ser modificadas pela ação do homem.

Por conseguinte não se precisa "interpretar" o socialismo científico ou ra se compreender que ele aceita a interação do fundamento econômico das sociedades com as superestruturas espirituais.

Paul Hugon, porém, não está de acordo. Entretanto, apesar da afirmação que faz à página 264 que o socialismo científico é aquele que "apenas" acredita na ação das forças materiais, à página 285 assevera que o marxismo defende as duas concepções: a interacionista e fatalista. Isto não o impede de voltar a carga contra a "exagerada" aplicação do

materialismo histórico do socialismo científico, à página 300. Pouco depois, porém, à página 308, fala novamente no caráter fatalista do socialismo científico.

O leitor, portanto, fica sem saber qual o ponto de vista crítico do autor em relação ao socialismo científico. Mas, parece que o predominante é aquele que considera anti-científico esse socialismo porque os seus adeptos "apenas" acreditam na ação das forças materiais, o que é absolutamente errôneo.

Ainda no capítulo sobre a "Reação Socialista" encontramos outras contradições. E para não citarmos todas, o que seria abusar da paciência dos leitores, apenas apresentaremos a relativa a lugares de classes.

À página 286 o professor Hugon defende a tese de que a luta de classes não é sustentável cientificamente porque a História apresenta períodos em que ela não se manifesta. No entanto, à página 289 afirma que a luta de classes "é um fenômeno geral que decorre das condições de vida dos seres humanos e durará tanto quanto eles".

Mesmo que a luta de classes não se manifestasse em certos períodos, o que em absoluto não concordamos, ela poderia ser cientificamente sustentada. Há certos fatos que nem sempre se dão e que nem por isso deixam de ser sustentáveis cientificamente. Imaginem, então, aqueles que decorrem das condições de vida dos seres humanos e duram tanto quanto eles!

Enfim, por todas essas razões somos de parecer que o livro do professor Paul Hugon poderia ser bem melhor. Talvez o autor numa possível 3ª edição resolva melhorá-lo. Esperemos, pois.

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONÔMICAS, de Paul Hugon — Livraria Martins Editora — São Paulo, 1943.

ATLANTICA EDITORA

— E —
DESCLÉE DE BROUWER & CIA.

PRAÇA GETULIO VARGAS, 2 — RIO DE JANEIRO

AS NOSSAS NOVIDADES EM PORTUGUÊS:

MIGUEL ÓSORIO DE ALMEIDA — Ambiente de Guerra na Europa	18,00
PHILIPPE BARRÈS — Charles de Gaulle	30,00
ALEXANDER WERTH — Os últimos dias de Paris	15,00
GEORGES BERNANOS — Diário de um Pároco de aldeia	20,00
ELISABETH DE BESTERFELD — História Maravilhosa da Santíssima Virgem. (Ilustrações em cor por J. Hebbelynck - para crianças)	24,00
FREI SEBASTIAO TAUZIN — Bergson e São Thomás	25,00
PADRE M. M. PHILIPPON — Doutrina Espiritual da Irmã Elisabeth da Trindade	32,00

ALGUMAS NOVIDADES EM FRANCÊS:

GEORGES BERNANOS — Lettre aux Anglais (3ª edição)	25,00
ANDRÉ GROS — Barbaries ou humains (2ª edição)	25,00
GEORGES BERNANOS — Monsieur Oulne	28,00
GEORGES BERNANOS — Le Chemin de la Croix des Ames — (Articles de guerre 1939-1940)	10,00
ANTOINE BON — Introduction Générale à l'Histoire de l'Art (2ª edição) em 5 fascículos: — I — Préhistoire — II — Antiquité — III — Moyen Age — IV — Renaissance — V Temps Modernes	75,00

Em todas as LIVRARIAS e pelo REEMBOLSO POSTAL
CAIXA POSTAL 3651 — ENVIAMOS CATALOGO A PEDIDO

Obra Monumental de Silvio Romero

TASSO DA SILVEIRA

Copyright de LEITURA

É DE LAMENTAR que se não tenha celebrado com uma grande festa de inteligência, ou uma cerimônia solene, o aparecimento da edição monumental da HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Silvio Romero.

Cometimento audaz do editor José Olympio, e testemunho, de sua parte de amor verdadeiro às nossas letras, esta edição é, sem dúvida, o maior acontecimento literário destes últimos anos, no Brasil.

Silvio Romero foi, antes de tudo mais, em nosso mundo de espírito, o que tantas vezes, se tem dito de um Balzac ou de um Shakespeare: uma força da natureza. Em termos talvez mais expressivos e menos hiperbólicos poderíamos dizer: um grande temperamento. Um grande, desbordante temperamento, que uma vocação artística decisiva talvez houvesse desatado em possantes páginas de poesia ou de romance, mas que, de fato, não sentiu a fascinação da forma pura, que é o tormento e a glória do artista. Silvio, não obstante suas várias tentativas de arte, desde o primeiro instante se mostrou um malabarista de idéias, tão violentamente ágil, para o Brasil do tempo em que viveu, que, embora realizando com elas equilíbrios por vezes fictícios, com a simples ação dos seus movimentos solertes conseguiu arejar o ambiente e soturá-lo de dinâmicos magnetismos.

Era preciso, de qualquer modo, que, no Brasil dispersivo e disperso de sua hora, fosse efetuado, sobretudo no domínio das criações do espírito, um primeiro esforço de sistematização total. Esse esforço, realizou-o, e tal é o enorme serviço que lhe ficou devendo a nossa inteligência de povo. Os quadros que estabeleceu poderão parecer-nos hoje incompletos. Mas com tal vigor de vontade e de convicção íntima ajustou-lhes o Mestre as peças diferentes, que ainda agora, o trabalho de desarticulá-los para refazê-los nos é penoso, — e nos dá pena.

Silvio, na realidade, construiu seus quadros de material tão resistente que ainda hoje poucos são os que se movem fora de suas linhas. A "Introdução" à sua HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, principalmente, tem sido de influência fecundíssima. É ponto de partida necessário, mesmo para os que, no estudo de nossa realidade, se orientem para direções diferentes das suas, e venham a contestar-lhes todas as discriminações, afirmações e negações.

Retrato de linhas muito exatas, e que nos dá a medida toda desse grande temperamento e da obra que nos legou, foi o que de Silvio traçou Nestor Vitor, na página sobre o livro "Outros estudos de literatura contemporânea", do eminente mestre: "A obra do sr. Silvio Romero, nas linhas gerais que oferece, sendo de crítica, em sua grande parte, é, por um lado obra de negação, até mesmo de demolição, mas por outro lado tem um largo caráter construtor, como nenhuma outra sua congênera logrou apresentar até agora entre nós. Para atestá-lo, basta simplesmente a sua HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA — o panteão mais completo já erigido em honra de nossa vida intelectual, desde que começamos a re-

gistar emoções e a balbuciar idéias neste outro lado do mundo.

Outra razão da preeminência dessa obra no terreno que lhe é próprio está na sanidade da sua constituição orgânica.

Nenhuma outra, de vulto, em nossas letras caracteriza-se pelo vigor no combate, que ela revela, e pela franqueza das atitudes que implica.

Haverá erros, desvios inconscientes, mas não há refolhos nem contemplações, no que respeita a coisas essenciais, ali. Se existe um homem que tenha dito tudo quanto sente de mal que haja denunciado tudo quanto lhe pareça erro ou simples exagero, em relação aos homens, às coisas e às idéias no seu país, esse é por certo o sr. Silvio Romero.

Mas o motivo pelo qual, apesar disso, o ilustre escritor goza de legítima simpatia entre nós, está em que, no fundo, ele é um dos espíritos mais confortáveis que a época oferece, por que é dos poucos que desabafam o que sentem de opressivo para continuarem a gozar da alegria de viver, a ser confortantes, a ser crentes. (...) A obra do eminente crítico é, pelo contrário, de invariável com frequência, nos três fatores, mas não se submete inteiramente a eles pois, como declara em certa altura, ao lado das leis de Taine, considera o valor insubstituível da personalidade elemento preponderante na criação literária. Mas no seu método entra também a sugestão de Scherer: escrever a história literária, perdendo para as condições gerais, referindo-se aos fatos, às causas, distribuindo, classificando. A predileção por Edmund Scherer, citado constantemente por Silvio numa época em que Sainte-Beuve desfrutava tanto prestígio, poderá parecer estranha aos leitores de hoje. Scherer, atualmente, dos grandes críticos franceses, o menos conhecido no Brasil, estando também bastante esquecido na França. A simpatia que Silvio lhe votava, devia provir, em parte, de ter sido o autor de "Etudes Critiques" um combativo e homem de "gauche". Católico, depois protestante, depois hegeliano, Scherer destacou-se sempre como um defensor das livres pesquisas em matéria religiosa, possuindo assim certos pontos de contacto com o escritor brasileiro.

Dentro de tais moldes a HISTÓRIA foi escrita sob o signo da luta, das reivindicações que tanto apaixonavam o autor. Com muita razão protesta Nelson Romero contra a versão dos que consideravam o velho Silvio uma espécie de bárbaro, inadaptado à civilização. O que dá essa impressão ao

crítico superficial é a força do escritor sergipano "muito superior à medicina do seu tempo", segundo, ainda, as expressões de Nelson Romero.

Silvio era uma grande inteligência animada por um grande temperamento. Não lhe fossem pedir brilhos fáceis rutilâncias, requintes de talento. Toda a cultura européia, assombrosamente acumulada, não bastou para alienar o que sua personalidade conservava de instinto, as heranças bravias do nordestino. Sob esses aspectos, ele se apresenta como um dos escritores mais brasileiros. Seria um tipo adaptado à civilização, se por civilização tomarmos a teoria de transigências e disfarces, que nos leva a uma fusão harmoniosa; a espécie de bárbaro, se para a barbarie tender a franqueza, a rompancia, a expansão dos ímpetos do coração e do espírito. Mas é a própria consciência do Brasil que desperta na obra desse poderoso desbravador (a cultura brasileira estava cheia de florestas virgens naquela época), desse pioneiro atrevido.

Bem ao contrário das índoles bárbaras, Silvio não tolerava o exagero, o excesso. E contra isso que ele, a todo momento se insurge na HISTÓRIA DA LITERATURA. Compellido, pela sua formação materialista e científica, a combater o romantismo, combateu-o, precisamente no que lhe parecia ser a deformação da velha escola — na tendência para o sentimentalismo piégas, lacrimajante, lamuriante; para a falta de virilidade, que isto sim, não poderia tolerar um espírito exuberantemente másculo, como o seu.

Mas também, todo cientificismo não basta para fazê-lo suportar as afecções, o odor de clínica da escola materialista. Nas páginas da HISTÓRIA vê-se como o autor procura sempre o meio termo julgando encontrar a verdade num sistema de vistas opostas. Quando se verificava a superestimação do elemento indígena em nosso precipitado étnico ele insiste na importância do negro, anunciando o que os estudos afro-brasileiros de hoje iam comprovar. Os exemplos de equilíbrio são frizantes e característicos nesse impulsivo, constituindo uma das virtudes essenciais da HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA. — obra gigantesca, grande movimento de massas que, naquele tempo só um Silvio Romero seria capaz de realizar.

HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, de Silvio Romero — Notas e prefácio de Nelson Romero — Perlo de mil páginas inéditas — 3 vols. — Coleção "Documentos Brasileiros" — Livreria José Olympio Editora — Rio, 1943.

INDÚSTRIA, FASCISMO E VIDA INANIMADA — Temos esquecido que a indústria não é um fim em si, tendo um meio para assegurar ao homem a subsistência material e para fazê-lo aproveitar as vantagens de uma cultura intelectual mais elevada. Onde a indústria é tudo e o homem nada, começa o domínio de um desapiadado despotismo econômico, que é menos desastroso em seus efeitos do que um despotismo político qualquer. Os dois despotismos fortificam-se mutuamente e são alimentados pela mesma fonte. A ditadura econômica dos monopólios e a ditadura política do Estado totalitário, surgem dos mesmos propósitos anti-sociais; seus diretores procuram subordinar audazmente as inumeráveis expressões da vida social ao ritmo mecânico da máquina e a constranger a vida orgânica a formas inanimadas. "Nacionalismo e Cultura", do escritor alemão anti-fascista Rudolf Roder.

Poetas Contemporâneos

O HOMEM COM A ENXADA

(THE MAN WITH THE HOE)



Federico García Lorca

MUERTE DEL POETA

QUE muerte enamorada de su muerte!
Qué fusilado corazón tan vivo!
Qué luna de ceniza tan ardiente
en donde se desploma Federico!

Los menudos rumores de la muerte
alrededor del esqueleto niño
cuando suben y bajan las mareas

en donde se desploma Federico.

Qué amor al que cayó por el acero
de un alba de asesinos y de obispos!
Qué olor a siempreviva apasionada

en donde se desploma Federico!

Qué aire de antigua voz de estatua rota
rodea su sepulcro amanecido
cuando suben y bajan los claveles

en donde se desploma Federico!

Todas las cosas que él amaba crecen
junto a su muerte desbordante río
que corre por la tierra de los hombres

en donde se desploma Federico.

Cigalas a las 7 de la tarde,
Jerez al alba de color subido
cuando suben y bajan las guitarras

en donde se desploma Federico.

Lloronas de pasión y velatorio,
riscos de niños mágicos dormidos
poemas de Darío y de Neruda

en donde se desploma Federico.

Toreros muertos y solteras solas
y puentes y navajas como lirios
cuando suben y bajan las campanas

en donde se desploma Federico.

Qué muerte enamorada de su muerte!
Habitado en violeta y en jacinto,
Santo Sepulcro el que conquistaremos
en donde se desploma Federico.

Raúl González Tuñón
(Argentino)

(Escrito depois de ver o quadro mundialmente famoso
de Miller)

"Deus fez o homem à Sua semelhança;
Ela o criou à Sua própria imagem".

GENESIS.

Curvado ao peso dos séculos, ele se apoia
Sobre a enxada, fitando, absorvido, a terra.
O vazio das idades se estampa em seu rosto,
Aos ombros sustem o fardo do mundo.
Quem nele sufocou a vaemência e a cólera
E máquina o tornou, impossível e sem fé,
Bronco e apalermado, irmão gêmeo dos bois?
Quem nos juntas moveu esta infirma maxilla?
Que mão afeiçoou esta fronte fugidia?
Que fôlego extinguiu o clarão desta mente?

E' esta a criatura engendrada por Deus
Para domínio ter sobre os águas e as terras
E no encolço de estrelas audax aventurar-sei
Para devassar os céus e suas forças captar?
Para sentir, num rapto, a própria Eternidade?
E' este o sonho d'Aquele que do nada tirou
Os sóis, e órbitas lhes fixou no pristino céu?
Do potamar do inferno ao derradeiro vórtice
Nenhuma visão há mais terrível do que esta.
Mais injuriada pela cobiça humana,
Mais cheia de sinais e presságios para a alma,
Mais plena de ameaças para o mundo inteiro.

Que do abismos se rasgam entre este homem e os anjos
Que vale a este cativo o forcejar no alto
A glória de Platão ou o frêmito das Plêiades?
A altura estonteante dos picos da poesia,
As franjas da aurora, o rubor das rosas?
Por este vulto grave as eras sofredoras
Espreitem, e a labutor curvado sobre o chão
Ele se erige em símbolo da tragédia dos tempos.
Por esses lábios irados o humanidade traída,
O homem espoliado, desherdado e oprimido,
Clamo, a plena voz, aos Juizes do Mundo
Num protesto que é também profética mensagem

O' monarcas, senhores e potentados da terra,
A obro de vossas mãos que o Deus ofereceis
E' este ser monstruoso de alma enrijecido?
Quando ireis devolver o garbo a este corpo?
Tocá-lo novamente de imortalidade;
Restituir-lhe a luz e seus olhos alçar;
Nêle reanimar a música e o sonho;
Rehabilitá-lo das tradicionais infâmias,
Dos pérfidos ultrajes, das fatais desgraças?

O' monarcas, senhores e potentados da terra,
Como o futuro irá julgar este homem?
Como responderá às suas tremendas perguntas
Quando o ciclone da revolta sublevar o mundo?
Que estará reservado aos tronos e às coroas,
Àqueles que o reduziram a condição tão vil,
No momento em que este demônio taciturno
Rompendo a nudez dos séculos, replicar a Deus!

Original de Edwin Markham.

Tradução do inglês de Oswaldino Marques.

 *O Melhor presente
de Boas Festas!*

A Odisseia de



Lloyd C. Douglas, o autor que nos deu "Sublime Obsessão" e outras maravilhas da literatura contemporânea, escreveu agora sua obra prima "O MANTO DE CRISTO". É a odisséia de um legionário romano que viveu na era do cristianismo e participou de todos os grandes acontecimentos da época que culminaram com a crucificação, que ele teve a desventura de comandar!

O sucesso alcançado por este livro nos Estados Unidos só pode ser comparado ao de ... "E O Vento Levou". Superou todos os recordes de venda do ano de 1943.

O manto de Cristo

624 pgs.

Broch.

Cr\$ 35,00

Enc.

Cr\$ 43,00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS • PEDIDOS DO

e um Legionário Romano...

Proclamado pela
crítica norte-
americana
não só como o
MELHOR LIVRO
DO ANO mas tam-
bém, **A MAIOR TEN-**
TATIVA LITERARIA
DE TODOS OS TEMPOS!



É UMA
PUBLICAÇÃO DA

Editora Universitaria Ltda. São Paulo

RUA DA LIBERDADE, 413 - CAIXA POSTAL 1207

INTERIOR - ATENDEMOS PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Leitura em São Paulo

Da Sucursal de LEITURA em São Paulo



NO CINCOENTENARIO de Mario de Andrade, a Livraria Martins Editora lançará as Obras Completas do autor de "Macunaima". Trata-se de uma grande realização editorial e sobretudo de uma justa consagração do grande escritor paulista. Mario possui uma obra interessante e complexa, contos deliciosos como "Belazarte", trabalhos semi-científicos como "Namoros com a medicina", poemas bem brasileiros do "Clã do Jaboti", livros especializados de música e finalmente realizações menores, mas de grande valor, como essa "conferência sobre o movimento modernista, em que convida os intelectuais a marcharem sempre ao lado das multidões.

A revista "Clima", que revelou valores como Antonio Candido, Paulo Emilio, Decio de Almeida Prado e Mario Schenber, deverá reaparecer em janeiro próximo, numa fase mais popular. Modificando o aspecto da revista, sem sacrifício do conteúdo, esse grupo de intelectuais poderá dar ao público uma revista de orientação cultural bem fundamentada, isto é sem arrivismos, sem mistificações. Cultura é uma coisa muito séria. Não basta ser amigo e companheiro para ter cultura e saber escrever...

Os assuntos norteamericanos continuam na ordem do dia. A Editora Oceano lançou "O Gigante do Norte", do escritor argentino Enrique de Gandia. A Livraria Martins lançará em breve a "Pequena história da literatura norteamericana", de Breno Silveira e já se cogita de uma antologia dos modernos contos yankees.

Ainda em março sairá o novo romance de Jorge Amado "São Jorge dos Ilhéus", edição da Livraria Martins.

Sob a direção do prof. Antonio Soares Amorá, a Editora Clássica, — Científica vai publicar obras especializadas de literatura brasileira e portuguesa, trabalhos de Fidelino de Figueiredo, Leonhard Berger, Menendez Pidal, Amado

Alonso, Rebelo Gonçalves, Joaquim de Carvalho, João Gaspar Simões e Alfonso Reyes. Os primeiros livros serão "Depois de Eça de Queiroz...", de Fidelino de Figueiredo, e "Introdução ao estudo da literatura", de Antonio Soares Amorá, que prepara também uma História da Literatura Brasileira na Era colonial.

Especializada em livros em língua castelhana, francesa e inglesa, a recém-inaugurada Livraria Triângulo tende a ser uma das mais modernas e melhor organizadas de São Paulo.

Lançado as "Bases da paz futura", de Henry Wriston, a Editora Prometeu teve a primazia de publicar a primeira obra no Brasil sobre o importante problema da obtenção e da organização da paz no mundo post-guerreiro. O livro é antes de tudo uma crítica à diplomacia e à política exterior norte americana, com profunda análise da atuação de Wilson na primeira guerra e na conferência de Versalhes.

A "Folha da Noite" vai publicar em folhetins o último romance de Gleão Coutinho, o romancista da vida cotidiana, o escritor que consegue rir e fazer rir à custa da monotonia doméstica que consome e elimina as energias criadoras dos homens e das mulheres. "O Último dos Morungabas" fará desfilhar novamente diante de nossos olhos os tipos vulgares e imortais que Galeão tirou do mundo

real para encaixar nos seus romances.

A Letras Editora acaba de lançar a biografia de João Cordeiro, o grande abolicionista cearense, de autoria de Freitas Nobre. Este livro destaca uma das mais interessantes figuras da nossa vida política, a de um campeão da liberdade e a de um trabalhador honesto.

"PRÊMIO ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO"

Já se encontram abertas na secretaria da Academia Paulista de Letras, as inscrições para o "Prêmio Antonio de Alcantara Machado", referente ao ano de 1943. A esse prêmio só poderão concorrer escritores paulistas, ou radicados em São Paulo, e as obras, inéditas, terão que ser obrigatoriamente de ficção.

O mais importante, porém, é o valor do prêmio — 18.000 cruzeiros, o mais alto que atualmente se concede no Brasil. É verdade que o valor normal desse prêmio é de apenas 8.000 cruzeiros, tendo este ano subido a 18.000 em virtude de no ano passado nenhum dos concorrentes ter sido classificado.

Nos anos anteriores foram vencedores do prêmio Antonio de Alcantara Machado os escritores — Origenes Lessa, com o romance "O feijão e o sonho"; Diná Silveira de Queiroz, com "Floradas na Serra", e Miroel Silveira com a novela infantil "O aro do anel".

Agência Roxy

A ÚNICA ABERTA DIA E NOITE

S. PAULO

Matriz:

Avenida S. João, 597
Fone 4-9365

Filial:

Rua Barão de Itapetininga, 112
Loja 3 — Galeria Guataparã

LIVROS de todo o Mundo, principalmente nacionais

ESPECIALIDADE em publicações em castelhano

REVISTAS, FIGURINOS e JORNAIS estrangeiros e do país.

Acabam de receber novidades dos Estados Unidos, Argentina e Chile.

O Romancista Georges Bernanos

PAULO RONAI

Copyright de LEITURA



Bernanos

O NOVO romance de Georges Bernanos, cuja edição original francesa saiu no Brasil, foi começado e em grande parte escrito, ao que parece, há vários anos. Isto não impede que seja, como a *Lettre aux Anglais*, uma obra de exilado. Para o exílio de Bernanos, a queda da França já não era necessária: ele é desterrado, como os profetas o foram, não de um país, mas de uma época, ou, mais ainda, de uma civilização.

Antes que um arquiteto de enredos, é o romancista Bernanos um criador de atmosferas densas e abafadas, de ambientes cheios de germens de conflitos e escândalos, e também um esboçador de caracteres doentios, vítimas quasi todos de uma hipertrofia da personalidade, retorcendo-se nos tormentos sempre novos da imaginação. E é principalmente um lírico. O seu estilo, vívido e vivificador, de extraordinária flexibilidade, tem aquela força que só pode originar-se na dolorosa sinceridade do artista a quem a própria criação faz sofrer, e consegue ampliar admiravelmente os horizontes do romance. Assim num microcosmos de proporções reduzidas vemos projetadas as feridas do homem eterno, os problemas mais graves da época.

Neste livro tem-se a impressão de o autor haver remodelado várias vezes sua criação primitiva que, no começo, devia ser um romance mais ou menos construído dentro dos moldes tradicionais. Em cada remodelação — operação aliás que pode ter sido totalmente interior, verificada dentro da imaginação do autor antes de ter escrito a primeira palavra — a obra ganhou em intensidade e perdeu em clareza. O livro que temos em mão é um conjunto de retratos e de ações com os fios de ligação muito tênues, às vezes de tudo cortados, mas que, apesar de tudo, fazem corpo graças à magia envolvente da atmosfera e

à alta tensão de um estilo apaixonado.

Comete-se um assassinio numa pequena aldeia. Crime vulgar cuja vítima é um rapazinho insignificante, um pequeno lavrador. E o criminoso? Levantam-se suspeitas, acendem-se desconfianças, brotam acusações. A inerte massa humana do lugarejo, esse lodacal entorpecido, põe-se a ferver, a agitar-se. Exibem-se complexos recalçados. Exibem-se traumatismos. Os doentes — e todos o são — alardeiam seu mal secreto. O prefeito de Fenouille, que ostentara gloriosamente um nariz monstruoso até o momento em que as explicações do médico local lhe tivessem revelado a anormalidade de seu hedonismo olfativo, proclama à beira do tumulto da vítima as ansias indizíveis de que vive acometido desde essas explicações, e esvazia em público sua consciência brutalmente despertada. O sacerdote que o torpor das almas, que deveria guiar, tinha mergulhado num abismo de vergonha e desespero, proclama num desafio aos seus fiéis, arrebatado pela efervescência patética, a não-existência da freguesia. A castelã doida, num paroxismo de paixão em que amor e ódio se confundem, para envolver seu amante numa hedionda acusação enfrenta a multidão excitada e comunicando a suas histeria à massa informe, infunde-lhe uma alma elementar e devastadora. Um só crime chega para fazer reboatar o ar saturado de loucuras, anseios doidos, paixões virtuais.

E' a esta cena central que convergem os fios, aliás bastante emaranhados, da trama. Há porém muitos outros motivos de ligação enigmática. A fuga de Filipe, esse adolescente em quem a mocidade desabrocha violentamente de um momento para outro, arrancando-o à companhia da mãe que se finge viúva e da "miss", sua amiga equivocada. O segredo do desaparecimento do pai de Filipe, revelado imperfeitamente nos estertores do castelão moribundo, cuja vida se decompõe progressivamente. As atrações que exercem sobre seu espírito mal plasmado a loucura agitada e vertiginosa da castelã Mme. Nercis, aparecendo cada vez numa visão apocalíptica em seu carro puxado por uma égua esbraseada e a misteriosa e fria imobilidade deste indecifrável Monsieur Ouline, devorado por uma insaciável fome de almas e cujos gestos comedidos são a expressão de um poder irresistível. O patético pacto de amizade do adolescente com um amiguinho enfermo a quem abandonará ao primeiro apêlo da vida. A voz da consciência que ainda desta vez sai fraca e perturbada, da boca de um sacerdote, não consegue aclarar esta visão sombria do universo atormentado. Apenas sublinha a crise decisiva e inadiável de nossa sociedade nesta sua imensa ebulição produzida pelo fermentar de tantos crimes.

MONSIEUR OULINE, de Georges Bernanos — Roman — Atlântica Editora — Rio, 1943.

A Razão nos Loucos...

AURELIO DOMINGUES

Copyright de LEITURA

É um título de livro, dos mais sugestivos que se poderiam imaginar. Francês, autor também de "Les Ombres de Paul Volvenel, alienista, Belles-Mères Tragiques". Não é um livro novo, recém-aparecido. Mas, nem por isso, deixa de ser atraente. Livros não se perdem por velhos. Ao contrário. O livro deve ser como o amigo e o vinho. E este não é propriamente velho, data de menos de vinte anos. Para um livro, um livro bom, é menos que uma juventude, é uma infância.

Não é despropositado vir falar de tal livro nas colunas de LEITURA, agora que esta revista reserva uma página aos livros nomeadamente "científicos". Que, afinal das contas, o volume "A Razão nos Loucos e a Loucura nos Ajuizados" não é rigorosamente um compêndio de ciência, só para alienistas, ou mesmo para médicos "tout court". Não. O livro de Paul Volvenel é dos que se dizem ao alcance de uma média de cultura, a que, é claro, não falem conhecimentos que não são, deixem lá, do domínio da medicina, nem mesmo da psiquiatria.

Seu autor revela-se, no decorrer das

páginas do volume, aliás pequeno, possuidor de uma "verve" inexcedível, senhor de uma boa dose de filosofia, de que deve ser sempre dotado o psiquiatra, que não se cinge apenas aos conhecimentos "terre à terre", fornecidos pela propedêutica das doenças mentais. Paul Volvenel possui, sente-se, em dose vantajosa, conhecimentos literários e clássicos, para poder ser um alienista "comme il faut".

Mas — a razão nos loucos! Como pode ser? Pois não se diz: "Coitado! perdeu o uso da razão". Nada mais inexato. A respeito de razão, somos em geral tão pobres, que dificilmente temos, como diria um espanhol "algo" que perder. E isso todo homem de espírito sabe-o bem. A razão tem sido, não há dúvida, a última coisa que temos vindo lentamente adquirindo. E não nos serve na representação do "trágico quotidiano" (Maeterlinck) de grande coisa. Serve para "comprar um par de botas", mas nem sempre para "descalçar-las". E para prova aí está o mundo: olhem e meditem...

Que é afinal a loucura? Que é a razão? Volvenel escreve: "Meu La-

rous e de bolso — esse livrinho capaz de prestar serviço aos mais sagazes — diz no vocábulo *loucura*: “alienação do espírito”, e no vocábulo *alienação*: “loucura”. Estamos pois, bem instruídos.

Bem servidos, diríamos. Continua o autor: “A loucura é então alienação e a alienação é loucura”. Isso faz lembrar o caso de uma *Enciclopédia* portuguesa “conformada” como diria um nordestino, na América do Norte, em que li: “Curió — pássaro de S. Paulo que come arroz”. Ora, quantos pássaros em São Paulo comem arroz? Ou então um Dicionário, também nosso, que diz: “Bode-macho da cabra. — Cabra — fêmea do bode”. Se temos de aprender alguma coisa, válidos de tais fontes de saber, estamos bem servidos!

Mas o *Larousse* e de bolso, definindo ainda *loucura*, acrescenta:

“Desvio de conduta”. O que vale por ir esclarecendo a questão. Pelo que diz respeito à razão, “somos melhor esclarecido”, diz Paul Voivenel, pois o *Larousse*, ainda o de bolso, explica que é a faculdade por meio da qual o homem pode conhecer e julgar”.

Isso, só por só, não é contudo bastante para conhecermos a loucura, ainda mais para distingui-la de razão. E esse é o ponto importante da tese de Voivenel.

Na vida quotidiana, na prática, como se diz por aí, nada realmente mais útil que distinguir um louco de um ajuizado, separar o joio do trigo. Mas também nada mais difícil.

Voivenel escreve que *loucura* “é um desses vocábulos como *amor*, *sensação*, *instinto*, que se compreendem melhor quando simplesmente enunciados, que quando os sábios, armados de seu patuá pretencioso dos “primo” e “segundo”, tentam defini-los”.

E’ certo que notáveis alienistas — e não precisaríamos que Voivenel nos dissesse — têm embalde tentado dar uma definição curta da idéia delirante. Eis o que escreveu, por exemplo, Léuret: “Busquei quer em Charenton, quer em Bicêtre, quer na Salpêtrière, a idéia que me parecesse mais louca; e, quando a comparava a bom número daquelas que têm curso no mundo, ficava surpreendido e quase envergonhado de não ver quase nunca diferença”. E’, na verdade definir a loucura de maneira indireta, e, nem por isso, menos eloquente e mais certa, graças a uma observação acurada da vida, fora ou dentro das casas de orates.

“Se a alienação — escreve Voivenel — não tem nenhuma qualidade estritamente individual — especifica,

como dizem os médicos em sua linguagem — deve principalmente ser encarada do ponto de vista prático”. E o autor propõe: “Um alienado é um doente cujas perturbações de espírito são um obstáculo, transitório ou permanente, para sua adaptação à sociedade em que deve viver”.

A definição é incontestavelmente razoável e tanto quanto pode ser, sucinta. Abrange realmente os fatos, enfiando as realidades.

Mas tudo isso não levará ninguém, de bom senso, a supor que poderá distinguir, assim sem mais tirte nem quarta, a loucura da sensatez, ou seja da razão, diferenciar um louco de um ajuizado. Antes de irmos adiante, lembremos que há um impulso de alma, dos mais nobres, dos mais elevados moralmente, que domina, por assim dizer o louco — e a que foge, muitas vezes, quase sempre, o homem sensato: é o impulso de dizer a verdade. Hamlet dizia a verdade. Que loucura, dizer a verdade!

Há histórias ilustrativas do valor da loucura e da razão. Um dos discípulos de Esquirol, notável alienista francês do século último, dizia-lhe um dia: “Mestre, indique-me um critério certo para distinguir a razão da loucura”. No dia seguinte Esquirol reuniu à mesa o discípulo e dois personagens, um correto até a perfeição do porte e da linguagem; outro exuberante, chelo de si e de seu destino. Ao despedir-se o discípulo lembra ao mestre o critério que lhe pedira na véspera. “Pronuncie-se você mesmo. — diz-lhe Esquirol — Acabamos de jantar com um louco e um ajuizado”. E o discípulo: “Oh! o problema não é difícil: o ajuizado é o homem tão distinto, tão perfeito; quanto aquele outro, que estontendo, que cacete! Dever-se-ia interna-lo”. Ao que o mestre rematou: “Pois bem! você está enganado: o que tem na conta de um ajuizado, julga ser Deus, toma na atitude o recato e a dignidade que convêm ao seu papel: é um pensionista de Charenton. Quanto ao rapaz, que você toma por um louco, é um de nossos belos literatos, é o sr. Honoré de Balzac”.

Outra. Certa vez um ministro foi visitar um asilo de alienados. Soube que lá estava internado um seu colega de ginásio. Era de uma época em que o nosso ministro de agora se mantinha, com regularidade notável, em último lugar na classe. E o louco, assim que o viu, abriu-lhe os braços num gesto de emocionante recordação, e disse-lhe com toda a amabilidade: “Que prazer, em te rever, rapaz! Ainda burro?”.

Comigo mesmo passou-se o seguinte. Tive de ir em companhia de um

ACABA DE SAIR:

“O JOGADOR”

Romance de DOSTOIEVSKI

O drama intenso de uma alma torturada pelo vício

Um livro de leitura absorvente que vale por um ensinamento àqueles que se deixam levar pela tentação e mentiras das primeiras emoções do jogo.

PREÇO Cr\$ 15,00

Editora PANAMERICANA - Rio
PRAÇA TIRADENTES, 79, 1.º

colega, examinar uma louca. Não sabia eu de quem se tratava. Ao ser-me apresentada, verifiquei ser a viúva de um homem que, em dado momento de acontecimentos graves no Brasil, estivera um tanto em evidência. A doente era um caso de psicose maníaca depressiva. Atendia mal ao interrogatório que meu colega lhe dirigia: estava sujeita a mutismo. Numa oportunidade, dirigi-lhe a palavra e perguntei-lhe pelo filho, que eu conhecera muito bem, pois fora meu companheiro na Faculdade, e era morto, eu o sabia. “Aparece às vezes por si” — respondeu-me ela, indicando com um gesto lasso, fora o jardim do asilo. “Rapaz inteligente!” — disse-lhe eu. E ela contraveio, olhando-me fixamente, com uns olhos grandes e quase negros: “E” — mas caráter ruim”.

Precisaria — é justo dizê-lo — estar louca, aquela mãe, para proferir tamanha verdade! Veio-me à mente a cena entre Cordélia e o pai, na tragédia de Shakespeare, quando Lear já se acha nas vascas da demência e da morte. Na adaptação da tragédia, Julio Dantas faz o rei da França, ao ouvir o que então diz Lear, exclamar: Sim, misteriosas palavras da loucura! Sim, misteriosas palavras.

LA RAISON CHEZ LES FOUS ET
LA FOLIE CHEZ LES GENS
RAISONABLES, do docteur Paul
Voivenel — Editions du Siècle —
Paris.

Como
leitor

O matutino
de mais am-
plo noticiário,
local, nacio-
nal e inter-
nacional

FAÇA DO

Diário de Notícias

O SEU JORNAL

Como
anunciante

O matutino de
maior tiragem
no Distrito Fe-
deral. 41.000
exemplares nos
dias úteis e
65.000 aos
domingos

O Enterro de João de Deus

Conto de JORGE MOREIRA NUNES

Ilustração de Perce Deane

Copyright de LEITURA

SONHEI de novo com João de Deus, na noite passada. Foi um sonho triste e doloroso. Vi-o de novo, claramente visto, como naquele dia cuja lembrança jamais me sairá da memória, passem quantos anos passarem. Vi o meu amigo João de Deus, de pé, girando ridiculamente nos pés duros e caindo depois de rosto contra o chão.

Nos sonhos anteriores — costumam eles visitar-me com bastante frequência — João de Deus nada dizia. Contentava-se em perturbar minha tranquilidade com o simples aparição de sua figura silenciosa e melancolicamente acusadora. Mas, neste de agora, olhando-me com os olhos infinitamente tristonhos e indagadores, disse, numa voz dolorida que ouvi distintamente, estas palavras que me cortaram o coração:

— Ah, Frederico, Frederico! Porque deixou que acontecesse aquilo comigo? Você, o meu amigo, o meu melhor, o meu grande amigo! Mais do que irmão, Frederico! Um amigo em quem eu confiava tanto, tanto... Nunca, Frederico, nunca poderia esperar que deixasse fazer comigo o que fizeram, nunca, nunca, nunca...

Tentei falar, explicar que não fora eu o culpado, afinal de contas. Tentei, mas não consegui dizer nada. A língua estava paralisada, eu abria a boca, mexia os lábios, soprava, tudo inútil. Nessa luta acordei, gritando, tremendo, suando frio. Minha mulher sacudia-me pelos ombros, debruçada sobre mim.

— Que é isso, Frederico! Acorde! O que foi?

Eu já estava acordado. Contei o sonho.

— Outra vez, Mariana. Está vendo? Agora é quase toda noite. Acabo enlouquecendo, não aguento mais.

— Que tolice, meu filho! — Olhava-me maternalmente, protetoramente. — Para que ficar assim impressionado? Você não teve culpa nenhuma, foi tudo obra da sorte. E quem disse e que você falou não foi João de Deus, foi a sua imaginação. Ele deve saber muito bem que você foi fiel até o fim, que você cumpriu direito o seu dever de amigo. Durma, não pense mais nessa bobagem.

Colei-me e procurei dormir. Mas tudo o que ficara para trás estava acontecendo de novo em minha cabeça. Vi outra vez as caras ansiosas, apavoradas, as peripécias do caixão no elevador, o desespero de d. Francisco. Seria eu realmente o culpado, como dissera João de Deus, no sonho?

Eu recomendaria ao porteiro que avisasse nos outros andares, pedisse para deixarem o elevador em paz, afirmava que João de Deus tivesse trânsito livre em sua última viagem vertical. Naturalmente, o imbecil esqueceu-se da

avisar. Apenas acabamos de olhar o nosso amigo, depois de esforços penosos (o caixão pesava enormemente), eis, quando fechamos a porta do elevador, que ele se pôe a subir em lugar de descer, carregando o morto para as alturas e deixando-nos confusos e furiosos. Alguém apertara o botão, em cima — em que andar? perguntavam — enquanto o elevador estava com a porta aberta, esperando o passageiro. No meio do aborrecimento causado pela intrusão, um pensamento me passou pela cabeça, causando-me um pouco de satisfação vingativo: qual seria a atitude do sujeito — ou sujeito — que

chamara o elevador, se abrir a porta e esbarrar com o ocupante?

Correram cinco, dez minutos, e nada de João de Deus baixar das alturas a que o tinham guindado indevidamente. Que teria acontecido? Despachei alguém para investigar lá em cima, depois passei a Antonio o comando local das operações e entrei para beber um copo de água. Tinha a garganta seca de tanto falar. Os que tinham ficado no patamar, entre eles a viúva, entraram também pouco a pouco, todos de cara contraída.

Estava ainda na cozinha, onde fora beber a água, quando uma mocinha,



toda exaltado, veio dizer-me que o elevador desceria finalmente, mas parara no nosso andar e se recusava inexplicavelmente a prosseguir no seu caminho para o térreo, onde João de Deus estava sendo esperado com impaciência pelas que tinham descido antes.

Fui ver. Abri a porta. O caixaão lá estava, de pé no seu canto. Meus olhos observaram as táboas e vi João de Deus apertado ali dentro, quieto e paciente, indagando caramente, se e que por moros é permitido pensar e formular perguntas, quando é que iam deixar de brincadeiras e levá-lo finalmente para onde pudesse descansar em paz.

Fachei a porta devagarinho e procurei Antonio com os olhos. Fora lá em baixo, informaram, ver se resolvia a dificuldade. Eu devia ir também, mas eram seis andares pela escada, minhas pernas já não davam para tanto. E mesmo, que adiantava? O melhor era esperar, para ver se aguentavam o elevador.

Tornamos a entrar, pois onde eu ia todos iam também, como a tripulação que acompanha o comandante. Todos se esforçavam por manter o ar composto anterior, mas o inesperado dos incidentes tinha introduzido no ambiente solene um elemento novo, menos sério e compenetrado. Num ou noutro olhar lusio mesmo, às vezes, uma luz maliciosa que logo se apagava às pressas, cadendo à expressão mortífera de pesar convencional. Falavam em voz baixa, e os mais velhos, experientes naqueles assuntos, narravam casos parecidos que

tinham presenciado, coisas extraordinárias. D. Francisco chorava com o longo apertado contra os olhos, sentada numa cadeira.

Passaram-se alguns minutos plenos de expectativa. Depois, Antonio surgiu na porta e abraçou, chamando-me. Estava alegado em suor, esbaforido, respirando forte, aos estertores.

— Que inferno! expectorou, perdendo as conveniências. Não há jeito, o elevador enguiçou de uma vez. Não sobe nem desce. O porteiro disse que só chamando o mecânico, mas com certeza vai demorar.

Houve um silêncio perplexo. Depois, alguém aventurou:

— E pela escada, então?...

— Pela escada não dá, já estive tomando medidas. É de caracol, muito estreita. Não se pode virar nas curvas.

— Leva-se de pé, sugeriu um otimista, irrefletidamente.

Vários críticos apressaram-se logo a demonstrar a inaniidade da sugestão, em tom de pouco caso. Como levar de pé um coximão pesadíssimo, que seis homens suspendiam com esforço? Ninguém pensasse nisso, era bobagem. O conselheiro não gastou do termo. Resmungou qualquer coisa e fechou-se num silêncio digno e ofendido.

Dai alguns passos hesitantes pela sala, pensando, sem saber que resolução tomar. Um velhote magro e baixo, de barba em ponta e pince-nez de fita preta, deteve-me pelo braço, arrastou-me para junto de uma janela e afirmou

gravemente que a única solução era apelar para os bombeiros.

— Os bombeiros?!

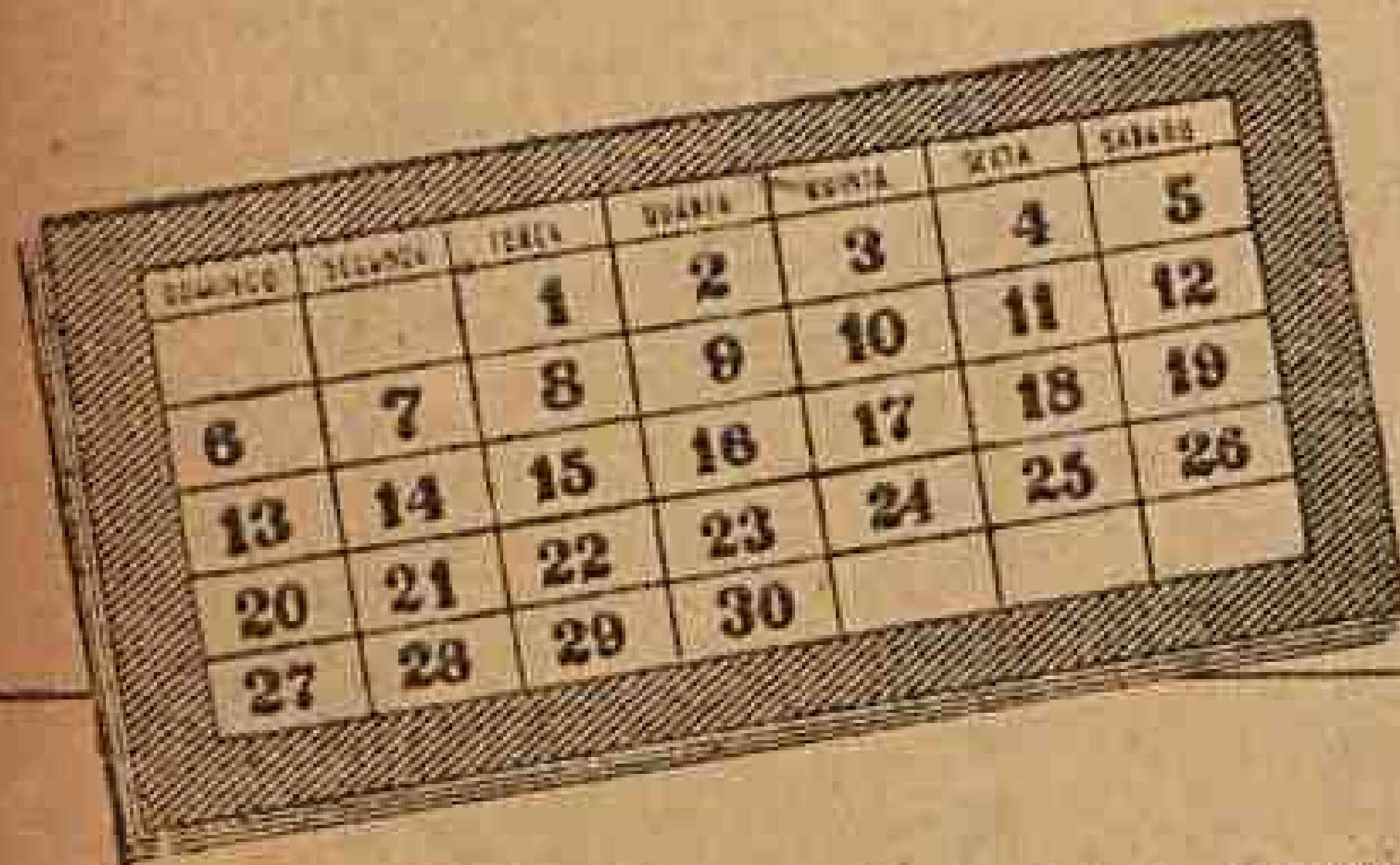
— Sim senhor, os bombeiros. Por que não? Já vi isso uma vez, meu caro amigo. Aconteceu a mesma coisa com uma tia minha, há tempos. Sou muito amigo de um coronel do Corpo de Bombeiros, muito prestativo. Pedi que me ajudasse, as rapazes foram e tudo se resolveu num instante.

Olhei-o um pouco e larguei sem dizer palavra. Os bombeiros! Ah, João de Deus, João de Deus!

O suor escorria-me grosso pelo rosto, empestava-me os cabelos, descia pelas costas abaixo. Pela casa andava um zumzum de vozes excitadas, todos despertavam, saíam da pose tradicional, mexiam-se com nova disposição, como espectadores sonolentos que descobrem uma novidade numa peça fastidiosa e sempre igual.

E João de Deus, que fazer com ele? Como encaminhá-lo para o seu devido destino? Devia mandar que o retirassem do elevador e colocassem de novo sobre a mesa, ou deixá-lo onde estava e esperar? Mas esperar até quando? Se o elevador não pudesse ser concertado logo? As interrogações não me davam socorro. O conselho do velhote do barbo de bode veio-me à cabeça, no meio delas. Afastei-o, voltou de novo, e, desta vez, já começava a impor-se como uma tentação forte. Mas eu não podia conformar-me, conciliar a idéia dos

(Continua a página 78)

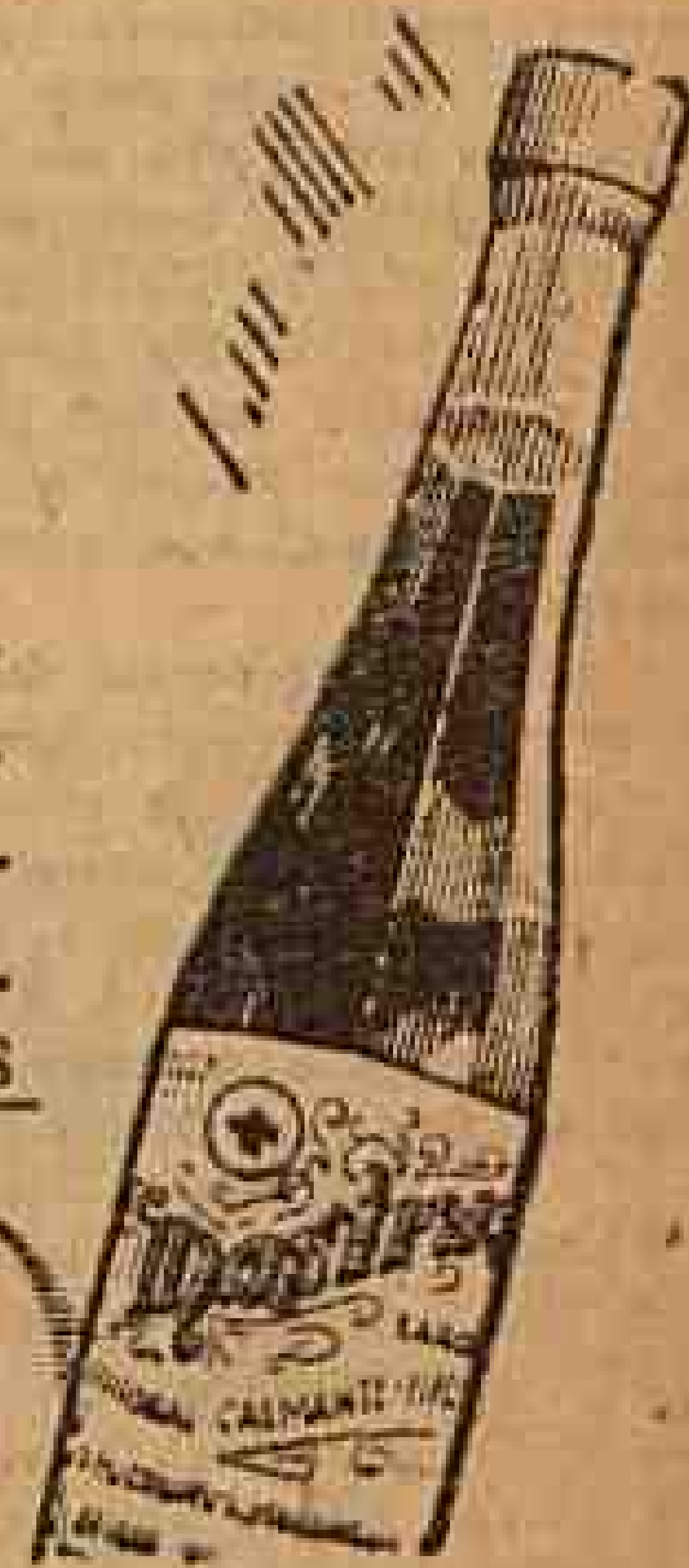


**2 dias ou
semanas**

Um resfriado ou uma gripe duram 2 SEMANAS, quando tratados por métodos comuns. Em todo esse tempo o arejamento do sangue está sendo prejudicado, pois o oxigênio necessário tem que passar pelas vias respiratórias, então obstruídas. Durante duas semanas isso é perigoso! Não use nunca métodos de 2 SEMANAS; use de 2 DIAS. Nas tosse, gripes, resfriados, coqueluches e bronquites, tome MASTRUÇOL, que contém 9 elementos terapêuticos consagrados desde milênios. Contendo 9 elementos, MASTRUÇOL "vale por nove". Por isso, MASTRUÇOL é o método de 2 DIAS

MASTRUÇOL

O método de 2 DIAS para as tosse, gripes, resfriados, bronquites e coqueluches. Sem aceno pelas crianças



1001 Maneiras de Ficar Maneta

DOM Ramon Maria del Valle Inclan y Montenegro, senhor da povoação de Caramiñal e último Marquez de Bradomín, era um obscuro adeão galego, antes de emigrar para o México; chamava-se Ramon Valle Peña. Talvez sem as aventuras de sua mocidade em terras mexicanas, onde a sua audácia e vivacidade de celta somaram-se a um impeto novelesco e um alarde verbal de constante desafio, o emigrante Valle Peña nunca tivesse chegado a ser, no panorama da literatura espanhola contemporânea, "o velho deus altaneiro e esquivo", pintado por Ruben Darío num soneto. No entanto, nem toda sua cuspida era fruto das vagas e do arrotar os embates da vida nos países estrangeiros. No mesmo dia em que punha os pés em Vera Cruz um jornal matutino, no apogeu de sua hispanofobia indígena, dizia, no editorial, algo parecido com a seguinte saudação: "Desde Hernán Cortés ao último 'pé rapado' desembarcado em nossa pátria, todos os espanhóis que para aqui vieram foram Cassimio Ladrão e Piva-deu". O moço de Caramiñal, ao ler tal desafio, apresentou-se na redação, armado de um bom escote à maneira da clava de Hércules, e pediu em altas vozes para falar ao diretor. Acudiu-lhe aos gritos de desafio do viajante, que, ao vê-lo, disse:

— O último espanhol chegado ao México sou eu, o desmembrado! Tome, seu malcriado, para que saiba que não sou um covarde.

E antes que o bem-dito se refizesse do susto, abriu-lhe a cabeça a paulada.

EM MADRID DE "98"

Ainda com trinta anos incompletos, Valle Inclan repenhou-se de suas correrias pela América — prehistória insondável de sua existência — e apareceu como novelista de folhetins por etapas, à maneira trululenta e desordenada das novelas escritas por Dom Manoel Fernandez y Gonzalez, mestre do gênero.

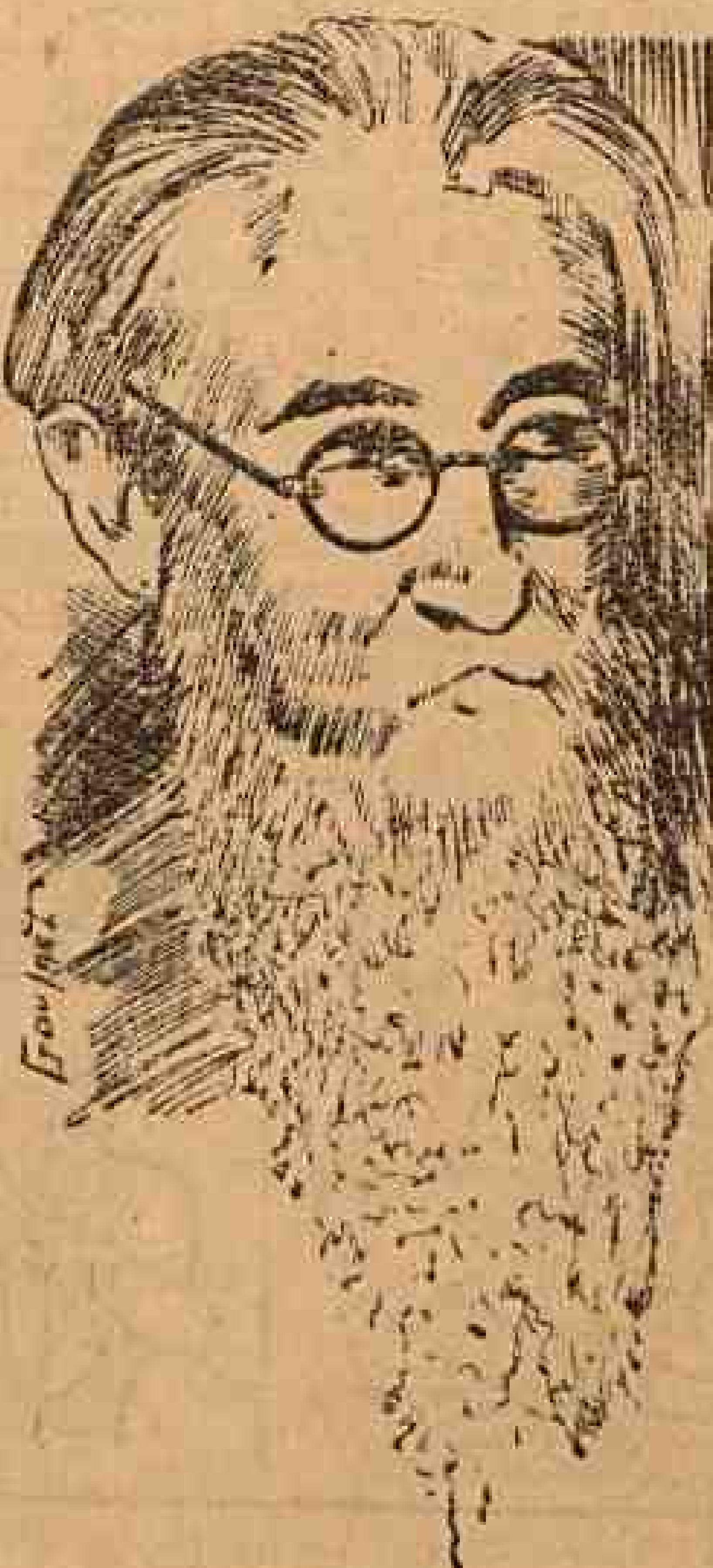
Já assinava seus trabalhos de ganhar pão literário com algo do seu logo famoso nome de batalha: Ramon del Valle Inclan. Não penetramos ainda, porém, na vida fabulosa do artista. E em plena efusão combativa é creadora da "geração de 98", quando no antigo Café de Fornos — o mais popular dos cenáculos de Madrid, há quarenta anos — surge a petulância de um jovem de longa barba negra, anacrônica melena merovingia e quevedos gulos de carey. Começa a ser admirado pelo estilo de sua prosa suculenta e impecável, e a ser temido por sua mordacidade ilimitada. Entre as últimas manifestações dos autores muito "século XIX" e as primeiras de Benavente, é ele o elemento crítico discordante e audaz, sempre disposto a entrar em luta contra tudo e contra todos. Não obstante sua juventude e a irreverente familiaridade do ambiente artístico e teatral madrileno, a ele, por exceção, foi outorgado o tratamento condigno. Chamam-no, desde já, Dom Ramon Maria del Valle Inclan y Montenegro. Começa a publicar suas grandes novelas: "As sonatas" e "Águilas de Brazão", e suas obras poéticas "Perfumes de Lenda" e "Conto de Abril".

VALLE INCLAN E ECHEGARY

Suas anedotas, "boutades", saídas de "pata de tanco" e repentinas, magníficas às vezes, oportunas e rápidas sempre, correm já de boca em boca. No círculo de uma escola de Echegaray, ironiza a respeito do drama longo:

— Este Dom José tem a obsessão da infidelidade conjugal. Todos os seus dramas são a auto-biografia de um marido enganado.

— De a sua opinião, não da vida



Valle Inclan

privada mas da obra senhor, obcecou-lhe um filho de Echegaray que passava entre os espectadores e tinha ouvido o comentário.

— Da obra estou falando, jovem, replicou Valle Inclan. Não é o senhor Echegaray o protagonista de todos os seus enredos sobre o adultério?

Quasi sem se conter, o filho do detentor do Prémio Nobel, ridicularizado, disse-lhe riado:

— Advirto-lhe que o senhor Echegaray é meu pai!

— Está bem certo disso? foi a resposta, mais ferina ainda, de Dom Ramon, para cortar o diálogo. Em torno a ambos reuniram-se os amigos de um e de outro, e, graças a isso, Valle Inclan saiu incólume de sua perigosa aventura verbal.

COMO PERDEU O BRAÇO

Por mais feliz que fosse a sua audácia nem sempre lhe saiu como desejava. Um dia, a resposta partiu do braço de outro escritor, deixando-lhe maneta, Valle Inclan e Manoel Bue-

no, grandes amigos antes e depois do doloroso incidente, discutiram certa vez, esgrimindo ambos seus sarcasmos, farpas cada vez mais e ácidas e diretas ao amor próprio ferido. De repente, desarmado dialeticamente num dos embates orais de Dom Ramon, Manoel Bueno agarrou uma garrafa de água como argumento "potens", e partiu-a contra o ante-brço esquerdo do contendor irredutível. Osso e cristal romperam-se a um só tempo. Valle Inclan não se moveu sequer; porém debaixo da manga, a ferida brutal escorria sangue:

— Não é nada, não é nada, disse imperturbável. Cada qual se defende como pode. Perdoa, Manoel, se te deixei fora de combate; atirei-me a fundo contra teu cérebro e não pudeste empregar-lo no contragolpe. E' pena que tua garrafada não tenha convencido a ninguém.

A resposta foi esplêndida. Mas, no outro dia, por efeito da adesão da camisa que se enrustou na carne, a lesão gangrenou, talvez por não confessar que estava ferido e não curar em tempo. E, desse modo, Dom Ramon ficou em semelhança eterna com Cervantes.

VALLE INCLAN E BENAVENTE

Não pouco se envaldeceu o maneta de tal defeito. Sobretudo, a proporção que sua literatura acreditava-lhe como o melhor estilista castelhano de 900. Até que outro grande espanhol de talento, Benavente, mestre do florete espiritual, ouvindo-lhe blasfemar de Cervante e Galdós, de antepassados e contemporâneos literários, em plena reunião do Café "O Gato Negro", corrigiu-lhe seu próprio endeusamento, com a zomba sutil que lhe é própria:

— Maneta, sim e grande prolista; porém... Dom Ramon... que nunca foi a Lepanto!

MIL E UMA MANEIRAS DE FICAR MANETA

Não haver perdido o braço numa ocasião semelhante a Cervantes o que lhe recordavam constantemente, não aborrecia tanto Dom Ramon como se tentonassem inventar histórias da garrafada e da incúria que o deixou aleijado. Ele não queria ser objeto senão homem de histórias; melhor ainda, homem de lenda, personagem fabuloso, protagonista de mitos, na maioria inventados por ele mesmo. Um dia, certo editor projetou recolher em parte o anedotário vallemclanesco. Tendo sido avisado Dom Ramon lhe advertiu que recorrería aos tribunais e processaria todo aquele que, não sendo ele próprio, tentasse escrever a miscelânea de sua vida:

— Só reuniu você 87 versões de como perdi o braço? disse-lhe. Eu posso referir-lhe mil e uma narrações desse feito de armas. Todas interessantes, e, sendo eu o testemunho de maior exceção, todas elas verdadeiras, indiscutíveis, por serem minhas.

— Uma tarde, na selva africana, contava Dom Ramon, despertei de minha sesta e vi o meu braço esquerdo inchado como a tromba de um elefante: aconteceu que enquanto eu dormia, uma serpente venenosa picou-me o braço. A gangrena avançava pelo ombro, ameaçando-me a ca-

beça, que não desejava perder por não ter tido tempo ainda de escrever "Vozes de Gesta", a única tragédia que existem versos castelhanos. Não havia médico, pois o único que tínhamos na expedição, tinha morrido na véspera devorado pelas hienas. Não havia tempo a perder. Desembainhei meu facão e, de um só talho, cortei o braço envenenado, deixando-o de lado às feras para vingar o doutor.

Navegávamos pelos mares austrais em um late que me foi dado de presente pelo presidente da República do Haiti, por lhe ter salvo a vida numa conspiração de indígenas. Lutávamos contra um temporal que já durava dois meses. A bordo não restavam mais provisões e a fome desesperava a tripulação. O capitão pediu minha autorização para tirar sortes entre os cito homens que éramos. Aquele que o azar designasse seria degolado e sua carne repartida entre os sobreviventes. Optei-me a semelhante barbaridade. Aqui só era próprio da feroz imaginação de um francês glutão como Júlio Verne. E imou o espírito da caridade cristã: as oito vidas seriam respeitadas, e, para que todos comessemos, cada um de nós cederia, sem sorteio, um braço à comunidade. Eu naturalmente fui o primeiro para dar exemplo: apresentei meu braço esquerdo ao cozinheiro e fiz com que repartisse equitativamente em sete bons pedaços.

— Havia alguns vegetarianos no navio. Dom Ramon? — perguntamos.

— A fome é anarquista: não suporta regimes, nem sequer o vegetariano. Eu, porém, fui que não quis

provar do bocado. A antropofagia... vá lá... de vez em quando, porém... a autografia?

— E o osso, Dom Ramon?

— Os ossos, porque são três: humero, cúbito e rádio. Meu osso, terminou Valle Inclan, na noite em que improvisou esta versão de sua aventura, no velho Café do Levante, foram guardados em um telescópio náutico. Hoje são conservados, como reliquias marinhas, no Museu Naval dos Exploradores Polares, em Alaska.

VALLE INCLAN DONJUANESCO

Não somente em suas novelas de amor, segundo demonstrou Júlio Cesares em seu livro "Crítica Profana", também na vida, Valle Inclan teve como espelho de seu donjuanismo Casanova e o condestavel Barbey D'Aurevilly. Era sempre sua intenção confundir em uma só vocação pessoal seu imaginário amante, o Marquez de Bradomin, e ele mesmo, em que pese sua figura magra e sem cor, sua falta de braços e inveterada pobreza. Penúria material em luta com a riqueza fabulosa de sua fantasia.

Andava por Madrid um jovem boêmio que para fazer-se notado e atrair a simpatia dos grupos artísticos, deu-se à pilhéria de fazer-se passar por filho bastardo de Valle Inclan. Ninguém ligava importância ao grande mentiroso que, além de não ter herdado nenhum rasgo do talento de seu pai, o marquez, como dizia, era andaluz o que vale dizer, inacreditável por definição étnica. Um dia porém, por casualidade, passou por Valle Inclan, que estava parado na Puerta del

Sol, com seu amigo Mancoel Bueno, que conhecia a história do presumido bastardo:

— Não falas com teu filho? perguntou Bueno.

— Que filho?

— Este rapaz que vai passando. Toda Madrid o sabe.

— Dom Ramon deteve o boêmio pelo braço e perguntou agressivo:

— Por que dizes que sou teu pai?

— Claro que sim! respondeu o moço defendendo-se com audácia. Quando o senhor esteve em Granada a o-jou-se numa estalagem. Minha mãe era estalajadeira e... o que se passou... daqueles amores... nasci eu. Ao morrer, minha pobre mãe me confiou: "Tú és filho do melhor marquez dos que escrevem novelas no mundo". E como o único marquez que sabe escrever bem é o senhor...

— Exato... exato... Agora recordo: uma estalagem... em Granada... Pela memória de tua mãe, que esteja em paz eu te bendigo como o bastardo predileto de minha estirpe. Toma cinco pesetas e procura-me sempre, quando precisares de algum dinheiro ou de um conselho de teu pai.

Assim que se afastou o malandro, Valle Inclan, alisando, com displicência de conquistador amoroso, suas "barbas de cnivo", contou confidencialmente a Mancoel Bueno:

— A mãe era uma das mais formosas mulheres do reino da Andaluzia, quando me interessei por ela para esquecer uns amores infelizes.

(De ALEJANDRO GALARRETA,
— Traduzido de "El Sol").

— Acredita o sr. neste milagre?

MODO DE USAR PEPTOCAMOMILA

Para AÇÃO RÁPIDA:
1 colher das de sopa
diluída em 1 cálice
d'água. Como PRE-
VENTIVO DIÁRIO:
ou 2 colheres das de
chá diluídas em água.



Veja como ele é possível: Pepsina, macela e genciana são 3 elementos de um extraordinário poder terapêutico em casos de perturbações gastro-intestinais. Se qualquer um deles sozinho já é efficientíssimo, os 3 juntos têm um poder triplice, tanto na ação como na rapidez. Esse milagre portanto é possível porque PEPTOCAMOMILA contém os três elementos e vários outros muito conhecidos. Em casos de *má digestão*, pois, tome PEPTOCAMOMILA, da seguinte forma: Para *efeito rápido*, uma colher das de sopa em um cálice d'água; como *preventivo diário*, uma ou duas colheres das de chá, também diluída em água, após cada refeição.

PEPTOCAMOMILA

FAVORECE A DIGESTÃO. AUXILIA O FIGADO, INTESTINOS E RINS

LIVRARIA KOSMOS

ERICH EICHNER & CIA. LTDA.

TÊM A HONRA DE APRESENTAR A 1.^a EDIÇÃO EM PORTUGUÊS
DE UM DOS MAIS BELOS LIVROS FEITOS NO BRASIL:

VISTAS E COSTUMES DA CIDADE E ARREDORES DO RIO DE JANEIRO 1819 -- 1820

Segundo desenhos feitos pelo:

TTE. CHAMBERLAIN R. A.

Tradução e prefácio de RUBENS BORBA DE MORAIS
em suplemento TEXTO DO ORIGINAL INGLÊS

Edição numerada em formato de 33 x 24, com 45 reproduções, sendo 41 em policromia, 2 "fac-similes" e 1 planta da CIDADE DO RIO DE JANEIRO em 1820, com lista dos logradouros dessa época e dos de hoje.

Uma artística capa em brochura Cr\$ 200,00

Tiragem especial, de grande luxo e de formato maior, constando de 321 exemplares "nominais", em papel "WESTERPOST" encadernados e acondicionados em estojo, sendo a primeira reprodução colorida à mão por F. MOLDAN.

SOMENTE POUCOS EXEMPLARES AINDA À VENDA:

PREÇO Cr\$ 1.000,00

EM TODAS AS LIVRARIAS
E NA

LIVRARIA KOSMOS

RIO DE JANEIRO:

Rua do Rosário, 135/37

Caixa Postal 3481 — Tel. 23-6319

SÃO PAULO:

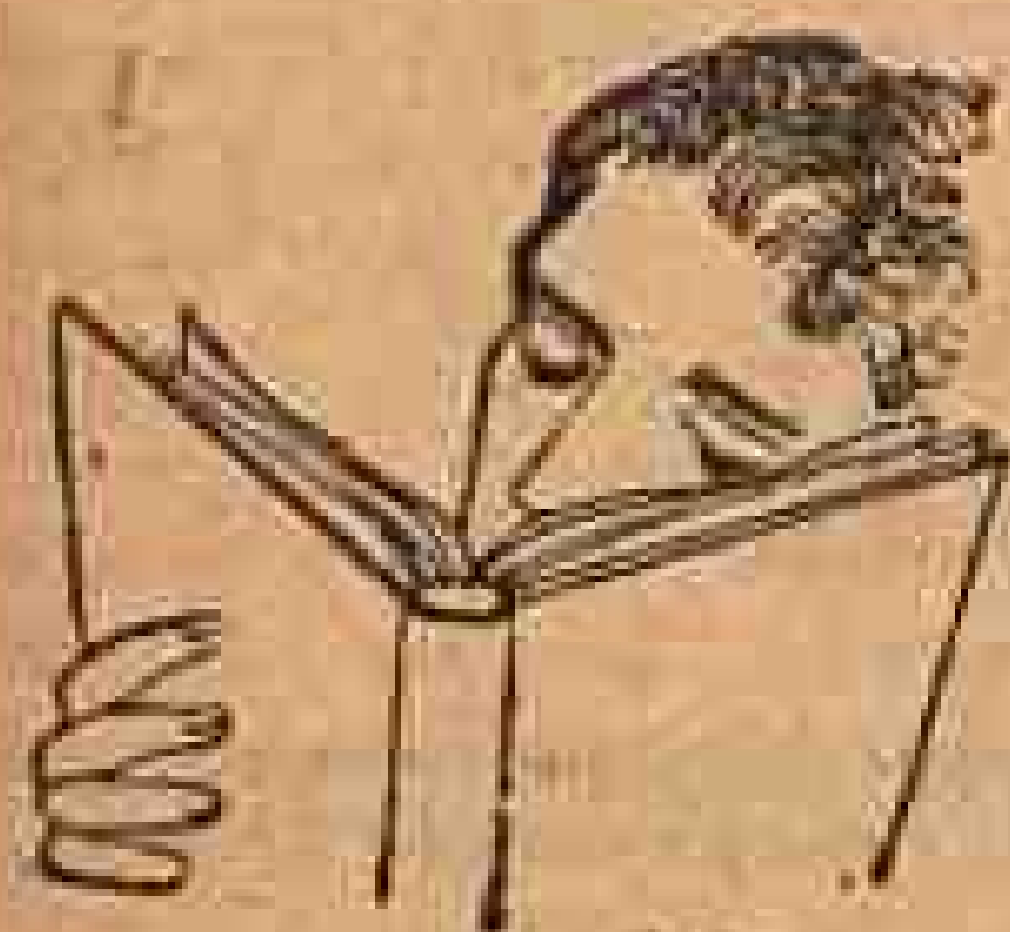
Rua Marconi, 91

Telefone: — 4-3855

Contos Rústicos de Portugal

ELOY PONTES

Copyright de LEITURA



HA já muitos anos Machado de Assis, escrevendo um esboço da literatura brasileira do seu tempo, observava a escassez do conto na bagagem dos autores, a esse tempo em evidência. "É gênero difícil (dizia) a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é, muitas vezes, criador". É bem possível que advertências análogas se aplicassem às letras portuguesas. O conto foi sempre comum na França, onde desde La Fontaine, o gênero encontrou amplo acolhimento público. (Sem estas tentativas literárias fracassam). Em Portugal Alexandre Herculano terá provocado, com as *Lendas e narrativas*, o gosto pelos contos. Depois dele, e mais recentemente, outros tentaram o gênero com bons resultados, sem dúvida alguma. D. João da Câmara, que foi uma criatura feita de mansuetude, ironia e piedade, por exemplo, deixou um volume magnífico. Eça de Queiroz, da mesma sorte, Fialho de Almeida, tirantes as crônicas e polémicas, em que não teve rivais sensíveis, não escreveu senão contos. Abel Botelho, romancista audacioso e sem condescendências, reuniu em *Mulheres da Beira* alguns exemplos ótimos. Carlos Malheiro Diaz escreveu pequena coletânea, onde se podem apontar, pelo menos, duas obras-primas (a nosso ver).

Julio Cezar Machado, Gomes do Amorim, Teixeira de Queiroz, Julio Brandão, Alberto Braga, Trindade Coelho, além de outros, tentaram as letras portuguesas, de modo incontestável. Agora aqui temos uma seleta parcial dessa opulência. Os melhores contos rústicos de Portugal — feita a seu modo pelo Jorge de Lima (Edições Dois Mundos, Rio), onde figuram, além d'alguns daqueles contistas, Raul Brandão, Pedro Ivo, Ramalho Ortigão, Brito Camacho, Antero de Figueiredo e José Loureiro Botas.

Contos rústicos é título e critério que restringem os alcances da coletânea. Os contistas portugueses, em regra, preferiram panoramas e personagens do campo. A aldeia, o moinho, a tapada, a lavoura aparecem muito em todos eles, a partir mesmo dos mais remotos. Rústico é vocábulo elástico. Serve para denominar várias intenções. Muda de sentido, conforme os propósitos. Aqui ele é empregado no sentido de campestre. No Brasil diríamos: os melhores contos roceiros (ou sertanejos). Poderíamos estranhar a ausência de Fialho de Almeida, pelo menos, nesta coletânea. Já não falamos nos *Celfeiros*, que sendo uma obra-prima incontestável tem a estrutura e a extensão das novelas. Mas, os novilhos aqui se enquadrariam admiravelmente e os novilhos não encontram termos de comparação no gênero. Os contos de Trindade Coelho, que aqui encontramos, se nos antolham dos melhores entre quantos provocaram as preferências do colecionador. A propósito dessas páginas, Fialho de Almeida, com as mordacidades e acrimônias de sempre (*Os Gatos*) desancou os contistas rústicos de Portugal, que só sabiam apresentar maltrapilhos, falando num idioma falso e afetado, concluindo: entre os poucos argutos dedicados a prescudar a essência da paisagem provincial e a alma do provinciano e do camponês, Trindade Coelho é dos que mais lucidamente traduzem a seu critério do problema, em forma de arte, e dos que mais progressivamente vão crescendo à vista do leitor, que não perderá mais os vãos poéticos e a graça irônica dos seus quadros do gênero, em duas províncias típicas de Portugal. Palavras análogas nos ocorrem, quando lemos os *Contos* de D. João da Câmara, alma compadecida, voltada para as manifestações otimistas e simples da existência. Por que não entraram, nesta coletânea, os velhos, depois transformados na mais bela de quantas comédias já escritas em Portugal? Mas aqui estão *O Ventura* e *O Perdido*, páginas de beleza estranha e invasora. Ao pé destas colocam-se as de Teixeira de Queiroz, que foi um dos corifeus do naturalismo em Portugal. É bem possível que não tenhamos os mesmos entusiasmos pelos contos de Raul Brandão, espírito original, sempre em atitude entarrecida, como que assombrado com tudo quanto o mundo lhe concedeu no papel de espectador. Ante-

ro de Figueiredo é mais moderno do que os demais. Foi um dos revolucionários no seu tempo, estrelando-se como romancista e dramaturgo. Depois dedicou-se ao romance histórico, preferindo os episódios onde as paixões soluçam convulsas e trágicas. (Leonor Telles e Inez de Castro). Dos seus contos temos notícias através da obra do cronista. A literatura histórica reduziu-lhe muito os êstos de poetas dramáticos. Seus contos são agéis, malignos, corrosivos, audaciosos, sob vários aspectos. Mas, originalíssimos. De lá para cá Antero de Figueiredo se fez romancista de preferência.

Ramalho Ortigão escreveu contos por desfatio, assim como Brito Camacho, jornalista e político, demagogo e republicano, que teve nos acontecimentos que transfiguraram a vida portuguesa uma evidência enorme. Os contos rústicos de Portugal poderiam começar em Alexandre Herculano. A escolha dessa coletânea é arbitrária, obedecendo talvez às facilidades da colheita apenas. No entanto aqui temos o essencial se queremos formulas juízos. Temos também o essencial se nos preocupam os prazeres da leitura, onde imprevistos e surpresas compensem certos elementos da compreensão agradável: Os melhores contos rústicos de Portugal? O título melhor e mais exato seria este: Alguns dos melhores contos rústicos de Portugal. A literatura portuguesa é rica no gênero. As seletas, em regra, tem as vantagens de simplificar as escolhas. Não é fácil selecionar, sobretudo quando se estabelecem estalão e classificação. Entretanto, os melhores livros são aqueles que nos avivam a curiosidade. A certa altura da vida um dos prazeres mais vivos consiste em reler tudo quanto havíamos lido, quando a curiosidade exigia menos. Por isso mesmo estas páginas nos deixaram impressões, já agora indeleveis. Os portugueses, como os brasileiros, aprenderam a escrever contos com os mestres franceses. Por isso é que muitos escritores, de cá e de lá, já compuzeram o "seu conto à Maupassant". Em Raul Brandão há traços fortes de Maupassant. A despeito de tudo esta coletânea dá-nos imagens nítidas, seguras e vivíssimas de Portugal. Daí sua eterna atualidade.

OS MELHORES CONTOS RÚSTICOS DE PORTUGAL, seleção de Jorge de Lima — Dois Mundos Editora — Rio, 1943.

Um Dicionário Gratis

Valioso Presente para os nossos Leitores

INICIAREMOS SUA PUBLICAÇÃO EM JANEIRO, N.º 14

JA' NO próximo número publicaremos as 8 primeiras páginas do dicionário que havíamos prometido aos nossos leitores, o que continuaremos a fazê-lo nos números subsequentes.

A ortografia do dicionário já está de acordo com o novo vocabulário em circulação. Conforme dissemos, o autor desta obra importantíssima é o conhecido filólogo Prof. Brito Mendes.

"Dos dicionários publicados — diz o autor no prefácio da obra — cremos que não há outro cujo plano se pareça com o nosso, o não ser, a certos respeito, o Aulete; mas este trata indistintamente da acepção e emprego das palavras portuguesas em geral e nós apenas da que concerne às dificuldades do idioma e especialmente àquelas que se nos deparam no Brasil e tanto prejudicam o seu ensino e perfeito conhecimento. E' neste particular que o nosso trabalho se diferencia dos similares, aos quais se avanteja porque, além de ter sido feito no Brasil e para o Brasil, analisa, explica, exemplifica, em seus respectivos lugares, o emprego de palavras e formas que por aí correm errados e bem assim as questões sintáticas que tanto embaraçam os estudiosos da lingua.

Deste modo, a obra comporta abundantemente matéria nova que, para ser incluída no volume sem o augmentar, nos obrigou a eliminar muitas palavras, especialmente participios e substantivos de raro emprego, cuja ausência, aliás, não faz falta alguma. O objetivo do presente dicionário não é acumular palavras, mas reunir as que precisarem de mais alguma coisa do que uma simples definição. Nota-se, entretanto, que foram conservadas todas as palavras de uso corrente. A economia de espaço não nos podia levar ao extremo de excluí-las, e tanto assim que, apesar do critério adotado, ainda lhe acrescentamos muitos termos novos indispensáveis.

De acordo com o plano traçado, o nosso trabalho aborda o estudo das matérias que em seguida se enumeram, divididas por categorias de palavras:

VERBOS — O emprego dos verbos transitivos não apresenta dificuldade alguma a não ser a troca frequente do pronome o por lhe e vice-versa. Este caso acha-se convenientemente explicado; não obstante, para melhor entendimento da matéria, todos os verbos que temos de dar exemplo, procuramos formá-los com os referidos pronomes. Aos verbos reflexivos que se formam dos transitivos juntamos, sempre a preposição ou preposições que eles regem.

Os verbos intransitivos relativos e os transitivos que também se empregam como intransitivos é que apresentam maiores dificuldades em vista das diferentes regências de cada um. Por isso, para mostrar o seu emprego, juntamos-lhes frases dos melhores autores com as preposições que a cada um de tais

verbos competem. Muitos d'ales são ainda anotados com observações sobre outras particularidades.

Os verbos irregulares vão todos conjugados em seus lugares no corpo do dicionário, de conformidade com a nova ortografia e com a precisa e rigorosa acentuação. Os verbos cujas irregularidades são apenas gráficas, isto é, os que terminam em *car, çar, cer, gar, ger, gir, guar, quir, gür, quar, quir e ur*, devem ser procurados por estas terminações, sob as quais se explicam as diferenças a que na escrita esta sujeita a conjugação de cada um deles.

PRONOMES — Além dos pronomes *lhe e o*, a que acima nos referimos, tratamos ainda de outras questões, tais como a sintaxe dos pronomes enclíticos, que é a mais importante, o emprego pleonástico dos mesmos e suas variações, etc.

SUBSTANTIVOS — Com esta categoria de palavras nos detivemos muito. São palavras de fácil emprego, das quais nos limitamos a registrar as formas flexionais menos vulgares e algumas acepções novas que tenham tomado no no Brasil.

ADJETIVOS — Os adjetivos deram-nos mais algum trabalho do que os substantivos. Tivemos de anotar, explicar e exemplificar o emprego de muitos deles, indicar a preposição ou preposições, que alguns exigem quando o seu sentido é restrito, assinalar-lhes as flexões, quando menos comuns, etc.

PALAVRAS INVARIÁVEIS — As

preposições, os advérbios, as conjunções, etc., mereceram-nos atenção especial. Além de tratarmos da influência que algumas exercem sobre o emprego dos pronomes na oração, mostramos as particularidades inerentes ao uso de muitos e o modo de empregar com propriedade algumas que nos pareceram de compreensão menos acetível.

Eis aí um resumo do nosso plano com relação às diversas categorias de palavras. Com respeito a outras questões da lingua tratamos, entre outras, da crase, do emprego do artigo com o possessivo, do infinito pessoal, do participio, do modo de acentuar as palavras, do cristoepio, da divisão das palavras, etc., o que tudo se encontra nos lugares competentes.

Em suma, os exemplos, notas e observações que aqui aduzimos, abrangem milhares de palavras com as quais os estudiosos poderão de hoje em diante travar mais íntimo conhecimento."

+

O dicionário do sr. Brito Mendes, autor de várias obras filológicas que alcançaram pleno êxito, é, assim, um trabalho de alto valor e utilidade para aqueles que desejarem manejar a lingua com a correção necessária e sem as vacilações que tantas vezes experimentam. Tal é o valioso presente que **LEITURA** vai oferecer aos seus numerosos leitores.

" LIVROS DE OCASIÃO "

OPORTUNIDADES BIBLIOGRÁFICAS

- NOUVELLE MYTHOLOGIE ILLUSTREE publiée sous la direction de Jean Richepin, com mais de 700 illustrações, 2 vol. enc. original \$ 800
- J. G. Guñon — MARAVILHAS DEL UNIVERSO, descrição de todos os países, 3 vol. todos ilustrados, enc. original \$ 400
- GEOGRAFIA UNIVERSAL, descripción moderna del Mundo, 5 vols. todos ilustrados, enc. original.... \$1.000
- EL MUNDO PINTORESCO, descripción de todos os povos e costumes, 9 vols. todos ilustrados, enc. original.. \$..700
- Max Aghion — LE THEATRE A PARIS AU XVIIIe. Siècle, ricamente ilustrado, enc. \$ 300
- Pierre Louis Duchartre — LA COMEDIE ITALIENNE Improvisation, Canevas, Caracteres, Portraits, Masques des Personnages, ricamente ilustrado, enc... \$ 300
- Mommesen — HISTOIRE ROMAINE, 7 vols. enc. luxo \$ 500
- Shakespeare — OEUVRES COMPLETES traduites par Emile Montegut, 10 vols. enc. \$ 500
- Corneille — EUVRES COMPLETES, 7 vols. enc. ... \$ 250
- Emile Zola — LES ROUGON MACQUART (obra completa) 21 vols., enc. original \$ 850
- Moreira de Azevedo — O RIO DE JANEIRO, sua história, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades (raro) 2 vols. 1877, enc. \$ 500

Atendo a encomendas do interior pelo Serviço Postal de Reembolso

COMPRO LIVROS EM BIBLIOTECAS E AVULSOS
ANTONIO S. SANT'ANNA

Largo de S. Francisco, 44 — 1.º — Sala 2 — Tel.: 234323

O Livro Científico

MEDICINA, BIOLOGIA, CIÊNCIAS NATURAIS

A BÓIA acolhida dispensada a esta Seção veio confirmar as nossas previsões quanto à grande necessidade que há de um intercâmbio cada vez maior entre os editores e o público. Por isso um trabalho para o outro, e dele vive, é justo que sejam sempre bem recebidas iniciativas tendentes a anular intermediários entre o editor e o leitor, fazendo com que este logo tenha notícia do que sai estão continuamente oferecendo à maioridade pública. No factor científico — dedicada esta seção a livros de Medicina, Biologia, Ciências Naturais — esta seção está realizando esse contato direto, e a acolhida que lhe foi dispensada faz com que nos esforcemos por fazer desta página aquilo que os médicos e os dedicados a estudos científicos desejam: uma oportunidade para o noticiário desprezível, direto e simples das novidades científicas editadas no Brasil.

1. MEDICINA

Aparelho Digestivo. — Biblioteca — por A. E. Lombardi, Vitalo e Royer — trad. do dr. Magalhães Freitas — Editora Guanabara — 1943. Eis um livro de real utilidade para o médico prático por isso que em poucos setores médicos terá havido tanta reforma dos velhos conceitos clínicos quanto no quadro do aparelho digestivo. Como estamos longe dos velhos compendios de semiologia digestiva, lendo estas páginas dos três médicos argentinos Ernesto Lombardi, Arturo Vitale e Marcelo Royer!

Realizaram eles obra prática e bem arquitetada. Começam o seu livro com uma "Introdução" em que estudam as causas capazes de alterar as funções e a estrutura do aparelho digestivo e assim foram revista na Herança, Idade, Sexo, Profissão (causas predisponentes) e nas causas da ordem alimentar, mecânica, infecciosa, tóxica, reflexa (que constituem as causas determinantes). Vem depois um detalhado capítulo sobre o interrogatório indispensável, um livro de Semiologia, que precisa colocar o médico prático em contato direto com todas as queixas comuns aos doentes do aparelho digestivo: o significado de uma acrofia, da disfagia, a avaliação da dor gástrica, etc. Por ordem alfabética é feito o estudo de cada um dos sintomas frequentes na clínica do segmento esôfago-gastro-duodenal.

Em seguida os Autores realizaram 9 capítulos sobre cada uma das partes do tracto digestivo, a saber: estudo da boca, da hipofaringe, do esôfago, do estômago, do duodeno, do intestino delgado, do intestino grosso, e do intestino terminal. Esta última subdivisão mostra como os Autores preferiram andar partes menores para serem mais detalhadas. Realmente, de cada segmento eles realizam um estudo corolário que abrange desde a anatomia, as finais clínicas, até elementos de laboratório da radiologia: eis aí os elementos necessários ao bom diagnóstico magnífico. Este volume "Aparelho Digestivo" é assim uma obra poderosa de reconhecimento se-

miótico posta nas mãos do clínico. Para saber medicina é preciso saber semiologia e este livro ajuda qualquer médico a dominar-lhe os segredos, no que diz respeito o extenso e sedutor capítulo do aparelho digestivo. Ele bem merece a boa tradução que lhe fez o dr. Magalhães Freitas, distinto neurologista prático, e o azulo com que o editou, fartamente ilustrado, a Livraria Guanabara.

CÓREIAS — pelo dr. Y. V. Colares A Casa do Livro Limitada — Rio, 1943

A importância clínica das córeias, e seu achado frequente entre os doentes de qualquer hospital ou de qualquer consultório, e não apenas na banca dos neurologistas, estava a exigir da ciência médica brasileira, uma contribuição tão lucida quanto a que acaba de lhe trazer o professor Y. V. Colares, uma de nossas mais finas inteligências neurologistas. O dr. Colares pertence à escola ilustre do prof. Austregesilo que não se limitou a formar neurologistas puros como Y. V. Colares, Ary Borges Fortes, Eurídice Borges Fortes, Enjolras Vampre, já falecido. O Nery e os mais também clínicos puros como um Rocha Vaz em outra geração um Peregrino Junior e neurologos com (Dante Costa) — que todos, e muitos outros saíram das mãos e dos lábios da antiga 20.ª enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro. O dr. Y. V. Colares, si bem que neurologista, participa também do 2.º grupo citado e por isso, sabendo as verdades da neurologia e as exigências da clínica, em face do problema das córeias, pôde fazer um livro que é utilíssimo, valioso como penetração, síntese crítica, e experiência própria em um assunto ainda cheio de plânos obscuros.

As córeias são hiperctesias tão diversas que por muito tempo imperou viva confusão na maneira de interpretá-las. Foi Sudenham o primeiro a por ordem em uma pequena parte do terreno coreico, individualizando o tipo que tem o seu nome. Djerine e Rimbaud, da escola francesa, Aloysio de Castro e Austregesilo, no Brasil, muito contribuíram para o progresso do conhecimento exato desses "movimentos coreicos" que são divididos, por Austregesilo em: córeas e coreóides. O dr. Y. V. Colares estuda todos os tipos de córeias, depois de limitá-los de acordo com as modernas doutrinas neurológicas. Após um capítulo sobre as generalidades ele estuda: a Córea de Sydenham, a Córea de Huntington, e as Outras Variedades de Córea: três capítulos de admirável comissão didática. A seguir o Cap. 5.º Anatomia patológica e Fisiopatologia. E o capítulo 6.º Conceito etiológico genérico e tratamento das córeias. Com se vê, o ilustre especialista patricio realizou obra de inteligência erudita e de síntese. Registre-se, também a elegância com que escreveu: uma elegância sobria, precisa, dizendo apenas o que é necessário, sem as concessões à literatura, que tanto mal fazem aos trabalhos de certos médicos nossos.

"Coréias" que Oia. do Livro Ltda.,

acaba de lançar, diga-se de passagem, foi o trabalho com que seu autor concorreu ao posto de membro titular da Academia Nacional de Medicina, eleição que venceu como justo prêmio não só a este belo livro como ao conjunto de suas atividades em prol da ciência.

APARELHO RESPIRATÓRIO — por F. Martinez e F. Berkonsky — Biblioteca de Semiologia — Editora Guanabara. A iniciativa de fazer traduzir a esplendida biblioteca de Semiologia, que os Professores Padilha e Pedro Cossio, de Buenos Aires, organizaram com tanto êxito, está mais uma vez comprovada, em suas razões de êxito: este volume, o 3.º, é dedicado ao aparelho respiratório. É realmente um livro de semiologia, e mais do que qualquer outro da série, exemplifica os instintos dos organizadores da biblioteca semiótica. Trata-se de um volume de 320 páginas profusamente ilustrado, dividido em 11 capítulos: Noções de anatomia, fisiologia e patologia — Interrogatório, sintomas e sinais — Exame geral — Exame físico do torax — Exame radiológico — Exame funcional — Punição torácica — Broncoscopia e teracoscopia — Exploração da alergia — Semiologia do diafragma — Semiologia do mediastino. Eis todo o vasto aparelho respiratório didaticamente dividido, didaticamente estudado.

Outras páginas, como as dedicadas à dispnéa, à função pulmonar, as explorações radiológicas, por exemplo, são de um indiscutível valor novo. Os autores, dr. Francisco Martinez, prof. Adjunto da Faculdade de Medicina de Buenos Ayres e Isaac Berkonsky, livre docente da mesma Faculdade, desdenham as explorações teóricas, a discussão de doutrinas, a confusão das escolas mal sustentadas. Eles eliminaram, do belo livro de semiologia que escreveram, tudo aquilo que ainda é pretexto de afirmações duvidosas ou inseguras e puzeram nas mãos do médico e do estudante de medicina a semiologia prática, verdadeira, capaz de os armar para o seguro diagnóstico e a acertada visão clínica de cada caso.

É indiscutível o valor de um livro assim construído, que retira os bons dados dos especialistas — já discutidos e aprovados — e os transmite ao não especialista, como quem diz: aqui está apenas aquilo sobre que as nossas dúvidas são menores. Há um mínimo de citações, para um máximo de fatos positivos. O volume de que estamos tratando: "Aparelho Respiratório", ensina também pela imagem pois podem ver consideradas como verdadeiras armas de ensino visual, as magníficas fotografias elucidativas que o ilustram. Os editores brasileiros que o lançaram estão de parabéns.

2.ª CORRESPONDENCIA

Dr. N. R. (São Paulo) — Sobre rejuvenescimento e velhice, além dos trabalhos a que o sr. se referiu, lembramos que S. Jawolsky realizou

(Continua na página 80)

IMPRESINDÍVEL

— NO *Escritório*, NO
Lar E NA *Escola*

DICIONÁRIO
ENCICLOPÉDICO
BRASILEIRO
ILUSTRADO

DICIONÁRIO
ENCICLOPÉDICO
BRASILEIRO

ILUSTRADO

Toda uma Biblioteca

Excelente
encadernação
meio-pano Cr\$

90,

Encadernação
em couro com
dedeiras.
Cr\$ 140,-

NUM SÓ VOLUME !

O DICIONÁRIO
ENCICLOPÉDICO
BRASILEIRO
ILUSTRADO.

reune num só tomo o
equivalente a uma rica
biblioteca de 25 volumes.
É uma valiosa e moderna
obra de referência, de
eficiência sobejamente
comprovada por todos
aqueles que desejam uma
informação rápida e se-
gura.

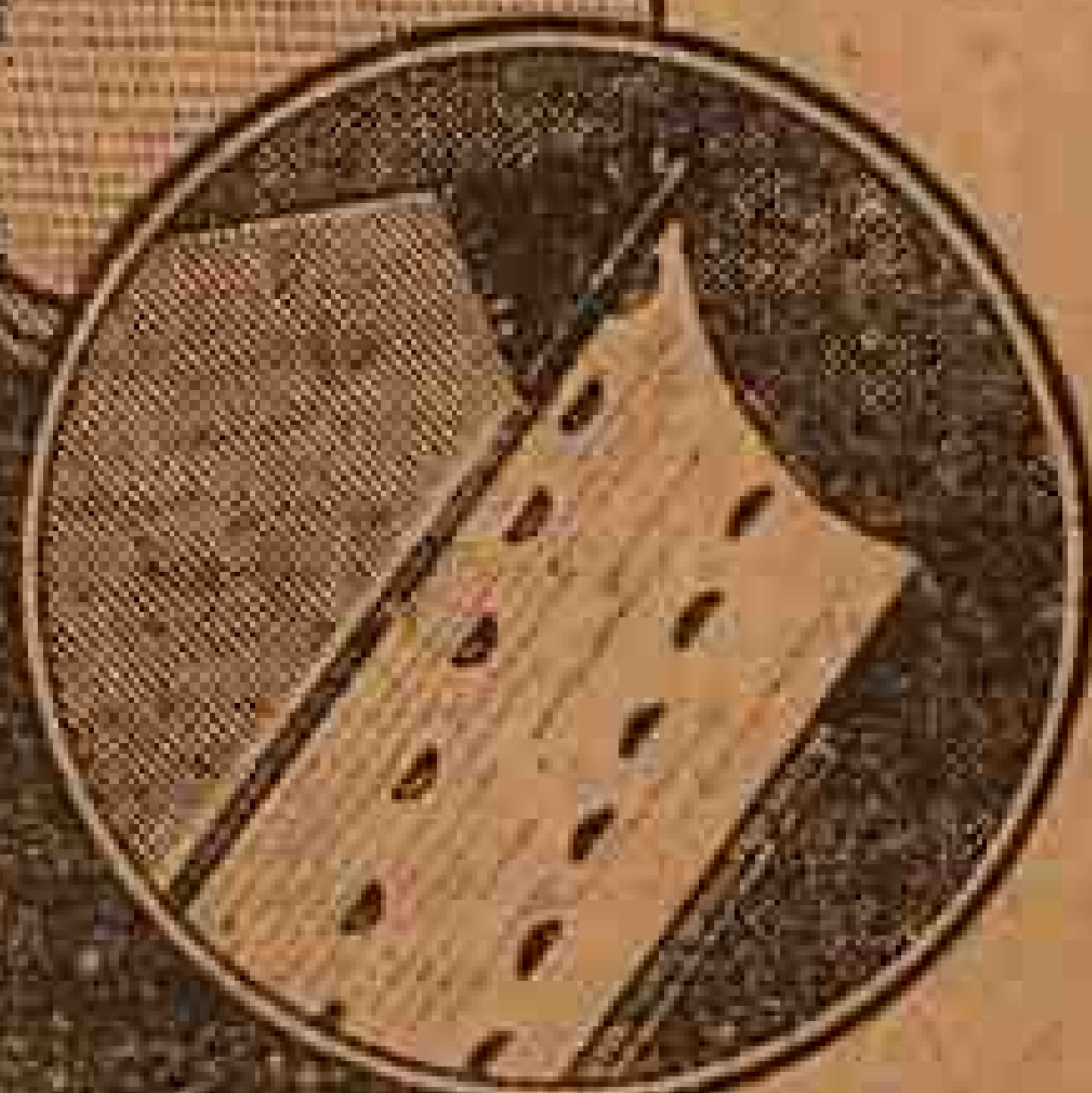
O DICIONÁRIO
ENCICLOPÉDICO
BRASILEIRO
ILUSTRADO.

pelo seu preço, sua
atualidade e seu espíri-
to eminentemente prático
não encontra similar
em língua portuguesa.

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS OU
PELO REEMBOLSO POSTAL

ORGANIZADO POR
*60 professores
e especialistas*

1 VOL. C/ 1.600 PÁGS.
CONTENDO 25.000
ARTIGOS E VERBETES
2.300 ILUSTRAÇÕES
50 MAPAS EM PRETO
12 TABUAS EM CORES



EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO

P. ALEGRE

Elogio das Virtudes do Povo

MURILO ARAUJO

Copyright de LEITURA

LI um livro que arrasta, apaixona, revolta. E' que lhe sobra e meloquência o que lhe falta em retórica. A retórica, força externa, surge da forma; a eloquência força íntima é formada na alma. Por isso uma é o ilusório mover da onda ao aflorar das brisas, e a outra o ímpeto das correntes fundas que arrebatam o mar. E nesse livro, em vez do som das palavras, o que nos aturde é o rumor dos fatos.

Não se poderia dizer que o rapaz de trinta anos, que o escreveu fabrilmente, seja um mestre do estilo; nem sequer se propôs a fazer estilo... E tal vez por isso mesmo o seu volume tenha estilo. Porque a verdadeira expressão é a que nasce da vida. E essa narrativa é intensamente viva e sangrenta como o calendário europeu do presente.

O autor de "Refens" viu muito de les; e um até conheceu bem de perto — seu pai, que só deixou o cárcere, onde padeceu sob o poder dos nazistas, para suicidar-se alucinado de horror. Um outro ainda estimou ou admirou — Karl von Ossitzky, seu mestre, a quem era atribuído o prêmio Nobel enquanto os alemães "defensores da cultura", o conservavam num campo de concentração...

O escritor provou, ele próprio, as perseguições dos carrascos do mundo, quando, por suas idéias anti-nazistas, teve que deixar os estudos em Berlim e refugiar-se na Tchecoslováquia. Em breve o atingiria ali o maremoto da infâmia. Graças a uma bolsa universitária pôde transportar-se para a América; em Chicago concluiu finalmente o curso. E de sua rude experiência nasceu o livro.

Há nessas páginas antes de tudo um fôlego vivo e flagrantes retratos do leão imperialista destes tempos. E isso é hediondo, apesar de traçado em nenhum exagero! Ele aí está inteiro — com a ambição, o egoísmo, o cinismo, a crueldade, a loucura. O leitor conhece profundamente o modelo, pois o próprio Stefan Heym, nascido em Chemnitz, é alemão, embora seja autêntico representante dessa Alemanha dos dias claros em que tanta grandeza teve sem se apregoar como "a grande Alemanha"...

"Refens" é uma das mais perfeitas autópsias realidades até hoje no decomposto corpo político do nazismo.

O autor dessa narrativa, tão friamente feita e tão calorosa, todavia, pelos gritos de sua realidade, é um homem livre. E o rumor de sua máquina, escrevendo o volume, há de ter soado como um tataral de metralhadora azeitada contra os inimigos ídolos da liberdade.

Essa narrativa é um engenho de destruição, tão bélico como uma grã-ma incendiária. Por isso milhares de exemplares dela foram impressos na Tipografia Oficial do Estado Russo e cinquenta mil foram distribuídos pelos corpos do exército americano.

Sua beleza maior vem talvez desse ponto: exalta ferverosamente as virtudes do povo. E nenhuma de suas personagens, o gordo e rico Preissner, os intelectuais Wallerstein ou Ekowitz ou até mesmo a doce e arte Milada, tem a simpatia humana daquele rude revolucionário Bre-

da ou ainda mais daquele humilde e sublime garçon de bar Janóshik, sublime no heroísmo puro de sua alma elementar.

Mas nada disso atrairia os inúmeros leitores que deram imenso êxito ao volume se ele não tivesse também o dom de interessar e divertir. Esse dom, indispensável na ficção, Stefan Heym o possui largamente. Em primeiro lugar pela sua maneira sem ênfase, pontilhada de discreta ironia, conservada com arte, nessa edição brasileira de Zello Valverde revista por Jayme de Barros. Eis um exemplo: "O crucifixo de ouro... Um judeu qualquer, na Idade Média, atravessara a ponte a pé, e, ao passar pelo crucifixo, suspiou diante do Salvador. Esse homem foi morto. Além disso obrigaram toda a coletividade judaica a contribuir com o ouro necessário para dourar o crucifixo". E depois de fazer desfilar essa evocação histórica, na ponte de Praga, pelo pequeno cérebro do Comissário Reinhardt, da Gestapo, Heym acrescenta: "Uma história interessante. Que principiantes os homens daquele tempo! E Reinhardt sorriu, ao pensar nos processos muito mais efica-

zes recentemente adotados, para torturar os judeus de seus haveres".

Ao lado da ironia há nessas páginas a curiosidade, que é sempre mantida em ponto alto e que é afinal necessária para o leitor médio em geral desatento e apressado.

Os leitores mais cultos acharão regalo maior nos trechos de sagaz psicologia da obra, como aquela notável teoria do medo, exposta a ls. 287 e seguintes, que é parte dos "Comentários sobre a morte e a desintegração dos estados psíquicos", escritos pelo dr. Wallerstein na prisão...

O fim do pobre Janóshik, desinteressado da própria execução mas ansioso por ouvir a explosão das munições alemãs, fato para cuja realização tudo sacrificara, é um grande símbolo. Um silêncio implacável cerca a sua agonia... Mas, depois que expira, o fragor do imenso estampido faz estremecer até a base a prisão e atira ao chão seus algózes...

O livro, como essa imagem, anuncia a libertação que vem perto...

REFENS, de Stefan Heym — Tradução de Jayme de Barros — Romance — Livraria Editora Zello Valverde — Rio, 1943.

A CONQUISTA DE UM IMPÉRIO — Embora sórdida, como todas as grandes empresas, a conquista tinha também seu lado magnífico. Para parafrasear a Stanley High podemos dizer que a história do descobrimento e da conquista do Novo Mundo é um romance de antigos sonhadores da Europa e de aventureiros e vagabundos. Caminharam todos juntos: os homens de ciência que traçavam mapas e consultavam estrelas; os monarcas ansiosos de reinos mais ricos; os cavaleiros e marinheiros que procuravam despojos; os sacerdotes que buscavam almas e os mercadores que buscavam sedos. A história vai mais além de todas as estradas anotadas na extensão desconhecida dos céus e do mar. Novas estrelas, tormentas e cobertas de navios banhadas pelas ondas, pássaros estranhos, algas marinhas arrastadas pela corrente, madeiras talhadas e estacas no vasto oceano desconhecido para dar esperança aos marinheiros amotinados de Colombo. E depois disso, a conquista: choque de armas, cargas de lança, valentia incerta e novos reinos para a Cruz. Tudo isso como se fosse um conto de fadas transformado em realidade. A luxúria, o poder, a febre dos tesouros, as rivalidades assassinas, todas as paixões de todas as idades. Deste modo, as espadas da Espanha e de Portugal abriram curiosamente as portas do novo continente. Do livro "América ante América", do escritor americano Carleton Beals, edição Zig-Zag.

LIVROS

ÓTIMA OPORTUNIDADE

VIDAL DE LA BLACHE — Atlas général — 1935 — perfeito ..	400.00
JOSE VERISSIMO — HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA enc. — luxo ..	130.00
ODORICO MENDES — VIRGILIO BRASILEIRO — 1858 — enc. luxo	180.00
HENRY T. BUCKIE — História da Civilização na Inglaterra — enc. perfeito ..	130.00
C. MICHAELIS — Dicionário Inglês-português e vice-versa — novo	320.00

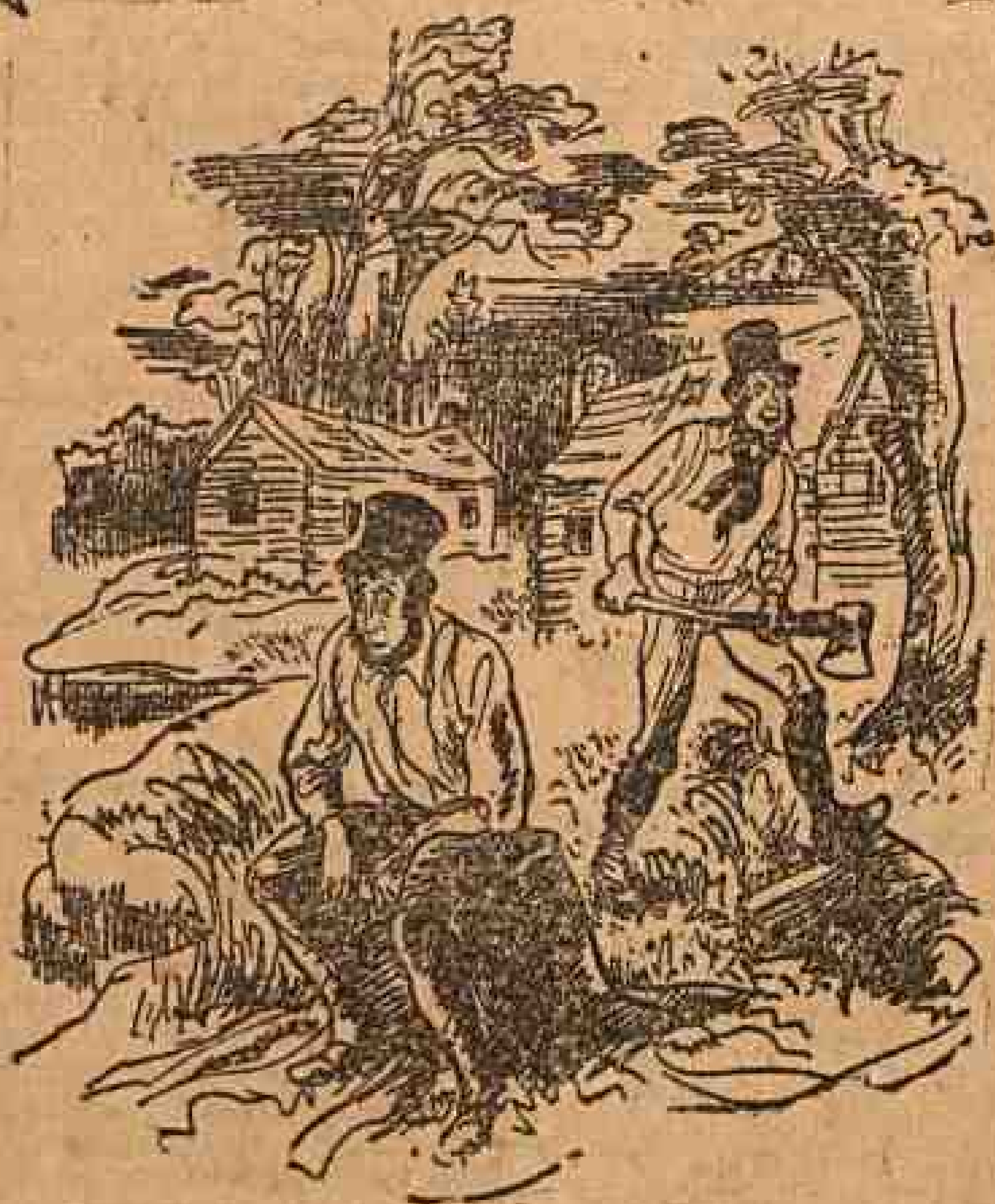
Compramos Bibliotecas e qualquer quantidade de livros usados — Executamos encadernações — Atendemos pedidos para o interior

LIVRARIA DO POVO

PRAÇA JOÃO MENDES, 35

TELEFONE 38655

S. PAULO



4

ROMANCES CONDENSADOS PARA O LEITOR MODERNO

■

- 1.º — *David Copperfield*
- 2.º — *Pickwick*
- 3.º — *Oliver Twist*
- 4.º — *Martin Chuzzlewit*

Si Você sempre pensou que
esteve excessivamente
ocupado para ler Dickens,
eis o livro pelo qual V. e sua
família sempre estiveram
esperando



SELEÇÕES DE
DICKENS
EM TODAS AS LIVRARIAS

Novos Contos de João Alphonsus

WILSON CASTELO BRANCO

Copyright de LEITURA

HAVERA' no Brasil poucos contistas que tenham alcançado renome igual ao de João Alphonsus, autor de um livro já célebre: "Galinha Cega". O destino de sua vocação literária fixou-se definitivamente no conto, gênero em que o escritor se aprimorou e obteve os maiores sucessos. Apesar de ter escrito um dos melhores romances destes últimos tempos, "Totonio Pacheco", premiado no Concurso "Machado de Assis" da Livraria José Olympio, — João Alphonsus continua sendo mais conhecido como o autor de "Galinha Cega".

Dotado de um poder de observação poucas vezes superado em nossa língua, o grande contista surge-nos agora com outro livro de contos, bem mais significativo que o anterior (1). É que, a par de seus dons naturais, o autor ultrapassou os seus métodos de composição, mostrando-se senhor absoluto do estilo, não já prejudicado pela intenção de espontaneidade que, em outros tempos, se não lhe enfraqueceu a obra, pelo menos deixou-a marcada pelo artifício.

A mesma insatisfação, que vinha caracterizando a concepção de vida dos seus personagens, atinge agora, em "Eis a Noite!", um nível que podemos considerar definitivo na carreira do contista mineiro. Nesse sentido, o conto "O Mensageiro" exprime o que há de mais angustiante no problema da liberdade individual. A uma concepção "faustica" da vida se acrescenta o doloroso drama do homem, em face de seus semelhantes e do cotidiano. A perversão dos sentimentos, naquilo que eles deveriam ter de mais puro e intocável, submetida aos desajustamentos sociais, faz com que o conto se desenvolva sob o signo do irremediável. E a tragédia se transfere, não para os que vivem dentro do cenário restrito da vida doméstica, mas para o plano de vida do personagem principal.

Como se percebe, o sentido do conto não permite a menor intenção de anedota e se recusa mesmo à qualquer possibilidade de realiação incidental. O que há, aí, é em dúvida a exploração de um tema vital, em que os conflitos da natureza humana dominam e sobrepõem quaisquer motivações ocasionais.

Em "A Noite do Conselheiro" João Alphonsus realiza um de seus pontos mais complexos. Trata-se da transferência, para o plano lírico, suprarreal, da vida mesquinha e medíocre de um bom burguês. O personagem é apanhado sob um gulo extraordinário quando, num ambiente de penumbra, ao mes-

mo tempo material e psicológica, se deixa avassalar e dominar pelas recordações da adolescência. A propriedade com que são evocadas as lembranças do tempo passado, repleto de alegrias jovens e descuidadas, empresta ao conto um ambiente nostálgico e remoto, em que o "duplo" do personagem se debate em busca de alguma coisa essencial que cruzou o caminho de sua existência. Suavemente subjugado pelas impressões "noturnas" da vida, o sereníssimo conselheiro entra em contacto com o sobrenatural, naquilo que este tem

talvez de mais natural: a busca do tempo perdido e das emoções que com ele desapareceram.

Todos os demais contos do livro oferecem essa mesma marca de densidade e profundidade. Dir-se-ia que João Alphonsus inaugura, com este livro, uma nova fase na sua carreira de contista, tantas e tão grandes são as transformações que se operaram nos seus temas e em seus métodos de composição.

EIS A NOITE!, de João Alphonsus — Ilustrações de Parça Deane — Livraria Martins Editora — S. Paulo, 1943.

A História do Retrato

(Continuação da página 37)

me que Paulo Gonçalves fora um poeta santista que morrera em 1927. Era tudo o que pude saber de sua vida. Bem pouco, na verdade, para quem pensava já conhecer a alma do poeta.

Algum tempo depois, numa conversa apressada de jornal, ouvi seu nome.

— Paulo Gonçalves. Eu conheço. Aliás, conheço seu retrato...

— Belo poeta — asseguraram-me. — Seus versos fazem a alma da gente doer.

Foi mais uma informação. Paulo Gonçalves fora um poeta santista, falecido em 1927 e cujos versos "fazem a alma da gente doer". Mas não me contentei em saber apenas isso. Quis saber mais. O seu retrato lá estava, bem defronte à porta do meu quarto e toda vez que chegava atirava-lhe um cumprimento:

— Então, seu moço?!

Sempre que descansava a cabeça no braço do divã, encontrava diante dos olhos seu rosto comovido, sua testa ampla, seus cabelos fartos, os olhos apertados, verrumantes cheios e profundos. Chegava a ser ridículo que apesar de tão larga intimidade continuasse a desconhecer suas rimas. Na cidade só se falava em guerra, em Hitler, em nazismo. Meus amigos, em geral, não faziam da poesia os temas habituais das suas prosas. Intimidavam-me com suas brincadeiras:

— Qual poetas, qual carapuças! Dez milhões de homens lutando na Europa e você preocupado com um poeta!

Três ou quatro anos depois de ter ganho o retrato, li num jornal que ia realizar-se num clube qualquer uma conferência sobre a vida e a obra de Paulo Gonçalves. Estavam distribuindo convites. No dia marcado dirigi-me para lá. Finalmente ia sair daquela ignorância que me humilhava, que me culpava. Cheguei ao clube, mas um porteiro tomou-me a frente:

— O cavalheiro tem seu convite?

— Não, mas eu...

— Então não pode entrar.

— Eu entro como sócio. Quanto é a mensalidade. Pago tudo adiantado.

— A secretaria está fechada. Só amanhã cedo.

— Mas eu fui amigo do poeta...

Foi inútil. A conferência não era pública e eu não tinha convite. Fiquei de fora, atrás da porta, tentando ouvir alguma coisa do que se falava lá dentro. Cheguei a ouvir um bom punhado de versos quando a porta se abriu para dar passagem a novos convidados retardatários:

"Nos instantes supremos

o alívio que nos resta é o de erguermos à glória,

no mais profundo voto, o ente por quem sofremos,

E' então que, traduzindo em versos nossa máguia,

a poesia parece uma deusa corpórea, que nos viesse enxugar os olhos raios d'água".

E a porta bateu. Se a mensalidade não fosse tão absurda, no dia seguinte teria entrado para o quadro social do clube, na esperança de ouvir alguma coisa sobre o poeta. Poderia até conhecer o conferencista. Mas não pude, e do poeta só continuei a conhecer sua alma, que estava inteira naquele retrato.

Há alguns meses Afonso Schmidt anunciou pela coluna social de "O Estado de S. Paulo" que as obras completas do poeta iam ser, afinal publicadas. Um temor infantil assaltou-me: teria uma decepção? Deixaria o retrato do poeta na parede, entre Augusto dos Anjos e Castro Alves? Os livros saíram outro dia. Adiei sua compra o mais que pude, mas agora estão aqui, ao meu lado, lindos, cheios de promessas, com os poemas, todo o teatro e as páginas avulsas daquela alma. E ao abrir o primeiro volume onde encontro reproduzido o retrato feito por Bernardino Pereira, ergo o olhar até o quadro de Paulo, pendurado na parede. Tenho a certeza, agora, de que ele continuará onde está. E até parece mentira que, depois de tão longa amizade com o retrato, vou ser apresentado ao original. Sim, ao original: à alma do poeta, que está nos seus versos.

"Poesia e Teatro" (Obras completas), de Paulo Gonçalves — Edições Cultura, S. Paulo.

POESIA E TEATRO (Obras Completas), de Paulo Gonçalves — Edição Cultura — São Paulo, 1943.

O que os Outros Dizem dos Livros



HISTOIRE DE LA LITTÉRATURE FRANÇAISE, de Albert Thibaudet —

O mais autorizado panorama da vida intelectual da França, de 1789 a nossos dias. O crítico Sérgio Milliet considera excelente a iniciativa de lançar no Brasil, em seu idioma original, essa obra famosa. "Em verdade por tantos títulos se recomenda esse comentário de crítica literária à margem da história política e social, e tão elogiada já foi a obra, que bem pouco nos resta a dizer. Do ponto de vista da literatura em si nada mesmo nos cabe acrescentar, mas em relação à nossa vida literária própria e a algumas idéias gerais, o livro de Thibaudet permanece rico de sugestões". E o crítico paulista pondera: "Ai se encontram, por assim dizer, inúmeros motes para glórias infundáveis e conversas sutis. A começar por essa definição de crítica, ligada indissoluvelmente ao amor às letras, que o A. caracteriza não só pela vida nos cenáculos e cafés, mas ainda, e principalmente, pela necessidade de falar do que se lê. Comparando esse amor às letras com o amor aos bons vinhos, cita Thibaudet uma frase de Eduardo VII, demasiado feliz para que se deixe de transcrevê-la. "Um vinho como este", dizia o rei a propósito de um Chateau célebre que alguém à sua frente bebia muito depressa, "a gente olha, respira, prova, bebe — e comenta". Não é preciso acentuar a importância da que se reveste a publicação dessa história literária modelar entre nós, num momento em que tanto se produz em matéria de crítica e comentário bibliográfico e em que rareiam no mercado as obras estrangeiras consideradas clássicas no gênero, como é o caso da de Albert Thibaudet sobre a evolução literária da França. (Ed. Americ-Edit.).

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado — "...o que devemos assinalar, em primeiro lugar, é a capacidade que agora revela (o A.) de colocar a sua preocupação política ou social em termos de verdadeiro romance. Ele não fez nenhuma violência sobre a realidade não a deformou para qualquer ajustamento ideológico e assim, sob esse aspecto, obtém do leitor uma espontânea solidariedade ao espírito do seu livro". — ALVARO LINS.

MONSIEUR OUINE, de Georges Bernanos — Terceiro livro que o escritor francês realiza no seu exílio voluntário de Barbacena. Roger Bastide disse o seguinte: "Exteriormente o romance se apresenta como um romance policial, isto é, com uma crítica do romance policial, está visto. Um pouco à maneira de certos romances de Dostoiévski, indo no entanto mais longe do que este naquela via, pois mesmo

no grande romancista russo o mistério se esclarece, enquanto que aqui o seu segredo permanece sem solução. O que importa são as repercussões que o crime provoca nas almas. Sociologicamente, o romance se apresenta como a história de uma pequena paróquia de campo que morre e se decompõe, e atrás dessa paróquia é toda a Igreja, toda a Cristandade que morre. Mas os dois entrecos que se juxtapõem: — quem matou o pastorzinho? Madame de Néreis? Monsieur Ouine? Felipe? Eugênio? Terá sido suicídio? — e o fim de uma paróquia de França, constituem apenas o alioerce material, a referência ao real indispensável a todo romance, de um outro mais essencial que se desenrola no sobrenatural". E escreve ainda o sr. Roger Bastide: "Romance bacteriológico, portanto; estudo de certo modo químico da decomposição espiritual; análise das almas compreendidas como caldos de cultura; análise clínica da gangrena que ataca, primeiro o homem, e em seguida a sociedade para dissolvê-la em miasmas pútridos. Nunca o pessimismo de Bernanos foi tão longe na condenação. E, no entanto, há momentos de repouso de graça e de poesia no romance. O cheiro de podridão que nos tontela se dissipa às vezes, deixando-nos em clareiras de claridade, de ar selvagem, de oxigênio livre". (Ed.: Atlântica Editora, Rio).

RUI, O ESTADISTA DA REPÚBLICA, de João Mangabeira — "...um completo roteiro da vida pública de Rui no regime republicano, roteiro escrito por um correligionário, amigo e discípulo que tantas vezes, e numa delas soberbamente, tem sabido honrar a memória e o apostolado cívico do Mestre". — HERMES LIMA.

CONTOS, de Guy de Maupassant — Seleção de verdadeiras obras-primas as do maior contista francês, em tradução, quase todas, de Mário Quintana. É uma feliz iniciativa, porque Maupassant é um desses autores muito citados e poucos lidos. Esses contos, na opinião de Osmar Plánetel, são capazes de nos povoar "o enievo pelos artesanatos da forma literária, porque Maupassant foi, nesse sentido, um resumo de Flaubert, ou uma perfeição em conta-gotas". Pergunta depois o mesmo comentarista: "Mas o mundo de Maupassant, com suas violências e paixões anteriores a certo romantismo enxuto do cinema, com sua pequena burguesia tocada de todos os desvários daquele hoje incompreensível "fin de siècle" na França, será um mundo inteiramente permeável à sensibilidade do leitor médio brasileiro, neste fim de 1943? Por certo que o será, de certo modo. Não só os santos fazem milagres; a boa literatura também faz. E é possível que, agora mesmo, num jardim qualquer da cidade de Joazeiro do Padre Cicero, haja um leitor deslumbrado e se movendo ideativamente nele como numa fuga à mediania da vida no Joazeiro; transformando, talvez, os crinolinas, os adulterios e os potins dos personagens do mestre em mitos tão humanamente consoladores para o imaginativo com os que saltam da máquina de explorar o tempo, de Wells. Esse leitor em rebeldia contra

o que há de uniformidade e monotônias na vida da cidade pequena brasileira, é possível que possa afirmar seu sentimento de Maupassant, como afirmará sua intimidade compreensível com os mundos mágicos de Julio Verne". Volume da "Coleção Nobel Gigante". (E.: Livraria do Globo, Porto Alegre).

DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO — "Velo preencher uma lacuna; é um volume simpático, bem impresso, fácil de consultar; representa um esforço editorial digno dos maiores elogios; inclui colaboradores capazes e uma dose considerável de informação honesta, imparcial e objetiva; vende-se a um preço relativamente módico. Quem disser essas coisas do Dicionário pode estar enfileirando lugares-comuns mas terá dito a verdade". — MOACIR WERNECK DE CASTRO.

HENRIQUE ESMOND, de Thackeray — O menos conhecido dos romances de Thackeray. No julgamento de Brito Broca, difere de quase toda a obra do grande escritor. "Nada daquela perversidade, daquela preocupação de carregar no detalhe cínico, com seu tudo no mundo não merecesse senão o nosso sarcasmo. Ao contrário disso, a suavidade, a tolerância, a simpatia". O sr. Brito Broca informa: "O velho coronel Esmond, no seu retiro de Virgínia, relembra o passado para os filhos. É toda uma existência agitada que se desenrola aos nossos olhos em pleno século XVIII, no reinado da rainha Ana, época muito cara a Thackeray e na qual ele se apraz em localizar a ação do romance. Orfão de pai e mãe, Henry Esmond, de descendência nobre, é recolhido por um parente rico. Esse parente, casado com uma mulher jovem, maltrata a esposa e o amor que desperta no coração da jovem Esmond essa criatura irrequieta constitui a essência do romance, grande intensidade dramática e extraordinária riqueza episódica, como aliás todos os romances de Thackeray". É um romance escrito com simpatia humana. "Atravessam o romance várias figuras reais, que o escritor conheceu, com Addison, Steele, e as evocações são sempre perfeitas e sem nenhuma ponta de maldade. O tipo do velho Coronel Esmond é admirável de compreensão e delicadeza moral, apresentando, na expressão de um crítico, essa sedução estranha dos velhos retratos." Henrique Esmond foi traduzido por Eduardo de Lima Castro e faz parte da Coleção "Redescobrimiento da Vida". (Ed.: Epasa).

LA BATAILLE DE FLANDRES, de Fabrice Polderman — "Antigo professor de uma universidade belga, o A. que atualmente se encontra no Brasil é um comentarista político e militar de apreciável acuidade crítica. Ele não se preocupa em narrar os episódios da luta, senão para deles tirar todas as conclusões possíveis, depois de rigorosa análise feita com espírito de método". — VALDEMAR CAVALCANTI.

MEMÓRIAS DE UM MAGISTRADO DO IMPÉRIO, do Conselheiro Alvaro José Barbosa de Oliveira — Autobiografia de evidente valor histórico.

e humano, anotada por Américo Jacobina Lacombe. O A. faz um retrospecto da sua vida de juiz e deu-nos um documento valioso para o estudo de certos aspectos da vida social do Brasil do século XIX. Segundo Pedro Calmon, é "redigida num folheto — doente e melancólico — a narração sincera de suas esperanças de estudante de Coimbra, de suas vicissitudes de bacharel itinerante, de suas ambições de aristocrata da toga, de seu esplendor social quando entrou, pelo casamento, na nobreza territorial de São Paulo e veio edificar na corte o solar da rua dos Inválidos, patriarcal, amplo, cheio de prestígio no Rio elegante de 1870." Com a sua autoridade de historiador, o Sr. Pedro Calmon declara: "Nos seus cadernos autobiográficos, que abrangem os acontecimentos da história brasileira desde a Independência até o acaso da monarquia, o magistrado do Império está presente em corpo inteiro, com as suas idéias, as suas ilusões, as suas decepções, as suas queixas, os seus êxitos, as suas dores, os seus júbilos discretos a sua censura ápera a sua tolerância tranquila as suas observações finas, as suas fraquezas, os seus gestos heróicos, não deformado pela interpretação alheia, mas real e próximo, como se nos abrisse o coração. É um nítido retrato de homem". Vol. 231 da Brasiliense. (Ed.: Cia. Editora Nacional, São Paulo).

VENTO LESTE, VENTO OESTE, de Pearl Buck — Primeiro romance da escritora norte-americana que tem revelado ao mundo as múltiplas faces da velha China. É uma narrativa intensamente humana, em que dois dra-

mas se entrecruzam: "Estrangeiros aqui dentro do mundo os ventos do novo e da nova China, da tradição e do ideal dos falsos pressupostos e dos vagos sentimentos de que a vida há de melhorar, com as pequenas conquistas de confortos" — escreve Elói Pontes. E acatua: "A despeito das revoluções e das tremendas reformas há na China ainda grandes senhores, fidalgos, casas nobres, reservatórios dos orgulhos nacionais que não cedem e oferecem o peito às cuteladas mortais dos ideais invasores". Afirma o comentarista literário do "Globo" que Pearl Buck analisa as almas em conflito e define bem os poderosos efeitos dos ventos que sopram em contrário, sacudindo a China nos fundamentos e alicerces muitas vezes seculares. É o belo romance, traduzido por Valdemar Cavalcanti e incluído na "Coleção Fogos Cruzados", contém uma nota informativa do tradutor e uma introdução crítica de Marc Chagourne. (Ed.: Livraria José Olympio, Rio).

MEMÓRIAS, de Madame de Staël — "O motivo principal é a narração dos motivos que colocaram seu nome na lista negra de Napoleão — seu respeito à Liberdade — e as consequências de suas idéias — dez anos de exílio. Aliás, foi esta uma condenação proveitosa para o gênero "Impressões de viagem" pois está nas observações da memorialista sobre outros países e outros povos o mais vivo interesse da obra". — PAUL LIMA.

SARGENTO IMORTAL, de John Brophy — Romance à margem da guerra, que encontrou grande sucesso na Inglaterra e, depois, nos Estados Unidos. Segundo breve e fiel resumo

de Fernando Góis, "a novela gira em torno dos episódios ocorridos com uma patrulha britânica perdida nos desertos da Líbia e comandada por um sargento — o sargento Kelly, que morre depois de um encontro com os italianos. Kelly, pela sua bravura, seu conhecimento e prática da vida militar — veterano que era da Grande Guerra, sua energia e força de vontade, influencia depois de morto, pela sua lembrança, o cabo Colin Spence, escritor que se encontra combatendo, e que é um homem tímido, desencorajado, sem nenhuma prática do exercício. E Spence consegue se tornar um bravo, um verdadeiro herói, quando, morto Kelly, assume a chefia de patrulha". Fernando Góis lembra aliás, que o "caso" aproveitado por Brophy não é novo e já foi mesmo aproveitado por um romancista brasileiro, Erico Veríssimo, em seu Olhal os lírios do campo — "a presença de Olivia, morta logo no princípio da história, consegue transformar inteiramente o médico Eugênio, tão fraco e indeciso diante da vida quanto este cabo Spence, de John Brophy". O romance foi traduzido por Maslova Gomes Venturi e faz parte da "Coleção Contemporânea". (Ed.: Livraria Martins, São Paulo).

ESPAÑA, de Fidelino de Figueiredo — "... admirável "filosofia da história e da literatura" de Espanha. Todos os capítulos deste livro são magistrais pela profundidade de suas investigações, pelo estilo e pela experiência de haver vivido muito tempo com seus vizinhos, conhecido familiarmente todas as classes do grande país de Felipe II e Dom Quixote de la Mancha". — JORGE DE LIMA

SAIBA O QUE O ESPERA!

HA UM PROBLEMA QUE É SEU, QUE É DE TODOS
e esse problema é o da PAZ DE AMANHÃ

De sua solução depende nosso futuro, e de todos os
entes que nos são caros, e de todo o mundo!

HENRY M. WRISTON, o conhecido pensador americano, presidente da Brown University, escreveu o livro mais sensacional da hora que passa, generoso, transcendente, rico de idéias, abundante de doutrina, no qual abre novos e inesperados horizontes diante de
nosso espírito

Esse livro, que está sendo lido febrilmente em
outros países, é

BASES DA PAZ FUTURA

As soluções que, em BASES DA PAZ FUTURA, propõe seu ilustre autor contam já com milhões de adeptos fervorosos e estão provocando apaixonadas discussões nas esferas políticas, diplomáticas e jornalísticas das
nações aliadas.

Escorreita e fidedigna tradução de Paulo Zingg.
Atendemos pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal
EDITORIA PROMETEU - Caixa Postal 4793
São Paulo

Um grosso volume: Cr\$ 20,00 -- NAS LIVRARIAS



Próximas Edições



DA COMPANHIA EDITORA LEITURA:

NA COLEÇÃO AMÉRICA LIVRE:

GENTE DA TERRA do original "Daughter of Earth", de Agnes Smedley, em tradução de Rubem Braga e prefácio de Lis Corréa Dutra. Trata-se de um romance verdadeiramente social, e constitui um Best-seller tanto nos Estados Unidos como na América Latina. É um grande romance, escrito por uma romancista norte-americana, que se tornou, há vários anos, uma escritora que já pertence à própria história literária dos Estados Unidos, como Villa Cañter, Pearl S. Buck ou Theodore Dreiser. Na Argentina este romance já possui seis ou mais edições, e todo escritor o recomenda, quando se fala em literatura moderna da América do Norte. Cheira a terra, possui uma extraordinária força dramática, que se desenvolve naturalmente, à proporção que a romancista conta a sua vida.

Também estamos convencidos de que um livro bem realizado penetra em todas as classes, mesmo quando combate o que às vezes pensamos ser natural e permanente...

NA COLEÇÃO "MENINO-MOMEN":

ZUMBI DOS PALMARES, de Lúcia Maria de Albuquerque, ilustrado por Neômia. Um livro muito bem realizado literariamente e com uma visão instintivamente certa desse fato histórico e significativo. Lúcia Albuquerque não merece restrições neste livro escrito para as crianças do Brasil e até mesmo para os que compram livros apenas preocupados com o fato literário. Estilo simples e poético. O enredo desenvolve-se com força e interesse humano.

NA COLEÇÃO "CAMINHOS DO MUNDO":

A CHINA — (Como luta o povo chinês pela sua liberdade) — (Título provisório) — De Agnes Smedley — Tradução de Rubem Braga. A epopéia do povo chinês contada por uma grande escritora e romancista norte-americana.

DA LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA, Rio:

OBRA COMPLETAS DE DOSTOIEVSKI

Segundo a nota do editor, as traduções das Obras Completas do grande romancista são feitas através dos melhores textos até hoje conhecidos, baseados nas edições oficiais russas. Estas edições — 1926-1929 — foram publicadas após os importantíssimos estudos escrupulosamente procedidos na obra de Dostoiévski, a partir de 1920, por determinação do Governo da URSS. As edições dessas obras serão ilustradas por Santa Rosa, e hão de pena, e xilogravuras de Axel de Leskoschek e Osvaldo Goeldi. Relação das obras: — Os Irmãos Karamazov, 3 vols., trad. de Rachel de Queiroz, xilogravuras de Axel de Leskoschek; Crime e Castigo, com o Diário de Baskolnikov, trad. de Rosário Fustco, ilustrações de Santa Rosa; Um Jogador, trad. de Costa Neves, xilogravuras de A. Leskoschek; O Adolescente, 2 vols., trad. de Lucio Cardoso; Humilhados e Ofendidos, trad. de Rachel de Queiroz, xilog. de O. Goeldi; Novelas (Uma história aborrecida — Notas de inverno sobre impressões de verão — A voz subterrânea — O Crocodilo), trad. de Costa Neves; O Idiota, 2 vols., trad. de José Geraldo Vieira; Recordações da Casa dos Mortos, trad. de Rachel de Queiroz; Os Demônios, trad. de Lucio Cardoso; O Eterno Marido,

trad. de Costa Neves, xilog. de A. de Leskoschek; Os pobres diabos, trad. de Rachel de Queiroz.

DESOLACÃO, romance de Dionello Machado.

AS CONFISSÕES DE MEU TIO GONZAGA, romance de Luis Jardim.

PERFIL DE EUCLIDES DA CUNHA E OUTROS PERFIS, de Gilberto Figueira — Desenhos de Cândido Portinari e Santa Rosa.

VIDA FELIZ, novelas e contos de Anibal Machado.

DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, São Paulo:

NA COLEÇÃO "GUERRA E PAZ":

A ALEMANHA POR DENTRO de Louis Lochner, um dos mais sensacionais depoimentos jornalísticos sobre a frente interna alemã e sobre o verdadeiro aspecto do regime nazista.

A QUEDA DE PARIS, de Ilya Ehrenburg, em tradução de Monteiro Lobato.

NA BRASILIANA:

FRONTEIRAS E FRONTEIROS, de Castilhos Goynechea.

MEMÓRIAS DE UM MAGISTRADO DO IMPÉRIO, pelo conselheiro Albino José Barbosa de Oliveira.

DA LIVRARIA MARTINS, São Paulo:

NA COLEÇÃO CONTEMPORÂNEA:

TERRAS DO SEM FIM, de Jorge Amado, em segunda edição.

NA COLEÇÃO "A MARCHA DO ESPÍRITO":

AS IRMÃS SOONG, de Emily Kahn, biografia das três mulheres que tanta influência exerceram na formação da China republicana e na sua resistência aos japoneses.

AS OBRAS PRIMAS DA LÍRICA BRASILEIRA, seleção de Manoel Bandeira e Edgar Cavalheiro.

DIVERSOS:

PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA NORTE-AMERICANA, de Bruno Silveira.

VIDA DE PAULA NEY, de Raimundo Menezes.

PRAIA VIVA, contos de Ligia Arêvedo Fagundes.

DA EDITORA ANCHIETA, São Paulo:

SERMÕES DE VIEIRA, em edição completa e primorosa.

DA ATENA EDITORA, São Paulo:

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA, de Albert Mathiez, em tradução de Paulo Zing.

PRÓXIMAS EDIÇÕES:

DOS IRMÃOS PONGETTI

EDITORES, Rio:

PARA JANEIRO:

FOGO DE CUTONO (Dodsworth), de Sinclair Lewis.

FASCINAÇÃO (Poemas), de Contes Pinto.

SUITE BRASILEIRA, de Marques Rebelo.

ALMA FORTE (Drivin Woman), de Elizabeth Chevalier.

DA AMERIC-EDIT, Rio:

CHOIX DE POÉSIES, de Albert Samain — Albert Samain é uma das mais discutidos poetas franceses. Romântico, pelo gosto oratório, parnasiano pelo culto da forma, simbolista pelo amor da música.

CHOIX DE POÉSIES, de Madame de Noailles.

DA EDITORA "A NOITE", Rio:

PAI JOÃO, poesia de Wilson Rodrigues.

DA LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

VIDAS DE ESTADISTAS FAMOSOS, de Henry Thomas e Dana Lee Thomas. A vida dum punhado de célebres reis, conquistadores e ditadores.

NA COLEÇÃO "AUTORES BRASILEIROS":

A DIVINA QUIMERA, de Eduardo Guimarães. Obra poética completa, precedida dum ensaio de Manoel Bernard sobre a vida e a obra do autor e Carmilhos da Vida.

TESTAMENTO DE UMA GERAÇÃO, o cântico de respostas dadas por destacados intelectuais brasileiros ao inquérito promovido por Edgar Cavalheiro em "O Estado de S. Paulo".

OUTRAS EDIÇÕES:

A LONGA NOITE, novo romance de Erico Veríssimo, escrito nos Estados Unidos.

DICIONÁRIO DE TERMOS MILITARES, organizado por Homero de Castro Lima.

DICIONÁRIO LATINO-PORTUGUÊS, autoria dos professores Francisco Sado Gomes e Maximilian Bottari.

DA EDITORA AECUNI, Rio:

OS IRMÃOS KARAMAZOV, de Fiódor Dostoiévski. Primeira tradução portuguesa completa, feita diretamente do russo, por Boris Salomov.

OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR dos mais famosos autores. 3.ª série.

AS SETE CHAVES, romance policial por Earl Derr Biggers.

AMOR SE ESCRIVE SEM AGA, de Enrique Jardiel Poncela, em tradução de Galvão de Queiroz. 2.ª edição.

LEITURA

E A CIA. EDITORA LEITURA

também desejam aos seus leitores, colaboradores e editores e anunciante um próspero

ANO NOVO

Últimas Edições

DA COMPANHIA EDITORA LEITURA:

NA COLEÇÃO "HOMENS DO MUNDO":
CARLITOS — "A Vida, a Obra e a Arte do Gênio do Cine" —, de Manoel Villégas López, tradução de Melo Lima e prefácio de Annibal M. Machado.

A Companhia Editora Leitura confessa depositar grande confiança nesta biografia de Charles Spencer Chaplin e da sua personagem Carlitos, esperando o apoio merecido dos leitores inteligentes desta revista. É o primeiro livro que lança no mercado, e isso significa que, espichou. O prefácio de Annibal M. Machado, um dos grandes conhecedores do cinema no Brasil, é um desses trabalhos felizes do contista inesquecível de "Tati, a garota", e parece ter sido diretamente inspirado pela figura eterna do próprio vagabundo, Carlitos, a criação máxima do cinema em todos os tempos. A sobrecapa de Schiar desperta a atenção pelo bom gosto e compreensão imediata do tema Chaplin. A impressão foi feita com muito cuidado. Rápidam, leiam o livro, divirtam-se e deem boas risadas relembrando, na parte em que Villégas López faz a síntese dos melhores filmes de Chaplin, aqueles filmes que existiram há tanto tempo.

E não se esqueçam de que a edição é grande: nada e traz perto de 40 das mais significativas fotografias de Carlitos, de Charles Spencer Chaplin e de os companheiros de sempre: Edna Purviance, Paulette Goddard, seu irmão Sidney, etc. O exemplar custa apenas 15 cruzeiros, e cremos ser um preço razoável, porquanto o livro é bem humoso, está bem encadernado, o papel é o melhor que se pode encontrar e a edição deste preço, e o escrito surpreende com a beleza do seu es-

Os interessados na edição de luxo de-veam dirigir-se quanto antes à Editora, pois restam muito poucos exemplares. Também não é para menos: desenhos originais de pintores como Schiar, Perce Besne, Osvaldo Goeldi, Graciano e Augusto Rodrigues.

DA LIVRARIA JOSE' OLYMPIO EDITORA, Rio:

GO MORTO, novo romance de José Lins do Rego — A volta do romancista, aos temas do Nordeste, aos velhos costumes que enchem os seus primeiros romances. Mas aqui em "Fogo Morto" José Lins do Rego supera tudo o que escreveu até hoje — é o seu melhor romance, não resta a menor dúvida.

IAS PERDIDOS, novo romance de Lúcio Cardoso. Como diz a nota do editor: "Em 'Dias Perdidos' Lúcio Cardoso realiza mais uma de suas audaciosas descidas de escafrandro aos abismos da alma".

ARCO ZERO, de Oswald de Andrade — "O conhecimento e discutido escritor paulista inicia, com este volume, a que deu o sub-título de "A revolução melancólica", um romance cíclico de grandes proporções e alcances, em que serão fixadas as realidades sociais e humanas do nosso país e do nosso tempo".

COLEÇÃO "O ROMANCE PARA OCE":

VACAO INDECISO, de Concordia Mer-3, em tradução de Rachel de Quei- Um romance para moça, movimen-10 9 e cheio de emoção.

NA "SÉRIE DE OBRAS EDUCATIVAS":

COMO EDUCAR MEU FILHO, pelo dou-ior O'Shea, em tradução de Fernando Tade de Sousa. Um manual prático de educação infantil, escrito pelo professor porte-americano M. V. O'Shea. Este livro já se encontra em segunda edição.

NA "COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS":

RUI, O ESTADISTA DA REPÚBLICA — de João Mangabeira. — Este livro, aguardado com muita curiosidade, tem sido recebido com louvores gerais pela crítica. É o estudo mais completo até hoje escrito sobre o autor da "Répli-ca". (Leiam, neste número, o artigo de Edison Carneiro sobre o livro de João Mangabeira).

DOZ IRMAOS PONGETTI EDITORES, Rio:

NA COLEÇÃO "AS 100 OBRAS PRIMAS DA LITERATURA UNIVERSAL":

HOMENS E ESCRAVOS, de Leon Tolstol — Um romance de Tolstol — é sempre uma grande criação, que merece ser lida, especialmente quando aparece numa excelente coleção como esta da Pon-getti.

AGUIA NEGRA, contos de Alexandre Pushkin — Tradução de Ciria Neri — Este livro contém duas grandes nove-las do grande poeta russo.

O RETRATO DE DORIAN GRAY, de Os-car Wilde, em tradução de Januario Leite. (Leiam, neste número, o artigo de Peregrino Junior sobre o célebre ro-mance de Oscar Wilde).

A MULHER DE TRINTA ANOS, de Bal-zac — Um dos romances mais interes-santes de Balzac.

OUTRAS EDIÇÕES:

FESTA NA SOMBRA, poesias de Hay-dée Nicolussi, com um desenho da au-tora feito por Arpad Szenes.

O GOROROBÁ, de Lauro Palhano — Ce-nas da vida proletária — 2ª edição. Diz o autor: "A Amazônia de Gororobá foi um vasto garimpo. Hoje, sob os auspícios do Estado Novo, transforma-se em fábrica, eficiente forja de tra-balho profícuo e útil".

ARTE DE PONTUAR, de Alexandre Pas-sos.

PEDRINHO CARVOEIRO, de Guilherme Hauff — (Infantil).

O CHEQUE DE ALEXANDRIA, de Gui-lherme Hauff.

IRMAZINHA SU, escrito por Mme. Chaling Kai-Schek. É uma grande no-vidade editorial, além de ser um livro bom de se ler.

DA EDITORA VECCHI, Rio:

BIOGRAFIAS:

JOANA D'ARC, de Jules Michelet, em tradução de Antonio Lages. — 2ª edição — A figura dessa "camponesa de Juiz de Fora, de extraordinárias faculdades mentais, forte e rija de corpo como bem temperada de alma" é sempre uma fi-gura de imensa atração para o leitor.

CAIRU — Precursor da economia moder-na. — de José Soares Dutra. Uma bio-graphia documentada, esclarecedora e viva da grande figura do Visconde de Cairu.

NA COLEÇÃO "OS GRANDES PENSA-DORES":

A LUTA PELO DIREITO, de Rudolf von

Ihering, em tradução de Persiano da Fonseca. Esta é uma obra célebre do jurista alemão, a qual salienta o sentido moral do direito em oposição às concepções pragmáticas e materialistas.

NA COLEÇÃO "OS AUDAZES":

O CISNE BRANCO, de Rafael Sabatini, em tradução de Anéas Marzano. — Amor e aventura, drama e sangue, audácia e heroísmo, luta e morte, dão a estas páginas o vivo colorido que só Rafael Sabatini sabe imprimir às suas criações.

OUTRAS EDIÇÕES:

AMOR, SUPREMO AMOR..., de Heinri-che Heine, em tradução de Edison Car-neiro. Contém o "Intermezzo", o "Mar do Norte", "Germânia", "Atta Troll", "O tambor Legrand", e suas "Impres-sões de Viagem".

ABANDONADOS, de Nevil Shute, em tradução de Cruz Cordeiro. Um roman-ce comovente, já filmado com sucesso. As aventuras de um velho com várias crianças na França ocupada pelos na-zistas.

DA AMERIC-EDIT, Rio:

EDIÇÕES EM FRANCÊS:

LA SAMARITAINE, de Edmond Rostand — "O mais puro, e, talvez, o mais deli-cado dos poemas de Rostand".

LES PLUS BELLES PAGES DE SAINT THOMAS D'AQUIN, escolhidas por A. D. Sertillanges O. P. e B. Boulanger O. P., do Instituto de França e do Co-légio Teológico de Rijckholt, respecti-vamente. Neste livro, dois grandes no-mes da cultura católica empreenderam a tarefa de colher em Santo Tomás as páginas mais bem realizadas e as que melhor exprimem o pensamento do fi-lósofo.

NANE, de Ernest Péronchon. Ernest Pé-ronchon era um simples professor em uma pequena vila da França e jamais fôra a Paris. Suas obras foram con-fiadas a um impressor de La Rochelle. Por um acaso, aliás bem feliz, este vo-lume chegou à Academia Goncourt, que o publicou de novo e lhe concedeu o famoso prêmio. O resultado foi sur-preendente: em três semanas alcançou 100.000 exemplares.

MON FRÈRE YVES, de Pierre Loti. A personagem deste livro, o belo e estra-nho marinheiro Yves, foi amigo e ins-pirador de Loti. Muitos trechos deste livro, foram completados pela própria personagem. Daí porque "Mon Frère Yves" é um dos livros mais interes-san-tes de Pierre Loti, o grande viajante.

DAS EDIÇÕES CULTURA, S. Paulo:

NA SÉRIE "O ROMANCE DA ARTE":

AS EDIÇÕES Cultura inauguram a sua nova série, dedicada à arte, com o livro de Gröese, "As Origens da Arte", numia excelente tradução de Edmundo Rossi.

NA SÉRIE "SOCIOLÓGICA":

FABULAS DE ESOPHO, traduzidas dire-tamente do grego por Manuel Mendes da Vidigueira, com um estudo inicial do dr. José Pérez sobre "Esopo e a pater-nidade da fábula".

NA SÉRIE "ÚLTIMAS GERAÇÕES":

POEMAS, de Jamil Almansur Haddad. É o segundo volume da coleção.

NA SÉRIE "OS MESTRES DA LINGUA":
DEBUSSY, pequena biografia escrita por Daniel Chennevière e traduzida por Heitor Ferreira Lima.

NA SÉRIE "NOVELAS DO CORAÇÃO":
"A MORGADINHA DOS CANAVIAIS", de Julio Ditz, em 2 volumes.

DA EDITORA CAÇA DO ESTUDANTE DO BRASIL, Rio:
O PROBLEMA DAS BIBLIOTECAS BRASILEIRAS, de Rubens Borba de Moraes, com um prefácio de Gilberto Freyre — Conferência lida no Salão de Conferências da Biblioteca do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. — "Ditar falatório" — diz o autor — numa hora em que o mundo está agindo, só agindo (e tão tragicamente), pareceu-me, a princípio, coisa fútil e desnecessária. Pensando melhor, entretanto, convenci-me de que o fato de estudantes convidarem um simples bibliotecário a dizer-lhes o que pensa sobre bibliotecas, é por demais significativo, é como que um índice de quanto esse grave problema preocupa a todos, neste momento". Um trabalho que merece ser lido.

DA CIA. EDITORA NACIONAL:
NA COLEÇÃO "GUERRA E PAZ":
A ITALIA POR DENTRO, de Richard Massock. Este livro é um dos depoimentos mais curiosos sobre a frente interna italiana antes do colapso do fascismo. Nele surgem as contradições existentes no regime totalitário, o choque de tendências e Massock sabe fazer resaltar o ridículo e o trágico do drama mussoliniano que infelizmente ainda continua no norte da Itália, enquanto seus ex-comparsas governam o sul.

DA LIVRARIA MARTINS EDITORA:
NA BIBLIOTECA DE LITERATURA BRASILEIRA:

VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE, reedição da célebre obra de Alcantara Machado, com ilustrações de Wasth Rodrigues e introdução de Sergio Milliet.

NA COLEÇÃO "CONTEMPORÂNEA":
O SOLAR DAS ALMAS PERDIDAS, de Dorothy Macardie, em tradução de Milton Amado, romance em que desfilam tipos que ficarão para sempre na memória dos leitores.

AS TRÊS MULHERES DE ANTIBES, de Somerset Maugham.

NA COLEÇÃO "MOSAICO":
A POESIA AFRO-BRASILEIRA, coleção de estudos sobre a poesia africana e de influência africana no Brasil, de autoria do prof. Roger Bastide.

NA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS:

INTRODUÇÃO A HISTÓRIA ECONÔMICA, de N. S. B. Grass, livro de grande interesse para os estudiosos de problemas econômicos.

DA EDITORA PROMETEU:
AS BASES DA PAZ FUTURA, de Henry M. Wriston, em tradução de Paulo Zingg. Este é o primeiro livro publicado no Brasil sobre o palpitante problema da organização da paz, problema que se torna mais importante à medida que as democracias se aproximam da vitória final.

DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA:

VAMOS FALAR DE CINEMA?, de Abram Lagá e Waldemar Cigliano.

DA EMPRESA EDITORA UNIVERSAL:

MADALENA DEMAUPIN, de Teophilo Gautier, tradução de Edith de Carvalho Negrais.

DAS EDIÇÕES MELHORAMENTOS:

O CAMONDONGO E OUTRAS HISTÓRIAS, de W. Busch, versão brasileira de Guilherme de Almeida.

HISTÓRIA DO TREM DE FERRO, textos de Pedro de Almeida Moura, desenhos de P. de Lara.

NO FUNDO DO MAR, de Lucia Machado de Almeida.

DA EDITORA OCEANO:
O GIGANTE DO NORTE, de Enrique de Gandia, tradução de Olinto de Castro.

DA EDITORA PAN-AMERICANA, Rio:

O JOGADOR, de Dostolevski, prefácio e tradução de Otto Schneider. Um dos

grandes romances do genial romancista russo numa tradução que se recomenda.

DA EDITORA A NOITE, Rio:
DIANTE DO AMOR E DA VIDA, poemas de Barbara Norton. Magnífica edição com um desenho da autora feito por Armando Pacheco.

DA LIVRARIA DO GLOBO, Porto Alegre:

NA COLEÇÃO "O BURRINHO AZUL":
DORA, de Johanna Spyri, em tradução de Pepita de Leão. Dora é o nome da pequena heroína do livro, uma menina bela e sonhadora que, tornada orfã subitamente pela morte de seu pai, vê-se lançada em negras infortúnios e aventuras palpitantes.

NA COLEÇÃO "AMARELA":
O CASO DAS GARRAS DE VELUDO, de Erle Stanley Gardner, em tradução de Hamilcar de Garcia.

REEDIÇÕES:
SEM OLHOS EM GAZA, de Aldous Huxley — 3.^a edição.

HISTÓRIAS DOS MARES DO SUL, de Somerset Maugham — 3.^a edição.

DIÁRIO DUMA EXILADA RUSSA, de Alla Rachmanova — 3.^a edição.

NO GALPÃO, contos de Darcy Arambuja — 5.^a edição.

NA COLEÇÃO NOEL:
O DIÁRIO DE MARIA BASHKIRTSEFF, em tradução de Gilda Marinho. A autora deste célebre Diário morreu aos 24 anos de idade, mas o Diário imortalizou-a.

BIOGRAFIAS:

VIDA E MORTE DE TRELAWNY, de Margaret Armstrong, em tradução de Moscir Werneck de Castro. Edward

Trelawny, uma das mais pitorescas figuras do século XIX, foi um desses ingleses indelévelmente, nos quais características bem inglesas se unem a certas qualidades absolutamente estranhas à índole britânica. Revelou talento em vários campos de atividade e foi companheiro de gênios como Byron, Shelley e Swinburg. É portanto uma biografia que se lê com atenção, como se fosse um romance.

BOLIVAR, de Emil Ludwig, em tradução de Justino Martins. Esta biografia do grande Simón Bolívar foi feita sob os auspícios do governo da Venezuela.

NA BIBLIOTECA DOS SÉCULOS:
CONTOS, de Maupassant, em tradução de Mario Quintana. Um magnífico volume dos melhores contos do grande escritor francês. A seleção é excelente.

DA LIVRARIA H. ANTUNES, Rio:

NAMORADOS, de Virginia Vitorino — Edição brasileira revista e prefaciada por Olegário Mariano — Diz o prefaciador: "abafando o tropel da cavalcada modernista, a 6.^a edição do seu livro enche-me de uma alegria infantil. Tenho vontade de gritar e de bater palmas. Ela vem provar, mais uma vez, a preferência do público pela poesia eterna do passado, orgulho dos nossos maiores, milagre que perpetua, através dos séculos, a beleza da idéia enquadada no equilíbrio da forma, aquilo que Baudelaire chamava a um tempo "a força e a graça na simplicidade".

Virginia Vitorino é conhecedíssima em Portugal, e muito lida. E este é o primeiro livro da poetisa que se edita no Brasil.

COMPANHIA INTERNACIONAL DE SEGUROS



CAPITAL DECLARADO	Cr\$ 3.000.000,00
CAPITAL REALIZADO	Cr\$ 2.400.000,00

DO CAPITAL ACIMA DESTINAM-SE AO RAMO DE
ACIDENTES DO TRABALHO
Cr\$ 1.000.000,00 INTEGRALIZADOS

Sede: RIO DE JANEIRO

Fundada em 1920

AV. PERIMETRAL, 159 — 3.^o andar — FONE 23-1835.

Endereço Telegráfico: COMPINTER

SEGUROS DE:

Incêndio — Transportes em Geral — Automóveis — Vidros —

Acidentes Pessoais — Roubo

ACIDENTES DO TRABALHO

Reservas mais de Cr\$ 16.000.000,00

Editores, Colaboradores, Leitores e



ACHAMOS que seria interessante ao completar LEITURA um ano de existência, pedir ou transcrever a opinião de uma porção de gente, de todas as classes: leitores, editores, escritores, livreiros, estudantes, etc.

Confiando na simpatia que têm pela revista, tomamos a liberdade de transcrever trechos de cartas de vários assinantes, certos de que não abusamos demais.

Aproveitamos a oportunidade para dizer que contamos atualmente com mais de duas mil assinaturas espontâneas e que, em breve, fecharemos contrato com o editor Antonio Ribeiro Bertrand, da "Civilização Brasileira", que tanto nos tem apoiado, de alguns milhares de assinaturas que serão distribuídas aos frequentes desta importante casa editora.

Esperamos que os leitores não tomem nossas palavras como uma manifestação de pura vaidade. Os senhores já nos conhecem perfeitamente, sabem que não iríamos abusar-lhes da paciência (os leitores não pedem — mandam, e tudo temos para servi-los) por uma vaidade dirigida, como sempre acontece quando uma revista literária fala de si mesma em detrimento das outras.

Tínhamos certeza de que LEITURA ganharia, simplesmente porque estava nos decididos a fazer uma revista honesta, para todos os leitores e, sem concessões, salvo as que nos foram impostas. Com este ano de vida, LEITURA — uma revista de crítica e informação bibliográfica, e, portanto, com um campo trito para movimentar-se, alcançou uma tiragem surpreendente. Muitos não acreditam nesta tiragem. Está certo, mas não lhes custa nada fazer-nos uma visita para comprová-la. Teremos imenso prazer em convencê-los com provas reais.

Os editores ainda não nos deram o apoio merecido, embora nos comprem cerca de duas mil revistas, para distribuí-las gratuitamente a seus fregueses. Sabemos que a revista lhes é útil, mas gostaríamos que fosse realmente a revista de todos os editores. Uns fazem-lhe grandes elogios, mas na hora do anúncio, desculpam-se, e mais tarde verificamos que anunciaram em revistas mundanas de tiragem limitadíssima!

Quando os tempos melhorarem, pretendemos tirar a revista em cores, com o maior número possível de páginas, de 100 a 200, se preciso for, e ao preço habitual de 50 centavos.

O que vimos prometendo — cumpri-mos. Os senhores podem ficar certos de que ainda surpreenderemos a todos com esta mesma revista. Que os tempos melhorem... LEITURA é atualmente uma das revistas de maior tiragem do país, mas está a de maior tiragem! Porque o material com que trabalhamos é eterno: a inteligência e cultura dos grandes

escritores para a compreensão e a inteligência do povo.

LEITURA, revista literária com um ano de vida e a tiragem de 30.000 exemplares, é a mais lida das revistas do seu gênero — Antonio Ribeiro Bertrand, — Diretor da "Civilização Brasileira".

LEITURA, esta admirável realização, é uma prova eloquente do extraordinário desenvolvimento da vida do livro no Brasil. — José Olympio — Editor — Livraria José Olympio Editora.

O fato de que uma revista consagrada exclusivamente ao amor às belas letras, ao livro, consiga em menos de um ano atingir uma tiragem de 30.000 exemplares (caso único na imprensa latina), significa duas coisas: o elevado nível cultural do público brasileiro, que muito vem gostando de uma revista tão séria e transcendental como LEITURA; e também a magnitude do vitorioso esforço editorial que permitiu a seus criadores conciliar uma colaboração de primeira ordem, um número verdadeiramente extraordinário de páginas de abundante leitura, artisticamente ilustradas, com o máximo alarde de modicidade de preço que significa vender o número avulso de cinquenta e tantas páginas... por cinquenta centavos! — Arturo Vecchi — Gerente da Casa Editora Vecchi Ltda.

O povo está cansado de livros dogmáticos e LEITURA ajuda os bons editores a romper barreiras injustificáveis — representadas pelos livreiros mal informados e recalcitrantes e até por homens cheios de aparências de gravidade a serviço do bem — na difusão do livro útil e esclarecedor, desde os grandes aos mais longínquos e menores centros do país. — Arquimedes de Melo Neto — Diretor da Editora da Casa do Estudante do Brasil.

"LEITURA" é um órgão que satisfaz plenamente às necessidades do mercado nacional do livro. Merece, por isso, o aplauso unânime da nova geração de intelectuais e do povo. — R. Antunes — Editor.

"LEITURA é uma grande revista, prestigiada por um grande público. — José Ciribelli Alves — Diretor-gerente da Empresa Sino S. A.

Sem lugar comum: LEITURA veio preencher um claro sensível desde muito tempo. Sendo a única revista bibliográfica no Brasil e também a primeira — que eu saiba — seu destino era vencer. Além disso LEITURA é uma revista democrática e anti-fascista pelo preço e pelo espírito. Assim seja ainda por muitos anos. — E. Carréra Guerra — Da Agência Continental Ltda. — Publicidade.

Quando surgiu LEITURA, eu que mais ou menos já conhecia a orientação que lhe seria dada, não me surpreendi com seu sucesso. Duvidei, porém, que fosse

levado avante, por muito tempo, tão admirável programa. Hoje estou convencida de que LEITURA venceu plenamente e considero-a, dentro do panorama da literatura contemporânea, como o sólido marco que orienta a forma, aos que tem sede ou paixão por cultura. Sou uma propagandista desta revista. — Haydée da Fonseca, do Departamento de Publicidade da C. E. N.

LEITURA conseguiu esta coisa rara: popularidade sem vulgaridade. Por isso o seu lugar está garantido na história da nossa cultura e do nosso jornalismo. — Frederico Chateaubriand — Diretor da Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro".

Para ser popular, LEITURA não desceu à vilania dos condensados. Bravos, pela decência de sua atitude. — Franklin de Oliveira — escritor — Da Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro".

Dizer-se que LEITURA veio preencher uma lacuna seria cair num lugar comum imperdoável. O melhor atestado da sua pujança é este: enquanto todas as publicações, por alegações diversas, reduzem as suas tiragens, LEITURA cresce, favorecida por um público magnífico e crescente, deita raízes, fende o solo ingrato do nosso ceticismo e salta, logo no seu primeiro ano de vida, firmemente, de 6 para 30.000 exemplares! Que maior consagração? — Sebastião Hersen. — Diretor da Editorial "Calvino Limitada".

O aniversário de uma publicação dedicada exclusivamente às letras e às artes e que vem ampliando sempre seu número de páginas e sua tiragem, representa não somente uma esplêndida vitória dos seus diretores mas, sobretudo, um índice seguro e animador de nosso vertiginoso avanço no terreno intelectual. — Rogerio Pongetti. — De Irmãos Pongetti Editores.

LEITURA foi uma exigência do progresso editorial do Brasil, inteligentemente aproveitada pelos seus esforçados idealizadores. — Plácido de Albuquerque — Da Editora Panamericana Ltda.

LEITURA é a prova contundente de que já se lê no Brasil. — Nilo A. Sampaio — Diretor técnico da Editora Panamericana Ltda.

Desde o primeiro número, interessante pela LEITURA, cuja orientação, sem par em nosso jornalismo atual, fizeram desta revista uma necessidade para todos que se interessam por livros ou por assuntos de cultura literária.

Devo ainda observar que, ao contrário do que suceda com outras tentativas do gênero, a LEITURA vem melhorando número a número, o que demonstra a firme vontade de sua direção de proporcionar ao povo brasileiro um órgão sério e altamente intelectual, ou, como editor, recomendo e apoio sinceramente. — Roberto Furquim — Diretor da Stella Editora.

COLABORADORES

LEITURA é única no gênero. Aqui, a literatura perdeu as roupagens grandifinas, pos-se em contacto com o povo, purificou-se. É uma revista para todos os leitores, e também para os intelectuais. — Lia Corrêa Dutra — Contista e ensaísta.

Em outubro ou novembro do ano passado, Barbosa Melo me contou, numa conversa de café — no Amarelinho — o seu plano, e perguntou o que eu achava. Achei ótimo. Na verdade não achava coisa alguma, ou, se achava alguma coisa, era mais ou menos o seguinte: aquilo era conversa de Amarelinho. Ele pedia minha colaboração, e eu concordava: pois não, com muito prazer, muito obrigado.

Hoje LEITURA está rodando 30 mil exemplares. Uma conversa de Amarelinho! — Ruben Braga — Escritor.

Uma revista que atende ao mesmo tempo às necessidades culturais do povo e das elites. Daí o seu êxito surpreendente. — Annibal M. Machado — Escritor.

LEITURA nasceu de uma idéia esplêndida que foi maravilhosamente realizada. Em poucos meses de existência fez o seu público, multiplicou a tiragem e tornou-se próspera. Numa terra onde as revistas morrem no 3.º número, LEITURA venceu e impôs. No princípio de cada mês, o Rio que lê disputa os exemplares da LEITURA nas bancas. E quem

Livreiros Opinam sobre LEITURA

a compra torna-se fan. Não pode haver melhor elogio do que este. — **Caio de Freitas** — Escritor.

Estuário vivo e arejado da cultura brasileira, mensalmente através de suas colunas ouvem-se os pregões altos e prestigiosos dos que a idealizaram com coragem e a veem engrandecendo com superioridade mental e originalidade criadora. — **Remy Fonseca** — Jornalista.

Sob o ponto de vista publicitário, acho que LEITURA foi uma descoberta. É uma revista com finalidade a bem dizer didática: por ao alcance do povo as opiniões dos escritores brasileiros sobre os livros dos outros escritores, nacionais ou estrangeiros. Muitas vezes, talvez, essas opiniões não são muito francas. Não importa: são opiniões. — **Emil Farhat** — Romancista.

Não posso crer que alguém se diga bem informado sobre o atual movimento literário do Brasil sem ler regularmente LEITURA. Como guia bibliográfico presta-nos enorme serviço. Dejo a esta notável publicação, no seu 1.º ano de existência, êxito crescentes, para que continue a orientar os leitores num verdadeiro sentido democrático e cultural. — **Gulherme Figueiredo** — Romancista e atualmente crítico literário do "Diário de Notícias".

... E logo simpatizei com a revista. Agora já gosto dela pelo que é: muito bem imaginada e inteligentemente conduzida. — **Maria Jacinta** — Autora de "Conflito, comédia".

A marcha do Brasil em busca da sua democracia atingiu agora uma das suas etapas mais decisivas. E dentro do processo geral da luta coube a LEITURA um dos setores mais árduos: o setor da literatura, do pensamento e da cultura democrática do Brasil. — **Fritz Teixeira da Sales** — Escritor.

Julgo que LEITURA é uma publicação excelente, por vários motivos. 1.º — Custa apenas cinquenta centavos e oferece ao leitor matéria valiosa; 2.º — não dá preferência apenas aos medalhões nem somente aos "novíssimos"; 3.º — paga religiosamente aos seus colaboradores; 4.º — não fica parada. Evolue, cresce, cria cada dia novas e interessantes seções; 5.º — não é feudo de qualquer rodinha literária, nem sofre de limitações regionalistas.

Com tudo isso está realizando no Brasil um notável trabalho de divulgação cultural. — **Dias da Costa** — Escritor.

Não só ao grande público, mas até aos do métier, aqueles que vivem em pleno fluxo e refluxo da literatura, torna-se indispensável a leitura de LEITURA. E' que sendo cada vez maior o nosso desenvolvimento editorial, há muito precisávamos de uma revista exclusivamente bibliográfica. LEITURA impõe-se ainda pela escolha dos seus colaboradores, onde nomes dos mais prestigiosos das nossas letras analisam e criticam os últimos livros aparecidos. — **Gastão Cruls** — Romancista.

Parece-me da maior importância o trabalho de democratização da cultura — em seus aspectos literário e crítico — que LEITURA realiza em nosso meio. Bem que estavamos a precisar de uma revista que todos os meses falasse diretamente ao povo — e de maneira honesta — sobre os livros que lhe são continuamente oferecidos. LEITURA realiza esta tarefa e esse é o seu melhor título de triunfo. — **Dante Costa** — Escritor.

Recorro ao lugar comum para falar de LEITURA: nunca houve, entre nós e no seu gênero, uma revista tão boa, tão forte e tão completa, adjetivos que também podem definir sua atuação política de la ordem. — **Joel Silveira** — Secretário

de "Diretrizes", e contista.

LEITURA supera o Boletim de Ariel como revista de ampla divulgação bibliográfica. É uma síntese inteligente e atualíssima de tudo quanto se publica no Brasil. — **Dalcídio Jurandir** — Autor de "Chuva nos Campos da Cachoeira", romance.

... Começou de baixo para cima. Alimentada pela simpatia e o interesse do povo, a revista cresceu aritmeticamente como nenhuma outra no gênero: 6.000, 8.000, 10.000, 15.000, 20.000, 30.000 exemplares. Daqui a pouco atingirá a casa dos cem mil. — **Abelardo Romero** — Escritor.

Acompanho LEITURA desde o seu primeiro número com a simpatia e o interesse devidos a todas as publicações honestas e inteligentes. No gênero, sobretudo como informação de ordem crítica e bibliográfica, ela se tornou uma revista de utilidade indiscutível. — **Alvaro Lins** — Crítico literário do "Correio da Manhã".

LEITURA — síntese viva e palpitante do movimento das ideias no Brasil — é um excelente, um utilíssimo roteiro literário para o leitor brasileiro. — **Pe-regriño Junior** — Escritor.

LEITURA surgiu quando havia um mandato literário a exercer. Ela o exerce agora com segurança, independência e admirável equilíbrio. — **Eloy Pontes** — Crítico literário d'"O Globo".

LEITURA é uma completa novidade no seu gênero no Brasil, e está sendo feita com uma competência que já a tornou uma revista nacional. — **Hermes Lima** — Professor e escritor.

Uma revista ampla, acessível, bem planejada e bem realizada, uma reunião de informações literárias põe até mesmo o escritor "municipal" em contacto com o que se faz em todo o mundo; um corpo de colaboradores que vem das melhores correntes do pensamento e das letras — LEITURA realiza um velho sonho dos intelectuais brasileiros: é um estímulo e traço de união! — **Edson Carneiro** — Ensaísta e crítico literário de "Diretrizes".

Neste momento em que o povo tanto se interessa pelo livro, os editores devem apoiar LEITURA porque é uma revista de grande utilidade, esclarecedora e bem dirigida. — **Carolina Nabuco** — Romancista.

Se há uma educação extra escolar, LEITURA é no Brasil um de seus melhores instrumentos. — **Carlos Drummond de Andrade** — Poeta.

LEITURA vem criando no Brasil uma atmosfera respirável para os intelectuais independentes, que não se amoldam às conveniências e prejuízos de nenhuma espécie. — **Silvio Jullio** — Escritor.

Forçoso é convir ter conseguido LEITURA preencher uma lacuna há muito aguardando cobertura, nessa especialidade crítico-literária tão necessária nestes momentos tumultuosos, em que o cérebro humano entra a produzir, dando expansão a tudo que a retentiva apreende e o sentimento guarda no íntimo esperando a vez de exteriorizar-se.

LEITURA é, em suma, o espírito da própria época. — **Fernando Leviaky** — Romancista e Diretor de "Publicidade para Todos".

LEITURA: nom symbolique et prestigieux lui-même.

La lecture n'est-elle pas le grand refuge de l'esprit, dans une époque où le monde entier roule bord sur bord, pire qu'un volier dématé dans la tempête.

N'est-elle pas encore, et surtout, la meilleure distraction, et le meilleur repos, si l'on sait choisir ses lectures avec goût et discernement.

C'est précisément le grand mérite de LEITURA de consacrer sa jeunesse, son enthousiasme, sa foi à nous éclairer dans

ce choix difficile. — **Maurin Cossé** — Autor de "Marins D'Hier".

LEITURA está continuando a obra iniciada pelo "Boletim de Ariel", de saudosa memória. A cultura brasileira lucrará muito com isso. — **Valdemar Cavalcanti** — Escritor.

LEITURA tornou-se uma revista imprescindível. Util aos escritores e editores — mais útil ainda ao povo. Muitos meses antes do seu aparecimento acreditai no plano de sua edição — e ajudai a fazer os dois primeiros números. Assisti ao seu crescimento, até se transformar na grande revista de hoje. — **Oswaldo Alves** — Romancista.

Não pareceria talvez fácil, assim a primeira vista, visar, com um periódico mensal — acessível a todos — esse ponto de vista do interesse geral pelos livros, quer propriamente de literatura e arte, quer de análise e ciência. Creio que esse alvo não foi só bem visado, foi atingido, em boa hora, por LEITURA. E assim temos explicada sua força de divulgação em todo o país. — **Aurelio Domingues** — Escritor.

A opinião de LEITURA é o denominador comum dos pontos de vista de seus colaboradores, que são numerosos e recrutam nas mais diversas tendências. Temos de nos felicitar pelo fato de a revista assim, feita com retalhos de pensamento e de estilos, estar sempre numa linha tão esclarecida. Isto é, li que apesar de tudo a maioria dos críticos brasileiros permanece fiel a esse sentido básico de decência. E a revista é muito lida, cada vez mais, e pode-se concluir que os escritores, estão falando uns para os outros e influenciando mesmo que, às vezes, deem conta disso. O amor aos livros é o signo inspirador de LEITURA: uma estupenda força de organização, de captando e orientando, a revista cumpre superiormente missão de cultura. — **Moscir Werneck Castro** — Escritor.

LEITURA aparece no momento ideal, quando se verifica um intenso interesse do público pelo livro. Revista eminentemente bibliográfica, mas com porção jornalística — original, bem feita, movimentada — dá ao leitor um panorama vivo das atualidades literárias. Tem garantido o seu êxito, pela qualidade da oportunidade. — **Celso Kelly** — Tor.

A cultura, no Brasil, deve muito a LEITURA. Aqui, nunca tanto se tem gastado tão pouco. — **Paulo Lima** — Critor.

A vitória tão rápida de LEITURA, constitui o melhor exemplo de como se pode interessar pelo livro no Brasil de hoje. É gratificante ver que já temos ambiente propício ao êxito popular de uma revista assim, dedicada exclusivamente às coisas da inteligência. — **Geno Amado** — Escritor.

Acho, LEITURA não somente uma revista original e interessante, como também uma publicação de alto valor educativo. A um público ávido de ler, geralmente mal orientado, fornece, em artigos atraentes, os dados necessários para a escolha de suas leituras. Contribui, destarte ao desenvolvimento de um gosto mais fino e a formação de uma elite mais numerosa de leitores, condição indispensável de uma boa literatura nacional. — **Paulo Ronai** — Professor e escritor.

LEITURA, o singular mensário que todo o Brasil já conhece, nasceu de um grupo de idealistas — de sonhadores. Tinha, por consequência, de vencer brilhantemente, como aconteceu neste primeiro ano de vida intenso e produtivo. — **Eurico Rêbello** — Diretor de "O Brasil".

O leitor brasileiro teve afinal em LEITURA a revista de que precisava para se orientar no mundo dos livros. — Marques Rebelo — Contista e romancista.

A opinião dos indivíduos que escreveram nesta revista é suspeita: com certeza gostam dela, pelo menos de algumas páginas dela. Muito mais importante é

o juízo daqueles homens que se atraíram numa discussão terrível sobre a guerra e ensinam geografia aos passajeiros do omnibus. Talvez fosse bom interrogá-los. Mas realmente não é preciso. Eles compraram a revista. E o que serve. Grande tiragem, muitos leitores, dos melhores, que não escrevem e pagam. — Graciliano Ramos — Romancista.

LEITORES

Pego o favor de enviar a sua revista ao abaixo assinado. Junto segue em carta de valor declarado a importância de Cr\$ 6,00, correspondente a uma assinatura de 1944. — Frei Sebastião Elleboachi — Campos do Jordão — São Paulo.

Uma assinatura da revista LEITURA para o Revmo. Pe. Frei Elscário Schmitt, O. F. M. Convento dos PP. Franciscanos — Caixa Postal 12 — Lajes — S. Catarina.

Valho-me da oportunidade para felicitar a LEITURA — que me habituei a comprar todos os meses — pelo fato inédito de, no Brasil, ter conseguido duas coisas, das quais uma só lá é difícil de se encontrar entre nós: ser boa e barata. — Joaquim Loureiro da Cruz — Instituto A. P. dos Industriários — I. A. P. I. — L. José Bonifácio, 6.º andar — S. Paulo.

Neste momento chegou em minha mão de trabalho o Exmo. Sr. Dr. Juez de ceito da nossa comarca, o qual pede parecidamente, se possível obter os nºs 1 e 2 de LEITURA, e em seguida me a lhe enviar o cupom, afim de que seja notado as remessas a partir do rev. cujo numerário fique responsável para remeter, o qual farei pela volta do mais.

Ainda o nome desse sr. que é o Apr. de Patrocínio Gallott. — M. de O. Calves — (Representante da que, el. "A Noite") — Canoerinhas — o edito.

Civiliza recebimento da sua carta de 19 apoia em curso e agradeço as informações dela contidas.

Estou me dirigindo a Livraria Civilização Brasileira transmitindo o meu pedido de livros: "Triste fim de Polycarpo Quaresma", de Lima Barreto, e "A Corralista", de Adolfo Caminha.

De acordo com o pedido de vv. ss. mencionel essa revista como fonte de referência para a encomenda supra. Aliás, de a excelência desse mensário, é o praz. que faço propaganda do. — Delio Paes. — Rua Marciano Tin. 393 — Rua Rui Barbosa, 301 — Juiz de Fora — Minas Gerais.

Esta, var V. S. a especial fineza de Cossido, pelo Correio Aéreo Militar, das me. os números de LEITURA registro. — Os. de abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro deste m.º ano.

Os quatro números de LEITURA acima pedidos, poderão ser enviados como esta pelo correio aéreo Militar, etc. etc.

Aproveito o ensejo para solicitar a V. S. a fineza de informar-me o preço de uma assinatura anual de LEITURA, remetida por via aérea sob registro postalmente, da maneira o. como acima mencionei. — José Ramalho — Rua Sá Albuquerque, 503 — C. P. nº 40. — Jaraguá — Estado de Alagoas.

LEITURA, mensário de crítica e informação bibliográfica, tem sido incomparavelmente útil ao nosso contacto de livreiro com os editores do sul do país.

Entretanto, dadas as dificuldades de transporte marítimo, sua distribuição em nossa capital se faz com o maior atraso.

Tendo a necessidade de tê-lo com maior brevidade, solicitamos dos presenças amigos verificarem a possibilidade de nos remeterem os números a partir de março por via aérea, correndo a despesa por nossa conta não só para esta emissão como para as seguintes, que devem ser feitas pela mesma via. Ficamos certos do seu interesse em nos satisfazer para o que terão a gentileza de tomar as mais breves providências. — C.

Braga — Livraria Santos — Rua do Comércio, 519 — Maceió — Alagoas.

Pego enviar, para o endereço abaixo, os três últimos números de LEITURA (inclusive o de Agosto), para o que junto a importância devida. — Sargento Milrabeau de Barros. — 6.º B. C. — 2.ª Cia. — Sorocaba — S. Paulo.

Muito obrigado para a carta para minha filha de 12 a (Anna Niese Schoeder). A filha escreve como substituta do papai doente. Hoje pois descrever eu mesmo.

Adjunto em selos Cr\$ 4,00 conforme a carta das senhoras. Mas por que não mandar outra vez 1 mil reis, por favor mandar um número singular separado para me. Quero mandar o número para um amigo, para fazer propaganda da excelente revista LEITURA.

É um novo pedido! Por favor mandar até mais a Revista não para o domicílio em Poté, mas para Jr. Ernesto Schroeder, Hospital Santa Rosalia — Teófilo Otoni — Minas Gerais — Jr. Schroeder.

Tenho recebido os números da valiosíssima revista LEITURA. Em poucos minutos de hora, em agradáveis artigos, a gente se põe em dia com a literatura nacional e, em parte da estrangeira. Parabéns. — Pe. Benedito Dias — Campos do Jordão, 3 de Julho de 1943.

Sendo presenteado por um exemplar da vossa revista LEITURA, muito o apreço, é uma ótima publicação, que todo o livreiro inteligente deve ampará-la, afim de conservar a s. publicação, é útil para todos.

O número que tenho em mãos é o 9.º e gostaria de passar a recebê-la dora avante, o que rogo incluir o meu nome e endereço na lista dos assinantes. — Raimundo Dias — Ponta Nova, 23 de Outubro de 1943.

Tenho lido, com encantamento e com gula, a revista que tomou conta, e em tão boa hora, do lugar que há muito deveria ser ocupado por publicação especializada em crítica literária, etc. etc. — F. Soares Coelho — Alegrete — Rio Grande do Sul.

Vim conhecer LEITURA em seu sétimo número, há dias atrás, imediatamente mandei um meu irmão a essa redação comprar todos os números publicados que por felicidade ainda eram encontrados.

Precisarei dizer-lhes mais alguma coisa? Que o objetivo desta é estender-lhes meus efusivos parabéns? Que a revista é ótima sem favor algum? E que note-se perfeitamente que de número para número houve preocupação em melhorá-la.

Seja-me permitido também dizer-lhes que os críticos estão se preocupando demasiadamente com os livros estrangeiros havendo pouca margem em favor dos nacionais. Talvez o único quasi-senão.

Mas... estes parabéns estão se alongando muito e por este motivo vou parar aqui. — (Sem assinatura) — Villa Isabel — Praça 1 — Maracanã.

Chegou-me às mãos, de uma vez somente, quatro números da publicação em apreço que me despertou o mais entusiástico interesse, pois veio preencher uma lacuna considerável no cenário literário do meu Estado. A pobreza das livrarias locais a par do desuso dos nossos jornais as publicações de interesse permanente para a nossa cultura expõem-nos a um descanso involuntário, que desaparecerá com a crescente difusão de

LEITURA. Muito me desvaneca concorre para difundir-la no Maranhão, onde encontrará um apoio além da melhor expectativa.

Pego-vos uma assinatura semestral para o que remeto Cr\$ 3,00 — Raimundo Rodrigues Bogéa. — Estudante — Rua Santo Antonio, 188 — São Luiz — E. Maranhão.

Solicito ao ilustre cidadão a fineza de mandar-me pelo portador, se possível, uma assinatura anual de LEITURA, cujas páginas (já "devorei" os dois primeiros números) trouxeram-me momentos agradabilíssimos.

A "revistazinha", pelos moldes porque se apresenta, em pouco tempo, creio, terá milhares de leitores.

Aborda assuntos interessantíssimos, e se assim não fosse, bastaria os nomes dos escritores de nossa moderna geração, os principais dos quais fazem deslizar suas penas para essa novel Revista. De fato, não há de fugir. — E' favor endereçar assim: Sargento Ademir Guilherme — Assistência do Comando Geral — Força Policial — Niterói — E. do R.º.

Tendo examinado a novel revista que Vv. Ss. entregaram ao "Correio de São Leopoldo", não posso deixar de transmitir-lhe os meus mais sinceros aplausos. E a publicação de que todos nós, amantes da leitura necessitamos.

Por isso, junto lhes envio a quantia de Cr\$ 6,00 para uma assinatura anual. Faço questão de receber a revista desde o seu primeiro número, afim de conseguir a sua completa coleção. — Dr. Guilherme Rotermund — Rua Marquês do Herval nº 986 — S. Leopoldo — Rio Grande do Sul.

Apreço LEITURA (e compro-a todos os meses) por ser acessível em todos os sentidos. — Oscar da Rocha Vasconcelos — Cabo do Exército.

Sou um simples empregado do comércio, mas gosto de LEITURA. É uma revista simples, prende a atenção da gente e me põe em dia com os livros e com o pessoal mais inteligente do meu país. Quase todos os meus colegas compram LEITURA. — Antonio Freitas — Funcionário das "Casas Pernambucanas".

LEITURA realiza, no Brasil, a expressão perfeita do que há de melhor no gênero de revista literária. É um protesto contra o derrotismo de muita opinião pessimista. Confrontemo-la com qualquer similar de outros países e só poderá levar vantagem sobre elas. — Helle Araújo — Estudante do 2.º Clássico do Instituto Juvenal.

Como estudante, afirmo convicto, em vista da grande aceitação em nossa classe, que LEITURA sintetiza aquilo que mais se aproxima do perfeito numa publicação do seu gênero: interessar a todos os leitores. — Jaime Ramos — Aluno do Colégio Pedro II.

Entre os muitos atributos e vantagens que encontro em LEITURA — e são inúmeros — destaco essa ambição de conhecer, de se pôr em dia com o que se publica no país, que se apodera da gente ao folhear suas páginas. LEITURA é assim um agente honesto de publicidade que ajuda a vida dos livros e fazendo-o contribui diretamente, concretamente para o progresso do nível intelectual do povo. — Roberto Julio — Acadêmico de Direito.

LEITURA trouxe ao povo um contacto maior com seus escritores. Creio que suas deficiências serão eliminadas a proporção que os contactos forem mais permanentes e mais livres. Para isso os acontecimentos se aceleram e nada impedirá que publicações como LEITURA se esparramem e justifiquem suas funções. — Carlos Selier — Pintor.

LEITURA é um roteiro. Um roteiro de inteligência, honestidade e fé. Por isso, cresce sem vacilações, para o alto, para cima, como as palmeiras. E sem curvaturas, ceta e serena. Por isso vence. — Petronio de Castro Sousa. — Estudante de Direito.

Sou um estudante do curso pre-universitário. Desde o seu aparecimento adotet

LIVROS TECNICOS E LITERATURA

LIVRARIA ODEON

AV. RIO BRANCO, 157

RIO DE JANEIRO, D. F.

Remessas contra reembolso postal

LEITURA como órgão indispensável para o meu desenvolvimento intelectual. — David Schneider — Rua José Higinio n.º 240 — Tijuca — Rio.

LEITURA nasceu para preencher uma grande lacuna. Ela instrue com a sua matéria sadia e diverte em algumas ocasiões. — Henrique Gomes de Campos — Diretor das Oficinas Gráficas d' "A Manhã".

LEITURA... a "Feira de Livros" permanente do Brasil. — Alair da Silva — Gráfico.

Considero interessante la Revista LEITURA, porque siempre nos tiene al par de las novedades literarias y porque es amena y de um formato ágil. — J. Rafael González. — Linotipista.

Gosto de LEITURA porque ela nos dá, com pouco dinheiro, pão para o nosso espírito e é o celeiro de literatos do futuro. — Aristotelino Souza. — Gráfico.

Gosto de LEITURA por ser a mais noticiosa sobre livros. — José Pereira de Andrade — Gráfico.

Lendo LEITURA conheci bons livros de bons autores. — Alvaro Figueiredo — Gráfico.

Lendo LEITURA, é estar ao par da literatura mundial — é conhecer o pensamento do homem livre de hoje — por isso eu leio LEITURA — A. Cabral. — Gráfico.

No que tange a melhoria do nosso nível cultural LEITURA é uma grande realização. Instrue e orienta o pensa-

mento no sentido de atender às necessidades do mundo futuro. — Antonio Pedro. — Diretor da "Dois Mundos Editora Limitada".

"LEITURA" é rebento sadio do espírito e vingou porque esteio outro não teve: honesta crítica. — Arcanjo Soria Filho — Da Livraria Odeon.

A revista LEITURA tornou-se muito útil ao livreiro das capitais e indispensável aos livreiros do interior — Gabriel Athos Pereira — (Da Livraria José Olímpio Editora).

Temos bastante interesse em receber pelo correio aéreo os números da s' revista. — Livraria Souza Ltda. — — Bala.

Desde seu número inicial, que nos tornamos assíduos leitores de LEITURA, que nos serve de modo especial como ponto de referência bibliográfica, de vez que nos dedicamos exclusivamente a livros técnicos e científicos.

Achamos, entretanto, que LEITURA deve tornar-se a revista do livreiro brasileiro, como o Publisher's Weekly o é do livreiro norte-americano... — L. N. Gondin — Revistas e livros técnicos e Científicos — Fortaleza, Ceará.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS: — Rogamos aos nossos leitores o obséquio de remeter o pagamento das assinaturas em selos, e diretamente à redação. Assim, ficará facilitado nosso trabalho, revertendo também o mesmo em benefício dos leitores. — SENADOR DANTAS, 20-7.º andar — S. 708/10 — Edifício "Galeno".

O PROGRAMA CASÉ

Apresenta todos os domingos das 10,30 às 15,15 as seguintes audições:

10,30 às 11,00 — Programa variado.

11,05 — ALERTA TORPEDO! Sckét radiofônico.

11,15 às 12,00 — Programa variado com orquestra de Nicolino Milano — Regional de Luperce Miranda e os Cantores Angelo de Freitas, Conjunto Cancioneiros do ar — Adolfina Acosta — Nelson Gonçalves e outros.

12,00 — Santo do Dia.

12,05 — Novela semanal "O MOÇO LOURO" radiofonização de Sady Cabral — direção de Manoel Braga.

13,00 — NICOLINO MILANO com solos de violino.

13,15 — ALERTA TORPEDO! Sckét radiofônico.

13,30 — ILLONA MASSEY, meia hora de arte e encantamento da estrela de Hollywood.

14,00 — Prefixo Musical de NOTRE DAME DE PARIS.

14,05 — DEFENSORES DA LEI — Radio Teatro policial de Benvindo Edinaldo — direção de Manoel Braga.

15,15 — Prefixo de encerramento.

Leitura condensa um Romance

O ATENEU, de Raul Pompéia — Edição ilustrada — Editora Livraria Francisco Alves — Rio, 1943.

— Vais encontrar o mundo — disse-me meu pai, à porta do "Ateneu". — Coragem para a luta.

Adiantante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico, diferente do que se encontra fóra, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem único de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso.

Eu tinha onze anos. Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Lecionou-me depois um professor em domicílio. Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacado do conchego placentário da dieta caseira, via-se próximo o momento de se definir a minha individualidade.

"Ateneu" era um grande colégio da época. O dr. Aristarco Argolo de Ramos, da conhecida família do visconde de Ramos, do Norte, enchia o império com o seu renome de pedagogo. Aristarco todo era um anúncio. Os gestos calmos, soberanos, eram de um rei — o autocrata excelso dos silabários; a pausa hierática do andar deixava sentir o esforço, a cada passo, que ele fazia para levar adiante, de empurrão, o progresso do ensino público.

Avaliem o prazer que tive, quando me disse meu pai que eu ia ser apresentado ao diretor do "Ateneu" e à matrícula.

— Como se chama o amiguinho? — perguntou-me ele.

— Sérgio... dei o nome todo, baixando os olhos e sem esquecer o "seu criado" da estrita cortezia.

— Pois, meu caro sr. Sérgio, o amigo há de ter a bondade de ir ao cabelereiro deitar fóra estes cachinhos...

Eu tinha ainda os cabelos compridos, por um capricho amoroso de minha mãe. O conselho era visivelmente de censura. O diretor explicando a meu pai, acrescentou com o rixinho nasal que sabia fazer: — Sim, senhores, os meninos bonitos não provam bem no meu colégio.

— Peça licença para defender os meninos bonitos... objetou alguém entrando.

Surpreendendo-nos com esta frase, entusiasmada e esboçada por um sorriso, chegou a senhora do diretor, D. Ema. Baixa mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formosa alongada por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade. Adiantava-se por movimentos oscilados, cadência de minueto harmonioso, a mole que o corpo alternava.

— Quantos anos tem? — perguntou-me.

— Onze anos...

— Parece ter seis, com estes lindos cabelos.

— Mas o Sérgio é dos fortes — disse Aristarco, apanhando-se da palavra.

Enveredando pelo tema querido do elogio próprio e do "Ateneu", ninguém mais pôde falar... Contemplávamos (eu com aterrado espanto) distendido em grandiosa epica — o homem sandwich da educação nacional, lardeado entre dois monstruosos cortazes. As costas, o seu passado incalculável de trabalhos; sobre o ventre, para a frente, o seu futuro: a reclamação dos imortais projetos.

Quando meu pai saiu, vieram-se as lágrimas, que eu tinha o tempo de ser forte. Subi ao salão azul, dormitório dos médios, onde estava a minha cama; mudei de roupa.



Dr. Aristarco Argolo de Ramos, num desenho de Raul Pompéia

pa, levei o fardo ao número 54 do depósito geral, meu número. Não tive coragem de afrontar o recreio.

A' noite, na cama de ferro do salão azul, compenetrado da tristeza de hospital dos dormitórios, fundos na sombra do gás mortífero, trinchando a colcha branca, eu meditava o retrospecto do meu dia. Era assim o colégio. Que

Depois que sacudi fóra o tranco dos ideais ingênuos, sentia-me vazio de ânimo; nunca percebi tanto a espiritualidade imponderável da alma: o vácuo habitava-me dentro. Com esta crise do sentimento casava-se o receio que me infundia o microcosmo do "Ateneu". Tudo ameaça os indefesos. O desembaraço tumultuoso dos companheiros à recreação, a maneira fácil de conduzir o trabalho, pare-

fazer da motologem dos meus planos? ciam-me traços de esmagadora superioridade; espantava-me a vivexa dos "pequenos", tão pequenos alguns!

Eu não estudava; a minha conta era, entretanto, regular, por um concurso de elementos eventuais; mas o risco da decadência era constante. O método constituía o peor obstáculo; sem o auxílio de alguém, mais prático, estava perdido. Não tardou que Sanches me desse a mão como a Minerva benigna de Fenelon. Em dois meses tínhamos vencido por alto a matéria toda do curso; e com este proporo, sorria-me o agouro de magnífico futuro, quando veio a fatalidade desandar o roda. Por uma tarde de aguaceiro errávamos pelo saguão das bacias, escuro, húmido, rescendendo ao cheiro das toalhas mofadas e dos ingredientes dentífricos, solidão favorável, multiplicado pelos obstáculos à vista que ofereciam enormes pilares quadrados em ordem a sustentar o edifício — quando, sem transição, o companheiro chegou-me a boca ao rosto e falou baixinho.

Só a voz, e simples som covarde de voz, rastejante, colante, como se fosse cada sílaba uma lesma, horripilou-me, feito o contacto de um suplicio imundo. Fingi não ter ouvido; mas houve intimamente a explosão de todo o meu asco por semelhante indivíduo, e muito calmo, desviando apenas a vista, pretextei a falta de um lenço, que me endefluxara a friagem e... fui buscá-lo.

A consequência foi o que devia ser. Fui o último da aula! Resultado raxoável, para emprego de uma energia-zinha que despontava.

Maio tinha passado e as rosas; acabaram-se as orações à Virgem. Sem os hinos da manhã, sem o sorriso e cores de Santa Rosália, restava-me o Deus dos novíssimos,

das comunhões sacrílegas, e Deus salvagem do Barreto. Positivamente não quis saber do corrasco; alijsi a metafísica como um pesadelo. E me achei de novo, sozinho no "Ateneu"; sozinho mais do que nunca. Com os astros apenas do meu compêndio, panorama da noite consoladora. E ainda bem, que voltava da crança pela Via-láctea, como para a crança fôra. Retirada honrosa de um desengano.

Fiz-me um anarquista. Para a companhia da reção, armazenei uma abostança inextinguível de vaidade e deliberei menosprezar do melhor modo prêmios e aplausos com que se diplomavam os grandes estudantes. Habitado à vida do internato, nutria a certeza de conseguir sozinho quanto não pudera com o amparo de um amigo, nem com a ajuda de Deus. Desenvolveu-se nas alturas uma antipatia por mim, que me lisongeava como uma das formas da consideração. Chegava eu assim, por trajeto muito diferente do que sonhara, à desejada personificação moral do pequeno homem.

No ano seguinte, o "Ateneu" revelou-se noutra aspecto. Conhecia-o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectiva, desafiando a curiosidade e receio; conhecera-o insípido e banal como os mistérios resolvidos, caído de tédio; conhecia-o agora inalterável como um cárcere, murado de desejos e privações.

Adquiri o meu amigo Egbert com a transição para os aulos secundárias, onde o encontrei com outros adiantados. Vizinhos de banco, compreendemo-nos, mutuamente simpáticos, como se um propósito secreto de coisa necessária tivesse guiado o acaso da colocação. Quis o bom fado que obtivéssemos, os dois amigos, o prezado nota de "distintos", e o prêmio com que Aristarco gentilmente os obsequiava. Levava-os a jantar em sua casa, uma honra! Lembro-me que havia flores sobre a mesa, que estava a queimar o sopê; não reparei sequer se estava presente a filha do diretor, a princesa Melica. Uma atenção absorveu-me exclusiva e única. D. Ema reconheceu-me: era aquele pequeno das madeixas compridas! Conversou muito comigo. Estava desenvolvido! Que diferença do que era há dois anos!

Miragem sedutora de branco, fartos cabelos negros colhidos para o alto com infinita graça, uma rosa nos cabelos, vermelha como são vermelhos os lábios e os corações, vermelha como um grito de triunfo. Estava a meu lado, pertinho, deslumbrante, o vestuário de neve.

De volta ao "Ateneu", senti-me grande. Sentia-me elevado, vinte anos de estatura, um milagre. Olhava agora para Egbert como para uma recordação e para o dia da antem. Daí começou a esfriar o entusiasmo da nossa fraternidade.

Preparava-se a solenidade bienal dos prêmios. Devia ser uma solenidade sem memória nos fastos da pedagogia triunfante, um obelisco de desposos, de luxo, de esplendor, a cuja ponta, como a erupção de uma cratera, saltasse a surpresa, golardão das altas qualidades e pirraça suprema a concorrência dos rivais. Climaco, moço de espírito prático, não levou muito a ruminar uma feliz idéia. E se oferecéssemos um busto ao nosso diretor? Em dois dias, os iniciadores da subscrição haviam concluído a tarefa. E quando principiaram os preparativos da solenidade, já o busto, obra de zeloso artista, estava fundido.

No dia 13 de Novembro, às nove horas, começou a afluência. Às onze horas era difícil circular no Ateneu. A festa principiava às duas. Ao meio-dia franqueou-se o anfiteatro, que se encheu tumultuosamente.

Aristarco passou um olhar sobre o auditório. A inspiração ferveu-lhe de engulho à gula, vibrou-lhe elétrica na língua, e ele falou. Falou como nunca, esqueceu o calhamaço sobressolente que trouxera, improvisou como Demóstenes, inundou a arena, os degraus do trono, os ordens todas da arquibancada até à oitava, com o mais espantoso chorrilho da facundia que se tem feito correr na terra.

Depois de uma parte de concerto, que foi como desconção reparador, seguiu-se o oferta do busto. Teve a palavra o professor Venâncio. Mal acabou de falar o professor, viu-se Aristarco levantar-se, atravessador freneticamente o espaço atapetado, arrancar o corão de louros ao busto. Louvaram todos a magnanimidade da modéstia. Mas o dia acabou insípido para o diretor. Ruminava

confusamente a tristeza daquela rivalidade nova — o bronze invencível.

A noitinha, retiravam-se os convidados, as famílias, multidão confusa de alegrias e despeitos. As mães acariciando muito o filho, sem prêmio, os pais odiando o diretor, olhando como vencidos para os que passavam satisfeitos, os outros pais, os colegas do filho, menos infatuados da própria vitória que da humilhação alheia.

Logo depois da festa de educação física, que foi alguns dias depois da grande solenidade dos prêmios, eu adoecera. Serampos, sem mais nem menos. Aristarco fez-me recolher na enfermário, um prolongamento de sua residência para os lados da natação. Veio médico, o mesmo de Franco; não me matou. D. Ema foi para mim o verdadeiro socorro. Sabia tanto zelar, animar, acariciar, que a própria agonia dos cuidados do seu trato fôra uma ressurreição.

A primeira vez que me levantei, trêmulo da fraqueza, Ema amparou-me até a janela. Dez horas. Havia ainda a frescura matinal na terra. Absorvendo-me na contemplação do manhã, penetrado de ternura, inclinei a cabeça para o ombro de Ema, como um filho, entre-cerrando os cílios, vendo o campo, os tetos vermelhos como coisas sonhadas em afastamento infinito, através de um tecido vibrante de luz e ouro.

A convivência cotidiana na solidão do aposento estabeleceu o entronhada familiaridade das coisas. Tomava-me ao colo, acalentava-me, agitava-me contra o seio como um recém-nascido, inundando-me de irradiações quentes de maternidade, de amor. E fôra preciso que soubesse ferir o coração e escrever com a própria vida uma página de sangue para fazer a história dos dias que vieram, os últimos dias...

E tudo acabou com um fim brusco de mau romance.

Um grito súbito fez-me estremecer no leito: Fogo! fogo! Abri violentamente a janela. O Ateneu ardia.

Depois de algumas horas de sono, voltei ao fogo. O fogo abatera. Parte da casa tinha escapado. Entre as paredes internas que restavam, equilibravam-se pontas de vigamento, revestidas de um bolor claro de cinza, tições enormes, apogados.

Informaram-me de coisas extraordinárias. O incêndio fôra propositalmente lançado pelo Américo, que para isso rompera o encanamento do gás no saguão das bibliotecas. Desaparecera depois do atentado. Desapareceu igualmente durante o incêndio a senhora do diretor.

Dirigi-me para o terçoço da mármore do oitão. Lá estava Aristarco, tremeitado e infeliz. Lá estava, a cadeira em que passara a noite, imóvel, absorto, sujo e cinza como um penitente, o pé direito sobre um montão enorme de carvão, o cotovelo espetado na perna, a grande mão felpuda envolvendo o queixo, dedos perdidos, bigode branco, sobrolho carregado. Majestade inerte, cedro fulminado! Ele pertencia ao monopólio da mágoa. O Ateneu devastado! O seu trabalho perdido, o conquista inapreciável dos seus esforços! E a paz!... Não era um homem aquilo; era um de prof. Jos.

AGUARDEM O 1.º LIVRO
DA

COLEÇÃO HOMENS DO MUNDO

CARLITOS

A VIDA, A OBRA E ARTE DO GENIO DO CINE
UMA EDIÇÃO DA

CIA. EDITORA LEITURA

SENADOR DANTAS, 20 — 7º andar

Telefone: 22-8817 — Rio de Janeiro

Leitura condensa "O Poder Soviético"

O PODER SOVIÉTICO, pelo Rev. Hewlett Johnson, Deão de Canterbury — Prefácio de D. Duarte Costa, Bispo de Maura — Editorial Calvino Limitada — Rio, 1943.

A FINALIDADE deste livro pode ser exposta brevemente. Pretendo explicar, em termos não técnicos, uma grande experiência realizada através de uma nova ordem social. Nele encaro as coisas com simpatia. Peço antes de tudo um critério compreensivo para abordar os problemas. Destaco os êxitos e as coisas boas da experiência. Mas ali também há sombras tanto quanto luzes, e eu tenho-me inteirado disso amiúde de uma forma dolorosa. Entretanto, se é verdade que procurei ocultar os defeitos ou as faltas de sucesso, isso se deve sobretudo a já terem outros autores realizado essa tarefa, muitos com exagero; e porque sinto que esse exagero e essa acentuação dos defeitos, ao lado da ignorância dos grandes êxitos morais e materiais, ocasiona a atitude inamistosa de muitos que, se mais conhecessem, aceitariam a experiência e com ela aprenderiam.

Os traços que mais se destacam ao recordar minha infância, transcorrido nos amplos espaços do campo, com minhas largas férias de verão nos mares de Gales ou da Escócia, são a liberdade e a sensação de segurança plena que esse modo de vida conferia. Só os anos me revelaram como as idéias novas estavam solapando as velhas complacências. Uma análise estreita da evolução das idéias religiosas e sociais despertou em mim a esperança de uma transformação bem como um vivo interesse pelo socialismo, embora um pouco acadêmico e dilante. Durante minha aprendizagem para engenheiro missionário, encontrei-me no extremo mais pobre da escala social. Mais tarde, feito vigário de Santa Margarida, encontrei o outro extremo, oferecendo-me a terminação de um processo de educação social começada entre artesões e operários.

Quando que acontecia na paróquia, na fábrica ou na rua, me convencia ainda mais de que a produção, sendo por fim o lucro de empresas particulares, juntamente com a desesperada competição entre as firmas, era a causa do fracasso da sociedade e da perda sofrida pelo país de tantos cérebros necessários.

O programa russo prendeu minha atenção desde sua formulação inicial. Majestoso no aspecto, prático nos detalhes, científico na forma, cristão no espírito, tomou a peito uma tarefa nunca anteriormente imaginada e tentada por qualquer Estado antigo ou moderno. Na formulação e execução desse plano, os dirigentes da Rússia se defrontaram com dificuldades que propositadamente destaco. Porque o progresso do regime soviético deve medir-se em relação a esse ponto de partida. É em comparação com a agricultura medieval, com a indústria incipiente e com o analfabetismo geral do tempo do Czar, que temos de avaliar o progresso da Rússia soviética. Os soviets herdam não só uma ordem agrícola e industrial atrasada e debilitada, e uma população ineficiente, mas igualmente uma tradição de brutalidade superior à de qualquer outro país europeu. A violência da reação indida, até certo ponto, a opressão existente no regime anterior. Cabe à nossa inteligência reconhecer tal fato e esclarecê-lo para elogiar certas coisas e censurar outras. Aqueles que acreditam em valores absolutos, nunca estarão satisfeitos enquanto não cessar a violação dos mesmos.

A União Soviética procurou e procura o apoio da ciência em todos os ramos da atividade humana. Nenhum país do mundo tem a ciência em tão alta estima, nem entrega aos seus cientistas equipamentos melhores e mais vastos. Em 1939 havia 2.292 institutos de investigação das possibilidades e necessidades científicas da indústria e da agricultura, enquanto em 1918 havia apenas 211; também 41.000 operários investigadores trabalhavam nesses institutos, escolas e colégios, dos quais 4.099 só na Academia de Ciências. Estas cifras crescem constantemente, ao mesmo tempo que o nível intelectual, e agora 9.600.000 pessoas numa população de 170.000.000 de almas.

O entusiasmo popular pela ciência é mais vivo nas

regiões em que antes foi mais débil — na aldeia e na comunidade camponesa. E a União está admiravelmente equipada para aplicar a ciência à produção, uma vez que a própria terra e tudo o que ela contém é propriedade do povo. Sua riqueza pode ser explorada e, desde o princípio, explorada ao máximo. Para isso, os dirigentes soviéticos tomaram medidas tendentes a assegurar uma redistribuição da indústria em três sentidos importantes: 1º — levantamento de um inventário de toda a riqueza nacional em matérias primas e fontes de energia; 2º — criação, pode dizer-se partindo do nada, de um proletariado educado e tecnicamente habil; 3º — planejamento de uma redistribuição da indústria que utilizasse os recursos nacionais, poupasse esforços e enriquecesse o país.

Estradas de ferro e rodovias foram dirigidas para o norte, sul, leste e oeste, buscando os distritos onde se encontravam as matérias primas. A agricultura penetrou nas regiões até então abandonadas. Os pântanos foram drenados, os desertos irrigados, as florestas removidas, controladas ou replantadas e o solo enriquecido. Novos centros industriais brotaram da noite para o dia, empregando as matérias primas nas fábricas locais, movidas pelas usinas elétricas locais, levando assim novas formas de cultura e de vida aos habitantes dessas regiões.

Três princípios regularam a nova distribuição. Primeiro: a economia nacional exigia que as matérias primas trabalhadas ou transformadas em mercadorias com o mínimo de transporte e o menor custo de produção. Segundo: a indústria está tanto mais segura quanto mais afastada das tropas, dos aeroplanos e dos tanques inimigos e quando espalhada por grandes áreas. Terceiro: ao colocar a indústria em locais onde se encontra a matéria prima, os habitantes dessas zonas são beneficiados, ficando providos de trabalho, de educação, de cultura e segurança e a União Soviética fica provida de cidadãos competentes.

Nos primeiros dias da revolução, enfrentou ela duas necessidades imperiosas: de material bélico e de combustíveis, metais, produtos químicos e maquinária. Devia produzir seu próprio combustível, seus próprios metais e suas próprias instalações industriais para a fabricação de máquinas. Hoje, aproxima-se da paridade industrial com os mais importantes países capitalistas do mundo. Possuindo a sua própria indústria pesada, seus próprios armamentos, seu próprio padrão de vida sempre e sempre se elevando, sente-se por fim segura dentro de um mundo de agressões e violências. Essa sexta parte da terra que era a menos mecanizada do mundo, passou, por assim dizer de um salto, a ocupar o primeiro lugar em mecanização. A Rússia produz mais maquinária agrícola do que qualquer outro país do mundo, sem excluir os próprios Estados Unidos.

A velha Rússia era um país de vastas distâncias e de comunicações miseráveis. O problema de transportes e comunicações apresentou-se com vezes mais difícil de solução quando os Soviets introduziram a nova era de produção industrial intensiva. As mercadorias necessitam de canais para circular. Algumas vezes o canal é um rio e os carregamentos são transportados em navios. Outras vezes são ferrovias ou estradas de rodagem mecanizadas. Quando há urgência e o peso é pequeno o aeroplano torna-se meio de transporte mais eficiente.

A indústria alimentícia no estrito senso não existia na velha Rússia. O Commissariado do Povo para a Indústria Alimentícia construiu 1.000 fábricas novas: 256 fábricas gigantescas de pão, 197 padarias mecânicas, 70 fábricas de laticínios, 82 fábricas de creme, 28 fábricas de chá, 14 usinas de beneficiar óleos de sementes oleaginosas e outras demasiado numerosas para serem especificadas. Os gêneros e as matérias primas básicas para essas fábricas são fornecidas por centenas de milhares de granjas coletivas. A palavra fome perdeu ali a sua significação. A U. R. S. S. ocupa hoje o primeiro lugar no mundo no que diz respeito à quantidade absoluta de cereais plantados.

No índice de desenvolvimento e de aumento de produção, em geral, a União ocupa facilmente o primeiro lugar. A produção "per capita", constitui, porém, outra questão, e, nesse ponto, ela não pode alcançar a Inglaterra, a Alemanha e Estados Unidos; nem tampouco outros países capitalistas mais desenvolvidos sob o ponto

de vista técnico e econômico. O padrão da vida não é igual ainda ao da Inglaterra ou dos Estados Unidos. Os líderes soviéticos sabem disso e o dizem, e ainda permitem que outros o digam. Essa crítica é o agulhão com que estimularão o país, no próximo plano quinquenal, a sanar as insuficiências.

Na União Soviética, o progresso moral caminha lado a lado com o desenvolvimento científico, e, no Plano e em seus resultados, as realizações soviéticas são vistas da maneira mais clara. Alguns elementos:

1 — O Plano remove a ênfase da vida na aquisição pessoal, transferindo-a para a acumulação socialista; a caca ao lucro desapareceu por falta de oportunidade.

2 — O Plano prevê emprego proveitoso para todos. As altas e baixas desapareceram e com elas o desemprego.

3 — O Plano prevê segurança pessoal para todos. O cidadão soviético depende de toda a comunidade. Ela garante sua segurança.

4 — O Plano, em seu aspecto negativo, remove o medo e a preocupação.

5 — O Plano desencoraja a mentira, o engodo e a sabotagem.

6 — O Plano encontrou solução para a luta entre os motivos altruísticos e egoístas. É uma ordem feliz, na qual o emprego proveitoso e eficaz de uma pessoa enriquece tanto essa pessoa como os outros, talvez mais ainda a própria pessoa.

7 — O Plano cria um novo senso de propriedade e responsabilidade. Camponeses, artesãos, estudantes e crianças referem-se a "nosso" país, "nossa" fábrica, "nosso" armazém, "nosso" Mistro, etc.

8 — A produção planificada cria uma nova atitude para com o trabalho. Uma classe ociosa é uma impossibilidade social da União Soviética.

9 — O Plano reduz a criminalidade.

10 — O Plano imprime um novo entusiasmo à vida, provendo tarefas criadoras para todos.

11 — O Plano oferece benefícios e faz um convite a todas as raças e povos da União Soviética.

O que mais me impressionou na Rússia Soviética não foram suas fábricas e estatísticas materiais, porém suas crianças. Não me recorro, durante a viagem que fiz por cinco Repúblicas Soviéticas e a várias grandes cidades russas, de ter visto uma criança verdadeiramente faminta ou sub-nutrida; e minhas excursões de longas horas, que empreendi inteiramente só, levaram-me a todas as partes de diversas aldeias e cidades, em diversas horas do dia e da noite.

O sistema educacional russo fez da educação um processo para formar cidadãos úteis, felizes e dotados de seus propósitos.

Algumas características: 1 — A educação, desde o começo até o fim, é dada a todos, sem retribuição monetária, desde os jardins de infância, excelentemente equipados até os cursos universitários. 2 — A educação escolar deve continuar até a idade de 18 anos; não se atingiu ainda esse objetivo, porém a União Soviética está mais próxima dele do que qualquer outro país. 3 — O tipo de educação e os princípios que a inspiram são primordialmente para o serviço social. 4 — O trabalho manual não é somente levado em alta consideração, mas julgado também essencial.

Os Palácios da Juventude florescem em toda a União Soviética; visite-os em Kiev, Moscou, Odessa e em outras cidades. Verdadeiramente lindos — alguns deles excessivamente lindos — esses Palácios são mais belos ainda pela promessa que encerram para a juventude entusiástica e aventureira. Passei uma tarde num deles, onde 2.500 crianças trabalhavam em 209 círculos em 69 assuntos diferentes. Esses palácios e seus numerosos clubes regionais situados em várias partes das grandes cidades, têm um duplo objetivo em vista: auxiliar a criança e desenvolver seus dons particulares até o máximo limite e enriquecer a comunidade com tudo o que o indivíduo completamente desenvolvido pode dar.

A propagação da educação evidencia-se na nova paixão pela leitura. A imprensa, tanto quantitativa como qualitativamente, melhorou consideravelmente. A Rússia Tsarista em 1913 possuía 859 jornais com uma tiragem que se aproximava a 3 milhões de exemplares. A União Soviética em 1937 possuía 8.521 jornais com uma circulação de 36 milhões. Velhos e moços, meninos e meninas, homens e mulheres, todos gostam de literatura. O analfabetismo quase desapareceu e, com a nova capacidade de leitura, sobrevem uma nova procura de livros. A Rússia Tsarista no ano de 1912 que foi um ano próspero, publicou 133.600.000 de livros. A U. R. S. S.,

em 1937, publicou 571 milhões. Em 1938 previa-se uma produção de 700 milhões. Em *gra geral, os livros são relativamente baratos. Três livros de boa encadernação custam ao trabalhador 2 e por cento do seu salário médio.

O desejo de todos em obter uma educação aprimorada parece incrível, e a possibilidade de satisfazer esse desejo mais incrível. Três considerações podem contribuir para explicá-lo: 1º — Não existir dificuldade financeira que impeça um estudante hábil e obso de vontade de entrar numa universidade ou instituto de alta cultura; 2º — Os pais não têm necessidade dos salários de seus filhos para aumentar os meios de subsistência da família ou para prover a manutenção em sua velhice; 3º — O que não é de menor importância é o ardor dos jovens pelas formas mais elevadas possíveis de sua formação mental.

Na União Soviética a mulher se incorpora a um novo mundo. As mulheres soviéticas partilham com os homens, de uma nova igualdade na educação, nos direitos políticos, no trabalho qualificado e na cultura. O direito de trabalhar, o direito a remuneração igual e a libertação das tarefas penosas do lar provocaram liberdade e enriquecimento, que se expandem, amplamente, na vida doméstica da mulher. Esses direitos trouxeram a nova liberdade de casar ou evitar o casamento. Quando casada a mulher é livre de continuar seu trabalho ou iniciar novo trabalho; é livre de ter quantos filhos quiser; é livre de se divorciar, apesar de ser fortemente desencorajada para assim proceder; é livre de compartilhar da administração da vida em comum; tem liberdade para ingressar na vida cultural e intelectual. A proteção legal da maternidade nos países da Europa Ocidental está ainda a'razada em relação à Rússia. Nessas circunstâncias não é de admirar a completa eliminação da prostituição.

O trabalhador soviético goza de muitas vantagens desconhecidas nos países capitalistas. Tem garantido o trabalho remunerado. Está livre da praga do desemprego. Suas horas de trabalho foram reduzidas a 7 por dia e ainda reduzida para 6 horas se trabalhar em minas ou em ocupações perigosas.

A exploração do homem pelo homem foi completamente abolida. Nem o trabalhador nem a direção enfrentam um "inimigo", e a existência de uma nova atitude em face do trabalho torna-se possível. A cooperação substitui a luta. Os diretores, gerentes, contramestres e trabalhadores são todos parte de um todo comum, trabalhando por um propósito comum.

A fábrica é um lugar de educação, não de exibição; é um lugar de cooperação e realizações e não de queixas e de hostilidades. O trabalho transforma-se em trabalho e prazer. A faina fatigante perde seu estigma, luz de um propósito e o desejo de eliminar o trabalho árduo e desagradável transforma-se num convite a possibilidades criadoras.

Todo grande Estado e todo grande Império tem seus problemas de minorias que apresentam grandes dificuldades insuperáveis. Na Rússia Nacionalista eram propositadamente divididas e agredidas as populações hostis com o objetivo de fomentar a inimizade e a oposição e as lutas entre as tribos. Josef Stalin eliminou com um só golpe todas essas manifestações de brutalidade injusta e abriu novas portas às minorias. Cada minoria nacional é livre de exercer sua cultura histórica, sua língua, sua literatura e tradições, seu teatro, arte folclórica, como qualquer pessoa na Inglaterra é livre de falar com o sotaque de Oxford ou no dialeto londrino ou praticar a religião na forma católica ou protestante. Dentro do todo econômico, e dentro da ordem política que o mantém, cada grupo nacional é livre, no que concerne ao aspecto da nacionalidade.

Os judeus apresentam um problema em todos os países. Abominados, perseguidos ou oprimidos até o extermínio em outras terras, na União Soviética eles ingressaram numa nova vida, quando, a 8 de agosto de 1918, um dos primeiros decretos promulgados pelo Poder Soviético desfechou seu primeiro golpe contra o anti-semitismo e abriu-lhes a porta da igualdade econômica e política que está dando agora seus frutos em dignidade social.

Está se processando sem dúvida na União Soviética uma renascença da arte semelhante à que se verificou na Itália e durante a Revolução Francesa.

É natural que exista o problema da liberdade da arte da União Soviética. E se esta, algumas vezes, deu a impressão de frustrar, ou pelo menos desencorajar, novas formas de arte julgadas perigosas à estabilidade nacional, foi porque a estabilidade do Governo perante os inimigos externos e internos não havia ainda sido alcançada. A medida que a posição da União se torna mais segura, podemos bem supor que sua liberdade se torna mais generosa. Mas mesmo atualmente uma parte apenas dos artistas soviéticos se sente frustrada em seus meios de expressão.

Por outro lado, os artistas recebem um encorajamento desconhecido aqui. Possuem público. Possuem clubes para o estabelecimento de contactos mútuos, retiros para o repouso, fábricas para o suprimento dos materiais que empregam e empresários que obtêm trabalhos em grande escala, tais como a decoração de fábricas e instituições.

Há uma palavra mais proferida do que as demais entre o povo soviético. É a palavra "cultura". Ela abrange tudo o que aqui queremos dizer com ela, e muito mais. É prova de incultura, por exemplo, entrar numa casa com os sapatos sujos, deixar de escovar os dentes ou lavar-se mal. É prova de incultura desinteressar-se dos livros e da arte ou ignorar as realizações da ciência.

A 5 de dezembro de 1936 uma nova forma de democracia nasceu num mundo, onde a tirania, sob a forma fascista, manifestava abertamente seu desprezo pela ideia democrática e ameaçava os Estados democráticos. O sistema socialista visa criar uma sociedade sem classes, e com a abolição das classes, desaparecerão as ditaduras de qualquer espécie. Esse estágio foi grandemente completado dentro do curto espaço de 21 anos.

Nenhum povo pode considerar-se livre de possuir uma classe inferior, e nenhum povo é livre quando oprime outro povo. São essas as verdades que os comunistas enfiavam em suas leis fundamentais. Nenhuma franquia no mundo é tão ampla como a franquia da nova Constituição stalinista.

A religião na Rússia, nos tempos pré-revolucionários, era considerada pelos pensadores liberais e progressistas e pelos trabalhadores como um inimigo perigoso. Nenhuma grande revolução foi executada sem o derramamento de sangue, violência e brutalidade; coisas terríveis aconteceram na Rússia, em ambos os lados, apesar das estatísticas sobre atrocidades, como a maioria dos historiadores responsáveis reconhece hoje terem sido abusivamente exageradas. Mas já a atitude de perseguição foi substituída por certa medida de tolerância. Cerca de 50.000 sacerdotes vivem atualmente na União Soviética gozando de todos os direitos civis, podendo votar nas eleições como qualquer cidadão.

Desejo sugerir que o comunismo, em seu aspecto político, não é fundamentalmente um inimigo da religião, e menos da religião cristã. Ele fornece à sociedade uma nova base moral, e está em processo de alcançar o fim do "deste mundo" as mesmas coisas que nós, os cristãos, professamos frequentemente com nossos lábios, mas não vivemos em nossas vidas.

Convite aos Roman- cistas do Brasil

ENVIEM os seus romances inéditos para a COMPANHIA EDITORA LEITURA. Os originais escolhidos como merecedores de figurar na coleção de romances brasileiro serão editados mediante pagamento dos direitos autorais.

Este convite da COMPANHIA EDITORA LEITURA não significa um concurso. É apenas uma oportunidade que oferecemos aos romancistas do Brasil, inéditos ou não, na certeza de que tiraremos algum proveito nas "descobertas" que hão de surgir, sem dúvida, inútil enviar romances de carácter policial, ou sobre temas fúteis, amorosos, etc.

Repetimos que apenas é um convite — CONVITE PERMANENTE — e não um concurso. Não devolveremos os originais e pedimos que os mesmos sejam datilografados, o nome e o endereço dos autores escritos nos próprios originais.

LEITURA irá publicando, NOS DIAS — OS FATOS — OS ROMENS, o título dos originais recebidos.

Eu penso quando leio...



mas não preciso pensar
para preferir
cerveja da



ANTARCTICA

CERVEJA ANTARCTICA
MALZBIER PROGRESSO
PILSENER
PILSEN-EXTRA



REGISTO BIBLIOGRAFICO



0) GENERALIDADES

Agendas — Anuários — Bibliografias — Bibliotecas — Dicionários — Enciclopédias — Novas Publicações Periódicas.

LAGO (Souza) — Dicionário de Termos técnicos Inglês-Português. Col. Artes e Ofícios. 1. (15/23). 291 p. br. Cr\$ 30,00. (11/43). Livr. Ed. Paulicéa.

NASCENTES (Antenor) — Dicionário de dúvidas e dificuldades do idioma nacional. (13/18). 220 p. cart. Cr\$ 10,00. (2.ª ed. 11/43-1944).

RAMOS (Frederico José da Silva) — Dicionários "LEP". Inglês-Português. (9/13). 346 p. cart. Cr\$ 20,00. (2.ª ed. 11/43).

SOUZA (José Soares de) — Classificação. Sistemas de classificação bibliográfica. Instituto Nacional do Livro. Coleção B-2. Biblioteconomia. IV. (15/23). 163 p. il. br. Cr\$ 5,00. (11/43). Ministério da Educação.

1) FILOSOFIA

BORGES (José Carlos Cavalcanti) — Introdução à lógica. (Lógica formal e metodologia). Prof. Gilberto Freyre. (14/19). 129 p. br. Cr\$ 9,00. (1942-11/43).

FIGUEIREDO (Fidelino de) — Espanha. Uma filosofia de sua história e da sua literatura. Bibl. Espírito Moderno. s. 1.ª. Filosofia. 9. (14/22). 329 p. il. br. Cr\$ 23,00. (11/43).

PITKIN (Walter B.) — Breve introdução à história da estupidez humana. (A Short Introduction to the History of Human Stupidity). Trad. Edison Carneiro. (14/22). 434 p. br. Cr\$ 30,00. (11/43).

ROUSSEAU (J. J.) — Meditações do caminhante solitário. Trad. J. Dubois Junior. Col. Os Grandes Pensadores. 12. (12/16). 129 p. br. Cr\$ 3,00. (11/43). Verchi.

2) RELIGIÕES

Generalidades — Religiões Cristãs — Religiões Diversas e Mitologia — Ciências Ocultas.

ARAÚJO (D. Hugo Bressane de) — O Sagrado Coração de Jesus. Col. Popular de Formação Espiritual. 17. (12/16). 136 p. br. Cr\$ 4,00. (11/43). Ed. Vozes.

BARBIERI (Dom Antônio Maria) — Formação (Tende tu arco). Prof. Armando Câmara. (16/23). 71 p. br. Cr\$ 6,00. (11/43).

GONDIN (Isaac) — Problemas d'alma. (11/18). 142 p. br. Cr\$ 10,00. (11/43). Distr. Civilização.

PAIS e Sacerdotes por um salvadoriano. (13/17). 103 p. br. Cr\$ 4,00. (11/43). Seminário Salvatoriano, S. Paulo.

PFEIFFER S. D. S. (P. Pancrácio) — Os Salvatorianos. Traços biográficos do Fundador da Congregação do Divino Salvador e história da sua obra. (13/18). 157 p. br. Cr\$ 8,00. (11/43).

PIO XII. — Do Corpo Místico de Jesus e da nossa união Nele com Cristo. Enciclica do Santo Padre Pio XII. (13/18). 201 p. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

BERTILLANGES D. P. (A. D.). BOULANGER O. P. (B.) — Les plus belles pages de Saint Thomas d'Aquin. (12/19). 217 p. br. Cr\$ 20,00. (11/43). Americ-Edit.

3) DIREITO — CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS

BAIY (Gustavo Adolpho) — Seguro de Estado. Legislação brasileira sobre: Montepio (civil e militar), aposentadoria, pensões, meio soldo e previdência dos funcionários públicos. (16/23). 436 p. br. Cr\$ 30,00. (11/43).

BERNANOS (Georges) — Lettre aux anglais. (14/20). 325 p. br. Cr\$ 25,00. (3.ª ed. 11/43).

DIAS (A.) — Redação oficial. Questões objetivas para os concursos do D.A.S.P. (14/18). 21 p. br. Cr\$ 2,00. (11/43).

ESPINOLA (Eduardo). ESPINOLA FILHO (Eduardo) — A lei de introdução ao Código Civil Brasileiro. (Dec. Lei n. 4.637, de 4 de setembro de 1942). Comentada na ordem dos seus artigos. Vol. 2.ª, arts. 7-9. (16/23). 633 p. enc. Cr\$ 60,00. (11/43-1944).

JOHNSON (Rev. Hewlett) — Deão de Canterbury). — O cristianismo e a nova ordem social na Rússia (Soviet Strength). Trad. Eduardo de Lima Castro. Em apêndice: A condição do trabalho. Crítica à Enciclica Rerum Novarum de Leão XIII. por Henry George. Trad. Odilon Benevolo. (14/19). 439 p. br. Cr\$ 25,00. (2.ª ed. 11/43).

MARANHAO (Paulo) — Escola experimental. Testes. Testes mentais. Testes de escolaridade. Programa de testes. (13/19). 208 p. il. br. Cr\$ 12,00. (8.ª ed. 11/43).

MEDEIROS (Mario de) — O humanismo novo, o direito e o direito administrativo. Prof. Armando Câmara. (16/23). 103 p. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

MOURA (Minuano de) — A convivência econômica dos povos no pós-guerra. Prof. Plínio Casado. (16/23). 80 p. br. Cr\$ 10,00. (11/43).

OLIVEIRA (Cesar Coutinho de) — O mundo atual, o mundo futuro. (Ensaio sobre democracia e segurança coletiva). (14/18). 67 p. br. Cr\$ 5,00. (11/43).

Distr. Freitas Bastos.

PAGANO (Authos). — Lições de estatística. (15/24). 2 vols. 403-324 p. 3 pranchas. il. br. Cr\$ 100,00. (11/43).

PESSOA (Epitácio Monteiro) — Elementos de direito fiscal. Para uso nas escolas de comércio. Volume II. (15/23). 229 p. cart. Cr\$ 25,00. (11/43).

REBELO (Gabriel Antonio) — A família brasileira e o reconhecimento do filho adulterino. (15/23). 158 p. br. (11/43).

REISZMAN (Jiri) — A Inconquistável Tchecoslováquia. Trad. Augusto Rodrigues. Prof. Herbert Moses. (14/19). 109 p. il. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

SANTOS (J. M. de Carvalho) — Código Civil Brasileiro interpretado. Vol. X. Direito de família (arts. 755-862). (15/23). 366 p. enc. Cr\$ 40,00. (3.ª ed. 11/43-1944).

SILVA (A. J. da Costa) — Código Penal — (Dec. Lei n. 2.843, de 7 de dezembro de 1940). Anotado. Vol. 1 arts. 1 a 74. (Publ. póstuma). (17/24). 422 p. br. Cr\$ 70,00. (11/43).

VIANNA (J. de Segadas) — Organização sindical brasileira. (15/23). 322 p. br. Cr\$ 40,00. (11/43).

VIEIRA (Oldegar) — Educação extra-escolar e educação pre-militar. (15/24). 249 p. br. Cr\$ 12,00. (11/43).

WRINSTON (Henry M.) — Bases da paz futura. (Prepare for Peace). Trad. Paulo Zingg. (14/20). 316 p. br. Cr\$ 20,00. (11/43).

Ed. Prometeu.

3-6) EXERCITO — MARINHA — AERONAUTICA

ELCITO, O. F. M. Cap. (Frei Boaventura de) — A ti que és soldado. (11/14). 100 p. br. Cr\$ 2,50. (2.ª ed. 11/43).

REYNOLDS (Quentin) — Invasão. história de Dieppe. (Dress Rehearsal). Trad. Isaac Paschoal. Apêndice Giuseppe Amadeo: A lição de Dieppe. Col. Documentos Contemporâneos.

LEIA E COLECIONE MENSALMENTE

IMPENSÁVEL MEDICA

A MAIS COMPLETA PUBLICAÇÃO NO GÊNERO DA AMÉRICA LATINA

Aparece mensalmente com 164 páginas de seleção matéria científica

A REVISTA DOS BONS CLÍNICOS!
O MENSÁRIO DOS GRANDES LABORATÓRIOS!

ENDERÉÇO:
CAIXA POSTAL, 3316
RIO DE JANEIRO, D. F.

ASSINATURA ANUAL
Cr\$ 100,00

NÚMERO AVULSO
Cr\$ 10,00

PEÇA UMA AMOSTRA!

(15/22). 253 p. il. br. Cr\$ 25,00. (2.^a ed. 11/43).

Ed. O Cruzeiro.

4-8) LETRAS

A) Filologia (Generalidades — Ensino de Línguas).

BINNS (Harold Howard). — From talks and stories of Daily Life to grammar with questions & answers. (14/29). 235 p. cart. Cr\$ 14,00. (7.^a ed. 11/43).

Cia. Ed. Nacional.

GUEIROS (Jerônimo). — Novo formulário de ortografia nacional. (15/23). 20 p. br. (4.^a ed. 11/43).

Jornal do Comércio, Recife.

LIMA (Carlos Henrique da Rocha). — Anotações a textos errados. (14/19). 175 p. br. Cr\$ 12,00. (2.^a ed. 11/43).

Z. Valverde.

LIMA (Hildebrando de). — Nosso Brasil. 1.^o grau primário (Leitura intermediária) (14/20). 123 p. il. cart. Cr\$ 4,30. (25.^a ed. 11/43).

Cia. Ed. Nacional.

LOPES (Elcias). VIEIRA (Ricardo Rodrigues). — Morceaux choisis d'auteurs français. Bihl. de Ensino Moderno. Série II. Livros para o Curso Colegial. vol. I. (14/19). 270 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (11/43).

Ed. Pan-Americana.

PASSOS (Alexandra). — Arte de pontuar. (Notações sintáticas). (12/18). 200 p. cart. Cr\$ 12,00. (11/43).

Pongetti.

RIGO (Raul Reinaldo). — Método adiantado de inglês sem mestre. (13/19). 130 p. br. Cr\$ 5,00. (11/43-1944).

Antunes.

RUBBIANI (Ferruccio). — Dicionário para as "Fabulas" de Fedro. Col. "Dicionários para os Clássicos Latinos". (12/18). 85 p. br. Cr\$ 6,00. (11/43).

Livr. Humberto Ghiggino.

RUBBIANI (Ferruccio). — Dicionário para "Eutropii Breviarium". Col. "Dicionários para os Clássicos Latinos". (12/18). 82 p. br. Cr\$ 4,00. (11/43).

Livr. Humberto Ghiggino.

RUBBIANI (Ferruccio). — Eutropii Bre-

viarium ab urbe condita. Col. dos Clássicos Latinos para as Escolas Secundárias. (12/18). 175 p. br. Cr\$ 8,00. (11/43).

Livr. Humberto Ghiggino.

4-8) LETRAS

B) Literatura

B. 1) Generalidades — História Literária — Ensaio — Crítica — Cartas — Crônicas.

ALENCAR (José de). — O Garatula. Crônicas dos tempos coloniais. (Alfarábios). (12/18). 160 p. br. Cr\$ 8,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

CHUCRITS (Hans Von). — Eu fui immon chêmeo ta atollfinhes. (Memórias inakapatos ta Professor Hans Von Chucruts) (13/19). 109 p. br. Cr\$ 6,00. (11/43).

Ed. e Publ. Brasil.

GONÇALVES (Paulo). — Obras completas. 1.^o volume: Poesia e teatro. Poesia Teatro em verso. Série "Últimas Gerações". 1. (15/23). 241 p. br. Cr\$ 25,00. (11/43).

2.^o volume: Teatro em prosa. Páginas avulsas. (15/23). 181 p. br. Cr\$ 25,00. (11/43).

Ed. Cultura.

MARIOFILO. — Mãe brasileira. (13/19). 199 p. br. Cr\$ 10,00. (11/43).

Ed. Vozes.

RINO SOBRINHO (Artur). — Conversa com Gilberto Freyre. Seguida por quatro artigos de Gilberto Freyre. (12/16). 35 p. br. (11/43).

Ed. Autor. Rio.

SALUSTIO. — Obras. Antiga trad. portuguesa de Barreto Fato. Série Clássica de "Cultura". "Os Mestres do Pensamento". 31. (10/15). 288 p. br. Cr\$ 25,00. (11/43).

Ed. Cultura.

STERN (Leopoldo). — Boutades et paradoxes sur l'amour. (13/19). 243 p. br. Cr\$ 20,00. (11/43).

Distr. Civilização.

ZWEIG (Stefan). — A marcha do tempo. Encontros com o destino. Países e paisagens. A marcha do tempo. Nota de Richard Friedenthal. Trad. Bruno Zander e Hugo Fortes. Ed. Uniforme. 18. (14/22). 294 p. br. Cr\$ 23,00. enc. Cr\$ 30,00. (11/43).

Ed. Guanabara.

4-8. B 3) POESIA

CARVALHO (Affonso). — Poesias. Il. de Alberto Lima. (17/24). 200 p. br. Cr\$ 50,00. (11/43).

José Olympio.

CARVALHO (Arthur Accioly Ronald de). — Vozes no tempo. (13/19). 94 p. br. Cr\$ 8,00. (11/43).

Pongetti.

FIGUEIREDO (Sylvio). — Atlantes. (14/20). 82 p. br. (11/43).

Baptista de Souza.

JORGE (J. G. de Araújo). — Barar de ritmos. Pref. de Carlos Chiocchio. (13/19). 223 p. br. Cr\$ 10,00. (2.^a ed. 11/43-1944).

Freitas Bastos.

KRISHNAMURTI. — A canção da vida. Trad. Mucio Leão. (15/21). 36 p. br. Cr\$ 9,00. (11/43).

Inst. Cult. Krishnamurti.

LISBOA (Henriqueta). — O menino poeta. (13/19). 128 p. br. Cr\$ 10,00. (11/43).

Distr. Civilização.

MONTEIRO (Eugenio Carneiro). — Brasil rimado. Pref. Castro Pinto. Il. de Alves de Menezes. (16/23). 206 p. br. Cr\$ 20,00. (11/43).

A Noite — H. Velho.

4-8. B. 4) TEATRO

ROSTAND (Edmond). — La Samaritaine. Evangile en trois tableaux en vers. (12/19). 166 p. br. Cr\$ 20,00. (11/43).

America Edit.

4-8. B. 5) ROMANCES — NOVELAS — LENDAS

ANDRADE (Osvald de). — Marco Zer.

Economise comprando...

Compre economizando...

nas afamadas

CASAS PERNAMBUCANAS

Os mais lindos tecidos do Mundo!

Sempre novidades!

Centenas de filiais no País

Diversas filiais no Rio.

Preços fixos.

Esplêndido sortimento de

artigos leves para o verão!

CASAS PERNAMBUCANAS

revolução melancólica. (13/19)
429 p. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

BAZAC (Honore de). — A mulher de
trinta anos. Trad. rev. por Marques
Rebello. Col. As 100 Obras Primas da
Literatura Universal. 28 (13/19). 263
p. br. Cr\$ 10,00. (11/43).

BERNANOS (Georges). — Monsieur Oul-
ne. (14/19). 314 p. br. Cr\$ 20,00. (180
exemplares em papel Bouffant especial.
16/24. Cr\$ 150,00. (11/43).

BORBA (Jenny Pimentel de). — 40.ª a
sombra. (17/24). 300 p. br. Cr\$ 15,00.
(2.ª ed. 11/43).

BROMFIELD (Louis). — A fazenda. (The
Farm). — Trad. Marina Guatari.
(14/21). 339 p. br. Cr\$ 18,00. (11/43).

BUCK (Pearl). — Vento leste, vento oeste.
(East Wind, West Wind). Trad.
Valdemar Cavalcanti. Col. Fogos Cru-
zados. 25. (13/19). 327 p. br. Cr\$ 15,00.
(11/43).

CARDOSO (Lucio). — Dias perdidos.
(13/19). 402 p. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

CASTELAR (Emilio). — Historia de um
coração. Trad. Nossa Col. 42. (13/74).
272 p. br. Cr\$ 3,00. (11/43).

CHAMPFLEURY (Guy de). — Um di-
abinho de salas. Trad. Ana Wey Meyer.
Col. das Senhorinhas. 24. (14/20). 223
p. br. Cr\$ 9,00. (11/43).

CHARTERIS (Leslie). — O Santo em
New York. (The Saint in New York).
Trad. Lola de Andrade e Valdemar Ca-
valcanti. Col. Detective. 3. (14/19). 263
p. br. Cr\$ 12,00. (11/43).

DINIZ (Julio). — Uma familia inglesa.
Cenas da vida do Porto. (14/22). 384
p. br. Cr\$ 18,00. (11/43).

FIELD (Rachel). — Nunca é tarde. (And
Now Tomorrow). Trad. Lygia Junqueira
Smith. (14/22). 263 p. br. Cr\$ 16,00.
(11/43).

GAUTIER (Teófilo). — Madalena de
Maupin. Trad. Edith de Carvalho Ne-
grão. Col. Universal. (14/19). 195 p.
br. Cr\$ 8,00. (11/43).

HEYM (Stefan). — Reféns. — (Hosta-
ges). Trad. rev. por Jayme de Barros.
(14/20). 353 p. br. Cr\$ 20,00. (11/43).

LOTI (Pierre). — Mon Frère Yves.
(12/19). 266 p. br. Cr\$ 22,00. (11/43).

MACARDLE (Dorothy). — O solar das
almas perdidas. (The Unvisited). Trad.
Milton Amado. Col. Contemporânea. 8
(14/22). 357 p. br. Cr\$ 23,00. (11/43).

MERREL (Concordia). — Coração inde-
ciso. Trad. Cleo Franklin de Lima e
Rachel de Queiroz. Col. O Romance
para Você. 5. (13/19). 246 p. br. Cr\$
8,00. (11/43).

RICK (Ph. S.). — Os dois orfãos. Trad.
rev. por Lygia Estrada. Col. das Se-
nhorinhas. 25. (14/20). 199 p. br. Cr\$
9,00. (2.ª ed. 11/43).

SCOTT (Walter). — Os puritanos da Es-
cócia. Trad. Série "Novelas Univer-
sais". 14/15. (14/20). 2 vols. 398-258 p.
br. Cr\$ 40,00. (11/43).

SHELLEY (Mary). — Frankenstein. O
criador e o monstro. Trad. Stella Mar-
tins Paredes. (14/19). 244 p. br. Cr\$
10,00. (11/43).

SHUTE (Nevil). — Abandonados. (Pied
Piper). Trad. Cruz Cordeiro. (14/21).
261 p. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

SILVEIRA (Tasso da). — Silêncio.
(13/19). 268 p. br. Cr\$ 12,00. (11/43).

THACKERAY (W. M.). — Henrique Es-
mond. Memórias de uma vida esqueci-
da. (Henry Esmond). Trad. Eduardo
de Lima Castro. Série Redescobrimen-
to da Vida. 9. (16/24). 473 p. II. br.
Cr\$ 30,00. (11/43).

Ed. Pan-Americana.

4 ótimos livros para presente de Festas

Edméia -- por LOURDES C. SILVA — É o romance de uma mulher
escrito por outra mulher. História invulgar, que retrata
um coração feminino, dissecado cuidadosamente. Sua autora não se satisfaz
em realizar um estudo psicológico. Descreve com maestria o cenário de seu
romance, revivendo o panorama brasileiro do crepúsculo do Império. Com
emoção e brilhantismo pinta-nos figuras da sociedade monárquica, que ago-
nizava, ao mesmo tempo que esboça os perfis dos que do abolicionismo e
da República faziam a sua bandeira de combate. A heroína deste formoso
romance só poderia ser ideada por u'a mulher, pois que sua alma é um
complexo de pureza e de feminilidade. — Nas Livrarias: Cr\$ 20,00.

Cruz de Carne -- por VALENÇA LEAL — está escrito em
estilo machadeano, não do machadismo
humorístico e profundamente crítico, mas de um machadismo com arcores
e sombras, um machadismo no sentido correto de frase, sem as encontradas
com os pronomes, nem com os tempos verbais, nem com os desmantelos dos
possessivos e qualificativos. "CRUZ DA CARNE" é um romance humano,
de estilo seguro e linguagem amadurecida, que poderá ser colocado entre os
melhores que já foram escritos no Brasil. — Nas Livrarias: Cr\$ 20,00.

Vidal de Negreiros -- por LUIZ PINTO — Neste magni-
fico estudo histórico, são revivi-
das de forma surpreendente pelo colorido e precisão o Brasil do século XVII
a invasão holandesa, Pernambuco a essa época, a luta e resistência susten-
tada contra os invasores e a restauração. — Nas Livrarias: Cr\$ 10,00.

O Espírito Subterrâneo -- por DOSTOIEVSKI — A
atmosfera de pesadelo que
envolve estas páginas, como um halo de incrível e misterioso misticismo, não
exclui a simplicidade da narrativa nem a profundidade metafísica dos pro-
blemas humanos que agitam. — Nas Livrarias: Cr\$ 15,00.

EPASA

WARREN (Lella). — O solar da mura-
lha de pedra. (Fontation Stone). Trad.
Ilka Labarthe. Col. Fogos Cruzados. 23.
(14/23). 438 p. br. Cr\$ 25,00. (3.ª ed.
11/43).

WASSERMANN (Jacob). — Gaspar Hau-
ser ou A indolência do coração. (Gas-
par Hauser). Trad. Adonias Filho.
(17/24). 393 p. br. Cr\$ 30,00. (11/43).

WILDE (Oscar). — O retrato de Dorian
Gray. Januario Leite. Col. As 100
Obras Primas da Literatura Universal.
27. (13/19). 257 p. br. Cr\$ 10,00.
(11/43).

WIRTA (Guy). — Nina Rosa. (Ninon
Rose). Trad. Bibi. das Moças. 4.
(13/19). 251 p. br. Cr\$ 7,00. (Nova
ed. 11/43).

ZOLA (Emile). — Teresa Raquin. Trad.
Moacir Werneck de Castro. Col. As 100
Obras Primas da Literatura Universal.
9. (13/19). 210 p. br. Cr\$ 10,00. (2.ª
ed. 11/43).

4.3. B. 6) CONTOS

COELHO NETTO (Paulo). — Vidas in-
quietas. (13/19). 160 p. br. Cr\$ 10,00.
(11/43).

CONTOS Rústicos de Portugal (Os Me-
lhores). — Pref. Jorge de Lima. Cal.

Clássicos e Contemporâneos. 11. (14/2)
322 p. br. Cr\$ 18,00. (11/43).

DAUDET (Alphonse). — Contos
gunda-Feira. Trad. Orlando Po-
(13/19). 252 p. br. Cr\$ 15,00. (11/43).

FERNANDES (Arnolfo). — Inquietas
(14/19). 117 p. br. Cr\$ 10,00. (11/43).

FREITAS (Lourdes Pedreira de). — F.
o coração... (13/18). 139 p. br. Cr\$
12,00. (11/43).

MAUGHAM (W. Somerset). — As três
mulheres de Antibes. (The Mixture as
Before). Trad. Otávio Mendes Calado.
Col. Contemporânea. 7. (14/22). 343 p.
br. Cr\$ 20,00. (11/43).

4.3 B 5) OBRAS PARA CRIANÇAS

ACQUARONE (F.). — O casamento de
Maçarico Des. do Autor. (17/23). 16 p.
br. Cr\$ 4,00. (3.ª ed. 11/43).

ACQUARONE (F.). — História maravi-
lhosa da Arca de Noé. Des. do Autor.
(17/22). 48 p. cart. Cr\$ 7,00. (3.ª ed.
11/43).

ACQUARONE (F.). — O piquenique do
animais. Des. do Autor. (17/23). 16 p.
br. Cr\$ 4,00. (3.ª ed. 11/43).

ALMEIDA (Guilherme de). — João

tana. Inspirado no conto "Der Sandmann" de Hans Christian Andersen. Il. de Dorcas. (23/32). 14 p. br. Cr\$ 6,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

ALMEIDA (Guilherme de). — O sonho de Marina. Il. de Dorcas. (23/32). 16 p. br. Cr\$ 5,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

BRAHE (Tycho). — A árvore de Natal ou Tesouro maravilhoso de Papai Noel. (14/19). 311 p. il. cart. Cr\$ 15,00. (Nova ed. 11/43-1944).

Livr. Quaresma.

BURNET (Frances Hodgson). — O pequeno Lord. Trad. (14/19). 294 p. il. br. Cr\$ 15,00. (Nova ed. 11/43).

Getúlio Costa.

BUSCH (W.). — Joca e Chico. História de dois meninos em sete travessuras. Trad. de Fantasio (Olavo Bilac). (18/23). 58 p. il. cart. Cr\$ 4,00. (8ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

DAMIÃO (Tio). — Balaninho. Histórias do Tio Damião. Série A. n.º 2. Des. de Dorcas. (11/24). 16 p. cart. Cr\$ 2,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

DAMIÃO (Tio). — Tio pequenino. Histórias do Tio Damião. Série A. n.º 4. Des. de Marianne Mullenhoff. (10/24). 16 p. cart. Cr\$ 2,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

DAMIÃO (Tio). — Totô. Histórias do Tio Damião. Série A. n.º 1. Des. de Dorcas. (10/24). 16 p. cart. Cr\$ 2,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

DICO E DOCA fazendo compras. Col. Alegria das Crianças. 1. (22/30). 12 p. il. br. Cr\$ 4,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

DISNEY (Walt). — Almanaque 1944. (23/34). 98 p. il. cart. Cr\$ 20,00. (11/43).

A Noite — Publ. Infantil.

DISNEY (Walt). — Os companheiros de Branca de Neve. Col. Horas Felizes. 6. (23/32). 12 p. il. br. Cr\$ 5,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

DONATO (Mario). — Sargentinho. Novela infantil. Des. de Dorcas. (18/24). 18 pp. cart. Cr\$ 15,00. (11/43).

Livr. Martins.

EPINHEIRA (Artista). — Viagem através do Brasil. Vol. IV. Brasil de Leste — Il. Minas Gerais. Il. de Autor. (18/23). 126 p. 2 pranchas. cart. Cr\$ 15,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

FERENZONA (Fergan Di). — Aventuras extraordinárias dos três Mosqueteiros de Pau. (15/20). 90 p. il. cart. Cr\$ 5,00. (2ª ed. 11/43).

Cia. Ed. Nacional.

de JUTAS do Brasil. — (23/17). 32 p. il. pp. br. Cr\$ 8,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

RIECO (Donatelo). — Brasil Menino (histórias brasileiras. Des. de Ferrar Lima. (18/23). 121 p. cart. Cr\$ 12,00. (11/43).

Livr. Martins.

SARASS (João). — Pedro, o pequenino. (Adaptação). Il. de M. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (17). 27 p. br. Cr\$ 6,00. (11/43).

O Malho.

AUFF (Guilherme). — O Cheique de Alexandria. Trad. e adaptação de Lina Risch. Rev. de Sodrê Vianna. Il. de Otto Bunnher. (18/24). 85 p. cart. Cr\$ 12,00. (11/43).

Pongetti.

HOFFMANN (Heinrich). — João Feludo. Trad. Guilherme de Almeida. Des. de Dorcas. (18/23). 47 p. cart. Cr\$ 7,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

HOGAN (Inez). — Os dois veadinhos. (Twin Deer). Trad. Mario Donato. (18/22). 48 p. il. cart. Cr\$ 8,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

LOBATO (Monteiro). — Reinações de Narizinho. Il. de J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª Literatura Infantil. 1 e 11. (18/23). 236 p. cart. Cr\$ 20,00. (10ª ed. 11/43).

Cia. Ed. Nacional.

LABOTO (Monteiro). — Viagem ao céu. Il. de J. U. Campos. B. P. B. s. 1.ª Literatura Infantil. 3. (18/23). 153 p. cart. Cr\$ 16,00. (4ª ed. 11/43).

Cia. Ed. Nacional.

PES (Héllo). — Ritinha quer um pre-

— LEITURA

OS GRANDES LIVROS DO ANO!

EPASA apresenta na sua notável

"SÉRIE REDESCOBRIMENTO DA VIDA" A CONQUISTA DE GRANADA

— De WASHINGTON IRVING —

Obra prima da historiografia inglesa, rica de erudição, mas baseada em estilo de romance, fácil, simples, transporta-nos à época da reconquista da Espanha pelas hostes cristãs, quando GRANADA era chela de poesia e belezas.

Br. Cr\$ 25,00 — Enc. Cr\$ 35,00

A MONTANHA MÁGICA

— De THOMAS MANN —

No consenso unânime dos críticos mais severos do mundo, trata-se de uma das culminâncias do romance contemporâneo, uma epopéia da humanidade lecionada dos nossos dias. Poucos livros no mundo terão superado este pelo que de humano encerram as suas páginas.

Br. Cr\$ 40,00 — Enc. Cr\$ 50,00

OS POSSESSOS

— De FEODOR DOSTOIEVSKY —

Refletem as profundas angústias da alma russa ao tempo do Tsarismo e revelam ao Ocidente seu mundo interior, em que a luxúria dos nobres se misturava com o sangue que pingava do Knut.

Br. Cr\$ 30,00 — Enc. Cr\$ 40,00

HENRIQUE ESMOND

— De WILLIAM THACKERAY —

Descobre-nos uma época de galanteria e heroísmo, na qual se desenrola a trama de um delicado romance de amor, a que se desacomodou a humanidade aflita de nossos dias.

Br. Cr\$ 30,00 — Enc. Cr\$ 40,00

GASPAR HAUSER

— De JACOB WASSERMANN —

Revive, através de uma descrição viva, um tenebroso processo, há muito sepultado nos arquivos secretos da Alemanha, e inicia os seus leitores no mistério de uma alma sofridora de adolescente, como tantos existem entre nós, sem que nos apercebamos.

Br. Cr\$ 30,00 — Enc. Cr\$ 40,00

"SÉRIE REDESCOBRIMENTO DO HOMEM"

MEMÓRIAS

— MADAME DE STAEL —

Nas páginas empolgantes desta obra, o leitor é transportado para os dias da glória e alegria de Napoleão e estampam ao vivo a revolta de um nobre coração feminino, ansioso pela liberdade e bastante forte para abrir luta contra o tirano que o oprimia. Emociona, enternece e encanta a leitura das páginas vibrantes deste livro.

Br. Cr\$ 25,00 — Enc. Cr\$ 35,00

DOSTOIEVSKY

— De HENRI TROYAT —

Bibliografia que descobre aos nossos olhos as lutas dolorosas de uma grande alma de artista, que mais do que nenhum outro viveu a tragédia imensa do povo russo, sob o quão de trágicos e célebres princípios degenerados.

Br. Cr\$ 30,00 — Enc. Cr\$ 40,00

Em todas as livrarias do Brasil e também pelo
Serviço de Reembolso Postal

EPASA

AVENIDA RIO BRANCO, 25 — RIO DE JANEIRO

sente... (16/23). 48 p. il. br. Cr\$ 4,00. (11/43).

Ed. Vozes.

LOPES (Luciano). — A conquista da coroa. (14/19). 58 p. il. cart. Cr\$ 7,00. (11/43).

Livr. Alves.

LULOS e bichanos com seus brinquedos e roupinhas. (24/41). 12 p. il. cart. Cr\$ 6,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

MALTA (Tostes). — Entrou por uma porta e saiu por outra... Il. de Nereida Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 27 p. br. Cr\$ 5,00. (11/43).

O Malho.

MONTELLO (Josué). — O tesouro de José. Il. de Paulo Affonso Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 27 p. br. Cr\$ 5,00. (11/43).

O Malho.

MOURA (Pedro de Almeida). — História do trem de ferro. Des. de P. de Lara. (24/17). 32 p. br. Cr\$ 6,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

MULLENHOFF (Marianne). — Brinquedos para os dias de folga. Il. de Autora. Trad. e adaptação de Pedro de Almeida Moura. (18/22). 114 p. cart. Cr\$ 15,00. (11/43).

Ed. Melhoramentos.

NEWBERRY (Clare Turlay). — Regalo. (Miltens). Trad. Guilherme de Almeida. Des. da Autora. (18/23). 39 p. cart. Cr\$ 5,00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos.

ORICO (Osvaldo). — Histórias do Pai João. Il. de Luiz Sá. Bibl. Infantil d'O Tico-Tico. (13/17). 27 p. br. Cr\$ 5,00. (11/43).

O Malho.

DEZEMBRO DE 1943

una). — Dingo. Tallas. Des. Aquarone. (18/21). 71 p. cart. Cr\$ 5.00. (2ª ed. 11/43).

Pongetti. SALVI (Nina). — A história do Príncipe Abdel Assur. Bs. de Acuarone. Série Verde. 4. (18/21). 48 p. cart. Cr\$ 6.00. (2ª ed. 11/43).

Ed. Melhoramentos. SALVI (Nina). — Tico e Teco. Des. de Acuarone. (18/21). 71 p. cart. Cr\$ 9.00. (2ª ed. 11/43).

Pongetti. SWIFT (Nina). — Tico e Teco. Des. de Acuarone. (18/21). 71 p. cart. Cr\$ 9.00. (2ª ed. 11/43).

Pongetti. SWIFT (Jonathan). — As viagens de Gulliver. Adaptação para a juventude brasileira de Terra de Senna. Bs. de Leda Acuarone. (16/24). 189 p. cart. Cr\$ 15.00. (11/43).

Ed. Minerva. TARAN (Malba). — Paca. Tatu... (Contos infantis brasileiros). (13/19). 80 p. il. br. Cr\$ 5.00. (2ª ed. 11/43).

Getúlio Costa.

5) CIÊNCIAS MATEMÁTICAS — FÍSICAS E NATURAIS

JENNINGS (H. S.). — A base biológica da natureza humana. (The Biological Basis of Human Nature). Trad. Fabio Leite Lobo. (14/21). 412 p. il. br. Cr\$ 40.00. (11/43).

Vecchi. NEVES (J. M. de Castro). — Doente produtivo. (14/21). 168 p. 1 prancha. 276 figs. cart. Cr\$ 15.00. (11/43).

Cia. Ed. Nacional.

6) CIÊNCIAS APLICADAS

Agricultura — Comércio — Economia Doméstica — Finanças — Indústria — Tecnologia

FONTENLA (Vicente Paz). — Pequena história do ouro. (12/16). 71 p. br. Cr\$ 5.00. (11/43).

Ed. Autor. Rio.

GOMES (Alfredo). — Sistema decimal de unidades de medida. (14/18). 150 p. il. br. Cr\$ 7.00. (11/43-1944).

Ed. e Publ. Br. GRAS Ph. D. (N. S. B.). — Introdução à história econômica. (An Introduction to Economic History). Trad. Lavinia Villela. Bibl. de Ciências Sociais. 2. (14/22). 307 p. il. br. Cr\$ 20.00. (11/43).

Livr. Martins.

7) CIÊNCIAS APLICADAS

Medicina

ALVAREZ (Walter C.). — Dispepsia nervosa. (Nervous Indigestion). Trad. J. Romeu Cancado. (16/23). 177 p. br. Cr\$ 30.00. (11/43).

Distr. Livr. Ateneu.

AUSTRÉGESILO (A.). — A cura dos nervos. Obras Completas. 5. (13/12). 168 p. br. Cr\$ 10.00. (11/43).

Geonabara.

BAPTISTA NETTO. — Manual de dessecção. (14/18). 220 p. 44 figs. br. Cr\$ 25.00. (11/43-1944).

Ed. Científica.

GOYANNA (Ruy). — Drenagem do tubo digestivo por sucção. Método de Wahgensteen e Paine. Separata da Rev. Brasileira de Cirurgia. Julho 1943. (18/26). 15 p. 5 figs. br. Cr\$ 6.00. (11/43).

Gr. Sauer. Rio.

GUALBERTO (Luciano), BARROS (Carlos de Moraes), PACHECO (Augusto A. da Motta). — Tratado de Urologia. Vol. 1º. Propedêutica. (16/24). 371 p. 123 figs. br. Cr\$ 100.00. (11/43).

Livr. Ateneu.

KAHN (Fritz). — O corpo humano. 2º volume. (Der Mensch Gesund und Krank). Trad. L. Mendonça de Barros. 318 gravuras do Autor. (17/24). 459 p. br. Cr\$ 35.00. (11/43).

Civilização.

SALDANHA (Miguel). — Palestras de um odontólogo. Pref. A. Pereira da Camara Col. Odontologia Social. 1.

(11/20). 216 p. il. br. Cr\$ 11/43.

Livr. Continental. P. Alegre. VIDAL (Zélia Góral). — Técnica de enfermagem. Pref. Rache Roddick Lobo. (17/24). 240 p. 89 figs. br. Cr\$ 35.00. (4ª ed. 11/43).

Jornal do Brasil. VIENNA (João Paulo). — Patologia das impressões digitais. Prêmio "Oscar Freire" de Medicina Legal (1943). Pref. Leonidio Ribeiro. (16/22). 128 p. 154 figs. br. Cr\$ 100.00. (11/43).

Livr. Alceu.

8) HISTÓRIA E GEOGRAFIA

(Biografias)

ALMEIDA (Waldemar de). — Fênix Pinel. O precursor da higiene mental. Excerto de sua vida e de sua obra. Pref. Ernani Lopes. (18/47). il. br. (11/43).

Jornal do Comércio.

CALADO (Fr. Manoel). — O Valeroso Lucidano e o triunfo da liberdade. 1ª parte. 2ª tomos IV, V e VI. Livros Série Brasileira. 6. (13/22). 253 p. il. Cr\$ 00.00. (11/43).

Ed. Cultura.

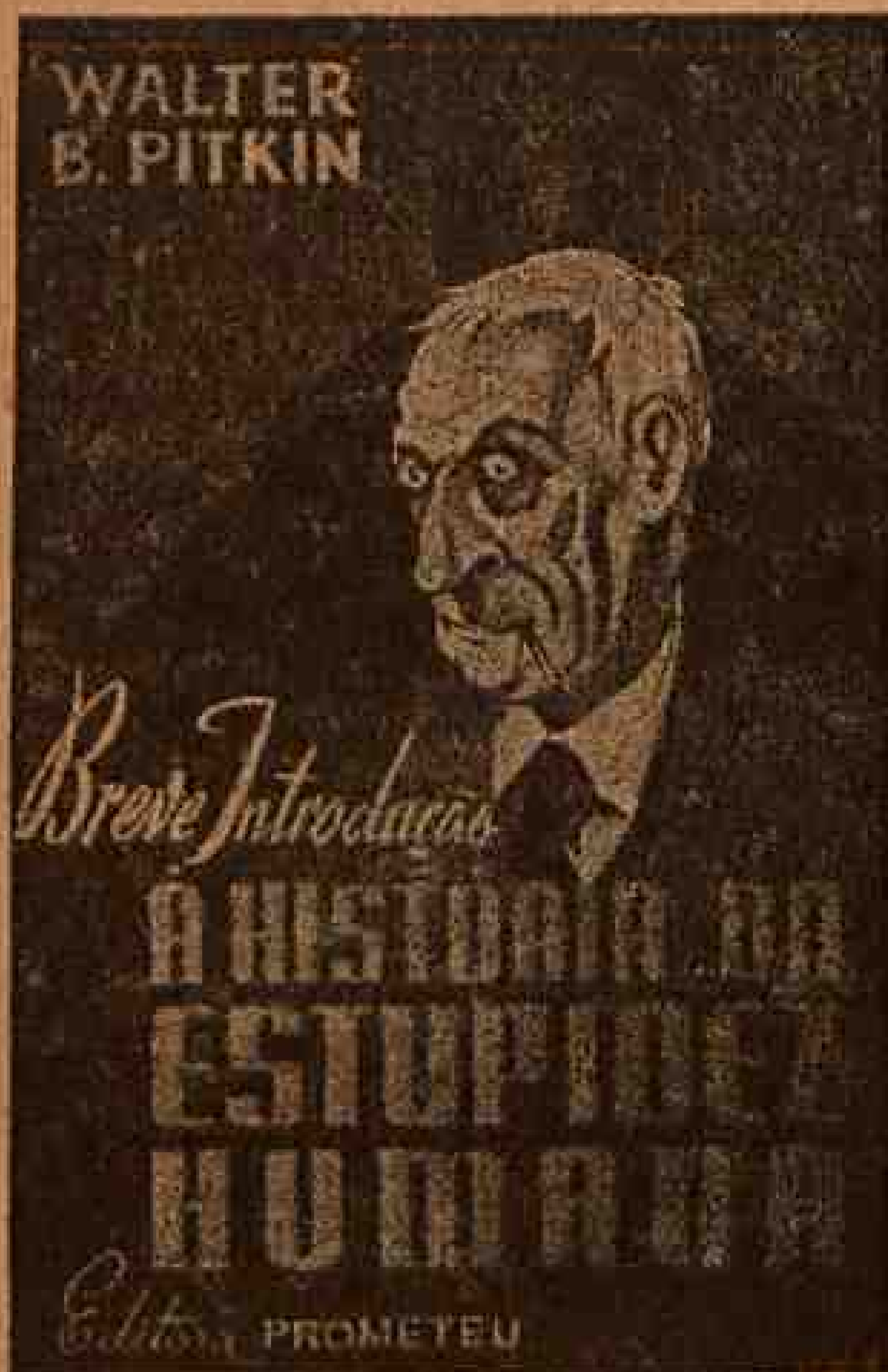
CALSON (Pedro). — O Rei do Brasil. Vida de D. João VI. B. P. B. e. 1ª. Brasileira. 223. (13/13). 324 p. il. br. Cr\$ 18.00. (2ª ed. 11/43).

Cia. Ed. Nacional.

CHAMBERLAIN (The). — Virtus e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1818-1820. Segundo desenho feito pelo Tio Chamberlain da Artilharia Real, durante os anos de 1819 a 1829 com descrições. (View and Customs of the City and Neighbourhood of Rio de Janeiro. Brazil). Trad. e Pref. de Ribens Barja de Moraes. Em suplemento. Texto do original inglês. Col. Temas Brasileiros. 1. (24/34). 237 p. 41 gravuras e des. br. Cr\$ 200.00. (11/43).

Livr. Rocco.

DUCHASSOIS (R. P.). — Nos gelos por



BREVE INTRODUÇÃO A História da Estupidez Humana

POR
WALTER B. PITKIN

Esta obra é uma excursão preliminar a um território desconhecido. A psicologia explorou os domínios da insanidade subnormal e as culminâncias do gênio porém as vastas áreas de estupidez humana, estranhas que assumam tantas formas na vida cotidiana, se refletem na ciência, na política e na história da humanidade. A estupidez tem sido até agora quase completamente descurada.

Dai a fascinante originalidade da "Breve Introdução à História da Estupidez Humana", em que Walter B. Pitkin condensou os frutos de uma vida inteira de estudos consagrados a este tema inesgotável.

"Breve Introdução à História da Estupidez Humana" é um livro único no gênero, cuja leitura se recomenda a todos aqueles que, por força das circunstâncias ou por franciscano pendor de espírito, mantêm contacto diário com a onipresente e contagiosa estupidez humana.

Walter B. Pitkin, que o leitor brasileiro já conhece como autor de "A vida começa aos quarenta", é um dos mais brilhantes ornamentos da Universidade de Columbia (E. U.), onde ensina psicologia e jornalismo.

Tradução de Edison Carneiro

UM ESPLENDIDO VOLUME DE 431 PAGINAS DE NUTRIDA LEITURA, ELEGANTEMENTE APRESENTADO COM ARTISTICA E ALUSIVA CAPA EM CORES.

Cr\$ 30,00 — Nas livrarias

Pelo Serviço de Reembolso Postal

Editora Prometeu—Caixa Postal 4793—São Paulo

O Enterro de João de Deus

(Continuação da página 43)

bombeiros com a dignidade mortuária do meu querido e desgraçado amigo.

Uma hora depois, o elevador continuava parado, mas pela vizinhança havia um grande movimento. Gente que soubera da novidade vinha farejar, iam parando na rua, com o rosto virando para cima, apontando o janelo.

E lá, na sala apertada e cheirando enjoativamente a flor, a excitação cedera lugar a um grande desolento. O caixão fora retirado e carregado de novo para dentro, posto outra vez em cima da mesa. Todos, derrotados e desanimados, encostavam-se melancolicamente pelas paredes, calam sobre as cadeiras, limpando o suor do rosto e olhando uns para os outros com ar esgozado. A viúva continuava chorando, assombrada e enternecida ao mesmo tempo, afirmando de vez em quando, por entre os soluços, que o morto não queria ir embora, não queria deixá-la abandonada.

Eu estava exausto. Fizera por João de Deus tudo o que era humanamente possível fazer. Contra o destino é que não podia lutar. — e o destino parece que não queria deixá-lo em paz nem depois da morte. Fracassara, passava a responsabilidade a outro. Não havia dúvida, só restava um recurso: por mais extravagante que parecesse, a opinião do homem dos bombeiros devia prevalecer. Era evidente. Ali é que João de Deus não podia ficar indefinidamente. Sua função na vida terminara, tinha que, de qualquer modo, seguir os seus competentes — como tantos vade determinara ele aos papéis que lho

passavam pelas mãos de funcionário público.

Decidi-me, reuni um grupo dos principais personagens presentes e, timidamente, comuniquei-lhes a sugestão do amigo do coronel. Deviam estar também loucos por terminar de qualquer modo: agarraram-se à idéia como a uma tábua de salvação. Como não se tinham ainda lembrado daquilo? Ora... Era a solução, estava claro. Hein, o que? Ridículo? Por que ridículo? Se não havia outro meio!

Mais animado, levei dois ou três comigo e consultamos o viúvo, os parentes. Recalcitraram primeiro, recuando, espantados à idéia daquele extravagante passeio aéreo. Os outros insistiram, argumentaram, desenvolveram considerações de uma lógica esmagadora, falaram até numa possível intervenção das autoridades. E os pobres acabaram cedendo, sentindo decerto também, confusamente, que era preciso dar fim ao espetáculo de qualquer maneira, já que era impossível adiá-lo.

— Mas — pensei, — haveria mesmo necessidade de chamar os bombeiros? Estavam ali alguns homens moços e fortes, capazes de levar a cabo a manobra decentemente. Porque não prestarmos nós mesmos aquele último serviço ao velho João de Deus, ficando tudo simplesmente entre amigos, sem espalhafato, sem necessidade de intervenção de estranhos talvez desrespeitosos?

Reuni os maiores em conselho e deliberamos. Ao fim, António foi despedido pela escada abaixo com a missão de comprar cordas, compridas e for-

tes cordas — primeira loja de —
ginas que encontrasse.

Eu descera para acolher João de Deus quando ele poisasse em terra. Os de cima esbofavam-se, mantendo as cordas com dificuldade. Via-se, porque iam-no descendo aos poucos, aos arrancos. Subito, um deles troquejou por certo, uma das pontas do caixão deu um tombo repentino, o veículo aéreo de João de Deus inclinou-se num ângulo acentuado, ficou quasi na vertical. Um "oh!" de susto e espanto correu pela multidão que pasmava em baixo, cerrada em volta do edificio. Na janela apareciam cabeças desgrenhadas, um emaranhado confuso de braços e mãos movendo-se febrilmente, num esforço desesperado para restaurar o equilibrio perdido. Mas o laço que ficara por baixo, tenso e sem ponto de apoio firme, escorregou, deslizou pela madeira envernizada, subiu pelo caixão acima, erastando o outro consigo. E o caixão caiu pesadamente, desceu solenemente, entre gritos, berros, correrias. Bateu na calçada, de ponta, com um baque surdo, e foi como se me tivesse golpeado em pleno coração. Houve um estalo mais estridente, a porta voou longe, em pedaços. E João de Deus saltou de dentro da sua caixa como um boneco de molos, as mãos agarradas no peito, hirtas. Durante um segundo eterno ficou de pé, metido gravemente na sua roupa preta, equilibrando-se. Depois, com um volteio rápido e grotesco de bailarino, girou e caiu como uma tábua, de frente, ressaltou, virando de costas, e lá ficou no meio da calçada, deitado quietamente ao sol, como quem se resigna a suportar todas as misérias deste mundo e todas as solitudes dos amigos.

Virei-me na cama e olhei o mostrador luminoso do relógio, na mesa de cabeceira. Três e meio. Noite perdida. E no dia seguinte tinha que ir trabalhar. Por que João de Deus não me deixava em paz? Em só justiça, si houvesse um culpado no caso, era esta evidentemente o homem dos barbas (não lhe sabia o nome), que fora o autor da idéia. Eu nada mais fizera do que aceitá-lo, como também haviam feito os outros, como um homem oculto qualquer solução que lhe ofereçam para escapar a um dilema angustioso. Modificara-a um pouco, é verdade, deixando de entregar o caso aos cuidados dos bombeiros. Era o meu único erro, mas um erro devido puramente ao desejo amigo de que tudo ficasse em família.

Como me voltasse de novo na cama, Mariana acordou outra vez, virou-se um pouco para mim e falou com voz sonolenta:

— Ainda não dormiu, Frederico? Não fique assim atormentado, filho. Olhe, amanhã acenderei outro vela pela alma de João de Deus. E vou levar também umas flores no cemitério.

O resto do que dizia perdeu-se num murmúrio indistinto. Mas não era preciso mais nada. O fato é que me senti imensamente aliviado e peguei logo ao sono.

pres. Tra. Hermes Vieira. (15/22).
183 p. il. br. Cr\$ 30.00. (11/43).
Ed. Vozes.

FR (Giuseppe). — Galileu. Trad.
de Ferreira Lima. Série Biográfica
"Cultura". "Vidas Luminosas". Il.
(15/22). 99 p. br. Cr\$ 5.00. (11/43).
Ed. Cultura.

DO HOCHHA (Castilhos). — Fronteiras
da Cristandade. B. P. B. s. 5.ª. Brasília.
(3/19). 298 p. 2 mapas. br.
(11/43).
Cia. Ed. Nacional.

JARAE (Alino). — Gaspar Silveira
Lima. Indivíduo da Democracia
qual. Costa Rego. Bibl. de Grandes Bi-
ógrafos. 5. (15/22). 290 p. il. br. Cr\$
30.00. (11/43).
Z. Valverde.

JAYME (Jarbas). — Cinco vultas Meia-
pontenses. Ensaio biográfico. Prof.
José Lourenço Dias. Bibl. Genealógi-
ca Brasileira, 3. Publ. do Instituto Ge-
nealógico Brasileiro. (16/23). 118 p. il.
gr. Cr\$ 5.00. (11/43).
I. G. B., S. Paulo.

OYA (Salvador de). — Anuário genea-
lógico brasileiro. Ano V. 1943. Publ.
do Instituto Genealógico Brasileiro.
(16/23). 412 p. 3 pranchas. il. br. Cr\$
25.00. (11/43).
I. G. B., S. Paulo.

OYA (Salvador de). — Índices genea-
lógicos brasileiros. 1.ª série — na. 3 e
4. — "Nobilitarquia Paulistana de Pe-
ro de ALMEIDA PAES LEME. — 1777.
"Genealogia Riograndense". 1.ª vol.
Jorge Godofredo FELIZARDO.
do Instituto Genealógico Brasi-

leiro. (16/23). 134 p. br. Cr\$ 3.00.
(11/43).

I. G. B., S. Paulo.
OLIVEIRA (Conde Albino José Barbosa).
— Memórias de um magistrado do Im-
pério. Rev. e anotadas por Américo
Jacobina Lacombe. B. P. B. s. 5.ª.
Brasília. 231. (15/19). 378 p. 1 pran-
cha. il. br. Cr\$ 25.00. (11/43).

Cia. Ed. Nacional.
SANTOS (Luiz Gonçalves dos). — (Pe-
dre Perereca). — Memórias para ser-
vir a história do Reino do Brasil. Pref.
e anotações de Noronha Santos.
(17/25). 2 vols. 861 p. 2 pranchas. il.
br. Cr\$ 100.00. (200 exempl. em pa-
pel de luxo, 20/28, Cr\$ 500.00). (11/43).
Z. Valverde.

SOUSA (Fr. Luiz de). — Vida de D.
Frei Bartolomeu dos Mártires. 1.
volume. Série Clássica Brasileiro-Portu-
guesa. "Os Mestres da Língua". 17.
(10/17). 520 p. br. Cr\$ 35.00. (11/43).
2.ª volume. Série Clássica Brasileiro-
Portuguesa. "Os Mestres da Língua".
18. (10/17). 411 p. br. Cr\$ 35.00.
(11/43).
Ed. Cultura.

STAEL (Madame de). — Memórias.
Trad. Antonio Leal da Costa. Série
Redescobrimiento do Homem. 2. (17/24).
339 p. br. Cr\$ 25.00. (11/43).
Ed. Pan-Americana

STARHEMBERG (Príncipe). (Ernst Ru-
diger). — Entre Hitler e Mussolini.
(Between Hitler and Mussolini). As
memórias de Ernst Rudiger. Príncipe
de Starhemberg. Trad. Costa Neves.
Col. Documentos Contemporâneos. 2.
(15/22). 274 p. br. Cr\$ 25.00. (2.ª ed.
11/43).
Ed. O CRUZEIRO

Leitura de Revistas

LÚCIA Miguel-Pereira escreve, no n. 7 do *Lanterna Verde* — número, aliás, dedicado a alguns aspectos da vida norte-americana —, sobre Harriet Beecher Stowe, a maior e, cronologicamente, a primeira grande romancista americana. Situada no seu momento histórico, a autora de *Uncle Tom's Cabin* se revela, na opinião da escritora brasileira, um genial temperamento literário, se aceitarmos como anglo-saxões, por gênios, todos os que, adiantando-se ao seu tempo e m vez de segui-lo, criam realmente alguma coisa de novo. A americana uniu a realidade à imaginação, inaugurando em seu país o romance segundo o conceito moderno, e fez coisa que pouca gente consegue — um livro que agora chamaríamos de intencional, sem com isso prejudicar-lhe a autenticidade e o espontaneidade. Livro intencional que, entretanto, depois de destruídos o instituição e o estado de espírito que o inspiraram, continua verdadeiro e humano. O que significa que não exagerou nem deturpou; que soube ver, nos escravos e senhores, a existência humana superando a condição social. Se alguns dos seus tipos, como o do *Uncle Tom* ou o de Simon Legree, que Rachel Lindsay põe num poema como homem e como mito, ganharam força de símbolos, é que ela os fixou em toda a sua plenitude, comunicando-lhes, porque não os deformou para melhor provarem os seus ideais, o sopro indestrutível da vida. Raramente, na história mundial da literatura, um romancista de costumes tem sido menos caricatural do que Harriet Beecher Stowe, um escritor com pontos de vista preconcebidos, mais honesto e verdadeiro, um inovador mais espontâneo. Isso porque, em todos os seus aspectos literários, ela foi, como foi na vida, de uma simplicidade cheia de graça e pureza, de uma completa indiferença pelo efeito que produzia. Narrou o que viu, como viu, disse o que sentiu, como sentiu, sob a forma que lhe pareceu mais fácil e natural. E assim foi uma inovadora da melhor maneira — a que não busca a modificação como um fim em si, que não tem em vista reformar, mas que resulta de uma nova sensibilidade. A autora de *A vida de Garibaldi* Dias, depois de narrar, a breves e deliciosos traços a vida da romancista norte-americana, acentua que o segredo da sua grandexa talvez residisse na feminilidade, que lhe permitiu aliar bondade e inteligência, e realizar assim esta coisa rara: um grande livro que foi também uma grande ação. O livro que faltou ao abolicionismo brasileiro, conclui Lúcia Miguel-Pereira.

— Sumário: "A influência americana na vida do Nordeste", Ademar Vidal; "Emerson", Álvaro Moreyra; "Escutamos a voz da América", Ari de Andrade; "Aspectos de Jack London", Astrojildo Pereira; "Páginas do Golo Branco", Augusto Frederico Schmidt; "A propaganda e o esforço de guerra americano", Caio de Freitas; "Na intimidade do Casa Branco", Carolina Nabuco; "O problema da alimentação nos Estados Unidos", Dante Costa; "A imprensa americana e o problema econômico e político do jornalismo", Dario de Almeida Magalhães; "Hipólito José da Costa e os Estados Unidos", Francisco de Assis Barbosa; "O panamericanismo realizado", João Daudt d'Oliveira; "A educação nos Estados Unidos", Louraço Filho; "Jazz", Luiz Heitor; "Atitude oposta de E. A. Poe e W. Whitman em face do Não-Ser", Manuel de Abreu; "Traduções de poetas americanos", Manuel Bandeira; "Perspectivas do panamericanismo", Moacir Werneck de Castro; "Um documento valioso", Otávio Tarquínio de Sousa; "A endocrinologia nos Estados Unidos", Peregrino Junior; "A fascinação norte-americana: suas origens e razões", Renato Almeida; "Primeira noite em Nova Iorque", Ribeiro Couto; "Poemas de Langston Hughes", idem; "Brasil, Monroísmo, Estados Unidos", Barão do Rio Branco; "Walt Whitman, poema da América", Sergio Milliet; "Nota sobre Fulton Sheen", Tristão de Atalide; "As ciências nos Estados Unidos", Venâncio Filho; "Mosaico sobre os Estados Unidos na guerra", Viana Moog; "Os homens deus, de T. S. Elliot", Vinícius de Moraes.

UM excelente retrato de Thomas Jefferson é trazido

pelo Sr. Medeiros Neto, na *Revista do Instituto Brasil-Estados Unidos* (N.º de set.). Há dois séculos — a 13 de abril de 1743 — nasceu Jefferson em Shadwell, na Província Real de Virgínia, sob o signo da liberdade em luta contra a autoridade. Operava-se no mundo profunda subversão de valores. Filho de pioneiros, cujas faculdades se desenvolveram animadas, adstritas às necessidades da civilização de fronteira, a cuidadosa educação de Jefferson haveria de se orientar, ainda, segundo esses imperativos, mas em função dos nobres ideais potentes da liberdade, e que lhe foram herdados como instinto. Crescendo sob a emoção das narrativas dos libertos, o horror à tirania dos chefes e a confiança no homem comum estruturaram-lhe o ser consagrada ao problema fundamental dos indivíduos e dos povos — e da autodeterminação pela democracia ativa. Com apreço universal, proclamou, intrépido, a liberdade de crenças, separando a Igreja do Estado; aboliu os privilégios, inclusive o direito de primogenitura e o fideicomisso; disseminou a educação através das bibliotecas populares ambulantes e da multiplicação de escolas, colégios e da Universidade de Virgínia, que fundou, construiu e montava como cúpula das suas criações; promoveu a cessação do tráfico escravo; instituiu o sufrágio universal. Conclamado à luta, redige o manifesto de Declaração da Independência; redige, mais tarde, o projeto de Constituição Republicana Federativa. O sr. Medeiros Neto faz um breve resumo do pensamento jeffersoniano, apreciando também a sua atuação política. "Jefferson fica na história como autêntico paradigma do nobreza natural unido à aristocracia do pensamento e da ação. Afortunado nasceu. Na simplicidade viveu. Na pobreza se extinguiu." E adiante: "Thomas Jefferson não foi sempre e não foi ainda integralmente ouvido, nem mesmo na própria Pátria. O seu pensamento, porém, que é patrimônio comum, continua vivo, inspirador e fecundo. Em todos os crepúsculos, nos antemãos das esperanças ou nos ocusos das tristezas, ele tem ressonâncias de angelus no coração humano."

— Sumário: "Bases para um entendimento incano", Frances R. Grant; "O destino dos Estados Unidos", José Maria Belo; "O Brasil e os Estados Unidos de 1820", Charles L. Chandler; "Portinari", Carleton Beals; "O desenvolvimento do serviço social nos Estados Unidos", Rosa Alvernas; "Um poeta americano", Gregório Neyras; "Crise na história das mulheres", Helen Merrell Lynd; "Um ano em Vassar College", Maria Luiza de Castro.

TÍTULO de um trabalho de Louraço Filho — "aperfeiçoar a literatura infantil", publicado na *Revista Brasileira* (n. 7). Divide-se em sete partes, com caráter didático: 1. Resumo histórico; 2. A literatura infantil no Brasil; 3. Conceituação da literatura infantil; 4. Função da literatura infantil; 5. Modalidades da literatura infantil; 6. Situação atual da literatura infantil no Brasil; 7. Como melhorar a situação atual. Informa o A. que em 1942 se encontravam à venda no Brasil 605 livros destinados ao público infantil. Os melhores, segundo Louraço Filho, são dos autores Monteiro Lobato, Vianinha, Gustavo Barroso, Érico Veríssimo, Osvaldo Cruz, Tahan, Mario Alves Veloso, Arnaldo Barreto de Figueiredo, Norbal e Ofélia, Ilka Labat, Fláury e Jacand Altair (???). O A. propõe algumas medidas destinadas a melhorar a situação da literatura infantil, por parte da Academia Brasileira de Letras: 1. medidas de esclarecimento social, ou que tendam a uma mais exata conceituação da literatura infantil; 2. pesquisas sobre o assunto, publicação de boas obras e estímulo a estudos sobre a literatura infantil; 3. estímulo aos autores nacionais, mediante a organização de concursos e instituição de prêmios especiais; 4. medidas de estímulo a editores e ilustradores, de caráter técnico; 5. medidas de estímulo em geral, com a realização de exposições de livros de literatura infantil.

— Sumário: "Nascimento do romance na Europa"

Desejando V. S. adquirir qualquer um dos livros mencionados em **LEITURA**, peça-o pelo **Serviço de Reembolso Postal da Livraria Civilização Brasileira**, Rua do Ouvidor, 94 - Rio de Janeiro.

Minique Broga; "Sonetos", Albano Lopes de Almeida; "O anjo de pedra", Otávio de Faria; "Clássicos e cabotinos", Alveira Bueno; "Enigma histórico", Cláudio Ribeiro de Sá; "Literatura inglesa", Eugênio Gomes; "Maranhão Sobrinho", Assis Garrido; "Poesias", Honório Armond; "O sentimento do pudor entre os índios do Brasil e da América", Angione Costa; "Órgão de gramáticas", José de Sá Nunes; "Euclides da Cunha e a Amazônia", Francisco Vannócia Filho; "Letras portuguesas e americanas", Oscar Mendes; "Advérbios variáveis", A. Tenório d'Albuquerque; "Vida literária", José Vieira; "Um capítulo da novela", Rainaldo Moura; "Estudos de folclore", Artur Ramos; "Roteiro de um artista", Celso Kelly, etc.

EM SEU número de outubro, a Imprensa Médica publica um estudo de Janduí Carneiro, diretor do Departamento de Saúde do Estado do Paraíba, sobre a mortalidade infantil em João Pessoa. Diz o A. que em todo o nordeste se verifica um verdadeiro desperdício humano, sendo alarmantes os índices da mortalidade. Para o quinquênio 1937-1941, há os seguintes dados estatísticos, referentes à capital paraibana: 14.200 nascidos vivos, 3.226 óbitos de 0 a 1 ano, com um coeficiente por 1.000 nascidos vivos que se eleva a 231,4. As diarréias e enterites contribuíram durante esse período, com 68,28 % do obituário; as doenças congênitas com 16,12 %; o mais se deve ao sarampo, às causas diversas e mal definidas. Os problemas alimentares da questão são sem dúvida importantes, basta dizer que o consumo anual per-capita da população é de 40 cc. — uma insignificância, evidentemente. Para combater a mortalidade infantil é preciso, antes de tudo, melhorar as condições de alimentação da população. Os perigos congênitos e infecciosos concorreram, no período citado, com percentuais mais fracos que o alimentarificaram-se 530 óbitos, ou sejam, 16,12 %, por doenças pre-natais e post-partos; e 213, ou sejam 8,43 %, por doenças infecciosas, predominando as afecções do aparelho respiratório — bronquites, bronco-pneumonias e pneumonias com 1,97 %, a gripe com 1,85 %, as desintoxicações com 1,03 %, a sífilis com 1,33 % e a tuberculose com 0,36 %. Além das causas médicas da mortalidade infantil, o A. cita outros fatores, que considera importantes: a pobreza, o descuido e a ignorância das mães.

ANTUN, de Santiago do Chile (n.º de set.), publica entrevista com Francisco Walker Linares, Secretário da Comissão Chilena de Cooperação Intelectual,

que, declarou, entre outras coisas: "A Cooperação Intelectual Internacional é a aproximação, livremente desinteressada, de todas as culturas por sobre os barreiros das nacionalidades, afim de que os valores intelectuais, sejam artísticos, científicos ou literários, sejam um patrimônio comum da humanidade inteira. Trata-se de construir uma espécie de internacional dos espíritos, forjadora de um clima cultural humano, indispensável para a compreensão dos povos." E depois: "A ordem futura deve estar baseada no direito, na liberdade e na justiça social. Dever-se-á fomentar a solidariedade humana, sem ódio para os demais povos e considerando-se a pátria como um setor da humanidade. Dever-se-á modificar o conceito de soberania nacional no sentido de serem transformados algumas prerrogativas nacionais em favor dos interesses superiores da humanidade, subordinando a noção à coletividade internacional."

VALE a pena ler:

em O Observador Econômico e Financeiro (n.º de nov.) o estudo de Herman Lima sobre o "História do Diamante no Brasil";

na Revista do Serviço Público (n.º de nov.) o artigo de Mario Orlando de Carvalho sobre o sistema de classificação decimal para os assuntos administrativos, econômicos, financeiros e sociais;

na Revista Militar Brasileira (n.º 4) a biografia do general Douglas Mac Arthur, traduzida do inglês pelo cel. Nicanor Guimardes de Souza;

na Revista do Globo (n.º 151) um artigo sobre Romain Rolland e no número seguinte uma reportagem de K. Simonov, romancista russo, sobre a batalha de Stalingrado;

na Revista da Cruz Vermelha (n.º de nov.) o artigo de Osvaldo Alves sobre experiências científicas;

no Boletim do Ministério do Trabalho (n.º de out.) o artigo de Waldemar Lopes — "Serviços à história", sobre publicações oficiais.

RECEBEMOS:

Faria del Libro (Havana), n.º de set.;

Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 6;

Serviço Social, n.º de set.;

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, n.º 130;

Revista Franco-Brasileira, n.º de out.;

Revista Biográfica Portuguesa, n.º de nov.

IVRO CIENTÍFICO

(do da página 54)

o do assunto em seu livro "Para rejuvenescer" editado em Valparaíso, no Chile.

(Rio) — Chama-se "Le appendiculaire", de Boreasco, editado pela — Edição de Masson, Paris.

3. NOTICIÁRIO

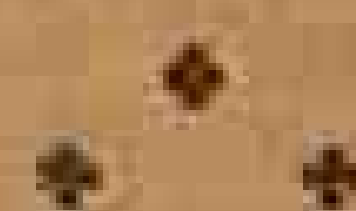
Duzentos e oitenta alunos matricularam-se no curso de "Higienização da Medicina", realizada na Cadeira

de Patologia Sexual da Faculdade Nacional de Medicina, sob a direção de Helion Povea, André Dreyfus veio de São Paulo para realizar a conferência inaugural, sobre hereditariedade. Apresentaram trabalhos originais ou encarregaram-se de demonstrar as conferências: Austregesilo, Moreira da Fonseca, Martagão Gesteira, Guatier Luiz, Hamilton Nogueira, Genival Londeres, Aluisio Marques, e vários outros. Encarregaram-se da parte de genética o geneticista do Ministério da Agricultura dr. Nascimento Filho.

— Anuncia-se a tradução da fa-

mosa obra de Worgan: "As bases científicas da Evolução".

— O pro. F. de Moura Campos da Faculdade de Medicina de São Paulo, acaba de publicar em "Separata" o seu bem feito estudo sobre "Proteínas e crescimento", baseado em pesquisas realizadas nos seus laboratórios.



Os livros a serem comentados nesta seção devem ser enviados para: "O livro científico" — Redação de LEITURA — Rua Senador Dantas 20 7.º andar — Rio de Janeiro.

DEZEMBRO DE 1942

Indice dos 12 números

— A —

- Adonias Filho — "O espírito da Dostoevski", n.º 11, pág. 12.
 Almasur Haddad (Jamil) — Retorno de Fagundes Varela, n.º 11, pág. 8 — O romântico Casimiro de Abreu, n.º 11, pág. 29.
 Alves (Paulo) — Albertina, n.º 11, págs. 34/35.
 Alves (Oswaldo) — "Viagem através do Cão", n.º 1, pág. 58 — Um romancista no meio do povo, n.º 3, pág. 12. — Dois Caminhos, n.º 4, pág. 29. — Uma grande experiência, n.º 5, pág. 25. — Destino de um homem, n.º 7, pág. 18. — Ideais e interesses comuns, n.º 9, pág. 17. — A eterna submissão, n.º 11, pág. 21. — No país de Tatipirun, n.º 12, pág. 17.
 Amado (Genolino) — "Minha vida de menina", n.º 1, pág. 5. — Qual o tipo que mais o impressionou?, n.º 8, pág. 9.
 Amaral (Enéas do) — O comediógrafo legível, n.º 11, pág. 26.
 Austin (Amaro) — O condenado da vida, n.º 12, pág. 30.
 Andrade (Cordêiro de) — O derradeiro dia de Kropotkin, n.º 9, pág. 4.
 Andrade (Oswaldo de) — Auto-retrato, n.º 6, pág. 13.
 Arroio (Leonardo) — Papai J. Arnold Ross, n.º 11, pág. 20. — "Sargentinho", n.º 12, pág. 7.
 Asfora (Perminio) — Passeio em torno de um prefácio, n.º 2, pág. 15.
 Assis Barbosa (Francisco de) — A 3.ª edição do "Quinze", n.º 1, pág. 14.
 Augusto (José) — Um educador impenitente, n.º 1, pág. 15. — Campos Sales, n.º 3, pág. 24. — Nem Jeremias nem Narciso, n.º 4, pág. 12. — A crise do federalismo, n.º 5, pág. 12.

— B —

- Barbalho (Confúcio) — Minha terra e meu povo, n.º 1, pág. 14.
 Barbosa (Rolmes) — "Enquanto não surge o dia", n.º 7, pág. 16.
 Barbosa Mello — Jefferson e a independência do Brasil, n.º 5, pág. 28. — O mestre Anibal Ponce, n.º 6, pág. 23.
 Bastos (Abgaur) — E na lama trabalhamos, n.º 1, pág. 22. — Por que eles resistem, n.º 3, pág. 6. — Onde o fogo Castro! a cultura, n.º 5, pág. 23. — Um povo na retaguarda, n.º 12, pág. 12.
 Barros (Jayme de) — "Meu diário de guerra", n.º 6, pág. 9.
 Braga (Rubem) — O companheiro Camões, n.º 1, pág. 3. — Uma antologia de contos, n.º 2, pág. 24. — O desordeiro Zola, n.º 3, pág. 9. — O Diário de Dostoevski, n.º 5, pág. 16. — Palavras, palavras, n.º 9, pág. 24. — O segundo livro do Deão, n.º 11, pág. 8. — O Inesquecível Vagabundo, número 12, pág. 16.
 Broca (Brito) — A História literária de Silvio Romero, n.º 8, pág. 29.
 Buarque de Holanda (Aurelio) — Seu doutor, o home é o Paraíba, n.º 4, pág. 6.
 Burlá (Eliezer) — Porque escrevi "Os braços suplicantes", n.º 11, pág. 28. — "A Fazenda", n.º 12, pág. 48.

— C —

- Burlamaqui Kopke (Carlos) — Notas sobre Ovídio, n.º 12, pág. 38.
 Camargo (Joracy) — O teatro soviético, n.º 10, pág. 21. — O teatro soviético (sindicalização), n.º 11, pág. 33. — O Teatro Soviético (O Teatro da Criança), n.º 12, pág. 19.
 Camara Cascudo (Luís) — O general Rondon, n.º 3, pág. 16. — Um etnógrafo salesiano, n.º 5, pág. 22. — Arquitetura Brasileira, n.º 11, pág. 37.
 Cardoso (Lucio) — Sou um homem ou um monstro, n.º 1, pág. 21. — Perspectivas de Progresso, n.º 4, pág. 20. — Will Durant e as nossas heranças, n.º 7, pág. 24. — Um romancista no meio do povo, n.º 9, pág. 31. — O mundo nas mãos de Wells, n.º 11, pág. 8. — Confissões de um crítico, n.º 12, pág. 10.
 Cavalheiro (Edgard) — "Escritores norte-americanos e outros", n.º 2, pág. 8. — O universal Maupassant, n.º 10, pág. 9.
 Cor e a Dutra (Lia) — As memórias de André Maurois, n.º 3, pág. 3. — O Calunga de Jorge de Lima, n.º 6, pág. 5. — Porque escrevi "Navio sem porto", n.º 9, pág. 12. — Terras do sem fim, n.º 11, pág. 13.
 Costa Neves — Elogio de Drácula, n.º 10, pág. 26.
 Coutinho (Galeão) — Uma viagem pelo Rio de Janeiro, n.º 3, pág. 16. — Um romancista no meio do povo, n.º 4, pág. 9. — Acabaram-se os veleiros, n.º 7, pág. 8. — Auto-retrato, n.º 8, pág. 31. — Qual o tipo que mais o impressionou?, n.º 12, pág. 23.

— D —

- Paulo) — O que se faz em Minas, n.º 11, pág. 38.
 de — O pecado do mundo, n.º 2, pág. 22. — Mundo mundo de esperança, n.º 10, pág. 10. — "A um avelãs", n.º 12, pág. 18.

- Dante Costa — Uma noite de brutalidade, n.º 3, pág. 7. — Mundo melhor, mundo de esperança, n.º 10, pág. 10. — O que se faz em Minas, n.º 12, pág. 35.
 cinza do purgatório", n.º 3, pág. 9. — As confissões de Hitler, n.º 4, pág. 17. — Um romancista no meio do povo, n.º 5, pág. 9. — Livro de permanente atualidade, n.º 8, pág. 12. — Decisão (conto), n.º 9, pág. 26. — Auto-retrato, n.º 11, pág. 18. — Hitler e Napoleão, n.º 12, pág. 13.
 Domingues (Aurelio) — A "Santa Rússia" e Pushkin, n.º 4, pág. 20. — O mundo de Wendell Willkie, n.º 8, pág. 14. — Charles Nodier e Eça de Queiroz, n.º 8, pág. 14. — "A conquista do Brasil", n.º 11, pág. 10. — História da vida de David Garrick, n.º 12, pág. 24. — Literatura russa, n.º 7, pág. 22.

- Donato (Mário) — Programa de Difusão Cultural, n.º 2, pág. 34. — "Delícias Infantis", n.º 12, pág. 33. — Cruz e Souza e a arte pela arte, n.º 9, pág. 16.
 Dornas Filho (João) — Um ministro do povo, n.º 6, pág. 22.
 Drumond de Andrade (Carlos) — Conversa com os índios silenciosos, n.º 3, pág. 5. — Tosse, febre e Tomas Mann, n.º 5, pág. 15. — Auto-retrato, n.º 7, pág. 15. — Paisagem de Vichi, n.º 10, pág. 7. — Explicação do poema (poesia), n.º 11, pág. 28.

- Duarte (Diclecio D.) — O sentimento da terra, n.º 1, pág. 4. — O povo na revolução americana, n.º 2, pág. 4. — Porque estamos em guerra, n.º 3, pág. 4. — O revolucionário Batlle, n.º 4, pág. 8. — Leon Nicoláievitch Tolstói, n.º 8, pág. 8. — O profeta da cólera, n.º 6, pág. 6.

— E —

- Eala (Constantino del) — A amargura de Kessel, n.º 12, pág. 31.

- Fernandes (Millôr) — Rickenbacker caiu no mar, n.º 9, pág. 28.
 Fernando Montenegro (Abela do) — Fronteira e cinema, n.º 8, pág. 29.

- Ferreira (José) — Não teme a Tchecoslováquia pela sua vida intelectual, n.º 3, pág. 11.

- Ferreira Lima (Heltor) — Panorama do Brasil antigo, n.º 1, pág. 16.

- Figueiredo (Guelherme) — Huxley e os americanos, n.º 1, pág. 20. — Como o embaixador Davies viu a Rússia, n.º 1, pág. 10. — Porque os homens não são bons, n.º 3, pág. 17. — O Lobo de estepe, n.º 12, pág. 32. — O último romance de Erico, n.º 4, pág. 19. — O Vermelho e o Negro, n.º 5, pág. 7. — Atualidade de Voltair, n.º 6, pág. 14.

- Firno (José) — A vida de Turgueniev, n.º 1, pág. 1.

- Firno (Nelson) — Os interesses da Companhia, n.º 1, pág. 1.

- Freitas (Celo de) — O romance da Sra. Dupré, n.º 1, pág. 1.

- Freitas (Celo de) — Os mais belos contos de amor, n.º 7, pág. 1.

- Freitas (Celo de) — A vida de Emil Ludwig, n.º 10, pág. 8. — Na ra, n.º 12, pág. 8.

- Freitas (Esmaragdo de) — "O livro de José Maria", n.º 1, pág. 1.

- Freitas (Geraldo de) — "O grande Ditador", n.º 11, pág. 1.

- Fusco (Rosario) — A canção de Bernadete, n.º 4, pág. 1.

- Fusco (Rosario) — Porque escrevi "O Agressor", n.º 10, pág. 24. — "A nha mágica", n.º 7, pág. 12.

— G —

- Garibaldi (Sady) — História das doutrinas econômicas, n.º 1, pág. 1.

- Goes (Fernando) — Castro Alves poeta burguês, n.º 4, pág. 1.

- Goes (Fernando) — Itinerário de poeta, n.º 10, pág. 18. — Notícia de rio feminino, n.º 11, pág. 29. — Livros pretendidos, n.º 12, pág. 25.

- Goes (Haul de) — Um apóstolo do Nordeste, n.º 1, pág. 1.

- Goes (Haul de) — Waldo Frank e a América, n.º 2, pág. 5. — Um no Nordeste, n.º 3, pág. 8. — O último Bandeirante, n.º 10, pág. 10. — O Presidente e a unidade nacional, n.º 10, pág. 10. — Um livro para os nossos meninos, n.º 10, pág. 10. — Brasilidade de São Paulo, n.º 7, pág. 6. — nossa história diplomática, n.º 8, pág. 6.

- Gomes (Eugenio) — Os ingleses e a França, n.º 7, pág. 1.

- Gomes (Eugenio) — Novos livros ingleses, n.º 12, pág. 29.

- Gorki (Maximo) — Como se porta o homem quando zinco, n.º 8, pág. 10.

- Grieco (Agripino) — O Rio de Janeiro de J. M. Mar, n.º 1, pág. 1.

- Grieco (Agripino) — Armitage e o Brasil, n.º 9, pág. 1.

- Gusmão (Vera de) — Os guerrilheiros de E. Ca, n.º 1, pág. 1.

- Gusmão (Vera de) — Os guerrilheiros de E. Ca, n.º 1, pág. 1.

— H —

- Heltor (Luís) — Uma história da música, n.º 4, pág. 1.

- Herrera Filho — A vida de Timoshenko, n.º 4, pág. 1.

- Herrera Filho — experiência literária, n.º 10, pág. 30.

- Honorio Rodrigues (José) — Nova interpretação, n.º 2, pág. 17. — Notas de viagem, n.º 3, pág. 18.

- Hostillo Montenegro (Tulo) — Salões do seg, n.º 8, pág. 11. — História amarga e humana, n.º 8, pág. 11.

— I —

- Innani (Con) — A importância da, n.º 1, pág. 1.

- Innani (Con) — A importância da, n.º 1, pág. 1.

— J —

- Junior (Pere) — ciência da vid, n.º 1, pág. 1.

- Jurandyr (Dal) — romancista n, n.º 1, pág. 1.

pág. 17. — Força e encanto de Boêmios Errantes, n.º 1, pág. 25. — Um reporter que entrevistou Hitler, n.º 3, pág. 14. — Lin Yutang e os chineses, n.º 5, pág. 18. — As escolas da morte, n.º 7, pág. 25. — Clara e as andorinhas, n.º 11, pág. 9.

— K —

Kcelrentes (H. S.) — Domenico Scarlatti, n.º 12, pág. 55.

Lacerda (Carlos) — "Jean Christophe" no Brasil, n.º 1, pág. 8. — Teresa, a irremediável, n.º 7, pág. 17. — A lição de Romain Rolland, n.º 12, pág. 35.

Lello (Ascendino) — Anglos e anjos, n.º 5, pág. 5. — Os porcos e os magros, n.º 7, pág. 10. — Vida de Gonçalves Dias, n.º 11, pág. 16.

Lima (Herman) — A carta de Pero Vaz de Caminha, n.º 8, pág. 36.

Lewin (Willy) — A revolução melancólica, n.º 12, pág. 36.

Lima (Hermes) — Formação da mentalidade, n.º 1, pág. 6. — Uma viagem memorável, n.º 3, pág. 18. — A Tolerância e a Intolerância, n.º 5, pág. 6. — "O espírito do Di-reito Romano", n.º 8, pág. 16.

Lima (Jorge de) — Gonçalves Crespo, n.º 3, pág. 10. — Auto-retrato, n.º 4, pág. 13. — Coleção Presença, n.º 10, pág. 19. — "Zumbi dos Palmares", n.º 12, pág. 37.

Lima (Raul) — O pároco Georges Bernanos, n.º 1, pág. 11. — Condensação de Memórias de um sargento de Milícias, n.º 7, pág. 40. — Condensação de "As três Marias", n.º 8, pág. 43. — Condensação de "O triste fim de Policarpo Qua-resma", n.º 9, pág. 40. — Condensação de "Clarissa", n.º 10, pág. 41. — Condensação de "Terras do sem fim", n.º 11, pág. 53.

Lima (Hermes) — Formação da mentalidade, n.º 1, pág. 6. — Auto-retrato, n.º 2, pág. 19. — Um Dante de verdade, n.º 3, pág. 7. — Cadernos culturais, n.º 6, pág. 12. — Um romancista no meio do povo, n.º 8, pág. 23.

Lobo (Coronel Luis) — Um homem que não se modifica, n.º 4, pág. 7.

— M —

M. Plaza (Juan) — O cinema não é arte intelectual, n.º 4, pág. 14.

Machado (Anibal) — Qual o tipo que mais o impressionou?, n.º 9, pág. 15.

Maria Belo (José) — Auto-retrato, n.º 5, pág. 31.

Maria Carpeaux (Oto) — A guerra e a paz, n.º 3, pág. 19.

Maria de Albuquerque (Léda) Adolescência, n.º 12, pág. 42-43.

Martins (Fran) — "A vitória pela força aérea", n.º 4, pág. 18.

Martins (Luis) — "Uma folha na tempestade", n.º 2, pág. 11.

Medeiros (Aluisio) — Notícias do Ceará, n.º 9, pág. 25. — Notícias do Ceará, n.º 11, pág. 44. — Notícias do Ceará, n.º 12, pág. 56.

Medeiros (Luis Augusto de) — Fila A, n.º 20 — n.º 10, pág. 26.

Melo Lima — Contista do Premio Humberto de Campos, n.º 2, pág. 20. — Um milhão de livros à disposição dos leitores, n.º 3, pág. 30. — Não tarda a madrugada, n.º 5, pág. 39. — Uma grande história da literatura, n.º 7, pág. 19. — Dicionário da Glória, n.º 9, pág. 23. — Palestra com a Glória, n.º 12, pág. 15.

Melo (Lucia) — O último livro de Mauriac, n.º 2, pág. 9. — O romance de Jean Barois, n.º 2, pág. 9.

Melo (Hermínio de) — O leitor nos dá sua opinião, n.º 6, pág. 11.

Melo (Rodrigues de) — Isolacionismo, n.º 9, pág. 9. — Os que são uma resposta, n.º 11, pág. 30.

Melo (José) — Uma seleção d'"As Farpas", n.º 5, pág. 19. — Um romancista no meio do povo, n.º 7, pág. 11. — A vida de Gonçalves Dias, n.º 8, pág. 19.

Melo (Vincius de) — Biografia e arquitetura, n.º 2, pág. 13. — Carta aos ingleses, n.º 5, pág. 28. — A vida e música em Verlaine, n.º 7, pág. 14. — Natal, n.º 12, pág. 63.

Melo (Alvaro) — Era uma vez..., n.º 12, pág. 14.

— N —

N. (Pablo) — Explico algumas coisas, n.º 11, pág. 26.

N. (Odilon) — A tolerância de Van Loon, n.º 6, pág. 21.

N. (Reinold) — "Os direitos do homem", n.º 12, pág. 63.

— O —

O. (João) — Registo Bibliográfico, n.º 4, pág. 37. — Idem, n.º 4, pág. 44. — Idem, n.º 6, pág. 43. — Idem, n.º 7, pág. 43. — Idem, n.º 8, pág. 45. — Idem, n.º 9, pág. 43. — Idem, n.º 10, pág. 44. — Idem, n.º 11, pág. 38.

— P —

P. (Astrofilo) — Diogo Antonio Feijó, n.º 1, pág. 10. — Fialho, n.º 2, pág. 22.

P. (Silva) (Gastão) — "A mulher que foi papa", n.º 12, pág. 12.

P. (Lemos) — "Vales profundos", n.º 4, pág. 8.

P. (Lemos) — Romance Urbano, n.º 5, pág. 21. — "A escolha", n.º 12, pág. 31.

P. (Orestes) — Romancistas Chilenas, n.º 11, pág. 48.

P. (Anibal) — El pensamiento de Mayo, n.º 6, pág. 23.

P. (Elio) — Ainda Stefan Zweig, n.º 1, pág. 8. — Um autor e dois reporters, n.º 2, pág. 15. — Auto-retrato, n.º 3, pág. 13. — Ana Karenina e Tolstol, n.º 6, pág. 7. — Como lutam os Guerrilheiros, n.º 7, pág. 20. — O som-nio de Dostoyevsky, n.º 10, pág. 14. — As letras francesas em exílio, n.º 3, pág. 14.

P. (João) — Konder, n.º 12, pág. 26.

P. (Junior) (Cato) — Lima Barreto, n.º 9, pág. 13.

P. (João) — Antonio Gonçalves Dias, n.º 8, pág. 24/25. — "O poeta Rimbaud", n.º 6, pág. 26.

Q —

Queiroz (Raquel) — Pequena Invenção a Gilberto, n.º 4, pág. 5. — Uma romancista Camocense, n.º 7, pág. 7. — As três Marias (condensado), n.º 8, pág. 43. — Qual o tipo que mais o impressionou?, n.º 10, pág. 15. — Os Zumbies vão despertando, n.º 11, pág. 24.

— R —

Ramalhete (Clóvis) — Erice Verissimo e a critica, n.º 3, pág. 23. — O "calhama" de Sinclair Lewis, n.º 9, pág. 22.

Ramos (Artur) — Uma introdução ao estudo do homem, n.º 6, pág. 8.

Ramos (Graciliano) — Auto-retrato, n.º 1, pág. 11. — "Dois Mundos", n.º 2, pág. 7.

Redação — Em defesa do livro, n.º 1, pág. 1. — Formação do Brasil contemporâneo, n.º 1, pág. 18. — O Instituto Nacional do Livro, n.º 1, pág. 24. — O livro e papel, n.º 2, pág. 1. — Uma lavadeira originou a invenção da litografia, n.º 2, pág. 12. — Intercambio Cultural, n.º 3, pág. 1. — Leitura e os editores, n.º 3, pág. 27. — Transporte aereo de livro, n.º 4, pág. 1. — Como se adaptou ao cinema "Por quem os sinos dobram", n.º 4, pág. 12. — Calunga, miséria e solidão, n.º 4, pág. 26. — Um livro atual, n.º 4, pág. 48. — Ainda e sempre o papel, n.º 5, pág. 1. — Anjos de cara suja no "tesouro da lha dos cocos", n.º 5, pág. 14. — Leitura em São Paulo, n.º 5, pág. 39. — Romantismo e Juventude, n.º 5, pág. 52. — Restauramos a Biblioteca de Lima, n.º 6, pág. 1. — A contribuição da inteligência para a unidade continental, n.º 6, pág. 19. — A Carta de Pero Vaz de Caminha, n.º 6, pág. 21. — Mis-são em Hollywood, n.º 6, pág. 25. — Os Guerrilheiros de Erskine Caldwell, n.º 6, pág. 52. — Recomendação inoportuna, n.º 7, pág. 1. — O espírito dos Chetniks, n.º 7, pág. 52. — A visita dos Editores Norte-Americanos, n.º 8, pág. 1. — Uma grande História da Literatura, n.º 8, pág. 15. — Idealismo Latino-americano, n.º 9, pág. 1. — Ex-position-Feira de livros, n.º 10, pág. 1. — Prestigiosos nos-sa literatura, n.º 10, pág. 23. — "Criar é matar a morte", n.º 11, pág. 1. — Museus destruídos pelos nazis, n.º 11, pág. 19. — A arte não se escraviza, n.º 11, pág. 42. — Condensação de "Um mundo só", n.º 11, pág. 56. — Lo-bato, editor revolucionário, n.º 10, pág. 13. — Aproxima-ção argentino-brasileira, n.º 12, pág. 1. — Uma garota fala dos grandes, n.º 12, pág. 41. — Um dicionário Grail, n.º 12, pág. 44. — O bom humor de Mr. Strachey, n.º 12, pág. 53. — Atividades culturais em Campos, n.º 12, pág. 58.

Rebello (Marques) — Máquinas da democracia, n.º 2, pág. 12. — Cada segundo era o último segundo, n.º 8, pág. 28. — Auto-retrato, n.º 9, pág. 20. — Qual o tipo que mais o impressionou?, n.º 11, pág. 27.

Romero (Abelardo) — Diogenes encontraria um homem, n.º 7, pág. 21. — "A comédia humana", n.º 9, pág. 28. — An-tologia de Cachorro, n.º 12, pág. 27.

Ronal (Paulo) — A antropologia ciência e arte, n.º 8, pág. 21.

— S —

Sanchez-Saiz (Braulio) — Antigas editoras espanholas e ar-gentinhas, n.º 8, pág. 30.

Santos Morais — Louca, n.º 5, pág. 39.

Sebastien (Paulo) — "Eu fui um guerrilheiro servo", n.º 11, pág. 26.

Senna (Terra de) — A verdade histórica, n.º 3, pág. 8.

Silva Brito (Mário da) — Um livro, dois amigos e eu, n.º 8, pág. 20.

Silveira (Joel) — Jonh Gunther, reporter do mundo, n.º 1, pág. 25. — Um romancista no meio do povo, n.º 2, pág. 9. — Pequena história de amor, n.º 3, pág. 12. — A contri-buição da inteligência para a unidade continental, n.º 5, pág. 13. — A Lua, n.º 7, pág. 36. — Contista do fatal de-senlace, n.º 10, pág. 12. — Outro exemplo chinês, n.º 12, pág. 9.

Silveira de Queiroz (Dinah) — A fonte da solidão, n.º 5, pág. 5. — Literatura para adolescência, n.º 12, pág. 7.

Silveira (Taíso da) — Presença, n.º 8, pág. 32.

Silvio Julio — Programa de Americanismo, n.º 12, pág. 20.

Soares (Wilson) — A bibliografia no Brasil, n.º 11, pág. 40.

Souza (Rivadavia de) — Um poeta e dois reporters, n.º 3, pág. 15.

— T —

Tarquínio de Souza (Otavio) — Uma biografia por fazer, n.º 2, pág. 5.

Tavares de Almeida (A) — Porque escrevi "Oeste Paulista", n.º 8, pág. 22.

Teixeira de Sales (Fritz) — Literatura de guerra, n.º 4, pág. 21. — O que se faz em Minas, n.º 6, pág. 28. — Idem, n.º 7, pág. 30. — Idem, n.º 8, pág. 36. — O povo escolhe seus escritores, n.º 10, pág. 34. — Paulo Prado e a sociologia brasileira, n.º 11, pág. 19.

— V —

Violeta Neto — "O fenomeno militar russo", n.º 9, pág. 18.

— W —

Warneck de Castro (Moacir) — Gorki, os vagabundos e a Rús-sia, n.º 4, pág. 7. — A resistência russa, n.º 6, pág. 18. — Parla de ontem e de sempre, n.º 9, pág. 18.

— Z —

Zingg (Paulo) — Leitura em São Paulo, n.º 6, pág. 30. — Idem, n.º 7, pág. 23. — Idem, n.º 8, pág. 35. — Idem, n.º 9, pág. 25. — Idem, n.º 10, pág. 29. — Idem n.º 11, pág. 40. Idem, n.º 12, pág. 57.

SECCOES PERMANENTES — OS PREMIOS NOBEL DE LI-TERATURA — As mulheres na vida dos grandes ho-mens. — Os dias, os fatos, os homens. — Os camin-hos. — Os grandes homens de calças cu-ras. — Os grandes homens de calças cu-ras. — Os grandes homens de calças cu-ras. — O que os outros dizem. — Leitura de revistas.

Até Logo Sapraa

UM GRANDE ROMANCE DE ATUALIDADE



*Dois grandes intérpretes
para um grande filme*

VEJA O FILME!

LEIA O

EM TODAS AS LIV

EDITORIA MIN

Ouvidor, 145 — Co

OS PELO SE

Leitura

50
CENTAVOS
1953

CRÍTICA E INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

CARLITOS

A VIDA, A OBRA E A ARTE
DO GÊNIO DO CINE

MANUEL VILLEGAS LOPEZ, escritor e cineasta espanhol, que tem dedicado toda sua vida à observação, à criação e ao estudo da arte cinematográfica, é o autor desta magnífica biografia, considerada pela crítica como o melhor e o mais completo estudo sobre o homem da bengalinha. VILLEGAS LOPEZ era crítico da "Radio", de Madri, chefe dos Serviços Cinematográficos do Ministério do Estado, (da Espanha republicana), secretário da Comissão de Cinema da Exposição Internacional de 1959, e do Conselho Nacional de Literatura. Seus trabalhos cinematográficos incluem o autor de "Espectador de Arte de Masas", "Hoy en el Cine", "Oro en el Cine", "Film Documental".

PRIMEIRA — Prefácio de
ACHADO



DUZENTOS exemplares em papel vergé, em grande formato, vendidos unicamente por DUZENTOS CRUZEIROS. Augusto Rodrigues, de São Paulo, e Goeldi, de Rio de Janeiro, originais a edição da obra, à esta edição, de uma verdadeira obra de arte.

Novo endereço de LEITURA

RUA SENADOR DANTAS, 20-7.º Andar
Edifício Galeno — Salas 708/709

Telefone: 22-8817 — Rio de Janeiro

COMPANHIA EDITORA

Senador Dantas, 20 Ed. Galeno

Atendemos a todos